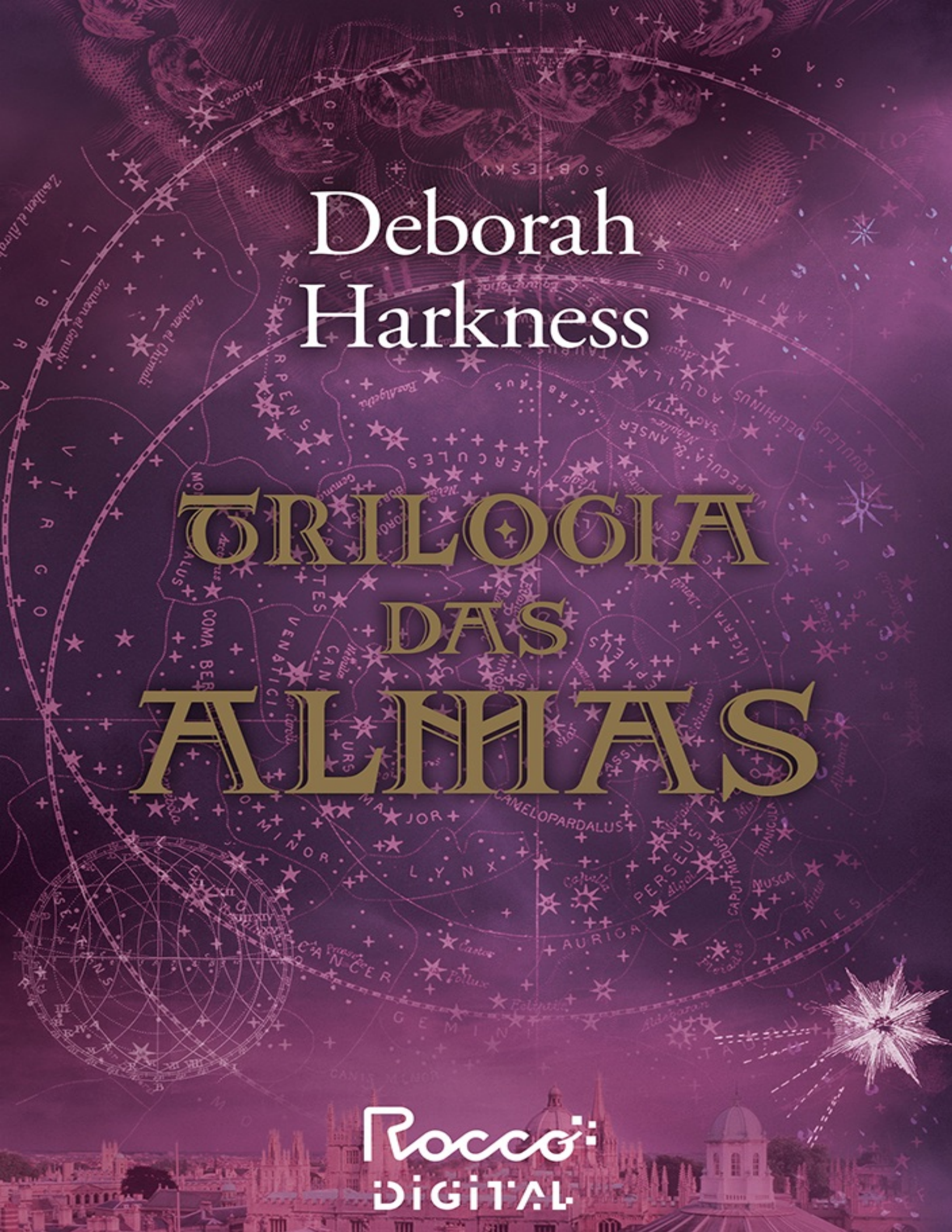

Deborah
Harkness
TRILOGIA
DAS
ALMAS
Rocco
DIGITAL

TRILOGIA DAS ALMAS

ISBN: 978-65-5595-161-5

Contém os títulos:

A desoberta das bruxas | 978-85-8122-042-0

Sombra da noite | 978-85-8122-235-6

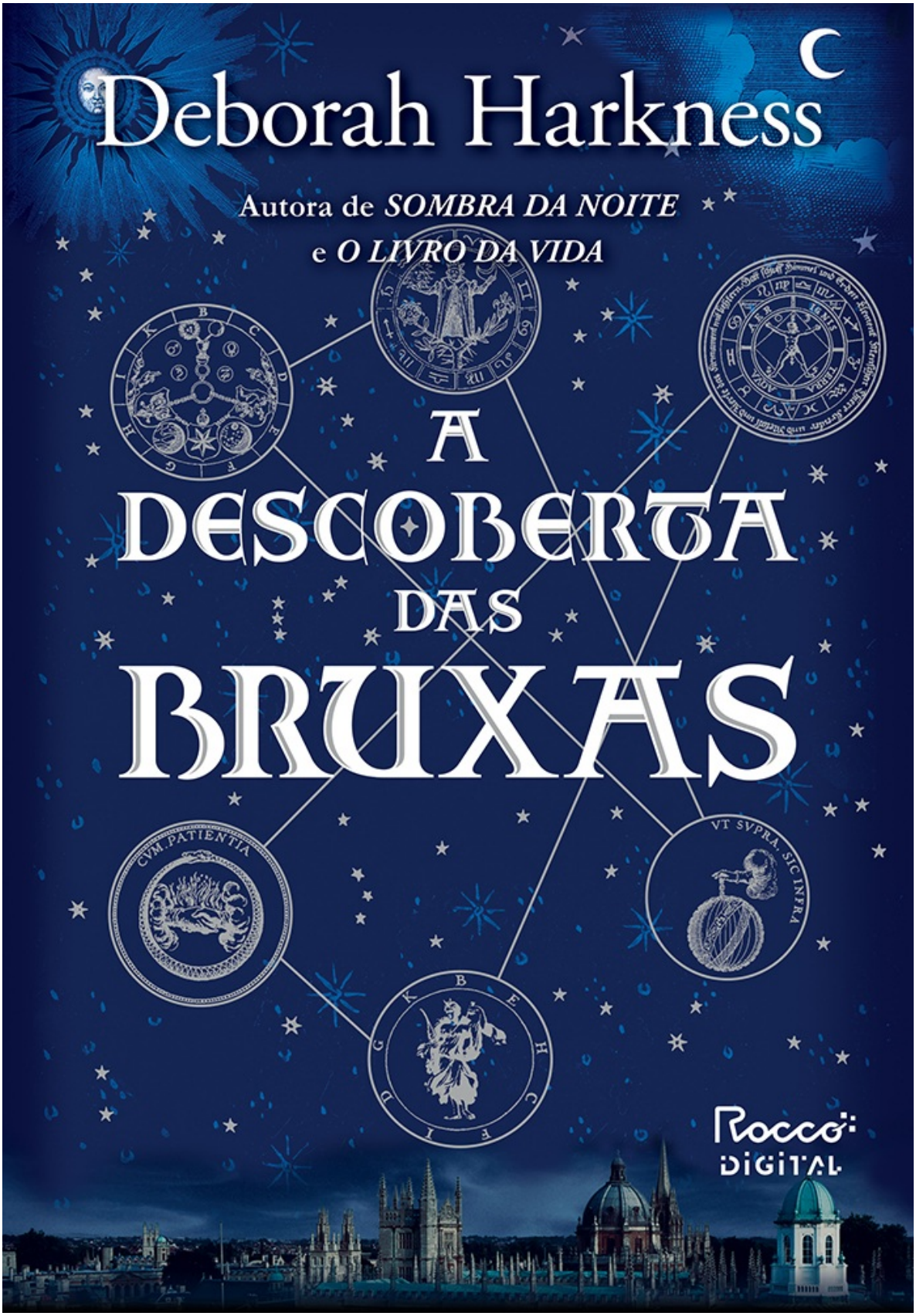
O livro da vida | 978-85-8122-599-9

Sumário

A descoberta das bruxas

Sombra da noite

O livro da vida


Deborah Harkness
Autora de *SOMBRA DA NOITE*
e *O LIVRO DA VIDA*
A DESCOBERTA DAS BRUXAS
CVM PATIENTIA
VT SVPRA, SIC INFRA
Rocco DIGITAL

Deborah Harkness

A DESCOBERTA DAS BRUXAS



Tradução de Marcia Frazão

Rocco DIGITAL

Para Lexie e Jake,
e ao futuro brilhante que terão.

Sumário

Para pular o Sumário, clique aqui.

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Agradecimentos

Créditos

A Autora

Começa com ausência e desejo.
Começa com sangue e medo.
Começa com uma descoberta das bruxas.



O volume com capa de couro não possuía nada de extraordinário. Aos olhos de qualquer historiador não seria diferente das centenas de outros manuscritos da Biblioteca Bodleiana, de Oxford: antigo e usado. Mas o peguei e logo pressenti que havia alguma coisa diferente nele.

A sala de leitura Duke Humfrey estava vazia naquela tarde de fim de setembro, pois já tinha terminado a invasão de estudiosos que a visitavam no verão e ainda não começara a loucura do início das aulas, de modo que as solicitações de material da biblioteca eram rapidamente atendidas. Mesmo assim, me surpreendi quando Sean me parou no balcão de solicitações.

– Dra. Bishop, os seus manuscritos já estão disponíveis – ele sussurrou, com um tom ligeiramente malicioso, ao mesmo tempo em que sacudia a parte da frente de um suéter cor de argila que estava salpicado de pó dos velhos barbantes de couro. Enquanto sacudia o pó, uma das mechas do seu cabelo castanho-alourado pendeu em sua testa.

– Obrigada – disse-lhe, com um sorriso agradecido. O meu desrespeito às regras que limitavam a quota diária de livros a serem solicitados era flagrante. Sean, companheiro de copo em *pubs* do tempo de estudante, satisfazia os meus pedidos por mais de uma semana com o maior descaramento. – E pare de me chamar de dra. Bishop. É como se você estivesse falando com outra pessoa.

Ele riu e deslizou os manuscritos – todos com belas amostras de ilustrações alquímicas das coleções da biblioteca sobre o tampo desgastado de uma escrivaninha de carvalho e devidamente protegidos por uma grossa

pasta de papel-cartão.

– Oh, ainda falta um.

Ele se ausentou do balcão por alguns instantes e retornou com um grosso manuscrito *in-quarto* envolto em um pedaço de couro de bezerro. Colocou o manuscrito no topo da pilha e se deteve para inspecioná-lo. A armação de ouro dos óculos de Sean reluzia sob a luz difusa de um velho abajur de bronze acoplado a uma estante.

– Faz algum tempo que ninguém solicita este. Farei uma nota dizendo que ele precisa de uma pasta depois que o devolver.

– Quer que o lembre disso?

– Não. A nota já está escrita aqui. – Ele apontou para a própria testa.

– Sua cabeça deve ser bem mais organizada que a minha. – Abri um sorriso largo.

Enquanto ele procurava o meu cartão da biblioteca, ele me olhava com timidez, mas depois se lembrou que o colocara entre a capa e as primeiras páginas.

– Parece que este não quer sair – comentou.

Algumas vozes abafadas tagarelaram no meu ouvido, quebrando o silêncio habitual do lugar.

– Ouviu isso? – Olhei em volta, intrigada com aquele estranho rumor.

– O quê? – ele disse, tirando os olhos do manuscrito.

Meus olhos foram atraídos pelo brilho dourado que contornou o manuscrito. Um brilho que não passava de uma pálida cintilação se comparado com o brilho iridescente que saía das páginas. Pisquei os olhos, surpreendida.

– Nada.

Um ímpeto me fez puxar o manuscrito e minha pele se arrepiou quando entrou em contato com o couro. Sean ainda estava com o cartão na mão, que acabou se soltando rapidamente. Empilhei os volumes nos braços, apoiando-os com o queixo, e fui invadida por um cheiro estranho que se

sobrepôs ao odor de lápis apontado e de cera de assoalho da biblioteca.

– Você está bem, Diana? – perguntou Sean, preocupado.

– Claro que sim. Só estou um pouco cansada – retruquei, afastando os livros do meu nariz.

Saí apressada por aquela insólita biblioteca quinhentista, passando por fileiras de escrivaninhas elisabetanas de três prateleiras e com tampos rabiscados. Janelas góticas ladeavam as fileiras, desviando a atenção dos leitores para o teto, onde os detalhes do timbre da universidade se realçavam com tinta dourada brilhante: três coroas e um livro aberto com a frase "Deus é a minha iluminação".

Naquela noite de sexta-feira, minha única companhia na biblioteca era Gillian Chamberlain, uma outra acadêmica americana. Gillian, uma classicista que lecionava na Bryn Mawr, passava o tempo se debruçando em tiras de papiro protegidas por placas de vidro. Passei às pressas por ela, evitando olhá-la, mas o rangido do assoalho velho me denunciou.

Minha pele se arrepiou, como sempre se arrepiava quando uma outra bruxa me olhava.

– Diana – ela me chamou em meio à penumbra.

Suspirei, e parei.

– Oi, Gillian. – Mantive-me afastada o máximo possível da outra bruxa, com um forte sentimento possessivo pela minha pilha de manuscritos, posicionando meu corpo de modo que os manuscritos ficassem fora do campo de visão dela.

– Como está se preparando para o Mabon?

Gillian vivia me cercando, dizendo que eu devia me juntar às outras irmãs enquanto estivesse na cidade. Faltavam poucos dias para as celebrações wiccanianas do equinócio de outono, e ela redobrava os esforços a fim de me atrair para o conciliábulo de Oxford.

– Trabalhando – respondi prontamente.

– Você sabe que as bruxas daqui são realmente muito boas – ela falou

com um tom de reprovação. – Você devia se juntar a nós na segunda-feira.

– Obrigada pelo convite. Vou pensar a respeito – eu disse, já me dirigindo para o Selden End, um arejado anexo do século XVII perpendicular ao eixo principal da Duke Humfrey. – Estou pesquisando alguns documentos para uma conferência, portanto não alimente expectativas. – Tia Sarah sempre me alertou que era impossível mentir para outra bruxa, mas isso nunca me impedia de tentar.

Gillian emitiu um ruído simpático, mas ela me seguiu com os olhos.

De volta a meu lugar habitual em frente às janelas em arco com caixilhos de chumbo, resisti à tentação de largar os manuscritos de qualquer jeito na mesa para limpar as mãos. Mas eles eram muito antigos e seria melhor colocá-los na mesa com cuidado.

No topo da pilha, estava o manuscrito que quase engolira meu cartão. Em sua lombada, gravado em dourado, o brasão que pertencia a Elias Ashmole, colecionador e alquimista do século XVII, cujos livros e documentos foram transferidos para a Biblioteca Bodleiana no século XIX por intermédio do Museu Ashmoleano, com a gravação do número 782. Eu me estiquei e toquei no couro marrom.

Um suave choque me fez afastar os dedos rapidamente, mas não rápido o bastante. Uma comichão subiu pelos braços, arrepiando os poros da pele, e depois se espalhou pelos ombros, retesando os músculos das costas e do pescoço. Sensações que logo se dissiparam, mas me deixaram com um sentimento estranho de insatisfação. Abalada com isso, me afastei da escrivaninha.

Mesmo a uma distância segura, aquele manuscrito era um desafio – ameaçava as paredes que eu erguera para separar minha carreira acadêmica da minha posição de última representante da linhagem de bruxas Bishop. Em Oxford, com um doutorado suado e títulos e promoções a caminho, e com uma carreira começando a florescer, eu renunciava à herança familiar, baseando a minha vida na razão e na

capacidade acadêmica e não em premonições e feitiços inexplicáveis. Eu estava em Oxford para completar um projeto de pesquisa. Depois de concluí-lo, minhas descobertas seriam publicadas e avalizadas por extensivas análises e notas de rodapé, e apresentadas a meus colegas humanos, sem qualquer espaço para mistérios e sem qualquer brecha para que o sexto sentido de alguma bruxa acabasse captando alguma coisa no meu trabalho.

Contudo, eu tinha solicitado um manuscrito alquímico, sem outra intenção senão a de me servir de ajuda na pesquisa, e aparentemente ele também possuía um poder sobrenatural impossível de ser ignorado. Minhas mãos coçavam pela ansiedade de abrir o manuscrito e saber mais. Mas eu refreava o impulso: minha curiosidade era intelectual, só tinha a ver com minha posição acadêmica? Ou era fruto da ligação da minha família com a feitiçaria?

Enchi os pulmões com o ar familiar daquela biblioteca e fechei os olhos, na esperança de clarear a mente. Para mim, a Bodleiana era até então um santuário, um lugar desvinculado das Bishop. Com as mãos trêmulas debaixo dos braços, encarei o manuscrito Ashmole 782 em meio a um crescente crepúsculo e me perguntei sobre o que fazer.

No meu lugar, mamãe saberia instintivamente o que fazer. As bruxas da família Bishop eram em sua maioria talentosas, mas Rebecca, minha mãe, era especial. Todos diziam isso. Seus dons sobrenaturais se manifestaram muito cedo, ela ainda estava na escola primária e já dominava a magia com maestria superior à das bruxas mais experientes do conciliábulo local, com uma compreensão intuitiva dos feitiços, uma extraordinária percepção e uma surpreendente capacidade de enxergar o que estava por trás das pessoas e dos fatos. Tia Sarah, irmã caçula de mamãe, também era uma bruxa habilidosa, se bem que com talentos mais comuns: mãos hábeis para poções e um perfeito domínio da herança de feitiços e encantamentos da feitiçaria tradicional.

Claro que meus colegas historiadores desconheciam a história de minha família, mas em Madison, uma cidade distante do interior de Nova York onde passei a viver com tia Sarah desde meus sete anos, a família Bishop era conhecida por todos. Após a guerra revolucionária, meus ancestrais se mudaram de Massachusetts. Na ocasião, já tinha se passado mais de um século desde a execução de Bridget Bishop, em Salem. Nem por isso os falatórios e as fofocas deixaram de seguir a família até a nova terra. Depois de se mudarem e se estabelecerem em Madison, as Bishop tiveram que se esforçar muito para mostrar o quão útil podia ser a presença de bruxas na vizinhança, curando os doentes e prevendo as condições climáticas. Com o tempo, a família criou raízes na comunidade, raízes que de tão profundas resistiam às inevitáveis crises da superstição e do medo humano.

Mas mamãe era curiosa em relação ao mundo, e isso acabou por levá-la para além da segurança de Madison. Primeiro, ela foi para Harvard, onde conheceu um jovem feiticeiro chamado Stephen Proctor. Ele também tinha uma longa linhagem mágica e queria uma experiência de vida longe da história e da influência de sua família da Nova Inglaterra. Rebecca Bishop e Stephen Proctor formavam um casal encantador, com a franqueza tipicamente americana de mamãe fazendo um contraponto para o jeito mais formal e antiquado de papai. Eles se tornaram antropólogos e mergulharam em culturas e crenças estrangeiras, compartilhando ao mesmo tempo as paixões intelectuais e a devoção que nutriam um pelo outro. Depois que asseguraram uma posição acadêmica para lecionar – mamãe, na universidade onde estudara, e papai, na Wellesley College –, os dois saíram em viagem de pesquisas e acabaram formando uma nova família em Cambridge.

Guardo poucas lembranças de minha infância, mas sempre vívidas e surpreendentemente claras. Lembranças que representam meus pais: a sensação do veludo cotelê nos cotovelos de papai, o aroma de lírio-do-vale do perfume de mamãe, o tilintar das taças de vinho nas noites de sexta-

feira depois que me colocavam para dormir e jantavam à luz de velas. Mamãe contava histórias para me fazer dormir, e a pasta de couro marrom de papai fazia barulho quando ele a jogava na porta de entrada. Lembranças que talvez sejam familiares para a maioria das pessoas.

Outras lembranças dos meus pais não são tão familiares assim. Parece que mamãe nunca lavava roupas, mas as minhas estavam sempre limpas e bem-passadas. Os bilhetes de permissão para passear no zoológico que eu esquecia em casa sempre apareciam na minha carteira justamente na hora em que a professora chegava para pegá-los. E mesmo quando o gabinete de papai estava muito bagunçado (geralmente era como se tivesse sido bombardeado) quando eu entrava lá para um beijo de boa-noite, na manhã seguinte tudo aparecia impecavelmente arrumado. No jardim de infância, perguntei à mãe da minha amiga Amanda por que se preocupava tanto em lavar a louça com água e sabão, se bastava colocar tudo dentro da pia, estalar os dedos e sussurrar umas poucas palavras. A sra. Schmidt riu da minha estranha ideia sobre os trabalhos domésticos, mas com os olhos já nublados pela confusão.

Naquela noite, meus pais me aconselharam a tomar cuidado com o que falasse de magia e com quem falava. Mamãe explicou que os humanos eram muito mais numerosos e se sentiam ameaçados com nosso poder, temendo que isso fosse a maior força terrena. Na ocasião, não tive coragem de confessar que a magia – especialmente a da minha mãe – também me apavorava.

Durante o dia, mamãe se parecia com qualquer outra mãe de Cambridge: um pouco despenteada e desorganizada, e perpetuamente esgotada pelas pressões da casa e do trabalho. Cabelo louro no corte da moda, embora com roupas que tinham parado em 1977 – longas saias rodadas, calças e camisetas largas, blazer e roupas masculinas iguais às de Annie Hall, tudo adquirido nos muitos brechós de Boston. Nela não havia nada que nos fizesse olhar duas vezes para ela na rua ou no supermercado.

Na privacidade da nossa casa, com as cortinas cerradas e a porta trancada, mamãe se transformava em outra pessoa. Seus movimentos eram seguros e confiantes, tranquilos e equilibrados. Às vezes, ela parecia mesmo flutuar. Quando andava pela casa, cantando e recolhendo livros e bichinhos de pelúcia, pouco a pouco a face de mamãe se transfigurava em algo sobrenatural e lindo. Quando a magia a iluminava, era impossível deixar de olhá-la.

– Mamãe tem fogos de artifício dentro dela.

Era assim que papai explicava o fenômeno, com um sorriso largo e indulgente. Mas aprendi que os tais fogos não eram apenas brilhantes e vibrantes. Eram fogos imprevisíveis e também podiam assustar e amedrontar.

Uma noite papai estava fora para uma palestra e mamãe resolveu polir a prataria, e acabou hipnotizada por uma tigela de água que estava em cima da mesa de jantar. À medida que ela mirava, a superfície vítrea se cobria de uma névoa que começou a rodopiar até engendrar pequeninas formas fantasmagóricas. Engoli em seco, admirada, quando as formas se agigantaram e encheram a sala de seres fantásticos. Logo depois, elas estavam rastejando pelas cortinas e subindo até o teto. Gritei e pedi socorro à mamãe, mas ela continuou olhando fixamente a água. Uma concentração que se manteve até que algo meio humano e meio animal se aproximou de mim e beliscou meu braço. Isso a fez sair do transe, e ela explodiu em meio a um jato irado de luz vermelha que afugentou os espectros, deixando um odor de penas queimadas na casa. Logo que entrou em casa, papai sentiu um cheiro estranho e se preocupou. Ele nos encontrou encolhidas na cama. Ao vê-lo, mamãe irrompeu num pranto exaltado. Nunca mais me senti segura na sala de jantar.

Nos meus sete anos o resto de sensação de segurança que eu ainda podia ter se evaporou quando meus pais foram para a África e não voltaram vivos.

Repeli esses pensamentos e me concentrei novamente no dilema que me encarava. O manuscrito na mesa da biblioteca sob a luz do abajur. De sua magia, emanava alguma coisa sombria que me dava um nó por dentro. Encostei os dedos naquele couro macio. Dessa vez, a sensação de arrepio se tornou familiar. Lembrei vagamente de uma experiência parecida que tive um dia ao folhear alguns documentos no gabinete de meu pai.

Eu me afastei resolutamente daquele volume envolto em couro e me voltei para algo mais racional: procurar uma lista de textos alquímicos que tinha feito antes de deixar New Haven. Encontrei em cima da minha mesa, junto a documentos soltos, cartões, recibos, lápis, canetas e mapas da biblioteca, organizada com primor pela coleção e pela numeração que um funcionário deu aos textos à medida que entravam na Biblioteca Bodleiana. Eu vinha trabalhando metodicamente nessa lista desde a minha chegada algumas semanas antes. A descrição do manuscrito Ashmole 782, copiada do catálogo, dizia o seguinte: "*Antropologia, ou um tratado com uma breve descrição do homem em duas partes: uma, anatômica; outra, psicológica.*" Como a maioria das obras estudadas por mim, não havia nada no título que realmente indicasse o conteúdo.

Meus dedos poderiam me revelar o que havia dentro do livro, sem mesmo abri-lo. Tia Sarah sempre usava os dedos para ver o que havia dentro de um envelope de correspondência antes de abri-lo, para ver se era alguma conta que não queria pagar. Dessa forma, poderia alegar desconhecimento na chegada de uma segunda via e quando ela já tivesse dinheiro para pagar a conta de luz, por exemplo.

Os números dourados da lombada piscavam.

Sentei-me para ponderar sobre as opções.

Ignoro a magia, abro o manuscrito e o leio, como qualquer acadêmica humana?

Ponho o volume enfeitiçado de lado e dou no pé?

Sarah daria um risinho se soubesse do meu embaraço. Ela sempre frisou que meus esforços para manter a magia a distância eram inúteis. Mas é o que venho fazendo desde o funeral dos meus pais. Lembro que entre os convidados algumas bruxas me observavam dos pés à cabeça enquanto me davam tapinhas de estímulo, atrás de sinais que indicassem que o sangue dos Bishop e dos Proctor corria nas minhas veias, prevendo que algum tempo depois eu assumiria o lugar da mamãe no conciliábulo local. Algumas cochichavam suas dúvidas quanto à sensatez dos meus pais por terem se casado.

– Poder demais – elas diziam em voz baixa, sem saber que eu ouvia. – Eles se limitavam a chamar a atenção... nem sequer observaram o cerimonial da antiga religião.

Isso foi o bastante para que eu atribuísse a morte dos meus pais ao poder sobrenatural que possuíam, e para que buscasse uma forma diferente de vida. Comecei a dar as costas a tudo que tivesse a ver com magia e a me jogar de cabeça nas coisas da adolescência humana – cavalos, rapazes e romances melosos – na tentativa de desaparecer entre os habitantes comuns da cidade. Tive alguns problemas na puberdade, com depressão e ansiedade. Tudo isso era bem normal, garantiu o médico humano para minha tia.

Sarah não disse nada ao médico sobre as vozes nem sobre minha mania de pressentir a chamada do telefone alguns segundos antes, e ela também não disse que, durante a lua cheia, era obrigada a encantar portas e janelas para que eu não saísse caminhando como sonâmbula pela mata. Ela também não disse que, quando eu me zangava, as cadeiras da casa se moviam para formar uma precária pirâmide que despencava no chão depois que eu me acalmava.

Quando fiz treze anos, titia decidiu que já era hora de canalizar meu poder para o aprendizado dos fundamentos da feitiçaria. Acender velas

com a recitação de algumas palavras ou encobrir as espinhas do rosto com uma poção tradicional eram os primeiros passos de uma bruxa adolescente. Mas me mostrei incapaz de dominar os mais simples feitiços. Além de queimar todas as poções que aprendia com minha tia, eu teimava em não me submeter aos testes que ela aplicava a fim de ver se eu herdara a poderosa segunda visão da minha mãe.

Tanto as vozes como os pequenos incêndios e outras erupções imprevisíveis diminuíram à medida que meus hormônios se equilibraram, mas a resistência para aprender o ofício da família permaneceu. Tia Sarah ficava nervosa com a presença de uma bruxa indisciplinada dentro de casa, e foi com alívio que me mandou para uma faculdade no Maine. Com exceção da magia, era uma típica história de crescimento.

O que me fez sair de Madison foi meu intelecto. A precocidade intelectual me levou a falar e aprender a ler mais cedo do que as crianças de minha idade. Com uma prodigiosa memória fotográfica que me fazia lembrar das páginas dos livros com muita facilidade e responder as questões das provas com toda segurança, meu desempenho escolar atingiu uma dimensão onde o legado mágico da família era irrelevante. Pulei os últimos anos do secundário e entrei na faculdade aos dezesseis anos.

Na faculdade, tratei de encontrar um lugar no departamento de teatro, minha imaginação era atraída pelo espetáculo e as fantasias – e minha mente se fascinava pelo modo como o texto teatral evocava outros lugares e outras épocas. Segundo os professores, minhas primeiras representações eram exemplos extraordinários de como uma boa atuação podia transformar alunos comuns em outras pessoas. A primeira indicação de que tais metamorfoses talvez não se originassem de um talento dramático propriamente dito surgiu quando fiz o papel de Ofélia, em *Hamlet*. Tão logo me escalaram para o papel, o meu cabelo começou a crescer com uma rapidez assustadora, descendo dos ombros até a cintura. Eu ficava sentada à beira do lago da faculdade por horas a fio, irresistivelmente atraída pelo

brilho da superfície, com meus cabelos esvoaçando ao redor. O rapaz que fazia o papel de Hamlet foi pego pela ilusão e tivemos um caso apaixonado, se bem que perigosamente volátil. Entrei lentamente na loucura de Ofélia e arrastei comigo o resto do elenco.

O resultado pode ter sido uma encenação eletrizante, mas cada novo personagem trazia novos desafios. No meu segundo ano da faculdade a situação tornou-se insuportável, quando me escalaram para representar a Anabella da peça *Pena que ela seja uma prostituta*, de John Ford. Tal como a personagem, eu atraía um séquito de admiradores devotados – nem todos humanos – que me seguiam pelo campus. Quando eles se recusaram a me deixar em paz depois que fechou a cortina, ficou claro que não seria possível controlar o que era liberado. Eu não sabia ao certo se a magia interferia mesmo na minha atuação, e não tinha a menor vontade de saber. Então, cortei o cabelo, bem curto. E deixei de usar saias esvoaçantes e blusinhas decotadas, substituindo-as pelas blusas pretas de gola rolê, as calças cáqui e os mocassins que as sisudas e ambiciosas estudantes de direito calçavam. Um excesso de energia me levou ao atletismo.

Depois de deixar o departamento de teatro, tentei diversas cadeiras em busca de um campo de estudo cuja racionalidade não deixasse o menor espaço para a magia. Faltavam-me precisão e paciência para a matemática, e foram desastrosos meus esforços no campo da biologia, tanto nas provas escritas como na prática de laboratório.

No final do segundo ano, a burocracia da faculdade me intimou a optar por uma cadeira, ou pensar na possibilidade de enfrentar cinco anos de estudo sem cadeira definida. Um programa de estudos durante as férias na Inglaterra me ofereceu uma oportunidade de ficar o mais longe possível dos assuntos dos Bishop. Eu me apaixonei por Oxford, pelo suave brilho de suas ruas pela manhã. Os cursos de história incluíam façanhas de reis e rainhas, e as únicas vozes na minha cabeça eram as dos livros escritos nos séculos XVI e XVII. Tudo isso inteiramente atribuído à boa literatura. E o

melhor é que ninguém me conhecia na universidade e, se naquela cidade havia bruxas, naquele verão elas estavam bem longe de lá. Retornei a meu país, declarei à burocracia da faculdade que queria estudar história, frequentei todos os cursos requeridos em tempo recorde e me graduei com louvor antes de completar vinte anos.

Depois, resolvi fazer um doutorado, e minha primeira opção no leque de programas possíveis foi Oxford. Eu me especializei em história da ciência, concentrando as pesquisas no período em que a ciência suplantou a magia – quando a astrologia e a caça às bruxas deram lugar a Newton e às leis universais. A busca por uma ordem racional – sem o sobrenatural – na natureza refletia meus próprios esforços para me manter afastada do que estava oculto em mim. Os limites entre o que se passava na minha mente e o que corria no meu sangue se tornaram ainda mais distintos.

Tia Sarah riu sem parar quando soube que eu tinha decidido me especializar em química do século XVII. Seu cabelo ruivo brilhante era como um cartaz luminoso de um temperamento agitado e uma língua afiada. Ela era uma bruxa de fala franca e equilibrada que envolvia a todos. Pilar da comunidade de Madison, Sarah era frequentemente solicitada para cuidar das coisas durante as pequenas e grandes crises da cidade. Na ocasião, mantínhamos um ótimo relacionamento, já que eu não precisava me sujeitar às doses diárias de observações mordazes que ela fazia sobre a fragilidade e a inconsistência dos humanos.

Embora estivéssemos separadas por quilômetros de distância, Sarah via as minhas últimas tentativas de me esquivar da magia como risíveis – e ela fez questão de deixar isso bem claro:

– A alquimia não é estranha para nós – disse. – Há muita magia nela.

– Não há, não – protestei, com veemência. O principal objetivo do meu trabalho era o de demonstrar que essa atividade era de fato científica. – A alquimia demonstra o crescimento da experimentação, não é uma busca por um elixir mágico que leva ao ouro e imortaliza as pessoas.

– Se você acha... – disse Sarah, em tom de dúvida. – Mas é um tema muito estranho para ser escolhido por alguém que procura agir como um humano.

Depois de minha graduação, trabalhei muito para conseguir um cargo em Yale, o único lugar que era mais inglês do que a Inglaterra. Fui avisada pelos colegas de que teria poucas chances de conseguir uma colocação. Escrevi dois livros, conquistei vários prêmios e garanti algumas pesquisas. Por fim, obtive uma nomeação, provando que todos estavam errados.

O mais importante é que passei a ficar por minha conta. No meu departamento, ninguém ligava meu sobrenome ao da primeira mulher executada por bruxaria em 1692 em Salem, nem mesmo os historiadores dos primórdios da América. Para preservar minha tão suada autonomia, continuei a manter qualquer vestígio de magia e feitiçaria longe de mim. É claro que com algumas exceções como, por exemplo, quando fiz um dos feitiços de tia Sarah para deter a máquina de lavar roupa que estava entupida de água, ameaçando inundar meu pequeno apartamento em Wooster Square. Ninguém é perfeito.

Agora, com esse ato falho habitual em mente, respirei fundo, apertei o manuscrito com ambas as mãos e o coloquei no apoiador de livros que a biblioteca deixava à disposição para proteger as obras raras. Eu tomara uma decisão: agir como uma acadêmica séria e tratar o Ashmole 782 como um manuscrito comum. Ignorei a queimação na ponta de meus dedos e o cheiro esquisito que saía do livro, limitando-me a examinar o índice. Depois, com um distanciamento profissional, tive que decidir se era promissor o bastante para uma leitura mais demorada. Meus dedos tremeram quando abri o pequeno fecho de bronze que o prendia.

O manuscrito soltou um leve suspiro.

Olhei rapidamente ao redor para me assegurar de que a sala estava vazia. O único ruído que se ouvia era o do relógio da sala.

Lembrando-me de não registrar que “o livro suspirou”, voltei-me para

o laptop e abri um novo arquivo. Uma tarefa costumeira que eu repetia milhares de vezes e que me reconfortava tanto quanto a minha impecável lista de apontamentos. Digitei o nome e o número do manuscrito e copiei o título da descrição do catálogo. Descrevi detalhadamente o tamanho e a encadernação.

Só faltava abrir o manuscrito.

Mesmo com o fecho aberto, tive dificuldade de virar a capa, era como se estivesse colada às páginas. Resmunguei baixinho e deixei a mão sobre o couro por um momento, porque o Ashmole 782 só precisava de uma chance para me conhecer. Deixar a mão em cima de um livro não era um ato mágico. A palma da minha mão formigou bem mais do que a minha pele formigava quando alguma bruxa olhava para mim, e a tensão do manuscrito se dissipou. Depois disso, foi fácil virar a capa.

A primeira página era de papel grosso. A segunda, era realmente um pergaminho e nela se lia *"Antropologia, ou um tratado com uma breve descrição do homem"*, na caligrafia de Ashmole. As letras caprichadas e redondas me eram familiares, quase como meu próprio roteiro. A continuação do título – *"em duas partes: uma, anatômica, outra, psicológica"* – tinha sido escrita a lápis por outra mão. Isso também me era familiar, mas não atinei de onde. Um toque na escrita poderia me dar uma pista, mas isso contrariava as regras da biblioteca e me impossibilitaria documentar a informação colhida pelos meus dedos. Então, fiz algumas notas no arquivo do computador a respeito do uso da tinta e do lápis, e da diferença de caligrafias, e das possíveis datas das inscrições.

Quando virei a primeira folha, o pergaminho mostrou-se extraordinariamente pesado e emanou um cheiro esquisito. Não era simplesmente um cheiro de coisa velha. Era algo mais – uma mistura de mofo e almíscar, difícil de nomear. Percebi imediatamente que três folhas tinham sido engenhosamente tiradas do manuscrito.

Pelo menos ali estava algo fácil de descrever. Digitei: *"No mínimo três*

folhas removidas por meio de régua ou tesoura." Inspecionei a lombada do manuscrito, mas não consegui saber se faltavam outras páginas. Quanto mais perto o pergaminho ficava do meu nariz, mais o manuscrito me distraía com seu poder e cheiro estranhos.

Eu me voltei para a ilustração na página anterior às que faltavam. Na imagem, uma criancinha flutuava dentro de um jarro de vidro claro. Ela segurava uma rosa de prata com uma das mãos e uma rosa de ouro com a outra. Nos seus pés havia pequenas asas, e dos seus longos e negros cabelos escorria um líquido vermelho. Embaixo, uma legenda em tinta preta esclarecia que a ilustração representava a criança filosofal – uma representação alegórica de um passo crucial na criação da pedra filosofal, substância química com promessa de saúde, riqueza e sabedoria para quem a possuísse.

As cores eram luminosas e o trabalho, incrivelmente bem preservado. No passado, alguns artistas misturavam pó de pedras preciosas às tintas para obter cores de maior intensidade. A ilustração tinha sido feita por um verdadeiro artista. Coloquei as mãos debaixo das coxas a fim de não tocar na ilustração e adquirir mais informações.

Acontece que o artista se equivocara nos detalhes, mesmo com um talento evidente. O jarro de vidro teria que estar voltado para cima e não para baixo. A criancinha teria que ser metade branca e metade negra para evidenciar sua condição de hermafrodita. Ela deveria ter genitália masculina e seios femininos – ou então duas cabeças.

A imagética alquímica se caracteriza por ser alegórica, sem ser de todo ardilosa. Eu então a tinha escolhido como tema de estudo na esperança de encontrar padrões que deixassem transparecer uma abordagem lógica e sistemática da transformação química no período que antecedeu a tábua periódica dos elementos. As imagens da lua, por exemplo, quase sempre representavam a prata enquanto as imagens do sol representavam o ouro. Quando os dois se combinavam quimicamente, o processo era

representado pela imagem de um casamento. Com o tempo, as ilustrações foram substituídas pelas palavras. Palavras que por sua vez tornaram-se uma gramática da química.

Contudo, o manuscrito à minha frente desafiava meu conhecimento da lógica dos alquimistas. Cada ilustração apresentava no mínimo um erro fundamental, e não havia um texto anexo para facilitar a compreensão.

Eu procurava por alguma coisa – qualquer coisa – que avalizasse meu conhecimento da alquimia. Na luz difusa, uma caligrafia quase apagada surgiu em uma das páginas. Aproximei o abajur da escrivaninha para enxergar melhor.

Não havia nada ali.

Lentamente, virei a página como se ela fosse uma delicada folha.

Os caracteres – centenas de palavras – brilharam e se movimentaram pela superfície da página, ilegíveis até que o ângulo da luz e a perspectiva do observador estivessem alinhados.

Reprimi um grito de surpresa.

O manuscrito Ashmole 782 era um palimpsesto – um manuscrito dentro de um manuscrito. Quando um pergaminho se tornava rarefeito, os escribas faziam uma lavagem cuidadosa da tinta dos livros velhos e depois redigiam um novo texto nas páginas em branco. Com o passar do tempo, a escrita original geralmente reaparecia por baixo como um texto fantasma, discernível por meio da luz ultravioleta que trazia de volta o texto apagado sob as manchas de tinta.

Só que nenhuma luz ultravioleta seria forte o bastante para trazer de volta aqueles traços. Aquele manuscrito não era um palimpsesto comum. A escrita não tinha sido apagada, e sim ocultada por algum feitiço. Mas por que alguém se daria ao trabalho de enfeitiçar um livro alquímico? Até os especialistas tinham dificuldade em decifrar a linguagem obscura e a imagética fantástica desses autores.

Desviei a atenção das letras esmaecidas que se movimentavam rápido

demais para que fossem lidas, e me concentrei em escrever uma sinopse do conteúdo do manuscrito. *"Intrigante"*, eu digitei. *"Epígrafes textuais dos séculos XV a XVII, imagens principais do século XV. Origem das imagens possivelmente mais remotas? Mistura de papel e pergaminho. Tintas coloridas e pretas, as coloridas de alta e incomum qualidade. Ilustrações excelentes, mas com detalhes incorretos e ausentes. Retratam a criação da pedra filosofal: nascimento/criação, morte, ressurreição, transformação alquímicos. Uma cópia confusa de um manuscrito mais antigo? Um livro estranho e repleto de anomalias."*

Meus dedos hesitaram sobre o teclado.

Quando uma informação não se encaixa com o já sabido, os acadêmicos optam por uma entre duas alternativas. Ou deixam a informação que não esclarece as teorias em questão de lado, ou se concentram intensa e minuciosamente a fim de se aprofundar no mistério. Se o livro não estivesse enfeitiçado, eu poderia optar pela segunda alternativa. Mas já que estava enfeitiçado, tendi a optar pela primeira alternativa.

Em caso de dúvida, geralmente os acadêmicos adiam a decisão.

Digitei uma frase final ambivalente: *"Precisa de mais tempo? Talvez de uma consulta mais tarde?"*

Prendi o fôlego e fechei a capa, com muito cuidado. As correntes mágicas ainda franjavam o manuscrito, particularmente vigorosas em volta do fecho.

Aliviada por ter fechado o Ashmole 782, ainda o observei por alguns segundos. Meus dedos estavam ansiosos para tocar novamente naquele couro marrom. Mas dessa vez me contive, da mesma forma que tinha me contido para não tocar nas inscrições e nas ilustrações, de modo a obter mais do que qualquer historiador humano poderia obter com legitimidade.

Tia Sarah sempre dizia que a magia é um dom. Neste caso, eu era ligada por laços mágicos às bruxas Bishop que me antecederam. Bruxas que

pagaram um preço pela prática dos poderes mágicos que herdaram e pelos seus feitiços e encantamentos, um preço que as fez guardar a arte com muito zelo. Ao abrir o Ashmole 782, eu também abri uma fenda no muro que separava a magia do meu mundo acadêmico. Mas de volta ao lado certo, me senti ainda mais determinada a continuar nesse lado.

Guardei o computador e as notas e coloquei o Ashmole 782 no fundo da pilha de manuscritos com muito cuidado. Providencialmente, Gillian não estava na sua escrivaninha, se bem que seus papéis ainda estavam espalhados por lá. Talvez ela planejasse trabalhar até tarde e tivesse saído para tomar uma xícara de café.

– Acabou? – perguntou Sean, quando cheguei à mesa dele.

– Ainda não. Eu quero reservar os três de cima para segunda-feira.

– E o quarto?

– Já terminei com ele – respondi abruptamente, entregando-lhe os manuscritos. – Pode mandá-lo de volta às prateleiras.

Sean dispôs o material em cima de uma pilha de devoluções que já estava organizada. E me acompanhou até a escada, onde se despediu e desapareceu atrás da porta de vaivém. A esteira que levaria o Ashmole 782 de volta às entranhas da biblioteca tiniu.

Eu quase me virei para detê-la, mas deixei para lá.

Já estava com a mão pronta para abrir a porta de entrada no térreo quando o ar ao redor começou a pesar como se a biblioteca estivesse me espremendo. O ambiente brilhou por uma fração de segundo, tal como as páginas do manuscrito haviam brilhado na mesa de Sean, causando-me um tremor involuntário e arrepiando os pelos dos meus braços.

Alguma coisa acabara de acontecer. Alguma coisa mágica.

Meu rosto se voltou de novo para a sala Duke Humfrey e meus pés ameaçaram seguir para lá.

Não é nada, pensei enquanto saía resolutamente da biblioteca.

Você tem certeza?, sussurrou uma voz ignorada por muito tempo.



Os sinos de Oxford badalaram sete vezes. A escuridão da noite não chegaria com a mesma lentidão de alguns meses antes, mas de qualquer forma ainda seria lenta. Os funcionários da biblioteca tinham acendido as lâmpadas trinta minutos antes, e pequeninos lagos de ouro se imiscuíam na luz acinzentada.

Era o vigésimo primeiro dia de setembro. No mundo inteiro, as bruxas se reuniam na véspera do equinócio de outono, compartilhando alimentos para celebrar o Mabon e saudar a iminente escuridão do inverno. Mas as bruxas de Oxford teriam que se conformar com minha ausência. Eu tinha que preparar uma conferência importante para o mês seguinte. Minhas ideias ainda não estavam claras, e isso me deixava muito ansiosa.

Meu estômago roncou quando pensei no que minhas colegas bruxas estariam comendo em algum lugar de Oxford. Eu tinha estado na biblioteca desde nove e meia da manhã, parando apenas para um rápido lanche.

Sean estava de folga nesse dia, e outra pessoa atendia no balcão de solicitações. Eu já tinha me aborrecido porque requisitara um item avariado e ela tentou me convencer a utilizar um microfilme. O sr. Johnson, supervisor da sala de leitura, ouviu a discussão e saiu do escritório para intervir.

– Minhas desculpas, dra. Bishop – disse afogueado, enquanto ajeitava os óculos de armação escura e pesada no nariz. – Se a senhora precisa consultar esse manuscrito para sua pesquisa, ficaremos honrados em colocá-lo a sua disposição. – Ele se retirou para apanhar o item negado e

voltou algum tempo depois para entregá-lo, pedindo desculpas pelo incidente com a nova funcionária. Agradecida pelas regalias que minhas credenciais acadêmicas me ofereciam, passei a tarde absorvida em agradável leitura.

Retirei os dois pesos de papel que prendiam as extremidades superiores do manuscrito e o fechei com cuidado, satisfeita com a quantidade de trabalho realizado. Para restaurar a normalidade depois do meu encontro com o manuscrito enfeitiçado na sexta-feira, acabei me envolvendo mais com as tarefas rotineiras de fim de semana e menos com a alquimia. Preenchi formulários de reembolso financeiro, paguei contas, escrevi cartas de recomendação e ainda terminei a revisão de um livro. Atividades intercaladas por um sem-número de rituais domésticos como lavar roupa, ingerir xícaras e mais xícaras de chá e experimentar as receitas dos programas culinários da BBC.

Depois de ter começado cedo naquela manhã, passei o dia me concentrando no trabalho do momento, sem lidar com as lembranças das estranhas ilustrações do Ashmole 782 e seu misterioso palimpsesto. Examinei as anotações de uma pequena lista de tarefas para o resto do dia. Quatro questões dessa lista teriam que ser necessariamente resolvidas, e a terceira era a mais fácil. A resposta se encontrava no *Notes and Queries,* um antigo periódico que estava em uma das prateleiras das estantes que se estendiam até o teto. Empurrei a cadeira para trás, determinada a só sair da biblioteca depois que tivesse resolvido a tal questão da minha lista.

O acesso às estantes superiores do setor da Duke Humfrey, conhecido como Selden End, era feito por meio de uma escada velha que terminava numa galeria alta por cima das mesas de leitura. Escalei os degraus bambos em direção aos velhos livros encapados em couro de antílope, dispostos em ordem cronológica nas fileiras de estantes de madeira. Aparentemente, somente eu e um velho professor de literatura da Magdalen College os utilizávamos. Localizei o volume, resmungando entre dentes. Encontrava-

se no alto da estante, fora de alcance.

Um risinho chamou a minha atenção. Virei a cabeça para ver quem estava sentado na escrivaninha no extremo da galeria e não vi ninguém. Eu estava ouvindo coisas novamente. Àquela hora, Oxford estava totalmente deserta e a maior parte do pessoal da universidade saíra uma hora mais cedo para um copo gratuito de xerez no salão comum dos acadêmicos, antes de seguir para o jantar. A festividade wiccaniana também tinha obrigado Gillian a sair mais cedo, não sem antes me fazer um último convite enquanto ela esquadrinhava minha pilha de material de leitura com os olhos.

Procurei por um tamborete na galeria, mas não o encontrei. A Bodleiana era notoriamente carente de tais objetos, e eu perderia uns quinze minutos até que localizasse algum no interior da biblioteca e subisse na escada e alcançasse o livro. Hesitei. Mesmo depois de ter segurado um livro enfeitiçado naquela sexta-feira, reprimi a intensa tentação de me valer da magia. Por outro lado, ninguém veria nada.

Mesmo com todas essas racionalizações, minha pele formigava de ansiedade. Eu raramente quebrava minhas próprias regras, e eram poucas as situações que me impeliam a recorrer à magia. Aquela seria então a quinta vez naquele ano, contando com o meu feitiço na máquina de lavar defeituosa e meu toque no Ashmole 782. Nada mal, levando em conta que era fim de setembro, mas para mim não era a melhor marca.

Respirei fundo, estiquei o braço e visualizei o livro na minha mão.

O volume 19 do *Notes and Queries* se moveu na estante, fazendo um ângulo como se apanhado por mão invisível, e pousou suavemente na palma aberta de minha mão. Abriu-se em seguida na página de que eu precisava.

Tudo isso durou uns três segundos. Respirei fundo novamente para que minha culpa fluísse um pouco. De repente, dois rasgões gelados irromperam entre meus ombros.

Eu tinha sido vista, não por um simples observador humano.

Quando duas bruxas se entreolham, o toque de um olho no outro faz formigar. Mas as bruxas não são as únicas criaturas que compartilham o mundo com os humanos. Também há os demônios – criaturas criativas e artísticas que transitam entre a loucura e a genialidade. "Astros do rock e assassinos seriais." Era assim que minha tia descrevia esses estranhos e surpreendentes seres. E ainda há os antigos e belos vampiros que se alimentam de sangue e o deixam enfeitiçado quando não querem matá-lo na mesma hora.

Quando um demônio me olha, sinto a pressão leve e irritante de um beijo.

Já o olhar de um vampiro é frio, focado e perigoso.

Sondei mentalmente os frequentadores da Duke Humfrey. Ocorreu-me um vampiro, um monge querubínico que se debruçava como um amante sobre missais e livros de oração medievais. Mas raramente se encontravam vampiros em salas de livros raros. Vez por outra um deles sucumbia à fútil e nostálgica busca de reminiscências, mas isso não era comum.

Bruxos e demônios frequentavam bibliotecas com mais assiduidade. Gillian Chamberlain e seus óculos maravilhosos tinham estado ali naquele dia para estudar um papiro. E obviamente dois demônios estavam na sala de leitura musical. Eles me olharam com desvario quando passei a caminho de Blackwell para um chá. Um deles até me pediu para trazer um café com leite, indício de que estava mesmo imerso em algum tipo de loucura.

Claro, eu estava sendo observada por um vampiro.

Até porque já tinha esbarrado com alguns vampiros, pois a minha área de trabalho me colocava em contato com cientistas e muitos vampiros povoam os laboratórios do mundo inteiro. A ciência requer muito estudo e paciência. E graças a seus solitários hábitos de trabalho, os cientistas só são reconhecidos pelos colaboradores mais próximos. Isso se enquadra com mais facilidade no tipo de vida dos vampiros que se estende por

séculos e não por décadas.

Em nossos dias, os vampiros gravitam em torno dos aceleradores de partículas, dos projetos de decodificação do genoma e da biologia molecular. No passado, eles se voltavam para alquimia, anatomia e eletricidade. Se uma pesquisa envolvia sangue ou promessa do desvendamento de segredos do universo, um vampiro sempre estava por perto.

Agarrei o volume avariado do *Notes and Queries* e me virei para flagrar meu observador. Ele estava na penumbra, no lado oposto da sala, na frente do setor de paleontologia, encostado em uma das belas pilastras de madeira que sustentavam a galeria. Um volume aberto do *Guide to Scripts Used in English Handwriting Up to 1500,* de Janet Roberts, balançava em suas mãos.

Eu nunca tinha visto aquele vampiro, mas tinha certeza de que ele não precisava de ajuda para decifrar caligrafias antigas.

Quem já leu obras célebres ou viu filmes de vampiros sabe que eles são surpreendentes, mas no fundo ninguém está preparado para vê-los. Eles têm uma estrutura óssea tão bem moldada que se assemelham às obras de excelentes escultores. E quando se movem ou dizem alguma coisa, você não consegue absorver o que está se passando. Os gestos são graciosos e as palavras soam como música. Eles têm olhos hipnóticos e é justamente com esses olhos que capturam a presa. Um olhar, algumas poucas palavras e um toque, e a vítima se torna indefesa nas garras do vampiro.

Olhei para o vampiro e, infelizmente, me dei conta de que todo meu conhecimento sobre o tema era teórico demais. Um conhecimento que me pareceu inútil tão logo o vi na Biblioteca Bodleiana.

O único vampiro com quem eu mantive uma relação mais duradoura trabalhava na Suíça, no acelerador de partículas nucleares. Jeremy, magro e bonito, com cabelos louros luminosos, olhos azuis e um sorriso contagiante. Ele já tinha deitado com quase todas as mulheres do cantão

de Genebra, e na ocasião atuava na cidade de Lausanne. Nunca me interessei em saber o que Jeremy fazia com elas depois de seduzi-las e me recusava a aceitar seus persistentes convites para um passeio e um drinque. Aos meus olhos ele era a representação perfeita da espécie. Mas comparado com o vampiro que estava à minha frente, ele parecia magrelo, palerma e jovem demais.

O vampiro que eu tinha à frente era alto – bem, descontando as distorções de perspectiva associadas ao fato de que o olhava do alto da galeria, ele tinha quase dois metros de altura. E sem dúvida alguma não era magrelo. Ombros largos, torso modelado e pernas musculosas. Mãos incrivelmente longas e ágeis, um traço de delicadeza fisiológica que atraiu meus olhos enquanto me perguntava se aquelas mãos podiam ser de um homem tão corpulento.

Eu o observava e ao mesmo tempo ele me olhava fixamente. De onde eu estava, os olhos daquele vampiro eram negros como a noite, abrigados debaixo de sobrancelhas igualmente negras, uma delas se erguia em curva insinuando indagação. Ele tinha um rosto realmente incrível, os planos e as superfícies eram bem delineados e os ossos faciais eram angulosos e se juntavam às sobrancelhas que escudavam e sombreavam os olhos. Acima do queixo, uma outra parte com vestígios de suavidade – uma boca tão longa quanto as mãos parecia não fazer sentido.

Mas a perfeição física não era o que mais desconcertava. A selvagem combinação de força, agilidade, inteligência aguçada era tão intensa que se tornava palpável. Vestindo uma calça preta e um suéter cinza, com os cabelos negros descaindo displicentemente até a nuca, ele parecia uma pantera que poderia atacar a qualquer momento, mas sem nenhuma pressa para isso.

Ele sorriu. Apenas o esboço de um sorriso tímido, sem mostrar os dentes. Por via das dúvidas, levei em conta que atrás daqueles lábios pálidos havia dentes afiados.

A simples alusão aos *dentes* descarregou uma corrente instintiva de adrenalina que percorreu meu corpo todo, deixando um formigamento nos meus dedos. De repente, um único pensamento me passou pela cabeça: *saia daqui, AGORA*.

A escada pareceu mais longa que os quatro passos necessários para descê-la. Eu desci apressada e tropecei no último degrau, caindo direto nos braços do vampiro.

É claro que o tropeção tinha a ver com aquela criatura.

Ele tinha mãos frias e braços que pareciam feitos de aço e não de carne e osso. Um aroma de cravo e canela e de alguma outra coisa que me lembrou incenso encheu o ar. Ele me endireitou, pegou o exemplar do *Notes and Queries* que tinha caído no chão e me entregou com uma reverência.

– Dra. Bishop, eu presumo.

Assenti com a cabeça, tremendo da cabeça aos pés.

Com os dedos longos e pálidos da mão direita, ele tirou um cartão de apresentação azul e branco do bolso.

– Matthew Clairmont.

Peguei o cartão pela pontinha, cuidando de não tocar naqueles dedos. O conhecido logotipo da Universidade de Oxford com três coroas e um livro aberto ladeava o sobrenome Clairmont, seguido por uma fileira de iniciais que o credenciava como membro da Royal Society.

Nada mau para quem aparentava uns trinta e poucos anos, se bem que achei que a idade verdadeira dele era no mínimo dez vezes mais.

Não fiquei surpresa quando soube que aquele vampiro era professor de bioquímica e integrava o departamento de neurociência de Oxford, no Hospital John Radcliffe. Sangue e anatomia – dois ingredientes preferidos dos vampiros. O cartão apresentava os números telefônicos de três diferentes laboratórios, o número da sala e o endereço eletrônico dele. Embora não o tivesse visto antes, ele não era nem um pouco difícil de ser

encontrado.

– Professor Clairmont. – Minha voz soou débil antes que as palavras sumissem da minha boca e eu não conseguisse mais controlar a vontade de sair correndo aos gritos daquele lugar.

– Ainda não fomos apresentados – ele disse, com um sotaque estranho. Um sotaque predominantemente de Oxford, mas com um toque de suavidade indistinguível aos meus ouvidos. Só então notei que os olhos que se fixavam no meu rosto não eram totalmente negros, mas dominados por pupilas dilatadas e margeadas por uma íris cinza esverdeada. Ele tinha um olhar penetrante, e eu não conseguia desviar meus olhos.

A boca do vampiro se mexeu novamente.

– Sou um grande admirador do seu trabalho.

Arregalei os olhos. Mesmo não sendo impossível que um professor de bioquímica se interessasse pela alquimia do século XVII, isso era improvável demais. Esquadrinhei a sala, com as mãos na gola da minha blusa branca. Éramos os únicos naquele lugar. Não vi ninguém no velho arquivo de carvalho nem próximo ao setor dos computadores. E quem estivesse na recepção estaria muito distante para vir em meu socorro.

– Achei fascinante seu artigo sobre o simbolismo cromático da transformação alquímica, e foi muito persuasivo seu trabalho sobre a abordagem de Robert Boyle aos problemas de expansão e contração – continuou Clairmont, com fala mansa, como se acostumado a ser o único participante ativo nas conversas. – Ainda não terminei de ler seu último livro sobre educação e aprendizado alquímicos, mas estou adorando.

– Muito obrigada – sussurrei.

Ele desviou os olhos dos meus e olhou minha garganta.

Parei de dedilhar os botões de minha gola.

Ele voltou a cravar um olhar incomum nos meus olhos.

– Você tem uma maneira maravilhosa de resgatar o passado para os leitores.

Considerei isso um elogio, já que os erros não passariam despercebidos aos olhos de um vampiro.

Ele fez uma pausa de alguns segundos e acrescentou:

– Aceitaria jantar comigo?

Fiquei boquiaberta. Jantar? Talvez nem conseguisse escapar de Clairmont na biblioteca, mas não fazia sentido aceitar o convite, ainda mais para uma refeição que ele não poderia compartilhar devido às preferências alimentares que tinha.

– Já tenho outros compromissos – respondi abruptamente, impotente para encontrar uma desculpa convincente.

Matthew Clairmont devia saber que eu era uma bruxa e que não estava celebrando o Mabon.

– Que pena – ele murmurou, com uma linha de sorriso nos lábios. – Fica para outra vez. Vai ficar aqui em Oxford o ano todo?

Um vampiro por perto era sempre irritante, e o aroma de cravo-da-índia que exalava dele evocava o cheiro estranho do Ashmole 782. Impossibilitada de pensar direito, só me restou assentir com a cabeça. Era mais seguro.

– Já presumia – ele disse. – Estou certo de que nossos caminhos se cruzarão outra vez. Oxford é uma província.

– Uma minúscula província – eu concordei, desejando estar em Londres e não ali.

– Até qualquer dia, então. Foi um prazer conhecê-la, dra. Bishop. – Clairmont estendeu a mão. Afora a breve mirada na minha gola, ele não desviou os olhos nem um só instante dos meus. Acho que nem piscou. Eu me enchi de coragem para não desviar os olhos.

Estendi a mão e relutei por um segundo antes de apertar a sua. Ele deu um passo para trás, sorriu e logo desapareceu na escuridão da parte mais velha da biblioteca.

Fiquei parada, esperando que minhas mãos geladas voltassem a se

mover, e depois retornei à mesa e desliguei o computador. Enquanto guardava meus papéis, o volume do *Notes and Queries* me encarava de um modo inquisitorial, como se me acusando por ter me dado ao trabalho de pegá-lo para nada. A lista de tarefas também se excedia em reprovação. Arranquei a lista do caderno, amarrotei-a e joguei-a no cesto de lixo debaixo da mesa.

– *Basta o seu mal a cada dia* – murmurei o provérbio entre dentes.

O supervisor da sala do turno da noite olhou para o relógio quando devolvi os manuscritos.

– Saindo cedo, dra. Bishop?

Balancei a cabeça de boca fechada, contendo-me para não perguntar se ele sabia de um vampiro que estava no setor de referências paleográficas.

Ele pegou a pilha de pastas cinzentas que continham os manuscritos.

– A senhora vai precisar deles amanhã?

– Sim – sussurrei. – Amanhã.

Enfim livre depois de cumpridas as últimas obrigações burocráticas exigidas aos acadêmicos. Com meus sapatos batendo contra o chão de linóleo e ecoando pelas paredes de pedra, ultrapassei o portal de treliças da sala de leitura, passei pelos livros resguardados das mãos dos curiosos por cordas de veludo, desci os degraus gastos da escada de madeira e entrei no pátio do primeiro andar. Respirei ar frio e me encostei à grade de ferro que cercava a estátua de bronze de William Herbert, lutando para tirar o resto de odor de cravo e canela das minhas narinas.

As noites de Oxford são sempre chocantes, disse com firmeza para mim mesma. Então... mais um vampiro na cidade.

O trajeto para casa foi mais rápido que de costume, apesar do que tinha dito a mim mesma no pátio. A escuridão na New College Lane era, na melhor das hipóteses, fantasmagórica. Enfiei o cartão magnético na leitora

ótica do portão dos fundos da New College e boa parte da tensão no meu corpo se dissipou quando o portão se fechou às minhas costas, como se cada porta e cada parede que eu tinha erguido entre mim e a biblioteca me mantivessem de alguma forma a salvo. Margeei a parede da capela de janelas altas até a passagem estreita que dava no pátio, cuja vista era o único jardim sobrevivente e ainda inteiro de Oxford, com um monte tradicional que no passado oferecia uma paisagem verde para que os alunos contemplassem os mistérios de Deus e da natureza. Nessa noite, as torres e os arcos da faculdade se mostravam especialmente góticos, e eu estava ansiosa para entrar no prédio.

Respirei aliviada quando fechei a porta do meu apartamento. Situado no último andar do complexo, era um alojamento reservado para antigos membros visitantes. Os cômodos do apartamento incluíam um quarto de dormir, uma sala com mesa de jantar redonda e uma cozinha pequena, porém decente, todos decorados com gravuras antigas e lambris aconchegantes. O mobiliário parecia ter sido recolhido de diversas encarnações anteriores da sala dos tutores e alunos e da casa dos mestres, muito usada e com predominância do estilo do século XIX.

Fui à cozinha, coloquei duas fatias de pão na torradeira e tomei um copo d'água gelada. Enquanto bebia, abri a janela para deixar o ar fresco entrar na casa.

Levei as torradas até a sala, tirei os sapatos e liguei o pequeno aparelho de som. Os acordes de Mozart se dispersaram por todos os lados. Estiquei-me no sofá para descansar por alguns instantes antes de tomar um banho e me debruçar nas anotações do dia.

Passava das três horas da madrugada quando acordei com o coração sobressaltado, o pescoço rijo e um forte gosto de cravo-da-índia na boca.

Peguei um copo d'água e fechei a janela da cozinha. Estava frio e tremi com a umidade do ar.

Olhei de relance para o relógio, fiz alguns cálculos e resolvi telefonar

para casa. Lá em casa o relógio estaria marcando 22:30 mas Sarah e Em eram notívagas como morcegos. Apaguei todas as luzes do apartamento, menos as do quarto, e peguei o celular. Eu me despi rapidamente das minhas roupas encardidas, me censurando por ter ido assim à biblioteca, e depois vesti uma calça velha e larga de ioga e um suéter preto. Roupas bem mais confortáveis que qualquer pijama.

Reconfortada pela maciez e firmeza da cama, quase me convenci a não telefonar para casa. Mas a água não tinha tirado os vestígios do cravo-da-índia de minha língua, e eu então teclei o número.

– Já estávamos esperando seu telefonema – soaram as primeiras palavras.

Bruxas.

– Sarah, eu estou bem – suspirei.

– Todos os sinais dizem o contrário. – A irmã mais nova de mamãe fez questão de não fazer rodeios, como sempre. – Tabitha está agitada desde o começo da tarde, Em teve uma visão muito clara de você perdida num bosque à noite, e eu não consigo comer nada desde o café da manhã.

O verdadeiro problema era a danada da gata. Tabitha era a queridinha de Sarah e captava os problemas da família com surpreendente precisão.

– Está tudo *bem*. Só tive um encontro inesperado na biblioteca esta noite, e nada mais.

Um clique denunciou a presença de Em na extensão.

– Por que você não está celebrando o Mabon? – ela perguntou.

Até onde minha memória alcançava, Emily Mather me acompanhava como um verdadeiro apêndice. Ela e Rebecca Bishop se conheceram na escola secundária, durante um trabalho de férias em Plimoth Plantation, onde cavavam buracos e empurravam um carrinho de mão para os arqueólogos. Logo se tornaram as melhores amigas e passaram a se corresponder com devoção quando Emily foi para Vassar e minha mãe, para Harvard. Mais tarde, elas se reencontraram em Cambridge, quando

Em se tornou bibliotecária infantil. Depois os meus pais morreram e os longos finais de semana de Emily em Madison a levaram a um novo emprego na escola local de ensino fundamental. Ela e Sarah tornaram-se companheiras inseparáveis, embora Em tivesse seu próprio apartamento na cidade porque havia um acordo entre ambas de que nunca dividiriam a mesma cama na minha presença enquanto eu fosse criança. O relacionamento delas não incomodava nem a mim nem aos vizinhos nem a qualquer outro da cidade. Eram tratadas por todos como um verdadeiro casal, a despeito de onde dormiam. Depois que saí de casa, Em mudou-se para lá e lá permanece até hoje. Tal como mamãe e titia, Em descendia de uma linhagem de bruxas.

– Fui convidada a participar de um *coven*, mas tive que trabalhar.

– A bruxa da Bryn Mawr a convidou?

Emily tinha uma queda por Gillian, a classicista, sobretudo porque um dia saíra com a mãe de Gillian (deixou escapar isso numa noite de verão, depois de alguns copos de vinho). "Coisa dos anos 1960", era como se justificava.

– Sim. – Minha voz soou aborrecida. Ela e Sarah tinham metido na cabeça que agora eu tinha um emprego seguro e estava a caminho de ver a luz, e começaria a levar a sério meu dom mágico. Nada abalava este prognóstico esperançoso, e as duas sempre se alvoroçavam quando eu entrava em contato com uma bruxa. – Mas passei a tarde inteira com Elias Ashmole.

– Quem é ele? – perguntou Em para Sarah.

– Você sabe, é aquele defunto que colecionava livros de alquimia – respondeu Sarah, com uma voz abafada.

– Então vocês duas estão aí – eu disse.

– E quem lhe aborreceu? – perguntou Sarah.

Já que as duas eram bruxas, não fazia sentido tentar esconder alguma coisa.

– Conheci um vampiro na biblioteca. Nunca o tinha visto antes, se chama Matthew Clairmont.

Em fez silêncio enquanto checava seu arquivo mental de criaturas notáveis. Sarah também silenciou por alguns segundos, hesitando se explodia ou não.

– Espero que seja mais fácil se livrar dele do que dos demônios que você costuma atrair – disse, de modo afiado.

– Os demônios deixaram de me aborrecer depois que larguei o teatro.

– Ainda teve aquele demônio que a seguiu até a Biblioteca Beinecke quando você começou a trabalhar em Yale – Em me corrigiu. – Ele só estava vagando pela rua e procurando por você.

– Era um tipo mentalmente desequilibrado – protestei. O fato de ter atraído casualmente um único demônio curioso não podia ir contra mim, e fazer feitiçaria na máquina de lavar também não.

– Você atrai essas criaturas como as flores atraem as abelhas, Diana. Mas os demônios não são tão perigosos quanto os vampiros. Fique longe dele – disse Sarah, com firmeza.

– Não tenho motivos para procurá-lo. – Acariciei meu pescoço. – Nós não temos nada em comum.

– A questão não é essa – disse Sarah, elevando o tom da voz. – Bruxos, vampiros e demônios não devem se misturar. Você sabe disso. Quando fazemos isso nos tornamos mais visíveis para os humanos. Nenhum demônio, nenhum vampiro valem esse risco.

As únicas criaturas do mundo que Sarah respeitava eram os bruxos. Para ela, os humanos não passavam de pobres infelizes, cegos para o mundo ao redor. Os demônios eram eternos adolescentes indignos de confiança. E de acordo com a hierarquia das criaturas estabelecida por ela, os vampiros encontravam-se bem abaixo dos gatos e talvez até um degrau abaixo dos vira-latas.

– Você já me ensinou essas regras, Sarah.

– Nem todos obedecem às regras, querida – observou Em. – O que ele queria?

– Ele disse que se interessava pelo meu trabalho. Mas como ele é um cientista, fica difícil acreditar nisso. – Meus dedos deslizaram pelo edredom da cama. – Ele me convidou para jantar.

– Para *jantar*? – Sarah pareceu incrédula.

Em se limitou a rir.

– Não há muita coisa no menu dos restaurantes que agrade aos vampiros.

– Estou certa de que não o verei de novo. Pelo que está no cartão de apresentação, ele trabalha em três laboratórios e ocupa dois cargos na faculdade.

– Típico – sussurrou Sarah. – É isso que acontece quando se tem muito tempo disponível. E pare de cutucar essa colcha porque vai acabar abrindo um buraco nela. – Minha tia estava com o radar de bruxa ativado, e agora me *via* da mesma forma que me ouvia.

– Ele não rouba o dinheiro de velhas senhoras nem torra a fortuna de incautos na bolsa de valores – argumentei. Os vampiros eram conhecidos por serem fabulosamente ricos, e isso era um ponto nevrálgico para Sarah. – Ele é bioquímico e uma espécie de médico interessado no cérebro.

– Com toda certeza, esse tipo é muito fascinante, Diana, mas o que ele *queria*? – Sarah contrapôs sua impaciência a minha irritação, um contragolpe muito bem executado por todas as mulheres da família Bishop.

– Jantar está fora de cogitação – afirmou Em, categórica.

Sarah bufou.

– Ele queria alguma coisa. Vampiros e bruxas não saem por aí em encontros românticos. A menos que estivesse planejando *jantar* você, é claro. Não há nada que eles adorem mais do que o sabor do sangue de uma bruxa.

– Talvez só estivesse curioso. Ou talvez aprecie mesmo seu trabalho – disse Em, com tanta dúvida que acabou rindo.

– Não teríamos esse tipo de conversa se você tivesse tomado as precauções básicas – disse Sarah, em tom azedo. – Um feitiço de proteção, um pouco do seu dom premonitório e...

– Não vejo necessidade de recorrer à magia e à feitiçaria para saber por que um vampiro me convidou para jantar – retruquei, com firmeza. – Sem chance, Sarah.

– Então não nos telefone à procura de respostas que não deseja ouvir – disse Sarah, visivelmente irritada. Colocou o telefone no gancho antes de ouvir a minha resposta.

– Você sabe que Sarah só está preocupada com você – disse Em, em tom conciliador. – E ela não entende por que você não se vale de seus dons nem mesmo para se proteger.

Porque, como já expliquei antes, meus dons estão ligados a amarras. Tentei explicar novamente.

– Isso é um poço sem fundo, Em. Hoje me protejo de um vampiro na biblioteca e amanhã me protegerei de uma pergunta difícil na palestra. E algum tempo depois estarei escolhendo temas de pesquisas já sabendo que serão bem-sucedidos, e tendo a garantia de vitória. Para mim é muito importante vencer por conta própria. Se eu recorrer à magia, nada mais será verdadeiramente meu. Eu não quero ser a próxima bruxa Bishop. – Já ia abrir a boca para falar do Ashmole 782 para Em, mas alguma coisa me fez fechá-la.

– Eu sei, eu sei, querida. – A voz de Em soou com suavidade. – Eu entendo. Mas Sarah não consegue deixar de se preocupar com sua segurança. Você é tudo que restou da família dela.

Alisei o cabelo e deixei a mão na testa. Esse tipo de conversa sempre me fazia lembrar dos meus pais. Hesitei em mencionar minha grande preocupação.

– O que é? – perguntou Em, captando meu desconforto com o sexto sentido.

– Ele sabia meu nome. Nunca o tinha visto antes, mas ele me reconheceu.

Em considerou as possibilidades.

– Sua foto não está na orelha do seu último livro?

Meu fôlego que estava preso, sem que eu tivesse reparado, se soltou aliviado.

– Claro. Isso explica. Eu devia ter pensado nisso em vez de ser tão tola. Dá um beijo na Sarah por mim?

– Dou, sim. E se cuide, Diana. Os vampiros ingleses não se comportam tão bem com as bruxas como os vampiros americanos.

Sorri, lembrando da reverência formal de Matthew Clairmont.

– Pode deixar. Mas não se preocupe. É bem provável que não o veja de novo.

Ela ficou em silêncio.

– Em? – chamei-a.

– O tempo dirá.

Em não era tão boa em ver o futuro como minha mãe tinha sido um dia, mas dava para sentir que alguma coisa a preocupava. Convencer uma bruxa a compartilhar uma vaga premonição é algo quase impossível. Ela não me diria o que a preocupava em relação a Matthew Clairmont. Ainda não.



Em meio às sombras, na ponte arqueada que se estendia sobre a New College Lane e interligava dois módulos da Hertford College, o vampiro se pôs de costas na pedra desgastada de um dos prédios mais novos da faculdade e apoiou os pés na amurada da ponte.

A bruxa irrompeu com um passo surpreendentemente seguro pela calçada de pedras em frente a Bodleiana. Ela passou apressada por baixo do lugar em que ele estava. O nervosismo a deixava bem mais jovem do que ela realmente era e acentuava-lhe a vulnerabilidade.

Então, essa é a formidável historiadora, pensou o vampiro com malícia, analisando a silhueta da bruxa. Mesmo depois de ter observado uma foto de Bishop, Matthew achou que seria mais velha pelo seu extenso currículo profissional.

Apesar da grande e aparente agitação, Diana caminhava de coluna ereta e com os ombros retos. Talvez não fosse tão fácil intimidá-la como ele esperava. O comportamento dela na biblioteca demonstrara isso. Ela o encarara sem nenhum vestígio do medo que ele estava habituado a ver naqueles que não eram vampiros – e em muitos vampiros também.

Quando Bishop dobrou a esquina, Matthew esgueirou-se ao longo dos telhados até alcançar o muro da New College. O vampiro deslizou silenciosamente até a beira do telhado. Ele conhecia a planta da faculdade e localizara o apartamento da jovem. Quando ela começou a subir a escada, ele já estava no outro lado do apartamento.

Diana percorreu o apartamento, acendendo as luzes dos cômodos, enquanto os olhos de Matthew a seguiam. Ela abriu a janela da cozinha,

deixando-a entreaberta, e sumiu de vista.

Isso me poupará de quebrar uma janela trancada, pensou o vampiro.

Matthew se projetou no espaço aberto e começou a escalar a parede até o apartamento, agarrado a um velho cano de cobre e aos galhos resistentes da videira enquanto tateava com as mãos e os pés em busca de brechas seguras na velha parede de tijolos. Já no seu novo posto de observação, o vampiro inalou o perfume da bruxa e ouviu um farfalhar de páginas folheadas. Ele esticou o pescoço para espiar pela janela.

Bishop estava lendo, a serenidade no rosto a fazia parecer diferente. Era como se a pele se encaixasse perfeitamente nos ossos. Ela inclinou levemente a cabeça e se recostou nas almofadas com um tênue suspiro de exaustão. Logo a regularidade da respiração deixou entrever que ela estava dormindo.

O vampiro escalou mais um pouco a parede e entrou pela janela da cozinha da bruxa. Fazia tempo que não entrava pela janela de uma mulher. Ocasiões assim eram raras, e geralmente associadas a momentos em que ele estava apaixonado. Mas dessa vez era por um motivo diferente. Mesmo assim, se fosse flagrado ali, ele teria que encontrar uma boa desculpa.

Matthew tinha que saber se o Ashmole 782 ainda estava com Bishop. Ele se viu impedido de procurar na escrivaninha dela na biblioteca, mas uma rápida olhadela o fez perceber que o manuscrito não estava entre os outros que ela consultara naquele dia. No entanto, uma bruxa – ainda mais uma Bishop – nunca deixaria o livro escapulir de suas mãos. Ele então percorreu, pé ante pé, os cômodos do pequeno apartamento, sem fazer barulho. O manuscrito não estava no banheiro nem no quarto da bruxa. Ele se esgueirou silenciosamente pelo sofá onde ela dormia.

As pálpebras da bruxa se moviam como se vendo um filme que só ela via, uma das mãos estava fechada e as pernas se mexiam uma vez ou outra. No entanto, indiferente ao que o resto do corpo podia expressar, o rosto estava impassível, sereno.

Alguma coisa estava errada. Matthew sentira isso tão logo a viu pela primeira vez na biblioteca. Ele cruzou os braços e começou a estudá-la, mas não conseguiu saber o que era. Aquela mulher não exalava os odores habituais de uma bruxa – meimendro negro, enxofre e sálvia. *Ela está escondendo alguma coisa*, pensou o vampiro, *alguma coisa além de um manuscrito perdido.*

Matthew se virou, procurando pela escrivaninha dela. Localizou-a, abarrotada de livros e papéis. Era bem provável que ela tivesse guardado o volume surrupiado ali. Ele deu um passo em direção à escrivaninha e paralisou quando sentiu um cheiro de eletricidade.

O corpo de Diana Bishop vertia uma luz – saía pelas extremidades e pelos poros. Era uma luz de um azul tão claro que beirava o branco, e primeiro formou um véu que a cobriu por alguns segundos. Ela brilhou por um momento. Matthew balançou a cabeça, sem acreditar no que via. Aquilo era impossível. Fazia séculos que ele não testemunhava aquele tipo de luminosidade emanando de uma bruxa.

Mas outros assuntos mais urgentes estavam em jogo, e Matthew retomou a busca ao manuscrito, revistando apressadamente os objetos que se encontravam na mesa. Frustrado, ele passou a mão no cabelo. O perfume da bruxa impregnava o ar, distraindo-lhe a atenção. Ele voltou os olhos para o sofá. Ela se remexeu novamente e se encolheu até ficar com os joelhos quase colados ao peito. E mais uma vez a luminosidade pulsou na superfície de seu corpo, brilhando por um instante e depois se recolhendo.

Matthew franziu a testa, intrigado, pela discrepância entre o que ouvira na noite anterior e o que testemunhava com os próprios olhos. Duas bruxas tinham fofocado sobre o Ashmole 782 e sobre uma outra bruxa que estava com o manuscrito. Uma delas insinuara que a historiadora americana negligenciava o poder mágico que possuía. Ele tinha visto esse poder em ação na Bodleiana e agora via o mesmo poder fluindo pelo corpo dela com grande intensidade. Suspeitava então que ela recorria à magia no

trabalho intelectual. Ela escrevera sobre alguns homens que tinham sido amigos dele – Cornelius Drebbel, Andreas Libavius, Isaac Newton. E capturara as peculiaridades e obsessões desses homens com perfeição. Como uma mulher moderna poderia entender aqueles homens que tinham vivido no passado distante sem o auxílio da magia? Matthew se perguntou por um momento se Bishop seria capaz de entendê-lo com a mesma acuidade.

Os relógios badalaram três horas, deixando-o assustado, com a garganta seca. Ele se deu conta de que tinha ficado em pé e imóvel naquele lugar por horas a fio enquanto a bruxa sonhava e vertia seu poder em ondas. Por uma fração de segundo, ele cogitou em matar a fome com o sangue dela. O sabor do sangue o faria localizar o volume perdido e revelaria os segredos guardados pela bruxa. Mas o vampiro se conteve. O desejo de encontrar o Ashmole 782 é que o tinha feito perder tempo com a enigmática Diana Bishop.

Se o manuscrito não estava no apartamento da bruxa, talvez ainda estivesse na biblioteca.

Matthew foi até a cozinha, saiu pela janela e desapareceu na noite.



Acordei quatro horas mais tarde, sem ter desfeito a cama para dormir e com o fone na mão. Enquanto dormia, o chinelo deve ter escapulido e meu pé direito ficou oscilando para fora da cama. Olhei para o relógio e resmunguei. Não me sobrava tempo para a caminhada habitual até o rio, nem para uma corrida.

Com meu ritual matinal minguado, tomei um banho e depois tomei uma xícara de chá bem quente enquanto secava o cabelo. Eu escovava meu cabelo com regularidade, e mesmo assim era rebelde e parecia uma palha. Como o cabelo de muitas outras bruxas, os fios longos do meu nunca estavam bem penteados e não se mantinham à altura dos ombros. Sarah dizia que isso se devia à magia enclausurada e garantia que o uso constante do meu poder dissiparia a eletricidade estática e tornaria meu cabelo mais obediente.

Depois de escovar os dentes, vesti uma calça jeans, uma blusa branca e uma jaqueta preta. Era a rotina de sempre e o traje habitual, mas nesse dia nada parecia confortável. Parecia que eu estava espremida nas roupas, e isso me incomodava. Ajeitei a jaqueta para melhorar o caimento, mas não se podia esperar muito de um corte inferior.

Olhei para o espelho, e lá estava o rosto da minha mãe, me olhando. Não sei quando comecei a me parecer tanto com ela. Será que foi durante a faculdade? Lembro que só repararam nisso em meu primeiro ano de faculdade, quando fui passar o feriado de Ação de Graças em casa. Era a primeira vez que ouvia isso das pessoas que tinham conhecido Rebecca Bishop.

A olhadela no espelho também me fez notar que as poucas horas de sono tinham deixado minha pele esmaecida. Isso realçava as sardas herdadas do meu pai, um realce alarmante que as olheiras em torno de meus olhos tornavam ainda mais visível. O cansaço também evidenciava o tamanho do meu nariz, deixando meu queixo mais pronunciado. Lembrei do imaculado professor Clairmont, me perguntando que aparência *ele* tinha quando acordava de manhã. Talvez a mesma aparência prístina que apresentara na noite anterior, concluí – uma besta. Ri da minha reflexão.

Fiz o trajeto até a porta do apartamento, parando aqui e ali, verificando todos os aposentos. Algo me preocupava – sei lá, um apontamento esquecido, um prazo de entrega. A sensação era de que eu tinha esquecido alguma coisa muito importante. O desconforto fez meu estômago revirar e comprimir, e depois passou. Chequei a agenda e a pilha de correspondência em cima da mesa, depois saí apressada e desci até o térreo. As prestativas funcionárias da cozinha me ofereceram uma torrada quando me viram passar correndo. Elas teimavam em ainda me ver como uma aluna da graduação e sempre tentavam me alimentar com mingau e torta de maçã quando eu parecia estressada.

Mastigar a torrada enquanto escorregava pelo calçamento de pedras da New College Lane foi o bastante para me convencer de que a noite anterior não tinha passado de um sonho. Meus cabelos balançavam no meu pescoço e minha expiração se misturava ao ar gelado. De manhã, Oxford era a quintessência da normalidade, com os furgões de entregas que se dirigiam às cozinhas da faculdade, o aroma de café recém-passado, a umidade da calçada e os raios de sol que se infiltravam pela neblina. Claro que não era um lugar apropriado para vampiros.

O atendente da Bodleiana, no seu costumeiro terno azul, executou a rotina de examinar meu cartão da biblioteca como se nunca me tivesse visto, como se eu fosse chefe de uma quadrilha de ladrões de livros. Por fim, acenou, permitindo minha entrada. Coloquei a bolsa no guarda-

volumes próximo à porta depois de ter apanhado a carteira, o computador e as notas, e me dirigi à escada de madeira em espiral rumo ao terceiro andar.

O cheiro de biblioteca sempre me deixava revigorada – um misto de pedras envelhecidas, umidade, carcoma e papel corretamente feito de fibras de algodão. O sol entrava pelas janelas de cada piso da escada, iluminando as partículas de poeira no ar e projetando barras luminosas nas velhas paredes. Nelas, a luz do sol salientava os anúncios da última série de palestras agora enrolados. Ainda seriam afixados novos cartazes, mas logo, logo os portões se abririam e chegaria uma onda de alunos para quebrar a tranquilidade da cidade.

Cantarolando baixinho, cumprimentei com um aceno de cabeça os bustos de Thomas Bodley e do rei Carlos I que ladeavam a entrada arqueada da Duke Humfrey e empurrei a porta de vaivém próxima ao balcão de solicitações.

– Hoje teremos que instalá-lo na Selden End – soou a voz do supervisor, com um tom exasperado.

A biblioteca acabara de abrir, mas o sr. Johnson e sua equipe já estavam agitados. Eu já presenciara essa mesma agitação, mas só quando acadêmicos importantes eram aguardados.

– Ele já fez os pedidos e está esperando. – A atendente desconhecida do dia anterior me olhou com uma cara carrancuda e pegou uma pilha de livros. – Esses aqui também. Ele pediu que os levasse da nova sala de leitura da biblioteca.

Lá ficavam os livros da Ásia oriental. Não era meu campo de estudo e logo perdi o interesse pela agitação.

– Leve-os para ele agora mesmo e avise que entregaremos os manuscritos daqui a uma hora. – O supervisor parecia aborrecido quando retornou a seu escritório.

Sean fez uma cara de enfado quando me aproximei do balcão.

– Oi, Diana. Você quer os manuscritos que reservou?

– Muito obrigada – sussurrei, visualizando minha apetitosa lista. – Hoje o dia está agitado, não é?

– Aparentemente – ele disse de modo seco antes de sumir na cabine onde os manuscritos eram trancados durante a noite. Em seguida, voltou com uma valiosa pilha. – Aqui estão. Qual é mesmo o número de sua mesa?

– A4. – Era o número da mesa que eu sempre escolhia, no fundo do canto sudeste do Selden End, onde a luz natural era melhor.

O sr. Johnson veio correndo em minha direção.

– Dra. Bishop, nós colocamos o professor Clairmont na A3. Talvez a senhora prefira se sentar na A1 ou na A6. – Ele se equilibrava nervosamente ora sobre o pé esquerdo ora sobre o direito, ajeitando os óculos no topo do nariz e piscando para mim atrás de grossas lentes.

Eu o encarei.

– O professor *Clairmont*?

– Sim. Ele está trabalhando em alguns documentos de Needham e precisa de uma boa luz para isso.

– Joseph Needham, o historiador de ciência chinesa? – O sangue começou a ferver em torno do meu plexo solar.

– Sim, o próprio. Ele também era bioquímico, é claro... daí o interesse do professor Clairmont – explicou o sr. Johnson, nesse momento ainda mais atrapalhado. – A senhora se sentaria na A1?

– Ficarei com a A6.

A ideia de me sentar ao lado de um vampiro, mesmo com um assento vazio entre nós dois, me soou profundamente desagradável. Mas para mim era impossível cogitar um lugar do outro lado da A4. Como poderia me concentrar imaginando o que aqueles olhos estranhos estariam olhando? Se as mesas da ala medieval fossem mais confortáveis, eu teria me instalado debaixo de uma das gárgulas que guardavam as estreitas janelas,

mesmo enfrentando a desaprovação da empertigada Gillian Chamberlain.

– Oh, isso é ótimo. Muito obrigado pela compreensão. – O sr. Johnson suspirou aliviado.

Meus olhos se apertaram assim que cheguei ao iluminado Selden End. Clairmont parecia imaculado e descansado, sua pele pálida contrastava com seus cabelos negros. Dessa vez, ele estava com um suéter cinza salpicado de pontos verdes, com a gola ligeiramente erguida à nuca. Uma espiada para debaixo da mesa mostrou que ele vestia uma calça cinza quase da cor do carvão, meias combinando e sapatos pretos que seguramente eram mais caros que o guarda-roupa inteiro dos acadêmicos.

A sensação de desconforto retornou. O que Clairmont estava fazendo na biblioteca? Por que não estava no laboratório?

Não fiz o menor esforço para abafar o barulho dos meus passos enquanto andava na direção do vampiro. Sentado na extremidade das fileiras de mesas, em linha diagonal ao meu lugar, e aparentando não se dar conta de minha presença, Clairmont manteve-se impassível na leitura. Coloquei a sacola de plástico e os manuscritos no espaço marcado como A5, delimitando os limites extremos do meu território.

Ele ergueu os olhos e arqueou as sobrancelhas, em aparente surpresa.

– Dra. Bishop. Bom-dia.

– Professor Clairmont. – Eu presumi que ele tinha escutado tudo o que se disse a respeito dele na entrada da sala com uma audição de morcego. Sem encará-lo, comecei a tirar meus equipamentos de dentro de uma sacola para erguer uma pequena fortificação entre mim e o vampiro. Ele me observou fazendo isso até o fim, e depois abaixou as sobrancelhas em sinal de concentração e retomou a leitura.

Peguei o fio do computador e me enfiei debaixo da mesa para ligá-lo na tomada. Quando me recompus, ele ainda estava lendo, mas se reprimindo para não rir.

– Você estaria bem mais confortável na extremidade norte – eu disse

entre dentes, voltando-me para minha lista de manuscritos.

Clairmont ergueu os olhos, repentinamente escurecidos pelas pupilas dilatadas.

– Eu a estou incomodando, dra. Bishop?

– É claro que não – respondi abruptamente, com a garganta repentinamente impregnada pelo forte aroma de cravo-da-índia que acompanhou as palavras dele. – Mas me surpreende vê-lo confortavelmente sentado de frente para o lado sul.

– Você acredita em tudo que lê? – Ele ergueu uma das sobrancelhas grossas e negras, com um ar de interrogação.

– Se quer saber se acho que você arderá em chamas sob a luz do sol, a resposta é não. – Os vampiros não se incendeiam em contato com a luz do sol e não possuem presas muito acentuadas. São lendas criadas pelos humanos. – Mas nunca conheci... *alguém como você* que gostasse de se expor ao sol.

O corpo de Clairmont continuou imóvel, mas notei que ele se reprimiu para não rir.

– Dra. Bishop, quantas experiências diretas você teve com *alguém como eu*?

Como ele sabia que minhas experiências com vampiros não eram muitas? Mesmo com alguns sentidos e habilidades sobrenaturais, isso não capacita os vampiros a ler mentes e ter premonições. São sentidos inerentes a bruxas e, raras vezes, a certos demônios. Essa era a ordem natural, ou pelo menos a que minha tia me passou quando eu era criança e que atrapalhava meu sono, temendo que algum vampiro roubasse meus pensamentos e fugisse pela janela com eles.

Eu o analisei bem de perto.

– De qualquer forma, não acho que sejam necessários anos de experiência para que me diga o que quero saber agora, professor Clairmont.

– Se eu puder, ficarei feliz em responder sua pergunta – ele disse, fechando o livro e o deixando na mesa. Aguardou com a mesma paciência de um professor que ouve um aluno beligerante e não muito brilhante.

– O que *você* quer?

Clairmont se recostou na cadeira de braços cruzados.

– Eu quero investigar os documentos de Needham e estudar a evolução de suas ideias em morfogênese.

– Morfogênese?

– As mudanças nas células embrionárias que resultam na diferenciação...

– Eu sei o que é morfogênese, professor Clairmont. Isso não me interessa agora.

Ele engoliu em seco. E eu cruzei os braços.

– Entendo. – Ele esticou seus dedos longos, descansando os cotovelos nos braços da cadeira. – Na noite passada, vim aqui na Biblioteca Bodley para requisitar alguns manuscritos. Entrei e resolvi dar uma olhada por aí... você entende, gosto de dar uma olhada no que me cerca e geralmente isso não leva muito tempo. E lá estava você, na galeria. Claro que aquilo que vi depois foi completamente inusitado. – Ele engoliu em seco outra vez.

Repassei na cabeça a cena em que eu pegava o livro. Procurei não me desarmar por ele ter sido antiquado ao dizer "Biblioteca Bodley", mas não tive muito êxito.

Cuidado, Diana, eu disse para mim mesma. *Ele está querendo encantá-la*.

– Então, a sua versão é de que tudo não passou de um conjunto de estranhas coincidências que fizeram um vampiro e uma bruxa se sentarem próximos um do outro para investigar manuscritos como dois leitores comuns.

– Não acho que alguém que perdesse tempo para me analisar chegaria à

conclusão de que sou comum, não concorda? – A serenidade na voz de Clairmont assumiu um tom zombeteiro, e ele se inclinou para a frente da cadeira. A luz incidiu na palidez de sua pele e o fez brilhar. – Mas por outro lado, é isso mesmo. Tudo não passa de uma série de coincidências facilmente explicáveis.

– Suponho que os cientistas não acreditam em coincidências.

Ele riu, suavemente.

– Alguns precisam acreditar.

Clairmont continuou com os olhos cravados em mim, e isso me deixou extremamente irritada. A atendente chegou com caixas de manuscritos que trazia com um carrinho de madeira para a sala de leitura e colocou-as nos braços do vampiro.

Ele tirou os olhos de mim.

– Muito obrigado, Valerie. Agradeço pela ajuda.

– Não há de quê, professor Clairmont – disse Valerie, ruborizada, olhando-o em êxtase. O vampiro a encantara com nada mais que um simples agradecimento. Bufei. – Não deixe de nos avisar quando precisar de alguma coisa – ela acrescentou enquanto voltava para seu posto próximo à entrada.

Clairmont desamarrou o barbante da primeira caixa com seus longos dedos e deu uma olhadela em mim.

– Não quero atrapalhar seu trabalho.

Matthew Clairmont assumira o controle. Eu já tinha lidado o bastante com colegas academicamente superiores a mim para reconhecer os sinais e saber que qualquer resposta só pioraria a situação. Abri o computador e o pus para funcionar com um toque mais pesado que o necessário, e peguei meu primeiro manuscrito. Depois o desamarrei e o coloquei no cavalete à frente.

Passada uma hora e meia, eu tinha lido as primeiras páginas pelo menos umas trinta vezes. Comecei pela leitura dos conhecidos versos atribuídos a

George Ripley, os quais prometiam revelar os segredos da pedra filosofal. Em face das surpresas da manhã, o poema que descreve como fazer o Leão Verde, criar o Dragão Negro e preparar o sangue místico a partir de ingredientes químicos pareceu mais opaco que de costume.

Por outro lado, o desempenho de Clairmont era surpreendente, preenchendo páginas de papel com uma elegante caneta Montblanc Meisterstück. Ele virava as páginas sem se deter, e o farfalhar me deixava boquiaberta.

Vez por outra o sr. Johnson passava pela sala para verificar se as obras estavam sendo bem cuidadas. O vampiro não interrompia suas anotações. Eu espiava.

Às 10:45 Gillian Chamberlain entrou no Selden End, fazendo-me sentir um formigamento familiar. Ela caminhou na minha direção – sem dúvida para me dizer que se divertira muito no jantar de Mabon. Então, avistou o vampiro e uma sacola plástica com lápis e papéis caiu de suas mãos. Ele a encarou e assim ficou até que ela retornou apressada para a sala medieval.

Às 11:30 senti a pressão insidiosa de um beijo na minha nuca. Era o demônio confuso e viciado em cafeína da sala de referências musicais. Ele girava repetidamente um par de fones de ouvido brancos de plástico entre os dedos e depois os girava no ar. Avistou-me, acenou com a cabeça para Matthew e sentou-se na frente de um computador no centro da sala. Um aviso estava colado à tela: COM DEFEITO. À ESPERA DO TÉCNICO. O demônio permaneceu ali durante algumas horas, às vezes olhando para trás e para o teto, como se tentando se situar e descobrir como tinha parado naquele lugar.

Desviei a atenção para George Ripley, sentindo os olhos frios de Clairmont no alto da minha cabeça.

Às 11:40 tive a sensação de um rasgão gelado entre meus ombros.

Foi a última gota. Sarah sempre dizia que entre dez seres um é sempre uma criatura, mas naquela manhã as criaturas superavam os humanos na

sala Duke Humfrey, numa média de cinco para um. De onde tinham surgido todas aquelas criaturas?

Levantei abruptamente e olhei ao redor, assustando um querubínico vampiro tosquiado que tinha uma pilha de missais medievais na mão e tentava se sentar numa minúscula cadeira. Ele deixou escapar um grunhido perante a súbita e indesejada atenção. Ao avistar Clairmont, empalideceu de um modo que eu não achava possível nem mesmo para um vampiro. Inclinou-se com reverência e saiu às pressas em direção aos recessos sombrios da biblioteca.

Ao longo da tarde, uns poucos humanos e mais três criaturas entraram no Selden End.

Duas vampiras desconhecidas, talvez irmãs, passaram deslizando por Clairmont e chegaram às estantes de história local debaixo da janela, onde pegaram obras sobre a colonização de Bedfordshire e Dorset e fizeram anotações em um único bloco. Uma delas cochichou alguma coisa e a cabeça de Clairmont girou com tanta rapidez que se fosse o pescoço de um ser inferior teria estalado. Ele pediu silêncio com um suave sopro sibilante que eriçou os pelos da minha nuca. As duas se entreolharam e se retiraram da mesma maneira furtiva de quando apareceram.

A terceira criatura era um homem mais velho que se colocou diretamente exposto à luz do sol, olhou embevecido pelas janelas e depois se voltou para mim. Ele vestia o traje acadêmico habitual – paletó de *tweed* com remendo nos cotovelos, calça de veludo cotelê ligeiramente esverdeada e camisa de algodão abotoada até a gola com um bolso manchado de tinta – e eu já estava achando que era mais um acadêmico de Oxford quando minha pele formigou, sinalizando que era um bruxo. Mesmo assim, era um estranho para mim e tratei de me concentrar no meu manuscrito.

Contudo, uma suave sensação de pressão na minha nuca tornou impossível a concentração na leitura. A pressão se deslocou para os olhos, intensificando-se à medida que se dispersava pela testa, e fez meu estômago

se apertar de pânico. Aquilo não era uma saudação silenciosa e sim uma ameaça. Mas por que outro bruxo estaria me ameaçando?

Ele caminhou na minha direção, com aparente displicência. Já próximo de mim, uma voz sussurrou dentro de minha cabeça, a essa altura estalando de dor. Eu me senti muito debilitada para distinguir as palavras. Eu estava certa de que vinham do bruxo, mas quem era ele afinal?

Eu já estava sem fôlego. *Saia da minha cabeça*, eu pensei, agora irritada e tocando na minha testa.

Clairmont moveu-se com tanta rapidez que não o vi rodear as mesas. Uma fração infinitesimal de tempo depois, ele já estava de pé, apoiado com uma das mãos nas costas da minha cadeira e com a outra no tampo da minha mesa. Seus ombros largos curvavam-se em volta de mim como as asas de um falcão protegendo a presa.

– Você está bem? – ele perguntou.

– Estou ótima – respondi com uma voz trêmula, sem entender por que um vampiro precisava me proteger de um bruxo.

Na galeria acima de nós, uma leitora esticou a cabeça para espionar o ocorrido. Ela aparentava preocupação. Uma bruxa, um bruxo e um vampiro jamais seriam ignorados por um humano.

– Me deixe sozinha. Os humanos já nos perceberam – falei entre dentes.

Clairmont empertigou-se, como um anjo vingador, de costas para o bruxo e com o corpo angulado entre mim e o bruxo.

– Ah, desculpem-me – murmurou o bruxo por trás de Clairmont. – Achei que o lugar estava vago. Peço desculpas.

À medida que o bruxo se retirava com passos macios, a pressão na minha cabeça desvanecia.

Uma leve brisa soprou em mim quando o vampiro tentou tocar no meu ombro com sua mão gelada e a desviou para o encosto de minha cadeira. Depois, se inclinou.

– Você está muito pálida – disse suave e baixinho. – Posso acompanhá-

la até sua casa?

– Não. – Balancei a cabeça, torcendo para que ele se sentasse e eu pudesse me recompor. Lá na galeria, a humana continuava a nos observar.

– Dra. Bishop, talvez seja melhor me deixar acompanhá-la até sua casa.

– Não! – Minha voz soou mais alta que o pretendido. Abaixei o tom até torná-la um sussurro. – Ninguém vai me tirar desta biblioteca... nem você nem qualquer outro.

O rosto de Clairmont estava desconcertantemente próximo de mim. Ele respirou fundo e foi soltando o ar aos poucos, e o poderoso aroma de cravo e canela se fez presente outra vez. O meu olhar o fez se convencer da minha resolução e ele se afastou. Com os lábios fechados em uma linha de severidade, retomou o assento.

Passamos o resto da tarde em negociação diplomática. Eu tentava ultrapassar a segunda folha do primeiro manuscrito enquanto ele folheava alguns fragmentos e as notas já escritas, com a atenção de um juiz decidindo um caso capital.

Ali pelas três horas da tarde, meus nervos já estavam em frangalhos, e eu não conseguia mais me concentrar. Um dia perdido.

Recolhi minhas coisas espalhadas pela mesa e coloquei o manuscrito de volta à caixa.

Clairmont olhou para mim.

– Já vai embora, dra. Bishop? – disse com uma voz meiga, mas com os olhos faiscando.

– Sim – respondi, apressadamente.

Aos poucos, a cara do vampiro se tornou inexpressiva.

As criaturas presentes na biblioteca observaram minha saída – o bruxo ameaçador, Gillian, o monge vampiro e também o demônio. O atendente da tarde na mesa de devolução me era estranho porque eu nunca saía da biblioteca naquele horário. O senhor Johnson se remexeu na cadeira e, surpreso por me ver, olhou para o relógio.

Atravessei a porta de vidro da biblioteca e respirei o ar fresco do pátio. Mas naquele dia seria preciso muito mais que ar fresco.

Quinze minutos depois, eu estava de bermuda larga, camiseta velha da New College Boat Club e suéter de moletom. Amarrei os cadarços do tênis e saí para uma corrida até o rio.

Quando cheguei ao rio, uma boa parte da minha tensão se dissipara.

– Envenenamento de adrenalina – era o diagnóstico de um médico para os surtos de ansiedade que me atormentavam desde a infância. O que os médicos explicavam é que meu corpo parecia se sentir em constante perigo por razões desconhecidas. Um dos especialistas consultados pela minha tia afirmou com veemência que meu sintoma era um resquício bioquímico do período em que o homem se dedicava à caça e à agricultura. Segundo ele, eu poderia melhorar se corresse para liberar a carga de adrenalina da minha corrente sanguínea, tal como acontece com um cabrito montês que foge em disparada de um leão.

Infelizmente, o doutor sequer imaginava que quando pequena eu tinha ido até Serengeti com meus pais, onde presenciei esse tipo de perseguição. O cabrito montês perdeu. Isso me impressionou muito.

Desde então, tomei um medicamento atrás do outro, mas nada funcionava tão bem para dispersar o pânico quanto uma atividade física. Em Oxford, se faziam exercícios de remo antes das aulas, e uma horda de estudantes tornava o estreito rio em via pública. Mas as aulas da universidade ainda não tinham começado, e o rio estava praticamente desimpedido naquela tarde.

Saí pisando nos cascalhos do caminho que levava às casas de barcos. Acenei para Pete, um barqueiro que vasculhava a região com uma chave inglesa e tubos de graxa para consertar os danos eventuais que os estudantes faziam durante o treinamento. Parei na sétima casa de barcos e, antes de pegar a chave em cima da lâmpada no lado de fora, fiz um alongamento para aliviar uma pontada na lateral do meu corpo.

Lá dentro, acomodados em cavaletes, barcos em branco e amarelo me saudaram. Alguns com oito assentos e mais o assento do timoneiro, outros ligeiramente menores para mulheres, e também alguns botes de qualidade e tamanho inferiores. Um cartaz dependurado no arco de um reluzente barco que ainda não estava pronto instruía os visitantes com as seguintes palavras: NINGUÉM PODE LEVAR A MULHER DO TENENTE FRANCÊS PARA FORA DESTA CASA SEM A PERMISSÃO DO PRESIDENTE DA NCBC. O nome do barco tinha sido pintado recentemente na lateral com letras em estilo vitoriano, em homenagem ao criador do personagem que estudara na New College.

No fundo da casa de barcos soava o ruído de um barco de uns 8 metros de comprimento por uns 30 centímetros de largura assentado em um conjunto de eslingas posicionadas à altura da cintura. *Deus abençoe Pete,* pensei. Ele tinha deixado o barco no chão da casa de barcos. Sobre o assento, um bilhete: *Treinamento para os alunos da faculdade, na próxima segunda-feira. O barco estará de volta aos cavaletes.*

Depois de tirar os tênis, peguei dois remos curvos que estavam ao lado da porta e os levei para a doca. Em seguida, voltei para pegar o barco.

Coloquei suavemente o barco na água e apoiei um pé no assento para que não se movesse enquanto eu encaixava os remos. Com os dois remos em uma das mãos como se fossem dois palitinhos, entrei no barco com cuidado e depois o impulsionei empurrando a doca com a mão esquerda. O barco saiu flutuando pelo rio.

Para mim, o remo era uma religião composta de um conjunto de ritos e movimentos repetidos que se transformavam em meditação. Os ritos começavam no momento em que eu tocava no equipamento, mas a verdadeira magia era a combinação de precisão, ritmo e força que o remo requer. Desde meu tempo de estudante, o remo sempre me trouxe uma serenidade ímpar.

Meus remos mergulhavam e deslizavam na superfície da água. Para entrar no ritmo, eu reforçava a sequência das vogas com as pernas,

sentindo a água quando o remo era impelido para trás e deslizava sob as ondas. O vento estava frio e cortante e entrava pela minha roupa a cada voga.

À medida que os meus movimentos fluíam em perfeita cadência, eu me sentia como se estivesse voando. Um êxtase que me deixava suspensa no tempo e no espaço e que fazia de mim um corpo sem peso sobre um rio em movimento. Meu pequeno barco se projetava ao longo do rio enquanto eu cadenciava em uníssono perfeito com o barco e os remos. A certa altura, fechei os olhos e sorri, e os acontecimentos do dia desvaneceram na insignificância.

O céu escureceu por trás das minhas pálpebras fechadas, e o rumor do tráfego por cima da minha cabeça indicou que eu estava passando debaixo da ponte de Donnington. De volta à luz do outro lado da ponte, abri os olhos... e senti o toque gelado do olhar de um vampiro no osso dianteiro do meu peito.

Avistei uma silhueta de pé na ponte, com um casaco longo esvoaçando ao redor dos joelhos. Mesmo sem poder enxergar claramente o rosto, com aquela altura e aquele corpanzil, só podia ser um vampiro, Matthew Clairmont. Mais uma vez.

Soltei um palavrão e quase larguei um dos remos. A doca da City of Oxford ficava nas cercanias. Fui tentada a fazer uma manobra ilegal para cruzar o rio e poder acertar a maravilhosa cabeça do vampiro com alguma peça do equipamento do barco. Enquanto arquitetava o plano, avistei uma mulher esguia de pé na doca, com uma roupa toda manchada de tinta. Fumava um cigarro e falava num celular.

Não era uma visão típica para a casa de barcos da City of Oxford. Ela se voltou para mim, e seus olhos cutucaram minha pele. Um demônio. Os lábios da mulher traçaram um sorriso de foca e falaram alguma coisa no celular.

Aquilo tudo estava muito esquisito. Primeiro Clairmont, e depois uma

horda de criaturas que irrompiam de todos os lados onde ele estava? Eu deixei o plano de lado e transferi o desconforto para o remo.

A princípio, meu plano era descer o rio, mas a serenidade do passeio se evaporara. Quando virei o barco na frente da taverna Isis, Clairmont estava empertigado ao lado de uma das mesas. Ele tinha percorrido a pé o percurso da ponte de Donnington até aquele lugar em menos tempo que meu barco de regata.

Remei vigorosamente, com os remos atingindo uns 70 centímetros acima da água, como asas de um grande pássaro que deslizava rumo à oscilante doca de madeira da taverna. Eu mal tinha saído do barco, e Clairmont já tinha atravessado uns sete metros de gramado que nos separava. O peso dele afundou ligeiramente a plataforma flutuante na água e fez o barco balançar e depois se acomodar.

– O que está fazendo aqui? – perguntei, descartando o remo e caminhando nas tábuas duras da plataforma em direção ao vampiro. Eu estava quase sem fôlego pelo esforço e com o rosto afogueado. – Você e seus amigos estão me *seguindo*?

Clairmont franziu a testa.

– Não são meus amigos, dra. Bishop.

– Não? Pois não vejo tantos vampiros, tantas bruxas e bruxos e tantos demônios juntos no mesmo lugar desde o dia em que minhas tias me arrastaram para um festival pagão de verão quando eu tinha treze anos de idade. Se não são seus amigos, por que estão sempre no seu caminho? – Passei a mão na minha testa suada e afastei uma mecha de cabelo também suada da minha face.

– Meu Deus – murmurou o vampiro, surpreso. – Os rumores são verdadeiros.

– Que rumores? – perguntei, com impaciência.

– Você acha que essas... *coisas* perderiam o tempo delas comigo? – A voz de Clairmont soou divertida, e com uma ponta de surpresa. –

Inacreditável.

Tirei o suéter de moletom. Os olhos de Clairmont se voltaram para minha clavícula e desceram pelos meus braços desnudos até atingir a ponta dos meus dedos. Mesmo enfiada no meu traje habitual de remo, me senti estranhamente nua.

– Acho, sim – retruquei. – Já morei em Oxford. Volto aqui anualmente. E neste ano *você* é a única coisa diferente aqui. Depois que você chegou à noite passada, perdi o meu assento na biblioteca, me deparei com estranhos vampiros e demônios e fui ameaçada por bruxos esquisitos.

Clairmont abriu os braços, como se fosse me pegar pelos ombros e me sacudir. Embora eu não seja baixa, ele era tão alto que me obrigava a esticar o pescoço para olhar nos olhos dele. Consciente do tamanho e da força que ele tinha, dei um passo atrás e encarnei minha *persona* profissional para me robustecer emocionalmente.

– Eles não estão interessados em mim, dra. Bishop. Eles estão interessados em *você*.

– Por quê? O que poderiam querer de mim?

– Você não sabe mesmo por que todos os demônios e bruxas e bruxos e vampiros da cidade estão atrás de você? – A voz do vampiro soou com um tom de descrença e parecia que ele estava me vendo pela primeira vez.

– Não sei, não – respondi, de olho em dois homens que tomavam cerveja em uma mesa por perto. Felizmente, eles estavam absorvidos na própria conversa. – Não tenho feito nada aqui em Oxford além de ler antigos manuscritos, remar no rio, preparar uma conferência e ficar na minha. É tudo o tenho feito aqui. Não vejo motivo algum para que essas criaturas prestem atenção em mim.

– Diana, pense. – A voz de Clairmont se mostrou intensa. Um arrepio que não era de medo percorreu minha pele tão logo ele disse meu primeiro nome. – O que você tem lido?

As pálpebras fecharam os olhos misteriosos de Clairmont, mas isso não

me impediu de entrever um olhar de avidez.

Minhas tias tinham me alertado que Matthew Clairmont queria alguma coisa. E com muita razão.

Ele me olhou com olhos cinzentos e raiados.

– Eles estão no seu encalço porque acreditam que você encontrou algo que está perdido há muito tempo – disse, resolutamente. – E querem isso de volta, e acham que você pode conseguir para eles.

Repassei mentalmente os manuscritos consultados por mim nos últimos dias. Meu coração gelou. Somente um manuscrito se prestaria a tanta atenção.

– Se eles não são seus amigos, como você sabe que querem algo?

– Eu ouço coisas, dra. Bishop. Eu tenho uma ótima audição – ele disse com paciência, retomando uma postura formal. – E também sou um excelente observador. No concerto da noite de domingo, duas bruxas estavam conversando sobre uma colega bruxa americana que tinha encontrado um livro dado como perdido na biblioteca Bodley. A partir daí, muitas caras novas apareceram em Oxford, e isso tem me importunado.

– É *Mabon*. Por isso tantas bruxas e bruxos vieram para cá. – Tentei encontrar um tom que se adequasse ao tom paciente dele, embora ele não tivesse respondido a minha última pergunta.

Clairmont balançou a cabeça, com um sorriso sarcástico.

– Não, não é o equinócio. É o manuscrito.

– O que você sabe sobre o Ashmole 782? – perguntei baixinho.

– Menos que você – ele disse, apertando os olhos. Isso o fez se parecer ainda mais com uma fera, grande e letal. – Eu nunca o vi. É você que o tem nas mãos. Onde ele está agora, dra. Bishop? Você não seria tola de deixá-lo no seu apartamento, não é mesmo?

Fiquei pasmada.

– Você acha que o *roubei*? Da biblioteca? Como ousa insinuar esse tipo de coisa?

– O manuscrito não estava com você segunda-feira à noite – ele continuou. – E hoje também não estava na sua mesa.

– Você *é* um bom observador – comentei, com um tom cortante –, caso tenha visto tudo isso de onde estava sentado. E para sua informação, saiba que devolvi o manuscrito na sexta-feira. – Me ocorreu que ele podia ter vasculhado as coisas que estavam à minha mesa. – O que há de tão especial nesse manuscrito que o faz bisbilhotar o trabalho de uma colega?

Ele estremeceu levemente, mas meu triunfo pelo flagrante de uma ação inapropriada foi neutralizado por uma pontada de medo, aquele vampiro talvez estivesse me seguindo mais de perto do que eu imaginava.

– Simples curiosidade – ele disse com os dentes à mostra. Sarah não tinha me enganado... vampiros não possuem presas.

– Espero que você não espere que eu acredite nisso.

– Pouco importa se você acredita ou não, dra. Bishop. Mas é melhor ficar atenta. Essas criaturas não estão brincando. E quando descobrirem que você é um tipo incomum de bruxa? – Ele balançou a cabeça.

– O que quer dizer? – O sangue parou de circular na minha cabeça, e fiquei zonza.

– Hoje em dia não é muito comum encontrar bruxas com tanto... potencial. – A voz de Clairmont ronronou com vibração no fundo da garganta. – Nem todos conseguem vê-lo... ainda... mas eu consigo. Você irradia isso quando está concentrada. E também quando está zangada. Claro que os demônios da biblioteca logo irão perceber, se é que já não perceberam.

– Agradeço pelo conselho. Mas não preciso de sua ajuda. – Me preparei para sair, mas ele me segurou pelo braço.

– Não tenha tanta certeza disso. Cuide-se. Por favor. – Ele hesitou e as linhas perfeitas do seu rosto desapareceram como se ele tivesse lutando sabe-se lá com o quê. – Sobretudo se encontrar outra vez aquele bruxo.

Olhei fixamente para a mão que me pegava pelo braço. Clairmont me

soltou. Fechou os olhos.

Remei de volta à casa de barcos com remadas lentas e estáveis, mas nem os movimentos repetitivos foram capazes de dissipar a confusão e o desconforto que me assolavam. De vez em quando, eu avistava um borrão no caminho de sirga, mas nada mais me chamou a atenção, a não ser os humanos que pedalavam em bicicletas de volta para casa após o trabalho e uma humana que passeava com o cachorro, todos autenticamente comuns.

Depois de guardar o equipamento e trancar a casa de barcos, tomei o caminho de sirga para uma corrida leve.

Matthew Clairmont encontrava-se do outro lado do rio, defronte à casa de barcos da universidade.

Comecei a correr e, quando olhei para trás, ele tinha sumido.



Depois do jantar, sentei no sofá da sala ao lado da lareira e liguei o laptop. Por que um cientista do calibre de Clairmont se interessaria tanto por um manuscrito alquímico – mesmo enfeitiçado – a ponto de fazê-lo passar o dia inteiro lendo antigas notas sobre morfogênese ao lado de uma bruxa na Bodleiana? Tirei o cartão dele de dentro da minha pasta e o coloquei ao lado da tela do computador.

Na internet, links para um assassinato misterioso e para as inevitáveis notícias de sites de relacionamento, uma longa listagem biográfica parecia promissora: a página da faculdade de Clairmont, um artigo na Wikipedia e links para sites dos membros atuais da Royal Society.

Cliquei no link para o site da faculdade e bufei. Matthew Clairmont era um dos membros que não postavam informações na rede, nem mesmo referências acadêmicas. Na página da Yale, os visitantes podiam obter informações de contato e o currículo completo de quase todos os membros da faculdade. Obviamente, Oxford mantinha uma política diferente em relação à privacidade. Não era de estranhar que um vampiro ensinasse lá.

Não havia sinal de Clairmont no hospital, embora o cartão o indicasse como associado. Digitei "John Radcliffe Neurociences" na caixa de busca e obtive uma listagem de serviços do departamento. Mas sem qualquer referência aos médicos, apenas uma extensa lista de links para pesquisas. Fui clicando automaticamente nos termos e encontrei uma página dedicada ao "lóbulo frontal", mas sem informações adicionais.

O artigo na Wikipedia não ajudou muito, e o site da Royal Society não se mostrou melhor. O que se afigurava como pista útil nos principais sites

era protegido por senhas. Não tive sorte nas tentativas com os nomes e as senhas, e me foi negado o acesso por mais de sessenta vezes.

Frustrada, digitei o nome do vampiro no site de busca, ligando-o aos jornais científicos.

– Hurra! – gritei de entusiasmo.

Se Matthew Clairmont não tinha muita presença na internet, era ativo na literatura acadêmica. Depois de clicar numa caixa que organizava os resultados por data, obtive um relatório instantâneo da história intelectual de Clairmont.

Minha sensação de vitória se desvaneceu. Ele não tinha uma história intelectual. Ele tinha quatro.

A primeira iniciava com o cérebro. Grande parte do tema ultrapassava o meu conhecimento, mas pelo que parecia Clairmont tinha feito uma reputação simultânea como cientista e médico por meio de pesquisas do lóbulo frontal do cérebro como processador de ímpetos e desejos. Ele tinha feito grandes avanços associados ao papel desempenhado pelos mecanismos neurais nas respostas de gratificação lenta envolvidas com o córtex pré-frontal. Abri uma nova janela do navegador para ver um diagrama anatômico e localizar a parte do cérebro em questão.

Alguns argumentavam que a erudição não deixa de ser uma forma velada de autobiografia. Meu coração acelerou. Considerando que Clairmont era um vampiro, achei sinceramente que a gratificação lenta era um assunto que ele dominaria bem.

Surpreendentemente, as clicadas seguintes mostraram que o trabalho de Clairmont deixou de lado o cérebro para se voltar para os lobos – lobos noruegueses, para ser exata. Durante a pesquisa ele devia ter despendido uma fatia considerável de tempo nas noites da Escandinávia – o que não seria um problema para qualquer vampiro, tanto pela temperatura corporal como pela capacidade de enxergar no escuro que eles têm. Eu o imaginei em meio à neve, todo encapotado e com um bloco de notas à mão

– e enfraquecido.

Depois disso é que surgiram as primeiras referências ao sangue.

A estadia do vampiro na Noruega em meio aos lobos era para analisar o sangue dos animais e assim determinar os grupos familiares e os padrões herdados. Clairmont isolara quatro clãs entre os lobos noruegueses, três dos quais eram nativos. Ele atribuía a origem do quarto clã a um lobo que chegara à Noruega vindo da Suécia ou da Finlândia. E concluía que uma surpreendente quantidade de acasalamentos levara a uma troca de material genético que acabou por influenciar a evolução da espécie.

Na ocasião, ele estava rastreando os traços herdados entre outras espécies animais e também entre os humanos. Grande parte de suas publicações recentes era técnica – métodos para coloração de amostras de tecidos e processos para manipulação do DNA, particularmente antigo e frágil.

Apertei com força uma das mechas do meu cabelo, na esperança de incrementar a circulação do sangue com a pressão, reacendendo assim minhas sinapses fatigadas. Aquilo não fazia sentido. Nenhum cientista produziria tanto em tantas disciplinas diferentes. O domínio de uma única disciplina exigiria mais do que uma vida inteira – *quer dizer, uma vida humana*.

Um vampiro poderia muito bem dar conta disso se trabalhasse durante décadas com o tema. Que idade se ocultava atrás daquele rosto de trinta e poucos anos de Clairmont?

Levantei e preparei uma xícara de chá. Com a caneca fumegante em uma das mãos, peguei o celular com a outra dentro da bolsa e digitei um número.

Uma das melhores coisas em relação aos cientistas é que eles sempre têm à mão um telefone. E eles sempre respondem às chamadas no segundo toque.

– Christopher Roberts.

– Chris, sou eu, Diana Bishop.

– Diana. – A voz de Chris soou acolhedora, e uma música tocava ao fundo. – Eu soube que o seu livro conquistou outro prêmio. Parabéns!

– Muito obrigada. – Me remexi na cadeira. – Foi completamente inesperado.

– Não para mim. É uma obra incrível. Por falar nisso, o que você está pesquisando agora? Já terminou o seu discurso?

– Ainda não – eu disse. Era o que eu devia estar fazendo, e não rastreando vampiros na internet. – Antes de tudo, mil desculpas por incomodá-lo no laboratório. Você tem um minuto para mim?

– Claro – gritou para alguém abaixar o volume do som, mas o volume continuou o mesmo. – Espere um pouco. – Alguns ruídos abafados e em seguida, silêncio. – Assim está melhor – ele disse encabulado. – No início do semestre os meninos ainda estão cheios de energia.

– Os estudantes da graduação sempre estão cheios de energia, Chris – me veio uma ponta de saudade da balbúrdia nas salas de aula entupidas de estudantes.

– Você sabe. Mas como vai você? O que deseja?

Eu e Chris tínhamos conseguido nossos postos em Yale no mesmo ano, e a efetivação dele também não era esperada. Ele estava um ano à minha frente porque ganhara o prêmio Fellowship, da Fundação MacArthur, pelo seu brilhante trabalho como biólogo molecular.

Ele não se comportou como um gênio pedante quando lhe telefonei para perguntar por que um alquimista descreveria duas substâncias aquecidas em um alambique como galhos que brotavam de uma árvore. No departamento de química, ninguém mais se mostrara interessado em me ajudar, mas Chris pediu a dois alunos Ph.D. que recolhessem o material necessário e recriassem o experimento, e depois insistiu que eu fosse ao laboratório. Lá, assistimos a uma fumaça cinzenta evoluindo gloriosamente dentro de um béquer de vidro até formar uma árvore

vermelha com centenas de galhos. Desde então nos tornamos amigos.

Respirei fundo.

– Conheci alguém outro dia.

Chris se empolgou. Ele sempre me apresentava uns caras da academia onde se exercitava.

– Não se trata de romance – fui logo dizendo. – É um cientista.

– É exatamente do que você precisa, de um cientista charmoso. Você precisa de um desafio... e de uma vida.

– Olhe só quem está falando. A que horas você saiu ontem do laboratório? Além do mais, já tenho um cientista charmoso na minha vida – brinquei.

– Não mude de assunto.

– Oxford é uma cidade tão pequena que acabei esbarrando com ele. E parece que ele é importante por aqui, não é inteiramente verdadeiro, pensei, mas está bem perto de ser. – Eu dei uma olhada no trabalho dele e entendi muitas coisas, mas não estou conseguindo entender o trabalho por inteiro. Alguma coisa não se encaixa.

– Não me diga que ele é um astrofísico – disse Chris. – Você sabe que sou fraco em física.

– Muita gente o considera um gênio.

– E sou mesmo – ele rebateu, prontamente. – Mas minha genialidade não alcança os jogos de cartas e a física. O nome dele, por favor. – Chris tentava ser paciente, mas nenhum cérebro era rápido o bastante para ele.

– Matthew Clairmont. – O nome ficou preso no fundo da minha garganta, como o aroma de cravo-da-índia na noite anterior.

Chris soltou um assovio.

– O elusivo, o recluso professor Clairmont. – Os pelos dos meus braços eriçaram. – Você o enfeitiçou com esses seus olhos?

Chris não sabia que eu era bruxa e o uso do verbo “enfeitiçar” foi meramente acidental.

– Ele gostou do meu trabalho sobre Boyle.

– Ah, sim – disse Chris, com um tom de galhofa. – Você lançou esses estonteantes e arrebatadores olhos azuis e dourados que mais parecem estrelas em cima do cara e ele ficou pensando na lei de Boyle? Ele é um cientista, Diana, não é um monge. E é realmente um cara importante.

– Verdade? – perguntei, com uma voz débil.

– Verdade. Ele, como você, foi um fenômeno que começou a publicar desde a época em que ainda era um estudante da graduação. E coisa boa, sem nenhum garrancho... um trabalho que dignificaria nossa carreira se um de nós o tivesse assinado.

Procurei minhas notas num bloco amarelo.

– Você está se referindo ao estudo sobre os mecanismos neurais e o córtex pré-frontal?

– Você fez o dever de casa direito – ele disse, em tom de aprovação. – Não sei muito sobre os primeiros trabalhos de Clairmont, o que me interessa é a química dele, mas as publicações sobre os lobos causaram um grande rebuliço.

– Como assim?

– Ele teve uma sacada incrível... Ele sacou por que os lobos preferem certos lugares para viver, como se agrupam socialmente e como se acasalam. Foi como se ele também fosse um lobo.

– Talvez seja – tentei me manter o mais neutra possível, mas um toque de amargura e ressentimento se apossou da minha voz.

Matthew Clairmont não tivera o menor pudor em se valer de suas habilidades sobrenaturais e sua sede de sangue em favor de sua carreira. Se fosse o vampiro que tivesse que tomar uma decisão sobre o Ashmole 782 na noite da sexta-feira anterior, com toda certeza ele teria tocado nas ilustrações do manuscrito. Eu estava convicta disso.

– Seria muito mais fácil explicar a qualidade do trabalho que ele fez se ele próprio *fosse* um lobo – disse Chris, pacientemente, ignorando o tom

da minha voz. – Mas como esse cara não é um lobo, você tem que admitir que ele é brilhante. Foi eleito para a Royal Society justamente por conta disso, depois é que publicaram as descobertas dele. Passaram a vê-lo como o novo Attenborough. Depois disso, ele saiu de circulação por um tempo.

Eu posso apostar que ele fez isso.

– Então, ele apareceu de novo, interessado em evolucionismo e química?

– Sim, mas o interesse dele pela evolução foi uma progressão natural do trabalho sobre os lobos.

– Então, é por isso que a química dele lhe interessa?

A voz de Chris assumiu um tom confidencial.

– Bem, ele está agindo como todo cientista age quando faz uma grande descoberta.

– Não estou entendendo – eu disse.

– Nós ficamos nervosos e esquisitos. E nos escondemos nos laboratórios e não comparecemos às conferências com medo de que alguma coisa escape e ajude um outro cientista a fazer uma grande descoberta.

– Vocês agem como lobos. – Agora eu sabia algo importante sobre os lobos. O comportamento possessivo e prudente descrito por Chris se adequava perfeitamente a um lobo norueguês.

– Exatamente – disse Chris, sorrindo. – Ele mordeu alguém ou foi pego uivando para a lua?

– Até onde sei, não – murmurei. – Clairmont sempre foi tão recluso?

– Não sou a pessoa indicada para lhe responder isso – ele admitiu. – Ele tem um diploma de médico e deve ter alguns pacientes, se bem que não é famoso como médico. E os lobos gostavam dele. Mas ele não tem feito conferências nos últimos três anos. – Deu uma pausa. – Espere um pouco, preciso pensar, se não me engano houve alguma coisa alguns anos atrás.

– O quê?

– Ele deu uma prova... não lembro dos detalhes... e uma mulher lhe fez uma pergunta. Uma pergunta inteligente, mas ele não deu bola. A mulher

insistiu. Ele se irritou e quase enlouqueceu. Um amigo meu que assistiu à cena disse que nunca tinha visto alguém pular com tanta rapidez da cortesia para a fúria.

Eu já estava digitando, tentando encontrar alguma informação na net sobre a controvérsia.

– O Médico e o Monstro, hein? Não há nada na internet sobre a confusão.

– Isso não me surpreende. Os químicos não lavam roupa suja em público. Isso nos prejudica quando saímos em busca de fundos. Não queremos que os burocratas nos vejam como megalomaníacos alucinados. Deixamos isso para os físicos.

– Clairmont tem algum patrocínio?

– Tem, sim. Ele recebe fundos até o fundo dos olhos. Não se preocupe com a carreira do professor Clairmont. Ele pode ter uma reputação de insolente com as mulheres, mas não lhe falta dinheiro. Graças ao excelente trabalho que realiza.

– Você já foi apresentado a ele? – perguntei, esperando obter um julgamento da personalidade de Clairmont.

– Não. Talvez você não encontre mais de uma dúzia de pessoas que tenham sido. Ele não leciona. Mas correm muitas histórias a respeito dele... não gosta de mulheres, é um intelectual esnobe, não responde à correspondência, não aceita alunos nas pesquisas.

– Parece que você acha tudo isso sem sentido.

– Não sem sentido – disse Chris, rapidamente. – Só acho que isso não importa, sobretudo porque talvez ele acabe desvendando os segredos da evolução ou a cura da doença de Parkinson.

– Você o faz parecer um cruzamento de Salk e Darwin.

– Na verdade, não é uma analogia ruim.

– Ele é tão bom assim? – Lembrei da intensa concentração de Clairmont ao estudar os documentos Needham, e da minha suspeita de que ele era

melhor do que bom.

– Sim. – Chris abaixou a voz. – Se eu fosse apostar em alguém, apostaria cem dólares que ele ganhará o Nobel antes de morrer.

Chris era um gênio, mas não sabia que Matthew Clairmont era um vampiro. Não haveria prêmio Nobel nenhum – o vampiro cuidaria disso para preservar o anonimato. Quem ganha o Nobel é sempre fotografado.

– Então, está apostado – falei, rindo.

– Se eu fosse você, Diana, começaria a economizar porque você vai perder essa aposta. – Ele soltou um risinho de satisfação.

Ele tinha perdido a nossa última aposta. Eu havia apostado cinquenta dólares que ele seria efetivado antes de mim. Enfiei o dinheiro dentro de uma moldura de uma foto dele, tirada na manhã em que a Fundação MacArthur o convocou. Na foto, Chris passa as mãos pelo seu cabelo negro, com um sorriso encabulado em seu rosto escuro. Ele foi efetivado nove meses depois.

– Obrigada, Chris. Sua ajuda foi valiosa – eu disse, com sinceridade. – Talvez seja melhor voltar para os seus alunos. A essa altura já devem ter explodido alguma coisa.

– Pois é, tenho que dar uma checada. Os alarmes de incêndio não soaram e isso é um bom sinal. – Ele hesitou. – Diana, não enrola. Você está pouco ligando se vai ou não dizer alguma bobagem quando encontrar Matthew Clairmont em algum coquetel. Você está agindo como sempre age quando tenta resolver um problema de pesquisa. O que há nele que fisgou a sua imaginação?

Às vezes, Chris parecia suspeitar de que eu era diferente. Mas eu não podia contar a verdade.

– Eu tenho uma queda por homens inteligentes.

Ele suspirou.

– Tudo bem, não responda. Além do mais, você é uma péssima mentirosa. Tome cuidado. Se ele a deixar de coração partido, terei que ir

até aí para dar uns sopapos nesse cara e este meu semestre está um caos.

– Matthew Clairmont não vai me deixar de coração partido. Ele é apenas um colega – insisti –, um colega interessadíssimo em leituras, só isso.

– Para quem é tão inteligente, você realmente está sem nenhuma pista. Aposto dez dólares que ele vai procurá-la antes que esta semana termine.

Eu ri.

– Você ainda não aprendeu? Dez dólares, então... ou o equivalente na moeda inglesa... depois que eu ganhar.

Desligamos. E eu continuava sem saber muita coisa a respeito de Matthew Clairmont – mas já tinha uma noção melhor das questões que restavam, e a mais importante era saber o que teria feito alguém que promovera uma revolução no evolucionismo se interessar pela alquimia do século XVII.

Naveguei pela internet até que os meus olhos não aguentaram mais. Quando o relógio marcou meia-noite, eu estava cercada de anotações sobre lobos e genética, mas bem longe de desvendar o misterioso interesse de Matthew Clairmont pelo Ashmole 782.



O dia seguinte amanheceu nublado, bem mais típico de um início de outono. Meu único desejo era me deixar bem quentinha no casulo de lã e permanecer no meu apartamento.

Olhei para o tempo fechado, me convencendo a não retornar ao rio. Em vez disso, saí para uma corrida, acenando para o porteiro noturno que me olhou surpreendido da sua guarita, fazendo um sinal positivo com o polegar erguido.

A cada passada na calçada, a minha tensão se dissipava. Ofegante, atingi o caminho de cascalhos do parque da universidade já me sentindo relaxada e pronta para uma longa jornada na biblioteca, fossem quais fossem as criaturas que aparecessem por lá.

Quando voltei, o porteiro me chamou:

– Dra. Bishop?

– Sim?

– Me desculpe por ter impedido a entrada da sua visita ontem à noite, mas é a política da faculdade. Da próxima vez que a senhora tiver convidados, avise para que eu os deixe entrar, está bem?

A sensação de leveza trazida pelo exercício desvaneceu.

– Era homem ou mulher? – perguntei na mesma hora.

– Mulher.

Meus ombros despencaram.

– Parecia uma ótima pessoa, e gosto muito dos australianos. Eles são simpáticos, mas não são... a senhora sabe. – Ele não terminou a frase, mas o significado era óbvio. Os australianos são como os americanos, mas não

são tão exibidos. – Nós telefonamos para o seu apartamento.

Franzi a testa. Eu tinha tirado o som do telefone porque Sarah sempre se atrapalhava com a diferença de fuso horário entre Madison e Oxford, e acabava me telefonando no meio da noite. Isso explicava por que eu não tinha ouvido o telefone tocar.

– Muito obrigada por me avisar. Da próxima vez, avisarei que terei visitas – prometi.

De volta ao apartamento, entrei no banheiro, acendi a luz do espelho e vi as marcas deixadas pelos últimos dois dias. As olheiras do dia anterior já estavam parecendo uma contusão. Achei que haveria marcas no meu braço, mas para minha surpresa não havia nada. O apertão do vampiro tinha sido tão forte que eu estava certa de que teria arrebentado alguns vasos de sangue debaixo da pele.

Depois do banho, vesti uma calça larga e um pulôver de gola rolê. Roupas pretas acentuavam a minha altura e atenuavam a minha constituição atlética, mas por outro lado me faziam parecer um cadáver e por isso joguei um suéter de pervinca sobre os ombros. O suéter azulou ainda mais as olheiras, mas pelo menos eu já não parecia um cadáver. O cabelo insistia em sua habitual rebeldia, eriçando a cada movimento do meu corpo. A única solução foi prendê-lo com um coque desengonçado à altura da nuca.

O carrinho de Clairmont estava abastecido de manuscritos e me resignei com a ideia de topar com ele na sala de leitura Duke Humfrey. Fui até a mesa de solicitações de peito erguido.

O supervisor e os atendentes zanzavam novamente como aves nervosas de um lado para o outro. Dessa vez a atividade concentrava-se no triângulo entre a mesa de solicitações, os catálogos de manuscritos e a sala do supervisor. Eles carregavam pilhas de caixas e empurravam carrinhos entupidos de manuscritos para dentro das três primeiras ogivas de mesas antigas sob os olhos atentos das gárgulas.

– Obrigado, Sean. – A voz gutural e cortês de Clairmont ecoou do fundo das mesas.

A boa nova é que eu não teria que dividir a mesma mesa com o vampiro.

A má notícia é que eu não poderia entrar ou sair da biblioteca, ou solicitar livros e manuscritos, sem que Clairmont seguisse cada gesto meu. E ele estava munido de uma retaguarda.

Uma garota baixinha examinava documentos e listagens de arquivos no segundo nicho. Fiquei surpresa quando ela se virou e me dei conta de que era uma mulher adulta. Seus olhos negros em tom cor de âmbar eram frios como uma gangrena.

Mesmo a distância, a pele luminosa incrivelmente branca e os cabelos negros e sedosos me diziam que se tratava de uma vampira. Ondas de cabelo serpenteavam em volta do rosto, espalhando-se pelos ombros da mulher. Ela deu um passo em minha direção, sem a menor preocupação em disfarçar seus movimentos rápidos e seguros, e me olhou de maneira intimidadora. Era óbvio que não queria estar naquele lugar, e me culpava por isso.

– Miriam. – A voz de Clairmont soou com gentileza enquanto ele caminhava até o centro da passagem. Ele deu uma pequena parada, e seus lábios desenharam um sorriso polido.

– Bom-dia, dra. Bishop. – Passou os dedos pelo cabelo e isso o fez parecer ainda mais despenteado.

Eu alisei meu cabelo e ajeitei uma mecha solta por trás da orelha.

– Bom-dia, professor Clairmont. Estou vendo que voltou.

– Voltei, sim. Mas hoje não me juntarei a você na Selden End. Eles nos acomodaram aqui, onde não perturbaremos ninguém.

A vampira jogou a pilha de documentos na mesa.

Clairmont sorriu.

– Se me permite, apresento-lhe Miriam Shephard, minha colega de

pesquisa. Miriam, esta é a dra. Diana Bishop.

– Muito prazer, dra. Bishop – disse Miriam com frieza, estendendo a mão para mim. Cumprimentei-a e tive um choque quando aquela mão pequena e gelada contrastou com minha mão maior e quente. Puxei a mão, mas ela não soltou, apertando-a até os ossos. Até que ela soltou minha mão e me contive para não sacudi-la.

– Muito prazer, dra. Shephard. – Nós três continuamos no mesmo lugar, de pé e constrangidos. O que se pode conversar com uma vampira nas primeiras horas da manhã? Recorri à banalidade humana. – Eu realmente preciso trabalhar.

– Tenha um dia produtivo – disse Clairmont, balançando a cabeça com a mesma frieza do cumprimento de Miriam.

O sr. Johnson surgiu do meu lado com uma pilha de caixas cinzentas nos braços.

– Hoje a colocamos na A4, dra. Bishop – ele disse, bufando de satisfação. – Esses aqui, eu estou levando de volta para o senhor. – Os ombros de Clairmont eram tão largos que não me deixaram ver se havia manuscritos na mesa dele. Afastei a curiosidade e segui o supervisor da sala de leitura até o meu assento habitual na Selden End.

Mesmo sem Clairmont sentado perto de mim, eu o tinha na cabeça quando peguei os meus lápis e liguei o computador. De costas voltadas para a sala vazia, tirei de dentro da primeira caixa um manuscrito com capa de couro.

Fiquei absorvida na rotineira tarefa de ler e anotar, e terminei a leitura do primeiro manuscrito em menos de uma hora. Olhei o relógio e ainda não eram 11 horas. Ainda sobrava tempo para um outro manuscrito antes do almoço.

O manuscrito da outra caixa era menor, mas continha esboços interessantes de aparatos alquímicos e fragmentos de procedimentos químicos que mais pareciam uma combinação profana de um livro de

receitas culinárias e um bloco de anotações de um envenenador. *"Pegue o seu pote de mercúrio e deixe-o sobre a flama por três horas"*, começava um conjunto de instruções, "*e quando ele tiver se juntado à Criança Filosofal, pegue-o e deixe-o putrefazer até que o Corvo Negro o carregue para os seus mortos."* Meus dedos deslizavam freneticamente pelo teclado à medida que o tempo passava.

Eu estava preparada para dar de cara com qualquer tipo de criatura. Mas o relógio marcou uma hora da tarde e eu ainda estava potencialmente sozinha na Selden End. O único outro leitor presente na sala era um aluno da graduação, com o cachecol de listras vermelhas, brancas e azuis da Keble College. Ele olhava com desânimo para uma pilha de livros raros sem folheá-los e vez por outra roía as unhas, fazendo um barulhinho.

Depois de preencher dois novos formulários de requisição e empacotar os manuscritos, saí para almoçar, satisfeita com os resultados da manhã. Na saída, cruzei com Gillian Chamberlain, que me lançou um olhar malévolo de um desconfortável assento, com as duas vampiras do dia anterior, que estavam perto de um relógio antigo e que lançaram sincelos na minha pele, e com o demônio da sala de referências musicais, junto a dois outros demônios. Os três desmontavam um leitor de microfilmes, as peças estavam espalhadas ao redor, e um rolo de filme desenrolado no chão.

Clairmont estava parado ao lado da mesa de solicitações da sala de leitura, junto a sua assistente vampira. Ele tinha dito que as criaturas estavam atrás de mim e não dele. Mas hoje o comportamento delas sugere outra coisa, pensei triunfante.

Enquanto eu devolvia os manuscritos, Matthew Clairmont me observava com frieza. Fiz muita força para fingir que não notava.

– Já acabou com esses? – perguntou Sean.

– Sim. Ficaram alguns na minha mesa. Seria ótimo se eu também pudesse ficar com aqueles – deixei escapar a dica. – Quer almoçar comigo?

– Valerie acabou de sair. Acho que ficarei preso aqui por um bom tempo – ele disse, lamentando.

– Fica para outra vez. – Agarrei a bolsa e me virei para sair.

Clairmont atrasou os meus passos com uma voz baixinha.

– Miriam, está na hora do almoço.

– Não estou com fome – ela disse, com um tom claro e melódico de soprano e uma ponta de raiva.

– O ar fresco é bom para a concentração. – O comando na voz de Clairmont era indiscutível. Miriam suspirou profundamente, largou o lápis na mesa e emergiu das sombras para me seguir.

Minha rotina para a refeição era uma pausa de vinte minutos no café do segundo piso de uma livraria nos arredores. Sorri ao imaginar Miriam se ocupando durante aquele período, presa na armadilha da Blackwell, onde os turistas se apinhavam para olhar os cartões-postais e trocar beijos entre os guias impressos de Oxford e a seção de livros baseados em crimes reais.

Eu pedi um sanduíche e um chá e me espremi no canto mais distante de um recinto entupido de gente, entre um membro vagamente familiar da Faculdade de História que lia um jornal e um estudante que dividia a atenção entre um aparelho MP3, um celular e um computador.

Depois de terminar o sanduíche, peguei a xícara de chá e fui dar uma olhada pelo vidro da vitrine. Fiquei preocupada. Um dos demônios desconhecidos da Duke Humfrey estava encostado no portão da biblioteca e observava a vitrine da Blackwell.

Senti duas cutucadas doces e fugazes como um beijo nas maçãs do meu rosto. Olhei no rosto de um outro demônio. Era uma mulher linda de traços sedutores e contraditórios – uma boca larga que destoava com a face delicada, olhos castanhos quase cor de chocolate muito juntos e grandes e um cabelo muito claro para uma pele cor de mel.

– Dra. Bishop. – Um sotaque australiano feminino projetou dedos gelados que se moveram na base da minha coluna.

– Sim – sussurrei, olhando para a escada. A cabeça negra de Miriam não estava lá embaixo. – Eu mesma, Diana Bishop.

Ela sorriu.

– Eu sou Agatha Wilson. E sua amiga lá embaixo não sabe que estou aqui.

Era um nome antiquado e incongruente para alguém mais ou menos dez anos mais velha que eu, e estava longe de voltar à moda. Mas aquele nome me era familiar e eu tinha uma vaga lembrança de o ter visto numa revista de moda.

– Posso me sentar? – ela perguntou, apontando o lugar vago pela saída do historiador.

– Claro – murmurei.

Na segunda, conheci um vampiro. Na terça, um bruxo tentou dominar a minha mente. E a quarta era certamente o dia dos demônios.

Embora eles sempre me seguissem na época da faculdade, eu os conhecia bem menos que os vampiros. Muito pouca gente parecia entender essas criaturas, e Sarah nunca conseguira responder minhas perguntas sobre elas. De acordo com os relatos da minha tia, os demônios constituíam uma subclasse criminosa. Um excesso de criatividade e inteligência os fazia mentir, roubar, trapacear e até matar, simplesmente porque se sentiam impunes a tudo. Mas o que mais preocupava Sarah eram as condições de nascimento dos demônios. Não havia como prever onde ou quando um deles surgiria, já que eram nascidos de pais humanos. Sarah achava que só isso bastava para estabelecer a posição marginal desse tipo de criaturas na hierarquia dos seres. Ela valorizava a linhagem sanguínea e as tradições familiares das bruxas e desaprovava a imprevisibilidade dos demônios.

A princípio, Agatha Wilson se mostrou feliz por poder se sentar tranquilamente ao meu lado, e se limitou a observar enquanto eu tomava o meu chá. Depois ela desferiu um jorro alucinante de palavras. Sarah

sempre dizia que conversar com um demônio era simplesmente impossível porque eles sempre começam pelo meio.

– Energia demais, é uma fronteira que nos atrai – disse Agatha de um modo prosaico, como se eu lhe tivesse feito uma pergunta. – As bruxas estavam em Oxford para o *Mabon*, e tagarelavam como se o mundo não estivesse cheio de vampiros. Que *tudo* podem ouvir. – Ela fez uma pausa. – Não sabemos se o veremos novamente.

– Veremos o quê? – perguntei, com brandura.

– O livro – ela cochichou, em tom confidencial.

– O livro – eu repeti mecanicamente.

– Sim. Talvez nunca mais o vejamos depois do que as bruxas fizeram.

Os olhos da demônia focaram-se no centro do recinto.

– É claro, você também é uma bruxa. Talvez não seja certo conversar com você. Eu achava que as bruxas seriam capazes de vislumbrar tudo o que eles fazem. E aí aparece isso. – Ela pegou um jornal e estendeu para mim.

Uma manchete sensacionalista chamou imediatamente a minha atenção: VAMPIRO SOLTO EM LONDRES. Eu me apressei em ler a matéria.

> A polícia metropolitana não tem pistas para os intrigantes assassinatos de dois homens em Westminster. Os corpos de Daniel Bennett, 22, e Jason Enright, 26, foram encontrados na manhã de domingo no beco atrás do *pub* White Hart, na rua St. Alban, pelo seu proprietário Reg Scott. Os dois homens apresentavam ferimentos graves na carótida e múltiplos dilaceramentos no pescoço, nos braços e no torso.
>
> Análises forenses revelaram que a perda massiva de sangue foi a *causa mortis*, embora não houvesse indícios de sangue no local.
>
> As autoridades que investigam os "vampiros assassinos", como são chamados pelos moradores da região, pediram ajuda a Peter

Knox. Autor de livros famosos sobre o moderno ocultismo, como *Assuntos sombrios: o Diabo nos tempos modernos* e *O despertar da magia: a necessidade do mistério na idade da ciência,* Knox faz consultoria para autoridades do mundo inteiro em casos de suspeita de satanismo e de assassinatos em série.

"Os indícios não apontam para assassinatos ritualísticos", disse Knox para os repórteres na coletiva de imprensa. "E também não parece obra de um assassino serial", concluiu, apesar dos assassinatos similares de Christiana Nilsson, em Copenhague, no último verão, e de Sergei Morozov, em São Petersburgo, no outono de 2007. Quando pressionado, Knox admitiu que o caso de Londres talvez envolva um ou mais assassinos plagiadores.

Preocupados, os moradores estabeleceram uma vigília pública, e a polícia local criou um programa pessoal de segurança para responder as perguntas e oferecer ajuda e orientação. Os policiais pedem aos habitantes de Londres que dupliquem as precauções para resguardar a segurança, especialmente à noite.

– Isto é apenas o trabalho de um editor de jornal à procura de uma história – comentei, devolvendo o jornal ao demônio mulher. – A imprensa se alimenta do medo humano.

– Será que são eles? – disse Agatha Wilson, olhando ao redor. – Sei lá. Eu acho que é mais que isso. Nunca se sabe quando se trata de vampiros. Eles só estão a um passo dos animais. – Ela crispou os lábios, em expressão azeda. – E você acha que *nós* é que somos os instáveis. Mas o fato é que nenhum de nós pode correr o risco de chamar a atenção dos humanos.

Aquilo era conversa demais sobre bruxas e vampiros para ser travada num lugar público. Contudo, o estudante ainda mantinha os fones nos ouvidos, e as outras pessoas ou se entregavam aos próprios pensamentos ou conversavam com os companheiros de refeição.

– Não sei de nada sobre o manuscrito ou sobre o que as bruxas possam ter feito, srta. Wilson. Além disso, não estou com ele – eu disse de pronto, caso ela também pensasse que eu o tinha surrupiado.

– Pode me chamar de Agatha. – Ela fixou o olhar no tapete. – Então a biblioteca já o tem em mãos. Eles é que pediram para que o devolvesse?

Ela se referia às bruxas? Aos vampiros? À biblioteca? Eu tentei identificar os possíveis réus.

– As bruxas? – perguntei, com um sussurro.

Agatha assentiu com a cabeça enquanto esquadrinhava os arredores com os olhos.

– Não. Simplesmente o devolvi às prateleiras depois que terminei o trabalho.

– Ah, prateleiras – repetiu Agatha, compenetrada. – Todo mundo acha que uma biblioteca é apenas um prédio, mas não é.

Lembrei do apertão estranho que senti depois que Sean colocou o manuscrito na esteira.

– As bruxas acham que o lugar desse livro é na biblioteca – ela continuou. – Mas ele não pertence a vocês. Não são as bruxas que decidem onde esse manuscrito deve ser mantido e quem pode lê-lo.

– O que há de tão especial nesse manuscrito?

– O bastante para que a gente esteja conversando aqui – disse Agatha, com uma ponta de desespero na voz. – Esse livro conta a nossa história... início, meio e fim. Nós, os demônios, precisamos entender o nosso lugar no mundo. Precisamos bem mais que as bruxas e os vampiros. – Ela já não deixava transparecer o menor traço de confusão. Era como uma câmera com lentes ajustadas depois de um tempo fora de foco.

– Você sabe qual é o seu lugar no mundo – eu disse. – Existem quatro espécies de criaturas: humanos, demônios, vampiros e bruxas.

– E de onde vieram os demônios? Como foram gerados? Por que estamos aqui? – Ela fechou os olhos. – Você sabe de onde vêm os seus

poderes? Hein, sabe?

– Não – sussurrei, balançando a cabeça.

– Ninguém sabe – ela acrescentou pensativa. – Todo dia nos perguntamos isso. Primeiro os humanos acreditaram que os demônios eram anjos guardiães. Depois acreditaram que éramos deuses decaídos na Terra, vítimas de nossas próprias paixões. Os humanos nos odiavam porque éramos diferentes, e abandonavam os filhos que se transformavam em demônios. Fomos acusados de nos apossar das almas humanas, de torná-las insanas. Os demônios são brilhantes, e não somos viciosos... não como os vampiros. – A voz dela soou claramente zangada, se bem que não passou de um murmúrio. – Nunca enlouquecemos ninguém. Nós somos vítimas do medo e da inveja humanas, muito mais que as bruxas.

– As bruxas também podem afirmar isso porque também tiveram o seu quinhão de episódios de horror – eu disse isso com a caça às bruxas e as execuções que se seguiram em mente.

– As bruxas já nascem bruxas. Os vampiros fazem outros vampiros. Vocês têm uma história familiar e lembranças para reconfortá-los quando estão sozinhos e confusos. Nós não temos nada além das histórias contadas pelos humanos. A única esperança que temos é a de encontrar um outro demônio e nos identificarmos com ele. Meu filho teve essa sorte. Nathaniel tem um demônio como mãe, alguém que vê os sinais e o ajuda a compreendê-los. – Ela desviou o olhar por um segundo, para se recompor. E voltou os olhos novamente para mim, agora refletindo tristeza. – Talvez os humanos estejam certos. Talvez sejamos possuídos. Eu vejo coisas, Diana. Coisas que eu não devia ver.

Os demônios podem ser visionários. E ninguém sabe ao certo se essas visões são confiáveis, como as visões que as bruxas têm.

– Eu vejo sangue e medo. Eu vejo você – ela disse, desviando os olhos outra vez. – Às vezes eu vejo o vampiro. Ele procurou esse livro por tanto tempo e, em vez de encontrá-lo, encontrou você. Curioso.

– Por que Matthew Clairmont quer o livro?

Agatha deu de ombros.

– Vampiros e bruxas não partilham seus pensamentos conosco. Embora o seu vampiro tenha mais apreço pelos demônios que a maioria dos outros vampiros, ele também não nos diz o que sabe. São tantos segredos, e hoje em dia há tantos humanos inteligentes... Eles vão acabar descobrindo tudo, se não tomarmos cuidado. Os humanos adoram o poder... e os segredos também.

– Ele não é o *meu* vampiro – retruquei de chofre.

– Tem certeza disso? – ela disse, fixando os olhos na superfície cromada da máquina de café expresso, como se olhando para um espelho mágico.

– Tenho, sim – respondi com convicção.

– Um livrinho que pode conter um grande segredo... um segredo capaz de mudar o mundo. Você é uma bruxa. Você sabe que as palavras têm poder. E o seu vampiro não precisaria de você se conhecesse esse segredo. – Os olhos castanhos de Agatha agora estavam comovidos e acolhedores.

– Se Matthew Clairmont quer tanto esse livro, ele próprio pode requisitá-lo à biblioteca. – De repente a ideia de que ele poderia fazer isso se tornou assustadora.

– Se esse livro voltar para suas mãos – ela disse com aflição, agarrando o meu braço –, me promete que se lembrará que vocês não são os únicos que precisam conhecer os segredos que ele guarda. Os demônios também fazem parte da história. Promete.

O toque me fez entrar em pânico, e de repente me senti agoniada com o calor e a aglomeração de pessoas lá dentro. Olhei em volta por instinto, à procura da saída mais próxima, ao mesmo tempo em que prestava atenção na minha respiração para controlar o ímpeto de sair correndo dali.

– Prometo – murmurei hesitante, sem saber ao certo o que prometia.

– Ótimo – disse Agatha com displicência, soltando o meu braço. Ela desviou os olhos. – Foi muito bom conversar com você. – Fixou os olhos

no tapete mais uma vez. – Nos veremos de novo. Não se esqueça: algumas promessas são mais importantes que as outras.

Coloquei o bule e a xícara de chá na bandeja cinza de plástico sobre a lata de lixo e joguei a embalagem do sanduíche lá dentro. Olhei para trás e Agatha estava lendo a seção de esportes do jornal que o historiador deixou no café.

Não vi Miriam quando saí da Blackweel, mas senti os seus olhos gelados cravados em mim.

Enquanto eu estava fora a Selden End se enchera de humanos, todos ocupados em seus afazeres e completamente alheios à convenção de criaturas ao redor. Invejando esse alheamento, resolvi me concentrar num manuscrito, mas em vez disso comecei a rever a minha conversa na Blackwell e os acontecimentos dos últimos dias. A princípio, as ilustrações do Ashmole 782 não pareciam ter relação com o que Agatha Wilson lhe atribuíra. E se Matthew e a demônia estavam tão interessados no manuscrito, por que não o requisitavam?

Fechei os olhos e relembrei os detalhes do meu encontro com o manuscrito a fim de estabelecer padrões para os acontecimentos dos últimos dias, esvaziando a mente e imaginando o problema como se fossem peças de um quebra-cabeça sobre uma mesa branca e encaixando as formas coloridas. Mas por mais que eu arrumasse as peças, elas não se encaixavam e não surgia quadro algum. Frustrada, levantei e tratei de sair.

– Alguma requisição? – perguntou Sean enquanto retirava a pilha de manuscritos dos meus braços. Estendi uma nova lista de pedidos. Ele olhou sorrindo para uma prateleira cheia, sem dizer uma única palavra.

Eu precisava fazer duas coisas antes de sair. A primeira era uma questão de cortesia. Eu não sabia ao certo como os vampiros tinham me mantido à distância de um sem-número de criaturas presentes na Selden End, mas eles

tinham feito isso. Geralmente bruxas e vampiros não se agradecem uns aos outros, mas Clairmont me protegera duas vezes em dois dias. Eu não queria ser ingrata ou intolerante como Sarah e suas amigas do *coven* de Madison.

– Professor Clairmont?

O vampiro olhou para mim.

– Muito obrigada – eu disse, olhando-o até que ele desviou os olhos.

– De nada – ele murmurou, surpreendido.

A segunda coisa era mais calculada. Se Matthew Clairmont precisava de mim, eu também precisava dele. Eu queria que ele me dissesse por que o Ashmole 782 estava causando tanta balbúrdia.

– Talvez seja melhor me chamar de Diana – falei rapidamente, antes que me sentisse nervosa.

Matthew Clairmont sorriu.

Meu coração parou de bater por um segundo. Aquele sorriso não era o sorriso pálido com o qual eu estava me habituando. Foi um sorriso que iluminou o rosto inteiro. Ai, meu Deus, como ele é bonito, pensei, atordoada.

– Tudo bem – ele disse, suavemente. – E você pode me chamar de Matthew.

Balancei a cabeça, com o coração desgovernado. O meu corpo foi irrigado por alguma coisa que desmanchou os resíduos de ansiedade deixados pelo encontro com Agatha Wilson.

O nariz de Matthew brilhou, e o seu sorriso se abriu um pouco mais. Ele estava farejando o que acontecia no meu corpo. E mais, parecia ter identificado o que era.

Ruborizei.

– Bom final de tarde... Diana. – Ele custou para dizer o meu nome, com um tom exótico e estranho.

– Boa-noite, Matthew. – Fui saindo o mais depressa possível.

Naquela tarde, remando na serenidade do rio à medida que escurecia o pôr do sol, de vez em quando eu avistava uma silhueta esfumaçada no caminho de sirga um pouco mais à frente de mim, como uma estrela sombria a me guiar para casa.



Acordei às 2:15 da madrugada com uma terrível sensação de afogamento. No sonho, eu tentava me desvencilhar das cobertas transformadas em algas marinhas para chegar à superfície clara da água. Já estava quase conseguindo quando alguma coisa me agarrou pelos tornozelos e me puxou para o fundo.

Como sempre acontecia nos pesadelos, acordei abruptamente antes de descobrir o que tinha me agarrado. Fiquei desorientada por alguns minutos, com o corpo molhado de suor e o coração palpitando em ritmo *staccato* e reverberando na caixa torácica. Com muita cautela, me sentei na cama.

Alguém me olhava da janela, com olhos negros encovados.

Só depois me dei conta de que era o meu próprio reflexo no vidro da janela. Notei isso quando fui para o banheiro pouco antes de passar mal. Passei os trinta minutos seguintes me contorcendo no chão frio, e culpando Matthew Clairmont e as outras criaturas pelo mal-estar. Por fim, me arrastei de volta para a cama e dormi por algumas horas. Quando amanheceu, vesti o traje de remadora.

Ao passar pela portaria, o porteiro me olhou com um ar de espanto.

– A senhora vai sair a essa hora com toda essa neblina, doutora Bishop? Se me permite dizer, a senhora está parecendo uma vela queimada pelos dois lados. Não seria uma boa ideia continuar na cama? O rio não vai sair do lugar. Ele vai estar lá amanhã.

Considerei o conselho de Fred e balancei a cabeça em negativa.

– Eu estou me sentindo bem. – Ele me olhou, em dúvida. – Além do

mais, os estudantes voltam nesse fim de semana.

A pavimentação úmida e escorregadia pelo tempo ruim e o meu cansaço me fizeram correr mais devagar. Minha rota habitual me fazia passar pela Oriel College até os portões de ferro altos e negros entre Merton e Corpus Christi. Os portões ficavam trancados do anoitecer ao amanhecer para manter os curiosos longe da campina que margeava o rio, mas a primeira coisa que se aprendia ao remar em Oxford era escalá-los. E os escalei com facilidade.

O rotineiro ritual de colocar o barco na água surtiu o efeito esperado. Quando o barco se afastou da doca e penetrou na neblina, eu já me sentia quase normal.

Remar em meio à neblina é quase como voar. O ar abafa o rumor dos pássaros e dos automóveis e amplifica a batida suave dos remos na água e o chiado do assento do barco. Sem a visão das margens do rio e dos pontos familiares, não há nada em que se guiar senão nos próprios instintos.

Logo entrei no ritmo do barco, com olhos e ouvidos sintonizados nas eventuais variações no som das remadas, pois os remos poderiam mostrar uma aproximação maior das margens ou de alguma sombra indicando a presença de um outro barco. A densidade da neblina me fez pensar em voltar, mas a perspectiva de um longo passeio pelo rio foi mais tentadora.

Ao me aproximar da taverna, tive que manobrar o barco com destreza. Dois remadores desciam pela corrente em calorosa discussão sobre as estratégias de competição para vencer o idiossincrático estilo oxfordiano de corrida conhecido como "*bumps*".

– Vocês podem sair da minha frente? – gritei.

– Claro! – eles responderam prontamente, e passaram sem interromper a discussão.

Quando deixei de ouvir as remadas dos dois remadores, resolvi remar de volta à casa de barcos e dar o passeio por encerrado. Um passeio curto, mas que amenizou a tensão provocada pela terceira noite consecutiva de

pouco sono.

Já com o equipamento guardado, tranquei a casa de barcos e caminhei lentamente de volta para casa. Naquela manhã enevoada, o trajeto estava tão tranquilo que o tempo e o espaço desapareceram. Fechei os olhos e imaginei que estava em lugar nenhum – nem em Oxford nem em qualquer outro lugar conhecido.

Quando abri os olhos, uma sombra surgiu à frente. Engoli em seco. A sombra vinha em minha direção e as minhas mãos se prepararam instintivamente para repelir o perigo.

– Diana, desculpe. Achei que você tinha me visto. – Era Matthew Clairmont, visivelmente constrangido.

– Eu estava andando de olhos fechados. – Ajeitei o capuz do moletom que tinha escorregado um pouco. E fiquei encostada numa árvore para diminuir o ritmo da respiração.

– Você pode me dizer uma coisa? – perguntou Clairmont tão logo me recuperei do susto.

– Não, se você quer saber por que fui ao rio com essa neblina toda, quando estou sendo seguida por vampiros, demônios e bruxas. – Eu não estava com a menor paciência para sermões... não naquela manhã.

– Não é isso – a voz dele assumiu um tom ácido –, embora a pergunta venha a calhar. – O que eu quero saber é por que você caminha de olhos fechados.

Soltei uma risada.

– O quê... você não consegue?

Matthew balançou a cabeça.

– Os vampiros só têm cinco sentidos. Para nós são mais que suficientes – disse de maneira sarcástica.

– Não há nada de mágico nisso, Matthew. Faço essa brincadeira desde criança. Minha tia ficava louca com isso. Eu sempre voltava para casa com os joelhos ralados e toda arranhada pelas quedas nos espinheiros e os

esbarrões nas árvores.

O vampiro pareceu pensativo. Enfiou as mãos nos bolsos da calça cinza e olhou para a neblina. Ele estava com um suéter verde azulado que lhe escurecia os olhos, e dessa vez não vestia um sobretudo. A ausência de um sobretudo era um detalhe gritante pelas condições do tempo. De repente, me senti desarrumada, e torci para que não tivesse feito um buraco no lado esquerdo atrás da minha calça com os movimentos das remadas.

– Como foi a sessão de remo esta manhã? – ele disse por fim, como se realmente não soubesse. Já que não tinha saído para o seu passeio matinal.

– Boa – respondi laconicamente.

– Não há muita gente aqui esta manhã.

– É mesmo, mas prefiro assim, com pouca gente no rio.

– E não é arriscado remar com esse tempo e com tão poucos barcos no rio? – ele disse em tom suave, e se não fosse um vampiro de olho em cada movimento meu, eu teria considerado a pergunta como uma tentativa desajeitada de entabular uma conversa.

– Por que seria arriscado?

– Se acontecesse alguma coisa, não haveria ninguém por perto.

Eu nunca tinha cogitado isso, mas ele tinha razão. De todo modo, deixei para lá.

– Os estudantes estarão de volta na segunda-feira. Estou aproveitando a calmaria enquanto posso.

– As aulas vão começar realmente na próxima semana? – Clairmont pareceu sinceramente surpreso.

– Você *está* ou não está na faculdade? – Sorri.

– Tecnicamente, sim, mas sem fazer contato com os alunos. Eu estou aqui para pesquisa. – Os lábios dele se apertaram. Ele não achou graça.

– Deve ser ótimo – eu disse, pensando na minha palestra introdutória para trezentos alunos e muitos calouros agitados.

– É tranquilo. O equipamento do laboratório não faz perguntas. Mas a

dra. Shephard e o dr. Whitmore são meus assistentes, de modo que não fico completamente sozinho.

O tempo estava úmido e frio. Além disso, não me parecia natural conversar com um vampiro em plena neblina.

– Eu tenho que ir pra casa.

– Quer uma carona?

Quatro dias antes eu não aceitaria a carona de um vampiro de jeito nenhum, mas naquela manhã o convite me pareceu uma excelente ideia. Sem falar que eu teria uma oportunidade de saber o que levava um bioquímico a se interessar tanto por um manuscrito alquímico do século XVII.

– Ótimo.

A expressão tímida de Clairmont se desarmou de cima abaixo.

– Meu carro está estacionado aqui perto – disse, apontando na direção da Christ Church College.

Caminhamos em silêncio por alguns minutos em meio à névoa acinzentada, pela estranheza de uma bruxa e um vampiro a sós. Ele reduziu o passo para se manter ao meu lado e, ali na rua, pareceu mais relaxado que na biblioteca.

– Sua faculdade é essa?

– Não, nunca fui membro daqui.

Ele respondeu de um jeito que me fez imaginar as faculdades em que *teria sido* membro. E em seguida imaginei quantos anos ele teria vivido. Às vezes, ele parecia tão velho quanto a própria Oxford.

– Diana? – Clairmont se deteve.

– Humm? – Me posicionei na direção do estacionamento da faculdade.

– É para lá – ele disse, apontando para a direção oposta.

Fomos até uma pequena vaga. Um Jaguar baixo e preto estava estacionado debaixo de uma placa amarela brilhante com os dizeres: PROIBIDO ESTACIONAR. O carro tinha um cartão de permissão do

John Radcliffe Hospital pendurado no espelho retrovisor.

– Já vi tudo – falei de mãos à cintura. – Você estaciona onde bem entende.

– Costumo ser um bom cidadão quando se trata de estacionamentos, mas o clima desta manhã justificou a exceção. – Matthew se pôs na defensiva enquanto esticava o braço à minha volta para abrir a porta do carro. Era um modelo antigo de Jaguar, sem as últimas tecnologias de abertura automática de portas e de sistemas de navegação, mas parecia recém-saído da loja. Ele abriu a porta e me afundei confortavelmente no banco estofado de couro caramelo.

Eu nunca tinha entrado num carro tão luxuoso. As piores suspeitas de Sarah a respeito dos vampiros se confirmariam se ela soubesse que ele dirigia um Jaguar enquanto ela dirigia um Honda Civic roxo que de tão enferrujado desbotara para uma cor de berinjela podre.

Clairmont tomou a direção dos portões da Christ Church e lá esperou por uma brecha no tráfego matinal dominado por caminhões de entregas, ônibus e bicicletas.

– Que tal um café da manhã antes de ir para casa? – ele perguntou casualmente, com a mão no volante polido. – Você deve estar com fome depois de tanto exercício.

Era o segundo convite para (não) fazer uma refeição que ele me propunha. Será que isso era coisa de vampiro? Será que eles gostam de assistir enquanto os outros comem?

A mistura de vampiros e alimento me fez pensar na dieta habitual dos vampiros. Todo mundo sabe que eles se alimentam de sangue humano. Mas será que só se alimentam disso? Não mais tão segura de que tinha sido uma boa ideia sair de carro com um vampiro, fechei o moletom até o alto do pescoço e me coloquei o mais perto possível da porta.

– Diana? – Ele queria uma resposta.

– Eu adoraria – admiti hesitante – e daria tudo por uma xícara de chá.

Clairmont balançou a cabeça, com os olhos fixos no tráfego.

– Conheço um bom lugar para isso.

Ele tomou o rumo da High Street. Passamos pela estátua da esposa de George II situada sob uma cúpula da Queen College e seguimos na direção dos jardins de Oxford. O carro percorrendo sem nenhum ruído pelas ruas fazia Oxford parecer mais sobrenatural que nunca, com suas torres e obeliscos que irrompiam repentinamente da quietude e da neblina.

Nós estávamos em silêncio e de repente a quietude dele me fez perceber que eu me mexia e piscava seguidamente, respirando fundo e me arrumando no banco. E Matthew Clairmont, não. Ele não piscava e só uma vez ou outra respirava fundo, e seu jeito de girar o volante e controlar os pedais era de tal modo comedido e eficiente que dava a impressão de que a conservação da energia era uma extensão direta da sua própria vida. E novamente comecei a imaginar quantos anos ele teria.

O vampiro entrou por uma rua lateral e estacionou o carro na frente de um pequeno café apinhado de fregueses locais. Alguns liam jornais enquanto outros se alimentavam e outros conversavam com os vizinhos de mesas adjuntas. Reparei com prazer que todos sorviam grandes canecas de chá.

– Eu não conhecia este lugar – comentei.

– É um segredo bem guardado – rebateu com um olhar maroto. – A turma daqui não quer que o pessoal da universidade arruíne a atmosfera.

Eu me virei automaticamente para abrir a porta, mas ele já estava lá para abri-la antes que eu pudesse tocar a maçaneta.

– Como é que você chegou com tanta rapidez? – resmunguei.

– Mágica – retrucou Clairmont, de lábios semicerrados. Pelo que parecia ele não gostava de mulheres que abriam a porta do carro e também não gostava de mulheres que o contestavam.

– Sou perfeitamente capaz de abrir a minha porta – eu disse ao sair do carro.

– Por que as mulheres de hoje acham tão importante abrir a porta? – ele rebateu, com um ar cortante. – Acham que isso é uma prova do poder físico de vocês?

– Não, mas é um sinal de nossa independência.

Eu o encarei de braços cruzados, como se o desafiando a me contradizer e lembrando da mulher que o interpelara seguidamente numa conferência como disse Chris.

Sem dizer uma só palavra, ele fechou a porta do carro e abriu a porta do café. Permaneci resoluta no mesmo lugar para que ele entrasse primeiro. Uma lufada de ar aconchegante e úmido trouxe um cheiro de bacon frito e pão torrado. Fiquei com água na boca.

– Você é incorrigivelmente antiquado – suspirei, decidida a não brigar com ele. Não teria a menor importância se ele abrisse todas as portas para mim naquele dia, desde que me pagasse um café da manhã quentinho.

– Primeiro você – ele murmurou.

Lá dentro, abrimos caminho em meio a mesas lotadas. A pele de Clairmont que parecia quase normal sob a neblina estava visivelmente pálida sob as lâmpadas do café. Alguns olhares se voltaram para nós enquanto passávamos. O vampiro não se abalou.

Não foi uma boa ideia, pensei com certo desconforto à medida que mais olhos humanos se voltavam em nossa direção.

– Olá, Matthew – soou uma calorosa voz feminina por trás do balcão. – Café da manhã para dois?

O rosto dele iluminou.

– Isso mesmo, Mary. Como vai o Dan?

– Tão bem que já está reclamando que precisa sair da cama para comer. Isso quer dizer que já está praticamente recuperado.

– Que notícia boa – disse Clairmont. – Você pode servir um chá para esta moça assim que tiver um tempinho? Ela disse que seria capaz de matar por uma xícara de chá.

– Querida, não será necessário – disse Mary, com um sorriso. – Nós servimos chá sem matanças. – Ela moveu um corpo volumoso para sair de detrás do balcão de fórmica e nos levou até a mesa no canto extremo do café, ao lado da porta da cozinha. Colocou dois cardápios envoltos em plástico sobre a mesa. – Aqui vocês ficarão fora do caminho, Matthew. Steph servirá o chá. Podem ficar o tempo que quiserem.

Clairmont me ajudou a sentar na cadeira que ficava contra a parede. Sentou-se no lado oposto, entre mim e o resto do salão, enrolou o cardápio até transformá-lo em tubo e o desenrolou visivelmente irritado. Na presença dos outros, o vampiro deixava transparecer o nervosismo e a inquietude que mostrara na biblioteca. Ele se sentia bem mais confortável quando estávamos a sós.

Graças ao meu recente conhecimento dos lobos noruegueses pude entender o comportamento dele. Ele estava me protegendo.

– Quem é que você acha que representa uma ameaça para mim, Matthew? Já lhe disse que posso cuidar de mim mesma. – Minha voz soou mais mordaz do que eu pretendia.

– Claro, tenho certeza de que é capaz disso. – Ele deixou escapar um tom de dúvida.

– Olhe – continuei, tentando manter a voz equilibrada –, você os manteve... longe de mim para que eu pudesse trabalhar. – As mesas eram muito próximas para que eu entrasse em mais detalhes. – E sou muito grata por isso. Mas este café está entupido de humanos. Agora, o único perigo é você chamar a atenção dessa gente. Você está oficialmente disponível.

Clairmont esticou a cabeça em direção à caixa registradora.

– Aquele homem lá disse para o amigo que você é gostosa.

Ele aparentou despreocupação, mas exibia uma expressão tensa. Sufoquei uma risada.

– Não acho que ele queira me morder – falei.

A pele do vampiro se acinzentou.

– Pelo que sei da moderna gíria britânica, "gostosa" é um elogio e não uma ameaça.

Ele continuou com um olhar carrancudo.

– Se você não gosta do que está ouvindo, pare de ouvir a conversa dos outros – sugeri, irritada com a postura machista dele.

– É mais fácil dizer do que fazer isso – ele balbuciou, pegando um pote de molho Marmite.

Uma versão ligeiramente mais esbelta de Mary chegou com um enorme bule de porcelana marrom e duas canecas.

– O leite e o açúcar estão à mesa, Matthew – ela disse, olhando-me com curiosidade.

Ele fez as devidas apresentações.

– Steph, esta é Diana, ela é americana.

– Verdade? Você mora na Califórnia? Eu daria minha vida para conhecer a Califórnia.

– Não, moro em Connecticut – eu disse, desculpando-me.

– É um dos menores estados, não é? – Steph mostrou-se claramente desapontada.

– É sim, e lá neva.

– Adoro palmeiras e muito sol. – Ela perdeu todo o interesse por mim depois que mencionei a neve. – O que você vai querer?

– Estou realmente faminta – eu disse em minha defesa, pedindo dois ovos mexidos, quatro torradas e uma porção farta de bacon frito.

Steph, que já devia ter ouvido pedidos piores, anotou o meu pedido sem comentários e recolheu os cardápios.

– Para você, só chá, Matthew?

Ele assentiu com a cabeça.

Quando vi que ela não podia mais nos ouvir, me estiquei sobre a mesa.

– Eles sabem alguma coisa a seu respeito?

Clairmont se debruçou sobre a mesa, deixando o rosto a uma pequena distância do meu. Ele estava com um cheiro mais doce naquela manhã, como um cravo recém-colhido. Inalei o perfume profundamente.

– Eles sabem que sou um pouco diferente. Talvez a Mary suspeite que sou mais que um pouco diferente, mas está convencida de que salvei a vida de Dan e só isso importa para ela.

– Como salvou a vida do marido dela? – O que se presume é que os vampiros tirem a vida dos humanos e não que os salvem.

– Eu o vi durante um plantão no Radcliffe, numa ocasião em que o hospital estava com poucos profissionais. Mary tinha assistido a um programa que descrevia os sintomas de um derrame e os reconheceu quando o marido começou a passar mal. Ele estaria morto ou seriamente incapacitado se ela não o tivesse ajudado.

– Mas ela acha que você salvou o Dan? – O vampiro estava enrolando e me deixando tonta. Ergui a tampa do bule e o aroma de cravos foi substituído pelo aroma de chá preto.

– Mary o salvou na primeira vez, mas ele ficou internado no hospital e teve uma terrível reação aos medicamentos. Já lhe disse que ela é observadora... Pois é, ela falou de suas preocupações para um dos médicos, e ele as descartou... eu escutei... e interferi.

– Você costuma atender aos pacientes?

Servi nossas canecas com um chá tão forte que daria para apoiar uma colher sobre ele. Minhas mãos tremeram levemente quando imaginei um vampiro cuidando de doentes e feridos no John Radcliffe.

– Não – ele respondeu, brincando com o açucareiro –, só quando há alguma emergência no hospital.

Estendi uma caneca de chá pare ele e cravei os olhos no açucareiro. Ele o estendeu para mim. Adicionei meia colher de chá de açúcar e meia xícara de leite no meu chá. Exatamente como eu gostava – preto como alcatrão, uma pitada de açúcar para cortar o amargor e leite suficiente para torná-lo

mais leve. Depois de cumpridas todas as etapas, mexi o chá no sentido horário. Depois que a mistura estava pronta para ser bebida sem queimar minha língua, sorvi um gole. Perfeito.

O vampiro sorria.

– O que foi? – perguntei.

– Nunca vi ninguém preparar um chá com tanta atenção nos detalhes.

– Você não deve passar muito tempo com verdadeiros amantes de chá. Tudo isso implica ser capaz de medir a força do chá antes de lhe adicionar o açúcar e o leite. – A caneca dele continuava fumegante e intocada à frente dele. – Vejo que você gosta do seu bem preto.

– Na verdade o chá não é a minha bebida preferida – ele disse, com um tom um tanto displicente.

– E qual *é* sua bebida preferida? – Quase engoli a pergunta tão logo saiu da minha boca. O humor dele passou rapidamente do contentamento para uma severa irritação.

– Que pergunta é essa? – disse, em tom crítico. – Qualquer humano pode responder essa pergunta.

– Me desculpe. Não devia ter perguntado. – Segurei a caneca com força, buscando equilíbrio.

– Não devia mesmo.

Tomei meu chá em silêncio. Nós dois nos viramos para olhar quando Steph se aproximou com uma cestinha cheia de torradas, um prato com ovos mexidos e fatias de bacon.

– Mamãe disse que você está precisando de verduras e legumes – explicou Steph quando arregalei os olhos ao ver a porção de cogumelos fritos e tomates que acompanhavam o café da manhã. – Ela disse que você está parecendo um cadáver.

– Muito obrigada! – eu disse. A crítica de Mary à minha aparência não diminuiu em nada o meu apreço pela porção extra de alimento.

Steph riu e Clairmont esboçou um sorriso quando peguei o garfo e

comecei a comer.

Era uma iguaria quente e cheirosa, com uma proporção perfeita entre o exterior crocante e o interior macio. Com a fome parcialmente saciada, comecei um metódico ataque ao cesto de torradas, pegando uma torrada fria em forma de triângulo e passando manteiga. O vampiro assistia a minha refeição com a mesma atenção de quando me viu preparando o chá.

– Então, por que ciência? – arrisquei, enfiando a torrada na boca antes que ele respondesse.

– E por que história? – A voz dele soou como se quisesse fugir da questão, mas ele não me descartaria tão facilmente.

– Você primeiro.

– Talvez porque precisasse de uma razão para estar aqui – ele respondeu, com os olhos fixos na mesa. Começou a rodear o açucareiro com um anel de pacotinhos azuis de adoçante, como se o açucareiro fosse um castelo cercado por um fosso.

Gelei ao observar uma semelhança entre a explicação dada por ele e a que Agatha me dera no dia anterior ao comentar o Ashmole 782.

– Essa é uma questão reservada aos filósofos, não aos cientistas. – Lambi o meu dedo sujo de manteiga para dissimular minha confusão.

Os olhos de Clairmont faiscaram com uma nova onda de súbita ira.

– Não me diga que você realmente pensa que os cientistas não se importam com os porquês.

– Foi-se o tempo em que eles se interessavam pelos porquês – argumentei, atenta a ele. Suas mudanças súbitas de humor eram assustadoras. – Hoje em dia, parece que estão mais interessados em questões relacionadas com o como... como o corpo funciona, como o planeta se move...

Clairmont bufou.

– Não os bons cientistas. – Os ocupantes da mesa ao lado se levantaram para sair e ele se retesou pronto para reagir se decidissem investir contra a

nossa mesa.

– E você é um bom cientista.

Ele ignorou essa afirmação.

– Qualquer dia você terá que me explicar que relação há entre a neurociência, a pesquisa do DNA, o comportamento animal e a evolução. Para mim parece que não se encaixam. – Dei uma outra mordida na torrada.

Ele ergueu a sobrancelha esquerda.

– Estou vendo que você andou lendo jornais científicos – disse com um tom cortante.

Dei de ombros.

– Você tinha uma vantagem injusta. Conhecia tudo sobre o meu trabalho. Só procurei equilibrar o jogo.

Ele resmungou alguma coisa entre dentes, talvez em francês.

– Tive muito tempo para refletir – disse com um inglês insípido enquanto alargava o fosso ao redor do castelo com um outro anel de pacotinhos azuis de adoçante. – Não há conexão entre essas atividades.

– Mentiroso – retruquei, suavemente.

A fúria de Clairmont diante de minha acusação não me surpreendeu, mas a velocidade de sua transformação me fez retroceder. Era um lembrete de que eu estava tomando um café da manhã com uma criatura que podia ser letal.

– Diga você então que conexão há entre elas – ele disse entre dentes.

– Não tenho certeza – admiti, com sinceridade. – Mas alguma coisa as encaixa, alguma coisa que conecta e dá sentido às suas pesquisas. A única explicação é que você é um intelectual que gosta de ciscar em diferentes áreas, o que é ridículo pelo respeito que a sua obra tem, ou então você é daquele tipo que se entedia com muita facilidade. E não me parece que você é um intelectual entediado. Acho até que é o oposto disso.

Clairmont me observou atentamente até o silêncio se tornar

insuportável. Meu estômago começou a reclamar da quantidade de comida que eu tinha ingerido, achando-me capaz de absorvê-la. Eu me servi de um pouco mais de chá e o bebi enquanto esperava pela réplica dele.

– Para uma bruxa, até que você é uma boa observadora. – Os olhos do vampiro refletiram admiração.

– Matthew, os vampiros não são os únicos que caçam.

– Claro. Nós todos caçamos alguma coisa, não é mesmo, Diana? – ele disse o meu nome lentamente. – Agora é minha vez. Por que história?

– Você ainda não respondeu tudo que perguntei – e eu ainda nem tinha feito a pergunta mais importante.

Ele balançou firmemente a cabeça em negativa e redirecionei minha energia, desviando-a da minha sede de informação para a tarefa de me proteger contra as tentativas dele de extrair informações de mim.

– Acho que a princípio me senti atraída pela ordem que há na história. – Minha voz soou surpreendentemente experimental. – O passado parecia tão previsível, como se nada que tivesse acontecido antes pudesse surpreender.

– Quando a história é contada por quem não esteve presente – disse o vampiro, secamente.

Soltei um risinho.

– Acabei descobrindo isso. Mas no começo era assim que me parecia. Os professores de Oxford transformavam o passado em história bem-acabada, com início, meio e fim. Tudo parecia lógico, inevitável. As histórias que eles narravam me fisgaram e pronto. Nenhuma outra disciplina me interessava. Eu me tornei historiadora e nunca me arrependi.

– Mesmo tendo descoberto que tanto os seres humanos do passado como os do presente não são lógicos?

– A história só se torna um desafio quando se faz menos ordenada. Toda vez que pego um livro ou um documento do passado, eu me confronto com personagens que viveram centenas de anos atrás. Pessoas

com segredos e obsessões, com coisas que não querem ou não podem revelar. Meu trabalho consiste em descobrir essas coisas.

– E quando você não pode? E quando elas não querem explicação?

– Isso nunca ocorreu – eu disse depois de refletir sobre a pergunta. – Pelo menos é o que acho. Tudo o que se tem que fazer é ser um bom ouvinte. Na verdade ninguém gosta de guardar segredos, nem os mortos. As pessoas deixam pistas por todos os lados e, se você presta atenção, consegue juntá-las.

– Então para você o historiador é um detetive – ele observou.

– Sim. Mas com menos riscos. – Eu me recostei na cadeira, achando que as perguntas já tinham terminado.

– E por que história da ciência? – ele prosseguiu.

– Talvez pelo desafio de me deparar com mentes brilhantes! – tentei não soar como uma falastrona nem deixar que a voz se elevasse no final da frase, e falhei.

Clairmont abaixou a cabeça e começou a desmontar lentamente o castelo cercado pelo fosso de adoçantes.

O bom-senso me aconselhou a permanecer calada, mas os nós dos fios dos meus próprios segredos começaram a se desfazer.

– Eu queria descobrir como os humanos aderiram a uma visão de mundo sem magia – acrescentei abruptamente. – Eu precisava entender como eles se convenceram de que a magia não era importante.

Os olhos frios e cinzentos do vampiro se voltaram para mim.

– E você descobriu?

– Sim e não – hesitei. – Observei a lógica utilizada por eles, e o fim de um sem-número de feridas à medida que as experiências científicas se descartavam aos poucos da crença de que o mundo era um lugar inexplicavelmente poderoso e mágico. Mas infelizmente eles falharam. Na realidade a magia nunca foi deixada totalmente de lado. A magia ficou esperando até que o mundo se desencantasse com a ciência e retornasse

para ela.

– Daí, a alquimia – ele disse.

– Não – protestei. – A alquimia é uma das primeiras formas de ciência experimental.

– Talvez. Mas você não acha que a alquimia está isenta de magia. – A voz de Matthew soou resoluta. – Li a sua obra. Nem mesmo você conseguiu descartar a magia de cabo a rabo.

– Então alquimia é ciência com magia. Ou, se preferir, magia com ciência.

– E qual você prefere?

– Não estou certa – respondi, na defensiva.

– Muito obrigado.

O olhar de Clairmont mostrou que ele percebia que para mim era difícil falar do assunto.

– Não há de quê. Acho. – Afastei uma mecha de cabelo dos olhos, me sentindo um pouco abalada. – Posso perguntar outra coisa? – Ele me olhou desconfiado, mas fez que sim com a cabeça. – Por que você está interessado no meu trabalho... na alquimia?

Clairmont cogitou por um segundo não responder, mas voltou atrás. Afinal, eu acabara de revelar um segredo meu. Agora era a vez dele.

– Os alquimistas também queriam descobrir a razão de estarmos aqui. – Ele estava sendo sincero, isso era visível para mim, mas não esclarecia o interesse dele pelo Ashmole 782. Ele consultou o relógio rapidamente. – Se já terminou, é hora de levá-la para casa. É melhor se agasalhar antes de ir para a biblioteca.

– Eu preciso mesmo é de um bom banho. – Me levantei e me alonguei, movimentando o pescoço para aliviar a tensão concentrada naquele ponto. – E *preciso* fazer ioga esta noite. Eu tenho ficado sentada por muito tempo, debruçada na escrivaninha.

Os olhos do vampiro cintilaram.

– Você pratica ioga?

– Não poderia viver sem ela – respondi. – Adoro os movimentos e a meditação.

– Não me surpreende – ele disse. – É dessa forma que você rema... misturando movimento e meditação.

Ruborizei. Clairmont me observava no rio com a mesma atenção que me dava na biblioteca.

Ele deixou uma nota de vinte libras na mesa e acenou para Mary. Ela retribuiu o aceno e ele tocou levemente no meu cotovelo, guiando-me por entre as mesas e os poucos frequentadores que restavam.

– Com quem você tem aula? – ele perguntou depois que abriu a porta do carro para mim.

– Frequento aquele estúdio na High Street. Ainda não achei um professor que me agrade, mas qualquer dia ele aparece porque o estúdio não seleciona qualquer pessoa. – Em New Haven, havia diversos estúdios de ioga, mas eram raros em Oxford.

O vampiro se ajeitou no banco do carro, girou a chave de ignição e se deteve antes de tomar o caminho de volta para a cidade.

– Aqui você não encontrará o tipo de aula que deseja – ele disse, em tom de confidência.

– Você também pratica ioga? – Fiquei fascinada só de imaginar aquele corpanzil fazendo exercícios com movimentos harmoniosos.

– Um pouco – ele disse. – Se você quiser praticar ioga comigo amanhã, posso pegá-la às seis, fora de Hertford. Esta noite terá que se virar no seu estúdio na cidade, mas amanhã terá uma boa aula.

– Onde fica seu estúdio? Posso telefonar para ver se eles têm aulas noturnas.

Clairmont balançou a cabeça.

– Eles não abrem à noite, só nas tardes de segunda, quarta, sexta e domingo.

– Oh – eu disse, desapontada. – Como são as aulas?

– Você verá. É difícil descrever. – Ele esboçou um sorriso.

Para minha surpresa, num piscar de olhos estávamos frente à guarita do meu prédio. Fred esticou o pescoço para ver quem passava pelo portão e o adesivo do hospital Radcliffe o fez sair para ver o que estava acontecendo.

Clairmont me ajudou a sair do carro. Saí, acenei para Fred e estendi a mão para Clairmont.

– Adorei o café da manhã. Obrigada pelo chá e pela companhia.

– Disponha de mim na hora que quiser – ele disse. – Vejo-a na biblioteca.

Fred soltou um assovio quando Clairmont se afastou.

– Que carrão, dra. Bishop. É seu amigo?

O trabalho do porteiro era tomar o máximo de conhecimento possível de tudo que ocorria no prédio, tanto para garantir a segurança dos moradores como para satisfazer a curiosidade da sua função de porteiro.

– Acho que sim – respondi pensativa.

No meu apartamento, peguei a carteira do passaporte e tirei dez dólares de dentro. Levei alguns minutos para encontrar um envelope. Enfiei a nota lá dentro, sem nenhum bilhete, e o enderecei para Chris, com "VIA AÉREA" em letras maiúsculas e os dados postais no canto superior do envelope.

Chris nunca me perdoaria se não o deixasse saber que ele ganhara a aposta. Nunca.



– Honestamente, este carro é muito clichê. – Meus cabelos bateram no meu rosto e tentei afastá-los.

Clairmont estava encostado na lateral do Jaguar com sua elegância habitual. Até as roupas de ioga caracteristicamente em cinza e preto pareciam recém-saídas da loja, embora inferiores às que ele vestia na biblioteca.

Eu me senti incomensuravelmente destoante diante do negror lustroso do carro e da elegância do vampiro. O dia não tinha sido bom. Com a esteira da biblioteca enguiçada, os manuscritos demoraram a chegar às minhas mãos. As anotações continuaram evasivas e eu já começava a olhar para o calendário em pânico, imaginando um salão cheio de colegas a me bombardear com perguntas difíceis. Já era outubro e a conferência estava marcada para novembro.

– Você acha que um carro menor disfarçaria melhor? – ele perguntou, estendendo a mão para pegar minha esteira de ioga.

– Na verdade, não.

Em pé, na penumbra outonal, ele era a própria imagem de um vampiro, se bem que os alunos e professores que passavam por perto não lhe davam uma segunda olhadela. Se eles não conseguiam perceber quem era Clairmont – de *ver* quem ele era ali ao ar livre –, o carro era irrelevante. Fez-se uma irritação sob a minha pele.

– Fiz alguma coisa errada? – Ele arregalou dois olhos cinza-esverdeados e atônitos. Abriu a porta do carro e respirou fundo enquanto eu entrava.

Minha irritação aumentou.

– Você está me cheirando?

Eu suspeitava que desde o dia anterior o meu corpo estava fornecendo informações que ele não podia obter.

– Não me tente – ele murmurou, fechando a porta do carro.

Os pelos da minha nuca se arrepiaram quando pensei no que ele acabara de dizer. Ele abriu o bagageiro e colocou a minha esteira lá dentro.

O ar do anoitecer se espraiou em volta quando o vampiro entrou no carro sem esforço visível e sem gestos desengonçados. Seu rosto mostrava uma linha simpática de preocupação.

– O dia foi ruim?

Olhei para ele com um olhar fulminante. Clairmont sabia perfeitamente como tinha sido o meu dia. Ele e Miriam tinham aparecido na Duke Humfrey outra vez, mantendo as outras criaturas a distância. E depois saímos para fazer ioga enquanto Miriam continuava lá para impedir que fôssemos seguidos por uma fileira de demônios – ou coisa pior.

Clairmont ligou o carro e seguiu pela Woodstock Road, sem nenhuma tentativa de puxar conversa. Na rua, nada além de casas.

– Para onde estamos indo? – perguntei desconfiada.

– Para o estúdio de ioga – ele disse serenamente. – Pelo seu humor, devo dizer que você está precisando dela.

– E onde fica esse estúdio de ioga? – perguntei. Estávamos nos dirigindo para o campo, rumo a Blenheim.

– Já mudou de ideia? – A voz dele transpareceu uma ligeira irritação. – Não será melhor levá-la de volta ao estúdio da High Street?

A lembrança da aula insatisfatória do dia anterior me fez encolher.

– Não.

– Então relaxe. Não vou sequestrá-la. Às vezes, é legal deixar outro assumir as rédeas. Além do mais, é uma surpresa.

– Hmph – eu balbuciei.

Ele ligou o som do carro e a música clássica ecoou dos alto-falantes.

– Pare de pensar e escute – ele ordenou. – É impossível continuar tenso ao som de Mozart.

Admiti para mim mesma que ele estava certo e me acomodei no banco com um suspiro e fechei os olhos. Com o movimento sutil do Jaguar e com os ruídos externos abafados, era como se eu estivesse suspensa no ar, amparada por mãos invisíveis e musicais.

O carro reduziu a marcha e parou na frente de um portão duplo de ferro tão alto que eu nunca o escalaria, mesmo com toda a minha experiência. O portão era artisticamente trabalhado, com muros laterais de tijolinhos vermelhos. Eu me espichei um pouco no banco.

– Esquece, não é possível ver nada daqui – disse Clairmont, rindo. Ele abaixou o vidro da janela e digitou uma série de números em um painel polido. Fez-se um ruído e o portão se abriu.

O chão de cascalho rangeu sob os pneus do carro e depois atravessamos outro portão ainda mais antigo que o primeiro. Um portão sem nenhum ornamento, a não ser um arco que terminava em outro muro de tijolinhos bem mais baixo que o primeiro e que dava para a Woodstock Road. No topo do arco, dependurava-se uma espécie de lanterna envidraçada. À esquerda do portão, uma linda casinha com chaminés retorcidas e vitrais. Uma pequena placa de bronze desgastada nas pontas anunciava: A VELHA CABANA.

– Lindo – murmurei.

– Eu sabia que você ia gostar. – O vampiro pareceu recompensado.

Cruzamos um parque em meio à penumbra do anoitecer. O barulho do Jaguar dispersou um pequeno bando de cervos que se abrigaram nas sombras. Subimos uma ladeira em suave declive e fizemos uma curva. O carro reduziu a marcha quando chegamos ao topo da ladeira, e os faróis iluminaram a escuridão.

– Ali – disse Clairmont, apontando com a mão esquerda.

A casa principal de dois andares em estilo Tudor situava-se no centro

do terreno. Os tijolos cintilavam sob a luz de poderosos holofotes presos em galhos de pés de carvalho, iluminando a fachada da casa.

Fiquei tão deslumbrada que deixei escapar um palavrão. Clairmont olhou para mim chocado e depois riu.

Ele manobrou o carro até um estacionamento circular na frente da casa e parou atrás de um Audi esporte do ano. Já havia cerca de uma dezena de carros estacionados e a luz dos faróis iluminou outros carros subindo a colina.

– Será que vou me sair bem?

Eu já praticava ioga por mais de uma década, mas isso não significava que era uma praticante exímia. Nem me passara pela cabeça perguntar se naquele tipo de aula as pessoas tinham que se apoiar nos cotovelos de pernas para o ar.

– É uma classe mista – assegurou-me Clairmont.

– Está bem.

Apesar da resposta tranquilizadora, minha ansiedade não diminuiu muito.

Ele tirou as esteiras do porta-malas. Saiu andando devagar enquanto os recém-chegados se apressavam na direção de uma entrada larga, e por fim chegou à minha porta e estendeu a mão para mim. *Isto é novo,* pensei comigo antes de lhe dar a mão. Eu ainda não estava me sentindo muito confortável quando os nossos corpos se tocaram. Ele era incrivelmente gelado e o contraste entre as temperaturas dos nossos corpos me deixou atordoada.

O vampiro me pegou pela mão com suavidade e me ajudou a sair do carro com toda gentileza. Antes de soltar minha mão, apertou-a com delicadeza. Surpreendida, olhei para ele e nossos olhos se encontraram. Confusos, desviamos o olhar.

Atravessamos outro portão arqueado e um pátio central e depois entramos na casa principal, uma construção em surpreendente estado de

conservação. A simetria das janelas georgianas continuava intacta, e nenhum arquiteto moderno anexara estufas vitorianas exageradas. Era como se tivéssemos voltado no tempo.

– Inacreditável – murmurei.

Clairmont abriu um largo sorriso, conduzindo-me por uma porta de madeira escorada por um peso de ferro que a mantinha aberta.

Engoli em seco. Se o exterior da construção já era admirável, o interior era de tirar o fôlego. Lambris de madeira polidos e brilhantes se estendiam em todas as direções. A enorme lareira já estava acesa. Havia uma grande mesa rodeada de bancos que pareciam tão antigos quanto a casa, e a única evidência de que estávamos no século XXI era a luz elétrica.

Sapatos se enfileiravam aos pés dos bancos de carvalho, em cujos tampos escuros se amontoavam suéteres e casacos. Matthew deixou as chaves na mesa e tirou os sapatos. Eu também tirei os meus e o segui.

– Não falei que era uma turma mista? – disse o vampiro quando chegamos a uma porta. Olhei para ele, balançando a cabeça. – Pois é, mas só há um jeito de entrar nesta sala... você tem que ser um de nós.

Ele abriu a porta. Inúmeros olhos curiosos, perfurantes, arrepiantes e petrificantes se voltaram para mim. A sala estava entupida de demônios, bruxos e vampiros. Estavam sentados em esteiras coloridas – uns de pernas cruzadas, outros de joelhos – esperando o início da aula. Alguns demônios tinham fones nos ouvidos. Os bruxos cochichavam, com um zumbido contínuo. Os vampiros se mantinham em silêncio, com semblantes praticamente sem emoção.

Fiquei boquiaberta.

– Desculpe – disse Clairmont. – Achei que você não viria se lhe dissesse... mas este é o melhor estúdio de ioga em Oxford.

Uma bruxa alta de cabelos curtos e pretos com pele cor de café com leite caminhou em nossa direção enquanto o resto da sala se entregava a uma silenciosa meditação. Clairmont, que até então estava um pouco

tenso, relaxou a olhos vistos quando a bruxa se aproximou de nós.

– Matthew – soou uma voz rouca com um leve sotaque indiano. – Bem-vindo.

– Amira. – Ele balançou a cabeça, cumprimentando-a. – Esta é Diana Bishop, já lhe falei sobre ela.

A bruxa me olhou atentamente, esquadrinhando cada detalhe do meu rosto. E sorriu.

– Muito prazer em conhecê-la, Diana. Você é novata em ioga?

– Não. – Meu coração bateu ansiosamente. – Mas é a primeira vez que venho aqui.

Ela abriu um largo sorriso.

– Bem-vinda à Velha Cabana.

De repente me perguntei se havia alguém ali que sabia do Ashmole 782, mas não vi um único rosto familiar e a atmosfera da sala era francamente serena, sem a tensão habitual que existe entre as criaturas.

A mão aconchegante e firme de Amira me pegou pelo punho e o meu coração sossegou no mesmo instante. Olhei-a com admiração. Como ela podia ter feito isso?

Amira soltou o meu punho, deixando a minha pulsação estável.

– Acho que você e Diana ficarão mais confortáveis aqui – disse para Clairmont. – Começaremos quando estiverem bem instalados.

Estendemos as esteiras ao lado de uma porta no fundo da sala. Não tinha ninguém perto de mim, mas um pouco mais à frente dois demônios estavam sentados na posição de lótus com os olhos fechados. Eu senti uma comichão nos ombros. E me perguntei quem estaria me olhando. A sensação não durou muito.

Desculpa, ecoou uma voz culpada dentro da minha cabeça.

Era uma voz que vinha da direção dos zumbidos do outro lado da sala. Amira franziu ligeiramente o cenho para alguém que estava sentado na primeira fila e só depois iniciou a aula.

De volta ao prumo, meu corpo se colocou obediente na posição de lótus quando ela começou a falar, e alguns segundos depois Clairmont também estava na mesma posição.

– Agora fechem os olhos.

Amira apertou um pequeno controle remoto, e os acordes de um canto meditativo ecoaram das paredes e do teto. Era como um canto medieval, um dos vampiros suspirou de felicidade.

Meus olhos vagaram distraídos pela argamassa ricamente ornamentada daquilo que um dia devia ter sido o grande salão da casa.

– Fechem os olhos – repetiu Amira suavemente. – Não é fácil deixar de lado as preocupações, os temores e o ego. Por isso estamos aqui esta noite.

Essas mesmas palavras das quais eu tinha ouvido variações em outras aulas de ioga assumiram um novo significado naquela noite.

– Estamos aqui esta noite para aprender a lidar com a nossa energia. Na maior parte do tempo travamos embates sem fim para sermos o que não somos. Deixem que esses desejos se dissipem. Honrem quem vocês realmente são.

Fizemos alguns alongamentos e depois Amira pediu para que nos colocássemos de joelhos e aquecêssemos a coluna antes de nos inclinarmos até o chão como um cão se alongando. Ficamos nessa posição por algum tempo e em seguida esticamos os braços até os pés e assim ficamos, e depois nos colocamos de pé.

– Mantenham os pés enraizados na terra e se ponham na posição da montanha – ela instruiu.

Eu me concentrei nos pés, e um inesperado solavanco emergiu do solo. Arregalei os olhos.

Seguimos Amira quando ela iniciou as *vinyasas*. Erguemos os braços em direção ao teto e os abaixamos para aproximar as mãos dos pés. Levantamos ligeiramente o corpo, com a coluna paralela ao solo, e depois nos dobramos e jogamos as pernas para trás em posição de flexão. Uma

multidão de demônios, vampiros e bruxas deslocaram os corpos em graciosas curvas. Continuamos as flexões e depois erguemos os braços mais uma vez, e encostamos levemente uma palma da mão na outra. Depois Amira nos liberou para fazer os movimentos que quiséssemos. Ela apertou o botão do controle remoto de um aparelho de som e se espraiou ao redor um lento e melódico *cover* de "Rocket Man", de Elton John.

Sintonizada com aquela música de súbito estranhamente apropriada, repeti movimentos que já conhecia, alongando os músculos retesados para que o fluxo do exercício tirasse todos os pensamentos da minha cabeça. Depois repetimos uma série de movimentos três vezes, e a energia ambiente se transformou.

Três bruxos flutuaram a quase meio metro acima do piso de madeira.

– Fiquem no chão – disse Amira em tom neutro.

Dois deles voltaram sem dificuldade para o chão. O terceiro mergulhou como um cisne, e mesmo assim as mãos tocaram o chão antes dos pés.

Tanto os demônios como os vampiros mostravam alguma dificuldade com o ritmo. Alguns demônios se moviam com tanta lentidão que pareciam imóveis. Já os vampiros enfrentavam um problema oposto, seus vigorosos músculos se enrolavam e desenrolavam com repentina intensidade.

– Suavemente – murmurou Amira. – Sem forçar, sem reter.

A energia ambiente se recompôs aos poucos. Amira nos orientou a fazer uma série de posições em pé. Nessas posições, os vampiros eram visivelmente imbatíveis, eles as sustentavam sem o menor esforço por vários minutos. Passado algum tempo, eu já não estava mais preocupada com quem estava lá ou se eu estava à altura da turma. Só havia movimento e movimento.

Voltamos ao chão e fizemos flexões de costas e inversões, todos suaram – menos os vampiros que não vertiam uma só gota de suor do corpo. Alguns alunos se apoiaram em um único braço para fazer as flexões, mas

eu não era um deles. Clairmont, sim. Em dado momento, era como se ele tivesse ligado ao solo por nada mais que uma orelha, o corpo alinhava-se perfeitamente suspenso no alto.

Para mim a parte mais difícil da ioga era sempre a posição final, a *savasana*, na qual você se posiciona como um cadáver. Para mim, era quase impossível me manter deitada de barriga para cima e inteiramente imóvel. E como os outros achavam que essa posição era relaxante, isso aumentou ainda mais a minha ansiedade. Eu então tratei de me aquietar e de permanecer deitada o máximo possível, evitando qualquer contração. Um ruído de passos se interpôs entre mim e o vampiro.

– Diana – sussurrou Amira –, essa posição não é para você. Deite de lado.

Abri os olhos, espantada. Olhei nos grandes olhos negros da bruxa, envergonhada por ter sido flagrada no meu segredo.

– Dobre-se como uma bola.

Aturdida, fiz o que ela disse. Meu corpo relaxou de imediato.

– Mantenha os olhos abertos também. – Ela deu uma leve palmada no meu ombro.

Eu estava virada para o lado de Clairmont. Amira diminuiu a luminosidade da sala, mas o brilho da pele do vampiro ressaltava-lhe os traços.

De perfil, ele parecia um cavaleiro medieval deitado no tampo de uma tumba da Abadia de Westminster: pernas longas, torso esguio, braços compridos e um rosto incrivelmente forte. Havia algo de antigo na aparência dele, se bem que ele aparentava ser ligeiramente mais velho que eu. Com um dedo imaginário, tracei mentalmente a linha da testa que se expandia até a linha irregular dos cabelos, um pouco acima do proeminente osso da testa e das sobrancelhas espessas e negras de Clairmont. O dedo imaginário desceu até a ponta do nariz e tocou nos lábios dele.

Contei a respiração do vampiro. O peito se erguia imperceptivelmente a cada cem movimentos respiratórios. Ele não expirava por muito tempo.

Por fim, Amira comunicou a todos que já era hora de nos juntarmos ao mundo lá fora. Matthew se virou para mim e abriu os olhos. Seu rosto estava mais suave e o meu também. De repente, fez-se uma grande animação ao redor, mas o socialmente correto não me abalou. Continuei no mesmo lugar, com os olhos cravados nos olhos do vampiro. Ele também me olhava, imóvel, sem mexer um único músculo. Quando me levantei, a circulação repentina de sangue pelo meu corpo fez a sala rodopiar.

Logo a sala parou de girar. Amira fechou os exercícios com um canto, acompanhado pela sonoridade de sininhos atados em seus dedos. Fim de aula.

A sala se encheu de murmúrios polidos enquanto vampiros cumprimentavam vampiros e bruxos cumprimentavam bruxos. Os demônios eram os mais agitados, combinando encontros nos bares dos arredores de Oxford e perguntando onde se tocava o melhor jazz. Sorri quando lembrei de Agatha descrevendo o que impulsionava os demônios, e me dei conta de que eles apenas seguiam a energia. Dois banqueiros de investimentos londrinos, ambos vampiros, conversavam sobre os assassinatos em Londres ainda sem solução. Eu senti uma pontada de desconforto só de pensar em Westminster. Matthew franziu o cenho e os dois mudaram de assunto, marcando um almoço para o dia seguinte.

Cruzamos com todos na saída. Bruxas e bruxos nos cumprimentaram com curiosidade ao mesmo tempo em que sacudiam a cabeça. E até os demônios fizeram contato visual, rindo e trocando olhares significativos entre si. Os vampiros simplesmente me evitaram, mas todos cumprimentaram Clairmont.

Finalmente, na sala restaram apenas Amira, ele e eu. Ela recolheu a esteira e veio em nossa direção.

– Você se exercitou muito bem, Diana – disse.

– Muito obrigada, Amira. Nunca esquecerei dessa aula.

– Você será sempre bem-vinda. Com ou sem o Matthew – ela acrescentou, dando um toquinho no ombro dele. – Você devia ter dito para ela.

– Achei que ela não viria se soubesse. E também pensei que ela adoraria se tivesse uma chance. – Ele me olhou, um tanto envergonhado.

– Apaguem as luzes quando saírem – disse Amira, virando-se para trás já a meio caminho do salão.

Meus olhos esquadrinharam a suntuosidade do vestíbulo.

– Foi realmente uma surpresa – disse secamente, ainda não disposta a deixá-lo se safar.

Ele se aproximou de mim pelas costas, sem nenhum ruído e sem nenhum movimento brusco.

– Uma surpresa agradável, eu espero. Gostou da aula?

Assenti lentamente com a cabeça enquanto me virava para responder. Ele estava desconcertantemente próximo, e a diferença de nossas estaturas me fez erguer os olhos até o alto para não ficar de cara com um tórax.

– Gostei.

O rosto de Matthew se iluminou com um sorriso de tirar o fôlego.

– Que bom.

Foi difícil me desvencilhar daqueles olhos. Para quebrar esse feitiço, me abaixei e comecei a enrolar a esteira. Ele apagou as luzes e pegou as roupas. Calçamos os sapatos na galeria, onde o fogo da lareira já se extinguira.

Ele pegou as chaves.

– Gostaria de um chá antes de voltarmos para Oxford?

– Onde?

– Na casa do portão – ele disse de um modo prosaico.

– Lá tem uma cafeteria?

– Não, mas tem uma cozinha. E também um lugar para sentar-se. Eu posso fazer o chá – brincou.

– Matthew, essa casa é sua? – perguntei, chocada.

Já estávamos andando no lado de fora da casa em direção ao pátio quando avistei uma placa no topo do portão que indicava uma data: 1536.

– Fui eu que a construí – ele disse, olhando-me com atenção.

Matthew Clairmont tinha no mínimo uns quinhentos anos de idade.

– Espólio da Reforma – ele continuou. – Henrique me deu a terra com a condição de que eu demolisse a abadia que havia aqui e construísse outra coisa. Salvei o que pude, mas foi penoso descartar o restante. O humor do rei estava péssimo naquele ano. Eu me recusei a destruir alguns anjos e algumas obras feitas de pedra. Afora isso, tudo mais pertence à nova construção.

– Nunca ouvi ninguém se referir a uma casa construída no século XVI como *nova construção*.

Observei a casa não só pelos olhos de Matthew, mas também como uma parte dele. Era a casa que ele tinha escolhido para viver cerca de quinhentos anos antes. Observando-a, pude conhecê-lo melhor. Era tranquila e silenciosa como ele. Sem falar que era sólida e verdadeira. Nada ali era desnecessário – nenhuma ornamentação a mais, nada que chamasse demasiada atenção.

– Ela é maravilhosa. – Não consegui dizer mais nada.

– Mas agora é grande demais para morar – ele retrucou –, além de também ser muito frágil. Mesmo com minuciosa manutenção, toda vez que abro uma janela parece que alguma coisa vai despencar. Deixei Amira ocupar alguns cômodos, e ela abre a casa para os alunos algumas vezes por semana.

– Você vive na casa do portão? – perguntei enquanto atravessávamos um amplo caminho de pedras arredondadas em direção ao carro.

– Parte do tempo. Moro em Oxford durante a semana, mas passo os

finais de semana aqui. É mais tranquilo.

Devia ser mesmo torturante para um vampiro viver cercado de estudantes ruidosos e forçado a ouvir a tagarelice deles.

Entramos no carro e percorremos a curta distância até a casa do portão. Como um cartão de visitas da casa principal, a casa do portão tinha mais ornamentos externos. Observei atentamente as chaminés retorcidas e os elaborados padrões dos tijolos.

Matthew resmungou.

– Eu sei. As chaminés estão erradas. O pedreiro estava louco para pôr mãos à obra. O primo dele trabalhava para Wolsey, em Hampton Court, e o homem simplesmente não aceitava uma negativa como resposta.

Ele ligou um interruptor próximo da porta e um brilho dourado banhou o aposento principal da casa. O chão era de lajotas e a enorme lareira de pedra poderia assar um boi inteiro.

– Está sentindo frio? – ele perguntou enquanto se dirigia a uma parte do aposento transformada em cozinha moderna. Uma cozinha onde uma grande geladeira predominava mais que o fogão. Repeli o pensamento do que poderia estar guardado dentro daquela geladeira.

– Um pouco – respondi encolhida no meu suéter. Estava relativamente quente em Oxford, mas meu suor seco tornava o ar da noite gelado.

– Então acenda a lareira – ele sugeriu.

A lareira já estava preparada e pude acendê-la com um fósforo comprido tirado de um velho caneco de peltre.

Enquanto Matthew ligava a chaleira elétrica, eu passeava pela sala, analisando os elementos de um gosto que se estendia da dureza do couro marrom à suavidade dos móveis de madeira polida magnificamente dispostos sobre um piso de lajotas. Um tapete antigo em vibrantes tons de vermelho, azul e ocre irradiava jatos coloridos. No consolo da lareira, despontava um retrato enorme de uma linda mulher de cabelos negros, do início do século XVII, que trajava um roupão amarelo. Era sem dúvida um

retrato pintado por *sir* Peter Lely.

Matthew percebeu meu interesse.

– Minha irmã Luiza – disse enquanto saía de detrás do balcão com uma bandeja de chá. Olhou para a tela com um rosto triste. – *Dieu*, como era bela...

– O que houve com ela?

– Foi para Barbados com a intenção de se tornar rainha das Índias ocidentais. Nós a alertamos de que seu gosto por rapazinhos não passaria despercebido, mas ela não nos deu ouvidos. Luiza adorava a vida de uma grande fazenda. Investiu em açúcar... e escravos. – Uma sombra enevoou-lhe o rosto. – Durante uma das rebeliões na ilha, os outros fazendeiros que já não a viam com bons olhos decidiram se livrar dela. Eles a decapitaram e esquartejaram o corpo. Depois a queimaram e colocaram a culpa nos escravos.

– Lamento – eu disse, sabendo que as palavras são sempre inadequadas para perdas assim.

Ele esboçou um sorriso.

– Foi uma morte tão terrível como a mulher que se foi. Eu adorava a minha irmã, mas ela não era fácil. Entregou-se a todos os vícios das épocas pelas quais passou. Se havia um excesso a ser experimentado, Luiza era a primeira a encontrá-lo. – Desviou os olhos do rosto lindo e frio da irmã com dificuldade. – Você prefere se servir? – perguntou, colocando a bandeja na mesa baixa de carvalho, impecavelmente polida, que estava entre duas poltronas de couro na frente da lareira.

Assenti satisfeita pelo rumo mais leve da conversa, embora com perguntas que ultrapassariam uma única conversa ao anoitecer. Os grandes olhos negros de Luiza me observavam e tratei de não derrubar nem uma só gota de chá na reluzente superfície de madeira da mesa que um dia podia ter pertencido a ela. Matthew trouxe uma jarra de leite e um açucareiro e comecei a preparar meu chá até que obtivesse uma coloração exata, e

depois recostei confortavelmente na maciez da poltrona com um suspiro.

Ele esperava educadamente com a xícara na mão, sem levá-la aos lábios.

– Você sabe que não precisa fazer isso só para me agradar – eu disse, olhando para a xícara.

– Eu sei. – Ele se encolheu. – É um hábito, conveniente para fingir.

– Quando você começou a praticar ioga? – Mudei de assunto.

– Na mesma época em que Luiza foi para Barbados. Fui para as outras Índias, as Índias orientais, e me vi sozinho em Goa durante a época da monção. Não havia nada a fazer além de beber muito e aprender sobre a Índia. Naquele tempo, os iogues eram diferentes desses iogues de hoje, muito mais espiritualizados que os professores atuais. Conheci Amira há poucos anos, quando eu dava uma conferência em Mumbai. Logo que a vi ministrando uma aula, ficou claro que ela possuía os dons dos antigos iogues, e não tinha o menor problema em se relacionar com vampiros, ao contrário de algumas bruxas. – A voz dele soou com um tom de amargura.

– Você a convidou para vir à Inglaterra?

– Expliquei que aqui haveria mais chances, e ela concordou em tentar. Isso já faz dez anos e a cada semana a turma aumenta. É claro que ela também dá aulas particulares, principalmente para humanos.

– Não estou acostumada a ver bruxas, vampiros e demônios partilhando alguma coisa... ainda mais uma aula de ioga – confidenciei. Os tabus quanto a se misturar com outras criaturas eram fortes. – Eu nunca acreditaria se você tivesse dito que era possível.

– Amira é uma otimista e adora um desafio. No início, não foi fácil. Nos primeiros dias os vampiros se recusavam a ocupar o mesmo espaço com os demônios, e é claro que todos ficaram de queixo caído quando as bruxas começaram a aparecer. – A voz dele revelou os próprios preconceitos arraigados por muito tempo. – A maioria da turma já assumiu que possui mais semelhanças que diferenças, e todos se tratam

com cortesia.

– Mesmo que a gente tenha semelhanças – retruquei, sorvendo um gole de chá e dobrando os joelhos até a altura do peito –, obviamente não sentimos da mesma maneira.

– O que você quer dizer? – ele perguntou, olhando-me atentamente.

– Como reconhecemos que um outro é um de nós... uma criatura – respondi confusa. – Você sabe, os cutucões, os arrepios, o gelo.

Matthew balançou a cabeça.

– Não sei, não. Não sou um bruxo.

– Não sente nada disso quando olho para você? – perguntei.

– Não. Você sente? – Ele mostrou sinceridade nos olhos, provocando uma reação familiar na minha pele.

Assenti com a cabeça.

– O que sente quando é olhada por um vampiro? – Ele inclinou-se para a frente. Tudo parecia extraordinariamente comum, mas pressenti que se armava uma armadilha.

– É uma sensação... de frio – falei paulatinamente, sem saber o que podia divulgar –, como se brotasse gelo da minha pele.

– Parece desagradável. – Ele enrugou a testa.

– Não é não – continuei de modo sincero. – Só é um pouco estranho. Com os demônios é pior... quando eles me olham, é como se eu fosse beijada. – Fiz uma careta.

Matthew sorriu e colocou a xícara de chá sobre a mesa. Apoiou os cotovelos nos joelhos e angulou o corpo na minha direção.

– Então, você se vale um pouco do seu poder de bruxa.

Soou o desarme da armadilha.

Furiosa, olhei para o chão com o rosto em brasa.

– Eu nunca deveria ter aberto o Ashmole 782, nem tirado aquele maldito livro da prateleira! Foi a quinta vez que fiz magia este ano, e a máquina de lavar não conta porque a água teria inundado o apartamento

debaixo do meu se eu não tivesse lançado um feitiço.

Ele fez um gesto de rendição com as mãos.

– Não me importo se você usa ou não a magia, Diana. Mas estou surpreso com a quantidade de vezes que fez isso.

– Não uso magia nem poder nem feitiçaria ou o nome que se dê. Isso não tem nada a ver com quem eu sou. – Meu rosto estava em brasa.

– Claro que a magia tem a ver com você. Está no seu sangue. Está nos seus ossos. Você nasceu de uma bruxa, da mesma forma que nasceu loura e de olhos azuis.

Eu nunca tinha conseguido explicar para ninguém os motivos que me faziam evitar a magia. Sarah e Em não entenderiam, e Matthew muito menos. O chá esfriou e fiquei com o corpo cada vez mais tenso à medida que tentava me esquivar daquele exame minucioso.

– Eu não quero isso – disse entre os dentes. – Não escolhi isso.

– O que há de errado com a magia? Esta noite você pareceu feliz com o poder de empatia de Amira. Um poder que deriva em grande parte da magia. O talento de uma bruxa não é nem melhor nem pior que o talento de um compositor ou de um poeta... é apenas diferente.

– Eu não quero ser diferente – retruquei com veemência. – Eu quero uma vida simples e comum... a vida que os humanos desfrutam. – *Uma vida que não envolva morte, perigo e medo de ser descoberta,* pensei, fechando a boca para não deixar o pensamento escapar. – Que mal há em querer ser normal?

– Diana, como cientista eu devo lhe dizer que não existe essa tal *normalidade*. – O tom da voz dele já não tinha a mesma doçura. – *Normal* é uma história da carochinha, uma fábula que os humanos contam para si mesmos quando confrontados com a evidência avassaladora de que quase tudo que acontece em volta não é tão "normal" assim.

Nada do que ele dissesse abalaria minha convicção de que era perigoso ser uma criatura neste mundo dominado por humanos.

– Diana, olhe para mim.

Olhei contra a minha vontade.

– Você está tentando colocar a magia de lado, tal como seus cientistas fizeram séculos atrás, como você supõe que tenha sido. O problema é que isso não funcionou – ele continuou falando com tranquilidade. – Nem mesmo os cientistas humanos que havia entre os outros cientistas conseguiram expurgar a magia do mundo. Você mesma disse isso. No fim, a magia sempre retorna.

– Mas isso é diferente – sussurrei. – É a minha vida. Eu posso controlar a minha vida.

– Não há diferença. – A voz dele estava calma e segura. – Mesmo que tente se manter distante da magia, isso não vai funcionar mais do que funcionou com Robert Hooke ou Isaac Newton. Os dois sabiam que essa coisa chamada mundo não existe sem magia. Hooke era brilhante quando pensava os problemas científicos em três dimensões e quando inventava instrumentos e experimentos. Mas ele jamais atingiu a plenitude de suas potencialidades porque tinha medo dos mistérios da natureza. Newton? Esse teve o intelecto mais destemido que já conheci. Newton não tinha medo das coisas que não podiam ser vistas ou facilmente explicáveis... ele simplesmente encarava. Como historiadora, você sabe muito bem que isso era alquimia e que foi justamente a crença no invisível, nas poderosas forças do crescimento e da mudança, que o conduziu até a teoria da gravidade.

– Sendo assim, nessa história prefiro ser Robert Hooke – argumentei. Não preciso ser famosa como Newton. – *Como a minha mãe.*

– O medo de Hooke fez dele um homem amargo e invejoso – disse Matthew. – Ele passou a vida inteira observando e desenvolvendo os experimentos de outras pessoas. Isso não é um bom modo de se viver.

– Não quero envolver o meu trabalho com a magia – eu insisti com teimosia.

– Você não é o Hooke, Diana – disse Matthew em tom duro. – Ele não passou de um humano que arruinou a própria vida tentando resistir ao fascínio da magia. Você é uma bruxa. Se fizer o mesmo, será destruída pela magia.

O medo começou a povoar os meus pensamentos, afastando-me de Matthew Clairmont. Ele parecia querer me convencer com seu fascínio de que qualquer criatura poderia deixar de lado preocupações e repercussões e apenas viver. Mas tratava-se de um vampiro e os vampiros não são confiáveis. E ele estava errado a respeito da magia. Ele tinha que estar errado, caso contrário eu teria lutado com um inimigo imaginário a minha vida inteira.

Contudo, a responsável pelo medo que eu sentia era eu mesma. Já que atraíra a magia para mim – contra minhas próprias regras – e com isso acabara arrastando um vampiro. E a ele se seguiram dezenas de outras criaturas. Lembrei de como a magia levara os meus pais a se perderem, e o pânico me fez sentir falta de ar e arrepios.

– Matthew, viver sem magia é a única maneira de sobreviver que conheço.

Comecei a respirar pausadamente para impedir que as sensações se solidificassem, mas foi difícil fazer isso com os fantasmas da minha mãe e do meu pai na sala.

– Você está vivendo uma mentira... e uma mentira que não convence ninguém. Você acha que se passa por uma simples humana – ele disse em tom prosaico, quase clínico. – Você não engana ninguém a não ser a si mesma. Eu tenho observado como eles olham para você. Eles sabem que você é diferente.

– Isso não faz sentido.

– O Sean fica praticamente sem fala cada vez que você olha para ele.

– Ele tem uma queda por mim desde o meu tempo de estudante – falei displicentemente.

– E continua tendo uma queda por você... mas esse não é o problema. O sr. Johnson também é um dos seus admiradores? Ele sempre fica tão mal quanto o Sean e treme a qualquer mudança do seu humor e se preocupa quando você se senta em outro lugar. E isso não acontece apenas com os humanos. Você quase matou dom Berno de susto quando se virou para encará-lo.

– O monge da biblioteca? – Meu tom foi de espanto. – Você é que o assustou e não *eu*!

– Eu conheço dom Berno desde 1718 – disse Matthew secamente. – Ele me conhece o bastante para não me temer. Nós nos conhecemos numa festa na casa do duque de Chandos, onde ele estava cantando *Acis e Galatea*, de Handel, no papel de Damon. Asseguro-lhe que foi o seu poder e não o meu que o apavorou.

– Este é um mundo humano, Matthew, e não um conto de fadas. Os humanos nos superam em número, e nos temem. E não há nada mais poderoso do que o medo humano... nem a magia nem a força de um vampiro. Nada.

– Diana, o que os humanos fazem de melhor é temer e negar, mas esse é um caminho que também está aberto para as bruxas.

– Eu não tenho medo.

– Tem, sim – ele disse suavemente, levantando-se. – E acho que já é hora de levá-la para casa.

– Veja bem – me concentrei no meu desejo de informações sobre o manuscrito, repelindo todos os outros pensamentos –, nós dois estamos interessados no Ashmole 782. E se um vampiro e uma bruxa não podem ser amigos, isso não impede que trabalhem em parceria.

– Eu não estou tão certo disso – ele disse impassível.

O retorno a Oxford foi silencioso. Ponderei com meus pensamentos que os humanos se equivocavam a respeito dos vampiros. Se os humanos se aterrorizavam com os vampiros por imaginá-los sedentos de sangue, o

alheamento de Matthew contraposto aos seus rompantes de raiva e suas mudanças súbitas de humor é que me apavoravam.

Quando chegamos ao meu prédio em New College, Matthew se apressou em retirar a minha esteira do porta-malas.

– Tenha um bom final de semana – ele disse sem nenhuma emoção.

– Boa-noite, Matthew. Muito obrigada pela ioga. – Minha voz soou tão fria quanto a dele e me recusei deliberadamente a olhar para trás, mesmo sentindo que ele me seguia com olhos frios enquanto me afastava.



O carro de Matthew cruzou a ponte elevada e arqueada do rio Avon. Ele então avistou a paisagem familiar de Lanarkshire, com morros íngremes, céu nublado e contrastes perfeitos de quietude. Nessa região da Escócia, quase nada era suave e convidativo, e a beleza amedrontadora do lugar combinava com o que ele estava sentindo. O carro percorreu uma viela escorregadia que no passado levava a um palácio e agora levava a lugar nenhum, a insólitas ruínas de uma vida grandiosa que ninguém mais queria viver. Estacionou em uma área que um dia tinha sido uma entrada de fundos de um velho alojamento de caça, onde a rudeza de pedras marrons contrastava com a pintura cor de creme da fachada, e depois desceu do Jaguar e tirou a bagagem do porta-malas.

A porta branca da casa se abriu.

– Você está um lixo.

Um demônio magro de cabelos negros, olhos castanhos cintilantes e nariz aquilino apoiou a mão na maçaneta enquanto inspecionava o amigo dos pés à cabeça.

Fazia vinte anos que Hamish Osborne conhecera Matthew Clairmont em Oxford. Como a maioria das criaturas, eles tinham aprendido que deviam se manter a distância e não sabiam como agir um com o outro. Acabaram se tornando inseparáveis quando perceberam que tinham o mesmo senso de humor e a mesma paixão pelas ideias.

O semblante de Matthew oscilou entre a raiva e a resignação.

– É bom te ver também – disse rispidamente, abaixando as malas na soleira da porta. Inalou o odor frio e límpido da casa, com toques de

argamassa velha e madeira velha, e o singular aroma de lavanda e hortelã que exalava de Hamish. O vampiro não via a hora de tirar o perfume da bruxa do seu nariz.

Jordan, o mordomo humano de Hamish, surgiu silenciosamente com um lustra-móveis de essência de limão. Um cheiro que não tirou de suas narinas o aroma de madressilva e marroio branco de Diana, mas ajudou.

– Que bom vê-lo, *sir* – disse Jordan antes de chegar à porta para pegar as malas de Matthew. Ele era um mordomo da velha-guarda. Não era pago para guardar os segredos do patrão, mas nunca dizia a ninguém que Osborne era um demônio que de vez em quando recebia um vampiro. Isso era tão impensável quanto deixar escapar que às vezes ele servia sanduíches de banana e manteiga de amendoim no café da manhã.

– Muito obrigado, Jordan. – Matthew se pôs a examinar o vestíbulo do primeiro andar, evitando que seus olhos se encontrassem com os olhos de Hamish. – Estou vendo que você conseguiu um novo Hamilton. – Olhou embevecido para uma tela, uma paisagem pendurada na parede.

– Você não costuma prestar atenção nas minhas novas aquisições. – O sotaque de Hamish, como o de Matthew, era predominantemente de Oxford, com um toque de algum outro lugar. Um toque que vinha das ruas barulhentas de Glasgow.

– Por falar em novas aquisições, como vai o William, a sua cravina? – William era o novo amante de Hamish, tão adorável e sereno que Matthew o apelidara com um nome de flor. O apelido pegou. Hamish passou a usá-lo de forma carinhosa e William, por sua vez, a comprar vasos e vasos de cravina dos floristas da cidade para presentear os amigos.

– Rabugento – disse Hamish com um risinho. – Eu tinha prometido a ele um fim de semana tranquilo aqui em casa.

– Você sabe que não precisa ir comigo se não quiser. Eu posso ir sozinho. – Matthew também se mostrou rabugento.

– Sei disso. Mas já faz tempo que a gente não se vê, e Cadzow fica linda

nesta época do ano.

Matthew lançou um olhar carrancudo para Hamish, com uma sombra de descrença na face.

– Meu Deus, você não precisa caçar? – Hamish não teve outra coisa a dizer.

– Desesperadamente – disse o vampiro com uma voz entrecortada.

– Podemos tomar um drinque ou você precisa sair logo?

– Acho que dá para tomar um drinque – disse Matthew com um tom de voz desbotado.

– Ótimo! Reservei uma garrafa de vinho para você e uísque para mim. – Hamish pedira a Jordan para tirar um bom vinho da adega depois que recebeu o telefonema de Matthew. Ele detestava beber sozinho, e Matthew não gostava de uísque. – Assim teremos tempo para você explicar por que essa necessidade urgente de caçar neste estupendo fim de semana de setembro.

Hamish e Matthew saíram andando por entre cômodos impecavelmente encerados até a biblioteca no andar de cima. Os aconchegantes lambris amarronzados tinham sido acrescentados no século XIX, arruinando a intenção do arquiteto do século XVIII de prover um lugar arejado e espaçoso para as damas aguardarem os maridos que se dedicavam ao esporte da caça. O teto original permaneceu em branco e ornado de anjos e guirlandas de gesso, um vitupério incessante à modernidade.

Os dois homens se acomodaram nas poltronas de couro que flanqueavam a lareira, onde um fogo caloroso abrandava o frio de outono. Hamish estendeu a garrafa de vinho e Matthew o avaliou.

– Parece ser ótimo.

– Deve ser. Os cavalheiros da Berry Brothers e Rudd me asseguraram que é excelente.

Hamish tirou a rolha da garrafa e serviu o vinho. Com os copos na mão, os dois se mantiveram sentados em um silêncio amistoso.

– Sinto muito por tê-lo envolvido nisso tudo – Matthew começou a falar. – É que a minha situação é difícil. É... complicada.

Hamish soltou um risinho.

– Com você tudo é sempre complicado.

Matthew se aproximara de Hamish Osborne pela objetividade que via nele e também porque, ao contrário da maioria dos demônios, ele era sensato e equilibrado.

No transcorrer dos anos o vampiro tivera amigos demônios igualmente talentosos e execráveis. Hamish era de longe o mais agradável para se ter por perto. Com Hamish não havia discussões encarniçadas, nem rompantes ensandecidos nem perigosas depressões. Com Hamish o tempo fluía em longos momentos de silêncio, seguidos por diálogos aguçados e coloridos pelo sereno modo de ver a vida do demônio.

Os diferentes aspectos da personalidade de Hamish se estendiam ao trabalho, já que ele não se enquadrava na busca demoníaca pela arte e a música. Pelo contrário, inclinava-se para as finanças – fazer dinheiro e identificar vulnerabilidades fatais no mercado financeiro. Ele canalizava a característica criatividade dos demônios, aplicando-a em ações, não em sonatas, e a precisão das análises do intrincado mercado financeiro fez dele consultor de presidentes, monarcas e primeiros-ministros.

Matthew se fascinava com a inusitada preferência de Hamish pela economia e sua capacidade de circular entre os humanos. O demônio se aprazia com a presença humana e achava que os erros humanos eram estimulantes e não exacerbantes. Era um legado de infância, deixado pelo pai corretor de seguros e a mãe dona de casa. Matthew conhecera os inabaláveis Osborne e podia entender a inclinação de Hamish.

O crepitar do fogo e o suave odor do uísque se dispersaram e começaram a fazer efeito, deixando o vampiro relaxado. Matthew curvou-se para a frente, com o copo de vinho na mão cintilando os reflexos do fogo.

– Não sei por onde começar – disse, perturbado.

– Pelo final, é claro. O que o fez pegar o telefone e me telefonar?

– Eu precisava me afastar de uma bruxa.

Hamish observou o amigo em visível agitação por um segundo. E se deu conta de que a razão disso era mesmo uma bruxa.

– O que essa bruxa tem de tão especial? – perguntou serenamente.

Matthew olhou por debaixo das sobrancelhas grossas.

– Tudo.

– Oh. Você está mesmo encrencado, não é? – Hamish oscilou entre a simpatia e a alegria.

Matthew sorriu sem graça.

– Pode-se dizer que sim.

– E essa bruxa tem nome?

– Diana. É historiadora. E americana.

– A deusa da caça – disse Hamish, bem devagar. – Fora o nome antigo, ela é uma bruxa comum?

– Não – disse Matthew abruptamente. – Está longe de ser comum.

– Ah. As complicações. – Hamish examinou o rosto do amigo para ver se encontrava algum sinal de tranquilidade e notou que Matthew estava a ponto de explodir.

– Ela é uma Bishop – disse Matthew, dando uma pausa. Os anos de amizade com Hamish o tinham ensinado a nunca antecipar o significado de uma referência, por mais obscura que fosse, antes que o próprio demônio o encontrasse.

Hamish se concentrou e extraiu da mente o que procurava.

– Como as de Salem, em Massachusetts?

Matthew assentiu com a cabeça.

– É a última das bruxas Bishop. O pai dela é um Proctor.

O demônio soltou um suave assovio.

– Duas vezes bruxa, de uma famosa linhagem mágica. Você nunca faz

as coisas pela metade, não é mesmo? Ela deve ser poderosa.

– A mãe dela, sim. Não sei muita coisa a respeito do pai. Rebecca Bishop, por outro lado... é uma outra história. Aos treze anos fazia feitiços que a maioria das bruxas só faz depois de uma longa vida de estudo e experiência. E desde a infância mostrava habilidades surpreendentes de vidência.

– Você a conhece, Matt? – perguntou Hamish, já que lhe era difícil se manter informado de tudo porque o amigo tinha vivido muitas vidas e cruzado caminhos com muita gente.

Matthew balançou a cabeça.

– Não. Mas há muito falatório em torno dela... e também muita inveja. Você sabe como são os bruxos. – O tom de sua voz se mostrou um tanto ofensivo, como sempre fazia quando se referia às espécies.

Hamish ignorou o juízo de Matthew sobre os bruxos e o olhou por cima da armação dos óculos.

– E Diana?

– Ela se orgulha de não fazer uso da magia.

Dois fios dessa curta frase precisavam ser puxados. Hamish puxou primeiro o mais fácil.

– Ela não faz para nada? Nem para encontrar um brinco? Nem para pintar o cabelo? – Hamish pareceu duvidar.

– Ela não usa brincos nem é do tipo que tinge o cabelo. É do tipo que corre cinco quilômetros e depois rema dentro de um frágil e perigoso barco durante uma hora e meia.

– Com o cenário familiar que ela herdou, é difícil acreditar que não lance mão do seu poder. – Além de sonhador, Hamish era pragmático. Por isso era tão competente com o dinheiro de outras pessoas. – E você não acredita nisso, ou prefere não insinuar que ela está mentindo. – Este era o segundo fio a ser puxado.

– Ela diz que faz magia uma vez ou outra... em coisas insignificantes. –

Matthew enfiou os dedos nos cabelos hesitando e tomou um gole de vinho. – Eu a tenho observado e sei que ela se vale da magia. Posso sentir o cheiro disso. – O tom de sua voz se mostrou francamente aberto, o que não tinha acontecido até então. – É como o cheiro de uma tempestade elétrica a ponto de desabar, ou de raios de tempestades de verão. Já cheguei a ver a magia de Diana. Ela brilha quando está zangada ou quando está entretida no trabalho. – *E quando ela dorme,* pensou, franzindo a testa. – Deus, às vezes acho que posso até sentir o gosto dessa magia.

– Ela brilha?

– Não é nada que se possa ver, mas de um jeito ou de outro é uma energia que pode ser sentida. Seu *chatoiement*, seu brilho de bruxa, é muito sutil. Quando eu era um jovem vampiro somente as bruxas mais poderosas emitiam pequenas pulsações de luz. Hoje em dia isso é muito raro. Ela não sabe que faz isso, nem sabe o que isso significa. – Matthew estremeceu, fechando o punho.

O demônio deu uma olhadela rápida no relógio. Faltava muito para o fim do dia, mas ele já sabia por que o amigo estava na Escócia.

Matthew estava apaixonado.

Jordan entrou providencialmente no momento certo.

– O rapaz já entregou o jipe, *sir*. Falei que hoje o senhor não precisaria dos serviços dele. – O mordomo sabia que a presença de um vampiro na casa dispensava um guia para traçar as pistas de um cervo.

– Excelente. – Hamish se levantou da poltrona e esvaziou o copo. O que ele queria era uma outra dose de uísque, mas tinha que se manter sobre as duas pernas.

Matthew olhou para o amigo.

– Irei sozinho, Hamish. Acho melhor caçar sozinho.

O vampiro não gostava de caçar ao lado de um sangue-quente, uma categoria que incluía humanos, demônios e bruxos. De quando em quando, ele abria uma exceção para Hamish, mas naquele dia queria ficar

sozinho para tentar controlar o desejo por Diana Bishop.

– Ora, não vamos caçar juntos – disse Hamish com um brilho malicioso nos olhos. – Só vamos cercar a presa. – O demônio tinha um plano. Ocupar a mente do amigo para tirá-lo da defensiva e fazê-lo compartilhar os acontecimentos de Oxford sem tirá-lo do caminho. – Vamos lá, o dia está lindo. Você vai se divertir.

Eles saíram da casa e Matthew entrou de mau humor no jipe de Hamish. Era o veículo preferido de ambos, tanto para passear pelos arredores como para ir a Cadzow, embora o Land Rover fosse o veículo mais popular entre os caçadores da Escócia. Matthew não se importava com o frio que fazia no jipe e Hamish achava que era um veículo supermasculino.

Hamish acelerou o jipe na subida de um monte – o vampiro se encolhia a cada acelerada – em direção à pastagem dos cervos. Matthew avistou um par de cervos em um penhasco e pediu para o amigo parar o jipe. Saiu sem fazer barulho e, já hipnotizado, agachou-se ao lado de um pneu dianteiro.

Hamish sorriu e juntou-se a ele.

O demônio já tinha espreitado muitos cervos na companhia do vampiro e conhecia as necessidades do amigo. Matthew não era de se alimentar muito, mas naquele dia Hamish sabia que se o deixasse por sua própria conta, Matthew voltaria para casa tarde da noite já saciado – e faltariam dois cervos na propriedade. Matthew era mais predador que carnívoro. A caça é o que definia a identidade dos vampiros, e não como se alimentavam. Às vezes, Matthew ficava muito inquieto e saía apenas para espreitar a presa, sem precisar matá-la.

Enquanto o vampiro observava os cervos o demônio observava o vampiro. Havia algum problema em Oxford. Ele podia sentir isso.

Matthew espreitou pacientemente durante algumas horas, sem saber ao certo se a perseguição aos dois cervos valeria a pena. Com seus extraordinários sentidos de olfato, visão e audição, ele rastreou os

movimentos dos animais, analisando os hábitos e as reações que tinham a cada estalo de um galho e a cada voo de um pássaro. Embora avidamente atento, o vampiro nunca se mostrava impaciente. Para ele, o momento crucial era quando a presa se dava conta de que seria abatida.

Já estava escurecendo quando finalmente Matthew se levantou e fez um sinal para Hamish. Era o bastante para o primeiro dia e Hamish precisava de luz para descer a montanha, se bem que não precisava disso para enxergar os cervos.

Já estava completamente escuro quando eles chegaram à casa, e Jordan já tinha acendido todas as luzes, o que ressaltava ainda mais o ridículo de uma casa plantada no meio do nada.

– Esta casa nunca fez nenhum sentido – disse Matthew em tom casual. – Robert Adam estava louco quando assumiu a empreitada.

– Matthew, você já comentou milhares vezes essa minha pequena extravagância – disse Hamish, com serenidade –, e não estou nem aí se você entende mais de arquitetura do que eu ou se acha que Adam estava desvairado quando construiu essa "loucura inconcebível" no meio do mato de Lanarkshire, não é assim que você fala da casa? Eu adoro esta casa e nada do que você diga me fará mudar de opinião.

Eles sempre tinham a mesma discussão desde que Hamish anunciou que tinha comprado a casa – com mobílias e um criado, além de Jordan – de um aristocrata que não a usava e não tinha dinheiro para reformá-la. Matthew ficou horrorizado. Mas, para Hamish, a casa de Cadzow era um testemunho de que ele havia superado as raízes de Glasgow a ponto de poder gastar dinheiro em algo inútil, mas que ele amava.

– Humm – resmungou Matthew.

Hamish achava que esses resmungos eram bem melhor que a agitação. Ele então se concentrou no próximo passo do plano.

– O jantar será servido às oito na sala de jantar – ele disse.

Matthew detestava aquele salão de jantar com um teto alto demais e

arejado demais. Sem falar que o aborrecia porque era espalhafatoso e feminino. Era o cômodo da casa preferido de Hamish.

O vampiro resmungou.

– Não estou com fome.

– Você está desnutrido – disse Hamish prontamente, observando a cor e a textura da pele de Matthew. – Quando foi que fez uma refeição de verdade?

– Há semanas. – Matthew deu de ombros, com o descaso habitual pela passagem do tempo. – Não lembro com exatidão.

– Hoje você terá sopa e vinho. Amanhã... a escolha do prato ficará por sua conta. Prefere ficar sozinho antes do jantar ou quer se arriscar a uma partida de bilhar comigo?

Hamish era exímio no bilhar e mais ainda na sinuca. Jogo que aprendera na adolescência. Depois ele passou a ganhar dinheiro nos salões de Glasgow e podia vencer qualquer um. Matthew se recusava a jogar sinuca com o amigo porque não via a menor graça em perder todas as partidas. Matthew tentou ensinar o jogo de carambola para Hamish, um antigo jogo francês com bolas e tacos, mas neste jogo quem sempre vencia era o vampiro. O bilhar era algo mais sensível.

Incapaz de resistir a qualquer desafio, Matthew concordou.

– Vou trocar de roupa e logo me junto a você.

A mesa de bilhar de Hamish ficava na sala oposta à biblioteca. Ele vestia calça e suéter, e Matthew chegou de jeans e camiseta branca. O vampiro não gostava de usar roupas brancas porque o deixavam fantasmagórico, mas era a única camiseta apresentável que tinha levado. Afinal, ele tinha feito as malas para uma caçada e não para um jantar.

Ele pegou o taco e posicionou-se na extremidade da mesa.

– Pronto?

Hamish balançou a cabeça.

– Uma partida de uma hora? Depois descemos para um drinque.

Eles se curvaram sobre os tacos.

– Pegue leve comigo, Matthew – murmurou Hamish antes que as bolas fossem espalhadas com uma tacada. O vampiro bufou quando as bolas bateram nas extremidades da mesa e ricochetearam.

– A branca é minha – disse Matthew quando elas pararam de rolar; a bola branca estava mais próxima. Ele empalmou outra bola e deslizou-a para Hamish. O demônio colocou a bola vermelha na posição certa e deu um passo atrás.

Matthew não se mostrava afoito para marcar pontos, como nas caçadas. Ele marcou quinze pontos, encaçapando a bola vermelha nas quinze vezes.

– Fique à vontade – disse com uma voz arrastada, apontando para a mesa. O demônio colocou sua bola amarela na mesa sem nenhum comentário.

Matthew combinou algumas tacadas simples que encaçaparam a bola vermelha com tacadas mais traiçoeiras conhecidas como carambolas. Nas carambolas, as bolas de Hamish, a vermelha e a amarela, eram acertadas com uma única tacada que requeria tanto força como habilidade.

– Onde você conheceu a bruxa? – perguntou Hamish casualmente depois que Matthew acertou as bolas vermelha e amarela.

Matthew recuperou a bola branca e preparou-se para a próxima tacada.

– Na Bodleiana.

As sobrancelhas do demônio se ergueram com uma expressão de surpresa.

– Na Bodleiana? E desde quando você é frequentador assíduo de bibliotecas?

Matthew errou a tacada, a bola saltou e caiu fora da mesa.

– Desde que ouvi duas bruxas conversando durante um concerto sobre outra bruxa que estava com um manuscrito perdido já fazia tempo – disse. – Não consegui entender por que as bruxas estavam tão interessadas

naquilo. – Afastou-se da mesa, irritado com o próprio erro.

Hamish matou rapidamente suas quinze bolas. Matthew pôs sua bola na mesa e pegou o giz para marcar os pontos de Hamish.

– E aí você foi à biblioteca para conversar com ela e ver se descobria alguma coisa? – O demônio encaçapou três bolas de uma só vez com uma única tacada.

– Fui procurá-la, sim. – Matthew notou que Hamish rodeava a mesa. – Eu estava curioso.

– E ela ficou feliz quando o viu? – perguntou Hamish brandamente enquanto dava uma outra tacada traiçoeira. Ele sabia que vampiros, bruxos e demônios raramente se misturavam. Essas criaturas preferiam passar o tempo em círculos fechados de criaturas iguais. Sua amizade com Matthew era incomum, e para seus amigos demônios era uma loucura deixar um vampiro se aproximar tanto. Ele então pensou com seus botões que em noites como aquela talvez os amigos tivessem razão.

– Não exatamente. A princípio, Diana se assustou, se bem que me enfrentou. Ela tem olhos extraordinários... mescla de azul, dourado, verde e cinza – disse Matthew, pensativo. – E depois quis me bater. O cheiro dela era de muita raiva.

Hamish conteve uma risada.

– Parece uma reação normal de alguém que é surpreendido por um vampiro dentro da Bodleiana. – Resolveu ser gentil para impedir uma réplica de Matthew. O demônio deu uma tacada na bola amarela, por cima da vermelha, impulsionando o taco de tal maneira que fez a bola vermelha se mover para a frente e colidir com a amarela. – Droga – resmungou.

Matthew voltou à mesa, acertou algumas bolas e tentou algumas carambolas.

– Vocês se encontraram fora da biblioteca? – perguntou Hamish quando o vampiro se recompôs.

– Na verdade não tenho muito contato com ela, nem mesmo na biblioteca. Eu me sento em um dos cantos e ela se senta em outro. Mas convidei-a para um café da manhã e levei-a até a Velha Cabana para conhecer a Amira.

Hamish se reprimiu para não ficar de queixo caído. Durante anos e anos, Matthew nunca tinha levado uma mulher para a Velha Cabana. E que negócio era aquele de sentar-se no extremo oposto da biblioteca?

– Não seria mais fácil sentar-se ao lado dela na biblioteca, já que está tão interessado nela?

– Eu não estou interessado *nela*! – O taco de Matthew bateu com muita força na bola branca. – Eu quero o manuscrito. Há séculos que tento pôr as mãos nele. E ela simplesmente o colocou na esteira para que fosse levado para as prateleiras. – O tom soou com inveja.

– Que manuscrito, Matt?

Hamish se esforçava ao máximo para manter a paciência, mas a troca entre eles já se tornava insuportável. Matthew estava passando as informações com a mesma avareza de quem dispõe de míseros centavos. Para os demônios de mente sagaz, era muito desagradável lidar com criaturas que negligenciavam qualquer divisão de tempo inferior a uma década.

– Um livro de alquimia que pertenceu a Elias Ashmole. Diana Bishop é uma brilhante e conceituada historiadora da alquimia.

Matthew errou novamente, dando uma tacada muito forte. Hamish analisou a disposição das bolas e continuou marcando pontos enquanto o amigo fervia de ódio. Por fim, Jordan chegou para avisar que os drinques já estavam à disposição no andar de baixo.

– Qual é o placar? – Hamish se voltou para as marcas de giz. Ele sabia que tinha ganhado, mas o cavalheirismo o obrigava a perguntar... pelo menos assim Matthew ensinara.

– Você ganhou, é claro.

Matthew saiu da sala e desceu a escada com uma velocidade bem maior que a dos humanos. Jordan olhou para o piso encerado com preocupação.

– O professor Clairmont não está nos seus melhores dias, Jordan.

– Estou vendo – murmurou o mordomo.

– É melhor trazer mais uma garrafa de vinho tinto. Parece que a noite será longa.

Eles tomariam os drinques na sala que no passado era a área de recepção da casa. As janelas davam para um jardim em estilo clássico ainda bem conservado e grande demais para uma casa de caça. Um jardim realmente muito grande – tudo apropriado para um palácio, não para um insensato.

À frente da lareira, com a bebida na mão, Hamish pressionou o amigo um pouco mais na tentativa de atingir o cerne do mistério.

– Fale-me desse manuscrito da Diana, Matt. Contém exatamente o quê? A receita da pedra filosofal que faz tudo virar ouro? – A voz de Hamish transpareceu um leve tom zombeteiro. – Instruções para preparar o elixir da vida e obter a imortalidade?

O demônio deixou a brincadeira de lado tão logo os olhos de Matthew o fulminaram.

– Não acredito que esteja levando isso a sério – sussurrou Hamish com um tremor na voz. A pedra filosofal era apenas uma lenda, tal como o Santo Graal e a Atlântida. Não podia ser real. Mas ele logo se deu conta de que vampiros, demônios e bruxos também não eram tidos como reais.

– Eu estou com cara de quem está brincando? – disse Matthew.

– Não. – O demônio encolheu-se. Fazia tempo que Matthew tentava descobrir o que tornava os vampiros resistentes à morte e ao envelhecimento por vias científicas. A pedra filosofal se encaixava perfeitamente nos planos do amigo.

– É o livro perdido – disse Matthew com um ar sério. – Eu tenho certeza.

Hamish, como a maioria das criaturas, já tinha ouvido as histórias. Uma das versões dizia que as bruxas tinham roubado um valioso livro dos vampiros, um livro que guardava o segredo da imortalidade. Outra versão dizia que os vampiros tinham se apropriado de um livro de feitiços das bruxas e que depois o tinham perdido. Alguns argumentavam que não se tratava de um livro de feitiços, e sim de um manual que apresentava os traços básicos das quatro espécies humanoides da Terra.

Matthew tinha sua própria teoria a respeito do conteúdo do livro. Uma explicação dos motivos pelos quais os vampiros eram difíceis de serem mortos, e relatos da história do primeiro humano e da primeira criatura.

– Acha mesmo que esse manuscrito alquímico é o livro que você tanto procura? – perguntou Hamish. Matthew balançou a cabeça e o demônio suspirou. – Não por acaso as bruxas fofocavam. Como souberam que Diana o tinha encontrado?

Matthew virou-se, visivelmente zangado.

– Que importância isso tem? O problema começou quando elas não conseguiram se manter de boca fechada.

Hamish se lembrou mais uma vez que definitivamente Matthew e seus familiares não gostavam de bruxos.

– Não fui o único que as ouvi naquele domingo. Outros vampiros também ouviram. E logo os demônios perceberam que alguma coisa interessante estava acontecendo, e...

– Agora Oxford está apinhada de criaturas – o demônio concluiu a frase. – Que confusão. O ano letivo não está para começar? Os humanos serão os próximos. Eles retornarão em bandos.

– E ainda há o pior. – Matthew amarrou a cara. – O manuscrito não estava simplesmente perdido. Estava sob um feitiço e Diana o quebrou. Depois ela o mandou de volta às prateleiras, e aparentemente não está interessada em requisitá-lo de novo. E não sou o único que está na expectativa de que ela possa pegá-lo outra vez.

– Matthew – disse Hamish com uma voz tensa –, você a está protegendo das outras bruxas?

– Ela parece não reconhecer o poder que tem. Isso a coloca em risco. Não posso permitir que seja pega pelas outras bruxas. – Matthew se mostrou subitamente vulnerável.

– Oh, Matt. – Hamish balançou a cabeça. – Você não devia se meter entre Diana e o povo dela. Isso só causaria mais problemas. Além do quê – acrescentou –, nenhuma bruxa se colocaria abertamente contra uma Bishop. A família de Diana é muito antiga e ilustre.

Nos dias que corriam as criaturas já não matavam umas às outras, a não ser em legítima defesa. A agressão era desaprovada no mundo delas. Uma vez Matthew disse para Hamish que as rixas familiares e as vinganças acabaram chamando a atenção dos humanos no passado.

– Os demônios são desorganizados e os vampiros não ousam cruzar meu caminho. Mas não se pode confiar nas bruxas. – Matthew levantou-se e aproximou-se da lareira com o vinho na mão.

– Deixe que Diana cuide disso – aconselhou Hamish. – Mesmo porque, se esse manuscrito está enfeitiçado, você não poderá examiná-lo.

– Poderei, se ela me ajudar – disse Matthew com um tom levemente matreiro enquanto olhava para o fogo.

– Matthew – insistiu o demônio com o mesmo tom que usava para alertar os sócios ainda inexperientes que estavam em situação difícil e delicada –, deixe que a bruxa cuide sozinha desse manuscrito.

O vampiro colocou o copo de vinho no consolo da lareira com muita atenção, virou-se e afastou-se de lá.

– Acho que não farei isso, Hamish. Eu... eu estou vidrado nela. – Só de mencionar isso, ele ficava com fome. E quando essa fome se concentrava, crescia assustadoramente e não aceitava outro sangue. O corpo dele clamava por algo mais específico. Se ao menos ele pudesse saborear Diana, se saciaria e o desejo se aquietaria.

Hamish observou com preocupação os ombros tensos do amigo. Ele não se espantou com o fato de que Matthew estivesse vidrado em Diana Bishop. O desejo dos vampiros por outra criatura como parceira era bem maior que o das outras criaturas, e a ânsia se enraizava no desejo. Hamish já suspeitava de que Matthew queria uma parceira, apesar das fervorosas declarações anteriores do amigo de que ninguém partilharia esse tipo de sentimento com ele.

– Então nem Diana nem as bruxas são o verdadeiro problema que você enfrenta agora. E nem mesmo esse antigo manuscrito que pode ou não conter respostas para as suas indagações – o demônio deixou escapar antes de continuar. – Você já se deu conta de que está caçando essa mulher?

O vampiro suspirou aliviado quando ouviu essas palavras.

– Claro. Já entrei pela janela dela enquanto ela dormia. E a tenho seguido quando sai para correr. Ela resiste às minhas tentativas para ajudá-la e, quanto mais resiste, mais faminto eu fico.

Ele parecia tão perplexo que Hamish teve que se conter para não rir. Geralmente as mulheres não resistiam a Matthew. Seduzidas pela beleza e o encanto do vampiro, faziam tudo o que ele queria. Não era de espantar que ele estivesse fascinado.

– Mas eu não preciso do sangue de Diana... não fisicamente. Não quero me render a esse desejo. Ficar perto dela não seria necessariamente um problema. – Matthew crispou o rosto. – O que estou dizendo? Não poderíamos ficar perto um do outro. Nós chamaríamos muita atenção.

– Não necessariamente. Faz um bom tempo que *nós estamos* juntos e ninguém deu bola para isso – frisou Hamish.

Nos primeiros anos de amizade, os dois haviam lutado para escamotear as diferenças e mantê-las a salvo de olhos curiosos. Separados, cada qual era brilhante o bastante para atrair o interesse humano. Juntos, trocando gracejos à mesa de jantar ou sentados no pátio ao amanhecer com garrafas vazias de champanhe aos pés, era impossível ignorá-los.

– Você sabe muito bem que isso não é a mesma coisa – retrucou Matthew com impaciência.

– Oh, sim, esqueci. – Hamish se irritou. – Ninguém se importa com o que os demônios possam fazer. Mas um vampiro e uma bruxa? Isso, sim, é importante. *Vocês são* as criaturas que realmente importam neste mundo.

– Hamish! Você sabe que não penso assim – protestou Matthew.

– Matthew, você tem o mesmo desrespeito pelos demônios que os outros vampiros têm. E que os bruxos também têm, devo acrescentar. Antes de levar essa bruxa para a cama, reflita profundamente sobre o que sente pelas outras criaturas.

– Eu não pretendo levar Diana para a cama – disse Matthew, em tom ácido.

– O jantar está servido, *sir*. – Eles não tinham reparado que Jordan já estava à soleira da porta durante algum tempo.

– Graças a Deus! – exclamou Hamish aliviado, enquanto se levantava da poltrona. Era mais fácil lidar com o vampiro quando ele dividia a atenção entre a conversa e alguma outra coisa, alguma coisa a mais.

Hamish sentou-se em uma das extremidades da grande mesa projetada para receber inúmeros convidados e começou a ingerir o primeiro dos diversos pratos enquanto Matthew brincava com a colher de sopa esperando que a refeição esfriasse. O vampiro então se curvou sobre o prato e o cheirou.

– Cogumelos e xerez? – perguntou.

– Sim. Jordan quis fazer uma receita nova e, como não tinha nada que lhe desagradasse, deixei que fizesse.

Normalmente Matthew não era de demandar alimentação suplementar quando se hospedava na casa, mas Jordan era um mago das sopas e Hamish não gostava de comer sozinho, da mesma forma que não gostava de beber sozinho.

– Desculpe-me, Hamish – disse Matthew, observando o amigo que se

alimentava.

– Aceito as desculpas, Matt – disse Hamish com a colher de sopa próxima da boca. – Mas você não faz ideia de como é difícil ser um demônio ou um bruxo. Com os vampiros o fato é definitivo, incontroverso. Uma hora você não é vampiro e de repente já é vampiro. Não há questionamento nem espaço para dúvidas. Já o resto de nós tem que esperar, observar e se questionar. Isso torna a superioridade vampiresca difícil de aguentar.

Matthew girava o cabo da colher entre os dedos como se fosse um bastão.

– As bruxas sabem que são bruxas. E elas também não gostam de demônios – disse com a testa franzida.

Hamish abaixou bruscamente a colher e esvaziou o copo de vinho.

– Você sabe muito bem que ter pai ou mãe bruxos não garante nada. Você pode ser perfeitamente comum. Ou incendiar o próprio berço. Não há garantia de quando ou como os poderes se manifestarão.

Ao contrário de Matthew, Hamish tinha uma amiga bruxa. Janine cuidava do cabelo dele, um cabelo que nunca esteve tão bem, e fazia uma loção de pele para si mesma que era milagrosa. Ele suspeitava de que a feitiçaria estivesse envolvida nessas atividades.

– Mas não deixa de ser surpreendente – insistiu Matthew enquanto retirava um tiquinho de sopa do prato e balançava levemente para esfriá-la. – Diana tem um lastro de séculos de história familiar. Nada parecido com o que você viveu na sua puberdade.

– Eu só tive uma brisa de tempo – disse Hamish, lembrando-se de algumas histórias da maturidade demoníaca que vivera secretamente no transcorrer dos anos.

Aos doze anos de idade, certa tarde Hamish teve a vida virada de pernas para o ar. Ele notara ao longo do outono escocês que era bem mais inteligente do que os seus professores. Muitas crianças suspeitam da

mesma coisa nos seus doze anos, mas Hamish tinha certeza e a certeza não era nada agradável. Ele então se fingiu de doente para não ir às aulas e, quando o fingimento deixou de funcionar, passou a fazer os deveres na sala de aula o mais rápido possível, e assim jogou a pretensa normalidade para o alto. Despeitado, o professor solicitou ao departamento de matemática da universidade uma avaliação para a assustadora capacidade de Hamish de resolver em minutos problemas que os professores levavam uma semana ou mais para resolver.

Jack Watson, um jovem demônio de cabelos ruivos com olhos brilhantes e azuis da Universidade de Glasgow observou o diabrete Hamish Osborne e desconfiou de que o outro garoto era um demônio. Depois que Hamish passou por uma avaliação formal que produziu provas documentais de que ele era um prodígio matemático, cuja mente não se enquadrava em parâmetros normais, Watson o convidou para frequentar as aulas na universidade. Ele também explicou para o diretor que se o garoto fosse colocado numa sala de aula normal correria o risco de se tornar um piromaníaco ou algo igualmente destrutivo.

Depois disso, Watson visitou o modesto lar dos Osborne e mostrou para uma família assombrada como o mundo funcionava e que tipos de criaturas viviam nele. Percy Osborne tinha uma formação presbiteriana e resistiu à ideia de criaturas sobrenaturais, mas a mulher o fez lembrar de que se ele tinha sido educado de maneira a acreditar em bruxas... por que não acreditar em demônios e vampiros? Hamish chorou de alívio porque já não se sentia irremediavelmente sozinho. A mãe lhe deu um forte abraço e revelou que sempre o tinha achado especial.

Quando Watson sentou-se à frente da lareira para um chá com Hamish e o pai, Jessica Osborne aproveitou a ocasião para revelar outros aspectos da vida do filho que também o tornavam diferente. Entre goles de chá e biscoitos de chocolate ela disse que sabia que o filho dificilmente se casaria com a garota vizinha que se apaixonara por ele. E também disse que sabia

que Hamish tinha uma atração pelo irmão mais velho da garota, um rapazinho de quinze anos que jogava futebol e cujo chute era mais potente que de qualquer outro na vizinhança. Nem Percy nem Jack pareceram se abalar com a revelação.

– E tem mais – disse Matthew depois de engolir uma colherada de sopa –, desconfio de que o desejo de toda a família de Diana é que ela fosse uma bruxa... o que ela é, fazendo ou não fazendo magia.

– Acho que isso seria tão ruim como viver no meio de humanos insossos. Você pode imaginar a pressão? Sem falar na terrível sensação de que você não é dono da sua vida. – Hamish deu de ombros. – Eu preferiria a ignorância cega.

– Como foi... – Matthew pareceu hesitante – o primeiro dia em que você acordou sabendo que era um demônio? – Normalmente o vampiro evitava fazer perguntas pessoais.

– Foi como renascer – respondeu Hamish. – Foi tão poderoso e desconcertante como deve ter sido para você quando acordou ávido por sangue e ouvindo o ruído da grama a crescer, lâmina por lâmina. Tudo parecia diferente. Tudo era sentido de um jeito diferente. Na maior parte do tempo, eu ria como um louco que tinha ganhado na loteria, e no resto do tempo chorava dentro do meu quarto. Mas acho que só passei a acreditar... sabe, acreditar *de verdade*... quando você me introduziu no hospital às escondidas.

O primeiro presente de aniversário que Matthew deu para Hamish depois que se tornaram amigos foi uma garrafa de champanhe Krug e uma ida ao John Radcliffe. Lá, Matthew o submeteu a uma ressonância magnética e lhe fez uma série de perguntas. Depois, eles compararam os resultados com os do mais brilhante cirurgião da equipe, tudo isso regado ao champanhe e com Hamish ainda vestindo uma bata hospitalar. Hamish fez Matthew repetir os resultados da ressonância na tela porque ficou fascinado pela forma com que o cérebro se iluminava como uma máquina

de fliperama, mesmo quando respondia a perguntas elementares. Foi o melhor presente de aniversário que ele recebeu.

– Pelo que você me contou, Diana está no mesmo ponto em que eu estava antes daquela ressonância magnética – disse Hamish. – Ela sabe que é uma bruxa. Mas ainda se sente como se estivesse vivendo uma mentira.

– Ela *está* vivendo uma mentira – retrucou Matthew irritado, enquanto tomava outra colherada de sopa. – Ela finge que é humana.

– Não seria interessante saber o porquê disso? E o mais importante, você consegue ficar ao lado de alguém assim? Você odeia mentiras.

Matthew ficou pensativo, mas não respondeu.

– Existe alguma coisa por trás disso – continuou Hamish. – Para alguém que odeia tanto mentiras, você deve ter muitos segredos guardados. Se você deseja essa bruxa, sei lá por que razão, você terá que conquistar a confiança dela. E a única forma de fazer isso é contando coisas que você não gostaria que ela soubesse. Ela despertou o seu instinto protetor, e você terá que lutar contra isso.

Enquanto Matthew ponderava a respeito, Hamish desviou a conversa para as últimas catástrofes da cidade e o governo. Já tranquilo, o vampiro ouviu o amigo discorrer sobre mercado financeiro e política.

– Presumo que já esteja sabendo dos assassinatos em Westminster – disse Hamish ao notar que Matthew estava completamente relaxado.

– Sim. Alguém tem que deter isso.

– Você? – perguntou Hamish.

– Não é o meu trabalho... ainda.

Hamish conhecia a teoria de Matthew sobre os assassinatos, a qual se ligava à pesquisa científica.

– Ainda acha que os assassinatos indicam que os vampiros estão em extinção?

– Acho – respondeu Matthew.

Ele estava convencido de que esse tipo de criaturas encontrava-se em

lento processo de extinção. A princípio, Hamish descartou a hipótese, mas já estava começando a admitir que talvez o amigo estivesse certo.

A conversa se voltou para temas mais leves, e depois do jantar eles se retiraram para o andar de cima. O demônio dividira um dos redundantes aposentos da casa em sala de estar e quarto de dormir. Na sala de estar, se sobressaía um grande tabuleiro de xadrez, com peças entalhadas em ébano e marfim que ficaria melhor em algum museu e não naquela ridícula casa de caça. O tabuleiro, tal como a ressonância magnética, tinha sido um presente de Matthew.

A amizade entre os dois se aprofundara em noites assim, jogando xadrez enquanto trocavam assuntos profissionais. A essa altura, já não havia muita coisa a respeito de Matthew Clairmont que Hamish não soubesse, e o vampiro era a única criatura que não se assustava com o poderoso intelecto do demônio.

Como era de praxe, Hamish escolheu as peças negras.

– Chegamos a terminar o nosso último jogo? – perguntou Matthew, fingindo surpresa ao ver o tabuleiro regiamente arrumado.

– Sim. Você venceu – respondeu Hamish laconicamente, ganhando em troca um dos raros sorrisos abertos do amigo.

Eles começaram a mover as peças, Matthew refletia demoradamente a cada lance e na sua vez de jogar Hamish mexia as peças com rapidez e determinação. O silêncio só era rompido com o crepitar do fogo e o tique-taque do relógio.

Passada uma hora de jogo, Hamish tratou de executar a parte final do seu plano.

– Eu preciso fazer uma pergunta – disse com cautela enquanto esperava o parceiro mover a peça. – O que você quer é a bruxa... ou o poder que ela exerce sobre o tal manuscrito?

– Não quero nada com o poder dela! – explodiu Matthew, movendo equivocadamente a torre logo capturada por Hamish. O vampiro apoiou a

cabeça entre as mãos e nunca se pareceu tanto com um anjo renascentista concentrado nos mistérios celestiais. – Cristo, eu não sei o que eu quero.

Hamish tentou manter a calma o máximo possível.

– Matt, eu acho que você sabe.

Matthew movimentou um peão e calou-se.

– As outras criaturas em Oxford logo saberão – continuou Hamish –, se é que já não sabem que o seu interesse vai além desse antigo manuscrito. O que você quer, afinal?

– Não sei – sussurrou o vampiro.

– Amor? Mordê-la? Fazê-la igual a você?

Matthew se atrapalhou.

– Impressionante – disse Hamish em tom de enfado.

– Hamish, há muita coisa nessa história que não entendo, mas entendo três coisas – disse Matthew enfaticamente enquanto pegava a taça de vinho no chão. – Não cederei ao desejo de beber o sangue dela. Eu não quero controlar o poder dela. E seguramente não desejo transformá-la em vampiro. – Ele estremeceu só de pensar nisso.

– Sendo assim, sobra o amor. Então você já tem a resposta. Você *sabe* o que quer.

Matthew sorveu um gole de vinho.

– Eu quero o que não devia querer e estou louco por alguém que nunca terei para mim.

– Não estaria com medo de feri-la? – disse Hamish amavelmente. – Você já se relacionou com outras mulheres de sangue-quente e nunca feriu uma só delas.

A pesada taça de cristal caiu e espatifou-se no chão, espalhando vinho pelo tapete. Hamish viu o brilho de um caco de vidro enterrado entre o dedo indicador e o polegar do vampiro.

– Ora, Matt. Por que não me contou antes?

Matthew olhou fixamente para as próprias mãos e começou a tirar os

cacos de vidro que cintilavam entre os dedos em cor negra avermelhada pela mistura de vidro e sangue.

– Você sempre confiou demais em mim, não é?

– Quem era ela?

– Ela se chamava Eleanor. – Matthew gaguejou ao dizer o nome. Passou as costas da mão pelos olhos na tentativa de apagar a imagem do rosto da mulher em sua mente. – Eu e meu irmão estávamos brigando. Nem lembro mais do motivo da briga. Só lembro que na ocasião pensei em destruí-lo com minhas próprias mãos. Eleanor tentou me trazer à razão. E se interpôs entre nós e... – A voz do vampiro embargou. Ele apoiou a cabeça entre as mãos sem se importar em limpar os resíduos de sangue dos dedos. – Eu a amava tanto e a matei.

– Quando isso aconteceu?

Matthew abaixou as mãos e virou-as para examinar seus dedos compridos e fortes.

– Séculos. Ontem. Que importância isso tem? – disse com a peculiar indiferença vampiresca pelo tempo.

– Importa muito se você cometeu esse deslize quando era um vampiro imaturo, sem controle de seus instintos e de sua fome.

– Ah. Então também importa o fato de que matei outra mulher, Cecilia Martin, apenas um século atrás. Eu já estava longe de ser um vampiro *imaturo*. – Matthew se levantou da poltrona e se dirigiu à janela. Ele queria sair correndo pela escuridão da noite e desaparecer para fugir do horror estampado nos olhos de Hamish.

– E há mais? – perguntou Hamish com um tom cortante.

Matthew balançou a cabeça.

– Já bastam duas. Não haverá uma terceira. Jamais.

– Fale-me de Cecilia – disse Hamish, inclinando o corpo para a frente da poltrona.

– Era esposa de um banqueiro – disse Matthew com relutância. – Eu a

vi na ópera e me apaixonei. Na Paris daquele tempo, todo mundo se apaixonava pela esposa de alguém. – Traçou com o dedo o contorno de um rosto de mulher na vidraça. – Foi um desafio para mim. Eu só queria sentir o sabor dela quando entrei na casa naquela noite. Mas não consegui parar depois que comecei. E também não consegui deixar que ela morresse... ela seria minha e eu não desistiria dela. Foi difícil parar de me alimentar em tempo. *Dieu*, ela se odiou como vampira. Ela entrou numa casa em chamas antes que eu pudesse impedi-la.

Hamish franziu a testa.

– Então você não a matou, Matt. Ela se matou.

– Eu me alimentei dela até deixá-la à beira da morte, e a obriguei a beber o meu sangue e a tornei uma criatura sem o consentimento dela porque eu não passava de um egoísta apavorado – disse Matthew, furioso. – Como não a matei? Roubei a vida daquela mulher, a identidade dela, a vitalidade dela... isso é morte, Hamish.

– Por que escondeu de mim? – Hamish tentava a todo custo não se importar com aquilo que o seu melhor amigo tinha feito, mas sem êxito.

– Os vampiros também se envergonham – disse Matthew, tenso. – Eu me odiei... e era preciso... pelo que fiz com aquelas mulheres.

– Por isso mesmo você tem que parar de guardar segredos, Matt. Isso pode destruí-lo por dentro. – Hamish mediu as palavras antes de continuar. – Você não planejou matar Eleanor e Cecilia. Você não é um assassino.

Matthew apoiou as mãos na moldura branca da janela, com a testa comprimida no vidro gelado. Depois falou com um profundo amargor.

– Não, eu sou um monstro. Eleanor me perdoou. Cecilia, nunca.

– Você não é um monstro – disse Hamish, tentando levantar o ânimo do amigo.

– Talvez não seja, mas sou perigoso. – Matthew se virou para Hamish. – Especialmente para Diana. Nem Eleanor me fez sentir o que estou

sentindo agora. – A ânsia voltou só de pensar em Diana, e uma opressão se espalhou do coração ao abdômen. Ele amarrou a cara pelo esforço que fez para se controlar.

– Vamos terminar a partida – disse Hamish, de modo rude.

– Eu posso ir embora, Hamish – disse Matthew, inseguro. – Você não precisa dividir o seu teto comigo.

– Deixe de ser idiota – retrucou Hamish rapidamente. – Você não vai a lugar algum.

Matthew sentou-se à frente do tabuleiro.

– Não consigo entender que não esteja me odiando depois de ter sabido de Eleanor e Cecilia – ele comentou alguns instantes depois.

– Matt, nada que você fizesse me faria odiá-lo. Amo você como um irmão, e continuarei amando você até o meu último suspiro.

– Muito obrigado – disse o vampiro com um ar melancólico. – Tentarei não decepcioná-lo.

– Não tente, faça – disse o demônio com rispidez. – De qualquer forma, você está prestes a perder o seu bispo.

As duas criaturas retomaram a partida com dificuldade, e ao amanhecer ainda estavam jogando quando Jordan entrou com café para Hamish e uma garrafa de vinho do Porto para Matthew. O mordomo recolheu os cacos de vidro sem fazer qualquer comentário, e Hamish o mandou ir dormir.

Depois que Jordan saiu, Hamish analisou o tabuleiro e moveu uma última peça.

– Xeque-mate.

Matthew soltou um suspiro e se recostou na poltrona, com os olhos fixos no tabuleiro. Sua rainha estava cercada por suas próprias peças – peões, um cavaleiro e uma torre. No outro lado do tabuleiro, o rei estava escaqueado por um peão preto. A partida terminara, e ele perdera.

– O jogo não se limita apenas a proteger a rainha – disse Hamish. – Por

que é tão difícil se lembrar que o rei não pode ser sacrificado?

– O rei só fica ali, se movendo em um único escaque a cada vez. A rainha se move com tanta liberdade... acho melhor perder o jogo que privá-la de sua liberdade.

Hamish se perguntou se o amigo falava de xadrez ou de Diana.

– E ela vale o preço, Matthew? – disse suavemente.

– Vale – respondeu Matthew sem hesitar nem por um segundo, retirando a rainha branca do tabuleiro e mantendo-a na mão.

– Eu sei – disse Hamish. – Talvez você não concorde agora, mas você teve sorte por encontrá-la.

Os olhos do vampiro cintilaram e a boca esboçou um sorriso torto.

– Mas será que ela também teve sorte? É sorte ter uma criatura como eu atrás dela?

– Isso só depende de você. E lembre-se: nada de segredos. Não se você a ama.

Matthew olhou o rosto sereno da rainha e, de um modo protetor, fechou os dedos em torno da pequena figura esculpida.

Quando o sol nasceu, Hamish já estava dormindo, e Matthew ainda mantinha a peça na mão.



Ainda retirando o gelo deixado pelo olhar de Matthew no meu ombro, abri a porta do meu apartamento. Lá dentro a secretária eletrônica me recebeu com o número "13" piscando em vermelho. Havia mais nove mensagens de voz no meu celular. Todas eram de Sarah e refletiam uma preocupação crescente com alguma coisa que o sexto sentido dela captava em Oxford.

Sem ânimo para encarar as minhas tias videntes, abaixei o volume da secretária eletrônica, desliguei o som dos dois telefones e deitei na cama, exausta.

Na manhã seguinte, passei pela portaria para fazer a minha corrida e Fred acenou para mim com uma pilha de recados na mão.

– Eu pego depois – gritei e ele ergueu o dedo polegar em sinal de entendido.

O percurso a pé pelos caminhos de terra conhecidos que conduziam aos campos e aos limites da parte norte da cidade me ajudou a repelir tanto a culpa de não ter telefonado para as minhas tias como o rosto frio de Matthew cravado na minha nuca.

De volta ao prédio, peguei os recados e joguei tudo no lixo. Depois, protelei o inevitável telefonema para casa, ocupando-me com o ritual de fim de semana: cozinhar um ovo, preparar o chá, lavar a roupa, arrumar a papelada espalhada pela casa. Depois de ter passado a maior parte da manhã ocupada, não restava mais nada senão telefonar para Nova York. Lá ainda era cedo, mas ninguém devia estar dormindo.

– O que está acontecendo, Diana? – perguntou Sarah, sem dizer alô.

– Bom-dia, Sarah. – Eu me afundei na poltrona ao lado de uma lareira inativa e cruzei os pés sobre uma pequena estante à frente. O telefonema levaria algum tempo.

– Não é um bom dia – disse Sarah em tom azedo. – Já estamos quase loucas de tanta preocupação. O que está acontecendo?

Em pegou a extensão.

– Oi, Em – eu disse, recruzando as pernas. O telefonema levaria um *longo* tempo.

– Aquele vampiro está te incomodando? – perguntou Em ansiosa.

– Não exatamente.

– Nós sabemos que você tem passado o seu tempo com vampiros e demônios. – Minha tia explodiu de impaciência. – Você perdeu o juízo ou é alguma outra coisa muito errada?

– Eu não perdi o juízo, e não há nada de errado. – Esta última afirmação era uma mentira, cruzei os dedos e torci pelo melhor.

– Você acha mesmo que pode nos fazer de bobas? Não se pode mentir para uma bruxa! – exclamou Sarah.

– Desembucha, Diana.

O plano rolou pelo ralo.

– Deixe-a falar, Sarah – disse Em. – Já se esqueceu que concordamos que Diana é capaz de tomar decisões certas?

O silêncio que se seguiu me fez pensar que isso tinha sido o tema de alguma controvérsia.

Sarah recuperou o fôlego, mas Em se adiantou:

– Onde você esteve na noite passada?

– Na ioga. – Não havia como me esquivar do interrogatório, mas nada me impedia de ser lacônica.

– Na ioga? – repetiu Sarah, incrédula. – Por que foi fazer ioga com essas criaturas? Você sabe que é perigoso se juntar a vampiros e demônios.

– A aula foi conduzida por uma bruxa! – Fiquei indignada ao lembrar

do rosto afável e sereno de Amira.

– Essa aula de ioga foi ideia dele? – perguntou Em.

– Foi. E foi na casa de Clairmont.

Sarah emitiu um murmúrio de repulsa.

– Eu lhe disse que era ele – cochichou Em para minha tia, dirigindo-se em seguida para mim. – Eu vejo um vampiro entre você... e alguma coisa. Não sei exatamente o quê.

– E eu insisto em lhe dizer, Emily Mather, que isso é um absurdo. Vampiros não protegem bruxas. – A voz de Sarah soou crispada de certeza.

– Pois esse protege – afirmei.

– O quê? – perguntou Em enquanto Sarah soltava um grito.

– Às vezes, ele faz isso. – Mordi o lábio, sem saber como contar a história, mas depois contei. – Aconteceu uma coisa na biblioteca. Eu requisitei um manuscrito que estava enfeitiçado.

Fez-se silêncio.

– Um livro enfeitiçado. – A voz de Sarah soou empolgada e interessada. – Um grimório? – Ela era especializada em grimórios, e o seu bem mais valioso era um antigo livro de feitiços que pertencera ao longo do tempo à família Bishop.

– Acho que não – respondi. – Só as ilustrações estavam visíveis.

– E o que mais? – Minha tia sabia que, quando se trata de livros enfeitiçados, a parte visível é só o começo.

– Alguém lançou um feitiço no texto do manuscrito. O texto estava com algumas linhas esmaecidas... uma sucessão de linhas... elas se moviam sob a superfície das páginas.

A caneca de café de Sarah fez um estrondo lá em Nova York.

– Isso foi antes ou depois de Matthew Clairmont aparecer?

– Antes – sussurrei.

– E você achou que esse detalhe não tinha importância quando nos

contou que tinha conhecido um vampiro? – Sarah não se deu ao trabalho de disfarçar a raiva. – Pelo amor da Deusa, Diana, como pôde ser tão imprudente? Como era esse livro enfeitiçado? E não venha me dizer que você não sabe.

– Ele tinha um cheiro estranho. Parecia... errado. A princípio não consegui virar a capa. Então coloquei a palma da mão em cima. – Levei a mão ao peito, tentando recordar a sensação de reconhecimento que se deu entre mim e o manuscrito, no fundo esperando ver o brilho que Matthew tinha mencionado.

– E? – perguntou Sarah.

– O livro provocou um formigamento na minha mão, depois suspirou... e relaxou. Pude sentir isso atravessando o couro e as tábuas de madeira da mesa.

– E como se desembaraçou desse feitiço? Disse algumas palavras? No que estava pensando? – A curiosidade de Sarah estava a todo vapor.

– Sarah, não envolvi a feitiçaria nisso. Eu tinha que dar uma olhada no manuscrito para minha pesquisa e só coloquei a palma da mão em cima dele. – Respirei fundo. – Depois abri, fiz algumas anotações, fechei e o devolvi.

– Você o *devolveu*? – O telefone de Sarah bateu no chão com um estrondo. Estremeci e afastei o fone do ouvido, com o linguajar colorido de sua voz ainda audível.

– Diana? – disse Em, com uma voz desbotada. – Você ainda está aí?

– Estou sim – respondi de pronto.

– Diana Bishop é bem-informada. – A voz de Sarah soou com reprovação. – Como pôde devolver um objeto mágico sem conhecê-lo de cabo a rabo?

Eu tinha aprendido com minha tia a reconhecer objetos encantados e enfeitiçados... e o que fazer com eles. Não se deve tocá-los ou movê-los até que se conheça como funciona a magia. Alguns feitiços são delicados e

muitos têm mecanismos de proteção embutidos.

– E o que eu podia fazer, Sarah? – A autodefesa ecoou no meu próprio ouvido. – Recusar-me a sair da biblioteca até que você o examinasse? Era uma noite de sexta-feira. Eu queria voltar para casa.

– E o que aconteceu quando devolveu o manuscrito? – disse Sarah, em tom firme.

– A atmosfera ficou um pouco esquisita – admiti. – E por um momento a biblioteca pareceu encolher.

– Você devolveu o manuscrito e o feitiço foi reativado – vociferou Sarah novamente. – Poucas bruxas são peritas o bastante para lançar um feitiço que se reative automaticamente quando quebrado. Você não está lidando com uma amadora.

– Foi essa energia que atraiu as criaturas para Oxford – eu disse, entendendo tudo de repente. – Não foi porque abri o manuscrito. Foi porque reativei o feitiço. Sarah, essas criaturas não apareceram apenas na ioga. Lá na Bodleiana, estou sempre cercada de vampiros e demônios. Clairmont apareceu na biblioteca segunda-feira à noite para espiar o manuscrito depois que ouviu duas bruxas conversando sobre ele. Na terça-feira, a biblioteca já estava entupida de criaturas.

– E lá vamos nós outra vez – disse Sarah, com um suspiro. – Não dou um mês para que os demônios apareçam em Madison à sua procura.

– Aí deve ter bruxas em quem você possa confiar e pedir ajuda. – Em esforçou-se ao máximo para manter a voz equilibrada, mas não me passou despercebido que estava preocupada.

– As bruxas daqui... – eu hesitei – não são confiáveis. Um bruxo que vestia um sobretudo de *tweed* marrom tentou invadir a minha mente para me intimidar. E conseguiria se não fosse o Matthew.

– O vampiro se interpôs entre você e outro bruxo? – Em ficou pasma. – Isso não se faz. Não se deve interferir em assuntos de bruxos quando não se é um de nós.

– Vocês deviam agradecer! – Mesmo que eu não quisesse a orientação de Clairmont e não tivéssemos outro café da manhã, ele merecia algum crédito. – Eu não sei o que teria acontecido se o vampiro não estivesse lá. Nunca um bruxo foi tão... invasivo comigo.

– Talvez seja melhor você se afastar de Oxford por um tempo – sugeriu Em.

– Não vou sair daqui só porque há um bruxo mal-educado na cidade.

Sarah e Em cochicharam entre si, tapando o fone.

– Não estou gostando nada disso – disse minha tia por fim, com uma voz que sugeria que o mundo estava desabando. – Livros enfeitiçados? Demônios seguindo você? Vampiros levando você para fazer ioga? Bruxos ameaçando uma Bishop? Os bruxos devem passar despercebidos. Daqui a pouco os humanos estarão desconfiados, achando que está acontecendo alguma coisa.

– Você terá que ser o mais discreta possível se ficar em Oxford – afirmou Em. – E se por acaso isso se tornar inviável, não será nada demais se passar um tempo aqui até a situação esfriar. O manuscrito não está mais com você. Talvez eles percam o interesse.

Nenhuma de nós acreditou que isso fosse possível.

– Eu não vou fugir.

– Você não estaria fugindo – protestou Em.

– Estaria sim. – Eu não demonstraria um pingo sequer de covardia enquanto Matthew Clairmont estivesse por perto.

– Ele não poderá estar ao seu lado a cada minuto do dia, minha querida – disse Em desanimada, ouvindo meus pensamentos.

– Espero que não possa mesmo – disse Sarah, sombria.

– Não preciso da ajuda de Clairmont. Posso cuidar de mim sozinha – repliquei.

– Diana, esse vampiro não está protegendo você porque é bonzinho – disse Em. – Você representa algo que ele quer. E você tem que descobrir o

que é.

– Talvez ele *esteja* interessado em alquimia. Talvez só esteja entediado.

– Vampiros não se entediam – rebateu Sarah prontamente –, e menos ainda com o sangue de uma bruxa à mão.

Não havia nada a fazer quanto aos preconceitos da minha tia. Pensei em falar que naquela aula de ioga me senti gloriosamente livre do medo de outras criaturas por mais de uma hora. Mas seria como falar com paredes.

– Basta. – Mostrei firmeza. – Matthew Clairmont não se aproximará tanto assim de mim, e vocês não precisam se preocupar comigo porque não tocarei mais em manuscritos enfeitiçados. E não sairei de Oxford, ponto final.

– Tudo bem – disse Sarah. – Mas não poderemos fazer muita coisa daqui se a situação piorar.

– Sei disso, Sarah.

– E na próxima vez que pegar algum objeto mágico... por acaso ou não... comporte-se como a bruxa que você é, não como uma humana estúpida. Não ignore o fato, nem tente se convencer de que tudo não passa de imaginação. – Ignorância obstinada e rejeição ao sobrenatural estavam no topo da lista de Sarah sobre os deslizes humanos. – Trate o objeto com respeito e, se não souber o que fazer, peça ajuda.

– Prometo que farei tudo isso – eu disse rapidamente, ansiosa para desligar o telefone.

Mas Sarah ainda não estava satisfeita.

– Nunca pensei que um dia veria uma Bishop aceitar a proteção de um vampiro em vez de confiar no seu próprio poder – ela continuou. – Mamãe deve ter se virado no túmulo. Isso é o que acontece quando não se assume o que se é de verdade, Diana. Você se meteu em uma baita confusão, e isso porque teima em ignorar a sua herança. A coisa não funciona assim.

A indignação de Sarah azedou a atmosfera tão logo coloquei o telefone no gancho.

Na manhã seguinte, fiz alongamentos com exercícios de ioga por uma hora e meia, e depois preparei um bule de chá. O cheiro de baunilha e flores me reconfortou, e a dose certa de cafeína no chá me manteria desperta durante o dia sem me tirar o sono à noite. Depois da infusão das folhas, envolvi o bule de porcelana branca com uma toalha para mantê-lo aquecido e o levei até a poltrona próxima da lareira reservada para momentos de profunda reflexão.

Apaziguada pelo aroma familiar do chá, dobrei os joelhos à altura do queixo para rever a semana que terminara. Fosse qual fosse o ponto de onde começava, eu sempre retornava à última conversa com Matthew Clairmont. Meus esforços para me manter o mais afastada possível da magia não tinham realmente significado nada?

Toda vez que eu empacava nas minhas pesquisas, eu visualizava uma mesa de tampo branco vazio e brilhante e imaginava as evidências como peças de um quebra-cabeça a serem encaixadas. Isso aliviava a pressão e me dava a impressão de que era um jogo.

Agora, instalada na minha poltrona de reflexão, espalhei nessa mesa imaginária todas as peças da semana anterior – o Ashmole 782, Matthew Clairmont, a carente Agatha Wilson, o bruxo com um sobretudo de *tweed*, as minhas caminhadas de olhos fechados, as criaturas na Bodleiana, a forma com que retirei o *Notes and Queries* da estante e a turma de ioga de Amira. Identifiquei as peças brilhantes, girei-as sobre a mesa e tentei encaixá-las para formar um quadro, mas os muitos espaços vazios me impediram de ter uma imagem clara.

Nesse jogo imaginário, eu costumava retirar uma peça ao acaso e isso me ajudava a identificar o que era mais importante. Então, coloquei os dedos imaginários em cima da mesa e retirei uma peça na esperança de me deparar com o Ashmole 782.

Os olhos escuros de Matthew Clairmont me olharam de volta.

Por que aquele vampiro era tão importante?

As peças do meu quebra-cabeça começaram a se movimentar por conta própria e surgiram retalhos de imagens tão velozes que era impossível segui-las. Bati minhas mãos imaginárias na mesa e as peças interromperam a dança. Minhas mãos reais formigaram em reconhecimento.

Aquilo não era mais um simples jogo. Era como magia. E se era magia, isso queria dizer que eu fazia magia desde os meus primeiros trabalhos na escola, e depois na faculdade e depois no doutorado. Mas na minha vida não havia espaço para a magia, e me fechei resolutamente para a possibilidade de que violava as minhas próprias regras sem me dar conta disso.

No dia seguinte, cheguei ao vestíbulo da biblioteca na hora de sempre, subi as escadas e me dirigi ao canto próximo da mesa de devolução, certa de que o veria.

Clairmont não estava lá.

– Está precisando de alguma coisa? – perguntou Miriam irritada, fazendo a cadeira tombar quando se levantou.

– Onde está o professor Clairmont?

– Ele está caçando na Escócia – ela disse de má vontade.

Caçando. Engoli em seco.

– Ah. E quando volta?

– Sinceramente, não sei dra. Bishop. – Ela cruzou os braços, batendo o pé de leve.

– Achei que essa noite ele me levaria à aula de ioga na Velha Cabana – eu disse quase sem voz, tentando dar uma desculpa razoável por ter parado ali.

Miriam se virou e pegou uma bolota negra e fofa. Jogou a bolota na minha direção. Agarrei-a perto do meu quadril.

– Você deixou isso no carro na sexta-feira.

– Muito obrigada. – Meu suéter exalou um perfume de cravo e canela.

– Devia ser mais cuidadosa com suas coisas – resmungou Miriam. – Você é uma bruxa, dra. Bishop. Cuide de *si mesma* e pare de colocar Matthew em situações impossíveis.

Saí dali sem fazer um só comentário e fui pegar os manuscritos com Sean.

– Está tudo bem? – ele perguntou, com olhos carrancudos na direção de Miriam.

– Tudo na mais perfeita ordem.

Entreguei o número habitual do meu assento para ele e, notando que ainda estava preocupado, sorri calorosamente.

Quem essa Miriam pensa que é para falar comigo desse jeito? Eu estava quase fumegando quando me sentei para trabalhar.

Meus dedos coçavam como se centenas de insetos se arrastassem debaixo da minha pele. Minúsculas centelhas azuis e verdes luziam por entre os dedos, deixando traços de energia à medida que irrompiam das extremidades do meu corpo. Fechei o punho e sentei apressada em cima das mãos.

Isso *não* era nada bom. Eu e todos os membros da universidade tínhamos o compromisso de não acender fogo algum no interior da Biblioteca Bodleiana. Eu tinha treze anos na última vez que os meus dedos se comportaram dessa maneira, e os bombeiros foram chamados para apagar um incêndio na cozinha da minha casa.

Quando a sensação de queimação diminuiu, olhei em volta desconfiada e suspirei de alívio. Eu estava sozinha no Selden End. Sem plateia para a minha exibição pirotécnica. Tirei as mãos de debaixo das coxas para ver se nelas havia algum sinal de atividade sobrenatural. O azul se converteu em cinza prateado à medida que o poder se esvaiu pela ponta dos meus dedos.

Fingindo que tudo estava bem, abri a primeira caixa para verificar se não estava chamuscada. Mas hesitei em tocar no computador, temendo

que os dedos derretessem o teclado de plástico.

Não me espantei com a dificuldade que tive para me concentrar, e fiquei com o mesmo manuscrito à minha frente até a hora do almoço. Talvez um chá acalmasse o meu ânimo.

No início do ano letivo era de se esperar que o setor medieval da Duke Humfrey estivesse apinhado de leitores humanos. Mas naquele dia somente uma senhora humana examinava um manuscrito iluminado com seus óculos maravilhosos. Ela estava espremida entre um demônio desconhecido e uma das vampiras da semana anterior. Gillian Chamberlain também estava lá e me olhava feio junto a quatro bruxas, como se eu fosse desapontar toda a nossa espécie.

Passei apressada e dei uma parada na mesa de Miriam.

– Suponho que foi instruída a me seguir na hora do almoço. Você não vem?

Ela pôs o lápis na mesa, com um cuidado exagerado.

– Em seguida.

Quando alcancei a escada, ela já estava na minha frente. Apontou para uma outra saída da escada.

– É melhor descer por ali.

– Por quê? Que diferença faz?

– Faça como quiser então. – Ela deu de ombros.

Um lance abaixo, eu olhei de relance pela janelinha de vidro que dava para a sala superior de leitura, e engoli em seco.

O lugar estava abarrotado de criaturas. Elas próprias tinham se segregado. Os demônios estavam todos reunidos em volta de uma longa mesa com livros – abertos e fechados – à frente. Os vampiros estavam em outra mesa, quietos, imóveis, sem dar uma só piscadela. As bruxas pareciam estar estudando, de testas franzidas pareciam mais irritadas que concentradas, isso porque os demônios e os vampiros ocupavam as mesas mais próximas da escada.

– Não é de admirar que a gente não possa se misturar. Nenhum humano deixaria de perceber isso – observou Miriam.

– E o que faço agora? – perguntei com um suspiro.

– Nada. Matthew não está aqui – ela respondeu decidida.

– Por que eles têm tanto medo de Matthew?

– Pergunte a ele. Vampiros não contam histórias. Mas não se preocupe – ela exibiu seus dentes afiados e brancos –, isto aqui funciona perfeitamente, portanto você não tem nada a temer.

Eu desci correndo pela escada com as mãos enfiadas nos bolsos e depois me juntei aos turistas no pátio. Engoli um sanduíche e uma garrafa de água na Blackwell. Miriam cravou os olhos em mim quando me viu sair. Deixou um livro de suspense de lado e saiu atrás de mim.

– Diana – ela disse bem baixinho quando atravessamos o portal da biblioteca –, o que você vai fazer lá em cima?

– Não é da sua conta – rebati.

Ela suspirou.

De volta à Duke Humfrey, localizei o bruxo do sobretudo de *tweed* marrom. Miriam me observava do centro da nave lateral, imóvel como uma estátua.

– O senhor está no comando?

O bruxo me cumprimentou, inclinando a cabeça.

– Sou Diana Bishop. – Estendi a mão para ele.

– Peter Knox. E sei muito bem quem você é. Filha de Rebecca e Stephen. – Ele apertou levemente a minha mão. À frente dele, havia um grimório do século XIX e, ao lado, uma pilha de livros.

O nome dele me era familiar, se bem que não me lembrei de onde, e foi perturbador ouvir os nomes dos meus pais saindo da boca de um bruxo. Engoli em seco.

– Por favor, leve os seus amigos para fora da biblioteca. Os novos alunos chegam hoje e não queremos assustá-los.

– Dra. Bishop, se eu pudesse ter uma conversa reservada com você, estou certo de que chegaríamos a um acordo. – Knox ajeitou os óculos no nariz, e quanto mais perto ficava de mim, mais medo eu sentia dele. A pele dos meus dedos começou a formigar de um modo assustador.

– Não precisa ter medo de mim – ele disse, desculpando-se. – Por outro lado, daquele vampiro...

– O senhor sabe que encontrei algo que pertence às bruxas – eu o interrompi. – Mas já não está comigo. Se o senhor quer o Ashmole 782, é só ir à mesa de pedidos lá na frente.

– Você não compreende a complexidade da situação.

– Não, e *não quero* compreender. Por favor, me deixe em paz.

– Fisicamente, você é muito parecida com sua mãe. – Os olhos de Knox esquadrinharam o meu rosto. – Mas vejo que também tem muito da teimosia de Stephen.

Fui tomada pela sensação habitual de inveja e irritação de quando os bruxos se referiam aos meus pais ou à história da família – como se tivessem o mesmo direito que eu tinha.

– Posso tentar – ele continuou –, mas não controlo aqueles animais. – Ele apontou na direção da nave lateral, onde uma das irmãs vampiras olhava para nós dois com interesse.

Hesitei, mas logo caminhei na direção dela.

– Tenho certeza de que você ouviu a nossa conversa e já deve saber que estou sendo supervisionada bem de perto por dois vampiros – eu disse. – Pode ficar aqui se não dá crédito a Matthew e Miriam. Mas trate de tirar os outros da sala de leitura.

– Normalmente, as bruxas não valem um só minuto do tempo de um vampiro, mas hoje você está cheia de surpresas, Diana Bishop. Eu vou contar para a minha irmã Clarissa o que ela perdeu. – As palavras da vampira ecoaram lentas e exuberantes, indicando uma criação impecável e uma educação também impecável. Ela sorriu e seus dentes cintilaram na

penumbra do setor medieval. – Comandando o Knox... uma criança como você? Que história terei para contar!

Desviei os olhos daquela impecável figura e saí em busca de algum rosto demoníaco familiar.

O demônio que gostava de café com leite zanzava na área dos computadores com fones nos ouvidos, cantarolando baixinho o som que devia estar ouvindo e com a extremidade do fio de um dos computadores oscilando em suas coxas. Esperei que ele tirasse os fones dos ouvidos e tentei convencê-lo da seriedade da situação.

– Não vejo o menor problema em você ficar navegando aqui na internet. Acontece que estamos com um problema lá embaixo. Não preciso que um bando de demônios fique de olho em mim.

O demônio fez um muxoxo indulgente.

– Logo você saberá.

– Será que eles não podem me observar de longe? Lá do teatro Sheldonian? Do pub White Horse? – Eu tentei facilitar as coisas. – Senão os leitores humanos logo estarão fazendo perguntas.

– Nós não gostamos de você – ele disse com um ar vago.

– Isso significa que você não pode ajudar ou não quer ajudar? – Procurei não demonstrar impaciência.

– Dá tudo na mesma. Nós também queremos saber.

A situação estava insuportável.

– O que puder fazer para esvaziar aqueles lugares será muito apreciado por mim.

Miriam ainda me observava. Ignorando-a, voltei para minha mesa.

No final de um dia totalmente improdutivo, passei a mão pela testa, resmunguei algumas imprecações e guardei as minhas coisas.

Na manhã seguinte, a Bodleiana continuava apinhada como antes. Miriam

escrevia com tanto furor quando passei que nem me viu. Não havia sinal de Clairmont. Mas todos seguiam as regras claramente estabelecidas por ele, e se mantinham em silêncio fora do Selden End. Gillian estava debruçada sobre um papiro no setor medieval, onde também se encontravam as irmãs vampiras e alguns demônios. Afora Gillian, que realmente estava estudando, o resto se movimentava em perfeita respeitabilidade. E quando espiei pela porta da sala superior de leitura e também quando voltei de uma saída para o chá quente do meio da manhã, quase ninguém se voltou para me olhar. O demônio musical que gostava de café com leite foi um dos que me olharam. Acenou e piscou para mim.

Eu já tinha feito uma quantidade razoável de trabalho, mas não o bastante para compensar o dia anterior. Primeiro fiz a leitura de poemas alquímicos – os mais traiçoeiros dos textos – atribuídos a Maria, irmã de Moisés. "*Três coisas se três horas você dispensar*", lia-se em uma parte do poema, "*estão unidas ao terminar*." O significado dos versos permanecia um mistério, mas o mais provável é que indicasse uma combinação alquímica de prata, ouro e mercúrio. Será que Chris faria uma experiência a partir desse poema? Anotei os possíveis processos químicos envolvidos enquanto me perguntava.

Depois me concentrei em outro poema anônimo intitulado "Verso sobre o triplo fogo sófico", e as similaridades da sua imagética com a iluminura de uma montanha alquímica que eu tinha investigado no dia anterior, onde uns mineiros cavavam o solo em busca de metais preciosos, me pareceram inequívocas.

Nesta mina foram encontradas duas pedras do passado,
Por isso os antigos a chamaram de Solo Sagrado;
Já que conheciam seu valor, seu poder e sua extensão,
E como a natureza faz a fermentação.
Pois se com ouro ou prata você o fermentar

Tesouros escondidos há de encontrar.

Emiti um grunhido. A pesquisa se tornaria exponencialmente mais complicada se tivesse que ligá-la não apenas à arte e à ciência, mas também à arte e à poesia.

– Deve ser difícil se concentrar na pesquisa com tantos vampiros de olho em você.

Gillian Chamberlain estava em pé, ao meu lado, e seus olhos cor de avelã cintilavam uma malevolência abafada.

– O que você quer, Gillian?

– Só estou sendo amigável, Diana. Já se esqueceu de que somos irmãs? – Os cabelos negros e brilhantes de Gillian balançaram na altura do pescoço, e a maciez que mostraram sugeria que não eram atingidos por ondas de eletricidade estática. Sem dúvida o poder dela era sempre liberado. Eu estremeci.

– Não tenho irmãs, Gillian. Sou filha única.

– Isso é ótimo. Sua família já causou problemas demais. Veja o que aconteceu em Salem. Foi tudo culpa de Bridget Bishop. – O tom de Gillian não podia ser mais maldoso.

E lá vamos nós de novo, pensei, fechando o livro à frente. Como sempre, a família Bishop era um excelente tópico de conversas.

– O que está dizendo, Gillian? – eu disse com uma voz cortante. – Bridget Bishop foi considerada culpada e executada pela prática de bruxaria. Não foi ela que instigou a caça às bruxas... ela foi uma vítima dessa perseguição como muitas outras. Tanto você como as outras bruxas que estão aqui na biblioteca sabem disso.

– Bridget Bishop chamou a atenção dos humanos, primeiro com aqueles bonecos e depois com roupas provocantes e imoralidade. Se não fosse por ela, a histeria humana se dispersaria.

– Ela acabou sendo inocentada da prática de bruxaria – retruquei

irritada.

– Em 1680... mas ninguém acreditou nisso. Não depois que encontraram bonecos espetados por alfinetes e com cabeças cortadas na adega de Bridget. Sem falar que ela não fez nada para desviar as suspeitas de suas companheiras bruxas. Ela era independente demais – disse Gillian com uma voz embargada. – Foi isso que também acabou com sua mãe.

– Pare com isso, Gillian.

O ar em volta pareceu estranhamente frio e claro.

– Sua mãe e seu pai eram arredios, assim como você, e depois que se casaram acharam que não precisavam mais do apoio do conciliábulo de Cambridge. E não tiveram uma lição?

Fechei os olhos, mas não consegui apagar a imagem que tentei apagar durante a vida inteira: mamãe e papai mortos no meio de um círculo de giz em algum lugar da Nigéria, com os corpos quebrados e ensanguentados. Na época, a minha tia achou melhor não me contar os detalhes da morte, de modo que me informei na biblioteca pública. Foi lá que vi a foto e a manchete sensacionalista pela primeira vez. Depois disso, muitos anos de pesadelos.

– Não havia nada que o *coven* de Cambridge pudesse fazer para impedir o assassinato dos meus pais. Eles foram assassinados por humanos aterrorizados em outro continente. – Agarrei os braços da minha cadeira com força, esperando que ela não olhasse para os nós dos meus dedos totalmente brancos.

Gillian soltou uma risada desagradável.

– Os humanos não fizeram nada, Diana. Se o fizessem os assassinos teriam sido presos e responsabilizados pelo crime. – Ela se abaixou e quase colou o rosto no meu rosto. – Rebecca Bishop e Stephen Proctor estavam ocultando alguns segredos das bruxas. Nós tínhamos que descobrir. A morte deles foi uma infelicidade, mas necessária. Seu pai tinha mais poderes do que imaginávamos.

– Pare de falar da *minha* família e dos *meus* pais como se lhe pertencessem – alertei-a. – Eles foram assassinados por humanos. – Ecoou um rugido nos meus ouvidos e o frio em volta se intensificou.

– Tem certeza disso? – sussurrou Gillian, despejando uma onda de frio que gelou os meus ossos. – Como bruxa você sabe perfeitamente se estou mentindo ou não.

Controlei as linhas do meu rosto para não demonstrar o meu aturdimento. O que ela acabava de dizer sobre os meus pais não podia ser verdade, mesmo assim não soou dentro de mim nenhum dos alarmes típicos e sutis que soavam quando as bruxas mentiam entre si – fagulha de raiva, sensação avassaladora de desrespeito.

– Da próxima vez que virar as costas quando for convidada para um *coven,* pense no que aconteceu com Bridget e com seus pais – murmurou com os lábios tão próximos da minha orelha que a minha pele podia sentir o hálito dela. – Nenhuma bruxa deve esconder segredos de outra bruxa. Acontecem coisas ruins quando se faz isso.

Gillian se empertigou e me olhou fixamente por alguns instantes, e a comichão no meu corpo aumentou à medida que ela me olhava. Fixei os olhos no manuscrito, recusando-me a encará-la.

Depois ela saiu e a temperatura ambiente voltou ao normal. Quando as batidas do meu coração e os rugidos nos meus ouvidos se aquietaram, guardei as minhas coisas com as mãos trêmulas, querendo voltar imediatamente para o meu apartamento.

Tratei de sair da biblioteca sem nenhum incidente, evitando o olhar cortante de Miriam. Se Gillian estava certa, era a inveja das bruxas que eu devia temer e não o medo dos humanos. E a simples menção aos poderes ocultos do meu pai trouxe alguma coisa à minha mente que me escapava quando eu tentava fixá-la para poder enxergar com mais clareza.

Cheguei na New College e Fred acenou da portaria com a correspondência. Um envelope cor de creme volumoso e elegante estava em

cima de uma pilha.

Era um recado do diretor da faculdade, convidando-me para um drinque antes do jantar.

Já no meu apartamento, pensei em telefonar e dizer para a secretária dele que estava doente para escapar do convite. Eu estava com a cabeça rodopiando e não poderia beber um único gole de xerez.

No entanto, a faculdade tinha sido muito gentil comigo quando lhe requisitei um lugar para ficar. O mínimo que eu poderia fazer era expressar pessoalmente a minha gratidão. Com o senso de obrigação profissional suplantando a ansiedade trazida por Gillian, me agarrei na identidade intelectual como um náufrago se agarra em uma corda e resolvi aceitar e agradecer pessoalmente.

Troquei de roupa, saí em direção à residência do diretor e lá toquei a campainha. Um funcionário da faculdade abriu a porta e me fez entrar, conduzindo-me à sala de visita.

– Olá, dra. Bishop. – Os olhos azuis e enrugados nos cantos de Nicholas Marsh, e seus cabelos brancos como a neve e suas bochechas redondas e rosadas o faziam parecer um Papai Noel.

Sorri reconfortada pela acolhida e escudada pelo dever profissional.

– Professor Marsh. – Apertei a mão que ele estendeu. – Muito obrigada pelo convite.

– Temo que o convite tenha atrasado. Eu estava na Itália, você deve saber.

– Sim, o tesoureiro me disse.

– Então ele já me desculpou por tê-la negligenciado por tanto tempo – ele disse. – Espero compensar isso apresentando um velho amigo meu que ficará alguns dias aqui em Oxford. É um autor renomado que escreve sobre assuntos que podem lhe interessar.

Marsh se colocou de lado e entrevi uma espessa cabeleira castanha e levemente grisalha e a manga de um sobretudo de *tweed*. Paralisei confusa.

– Quero que conheça Peter Knox – disse o diretor, pegando-me delicadamente pelo braço. – Ele conhece o seu trabalho.

Lá estava o bruxo. Finalmente me dei conta de onde o conhecia. Knox era citado na matéria do jornal sobre os vampiros assassinos. Ele era o especialista requisitado pela polícia para analisar as estranhas características dos assassinatos. Meus dedos começaram a coçar.

– Dra. Bishop – disse Knox, estendendo a mão. – Eu a tenho visto na Bodleiana.

– Sim, acredito que sim. – Estendi a mão e me senti aliviada quando vi que ela não soltava faíscas. Apertamos as mãos o mais rapidamente possível.

A mão direita de Knox estremeceu ligeiramente, os ossos e a pele se contraíram e descontraíram de maneira imperceptível para os humanos. Isso me fez lembrar da minha infância, quando as mãos de mamãe se moviam do mesmo jeito para fazer panquecas e lavar roupa. Fechei os olhos e me preparei para uma efusão de magia.

O telefone tocou.

– Infelizmente, terei que atender – Marsh se desculpou. – Sentem-se, por favor.

Sentei o mais longe possível de Knox, numa cadeira de madeira geralmente reservada aos membros menos importantes da faculdade.

Permanecemos em silêncio enquanto Marsh murmurava ao telefone, visivelmente aborrecido. Ele apertou um botão no consolo e depois se aproximou de mim com um copo de xerez na mão.

– É o vice-reitor. Dois calouros sumiram – disse com o jargão universitário para designar novos alunos. – Fiquem conversando aqui enquanto cuido desse assunto no meu gabinete. Por favor, desculpem-me, preciso me retirar.

Portas se abriram e se fecharam ao longe enquanto vozes abafadas discutiam no saguão, e depois se fez silêncio.

– Alunos desaparecidos? – eu disse suavemente. Talvez Knox tivesse engendrado o incidente e o telefonema para que Marsh se retirasse.

– É incompreensível, dra. Bishop – murmurou Knox. – Parece que a universidade não foi feliz ao colocar dois jovens em lugares errados. Mas isso nos dá uma chance para conversarmos a sós.

– E sobre o que conversaremos? – Inalei o xerez, rezando pela volta do diretor.

– Sobre coisas importantes.

Olhei na direção da porta.

– Nicholas estará bem ocupado até terminarmos nossa conversa.

– Então vamos logo ao que interessa antes que o diretor volte para o drinque.

– Como quiser – disse Knox. – Dra. Bishop, o que a trouxe a Oxford?

– Alquimia. – Se a única forma de trazer Marsh de volta para a sala era respondendo às perguntas daquele homem, eu responderia, porém não mais que o necessário.

– Você deve estar ciente de que o Ashmole 782 estava enfeitiçado. Você não deixaria de perceber isso, mesmo que só tivesse uma gota de sangue Bishop nas veias. Por que o devolveu? – Ele me olhou com olhos castanhos e cortantes. Ele queria o manuscrito tanto quanto Matthew... se é que não o queria ainda mais.

– Fiz o meu trabalho e o entreguei. – Foi difícil sustentar a minha voz.

– E nada chamou sua atenção no manuscrito?

– Nada.

A boca de Knox fez um traço disforme. Ele sabia que eu estava mentindo.

– Compartilhou suas observações com o vampiro?

– Suponho que o senhor esteja se referindo ao professor Clairmont.

Quando alguma criatura se recusava a citar o nome de outra, isso era uma forma de demonstrar repulsa por outra espécie.

As mãos de Knox se agitaram outra vez. Achei que seriam apontadas para mim, mas ele as deixou nos braços da poltrona.

– Todos nós respeitamos a sua família e tudo pelo que você passou. Apesar disso, surgiram muitos comentários sobre o relacionamento inortodoxo que você tem com essa criatura. Você está traindo os seus ancestrais com esse tipo de atitude. E precisa parar com isso.

– O professor Clairmont é um colega acadêmico – desviei a conversa de minha família – e não sei nada sobre o manuscrito. Ficou muito pouco tempo em minhas mãos. Claro que reparei que estava enfeitiçado. Mas não me importei com isso porque o havia requisitado para estudar o conteúdo.

– Faz mais de um século que esse vampiro está atrás desse livro – disse Knox, com uma voz malévola. – Ele não pode pegar esse livro.

– Por quê? – Tentei dissimular a raiva. – Por que o livro pertence aos bruxos? Vampiros e demônios não são capazes de encantar um objeto? Uma bruxa enfeitiçou esse livro e agora ele está guardado e ainda enfeitiçado. O que o preocupa?

– O que me preocupa é algo que ultrapassa a sua compreensão, dra. Bishop.

– Eu tenho certeza de que posso aguentar, *sr*. Knox.

Knox apertou os lábios com desprazer quando enfatizei sua condição de não acadêmico. Cada vez que se referia ao meu título acadêmico, ele o fazia com formalidade zombeteira, como se estivesse mostrando que o especialista era ele, não eu. Embora eu não fizesse uso do meu poder e não conjurasse a minha essência perdida, deixar que aquele bruxo me esnobasse seria demais da conta.

– A minha preocupação é que você, uma Bishop, esteja se associando a um vampiro. – Ele ergueu a mão quando tentei esboçar um protesto. – Vamos evitar insultos com inverdades. Em vez de você sentir um asco natural por aquele animal, o que você sente é gratidão.

Continuei em silêncio, fervendo por dentro.

– E minha preocupação é que estamos perigosamente próximos de chamar a atenção dos humanos – ele acrescentou.

– Eu tentei afastar as criaturas lá da biblioteca.

– Ah, sim, mas o problema não é apenas a biblioteca, não é mesmo? Um vampiro tem deixado cadáveres com o sangue drenado em Westminster. E com isso os demônios estão mais agitados do que nunca, vulneráveis à própria loucura e aos fluxos da energia humana como nunca estiveram. E nenhum de nós pode ser notado.

– O senhor mesmo disse aos repórteres que não havia nada de sobrenatural nessas mortes.

Knox me olhou com incredulidade.

– Você acha que eu poderia dizer tudo para os *humanos*?

– Na verdade, acho, já que estão lhe pagando pelo trabalho.

– Além de descuidada, você é tola. Isso me surpreende, dra. Bishop. Seu pai era conhecido pelo bom-senso que tinha.

– Olhe, eu tive um dia cansativo. Isso é tudo? – Levantei abruptamente e me encaminhei para a porta. Estava sendo difícil ouvir alguém que não fosse Sarah e Em falando dos meus pais, mesmo em circunstâncias normais. Àquela altura, depois de ter ouvido as revelações de Gillian, o assunto era quase obsceno.

– Não, não é tudo – disse Knox mal-humorado. – O que mais me intriga agora é saber como uma bruxa ignorante e despreparada conseguiu quebrar um feitiço que tem desafiado os esforços de adeptos muito mais experientes do que você jamais será.

– Então é por isso que o senhor tem me espionado. – Sentei novamente, batendo de costas nas ripas do encosto da cadeira.

– Não se vanglorie, mocinha – ele disse de modo rude. – Talvez o seu sucesso tenha sido por acaso... uma reação típica de aniversário, relacionada com a data em que o feitiço foi lançado. Às vezes, a passagem do tempo interfere na feitiçaria, e os aniversários são momentos

particularmente voláteis. Se você ainda não tentou evocá-lo outra vez, garanto que se tentar não será tão fácil quanto na primeira vez.

– E a celebração seria de qual aniversário?

– O sesquicentenário.

Fiquei me perguntando sobre o que tinha levado uma bruxa a enfeitiçar um manuscrito. Claro que alguém estaria por trás dele durante aqueles anos todos. Empalideci.

Tudo nos levava de volta a Matthew Clairmont e seu interesse pelo Ashmole 782.

– Você *está* pretendendo continuar, não está? Então, da próxima vez que estiver com o seu vampiro, pergunte o que ele estava fazendo no outono de 1859. Duvido que ele diga a verdade, mas talvez deixe escapar o bastante para você tirar suas próprias conclusões.

– Estou cansada. Por que o senhor não me diz, de bruxo para bruxa, qual é o *seu* interesse no Ashmole 782?

Eu já sabia qual era o interesse dos demônios pelo manuscrito. E até Matthew tinha se explicado de alguma forma. A fascinação de Knox pelo livro era então a peça do quebra-cabeça que estava faltando.

– Esse manuscrito nos pertence – ele disse com veemência. – Somos as únicas criaturas que podem compreendê-lo e guardar os segredos nele contidos.

– *O que há nesse manuscrito?* – perguntei já perdendo a paciência.

– Feitiços jamais imaginados. Encantamentos que podem trazer a união ao mundo. – O rosto de Knox se fez sonhador. – O segredo da imortalidade. Como as bruxas fizeram o primeiro demônio. Como os vampiros podem ser destruídos de uma vez por todas. – Ele cravou os olhos nos meus olhos. – Esse manuscrito é a fonte de todo o nosso poder, passado e presente. E não pode cair nas mãos nem dos demônios nem dos vampiros... e nem dos humanos.

Sobrecarregada pelos acontecimentos do final da tarde, tive que juntar

os joelhos para que não tremessem.

– Ninguém colocaria tantas informações em um único livro.

– A primeira bruxa colocou – retrucou Knox. – E no decorrer do tempo, os filhos e as filhas dela também. Diana, esse manuscrito é a nossa história. Claro que você quer protegê-lo de olhos curiosos.

Marsh entrou na sala com ar de quem tinha estado escutando atrás da porta. A tensão sufocava, mas ele não pareceu se dar conta disso.

– Tanto palavrório para nada. – O diretor balançou a sua cabeça branca. – Os calouros se apossaram ilegalmente de um barco. Já foram localizados, bêbados debaixo de uma ponte e muito felizes com a situação. Um bom tema para um romance.

– Que bom – murmurei. Os relógios marcavam quarenta e cinco minutos a mais do planejado e me levantei. – Já é tão tarde assim? Eu tenho um compromisso para um jantar.

– Não vai jantar conosco? – perguntou o diretor, de testa franzida. – Peter estava querendo tanto conversar com você sobre alquimia.

– Nossos caminhos se cruzarão novamente. Logo, logo – disse Knox amavelmente. – Minha visita foi de surpresa, e é claro que a dra. Bishop tem coisa melhor a fazer do que jantar com dois velhos.

Cuidado com Matthew Clairmont. A voz de Knox ecoou dentro da minha cabeça. *Ele é um assassino.*

Marsh sorriu.

– Sim, é claro. Espero vê-la de novo... depois que os calouros estiverem bem instalados.

Pergunte o que ele sabe de 1859. Veja se ele divide os segredos dele com uma bruxa.

Se o senhor sabe, já não é mais um segredo. Knox se mostrou surpreso quando respondi da mesma forma o aviso que ele acabara de me dar mentalmente. Era a sexta vez que me valia da magia naquele ano, e seguramente dessa vez sob circunstâncias extenuantes.

– Será um prazer, diretor. E agradeço outra vez pela hospedagem que me deu na faculdade este ano. – Cumprimentei o bruxo com uma reverência. – Muito prazer, sr. Knox.

Saí apressada da residência oficial do diretor rumo à clausura do meu velho refúgio e passei por entre as colunas para estabilizar a pulsação do meu coração. Minha cabeça se ocupava com uma única pergunta: o que fazer depois de ter sofrido ameaças de uma bruxa e um bruxo – meu próprio povo – em uma única tarde. Um súbito lampejo me trouxe a resposta.

Já no apartamento, revirei a bolsa até encontrar o cartão de Clairmont e disquei o primeiro número.

Ele não atendeu.

Depois que uma voz robótica assinalou que estava pronta para a mensagem, eu disse:

– Matthew, sou eu, Diana. Desculpe-me por incomodá-lo fora da cidade. – Respirei fundo, tentando dispersar a culpa pela decisão de não falar de Gillian e dos meus pais para Clairmont, mas apenas de Knox. – Nós precisamos conversar. Aconteceu uma coisa. É aquele bruxo da biblioteca. O nome dele é Peter Knox. Se ouvir esta mensagem, por favor, me telefone.

Eu tinha assegurado a Sarah e Em que nenhum vampiro se meteria na minha vida. Mas Gillian Chamberlain e Peter Knox acabaram me fazendo mudar de ideia. Fechei as cortinas e tranquei a porta com as mãos trêmulas, lamentando por ter sabido do Ashmole 782.



Foi impossível dormir naquela noite. Fiquei no sofá e depois na cama, e sempre com o telefone ao lado. Nem o bule cheio de chá nem a pilha de e-mails tiraram os acontecimentos do dia de minha cabeça. A hipótese de que teriam sido os bruxos que assassinaram os meus pais estava além do meu entendimento. Deixei de lado esses pensamentos e me voltei para o intrigante feitiço do Ashmole 782 e o interesse que Knox demonstrava pelo manuscrito.

Depois que amanheceu, sem que eu tivesse conseguido dormir, tomei um banho e me vesti. O hábito de tomar o café da manhã nunca me pareceu tão insosso. Em vez de comer, fiquei plantada perto da minha porta, esperando a biblioteca abrir. Depois percorri a curta distância até lá e sentei no meu lugar habitual. O celular estava no meu bolso, preparado para vibrar a qualquer chamada, se bem que eu odiava quando os celulares dos outros vibravam e os faziam cochichar em meio ao silêncio.

Lá pelas dez e meia, Peter Knox entrou e sentou-se na extremidade oposta da sala. Dando a entender que devolveria um manuscrito, saí em direção ao balcão para ver se Miriam estava na biblioteca. Ela estava – e muito zangada.

– Não me diga que aquele bruxo se sentou ali.

– Sentou, sim. E fica de olhos grudados em mim enquanto estou trabalhando.

– Eu gostaria de ser grandalhona – disse Miriam, franzindo o cenho.

– De um jeito ou de outro, acho que será necessário muito mais que tamanho para deter aquela criatura. – Dei um sorriso torto.

Matthew entrou no Selden End sem nenhum ruído de aviso, sem nenhum retalho de gelo anunciando a sua chegada. Em vez disso, flocos de neve desceram pelos meus cabelos até os ombros e as costas, como se ele estivesse verificando rapidamente para ver se eu estava inteira.

Eu me agarrei na mesa à minha frente. Por um momento não pensei em me virar, achando que fosse Miriam. E quando me virei e me deparei com Matthew, meu coração deu um salto.

Mas o vampiro não estava olhando para mim. Ele estava encarando Peter Knox com uma expressão de fúria.

– Matthew – eu disse suavemente, enquanto me levantava.

Ele tirou os olhos de cima do bruxo e voltou-se para mim. Franzi a testa, preocupada com toda aquela fúria, e ele me tranquilizou com um sorriso.

– Achei que estava havendo alguma confusão por aqui.

Ele ficou tão perto de mim que o frio daquele corpo era como uma refrescante brisa de um dia de verão.

– Nada com que não pudéssemos lidar – retruquei com serenidade, referindo-me a Peter Knox.

– Será que a nossa conversa pode esperar até o final do dia? – ele perguntou, alisando uma protuberância no peito acentuada pelas fibras macias do suéter. Fiquei curiosa com o que poderia estar debaixo do suéter, colado ao coração dele. – Podemos ir à ioga.

Embora eu não tivesse dormido, uma silenciosa viagem de uma hora e meia de carro até Woodstock acompanhada de meditações me pareceu perfeita.

– Seria maravilhoso. – Fui sincera.

– Quer que eu fique trabalhando aqui do seu lado? – ele perguntou, curvando-se em cima de mim e exalando um aroma tão forte que me deixou tonta.

– Não é necessário – respondi com convicção.

– Se mudar de ideia, me avise. De qualquer forma nos encontramos às seis horas na frente da Hertford. – Os olhos de Matthew capturaram os meus olhos por alguns segundos. Depois ele olhou furiosamente na direção de Peter Knox e foi para o lugar dele.

Quando passei pela mesa de Matthew a caminho do almoço, ele tossiu. Miriam largou o lápis com irritação e juntou-se a mim. Knox não me seguiria até a Blackwell. Matthew se incumbiria disso.

Nunca uma tarde me pareceu tão interminável, e tive que fazer força para me manter acordada. Ali pelas cinco horas eu já estava mais do que pronta para sair da biblioteca. Knox permaneceu no Selden End, junto a um grupo variado de humanos. Matthew me acompanhou até o primeiro andar e voltei radiante para o meu apartamento, onde troquei de roupa e peguei a esteira de ioga. Eu já estava esperando quando ele estacionou o carro em frente às grades de ferro da Hertford.

– Você está adiantada – ele observou com um sorriso enquanto pegava a minha esteira para guardá-la no porta-malas. Respirou fundo quando me ajudou a entrar no carro, e me perguntei que mensagens ele estaria recebendo do meu corpo.

– Nós precisamos conversar.

– Não há pressa. Primeiro vamos sair de Oxford. – Ele fechou a porta do meu lado e contornou o carro para assumir o banco do motorista.

O tráfego na Woodstock Road estava terrível devido ao afluxo de alunos e professores. Matthew costurou habilmente por entre os carros para sair do congestionamento.

– Como foi na Escócia? – perguntei quando ultrapassamos os limites da cidade sem me importar com a resposta, contanto que o fizesse falar.

Ele me deu uma olhada e voltou os olhos para a estrada.

– Ótimo.

– Miriam disse que você estava caçando.

Ele soltou um suspiro e levou a mão à protuberância sob o suéter.

– Ela não devia ter falado.

– Por quê?

– Porque algumas coisas não devem ser discutidas entre criaturas diferentes. – Ele se mostrou ligeiramente impaciente. – Por acaso as bruxas contam para criaturas diferentes delas o que aconteceu depois de quatro dias fazendo feitiços e cozinhando morcegos?

– Bruxas não cozinham morcegos! – rebati indignada.

– A questão continua sendo a mesma.

– Você estava sozinho? – perguntei.

Ele levou algum tempo para responder.

– Não.

– Eu também não fiquei sozinha em Oxford – comentei. – As criaturas...

– Miriam já me contou. – Ele apertou as mãos no volante. – Nunca teria saído de Oxford se soubesse que aquele bruxo que a importunou era Peter Knox.

– Você estava certo. – Reconheci a verdade de supetão antes de começar a falar de Knox. – Eu nunca me afastei realmente da magia. Eu sempre fiz magia sem perceber que estava fazendo isso. Ela está presente em tudo. Já venho me enganando há muito tempo. – As palavras jorraram da minha boca. Ele continuou concentrado na direção. – Eu estou assustada.

Matthew tocou meu joelho com sua mão gelada.

– Eu sei.

– O que posso fazer? – sussurrei.

– Acharemos uma solução – ele disse com um ar sereno enquanto cruzava o portão da Velha Cabana. Observou-me com atenção quando chegamos ao pátio circular no final da ladeira. – Você parece cansada. Quer mesmo fazer ioga?

Assenti com a cabeça.

Ele saiu do carro e abriu a porta para mim. Dessa vez, não me ajudou a sair, preferiu tirar as esteiras de dentro do porta-malas e carregá-las.

Alguns membros da turma passaram e lançaram olhares curiosos em nossa direção.

Depois que todos entraram, só restamos nós dois no pátio. Ele me olhava como se estivesse travando uma batalha interior. Fiquei preocupada e levantei a cabeça para olhar nos olhos dele. Eu só tinha reconhecido que nunca soube o quanto estava envolvida com a magia. O que havia de tão horrível para que ele não quisesse me contar?

– Fiquei na Escócia com Hamish Osborne, um velho amigo meu – ele disse por fim.

– O queridinho da mídia para concorrer ao Parlamento e ser o ministro das Finanças? – perguntei admirada.

– Hamish não disputará uma vaga ao Parlamento – disse Matthew secamente, ajustando a correia da bolsa onde estava o material de ioga.

– Então ele *é mesmo* gay! – comentei, lembrando de um noticiário noturno a que tinha assistido recentemente na televisão.

Matthew olhou para mim envergonhado.

– É sim. E o mais importante, ele é um demônio.

Eu não sabia muito sobre o mundo das criaturas, mas sabia que a elas era interdito participar da política e da religião dos humanos.

– Ah. Carreira financeira e demônios são incompatíveis – eu disse e parei para pensar um pouco. – Mas isso explica por que ele é tão bom na administração do dinheiro dos outros.

– Ele é bom em administrar coisas. – Fez-se um longo silêncio sem que Matthew fizesse menção de se dirigir à porta. – Eu precisava sair daqui e caçar.

Olhei para ele aturdida.

– Você esqueceu o seu suéter no meu carro – ele disse isso como se fosse uma explicação.

– Miriam já devolveu.

– Sei disso. Eu não podia ficar com ele. Sabe por quê?

Balancei a cabeça em negativa, e ele suspirou e disse um palavrão em francês.

– O meu carro ficou impregnado com o seu perfume, Diana. Eu tinha que sair de Oxford.

– Ainda não entendi – admiti.

– Eu não conseguia parar de pensar em você. – Ele passou a mão nos cabelos, olhando para o chão do pátio.

Meu coração bateu descompassado, reduzindo o fluxo sanguíneo e a minha capacidade de pensar. Por fim, acabei entendendo.

– Você está com medo de me ferir? – Eu sentia um medo natural de vampiros, mas Matthew me parecia diferente.

– Sei lá – ele disse com um tom de aviso e um olhar desconfiado.

– Então não teve nada a ver com o que aconteceu na sexta-feira à noite. – Respirei aliviada.

– Não, não teve nada a ver com aquilo.

– Vocês dois vão entrar ou vão fazer ioga aí no pátio? – disse Amira da porta de entrada.

Durante os exercícios trocamos alguns olhares quando não estávamos sendo observados. A sinceridade da nossa primeira troca de informações alterava o rumo das coisas. Nós dois tentávamos imaginar o que aconteceria dali em diante.

No final da aula, Matthew tirou o suéter pela cabeça e algo prateado e cintilante chamou a minha atenção. Era um objeto preso ao pescoço por um delgado fio de couro. Justamente naquele ponto debaixo do suéter onde ele tocava com insistência, como se fosse um talismã.

– O que é isso? – Apontei.

– Um lembrete. – Ele foi lacônico.

– De quê?

– Do poder de destruição da ira.

Peter Knox me aconselhara a ter cuidado com Matthew.

– É um emblema de peregrino? – O formato do pingente me fez lembrar de outro que eu tinha visto no Museu Britânico. Ele parecia antigo.

Matthew assentiu e puxou o cordão para fora. O pingente balançou no ar e cintilou com a luz que incidia sobre ele.

– É uma âmbula de Betânia.

Tinha o formato de um caixão onde caberiam algumas gotas de água benta.

– Lázaro – eu balbuciei observando o caixão. Foi em Betânia que Cristo ressuscitou Lázaro. Embora educada no paganismo, eu sabia por que os cristãos faziam peregrinações. Faziam isso para expiar os próprios pecados.

Matthew recolocou a âmbula debaixo do suéter para tirá-la dos olhos das criaturas que ainda sairiam da sala.

Depois de nos despedirmos de Amira, continuamos no lado de fora da Velha Cabana, respirando o ar fresco do outono. Estava escuro, apesar dos holofotes que iluminavam os tijolinhos da casa.

– Já está se sentindo melhor? – Matthew interrompeu os meus pensamentos. Balancei a cabeça. – Então conte o que houve.

– É o manuscrito. Knox o quer. E Agatha Wilson, uma criatura que conheci na Blackwell, disse que os demônios também o querem. E você também. Mas o Ashmole 782 está enfeitiçado.

– Eu sei – ele disse.

Uma coruja branca bateu asas e voou em nossa direção. Fiquei encolhida de braços erguidos para me proteger, convencida de que a coruja me atacaria com o bico e as garras. Mas depois ela perdeu o interesse e saiu voando na direção dos carvalhos que ladeavam o caminho.

Meu coração disparou e uma súbita onda de pânico me invadiu. Matthew abriu a porta do banco traseiro do Jaguar sem dizer nada e me fez sentar com a cabeça para o lado de fora.

– Abaixe a cabeça e respire – disse, agachando no chão de cascalhos e

apoiando as mãos nos meus joelhos.

Não havia nada no meu estômago além de água – a bílis emergiu, chegou à garganta e me sufocou. Eu tapei a boca e tive convulsões de vômito. Matthew se curvou e ajeitou uma mecha dos meus cabelos atrás da minha orelha com dedos suaves e frios.

– Você está a salvo – disse.

– Desculpe-me. – Limpei a boca com a mão quando a náusea se abrandou. – Entrei em pânico depois que estive com Knox ontem à noite.

– Vamos caminhar um pouco?

– Não – respondi abruptamente. O parque era muito grande e muito escuro, e minhas pernas bambas pareciam de borracha.

Matthew me esquadrinhou com olhos argutos.

– Vou levá-la para casa. O resto da conversa pode esperar.

Ele me pegou pela mão, me fez sair do banco traseiro e me fez entrar no banco dianteiro. Fiquei de olhos fechados enquanto ele entrava no carro. Ficamos em silêncio por alguns segundos e depois ele girou a chave de ignição. O motor do Jaguar rugiu de imediato.

– Isso acontece sempre? – ele perguntou em tom casual.

– Não, graças a Deus. Era frequente quando eu era criança, mas depois foi melhorando. Foi só um excesso de adrenalina.

Ele olhou para minhas mãos quando afastei os cabelos da face.

– Sei – disse, desengatando o freio de mão e dando partida no carro.

– Você consegue farejar isso?

Ele balançou a cabeça.

– Farejei o pânico quando você me disse que sempre fez magia sem se dar conta de nada. É por isso que você se exercita tanto... corrida, remo, ioga?

– Eu não gosto de tomar remédios. Eu me sinto como se estivesse dopada.

– Os exercícios devem ser mais eficazes.

– Dessa vez o pânico não fez nenhum dos seus truques – murmurei, pensando na última eletrificação das minhas mãos.

Ele saiu dos domínios da Velha Cabana e pegou a estrada. Enquanto ele se concentrava na direção, eu era gentilmente embalada pelo suave movimento do carro.

– Por que me telefonou? – A pergunta repentina interrompeu os meus devaneios.

– Por causa de Knox e do Ashmole 782 – respondi com uma nova onda de pânico se insinuando diante da súbita mudança de humor de Matthew.

– Já sei disso. O que eu quero saber é por que você *me* chamou. Você deve ter amigos bruxos e humanos que podem ajudá-la.

– Não é bem assim. Nenhum dos meus amigos humanos sabe que eu sou bruxa. Eu perderia muito tempo explicando essa outra realidade do nosso mundo... isso se eles esperassem esse tempo todo até que eu terminasse de falar. Não tenho amigas bruxas nem amigos bruxos, e não posso envolver minhas tias nessa situação. Elas não têm nada a ver com a minha estúpida ideia de devolver um manuscrito por não o ter compreendido. – Mordi os lábios. – Eu não devia ter telefonado pra você?

– Não sei, Diana. Na sexta-feira, você mesma disse que vampiros e bruxas não podiam ser amigos.

– Na sexta, eu falei um monte de coisas pra você.

Matthew ficou em silêncio, desviando a atenção para as curvas da estrada.

– Já não sei o que pensar. – Dei uma pausa e pesei cuidadosamente o que diria em seguida. – Mas uma coisa eu sei. Prefiro muito mais compartilhar a biblioteca com você do que com Peter Knox.

– Os vampiros não são inteiramente confiáveis... não quando há sangue-quente por perto. – Ele cravou os olhos em mim por um breve e frio momento.

– Sangue-quente? – repeti com um ar intrigado.

– Humanos, bruxos, demônios... enfim, qualquer um que não seja vampiro.

– Prefiro me arriscar a ser mordida por você a permitir que Knox invada o meu cérebro em busca de informações.

– Ele tentou fazer isso? – A voz de Matthew soou de um modo sereno, mas com uma promessa de violência.

– Não foi nada – apressei-me em dizer. – Ele só me alertou sobre você.

– E fez certo. Ninguém pode ser aquilo que não é, por mais que se esforce para isso. Você não devia romancear os vampiros. Knox não errou em relação a mim, mesmo que não tenha boas intenções.

– Não gosto que ninguém se intrometa com meus amigos, principalmente uma pessoa intolerante como Knox. – Meus dedos comicharam, à medida que a minha raiva aumentou, e tive que esconder as mãos debaixo das coxas.

– É isso que somos então? Amigos? – disse Matthew.

– Acho que sim. Amigos trocam verdades entre si, mesmo quando isso é difícil. – Desconcertada pelo rumo que a conversa tomou, desviei a atenção para os fiapos do meu suéter.

– Os vampiros não são particularmente bons em amizades – ele voltou a se zangar.

– Olhe, se você quer que o deixe em paz...

– É claro que não – ele me interrompeu. – É que os relacionamentos com vampiros... são complicados. Muitas vezes somos protetores... até mesmo possessivos. Talvez você não goste disso.

– Agora um pouco de proteção me soa como um bálsamo.

Os olhos de Matthew assumiram um ar de crua vulnerabilidade depois da minha resposta.

– Vou lembrá-la disso quando você começar a reclamar. – Ele trocou o olhar de crua vulnerabilidade por uma desengonçada alegria.

Seguimos pela Holywell Street até os portões arqueados do meu prédio.

Fred olhou rapidamente para o carro com um sorriso escancarado, e depois assumiu um ar ligeiramente discreto. Enquanto Matthew saía para abrir a minha porta, tratei de ver se não tinha deixado nada dentro do carro – nem que fosse um elástico de cabelo – para que ele não retornasse à Escócia.

– Mas em tudo isso existe alguma coisa a mais que Peter Knox e o manuscrito – eu disse quando ele estendeu a minha esteira. Pelo ar que ele assumiu, podia-se dizer que nenhuma criatura jamais se aproximaria de mim vindo de onde viesse.

– Isso pode esperar, Diana. Não se preocupe. Knox não vai se aproximar tanto de você outra vez – ele disse com uma voz sinistra, enquanto tocava a âmbula debaixo do suéter.

Nós precisávamos de um tempo juntos – longe da biblioteca, e a sós.

– Podemos jantar aqui amanhã? – perguntei baixinho. – Nós poderíamos conversar sobre o que aconteceu.

Matthew paralisou atordoado, e com algo a mais que não consegui identificar. Ele fez um círculo com os dedos em torno do emblema do peregrino escondido sob o suéter e isso o relaxou.

– Eu adoraria – disse bem devagar.

– Ótimo. – Sorri. – Que tal às sete e meia?

Ele balançou a cabeça com um sorriso tímido. Eu já tinha dado dois passos quando lembrei de algo que precisava ser resolvido antes da noite do dia seguinte.

– O que você come? – sussurrei ruborizada.

– Eu sou onívoro – disse Matthew com o rosto iluminado por um sorriso que fez o meu coração dar um pulo.

– Sete e meia, então. – Virei de costas, rindo daquela resposta desastrada. – Ah, uma outra coisa... – Eu me voltei novamente para ele. – Deixe Miriam com seu próprio trabalho. Eu realmente posso cuidar de mim.

– Ela já me disse isso – ele disse, dirigindo-se para o carro. – Vou pensar no assunto. Mas amanhã você me encontrará na Duke Humfrey, como de costume.

Matthew entrou no carro e, quando me viu no mesmo lugar, abaixou o vidro da janela.

– Não sairei daqui até que você desapareça da minha vista – disse, olhando-me com um ar de reprovação.

– Vampiros – resmunguei, balançando a cabeça pelas maneiras antiquadas dele.



Nada em minha experiência culinária ensinava como preparar um jantar para um convidado vampiro.

Passei a maior parte do dia na biblioteca em busca de receitas de pratos crus enquanto os manuscritos jaziam abandonados em minha mesa. Matthew tinha dito que era onívoro, mas isso não era possível. O mais provável é que um vampiro cuja dieta consistia em sangue preferisse alimentos crus. Mas sem dúvida a educação o faria ingerir tudo que lhe fosse oferecido.

Após uma gigantesca pesquisa gastronômica, saí da biblioteca ao meio-dia. Matthew cuidara sozinho da Fortaleza Bishop, o que deve ter agradado a Miriam. Não havia sinal de Peter Knox nem de Gillian Chamberlain em nenhum canto da Duke Humfrey, o que me deixou muito feliz. Até Matthew se mostrou de bom humor quando atravessei a sala para devolver os manuscritos.

Passei pela cúpula da Câmara Radcliffe, onde os estudantes liam, e pelos muros medievais da Jesus College em direção ao mercado para fazer compras. Fiz uma primeira parada no açougue com uma lista na mão para comprar carne de veado fresca e carne de coelho, e depois na peixaria para comprar salmão escocês.

Será que os vampiros comem verduras?

Peguei o celular e liguei para o departamento de zoologia a fim de conhecer os hábitos alimentares dos lobos. Eles me perguntaram qual era o tipo de lobo. Eu já tinha visto os lobos cinzentos durante uma excursão ao zoológico de Boston e, como essa era a cor favorita de Matthew, essa

também foi a minha resposta. Depois de tagarelar uma lista interminável dos "alimentos preferidos" dos mamíferos, a voz entediada do outro lado da linha acrescentou que eles também se alimentavam de nozes e de sementes e frutinhas vermelhas como amoras, framboesas e morangos.

– Mas é melhor não alimentá-los! – disse a voz por fim. – Eles não são bichinhos domésticos!

– Muito obrigada pelo conselho – agradeci reprimindo o riso.

Com um pedido de desculpas, o quitandeiro me vendeu as últimas groselhas do verão anterior e uma porção de morangos silvestres perfumados. Um saquinho de castanhas também encontrou guarida na minha sacola de compras.

Depois fui à loja de vinhos, onde fiquei à mercê de um viticultor evangelizador que me perguntou se "o cavalheiro conhecia vinhos". Foi o bastante para me fazer girar como um parafuso. O homem avaliou o meu aturdimento e ofereceu uma garrafa de vinho francês e outra de vinho alemão por um preço que pagaria o resgate de um rei. Depois ele me colocou dentro de um táxi para que eu me recuperasse durante o caminho de volta para casa.

Entrei no meu apartamento e recolhi os papéis espalhados em cima de uma velha mesa do século XVIII que servia como escrivaninha e mesa de jantar, e arrastei-a para perto da lareira. Caprichei na arrumação da mesa, colocando a porcelana antiga, a prataria que estava no armário da cozinha e as pesadas taças de cristal que provavelmente eram as últimas remanescentes de um conjunto eduardiano que um dia ocupara a sala dos professores. Minhas leais amigas cozinheiras me abasteceram com uma pilha de tecidos de mesa de linho branco composta de uma toalha e alguns guardanapos. Estendi a toalha na mesa, dispus dois guardanapos dobrados ao lado dos talheres de prata e com os outros guardanapos cobri a grande bandeja de madeira que levaria as coisas da cozinha para a sala.

Comecei a preparar o jantar e logo ficou claro que cozinhar para um

vampiro não exigia muito tempo. Na verdade, o que se *cozinha* é quase nada.

Ali pelas sete horas, as velas estavam acesas e a refeição estava pronta, salvo o que seria feito no último momento, e já era hora de me arrumar.

Nenhuma peça no meu guarda-roupa estampava "para jantar com um vampiro". Não havia outro jeito, eu vestiria um terninho ou a roupa que tinha usado no encontro com o diretor para jantar com Matthew. Eu dispunha de uma espantosa quantidade de calças e *leggings* pretas com diferentes tipos de tecelagem, mas a maioria estava manchada de chá ou de graxa de barco, ou as duas coisas. Acabei encontrando uma calça preta novinha que mais parecia um pijama, mas que tinha um pouco mais de estilo. Vesti a calça.

Corri até o banheiro apenas de sutiã e calça, e passei um pente no meu cabelo cor de palha à altura do ombro. Estava rebelde e embaraçado nas pontas, e eriçava a cada toque do pente. Pensei em fazer chapinha, mas eu tinha pouco tempo e ainda estaria na metade do cabelo quando Matthew chegasse. E eu sabia que ele chegaria exatamente na hora marcada.

Enquanto escovava os dentes, resolvi que a única maneira de deixar o meu cabelo apresentável seria puxá-lo para trás e fazer um coque. Um penteado que tornava o meu queixo e o meu nariz mais pontudos, mas que realçava as maçãs do rosto e impedia que as mechas caíssem nos olhos por onde tinham gravitado na última semana. Prendi o coque com grampos e um deles caiu na mesma hora. Suspirei.

O rosto da minha mãe me olhava do outro lado do espelho. Lembrei de como ela ficava linda quando se sentava para jantar, e de como realçava os cílios e as sobrancelhas e de como sorria de um jeito diferente com uma boca carnuda para mim e o meu pai. O relógio eliminou a possibilidade de me submeter à mesma transformação com a ajuda de cosméticos. Só restavam três minutos para encontrar uma blusa, pois do contrário receberia Matthew Clairmont, o renomado professor de bioquímica e

neurociência, de calça e sutiã.

O armário apresentou duas alternativas, uma preta e outra azul-marinho. A blusa azul-marinho estava limpa, o que era um fator determinante a seu favor. E também tinha uma gola que descia com um decote em V. As mangas eram relativamente apertadas e terminavam em longos punhos engomados ligeiramente brilhantes que desciam até o meio da mão. Eu estava acabando de colocar os brincos quando ouvi batidas à porta.

Meu coração disparou com as batidas, como se eu fosse receber um namorado. Reprimi esse pensamento na mesma hora.

Abri a porta e lá estava Matthew, alto e ereto como um príncipe de contos de fadas. Quebrando os próprios hábitos, ele estava todo de preto e isso o deixava ainda mais charmoso – e mais vampiro.

Ele esperou pacientemente no saguão enquanto era observado por mim.

– Meu Deus, onde estão os meus modos? Por favor, entre, Matthew. Esse é o convite formal adequado para você entrar? – Eu tinha visto algo parecido na TV ou tinha lido em algum livro.

Ele esboçou um sorriso com os lábios.

– É melhor esquecer de quase tudo que conhece dos vampiros, Diana. Isso é apenas uma polidez rotineira. Eu não seria barrado por um obstáculo místico entre mim e uma linda donzela.

Ele teve que abaixar um pouco a cabeça para passar pela porta. Trazia uma garrafa de vinho e um buquê de rosas brancas.

– São para você – disse com um olhar de aprovação enquanto estendia as flores para mim. – Onde posso colocar isso até a hora da sobremesa? – acrescentou, olhando para a garrafa.

– Muito obrigada, adoro rosas. Que tal colocar no peitoril da janela? – sugeri antes de ir à cozinha para apanhar um vaso. Segundo o mordomo que servia vinho nos aposentos dos professores e tinha estado horas antes no meu apartamento, um dos vasos onde eu colocava flores era na verdade

o decantador que eu havia solicitado.

– Perfeito – disse Matthew.

Quando voltei com as flores, ele estava percorrendo a sala e admirando as gravuras.

– Até que essas gravuras não são ruins – disse, enquanto eu colocava as flores em cima de um gaveteiro napoleônico.

– A maioria retrata cenas de caça.

– Isso não me passou despercebido. – Ele pareceu contente. Ruborizei, embaraçada.

– Já está com fome? – De repente esqueci completamente das entradas e dos drinques que devem ser servidos antes do jantar.

– Eu gostaria de comer alguma coisa – respondeu o vampiro com um sorriso.

Fui de novo à cozinha e tirei dois pratos da geladeira. No prato de abertura, salmão defumado salpicado de folhas picadas de endro fresco e ladeado por uma pequena pilha artisticamente arrumada de alcaparras e pepino em conserva, que poderiam ser uma simples guarnição se os vampiros não se alimentassem de legumes e verduras.

Quando retornei com a comida, Matthew estava ao lado da poltrona mais distante da cozinha. O vinho branco alemão estava no descanso de prata alto onde eu sempre guardava dinheiro para troco e que na verdade era um amparador de vinho, segundo o mordomo que tinha me ajudado com o decantador. Matthew sentou-se enquanto eu tirava a rolha da garrafa do vinho alemão. Servi o vinho em duas taças sem derramar uma só gota e me juntei a Matthew.

Meu convidado levou a taça de vinho ao seu nariz aquilino e se manteve em absoluta concentração. Esperei que ele terminasse o que estava fazendo ao mesmo tempo em que me perguntava sobre o número de receptores que os vampiros teriam no nariz e se seriam muito diferentes dos cães.

Eu realmente não sabia muita coisa sobre os vampiros.

– Excelente – ele disse por fim, abrindo os olhos e sorrindo para mim.

– Eu não escolhi o vinho – retruquei rapidamente, estendendo o guardanapo no meu colo. – O homem da loja de vinhos escolheu para mim; portanto, se não for bom, a responsabilidade não é minha.

– É um excelente vinho – ele repetiu. – E este salmão está com uma cara maravilhosa.

Matthew pegou os talheres e espetou um pedaço de salmão com o garfo. Eu o observei discretamente para ver se ele realmente comia ao mesmo tempo em que pegava um pouquinho de picles, uma alcaparra e um pouquinho de salmão com meu garfo.

– Você não come como uma americana – ele comentou depois de um gole de vinho.

– É mesmo – concordei, olhando o garfo na minha mão esquerda e a faca, na direita. – Talvez porque tenha passado muito tempo na Inglaterra. Você gosta mesmo de comer isso? – Acabei fazendo a pergunta, sem poder contê-la por mais tempo.

Ele riu.

– Sim, gosto de salmão defumado.

– Mas você não come de tudo – insisti, desviando os olhos para o meu próprio prato.

– Não – ele admitiu –, mas como pouco de quase tudo. Os alimentos não têm muito gosto para mim, a menos que estejam crus.

– Isso é estranho, considerando que os sentidos dos vampiros são muito apurados. Achei que todos os alimentos seriam saborosos. – Meu salmão estava com o mesmo gosto límpido e fresco da água gelada.

Ele pegou a taça e fixou o olhar no dourado descorado do vinho.

– O vinho é saboroso. Para os vampiros nenhum alimento é saboroso quando muito cozido.

Revi com alívio o cardápio que havia preparado.

– Se a comida não é saborosa, por que sempre me convida para comer?

– perguntei.

Os olhos de Matthew passearam pelo meu rosto e meus olhos e se cravaram na minha boca.

– É mais fácil ficar do seu lado quando você está comendo. O cheiro de comida me dá náusea.

Olhei para ele, surpreendida e atordoada.

– Eu não sinto fome quando estou nauseado – ele acrescentou exasperado.

– Ah! – As peças se encaixaram. Eu já sabia que ele gostava do meu cheiro. Pelo visto o meu cheiro o deixava faminto.

Eu devo ter ficado vermelha como um pimentão.

– Achei que você conhecia essa característica dos vampiros – ele se mostrou mais gentil –, e que tinha me convidado para jantar justamente por isso.

Balancei a cabeça enquanto me servia de mais salmão.

– Talvez os humanos conheçam muito mais sobre os vampiros que eu. Desde criança aprendi com tia Sarah a suspeitar deles, isso por conta dos preconceitos dela. Em relação à dieta, por exemplo, ela era bem clara. Dizia que os vampiros se alimentam exclusivamente de sangue por uma questão de sobrevivência. Mas isso é uma inverdade, não é?

Os olhos de Mathhew se estreitaram, e de repente a voz dele soou como gelo.

– Claro. Você precisa de água para sobreviver. Mas é só isso que você bebe?

– Eu não devia estar puxando esse assunto, não é? – Minhas perguntas o estavam irritando. Enlacei os meus pés nos pés da cadeira e me dei conta de que estava sem sapatos. Eu o tinha recebido descalça.

– Talvez você não possa evitar a curiosidade – ele disse depois de refletir sobre as minhas palavras por algum tempo. – Gosto de vinho e posso comer... de preferência alimentos crus, ou algo frio e sem cheiro.

– Mas a comida e o vinho não o alimentam – arrisquei. – Você se alimenta de sangue... de todo tipo de sangue. – Ele se encolheu. – E você não precisa esperar lá fora até ser convidado para entrar na minha casa. O que mais de errado eu sei sobre os vampiros?

O rosto de Matthew assumiu um ar de extrema paciência. Ele se recostou na cadeira com a taça de vinho na mão. Fiquei um pouco mais ereta e me estiquei sobre a mesa para lhe servir mais vinho. Se o estava dobrando com perguntas, poderia também dobrá-lo com vinho. Inclinada sobre as velas quase ateei fogo na minha blusa. Ele agarrou a garrafa de vinho.

– Que tal eu mesmo fazer isso? – Serviu-se e encheu a minha taça antes da minha resposta. – Grande parte das coisas que você sabe de mim... dos vampiros... é imaginação dos humanos. São lendas para que eles possam conviver conosco. Eles se apavoram com as criaturas. E note que não me refiro apenas aos vampiros.

– Chapéus pontudos e negros, morcegos, vassouras – mencionei a trindade profana do folclore da feitiçaria, um folclore que todo ano tem o seu ridículo apogeu no *Halloween*.

– Pois é. – Ele balançou a cabeça. – Há sempre um pouco de verdade em alguma parte dessas histórias, em alguma parte que deixou os humanos assustados e os ajudou a negar a realidade da nossa existência. A característica mais notável dos humanos é o poder da negação. Eu tenho força e vida longa, você tem habilidades sobrenaturais, os demônios têm uma criatividade avassaladora. Os humanos podem se convencer de que o alto é baixo e de que o branco é preto. Esse é o dom especial deles.

– O que há de verdadeiro nessa história de que o vampiro não pode entrar sem ser convidado? – Depois de tê-lo pressionado em relação à dieta, concentrei-me nos protocolos de entrada.

– Os humanos convivem conosco o tempo todo. E só se recusam a reconhecer a nossa existência porque não fazemos sentido no mundo

limitado em que eles vivem. E uma vez que nos permitem entrar... quer dizer, quando eles se dão conta de quem realmente somos... nós então entramos para ficar, como qualquer outro que você convida para entrar na sua casa e depois não consegue mais se livrar dele. Se nos deixam entrar, jamais poderão nos ignorar.

– Então é mais ou menos como a história da luz do sol – eu disse devagar. – Não é que vocês não possam se expor à luz do sol, o fato é que quando vocês se expõem à luz do sol os humanos não podem mais ignorá-los. Para não admiti-los como companheiros de viagem, os humanos preferem se convencer de que vocês não sobrevivem à luz.

Matthew assentiu outra vez.

– Claro que eles arranjam formas de nos ignorar. Não podemos ficar dentro da casa até à noite. Mas fazemos mais sentido para os humanos depois da meia-noite... e isso também vale para você. Repare como você é olhada pelos outros quando entra em algum lugar ou anda na rua.

Eu me vi com minha aparência comum e olhei para Matthew em dúvida. Ele soltou um risinho.

– Eu sei que não acredita em mim. Mas é verdade. Os humanos ficam atordoados quando veem uma criatura em plena luz do dia. Nós somos demais para eles... muito altos, muito fortes, muito seguros, muito criativos, muito poderosos, muito diferentes. Eles passam o dia inteiro tentando encaixar os nossos pinos quadrados nos buracos redondos deles. De noite é mais fácil nos descartar como meros estranhos.

Levantei-me e retirei os pratos da mesa, feliz por ver que ele tinha comido tudo, menos a guarnição. Ele pôs mais vinho alemão em sua taça enquanto eu tirava mais dois pratos da geladeira. Com fatias de carne de veado crua caprichosamente arrumadas e tão finas que o açougueiro chegou a dizer que se podia ler o *Oxford Mail* por entre elas. Se os vampiros não gostavam de legumes verdes, será que ele gostaria de beterraba e queijo? No centro do prato, eu tinha colocado fatias de

beterraba cobertas de queijo parmesão ralado.

Coloquei no centro da mesa um decantador bojudo com vinho tinto que chamou a atenção de Matthew de imediato.

– Posso? – ele perguntou, sem dúvida lembrando de minha reputação na faculdade. Pegou o decantador, verteu um pouco de vinho nas duas taças e depois levou a taça ao nariz.

– Côte-Rôtie – disse, com satisfação. – Um dos meus favoritos.

Olhei para o decantador cheio de vinho.

– Você consegue identificar apenas pelo cheiro?

Ele riu.

– Algumas histórias sobre os vampiros são verdadeiras. Eu tenho um olfato muito aguçado... e uma visão e uma audição excelentes. Mas até os humanos poderiam dizer que este é um Côte-Rôtie. – Fechou os olhos outra vez. – Safra de 2003?

Fiquei de queixo caído.

– Exato! – Assistir àquilo era melhor que assistir a um programa de perguntas e respostas na TV. O rótulo da garrafa exibia uma pequena coroa. – Seu nariz pode identificar quem o fabricou?

– Sim, mas isso porque andei pelos campos onde essas uvas foram cultivadas – ele confessou constrangido, como se pego ao pregar uma peça.

– Você pode identificar o cheiro da terra nesse vinho? – Levei a taça ao meu nariz e me senti aliviada por sentir que já não tinha cheiro de esterco de cavalo.

– De quando em quando me lembro dos cheiros que já senti. Mas isso talvez por vaidade – ele disse com um ar tristonho. – De qualquer forma, os aromas trazem de volta intensas lembranças. Ainda lembro como se fosse hoje da primeira vez que senti o cheiro de chocolate.

– Sério? – Debrucei-me sobre a mesa.

– Foi no ano de 1615. A guerra ainda não tinha começado e o rei da França estava casado com uma princesa espanhola de quem ninguém

gostava... principalmente o rei. – Ele sorriu retribuindo o meu sorriso, se bem que com os olhos fixos em alguma imagem distante. – Essa princesa levou o chocolate para Paris. Era tão amargo e decadente quanto o pecado. Bebíamos o cacau ao natural, misturado à água sem açúcar.

Eu ri.

– Parece horrível. Graças a Deus alguém imaginou que o chocolate merecia ser doce.

– Deve ter sido um humano. Os vampiros o preferiam amargo e puro.

Pegamos os garfos e começamos a comer carne de veado.

– Um pouco mais de comida escocesa. – Apontei para a carne com a faca.

Matthew mastigou um pedaço.

– Veado vermelho. Pelo sabor, um macho jovem das montanhas da Escócia.

Balancei a cabeça, tomada pela admiração.

– Como já lhe disse – ele acrescentou –, algumas histórias são verdadeiras.

– E você pode voar? – perguntei, sabendo a resposta.

Ele bufou.

– É claro que não. Deixamos isso para as bruxas, já que vocês conseguem dominar os elementos. Mas somos fortes e rápidos. Os vampiros correm e saltam com tal velocidade que os humanos pensam que podemos voar. E também somos eficientes.

– Eficientes? – Abaixei o garfo, na dúvida se tinha ou não gostado da carne de veado.

– Nossos corpos não desperdiçam energia e, quando nossos movimentos exigem uma grande quantidade de energia, nós a temos de sobra.

– Vocês não respiram muito – comentei ao sabor de um gole de vinho, lembrando da ioga.

– Não – ele disse. – Nosso coração não bate com muita frequência. E

não precisamos comer com frequência. Nós temos uma temperatura fria, uma característica que desacelera grande parte dos processos corporais e também explica por que vivemos por tanto tempo.

– A história do caixão! Vocês não são de dormir muito, mas quando dormem, dormem como mortos!

Ele abriu um sorriso.

– Vejo que você está pegando o espírito da coisa.

O prato de Matthew já estaria vazio se não fosse pelas beterrabas, e o meu também estaria vazio se não fosse pela carne de veado. Retirei os segundos pratos da mesa e pedi para que ele servisse mais vinho. O prato principal era a única parte do jantar a ser servido quente, mas não muito. Uma coisa bizarra que se parecia com biscoito e era feita de castanha em pó já estava pronta. Eu só precisava tostar levemente a carne de coelho. A receita incluía alecrim, alho e aipo. Deixei de lado o alho. O cheiro de alho podia ser devastador para o olfato apurado de um vampiro – *essa* lenda não deixava de ter alguma verdade. E também descartei o aipo. Definitivamente, os vampiros não gostavam de legumes e verduras. Os temperos aromáticos vinham a calhar, então mantive o alecrim e salpiquei uma pitada de pimenta-do-reino em pó enquanto a carne de coelho tostava na panela.

Deixei a carne de Matthew malpassada e fritei um pouco mais a minha para tirar o gosto da carne de veado da minha boca. Arranjei os alimentos nos pratos de forma artística e os levei para a mesa.

– Este foi ao fogo, mas por pouco tempo.

– Você está fazendo algum tipo de teste com isso? – Matthew franziu a testa.

– De jeito nenhum – respondi de pronto. – É que não estou acostumada a receber vampiros.

– Só de ouvir isso me sinto aliviado – ele murmurou enquanto farejava a carne de coelho. – Que cheiro delicioso. – Inclinou-se sobre prato e o calor

da carne de coelho ampliou o peculiar aroma de cravo e canela dele. Depois tirou uma lasca do biscoito de castanhas com o garfo. Arregalou os olhos e mastigou com vontade. – Castanhas?

– Apenas castanhas e azeite e um tiquinho de bicarbonato.

– E sal. E água, alecrim e pimenta-do-reino – ele acrescentou calmamente enquanto pegava um outro pedaço do biscoito.

– Considerando as suas restrições alimentares, você deve mesmo identificar o que coloca na boca – rebati em tom de brincadeira.

A carne já estava quase no fim quando comecei a relaxar. Trocamos algumas ideias a respeito de Oxford enquanto eu tirava os pratos e trazia queijo, frutas vermelhas e castanhas assadas para a mesa.

– Sirva-se. – Coloquei o prato à frente dele.

Mathhew saboreou o aroma dos pequenos morangos silvestres e suspirou de felicidade quando pegou uma castanha.

– Elas são melhores quentes – comentou, enquanto quebrava a casca dura da castanha com a mão, e com tanta facilidade que a castanha pulou para fora da casca. Com um vampiro à mesa o quebra-nozes pendurado na beira do recipiente das castanhas era então apenas um equipamento opcional.

– Meu cheiro lembra o quê? – perguntei entretida com a haste da taça de vinho.

Por um momento ele deu a impressão de que não responderia. O silêncio se estendeu até que ele se voltou para mim com olhos melancólicos. Em seguida fechou os olhos e inspirou profundamente.

– Você cheira a seiva de salgueiro. E a camomila recém-pisada. – Ele inspirou novamente e abriu um sorriso tímido e tristonho. – Você também cheira a madressilva e a folhas outonais de carvalho – disse suavemente, voltando a inspirar –, e também lembra botões de hamamélis e os primeiros narcisos da primavera. Sem falar que me faz lembrar de coisas antigas... marroio branco, mirra, alquemila. Aromas que eu achava que já

tinha esquecido.

Os olhos de Matthew foram se abrindo aos poucos, e olhei no fundo daqueles olhos acinzentados com medo de respirar e quebrar o feitiço que aquelas palavras tinham lançado.

– E eu? – ele perguntou, olhando fixamente nos meus olhos.

– Canela. – Minha voz hesitou. – E cravos-da-índia. Às vezes acho que você cheira a cravos... não esses cravos que são encontrados nas floriculturas, mas aqueles cravos antigos que florescem nos jardins das casas de campo inglesas.

– Cravos rosa – ele disse, abrindo um sorriso que enrugou o canto dos olhos. – Nada mau para uma bruxa.

Coloquei uma castanha na palma da mão, rolando-a de mão a mão para aquecer os meus braços subitamente gelados.

Matthew reclinou-se outra vez na cadeira, examinando o meu rosto com olhos tremeluzentes.

– Como você decidiu o que serviria no jantar desta noite? – Apontou para as frutas vermelhas e as castanhas à mesa.

– Bem, o que posso dizer é que a magia está fora disso. O departamento de zoologia me ajudou bastante – expliquei.

Ele se mostrou surpreso e depois soltou uma risada.

– Você perguntou ao departamento de zoologia o que devia preparar para mim?

– Não exatamente. – Me coloquei na defensiva. – Peguei algumas receitas de alimentos crus na internet, mas não sabia o que comprar. Por isso telefonei para lá e eles me disseram o que os lobos cinzentos comiam.

Matthew balançou a cabeça com incredulidade, mas continuou sorrindo e fez a minha irritação passar.

– Obrigado – disse. – Já faz muito tempo que ninguém prepara uma refeição para mim.

– De nada. O vinho é que foi difícil.

Os olhos de Matthew brilharam.

– E por falar em vinho – disse, levantando-se e dobrando o guardanapo –, eu trouxe algo para bebermos depois do jantar.

Pediu-me para trazer mais duas taças da cozinha. Quando voltei, uma garrafa retorcida e velha estava à mesa. Exibia um rótulo creme esmaecido escrito à mão com uma pequena coroa gravada. Matthew manejou o saca-rolha com todo cuidado porque a rolha da garrafa se tornara quebradiça e negra com o tempo.

Ele puxou a rolha com as narinas dilatadas e a cara confiante de um gato com um apetitoso canário preso às garras. O vinho verteu da garrafa com a consistência de um xarope e uma cor dourada cintilou à luz das velas.

– Sinta o cheiro – ele estendeu uma das taças –, e diga o que acha.

Inalei e suspirei.

– Cheira a caramelo e a frutas vermelhas – eu disse me perguntando como uma coisa amarela como aquela podia cheirar a vermelho.

Matthew me observou atentamente, interessado nas minhas reações.

– Tome um gole – sugeriu.

Os doces sabores do vinho explodiram dentro da minha boca. O creme de baunilha e damasco que as cozinheiras faziam desceu pela minha língua, reteve o gosto na minha boca e continuou formigando por um bom tempo depois que o engoli. Foi como beber magia.

– O que é isso? – perguntei quando o sabor do vinho se foi.

– É um vinho feito de uvas colhidas há muito, muito tempo. Naquele verão quente e ensolarado, os agricultores temeram que as chuvas que estavam a caminho pudessem arruinar a plantação. Mas o clima se manteve, e eles colheram as uvas antes que o clima mudasse.

– Chego a sentir o gosto dos raios de sol – comentei e ganhei em troca um outro sorriso maravilhoso.

– Durante a colheita, um cometa brilhou sobre as vinhas. Fazia meses

que era observado pelos astrônomos, mas em outubro o cometa brilhou tanto que quase se podia ler à luz dele. Os agricultores viram nisso um sinal de que as uvas eram abençoadas.

– Isso aconteceu em 1986? Era o cometa Halley?

Matthew balançou a cabeça.

– Não. Isso aconteceu em 1811.

Olhei com assombro para aquele vinho de quase duzentos anos na minha taça, com medo de que evaporasse na frente dos meus olhos.

– O cometa Halley passou pela Terra em 1759 e em 1835. – Matthew pronunciou o nome do cometa com um sotaque antigo.

– Onde você conseguiu esse vinho?

A loja de vinhos nas imediações da estação de trem não tinha um vinho como aquele.

– Eu o comprei de Antoine-Marie tão logo ele me disse que seria um vinho extraordinário – ele disse contente.

Girei a garrafa e olhei o rótulo. Château Yquem. Até eu tinha ouvido falar dessa marca.

– E o tem guardado desde então?

Matthew tinha bebido chocolate na Paris de 1615, e recebido uma permissão de construção de Henrique VIII em 1536 – é claro que podia ter comprado o vinho em 1811. E também havia a âmbula que usava num cordão.

– Matthew – eu disse bem devagar, atenta a um eventual sinal de raiva. – Quantos anos você tem?

Ele crispou os lábios, mas manteve uma voz suave.

– Sou mais velho do que aparento.

– Sei disso. – Esforcei-me para conter a impaciência.

– Por que a minha idade é importante?

– Eu sou uma historiadora. Se alguém me diz que ainda se lembra de quando o chocolate foi introduzido na França ou de um cometa que

passou em 1811, é difícil não sentir curiosidade por outros eventos que esse alguém possa ter vivido. Você estava vivo em 1536... vi a data na casa que você construiu. Você conheceu Maquiavel? Estava vivo durante a Peste Negra? Frequentou a Universidade de Paris quando Abelardo dava aula lá?

Ele ficou em silêncio. Os pelos da minha nuca se arrepiaram.

– Seu emblema de peregrino me diz que você esteve na Terra Santa. Você também esteve nas cruzadas? Viu o cometa Halley passar sobre a Normandia em 1066?

Silêncio.

– Assistiu à coroação de Carlos Magno? Sobreviveu à queda de Cartago? Ajudou Roma a se proteger de Átila?

Matthew ergueu o dedo indicador direito.

– Qual queda de Cartago?

– Diga você!

– Maldito Hamish Osborne – ele resmungou entre dentes, flexionando a mão sobre a toalha de mesa. Pela segunda vez em dois dias ele lutava com as palavras. Fixou os olhos na vela e lentamente passou o dedo pela chama. A pele do dedo ficou tomada de pústulas vermelhas, depois abrandou por um instante e em seguida reassumiu uma branca e fria perfeição, tudo isso sem um único lampejo de dor na face.

– Acredito que o meu corpo tenha aproximadamente trinta e sete anos de idade. Nasci ali por volta da época em que Clóvis se converteu ao cristianismo. Eu não saberia se meus pais não se lembrassem disso. Naquele tempo, não se comemoravam aniversários. Fica mais organizado pegar um período de quinhentos anos e lidar com isso. – Olhou para mim por um breve instante e olhou novamente para as velas. – Renasci como vampiro em 537, e com exceção de Átila, que viveu antes do meu tempo, você mencionou a maioria dos altos e baixos do milênio que antecedeu o ano em que coloquei a placa na minha casa em Woodstock. Como você é uma historiadora, sinto-me na obrigação de dizer que Maquiavel estava

longe do brilho que todos veem nele. Ele era um político florentino... e não dos melhores. – O tom da voz transpareceu cansaço.

Matthew Clairmont tinha mais de mil e quinhentos anos de idade.

– Eu não devia ter perguntado – desculpei-me sem saber para onde olhar e me perguntando sobre o que me fizera pensar que conheceria melhor aquele vampiro se conhecesse os fatos históricos presenciados por ele. Um verso de Ben Johnson passou pela minha cabeça. Um verso que talvez explicasse Matthew de um jeito que a coroação de Carlos Magno não explicava.

– *Ele não tinha idade, mas tinha todo o tempo!* – murmurei.

– *Conversando convosco, esqueço do tempo* – ele rebateu, viajando pela literatura do século XVII com um verso de Milton.

Olhamos um para o outro por um longo tempo, aproveitando a fragilidade de um outro feitiço erguido entre nós. E fui eu que o quebrei quando desviei os olhos.

– O que você estava fazendo no outono de 1859?

O rosto dele sombreou.

– O que Peter Knox lhe disse?

– Disse que dificilmente você dividiria os seus segredos com uma bruxa. – Minha voz soou mais calma do que realmente eu estava.

– Ele disse isso? – O tom da voz de Matthew soou suave e menos zangado do que realmente ele estava. Isso era visível na mandíbula e nos ombros. – Em setembro de 1859, eu folheei alguns manuscritos do Museu Ashmoleano.

– Matthew, por quê?

Por favor, diz pra mim, roguei por dentro, cruzando as mãos no meu colo. Eu o tinha instigado a revelar a primeira parte do segredo dele, mas queria que ele dissesse o resto por vontade própria. *Sem jogos, sem charadas. Só me diga.*

– Eu tinha acabado de ler os originais de um livro que seria editado logo

depois. Um livro escrito por um naturalista de Cambridge. – Ele colocou a taça na mesa.

Tapei a minha boca, surpreendida pela importância da data registrada.

– *Origem*.

Tal como a *Principia*, a grande obra de Newton, esse era outro livro que não exigia uma citação completa. Qualquer um que tivesse passado pelas aulas de biologia no segundo grau conhecia *Origem das espécies,* de Darwin.

– Darwin já tinha escrito um artigo no verão anterior que revelava a teoria da seleção natural, mas o livro era completamente diferente. Era um livro maravilhoso, a simplicidade com que Darwin descrevia as mudanças que ocorriam na natureza o levava a aceitar aquela visão revolucionária.

– Mas a alquimia não tem nada a ver com a evolução. – Agarrei a garrafa e me servi daquele precioso vinho, sem levar em conta que poderia acabar e me deixar grogue.

– Lamarck acreditava que as diferentes espécies descendiam de diferentes ancestrais, e que elas progrediam de maneira independente para formas mais elevadas do ser. Isso é extraordinariamente similar a tudo que os seus alquimistas acreditavam... que a pedra filosofal seria o indefinível produto final de uma transmutação natural de metais básicos em metais mais nobres como o cobre, a prata e o ouro. – Matthew esticou-se para pegar o vinho e lhe estendi a garrafa.

– Mas Darwin discordou de Lamarck, apesar de também ter usado a palavra "transmutação" nas suas exposições iniciais sobre a evolução.

– Ele discordou da transmutação linear, isto é verdade. Mas a teoria de Darwin sobre a seleção natural ainda pode ser vista como uma série de transmutações ligadas.

Talvez a magia estivesse presente em tudo, como dizia Matthew. Ela estava presente na teoria da gravidade de Newton e também poderia estar na teoria da evolução de Darwin.

– Existem manuscritos alquímicos pelo mundo inteiro. – Tentei permanecer presa aos detalhes enquanto assimilava o todo. – Por que os manuscritos de Ashmole?

– Quando li Darwin, notei que ele explorava a teoria da transmutação alquímica e lembrei de tudo que tinha ouvido sobre um livro que explicava a origem das três espécies de criaturas: demônios, vampiros e bruxas. Para mim, não passavam de histórias fantásticas descartáveis. – Ele tomou um gole de vinho. – Elas insinuavam que um livro de alquimia ocultava a explicação dos olhos humanos. A publicação do livro de Darwin me fez sair à procura daquele outro livro que teria sido comprado por Elias Ashmole, caso de fato existisse. Era um homem conhecido pela rara habilidade de encontrar manuscritos bizarros.

– Você o procurou aqui em Oxford cento e cinquenta anos atrás?

– Sim – disse Matthew. – E cento e cinquenta anos depois, quando já considerava o Ashmole 782 perdido, você o encontrou.

Meu coração acelerou e ele me olhou levemente preocupado.

– Continue. – Fiz um gesto para que prosseguisse.

– Desde aquele tempo, eu venho tentando pôr as minhas mãos nesse manuscrito. Não encontrei nada de promissor em meio a todos os manuscritos de Ashmole. Investiguei outros manuscritos em outras bibliotecas como a de Herzog August, na Alemanha, a Biblioteca Nacional, na França, a Biblioteca Medici, em Florença, a Biblioteca do Vaticano e até a Biblioteca do Congresso, nos Estados Unidos.

Fiquei espantada e pisquei os olhos com a imagem de um vampiro percorrendo os corredores do Vaticano.

– O Ashmole 782 foi o único manuscrito que não encontrei. Por um simples processo de eliminação, concluí que era o manuscrito que continha a tal história... se é que a tal história ainda está nele.

– Você já examinou muito mais manuscritos do que eu.

– Talvez – disse Matthew –, mas isso não significa que os compreendi

mais do que você. De qualquer forma, o que todos os manuscritos têm em comum é a absoluta certeza de que a alquimia pode fazer uma substância se transformar em outra, criando novas formas de vida.

– Isso soa como a teoria da evolução – afirmei categoricamente.

– Pois é, soa, sim – disse Matthew amavelmente.

Fomos até os sofás e me sentei enrolada como um feto no canto de um deles enquanto Matthew se esparramava com suas longas pernas esticadas no canto de outro. Ainda bem que ele levou o vinho junto. Já confortavelmente instalados, era hora de mais honestidade entre nós dois.

– Eu conheci na semana passada Agatha Wilson, um demônio, lá na Blackwell. Pelo que pesquisei na internet, Agatha é uma estilista famosa. Ela disse que os demônios acreditam que o Ashmole 782 conta a história de todas as origens... inclusive a dos humanos. Já Peter Knox tem uma versão diferente. Para ele, esse manuscrito é o primeiro grimório, a fonte do poder de todas as bruxas e bruxos. Segundo ele, o manuscrito guarda o segredo da imortalidade – olhei para Matthew e continuei –, e de como destruir os vampiros. Já ouvi a versão de uma demônia e de um bruxo, e agora gostaria de ouvir a sua versão da história.

– Os vampiros acreditam que o manuscrito perdido explica a razão de nossa longevidade e de nossa força – disse Matthew. – No passado, temíamos que se esse segredo caísse nas mãos das bruxas, isso poderia levar ao nosso extermínio. Alguns acham que a magia esteve envolvida em nossa criação, e que as bruxas podem encontrar uma forma de reverter essa magia e nos destruir. Talvez essa parte da lenda seja verdadeira. – Ele suspirou lentamente com um ar preocupado.

– Continuo sem entender por que você está tão certo de que um livro de alquimia pode encobrir a descrição das origens, ou o que mais possa haver.

– Um livro de alquimia poderia muito bem ocultar esses segredos, da mesma forma que Peter Knox dissimula a identidade de bruxo sob a aparência de especialista em ocultismo. A meu ver, os vampiros é que

perceberam que o livro em questão era de alquimia. Tudo se encaixa perfeitamente demais para ser coincidência. Pelo que parece, os alquimistas humanos retrataram o ser dos vampiros quando escreveram sobre a pedra filosofal. A condição de vampiro nos torna quase imortais e enriquece a grande maioria de nós, e também nos propicia a aquisição de um conhecimento inimaginável.

– É a pedra filosofal, não resta dúvida. – Os paralelos entre essa mística substância e a criatura sentada à minha frente eram impressionantes... e arrepiantes. – Mas ainda é difícil imaginar que possa existir um livro desses. O que se tem é uma sucessão de histórias contraditórias. E quem seria idiota a ponto de colocar tanta informação em um único lugar?

– Tal como ocorre com as lendas de vampiros e bruxas, há pelo menos uma parcela de verdade nas histórias em torno desse manuscrito. O que nós temos a fazer é identificar essa parcela e descartar o resto. Só então nós começaremos a entender.

No rosto de Matthew não havia um único traço de que ele tentava me enganar e, encorajada pelo uso de um "nós", resolvi que ele merecia mais informação.

– Você está certo sobre o Ashmole 782. O livro que você procura está dentro dele.

– Continue – ele disse com doçura, controlando a curiosidade.

– Na superfície é um livro de alquimia. As imagens apresentam erros que me pareceram intencionais, se bem que ainda não cheguei a uma conclusão quanto a isso. – Mordi os lábios de tanta concentração, e ele fixou os olhos na gotícula de sangue provocada pela mordedura.

– O que você quer dizer quando diz que na superfície é um livro de alquimia? – Ele ergueu a taça de vinho e levou-a ao nariz.

– É um palimpsesto. Mas a tinta não foi apagada. A magia é que esconde o texto. As palavras estão escondidas de tal maneira que quase não percebi. Mas quando virei uma das páginas, a luz ficou no ângulo

certo e pude ver um outro texto se movimentando por baixo do texto à superfície.

– E conseguiu ler o que estava escrito?

– Não. – Balancei a cabeça. – Se o Ashmole 782 contém informações sobre quem somos e como fomos criados e como poderemos ser destruídos, essas informações estão enterradas bem fundo.

– E é bom que continuem enterradas – disse Matthew em tom sombrio –, pelo menos por enquanto. Mas chegará a hora em que todos nós precisaremos desse livro.

– Por quê? Por que tanta urgência?

– Prefiro mostrar, em vez de falar. Pode ir amanhã ao meu laboratório?

Assenti com a cabeça, impressionada.

– Podemos ir lá depois do almoço – ele acrescentou, erguendo-se e alongando-se. Já tínhamos esvaziado uma garrafa de vinho enquanto conversávamos sobre segredos e origens. – Já é tarde. Tenho que ir.

Matthew segurou a maçaneta e girou-a. Ela chacoalhou e o trinco desarmou com muita facilidade.

Ele franziu a testa.

– Teve algum problema com essa fechadura? – disse enquanto testava outra vez a solidez do mecanismo. – Talvez deixe de funcionar a qualquer momento.

Fui à soleira da porta para me despedir e o rosto de Matthew mostrou uma emoção que não pude identificar.

– Lamento que nossa noite tenha terminado com um assunto tão sério – ele disse suavemente. – Eu tive uma noite adorável.

– Gostou do jantar? – perguntei. Nós tínhamos conversado sobre os segredos do universo, mas eu estava mais preocupada com o estômago dele.

– Foi um jantar mais do que bom – ele me assegurou.

Minha preocupação se dissipou diante daquele semblante maravilhoso e

antigo. Quem passaria por ele na rua sem perder o fôlego? Antes que pudesse me conter, os dedos dos meus pés se apoiaram firmemente no velho tapete e, numa fração de segundo, fiquei na ponta dos pés e dei um beijo no rosto de Matthew. Sua pele era macia e gelada como o cetim, e meus lábios se aqueceram de uma forma jamais sentida quando o toquei.

Por que você fez isso?, me perguntei saindo da ponta dos pés e olhando para a maçaneta para dissimular a minha confusão.

Foi somente uma fração de segundo, mas eu sabia que uma fração de segundo é tudo que se precisa para mudar uma vida desde aquele momento em que tinha me valido da magia para pegar o *Notes and Queries* na estante da Bodleiana.

Matthew me olhou com atenção. E como não mostrei sinal de histeria ou de que ia me retirar, inclinou-se e me deu um longo beijo na boca. Com o rosto colado no meu rosto, ele bebeu o meu cheiro de seiva de salgueiro e de madressilva. Quando se recompôs, seus olhos estavam mais enfumaçados que de costume.

– Boa-noite, Diana – ele disse sorrindo.

Um instante depois eu me vi encostada na porta fechada, espiando o piscar da luz da secretária eletrônica. Ainda bem que o volume da máquina estava abaixado ao máximo.

Claro que tia Sarah queria fazer a mesma pergunta que eu mesma acabara de me fazer.

Ignorei a chamada e a resposta.



Depois do almoço, Matthew apareceu para me pegar – ele era a única criatura entre os leitores humanos no Selden End. Enquanto caminhávamos por entre os pilares artisticamente ornamentados me fez perguntas sobre o meu trabalho e minhas leituras do dia.

O tempo tinha virado. Oxford estava fria e nublada e me fez levantar a gola, tremendo com a umidade do ar. O tempo fechado deixava Matthew um pouco menos visível, mas isso não o deixava parecido com os outros. No pátio central da Bodleiana, as pessoas se viravam para olhá-lo e depois balançavam a cabeça em sinal de espanto.

– Você está chamando a atenção – falei para ele.

– Esqueci meu casaco. Mas estão olhando para você, não para mim. – Ele me olhou com um sorriso estonteante. Uma mulher ficou de queixo caído e cutucou a amiga, apontando discretamente para Matthew.

Sorri também discretamente.

– Você está errado.

Atravessamos a Keble College e a University Parks, viramos à direita em Rhodes House e entramos no labirinto de prédios modernos que abrigavam os laboratórios e o centro de informática. Construídos à sombra do Museu de História Natural, a grande catedral vitoriana da ciência, aqueles prédios modernos eram monumentos de uma arquitetura contemporânea e funcional.

Matthew apontou para o nosso destino – um prédio baixo e indefinido – e tirou do bolso um cartão de identificação. Passou o cartão pela leitora ótica da porta e digitou códigos em duas sequências diferentes. A porta

destrancou e ele me conduziu até a cabine do guarda, onde me identificou como convidada e solicitou um crachá que prendi no meu suéter.

– É segurança demais para um laboratório universitário – comentei, apontando para o crachá.

O sistema de segurança foi aumentando à medida que percorríamos os muitos corredores que se escondiam por trás da modesta fachada do prédio. No final de um dos corredores Matthew tirou do bolso um outro cartão de identificação e o colocou na leitora ótica enquanto colocava o dedo indicador em um painel de vidro próximo à porta. O painel emitiu um som e um monitor sensível ao toque surgiu à superfície. Ele digitou uma senha. A porta se abriu suavemente e lá estavam as instalações de um laboratório que cheirava ligeiramente a hospital e dava a impressão de ser uma cozinha profissional vazia, com seus azulejos inquebráveis, aço inoxidável e equipamentos eletrônicos.

Uma série de compartimentos envidraçados abriu-se a nossa frente. Em um deles, uma mesa redonda para reuniões, um monólito preto com monitor e inúmeros computadores. Em outro, uma velha escrivaninha de madeira, uma cadeira com estofamento de couro, um enorme tapete persa que devia valer uma fortuna, telefones, aparelhos de fax e outros computadores e monitores. Mais adiante, outros compartimentos envidraçados abrigavam arquivos, microscópios, geladeiras, autoclaves, fileiras e mais fileiras de tubos de ensaio, centrífugas e dezenas de instrumentos e dispositivos que eu não conhecia.

A área parecia desocupada, embora de algum lugar viessem as notas suaves de um concerto de Bach para violoncelo, com alguma coisa que parecia o último sucesso gravado por um dos vencedores do concurso musical da Eurovision.

Quando passamos pelos dois compartimentos, Matthew apontou para o que tinha um tapete persa.

– Meu escritório.

Depois me conduziu para o primeiro laboratório à esquerda. Lá dentro, cada superfície exibia computadores, microscópios e recipientes com espécimes alinhados ordenadamente nas prateleiras. E também havia uma sequência de arquivos encostados nas paredes. Na gaveta de um deles, um rótulo: "<O".

– Bem-vinda ao laboratório de história. – A luz azul do laboratório tornava o rosto dele mais branco e o cabelo, mais preto. – Aqui nós estudamos a evolução. Selecionamos amostras de espécimes de antigos cemitérios, escavações, fósseis e seres vivos, e extraímos o DNA das amostras. – Matthew abriu uma gaveta de um arquivo e mostrou um punhado de fichas. – Somos um entre centenas de laboratórios espalhados pelo mundo inteiro que investigam as questões da origem e da extinção das espécies por meio da genética. A diferença entre o nosso laboratório e os outros é que não estudamos apenas a espécie humana.

As palavras de Matthew ecoaram clara e friamente na minha cabeça.

– Você está estudando a genética dos vampiros?

– E também das bruxas e dos demônios. – Ele puxou um banco de rodinhas e me fez sentar com gentileza.

Um vampiro de All-star preto surgiu repentinamente de um canto, parou à nossa frente e tirou as luvas de látex das mãos. Aparentava quase uns trinta anos, com cabelos louros e olhos azuis de surfista californiano. Ao lado de Matthew parecia magrelo, mas tinha uma constituição forte e enérgica.

– AB negativo – ele disse enquanto me analisava admirado. – Uau, que achado incrível! – Fechou os olhos e inspirou profundamente. – E uma bruxa!

– Marcus Whitmore, esta é Diana Bishop. É professora de história em Yale. – Matthew franziu a testa para o jovem vampiro. – E está aqui como convidada, não como cobaia.

– Oh. – Marcus se mostrou desapontado e logo se recuperou. – Você se

importaria se eu colhesse um pouco do seu sangue?

– É claro que sim. Não tenho a menor intenção de ser espetada e ter meu sangue tirado por um vampiro flebotômico.

Marcus assobiou.

– Ora, ora, dra. Bishop, eu sinto aqui uma reação de luta ou fuga. A adrenalina está no ar.

– O que está havendo? – perguntou uma voz de soprano familiar. Alguns segundos depois, a silhueta baixa de Miriam surgiu à vista.

– A dra. Bishop está um pouco assustada com o laboratório, Miriam.

– Perdão. Não percebi que era ela – disse Miriam. – Está com um cheiro diferente. É adrenalina?

Marcus balançou a cabeça.

– É, sim. Você sempre fica assim? Tomada pela adrenalina e se sentindo encurralada?

– Marcus. – Um aviso de Matthew, mesmo com poucas sílabas, era capaz de gelar os ossos.

– Desde os meus sete anos – respondi, encarando os cintilantes olhos azuis do vampiro.

Marcus assobiou outra vez.

– Isso explica um bocado. Não passaria despercebido para nenhum vampiro. – Ele não se referia aos meus atributos físicos, mesmo apontando na minha direção.

– Do que é que vocês estão falando? – perguntei, a curiosidade se sobrepôs ao meu nervosismo.

Matthew puxou os cabelos para trás e lançou um olhar fulminante para Marcus. O jovem vampiro pareceu não ligar e se pôs a estalar os dedos. Eu me assustava a cada estalo.

– Os vampiros são predadores, Diana – disse Matthew. – A reação instintiva de luta ou fuga nos atrai. Nós sentimos o cheiro quando as pessoas e os animais ficam nervosos.

– E também sentimos o gosto. A adrenalina torna o sangue mais delicioso – disse Marcus. – Temperado, macio e adocicado. Realmente uma delícia.

Um rugido baixo começou a se formar na garganta de Matthew. Ele recuou os lábios e exibiu os dentes, o que fez Marcus dar um passo atrás. Miriam pegou o vampiro louro pelo braço com firmeza.

– O que foi? Não estou com fome! – protestou Marcus, soltando-se da mão de Miriam.

– Marcus, talvez a dra. Bishop não saiba que um vampiro não precisa estar com fome para sentir a adrenalina. – Matthew fazia um esforço visível para se controlar. – Os vampiros não se alimentam com regularidade, mas a caça e a adrenalina que a presa libera diante do predador nos atraem.

Como eu vivia lutando para controlar a minha ansiedade, não era de surpreender que Matthew sempre me convidasse para comer. Não era então o meu aroma de madressilva que o deixava faminto – era o meu excesso de adrenalina.

– Muito obrigada pela explicação, Matthew. – Apesar da noite anterior, eu continuava relativamente ignorante em relação aos vampiros. – Vou tentar me acalmar.

– Não é preciso – disse Matthew, lacônico. – Não é você que tem que se acalmar. Nós é que temos que exercitar um mínimo de cortesia e controle. – Ele olhou de maneira significativa para Marcus e abriu um dos arquivos.

Miriam me olhou preocupada.

– Talvez seja melhor começar pelo início.

– Não. Acho melhor começar pelo fim – retrucou Matthew, pegando uma pasta.

– Já conversou com eles sobre o Ashmole 782? – perguntei para Matthew, já que Miriam e Marcus não faziam menção de que sairiam. Ele balançou a cabeça. – E contou o que vi? – Ele confirmou novamente com a

cabeça.

– Você contou para mais alguém? – A pergunta de Miriam refletiu séculos de suspeita.

– Se está se referindo a Peter Knox, não. Só contei para minha tia e para Emily, a companheira dela.

– Três bruxas e três vampiros compartilhando um segredo – disse Marcus pensativo, olhando para Matthew. – Interessante.

– Tomara que a gente guarde esse segredo com o mesmo êxito que o escondemos. – Matthew me passou a pasta.

Os três vampiros fixaram os olhos em mim enquanto eu lia o conteúdo. VAMPIRO SOLTO EM LONDRES, a manchete gritou. Meu estômago revirou e deixei de lado a manchete do jornal. Embaixo, o relato de uma outra morte misteriosa e de um cadáver com sangue drenado. Em seguida, a matéria de uma revista ilustrada por uma foto cujo conteúdo era bem claro, embora eu não soubesse ler russo. A vítima estava com a garganta cortada da mandíbula até a carótida.

E ainda havia dezenas de assassinatos e relatos feitos em idiomas desconhecidos. Algumas dessas mortes envolviam decapitações. Outras envolviam cadáveres com sangue drenado, sem que tivesse sobrado uma só gota de sangue na cena do crime. Outros relatos sugeriam ataques de algum animal, visto a ferocidade de agressões que se estendiam do pescoço ao tronco.

– Nós estamos morrendo – disse Matthew tão logo acabei de ler a última notícia.

– Mas evidentemente os humanos também estão morrendo. – Minha voz soou cortante.

– Não só os humanos – ele retrucou. – Essas evidências me fazem afirmar que os vampiros dão sinais de uma espécie em extinção.

– É isso que você queria mostrar? – Minha voz tremeu. – O que isso tem a ver com a origem das criaturas ou com o Ashmole 782? – Os recentes

avisos de Gillian tinham remexido lembranças dolorosas, e aquelas fotos traziam tudo à plena luz.

– Me escuta – disse Matthew baixinho. – Por favor.

Talvez aquilo ainda não tivesse feito sentido para mim, e era visível que ele não tinha a menor intenção de me assustar. Ele devia ter uma boa razão para partilhar comigo. Eu me abracei à pasta e desci do banco.

– Essas mortes – ele começou a falar, tirando a pasta das minhas mãos com delicadeza – são o resultado das tentativas desastradas de transformar humanos em vampiros. O que no passado era natural para nós, hoje se tornou difícil. O nosso sangue está se tornando cada vez mais incapaz de criar vida a partir da morte.

A incapacidade de reprodução era responsável por muitas espécies extintas. Mas depois de ter visto aquelas fotografias, não me restava dúvidas de que o mundo não precisava de mais vampiros.

– É mais fácil para os mais velhos... vampiros como eu que se alimentavam predominantemente de sangue humano quando jovens – continuou Matthew. – No entanto, à medida que envelhecemos sentimos menos vontade de fazer novos vampiros. Mas a história é diferente quando se trata de vampiros mais jovens. O que eles mais desejam é constituir uma nova família para se livrar da solidão de sua vida nova. E quando encontram um humano adequado para formar um par e para fazer filhos, eles acabam descobrindo que o próprio sangue não é forte o bastante para isso.

– Você mesmo disse que todos nós estamos em vias de extinção – tratei de relembrá-lo com uma voz imparcial, mas ainda com raiva.

– Os bruxos modernos já não são tão poderosos quanto os seus ancestrais. – Soou a voz de Miriam com determinação. – E vocês já não fazem tantos filhos como no passado.

– Isso não soa como uma evidência... soa como uma dedução puramente subjetiva – eu repliquei.

– Você quer evidências? – Miriam pegou mais duas pastas do arquivo e jogou-as na mesa de maneira que deslizassem até as minhas mãos. – Aí estão... mas duvido que você entenda muita coisa.

Em uma das pastas, lia-se o nome "Benvenguda" datilografado em uma etiqueta roxa. Em outra, lia-se "Beatrice Good" em uma etiqueta com bordas vermelhas. Nas pastas, não havia nada além de gráficos. As primeiras páginas apresentavam gráficos com curvas marcadas em cores brilhantes e vivas. As páginas seguintes apresentavam gráficos com barras marcadas em preto e branco.

– Isso não é justo – protestou Marcus. – Nenhum historiador poderia ler isso.

– São sequências de DNA – eu disse, apontando para os gráficos em preto e branco. – Mas o que são esses gráficos coloridos?

Matthew apoiou os cotovelos na mesa, bem ao meu lado.

– Esses também são resultados genéticos – ele disse, trazendo uma página com curvas coloridas para mais perto de mim. – Este gráfico mostra o DNA mitocondrial de uma mulher chamada Benvenguda, DNA que ela herdou da mãe e da avó e de cada ancestral feminino que as antecederam. O gráfico narra toda a história matrilinear dessa mulher.

– E quanto à herança paterna?

Matthew pegou os resultados do DNA marcados em preto e branco.

– O pai humano de Benvenguda está aqui, no DNA nuclear dela, o genoma, com o da mãe que era uma bruxa. – Ele retornou às curvas multicoloridas. – Mas o DNA mitocondrial fora do núcleo da célula só registra a ancestralidade materna dela.

– Por que além de estudar o genoma você também está estudando o DNA mitocondrial dessa mulher? – Eu tinha ouvido falar do genoma, mas o DNA era um território novo para mim.

– O DNA nuclear faz a sua descrição enquanto indivíduo singular, como a combinação do legado genético da sua mãe e do seu pai gerou

você. Os genes do seu pai junto aos genes da sua mãe é que lhe deram olhos azuis, cabelos louros, sardas. O DNA mitocondrial nos ajuda a compreender a história de uma espécie inteira.

– Isso significa que a origem e a evolução da espécie estão registradas em cada um de nós – concluí lentamente. – Está no sangue e em cada célula do nosso corpo.

Matthew assentiu.

– Mas a história de cada origem em particular guarda uma outra história dentro de si... não de inícios, mas de términos.

– Cá estamos nós de volta a Darwin – rebati, franzindo a testa. – A *Origem* não se limita a descrever de onde as espécies vêm. A obra também descreve a seleção natural e a extinção das espécies.

– Alguns afirmam que o livro está mais voltado para a extinção – acrescentou Marcus enquanto passava para o outro lado da bancada do laboratório.

Olhei para o gráfico de curvas brilhantes de Benvenguda.

– Quem era ela?

– Uma bruxa muito poderosa que viveu na Bretanha no século XVII – respondeu Miriam. – Foi um prodígio de uma época que produziu muitos prodígios. Beatrice Good é uma de suas últimas descendentes diretas.

– A família de Beatrice Good é de Salem? – balbuciei, segurando a pasta dela. Lá tinham vivido alguns Good com os Bishop e os Proctor.

– A linhagem de Beatrice inclui Sarah e Dorothy Good, as duas de Salem – disse Matthew, confirmando a minha suspeita. Ele abriu a pasta e juntou os resultados do teste mitocondrial de Beatrice com os de Benvenguda.

– Mas são diferentes – eu disse. A diferença era notada nas cores e na forma que estavam dispostas.

– Não muito diferentes – corrigiu Matthew. – O DNA nuclear de Beatrice tem poucos marcadores comuns entre as bruxas. Isso indica que à

medida que os séculos passavam, os ancestrais dela foram se desobrigando de fazer magia e feitiçaria enquanto lutavam pela sobrevivência. Essas mudanças forçaram mutações no DNA dela, mutações que suprimiram a magia.

O que ele disse soava perfeitamente científico, mas algo me dizia que aquilo se dirigia a mim.

– Os ancestrais de Beatrice deixaram a magia de lado e isso poderá destruir a família?

– Não é uma responsabilidade exclusiva dos bruxos. A natureza também é responsável. – Os olhos de Matthew estavam tristes. – Parece que os bruxos, como os vampiros, também sentem a pressão pela sobrevivência neste mundo cada vez mais humano. Os demônios são outros que se mostram cada vez menos geniais, um traço que os distinguia da população humana, e cada vez mais loucos.

– Os humanos não estão em extinção? – perguntei.

– Sim e não – respondeu Matthew. – Nossa opinião é que... até agora... os humanos têm demonstrado melhor adaptação. Eles têm um sistema imunológico que responde com mais eficiência e mais capacidade para se reproduzir do que os bruxos e os vampiros. No passado, o mundo era dividido mais uniformemente entre humanos e criaturas. Hoje os humanos são mais numerosos e as criaturas perfazem apenas dez por cento da população mundial.

– O mundo era um lugar diferente quando havia equilíbrio numérico entre humanos e criaturas. – Miriam lamentou que a maré não estivesse mais a nosso favor. – Mas no final os humanos acabarão sendo pegos pelo seu sistema imunológico.

– Em que medida as criaturas são diferentes dos humanos?

– Somos consideravelmente diferentes, pelo menos em nível genético. Na aparência somos similares, mas sob a superfície a formação dos nossos cromossomos é distinta. – Matthew desenhou um diagrama na capa da

pasta de Beatrice Good. – Os humanos têm vinte e três pares de cromossomos em cada núcleo celular, todos arranjados em um longo código de sequências. Vampiros e bruxos têm vinte e quatro pares de cromossomos.

– Superam os dos humanos e os das uvas *pinot noir* e os dos porcos. – Marcus piscou os olhos.

– E os demônios?

– Eles se igualam em número de pares de cromossomos aos humanos... mas também têm um cromossomo extra. Até agora o que podemos dizer é que esse cromossomo extra é que os torna demoníacos, e propensos à instabilidade – disse Matthew.

Um fio de cabelo entrou nos meus olhos enquanto o observava desenhando o diagrama. Puxei o fio com impaciência.

– E o que há nos cromossomos extras?

Estava sendo difícil acompanhar o raciocínio de Matthew que parecia estar dando uma aula de biologia.

– O material genético que nos distingue dos humanos – ele respondeu –, bem como o material que regula a função da célula ou aquilo que os cientistas chamam de "DNA lixo".

– Mas não é lixo – disse Marcus. – Todo esse material genético ou restou de uma seleção anterior ou está à espera de uma função na próxima mudança evolucionária. Só não sabemos... ainda... qual é o propósito disso.

– Espere um pouco – interrompi. – As bruxas e os demônios têm em comum o nascimento. Eu nasci com um par extra de cromossomos e seu amigo Hamish também nasceu com cromossomos extras. Mas os vampiros não nascem... vocês são criados a partir do DNA humano. Onde vocês adquirem esse par extra de cromossomos?

– Quando um humano renasce como vampiro, primeiro o criador remove todo o sangue humano e isso provoca a falência dos órgãos. Antes

da ocorrência da morte, o criador dá o próprio sangue para aquele ser renascer – explicou Matthew. – Até o momento, o que podemos dizer é que o influxo do sangue induz mutações genéticas espontâneas em cada célula do corpo.

Na noite anterior, Matthew usara o termo "renascer", mas até então eu ainda não tinha ouvido a palavra "criador" associada a vampiros.

– O sangue do criador inunda o sistema do renascido, carregando informação genética junto – disse Miriam. – Ocorre algo parecido nas transfusões de sangue entre os humanos. Mas o sangue de um vampiro gera centenas de modificações no DNA.

– Primeiro, procuramos por uma evidência no genoma que justificasse uma mudança tão explosiva – explicou Matthew. – E a encontramos... as mutações provavam que todos os vampiros recém-criados entravam em processo de adaptação espontânea de sobrevivência quando absorviam o sangue dos seus criadores. É isso que propicia o desenvolvimento de um par extra de cromossomos.

– Um *big bang* genético. Vocês são como uma galáxia que nasce de um astro morto. E logo depois são transformados pelos genes em outra coisa... uma coisa não humana. – Olhei intrigada para Matthew.

– Você está bem? – ele perguntou. – Podemos fazer uma pausa.

– Preciso de água.

– Vou pegar. – Marcus saiu do banco onde estava sentado. – Lá na geladeira dos espécimes tem uma garrafa de água.

– Os humanos forneceram a primeira pista de que um forte estresse celular provocado por alguma bactéria ou alguma outra forma de bombardeio genético pode desencadear mutações rápidas, ao contrário das mutações lentas da seleção natural. – Miriam tirou uma pasta de dentro de uma gaveta. Abriu-a e apontou para uma folha onde se via um gráfico em preto e branco. – Esse homem morreu em 1375. Sobreviveu ao sarampo, mas a doença induziu uma mudança no terceiro cromossomo à medida que

o corpo dele competia diligentemente e em igualdade de condições com o influxo da bactéria.

Marcus chegou com minha garrafa de água. Eu tirei a tampa e bebi tudo.

– O DNA dos vampiros está cheio de mutações similares resultantes da resistência à doença. Essas mutações podem acarretar a nossa extinção pouco a pouco. – Matthew pareceu preocupado. – Agora estamos nos concentrando no que há no sangue dos vampiros que desencadeia a geração de novos cromossomos. Talvez a resposta esteja na mitocôndria.

Miriam balançou a cabeça.

– De jeito nenhum. A resposta está no DNA nuclear. O sangue que um corpo recebe de um vampiro pode desencadear uma reação que possibilite a esse corpo capturar e assimilar as mudanças.

– Talvez, mas se for o caso, nós também precisamos estudar mais o DNA lixo. Deve haver ali alguma coisa que gere novos cromossomos – insistiu Marcus.

Enrolei a minha manga enquanto os três debatiam. Tão logo as veias dos meus braços se tornaram visíveis no ar frio do laboratório eles se voltaram com gélida atenção para a minha pele.

– Diana – disse Matthew com frieza, tocando na âmbula de Lázaro –, o que está fazendo?

– Você tem luvas à mão, Marcus? – perguntei sem parar de suspender a minha manga.

Marcus abriu um sorriso.

– É claro! – Ele pegou um par de luvas de látex numa caixa ao lado.

– Você não precisa fazer isso. – A voz de Matthew ficou presa na garganta.

– Eu sei, mas quero fazer.

Minhas veias se tornaram ainda mais azuis sob a luz do laboratório.

– Que veias boas – disse Miriam com um gesto de aprovação,

ignorando o rugido de alerta do vampiro alto que estava em pé ao meu lado.

– Matthew, se isso for um problema para você, espere lá fora – falei com toda calma.

– Eu gostaria que você refletisse antes de fazer isso. – Ele se inclinou por cima de mim de forma protetora, tal como tinha feito quando Peter Knox se aproximou de mim na biblioteca. – Não temos como prever o que os testes revelarão. É toda a sua vida e a história da sua família, tudo isso registrado em preto e branco. Você tem certeza de que deseja que isso seja esquadrinhado?

– O que quer dizer com isso de "toda a minha vida"?

Ele me olhou com tal intensidade que me fez arrepiar.

– Esses testes indicarão muito mais do que a cor dos seus olhos e dos seus cabelos. Indicarão que outros traços você herdou do seu pai e da sua mãe. Sem falar nos traços herdados de todos os seus ancestrais.

Trocamos um longo olhar.

– Justamente por isso eu quero que você colha uma amostra do meu sangue – retruquei com muita paciência. Ele me olhou com um ar confuso. – Durante toda a vida eu quis saber o que fazia o sangue Bishop nas minhas veias. Todos que conheciam a minha família se perguntavam o mesmo. E agora saberemos.

Isso me soou muito prosaico. O meu sangue poderia dizer para Matthew algumas coisas que eu não queria correr o risco de descobrir acidentalmente. Eu só não queria era atear fogo às mobílias, nem voar por entre as árvores, nem nutrir pensamentos maus por alguém e vê-lo morrer alguns dias depois. Se para Matthew era um risco colher meu sangue, para mim isso era tão seguro quanto uma casa.

– Além do mais, você mesmo afirmou que as bruxas estavam em extinção. Eu sou a última Bishop. Talvez meu sangue o ajude a compreender por quê.

Nós nos encaramos, vampiro e bruxa, enquanto Miriam e Marcos esperavam pacientemente. Por fim, Matthew emitiu um som de exasperação.

– Traga o kit de espécimes – disse para Marcus.

– Eu me encarrego disso – disse Marcus na defensiva enquanto calçava as luvas de látex. Miriam tentou impedi-lo, mas ele veio na minha direção com uma caixa contendo pequeninos frascos e lâminas.

– Marcus – disse Miriam em tom de advertência.

Matthew tirou o equipamento das mãos de Marcus, com um olhar fulminante para ele.

– Não leve a mal, Marcus. Mas se alguém vai tirar o sangue de Diana, esse alguém sou eu.

Matthew me pegou pelo punho com sua mão fria e flexionou levemente o meu braço para baixo e para cima antes de estendê-lo sobre o imaculado tampo da bancada. Não há nada mais bizarro do que ver um vampiro enfiar uma agulha na veia de alguém para tirar sangue. Ele amarrou um cordão elástico abaixo do meu cotovelo.

– Feche a mão – disse mansamente, colocando as luvas e preparando a seringa e o primeiro frasco.

Fiz o que ele pediu, fechei a mão e as veias se sobressaíram. Ele não se deu ao trabalho de me avisar que eu só sentiria uma picada. Apenas inclinou-se e enfiou a agulha na minha veia sem nenhuma cerimônia.

– Ótimo trabalho. – Abri a mão para fazer o sangue fluir livremente.

À medida que Matthew trocava os frascos a sua boca carnuda se crispava. Quando terminou, se desfez da seringa jogando-a numa lata de lixo hermeticamente fechada. Marcus recolheu os frascos e os entregou para Miriam que por sua vez os rotulou. Matthew então pôs um pedaço de gaze dobrada sobre o furinho provocado pela agulha e o pressionou com dedos fortes e gelados. Com a outra mão pegou uma tira de esparadrapo e pôs sobre a gaze.

– Data de nascimento? – perguntou Miriam, preparada com uma caneta para escrever no tubo de ensaio.

– Treze de agosto de 1976.

Ela me olhou, impressionada.

– Treze de agosto?

– Sim. Por quê?

– Só para me certificar – ela murmurou.

– Na maioria dos casos nós também coletamos amostras de saliva. – Matthew abriu uma embalagem e pegou duas peças brancas de plástico. Pareciam miniaturas de remos, com extremidades largas e bem duras.

Sem dizer uma palavra, abri a boca e Matthew coletou a primeira amostra de saliva da parede das minhas bochechas e em seguida, a segunda. As amostras foram colocadas em diferentes tubos de plástico selados.

– Perfeito, acabou.

Passeei com os olhos pelo laboratório e a quietude da bancada de aço inoxidável e a luz azulada me fizeram lembrar dos alquimistas que trabalhavam debruçados sobre fogareiros em meio à escuridão, munidos de equipamentos improvisados e cadinhos de cerâmica. Eles teriam gostado de trabalhar em laboratórios como aquele – com instrumentos que talvez os tivessem ajudado a compreender os mistérios da criação.

– Vocês estão fazendo pesquisas em busca do primeiro vampiro? – perguntei apontando para as gavetas de um arquivo.

– Uma vez ou outra – disse Matthew vagarosamente. – Na maior parte do tempo, pesquisamos as formas pelas quais os alimentos e as doenças afetam as espécies, e como e quando algumas linhagens familiares se extinguem.

– E é de fato verdade a afirmação de que as quatro espécies distintas, ou demônios, humanos, vampiros e bruxos compartilham um ancestral comum?

Eu sempre quis saber se a insistente afirmação de tia Sarah, segundo a qual os bruxos tinham muito poucas conexões com os humanos e as demais criaturas, era mais que uma tradição e uma racionalização movida pelo desejo. Na época de Darwin muitos achavam impossível que uma parelha de ancestrais pudesse gerar tantos tipos diferentes de raças. Logo alguns europeus brancos observaram os africanos negros e trataram de assumir a teoria do poligenismo que argumentava que as raças descendiam de diferentes ancestrais.

– Demônios, humanos, vampiros e bruxos variam consideravelmente no nível genético. – Matthew me lançou um olhar penetrante. Ele tinha entendido o sentido da minha pergunta, embora se recusando a uma resposta direta.

– Se você provar que não somos espécies diferentes e sim diferentes linhagens de uma mesma espécie, isso acarretará uma grande mudança – comentei.

– Com o tempo acabaremos descobrindo como... e se... os quatro grupos estão interligados. Mas ainda temos muito caminho pela frente. – Ele se empertigou. – Acho que por hoje basta de ciência.

Matthew se despediu de Miriam e Marcus e me levou de volta para casa. Deu um pulo até a casa dele para trocar de roupa e depois fomos fazer ioga. Fizemos o caminho até Woodstock praticamente em silêncio, absortos em nossos próprios pensamentos.

Chegamos à Velha Cabana e ele me ajudou a sair do carro como de costume, pegou as esteiras no porta-malas e colocou-as nos ombros.

Dois vampiros passaram por nós. Um deles esbarrou em mim, e Matthew enlaçou minha mão com a rapidez de um raio. O contraste de nossas peles era gritante, a dele, pálida e fria, a minha, quente e rosada.

Ele me pegou pela mão e entramos na sala. Depois da aula, voltamos para Oxford, conversando sobre um comentário de Amira e depois sobre o comportamento impróprio de um dos demônios que se encaixava

perfeitamente no modo de ser demoníaco. Atravessamos o portão do meu prédio e Matthew, contrariando o hábito, desligou o carro antes da minha saída.

Fred olhava os monitores da cabine de segurança quando o vampiro chegou à portinhola de vidro da cabine. O porteiro abriu-a.

– Em que posso servi-lo?

– Vou levar a dra. Bishop até o apartamento dela. Posso deixar o carro aqui com as chaves, caso você precise manobrá-lo?

Fred olhou o adesivo do Hospital John Radcliffe e concordou. Matthew passou as chaves pela portinhola.

– Matthew – insisti –, é só atravessar o caminho. Você não precisa me levar até em casa.

– Mas vou fazer isso – ele disse com um tom que inibia qualquer argumento.

Quando ultrapassamos os arcos do prédio e estávamos longe da vista de Fred, ele me deu a mão novamente. Dessa vez o choque de sua pele fria foi seguido por uma perturbadora sensação de calor no meu estômago.

Ao pé da escada, olhei para ele ainda de mãos dadas.

– Obrigada por me levar à ioga de novo.

– De nada.

Ele assentou a mecha rebelde do meu cabelo atrás da minha orelha e ao mesmo tempo acariciou o meu rosto.

– Quer jantar comigo amanhã? – disse com doçura. – Dessa vez eu cozinho. Posso pegá-la aqui às sete e meia?

Meu coração deu um salto. *Diga não*, fui dura comigo mesma, apesar do salto repentino.

– Adoraria – acabei dizendo.

O vampiro comprimiu os lábios em uma face do meu rosto e depois na outra.

– *Ma vaillante fille* – sussurrou no meu ouvido, com um perfume

estonteante entrando pelas minhas narinas.

Já no meu andar, notei que a maçaneta da porta estava consertada como eu tinha pedido e travei uma batalha para girar a chave na fechadura. Fui recebida pelo pisca-pisca luminoso da secretária eletrônica, indicando uma outra mensagem de Sarah. Fui até a janela e olhei para baixo no mesmo instante em que Matthew olhou para minha janela. Acenei. Ele sorriu, pôs as mãos nos bolsos e saiu pela escuridão da noite na direção da portaria, como se a noite lhe pertencesse.



Às sete e meia, Matthew me esperava à entrada do prédio, impecável como sempre na combinação monocromática de branco e cinza-escuro e com os cabelos negros penteados para trás. Ele esperou pacientemente a inspeção do porteiro de fim de semana que se despediu de mim com um aceno positivo de cabeça e uma frase deliberada.

– Até mais tarde, dra. Bishop.

– Você desperta o instinto protetor das pessoas – murmurou Matthew depois que passamos pelo portão.

– Aonde vamos? – O carro dele não estava na rua.

– Hoje vamos jantar na faculdade. – Ele apontou na direção da Biblioteca Bodleiana. Eu estava pensando que ele me levaria para Woodstock ou para um apartamento em algum prédio vitoriano ao norte de Oxford. Não me passara pela cabeça que ele podia morar em uma faculdade.

– Na sede, com os figurões? – Senti-me terrivelmente constrangida e tratei de abaixar a bainha do meu top de seda negro.

Matthew balançou a cabeça, sorrindo.

– Evito aquela sede o máximo possível. E com toda certeza não a faria se sentar em território inimigo para ser inspecionada pelos colegas.

Viramos a esquina e seguimos na direção da Câmara de Radcliffe. Passamos pela entrada da Hertford College sem nos determos e o peguei pelo braço. Lá adiante estava uma faculdade de Oxford notória pela seleção minuciosa dos seus membros e pela rígida atenção ao protocolo.

A mesma faculdade que ganhara fama pelos seus membros brilhantes.

– Você não mora aí...

Matthew se deteve.

– Que importância tem a faculdade a que pertenço? – Ele desviou os olhos. – Mas se prefere ficar com outras pessoas, é claro que entendo.

– Não estou preocupada se vou ser o *seu jantar*, Matthew. É que nunca entrei aí. – Dois portões ricamente ornamentados guardavam a faculdade como se fosse o País das Maravilhas. Ele bufou de impaciência e me pegou pela mão para me impedir de observar o lugar de longe.

– É só um bando de gente num conjunto de prédios antigos. – A rispidez não amenizou o fato de que ele era um dos sessenta que habitavam um lugar onde os alunos não punham os pés. – Além do mais, nós vamos para o meu apartamento.

Durante o restante do caminho Matthew se descontraía a cada passo que dava na escuridão como se estivesse na companhia de um velho amigo. Entramos por uma porta de madeira baixa que mantinha o público longe da quietude do apartamento dele. Não havia ninguém na portaria a não ser o porteiro, e não havia estudantes sentados nos bancos da quadra à frente. O lugar era tranquilo e silencioso, como se habitado apenas pelas "almas de todas as pessoas honradas e falecidas da Universidade de Oxford".

Matthew me olhou com um sorriso tímido.

– Bem-vinda à All Souls.

A All Souls College era uma obra-prima da antiga arquitetura gótica, misto de um bolo confeitado e de uma catedral com todas as torres e delicadas esculturas a que tinha direito. Suspirei de prazer, sem palavras – pelo menos até aquele momento. Mas Matthew ainda teria que me explicar muita coisa.

– Boa-noite, James – ele disse para o porteiro, que por sua vez olhou por cima dos óculos bifocais e cumprimentou com a cabeça. Matthew ergueu uma chave antiga presa num cordão de couro. – Não vou demorar.

– Tudo bem, professor Clairmont.

Ele me deu a mão de novo.

– Vamos. Precisamos prosseguir com a sua educação.

Ele parecia um garoto travesso em busca de um tesouro enquanto me puxava pela mão. Atravessamos uma porta preta desgastada pelo tempo, e ele acendeu a luz. Sua pele branca se tornou ainda mais branca sob a luz e ele ficou realmente parecido com um vampiro.

– Ainda bem que eu sou uma bruxa – brinquei. – Qualquer humano morreria de susto só de vê-lo.

Matthew digitou uma longa série de números no painel ao pé de um lance de degraus, e depois apertou uma tecla. Ouvi um suave clique e ele empurrou outra porta que se abriu. Fui atingida por uma onda aromática de mofo e velhice, e de algo mais indiscernível. A escuridão se estendia para longe da luz da escada.

– Isso está parecendo uma cena de um romance gótico. Para onde está me levando?

– Diana, calma. Já estamos chegando.

A paciência nunca foi o forte das Bishop.

Ele passou o braço por cima dos meus ombros e ligou um outro interruptor. Focos luminosos de uma fileira de lâmpadas antigas suspensas em arame como trapezistas se projetaram sobre o que me pareceu ser estábulos para pequenos pôneis Shetland.

Olhei para Matthew com centenas de perguntas nos olhos.

– Primeiro você – ele disse com uma reverência.

Dei um passo à frente e inalei um cheiro diferente. Cheiro de álcool – como o cheiro de um pub nas manhãs de domingo.

– Vinho?

– Vinho.

Caminhamos por entre dezenas de pequenos recintos com pilhas e caixotes de garrafas em cima de prateleiras. Em cada recinto, uma lousa

apresentava uma data a giz. Passamos por recintos com vinhos das épocas da Primeira e da Segunda Guerra Mundial, e por outros com garrafas que Florence Nightingale poderia ter levado em baús para a Crimeia. Havia garrafas de vinho do ano em que o Muro de Berlim foi erguido até o ano de sua derrubada. À medida que a adega se estendia, as datas nas lousas eram substituídas por títulos como "Velho Clarete" e "Porto Vintage".

Por fim, chegamos ao final do cômodo e Matthew abriu uma das muitas portinholas que estavam trancadas. Ele pegou uma vela porque naquele canto não havia eletricidade, colocou-a num candelabro de cobre e acendeu-a.

Lá dentro, tudo estaria impecavelmente arrumado como o próprio Matthew se não fosse pela camada de poeira. Era um espaço apertado com prateleiras que abrigavam garrafas de tal maneira que não se corria o risco de pegar uma delas e derrubar a pilha abaixo. Havia manchas vermelhas perto do umbral onde o vinho tinha pingado ano após ano. Um cheiro de uva antiga misturado com rolha e mofo impregnava o ar.

– Isso é seu? – Eu estava incrédula.

– Sim, essa adega é minha. Poucos colegas têm sua própria adega.

– Será que aqui dentro tem alguma coisa que já não tenha lá fora? – A adega à frente devia ter uma garrafa de tudo que já tinha sido produzido no mundo. A sofisticada adega de Oxford parecia pobre e estéril em comparação com a de Matthew.

Ele sorriu com um ar misterioso.

– Aqui tem de tudo.

Ele se moveu agilmente pelo pequeno cômodo desprovido de janelas, puxando com uma cara feliz uma e outra garrafa como se a inspecionando. Por fim, me estendeu uma garrafa escura com um rótulo dourado e uma rolha coberta por um trançado de arame. Champanhe – Dom Perignon.

Depois pegou outra garrafa de vidro verde bem escuro com um rótulo creme escrito em tinta preta. Estendeu a garrafa para mim com um floreio

e pude ler a data: 1976.

– O ano em que nasci! – eu disse.

Matthew pegou mais duas garrafas, uma com um grande rótulo octogonal que exibia o desenho de um castelo e com a rolha vedada por uma grossa camada de cera vermelha, e outra sem rótulo, torta, negra e selada com algo que parecia alcatrão. Uma velha etiqueta de papel-manilha estava amarrada em torno do gargalo da segunda garrafa com um pedaço sujo de barbante.

– Podemos ir? – ele perguntou, soprando a vela. Cuidadosamente, trancou a porta com as duas garrafas na outra mão e colocou a chave no bolso. Deixamos o cheiro de vinho para trás e voltamos para o primeiro andar.

Em meio à penumbra e com garrafas de vinho nas mãos, Matthew parecia brilhar de prazer.

– Que noite maravilhosa – ele disse contente.

Fomos para o apartamento dele que em alguns aspectos era maior do que eu tinha imaginado e em outros, menor. O apartamento localizado no topo extremo de um dos mais antigos blocos da All Souls tinha aposentos menores que os meus na New College, muitos ângulos curiosos e estranhas inclinações. O teto era alto o suficiente para a altura de Matthew, mas os espaços eram muito pequenos para abrigá-lo. Ele se abaixava quando passava pelas portas, e suas coxas ficavam à altura do parapeito das janelas.

Naqueles aposentos, o que faltava em tamanho sobrava em mobília. Um tapete Aubusson encardido se estendia ao longo do piso, sustentando uma coleção de móveis de William Morris autênticos. De alguma forma, a arquitetura do século XV junto ao tapete do século XVIII e a madeira rústica de carvalho do século XIX se encaixavam perfeitamente, criando a atmosfera de um seleto espaço eduardiano exclusivo para cavalheiros.

No fundo do aposento principal, destacava-se uma longa mesa de

refeitório com jornais, livros e material acadêmico: memorandos, artigos acadêmicos, requisições de cartas e pareceres, tudo muito bem organizado sobre uma das extremidades da mesa. Diferentes objetos serviam como peso de papel nas diferentes pilhas. Os pesos de papel incluíam um peso de vidro propriamente dito, um tijolo velho, uma medalha de bronze que Matthew devia ter conquistado e um pequeno ferro para cutucar brasas. Na outra extremidade da mesa, uma delicada toalha de linho de mesa esticada sobre um tampo de madeira amparava castiçais georgianos de uma beleza que eu nunca tinha visto fora de museus. Taças de vinho de diferentes formatos compunham a mesa elegantemente posta com pratos brancos e talheres de prata georgianos.

– Que lindo! – Olhei em volta extasiada. Nenhum móvel e nenhum ornamento naquele apartamento pertenciam à faculdade. Ali tudo pertencia a Matthew.

– Sente-se. – Ele tirou as duas garrafas de vinho das minhas mãos e levou-as até um magnífico gabinete. – A administração da All Souls não acha bom que os moradores cozinhem nos apartamentos. – Tentou justificar a precariedade da cozinha que eu estava observando. – Por isso, a gente se vira como pode.

Mas certamente faríamos uma refeição que não ficaria a dever ao melhor restaurante da cidade.

Matthew pôs a garrafa de champanhe dentro de um balde de prata com gelo e juntou-se a mim, sentando-se em uma das confortáveis poltronas que flanqueavam uma lareira inativa.

– Ninguém mais em Oxford o deixa acender uma lareira. – Ele apontou para a lareira de pedra completamente vazia. – A cidade inteira cheirava a fogueira no tempo em que acendiam lareiras.

– Quando você chegou aqui em Oxford? – Torci para que minha pergunta não desse a impressão de que eu queria bisbilhotar o passado dele.

– Dessa vez, em 1989. – Matthew esticou suas pernas compridas e suspirou relaxado. – Eu vim para a Oriel como estudante de ciência e acabei ficando para o doutorado. Eles me agraciaram com o All Souls Prize Fellowship e continuei aqui por mais alguns anos. Depois de completar o doutorado, a universidade me ofereceu um posto e me elegeu membro da instituição. – A cada vez que ele abria a boca saía algo impressionante lá de dentro. Um prêmio Fellowship? Só eram concedidos dois prêmios desse por ano.

– E é sua primeira vez na All Souls? – Mordi os lábios e ele riu.

– Vamos logo esclarecer isso – disse, erguendo as mãos e passando a nomear as faculdades. – Fui uma vez membro da Merton, da Magdalen e das faculdades da universidade. Fui duas vezes membro da New College e da Oriel. E esta é a primeira vez que a All Souls prestou atenção em mim.

Fiquei atordoada quando multipliquei essa resposta pelos fatores Cambridge, Paris, Pádua e Montpellier – instituições que deviam ter recebido um aluno chamado Matthew Clairmont ou alguma variação desse nome. O que teria ele estudado durante aqueles anos todos e com quem tinha estudado?

– Diana? – A voz de Matthew cortou meus pensamentos. – Está me ouvindo?

– Desculpe. – Fechei os olhos e enfiei as mãos debaixo das coxas, fazendo força para me manter atenta. – É como uma doença. Não consigo evitar a curiosidade quando você começa a narrar suas reminiscências.

– Eu sei. É uma das dificuldades enfrentadas por um vampiro que se envolve com uma bruxa historiadora. – Matthew fez uma careta, fingindo preocupação, mas seus olhos cintilaram como estrelas negras.

– Se quiser evitar essa curiosidade no futuro, sugiro que evite o setor de paleografia da Bodleiana – retruquei com mordacidade.

– Por enquanto, uma historiadora já basta. – Ele se ergueu com suavidade. – Eu perguntei se você estava com fome.

Por que ele continuava com isso era um mistério – quando é que eu não estava com fome?

– Estou. – Fiz menção de sair da fofa poltrona Morris. Ele estendeu a mão. Eu a segurei e ele me levantou como uma pluma.

Ficamos a nos olhar com nossos corpos quase se tocando. Fixei os olhos na âmbula de Betânia debaixo do suéter dele.

Ele percorreu meu corpo com os olhos, deixando uma trilha de flocos de neve.

– Você está adorável.

Abaixei a cabeça e a mecha rebelde do meu cabelo tombou no meu rosto. Como vinha fazendo nos últimos dias, ele afastou-a e prendeu-a atrás da minha orelha. Dessa vez se aventurou com os dedos até a base do meu pescoço. Suspendeu os cabelos da minha nuca e os deixou escorrer por entre os dedos como água. Estremeci ao toque de um ar gelado na minha pele.

– Adoro o seu cabelo – ele murmurou. – Tem uma cor incrível que vai do vermelho ao preto.

Ouvi uma respiração profunda e percebi que ele farejara um novo aroma.

– O que está farejando? – Minha voz soou com firmeza, mas não ousei olhar nos olhos dele.

– Você – ele sussurrou.

Olhei para ele.

– Vamos jantar?

Depois disso, não consegui me concentrar na comida, se bem que me esforcei. Matthew me fez sentar à mesa de modo que eu tivesse uma panorâmica daquela sala maravilhosa e acolhedora. Em seguida, ele retirou dois pratos de uma pequena geladeira, cada qual com seis ostras frescas aninhadas no topo de uma porção de gelo picado que pareciam de raios de uma estrela.

– A primeira lição da aula de hoje é sobre ostras e champanhe. – Ele sentou-se à mesa e ergueu o dedo como um mestre prestes a desenvolver o seu tema preferido. Esticou o seu braço comprido, alcançou o balde de gelo sem a menor dificuldade e tirou de dentro a garrafa de champanhe. Soltou a rolha da garrafa com uma única rodada de mão.

– Eu não consigo fazer isso direito – comentei observando as mãos fortes e elegantes de Matthew.

– Se quiser, posso lhe ensinar a tirar a rolha com uma espada. – Ele abriu um sorriso. – É claro que se não tiver uma espada por perto, você pode recorrer a uma faca. – Ele verteu um pouco de champanhe que efervesceu e dançou nos copos sob a luz das velas.

Matthew ergueu o copo em minha direção e fez um brinde.

– *À la tienne.*

– *À la tienne.* – Brindei com meu copo erguido, observando as bolhas que estouravam à superfície. – Por que essas bolhas são tão pequenas?

– Porque é um vinho muito velho. Geralmente não se espera tanto tempo para se beber um champanhe. Mas gosto de vinho velho... lembra o gosto do champanhe de antigamente.

– Quanto tempo tem este champanhe?

– É mais velho que você – ele disse enquanto abria as conchas das ostras com as mãos, o que geralmente requer uma faca afiada e muita habilidade, e as colocava no recipiente de vidro ao centro da mesa. Depois, esticou-se e pôs o prato à minha frente. – É de 1961.

– Diga-me, por favor, se este champanhe será a coisa mais velha que beberemos esta noite. – Fiz o comentário porque me veio à lembrança o vinho que ele tinha levado para o jantar da quinta-feira, cuja garrafa estava servindo de vaso para o que restou das rosas brancas na minha mesa de cabeceira.

– De jeito nenhum. – Ele abriu um sorriso.

Levei a primeira ostra à boca. Arregalei os olhos à medida que a minha

boca estalava com o gosto do Atlântico.

– Agora beba. – Ele pegou o próprio copo e ficou me observando enquanto eu sorvia um gole daquele líquido dourado. – O que está sentindo?

A cremosidade do vinho e da ostra colidia de tal maneira com o gosto de sal marinho que até parecia um feitiço.

– Parece que o oceano inteiro está na minha boca – respondi e tomei um outro gole.

Depois das ostras, passamos para uma enorme salada. Com as verduras mais caras conhecidas pelos homens, nozes, frutas vermelhas e um delicioso molho feito com vinagre de champanhe e azeite de oliva que Matthew preparou na mesa. Fatias de carne de perdiz das terras da Velha Cabana adornavam a salada. Bebemos o vinho que Matthew chamou de meu "vinho de aniversário", um vinho que tinha um cheiro de fumaça e de limão de cera de assoalho e um gosto de bala de açúcar queimado e de giz.

O prato seguinte foi um ensopado com pedaços de carne e um molho perfumado. Na primeira mordida, senti que se tratava de vitela acompanhada de maçãs e de um pouco de nata, tudo em cima de um montículo de arroz. Matthew me observou enquanto eu mastigava e sorriu quando provei a acidez da maçã pela primeira vez.

– É uma receita antiga da Normandia – disse. – Gostou?

– É maravilhoso. Foi você mesmo que preparou?

– Não – ele respondeu. – O chef do restaurante Old Parsonage preparou e me deu as instruções de como não queimá-lo quando o requentasse.

– Está aprovado, já que o requentou magnificamente bem. – O calor do ensopado inundou o meu corpo por dentro. – Mas você não está comendo.

– Não estou com fome. – Ele continuou me observando por mais alguns instantes e depois foi à cozinha para pegar outro vinho. Era a garrafa selada com a cera vermelha. Retirou a cera e a rolha da garrafa. – Perfeito! – exclamou, vertendo cuidadosamente o líquido escarlate dentro de um

decantador que estava à mesa.

– Está sentindo mesmo o cheiro deste? – Eu ainda não estava convencida de que os poderes olfativos de Matthew chegavam a tanto.

– Claro que sim. E ainda mais deste vinho. – Ele verteu um pouco da bebida no meu copo e no dele. – Está pronta para experimentar um milagre? – perguntou. Balancei a cabeça. – É um Château Margaux de uma grande vinícola. Algumas pessoas o consideram o melhor vinho tinto já feito.

Erguemos os copos e imitei os gestos de Matthew. Ele levou o nariz à beira do copo e fiz o mesmo. Fui impregnada pelo aroma de violetas. A primeira impressão foi de que eu estava bebendo veludo. Logo emergiu um gosto de leite achocolatado e de cerejas, seguido por uma torrente de sabores sem sentido que me fizeram lembrar do antigo cheiro do estúdio do meu pai depois que ele fumava e do cheiro de madeira de lápis que impregnava o meu apontador na época do colégio. Por fim, senti um gosto de especiarias característico de Matthew.

– Ele tem o seu gosto! – comentei.

– Que gosto? – ele perguntou.

– Um gosto de especiarias – respondi vermelha como um pimentão.

– Só de especiarias?

– Não. Primeiro, achei que tinha um gosto de flores... violetas... porque tinha um cheiro de violetas. Mas depois senti muitas outras coisas. Para você tem gosto de quê?

Esse assunto seria bem mais interessante e bem menos constrangedor que a minha reação.

Ele inspirou, girou levemente o copo e tomou um gole.

– Violetas... concordo com você. Aquelas violetas roxas cobertas de açúcar. Elizabeth Tudor adorava violetas cristalizadas e isso arruinou os dentes dela. – Ele tomou outro gole. – Fumaça de um charuto de excelente qualidade, como aqueles que o Marlborough Club deixava à disposição

nas visitas do príncipe de Gales. Amoras negras colhidas na cerca viva perto do estábulo da Velha Cabana, e groselhas maceradas em conhaque.

Não há nada mais surreal que observar um vampiro fazendo uso dos seus poderes sensoriais. Não era pelo fato de que Matthew podia ver e ouvir coisas que eu não podia – era pela percepção e a precisão que ele demonstrava quando sentia alguma coisa. Não era uma amora negra qualquer – era uma amora negra em particular, de um lugar em particular, de um tempo em particular.

Enquanto Matthew seguia bebendo o vinho, eu terminava meu ensopado. Peguei o meu copo de vinho com um suspiro de satisfação e comecei a brincar com a haste do copo de maneira a fazer com que o vidro capturasse a luz das velas.

– Que gosto você acha que eu tenho? – perguntei em tom de brincadeira.

Ele se levantou abruptamente com um semblante pálido e furioso. O guardanapo caiu no chão e ele nem reparou. Uma veia da testa dele estufou e começou a pulsar.

Eu tinha dito alguma coisa errada.

Antes que eu tivesse tempo de piscar os olhos, ele já estava me puxando da cadeira e me pegando pelos cotovelos com mãos geladas.

– Não acha que há uma lenda sobre os vampiros que precisa ser esclarecida? – Ele estava com uns olhos estranhos e um rosto assustador. Eu tentei me soltar, mas ele me segurou com mais força. – Uma lenda sobre um vampiro que se apaixona por uma mulher de uma forma incontrolável.

Apressei-me em rever o que acabara de acontecer. Primeiro, ele me perguntou o que eu tinha sentido. Eu tinha sentido o gosto dele. Depois, ele disse o que ele próprio tinha sentido, e eu disse...

– Oh, Matthew – sussurrei.

– Percebeu o que significa sentir você para mim? – A voz dele passou de

um ronronado para algo mais intenso e perigoso. Fiquei atordoada por um instante.

Matthew soltou os meus braços antes que a emoção se intensificasse. Não tive tempo para reagir ou fugir. Ele já estava com os dedos enfiados nos meus cabelos e pressionava a base do meu crânio com os polegares. Eu tinha sido pega novamente, e uma sensação de paralisia se espalhou pelo meu corpo à medida que aquelas mãos geladas me tocavam. O que será que havia naqueles dois copos de vinho que eu tinha tomado? Alguma droga? O que mais explicaria minha paralisação?

– Não é só o seu cheiro que me agrada. Eu posso *ouvir* o seu sangue de bruxa enquanto ele se movimenta em suas veias. – Ele comprimiu as minhas orelhas com lábios frios e um hálito doce. – Você sabia que o sangue das bruxas é musical? É como o canto de uma sereia que faz um marinheiro jogar o barco contra os rochedos, o chamado do seu sangue pode ser a minha perdição... e a sua também – sussurrou tão baixinho que era como se estivesse falando dentro da minha cabeça.

Os lábios de Matthew deslizaram avidamente ao longo do meu queixo. Cada pedaço do meu corpo que era tocado pela boca do vampiro gelava e depois queimava, e o sangue voltava a correr sob a minha pele.

– Matthew – sussurrei com a voz entrecortada. Fechei os olhos, achando que ele cravaria os dentes no meu pescoço e ainda me sentindo incapaz... e sem vontade... de me mover.

Em vez de morder meu pescoço, ele buscou meus lábios com lábios ávidos. Enlaçou-me com os braços e aninhou minha nuca nas mãos. Fiquei com meus lábios subjugados aos dele e minhas mãos encurraladas entre o peito dele e o meu. Debaixo da palma de minhas mãos, apenas a batida do coração dele.

De repente, uma batida brusca no coração o fez transformar o beijo. Seu desejo não arrefeceu, mas a ânsia do seu toque se tornou agridoce. Ele afastou as mãos da minha nuca, segurou o meu rosto e se afastou com

certa relutância. Ouvi um sopro suave e recortado. Nada parecido com uma respiração humana. Era o som do tempo que o sangue do vampiro levava para percorrer seus poderosos pulmões.

– Eu tirei proveito do seu medo. Não devia ter feito isso – ele sussurrou.

Eu estava de olhos fechados, intoxicada com o aroma de cravo e canela que afugentava o perfume de violetas do vinho. Angustiada, fiz menção de me soltar do abraço.

– Fique quieta – ele disse de um modo brusco. – Talvez não consiga me controlar se você se afastar.

Lá no laboratório ele me alertara sobre a relação entre o predador e a presa. E agora sugeria que eu devia me fazer de morta para que o predador que havia dentro dele perdesse o interesse por mim.

Mas eu não estava morta.

Abri os olhos. A voracidade daquele rosto não deixava margem para dúvidas. Matthew tinha uma expressão ávida e faminta, tornara-se uma criatura dominada pelos próprios instintos. Mas eu também tinha instintos.

– Eu estou a salvo com você – eu disse a frase com os lábios congelados e ao mesmo tempo ardendo em fogo porque nunca tinha sido beijada por um vampiro.

– Uma bruxa... a salvo com um vampiro? Jamais confie nisso. Bastaria uma fração de segundo. E você não conseguiria me deter se eu investisse, e eu também não conseguiria me deter. – Nossos olhos se encontraram e assim ficamos sem que nenhum dos dois desse uma única piscada. Surpreendido, ele murmurou baixinho. – Você é muito corajosa.

– Nunca fui corajosa.

– O jeito com que você encarou o vampiro quando doou sangue no laboratório, o jeito com que expulsou as criaturas na biblioteca e até o fato de voltar todo dia para lá sem permitir que ninguém atrapalhe seu trabalho... tudo isso é coragem.

– É teimosia. – Essa diferença Sarah já tinha esclarecido muitos anos antes.

– Já vi coragem como a sua... em geral nas mulheres – ele continuou como se não tivesse me ouvido. – Os homens não têm essa coragem. Nossa determinação nasce do medo. Não passa de bravata.

O olhar de Matthew caía em flocos de neve sobre mim, flocos que se derretiam como gelo assim que me tocavam. Um dedo gelado recolheu uma lágrima que tombou da ponta dos meus cílios. Ele estava com o rosto triste quando gentilmente me fez sentar na cadeira e se agachou ao meu lado, pousando uma das mãos no meu joelho e a outra no braço da cadeira de maneira a fazer um círculo de proteção.

– Me promete que nunca mais vai brincar assim com um vampiro... e muito menos comigo... nem sobre sangue nem sobre o gosto que você tem.

– Me desculpe – sussurrei, fazendo força para não desviar os olhos.

Ele balançou a cabeça.

– Você mesma disse que não sabia muita coisa sobre os vampiros. E o que precisa entender é que eles não são imunes à tentação. Os mais conscientes passam a maior parte do tempo tentando *não* imaginar o gosto que as outras pessoas podem ter. Se você se deparar com algum vampiro sem consciência, e muitos se enquadram nessa categoria, então que Deus a ajude.

– Eu não pensei. – E continuava não pensando. Minha cabeça rodava só de lembrar do beijo e da fúria dele, e daquela ânsia palpável que ele exibiu.

Matthew abaixou a cabeça e se recostou no meu ombro. A âmbula de Betânia escapuliu pela gola do suéter e oscilou como um pêndulo, o pequeno caixão cintilou sob a luz das velas.

Ele começou a murmurar tão baixinho que tive que me esforçar para ouvir.

– Bruxas e vampiros não devem se envolver dessa maneira. Eu estou sentindo o que jamais... – A voz dele soou entrecortada.

– Sei disso. – Esfreguei o queixo levemente nos cabelos dele. Eles eram tão sedosos como pareciam. – Eu também estou sentindo a mesma coisa.

Matthew continuou com as mãos no mesmo lugar, uma no meu joelho e a outra no braço da cadeira. Depois que falei, ele moveu os braços devagar e me pegou pela cintura. O gelo da pele dele atravessou a minha roupa, mas não tremi de frio. Pelo contrário, me aconcheguei para descansar os braços nos seus ombros.

Evidentemente, um vampiro se sentiria confortável naquela mesma posição por muitos dias, mas não uma simples bruxa como eu. Fiz então um pequeno movimento e ele me olhou confuso, mas em seguida demonstrou com um rosto iluminado que tinha entendido.

– Eu me esqueci – ele disse se levantando e se afastando de mim com cuidado. Primeiro, mexi uma perna e, depois, a outra, restaurando assim a circulação dos meus pés.

Matthew estendeu o vinho para mim e voltou para a sua cadeira. Depois disso tratei de estabelecer uma conversa que não o fizesse pensar no gosto que eu podia ter.

– Qual era a quinta pergunta que você teve que responder para ganhar o prêmio Fellowship? – Os candidatos eram convidados a prestar um exame que envolvia quatro perguntas de amplitude reflexiva e complexidade ardilosa. Ainda havia uma célebre "quinta pergunta" e, quando o candidato sobrevivia às quatro primeiras, fazia-se então a famosa "quinta pergunta". Não era propriamente uma pergunta e sim uma simples palavra como "água" ou "ausência". A resposta ficava por conta do candidato e quem apresentasse a resposta mais inteligente ganhava a vaga na All Souls.

Ele se esticou por sobre a mesa – sem que as velas o queimassem – e derramou mais vinho no meu copo.

– Desejo – respondeu esquivando-se engenhosamente dos meus olhos.

Era melhor parar com os planos táticos.

– Desejo? E o que você escreveu?

– Pelo que me lembro escrevi que ao longo dos séculos apenas duas emoções fizeram o mundo girar. – Ele hesitou e seguiu em frente. – Uma, o medo. A outra, o desejo. Foi mais ou menos essa a minha resposta.

Não me passou despercebido que Matthew não tinha incluído o amor. Era um quadro brutal, uma queda de braço entre dois impulsos iguais e opostos. Por outro lado, um toque de verdade que superava o chavão "o amor faz o mundo girar". Ele insinuava que o desejo dele – principalmente por sangue – era tão intenso que colocava tudo mais em risco.

No entanto, os vampiros não eram as únicas criaturas que tinham que lidar com impulsos muito intensos. Grande parte de tudo que sempre foi classificado como magia não passava de desejos em ação. A feitiçaria é diferente – envolve feitiços e rituais. Mas a magia? Um desejo, uma vontade, uma ânsia, fortes demais para serem negados – tudo isso pode se transformar em verdade quando cruza a mente de uma bruxa.

De todo modo, não seria justo esconder os meus segredos se Matthew me revelava os dele.

– Magia é desejo tornado real. Foi assim que peguei o *Notes and Queries* na noite em que nos conhecemos – argumentei vagarosamente. – Quando uma bruxa se concentra em alguma coisa que deseja e depois imagina a forma de obtê-la, ela pode fazer isso acontecer. Por isso sou bastante criteriosa quanto ao meu trabalho. – Peguei o copo de vinho com as mãos trêmulas e tomei um gole.

– Isso quer dizer que você passa grande parte do seu tempo reprimindo o seu desejo, exatamente como eu. Talvez até pelos mesmos motivos. – Ele percorreu o meu rosto com olhos de flocos de neve.

– Se você está dizendo que tenho medo de começar e de não poder parar depois... é isso mesmo. Não quero olhar para o passado e perceber que me apossei de coisas sem merecimento próprio.

– Então você duplica o merecimento. Primeiro você merece alguma

coisa simplesmente porque não a pegou para si, e depois a merece de novo pelo trabalho e o esforço próprio. – Matthew soltou uma risada amarga. – Assim não há vantagem alguma em ser uma criatura sobrenatural, não é o caso?

Ele sugeriu que nos sentássemos perto da lareira inativa. Eu me instalei no sofá e ele pôs um prato de biscoitos de nozes na mesinha à minha frente antes de desaparecer novamente na cozinha. Depois apareceu com a garrafa preta antiga – já sem a rolha – sobre uma pequena bandeja junto a dois copos contendo um líquido da cor de âmbar. Ofereceu-me um dos copos.

– Feche os olhos e diga que aroma sente. – Passou-me a instrução com a voz de um mestre de Oxford.

Obediente, fechei os olhos. O vinho tinha um sabor ao mesmo tempo velho e vibrante. Exalava um aroma de flores com nozes e limões cristalizados, e algo mais, o longo passado de um mundo ao qual eu só tinha acesso pelos livros e a imaginação.

– Ele tem cheiro de passado. Mas não de um passado morto. Um passado vivo.

– Abra os olhos e beba um gole.

À medida que a bebida doce e brilhante escorria pela minha garganta, algo muito antigo penetrava no meu fluxo sanguíneo. *Esse deve ser o sabor do sangue de um vampiro*. Mantive o pensamento comigo.

– Você vai me dizer o que é isso? – perguntei com a boca impregnada de sabores.

– Malvasia – ele disse sorrindo. – Um antiquíssimo vinho de malvasia.

– Quantos anos? – perguntei curiosa. – É tão velho quanto você?

Ele riu.

– Não. Você não gostaria de beber algo tão velho quanto eu. É de 1795, feito de uvas cultivadas na ilha da Madeira. No passado era muito popular, mas hoje quase ninguém lhe dá valor.

– Que bom – comentei com uma satisfação gulosa. – Sobra tudo pra mim.

Ele riu de novo, sentando-se confortavelmente em uma de suas poltronas Morris.

Conversamos sobre a estada dele na All Souls e sobre Hamish, outro que ganhara o prêmio Fellow, e sobre as aventuras de ambos em Oxford. Ri muito das histórias sobre os jantares que ele era obrigado a participar e de suas corridas até Woodstock onde ele vomitava até tirar o gosto de carne cozida da boca.

– Você parece cansada – ele disse, e só se levantou depois de mais um copo de malvasia e uma hora de conversa.

– Estou mesmo cansada. – Apesar da fadiga ainda precisava lhe dizer uma coisa antes que ele me levasse para casa. Deixei o copo na mesa.

– Já tomei uma decisão, Matthew. Na segunda-feira, vou requisitar o Ashmole 782.

O vampiro sentou-se abruptamente.

– Não sei como quebrei o feitiço na primeira vez, mas tentarei de novo. Knox não acredita que eu consiga. – Franzi os lábios. – Mas o que ele sabe? Ele não foi capaz de quebrar o feitiço. E talvez você consiga enxergar as palavras que se escondem sob as imagens desse palimpsesto mágico.

– Você está dizendo que não sabe de que forma quebrou o feitiço? – A testa de Matthew exibiu algumas rugas de aturdimento. – Que palavras você disse? Que poderes você invocou?

– Eu quebrei o feitiço sem me dar conta de que estava fazendo isso – expliquei.

– Meu Deus, Diana. – Ele se levantou outra vez como um raio. – Knox sabe que você não recorreu à magia?

– Se sabe, não fui eu que lhe contei. – Eu me encolhi. – Além do mais, o que isso importa?

– Importa porque você se deparou com as condições desse

encantamento, ainda que não o tenha quebrado. Agora as outras criaturas estão esperando que você faça algum contrafeitiço para observá-lo e copiá-lo, e se possível, para elas mesmas pegarem o Ashmole 782. Os seus colegas bruxos já não serão tão pacientes e tão bem-comportados quando ficarem sabendo que o feitiço se abriu para você por vontade própria.

O semblante furioso de Gillian me veio à mente, acompanhado pelo vívido relato do que as bruxas e os bruxos tinham feito com os meus pais para extrair os segredos que eles guardavam. Afugentei esses pensamentos com o meu estômago dando voltas e me concentrei nas imperfeições do argumento de Mathhew.

– O feitiço foi lançado mais de um século antes do meu nascimento. Isso é impossível.

– Parecer impossível não significa que não seja verdade – ele retrucou rindo. – Newton sabia bem disso. Não se pode prever o que Knox fará quando perceber que existe uma relação entre o feitiço e você.

– Sendo assim estarei em perigo pegando ou não pegando o manuscrito – concluí. – O Knox não vai sair do meu pé, não é?

– Não vai, não – ele concordou, relutando. – E não hesitará em usar a magia contra você, mesmo que esteja na frente de humanos em plena biblioteca. E talvez eu não consiga ajudá-la a tempo.

Os vampiros são rápidos, mas a magia é muito mais.

– Então me sentarei perto da sua mesa. Ficaremos sabendo tão logo o manuscrito seja entregue.

– Não gosto nada disso – disse Matthew, visivelmente preocupado. – A linha entre a coragem e a imprudência é muito tênue, Diana.

– Não é imprudência... só quero a minha vida de volta.

– E se a sua vida for isso? – ele perguntou. – E se depois de tudo você não conseguir manter a magia afastada?

– Manterei algumas partes dela. – Lembrei do nosso beijo e do intenso sentimento que o acompanhou, e olhei nos olhos dele para que ele

soubesse o quanto estava incluído na minha vida. – O fato é que não serei intimidada por ninguém.

Fizemos o trajeto de volta a minha casa com Matthew ainda preocupado com meu plano. Quando virei na New College Lane para entrar pelos fundos, ele me pegou pela mão.

– De jeito nenhum – disse. – Você viu como o porteiro me olhou? Eu quero que ele saiba que você está segura na faculdade.

Seguimos pela calçada acidentada da Holywell Street, passamos pela entrada do pub Turf e cruzamos os portões da New College. Passamos de mãos dadas pelo porteiro.

– Você vai remar amanhã? – disse Matthew ao pé da escada.

Resmunguei.

– Não, tenho um monte de cartas de recomendação para escrever. Ficarei em casa e darei uma arrumada na minha escrivaninha.

– Eu vou caçar em Woodstock – ele disse casualmente.

– Então, boa caçada – retruquei de forma igualmente casual.

– Não se aborrece em saber que estarei fora, escolhendo o meu próprio cervo? – Ele pareceu surpreso.

– Não. De vez em quando me alimento de perdiz. E de vez em quando você se alimenta de cervo. – Dei de ombros. – Sinceramente, não vejo diferença alguma.

Os olhos de Matthew brilharam. Ele esticou um pouco os dedos, mas não soltou a minha mão. Levou-a até a boca e deu um longo beijo na carne tenra da palma de minha mão.

– Agora vá dormir – disse, soltando a minha mão. Ele deixou rastros de gelo e neve com os olhos quando me observou da cabeça aos pés.

Olhei para ele sem fala, impressionada com o poder envolvente de um simples beijo na palma de minha mão.

– Boa-noite – sussurrei quase sem fôlego. – Vejo você na segunda.

Subi a escada estreita que levava ao meu apartamento. Já na entrada

pensei comigo que a maçaneta da porta tinha sido apertada por alguém que acabou fazendo uma baita confusão na fechadura porque a parte metálica e a madeira estavam todas arranhadas. Entrei no apartamento e acendi as luzes. A secretária eletrônica estava piscando, é claro. Cheguei à janela e acenei para mostrar que eu estava sã e salva.

Alguns segundos depois, eu me debrucei na janela para espiar e Matthew já tinha ido embora.



A manhã da segunda-feira exibia a quietude mágica comum de outono. O mundo inteiro parecia claro e brilhante, e o tempo, suspenso. Levantei da cama ao amanhecer, ansiosa para sair, e vesti o traje de remo.

O rio estava vazio naquela hora do dia e a névoa começou a se dissipar na superfície da água quando o sol apareceu no horizonte, de modo que o meu barco escorregava por entre pontos alternados de névoa e raios de sol rosados.

Quando retornei à doca, Matthew me esperava com um velho cachecol listrado de marrom e branco da New College na escada que levava até a sacada da casa de barcos. Saí do barco, coloquei as mãos nos quadris e o olhei sem poder acreditar.

– Onde conseguiu essa coisa? – Apontei para o cachecol.

– Você devia ter mais respeito pelos mais velhos – ele respondeu com um sorriso maroto, jogando a ponta do cachecol por cima do ombro. – Se não me engano o comprei em 1920, mas na verdade não lembro bem. Talvez depois da Grande Guerra.

Balancei a cabeça e levei os remos para dentro da casa de barcos. No momento em que tirava o meu barco da água um outro barco deslizou pela doca com dois remadores fazendo um uníssono perfeito. Meus joelhos se dobraram ligeiramente e o barco oscilou quando o levantei e o coloquei na minha cabeça.

– Por que não me deixa ajudá-la com isso? – disse Matthew saindo de onde estava.

– Nem pensar. – Eu já estava carregando o barco para dentro da casa com o passo firme. Matthew resmungou alguma coisa entre dentes.

Acabei de prender o barco no cavalete e fui tomar o café da manhã com Matthew no Mary and Dan's. Ele precisava ficar ao meu lado durante a maior parte do dia e os exercícios matinais tinham me deixado faminta. Matthew me pegou pelo cotovelo com uma das mãos e apoiou a outra nas minhas costas, desta vez mais firme que antes, e me conduziu por entre as mesas. Mary me recebeu como se eu fosse uma velha amiga e Steph nem se preocupou em apresentar o cardápio quando chegou à nossa mesa, simplesmente anunciou "o de sempre". A voz dela soou sem nenhum tom de interrogação e, quando o prato chegou carregado de ovos, bacon, cogumelos e tomates, eu me senti feliz por não ter pedido uma refeição mais leve e digna de uma dama.

Depois do café da manhã, resolvi voltar para casa para tomar um banho e trocar de roupa. Quando cheguei ao prédio, Fred espiou da portinhola da cabine para ver se era mesmo o Jaguar de Matthew que estava estacionado do lado de fora dos portões. Sem dúvida alguma os porteiros estavam fazendo apostas sobre o nosso relacionamento. Naquela manhã era a primeira vez que eu convencia o meu acompanhante a me deixar fora do terreno do prédio.

– Estamos em plena luz do dia e Fred vai ter um treco se o seu carro bloquear os portões dele no horário de carga e descarga – protestei quando Matthew fez menção de sair do carro. Ele se amuou, mas concordou que estacionar o carro na entrada do prédio seria suficiente para barrar um possível ataque de outros carros.

Cada passo da minha rotina naquela manhã teria que ser lento e deliberado. Eu então tomei um banho demorado, deixando a água quente escorrer pelos meus músculos cansados. E sem pressa vesti uma calça preta confortável, uma blusa de gola rolê para me proteger do frio que fazia na biblioteca e um casaquinho de lã azul apenas para quebrar o preto. Depois

prendi o cabelo num rabo de cavalo. A mecha rebelde que sempre caía na minha testa se soltou na mesma hora e, resmungando, ajeitei-a atrás da orelha.

Apesar de todos os meus esforços a ansiedade aflorou tão logo empurrei a porta de vidro da biblioteca. O guarda apertou os olhos diante do meu sorriso calorosamente incomum, e precisou de mais tempo para comparar o meu rosto com o da fotografia do cartão da biblioteca. Até ele me deixou passar e subi a escadaria que levava à Duke Humfrey.

Uma hora antes eu tinha estado com Matthew e mesmo assim foi reconfortante quando o vi se escarrapachando numa incômoda cadeira da ala medieval no meio do primeiro vão de escrivaninhas elizabetanas. Ficou me observando quando coloquei o laptop no tampo de madeira desgastada.

– Ele está aqui? – sussurrei relutante em dizer o nome Knox.

Matthew assentiu com um sorriso.

– No Selden End.

– Bom, que fique mofando lá o dia inteiro – disse entre dentes comigo mesma enquanto retirava um cartão de requisição em branco de uma bandeja retangular que estava sobre a escrivaninha. Eu preenchi os dados: *Ashmole MS 782*, meu nome e o número do meu cartão da biblioteca.

Sean estava no balcão.

– Já tenho duas obras reservadas – disse-lhe com um sorriso.

Ele entrou na cabine e voltou com os manuscritos, depois estendeu a mão para pegar a minha nova requisição. Enfiou o cartão de requisição dentro de um envelope cinza que seria despachado para a pilha de requisições.

– Você tem um minuto para mim? – perguntou.

– Claro. – Acenei para Matthew, indicando que ele devia permanecer onde estava, e segui Sean até a entrada do Arts End que, como o Selden End, se estendia perpendicular à biblioteca velha. Ficamos debaixo de uma

linha de janelas com vitrais por onde entravam tênues raios do sol da manhã.

– Ele está incomodando você?

– O professor Clairmont? De jeito nenhum.

– Sei que não é da minha conta, mas não gosto dele. – Sean olhou com nervosismo para a nave central, como se esperando que Matthew saísse de lá para confrontá-lo. – Isto aqui está cheio de tipos estranhos desde a semana passada.

Sem poder discordar, emiti ruídos abafados de simpatia.

– Você me contaria se tivesse alguma coisa errada?

– Claro que sim, Sean. Mas o professor Clairmont é legal. Não precisa se preocupar com ele.

Meu velho amigo não pareceu convencido.

– Sean pode achar que sou diferente... mas não tanto como você – disse para Matthew quando retomei o meu lugar.

– Poucos o são – ele disse em tom sombrio, retomando a leitura.

Liguei o computador e tentei me concentrar no trabalho. Eu teria que esperar pelo manuscrito durante algumas horas. Nunca foi tão difícil me concentrar na alquimia, minha atenção oscilava entre um vampiro e o balcão da biblioteca. Sem falar que eu desviava os olhos toda vez que chegavam os novos livros requisitados.

Depois de diversos alarmes falsos, soaram passos sorrateiros vindos do Selder End. Matthew se pôs em alerta na sua cadeira.

Peter Knox se aproximou ainda mais e se deteve.

– Dra. Bishop – disse com uma voz fria.

– Sr. Knox. – Minha voz soou igualmente fria, e me voltei para o volume aberto à minha frente. Ele deu mais um passo na minha direção.

Sem tirar os olhos dos documentos de Needham à sua frente, Matthew dirigiu-se a ele com toda calma possível:

– Se eu fosse você pararia aí mesmo, a menos que a dra. Bishop queira

conversar.

– Eu estou muito ocupada. – Senti uma forte pressão na fronte e uma voz sussurrou dentro da minha cabeça. Lancei mão de todas as minhas forças para manter o bruxo fora dos meus pensamentos. – Já disse que estou muito ocupada – repeti com firmeza.

Matthew deixou um lápis na mesa e levantou-se.

– Matthew, o sr. Knox já está de saída – interferi e me voltei para o meu laptop digitando algumas palavras sem sentido.

– Espero que você saiba o que está fazendo. – Knox praticamente cuspiu a frase.

Matthew rosnou e o peguei levemente pelo braço. Knox fixou os olhos exatamente onde os corpos de uma bruxa e de um vampiro se tocavam.

Até então ele só tinha uma pequena suspeita de uma proximidade entre mim e Matthew que ofendia o gosto dos bruxos. E naquele momento a suspeita se confirmou.

Você falou do nosso livro para ele. A voz malévola de Knox ecoou na minha cabeça e, quando tentei rechaçar a intrusão, o bruxo também se mostrou poderoso. Engoli em seco, surpreendida pela resistência aos meus esforços.

Sean observava alarmado lá do balcão de requisição. O braço de Matthew vibrou e seu rosnado se fez ainda mais ameaçador.

– Quem é que está chamando a atenção agora? – sussurrei para o bruxo, apertando o braço de Matthew para fazê-lo saber que eu não precisava de ajuda.

Knox soltou um riso de desprazer.

– Dra. Bishop, esta manhã a senhora chamou a atenção não apenas dos humanos. Lá pelo fim do dia, todos os bruxos de Oxford saberão que é uma traidora.

Os músculos de Matthew se retesaram, e ele apalpou o caixão que tinha ao pescoço.

Ai, meu Deus, eu pensei, *ele vai matar esse bruxo aqui dentro da biblioteca*. Eu me interpus entre os dois.

– Basta – disse mansamente para Knox. – Se não sair daqui, direi a Sean que você está me importunando e ele chamará os seguranças.

– Hoje a luminosidade no Selden End não está nada boa – Knox cortou o impasse. – Acho que vou me transferir para esta parte da biblioteca – ele acrescentou e saiu.

Matthew tirou a minha mão do seu braço e começou a guardar os seus pertences.

– Vamos sair.

– Não vamos, não. Não sairemos daqui enquanto não tivermos o manuscrito.

– Você não ouviu? – Ele se exaltou. – Knox ameaçou você! Não preciso desse manuscrito, mas estou morrendo de vontade de... – Ele se calou abruptamente.

Eu o fiz se sentar novamente. Sean ainda olhava em nossa direção com a mão em cima do telefone. Sorri e acenei com a cabeça para ele antes de me voltar para o vampiro.

– Foi culpa minha. Eu não devia ter tocado em você na presença dele – murmurei com os olhos no ombro de Matthew, onde mantinha a minha mão.

Ele tocou no meu queixo com sua mão fria.

– Está arrependida por ter tocado em mim ou por ter sido vista pelo bruxo fazendo isso?

– Nem uma coisa nem outra – sussurrei. Os olhos cinzentos do vampiro passaram rapidamente da tristeza para a surpresa. – Foi por não tê-lo ouvido quando me aconselhou a não ser imprudente.

Knox se aproximou novamente e Matthew, atento ao bruxo, apertou o meu queixo com mais força. Quando ele viu Knox se acomodar a alguma distância de nós, se voltou de novo para mim.

– Se ele der mais uma palavra, nós sairemos daqui... com ou sem o manuscrito. Entendeu, Diana?

Depois disso não foi mais possível pensar em ilustrações alquímicas. O aviso de Gillian sobre o que acontecia com as bruxas que guardavam segredos dos seus semelhantes e a inabalável afirmação de Knox de que eu era uma traidora ressoavam na minha cabeça. Mais tarde Matthew me chamou para almoçar e recusei. O manuscrito ainda não tinha chegado e não poderíamos estar na Blackwell quando isso ocorresse, ainda mais com Knox ali por perto.

– Não reparou no meu café da manhã? – Fiz frente à insistência de Matthew. – Eu não estou com fome.

O demônio amante de café surgiu em seguida, balançando os fones de ouvido pelo fio.

– Oi. – Ele acenou para mim e para Matthew.

Matthew o olhou com argúcia.

– Que bom vê-los juntos mais uma vez. Tudo bem se eu verificar meus e-mails ali, já que o bruxo está aqui com vocês?

– Como você se chama? – perguntei com um sorriso.

– Timothy – respondeu o demônio, balançando o corpo. Ele calçava um par trocado de botas de caubói, um dos pés, vermelho, o outro, preto. Os olhos dele obedeciam à mesma lógica: um, azul, outro, verde.

– Fique à vontade e veja seus e-mails, Timothy.

– Você é dez. – Ele ergueu o polegar para mim, girou sobre o salto da bota vermelha e se afastou.

Uma hora depois me levantei, não conseguindo mais controlar a minha impaciência.

– O manuscrito já devia ter chegado há muito tempo.

O vampiro me seguiu com os olhos enquanto eu fazia o curto trajeto até o balcão de requisição. Já não era mais um olhar leve como flocos de neve e sim cortante e duro como gelo, e se agarrava nos meus ombros.

– E aí, Sean? Você pode ver se já liberaram o manuscrito que requisitei esta manhã?

– Alguma outra pessoa deve estar com ele – respondeu-me. – Não chegou nada aqui para você.

– Tem certeza? – Não era possível que o tivessem apanhado.

Sean vasculhou as fichas e encontrou a minha requisição com uma nota grampeada. "Desaparecido."

– Esse manuscrito não está desaparecido. Ele esteve comigo algumas semanas atrás.

– Verei isso. – Ele contornou o balcão e se dirigiu à sala do supervisor. Matthew deixou os jornais de lado e ficou observando enquanto Sean dava uma batida na porta já aberta.

– A dra. Bishop quer um manuscrito e anotaram aqui que está desaparecido – disse Sean, mostrando a ficha de requisição.

O sr. Johnson consultou um livro à mesa, passando o dedo em linhas rabiscadas por muitas gerações de supervisores da sala de leitura.

– Ah, sim. Ashmole 782. Está desaparecido desde 1859. E não temos microfilme.

Matthew saiu de sua mesa.

– Mas o vi não faz muito tempo.

– Impossível, dra. Bishop. Faz cento e cinquenta anos que esse manuscrito sumiu. – O sr. Johnson piscou por trás das grossas lentes dos óculos.

– Dra. Bishop, eu posso falar com a senhora depois? – A voz de Matthew me deixou sobressaltada.

– Claro que sim – eu disse me virando para ele. – Muito obrigada – sussurrei para o sr. Johnson.

– Vamos sair daqui. Agora – cochichou Matthew.

Na nave central um grupo de criaturas mantinha os olhos cravados em cima de nós. Lá estavam Knox, Timothy, as irmãs vampiras, Gillian... e

alguns rostos desconhecidos. Retratos de reis e rainhas e de outros personagens ilustres que decoravam as paredes da Duke Humfrey também nos olhavam com um ligeiro ar de desaprovação por cima das altas estantes.

– Esse manuscrito não pode estar desaparecido. Eu o vi recentemente – eu repetia aturdida. – Nós devíamos ter insistido para que eles verificassem.

– Não fale disso agora... não pense nem uma palavra sobre isso. – Matthew recolheu rapidamente as minhas coisas, salvou o meu trabalho no computador e o fechou.

Resignada, comecei a recitar os nomes dos monarcas ingleses mentalmente, a começar por Guilherme, o Conquistador, para tirar o manuscrito desaparecido da minha cabeça.

Knox passou perto de nós, aparentemente ocupado em mandar uma mensagem de texto pelo celular, e saiu. Depois foi a vez das irmãs vampiras, mais carrancudas que o habitual.

– Por que todos estão saindo? – perguntei para Matthew.

– Porque você não pegou o Ashmole 782. Eles estão se reagrupando. – Ele me estendeu a bolsa e o computador e pegou os dois manuscritos que estavam comigo. Segurou o meu cotovelo com a outra mão e nos dirigimos à mesa de requisição. Timothy fez um aceno triste do Selden End e depois fez o sinal da paz e virou de costas.

– Sean, a dra. Bishop vai comigo para a faculdade para me ajudar a resolver um problema que encontrei nos documentos de Needham. Ela não vai precisar desses aqui pelo resto do dia. E eu também não voltarei hoje.

Matthew entregou os manuscritos para Sean, que por sua vez olhou para o vampiro com um ar sombrio e depois os empilhou com zelo para que fossem encaminhados ao setor de segurança onde eram guardados.

Não trocamos palavras enquanto descíamos pela escada e, quando chegamos à porta de vidro de acesso ao pátio, eu já estava engatilhada

para bombardeá-lo com inúmeras perguntas.

Peter Knox estava encostado na grade de ferro que guarnece a estátua de bronze de William Herbert. Matthew parou abruptamente e com um movimento rápido se pôs ao meu lado como um tanque.

– Quer dizer que a dra. Bishop não conseguiu reaver o manuscrito – disse Knox com um tom impregnado de malícia. – Eu não disse que tinha sido por acaso? Nem mesmo uma Bishop quebraria esse feitiço sem um treinamento prévio de feitiçaria. Sua mãe conseguiria fácil, fácil, mas pelo visto você não herdou os dons dela.

Matthew crispou os lábios, mas não disse nada. Achou melhor não interferir na conversa entre dois bruxos, apesar de ter dado sinais de que poderia investir contra Knox a qualquer momento.

– Ele está desaparecido. Minha mãe tinha dons, mas não era um cão farejador. – Arrepiei-me toda, e Matthew mexeu discretamente a mão como se me pedindo calma.

– Ah, está desaparecido – disse Knox. – De um jeito ou de outro você vai encontrá-lo. É melhor não tentar quebrar o feitiço pela segunda vez.

– Por quê? – perguntei com impaciência.

– Porque não podemos permitir que a nossa história fique nas mãos de animais como ele. Bruxos e vampiros não se misturam, dra. Bishop. E há excelentes razões para isso. Lembre-se de quem você é. Senão *vai se arrepender*.

Uma bruxa não deve esconder segredos de outras bruxas. Quando ela faz isso, coisas ruins acontecem. A voz de Gillian ecoou na minha cabeça, e as muralhas da Bodleiana começaram a me comprimir. Lutei contra o pânico que já vinha à tona.

– Faça outra ameaça a ela, e acabo com a sua vida. – A voz de Matthew soou serena, mas a cara assustada de um turista que passava sugeriu que o semblante dele contradizia a serenidade que ele fingia assumir.

– Matthew – interferi com toda calma. – Aqui não.

– Agora você está matando bruxos, Clairmont? – disse Knox com um ar provocativo. – Já cansou de matar vampiros e humanos?

– Deixe-a em paz. – A voz de Matthew continuou firme, mas o corpo estava preparado para investir caso Knox movesse um único músculo na minha direção.

O rosto do bruxo se contorceu.

– Não há a menor chance. Ela pertence a nós, não a você. Da mesma forma que o manuscrito pertence apenas a nós.

– Matthew – insisti ainda mais ansiosa. Um garoto humano de uns treze anos com um corpo desengonçado e um *piercing* no nariz nos olhou com interesse. – Os humanos já estão nos olhando.

Ele recuou e agarrou a minha mão. O choque de sua pele fria contra minha pele morna e a sensação de que eu estava acorrentada a ele foram simultâneos. Ele me puxou para a frente e me enlaçou pelos ombros.

Knox riu debochado.

– Clairmont, você terá que fazer muito mais para mantê-la a salvo. Ela vai recuperar o manuscrito para nós. Não tenha dúvida de que trataremos disso.

Matthew me acompanhou pelo pátio até o caminho de pedras que circundava a Câmara Radcliffe sem dizer uma palavra. Ele esbravejou diante dos portões de ferro trancados da All Souls e me conduziu pela High Street.

– Não falta muito – disse apertando um pouco mais a minha mão.

Matthew não me soltou nem na portaria, só fez um aceno para o porteiro enquanto nos dirigíamos para o apartamento dele. Entramos na água-furtada que continuava acolhedora e reconfortante como na noite de sábado.

Ele jogou as chaves na prateleira ao lado da porta e me fez sentar no sofá. Foi até a cozinha e voltou com um copo d'água. Estendeu o copo para mim e me recusei a beber, mas me olhou de um jeito tão sombrio que

me fez tremer e tomar um gole.

– Por que não consegui pegar o manuscrito pela segunda vez? – Eu já desconfiava de que Knox estava certo.

– Eu devia ter seguido os meus instintos. – Matthew estava em pé ao lado da janela, abria e fechava a mão direita sem me dar a menor atenção. – Não sabemos qual é a conexão que você tem com o feitiço. Você começou a correr um sério risco a partir do momento em que pôs os olhos no Ashmole 782.

– Matthew, mesmo que Knox seja uma ameaça, ele não será estúpido de fazer alguma na frente de tantas testemunhas.

– Você ficará em Woodstock por alguns dias. É melhor ficar longe dele... bem longe para não encontrá-lo nem na faculdade nem na biblioteca.

– Knox estava certo, não poderei reaver o manuscrito. Ele não vai mais se preocupar comigo.

– Seria bom se fosse assim, Diana. Knox quer conhecer os segredos do Ashmole 782, da mesma forma que eu e você.

O semblante imperturbável de Matthew se mostrou abalado. Ele passou os dedos nos cabelos negros e os levantou até ficar parecido com um espantalho.

– Como vocês dois podem ter tanta certeza de que esse texto escondido guarda segredos? – perguntei, indo até a lareira. – É um livro de alquimia. Talvez seja só isso.

– A alquimia é a história da criação contada em termos químicos. As criaturas são químicas, são mapeadas pela biologia.

– Mas elas não sabiam nada de biologia quando escreveram o Ashmole 782 e não tinham a visão que você tem da química.

Matthew apertou os olhos.

– Eu estou chocado com a estreiteza do seu pensamento, Diana Bishop – disse com todas as letras. – As criaturas que fizeram o manuscrito podiam

não conhecer o DNA, mas o que garante que não se questionavam sobre a criação como os cientistas modernos?

– Os textos alquímicos são alegóricos, não são manuais de instruções. – Transferi para ele o medo e a frustração que eu vinha sentindo nos últimos dias. – Eles podem deixar pistas de verdades maiores, mas não se podem extrair deles experimentos fidedignos.

– Eu nunca disse que isso era possível – ele retrucou com os olhos ainda sombreados pela raiva reprimida. – Mas estamos nos referindo aos possíveis leitores constituídos de bruxos, demônios e vampiros. Basta que uma leitura tenha um toque sobrenatural, um pouco de criatividade do outro mundo e algumas memórias antigas preenchendo as lacunas para que as criaturas tenham informações que não queremos que elas tenham.

– Informações que *você* não quer que elas tenham! – Lembrei da promessa que tinha feito para Agatha Wilson e elevei o tom da voz. – Você é tão malévolo quanto Knox. Só quer o Ashmole 782 para satisfazer a sua curiosidade. – Peguei as minhas coisas com as mãos coçando.

– Calma.

Não gostei do tom cortante da voz dele.

– Pare de me dizer o que devo fazer. – A coceira em minhas mãos se intensificou.

Uma luz azul brilhante emanou dos meus dedos e de suas pontas pipocaram minúsculos arcos de fogo, como velas faiscantes de um bolo de aniversário. Deixei o computador de lado e ergui as mãos.

Em vez de se chocar com isso, Matthew me olhou intrigado.

– Isso acontece com frequência? – A voz dele soou com um tom de neutralidade.

– Ah, *não*. – Saí correndo para a cozinha com as mãos faiscando.

Ele barrou a minha entrada.

– Nada de água – disse com um tom firme. – Isso cheira a eletricidade.

Ah, então estava explicado por que eu tinha incendiado a cozinha da

última vez.

Continuei em pé na frente dele, parada e calada, e com as mãos para o alto. Ficamos nos olhando por um instante enquanto a luz azulada e as faíscas se dissipavam nos meus dedos, deixando um forte cheiro de fiação queimada no ar.

No final do espetáculo pirotécnico, Matthew encostou-se no umbral da porta da cozinha com a mesma indiferença de um aristocrata renascentista posando para um pintor.

– Bem – ele me olhou com a quietude de uma águia pronta para mergulhar sobre a presa –, *isso* foi muito interessante. Você sempre fica assim quando está zangada?

– Eu não estou zangada – respondi virando de costas para ele.

Matthew foi rápido com a mão e de pronto me fez virar de frente para ele.

– Você não está facilitando as coisas. – A voz dele soou tranquila, mas o tom cortante estava de volta. – Você está zangada. Eu acabei de ver isso. E restou pelo menos um buraco no tapete para provar isso.

– Solte-me! – Minha boca se contorceu até formar uma expressão que tia Sarah chamava de "cara azeda". Uma expressão que fazia os meus alunos tremerem. Naquele momento, eu só queria que Matthew se enrolasse como uma bola e saísse rolando. Mas no fundo o que eu queria mesmo é que ele soltasse o meu braço e me deixasse fugir dali.

– Eu avisei. Amizade com vampiros é complicada. Não posso soltá-la agora... mesmo se quisesse fazê-lo.

Abaixei intencionalmente os olhos até a mão de Matthew. Ele me largou com um ronco de impaciência e me virei para pegar a bolsa.

Realmente, nunca se deve dar as costas a um vampiro quando se está discutindo com ele.

Matthew me agarrou por trás e comprimiu o peito nas minhas costas com tanta força que eu podia sentir cada movimento muscular dele.

– Agora – disse no meu ouvido –, conversaremos como criaturas civilizadas sobre o que aconteceu. Você não vai se esquivar nem disso... nem de mim.

– Solte-me. – Comecei a me debater.

– Não.

Até então nenhum homem tinha sido capaz de me desobedecer – quer estivesse me bisbilhotando na biblioteca, quer estivesse tentando passar a mão nos meus seios dentro do cinema. Eu me debati de novo. E ele apertou ainda mais o abraço.

– Pare de lutar comigo. – Ele parecia estar se divertindo. – Garanto que você se cansará bem antes de mim.

Nas minhas aulas de defesa pessoal eu tinha aprendido como me desvencilhar quando agarrada pelas costas. Levantei a perna para pisar no pé dele. Ele se esquivou da pisada e o meu pé bateu no chão com força.

– Se quiser poderemos passar a noite inteira dessa maneira – ele murmurou. – Mas sinceramente, eu não recomendo. Meus reflexos são muito mais rápidos que os seus.

– Se você me soltar, a gente conversa – falei entre dentes.

Ele sorriu mansamente e seu hálito de especiarias arrepiou a pele desnuda na base do meu crânio.

– Essa tentativa de negociação não vale a pena, Diana. Nós vamos conversar assim desse jeito em que estamos. O que eu quero saber é com que frequência os seus dedos ficam azuis.

– Não com muita frequência. – Meu instrutor de defesa pessoal dizia que era melhor relaxar quando um assaltante o prendia pelas costas. O abraço de Matthew estava cada vez mais apertado. – Na minha infância de vez em quando eu provocava alguns incêndios... nos armários da cozinha, mas acho que isso acontecia porque eu enfiava a mão debaixo da torneira da pia e isso piorava a situação. Incendiei as cortinas do meu quarto umas duas vezes. E um dia desses incendiei uma árvore... uma árvore pequena.

– Quando foi isso?

– Na semana passada, no dia que Miriam me deixou furiosa.

– O que ela fez para você ficar assim? – ele perguntou com o rosto colado no meu rosto. Uma posição reconfortante se eu não estivesse submetida a ele.

– Ela disse que eu precisava aprender a cuidar de mim e parar com a mania de pedir proteção. Praticamente me acusou de estar representando o papel de donzela desprotegida. – Só de lembrar disso o meu sangue ferveu e os meus dedos voltaram a coçar.

– Você pode ser muitas coisas, Diana, menos uma donzela desprotegida. Quer dizer que já teve essa reação duas vezes em menos de uma semana. – A voz dele soou reflexiva. – Interessante.

– Não penso assim.

– Entendo que você não pense assim, mas isso não significa que não seja interessante – ele disse. – Passemos então para um outro tópico. – Ele aproximou os lábios da minha orelha e tentei afastá-lo, sem sucesso. – E que absurdo é esse de dizer que só estou interessado no velho manuscrito?

Fiquei vermelha como um pimentão. Foi constrangedor.

– Sarah e Em disseram que você só estava comigo porque queria alguma coisa. Suponho que seja o Ashmole 782.

– Mas você sabe que isso não é verdade, não sabe? – Ele roçou suavemente os lábios e o rosto nos meus cabelos. O meu sangue reagiu cantando. Cheguei a ouvi-lo. E ele riu novamente, dessa vez com satisfação. – Não pensei que você achava isso de verdade. Só quis me certificar.

Meu corpo descontraiu nos braços dele.

– Matthew... – comecei a falar.

– Vou soltá-la – ele cortou minhas palavras. – Mas não se atreva a sair correndo pela porta, entendeu?

Éramos predador e presa novamente. Se eu corresse, ele me caçaria por

instinto. Assenti com a cabeça e ele afrouxou os braços, deixando-me estranhamente abalada.

– O que farei com você? – ele perguntou com as mãos nos quadris e um sorriso nos lábios. – Você é a criatura mais teimosa que já conheci.

– Ninguém jamais soube o que fazer comigo.

– E acredito. – Ele me observou por alguns segundos. – Nós vamos para Woodstock.

– Não! Eu estou perfeitamente a salvo no alojamento da faculdade. – Ele tinha me avisado de que os vampiros eram superprotetores. Era verdade... e não gostei.

– Você não vai – ele disse com os olhos faiscando de raiva. Alguém tentou arrombar a sua porta.

– O quê? – Fiquei pasma.

– A fechadura frouxa, lembra?

Claro que eu tinha visto os arranhões no metal da fechadura. Mas achei melhor que ele não soubesse disso.

– Você ficará em Woodstock até Knox sair de Oxford.

Meu rosto deve ter estampado desânimo.

– Não vai ser tão ruim assim. – Ele se mostrou gentil. – E você poderá praticar ioga quando quiser.

Eu não tinha muita escolha com Matthew no papel de meu guarda-costas. E se ele estava certo, e eu desconfiava que sim, alguém devia ter mesmo driblado a vigilância de Fred para tentar entrar no meu apartamento.

– Vamos – ele disse pegando a bolsa do meu computador. – Vou com você até a New College e espero até que pegue suas coisas. Mas nossa conversa sobre a ligação entre o Ashmole 782 e seus dedos azuis ainda não terminou – acrescentou, forçando-me a encará-lo. – Só está começando.

Fomos até o estacionamento e Matthew manobrou o Jaguar que estava estacionado entre um velho Vauxhall e um velho Peugeot. Os restritivos

padrões de tráfego da cidade fizeram o trajeto de carro demorar duas vezes mais do que se tivéssemos ido a pé.

Matthew estacionou na entrada do prédio.

– Já volto. – Saí do carro ajeitando a bolsa do computador no ombro.

– Dra. Bishop, tem correspondência para a senhora – disse Fred da portaria.

Eu recolhi o conteúdo na caixa de correspondência com minha cabeça pulsando de ansiedade, e acenei para Matthew com a correspondência na mão antes de me dirigir ao apartamento.

Entrei em casa, tirei os sapatos, massageei as têmporas da minha cabeça e dei uma olhada na secretária eletrônica. Graças aos deuses não estava piscando. E a correspondência não tinha nada além de contas e um grande envelope marrom com o meu nome. Não havia selo e isso indicava que tinha sido enviado por alguém da universidade. Abri o envelope e tirei o conteúdo de dentro.

Um clipe prendia um pedaço de papel comum a uma folha sedosa e brilhante. E uma única palavra digitada no papel:

"Lembra?"

Retirei o clipe com as mãos trêmulas. O papel caiu no chão, deixando uma fotografia brilhante e familiar em minhas mãos. Eu já tinha visto uma foto igual impressa em preto e branco nos jornais. A fotografia que eu tinha em mãos era colorida e tão brilhante e vívida como no dia em que tinha sido tirada em 1983.

O corpo da minha mãe jazia de bruços no interior de um círculo de giz, com a perna esquerda fazendo um ângulo impossível. O braço direito tentava alcançar o corpo do meu pai que estava deitado de barriga para cima com um afundamento na lateral da cabeça e um corte que se estendia da garganta à virilha, deixando o torso inteiramente aberto. Algumas entranhas tinham sido arrancadas do corpo e estavam espalhadas pelo chão ao lado dele.

Um misto de gemido e grito emergiu do fundo da minha garganta. Caí de joelhos tremendo, sem desviar os olhos da imagem.

– Diana! – A voz de Matthew soou desvairada, mas parecia estar distante. Alguém mexeu na maçaneta da porta ao longe. Em seguida, passos subiram pela escada e depois uma chave entrou na fechadura.

A porta se abriu de repente e me vi diante do rosto acinzentado de Matthew, acompanhado pelo rosto preocupado de Fred.

– Dra. Bishop? – disse Fred.

Matthew se moveu com tanta rapidez que Fred deve ter percebido que ele era um vampiro. Ele se acocorou à minha frente. Meus dentes batiam por causa do choque.

– Se lhe der as minhas chaves você leva o meu carro até a All Souls para mim? – perguntou Matthew, virando a cabeça para Fred. – A dra. Bishop não está bem e não pode ficar sozinha.

– Não se preocupe, professor Clairmont. Posso colocá-lo na vaga do diretor – disse Fred. Matthew arremessou o chaveiro e o porteiro o pegou no ar, olhou para mim preocupado e fechou a porta.

– Acho que vou vomitar – sussurrei.

Matthew me levantou e foi comigo ao banheiro. Eu me dobrei por cima da privada e vomitei, largando a fotografia para poder me apoiar nas laterais do vaso. O pior da tremedeira passou depois que vomitei tudo que tinha para vomitar, mas de quando em quando um tremor me tomava por inteiro.

Fechei a tampa da privada e puxei a descarga. Minha cabeça girou. Fui amparada por Matthew antes de me chocar contra a parede do banheiro.

De repente, os meus pés não estavam mais plantados no chão. Matthew colou o peito no meu ombro direito e enlaçou os meus joelhos com os braços. Momentos depois ele me deitou delicadamente na cama e acendeu a luz. Segurou o meu pulso com sua mão fria e seu toque fez a minha pulsação desacelerar. Foi possível então me focar no rosto dele. Um rosto

que estaria calmo como nunca esteve se não fosse pela pequena veia escura na testa que pulsava ligeiramente a cada minuto.

– Vou pegar alguma coisa para você beber. – Ele soltou o meu pulso e se levantou.

Fui invadida por uma outra onda de pânico. Os meus instintos disseram que eu devia sair correndo dali o mais rápido possível e me fizeram levantar abruptamente.

Matthew me agarrou pelos ombros e me olhou nos olhos.

– Pare, Diana.

Meu estômago entrou por dentro dos meus pulmões, comprimindo todo o ar disponível, e me debati novamente para me livrar das mãos dele, sem compreender e sem me importar com o que ele dizia.

– Me solte. – Soquei o peito dele com as duas mãos.

– Olhe para mim, Diana. – Não pude ignorar nem a voz nem os olhos de Matthew que brilhavam como luas. – Qual é o problema?

– Meus pais. Gillian disse que as bruxas mataram os meus pais. – Minha voz soou alta e estrangulada.

Ele disse alguma coisa numa língua desconhecida.

– Quando isso aconteceu? Onde eles estão? A bruxa deixou alguma mensagem no seu telefone? Ameaçou você? – Ele me abraçou com mais força.

– Nigéria. Ela disse que as Bishop sempre foram encrenqueiras.

– Irei com você. Antes preciso dar uns telefonemas. – Ele respirou fundo. – Eu sinto muito, Diana.

– Ir para onde? – Nada fazia sentido.

– Para a África. – Ele pareceu confuso. – Alguém terá que identificar os corpos.

– Meus pais foram mortos quando eu tinha sete anos de idade.

Ele arregalou os olhos, espantado.

– Já faz tempo que isso aconteceu e até hoje bruxos como... Gillian e

Peter Knox se interessam por eles. – O pânico me fez tremer ainda mais e um grito começou a irromper na minha garganta. Matthew me abraçou com mais força antes que o grito irrompesse, um abraço tão forte que os ossos e os músculos dele quase furaram a minha pele. O grito se tornou soluço. – Acontecem coisas ruins com as bruxas que escondem segredos. Gillian disse isso.

– Estou me lixando para o que ela disse, e não permitirei que Knox e nenhuma outra bruxa toquem em um único fio do seu cabelo. Agora você me tem – ele disse com firmeza e encostou o rosto no meu cabelo enquanto eu chorava. – Oh, Diana. Por que você não me contou?

Uma corrente enferrujada começou a se soltar em algum recanto importante da minha alma. Foi se soltando, elo após elo, de um lugar onde passara despercebida por muito tempo à espera dele. Minhas mãos que estavam fechadas e comprimidas contra o peito dele foram se soltando com minha alma. E a corrente despencou por um poço incrivelmente profundo onde não havia nada além de escuridão e Matthew. Por fim, atingiu o fundo do poço e me deixou ancorada no vampiro. A despeito do manuscrito, a despeito da tensão elétrica das minhas mãos que era capaz de acionar um micro-ondas e a despeito daquela fotografia, eu sabia que estaria a salvo enquanto estivesse com ele.

Quando parei de soluçar, Matthew se afastou.

– Vou pegar um pouco d'água e depois você vai descansar. – O tom da voz dele eliminava a possibilidade de qualquer argumento, e logo ele voltava com um copo d'água e dois comprimidos.

– Tome isso.

– O que é isso?

– Sedativo. – Ele me olhou sério, o que me fez colocá-los na boca e engoli-los com um gole d'água. – Carrego comigo desde que você me falou dos seus ataques de pânico.

– Odeio esses tranquilizantes.

– Você teve um choque e acumulou muita adrenalina no corpo. E precisa descansar. – Matthew me cobriu com o edredom de tal modo que me senti dentro de um casulo. Sentou-se na cama e bateu os pés no chão antes de se esticar e recostar nos travesseiros. Depois puxou o meu corpo envolto no edredom contra o corpo dele e me fez suspirar. Ele me abraçou com o braço esquerdo e me manteve segura. Apesar do casulo de edredom, o meu corpo encaixou-se perfeitamente no dele.

A droga penetrou no meu fluxo sanguíneo. Eu já estava quase dormindo quando o telefone vibrou no bolso de Matthew e me deixou alerta.

– Não é nada, deve ser o Marcus – ele disse, dando um beijo na minha testa. As batidas do meu coração se abrandaram. – Tente descansar. Você não está mais sozinha.

Eu continuava sentindo a corrente que me ancorava em Matthew, que ancorava uma bruxa a um vampiro.

Dormi embalada pelos elos brilhantes daquela corrente.



O céu estava escuro quando Matthew saiu do lado de Diana e foi à janela. Irrequieta a princípio, ela acabou caindo em sono profundo. Ele então pôde perceber as mudanças sutis no aroma que ela emanava à medida que se recuperava do choque, uma fúria gelada o invadia toda vez que lembrava de Peter Knox e Gillian Chamberlain.

Matthew não se lembrava de quando tinha se sentido tão protetor de um outro ser. Ele também sentia outras emoções que relutava em nomear.

Ela é uma bruxa, dizia repetidamente para si mesmo enquanto a observava dormindo. *Ela não é para você.*

Quanto mais dizia isso, menos as palavras importavam.

Por fim resolveu sair do quarto, mantendo a porta entreaberta para observar uma possível agitação de Diana.

Sozinho no hall, o vampiro deixou aflorar a fúria gelada que vinha reprimindo nas últimas horas. A fúria se intensificou tanto que ele próprio se sentiu chocado. Ele puxou o cordão de couro para fora do suéter e tocou na superfície gasta e suave do pequeno caixão de prata de Lázaro. A respiração de Diana o impedia de sair dali e de varar a noite à caça dos dois bruxos.

As badaladas do relógio de Oxford anunciaram oito horas e fizeram Matthew lembrar das chamadas que não tinha atendido. Ele tirou o celular do bolso e rapidamente passou o dedo nas mensagens automáticas do sistema de segurança do laboratório e da Velha Cabana.

Enrugou a testa com um ar preocupado e apertou o número para ouvi-las. Marcus não era de alarmar ninguém. O que seria tão urgente?

– *Matthew*. – A voz familiar não exibia o seu tom habitual de descontração. – *Estou com os resultados do DNA de Diana... São surpreendentes. Me liga.*

A voz gravada ainda soava quando o vampiro apertou uma outra tecla do telefone. Ele alisou o cabelo com a mão livre enquanto esperava Marcus atender a chamada. Não foi preciso mais que um toque para que Marcus atendesse.

– Matthew. – A voz de Marcus não era de acolhimento e sim de alívio. As mensagens tinham sido gravadas algumas horas antes. Marcus tinha até checado o Museu Pitt Rivers que o vampiro gostava de frequentar e onde podia ser encontrado dividindo a atenção entre um esqueleto de um iguanodonte e um retrato de Darwin. Por fim Miriam enxotou Marcus do laboratório, já irritada com as constantes perguntas sobre onde e com quem Matthew poderia estar.

– É óbvio que ele está com ela – disse Miriam no final da tarde, com um tom de desaprovação. – Onde mais estaria? E se não tem mais trabalho a fazer, é melhor voltar para casa e esperar o telefonema dele. Você está me atrapalhando.

– O que os testes mostraram? – disse Matthew baixinho, mas com uma raiva perceptível.

– O que aconteceu? – disse Marcus de imediato.

Uma foto caída no chão chamou a atenção de Matthew. Naquela tarde, Diana tinha estado com a mesma foto nas mãos. Ele apertou os olhos quando viu a imagem. – Onde você está? – perguntou abruptamente.

– Em casa – respondeu Marcus apreensivo.

Matthew pegou a foto no chão e rastreou o cheiro até dar de cara com o papel que escapulira para debaixo do sofá. Leu a mensagem de uma única palavra e respirou fundo.

– Traga os relatórios e meu passaporte para New College. O apartamento de Diana fica no pátio do jardim no último andar da entrada

sete.

Vinte minutos depois, Matthew abriu a porta com os cabelos desgrenhados e uma expressão de fúria. O jovem vampiro se conteve para não dar um passo atrás.

Marcus segurava uma pasta de arquivos com um passaporte castanho-avermelhado em cima e se movia cautelosamente enquanto esperava. Não entraria no apartamento da bruxa sem a permissão de Matthew, não no estado em que o vampiro abriu a porta.

Matthew levou algum tempo para permitir a entrada de Marcus, até que pegou a pasta e o fez entrar.

Enquanto Matthew analisava os resultados do teste de Diana, Marcus o observava. Com o faro aguçado, sentiu o cheiro de madeira antiga e tecidos usados com o cheiro do medo da bruxa e o das emoções quase descontroladas de Matthew. Ele se eriçou diante dessa volátil combinação e um rosnado reflexivo ficou preso em sua garganta.

Com o passar do tempo Marcus aprendera a apreciar as melhores qualidades de Matthew – a compaixão, a consciência e a paciência com os seres amados. Ele também conhecia os defeitos do amigo, principalmente a ira. Uma ira tão destrutiva que Matthew se envergonhava pelo que acabava fazendo e desaparecia durante meses e anos depois que o seu corpo se desintoxicava do veneno.

Marcus, no entanto, nunca tinha visto o pai com uma fúria tão fria como aquela.

Matthew Clairmont entrou na vida de Marcus no ano de 1777, transformando-a para sempre. Matthew apareceu na casa grande da fazenda Bennett com uma funda improvisada que conduzia o corpo do marquês de Lafayette que acabara de ser ferido na batalha de Brandywine. Matthew se sobressaía dos outros homens, bradando ordens para todos e

sem levar em conta as patentes.

Ninguém questionava as ordens – nem mesmo o marquês, que apesar dos ferimentos fazia piadas com o amigo. Mas nem o bom humor do marquês inibiu as repreensões de Matthew. A certa altura, Lafayette protestou, dizendo que podia comandar porque soldados com ferimentos mais graves faziam isso, e Clairmont reagiu com uma saraivada de imprecações e ultimatos em francês que fez os outros homens se entreolharem assustados e o marquês, se calar.

Marcus ouviu de olhos arregalados as palavras do soldado francês que enfrentava o líder dos médicos do exército, o renomado dr. Shippen, definindo um plano de tratamento como "bárbaro". Clairmont exigiu que o dr. John Cochran, segundo médico no comando, assumisse o tratamento de Lafayette no lugar do dr. Shippen. Dois dias depois se ouviam as discussões entre Clairmont e Shippen em latim fluente sobre tópicos importantes de anatomia e fisiologia – para o deleite da equipe médica do general Washington.

Antes da derrota do Exército Continental, em Brandywine, Matthew já tinha matado muitos soldados ingleses. Nos hospitais, os homens contavam histórias incríveis sobre a bravura dele no campo de batalha. Alguns diziam que ele caminhava pelas fileiras inimigas imune a balas. Quando o tiroteio acabou, Clairmont fez questão de que Marcus continuasse como enfermeiro do marquês.

No outono, Lafayette já estava recuperado e pronto para cavalgar novamente, e os dois desapareceram nas florestas da Pensilvânia e de Nova York. Eles voltaram com um exército de guerreiros da tribo oneida. Os oneidas chamavam Lafayette de "Kayewla" pela habilidade que tinha na montaria. Matthew era chamado por esses indígenas de "atlutanu'n", chefe guerreiro, pela habilidade na liderança dos homens no campo de batalha.

Matthew continuou com as tropas depois que Lafayette voltou para a

França. Marcus também continuou servindo como cirurgião assistente. Dia após dia se mostrava incansável no tratamento de soldados feridos por mosquetes, canhões e espadas. Matthew sempre o solicitava quando algum dos seus homens era ferido. Ele afirmava que Marcus tinha o dom da cura.

Algum tempo depois da chegada do Exército Continental em Yorktown, no ano de 1781, Marcus contraiu uma febre. Seu dom de cura não lhe valeu de nada. Ele se deitava suando em bicas e tremendo, e só atendia quando era muito urgente. Passados quatro dias de sofrimento Marcus se deu conta de que estava morrendo. A certa altura, Clairmont apareceu para visitar alguns homens feridos e farejou o cheiro da morte quando viu Marcus estendido em uma das macas quebradas e deixadas de lado.

De madrugada, o oficial francês sentou-se ao lado do rapaz e contou a sua própria história. Marcus achou que estava delirando. Um homem que bebia sangue e não morria? Depois de ouvir tudo se convenceu de que tinha morrido e que estava sendo atormentado por um daqueles demônios que o pai dizia que o atormentariam pela natureza pecaminosa que ele tinha.

O vampiro explicou que Marcus poderia sobreviver à febre, mas que teria um preço a pagar por isso. Primeiro, ele teria que renascer. Depois, teria que sair à caça, matando e bebendo sangue – inclusive sangue humano. Durante algum tempo, essa necessidade de sangue seria saciada entre os feridos e doentes terminais. Matthew fez a promessa de colocar Marcus na universidade enquanto estivesse se adaptando à nova vida.

Pouco antes do amanhecer a dor se tornou insuportável e Marcus percebeu que o desejo de viver era maior do que o medo da nova vida que o vampiro lhe oferecia. Matthew o carregou quase desfalecido e ardendo em febre para fora do hospital, e seguiu até a floresta onde eram aguardados pelos oneidas que os guiariam até as montanhas. Lá, Matthew drenou o sangue de Marcus em uma gruta remota para que ninguém

ouvisse os gritos. Marcus nunca mais se esqueceu da sede poderosa que sentiu depois. Ele quase enlouqueceu de tanta ânsia de engolir alguma coisa fria e líquida.

Por fim, Matthew mordeu o próprio punho e deixou Marcus beber o sangue dele. O poderoso sangue do vampiro trouxe o rapaz de volta à vida.

Os oneidas esperaram impassíveis por eles na entrada da gruta, e nunca permitiram que Marcus devastasse as fazendas vizinhas quando o seu desejo por sangue vinha à tona. Os oneidas reconheceram a condição de Matthew logo que ele entrou na tribo. Ele se parecia com Dagwanoenyent, uma bruxa que vivia dentro de um rodamoinho e era imortal. Por que os deuses conferiram esses dons ao guerreiro francês era um mistério para os oneidas, mas eles diziam que as decisões dos deuses eram sempre intrigantes. Sendo assim, eles tinham que ensinar a lenda de Dagwanoenyent para os filhos e a forma de destruir tais criaturas, queimando-as e moendo os ossos até transformá-las em pó, e depois atirando as cinzas na direção dos quatro ventos para que elas não pudessem renascer.

Desanimado, Marcus urrou de frustração como uma criança. Matthew então saiu à caça de um cervo para alimentar o rapaz que tinha renascido como seu filho, e avidamente Marcus sugou o sangue do animal. Isso saciou a fome, mas não lhe preencheu as veias como o sangue de Matthew preenchera.

Matthew continuou levando animais recém-abatidos para a gruta durante uma semana e depois decidiu que Marcus estava pronto para caçar sozinho. Pai e filho rastrearam cervos e ursos em florestas densas e em penhascos de montanhas. Matthew ensinou como farejar o ar, como observar movimentos imperceptíveis nas sombras e como sentir mudanças no vento que traziam novos odores. Por fim, ensinou como matar aquele que curava.

O que Marcus queria era um sangue mais rico. Um sangue próprio tanto para matar a intensa sede que o atormentava como para alimentar um corpo voraz. Contudo, antes de ensinar Marcus a caçar humanos, Matthew preferiu que o pupilo aprendesse a rastrear um cervo com rapidez, abatê-lo e drenar o sangue de maneira limpa. As mulheres estavam fora de questão. São sempre muito confusas quando renascem como vampiras, explicou Matthew, quando são traçadas as linhas entre sexo e morte, entre flerte e caça.

A princípio, pai e filho se alimentaram de soldados ingleses doentes. Alguns imploraram para que Marcus lhes poupasse a vida, e Matthew ensinou para ele como se alimentar de sangue-quente sem precisar matar. Depois eles passaram a caçar criminosos que imploravam por clemência sem merecê-la. Em cada caso, Matthew explicava a razão da escolha de um homem em particular como presa. A ética de Marcus foi se desenvolvendo pouco a pouco, de maneira deliberada, até que ele se assumiu como um vampiro consciente do que precisava para sobreviver.

Matthew era amplamente conhecido pelo senso apurado de certo e errado. Seus erros sempre se deviam à ira. Com o tempo, Marcus percebeu que o pai já não era tão propenso a essa emoção como no passado. Uma impressão talvez verdadeira, mas naquela noite em Oxford o pai exibia a mesma cara assassina dos velhos tempos em Brandywine – e aquele lugar não era um campo de batalha onde se pudesse extravasar a fúria.

– Você só pode estar errado. – Matthew arregalou os olhos quando acabou de examinar o teste de DNA de Diana.

Marcus balançou a cabeça.

– Analisei o sangue dela duas vezes. Miriam confirmou tudo com o DNA extraído da saliva. Admito que os resultados sejam surpreendentes.

– Os resultados são absurdos. – Matthew respirou fundo. – Diana possui marcadores genéticos nunca vistos em uma bruxa. – Folheou as últimas páginas apertando a boca numa linha sombria. – Mas essas

sequências são preocupantes.

Ele folheou os dados rapidamente. Miriam tinha feito pequenos pontos de interrogação vermelhos que marcavam duas dezenas de sequências de DNA, algumas curtas e outras longas.

– Meu Deus. – Devolveu os dados para o filho. – Já temos coisas demais com que nos preocupar. O canalha do Peter Knox ameaçou Diana. Ele quer o manuscrito. Ela tentou reavê-lo, mas o Ashmole 782 se perdeu de novo na biblioteca. Felizmente, por enquanto ele acha que ela quebrou o feitiço intencionalmente quando o pegou pela primeira vez.

– E ela fez isso?

– Não. Diana não tem conhecimento nem controle para uma tarefa tão intrincada. Ela tem um poder totalmente indisciplinado. Chegou a fazer um buraco no meu tapete. – Matthew fez uma careta e o filho se conteve para não rir. O pai adorava aquelas antiguidades.

– Então teremos que manter Knox afastado até que Diana consiga se controlar. Isso está parecendo muito difícil.

– Não me preocupo apenas com Knox. Diana recebeu essa correspondência hoje. – Matthew estendeu para o filho a fotografia e o pedaço de papel que a acompanhava e acrescentou com um tom de voz perigoso: – São os pais dela. Eu me lembro de ter ouvido alguma coisa sobre um casal de bruxos assassinado na Nigéria, mas isso faz tempo. Nunca os associei a Diana.

– Meu Deus – disse Marcus baixinho, enquanto olhava a foto e tentava se imaginar recebendo uma foto do pai morto e retalhado em pedaços.

– E tem mais. Pelo que deduzi, Diana passou a vida inteira achando que os pais tinham sido mortos por humanos. Foi principalmente por isso que ela sempre suprimiu a magia de sua vida.

– Mas isso não funciona, não é? – cochichou Marcus com o DNA da bruxa em mente.

– Não funciona. – O rosto de Matthew sombreou. – Enquanto eu estava

na Escócia, uma outra bruxa americana chamada Gillian Chamberlain revelou a Diana que os pais dela não tinham sido assassinados por humanos e sim por bruxos.

– E isso é verdade?

– Não sei. Mas atrás disso tudo há muito mais do que a descoberta do Ashmole 782 por uma bruxa.

Alguma coisa prateada brilhou no suéter escuro do pai. *Ele está usando o caixão de Lázaro*, pensou Marcus com seus botões.

Ninguém na família falava abertamente sobre Eleanor St. Leger ou sobre as circunstâncias que cercaram a sua morte, temendo que isso pudesse despertar um dos acessos de fúria de Matthew. O que Marcus sabia é que o pai não queria sair de Paris em 1140, onde era feliz e estudava filosofia. Mas quando Philippe, chefe da família e pai de Matthew, o chamou de volta a Jerusalém para ajudar a resolver os conflitos que mesmo depois do término da cruzada de Urbano II ainda assolavam a Terra Santa, Matthew obedeceu sem pestanejar. Na ocasião, loucamente apaixonado por Eleanor, ele amparou a grande família inglesa dela.

No entanto, frequentemente os Leger e os Clermont se colocavam em lados opostos nas disputas, e os irmãos mais velhos de Matthew – Hugh, Godfrey e Baldwin – tentaram convencê-lo a colocar a mulher de lado, o que deixaria o caminho livre para destruir a família dela. Matthew se recusou. Por fim, uma discussão entre Matthew e Baldwin sobre uma insignificante crise política que envolvia os St. Leger esquentou a ponto de sair do controle. Phillipe não foi encontrado para pôr fim à briga e Eleanor se interpôs. Quando Matthew e Baldwin recuperaram a razão, Eleanor já tinha perdido muito sangue.

Marcus nunca conseguiu entender por que Matthew deixou Eleanor morrer, já que a amava tanto.

Matthew só usava a insígnia de peregrino quando não queria matar

alguém ou quando lembrava de Eleanor St. Leger – ou uma coisa e outra.

– Essa fotografia é uma ameaça, não é uma bobagem. Hamish achou que o nome Bishop manteria as outras bruxas mais cautelosas, mas pelo visto é o contrário. Diana tem dons poderosos, mas não consegue se proteger sozinha, e é estupidamente segura de si para pedir ajuda. Preciso que você fique aqui com ela por algumas horas. – Matthew desviou os olhos da foto de Rebecca Bishop e Stephen Procton. – Eu vou atrás de Gillian Chamberlain.

– Você nem sabe ao certo se foi Gillian que mandou a foto – disse Marcus. – Sinto dois cheiros diferentes nela.

– O outro cheiro é de Peter Knox.

– Mas Knox é um membro da Congregação! – Marcus estava ciente de que durante as cruzadas formou-se um conselho de nove membros de demônios, bruxos e vampiros, com cada espécie representada por três membros. A função da Congregação era garantir a segurança de todas as criaturas, providenciando para que nenhuma delas chamasse a atenção dos humanos. – Se der um passo na direção dele, isso será visto como uma provocação à autoridade de todos. E a família estará implicada. Você vai colocar todos nós em perigo só para proteger uma bruxa?

– Você está questionando a minha lealdade? – retrucou Matthew irritado.

– Não, estou questionando o seu bom-senso – disse Marcus esquentando e encarando o pai sem medo. – Esse romance ridículo já é ruim o bastante. A Congregação já tem um motivo para tomar providências contra você. Não dê a eles outro motivo.

Durante a primeira estada de Marcus na França, a avó vampira explicou que eles se submetiam a um acordo que proibia relacionamentos estreitos entre criaturas diferentes e interferências na religião e na política dos humanos. Proibia-se qualquer tipo de interação com os humanos, inclusive os casos amorosos, se bem que eram permitidos quando não

acarretavam problemas. Marcus preferia passar o tempo com vampiros e os termos do acordo nunca importaram muito para ele – até então.

– Ninguém mais dá a mínima para isso – disse Matthew na defensiva, voltando os olhos cinzentos para a porta do quarto de Diana.

– Meu Deus, ela não faz a menor ideia desse acordo – disse Marcus com desdém –, e você não pretende contar para ela. Você sabe muito bem que não poderá manter esse segredo indefinidamente longe dela.

– A Congregação não vai avalizar um acordo realizado cerca de mil anos atrás num mundo totalmente distinto. – Matthew cravou os olhos em uma gravura antiga onde a deusa Diana apontava o arco para um caçador que estava na floresta. Lembrou de uma passagem de um livro escrito por um amigo muito tempo antes, *"pois há muito eles não são os caçadores, e sim a caça"*, e estremeceu.

– Pense antes de fazer isso, Matthew.

– Já tomei a minha decisão. – Ele evitou os olhos do filho. – Você vai tomar conta dela enquanto eu estiver fora e não vai deixar que nada de mau lhe aconteça?

Marcus balançou a cabeça, sem poder se negar a um apelo tão pungente como esse.

Logo depois que o pai saiu, ele foi ver Diana. Examinou os olhos dela e tomou o pulso. Farejou o ar e detectou medo e choque no ambiente. E também detectou a droga que circulava nas veias dela. *Ótimo,* pensou consigo. Pelo menos o pai tivera a ideia de lhe dar um sedativo.

Continuou examinando Diana, olhando a pele e ouvindo a respiração com muita atenção. Quando se deu por satisfeito, ficou em silêncio à cabeceira para observar o sono da bruxa. Ela estava com a testa franzida, como se discutindo com alguém.

Ao fim do exame, Marcus estava certo de duas coisas. Primeira, Diana ficaria bem. Ela precisava de repouso depois de um choque severo, mas não havia evidências de danos permanentes. A segunda coisa é que o

cheiro do pai estava por todo o corpo dela. Ele a tinha marcado deliberadamente como sua para que nenhum vampiro se aproximasse dela. Isso significava que a situação ultrapassava o que Marcus tinha imaginado. O pai teria muita dificuldade para se desligar daquela bruxa. E se as histórias contadas pela avó eram verdadeiras, ele teria que se afastar de Diana.

Já passava da meia-noite quando Matthew reapareceu. Estava mais furioso do que quando saíra, mas com a pose impecável de sempre. Ele passou a mão pelo cabelo e correu para o quarto de Diana sem trocar uma palavra com o filho.

Marcus sabia qual era a pergunta adequada a ser feita naquele momento. Depois que o pai saiu do quarto da bruxa, ele perguntou:

– Você vai falar a respeito do DNA para ela?

– Não – disse Matthew lacônico, sem demonstrar sinal de culpa pela sonegação de uma informação de tamanha magnitude. – E também não vou falar do risco que ela corre com os bruxos da Congregação. Ela já tem muitos problemas.

– Diana Bishop é menos frágil do que você imagina. Não tem o direito de esconder essa informação, isso se você pretende passar o seu tempo com ela.

Marcus estava cansado de saber que a vida dos vampiros não se mede nem pelas horas nem pelos anos, e sim pelos segredos revelados e guardados. Os vampiros resguardam os relacionamentos pessoais, os nomes que adotaram ao longo do tempo e os detalhes das muitas vidas que já viveram. O pai de Marcus, no entanto, guardava mais segredos do que a maioria dos vampiros, o que era cada vez mais inevitável em relação à própria família dele.

– Marcus, fique fora disso – disse Matthew. – Isso não é da sua conta.

– Esses seus malditos segredos ainda serão a ruína da família – esbravejou Marcus.

O pai pegou o filho pela gola antes do fim da frase.

– Filho, os meus segredos é que mantiveram a família a salvo por tantos séculos. Onde você acha que estaria hoje se não fosse pelos meus segredos?

– Alimentando os vermes em alguma cova rasa do cemitério de Yorktown, suponho – disse Marcus com um fiapo de voz, quase sem fôlego.

No transcorrer dos anos, bem que ele tentou descobrir alguns segredos do pai. E nunca descobriu, por exemplo, quem dissera a Matthew que ele estava fazendo o diabo na cidade de Nova Orleans depois que a Louisiana foi comprada por Jefferson. Marcus criara uma família de vampiros jovens, sedutores, arruaceiros e totalmente irresponsáveis como ele. Uma família com muitos jogadores e fracassados que a cada noite saíam em bando pelas ruas, correndo o risco de serem descobertos pelos humanos. Segundo o próprio Marcus, os bruxos de Nova Orleans deixaram bem claro que eles teriam que sair da cidade.

Matthew então entrou em cena, sem ser esperado ou convidado, com uma linda vampira mestiça: Juliette Durand. Os dois tinham empreendido uma verdadeira campanha para encontrar a tal família de Marcus. Em poucos dias estabeleceram uma aliança profana com um jovem vampiro afetado do Garden District que tinha uma implausível cabeleira dourada e um veio de crueldade tão amplo quanto o Mississippi. Foi quando o verdadeiro problema começou.

No final das duas primeiras semanas, a nova família de Marcus estava considerável e misteriosamente menor. Quanto mais aumentava o número de mortes e desaparecimentos, mais Matthew se lamentava e murmurava com desânimo opiniões a respeito dos perigos de Nova Orleans. Juliette, a quem Marcus passou a detestar, quanto mais a conhecia, sorria secretamente enquanto cochichava palavras de encorajamento no ouvido do pai. Marcus nunca tinha conhecido ninguém com tamanho dom para manipular, e ele vibrou quando o pai se separou dela.

Sob a pressão dos filhos que restaram, Marcus prometeu se comportar desde que Matthew e Juliette fossem embora.

Depois de expor detalhadamente o que esperava dos membros da família Clermont, Matthew concordou.

"Se você pretende me tornar avô", ele disse ao filho durante um diálogo desagradável na presença de alguns vampiros que constituíam o grupo mais velho e poderoso da cidade, "tente ser mais cuidadoso". – A lembrança ainda fazia Marcus empalidecer.

Quem ou o quê deu a Matthew e a Juliette a autoridade para agir como agiram continuou sendo um mistério. Talvez a força do pai aliada à astúcia de Juliette e à importância do nome Clermont os tenham ajudado a conquistar a aliança dos vampiros. Mas houve algo mais. Cada criatura de Nova Orleans, inclusive bruxas e bruxos, tratava o pai como um membro da realeza.

Marcus se perguntava se o pai tinha sido um membro da Congregação durante todos aqueles anos. Isso explicaria muita coisa.

A voz de Matthew espantou as lembranças.

– Diana pode ser corajosa, mas não precisa saber de tudo agora. – Ele soltou a gola de Marcus e deu um passo atrás.

– Contou a ela sobre nossa família? Dos seus outros filhos? – *Ela sabe alguma coisa sobre o seu pai?* Esta última pergunta Marcus não teve coragem de fazer.

De alguma forma Matthew percebeu o que o filho estava pensando.

– Não conto a ela histórias de vampiros.

– Está cometendo um grave erro – disse Marcus, balançando a cabeça. – Diana não vai perdoá-lo por ter escondido essas coisas.

– Você e Hamish têm a mesma opinião. Contarei tudo quando ela estiver pronta... mas não antes. – A voz de Matthew soou firme. – Agora, minha única preocupação é tirar Diana de Oxford.

– Vai levá-la para a Escócia? Lá ela ficará fora do alcance de qualquer

um. – Marcus visualizou a propriedade isolada de Hamish. – Ou vai deixá-la em Woodstock antes da sua partida?

– Antes da minha partida? – disse Matthew com um ar intrigado.

– Você me fez trazer o seu passaporte. – Agora era Marcus que se mostrava confuso. O pai sempre fazia isso... se enfurecia e sumia por uns tempos até recuperar o controle.

– Não tenho a menor intenção de abandonar Diana – disse Matthew com frieza. – Vou levá-la para Sept-Tours.

– Você não pode colocá-la debaixo do mesmo teto de Ysabeau! – A voz de Marcus ecoou chocada pela pequena sala.

– Lá também é minha casa – retrucou Matthew com um ar teimoso.

– Sua mãe se vangloria abertamente por ter matado um monte de bruxas, e culpa todas as bruxas pelo que aconteceu com Louisa e seu pai.

O rosto de Matthew se crispou, fazendo Marcus enfim compreender. Aquela fotografia tinha feito Matthew se lembrar da morte de Phillipe, e da loucura que se abateu sobre Ysabeau nos anos que se seguiram à morte dele.

Matthew pressionou as próprias têmporas na tentativa de traçar um plano melhor.

– Diana não teve nada a ver com a tragédia. Ysabeau vai entender.

– Ela não vai entender... você sabe que ela não vai entender – disse Marcus com obstinação. Ele adorava a avó e não queria vê-la sofrendo. Se Matthew, o filho favorito dela, levasse uma bruxa para casa, isso a deixaria extremamente magoada.

– Não há lugar mais seguro que Sept-Tours. Os bruxos vão pensar duas vezes antes de se meter com Ysabeau... ainda mais na casa dela.

– Pelo amor de Deus, não deixe que as duas fiquem sozinhas no mesmo lugar.

– Não farei isso – disse Matthew. – Vou precisar que você e Miriam se mudem para a minha casa na Velha Cabana para convencer todo mundo

de que Diana está lá. Claro que acabarão descobrindo a verdade, mas isso nos dará alguns dias de vantagem. Minhas chaves estão com o porteiro. Volte daqui a algumas horas, quando já tivermos partido. Tire o edredom da cama dela... está impregnado com o cheiro dela... e leve-o para Woodstock. Fique lá até que eu dê notícias.

– Você pode se proteger e proteger a bruxa ao mesmo tempo? – perguntou Marcus baixinho.

– Eu dou um jeito – disse Matthew seguro de si.

Marcus balançou a cabeça e os dois vampiros se abraçaram, trocando olhares significativos. Tudo o que precisavam dizer em momentos como esse já tinha sido dito.

Matthew se viu novamente a sós e afundou no sofá com a cabeça entre as duas mãos. A oposição veemente de Marcus o tinha abalado.

Ele ergueu a cabeça e fixou os olhos novamente na gravura da deusa da caça espreitando a presa. Um outro verso do mesmo poema antigo lhe veio à mente.

– *"Eu a vi saindo da floresta"* – sussurrou. – *"Caçadora de mim, amada Diana."*

Lá no quarto, fora do alcance dos ouvidos de um eventual sangue-quente, mas não dos de Matthew, Diana se agitou e soltou um grito. Ele disparou até ela e abraçou-a. O instinto de proteção estava de volta, e dessa vez renovado e ainda mais forte.

– Eu estou aqui – ele murmurou com a boca colada nos cabelos de Diana que agora estavam na cor do arco-íris. Contemplou o rosto adormecido, a boca travessa e a ruga voluntariosa entre as sobrancelhas. Um rosto que ele conhecia muito bem porque o tinha estudado por horas a fio, mas com contradições que ainda o fascinavam.

– Você me enfeitiçou? – ele disse em voz alta.

Depois daquela noite Matthew se deu conta de que o desejo que sentia por ela era maior do que tudo mais. Nem a família nem o sangue

importavam tanto quanto saber que ela estava a salvo em seus braços. Se isso significava estar enfeitiçado, então ele estava perdido.

Ele abraçou Diana enquanto ela dormia de um jeito que não se permitia fazer quando estava acordada. Ela suspirou e aninhou-se nos braços dele.

Se ele não fosse um vampiro, não teria ouvido o que ela murmurou quando agarrou a âmbula e o suéter com os punhos firmemente apoiados no peito dele.

– Você não está perdido. Eu o encontrei.

Matthew se espantou, pensando se tinha ou não imaginado isso, mas ele sabia que não era imaginação.

Diana podia ouvir o pensamento dele. Não o tempo todo, não quando estava consciente – ainda não. De todo modo, Matthew só precisava de um tempo para que ela ficasse sabendo tudo o que precisava saber. Ele contaria os segredos guardados e coisas tão terríveis e sombrias que lhe faltava coragem para encarar.

Ela respondeu outra vez com um leve murmúrio:

– Sou suficientemente corajosa por nós dois.

Ele encostou a cabeça na cabeça de Diana.

– Você terá que ser.



Eu estava com um forte gosto de cravo-da-índia na boca e tinha sido mumificada dentro do meu próprio edredom. Então me mexi dentro das cobertas e o velho colchão de molas cedeu um pouco.

– Shh. – Os lábios de Matthew colaram-se na minha orelha, e ele escudou o meu corpo com o dele. Era como se fôssemos colheres dentro de uma gaveta, grudados um no outro.

– Que horas são? – Minha voz soou rouca.

Matthew se afastou ligeiramente e consultou o relógio.

– Já passa da uma.

– Há quanto tempo estou dormindo?

– Desde seis da noite passada.

Noite passada.

Minha cabeça rodou com mil palavras e mil imagens: o manuscrito alquímico, a ameaça de Peter Knox, meus dedos azulados e carregados de eletricidade, a foto dos meus pais, a mão da minha mãe congelada e estendida sem alcançar o seu intento.

– Você me deu algum remédio? – Empurrei o edredom para soltar as minhas mãos. – Eu não gosto de tomar remédios, Matthew.

– Então da próxima vez que entrar em choque eu a deixarei sofrer sem necessidade. – Ele deu um puxão na coberta da cama que foi mais eficaz que toda a batalha que eu tinha travado com ela antes.

O tom cortante de Matthew sacudiu os cacos da memória, trazendo novas imagens à tona. O rosto contorcido de Gillian me alertando sobre a sonegação de segredos junto ao pedaço de papel me fez recordar. Por

alguns instantes, me vi novamente com sete anos de idade, tentando entender por que os meus pais que eram tão brilhantes e tão cheios de vida tinham desaparecido da minha vida.

Enquanto me esticava na cama ao encontro de Matthew, o braço de mamãe se esticava na minha mente e tentava alcançar o corpo de papai dentro de um círculo de giz. O desconsolo da minha infância pela morte dos meus pais fazia um contraponto com a minha recente e adulta empatia pela desesperada tentativa de mamãe de tocar o corpo de papai. Eu me afastei abruptamente dos braços de Matthew e me abriguei na posição fetal.

Era visível que Matthew queria me ajudar, mas ele não se sentia inteiramente seguro em relação a mim, e a sombra das minhas emoções em conflito se estampava no rosto dele.

A voz cheia de veneno de Knox soou outra vez na minha cabeça. *Lembre-se de quem você é.*

"Lembra?", era o que o bilhete perguntava.

Sem a menor cerimônia me voltei novamente para o vampiro, estreitando a distância entre mim e ele. Meus pais estavam mortos, mas eu tinha Matthew ao meu lado. Enfiei a cabeça debaixo do queixo de Matthew e por um momento ouvi o sangue a bombear nas veias dele. O ritmo lento do coração do vampiro logo me fez dormir.

Meu coração batia acelerado quando despertei outra vez na escuridão, chutando o edredom e tentando me sentar na cama. Matthew acendeu um abajur à frente, e a sombra dele fez um ângulo afastado da cama.

– O que houve? – ele perguntou.

– A magia me encontrou. E as bruxas também. Serei assassinada por causa da minha magia, da mesma forma que meus pais foram. – As palavras irromperam da minha boca, o pânico apressava a passagem delas e me levantei.

– Não. – Matthew interpôs-se entre mim e a porta. – Diana, nós vamos

enfrentar isso, seja o que for. Senão você vai passar a vida inteira fugindo.

Uma parte de mim sabia que ele estava com a razão. A outra parte queria fugir na escuridão. Mas como fugir com um vampiro impedindo a passagem?

Uma brisa começou a se mover em volta, como se tentando repelir a minha sensação de encurralamento. Fiapos gelados se eriçaram nas pernas da minha calça. A brisa se achegou ao meu corpo com suavidade e arrepiou os pelos do meu rosto. Matthew esbravejou e veio em minha direção de braços estendidos. A brisa ficou mais forte e virou uma rajada de vento que sacudiu a roupa da cama e as cortinas.

– Está tudo bem – ele disse intencionalmente em voz alta para ser ouvido em meio ao rodamoinho de vento e me acalmar.

Mas não funcionou.

A força do vento aumentou ainda mais, modelando uma coluna no ar que me abrigou da mesma maneira protetora que o casulo de edredom me abrigara. Do outro lado da perturbação, Matthew continuava de pé com os braços ainda estendidos e os olhos cravados em cima de mim. Abri a boca para pedir que ele se mantivesse a distância e só um ar gelado saiu de dentro dela.

– Está tudo bem – ele repetiu com os olhos ainda cravados em mim. – Eu não vou me mexer.

Até então, eu ainda não tinha percebido a extensão do problema.

– Eu juro – ele disse com convicção.

O ventou abrandou. O ciclone em volta de mim se tornou um rodamoinho de vento, depois uma brisa e depois se foi por inteiro. Caí de joelhos, arfando.

– O que está acontecendo comigo?

Eu corria todo dia, remava, fazia ioga e dominava o meu corpo. E agora o meu corpo fazia coisas inimagináveis. Olhei para baixo para ver se minhas mãos soltavam faíscas de eletricidade e se meus pés ainda estavam

sendo açoitados pelo vento.

– Isso foi um vento de bruxa – disse Matthew sem se mover. – Sabe o que é isso?

Eu já tinha ouvido falar de uma bruxa de Albany que invocava tempestades, mas ninguém chamava isso de *vento de bruxa*.

– Na verdade, não sei – confessei ainda de olhos em meus pés e em minhas mãos.

– Algumas bruxas herdam o dom de controlar o elemento ar. Você é uma delas – ele afirmou.

– Não controlei nada.

– Foi uma primeira vez – ele insistiu convicto. Girou o dedo ao redor do quarto: as cortinas e os lençóis estavam intactos, as roupas ainda estavam dentro das gavetas e o chão estava no mesmo lugar de sempre.

– Nós dois continuamos firmes, e nem parece que um tornado passou por esse quarto. Isso já é um controle... por enquanto.

– Mas não sou eu que invoco. Você sabe se essas coisas, essas faíscas elétricas e ventos só acontecem quando são invocados pelas bruxas? – Tirei o cabelo de cima dos olhos e bambeei de exaustão. Nas últimas vinte e quatro horas haviam acontecido muitas coisas. Matthew se curvou na minha direção como se para me amparar se eu caísse.

– Hoje em dia, ventos de bruxa e dedos azuis são muito raros. Diana, a magia está dentro de você, e ela quer sair quer a invoque ou não.

– Eu me sinto pega por uma armadilha.

– Eu não devia ter encurralado você na noite passada. – Ele pareceu envergonhado. – Às vezes fico sem saber o que fazer na sua frente. Você é como uma máquina de movimento perpétuo. Eu só queria que você parasse por um momento para me escutar.

Para um vampiro que quase não precisava respirar devia ser difícil lidar com a minha incessante necessidade de movimento. De repente, o espaço entre mim e ele se alargou outra vez. Comecei a me levantar.

– Estou perdoado? – ele perguntou com sinceridade. Assenti com a cabeça. – Posso? – Apontou para os próprios pés. Assenti novamente.

Matthew deu três passos rápidos a tempo de me pegar ainda de pé. Meu corpo foi de encontro ao dele, exatamente como na primeira noite em que o vi na Sala de Leitura Duke Humfrey na Bodleiana, serenamente em pé e com um ar aristocrático. Mas desta vez não me afastei tão depressa. Pelo contrário, me aninhei no corpo dele e a pele estava suavemente fria e não assustadoramente fria.

Ficamos em silêncio por um momento, um apoiado no outro. Meu coração se aquietou e os braços dele continuaram soltos, se bem que a respiração dele sugeria que não era fácil se manter naquela posição.

– Eu também peço desculpas. – Aninhei-me ainda mais no corpo de Matthew, e o suéter dele roçou no meu rosto. – Vou tentar manter a minha energia sob controle.

– Não precisa se desculpar, e muito menos tentar ser algo que você não é. Tomaria um pouco de chá se eu fizesse? – ele perguntou com os lábios se mexendo colados na minha cabeça.

Lá fora a noite se despedia com a promessa do amanhecer.

– Que horas são?

Matthew girou a mão pelos meus ombros para olhar o relógio.

– Já passa das três.

– Estou tão cansada, mas uma xícara de chá cairia bem – resmunguei.

– Vou preparar. – Ele tirou os meus braços de sua cintura com delicadeza. – Já volto.

Eu não queria perdê-lo de vista e o segui. Ele se perdeu em meio às muitas latas e pacotes de chá que eu tinha.

– Eu lhe disse que adoro chá – eu disse quando ele encontrou uma outra caixa de chá enfiada atrás de uma cafeteira raramente usada dentro do armário.

– Prefere algum em especial? – Ele apontou para a prateleira atulhada

de embalagens de chá.

– Aquele de caixa preta com um rótulo dourado, por favor. – O chá-verde me pareceu uma opção mais suave.

Ele colocou a chaleira com água no fogo e pegou um bule. Depois que a água ferveu, verteu-a sobre as folhas aromáticas e, com o chá pronto, encheu uma velha caneca e me entregou. O aroma de baunilha e frutas cítricas do chá-verde se contrapôs ao de Matthew, mas foi reconfortante.

Ele também preparou uma caneca para si e sorveu com prazer o aroma do chá.

– Esse aroma é realmente bom – comentou depois de um gole. Pela primeira vez eu o via bebendo algo que não fosse vinho.

– Onde nos sentamos? – perguntei, amparando a caneca quente com as duas mãos.

Matthew apontou com a cabeça para a sala de estar.

– Lá. Precisamos conversar.

Ele se sentou no sofá velho e confortável de um canto, e me arranjei no lado oposto. O vapor do chá se espalhou em volta do meu rosto, trazendo uma gentil lembrança do vento de bruxa.

– Eu preciso entender por que Knox acha que você quebrou o feitiço do Ashmole 782 – ele disse depois que nos acomodamos.

Repeti a conversa que tinha tido com Knox no apartamento do diretor.

– Ele disse que esses feitiços se tornam voláteis nas suas datas de aniversário. Outras bruxas com um bom domínio da feitiçaria já tentaram quebrá-lo e não conseguiram. O que ele acha é que eu estava no lugar certo e na hora certa.

– Uma bruxa talentosa ligada ao Ashmole 782. Creio que talvez seja quase impossível quebrar esse encantamento. Ninguém que tentou pegar o manuscrito antes foi capaz de preencher as condições, a despeito do quanto dominava a feitiçaria e da data em que fazia a tentativa. – Ele olhou no fundo do chá. – E você conseguiu. E agora só resta saber como e

por quê.

– Essa ideia de que eu preenchi as condições de um feitiço lançado antes do meu nascimento é tão difícil de acreditar como o argumento do aniversário do feitiço. E se preenchi as condições desse feitiço uma vez, por que não mais uma vez? – Matthew abriu a boca e o fiz se calar. – Não, você não tem nada a ver com isso.

– Knox entende de feitiçaria, e os feitiços são complicados. Suponho que vez por outra o tempo os afete. – Ele não pareceu muito convencido.

– Se eu conseguisse visualizar algum padrão em tudo isso. – Minha mesa branca com as peças do quebra-cabeça em cima me veio à mente. Mexi as peças disponíveis, Knox, manuscrito, meus pais, e elas se recusaram a desenhar uma imagem.

A voz de Matthew irrompeu nos meus devaneios.

– Diana?

– Humm?

– O que está fazendo?

– Nada – respondi prontamente.

– Você está fazendo magia. – Ele pousou a xícara de chá. – Estou sentindo o cheiro dela. E também posso vê-la. Você está brilhando.

– Sempre faço isso quando não consigo resolver um problema intrincado... como agora. – Eu estava de cabeça baixa para não deixar à vista a minha dificuldade de tocar no assunto. – Visualizo uma mesa branca e ponho diferentes peças na cena. Peças com formas e cores que se movem até formar um padrão. Logo as peças deixam de se mover e isso indica que estou na pista certa.

Matthew fez uma pausa antes de se pronunciar:

– Com que frequência você faz esse jogo?

– O tempo todo – respondi relutante. – Você estava na Escócia quando me dei conta de que isso era um procedimento mágico, e acontece o mesmo quando sei que alguém está olhando para mim sem precisar virar a

cabeça.

– Você sabe que *há* um padrão nisso. Faz a sua magia quando não está pensando.

– O que quer dizer? – As peças do quebra-cabeça começaram a bailar na mesa branca.

– Quando você se move, você não pensa... pelo menos não com a parte racional da sua mente. Você se desloca toda para um outro lugar quando está remando ou fazendo ioga. E quando não coloca os seus dons em xeque, eles vêm à tona.

– Mas eu estava pensando antes de provocar o vento de bruxa – retruquei –, e mesmo assim o provoquei.

– Ah, mas também estava sob uma emoção intensa – ele explicou, inclinando-se para a frente e apoiando os cotovelos nos joelhos. – Isso sempre deixa o intelecto acuado. Aconteceu o mesmo quando os seus dedos azularam na presença de Miriam e depois comigo. Essa mesa branca é uma exceção na regra geral.

– Será que humores e movimentos atraem essas forças? Então que vantagem há em ser bruxa se algo tão simples pode liberar o inferno?

– Muita gente gostaria de fazer isso, imagino. – Matthew desviou os olhos. – Eu quero saber se você faria uma coisa por mim. – O sofá chiou quando ele se virou para me olhar outra vez. – E é melhor que reflita antes de me responder. Você faria isso?

– É claro – eu disse.

– Eu quero levar você para casa.

– Não voltarei para a América. – Em cinco segundos, fiz exatamente o que ele me pedira para não fazer.

Matthew balançou a cabeça.

– Não para *sua* casa. Para *minha* casa. Você precisa sair de Oxford.

– Eu já disse que irei com você para Woodstock.

– A Velha Cabana é a minha *casa,* Diana – ele continuou

pacientemente. – Mas quero levá-la para o meu *lar*... para a França.

– França? – Puxei o cabelo para trás a fim de olhar melhor para ele.

– As bruxas querem pegar o Ashmole 782 e mantê-lo fora do alcance das outras criaturas. A ideia de que você quebrou o feitiço e a proeminência da sua família são motivos suficientes para manter as outras criaturas a distância. Quando Knox e o restante das bruxas descobrirem que você não fez magia para obter o manuscrito, e que o feitiço foi lançado para se abrir para você, eles vão querer saber como e por quê.

A imagem do meu pai e da minha mãe mortos veio à minha mente.

– E é lógico que não vão perguntar isso de maneira gentil.

– Provavelmente não. – Matthew respirou fundo e a veia da testa pulsou. – Eu vi a fotografia, Diana. O que mais desejo é vê-la bem longe de Knox e da biblioteca. Eu quero que você fique *debaixo* do meu teto por algum tempo.

– Segundo Gillian foi obra de bruxos. – Nossos olhos se encontraram e me espantei quando vi que as pupilas dele estavam bem pequenas. Geralmente eram negras e grandes, mas ele estava diferente naquela noite. Sua pele estava menos fantasmagórica, e os lábios normalmente pálidos tinham um toque a mais de cor. – Ela estava certa?

– Não posso afirmar isso, Diana. Os hausas nigerianos acreditam que a fonte de poder dos bruxos encontra-se nas pedras que eles têm no estômago – disse Matthew sem graça. – A outra bruxa podia estar apenas na cena.

Ouviu-se um suave clique, e a luz da secretária eletrônica começou a piscar. Resmunguei.

– É a quinta vez que suas tias telefonam – ele observou.

O volume da máquina estava no mínimo, e mesmo assim o vampiro conseguia ouvir a mensagem. Fui até a mesinha e atendi ao telefone.

– Estou aqui, estou aqui – disse para titia em tom irritado.

– Já estávamos pensando que você tinha morrido – disse Sarah.

A lembrança de que ambas éramos as últimas remanescentes dos Bishop apertou o meu coração. Imaginei-a sentada na cozinha com o telefone na mão e o cabelo revolto a lhe emoldurar o rosto. Ela estava envelhecendo e, apesar da sua autoconfiança, se sentia mexida pelo fato de que eu estava distante e correndo perigo.

– Não morri, não. Estou no meu apartamento, e Matthew está comigo. – Lancei-lhe um sorrisinho, mas ele não devolveu o sorriso.

– O que está havendo aí? – perguntou Em da extensão. Em tinha ficado com o cabelo todo branco depois da morte dos meus pais. Na ocasião ainda era uma mulher jovem, com menos de trinta anos, mas depois da tragédia aparentava uma fragilidade excessiva, como se uma lufada de vento pudesse levá-la a qualquer momento pelos ares. A preocupação de Em, como a de tia Sarah, se devia ao sexto sentido dela que lhe dizia que alguma coisa devia estar acontecendo em Oxford.

– Eu tentei reaver o manuscrito, só isso – respondi com displicência para não deixá-las ainda mais preocupadas. Matthew me olhou com desaprovação e virei de costas para ele. Não adiantou nada. Ele cravou olhos glaciais nos meus ombros. – Mas dessa vez o manuscrito não saiu das prateleiras.

– Você acha que estamos telefonando por causa *desse* livro? – disse Sarah.

Dedos longos e frios agarraram o fone e o tiraram do meu ouvido.

– Sra. Bishop, aqui é Matthew Clairmont – ele disse com firmeza. Tentei tirar o fone da mão dele, mas ele segurou o meu pulso e balançou a cabeça uma única vez como aviso. – Diana foi ameaçada. Por outras bruxas e principalmente por um bruxo, Peter Knox.

Nem precisei ser vampira para ouvir o alvoroço do outro lado da linha. Matthew largou o meu pulso e estendeu o fone para mim.

– Peter Knox! – gritou Sarah. Matthew apertou os olhos como se o grito tivesse doído nos ouvidos dele. – Há quanto tempo ele está aí?

– Desde o início – respondi com uma voz trêmula. – É o tal do bruxo moreno que tentou invadir minha mente.

– Você não o deixou ir tão longe, deixou? – A voz da minha tia soou assustada.

– Sarah, eu fiz o que pude. Não sei ao certo o que devo fazer.

Em interveio.

– Querida, muitas de nós tiveram problemas com Peter Knox. E o mais importante, seu pai não confiava nele... nem um pouquinho.

– *Papai?* – O chão se moveu debaixo dos meus pés e Matthew me enlaçou pela cintura para que eu não caísse. Mesmo esfregando os olhos, não dissipei a visão da cabeça esmagada e das entranhas expostas do meu pai.

– Diana, o que mais aconteceu? – perguntou Sarah com muito tato. – Pode ser que tenha se assustado com Peter Knox, mas há mais coisa nessa história.

Agarrei o braço de Matthew.

– Alguém me mandou uma fotografia da mamãe e do papai.

Fez-se silêncio por um momento do outro lado da linha.

– Oh, Diana – murmurou Em.

– *Aquela* fotografia? – perguntou Sarah com um tom sombrio.

– A própria – sussurrei.

Sarah soltou um palavrão.

– Coloque-o novamente no telefone.

– Ele pode ouvi-la perfeitamente de onde está – frisei. – E você pode falar para mim seja o que for que quer falar para ele.

A mão de Matthew deslizou da minha cintura até a coluna e massageou os músculos contraídos para que relaxassem.

– Vocês dois prestem muita atenção. Fiquem bem longe, bem longe mesmo desse Peter Knox. E esse vampiro aí que trate de cuidar de você, ou ele é que será o responsável. Stephen Proctor era o homem mais flexível da

Terra. Era preciso muita coisa, muita coisa mesmo para que ele não gostasse de alguém... e ele detestava esse bruxo. É melhor você voltar *imediatamente* para casa, Diana.

– Sarah, eu não farei isso! Eu vou para a França com Matthew. – A opção sem graça que ela me oferecia só serviu para me convencer.

Fez-se silêncio.

– França? – perguntou Em com uma voz débil.

Matthew ergueu a mão.

– Matthew quer falar com você. – Estendi o fone antes que Sarah pudesse protestar.

– Sra. Bishop? Por acaso vocês têm identificador de chamada?

Bufei. O telefone marrom preso à parede da cozinha da casa em Madison tinha um disco antigo e um fio longo o bastante para que Sarah pudesse zanzar de um lado para o outro enquanto falava.

Perdia-se um tempão para se discar um simples número local. Identificador de chamadas? Definitivamente, não.

– Não? Então anote esses números. – Matthew disse pausadamente o número do celular dele e de um outro que devia ser da casa na França, e deu instruções detalhadas dos códigos de discagem internacional. – Telefonem a qualquer hora.

Pela expressão atenta de Matthew, Sarah devia ter dito alguma coisa relevante.

– Eu farei de tudo para mantê-la a salvo. – Ele estendeu o telefone para mim.

– Agora vou desligar. Amo vocês. Não se preocupem.

– Pare de nos dizer que não devemos nos preocupar – disse Sarah. – Você é a nossa sobrinha. Nós somos boas e preocupadas, Diana, e gostamos de ser assim.

– O que posso fazer para convencê-las de que estou bem? – Suspirei.

– Por ora, atender ao telefone com mais frequência – ela disse

embirrada.

Continuei ao lado de Matthew depois que nos despedimos, sem olhar nos olhos dele.

– Tia Sarah tem razão, tudo isso é por minha culpa. Eu tenho me comportado como um ser humano irresponsável.

Ele caminhou até a extremidade do sofá para ficar o mais longe possível de mim, e afundou nas almofadas.

– Você não passava de uma criança solitária e amedrontada quando fez essa sua barganha do espaço que a magia devia ocupar em sua vida. E agora, toda vez que dá um passo parece que o seu futuro depende do lugar onde você deve colocar o pé.

Matthew ficou surpreso quando me sentei ao lado dele e o peguei pela mão em silêncio, me reprimindo para não dizer que tudo daria certo.

– Na França, talvez você possa simplesmente *ser* por algum tempo... sem ficar tentando ou se preocupando se vai errar ou não – ele continuou. – Talvez você possa descansar... se bem que nunca vi você parada, nem por um segundo. Sabia que seu corpo se movimenta até quando você dorme?

– Matthew, eu não tenho tempo para descansar. – Eu já estava aceitando a ideia de sair de Oxford. – As palestras sobre alquimia serão daqui a seis semanas. Eles querem que eu faça a palestra de abertura. E nem comecei a escrevê-la, e não terei chance de terminá-la a tempo sem poder entrar na Bodleiana.

Matthew apertou os olhos com um ar reflexivo.

– Presumo que o seu trabalho gire em torno das ilustrações alquímicas, estou certo?

– Sim, pesquiso a tradição das imagens alegóricas inglesas.

– Então suponho que você não se interessaria em ver o meu exemplar do século XIV do *Aurora Consurgens*. Infelizmente, em francês.

Arregalei os olhos. O *Aurora Consurgens* é um manuscrito estonteante que descreve as forças opostas da transformação alquímica – prata e ouro,

feminino e masculino, sombra e luz. E as ilustrações são igualmente complexas e intrigantes.

– O exemplar mais antigo do *Aurora* é da década de 1420.

– O meu é de 1356.

– Mas um manuscrito dessa época não deve ser ilustrado – comentei. Encontrar um iluminado manuscrito alquímico de antes de 1400 era como encontrar um Ford modelo T estacionado no campo de batalha em Gettysburg.

– Esse é.

– Ele tem trinta e oito imagens ao todo?

– Não, tem quarenta. – Matthew sorriu. – Parece que os primeiros historiadores se equivocaram a respeito de diversas particularidades.

Uma descoberta como essa era muito rara. E ser o primeiro a pôr os olhos naquele exemplar desconhecido e ilustrado do *Aurora Consurgens* do século XIV representava uma oportunidade que um historiador da alquimia levaria uma vida inteira para ter.

– E o que mostram essas duas outras ilustrações? É o mesmo texto?

– Você terá que ir comigo para descobrir.

– Vamos então – falei de imediato. Depois de semanas de frustração, escrever a minha palestra me pareceu de repente possível.

– Aceitou fazer a viagem pelo manuscrito e não pela sua segurança? – Ele balançou a cabeça com incredulidade. – Que falta de bom-senso.

– Nunca fui conhecida pelo meu bom-senso – confessei. – Quando partimos?

– Daqui a uma hora?

– Uma hora. – Ele não tinha decidido isso naquele instante. Já estava com tudo planejado desde que caí no sono na noite anterior.

Ele balançou a cabeça.

– Um avião está esperando por nós na pista perto da antiga base da força aérea americana. Precisa de quanto tempo para fazer a mala?

– Depende do que terei que levar comigo – respondi com a cabeça girando.

– Não muita coisa. Não vamos sair para nenhum lugar. Separe algumas roupas de frio, e imagino que não possa partir sem os seus tênis de corrida. Lá só estaremos nós dois, a minha mãe e uma empregada.

A mãe dele.

– Matthew – eu disse quase sem voz –, eu não sabia que você tem mãe.

– Todo mundo tem mãe, Diana. – Ele me olhou com olhos cinzentos. – Eu tenho duas. A mulher que me pôs no mundo e Ysabeau... a mulher que fez de mim um vampiro.

Uma coisa seria Matthew. Outra coisa seria uma casa com vampiros desconhecidos. O medo de dar um passo em falso colocou de lado a minha avidez pelo manuscrito. A hesitação ficou estampada na minha testa.

– Eu não tive escolha. – Ele se justificou com uma voz sofrida. – É claro que você não tem motivo para confiar em Ysabeau. Mas Ysabeau me garantiu que você estará segura com ela e Marthe.

– Se você confia nelas, então eu também confio. – Para a minha surpresa, falei isso a sério... mesmo tendo um pequeno arrepio ao pensar que ele teria rogado por mim como se elas estivessem planejando tirar um pedaço do meu pescoço.

– Muito obrigado. – Ele foi lacônico, cravando os olhos na minha boca e fazendo o meu sangue se agitar. – Faça a mala enquanto vou lavar o meu rosto e dar uns telefonemas.

Passei no canto do sofá onde ele estava sentado e ele me pegou pela mão. O choque daquela mão gelada interagiu novamente com o calor da minha mão.

– Você está fazendo a coisa certa – ele murmurou antes de soltar a minha mão.

O dia de lavar roupa estava próximo e o meu quarto estava entulhado de roupas sujas. Depois de uma geral no meu armário encontrei calças

pretas e quase idênticas limpas, calças *legging* e camisetas de manga comprida, e algumas blusas de gola rolê. E tive que me esticar toda para tirar de cima do armário uma velha e grande bolsa da Yale. Coloquei as roupas naquela velha bolsa de lona azul e branca junto com alguns suéteres e moletons. Depois enfiei lá dentro algumas meias e peças íntimas com roupas velhas de ioga. Eu não tinha pijamas decentes e podia dormir com essas roupas. Lembrei que a mãe de Matthew era francesa e separei uma blusa e uma calça mais apresentáveis.

A voz de Matthew flutuava baixinho no hall. Primeiro ele falou com Fred, depois com Marcus e depois com um serviço de táxis. Entrei no banheiro toda desengonçada com a bolsa de lona dependurada no ombro. Enfiei pasta de dente, sabonete, xampu e escova de cabelo na bolsa, com um secador de cabelo e um tubo de máscara facial. Eu nunca tinha usado aquele creme, mas naquelas circunstâncias um cosmético me pareceu uma boa ideia.

Depois que coloquei tudo na bolsa, me reuni a Matthew na sala de estar. Ele verificava as mensagens no celular, com a bolsa do meu computador aos pés.

– Só isso? – perguntou olhando com surpresa para minha bolsa de lona.

– Você disse que eu não precisava levar muita coisa.

– Sim, mas em geral as mulheres não aceitam a minha opinião quando se trata de bagagem. Miriam é uma que carrega bagagem suficiente para vestir toda a Legião Estrangeira quando sai para um fim de semana, e mamãe, então, precisa de uma fileira de baús. Louisa não atravessaria nem uma rua com o que você está carregando, e um país nem se fala.

– Além de ser conhecida pela falta de bom-senso também sou conhecida pelo meu comedimento.

Matthew balançou a cabeça em sinal de apreciação.

– Já está com o passaporte?

– Está na bolsa do meu computador – respondi.

– Podemos ir então – ele disse passando os olhos pelo apartamento por uma última vez.

– Cadê a fotografia? – Não achei certo deixá-la para trás.

– Está com Marcus. – Ele se apressou em responder.

– Quando Marcus esteve aqui? – perguntei intrigada.

– Enquanto você estava dormindo. Quer que a pegue de volta? – Ele já estava pronto para apertar uma tecla do celular.

– Não precisa. – Balancei a cabeça, não havia motivo para vê-la novamente.

Matthew pegou a minha bagagem e desceu as escadas sem qualquer incidente. Um táxi nos aguardava do lado de fora dos portões do prédio. Ele deu uma parada para falar com Fred. Estendeu um cartão para o porteiro, e os dois trocaram um aperto de mãos. Era um acordo já selado, um acordo cujos detalhes eu nunca saberia. Em seguida, ele me fez entrar no táxi e cerca de trinta minutos depois deixávamos as luzes de Oxford para trás.

– Por que não viemos no seu carro? – perguntei no trajeto até o campo.

– Assim é melhor. Marcus não vai precisar buscar o Jaguar.

O balanço do carro me deixou sonolenta. Fiquei encostada no ombro de Matthew.

No aeroporto, apresentamos os nossos passaportes enquanto o piloto preenchia uma papelada, e depois embarcamos. Durante a decolagem nos sentamos em poltronas opostas que estavam em torno de uma mesa baixa. Senti uma pressão nos meus ouvidos enquanto o avião subia e comecei a bocejar. Quando o avião ganhou altitude, Matthew abriu o cinto de segurança e pegou alguns travesseiros e um cobertor no bagageiro debaixo das janelas.

– Logo estaremos na França. – Ele ajustou os travesseiros na extremidade da minha poltrona que era quase como uma cama macia e me cobriu com o cobertor. – Enquanto isso é melhor tirar uma soneca.

Eu não queria dormir. Ou melhor, estava com medo de dormir. A imagem da fotografia não saía da minha cabeça.

Ele se agachou ao meu lado com um leve toque no cobertor.

– O que há?

– Não quero fechar os olhos.

Ele separou um travesseiro e jogou os outros no chão.

– Venha cá – disse, sentando-se do meu lado e tamborilando convidativamente no macio retângulo branco. Girei o corpo, deslizei na superfície acolchoada, coloquei a cabeça no colo dele e estiquei as pernas. Ele juntou as pontas do cobertor com destreza e me cobriu.

– Obrigada – sussurrei.

– De nada. – Ele levou dois dedos aos lábios e, depois de beijá-los, tocou nos meus lábios. Senti um gosto de sal. – Durma. Estarei aqui com você.

Dormi profundamente e sem sonhos, e só acordei quando Matthew acariciou o meu rosto com dedos frios dizendo que o avião aterrissaria.

– Que horas são? – perguntei atordoada.

Ele consultou o relógio.

– Quase oito horas.

– Onde estamos? – Ajeitei-me na poltrona e apertei o cinto.

– Perto de Lyon, em Auvergne.

– No centro do país? – perguntei visualizando o mapa da França. Ele assentiu. – Onde você nasceu?

– Nasci e renasci por perto. Minha terra natal, a terra natal da minha família, fica a duas horas de distância. Chegaremos lá no meio da manhã.

Descemos do avião e nos dirigimos a uma área privada de um movimentado aeroporto, onde os nossos passaportes e documentos de viagem foram checados por um funcionário que mudou a cara na mesma hora quando viu o nome de Matthew.

– Você sempre viaja dessa maneira? – Era bem mais fácil do que pegar

um voo comercial no Heathrow de Londres ou no Charles de Gaulle de Paris.

– Sim – ele disse em tom natural. – Só me sinto completamente feliz por ser um vampiro e ter dinheiro para torrar quando saio em viagem.

Matthew parou na frente de um Range Rover do tamanho de Connecticut e tirou um molho de chaves de dentro do bolso. Abriu a porta traseira e guardou a minha bagagem. O Range Rover era um pouco menos luxuoso que o Jaguar, mas o que faltava em elegância sobrava em resistência. Viajar naquele carro era como viajar num tanque de guerra.

– Você precisa mesmo deste carro para dirigir pela França? – Eu estava olhando para estradas impecáveis, sem nenhum buraco.

Matthew sorriu.

– Você ainda não viu onde a minha mãe mora.

Seguimos pela parte rural do oeste do país e vez por outra nos deparávamos com grandes castelos e montanhas íngremes. Pastagens e vinhedos se espalhavam em todas as direções e, mesmo sob céu nublado, a terra brilhava com a coloração iluminada das folhas. Por fim, uma placa indicou a direção de Clermont-Ferrand. Isso não podia ser uma simples coincidência, por mais diferente que fosse a grafia do nome.

Matthew continuou dirigindo rumo oeste. A certa altura, diminuiu a velocidade, entrou numa estrada estreita e parou no acostamento. Apontou para um ponto distante.

– Lá está – disse. – Sept-Tours.

No centro de colinas com suaves elevações e depressões destacava-se um pico, aplainado e encimado por uma construção de pedras marrons e rosadas. Sete pequenas torres cercavam a estrutura e uma casa torreada montava guarda no portão. Sept-Tours não era um castelo de contos de fadas erguido para bailes sob a luz do luar. Era uma fortaleza.

– Aquela é a casa? – Engoli em seco.

– Aquela é a casa. – Matthew tirou o celular do bolso e digitou um

número. – *Maman?* Já estamos quase chegando.

Do outro lado da linha, soou alguma coisa e depois emudeceu. Matthew sorriu e levou o carro de volta à estrada.

– Ela já está nos esperando? – perguntei disfarçando o tremor da minha voz.

– Está sim.

– E está de acordo com isso? – Eu não quis fazer a pergunta certa: *você tem certeza de que não vai haver problema em trazer uma bruxa para sua casa?* Mas isso não foi necessário.

Matthew continuou com os olhos fixos na estrada.

– Ysabeau, assim como eu, não gosta de surpresas – disse sereno enquanto virava por um caminho que parecia uma trilha de bodes.

Atravessamos fileiras de castanheiras, subimos pela trilha e chegamos em Sept-Tours. O carro passou entre duas das sete torres e por um pátio pavimentado situado em frente à entrada da estrutura central. Cruzamos um bosque com um caminho ladeado de jardins, e finalmente o vampiro estacionou o carro.

– Pronta? – ele disse com um sorriso iluminado.

– Como nunca estive – repliquei prontamente.

Matthew abriu a minha porta e me ajudou a descer do carro. Puxei a bainha do meu terninho preto e encarei a intimidante fachada de pedra do castelo. Suas linhas ameaçadoras não eram nada se comparadas com o que me aguardava lá dentro. A porta entreaberta balançava.

– *Courage* – disse Matthew me dando um beijo no rosto.



Ysabeau estava à soleira da porta do seu grande, real e gélido castelo e olhava para o filho vampiro enquanto subíamos os degraus de pedra.

Chegamos à porta e Matthew beijou a mãe em ambas as faces.

– Podemos entrar ou você prefere nos receber aqui fora?

A mãe de Matthew abriu passagem para que pudéssemos entrar. Ela me olhou furiosa e senti um aroma que lembrava extrato de salsaparrilha e caramelo. Caminhamos por um corredor curto e escuro decorado por uma fileira de lanças nada acolhedoras que apontavam diretamente para a cabeça do visitante e entramos em um recinto de teto alto e paredes cobertas de painéis que certamente tinham sido pintados por algum artista criativo do século XIX com o intuito de refletir um improvável passado medieval. Leões, flores de lis, uma serpente mordendo o próprio rabo e conchas da vieira eram retratados nas paredes brancas. No extremo de um dos cantos, uma escada circular conduzia ao topo de uma das torres.

Dentro da casa, senti realmente a força do olhar de Ysabeau. Ela personificava a atordoante elegância que parece inata às mulheres francesas. E se valia de uma paleta monocromática que atenuava a sinistra palidez de sua aparência, tal como o seu filho, que de um modo desconcertante parecia um pouco mais velho do que ela. Ysabeau se vestia com cores que iam do creme ao camurça. Cada centímetro dos seus trajes era ao mesmo tempo luxuoso e simples, desde o bico dos sapatos de couro até os topázios que pendiam de suas orelhas. Lascas de esmeralda brilhantes e frias rodeavam-lhe as pupilas escuras, e os ossos proeminentes e bem marcados da face faziam com que a perfeição dos traços e a

brancura estonteante da pele superassem a beleza comum. Os cabelos tinham a cor e a textura do mel, e uma cascata dourada de seda prendia um coque à base da nuca.

– Matthew, você devia ter mostrado um pouco de consideração. – O sotaque da mãe suavizou o nome do filho, fazendo-o parecer antigo. Como todos os vampiros, Ysabeau tinha uma voz melódica e sedutora. Uma voz que soava pura e profunda, como sinos distantes.

– Com medo de fofocas, *maman*? Eu achava que você se orgulhava de ser radical. – Matthew se mostrou tanto indulgente como impaciente. Ele arremessou um molho de chaves sobre uma mesa próxima. Um arremesso perfeito que fez as chaves caírem ruidosamente ao pé de um vaso de porcelana chinesa.

– Nunca fui radical! – Ela pareceu horrorizada. – As mudanças são por demais superestimadas.

Ysabeau se voltou para mim e me analisou da cabeça aos pés, apertando uma boca delineada com perfeição.

Ela não gostou do que viu e isso não era de espantar. Eu tentei me ver sob a ótica dela – cabelo cor de areia fino e rebelde, sardas provocadas por uma excessiva exposição ao sol e um nariz comprido demais para o tamanho do rosto. Os olhos eram os meus traços mais harmoniosos, mas a minha desatenção com a moda era indisfarçável. Ladeada pela elegância de Ysabeau e pela impecabilidade perpétua de Matthew, eu era e parecia um ratinho caipira. Puxei a bainha do meu terninho com a mão que estava livre e me senti aliviada porque não havia sinal de magia na ponta dos meus dedos, e torci para que não surgisse o tal sinal do "brilho" fantasma que Matthew mencionara.

– *Maman*, esta é Diana Bishop. Diana, minha mãe, Ysabeau de Clermont. – As sílabas rolaram pela língua de Matthew.

As narinas de Ysabeau abriram-se delicadamente.

– Não gosto do cheiro das bruxas – ela disse com um inglês impecável e

com seus olhos brilhantes cravados em mim. – Ela é doce e repulsivamente verde como uma fonte.

Matthew soltou um jorro de palavras ininteligíveis que me pareceram uma mistura de francês, espanhol e latim. Manteve um tom de voz baixo, mas sem disfarçar a raiva.

– *Ça suffit* – ela o interrompeu com um francês reconhecível, passando a mão pela garganta como se fazendo um corte. Engoli em seco e apalpei por precaução a gola do meu terninho. – Muito prazer, Diana. – Pronunciou o meu nome alongando as vogais. Estendeu sua mão branca e gelada para mim e apertei-a levemente. Matthew apertou a minha mão esquerda e por um momento se fez uma estranha corrente de dois vampiros e uma bruxa. – *Encantada.*

– Ela disse que está feliz por conhecê-la. – Matthew traduziu para mim o que a mãe tinha dito ao mesmo tempo que olhava para ela.

– Sim, sim – disse Ysabeau impaciente, virando de costas para o filho. – É claro que ela só fala inglês e francês moderno. Os sangue-quentes de hoje têm uma educação lamentável.

Uma mulher corpulenta, de pele branca como a neve, com um amontoado de cabelos enrolados em intrincadas e inapropriadas tranças em torno da cabeça entrou pelo saguão de entrada de braços abertos.

– Matthew! – ela gritou. – *Cossí anatz?*

– *Va plan, mercés. E tu?* – Ele abraçou-a e beijou-lhe as faces.

– *Aital aital* – ela respondeu, fazendo uma careta e segurando o cotovelo.

Matthew murmurou com um ar compreensivo e Ysabeau olhou para o teto como se rejeitando o espetáculo de sentimentalismos.

– Marthe, esta é a minha amiga Diana – ele disse.

Marthe também era uma vampira, uma das mais velhas que eu já tinha visto. Ela devia ter uns sessenta anos quando renasceu, e mesmo com os cabelos pretos não deixava dúvida quanto à idade que tinha. Seu rosto era

riscado de rugas e as juntas dos seus dedos eram tão tortas que talvez nem mesmo o sangue de um vampiro pudesse endireitá-las.

– Bem-vinda, Diana – ela disse com uma voz rouca que parecia uma mistura de areia e melado enquanto olhava no fundo dos meus olhos. Fez um sinal afirmativo para Matthew enquanto estendia a mão para mim com as narinas se mexendo. – *Elle est une puissante sorcière* – acrescentou para ele com um tom de apreciação.

– Ela disse que você é uma bruxa poderosa – ele traduziu. De alguma maneira o carinho que mostrou por ela reduziu a minha preocupação instintiva por ter uma vampira me farejando.

Sem saber como responder ao comentário em francês, sorri timidamente para Marthe, torcendo para que ela estivesse certa.

– Você está exausta – disse Matthew analisando o meu semblante. Depois teve uma breve conversa com as duas vampiras na tal língua desconhecida. Um diálogo acompanhado de expressões de espanto, gestos enfáticos, sinais de acusação e suspiros. De repente, Ysabeau mencionou o nome de Louisa e Matthew olhou para ela com fúria, dizendo abruptamente alguma coisa com uma voz incisiva.

Ysabeau encolheu-se.

– É claro, Matthew – murmurou com visível insinceridade.

– Venha ver os seus aposentos – ele disse para mim com uma voz mais aconchegante.

– Levarei comida e vinho – disse Marthe com um inglês vacilante.

– Muito obrigada – eu disse. – E lhe agradeço, Ysabeau, por me acolher em sua casa.

Ela deu uma fungada e mostrou os dentes. Eu tentei me convencer de que aquilo era um sorriso, mas algo me disse que não era.

– E também água, Marthe – disse Matthew. – Ah, os alimentos estão chegando esta manhã.

– Já chegou uma parte – disse a mãe com acidez. – Verduras. Sacolas de

legumes e ovos. Você foi realmente bastante infeliz em pedir para que trouxessem aqui.

– *Maman,* Diana precisa comer. Achei que você não teria muita comida normal em casa.

Os acontecimentos da noite anterior começavam a rasgar a perseverante e elástica paciência de Matthew, agora prestes a romper por conta da insossa acolhida.

– *Eu* preciso de sangue fresco, mas não espero que Victoire e Alain saiam em disparada para buscá-lo no meio da noite em Paris. – Ysabeau pareceu radiante quando os meus joelhos bambearam.

Matthew respirou fundo e me amparou pelo cotovelo.

– Marthe. – Ele se voltou para ela, ignorando Ysabeau. – Você pode servir chá, ovos e torradas para Diana?

Marthe olhou primeiro para Ysabeau, depois para Matthew, como se estivesse no centro da quadra de Wimbledon, e riu como se cacarejasse.

– *Òc* – emitiu isso assentindo calorosamente com a cabeça.

– Nós veremos vocês duas no jantar – disse Matthew com toda a calma.

Enquanto nos retirávamos senti quatro pedras de gelo às minhas costas. Marthe comentou alguma coisa com Ysabeau que fez esta bufar e Matthew abrir um largo sorriso.

– O que disse Marthe? – cochichei lembrando tardiamente que naquela casa qualquer cochicho era ouvido como se fosse um berro.

– Disse que nós formamos um belo casal.

– Não quero que Ysabeau fique furiosa comigo durante a nossa permanência aqui.

– Esqueça – ele disse com calma. – Mamãe ladra, mas não morde.

Atravessamos uma porta e entramos por um aposento extenso com diferentes conjuntos de cadeiras e mesas de diferentes estilos e épocas. Em cima de uma das duas lareiras do aposento um afresco retratava dois cavaleiros com armaduras brilhantes em combate, as lanças se cruzavam

sem nenhuma gota de sangue visível. Obviamente, o afresco era obra do mesmo pintor amante da cavalaria medieval que pintara o painel que decorava o saguão. Duas portas nos fizeram entrar em outro aposento abarrotado de estantes de livros.

– É a biblioteca? – perguntei esquecendo momentaneamente a hostilidade de Ysabeau. – Já posso examinar o seu exemplar do *Aurora Consurgens*?

– Mais tarde – ele disse com firmeza. – Você precisa comer alguma coisa e depois dormir.

Matthew abriu caminho para outra escada circular, movendo-se com destreza por entre um labirinto de mobiliário antigo graças a anos de experiência. Minha passagem foi mais desastrada porque esbarrei num gaveteiro e quase derrubei um vaso de porcelana que estava em cima dele. Por fim, chegamos ao pé da escada.

– É uma longa subida, e você está cansada. Quer que a carregue?

– Nada disso – reagi indignada. – Você não vai me carregar pendurada no seu ombro como um cavaleiro medieval vitorioso carrega os trunfos da batalha.

Matthew mexeu os lábios com um brilho nos olhos matreiros.

– Não ouse rir de mim.

Ele riu e o riso ecoou forte nas paredes de pedra, como se um bando de vampiros fanfarrões estivesse no pé da escada. Afinal, aquele era um típico lugar por onde os cavaleiros medievais carregariam as mulheres escada acima. Não estava nos meus planos ser mais uma entre elas.

Ali pelo décimo quinto degrau eu já estava esgotada. Os degraus de pedra da escada da torre não tinham sido projetados para pés e pernas de gente comum – eram visivelmente projetados para vampiros de quase dois metros de altura ou vampiros extremamente ágeis, ou ambos, como Matthew. Trinquei os dentes e continuei subindo. Finalmente, depois do último lance de degraus, surgiu um espaço aberto.

– Oh. – Abri a boca de espanto e Matthew tapou-a com carinho.

Ninguém precisaria me dizer de quem era aquele aposento. Era a cara do Matthew.

Nós estávamos numa graciosa torre redonda do castelo – a única que ainda conservava um telhado cônico acobreado, localizado nos fundos da edificação principal. Janelas altas e estreitas pontuavam nas paredes com vitrais que refletiam raios de luz e as cores outonais do campo e das árvores lá de fora.

Era um aposento circular, e as estantes altas de livros abrandavam as graciosas curvas com um toque de linhas retas. Uma grande lareira estava instalada na parede colada à estrutura central do castelo. Milagrosamente, a lareira escapara da atenção do pintor de afrescos do século XIX. Espalhados pelo aposento, poltronas e sofás, mesas e almofadas, a maior parte em tons de verde, marrom e dourado. Apesar da amplitude do espaço e das grandes paredes de pedra, o efeito final era extremamente acolhedor.

Os objetos mais intrigantes eram os que Matthew tinha guardado das suas muitas vidas anteriores. Uma tela de Vermeer estava apoiada em uma estante de livros perto de uma concha. Não era uma tela conhecida – não era uma das poucas telas conhecidas do artista. Era uma peça surpreendentemente única, como Matthew. Uma comprida e pesada espada que só um vampiro teria força para pendurá-la na parede se sobressaía em cima da lareira, e uma armadura do tamanho de Matthew estava de pé em um dos cantos. Do outro lado, preso a um suporte de madeira, um velho esqueleto provavelmente humano com os ossos amarrados por algo que parecia uma corda de piano. Na mesa próxima ao esqueleto dois microscópios que datavam do século XVII, salvo engano meu. Enfiado em um dos nichos da parede, um crucifixo ornado com grandes pedras vermelhas, verdes e azuis com uma imagem da Virgem entalhada em marfim.

Os flocos de neve de Matthew descaíam no meu rosto à medida que eu observava os objetos.

– É o seu museu, Matthew – comentei suavemente, sabendo que cada objeto dali tinha uma história.

– É só o meu estúdio.

– Onde adquiriu... – Apontei para os microscópios.

– Mais tarde – ele disse outra vez. – Ainda temos trinta degraus para subir.

Ele me conduziu até o outro lado do aposento, onde avistei uma segunda escada também circular que parecia dar no céu. Depois dos intermináveis trinta degraus me vi à entrada de um outro ambiente redondo dominado por uma grande cama de quatro colunas de nogueira completa, com dossel e pesadas cortinas. Por cima da cama se ressaltavam as vigas que sustentavam o telhado acobreado. Em uma parede, se apoiava uma mesa e, em outra, se embutia uma lareira com um conjunto de confortáveis poltronas à frente. No lado oposto, uma porta aberta deixava à vista uma grande banheira.

– É como uma toca de falcão – comentei espiando pela janela. Daquelas janelas Matthew olhava a paisagem desde a Idade Média. Por um momento me passou pela cabeça que ele poderia ter levado algumas mulheres ali antes de mim. Claro que eu não devia ser a primeira, mas também não me interessava saber quantas tinham estado ali. Aquele castelo emanava algo intensamente privado.

Ele se aproximou por trás de mim e olhou por cima dos meus ombros.

– Gostou? – O hálito dele roçou docemente na minha orelha.

Assenti com a cabeça.

– Quanto tempo? – perguntei sem poder me conter.

– Esta torre? Uns setecentos anos.

– E a aldeia? Eles sabem de você?

– Sim. Os vampiros, como as bruxas, não são bisbilhotados quando

integram uma comunidade que sabe o que eles são e que não faz muitas perguntas.

Gerações de Bishop tinham vivido em Madison sem que ninguém fizesse estardalhaço. Nós, os Bishop, como Peter Knox, nos ocultávamos à vista de todos.

– Obrigada por me ter trazido para Sept-Tours – eu disse. – Aqui me sinto mais segura do que em Oxford, *apesar de Ysabeau*.

– Obrigado pela coragem na frente da minha mãe. – Ele deixou escapar um risinho como se tivesse escutado o meu pensamento. E as palavras foram acompanhadas pelo peculiar aroma de cravos vermelhos. – Ela é superprotetora como a maioria dos pais.

– Eu me senti como uma idiota... e malvestida também. Não trouxe uma única peça de roupa que ela possa aprovar. – Mordi o lábio franzindo a testa.

– Coco Chanel não teve a aprovação de Ysabeau. Talvez você consiga um pouco mais.

Ri e me virei buscando os olhos de Matthew com os meus. E perdi o fôlego quando os nossos olhos se encontraram. Os olhos dele ansiavam pelos meus olhos, pelo meu rosto e pela minha boca. Ele afagou o meu rosto.

– Você é tão cheia de vida – disse de chofre. – Seria melhor que estivesse com um homem muito mais jovem.

Fiquei na ponta dos pés. Ele curvou a cabeça. Antes que nossos lábios se tocassem uma bandeja foi posta ruidosamente sobre a mesa.

– *Vos etz arbres e branca* – entoou Marthe com um olhar matreiro para Matthew.

Ele riu e cantou com voz de barítono:

– *On fruitz de gaug s'asazona*.

– Que língua é essa? – perguntei apoiando a sola dos pés no chão e o seguindo até a lareira.

– A língua antiga – respondeu Marthe.

– Occitano – acrescentou Matthew, retirando a tampa de prata que cobria um prato de ovos. O aroma de comida quente impregnou o ar. – Marthe resolveu recitar poesia antes de você se sentar para comer.

Marthe riu e bateu amavelmente no punho de Matthew com um pano de prato que puxou da cintura. Ele tampou o prato e sentou-se à mesa.

– Vem cá, vem cá – ela disse apontando para uma cadeira à frente dele. – Sente-se, coma. – Fiz como me pediu. Ela serviu para Matthew um copo de um vinho que estava dentro de um jarro de vidro e prata.

– *Mercés* – ele murmurou voltando o nariz para o conteúdo do copo.

Marthes verteu em outro copo a água gelada que estava dentro de um jarro idêntico ao primeiro e estendeu para mim. Serviu uma xícara de chá que identifiquei na mesma hora como sendo da Mariage Frères, de Paris. Pelo visto Matthew inspecionara os armários da minha cozinha enquanto eu dormia na noite anterior, anotando as marcas de alguns chás para uma lista de compras. Marthe derramou uma nata espessa dentro da xícara antes que Matthew pudesse impedi-la, e o olhei com furor. Naquela hora, tudo o que eu precisava era de uma aliada. E além do mais estava com muita sede para dar importância a pequenos deslizes. Ele sentou-se humildemente e se pôs a beber o vinho.

Marthe retirou outros itens da bandeja – um conjunto de pratos de prata, sal, pimenta-do-reino, manteiga, geleia, torradas e uma omelete dourada temperada com ervas frescas.

– *Merci,* Marthe – agradeci com sinceridade.

– Coma! – ela ordenou e dessa vez me fez de alvo do pano de prato.

Depois Marthe me olhou embevecida pelo meu entusiasmo nas primeiras mordidas do alimento. Ela então se virou e farejou o ar. Franziu a testa e olhou de um modo repreensivo para Matthew antes de se dirigir à lareira. Acendeu um fósforo e logo a madeira seca estalou.

– Marthe – disse Matthew levantando-se com o copo na mão –, eu faço

isso.

– Ela está com frio – resmungou Marthe visivelmente aborrecida por ele não ter acendido a lareira antes de se sentar à mesa –, e você está com sede. Eu mesma me encarrego do fogo da lareira.

Alguns minutos depois, a madeira ardia. Embora nenhuma lareira pudesse aquecer aquele ambiente de ponta a ponta, pelo menos o ar aqueceu um pouco mais. Marthe esfregou as mãos e se empertigou.

– Ela precisa dormir. Estou sentindo o cheiro do medo que ela teve.

– E ela vai dormir assim que acabar de comer – disse Matthew, erguendo a mão direita para detê-la. Marthe o olhou por um momento e lhe apontou o dedo como se ele tivesse quinze anos e não mil e quinhentos. Até que foi dissuadida pelo ar de inocência que ele assumiu. Saiu do aposento e desceu a desafiadora escadaria com passos hábeis e seguros.

– O occitano não é a língua dos trovadores? – perguntei depois que ela saiu. O vampiro assentiu. – Eu não sabia que era uma língua falada no extremo norte.

– Mas não estamos tão ao norte – disse Matthew com um sorriso. Antigamente, Paris não passava de uma insignificante cidade fronteiriça. Naquela época, a maioria das pessoas falava o occitano. As montanhas mantinham os nortistas e a língua deles a distância. Até hoje a população daqui desconfia dos forasteiros.

– E o que dizem as palavras da canção?

– Você é a árvore e o galho – ele respondeu olhando fatias do campo pela janela mais próxima –, onde se colhem deliciosos frutos. – Balançou a cabeça com desalento. – Marthe vai passar a tarde toda cantarolando a canção e vai enlouquecer Ysabeau.

O fogo da lareira aqueceu mais o ambiente e me deixou zonza. Quando acabei de comer a omelete, eu mal conseguia manter os olhos abertos.

Eu já estava bocejando quando Matthew me fez levantar da cadeira. Ele me pegou no colo como se eu fosse uma criança. Protestei.

– Pare com isso – ele disse. – Não consegue nem se sustentar na cadeira, quanto mais caminhar.

Ele gentilmente me deitou na cama e puxou a colcha. Os lençóis eram macios e brancos como a neve e logo afundei a cabeça no amontoado de travesseiros dispostos engenhosamente nos intrincados entalhes da cabeceira da cama.

– Agora durma. – Ele puxou as cortinas da cama.

– Não sei se vou conseguir. Não sou de tirar sonecas – eu disse bocejando.

– Sua aparência diz o contrário – ele disse secamente. – Você está na França. Ninguém está atrás de você aqui. Estarei lá embaixo. Qualquer coisa é só me chamar.

Com uma escada que levava do saguão ao estúdio de Matthew e uma outra escada que levava do estúdio ao lado oposto do quarto, ninguém poderia entrar naquele quarto sem passar por Matthew. Era como se os aposentos tivessem sido projetados de modo a proteger a família.

Uma pergunta brotou nos meus lábios, mas ele deu um último puxão nas cortinas e fechou-as antes que eu pudesse falar. As pesadas cortinas da cama não permitiam a entrada da luz e das correntes de ar. Relaxada no sólido colchão e com o corpo aquecido pelas cobertas, adormeci rapidamente.

Acordei com o ruído de folhas sendo viradas e sentei-me na cama sem saber por que estava presa naquela caixa de pano. Depois lembrei.

França. Matthew. A terra dele.

– Matthew – chamei por ele com um sussurro.

Ele abriu as cortinas e sorriu para mim. Atrás dele, uma infinidade de velas acesas. Algumas em candelabros fixados ao longo das paredes e outras em candelabros ornamentados no piso e nas mesas.

– Para alguém que não é de tirar sonecas, você dormiu a sono solto – ele disse contente. Até então a estada na França era um sucesso.

– Que horas são?

– Vou acabar lhe dando um relógio de presente se não parar com essa mania de me perguntar a hora. – Ele consultou o seu antigo Cartier. – São quase duas da tarde. Em um minuto Marthe estará aqui com o chá. Quer tomar um banho e trocar de roupa?

A ideia de um banho quente me fez sair apressada de debaixo das cobertas.

– Sim, por favor!

Ele me ajudou a pôr os pés no chão que era mais baixo do que o esperado e que tinha um revestimento de pedras frias que incomodaram os meus pés descalços.

– Sua bagagem está no banheiro e o computador está no meu estúdio lá embaixo. Ah, tem toalhas no banheiro. Demore o quanto quiser. – Ele me observou enquanto me dirigia ao banheiro.

– Nossa mãe, isto aqui é um palácio! – exclamei. Uma grande banheira branca se sobressaía entre duas janelas, e a minha velha bolsa de Yale estava em cima de um banco comprido de madeira. No canto oposto, um chuveiro à parede.

Abri a torneira pensando em esperar a água esquentar. Para a minha surpresa logo uma nuvem de vapor me envolveu, e o aroma de mel e nectarina do meu sabonete ajudou a aliviar a tensão das últimas vinte e quatro horas.

Já com os músculos descontraídos, vesti uma calça jeans e uma blusa de gola rolê e calcei as meias. Como não havia uma tomada para o secador, sequei os cabelos com uma toalha e os penteei antes de fazer um rabo de cavalo.

– Marthe trouxe o chá – disse Matthew quando entrei no quarto e olhei para o bule e a xícara à mesa. – Quer que lhe sirva?

Suspirei de prazer quando o chá escorreu pela minha garganta.

– Quando verei o *Aurora*?

– Quando eu tiver certeza de que você não se perderá dentro da propriedade. Pronta para um longo passeio?

– Sim, por favor. – Calcei os mocassins e corri ao banheiro para pegar um suéter. Enquanto zanzava pelo quarto, Matthew me esperava pacientemente no alto da escada.

– Levamos o bule lá para baixo? – perguntei me detendo.

– Não, Marthe fica furiosa quando um hóspede tira a louça da mesa. É melhor esperar vinte e quatro horas antes de ajudá-la.

Ele desceu a escada como se pudesse percorrê-la de olhos vendados. Eu desci atrás, amparando-me na parede de pedra.

Chegamos ao estúdio e ele apontou para o meu computador plugado e em cima de uma mesa perto da janela, e depois descemos até o salão. Marthe já tinha passado por lá e a lareira acesa irradiava um calor aconchegante, espalhando no ar um cheiro de madeira queimada. Peguei Matthew pela mão.

– A biblioteca – eu disse. – Vamos começar o passeio por lá.

Era outro aposento que tinha sido ocupado com bricabraques e mobília por anos a fio. De um lado, uma cadeira italiana Savonarola dobrável perto de uma escrivaninha francesa, do outro, uma grande mesa de madeira de carvalho datada aproximadamente de 1700 com pequenos armários vitrines em cima que pareciam tirados de um museu vitoriano. Apesar da decoração desencontrada o aposento mostrava coesão nos milhares de livros de capa de couro dispostos nas estantes e no gigantesco tapete Aubusson tecido em tons de dourado, azul e marrom.

Como acontece na maioria das bibliotecas antigas, os livros alinhavam-se por tamanho. Havia grossos exemplares encadernados em couro e presos por fechos ricamente ornamentados, com os títulos escritos à tinta em lombadas que protegiam as bordas de velino. Além disso, pequenos incunábulos e exemplares do tamanho de livros de bolso ordenadamente enfileirados dentro de um armário, abrangendo a história da escrita

impressa dos anos 1450 até o presente. Também havia diversas primeiras edições raras de obras modernas, inclusive um acervo de histórias de Sherlock Holmes, de Arthur Conan Doyle, e a obra *The Sword in the Stone,* de T. H. White. Uma estante abrigava grandes livros de botânica e de medicina e Atlas geográficos. Se tudo aquilo estava ali no térreo, que tesouros haveria no estúdio da torre de Matthew?

Ele me deixou circular pela biblioteca, observei e li os títulos quase sem poder respirar. Depois me aproximei dele e só consegui balançar a cabeça de tão pasma.

– Imagine a quantidade de livros que você teria se os adquirisse durante séculos e séculos – disse Matthew com um meneio de ombros que me fez lembrar Ysabeau. – As coisas se acumulam. Com o passar do tempo tivemos que nos livrar de muita coisa. Fomos obrigados. Senão esta sala teria que ser do tamanho da Biblioteca Nacional.

– E onde é que está o manuscrito?

– Vejo que já está ficando impaciente. – Ele se aproximou de uma estante e começou a mexer nos livros. Até que retirou de lá um pequeno livro de capa preta e estendeu para mim.

Corri os olhos em busca de algo para apoiá-lo e ele riu.

– Pode abri-lo, Diana. Ele não vai se desintegrar.

Eu me senti estranha com aquele manuscrito na minha mão porque considerava aquele tipo de obra um objeto raro e precioso e não um simples material de leitura. Sem abrir muito a capa para não danificar a lombada, olhei lá dentro. Fez-se explosão de cores vibrantes, e de ouro e prata, diante dos meus olhos.

– Oh! – exclamei quase sem fôlego. Os outros exemplares do *Aurora Consurgens* que eu conhecia não chegavam nem aos pés daquele. – É maravilhoso. Quem fez essas iluminuras?

– Uma mulher chamada Bourgot Le Noir. Ela era muito popular em Paris na metade do século XIV. – Ele tirou o livro da minha mão e o abriu

todo. Olhe. Assim pode observá-lo melhor.

Na primeira iluminura, uma rainha de pé sobre um outeiro abrigava sete criaturinhas debaixo de uma capa. Delicados galhos de videira enroscados ao longo do velino emolduravam a imagem. Aqui e ali botões de flores e passarinhos pousados nos galhos. O traje dourado da rainha cintilava sob a luz da tarde e contrastava com um fundo vermelho. Ao pé da página, um homem vestindo um manto negro estava sentado em cima de um escudo que estampava um brasão em preto e prateado. Ele olhava embevecido para a rainha com os braços estendidos em súplica.

– Ninguém vai acreditar nisso. Um exemplar desconhecido do *Aurora Consurgens*... e com iluminuras criadas por uma mulher? – Balancei a cabeça admirada. – Como eu poderia citá-lo?

– Talvez lhe ajude saber que o emprestei para a Biblioteca Beineck durante um ano. De modo anônimo, é claro. E quanto a Bourgot, os especialistas afirmarão que o trabalho é do pai dela. Mas é só dela. Acho que a gente tem o recibo desse livro enfiado em algum lugar – disse Matthew olhando vagamente em volta. – Eu vou perguntar para Ysabeau onde estão as coisas de Godfrey.

– Godfrey? – O estranho brasão que estampava uma flor de lis rodeada por uma serpente mordendo o próprio rabo.

– Meu irmão. – A voz de Matthew perdeu o tom vago e a expressão dele se fechou. – Ele morreu em combate em 1668, numa daquelas guerras infernais de Luís XIV. – Fechou o livro com cuidado e o deixou sobre a mesa ao lado. – Depois o levo para o estúdio e você poderá examiná-lo à vontade. Ysabeau lê os jornais aqui pela manhã, mas afora isso o lugar está sempre vazio. Você pode tirar o que quiser das estantes.

Com essa promessa, ele me fez atravessar o salão e me conduziu até o grande saguão. Paramos perto de uma mesa com um vaso chinês e ele apontou para as peculiaridades do aposento, especialmente o antigo balcão do menestrel, o alçapão no teto por onde saía a fumaça antes da

construção de lareiras e chaminés e a entrada para uma torre quadrada de observação de onde se tinha uma ampla visão do castelo. A escalada até lá podia esperar até o outro dia.

Matthew então me conduziu a um subsolo com despensas maravilhosas, adegas, cozinhas, copas e os aposentos da criadagem. Marthe saiu de uma cozinha com os braços cobertos de farinha de trigo até os cotovelos e me ofereceu um pãozinho recém-saído do forno. Enquanto o mastigava, Matthew me levava pelos corredores explicando a função de cada cômodo do castelo – onde se estocavam os cereais, onde se dependurava a carne de veado, onde se faziam os queijos.

– Mas os vampiros quase não comem – comentei confusa.

– Mas nossos criados comem. Marthe adora cozinhar.

Prometi a mim mesma que a manteria sempre ocupada. O pãozinho estava uma delícia, e os ovos, uma perfeição.

Em seguida, paramos na horta. Embora tivéssemos descido um lance de escada para chegar às cozinhas, depois que saímos dessa parte do castelo chegamos ao nível do solo. A horta tinha a cara do século XVI com seus canteiros divisórios abarrotados de ervas, verduras e legumes típicos do outono. Roseiras margeavam o caminho, algumas ainda com poucos botões.

Mas não foi o aroma floral que me intrigou. Fui direto para uma construção meio escondida.

– Cuidado, Diana – gritou Matthew correndo pelo caminho de cascalhos. – O Balthasar morde.

– Que Balthasar?

Ele circundou a entrada do estábulo com uma expressão aflita.

– O garanhão que está se coçando na sua coluna – respondeu. – Eu estava de costas para um enorme cavalo enquanto um mastim e um wolfhound rodeavam os meus pés me farejando com interesse.

– Ora, ele não vai me morder. – O enorme percherão moveu a cabeça

para coçar as orelhas nas minhas costelas. – E quem são esses dois cavalheiros? – perguntei acariciando o pescoço peludo do wolfhound e ao mesmo tempo o enciumado mastim tentava puxar a minha mão com a boca.

– O wolfhound é o Fallon, e o mastim é o Hector. – Matthew estalou os dedos e os dois cachorros saíram em disparada, sentaram-se de maneira obediente na frente dele e o olharam à espera de um outro comando. – Por favor, mantenha distância desse cavalo.

– Por quê? Ele é bonzinho. – Balthasar bateu com a pata no chão em assentimento, inclinou uma das orelhas para trás e olhou para Matthew com desdém.

– *Se a borboleta voa para a doce luz que a atrai, é porque ela não sabe que o fogo pode consumi-la* – murmurou Matthew entre os dentes. – Balthasar é bonzinho até que se aborreça. É melhor você sair daí *antes* que ele dê um coice e arrebente a porta.

– Já estamos deixando o seu dono nervoso, ele até começou a recitar trechos obscuros da poesia de tresloucados clérigos italianos. Eu volto amanhã com uma gostosura para você. – Virei-me e beijei o nariz de Balthasar. Ele relinchou e seus cascos dançaram no chão com impaciência.

Matthew tentou disfarçar a surpresa.

– Você reconheceu o verso?

– Giordano Bruno. *Se o sedento cervo corre para o riacho, é porque ele não conhece a crueldade do arco* – prossegui. – *Se o unicórnio corre para o seu singelo ninho, é porque ele não vê a cilada que lhe prepararam.*

– Você conhece a obra de Nolan? – Ele se referiu ao autor com o maneirismo místico do século XVI.

Apertei os olhos. Meu Deus, Matthew tinha conhecido Bruno e também tinha conhecido Maquiavel?

– Ele foi um dos primeiros a apoiar Copérnico, e eu sou uma historiadora da ciência. E como você conheceu a obra de Bruno?

– Sou um leitor voraz – ele respondeu evasivamente.

– Você o conheceu? – Minha voz soou incisiva. – Ele era um demônio?

– Infelizmente ele cruzava a fronteira entre a loucura e a genialidade com muita frequência.

– Eu já devia saber. Ele acreditava na vida extraterrestre e amaldiçoou os inquisidores quando se dirigiu à fogueira – comentei balançando a cabeça.

– Apesar disso, ele entendeu o poder do desejo.

– *O desejo me impulsiona como o medo me refreia* – citei com um olhar arguto para o vampiro. – Você citou Bruno no ensaio para entrar na All Souls?

– Um pouquinho. – Os lábios de Matthew se comprimiram em uma expressão dura. – Você pode fazer o favor de sair daí? Conversamos sobre filosofia em outra hora.

Outras passagens cruzaram a minha mente. Outras particularidades da obra de Bruno poderiam ter atraído Matthew. O filósofo escrevera sobre a deusa Diana.

Afastei-me da baia.

– O Balthasar não é um pônei – Matthew me advertiu, puxando-me pelo cotovelo.

– Sei disso. Mas posso montá-lo. – O desafio me fez esquecer do manuscrito e do filósofo italiano.

– Não me diga que também sabe cavalgar? – ele disse incrédulo.

– Eu cresci no campo e cavalgo desde pequena... você sabe, vestida a caráter e com todos os saltos a que a equitação tem direito. – A minha sensação de voar era mais intensa ao cavalgar que ao remar.

– Nós temos outros cavalos. Que Balthasar fique onde está – ele disse em tom firme.

Cavalgar seria um bônus inesperado naquela minha estada na França que poderia tornar suportável a presença fria de Ysabeau. Matthew me

conduziu ao outro extremo do estábulo, onde se encontravam seis outros cavalos igualmente magníficos. Dois cavalos grandes e negros, se bem que nem tanto quanto Balthasar, uma égua castanha e gordinha, um cavalo castrado e mais duas éguas andaluzas cinzentas com patas firmes e pescoços curvados. Uma delas se aproximou da porta para ver o que acontecia em seus domínios.

– Esta é Nar Rakasa. – Ele afagou delicadamente o focinho do animal. – O termo significa "dançarina do fogo". Só a chamamos de Rakasa. É uma magnífica montaria, mas é voluntariosa. Vocês duas se dariam muito bem.

Recusei-me a morder a isca, se bem que a oferta se deu de um jeito encantador e deixei que Rakasa cheirasse meu cabelo e meu rosto.

– Como se chama a irmã dela?

– Fiddat, e significa "prata". – A égua fez um movimento para a frente quando ouviu o seu nome e olhou para Matthew com seus olhos negros cheios de afeição. – Fiddat, irmã de Rakasa, é de Ysabeau. – Ele apontou para dois cavalos negros. – Aqueles são meus. Dahr e Sayad.

– E o que significam esses nomes? – perguntei enquanto me dirigia à baia dos dois cavalos.

– Dahr significa "tempo", em árabe, e Sayad, "caçador" – respondeu Matthew juntando-se a mim. – O Sayad adora pular cercas vivas, e de correr pelos campos atrás de animais selvagens. Darh é paciente e estável.

Continuamos o passeio com Matthew destacando as características das montanhas enquanto apontava o caminho para a cidade. Ele mostrou os pontos onde o castelo tinha sido restaurado e explicou que os restauradores tinham usado dois tipos diferentes de pedra porque o original saíra de circulação muito antes. No final do passeio não me sentia mais perdida – em parte pela presença da fortaleza central que era sempre avistada.

– Por que será que estou cansada? – comentei bocejando no percurso de volta ao castelo.

– Você é incorrigível – ele disse exasperado. – Será que preciso relembrá-la dos acontecimentos das últimas trinta e seis horas?

A exasperação de Matthew me fez concordar em tirar uma outra soneca. Ele ficou no estúdio e subi a escada de acesso ao meu quarto, e caí na cama exausta, sem apagar as velas.

Momentos depois, eu sonhava que estava cavalgando por uma floresta escura com uma túnica verde esvoaçante amarrada à cintura por um cinto. Calçava sandálias de tiras de couro trançadas até as panturrilhas. Ouvia os latidos dos cães e o barulho dos cascos amassando a vegetação deixada para trás. Uma aljava com flechas pendia do meu ombro e eu segurava um arco. Apesar do vozerio que anunciava a aproximação dos meus perseguidores, eu não sentia medo.

Eu sorria no sonho sabendo que escaparia daqueles que me caçavam.

– Voe – eu comandava e o cavalo obedecia.



Na manhã seguinte, meu primeiro pensamento foi o de cavalgar.

Passei uma escova no cabelo, escovei os dentes e me enfiei dentro de uma calça *legging* preta. Era a calça que mais se aproximava de uma calça de montaria. Como seria impossível manter os pés com tênis nos estribos, optei pelo mocassim. Não era exatamente um calçado apropriado, mas pelo menos era melhor que o tênis. Uma camiseta de mangas compridas acompanhada de um pulôver de moletom completou o conjunto. Voltei para o quarto prendendo os cabelos num rabo de cavalo.

Matthew ergueu as sobrancelhas quando atravessei o quarto e barrou a minha saída com o braço. Ele estava encostado no umbral do grande arco de passagem para a escada, como sempre impecável e vestindo uma calça de montaria cinza e um suéter preto.

– Vamos cavalgar à tarde.

Eu estava esperando por isso. O jantar com Ysabeau tinha sido tenso e os pesadelos pontuaram o meu sono. Matthew subira a escada para o meu quarto diversas vezes para ver se estava tudo bem comigo.

– Que bom! Exercício e ar fresco, tudo de que preciso neste mundo.

Fiz menção de passar, mas ele me olhou com um ar sombrio e me deteve.

– Se você não se equilibrar na sela, trago-a de volta para casa.

– Combinado.

Lá embaixo, segui para a sala de jantar, mas ele me puxou para outra direção.

– Vamos comer na cozinha – ele disse cochichando. O café da manhã

não seria com Ysabeau me encarando por trás do *Le Monde*. Acolhi a novidade com satisfação.

A refeição seria feita num espaço destinado aos criados, na mesa posta para dois em frente de uma lareira acesa, se bem que apenas eu provaria o excelente e abundante desjejum preparado por Marthe. Um grande bule de chá enrolado em toalha de linho para se manter aquecido estava em cima de uma desgastada mesa redonda. Marthe me olhou preocupada quando reparou na palidez e nas olheiras do meu rosto.

Depois da refeição, Matthew pegou uma pirâmide de caixas com um boné de veludo preto em cima.

– Para você. – Ele colocou a pirâmide de caixas sobre a mesa.

O boné tinha o formato de um boné de beisebol, porém com uma fita preta presa à nuca. Apesar da cobertura de veludo e da fita, o boné era resistente e especialmente feito para impedir que o frágil crânio humano se quebrasse em quedas eventuais. Odiei o boné, mas era para a minha segurança.

– Muito obrigada – eu disse. – O que há nas caixas?

– Abra e veja.

Na primeira caixa, uma calça de montaria com reforços estofados nos joelhos para maior firmeza na sela. A calça era de longe muito melhor do que a minha *legging* para cavalgar, e achei que caberia no meu corpo. Matthew devia ter dado alguns telefonemas e calculado as minhas medidas enquanto eu estava cochilando. Sorri para ele em agradecimento.

A caixa também guardava um casaco próprio para equitação com uma aba mais comprida às costas e suportes de metal dentro das costuras. Um casaco que mais parecia um casco de tartaruga, desconfortável e desajeitado.

– Isso não é necessário. – Segurei o casaco com a testa franzida.

– É próprio para equitação. – A voz dele não demonstrou qualquer emoção. – Você disse que praticava equitação. Então não terá problema

em se adaptar ao peso do casaco.

Meu rosto avermelhou e as pontas dos meus dedos formigaram. Ele me observou com interesse e Marthe chegou à porta e deu uma farejada. Respirei pausadamente para deter o formigamento.

– No meu carro você usa o cinto de segurança – ele argumentou. – Você terá que vestir o traje completo para montar no meu cavalo.

Encaramos um ao outro de maneira desafiadora. Fui vencida pela ideia do ar fresco, e os olhos de Marthe faiscaram de deleite. Sem dúvida as nossas negociações eram muito mais divertidas de assistir do que o palavrório trocado entre Matthew e Ysabeau.

Peguei a última caixa em silenciosa concessão. Era comprida e pesada e senti um forte cheiro de couro quando abri.

Botas. Pretas e de cano longo. Eu nunca tinha me exibido em provas de equitação e não me sobrava dinheiro para adquirir botas adequadas para isso. Eram botas maravilhosas com um solado curvo e um couro extremamente macio e flexível. Levei os meus dedos àquela superfície polida.

– Muito obrigada – sussurrei deleitada com a surpresa.

– Tenho certeza de que caberão nos seus pés – disse Matthew me olhando com doçura.

– Venha, garota – disse Marthe do seu posto à porta. – Você tem que se trocar.

Ela praticamente me empurrou para dentro de uma lavanderia, onde tirei os sapatos e a calça *legging*. Ela ficou segurando minha velha calça de lycra enquanto eu vestia a calça de montaria.

– Já se foi o tempo em que mulheres não montavam como homens. – Marthe balançou a cabeça olhando para os músculos da minha perna.

Quando retornei, Matthew estava enviando instruções pelo celular. Ele me olhou com aprovação.

– Serão mais confortáveis. – Ergueu-se e pegou as botas. – O valete não

está aqui. Você terá que ir com os seus sapatos até o estábulo.

– Não, quero calçar as botas agora – retruquei resoluta.

– Sente-se então. – Ele meneou a cabeça com impaciência. – Na primeira vez ninguém consegue calçá-las sem ajuda. – Girou a minha cadeira e posicionou-a de maneira a poder se mover melhor. Em seguida, pegou a bota e enfiou o meu pé direito até a altura do tornozelo. Ele estava certo. Por mais que eu empurrasse o pé para dentro da bota o pé não entrava. Ele pacientemente ajeitou o solado da bota, retorcendo-a com muito cuidado enquanto eu puxava o couro em outra direção. Depois de alguns minutos de embate o meu pé finalmente entrou todo dentro da bota. Matthew deu uma última empurrada no solado e a bota se aderiu toda à sola do meu pé.

Depois que calcei o outro pé, estiquei as pernas para admirar aquelas botas. Matthew examinou os solados e passou os seus dedos frios ao redor da borda do cano para ver se o meu sangue estava circulando. Levantei da cadeira com a estranha sensação de que minhas pernas estavam mais longas e dei alguns passos e uma rodadinha.

– Muito obrigada. – Enlacei o pescoço de Matthew na ponta dos pés. – Adorei as botas.

Ele carregou o casaco e o boné até o estábulo da mesma forma que carregava meu computador e minha esteira de ioga em Oxford. Ecoou um barulho pelas portas abertas do estábulo, logo havia alguém lá dentro.

– Georges? – gritou Matthew. – Um homenzinho magro de idade indeterminada, embora não fosse vampiro, saiu de um canto com uma rédea e uma escova nas mãos. Passamos pela baia de Balthasar e o garanhão empinou e sacudiu a cabeça com impaciência. *Você prometeu,* ele pareceu dizer. Eu tirei do bolso a maçã que tinha apanhado com Marthe.

– Aqui, neném. – Mostrei a maçã na palma da minha mão. Matthew olhou desconfiado quando Balthasar estendeu a cabeça e abocanhou a

maçã com toda delicadeza. O garanhão olhou triunfante para o dono com a fruta na boca.

– Está bem, estou vendo que você está se comportando como um príncipe – disse Matthew secamente –, o que não significa que não se comportará como um demônio na primeira oportunidade que tiver.

Balthasar bateu os cascos no chão como se estivesse aborrecido pelo comentário.

Atravessamos uma área de equipamentos. Além de selas comuns, estribos e rédeas, havia ali objetos que pareciam pequenas poltronas com um estranho estribo em um dos lados.

– O que é isso?

– Silhão – ele respondeu tirando os sapatos e calçando um velho par de botas de cano alto. Os pés dele se acomodaram facilmente dentro das botas. – Ysabeau prefere as selas femininas.

No padoque, Dahr e Rakasa viraram a cabeça e olharam com interesse quando Georges e Matthew iniciaram um minucioso diálogo sobre os obstáculos naturais que poderíamos encontrar. Eu estendi a palma da mão para Dahr e me lamentei por não ter mais maçãs no bolso. O capão também me olhou desapontado porque sentiu o doce aroma da fruta.

– Eu trago na próxima vez – prometi. Passei por baixo do pescoço dele e fui para o lado de Rakasa. – Olá, minha linda.

Rakasa dobrou a pata direita dianteira e curvou a cabeça na minha direção. Acariciei o pescoço e o peito da égua para acostumá-la com o meu cheiro e o meu toque, e dei uma mexida na sela para ver se estava bem presa e se a coberta sobre a qual se assentava era macia. A égua virou o pescoço e cheirou o bolso do meu pulôver onde eu tinha guardado a maçã. Logo balançou a cabeça indignada por não tê-la encontrado.

– Vou trazer pra você também – prometi rindo enquanto apoiava a mão esquerda na anca de Rakasa com firmeza. – Vou dar uma olhada aqui.

Os cavalos gostam de ter os pés tocados, da mesma forma que as

bruxas gostam de mergulhar os pés na água – o que não se diz muito. Mas a despeito do hábito e da superstição nunca montei um cavalo antes de verificar os cascos.

Levantei e os dois homens me observavam com atenção. Parecia que Georges dizia alguma coisa sobre mim. Matthew assentiu pensativamente com o meu casaco e o meu boné nas mãos. Era um casaco muito justo e duro, mas não tão ruim como pensei. O rabo de cavalo não deixou o boné entrar na minha cabeça, e tive que amarrá-lo quase na base da nuca antes de passar a fita por debaixo do queixo para prendê-la na borda do boné. Matthew se colocou atrás de mim a tempo de me ajudar a montar em Rakasa, e depois me passou a rédea e ajustou o meu pé no estribo.

– Nunca me espera para ajudá-la, não é? – sussurrou no meu ouvido.

– Posso muito bem montar sozinha no cavalo – respondi irritada.

– Mas não precisa. – Ele tocou no meu queixo e me levantou sem fazer o menor esforço, e sentei-me à sela. Depois de uma última conferida para ver se eu estava mesmo segura, ele se dirigiu ao outro cavalo. Montou na sela com uma facilidade que sugeria séculos e séculos de montaria. Instalado em seu cavalo, ele parecia um verdadeiro rei.

Rakasa começou a se mexer com impaciência e lhe dei um leve cutucão com os saltos da bota. Ela se deteve, parecendo intrigada.

– Quietinha – sussurrei. Rakasa endireitou a cabeça, olhou adiante e começou a mover as orelhas para a frente e para trás.

– Leve-a pelo padoque enquanto vejo a minha sela – disse Matthew displicentemente com o joelho oscilando sobre o quarto dianteiro de Dahr enquanto remexia na correia de couro do estribo. Estreitei os olhos. Aqueles estribos não precisavam de ajuste. Ele só queria ver se eu sabia ou não montar.

Conduzi Rakasa pelo padoque para me adaptar à marcha. Aquela égua andaluza era realmente boa de dança, erguia os pés com delicadeza e os recolocava no solo com firmeza, fazendo um magnífico vaivém. Logo

pressionei os saltos das botas nas laterais da égua e a marcha dançada se fez um confortável trote. Passamos por Matthew que ainda fingia ajustar a sela. Encostado na cerca, Georges era só sorrisos.

Garota bonita, eu disse mentalmente para Rakasa. Ela inclinou a orelha esquerda para trás e assumiu o passo apressada. Pressionei as panturrilhas nos flancos com o estribo para trás e ela começou a galopar com o pescoço arqueado. Será que Matthew ficaria muito zangado se pulássemos a cerca do padoque?

Claro que ficaria.

Rakasa fez um pequeno círculo e desacelerou o passo para um trote.

– E então? – perguntei.

Georges assentiu com a cabeça e abriu a portão do padoque.

– Você tem uma boa postura – disse Matthew olhando para as minhas costas. – E também tem boas mãos. Vai se sair bem. E por falar nisso – acrescentou ao acaso inclinando-se em minha direção e abaixando a voz –, se tivesse pulado a cerca o passeio de hoje estaria terminado.

Atravessamos os jardins e o velho portão, e, quando o bosque surgiu à frente, Matthew colocou-se em absoluta atenção. Só começou a relaxar depois que fizemos um pequeno percurso pela mata enquanto ele se certificava se entre as muitas criaturas avistadas alguma pertencia à espécie de duas pernas.

Matthew então fez o garanhão imprimir um trote, e Rakasa esperou de modo obediente que eu também a tocasse com os estribos. Fiz isso e fiquei novamente extasiada com seus movimentos soltos e elegantes.

– Que tipo de cavalo é o Dahr? – perguntei reparando que a marcha do outro animal também era solta.

– Pode ser considerado um *destrier* – disse Matthew. Era um tipo de montaria que os cavaleiros levavam para as cruzadas. – Foi desenvolvido para ser veloz e ágil.

– Eu achava que os *destriers* eram cavalos grandes. – Dahr era maior

que Rakasa, mas não muito.

– Eram grandes por conveniência. Mas não grandes o bastante para carregar um cavaleiro com armadura e armas. Cavalos como Dahr só eram treinados para o prazer, nas batalhas montávamos percherões como o Balthasar.

Desviei os olhos por entre as orelhas de Rakasa tomando coragem para tocar em outro assunto.

– Posso fazer uma pergunta sobre a sua mãe?

– Claro – ele respondeu mexendo-se na sela. Levou uma das mãos ao quadril e continuou segurando a rédea com a outra. Isso me fez ter uma visão perfeita de um cavaleiro medieval montado a cavalo.

– Por que ela odeia tanto as bruxas? Eu sei que os vampiros e as bruxas são inimigos tradicionais, mas o ódio de Ysabeau por mim ultrapassa em muito os limites do normal. Parece pessoal.

– Suponho que você queira um motivo que não se restrinja àquela coisa de cheiro de fonte.

– Claro, eu quero o motivo verdadeiro.

– É inveja. – Matthew deu uma palmada no quarto dianteiro de Dahr.

– Mas inveja de quê?

– Deixe-me pensar... inveja do poder de vocês, especialmente do dom de ver o futuro. Da capacidade de gerar filhos e de passar o poder para uma nova geração que vocês têm. E do fato de poderem morrer, suponho – ele disse em tom reflexivo.

– Mas Ysabeau teve você e Louisa como filhos.

– Sim, ela nos fez, mas isso é bem diferente de carregar os filhos no ventre.

– E por que Ysabeau tem inveja do terceiro olho das bruxas?

– Isso tem a ver com a forma pela qual o criador a fez. Ele não pediu permissão para ela. – Matthew amarrou a cara. – Ele a queria como esposa e simplesmente fez dela vampira. Ysabeau tinha uma reputação como

vidente e era jovem demais para ter filhos. E depois que ela se tornou vampira a capacidade de prever o futuro e de gerar filhos desapareceram. Ysabeau nunca se recuperou completamente e as bruxas sempre a fazem lembrar do que perdeu.

– E por que ela inveja o fato de podermos morrer?

– Porque sente muita falta do meu pai. – De repente ele parou de falar, deixando claro que já tinha sido pressionado demais.

As árvores do bosque ficaram mais esparsas e Rakasa começou a mexer as orelhas para a frente e para trás com impaciência.

– Siga em frente – ele disse resignado, apontando para o campo aberto à frente.

Rakasa deu um pulo para a frente quando a toquei com o salto das botas mantendo as rédeas nas mãos. Ela reduziu a marcha na subida do monte e balançou a cabeça relinchando quando chegou lá em cima com visível prazer pelo fato de que Dahr estava lá embaixo e ela no topo do monte. Depois a deixei correr, controlando as rédeas para que ela não desse um passo em falso durante a corrida.

Dahr a imitou – não a meio galope, mas a galope – com seu rabo negro esticado atrás e seus cascos batendo no solo com incrível velocidade. Fiquei surpresa e puxei levemente as rédeas de Rakasa para detê-la. Era esse então o segredo dos *destriers*. Eles passavam de zero a sessenta como um carro esporte. Matthew não fez o menor esforço para reduzir o passo quando se aproximou, no entanto Dahr parou de súbito a alguns centímetros à minha frente com as ilhargas ligeiramente arqueadas pelo exercício.

– Exibido! Não me deixou pular a cerca, mas deu todo esse espetáculo! – protestei.

– Dahr não tem se exercitado, e é exatamente disso que ele precisa. – Matthew sorriu dando uma palmada no quarto dianteiro do cavalo. – Topa uma corrida? Claro que lhe dou uma dianteira – acrescentou com cavalheiresca reverência.

– Topo, sim. Até onde?

Matthew apontou para uma árvore solitária no topo de um monte e me observou atento ao primeiro sinal de movimento. Ele pegaria qualquer coisa que lhe fosse lançada sem fazer esforço algum. Talvez Rakasa não fosse tão boa em paradas abruptas como Dahr.

Era quase impossível surpreender um vampiro e mesmo sendo veloz Rakasa não poderia vencer Dahr naquela corrida até o monte. Ainda assim, fiquei ansiosa para ver o desempenho da minha égua. Inclinei-me para a frente e dei uma palmada no pescoço de Rakasa, e de olhos fechados pousei o queixo por alguns segundos naquela pelagem aconchegante.

Voe – eu disse mentalmente para ela.

Rakasa disparou para a frente como se chicoteada no lombo, e assumi o controle por instinto.

Ergui um pouco as nádegas para fora da sela para que a égua pudesse me carregar com mais facilidade e segurei as rédeas com mãos firmes. Logo a velocidade se estabilizou e me assentei outra vez à sela com as pernas comprimidas no corpo aconchegante de Rakasa. Soltei os pés dos estribos e segurei a crina dela. Matthew e Dahr nos perseguiam. Era como a cena do meu sonho onde eu era perseguida por cavalos e cachorros. Fechei a mão esquerda como se tivesse segurando alguma coisa, e me estendi de olhos fechados sobre o pescoço de Rakasa.

– *Voe* – repeti, mas a voz na minha cabeça já não soou como a minha própria voz. Rakasa reagiu imprimindo maior velocidade.

Uma árvore surgiu do nada à frente. Matthew esbravejou em occitano e Rakasa deu uma guinada para a esquerda em cima da hora, reduzindo a marcha para o galope e logo para o trote. Senti um puxão nas minhas rédeas. Abri os olhos assustada.

– Você costuma cavalgar em disparada em animais que não conhece, e ainda por cima de olhos fechados e sem as rédeas nas mãos e com os pés

para fora dos estribos? – A voz de Matthew ecoou com frieza e fúria. – Você rema de olhos fechados... já vi isso. E também caminha de olhos fechados. Sempre desconfiei de que a magia estava metida nisso. Pelo visto também usa esse seu poder nas cavalgadas. Senão já estaria morta. E fique sabendo que você comandou Rakasa com a mente e não com as mãos e as pernas.

Eu me perguntei se isso era verdadeiro. Matthew grunhiu de exasperação e passou a perna direita por cima da cabeça de Dahr para desmontar, depois tirou o pé esquerdo do estribo e deslizou de costas pelo flanco dianteiro do animal.

– E desça logo daí – ele acrescentou irritado com as rédeas de Rakasa nas mãos.

Desmontei à maneira tradicional, passando a perna direita por cima do lombo de Rakasa. Fiquei inteiramente de costas para Matthew e me vi agarrada e tirada do cavalo. Eu me dei conta de que ele preferia desmontar de costas para o cavalo a ser surpreendido por trás e arrancado da montaria. Ele me aninhou com força em seus braços.

– *Dieu* – sussurrou com os lábios colados na minha cabeça. – Por favor, nunca mais faça isso.

– Mas você mesmo disse que eu não devia me preocupar com nada. Foi por isso que você me trouxe para a França – retruquei atordoada com a reação dele.

– Me desculpe – ele disse sinceramente sensibilizado. – Estou tentando não interferir. Mas é difícil com você recorrendo a poderes que não compreende, e o pior é que não se dá conta de que está fazendo isso.

Ele se afastou para atrelar os cavalos pelas rédeas de maneira a não fugirem, mas livres o bastante para pastar ao redor. Em seguida voltou com um rosto sombrio.

– Preciso lhe mostrar uma coisa.

Matthew me conduziu até uma árvore e nos sentamos à sombra. Dobrei

as pernas para o lado de modo a não machucar as minhas pernas com as botas. Ele se ajoelhou no chão e se sentou sobre as panturrilhas.

Depois ele tirou do bolso da calça algumas folhas de papel com gráficos em barras pretas e cinzentas. Aparentemente eram papéis que tinham sido abertos e dobrados diversas vezes.

Era um relatório de DNA.

– É o meu?

– Sim, o seu.

– E então? – Meus dedos passearam pelas barras ao longo do papel.

– Marcus levou os resultados para New College. Eu não quis mostrá-los num momento em que você revivia a morte dos seus pais – ele titubeou. – Fiz certo em esperar?

Balancei a cabeça e ele pareceu aliviado.

– O que diz o relatório? – perguntei.

– Ainda estamos sem entender – ele disse bem devagar. – Marcus e Miriam identificaram algumas marcas no seu DNA que desconhecemos.

A caligrafia elegante e precisa de Miriam se destacava no lado esquerdo da página, e no lado direito se sobressaíam algumas barras rodeadas de círculos vermelhos.

– Este é o marcador genético que diz respeito à premonição. – Ele apontou para a primeira barra marcada e lentamente desceu os dedos pela página. – Esta aqui tem a ver com a aptidão de voar. Esta outra é o que dá às bruxas o dom de achar objetos perdidos.

Matthew continuou apontando o dedo para poderes e dons ao mesmo tempo em que a minha cabeça girava.

– Esta aqui registra a capacidade de se comunicar com os mortos, esta com a de se metamorfosear, esta tem a ver com a cinestesia, esta com o desempenho no lançamento de feitiços, esta com os encantamentos e esta com as maldições. E você também tem uma aptidão natural para ler a mente, para a telepatia e para a empatia... Três habilidades praticamente

coladas.

– Isso não pode estar certo. – Eu nunca tinha ouvido falar de uma bruxa com mais de um ou dois poderes. Ele já tinha identificado uma dúzia.

– Acho que os dados estão certos, Diana. Mesmo que esses poderes nunca se manifestem, geneticamente você está predisposta a eles. – Matthew virou a página. Apareceram outros círculos vermelhos e outras anotações de Miriam. – Aqui estão os marcadores elementais. A água está presente em quase todas as bruxas, e algumas têm ou terra e ar, ou terra e água. Você tem esses três elementos, algo que nunca vi. E você também tem o fogo. O fogo é muito, muito raro. – Apontou para quatro manchas.

– O que são marcadores elementais? – Senti uma brisa incômoda nos pés e os dedos das minhas mãos formigaram.

– Indicadores de que você tem uma predisposição genética para controlar um ou mais elementos. Isso explica por que conseguiu provocar aquele vento de bruxa. Segundo esses marcadores você também pode controlar o fogo de bruxa e aquilo que chamamos de água de bruxa.

– E para o que serve a terra?

– Basicamente para a magia verde, o poder de afetar o crescimento das coisas. Combinado com os dons de lançar feitiços, maldições e encantamentos, ou com cada um em particular, isso significa que você tem poderosas aptidões mágicas e também tem um talento nato para a feitiçaria.

Minha tia era boa com os feitiços. Emily não era tanto assim, mas podia voar em distâncias curtas e ver o futuro. Essas eram as diferenças clássicas que dividiam as bruxas como Sarah que faziam feitiçaria das bruxas que faziam magia. Trocando em miúdos, isso era o que definia o poder das bruxas e o que elas podiam controlar como bem quisessem. Enterrei o rosto nas mãos. A perspectiva de ver o futuro como fazia a minha mãe já me assustava o bastante. Para mim, era demais da conta controlar os elementos e se comunicar com os mortos.

– Nessa folha tem uma longa lista de poderes mágicos. Até agora só vimos... só vimos... quatro ou cinco poderes? – Isso era assustador.

– Acho que vimos mais que isso... sua forma de se movimentar de olhos fechados, sua forma de se comunicar com Rakasa, seus dedos faiscantes. O fato é que ainda não temos nomes para esses poderes.

– Diga que é só isso, por favor.

Matthew hesitou.

– Infelizmente, não. – Ele virou outra página. – Ainda não identificamos esses marcadores. Fomos obrigados, na maioria dos casos, a correlacionar os dados das atividades das bruxas, algumas de muitos séculos atrás, com a evidência do DNA. E não será fácil combiná-los.

– Os testes explicam por que a magia está emergindo de mim agora?

– Não precisamos de testes para isso. É como se a sua magia estivesse despertando de um longo sono. A longa inércia deixou-a irrequieta e agora ela precisa se manifestar. O sangue fala mais alto – disse Matthew suavemente. Depois se levantou com graça e me ajudou a levantar. – Você vai acabar pegando um resfriado se continuar sentada no chão, e se ficar doente eu vou passar uns maus pedaços tentando explicar para Marthe. – Ele assoviou e os cavalos vieram em nossa direção ruminando capim.

Cavalgamos por mais uma hora explorando os bosques e os campos ao redor de Sept-Tours. Matthew mostrou os melhores lugares para se caçar coelhos, e o lugar onde tinha aprendido com o pai a manejar uma besta sem acertar o próprio olho. No caminho de volta ao estábulo as minhas preocupações em relação aos resultados dos testes tinham dado lugar a uma prazerosa exaustão.

– Amanhã os meus músculos estarão em trapos – resmunguei. – Faz muito tempo que não cavalgo.

– Se alguém a visse cavalgando hoje não perceberia isso – ele retrucou. Atravessamos o bosque e passamos pela entrada de pedras do castelo. – Diana, você é uma ótima amazona, mas não é bom sair sozinha. É muito

fácil se perder pelas redondezas.

Na verdade, o que o afligia não era que eu pudesse me perder. O que o afligia era que alguém pudesse me encontrar.

– Fique tranquilo, não sairei sozinha.

As mãos compridas do vampiro afrouxaram as rédeas que vinham segurando com força nos últimos cinco minutos. Aquele vampiro estava acostumado a dar ordens que eram obedecidas imediatamente. Ele não tinha o hábito de pedir e negociar acordos. E o seu habitual temperamento intempestivo não estava em evidência.

Emparelhei Rakasa o mais próximo possível de Dahr, me estiquei e levei a palma da mão de Matthew a minha boca. Meus lábios quentes se comprimiram naquela pele gelada.

Ele dilatou as pupilas de espanto.

Eu me soltei e toquei Rakasa na direção do estábulo.



Felizmente Ysabeau estava ausente no almoço. Depois do almoço, pensei em sair direto até o estúdio de Matthew para investigar o manuscrito *Aurora Consurgens*, mas ele me convenceu a tomar um banho antes para atenuar a inevitável rigidez muscular no meu corpo. Uma cãibra na perna me fez parar na metade da escada. A alegria da manhã custava um preço.

Eu tomei um banho longo, quente e relaxante, um bálsamo. Depois vesti uma calça de moletom preta, um suéter e um par de meias e desci a escada. Lá embaixo, o fogo ardia na lareira. Minha pele se avermelhou, alaranjada com o calor do fogo. Como seria controlar o fogo? Meus dedos reagiram com um formigamento, e rapidamente enfiei as mãos nos bolsos.

Matthew me olhou lá da escrivaninha.

– O manuscrito está perto do seu computador.

A capa preta do livro me atraiu como um ímã. Sentei-me à mesa e o abri, manuseando-o com todo o cuidado. As cores estavam bem mais vibrantes do que antes. Admirei a gravura da rainha por um bom tempo, e passei para a primeira página.

"Incipit tractatus Aurora Consurgens intitulatus." As palavras me eram familiares – "Aqui começa o tratado intitulado *Despertar da Aurora*" – mas nem por isso deixei de sentir um arrepio de prazer como se o estivesse vendo pela primeira vez. *"Ela me traz tudo o que há de bom. Ela é conhecida como a Sabedoria do Sul, a que chama para as ruas e para as multidões"*, li em silêncio enquanto traduzia do latim. Era uma obra magnífica, repleta de paráfrases tanto da Escritura como de outros textos.

– Você tem uma Bíblia por aqui? – Seria mais produtivo investigar o manuscrito com uma Bíblia à mão.

– Tenho, sim... mas não sei por onde anda. Você se incomodaria em dar uma procurada? – Matthew ergueu-se ligeiramente da cadeira, mas com os olhos fixos na tela do computador.

– Eu faço isso.

Levantei e corri o dedo pela borda da prateleira mais próxima. Os livros não estavam dispostos por tamanho e sim por ordem cronológica. Uma das primeiras estantes era tão antiga que não pude deixar de pensar sobre o que ela poderia conter – talvez as obras perdidas de Aristóteles? Tudo era possível.

Quase a metade dos livros de Matthew era encadernada para proteger as bordas muito frágeis. Alguns exibiam marcas de identificação nas lombadas, com o título e o nome dos autores escritos em tinta preta. Em outros as lombadas estampavam o título e o nome do autor em letras douradas e prateadas.

Fui passando por manuscritos de folhas grossas com pequenas granulações, alguns com pequenas letras gregas nas lombadas. Continuei observando as estantes à procura de um livro grosso. Em dado momento parei o dedo indicador na frente de um livro com uma capa de couro marrom.

– Nossa, Matthew, não me diga que essa *Biblia Sacra 1450* é o que estou pensando.

– É o que está pensando – ele respondeu automaticamente digitando no teclado com uma velocidade sobre-humana, sem prestar atenção no que eu fazia e dizia.

Coloquei a Bíblia de Gutenberg no mesmo lugar e continuei percorrendo as estantes, torcendo para encontrar uma outra Bíblia além daquela. Parei o dedo novamente na frente de um outro livro com uma etiqueta onde se lia *Will's Playes*.

– Você ganhou esses livros de amigos?

– Ganhei sim, a maioria. – Matthew nem se deu ao trabalho de erguer os olhos.

Mais tarde, tanto o exemplar alemão como os primórdios da dramaturgia inglesa seriam temas de discussão.

Quase todos aqueles livros estavam intactos. Isso não me surpreendeu porque eram de Matthew. No entanto, alguns estavam bastante gastos pelo uso. Como, por exemplo, um livro alto e fino que encontrei na prateleira inferior de uma das estantes com os cantos tão puídos que as pastas de madeira sob a cobertura de couro estava à mostra. Curiosa para saber por que era um dos favoritos de Matthew, tirei-o da prateleira e abri as páginas. Era um livro de anatomia de Vesalius datado de 1543, o primeiro a exibir corpos humanos dissecados em detalhes.

Saí então em busca de outro livro com sinais de uso constante para entender melhor Matthew. Encontrei um volume pequeno e grosso. Lia-se na lombada o título *De motu* escrito em tinta preta. Era um estudo sobre a circulação do sangue, de William Harvey, publicado pela primeira vez nos anos 1620, com uma explanação do bombeamento do coração que na época deve ter despertado o interesse até dos vampiros que já tinham noções do assunto.

Entre os livros mais lidos por Matthew encontravam-se os de eletricidade, microscopia e fisiologia. No entanto, o mais usado estava na estante do século XIX: a primeira edição de *Origem das espécies*, de Darwin.

Depois de uma olhadela em Matthew, puxei o livro da estante com todo cuidado. A capa de tecido verde com título e nome do autor gravado a ouro estava desbotada pelo uso. Matthew assinara o próprio nome na guarda.

Dentro do livro havia uma carta dobrada.

"Caro Sir", dizia. *"Finalmente chegou às minhas mãos vossa carta de*

15 de outubro. Estou mortificado por ter demorado tanto para responder. Ao longo dos anos tenho coletado fatos relacionados à variação e à origem das espécies e vossa aprovação aos meus argumentos chega como uma notícia alvissareira, dado que o meu livro logo estará nas mãos do editor." No final da carta, assinatura, "*C. Darwin*", e data, 1859.

Matthew trocara cartas com Darwin poucas semanas antes da publicação da obra em novembro.

O vampiro tinha feito anotações a lápis e a tinta que praticamente preenchiam todo espaço branco disponível nas páginas. Anotações particularmente abundantes em três capítulos. Referentes ao instinto, ao hibridismo e às afinidades entre as espécies.

Tal como ocorrera com o tratado de Harvey sobre a circulação do sangue, o sétimo capítulo do livro de Darwin sobre os instintos naturais devia ter sido leitura obrigatória entre os vampiros. Matthew tinha sublinhado determinadas passagens, escrevendo por cima e por baixo das linhas e também nas margens à medida que crescia o seu entusiasmo pelas ideias de Darwin. *"Portanto, podemos concluir que os instintos domésticos foram adquiridos e os instintos naturais foram perdidos parcialmente pelo hábito, e parcialmente pela seleção e acumulação do homem ao longo de sucessivas gerações, peculiares hábitos mentais e ações, os quais surgiram pela primeira vez de algo que em nossa ignorância chamamos de acidente."* Os apontamentos de Matthew incluíam questionamentos sobre os instintos que podiam ter sido adquiridos e sobre a possibilidade de ocorrer acidentes na natureza. *"Isso significa que nós mantivemos os instintos que os humanos perderam ou por acidente ou por hábito?"*, ele colocou a questão na margem inferior de uma página. Nem precisei me perguntar a quem ele se referia com o "nós". Ele se referia às criaturas – tanto vampiros como bruxos e demônios.

No capítulo referente ao hibridismo, o interesse de Matthew foi fisgado pelos problemas de miscigenação e de infertilidade. *"Os primeiros*

cruzamentos entre formas suficientemente distintas para serem consideradas como espécies, e seus híbridos", escreveu Darwin, *"são geralmente,* não universalmente, estéreis." Um desenho de uma árvore genealógica ocupava a margem próxima da passagem sublinhada. E havia uma pergunta no espaço onde as raízes e quatro ramos se encontravam. *"Por que a endogamia não levou à esterilidade ou à loucura?"* Matthew escrevera esta pergunta no tronco da árvore. E no alto da página ele anotara, *"1 espécie ou 4?"*, e também *"comment sont faites les daeos?"*.

Rastreei a escrita com o meu dedo. Era a minha especialidade – tornar os rabiscos dos cientistas legíveis para qualquer um. Na última anotação daquela página Matthew recorrera a uma conhecida técnica para ocultar os seus achados. Misturou francês e latim e fez uma abreviação arcaica para o termo *daemons,* demônios, mantendo a primeira e a última consoantes e substituindo as demais por vogais coroadas por traços. Dessa forma, ninguém que folheasse o livro leria a palavra *"daemons"* e, portanto, não se deteria para uma olhada mais apurada.

"Como são feitos os demônios?", Matthew se fez essa pergunta em 1859. Um século e meio mais tarde ele ainda procurava por uma resposta.

No trecho onde Darwin começa a discutir as afinidades entre as espécies, a caneta de Matthew não parou mais de escrever nos espaços brancos da página, tornando quase impossível a leitura do texto impresso. Junto a uma passagem onde se lia, *"Desde o primeiro amanhecer da vida, todos os seres orgânicos são criados para se assemelharem uns aos outros em graus descendentes, de modo que possam ser classificados em grupos sob grupos",* Matthew escreveu "ORIGENS" em letras maiúsculas com tinta preta. Algumas linhas abaixo, uma outra passagem era duplamente sublinhada: *"A existência de grupos teria uma significação simples se um dado grupo tivesse sido colocado exclusivamente para habitar a terra, e um outro, a água;* um para se alimentar de carne, outro para se alimentar de verduras e legumes, e assim por diante; no entanto, o caso é largamente

diferente na natureza, pois é notório que até mesmo os membros do mesmo subgrupo em geral têm diferentes hábitos."

Será que Matthew acreditava que a dieta alimentar dos vampiros era um hábito e não uma característica definidora da espécie? Prossegui a leitura e encontrei outra pista. "*Finalmente, as diversas classes de fatos considerados neste capítulo me levam a afirmar que as inúmeras espécies, gêneros e famílias de seres orgânicos, com os quais este mundo está povoado, todas elas descenderam, cada qual dentro de sua própria classe ou grupo, de genitores comuns, e todas foram se modificando ao longo da descendência."* Na margem da folha Matthew tinha escrito "GENITORES COMUNS" e "*ce qui explique tout*".

O vampiro acreditava que a monogênese explicava tudo – ou pelo menos acreditava nisso em 1859. De acordo com ele era possível que demônios, humanos, vampiros e bruxos compartilhassem os mesmos ancestrais. Nossas diferenças residiam então na descendência, nos hábitos e na seleção. No laboratório, Matthew não tinha respondido à minha pergunta sobre se éramos uma única espécie ou quatro, mas não poderia fugir da resposta na biblioteca dele.

Matthew continuava absorto no seu computador. Fechei a capa do *Aurora Consurgens* para não deixar as páginas desprotegidas, abandonei a procura de uma Bíblia mais comum e me instalei no sofá junto à lareira com o exemplar de Darwin. Abri o livro com a intenção de entender melhor o vampiro a partir das anotações que ele tinha feito naquelas páginas.

Ele ainda era um mistério para mim – talvez um mistério muito maior ali em Sept-Tours. O Matthew da França era diferente do Matthew da Inglaterra. Eu nunca o vira tão absorto no trabalho daquela maneira. Seus ombros não estavam empertigados e sim relaxados, e ele apertava levemente o lábio inferior enquanto digitava. Era um sinal de concentração que acrescia uma ruga sutil entre as sobrancelhas. Ele se concentrava

inteiramente no trabalho, e digitava com bastante força. Os laptops com sua delicada estrutura de plástico não deviam durar muito nas mãos de Matthew. Ele terminou uma frase e se recostou na cadeira se espreguiçando. Depois bocejou.

Eu nunca o tinha visto bocejar. Será que o bocejo e os ombros largados indicavam mesmo relaxamento? Um dia depois de nos conhecermos, Matthew disse que precisava ter plena posse do lugar em que estava. Ele dominava cada centímetro daquele lugar – cada cheiro e cada criatura da vizinhança lhe eram familiares. Sem falar no relacionamento que mantinha com a mãe e Marthe. Aquele estranho agrupamento de vampiros constituía uma família, uma família que me acolhia por amor a Matthew.

Desviei a atenção para a obra de Darwin. Mas o banho, o calor da lareira e o ruído constante dos dedos de Matthew no teclado do computador ao fundo me embalaram e caí no sono. Acordei coberta por uma manta, o *Origem das espécies* fechado no chão, com um marcador de páginas assinalando o ponto onde eu havia interrompido a leitura.

Ruborizei.

Eu tinha sido flagrada bisbilhotando.

– Boa-noite – disse Matthew do sofá em frente ao meu. Ele enfiou um pedaço de papel no livro que estava lendo e o pôs em cima do joelho. – Que tal um vinho?

O vinho me pareceu uma ótima ideia.

– Claro, por favor.

Ele foi até uma mesinha do século XVIII próxima ao patamar da escada. Lá estava uma garrafa sem rótulo e sem a rolha deixada ao lado. Serviu dois copos e estendeu um para mim antes de se sentar. Inalei o vinho e a minha resposta antecedeu a primeira pergunta de Matthew.

– Framboesas e pedras.

– Para uma bruxa até que você não está se saindo mal. – Ele balançou a cabeça em sinal de aprovação.

– O que é que estou bebendo? – perguntei tomando um gole. – É um vinho antigo? Raro?

Ele inclinou levemente a cabeça para trás e riu.

– Nem uma coisa nem outra. Deve ter sido engarrafado há uns cinco meses. É um vinho da região, das vinhas que se estendem ao longo da estrada. Não tem nada de sofisticado e nada de especial.

Mesmo não tendo nada de sofisticado e nada de especial, era refrescante e tinha o mesmo aroma e sabor de madeira e terra como o ar de Sept-Tours.

– Notei que você desistiu da Bíblia por algo mais científico. Está gostando de Darwin? – ele perguntou de um modo ameno depois de me observar por alguns segundos enquanto eu sorvia o meu vinho.

– Ainda acredita que as criaturas e os humanos descendem de genitores comuns? É realmente possível que nossas diferenças sejam meramente raciais?

Ele se mostrou um tanto impaciente.

– Lá no laboratório já lhe disse que não sei.

– Você estava cheio de certezas em 1859. E achava que a ingestão de sangue podia ser simplesmente um hábito alimentar e não uma marca distintiva.

– Você já se deu conta do avanço que a ciência fez da época de Darwin até os nossos dias? A prerrogativa de todo cientista é mudar o seu pensamento à medida que vão surgindo novas informações. – Ele bebeu um gole de vinho, pôs o copo no joelho e o girou de tal maneira que a luz da lareira incidiu dentro do copo e fez o líquido cintilar. – Afora isso, as noções humanas sobre distinções raciais deixaram de ser evidências para a ciência. Pesquisadores modernos afirmam que a maioria das ideias sobre raça não passam de métodos superados dos homens para explicar diferenças facilmente observáveis entre eles próprios e os outros.

– A razão pela qual você está aqui... a razão pela qual todos nós

estamos aqui... isso realmente o consome – falei lentamente. – Comprovei isso em cada página do livro de Darwin.

Ele fixou os olhos no vinho.

– É a única pergunta que vale a pena perguntar.

Matthew disse isso com uma voz macia, mas as rugas e as sobrancelhas arqueadas no rosto denotavam rigidez. Eu quis amenizar aquelas rugas e fazer aquele rosto sorrir, mas continuei sentada enquanto a luz da lareira dançava na pele branca e nos cabelos negros de Matthew. Ele se voltou novamente para o livro com o copo de vinho na mão.

O fogo foi se extinguindo aos poucos. Quando o relógio em cima da escrivaninha marcou sete horas, ele deixou o livro de lado.

– Vamos nos reunir com Ysabeau no salão antes do jantar?

– Vamos – respondi endireitando os ombros. – Mas primeiro tenho que trocar de roupa.

A melhor peça do meu guarda-roupa não valia um vintém comparado com o de Ysabeau, mas eu não queria que Matthew se envergonhasse muito de mim. Ele como sempre parecia pronto para uma reunião de altos negócios ou para uma passarela de Milão, com uma simples calça de lã e um dos muitos suéteres do seu vestuário. Os últimos suéteres que ele tinha vestido eram todos de *cashmere* – grossos e macios.

Já no meu aposento, vasculhei a mala de lona até que encontrei uma calça cinza e um suéter cor de safira de lã tricotada com gola rolê e mangas justas abertas em sino à altura do cotovelo. Meus cabelos estavam com um toque ondulado pelo banho que eu tinha tomado mais cedo e porque os tinha secado quando me estiquei de cabeça encostada no sofá.

Depois de ter feito o máximo possível com a minha aparência, enfiei os pés nos mocassins e desci a escada. Matthew ouviu os meus passos com ouvidos aguçados e já estava a postos no patamar da escada. Lentamente ele abriu um sorriso de olhos iluminados quando me viu.

– Você fica bem melhor de azul que de preto. Você está linda – ele

murmurou beijando formalmente as minhas faces. O sangue incendiou o meu rosto quando ele enfiou os dedos pelos meus cabelos e subiu da nuca ao alto da cabeça. – Fique atenta e não se deixe irritar por Ysabeau, diga ela o que disser.

– Vou tentar – retruquei com um risinho e um olhar inseguro.

Chegamos ao salão e encontramos Marthe e Ysabeau. A mãe de Matthew estava cercada de jornais de diferentes países europeus, além de um jornal escrito em hebraico e outro em árabe. Marthe passeava com olhos ávidos pelas páginas de um romance policial com uma capa escandalosa.

– Boa-noite, *maman* – disse Matthew beijando uma face de Ysabeau. Quando ele virou o corpo para beijar a outra face, ela abriu as narinas com uns olhos gelados e furiosos cravados em mim.

Eu sabia por que me olhava de maneira tão cruel.

Matthew estava com o meu cheiro.

– Venha aqui, garota – disse Marthe batendo na almofada ao lado e olhando de forma ameaçadora para a mãe de Matthew.

Ysabeau fechou os olhos. Quando os reabriu a raiva tinha deixado em seu lugar o que me pareceu resignação.

– *Gab es einen anderen Tod* – murmurou para o filho quando ele pegou o jornal *Die Welt* e passou os olhos pelas manchetes com um ar de desgosto.

– Onde foi? – perguntei. Outra vítima fora encontrada com o corpo todo drenado. Se Ysabeau pensava em me excluir da conversa em alemão, ela que pensasse duas vezes.

– Munique – respondeu Matthew de rosto enterrado na página que estampava a matéria. – Meu Deus, por que ninguém *faz* nada a respeito?

– Matthew, nós precisamos ter cuidado com aquilo que desejamos – disse Ysabeau mudando rapidamente de assunto. – Como foi seu passeio a cavalo, Diana?

– Maravilhoso. Muito obrigada por ter deixado que eu montasse em Rakasa – respondi sentada ao lado e Marthe, fazendo força para encarar Ysabeau sem piscar os olhos.

– Ela é voluntariosa demais para o meu gosto – disse Ysabeau voltando-se para o filho que teve o bom-senso de enterrar o rosto no jornal outra vez. – Fiddat é mais obediente. À medida que fiquei mais velha aprendi a admirar essa qualidade nos cavalos.

E também nos filhos, pensei.

Marthe sorriu para mim com um olhar encorajador e se levantou para se ocupar do aparador. Depois voltou com um copo de vinho grande para Ysabeau, e outro muito menor para mim. Retornou ao aparador e voltou com um outro copo de vinho para Matthew. Ele o cheirou com uma expressão de prazer.

– Obrigado, *maman* – disse erguendo o copo em tributo.

– *Hein,* esse vinho não é tão bom assim – disse Ysabeau sorvendo um gole do mesmo vinho.

– Ele não é lá essas coisas, não. Só é um dos meus favoritos. Muito obrigado por se lembrar. – Matthew saboreou o vinho antes de ingeri-lo.

– Os vampiros são tão apaixonados pelo vinho quanto você? – perguntei sentindo o aroma picante do vinho. – Você bebe vinho o tempo todo, e nunca o vi nem um pouco bêbado.

Ele riu.

– A maioria dos vampiros é muito mais apaixonada pelo vinho do que eu. E quanto a ficar bêbado ou não, a nossa família sempre foi conhecida pelo seu admirável autocontrole, não é mesmo, *maman*?

Ysabeau soltou uma bufada incompatível com o seu ar de *lady*.

– Às vezes. Em relação ao vinho, talvez.

– Você devia ser diplomata, Ysabeau. É muito boa em respostas rápidas e evasivas – eu disse.

Matthew soltou uma risada.

– *Dieu,* eu nunca pensei que chegaria o dia em que mamãe seria vista como diplomática. Especialmente pelo modo de falar. Na verdade, ela sempre foi melhor na diplomacia da espada.

Marthe soltou um risinho de assentimento.

Eu e Ysabeau olhamos para ele indignadas, e isso o fez rir novamente.

O clima no jantar foi consideravelmente mais ameno que o da noite anterior. Matthew sentou-se à cabeceira da mesa, com Ysabeau sentada no seu lado esquerdo, e eu, no seu lado direito. Marthe transitou incansavelmente da cozinha à mesa, sentando-se de quando em quando para tomar um gole de vinho e fazer pequenas interferências na conversa.

Foi um vaivém de travessas abarrotadas de comida – tudo que se possa imaginar, desde a sopa de cogumelos silvestres até as elegantes fatias de carne. Eu manifestei em voz alta o meu deslumbramento pelo fato de que alguém que há muito não se alimentava de comida cozida tivesse tal maestria no manejo dos temperos. Marthe ruborizou, abriu um sorriso deixando à mostra as covinhas e deu uma palmada em Matthew que começou a contar as histórias dos mais espetaculares desastres culinários dela.

– Lembra da torta de pombo? – ele perguntou rindo. – Ninguém lhe explicou que o pombo só podia ser alimentado até vinte e quatro horas antes de ser cozido porque do contrário sairia um chafariz de dentro dele.

O comentário rendeu-lhe um cascudo na cabeça.

– Matthew – disse Ysabeau secando as lágrimas que brotaram de tanto que ela riu –, você não devia provocar a Marthe. Você também teve uma série de desastres no transcorrer dos anos.

– E presenciei tudo isso – disse Marthe carregando a salada. A essa altura, o inglês dela estava bem melhor, como se ligasse a chave da língua para falar comigo. Em seguida se dirigiu ao aparador e voltou com uma travessa cheia de nozes que colocou entre Matthew e Ysabeau. – Quando você inundou o castelo com aquela sua ideia de captar água do telhado,

por exemplo, uma vez – ela começou a contar nos dedos. – E quando você esqueceu de coletar os impostos, duas. Era primavera, você estava entediado e certa manhã acordou e saiu para fazer a guerra na Itália. Seu pai teve que implorar de joelhos pelo perdão do rei. E também teve aquela vez em Nova York! – acrescentou triunfante.

Os três vampiros continuaram a desfiar reminiscências. Ninguém se referia ao passado de Ysabeau. Quando escapava alguma coisa sobre ela ou sobre o pai de Matthew ou sobre a irmã dele, a conversa rapidamente tomava um outro rumo. Eu percebi, mas não disse nada. Era melhor que a noite prosseguisse como eles queriam, e estranhamente me senti reconfortada por fazer parte novamente de uma família – mesmo sendo uma família de vampiros.

Depois do jantar retornamos ao salão, onde o fogo da lareira estava mais forte e esplêndido do que antes. Com todas as lareiras do castelo acesas, a atmosfera estava quente e acolhedora. Matthew fez Ysabeau se sentir mais à vontade quando lhe ofereceu um outro copo de vinho e ligou o aparelho de som do salão. Marthe preparou uma xícara de chá e fez questão de deixar em minhas mãos.

– Beba – disse me olhando atentamente. Ysabeau lançou um olhar significativo para ela e voltou os olhos para mim. – Esse chá vai lhe ajudar a dormir.

– Foi você que fez? – O chá tinha um gosto de ervas e flores. Os chás de ervas não me agradavam muito, mas aquele era refrescante e ligeiramente amargo.

– Sim – ela disse voltando-se para Ysabeau. – Faço esse chá há muito tempo. Aprendi a fazer com minha mãe. E posso ensinar para você.

Uma canção vibrante e ritmada ecoou ao redor. Matthew mudou a posição das poltronas próximas da lareira para abrir espaço.

– *Vòles dançar amb ieu?* – perguntou para a mãe estendendo as mãos.

O sorriso de Ysabeau se tornou radiante, e os traços adoráveis e frios

do seu rosto se mostraram indescritivelmente belos.

– *Òc*. – Ela também estendeu as finas mãos para ele. Os dois se colocaram a postos em frente à lareira, esperando pela música seguinte.

Quando Matthew e Ysabeau começaram a dançar, eles simplesmente colocaram Astaire e Ginger no chinelo. Juntos, rodopiavam e se afastavam um do outro, e depois se uniam, rodopiavam outra vez e se uniam e rodopiavam mais uma vez. Um toque imperceptível de Matthew fazia Ysabeau girar como um pião, e quando ela ondulava ou hesitava ele reagia da mesma forma.

Nos últimos acordes da música, ela flexionou o corpo em graciosa mesura e ele curvou-se em reverência.

– Que dança é essa? – perguntei.

– Começou como tarantela – ele disse enquanto levava a mãe até a poltrona, mas *maman* nunca se contenta com uma única dança. Então desenvolvemos alguns elementos da volta elisabetana e terminamos com um minueto, não foi, *maman*?

Ysabeau balançou a cabeça e esticou-se para dar uma palmada carinhosa no rosto do filho.

– Você sempre foi um exímio dançarino – disse orgulhosa.

– Ora, não tão exímio quanto você... e certamente bem menos que o meu pai – ele disse se ajeitando na poltrona.

Os olhos de Ysabeau se tornaram sombrios e uma onda de tristeza cruzou-lhe o rosto. Matthew pegou a mão da mãe e beijou-a. Ela retribuiu o carinho com um sorriso.

– Agora é a sua vez – disse Matthew vindo em minha direção.

– Não gosto de dançar, Matthew – protestei e ergui as mãos para repeli-lo.

– É difícil acreditar nisso. – Ele me pegou pela mão direita e puxou o meu corpo contra o dele. – Você flexiona o corpo com as mais improváveis posições, navega pela água naquele barco que mais parece uma pena e

cavalga tão rápido quanto o vento. A dança devia ser a sua segunda natureza.

A música seguinte parecia uma daquelas músicas bastante populares nos salões parisienses dos anos 1920. Notas de trompete acompanhadas de bateria ecoaram pelo ar.

– Vai com calma com ela, Matthew – disse Ysabeau enquanto ele me levava pelo salão.

– Ela não é de vidro, *maman*.

Apesar dos meus protestos, ele iniciou a dança conduzindo-me gentilmente com a mão direita à minha cintura.

Eu tentei controlar minhas pernas para facilitar as coisas, mas isso piorou tudo. Minhas costas enrijeceram e ele me enlaçou com força.

– Relaxe – sussurrou no meu ouvido. – Você está tentando conduzir. E só precisa me acompanhar.

– Não consigo – sussurrei agarrando o ombro dele como se me agarrasse a uma tábua de salvação.

Ele nos fez girar novamente.

– Você consegue, sim. Feche os olhos e não pense, o resto deixa comigo.

Aconchegada nos braços de Matthew, seria fácil fazer o que ele me pedia. Sem a visão do aposento iluminado, relaxei e deixei de pensar que podíamos esbarrar em algum móvel. Aos poucos o movimento dos nossos corpos tornou-se agradável. Logo parei de me concentrar no que *eu* estava fazendo e me deixei levar pelas pernas e os braços *dele*. Era como se eu estivesse flutuando.

– Matthew – a voz de Ysabeau soou com uma nota de cautela. – *Le chatoiement*.

– Eu sei – ele murmurou. Os músculos dos meus ombros se contraíram. – Confie em mim – disse baixinho no meu ouvido. – Você está comigo.

Continuei de olhos fechados e suspirei de felicidade. Seguimos dançando em volteios. Ele me soltou com delicadeza, fazendo-me girar

pela ponta dos dedos com segurança, e depois me puxou de volta e enlaçou-me por trás de modo a estreitar as minhas costas em seu peito. A música terminou.

– Abra os olhos – ele disse suavemente.

Abri os olhos devagar. Ainda estava com a sensação de que flutuava. Dançar era muito melhor do que eu pensava – pelo menos com um parceiro que tinha uma prática de mais de mil anos e que nunca pisava nos seus pés.

Ergui o rosto para agradecer e percebi que o rosto dele estava mais próximo do que sempre esteve.

– Olhe para baixo – ele disse.

Abaixei os olhos e vi que os meus pés estavam alguns centímetros acima do solo. Ele me soltou. Não era ele que me mantinha no alto.

Eu é que me mantinha no alto.

A metade inferior do meu corpo ganhou peso novamente logo que tomei consciência do fenômeno. Matthew me amparou pelos cotovelos para que meus pés não batessem bruscamente no chão.

Lá de sua poltrona próxima à lareira Marthe entoou uma canção com um tom quase inaudível. Ysabeau se virou com os olhos apertados. Matthew sorriu confiante para mim enquanto eu me adaptava à incômoda sensação de estar outra vez com os pés no chão. O chão sempre seria tão vivo assim? Era como se milhares de mãozinhas aguardassem debaixo da sola dos meus sapatos para me pegar ou me empurrar.

– Foi divertido? – perguntou Matthew enquanto Marthe entoava as últimas notas da canção com olhos faiscantes.

– Foi sim – respondi sorrindo depois de ponderar sobre a pergunta.

– Achei que seria. Você vem praticando há muito tempo. Talvez agora possa cavalgar de olhos abertos para variar um pouco, não é? – Ele me abraçou irradiando felicidade e esperança.

Ysabeau começou a cantar a mesma canção que Marthe cantarolara.

Quem a vê dançar
E seus movimentos tão graciosos,
Certamente dirá
Que no mundo inteiro não há
Outra rainha igual a ela.
Sumam daqui os invejosos,
Deixem, deixem
Que dancemos juntos, que dancemos juntos.

– *Sumam daqui os invejosos* – Matthew repetiu os últimos versos da canção quando a mãe terminou de cantar –, *deixem que dancemos juntos.*

Sorri novamente.

– Com você, eu danço. Não terei outros parceiros até descobrir como funciona esse negócio de voar.

– A bem da verdade, você não voou, você flutuou – disse Matthew.

– Flutuar, voar, seja como for, na verdade é melhor não fazer isso com estranhos.

– Concordo.

Marthe saiu do sofá para sentar-se na poltrona ao lado de Ysabeau. Eu e Matthew sentamos juntos ainda de mãos dadas.

– É a primeira vez que isso acontece com ela? – perguntou Ysabeau com um tom de voz sinceramente intrigado.

– Diana não recorre à magia, *maman*, a não ser para algumas coisinhas – respondeu Matthew.

– Ela tem muito poder, Matthew. Ela tem o sangue de bruxa correndo nas veias. Ela também poderia fazer magia em coisas grandes.

Ele franziu a testa.

– Isso fica por conta de Diana.

– Já basta de tanta criancice – disse Ysabeau voltando-se para mim. –

Diana, é hora de crescer e aceitar a responsabilidade de ser quem você é.

Matthew resmungou.

– E não adianta resmungar, Matthew de Clermont! Eu estou dizendo o que é preciso ser dito.

– Você está dizendo o que ela deve fazer. Isso não é da sua conta.

– Nem da sua, meu filho! – rebateu Ysabeau.

– Eu posso falar? – O tom afiado da minha voz chamou a atenção dos Clermont, e tanto a mãe como o filho me encararam. – A decisão de fazer ou não uso da magia é só minha. No entanto – me voltei para Ysabeau – não posso ignorá-la por mais tempo. Isso está pipocando para fora de mim como se fossem bolhas. No mínimo preciso aprender a controlar o meu poder.

Ysabeau e Matthew cravaram os olhos em mim. Depois ela assentiu com a cabeça e ele também.

Continuamos sentados ao pé da lareira até que as toras se consumiram pelo fogo. Matthew também dançou com Marthe e de vez quando um deles cantarolava uma canção que lhes trazia a lembrança de uma outra noite ao pé da lareira. Eu não voltei a dançar e nem por isso Matthew me pressionou.

Por fim, ele se levantou.

– Infelizmente tenho que levar para a cama a única entre nós que precisa dormir.

Eu também me levantei, ajeitando as pernas da minha calça.

– Boa-noite, Ysabeau. Boa-noite, Marthe. Muito obrigada pelo delicioso jantar e pela noite surpreendente que vocês duas me proporcionaram.

Marthe sorriu para mim. Ysabeau se esforçou, mas só conseguiu esboçar um sorriso amarelo.

Matthew esperou que eu saísse, e na subida da escada apoiou delicadamente a mão à altura da minha cintura.

– Acho que vou ler mais um pouco – eu disse virando o rosto à entrada

do estúdio dele.

Matthew estava tão colado em mim que dava para ouvir a sua respiração tênue. Ele segurou o meu rosto.

– Que tipo de feitiço você me lançou? – ele disse olhando nos meus olhos. – Definitivamente, não foram os seus olhos, se bem que não me deixam raciocinar direito... e tampouco esse seu aroma de mel. – Enterrou o rosto na minha nuca, passou os dedos pelos meus cabelos e com a outra mão puxou o meu corpo na direção dele.

Meu corpo se encaixou no corpo de Matthew como se tivesse sido feito para se encaixar nele.

– Foi o seu destemor – ele murmurou colado em mim – e o seu jeito de agir sem pensar, o brilho que emana do seu corpo quando você se concentra... ou quando voa.

Deixei o meu pescoço tombar e a minha carne ficou ainda mais exposta ao toque dele. Lentamente ele virou o meu rosto para o dele e, com o dedo polegar, buscou avidamente o calor dos meus lábios.

– Sabia que você franze os lábios quando está dormindo? Como se não estivesse satisfeita com seus próprios sonhos, mas prefiro pensar que os seus lábios anseiam por um beijo. – A cada palavra que dizia mais ele soava em francês.

Lembrei que Ysabeau estava no térreo com sua audição vampiresca que podia ouvir tudo e tentei me desvencilhar do abraço. Isso fez Matthew me abraçar ainda mais forte.

– Matthew, sua mãe...

Ele não me deixou completar a frase. Colou os lábios nos meus com um suave murmúrio de prazer e me beijou com delicadeza, mas com tanta intensidade que minhas mãos e meu corpo todo formigaram. Retribuí o beijo ao mesmo tempo que me sentia flutuando e caindo, até que perdi a noção de onde terminava o meu corpo e começava o dele. Ele deslizou a boca pelo meu rosto até chegar aos meus olhos. Perdi o fôlego quando

começou a beijar a minha orelha. Ele abriu os lábios com um sorriso e me beijou na boca outra vez.

– Seus lábios são vermelhos como papoulas e seus cabelos são vibrantes – ele disse depois de um beijo tão intenso que me deixou sem ar.

– O que vê de tão especial no meu cabelo? Não vejo por que alguém que tem um cabelo como o seu – segurei uma das mechas do meu cabelo – se impressionaria com o meu. O cabelo de Ysabeau parece um cetim, e o de Marthe também. Esse meu cabelo é uma confusão de cores e nunca está como eu quero.

– Gosto do seu cabelo justamente por isso – ele gentilmente desembaraçou o meu cabelo. – Seu cabelo é imperfeito como a vida. Não é lustroso e escorrido como o cabelo dos vampiros. Fico feliz por você não ser uma vampira, Diana.

– E fico feliz por você *ser* um vampiro, Matthew.

Ele ficou de olhos sombrios por um instante.

– Gosto da sua força. – Eu o beijei com o mesmo entusiasmo que tinha me beijado. – Gosto da sua inteligência. Às vezes gosto até desse seu jeito mandão. E gosto ainda mais – carinhosamente esfreguei o meu nariz no nariz dele – do seu cheiro.

– Gosta mesmo?

– Gosto mesmo. – Enterrei o nariz por entre uma clavícula dele e lá se concentrava um doce aroma de especiarias.

– Está tarde. Você precisa descansar. – Ele me soltou relutante.

– Vamos juntos para a cama.

Matthew arregalou os olhos de espanto pelo meu convite e me deixou ruborizada.

Ele levou a minha mão ao coração dele. Batia descompassado.

– Só vou até lá em cima com você, não ficarei lá – disse. – Nós temos muito tempo pela frente, Diana. E nos conhecemos há poucas semanas. Sem pressa.

Ele falou como um vampiro.

Notou a minha decepção e me deu um outro beijo apaixonado.

– Isso é uma promessa – disse quando o beijo terminou – do que está por vir. No momento certo.

O momento certo *era* aquele. Mas os meus lábios oscilaram entre o frio e o calor e por um segundo isso me deixou na dúvida se eu realmente estava pronta como pensava.

O meu quarto estava iluminado pelas velas e aquecido pelo fogo da lareira. Como Marthe tinha subido e trocado dezenas e dezenas de velas para que estivessem acesas quando eu fosse para cama era um grande mistério, mas não havia luz elétrica no quarto e só me restou agradecer duplamente pelos esforços dela.

Troquei de roupa no banheiro com a porta entreaberta para ouvir os planos que Matthew traçava para o dia seguinte. Planos que envolviam uma caminhada, uma outra cavalgada e mais trabalho no estúdio.

Concordei com tudo – acentuando que o trabalho viria em primeiro lugar. O manuscrito alquímico me chamava e eu estava ansiosa para estudá-lo com mais atenção.

Deitei na enorme cama de Matthew e ele me cobriu antes de apagar algumas velas.

– Cante pra mim – sugeri quando ele tocou com seus dedos compridos na chama de uma vela sem medo algum. – Uma canção antiga... uma daquelas que Marthe gosta. – A queda de Marthe pelas canções românticas não me passara despercebida.

Ele ficou em silêncio por um momento enquanto se movia e apagava as velas pelo quarto, deixando um rastro de sombras atrás de si à medida que a penumbra se fazia em volta. E depois cantou em tom de barítono.

Ni muer ni viu ni no guaris,
Ni mal no.m sent e si l'ai gran,

Quar de s'amor no suy devis,
Ni no sai si ja n'aurai ni quan,
Qu'en lieys es tota le mercés
Que.m pot sorzer o decazer.

Uma canção terna com uma pontada de melancolia. Uma canção que terminou quando ele se aproximou de mim e deixou uma única vela ardendo ao lado da cama.

– O que diz a letra? – Eu o peguei pela mão.

– *Não morrer, nem viver, nem curar, não há dor na minha doença, pois isso não impede o amor dela.* – Matthew inclinou-se e me deu um beijo na testa. – *Não sei se a terei para sempre, pois toda a graça que me faz florescer ou murchar vem do poder dela.*

– Quem escreveu isso? – perguntei, emocionada pelas palavras poéticas entoadas pelo vampiro.

– Papai compôs essa canção para Ysabeau. Mas outro recebeu o crédito – ele respondeu com um brilho nos olhos e um sorriso luminoso. Desceu a escada cantarolando a canção. Fiquei deitada na cama sozinha e observei a vela arder até se consumir.



Após o meu banho na manhã seguinte, o vampiro me surpreendeu com um café da manhã servido numa bandeja.

– Falei para Marthe que você vai trabalhar esta manhã – disse Matthew erguendo a tampa que aquecia a refeição.

– Vocês dois estão me mimando. – Abri o guardanapo enquanto aguardava na poltrona.

– Não acho que o seu jeito de ser esteja correndo perigo. – Ele parou e me deu um beijo apaixonado. – Bom-dia. Dormiu bem?

– Como um anjo. – Tirei a bandeja das mãos dele e ruborizei como um pimentão ao lembrar do convite que lhe tinha feito na noite anterior. Eu ainda sentia uma pontada de mágoa pela gentil recusa, mas o beijo confirmava que ultrapassávamos os limites da amizade e tomávamos um novo rumo.

Depois do café da manhã nos dirigimos para o térreo, ligamos os computadores e começamos a trabalhar. Matthew tinha deixado ao lado do manuscrito em cima da mesa um exemplar em ótimo estado de uma das primeiras traduções inglesas da Bíblia Vulgata, uma edição do século XIX.

– Muito obrigada – agradeci com o exemplar na mão.

– Achei lá embaixo. Já que a única que tenho aqui não é suficientemente boa para você. – Ele sorriu.

– Eu jamais usaria um exemplar da Bíblia de Gutenberg como obra de referência, Matthew. – Minha voz soou mais rígida que de costume, e me fez parecer uma professora chata e autoritária.

– Eu conheço a Bíblia de cabo a rabo. Se tiver alguma dúvida, é só me

perguntar – ele disse.

– Eu também não quero usá-lo como obra de referência.

– Faça o que bem entender. – Ele deu de ombros sorrindo outra vez.

Logo me absorvi na tarefa de ler, analisar e registrar as ideias, com o computador ao lado e o manuscrito à frente. Só dei uma parada quando pedi para Matthew conseguir alguma coisa que servisse de peso sobre as páginas enquanto eu digitava. Ele saiu e voltou com um medalhão de bronze que exibia a efígie de Luís XIV e um pequeno pé de madeira que um dia pertencera a um anjo alemão. Apresentou os dois objetos dizendo que não os cederia para mim sem uma fiança. Depois de algumas negociações se deu por satisfeito com muitos beijos.

Para mim, o *Aurora Consurgens* era um dos mais belos textos da tradição alquímica, uma reflexão sobre a figura feminina da Sabedoria acrescida de uma investigação sobre a reconciliação química entre as forças naturais opostas. O texto do exemplar de Matthew era praticamente idêntico aos dos exemplares que eu tinha consultado em Zurique, Glasgow e Londres. Mas as ilustrações eram totalmente diferentes.

A arte de Bourgot Le Noir se exercia com genuína maestria. Com iluminuras precisas e magnificamente executadas. Mas o talento da artista não se limitava à maestria técnica. Suas representações do feminino revelavam uma sensibilidade peculiar. A concepção de Bourgot da Sabedoria transbordava força e uma boa dose de delicadeza. Na primeira iluminura a Sabedoria abrigava debaixo de sua capa a personificação dos sete metais com uma vibrante expressão de orgulho materno.

O exemplar de Matthew, como ele tinha dito, continha duas iluminuras que não apareciam em nenhum outro exemplar conhecido do *Aurora Consurgens*. Ambas na parábola final devotada ao casamento químico entre o ouro e a prata. A primeira era acompanhada das palavras pronunciadas pelo princípio feminino na transformação alquímica. Frequentemente representada como uma rainha vestida de branco com

emblemas lunares que a associavam à prata, na arte de Bourgot ela se metamorfoseava em esplêndida e aterradora criatura com serpentes de prata no lugar dos cabelos e uma sombra no rosto como uma lua eclipsada pelo sol. Li o texto que acompanhava a ilustração traduzindo-o em silêncio do latim: *"Venha a mim de coração aberto. Não me rejeite só porque sou escura e sombria. O fogo e o sol me alteraram. Os mares me cingiram. A terra tem sido corrompida devido ao meu trabalho. A noite tombou sobre a terra quando afundei nas profundezas lodosas, e minha substância se ocultou."*

A Rainha Lua tinha uma estrela na palma da mão estendida. *"Chamei por você das profundezas da água, e das profundezas da terra chamarei por todo aquele que passar por mim."* Continuei a leitura. *"Observe-me. Olhe-me. E se encontrar alguém que se assemelhe a mim, a este darei a estrela da manhã."* As palavras se formavam nos meus lábios e as iluminuras de Bourgot as tornavam vivas na expressão da Rainha Lua, que tanto revelava um medo de rejeição como um tímido orgulho.

A segunda iluminura na página seguinte era acompanhada das palavras do Rei Sol, o princípio masculino. Fiquei arrepiada com o desenho de Bourgot de um pesado sarcófago de pedra com uma tampa entreaberta por onde se via um corpo dourado que jazia lá dentro. Os olhos do rei estavam fechados em expressão serena, e um toque de esperança no seu rosto o fazia parecer que sonhava com a própria libertação. *"Eu me levantarei e tomarei o rumo da cidade. E haverei de encontrar pelas ruas uma mulher para me casar"*, segui lendo, *"de rosto deslumbrante e de corpo ainda mais deslumbrante, e com roupas maravilhosas. Ela removerá a pedra do meu sepulcro e me dará asas de pomba e então voaremos até o Paraíso, onde viveremos juntos para sempre."* A passagem me fez lembrar da insígnia de Betânia e do pequeno caixão de prata de Matthew. Eu me estiquei para pegar a Bíblia.

– Marcos 16, Salmos 55, e Deuteronômio 32, versículo 40. – A voz de

Matthew cortou o silêncio gotejando as referências bíblicas que poderiam me ajudar.

– Como sabia que eu estava lendo? – Movi a cadeira para vê-lo melhor.

– Seus lábios se moviam – ele disse com os olhos cravados no monitor e os dedos tamborilando no teclado.

Fechei a boca e retornei ao texto. O autor parafraseara e costurara passagens bíblicas que se encaixavam na narrativa alquímica da morte e da criação. Puxei a Bíblia para mais perto de mim. A capa preta de couro era adornada com uma cruz de ouro. Abri no Evangelho de Marcos e procurei pelo capítulo 16. Lá estava Marcos 16:3: "*E diziam entre si:* "*Quem nos há de remover a pedra da entrada do sepulcro?*"

– Encontrou? – perguntou Matthew por gentileza.

– Encontrei.

– Ótimo.

Fez-se silêncio novamente.

– Onde está o verso sobre a estrela da manhã? – De vez em quando o meu lastro pagão me comprometia profissionalmente.

– Apocalipse 2, versículo 28.

– Obrigada.

– De nada. – Soou um risinho da outra mesa. Retornei ao manuscrito ignorando o risinho.

Depois de ter lido por duas horas a caligrafia gótica do manuscrito ao mesmo tempo em que o confrontava com as passagens bíblicas correspondentes, eu estava mais do que pronta para dar um passeio a cavalo e Matthew então sugeriu uma pausa. Como bônus extra, ele prometeu contar durante o almoço como tinha conhecido William Harvey, o fisiologista do século XVII.

– Não é uma história interessante. – Matthew ainda tentou se esquivar.

– Talvez não seja para você. E para uma historiadora da ciência? É o mais próximo que posso chegar do homem que descobriu que o coração é

como uma bomba hidráulica.

Ainda não tínhamos visto o sol desde a nossa chegada em Sept-Tours, mas não ligamos para isso. Matthew parecia mais relaxado e para minha surpresa eu me sentia feliz por não estar em Oxford. As ameaças de Gillian, a fotografia dos meus pais e até mesmo Peter Knox, tudo isso parecia coisa do passado.

Enquanto caminhávamos pelos jardins, Matthew falava animadamente sobre um problema no trabalho que envolvia uma cadeia perdida de alguma coisa que deveria estar presente em determinada amostra de sangue e não estava. Para explicar melhor, ele traçou no ar o desenho de um cromossomo e apontou para uma área danificada, e balancei a cabeça sem ter entendido o que estava em perigo. Com as palavras ainda brotando da boca, ele me enlaçou pelos ombros e me puxou para mais perto dele.

Contornamos uma fileira de cerca viva. Avistamos um homem vestido de preto em pé do outro lado do portão por onde tínhamos passado na cavalgada do dia anterior. Estava encostado no tronco de uma castanheira, com a elegância de um leopardo à espreita, e isso me fez concluir que se tratava de um vampiro.

Matthew me protegeu com o corpo.

O homem desencostou graciosamente do tronco e caminhou em nossa direção. A brancura sobrenatural da pele, a altura, os olhos negros acentuados pela jaqueta de couro preta, os jeans e as botas confirmavam a suspeita de que era um vampiro. Um vampiro que não se importava em ser visto como diferente. A única imperfeição naquele rosto angelical de traços simétricos e cabelos enroscados na gola era o aspecto de lobo. Embora mais baixo e mais magro que Matthew, ele emanava um imenso poder. A frieza do seu olhar penetrou na minha pele e se espalhou como uma mancha.

– Domenico – disse Matthew com tranquilidade, se bem que o tom era mais elevado que o habitual.

– Matthew. – O outro vampiro olhou para ele com muito ódio.

– Quanto tempo! – O tom casual de Matthew deixava entrever que a súbita aparição do outro vampiro era um fato corriqueiro.

Domenico pareceu pensativo.

– Quando foi que nos vimos pela última vez? Em Ferrara? Nós estávamos combatendo o papa... mas se bem me lembro por razões diferentes. Eu tentava salvar Veneza. E você tentava salvar os templários.

Matthew assentiu lentamente com a cabeça olhando fixamente para o outro vampiro.

– Você deve estar certo.

– Depois disso, meu amigo, você simplesmente evaporou. Nós vivemos tantas aventuras juntos na juventude... pelos mares, na Terra Santa. Veneza sempre foi um lugar muito divertido para um vampiro como você, Matthew. – Domenico balançou a cabeça em sinal de pesar. O vampiro à entrada do castelo não parecia veneziano, parecia mais uma mistura de anjo e diabo. – Por que você nunca me fez uma visita nas suas estadas na França e em outras paragens?

– Domenico, se você se sentiu ofendido por mim, isso já faz tanto tempo que já não devia haver rusgas entre nós.

– Talvez, mas uma coisa não mudou durante todos esses anos, onde quer que haja uma crise sempre há um Clermont por perto. – Ele se voltou para mim com uma cara de incômoda avareza. – Esta deve ser a bruxa de quem tanto tenho ouvido falar.

– Volte para casa, Diana – disse Matthew de pronto.

A sensação de perigo era palpável, e hesitei porque não queria deixá-lo sozinho.

– Vá – ele disse com um tom cortante como uma espada.

O vampiro forasteiro olhou algo atrás de mim e sorriu. Eu senti uma brisa gelada e em seguida um braço rijo e frio se trançou ao meu.

– Domenico. – Soou a voz musical de Ysabeau. – Que visita inesperada!

Ele se curvou em reverência formal.

– É um prazer vê-la tão saudável, senhora. Mas como soube que eu estava aqui?

– Senti o seu cheiro – ela disse com desdém. – Você veio até aqui, até a minha casa, sem ser convidado. O que sua mãe diria desse seu comportamento?

– Se minha mãe estivesse viva poderíamos perguntar para ela – retrucou Domenico de forma grosseira.

– *Maman,* leve Diana para casa.

– Claro, Matthew. Deixaremos vocês dois conversando. – Ela se virou e me puxou com força.

– Se me deixar entregar a mensagem, eu sairei daqui o mais rápido possível – disse Domenico. – E se tiver que voltar, eu não voltarei sozinho. Ysabeau, hoje a visita é de cortesia.

– Ela não está com o livro – disse Matthew na mesma hora.

– Matthew, eu não estou aqui por causa desse maldito livro das bruxas. Elas que fiquem com ele. Estou aqui por causa da Congregação.

Ysabeau soltou um longo suspiro que parecia estar preso por muitos dias. Uma pergunta quis romper dos meus lábios, mas foi calada por ela com um olhar de advertência.

– Muito bem, Domenico. Fico surpreso por ver que arranjou tempo para visitar velhos amigos com todas as novas responsabilidades que você tem. – A voz de Matthew soou irônica. – Por que esse desperdício de tempo da Congregação com visitas oficiais à família Clermont quando os vampiros estão deixando cadáveres de humanos com o sangue todo drenado por toda a Europa?

– Os vampiros não são proibidos de se alimentar de sangue, embora essa falta de cuidado seja lamentável. Como você sabe, a morte segue os vampiros por onde quer que eles passem. – Domenico não dava a mínima para a brutalidade, e a indiferença que ele demonstrou pela vida dos

sangues-quentes me fez estremecer. – Mas o nosso acordo proíbe terminantemente qualquer ligação entre vampiros e bruxas.

Eu me virei e olhei fixamente para Domenico.

– *O que* está dizendo?

– Ela fala! – Ele bateu palmas de um modo debochado. – Por que não deixamos que a bruxa participe de nossa conversa?

Matthew se colocou do meu lado tentando me tirar dali. Ysabeau manteve o meu outro braço agarrado. E juntos fizemos uma pequena e estranha fileira de um vampiro, uma bruxa e uma vampira.

– Diana Bishop. – Domenico curvou-se em reverência. – É uma honra conhecer uma bruxa de uma linhagem tão antiga e renomada. Hoje em dia quase não existem descendentes das velhas famílias. – Cada palavra que ele dizia soava como uma ameaça por mais formal que fosse.

– Quem é você? – perguntei. – E por que você está tão preocupado com quem eu passo o meu tempo?

O veneziano me observou com grande interesse, e depois soltou uma risada.

– Já tinham me falado que você era brigona como seu pai, mas não acreditei.

Minhas mãos formigaram levemente e Ysabeau apertou o meu braço.

– Será que enfureci a bruxa de vocês? – Os olhos de Domenico estavam cravados na mão de Ysabeau.

– Diga logo o que tem a dizer e saia de nossas terras. – A voz de Matthew soou extremamente formal.

– Sou Domenico Michele. Conheço Matthew desde o meu renascimento e Ysabeau, praticamente da mesma época. Eu os conheço muito bem tal como conheci a adorável Louisa, é claro. Mas deixemos os mortos de lado. – O veneziano exibiu uma expressão cínica de pesar.

– Não se atreva a falar da minha irmã. – Matthew parecia calmo, mas Ysabeau parecia transtornada com uma brancura assassina nos lábios.

– Você ainda não respondeu a minha pergunta – chamei a atenção de Domenico novamente.

Os olhos do veneziano brilharam de satisfação.

– Diana – disse Matthew sem reprimir um rosnado na garganta. Era como se ele estivesse rosnando para mim. Marthe chegou da cozinha com um ar assustado.

– Estou vendo que essa moça é mais valente de que a maioria da espécie dela. Você está colocando tudo em risco só para mantê-la ao seu lado? Ela o diverte? Ou pretende se alimentar dela até o dia em que se entediar e descartá-la como fez com as outras de sangue-quente?

As mãos de Matthew apertaram o esquife de Lázaro oculto sob o suéter. Ele não o tocava desde que tínhamos chegado em Sept-Tours.

Os olhos atentos de Domenico repararam nesse gesto e foram acompanhados de um sorriso vingativo.

– Sentindo-se culpado, meu amigo?

Fiquei furiosa por ver Matthew sendo tratado assim e abri a boca para falar.

– Diana, é melhor você voltar agora mesmo para casa. – O tom da voz de Matthew indicava que teríamos uma conversa desagradável mais tarde. Ele me deu um empurrãozinho na direção de Ysabeau, e se interpôs ainda mais aprumado entre mim, a mãe e o sombrio veneziano. Marthe chegou mais perto, cruzou os braços e empinou o corpo, imitando a postura de Matthew.

– Antes a bruxa precisa ouvir o que tenho a dizer. Eu vim aqui para lhe dar um aviso, Diana Bishop. As relações entre bruxas e vampiros são interditas. Você deve sair dessa casa e romper os laços com Matthew de Clermont e com todos os membros da família dele. Caso contrário, a Congregação terá que tomar as devidas providências para preservar o acordo.

– Eu não conheço a sua Congregação e não faço a menor ideia desse tal

acordo – retruquei furiosa. – Além do mais, acordos não são impingidos. São voluntários.

– Além de historiadora você também é advogada? Vocês mulheres modernas são tão estudadas e tão fascinantes... Mas as mulheres não são boas em teologia – Domenico continuou falando como se desculpando –, e isso justifica o fato de nunca termos achado importante dar essa educação para vocês. Você acha que aderimos às ideias daquele herege do Calvino por vontade própria quando trocamos essa promessa entre nós? Depois que o acordo foi selado, ele comprometeu a todos nós, vampiros, bruxos e demônios... do passado, do presente e do futuro. Um acordo não é um caminho que se segue por vontade própria.

– Já transmitiu o seu recado, Domenico – disse Matthew em tom sedoso.

– Isso é tudo o que tenho a dizer para a bruxa – disse o veneziano. – Mas ainda tenho algumas coisas a dizer para você.

– Então Diana pode voltar para casa. Leve-a daqui, *maman* – disse Matthew de um modo sucinto.

Dessa vez a mãe obedeceu de pronto, seguida por Marthe.

– Não faça isso – sibilou Ysabeau, quando me virei a fim de olhar para Matthew.

– De onde veio essa coisa? – perguntou Marthe quando estávamos seguras dentro de casa.

– Do inferno, com toda certeza – respondeu Ysabeau. Depois ela tocou o meu rosto e o contato com o calor das minhas faces rubras de raiva a fez encolher rapidamente os dedos. – Você é corajosa, garota, mas fez algo insensato. Você não é uma vampira. Não se coloque em risco discutindo com Domenico ou com qualquer outro aliado dele. Mantenha distância deles.

Sem me dar tempo de reagir, ela me fez atravessar as cozinhas, a sala de jantar e o salão na direção do grande hall. Lá, apontou para a torre mais

alta do castelo. Só de pensar na subida as minhas panturrilhas petrificaram.

– Nós temos que subir – ela insistiu. – Matthew vai nos procurar lá.

Fui impelida pelo medo e a raiva na primeira metade da subida. A partir daí fiz a conquista por mera obstinação. Depois do último degrau me vi num telhado liso que dava uma vista geral para os arredores.

Ysabeau se dirigiu em passos ágeis até um mastro que de tão alto parecia querer tocar o céu. Ela hasteou uma bandeira preta ornada por um *ouroboros* de prata. A bandeira desfraldou na luz sombria com uma cobra cintilante que engolia o próprio rabo. Corri até a extremidade daquele muro cheio de ameias, e Domenico olhou para o alto.

Pouco tempo depois, uma bandeira similar emergiu do alto de um prédio da aldeia e um sino começou a badalar. Aos poucos homens e mulheres saíam de casas, bares, lojas e escritórios com a face voltada para Sept-Tours, onde o símbolo da eternidade e do renascimento desfraldava ao vento. Olhei para Ysabeau com uma interrogação estampada no meu rosto.

– É o brasão da nossa família, um sinal para deixar a aldeia em alerta – ela explicou. – Só hasteamos a bandeira quando temos estranhos entre nós. Os aldeões não nos temem porque estão acostumados a viver entre os vampiros, mas em ocasiões como agora somos obrigados a hastear a bandeira. Diana, o mundo está cheio de vampiros em quem não se pode confiar. Domenico Michele é um deles.

– Nem precisava me dizer isso. Afinal, quem é ele?

– Um dos amigos mais antigos de Matthew – murmurou Ysabeau de olho no filho lá embaixo –, o que faz dele um inimigo muito perigoso.

Eu me voltei para Matthew que ainda trocava palavras com Domenico em uma zona de conflito demarcada com precisão. De repente, uma mancha escura esbranquiçada se moveu e o veneziano colidiu de costas no tronco da castanheira onde estava encostado quando o avistamos pouco

tempo antes. Ecoou um estrondo pelo solo.

– Bem feito – murmurou Ysabeau.

– Onde está a Marthe? – Olhei para a escada.

– No hall. Por precaução. – Os olhos atentos de Ysabeau permaneciam cravados no filho.

– Domenico poderia chegar até aqui e dilacerar a minha garganta?

Ela se voltou para mim com olhos negros e brilhantes.

– Isso seria fácil demais, querida. Mas primeiro ele brincaria com você. Domenico sempre brinca com as presas. Sem falar que adora uma plateia.

Engoli em seco.

– Sou perfeitamente capaz de cuidar de mim.

– É verdade, se você tem mesmo os poderes que Matthew acredita que tem. Suponho que as bruxas sejam exímias quando se trata de proteção pessoal, basta um pouco de esforço e uma gota de coragem – disse Ysabeau.

– Que Congregação é essa que Domenico mencionou?

– É um conselho de nove... três de cada ordem, demônios, bruxos e vampiros. Foi criado durante as Cruzadas para que não ficássemos expostos aos seres humanos. Nós éramos muito descuidados e nos envolvemos demais com a política e outras insanidades humanas. – A voz dela soou com certa amargura. – Ambição, orgulho e criaturas gananciosas como Michele que nunca se contentam com o que recebem da vida e sempre querem mais, tudo isso nos levou a fazer o acordo.

– E vocês concordam com todas as condições? – A ideia de que promessas feitas por criaturas medievais pudessem afetar a mim e a Matthew era ridícula.

Ysabeau meneou a cabeça com a brisa balançando as mechas do seu cabelo espesso e oleoso em volta do seu rosto.

– Ficamos muito visíveis quando nos misturamos com os outros. E despertamos suspeitas com nossa inteligência quando nos envolvemos em

assuntos humanos. As pobres criaturas são lentas, mas não burras de todo.

– Com o "misturar" você quer dizer jantares e danças?

– Nada de jantares, nada de danças... e nada de beijos e canções trocadas romanticamente – ela disse de forma incisiva. – E o que vem depois da dança e dos beijos também foi proibido. Nós primávamos pela arrogância antes desse acordo. Nós éramos muitos naquela época e estávamos habituados a conquistar o que nos dava na veneta a qualquer preço.

– E esse acordo se estende a mais alguma coisa?

– Nada de política, nada de religião. Muitos príncipes e papas eram criaturas sobrenaturais. Isso dificultou a passagem de uma vida para outra com o surgimento das crônicas humanas. – Ela deu de ombros. – Os vampiros se deram conta de que era difícil simular a própria morte e assumir uma nova vida com os humanos bisbilhotando por perto.

Olhei rapidamente para Matthew e Domenico que continuavam conversando fora dos limites do castelo.

– Então, contando nos dedos – repeti. – Nada de mistura entre diferentes criaturas. Nada de seguir carreira política entre os humanos e nada de se meter na religião deles. Algo mais?

Pelo visto a xenofobia da minha tia e sua veemente oposição ao meu estudo da lei derivavam de sua precária compreensão de um acordo antigo.

– Sim. Quando uma criatura quebra o acordo, cabe à Congregação deter a má conduta e manter o voto.

– E se *duas* criaturas quebram o acordo?

Fez-se um silêncio entre nós.

– Que eu saiba isso nunca aconteceu – ela respondeu com um ar sombrio. – De qualquer forma, ainda bem que vocês dois não fizeram isso.

Na noite anterior, eu tinha chamado Matthew para dormir comigo. Mas ele sabia que não se tratava de um simples convite. Não era em relação a mim e aos seus próprios sentimentos que ele se sentia inseguro.

Ele não sabia o quão longe poderia ir antes que a Congregação interviesse.

A resposta chegou com muita rapidez. A Congregação não nos deixaria ir muito longe.

O meu alívio se transformou rapidamente em raiva. Se não tivesse havido uma intervenção quando o nosso relacionamento se desenvolvia, talvez ele nunca me contasse nada sobre a Congregação e o tal acordo. Um silêncio que poderia comprometer a minha família e a dele. Eu podia ter morrido acreditando que tanto a minha tia como Ysabeau eram intolerantes. E o fato é que elas cumpriam uma promessa feita séculos antes – o que não era admissível, mas de todo modo desculpável.

– Seu filho não pode mais esconder as coisas de mim. – A irritação fez a ponta dos meus dedos comicharem. – E é melhor você se preocupar menos com a Congregação e mais com o que farei com seu filho quando ele voltar.

Ela bufou.

– Você não poderá fazer muito antes de ser acusada de enfraquecer a autoridade dele na frente de Domenico.

– Eu não estou sob a autoridade de Matthew.

– Minha querida, você ainda tem muito que aprender sobre os vampiros – ela retrucou com uma nota de satisfação.

– E você também tem muito que aprender sobre mim. E a Congregação, idem.

Ysabeau me pegou pelos ombros com tanta força que os seus dedos pareciam entrar na minha pele.

– Diana, isso não é um jogo! Matthew deixaria de lado criaturas que ele conhece há séculos apenas para protegê-la. Por favor, não deixe que ele faça isso. Eles o matarão se ele insistir.

– Matthew é um homem feito, Ysabeau – eu disse com frieza. – Não cabe a mim dizer o que ele tem que fazer ou não.

– Isso não, mas você pode impedi-lo. Diga que você se recusa a romper

o acordo por ele... ou que você não sente nada por ele a não ser curiosidade... as bruxas são conhecidas por isso. – Ela se pôs de lado. – Se você o ama, saberá o que dizer.

– Acabou – gritou Marthe da escada.

Eu e Ysabeau corremos até a extremidade da torre. Um cavaleiro montado num cavalo preto saiu em disparada do estábulo e em seguida desapareceu na floresta.



Nós três estávamos esperando no salão desde o momento em que Matthew saiu montado no Balthasar naquela manhã. O dia já terminava e o relógio marcava quase meia-noite. Qualquer humano já estaria a ponto de morrer com o esforço prolongado para controlar aquele enorme cavalo em campo aberto. Mas os acontecimentos da manhã me fizeram lembrar que Matthew não era humano e sim um vampiro – com muitos segredos, um passado complicado e inimigos assustadores.

Uma porta fechou-se no andar de cima.

– Ele está de volta. E vai para o aposento do pai como sempre faz quando está perturbado – disse Ysabeau.

Sentada em frente à lareira, a linda e jovem mãe de Matthew olhava fixamente para o fogo enquanto eu torcia as mãos no meu colo, recusando tudo que Marthe colocava diante de mim. Eu não tinha ingerido nada desde o café da manhã, mas o buraco na boca do meu estômago não tinha nada a ver com fome.

Era como se eu estivesse despedaçada, rodeada pelos cacos da vida muito bem organizada que eu levava antes. O meu título de Oxford, o meu cargo na Yale e os meus livros pesquisados e escritos com tanto esmero tinham tornado a minha vida sólida e significativa durante muito tempo. Mas naquele mundo insólito e ameaçador de bruxas e vampiros nada da minha vida anterior me trazia alento. Minha entrada naquele mundo me deixara nua e crua, uma vulnerabilidade recente que se ligava a um vampiro e a um fluxo invisível e inquestionável de sangue de bruxa em minhas veias.

Finalmente, Matthew entrou no salão, de banho tomado e vestindo outra roupa. Cravou os olhos em mim e senti na pele o toque gelado de um olhar que tentava ver se eu estava ferida ou não. Ele sorriu de alívio quando viu que eu estava intacta.

O sorriso foi o último sinal de familiaridade reconfortante que captei dele.

O vampiro naquele salão não era o Matthew que eu conhecia. Não era a criatura elegante e charmosa que tinha entrado na minha vida com um sorriso irônico e convites para o café da manhã. Não era mais o cientista absorto no trabalho que se inquietava com a razão de estar no mundo. E não havia mais qualquer sinal do Matthew que tinha me tomado nos braços e me beijado apaixonadamente na noite anterior.

O Matthew que estava diante de mim era frio e impassível. Os poucos traços suaves de antes – o contorno da boca, a delicadeza das mãos, o olhar sereno – tinham sido substituídos por linhas e ângulos duros. Ele parecia mais velho do que eu lembrava, um misto de reserva cautelosa e cansaço refletia cada segundo dos seus quase mil e quinhentos anos de vida.

Uma tora estalou na lareira. Meus olhos foram atraídos pelas fagulhas que jorravam como um sangue ígneo alaranjado antes de tombarem no piso da lareira.

A princípio, somente a cor vermelha apareceu. Depois o vermelho assumiu uma textura, fios avermelhados luziam aqui e ali acrescidos de ouro e prata. Em seguida, a textura se fez coisa – cabelo, o cabelo de Sarah. Puxei a alça da mochila nos meus ombros e deixei a merendeira cair no chão do saguão fazendo o mesmo barulho rotineiro que a pasta do meu pai fazia quando ele a deixava cair na soleira da porta.

– Cheguei. – A minha voz infantil soou alta e vibrante. – Tem biscoitos?

A cabeça vermelha alaranjada de Sarah se virou, iluminada pelas fagulhas de luz do final da tarde.

No entanto, seu rosto estava branco, muito branco.

O branco se impôs sobre as outras cores, se fez prateado e assumiu uma textura parecida com escamas de peixe. Uma cota de malha aderiu a um corpo musculoso e conhecido. Matthew.

– Acabei. – Ele rasgou com suas mãos brancas uma túnica preta com uma cruz prateada aplicada ao peito e colocou-a nos ombros. Depois jogou-a aos pés de alguém, virou de costas e se foi.

Pisquei os olhos e a visão se dissipou, dando lugar aos tons aconchegantes do salão do castelo de Sept-Tours, mas a vontade de entender o que tinha acontecido não se dissipou. Tal como ocorrera com o vento de bruxa, não houve sinal de aviso para o meu novo dom oculto que acabou se liberando. As visões da minha mãe também surgiam de repente e com tamanha nitidez? Olhei ao redor e Marthe era a única criatura que parecia ter notado que tinha acontecido alguma coisa estranha porque me olhava com um ar preocupado.

Matthew se aproximou de Ysabeau e beijou-a nas faces absurdamente brancas.

– Desculpe-me, *maman* – murmurou.

– *Hein,* ele sempre foi um traidor. Você não tem culpa de nada. – Ela apertou a mão do filho com delicadeza. – Estou feliz por vê-lo de volta a casa.

– Por hoje acabou. Esta noite não precisamos nos preocupar – disse Matthew com a voz embargada. Ele passou as mãos pelos cabelos.

– Beba. – Marthe pertencia à velha escola de gerenciamento de crises. Estendeu um copo de vinho para Matthew e deixou uma xícara de chá perto de mim. O chá permaneceu intocado em cima da mesa, espalhando rodelas de vapor em volta.

– Obrigado, Marthe. – Matthew sorveu a bebida com sofreguidão e de vez em quando voltava os olhos para mim, mas logo os desviava com determinação. – Meu telefone. – Ele se encaminhou para o estúdio.

Alguns minutos depois Matthew desceu a escada.

– É para você. – Estendeu o telefone de modo que nossas mãos não se tocassem.

Eu sabia quem estava do outro lado da linha.

– Alô, Sarah.

– Faz oito horas que estou tentando telefonar para você. O que está havendo? – Ela sabia que estava acontecendo alguma coisa ruim... não telefonaria para um vampiro se não tivesse certeza disso. A voz tensa evocava a imagem do seu rosto pálido na minha visão. Na visão ela estava assustada e não apenas triste.

– Não há nada de errado – eu disse isso para não deixá-la ainda mais assustada. – Estou aqui com Matthew.

– Justamente por estar com Matthew é que você deve estar encrencada.

– Não posso falar agora, Sarah. – A última coisa que eu queria fazer naquela hora era discutir com a minha tia.

Ela engoliu em seco.

– Diana, você precisa saber de algumas coisas antes de se aventurar com um vampiro.

– É mesmo? – rebati com o sangue subindo à cabeça. – E você acha que agora é o momento certo para me falar sobre o acordo? Por acaso você conhece os bruxos e bruxas que hoje fazem parte da Congregação? Preciso dizer umas coisinhas para eles. – Meus dedos arderam e a pele debaixo das unhas se azulou.

– Diana, você ignorava o seu próprio poder e se recusava a conversar sobre magia. Esse acordo não era relevante para você, e a Congregação também não. – Sarah parecia estar na defensiva.

Soltei um riso amargo que fez o azul sumir dos meus dedos.

– Sarah, justifique da maneira que quiser. Você e Em deviam ter me contado tudo depois que papai e mamãe morreram, sem se esquivarem com meias-verdades que tornaram as coisas ainda mais misteriosas. Mas

agora é tarde. Preciso falar com Matthew. Amanhã eu telefono. – Desliguei o telefone sem fio e o deixei em cima de um sofá, depois fechei os olhos e esperei que a comichão nos meus dedos acabasse.

Os três vampiros me olhavam fixamente – eu podia sentir.

– E então? – Quebrei o silêncio. – Teremos mais visitas dessa Congregação?

– Não – disse Matthew de lábios cerrados.

Uma resposta lacônica, mas pelo menos era o que eu queria ouvir. As mudanças de humor de Matthew tinham dado uma pausa nos últimos dias, e isso me fez quase esquecer o quão assustadoras podiam ser. As palavras seguintes varreram de vez a esperança de que esse último rompante passaria logo.

– Não haverá mais visitas da Congregação simplesmente porque não romperemos o acordo. Ficaremos aqui por mais alguns dias e depois voltaremos para Oxford. Concorda com isso, *maman*?

– Claro que sim – disse Ysabeau de pronto, suspirando de alívio.

– É melhor deixar a bandeira hasteada – continuou Matthew como se estivesse falando de negócios. – A aldeia precisa saber que deve permanecer em alerta.

A mãe assentiu e o filho tomou um gole de vinho. Olhei primeiro para um e depois para o outro. Nenhum dos dois respondeu à minha silenciosa demanda por informação.

– Mas faz poucos dias que você *me tirou* de Oxford – falei, já que ninguém tinha respondido ao meu silencioso desafio.

Os olhos de Matthew se voltaram para mim com uma resposta interdita.

– Agora você tem que voltar – ele disse com firmeza. – E sem caminhadas lá fora até que isso aconteça. Nada de cavalgar.

A frieza que ele demonstrava naquele momento era mais assustadora do que qualquer coisa que Domenico pudesse ter dito.

– E o que mais? – Eu o pressionei.

– Nada mais de danças – ele acrescentou com uma rispidez que indicava que não haveria mais gentilezas de anfitrião. – Acataremos as regras da Congregação. Se não forem provocados, eles se voltarão para questões mais importantes.

– Entendo. Você quer que eu me faça de morta. E vai desistir do seu trabalho e do Ashmole 782? Não consigo acreditar! – Levantei-me e saí em direção à porta.

Ele me pegou pelo braço. A rapidez com que me alcançou contrariava todas as regras da física.

– Sente-se, Diana. – A voz de Matthew soou tão áspera quanto o seu toque, mas foi estranhamente gratificante porque pelo menos ele demonstrava alguma emoção.

– Por que está se rendendo? – sussurrei.

– Para evitar que a gente se exponha aos humanos... e para manter você viva. – Ele me fez voltar ao sofá e me empurrou de encontro as almofadas. – Aqui nesta família não há democracia, especialmente em momentos como o de agora. Quando eu disser que você deve fazer alguma coisa, quero que você faça sem hesitações ou reclamações. Entendeu? – O tom da voz mostrava que não havia o que discutir com ele.

– Senão o quê? – Eu o provoquei de propósito, mas a indiferença dele me assustou.

Matthew pousou o copo de vinho e o cristal capturou a luz das velas.

Eu tive a impressão de que estava caindo, mas dessa vez dentro de um lago.

O lago se transformou em gota, a gota, uma lágrima faiscante a rolar pela brancura da face.

O rosto de Sarah tomou-se de lágrimas, e os olhos avermelharam e incharam. Em estava na cozinha. Logo se juntou a nós e ficou evidente que ela também chorava. Ela parecia arrasada.

– O que houve? – perguntei com um aperto no estômago. – O que houve?

Sarah enxugou os olhos com os dedos besuntados de ervas e especiarias utilizadas em feitiços.

Ela alongou os dedos e o besuntado foi se dissolvendo.

– O que houve? – perguntou Matthew de olhos arregalados enxugando uma pequena lágrima manchada de sangue no seu rosto pálido. – O que houve?

– Bruxas. Elas estão com o seu pai – respondeu Ysabeau com a voz embargada.

A visão se dispersou e os meus olhos procuraram pelos olhos de Matthew em busca de socorro à minha desorientação. Nossos olhos se encontraram e ele se inclinou e me cobriu com o corpo. Mas a presença dele já não me reconfortava como antes.

– Eu a mataria com minhas próprias mãos antes que alguém pudesse feri-la. – As palavras ficaram presas na sua garganta. – E como não quero matá-la, faça o que eu mandar, por favor.

– Então é assim? – perguntei tão logo fui capaz de elaborar uma pergunta. – Vamos nos sujeitar a um acordo obsoleto e retrógrado firmado mil anos atrás. E caso encerrado.

– Você não precisa estar sob o escrutínio da Congregação. Já que não tem controle sobre sua magia e não compreende sua relação com o Ashmole 782. Diana, aqui em Sept-Tours você está a salvo de Peter Knox, mas já lhe disse que não está a salvo dos vampiros. Nenhum sangue-quente está. Nunca está.

– Você não me faria mal. – Eu estava absolutamente certa quanto a isso, apesar de tudo o que acontecera a partir do momento em que nos conhecemos.

– Você insiste nessa visão romântica dos vampiros, mas devo lhe dizer que gosto de sangue, apesar de todo o meu esforço para reprimir isso.

Fiz um gesto de indiferença.

– Você já matou alguns humanos. Sei disso, Matthew. Você é um vampiro que vive há séculos e séculos. Está pensando que eu achava que você só sobreviveu de animais durante todo esse tempo?

Ysabeau olhou atentamente para o filho.

– Diana, uma coisa é você saber que já matei alguns humanos, outra é entender o que isso significa. Você não faz a menor ideia do que eu sou capaz. Ele tocou no talismã de Betânia e se afastou de mim com impaciência.

– Eu sei quem é você. – Era outra coisa da qual eu tinha absoluta certeza. Por isso, me perguntava o que me deixava instintivamente segura em relação a ele, já que a evidência da brutalidade dos vampiros e até das bruxas era gritante.

– Você não conhece nem a si mesma. E até três semanas atrás nunca tinha ouvido falar de mim. – Ele me olhou com inquietude e com as mãos tremendo como as minhas. Isso era menos preocupante do que o movimento irrequieto de Ysabeau na poltrona. Ele revolveu a lenha da lareira com o atiçador, e o deixou de lado. A peça de metal chiou ao tocar na pedra, goivando a sólida superfície como se fosse manteiga.

– Nós vamos resolver isso. Só precisamos de um pouco mais de tempo – eu disse com um tom o mais baixo e suave possível.

– Não há nada a ser resolvido. – Matthew zanzava pela sala. – Você tem uma quantidade descomunal de poder sem controle algum. Isso até parece uma droga... uma droga altamente viciante e perigosa que as outras criaturas estão loucas para consumir. Você nunca estará a salvo enquanto houver uma bruxa ou um vampiro por perto.

Abri a boca para responder, mas ele não estava mais no mesmo lugar. De repente, me dei conta de que me pegava pelo queixo com a sua mão gelada e me erguia do chão.

– Eu sou um predador, Diana – disse Matthew com a sedução de um

amante. Fiquei atordoada com o intenso aroma de cravo-da-índia. – Eu caço e mato para sobreviver. – Repeliu o meu rosto com uma torção selvagem deixando o meu pescoço à mostra. Cravou os olhos inquietos na minha garganta.

– Matthew, ponha Diana no chão. – Ysabeau não se mostrou muito preocupada, e a minha confiança nele permaneceu inalterável. De um jeito ou de outro, ele só queria me assustar, mas eu não corria um risco real como tinha acontecido com Domenico.

– Diana acha que me conhece, *maman* – ele resmungou. – Mas ela não sabe o que é ter um estômago apertado quando a fome por um sangue-quente é tanta que nos enlouquece. Não sabe o que é sentir o sangue de um outro coração pulsando nas veias. Não sabe o quanto é difícil tê-la por perto e não poder prová-la.

Ysabeau se empertigou, mas sem sair de onde estava.

– Agora não é hora de ensinar essas coisas para ela, Matthew.

– Isso não quer dizer que eu a mataria de uma só vez – ele continuou ignorando os apelos da mãe. Seus olhos negros hipnotizavam. – Eu poderia me alimentar de você aos poucos, tirando o seu sangue e deixando que se reabastecesse apenas para repetir tudo no dia seguinte. – Desceu a mão do meu queixo ao meu pescoço e pressionou a minha carótida com o dedo polegar, como se estivesse avaliando o ponto onde cravaria os dentes.

– Pare com isso – eu disse em tom cortante. Matthew já tinha ido longe demais com a tática de intimidação.

Ele me largou abruptamente, deixando-me cair no suave tapete. Quando me dei conta do tombo, o vampiro já estava do outro lado da sala, de costas para mim e de cabeça arriada.

Fiquei de gatinhas enquanto olhava os ornamentos do tapete debaixo das minhas mãos e dos meus joelhos.

Um redemoinho de cores rápidas demais para distingui-las girou frente aos meus olhos.

As cores dançavam no ar como folhas ao vento – verdes, marrons, azuis, douradas.

– É sobre o seu pai e a sua mãe, querida – disse Sarah com a voz embargada. – Eles foram mortos. Eles se foram, minha menina.

Desviei os olhos do tapete na direção do vampiro que estava de costas para mim.

– Não. – Balancei a cabeça em negativa.

– O que é, Diana? – Matthew se virou deixando momentaneamente o predador de lado.

O redemoinho de cores capturou novamente a minha atenção – verdes, marrons, azuis, douradas. Eram folhas que caíam no redemoinho de uma poça d'água e flutuavam ao meu redor. Um arco polido jazia ao lado de algumas flechas espalhadas e uma aljava semicheia.

Peguei o arco e um arame afiado cortou a minha pele.

– Matthew – disse Ysabeau farejando cuidadosamente o ar.

– Eu sei, eu também estou sentindo – ele disse com uma expressão sombria.

Ele é seu, sussurrou uma voz desconhecida. *Você não pode deixar que ele vá embora.*

– *Eu sei* – murmurei com impaciência.

– O que é que você sabe, Diana? – Matthew deu um passo na minha direção.

Marthe colocou-se rapidamente ao meu lado.

– Deixe-a – sibilou. – A menina não está neste mundo.

Eu estava em lugar nenhum, aprisionada entre a terrível dor da perda dos meus pais e a certeza de que Matthew também logo partiria.

– *Tome cuidado* – disse a voz desconhecida.

– É tarde demais. – Ergui a mão, peguei o arco e o parti em dois. – Tarde demais.

– O que é tarde demais? – perguntou Matthew.

– Eu me apaixonei por você.

– Pois não devia – ele disse como se anestesiado. O crepitar do fogo era o único ruído que rompia o completo silêncio na sala. – É cedo demais.

– Por que os vampiros agem de maneira tão estranha em relação ao tempo? – eu disse em voz alta, ainda prisioneira de uma insólita mistura de passado e presente. O "amor" evocou um sentimento de posse que me fez voltar ao aqui e agora. – As bruxas não levam séculos para se apaixonar. Elas se apaixonam com muita rapidez. Sarah costuma dizer que minha mãe se apaixonou pelo meu pai na hora em que o viu. Eu o amei desde aquele instante em que resolvi não acertá-lo com o remo na doca em Oxford. – O sangue começou a cantar nas minhas veias. Marthe me olhou espantada como se também tivesse ouvido a canção.

– Você não entende. – Matthew pareceu se partir em dois como o arco.

– Entendo, sim. A Congregação vai tentar me deter, mas não tem o direito de me dizer a quem devo amar. – Eu ainda era uma criança sem opções quando os meus pais foram tirados de mim, e fiz o que os outros me pediram. Mas agora eu era uma mulher adulta e lutaria por Matthew.

– A interferência de Domenico não é nada comparada com o que Peter Knox reserva para você. O que aconteceu hoje aqui não passou de uma simples missão diplomática. Você não está pronta para enfrentar a Congregação, Diana, por mais que pense o contrário. E se enfrentá-los, o que poderia acontecer? Trazendo antigas animosidades à tona, poderíamos perder o controle e nos expor aos humanos. Sua família poderia sofrer.

As palavras brutais de Matthew eram para me fazer parar e reconsiderar. Mas nada do que disse suplantou o que eu sentia por ele.

– Amo você e não deixarei de amá-lo. – Eu também estava certa disso.

– Você não está apaixonada por mim.

– Eu é que decido a quem devo amar, e como e quando devo amar. Pare de me dizer o que devo fazer, Matthew. Eu posso ter ideias românticas sobre os vampiros, mas o seu modo de tratar as mulheres precisa melhorar

muito.

O telefone começou a tocar antes que Matthew pudesse responder. Ele soltou um palavrão em occitano que devia ser horrível porque Marthe pareceu chocada quando o olhou. Ele rapidamente pegou o telefone.

– Alô. O quê? – Cravou os olhos em mim.

Soaram alguns murmúrios do outro lado da linha. Marthe e Ysabeau se entreolharam preocupadas.

– Quando? – A voz de Matthew soou como um disparo. – Eles levaram alguma coisa? – Fiquei preocupada com a raiva que transpareceu na voz dele. – Graças a Deus. Houve danos?

Era alguma coisa que tinha acontecido em Oxford enquanto estávamos fora, talvez um roubo. Torci para que não tivesse sido na Velha Cabana.

A voz do outro lado da linha continuou. Matthew tapou os olhos.

– E o que mais? – perguntou elevando a voz.

Fez-se um outro intervalo longo e silencioso. Ele se virou e andou até a lareira, e lá ficou em pé e apoiado no consolo.

– Chega de diplomacia – ele esbravejou entre os dentes. – Estarei aí em poucas horas. Você pode me pegar?

Não foi preciso muito para entender que voltaríamos para Oxford.

– Está bem. Ligarei para avisar antes de aterrissar. Marcus? Descubra quem mais faz parte da Congregação além de Peter Knox e Domenico Michele.

Peter Knox? As peças do quebra-cabeça começavam a se encaixar. Não era de estranhar que Matthew tivesse voltado rapidamente para Oxford quando lhe contei quem era o bruxo de marrom. Isso explicava por que depois ele ficou tão aflito e quis me afastar. Nós estávamos rompendo o acordo e a missão de Knox era fazê-lo valer.

Matthew desligou o telefone e ficou por um tempo em silêncio com o punho fechado, como se a qualquer momento fosse esmurrar o consolo de pedra da lareira.

– Era o Marcus. Alguém tentou arrombar o laboratório. Eu preciso voltar para Oxford. – Ele se virou e seus olhos não refletiam lampejo algum de vida.

– E tudo está bem? – Ysabeau me olhou com um ar preocupado.

– Não conseguiram entrar por causa do sistema de segurança. Mas tenho que conversar com o pessoal da segurança da universidade para que não aconteça novamente.

Nada do que ele dizia fazia sentido. Por que estava tão nervoso se os arrombadores tinham fracassado? E por que balançava a cabeça em negativa para a mãe?

– Quem eram essas pessoas? – perguntei com cautela.

– Marcus não sabe ao certo.

Era muito estranho porque o vampiro teria farejado qualquer coisa.

– Seriam humanos?

– Não. – De novo as respostas monossilábicas.

– Vou pegar as minhas coisas. – Eu me voltei para a escada.

– Você não vai. Ficará aqui. – As palavras de Matthew me paralisaram.

– Prefiro ir para Oxford com você – protestei.

– Oxford não é um lugar seguro agora. Retorno depois que tudo se acalmar por lá.

– Mas você acabou de dizer que devíamos voltar para lá! Decida-se, Matthew! Onde está o perigo? No manuscrito e nas bruxas? Peter Knox e a Congregação? Ou Domenico Michele e os vampiros?

– Você não ouviu? *Eu* sou o perigo. – A voz dele soou cortante.

– Ora, claro que ouvi. Mas você está escondendo alguma coisa. E o trabalho do historiador é desvendar segredos – retruquei suavemente. – E sou muito boa nisso. – Ele abriu a boca para falar e foi impedido por mim. – Não quero saber mais de desculpas e de falsas explicações. Pode ir para Oxford. Eu fico aqui.

– Você precisa de alguma coisa lá de cima? – perguntou Ysabeau. – É

melhor levar um sobretudo. Os humanos vão reparar se estiver apenas com um suéter.

– Só preciso do computador. Meu passaporte está na maleta.

– Vou pegá-los.

Subi a escada porque precisava me afastar dos Clermont por alguns instantes. Cheguei ao estúdio e observei as coisas que significavam muito para Matthew.

A superfície de prata da armadura cintilava sob a luz do fogo da lareira e prendeu a minha atenção enquanto alguns rostos passavam pela minha mente como cometas cruzando o céu. Uma mulher pálida com grandes olhos azuis e um sorriso doce, uma outra mulher de queixo resoluto e ombros aprumados com determinação, um homem de nariz aquilino padecendo de dor. Eu também vi outros rostos, mas só reconheci o de Louisa de Clermont que agarrava o próprio rosto com mãos ensanguentadas.

Resisti à visão e apaguei os rostos, mas fiquei com o corpo trêmulo e a cabeça confusa. Os relatórios do DNA indicavam a presença de visões. Mas o problema é que essas visões se manifestavam sem aviso prévio, como na noite anterior em que de repente me vi flutuando nos braços de Matthew. Como se alguém tivesse destampado uma garrafa e libertado a minha magia, fazendo-a jorrar sem controle.

Tirei a extensão da tomada e coloquei o fio na maleta junto com o computador. O passaporte estava onde Matthew disse que estava, na parte da frente da maleta.

Retornei ao salão e ele estava sozinho com um molho de chaves na mão e um casaco de camurça jogado ao ombro. Marthe resmungava enquanto zanzava pelo grande saguão de entrada.

Estendi a maleta do computador para ele, mantendo distância para resistir ao louco anseio de tocá-lo mais uma vez. Ele colocou as chaves no bolso e pegou a maleta.

– Sei que é difícil. – A voz dele soou abafada e estranha. – Mas você precisa me deixar resolver isso. E preciso saber que você está a salvo enquanto resolvo.

– Com você estarei a salvo em qualquer lugar que seja.

Ele balançou a cabeça em negativa.

– Meu nome devia ser o bastante para protegê-la. Mas agora não é.

– Me deixar aqui não é a solução. Não entendi tudo o que aconteceu hoje, mas a raiva de Domenico vai além de mim. Ele quer destruir a sua família e tudo de que você gosta. E talvez chegue à conclusão de que não é o momento certo para se vingar. E quanto a Peter Knox? Ele quer o Ashmole 782 e acha que posso conseguir isso. E não vai desistir tão facilmente. – O meu corpo estremeceu.

– Ele fará um trato se eu oferecer algo em troca.

– Um trato? O que você tem para negociar?

O vampiro se calou.

– Matthew? – insisti.

– O manuscrito – ele disse categoricamente. – Eu o deixarei de lado... e deixarei você também... se ele prometer o mesmo. O Ashmole 782 se manteve quieto por um século e meio. E que continue assim, intocado.

– Você não pode negociar com Knox. Não se pode acreditar nele. – Fiquei horrorizada. – Além do mais, você tem todo o tempo do mundo para esperar pelo manuscrito. E Knox não tem. Sua proposta não fará sentido algum para ele.

– Eu mesmo cuido do Knox – ele retrucou com rispidez.

Olhei furiosa para ele.

– Você cuida do Domenico. Você cuida do Peter Knox. O que acha que *farei*? Foi você quem disse que não sou uma donzela indefesa. Portanto, pare de me tratar como tal.

– Acho que mereci isso – ele disse vagarosamente com olhos sombrios –, mas você ainda tem muito a aprender sobre os vampiros.

– É o que sua mãe me diz. Mas você também tem algumas coisas a aprender sobre as bruxas. – Tirei a mecha de cabelo de cima dos meus olhos e cruzei os braços. – Vá para Oxford. Veja o que aconteceu lá. – *O que aconteceu e que você vai esconder de mim.* – Mas pelo amor de Deus, Matthew, não negocie com Peter Knox. E se resolva logo sobre *o que* sente por *mim*... não porque o acordo proíbe, ou por aquilo que a Congregação quer, ou pelo medo que Domenico Michele e Peter Knox despertam em você.

O meu amado vampiro me olhou com um semblante triste que causaria inveja em qualquer anjo.

– Você sabe o que sinto por você.

Balancei a cabeça.

– Não sei, não. Quando você estiver pronto, me dirá.

Ele me passou a impressão de que lutava para dizer algo, mas acabou não dizendo. Caminhou em silêncio até a porta que dava para o saguão. E antes de cruzar a porta me lançou um longo olhar de flocos de neve.

Marthe o esperava no saguão. Ele a beijou com doçura nas faces e disse algumas palavras rápidas em occitano.

– *Compreni, compreni* – ela disse balançando enfaticamente a cabeça ao mesmo tempo em que olhava para mim.

– *Mercés amb tot meu còr* – ele disse baixinho.

– *Al rebèire. Mèfi.*

– *T'afortissi.* – Matthew se voltou para mim. – E você me promete a mesma coisa... que vai tomar cuidado. Que vai obedecer a Ysabeau.

Ele saiu sem um olhar e sem um toque de despedida.

Mordi os lábios para reprimir as lágrimas, mas elas irromperam. Depois de três passos lentos em direção à escada que conduzia à torre de observação os meus pés saíram em disparada enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto. Marthe assumiu um ar compreensivo quando me deixou ir.

Quando cheguei à torre de ar gelado e úmido, a bandeira dos Clermont tremulava suavemente e as nuvens obscureciam a lua. A única criatura que podia repelir a escuridão que me pressionou de todas as direções estava partindo e levando a luz consigo.

Espiei por entre os baluartes da torre e lá embaixo estava Matthew, parado em pé ao lado do Range Rover e discutindo furiosamente com Ysabeau. Ela parecia chocada e o agarrava pela manga do casaco como se para impedi-lo de entrar no carro.

Ele então soltou o braço com a mão fazendo um borrão branco azulado. E depois esmurrou o teto do carro. Fiquei assustada. Ele só tinha usado a mesma força na minha frente para quebrar nozes e abrir ostras, mas o amassado que deixou no metal era assustadoramente fundo.

Matthew pareceu cabisbaixo. A mãe o afagou levemente no rosto que cintilou de melancolia em meio à penumbra. Ele entrou no carro e disse algumas palavras. Ysabeau assentiu e deu uma olhada rápida na minha direção. Eu dei um passo atrás torcendo para que nenhum dos dois tivesse me visto. Ele deu partida no carro, e os pesados pneus esmagaram a pavimentação de pedras e o afastaram de mim.

Os faróis e as lanternas do Range Rover desapareceram colina abaixo. Quando entendi que Matthew tinha realmente partido, escorreguei de costas pelo muro de pedra e caí sentada no chão em prantos.

Foi aí que entendi o verdadeiro significado de água-de-bruxa.



Antes de conhecer Matthew, não sobrava espaço na minha vida para mais nada – muito menos para algo tão significativo como um vampiro de mil e quinhentos anos de idade. Mas ele se infiltrou pelos espaços vazios e inexplorados quando eu estava desatenta.

Agora ele tinha partido e eu me dava conta da falta que me fazia. Eu ainda estava na torre de observação quando as lágrimas afrouxaram a minha determinação de lutar por ele. Logo depois, o lugar estava inundado de água. Fiquei sentada na poça enquanto o nível da água se elevava.

As nuvens estavam cinzentas, mas não estava chovendo.

A água vertia de mim.

As lágrimas vertiam naturalmente e à medida que caíam se transformavam em glóbulos do tamanho de bolas de neve que colidiam no teto da torre e arrebentavam. Meus cabelos se enroscavam nos meus ombros em lençóis de água que escorriam pelas curvas do meu corpo. Abri a boca para respirar porque a água que escorria pelo rosto estava bloqueando o meu nariz, e a água jorrou como uma torrente com gosto de mar.

Marthe e Ysabeau me observavam por entre a película de umidade. O rosto de Marthe estava sombrio. Os lábios de Ysabeau se mexiam, mas o rugido de milhares de conchas não me deixava ouvi-la.

Eu me levantei achando que isso deteria a água. Mas não deteve. Então tentei pedir às duas mulheres que deixassem a água me carregar com minha dor e a memória de Matthew – e tudo que consegui foi mais uma golfada de oceano. Eu me estiquei achando que isso ajudaria a drenar a

água de mim. Ledo engano. Uma grande cascata de água verteu das pontas dos meus dedos. Isso me fez lembrar do braço da minha mãe esticado na direção do meu pai, e as ondas ficaram mais fortes.

O meu controle diminuía à medida que a água aumentava. A súbita aparição de Domenico despertara em mim mais medo do que eu admitia. Matthew tinha partido. E eu tinha prometido lutar por ele contra inimigos que não identificava nem compreendia. Agora estava claro que o passado de Matthew não se limitara a aspectos caseiros ao pé da lareira, a vinho e a livros. Assim como não se desdobrara nos limites de uma família leal. Domenico tinha feito uma alusão a algo sombrio marcado de inimizades, perigos e mortes.

Fui vencida pela exaustão e afundei na água. Uma estranha sensação de alegria acompanhou a fadiga. Fiquei pairando entre a mortalidade e algo substancial que prometia um vasto e incompreensível poder. Se me rendesse à corrente submarina, Diana Bishop deixaria de existir. Eu me tornaria água – livre do meu corpo e da minha dor.

– Matthew, me perdoe – sussurrei quando a água iniciou o seu inexorável trabalho.

Ysabeau veio em minha direção e um estalo agudo soou dentro do meu cérebro. Fiz um aviso para ela que se perdeu no rugir de uma onda na rebentação. Uma ventania emergiu em volta dos meus pés, açoitando a água como um furacão. Ergui os braços ao céu e a água e o vento se fundiram como um funil ao redor do meu corpo.

Marthe agarrou o braço de Ysabeau, mexendo a boca com muita rapidez. A mãe de Matthew tentou se desvencilhar e sua boca modelou a palavra "não", no entanto Marthe segurou-a e olhou-a fixamente. Alguns segundos depois, os ombros de Ysabeau se curvaram. Ela se virou em minha direção e começou a cantar. A voz de Ysabeau ecoou assombrada e ancestral pela água adentro e me chamou de volta ao mundo.

Os ventos se fizeram mais brandos. A bandeira dos Clermont, que

quase tinha sido arrancada pelo vento pouco tempo antes, reassumiu um suave balanço. Aos poucos a cascata de água que vertia dos meus dedos se fez rio e depois um veio de água e por fim cessou. As ondas que fluíam dos meus cabelos se fizeram marolas até que desapareceram completamente. Ainda bem que nenhuma golfada saiu da minha boca ofegante de surpresa. As bolas de água que desceram dos meus olhos foram os últimos sinais que desapareceram e os primeiros indícios de um poder que me tomou por inteiro. Remanescentes do meu dilúvio pessoal que escoaram na direção dos pequenos buracos à base dos muros da torre. Lá embaixo as águas descaíam no caminho de pedras à frente do castelo.

Quando a última gota de água se foi de mim, me senti como uma abóbora sem polpa e terrivelmente congelada. Meus joelhos bambearam e dolorosamente caí de joelhos no chão de pedra.

– Graças a Deus – murmurou Ysabeau. – Nós quase a perdemos.

Eu tremia violentamente de cansaço e frio. Fui erguida pelas duas mulheres. Elas me ampararam pelos cotovelos e me desceram pela escada com uma velocidade que me deixou arrepiada. Chegamos ao saguão onde Marthe fez menção de me levar para os aposentos de Matthew enquanto Ysabeau me dava um puxão na direção oposta.

– O meu é mais perto – disse a mãe de Matthew em tom cortante.

– Ela vai se sentir mais segura no quarto dele – disse Marthe.

Ysabeau cedeu com um muxoxo exasperado.

Já ao pé da escada que levava ao aposento do filho, Ysabeau desfiou um colar colorido de frases que pareciam improváveis para uma boca tão delicada.

– Eu posso carregá-la – acrescentou depois de ter insultado o filho, as forças da natureza, os poderes do universo e outros indivíduos de questionável parentesco que tinham participado da construção da torre. Depois me pegou no colo com toda facilidade. – Por que ele tinha que fazer esta escada tão espiralada... e em dois pisos separados, isso está além

da minha compreensão.

Marthe deu de ombros acomodando o meu cabelo molhado no vão do cotovelo de Ysabeau.

– Para dificultar as coisas, é claro. Ele sempre dificultou tudo. Para si próprio e para os outros.

Naquela tarde, ninguém se lembrara de subir para acender as velas, mas a lareira continuava acesa e o aposento ainda retinha um resto de calor. Marthe sumiu no banheiro e em seguida o barulho da água corrente me fez examinar os meus dedos com pânico. Ysabeau jogou duas enormes toras de lenha na lareira como se fossem simples gravetos. Remexeu as brasas para fazer a lenha arder, tirou uma lasca comprida em chamas de uma das toras e depois acendeu dezenas de lâmpadas em poucos segundos. Debaixo da luz aconchegante das velas, ela ansiosamente me examinou dos pés à cabeça.

– Ele nunca me perdoará se você adoecer – disse pegando as minhas mãos e observando as minhas unhas. Estavam novamente azuladas, mas não pela eletricidade. Agora azulavam de frio e se enrugavam por causa da água-de-bruxa. Ysabeau esfregou as minhas mãos com força entre as palmas de suas mãos.

Puxei as minhas mãos ainda tremendo e batendo os dentes e abracei a mim mesma para conservar o pouco calor que restara no meu corpo. Sem a menor cerimônia Ysabeau me pegou novamente no colo e me levou para o banheiro.

– O que ela precisa agora é de um bom banho – afirmou. – O aposento já estava tomado pelo vapor e Marthe se afastou da banheira para ajudar a tirar minhas roupas. Logo depois, eu estava nua e sendo carregada pelas duas mulheres até a água quente com as minhas axilas apoiadas em mãos geladas. O choque da água quente contra a minha pele fria foi de arrebentar. Lutei aos gritos para sair da banheira funda de Matthew.

– Shh – sussurrou Ysabeau tirando o meu cabelo de cima do meu rosto

enquanto Marthe me puxava de volta à água. – Isso vai aquecê-la. Você tem que se aquecer.

Marthe ficou de sentinela na extremidade da banheira enquanto Ysabeau sussurrava palavras doces de conforto na outra extremidade. Foi preciso tempo para que eu parasse de tremer.

A certa altura, Marthe sussurrou alguma coisa em occitano que incluía o nome de Marcus.

Eu e Ysabeau dissemos "não" na mesma hora.

– Ficarei bem. Não conte a ele o que aconteceu. Matthew não precisa saber dessa magia. Não agora – eu disse batendo os dentes.

– Só precisamos de mais algum tempo para aquecê-la. – O tom de Ysabeau era sereno, mas ela parecia preocupada.

Pouco a pouco o calor reverteu os efeitos que a água-de-bruxa operara no meu corpo. Marthe se ocupou em manter a água quente na banheira para que meu corpo não esfriasse. Em dado momento Ysabeau pegou um jarro de estanho no peitoril da janela e começou a banhar minha cabeça e meus ombros com a água da banheira. Depois que a minha cabeça se aqueceu ela a enroscou numa toalha e me fez abaixar um pouco para que a água cobrisse os meus ombros.

– Você tem que ficar de molho – explicou.

Marthe correu do banheiro ao quarto e do quarto ao banheiro, carregando roupas e toalhas. Criticou a falta de pijamas na minha bagagem e as velhas roupas de ioga que eu tinha levado para dormir. Para ela nenhuma dessas roupas era quentinha o bastante para me aquecer.

Até que Ysabeau tomou a minha temperatura com a parte externa das mãos nas minhas bochechas e na minha testa. Só então ela balançou a cabeça em assentimento.

Elas me deixaram sair sozinha da banheira. A água que escorregou do meu corpo me trouxe à mente o ocorrido na torre e tratei de firmar os pés no chão para resistir ao insidioso apelo do elemento.

Ao pé da lareira Marthe e Ysabeau me embrulharam em toalhas aquecidas que cheiravam a fumaça de madeira. Já no quarto elas se esmeraram em me enxugar sem expor um único centímetro do meu corpo ao ar, e me rolaram envolvida em toalhas de lá para cá até que senti o calor irradiando de dentro de mim. Com uma outra toalha Marthe secou o meu cabelo e o desembaraçou com os dedos, e depois fez uma trança bem apertada. Ysabeau jogou as toalhas úmidas em cima de uma poltrona próxima da lareira quando comecei a me vestir, indiferente ao estrago que a umidade poderia fazer naquela requintada antiguidade.

Sentei-me vestida da cabeça aos pés à frente da lareira e fixei os olhos no fogo sem pensar em mais nada. Sem fazer alarde, Marthe se dirigiu ao térreo do castelo e retornou com uma bandeja contendo sanduíches pequenos e um fumegante bule de chá de ervas.

– Agora você precisa se alimentar. – Não era um pedido, era uma ordem.

Levei um sanduíche à boca e o mordisquei pelas beiradas.

Ela arregalou os olhos pela súbita mudança no meu hábito de devorar a comida.

– Coma.

O sanduíche tinha gosto de serragem, mas nem por isso o meu estômago deixou de roncar. Engoli os dois pequenos sanduíches e depois Marthe colocou uma xícara de chá em minhas mãos. Nem foi preciso me pedir para beber. A quentura do chá desceu pela minha garganta e levou junto os últimos vestígios de água salgada.

– Então, isso é que é água-de-bruxa? – Tremi só de pensar em toda aquela água vertendo de mim.

Ysabeau que até então olhava a escuridão pela janela caminhou até o lado oposto ao meu sofá.

– Sim – disse. – Mas faz muito tempo que não vejo uma assim.

– Graças a Deus isso não acontece sempre – acrescentei com voz débil

tomando um gole de chá.

– Nem todas as bruxas de hoje em dia são suficientemente poderosas para provocar uma água-de-bruxa como a sua. Algumas até podem provocar ondas em lagos ou chuva em céu nublado. Mas elas não conseguem se transformar em água. Ysabeau sentou-se à minha frente, observando-me com uma evidente curiosidade.

Eu tinha virado água. E saber que isso não era comum me deixou ainda mais vulnerável – e ainda mais sozinha.

Soou o telefone.

Ysabeau enfiou a mão no bolso e tirou de dentro um celular vermelho cujo brilho e tecnologia de ponta destoavam com a pele branca e as roupas clássicas que ela vestia.

– *Oui?* Ah, que bom. Fico feliz por você ter chegado aí são e salvo – falou em inglês em consideração a mim balançando a cabeça na minha direção. – Sim, ela está bem. Está se alimentando. – Levantou-se e estendeu o telefone para mim. – Matthew quer falar com você.

– Diana? – A voz dele não estava de todo audível.

– Sim? – Não quis falar muito com medo de me atrapalhar com as palavras.

Ele emitiu um ruído suave de alívio.

– Só queria saber se está tudo bem aí com você.

– Sua mãe e Marthe estão cuidando muito bem de mim. – *Além disso, não inundei o castelo*, pensei.

– Você está cansada. – Ele estava ansioso pela distância que nos separava e sintonizava cada nuance das palavras.

– Estou sim. Hoje foi um dia difícil.

– Então vai dormir. – Ele se mostrou inesperadamente gentil. Meus olhos se fecharam marejados de lágrimas. Seria difícil dormir naquela noite. Eu estava preocupadíssima com o que ele poderia fazer se insistisse na heroica tentativa de me proteger.

– Já esteve no laboratório?

– Vou pra lá agora. Marcus quer me pôr a par das coisas com cautela e se certificar de que tomamos todas as precauções necessárias. Miriam também checou a segurança da casa.

Isso era meia-verdade com um suave toque de convicção, mas eu sabia o que estava por trás. Fez-se um silêncio entre nós que logo se tornou desconfortável.

– Não faça isso, Matthew. Por favor, não tente negociar com Knox.

– Cuidarei para que você esteja a salvo quando retornar a Oxford.

– Então, não há mais nada a dizer. Já se decidiu. Eu também já me decidi. – Estendi o telefone para Ysabeau.

Ela o tirou de minha mão com dedos gelados, franzindo a testa de preocupação. Despediu-se do filho e do outro lado da linha ecoou um *staccato* ininteligível.

– Eu lhe agradeço por não ter comentado sobre a água-de-bruxa com ele – falei baixinho depois que ela desligou o telefone.

– Isso é uma história sua e não minha. É você que deve contar. – Ela se voltou para a lareira.

– Não é bom contar uma história que não se entende. Por que esse poder está se manifestando justo agora? Primeiro, vento, depois, visões, e agora, água – eu disse encolhendo-me.

– Que tipo de visões? – perguntou Ysabeau visivelmente curiosa.

– Matthew não lhe contou? Meu DNA mostra toda essa... *magia* – titubeei ao evidenciar a palavra. – Os testes registraram possíveis visões e elas começaram.

– Matthew nunca me revelaria nada dos testes que fez... claro, a não ser que você permitisse, e provavelmente nem mesmo *com* a sua permissão.

– Já tive algumas visões aqui no castelo – hesitei. – Como você fazia para controlá-las?

– Matthew lhe contou que eu tinha visões antes de me tornar vampira. –

Ela balançou a cabeça em negativa. – Ele não devia ter feito isso.

– Você era uma bruxa? – Isso explicaria por que ela não gostava de mim.

– Bruxa? Não. Ele acha que talvez eu tenha sido um demônio, mas tenho certeza de que eu era uma humana comum. Entre os humanos, também há videntes. As criaturas não são as únicas abençoadas ou amaldiçoadas dessa maneira.

– E o que você fazia para controlar a sua segunda visão e para saber quando irromperia?

– Com o tempo vai ficando mais fácil. Os sinais avisam. Os sinais podem ser sutis, mas com o tempo você aprende a reconhecê-los. Marthe também me ajudou muito.

Essa era a única informação que eu tinha sobre o passado de Marthe. Não era a primeira vez que me interessava em saber qual era a idade daquelas duas mulheres e o que o destino tinha feito para mantê-las unidas.

Marthe ainda estava em pé e de braços cruzados.

– *Òc*. – Ela assentiu olhando de maneira terna e protetora para Ysabeau. – Fica mais fácil se você não combater o fluxo das visões.

– Estou ainda em choque para combater seja lá o que for – retruquei com o salão e a biblioteca em mente.

– O choque é uma forma que o seu corpo encontra para resistir – disse Ysabeau. – Você precisa relaxar.

– É difícil relaxar quando se veem cavaleiros em armaduras e rostos de mulheres desconhecidas misturados com cenas do seu passado. – Bocejei.

– Você está esgotada demais para pensar nisso agora. – Ysabeau levantou-se.

– Não sei se vou conseguir dormir. – Reprimi outro bocejo com a mão na boca.

Ela me olhou com atenção, como um falcão esquadrinhando um

ratinho campestre. O olhar se tornou matreiro.

– Se for para a cama lhe conto como fiz o Matthew.

Era uma oferta tentadora demais e não resisti. Fiz o que Ysabeau me pediu e ela puxou uma cadeira para perto da cama enquanto Marthe se ocupava com a louça e as toalhas.

– Então, de onde começo? – Ysabeau se ajeitou na cadeira, olhando fixamente para as chamas das velas. – Não posso simplesmente começar com a minha parte na história e sim com o nascimento dele aqui na aldeia. Eu me lembro dele ainda bebê. O pai e a mãe dele chegaram quando Philippe decidiu construir nesta terra na época em que Clóvis era rei. É a única razão para que a aldeia esteja aqui... os agricultores e os pedreiros que construíram a igreja e o castelo moravam aqui.

– Por que o seu marido escolheu este lugar? – Recostei nos travesseiros e me sentei debaixo das cobertas com os joelhos encostados no queixo.

– Clóvis tinha prometido terras para encorajar Philippe a lutar contra um rei rival. Meu marido sempre jogava de ambos os lados. – Ela sorriu melancolicamente. – Mas poucas vezes o flagraram nisso.

– O pai de Matthew era agricultor?

– Agricultor? – Ela pareceu surpresa. – Não, era carpinteiro assim como Matthew... antes de se tornar pedreiro.

Um pedreiro. As pedras da torre se encaixavam com tamanha perfeição que não devem ter precisado de massa. E ainda havia as chaminés estranhamente ornamentadas da casa do portão da Velha Cabana que Matthew só tinha deixado um pedreiro construir. Com seus dedos compridos e fortes ele abria a concha de uma ostra e quebrava as castanhas. Uma outra peça de Matthew se encaixava e se adequava perfeitamente ao guerreiro, ao cientista e ao cortesão.

– E os dois trabalharam no castelo?

– Não neste castelo – disse Ysabeau olhando em volta. – Este castelo Matthew me deu de presente quando fui forçada a sair de um lugar que eu

amava. Ele derrubou a fortaleza que o pai tinha construído e colocou no lugar um novo castelo. – Os olhos negros esverdeados de Ysabeau cintilaram de prazer. – Philippe ficou furioso. Mas já era tempo de mudar. O primeiro castelo era feito de madeira, e mesmo com o reforço de pedras que recebeu com o passar dos anos estava em condições precárias.

Eu tentei calcular a linha do tempo dos eventos a partir da construção da primeira fortaleza e sua aldeia no século VI até a torre de Matthew no século XIII.

Ysabeau franziu o nariz em sinal de desgosto.

– Um dia ele voltou para casa e não quis ficar tão próximo da família e ergueu esta torre. Nunca gostei dela... Parecia uma besteira romântica, mas permiti porque era um desejo dele. – Ela deu de ombros. – Uma torre tão engraçada. Não ajudava em nada na defesa do castelo. Ele construiu outras torres aqui das quais não precisávamos.

Ysabeau continuou tecendo a sua história como se não estivesse inteiramente no século XXI.

– Matthew nasceu na aldeia. Era uma criança tão inteligente, tão curiosa... ele enlouquecia o pai, seguindo-o pelo castelo e catando ferramentas, tábuas e pedras. Naquela época as crianças aprendiam uma profissão muito cedo, mas ele era precoce. Foi colocado para trabalhar quando se mostrou capaz de manejar uma machadinha sem se machucar.

Na minha imaginação um menino de oito anos com pernas desengonçadas e olhos cinza-esverdeados saiu correndo pelos campos.

– Sim. – Ela sorriu como se tivesse lido os meus pensamentos. – De fato, Matthew era uma criança linda. E depois um lindo rapazinho. Ele era alto demais para a época, se bem que não tão alto como ficou depois que se tornou vampiro.

"E ele tinha um senso de humor matreiro. Sempre fingia que alguma coisa tinha dado errado ou que não tinha recebido as instruções referentes às vigas de sustentação do telhado ou da fundação. E Philippe sempre caía

nas histórias dele."

A voz de Ysabeau tornou-se indulgente.

– Matthew ainda era adolescente quando o primeiro pai dele morreu, a mãe morreu alguns anos antes do pai. Ele ficou sozinho e começamos a torcer para que encontrasse uma moça para se casar e constituir uma família. Até que ele conheceu Blanca.

Ysabeau fez uma pausa e seus olhos não demonstraram malícia.

– Não acredito que tenha imaginado que ele nunca amou uma mulher.

A frase era uma afirmação e não uma pergunta. Marthe lançou um olhar terrível para Ysabeau, mas permaneceu calada.

– É claro que nunca imaginei isso – retruquei calmamente, mas com o coração apertado.

– Blanca era nova na aldeia, uma criada de um dos mestres pedreiros que Philippe tinha trazido de Ravena para a construção da primeira igreja. Ela fazia jus ao nome, a pele era branca como a neve, os olhos eram da cor do céu de primavera e os cabelos pareciam tecidos por fios de ouro.

Nas visões que tive quando fui pegar o computador de Matthew havia uma mulher pálida e maravilhosa. A descrição de Blanca feita por Ysabeau se encaixava perfeitamente nessa minha visão.

– E essa moça tinha um sorriso doce? – perguntei com um sussurro.

Ysabeau arregalou os olhos.

– Tinha, sim.

– Eu sei. Eu a vi refletida na armadura de Matthew, aquela que ele tem no estúdio.

Marthe fez um grunhido de advertência, mas Ysabeau seguiu em frente.

– Às vezes, Blanca parecia tão delicada que eu achava que se quebraria quando fosse pegar água no poço ou colher legumes e verduras na horta. Acho que o meu Matthew se sentiu atraído por essa delicadeza. Ele sempre gostou de coisas frágeis. – Ela percorreu com os olhos a minha silhueta que estava longe de ser frágil. – Eles se casaram quando Matthew completou

vinte e cinco anos e já podia sustentar uma família. Blanca só tinha dezenove anos.

"Formavam um lindo casal, é claro. A pele morena de Matthew fazia um contraste fenomenal com a beleza pálida de Blanca. Eles estavam muito apaixonados, e o casamento era muito feliz. Mas não conseguiam ter filhos. Blanca sofria um aborto atrás do outro. Não consigo imaginar a tristeza que eles deviam sentir quando os filhos morriam antes de nascer."

Eu ainda não estava certa se os vampiros choravam ou não, se bem que me lembrei de uma das primeiras visões no salão onde uma lágrima manchada de sangue escorreu pela face de Ysabeau. Contudo, mesmo sem lágrimas naquele momento, ela parecia estar chorando porque seu rosto era uma máscara de dor.

– Por fim, depois de muitos anos de tentativas sem sucesso, Blanca conseguiu manter uma gravidez. Era o ano de 531. Que ano! Havia um novo rei no sul e as batalhas não davam trégua. Matthew começou a irradiar felicidade, como se soubesse que daquela vez o bebê sobreviveria. E assim aconteceu. Lucas nasceu no outono e foi batizado na igreja inacabada que Matthew estava ajudando a construir. Foi um parto difícil para Blanca. A parteira disse que ela não teria mais filhos. Lucas era o bastante para Matthew. E Lucas era tão parecido com o pai... os mesmos cabelos negros e ondulados, o mesmo queixo atrevido... e as mesmas pernas longas.

– E o que aconteceu com Blanca e Lucas? – perguntei com muito tato. Seis anos depois daquela data Matthew seria feito vampiro. Algo teria acontecido para que ele permitisse que Ysabeau lhe desse outra vida.

– Matthew e Blanca assistiram felizes ao crescimento do filho. Matthew se aperfeiçoara em trabalhar com pedra além de trabalhar com madeira e era muito requisitado pelos lordes daqui a Paris. Até que a febre chegou à aldeia. Todo mundo caiu doente. Matthew sobreviveu. Blanca e Lucas, não. Isso foi no ano de 536. O ano anterior tinha sido estranho, com

pouco sol e um inverno muito rigoroso. Depois a primavera acabou trazendo a febre e levando Blanca e Lucas.

– E os aldeões não se perguntaram por que você e Philippe continuaram sadios?

– Claro que sim. Mas aquela época, ao contrário de hoje, era farta de explicações. Era mais fácil pensar que Deus estava zangado com a aldeia ou que o castelo tinha sido amaldiçoado do que pensar que havia *manjasang* vivendo entre eles.

– *Manjasang?* – Rolei as sílabas na minha boca da mesma forma que Ysabeau.

– É o termo arcaico para vampiro, significa "comedor de sangue". Alguns suspeitavam da verdade e cochichavam ao pé de lareiras. Mas naquele tempo o retorno dos guerreiros ostrogodos era uma perspectiva bem mais assustadora que um senhor de terra *manjasang*. Sem falar que Philippe tinha prometido proteger a aldeia se os guerreiros retornassem. E nós também tínhamos feito um trato de nunca nos alimentarmos nos arredores da nossa casa – enfatizou Ysabeau.

– E como Matthew ficou depois da morte de Blanca e Lucas?

– Arrasado. Inconsolável. Deixou de se alimentar. Ficou um esqueleto e os aldeões vieram nos pedir ajuda. Eu levava comida – Ysabeau sorriu para Marthe – e o fazia comer e caminhávamos juntos e o tranquilizava. Às vezes ele não conseguia dormir e nós íamos à igreja e rezávamos pelas almas de Blanca e Lucas. Matthew era muito religioso naquela época. Conversávamos sobre o céu e o inferno e isso o fazia se perguntar onde a mulher e o filho estariam e se um dia se encontraria com eles.

Matthew era tão gentil comigo quando eu acordava aterrorizada. Será que as noites que antecederam a transformação dele em vampiro tinham sido tão insones quanto as noites que se seguiriam?

– Na chegada do outono ele pareceu mais esperançoso. Mas o inverno foi difícil. O povo estava faminto e a doença persistia. A morte se espalhou

por todos os cantos. A primavera não conseguiu apagar o desânimo. Philippe estava ansioso para seguir com o trabalho na igreja e Matthew trabalhava como nunca. No início da segunda semana de junho eles o encontraram caído debaixo da abóbada com as pernas e a coluna quebradas.

Engoli em seco só de pensar no frágil corpo humano de Matthew estatelado no chão de pedras.

– É claro que Matthew não poderia sobreviver à queda – continuou Ysabeau em tom suave. – Ele era um moribundo. Alguns pedreiros disseram que ele tinha escorregado. Outros disseram que ele estava em pé no andaime e de repente não estava mais lá. O fato é que todos achavam que ele tinha pulado lá de cima e comentavam que não poderia ser enterrado porque era um suicida. Eu nunca o deixaria morrer com a perspectiva de ir para o inferno. Ele se preocupava tanto em se juntar com Blanca e Lucas... Como o deixaria morrer pensando que ele estaria separado da mulher e do filho por toda a eternidade?

– Você fez a coisa certa. – A despeito da situação da alma de Matthew, claro que seria impossível lhe virar as costas. Era impensável deixar para trás um corpo quebrado e no sofrimento. Eu faria isso sem pestanejar se o meu sangue pudesse salvá-lo.

– Será? – Ysabeau balançou a cabeça. – Nunca tive certeza disso. Philippe deixou para mim a decisão de fazer de Matthew um membro de nossa família. Eu tinha feito outros vampiros com o meu sangue e faria outros depois. Mas Matthew era diferente. Eu era louca por ele, e sabia que era uma chance que os deuses me davam de tê-lo como filho. A responsabilidade de fazê-lo aprender a ser um vampiro no mundo seria toda minha.

– E Matthew resistiu? – Não pude conter a pergunta.

– Não – ela disse. – Ele estava sofrendo muito e fora de si. Nós dissemos que íamos procurar um padre e pedimos para que todos saíssem. Claro que

não fizemos isso. Eu e Philippe explicamos a Matthew que ele poderia viver para sempre, sem dor e sem sofrimento, e que nós podíamos fazer isso. Muito tempo depois ele nos disse que pensou que nós fôssemos João Batista e a Virgem Maria que estávamos chegando do céu para levá-lo ao encontro da mulher e do filho. Ele também disse que achou que eu era um padre que faria a extrema-unção quando lhe ofereci o meu sangue.

A minha respiração e o crepitar do fogo na lareira eram os únicos a romper o silêncio no aposento. Pensei em perguntar os detalhes de como Ysabeau tinha feito Matthew, mas achei que os vampiros não falavam disso e fiquei com medo de perguntar. Era particular e muito doloroso. Mas ela me contou em seguida sem que eu precisasse perguntar.

– Matthew aceitou o meu sangue com a naturalidade de quem tinha nascido para isso – disse com um suspiro. – Ele não era um tipo de humano que fazia cara de nojo com o cheiro e a visão do sangue. Cortei meu pulso com meus próprios dentes, dizendo que o meu sangue poderia salvá-lo. Ele sorveu a salvação sem temor algum.

– E depois? – perguntei.

– Depois... foi difícil – continuou Ysabeau com carinho. – Os vampiros novos são sempre fortes e famintos, mas era praticamente impossível controlar o Matthew. Ele tinha raiva de ser vampiro e uma necessidade inesgotável de alimento. Durante semanas eu e Philippe caçávamos todos os dias para satisfazê-lo. E ele teve uma transformação física que ultrapassou as nossas expectativas. Todos nós ficamos mais altos, mais belos e mais fortes. Eu era muito mais baixa antes de ser feita vampira. Mas o Matthew deixou de ser um humano magricelo e tornou-se uma criatura magnífica. Meu marido era bem mais corpulento que o meu novo filho, mas depois do primeiro jorro do meu sangue Matthew tornou-se um problema até mesmo para Philippe.

Eu me contive para não me esquivar da imagem de Matthew com raiva e com fome. Continuei de olhos abertos e fixos em Ysabeau, e de ouvidos

atentos ao conhecimento de quem ele era. Matthew temia justamente isso, que eu ficasse sabendo quem ele tinha sido – e continuava sendo – e o rejeitasse.

– Alguma coisa o apaziguava? – perguntei.

– Philippe o levava para caçar achando que ele perderia o interesse em matar o que encontrasse pela frente. A mente de Matthew se ocupava com a espreita, e o corpo se engajava na caça propriamente dita. Ele então passou a se interessar mais pelas preliminares da caça e menos pelo sangue em si, um bom sinal para os jovens vampiros. Isso significava que ele não era mais uma criatura que se deixava levar pelo apetite e que tinha voltado a ser racional. Algum tempo depois ele assumia outra vez a consciência e já pensava antes de matar. Nós só temíamos os períodos em que ele se tornava sombrio pela perda de Blanca e Lucas e descontava nos humanos para saciar a fome.

– E havia alguma coisa que o ajudava?

– Às vezes, eu cantava para ele a canção que cantei esta noite para você, e outras canções mais. Isso geralmente quebrava o feitiço do sofrimento dele. Outras vezes, Matthew simplesmente sumia. Philippe me proibia de segui-lo e de fazer perguntas quando ele voltava. – Ysabeau me olhou com olhos escuros. Nossa troca de olhares reafirmou o que nós duas estávamos pensando: Matthew se perdera com outras mulheres, buscando consolo no sangue e no toque de mãos femininas que não pertenciam nem a mãe nem à esposa dele.

– Ele é tão controlado – comentei. – É difícil imaginá-lo fazendo uma coisa assim.

– Ele sente as emoções com muita intensidade. É uma bênção e uma maldição, amar a ponto de enlouquecer de dor quando o amor se vai.

A voz de Ysabeau soou como uma ameaça. Ergui o queixo em desafio e os meus dedos comicharam.

– Sendo assim nunca deixarei que o meu amor por ele se vá – eu disse

com uma voz firme.

– E como fará isso? – ela perguntou com um ar zombeteiro. – Vai se transformar em vampira e se juntar a nós na caça? – Ela riu, mas a voz não soou nem com alegria nem com descontentamento. – Não resta dúvida de que Domenico sugeriu isso. Uma simples mordida, a drenagem das suas veias e a troca do nosso sangue pelo seu. A Congregação não teria argumentos para se intrometer na vida de vocês.

– O que você quer dizer? – perguntei anestesiada.

– Não entendeu? – ela rosnou. – Se quer ficar com Matthew torne-se uma de nós e coloque-se a si mesma e a ele fora de perigo. Embora os bruxos queiram tê-la como propriedade, eles não podem se opor ao relacionamento de vocês dois se você também for uma vampira.

Um rosnado insinuou-se no fundo da garganta de Marthe.

– É por isso que Matthew se foi? A Congregação exigiu que ele fizesse de mim uma vampira?

– Matthew nunca faria de você uma *manjasang* – disse Marthe com desdém e com os olhos faiscando de fúria.

– Não. – A voz de Ysabeau soou levemente maliciosa. – Como já lhe disse, ele sempre gostou de coisas frágeis.

Esse era um dos segredos que Matthew estava guardando. Se fizessem de mim uma vampira, as proibições deixariam de nos incomodar e não teríamos mais motivo para temer a Congregação. Eu só precisava me transformar em outra coisa.

Surpreendentemente, avaliei a perspectiva quase sem medo ou pânico. Eu poderia ficar com Matthew e ser mais alta e esbelta. E Ysabeau se encarregaria disso. Ela ficou com os olhos faiscando quando viu que levei a mão ao pescoço.

Mas as minhas visões e o meu poder sobre o vento e a água tinham que ser considerados. Eu ainda não tinha entendido as potencialidades mágicas do meu sangue. E talvez nunca conseguisse solucionar o mistério do

Ashmole 782 se me transformasse em vampira.

– Eu prometi para ele – disse Marthe com uma voz dura. – Diana não pode deixar de ser o que é... uma bruxa.

Ysabeau arreganhou os dentes e assentiu com a cabeça visivelmente contrariada.

– Você não me prometeu que ia contar o que de fato aconteceu em Oxford?

A mãe de Matthew me observou atentamente.

– É melhor perguntar a Matthew quando ele voltar. Isso não cabe a mim.

Eu também tinha mais perguntas a fazer, perguntas cuja privacidade talvez Matthew tivesse esquecido de delimitar.

– Você pode me explicar por que é tão importante que o arrombador do laboratório seja uma criatura e não um humano?

Fez-se silêncio enquanto Ysabeau me olhava com interesse. Por fim, ela respondeu.

– Garota esperta. Não prometi para Matthew manter silêncio sobre as regras adequadas de conduta. – Ela me olhou com um toque de aprovação. – Esse tipo de comportamento é inaceitável entre as criaturas. Nós esperamos que tenha sido um demônio inconsequente que não se deu conta da gravidade do que fez. Matthew certamente perdoará isso.

– Ele sempre perdoa os demônios – murmurou Marthe em tom sombrio.

– E se não tiver sido um demônio?

– Se foi um vampiro, isso representa um insulto terrível. Nós somos criaturas territorialistas. Nenhum vampiro cruza a terra ou a casa de um outro vampiro sem permissão.

– E Matthew perdoaria um insulto como esse? – Suspeitei que não pela expressão que ele tinha feito quando esmurrou o carro.

– Talvez – disse Ysabeau aparentando dúvida. – Nada foi levado, nada

foi quebrado. Mas o mais provável é que Matthew exija alguma forma de retribuição.

Lá estava eu novamente na Idade Média, época em que a manutenção da honra e da reputação era fundamental.

– E se foi uma bruxa ou um bruxo? – perguntei mansamente.

A mãe de Matthew virou o rosto.

– A bruxa ou o bruxo que fizesse isso estaria cometendo um ato de agressão imperdoável. Nenhum pedido de desculpa seria adequado.

Soaram as campainhas de alarme.

Afastei as cobertas e me sentei na cama, pronta para sair.

– Esse arrombamento foi para provocar Matthew. Ele voltou para Oxford achando que poderia fazer um acordo e confiar no Knox. Ele precisa ser avisado.

Ysabeau apoiou uma das mãos no meu joelho e a outra no meu ombro, impedindo-me de sair da cama.

– Ele já sabe disso, Diana.

A informação caiu na minha cabeça como um raio.

– Foi por isso então que não quis que eu fosse com ele para Oxford? Ele *está correndo* perigo?

– É claro que ele está correndo perigo – respondeu Ysabeau com um tom cortante. – Mas ele fará o possível para dar fim nessa situação. – Ela empurrou minhas pernas para a cama e me cobriu novamente.

– Eu devia estar lá – protestei.

– Só iria atrapalhar. Você vai ficar aqui como ele mandou.

– E a minha palavra não conta? – repeti a pergunta que já tinha feito umas cem vezes desde a minha chegada em Sept-Tours.

– Não – as duas mulheres responderam ao mesmo tempo.

– Você realmente ainda tem muita coisa a aprender sobre os vampiros – disse Ysabeau outra vez, só que dessa vez ligeiramente arrependida.

Eu sabia que ainda tinha muita coisa a aprender sobre os vampiros.

Mas aprenderia com quem? E quando?



– *Eu observava uma nuvem negra que cobria a terra ao longe. Ela absorveu a terra e cobriu a minha alma com os mares que também absorveu, apodrecendo e corrompendo tudo com a perspectiva do inferno e da sombra da morte. Uma tempestade tinha me soterrado* – eu lia em voz alta o exemplar do *Aurora Consurgens* de Matthew.

Digitei no computador algumas notas sobre as imagens que a autora anônima utilizara para descrever o *nigredo,* um dos passos mais perigosos da transformação alquímica. A liberação de vapores pela combinação de substâncias como a de mercúrio e chumbo nessa etapa do processo colocava em risco a saúde do alquimista. De forma apropriada, uma das figuras parecidas com gárgulas de Bourgot Le Noir apertava o próprio nariz para evitar a nuvem mencionada no texto.

– Vista a roupa de montaria.

Desviei os olhos do manuscrito.

– Matthew me fez prometer que a levaria para sair. Ele falou que isso a manteria saudável – disse Ysabeau.

– Não é necessário, Ysabeau. Domenico e a água-de-bruxa exauriram o meu suprimento de adrenalina, se é isso que a preocupa.

– Matthew já deve ter dito a você que o cheiro do medo é irresistível aos vampiros.

– Foi Marcus que me disse – eu a corrigi. – Na verdade ele disse que era como o gosto. O medo tem cheiro de quê?

Ysabeau meneou os ombros.

– É como o gosto. Talvez um pouco mais exótico, com um toque de

almíscar. Nunca me senti atraída por isso. Eu prefiro matar a perseguir. Mas cada situação tem o seu próprio cheiro.

– Não tive mais crises de pânico desde que cheguei aqui. Você não precisa me levar para cavalgar. – Eu me voltei para o meu trabalho.

– Por que acha que as crises se foram? – perguntou Ysabeau.

– Sinceramente, não sei. – Soltei um suspiro e olhei para a mãe de Matthew.

– Faz tempo que tem essas crises?

– Desde os meus sete anos.

– O que aconteceu nessa época?

– Meus pais foram assassinados na Nigéria – dei uma resposta curta.

– Era isso que estava na fotografia que mandaram para você, a fotografia que forçou Matthew a trazê-la para Sept-Tours?

Confirmei com a cabeça e Ysabeau apertou a boca.

– Porcos.

Havia palavras piores para descrever os assassinos, mas "porcos" se enquadrava bem. E se essa palavra nivelava aqueles que tinham mandado a fotografia com Domenico Michele, isso a enquadrava na categoria exata.

– Com pânico ou sem pânico – acrescentou Ysabeau animadamente –, vamos nos exercitar como Matthew pediu.

Desliguei o computador e subi ao quarto para me vestir. A roupa de montaria estava impecavelmente dobrada no banheiro, uma cortesia de Marthe, se bem que as minhas botas estavam no estábulo com o boné e o casaco. Depois de vestir uma calça preta e uma blusa de gola rolê, calcei meias e mocassins quentinhos e desci ao encontro da mãe de Matthew no térreo.

– Estou aqui – ela me chamou. Segui na direção da voz e cheguei a uma saleta aconchegante pintada em tom de terracota. Ornamentada com prataria antiga, chifres de animais e um armário antigo que abrigava a prataria, os copos e os talheres da casa. Ysabeau espiou por cima das

páginas do *Le Monde*, medindo-me dos pés a cabeça. – Marthe me disse que você dormiu.

– Sim, graças a você. – Remexi-me com impaciência, como se à espera de uma entrevista com o diretor da escola para me justificar pelo mau comportamento.

Marthe me salvou de um possível desconforto ao chegar com um bule de chá. Ela também me esquadrinhou dos pés à cabeça com os olhos.

– Hoje você está bem melhor – disse por fim estendendo uma caneca de chá para mim. Permaneceu no mesmo lugar com a testa enrugada de impaciência enquanto esperava que a mãe de Matthew largasse o jornal, e só então se retirou.

Fomos para o estábulo depois que terminei o meu chá. Ysabeau me ajudou a calçar as botas que eram novas e difíceis tanto para calçar como para descalçar, e me observou atentamente enquanto eu vestia um casaco reforçado e colocava o boné. O equipamento seguro era parte das instruções deixadas por Matthew. Claro que ela só usava uma jaqueta marrom acolchoada. Em se tratando de equitação a indestrutibilidade física dos vampiros era realmente uma dádiva.

No padoque encontramos Fiddat e Rakasa alinhadas e devidamente seladas com antigas selas de amazonas.

– Ysabeau – reclamei. – Georges não selou a Rakasa direito. Não sei cavalgar de silhão.

– Está com medo de tentar? – A mãe de Matthew me lançou um olhar de avaliação.

– Não! – respondi me controlando. – Prefiro cavalgar da maneira comum.

– Como sabe que é melhor? – Os olhos verde-esmeralda de Ysabeau faiscaram com um toque de malícia.

Nós nos entreolhamos por um instante. Rakasa bateu os cascos e se voltou para mim.

Vocês querem cavalgar ou vão ficar aí conversando?, ela pareceu perguntar.

Comporte-se, repliquei com firmeza me aproximando e tocando no machinho dela com o joelho.

– Georges já tratou de tudo – disse Ysabeau com enfado.

– Nunca monto num cavalo sem dar uma olhada antes. – Verifiquei os cascos, as rédeas e a sela de Rakasa.

– Philippe também fazia isso. – A voz de Ysabeau soou com uma nota de respeito ressentido. Esperou que eu terminasse a inspeção com uma impaciência a olhos vistos. Depois disso, conduziu Fiddat até uma escada de poucos degraus por onde a montaria subia e ficou à minha espera. Ajudou-me a montar naquela sela estranha e montou na sua própria égua. Só de olhar para ela percebi o que me aguardava naquela manhã. A julgar pela postura Ysabeau devia montar melhor do que Matthew, e olha que eu nunca tinha visto um cavaleiro como ele.

– Dê uma circulada – ela disse. – Preciso ter certeza de que você não vai cair e acabar se matando.

– Tenha um pouco de fé, Ysabeau. – *Não me deixe cair,* barganhei com Rakasa, *e garanto que terá uma maçã diária pelo resto da sua vida.* As orelhas de Rakasa se agitaram para a frente e para trás, e depois ela se moveu com cautela. Circulamos o padoque duas vezes e paramos suavemente na frente da mãe de Matthew. – Satisfeita?

– Como amazona você é melhor do que eu imaginava – ela admitiu. – Talvez até pudesse saltar obstáculos, mas prometi para Matthew que não faríamos isso.

– Antes de partir ele engabelou você para obter promessas – sussurrei torcendo para que ela não me ouvisse.

– Pois é – ela retrucou prontamente. – E algumas dessas promessas são mais difíceis de cumprir do que outras.

Ultrapassamos o portão aberto do padoque. Georges fez uma reverência

para Ysabeau e fechou o portão atrás de nós rindo e balançando a cabeça.

A mãe de Matthew optou por um terreno plano para que eu me adaptasse à sela estranha. O segredo era manter o corpo aprumado por mais incômoda que fosse a posição.

– Até que não é tão ruim – comentei uns vinte minutos depois.

– Hoje é melhor porque as selas têm dois arções – explicou Ysabeau. – Antes as selas femininas eram feitas para que a mulher não pudesse controlar o cavalo e fosse puxada por um homem. – A voz dela soou com um desprazer evidente. – Só tivemos o direito de controlar os nossos cavalos quando uma rainha italiana pôs um arção e um estribo à sela. A amante do marido dela cavalgava à maneira masculina e saía com ele em longas cavalgadas. Catarina era sempre deixada em casa, o que é desagradável para qualquer esposa. – Ela me lançou um olhar intimidador. – O nome da prostituta de Henrique era inspirado na deusa da caça, como o seu.

– Eu não gostaria de ter cruzado com Catarina de Médici. – Balancei a cabeça.

– Diane de Poitiers, a amante do rei, era uma mulher perigosa – disse Ysabeau com uma expressão sombria. – Era uma bruxa.

– De verdade ou metaforicamente? – perguntei interessada.

– As duas coisas – a mãe de Matthew respondeu com uma voz tão cortante que me fez rir. Ela pareceu surpreendida e logo se juntou ao meu riso.

Continuamos cavalgando e a certa altura Ysabeau farejou o ar, empertigou-se e se pôs em alerta.

– O que foi? – perguntei curiosa mantendo Rakasa no cabresto.

– Coelho. – Ela conduziu Fiddat a meio galope. Eu a segui de perto para ver se era difícil para uma bruxa seguir uma trilha na floresta como Matthew sugerira.

Atravessamos o bosque e saímos em campo aberto. Ysabeau refreou a

montaria e me emparelhei com ela.

– Você já viu um vampiro matar? – ela perguntou atenta à minha reação.

– Não – respondi com toda calma.

– Os coelhos são pequenos. Por isso começamos por eles. Espere aqui. – Ela desmontou do cavalo tocando o chão com leveza. Fiddat obedeceu e se manteve parado à espera de sua dona. – Diana – ela disse com firmeza sem tirar os olhos da presa –, não chegue perto de mim enquanto eu estiver caçando e me alimentando. Entendeu?

– Entendi. – Minha mente trabalhou com incrível rapidez. Ysabeau caçaria, mataria e beberia o sangue de um coelho na minha frente? Manter-me à distância era de fato uma excelente sugestão.

A mãe de Matthew entrou pelo matagal com tanta presteza que foi quase impossível mantê-la à vista. Ela diminuiu o ritmo quando um falcão surgiu pelo ar e, antes que ele pudesse avançar sobre o assustado coelho, abaixou-se e agarrou o animal pelas orelhas. Ela o ergueu em triunfo antes de cravar os dentes no coração da presa.

Embora os coelhos sejam pequenos, eles são surpreendentemente sangrentos quando mordidos ainda vivos. Foi um horror. Ysabeau chupou o sangue do animal que logo parou de se debater, depois ela limpou a boca no pelo e jogou a carcaça no capinzal. Alguns segundos depois, ela estava de volta à sela. Com o rosto levemente corado e os olhos brilhando mais que o habitual. Ajeitou-se na sela e olhou para mim.

– E então? – perguntou. – Procuramos por algo mais substancial ou você prefere voltar para casa?

Ysabeau de Clermont estava me testando.

– Você é quem decide – respondi de cara fechada tocando Rakasa com os calcanhares.

O resto da caçada não foi medido pelo movimento do sol que ainda se escondia por trás das nuvens, e sim pela crescente quantidade de sangue

que Ysabeau sugava das presas. Até que ela era uma comedora asseada. Mas de um jeito ou de outro a caçada varreu da minha mente o apetite por um bom bife.

Fiquei anestesiada durante a visão do sangue do coelho e da criatura parecida com um esquilo de grande porte que Ysabeau chamou de marmota e da raposa e do bode silvestre – ou algo assim. Mas alguma coisa me apertou por dentro quando ela saiu na perseguição de uma jovem corça.

– Ysabeau – protestei. – Não é possível que você ainda esteja com fome. Deixe-a em paz.

– O quê? A deusa da caça não quer que eu persiga a corça dela? – A voz de Ysabeau soou com ironia, mas seus olhos refletiam curiosidade.

– Isso mesmo – eu disse com firmeza.

– E eu me oponho à caça que você faz ao meu filho. Veja só o bem que foi feito. – Ela desmontou do cavalo.

Meus dedos comicharam a fim de intervir, mas me mantive a distância enquanto ela se acercava sorrateiramente da presa. A cada matança os olhos de Ysabeau revelavam que ela não estava em plena posse de suas emoções – ou de seus atos.

A corça tentou escapar. E quase conseguiu ao se enfiar dentro de uma moita, mas Ysabeau afugentou-a para campo aberto. Logo a fadiga deixava a corça com desvantagem. Essa caçada mexeu comigo visceralmente. Ysabeau era exímia na arte de matar e a corça não sofreu, mesmo assim tive que morder o lábio para não gritar.

– Pronto – ela disse com satisfação retornando para Fiddat. – Agora já podemos voltar para Sept-Tours.

Fiquei muda e puxei a cabeça de Rakasa para a direção do castelo.

Ysabeau agarrou as rédeas da minha égua. Havia pequeninas gotas de sangue na sua blusa creme.

– Ainda acha que os vampiros são maravilhosos? Ainda acha que será

fácil viver com o meu filho sabendo que ele precisa matar para sobreviver?

Para mim, era difícil encaixar "Matthew" e "matança" na mesma frase. De qualquer forma, toda vez que ele voltasse de uma caçada me daria um beijo com gosto de sangue nos lábios. E para completar, aqueles dias que eu estava vivendo com Ysabeau seriam ocorrências regulares.

– Ysabeau, se você pretende me assustar para me afastar do seu filho, a sua tática não está dando certo – eu disse resolutamente. – Você terá que fazer muito mais do que isso.

– Marthe bem que me avisou que isso não seria suficiente para fazê-la desistir – ela confidenciou.

– E ela estava certa – fui lacônica. – O teste já acabou? Podemos voltar para casa agora?

Cavalgamos em silêncio na direção do bosque. Já dentro do bosque Ysabeau voltou-se para mim.

– Entendeu por que não deve questionar o Matthew quando ele lhe diz para fazer alguma coisa?

Suspirei.

– Por hoje chega de aulas.

– Você acha que os nossos hábitos alimentares são os únicos obstáculos entre você e o meu filho?

– Diga logo, Ysabeau. Por que devo obedecer ao Matthew?

– Porque ele é o vampiro mais forte do castelo. É o líder da casa.

Olhei com espanto para ela.

– Você está dizendo que devo obedecer ao seu filho porque ele é o líder da matilha?

– Você acha que esse líder é *você*? – ela replicou.

– Não – respondi. Ela também não era o líder da matilha. Fazia tudo o que Matthew mandava. E Marcus, Miriam e os outros vampiros da Biblioteca Bodleiana também. Até Domenico se submetera. – Então, são essas as regras do pacote Clermont?

Ysabeau assentiu com seus olhos verdes brilhando.

– É para a sua própria segurança... e a dele e a de muitos outros, que você deve obedecer. Isso não é um jogo.

– Já entendi, Ysabeau. – Eu já estava perdendo a paciência.

– Você não entendeu, não – ela disse com certo tato. – E só vai entender sendo obrigada a ver, do jeito que a obriguei ver o que uma matança significa para um vampiro. Até lá tudo isso serão palavras. Um dia essa sua teimosia poderá lhe custar a sua própria vida ou a vida de uma outra pessoa. Aí entenderá por que lhe disse isso.

Voltamos para o castelo sem trocarmos qualquer palavra. Passamos pelos domínios de Marthe, no subsolo, e ela saiu da cozinha com um frango na mão. Empalideci. Ela notou as pequenas gotas de sangue na roupa de Ysabeau e engoliu em seco.

– Ela precisava saber – sibilou Ysabeau.

Marthe vociferou alguma coisa em voz baixa e acenou para mim.

– Venha comigo, garota, vou lhe ensinar a fazer o meu chá.

Agora era Ysabeau que parecia furiosa. Marthe preparou uma beberagem e trouxe um prato com biscoitos de nozes. A ingestão de frango estava decididamente fora de questão.

Marthe me manteve ocupada durante algumas horas me fazendo separar ervas e especiarias enquanto ensinava o nome de cada uma. Lá pela metade da tarde, consegui identificá-las de olhos fechados pelo aroma e pela aparência.

– Salsinha. Gengibre. Matricária. Alecrim. Sementes de cenoura silvestre. Artemísia. Poejo. Arruda. Tanaceto. Raiz de zimbro. – Apontei para mostrar o que tinha aprendido.

– De novo – disse Marthe estendendo alguns saquinhos de musselina para mim.

Separei os barbantes e dispus os saquinhos em cima da mesa como me pedira, e recitei novamente os nomes das ervas e das especiarias.

– Ótimo. Agora encha cada saquinho com um pouco de cada erva e de cada especiaria.

– Por que não misturamos tudo em uma única tigela e enchemos os saquinhos às colheradas? – perguntei pegando uma pitada de poejo e franzindo o nariz ao inalar o cheiro mentolado na ponta dos meus dedos.

– Assim poderia faltar algum ingrediente. Cada saquinho deve conter o seu próprio ingrediente... doze ao total.

– E a falta de algum ingrediente pode alterar o sabor do chá? – perguntei com uma pitada de sementes de cenoura silvestre na mão.

– Uma pitada de cada um – repetiu Marthe. – De novo.

As mãos experientes da vampira moveram-se com presteza pelos montinhos, encheram os saquinhos com esmero e os fecharam com barbante. Depois que terminamos, ela preparou um chá com um saquinho que eu mesma tinha enchido.

– Delicioso – tomei alegremente o meu próprio chá de ervas.

– Leve tudo isso quando voltar para Oxford. Uma xícara por dia vai mantê-la saudável. – Ela começou a colocar os saquinhos dentro de uma lata. – Você saberá fazer quando precisar de mais. Promete que vai tomar uma xícara todo dia pela Marthe. Promete?

– Prometo. – Tomar aquele chá era o mínimo que eu podia fazer pela única aliada que eu tinha na casa... e além do mais ela é que me alimentava.

Depois do chá, subi ao estúdio de Matthew e liguei o computador. A cavalgada tinha deixado os meus braços doloridos e achei melhor levar o manuscrito e o computador para a escrivaninha de Matthew porque talvez fosse mais confortável para trabalhar do que a minha perto da janela. Infelizmente, a cadeira de couro era feita para a altura de Matthew e isso deixou os meus pés soltos no ar.

Continuei sentada na cadeira até que o computador desligasse com a sensação de que isso aproximava Matthew de mim. De repente os meus

olhos esbarraram num objeto escuro enfiado na prateleira mais alta da estante. Ele se confundia com os livros de capa de madeira e couro, e isso o deixava oculto a olhares casuais. Mas ali da escrivaninha de Matthew o objeto era bem visível.

Não era um livro, era um bloco de madeira octogonal. Com pequenas janelas entalhadas em cada um dos lados. O objeto estava escurecido, rachado e deformado pelo tempo.

Eu me dei conta com uma pontada de tristeza de que se tratava de um brinquedo infantil.

Matthew o tinha feito para Lucas antes de se tornar vampiro, por ocasião da construção da primeira igreja da aldeia. E o introduzira num canto da estante para que ninguém pudesse vê-lo – exceto ele próprio. Matthew então podia olhar aquele brinquedo quando estava sentado na sua escrivaninha.

Com Matthew ao meu lado era muito fácil achar que só havia nós dois no mundo. Nem os avisos de Domenico nem os testes de Ysabeau tinham conseguido abalar a minha convicção de que tínhamos um relacionamento que só dizia respeito a nós dois.

Mas aquela pequena torre de madeira feita com muito amor num tempo inimaginavelmente distante quebrou as minhas ilusões. Havia filhos a serem considerados, tanto vivos como mortos. Havia famílias envolvidas, inclusive a minha, famílias com genealogias longas e complicadas e profundamente arraigadas em preconceitos, inclusive a minha. Além do mais, Sarah e Em ainda não sabiam que eu estava apaixonada por um vampiro. Já era hora de contar para elas.

No salão, Ysabeau fazia um arranjo de flores dentro de um vaso alto que estava em cima de uma escrivaninha Luís XIV valiosíssima e de invejável procedência – e de um único dono.

– Ysabeau. – Minha voz soou hesitante. – Posso usar o telefone?

– Ele vai telefonar para você quando quiser falar com você – ela disse

enquanto colocava uma folhagem entre flores brancas e amarelas.

– Não vou telefonar para o Matthew. Preciso falar com minha tia.

– É aquela bruxa com quem você falou na outra noite? – perguntou Ysabeau. – Como ela se chama?

– Sarah – respondi franzindo a testa.

– E ela vive com uma mulher, outra bruxa, não é? – Ysabeau continuou colocando rosas brancas no vaso.

– Sim, a Emily. Algum problema?

– Não. – Ela me olhou por cima das flores. – As duas são bruxas. É só o que importa.

– O que importa é que elas se amam.

– Sarah é um ótimo nome – continuou Ysabeau ignorando o que eu tinha falado. – É claro que você conhece a lenda, não é?

Balancei a cabeça. Ysabeau mudava de assunto de uma forma tão estonteante quanto as mudanças de humor do filho.

– A mãe de Isaac se chamava Sarai, "brigona", mas quando engravidou Deus mudou o nome dela para Sara, que significa "princesa".

– No caso de minha tia, Sarai é muito mais apropriado. – Esperei que Ysabeau me dissesse onde estava o telefone.

– Emily também é um bom nome, um forte nome romano. – Ela pinçou a haste de uma rosa entre os dedos.

– E qual é o significado de Emily, Ysabeau? – Ainda bem que os membros da minha família já estavam esgotando.

– "Trabalhador." É óbvio que o nome de sua mãe é mais interessante. Rebecca significa "cativada" ou "ligada" – disse Ysabeau observando o vaso de lado a lado. – Um nome interessante para uma bruxa.

– E qual é o significado do seu? – perguntei já impaciente.

– Não foi sempre Ysabeau, mas era o nome de que Philippe gostava. Significa "promessa de Deus". – Ela hesitou e tomou uma decisão olhando nos meus olhos. – Meu nome completo é Geneviève Mélisande Hélène

Ysabeau Aude de Clermont.

– É um nome lindo. – Minha paciência voltava à medida que eu especulava sobre a história atrás dos nomes.

Ysabeau me lançou um sorriso tímido.

– Nomes são importantes.

– Matthew tem outros nomes? – Tirei uma rosa branca do cesto e a estendi. Ela agradeceu.

– Claro que sim. Nós damos muitos nomes para os nossos filhos quando eles renascem. Matthew era o nome pelo qual o conhecíamos e ele fez questão de mantê-lo. Naquela época o cristianismo ainda estava no início e Philippe achou que seria útil que o nosso filho tivesse o nome de um evangelista.

– E quais são os outros nomes dele?

– O nome completo dele é Matthew Gabriel Philippe Bertrand Sébastien de Clermont. Ele também foi um excelente Sébastien e um razoável Gabriel. Ele odeia Bertrand e detesta Philippe.

– Por que o nome Philippe o incomoda tanto?

– Era o nome favorito do pai dele. – Ysabeau estancou as mãos por um instante. – Você já deve saber que ele morreu. Foi pego pelos nazistas quando lutava pela Resistência.

Nas minhas visões Ysabeau dizia que o pai de Matthew tinha sido capturado pelas bruxas.

– Ysabeau, foram os nazistas ou as bruxas? – perguntei com muito tato, temendo o pior.

– Matthew lhe contou? – Ela pareceu chocada.

– Não. Eu a vi chorando na minha visão de ontem.

– Bruxas e nazistas, ambos mataram o Philippe – ela disse após uma longa pausa. – A dor é recente e aguda, mas vai passar com o tempo. Depois que ele morreu fiquei caçando na Argentina e na Alemanha por anos a fio. Isso me mantinha sã.

– Sinto muito, Ysabeau. – Eram palavras inadequadas, mas de coração. Acho que ela percebeu que eu estava sendo sincera porque sorriu para mim meio sem jeito.

– Não é culpa sua. Você não estava lá.

– Que outros nomes você me daria se pudesse escolher? – perguntei educadamente estendendo uma outra rosa para Ysabeau.

– Matthew está certo. Você é só Diana – ela respondeu pronunciando o meu nome em francês como sempre fazia, enfatizando a primeira sílaba. – Você dispensa outros nomes. O seu nome é a sua cara – acrescentou apontando o dedo para a porta da biblioteca. – O telefone está lá dentro.

Sentei na escrivaninha da biblioteca, acendi o abajur e liguei para Nova York na esperança de que Sarah e Em estivessem em casa.

– Diana. – Atendeu Sarah aliviada. – Em disse que era você.

– Desculpe por não ter telefonado na noite passada. Aconteceu tanta coisa... – Peguei um lápis e comecei a girá-lo entre os dedos.

– Quer falar sobre isso? – disse Sarah. Quase deixei o fone cair. Minha tia nunca *pedia* que falássemos sobre um assunto... ela exigia.

– Em está aí? Prefiro contar a história uma única vez.

Em pegou a extensão com uma voz aconchegante e reconfortante.

– Alô, Diana. Onde você está?

– Na casa da mãe de Matthew, perto de Lyon.

– Mãe de Matthew? – Em era curiosa em relação à genealogia. Não só em relação à dela, que era longa e complicada, mas também à dos outros.

– Ysabeau de Clermont. – Fiz o melhor possível para pronunciar como Ysabeau pronunciava, alongando as vogais e engolindo levemente as consoantes. – Em, ela é incrível. Às vezes acho que Ysabeau é responsável pelo medo que os humanos têm dos vampiros. Ela parece ter saído de um conto de fadas.

Fez-se uma pausa.

– Você está dizendo que está com Mélisande de Clermont? – A voz de

Em soou dramática. – Quando você falou de Matthew não liguei o nome aos Clermont. Você tem certeza de que ela se chama Ysabeau?

Franzi a testa.

– Na verdade ela se chama Geneviève. Acho que também tem Mélisande no meio. Só que ela prefere Ysabeau.

– Cuidado, Diana – advertiu Em. – Mélisande de Clermont é famosa. Ela odeia as bruxas, e fez um verdadeiro estrago em Berlim depois da Segunda Guerra Mundial.

– Ela tem boas razões para odiar as bruxas – retruquei esfregando as têmporas. – Fiquei surpresa por ter me recebido na casa dela. – Na situação inversa, eu não teria sido tão compreensiva se os vampiros estivessem envolvidos na morte dos meus pais.

– E o que tem a dizer sobre a água? – intrometeu-se Sarah. – Estou mais preocupada com a visão que Em teve de uma tempestade.

– Ah. Na noite passada. Eu comecei a chover depois que Matthew partiu. – Estremeci só de pensar no aguaceiro.

– Água-de-bruxa – sussurrou Sarah já entendendo tudo. – E o que provocou isso?

– Não sei, Sarah. Eu estava me sentindo... vazia. O choro que eu estava segurando desde que Domenico apareceu aqui simplesmente extravasou quando o carro de Matthew sumiu na estrada.

– Domenico de quê? – Emily consultava novamente o seu arquivo mental de criaturas lendárias.

– Michele, um vampiro veneziano. – Minha voz se encheu de raiva. – E se ele aparecer de novo aqui, corto a cabeça dele, seja vampiro ou não.

– Ele é perigoso! – gritou Em. – Essa criatura não está nem aí para regras.

– Já estou cansada de repetir isso pra mim, e podem ficar tranquilas porque estou atenta o tempo todo. Não se preocupem.

– Só deixaremos de nos preocupar quando você parar de andar de um

lado para o outro com vampiros – frisou Sarah.

– Então vão ficar preocupadas por muito tempo – falei com firmeza. – Eu amo o Matthew, Sarah.

– Isso é impossível, Diana. Vampiros e bruxas...

Interrompi a frase de Sarah.

– Domenico já me falou sobre o acordo – eu disse. – Não estou pedindo para que ninguém mais quebre esse acordo, e sei que isso significa que você não tem nada a ver com a minha decisão. Para mim não há escolha.

– Mas a Congregação fará o que for preciso para romper esse relacionamento – disse Em aflita.

– Já me disseram isso também. E para fazer isso eles terão que me matar. – Até aquele instante eu ainda não tinha dito as palavras alto e bom som, mas vinha pensando nisso desde a noite anterior. – Matthew é mais difícil de ser despachado, mas eu, eu sou um alvo fácil.

– Você não pode correr esse risco. – Em já estava quase chorando.

– A mãe dela também fez isso – disse Sarah em voz baixa.

– O que mamãe fez? – Minha voz embargou, e tremi na base.

– Rebecca caiu nos braços de Stephen, mesmo com todos dizendo que a união de dois bruxos com um poder como o deles não era uma boa ideia. E depois ela se recusou a ouvir as pessoas que lhe pediam para sair da Nigéria.

– Isso é mais uma razão para que Diana nos ouça agora – disse Em. – Você o conhece há poucas semanas. Volte para casa e tente esquecê-lo.

– *Esquecê-lo?* – Isso era ridículo. – Não se trata de um simples namorico. Nunca senti por ninguém o que sinto por ele.

– Deixe-a em paz, Em. Nós também já passamos por isso. Assim como não me esqueci de você, ela não se esquecerá dele. – Sarah soltou um suspiro que chegou até Auvergne. – Mesmo não sendo a vida que escolhi para você, temos que tomar nossas próprias decisões. Sua mãe tomou as dela. Eu tomei as minhas... e não foi nada fácil para a sua avó. Agora é a

sua vez. Mas lembre-se de que nenhuma Bishop se volta de costas para outra Bishop.

As lágrimas brotaram nos meus olhos.

– Muito obrigada, Sarah.

– Além disso – continuou Sarah preparando uma afirmativa –, se a Congregação é formada por *coisas* como Domenico Michele, eles que se danem.

– O que Matthew acha isso? – perguntou Em. – Fico surpresa por ver que ele a deixou, até porque vocês dois decidiram quebrar uma tradição milenar.

– Matthew ainda não colocou a posição dele. – Destruí um clipe com todo o método possível.

Fez-se silêncio do outro lado da linha.

– O que é que ele está esperando? – disse Sarah por fim.

Soltei uma risada.

– Esse tempo todo você me aconselhou a me afastar dele, e agora está chateada porque ele se recusa a me deixar exposta a um perigo maior do que aquele por que já estou passando?

– Você quer ficar com ele. Só isso bastaria.

– Não há magia que seja capaz de firmar um casamento. Eu tenho que tomar a minha decisão, e ele, a dele.

O pequeno relógio de porcelana em cima da escrivaninha mostrou que já tinham passado vinte e quatro horas desde a partida de Matthew.

– Se você está determinada a ficar aí com essas criaturas, é melhor tomar cuidado – aconselhou Sarah quando nos despedimos. – E se quiser voltar para casa, não se acanhe e volte.

O relógio mostrou que já tinha se passado meia hora. Já estava escuro em Oxford.

Decidi não esperar e disquei o número do telefone dele.

– Diana? – Matthew estava claramente ansioso.

Sorri.

– Você sabia que era eu ou foi o identificador de chamadas?

– Vejo que está tudo bem com você. – A ansiedade deu lugar ao alívio.

– Sim, sua mãe está me entretendo muito.

– Era o que eu temia. Ela tem contado muitas mentiras para você?

As partes mais irritantes do dia podiam ser contadas depois.

– Só a verdade – respondi. – Que o filho dela é um misto diabólico de Lancelote e Super-homem.

– Isso é a cara de Ysabeau. – Ele deixou escapar uma pontada de riso. – É um alívio saber que ela não mudou drasticamente com uma bruxa dormindo sob o mesmo teto.

Sem dúvida alguma a distância me ajudava a enganar Matthew com meias-verdades. Mas a distância não apagava da minha mente a imagem dele sentado na poltrona Morris na All Souls. Talvez a sala estivesse sob a luz dos abajures, fazendo a pele dele brilhar como uma pérola polida. Eu o imaginei lendo com uma ruga de concentração entre as sobrancelhas.

– O que está bebendo? – Era o único detalhe que a minha imaginação não fornecia.

– Desde quando se interessa por vinho? – Ele pareceu genuinamente surpreso.

– Desde que descobri que no vinho há muito para ser conhecido. – *Desde que descobri que você se interessa muito por vinho, seu bobo.*

– Esta noite estou tomando um vinho espanhol... Vega Sicilia.

– De quando?

– Você quer dizer de que safra? – ele me provocou. – De 1964.

– Então é um vinho relativamente bebê? – Rebati a provocação aliviada pela mudança de humor dele.

– Uma criança – ele concordou. Não precisava ter um sexto sentido para saber que ele estava sorrindo.

– Correu tudo bem hoje?

– Tudo ótimo. Reforçamos o sistema de segurança e comprovamos que não faltava nada. Alguém tentou invadir os computadores, no entanto Miriam me assegurou de que não se pode entrar no programa que ela criou.

– Você volta logo? – As palavras escaparam antes que eu pudesse reprimi-las, e seguiu-se um silêncio mais longo que confortável. Tentei me convencer de que era algum problema com a ligação.

– Não sei – ele respondeu com frieza. – Voltarei quando puder.

– Quer falar com sua mãe? Posso chamá-la. – A súbita indiferença dele me magoou e tentei manter a voz firme.

– Não. Diga que está tudo bem no laboratório. E na casa também.

Depois que desligamos o telefone o meu peito apertou e fiquei quase sem fôlego. Quando levantei e me virei, a mãe de Matthew estava à espera na soleira da porta.

– Era o Matthew. Ele disse que não houve estragos no laboratório. Estou cansada, Ysabeau, e definitivamente sem apetite. Acho que vou para a cama. – Eram quase oito horas, uma hora perfeita para me recolher.

– É claro. – Ela saiu do meu caminho com os olhos brilhando. – Durma bem, Diana.



Enquanto eu estava ao telefone, Marthe subiu ao estúdio de Matthew e deixou lá sanduíches, chá e água para mim. A lareira já estava com lenha suficiente para arder pela noite inteira, e as velas tremeluziam com uma luz dourada. O meu quarto também devia estar inundado pela mesma luminosidade convidativa e aconchegante, mas eu estava irrequieta e não conseguiria dormir. O manuscrito *Aurora* me aguardava na escrivaninha de Matthew. Sentei na frente do computador desviando os olhos da armadura cintilante e acendi o abajur minimalista e interplanetário para ler.

"Eu disse em voz alta: faça-me conhecer o meu fim e a medida dos meus dias para que eu possa tomar consciência da minha fragilidade. O meu tempo de vida é mais longo que a extensão da minha mão. Comparado ao seu não passa de um instante."

A passagem me fez pensar ainda mais em Matthew.

Como a tentativa de me concentrar na alquimia não tinha adiantado nada, resolvi fazer uma lista das questões já lidas. Eu só precisava de uma caneta e uma folha de papel.

A escrivaninha de mogno maciço era tão sombria e sólida quanto o próprio Matthew, e igualmente atrativa. As gavetas se estendiam quase até o chão, com um espaço vazio no meio por onde ele enfiava as pernas. As bordas do tampo eram ricamente entalhadas. Folhas de acantos, tulipas, arabescos e figuras geométricas convidavam os dedos para um passeio em suas linhas. Ao contrário da minha escrivaninha sempre empilhada de papéis, livros e canecas com restos de chá que ameaçavam desabar a

qualquer movimento mais brusco, aquela escrivaninha com um forro de mesa eduardiano estava apenas com um abridor de cartas na forma de espada e um abajur. A decoração fazia uma bizarra e harmoniosa mistura entre o antigo e o moderno, como o próprio Matthew.

Contudo, ali não tinha material para escrita. Segurei o puxador redondo de bronze da gaveta direita de cima e puxei. Lá dentro, tudo estava esmeradamente organizado. Canetas Montblanc separadas de lápis Montblanc, e clipes separados por tamanho. Coloquei uma caneta sobre a mesa e tentei abrir as outras gavetas. Elas estavam trancadas. A chave não estava no meio dos clipes – espalhei todos na mesa para me certificar disso.

De repente notei um papel mata-borrão verde-claro que se estendia por entre o forro de couro que cobria a parte da mesa. Um forro que provavelmente substituía o original. Fui tirar o computador de cima da mesa e deixei a caneta cair no chão.

Ela rolou para um vão estreito que separava as gavetas do chão. Entrei de gatinhas no espaço onde ficavam as pernas para pegar a caneta. Enquanto ziguezagueava a mão debaixo das gavetas desviei os olhos para o contorno de uma gaveta embutida na madeira escura da borda entalhada da mesa.

Fiquei intrigada e saí debaixo da escrivaninha. Não havia nada na borda entalhada da mesa para abrir a gaveta embutida. Se Matthew guardava o material de papelaria dentro de uma gaveta que não se podia abrir o problema era só dele. Isso não me impediu de grafitar o papel mata-borrão que ele acabaria vendo quando voltasse para casa.

Rabisquei o número 1 com tinha preta em um dos cantos do papel. Foi então que tive um estalo.

Aquela gaveta que não se podia abrir tinha sido projetada para esconder alguma coisa.

Matthew guardava segredos – o que não era ignorado por mim. Além disso, fazia poucas semanas que nos conhecíamos e mesmo os casais mais

estabelecidos precisam de privacidade. Mas aquela mania de Matthew de ficar de boca fechada era irritante, e ele se cercava de segredos como uma fortaleza divisória que o afastava das outras pessoas e de mim.

De um jeito ou de outro, eu estava atrás de uma folha de papel comum. Afinal, ele não tinha revistado as minhas coisas na Bodleiana quando estava à procura do Ashmole 782? E quase não nos conhecíamos quando ele fez essa proeza. Sem falar que ele próprio tinha dito que eu podia me virar sozinha na França.

Minha consciência bem que tentou me aconselhar quando recoloquei a tampa da caneta. Mas eu estava tão irritada que deixei os conselhos de lado.

Empurrei e puxei cada saliência e cada protuberância enquanto examinava novamente os entalhes da borda frontal da escrivaninha, mas sem êxito algum. O abridor de cartas de Matthew irrompeu convidativamente ao lado da minha mão direita. Talvez eu pudesse introduzi-lo na fenda que havia embaixo da gaveta e calcá-lo como um pé de cabra para abri-la. Mas a antiguidade da escrivaninha fez a historiadora falar mais alto dentro de mim – muito mais alto que a minha vontade. Agir de um modo eticamente questionável para violar a privacidade de Matthew não me pareceu um absurdo, mas danificar uma antiguidade era um crime.

Eu me enfiei debaixo da mesa outra vez, embora ali fosse muito escuro para enxergar a lateral interna da gaveta, e continuei apalpando tudo até que encontrei uma coisa fria e dura embutida na madeira. Uma pequena protuberância de metal à esquerda da junta quase imperceptível da gaveta que podia ser alcançada pelo braço comprido do vampiro quando ele estivesse sentado à escrivaninha. A protuberância era redonda e hachurada com paralelas cruzadas no centro – para fazê-la parecer um parafuso ou um prego envelhecido.

Eu a pressionei e soou um suave clique.

Fiquei em pé na frente à escrivaninha e me deparei com uma pequena gaveta que pela pouca profundidade mais parecia uma bandeja. Dentro da gaveta um suporte forrado de veludo negro apresentava três depressões, cada qual com uma moeda ou medalha de bronze.

A moeda maior estampava a imagem de uma edificação em alto-relevo e assentava-se no centro de um buraco com cerca de dez centímetros de diâmetro. A imagem tinha detalhes surpreendentes como uma escada que conduzia a uma porta flanqueada por duas colunas. No meio das colunas, uma figura coberta por um manto. Nas bordas e nos detalhes da figura havia fragmentos de cera preta. Uma frase margeava a moeda: *"Militie Lazari a Bethania" – Os cavaleiros de Lázaro da Betânia.*

Apoiei-me na beirada das gavetas para me equilibrar e sentei-me abruptamente.

Os discos de metal não eram moedas nem medalhas. Eles eram selos – de um tipo usado para fechar correspondência e certificar transações relativas à posse. No passado, uma folha de papel que exibia uma impressão de cera tinha o poder de comandar exércitos e delimitar grandes extensões de terra.

Os resíduos da cera mostravam que pelo menos um dos selos tinha sido utilizado recentemente.

Eu peguei o cilindro menor com as mãos trêmulas. Ele estampava uma cópia da mesma edificação. As colunas e a figura de Lázaro – o homem de Betânia que foi ressuscitado por Cristo depois de quatro dias à tumba – eram inconfundíveis. Neste selo Lázaro era representado saindo de uma cova rasa. Nenhuma epígrafe contornava o selo, em vez disso uma cobra engolia o próprio rabo em volta da edificação.

Fechei os olhos e nem assim apaguei a visão da bandeira da família Clermont com um *ouroboros* prateado desfraldado ao sabor do vento no alto de Sept-Tours.

O selo de bronze jazia brilhante na palma da minha mão. Fixei toda a

minha força no metal brilhante para que o meu poder premonitório iluminasse o mistério. Mas depois de uma vida inteira ignorando a força mágica do meu próprio sangue, o poder simplesmente não me acudiu.

Sem o recurso das visões só me restava recorrer às minhas habilidades de historiadora. Observei com mais apuro e atenção todos os detalhes do reverso do pequeno selo. Uma cruz de extremidades alargadas dividia o selo em quartos, a mesma cruz da minha visão de Matthew vestindo uma túnica. No quadrante superior direito do selo via-se uma lua crescente que parecia um chifre com uma estrela de seis pontas no centro. No quadrante esquerdo inferior, uma flor de lis, símbolo tradicional na França.

Inscrita na borda do selo a data MDCI – 1601 em algarismos romanos – com as palavras *"secretum Lazari"*, o "segredo de Lázaro".

Não seria mera coincidência se Lázaro tivesse voltado do mundo dos mortos como um vampiro. Mais ainda, a cruz junto à legendária figura da Terra Santa e à menção aos cavaleiros era uma clara evidência de que os selos na gaveta de Matthew pertenciam a uma das ordens de cavaleiros cruzados da Idade Média. E a mais conhecida era a Ordem dos Templários, cujos cavaleiros desapareceram no início do século XIV depois de terem sido acusados de heresia e coisas piores. Mas eu nunca tinha ouvido nada sobre os Cavaleiros de Lázaro.

Girei o selo na direção da luz e me concentrei na data 1601. Uma data tardia para uma ordem de cavaleiros medievais. Vasculhei a memória em busca de acontecimentos daquele ano que poderiam trazer o mistério à luz. Naquele ano, a rainha Elizabeth I decapitou o conde de Essex, e o astrônomo dinamarquês Tycho Brahe morreu em circunstâncias sinistras. Nenhum desses eventos me pareceu pertinente.

Passei o dedo na inscrição até que o significado de MDCI iluminou a minha mente.

Matthew de Clermont.

Eram letras mesmo e não algarismos romanos. Era uma abreviatura

para o nome de Matthew: MDCl. Eu tinha lido mal a última letra.

Fechei os meus dedos e pressionei com força o disco de uns cinco centímetros na palma da minha mão como se quisesse enterrá-lo na carne.

Aquele pequeno disco devia ser um segredo bem guardado de Matthew. O poder de selos como aquele era tanto que eles eram geralmente destruídos quando o proprietário morria ou se aposentava, para que ninguém se valesse deles a fim de cometer alguma fraude.

E apenas um cavaleiro tinha a posse tanto do selo maior como do selo pessoal: o líder da ordem.

Fiquei intrigada com o fato de Matthew manter aqueles selos escondidos. Afinal, quem se importava ou mesmo se lembrava dos cavaleiros de Lázaro e do papel que ele representou na ordem? Minha atenção foi atraída para os resquícios de cera negra no selo maior.

– Não é possível – sussurrei com um ar apatetado e balançando a cabeça. Cavaleiros de armaduras brilhantes pertenciam ao passado. Eles não atuavam mais no presente.

A armadura de Matthew cintilava à luz das velas.

Devolvi o disco de metal à gaveta com um baque. A pele da palma da minha mão estava marcada com a imagem do selo, com a cruz de Malta, a lua crescente, a estrela e a flor de lis.

A manutenção dos selos e os recentes resquícios de cera em um deles se deviam ao fato de que Matthew os utilizava. Os Cavaleiros de Lázaro ainda existiam.

– Diana? Tudo bem com você? – A voz de Ysabeau ecoou lá do pé da escada.

– Tudo bem, Ysabeau! – gritei olhando para a marca do selo gravada na minha mão. – Estava lendo os e-mails e me surpreendi com algumas notícias inesperadas, só isso!

– Quer que peça para Marthe subir e recolher a bandeja?

– Não! – respondi de chofre. – Ainda estou comendo.

Ouvi o ruído de passos enquanto ela retornava ao salão. Suspirei de alívio quando se fez silêncio.

Puxei o outro selo para fora do nicho forrado de veludo o mais rápido e silenciosamente possível. Era quase igual ao de Matthew, exceto pelo quadrante superior direito que estampava apenas a lua crescente e o termo "Philippus" inscrito à borda.

O selo tinha pertencido ao pai de Matthew e isso indicava que os Cavaleiros de Lázaro estavam ligados à família Clermont.

Certa de que não havia mais pistas sobre a ordem na escrivaninha, girei os selos de modo a recolocar a tumba de Lázaro de frente para mim. A gaveta deslizou para a sua posição embutida no móvel com um suave clique.

Peguei a mesinha onde Matthew guardava a garrafa de vinho que tomava à noite e levei até as estantes de livros. Ele não vai se importar se eu der uma olhada na biblioteca particular dele, pensei com meus botões enquanto me livrava dos mocassins. O tampo da mesa fez um rangido quando apoiei o pé e subi em cima, mas a madeira aguentou o meu peso.

Só então tive uma visão completa do brinquedo de madeira que se encontrava no lado direito do alto da estante. Respirei fundo e puxei o primeiro item do lado oposto. Era o manuscrito mais antigo que eu já tinha visto. A capa de couro gemeu quando o abri, e um cheiro de pele de carneiro exalou de suas páginas.

"Carmina qui quondam studio florente peregi, / Flebilis heu maestos cogor inire modos", lia-se nas primeiras linhas. Meus olhos se encheram de lágrimas. Era *O consolo da filosofia*, uma obra do século VI, de Boécio – escrita na prisão enquanto o autor aguardava a morte. *"Um dia a minha obra inspirou alegres canções e toda a minha obra era tida como vibrante / Mas agora as lágrimas de tristeza eu devo retomar."* Imaginei Matthew desolado com a perda de Blanca e Lucas e aturdido com a condição de vampiro que assumia enquanto lia as palavras de um homem condenado à

morte. Agradeci em silêncio a quem oferecera aquela obra para aliviar o sofrimento de Matthew e a coloquei de volta à estante.

O volume seguinte era um maravilhoso manuscrito do Gênesis, a narrativa bíblica da criação. Os tons de azul e vermelho mostravam a mesma vivacidade de quando tinham sido pintados. No alto da estante encontrava-se um outro manuscrito ilustrado, um exemplar do livro de botânica de Dioscorides, junto a mais de uma dúzia de livros bíblicos, alguns livros de direito e um livro escrito em grego.

Na prateleira abaixo o panorama era quase igual – diversos livros bíblicos junto a livros de medicina, e ainda um dos primeiros exemplares de uma enciclopédia do século VII. Foi uma tentativa de Isidore de Seville de capturar todo o conhecimento humano que deve ter atraído a inesgotável curiosidade de Matthew. No rodapé da primeira página lia-se o nome "MATHIEU" seguido pela frase *"meus liber"* – "meu livro".

Meus dedos se projetaram na superfície do pergaminho com o mesmo ímpeto com que rastrearam a escrita do Ashmole 782 na Bodleiana. Na biblioteca de Oxford, eu tinha sentido medo de ser flagrada pelos supervisores da sala de leitura em plena atividade mágica. E agora era o medo de obter informações sobre Matthew que me detinha. Mas sem supervisores por perto os temores se tornaram insignificantes perante o meu desejo de conhecer o passado de um vampiro. Passei o dedo sobre o nome de Matthew. Ele irrompeu com uma imagem clara sem o ar de mandão e os maneirismos que tinha.

Ele estava sentado na mesa perto de uma janela com a aparência de sempre, e mordia o lábio concentrando-se na escrita. Segurava uma caneta de bambu com seus dedos longos, rodeado de folhas de pergaminho com rabiscos borrados do seu próprio nome e de passagens bíblicas. Segui o conselho de Marthe de não lutar contra a visão e a experiência foi menos perturbadora que na noite anterior.

Meus dedos rastrearam o que podiam rastrear, e coloquei a

enciclopédia no lugar para observar os livros que restavam na estante. Livros de história, muitos livros de direito, livros de medicina e ótica, livros de filosofia grega, livros de narrativas, coletâneas de obras de figuras notáveis dos primórdios da Igreja como Bernard de Clairvaux, e romances de cavalaria – um deles envolvia um cavaleiro que se transformava em lobo semanalmente. Mas em nenhum dos livros obtive informações sobre os Cavaleiros de Lázaro. Suspirei de frustração e desci da mesinha.

Eu tinha um conhecimento superficial das ordens dos cruzados. No início, eram unidades militares que acabaram ganhando fama pela bravura e disciplina. Os templários eram conhecidos por serem os primeiros a entrar no campo de batalha e os últimos a sair. Mas os esforços das ordens militares não se restringiam aos limites de Jerusalém. Os cavaleiros também combatiam na Europa, e muitos serviam mais aos papas e menos aos reis e a outras autoridades seculares.

O poder da cavalaria não era só militar. Os cavaleiros erguiam igrejas, escolas e hospitais de leprosos. As ordens militares salvaguardavam os interesses espirituais, financeiros e físicos dos cruzados. Os vampiros eram territoriais e possessivos ao extremo, como Matthew, e se adaptavam perfeitamente ao papel de guardiães.

Contudo, o próprio poder das ordens militares é que propiciou a sua queda. Monarcas e papas invejavam a riqueza e a influência dessas ordens. Em 1312, o papa e o rei da França trataram de dispersar os templários, livrando-se assim da ameaça da maior e mais célebre irmandade. A maioria das outras ordens desapareceu gradualmente devido à falta de apoio e interesse.

Claro que o assunto é cercado de inúmeras teorias da conspiração. É difícil desmantelar uma instituição complexa e de grande porte da noite para o dia, de modo que a súbita dissolução dos cavaleiros templários originou lendas fantásticas em torno de cruzados errantes e operações subterrâneas. Até hoje ainda se buscam pistas da fabulosa fortuna dos

templários. O fato de que jamais se encontrou uma única evidência do paradeiro de tal fortuna incita ainda mais as especulações.

O dinheiro. É uma das primeiras lições que todo historiador aprende: seguir o dinheiro. Concentrei novamente a minha busca.

O sólido contorno de um livro de contabilidade enfiado entre um volume da *Ótica* de Al-Hazen e uma publicação de uma canção romântica de gesta francesa surgiu à vista na terceira prateleira. Na borda frontal do manuscrito estava escrito à tinta uma letrinha grega: α. Supondo que a letra indicava uma espécie de índice, examinei as outras prateleiras e localizei um segundo livro de contabilidade. Nele também havia uma pequenina letra grega em tinta negra: β. Passei os olhos nos livros referentes às letras γ, δ e ε que estavam espalhados pelas prateleiras. Claro que uma busca mais apurada localizaria os livros restantes.

Eu me senti como Eliot Ness deve ter se sentido quando se apossou dos livros contábeis de Al Capone e ergui a mão. O tempo que me restava não me deixou subir na mesinha para pegar os livros. O primeiro livro de contabilidade deslizou do seu lugar na estante e caiu direto na minha mão.

Os dados datavam de 1117 e tinham sido lançados por diferentes mãos. Nomes e números dançavam pelas páginas. Meus dedos se ocuparam em recolher toda informação necessária da escrita. Daquelas folhas de pergaminho emergiram um rosto atrás do outro – o de Matthew, o de um homem moreno de nariz aquilino, o de um homem de cabelos ruivos brilhantes e o de um homem de olhos castanhos e cara amarrada.

Minhas mãos se detiveram no registro de um recebimento de dinheiro em 1149. "Eleanor Regina: 40 mil marcos." Era um valor descomunal – mais da metade das taxas anuais do reino da Inglaterra. Por que a rainha da Inglaterra tinha dado tanto dinheiro para uma ordem militar liderada por vampiros? Não consegui responder esta pergunta ou saber um pouco mais sobre as pessoas envolvidas na transação porque o meu conhecimento da Idade Média era precário. Fechei o livro abruptamente e passei para as

prateleiras de livros referentes aos séculos XVI e XVII.

Em meio a outros tipos de livros encontrei um volume que exibia uma marca de identificação, a letra grega lambda. Arregalei os olhos quando notei que o livro estava aberto.

De acordo com aquele livro de contabilidade os Cavaleiros de Lázaro tinham financiado – algo inacreditável –, diversas guerras, bens, serviços e façanhas diplomáticas entre os quais o dote de Mary Tudor para o seu casamento com Filipe da Espanha, o canhão para a batalha de Lepanto e o suborno para que a França participasse do Concílio de Trento, assim como tinham financiado grande parte das ações militares da Liga Luterana Schmalkaldic. Aparentemente, a irmandade não permitia que a política e a religião interferissem em suas decisões financeiras. Em um único ano a irmandade bancou o retorno de Mary Stuart ao trono da Escócia e quitou a enorme dívida de Elizabeth I com a Bolsa de Valores de Antuérpia.

Percorri as prateleiras em busca de mais livros marcados com letras gregas. Nas prateleiras referentes ao século XIX encontrei um livro marcado com a letra psi na lombada. O seu conteúdo contabilizava meticulosamente uma grande soma de dinheiro e vendas de propriedades que fizeram a minha cabeça rodar – como é que alguém tinha conseguido comprar secretamente a maioria das fábricas de Manchester? – junto a nomes da realeza e da aristocracia e de presidentes e generais da Guerra Civil. Além disso, pequenos lançamentos de honorários escolares, vestuários e livros, entradas de pagamentos de dotes e de contas hospitalares e quitações de arrendamentos. Ao lado de todos aqueles nomes desconhecidos apareciam as abreviaturas "MLB" ou "FMLB".

Meu latim não era tão bom como devia ser, mas achei que as abreviaturas se referiam aos Cavaleiros de Lázaro da Betânia – *militie Lazari a Bethania* – e às filhas e filhos dos cavaleiros – *filia militie* e *filius militie*. E se a ordem ainda distribuía fundos na metade do século XIX era bem provável que ainda fizesse isso na atualidade. Em algum lugar do

mundo, uma folha de papel – para transação imobiliária ou para contrato jurídico – exibia o grande selo da ordem impresso em cera negra.

E Matthew tinha feito aquilo.

Algumas horas depois, voltei à seção medieval da biblioteca de Matthew e abri o último livro de contabilidade. O volume abrangia o final do século XIII e a primeira metade do século XIV. Já eram esperadas somas de grande vulto, mas por volta de 1310 o número de entradas aumentou drasticamente. O fluxo de dinheiro também. Uma nova anotação acompanhava alguns dos nomes: uma pequena cruz vermelha. Em 1313, ladeando uma dessas marcas, estava um nome que eu conhecia: Jacques de Molay, o último grão-mestre dos cavaleiros templários.

Ele foi queimado por heresia em 1314. Um ano antes de ser executado, já tinha transferido todos os seus bens para os Cavaleiros de Lázaro.

Havia centenas de nomes marcados com a cruz vermelha. Seriam eles templários? Em caso afirmativo, o mistério dos templários estava solucionado. Nem os cavaleiros nem o dinheiro deles tinham desaparecido. Eles simplesmente tinham sido absorvidos pela Ordem de Lázaro.

Não podia ser verdade. Algo assim exigiria muito planejamento e coordenação. E ninguém conseguiria manter em segredo um esquema de tais proporções. A ideia era tão implausível quanto as histórias sobre...

Bruxas e vampiros.

Os Cavaleiros de Lázaro não eram nem mais nem menos verossímeis do que eu.

Quanto às teorias de conspiração, elas falhavam na complexidade. Nenhuma vida teria tempo para coletar a informação necessária e estabelecer as conexões entre todos os elementos requeridos, e depois colocar os planos em ação. A menos, é claro, que os conspiradores fossem vampiros. Se fossem vampiros – ou melhor, uma família de vampiros – a passagem do tempo não seria relevante. Pelo que eu sabia da carreira acadêmica de Matthew, os vampiros tinham todo o tempo necessário à

disposição.

Eu tive a exata dimensão do que significava amar um vampiro quando coloquei o livro de contabilidade de volta à estante. Não era a idade de Matthew que dificultava as coisas, nem os hábitos alimentares, nem o fato de que ele matava seres humanos e continuaria matando. Eram os segredos que ele guardava.

Matthew vinha acumulando segredos por mais de um milênio, grandes segredos como os Cavaleiros de Lázaro e seu filho Lucas, e pequenos segredos como o relacionamento que ele teve com William Harvey e Charles Darwin. Eu não viveria o suficiente para ouvir esses segredos e muito menos para entendê-los.

Mas não eram apenas os vampiros que mantinham segredos. As outras criaturas faziam isso para não serem descobertas e para preservar alguma coisa – qualquer coisa – que pertencesse ao seu mundo fechado de clãs quase tribais. Matthew não era um mero caçador, ou um cientista, ou um matador, ele era uma teia de segredos exatamente como eu. Só poderíamos ficar juntos se decidíssemos que segredos seriam compartilhados e que segredos seriam deixados de lado.

O computador emitiu um som característico quando pressionei o botão de força. Os sanduíches de Marthe estavam ressecados e o chá estava frio, mas me servi de um pouco de tudo para que ela não achasse que eu não tinha apreciado o trabalho dela.

Depois disso, sentei-me à frente da lareira. Os Cavaleiros de Lázaro me instigavam enquanto historiadora, e meus instintos de bruxa me diziam que a irmandade era importante para a compreensão de Matthew. Mas a existência dessa irmandade não era o segredo mais importante que ele guardava. Ele se guardava de si mesmo – de sua própria natureza.

Ficar apaixonada por ele era realmente complicado e delicado. Nós fazíamos parte de um cenário de conto de fadas – vampiros, bruxas, cavaleiros em armaduras brilhantes. Mas a realidade era perturbadora e

devia ser encarada. Eu tinha sofrido ameaças e as criaturas que me vigiavam na Bodleiana esperavam que eu recuperasse o livro que todos desejavam e ninguém entendia. O laboratório de Matthew já tinha sido atacado. E nosso relacionamento desestabilizava a frágil e antiga ligação entre demônios, humanos, vampiros e bruxos. Habitávamos um mundo novo onde as criaturas se combatiam mutuamente e onde a qualquer momento um exército secreto e silencioso poderia ser invocado por um selo de cera negra. Não era de espantar que Matthew preferisse me deixar de lado.

Apaguei as velas e subi para o meu quarto. Exausta, rapidamente peguei no sono, um sono cheio de cavaleiros, selos de bronze e infindáveis livros de contabilidade.

Dedos frios e firmes tocaram no meu ombro e me fizeram acordar imediatamente.

– Matthew? – Eu me ergui dos travesseiros.

A brancura do rosto de Ysabeau cintilou na escuridão.

– É para você. – Ela estendeu o celular vermelho e saiu do quarto.

– Sarah? – Apavorei-me com a possibilidade de que estivesse acontecendo alguma coisa com minhas tias.

– Está tudo bem, Diana.

Era Matthew.

– O que houve? – Minha voz soou trêmula. – Já fez o trato com Knox?

– Não. Não fiz progresso algum por aqui. Não há mais nada a fazer em Oxford. Quero voltar para casa e ficar com você. Chegarei daqui a poucas horas. – A voz estava firme, mas ele parecia estranho.

– Eu estou sonhando?

– Não está sonhando, não – disse Matthew. – Diana – ele hesitou. – Eu te amo.

Era o que eu mais queria ouvir. A corrente perdida dentro de mim começou a cantar na escuridão.

– Venha e me diga isso outra vez – falei baixinho com os olhos marejados de lágrimas de alívio.

– Você não mudou de ideia, mudou?

– Jamais – respondi com veemência.

– Você estará em perigo e sua família também. Quer correr esse risco por mim?

– Já fiz a minha escolha.

Depois da despedida desligamos o telefone com relutância, com medo do silêncio que viria depois do que acabáramos de dizer.

Durante o tempo que Matthew esteve fora eu fiquei numa encruzilhada, sem conseguir enxergar o caminho à frente.

Mamãe tinha misteriosos dons visionários. Seria poderosa o bastante para vislumbrar o que aconteceria se nós ficássemos juntos?



Desliguei o pequeno celular de Ysabeau e fiquei aguardando o barulho dos pneus sobre os cascalhos do caminho de entrada – e a partir daí não perdi o celular de vista.

Saí do banheiro com o celular na mão e um bule de chá e pãezinhos me aguardavam para o café da manhã. Comi apressada, vesti a primeira roupa que vi pela frente e desci a escada correndo e ainda de cabelo molhado. Faltavam algumas horas para a chegada de Mathhew em Sept-Tours e me determinei a esperá-lo até que ele chegasse.

Primeiro, esperei sentada no sofá do salão ao lado da lareira, imaginando o que teria acontecido em Oxford a ponto de fazer Matthew mudar de ideia. Marthe chegou com uma toalha para enxugar o meu cabelo quando percebeu que eu não tinha a menor intenção de fazer isso.

O tempo passou e comecei a andar de um lado para outro no saguão de entrada. Ysabeau apareceu e ficou parada de mãos à cintura. Continuei zanzando de lá para cá, apesar da incômoda presença da mãe de Matthew, até que Marthe trouxe uma cadeira, colocou-a perto da porta e me convenceu a sentar naquela cadeira claramente projetada para o desconforto de um possível ocupante, e com isso Ysabeau recolheu-se na biblioteca.

Saí em disparada quando o Range Rover parou lá fora. Foi a primeira vez que Matthew não chegou à porta antes de mim. Ele ainda se endireitava em cima de suas pernas compridas quando fechei os braços em torno do seu pescoço me equilibrando na ponta dos pés.

– Não faça isso outra vez – sussurrei ao pé do ouvido dele com os olhos

cheios de lágrimas. – Nunca mais faça isso.

Matthew me abraçou com o pescoço enterrado na minha nuca. Ficamos abraçados sem dizer uma palavra. Ele ergueu a cabeça, soltou-se dos meus braços e me apoiou no chão com delicadeza. Segurou o meu rosto com carinho e os familiares toques de neve e gelo se misturaram com minha pele. Enviei para a minha memória novos detalhes da fisionomia de Matthew, pequeninas rugas nos cantos dos olhos e uma curva precisa na concavidade abaixo do lábio inferior.

– *Dieu* – ele sussurrou emocionado. – Eu estava errado.

– Errado? – Minha voz soou em pânico.

– Achei que sabia o quanto sentiria falta de você. Mas não chegava nem perto de saber.

– Diga para mim. – Eu queria ouvir novamente o que ele tinha dito na noite anterior.

– Eu te amo, Diana. Só Deus sabe o quanto lutei contra esse amor.

Meu rosto se rendeu às mãos dele.

– Eu também te amo, Matthew, de corpo e alma.

Ele ouviu a minha resposta com uma alteração sutil no corpo. Não foi na pulsação do coração, mesmo porque o coração dele não pulsava muito, nem na pele que continuava deliciosamente fria. Foi um som – um nó na garganta, um murmúrio de paixão que deu um choque de desejo no meu corpo. Ele captou a minha reação de rosto aceso. Inclinou a cabeça e colou os lábios nos meus.

A resposta do meu corpo não foi sutil. Meus ossos se incendiaram e minhas mãos se cravaram nas costas dele e foram descendo. Ele tentou se afastar e puxei os quadris dele ao encontro dos meus.

Não tenha pressa, pensei.

Pego de surpresa, ele flutuou os lábios por cima dos meus. Minhas mãos desceram até as nádegas dele e agarrou-as de maneira possessiva, fazendo-o perder outra vez a respiração e ronronar com a garganta.

– Diana – ele disse com um tom cauteloso.

Meu beijo perguntou qual era o problema.

A única resposta de Matthew foi continuar me beijando. Ele me pegou pelo pescoço, desceu a mão até o meu seio esquerdo e esfregou com sofreguidão o tecido que cobria uma parte sensível da minha pele entre o braço e o coração. Depois me pegou pela cintura com a outra mão e puxou ainda mais o meu corpo para o dele.

Passado um longo instante Matthew afrouxou o abraço e disse:

– Agora você é *minha*.

Eu estava com os lábios dormentes demais para dizer alguma coisa e balancei a cabeça, ainda com as mãos cravadas nas nádegas dele.

Ele me olhou fixamente.

– Você ainda tem alguma dúvida?

– Nenhuma.

– De agora em diante nós dois somos um só. Entendeu?

– Acho que sim. – O que entendi naquele segundo é que ninguém me afastaria de Matthew.

– Ela não entendeu, não. – A voz de Ysabeau ecoou pelo terreno na frente da casa. Matthew se enrijeceu e me abraçou de maneira protetora. – Com esse beijo vocês quebraram todas as regras que mantêm o nosso mundo unido e nos mantêm a salvo. Matthew, você marcou essa bruxa como propriedade sua. E, Diana, você ofereceu o seu sangue de bruxa, o seu poder, para um vampiro. Você se virou de costas para a sua própria espécie e se associou com uma criatura inimiga.

– Foi só um beijo – retruquei abalada.

– Foi um voto. E agora que trocaram essa promessa um com o outro, vocês são fora da lei. Que Deus os ajude, os dois.

– Então somos fora da lei – disse Matthew baixinho. – Ysabeau, você acha que devemos partir? – Soou a voz de uma criança indefesa por trás do homem, e alguma coisa se partiu dentro de mim por fazê-lo escolher uma

entre nós duas.

A mãe de Matthew deu um passo à frente e o esbofeteou com força.

– Como se atreve a me perguntar isso?

Mãe e filho se entreolharam chocados. A marca da mão de Ysabeau permaneceu por um instante no rosto de Matthew – vermelha e depois azul – antes de sumir.

– Você é o meu filho mais amado – ela continuou com uma voz tão forte quanto o ferro. – E agora Diana é minha filha, uma responsabilidade tanto minha como sua. A luta de vocês é a minha luta, e seus inimigos são meus inimigos.

– Você não tem obrigação de nos proteger, *maman*. – A voz de Matthew se fez tesa como a corda de um arco.

– Chega de besteira. Vocês serão caçados até os confins da Terra por esse amor. Nós enfrentaremos isso como a família que somos. – Ysabeau se voltou para mim. – E quanto a você, filha, você *lutará* como prometeu. Você é destemida... os verdadeiros bravos sempre o são e não posso culpá-la pelo seu destemor. Mesmo assim, você precisa dele como do ar que respira e ele a deseja como nunca desejou alguma coisa ou alguém desde que o fiz vampiro. Então, está resolvido e daremos tudo de nós nessa luta. – Ela inesperadamente me deu um abraço e dois beijos gelados, um em cada face. Depois de alguns dias na casa de Ysabeau eu era enfim recebida oficialmente por ela.

A mãe olhou para o filho com uma expressão fria e resoluta.

– A melhor forma de nos sairmos bem começa com Diana agindo como uma bruxa e não como um humano patético qualquer. As mulheres da família Clermont sabem se defender.

Matthew encrespou-se.

– Eu tratarei de mantê-la a salvo.

– Justamente por isso você sempre perde no xadrez, Matthew. – Ysabeau apontou o dedo para ele. – Tal como Diana, a rainha tem um

poder quase ilimitado. Mesmo assim, insiste em cercá-la, sem ver que dessa forma você próprio se torna vulnerável. Mas não se trata de um jogo, e a fraqueza de Diana coloca a todos nós em risco.

– Fique fora disso, Ysabeau – advertiu Matthew. – Ninguém vai forçar Diana a ser o que ela não é.

A mãe bufou de maneira elegante, porém expressiva.

– Exatamente. Não permitiremos mais que Diana se esforce em ser humana, coisa que ela não é. Ela é uma bruxa. Você é um vampiro. Se isso não fosse verdade, não estaríamos metidos nessa confusão. Matthew, *mon cher,* se a bruxa é corajosa o suficiente para desejá-lo, não há razão para que tenha medo do próprio poder. Você pode deixá-la à parte se quiser. E também os outros que irão procurá-lo quando se derem conta do que você fez.

– Matthew, ela está certa – eu disse.

– Vamos entrar. – Ele olhou desconfiado para a mãe. – Você está gelada e precisamos conversar sobre Oxford. Depois retomamos a conversa sobre magia.

– Eu também preciso lhe contar o que aconteceu aqui. – Se tínhamos uma batalha em comum, teríamos que revelar alguns dos nossos segredos como o dom que eu tinha de virar água a qualquer momento.

– Nós temos tempo de sobra para você me contar tudo – disse Matthew enquanto me conduzia para o castelo.

Quando atravessamos a porta, Marthe já o esperava. Ela o abraçou com o vigor de quem recebia alguém que voltava triunfante do campo de batalha, e depois nos acomodou em volta da lareira do salão.

Matthew sentou do meu lado e ficou me observando enquanto eu tomava o meu chá. De vez em quando acariciava o meu joelho ou o meu ombro, ou afagava o meu cabelo como se compensando uma breve ausência. Quando o vi totalmente relaxado, iniciei as perguntas. A princípio inocentes e corriqueiras. Perguntei sobre a viagem, e logo a

conversa girava em torno de Oxford.

– Marcus e Miriam estavam no laboratório durante a tentativa de invasão? – perguntei.

– Estavam – ele respondeu sorvendo um gole do vinho que Marthe colocara ao lado dele –, mas os larápios não chegaram a tanto. Na verdade os dois não passaram perigo algum.

– Graças a Deus – murmurou Ysabeau olhando para o fogo.

– O que é que eles estavam procurando?

– Informação. Sobre você – ele disse com relutância. – Eles também invadiram o seu apartamento na New College.

Ele não tinha me falado sobre isso.

– Fred ficou horrorizado – continuou Matthew. – Ele me garantiu que a administração vai trocar as trancas da sua porta e instalar uma câmera no seu andar.

– Não foi culpa do Fred. Com a chegada dos novos alunos, basta um andar confiante e o cachecol da universidade para passar pelos porteiros. Mas não havia nada no meu apartamento para levar! Será que estão atrás da minha pesquisa? – Era uma hipótese ridícula. Quem se interessaria pela alquimia a ponto de planejar uma invasão?

– Suas anotações estão no seu computador. – Matthew apertou as minhas mãos. – Mas eles não queriam o seu trabalho. Concentraram a busca no seu quarto e no banheiro. Achamos que estavam procurando uma amostra do seu DNA... cabelo, pele, unha. Como não conseguiram nada no laboratório, partiram para o seu apartamento.

Minha mão tremeu ligeiramente. Tentei soltá-la para que ele não percebesse o meu abalo com a notícia. Ele não soltou a minha mão.

– Você não está sozinha nisso, lembra? – Matthew me olhou fixamente.

– Então não eram ladrões comuns. Foi trabalho de criaturas que nos conhecem e conhecem o Ashmole 782.

Ele assentiu.

– Bem, eles não tinham muita coisa para encontrar. Não no meu apartamento. – Tratei de explicar porque Matthew me olhou intrigado. – Mamãe me obrigava a limpar a minha escova de cabelo antes de sair para a escola de manhã. Isso virou um hábito. Eu tinha que jogar os fios de cabelo na privada e puxar a descarga... e fazia a mesma coisa com as aparas de unhas.

Matthew pareceu surpreso. Já Ysabeau não pareceu surpresa.

– Sua mãe é o tipo de pessoa que eu teria gostado muito de conhecer – ela comentou tranquilamente.

– Ainda se lembra do que sua mãe dizia? – ele perguntou.

– Não tudo. – Tive uma vaga lembrança de estar sentada na beira da banheira ouvindo mamãe expondo a rotina da manhã e da noite, mas não era só isso. Eu me concentrei e as lembranças se tornaram mais claras. – Lembro que eu ficava contando até vinte. Em alguma parte do longo caminho eu me virava e dizia alguma coisa.

– O que será que ela pensava? – refletiu Matthew em voz alta. – Cabelo e unhas carregam muita informação genética.

– Quem sabe? Mamãe era famosa pelas premonições que tinha. Mas ela só devia estar pensando como uma Bishop. Não somos o ramo mais equilibrado e sadio da família.

– Sua mãe não era maluca, Diana, e nem tudo pode ser explicado pela ciência moderna, Matthew. Há séculos que as bruxas acreditam que fios de cabelo e unhas carregam poder – disse Ysabeau.

Marthe resmungou em assentimento e revirou os olhos diante da ignorância da juventude.

– As bruxas usam as duas coisas para fazer os feitiços – continuou Ysabeau. – Feitiços de amarração, magia de amor, tudo isso depende dessas coisas.

– Você me falou que não era bruxa, Ysabeau – eu disse admirada.

– Conheci muitas bruxas ao longo de todos esses anos. Nenhuma delas

deixaria à vista um único fio de cabelo pelo temor de que uma outra bruxa o encontrasse.

– Mamãe nunca me disse isso. – Imaginei quantos segredos mais ela teria me sonegado.

– Às vezes a mãe prefere revelar as coisas aos poucos para os filhos. – Ysabeau olhou para mim e para Matthew.

– Quem foram os invasores? – Lembrei da lista de possibilidades de Ysabeau.

– No laboratório, os vampiros, mas no seu apartamento não sabemos ao certo. Marcus acha que vampiros e bruxas trabalharam juntos.

– Foi então por isso que você ficou tão zangado? Por causa dessas criaturas que violaram o meu território?

– Foi sim.

Retornávamos aos monossílabos. Aguardei o resto da resposta.

– Diana, eu até poderia fazer vista grossa se tentassem invadir o meu laboratório e as minhas terras, mas não consigo ficar parado quando você está envolvida. A coisa me soa como uma ameaça e simplesmente... eu não consigo. Mantê-la a salvo se tornou instintivo para mim. – Ele passou os dedos pelos cabelos e uma mecha tombou na orelha.

– Como não sou uma vampira, não conheço as regras. Você tem que me explicar como isso funciona – retruquei colocando a mecha rebelde no seu lugar. – Você então se convenceu a ficar comigo depois da invasão no meu apartamento na New College?

Matthew moveu as mãos com a velocidade de um raio e segurou o meu rosto.

– Não preciso de pretextos para ficar com você. Você também disse que se apaixonou por mim no dia que teve vontade de me bater com o remo lá no rio. – Os olhos dele pareceram indefesos. – Eu me apaixonei por você muito antes... quando recorreu à magia para pegar aquele livro na estante da Bodleiana. Você pareceu tão aliviada, e depois tão terrivelmente

culpada.

Ysabeau se levantou visivelmente constrangida pelo modo explícito do filho de demonstrar os próprios sentimentos.

– Vamos sair daqui.

Marthe se agitou à mesa pronta para ir à cozinha, onde sem dúvida prepararia um baita banquete.

– Não, *maman*. Vocês precisam ouvir o resto.

– Vocês não são apenas fora da lei, então. – A voz de Ysabeau soou pesada. Ela sentou-se outra vez na poltrona.

– Sempre houve animosidades entre as criaturas, especialmente entre vampiros e bruxas. Mas eu e Diana trouxemos essas tensões à tona. Embora isso só seja uma desculpa. A Congregação não se abalou nem um pouco com a nossa decisão de quebrar o acordo.

– Deixe de rodeios, Matthew – disse Ysabeau abruptamente. – Já estou sem paciência para isso.

Matthew me olhou com um ar culpado antes de responder.

– A Congregação começou a se interessar pelo Ashmole 782 e pelo mistério que levou Diana a colocar as mãos nele. As bruxas vigiam esse manuscrito pelo menos há quase o mesmo tempo que eu tenho de vida. Elas nunca imaginaram que Diana o pegaria na biblioteca. E não passou pela cabeça de ninguém que eu seria o primeiro a me aproximar dela.

Os velhos temores vieram à superfície e disseram lá do fundo de mim que havia algo errado.

– Se não fosse pelo Mabon – continuou Matthew –, muitas bruxas poderosas que sabem da importância do manuscrito estariam na biblioteca. Mas o fato é que estavam muito ocupadas com o festival e baixaram a guarda. Elas deixaram a tarefa para uma jovem bruxa, e essa bruxa deixou Diana e o manuscrito escapulirem.

– Coitada da Gillian – sussurrei. Peter Knox devia estar furioso com ela.

– É. – Matthew apertou a boca. – Mas já faz tempo que a Congregação

vigia você, por razões que estão acima do manuscrito e que têm a ver com o poder que você própria possui.

– Há quanto tempo...? – Não consegui terminar a frase.

– Provavelmente durante a sua vida inteira.

– Desde que os meus pais morreram. – Lembranças da minha infância retornaram dispersas e flutuantes, a lembrança de sentir a incômoda atenção de uma bruxa enquanto eu brincava no pátio da escola ou no balanço, a lembrança do olhar gelado de um vampiro me observando na festa de aniversário de uma amiguinha. – Eu estou sendo vigiada desde que os meus pais morreram.

Ysabeau abriu a boca para falar, mas olhou para o filho e voltou atrás.

– Se eles a tiverem nas mãos, eles terão o livro ou pelo menos acham que terão. Você está ligada ao Ashmole 782 de um modo tão intenso que não consigo entender. E sinceramente não acredito que eles entendam.

– Nem Peter Knox?

– Marcus andou investigando. Ele é bom em recolher informações dos outros. Pelo que sei Peter Knox ainda não faz a menor ideia.

– Eu não quero que o Marcus se arrisque, não por mim. Ele tem que ficar fora disso, Matthew.

– Marcus sabe cuidar de si mesmo.

– Eu também tenho algumas coisas para lhe contar. – Eu enlouqueceria se tivesse que voltar atrás.

Matthew segurou as minhas mãos abrindo as narinas ligeiramente.

– Você está cansada e com fome – disse. – Talvez seja melhor deixar para depois do almoço.

– Você também fareja a minha *fome*? – perguntei incrédula. – Isso não é justo.

Ele inclinou levemente a cabeça para trás e riu. Puxou as minhas mãos para trás de mim de modo que os meus braços parecessem asas.

– E quem diz isso é uma bruxa que pode ler os meus pensamentos

quando lhe dá na veneta como se estivessem estampados num cartaz. Sei muito bem quando você muda de ideia, querida Diana. Sei quando você está arquitetando travessuras como naquele dia que achou que seria engraçado saltar a cerca do padoque. E estou cansado de saber quando você está com fome. – Ele me deu um beijo para me convencer.

– E por falar em bruxa – eu disse um tanto sem fôlego –, coloque a água-de-bruxa na lista de possibilidades genéticas.

– O quê? – Ele me olhou preocupado. – Quando isso aconteceu?

– Na hora que você saiu de Sept-Tours. Eu não quis chorar na sua frente. E quando você partiu, chorei... muito.

– Você tinha chorado antes – ele retrucou pensativo, puxando as minhas mãos para a frente. Examinou as palmas e os dedos das minhas mãos. – A água jorrou das suas mãos?

– Jorrou de todos os lados – respondi. Ele ergueu as sobrancelhas em sinal de alarme. – Das minhas mãos, dos meus cabelos, dos meus olhos, dos meus pés e até da minha boca. Foi como se não tivesse restado nenhuma parte de mim e eu tivesse virado água. Achei que nunca mais sentiria outro gosto além do sal.

– Você estava sozinha? – A voz dele soou aguda.

– Não, claro que não – apressei em responder. – Marthe e sua mãe estavam presentes. Elas não conseguiram se aproximar de mim. Havia muita água. E muito vento também.

– E como foi que isso parou? – ele perguntou.

– Foi Ysabeau.

Matthew olhou longamente para a mãe.

– Ela cantou para mim.

O vampiro fechou os olhos.

– No passado ela cantava o tempo todo. Obrigado, *maman*.

Fiquei esperando que ele me contasse que Ysabeau costumava cantar para ele e que se transformara completamente depois da morte de Philippe.

Mas ele não disse nada. Em vez disso me abraçou com força, e tentei não me importar com o fato de que não confiava em mim para revelar essa parte de sua vida.

À medida que o dia passou a felicidade de Matthew por ter voltado para casa se tornou contagiante. Depois do almoço nós fomos para o estúdio dele. Em frente à lareira, no chão, ele descobriu quase todos os pontos sensíveis do meu corpo. Por outro lado, não me deixou transpor os muros que tinha erguido cuidadosamente para manter as outras criaturas longe dos segredos dele.

Em dado momento localizei com dedos invisíveis uma fenda nas defesas de Matthew. Ele olhou para mim espantado.

– Você disse alguma coisa? – perguntou.

– Não – me esquivei.

Desfrutamos um jantar tranquilo com Ysabeau que também estava contagiada pela alegria de Matthew. Mas ela transparecia tristeza quando o olhava com mais intensidade.

Acabei de jantar e me desculpei pelo fato de estar com sono, na verdade eu estava preocupada com a gaveta da escrivaninha, o meu cheiro podia ter ficado no suporte de veludo dos selos, e me apressei em dar um boa-noite antes que Matthew se dirigisse sozinho ao estúdio.

Ele apareceu logo depois com seus grandes pés descalços e vestindo uma calça larga e listrada de pijama e uma camiseta preta desbotada.

– Você prefere o lado esquerdo ou direito? – perguntou casualmente, aguardando de braços cruzados ao pé da cama.

Eu podia virar a cabeça rapidamente quando necessário, mesmo não sendo uma vampira.

– Eu prefiro o esquerdo, se não se importar – ele acrescentou com uma cara séria. – Para mim será mais fácil relaxar se eu estiver entre você e a porta.

– Eu... eu não me importo – gaguejei.

– Passa pra lá, então. – Larguei as cobertas e fiz o que ele pediu. Ele se enfiou debaixo dos lençóis com um gemido de satisfação.

– Esta cama é a mais confortável da casa. Mamãe acha que não precisamos nos preocupar com bons colchões porque quase não dormimos. A cama dela é o próprio purgatório.

– Você vai dormir comigo? – perguntei tentando parecer tão indiferente quanto ele, mas sem sucesso.

Ele tirou o braço debaixo da coberta, puxou a minha cabeça e repousou-a no seu ombro.

– Não pensei que eu podia – disse. – Na verdade, não vou dormir.

Eu me aninhei ao corpo de Matthew e coloquei a palma da mão no coração dele para acompanhar o ritmo das batidas.

– O que vai fazer?

– É óbvio que vou ficar olhando para você. – Os olhos dele brilharam. – E quando me cansar de fazer isso, se me cansar de fazer – beijou os meus olhos –, pego um livro. Você se incomoda com a luz de velas?

– Não – respondi. – Eu durmo como uma pedra. Nada me acorda.

– Eu gosto de desafios – ele disse mansamente. – Arranjarei um jeito de acordá-la, se me entediar.

– Você se entedia facilmente. – Fiz a provocação enquanto me erguia e deslizava os dedos da base da nuca até os cabelos dele.

– Você terá que esperar para ver – ele disse com um ar maroto.

Os braços de Matthew eram frios e macios, e a presença dele era protetora e aconchegava mais que uma canção de ninar.

– Será que um dia isso vai parar? – perguntei baixinho.

– A Congregação? – A voz dele soou preocupada. – Não sei.

– Não. – Ergui a cabeça surpreendida. – Não estou preocupada com isso.

– O que quis dizer, então?

Beijei aquela boca curiosa.

– A emoção que sinto quando estou com você, como se estivesse viva pela primeira vez na vida.

Ele sorriu com uma expressão doce e tímida como nunca.

– Tomara que não.

Suspirei de felicidade, encostei a cabeça no peito de Matthew e caí num sono sem sonhos.



Na manhã seguinte me dei conta de que os meus dias com Matthew até então se enquadravam em uma de duas categorias. Ou ele assumia o controle do dia e me mantinha a salvo fazendo de tudo para que nada atrapalhasse os seus cuidadosos planos, ou então deixava o dia correr solto ao sabor do vento. Não fazia muito tempo que os meus dias eram determinados por elaboradas listas e cronogramas.

Decidi então assumir o controle. Decidi entrar na vida de vampiro de Matthew.

Infelizmente, tal decisão estava fadada a arruinar um dia que prometia ser maravilhoso.

Um dia que começou de madrugada com o corpo de Matthew me dando um choque de desejo com a mesma intensidade daquele que eu sentira no pátio no dia anterior. Um choque mais eficaz que qualquer despertador. Ele também reagiu de imediato com um beijo gratificante e vigoroso.

– Pensei que você não acordaria nunca mais – ele sussurrou entre beijos. – Até pensei que teria que chamar a banda da aldeia, mas o único trompetista conhecido que sabia executar o toque da alvorada morreu no ano passado.

Deitada ao lado dele, reparei que ele não estava com a âmbula de Betânia.

– Onde foi parar a sua insígnia de peregrino? – Era uma oportunidade ideal para fazê-lo falar dos Cavaleiros de Lázaro, mas ele não falou.

– Não preciso mais dela – disse enrolando uma mecha do meu cabelo

no dedo e puxando-a para o lado de modo a poder me beijar atrás da orelha.

– Diga pra mim – insisti me esquivando levemente.

– Mais tarde – ele disse beijando no vão entre a minha nuca e o meu ombro.

Meu corpo se fechou para qualquer tentativa de um colóquio racional. Eu e ele nos entregamos ao mundo dos sentidos, com toques nas frágeis barreiras de pano que cobriam nossos corpos e atentos às pequenas mudanças – um tremor, um arrepio, um suave gemido – que prometiam o grande prazer que viria à frente. Até que me fiz mais ousada atravessando a barreira de pano e tocando na pele nua de Matthew, mas ele me deteve.

– Sem pressa. Nós temos tempo.

– Vampiros. – Só consegui dizer isso antes de ser calada com um beijo.

Ainda estávamos atrás das cortinas da cama quando Marthe entrou no quarto. Ela deixou a bandeja do café da manhã na mesa com um baque oficioso, e jogou duas toras de madeira no fogo da lareira com o entusiasmo de um escocês competindo no lançamento de troncos.

Marthe saiu do quarto cantarolando uma canção occitana. Matthew se recusou a traduzir a letra, alegando que era grosseira demais para os meus delicados ouvidos.

Naquela manhã, em vez de me observar em silêncio enquanto eu fazia o meu desjejum, ele reclamava que estava entediado. Uma reclamação acompanhada de um brilho maroto no olhar e de mãos agitadas em cima das próprias coxas.

– Cavalgaremos depois do café da manhã – eu disse antes de pôr uma garfada de ovos à boca e sorver um gole de chá quente. – Posso trabalhar mais tarde.

– Cavalgar não vai adiantar nada – ele resmungou.

Meus beijos mandaram o tédio dele embora. Eu já estava com os lábios doloridos e com uma percepção mais apurada da interconexão do meu

próprio sistema nervoso quando finalmente Matthew concordou que era uma boa hora para uma cavalgada.

Ele desceu até o estúdio para trocar de roupa enquanto eu tomava um banho. Marthe subiu ao meu quarto para recolher a bandeja e contei-lhe os meus planos enquanto fazia uma trança grossa no meu cabelo. Ela ouviu a parte mais importante de olhos arregalados, mas disse que mandaria uma sacolinha com sanduíches e água para Georges colocar no alforje de Rakasa.

Depois disso não restava mais nada a fazer senão contar para Matthew.

Ele estava sentado à escrivaninha e cantarolava ao mesmo tempo em que digitava no computador e verificava as mensagens no celular. Parecia muito animado.

– Finalmente – disse. – Achei que teria que pescar você na água.

Fui tomada pelo desejo e os meus joelhos bambearam. Fiquei subitamente emocionada quando percebi que poderia varrer o sorriso do rosto dele com as palavras que lhe diria.

Por favor, que tudo dê certo, pensei comigo mesma pondo as mãos nos ombros de Matthew. Ele inclinou para trás e encostou a cabeça no meu peito sorrindo para mim.

– Me dá um beijo – ordenou.

Eu estava feliz com o clima aconchegante entre nós dois e cumpri a ordem sem pestanejar. Aquilo era tão diferente dos livros e filmes onde o amor é descrito como algo tenso e difícil. Com Matthew, o amor era um aportar em porto seguro e não um navegar em tempestade.

– Como é que vou lidar com isso? – perguntei segurando o rosto dele. – Parece que o conheço por toda a minha vida.

Ele sorriu de felicidade e se voltou para os vários programas do seu computador. Enquanto fazia isso eu bebia o cheiro de especiarias de seu corpo e acariciava os cabelos ao longo da curva de sua nuca.

– Isso é uma delícia – ele disse se aconchegando na minha mão.

Já era hora de arruinar o dia. Inclinei o peito e recostei o queixo no ombro dele.

– Me leve para caçar.

Cada músculo do corpo de Matthew se retesou.

– Isso não é nada engraçado, Diana – disse de um modo gélido.

– Não estou brincando. – Mantive o queixo e as mãos no mesmo lugar. Ele tentou se desvencilhar de mim, mas o impedi. Ele não escaparia mesmo que eu não tivesse coragem de encará-lo. – Você precisa fazer isso, Matthew. Você precisa saber que pode confiar em mim.

Ele se ergueu da cadeira de maneira explosiva, sem me deixar outra opção senão dar um passo atrás e soltá-lo. Depois de se afastar, ele pôs a mão onde a âmbula de Betânia costumava ficar. Não era um bom sinal.

– Nenhum vampiro caça com um sangue-quente, Diana.

A explicação também não era um bom sinal. Ele estava mentindo para mim.

– Claro que caça – retruquei com todo o cuidado. – Você caça com o Hamish.

– É diferente. Já o conheço há muitos anos, e não divido a cama com ele. – A voz de Matthew soou com rudeza enquanto ele olhava fixamente para as estantes.

Caminhei lentamente na direção dele.

– Se Hamish pode caçar com você, então também posso.

– Não pode, não. – Ele se retesou de tal maneira que deu para ver o contorno dos ombros debaixo do suéter.

– Ysabeau me levou com ela.

Fez-se um absoluto silêncio ao redor. Matthew respirou fundo enquanto agitava os músculos dos ombros. Deu mais um passo atrás.

– Não faça isso – disse com rispidez. – Não se aproxime de mim quando estou com raiva.

Lembrei que naquele dia ele não estava no comando e rapidamente me

coloquei à frente dele. Assim ele não poderia se esquivar do meu cheiro nem do som das batidas do meu coração que estavam equilibradas e firmes.

– Eu não queria deixar você zangado.

– Não estou zangado com você. – A voz dele soou com amargura. – Minha mãe é que me deve um montão de respostas. Há séculos ela vem testando a minha paciência, mas levá-la para caçar é imperdoável.

– Ela me deu a opção de voltar para o castelo.

– Ela não devia ter feito isso com você – ele vociferou se virando para me encarar. – Os vampiros ficam fora de controle quando estão caçando... quer dizer, não completamente. Mamãe não é confiável quando está farejando sangue. Para ela, matar é simplesmente se alimentar. Ela teria se alimentado de você sem pensar duas vezes se o vento tivesse levado o seu cheiro até o nariz dela.

A reação de Matthew era mais negativa do que o esperado, mas eu tinha colocado a mão no fogo e nada me impediria de colocar a outra.

– Sua mãe só tentou protegê-lo. Ela achou que eu não tinha entendido o perigo. Você teria feito o mesmo por Lucas.

O silêncio se fez outra vez em volta.

– Ela não tinha o direito de falar de Lucas para você. Ele era meu, não dela. – A voz de Matthew soou suavemente, mas com uma dose de veneno que eu nunca tinha visto sair de sua boca. Ele buscou com os olhos a estante que guardava a torre de brinquedo.

– Ele era seu e de Blanca – acrescentei com um tom igualmente suave.

– A história de vida de um vampiro só a ele cabe contá-la... somente a ele. Eu e você podemos estar infringindo os códigos, mas em poucos dias mamãe quebrou sozinha algumas regras. – Ele apalpou a âmbula de Betânia novamente.

Cruzei a pouca distância que nos separava com cautela e em silêncio, como se ele fosse um animal nervoso que poderia me atacar de um jeito

que o faria se arrepender depois. Agarrei-o pelos braços quando estava a poucos centímetros dele.

– Ysabeau também me contou outras coisas. Conversamos sobre o seu pai. Ela revelou todos os nomes que você tem, mencionando os nomes que você não gosta, e também revelou todos os nomes dela. Não entendi muito bem o sentido desses nomes, mas acho que ela não explica isso para qualquer um. Ela me disse como fez você. E disse que tinha cantado para repelir a água-de-bruxa a mesma canção que cantava para você depois que virou vampiro. – *Quando você não conseguia controlar a sua fome.*

Os olhos de Matthew tiveram dificuldade para encontrar os meus olhos. Mostravam uma dor e uma vulnerabilidade que ele ocultava até aquele instante com muito zelo. Meu coração se partiu.

– Não posso correr esse risco, Diana – ele disse. – Eu quero você como nunca quis alguém. Eu quero você de corpo e alma. Se me desconcentrar por um segundo durante a caçada, o cheiro do cervo pode se confundir com o seu cheiro e o meu desejo de caçar o cervo pode se misturar com o meu desejo de ter você.

– Mas você já me tem – eu disse como se o agarrando com as minhas mãos, com os meus olhos, com a minha mente e com o meu coração. – Você não precisa me caçar. Eu sou sua.

– A coisa não funciona assim – ele argumentou. – Nunca poderei possuí-la completamente. Estarei sempre querendo mais do que você pode dar.

– Esta manhã, na minha cama, você não quis. – Ruborizei só de pensar na última recusa dele. – Eu queria me dar para você com todo ardor, e você disse não.

– Eu não disse não... eu disse mais tarde.

– É assim que você caça? Seduzindo, postergando e depois rendendo a presa?

Ele se encolheu. Era a resposta que eu esperava.

– Mostre para mim – insisti.

– Não.

– Mostre!

Ele urrou, mas me mantive firme. Era um urro de aviso, não de ameaça.

– Eu sei que você está com medo. Eu também estou. – Os olhos de Matthew brilharam de culpa e resmunguei de impaciência. – Pela última vez, não estou com medo de você. O que me apavora é o meu próprio poder. Você não viu a água-de-bruxa, Matthew. Eu podia ter destruído qualquer um e qualquer coisa sem uma gota de remorso na hora que a água jorrou de mim. Você não é a única criatura perigosa aqui. Mas apesar disso, nós temos que aprender um jeito de viver em comum.

Ele riu com amargura.

– Talvez seja por isso que existem regras para impedir que bruxas e vampiros se unam. Talvez seja muito difícil superar tudo isso.

– Você não acredita nessa bobagem – retruquei com veemência enquanto pegava a mão dele e trazia ao meu rosto. O choque entre o frio e o quente foi como um toque de prazer nos meus ossos que fez o meu coração palpitar. – O que sentimos um pelo outro não é e não pode ser errado.

– Diana. – Ele sacudiu a cabeça e tentou se desvencilhar.

Eu o agarrei com força e coloquei a palma da mão dele para cima. Matthew tinha uma linha da vida longa e suave, e tracei-a com o dedo até atingir as veias. Debaixo da pele branca as veias pareciam negras, e ele tremeu quando sentiu o meu toque. Ainda havia dor nos olhos dele, mas ele não estava mais furioso.

– Isso não é errado. Você sabe perfeitamente disso. Mas o que você não sabe é que também pode confiar em mim. – Entrelacei os meus dedos nos dele e lhe dei um tempo para pensar. Mas continuei firme.

– Eu a levarei na caçada – ele disse por fim –, desde que não se aproxime de mim e não desmonte de Rakasa. E se perceber algum sinal de

que estou olhando para você, ou até mesmo pensando em você, dê meia-volta e saia a galope direto para casa, para Marthe.

Já decidido, Matthew desceu a escada e pacientemente esperou uns degraus abaixo quando viu que eu estava mais atrás. Ele passou como um pé de vento pelo salão, e isso fez Ysabeau se levantar da poltrona.

– Vamos – ele disse com a cara amarrada enquanto me arrastava pelo térreo.

Quando chegamos à cozinha, no subsolo, Ysabeau estava poucos passos atrás de nós, e Marthe olhava para mim e para Matthew, parada à entrada da despensa, como se assistindo a uma novela de televisão. Ninguém precisou lhe dizer que alguma coisa estava errada.

– Não sei quando voltaremos – gritou Matthew por cima do ombro.

Ele me segurou com força e não pude fazer nada a não ser me voltar para ela com um ar constrangido e sussurrar "desculpe".

– *Elle a plus de courage que j'ai pensé* – cochichou Ysabeau para Marthe.

Matthew se deteve abruptamente com os lábios crispados em desagradável careta.

– Sim, mamãe. Diana tem mais coragem do que você e eu merecemos. Se você ousar testá-la novamente, será a última vez que nos verá. Entendeu?

– É claro, Matthew – murmurou Ysabeau. Era a resposta que ela preferia quando queria parecer neutra.

Matthew não disse uma palavra no trajeto até o estábulo. Em alguns momentos fez menção de que ia dar meia-volta e voltar para o castelo. Na entrada do estábulo, me pegou pelos ombros para ver se havia algum sinal de medo no meu rosto e no resto meu corpo. Ergui o queixo.

– Podemos? – Saí andando na direção do padoque.

Ele bufou e depois chamou por Georges. Balthasar respondeu com um relincho e abocanhou a maçã que joguei para ele. Felizmente, não precisei

de ajuda para calçar as botas, se bem que demorei mais que Matthew para calçá-las. Ele me observou atentamente quando terminei de abotoar o casaco e prendi a correia do boné debaixo do queixo.

– Fique com isso – disse estendendo um chicote.

– Não preciso disso.

– Pegue o chicote, Diana.

Peguei o chicote pensando em jogá-lo no mato na primeira oportunidade.

– E saiba que voltaremos para casa se jogar esse chicote fora quando entrarmos no bosque.

Ele realmente achava que eu poderia açoitá-lo com aquilo? Enfiei o chicote na bota com o cabo espetando o meu joelho e me dirigi irritada até o padoque.

Os cavalos nos viram e se agitaram com nervosismo. Os animais, como Ysabeau, sabiam que alguma coisa estava errada. Estendi a maçã para Rakasa e fiquei acariciando o lombo enquanto falava suavemente com ela na tentativa de acalmá-la. Matthew não deu a mínima para Dahr. Ele estava ocupado demais, conferindo o equipamento da montaria com uma velocidade espantosa. Depois me ajudou a montar em Rakasa. Ele me pegou pela cintura e não se deteve comigo mais do que o necessário. Não queria absorver o meu cheiro.

No bosque, Matthew fez questão de se certificar se o chicote ainda estava enfiado na minha bota.

– É melhor encurtar o estribo do lado direito – ele disse assim que os cavalos iniciaram o trote. Ele queria o meu equipamento pronto para uma saída em disparada, caso fosse necessário. Refreei Rakasa de cara amarrada e ajustei as correias de couro do estribo.

O campo que já me era familiar se abriu à minha frente. Matthew farejou o ar e puxou as rédeas de Rakasa para me deter. Ele ainda estava sombrio de raiva.

– Tem um coelho por lá. – Apontou para o lado ocidental do campo.

– Já vi um coelho sendo caçado – eu disse com toda a calma. – E uma marmota e um bode e uma corça.

Ele soltou um palavrão conciso e compreensível, e torci para que estivéssemos fora do alcance dos ouvidos de Ysabeau.

– Você quis dizer "vamos ao que interessa", não foi?

– Eu não caço cervos como a minha mãe, amedrontando-os até a morte e caindo em cima como uma ave de rapina. Talvez mate um coelho ou mesmo um bode para você. Mas não vou encurralar um cervo com você por perto – ele disse com uma cara obstinada.

– Pare de fingir e confie em mim. – Apontei para o meu alforje. – Estou preparada para esperar.

Ele balançou a cabeça.

– Não com você perto de mim.

– Desde o dia que nos conhecemos – comecei a falar com toda a calma –, você só mostrou os aspectos agradáveis de um vampiro. Sente gostos que nem imagino. Recorda-se de fatos e de pessoas que só conheço pelos livros. Fareja quando mudo de ideia ou quando desejo beijá-lo. Enfim, você me despertou para um mundo de possibilidades sensoriais inimagináveis.

Eu dei uma pausa na esperança de que estivesse fazendo algum progresso. Não estava.

– Durante esse tempo você me viu vomitar e incendiar o seu tapete, e me viu completamente destruída quando recebi aquele envelope inesperado pelo correio. E saiba que o episódio das águas também não foi nada bonito. Em troca só estou lhe pedindo que me deixe assistir enquanto você se alimenta. Isso é básico, Matthew. E se você não pode lidar com isso, terminamos por aqui e deixamos a Congregação feliz.

– *Dieu*. Você tem sempre que me surpreender? – Matthew esticou a cabeça e olhou alguma coisa ao longe. Um jovem veado no topo de uma

colina tinha atraído a atenção dele. O veado pastava e ainda não tinha sentido o nosso cheiro porque o vento soprava em nossa direção.

Muito obrigada, agradeci comigo mesma. Naquela hora um veado era um presente dos deuses. Matthew cravou os olhos na presa, deixando a raiva de lado e assumindo uma consciência sobrenatural do meio ambiente. Fixei os olhos no vampiro atenta a sutilezas que exprimissem o que ele estava sentindo ou pensando e recebi poucas pistas, se bem que preciosas.

Não ouse se mover, avisei para Rakasa quando ela deu sinais de nervosismo. A égua plantou os cascos na terra e se manteve atenta.

Depois de sentir a mudança de vento pelo cheiro, Matthew pegou as rédeas de Rakasa e moveu lentamente os dois cavalos para a direita, mantendo-os na direção da descida da brisa. O veado levantou a cabeça, olhou para o sopé da colina e deu por finalizada a sua pacata pastagem. Matthew cravou os olhos no terreno, momentaneamente interessado em um coelho, e arregalou os olhos quando a cabeça de uma raposa emergiu de um buraco. Um falcão planava no céu, surfava ao vento como os surfistas surfam nas ondas, o que também não passou despercebido aos olhos atentos de Matthew. Lembrei de como ele lidava com as criaturas na Bodleiana. Não havia nada naquele campo que ele não tivesse avistado, identificado e pensado em matar depois de observar por um instante. Matthew puxou os cavalos na direção de algumas árvores, e lá me posicionou entre os cheiros e os ruídos de outros animais para camuflar a minha presença.

Enquanto nos movíamos, Matthew reparou quando outra ave juntou-se ao falcão e quando um coelho desapareceu numa toca e um outro coelho apareceu. Surpreendemos um bicho que parecia um gato e tinha um rabo listrado e comprido. Pelo modo que o corpo de Matthew se arrepiou era evidente que ele teve vontade de caçá-lo, e acredito que se estivesse sozinho iria caçá-lo antes de perseguir o veado. Ele desviou os olhos do estranho

animal com dificuldade.

Levamos quase uma hora para subir a colina. Quando nos aproximamos do topo, Matthew desmontou do cavalo com seu jeito peculiar de desmontar. Depois deu uma palmada na anca de Dahr, que obedeceu ao comando, deu meia-volta e se dirigiu para casa.

Durante essas manobras Matthew não soltou as rédeas de Rakasa, mantendo-a sob o cabresto. Depois ele conduziu a égua para a margem do bosque, onde respirou fundo rastreando cada aroma dos arredores. Sem dizer uma palavra me deixou dentro de uma moita de vidoeiro com Rakasa.

O vampiro se agachou e manteve-se de joelhos curvados de um modo que nenhum humano aguentaria por mais que poucos minutos. Ele ficou nessa posição por umas duas horas. Eu fiquei com os pés dormentes e comecei a flexionar os tornozelos nos estribos para mitigar a dormência.

Matthew não exagerara ao frisar a diferença entre o seu modo de caçar e o da mãe. Ysabeau caçava antes de tudo para satisfazer uma necessidade biológica. Ela precisava de sangue e pegava os animais da maneira mais eficiente possível, e sem nenhum remorso pelo fato de matar outras criaturas para sobreviver. Para o filho, no entanto, a coisa era visivelmente mais complicada. Claro que Matthew precisava se nutrir fisicamente com o sangue dos animais. Mas havia uma afinidade entre ele e a presa, e isso me fez lembrar do tom respeitoso dos artigos que tinha escrito sobre os lobos. Para Matthew, a caçada era antes de tudo uma estratégia, valia-se de uma inteligência bestial contra criaturas que pensavam e sentiam o mundo da mesma maneira que ele.

Em dado momento, me veio à mente a imagem de nós dois na cama pela manhã, e fechei os olhos para tentar reprimir a irrupção do desejo. Matthew estava prestes a matar naquele bosque e eu o desejava com a mesma força que o tinha desejado na cama. Isso me fez entender por que ele rechaçara a ideia da minha presença na caçada. Sobrevivência e

sexualidade se ligavam de um modo que nunca me passara pela cabeça.

Ele respirou suavemente e se retirou sem dizer uma palavra, depois se moveu furtivamente pela margem do bosque. Quando saiu correndo pelo topo da colina o veado ergueu a cabeça com curiosidade para identificar a criatura que se aproximava.

Alguns segundos depois, o veado percebeu que Matthew era uma ameaça, o animal precisou de mais tempo que eu precisaria para perceber isso. Meus pelos se arrepiaram e senti por aquele veado a mesma pena que eu tinha sentido pela corça de Ysabeau. O animal entrou em ação saltando colina abaixo. O predador foi mais rápido e cercou a presa antes que ela se aproximasse do lugar em que eu estava escondida. Acossada, a presa retornou ao topo da colina. Quanto mais o predador se aproximava, mais a presa se afligia.

Eu sei que você está com medo, pensei comigo mesma torcendo para que o veado me ouvisse. *Ele precisa fazer isso. Ele não faz isso por esporte, nem pelo prazer de feri-lo. Ele precisa de você para se manter vivo.*

Rakasa girou a cabeça e me olhou com nervosismo. Eu me inclinei e acariciei o pescoço dela.

Quieto, alertei a presa. *Pare de correr. Ninguém é veloz o bastante para fugir dessa criatura.* O veado diminuiu o ritmo depois de tropeçar num buraco. Estava correndo na minha direção como se estivesse seguindo até a fonte de onde ouvia a minha voz.

Matthew o alcançou e o agarrou pelos chifres, e depois girou a cabeça do animal para um lado e o fez cair de costas se debatendo. O predador se ajoelhou e apertou a cabeça da presa a poucos metros de uma moita. O veado soltou alguns coices.

Pare, pensei com tristeza. *Chegou sua hora. Essa criatura dará fim à sua vida.*

O veado soltou um último coice de frustração e medo, e depois se aquietou. Matthew olhou fixamente nos olhos da presa como se pedindo

permissão para terminar o trabalho, depois se moveu com tanta rapidez que tudo se reduziu a uma mancha preta e branca enquanto ele se debruçava sobre o pescoço do veado.

À medida que Matthew se alimentava e se renovava com uma onda de energia, a vida do animal se extinguia. Pairou no ar um gosto de ferro, sem que nenhuma gota de sangue tivesse vertido. A força vital do veado se foi e Matthew continuou ao lado da carcaça, ajoelhado de cabeça baixa e em silêncio.

Coloquei Rakasa em marcha com um toque do salto das botas. Enquanto me aproximava as costas de Matthew se retesavam. Ele olhou para o alto com olhos verdes desbotados e acinzentados brilhando de satisfação. Eu tirei o chicote de dentro da bota e o arremessei o mais longe possível para outro lado. O chicote voou pelos ares e despencou dentro de uma moita, embaraçando-se com o mato. Embora Matthew tenha observado a cena com interesse, o risco de me confundir com uma presa já tinha passado.

Eu tirei o boné e desmontei de Rakasa de costas para Matthew. Ele não confiava em mim, mas eu confiava nele. Apoiei a mão levemente no ombro dele para me ajoelhar, e deixei o boné ao lado da cabeça do veado morto.

– Gostei do seu jeito de caçar, é bem melhor que o de Ysabeau. O animal também deve ter achado isso.

– O jeito de mamãe matar é muito diferente do meu? – O sotaque francês de Matthew soou mais forte, e a voz, mais fluida e hipnótica que antes. Ele também estava com um cheiro diferente.

– Ela caça por necessidade biológica – respondi. – E você para se sentir inteiramente vivo. E vocês dois chegaram a um acordo. – Apontei para o veado. – Acho que ele estava em paz no momento derradeiro.

Matthew me olhou com tamanha intensidade que seu olhar transformou a neve em gelo quando tocou na minha pele.

– Você conversou com o veado da mesma forma que conversa com

Balthasar e Rakasa?

– Se isso o preocupa, eu não interferi – respondi abruptamente. – Essa matança foi sua. – Talvez os vampiros fizessem questão de que fosse assim.

Matthew deu de ombros.

– Eu não faço tabelas de pontos. – Ele desviou os olhos do veado e levantou-se com um movimento deslizante que o caracterizava sem dúvida alguma como um vampiro. Depois, apontou a mão comprida para mim. – Vamos. Você vai congelar se continuar de joelhos nesse chão.

Eu lhe dei a mão e me levantei, me perguntando quem se incumbiria de se livrar da carcaça daquele animal. Talvez Georges e Marthe tivessem planejado fazê-lo. Rakasa fartava-se alegremente de capim sem se incomodar com a proximidade do animal morto. Por incrível que pareça, eu estava faminta.

Rakasa, chamei por ela mentalmente. Ela me olhou e veio em minha direção.

– Você se importa se eu comer? – perguntei hesitante, sem saber como ele reagiria.

A boca de Matthew se contraiu.

– Não. Afinal, depois do que viu o mínimo que posso fazer é vê-la comendo um sanduíche.

– Não há diferença, Matthew. – Abri a fivela do alforje que estava pendurado na égua, e de coração agradeci a Marthe por só ter preparado sanduíches de queijo. Acabei de saciar a fome e sacudi as migalhas de pão das minhas mãos.

Matthew me olhou como um gavião.

– Você se importa? – perguntou baixinho.

– Com o quê? – Eu já tinha dito que entendera a morte do animal.

– Blanca e Lucas. Com o fato de que já tive esposa e filho em outros tempos.

Claro que eu sentia ciúmes de Blanca, mas ele não entenderia as minhas

razões. Eu então tentei pinçar alguma coisa dentro de mim que fosse verdadeira e compreensível para ele.

– Eu não me importo com os momentos amorosos que você compartilhou com qualquer criatura viva ou morta – respondi enfaticamente –, desde que queira ficar comigo agora.

– Só agora? – ele disse arqueando as sobrancelhas.

– O agora é o único momento que importa. – Tudo parecia simples. – Matthew, alguém que viveu tanto tempo como você teria que carregar um passado. Sei que nunca foi monge e não espero que não lamente as perdas que teve durante a vida. Como não seria amado antes, se hoje o amo tanto?

Matthew me puxou ao encontro do seu coração. Eu me aconcheguei com avidez e feliz pelo dia de caçada que não terminava em desastre, e o melhor é que a raiva dele estava passando. Ainda estava latente e isso se evidenciava na tensão do seu rosto e dos ombros, mas já não ameaçava tragar a nós dois. Ele me pegou pelo queixo e ergueu o meu rosto para que nossos olhos se encontrassem.

– Se importaria muito se a beijasse? – ele fez a pergunta desviando os olhos por um momento.

– Claro que não. – Fiquei na ponta dos pés para aproximar os meus lábios dos dele. Mas ele hesitou e isso me fez perder a paciência e cravei as mãos por trás da cabeça dele.

– Deixe de ser idiota e me beije!

Ele me deu um beijo rápido, mas com força. Os lábios de Matthew ainda tinham resquícios de sangue, e isso não foi nem assustador nem desagradável. Era só o Matthew.

– Você sabe que não poderemos ter filhos – ele disse ainda me abraçando e com o rosto quase tocando o meu. – Os vampiros não podem ter filhos da maneira tradicional. Você se importa com isso?

– Há outras maneiras de se ter filhos. – Eu nem tinha pensado em filhos.

– Ysabeau fez você, e você pertence a ela não menos que Lucas pertencia a Blanca e a você. E há muitas crianças no mundo que não têm pais. – Lembrei de quando ouvi de Sarah e Em que os meus pais tinham partido e não voltariam. – Se você quiser, podemos adotá-las. Um time inteiro de filhos.

– Já faz muito tempo que não faço um vampiro – ele disse. – Ainda posso lidar com isso, e só espero que não queira uma família muito grande.

– Nas últimas três semanas a minha família aumentou muito com você, Marthe e Ysabeau. Não sei se aguento uma família muito maior.

– É preciso acrescentar mais um na sua conta.

Arregalei os olhos.

– Há mais da sua parte?

– Ora, há sempre mais – ele disse de um modo seco. – A genealogia dos vampiros é muito mais complicada que a das bruxas. Nossas relações sanguíneas são de três lados, não só de dois. Mas você já conhece esse membro da família.

– Marcus? – Pensei no jovem vampiro americano e seus tênis de cano alto.

Matthew assentiu.

– Ele mesmo terá que contar a história dele para você... Não sou tão iconoclasta como mamãe, apesar de ter me apaixonado por uma bruxa. Eu o fiz há mais de duzentos anos. E tenho muito orgulho do que ele fez com a própria vida.

– Mas não permitiu que ele tirasse o meu sangue no laboratório – retruquei com um ar intrigado. – Ele é seu filho. Por que não confia nele em relação a mim? – Afinal, o que se espera dos pais é que confiem nos filhos.

– Ele foi feito com o meu sangue, minha querida – disse Matthew de um jeito possessivo e impaciente. – Por que você não seria irresistível para ele, se é para mim? Lembre-se de que nenhum de nós é imune à tentação do

sangue. Confio no meu filho mais do que confiaria em qualquer estranho, mas nunca me sentirei completamente tranquilo se um vampiro se aproximar de você.

– Nem mesmo Marthe? – Fiquei pasma. Eu confiava plenamente em Marthe.

– Nem mesmo Marthe – ele respondeu com firmeza. – Se bem que você não faz o tipo dela. Ela prefere o sangue de tipos musculosos.

– Então você não precisa se preocupar nem com Marthe nem com Ysabeau – rebati com a mesma firmeza.

– Muito cuidado com a minha mãe – disse Matthew. – Meu pai me ensinou a nunca dar as costas para ela, e ele estava certo. Ela sempre teve fascínio e inveja das bruxas. Se as circunstâncias forem ideais e ela estiver no clima... – Ele balançou a cabeça.

– Mas é preciso levar em conta o que aconteceu com Philippe.

Matthew paralisou.

– Eu tenho visto coisas, Matthew. Vi quando Ysabeau lhe contou que as bruxas tinham capturado o seu pai. Ela não tem motivo algum para confiar em mim, e mesmo assim me hospedou na casa dela. A única ameaça real é a Congregação. E eles se sentirão fora de perigo se você me fizer vampira.

O rosto de Matthew se tornou sombrio.

– Eu e mamãe teremos uma longa conversa sobre o que se deve e não se deve conversar.

– Você não pode afastar de mim o mundo dos vampiros, o seu próprio mundo. Já estou envolvida. E preciso saber como esse mundo funciona e quais são as regras que ele impõe. – A irritação e a fúria começaram a descer pelos meus braços em direção as unhas, onde irrompiam os arcos de fogo azul.

Matthew arregalou os olhos.

– Você não é a única criatura assustadora, sabia? – Sacudi as mãos

flamejantes na frente dele enquanto sacudia a cabeça. – Então deixe de bancar o herói e não me impeça de participar da sua vida. Eu não quero viver com *sir* Lancelot. Seja você mesmo, Matthew Clairmont. De corpo e alma, com seus dentes afiados, com sua mãe assustadora, com seus tubos de ensaio cheios de sangue e DNA, com sua irritante mania de mandar em tudo e em todos e com esse seu olfato enlouquecedor.

Quando acabei de falar as faíscas azuis sumiram da ponta dos meus dedos. Mas permaneceram nos cotovelos, talvez precisasse delas outra vez.

– Se eu chegar mais perto – disse Matthew displicentemente como se perguntando as horas –, você vai ficar azul novamente ou basta por hoje?

– Por ora, talvez.

– Talvez? – Ele arqueou as sobrancelhas outra vez.

– Eu estou sob completo controle – falei com mais convicção, lembrando com pesar do buraco que tinha feito no tapete do apartamento dele em Oxford.

Rápido como um raio, ele me abraçou.

– Ai – gemi quando ele me apertou tanto que meus cotovelos tocaram nas minhas costelas.

– E eu vou acabar de cabelos brancos, embora isso não aconteça entre os vampiros, com essa sua valentia e essas suas mãos incendiárias e essas coisas impossíveis de que você fala. – Ele me deu um longo beijo para se assegurar de que estava a salvo. E o beijo me deixou literalmente sem fala. Encostei o ouvido no peito de Matthew e fiquei à espera das batidas do seu coração. E o apertei de felicidade quando ouvi as batidas daquele coração porque eu não era a única a ter um coração repleto.

– Você venceu, *ma vaillante fille* – ele disse aninhando-me no corpo dele. – Vou tentar, *vou tentar* não mimar tanto você. Mas lembre-se de não subestimar a periculosidade dos vampiros.

Aninhada nos braços dele, era impossível combinar "perigo" e "vampiro" na mesma frase. Rakasa nos olhava com indulgência e com os

cantos da boca cheios de capim.

– Já terminou? – Ergui a cabeça para poder olhá-lo.

– Se está querendo saber se vou continuar caçando, a resposta é não.

– Rakasa vai explodir. Já está comendo capim há um tempão. Assim não poderá nos carregar. – Apertei os quadris e as nádegas de Matthew.

Ele perdeu o fôlego emitindo um ronronado diferente do que emitia quando estava zangado.

– Você monta e vou andando atrás – ele sugeriu depois de me dar um outro beijo demorado.

– Então nós dois vamos andando. – Eu estava sem a menor vontade de montar em Rakasa depois de horas na sela.

Já era tarde da noite quando atravessamos os portões do castelo. Sept-Tours estava flamejante e a iluminação das lâmpadas nos acolheu em silêncio.

– Lar. – Meu coração ficou descompassado com a visão.

Matthew não olhou para a casa, olhou para mim e sorriu.

– Lar.



Já seguros de volta ao castelo, fizemos uma refeição no aconchego do calor do fogo na área dos criados.

– Onde está Ysabeau? – perguntei a Marthe quando ela trouxe uma xícara de chá.

– Saiu. – Ela se virou na direção da cozinha.

– Saiu? Foi aonde?

– Marthe – disse Matthew. – Não precisamos esconder mais nada de Diana.

Ela se virou para nós com um olhar fulminante. Não atinei se era um olhar dirigido para mim, para a mãe ausente ou para ele.

– Ela foi ver aquele padre na aldeia. E também o prefeito. – Marthe se calou hesitante e continuou. – Depois ela ia limpar.

– Limpar o quê? – perguntei.

– Bosques. Colinas. Cavernas. – Ela assumiu um ar de quem tinha explicado tudo, mas pedi um esclarecimento de Matthew com um olhar.

– Às vezes, Marthe confunde limpar com clarear. – O pesado copo de vidro na mão de Matthew refletiu a luz do fogo. Ele estava bebendo um vinho da região, mas não muito como sempre fazia. – Pelo que parece *maman* foi verificar se não há vampiros espreitando nas redondezas de Sept-Tours.

– Ela está procurando alguém em particular?

– Domenico, é claro. E Gerbert, outro vampiro membro da Congregação. Ele também é de Auvergne, de Aurillac. Ela deve ir ver alguns esconderijos de Gerbert para saber se ele está por perto.

– Gerbert. De Aurillac? O Gerbert de Aurillac, o papa do século X que se tornou conhecido porque tinha uma cabeça de bronze que lhe servia de oráculo? – O fato de Gerbert ser um vampiro que um dia foi papa me interessava bem menos que a sua fama de estudioso da ciência e das artes mágicas.

– Eu sempre me esqueço que você é uma conhecedora profunda da história. Até coloca os vampiros no chinelo. É esse Gerbert mesmo. – Matthew me alertou em seguida. – E o melhor que você faz é manter distância dele. Se por acaso o conhecer não faça perguntas sobre medicina árabe e astronomia. Esse vampiro sempre gostou de acumular bruxas e magia. – Ele me lançou um olhar possessivo.

– Ysabeau o conhece?

– Ah, sim. Os dois já foram unha e carne. Se ele estiver pelas redondezas, ela certamente o encontrará. Mas não se preocupe porque ele não coloca os pés aqui no castelo – garantiu Matthew. – Ele sabe que não é bem-vindo em nossa casa. Portanto, fique aqui dentro e só saia com um de nós.

– Não se preocupe. Não sairei por aí sozinha. – Gerbert de Aurillac não era alguém que eu quisesse topar pela frente.

– Suspeito que ela esteja tentando se desculpar pelo comportamento que teve. – A voz de Matthew soou com neutralidade, mas transparecendo uma ponta de raiva.

– Você deve perdoá-la – repeti. – Ela não queria que você sofresse.

– Diana, eu não sou uma criança, e a minha mãe não precisa me proteger da minha própria esposa. – Ele continuou mexendo o copo de um lado para o outro. A palavra "esposa" ecoou em volta por alguns segundos.

– Será que perdi alguma coisa? – perguntei por fim. – Quando foi que nos casamos?

Matthew olhou nos meus olhos.

– Quando voltei para casa e lhe disse que a amava. Embora não seja um casamento oficial de cartório, aos olhos dos vampiros já estamos casados.

– Então isso não aconteceu quando lhe disse pelo telefone que o amava e você também disse que me amava, e só quando você voltou para casa e me disse isso pessoalmente? – O assunto demandava precisão. Eu já estava pensando em abrir um arquivo no meu computador com o título: "Frases que soam de um jeito para as bruxas, mas que significam outra para os vampiros."

– Os vampiros se acasalam como os leões e os lobos – ele disse como se fosse um cientista de documentário televisivo. – A fêmea escolhe o seu par, e se o macho concordar, pronto, está feito. Eles estão casados pelo resto da vida e toda a comunidade reconhece essa união.

– Ah! – exclamei com um sopro de voz. Lá estávamos nós de volta aos lobos noruegueses.

– Na verdade nunca gostei da palavra "par". Sempre soa impessoal, como uma tentativa de emparelhar meias ou sapatos. – Ele deixou o copo de lado e se apoiou de braços cruzados na superfície envelhecida e gasta da mesa. – Mas você não é uma vampira. Você se importa se a considero minha esposa?

Um ciclone entrou pela minha cabeça enquanto eu tentava imaginar o que o meu amor por Matthew tinha a ver com membros ferozes do reino animal e com uma instituição social que não me entusiasmava. E no ciclone não havia placas para me ajudar a encontrar o caminho.

– E quando dois vampiros se casam – perguntei ao me recobrar – o que se espera é que a fêmea obedeça ao macho?

– Devo dizer que sim – ele disse olhando para as próprias mãos.

– Hmm. – Apertei os olhos quando vi que ele continuava de cabeça abaixada. – E o que se espera de mim nessa união?

– Amor, honra, guarda e fidelidade – ele respondeu, finalmente se dignando a me olhar nos olhos.

– Isso soa tão aterrador quanto uma cerimônia medieval de casamento.

– Foi um vampiro que escreveu essa parte da liturgia. Mas não vou obrigá-la a me servir – ele me garantiu. – Isso foi elaborado para satisfazer os humanos.

– Aos homens. Não creio que isso tenha feito alguma mulher sorrir.

– Provavelmente, não. – Ele deu um sorriso amarelo. A irritação deu lugar a um olhar aflito. Ele olhou novamente para as próprias mãos.

O passado sem Matthew pareceu frio e cinza. E o futuro prometia ser bem mais interessante com ele ao meu lado. Nosso namoro era recente, mas já me sentia amarrada a ele. E quer ele me chamasse de "esposa" ou não, o fato é que os vampiros tinham um comportamento animal e não seria possível trocar a obediência por algo mais progressista.

– Meu marido, eu devo ressaltar que no sentido estrito a sua mãe não o estava protegendo da sua esposa. – As palavras "marido" e "esposa" soaram estranhas na minha boca. – De acordo com os termos aqui colocados eu não era a sua esposa até o momento em que você voltou para casa. Pelo contrário, era apenas uma criatura que você deixou como um pacote sem o endereço do remetente. Por isso a minha punição foi menos severa.

Matthew esboçou um sorriso no canto da boca.

– É o que você acha? Suponho então que deva honrar o seu desejo e perdoar a minha mãe. – Ele pegou a minha mão e começou a dar beijinhos nas juntas dos meus dedos. – Eu disse que você é minha. E fui bem claro.

– Foi por isso que Ysabeau se irritou quando nos beijamos ontem na frente da casa. – Isso tanto explicava a raiva como a submissão abrupta de Ysabeau. – Não havia como voltar atrás porque você já estava comigo.

– Não para um vampiro.

– Nem para uma bruxa.

Matthew cortou o clima que começava a pesar ao olhar com um ar maroto para o meu prato vazio. Eu simplesmente tinha devorado três

porções de ensopado, e insistindo o tempo todo que não estava com fome.

– Já terminou? – ele perguntou.

– Sim – resmunguei aborrecida por ter sido surpreendida.

Não era muito tarde, mas comecei a bocejar. Encontramos Marthe polindo a madeira de uma enorme mesa com uma mistura perfumada de água fervente, sal marinho e limões e lhe demos um boa-noite.

– Ysabeau logo estará em casa – disse-lhe Matthew.

– Ela vai passar a noite fora – retrucou Marthe com um ar sombrio, ocupada com os limões. – Ficarei aqui.

– Como quiser, Marthe. – Ele deu uma apalpadela no meu ombro.

Enquanto caminhávamos até o estúdio, Matthew me contou a história de onde comprara o exemplar do livro de anatomia de Vesalius e o que pensara a respeito das ilustrações. Afundei no sofá com o livro e me dei por satisfeita em apreciar desenhos de corpos decompostos porque estava cansada demais para me concentrar no *Aurora Consurgens*. Enquanto isso, Matthew respondia e-mails. Reparei com alívio que a gaveta embutida da escrivaninha estava bem fechada.

– Vou tomar um banho – eu disse uma hora depois enquanto me levantava e alongava os músculos para mais um lance de escada. Precisava de um tempo sozinha para pensar nas implicações da minha nova condição de esposa de Matthew. A ideia de casamento era assoberbante demais para mim. Depois de ponderar sobre o sentimento possessivo do vampiro e sobre a minha própria ignorância do que estava acontecendo, nada me pareceu melhor do que aquele momento de reflexão.

– Eu irei em seguida – disse Matthew sem tirar os olhos da tela do computador.

A água do banho estava quente como sempre e afundei na banheira com um gemido de prazer. Marthe já tinha operado a magia com as velas e a lareira. O ambiente era acolhedor e agradável. Revi os acontecimentos do dia com satisfação. Estar no comando era realmente bem melhor do

que ficar à mercê dos acontecimentos.

Eu ainda estava de molho com o cabelo caindo em cascata para fora da banheira quando ouvi uma batida leve à porta. Matthew não esperou a minha resposta para abri-la. Surpreendida, ergui o peito e afundei novamente na água enquanto ele entrava no banheiro.

Ele abriu uma das toalhas como uma vela ao vento. Seus olhos estavam enfumaçados.

– Vem pra cama – disse com uma voz rouca.

Continuei na água por mais um tempo enquanto tentava ler o rosto de Matthew. Ele esperou pacientemente com a toalha estendida enquanto eu o observava. Depois, respirei fundo e levantei com a água escorrendo pelo meu corpo nu. As pupilas de Matthew se dilataram de repente, mas o corpo permaneceu imperturbável. Em seguida ele recuou para que eu pudesse sair da banheira e me enrolou na toalha.

Cravei os olhos nos dele com a toalha presa ao redor do meu peito. Quando vi que os olhos de Matthew não hesitavam, deixei a toalha cair e a luz das velas incidiu no meu corpo molhado. Ele percorreu o meu corpo com os olhos bem devagar provocando um frio na minha espinha. Depois me puxou sem dizer nada e avidamente passou os lábios na minha nuca e nos meus ombros. Inalou o meu cheiro ao mesmo tempo em que enfiava os seus dedos frios pelos cabelos à minha nuca. Ofeguei quando ele pousou o dedo polegar na minha carótida.

– *Dieu,* como você é bela, e tão viva – ele sussurrou.

Matthew me beijou novamente. Eu o puxei pela camiseta e percorri com os meus dedos quentes a sua pele fria e macia. Ele encolheu os ombros. A mesma reação que tive quando recebi os primeiros toques gelados dele. Sorri em meio aos beijos e ele deu uma pausa com uma interrogação estampada na face.

– Não é gostoso quando o seu frio encontra com o meu calor?

Ele riu e o riso soou tão intenso e enfumaçado quanto os olhos dele.

Depois tirou a camiseta com a minha ajuda. Dobrei-a com esmero. Ele puxou a camiseta das minhas mãos e arremessou-a para um canto.

– Depois você faz isso – disse com impaciência, e de novo percorreu o meu corpo com as mãos.

Nossas peles nuas se tocaram pela primeira vez, quente e frio, um encontro de opostos.

Fascinada pela perfeição com que nossos corpos se encaixavam era então a minha vez de rir. Fiquei subindo e descendo os dedos pela espinha de Matthew, até que ele mergulhou o rosto no côncavo da minha garganta roçando os lábios no bico dos meus seios.

Meus joelhos bambearam e me agarrei à cintura de Matthew para não desfalecer. Que ingenuidade! Minhas mãos se apressaram em desabotoar os botões de sua calça macia e desamarraram o cordão que a mantinha na cintura. Ele parou de me beijar e me olhou por um momento com um ar intrigado. Soltei a calça sem me esquivar do olhar e deixei-a cair.

– Pronto – falei suavemente. – Agora estamos quites.

– Nem tanto – ele retrucou livrando-se da calça que ainda estava nos pés.

Mordi o lábio para abafar um suspiro. Mas a visão me fez arregalar os olhos. As partes do corpo de Matthew que eu ainda não tinha visto eram tão perfeitas quanto as que já tinha visto. Nu, à luz de velas, ele era como uma escultura clássica tomando vida.

Sem dizer nada, ele me pegou pela mão e me levou para a cama. De pé ao lado da extremidade acortinada da cama, ergueu as cobertas e me deitou. Depois, ele também subiu na cama. Enfiou-se debaixo das cobertas e se virou de lado com a cabeça apoiada na mão. Exatamente como na posição final da aula de ioga eu tinha diante de mim uma pose que me fez lembrar das efígies de cavaleiros medievais nas igrejas inglesas.

Puxei as cobertas até o queixo ao me dar conta da imperfeição do meu corpo.

– O que há de errado? – ele perguntou franzindo a testa.

– Só estou um pouco nervosa.

– Nervosa por quê?

– Nunca fiz sexo com um vampiro.

Ele pareceu sinceramente chocado.

– E não vamos fazer esta noite.

Esqueci das cobertas, ergui o tronco e me apoiei nos cotovelos.

– Você interrompe o meu banho, me espia saindo nua e molhada da banheira e me deixa tirar a sua roupa para depois me dizer que *não* faremos amor esta noite?

– Insisto em dizer que não há razão para pressa. As criaturas modernas estão sempre correndo – ele murmurou puxando as cobertas até a minha cintura. – Se quiser, pode me chamar de antiquado, mas quero desfrutar cada momento do nosso namoro.

Eu tentei agarrar a ponta do lençol para me cobrir, mas os reflexos de Matthew foram mais rápidos. Ele abaixou mais um pouco o lençol, tirando-o do meu alcance com olhos atentos.

– Namoro? – gritei indignada. – Você já me trouxe flores e vinho. Você agora é o meu marido, ou pelo menos diz que é. – Descobri o torso dele. E outra vez o meu coração bateu descompassado com a visão.

– Como historiadora você deveria saber que os casamentos não eram consumados imediatamente. – Ele se concentrou nos meus quadris e nas minhas coxas, e essas partes do meu corpo gelaram de prazer. – Em alguns casos eram exigidos anos de namoro.

– A maioria desses *namoros* terminava em sangue e lágrimas – enfatizei ligeiramente o termo. Ele sorriu e acariciou o meu seio com dedos leves como plumas e o meu suspiro o fez ronronar de prazer.

– Prometo não derramar sangue se você prometer não chorar.

Era mais fácil ignorar as palavras que as mãos dele.

– Príncipe Artur e Catarina de Aragão! – eu disse em tom triunfante,

orgulhosa pela lembrança de uma informação histórica relevante sob condições tão perturbadoras. – Você os conheceu?

– O Artur, não. Eu estava em Florença. Mas Catarina, sim. Ela era quase tão valente quanto você. E por falar em passado... – ele acariciou o meu braço –, o que sabe a distinta historiadora a respeito do fazer a corte na cama?

Eu me virei de lado e lentamente deslizei o dedo indicador pelo maxilar dele.

– Conheço o costume. Mas você não é amish nem inglês. O que está me dizendo é que além de introduzir os votos de casamento os vampiros também introduziram a prática de duas pessoas se colocarem na cama para conversar a noite toda sem fazer sexo?

– Além de apressadas as criaturas modernas também são excessivamente obsessivas pelo ato sexual. É uma definição clínica e limitada demais. Fazer amor tem a ver com intimidade, conhecer o corpo do outro tal como se conhece o próprio corpo.

– Responda a minha pergunta – insisti, impossibilitada de pensar com clareza porque ele já estava beijando o meu ombro. – Foram os vampiros que inventaram a arte de cortejar na cama?

– Não – disse mansamente com os olhos brilhando enquanto o meu dedo rodeava o queixo dele. Ele mordeu levemente o meu dedo. Como prometera, sem sangue. – No passado todos faziam isso. Depois vieram os alemães, e depois os ingleses, com a novidade de colocar tábuas separando o casal. A maioria de nós fazia à maneira antiga... Ficávamos debaixo das cobertas na escuridão do quarto até o amanhecer.

– Isso parece medonho – afirmei. Ele desceu os olhos pelo meu braço até o umbigo. Eu tentei me esquivar, mas ele me pegou pelo quadril com sua mão fria e me manteve parada. – Matthew – protestei.

– Pelo que me lembro – ele disse como se não tivesse me ouvido –, era uma forma bem prazerosa de suportar as longas noites de inverno. O

difícil era aparentar inocência no dia seguinte.

Os dedos de Matthew passearam pela minha barriga, fazendo o meu coração pular dentro da caixa torácica. Eu o olhei procurando com interesse pelo próximo alvo no corpo dele. Meus lábios aportaram na clavícula enquanto minha mão serpenteava ao longo daquela barriga lisa.

– É claro que o sono fazia parte dessa prática – eu disse quando ele tirou a minha mão de cima da barriga e a segurou por um instante. Comprimi o meu quadril livre no corpo dele. E fiquei feliz com sua reação. – Ninguém consegue ficar conversando a noite inteira.

– Ora, os vampiros não precisam dormir. – Ele me fez lembrar e depois recuou, inclinou a cabeça e beijou na parte de baixo do meu peito.

Ergui a cabeça dele.

– Aqui nesta cama só tem um vampiro. É desse jeito que você acha que vai me manter acordada?

– Eu venho planejando um pouco mais desde o dia que a conheci. – Os olhos de Matthew brilharam de um modo sombrio à medida que ele abaixou a cabeça. Curvei o corpo para encontrar os lábios dele. Quando consegui, ele me colocou de barriga para cima de um modo gentil e firme, agarrou os meus punhos com a mão direita e os fincou no travesseiro.

Em seguida balançou a cabeça com um ar perplexo.

– Sem pressa, lembra?

Até então, o sexo era um alívio físico para mim, sem delongas e complicações emocionais desnecessárias. Eu era como uma atleta que passava grande parte do tempo com outros atletas e que tinha plena consciência do corpo e de suas necessidades, e sempre havia alguém por perto para satisfazê-las. Eu não era propriamente uma adepta do sexo casual na escolha de parceiros, mas a maioria das minhas experiências tinha sido com homens que adotavam a mesma atitude franca, se contentando em desfrutar alguns encontros ardentes e depois retornando à amizade como se nada tivesse acontecido.

Matthew deixou bem claro que dias e noites assim tinham se acabado. Com ele não haveria mais sexo imediato – e eu não conhecia outro jeito. Era como se eu fosse virgem. Os intensos sentimentos que eu nutria por Matthew se ligavam de um modo inextricável às reações do meu próprio corpo enquanto ele os atava com a boca e as mãos em aflitivos e complicados nós.

– Nós temos todo o tempo à frente – ele acrescentou segurando os meus braços, tecendo amor e desejo físico em uma só tecelagem e assim fortalecendo o meu corpo.

Matthew continuou me observando com a atenção apurada de um cartógrafo diante das praias de um mundo novo. Eu quis me manter em pé de igualdade e tentei desbravar o corpo dele enquanto ele desbravava o meu, mas ele manteve os meus punhos pregados nos travesseiros. Reclamei da injustiça da situação e ele encontrou um modo eficaz de me calar. Introduziu os dedos por entre as minhas pernas e tocou na única parte do meu corpo que continuava intocada.

– Matthew, isso não é cortejar na cama – sussurrei.

– Na França é – ele disse com um ar complacente e um brilho malicioso nos olhos. Quando viu que eu tinha parado de me contorcer, soltou os meus punhos e o enlacei pelo pescoço. Minhas pernas se abriram como uma capa de livro quando nos beijamos. Os dedos de Matthew brincaram e dançaram por entre as minhas coxas até que o prazer me fez tremer toda.

Ele me deteve nos braços enquanto os meus tremores cessavam e as batidas do meu coração voltavam ao normal. Quando finalmente juntei forças e olhei para ele, me deparei com a cara feliz de um gato.

– E o que a nossa historiadora pensa agora sobre a arte de cortejar na cama? – perguntou.

– É bem mais excitante do que se vê na literatura acadêmica – respondi tocando o dedo nos lábios dele. – E se os amish fazem isso à noite não surpreende que não precisem de televisão.

Matthew soltou um risinho colando o seu rosto feliz no meu rosto.

– Já está com sono? – perguntou acariciando os meus cabelos.

– Oh, não. – Eu o empurrei para colocá-lo de barriga para cima. Ele dobrou as mãos debaixo da cabeça e sorriu novamente para mim. – Nem de longe. Aliás, agora é a minha vez.

Explorei o corpo de Matthew da mesma maneira que ele tinha explorado o meu. Apalpei a bacia e um sombreado branco na forma de um triângulo chamou a minha atenção. Era uma sombra ao fundo, sob a superfície perfeita e macia daquela pele. Intrigada, examinei todo o peito. Encontrei outras marcas antigas, algumas na forma de flocos de neve e outras na forma de cruz. Nenhuma estava à superfície. Todas estavam profundamente entranhadas no corpo.

– O que é isso, Matthew? – Toquei em uma das marcas na forma de flocos de neve que estava debaixo da clavícula.

– Apenas uma cicatriz – disse Matthew esticando o pescoço para ver. – Feita pela ponta de uma espada de folha larga. Será que foi na Guerra dos Cem Anos? Já não me lembro.

Deslizei o meu corpo acima para ver melhor e a minha pele quente contra a dele o fez suspirar de prazer.

– Uma cicatriz? Vire de costas.

Ele ronronou de prazer quando minhas mãos percorreram as costas dele.

– Oh, Matthew. – Meus temores se comprovaram. Ele tinha uma infinidade de marcas nas costas. Ajoelhei-me e puxei o lençol até os pés. Ele também tinha marcas nas pernas.

Ele girou a cabeça sobre o ombro.

– O que há de errado? – Ao ver a expressão de pesar no meu rosto ele se virou e se sentou na cama. – Isso não é nada, *mon coeur*. É só o corpo avariado de vampiro.

– Seu corpo está todo marcado – comentei olhando outra marca entre

os músculos no encaixe entre o braço e o ombro.

– Já lhe disse que os vampiros são difíceis de serem mortos. Mesmo assim as criaturas se esforçam como podem.

– Doeu quando você foi ferido?

– Por que eu não sentiria dor, se você sabe que eu sinto prazer? Claro que doeu. Mas os ferimentos saram rapidamente.

– E por que não vi essas marcas antes?

– É preciso estar no ângulo da luz e olhar com muita atenção. Elas a incomodam? – ele perguntou hesitante.

– As cicatrizes? – Balancei a cabeça. – Não, claro que não. Só quero matar todo mundo que machucou você.

Como o Ashmole 782, o corpo de Matthew era um palimpsesto, uma superfície brilhante de cicatrizes obscurecia a sua história. Estremeci só de pensar nas batalhas declaradas e não declaradas de que ele tinha participado.

– Você já lutou demais. – Minha voz tremeu de raiva e remorso. – Chega de batalhas.

– É muito tarde para isso, Diana. Sou um guerreiro.

– Não é não – retruquei alto e bom som. – Você é um cientista.

– Sou guerreiro há muito tempo. Eis a prova. – Ele apontou para o próprio corpo esguio e branco. As cicatrizes que evidenciavam a sua indestrutibilidade pareceram estranhamente reconfortantes. – Além disso, a maioria das criaturas que me feriram já morreu. É melhor deixar esse seu desejo pra lá.

– O que posso fazer para compensar isso? – Puxei as cobertas por cima da minha cabeça e armei uma tenda. Depois se fez silêncio, um silêncio cortado pelo crepitar da lareira e pelos suspiros ocasionais de Matthew, e por fim pelo seu grito de prazer. Eu me enfiei debaixo do braço dele e trancei nossas pernas. Ele inclinou a cabeça e me olhou com um olho aberto e o outro fechado.

– É isso que ensinam hoje em Oxford? – perguntou.

– É magia. Nasci sabendo como deixá-lo feliz. – Apalpei o coração dele também me sentindo feliz porque aprendi onde e como tocá-lo por instinto, e porque aprendi quando usar a delicadeza e quando deixar aflorar a paixão.

– Se magia é isso, estou mais do que feliz pela perspectiva de passar o resto da minha vida com uma bruxa. – Ele pareceu tão feliz quanto eu.

– Você quer dizer o resto da *minha* vida e não o resto da sua.

Matthew ficou enigmaticamente quieto e me ergui para vê-lo.

– Hoje à noite estou me sentindo com trinta e sete anos. E o mais importante, talvez no ano que vem me sinta com trinta e oito.

– Não entendi – retruquei constrangida.

Ele enfiou a minha cabeça debaixo do queixo dele.

– Já estou fora do tempo há mais de mil anos, olhando os dias e os anos passando. E quando a conheci passei a prestar atenção na passagem do tempo. Os vampiros sempre se esquecem dessas coisas. É uma das razões que fazem com que Ysabeau leia obsessivamente os jornais... para não esquecer que tudo muda, embora o tempo não a altere em nada.

– Nunca sentiu isso antes?

– Algumas vezes de um modo muito fugaz. Uma ou duas vezes no campo de batalha na hora que achei que estava prestes a morrer.

– Então, é uma sensação que tem a ver com o perigo, não só com o amor. – Um arrepio gelado de medo atravessou a minha espinha com aquela conversa de guerra e morte.

– Minha vida agora tem um começo, um meio e um fim. Antes tudo era mero preâmbulo. Agora tenho você. E minha vida terá acabado quando você morrer.

– Não necessariamente – eu disse de um modo impetuoso. – Só tenho algumas décadas à frente... e talvez você viva para sempre. – Um mundo sem Matthew era impensável.

– Veremos – ele disse baixinho enquanto afagava o meu ombro.

De repente a segurança de Matthew tornou-se a minha principal preocupação.

– Você será cuidadoso?

– Ninguém sobreviveria aos séculos que sobrevivi sem ser cuidadoso. E serei agora mais do que nunca porque tenho muito a perder.

– Eu prefiro ter este momento com você, esta única noite, a ter centenas de anos com um outro qualquer – sussurrei.

Matthew refletiu sobre as minhas palavras.

– Acho que só precisei de algumas semanas para me sentir com trinta e sete anos outra vez, e um dia desses também vou preferir um único momento com você. – Ele me puxou para mais perto. – Mas a conversa está ficando séria demais para uma cama de casal.

– Pensei que a conversa fosse o objetivo da arte de cortejar na cama – retruquei com certa afetação.

– Depende de quem fala, se o cortejador ou o cortejado. – Ele me beijou da orelha até os ombros. – Além do mais, eu gostaria de discutir uma outra parte da cerimônia medieval do casamento com você.

– Verdade, marido? – Mordi delicadamente a orelha dele.

– Não faz isso. – Ele se fingiu de sério. – Nada de mordidas na cama. – Mordi novamente. – Refiro-me a uma parte da cerimônia onde a obediente esposa promete ser encantadora e viçosa na cama e na mesa. Como pretende cumprir essa promessa? – Enterrou o rosto nos meus seios como se pudesse encontrar a resposta ali.

Depois de algumas horas debatendo a liturgia medieval adquiri uma nova compreensão das cerimônias da Igreja e dos costumes folclóricos. Eu nunca tinha experimentado com outra criatura aquela intimidade que tive com Matthew.

Relaxei despreocupada e me aconcheguei ao corpo de Matthew com a cabeça deitada no peito dele. Ele alisou os meus cabelos seguidamente até

que caí no sono.

Acordei um pouco antes do amanhecer com um ruído estranho que soava da cama, ao meu lado, como um cascalho rolando dentro de um tubo de metal.

Matthew estava dormindo – e roncando. E nunca se pareceu tanto com a efígie de um cavaleiro de uma tumba de igreja como naquele momento. Só faltava um cão aos pés e uma espada à cintura.

Puxei as cobertas para cobri-lo melhor. Ele não se mexeu. Acariciei os cabelos, e ele continuou respirando profundamente. Beijei os lábios, e de novo nenhuma reação. Sorri para o meu maravilhoso vampiro que dormia como um morto, e saí da cama me sentindo a criatura mais sortuda do planeta.

Lá fora as nuvens que ainda cobriam o céu se faziam finas no horizonte, revelando frágeis traços de vermelho atrás de camadas cinzentas. Será um dia claro, pensei enquanto me espreguiçava e olhava o corpo esparramado de Matthew. Ele ficaria inconsciente por horas a fio. E de minha parte me sentia agitada e estranhamente rejuvenescida. Eu me vesti depressa para ficar comigo mesma no jardim.

Acabei de me arrumar e Matthew continuava mergulhado em raro e imperturbável sono.

– Volto daqui a pouco – sussurrei e lhe dei um beijo.

Nenhum sinal de Marthe nem de Ysabeau. Na cozinha, peguei uma maçã no recipiente dos cavalos e dei uma mordida. A polpa da maçã espalhou um gosto fresco e crocante pela minha língua.

Fui até a horta e perambulei ao longo dos caminhos de cascalho enquanto sorvia o aroma das ervas e das rosas brancas que cintilavam sob a luz do amanhecer. Se não fosse pelas minhas roupas modernas a horta poderia ser do século XVI, com impecáveis canteiros quadrados e com cercas de galhos de salgueiro talvez erguidas para repelir os coelhos – se bem que os vampiros do castelo eram mais eficazes que a cerca.

Eu me abaixei e passei as mãos nas ervas que cresciam na terra. Uma das ervas era um dos ingredientes do chá de Marthe. Arruda, eu fiquei feliz por ter retido a informação.

Fui atingida por uma lufada de vento que soltou a mecha infernal do meu cabelo que teimava em não ficar no lugar. Já me preparava para ajeitá-la quando um braço me ergueu do chão.

Eu parecia um coelho suspenso no ar pelas orelhas.

Um suave formigamento na minha pele confirmou o que eu já sabia.

Eu estaria cara a cara com uma bruxa quando abrisse os olhos.



Os olhos da minha raptora eram azuis e brilhantes, angulados sobre faces bem marcadas e cobertos por estonteantes cabelos platinados. Ela vestia um grosso suéter de tricô de gola rolê e calça jeans. Não tinha capas pretas nem vassouras, mas não restava dúvida de que era... uma bruxa.

Com um insolente mexer de dedos, ela sufocou o meu grito antes que pudesse sair. Já fazia algum tempo que tinha me arrancado da horta de Sept-Tours quando ela deslizou o braço para a esquerda e nos conduziu em linha mais horizontal que vertical.

Matthew se daria conta do meu sumiço quando acordasse. Nunca se perdoaria porque tinha caído no sono e não me perdoaria porque eu tinha saído da casa. *Sua idiota,* disse para mim mesma.

– Sim, você é Diana Bishop. – A voz da bruxa soou com um sotaque estranho.

Fechei as portas imaginárias que sempre barravam os esforços invasivos de bruxas e demônios.

Ela riu, e a sonoridade prateada do riso gelou-me dos pés à cabeça. Assustada e a centenas de metros de altura acima de Auvergne e, já que as minhas inadequadas defesas tinham sido rompidas, esvaziei a mente para que nada fosse encontrado de mim. Ela então me soltou no ar.

Lá embaixo o chão oscilou de um lado para o outro e os meus pensamentos organizaram uma única palavra – Matthew.

Eu já estava sentindo o cheiro de terra quando a bruxa me agarrou.

– Para alguém que não consegue voar, até que você não é difícil de ser

carregada. O que me pergunto é por que se recusa a voar.

Recitei mentalmente os nomes de reis e rainhas da Inglaterra para manter a minha mente vazia.

Ela suspirou.

– Diana, eu não sou uma inimiga. Nós duas somos bruxas.

Os ventos mudaram quando a bruxa se afastou voando de Sept-Tours na direção sudoeste. Algum tempo depois me desorientei. Talvez as luzes cintilantes ao longe indicassem Lyon, mas não estávamos indo para lá. Pelo contrário, entrávamos cada vez mais fundo nas montanhas – e os picos não eram aqueles que Matthew apontara alguns dias antes.

Descemos na direção de alguma coisa que parecia uma cratera solitária, cercada de tediosas ravinas e florestas fechadas. Na verdade, o que parecia uma cratera eram as ruínas de um castelo medieval com altos muros e grossas fundações que se estendiam solo adentro. As árvores cresciam em meio aos restos de um amontoado de edificações que um dia constituíra uma fortaleza. O castelo não tinha uma única linha graciosa, um único aspecto agradável. Sua existência naquele lugar só se justificava por um motivo – manter afastado quem quisesse entrar. O único elo do castelo com o resto do mundo se fazia por estradas precárias de terra que serpenteavam as montanhas.

A bruxa posicionou os pés para baixo e me forçou a fazer isso com um outro mexer de dedos. Meus frágeis ossos reclamaram perante a invisível pressão. Deslizamos ao longo das ruínas de telhados cinzentos sem tocá-los com os pés e chegamos a um pátio central. O choque dos meus pés contra o chão de pedra reverberou pelas minhas pernas.

– Com o tempo, você aprende a aterrissar com mais suavidade – disse a bruxa com convicção.

Eu não conseguia processar os últimos acontecimentos. Pouco tempo antes eu estava na cama com Matthew, sonolenta e contente. E agora estava com uma bruxa desconhecida naquele castelo úmido e lúgubre.

De repente, duas figuras pálidas emergiram das sombras e a desorientação se tornou horror. Uma delas era Domenico Michele. A outra era um desconhecido, mas pelo olhar gélido também devia ser um vampiro. Uma onda de incenso e enxofre o identificou: Gerbert de Aurillac, o vampiro papa.

Fisicamente, Gerbert não era intimidante, mas ele emanava uma maldade que me deixou encolhida. Os traços dessa maldade estavam nos olhos castanhos que se encovavam em faces tão proeminentes que parecia que a qualquer momento a pele esticaria e se rasgaria. Um nariz ligeiramente aquilino apontava para uma boca que se abria com um sorriso cruel. Com os olhos sombrios daquele vampiro cravados em mim, as ameaças de Peter Knox não passavam de brincadeira.

– Gerbert, muito obrigada por ter me oferecido este lugar – disse a bruxa de maneira polida, mantendo-me ao lado dela. – Você estava certo, aqui não serei perturbada.

– O prazer é meu, Satu. Posso dar uma olhadela na sua bruxa? – disse Gerbert suavemente enquanto se movia da esquerda para a direita a fim de encontrar um ângulo melhor de visão. – Ela esteve esse tempo todo com Clermont e não sei onde o cheiro dela começa e onde termina o dele.

Minha raptora se encrespou à menção do nome de Matthew.

– Agora Diana Bishop está sob os meus cuidados. A presença de vocês não é mais necessária aqui.

Gerbert manteve-se atento a mim e caminhou com passos curtos e comedidos na minha direção. Uma lentidão que o tornou ainda mais aterrorizador.

– Não é um livro estranho, Diana? Faz mil anos que o roubei de um grande bruxo na cidade de Toledo. E o livro já estava encantado quando o trouxe para a França.

– Apesar de todo o seu conhecimento, você não conseguiu decifrar os segredos desse manuscrito. – A voz da bruxa soou literalmente debochada.

– E hoje não está menos enfeitiçado que no passado. Deixe isso para nós.

Ele continuou avançando.

– O nome da minha bruxa era parecido com o seu... Meridiana. Ela não quis me ajudar a desvendar os segredos do manuscrito, é claro. Mas a mantive escrava com o meu sangue. – Ele chegou tão perto de mim que o frio que dele emanava me congelou. – Toda vez que eu bebia um pouco dela, recebia vislumbres de sua magia e fragmentos de seu conhecimento. Mas eram frustrantemente fugazes e eu tinha que voltar em busca de mais. Ela começou a enfraquecer e se tornou mais fácil de ser controlada. – O dedo de Gerbert tocou no meu rosto. – Os olhos de Meridiana também eram parecidos com os seus. O que você vê, Diana? Vai compartilhar isso comigo?

– Basta, Gerbert. – A voz de Satu soou ameaçadora, e Domenico rosnou.

– Diana, não pense que esta é a última vez que me verá. Primeiro as bruxas vão colocá-la nos trilhos. Depois a Congregação decidirá o que fazer com você. – Gerbert olhou fixamente nos meus olhos e desceu o dedo pelo meu rosto como uma carícia. – E depois você será minha – acrescentou fazendo uma pequena reverência para Satu. – Por enquanto ela é sua.

Os vampiros se retiraram. Domenico olhou para trás como se relutando em se retirar. Satu manteve-se à espera com um olhar vazio, até que um som de metal se chocando contra a madeira e a pedra anunciou que eles tinham deixado o castelo. Os olhos azuis da bruxa recuperaram a atenção e se cravaram em cima de mim. Com um pequeno gesto, ela desfez o feitiço que me mantinha muda.

– Quem é você? – perguntei quando consegui formar frases.

– Meu nome é Satu Järvinen. – Ela caminhou lentamente ao meu redor enquanto traçava um círculo com a mão atrás do próprio corpo. O movimento me fez lembrar de uma outra mão que se movia como a dela.

Uma vez Sarah traçara um caminho similar no quintal da nossa casa em Madison na tentativa de amarrar um cachorro perdido, mas as mãos que estavam na minha mente não pertenciam à minha tia.

Os dons de Sarah não eram nada comparados aos da bruxa à minha frente. Pelo seu jeito de voar Satu era poderosa. E também era adepta dos feitiços. Até agora me mantinha dentro de uma teia de filamentos mágicos que se estendia pelo pátio sem que tivesse dito uma só palavra. A teia era tão forte que eliminava qualquer possibilidade de fuga.

– Por que me raptou? – perguntei para desviá-la do trabalho mágico.

– Nós tentamos fazê-la perceber que Clermont é um tipo de alta periculosidade. Não medimos esforços para isso, mas você se recusou a ouvir. – Eram palavras cordiais ditas por uma voz aconchegante. – Você não quis se reunir conosco durante o Mabon e ignorou Peter Knox. Enquanto isso, o vampiro se aproximava cada vez mais de você. Mas agora está segura e longe do alcance dele.

Meus instintos apontaram aos berros para o perigo.

– Não foi culpa sua – continuou Satu tocando levemente meu ombro. Minha pele comichou e fez a bruxa sorrir. – Os vampiros são tão sedutores e tão charmosos... Você foi escravizada por ele da mesma forma que Meridiana foi escravizada por Gerbert. Não a culpamos por isso, Diana. Você foi muito protegida na infância. Por isso não consegue enxergar quem realmente ele é.

– Não fui escravizada por Matthew – repliquei. Eu não fazia a menor ideia do que isso podia envolver além do que definia o dicionário, mas Satu fazia parecer que era algo coercitivo.

– Tem certeza disso? – ela disse de um modo gentil. – Nunca provou uma gota de sangue dele?

– Claro que não. – A minha infância podia ter sido carente de um treinamento mágico extensivo, mas eu não era uma idiota. Eu sabia que o sangue de vampiro é uma poderosa substância que altera a vida das

pessoas.

– Não se lembra de ter sentido um gosto intenso de sal? Cansaços súbitos? Não se lembra de ter caído no sono perto dele, mesmo não querendo fechar os olhos?

No voo para a França, Matthew tinha passado o dedo nos próprios lábios e depois nos meus. E senti um gosto de sal no dedo dele. A segunda vez foi quando já estávamos na França. Minha autoconfiança vacilou.

– Entendo. Então ele *deu* o sangue dele para você. – Ela balançou a cabeça. – Isso não é nada bom, Diana. Achamos que podia ter acontecido quando ele a seguiu até a sua casa no dia de Mabon e depois entrou pela sua janela.

– Do que está falando? – O sangue gelou nas minhas veias. Matthew nunca me daria o sangue dele. Nem violaria o meu território. Ele só faria isso por um bom motivo e teria dito para mim.

– Clairmont a seguiu até o seu apartamento na noite em que vocês se conheceram. Entrou por uma janela aberta e ficou lá dentro durante algumas horas. Você não acordou? Se não acordou é porque ele deve ter usado o próprio sangue para mantê-la dormindo. Que outra explicação teríamos?

Na ocasião eu tinha acordado com um forte cheiro de cravo-da-índia na boca. Fechei os olhos para afastar a lembrança e a dor que a acompanhava.

– Esse relacionamento não passou de um elaborado engano, Diana. Matthew Clairmont só queria uma coisa: o manuscrito perdido. Tudo o que esse vampiro fez e as mentiras que contou durante esse tempo todo eram para conseguir o que ele queria.

– Não. – Era impossível. Ele não podia estar mentindo para mim na noite passada.

– Sim. Lamento dizer essas coisas, mas você não nos deixou outra escolha. Fizemos de tudo para deixá-la fora disso, mas você é tão teimosa.

Exatamente como o meu pai, pensei. Meus olhos se estreitaram.

– Como posso saber que *você* não está mentindo?

– Uma bruxa não pode mentir para outra bruxa. Afinal, nós somos irmãs.

– Irmãs? – repeti com as minhas suspeitas aguçadas. – Você age como a Gillian... Finge irmandade apenas para colher informações e tentar envenenar a minha mente contra Matthew.

– Então você já conhece Gillian – disse Satu em tom de pesar.

– Sei que ela estava me vigiando.

– E já sabe que ela está morta? – De repente, a voz de Satu se fez malévola.

– O quê? – O chão pareceu se inclinar e me senti rolando ladeira abaixo.

– Clairmont a matou. Por isso ele tirou você de Oxford com tanta rapidez. Foi mais uma inocente que morreu e que não conseguimos manter fora dos noticiários. O que foi mesmo que as manchetes disseram? Ah, sim: "Jovem intelectual americana morre longe de casa enquanto fazia pesquisas." – Os lábios de Satu se curvaram com um sorriso malicioso.

– Não. – Balancei a cabeça. – Matthew não a mataria.

– Pois lhe asseguro que matou. Claro que antes a interrogou. Pelo visto os vampiros nunca aprendem que não adianta nada matar o mensageiro.

– A foto dos meus pais. Matthew mataria qualquer um que tivesse enviado aquela foto para mim.

– Peter foi cruel quando a enviou para você, e foi negligente por ter feito isso por intermédio de Gillian – continuou Satu. – E Matthew é esperto demais para deixar evidências. Fez a morte parecer suicídio e deixou o corpo na porta do quarto de Peter Knox no Randolph Hotel, como se fosse um cartão de visita.

Gillian Chamberlain não era minha amiga, mas saber que ela nunca mais se debruçaria sobre fragmentos de papiros me perturbou mais do que

eu podia imaginar.

Então, Matthew a tinha assassinado. Minha cabeça rodou. Como pôde ter dito que me amava escondendo esse tipo de coisa de mim? Segredo era uma coisa, mas assassinato era outra coisa, mesmo com a desculpa de vingança e retaliação. Ele sempre dizia que eu não devia confiar nele. Eu não dava atenção e deixava as palavras de lado. Será que isso era parte do seu plano, uma outra estratégia para me fazer confiar nele?

– Você tem que aceitar a minha ajuda. – A voz de Satu soou gentil mais uma vez. – Isso já foi muito longe e você está correndo um risco terrível. Posso lhe ensinar a usar o seu poder. E aí você poderá se proteger de Clairmont e de outros vampiros como Gerbert e Domenico. Um dia você será uma bruxa poderosa como a sua mãe. Confie em mim, Diana. Somos uma família.

– Família – repeti atordoada.

– Sua mãe e seu pai não gostariam que a filha caísse nas garras de um vampiro – disse Satu como se eu fosse uma criança. – Eles sabiam que as bruxas precisavam preservar os laços entre si.

– O que foi que você disse? – Minha cabeça parou de girar. Pelo contrário, se aguçou de um modo estranho enquanto toda a minha pele formigava como se milhares de bruxas estivessem olhando para mim. Havia alguma coisa que eu estava esquecendo, alguma coisa sobre os meus pais que tinha feito Satu mentir.

Um som estranho serpenteou dentro dos meus ouvidos. Sibilou e chiou como cordas sendo arrastadas por um chão de pedra. Abaixei os olhos e raízes grossas e marrons serpenteavam pelo chão. Elas vinham sorrateiramente na minha direção.

Satu pareceu não se dar conta disso.

– Seus pais queriam que você honrasse suas responsabilidades enquanto Bishop e bruxa.

– Meus pais? – Desviei os olhos do chão para me concentrar nas

palavras de Satu.

– Você deve lealdade e aliança para mim e para as bruxas, suas semelhantes, e não para Matthew Clairmont. Pense na sua mãe e no seu pai. Pense no que achariam desse relacionamento se ficassem sabendo de tudo.

Um dedo gelado de premonição atravessou a minha espinha, e todos os meus instintos me disseram que aquela bruxa era perigosa. A essa altura as raízes já tinham alcançado os meus pés. E como se pudessem sentir a minha aflição mudaram abruptamente de posição e se enterraram no caminho de pedras que me ladeava, e depois trançaram uma sólida e invisível teia debaixo do chão do castelo.

– Gillian me falou que as bruxas assassinaram os meus pais – eu disse. – Você nega isso? Então me conte a verdade do que houve na Nigéria.

Satu permaneceu silenciosa. Um silêncio tão veemente quanto uma confissão.

– Exatamente como pensei – acrescentei com amargura.

Com um pequeno movimento do pulso, ela me fez cair de costas no chão com os pés erguidos para o ar, e depois mãos invisíveis me arrastaram pela superfície escorregadia de um pátio gelado até um espaço cavernoso com janelas no alto e um resto de telhado em ruínas.

Durante o percurso, as minhas costas foram batendo no chão de pedra do antigo saguão do castelo. E o pior é que todas as minhas tentativas de combater a magia de Satu se mostraram inúteis e inexperientes. Ysabeau estava certa. A minha vulnerabilidade, a ignorância em relação à minha própria identidade e aos meios disponíveis para me defender me colocavam em um terrível apuro.

– Mais uma vez você se recusa a ouvir a voz da razão. Não quero machucá-la, Diana, mas farei isso se for o único jeito de você perceber a gravidade da situação. Você tem que desistir de Matthew Clairmont e nos mostrar o que fez para invocar o manuscrito.

– Nunca desistirei do meu marido, nem ajudarei a nenhum de vocês a invocar o manuscrito. Ele não pertence a nós.

Depois disso a minha cabeça se partiu em dois como um horripilante grito rasgando o ar. Seguiu-se uma caótica cacofonia de barulhos. Uma barulheira tão dolorosa que tombei de joelhos e cobri a cabeça com os braços.

Os olhos de Satu se estreitaram ao máximo e me vi de costas sobre a pedra fria.

– *Nós?* Como ousa dizer que é uma bruxa se acabou de sair da cama de um vampiro?

– Eu *sou* uma bruxa – repliquei imediatamente, espantada com o abalo que o repúdio dela me causara.

– Você é uma desgraça, igualzinha a Stephen – sibilou Satu. – Teimosa, argumentadora, independente. E cheia de segredos.

– Você está certa, Satu, eu sou igual ao meu pai. Ele não contou nada para você. E eu também não vou contar.

– Vai contar, sim. Os vampiros só conseguem fazer uma bruxa revelar os segredos na base do gota a gota. – Ela passou a mão pelo meu antebraço direito para mostrar o que estava querendo dizer. Certa vez outra bruxa fez isso sobre um corte no meu joelho e fechou o ferimento melhor que qualquer curativo. Agora o mesmo gesto cortava a minha pele com uma faca invisível. O sangue jorrou do ferimento. Satu observou o fluxo de sangue como se hipnotizada.

Cobri o corte com a mão e o pressionei. Doeu muito e fiquei ainda mais ansiosa.

Não, disse uma voz familiar com veemência. *Não se entregue à dor.* Lutei para me recompor.

– Eu sou uma bruxa e tenho outras maneiras de descobrir o que você está escondendo. Vou abri-la, Diana, e vou localizar cada segredo seu. – Era uma ameaça de Satu. – E aí veremos até onde vai a sua teimosia.

O sangue evaporou de minha cabeça e fiquei tonta. A voz familiar chamou a minha atenção sussurrando o meu nome. *Diana, de quem nós guardamos nossos segredos?*

De todos, respondi mentalmente por instinto, como se fosse uma pergunta rotineira. Fechou-se outro grupo de portas pesadas atrás das inadequadas barreiras que poderiam me ajudar a manter uma bruxa curiosa fora da minha cabeça.

Satu sorriu com os olhos brilhando enquanto detectava as minhas novas defesas.

– Já temos um segredo revelado. Vamos ver o que mais você tem além de ser capaz de proteger a própria mente.

Com um murmúrio, a bruxa fez o meu corpo girar e ser arremessado ao chão de barriga para baixo. O impacto foi tão forte que fiquei sem respirar por algum tempo. Um círculo de fogo emergiu das pedras frias com chamas verdes e nocivas.

Uma coisa branca e quente queimou as minhas costas. Passou pelos meus ombros como um meteoro e desceu até a base da minha coluna, onde fez uma curva e depois subiu de volta ao ponto de partida. Satu rapidamente me deteve com a sua magia para impossibilitar a minha fuga. Eu senti uma dor indescritível e logo fui tragada por uma acolhedora escuridão que a dissipou. Quando a escuridão retrocedeu, a dor retornou.

O meu estômago revirou e me dei conta de que Satu estava me abrindo toda como prometera. Ela traçou um círculo mágico... em mim.

Você precisa ser muito, muito corajosa.

Fui seguindo em meio à bruma de dor as raízes serpenteantes que se estendiam pelo piso do saguão até aquela voz que me era familiar. Minha mãe estava sentada debaixo de uma macieira situada no lado de fora da linha de fogo verde.

– Mamãe! – gritei debilmente na tentativa alcançá-la. Mas fui agarrada pela magia de Satu.

Os olhos da minha mãe emanaram tenacidade, e eles estavam mais escuros do que eu lembrava e eram iguais aos meus. Ela fez um gesto de silêncio com um dedo fantasmagórico sobre os lábios. Gastei as minhas últimas forças balançando a cabeça para avisá-la de que eu tinha visto a sua aparição. Matthew foi o último pensamento coerente que tive.

Depois disso, nada mais além de dor e medo, e um sombrio desejo de fechar os olhos e dormir para sempre.

Talvez tenham se passado muitas horas até que Satu me arremessou pelo quarto com muita frustração. As minhas costas ardiam pelo efeito do feitiço e afora isso ela reabrira diversas vezes o ferimento no meu antebraço. Em dado momento ela me suspendeu pelos tornozelos de cabeça para baixo a fim de quebrar a minha resistência enquanto debochava da minha incapacidade de voar para escapar. Apesar de tudo Satu ainda estava longe de entender a minha magia e, portanto, no mesmo ponto de quando tinha iniciado a investigação.

Ela vociferava de raiva e batia com os saltos das botas nas pedras do assoalho enquanto andava de um lado para o outro e planejava novas investidas. Eu me apoiei no cotovelo para aguentar a próxima investida.

Aguente. Seja corajosa. Mamãe continuava debaixo da macieira e seu rosto brilhava coberto de lágrimas. As palavras dela fizeram eco com as de Ysabeau dizendo para Marthe que eu era mais corajosa do que o esperado e com as de Matthew sussurrando no meu ouvido "minha garota corajosa". Juntei as minhas energias e sorri para que mamãe parasse de chorar. O sorriso deixou Satu ainda mais furiosa.

– Por que não usa o seu poder para se defender? Eu sei que ele está aí dentro de você! – disse aos berros. Ela recolheu os braços até o peito e os estendeu para fora com uma torrente de palavras. O meu corpo rolou como uma bola e tive a sensação de uma dor no abdômen. Isso me fez lembrar do corpo estripado do meu pai, das vísceras arrancadas que jaziam ao lado dele.

Isso já está bem próximo. Eu me senti estranhamente aliviada por saber.

As palavras seguintes de Satu me arremessaram pelo destroçado piso do saguão. Segurei inutilmente a cabeça na tentativa de reduzir o impulso do meu corpo que deslizava pelo piso irregular de pedras e raízes de árvores. Estiquei as mãos como se pudesse atravessar Auvergne e alcançar Matthew.

A cena lembrava o corpo de mamãe dentro de um círculo mágico na Nigéria. Inspirei de um modo agudo e soltei um grito.

Diana, preste atenção. Você vai se sentir muito sozinha. Mamãe falou comigo e sua voz me transformou outra vez na criança que estava sentada no balanço na macieira do quintal da nossa casa em Cambridge numa distante tarde de agosto. Exalou o refrescante cheiro de grama verde e cortada e o perfume de lírio-do-vale do corpo de mamãe. *Você consegue ser corajosa sozinha? Você pode fazer isso por mim?*

Já não havia mais a brisa de agosto acariciando a minha pele. Em vez disso uma pedra dura rasgou o meu rosto quando assenti com a cabeça para responder à pergunta de mamãe.

Satu virou o meu corpo e pedras pontudas cortaram as minhas costas.

– Não queremos fazer isso, irmã, mas é preciso. Depois que se esquecer do Clairmont você vai entender, e vai me perdoar por isso.

Claro que não vou lhe perdoar, maldita, pensei. *Se você não for morta por ele, se eu morrer vou assombrá-la por toda a sua vida*.

Satu me levantou sussurrando algumas palavras, e me empurrou com rajadas de vento dirigidas calculadamente para fora do saguão em direção a uma escada circular que levava às profundezas do castelo. Ela me conduziu pelas masmorras antigas do castelo. De repente alguma coisa me roçou por trás e virei o pescoço para ver o que era.

Fantasmas – dezenas de fantasmas – nos seguiam em espectral e funérea procissão, com fisionomias tristonhas e amedrontadas. Mesmo com todos os seus poderes Satu não enxergava os mortos ao redor, assim como não

vira a minha mãe.

A bruxa ergueu com as próprias mãos um pesado alçapão de madeira no chão. Fechei os olhos e me preparei para uma queda. Ela me agarrou pelos cabelos e me fez olhar para dentro de um buraco negro. Uma nociva lufada de ar trouxe um cheiro de rosas mortas, e os fantasmas se agitaram e gemeram.

– Sabe o que é isso, Diana?

Eu me encolhi e balancei a cabeça em negativa, assustada e exausta demais para falar.

– É uma solitária – cochicharam os fantasmas entre si. Uma mulher em farrapos e com o rosto marcado de rugas profundas começou a chorar.

– Solitárias são lugares de esquecimento. Os humanos que são jogados nas solitárias enlouquecem e depois morrem de fome... isso quando sobrevivem ao impacto da queda. É uma longa descida. Ninguém consegue sair daí sem ajuda dos que estão aqui em cima, e essa ajuda nunca chega.

O fantasma de um jovem que tinha um corte profundo no peito balançou a cabeça concordando com as palavras de Satu. *Não caia, garota,* ele disse quase em lamento.

– Mas não esqueceremos de você. Sairei em busca de reforço. Se você é teimosa na frente de uma bruxa da Congregação, não será na frente de três. Chegamos a essa mesma conclusão no caso dos seus pais. – Satu me agarrou com violência e planamos por cerca de vinte metros até o fundo da solitária. As paredes de pedra mudavam de cor e consistência à medida que descíamos mais fundo pelo buraco da montanha.

– Por favor – implorei quando ela me jogou no chão. – Não me deixe aqui. Não tenho segredo algum. Não sei como fazer magia nem como invocar o manuscrito.

– Você é filha de Rebecca Bishop – disse Satu. – Você tem o poder... posso senti-lo e esteja certa de que faremos de tudo para liberá-lo. Se sua mãe estivesse aqui simplesmente sairia voando. – Olhou para a escuridão

acima de nós e depois para o meu tornozelo. – Mas a verdade é que você não é filha da sua mãe, não é? Pelo menos nos aspectos que nos interessam.

Satu dobrou os joelhos, ergueu os braços e com um pequeno impulso ergueu os pés do chão de pedra da solitária. Projetou-se para o alto e virou um borrão em preto e branco antes de desaparecer. Lá em cima ao longe, o alçapão de madeira se fechou.

Matthew nunca me encontraria naquele lugar. Os rastros tinham sido apagados ao longo do trajeto, e tanto o meu cheiro como o de Satu tinham sido espalhados aos quatro ventos. A única maneira de escapar antes de ser pega por Satu, Peter Knox e uma terceira bruxa seria pelos meus próprios meios.

De pé, apoiando o peso em um único pé, dobrei os joelhos, ergui os braços e impulsionei os pés apoiados no chão de pedra exatamente como Satu tinha feito. Não aconteceu nada. Fechei os olhos e tentei me lembrar de como tinha flutuado quando dancei no salão na esperança de que pudesse flutuar novamente. Tudo o que consegui foi pensar em Matthew e nos segredos que me sonegava. Minha respiração se fez soluço e, quando o ar úmido e mofado entrou pelos meus pulmões, tossi e caí de joelhos.

Fiquei levemente adormecida, mas era difícil ignorar os fantasmas porque não paravam de tagarelar. Pelo menos traziam um pouco de luz à escuridão. Cada vez que um fantasma se movia um tênue facho de luz fosforescente manchava o ar, indicando o caminho seguido por ele. Uma jovem em andrajos estava sentada no lado oposto, murmurando consigo mesma e me olhando com olhos vazios. No centro do lugar um monge, um cavaleiro de armadura e um mosqueteiro espiavam um outro buraco ainda mais profundo do qual emanava uma sensação de perda tão intensa que dele não ousei me aproximar. O monge começou a sussurrar uma missa para os mortos e o mosqueteiro continuou debruçado no buraco, como se procurando por alguma coisa perdida.

Minha mente começou a se apagar, perdendo um combate contra um misto de medo, dor e frio. Eu me concentrei com toda força, relembrei as últimas passagens do *Aurora Consurgens* e repeti em voz alta na esperança de que isso me manteria sã.

– *Sou eu que faço a mediação entre os elementos, trazendo conformidade a cada um deles* – murmurei com os lábios machucados. – *Eu torno o que úmido é em seco outra vez, e o que seco é em úmido. Eu torno o que duro é em suave outra vez, e o que suave é em duro. Como eu sou o fim, o meu amado é o começo. Eu contenho toda a obra da criação, e todo o conhecimento se oculta em mim.*

Algo luziu contra a parede bem ao meu lado. Era um fantasma que vinha para me dar um alô, mas eu estava muito cansada para cumprimentar e fechei os olhos retomando a recitação.

– *Quem ousa me separar do meu amor? Ninguém, pois o nosso amor é tão forte quanto a morte.*

Mamãe me interrompeu.

Por que não tenta dormir, bruxinha?

Por trás dos meus olhos fechados avistei o meu quarto no ático da casa em Madison. Faltavam poucos dias para a viagem final dos meus pais à África, e eu ficaria com tia Sarah enquanto estivessem fora.

– Não quero dormir – respondi com uma voz teimosa e infantil.

Abri os olhos. Os fantasmas se acercaram de um brilho tênue que luzia nas sombras ao meu lado.

Mamãe estava sentada de braços abertos, encostada na úmida parede de pedras da solitária. Prendi a respiração e avancei cautelosamente em sua direção com medo de que desaparecesse. Ela sorriu de forma acolhedora e seus olhos escuros brilharam por trás das lágrimas. Os braços e as mãos fantasmagóricas da minha mãe se mexeram quando me aninhei em seu saudoso corpo.

Você quer que eu conte uma história?

– Foram suas mãos que apareceram durante a magia de Satu?

Ela respondeu com um suave sorriso e as pedras frias debaixo dos meus pés se tornaram menos dolorosas.

Você foi muito corajosa.

– Eu estou muito cansada – suspirei.

Então é hora de lhe contar uma história. Era uma vez, disse mamãe, *uma bruxinha chamada Diana. Quando era pequenininha foi amarrada pela fada madrinha com fitas invisíveis das cores do arco-íris.*

Lembrei dessa história da minha infância que eu ouvia com um pijama cor-de-rosa cheio de estrelas roxas e com duas marias-chiquinhas compridas que desciam pelas minhas costas. Ondas de lembranças inundaram os lugares da minha mente que estavam vazios desde a morte dos meus pais.

– Por que ela foi amarrada pela fada madrinha? – perguntei com uma voz infantil.

Porque Diana adorava fazer magia, e ela era muito poderosa. Mas a fada madrinha sabia que as outras bruxas ficariam com inveja do poder dela. "Quando estiver pronta", disse a fada madrinha para a bruxinha, "você mesma vai desamarrar todas essas fitas." Enquanto isso não acontecer, você não conseguirá voar nem fazer magia.

– Isso é injusto – protestei com o mesmo ardor infantil dos meus sete anos de idade. – Ela podia punir as outras bruxas e não a mim.

Este mundo é injusto, não é?, disse mamãe.

Balancei a cabeça com um ar taciturno.

Diana tentava e tentava, mas não conseguia se livrar das fitas. Com o tempo ela acabou se esquecendo disso. E também se esqueceu de sua magia.

– Nunca esquecerei de minha magia – insisti.

Mamãe franziu a testa.

Mas é preciso, ela retrucou com um suave sussurro. E continuou a

história. *Um dia, muito tempo depois, Diana conheceu um lindo príncipe que morava nas sombras entre o pôr do sol e o nascer da lua.*

Era a parte que eu mais gostava da história. Fui inundada por lembranças de outras noites. Às vezes, eu perguntava o nome dele, outras vezes, aparentava desinteresse por um príncipe tão estúpido. Na maioria das vezes, me perguntava por que alguém desejaria ficar com uma bruxa tão inútil.

Embora Diana não conseguisse voar, o príncipe a amava. Embora ninguém pudesse enxergar as fitas, o príncipe podia. Ele se perguntava sobre a utilidade daquelas fitas e sobre o que aconteceria se Diana se livrasse delas. Mas o príncipe era muito educado e sabia que não seria polido mencioná-las porque isso abalaria a autoconfiança de Diana.

Assenti com a minha cabeça de sete anos de idade, impressionada com a empatia do príncipe, e a minha cabeça mais velha se encostou à parede de pedras.

Mas o príncipe não se perguntou por que uma bruxa que podia voar se recusava a fazer isso.

Então, mamãe acariciou os meus cabelos, *chegaram três bruxas na cidade. Elas também podiam enxergar as fitas e suspeitaram de que Diana era mais poderosa do que elas. Depois a levaram para um castelo sombrio. Mas por mais que puxassem as fitas não desamarravam. As bruxas então prenderam Diana dentro de um quarto achando que ela ficaria com tanto medo que acabaria desamarrando as fitas.*

– Diana ficou completamente sozinha?

Completamente, disse mamãe.

– Acho que não gosto dessa história – reclamei.

Então por que você não dorme?

Puxei a minha coberta da infância, uma colcha de retalhos coloridos que Sarah comprara numa loja de departamento de Siracusa para me receber, e me estiquei no chão da solitária. Mamãe me acomodou nas

pedras.

– Mamãe?

Sim, Diana.

– Fiz o que você me pediu. Guardei os meus segredos... de todos.

Sei que foi difícil.

– E você tem segredos? – Na minha mente eu corria como um cervo pelo campo com mamãe correndo atrás de mim.

É claro que tenho, disse ao mesmo tempo em que se esticava para me alcançar e movia as mãos de maneira a me fazer flutuar no ar e cair nos braços dela.

– Pode me contar um deles?

Sim. Ela colou os lábios na minha orelha e me fez sentir cócegas. *Você. Você é o meu maior segredo.*

– Mas eu estou aqui? – Livrei-me dos braços dela e corri na direção da macieira. – Como posso ser um segredo se estou aqui?

Mamãe tocou nos lábios e sorriu.

Magia.



– Onde está ela? – Matthew bateu com as chaves do Range Rover na mesa.

– Nós vamos encontrá-la, Matthew. – Ysabeau tentou manter a calma pelo bem do filho, mas fazia dez horas que eles tinham achado uma maçã mordida pela metade ao lado do canteiro de arruda na horta. A partir daí os dois vasculharam toda a área do mapa que Matthew delimitara metodicamente em fatias.

Mesmo com toda a procura, não encontraram qualquer sinal de Diana e não identificaram qualquer pista. Ela simplesmente evaporara.

– Ela só pode ter sido pega por uma bruxa. – Matthew passou a mão na cabeça. – Eu falei que ela só estaria a salvo dentro do castelo. Nunca pensei que as bruxas ousariam vir até aqui.

Os lábios de Ysabeau se apertaram. O fato de que as bruxas poderiam ter raptado Diana não a surpreendia.

Matthew começou a dar ordens como um general no campo de batalha.

– Vamos sair outra vez. Irei de carro até Brioude. Ysabeau, você pega a limusine e vai até Aubusson. Marthe, você fica aqui porque ela pode voltar ou alguém pode telefonar com notícias.

Ysabeau sabia que não haveria telefonema algum. Se Diana tivesse acesso a um telefone já teria telefonado. Embora a estratégia de batalha preferida de Matthew fosse a de superar os obstáculos até atingir o objetivo, nem sempre essa era a melhor maneira de agir.

– É melhor esperarmos, Matthew.

– Esperar? – ele bufou. – Esperar o quê?

– Baldwin. Ele estava em Londres e faz uma hora que saiu de lá.

– Ysabeau, você o chamou? – Matthew sabia por experiência que o irmão mais velho adorava destruir o que via pela frente. Era o que ele fazia de melhor. Ao longo dos anos tinha feito isso no sentido físico e mental, e depois no sentido financeiro, quando se deu conta de que destruir os meios de subsistência das pessoas era quase tão excitante quanto arrasar uma aldeia inteira.

– Senti que era hora quando vi que ela não estava nem no estábulo nem na mata. Matthew, para esse tipo de coisa Baldwin é muito melhor que você. Ele pode rastrear qualquer coisa.

– Sei disso, Baldwin sempre foi exímio na captura de presas. Por isso a minha primeira tarefa é encontrar a minha esposa. Depois, terei que assegurar que ela não seja o próximo alvo dele. – Matthew pegou as chaves do carro. – Fique esperando aqui por Baldwin. Eu saio sozinho.

– Baldwin não fará mal algum a Diana quando souber que ela pertence a você. Ele é o cabeça desta família. E como isso é um problema de família, ele precisa saber.

As palavras de Ysabeau soaram bizarras para Matthew. Ela sabia que ele não confiava no irmão mais velho. Ele repeliu a sensação de estranheza.

– Elas vieram aqui na sua casa, *maman*. Elas a insultaram. Se você quer envolver Baldwin, tem todo o direito de querer.

– Chamei o Baldwin para o bem de Diana, não para o meu bem. Ela não pode ficar nas mãos das bruxas, mesmo sendo uma delas.

O nariz de Marthe farejou o ar, atento a um novo cheiro.

– Baldwin – disse desnecessariamente Ysabeau com os olhos brilhando.

A pesada porta do andar de cima bateu e passos resolutos seguiram a batida. Matthew empertigou-se e Marthe fez uma cara de quem já tinha visto a cena milhares de vezes.

– Aqui embaixo – disse Ysabeau mansamente. Ela não elevava a voz nem em meio a crises. Afinal, eles eram vampiros e dispensavam

histrionices.

Baldwin Montclair, como era conhecido no mercado financeiro, irrompeu pelo saguão do subsolo. Seus cabelos acobreados brilharam sob a luz elétrica, e seus músculos se crisparam com os rápidos reflexos de um atleta nato. Treinado desde criança para manejar a espada, ele já era uma figura imponente antes mesmo de se tornar vampiro e depois que renasceu poucos ousaram cruzar a sua frente. Filho do meio da prole de Philippe de Clermont, Baldwin se transformou em vampiro no tempo dos romanos e era o favorito do pai. Eles eram feitos da mesma massa – apaixonados por guerras, mulheres e vinho. Apesar das características amistosamente mundanas que tinham, aqueles que os enfrentavam nos campos de batalha raramente sobreviviam para contar a história.

Agora Baldwin direcionava a raiva para Matthew. Eles não se toleravam desde a primeira vez que se conheceram, as personalidades destoavam tanto que Philippe perdeu a esperança de um dia vê-los amigos. As narinas de Baldwin se abriram quando ele sentiu o cheiro de canela e cravo-da-índia do irmão.

– Em que buraco você se meteu, Matthew? – A voz grave de Baldwin ecoou de encontro aos vidros e as pedras.

Matthew caminhou na direção do irmão.

– Estou aqui, Baldwin.

Baldwin agarrou o irmão pela garganta antes de dizer alguma coisa. As cabeças ficaram emparelhadas, uma negra e a outra acobreada, e os dois rolaram até o extremo do saguão. O corpo de Matthew foi arremessado contra uma porta de madeira que se despedaçou com o impacto.

– Como pôde se envolver com uma bruxa sabendo o que elas fizeram com nosso pai?

– Ela nem era nascida quando ele foi capturado. – A voz de Matthew soou abafada pela pressão nas cordas vocais, mas ele não demonstrava medo.

– Ela é uma bruxa – disse Baldwin cuspindo. – Todas são responsáveis. Elas sabiam que os nazistas estavam torturando o nosso pai e não fizeram nada para impedir.

– Baldwin – Ysabeau chamou-lhe a atenção com um tom cortante. – Philippe deixou instruções bem claras que não queria vingança se acontecesse alguma coisa com ele. – Era o que lhe dizia repetidamente sem nunca aplacar a raiva dele.

– Foram as bruxas que ajudaram aqueles animais a capturar Philippe. E depois os nazistas o pegaram e fizeram aquelas experiências para determinar até que ponto o corpo de um vampiro aguentava os ferimentos sem morrer. Foram os feitiços das bruxas que nos impediram de encontrá-lo e libertá-lo.

– Eles não conseguiram destruir o corpo de Philippe, mas destruíram a alma – disse Matthew arrasado. – Por Deus, Baldwin. Elas podem fazer isso com Diana.

Matthew sabia que ela podia se recuperar se fosse ferida fisicamente pelas bruxas. Mas nunca mais seria a mesma se tivesse o espírito quebrado por elas. Ele fechou os olhos para afastar a dolorosa ideia de que Diana podia deixar de ser a criatura teimosa e voluntariosa que era.

– E daí? – Baldwin jogou o irmão no chão com um ar de desgosto, e se arremeteu contra ele.

Uma chaleira de cobre do tamanho de um tambor foi arremetida contra a parede. Os dois irmãos se ergueram com um salto.

Marthe encarou os dois de mãos nas cadeiras.

– Ela é esposa dele – disse para Baldwin sem nenhum rodeio.

– Você se *acasalou* com ela? – perguntou Baldwin, incrédulo.

– Agora Diana faz parte da família – respondeu Ysabeau. – Eu e Marthe já aceitamos isso. Agora só falta você.

– Nunca – ele disse alto e bom som. – Nenhuma bruxa jamais será uma Clermont, e tampouco acolhida nesta casa. O acasalamento é um instinto

poderoso, mas não sobrevive à morte. Se as bruxas não matarem essa Bishop, eu a matarei.

Matthew avançou na garganta do irmão. Ouviu-se um ruído de carne sendo rasgada. Baldwin se afastou e gritou com a mão na garganta.

– Você me mordeu!

– Se ameaçar outra vez a minha esposa, eu farei muito mais do que isso. – Matthew ofegou com um brilho selvagem nos olhos.

– Já basta! – interferiu Ysabeau, calando-os. – Já perdi o marido, uma filha e dois dos meus filhos. Eu *não* quero ver vocês dois mordendo a garganta um do outro. *Não* permitirei que nenhuma bruxa tire quem quer que seja da minha casa sem a minha permissão. – As últimas palavras saíram de dentro dela em tom baixinho e sibilante. – E *não* ficarei assistindo a brigas aqui enquanto a esposa do meu filho está nas mãos dos meus inimigos.

– Em 1944, você sempre afirmava que desafiar as bruxas não servia para nada. E olhe só para você agora – disse Baldwin encarando o irmão.

– Isso é diferente – disse Matthew também irritado.

– Ah, sim, é diferente, garanto que é. Você está induzindo a Congregação a interferir na família só para se deitar com uma bruxa.

– A decisão de entrar em hostilidade aberta contra as bruxas não foi sua. Foi do seu pai... E ele impediu expressamente o prolongamento da Guerra Mundial. – Ysabeau parou atrás de Baldwin e esperou que ele se voltasse para ela. – Você tem que deixar isso de lado. A punição de tamanhas atrocidades foi colocada nas mãos das autoridades humanas.

Baldwin olhou para ela com uma expressão azeda.

– Se a minha memória não me falha, você assumiu o problema com as próprias mãos, Ysabeau. Você jantou quantos nazistas antes de se dar por satisfeita? – Isso era imperdoável de ser dito, mas ele foi levado a passar dos seus limites normais.

– Quanto a Diana – continuou Ysabeau com tato, embora com olhos

faiscantes –, Lucius Sigéric Benoit Christophe Baldwin de Clermont, se o seu pai estivesse vivo certamente estaria procurando por ela, sendo bruxa ou não. Ele morreria de vergonha de você se o visse se atracando aqui com seu irmão por coisas passadas. – Cada um dos nomes que Baldwin tinha recebido de Philippe no passado soou como bofetada, e ele tombou a cabeça para trás quando os ouviu.

Depois, soltou o ar lentamente pelo nariz.

– Obrigado pelo conselho, Ysabeau, e pela aula de história. Mas felizmente hoje é a *minha* vez de decidir. Matthew não vai desfrutar essa garota e ponto final. – Ele se sentiu melhor depois de exercer a autoridade, e se virou com um ar majestoso para sair de Sept-Tours.

– Então você não me deixa escolha. – A resposta de Matthew o deteve.

– Escolha? – bufou Baldwin. – Você fará o que eu mandar.

– Posso não ser o cabeça da família, mas isso já não se limita apenas à família. – Matthew finalmente chegava ao ponto que Ysabeau tinha sugerido.

– Está bem. – Baldwin deu de ombros. – Siga em frente com essa sua cruzada tola. Encontre a sua bruxa. Aproveite e leve Marthe junto, parece tão apaixonada por ela quanto você. Se vocês dois querem atormentar as bruxas e atrair a Congregação, problema de vocês. Vou renegar você para proteger a família.

Ele já estava perto da porta quando o irmão mais novo sacou o grande trunfo.

– Eu libero os Clermont da responsabilidade de abrigar Diana Bishop. Os Cavaleiros de Lázaro cuidarão da segurança dela a partir de agora, como já fizemos com outras pessoas no passado.

Ysabeau afastou-se para esconder a sua expressão de orgulho.

– Você não pode estar falando sério – sibilou Baldwin. – Se você reunir a irmandade, isso será como uma declaração de guerra.

– Se a sua decisão é essa, você conhece muito bem as consequências. Eu

poderia matá-lo pela sua desobediência, mas estou sem tempo para isso. Suas terras e posses estão confiscadas. Deixe esta casa e renuncie ao seu selo de ofício. Em uma semana será indicado um novo mestre francês. Você está fora da proteção da ordem e tem sete dias para encontrar um novo lugar para viver.

– Tente me tirar Sept-Tours – vociferou Baldwin – e se arrependerá amargamente.

– Sept-Tours não é propriedade sua. Pertence aos Cavaleiros de Lázaro. Ysabeau vive aqui com as bênçãos da irmandade. Eu lhe darei mais uma chance de ser incluído neste acordo. – Matthew assumiu um indiscutível tom de comando. – Baldwin de Clermont, eu te convoco para empunhar tua espada, honrar teus votos e entrar no campo de batalha, onde obedecerás às minhas ordens até que sejas liberado.

Fazia muito, muito tempo que ele não falava nem escrevia essas palavras, mas lembrou-se de cada uma com exatidão. Os Cavaleiros de Lázaro estavam em seu sangue da mesma forma que Diana. Os longos músculos que estavam inativos se flexionaram dentro do corpo, e os talentos que estavam enferrujados trataram de se afiar.

– Matthew, os cavaleiros não vão ajudar o mestre por um simples problema amoroso. Nós lutamos na batalha de Acre. Nós auxiliamos os albigenses hereges na resistência. Nós sobrevivemos à dissolução dos templários e ao avanço dos ingleses em Crécy e em Agincourt. Os Cavaleiros de Lázaro estavam nos navios que combateram o império otomano em Lepanto, e a Guerra de Trinta Anos terminou quando nos recusamos a continuar combatendo. A proposta da irmandade é garantir a sobrevivência dos vampiros neste mundo dominado pelos humanos.

– No começo o nosso principal objetivo era proteger os que não podiam se proteger. Nossa reputação de heroísmo não passou de um simples e inesperado subproduto de tal missão.

– Papai não devia ter passado a ordem para você quando morreu. Você

é um soldado e um idealista, não um comandante. Não tem estômago para tomar decisões difíceis. – O descaso pelo irmão estava visível nas palavras de Baldwin, mas o olhar dele refletiu preocupação.

– Diana me procurou para se proteger do seu próprio povo. Farei de tudo para protegê-la, da mesma forma que os cavaleiros protegeram os cidadãos de Jerusalém, da Alemanha e da Occitânia quando eles estavam sob ameaças.

– Ninguém acreditará que isso não é pessoal, não mais do que deviam ter acreditado em 1944. E naquela ocasião você disse não.

– Eu estava errado.

Baldwin pareceu chocado.

Matthew respirou fundo.

– Nós devíamos ter ignorado as consequências e reagido imediatamente ao ultraje. Mas fui impedido de agir porque temi que divulgassem os segredos da família e relutei em provocar a ira da Congregação. Isso só serviu para que a nossa família fosse atacada novamente pelos nossos inimigos, e agora não cometerei o mesmo erro com Diana. As bruxas farão de tudo para tomar conhecimento do poder que ela tem. Invadiram a nossa casa e tiraram alguém daqui sem a nossa permissão. Foi pior do que o que fizeram com Philippe. Aos olhos das bruxas ele não passava de um vampiro. Mas elas foram longe demais quando pegaram Diana.

Enquanto Baldwin pesava essas palavras, a aflição de Matthew aumentava.

– Diana. – Ysabeau trouxe Baldwin de volta ao tema principal.

Por fim, Baldwin balançou a cabeça em assentimento.

– Muito obrigado – disse Matthew. – Uma bruxa pegou Diana na horta e levou-a. E todas as pistas já tinham sumido quando descobrimos que ela havia desaparecido. – Ele tirou um mapa amassado do bolso. – Aqui estão as áreas que ainda precisam ser vasculhadas.

Baldwin observou as áreas vasculhadas pelo irmão e Ysabeau e as

vastas regiões que ainda faltavam.

– Já procuraram em todos esses lugares depois que a levaram?

Matthew assentiu.

– Claro que sim.

Baldwin não conseguiu dissimular a irritação.

– Matthew, quando é que você vai aprender a pensar antes de agir? Vamos até a horta.

Os dois saíram, deixando Marthe e Ysabeau dentro de casa para que o cheiro delas não obscurecesse as pistas mesmo que insignificantes de Diana. Eles já estavam lá fora quando Ysabeau começou a tremer dos pés à cabeça.

– Isso é demais, Marthe. Se elas a feriram...

– Eu e você sempre soubemos que esse dia chegaria. – Marthe pôs a mão no ombro da patroa com uma expressão compassiva e depois se dirigiu até as cozinhas, deixando Ysabeau pensativa na frente de uma lareira fria.

Na horta, Baldwin voltou os seus olhos sobrenaturais para uma maçã que jazia ao lado de um canteiro de arruda. Sabiamente, Ysabeau tinha feito questão de que a fruta permanecesse no lugar em que fora encontrada. Isso ajudou Baldwin a distinguir o que o irmão não distinguira. Os galhos da arruda estavam ligeiramente inclinados e apontavam para um outro canteiro de ervas com folhas farfalhadas e depois para outro.

– De que lado o vento soprava? – A imaginação de Baldwin já estava em plena atividade.

– Do oeste – disse Matthew tentando perceber o que o irmão rastreava. Logo desistiu com um suspiro de frustração. – Isso está demorando muito. É melhor sairmos. Podemos vasculhar uma área maior. Vou verificar outra vez as cavernas.

– Ela não está nas cavernas – disse Baldwin endireitando os joelhos e

tirando o cheiro de ervas das mãos. – Vampiros usam cavernas, bruxas, não. Além do mais, elas foram para o sul.

– Para o sul? Não há nada lá.

– É mesmo – disse Baldwin. – Mas deve haver alguma coisa lá. Se não houvesse, a bruxa não teria tomado essa direção. Vamos perguntar para Ysabeau.

A grande longevidade da família Clermont se devia às diferentes habilidades dos seus membros para enfrentar as crises. Philippe era o líder dos homens, uma figura carismática capaz de persuadir vampiros, humanos e por vezes até demônios a lutar por uma causa comum. Hugh, um outro irmão, era o negociador, o que colocava as partes em disputa na mesa de negociação e assim resolvia os conflitos mais extremos. Godfrey, o mais jovem dos três filhos homens, era a consciência, o que trazia à tona as implicações éticas de cada decisão. Baldwin era o responsável pela logística das batalhas, o que analisava com rapidez e agudeza mental os planos de batalha e apontava acertos e erros. Louisa era sempre a isca, ou então a espiã, dependendo da situação.

Por mais improvável que pareça, Matthew era o guerreiro mais feroz da família. A falta de disciplina nas suas primeiras aventuras com a espada deixava o pai enfurecido, no entanto Matthew acabou mudando com o tempo. Passou a esfriar a cabeça quando tinha uma arma nas mãos, e a tenacidade com que enfrentava os obstáculos o tornava imbatível.

E quanto a Ysabeau. Era subestimada por todos, menos por Philippe que algumas vezes a chamava de “general” e outras vezes de “minha arma secreta”. Ysabeau não se esquecia de nada e tinha uma memória mais extensa do que a de Mnemosine.

Os dois irmãos voltaram para o interior do castelo. Baldwin chamou por Ysabeau e entrou na cozinha, onde esparramou um punhado de farinha de trigo que tirou de uma lata aberta sobre a mesa de Marthe. Ele traçou o mapa de Auvergne com a farinha e cravou o dedo em cima de

Sept-Tours.

– Para que lugar uma bruxa levaria uma outra bruxa a sudoeste daqui? – perguntou.

Ysabeau franziu o cenho.

– Isso dependeria de por que ela teria sido levada.

Matthew e Baldwin se entreolharam exasperados. Esse era o único problema da arma secreta da família. Ysabeau nunca respondia na mesma hora às perguntas que lhe faziam – sempre achava uma questão mais urgente a ser colocada em primeiro lugar.

– *Maman,* pense – disse Matthew aflito. – Essas bruxas querem me separar de Diana.

– Não, meu filho. Havia mil formas de separar vocês dois... Mas essas bruxas que vieram até a minha casa para tirar daqui uma hóspede cometeram algo imperdoável para nossa família. Hostilidades assim são como o xadrez. – Ysabeau tocou a face do filho com a mão gelada. – O objetivo dessas bruxas é provar que somos vulneráveis. Você quer Diana e elas a levaram para que o desafio não pudesse ser ignorado de jeito nenhum.

– Ysabeau, por favor. Onde?

– Daqui até Cantal não há nada além de montanhas áridas e trilhas de cabras.

– Cantal? – perguntou Baldwin.

– Sim – ela sussurrou ainda mais indiferente diante do assunto.

Cantal era a região onde Gerbert de Aurillac tinha nascido. Era o território natal do vampiro, e se os Clermont o invadissem, as bruxas não seriam as únicas forças reunidas contra a família.

– Se isso fosse um jogo de xadrez, levá-la para Cantal nos colocaria em xeque-mate – comentou Matthew com um ar sombrio. – É muito cedo para agirem assim.

Baldwin concordou com a cabeça.

– Então estamos deixando algum canto de lado entre aqui e lá.

– Não há nada além de ruínas – disse Ysabeau.

Baldwin soltou um suspiro de frustração.

– Por que essa bruxa não consegue se defender sozinha?

Marthe entrou no cômodo enxugando as mãos com uma toalha. Ela e Ysabeau se entreolharam.

– *Elle est enchantée* – disse Marthe curto e bom som.

– A menina está enfeitiçada – confirmou Ysabeau com relutância. – Nós temos certeza disso.

– Enfeitiçada? – Matthew franziu a testa. O enfeitiçamento prende as bruxas com algemas invisíveis. Isso era tão imperdoável entre as bruxas quanto a invasão entre os vampiros.

– Isso mesmo. Ela não se recusa a fazer magia. Ela foi mantida longe da sua própria magia... propositalmente. – Ysabeau franziu o cenho só de pensar.

– Por quê? – perguntou o filho. – Seria como arrancar as presas e as garras de um tigre e mandá-lo de volta à selva. Por que se privaria alguém de autodefesa?

Ysabeau deu de ombros.

– Imagino que muita gente seria capaz de fazer isso, e por muitas razões, mas não conheço bem essa bruxa. Telefone para a família dela e pergunte.

Matthew enfiou a mão no bolso e tirou o celular. Baldwin reparou que o irmão tinha o número da casa em Madison pronto para a discagem automática. As bruxas atenderam ao primeiro toque.

– Matthew? – A bruxa estava histérica. – Onde está Diana? Ela está sofrendo muito, eu posso sentir.

– Já sabemos onde procurar por ela, Sarah – disse Matthew tentando acalmá-la. – Mas primeiro preciso saber por que Diana não faz uso de sua própria magia.

– Ela não faz isso desde que os pais morreram. O que isso tem a ver? – gritou Sarah. Ysabeau teve que fechar os olhos para desligar aquele som agudo.

– Sarah, existe alguma chance... mesmo remota... de Diana estar enfeitiçada?

Fez-se silêncio total do outro lado da linha.

– Enfeitiçada? – disse Sarah por fim, horrorizada. – Claro que não!

Os Clermont ouviram um suave clique.

– Foi a Rebecca – disse a outra bruxa com um tom mais suave. – Eu prometi que não contaria. E não me pergunte nada porque não sei o que ela fez e como fez. Rebecca sabia que nem ela nem Stephen retornariam da África. Rebecca tinha visto alguma coisa... ou sabido de alguma coisa que a deixou apavorada. O que ela me disse é que manteria Diana a salvo.

– A salvo de quê? – Sarah ainda estava horrorizada.

– Não a salvo de quê. A salvo *até*. – A voz de Em se distanciou. – Rebecca disse que queria se assegurar de que a filha estaria a salvo até que se encontrasse com o homem da sombra.

– Homem da sombra?

– Sim – sussurrou Em. – Quando Diana me disse que estavam passando um tempo com um vampiro, imaginei se você não seria o homem que Rebecca tinha vaticinado. Mas tudo aconteceu tão rápido...

– Emily, você consegue ver alguma coisa, qualquer coisa que possa nos ajudar? – perguntou Matthew.

– Não. Só vejo uma escuridão. Diana está lá dentro. Ela não está morta – disse Em de rompante ao notar que Matthew prendia a respiração –, mas está sofrendo e de alguma forma não está inteiramente neste mundo.

À medida que ouvia, Baldwin estreitava os olhos para Ysabeau. Embora malucas, as questões colocadas pela mãe se tornavam por demais esclarecedoras. Ele descruzou os braços e tirou o celular do bolso. Afastou-se um pouco, digitou um número e murmurou algumas palavras. Depois

olhou para Matthew e fez um sinal atravessando a garganta com o próprio dedo.

– Eu vou sair agora para procurá-la – disse Matthew. – Logo que tivermos notícias telefonamos para vocês. – Desligou o celular antes que Sarah e Em começassem a fazer perguntas.

– Onde estão as minhas chaves? – gritou Matthew dirigindo-se para a porta.

Baldwin se pôs à frente do irmão, barrando-lhe o caminho.

– Vá com calma e pense – disse de forma rude enquanto puxava um banco para o irmão. – Quais são os castelos que existem daqui até Cantal? Só precisamos saber dos antigos, os que Gerbert pode conhecer melhor.

– Por Deus, Baldwin, não lembro. Deixe-me ir!

– Não. Pense bem. As bruxas não a levariam para dentro do território de Gerbert... pelo menos se tiverem um pouco de juízo. Se Diana está enfeitiçada, então Diana também é um mistério para elas. Levará algum tempo para que o mistério seja resolvido. Elas vão precisar de privacidade, sem nenhum vampiro por perto para perturbá-las. – Era a primeira vez que Baldwin pronunciava o nome da bruxa. – Em Cantal as bruxas teriam que dar satisfações a Gerbert, isso significa que elas devem estar em algum lugar perto da fronteira. Pense. – A última gota de paciência de Baldwin se evaporou. – Pelos deuses, Matthew, você construiu ou projetou a maioria deles.

Matthew repassou rapidamente as possibilidades, descartando alguns porque estavam próximos demais e outros porque estavam muito arruinados. Ele parecia em choque.

– La Pierre.

Ysabeau apertou os lábios e Marthe pareceu preocupada. La Pierre era o castelo mais amedrontador da região. Fora construído em cima de uma impenetrável fundação de basalto, e tinha muros suficientemente altos para resistir a qualquer cerco.

Lá fora um barulho em movimento comprimiu o ar.

– O helicóptero – disse Baldwin. – Estava me esperando em Clermont-Ferrand para me levar de volta a Lyon. Ysabeau, seu jardim vai precisar de alguns reparos, mas sem dúvida é um preço pequeno a pagar.

Os dois vampiros saíram do castelo em direção ao helicóptero. Entraram na aeronave e em seguida sobrevoavam Auvergne. Lá embaixo nada além da escuridão pontuada aqui e ali pelo suave brilho de luz da casa de uma fazenda. Levaram mais de trinta minutos para chegar e, mesmo com os irmãos indicando onde estava o castelo, o piloto teve dificuldade para enxergá-lo.

– Não há lugar para aterrissar – gritou o piloto.

Matthew apontou para uma velha estrada que se estendia a partir do castelo.

– Que tal ali? – gritou de volta enquanto esquadrinhava os muros à procura de sinais de luz e movimento.

Baldwin mandou o piloto aterrissar onde Matthew tinha indicado e recebeu um olhar inseguro como resposta.

Eles ainda estavam a alguns metros de altura quando Matthew pulou para fora do helicóptero e saiu em disparada até o portão do castelo. Baldwin suspirou e saiu no encalço do irmão, não sem antes ordenar ao piloto que esperasse por eles.

Já dentro do castelo, Matthew gritou por Diana.

– Meu Deus, ela deve estar apavorada – sussurrou quando os ecos cessaram, e passou a mão nos cabelos.

Baldwin chegou e agarrou o irmão pelo braço.

– Existem duas maneiras de fazer isso, Matthew. Ou nos dividimos e vasculhamos o local de cabo a rabo. Ou paramos por cinco segundos e tentamos descobrir o lugar mais provável para esconder alguém aqui em La Pierre.

– Solte-me – disse Matthew mostrando os dentes e tentando se soltar do

irmão. A mão de Baldwin continuou firme.

– Pense – ele deu voz de comando. – Prometo que será mais rápido do que imagina.

Matthew visualizou a planta do castelo. A começar pela entrada, depois as salas, a torre, os quartos de dormir, as câmaras de audiência e o grande saguão. Depois, visualizou cozinhas, adegas e masmorras. Olhou aterrorizado para o irmão.

– A solitária. – Olhou na direção das cozinhas.

A cara de Baldwin congelou.

– *Dieu* – sussurrou observando o irmão que já estava descendo. O que havia naquela bruxa que tinha feito a própria gente dela jogá-la naquele buraco fundo?

E se ela era tão preciosa, certamente quem a tinha jogado na solitária retornaria.

Baldwin saiu em disparada atrás de Matthew, torcendo para que não fosse tarde demais para impedir que o irmão se tornasse um outro refém das bruxas.



Está na hora de acordar, Diana. A voz da minha mãe soou baixinho, mas insistente.

Eu estava exausta demais para responder e cobri a cabeça com a colcha para que ela não me visse. O meu corpo vergou e me perguntei por que sentia tanta dor.

Acorde, dorminhoca. Os dedos grossos do meu pai puxaram a coberta. Uma onda de alegria dissipou a dor por um momento. Papai fingiu que era um urso e rosnou. Soltei gritinhos de felicidade e apertei as mãos para abafar os risos, mas papai tirou a coberta e um ar gelado me tomou da cabeça aos pés.

Alguma coisa estava errada. Abri um olho na esperança de me deparar com os pôsteres coloridos e os bichinhos de pelúcia que enfeitavam o meu quarto em Cambridge. Mas o meu quarto não tinha paredes cinzentas e úmidas.

Papai sorriu com olhos cintilantes para mim. Como sempre, ele estava com o cabelo encaracolado nas pontas que precisava ser penteado e com a gola torta. Eu o amava de qualquer jeito e tentei levantar os braços para agarrá-lo pelo pescoço, mas os meus braços não me obedeceram. Ele notou e me puxou com delicadeza, e com seu corpo impalpável me cobriu como um escudo.

Que bom te ver aqui, srta. Bishop. Era o que sempre dizia quando eu entrava no escritório dele lá em casa, ou quando eu descia a escada tarde da noite para pedir mais uma história.

– Estou tão cansada.

Ele estava com uma camisa transparente que de alguma forma retinha o odor de fumaça de cigarro e dos caramelos de chocolate que guardava no bolso.

Eu sei, disse papai, os olhos dele não estavam mais cintilando. *Mas não pode continuar dormindo.*

Você tem que levantar. As mãos de mamãe se estenderam para me tirar do colo de papai.

– Primeiro acabe de contar a história, mas pule as partes ruins – eu implorei.

A coisa não funciona assim. Mamãe balançou a cabeça e papai me passou para os braços dela com uma cara triste.

– Mas não estou me sentindo bem. – Minha voz infantil pedia um tratamento especial.

O espectro de minha mãe roçou as paredes de pedra. *Eu não posso pular as partes ruins. Você tem que enfrentá-las. Você pode fazer isso, bruxinha?*

Refleti um pouco e sacudi a cabeça concordando.

Em que parte estávamos?, perguntou minha mãe sentando-se ao lado do monge no centro da solitária. Ele se sentiu incomodado e se afastou alguns centímetros. Papai sufocou um sorriso com as costas da mão e olhou para mamãe da mesma forma que eu olhava para Matthew.

Lembrei, ela disse. *Diana estava trancada num quarto escuro, completamente sozinha. Ficou muitas horas lá dentro, sem saber se um dia sairia de lá. Foi então que ela ouviu uma batida à janela. Era o príncipe. "As bruxas me trancaram aqui!", gritou Diana. O príncipe tentou quebrar a janela, mas a janela era de vidro mágico e não quebrou. Aí o príncipe correu até a porta e tentou abri-la, mas a porta tinha uma fechadura mágica. Ele então tentou derrubar a porta, mas a madeira era muito dura e não cedeu.*

– O príncipe não era forte? – perguntei um pouco aborrecida pelo

fracasso dele.

Muito forte, disse mamãe com um ar solene, *mas não era um bruxo. Foi então que Diana olhou em volta para encontrar um outro lugar por onde ele pudesse passar. Ela avistou um pequeno buraco no telhado. O buraco era grande o bastante para uma bruxa do tamanho dela passar. Diana pediu ao príncipe que voasse e a tirasse de lá. Mas o príncipe não podia voar.*

– Porque ele não era um bruxo – repeti. O monge se benzia toda vez que ouvia as palavras mágico e bruxo.

Isso mesmo, disse mamãe. *Mas Diana lembrou que já tinha voado um dia. Ela olhou para baixo e viu a ponta de uma fita prateada. A fita estava bem amarrada em volta do corpo dela, mas ela puxou a ponta e a fita se soltou. Diana jogou a fita para o alto. E aí tudo o que o corpo dela tinha a fazer era seguir a fita até o céu. Quando ela chegou perto do buraco lá no telhado, esticou os braços juntinhos e passou pelo buraco e saiu para o ar puro da noite. "Eu sabia que você conseguiria", disse o príncipe.*

– E eles viveram felizes para sempre – falei com determinação.

Mamãe me deu um sorriso agridoce. *Sim, Diana.* Olhou longamente para o papai, um tipo de olhar que as crianças só entendem depois que crescem.

Suspirei de felicidade e não me importei mais com minhas costas em brasa nem com aquele lugar estranho onde os corpos das pessoas podiam ser atravessados por um olhar.

Está na hora, disse mamãe para o papai. Ele assentiu.

Lá em cima ecoou um som surdo de madeira batendo no chão de pedra.

– Diana? – Era Matthew. Ele estava histérico e com sua aflição despejou uma onda de alívio e adrenalina no meu corpo.

– Matthew! – Minha voz soou como um débil grasnido.

– Eu vou descer. – A voz dele ecoou na parede de pedra e fez a minha cabeça doer. Com a cabeça latejando notei que havia alguma coisa

grudenta no meu rosto. Passei o dedo no rosto, mas estava muito escuro para ver o que era.

– Não – disse uma voz grave e enérgica. – Você não pode descer porque não conseguirei resgatar vocês dois. E ela tem que sair daí bem rápido, Matthew. As bruxas logo estarão de volta.

Levantei o rosto para ver quem estava falando, mas só vi um anel branco desbotado.

– Diana, preste atenção. – Matthew estava mais calmo. – Você precisa voar. Você pode fazer isso?

Mamãe assentiu com a cabeça para me encorajar. *É hora de acordar e ser uma bruxa. Os segredos já não são necessários.*

– Acho que posso. – Tentei me levantar. O tornozelo direito vacilou e tive dificuldade para posicionar o joelho. – Você tem certeza de que Satu não está aqui?

– Não tem ninguém aqui além de mim e do meu irmão Baldwin. Voe até aqui e depois iremos embora. – Matthew se irritou com alguma coisa que o outro homem resmungou.

Eu não conhecia o tal do Baldwin, mas tinha conhecido muitos desconhecidos naquele dia. Depois de tudo o que ouvira de Satu, nem Matthew me parecia confiável. Olhei em volta para encontrar algum lugar onde me esconder.

Você não pode se esconder de Matthew, disse a minha mãe com um olhar agoniado para o meu pai. *Ele sempre estará do seu lado, não se preocupe. Você pode confiar nele. Ele é aquele que nós estávamos esperando.*

Papai enlaçou-a pelos ombros e me lembrei do que sentia nos braços de Matthew. Alguém que me abraçava daquele jeito nunca me trairia.

– Tente, Diana, por favor! – disse Matthew.

Eu tinha que achar a fita prateada para poder voar. Mas não havia uma fita amarrada em volta do meu corpo. Sentindo-me insegura para

prosseguir, procurei pelos meus pais na escuridão. Eles estavam menos visíveis que antes.

Você não quer voar?, perguntou mamãe.

A magia está dentro do coração, Diana, disse papai. *Não se esqueça.*

Fechei os olhos e visualizei uma fita. Agarrei a ponta com firmeza, mirei o anel branco que cintilava na escuridão e arremessei a fita. A fita desenrolou e saiu flutuando na direção do buraco com meu corpo.

Minha mãe sorriu e meu pai sentiu o mesmo orgulho que sentiu no dia em que tirou as rodinhas de apoio da minha primeira bicicleta. Lá de cima Matthew me observava ao lado de um outro rosto que devia ser do irmão dele. Junto aos dois, um monte de fantasmas admirados por ver alguém que conseguia sair vivo lá de dentro depois de todos aqueles anos.

– Graças a Deus – desabafou Matthew esticando a sua mão comprida e branca para mim. – Pegue a minha mão.

Meu corpo perdeu a leveza tão logo ele me segurou.

– Meu braço! – gritei quando os meus músculos se distenderam e o corte no meu antebraço se abriu.

Matthew me agarrou pelo ombro com ajuda de uma outra mão desconhecida. Eles me tiraram para fora da entrada da solitária, e por um momento grudei no peito de Matthew. Depois o agarrei pelo suéter e me segurei nele.

– Eu sabia que você conseguiria – ele murmurou com alívio as mesmas palavras do príncipe da história de minha mãe.

– Não temos tempo para isso. – O irmão de Matthew saiu correndo pelo corredor em direção à porta.

Matthew rapidamente apalpou os meus ombros para verificar os ferimentos. Abriu as narinas quando sentiu o cheiro de sangue coagulado.

– Você consegue andar? – perguntou com tato.

– Pegue-a no colo e tire-a daqui senão terá que se preocupar com muito mais coisas que um pouquinho de sangue! – gritou o outro vampiro.

Matthew me pegou no colo como se eu fosse um saco de farinha e saiu correndo. Mordi os lábios e fechei os olhos quando o chão começou a correr debaixo de mim como no voo que fiz com Satu. Uma mudança no ar me fez perceber que estávamos livres. O ar fresco encheu os meus pulmões e comecei a tremer.

Matthew disparou na direção de um helicóptero estacionado na estrada de terra do outro lado das muralhas do castelo. Depois pulou para dentro do helicóptero protegendo o meu corpo com o dele. Foi seguido pelo irmão que refletiu as luzes do painel de controle nos seus cabelos acobreados.

Rocei o pé na coxa de Baldwin sem querer quando ele se sentou, e isso o fez me olhar com um misto de curiosidade e ira. Aquele rosto me era familiar, já o tinha visto nas visões que tive no estúdio de Matthew: primeiro quando a armadura cintilou e depois quando toquei nos selos dos Cavaleiros de Lázaro.

– Achei que você estava morto. – Aninhei-me no corpo de Matthew.

Baldwin arregalou os olhos.

– Rápido! – gritou para o piloto, e logo o helicóptero decolou.

De volta ao ar lembrei de Satu e minha tremedeira aumentou.

– Ela está em estado de choque – disse Matthew. – Essa coisa pode ir mais rápido, Baldwin?

– Apague-a – disse Baldwin com impaciência.

– Não tenho sedativo comigo.

– Tem, sim. – Os olhos do irmão brilharam. – Quer que eu faça?

Matthew se inclinou para me olhar e esboçou um sorriso. Os tremores amenizaram, mas toda vez que o helicóptero era atingido por uma turbulência eles voltavam com a lembrança de Satu.

– Pelos deuses, Matthew, ela está apavorada – disse Baldwin, irritado. – Faz logo isso.

Matthew mordeu o lábio e uma gota de sangue irrompeu da pele macia. Ele abaixou a cabeça para me dar um beijo.

– Não. – Contorci-me para me esquivar de sua boca. – Sei o que você quer fazer. Satu me alertou. Quer me manter tranquila com o seu sangue.

– Você está em choque, Diana. Isto é tudo o que tenho. Deixe-me ajudá-la, por favor. – Ele estava com uma fisionomia angustiada. Eu me ergui um pouco e peguei a gota de sangue com a ponta do meu dedo.

– Eu mesma faço isso. – As bruxas não fariam mais insinuações de que eu estava sob controle de Matthew. Suguei a gota salgada de sangue na ponta do meu dedo anestesiado. Lábios e língua formigaram e logo os nervos da minha boca sossegaram.

Quando dei por mim um ar gelado e perfumado com as ervas de Marthe soprava na minha face. Nós estávamos na horta de Sept-Tours. Os braços de Matthew sustentavam as minhas costas doloridas e a minha cabeça se aninhava no pescoço dele. Eu me mexi e olhei em volta.

– Já estamos em casa – ele sussurrou dirigindo-se para o castelo iluminado.

– Ysabeau e Marthe – me esforcei para levantar a cabeça –, elas estão bem?

– Estão ótimas – disse Matthew aninhando-me ainda mais em seus braços.

Atravessamos o corredor da cozinha completamente iluminada. Eu desviei os meus olhos irritados pela luminosidade para atenuar o desconforto. Um dos olhos parecia menor que o outro e apertei o maior para igualar os dois. Baldwin se mostrou curioso, Ysabeau, furiosa, e Marthe, sombria e preocupada. Ysabeau deu um passo e Matthew grunhiu.

– Matthew – ela começou a falar com paciência enquanto cravava os olhos em mim com uma preocupação materna –, você tem que telefonar para a família dela. Onde está o seu telefone?

Ele retesou os braços. De repente a minha cabeça pesou como se fosse desprender do pescoço. Foi melhor apoiá-la no ombro de Matthew.

– Acho que está no bolso dele, mas ele não vai largar a bruxa para pegá-lo. E muito menos deixar alguém se aproximar para tirá-lo do bolso. – Baldwin estendeu um celular para Ysabeau. – Use o meu.

Os olhos de Baldwin percorreram o meu corpo ferido com tanta atenção que pareciam sacos de gelo sendo aplicados e removidos um por um de cima de mim.

– Parece que ela está voltando do campo de batalha. – A voz de Baldwin soou com uma admiração relutante.

Marthe disse alguma coisa em occitano e o irmão de Matthew assentiu.

– *Òc* – ele disse, me olhando com admiração.

– Agora não, Baldwin – vociferou Matthew.

– O número, Matthew – disse Ysabeau abruptamente desviando a atenção do filho. Ele disse o número, ela os digitou e ouvi um débil ruído eletrônico.

– Eu estou bem – balbuciei quando Sarah atendeu a chamada. – Me coloque no chão, Matthew.

– Não, sou eu, Ysabeau de Clermont. Diana já está conosco.

Fez-se silêncio enquanto os toques gelados de Ysabeau passavam pelo meu corpo.

– Ela está ferida, mas não são ferimentos graves. Matthew devia levá-la para casa. Para perto de vocês.

– Não. Satu me perseguirá. Satu não precisa fazer mal a Sarah e Em – eu disse tentando me soltar de Matthew.

– Matthew – vociferou Baldwin –, deixe que Marthe cuide dela ou a mantenha quieta.

– Fique fora disso, Baldwin – retrucou Matthew. Ele tocou o meu rosto com seus lábios frios e aquietou a minha pulsação. E murmurou. – Não faremos nada que você não queira.

– Nós podemos protegê-la dos vampiros. – A voz de Ysabeau soava cada vez mais distante. – Mas não das outras bruxas. Ela precisa ficar com

quem possa fazer isso. – A conversa feneceu e desceu uma cortina de névoa cinzenta.

Dessa vez só retomei a consciência lá na torre de Matthew. As velas estavam acesas e o fogo ardia na lareira. O quarto estava aquecido, mas o choque e a adrenalina me fizeram tremer. Matthew me amparava de cócoras nos joelhos e examinava o meu braço direito. O meu pulôver estava ensanguentado e com um longo rasgão na parte onde Satu me cortara. Uma recente mancha vermelha se misturava com outras mais escuras.

À soleira da porta, Marthe e Ysabeau observavam a cena como um casal de gaviões atentos.

– Eu posso cuidar da minha esposa, *maman* – disse Matthew.

– É claro que sim, Matthew – murmurou Ysabeau com o seu conhecido tom subserviente.

Matthew rasgou o último pedaço da minha manga para examinar melhor a minha pele e soltou um palavrão.

– Pegue a minha maleta, Marthe.

– Não – ela disse com firmeza. – Diana está suja, Matthew.

– Diana precisa tomar um banho. – Ysabeau aproximou-se em apoio a Marthe. – Ela está congelando e você não está conseguindo enxergar os ferimentos. Filho, isso não é ajuda.

– Nada de banho – ele disse resolutamente.

– Por que não? – perguntou Ysabeau com impaciência. Fez um sinal na direção da escada para que Marthe saísse.

– A água ficaria cheia de sangue – ele disse com uma voz firme. – Baldwin sentiria o cheiro.

– Aqui não é Jerusalém, Matthew – retrucou a mãe. – Ele nunca pisou nesta torre desde que foi erguida.

– O que houve em Jerusalém? – Olhei para o lugar onde o pequeno esquife de prata de Matthew costumava ficar pendurado.

– Meu amor, eu preciso dar uma olhada nas suas costas.

– Está bem – sussurrei sem ânimo. Minha mente vagou à procura de uma macieira e da voz de minha mãe.

– Fique de bruços.

O frio piso de pedras do castelo por onde Satu me arrastara surgiu debaixo do meu peito e de minhas pernas novamente.

– Matthew, não. Você acha que estou guardando segredos, mas não sei nada sobre a minha magia. Satu disse...

Matthew soltou outro palavrão.

– Não tem bruxa nenhuma aqui, e sua magia é imaterial para mim. – Ele me segurou com sua mão fria e tão firme e segura quanto o seu olhar. – Apoie-se no meu braço. Não tenha medo, estarei segurando você.

Eu estava sentada na coxa de Matthew e me inclinei para repousar o peito na mão dele. A posição repuxou dolorosamente a pele das minhas costas, mas era a melhor opção. Matthew ficou tenso.

– O casaco está grudado na sua pele. Assim não posso ver muita coisa. Nós teremos que colocá-la na banheira antes de removê-lo. Você pode encher a banheira, Ysabeau?

Ela saiu e em seguida ouviu-se o barulho de água corrente.

– Não muito quente – ele disse mansamente para a mãe.

– O que houve em Jerusalém? – perguntei de novo.

– Mais tarde – ele disse me erguendo com cuidado.

– Matthew, o tempo dos segredos acabou.

– Conte logo para Diana – disse Ysabeau da porta do banheiro. – Ela é sua esposa e tem o direito de saber.

– Deve ter sido algo terrível, senão você não usaria o caixão de Lázaro. – Toquei levemente no ponto vazio um pouco acima do coração de Matthew.

Ele me olhou com aflição e começou a contar a história. Uma história que brotou dos seus lábios como um jato.

– Eu matei uma mulher em Jerusalém. Ela se interpôs entre mim e Baldwin. Houve muito sangue. Eu a amava e ela...

Ele tinha matado mais alguém, não uma bruxa e sim uma humana. Coloquei o dedo nos lábios dele, selando-os.

– Isso basta. Já faz muito tempo. – Eu estava calma, mas voltei a tremer porque não suportaria outras revelações.

Matthew levou a minha mão esquerda aos lábios e beijou-a. Ele me disse com os olhos o que não podia dizer em voz alta. Depois, soltou a minha mão, desviando o olhar e disse:

– Se está preocupada com Baldwin, podemos fazer isso de outra maneira. Podemos umedecer o seu casaco com compressas, ou você pode ficar debaixo do chuveiro.

Pensei na água caindo em cima de mim e nas compressas pressionando as minhas costas e preferi correr o risco de uma sede eventual de Baldwin.

– A banheira é melhor.

Matthew me colocou toda vestida e de tênis dentro da banheira com água morna. Já dentro da banheira, tratei de não encostar as costas na porcelana enquanto a água desprendia lentamente o pulôver, até que fiquei mais à vontade e comecei a mexer as pernas dançando na água. Todos os músculos e nervos do meu corpo receberam ordens para relaxar, mas alguns se recusaram a obedecer.

Matthew aproveitou que eu estava de molho para examinar o meu rosto, tocando-o com os dedos. De repente ele franziu a testa e chamou por Marthe. Ela chegou com uma grande maleta preta medieval. Ele pegou uma lanterninha e, quando observou os meus olhos, apertou os próprios lábios com força.

– Bati com o rosto no chão – expliquei. – Está quebrado?

– Não, *mon coeur*, só está muito machucado.

Marthe se apressou em abrir um pacote e uma aragem de álcool entrou pelo meu nariz. Matthew passou um chumaço de algodão na parte

pegajosa do meu rosto e me agarrei nas bordas da banheira com os olhos cheios de lágrimas. Ele descartou o algodão agora escarlate.

– Cortei o rosto numa pedra – falei com displicência para apagar as lembranças de Satu que a dor trazia de volta.

Os dedos frios de Matthew rastrearam o ferimento de ponta a ponta, e chegaram debaixo da linha do meu cabelo.

– É superficial. Não precisa de pontos. – Ele pegou um vidro de unguento e o aplicou suavemente na minha pele. O unguento cheirava a hortelã e outras ervas da horta. – Você é alérgica a algum medicamento? – perguntou quando acabou de aplicar o unguento.

Balancei a cabeça em negativa.

Matthew chamou por Marthe novamente, e ela chegou com uma pilha de toalhas nos braços. Ele falou uma lista de remédios e ela assentiu enquanto sacudia um molho de chaves que tirara do bolso. Uma droga soou em especial.

– Morfina? – perguntei com o coração acelerado.

– É para aliviar a dor. Os outros remédios são para combater o inchaço e a infecção.

O banho tinha aplacado a ansiedade e o meu estado de choque, mas a dor estava piorando. A perspectiva de não sentir mais dor era tentadora e ainda relutante concordei com a morfina desde que saísse da banheira. Ficar de molho naquela água cor de ferrugem já estava me deixando enjoada.

Matthew, no entanto, quis examinar o meu pé direito antes que eu saísse da banheira. Ergueu a minha perna para fora da água e apoiou a sola do meu tênis no seu ombro. Foi um contato suave e mesmo assim fiquei sem fôlego.

– Ysabeau. Pode vir até aqui, por favor?

Ysabeau e Marthe esperavam pacientemente no banheiro, prontas para atender ao filho se fosse preciso. Aproximou-se e Matthew posicionou-a

atrás de mim para desamarrar os cordões encharcados do tênis e descalçá-lo. Ela pressionou os meus ombros, impedindo-me assim de sair da banheira.

Eu chorei durante o exame de Matthew e continuei chorando depois que ele desistiu de puxar o tênis e o rasgou com a precisão de uma costureira cortando um tecido. E também rasgou a minha meia, fez um corte na minha calça legging e puxou o tecido para olhar o meu tornozelo. Um anel ao redor do tornozelo sugeria que tinha sido preso com uma algema em brasa que acabou queimando a pele, deixando-a escurecida e pustulenta e com estranhos pedaços embranquecidos.

Mattheu levantou os olhos, visivelmente irado.

– Como isso foi feito?

– Satu me dependurou de cabeça para baixo. Ela queria ver se eu podia voar. – Desviei os olhos sem entender por que se enfureciam comigo por coisas das quais eu não tinha culpa.

Ysabeau pegou o meu pé com delicadeza. Matthew ajoelhou-se ao lado da banheira com seu cabelo negro caindo na testa e sua roupa se encharcando de água e sangue. Ele virou o meu rosto e me olhou com um misto de orgulho e zelosa proteção.

– Você nasceu em agosto, não é? No signo de leão? – ele disse com sotaque francês, e o sotaque de Oxford praticamente desapareceu.

Balancei a cabeça.

– Então daqui para a frente você será a minha leoa, só uma leoa lutaria como você lutou. Mas mesmo *la lionne* precisa de proteção. – Desviou os olhos para o meu braço direito. O ferimento tinha começado a sangrar no momento em que me agarrei nas bordas da banheira. – Você teve uma entorse no tornozelo, nada grave. Depois o enfaixamos. Agora verei suas costas e seu braço.

Matthew me tirou da banheira no colo e me pôs no chão, instruindo-me a não me apoiar no pé direito. Marthe e Ysabeau me serviram de apoio

enquanto ele cortava a calça e as minhas roupas íntimas. A simplicidade com que aqueles três vampiros pré-modernos olharam para o meu corpo me deixou estranhamente à vontade com a minha nudez. Matthew levantou a parte da frente do pulôver encharcado deixando à vista um roxeado escuro que se estendia pelo meu abdômen.

– Cristo! – exclamou enquanto apertava os dedos no roxeado acima do osso pélvico. – Como é que ela fez isso?

– Satu perdeu a cabeça. – Comecei a bater os dentes ao lembrar de como voei pelos ares e da dor profunda que senti nas entranhas. Matthew enrolou a toalha à minha cintura.

– Vamos tirar esse pulôver – disse com um ar sombrio. Colocou-se atrás de mim e senti a espetada de um metal frio nas minhas costas.

– O que está fazendo? – Virei-me ansiosa para ver. Satu tinha me mantido de bruços por horas a fio e era intolerável ter alguém atrás de mim, mesmo o Matthew. Os tremores se intensificaram.

– Pare com isso, Matthew – disse Ysabeau aflita. – Ela não está aguentando.

Uma tesoura caiu no chão.

– Está tudo bem. – Ele se aninhou no meu corpo como um escudo protetor. Cruzou os braços no meu peito e me envolveu por inteiro. – Vou começar a cortar pela parte da frente.

Quando a tremedeira parou, ele começou a cortar o meu pulôver. O frio nas minhas costas indicou que faltava pouco para aquilo acabar. Depois ele cortou o sutiã e retirou a parte da frente do pulôver.

Ysabeau engoliu em seco quando as últimas tiras do pulôver desceram pelas minhas costas.

– *Maria, Deu maire* – murmurou Marthe um tanto assustada.

– O que foi? O que foi que ela fez? – O aposento oscilou como um lustre em um terremoto. Matthew me girava para que a mãe visse. Ela expressou dor e piedade.

– *La sorcière est morte* – disse Matthew baixinho.

Ele já estava planejando a morte de uma outra bruxa. O sangue gelou nas minhas veias e a minha visão turvou.

Ele me manteve de pé.

– Fique comigo, Diana.

– Precisava matar Gillian? – solucei.

– Sim. – A voz dele soou insensível.

– Por que me deixou saber disso por outra pessoa? Satu disse que você invadiu o meu apartamento... e que tem me drogado com o seu sangue. Por quê, Matthew? Por que não me contou?

– Porque tive medo de perdê-la. Você sabe tão pouco de mim, Diana. Sigilo, instinto protetor... matar se for preciso. Eu sou assim, Diana.

Eu virei o rosto para encará-lo, sem nada no meu corpo a não ser uma toalha enrolada na cintura. Cruzei os braços sobre o meu peito desnudo e minhas emoções oscilaram entre o medo e algo bem mais sombrio.

– Então, você também vai matar Satu?

– Vou. – Ele não se desculpou nem se deteve em explicações, e buscou o meu rosto com olhos raivosos, frios e cinzentos. – Você é muito mais corajosa do que eu. Já lhe disse isso antes. Quer ver o que ela fez? – perguntou me pegando pelos cotovelos.

Refleti por uns segundos e assenti com a cabeça.

Ysabeau protestou brevemente em occitano, e Matthew a fez se calar com um silvo.

– Ela sobreviveu a isso, *maman*. Ver não vai piorar o quadro.

Ysabeau e Marthe desceram para pegar dois espelhos enquanto delicadamente Matthew enxugava o meu peito com uma toalha.

– Confie em mim – ele repetia a cada vez que eu tentava me esquivar da toalha.

As duas mulheres voltaram com um espelho ricamente emoldurado que ficava no salão e um outro espelho bem maior que só um vampiro poderia

ter carregado até a torre. Matthew pôs o espelho maior atrás de mim enquanto Ysabeau e Marthe seguravam o outro à minha frente, angulando-o de um jeito que eu e Matthew pudéssemos olhar as minhas costas.

A imagem não podia ser das minhas costas. Eram as costas de uma outra pessoa – parecia que a pele tinha sido descascada e tostada até se tornar um vermelhão azulado escuro. Isso sem falar nas outras marcas – círculos e símbolos. A lembrança do fogo eclodiu ao longo das lesões.

– Satu disse que ia me abrir da cabeça aos pés – sussurrei hipnotizada. – Mas guardei os meus segredos bem guardados, mamãe, como você me pediu.

A última coisa que se refletiu no espelho antes de a escuridão me envolver foi Matthew me amparando.

Acordei mais tarde, outra vez perto da lareira do quarto. Eu estava sentada na beirada de uma poltrona cor de damasco com a parte inferior do corpo ainda enrolada na toalha, curvada para a frente e com o tronco apoiado numa pilha de almofadas. Só conseguia ver os meus pés, e alguém aplicava unguento nas minhas costas. Era Marthe que com seu jeito enérgico se distinguia dos toques frios de Matthew.

– Matthew – balbuciei girando a cabeça para vê-lo.

O rosto dele apareceu.

– Sim, querida, o que é?

– O que houve com a dor?

– Fiz uma magia. – Ele riu meio sem graça.

– Morfina – eu disse lentamente lembrando da lista de medicamentos que ele tinha passado para Marthe.

– Foi isso que eu disse. Todo mundo que padece muito de dor sabe que morfina e magia são a mesma coisa. Mas agora você despertou e teremos que enfaixá-la. – Ele olhou para Marthe e explicou que a bandagem evitaria o inchaço e protegeria a minha pele. A outra vantagem é que

sustentaria os meus seios porque eu não poderia usar sutiã tão cedo.

Os dois enrolaram metros de bandagem cirúrgica ao redor do meu torso. Graças aos medicamentos observei o procedimento com uma curiosa sensação de alheamento. Uma sensação que se dissipou tão logo Matthew mexeu na maleta de médico falando de suturas. Na minha infância, um dia caí em cima de um espeto comprido que assava marshmallows e perfurei a minha coxa. O ferimento precisou ser suturado e fui atormentada por pesadelos durante meses. Falei do meu medo para Matthew, mas ele foi inflexível.

– O corte no braço é profundo, Diana. Não vai cicatrizar direito se não for suturado.

Depois de tudo feito, enquanto as mulheres se preparavam para me vestir Matthew bebia um pouco de vinho com as mãos trêmulas. Como não tinha nada que me vestisse rapidamente pela frente, Marthe sumiu novamente e voltou com algumas roupas de Matthew. Elas me vestiram com uma de suas lindas camisas de algodão que deslizou como seda pelo meu corpo. Com muito cuidado Marthe ajeitou um cardigã de *cashmere* preto com botões forrados de couro também de Matthew ao redor dos meus ombros, e depois Ysabeau ajudou-a me vestir uma das minhas calças pretas. Só então Matthew me deitou nas almofadas do sofá.

– Vá se trocar também – disse Marthe empurrando-o na direção do banheiro.

Depois de uma chuveirada ele saiu do banheiro com uma cueca nova. Enxugou rapidamente o cabelo perto da lareira e vestiu o resto da roupa.

– Se importaria se eu fosse lá embaixo por um instante? – perguntou. – Marthe e Ysabeau ficarão aqui com você.

Achei que ele ia ao térreo para falar com o irmão e assenti ainda sentindo os efeitos da poderosa droga.

Enquanto Matthew estava ausente Ysabeau vez por outra cochichava numa língua que não era nem francês nem occitano, e Marthe dava umas

risadinhas. Elas já tinham retirado quase todas as roupas rasgadas e mais os panos ensanguentados do quarto quando ele voltou. Fallon e Hector o seguiam, balançando o rabo e com a língua para fora.

Os olhos de Ysabeau se estreitaram.

– Seus cães não podem entrar na minha casa.

Fallon e Hector olharam para Ysabeau e depois para Matthew com visível interesse. Matthew estalou os dedos e apontou para o chão. Eles se deitaram na mesma hora com a atenção voltada para mim.

– Vão ficar aqui com Diana até partirmos – ele disse com firmeza e a mãe não discutiu, se bem que soltou um suspiro contrariado.

Matthew se recostou ao meu lado roçando levemente as minhas pernas. Marthe colocou um copo de vinho à frente dele e estendeu uma caneca de chá para mim. Ela e Ysabeau se retiraram e nos deixaram a sós com os vigilantes cães.

Minha cabeça vagou, tranquilizada pela morfina e pelos carinhos hipnóticos de Matthew. Repassei as lembranças para distinguir o real do imaginário. O fantasma da minha mãe tinha aparecido realmente na solitária ou tudo não passara de lembranças do tempo em que estivemos juntas e que antecedeu a viagem que ela fez com meu pai à África? Será que eu tinha inventado aquele mundo imaginário para lidar com o estresse? Franzi a testa.

– O que há, *ma lionne*? – ele perguntou com um tom de preocupação na voz. – Está sentindo dor?

– Não. Só estou pensando. – Concentrei-me no rosto de Matthew para afastar a névoa e me refugiar nas praias mais tranquilas e seguras dele. – Onde eu estava?

– Em La Pierre. Um velho castelo abandonado há muitos anos.

– Conheci Gerbert. – Meu cérebro jogava amarelinha, não se detinha muito tempo no mesmo lugar.

Os dedos de Matthew paralisaram.

– Ele estava lá?

– Só no início. Ele e Domenico estavam lá quando chegamos, mas Satu os dispensou.

– E ele tocou em você? – Matthew se retesou.

– No meu rosto. – Eu tremi. – Matthew, o Gerbert esteve com o manuscrito nas mãos há muito tempo. Ele se vangloriou de como o tinha conseguido na Espanha. O manuscrito já estava encantado naquela época. Ele escravizou uma bruxa para que ela quebrasse o encantamento.

– Quer mesmo falar disso agora?

Eu também achei que era cedo para tocar no assunto e estava a ponto de dizer isso quando de repente tudo jorrou. Enquanto narrava as tentativas de Satu para me abrir e assim extrair a magia de dentro de mim, Matthew se levantou, arrumou as almofadas e me aninhou em seus braços.

Ele me manteve dessa maneira quando eu falava e quando eu não conseguia falar e quando eu chorava. Reprimiu as emoções quando contei o que Satu tinha falado sobre ele. Mesmo quando contei que mamãe sentou-se debaixo de uma macieira cujas raízes se espalhavam pelo chão de La Pierre, ele não me pressionou em busca de detalhes embora tivesse centenas de perguntas na cabeça.

Não contei a história toda – omiti a presença do meu pai, as vívidas lembranças da história que minha mãe contou e a corrida que fizemos pelo campo atrás da casa de Sarah em Madison. Mas já era um começo, o resto viria com o tempo.

– O que vamos fazer agora? – perguntei por fim. – Não podemos deixar que a Congregação faça mal a Sarah e Em... e a Marthe e Ysabeau.

– Isso você decide – disse Matthew bem devagar. – Eu vou entender se você terminar.

Espichei o pescoço para olhá-lo, mas ele evitou o meu olhar e resolutamente fixou os olhos na escuridão do lado de fora da janela.

– Você me disse que ficaríamos juntos por toda a vida.

– Nada vai mudar o que sinto por você, mas você não é uma vampira. Isso que aconteceu hoje com você... – Ele fez uma pausa e continuou: – Se você mudar de ideia sobre isso... sobre mim... eu vou entender.

– Nem mesmo Satu me faria mudar de ideia. E ela bem que tentou. Mamãe tinha razão quando disse que você era aquele a quem eu estava esperando. Ela disse isso quando eu voei. – Não fora bem assim, o que mamãe disse é que Matthew era aquele a quem *nós* esperávamos. Mas a frase me pareceu sem sentido e troquei o *nós* por *eu*.

– Você tem certeza? – Ele segurou o meu queixo e estudou o meu rosto.

– Absoluta.

O ar angustiado de Matthew se dissipou um pouco. Ele se curvou para me beijar, mas recuou.

– A única parte do meu corpo que não está doendo são os lábios. – Afinal, alguém precisava me lembrar que havia criaturas no mundo que podiam me tocar sem me causar dor.

Ele roçou levemente os lábios nos meus com um hálito impregnado de cravo e canela. O beijo afastou as lembranças de La Pierre, e pude fechar os olhos por um breve instante e descansar em seus braços. Mas a urgência de saber o que aconteceria depois me fez retornar ao estado de alerta.

– E o que fazemos agora? – perguntei de novo.

– Ysabeau está certa. É melhor ficarmos com a sua família. Nenhum vampiro poderá lhe ensinar como fazer magia, e essas bruxas não a deixarão em paz.

– Quando? – Depois de La Pierre me senti estranhamente feliz em deixar as decisões para ele.

Matthew se agitou visivelmente feliz pela minha cumplicidade.

– Nós vamos de helicóptero com Baldwin até Lyon. O avião dele está lá, abastecido e pronto para decolar. Satu e as outras bruxas da Congregação levarão um tempo para chegar aqui, mas certamente chegarão – ele disse com um ar sombrio.

– Ysabeau e Marthe estarão a salvo em Sept-Tours sem você?

A risada de Matthew retumbou dentro de mim.

– Elas estiveram presentes em cada conflito armado da história. Nunca se abalariam por causa de um bando de vampiros caçadores e umas poucas bruxas inquisidoras. Mas tomarei algumas providências antes de partirmos. Você descansaria um pouco se Marthe ficasse aqui?

– Eu preciso arrumar a minha mala.

– Marthe pode fazer isso. E Ysabeau poderá ajudar, se você deixar.

Assenti com a cabeça. O retorno de Ysabeau ao quarto era uma ideia surpreendentemente reconfortante.

Matthew me acomodou outra vez nas almofadas com ternura. Chamou por Marthe e Ysabeau com um tom suave, e deu voz de comando aos cachorros para que ficassem ao pé da escada, onde eles assumiram a mesma posição dos leões da entrada da Biblioteca Pública de Nova York.

As duas mulheres entraram em silêncio no quarto, e seus cochichos se tornaram um suave pano de fundo sonoro que me fez dormir. Quando acordei algumas horas depois, Marthe se curvava perto da lareira para colocar uma lata dentro da minha velha mochila que já estava cheia.

– O que é isso? – perguntei esfregando os olhos.

– O seu chá. Uma caneca por dia. Lembra?

– Lembro. – Repousei a cabeça nas almofadas. – Muito obrigada, por tudo, Marthe.

Ela acariciou a minha testa com suas mãos rústicas.

– Ele a ama. Sabe disso? – A voz dela soou mais rouca que de costume.

– Sei disso, Marthe. Eu também o amo.

Hector e Fallon viraram a cabeça, atentos a um ruído na escada fraco demais para ser ouvido por mim. A silhueta escura de Matthew apareceu. Ele se aproximou do sofá, examinou o meu corpo, tomou o meu pulso e balançou a cabeça em sinal de aprovação. Depois me pegou no colo como se eu fosse uma pluma e, quando me carregou escada abaixo, me dei conta

de que a morfina me deixara apenas uma desconfortável pontada nas costas. Hector e Fallon formaram a retaguarda da nossa pequena procissão.

O fogo da lareira iluminava o estúdio de Matthew, projetando sombras nos livros e objetos. Ele cravou os olhos na torre de madeira e silenciosamente se despediu de Lucas e Blanca.

– Nós voltaremos... assim que pudermos – prometi.

Ele sorriu e o sorriso não se estendeu aos olhos.

Baldwin nos aguardava no saguão. Hector e Fallon se enrolaram nas pernas de Matthew, impedindo a aproximação de qualquer um. Ele teve que dar voz de comando para que Ysabeau se aproximasse.

Ela pousou as mãos frias nos meus ombros.

– Seja corajosa, minha filha, mas escute o Matthew – aconselhou enquanto me dava um beijo em cada face.

– Desculpe-me por ter trazido tantos problemas para a sua casa.

– *Hein*, esta casa já viu coisas bem piores – ela disse antes de se dirigir para Baldwin.

– Avise-me se precisar de qualquer coisa, Ysabeau. – Baldwin beijou-a nas faces.

– Está bem, Baldwin. Boa viagem – murmurou enquanto ele saía da casa.

– Deixei sete cartas no estúdio do papai – disse-lhe Matthew depois que o irmão saiu. – Alain vem pegá-las. Ele sabe o que tem que fazer.

Ysabeau assentiu com os olhos iluminados.

– E assim tudo começa outra vez – sussurrou. – Seu pai ficaria orgulhoso de você, Matthew. – Ela pegou o filho carinhosamente pelos braços e carregou a mala dele.

Caminhamos pelo gramado do castelo – uma fila de vampiros, cães e uma bruxa. As hélices do helicóptero começaram a girar lentamente quando nos aproximamos. Matthew me pegou pela cintura e me colocou

dentro da cabine, e depois entrou.

O helicóptero decolou e sobrevoou o castelo iluminado por um instante antes de se dirigir para leste, onde as luzes de Lyon eram visíveis no escuro céu do amanhecer.



Fiquei de olhos fechados durante todo o percurso até o aeroporto. Levaria muito tempo até que eu pudesse voar sem lembrar de Satu.

Em Lyon, tudo transcorreu com rapidez e eficiência. Claro que Matthew deve ter tratado de tudo quando ainda estávamos em Sept-Tours, informando às autoridades que seria um voo para transporte médico. Logo que se identificou, os funcionários do aeroporto me olharam com um ar de generosa compreensão e fui colocada numa cadeira de rodas contra a minha vontade e depois empurrada na direção do avião enquanto um funcionário da imigração seguia atrás carimbando o meu passaporte. Baldwin seguiu à frente com passos tão firmes que as pessoas abriam caminho rapidamente.

O jato dos Clermont era tão equipado quanto um luxuoso iate, com poltronas reclináveis que se transformavam em leitos, áreas de assentos acolchoados e mesas, e uma pequena cozinha onde uma comissária uniformizada esperava com uma garrafa de vinho e água mineral gelada. Matthew me acomodou numa poltrona reclinável e arrumou os travesseiros de modo a não incomodar as minhas costas. Em seguida sentou-se na poltrona mais próxima de mim. Baldwin ficou a uma mesa que pelo tamanho podia ser usada para uma reunião a bordo, espalhou papéis em cima, conectou-se em dois computadores e começou a falar seguidamente no celular.

Tão logo decolamos Matthew me mandou dormir. Eu me recusei a acatar a ordem e ele me ameaçou com uma outra dose de morfina. Ainda estávamos negociando quando o celular tocou no bolso dele.

– Marcus – ele disse, olhando para a tela. Baldwin nos olhou lá de sua mesa.

Matthew pressionou a tela verde.

– Alô, Marcus. Estou indo de avião para Nova York com Baldwin e Diana – disse rapidamente, tirando de Marcus qualquer chance de resposta. O filho não deve ter conseguido dizer mais que poucas palavras antes de ser desconectado.

Logo que Matthew pressionou a tecla vermelha as mensagens de texto iluminaram a tela do celular. Para os vampiros, tão amantes de privacidade, as mensagens de texto eram como dádivas divinas. Ele respondeu com os dedos voando sobre as teclas. Depois a tela escureceu e ele sorriu para mim constrangido.

– Está tudo bem? – perguntei suavemente porque sabia que a história toda teria que esperar até que ficássemos longe de Baldwin.

– Tudo bem. Ele só queria saber do nosso paradeiro. – Pelo horário a explicação me pareceu duvidosa.

Meu sono desobrigou Matthew de me pedir outra vez para dormir.

– Muito obrigada por me ter achado – falei com os olhos quase fechados.

Ele repousou a cabeça no meu ombro.

Só acordei quando aterrissamos no La Guardia, onde fomos encaminhados para uma área reservada às aeronaves particulares. A aterrissagem naquele aeroporto e não no outro com mais rotatividade que ficava no lado oposto da cidade era mais um exemplo da conveniência e eficiência mágica de um vampiro em viagem. Matthew se identificou e a magia se fez mais forte ainda porque os funcionários aceleraram as burocracias. As formalidades da alfândega e da imigração foram resolvidas como que por encanto, e logo Baldwin observava a mim, na cadeira de rodas, e ao irmão atrás de mim com um ar sombrio.

– Vocês dois estão horríveis – comentou.

– *Ta gueule* – disse Matthew com um sorriso falso e uma acidez na voz. O meu parco francês não me impediu de entender que a expressão não era do tipo que se dizia perto de mães.

Baldwin abriu um largo sorriso.

– Assim é melhor, Matthew. Fico feliz por ver que ainda existe um pouco de espírito de luta dentro de você. Vai precisar disso. – Consultou as horas em um relógio de pulso tão másculo quanto ele e próprio de mergulhadores e pilotos de combate, com vários mostradores e capaz de resistir à pressão negativa da força da gravidade. – Eu tenho uma reunião daqui a poucas horas, mas antes preciso dar um conselho.

– Está tudo sob controle, Baldwin – disse Matthew com um tom perigosamente macio na voz.

– Não, não está. Além do mais, não estou falando com você. – Baldwin dobrou o corpanzil, se agachou e me encarou com um brilho nos seus olhos castanhos. – Você sabe o que é um gambito, Diana?

– Vagamente. Não é um lance de xadrez?

– Exatamente – disse. – O gambito dá ao adversário uma falsa sensação de segurança. Você sacrifica propositalmente um peão para obter uma vantagem maior.

Matthew resmungou baixinho.

– Conheço as regras básicas – retruquei.

– Para mim o que aconteceu em La Pierre parece um gambito – continuou Baldwin com os olhos imóveis. – A Congregação permitiu que você fugisse por razões que só ela sabe. Faça o seu próximo movimento antes que eles se movam. Não fique esperando como uma boa moça, e não caia na besteira de pensar que a liberdade de agora significa que você está segura. Decida logo o que deve fazer para sobreviver e siga em frente.

– Obrigada. – A proximidade física de Baldwin era enervante, mesmo sendo o irmão de Matthew. Estendi o meu braço enfaixado para me despedir dele.

– Não é assim que nos despedimos em família, irmã. – A voz de Baldwin soou levemente irônica. Mal tive tempo para reagir quando me segurou pelos ombros e me deu um beijo em cada face. Roçou seu rosto no meu e me cheirou. Interpretei o gesto como uma ameaça, imaginando se era essa a intenção. Depois me soltou e se levantou. – Matthew, *à bientôt*.

– Espere. – Matthew seguiu o irmão. Usou as suas costas largas para impedir a minha visão e entregou um envelope para Baldwin. Mesmo assim, identifiquei o selo de cera negra.

– Você disse que não lhe agradava obedecer as minhas ordens, mas depois de La Pierre deve ter mudado de ideia.

Baldwin olhou fixamente para o retângulo branco. Sua fisionomia passou de uma expressão azeda para uma expressão de resignação. Ele pegou o envelope fazendo uma reverência com a cabeça e disse:

– *Je suis à votre commande, seigneur*.

Eram palavras formais cuja motivação era mais por um protocolo que por um sentimento genuíno. Ele era o cavaleiro e o irmão, o mestre. Ou seja, Baldwin acabara de reverenciar – tecnicamente – a autoridade de Matthew. Mas o fato de seguir a tradição não significava que a prezava. Ele levou o envelope à testa e parodiou uma continência.

Matthew esperou que Baldwin sumisse de vista e voltou para o meu lado. Assumiu o controle da minha cadeira de rodas e disse:

– Vamos pegar o carro.

Já tinha feito os acertos para a nossa chegada em algum ponto sobre o Atlântico. No meio-fio do terminal um homem uniformizado colocou as chaves de um Range Rover na palma da mão de Matthew, guardou a nossa bagagem no porta-malas e se foi sem dizer uma palavra. Matthew se esticou até o banco traseiro e pegou um casaco azul mais apropriado para o ártico que para o outono de Nova York, e fez dele um ninho no encosto do banco do carona.

Algum tempo depois, atravessávamos o tráfego matinal da cidade rumo

ao interior. O sistema de navegação fora programado para o endereço da casa em Madison e nos informou que levaríamos quatro horas até lá. Olhei para um céu brilhante e comecei a me preocupar com a reação de Sarah e Em quando vissem Matthew.

– Chegaremos lá depois do café da manhã. Será melhor assim. – O humor de Sarah só melhorava depois de xícaras e mais xícaras de café na sua corrente sanguínea. – É melhor telefonar para que elas saibam que estamos chegando.

– Elas já sabem. Já telefonei antes de sairmos de Sept-Tours.

Com tudo sob controle, me concentrei na paisagem ainda um pouco zonza pela morfina e o cansaço.

Cruzamos amplas fazendas e pequenas casas com janelas de cozinhas e banheiros que refletiam a luz das lâmpadas no começo da manhã. O estado de Nova York revela o seu esplendor no mês de outubro. A folhagem das árvores oscilava entre o vermelho-fogo e o dourado. Depois que as folhas caíssem, Madison e todo o estado assumiriam uma coloração cinza-ferrugem e assim ficariam até que os primeiros flocos de neve cobrissem a terra em prístino algodão branco.

Dobramos a estrada sulcada que levava à casa das Bishop. Uma grande e generosa construção do século XVIII, localizada numa pequena colina distante da estrada e cercada de velhas macieiras e moitas de lilases. O branco revestimento de madeira da casa mostrava a necessidade urgente de uma nova pintura, e a velha cerca caía aos pedaços. Mas as duas chaminés rosadas que exalavam uma fumaça com perfume de madeira queimada nos deram boas-vindas.

Matthew seguiu pelo caminho marcado de pedrinhas brancas que dava na casa. O Range Rover passou por cima das pedrinhas e estacionou ao lado do velho carro outrora cor de vinho de Sarah. Uma nova leva de adesivos ornava a traseira do veículo. MEU OUTRO CARRO É UMA VASSOURA, ela gostava tanto desse adesivo que todo ano grudava um novo, ladeava EU SOU

PAGÃ E EU VOTO. Outro adesivo proclamava: EXÉRCITO WICCANIANO: NÃO SILENCIAREMOS À NOITE. Soltei um suspiro.

Matthew desligou o carro e olhou para mim.

– Suponho que eu é que deveria estar nervoso.

– E não está?

– Não como você.

– Quando volto para casa sempre ajo como uma adolescente. Só me passa pela cabeça me apropriar do controle remoto da TV e tomar sorvete. – Tentei parecer animada para o bem dele, mas não estava com a menor vontade de entrar na casa.

– Estou certo de que nos sairemos bem – ele disse com a testa enrugada. – Enquanto isso pare de fingir que não aconteceu nada. Você não me engana e muito menos às suas tias.

Ele me deixou sentada no carro enquanto levava a bagagem para a frente da casa. Surpreendentemente, uma bagagem enorme que incluía duas bolsas de computadores, minha velha mochila de Yale e uma elegante valise de couro que se confundia facilmente com uma vitoriana original. Além disso, a maleta de médico e o sobretudo cinzento de Matthew, o meu novo casaco azul e uma caixa de garrafas de vinho. O último item, uma sábia precaução de Matthew. O gosto de Sarah pendia para bebidas mais pesadas, e Em era abstêmia.

Ele voltou e me tirou do carro deixando as minhas pernas soltas no ar. Já me sentindo segura na entrada da casa, apoiei o meu tornozelo direito. E lá estávamos diante da porta vermelha daquela casa do século XVIII. Uma porta flanqueada por duas janelinhas que abriam uma visão do saguão de entrada. Todas as lâmpadas estavam acesas para nos receber.

– Estou sentindo cheiro de café – ele disse sorrindo para mim.

– Então já estão acordadas.

O trinco gasto da casa se abriu quando o toquei.

– Destrancada, como sempre. – Antes de perder a paciência, entrei com

cautela. – Em? Sarah?

Um bilhete escrito com a letra firme de Sarah estava afixado com fita adesiva no balaústre da escada.

"Saímos. Achamos que a casa precisaria de um tempo sozinha com vocês. Movam-se devagar. Matthew pode ficar no antigo quarto de Em. Seu quarto está pronto." Havia um adendo com a caligrafia redonda de Em: "*Vocês dois podem usar o quarto que era de sua mãe e seu pai.*"

Percorri com os olhos as portas que davam no saguão e todas estavam abertas, mas não havia nada batendo no andar de cima. Até as portas sinistras da sala de estar estavam sossegadas e suas dobradiças não balançavam violentamente.

– Isso é um bom sinal.

– O quê? Elas terem saído? – Matthew pareceu confuso.

– Não, o silêncio. Esta casa é famosa por não receber bem pessoas estranhas.

– É uma casa assombrada? – Matthew olhou em volta com interesse.

– Nós somos bruxas... claro que a casa é assombrada. Mas é mais que isso. Esta casa é... viva. Ela tem ideias próprias sobre os visitantes e, quanto mais integrantes da família Bishop estiverem aqui, pior ela se comporta. Foi por isso que Sarah e Em saíram.

Uma sombra fosforescente entrava e saía da minha visão periférica. Minha avó falecida muito tempo atrás e que não cheguei a conhecer estava sentada perto da lareira da sala de estar numa cadeira de balanço que eu nunca tinha visto. Ela irradiava a mesma juventude e beleza da sua fotografia de casamento dependurada na parede do patamar da escada no segundo andar. Ela sorriu e meus lábios sorriram em retribuição.

– Vovó? – esbocei uma pergunta.

Ele é bonitão, não é?, ela disse com uma piscadela e uma voz que farfalhou como uma folha de papel encerado.

Outra cabeça surgiu à soleira da porta parecendo curiosa. *Eu diria que*

sim, concordou o outro fantasma. *Só que devia estar morto.*

Vovó assentiu. *Acho que sim, Elizabeth, mas ele é o que é. Vamos nos acostumar com ele.*

Matthew olhou fixamente na direção da sala de estar.

– Tem gente ali – afirmou com um ar cheio de indagação. – Eu quase sinto o cheiro e ouço seus balbucios. Mas não consigo vê-los.

– São fantasmas. – Lembrei das masmorras do castelo e olhei em volta à procura dos meus pais.

Oh, eles não estão aqui, disse vovó com uma expressão de pesar.

Desapontada, desviei os olhos dos meus parentes mortos e me voltei para o meu marido vampiro.

– Vamos deixar as malas lá em cima. Assim, a casa poderá conhecê-lo melhor.

Mal tínhamos esboçado um passo quando uma bola felpuda da cor de carvão veio correndo dos fundos da casa com um miado capaz de gelar a alma de qualquer um. A bola parou alguns centímetros de distância de mim e virou uma gata. Ela arqueou as costas e guinchou de novo.

– Que bom ver você também, Tabitha. – A gata de Sarah me detestava, e o sentimento era recíproco.

Tabitha se empertigou e caminhou na direção de Matthew.

– Em geral os vampiros se sentem mais à vontade com os cães – ele comentou enquanto Tabitha se enroscava nos seus tornozelos.

Com seus infalíveis instintos felinos Tabitha sentiu o desconforto de Matthew e estava agora determinada a fazê-lo mudar de ideia a respeito da espécie felina. Começou a ronronar alto enquanto roçava a cabeça na canela dele.

– Essa é boa! – comentei, surpresa. Para Tabitha aquilo era uma surpreendente demonstração de afeto. – Ela é realmente a gata mais perversa na história do mundo.

Tabitha silvou para mim e retomou a sua sibarítica atenção para as

canelas de Matthew.

– É só ignorá-la – recomendei enquanto mancava em direção à escada. Ele pegou a bagagem e me seguiu.

Eu me agarrei ao corrimão e subi lentamente. Matthew me acompanhou de perto com o rosto iluminado de excitação e interesse. Não parecia assustado por estar sendo observado pela casa.

Por outro lado, eu tencionava o corpo temendo possíveis manifestações. Já haviam caído quadros em cima de hóspedes, e às vezes as portas e janelas abriam e fechavam sozinhas e as lâmpadas acendiam e apagavam sem que ninguém tivesse mexido nos interruptores. Suspirei de alívio quando chegamos ao patamar da escada sem nenhum incidente.

– Poucos amigos meus visitaram esta casa – expliquei quando ele ergueu uma sobrancelha. – Eu preferia encontrá-los no shopping em Syracuse.

Os quartos do segundo andar formavam um quadrado ao redor da escada central. O quarto de Em e Sarah ficava no canto da frente, com vista para a entrada da casa. O quarto dos meus pais ficava nos fundos da casa, com vista para o campo e para um pomar de macieiras antigas que aos poucos cedeu lugar a um bosque de carvalhos e bordos. A luz estava acesa lá dentro. Caminhei com hesitação em direção ao retângulo dourado e atravessei a soleira da porta.

O quarto era aconchegante e confortável, e sua enorme cama estava com muitos travesseiros e uma colcha de retalhos. Nada combinava, salvo as cortinas brancas. O piso era de tábuas largas de pinho com aberturas que podiam engolir uma escova de cabelo. À direita, um aquecedor estalava e silvava dentro do banheiro.

– Lírio-do-vale – disse Matthew com as narinas atentas aos novos odores.

– O perfume favorito de mamãe. – Um antigo frasco de Diorissimo com uma fita preto e branca desbotada ainda se encontrava em cima da cômoda.

Matthew pôs as malas no chão.

– Você vai se chatear por ficar aqui? – Ele mostrou preocupação com os olhos. – Não é melhor ficar no seu antigo quarto, como Sarah sugeriu?

– Nem pensar – respondi com firmeza. – Ele fica no sótão, e o banheiro fica aqui embaixo. Além disso, nós dois não cabemos numa cama de solteiro.

Matthew desviou os olhos.

– Eu tinha pensado que nós podíamos...

– Não vamos dormir em quartos separados. Não seria entre as bruxas que me tornaria menos esposa sua que entre os vampiros – eu o interrompi puxando-o para mim. A casa se acomodou em suas fundações com um pequeno suspiro, como se preparando para uma longa conversa.

– Não, mas poderia ser melhor...

– Para quem? – eu o interrompi novamente.

– Para você – ele concluiu. – Você está machucada. Talvez fosse melhor dormir sozinha na cama.

Eu não conseguiria dormir sem ele ao meu lado. Mas não queria deixá-lo preocupado e coloquei as mãos no seu peito para desviá-lo da questão de onde dormir.

– Beije-me.

Ele disse não com a boca, mas sim com os olhos. Apertei o meu corpo contra o dele, e ele me deu um beijo doce e amável.

– Cheguei a pensar que a perderia para sempre – murmurou quando nossos lábios se apartaram com a testa colada na minha. – E agora estou com medo de que você se parta em mil pedaços pelo que Satu fez. Eu enlouqueceria se acontecesse alguma coisa com você.

Inebriado pelo meu cheiro, Matthew relaxou um pouco. E relaxou ainda mais quando deslizou as mãos pelos meus quadris. Eles estavam relativamente incólumes e o toque foi ao mesmo tempo reconfortante e eletrizante. O meu desejo por ele se intensificara depois da experiência que

passei com Satu.

– Você pode sentir isso? – Peguei a mão dele e apertei-a no centro do meu peito.

– Sentir o quê? – Ele pareceu intrigado.

Sem saber ao certo o que poderia impressionar os poderes sobrenaturais de Matthew, me concentrei na corrente que tinha se desenrolado quando ele me beijou pela primeira vez. Toquei na corrente com o meu dedo imaginário e a fiz emitir um zunido baixo, porém firme.

Matthew engoliu em seco com o rosto tomado pelo desejo.

– Ouvi alguma coisa. O que é? – Ele se inclinou e colou a orelha no meu peito.

– É você dentro de mim – respondi. – Você me fincou na terra... É uma corrente comprida e prateada com uma âncora lá no final. Por isso tenho tanta certeza em relação a você. – Minha voz embargou. – Se posso sentilo, se tenho esta conexão com você, nada que Satu pudesse ter dito ou feito quebraria a minha resistência.

– É como o som emitido pelo seu sangue quando você fala mentalmente com Rakasa, ou quando invoca o vento-de-bruxa. Agora é audível porque já o conheço.

Ysabeau tinha mencionado que conseguia ouvir a canção do meu sangue de bruxa. Eu então tentei aumentar o volume da música da corrente para que as vibrações pudessem atravessar o meu corpo.

Matthew ergueu a cabeça com um sorriso glorioso.

– Incrível.

O zunido se fez mais forte e perdi o controle da energia que pulsava dentro de mim. Lá no alto as estrelas explodiram vivas e invadiram o quarto.

– Ih! – Dezenas de olhos fantasmagóricos formigaram nas minhas costas. De repente a casa fechou a porta na cara dos fantasmas abelhudos dos meus ancestrais que se reuniam para assistir ao espetáculo pirotécnico

dentro do quarto que mais parecia uma queima de fogos do Dia da Independência.

– Você fez isso? – Matthew olhou com incredulidade para a porta fechada.

– Não – respondi com sinceridade. – Só fiz as estrelas. A porta foi obra da casa. Ela é rígida em relação à privacidade.

– Graças a Deus – ele murmurou puxando os meus quadris e me dando um beijo que emudeceria os fantasmas do outro lado da porta.

Os fogos diminuíram e se tornaram um fio de luz azul-claro que incidiu sobre a cômoda.

– Eu te amo, Matthew Clairmont – eu disse em seguida.

– Eu também te amo, Diana Bishop – ele disse com um tom formal. – Mas sua tia e Emily já devem estar congelando. É melhor mostrar o resto da casa para que elas possam entrar.

Com passos lentos percorremos os cômodos pouco usados do andar de cima que estavam apinhados de quinquilharias que Em arrematava nas vendas de garagem e de tralhas que Sarah não tinha coragem de jogar fora porque um dia talvez precisasse delas.

Matthew me ajudou a subir a escada até o quarto no sótão onde eu tinha vivido a minha adolescência. Ele ainda estava com os pôsteres de músicos pregados nas paredes e com os tons fortes de roxo e verde das minhas tentativas adolescentes de criar um ambiente sofisticado.

No térreo, exploramos os amplos recintos projetados para receber os convidados – a sala de estar ao lado da porta da frente, o escritório e o pequeno parlatório no lado oposto. Cruzamos a sala de jantar que raramente era usada e entramos no coração da casa – o espaço da família que tanto servia como sala de TV e copa com uma cozinha ao fundo.

– Parece que Em voltou a bordar. – Peguei uma tela de bordado com uma cesta de flores semiacabada ao centro. – E Sarah voltou a beber.

– Ela é fumante? – Matthew deu uma longa fungada.

– Só quando está estressada. Em a faz fumar lá fora, e mesmo assim dá para sentir o cheiro. Isso incomoda? – perguntei em consideração à sensibilidade olfativa dele.

– *Dieu,* eu já senti cheiros bem piores, Diana.

A cavernosa cozinha ainda estava com os fornos de tijolos, o fogão à lenha e a gigantesca lareira. E também estava com utensílios modernos e com o velho piso de pedras que suportara dois séculos de quedas de panelas, animais encharcados, sapatos enlameados e outras substâncias de bruxas. Eu também mostrei para ele o espaço de trabalho de Sarah, uma área adjacente que antes era uma cozinha externa e depois foi anexada à casa ainda equipada com suportes para caldeirões e espetos para churrascos. Do teto, pendiam ramos de ervas, e as prateleiras abrigavam frutas secas e vidros de loções e poções que ela fazia. Depois de termos conhecido a casa, retornamos à cozinha.

– Isto aqui está *marrom* demais. – O meu comentário sobre a decoração se deu ao mesmo tempo em que a lâmpada da varanda piscava alternadamente, um fato que para as Bishop indicava que se podia entrar na casa com segurança. Na cozinha havia uma geladeira marrom, armários marrons, tijolinhos marrons, um antigo telefone marrom e papel de parede... também marrom. – Esta cozinha está precisando de uma boa demão de tinta branca.

Matthew levantou o queixo e olhou para a porta.

– Fevereiro é um ótimo mês para esse tipo de trabalho, isso se você estiver se oferecendo para fazê-lo. – Uma voz gutural soou vinda da porta dos fundos. Ela apareceu na cozinha de jeans e camisão de flanela xadrez. Seu cabelo ruivo estava despenteado e suas faces coradas pelo frio.

– Olá, Sarah – eu disse me dirigindo para a pia.

– Olá, Diana. – Ela fixou os olhos na mancha roxa debaixo do meu olho. – Suponho que este seja o vampiro, não é?

– Ele mesmo. – Dei um passo à frente para fazer as apresentações. O

olhar atento da minha tia se voltou para o meu tornozelo. – Sarah, este é Matthew Clairmont. Matthew, minha tia, Sarah Bishop.

Matthew estendeu a mão direita.

– Muito prazer, Sarah – disse, olhando-a sem hesitar.

Sarah apertou os lábios. Ela também tinha o queixo ligeiramente alongado da família Bishop, como eu. E agora ele se sobressaía ainda mais.

– Matthew. – Sarah recuou quando eles se deram as mãos. – Ele é realmente um vampiro, Em.

– Muito obrigada pela ajuda, Sarah – resmungou Em visivelmente aborrecida enquanto entrava com os braços carregados de lenha. Ela era mais alta do que eu e Sarah, e paradoxalmente os seus brilhantes cabelos prateados deixavam-na mais jovem. Abriu um sorriso de alegria com o seu rosto estreito quando nos viu na cozinha.

Matthew se apressou em tirar a lenha dos braços de Em. Tabitha, que estava ausente desde a calorosa acolhida, atrapalhou a caminhada do vampiro até a lareira desenhando oitos por entre as pernas dele. Milagrosamente, ele chegou do outro lado da cozinha sem pisar nela.

– Muito obrigada, Matthew. E muito obrigada também por trazê-la para casa. Nós estávamos muito preocupadas. – Em sacudiu os braços e voaram pedacinhos de cascas de madeira da lã do seu suéter.

– De nada, Emily – ele disse com um tom de voz irresistivelmente exuberante e acolhedor. Em já parecia encantada. Sarah ainda se mantinha durona, se bem que observava admirada as tentativas de Tabitha para escalar os braços de Matthew.

Eu tentei me esconder no canto mais escuro para que Em não tivesse uma visão clara do meu rosto, mas não deu tempo. Ela engoliu em seco.

– Oh, Diana.

Sarah puxou um banco.

– Senta – ordenou.

Matthew cruzou os braços bem apertados, como se resistindo à

tentação de interferir. O instinto de lobo que o levava a me proteger não se reduziria apenas porque estávamos em Madison, e o seu desagrado quando outras criaturas se aproximaram de mim não se reservava apenas aos outros vampiros.

Os olhos da minha tia vagaram pelo meu rosto e minha clavícula.

– Vamos tirar essa blusa – disse.

Obediente, comecei a desabotoar a blusa.

– Talvez seja melhor examinar Diana lá em cima. – Em olhou para Matthew com pudor.

– Não acredito que ele já não tenha visto o corpo todo dela. Você não está com fome, está? – acrescentou Sarah, encarando-o.

– Não – ele disse secamente. – Já comi no avião.

Os olhos de titia fizeram o meu pescoço comichar. Os de Em, também.

– Sarah! Em! – eu disse, indignada.

– Só pra saber – disse Sarah mansamente. Eu já estava sem a blusa e ela olhou o curativo no meu antebraço, o meu tronco mumificado e todos os cortes e manchas.

– Matthew já me examinou. Ele é médico, lembra?

Ela passou os dedos na minha clavícula. Soltei um gemido.

– Mas esqueceu disso aqui. É uma fratura muito fina. – Olhou o meu maxilar. Gemi novamente. – O que houve com seu tornozelo? – Como sempre, eu não conseguia esconder nada de Sarah.

– Uma entorse e queimaduras superficiais de primeiro e segundo graus. – Matthew olhou para as mãos de Sarah, pronto para detê-la se notasse que eu estava sofrendo.

– Como é que alguém consegue uma entorse e queimaduras no mesmo lugar? – Sarah tratava Matthew como se ele fosse um aluno do primeiro ano de medicina.

– Alguém consegue isso quando é pendurada de cabeça para baixo por uma bruxa sádica – respondi por ele, esquivando-me do exame que ela

fazia no meu rosto.

– O que tem debaixo disso? – ela perguntou apontando para o meu braço, como se não tivesse ouvido o que eu tinha dito.

– Um corte profundo que precisou de sutura – disse Matthew com paciência.

– O que ministrou para ela?

– Analgésicos, um diurético para reduzir o inchaço e um antibiótico de amplo espectro. – A voz dele não transpareceu qualquer traço de aborrecimento.

– Por que está enfaixada como uma múmia? – perguntou Em, mastigando o lábio.

Fiquei branca como cera. Sarah interrompeu o que estava fazendo e me olhou com um ar intrigado antes de falar:

– Em, vamos deixar isso pra depois. Primeiro vamos ao mais importante: quem fez isso com você, Diana?

– Uma bruxa chamada Satu Järvinen. Acho que é sueca. – Cruzei os braços, protegendo o meu peito.

Matthew apertou os lábios e saiu do meu lado para colocar mais lenha na lareira.

– Ela não é sueca, é finlandesa – retrucou Sarah –, e é muito poderosa. Mas ela que se prepare porque da próxima vez que encontrá-la, ela vai desejar nunca ter nascido.

– Não vai restar muito dela depois que eu acabar com ela – murmurou Matthew. – Portanto, se quiser pegá-la, faça isso antes de mim. E sou famoso pela velocidade.

Sarah o olhou com admiração. As palavras dela não passavam de ameaça. As de Matthew eram bem diferentes. Ele fazia uma promessa.

– Alguém tratou de Diana além de você?

– Minha mãe e Marthe, a governanta da casa.

– Elas conhecem os antigos remédios de ervas. Mas posso fazer um

pouquinho mais. – Sarah arregaçou as mangas.

– É um pouco cedo para feitiçaria. Já tomou bastante café? – Olhei para Em implorando mentalmente para que tirasse Sarah dali.

– Deixe Sarah consertar isso, querida – disse Em, segurando a minha mão e apertando-a levemente. – Quanto mais cedo ela fizer isso, mais cedo você estará curada.

Os lábios de Sarah já estavam se movendo. Matthew olhava de perto, fascinado. Ela pousou os dedos no meu rosto. A eletricidade provocou uma comichão dentro do osso e a fratura se fechou com um estalo.

– Ai! – Segurei o meu rosto.

– Você vai sentir uma picada por pouco tempo – disse Sarah. – Foi forte o bastante para suportar o ferimento... então não deveria ter problema com a cura. – Examinou o meu rosto por alguns segundos e se mostrou satisfeita antes de se voltar para a minha clavícula.

Foi necessária uma comichão elétrica mais poderosa para consertá-la, sem dúvida porque os ossos eram mais grossos.

– Tire o sapato dela. – Ela pediu a Matthew enquanto se dirigia para a despensa. Ele era o assistente mais qualificado que Sarah já tivera e mesmo assim obedecia às ordens sem reclamar.

Quando Sarah voltou com um pote de unguentos que ela mesma fazia, Matthew já estava com o meu pé apoiado em sua coxa.

– Tem tesouras na minha maleta lá em cima – disse para a minha tia, e aspirou o ar com curiosidade quando ela destampou o pote. – Posso buscá-las?

– Não serão necessárias. – Sarah murmurou algumas palavras acompanhadas de gestos para o meu tornozelo. A gaze começou a se desenrolar sozinha.

– Isso é muito útil – disse Matthew com uma pontada de inveja.

– Exibicionismo – comentei entre dentes.

Quando a gaze desenrolou toda, todos os olhos se voltaram para o meu

tornozelo. Estava asqueroso e começava a purgar. Sarah recitou novos encantamentos com toda serenidade, mas as manchas vermelhas no seu rosto diziam que estava furiosa. Quando ela acabou, as marcas pretas e brancas do meu tornozelo já tinham sumido e o inchaço diminuíra consideravelmente, se bem que um anel raivoso ainda o rodeava.

– Obrigada, Sarah. – Flexionei o pé enquanto ela passava o unguento na minha pele.

– Não poderá fazer ioga por uma semana ou mais... e correr, só depois de três semanas, Diana. O tornozelo precisa de descanso e tempo para se recuperar. – Ela murmurou mais um pouco enquanto gesticulava para um novo rolo de gaze que começou a se enrolar sozinha em torno do meu pé e do meu tornozelo.

– Incrível – disse Matthew novamente balançando a cabeça.

– Importa-se se eu der uma olhada no braço?

– De jeito nenhum.

Ele se mostrou avidamente curioso.

– O músculo está ligeiramente lesionado. Você pode curá-lo e também a pele?

– Provavelmente – disse Sarah com uma pontada de presunção. Quinze minutos depois de alguns encantamentos murmurados não restava mais nada a não ser uma fina linha vermelha que descia pelo meu braço até marcar o ponto onde Satu o cortara.

– Excelente trabalho – disse Matthew virando o meu braço para admirar a habilidade de Sarah.

– O seu também. Os pontos estavam perfeitos. – Sarah bebeu um copo d'água com avidez.

– Você devia olhar as costas dela também.

– Isso pode esperar. – Lancei um olhar cruel para ele. – Sarah está cansada, e eu também.

Sarah olhou para mim e depois para o vampiro.

– Matthew? – Ela se dirigiu a ele, relegando-me ao final da fila de pedidos.

– Eu gostaria que você desse uma olhada nas costas dela – ele disse sem tirar os olhos de mim.

– Não – sussurrei, puxando-o pela camisa.

Ele agachou-se à minha frente e apoiou as mãos nos joelhos.

– Você viu o que Sarah é capaz de fazer. Sua recuperação será mais rápida se deixá-la ajudar.

Recuperação? Nenhuma feitiçaria podia me recuperar de La Pierre.

– Por favor, *mon coeur*. – Matthew delicadamente soltou a camisa das minhas mãos.

Concordei, com relutância. Depois de uma comichão de olhar de bruxa nas minhas costas, Em e Sarah se moveram para examiná-la e todos os meus instintos rogaram para que eu fugisse dali. Em vez disso procurei às cegas por Matthew e ele segurou as minhas mãos.

– Eu estou aqui – disse enquanto Sarah murmurava o primeiro encantamento. A gaze começou a se desenrolar ao longo da minha coluna com extrema facilidade.

A respiração de Em e o silêncio de Sarah me avisaram que as marcas já estavam visíveis.

– Isso é um feitiço de abertura – disse Sarah raivosa com os olhos fixos nas minhas costas. – Não se faz isso em seres vivos. Essa mulher podia ter matado você.

– Ela queria arrancar a minha magia de dentro de mim, como se eu fosse uma *piñata*. – Com as costas expostas, as emoções vieram violentamente à tona e quase sorri quando me vi dependurada no galho de uma árvore enquanto Satu me surrava com um porrete de olhos vendados. Matthew percebeu que eu estava a um passo da histeria.

– Quanto mais rápido fizer isso, melhor, Sarah. Mas não quero apressá-la – ele disse abruptamente. Imaginei o olhar que recebeu dela. – Mais

tarde nós conversamos sobre Satu.

Cada fração de feitiçaria que Sarah empregava me fazia lembrar de Satu, de modo que era impossível deixar de pensar em La Pierre com as duas bruxas ao redor. Eu então me enterrei dentro de mim mesma para anestesiar a minha mente e me proteger das lembranças. Sarah continuou fazendo magia, até que não aguentei mais e a minha alma ficou à deriva.

– Já está acabando? – perguntou Matthew preocupado.

– Não pude fazer muita coisa em dois ferimentos. Deixarão cicatrizes. – Sarah traçou o contorno de uma estrela entre as omoplatas. – Aqui e aqui. – Depois desceu os dedos até a base da coluna, movendo-se de uma costela a outra e esquadrinhando a região da cintura. Minha mente não estava mais vazia, agora queimava com uma imagem que se adequava aos gestos que ela fazia.

Uma estrela sobre uma lua crescente.

– Matthew, elas suspeitaram! – gritei congelada de terror. Os selos da gaveta de Matthew bailavam na minha cabeça. Os selos estavam bem escondidos e pressenti que a ordem dos cavaleiros precisava ser mantida em segredo. Mas Satu sabia de tudo, e era bem provável que as bruxas da Congregação também soubessem.

– Querida, o que foi? – Matthew me aninhou em seus braços.

Eu me agitei e o fiz me ouvir.

– Satu fez a marca de um selo no meu corpo quando se deu conta de que eu não desistiria de você... O seu selo.

Ele me abraçou, protegendo a parte exposta da minha carne. E ficou paralisado quando viu o que estava gravado em mim.

– Elas não suspeitaram. Elas já sabem.

– Do que é que vocês estão falando? – perguntou Sarah.

– Você pode devolver a blusa de Diana, por favor?

– Talvez as cicatrizes não fiquem tão feias – disse a minha tia, na defensiva.

– A blusa, por favor. – A voz de Matthew soou gelada.

Em estendeu a blusa e Matthew gentilmente me cobriu. Ele escondeu os olhos, mas a veia de sua testa pulsava.

– Desculpe – murmurei.

– Você não tem *nada* que se desculpar. – Ele segurou o meu rosto. – Qualquer vampiro saberia que você é minha, com ou sem essa marca nas costas. Satu tratou de fazer com que as outras criaturas também soubessem. Na época em que renasci as pessoas costumavam raspar a cabeça das mulheres que se entregavam ao inimigo. Um costume bem cruel de expor as traidoras. Isso não é diferente. – Desviou os olhos. – Foi Ysabeau que lhe contou?

– Não. Eu estava procurando uma folha de papel e dei de cara com a gaveta.

– Afinal, o que está acontecendo? – disse Sarah visivelmente irritada.

– Eu invadi a sua privacidade. Não devia ter feito isso – sussurrei encolhida nos braços de Matthew.

Ele se apartou um pouco e me olhou com incredulidade, em seguida me apertou contra o peito sem ligar para os meus ferimentos. Mas a feitiçaria de Sarah tinha surtido efeito e quase não senti dor.

– Cristo, Diana. Satu contou o que eu fiz. Eu a segui até o seu apartamento e entrei lá sorrateiramente. Diante disso, poderia culpá-la por ter descoberto uma coisa que eu mesmo devia ter contado a você?

Ecoou um trovão na cozinha que estremeceu vasilhames e panelas.

Quando se fez silêncio, minha tia se pronunciou:

– Se alguém não disser *imediatamente* o que está acontecendo, isso aqui vai virar uma tremenda confusão. – O encantamento brotou dos lábios de Sarah.

As pontas dos meus dedos comicharam, e um vento contornou os meus pés.

– Para trás, Sarah. – Interpus-me entre a minha tia e Matthew, e o vento

rugiu nas minhas veias. Ela continuou murmurando e apertei os olhos.

Em se assustou e pegou Sarah pelo braço.

– Não a provoque. Ela está fora de controle.

Fez-se um arco na minha mão esquerda, e uma flecha, na direita. Eram pesados, mas estranhamente familiares. Com Sarah na minha mira a poucos passos de distância, estiquei os braços sem hesitar e me preparei para atirar.

Minha tia interrompeu o feitiço pelo meio.

– Minha nossa – disse quase sem fôlego, olhando impressionada para Em.

– Querida, cessar fogo. – Em fez um gesto de rendição.

Confusa, olhei para as minhas mãos. Não havia sinal de fogo.

– Aqui dentro de casa, não. Se quiser liberar o fogo-de-bruxa, vamos lá pra fora – disse Em.

– Calma, Diana. – Matthew me pegou pelos cotovelos e o peso do arco e da flecha se dissipou.

– Não gostei nada quando ela o ameaçou. – Minha voz soou com um eco inusitado.

– Sarah não fez ameaça alguma. Só quis saber o que estávamos falando. Temos que contar para ela.

– Mas é um segredo – eu disse ainda confusa. Nós tínhamos que guardar nossos segredos, de qualquer um, de todos que estivessem envolvidos com os meus dons ou com os cavaleiros de Matthew.

– Não haverá mais segredos – ele retrucou com firmeza, colando o hálito no meu pescoço. – Segredos não ajudam a nenhum de nós. – Os ventos esmoreceram e ele me apertou nos braços.

– Ela é sempre assim? Selvagem e fora do controle? – perguntou Sarah.

– Sua sobrinha é brilhante quanto a isso – ele disse sem me soltar.

Sarah e Matthew se entreolharam em silêncio.

– Diana – ela disse meio sem graça quando a batalha silenciosa entre os

dois terminou –, você podia ter contado antes que sabe controlar o fogo-de-bruxa. Isso não é exatamente um dom corriqueiro.

– Eu não sei *controlar* nada. – De repente me senti exausta e não quis mais ficar de pé. Minhas pernas começaram a bambear.

– Vamos subir – disse Matthew com uma voz que excluía qualquer contra-argumento. – Nós terminamos a conversa lá em cima.

No quarto dos meus pais ele me deu uma outra dose de analgésico e de antibiótico e me colocou na cama. Depois, explicou para as minhas tias a marca que Satu tinha deixado no meu corpo. Tabitha dissimuladamente se deitou aos meus pés só para ficar mais perto de Matthew.

– A marca que Satu deixou nas costas de Diana pertence a uma organização fundada pela minha família há muito tempo. Essa organização se perdeu no esquecimento e os que ainda a tinham na lembrança já não existem mais. Nós gostamos de preservar a ilusão. Satu marcou a estrela e a lua nas costas de Diana para que todos soubessem que ela é propriedade minha e para que as outras bruxas conhecessem o segredo da minha família.

– E essa organização secreta tem um nome? – perguntou Sarah.

– Não revele nada a elas, Matthew. – Peguei a mão dele. Era perigoso saber muita coisa sobre os Cavaleiros de Lázaro. Eu sentia que esse perigo me rondava como uma nuvem negra e não queria envolver Em e Sarah.

– Cavaleiros de Lázaro da Betânia – ele respondeu rapidamente como se temendo voltar atrás. – É uma antiga ordem de cavaleiros.

Sarah bufou.

– Nunca ouvi falar deles. São como os Cavaleiros de Colombo? Há um capítulo na Eneida sobre eles.

– Na verdade, não. – Matthew franziu a boca. – Os Cavaleiros de Lázaro remontam às Cruzadas.

– Não assistimos a um programa de televisão que falava de uma ordem de cavaleiros que pertencia às Cruzadas? – perguntou Em para Sarah.

– Os templários. Mas essas teorias conspiratórias não fazem o menor sentido. Hoje em dia não existem mais templários – disse Sarah com convicção.

– Da mesma forma que ninguém acha que existem bruxas e vampiros, Sarah – eu frisei.

– Chega de conversa por hoje – disse Matthew com firmeza. – Nós teremos muito tempo para decidir se os Cavaleiros de Lázaro existem ou não.

Matthew conduziu Sarah e Em até a porta. Elas saíram com certa relutância e já estavam no corredor quando a casa assumiu o controle e fechou a porta, mas sem trancá-la.

– Eu não tenho a chave desse quarto – gritou Sarah para Matthew.

Ele se enfiou na cama sem lhe dar ouvido, me aninhou nos braços e recostou a minha cabeça no seu coração. Cada vez que eu tentava falar, ele fazia um sinal de silêncio.

– Mais tarde – repetia.

O coração de Matthew bateu e só alguns minutos depois é que bateu novamente.

Caí no sono antes de ouvi-lo bater pela terceira vez.



O cansaço, os remédios e o aconchego do lar me mantiveram na cama por horas a fio. Acordei deitada de barriga para baixo e com um braço esticado na direção de Matthew, mas ele não estava ao meu lado.

Eu estava grogue demais para sentar na cama e virei os olhos para a porta. Na fechadura, uma enorme chave, do outro lado da porta, cochichos. À medida que a consciência me despertava da zonzeira sonolenta, os sussurros se tornavam mais audíveis.

– É estarrecedor – disse Matthew de repente. – Como puderam deixá-la chegar a esse ponto?

– Não fazíamos ideia da extensão do poder que Diana tinha, não muito – retrucou Sarah, parecendo igualmente furiosa. – Se levarmos os pais em conta, ela só podia ser mesmo diferente. Mas nunca imaginei que ela tivesse o fogo-de-bruxa.

– Como percebeu que ela estava tentando invocá-lo, Emily? – A voz de Matthew suavizou.

– Eu ainda era criança, em Cape Cod, quando uma bruxa o invocou. A garota devia ter uns dezessete anos – disse Em. – Nunca me esquecerei de como ela ficou e do que representa ficar perto desse tipo de poder.

– O fogo-de-bruxa é letal. Não há feitiço que o combata e não há feitiçaria que cure as queimaduras. Minha mãe me ensinou a reconhecer os sinais para a minha proteção: o cheiro de enxofre e o movimento que a bruxa faz com os braços – disse Sarah. – Segundo a minha mãe, a deusa sempre está presente quando se invoca o fogo-de-bruxa. Eu achava que nunca veria isso, e obviamente nunca me passou pela cabeça que a minha

própria sobrinha lançaria isso em cima de mim e da minha cozinha. Fogo-de-bruxa... e água-de-bruxa também?

– Eu achava que o fogo-de-bruxa era recessivo – confidenciou Matthew. – Fale-me sobre Stephen Proctor. – Até então o tom autoritário que ele adotava em ocasiões como essa me parecia um resíduo do seu tempo de soldado. Só depois de saber sobre os Cavaleiros de Lázaro é que entendi que ele também agia assim no presente.

Mas Sarah não estava acostumada a ser tratada dessa maneira e se encrespou toda.

– Stephen era reservado. Ele não exibia os poderes que tinha.

– Não é de espantar que as bruxas o tenham aberto para descobrir.

Fechei os olhos com força para apagar a visão do corpo do meu pai aberto da garganta até a barriga, e tudo porque as bruxas queriam entender a magia que ele ocultava. Por muito pouco não tive o mesmo destino dele.

O corpanzil de Matthew sai andando pelo corredor com protestos da casa perante aquele peso incomum.

– Ele era um bruxo experiente, mas os dons de Diana superam os do pai. Ela deve ter herdado as habilidades de Stephen e de Rebecca, que Deus a ajude. Mas ela não tem o mesmo conhecimento dos pais, e sem isso se torna indefesa. É como ter um alvo pintado na testa.

Continuei escutando sem o menor pudor.

– Diana não é um rádio de pilha, Matthew – acrescentou Sarah na defensiva. – Ela não veio para nós com pilhas e um manual de instruções. Fizemos o melhor que podíamos. Ela se tornou uma criança diferente depois que Rebecca e Stephen foram assassinados, e se distanciou tanto que ficou inacessível. O que podíamos fazer? Forçá-la a encarar o que estava determinada a negar?

– Sinceramente, não sei. – A aflição de Matthew era audível. – Mas não deviam tê-la deixado chegar a esse ponto. A bruxa a manteve cativa por

mais de doze horas.

– Nós vamos ensinar tudo o que ela precisa saber.

– Isso não pode demorar muito, pelo bem dela.

– Às vezes isso leva a vida inteira – retrucou Sarah. – Magia não é artesanato. Precisa de tempo.

– Nós não temos tempo – ele sibilou. O rangido das tábuas do assoalho mostrou que Sarah se afastava dele por instinto. – Até agora a Congregação se limitou a fazer um jogo de gato e rato, mas a marca nas costas de Diana é um aviso de que a brincadeira acabou.

– Como se atreve a chamar o que aconteceu com a minha sobrinha de *jogo*? – Sarah elevou a voz.

– Shh! – exclamou Em. – Vocês vão acordá-la.

– Em, você poderia nos ajudar a entender como Diana ficou encantada? – sussurrou Matthew. – Lembra de alguma coisa especial durante os dias que antecederam a partida de Rebecca e Stephen para a África... pequenos detalhes, com que se preocupavam?

Encantada.

A palavra ainda ecoava na minha cabeça quando me levantei lentamente. Pelo que eu sabia os encantamentos de amarração só eram utilizados em circunstâncias extremas – perigo de morte, loucura, mal puro e incontrolável. A simples ameaça de utilizá-lo provocava a censura de outras bruxas.

Encantada?

Quando me coloquei de pé, Matthew já estava ao meu lado.

– Precisa de alguma coisa?

– Eu quero falar com Em. – Os dedos das minhas mãos estalaram e ficaram azuis. E os dedos dos meus pés também, inclusive os do pé enfaixado que perfuraram a gaze que protegia o tornozelo. Um pedaço da gaze se prendeu na cabeça de um prego do assoalho quando forcei Matthew a sair da minha frente.

Sarah e Em esperavam no patamar da escada com uma expressão apreensiva.

– O que há de errado comigo? – perguntei.

Emily se escorou no braço de Sarah.

– Não há nada de errado com você.

– Você disse que estou encantada. Que minha própria *mãe* me encantou. – Eu só podia ser uma espécie de monstro. Era a única explicação possível.

Emily ouviu os meus pensamentos como se os tivesse falado em voz alta.

– Você não é um monstro, querida. Rebecca fez isso porque temia por você.

– Ela *me* temia, é o que quis dizer. – Uma excelente razão para que tivessem medo de mim seriam os meus dedos azuis. Eu tentei escondê-los, mas os apoiei na viga da estrada porque podiam estragar a camisa de Matthew, arriscando atear fogo na casa inteira.

Cuidado com o tapete, mocinha! O espectro de uma mulher alta que espiava ao lado da porta do quarto de Sarah e Em apontou para o chão com aflição. Levantei ligeiramente os dedos dos pés.

– Ninguém está com medo de você. – Matthew cravou os seus olhos gelados nas minhas costas e me obrigou a virar e olhar para ele.

– Elas estão. – Apontei um dedo faiscante para as minhas tias com os olhos voltados para elas.

Eu também estou, disse um outro finado Bishop, desta vez um adolescente um tanto dentuço. Ele tinha um cesto de frutinhas nas mãos e vestia um calção rasgado.

Minhas tias recuaram diante da minha determinação.

– Você tem todo direito de se sentir frustrada. – Matthew se moveu e me agarrou por trás. Logo irrompeu um vento e os toques de neve do olhar dele iluminaram as minhas coxas. – E esse vento-de-bruxa de agora é

porque você está se sentindo frustrada. – Ele me puxou um pouco mais e o ar em volta das minhas panturrilhas aumentou. – Está vendo?

Sim, aquela emoção perturbadora talvez fosse mais de frustração que de raiva. Esqueci por um momento que o assunto era encantamento de amarração e me virei para ouvir as reflexões que ele fazia. A cor dos meus dedos voltou ao normal, e o som fustigante se foi.

– Tente entender – disse Em. – Rebecca e Stephen foram para a África para protegê-la. E o encantamento foi pela mesma razão. Eles só queriam protegê-la.

A casa gemeu por entre a madeira que a revestia e prendeu o fôlego, as vigas envelhecidas rangeram.

Um frio me tomou de dentro para fora.

– Eles morreram por minha causa? Viajaram para a África e foram assassinados lá por minha causa? – Olhei aterrada para Matthew.

Saí andando às cegas na direção da escada sem esperar pela resposta, sem ligar para a dor no tornozelo e sem pensar em mais nada senão fugir.

– Não, Sarah. Deixe-a ir – disse Matthew de pronto.

Todas as portas da casa se abriram à minha frente e se fecharam atrás de mim depois que atravessei o corredor, a sala de jantar, a sala de TV e a cozinha. As botas de jardinagem de Sarah deslizaram a sua macia textura de borracha pelos meus pés descalços. Cheguei lá fora e fiz o que sempre fazia quando me aborrecia com a família: entrei no bosque.

Meus pés só se aquietaram depois que passei pelas esquecidas macieiras e pelas sombras dos antigos carvalhos e dos adocicados bordos. Sem fôlego e tremendo pelo choque e a exaustão, me vi ao pé de uma árvore tão grande e alta quanto frondosa. Seus galhos descaíam até o chão e suas folhas vermelhas e cor de vinho balançavam de encontro ao tronco acinzentado.

Durante a infância e a adolescência, eu sempre extravasava a dor e a solidão debaixo daqueles galhos. Gerações de Bishop que também ali se

consolaram tinham gravado as suas iniciais no tronco daquela árvore. As minhas estavam gravadas com um canivete ao lado das iniciais "RB" que mamãe tinha deixado antes de mim, e acariciei os seus contornos enquanto me dobrava como uma bola e me balançava como uma criança junto à aspereza daquele tronco.

Um toque gelado nos meus cabelos foi seguido por um casaco azul colocado nos meus ombros. A sólida silhueta de Matthew se abaixou até o chão e se recostou no tronco da árvore.

– Elas lhe disseram o que há de errado comigo? – A minha voz soou abafada entre os meus joelhos.

– Não há nada de errado com você, *mon coeur*.

– Você tem muito a aprender sobre as bruxas. – Descansei o queixo nos joelhos, mas sem olhar para ele. – As bruxas não enfeitiçam ninguém sem a porcaria de um bom motivo.

Matthew se calou. Eu o olhei de soslaio por algum tempo. Pelo canto dos olhos eu via as pernas – uma esticada e a outra dobrada – e sua mão comprida e branca solta sobre o joelho.

– Seus pais tiveram a porcaria de um bom motivo. Salvar a vida da filha. – A voz de Matthew soou tranquila e firme, mas com fortes emoções reprimidas. – Eu teria feito o mesmo.

– Você também sabia que eu estava encantada? – Não pude sufocar um tom de acusação.

– Marthe e Ysabeau suspeitaram. E me disseram antes da minha ida a La Pierre. Emily confirmou a suspeita. Não tive chance de lhe contar.

– Como Em pôde ter sonegado isso de mim? – Senti-me tão traída e sozinha como me sentira quando Satu contou o que Matthew tinha feito.

– Você precisa perdoar os seus pais e Emily. Eles fizeram o que acharam que era melhor... para você.

– Matthew, você não entende – retruquei balançando teimosamente a cabeça. – Mamãe me deixou amarrada e foi para a África como se eu fosse

o mal, como se eu fosse uma criatura desequilibrada em quem não se podia confiar.

– Seus pais estavam preocupados com a Congregação.

– Isso é um absurdo. – Meus dedos comicharam e empurrei a sensação de volta aos cotovelos para me controlar. – Nem tudo tem a ver com essa estúpida Congregação, Matthew.

– É verdade, mas no seu caso tem. Não é preciso ser um bruxo para perceber isso.

A mesa branca surgiu à minha frente sem nenhum aviso prévio, algumas peças de acontecimentos passados e presentes se espalharam sobre ela. As peças do quebra-cabeça começaram a se encaixar sozinhas: mamãe corria atrás de mim enquanto eu batia palmas e sobrevoava o linóleo do piso da nossa cozinha em Cambridge, papai gritava com Peter Knox lá do seu escritório, uma história sobre uma fada madrinha e fitas mágicas, meus pais recitavam encantamentos e faziam magia ao lado da minha cama enquanto eu continuava deitada quietinha em cima da colcha de retalhos. As peças se encaixaram totalmente, oferecendo-me a solução.

– A história que mamãe contava para me fazer dormir. – Eu me voltei para Matthew impressionada. – Ela não podia falar abertamente sobre os meus temores, e tudo virava uma história sobre bruxas más e fitas encantadas e uma fada madrinha. Ela contava isso toda noite para que eu pudesse me lembrar depois.

– E se lembra de algo mais?

– Antes de ser encantada pelos meus pais, Peter Knox foi à minha casa. – Eu me encolhi ouvindo perfeitamente o soar da campainha da porta e revendo a cara do meu pai quando abriu a porta. – Aquela criatura esteve na minha casa. Ele tocou na minha cabeça.

Lembrei que a mão de Knox me provocou uma sensação esquisita.

– Papai me mandou para o meu quarto e os dois começaram a brigar. Mamãe não saiu da cozinha. Foi estranho ela não ter saído para ver o que

estava acontecendo. Depois, meu pai saiu e ficou na rua por um longo tempo. Minha mãe ficou histérica. Ela telefonou para Em naquela noite. – As lembranças emergiram com clareza e velocidade espantosas.

– Emily me disse que Rebecca lançou o feitiço de modo a fazê-la esperar pelo "homem das sombras". Sua mãe achava que eu poderia protegê-la de Knox e da Congregação. – Matthew assumiu um ar sombrio.

– Ninguém poderia me proteger, a não ser eu mesma. Satu estava certa. Sou uma vergonha como bruxa. – Enfiei a cabeça por entre os joelhos. – Não sou como a minha mãe.

Matthew se levantou e estendeu a mão para mim.

– Levanta – disse abruptamente.

Estendi a mão achando que ele me confortaria com um abraço. Em vez disso me fez vestir o casaco azul e recuou.

– Você é uma bruxa. Está na hora de aprender a cuidar de si.

– Não agora, Matthew.

– Eu bem que gostaria que pudéssemos deixá-la decidir, mas não podemos – ele disse de forma brusca. – A Congregação quer se apossar do seu poder... ou no mínimo conhecê-lo. Eles querem o Ashmole 782 e, depois de séculos, você é a única criatura capaz de resgatá-lo.

– Eles também querem você e os Cavaleiros de Lázaro. – Fiquei desesperada com a possibilidade de me ver sozinha com a minha própria magia que era incompreensível para mim.

– Eles poderiam ter destruído a irmandade antes. A Congregação teve muitas chances para isso. – Obviamente Matthew avaliou e mediu a limitação das minhas forças e da minha evidente fraqueza. Isso me deixou ainda mais vulnerável. – Mas eles não estão preocupados com isso. Não precisam de mim para ter você ou o manuscrito.

– Mas eu estou cercada de protetores. Você está comigo... Sarah e Em também.

– Não podemos ficar o tempo todo com você, Diana. Além do mais,

você quer que Em e Sarah arrisquem a própria vida para salvá-la? – A pergunta era rude e o rosto de Matthew se contorceu. Ele se afastou de mim com os olhos apertados.

– Você está me amedrontando – eu disse enquanto ele se agachava. Os últimos vestígios da morfina no meu sangue foram eliminados pelo primeiro jorro de adrenalina.

– Não estou não. – Ele balançou a cabeça e faltou muito pouco para se parecer com um lobo porque o cabelo caiu todo no rosto. – Eu saberia se você estivesse realmente amedrontada. Você só está desequilibrada.

Fez-se um ronco no fundo da garganta de Matthew, bem diferente dos grunhidos de prazer que ele emitia. Eu me afastei um pouco por precaução.

– Assim está melhor – ele ronronou. – Pelo menos agora você está com o gosto do medo.

– Por que está fazendo isso? – sussurrei.

Ele sumiu de vista sem dizer uma palavra.

– Matthew? – chamei por ele sem entender nada.

Dois retalhos frios tocaram em cima da minha cabeça.

Matthew estava pendurado como um morcego entre dois galhos da árvore, com os braços esticados como asas. Ele enganchava os pés nos galhos enquanto me observava atentamente e os movimentos sutis do gelo eram a minha única referência nas mudanças de foco da sua figura.

– Eu não sou um colega com quem você está debatendo. Isso não é uma disputa acadêmica, isso é uma questão de vida ou morte.

– Desça daí – falei abruptamente. – Você já disse o que queria.

Ele pulou no chão e se colocou perto de mim sem que eu percebesse, tocando meu pescoço e meu peito com seus dedos gelados de modo a me fazer virar a cabeça para um lado e deixar a garganta exposta do outro lado.

– Você já estaria morta se eu fosse Gerbert – ele sibilou.

– Pare com isso, Matthew. – Tentei me soltar e não consegui.

– Não. – Ele agarrou o meu rosto com mais força. – Satu tentou acabar com a sua vida e mesmo assim você continuou firme. Mas você tem que revidar.

– Farei isso. – Eu o empurrei para mostrar a minha disposição.

– Não desse jeito humano – ele disse de modo insolente. – Você tem que revidar como uma bruxa.

Matthew sumiu novamente. Dessa vez não estava na árvore, e não cravava os seus olhos gelados em mim.

– Já estou cansada e vou voltar para casa. – Eu tinha acabado de dar o terceiro passo em direção à casa quando alguma coisa me pegou de surpresa. De repente me vi em cima dos ombros de Matthew que se movia numa velocidade incrível na direção oposta.

– Você não vai a lugar nenhum.

– Sarah e Em logo estarão aqui se você continuar agindo assim. – Claro que elas notariam que havia algo errado. E se *elas* não notassem, Tabitha daria um sinal.

– Não estarão não. – Matthew me colocou de pé no meio do bosque. – Elas me prometeram que não sairiam de casa, a não ser que você gritasse ou se elas mesmas pressentissem um perigo real.

Eu me afastei para manter distância daqueles grandes olhos negros. Os músculos das pernas de Matthew pareciam movidos à hélice. Cada vez que eu tentava escapar, lá estava ele à frente. Eu girava na direção contrária e lá estava ele outra vez. Até que soprou uma brisa ao redor dos meus pés.

– Ótimo – ele disse satisfeito. Agachou-se, assumindo a mesma posição de quando cercou o cervo em Sept-Tours, e começou a rugir de forma ameaçadora.

A brisa se moveu em lufadas ao redor de meus pés, mas não se intensificou. Um formigamento desceu dos meus cotovelos até as unhas. Achei melhor não reprimir a frustração e deixei que se acumulasse dentro de mim. Arcos azuis de eletricidade se mexeram entre os meus dedos.

– Use o seu poder – ele me desafiou. – Só poderá me enfrentar se fizer isso.

Agitei as mãos na direção de Matthew. Não me pareceu tão ameaçador, mas foi tudo em que pude pensar. Ele provou a inutilidade dos meus esforços quando se arremeteu contra mim e me fez girar como um pião antes de desaparecer no bosque.

– Você perdeu... mais uma vez. – A voz dele soou de algum lugar à minha direita.

– Seja lá o que estiver tentando, não está dando certo! – gritei na direção dele.

– Já estou bem atrás de você – ele ronronou no meu ouvido.

Cortei o silêncio do bosque com um grito e os ventos brotaram como um casulo ciclônico de dentro de mim.

– Afaste-se! – vociferei.

Matthew avançou na minha direção com um olhar determinado e berrando para a minha barreira de vento. Eu me lancei contra ele por instinto e uma lufada de ar o fez recuar. Ele me olhou com surpresa, o predador visível no fundo dos seus olhos. Avançou outra vez na minha direção para tentar romper a barreira de vento. Eu me concentrei para repeli-lo, mas o vento não atendeu o meu desejo.

– Não tente forçar – disse Matthew. Em seguida entrou com destemor pelo ciclone e me suspendeu pelos braços. – Sua mãe lançou o encantamento de um modo que ninguém pudesse forçar a sua magia... nem mesmo você.

– Então como poderei invocá-la quando precisar dela, e como poderei controlá-la quando não precisar mais?

– Imagine. – Ele cravou os olhos no meu pescoço e nos meus ombros, e localizou as artérias maiores por instinto.

– Não sei como. – Fui tomada por uma onda de pânico. – Não sou uma bruxa.

– Pare com isso. Não é verdade, e você sabe disso. – Ele me largou abruptamente. – Feche os olhos. Comece a caminhar.

– O quê?

– Há semanas que a venho observando, Diana. – Ele se moveu como uma fera, o cheiro de cravo-da-índia era tão forte que fechou a minha garganta. – Você tem que soltar o movimento e os sentidos, e se entregar apenas às *emoções*. – Deu-me um empurrão e me fez tropeçar. Quando me virei, já tinha desaparecido.

Esquadrinhei o bosque com os olhos. Fazia um silêncio fantasmagórico na vegetação, os animais já tinham se abrigado do predador que se encontrava entre eles.

Fechei os olhos e respirei profundamente. Uma brisa passou por perto, primeiro em uma direção, depois na outra. Era Matthew zombando de mim. Eu me concentrei na minha respiração para ficar tão quieta quanto o resto das criaturas da floresta.

Senti uma rigidez entre os meus olhos. Expandi a respiração até esse ponto lembrando das instruções de Amira na aula de ioga e do conselho de Marthe para que deixasse as visões fluírem. À medida que o meu olho mental – o terceiro olho das bruxas – se abria por inteiro, e era a primeira vez que isso acontecia, a rigidez se tornava comichão e a comichão se tornava uma sensação de que eu podia.

O meu olho mental captou tudo o que estava vivo na floresta – vegetação, energia da terra, água corrente por debaixo do solo – e assim pôde distinguir cor e forma de cada força vital. O vampiro também avistou os coelhos escondidos nas tocas das árvores que ficavam com o coraçãozinho batendo quando o farejavam. E depois ele detectou as corujas-de-igreja que se sentiram ameaçadas de extinção prematura por aquela criatura que se pendurava nos galhos das árvores e pulava como uma pantera. Os coelhos e as corujas sabiam que não podiam escapar dele.

– Rei das bestas – sussurrei.

Um risinho abafado de Matthew ecoou por entre as árvores.

Nenhuma criatura daquele bosque seria capaz de lutar com ele e vencer.

– Exceto eu – falei entre dentes.

Fiz uma varredura no bosque com o meu olho mental. Mas os vampiros não são completamente vivos e era difícil localizá-lo em meio à energia estonteante que me rodeava. Por fim, vislumbrei uma silhueta, um concentrado de escuridão que mais parecia um buraco negro com extremidades brilhantes rubras que demarcava o ponto onde a força vital sobrenatural se encontrava com a força vital do mundo natural. Instintivamente, fixei os olhos naquela direção e ele, atento a isso, escapuliu e desapareceu em meio às sombras das árvores.

Saí andando para chamar a atenção, com os olhos físicos fechados e o olho mental aberto. Uma escuridão se desprendeu de um bordo com um jato de vermelho e preto por entre um esverdeado bem atrás de mim. Dessa vez mantive o rosto voltado para o lado oposto.

– Estou vendo você, Matthew – eu disse suavemente.

– Está, *ma lionne?* E o que vai fazer? – Ele riu outra vez e se manteve ao meu redor com uma distância constante entre nós dois.

A cada passo que eu dava, mais o meu olho mental se ampliava e mais apurada a minha visão se tornava. Um galho surgia à esquerda e me fazia desviar para a direita, uma pedra pontiaguda surgia à frente e meus pés a evitavam e seguiam adiante.

Uma brisa se mexeu ao longo do meu peito, reportando a presença de uma pequena clareira. Os seres vivos do bosque já não eram os únicos que se comunicavam comigo. Todos os elementos à minha volta enviavam mensagens para guiar o meu caminho. Terra, ar, fogo e água se interligavam comigo em pequenas alfinetadas de alerta que eram diferentes das que eu obtinha dos seres vivos do bosque.

A energia de Matthew concentrou-se em si mesma e tornou-se mais escura e intensa. Depois sua escuridão – sua ausência de vida – fez uma

curva no ar com uma graciosa arremetida que daria inveja a qualquer leão. Ele esticou os braços para me agarrar.

Voe, pensei um segundo antes que aqueles dedos tocassem a minha pele.

Um vento brotou do meu corpo em meio a uma súbita onda de poder. A terra me deixou livre com um gentil empurrão para o alto. Como o próprio Matthew tinha dito, foi fácil fazer o meu corpo seguir para onde os meus pensamentos o guiavam. Sem muito esforço segui uma fita imaginária até o céu.

Lá embaixo, Matthew deu um salto mortal no ar, caindo de pé exatamente onde eu estava alguns instantes antes.

Sobrevoei a copa das árvores de olhos arregalados. Fiquei com os olhos repletos de mar, tão vastos quanto o horizonte e tão plenos quanto o brilho do sol e das estrelas. Meus cabelos flutuavam ao sabor do vento, e as pontas de cada mecha eram línguas flamejantes que lambiam o meu rosto sem queimá-lo. Os cachos do cabelo acariciavam o meu rosto ao mesmo tempo em que o vento frio o fustigava. Um corvo planou por perto, impressionado com a nova criatura que dividia o espaço com ele.

Matthew me olhava lá no alto com o rosto pálido e os olhos maravilhados. Nossos olhos se encontraram e ele sorriu.

Nunca tinha visto nada mais bonito na vida. O desejo emergiu potente e visceral e me enchi de orgulho por saber que ele era meu.

Fiz um mergulho no ar em direção a Matthew, e em alguns segundos aquele rosto maravilhado assumiu uma expressão de alerta. Ele rosnou se sentindo inseguro em relação a mim e sendo avisado pelos instintos que poderia ser atacado.

Desacelerei o mergulho pelo ar com as botas de borracha de Sarah nos meus pés e fui descendo devagar para que os nossos olhos se encontrassem. O vento chicoteou uma das mechas flamejantes do meu cabelo na direção de Matthew.

Não o machuque. Todos os meus pensamentos se voltaram para a

segurança de Matthew. Ar e fogo obedeceram ao meu comando e o meu terceiro olho se viu engolfado pela escuridão dele.

– Fique longe de mim... só por um momento – ele rugiu enquanto lutava contra os próprios instintos predatórios. Era o desejo repentino de me *caçar*. O rei das bestas não gostava de ser derrotado.

Ignorando o aviso, abaixei os pés e os deixei flutuando a poucos centímetros acima do chão com a palma da minha mão voltada para o alto. O meu olho mental se inundou com a imagem da minha própria energia: uma agitada massa prateada e dourada e esverdeada e azulada que brilhava como a estrela da manhã. Recolhi um pouco dessa energia enquanto a observava a rolar do meu coração até o ombro e o braço.

De repente pousou na palma da minha mão uma bola pulsante e giratória feita de céu, terra e fogo. Provavelmente os antigos filósofos a chamariam de microcosmo – um pequeno mundo com fragmentos do meu ser e de todo o universo.

– Para você – eu disse com a voz embargada. E arremessei a bola para Matthew.

Ele a pegou enquanto caía. Ela se moveu agilmente e se aderiu à pele fria dele. Por fim, a minha energia pousou na mão dele.

– O que é isso? – ele perguntou enquanto admirava a substância brilhante, deixando de lado a ânsia de caçar.

– Eu – respondi com toda simplicidade. Ele me olhou fixamente e as pupilas engolfaram a íris cinza esverdeada com uma onda negra. – Você não quis me fazer mal e eu também não quis fazer mal a você.

O vampiro apalpou o microcosmo do meu ser com todo o cuidado para não deixá-lo cair.

– Eu ainda não sei lutar – concluí com tristeza. – Só sei é escapar voando.

– Esta é a lição mais importante que um guerreiro aprende, bruxa. – Aquela palavra pejorativa entre os vampiros soou como uma

demonstração de carinho. – Aprender a escolher as batalhas e deixar para mais tarde as que não se pode vencer.

– Você teve medo de mim? – perguntei ainda flutuando.

– Não – ele respondeu.

Meu terceiro olho comichou. Ele falava a verdade.

– Será que tirei mesmo isso de dentro de mim? – Fixei os olhos na massa brilhante que estava na mão de Matthew.

Ele assumiu um ar gentil e carinhoso.

– Já vi muitas bruxas poderosas antes. Mas ainda não conhecemos tudo que há dentro de você. E teremos que fazer isso.

– Eu nunca quis saber de nada.

– Por quê, Diana? Por que rejeitou esses dons? – Ele apertou a minha mão como se a minha magia pudesse ser roubada ou destruída antes de ser entendida totalmente.

– Medo? Desejo? – respondi suavemente e toquei-lhe o rosto com a ponta dos dedos comovida pelo imenso amor que sentia por ele. Lembrei o que o seu amigo Bruno tinha escrito no século XVI e citei o verso: – *O desejo me impulsiona como o medo me refreia*. Isso não explica tudo o que acontece no mundo?

– Explica tudo, mas não você – ele rebateu com convicção. – Não há nada no mundo que explique você.

Os meus pés tocaram no solo ao mesmo tempo que os meus dedos se retiravam daquele rosto e se desfraldavam vagarosamente. O meu corpo parecia conhecer esse suave movimento, se bem que a minha mente o registrou como uma estranheza. O pedaço de mim que eu tinha acabado de dar para Matthew pulou da mão dele para a minha. A palma da minha mão se fechou e prontamente reabsorveu essa energia. O poder de bruxa formigou em mim e o reconheci como meu. Pendi a cabeça apavorada por estar me transformando em tal criatura.

Matthew ajeitou a cortina dos meus cabelos com doçura.

– Nada poderá afastá-la dessa magia, nem a ciência nem a perseverança nem a concentração. Ela sempre a encontrará. E você também não pode se afastar de mim.

– Minha mãe disse a mesma coisa quando eu estava na solitária. Ela sabia sobre nós dois. – Tremi com a lembrança de La Pierre e fechei os olhos para me proteger. O meu corpo estremeceu e ele me puxou para junto de si. Os braços gelados de Matthew não me aqueceram, mas me senti segura enlaçada por ele.

– Talvez tenha sido mais fácil para eles porque sabiam que você não ficaria sozinha – ele disse suavemente. Levei os meus lábios aos lábios gelados e firmes do vampiro. Ele enterrou o rosto no meu pescoço e me cheirou com ardor. Com certa relutância, afastou-se um pouco, alisou o meu cabelo e colocou o casaco às minhas costas.

– Você me treinará como um dos seus cavaleiros?

Matthew deteve o movimento das mãos.

– Eles já sabiam como se defender antes de chegar a mim. Mas treinei muitos guerreiros humanos, vampiros e demônios no passado. Marcus foi um deles, e só Deus sabe como me deu trabalho. Mas nunca treinei uma bruxa.

– Vamos para casa. – O meu tornozelo latejou e quase tombei de tanto cansaço. Esbocei alguns passos vacilantes e Matthew me colocou nas costas como uma criança e saiu caminhando pela noite com os meus braços agarrados no pescoço dele. – Mais uma vez obrigada por ter me encontrado – sussurrei quando estávamos chegando perto da casa. Ele sabia que não estava me referindo a La Pierre.

– Já fazia tempo que eu tinha desistido de procurar. Mas de repente lá estava você na Bodleiana em pleno Mabon. Uma historiadora. Nada menos que uma bruxa. – Ele balançou a cabeça como se não acreditasse.

– A magia faz isso. – Eu o beijei na nuca. Ele ainda ronronava quando me colocou no chão da varanda dos fundos.

Matthew foi até o barracão para pegar mais um pouco de lenha no estoque e levar para a lareira enquanto eu me reconciliava sozinha com as minhas tias. As duas estavam nervosas.

– Já entendi por que você guardou segredo. – Abracei Em e ela respirou de alívio –, mas mamãe disse que acabou o tempo dos segredos.

– Você viu a Rebecca? – perguntou Sarah cautelosamente com o rosto pálido.

– Em La Pierre. Quando Satu tentou me intimidar para que eu cooperasse com ela. – Fiz uma pausa. – Papai também estava lá.

– Ela estava... Eles estavam felizes? – A voz de Sarah soou embargada. Minha avó observava a cena visivelmente preocupada atrás dela.

– Eles estão juntos – respondi com toda simplicidade enquanto olhava pela janela para ver se Matthew já estava voltando.

– E eles estão com você – disse Em com os olhos fixos em mim. – Isso significa que estão mais do que felizes.

Minha tia abriu a boca para dizer alguma coisa, mas fechou-a rapidamente.

– O que foi, Sarah? – perguntei segurando-a pelo braço.

– O que Rebecca disse para você? – ela perguntou quase com um murmúrio.

– Ela contou histórias. As mesmas histórias que contava quando eu era pequena... histórias de bruxas, princesas e fadas madrinhas. Depois que eles me encantaram ela sempre arranjava um jeito de me fazer lembrar da minha magia. Mas preferi esquecer.

– Antes da partida dos seus pais para a África naquele verão, Rebecca quis saber de mim o que mais ficava marcado nas crianças. Eu disse que eram as histórias que elas ouvem dos pais na hora de dormir, e que essas histórias sempre tinham mensagens de esperança, força e amor. – Os olhos de Em ficaram cheios d'água e ela se apressou em secá-los.

– Vocês agiram da maneira certa – eu disse suavemente.

As três bruxas tinham acabado de fazer as pazes e de restabelecer a harmonia quando Matthew entrou na cozinha com uma pilha de lenha nos braços e Sarah se voltou para ele furiosa.

– Nunca mais me peça para ignorar os chamados de ajuda da Diana, e nunca mais a ameace, pouco importa por qual motivo. Se fizer isso de novo, lançarei um feitiço que vai fazer você desejar nunca ter renascido. Entendeu bem, vampiro?

– É claro, Sarah – ele murmurou com uma imitação perfeita de Ysabeau.

Fizemos a refeição na mesa da sala de jantar com Matthew e Sarah em desagradável estado de pé de guerra, uma guerra que ameaçou eclodir quando a minha tia reparou que não havia um só pedaço de carne à mesa.

– Você está fumando como uma chaminé – disse Em pacientemente quando Sarah reclamou da falta de comida "de verdade" à mesa. – Suas artérias me agradecerão.

– Você não fez isso por mim – retrucou Sarah com um olhar de acusação para Matthew. – Fez isso para que ele não tenha vontade de morder Diana.

Matthew sorriu por educação enquanto puxava a rolha de uma garrafa que ele tinha trazido do Range Rover.

– Vinho, Sarah?

Ela olhou para a garrafa com desconfiança.

– É importado?

– Francês – ele disse vertendo o vinho tinto no copo dela.

– Não gosto de nada francês.

– Não acredite em tudo que lê. Nós somos muito melhores do que parecemos. – Ele a provocou com um sorriso. – Acredite ou não, acabarei crescendo no seu conceito. – Como prova disso Tabitha pulou em cima do ombro dele e ali ficou sentada como um papagaio de pirata até o fim do jantar.

Enquanto tomava o vinho, Matthew incrementava uma conversa sobre a casa, com perguntas para Sarah e Em sobre a situação da fazenda e seu lugar na história. Não me restou nada a fazer senão observar aquelas três criaturas que eu tanto amava enquanto devorava um montes de chili e pão de milho.

Finalmente, fomos para a cama e me enfiei nua debaixo das cobertas, louca para ter o corpo gelado de Matthew colado ao meu. Ele se juntou a mim e puxou o meu corpo ao encontro do seu corpo nu.

– Você está quente – disse, se comprimindo ainda mais no meu corpo.

– Humm. E você está cheiroso – eu disse com o nariz grudado no peito dele. A chave girou sozinha na fechadura. Já estava lá desde que eu tinha acordado naquela tarde. – A chave estava na cômoda?

– A casa estava com ela. – A gargalhada dele retumbou dentro de mim. – Ela foi jogada na direção da cama com um ângulo que a fez bater na parede ao lado do interruptor e cair no chão. Como não me apressei em pegá-la, ela flutuou pelo quarto e aterrissou no meu colo.

Sorri quando ele acariciou a minha cintura com todo o cuidado para não tocar nas marcas deixadas por Satu.

– Você tem as suas cicatrizes de batalhas – eu disse, tentando despreocupá-lo. – Agora também tenho as minhas.

Os lábios de Matthew encontraram os meus na escuridão sem dificuldade. Uma de suas mãos deslizou até a base da minha coluna e cobriu a lua crescente. A outra mão se introduziu por entre as omoplatas e cobriu a estrela. Nem precisei recorrer à magia para entender a aflição dele. A dor se evidenciava em tudo – no seu toque gentil, nas palavras que murmurava e no seu corpo estreitamente colado ao meu. Pouco a pouco ele deixou os temores e a raiva de lado. Nossas mãos e nossas bocas se tocaram e aos poucos a ânsia sossegou, prolongando assim a alegria da nossa união.

Atingi o clímax do prazer quando as estrelas estavam mais vivas e se

dependuravam no teto com um brilho que nos fez lembrar da brevidade de nossas vidas, enquanto descansávamos abraçados à espera da manhã.



O sol ainda não tinha nascido quando Matthew beijou o meu ombro e desceu para o térreo. Uma combinação incomum de rigidez e languidez deixava os meus músculos tesos. Por fim, consegui sair da cama e desci à procura dele.

Não o encontrei, mas encontrei Sarah e Em. Elas olhavam pela janela dos fundos com uma fumegante caneca de café nas mãos. Olhei a cena de relance e comecei a encher a chaleira de água. Matthew podia esperar, o chá, não.

– O que estão olhando? – perguntei já esperando pelo nome de uma ave rara.

– Matthew.

Dei alguns passos.

– Faz um tempão que ele está lá fora. E durante todo esse tempo não moveu um único músculo. Um corvo está voando por perto. Parece que planeja pousar na cabeça dele – disse Sarah tomando um gole de café.

Matthew estava com os pés fincados no chão e dobrava os braços à altura dos ombros com os dedos polegares e indicadores se tocando levemente. Parecia um estranho e corpulento espantalho bem-vestido com uma camiseta cinza e uma calça preta de ioga.

– Devemos nos preocupar? Ele está descalço. – Em o olhou por cima da caneca de café. – Ele vai se congelar.

– Vampiros queimam, Em. Não congelam. Ele vai entrar quando se sentir pronto.

Acabei de preparar o meu chá e me juntei à observação silenciosa de

minhas tias. Já estava na minha segunda caneca quando ele finalmente abaixou os braços e colocou as mãos à cintura. Sarah e Em se afastaram da janela rapidamente.

– Ele sabe que estava sendo observado por nós. Ele é um vampiro, já se esqueceram? – Sorri, calcei as botas de Sarah por cima das meias de lã e da *legging* desbotada e fui lá para fora.

– Muito obrigado pela paciência – disse Matthew enquanto me acolhia nos braços e me dava vários beijos de bom-dia.

Eu ainda estava com a caneca de chá quente na mão e por pouco não o derramei nas costas dele.

– A meditação é o único descanso que você tem. Eu não queria perturbá-lo. Há quanto tempo está aqui?

– Desde a madrugada. Eu precisava de um tempo para pensar.

– Esta casa faz isso com as pessoas. Há vozes demais, muitas coisas acontecendo. – Eu estava gelada e me encolhi dentro do moletom que estampava nas costas um lince que outrora tinha um vívido castanho-avermelhado.

Ele tocou nas minhas olheiras.

– Você ainda está exausta. Um pouco de ioga não lhe faria mal, sabe disso, não sabe?

Eu tive um sono espasmódico, repleto de sonhos, fragmentos de poesias alquímicas e diatribes murmuradas contra Satu. Até a minha avó ficou preocupada. Cada vez que Matthew me embalava para me fazer dormir de novo ela se encostava à cômoda com um ar vigilante.

– Fui terminantemente proibida de fazer ioga durante uma semana.

– E você obedece às regras que a sua tia impõe? – A sobrancelha dele ergueu-se em interrogação.

– Nem sempre. – Eu o puxei sorrindo pela manga para fazê-lo voltar para dentro de casa.

Ele tirou a caneca de chá das minhas mãos e me içou para fora das

botas de Sarah. Endireitou o meu corpo e colocou-se atrás de mim.

– Está de olhos fechados?

– Agora estou. – Fechei os olhos e plantei os pés apenas com meias na terra fria. Os pensamentos cercavam a minha mente como gatinhos brincalhões.

– Você está pensando – ele disse com impaciência. – Limite-se a respirar.

Minha mente e minha respiração se equilibraram. Ele ergueu os meus braços, dobrou-os à altura dos ombros e posicionou as minhas mãos de maneira que as palmas ficassem para o alto e os polegares tocassem a ponta dos dedos anulares e mindinhos.

– Agora eu também estou parecendo um espantalho – comentei. – O que estou fazendo com as mãos?

– *Prana mudra* – ele explicou. – Estimula a força vital e é bom para a cura.

Fiquei ali de pé com os braços dobrados e a palma das mãos voltadas para o céu até que a paz e o silêncio envolveram o meu corpo avariado. Cinco minutos depois a pressão entre os meus olhos se diluiu e o meu olho mental se abriu. Dentro de mim se deu uma mudança sutil correspondente – um vaivém semelhante ao fluxo e refluxo da água batendo na praia. Cada vez que eu respirava uma gota de água doce e fria se formava na palma das mãos. Eu me determinei a manter a mente vazia sem me importar com a possibilidade de ser engolfada pela água-de-bruxa, mesmo com o nível da água que brotava das minhas mãos crescendo aos poucos.

De repente o meu olho mental brilhou enquanto se focava no entorno. Depois que ele ajustou o foco, o campo que rodeava a casa surgiu aos meus olhos de um modo jamais visto. A água corria debaixo do solo em profundos veios azuis. As raízes das macieiras se estendiam até esses veios e finas teias de água cintilavam nas folhas que balançavam ao vento da manhã. Sob os meus pés a água fluía na minha direção para captar a

minha conexão com o poder que ela própria tinha.

Eu inspirava e expirava com serenidade. O nível da água na palma das minhas mãos crescia e diminuía de acordo com o fluxo das ondas dentro e debaixo de mim. A certa altura perdi o controle da água e os *mudras* se abriram, fazendo-a cair em cascatas das minhas mãos.

O meu vampiro estava a pouca distância de mim com os braços cruzados e uma expressão de orgulho. As minhas tias continuavam na varanda dos fundos e pareciam admiradas.

– Foi incrível – murmurou Matthew enquanto se abaixava para pegar a caneca de chá a essa altura fria como pedra. – Saiba que você será tão boa nisso como é nas suas pesquisas. A magia além de ser emocional e mental também é física.

– Você já tinha treinado alguma bruxa antes? – Calcei as botas de Sarah com o estômago roncando loucamente.

– Não. Você é a primeira e única. – Ele riu. – E sim, sei que você está faminta. Falaremos disso depois do café da manhã. – Ele estendeu a mão e voltamos de mãos dadas para casa.

– Você pode ganhar muita grana com a água-de-bruxa – disse Sarah quando nos aproximávamos. – Todo mundo na cidade precisa de um poço novo e o velho Harry foi enterrado com a varinha que detectava água quando morreu no ano passado.

– Eu não preciso de varinha para detectar água... eu *sou* uma varinha que detecta água. E se vocês estão pensando em cavar um novo poço, cavem ali. – Apontei para algumas macieiras que estavam menos secas que as outras.

Já dentro de casa Matthew colocou a água do meu chá para ferver antes de se voltar para o *Syracuse Post-Standard*. Se o nosso jornal não chegava aos pés do *Le Monde*, ele parecia satisfeito com o que lia. Com o meu vampiro ocupado, degustei fatias e mais fatias de pão saídas da torradeira. Enquanto isso Em e Sarah reenchiam as canecas de café e olhavam

atentamente para as minhas mãos a cada vez que me aproximava dos utensílios elétricos.

– Este será o terceiro bule da manhã – anunciou Sarah jogando fora o filtro anterior da cafeteira.

Olhei alarmada para Em.

O pó é praticamente descafeinado, ela disse com os lábios fechados e em absoluta mudez. *Há anos que o venho adulterando.* A fala silenciosa e as mensagens de texto eram muito úteis naquela casa quando se precisava de uma conversa privada.

Sorri e me voltei para a torradeira. Enquanto passava o resto da manteiga na torrada me perguntei se havia mais na geladeira.

Surgiu um pacote à minha frente.

Eu me virei para agradecer a Em, mas ela estava do outro lado da cozinha. Sarah também. Matthew olhava fixamente para a geladeira com o jornal aberto nas mãos.

A porta da geladeira estava aberta e os vidros de geleia e de mostarda se reagrupavam sozinhos na prateleira superior. Depois da arrumação a porta se fechou suavemente.

– Foi a casa? – perguntou Matthew casualmente.

– Não – respondeu Sarah, olhando-me com interesse. – Foi a Diana.

– O que aconteceu? – Engoli em seco, olhando para a manteiga.

– Você é que tem que explicar – ela disse. – Você estava segurando a sua nona torrada com um ar aéreo quando a geladeira abriu e o pacote de manteiga saiu flutuando.

– Só imaginei se havia mais manteiga na geladeira. – Mostrei a manteigueira vazia para comprovar.

Em se extasiou e bateu palmas para o mais recente sinal do meu poder, e Sarah insistiu que eu tirasse outra coisa da geladeira. Fiz várias tentativas, mas não deu certo.

– Tente com os armários – sugeriu Em. – As portas não são pesadas.

Matthew observou todas as minhas tentativas com interesse.

– Você pensou na manteiga porque estava precisando de mais?

Assenti com a cabeça.

– E durante o seu voo de ontem fez alguma coisa para que o ar cooperasse?

– Eu pensei "voe" e voei. Na verdade precisei mais desse voo que da manteiga, você estava querendo me matar.

– Diana voou? – perguntou Sarah quase sem voz.

– E você está querendo alguma coisa agora? – perguntou Matthew.

– Quero sentar. – Meus joelhos estavam um pouco bambos.

Um banco da cozinha cruzou o chão obedientemente atrás de mim.

Matthew sorriu com satisfação e ergueu o jornal.

– Exatamente o que pensei – murmurou retornando à leitura das notícias.

Sarah arrancou o jornal das mãos dele.

– Pare de rir como o gato de Cheshire. O que foi que você pensou?

Tabitha entrou na casa pela portinhola de gato quando ouviu a referência sobre um outro membro de sua espécie. Largou um camundongo aos pés de Matthew com um olhar de completa devoção.

– *Merci, ma petite* – disse Matthew com um tom grave. – Infelizmente, não estou com fome.

Tabitha miou de frustração e carregou a oferenda até um canto, e lá puniu o ratinho com patadas como se o culpando por não ter agradado a Matthew.

Sarah repetiu a pergunta com um ar atarantado.

– O que foi que você pensou?

– Os feitiços de Rebecca e Stephen foram para assegurar que ninguém conseguisse forçar a magia de Diana. A magia dela só é movida pela necessidade. Muito engenhoso. – Matthew desamassou o jornal e retomou a leitura.

– Engenhoso e impossível – resmungou Sarah.

– Impossível não – ele retrucou. – Basta pensarmos como os pais dela. Rebecca previu o que acabou acontecendo em La Pierre; não em detalhes, mas o suficiente para saber que alguma bruxa poderia capturar a filha. Rebecca também sabia que a filha poderia escapar. Foi por isso que o encantamento se manteve firme por tanto tempo: Diana não precisou recorrer à magia.

– E como é que vamos ensinar Diana a controlar o seu poder se ela nem consegue comandá-lo? – perguntou minha tia.

A casa não nos deixou considerar as opções. Ecoou um barulho parecido com um tiro de canhão seguido por pancadas.

– Que droga – disse Sarah. – O que é que esta casa quer agora?

Matthew largou o jornal.

– Tem algo errado?

– A casa quer a nossa presença. Ela sempre bate as portas e arrasta os móveis da sala de estar quando quer a nossa atenção. – Lambi a manteiga dos dedos para me dirigir à sala de estar. As luzes tremeluziam no saguão de entrada.

– Já vai, já vai – disse Sarah com impaciência. – Já estamos indo.

Eu e Matthew seguimos as minhas tias até a sala de estar. A casa empurrou uma poltrona *bergère* na minha direção.

– Ela quer Diana – Emily disse o óbvio.

A casa me queria, mas não supôs que haveria a interferência dos ágeis reflexos de um vampiro protetor. Matthew deu um salto e deteve a poltrona antes que batesse atrás dos meus joelhos. Soou um estalo de madeira e de ossos velhos.

– Matthew, não se preocupe. A casa só quer que eu fique sentada. – Sentei-me à espera do próximo movimento.

– Esta casa precisa aprender bons modos – ele disse.

– Como foi que a cadeira de balanço da mamãe apareceu aqui? Faz

alguns anos que nos livramos dela – perguntou Sarah apertando os lábios diante da velha cadeira perto da janela da frente.

– A cadeira de balanço voltou com a vovó – eu disse. – Ela me cumprimentou quando chegamos aqui.

– Elizabeth estava com ela? – Em sentou-se num desconfortável sofá vitoriano. – Alta? Com uma expressão séria?

– Sim. Mas não pude ver direito. Ela ficou atrás da porta quase o tempo todo.

– Hoje em dia, os fantasmas já não perambulam como antes – disse Sarah. – Achamos que ela é uma prima distante das Bishop que morreu por volta dos anos 1870.

Um novelo de lã verde e duas agulhas de tricô desceram pela chaminé e rolaram lareira afora.

– Será que a casa está sugerindo que devo fazer tricô? – perguntei.

– Isso é meu. Comecei a tricotar um suéter alguns anos atrás e um belo dia isso desapareceu. Esta casa tem a mania de pegar as coisas e ficar com elas – explicou Emily para Matthew enquanto pegava o material.

Sarah acenou de um sofá estofado com um estampado floral horroroso.

– Sente aqui comigo. Às vezes, a casa precisa de um tempo para chegar a uma conclusão. Nós também demos por falta de algumas fotografias, um catálogo telefônico, uma travessa para servir peru e o casacão de que eu mais gosto.

Como era de se esperar, Matthew não conseguiu descontrair, e ainda mais depois que quase teve a cabeça decepada por uma travessa de porcelana voadora, mas ele se esforçou ao máximo. Sarah estava sentada numa poltrona Windsor com um ar irritado, perto de Em e Matthew.

– Vamos logo com isso – disse depois de alguns minutos. – Eu tenho muita coisa a fazer.

Um envelope grosso tentou abrir caminho por uma fenda do lambri verde próximo da lareira. Por fim, passou pela fenda e atravessou a sala

até aterrissar no meu colo.

Na frente do envelope estava escrito *"Diana"* com uma letra redonda em tinta azul. Reconheci a letra feminina da minha mãe pelos bilhetes escolares e cartões de aniversário que estavam guardados comigo.

– É da minha mãe. – Olhei espantada para Sarah. – O que é isso?

Minha tia também me olhou espantada. – Eu não tenho ideia.

Dentro do envelope havia um envelope menor e alguma coisa muito bem embrulhada em camadas de papel de seda. Era um envelope verde-claro com bordas verde-escuras. Papai me ajudara a escolhê-lo para um aniversário de mamãe. O canto de cada folha estampava um buquê de lírios-do-vale. Fiquei com os olhos rasos d'água.

– Prefere ficar sozinha? – Matthew colocou-se de pé.

– Não saia, por favor.

Abri o envelope tremendo e tirei as folhas. A data debaixo do buquê de lírios-do-vale chamou a minha atenção de imediato: 13 de agosto de 1983.

Era a data do meu sétimo aniversário. Isso acontecera alguns dias antes da partida dos meus pais para a Nigéria.

Li apressada a primeira folha da carta da minha mãe. A folha escapuliu das minhas mãos e deslizou até pousar aos meus pés.

O medo de Em era palpável.

– O que é, Diana?

Enfiei o resto da carta debaixo da coxa sem responder e peguei o envelope marrom que a casa tinha escondido para a minha mãe. Ao puxar o papel de seda, entrevi um objeto liso e retangular. Era mais pesado do que parecia e comichava de poder.

Lembrei que já havia sentido aquele mesmo poder.

Matthew ouviu quando o meu sangue se pôs a cantar. Ele se aproximou por trás de mim e delicadamente pousou as mãos nos meus ombros.

Desembrulhei o objeto. No topo, uma folha de papel branca com as bordas amarelecidas pelo tempo estava separada por uma folha de papel

de seda que bloqueou a vista de Matthew. Nela se liam três linhas escritas com uma letra comprida e fina.

– *"Começa com ausência e desejo"* – sussurrei com a voz embargada. – *"Começa com sangue e medo."*

– *"Começa com uma descoberta das bruxas"* – disse Matthew olhando por cima dos meus ombros.

Depois que estendi a nota para as mãos ávidas de Matthew, ele passou-a pelo nariz antes de repassá-la para Sarah sem dizer nada. Suspendi a folha de papel de seda que estava em cima.

No meu colo estava uma das páginas que faltavam no Ashmole 782.

– Cristo. – Matthew quase perdeu a voz. – É mesmo o que estou pensando? Como a sua mãe fez isso?

– Ela explica na carta – respondi atordoada enquanto olhava para aquela imagem de um colorido vívido.

Ele inclinou-se e pegou a folha que estava no chão.

– *"Minha querida Diana"* – leu em voz alta. – *"Hoje você faz sete anos, uma idade mágica para toda bruxa porque os seus poderes começam a se mexer e a tomar forma. Mas os seus poderes se mexem desde o dia em que você nasceu. Você sempre foi diferente."*

Meus joelhos bambearam sob o peso da estranha imagem.

– *"Se você estiver lendo esta carta, isso significa que eu e seu pai fomos bem-sucedidos. Ou seja, conseguimos convencer a Congregação de que os poderes que eles procuravam estavam com seu pai e não com você. Não se culpe por isso. Foi a única saída que encontramos. Talvez agora que está mais velha você possa nos entender."*

Matthew apertou o meu ombro com delicadeza antes de continuar:

– *"E você também já deve ter amadurecido o suficiente para levar avante a busca sobre si mesma e sua magia que iniciamos depois do seu nascimento. Nós recebemos o bilhete e o desenho quando você estava com três anos de idade. Ele chegou com um selo de Israel. Segundo a secretária*

da embaixada, sem assinatura nem remetente, somente o bilhete e o desenho."

"Na maior parte do tempo dos últimos quatro anos fizemos tentativas para decifrar o significado do que recebemos. Não podíamos fazer muitas perguntas. Mas concluímos que o desenho mostra um casamento."

– É um casamento, o casamento químico entre o mercúrio e o enxofre. Uma etapa crucial na feitura da pedra filosofal. – Minha voz soou com aspereza depois do tom aveludado de Matthew.

A gravura exibia uma das mais belas representações do casamento químico que eu já tinha visto. Uma mulher de cabelos louros em tom dourado vestia uma prístina toga branca e tinha uma rosa branca nas mãos. A rosa servia de oferenda para um homem de cabelos negros que era o seu marido, e denotava que ela era pura e valiosa para ele. O homem vestia uma túnica em preto e vermelho e segurava a outra mão da mulher. Ele também tinha na outra mão uma rosa vermelha como sangue fresco, símbolo de amor e morte. Substâncias químicas e metais atrás do casal personificavam os convidados do casamento em meio a um cenário de árvores e montes rochosos. Um agrupamento de diferentes animais também testemunhava a cerimônia: corvos, águias, sapos, leões verdes, pavões e pelicanos. Um unicórnio e um lobo estavam lado a lado no centro da cena, atrás do noivo e da noiva. O cenário era totalmente coberto pelas asas abertas de uma fênix de penas flamejantes nas pontas que pendia a cabeça como se assistindo à cena embaixo.

– O que isso significa? – perguntou Em.

– Significa que alguém esperava que eu e Matthew nos encontrássemos depois de muito, muito tempo.

– Como é que você sabe que essa gravura se refere a você e ao Matthew? – Sarah espichou o pescoço para olhar a imagem mais de perto.

– A rainha, ou seja, a noiva, ela está usando o brasão de Matthew. – Um brilhante aro prateado e dourado circundava a cabeça da noiva e

mantinha os cabelos dela para trás. No centro do arco, pendia à altura da testa uma joia na forma de uma lua crescente e uma estrela.

Matthew deixou a gravura de lado e pegou o resto da carta da minha mãe.

– Posso continuar? – perguntou amavelmente.

Assenti com a folha do manuscrito ainda nos meus joelhos. Em e Sarah estavam desconfiadas pela presença de um poderoso objeto desconhecido e enfeitiçado e se mantiveram cautelosas no mesmo lugar.

– *"Nós achamos que a mulher de branco é você, Diana. Não sabemos ao certo qual é a identidade do homem de cabelos negros. Já o vi nos meus sonhos, mas ele é difícil de ser localizado. Ele está no seu futuro, mas também está no passado. Ele sempre está nas sombras, nunca na luz. E embora o homem das sombras seja perigoso, não é uma ameaça para você. Ele está com você agora? Espero que esteja. Eu gostaria de tê-lo conhecido. Gostaria de ter dito tanta coisa de você a ele."* – A voz de Matthew tropeçou nas últimas palavras.

"Esperamos que vocês dois sejam capazes de descobrir a origem dessa gravura. Seu pai acha que pertence a um livro antigo. Às vezes vemos um texto se movendo atrás da página, mas depois as palavras desaparecem outra vez por semanas e até meses."

Sarah levantou-se da poltrona.

– Me dê essa gravura.

– Ela está naquele livro do qual lhe falei. Aquele de Oxford. – Estendi a gravura com relutância.

– Parece pesada – ela disse com um ar preocupado enquanto caminhava na direção da janela. Virou a gravura e angulou a página de diversas maneiras. – Mas não estou vendo nenhuma palavra. Claro que isso não é de espantar. Se esta página foi retirada do livro é porque pertence a ele, então a magia está seriamente danificada.

– Será que foi por isso que vi as palavras se movimentando com tanta

rapidez?

Sarah balançou a cabeça.

– É bem provável. Elas estavam procurando por esta página, mas não a encontraram.

– Páginas, melhor dizendo. – Era um detalhe que eu não tinha contado para Matthew.

– O que quer dizer com "páginas"? – Matthew se aproximou de minha poltrona e partículas de gelo resvalaram no meu rosto.

– Essa não é a única página que está faltando no Ashmole 782.

– Quantas mais foram removidas?

– Três – sussurrei. – Faltavam três páginas no manuscrito. Eu vi as pontas. Isso não me pareceu importante na ocasião.

– Três. – A voz de Matthew soou vazia, mas parecia que ele estava prestes a partir alguma coisa ao meio com as próprias mãos.

– Que diferença faz se faltam três ou trezentas páginas? – Sarah ainda tentava detectar as palavras ocultas. – A magia continua quebrada.

– Isso porque há três tipos de criaturas sobrenaturais. – Matthew tocou delicadamente no meu rosto para me fazer ver que não estava zangado comigo.

– Se nós só temos uma das páginas... – raciocinei em voz alta.

– Quem estará com as outras? – concluiu Em.

– Que diabo! Por que Rebecca não nos falou nada? – Sarah também parecia prestes a destruir alguma coisa. Emily tirou a gravura das mãos dela e colocou-a na antiga mesinha de chá.

Matthew retomou a leitura.

– *"Seu pai diz que você terá que viajar para longe para descobrir o segredo. Não posso dizer mais nada porque esta carta poderá cair em mãos erradas. Mas sei que você acabará descobrindo."*

Ele estendeu a folha para mim e começou a ler a outra.

– *"A casa não lhe entregaria esta carta se você não estivesse pronta. Isso*

significa que você também já sabe que foi encantada por mim e seu pai. Sarah ficará furiosa, mas era a única forma de protegê-la da Congregação antes que o homem das sombras estivesse com você. Ele vai ajudá-la com a sua magia. Sarah dirá que isso não é problema dele porque ele não é um Bishop. Ignore-a."

Sarah bufou e lançou um olhar fulminante para o vampiro.

– *"Já que você o amará como nunca amou ninguém, amarrei a sua magia aos sentimentos que você tem por ele. Mesmo assim, só você será capaz de fazê-la se manifestar. Desculpe pelos ataques de pânico. Não me ocorreu mais nada senão isso. Às vezes você é brava demais para o seu próprio bem. Boa sorte no aprendizado dos seus feitiços... Sarah é uma perfeccionista."*

Matthew sorriu.

– Sua ansiedade sempre me pareceu estranha.

– Estranha como?

– Depois que nos conhecemos na biblioteca tornou-se quase impossível fazê-la entrar em pânico.

– Mas entrei em pânico quando você saiu da neblina lá perto da casa de barcos.

– Você se espantou. Seus instintos não a fizeram gritar de medo pela minha presença, em vez disso você se aproximou de mim.

Ele beijou a minha cabeça e se voltou para a última folha.

– *"É difícil terminar esta carta quando tenho tanta coisa no coração para dizer. Os últimos sete anos foram os mais felizes da minha vida. Eu não abriria mão de um só momento da nossa preciosa vida com você, um oceano de poder e uma vida longa nada valem sem você. Não sabemos qual deusa confiou você para nós, mas não houve um único dia que não tivéssemos agradecido a ela por isso."*

Sufoquei um soluço, mas não pude sufocar as lágrimas.

– *"Não posso protegê-la dos desafios que terá que enfrentar. Você*

viverá a perda e o perigo, mas também muitas alegrias. Talvez duvide dos seus instintos nos anos que estão por vir, mas os seus pés têm trilhado esse caminho desde que você nasceu. Nós soubemos disso quando você nasceu empelicada. Desde então você permaneceu entre um mundo e outro. Você é assim, e assim será o seu destino. Não deixe que ninguém o tire de você."

– O que é nascer empelicado?

– É quem nasce envolto pela bolsa amniótica ainda intacta. Isso é sinal de sorte – disse Sarah.

Matthew envolveu a minha nuca com uma das mãos.

– O âmnio não se associa apenas à sorte. No passado, sinalizava o nascimento de um grande vidente. Alguns acreditavam que também era um sinal de que a criança se tornaria um vampiro, um lobisomem ou uma bruxa. – Ele lançou um sorriso torto para mim.

– Onde está ele? – perguntou Emily para Sarah.

Eu e Matthew viramos a cabeça ao mesmo tempo.

– O quê? – perguntamos em uníssono.

– Os âmnios contêm um grande poder. Stephen e Rebecca o guardariam.

Nós quatro olhamos para a fenda no lambri. Um catálogo telefônico aterrissou na lareira com um baque, espalhando uma nuvem de poeira na sala.

– Como se pode guardar um âmnio? – perguntei em voz alta. – Numa pequena sacola ou coisa parecida?

– Tradicionalmente, pressiona-se uma folha de papel ou um pedaço de pano no rosto da criança para que o âmnio grude nela. E depois se guarda o papel ou o pano – disse Em.

Todos os olhos se voltaram para a página do Ashmole 782. Sarah pegou a folha e observou-a atentamente. Murmurou algumas palavras e observou mais um pouco.

– Tem alguma coisa estranha nessa figura, mas não é o âmnio de Diana,

ele não está nesta folha.

Foi um alívio. Se estivesse, seria estranho demais.

– E então, isso é tudo ou há mais segredos que a minha irmã gostaria de dividir conosco? – disse Sarah com mordacidade. Matthew franziu a testa. – Desculpe-me, Diana – ela acrescentou com um murmúrio.

– Falta pouco. Consegue aguentar, *mon coeur*?

Eu o peguei pela mão e assenti. Ele se empoleirou em um dos braços da poltrona que rangeu ao receber o peso.

– *"Não seja muito dura consigo mesma na jornada à frente. Mantenha a cabeça no lugar e confie nos seus instintos. Isso não é muito como conselho, mas é tudo que sua mãe pode dar. Para nós foi muito difícil abandoná-la, mas a única alternativa que nos restou foi perdê-la para sempre. Perdoe-nos. Se erramos com você foi porque a amamos demais. Sua mãe."*

Fez-se um silêncio absoluto na sala e até a casa prendeu a respiração. Um som de perda se iniciou dentro de mim e logo uma lágrima verteu do meu olho. A lágrima foi crescendo até ficar maior que uma bola de beisebol, e depois se esborrachou no chão. Minhas pernas pareciam líquidas.

– Lá vem ela – disse Sarah.

Matthew largou a carta, tirou-me da poltrona e saiu comigo no colo pela porta da frente. Colocou-me de pé no caminho de entrada, e os dedos dos meus pés se agarraram ao solo. A água-de-bruxa se esparramou inofensivamente pelo chão enquanto as minhas lágrimas fluíam. Alguns instantes depois Matthew se pôs atrás de mim e me enlaçou pela cintura. Seu corpo me escudou do resto do mundo e relaxei encostada em seu peito.

– Deixe tudo fluir – ele murmurou no meu ouvido.

A água-de-bruxa estancou, deixando atrás uma dolorosa sensação de perda que nunca se dissiparia de todo.

– Eu queria tanto que eles estivessem aqui – eu disse, caindo em

prantos. – Eles saberiam o que fazer.

– Sei que você sente falta deles. Mas na verdade eles não sabiam o que fazer. E como todos os pais, se esforçaram o máximo possível, minuto a minuto.

– Mamãe o viu e também viu o que a Congregação podia fazer. Ela era uma grande vidente.

– E um dia você também será. Até lá teremos que lidar com as coisas sem saber o que o futuro nos reserva. Mas somos parceiros. Você não precisa lutar sozinha.

Quando voltamos para dentro de casa, Sarah e Em ainda esquadrinhavam a folha do manuscrito. Anunciei que faria um outro bule de chá e um outro de café e Matthew me seguiu até a cozinha, mesmo com vontade de dar uma outra olhada na gravura.

A cozinha, como sempre, parecia uma zona de guerra. Por tudo quanto é canto se via louça suja. Arregacei as mangas para enfrentar a pia depois que coloquei a chaleira no fogo e o café na cafeteira.

O celular tocou no bolso de Matthew. Ele ignorou-o enquanto colocava mais lenha na lareira.

– É melhor atender – eu disse espremendo detergente dentro da pia.

Ele tirou o celular do bolso e viu quem era. Pela expressão que fez era uma chamada que não queria atender.

– *Oui?*

Devia ser Ysabeau. Alguma coisa estava errada, alguém não estava onde se esperava que estivesse; não pude pegar todos os detalhes porque a conversa era muito rápida, mas Matthew estava visivelmente irritado. Ele vociferou algumas ordens e desligou o celular.

– Ysabeau está bem? – Mergulhei as mãos na água morna, torcendo para que não houvesse mais um problema.

As mãos de Matthew afastaram os meus ombros das minhas orelhas ao massagear os músculos contraídos.

– Ysabeau está bem. Está tudo bem com ela. Era o Alain. Ele está cuidando de alguns negócios da família e se viu numa situação inesperada.

– Negócios? – Peguei a esponja e comecei a lavar a louça. – Cavaleiros de Lázaro?

– Sim. – Ele foi lacônico.

– Quem é Alain? – Coloquei um prato limpo no secador de louças.

– Ele começou como escudeiro do meu pai. Philippe não conseguia fazer nada sem ele, nem na guerra nem na paz, então Marthe o transformou em um vampiro. Alain conhece todos os segredos da irmandade. Quando o meu pai morreu, ele transferiu a lealdade que lhe dedicava para mim. Telefonou para avisar que a minha mensagem não agradou a Marcus.

Olhei para Matthew.

– Foi aquela mensagem que você deu para Baldwin no La Guardia?

Ele assentiu.

– Estou sendo um estorvo para a sua família.

– Isso não é mais um assunto da família Clermont, Diana. Os Cavaleiros de Lázaro dão proteção aos que se encontram indefesos. Marcus sabia disso muito bem quando aceitou ser um cavaleiro.

O celular de Matthew tocou novamente.

– E desta vez é o Marcus – ele disse com a cara amarrada.

– É melhor falar em particular. – Apontei com o queixo para a porta. Ele me beijou no rosto e apertou a tecla verde do celular enquanto se dirigia para o jardim.

– Marcus – disse com desconfiança, fechando a porta atrás de si.

Continuei lavando a louça com movimentos suaves e repetitivos.

– Cadê o Matthew? – Sarah e Em surgiram à soleira da porta da cozinha de mãos dadas.

– Está lá fora, falando com a Inglaterra. – Apontei na direção da porta dos fundos.

Sarah pegou uma caneca no armário e pelas minhas contas era a quarta

daquela manhã, e serviu-se de café fresco. Emily pegou o jornal. Os olhos das minhas tias faiscavam de curiosidade. Por fim, a porta dos fundos se abriu e se fechou. Esperei pelo pior.

– Como está Marcus?

– Ele e Miriam estão vindo para Nova York. Eles têm uma coisa para falar com você. – Uma nuvem negra cobriu o rosto de Matthew.

– Comigo? O que será?

– Ele não quis dizer.

– Talvez não queira que você fique apenas com bruxas por companhia. – Sorri e um pouco da tensão no rosto dele relaxou.

– Estarão aqui ao anoitecer. Farei uma reserva para eles naquele hotel que vimos na cidade quando viemos para cá. Eu os verei hoje à noite. Eles podem esperar até amanhã para falar com você. – Ele olhou com um ar preocupado para Sarah e Em.

Olhei de novo para a pia.

– Telefone para eles, Matthew. Talvez venham direto para cá.

– Eles não vão perturbar ninguém – ele disse suavemente. Não queria aborrecer Sarah e o resto das Bishop levando mais dois vampiros para a casa. Mas a minha mãe jamais permitiria que Marcus ficasse num hotel depois de uma viagem tão longa.

Marcus era filho de Matthew, logo também era meu filho.

Meus dedos formigaram e a caneca que eu estava lavando escapuliu das minhas mãos. Borbulhou na água por alguns segundos e afundou.

– Nenhum filho meu se hospedará em hotel algum. Ele tem que ficar com a família dele aqui na casa dos Bishop, e Miriam não pode ficar sozinha. Os dois ficarão aqui e ponto final – falei com firmeza.

– Filho? – perguntou Sarah com um fiapo de voz.

– Marcus é filho de Matthew, logo também é meu filho. Isso o torna um Bishop e esta casa pertence a ele tanto quanto pertence a você, a mim e a Em. – Olhei para elas apertando as mangas da minha blusa com as mãos

molhadas e trêmulas.

Vovó atravessou o corredor para ver o que estava acontecendo.

– Você me ouviu, vovó? – gritei.

Acho que todos a ouviram, Diana, ela respondeu com uma voz farfalhante.

– Ótimo. Então, nada de gracinhas. E isso vale para cada Bishop desta sala, vivo ou morto.

A casa abriu as portas da frente e dos fundos, um gesto prematuro de acolhida, e ao mesmo tempo uma lufada de ar gelado entrou por todos os cômodos do térreo.

– Onde eles vão dormir? – resmungou Sarah.

– Sarah, eles não dormem. Eles são vampiros. – O formigamento nos meus dedos se intensificou.

– Diana, afaste-se da pia, por favor. A eletricidade, *mon coeur* – disse Matthew.

Apertei as mangas ainda mais. As extremidades dos meus dedos brilhavam azuladas.

– Já entendemos a mensagem – disse Sarah com rispidez enquanto olhava para as minhas mãos. – Já temos um vampiro na casa.

– Vou preparar um quarto para eles – disse Emily com um sorriso que pareceu genuíno. – Fico feliz pela oportunidade de conhecer o seu filho, Matthew.

Ele, que durante todo esse tempo se manteve encostado num armário antigo da cozinha, empertigou-se e caminhou na minha direção.

– Está bem. – Ele me afastou da pia e puxou a minha cabeça para debaixo do queixo dele. – Você venceu. Vou telefonar para Marcus e dizer que eles são aguardados aqui.

– Não diga que o chamei de filho. Talvez ele não queira uma madrasta.

– Vocês dois terão que resolver isso. – Matthew tentou dissimular a sua alegria.

– O que é tão engraçado? – Ergui o rosto, olhando-o.

– Depois de tudo que aconteceu nessa manhã, a sua única preocupação é se Marcus quer ou não uma madrasta. Você me deixa atordoado. – Ele balançou a cabeça. – Sarah, todas as bruxas são imprevisíveis assim ou isso só acontece com as Bishop?

Ela pensou um pouco para responder.

– Só com as Bishop.

Aninhei-me nos braços de Matthew e abri um sorriso agradecido para ela.

Uma turba de espectros rodeou as minhas tias e balançou a cabeça solenemente em assentimento.



Acabei de lavar a louça e recolhi com Matthew a carta da minha mãe, o misterioso bilhete e a folha do Ashmole 782, e levamos tudo para a sala de jantar. Espalhamos os papéis por cima de uma grande mesa desgastada pelo tempo. Era pouco usada porque não fazia sentido que duas pessoas se sentassem àquela mesa projetada para doze pessoas. Minhas tias se juntaram a nós com canecas fumegantes de café na mão.

Sarah e Matthew se debruçaram sobre a página do manuscrito alquímico.

– Por que é tão pesada? – disse Sarah, sentindo o peso da folha na mão.

– Não sinto nada de especial no peso, mas tem algo estranho no cheiro – disse Matthew, pegando uma folha das mãos de Sarah.

Ela deu uma cheirada na folha.

– Não tem não, é cheiro de papel velho.

– É mais do que isso. Conheço muito bem o cheiro de coisa velha – disse Matthew com um ar sarcástico.

Enquanto isso eu e Em nos interessávamos pelo enigmático bilhete.

– Já tem alguma ideia sobre o significado disso? – perguntei enquanto puxava uma cadeira para me sentar.

– Não estou certa – Em hesitou. – Geralmente sangue é indicativo de família, guerra ou morte. Mas o que significa ausência? Significaria que esta página está faltando no livro? Ou foi uma forma que os seus pais encontraram para avisar que estariam presentes enquanto você crescia?

– Olhe só a última linha. Será que os meus pais descobriram alguma coisa na África?

– Ou será que a descoberta das bruxas se refere a *você*? – sugeriu Em com um tom amável.

– Talvez a última linha esteja se referindo à descoberta do Ashmole 782 por Diana – intrometeu-se Matthew ainda com a gravura do casamento alquímico na mão.

– Se depender de você tudo se refere a mim e a esse manuscrito – resmunguei. – O bilhete menciona o tema da sua dissertação para a All Souls, medo e desejo. Não acha isso estranho?

– Não mais estranho que o fato de a rainha branca da gravura estar usando o meu brasão. – Ele colocou a ilustração à minha frente.

– Ela está representando o mercúrio, o princípio da volatilidade na alquimia – eu disse.

– Mercúrio? – Matthew pareceu admirado. – O metal de movimento perpétuo?

– Mais ou menos. – Sorri ao pensar na bola de energia que eu dera para ele.

– E quanto ao rei vermelho?

– Ele está no chão de um modo estável e firme. – Franzi a testa. – Pode-se também dizer que ele seja o sol, mas geralmente este não é representado com um traje preto e vermelho. Ele quase sempre aparece só de vermelho.

– Então, talvez eu não seja o rei e você não seja a rainha. – Ele delicadamente tocou a face branca da rainha com a ponta do dedo.

– Talvez – repeti pausadamente, e lembrei de uma passagem do manuscrito *Aurora* de Matthew: *"Que todos venham a mim e me escutem, todos os que habitam o mundo: meu amado, que é vermelho, chamou por mim. Ele procurou e me encontrou. Eu sou uma flor-do-campo, um lírio a crescer no vale. Eu sou a mãe do verdadeiro amor, e do medo, e do entendimento e da esperança abençoada."*

– O que é isso? – Matthew tocou a minha face. – Parece bíblico, mas as palavras não são de todo adequadas.

– É uma das passagens do casamento alquímico do *Aurora Consurgens*. – Nossos olhos se cruzaram. O ar começou a pesar e mudei de assunto. – O que meu pai quis dizer quando sugeriu que teríamos que viajar para bem longe para descobrir o significado da gravura?

– O selo veio de Israel. Talvez Stephen quisesse dizer que teríamos que ir até lá.

– Há muitos manuscritos alquímicos na Universidade Hebraica de Jerusalém. A maioria pertenceu a Isaac Newton. – A cidade não devia ser objeto de desejo de Matthew por tudo o que ele tinha vivido lá, isso sem mencionar os Cavaleiros de Lázaro.

– Aos olhos do seu pai Israel não se enquadraria nesse *viajar para longe* – disse Sarah sentada do outro lado da mesa. Em rodeou a mesa e sentou-se ao lado dela.

– E que lugar então se *enquadraria*?

– Os confins da Austrália. Wyoming. Mali. Eram os lugares que o seu pai escolhia para viajar no tempo.

Isso me abalou com a mesma intensidade de quando ouvi a palavra "encantada" alguns anos antes. Eu sabia que algumas bruxas e bruxos podiam transitar entre passado, presente e futuro, mas nunca pensei em perguntar se alguém da minha família tinha esse dom. Era um dom raro, tão raro quanto o fogo-de-bruxa.

– Stephen Proctor viajava no tempo? – A voz de Matthew assumiu a serenidade que sempre assumia quando o tema magia era mencionado.

Sarah assentiu.

– Sim. Stephen viajava ao passado ou ao futuro pelo menos uma vez por ano, geralmente depois da convenção anual dos antropólogos em dezembro.

– Tem alguma coisa por trás da carta de Rebecca. – Em inclinou o pescoço para ver o que a folha escondia.

Matthew rapidamente virou a folha.

– Eu a deixei de lado antes que a água-de-bruxa começasse aqui dentro e não percebi isso. Não é a letra da sua mãe – ele disse me passando a folha.

A caligrafia do bilhete escrito a lápis tinha curvas alongadas e traços acentuadamente verticais. "*Lembre-se, Diana, as maiores maravilhas que experimentamos são misteriosas. Toda arte e ciência verdadeiras têm a sua origem em tais maravilhas. Aquele para quem esse tipo de experiência causa estranhamento, aquele que não se detém para admirar e se extasiar em veneração, é como um morto cujos olhos já estão fechados.*" Eu já tinha visto aquela letra antes. Procurei imagens no fundo da memória sem êxito algum.

– Quem escreveria uma frase de Albert Einstein no verso do bilhete de mamãe? – perguntei para Sarah e Em, mostrando-lhes a folha e ainda intrigada com a familiaridade daquela letra.

– Parece a letra do seu pai. Ele teve umas aulas de caligrafia. Rebecca sempre debochava da letra dele. Depois das aulas a caligrafia dele ficou parecendo antiga.

Fui virando a folha bem devagar enquanto examinava a letra outra vez. Lembrava o estilo do século XIX, como a caligrafia dos compiladores de catálogos da Biblioteca Bodleiana no tempo da rainha Vitória. Fiquei ereta para olhar melhor e balancei a cabeça em negativa.

– Não, é impossível. – Não havia a menor chance de o meu pai ter sido um desses compiladores, ele não podia ter escrito o subtítulo do Ashmole 782 no século XIX.

Por outro lado, ele viajava no tempo. E a mensagem de Einstein me era inquestionavelmente significativa. Larguei a folha na mesa e comecei a pensar com a cabeça entre as mãos.

Matthew sentou-se ao meu lado e ficou à espera. Sarah se impacientou com um ruído e ele a silenciou com um gesto decidido. Só falei depois que a minha cabeça parou de rodar.

– Havia duas inscrições na primeira página do manuscrito. Uma, escrita a tinta por Elias Ashmole: *"Antropologia, ou um tratado com uma breve descrição do Homem."* A outra, escrita a lápis por outra pessoa: *"Em duas partes: uma, anatômica, outra, psicológica."*

– A segunda inscrição foi escrita muito mais tarde – observou Matthew. – Na época do Ashmole 782 não se empregava o termo "psicologia".

– Acho que ela data do século XIX. – Peguei o bilhete do meu pai. – Mas isso me faz pensar que papai foi o autor da segunda inscrição.

Fez-se silêncio na sala.

– Toque nas letras – sugeriu Sarah por fim. – Veja se dizem mais alguma coisa.

Passei levemente os dedos sobre as letras escritas a lápis. Brotaram da página imagens do meu pai debruçado sobre uma escrivaninha coberta de livros, com um sobretudo escuro de amplas lapelas e uma gravata preta larga. Logo surgiram outras imagens no estúdio da nossa casa, nas quais ele vestia o seu habitual casaco de veludo e escrevia um bilhete com um lápis nº 2 enquanto a minha mãe chorava de pé atrás dele.

– Foi ele mesmo. – Tirei os dedos da folha visivelmente trêmula.

Matthew segurou a minha mão.

– É bravura demais para um único dia, *ma lionne*.

– Mas não foi o seu pai que arrancou a folha do casamento alquímico do livro lá na Bodleiana – ponderou Em. – Então, o que ele estava fazendo lá?

– Stephen Proctor estava enfeitiçando o Ashmole 782 para que ninguém além de sua filha o solicitasse e o tirasse das prateleiras – disse Matthew, seguro de si.

– Foi por isso então que o feitiço me reconheceu. Mas por que não agiu da mesma maneira quando o solicitei pela segunda vez?

– Porque não precisava dele. Sim, você o *queria* – acrescentou Matthew com um sorriso torto quando abri a boca para protestar –, mas isso é

diferente. Lembre-se de que os seus pais amarraram a sua magia de modo que o seu poder não pudesse ser forçado nem mesmo por você. O feitiço do manuscrito não foi diferente.

– Eu só queria conferir um item da minha lista de tarefas quando solicitei o Ashmole 782 pela primeira vez. Só precisava disso. É difícil acreditar que algo tão insignificante tenha desencadeado tamanha reação.

– Sua mãe e seu pai não podiam prever tudo, não podiam prever que você seria uma historiadora especialista em alquimia e que trabalharia regularmente na Bodleiana. A Rebecca também viajava no tempo? – perguntou Matthew para Sarah.

– Não. Isso é muito raro, é óbvio, e a maioria dos adeptos das viagens no tempo tem um domínio completo da feitiçaria. Sem feitiços adequados e precauções igualmente adequadas o praticante pode parar em lugares indesejáveis, por mais poderoso que ele seja.

– Sim – disse Matthew secamente. – Posso imaginar uma porção de lugares onde muito pouca gente gostaria de estar.

– Rebecca fez isso com o Stephen algumas vezes, mas ele tinha que carregá-la. – Sarah sorriu para Em. – Lembra de Viena? Stephen decidiu que a levaria para valsar. Ele passou o ano todo pensando que tipo de chapéu ela usaria na viagem.

– Para viajar ao passado, você tem que estar com três objetos de uma determinada época. Isso o impede de se perder – disse Em. – E se quiser viajar ao futuro, tem que recorrer à feitiçaria porque é a única forma de se direcionar.

Sarah pegou a gravura do casamento alquímico, não mais interessada em viagens no tempo.

– E esse unicórnio aqui?

– Esqueça o unicórnio, Sarah – eu disse com impaciência. – Não acredito que papai quisesse que eu voltasse ao passado para pegar o manuscrito. Por acaso ele achava que eu viajaria no tempo e roubaria o

manuscrito antes que fosse enfeitiçado? E se eu me deparasse com Matthew por acidente? Claro que isso desencadearia uma confusão na continuidade do tempo-espaço.

– Ah, a relatividade. – A voz de Sarah soou com desprezo. – Uma explicação que só chega até aí.

– Stephen sempre dizia que viajar no tempo era como passar de um trem para o outro – disse Em. – Você sai de um trem e depois espera na estação até que haja um lugar em outro trem. Você parte do aqui e agora para viajar no tempo e fica fora do tempo até que haja um lugar em outro tempo para você.

– É parecido com a troca de vida dos vampiros – refletiu Matthew. – Deixa-se uma vida de lado e arranja-se uma morte, um desaparecimento, uma troca de residência, por uma outra vida. Vocês ficariam espantadas se soubessem com que facilidade as pessoas abandonam suas casas, seus trabalhos e suas famílias.

– Claro que alguém acaba sempre percebendo que um sujeito qualquer não é o mesmo de antes – protestei.

– Isso é ainda mais impressionante – admitiu Matthew. – Contanto que você escolha com cuidado, ninguém diz uma palavra. Alguns anos na Terra Santa, uma doença terminal, a possibilidade de perder uma herança são excelentes desculpas para que tanto as criaturas como os humanos façam vista grossa.

– Bem, se isso é ou não possível, o fato é que eu não posso viajar no tempo. Isso não está no relatório do meu DNA.

– Claro que você pode viajar no tempo. Já fazia isso na infância. – Sarah pareceu orgulhosa de contestar as descobertas científicas de Matthew. – Você tinha três anos quando fez isso pela primeira vez. Seus pais ficaram apavorados com o seu desaparecimento e acabaram chamando a polícia. Quatro horas depois eles a encontraram sentada na sua cadeirinha na cozinha, comendo uma fatia do seu bolo de aniversário.

Você devia estar com fome e voltou no tempo para a festa do seu próprio aniversário. Depois disso, toda vez que desaparecia, tentávamos imaginar em que tempo você estaria e depois você voltava. Você sempre desaparecia.

O meu espanto por imaginar uma criança viajando pelo tempo se dissipou quando me dei conta de que poderia solucionar qualquer dúvida histórica. Meu rosto se iluminou.

Matthew adivinhou o que se passava comigo e pacientemente ficou à espera para me impor limites.

– Apesar do desejo do seu pai, você não vai voltar ao ano de 1859 – disse com uma voz firme enquanto girava a cadeira de modo que eu ficasse de frente para ele. – O tempo não é algo com que deva se meter. Entendeu?

Jurei que me manteria no presente, mas ninguém me deixou um minuto a sós. Os três se revezaram em silêncio, com uma coreografia digna da Broadway. Em me seguiu até o segundo andar para mostrar onde as toalhas estavam, se bem que eu sabia perfeitamente que estavam no armário de roupas de banho. Quando saí do banheiro, Matthew se entretinha com o celular deitado na cama. Ele permaneceu no segundo andar quando desci para preparar uma caneca de chá porque sabia que Sarah e Em me esperavam na sala de jantar.

Peguei a lata de Marthe e me senti culpada porque tinha esquecido de preparar o chá no dia anterior, quebrando a promessa que lhe havia feito. Já determinada a tomar o chá, coloquei uma chaleira de água para ferver e depois abri a lata escura de metal. O aroma de arruda trouxe a desagradável lembrança do meu voo pelos ares com Satu. Apertei a tampa da lata, concentrei-me nos outros aromas e me vieram felizes lembranças de Sept-Tours. Senti saudade de suas paredes de pedra, de seus jardins, de Marthe, de Rakasa e até de Ysabeau.

– Onde conseguiu isso, Diana? – Sarah entrou na cozinha apontando para a lata.

– Fiz isso com Marthe.

– A governanta dele? A que fez o remédio para as suas costas?

– Ela mesma. *Marthe* é governanta de *Ysabeau* – enfatizei os nomes próprios. – Os vampiros também têm nome, exatamente como as bruxas. É melhor aprendê-los.

Sarah deu uma cheirada.

– Seria melhor ir ao médico para pegar uma receita, e não ficar dependendo apenas de remédios caseiros.

– O dr. Fowler será ótimo, se você quiser algo mais confiável – Em intrometeu-se na conversa. – Nem Sarah defende a contracepção por meio de ervas.

Dissimulei o meu atordoamento mergulhando o saquinho de chá na caneca, e mantendo a cabeça vazia e o rosto escondido.

– Este chá é excelente. Não preciso ir ao dr. Fowler.

– Verdade. Ainda mais se estiver se deitando com um vampiro. Eles não podem se reproduzir... não da maneira comum. Você só precisa evitar que os dentes dele cravem no seu pescoço.

– Sei disso, Sarah.

Mas eu não sabia. Afinal, por que Marthe tinha feito tanta questão de me ensinar a fazer um chá completamente desnecessário? Matthew tinha sido bem claro quanto a sua incapacidade de gerar filhos da maneira que todo sangue-quente gera. Desconsiderei a promessa para Marthe, despejei o líquido da caneca na pia e joguei o saquinho na lata de lixo. Coloquei a lata na prateleira superior do armário para deixá-la fora de vista.

A tarde terminava e, apesar das exaustivas ponderações sobre o bilhete, a carta e a gravura, nós ainda estávamos longe de compreender o mistério do Ashmole 782 e sua associação com meu pai. Minhas tias começaram a preparar o jantar. Enquanto Em refogava uma galinha, Sarah entornava o seu uísque e reclamava da quantidade de legumes e verduras na refeição. Matthew vagava estranhamente inquieto ao redor da bancada da cozinha.

– Venha – disse pegando a minha mão. – Você está precisando se

exercitar.

Ele é que estava precisando de ar puro, não eu, mas a perspectiva de sair era tentadora. Fiz uma busca no armário dos fundos e encontrei um velho par de tênis. Estavam bem velhos, mas calçavam melhor que as botas de Sarah.

Fomos até o pomar de macieiras e lá Matthew me tomou nos braços e me imprensou contra o velho tronco de uma árvore. Ficamos abrigados debaixo de um dossel de ramagem fora do campo de visão da casa.

Mesmo tendo sido pega por uma armadilha, não reagi com um vento-de-bruxa. Mas fui envolvida por um turbilhão de outras emoções.

– Deus do céu, como esta casa é movimentada – ele disse antes de uma longa pausa, e depois me beijou na boca.

Era a primeira vez que ficávamos muito tempo juntos desde que ele tinha voltado de Oxford. Era como se uma vida inteira tivesse passado em alguns dias. Ele insinuou a mão por baixo do cós do meu jeans e tocou na minha pele com seus dedos frios. Estremeci de prazer e ele me puxou ainda mais e tocou nas curvas redondas dos meus seios com a outra mão. Nossos corpos já estavam colados, mas ele continuou procurando outros meios de nos conectarmos.

Por fim, só restou uma possibilidade. Por um momento achei que Matthew consumiria o nosso casamento à moda antiga – de pé ao ar livre e no frenesi do desejo físico. Mas ele retomou o controle e recuou.

– Dessa maneira não – disse bruscamente com os olhos enegrecidos.

– Não me importo. – Eu o puxei de volta ao meu corpo.

– Pois eu, sim. – Ele soltou um suspiro abafado. – Será melhor ficar sozinho com você e não cercado de gente quando fizermos amor pela primeira vez. E pode acreditar que não me contentarei com alguns momentos fugazes como agora.

– Eu também quero você, e olhe que sou conhecida pela impaciência.

Ele abriu os lábios com um sorriso e emitiu um suave som de satisfação.

Em seguida pressionou a base do meu pescoço com o dedo polegar e fez o meu sangue saltar. Colou os lábios onde tinha tocado com o polegar e roçou com doçura ao longo da vitalidade que pulsava sob a superfície do meu corpo. Rastreou a veia lateral do meu pescoço enquanto subia até a orelha.

– Adoro quando reconheço os pontos onde você gosta de ser tocada. Como este. – Beijou atrás da minha orelha. – E este. – Deslizou os lábios pelas minhas pálpebras e me fez gemer de prazer. – E mais este. – Tocou no meu lábio inferior.

– Matthew – implorei com os olhos e um suspiro.

– O quê, *mon coeur*? – Ele me olhou fascinado quando trouxe sangue fresco à superfície com um toque.

Eu o puxei para junto do meu corpo sem responder e sem me importar com o frio e com a crescente escuridão e a aspereza do tronco às minhas costas. Ficamos assim até que Sarah gritou lá da varanda.

– Vocês não estão muito longe, estão? – A pergunta cruzou o jardim. – Isso não se classifica como exercício.

Sentindo-me como uma adolescente flagrada enquanto namorava no carro, ajeitei a blusa e saí andando para a casa. Matthew me seguiu com uma risadinha.

– Você parece satisfeito – comentou Sarah quando ele entrou na cozinha. Ali de pé debaixo das lâmpadas Matthew era um vampiro sem tirar nem pôr e, ainda por cima, satisfeito. Ele já não estava com um olhar inquieto, e fiquei feliz por isso.

– Deixe-o em paz. – A voz de Em se mostrou estranhamente cortante. Ela estendeu a travessa da salada para mim, apontando para onde geralmente fazíamos as refeições. – Nós também desfrutamos daquelas macieiras quando Diana era criança.

– Hmph – grunhiu Sarah. Ela pegou três copos de vinho e os exibiu para Matthew. – Sobrou mais daquele vinho, Casanova?

– Eu sou francês, Sarah, não italiano. E sou um vampiro. Sempre tenho vinho – ele disse com um sorriso malicioso. – E o vinho não vai acabar. Marcus trará mais. Embora ele não seja francês, aliás, nem italiano, a educação o compensa por essa falta.

Sentamo-nos à mesa, e as três bruxas começaram a devorar a galinha e as batatas preparadas por Em. Tabitha sentou-se ao lado de Matthew e de vez em quando enrolava o rabo peludo nos pés dele em escandaloso flerte. Ele não deixou que o copo de Sarah esvaziasse, enquanto eu bebia com mais parcimônia. Em insistiu em perguntar se Matthew queria provar algum prato, mas ele declinou.

– Não estou com fome, Emily, mas obrigado.

– *Gostaria* de comer alguma coisa em especial?

– Nozes – respondi por ele. – Se quiser agradá-lo com um petisco, dê-lhe nozes.

Em hesitou.

– E quanto à comida crua?

Ele segurou a minha mão e apertou-a com carinho antes que eu respondesse.

– Se quiser me alimentar, carne crua seria ótimo. Eu também gosto de sopa, mas sem verduras nem legumes.

– Seu filho e a amiga dele comem a mesma coisa, ou isso é uma preferência sua?

Só então entendi a impaciência de Matthew diante das minhas primeiras perguntas sobre o seu estilo de vida e seus hábitos alimentares.

– É o alimento típico de um vampiro quando está entre os sangues-quentes. – Ele soltou a minha mão e se serviu de mais vinho.

– Com tanto vinho e tantas nozes, você deve andar de bar em bar – comentou Sarah.

Em abaixou o garfo e olhou fixamente para ela.

– O que foi? – perguntou Sarah.

– Sarah Bishop, eu nunca a perdoarei se nos constranger na frente do filho de Matthew.

Comecei a rir e o riso explodiu em uma gargalhada. Sarah foi a primeira a se juntar a mim, seguida por Em. Matthew sorriu meio sem jeito, como se estivesse num asilo de loucos, mas a educação o impediu de qualquer comentário.

Depois da sessão de risadas, ele se voltou para Sarah.

– Posso usar a despensa para analisar os pigmentos na gravura do casamento alquímico? Talvez esses pigmentos nos digam onde e como a ilustração foi feita.

– Não remova nada dessa gravura. – A historiadora dentro de mim se horrorizou com a ideia.

– A gravura não vai sofrer dano algum – ele disse amavelmente. – Sei como analisar pequenas peças de evidência.

– Não! É melhor deixar a gravura em paz até sabermos com o que estamos lidando.

– Não seja tão cabeça-dura, Diana. Além do mais, é um pouquinho tarde para isso, já que foi você quem devolveu o livro. – Sarah levantou-se com os olhos brilhando. – Vamos ver se o livro de receitas pode ajudar.

– Ora, ora, ora – disse Em entre dentes. – Agora sim, Matthew, você faz parte da família.

Sarah sumiu dentro da despensa e voltou com um livro de capa de couro do tamanho de uma Bíblia doméstica na mão. Guardava todo o conhecimento e a tradição da família Bishop, e passara de bruxa para bruxa durante aproximadamente quatrocentos anos. O primeiro nome que se lia no livro era o de Rebecca, acompanhado pela data de 1617 e escrito em letra floreada e redonda. Outros nomes constavam da primeira página dividida em duas colunas, assinados com tintas ligeiramente diferentes e ladeados por diferentes datas. A listagem de nomes e datas se estendia ao verso da página, com Susannahs, Elizabeths, Margarets, Rebeccas e Sarahs

dominando a lista. Minha tia nunca mostrava aquele livro para ninguém – nem mesmo para outras bruxas. Apenas os membros da família podiam ler o "livro de receitas" de Sarah.

– O que é isso, Sarah? – As narinas de Matthew se arreganharam por causa do cheiro de papel velho, ervas e fumaça que saiu do livro quando ela o abriu.

– É o primeiro grimório da família Bishop. – Ela apontou para o primeiro nome da lista. Esse aqui pertenceu a Rebecca Davies, avó de Bridget Bishop, e depois à mãe dela, Rebecca Playfer. Bridget passou o livro para sua primeira filha nascida na Inglaterra, por volta de 1650, fora do casamento. Na ocasião, Bridget ainda era adolescente, e deu o nome da avó e da mãe para a filha. Bridget não tinha condições de criar a menina e deixou-a com a família em Londres. – Sarah soltou um suave suspiro de desgosto. – Ela foi assombrada a vida inteira por comentários a respeito de sua imoralidade. Mais tarde a sua filha Rebecca se juntou a ela, e as duas trabalharam na taverna dela. Bridget já estava no seu segundo casamento e teve outra filha chamada Christian.

– Então, vocês descendem de Christian Bishop? – perguntou Matthew.

Sarah assentiu.

– Você quer dizer Christian Oliver, a segunda filha que Bridget teve no segundo casamento. Edward Bishop foi o terceiro marido de Bishop. Não, a nossa ancestral é Rebecca. Depois que Bridget foi executada, Rebecca mudou legalmente o seu sobrenome para Bishop. Rebecca era viúva e não havia marido para protestar. Foi um gesto desafiador.

Matthew me olhou longamente, como se querendo dizer que o desafio era um traço genético.

– Ninguém se lembra mais dos nomes que Bridget Bishop teve nos três casamentos – continuou Sarah. – Só se lembram do nome que ela usava quando foi acusada e executada por bruxaria. Desde então, as mulheres da família preservaram o sobrenome Bishop, independentemente do

sobrenome de casamento ou do sobrenome do pai.

– Li a respeito da morte de Bridget logo após o ocorrido – disse Matthew com tato. – Foi uma época sombria para as criaturas. A ciência parecia desvendar os mistérios do mundo, e mesmo assim os humanos mantinham a convicção de que viviam cercados por forças invisíveis. É óbvio que com razão.

– Bem, o conflito entre o que a ciência prometia e o que o senso comum alardeava como verdade resultou na morte de centenas de bruxas. – Sarah folheou as páginas do grimório.

– O que está procurando? – perguntei com a testa franzida. – Alguma bruxa restauradora de manuscritos? Se não for o caso, não terá muita ajuda de um livro de feitiços.

– Você não sabe o que há neste livro de feitiços, mocinha – retrucou Sarah com serenidade. – Nunca se interessou por ele.

Mordi os lábios.

– Ninguém vai estragar o manuscrito!

– Ah, achei. – Sarah apontou com um ar triunfante para o grimório. – Um dos feitiços de Margaret Bishop de 1780. Ela foi uma bruxa poderosa. *"Meu método para perceber obscuridades em papel ou tecido."* Começaremos por aqui. – Levantou-se com o dedo marcando o trecho.

– Se você manchar... – comecei a falar.

– Já disse isso duas vezes, Diana. Este feitiço é a vapor. Nada além de ar tocará em sua preciosa folha do manuscrito. Pare de criar caso.

– Eu vou pegar a folha – disse Matthew na mesma hora. Eu o fulminei com os olhos.

Em seguida ele voltou à sala de jantar, segurando a gravura com todo o cuidado, e foi com Sarah para a despensa. Minha tia falava pelos cotovelos e ele escutava com toda atenção.

– Quem podia imaginar, não é mesmo? – comentou Em balançando a cabeça, como se não podendo acreditar.

Eu e Em lavamos a louça do jantar e já íamos arrumar a sala de jantar, que por sinal mais parecia o cenário de um crime, quando dois faróis iluminaram o caminho de entrada.

– Eles chegaram. – Meu estômago se apertou.

– Vai dar tudo certo, querida. Eles são da família de Matthew. – Em apertou levemente o meu braço para me encorajar.

Cheguei à porta da frente quando Marcus e Miriam estavam saindo do carro. Miriam parecia sem jeito e deslocada enquanto esquadrinhava a fazenda e os arredores com ar de descrédito. Vestia um suéter marrom com as mangas enroladas até os cotovelos, uma minissaia e botas de cano alto. Marcus observava a arquitetura da casa enquanto farejava o ar que sem dúvida alguma exalava um odor de café e de bruxas, e vestia uma camiseta de um concerto de rock de 1982 e uma calça jeans.

A porta se abriu e os olhos azuis de Marcus encontraram os meus e piscaram.

– Oi, mamãe, chegamos!

– Ele falou para você? – perguntei furiosa, achando que Matthew não tinha atendido o meu pedido.

– Como assim? – Marcus franziu a testa, intrigado.

– Nada – balbuciei. – Oi, Marcus. Oi, Miriam.

– Olá, Diana. – Os finos traços de Miriam exibiram o seu costumeiro ar de reprovação.

– Bela casa. – Marcus se encaminhou para a escada da varanda. Ele tinha uma garrafa marrom nas mãos. Seu cabelo dourado e a brancura polida de sua pele cintilaram sob a luz da varanda.

– Entrem, sejam bem-vindos. – Eu o empurrei apressada para dentro de casa, torcendo para que ninguém passasse perto da casa e visse o vampiro no patamar da varanda.

– Como está, Diana? – Os olhos dele refletiram preocupação enquanto as narinas se moviam para captar o meu cheiro. Matthew tinha falado

para ele sobre La Pierre.

– Estou ótima. – Uma porta se abriu no andar de cima com um baque. – Sem gracinhas! Estou falando sério!

– Sobre o quê? – Miriam se deteve e seus cabelos negros ondulados nas pontas serpentearam sobre os ombros como cobras.

– Não é nada. Não se preocupem. – A casa suspirou depois que os dois vampiros entraram.

– Nada? – Miriam ouviu o suspiro e ergueu as sobrancelhas.

– Esta casa fica um pouco preocupada quando recebe visitas, só isso.

Miriam olhou para o segundo andar e farejou o ar.

– Quantas pessoas moram nesta casa?

Era uma pergunta simples para a qual não havia uma resposta simples.

– É um número incerto – eu disse laconicamente enquanto caminhava na direção da escada com uma grande sacola de lona na mão. – O que há nesta sacola?

– É a bagagem de Miriam. Deixa comigo. – Marcus pegou a sacola com o dedo indicador.

Subimos os degraus da escada para que eles conhecessem os aposentos. Em perguntou com todas as letras se os dois dividiriam a mesma cama. A princípio, ele pareceu chocado pela impropriedade da pergunta, mas logo começou a rir e assegurou que se eles não ficassem separados, ali pela manhã haveria um vampiro morto. Depois disso, vez por outra ele dava uma risadinha e dizia entre dentes:

– Marcus e Miriam. Que ideia!

Marcus ficou no quarto de hóspedes que um dia pertencera a Em, e alojamos Miriam no meu antigo quarto no sótão. Algumas pilhas de toalhas felpudas já estavam em cima das camas e mostrei onde ficava o banheiro. Não havia muita coisa a ser feita para os nossos hóspedes vampiros – não precisávamos oferecer comida nem um lugar para dormir, e nem a metade do conforto que outros hóspedes requeriam. Felizmente,

não houve aparições espectrais nem queda de pedaços do reboco, sinais que indicariam o desprazer da casa com a presença deles.

Claro que Matthew já sabia que o filho e Miriam haviam chegado, mas a despensa era isolada justamente para que Sarah permanecesse esquecida. Quando passei pela sala de estar com os dois vampiros, Elizabeth espiou por detrás da porta com os olhos arregalados de uma coruja.

– Vá procurar a vovó. – Voltei-me para Marcus e Miriam. – Desculpe, temos fantasmas na casa.

Marcus disfarçou a risada com uma tosse.

– Todos os seus ancestrais vivem com vocês?

Pensei nos meus pais e balancei a cabeça em negativa.

– Que pena – ele murmurou.

Em estava esperando na sala de TV com um sorriso largo e sincero.

– Você deve ser Marcus – disse estendendo a mão para ele. – Sou Emily Mather.

– Emily, esta é Miriam Shephard, colega de trabalho de Matthew.

Miriam deu um passo à frente. Miriam e Em eram fisicamente delicadas, no entanto Miriam parecia uma bonequinha de porcelana perto de Em.

– Bem-vinda, Miriam – disse Em abrindo um sorriso. – Vocês querem beber alguma coisa? Matthew abriu uma garrafa de vinho. – Ela se mostrou bem à vontade, como se fosse uma anfitriã habitual de vampiros. Marcus e Miriam declinaram.

– Cadê o Matthew? – perguntou Miriam, deixando claro suas prioridades. Observou os detalhes do novo ambiente com seus sentidos aguçados. – Posso ouvi-lo.

Conduzimos os dois vampiros até a velha porta de madeira que fechava o santuário particular de Sarah. Ambos continuaram farejando todos os cheiros da casa dos Bishop, o da comida, o das roupas, o das bruxas, o do café e o da gata.

Tabitha surgiu miando das sombras da lareira e olhando fixamente para Miriam como se as duas fossem inimigas mortais.

Miriam sibilou e Tabitha se deteve no meio do caminho. As duas se encararam, predador *versus* predador. Depois de um longo momento Tabitha desviou os olhos para se lamber. Um gesto que revelou um assentimento silencioso de que ela não era mais a única fêmea a dominar a casa.

– Esta é Tabitha – falei com uma voz débil. – Ela é apaixonada por Matthew.

Na despensa, Matthew e Sarah se debruçavam sobre uma panela que estava em cima do fogareiro elétrico com olhos ávidos. Das vigas do teto, pendiam ramos de ervas secas, e os antigos fornos de barro coloniais com ganchos de ferro sempre prontos para o uso esperavam por pesados caldeirões em suas pedras de carvão.

– A eufrásia é importantíssima. – A voz de Sarah soou como a de uma professora de colégio. – Ela abre a visão.

– Que cheiro horrível – comentou Miriam, franzindo o narizinho enquanto se aproximava da despensa.

Matthew amarrou a cara.

– Matthew – disse Marcus com frieza.

– Marcus – retrucou Matthew.

Sarah se empertigou e observou os mais novos membros da casa cujos corpos brilhavam. A luz difusa da despensa acentuava a palidez sobrenatural e o efeito assustador das pupilas dilatadas de ambos.

– Que a deusa nos acuda, como alguém pode achar que vocês são humanos?

– Isso sempre foi um mistério para mim – disse Miriam estudando Sarah com igual interesse. – Você também não passa despercebida com esse seu cabelo vermelho e esse seu cheiro de meimendro. Muito prazer, eu sou Miriam Shephard.

Eu e Matthew trocamos um longo olhar ao mesmo tempo em que tentávamos imaginar como Miriam e Sarah poderiam compartilhar o mesmo teto em paz.

– Bem-vinda ao lar das Bishop, Miriam. – Sarah apertou os olhos e Miriam respondeu na mesma moeda. Minha tia voltou-se então para Marcus. – Quer dizer que você é o garoto dele. – Pareceu impaciente com as formalidades sociais, como sempre.

– Sim, sou o filho de Matthew.

Marcus, que parecia estar diante de um fantasma, estendeu a garrafa marrom bem devagar.

– Sua homônima era curandeira como você. Depois da Batalha de Bunker Hill, Sarah Bishop me ensinou a consertar uma perna quebrada. Ainda faço o que aprendi com ela.

Dois pés calçados de maneira rústica desceram flutuando do sótão da despensa.

Espero que agora ele tenha mais força do que tinha antes, disse uma mulher que era a imagem cuspida e escarrada de Sarah.

– Uísque? – disse Sarah olhando agora com apreço para o meu filho e para a garrafa.

– Ela adorava uísque. Achei que você também gostaria.

Sarah Bishop assentiu.

– Você achou certo – disse minha tia.

– Como está indo a poção? – perguntei sem querer me intrometer naquela atmosfera de intimidade.

– Ficará descansando por nove horas – disse Sarah. – Depois a colocamos para ferver outra vez e passamos o manuscrito pelo vapor, e aí veremos o que há para ver. – Ela olhou para a garrafa de uísque.

– Que tal então uma pausa? Posso abrir isso para você – sugeriu Matthew apontando para a garrafa.

– Eu adoraria. – Sarah tirou a garrafa das mãos de Marcus. – Muito

obrigada, Marcus.

Ela desligou o fogareiro e tampou a panela, e em seguida todos saímos na direção da cozinha. Matthew serviu-se de um pouco de vinho, ofereceu para Marcus e Miriam que recusaram mais uma vez e serviu uma dose de uísque para Sarah. Eu mesma preparei o meu chá – um Lipton comprado no supermercado – enquanto Matthew fazia perguntas aos vampiros sobre a viagem e o andamento do trabalho no laboratório.

Não se ouvia qualquer traço de carinho na voz de Matthew, e nenhum indício de que ele estava feliz pela chegada do filho. Marcus se sustentava de forma desajeitada ora num pé ora no outro, sabendo que não era bem-vindo. Na esperança de desanuviar aquele clima pesado sugeri que fôssemos nos sentar na sala de TV.

– É melhor a gente ir para a sala de jantar. – Sarah ergueu o copo e fez um brinde ao seu novo e charmoso sobrinho-neto. – Mostraremos a carta para eles. Pegue a gravura da Diana, Matthew. Eles também precisam vê-la.

– Eles não ficarão muito tempo – disse Matthew com um ar discretamente reprovador. – Eles têm algo para dizer a Diana e voltam para a Inglaterra em seguida.

– Mas eles fazem parte da família – frisou Sarah aparentemente não se dando conta da tensão no ar.

Ela mesma resolveu pegar a gravura enquanto Matthew encarava o filho. E depois nos conduziu à sala de jantar. Eu, Matthew e Em nos agrupamos de um lado da mesa. Miriam, Marcus e Sarah, do outro. Já com todos acomodados, minha tia começou a falar sobre os acontecimentos da manhã. Cada vez que pedia um esclarecimento a Matthew, ele respondia visivelmente contrariado. Todos na sala, exceto Sarah, percebiam que Matthew não queria que Miriam e Marcus soubessem dos detalhes que eram narrados. Minha tia, por outro lado, continuou alegremente e terminou mencionando a carta da minha mãe e o

recado do meu pai. Matthew segurou a minha mão com força quando ela fez isso.

Miriam pegou a gravura do casamento alquímico. Depois de analisá-lo com atenção, voltou os olhos para mim.

– Sua mãe estava certa. É uma ilustração de você. E também do Matthew.

– Sei disso – falei olhando nos olhos dela. – Você sabe o que isso significa?

– Miriam? – disse Matthew, como se querendo silenciá-la.

– Nós podemos esperar até amanhã. – Marcus pareceu incomodado e se levantou da mesa. – Já está tarde.

– Ela já sabe – disse Miriam suavemente. – O que vem depois do casamento, Diana? Qual é o passo na transmutação alquímica que se segue à *conjunctio*?

A sala rodopiou e fez exalar o aroma das ervas do meu chá em Sept-Tours.

– *Conceptio*. – Comecei a tremer como gelatina enquanto escorregava de volta à cadeira com tudo ao redor escurecendo.



Enfiei a cabeça nos joelhos em meio a um completo pandemônio. Matthew pressionou a minha cabeça, e meus olhos se voltaram para a estamparia do velho tapete oriental debaixo dos meus pés. A certa distância, Marcus disse para Sarah que se ela se aproximasse de mim talvez o pai arrancasse a cabeça dela.

– É coisa de vampiro – ele acrescentou com suavidade. – Somos muito protetores com nossas esposas.

– Quando foi que eles se casaram? – perguntou Sarah um tanto atordoada.

Os esforços de Miriam para acalmar Em não foram nem de longe suaves.

– Nós chamamos isso de blindagem – soou a voz de soprano da vampira. – Já viu um falcão com a presa? É justamente isso que Matthew está fazendo.

– Você está dizendo que Diana é uma presa dele? Ele... não vai mordê-la, vai? – Em olhou de relance para o meu pescoço.

– Acho que não – disse Miriam devagar enquanto refletia sobre a pergunta. – Ele não está faminto, e ela não está sangrando. O risco é mínimo.

– Pare com isso, Miriam – disse Marcus. – Não há nada com que se preocupar, Emily.

– Já posso me sentar direito – resmunguei.

– Não se mexa. O fluxo de sangue ainda não voltou ao normal na sua cabeça. – Matthew tentou conter um rosnado, mas sem êxito.

Sarah deixou escapar um murmúrio abafado, sua suspeita de que Matthew sempre monitorava o suprimento do meu sangue se confirmava.

– Será que ele me deixa passar perto de Diana para pegar os resultados do DNA? – perguntou Miriam para Marcus.

– Isso depende do quão irritado ele está. Se você tivesse nocauteado a minha esposa dessa maneira, eu cortaria você em pedacinhos e a comeria no café da manhã. Se eu fosse você, trataria de ficar sentada e quietinha.

A cadeira de Miriam arranhou o assoalho.

– Correrei o risco. – Ela saiu como um raio.

– Maldição – disse Sarah entre dentes.

– Ela é incomumente rápida – assegurou-lhe Marcus. – Mesmo para uma vampira.

Matthew me fez sentar. Eu me mexi o mínimo possível, mas a minha cabeça explodiu e a sala rodou. Fechei os olhos e, quando os reabri, Matthew me olhava com um ar preocupado.

– Tudo bem com você, *mon coeur*?

– Só um pouco estupefata.

Ele pôs os dedos no meu punho para verificar a pulsação.

– Desculpe-me, Matthew – murmurou Marcus. – Não sei o que levou Miriam a se comportar assim.

– Você devia se envergonhar – respondeu o pai secamente, sem olhar para o filho. – Comece explicando o motivo dessa visita, e seja breve. – Uma veia na testa de Matthew pulsou.

– A Miriam... – Marcus começou a falar.

Matthew o interrompeu.

– Não perguntei para a Miriam. Perguntei para você.

– O que está havendo, Diana? – perguntou a minha tia com um ar desvairado. Marcus ainda a enlaçava pelos ombros.

– Miriam acha que a gravura alquímica tem a ver comigo e com Matthew – respondi com cautela. – Com uma etapa da criação da pedra

filosofal chamada *conjunctio* ou matrimônio. A etapa seguinte é a *conceptio*.

– *Conceptio?* – repetiu Sarah. – É o que estou pensando?

– Provavelmente. É um termo latino que significa concepção – disse Matthew.

Sarah arregalou os olhos.

– De filhos?

A minha cabeça já estava em outro lugar, folheando as ilustrações do Ashmole 782.

– A *conceptio* também estava faltando. – Olhei para Matthew. – Alguém está com ela, da mesma forma que estamos com a *conjunctio*.

Miriam entrou na sala com um ritmo impecável e um maço de folhas na mão.

– Para quem dou isso aqui?

Matthew olhou-a de um modo que desejei nunca mais testemunhar, e o rosto dela passou do branco ao cinza perolado. Ela estendeu os relatórios com um solavanco para ele.

– Você trouxe os resultados errados, Miriam. Estes pertencem a um homem – disse Matthew com impaciência enquanto observava as duas primeiras páginas.

– Estes resultados são de Diana – disse Marcus. – Ela é uma quimera.

– O que é isso? – perguntou Em. Quimera era uma fera mitológica cujo corpo era parte leão, parte dragão e parte cabra. Abaixei os olhos para ver se eu tinha um rabo entre as pernas.

– É um indivíduo com células que possuem dois ou mais de dois perfis genéticos diferentes. – Matthew olhou para a primeira página mal podendo acreditar.

– Isso é impossível. – Meu coração bateu mais forte. Ele me abraçou e colocou os resultados do teste na mesa à nossa frente.

– É raro, mas não impossível – ele disse olhando para as barras

cinzentas do gráfico com um ar sombrio.

– Acho que é SGD – disse Miriam ignorando o olhar admoestador de Marcus. – As amostras foram extraídas do cabelo dela. Recolhemos alguns fios numa colcha da Velha Cabana.

– Síndrome do gêmeo desaparecido – explicou Marcus para Sarah. – Rebecca teve problemas no início da gravidez? Algum sangramento? Risco de aborto?

– Não, acho que não. Mas Stephen e Rebecca não estavam aqui, eles estavam na África. Só voltaram aos Estados Unidos no final do primeiro trimestre da gravidez.

Até então eu não sabia que tinha sido concebida na África.

– Rebecca não continuaria lá se alguma coisa estivesse errada. – Matthew balançou a cabeça e contraiu os lábios com uma linha dura e firme. – Geralmente a SGD ocorre antes que as mulheres saibam que estão grávidas.

– Isso quer dizer que eu tinha uma gêmea e mamãe abortou a minha irmã?

– O seu irmão – disse Matthew apontando para os resultados com uma das mãos. – O seu gêmeo era do sexo masculino. Em casos como esse o feto viável absorve o sangue e os tecidos do outro. Isso acontece no início da gestação, e na maioria dos casos não há evidências do gêmeo desaparecido. O cabelo de Diana indica que ela pode possuir poderes não revelados nos outros resultados do DNA dela?

– Alguns... viajar no tempo, mudar de forma, adivinhação – respondeu Marcus. – Diana absorveu completamente quase todos os poderes.

– Meu irmão é que devia ter o dom de viajar no tempo, não eu – pensei pausadamente em voz alta.

Uma trilha de manchas fosforescentes marcou o movimento da minha avó que entrou na sala, tocou no meu ombro e sentou-se no extremo da mesa.

– Ele também devia ter uma predisposição genética para controlar o fogo-de-bruxa – disse Marcus balançando a cabeça. – Na amostra do cabelo não encontramos outros marcadores de magia elemental além do marcador de fogo.

– E você acha que a minha mãe sabia do meu irmão? – Percorri as barras em cinza, preto e branco com a ponta do dedo.

– Ah, sabia sim – disse Miriam com um ar confiante. – Você nasceu no dia da festa da deusa Diana. Por isso ela lhe deu esse nome.

– E daí? – Estremeci e tentei apagar a lembrança de quando me vi cavalgando por uma floresta pouco antes do fogo-de-bruxa, vestida de túnica e sandálias e com a estranha sensação de que portava um arco e flecha.

– A deusa da lua tinha um irmão gêmeo... Apolo. *"E o Leão logo criou o Sol, para se juntar a sua irmã Lua"* – Miriam recitou o poema alquímico com os olhos brilhando. Ela estava tramando alguma coisa.

– Você conhece "A Caça do Leão Verde".

– E também conheço os versos seguintes: *"Pela maravilha do casamento, o Leão os fará gerar um rei."*

– Do que ela está falando? – perguntou Sarah com raiva.

Miriam já ia responder quando Matthew balançou a cabeça. A vampira fechou a boca.

– O rei-sol e a rainha-lua, o enxofre e o mercúrio filosofais, casaram-se e conceberam um filho – falei para Sarah. – Na imagética alquímica, essa criança é hermafrodita e simboliza uma substância química mista.

– Em outras palavras, Matthew – interrompeu Miriam com impaciência –, o Ashmole 782 não se limita às origens, à evolução e à extinção. Ele também diz respeito à reprodução.

– Bobagem – eu ironizei.

– Diana, se você acha que isso não faz sentido, para mim é muito claro. Vampiros e bruxas podem se unir e gerar filhos. Assim como fazem outros

casais com diferentes parceiros. – Miriam se recostou na cadeira com ar triunfante e silenciosamente convidou Matthew para um debate.

– Mas os vampiros não podem se reproduzir biologicamente – interferiu Em. – Nunca serão capazes disso. E diferentes espécies também não podem se misturar dessa forma.

– As espécies mutam e se adaptam às novas circunstâncias – disse Marcus. – O instinto de sobrevivência por meio da reprodução é muito poderoso, tão poderoso que é capaz de desencadear mutações genéticas.

Sarah franziu a testa.

– Do jeito que você fala parece que estamos a um pulo da extinção.

– Talvez estejamos. – Matthew empurrou os resultados dos testes para o centro da mesa com as notas e a folha do Ashmole 782. – O número de filhos e de poderes das bruxas tem se reduzido muito. Os vampiros estão enfrentando dificuldades para encontrar sangues-quentes para o processo de renascimento. E os demônios estão mais instáveis que nunca.

– Ainda não entendi o que isso tem a ver com bruxas e vampiros gerando filhos – disse Em. – E se isso é possível, por que começaria por Matthew e Diana?

– Foi o que Miriam se perguntou quando viu os dois na biblioteca – disse Marcus.

– Sabe-se que os vampiros se comportam de maneira protetora com as presas e os parceiros. Mas outros instintos como caçar e se alimentar superam o de proteger. Os instintos protetores de Matthew por Diana se intensificaram demais – disse Miriam. – Por isso ele mergulha no ar para chamar a atenção dela, o que para um vampiro é como agitar a plumagem.

– Isso tem a ver com a proteção dos futuros filhos – disse Marcus para o pai. – Nada mais faz um predador chegar a esse ponto.

– Emily tem razão. Vampiros e bruxas são muito diferentes. Não posso ter filhos com Diana – disse Matthew com um tom cortante, olhando nos olhos de Marcus.

– Não estamos certos quanto a isso. Não completamente. Se pensarmos nos sapos cavadores. – Marcus apoiou os cotovelos na mesa e começou a estalar os dedos.

– Sapo cavador? – Sarah pegou a gravura do casamento alquímico e amassou ligeiramente a ponta do papel com os dedos.

– Espere um pouco. Nesta gravura, Diana é o leão, o sapo ou a rainha?

– É a rainha. Talvez também seja o unicórnio. – Marcus tirou a folha das mãos da minha tia com cuidado e retornou aos anfíbios. – Em algumas situações, a fêmea do sapo cavador acasala com uma espécie diferente de sapo, se bem que não muito diferente. A prole é beneficiada por novas características como, por exemplo, maior rapidez, e isso a ajuda a sobreviver.

– Vampiros e bruxas não são sapos cavadores, Marcus – retrucou Matthew com frieza. – E nem todas as mudanças resultantes são positivas.

– Por que você resiste tanto? – perguntou Miriam, impaciente. – O cruzamento entre as espécies *será* o próximo passo evolutivo.

– As supercombinações genéticas que ocorreriam se uma bruxa e um vampiro gerassem filhos é que poderiam acelerar o desenvolvimento evolutivo. Todas as espécies fazem esse tipo de salto. Suas próprias descobertas é que nos servem de argumento, Matthew – disse Marcus de forma apologética.

– Vocês dois ignoram a alta mortalidade associada às supercombinações genéticas. E estão muito enganados se acham que testaremos essas teorias com Diana. – A voz de Matthew soou de um modo perigosamente suave.

– Por ela ser uma quimera, e também AB negativo, é menos provável que aborte um feto metade vampiro. Ela é um receptáculo de sangue universal e seu organismo já absorveu um DNA estranho. Talvez ela tenha sido impelida até você pelas pressões da sobrevivência, tal como o sapo cavador.

– Isso não passa de um amontoado de conjeturas, Marcus.

– Diana é diferente, Matthew. Ela não é como as outras bruxas. – Os olhos de Marcus oscilaram entre mim e Matthew. – Você ainda não viu o relatório do DNA mitocondrial dela.

Matthew folheou as páginas. Sua respiração se fez um silvo.

A folha estampava inúmeros arcos brilhantes. No alto da folha Miriam tinha escrito em tinta vermelha "Clã Desconhecido", ladeado por um símbolo que parecia um *E* invertido angulado com um longo rabicho. Matthew fixou os olhos na primeira folha e depois na outra.

– Eu sabia que você questionaria os resultados e tratei de trazer material comparativo – disse Miriam com toda tranquilidade.

– O que é um clã? – Olhei atentamente para Matthew para saber o que ele estava sentindo.

– É uma linhagem genética. Por meio do DNA mitocondrial de uma bruxa em particular, nós conseguimos rastrear até uma das quatro mulheres ancestrais de cada bruxa que estudamos.

– Exceto vocês duas – disse Marcus para mim. – Você e Sarah não descendem de nenhuma dessas quatro mulheres.

– E o que isso significa? – Apontei para o *E* invertido.

– É um antigo glifo para *heh*, o número cinco hebraico – disse Matthew, dirigindo-se em seguida para Miriam. – Quão antigo é o clã?

Miriam pensou no que ia dizer.

– O clã Heh é antigo, independentemente da teoria de tempo mitocondrial que você levar em conta.

– Mais antigo que o clã Gimel? – perguntou Matthew, referindo-se ao termo hebraico correspondente ao número três.

– Sim – disse Miriam hesitando. – E adiantando a resposta para a sua próxima pergunta, digo que há duas possibilidades. O clã Heh pode ser uma outra linha de descendência do DNA mitocondrial de Lilith.

Sarah abriu a boca para fazer uma pergunta e a silenciei com um aceno de cabeça.

– Assim como o clã Heh pode descender do DNA mitocondrial de uma irmã de Lilith, o que significa que Diana tem um clã mãe como ancestral que não equivale às bruxas do DNA mitocondrial de Eva. Em ambos os casos, seria possível que sem Diana o clã Heh viesse a se extinguir nesta geração.

Estendi o envelope marrom da minha mãe para Matthew.

– Pode fazer um desenho disso? – Ninguém na sala entenderia a explicação sem uma ajuda visual.

Matthew desenhou dois diagramas. Um se parecia com uma cobra, e o outro se estendia como uma tabela de um torneio esportivo. Depois, apontou para a cobra.

– Estas são as sete filhas conhecidas da Eva mitocondrial... Segundo os cientistas, elas são as mais recentes ancestrais matrilineares de cada humano da Europa Ocidental. Cada mulher aparece no registro de DNA em diferentes pontos da história e em diferentes regiões do globo terrestre. No passado remoto, todas elas tiveram uma ancestral comum.

– Que poderia ser mtEva – eu disse.

– Sim. – Ele apontou para a tabela. – Isto é o que descobrimos sobre a descendência matrilinear das bruxas. Há quatro linhas de descendência, ou clãs. Foram numeradas na ordem que as descobrimos, mas a mulher que era mãe do clã Aleph, o primeiro clã que descobrimos, viveu até mais recentemente que as outras.

– Defina esse "mais recentemente", por favor – disse Em.

– Aleph viveu aproximadamente até sete mil anos atrás.

– *Sete mil* anos atrás? – repetiu Sarah mal podendo acreditar. – Mas a família Bishop só conseguiu rastrear as suas ancestrais até 1617.

– Gimel viveu aproximadamente há quarenta mil anos – disse Matthew com um ar taciturno. – Portanto, se Miriam estiver certa, se o clã Heh for mais velho, a ancestralidade de vocês vai muito mais longe.

– Minha nossa! – exclamou Sarah quase sem fôlego. – Quem é Lilith?

– A primeira bruxa. – Puxei o diagrama de Matthew para mais perto de mim ao me lembrar da misteriosa resposta que ele deu em Oxford quando lhe perguntei se estava à procura do primeiro vampiro. – Ou pelo menos a primeira bruxa de quem as bruxas modernas alegam descender matrilinearmente.

– Marcus é apaixonado pelos pré-rafaelistas e Miriam conhece a mitologia profundamente. Foram eles que escolheram os nomes – disse Matthew.

– Os pré-rafaelistas adoravam Lilith. Dante Gabriel Rossetti descreveu-a como a bruxa que Adão amou antes de Eva. – Os olhos de Marcus se fizeram sonhadores. *"E assim aconteceu. Tu o enfeitiçaste e o fizeste inclinar o pescoço. Amarraste o coração com um fio de cabelo dourado."*

– Este é o *Cântico dos Cânticos* – observou Matthew. – *"Tu partiste o meu coração, minha irmã, minha esposa, partiste o meu coração com um dos teus olhos e um fio do teu cabelo!"*

– Os alquimistas também gostavam dessa passagem – murmurei balançando levemente a cabeça. – Ela também está no *Aurora Consurgens*.

– Há outros relatos sobre Lilith que não são tão encantadores – disse Miriam com um tom sério que nos trouxe de volta à importância do assunto. – Nas antigas lendas ela é uma criatura da noite, deusa do vento e da lua e companheira de Samael, o anjo da morte.

– A deusa da lua e o anjo da morte tiveram filhos? – perguntou Sarah com os olhos aguçados em cima de nós. Era mais uma similaridade insólita entre as velhas histórias e os textos alquímicos e a minha relação com um vampiro.

– Sim. – Matthew tirou os relatórios das minhas mãos e os empilhou.

– Então, é por isso que a Congregação está preocupada – eu disse baixinho. – Pelo medo de que possam nascer crianças que não sejam genuinamente nem vampiros nem bruxas nem demônios, e sim mestiços. O que poderiam fazer?

– Quantas outras criaturas teriam estado na mesma situação que você e Matthew estão no decorrer dos anos que passaram? – perguntou Marcus.

– E quantas estarão agora? – acrescentou Miriam.

– A Congregação nem desconfia de que existem esses testes, e graças a Deus por isso. – Matthew empurrou a pilha de papéis para o centro da mesa. – Mas não há evidências de que Diana possa ter um filho meu.

– Por que então a governanta da sua mãe ensinou Diana a fazer aquele chá? – disse Sarah. – Ela acha que isso é possível.

Oh, querida, disse a minha avó com um ar simpático. *Lá vem merda no ventilador.*

Matthew ficou tenso e seu cheiro de especiarias se intensificou.

– Não entendi.

– Esse chá que Diana e Marthe... acho que é esse o nome dela... fizeram na França é todo composto de ervas abortivas e contraceptivas. Senti o cheiro logo que a lata foi aberta.

– Você sabia disso? – Matthew empalideceu de fúria.

– Não – sussurrei. – Mas não fez mal.

Ele se levantou e tirou o celular do bolso sem me olhar.

– Com licença, por favor – disse para Sarah e Em antes de sair da sala.

– Sarah, como você pôde fazer isso? – gritei para ela depois que a porta da sala fechou-se atrás dele.

– Ele tinha o direito de saber, e você também. Ninguém deve tomar um medicamento sem saber do que se trata.

– Você não tinha que falar para ele.

– Claro que não – disse Miriam com satisfação. – Você é que devia ter falado.

– Não se meta, Miriam. – Eu já estava perdendo o controle e minhas mãos formigaram.

– Eu já estou envolvida, Diana. Seu relacionamento com Matthew coloca em risco cada criatura desta sala. Isso vai mudar *tudo*, quer vocês

tenham filhos ou não. E agora Matthew colocou os Cavaleiros de Lázaro no meio – Miriam estava tão furiosa quanto eu. – Quanto mais criaturas sancionarem o relacionamento de vocês, mais chances de haver guerra.

– Não seja ridícula. Guerra? – As marcas deixadas por Satu queimaram as minhas costas, formigando de um modo agourento. – Guerras irrompem entre nações e não porque uma bruxa e um vampiro se amam.

– O que Satu fez com você foi um desafio. Matthew reagiu exatamente como eles esperavam: convocando a irmandade. – Miriam emitiu um ruído de repulsa. – Ele perdeu o autocontrole desde que você entrou naquela biblioteca. E na última vez que ele perdeu a cabeça por uma mulher, o meu marido morreu.

Fez-se um silêncio sepulcral na sala. Até vovó se assustou.

Comecei a repetir para mim mesma que Matthew não era um assassino. Mas ele matava para se alimentar, e também matava quando estava irado e assolado pelo instinto de posse. Eu sabia que tudo isso era verdade e mesmo assim o amava. E o que diria de mim mesma, amando aquela criatura do jeito que eu amava?

– Vá com calma, Miriam – advertiu Marcus.

– Não – ela rosnou. – Essa é a minha história. Não é a sua, Marcus.

– Conte-a, então – ele disse de forma concisa, agarrando a beira da mesa.

– Bertrand era o melhor amigo de Matthew. Quando Eleanor St. Leger foi morta, Jerusalém entrou em pé de guerra. Ingleses e franceses se engalfinharam. Ele convocou os Cavaleiros de Lázaro para resolver o conflito. O resultado é que quase fomos descobertos pelos humanos. – A voz de Miriam soou embargada. – Alguém tinha que pagar pela morte de Eleanor. Os St. Leger exigiam justiça. Eleanor tinha morrido nas mãos de Matthew, mas ele era o grão-mestre naquela época, como hoje. Meu marido assumiu a culpa... para proteger Matthew e a ordem. Foi decapitado por um carrasco sarraceno.

– Sinto muito, muito mesmo, Miriam, pela morte do seu marido. Mas eu não sou Eleanor St. Leger, e aqui não é Jerusalém. Já passou muito, muito tempo, e Matthew não é mais a mesma criatura.

– Pois para mim parece que foi ontem – retrucou Miriam com simplicidade. – Mais uma vez Matthew de Clermont deseja o que ele não pode ter. No fundo, ele não mudou.

Fez-se silêncio na sala. Sarah pareceu estarrecida. A história de Miriam confirmava suas piores suspeitas sobre os vampiros em geral, e sobre Matthew em particular.

– Talvez você continue fiel a ele, mesmo depois de conhecê-lo melhor – continuou Miriam com frieza. – Mas quantas criaturas mais ele terá que destruir por você? Você acha que Satu Järvinen escapará do destino de Gillian Chamberlain?

– O que houve com a Gillian? – perguntou Em elevando a voz.

Miriam abriu a boca para responder e os dedos da minha mão direita se fecharam por instinto. Em seguida o dedo indicador e o dedo médio apontaram para ela com um pequeno estalo. Ela segurou a garganta e emitiu um som gorgolejante.

Isso não foi bonito, Diana, disse a minha avó apontando o dedo para mim. *Você precisa se controlar, mocinha.*

– Fique fora disso, vovó... e você também, Miriam. – Olhei de cara feia para as duas e me voltei para Em. – Gillian está morta. Ela e Peter Knox enviaram a foto de mamãe e papai na Nigéria para mim. Foi uma ameaça e Matthew se sentiu na obrigação de me proteger. A proteção é instintiva nele, é como respirar. Tente perdoá-lo, por favor.

Em empalideceu.

– Matthew matou-a apenas porque ela *enviou uma foto*?

– Não só por isso – disse Marcus. – Fazia muitos anos que ela espionava Diana. Gillian e Knox invadiram e reviraram o apartamento dela na New College. Eles estavam à procura de alguma evidência de DNA para saber

mais sobre os poderes dela. Se tivessem descoberto o que nós já sabemos...

Talvez eu tivesse um destino bem pior do que a morte se Gillian e Knox tivessem sabido o que os meus exames mostraram. Mesmo assim, o fato de não ter sabido do incidente pela boca de Matthew era devastador para mim. Fechei os compartimentos da mente para repelir esses pensamentos. Minhas tias não precisavam saber que ele escondia coisas de mim.

Mas não pude escondê-las de vovó. *Oh, Diana,* ela sussurrou. *Você está certa do que está fazendo?*

– Eu quero todos vocês fora da minha casa. – Sarah se agitou na cadeira. – Você também, Diana.

Fez-se um tremor prolongado e lento no velho porão sob a sala de TV que se estendeu pelas tábuas do assoalho, subiu pelas paredes e sacudiu os vidros das janelas. A cadeira de Sarah foi empurrada bruscamente para a frente e ela ficou espremida contra a mesa. A porta que separava a sala de jantar da sala de TV se fechou com violência.

A casa detesta quando Sarah tenta assumir o controle, comentou a minha avó.

Minha cadeira foi puxada para trás e fui arremessada ao chão sem a menor cerimônia. Apoiei-me na beira da mesa para me levantar e já estava de pé quando mãos invisíveis rodopiaram o meu corpo e me empurraram pela porta da sala de jantar em direção à porta da frente da casa. A porta da sala de jantar bateu atrás de mim, trancando lá dentro duas bruxas, dois vampiros e um fantasma. Soaram ruídos abafados e indignados.

Outro fantasma que eu nunca tinha visto saiu caminhando da sala de estar e me deteve com um aceno. Ela usava um corpete tipo espartilho de bordado fino sobre uma saia escura encardida cuja bainha tocava o solo. Seu rosto era vincado pelas rugas da idade, mas o queixo empinado e o nariz alongado mostravam claramente que era uma Bishop.

Muito cuidado, filha. A voz dela era baixa e rouca. *Você é uma criatura da encruzilhada, não é daqui nem dali. A encruzilhada é um lugar perigoso*

para se estar.

– Quem é você?

Ela olhou para a porta da frente sem responder. A porta se abriu silenciosamente, sem os rangidos habituais. *Eu sempre soube que ele viria... e viria para você. Minha mãe me contou.*

Eu me senti dividida entre os Bishop e os Clermont, uma parte de mim queria voltar para a sala de jantar e a outra parte queria estar com Matthew. O espectro sorriu frente ao meu dilema.

Você sempre foi uma criança limítrofe, uma bruxa à margem. Mas não há caminho que não a leve até ele. Qualquer caminho escolhido, ali ele sempre estará.

Ela desapareceu, deixando um rastro fosforescente atrás de si. Vislumbrei o rosto e as mãos brancas de Matthew pela porta aberta, um borrão de movimento em meio à escuridão no final do caminho de entrada. A visão facilitou a minha decisão.

Saí da casa e cobri as mãos com as mangas da blusa para protegê-las do ar gelado. Ergui um pé para dar um passo... e, quando o apoiei no chão, Matthew já estava à minha frente e de costas para mim. Eu tinha feito todo o percurso do caminho com um único passo.

Ele estava falando em occitano de um modo furiosamente rápido. Ysabeau devia estar do outro lado da linha.

– Matthew – falei suavemente para não assustá-lo.

Ele se virou com um ar intrigado.

– Diana, eu não ouvi você.

– Não ouviu, não. Posso falar com Ysabeau? – Estendi a mão para pegar o celular.

– Diana, é melhor...

Nossas famílias estavam trancadas na sala de jantar, e Sarah queria nos expulsar da casa. Já tínhamos problemas demais para arrumarmos mais alguns com Ysabeau e Marthe.

– O que é mesmo que Abraham Lincoln dizia sobre as casas?

– *Uma casa dividida não se sustenta* – respondeu Matthew com um ar intrigado.

– Exatamente. Passe-me o telefone. – Ele o fez com relutância.

– Diana? – A voz de Ysabeau deixou transparecer uma estranha ponta de aflição.

– Seja lá o que Matthew tenha dito, saiba que eu não estou zangada com vocês. O chá não me fez mal algum.

– Muito obrigada – ela disse com alívio. – Eu estava tentando explicar a ele... só tivemos uma intuição, algo que nos fez lembrar de muito tempo atrás. No tempo em que Diana era a deusa da fertilidade. Seu cheiro me fez lembrar de um tempo em que as sacerdotisas ajudavam as mulheres a conceber.

Matthew cravou os olhos nos meus olhos em meio à escuridão.

– Você pode pedir desculpas a Marthe por mim?

– Faço isso, Diana. – Ela fez uma pausa. – Matthew me falou sobre os resultados dos seus testes e sobre as teorias de Marcus. Isso indica que ele está muito assustado, senão não teria nos contado sobre você. Não sei se choro de alegria ou de pesar pelas notícias.

– Ainda é cedo, Ysabeau... as duas coisas, quem sabe?

Ela soltou uma risadinha.

– Não será a primeira vez que iria chorar pelos meus filhos. Mas eu não abriria mão da dor se isso implicasse também abrir mão da alegria.

– Está tudo bem aí em casa? – As palavras escapuliram antes que eu pudesse perceber e deixaram os olhos de Matthew enternecidos.

– Casa? – O significado da expressão também não passou despercebido para Ysabeau. – Sim, está tudo bem por aqui. Só que a casa ficou muito... silenciosa depois que vocês dois partiram.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Apesar da acidez de Ysabeau, havia um toque maternal nela.

– Parece que as bruxas são mais barulhentas que os vampiros.

– Claro. A felicidade é sempre mais ruidosa do que a tristeza. Esta casa não tem abrigado muita felicidade. – A voz de Ysabeau tornou-se pungente. – Matthew me disse tudo que precisava ser dito. Só esperamos que o pior da raiva dele já tenha passado. Vocês cuidarão um do outro. – A última frase soou como definitiva. Isso era o que as mulheres da família dela, da minha família, faziam pelos entes queridos.

– Sempre. – Olhei para o meu vampiro cuja pele branca brilhava na escuridão e apertei a tecla vermelha que encerrava a ligação. Os campos do outro lado da casa cobriam-se de neve e minúsculos cristais de gelo refletiam o luar.

– Você também suspeitava? Foi por isso que não quis fazer sexo comigo? – perguntei para Matthew.

– Já lhe falei quais foram as minhas razões. Sexo tem a ver com intimidade, e não sou apenas desejo físico. – Ele pareceu frustrado por ter que repetir o que já tinha dito.

– Se não quiser ter filhos comigo, *entenderei* – eu disse enfaticamente, se bem que parte de mim protestou em silêncio.

Ele me pegou pelos braços com firmeza.

– Cristo, Diana, como pode pensar que não quero ter filhos com você? Mas isso pode ser perigoso, para você e para nossos filhos.

– Há sempre risco na gravidez. Ninguém controla a natureza.

– Não fazemos ideia de como seriam nossos filhos. E se eles herdassem a minha sede de sangue?

– Todos os bebês são vampiros, Matthew. Todos eles se alimentam do sangue das mães.

– Não é a mesma coisa, e você sabe muito bem disso. Faz muito tempo que deixei de lado a esperança de ter filhos. – Nossos olhos se encontraram em busca de confirmação de que nada tinha mudado entre nós. – Mas ainda é cedo para imaginar que posso perdê-la.

E eu não suportaria a ideia de perder os nossos filhos.

As palavras não ditas de Matthew soaram tão claras quanto o canto de uma coruja num galho por cima da minha cabeça. Ele nunca conseguiu superar a perda de Lucas. Uma perda muito mais intensa do que as mortes de Blanca e Eleanor. Quando perdeu Lucas, ele também perdeu uma parte de si que nunca seria recuperada.

– Então, você decidiu. Nada de filhos. Você está certo. – Apoiei as mãos no peito de Matthew para sentir a próxima batida do seu coração.

– Eu não estou certo de nada – ele disse. – Ainda não tivemos tempo para discutir isso.

– Então, teremos que tomar todas as precauções. Eu vou beber o chá de Marthe.

– Você terá que fazer mais do que isso – ele disse com um tom sombrio. – O chá é melhor que nada, mas não se compara à medicina moderna. De um jeito ou de outro, nenhuma forma de contracepção é eficaz quando se trata de bruxas e vampiros.

– Mesmo assim, tomarei as pílulas – assegurei.

– E você? – ele perguntou segurando o meu queixo para que eu não desviasse os olhos. – Quer ter filhos comigo?

– Nunca me imaginei como mãe. – Uma sombra cruzou o rosto dele. – Mas a ideia começa a fazer sentido agora que penso em ter filhos com você.

Ele soltou o meu queixo. Enlaçou-me pela cintura para me fazer encostar a cabeça no peito dele e nos calamos. O ar pesou e me dei conta do peso da responsabilidade. Ele era responsável por uma família, por um passado e pelos Cavaleiros de Lázaro – e agora, por mim.

– Você está preocupado com a possibilidade de não conseguir protegê-los – eu disse ao entender.

– Mal consigo protegê-la – ele disse bruscamente enquanto passava os dedos pela lua crescente que tinha sido gravada nas minhas costas.

– Não temos que decidir isso agora. Com ou sem filhos, já temos uma família e precisamos mantê-la unida. – O peso no ar se deslocou e fez cair um pouco de si sobre os meus ombros. Durante toda a vida eu tinha me virado sozinha, deixando de lado obrigações familiares e tradição. Mesmo naquele momento uma parte de mim queria readquirir a segurança da independência e deixar para trás aquela nova carga.

Ele olhou na direção da casa.

– O que aconteceu depois que eu saí?

– Ora, aquilo que você esperava. Miriam contou o que houve com Bertrand e Jerusalém, e deixou escapar algo sobre Gillian. Marcus revelou quem foram os arrombadores do meu apartamento. Afora isso, foi mencionado que poderíamos iniciar uma guerra.

– *Dieu,* por que não conseguem ficar de boca calada? – Ele passou as mãos pelo cabelo e disse com os olhos que lamentava muito por ter escondido tudo de mim. – Primeiro, achei que tudo tinha a ver com o manuscrito. Depois, achei que tinha a ver com você. E agora me surpreenderia a mim mesmo se conseguisse vislumbrar o que está *de fato* acontecendo. Algum segredo antigo e poderoso está se revelando e nós estamos presos nisso.

– Será que a estimativa de Miriam sobre as criaturas que se enredaram nesse tipo de trama está certa? – Olhei para a lua como se ela fosse responder a minha pergunta. Mas foi Matthew quem respondeu.

– Claro que não somos as primeiras criaturas que se apaixonam por quem não deveríamos e seguramente não seremos as últimas. – Ele me pegou pelo braço. – Vamos entrar. Teremos que dar algumas explicações.

A caminho de casa Matthew observou que as explicações são como os remédios, e que por isso seriam absorvidas com mais facilidade se fossem acompanhadas de líquidos. Entramos na casa pela porta dos fundos para pegarmos os suprimentos necessários. Ele manteve os olhos fixos em mim enquanto eu arrumava uma travessa.

– O que foi? – Olhei para ele. – Esqueci de alguma coisa?

Ele abriu um sorriso.

– Não, *ma lionne*. Só estou me perguntando se mereço uma esposa tão maravilhosa. Até para arrumar travessas, você é formidável.

– Não sou nada formidável – eu disse enquanto ajeitava o meu rabo de cavalo.

– É sim. – Ele sorriu. – Do contrário, Miriam não estaria no estado em que está.

Nós chegamos à porta que separava a sala de TV da sala de jantar pensando que ouviríamos o rumor de uma batalha lá dentro, mas só ouvimos sussurros.

– Achamos que vocês estariam com sede. – Coloquei a travessa na mesa.

Uma multidão de olhos – vampiros, bruxas e fantasmas – voltou-se em nossa direção. Um bando de Bishop farfalhava agitado atrás da minha avó para se adaptar à presença de vampiros na sala de jantar.

– Uísque, Sarah? – disse Matthew enquanto tirava um copo da travessa.

Ela lançou um olhar comprido para ele.

– Miriam disse que estaremos declarando guerra se aceitarmos o relacionamento de vocês. O meu pai lutou na Segunda Guerra Mundial.

– O meu também – retrucou Matthew, servindo o uísque. Ele também deve ter lutado, mas não disse nada.

– Papai sempre dizia que o uísque permite que você feche os olhos à noite sem sentir raiva de si mesmo pelo que fez de dia.

– Não garante isso, mas ajuda. – Matthew estendeu o copo.

Sarah o pegou.

– Você mataria o seu próprio filho se achasse que ele estava ameaçando Diana?

Ele assentiu.

– Sem pestanejar.

– Foi o que ele disse. – Ela acenou para Marcus. – Pegue um drinque

também. Não deve ser fácil saber que o próprio pai poderia matá-lo.

Matthew serviu uma dose para Marcus e um copo de vinho para Miriam. Eu servi uma xícara de café com leite para Em. Ela havia chorado e parecia mais frágil que de costume.

– Só não sei se consigo lidar com isso, Diana – sussurrou quando pegou a xícara. – Marcus disse quais eram os planos de Gillian e Peter Knox. Mas quando penso no que Barbara Chamberlain sentiu depois que ela perdeu a filha... – Em se encolheu e parou de falar.

– Gillian Chamberlain era uma mulher ambiciosa, Emily – disse Matthew. – Tudo o que ela queria era um assento na mesa da Congregação.

– Mas você não precisava matá-la – insistiu Em.

– Gillian era fervorosamente a favor da separação entre vampiros e bruxas. A Congregação nunca se convenceu de que tinha compreendido inteiramente os poderes de Stephen Proctor e encarregou-a de vigiar Diana. Ela não descansaria enquanto o Ashmole 782 e Diana não estivessem nas mãos da Congregação.

– Mas era só uma foto. – Em enxugou os olhos.

– Era uma ameaça. Eu tinha que fazer a Congregação entender que não ficaria de braços cruzados e não deixaria que eles pegassem Diana.

– Mas Satu fez isso – disse Em com um tom cortante que não lhe era habitual.

– Já basta, Em. – Estiquei-me e segurei a mão dela.

– E que negócio é esse de filhos? – perguntou Sarah gesticulando com o copo na mão. – Claro que vocês dois não querem correr esse risco, ou querem?

– Basta – repeti, levantando-me e batendo na mesa. Todos se sobressaltaram surpreendidos, menos Matthew e vovó. – Se estamos em guerra, isso não significa que estamos lutando por um manuscrito enfeitiçado ou pela minha segurança ou pelo nosso direito de casar e de ter

filhos. Esta guerra tem a ver com o futuro de todos nós. – Vislumbrei por alguns segundos um futuro com um potencial radiante que se espalhava em todas as direções. – Se os nossos filhos não derem os próximos passos evolutivos, esses passos serão dados pelos filhos de outros. E não será o uísque que me fará fechar os olhos e esquecer. Ninguém mais viverá um inferno como esse por um amor proibido. Não permitirei isso.

Vovó sorriu para mim com ternura.

Esta é a minha garota. Falou como uma Bishop.

– Não esperamos que ninguém mais lute conosco. Mas entendam de uma vez por todas: o nosso exército tem um general, o Matthew. E se não gostam, não se alistem.

No saguão de entrada, o velho relógio carrilhão começou a badalar a meia-noite.

A hora da bruxa. Vovó assentiu com a cabeça.

Sarah olhou para Em.

– E então, querida? Ficamos do lado de Diana e nos juntamos ao exército de Matthew ou ficamos na nossa sem tomar partido?

– Não entendi o que vocês querem dizer com a palavra guerra. Haverá batalhas? Seremos atacados por vampiros e bruxas? – perguntou Em para Matthew com uma voz trêmula.

– A Congregação acredita que Diana tem as respostas que eles tanto procuram. E não vão parar de persegui-la.

– Nem por isso eu e Matthew precisamos ficar aqui – eu disse. – Nós podemos sair daqui amanhã.

– Mamãe costumava dizer que a minha vida não valeria um centavo se eu me envolvesse com as Bishop – disse Em com um sorriso amarelo.

– Muito obrigada, Em. – O laconismo de Sarah não refletiu o sentimento que o semblante dela refletiu.

O relógio deu a décima segunda badalada. As engrenagens voltaram ao seu lugar, preparando-se para badalar a hora seguinte.

– Miriam? – disse Matthew. – Você vai ficar aqui ou vai voltar para Oxford?

– Meu lugar é junto aos Clermont.

– Agora Diana é uma Clermont. – A voz dele soou gelada.

– Já sei disso, Matthew. – Ela me olhou como se me avaliando. – Isso não acontecerá de novo.

– Que estranho – murmurou Marcus percorrendo a sala com os olhos. – No início, um segredo partilhado. E agora, três bruxas e três vampiros trocam votos de lealdade. Se tivéssemos um trio de demônios aqui, seríamos uma sombra da Congregação.

– Não sairemos atrás de demônios pelas ruas de Madison – disse Matthew com frieza. E aconteça o que acontecer, o que foi dito aqui ficará apenas entre nós seis, entendido? O DNA de Diana não é da conta de ninguém mais.

O eclético exército de Matthew assentiu em volta da mesa, perfilando-se atrás dele para combater um inimigo que não conhecia nem podia nomear.

Eu e Matthew subimos a escada após o tradicional boa-noite. Ele manteve o braço em volta de mim até o quarto porque eu mal me sustentava nas pernas. Enfiei-me debaixo das cobertas geladas tremendo de frio. Só parei de tremer quando nossos corpos se tocaram.

Dormi um sono profundo e só acordei uma vez. Os olhos de Matthew brilharam na escuridão, e ele me puxou de um modo que nos fez encaixar como duas colheres.

– Durma – disse beijando atrás da minha orelha. – Eu estou aqui. – Apalpou a minha barriga com a sua mão gelada, como se protegendo os filhos que ainda estavam por nascer.



Ao longo dos dias que se seguiram, o pequeno exército de Matthew aprendeu o primeiro requisito da guerra: os aliados não matam uns aos outros.

Foi muito difícil para minhas tias aceitar a presença de vampiros na casa, e foi um grande problema para os vampiros conseguir se adaptar. Com os fantasmas e o gato não foi diferente. Para que vampiros e sangues-quentes convivessem com tanta proximidade dentro de casa foi necessário bem mais do que nozes. No dia seguinte, Marcus e Miriam tiveram uma conversa com Matthew na frente da casa, e em seguida eles saíram no Range Rover. Algumas horas depois, retornaram com uma minigeladeira que estampava uma cruz vermelha e sangue e suprimentos médicos suficientes para abastecer o hospital de campo de um exército. Matthew solicitou a Sarah que reservasse um canto na despensa para servir de banco de sangue.

– É só por precaução – disse Matthew para ela.

– Para o caso de Miriam querer dar umas mordiscadas?

– Eu me alimentei antes de sair da Inglaterra. – Miriam fez questão de frisar enquanto deslizava os pezinhos descalços pelo piso de pedras para guardar os produtos.

Entre eles havia uma cartela de pílulas anticoncepcionais dentro de uma delicada caixa de plástico amarela com uma flor moldada à tampa. Matthew me deu a caixa na hora de dormir.

– Pode começar a tomá-las agora ou pode esperar alguns dias até chegar a sua menstruação.

– Como sabe o período da minha menstruação? – Minha última menstruação terminara na véspera do Mabon e tínhamos nos conhecido no dia anterior.

– Se fui capaz de saber que você planejava pular o cercado do padoque, acha mesmo que não saberia que você está prestes a menstruar?

– Você poderá ficar perto de mim quando eu estiver menstruada? – Peguei a caixa como se ela fosse explodir.

Matthew se mostrou surpreso e depois riu.

– *Dieu,* Diana. Não haveria uma mulher viva se eu não pudesse. Não é a mesma coisa.

Comecei a tomar as pílulas naquela noite.

À medida que nos adaptávamos a uma convivência mais próxima, desenvolviam-se novos padrões de atividade na casa – a maioria em torno de mim. Eu nunca ficava sozinha e sempre havia um vampiro a uns dez passos de mim. Eles se comportaram de maneira exemplar. Cerraram fileiras à minha volta.

O meu dia se dividia em períodos de atividade pontuados por refeições. Por insistência de Matthew, ocorriam em intervalos regulares para que eu pudesse me restabelecer por inteiro da experiência de La Pierre. Fazíamos ioga juntos entre o café da manhã e o almoço, e depois do almoço Sarah e Em tentavam me ensinar a fazer magia e feitiços. Vez por outra, eu me frustrava a ponto de querer arrancar os cabelos e Matthew me levava para caminhar antes do jantar. Depois que nós, os sangues-quentes, acabávamos de comer, todos nos reuníamos em volta da mesa na sala de TV para conversar sobre acontecimentos recentes e filmes antigos. Depois Marcus jogava xadrez com o pai enquanto eu e Em cuidávamos da louça.

Sarah, Marcus e Miriam tinham paixão por filmes *noir*. Sarah descobriu essa feliz coincidência quando durante uma de suas habituais crises de insônia desceu no meio da noite e encontrou Marcus e Miriam assistindo a *Fuga do passado*. Os três também partilhavam a mesma paixão por

palavras cruzadas e pipoca. Na hora em que o resto da casa acordava a sala de TV estava transformada em sala de cinema, e a mesa de centro, ocupada por um tabuleiro de jogo de palavras cruzadas, uma vasilha rachada com peças correspondentes às letras e dois dicionários velhos.

Miriam se revelou um gênio nas palavras arcaicas com dez letras.

– Manselinha! – exclamou Sarah certa manhã quando desci para tomar o café da manhã. – Que raio de palavra é essa? Se você está se referindo a alguma dessas guloseimas que se comem nos acampamentos com *marshmallows* e biscoitinhos, soletrou errado.

– Significa "manso, suave" – explicou Miriam. – É o que fazemos com a lareira para fazer o fogo arder em brasa durante a noite toda. Nós a deixamos manselinha. Pode conferir se não acredita em mim.

Sarah saiu resmungando até a cozinha para tomar um café.

– Quem está ganhando? – perguntei.

– Você precisa mesmo perguntar? – A vampira sorriu com satisfação.

Quando Miriam não estava jogando palavras cruzadas nem vendo filmes antigos, dava aulas sobre vampiros. Em algumas poucas tardes, ela mostrou para Em que nomes, comportamento animal, rituais possessivos, sentidos sobrenaturais e hábitos alimentares eram importantes. Não demorou muito e as aulas passaram para tópicos mais avançados como, por exemplo, os métodos destrutivos do vampiro.

– Não, nem mesmo esse método de fazer um corte no pescoço é infalível, Em – ela disse com toda a paciência. As duas estavam sentadas na sala de TV e eu preparava o meu chá na cozinha. – Você precisa causar o máximo de sangramento possível. E também precisa cortar a virilha.

Matthew balançou a cabeça ao ouvir a conversa e, como todos estavam ocupados com outras coisas, aproveitou a ocasião e me arrastou para trás da porta da geladeira. Eu estava com a blusa toda desarrumada e o cabelo desgrenhado quando o nosso filho entrou na cozinha com uma pilha de lenha.

– Perdeu alguma coisa atrás da geladeira, Matthew? – A expressão de Marcus era pura inocência.

– Não – rosnou Matthew enterrando o rosto no meu cabelo para sorver o odor da minha excitação. Eu tentei me soltar, mas ele me apertou ainda mais.

– Obrigada por repor a lenha, Marcus – agradeci quase sem fôlego.

– Preciso pegar mais? – Ele ergueu as sobrancelhas do mesmo jeito que o pai.

– Seria bom. Esta noite será gelada. – Girei a cabeça para ponderar com Matthew, mas ele achou que o meu gesto era um convite para um outro beijo. Marcus e o suprimento de lenha caíram no esquecimento.

Quando Matthew não estava me espreitando pelos cantos escuros da casa, ele se juntava a Sarah e Marcus e juntos formavam o mais profano trio preparador de poções desde que Shakespeare colocou três bruxas ao redor de um caldeirão. O vapor que Sarah e Matthew tentavam preparar para a gravura do casamento alquímico ainda não tinha obtido um bom resultado, mas isso não os detinha. Eles ficavam na despensa por horas a fio, consultando o grimório das Bishop e fazendo estranhas misturas que às vezes fediam e outras vezes explodiam, ou as duas coisas. Certa vez, eu e Em ouvimos uma explosão surda seguida por um som de alguma coisa que caía, e decidimos investigar.

– O que você está aprontando? – perguntou Em de mãos nas cadeiras enquanto olhava para a cara coberta de fuligem cinzenta de Sarah e para o reboco que despencava pela chaminé.

– Nada – resmungou Sarah. – Eu estava tentando rachar o ar e perdi o controle do feitiço, só isso.

– Rachar? – Olhei horrorizada para a bagunça em volta.

Matthew e Marcus assentiram com um ar solene.

– É melhor tratar de limpar tudo isso antes do jantar, Sarah Bishop, do contrário lhe mostrarei o que é rachar! – vociferou Em.

Obviamente, nem tudo entre os ocupantes da casa corria às mil maravilhas. Marcus e Matthew caminhavam juntos ao amanhecer, deixando-me responsável por Miriam, Sarah e o bule de chá. Eles não se distanciavam muito. Da janela da cozinha dava para vê-los conversando lá fora. Certa manhã Marcus deixou o pai no pomar das macieiras e entrou bufando dentro de casa.

– Diana – ele grunhiu o meu nome para me cumprimentar e depois entrou na sala de TV e seguiu direto para a porta da frente.

O motor do carro roncou – Marcus preferia os carros esporte aos utilitários – e os pneus cantaram quando ele manobrou e desceu pelo caminho.

– Por que Marcus entrou aqui tão irritado? – perguntei quando Matthew voltou, beijando-lhe a face gelada enquanto ele pegava o jornal.

– Negócios – ele respondeu laconicamente, retribuindo o meu beijo.

– Você não o nomeou senescal? – perguntou Miriam, incrédula.

Matthew folheou o jornal.

– Você deve estar superestimando a minha capacidade se pensa que a irmandade funcionaria todos esses anos sem um senescal. Esse posto já está ocupado.

– O que é um senescal? – Coloquei duas fatias de pão na torradeira. Havia entrada para seis fatias, mas apenas duas funcionavam razoavelmente.

– É o meu segundo em comando – ele disse laconicamente.

– Se não foi pelo fato de não ser o senescal, por que então ele saiu tão furioso daqui? – insistiu Miriam.

– Eu o nomeei marechal – disse Matthew de olho no jornal.

– Não há criatura menos indicada para ser um marechal do que ele – ela disse com um tom sério. – Ele é um médico, pelo amor de Deus! Por que não Baldwin?

Matthew olhou por cima do jornal.

– Baldwin?

– Está bem, não Baldwin – disse Miriam. – Mas deve haver um outro.

– Se eu tivesse dois mil cavaleiros à minha disposição como já tive um dia, é claro que haveria um outro. Mas hoje só há oito cavaleiros sob o meu comando, já que o nono não pode ser requisitado para lutar, e mais um grupo de sargentos e uns poucos escudeiros. Alguém tem que ser o marechal. Eu fui marechal de Philippe. Agora é a vez de Marcus. – A terminologia antiga era um convite ao riso, mas o olhar severo de Miriam me manteve impassível.

– E você disse a ele para começar a hastear os estandartes? – O diálogo entre Miriam e Matthew continuou com um discurso de guerra ininteligível para mim.

– O que é um marechal? – A torrada pulou da torradeira e voou até a bancada da cozinha onde eu aguardava com o estômago roncando.

– É o chefe militar de Matthew. – Miriam olhou para a porta da geladeira que abriu sem que ninguém a tivesse puxado.

– Aqui – Matthew pegou a manteigueira que passava por cima do ombro dele e estendeu-a para mim com um sorriso sereno que contrastava com o azedume de Miriam. Embora vampiro, era evidente que ele era um ser matutino.

– Os estandartes, Matthew. Você está arregimentando o exército?

– Claro que estou fazendo isso, Miriam. Você é uma que vive provocando guerras. Se por acaso estourasse uma guerra, acha mesmo que apenas eu, Marcus e Baldwin combateríamos a Congregação? – Ele balançou a cabeça. – Você sabe disso muito bem.

– E quanto ao Fernando? Ele certamente está vivo, e muito bem.

Matthew abaixou o jornal.

– Não vou discutir a minha estratégia com você. Pare de interferir e deixe o Marcus por minha conta.

Dessa vez foi Miriam que se enfureceu. Ela mordeu o lábio e saiu pela

porta dos fundos em direção ao bosque.

Mastiguei a minha torrada em silêncio e Matthew retornou ao seu jornal. Alguns minutos depois ele abaixou o jornal com um resmungo exasperado.

– Diga logo, Diana. Sei que você está pensando e assim é impossível me concentrar.

– Ora, não é nada – eu disse ainda mastigando a torrada. – Uma grande máquina de guerra está prestes a entrar em ação, uma máquina cuja estrutura exata escapa à minha compreensão. E é bem provável que você não explique nada dessa irmandade secreta.

– *Dieu*. – Ele deslizou os dedos da testa até a nuca. – Depois de Domenico Michele e a minha irmã Louisa, Miriam é a criatura que mais causou encrenca que já conheci. Se você quer saber sobre os cavaleiros, eu conto.

Duas horas depois, a minha cabeça girava com as informações sobre a irmandade. Matthew desenhara um organograma organizacional no verso de uma das folhas do relatório do meu DNA para explicar melhor. Fiquei surpresa com a complexidade da irmandade – e o organograma não incluía o aspecto militar. Nós pegamos um antigo bloco da Universidade de Harvard que os meus pais tinham deixado no aparador onde ele rabiscou essa parte da operação. E só então me dei conta das novas responsabilidades de Marcus.

– Não surpreende que ele esteja se sentindo sobrecarregado – murmurei enquanto passava o dedo nas linhas que interligavam o nome de Matthew acima dos nomes de Marcus e dos sete cavaleiros mestres abaixo seguidos pelas tropas de vampiros que poderiam ser convocados.

– Marcus vai se acostumar. – Matthew massageou com suas mãos frias os músculos tensos das minhas costas, passando os dedos na estrela que estava gravada entre as minhas omoplatas. – Ele terá a companhia de Baldwin e de outros cavaleiros de confiança. Ele é perfeitamente capaz de

assumir essa responsabilidade, do contrário não a teria delegado para ele.

Talvez, mas ele nunca mais seria o mesmo depois de exercer a missão que lhe fora conferida. Cada novo desafio arrancaria um pedaço daquele seu jeito sereno de ser. Era doloroso imaginar no que o vampiro Marcus poderia se transformar.

– E esse Fernando? Vai ajudar Marcus?

Matthew assumiu um ar misterioso.

– Fernando foi a minha primeira escolha para ocupar o posto, mas ele próprio me demoveu da ideia. Foi ele que indicou o nome de Marcus.

– Por quê? – Segundo as palavras de Miriam, esse vampiro era um guerreiro respeitado, com séculos de experiência.

– Ele disse que Marcus o faz lembrar de Philippe. Se houver uma guerra, vamos precisar de alguém com a lábia do meu pai para convencer os vampiros a lutar não só contra as bruxas, mas também contra outros vampiros. – Matthew balançou a cabeça pensativamente, fixando os olhos no desenho do seu império. – Sim, Fernando vai ajudá-lo. E vai impedi-lo de cometer enganos.

Quando voltamos à cozinha – ele para pegar o jornal e eu atrás de um lanchinho –, Sarah e Em acabavam de chegar do supermercado. Elas tiraram das sacolas caixas e mais caixas de pipoca para micro-ondas, e também latas de nozes, amêndoas, avelãs e tudo quanto é tipo de frutinhas vermelhas que estavam disponíveis em pleno outubro no estado de Nova York. Eu peguei um saco de framboesas.

– Aí está você. – Os olhos de Sarah brilharam. – Está na hora da sua aula.

– Antes preciso de chá e de alguma coisa para comer – protestei enquanto enfiava a mão no saco plástico para pegar framboesas. – Não há magia de estômago vazio.

– Me dê isso – disse Em, agarrando o saco. – Você está amassando tudo, e elas são as preferidas de Marcus.

– Você pode comer mais tarde. – Sarah me empurrou na direção da despensa. – Pare de agir como um bebê e se mexa.

Eu era outra vez a nulidade em pessoa com os feitiços, tal como o era quando adolescente. Não lembrava como os feitiços começavam, tendia a fazer divagações e alterava a ordem das palavras, e com isso os resultados eram desastrosos.

Sarah colocou uma vela sobre a ampla mesa da despensa.

– Acenda-a – deu voz de comando, voltando-se para o grimório literalmente manchado.

Era um truque simples que até uma bruxa adolescente seria capaz de realizar. Mas quando o encantamento brotou da minha boca e fez a vela fumegar, em vez de o pavio se acender, outra coisa ardeu em chamas. Dessa vez ateei fogo em um ramo de lavanda.

– Você não pode se limitar a dizer palavras, Diana – disse Sarah enquanto apagava as chamas. – Você tem que se concentrar. Tente novamente.

E eu fiz – repetidamente. No fim, só surgiu um esboço de chama no pavio da vela.

– Isso não está funcionando. – Minhas mãos formigaram, minhas unhas azularam e quase gritei de frustração.

– Você consegue comandar o fogo-de-bruxa e não consegue acender uma vela.

– Meus braços se mexem de um jeito que lembra alguém que *podia* comandar o fogo-de-bruxa. Isso não é a mesma coisa, e aprender a fazer magia é mais importante do que essa droga. – Apontei para o grimório.

– A magia não é a única resposta – disse Sarah com um tom azedo. – É como usar uma serra elétrica para cortar pão. Às vezes é melhor uma faca.

– Você não tem a magia em alta conta, mas tenho muita magia dentro de mim que quer sair. Alguém tem que me ensinar a controlar isso.

– Eu não posso – ela disse com pesar. – Eu não nasci com o dom de

invocar o fogo-de-bruxa ou de comandar a água-de-bruxa. Mas sei muito bem que você pode aprender a acender uma vela com um dos feitiços mais simples que existem.

Ela estava certa. Mas é preciso muito tempo para se dominar a arte, e os feitiços de nada adiantariam se eu começasse a verter água novamente.

Enquanto eu retornara para a vela e as palavras do encantamento, ela consultava o grimório em busca de um novo desafio.

– Este aqui é bom. – Ela apontou para uma página mosqueada com resíduos marrons, verdes e vermelhos. – É uma variação de um feitiço de aparição que produz ecos, uma duplicação exata das palavras ditas por outra pessoa em outro lugar. É muito útil. Vamos fazê-lo agora.

– Não, vamos fazer uma pausa. – Eu me virei e levantei o pé para sair andando.

Tão logo coloquei o pé no chão me vi no pomar das macieiras.

Sarah gritou lá dentro da casa.

– Diana? Cadê você?

Matthew saiu pela porta e desceu a escada da varanda. Com sua visão apurada logo me achou, e em seguida estava ao meu lado.

– O que significa isso? – Ele me pegou pelo cotovelo para me impedir de sumir outra vez.

– Eu precisava fugir de Sarah. Abaixei o pé e já estava aqui. Isso também aconteceu na frente da casa outra noite.

– Você queria uma maçã? Não teria sido melhor pegar na cozinha? – Os lábios de Matthew esboçaram um sorriso.

– Não – fui lacônica.

– Muita coisa dessa vez, *ma lionne*?

– Eu não sou boa em feitiçaria. É tão...

– Exata? – ele concluiu.

– E requer muita paciência – confessei.

– Mesmo que a feitiçaria e os feitiços não sejam as suas armas

preferidas – ele disse mansamente passando as costas da mão pela minha mandíbula contraída –, você *aprenderá* a usá-los. – O tom soou ligeiramente autoritário. – Vamos pegar alguma coisa para você comer. Isso sempre melhora o seu humor.

– Você está me gerenciando? – perguntei com uma cara séria.

– Só percebeu agora? – Ele deu uma risadinha. – Há semanas que faço isso o tempo todo.

E continuou fazendo isso pela tarde adentro, contando histórias de gatos presos em cima de árvores, churrascos no corpo de bombeiros e preparativos para o Halloween que ele tinha lido no jornal. A conversa me fez devorar uma travessa de sobras do almoço, e isso acabou me deixando pronta para voltar a encarar Sarah e o grimório Bishop. Já de volta à despensa, toda vez que me sentia inclinada a deixar de lado as instruções detalhadas de Sarah, as palavras de Matthew ecoavam na minha cabeça e me faziam concentrar-me nas tentativas de conjurar fogo ou vozes ou fosse lá o que ela solicitava.

Depois de algumas horas de feitiços – sem me sair bem em nenhum deles – Matthew bateu à porta da despensa e anunciou que era hora da nossa caminhada. Fui à saleta dos fundos onde deixávamos roupas e sapatos, e lá vesti um pulôver, calcei o tênis e saí apressada para o jardim. Ele se juntou a mim com um passo mais lento, inalando o ar com prazer e observando o jogo de luzes no campo ao redor da casa.

No final de outubro escurece mais cedo, e essa hora do dia é a que mais me agrada. Matthew podia ter uma natureza matutina, mas a sua autodefesa natural relaxava quando o sol se punha. Isso acontecia à medida que as sombras se estendiam e a luz esmaecida atenuava a solidez dos seus ossos e a palidez sobrenatural de sua pele.

Ele me pegou pela mão e caminhamos em amistoso silêncio, felizes porque estávamos juntos e distantes de nossas famílias. Nos arredores do bosque ele apressou o passo e deliberadamente me mantive para trás

porque queria ficar longe de casa o máximo possível.

– Deixe disso, vamos logo. – Ele pareceu frustrado por ser obrigado a se emparelhar com os meus passos vagarosos.

– Não! – Desacelerei ainda mais os meus passos. – Somos apenas um casal normal que está passeando antes do jantar.

– Somos o casal menos normal do estado de Nova York – disse Matthew de um modo seco. – E com esse passo você não vai suar uma só gota.

– O que tem em mente? – Nas caminhadas anteriores, Matthew deixara transparecer que sua parte lobo gostava de correr pelo bosque como um grande filhote. E como ele sempre arranjava um novo jeito de brincar com o meu dom, aprender a manejá-lo não me parecia uma tarefa enfadonha. Ele deixava para Sarah tudo que era enfadonho e maçante.

– É sua vez. – Ele me olhou com um ar maroto irresistível e saiu em disparada com uma explosão de velocidade. – Pegue-me.

Sorri e saí correndo atrás dele, com meus pés um pouco acima do solo e minha mente tentando capturar uma imagem clara dos ombros largos à frente para depois agarrá-los. À medida que minha visão se tornava mais clara, minha velocidade aumentava, mas ainda deixava muito a desejar. Eu usava simultaneamente os poderes de voo e de premonição em alta velocidade e isso me fez tropeçar num arbusto. Fui amparada por Matthew antes de cair no chão.

– Você está cheirando a ar fresco e fumaça de madeira – disse enquanto acariciava o meu cabelo.

De repente, pressenti que havia alguma coisa estranha no bosque. Foi um esmaecimento de luz, uma sensação de deslocamento, uma aura com intenções sombrias. Girei a cabeça para olhar.

– Tem alguém ali – eu disse.

O vento não soprava em nossa direção. Matthew ergueu a cabeça para farejar. E o identificou depois de inalar profundamente.

– Vampiro – disse baixinho enquanto me pegava pela mão e me deixava encostada no tronco de um carvalho branco.

– Amigo ou inimigo? – perguntei trêmula.

– Saia daqui. *Agora*. – Ele pressionou a tecla do celular que o conectava a Marcus com nervosismo. Começou a xingar quando ouviu a gravação eletrônica. – Alguém está atrás de nós, Marcus. Venha logo para cá... rápido. – Desligou e apertou uma outra tecla que fez aparecer uma mensagem de texto na tela.

O vento mudou e isso o fez morder os lábios.

– Por Cristo, não. – Os dedos dele voaram por cima das teclas enquanto digitavam duas palavras, e depois ele arremessou o celular em uma moita próxima.

SOS. Juliette.

Matthew se virou e segurou os meus ombros com firmeza.

– Faça o que você fez na despensa. Erga o pé e volte para dentro de casa. *Imediatamente*. Não estou pedindo, Diana, estou ordenando.

Meus pés paralisaram, recusando-se a obedecer.

– Não sei como fazer aquilo. Não consigo.

– Consegue, sim. – Ele se pôs de costas para a mata, envolveu o meu corpo com os braços e me apertou contra o tronco da árvore. – Faz muito tempo que Gerbert me apresentou essa vampira que não é nem um pouco confiável, e ela não deve ser subestimada. Nós passamos algum tempo juntos na França, no século XVIII, e depois em Nova Orleans, no século XIX.

– Não sairei daqui sem você. – Minha voz soou determinada. – Quem é Juliette?

– Sou eu, Juliette Durand. – Uma voz melódica ecoou do alto com um leve sotaque francês mesclado com alguma outra língua. – Que problema vocês dois causaram.

Uma vampira estonteante estava empoleirada no galho de um frondoso

pé de bordo das imediações. Sua pele era cor de leite com uma gota de café, e seu cabelo faiscava com um misto de castanho e cobre. Ela vestia as cores de outono – marrom, verde, dourado – e parecia uma extensão da árvore. Seus grandes olhos cor de avelã emolduravam um rosto de faces bem marcadas, e seus ossos refletiam uma delicadeza que se contrapunha com a força que aparentavam.

– Eu estava observando vocês, e também escutando. O cheiro de vocês já está todo misturado. – Emitiu um suave ruído de reprovação.

Não percebi quando ela desceu do galho, mas Matthew percebeu. Ele se posicionou à minha frente quando ela pisou no solo. Encarou-a com uma expressão de advertência nos lábios.

Juliette o ignorou.

– Preciso analisá-la melhor. – Ela virou a cabeça para a direita, empinou o queixo e me olhou atentamente.

Franzi a testa.

Ela também franziu a testa.

Matthew estremeceu.

Olhei para ele preocupada, e os olhos de Juliette seguiram os meus.

Ela imitava cada movimento que eu fazia. Seu queixo se sobressaía no mesmo ângulo do meu, sua cabeça inclinava da mesma maneira que a minha. Era como olhar para um espelho.

O pânico inundou o meu organismo, deixando um gosto amargo na minha boca. Engoli em seco, e a vampira fez o mesmo. Ela abriu ligeiramente as narinas e deu um riso agudo e duro como diamante.

– Como conseguiu resistir a ela, Matthew? – Ela inspirou profunda e lentamente. – Você deve ter ficado louco de fome com o cheiro dela. Lembra daquela jovem amedrontada que caçamos em Roma? Acho que tinha o mesmo cheiro dessa aí.

Matthew continuou em silêncio e de olhos cravados na vampira.

Ela deu alguns passos à direita e o obrigou a mudar de posição.

– Está esperando Marcus – ela observou como se lamentando. – Acho que ele não virá. Ele é tão bonito. Gostaria de vê-lo outra vez. Ele era tão jovem e tão fascinante na última vez que nos vimos. Lembra que precisamos de algumas semanas para consertar a confusão que ele armou em Nova Orleans?

Abriu-se um abismo à minha frente. Será que ela havia matado Marcus? E também Sarah e Em?

– Ele está no telefone – ela continuou. – Gerbert está tratando de fazer o seu filho entender o risco que ele está correndo. A ira da Congregação só está dirigida para vocês dois... por enquanto. Mas se vocês persistirem com isso, outros também pagarão bem caro.

Marcus não estava morto. Apesar do alívio, o meu sangue gelou quando vi a expressão que o rosto dela refletia.

Matthew se manteve mudo.

– Por que está tão calado, meu amor? – A voz doce de Juliette contradizia a frieza mortal do seu olhar. – Você devia estar feliz por me ver. Sou tudo o que você deseja. Gerbert tratou de assegurar isso.

Ele continuou calado.

– Ah, você ficou mudo porque o peguei de surpresa – ela disse com um tom estranhamente dividido entre a música e a malícia. – Você também me surpreendeu. Uma bruxa?

Juliette girou rápido para a esquerda e Matthew girou também para encontrá-la. Ela deu um salto mortal por entre o espaço vazio deixado pelo giro da cabeça dele e se colocou do meu lado com os dedos em volta da minha garganta. Gelei.

– Não entendo por que ele a deseja tanto. – A voz dela soou com petulância. – O que é que você faz? O que foi que Gerbert me ensinou de errado?

– Juliette, deixe-a em paz. – Matthew não se arriscaria a se arremeter na minha direção porque ela podia quebrar o meu pescoço, e as pernas dele

enrijeceram pelo esforço que fazia para se manter parado.

– Calma, Matthew – ela disse, inclinando a cabeça.

Fechei os olhos à espera de uma mordida.

Em vez de me morder, ela colou os lábios gelados nos meus. Um beijo que se tornou insolitamente impessoal à medida que ela provocava a minha língua com a própria língua para que eu correspondesse ao beijo. Não o fiz e ela grunhiu de frustração.

– Isso me ajudaria a entender, mas não adiantou. – Ela me empurrou para Matthew, mantendo-me presa pelo pulso com as unhas longas e afiadas sobre as minhas veias. – Beije-a. Eu tenho que saber o que ela faz.

– Por que não deixa isso pra lá, Juliette? – Matthew me prendeu com um abraço gelado.

– Eu preciso aprender com meus erros... Gerbert vive dizendo isso desde que você me abandonou em Nova York. – Ela olhou para Matthew com uma avidez que me arrepiou dos pés à cabeça.

– Isso aconteceu há mais de cem anos. Se até hoje não aprendeu com seus erros, não será agora que aprenderá. – A raiva dele não se dirigia a mim, mas era tão potente que me fez encolher de medo. Ele brilhava e a raiva vertia do seu corpo em ondas.

Juliette cortou o meu braço com as unhas.

– Beije-a, Matthew, ou a farei sangrar.

Ele segurou o meu rosto com delicadeza e se esforçou para abrir um sorriso.

– Tudo ficará bem, *mon coeur*. – As pupilas de Matthew se transformaram em pontos negros em meio a um mar cinza-esverdeado. Ele inclinou a cabeça, segurou a minha mandíbula e roçou os lábios nos meus. Foi um beijo lento e terno, um testemunho do que sentia por mim. Juliette nos olhou com frieza, sorvendo cada detalhe. E se aproximou um pouco mais quando ele se afastou de mim.

– Ah – a voz de Juliette soou vazia e amarga. – Você gosta de como ela

reage quando é tocada. – Não consegui sentir mais nada.

Eu tinha visto a raiva de Ysabeau e a crueldade de Baldwin. Assim como tinha sentido a desesperança de Domenico e o inconfundível odor do mal que rodeava Gerbert. Mas Juliette era diferente. Alguma coisa fundamental se quebrara dentro dela.

Ela soltou o meu braço e saiu do alcance de Matthew. Ele me segurou pelos cotovelos e seus dedos gelados tocaram nas minhas costelas. Com um empurrão infinitesimal me deu uma outra ordem silenciosa para que eu saísse dali.

Mas eu não tinha a menor intenção de deixar o meu marido sozinho com uma vampira psicótica. Alguma coisa remexeu lá no fundo de mim. Embora nem o vento-de-bruxa nem a água-de-bruxa fossem o suficiente para matar Juliette, poderiam distrair a atenção dela até que saíssemos dali – mas ambos se recusaram a obedecer aos meus comandos mentais. Isso sem falar que nenhum dos feitiços que eu tinha aprendido nos últimos dias me veio à cabeça, nem mesmo de um modo imperfeito.

– Não se preocupe – disse mansamente Juliette para Matthew com os olhos brilhando. – Isso acabará rapidamente. É claro que eu gostaria de namorar para que lembrássemos do que já fomos um para o outro. Mas nenhum carinho meu tiraria essa bruxa de sua mente. Além do mais, preciso matá-la e levá-la para Gerbert e a Congregação.

– Deixe a Diana sair daqui – Matthew ergueu as mãos em sinal de trégua. – Isso é entre nós, Juliette.

Ela balançou a cabeça, agitando os cabelos.

– Matthew, eu sou um instrumento de Gerbert. Quando ele me fez, não deixou espaço para os meus próprios desejos. Eu não queria aprender nem filosofia nem matemática. Mas ele insistiu para que eu pudesse agradar a você. E agradei, não foi? – Juliette se voltou para Matthew com uma voz tão áspera quanto a fratura que tinha na mente.

– Sim, você me agradou.

– Eu também achei que sim. Mas Gerbert já me possuía. – Juliette se voltou para mim e seus olhos brilhavam como se ela já estivesse alimentada. – Você também será possuída por ele, Diana, e de um jeito que nem imagina. De um jeito que só eu conheço. Você terá que ser dele e não poderá ser de mais ninguém.

– Não – Matthew investiu contra Juliette, mas ela se esquivou com presteza.

– Não é hora para joguinhos, Matthew – disse.

Ela se moveu com tanta rapidez que os meus olhos não puderam acompanhá-la, e em seguida se afastou dele com um olhar triunfante. Ouvi alguma coisa sendo rasgada e logo o sangue jorrou escuro da garganta dele.

– Isso é só o começo – ela disse com satisfação.

Um rugido soou na minha cabeça. Matthew colocou-se entre mim e Juliette. Mesmo com o meu precário olfato de sangue-quente, pude sentir o odor de metal enferrujado do sangue dele. Ele estava com o suéter ensopado, e o sangue se espalhava numa mancha escura por todo o peito.

– Não faça isso, Juliette. Se algum dia você me amou, deixe-a ir. Diana não merece Gerbert.

Ela respondeu com um borrão de couro marrom e músculos. Jogou as pernas para o alto e seus pés colidiram no abdômen de Matthew com um estalo. Ele se dobrou como uma árvore a tombar.

– Eu também não *merecia* Gerbert. – A voz dela beirava a histeria. – Mas eu *mereci* você. Você me pertence, Matthew.

Minhas mãos ganharam mais peso e nem precisei olhar para saber que segurava um arco e flecha. Afastei-me dos dois vampiros de braços erguidos.

– Corra! – gritou Matthew.

– Não – eu disse com uma voz que não era minha, enquanto vislumbrava a linha do meu braço esquerdo. Juliette estava próxima de

Matthew, mas eu poderia atirar a flecha sem atingi-lo. Se flexionasse o meu braço direito, ela estaria morta. Hesitei por um momento, paralisada. Afinal, eu nunca tinha matado ninguém.

Era tudo de que Juliette precisava. Ela investiu contra o peito de Matthew e rasgou o tecido e a carne com as unhas, como se fossem papel. Ele arfou de dor, e ela urrou vitoriosa.

Toda a hesitação se foi e a minha mão direita se fechou e abriu. Uma bola de fogo emergiu da ponta dos dedos da mão esquerda. Juliette ouviu a explosão da chama e farejou o cheiro de enxofre no ar. Ela se virou, tirando as garras do peito de Matthew. Seus olhos não acreditaram quando foi engolfada por uma bola negra, vermelha e dourada. Com o cabelo em chamas, ela se apavorou e girou. Mas eu já sabia que faria isso e a aguardava com uma outra bola de fogo. A bola atingiu-a em cheio.

Matthew caiu de joelhos, as mãos tocando o suéter ensopado de sangue no ponto onde Juliette tinha rasgado para atingir do coração. Aos urros ela tentou alcançá-lo para arrastá-lo até o inferno.

Arremessei-a para o alto com um movimento do pulso e uma palavra ao vento, projetando-a para longe de Matthew. Ela se esborrachou de costas com o corpo em chamas.

Pensei em aproximar-me de Matthew, mas preferi não tirar os olhos de Juliette enquanto as chamas lhe consumiam os ossos e a carne. Não sobrara nada do cabelo e a pele estava escura como couro, mas ela ainda não estava morta. Mexia a boca e se movia, chamando por Matthew.

Mantive as minhas mãos erguidas, caso ela resolvesse desafiar as probabilidades. Em dado momento Juliette tentou se levantar e atirei outra bola de fogo. Ela foi atingida no meio do peito, a bola entrou pela caixa torácica e saiu do outro lado, destroçando a pele endurecida e carbonizando as costelas e os pulmões. Depois de retorcer a boca com um esgar de horror, ela finalmente morreu. E não havia uma dose de sangue de vampiro para revivê-la.

Corri até Matthew e me ajoelhei. Ele estava estirado no chão com os joelhos encolhidos e sem a menor condição de se levantar. O sangue escorria por todos os lados, vertendo em ondas rubras de um buraco do peito e fluindo do pescoço tão escuro quanto o piche.

– O que devo fazer? – Pressionei freneticamente a garganta do meu vampiro. Ele ainda estava com as mãos brancas sobre o ferimento no peito, mas perdia as forças a cada segundo que passava.

– Pode me abraçar? – sussurrou.

Encostei-me no tronco do carvalho e o acomodei por entre as minhas pernas.

– Eu estou com frio – ele disse com um ar de espanto e enfado. – Que estranho...

– Você não pode me abandonar – eu disse com veemência. – Não permitirei.

– Não há nada mais a fazer. Já estou nas garras da morte. – A voz de Matthew soou de um jeito que fazia mil anos que não soava, elevando-se e abaixando com uma cadência antiga.

– Nada disso. – Tentei sufocar as lágrimas. – Matthew, você tem que lutar.

– Já *lutei* demais, Diana. E você está a salvo. Marcus a levará daqui antes que a Congregação saiba o que aconteceu.

– Sem você não irei a lugar nenhum.

– Mas você tem que ir. – Ele se agitou nos meus braços e se virou para olhar nos meus olhos.

– Não posso perdê-lo, Matthew. Aguente firme, por favor, Marcus já vai chegar. – Uma corrente balançou dentro de mim e os elos foram se soltando pouco a pouco. Eu tentei resistir e o abracei com força sobre o meu coração.

– Não fale – ele disse suavemente, erguendo um dedo ensanguentado para tocar nos meus lábios. Eles formigaram e ficaram dormentes quando

o sangue gelado entrou em contato com a minha pele. – Marcus e Baldwin sabem o que fazer. Eles se incumbirão de deixá-la a salvo com Ysabeau. Sem mim, a Congregação terá dificuldades para agir outra vez contra você. Nem os vampiros nem as bruxas gostarão disso, mas agora você é uma Clermont e merece a proteção tanto da minha família como dos Cavaleiros de Lázaro.

– Fique comigo, Matthew. – Inclinei a cabeça e comprimi os meus lábios nos dele, forçando-o a respirar. Ele continuou respirando com muita dificuldade, mas de olhos fechados.

– Procurei por você desde que nasci – ele sussurrou com um sorriso e um acentuado sotaque francês. – Até que a encontrei e pude tê-la nos meus braços e ouvir a batida do seu coração colado ao meu. Seria horrível morrer sem conhecer o verdadeiro amor. – Pequenos espasmos o tomaram da cabeça aos pés e depois cessaram.

– Matthew! – gritei, mas não tive resposta. – Marcus! – gritei de novo no bosque, rezando o tempo todo para a deusa. Quando Marcus chegou, eu já estava quase convencida de que Matthew tinha morrido.

– Santo Deus – disse Marcus, olhando para o corpo carbonizado de Juliette e para o corpo ensanguentado do pai.

– O sangramento não para – falei. – De onde vem todo esse sangue?

– Eu tenho que examiná-lo para saber, Diana. – Marcus deu um passo cauteloso na minha direção.

Abracei o meu marido com força e os meus olhos gelaram. Um vento emergiu de onde eu estava.

– Não precisa sair de perto dele – disse Marcus, entendendo o problema por instinto –, mas preciso examinar o peito.

Ele se agachou e rasgou o suéter do pai com muito cuidado. O tecido se esgarçou com um ruído horrível. Um grande corte se estendia da jugular ao coração de Matthew. Ao lado do coração, havia um corte profundo, onde Juliette tentara perfurar a aorta.

– A jugular e a aorta foram atingidas seriamente. Nem o sangue especial dele é capaz de agir a tempo de curar esses dois ferimentos – disse Marcus com tranquilidade, mas nem precisava ter dito. Juliette desfechara um golpe mortal em Matthew.

Minhas tias chegaram ao local e Sarah ofegava. Miriam apareceu em seguida, completamente pálida. Ela deu uma olhadela, fez meia-volta e correu de volta para casa.

– É minha culpa – solucei, embalando Matthew como uma criança. – O alvo estava claro, mas hesitei. Eu nunca tinha matado ninguém. Se tivesse atirado logo, ela não teria atingido o coração dele.

– Diana, minha querida – sussurrou Sarah. – Não é sua culpa. Você fez o que pôde. Agora tem que deixá-lo partir.

Soltei um urro de lamento e ergui o rosto.

– Não! – O medo irrompeu nos olhos do vampiro e da bruxa em meio ao silêncio que se fez no bosque.

– Saia de perto dela, Marcus! – gritou Em. Ele deu um salto para trás na mesma hora.

Eu me transformara em alguma coisa que não se importava com aquelas criaturas e muito menos com o fato de que tentavam ajudar. A minha hesitação tinha sido um erro. E agora a parte de mim que matara Juliette só queria uma coisa: uma faca. O meu braço direito se voltou na direção da minha tia.

Sarah sempre carregava duas facas, uma cega e de cabo preto, e a outra afiada e de cabo branco. Ao meu chamado, a faca saiu do cinto da minha tia e flutuou em minha direção. Quando ela ergueu a mão para chamá-la de volta, visualizei um muro de escuridão e fogo entre mim e os rostos espantados da minha família. A faca de cabo branco cortou o muro de escuridão com facilidade e flutuou suavemente até pousar no meu joelho direito. A cabeça de Matthew oscilou quando o soltei um pouco para segurar o cabo da faca.

Eu o revirei e o beijei intensa e longamente no rosto e na boca. Ele abriu os olhos. Parecia cansado e estava com a pele acinzentada.

– Não se preocupe, meu amor. Darei um jeito nisso. – Ergui a faca.

Duas mulheres saíram de dentro da barreira de escuridão e fogo. Uma era jovem e vestia uma túnica leve e solta, calçava sandálias e tinha uma aljava de flechas dependurada ao ombro. Seus fartos cabelos escuros eram emoldurados por uma correia. A outra mulher era uma velha da sala de velório e usava uma saia rodada.

– Ajude-me, por favor – implorei.

Haverá um preço a pagar, disse a jovem caçadora.

– Eu pagarei.

Cuidado com o que promete para a deusa, minha filha, murmurou a velha balançando a cabeça. *Você terá que cumprir.*

– Pegue qualquer coisa, qualquer pessoa. Mas me deixe ficar com ele.

A caçadora ponderou a respeito e assentiu. *Ele é seu.*

Ergui a faca com os olhos fixos nas duas mulheres. Puxei o corpo de Matthew contra o meu corpo para que ele não visse nada, inclinei-me sobre ele, introduzi a lâmina afiada pela manga adentro e cortei a carne da parte inferior do meu cotovelo. O sangue fluiu devagar, e logo, rapidamente. Soltei a faca e apertei o meu braço esquerdo na frente da boca de Matthew.

– Beba – eu disse enquanto ajeitava a cabeça dele. Ele ainda estava enfraquecido, mas piscou os olhos e mexeu as narinas. Reconheceu o cheiro do *meu* sangue e se debateu para se afastar de mim. Meus braços se tornaram tão pesados e fortes quanto os galhos do carvalho que amparava as minhas costas, e de repente me senti ligada à árvore. Aproximei o meu braço ensanguentado para mais perto da boca de Matthew.

– Beba.

O poder da árvore e da terra fluiu pelas minhas veias em uma inesperada oferenda de vida para um vampiro moribundo. Sorri

agradecida para a caçadora e para o espectro da velha, e nutri o meu vampiro com o meu corpo. Eu era a mãe agora, o terceiro aspecto da deusa, com a virgem e a anciã. Com a ajuda da deusa, o meu sangue o curaria.

Por fim, Matthew se submeteu ao instinto de sobrevivência. Sua boca de dentes afiados buscou apressada a pele macia do meu braço. E delicadamente ele provou a incisão com a língua e fez o corte ampliar. Lançou-se nas minhas veias com todo cuidado. Fui momentaneamente invadida por uma onda de terror.

A pele dele começou a ganhar cor, mas aquele sangue venoso não seria suficiente para curá-lo totalmente. Achei que o meu sabor o faria transpor os limites do controle para dar o próximo passo, mas por via das dúvidas mantive a faca por perto.

Olhei novamente para a caçadora e para a bruxa, e depois me voltei para o meu marido. Fui invadida por uma outra onda de choque de poder quando me encostei com mais firmeza na árvore.

Enquanto ele se alimentava eu comecei a beijá-lo. Meu cabelo se espraiou em volta do rosto dele, misturando o meu cheiro e o meu sangue com o sangue dele. Ele olhou para mim com olhos verdes esmaecidos e distantes, como se não me conhecesse. Eu o beijei outra vez e senti o gosto do meu próprio sangue na sua língua.

Matthew fez dois movimentos rápidos e suaves que eu não poderia rechaçar mesmo que quisesse, e agarrou os meus cabelos à base da nuca. Depois, inclinou a minha cabeça para trás e para o lado e levou a boca até a minha garganta. De minha parte, nenhum terror, apenas rendição.

– Diana – ele disse visivelmente satisfeito.

Então, é assim que acontece, pensei. *É assim que a lenda se faz.*

Matthew recuperou as forças por intermédio do meu sangue, e agora queria algo fresco e vital. Com os dentes superiores afiados cortou o próprio lábio inferior, e ali se formou uma gota de sangue. Ele roçou os

lábios no meu pescoço de maneira sensual. Minha pele ficou dormente à medida que era tocada pelo seu sangue. Ele segurou firmemente a minha cabeça com as mãos novamente fortes.

Sem erros, rezei.

Senti duas picadas nas artérias da minha carótida. Arregalei os olhos de surpresa quando uma primeira pressão no meu corpo indicou que ele tinha alcançado o sangue que procurava.

Sarah virou de costas para não assistir à cena. Marcus olhou para Em e ela foi chorar no ombro dele.

Apertei ainda mais o corpo de Matthew contra o meu, encorajando-o a continuar sorvendo o meu sangue. Ele fez isso com indisfarçável prazer. Até então me desejara tanto, e tanto lutara para resistir...

À medida que se nutria ele estabelecia um ritmo, extraindo o meu sangue em ondas.

Agora, Matthew, me escute. Graças a Gerbert eu sabia que o meu sangue podia passar mensagens para ele. Eu só não sabia se seriam fugazes a ponto de dissipar a minha comunicação.

Ele pareceu surpreso enquanto se alimentava na minha garganta.

Eu amo você.

Ele pareceu novamente surpreso.

É o meu presente para você. Eu estou dentro de você, dando-lhe vida.

Ele balançou a cabeça como se repelindo um incômodo inseto e continuou bebendo.

Eu estou dentro de você, dando-lhe vida. Se me era difícil pensar, enxergar do outro lado do fogo era ainda mais difícil. Concentrei-me em Sarah e Em, dizendo-lhes com os olhos que não se preocupassem. Voltei-me de novo para Matthew, mas não pude mover os olhos o bastante para encontrá-lo.

Eu estou dentro de você, dando-lhe vida. Repeti o mantra até não poder mais.

Depois de uma pulsação baixinha, o som do meu coração começou a desvanecer.

Morrer não era como eu imaginava.

Depois, um intervalo de óssea quietude.

Uma sensação de partida e pesar.

Depois, mais nada.



Dois mundos colidiram com um súbito baque nos meus ossos. Alguma coisa picou o meu braço direito, e seguiu-se um odor de látex e plástico enquanto Matthew discutia com Marcus. Debaixo de mim o odor de terra fria e de mofo de folhas apagava todos os outros odores. Eu estava de olhos abertos, mas não via nada além de escuridão. Com muito esforço, entrevi o balanço dos galhos das árvores acima de mim.

– No braço esquerdo... ele já está aberto – disse Matthew com impaciência.

– Este braço está impraticável, Matthew. Os tecidos estão entupidos de sua saliva e não absorvem mais nada. O direito está melhor. A pressão sanguínea está tão baixa que não consigo encontrar uma veia. – A voz de Marcus soou com a serenidade artificial dos médicos do setor de emergência dos hospitais acostumados a ver a morte com frequência.

Dois grossos fios de espaguete serpentearam no meu rosto. Dedos gelados tocaram no meu nariz e tentei repeli-los apenas para impor limites.

A voz de Miriam ecoou da escuridão em minha direção.

– Taquicardia. Eu vou sedá-la.

– Não – disse Matthew bruscamente. – Nada de sedativo. Ela está quase inconsciente. Os sedativos poderiam induzi-la ao coma.

– Então, mantenha-a quieta. – O tom de Miriam foi incisivo. Dedos frios e pequenos pressionaram o meu pescoço com inesperada firmeza. – Não posso segurá-la e impedir a hemorragia ao mesmo tempo.

O que acontecia à minha volta era visível apenas em desconcertantes fatias – o que estava diretamente acima, o que era entrevisto pelo canto

dos olhos, e o que era seguido por meio de um grande esforço de girar de olhos.

– Você pode fazer alguma coisa, Sarah? – A voz de Matthew soou com muita angústia.

O rosto de Sarah surgiu no campo de visão.

– A feitiçaria não cura mordidas de vampiros. Se curasse, não teríamos medo de criaturas como vocês.

Desviei a atenção para um lugar mais tranquilo, mas fui interrompida pela mão de Em que segurou a minha mão, mantendo-me firme no meu próprio corpo.

– Então, não temos escolha. – Matthew pareceu desesperado. – Eu farei.

– Não, Matthew – disse Miriam com resolução. – Você ainda não está forte o bastante. Além do mais, já fiz isso centenas de vezes. – Alguma coisa se rasgou. Depois do ataque de Juliette a Matthew, reconheci que era a carne de um vampiro sendo rasgada.

– Eles estão me transformando em vampira? – sussurrei para Em.

– Não, *mon coeur*. – A voz de Matthew soou tão resoluta quanto a de Miriam. – Você perdeu... você me deu uma grande quantidade de sangue. Marcus está fazendo uma transfusão de sangue humano. E agora Miriam precisa examinar o seu pescoço.

– Oh. – Tudo aquilo era complicado demais para entender. O meu cérebro estava grogue, quase tão grogue quanto a minha língua e a minha garganta. – Estou com sede.

– Sua sede é de sangue de vampiro, e você não o terá. Fique aí quietinha – disse Matthew com um tom firme, segurando os meus ombros com tanta força que doeu. As mãos frias de Marcus fecharam a minha boca e apalparam as minhas orelhas e a minha mandíbula. – E Miriam...

– Não se meta, Matthew – ela disse com rispidez. – Eu já fazia isso para os sangues-quentes muito antes de você ter renascido.

Alguma coisa afiada fez um corte no meu pescoço e o ar se encheu de

cheiro de sangue.

Ao corte seguiu-se uma sensação de dor que queimava e gelava ao mesmo tempo. O calor e o frio se intensificaram enquanto percorriam sob a superfície dos tecidos do meu pescoço até que atingiram os ossos e os músculos.

Eu queria fugir daquelas lambidas geladas, mas dois vampiros me seguravam. Minha boca estava estreitamente fechada, e só me permitia emitir um grunhido amedrontado e abafado.

– A artéria está obscurecida – disse Miriam com calma. – Preciso limpar o ferimento. – Ela sugou um gole de sangue e depois cuspiu. A pele ficou momentaneamente dormente, mas a sensação anterior voltou com força total quando ela retomou a operação.

Uma dor lancinante jorrou um fluxo de adrenalina pelo meu organismo seguido pelo pânico. Fui envolvida pelos muros cinzentos de La Pierre e, sem poder me mover, me vi de volta às mãos de Satu.

Matthew apertou os meus ombros e me trouxe de volta ao bosque das Bishop.

– Diga a ela o que está fazendo, Miriam. Aquela bruxa finlandesa a fez ficar com medo de tudo que ela não consegue ver.

– São algumas gotas do meu sangue que estão escorrendo do meu punho, Diana – ela disse com calma. – Sei que isso dói, mas é tudo que temos. O sangue de vampiro cura pelo contato. Fechará a sua artéria bem melhor do que qualquer intervenção cirúrgica. Não se preocupe. Não há a menor chance, nenhuma chance, de que essa pequena aplicação tópica faça de você uma de nós.

Só depois da explicação é que me dei conta de que as gotas de sangue pingavam no meu ferimento aberto. Misturavam-se com a minha carne de bruxa e faziam uma cicatrização instantânea do tecido. Pensei comigo que devia ser difícil para um vampiro manter o equilíbrio na operação do procedimento sem cair na tentação de uma mordida. As gotas de

cauterização chegaram ao seu fim.

– Pronto – disse Miriam com um ar de alívio. – Agora, só preciso dar alguns pontos na incisão. – Posicionou-se com dedos hábeis no meu pescoço e costurou a minha carne. – Fiz o máximo que pude para que não haja cicatriz na área rompida pelos dentes de Matthew.

– E agora vamos para a cama – disse Matthew.

Ele segurou a minha cabeça e os meus ombros enquanto Marcus segurava minhas pernas. Miriam nos seguiu com o equipamento nas mãos. O Range Rover já estava à nossa espera com a porta traseira aberta. Matthew incumbiu Miriam de me servir de apoio enquanto ele limpava o espaço de carga do veículo onde eu seria colocada.

– Miriam – sussurrei. Ela se curvou na minha frente. – Se alguma coisa der errado... – não consegui terminar a frase, mas era imperativo fazê-la entender. Eu continuava sendo uma bruxa. Mas preferia ser uma vampira a morrer.

Ela me olhou nos olhos enquanto refletia e depois assentiu.

– Não se atreva a morrer. Ele me mataria se acontecesse alguma coisa com você.

No caminho de volta para casa, Matthew não parou de falar e me beijava com carinho quando eu fazia menção de dormir. Apesar da gentileza, eu sempre tomava um susto.

Na casa, Sarah e Em se apressaram em pegar travesseiros e almofadas. Improvisaram uma cama em frente à lareira da sala de estar. Sarah acendeu uma pilha de lenha com um gesto e poucas palavras. Mesmo com a lenha ardendo, ainda me sentia gelada até os ossos e tremia descontroladamente.

Matthew me deitou nas almofadas e me cobriu, e Miriam fez um curativo no meu pescoço. Enquanto ela trabalhava, o meu marido e Marcus cochichavam num canto.

– É disso que ela precisa, e já localizei os pulmões dela – disse Marcus

com impaciência. – Nada de punção.

– Ela é forte. Nada de cateter. Fim de papo. Agora, trate de se livrar do que sobrou do corpo de Juliette – disse Matthew com tranquilidade, mas com um tom autoritário.

– Cuidarei disso. – Marcus deu meia-volta, saiu pela porta da frente e em seguida ouviu-se o ronco do motor do Range Rover.

O antigo relógio de carrilhão do saguão de entrada tiquetaqueava cada segundo que passava. Fui envolvida pela atmosfera aconchegante ao meu redor ainda me sentindo um pouco zonza. Matthew sentou-se ao meu lado e apertou a minha mão para me trazer de volta caso eu tentasse me refugiar no reconfortante estado de esquecimento.

Por fim, Miriam pronunciou a palavra mágica.

– Estável.

Enfim, agora eu poderia me entregar à escuridão que rondava as bordas da minha consciência. Sarah e Em me beijaram e se retiraram, seguidas por Miriam, finalmente ao meu lado nada além de Matthew e uma abençoada quietude.

Fez-se um silêncio total na sala e lembrei de Juliette.

– Eu a matei. – Meu coração disparou.

– Você não tinha escolha. – O tom da voz de Matthew mostrava que o assunto não devia seguir em frente. – Foi legítima defesa.

– Não foi. O fogo-de-bruxa... – O arco e a flecha só surgiram em minhas mãos depois que percebi que ele corria perigo.

Ele me calou com um beijo.

– Amanhã conversamos sobre isso.

Eu tinha algo inadiável a dizer, algo que ele tinha que saber naquele momento.

– Eu o amo, Matthew. – Era a primeira vez que surgia uma chance de dizer isso para ele desde que eu tinha sido raptada de Sept-Tours por Satu. E eu queria muito dizer isso antes que acontecesse alguma outra coisa.

– Eu também a amo. – Ele inclinou a cabeça e encostou os lábios na minha orelha. – Lembra do nosso jantar em Oxford? Você queria saber qual era o seu gosto.

Fiz que sim com a cabeça.

– Você tem gosto de mel – ele murmurou. – De mel... e de esperança.

Esbocei um sorriso com os lábios e adormeci.

Mas não foi um sono tranquilo. Oscilei entre o sono e a vigília, entre La Pierre e Madison, entre a vida e a morte. Aquela velha fantasmagórica bem que me avisara do perigo de se estar numa encruzilhada. Em alguns momentos era como se a morte estivesse esperando pacientemente ao meu lado que eu escolhesse a estrada que tomaria.

Naquela noite viajei por incontáveis quilômetros, voando de um lugar para o outro, sempre a um passo de distância de algum perseguidor – Gerbert, Satu, Juliette, Peter Knox. E toda vez que a jornada me trazia de volta à casa das Bishop, Matthew estava lá. Às vezes, Sarah estava com ele. Outras vezes, Marcus. Mas, na maioria das vezes, Matthew estava sozinho.

Lá pelo meio da noite alguém começou a cantarolar a canção que tínhamos dançado no salão de Ysabeau. Não era Marcus nem Matthew – eles estavam conversando, mas eu estava cansada demais para descobrir de onde vinha a canção.

– Onde ela aprendeu essa velha canção? – perguntou Marcus.

– Lá em casa. Cristo, até dormindo ela tenta ser brava. – A voz de Matthew soou com desconsolo. – Baldwin estava certo... não sou um bom estrategista. Eu devia ter previsto tudo isso.

– Gerbert achou que você tinha se esquecido de Juliette. Afinal, já fazia muito tempo. E ele sabia que você estaria com Diana quando ela fosse atacada. Ele se vangloriou disso no telefone.

– Claro, ele sabe que eu sou arrogante e pensaria que ela estaria a salvo se estivesse comigo.

– Você tentou protegê-la. Mas não conseguiu, e ninguém conseguiria. Ela não é a única que precisa parar com essa mania de bravura.

Havia algo que Marcus não sabia, e que Matthew tinha esquecido. Fragmentos de uma conversa vieram à minha mente. Só pude falar no final da canção.

– Eu lhe disse antes – falei tateando na escuridão em busca de Matthew e encontrando apenas um pedaço de lã macia que liberou um perfume de cravo-da-índia quando toquei no corpo dele. – Sou corajosa o suficiente por nós dois.

– Diana – disse Matthew com aflição. – Abra os olhos e olhe para mim.

O rosto dele estava a poucos centímetros do meu. Ele apoiava a minha cabeça com uma das mãos e gelava as minhas costas com a outra, fazendo uma lua crescente se deslocar de um lado para o outro do meu corpo.

– Você está aí – murmurei. – Acho que estamos perdidos.

– Não, minha querida, nós não estamos perdidos, não. Estamos na casa das Bishop. E você já não precisa ser corajosa. Agora é a minha vez de ser corajoso.

– Já se deu conta do caminho que teremos que tomar?

– Encontrarei um caminho. E agora descanse e me deixe cuidar de tudo. – Os olhos de Matthew esverdearam intensamente.

Flutuei mais uma vez, perseguida por Gerbert e Juliette que quase me alcançavam. De madrugada, o meu sono se fez profundo, e só acordei de manhã. Na mesma hora, notei que estava nua e enfiada debaixo de um monte de colchas, como um paciente da UTI de um hospital britânico. O braço direito estava entubado e alguma coisa prendia o meu pescoço. Matthew mantinha-se por perto, recostado no sofá e de joelhos dobrados.

– Matthew? Todos estão bem? – Minha língua enrolou e senti muita sede.

– Estão todos ótimos. – Ele pareceu aliviado quando pegou a minha mão e beijou-a. Olhou para o meu pulso, onde as unhas de Juliette tinham

deixado luas crescentes avermelhadas.

Nossas vozes atraíram o resto da casa para a sala. Minhas tias foram as primeiras a chegar. Sarah estava entregue aos próprios pensamentos e tinha olheiras escuras. Em parecia cansada, mas aliviada, e acariciou o meu cabelo assegurando que tudo ficaria bem. Marcus entrou depois. Ele me examinou e me recomendou descanso com uma voz firme. Por fim, Miriam ordenou que todos saíssem da sala para trocar os meus curativos.

– Está muito mal? – perguntei quando ficamos sozinhas.

– Se está se referindo a Matthew, está mal. Os Clermont não sabem lidar com a perda, ou com a ameaça da perda. Ysabeau ficou um trapo quando Philippe morreu. Ainda bem que você sobreviveu, e digo isso não só por mim. – Ela aplicou uma pomada nos ferimentos com surpreendente delicadeza.

As palavras de Miriam conjuraram uma imagem de um Matthew vingativo. Fechei os olhos para apagar a imagem.

– Fale-me de Juliette.

Miriam emitiu um silvo baixinho de aviso.

– Juliette Durand é uma história que não é minha e não devo contá-la. Pergunte ao seu marido. – Ela retirou o soro e me estendeu uma das velhas blusas de flanela de Sarah. Lutei com a blusa por alguns segundos sem conseguir vesti-la, e ela resolveu me ajudar. Cravou os olhos nas marcas em minhas costas.

– Cicatrizes não me incomodam. São sinais de que lutei e sobrevivi. – Puxei a blusa pelos ombros com determinação.

– E também não incomodam Matthew. Amar um Clermont sempre deixa cicatrizes. Ele sabe disso melhor do que ninguém.

Abotoei a blusa com as mãos trêmulas, desviando os olhos de Miriam. Ela me estendeu uma legging preta.

– Foi extremamente perigoso dar o seu sangue daquela maneira. Ele poderia não parar mais de beber – ela disse com um tom de admiração.

– Ysabeau me disse que os Clermont lutam pelos seres amados.

– A mãe dele entenderá, mas ele é um outro assunto. Ele vai ter que tirar isso do organismo dele... o seu sangue, o que aconteceu na noite passada, enfim, tudo.

Juliette. O nome interdito pairava entre nós duas.

Miriam recolocou o soro e ajustou o fluxo.

– Ele e Marcus vão ao Canadá. Matthew levará horas até decidir procurar alguém para se alimentar, mas isso é inevitável.

– Sarah e Em estarão a salvo, com eles fora de casa?

– Você ganhou um pouco de tempo para nós. A Congregação nunca imaginou que Juliette poderia fracassar. Gerbert é tão orgulhoso quanto Matthew, e quase tão infalível quanto ele. Eles vão precisar de alguns dias para se reagrupar. – Ela se calou, com um traço de culpa no rosto.

– Eu preciso falar agora com Diana – disse Matthew baixinho da porta. Ele estava com uma aparência horrível. Os ângulos agudos do rosto mostravam uma expressão faminta e as olheiras eram da cor de lavanda.

Ele observou em silêncio enquanto Miriam contornava a minha cama improvisada. Atravessou as pesadas portas da sala de estar e fechou-as atrás de si. Ele se voltou para mim e parecia preocupado.

Sua necessidade de sangue estava em guerra com seu instinto protetor.

– Quando vai partir? – perguntei, tentando soar o mais clara possível.

– Não vou partir.

– Mas você precisa recuperar suas forças. Da próxima vez, a Congregação não mandará apenas um vampiro e uma bruxa. – Imaginei quantas outras criaturas do passado de Matthew atenderiam ao chamado da Congregação enquanto me esforçava para sentar na cama.

– *Ma lionne,* você está tão experiente em guerras que até já conhece as estratégias? – Pelo semblante dele, não pude avaliar os sentimentos que nutria, mas a voz revelou um toque de contentamento.

– Já provamos que não seremos derrotados com tanta facilidade.

– Facilidade? Você quase morreu. – Ele sentou na cama de almofadas ao meu lado.

– Pois é...

– Você fez uso da magia para me salvar. E senti o cheiro dela... alquemila e âmbar.

– Aquilo não foi nada. – Eu não queria que ele soubesse da promessa que fiz em troca de sua vida.

– Sem mentiras. – Ele segurou o meu queixo com a ponta dos dedos. – Se não quiser me contar, tudo bem. Seus segredos são seus. Mas nada de mentiras.

– Se guardo segredos, não sou a única na família que faz isso. Fale-me de Juliette Durand.

Ele soltou o meu queixo e saiu andando inquieto até a janela.

– Gerbert nos apresentou. Ele a tirou de um bordel no Cairo e a transformou em vampira. Depois bebeu o seu sangue aos poucos enquanto a treinava para poder me conquistar. Até hoje não sei se ela já era insana quando conheceu Gerbert ou se enlouqueceu por tudo que sofreu nas mãos dele.

– Por quê? – Não dissimulei um tom de descrença na minha voz.

– Ela foi criada para me seduzir e espionar os negócios da minha família. Gerbert sempre quis integrar a ordem dos Cavaleiros de Lázaro, mas o meu pai nunca permitiu. Gerbert queria que ela descobrisse os meandros da irmandade e outras informações úteis sobre os Clermont, e ela estaria livre para me matar depois que fizesse isso. Foi treinada para ser minha assassina e minha amante. – Matthew começou a descascar a pintura da janela. – Quando a conheci, ela disfarçou muito bem sua loucura. Custei para perceber os sinais. Baldwin e Ysabeau nunca confiaram em Juliette, e Marcus a detestava. Mas eu... Gerard também foi professor dela. Ela me fazia lembrar de Louisa, sua fragilidade emocional parecia explicar seu comportamento instável.

Ele sempre gostou de coisas frágeis, Ysabeau bem que tinha me avisado. A atração de Matthew por Juliette não tinha sido apenas sexual. Havia emoções mais profundas.

– Você a amou? – Lembrei do inusitado beijo de Juliette e me encolhi.

– Um dia. Já faz tempo. Por razões equivocadas – ele continuou. – Eu a vigiava de uma distância segura, para me certificar de que ela estava bem, já que era incapaz de cuidar de si mesma. Quando terminou a Primeira Guerra Mundial, ela sumiu e presumi que estivesse morta. Nunca pensei que poderia estar viva em algum lugar.

– E enquanto a vigiava, ela também vigiava você. – Os olhos atentos de Juliette não tinham perdido um só movimento meu. Ela devia ter vigiado Matthew com a mesma acuidade.

– Se eu soubesse, ela nunca teria chegado perto de você. – Ele fixou os olhos na pálida luz da manhã. – Mas há algo mais que precisamos conversar. Você tem que me prometer que nunca mais recorrerá à magia para me salvar. Você não deve fazer isso novamente. E nem pedir para Miriam, ou para qualquer outro, que faça de você uma vampira. – O tom soou com frieza enquanto ele atravessava a sala com passos longos e rápidos na minha direção. – Ninguém, nem mesmo eu, fará de você o que você não é.

– Em troca você terá que me prometer uma coisa.

Ele esticou os olhos com um ar sério.

– O quê?

– Nunca mais peça para que eu me afaste quando você estiver em perigo – eu disse com veemência. – Não vou obedecer.

Ele calculou a exigência de manter uma promessa e ao mesmo tempo me manter fora de perigo. Enquanto isso eu tentava descobrir entre os meus sombrios e incompreensíveis poderes aquele que poderia ser dominado sem que o incinerasse ou o afogasse. Depois, nos entreolhamos com cautela. Por fim, toquei no seu rosto.

– Vá caçar com Marcus. Ficaremos bem. – Ele ainda não havia recuperado a cor. Eu não era a única que perdera muito sangue.

– Não quero que você fique sozinha.

– Minhas tias e Miriam ficarão comigo. Um dia ela me disse na biblioteca que tinha os dentes tão afiados quanto os seus. Acredito nela. – A essa altura eu conhecia bem os dentes dos vampiros.

– Voltaremos à noite – ele disse com relutância enquanto acariciava o meu rosto. – Quer que eu faça alguma coisa antes de partir?

– Eu queria falar com Ysabeau. – Sarah parecia distante naquela manhã e eu precisava ouvir uma voz maternal.

– Com todo prazer. – Ele disfarçou a surpresa e tirou o celular do bolso. Ainda bem que alguém o encontrara no bosque. Fez a ligação para Sept-Tours com um único toque de dedo. – *Maman?* – Uma enxurrada de palavras francesas irrompeu do telefone. – Ela está bem – ele a interrompeu com uma voz macia. – Diana quer... ela pediu para falar com você.

A um silêncio seguiu-se uma palavra seca.

– *Oui.*

Matthew estendeu o celular para mim.

– Ysabeau? – Minha voz soou embargada e meus olhos se encheram de lágrimas.

– Estou aqui, Diana. – A voz dela soou mais musical do que nunca.

– Eu quase o perdi.

– Você devia ter obedecido quando ele a mandou se afastar de Juliette – ela disse com um tom cortante, que depois se fez outra vez doce. – Mas estou feliz por não tê-lo feito.

Dessa vez chorei de verdade. Matthew tirou o cabelo da minha testa, enfiou a mecha rebelde atrás da minha orelha e se retirou para me deixar a sós com Ysabeau.

Para a mãe de Matthew consegui expressar a minha dor e confessar a

minha falha por não ter matado Juliette na primeira oportunidade. Contei tudo – a surpreendente aparição de Juliette, o estranho beijo que ela me deu, o meu terror quando Matthew começou a se alimentar, e a sensação que tive de morrer e de retornar abruptamente à vida. Ela entendeu como achei que entenderia. Só me interrompeu na parte da história que envolvia a donzela e a anciã.

– Então, a deusa salvou o meu filho – murmurou. – Ela tem um senso de justiça, e também de humor. Mas isso é uma história muito longa para ser contada pelo telefone. Contarei quando você estiver em Sept-Tours.

A menção ao castelo me fez sentir uma súbita saudade de casa.

– Eu queria estar aí. Não sei se alguém em Madison é capaz de me ensinar tudo o que preciso saber.

– Então, temos que encontrar um outro mestre. Em algum lugar deve haver uma criatura que possa ajudar.

Ysabeau me passou uma série de instruções sobre como obedecer a Matthew, e sobre como cuidar dele e de mim para retornar ao castelo o mais rápido possível. Concordei com tudo de um modo surpreendente e espontâneo e desliguei o telefone.

Alguns minutos depois Matthew abriu a porta e entrou.

– Muito obrigada – eu disse fungando e entregando-lhe o celular.

Ele balançou a cabeça em negativa.

– Fique com isso. Telefone para Marcus e para Ysabeau quando quiser. São os números dois e três da discagem automática. Você precisa de um novo telefone e também de um relógio. O seu não sustenta a bateria. – Ele me colocou na cama de almofadas com delicadeza e beijou minha testa. – Miriam está trabalhando na sala de jantar, mas pode ouvir o mais leve ruído.

– E quanto a Sarah e Em? – perguntei.

– Estão esperando para vê-la – ele disse com um sorriso.

Dormi durante algumas horas depois da visita das minhas tias, até que a

minha ânsia por Matthew me fez acordar.

Em levantou-se da cadeira de balanço da minha avó que tinha reaparecido e veio em minha direção com um copo d'água na mão e uma testa vincada de rugas que até poucos dias antes não existiam. Vovó estava sentada no sofá com os olhos fixos nos lambris próximos da lareira, e era visível que aguardava outra mensagem da casa.

– Cadê a Sarah? – Fechei os dedos em torno do copo. Minha garganta ainda estava seca e a água me pareceu divina.

– Ela deu uma saída. – Os lábios delicados de Em se apertaram.

– Ela acha que Matthew é culpado por tudo.

Em ajoelhou-se para nivelar seus olhos com os meus.

– Não tem nada a ver com Matthew. Você ofereceu o seu sangue para um vampiro... um vampiro desesperado e moribundo. – Ela calou o meu protesto com um olhar. – Sei que ele é bem mais que um vampiro. Mesmo assim, você podia ter sido morta por ele. E Sarah está arrasada por não ter sido capaz de lhe ensinar a controlar os seus dons.

– Sarah não devia se preocupar comigo. Você viu o que fiz com Juliette?

Em assentiu.

– E também vi outras coisas.

A atenção da minha avó se desviou dos lambris e se voltou para mim.

– Vi a ânsia faminta de Matthew quando se alimentou de você – continuou Em com serenidade. – E também vi a donzela e a anciã do outro lado da muralha de fogo.

– Sarah também viu? – sussurrei para que Miriam não ouvisse.

Em balançou a cabeça.

– Não. O Matthew sabe?

– Não. – Puxei o cabelo para o lado, aliviada por saber que Sarah não tinha percebido alguns fatos da noite anterior.

– Diana, o que você prometeu à deusa em troca da vida de Matthew?

– O que ela quisesse.

– Oh, querida. – O rosto de Em se contraiu. – Você não devia ter feito isso. Ela age sem avisar, e nunca diz o que vai tomar.

Minha avó se balançou furiosamente na cadeira. Em desviou os olhos para os movimentos enlouquecidos da cadeira.

– Tive que fazer isso, Em. A deusa não pareceu surpresa. Foi inevitável... e de certa forma, o mais certo.

– Você já tinha encontrado a donzela e a anciã antes?

Assenti com a cabeça.

– A donzela nos meus sonhos. Às vezes, me sinto dentro dela, olhando enquanto ela cavalga e caça. E já encontrei a anciã na entrada da sala de estar.

Agora, você está em águas profundas, Diana, disse vovó farfalhando. *Espero que saiba nadar.*

– Você não pode invocar a deusa com tanta leviandade – disse Em. – Existem forças poderosas que você ainda não conhece.

– Mas não a invoquei. Essas forças apareceram quando resolvi que daria meu sangue para Matthew. Foi uma ajuda voluntária.

Talvez não fosse o seu sangue que devia ser dado. Minha avó continuou se balançando com tanto vigor na cadeira de balanço que a madeira do assoalho começou a ranger. *Você pensou nisso?*

– Você conhece o Matthew há poucas semanas... E mesmo assim obedece às ordens dele cegamente. Claro que pode entender por que Sarah está preocupada. De repente a Diana que conhecemos durante todos esses anos desapareceu.

– Eu o amo – eu disse de um modo enfático. – E ele me ama. – Os muitos segredos de Matthew, os Cavaleiros de Lázaro, Juliette e até Marcus, eu simplesmente deixei de lado, e também o temperamento irascível e a necessidade de controlar a tudo e a todos que ele tinha.

Mas Em sabia o que eu estava pensando. Ela balançou a cabeça em negativa.

– Você não pode ignorar isso, Diana. Já tentou fazer o mesmo com a magia e ela acabou indo ao seu encontro. Os lados de Matthew de que você não gosta e não compreende acabarão por encontrá-la. Você não pode se esconder para sempre. Ainda mais agora.

– O que você quer dizer?

– Muitas criaturas estão interessadas no manuscrito, e em você e Matthew. Posso senti-las pressionando a casa das Bishop e pressionando você. Não sei de que lado da luta elas estão, mas meu sexto sentido me diz que não falta muito para nos depararmos com elas.

Ela arrumou as minhas cobertas, colocou uma outra tora de madeira na lareira e saiu da sala.

Fui acordada pelo inconfundível aroma de especiarias do meu marido.

– Você voltou. – Esfreguei os olhos.

Ele estava mais tranquilo e sua pele retomara a cor natural de pérola.

Matthew tinha se alimentado. De sangue humano.

– E você está aqui. – Ele beijou minha mão. – Miriam disse que você dormiu quase o dia todo.

– Sarah está em casa?

– Todos estão presentes e localizados. – Ele esboçou um sorriso amarelo. – Até Tabitha.

Pedi para ver todo mundo, e ele retirou o soro sem discutir. Minhas pernas estavam enfraquecidas demais para me carregar até a sala de TV, e ele simplesmente me pegou no colo e me levou até lá.

Em e Marcus me acomodaram no sofá. Logo me entediei com a falta de conversa e com o filme *noir* que passava na TV, e Matthew me pegou no colo outra vez.

– Nós vamos lá para cima – anunciou. – Até amanhã.

– Quer que eu leve o soro de Diana? – perguntou Miriam.

– Não, ela não precisa mais de soro – ele disse com rispidez.

– Ainda bem que você me livrou daquela parafernália – eu disse quando

atravessamos o corredor.

– Seu corpo ainda está fraco, mas para um sangue-quente até que você é incrivelmente resistente – ele disse enquanto subia a escada. – Acho que é uma recompensa por você ter um corpo que é uma máquina de movimento perpétuo.

Depois que ele apagou a luz, me aconcheguei nele com um suspiro de felicidade e o agarrei pelo peito de um modo possessivo. O luar que entrava pela janela iluminou as últimas cicatrizes de Matthew. Seu tom rosado embranqueceu aos poucos. Eu estava muito cansada, mas as engrenagens da mente dele trabalhavam com tanto ímpeto que não me deixavam adormecer. Pelo jeito da boca e o brilho dos olhos estava claro que ele planejava o nosso próximo passo, tal como prometera na noite anterior.

– Conte-me – falei depois que o suspense se tornou insuportável.

– Só precisamos de tempo – ele disse pensativamente.

– E obviamente a Congregação não nos dará isso.

– Então, teremos que conquistá-lo. – A voz de Matthew soou quase inaudível. – Teremos que viajar no tempo.



Na manhã seguinte, ainda não tínhamos descido metade da escada quando paramos para que eu pudesse descansar, mas eu estava determinada a chegar à cozinha por minhas próprias pernas. Para a minha surpresa Matthew não tentou me dissuadir. Ficamos sentados nos degraus de madeira desgastada em compassivo silêncio. Uma luz esmaecida e aquosa entrava pelas janelinhas de vidro ao redor da porta da frente, anunciando um dia ensolarado. Da sala de TV, soou o clique característico das peças do jogo de palavras cruzadas.

– Quando vai contar a eles? – Ainda não havia muito a divulgar, ele ainda estava elaborando o plano.

– Mais tarde – ele disse, encostando-se no meu corpo. Aconcheguei-me ainda mais para que nossos ombros ficassem juntinhos.

– Nem todo o café do mundo impedirá Sarah de arrancar os cabelos quando ela souber. – Apoiei-me ao corrimão e levantei com um suspiro. – Vamos tentar novamente.

Na sala de TV, Em serviu a minha primeira caneca de chá. Eu o tomei no sofá e Matthew saiu com Marcus para a caminhada diária, abençoados silenciosamente por mim. Eles passariam muito tempo juntos antes de partirmos.

Depois do chá, Sarah preparou a sua famosa receita de ovos mexidos para mim. Eram ovos preparados com cebolas, cogumelos e queijo, e com uma cobertura de uma colher de sopa de salsinha picada. Ela colocou o prato fumegante à minha frente.

– Obrigada, Sarah. – Ataquei o prato sem a menor cerimônia.

– Não é só o Matthew que precisa de comida e repouso. – Ela olhou pela janela na direção do pomar, onde os dois vampiros caminhavam.

– Já estou me sentindo bem melhor – eu disse enquanto mordia uma torrada.

– Pelo menos o seu apetite parece recuperado. – A essa altura eu já tinha feito um buraco enorme na montanha de ovos.

Matthew e Marcus retornaram quando eu estava no meu segundo prato. Os dois refletiam um ar sombrio, mas Matthew balançou a cabeça em negativa quando o olhei com curiosidade.

Aparentemente, eles não tinham conversado sobre os nossos planos de viajar no tempo. Alguma outra coisa os deixara naquele clima azedo. Matthew puxou um banco, abriu o jornal e se concentrou nas notícias. Eu comi os ovos e as torradas, preparei mais chá e fiquei dando um tempo enquanto Sarah lavava a louça.

Por fim, Matthew fechou o jornal e o deixou de lado.

– Estou com vontade de ir ao bosque. Onde Juliette morreu – anunciei.

Ele se pôs de pé.

– Vou estacionar o Range Rover na porta.

– Isso é loucura, Matthew. É muito cedo. – Marcus olhou para Sarah em busca de apoio.

– Deixe que saiam – disse Sarah. – Mas é melhor Diana se agasalhar. Está muito frio lá fora.

Em apareceu com uma expressão intrigada na face.

– Estamos esperando visitas? A casa acha que sim.

– Você está brincando! – exclamei. – A casa não agrega outro cômodo desde a última reunião de família. Onde está esse cômodo?

– Entre o banheiro e o quarto da bagunça. – Ela apontou para o teto. *Já lhe disse que isso não diz respeito apenas a você e a Matthew,* disse mentalmente para mim enquanto subíamos a escada para ver a transformação. *Minhas premonições raramente falham.*

O quarto recém-materializado tinha uma cama de bronze antiga com bolas enormes e polidas que coroavam cada uma de suas hastes, cortinas rubras que Em insistiu que deveriam ser retiradas imediatamente, uma tapeçaria em tons de vinho e ameixa e um toucador caindo de velho com uma bacia rosa e um jarro da mesma cor dentro. Nem eu nem ela reconhecemos um único item.

– De onde veio tudo isso? – perguntou Miriam admirada.

– E alguém sabe onde esta casa guarda todas essas tralhas? – Sarah sentou-se na cama e balançou-a com vigor. A cama emitiu uma sequência de rangidos raivosos.

– Um dos mais lendários banquetes da casa se deu por volta do meu décimo terceiro aniversário – lembrei com um sorriso. – Na ocasião a casa agregou quatro quartos e um parlatório vitoriano.

– E mais uma baixela Blue Willow de porcelana para vinte e quatro pessoas – acrescentou Em. – Ainda temos algumas xícaras de chá, mas grande parte das peças maiores sumiu quando a família partiu.

Depois que todos inspecionaram o novo quarto e o quarto da bagunça perto da porta, que a essa altura estava bem menor, eu troquei de roupa, desci ao térreo e finalmente entrei no Range Rover. Quando nos aproximamos do lugar onde Juliette encontrara o seu fim, Matthew parou o carro. Os pesados pneus atolaram na maciez do solo.

– Talvez seja melhor fazermos o resto do caminho a pé – ele sugeriu. – Nós podemos caminhar bem devagar.

Ele estava diferente naquela manhã. Não me cercava nem me dizia o que fazer.

– O que foi que mudou? – perguntei quando nos acercamos do velho pé de carvalho.

– Eu a vi lutar – ele disse com calma. – No campo de batalha até os homens mais corajosos sucumbem ao medo. Eles simplesmente não conseguem combater, nem para salvar a própria pele.

– Mas eu paralisei. – Meu cabelo tombou e escondeu o meu rosto.

Matthew se deteve e me pegou pelo braço com força para me deter.

– Claro que tinha que ficar paralisada. Você estava prestes a tirar uma vida. O importante é que não temeu a morte.

– É verdade. – Eu convivia com a morte desde os meus sete anos, a ponto de muitas vezes ansiar por ela.

Ele me virou para olhar nos meus olhos.

– Satu deixou-a arrasada e insegura depois de La Pierre. Durante toda a sua vida você se escondeu dos seus medos. Eu tinha lá minhas dúvidas se seria capaz de lutar se fosse necessário. Agora, o que tenho a fazer é mantê-la distante de riscos desnecessários. – Desviou os olhos para o meu pescoço.

Seguiu em frente, rebocando-me com delicadeza. Uma nódoa enegrecida no mato indicou que tínhamos chegado à clareira. Eu me retesei e ele me soltou.

Os rastros deixados pelo fogo conduziam ao ponto mortal onde Juliette sucumbira. O bosque estava fantasmagoricamente mudo, sem o canto dos pássaros nem qualquer outro ruído de vida. Recolhi alguns gravetos queimados do chão. Esfacelaram-se entre os meus dedos.

– Eu não conhecia Juliette, mas na hora a odiei e tive que matá-la. – Os olhos castanhos-esverdeados dela sempre estariam à minha espreita em meio à sombra das árvores.

Acompanhei a linha deixada pelo arco de fogo até o ponto onde a donzela e a anciã haviam concordado em me ajudar a salvar Matthew. Olhei para o pé de carvalho e engoli em seco

– Isso começou ontem – ele disse seguindo o meu olhar. – Sarah disse que você tirou a vida desse carvalho.

Os galhos da árvore estavam quebrados e secos por cima da minha cabeça. Galhos desfolhados se abriam em forquilhas que lembravam chifres. Folhas marrons se agitavam aos meus pés. Matthew sobrevivera

porque eu extraíra a vitalidade da árvore para as minhas veias e a repassara para ele. O resistente tronco da árvore ainda aparentava solidez, mas na realidade estava totalmente oco.

– O poder sempre exige um preço – disse Matthew –, seja ele mágico ou não.

– O que foi que eu fiz? – A extinção de uma árvore não pagaria a minha dívida para com a deusa. Pela primeira vez, fiquei com medo do acordo que tinha feito.

Atravessamos a clareira e Matthew me tomou nos braços. Ficamos abraçados enquanto nos lembrávamos de tudo que quase havíamos perdido.

– Você me prometeu que não seria tão imprudente – ele disse com um tom raivoso.

Eu também estava zangada com ele.

– Esperava-se que você fosse indestrutível.

Ele encostou a testa na minha.

– Eu devia ter falado de Juliette.

– Devia, sim. Ela quase o tirou de mim. – O sangue pulsou sob o curativo no meu pescoço. Ele tocou no ponto onde havia me mordido e, por incrível que pareça, naquele segundo o seu toque tinha calor.

– Foi por pouco. – Enlaçou os meus cabelos e colou a boca na minha. Depois, emudecemos de corações colados.

– Juliette se tornou uma parte de mim depois que lhe tirei a vida... para sempre.

Matthew fez um carinho na minha cabeça.

– A morte é uma poderosa magia.

Retomei a calma e agradeci mentalmente, não só pela vida de Matthew, mas também pela minha.

Caminhamos de volta ao Range Rover, mas na metade do caminho sucumbi à fadiga. Ele me carregou nas costas até o carro.

Ao nos aproximamos da casa, Sarah estava debruçada na escrivaninha do seu estúdio. Ela voou para fora da casa e abriu a porta do carro com uma velocidade que daria inveja a qualquer vampiro.

– Que absurdo, Matthew – ela disse olhando para a minha cara exausta.

Os dois me levaram de volta ao sofá da sala de TV, onde descansei a cabeça no colo de Matthew. Adormeci embalada pela tranquilidade ruidosa das atividades ao redor. O cheiro de baunilha e o barulho da batedeira de bolo de Em são as últimas coisas das quais me lembro claramente.

Matthew me acordou para o almoço, uma simples sopa de legumes. Pela cara que fez, eu teria que me alimentar muito bem dali para a frente. Ele estava prestes a contar o plano para as nossas famílias.

– Já está pronta, *mon coeur*? – perguntou. Assenti enquanto sorvia uma última colherada de sopa. Marcus virou a cabeça em nossa direção. – Nós temos algo para falar com vocês – anunciou.

A tradição mais recente da família era discutir os assuntos importantes em volta da mesa na sala de jantar. Todos os olhos se voltaram atentos para Matthew.

– O que vocês decidiram? – Marcus deixou de lado os preâmbulos e foi direto ao ponto.

Matthew inspirou e começou.

– Nós precisamos ir para algum lugar que não seja rastreado com facilidade pela Congregação, onde Diana disponha de tempo e de mestres para ajudá-la a manipular a magia.

Sarah não conteve o riso.

– E que lugar é esse onde bruxas pacientes e poderosas não se importam em ter um vampiro por companhia?

– Não se trata de um lugar propriamente dito – retrucou Matthew. – Nós vamos esconder Diana no *tempo*.

Todos começaram a falar simultaneamente. Matthew me pegou pela mão.

– *Courage* – murmurei em francês, repetindo o conselho que ele me deu quando conheci Ysabeau.

Ele bufou com um sorriso azedo para mim.

Eu compartilhava a mesma descrença de todos. A minha reação na noite anterior, quando ainda estava deitada na cama e ele me contou o plano, tinha sido a mesma. Primeiro, insisti que era impossível, e depois fiz milhares de perguntas sobre os detalhes de quando e para onde iríamos exatamente.

Ele explicou como pôde – o que, convenhamos, não foi muito.

– Você quer usar sua magia, mas no momento ela é que está usando você. Você precisa de uma mestra que saiba mais do que Emily e Sarah. Mas não devemos atribuir a elas a responsabilidade de não terem conseguido ajudá-la. As bruxas do passado eram diferentes. A maior parte do conhecimento que tinham se perdeu.

– Onde? Quando? – sussurrei na escuridão.

– Nada muito distante, se bem que um passado muito próximo também tenha os seus riscos, o melhor é que seja distante o bastante para encontrar uma bruxa que possa treiná-la. Primeiro temos que perguntar para Sarah se isso pode ser feito com segurança. E depois nós teremos que procurar três coisas que nos remetam à época certa.

– Nós? – perguntei surpreendida. – Eu não poderei simplesmente encontrá-lo lá?

– Não, a menos que não haja alternativa. Eu não era a mesma criatura no passado, e você não pode confiar nas minhas identidades passadas.

Ele mostrou alívio com os lábios quando assenti. Alguns dias antes ele tinha rejeitado a ideia de viajar no tempo. Pelo que parecia, os riscos de permanecer no presente eram bem maiores.

– E o que farão os outros?

Ele passeou lentamente com o dedo pelas veias da minha mão.

– Miriam e Marcus voltarão para Oxford. A Congregação vai procurá-la primeiro aqui. Seria bom que Sarah e Em saíssem daqui, pelo menos por um tempo. Será que elas ficariam com Ysabeau? – ele se perguntou em voz alta.

A princípio a ideia me soou ridícula. Sarah e Ysabeau sob o mesmo teto? Mas quanto mais considerava a ideia, menos maluca me parecia.

– Não sei – pensei comigo mesma em voz alta. Logo surgiu uma outra preocupação. – Marcus. – Eu ainda não tinha entendido bem os meandros da ordem dos Cavaleiros de Lázaro, mas com a ausência de Matthew a responsabilidade recairia toda sobre os ombros de Marcus.

– Não tem outro jeito – disse Matthew na escuridão do quarto na noite anterior enquanto me dava um beijo tranquilizador.

E esse era justamente o ponto sobre o qual agora Em argumentava.

– Deve haver outro jeito – ela protestou.

– Eu bem que tentei encontrar, Emily – disse Matthew se desculpando.

– Onde, ou melhor, *quando* vocês pretendem ir? Diana não é bem do tipo que se encaixe no cenário do passado. Ela é muito alta. – Miriam olhou para as próprias mãos pequenas e delicadas.

– Quer Diana se encaixe ou não, isso é muito perigoso – disse Marcus com uma voz firme. – Vocês podem parar no meio de uma guerra. Ou quem sabe até no auge de uma epidemia.

– Ou em algum período de caça às bruxas – disse Miriam sem qualquer maldade, mas todos a olharam com indignação.

– Sarah, o que você acha? – perguntou Matthew.

Entre as criaturas na sala, ela era a mais calma.

– Vai levá-la para uma época onde haja bruxas que poderão ajudá-la?

– Sim.

Sarah fechou os olhos e os abriu.

– Aqui vocês dois não estão a salvo. Juliette Durand foi uma prova

disso. E se não estão a salvo em Madison, não estarão a salvo em lugar nenhum.

– Muito obrigado. – Matthew ia acrescentar alguma coisa quando Sarah ergueu a mão e o impediu de falar.

– Não me prometa nada – ela disse com uma voz firme. – Claro que cuidará muito bem dela, para o seu próprio bem.

– Agora só teremos que nos preocupar com a viagem no tempo – ele falou como se estivesse tratando de negócios. – Diana vai precisar de três itens de alguma época em particular para se movimentar com segurança.

Sarah assentiu.

– Conto a mim mesmo como um desses itens? – ele perguntou para ela.

– Você não tem pulsação? É claro que você não é uma coisa! – Era uma das afirmações mais positivas que Sarah já tinha feito sobre os vampiros.

– Se vocês precisam de coisas antigas para guiar o caminho, gostarão disso. – Marcus puxou um cordão de couro que estava debaixo da camiseta e o tirou pela cabeça. Ele tinha um conjunto bizarro de quinquilharias dependuradas como pingentes, entre as quais um dente, uma moeda, um objeto que brilhava em preto e dourado e um apito de prata avariado. Estendeu o cordão para Matthew.

– Por acaso pegou isso de alguma vítima de febre amarela? – perguntou Matthew apontando para o dente.

– Em Nova Orleans – respondeu Marcus. – Na epidemia de 1819.

– Nova Orleans está fora de questão – disse Matthew de modo peremptório.

– Entendo. – Marcus olhou para mim de relance e voltou-se para o pai. – E que tal Paris? Um dos brincos de Fanny está aí.

Matthew apalpou uma pedra vermelha trabalhada em filigranas de ouro.

– Eu e Philippe mandamos que você e Fanny se fossem de Paris. Lembra que era chamada de cidade do Terror? Não é lugar para Diana.

– Vocês dois se intrometiam na minha vida como duas velhas. Eu já tinha estado numa revolução. De qualquer forma, se você está procurando um lugar tranquilo no passado, terá um trabalhão para encontrá-lo – resmungou Marcus, iluminando o rosto em seguida. – E que tal a Filadélfia?

– Não estive com você nem na Filadélfia nem na Califórnia – disse Matthew abruptamente, antes que o filho acrescentasse algo mais. – É melhor que a gente vá para um lugar e um tempo que eu conheça.

– Mesmo que conheça o lugar para onde iremos, ainda não estou certa se consigo fazer isso. – Minha decisão de me manter distante da magia retornava.

– Acho que consegue sim – disse Sarah de supetão. – Você sempre fez isso. Fazia quando era bebê, fazia quando era criança e brincava de esconde-esconde com Stephen, e também fazia na adolescência. Lembra de quando tínhamos que buscá-la no bosque pela manhã para colocá-la no banho em tempo de ir para a escola? O que acha que estava fazendo lá?

– Com toda certeza não estava viajando no tempo – retruquei com determinação. – Ainda me assusto com a teoria científica sobre o assunto. O que acontece com o corpo quando se está em outro tempo?

– Quem sabe? Mas não se preocupe. Isso acontece com todo mundo. Você pega o seu carro para ir ao trabalho e depois não se lembra de como chegou lá. E muitas vezes a tarde passa e você não tem a mínima ideia do que fez durante todo esse tempo. Toda vez que acontece alguma coisa assim, saiba que algum viajante do tempo está por perto – ponderou Sarah. Ela se mostrava realmente imperturbável perante o projeto.

Matthew notou a minha apreensão e segurou a minha mão.

– Segundo Einstein, todos os físicos são unânimes quanto ao fato de que as distinções entre passado, presente e futuro não passam daquilo que ele próprio chama de "uma persistente e teimosa ilusão". Além de acreditar nas maravilhas do desconhecido, ele também acreditava na elasticidade do

tempo.

Ouviram-se batidas insistentes à porta.

– Não ouvi barulho de carro – disse Miriam, erguendo-se com cautela.

– É só o Sammy que veio receber o pagamento pela entrega do jornal. – Em ergueu-se da cadeira.

Aguardamos em silêncio enquanto ela atravessava o saguão de entrada sob os protestos do assoalho que era pisado. Pelo modo como Matthew e Marcus pressionaram o tampo da mesa, ambos estavam prontos para voar até a porta se fosse necessário.

Fez-se um clima gelado na sala de jantar.

– Pois não? – A voz de Em soou intrigada. Uma fração de segundo depois, os dois estavam ao lado dela, acompanhados por Tabitha que sempre apoiava a intenção do líder em assuntos importantes.

– Não é o garoto do jornal – Sarah disse o óbvio olhando para a cadeira vazia ao meu lado.

– Você é Diana Bishop? – soou uma voz grave masculina com um familiar sotaque estrangeiro de vogais planas seguidas por ligeiras pausas.

– Não, eu sou a tia dela – disse Em.

– O que podemos fazer por você? – A voz de Matthew soou com firmeza, mas de um modo educado.

– Eu sou Nathaniel Wilson e esta é Sophie, minha esposa. Soubemos que poderíamos encontrar Diana Bishop aqui.

– E quem disse isso para vocês? – perguntou Matthew suavemente.

– Agatha, a mãe dele – respondi me encaminhando para a porta.

A voz do homem se parecia com a voz da demônia de Blackwell, a estilista australiana de lindos olhos castanhos.

Miriam tentou barrar o meu caminho no saguão de entrada, mas a minha cara a fez desistir. Marcus não cedeu com tanta facilidade. Ele me agarrou pelo braço, mantendo-me na penumbra próxima da escada.

Os olhos de Nathaniel cutucaram o meu rosto de um modo afável. Ele

aparentava uns vinte e poucos anos e tinha o mesmo cabelo louro e os mesmos olhos achocolatados da mãe, e a boca carnuda e os finos traços dela. Mas enquanto Agatha era harmoniosamente compacta, o filho era quase tão alto quanto Matthew, com os ombros largos e os quadris estreitos de um nadador. Ele tinha uma enorme mochila nos ombros.

– Você é Diana Bishop? – repetiu a pergunta.

Um rosto de mulher espiou com curiosidade do lado de Nathaniel. Um rosto redondo e doce com inteligentes olhos castanhos e uma covinha no queixo. Ela também aparentava uns vinte e poucos anos, e a pressão gentil e insidiosa do seu olhar indicava que também era um demônio.

Enquanto me observava, uma trança castanha tombou no ombro dela.

– É ela – disse a jovem com um sotaque suave que a caracterizava como originária do Sul. – Ela é igual à mulher que vejo nos meus sonhos.

– Está tudo bem, Matthew – eu disse. Os dois demônios me pareceram tão inofensivos como Ysabeau e Marthe.

– Então, você é o vampiro – disse Nathaniel enquanto avaliava Matthew com os olhos. – Minha mãe me alertou sobre você.

– E você devia ouvi-la – disse Matthew com um tom perigosamente suave.

Nathaniel não pareceu impressionado.

– Ela disse que você não receberia bem um membro da Congregação. Mas não estou aqui em nome dela. Estou aqui por causa de Sophie. – Ele aconchegou-a debaixo do braço de um modo protetor, e ela se encolheu tremendo de frio por dentro do abraço. Eles não estavam vestidos adequadamente para o outono de Nova York. Nathaniel vestia uma jaqueta velha, e Sophie, uma blusa de gola rolê e um cardigã à altura dos joelhos.

– Os dois são demônios? – perguntou Matthew para mim.

– Sim – respondi, se bem que alguma coisa me fez hesitar.

– Você também é um vampiro? – perguntou Nathaniel para Marcus.

Marcus o olhou com um sorriso de lobo.

– Culpado.

Sophie me avaliou outra vez com um característico olhar demoníaco, e senti um frágil formigamento na minha pele. Ela enlaçou a própria barriga de um modo protetor.

– Você está grávida – gritei.

Marcus ficou tão surpreso que soltou o meu braço. Matthew me pegou quando passei por ele. A casa se agitou com a presença dos dois visitantes e com o súbito movimento de Matthew, e isso a fez bater a porta da sala de estar que estava bem fechada.

– O que você está sentindo... sou eu – disse Sophie aninhando-se ainda mais no marido. – Minha família era de bruxos, mas eu saí errado.

Sarah aproximou-se, olhou para os recém-chegados e fez um aceno de desânimo.

– E lá vamos nós outra vez. Eu bem que disse que os demônios logo apareceriam em Madison. Sem falar que essa casa geralmente sabe dos nossos assuntos melhor do que nós. Já que estão aqui, é melhor que entrem antes que morram de frio.

A casa resmungou como se estivesse cansada de nós quando os dois demônios entraram.

– Não se preocupem – tentei animá-los. – A casa anunciou a chegada de vocês, embora pareça contrariada.

– A casa da minha avó também era assim – disse Sophie sorrindo. – Ela morava no velho solar dos Norman, em Seven Devils. Eu sou de lá. Oficialmente, faz parte da Carolina do Norte, mas o meu pai dizia que ninguém tinha dito isso para a população. Nós somos como uma espécie de nação à parte.

A porta da sala de estar se abriu por inteiro, fazendo aparecer a minha avó e mais três ou quatro Bishops, todos assistindo a nossa movimentação. O garoto do balde de frutinhas vermelhas acenou. Sophie retribuiu o aceno

com timidez.

– Vovó também convivia com fantasmas – disse com toda calma.

Os fantasmas e mais dois vampiros nada amistosos e mais uma casa com vida própria foram demais para Nathaniel.

– Não ficaremos mais do que o necessário, Sophie. Só viemos aqui para você entregar uma coisa para Diana. Vamos acabar logo com isso e depois tomamos o nosso rumo – ele disse. Miriam resolveu escolher essa fração de segundo para entrar na sala de jantar de braços cruzados. Isso o fez dar um passo para trás.

– Primeiro, os vampiros. Agora, os demônios. O que vem depois? – resmungou Sarah entre dentes. Em seguida voltou-se para Sophie. – Você deve estar no quinto mês de gravidez, não é mesmo?

– O bebê deu um chute na semana passada – disse Sophie, apalpando a barriga com ambas as mãos. – Foi quando Agatha nos falou onde encontraríamos Diana. Ela não sabe nada sobre a minha família. Há meses que venho sonhando com você, Diana. E não sei o que Agatha viu que a deixou tão assustada.

– Que sonhos? – perguntou Matthew apressadamente.

– Vamos deixar Sophie se sentar antes de submetê-la a um interrogatório – Sarah assumiu o controle com a mesma rapidez. – Pode nos trazer uns biscoitos, Em? E leite também.

Em se dirigiu à cozinha e de lá ecoou um barulho abafado de copos.

– Não sei se esses sonhos são meus ou dela – disse Sophie olhando para a própria barriga enquanto Sarah conduzia o casal sala adentro. Ela desviou os olhos para Matthew que seguia atrás. – Sabe, a menina é uma bruxa. Talvez tenha sido isso que preocupou a mãe de Nathaniel.

Todos os olhos se voltaram para a protuberância sob o suéter azul de Sophie.

– Sala de jantar – disse Sarah com um tom de quem não toleraria absurdos. – Todo mundo para a sala de jantar.

Matthew me deteve.

– A aparição desses dois me parece muito conveniente numa hora como essa. Nada de falar sobre a viagem no tempo, está bem?

– Eles são inofensivos. – Todos os meus instintos me diziam isso.

– Ninguém é inofensivo, e ainda mais quando se trata do filho de Agatha Wilson. – Tabitha que seguia ao lado de Matthew miou em concordância.

– Vocês dois se juntarão a nós ou teremos que arrastá-los para dentro de casa? – disse Sarah.

– Já vamos – disse Matthew com calma.

Sarah estava sentada à cabeceira da mesa. Ela apontou para as cadeiras vazias à sua direita.

– Sentem-se.

Ficamos na frente de Sophie e Nathaniel que já estavam sentados e tinham uma cadeira vazia entre eles e Marcus. O filho de Matthew dividiu a atenção entre o pai e os demônios. Eu estava sentada entre Matthew e Miriam que não desgrudavam os olhos de Nathaniel. Em trouxe uma bandeja com vinho, pratinhos com frutas vermelhas e nozes e uma travessa com biscoitos.

– Ai, meu Deus, biscoitos sempre me deixam louco de saudade do tempo que eu era um sangue-quente – disse Marcus com um ar reverente enquanto pegava um disco dourado pontuado de gotas de chocolate e o levava ao nariz. – São tão cheirosos, mas quando coloco na boca o gosto é terrível.

– Então, pega um desses – disse Em lhe entregando um pratinho com nozes. – Estão cobertos de açúcar e baunilha. Não são biscoitos, mas não ficam a dever. – Ela também lhe entregou uma garrafa de vinho e um saca-rolha. – Abra e sirva para o seu pai.

– Obrigado, Em – disse Marcus com a boca cheia de nozes ao mesmo tempo em que puxava a rolha da garrafa. – Você é o máximo.

Sarah observou atentamente enquanto Sophie bebia o leite e comia um biscoito com avidez. Quando a demônia fez menção de pegar um segundo biscoito, minha tia voltou-se para Nathaniel.

– Onde está o carro de vocês? – Era uma pergunta estranha para iniciar uma conversação em meio aos últimos acontecimentos.

– Nós viemos a pé. – Nathaniel não tinha tocado em nada que Em deixara à sua frente.

– De onde? – perguntou Marcus com incredulidade enquanto estendia um copo de vinho para o pai. Ele conhecia bastante o interior do país para saber que era quase impossível percorrer a pé tamanha distância.

– Pegamos uma carona com um amigo de Durham até Washington – disse Sophie. – E depois pegamos um trem de Washington D.C. até Nova York. Não gostei muito da cidade.

– Pegamos um trem até Albany e depois fomos até Syracuse. E fomos de ônibus até Cazenovia – acrescentou Nathaniel apertando o braço de Sophie.

– Ele não quer que eu diga que pegamos carona com uma estranha – confidenciou Sophie com um sorriso. – A moça conhecia a casa. Os filhos dela adoram vir aqui no Halloween porque vocês são bruxas de verdade. – Ela tomou um outro gole de leite. – Não que precisássemos de direcionamento. Há muita energia nesta casa. Seria difícil não percebê-la.

– E por que vocês fizeram um caminho tão indireto? – perguntou Matthew para Nathaniel.

– Alguém nos seguiu até Nova York, mas nós pegamos o trem para Washington e essa pessoa perdeu o interesse – respondeu Nathaniel.

– Depois descemos do trem em Nova Jersey e voltamos para a cidade. Na estação nos informaram que os turistas sempre se confundem quando vão pegar o trem lá. Eles nem cobraram de nós, não foi, Nathaniel? – Sophie parecia agradecida pela recepção calorosa que tiveram da empresa.

Matthew fez uma outra pergunta para Nathaniel.

– E onde vocês vão ficar?

– Eles ficarão aqui. – A voz de Em soou cortante. – Não estão de carro e a casa preparou um quarto para eles. Além do mais, Sophie precisa conversar com Diana.

– Eu adoraria. Agatha disse que você poderia me ajudar. Ela disse alguma coisa sobre um livro que tinha relação com o bebê – disse Sophie com um tom afável. Os olhos de Marcus se voltaram para a página do Ashmole 782 cujas bordas estavam visíveis debaixo da folha onde se lia a cadeia de comando dos Cavaleiros de Lázaro. Ele rapidamente fez uma pilha de papéis e colocou um inofensivo resultado de DNA por cima.

– Que livro é esse, Sophie? – perguntei.

– Não contamos para Agatha que meu povo é de bruxas. Eu não tinha contado nem mesmo para Nathaniel, isso até que ele foi à minha casa para conhecer o meu pai. Fazia quatro anos que estávamos juntos e papai tinha adoecido e estava perdendo o controle de sua magia. Eu não queria assustar Nathaniel. Por via das dúvidas, quando casamos achamos que era melhor não causar falatórios. Na ocasião Agatha fazia parte da Congregação e não parava de falar sobre as leis de segregação e as consequências que ocorriam quando eram quebradas. – Ela balançou a cabeça. – Isso nunca fez sentido para mim.

– E o livro? – repeti com um tom amável na tentativa de dirigir a conversa.

– Oh – Sophie concentrou-se de testa franzida e calou-se.

– Mamãe está empolgada com a chegada do bebê. Ela diz que será a criança mais bem-vestida que o mundo já viu. – Nathaniel sorriu com ternura para a esposa. – Aí, começaram os sonhos. E Sophie pressentiu que os problemas estavam por vir. Para um demônio, ela tem fortes premonições, tal como a minha mãe. Em setembro, Sophie começou a ver o rosto e a ouvir o nome de Diana. Ela disse que as pessoas estavam querendo uma coisa de você.

– Mostre o jarro com o rosto dela, Nathaniel. É só uma foto. Eu queria trazê-lo, mas ele achou que era um jarro grande demais para carregar de Durham a Nova York.

O marido de Sophie pegou o celular e mostrou uma foto na tela. Estendeu o celular para Sarah, que pareceu surpreendida.

– Eu sou ceramista, como a minha mãe e a mãe dela. Vovó usava o fogo-de-bruxa para a fornalha, mas faço da maneira tradicional. Coloco todos os rostos dos meus sonhos nos meus jarros. Nem todos são assustadores. O seu não é.

Sarah passou o celular para Matthew.

– É lindo, Sophie – ele disse com sinceridade.

Concordei. Era um vaso em forma de ânfora com duas alças que saíam do gargalo estreito e que tinha um tom esmaecido de cinza. Na parte da frente, um rosto, o meu rosto, embora distorcido pelas proporções do jarro. Meu queixo, meu nariz, minhas orelhas e minha fronte apareciam em alto-relevo. Meus cabelos caíam em ondas trabalhadas minuciosamente na argila. Eu estava de olhos fechados e com um sorriso sereno na boca, como se estivesse guardando um segredo.

– Isto aqui também é para você. – Ela tirou do bolso do cardigã um pequeno objeto embrulhado com um pedaço de oleado e amarrado em barbante. – Tive certeza de que isso pertencia a você quando o bebê deu um chute. Era o que ele também achava. Talvez tenha sido isso que deixou Agatha tão preocupada. Claro que nenhum de nós sabia o que fazer, já que o meu bebê é uma bruxa. A mãe de Nathaniel achou que você poderia ter algumas ideias.

Observamos em silêncio enquanto Sophie desfazia os nós.

– Desculpe – ela disse baixinho. – Foi papai que amarrou. Ele era da Marinha.

– Posso ajudá-la? – perguntou Marcus esticando a mão para pegar o embrulho.

– Não, eu mesma faço isso. – Ela sorriu para ele com doçura e retomou o que estava fazendo. – Foi embrulhada assim para não ficar preta. Ela não é para ser preta e sim branca.

A curiosidade era geral e a casa inteira estaria em silêncio se não fossem as lambidas de Tabitha nas patas. O barbante foi solto e depois o oleado.

– Aqui está – ela sussurrou. – Posso não ser uma bruxa, mas sou a última dos Norman. Guardamos isso para você.

Uma pequena estatueta de quase dez centímetros de altura de prata antiga brilhou discretamente como se exibida na vitrine de um museu. Sophie virou-a de forma que ficasse de frente para mim.

– Diana. – Nem seria preciso que eu dissesse. A deusa era representada com exatidão, desde a lua crescente à testa até as sandálias. Ela se movimentava como se desse um passo à frente e tentava pegar uma flecha na aljava com uma das mãos. A outra mão pousava nos chifres de um veado.

– Onde conseguiu isso? – perguntou Matthew com um ar inusitado e um rosto acinzentando.

Sophie encolheu-se.

– Ninguém sabe. Sempre esteve com a família Norman. Ela tem sido passada de bruxa para bruxa na minha família. Um dia a minha avó disse para o meu pai: "Na hora certa, ela deverá ser dada a quem dela precisa." E o meu pai me disse a mesma coisa. A frase estava escrita num pedaço de papel que acabou se perdendo.

– O que é isso, Matthew? – Marcus parecia perturbado. E Nathaniel também.

– É uma peça de xadrez – respondeu Matthew com a voz embargada. – É a rainha branca.

– Como sabe disso? – disse Sarah enquanto analisava a estatueta. – Não se parece com nenhuma peça de xadrez que conheço.

Matthew esforçou-se para falar.

– Ela era minha. Foi meu pai que me deu.

– E como foi parar na Carolina do Norte? – Estiquei a mão para pegar a estatueta de prata que de imediato deslizou pela mesa como se quisesse que eu ficasse com ela. Fechei a palma da mão e os chifres do veado couberam exatinho dentro dela, o metal se aqueceu com muita rapidez ao meu toque.

– Perdi essa estatueta numa aposta – disse Matthew baixinho. – Não sei como foi parar na Carolina do Norte. – Ele enterrou o rosto nas mãos e murmurou uma palavra que não fez o menor sentido para mim. – Estojo.

– Consegue se lembrar de quando esteve com ela pela última vez? – perguntou Sarah com um tom incisivo.

– Lembro perfeitamente. – Matthew ergueu a cabeça. – Foi numa noite de Finados há muitos anos, durante uma partida de xadrez. Foi quando perdi a aposta.

– Cai na próxima semana. – Miriam esticou-se na cadeira de modo a nivelar os olhos com os olhos de Sarah. – Não será mais fácil fazer essa viagem no tempo por ocasião de Finados e Todos os Santos?

– Miriam – rosnou Matthew, mas já era tarde.

– Viajar no tempo, como assim? – sussurrou Nathaniel para Sophie.

– Mamãe viajava no tempo – sussurrou Sophie em resposta. – Ela era muito boa nisso, e sempre retornava dos anos 1700 com muitas ideias para as panelas e os vasos de cerâmica.

– Sua mãe visitava o passado? – perguntou Nathaniel com um fiapo de voz. Ele percorreu com os olhos as criaturas em volta e depois olhou para a barriga da mulher. – Isso é comum nas famílias de bruxas, como a segunda visão?

Sarah respondeu para Miriam em meio ao cochicho dos demônios.

– Entre Halloween e Finados a distância entre os vivos e os mortos se reduz. Seria mais fácil para escorregar entre o passado e o presente.

Nathaniel se mostrou ainda mais aflito.

– Vivos e mortos? Nós só viemos entregar essa estatueta para que Sophie possa dormir tranquila.

– Será que Diana aguenta? – perguntou Marcus para Matthew, ignorando Nathaniel.

– É uma boa época do ano para Diana viajar no tempo sem dificuldades – refletiu Sarah em voz alta.

Sophie não dissimulou sua alegria por estar presente naquela mesa.

– Isso está me fazendo lembrar do tempo em que vovó se reunia com as irmãs para conversar. Parecia que não prestavam atenção uma na outra, mas elas sempre sabiam tudo o que tinha sido dito.

As vozes que falavam ao mesmo tempo se detiveram quando a porta da sala começou a abrir e fechar com violência, acompanhada pelo bater da porta da sala de estar. Nathaniel, Miriam e Marcus se levantaram abruptamente.

– Que loucura é essa? – disse Marcus.

– É a casa – respondi com enfado. – Vou ver o que ela quer.

Matthew me seguiu com a estatueta na mão.

A senhora do corpete bordado esperava à soleira da porta da sala de estar.

– Olá, madame – disse polidamente Sophie, que tinha me seguido e estava bem atrás de mim. – Ela se parece um pouco com você, não acha?

Então, vocês escolheram o caminho que devem tomar, disse a senhora com uma voz mais fraca do que antes.

– Escolhemos, sim – eu disse. Soaram passos atrás de mim à medida que os ocupantes da sala de jantar se aproximavam para ver o que estava acontecendo.

Vocês vão precisar de algo mais para a jornada, continuou falando a senhora.

A porta da sala de estar se abriu por inteiro, e com isso emparelhou o bando de criaturas às minhas costas com o bando de fantasmas que

aguardavam perto da lareira.

Isso promete ser interessante, disse a minha avó com um tom seco à frente do fantasmagórico bando.

Soou um estrondo nas paredes, como uma colisão de ossos. Minhas pernas bambearam e me sentei na cadeira de balanço da vovó.

Abriu-se uma rachadura nos lambris entre a janela e a lareira. A rachadura alongou-se e fez uma abertura com um corte diagonal. A velha madeira rangeu. Alguma coisa macia com pernas e braços saiu voando pela abertura e caiu no meu colo, deixando-me insegura.

– Minha nossa – disse Sarah.

Esse lambri nunca mais será o mesmo, comentou a minha avó enquanto balançava a cabeça na direção da rachadura na madeira.

A tal coisa estranha que voara até o meu colo era feita de um tecido rústico encardido pelo tempo. Além dos quatro membros, tinha uma protuberância no lugar da cabeça adornada por tufos ralos de cabelo. Havia um X costurado no lugar do coração.

– O que é isso? – perguntei apontando para aquela costura grosseira.

– Não toque nisso! – gritou Em.

– Já toquei – fiquei confusa. – Caiu no meu colo.

– Eu nunca tinha visto uma boneca de vodu tão antiga – disse Sophie, observando-a.

– Boneca? – Miriam franziu a testa. – Alguma de suas ancestrais já teve problemas com bonecas de vodu?

– Bridget Bishop – eu, Sarah e Em respondemos em uníssono.

A senhora de corpete bordado estava em pé ao lado de vovó.

– É sua? – perguntei com um sussurro.

Bridget sorriu meio sem graça. *Não se esqueça de ser prudente quando estiver em alguma encruzilhada, minha filha. Nunca se sabe que segredos estão enterrados nela.*

Olhei para a boneca e toquei ligeiramente no X em seu peito. O tecido

se abriu e mostrou um recheio de folhas, raminhos e flores secas que exalou um cheiro de ervas pelo ar.

– Arruda. – Reconheci por causa do chá de Marthe.

– E pelo cheiro, cravo-da-índia, giesta e casca de olmo americano também – disse Sarah cheirando o ar. – Esta boneca representa alguém... provavelmente Diana, mas nela também há um feitiço de proteção.

Você fez um ótimo trabalho com ela, disse Bridget para vovó ao mesmo tempo em que lançava um olhar de aprovação para Sarah.

Algo brilhou em meio ao marrom. Puxei com cuidado e a boneca se desfez.

E lá se foi, disse Bridget com um suspiro. Vovó enlaçou-a pelos ombros, reconfortando-a.

– É um brinco. – Uma luz iluminou a intrincada superfície de ouro, arrematada por uma enorme gota de pérola.

– O que um brinco da minha mãe estaria fazendo dentro da boneca de Bridget Bishop? – O rosto de Matthew retomou o tom acinzentado.

– Os brincos da sua mãe estavam perto do jogo de xadrez quando você estava jogando naquela noite do passado? – perguntou Miriam. O brinco e a peça de xadrez eram bem antigos, mais antigos que a boneca e mais antigos que a casa das Bishop.

Matthew pensou por alguns segundos e assentiu com a cabeça.

– Estavam sim. – Em seguida ele perguntou para mim com certa aflição. – Uma semana é suficiente? Você consegue resolver tudo?

– Não sei.

– Claro que consegue – disse Sophie, cantarolando para a própria barriga. – Ela fará tudo direitinho para você, bruxinha. Você será a madrinha dela – acrescentou com um sorriso radiante. – Ela gostará disso.

– Contando com o bebê... e tirando os fantasmas, é claro – disse Marcus com um tom enganoso parecido com a maneira de falar de Matthew quando estava estressado –, somos nove nesta sala.

– Quatro bruxas, três vampiros e dois demônios – disse Sophie com um ar sonhador e ainda com as mãos pousadas na barriga. – Mas vamos precisar de um outro demônio. Sem isso não formaremos um conventículo. E também vamos precisar de um outro vampiro quando Matthew e Diana partirem. A mãe de Matthew ainda está viva?

– Ela está cansada – desculpou-se Nathaniel apertando os ombros da esposa. – Não está conseguindo se concentrar.

– O que você disse? – perguntou Em para Sophie. Era visível que se esforçava para manter uma voz calma.

Os olhos de Sophie perderam o ar sonhador.

– Conventículo. Era como chamavam uma reunião de dissidentes no passado. Pergunte para eles. – Ela inclinou a cabeça na direção de Marcus e Miriam.

– Falei para você que isso não era um assunto apenas dos Bishop e dos Clermont – disse Em para Sarah. – Não se trata apenas de Matthew e Diana, se eles podem ou não ficar juntos. Isso também tem a ver com Sophie e Nathaniel. E tem a ver com o futuro, exatamente como disse Diana. Será dessa forma que combateremos a Congregação... não apenas como famílias individuais, mas também como um... qual foi mesma a palavra citada?

– Conventículo – respondeu Miriam. – Sempre gostei dessa palavra, é tão forte. – Ela sorriu triunfante.

Matthew se voltou para Nathaniel.

– Parece que a sua mãe estava certa. Vocês devem ficar aqui conosco.

– Claro que eles ficarão aqui – Sarah apressou-se em falar. – O quarto de vocês já está pronto, Nathaniel. É lá em cima, segunda porta à direita.

– Muito obrigado. – A voz de Nathaniel soou com alívio, se bem que ele ainda olhava com cautela para Matthew.

– Sou Marcus. – O filho de Matthew estendeu a mão para Nathaniel. O demônio apertou-a com firmeza, mal conseguindo disfarçar a reação por

causa da frieza da carne do vampiro.

– Está vendo? Não precisaremos fazer reserva naquele hotel, meu amor – disse Sophie para o marido com um sorriso iluminado. Em seguida, se voltou para Em com um olhar guloso. – Tem mais biscoitos?



Alguns dias depois, Sophie estava sentada na bancada central da cozinha com um punhado de abóboras e uma faca quando eu e Matthew chegamos de nossa caminhada diária. O tempo tinha esfriado e o inverno já se infiltrava no ar.

– O que você acha? – perguntou Sophie, mostrando uma abóbora. Como todas as abóboras de Halloween, tinha os olhos, as sobrancelhas e a boca vazados, mas Sophie transformara os traços costumeiros em algo extraordinário. Linhas se espraiavam dos cantos da boca, e rugas na testa deixavam os olhos ligeiramente desemparelhados. O efeito geral era assustador.

– Incrível. – Matthew olhou extasiado para a abóbora.

Ela mordeu o lábio enquanto examinava com olhos críticos a sua criação.

– Não sei se os olhos estão certos.

Sorri.

– Pelo menos *tem* olhos. Às vezes, Sarah se esquenta e só faz três buracos redondos com a ponta de uma chave de fenda.

– O Halloween é um dia muito atarefado para as bruxas. Nem sempre temos tempo para caprichar nos detalhes – disse Sarah com um tom cortante enquanto saía da cozinha para inspecionar o trabalho de Sophie. Ela o viu e aprovou. – Mas este ano nós seremos invejadas pela vizinhança.

Sophie sorriu meio sem jeito e pegou outra abóbora.

– Farei esta aqui menos assustadora. Afinal, a criançada não precisa chorar.

Faltava menos de uma semana para o Halloween. Em e Sarah estavam em plena atividade com os preparativos para a celebração de outono do conciliábulo anual de Madison. Era uma festa com comida e bebida (incluindo o famoso ponche de Em que tinha em seu crédito ao menos um ano de envelhecimento completado em julho), e também com atividades mágicas que mantinham as crianças ocupadas e longe da fogueira depois da excitação das travessuras e gostosuras. Mergulhar a cabeça numa bacia para abocanhar uma maçã era bem mais excitante quando a fruta em questão estava enfeitiçada.

Minhas tias jogaram indiretas de que poderiam cancelar os seus planos, e Matthew balançou a cabeça em negativa.

– A cidade toda se perguntará sobre a ausência de vocês. Afinal, é Halloween.

Nós estávamos hesitando. Até porque, Sarah e Em não eram as únicas que estavam contando as horas para o Halloween.

Na noite anterior Matthew tinha estabelecido uma partida gradual dos que estavam na casa, a começar por Nathaniel e Sophie e terminando com Marcus e Miriam. Ele achava que assim ninguém notaria a nossa própria partida – e ponto final.

Marcus e Nathaniel se entreolharam longamente quando Matthew passou o comunicado, o que fez o demônio balançar a cabeça e apertar os lábios enquanto o jovem vampiro olhava fixamente para a mesa e contraía as mandíbulas.

– Mas quem vai entregar os doces? – perguntou Em.

Matthew se pôs pensativo.

– Eu e Diana.

Depois que nos dispersamos, os dois jovens resmungaram e saíram pela porta como um raio para comprar leite ou algo assim. Em seguida, entraram no carro de Marcus e tomaram o rumo da estrada.

– Você tem que parar com a mania de dar ordens a eles – adverti a

Matthew quando ele se juntou a mim na porta de entrada para assistir à partida dos dois. – Eles já são adultos. Nathaniel tem uma esposa e logo será pai.

– Se ficarem por conta própria, nós teremos um exército de vampiros batendo à porta.

– Você não estará aqui na semana que vem para dar ordens a eles – eu o relembrei enquanto a luz dos faróis se afastava na direção da cidade. – O seu filho estará no comando.

– É isso que me preocupa.

A verdade é que estávamos em meio a um surto agudo de testosterona. Nathaniel e Marcus não podiam ficar no mesmo ambiente sem soltar faíscas no ar, e com a casa ocupada como estava era difícil que eles se evitassem.

Uma das discussões que antecederam a nossa partida ocorreu numa tarde em que chegou uma encomenda. Era uma caixa que exibia o aviso RISCO BIOLÓGICO em letras maiúsculas e vermelhas.

– Que merda é essa? – perguntou Marcus, carregando cautelosamente a caixa até a sala de TV. Nathaniel arregalou os olhos assustado, deixando a tela do seu laptop de lado por um momento.

– É para mim – disse Matthew com calma enquanto pegava a caixa.

– Minha mulher está grávida! – exclamou Nathaniel furioso, fechando o laptop. – Como pôde trazer isso para dentro de casa?

– São vacinas para Diana. – Matthew mal conseguiu ocultar o seu aborrecimento.

Deixei de lado as revistas que estava lendo.

– Que vacinas?

– Não podemos ir ao passado sem as devidas precauções. Venha comigo até a despensa. – Matthew estendeu a mão para mim.

– Primeiro me diga o que há na caixa.

– Vacinas de reforço... tétano, tifo, pólio, difteria e outras vacinas que

você provavelmente não tomou, como uma nova dose de vacina antirrábica, as últimas vacinas contra gripe e uma imunização para o cólera. – Ele fez uma pausa ainda com a mão estendida. – E uma vacina contra a varíola.

– Varíola? – Eu ainda nem tinha nascido quando deixaram de aplicar essa vacina nas crianças. Isso significava que Nathaniel e Sophie também não estavam imunizados.

Matthew se inclinou para me ajudar a ficar de pé.

– Vamos começar logo com isso – disse com um tom firme.

– Hoje não tomo injeção nenhuma.

– É bem melhor tomar isso hoje do que padecer de varíola e trismo amanhã – ele retrucou.

– Espere um pouco. – A voz de Nathaniel soou como uma chicotada na sala. – A vacina de varíola deixa o paciente contagioso. E como ficarão Sophie e o bebê?

– Explique para ele, Marcus – ordenou Matthew, colocando-se de lado para que eu passasse.

– O paciente não se torna exatamente um portador de varíola. – Marcus tentou parecer confiante. – É uma gradação diferente da doença. Sophie ficará bem, desde que não toque no braço de Diana ou em outra coisa qualquer que tenha estado em contato com ela.

Sophie sorriu para Marcus.

– Tudo bem. Eu consigo fazer isso.

– Você sempre faz o que ele manda? – disse Nathaniel para Marcus com um ar de desprezo enquanto saía do sofá na direção da esposa. – Sophie, nós vamos embora.

– Pare com isso, Nathaniel – ela disse. – Se ficar dizendo que vai embora, vai acabar magoando o pessoal da casa. Não vamos a lugar algum.

Nathaniel amarrou a cara para Matthew e sentou-se.

– Marcus escuta o que digo da mesma forma que Sophie escuta o que você diz – observou Matthew.

Já na despensa, Matthew tirou a minha blusa e começou a passar álcool no meu braço esquerdo. A porta abriu-se com um rangido.

Era Sarah. Não fizera qualquer comentário durante a troca de palavras entre Matthew e Nathaniel, mas não tirara o olho da caixa recém-chegada.

A fita adesiva que protegia a caixa já estava cortada. Lá dentro havia sete seringas cuidadosamente dispostas com uma embalagem de pílulas, algo que parecia um recipiente de sal e dois instrumentos de metal dentados que eu não conhecia. Matthew já estava no clima de distanciamento profissional que tinha mostrado na primeira vez que fui ao seu laboratório, ou seja, nada de conversas e tratamento privilegiado. Sarah foi acolhida como um apoio moral.

– Eu trouxe algumas camisetas brancas que você usava. – Ela me fez desviar a atenção do que Matthew estava fazendo por um momento. – Não será difícil deixá-las mais brancas. E também trouxe algumas toalhas brancas. Deixe sua roupa suja lá em cima que me encarrego dela.

– Obrigado, Sarah. O risco de contaminação é pequeno, quase nenhum. – Matthew selecionou uma das seringas. – Vamos começar pelo reforço da vacina contra o tétano.

Eu gemia a cada vez que ele espetava o meu braço. Na terceira injeção o suor já escorria pela minha testa e o coração estava na minha boca.

– Sarah – falei com um fiapo de voz. – Dá para não ficar atrás de mim?

– Desculpe – disse Sarah, colocando-se atrás de Matthew. – Beba essa água. – Ela estendeu um copo de água tão gelada que a parte externa do vidro transpirava. Peguei o copo com alívio e tentei me concentrar nele e não na seringa que Matthew manipulava.

Outra agulha penetrou na minha pele e me deixou sobressaltada.

– É a última – ele disse. Abriu o recipiente que parecia conter cristais de sal e adicionou o conteúdo ao líquido de uma garrafinha. Agitou-a com

vigor e estendeu-a para mim. – Essa é a vacina para cólera. É oral. Depois será imunizada de varíola, e tomará algumas pílulas nas próximas noites antes do jantar.

Ingeri o líquido de uma vez, mas tinha uma textura grossa e um gosto terrível que me fez engasgar.

Matthew abriu a sacola com os dois instrumentos dentados de inoculação da varíola.

– Sabe o que Thomas Jefferson escreveu sobre essa vacina para Edward Jenner? – perguntou Matthew de um modo hipnótico. – Disse que era a descoberta mais útil que a medicina podia ter. – Senti um toque frio de álcool no meu braço direito seguido pelo beliscão dos dentes dos instrumentos de inoculação na minha pele. – O presidente descartou a descoberta da circulação do sangue feita por Harvey, alegando que não passava de uma "bela contribuição" ao conhecimento médico. – Ele distribuiu o vírus vivo na minha pele com um movimento circular.

A tática de desviar a minha atenção estava funcionando. A história que ele contava era tão interessante que eu nem olhava para o braço.

– Mas Jefferson elogiou Jenner porque o seu método de inoculação fez da varíola uma doença que só seria conhecida pelos historiadores. Dessa forma tinha salvado a raça humana de um dos seus inimigos mais mortais. – Ele colocou a ampola vazia e os instrumentos de inoculação dentro de um recipiente hermeticamente fechado. – Acabou.

– Você conheceu Jefferson? – Eu já estava fantasiando uma viagem à Virgínia do século XVIII.

– Conheci melhor Washington. Ele era um soldado, um homem cujos atos falavam por si mesmos. Já Jefferson era um homem de palavras. Mas não era fácil atingir o homem que se abrigava atrás do intelecto. Eu nunca bateria à porta dele sem avisar, e ainda mais levando a reboque uma sabichona como você.

Estiquei-me para pegar a blusa de gola rolê, mas ele segurou o meu

braço e cobriu a área de inoculação com um curativo à prova de água.

– Isso é um vírus vivo, portanto trate de mantê-lo coberto. Sophie e Nathaniel não podem entrar em contato com isso ou com qualquer outra coisa que esbarre nisso. – Ele foi até a pia e lavou as mãos meticulosamente em água quente.

– Por quanto tempo?

– A princípio se formará uma bolha, depois a bolha formará uma casca. Ninguém deve tocar nesse local até que fique completamente curado.

Eu vesti a blusa de gola rolê com muito cuidado para não deslocar o curativo.

– Agora que tudo está feito, é hora de saber como Diana se transportará para uma época distante no dia do Halloween carregando você. Ela viaja no tempo desde criança, mas isso não é nada fácil – disse Sarah visivelmente preocupada.

Em apareceu à porta e nós a chamamos para sentar à mesa.

– Na verdade, fiz viagens no tempo nesses últimos dias – confessei.

– Quando? – Matthew parou o trabalho de coleta dos resíduos das inoculações por um momento.

– Primeiro, quando você estava conversando com Ysabeau na frente da casa. E também naquele que eu estava aprendendo a acender uma vela com Sarah e saí da despensa e fui parar no pomar. Nos dois casos ergui o pé e me imaginei em outro lugar, e abaixei o pé no lugar onde queria ir.

– De fato, parece uma viagem no tempo – comentou Sarah vagarosamente. – Claro que você não foi muito longe, e também não estava carregando nada. – Ela olhou Matthew dos pés à cabeça com um ar de dúvida.

Alguém bateu à porta.

– Posso entrar? – O pedido de Sophie soou abafado.

– Matthew, ela pode entrar? – perguntou Em.

– Desde que não toque em Diana.

Quando Em abriu a porta, Sophie estava acariciando a própria barriga.

– Tudo dará certo – disse tranquilamente da soleira da porta. – Se Matthew tiver uma ligação com o lugar para onde eles irão, ele ajudará a Diana e não será um peso a mais.

Miriam apareceu atrás de Sophie.

– Estou perdendo alguma coisa?

– Estamos conversando sobre a viagem no tempo.

– Como irão praticar isso? – Miriam postou-se ao lado de Sophie e empurrou-a de volta à porta quando ela tentou entrar.

– Primeiro passo, Diana volta algumas horas no tempo, e depois, um pouco mais. Distanciamos o tempo de forma gradual, e depois, o lugar. Por fim, Matthew entra em cena e veremos o que acontece. – Sarah olhou para Em. – Você pode ajudá-la?

– Um pouco – Em mostrou-se cautelosa. – Stephen me contou como fazia isso. Ele nunca recorria a feitiços para viajar no tempo, o poder que ele tinha dispensava esse recurso. Considerando as primeiras experiências de Diana com a viagem no tempo e as dificuldades dela com a feitiçaria, talvez possamos seguir o exemplo dele.

– Por que não vão ao celeiro agora para tentar? – sugeriu Sarah. – Ela pode começar voltando direto para a despensa.

Matthew fez menção de nos seguir e Sarah o barrou com um gesto de mão.

– Fique aqui.

O rosto de Matthew se acinzentou. Não me queria sem ele em outro lugar, e menos ainda em outro tempo.

O celeiro ainda exalava o doce aroma de antigas colheitas. Em colocou-se do lado oposto a mim e passou-me as instruções com toda calma.

– Fique o mais imóvel que puder e esvazie a mente.

– Você está parecendo a minha professora de ioga – retruquei, colocando-me na posição da montanha.

Em sorriu.

– Eu sempre lhe disse que ioga e magia têm muito em comum. Agora, feche os olhos. Pense na despensa de onde você acabou de sair. Você precisa querer estar lá mais do que aqui.

Configurei a despensa mentalmente, mobiliando-a com objetos, cheiros e pessoas. Franzi a testa.

– E você, onde estará?

– Depende da hora que você chegar lá. Se chegar antes do momento em que saímos, estarei lá. Do contrário, estarei aqui.

– Essa física não faz sentido para mim. – Minha cabeça ferveu com a ideia de que o universo podia comportar múltiplas Dianas e Ems, sem falar nas Mirians e Sarahs.

– Pare de pensar na física. O que foi mesmo que o seu pai escreveu naquele bilhete? *Aquele que não se fascina, que não se maravilha, é como se estivesse morto.*

– Foi mais ou menos isso – admiti relutante.

– Diana, é hora de dar um passo em direção ao mistério. A magia e a curiosidade que você tem desde o dia do seu nascimento estão à sua espera. Agora, pense no lugar para onde quer ir.

Quando a minha mente estava repleta de imagens da despensa, ergui o pé.

Quando o abaixei, ainda estava no celeiro com Em.

– Não deu certo. – Entrei em pânico.

– Você se ateve demais aos detalhes da despensa. Pense em Matthew. Não quer ficar com ele? A magia está no coração e na mente. Magia não é como feitiçaria para a qual bastam algumas palavras e alguns procedimentos. Você tem que *senti-la.*

– Desejo – eu disse para mim mesma, chamando pelo *Notes and Queries* da estante da Bodleiana e sentindo outra vez o beijo que Matthew tinha me dado na boca no apartamento da All Souls. O celeiro se

distanciou e de repente Matthew estava contando a história sobre Thomas Jefferson e Edward Jenner.

– Não – disse Em com uma voz firme. – Não pense em Jefferson. Pense no Matthew.

– Matthew. – Eu trouxe de volta à mente o toque de suas mãos frias na minha pele, a força de sua voz e a sensação que nos invadia quando estávamos juntos.

Ergui o pé.

Aterrissei em um dos cantos da despensa, espremida entre a parede e um velho barril.

– E se ela se perder? – Matthew parecia tenso. – Como a resgataremos?

– Não precisamos nos preocupar com isso – disse Sophie apontando na minha direção. – Ela já está aqui.

Matthew girou com um salto e soltou um suspiro de alívio.

– Quando foi que saí daqui? – Eu estava zonza e desorientada, mas me sentia bem.

– Cerca de noventa segundos – disse Sarah. – Tempo mais do que suficiente para Matthew ter uma crise nervosa.

Ele me tomou nos braços e aconchegou a minha cabeça debaixo do seu queixo.

– Graças a Deus. Quando ela poderá me levar?

– Não devemos nos precipitar – disse Sarah. – Um passo de cada vez.

Olhei em volta.

– Cadê a Em?

– Está no celeiro. – Sophie estava radiante. – Já vai chegar.

Em voltou vinte minutos depois. Com as faces coradas de preocupação e de frio, se bem que a tensão se dissipou quando ela me viu com Matthew.

– Você foi ótima, Em. – Sarah beijou-a, uma rara demonstração pública de afeto.

– Diana pensou inicialmente em Thomas Jefferson – explicou Em. –

Dessa maneira poderia parar no Monticello. Depois, concentrou-se nos próprios sentimentos e seu corpo começou a se tornar um borrão. Pisquei os olhos e de repente ela não estava mais lá.

Com a prestimosa assistência de Em, naquela tarde fiz uma viagem um pouco mais longa até o café da manhã. Nos dias seguintes, me distanciei ainda mais a cada viagem no tempo. Retornar ao passado com ajuda de três objetos era mais fácil que retornar ao presente, isso requeria uma grande concentração e habilidade para calcular com precisão onde e quando eu queria chegar. Finalmente, chegou o momento de carregar Matthew comigo.

Sarah insistiu em limitar as variáveis para acomodar o esforço extra requerido.

– Comece por qualquer lugar que você queira ir – aconselhou. – Dessa forma só terá que se preocupar em se imaginar de volta a uma determinada época. O lugar se encarregará de si mesmo.

À noite, levei Matthew até o quarto sem dizer o que tinha em mente. A peça de xadrez que representava a deusa Diana e o brinco dourado que tinha estado dentro da boneca de Bridget Bishop estavam em cima do gaveteiro, em frente à foto dos meus pais.

– Seria ótimo ficar aqui com você por algumas horas, mas o jantar já está quase pronto – ele protestou com um brilho de desejo nos olhos.

– Nós temos tempo. Sarah disse que já estou pronta para viajar no tempo com você. Voltaremos para nossa primeira noite aqui em casa.

Matthew parou para pensar e em seguida seus olhos se iluminaram.

– Naquela noite que as estrelas entraram no quarto?

Respondi com um beijo.

– Oh. – Ele pareceu timidamente surpreso. – O que devo fazer?

– Nada. – Isso seria a coisa mais difícil para ele nas viagens no tempo. – Lembra do que você vive me dizendo? Feche os olhos e relaxe que eu cuido do resto. – Comecei a rir.

Ele entrelaçou a mão na minha.

– Bruxa.

– Você nem vai perceber o que está acontecendo – assegurei. – É tudo muito rápido. É só erguer o pé e abaixá-lo quando eu disser. E não largue a minha mão.

– De jeito nenhum. – Ele apertou a minha mão.

Pensei naquela noite, na primeira noite que ficamos a sós depois do meu encontro com Satu. Lembrei do toque vigoroso e gentil que ele deu nas minhas costas. Senti de imediato uma persistente conexão com aquele momento do passado que desfrutamos juntos.

– Agora – sussurrei. – Levantamos os pés ao mesmo tempo.

Acontece que viajar no tempo com Matthew foi diferente. A companhia dele nos retardou e pela primeira vez tive consciência do que estava acontecendo.

Passado, presente e futuro cintilaram ao redor como uma teia de luz e cor. Os fios da teia se moviam de maneira lenta e quase imperceptível, às vezes um fio tocava outro fio e depois se afastava com delicadeza como se balançado pela brisa. Cada vez que os fios se tocavam – e milhões de fios se tocavam o tempo todo – soava um suave eco original e inaudível.

Em dado momento nos distraímos com as possibilidades aparentemente ilimitadas à nossa frente e quase perdemos de vista o trançado de dois fios, um branco e outro vermelho, que estávamos seguindo. Consciente de que esse trançado nos levaria de volta à primeira noite em Madison, retomei a concentração.

Abaixei o pé e senti o assoalho áspero debaixo dos meus pés descalços.

– Você disse que seria rápido – ele resmungou. – Para mim não foi rápido.

– É que desta vez tudo foi diferente – me justifiquei. – Você viu as luzes?

Matthew balançou a cabeça.

– Não vi nada além de escuridão. Era como se eu estivesse caindo em

câmera lenta, só a sua mão me impedia de chegar lá no fundo. – Ele pegou a minha mão e beijou-a.

Um aroma de chili se imiscuía em meio ao silêncio casa, e lá fora, era noite.

– Você consegue identificar quem está na casa?

Ele mexeu as narinas e fechou os olhos. Depois, sorriu e suspirou de felicidade.

– Só Sarah e Em, e você e eu. Ninguém mais.

Sorri e o puxei para perto de mim.

– Esta casa vai arrebentar se ficar mais cheia. – Ele enterrou o rosto no meu pescoço e logo recuou. – Você ainda está com o curativo. Isso significa que quando retornamos no tempo, não deixamos de ser quem somos no presente nem esquecemos do que nos aconteceu no passado. – Ele insinuou suas mãos geladas por debaixo da bainha da minha blusa de gola rolê. – Você é capaz de medir a passagem do tempo com precisão, agora que redescobriu o seu dom para viajar no tempo?

Embora tivéssemos desfrutado momentos românticos nesse passado recente, retornamos antes que Em tivesse terminado de preparar o jantar.

– A viagem no tempo lhe fez bem, Matthew – disse Sarah, observando a expressão relaxada no rosto dele. Ela o premiou com um copo de vinho tinto.

– Obrigado, Sarah. Eu estava em boas mãos. – Ele ergueu o copo em brinde.

– Que bom ouvir isso – a voz de Sarah soou tão seca quanto a da minha avó fantasmagórica. Ela jogou algumas rodelas de rabanete dentro de uma enorme saladeira que eu nunca tinha visto.

– De onde veio isso? – Olhei para a saladeira escondendo os meus lábios rubros pelos muitos beijos.

– Da casa – respondeu Em enquanto temperava e remexia a salada. – Ela adora quando tem muita gente para comer.

Na manhã seguinte a casa nos fez saber que haveria um novo visitante.

Eu estava discutindo com Sarah e Matthew se a próxima viagem no tempo seria para Oxford ou para Sept-Tours quando Em surgiu com uma trouxa de roupa suja.

– Está chegando alguém.

Matthew deixou o jornal na mesa e levantou-se.

– Que bom. Estou esperando uma entrega para hoje.

– Não é um entregador, e ele ainda não chegou. Mas a casa já está pronta para recebê-lo. – Ela saiu na direção da lavanderia.

– Um outro quarto? Onde a casa o colocou? – gritou Sarah para Em.

– Perto do quarto do Marcus. – A resposta de Em ecoou das profundezas da máquina de lavar.

Começamos a trocar palpites sobre quem poderia ser. Palpites que iam de Agatha Wilson às amigas de Emily lá de Cherry Valley que gostavam de aparecer de surpresa para a festa de Halloween.

A manhã já ia alta quando soou uma batida autoritária à porta. Abri e dei de cara com um homem moreno de estatura baixa e olhos inteligentes. Eu o reconheci imediatamente pelas fotos de festas de celebridades em Londres e por tê-lo visto em alguns programas de televisão. As dúvidas que ainda restavam sobre a identidade daquele se apagaram com os dois beijinhos que ele deu no meu rosto.

O misterioso hóspede da casa era Hamish Osborne, o amigo de Matthew.

– Você deve ser a Diana – ele disse sem preâmbulos, com um sotaque escocês evidenciado pelas vogais longas. Vestia-se de maneira formal, com um terno risca de giz talhado especialmente para ele, uma camisa em tom claro de rosa e abotoaduras de prata nas mangas e uma gravata fúcsia bordada com minúsculas moscas.

– Eu mesma, Diana. Olá, Hamish. Matthew o esperava? – Coloquei-me de lado para lhe dar passagem.

– Provavelmente, não – respondeu Hamish de pronto ainda à entrada. – Onde ele está?

– Hamish. – Matthew se moveu com tanta rapidez que parecia que uma brisa se aproximava por trás de mim. Logo ele estendia a mão para cumprimentar o amigo. – Que surpresa.

Hamish olhou para a mão estendida e depois olhou nos olhos de Matthew.

– Surpresa? Então, vamos discutir essas tais surpresas. Quando me juntei a sua... empresa de família, você me jurou que isso nunca aconteceria. – Ele balançou um envelope com um selo em cera preta ainda visível.

– É verdade. – Matthew recolheu a mão e olhou com cautela para Hamish.

– Para você ter quebrado a promessa, só pode ter acontecido alguma coisa muito séria. Desconfiei quando recebi esta carta e quando sua mãe me disse que está havendo um problema. – Hamish olhou para mim e depois para Matthew.

– Pois é. – Os lábios de Matthew se apertaram. – Mas você é o nono cavaleiro. E não precisa se envolver.

– Quer dizer que você fez de um *demônio* o nono cavaleiro? – disse Miriam saindo da sala de jantar acompanhada de Nathaniel.

– Quem é ele? – Nathaniel sacudiu um punhado de pecinhas do jogo de palavras cruzadas na mão enquanto observava o recém-chegado.

– Hamish Osborne. E quem é você? – ele perguntou como se estivesse falando com um subalterno impertinente. Mais testosterona era a última coisa de que precisávamos na casa.

– Ora, eu sou ninguém – respondeu rapidamente Nathaniel, encostando-se na porta da sala de jantar. Não lhe passou despercebido que Marcus chegava.

– Hamish, o que está fazendo aqui? – Marcus pareceu confuso, mas

logo viu a carta. – Ah, sim.

Meus ancestrais confabularam na sala de TV, e a casa começou a sacolejar em suas fundações.

– Podemos continuar a conversa lá dentro? É pela casa. Já está sentindo algum desconforto pelo fato de você ser demônio... e estar com raiva.

– Entre, Hamish. – Matthew tentou convencer o amigo a sair da soleira da porta. – Marcus e Sarah ainda não deram cabo do suprimento de uísque. Que tal tomar uma dose enquanto conversamos ao pé da lareira?

Hamish não arredou pé e continuou falando.

– Na visita que fiz à sua mãe, que por sinal se dispôs a responder às minhas perguntas muito mais do que você, eu soube que você queria algumas coisas da casa. O fato é que pareceu um desperdício Alain fazer uma viagem tão longa quando eu já estava vindo para cá a fim de saber o que afinal estava acontecendo. – Ele ergueu uma volumosa mala de revestimento macio e uma maleta de revestimento duro.

– Muito obrigado, Hamish – disse Matthew de um modo cordial, mas visivelmente contrariado pela mudança de planos.

– E já que estamos nas explicações, que bom que os franceses não se importam com a exportação dos tecidos ingleses. Você faz ideia da papelada que seria exigida para tirar isso da Inglaterra? Isso *caso* eles me deixassem tirar, o que duvido muito.

Matthew tirou a maleta da mão de Hamish, pegou o amigo pelo braço e o empurrou para dentro da casa.

– Mais tarde você fala sobre isso – disse apressadamente. – Marcus, apresente Hamish para a família de Diana enquanto guardo essas coisas.

– Oh, é você – disse Sophie com um ar encantado enquanto saía da sala de jantar. Seu barrigão se destacava debaixo do moletom apertado da Universidade da Carolina do Norte. – Você, como Nathaniel, não é tão descuidado como eu. Seu rosto também está em um dos meus jarros. – Ela sorriu para Hamish que se mostrou ao mesmo tempo encantado e

assustado.

– Tem mais? – ele me perguntou espichando o pescoço de um modo que o fez parecer uma ave curiosa.

– Muitos mais – disse Sophie toda contente. – Só que não conseguirá vê-los.

– Venha conhecer as minhas tias – eu disse abruptamente.

– As bruxas? – Não foi possível saber o que ele pensou. Seus olhos atentos não perdiam nada, e seu rosto era quase tão impassível quanto o de Matthew.

– Sim, as bruxas.

Matthew subiu com a maleta enquanto eu e Marcus apresentávamos Hamish para Em. Ele pareceu menos aborrecido com ela do que comigo, e logo ela e Matthew o paparicavam. Intrigada com a agitação, Sarah nos encontrou na despensa.

– Sarah, agora já somos um conventículo – comentou Sophie ao mesmo tempo em que pegava um biscoito na bancada da cozinha. – Os nove, completos... três bruxas, três demônios e três vampiros presentes e preparados.

– Parece que sim – disse Sarah olhando Hamish de cima a baixo. Reparou que sua companheira zanzava pela cozinha como uma abelha desnorteada. – Em, acho que o novo hóspede não quer café nem chá. O uísque está na sala de jantar?

– Diana e eu a chamamos de sala de guerra – cochichou Sophie pegando Hamish pelo braço como se o conhecesse há muito tempo –, embora seja pouco provável que a gente trave uma guerra sem chamar a atenção dos humanos. Mas é uma sala espaçosa o suficiente para caber todos nós. Alguns fantasmas também gostam de se aglomerar por lá.

– Fantasmas? – Hamish afrouxou o nó da gravata.

– Para a sala de jantar. – Sarah agarrou o outro braço de Hamish. – Todo mundo para a sala de jantar.

Matthew já estava lá. Um odor de cera quente enchia o ar. Depois que todos se sentaram e pegaram suas bebidas, ele assumiu o comando.

– Hamish tem algumas perguntas – disse. – Nathaniel e Sophie também. Suponho que devo contar uma história que eu e Diana temos vivido.

Dito isso, Matthew respirou fundo e iniciou a narrativa. Incluiu tudo – o Ashmole 782, os Cavaleiros de Lázaro, os arrombamentos em Oxford, Satu e o ocorrido em La Pierre e até mesmo a fúria de Baldwin. Não deixou de mencionar a boneca, os brincos e os jarros. Quando começou a falar da viagem no tempo e dos três objetos que eram necessários para retornar a uma época e a um lugar em particular, Hamish o olhou com um ar cortante.

– Matthew Clermont – sibilou enquanto se debruçava na mesa. – E o que eu trouxe de Sept-Tours? Diana sabe?

– Não. – Matthew pareceu ligeiramente desconfortável. – Saberá no Halloween.

– Bem, ela terá que saber no Halloween, não é mesmo? – Hamish suspirou de aflição.

Embora o diálogo entre Hamish e Matthew tenha esquentado só em dois momentos a tensão ameaçou atingir o nível de uma guerra civil. Obviamente, dois momentos que envolveram Matthew e Nathaniel.

O primeiro se deu quando Matthew explicava os pormenores da guerra para Sophie – os ataques inesperados, a longa rixa entre vampiros e bruxas até então cozida em banho-maria e que começava a ferver, as mortes brutais que sempre ocorrem quando a luta entre as criaturas recorre à magia, à feitiçaria, às forças descomunais, às velocidades espantosas e aos poderes sobrenaturais.

– Mas as guerras não são mais travadas assim. – A voz de Nathaniel cortou o diálogo.

Matthew ergueu as sobrancelhas e assumiu uma expressão impaciente.

– Não?

– Hoje as guerras são travadas com computadores. Não estamos mais no século XIII. Já faz tempo que acabou o combate corpo a corpo. – Nathaniel apontou para o laptop. – Com os computadores você pode derrubar o inimigo sem verter uma gota de sangue e sem fazer disparos.

– Nathaniel, é fato que não estamos mais no século XIII, mas alguns combatentes daquela época ainda estão vivos e sentem um enorme prazer em destruir os outros à maneira antiga. Deixe isso comigo e com Marcus. – Matthew achou que o assunto estava encerrado.

Nathaniel balançou a cabeça em negativa, olhando fixamente para a mesa.

– Tem mais alguma coisa a dizer? – perguntou Matthew, com um rosnado se formando no fundo da garganta.

– Você já deixou bem claro que fará o que bem entender – Nathaniel ergueu os olhos castanhos com um ar sincero e desafiador, e depois deu de ombros. – Faça o que quiser. Mas estará cometendo um erro se pensar que seus inimigos não usarão métodos mais modernos para destruí-lo. Até porque, temos que levar em conta os humanos. Eles notarão que as bruxas e os vampiros estão se digladiando nas ruas.

A segunda rixa entre Nathaniel e Matthew não teve a ver com guerra e sim com sangue. Começou de um modo inocente quando Matthew mencionou a relação entre Nathaniel e Agatha Wilson e os pais bruxos de Sophie.

– É imperativo que o DNA deles seja analisado. O do bebê também, assim que nascer.

Marcus e Miriam assentiram com a cabeça sem demonstrar surpresa. O resto de nós mostrou alguma surpresa.

– Nathaniel e Sophie colocam em questão a sua teoria de que os traços demoníacos resultam mais de mutações imprevisíveis e menos da hereditariedade – pensei em voz alta.

– Nós temos muito poucos dados. – Matthew olhou para Hamish e

para Nathaniel com a frieza de um cientista examinando dois novos espécimes. – Talvez as nossas descobertas atuais estejam mal direcionadas.

– O caso de Sophie também nos leva a supor que a relação entre demônios e bruxas é bem mais estreita do que pensávamos. – Miriam olhou com seus olhos negros para a barriga de Sophie. – Nunca ouvi falar de uma bruxa que deu à luz um demônio e vice-versa.

– Você acha que vou disponibilizar o sangue de Sophie e do meu filho para um bando de vampiros? – Nathaniel pareceu perigosamente prestes a perder o controle.

– Diana não é a única criatura nesta sala que a Congregação quer como objeto de estudo, Nathaniel. – As palavras de Matthew não eram para acalmar o demônio. – Sua mãe percebeu que sua família corria perigo, do contrário não os teria mandado para cá. Um dia sua mulher e seu filho poderão sumir sem que você se dê conta. E se isso acontecer, dificilmente os terá de volta.

– Basta – disse Sarah abruptamente. – Não precisa ameaçá-lo.

– Mantenha distância da minha família – disse Nathaniel ofegante.

– Não sou um perigo para sua família – retrucou Matthew. – O perigo vem da Congregação, da possibilidade de hostilidade entre as três espécies e, acima de tudo, da ideia equivocada de que nada disso está acontecendo.

– Eles virão atrás de nós, Nathaniel. Eu vi. – A voz de Sophie soou com convicção e seu rosto exibiu a mesma expressão cortante de Agatha Wilson em Oxford.

– Por que não me contou? – perguntou Nathaniel.

– Comecei a contar para Agatha, mas ela não me deixou continuar. Ficou tão assustada. E depois me deu o nome de Diana e o endereço da casa das Bishop. – O rosto de Sophie exibiu o seu característico ar vago. – Fico feliz por saber que a mãe de Matthew ainda está viva. Ela vai gostar dos meus jarros. Modelei o rosto dela em um deles. E Matthew, você terá o meu DNA e qualquer coisa que quiser... e do bebê também.

A declaração de Sophie acabou de uma vez por todas com as objeções de Nathaniel. Depois que Matthew obteve todas as respostas que queria, tirou de debaixo do braço um envelope que até então passara despercebido. Era o envelope com o selo de cera preta.

– Isto deixa uma peça do negócio inacabada. – Levantou-se e estendeu o envelope para Hamish. – Hamish, isto é para você.

– Oh, não, isso não. – Hamish cruzou os braços. – Dê para o Marcus.

– Além de ser o nono cavaleiro, você também é o senescal dos Cavaleiros de Lázaro e o meu segundo em comando. Há um protocolo que devemos seguir – disse Matthew com os lábios apertados.

– Matthew sabe disso – murmurou Marcus. – Ele é o único grão-mestre na história da ordem que jamais renunciou.

– E agora serei o único grão-mestre que renunciou duas vezes – disse Matthew ainda com o envelope na mão.

– Que se dane o protocolo – retrucou Hamish dando um murro na mesa. – Todo mundo para fora da sala, menos Matthew, Marcus e Nathaniel. Por favor – reconsiderou.

– Por que temos que sair? – perguntou Sarah, desconfiada.

Hamish ponderou por alguns segundos.

– Talvez seja melhor você ficar.

Os cinco ficaram trancados na sala de jantar pelo resto do dia. A certa altura Hamish saiu exausto e pediu sanduíches, dizendo que os biscoitos tinham acabado.

– É impressão minha ou vocês também pensam que os homens nos retiraram da sala para poder fumar e conversar sobre política? – perguntei para tirar a reunião na sala de jantar da minha cabeça enquanto remexia em velhos filmes e verificava os programas de televisão. Sophie e Em faziam tricô e Miriam resolvia um quebra-cabeça de um livro intitulado *Sudoko, demoniacamente difícil*. De quando em quando ela soltava um risinho e marcava uma das margens.

– O que está fazendo, Miriam? – disse Sophie.

– Marcando pontos. – Miriam fez outra marca na página.

– O que será que estão discutindo? E quem será que está ganhando? – perguntei, invejando a apurada audição de Miriam.

– Eles estão planejando uma guerra, Diana. E quanto a quem está ganhando, há um empate entre Matthew e Hamish – ela disse. – Marcus e Nathaniel também fizeram uns bons disparos, e Sarah está aguardando a sua vez de atirar.

Anoitecia e eu e Em já estávamos preparando o jantar quando a reunião terminou. Nathaniel e Sophie ficaram cochichando na sala da TV.

– Eu preciso dar alguns telefonemas – disse Matthew depois de me dar um beijo com um tom de voz que não combinava com a sua expressão tensa.

Como ele estava cansado, decidi deixar as perguntas para depois.

– Tudo bem. – Acariciei o rosto dele. – Fique à vontade. O jantar só estará pronto daqui uma hora.

Ele me deu um outro beijo demorado e intenso, e depois saiu pela porta dos fundos.

– Eu preciso de um drinque – resmungou Sarah enquanto se dirigia à varanda para fumar um cigarro.

Matthew atravessou o pomar em direção ao celeiro como uma sombra descortinada por entre a fumaça do cigarro de Sarah. Hamish então se aproximou pelas minhas costas e cravou os olhos na minha nuca.

– Já está totalmente recuperada? – disse com tranquilidade.

– O que você acha? – O dia tinha sido difícil e ele não fazia o menor esforço para dissimular a aversão que sentia por mim. Balancei a cabeça em negativa.

Hamish desviou os olhos e os segui com os meus. Era Matthew que passava as mãos brancas nos cabelos antes de desaparecer no celeiro.

– *Tigre, tigre que flamejas. Nas florestas da noite* – ele citou William

Blake. – Este poema sempre me faz lembrar dele.

Coloquei a faca na tábua de corte e o encarei.

– O que você tem em mente, Hamish?

– Você está certa de que o quer, Diana? – ele perguntou. Em enxugou as mãos no avental, e saiu da cozinha com um olhar triste para mim.

– Sim. – Olhei no fundo dos olhos de Hamish para convencê-lo da minha total segurança em relação a Matthew.

Ele assentiu com a cabeça, sem demonstrar surpresa.

– O que me pergunto é se o assumiria se soubesse o que ele foi... e o que ele ainda é. Pelo visto você não sente medo de ter um tigre no seu rastro.

Olhei para a bancada sem dizer nada e retomei o meu trabalho na tábua de corte.

– Cuidado. – Ele apoiou a mão no meu braço, forçando-me a olhá-lo. – Matthew será um outro homem nesse lugar para onde vocês vão.

– Sim, será. – Franzi o cenho. – O meu Matthew vai comigo. Ele será exatamente o mesmo.

– Não será – disse Hamish com um ar sombrio. – Ele não será.

Fazia muito tempo que Hamish conhecia Matthew. E pelo conteúdo da maleta ele já devia ter decifrado o nosso destino. Quanto a mim, eu não sabia nada, a não ser que retornaria a um tempo anterior a 1976 em um lugar onde Matthew tinha jogado xadrez.

Hamish juntou-se a Sarah na varanda e em seguida duas nuvens de fumaça cinzenta ergueram-se no céu da noite.

– Está tudo bem lá? – perguntei quando Em voltou da sala de TV, onde Miriam, Marcus, Nathaniel e Sophie conversavam e assistiam à TV.

– Está. E aqui?

– Aqui também. – Olhei para as macieiras na expectativa de que Matthew irrompesse da escuridão.



Na véspera do Halloween, comecei a sentir uma sensação esquisita no estômago. Ainda estava na cama e me abracei a Matthew.

– Estou nervosa.

Ele fechou o livro que estava lendo e me puxou para mais perto.

– Eu sei. Você já estava nervosa antes de acordar.

A casa já estava em plena atividade. A impressora de Sarah imprimia folhas e mais folhas no térreo. A televisão estava ligada e a secadora de roupas gemia baixinho a distância, como se protestando pela nova trouxa de roupa. Pelo aroma no ar Sarah e Em consumiam o café de todo dia, e no corredor soava o barulho de um secador de cabelo.

– Somos os últimos a levantar? – Fiz um esforço para acalmar o meu estômago.

– Acho que sim – ele disse com um sorriso e uma sombra de preocupação nos olhos.

No térreo, Sarah preparava os ovos enquanto Em tirava os tabuleiros de *muffins* do forno. Nathaniel desenformou um dos *muffins* de um modo metódico e o colocou inteirinho dentro da boca.

– Cadê o Hamish? – disse Matthew.

– No meu escritório, usando a impressora. – Sarah o olhou longamente e depois se voltou para a panela.

Marcus deixou o jogo de palavras cruzadas de lado e passou pela cozinha para dar a caminhada diária com o pai. Ao sair ele agarrou um punhado de nozes e deu uma cheirada nos *muffins* com um gemido de desejo.

– O que está havendo? – perguntei baixinho.

– Hamish está cumprindo o papel de advogado – respondeu baixinho Sophie enquanto espalhava uma grossa camada de manteiga em cima de um *muffin*. Ele disse que há documentos que precisam ser assinados.

A manhã estava alta quando Hamish nos chamou para a sala de jantar. Entramos, uns com um copo de vinho na mão, outros, com uma caneca. Ele aparentava não ter dormido. Folhas de papel muito bem organizadas em pequenas pilhas encontravam-se ao longo da mesa com barrinhas de cera preta e dois selos dos Cavaleiros de Lázaro, um deles pequeno, o outro, grande. Meu coração desceu ao estômago e subiu à garganta.

– Devemos nos sentar? – disse Em. Estava com um bule de café fresco, e encheu a caneca de Hamish.

– Obrigado, Em – ele agradeceu. Duas cadeiras estavam vazias à cabeceira da mesa. Ele fez um gesto para que fossem ocupadas por mim e Matthew e pegou uma primeira pilha de papéis. – Ontem à tarde discutimos alguns assuntos práticos sobre a nossa situação atual.

Olhei novamente para os selos de coração acelerado.

– Não muita jurisprudência, Hamish, por favor – disse Matthew, apertando as minhas costas com a mão.

Hamish lançou um olhar furioso para ele e continuou.

– Isto é uma procuração, Diana. Autoriza a mim ou a qualquer outro que ocupe o cargo de senescal a agir legalmente em seu nome.

A procuração dava à ideia abstrata da viagem no tempo uma nova finalidade. Matthew tirou uma caneta do bolso.

– Aqui. – Colocou a caneta à minha frente.

Eu não estava acostumada com caneta-tinteiro e arranhei a pena quando assinei o meu nome. Feito isso, Matthew pegou a folha, pingou a cera negra debaixo da assinatura e depois fixou o seu selo pessoal sobre a massa negra.

Hamish pegou outra pilha.

– Essas cartas também são para você assinar. Uma delas informa aos organizadores da sua conferência que você não poderá ministrá-la no mês de novembro. Outra é um pedido de licença médica para o próximo ano. Seu médico, o dr. Marcus Whitmore, assinou o atestado. Se vocês não retornarem até abril, enviarei o pedido para a Yale.

Li os papéis com atenção e assinei com a mão trêmula, renunciando a minha vida no século XXI.

Hamish pressionou a beirada do tampo da mesa com mãos firmes. Claro que arquitetava alguma coisa.

– Não sabemos quando Matthew e Diana retornarão ao nosso convívio. – Embora não tivesse dito "se", a palavra ecoou pela sala. – Toda vez que um membro da firma ou da família Clermont se prepara para uma longa viagem ou para sumir de vista por um tempo, a minha função é assegurar que seus negócios estejam organizados. Diana, você não tem um testamento.

– É verdade. – Minha mente estava em branco. – Mas não tenho bens, nem carro eu tenho.

Hamish se empertigou.

– Isso não é inteiramente verdadeiro, não é mesmo, Matthew?

– Me dê isso – disse Matthew com relutância. Hamish estendeu uma grossa documentação para ele. – Fiz isso na última vez que estive em Oxford.

– Antes de La Pierre – falei sem tocar nas folhas.

Matthew assentiu.

– Em essência, é o nosso contrato nupcial. Estabelece de forma irrevogável que um terço do meu patrimônio pertence a você. Mesmo que você me deixe, esses bens serão seus.

O contrato datava do período que antecedeu o retorno dele para casa, antes do nosso casamento vampiro.

– Eu nunca o deixarei, e não quero isso.

– Você nem sabe o que é. – Matthew colocou as folhas à minha frente.

Era muita coisa para ser absorvida. Somas vultosas de dinheiro, uma propriedade em um bairro chique de Londres, um apartamento em Paris, uma vila nos arredores de Roma, a Velha Cabana, uma casa em Jerusalém e outras casas em cidades como Veneza e Sevilha, e ainda jatinhos, carros. – Minha cabeça rodou.

– Eu tenho um seguro de trabalho. – Afastei a papelada. – Isso é completamente desnecessário.

– Quer você queira ou não, tudo isso é seu – resmungou Matthew.

Hamish esperou para que eu pudesse me recompor e depois lançou uma bomba.

– Se Sarah viesse a falecer, você também herdaria esta casa, sob a condição de que Emily viveria aqui pelo tempo que quisesse. E você é a única herdeira de Matthew. Portanto, você tem bens sim, e preciso tomar conhecimento da sua vontade.

– Eu não quero falar disso. – As lembranças de Satu e Juliette ainda estavam frescas, e a morte ainda estava muito próxima de mim. Levantei-me a fim de sair correndo da sala e rapidamente Matthew me pegou pela mão.

– Você precisa fazer isso, *mon coeur*. Não podemos deixar esse encargo para Sarah e Marcus.

Eu me sentei e refleti em silêncio sobre o que faria com aquela fortuna incalculável, e também com aquela fazenda cuja casa caía aos pedaços e que um dia seria minha.

– Meu patrimônio deverá ser dividido igualmente entre os nossos filhos – eu disse por fim. – E nisso se incluem *todos* os filhos vampiros e biológicos de Matthew e todos os outros que nós viermos a gerar. A casa da família Bishop também pertencerá a eles depois que Em não estiver mais aqui.

– Eu tratarei disso tudo – assegurou Hamish.

Os documentos que restavam na mesa ainda estavam dentro de envelopes. Dois exibiam o selo de Matthew. Outro tinha uma fita preta e prateada atada ao redor com uma protuberância de cera que cobria o nó. Da fita pendia um disco preto do tamanho de um prato de sobremesa com o selo dos Cavaleiros de Lázaro impresso.

– Agora, vamos tratar da irmandade. A ordem dos Cavaleiros de Lázaro, fundada pelo pai de Matthew, celebrizou-se por proteger os indefesos. Embora a maioria das criaturas tenham se esquecido de nós, continuamos na ativa. E continuaremos a existir mesmo que Matthew venha a morrer. Amanhã, antes de Marcus deixar a casa, Matthew renunciará oficialmente ao seu cargo de grão-mestre da ordem e elegerá o seu filho.

Hamish estendeu para Matthew os dois envelopes com o selo pessoal dele. Depois, estendeu o envelope com o selo maior para Nathaniel. Miriam arregalou os olhos.

– Tão logo Marcus aceite o seu novo cargo, o que fará *imediatamente* – Hamish olhou para Marcus com um ar severo –, ele telefonará para Nathaniel que já concordou em se juntar à firma como um dos oito mestres provinciais. Quando o selo for quebrado, ele será um Cavaleiro de Lázaro.

– Você não pode querer que demônios como Hamish e Nathaniel sejam membros da irmandade! Como Nathaniel poderá lutar? – disse Miriam horrorizada.

– Com isso. – Nathaniel agitou os dedos no ar. – Conheço bem os computadores e posso fazer a minha parte. – A voz dele soou com muita veemência, e seu olhar para Sophie mostrou igual veemência. – Ninguém fará com minha mulher e minha filha o que fizeram com Diana.

Fez-se silêncio na sala.

– Ainda não acabou. – Hamish puxou uma cadeira e sentou-se com as mãos sobre a mesa. – Miriam acredita que haverá uma guerra. Não é bem

assim. A guerra já começou.

Todos os olhos da sala se voltaram para Hamish. Ficou claro por que o tinham escolhido para conduzir a situação – e por que Matthew o escolhera como o segundo em comando. Hamish era um líder nato.

– Todos aqui já estão conscientes da razão pela qual precisamos travar essa guerra. Essa guerra tem a ver com Diana e com as investidas da Congregação para entender o poder que ela herdou. Essa guerra tem a ver com a descoberta do Ashmole 782 e com o nosso temor de que os segredos do livro se percam para sempre se caírem nas mãos das bruxas. E também tem a ver com a nossa convicção de que ninguém tem o direito de impedir que duas criaturas se amem, sejam de diferentes espécies ou não.

Hamish olhou atentamente ao redor da sala para se certificar de que todos estavam atentos às suas palavras.

– Em pouco tempo o conflito chegará ao conhecimento dos humanos. E com isso eles tomarão consciência de que convivem com demônios, vampiros e bruxas. Quando isso acontecer, nós teremos que ser de fato, não apenas de nome, o conventículo mencionado por Sophie. Haverá muita histeria e confusão. E caberá a nós, ao conventículo e aos Cavaleiros de Lázaro, ajudá-los a compreender tudo, e providenciar para que haja um mínimo de mortes e destruição.

– Ysabeau está esperando por vocês em Sept-Tours. – A voz de Matthew soou tranquila e resoluta. – O território do castelo talvez seja o único reduto que os vampiros não ousarão cruzar. Sarah e Emily tentarão manter as bruxas à distância. O nome Bishop poderá ajudar. E os Cavaleiros de Lázaro irão proteger Sophie e seu bebê.

– Ou seja, nos dispersamos – disse Sarah balançando a cabeça para Matthew. – E depois nos reunimos na casa dos Clermont. E quando estivermos lá, veremos de que forma agir. Juntos.

– Sob a liderança de Marcus. – Matthew ergueu o copo de vinho ainda quase cheio. – Para Marcus, Nathaniel e Hamish. Honra e vida longa.

– Já faz tempo que não ouço isso – disse Miriam com um tom amável.

Enquanto Marcus e Nathaniel sentiam-se desconfortáveis com as novas responsabilidades e tentavam se esquivar das atenções, Hamish só parecia cansado.

Após o brinde aos três homens aparentemente jovens demais para se preocupar com uma vida longa, Em nos conduziu à cozinha para o almoço. O banquete estava preparado na bancada ao centro da cozinha, mas nos aglomeramos perto da sala de TV como se para adiar o momento das despedidas.

Finalmente, era hora de Nathaniel e Sophie partirem. Marcus colocou os poucos pertences do casal no porta-malas de um pequeno carro esporte azul que tinha sido providenciado para eles. Ele e Nathaniel começaram a conversar de pé muito próximos um do outro enquanto Sophie se despedia de Sarah e Em. Depois, Sophie voltou-se para mim. Eu tinha sido banida para a sala de estar para que ninguém esbarrasse em mim sem querer.

– Na verdade, isso não é um adeus – ela disse lá do centro do saguão para mim.

O meu terceiro olho se abriu e me vi calorosamente abraçada por Sophie em meio ao cintilar de um raio de sol no balaústre.

– Claro que não – retruquei surpreendida e confortada pela visão.

Ela balançou a cabeça, como se também tivesse tido um vislumbre do futuro próximo.

– Viu só, não lhe disse? Talvez o bebê já tenha nascido quando vocês retornarem. Não se esqueça de que será a madrinha.

Enquanto esperavam para se despedir de Sophie e Nathaniel, Matthew e Miriam dispuseram todas as abóboras ao longo do caminho de entrada. Com um rápido aceno e algumas palavras murmuradas, Sarah acendeu todas elas. Ainda faltavam algumas horas para anoitecer, mas pelo menos Sophie podia ter uma ideia de como ficariam na noite do Halloween. Ela bateu palmas e depois se jogou nos braços de Matthew e de Miriam. Seu

último abraço foi para Marcus que lhe disse algumas palavras e em seguida acomodou-a no banco baixo do carro.

– Muito obrigada pelo carro – disse Sophie, admirando a madeira do painel do veículo. – Nathaniel gostava de dirigir em alta velocidade, mas agora ele vai dirigir como uma velhinha por causa do bebê.

– Nada de correria – disse Matthew com a voz firme de um pai. – E telefonem quando chegarem, por favor.

Acenamos para eles. Quando o carro sumiu de vista, Sarah apagou as abóboras. Matthew me abraçou e o resto da família foi para dentro da casa.

– Só estou esperando por você, Diana – disse Hamish da varanda. Ele já estava de paletó, pronto para seguir até Nova York e depois voltar para Londres.

Assinei as duas cópias do testamento, com Sarah e Em por testemunhas. Hamish enrolou uma cópia e guardou-a num tubo de metal. Atou as extremidades do tubo com uma fita preta e prateada, e selou o nó com a massa de cera preta que tinha a marca de Matthew.

Matthew aguardou ao lado de um carro preto alugado enquanto o amigo se despedia galantemente de Miriam e depois de Sarah e Em, beijando-as em ambas as faces e convidando-as para ficar com ele quando fossem para Sept-Tours.

– Telefonem para mim se precisarem de qualquer coisa – ele disse para Sarah enquanto lhe dava um afetuoso aperto de mão. – Já lhe dei os números do meu telefone fixo e do celular. – Voltou-se para mim.

– Adeus, Hamish. – Retribuí os dois beijinhos que ele deu no meu rosto. – Muito obrigada por tudo que fez para tranquilizar Matthew.

– Só fiz o meu trabalho – ele disse com um entusiasmo forçado. Depois, assumiu um tom sério. – Lembre-se do que lhe disse. Você não terá como pedir ajuda se precisar.

– Não vou precisar de ajuda.

Alguns minutos depois o motor do carro foi acionado e Hamish se foi por entre um rastro de lanternas vermelhas que piscavam na escuridão do caminho.

A casa não gostou de se ver quase vazia e, quando um de nós entrava ou saía de um cômodo, batia as portas e as gavetas dos móveis com pequenos gemidos.

– Vou sentir falta deles – disse Em enquanto preparava o jantar. A casa suspirou em cumplicidade.

– Saia daqui – disse Sarah para mim, tirando a faca da mão de Em. – Leve o Matthew até Sept-Tours e trate de voltar a tempo de fazer a salada.

Depois de muita discussão, finalmente resolvemos retroceder até a noite em que encontrei o exemplar de *Origem das espécies*.

Contudo, levar Matthew até Sept-Tours foi mais complicado do que o esperado. Eu estava com as mãos ocupadas demais – uma caneta de Matthew e dois livros do estúdio dele – para poder segurá-lo, e ele então teve que se segurar na minha cintura. Depois disso, partimos.

Mãos invisíveis pareciam manter os meus pés no ar, como se recusando a me deixar aterrissar no solo de Sept-Tours. Quanto mais longe retrocedíamos no tempo, mais os meus pés eram rodeados por fios grossos. E o tempo se agarrava em Matthew como resistentes galhos de parreira.

Por fim, chegamos ao estúdio de Matthew. O lugar estava exatamente como o tínhamos deixado, com a lareira acesa e uma garrafa de vinho sem rótulo sobre a mesa.

Joguei os livros e a caneta em cima do sofá, tremendo de fadiga.

– O que houve de errado? – perguntou Matthew.

– Foi como se muitos passados se embaralhassem, e parecia impossível ultrapassá-los. Morri de medo de você se soltar.

– Eu não senti nada diferente – ele disse. – Só levou um pouco mais de tempo, mas eu já esperava por isso devido ao tempo e à distância.

Ele nos serviu o vinho e discutimos por alguns instantes se devíamos ou

não descer ao térreo. Nosso desejo de reencontrar Ysabeau e Marthe saiu vitorioso. Ele se lembrou de que eu estava com o meu suéter azul naquela noite. A gola esconderia o curativo, e eu então subi ao meu quarto para me trocar.

Quando retornei ao estúdio, o rosto de Matthew abriu um sorriso tímido de apreciação.

– Você está tão linda como naquele dia. – Ele me deu um beijo apaixonado. – Talvez até mais.

– Vá com calma – aconselhei sorrindo. – Você ainda não tinha se decidido me amar.

– Ora, claro que tinha. – Deu-me outro beijo. – Só não tinha contado para você.

As duas mulheres estavam sentadas no lugar esperado, Marthe com seu romance policial e Ysabeau com seus jornais. Talvez a conversa não tenha sido a mesma, mas isso não teve a menor importância. O difícil foi assistir à dança de Matthew com a mãe. A expressão agridoce que ele estampava no rosto quando a fazia girar era nova, e definitivamente não a abraçou com a mesma intensidade quando a dança terminou. Quando me convidou para dançar, apertei a mão dele com mais força.

– Obrigado por isso – ele sussurrou no meu ouvido com um rodopio e um beijo suave no meu pescoço. Um beijo que com toda certeza não tinha acontecido na primeira noite.

O fim de noite foi como na primeira noite, Matthew anunciou que me levaria para a cama. Dessa vez, demos um boa-noite sabendo que era um adeus. A viagem de volta foi quase igual e menos assustadora que a viagem de ida, nós já estávamos mais familiarizados. Não entrei em pânico nem perdi a concentração quando o tempo resistiu a nossa passagem, me concentrei nos conhecidos rituais de preparação do jantar na casa das Bishop. Retornamos a tempo de eu poder preparar a salada.

Durante o jantar, Sarah e Em regalaram os vampiros com as aventuras

da minha infância e adolescência. Depois que o estoque de histórias acabou, Matthew começou a falar sobre os desastrosos investimentos imobiliários de Marcus no século XIX para provocá-lo, e também sobre os enormes e fracassados investimentos em novas tecnologias no século XX do filho e da queda crônica que ele tinha por ruivas.

– Gostei de você de cara. – Sarah ajeitou os seus rebeldes cabelos ruivos e serviu mais uísque para ele.

O dia de Halloween amanheceu claro e aberto. A neve quase sempre ameaçava nessa época do ano, mas naquele ano o clima era encorajador. Matthew e Marcus saíram para a caminhada enquanto eu tomava chá e Sarah e Em tomavam café.

De repente o telefone tocou e nós três pulamos. Sarah atendeu e, pelo pouco que ouvimos da conversa, concluímos que se tratava de uma chamada inesperada.

Depois que desligou o telefone, juntou-se a nós na mesa da sala de TV que voltava a ser grande o suficiente para todos nós.

– Era Faye. Ela e Janet estão com os Hunter. No *trailer* delas. Elas perguntaram se queremos fazer uma viagem de outono com o grupo. Vão para o Arizona e depois para Seattle.

– A deusa tem andado ocupada – disse Em com um sorriso. – Fazia alguns dias que as duas tentavam decidir como sairiam de Madison sem deixar margem a suspeitas e falatórios. – Isso é perfeito. Nós pegamos a estrada com ela e depois nos encontramos com Ysabeau.

Carregamos as sacolas com alimentos e outros suprimentos para o velho carro de Sarah. No fim o carro estava tão entupido que mal dava para ver o vidro traseiro, e elas então passaram a dar instruções.

– Os doces estão na bancada da cozinha – disse Em. – E a minha fantasia está atrás da porta da despensa. Ficará ótima em você. E não se esqueça das meias. As crianças adoram as meias.

– Não me esquecerei das meias – assegurei – nem do chapéu, embora

seja ridículo.

– Claro que você vai pôr o chapéu! – exclamou Sarah indignada. – Faz parte da tradição. E não se esqueça de apagar o fogo da lareira antes de sair. Tabitha come às quatro horas em ponto. Ela faz um escarcéu se passar da hora.

– Não se preocupe que faremos tudo. Você deixou uma lista. – Dei uma palmadinha no ombro dela.

– Vocês podem telefonar para o acampamento para nos avisar quando Marcus e Miriam partirem? – perguntou Em.

– Tomem. Fiquem com isso. – Matthew estendeu o celular com um sorriso meio sem graça. – Vocês mesmas podem telefonar para o Marcus. Não poderemos nos comunicar do lugar para onde vamos.

– Tem certeza de que podemos ficar com seu celular? – perguntou Em com incredulidade. Segundo a opinião geral, o celular era como um membro extra de Matthew, e era estranho imaginá-lo sem o telefone à mão.

– Absoluta. Já apaguei quase todos os dados, mas deixei alguns números de contato para vocês. Se precisarem de qualquer coisa, de qualquer coisa mesmo, vocês podem telefonar para um desses números. Se ficarem preocupadas ou se acontecer alguma coisa estranha, se comuniquem com Ysabeau ou com Hamish. Eles poderão pegá-las em qualquer lugar que estejam.

– Eles têm helicópteros – sussurrei para Em quando ela me abraçou.

O celular de Marcus tocou.

– Nathaniel – ele disse olhando para a tela do aparelho. Em seguida repetiu o mesmo gesto que o pai fazia quando queria privacidade, afastou-se para conversar melhor.

Matthew observou o filho com um sorriso triste.

– Esses dois se meterão em todo tipo de encrenca, mas pelo menos Marcus não estará sozinho.

– Eles estão bem – disse Marcus voltando-se para nós e encerrando a ligação. Sorriu e passou a mão no cabelo, um outro gesto de Matthew. – Eu vou telefonar para avisá-lo e me despedir.

Em deu um longo e emocionado abraço em Marcus.

– Não se esqueça de telefonar para nós também – ela disse de um modo enfático. – Nós teremos que saber se vocês dois estarão bem.

– Cuide-se. – Sarah olhou fixamente para Marcus enquanto o abraçava. – Não duvide de si mesmo.

Miriam se despediu das minhas tias de um jeito mais comedido, e eu, bem menos comedido.

– Estamos muito orgulhosas de você. – Em segurou o meu rosto e chorou. – Seus pais também estariam. Tomem cuidado.

– Tomaremos. – Reprimi as lágrimas.

Sarah segurou as minhas mãos.

– Escute os seus mestres, pouco importa quem eles sejam. Escute tudo o que disserem. – Balancei a cabeça. – Você tem um talento nato e maior que o de qualquer bruxa que já existiu – continuou Sarah. – Fico feliz por ver que você não o está desperdiçando. A magia é uma dádiva, Diana, é como o amor. – Ela se voltou para Matthew. – Confio a você o meu bem mais precioso. Não me desaponte.

– Fique tranquila, Sarah, não vou desapontá-la – disse Matthew.

Ela recebeu nossos beijos de despedida e saiu apressada para o carro.

– As despedidas são difíceis para Sarah – explicou Em. – Amanhã telefonamos para você, Marcus. – Ela entrou no carro e acenou para trás. O motor do carro roncou, e em seguida ele desceu pelo caminho esburacado e depois em direção à cidade.

Quando voltamos para dentro de casa, Miriam e Marcus nos aguardavam no saguão com a bagagem no chão.

– Achamos que vocês merecem um tempo a sós – ela disse enquanto estendia a mochila para Marcus –, e odeio despedidas longas. – Olhou ao

redor. – Bem – acrescentou abruptamente enquanto se dirigia para a escada da varanda –, vejo vocês quando voltarem.

Matthew balançou a cabeça em negativa enquanto Miriam se afastava, e depois foi até a sala de jantar e voltou com um envelope na mão.

– Pegue – disse para Marcus com uma voz abafada.

– Eu nunca quis ser grão-mestre – disse Marcus.

– E você acha que eu queria? A irmandade era um sonho do meu pai. Ele me fez prometer que não a deixaria cair nas mãos de Baldwin. Agora, peço-lhe o mesmo.

– Eu prometo. – Marcus pegou o envelope. – Eu queria tanto que você não tivesse que ir...

– Desculpe-me, Marcus. – Engoli o caroço que se formou na minha garganta, e suavemente pousei a minha mão quente na pele fria dele.

– Pelo quê? – Ele sorriu de um modo iluminado e verdadeiro. – Por fazer o meu pai feliz?

– Por colocá-lo nessa posição e por deixar para trás toda essa confusão.

– Eu não tenho medo da guerra, se é a isso que se refere. O que me preocupa é seguir na esteira de Matthew. – Marcus partiu o selo. Com aquele insignificante estalo de cera partida se tornava o grão-mestre dos Cavaleiros de Lázaro.

– *Je suis à votre commande, seigneur* – murmurou Matthew ao mesmo tempo em que inclinava a cabeça. Eram as mesmas palavras que Baldwin tinha dito no La Guardia. Ditas com sinceridade, soaram tão diferente...

– Neste caso, ordeno que retorne e reassuma o comando dos Cavaleiros de Lázaro – disse Marcus com um tom rude –, antes que eu faça uma baita confusão. Afinal, não sou francês e muito menos um cavaleiro.

– No seu corpo há bem mais que uma gota de sangue francês, e você é o único em quem confio para cumprir essa tarefa. Isso sem mencionar o seu conhecido charme americano. Talvez você acabe gostando de ser grão-mestre.

Marcus bufou e apertou a tecla oito do celular.

– Está feito – disse para alguém do outro lado da linha. Seguiu-se uma pequena troca de palavras. – Muito obrigado.

– Nathaniel aceitou o posto – murmurou Matthew com um leve sorriso. – O francês dele é surpreendentemente bom.

Marcus deu uma olhada feia para o pai e afastou-se para trocar algumas palavras mais com o demônio, e depois voltou.

Pai e filho se entreolharam longamente, e se abraçaram com discrição – um comportamento típico de centenas de despedidas semelhantes. A mim coube um beijo delicado e um murmurado "se cuide", e depois Marcus partiu.

Dei a mão a Matthew.

Estávamos a sós.



– Agora somos apenas nós dois e os fantasmas. – O meu estômago roncou.

– Qual é sua comida preferida? – ele perguntou.

– Pizza – respondi de pronto.

– Aproveite a oportunidade e coma enquanto pode. Faça a encomenda e iremos buscá-la.

Nós ainda não tínhamos ultrapassado os limites da casa da família Bishop desde a nossa chegada, e senti um estranhamento ao passear no Range Rover pelo centro de Madison acompanhada por um vampiro. Fizemos o caminho de volta para Hamilton, viramos para o sul, passamos pelos morros da cidade e, por fim, viramos outra vez para o norte em direção à pizzaria. Durante o caminho, apontei para o lugar onde eu costumava nadar na infância e para a casa onde morou o meu primeiro namorado. A cidade estava enfeitada com a decoração de Halloween – gatos pretos, bruxas em vassouras e árvores que exibiam enfeites em preto e laranja. Nessa parte do mundo não são apenas as bruxas que levam a celebração a sério.

Quando chegamos à pizzaria, Matthew saiu do carro comigo sem se preocupar com as bruxas e os humanos que poderiam nos ver. Coloquei-me na ponta dos pés para beijá-lo, e ele retribuiu o beijo com uma risada desconcertante.

A estudante que tinha atendido o nosso telefonema olhou para Matthew com visível admiração quando lhe entregou a pizza.

– Graças aos céus ela não é uma bruxa – comentei na volta para o

carro. – Se fosse, teria me transformado em lagartixa e voado com você na vassoura dela.

Revigorada pela pizza de pepperoni e cogumelos, arrumei a bagunça deixada na cozinha e na sala de TV. Matthew chegou com um monte de papéis da sala de jantar e queimou tudo na lareira da cozinha.

– E o que faremos com esses? – Ele mostrou a carta da minha mãe, o misterioso epigrama de três versos e a folha do Ashmole 782.

– Deixe-os na sala de estar – eu disse. – A casa se encarregará de guardá-los.

Continuei com a arrumação, lavando roupa e dando um jeito no escritório de Sarah. Só quando acabei de recolher as últimas peças de roupa é que notei que os dois computadores tinham sumido. Desci a escada em pânico.

– Matthew! Nossos computadores sumiram!

– Estão com Hamish. – Ele me pegou nos braços e afagou os meus cabelos. – Está tudo bem. Ninguém esteve aqui.

Encolhi os ombros com o coração disparado só de pensar na possibilidade de ser surpreendida por um outro Domenico ou uma outra Juliette.

Matthew preparou um chá e massageou os meus pés enquanto eu o bebia. Durante a massagem só falou de assuntos corriqueiros – as casas de Hamilton que o fizeram se lembrar de outras épocas e outros lugares, a sensação que teve quando cheirou um tomate pela primeira vez e o que estava pensando quando me viu em Oxford pela primeira vez. Até que relaxei e me entreguei a uma sensação de reconforto.

Matthew sempre ficava diferente quando não havia alguém por perto, mas daquela vez, depois da partida de nossa família, isso se evidenciou. Após a chegada à casa da família Bishop ele foi assumindo pouco a pouco a responsabilidade por oito vidas. Cuidou de todos com o mesmo empenho, independentemente de quem fosse e do grau de parentesco que

tinha com ele. E agora ele só tinha uma criatura para cuidar.

– Nós mal tivemos tempo para conversar – admiti, pensando nos dias turbulentos pelos quais passamos desde que nos tínhamos conhecido. – Não só nos dois.

– As últimas semanas nos apresentaram desafios bíblicos. Só não vivemos a praga dos gafanhotos. – Ele fez uma pausa. – Mas se o universo quer nos testar à maneira antiga, isso significa que o nosso julgamento está chegando ao fim. Faz quarenta dias esta noite.

Tão pouco tempo para tantos acontecimentos.

Deixei a caneca de chá de lado e me debrucei na mesa para pegar as mãos dele.

– Você pode esperar só mais um pouco, *mon coeur*? – Ele olhou para a janela. – Eu quero que este dia acabe. Logo estará escuro.

– Você adora fazer um suspense. – Puxei carinhosamente para trás a mecha de cabelo que tinha caído na testa dele.

– Só faço suspense com você – ele disse, prendendo a minha mão.

Conversamos tranquilamente e meia hora depois ele olhou novamente para a janela.

– Suba e tome um banho. Gaste toda a água da caixa com um demorado banho quente. Nos dias que teremos pela frente, você sentirá saudade de um pedaço de pizza, mas isso não será nada se comparado ao seu desejo por um banho quente. Em poucas semanas você será capaz de matar por um.

Enquanto eu tomava banho ele trouxe a minha fantasia de Halloween: um vestido preto de gola alta à altura dos tornozelos, botas de bico fino e um chapéu pontudo.

– Posso perguntar o que é isso? – Ele brandiu no ar um par de meias em vermelho e branco listradas na horizontal.

– São as meias que Em mencionou – resmunguei. – Ela ficará sabendo se não forem usadas.

– Se o meu celular estivesse aqui, eu tiraria uma foto sua nesses trajes e faria chantagem com você pelo resto da vida.

– E de que forma eu poderia pagar pelo seu silêncio? – perguntei e afundei na banheira.

– Claro que há uma forma. – Ele jogou as meias para trás.

A princípio, só brincamos. Como no jantar da véspera e no café daquela manhã, fizemos de conta que talvez não fosse a nossa última chance de estar juntos. Eu ainda era uma principiante em viagens no tempo, e Em tinha dito que até os mais experientes respeitavam a imprevisibilidade na passagem entre o passado e o futuro e reconheciam a possibilidade de se perder na teia do tempo.

Matthew notou a mudança no meu humor e reagiu com muita delicadeza, mas depois adotou um comportamento possessivo como se quisesse que eu não pensasse em mais nada senão nele.

Apesar da nossa óbvia necessidade de conforto e segurança, não consumamos o nosso casamento.

– Quando estivermos seguros – ele murmurou enquanto beijava ao longo do meu colo. – Quando houver mais tempo.

A cicatriz que a vacina da varíola deixou no meu corpo emergiu no trajeto que ele fez com as mãos. Depois do exame ele elogiou a cicatrização – um estranho elogio para uma ferida horrorosa do tamanho de uma moedinha. Em seguida retirou o curativo do meu pescoço, deixando à vista os minúsculos traços das suturas feitas por Miriam no meu pescoço e no meu braço.

– Seu corpo se cura rapidamente – ele disse com um tom de aprovação enquanto beijava a parte interna do meu braço, no ponto em que tinha sugado das minhas veias. Seus lábios se aqueceram na minha pele.

– Que estranho. Minha pele está fria aí. – Toquei no meu pescoço. – E aqui também.

Ele passou o dedo polegar no ponto onde a minha carótida se

aproximava da superfície. Estremeci. O número de terminais nervosos parecia ter triplicado.

– Sensibilidade extra – ele comentou –, como se parte de você fosse vampiro. – Inclinou e roçou os lábios no meu pulso.

– Ah – ofeguei, atordoada com a intensidade da emoção.

Fiquei preocupada com a hora e me enfiei no vestido preto. Eu estava com o cabelo trançado atrás, e parecia ter saído de uma fotografia do século XIX.

– Que pena que não viajaremos para a época da Primeira Guerra Mundial. – Ele puxou as mangas do vestido. – Você passaria facilmente por uma diretora de escola de 1912.

– Não com isso aqui. – Sentei na beira da cama e calcei as meias.

Ele deu uma gargalhada rosnada e implorou para que eu colocasse logo o chapéu.

– Vou atear fogo em mim – protestei. – Espere até que as abóboras estejam acesas.

Saímos com caixas de fósforos na mão pensando em acender as abóboras à maneira humana. Mas a brisa que soprava dificultava o uso dos fósforos, e as abóboras não se mantinham iluminadas.

– Droga – exclamei. – O trabalho de Sophie não pode passar em branco.

– Você não pode fazer um feitiço? – disse Matthew, preparando-se para pegar uma outra caixa de fósforos.

– Se eu não for capaz de fazer isso, é melhor que eu esqueça de me fingir de bruxa no Halloween. – A simples ideia de que teria que explicar o meu fracasso para Sophie me deixou concentrada no que devia ser feito, e num piscar de olhos a primeira abóbora acendeu. Acendi então as outras onze abóboras que estavam dispostas ao longo do caminho de entrada, cada uma mais aterradora que a outra.

Às seis horas da tarde, ouvimos batidas à porta e gritos abafados.

– Gostosuras ou travessuras!

Matthew nunca tinha vivenciado o Halloween americano e saiu correndo para receber os nossos visitantes.

Antes que eu pudesse dar um passo à frente, ele abriu um sorriso de tirar o fôlego para os recém-chegados.

Uma bruxinha e um vampirinho um pouco maior estavam de mãos dadas na varanda.

– Gostosuras ou travessuras – disseram ao mesmo tempo em que estendiam as fronhas que serviam de sacolas.

– Eu sou um vampiro – disse o menino, mostrando as presas para Matthew. Em seguida, ele apontou para a irmã. – Ela é uma bruxa.

– Eu estou vendo – disse Matthew com um ar sério, prestando atenção na capa e na maquiagem pálida do menino. – Eu também sou um vampiro.

O menino examinou Matthew da cabeça aos pés.

– Sua mãe devia ter caprichado mais na fantasia. Você não está parecendo um vampiro. Cadê a sua capa? – A miniatura de vampiro abriu os braços para cima e a capa de cetim negro abriu-se em duas asas de morcego. – Viu? Você precisa de uma capa para voar. Sem capa, você não pode se transformar em morcego.

– Ah. Esse é o problema. Minha capa ficou em casa, e agora não posso voar até lá para pegá-la. Talvez possa pegar a sua emprestada. – Matthew colocou um punhado de doces em cada sacola, e as duas crianças arregalaram os olhos com a generosidade dele. Espiei da porta para acenar para os pais das crianças.

– Ela sim é uma bruxa – disse a garotinha, olhando com aprovação as minhas meias com listras vermelhas e brancas e as botas pretas. Os pais das crianças chamaram, e elas nos olharam agradecidas enquanto seguiam alegremente até o carro.

Nas três horas seguintes, recebemos um bando de princesas, piratas, fantasmas, esqueletos, sereias, alienígenas e muitas bruxas e vampiros. Fui

afável quando disse para Matthew que o costume era dar um doce para cada criança, e que se ele continuasse dando um punhado acabaríamos ficando sem doces antes das nove da noite, hora em que as crianças paravam de bater às portas.

Ele estava tão feliz que nem prestou atenção. Reagia diante das crianças que batiam à porta de um modo que revelava um lado totalmente novo dele. Abaixava-se para não parecer intimidador, fazia perguntas sobre as fantasias e assegurava para cada menino fantasiado de vampiro que nunca tinha visto um vampiro tão assustador na vida como aquele.

Mas o que mais me comoveu foi o encontro que ele teve com uma fadinha vestida de gaze e com grandes asas. A menininha já estava exausta pelo alvoroço do dia e irrompeu em lágrimas quando ele perguntou que doce ela queria. O irmãozinho, um pirata de uns seis anos de idade, soltou a mão dela horrorizado.

– É melhor perguntar para a sua mãe. – Matthew pegou a princesa das fadas no colo e conduziu o menino pela parte de trás da bandana. E entregou as crianças para os braços dos pais. No entanto, bem antes de chegar ao carro dos pais das crianças, a princesa das fadas parou de chorar. Ela deixou as lágrimas de lado e, abraçada à gola do suéter de Matthew, acariciou o cabelo dele enquanto cantarolava "Bibbidi, babbidi, boo!"

– Quando crescer ela vai sonhar com alguém parecido com você e pensar no Príncipe Encantado – eu disse para ele pouco depois. Um punhado de purpurina espalhou-se pelo ar quando ele inclinou a cabeça para me beijar. – Você está coberto de poeira das fadas. – Sorri e tirei o resto de purpurina do cabelo dele.

Ali pelas oito horas da noite a onda de fadinhas e piratas se converteu em adolescentes góticos com lábios pintados de preto e roupas de couro adornadas com correntes, o que fez Matthew estender o cesto de doces para mim e retirar-se para a sala de estar.

– Covarde – eu o provoquei enquanto arrumava o meu chapéu para atender um outro grupo sinistro.

Eu já estava pronta para apagar a luz da varanda, satisfeita por não ter arruinado a reputação do Halloween das Bishop, quando ouvimos uma outra batida à porta com o tradicional chamado "gostosuras ou travessuras".

– Quem será? – resmunguei enquanto recolocava o chapéu na cabeça.

Dois jovens feiticeiros encontravam-se na escada de entrada. Um deles era o jornaleiro. O outro era um garoto alto e magrelo com a cara cheia de espinhas e um *piercing* no nariz que identifiquei vagamente como um membro do clã dos O'Neil. Os dois estavam fantasiados de jeans rasgados, camisetas com alfinetes de fralda e sangue falso, dentes de plástico e coleiras de cachorro.

– Não está crescido demais para isso, Sammy?

– Agora é achim – disse Sammy de um jeito esquisito e com muitos altos e baixos, as presas de plástico faziam a voz soar com um cicio.

– Olá, Sam. – Restavam uns docinhos no fundo do cesto. – Sejam bem-vindos para comer o que sobrou. Já íamos apagar as luzes. Vocês não deviam estar pescando maçãs na casa dos Hunter?

– Nós choubemos que as abóbrassss de vochês estavam o máchimo. – Sammy se equilibrava inquietamente ora num pé, ora no outro. – E, uh, bom... – Ele ruborizou e tirou os dentes de plástico da boca. – O Rob jurou que viu um vampiro aqui no outro dia. Apostei vinte dólares com ele que as Bishop não permitiriam um vampiro dentro de casa.

– O que os fez pensar que poderiam reconhecer um vampiro, se o vissem?

O vampiro em questão saiu da sala de estar e colocou-se atrás de mim.

– Cavalheiros – disse com toda calma. Os dois adolescentes ficaram de queixo caído.

– Nós teríamos que ser humanos ou realmente estúpidos para não

reconhecer um vampiro – disse Rob espantado. – Ele é o maior vampiro que já vi.

– Legal. – Sammy riu de orelha a orelha. Espalmou na mão do amigo e pegou um doce.

– Não se esqueça de pagar a aposta, Sam – eu disse com uma voz firme.

– Samuel – Matthew enfatizou o sotaque francês –, eu posso pedir para vocês dois, como um favor para mim, que não contem para ninguém sobre isso?

– Nunca? – Sammy pareceu não acreditar que teria que manter uma informação como aquela em segredo.

Matthew esboçou um sorriso.

– Não. Entendo o seu lado. Mas vocês podiam ficar de bico calado até amanhã?

– Claro que sim. – Sammy assentiu e olhou para Rob em busca de confirmação. – Só faltam três horas. Nós conseguimos fazer isso. Pode deixar com a gente.

Os dois adolescentes montaram nas bicicletas e foram saindo.

– As ruas estão escuras – disse Matthew com uma ruga de preocupação na testa. – É melhor levá-los de carro.

– Eles ficarão bem. Não são vampiros, mas encontrarão o caminho para a cidade.

As duas bicicletas frearam, levantando alguns cascalhos do caminho de entrada.

– Vocês querem que a gente apague as abóboras? – gritou Sammy.

– Se vocês quiserem, eu agradeço!

Rob O'Neil apontou para o lado esquerdo do caminho e Sammy, para o direito, e logo apagaram as velas dentro das abóboras com uma serenidade invejável. Eles saíram pedalando as bicicletas aos trancos e barrancos, e encontraram o caminho com facilidade graças à lua e ao incrível sexto sentido dos adolescentes bruxos.

Fechei a porta e me encostei nela gemendo.

– Meus pés estão me matando. – Desamarrei e descalcei as botas, e joguei o chapéu na escada.

– A página do Ashmole 782 sumiu – anunciou Matthew com tranquilidade, encostando-se no poste da balaustrada.

– E a carta da mamãe?

– Também sumiu.

– Então está na hora. – Desencostei da velha porta e a casa gemeu suavemente.

– Tome um pouco de chá e depois me encontre na sala de TV. Eu vou pegar a maleta.

Matthew me esperava no sofá com a maleta aos pés e a peça de xadrez de prata e o brinco de ouro sobre a mesinha do centro. Estendi um copo de vinho e me sentei ao lado dele.

– É o fim do vinho.

Ele olhou para o meu chá.

– E o fim do chá para você também. – Passou as mãos pelo cabelo com nervosismo e respirou fundo. – Se dependesse de mim, nós iríamos para uma época mais próxima, uma época com menos mortes e menos doenças – disse com cautela –, e para *algum lugar* mais próximo, um lugar com chá e água encanada. Mas acho que você gostará de lá quando estiver adaptada.

Eu ainda não fazia a menor ideia de qual *era* esse quando e esse lá.

Ele se curvou na direção da maleta. Abriu a fechadura e suspirou de alívio quando viu o que estava por cima das outras coisas.

– Graças a Deus. Achei que Ysabeau podia se confundir e enviar o que não era para enviar.

– E ainda não tinha aberto a maleta? – O autocontrole dele me espantou.

– Não. – Ele ergueu um livro. – Eu não queria ficar pensando muito

nisso. Só por precaução.

Estendeu o livro para mim. Um livro com uma capa preta de couro e bordas prateadas.

– Ele é lindo. – Passei a mão no livro.

– Abra. – Ele pareceu ansioso.

– Se eu abrir, saberei para onde vamos? – Senti-me estranhamente relutante com o terceiro objeto nas mãos.

– Acho que sim.

A capa abriu-se e o ar se encheu do inconfundível cheiro de papel e tinta. O livro não tinha folhas de guarda marmoreadas nem etiquetas nem as folhas em branco que os colecionadores dos séculos XVIII e XIX costumavam adicionar nos seus livros. E a capa e a contracapa eram pesadas, o que indicava a presença de lâminas de madeira debaixo do couro macio.

Na primeira página liam-se duas linhas com a caligrafia do final do século XVI, angulosa e firme.

"Para o meu doce Matthew", li em voz alta. *"Quem pode dizer que amou sem nunca ter amado à primeira vista?"*

A dedicatória não estava assinada, mas me era familiar.

– Shakespeare? – Olhei para Matthew.

– Não dele propriamente – ele disse com um ar tenso. – Will era meio corvo quando se tratava de coletar as palavras dos outros.

Virei a página lentamente.

Não era um livro impresso e sim um manuscrito, escrito com a mesma caligrafia da dedicatória. Aproximei os olhos para ler as palavras.

Ordenai vossos estudos, Fausto, e procurai
Sondar a profundidade do que professareis.

– Meu Deus – eu disse abruptamente, fechando o livro. Minhas mãos tremiam.

– Ele vai rir como um louco quando souber da sua reação – comentou Matthew.

– Isso é o que estou pensando?

– Provavelmente.

– Como o conseguiu?

– Kit deu para mim. – Ele tocou na capa com suavidade. – *Fausto* sempre foi a minha peça predileta.

Todo historiador da alquimia conhece a peça de Christopher Marlowe sobre o Doutor Fausto, aquele que vendeu a alma ao diabo em troca de conhecimento mágico e poder. Abri o livro e passei os dedos sobre a dedicatória enquanto Matthew continuava.

– Eu e Kit fomos amigos, bons amigos, numa época perigosa em que só se podia confiar em poucas criaturas. Nós provocávamos muitas críticas. Quando Sophie tirou do bolso a peça que eu tinha perdido para ele numa aposta, ficou claro que o nosso destino só podia ser a Inglaterra.

Mas os meus dedos detectaram na letra da dedicatória uma emoção que não se limitava à amizade. Aquilo era uma dedicatória de amante.

– Você também o amava? – perguntei baixinho.

– Não – disse Matthew laconicamente. – Eu o amava, mas não do jeito que você está pensando, não do jeito que ele desejava. Se dependesse do Kit, as coisas seriam diferentes. Mas como não dependia, nunca passamos de grandes amigos.

– Ele sabia quem você era? – Abracei o livro no meu peito, como se fosse um tesouro incalculável.

– Sabia, sim. Não tínhamos segredos entre nós. Além do mais, ele era um demônio com uma percepção extraordinária para descobrir segredos. Logo, logo você verá que é inútil tentar esconder alguma coisa do Kit.

Considerando o meu limitado conhecimento de Christopher Marlowe,

não era de espantar que ele fosse um demônio.

– Então, iremos para a Inglaterra – eu disse devagar. – Que época exatamente?

– Em 1590.

– Onde?

– Todo ano o nosso grupo se reunia na Velha Cabana para a festa católica de Todos os Santos e Finados. Poucos se preocupavam com essas datas, mas por alguma razão Kit se preocupava e achava perigoso comemorá-las. Nessas ocasiões ele lia os últimos rascunhos de *Fausto* para nós... ele nunca estava satisfeito e mexia constantemente no texto. Nós bebíamos muito, jogávamos xadrez e ficávamos acordados até o alvorecer. – Matthew tirou o manuscrito dos meus braços. Colocou-o sobre a mesinha e segurou as minhas mãos. – Está bom para você, *mon coeur*? Se não quiser, tudo bem. Pensaremos em outra época.

Mas era tarde demais. A historiadora dentro de mim já vislumbrava as oportunidades de viver na Inglaterra elizabetana.

– Há alquimistas na Inglaterra de 1590.

– Pois é – ele disse com cautela. – Nenhum particularmente agradável para se ter por perto, devido ao envenenamento por mercúrio e aos estranhos hábitos de trabalho que eles tinham. Porém o mais importante, Diana, é que há bruxas... bruxas poderosas que poderão guiar a sua magia.

– Você me levará aos teatros?

– E eu conseguiria mantê-la afastada dos teatros? – Ele ergueu as sobrancelhas.

– Provavelmente, não. – A minha imaginação foi tomada pela perspectiva que se abria à frente. – Nós vamos passear pelo Royal Exchange? Com os lampiões já acesos?

– Claro. – Ele me tomou nos braços. – E também vamos à catedral de St. Paul para ouvir um sermão, e depois até Tyburn para assistir a uma execução. Talvez possamos conversar com algum funcionário do hospício

de Bedlam sobre os reclusos de lá. – Ele sacudiu o corpo ao abafar uma risada. – Meu Deus, Diana. Nós vamos para uma época onde a peste estava disseminada, uma época sem conforto, sem chá e com péssimos dentistas, e tudo o que você quer saber é como o Exchange do Gresham se ilumina à noite.

Afastei-me para vê-lo melhor, mal podendo conter a minha excitação.

– Eu vou conhecer a rainha?

– Definitivamente, não. – Ele puxou o meu corpo para mais perto de si. – Só de pensar no que você poderia dizer para Elizabeth Tudor... e no que ela poderia dizer para você, o meu coração paralisa.

– Covarde – eu disse pela segunda vez naquela noite.

– Não diria isso se a conhecesse melhor. Ela come cortesãos no café da manhã. – Ele fez uma pausa. – Além do mais, nós podemos fazer uma outra coisa em 1590.

– O quê?

– Em algum lugar do ano de 1590 encontra-se um manuscrito alquímico que um dia pertencerá a Elias Ashmole. Nós podemos procurá-lo.

– E talvez o manuscrito esteja completo e com sua magia intacta. – Desvencilhei-me dos braços dele e recostei-me nas almofadas com um olhar sonhador para os três objetos em cima da mesa. – De fato, vamos retroceder muito no tempo.

– Vamos, sim. Sarah me alertou que era melhor não levar nada de moderno para o passado. E Marthe fez uma bata para você e um camisolão para mim. – Matthew mexeu novamente na maleta e tirou de dentro duas vestes de linho de mangas longas e cordões à altura do pescoço. Não eram roupas elegantes, mas pelo menos não chocariam as primeiras pessoas que encontrássemos.

Ele balançou-as e um saquinho de veludo preto caiu de dentro das dobras de uma delas.

– O que é isso? – perguntou franzindo a testa enquanto pegava o saquinho preto. Havia um bilhete pendurado no lado de fora. Ele o abriu. – É de Ysabeau. *"Este foi o presente de casamento que ganhei do seu pai. Achei que você gostaria de dá-lo para Diana. Pode parecer antiquado, mas ficará lindo na mão dela."*

Dentro do saquinho havia um anel com três aros de ouro distintos e unidos. Os dois aros externos eram finamente trabalhados na forma de longas mangas ornadas e coloridas com esmalte e tinham minúsculas gemas incrustadas de modo a aparentar um bordado. Uma pequena mão dourada emergia de cada manga, trabalhada esmeradamente nos mínimos detalhes.

As duas mãos amparavam no aro central do anel uma enorme gema parecida com vidro. Era uma pedra clara e lapidada que se encaixava numa moldura de ouro com detalhes negros. Nenhum joalheiro colocaria uma pedra de vidro num anel como aquele. Era um diamante.

– Isso é para um museu, não para o meu dedo. – Eu estava impressionada com as mãozinhas que pareciam vivas, e tentava não pensar no peso da pedra que elas seguravam.

– Minha mãe quase não tirava esse anel do dedo – disse Matthew, segurando-o entre o dedo polegar e o indicador. – Ela o chamava de anel rabiscador porque conseguia escrever no vidro com a ponta do diamante. – Seus olhos atentos observaram algum detalhe do anel que escapou aos meus. Um giro nas duas mãos douradas fez os três aros se desprenderem na palma da mão dele. Havia uma frase gravada em cada aro.

Aproximamos os nossos olhos para poder enxergar as minúsculas letras.

– São versos... versos escritos para demonstrar afeição. Neste aqui está escrito *"a ma vie de coer entier"* – ele disse passando o dedo indicador na frase gravada no couro. – A frase está em francês antigo e significa "todo o meu coração por toda a minha vida". E neste está escrito *"mon debut et*

ma fin", com um alfa e um ômega.

O meu francês foi suficiente para traduzir a frase, "meu começo e meu fim".

– O que há no aro central?

– Ele está gravado nos dois lados. – Matthew leu o verso, girando-os à medida que o lia. *"Se souvenir du passe, et qu'il ya un avenir."* "Relembre o passado, e que nele está o futuro."

– Os versos se encaixam perfeitamente. – Foi incrível constatar que os versos selecionados por Philippe para Ysabeau há tanto tempo tivessem significado no presente para mim e para Matthew.

– De alguma forma, os vampiros também viajam no tempo. – Ele encaixou novamente os aros. Pegou a minha mão esquerda e desviou os olhos com medo da minha reação. – Você vai usá-lo?

Eu o peguei pelo queixo, virei o rosto dele para mim e assenti sem conseguir falar. Ele exibiu um ar tímido e olhou para a minha mão que ainda estava segurando. Repousou o anel sobre a junta do meu dedo polegar.

– Com este anel vos desposo, e com o meu corpo vos honro. – A voz de Matthew soou serena, mas um tanto trêmula. Ele moveu o anel até o meu dedo indicador e o deslizou até a junta do meio. – Com este anel vos doto de todos os meus bens terrenos. – Depois o anel passou sobre o meu dedo médio e encontrou pousada no quarto dedo da minha mão esquerda. – Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. – Levou a minha mão aos lábios, olhou no fundo dos meus olhos e beijou o anel com seus lábios frios. – Amém.

– Amém – repeti. – Então, agora estamos casados aos olhos dos vampiros e de acordo com a lei da Igreja. – Era um anel pesado, mas Ysabeau estava certa. Combinava comigo.

– Aos seus olhos também, espero. – Ele pareceu inseguro.

– Claro que aos meus olhos estamos casados. – A minha felicidade deve

ter se mostrado com tanta evidência que ele reagiu com o sorriso mais estonteante que eu já tinha visto na vida.

– Vamos ver se *maman* mandou mais surpresas. – Ele voltou a vasculhar a maleta e tirou de dentro alguns livros.

Ainda havia um outro bilhete de Ysabeau.

– *"Estes estavam perto do manuscrito que você pediu"* – ele leu. – *"Envio-os também... só por precaução*."

– Eles também são de 1590?

– Não – Matthew respondeu com um tom pensativo. – Nenhum deles. – Remexeu na maleta. E levantou a mão com a insígnia de prata do peregrino de Betânia.

Não havia bilhete para explicar a presença da insígnia.

O carrilhão da sala badalou dez horas. Era hora de partir – e logo.

– Por que será que ela me mandou isso? – Ele pareceu preocupado.

– Talvez tenha achado que você devia levar o que significa muito para você. – Eu sabia que ele tinha uma ligação muito forte com aquele minúsculo caixão de prata.

– Mas isso pode dificultar a sua concentração no ano de 1590. – Ele olhou para o anel na minha mão esquerda, e fechei-a. Não tiraria o meu anel de jeito nenhum, quer fosse de 1590 ou não.

– Podemos telefonar para Sarah e perguntar o que ela acha.

Ele balançou a cabeça.

– Não. É melhor não preocupá-la. Já sabemos o que deve ser feito... pegar três objetos, e nada mais do presente ou do futuro que possa atrapalhar no trajeto. Faremos uma exceção para o anel, já que está no seu dedo. – Ele abriu o livro que estava por cima dos outros e paralisou.

– O que foi?

– Minhas anotações estão neste livro, e não lembro de tê-las colocado aí.

– Já se passaram mais de quatrocentos anos. Talvez você tenha

esquecido. – Apesar das minhas palavras tranquilizadoras, um dedo gelado percorreu a minha espinha.

Matthew folheou algumas páginas e respirou fundo.

– Se eu deixasse esses livros e a insígnia de peregrino na sala de estar, a casa tomaria conta disso?

– A casa faria isso se você pedisse – respondi. – O que está havendo, Matthew?

– Mais tarde lhe conto. Nós temos que ir. Essas coisas – ele segurou os livros e o pequeno caixão de Lázaro – precisam ficar aqui.

Trocamos de roupa sem dizer uma palavra. Estremeci quando vesti a bata sobre o meu corpo totalmente nu. As mangas chegaram à altura dos punhos, a vestimenta se estendeu até os tornozelos e a ampla gola fechou-se quando amarrei o cordão.

Matthew tirou as roupas e vestiu o camisolão sem dificuldade, graças a sua familiaridade com aquele tipo de roupa. O camisolão desceu à altura dos joelhos e deixou as suas pernas brancas à mostra. Enquanto eu recolhia as nossas roupas ele foi à sala de jantar e voltou com papel de carta, envelope e uma de suas canetas preferidas. Escreveu algumas palavras no papel, dobrou e o colocou dentro do envelope.

– Um bilhete para Sarah – ele disse. – Pediremos a casa para cuidar disso também.

Levamos os livros, o bilhete e a insígnia de peregrino para a sala de estar. Matthew colocou-os com todo cuidado no sofá.

– Deixamos as luzes acesas? – ele perguntou.

– Não – respondi. – Só a da varanda, talvez esteja escuro quando elas voltarem.

Apagamos a luz e uma sombra esverdeada projetou-se no ar. Era a minha avó se balançando na cadeira.

– Até logo, vovó. – Nem Bridget Bishop nem Elizabeth estavam com ela.

Até logo, Diana.

– A casa precisa cuidar disso. – Apontei para a pilha de objetos no sofá.

Não se preocupe com nada, a não ser com o lugar para onde vão.

Caminhamos lentamente em direção à porta da cozinha enquanto apagávamos as luzes. Quando passamos pela sala de TV, Matthew pegou o *Doutor Fausto*, o brinco e a peça de xadrez.

Olhei para a afetuosa cozinha marrom uma última vez.

– Adeus, casa.

Tabitha ouviu a minha voz e saiu miando da despensa. Aproximou-se, parou e nos encarou sem dar uma só piscada.

– Adeus, *ma petite* – disse Matthew, acariciando as orelhas dela.

Já tínhamos decidido que partiríamos do celeiro. Lá era sossegado e não tinha vestígios de modernidade para nos atrapalhar. Atravessamos com passos apressados o pomar de macieiras e o gramado coberto de gelo. Quando Matthew empurrou a porta do celeiro, o meu hálito se fez visível no ar gelado.

– Está um gelo.– Encolhi-me dentro da bata, batendo os dentes.

– A lareira estará acesa quando chegarmos à Velha Cabana – ele disse, estendendo-me o brinco.

Enfiei o delgado fecho pelo buraco da minha orelha e estendi a mão para receber a deusa. Ele pôs a peça na palma da minha mão.

– E o que mais?

– Vinho, é claro... vinho tinto. – Ele me deu o livro e um abraço e um beijo na testa.

– Onde ficavam os seus aposentos? – Fechei os olhos para visualizar a Velha Cabana.

– No segundo piso, a oeste do jardim e com vista para o parque dos cervos.

– E lá tinha cheiro de quê?

– De casa – ele disse. – Lenha queimada e carne assando para o jantar dos criados, cera de abelha das velas e lavanda para manter a roupa de

cama cheirosa.

– Algum som em especial?

– Nenhum em especial. Só os sinos da Catedral de St. Mary e da Catedral de St. Michael, o crepitar da lenha e o ronco dos cachorros na escada.

– Como se sente quando está lá? – perguntei e me concentrei no que ele dizia e no que as palavras me faziam sentir.

– Na Velha Cabana eu sempre me senti... comum – ele disse com suavidade. – É um lugar onde posso ser eu mesmo.

Um aroma de lavanda fora do tempo e do espaço inundou o celeiro de Madison em pleno outubro. Fiquei maravilhada com o aroma, e pensei no bilhete do meu pai. Naquela fração de segundo os meus olhos se abriram totalmente para a magia.

– E o que faremos amanhã?

– Vamos caminhar no parque – ele murmurou e me abraçou com braços fortes como ferro. – Se o tempo estiver bom, podemos cavalgar. Nessa época do ano não deve haver muita coisa na horta. Se não me engano tem um alaúde guardado em algum canto da casa. Se quiser, posso lhe ensinar a tocar.

Um outro aroma temperado e doce juntou-se ao da lavanda e avistei uma árvore carregada de frutos dourados. Uma única mão esticou-se e um diamante brilhou ao sol, mas a fruta estava fora de alcance. Fiquei frustrada no fio afiado do desejo, e me lembrei de Em dizendo que a magia está no coração e não na mente.

– Há um marmeleiro no jardim?

– Sim – disse Matthew com os lábios encostados no meu cabelo. – Nessa época os frutos estão maduros.

A árvore se dissolveu, espalhando um aroma doce no ar. Em seguida avistei um prato raso de prata em cima de uma mesa de madeira comprida. A luz das velas e da lareira refletiu-se na superfície do prato. Uma pilha de

frutos dourados dentro do prato é que espalhava o aroma. Flexionei os dedos na capa do livro que estava na minha mão no presente, mas na minha mente eu segurava uma fruta no passado.

– Estou sentindo cheiro de marmelos. – Eu já era chamada para uma vida nova na Velha Cabana. – Não solte a minha mão de jeito nenhum. – Com todo o passado ao redor, a possibilidade de perdê-lo tornou-se assustadora.

– De jeito nenhum – ele disse com convicção.

– E erga o pé e depois o abaixe só quando eu mandar.

Ele soltou um risinho.

– Eu amo você, *ma lionne*. – Era uma reação incomum, mas suficiente.

Lar, eu pensei.

Meu coração bateu de desejo.

Uma badalada desconhecida anunciou a hora.

O calor de um fogo aconchegante roçou na minha pele.

O ar se encheu de odores de lavanda, cera de abelha e marmelo maduro.

– Está na hora. – Juntos, erguemos os pés e pisamos no desconhecido.



A casa estava estranhamente silenciosa. Para Sarah, a ausência de conversa e a falta de cérebros faziam a casa parecer vazia. Mas não era só isso.

Era a falta de conhecimento.

Ela e Em tinham chegado mais cedo que o habitual, depois de terem explicado no conciliábulo que precisavam voltar para casa e arrumar a bagagem para uma viagem com Faye e Janet. Em encontrou a maleta vazia perto do sofá da sala de TV, e Sarah se deparou com uma pilha de roupas em cima da máquina de lavar.

– Eles se foram – disse Em.

Sarah começou a tremer e abrigou-se nos braços dela.

– Será que está tudo bem? – perguntou com um fiapo de voz.

– Eles estão juntos – disse Em. Não era a resposta que Sarah queria, mas era honesta como a própria Em.

Enfiaram as roupas na sacola de lona quase sem prestar atenção no que faziam. Por fim, Tabitha e Em entraram no *trailer*, e Faye e Janet esperaram com paciência que Sarah fechasse a casa.

Na última noite do grupo na casa, Sarah e Matthew conversaram por horas a fio na despensa, acompanhados de uma garrafa de vinho. O vampiro revelou algumas coisas de seu passado e seus medos em relação ao futuro. Ela o ouviu e se conteve para não demonstrar choque e surpresa com alguns episódios que foram contados. Embora pagã, entendeu que ele queria se confessar e que a tinha elegido para fazer o papel de padre. Ela o teria absolvido se pudesse, mesmo sabendo que certas coisas nunca

poderiam ser perdoadas nem esquecidas.

Mas havia um segredo que Matthew se recusou a compartilhar, e até aquele momento Sarah ainda não sabia o lugar e o tempo de destino da sobrinha.

As tábuas do piso da casa das Bishop rangeram e gemeram enquanto Sarah percorria os cômodos escuros. Ela fechou a porta da sala de estar e voltou-se para acenar uma despedida para a casa onde tinha morado a vida inteira.

A porta da sala de estar abriu-se abruptamente. Uma tábua do piso próxima da lareira abriu-se e exibiu um pequeno livro preto e um envelope creme. O brilho dos objetos se sobressaiu sob a luz da lua na sala.

Sarah abafou um grito e estendeu a mão. O envelope creme voou em direção à mão e pousou em cima como uma pluma, deixando a parte frontal à vista. Lia-se uma única palavra.

"Sarah."

Ela passou suavemente os dedos pelas letras e viu os dedos compridos e brancos de Matthew. Abriu o envelope com o coração disparado.

"Sarah", ele dizia. *"Não se preocupe. Nós conseguimos."*

O ritmo cardíaco de Sarah se aquietou.

Ela colocou a folha de papel na cadeira de balanço de sua mãe, e gesticulou para o livro. Depois que a casa entregou o livro, a tábua do piso voltou ao seu lugar habitual com um gemido de madeira velha e guinchos de unhas velhas.

Ela abriu a primeira página. *A sombra da noite, contendo dois hinos poéticos, de G.C., cavalheiro, 1594.* O livro cheirava a velho, mas não era um cheiro desagradável como o de incenso em catedral empoeirada.

Como Matthew, pensou Sarah com um sorriso.

Na parte de cima, um marcador de papel. Marcava a página da dedicatória. *"Para o meu querido e mais precioso amigo Matthew Roydon."* Ela aproximou os olhos da folha e viu o desenho esmaecido de

uma pequena mão com o punho da manga farfalhante apontando imperiosamente para o nome, e embaixo o número "29" escrito com uma tinta antiga.

Ela seguiu até a página vinte e nove e tentou conter as lágrimas quando leu a seguinte passagem sublinhada:

Ela, que cria caçadores e dessa substância, os cães
Cujas bocas ensurdecem o céu e sulcam a terra com feridas
Sem assombrar uma Ninfa tão cheia de graça
Dos cães devia ser a caça.
Pois toda a forma podia tomar
Dos animais mais velozes, no seu prazer de escapar.

As palavras conjuravam a própria imagem de Diana – clara, iluminada, espontânea. Seu rosto emoldurado com um véu transparente e seu pescoço ornado com prata e diamantes. Um rubi em forma de gota aninhado no entalhe do colo palpitava na sua pele como uma gota de sangue.

O sol nascia quando ele prometeu a ela na despensa que arrumaria um jeito de fazê-la saber que Diana estava a salvo.

– Muito obrigada, Matthew.

Sarah beijou o livro e o bilhete, e os lançou à cavernosa lareira. Em seguida pronunciou algumas palavras para conjurar um fogo branco e quente. O papel pegou fogo rapidamente e as pontas das folhas do livro logo se retorceram.

Ela observou o fogo por um momento. Depois, saiu pela porta da frente e deixou-a destrancada, sem olhar para trás.

Tão logo a porta se fechou, um caixão velho e prateado rolou pela chaminé e caiu em cima do papel queimado. Dois bocados de sangue e mercúrio liberados das câmaras ocas do interior do caixão pelo calor do fogo se buscaram ao longo da superfície do livro, e em seguida

despencaram nas brasas. Escoaram para dentro da velha e macia argamassa da lareira e seguiram para o coração da casa. Quando lá chegaram, a casa suspirou de alívio e exalou um perfume esquecido e proibido.

Sarah sorveu o ar frio da noite enquanto entrava no *trailer*. Seus sentidos não eram aguçados a ponto de poder capturar os aromas de canela, abrunheiro, madressilva e camomila que dançavam no ar.

– Tudo bem? – perguntou Em com um tom sereno.

Sarah se debruçou sobre a caixa que abrigava Tabitha e carinhosamente apertou o joelho de Em.

– Tudo ótimo.

Faye girou a chave de ignição e seguiu pelo caminho de entrada em direção à estrada municipal que as levaria à estrada interestadual enquanto elas resolviam onde tomariam o café da manhã.

As quatro bruxas já estavam longe demais para perceber a mudança na atmosfera ao redor da casa quando centenas de criaturas noturnas farejaram o aroma insólito da mistura de vampiro e bruxa, ou para ver duas sombras esverdeadas de dois fantasmas à janela da sala de estar.

Bridget Bishop e a avó de Diana assistiam ao lento desaparecimento do veículo na estrada.

E o que faremos agora?, perguntou a avó de Diana.

O que sempre fizemos, Joanna, respondeu Bridget. *Relembrar o passado... e aguardar o futuro.*

AGRADECIMENTOS

É imensa a dívida que tenho para com meus amigos e minha família que leram este livro, capítulo por capítulo, à medida que o escrevia: Cara, Karen, Lisa, Margaret e minha mãe Olive. Peg e Lynn, como sempre, contribuíram com excelentes refeições, aconchegante companheirismo e sábios conselhos. Sou especialmente grata a Lisa Halttunen pelo seu trabalho editorial na preparação do manuscrito que seria avaliado mais tarde.

Agradeço a generosidade dos meus colegas acadêmicos que cederam os seus conhecimentos para pesquisas de assuntos que não faziam parte da minha especialização. Philippa Levine, Andrés Reséndez, Vanessa Schwartz e Patrick Wyman me fizeram voltar aos trilhos toda vez que eu errava o caminho. Eventuais erros certamente se devem a mim.

Serei grata para sempre a Sam Stoloff, da agência literária Frances Goldin, pelo bom humor com que recebeu a notícia de que eu tinha escrito um romance e não um outro livro de história. Ele também leu os primeiros rascunhos com dedicada atenção. Faço um agradecimento adicional à agente Ellen Geiger, pelas escolhas inspiradas de companheiros de almoços!

A equipe da Viking tornou-se uma segunda família para mim. Carole DeSanti, minha editora, encarna tudo aquilo que todo autor espera ao escrever um livro: alguém que além de apreciar o que está escrito em cada página, também é capaz de imaginar um algo mais que as palavras podem acrescentar à história quando um pouco mais trabalhadas. Maureen Sugden, extraordinária editora de texto que poliu o livro em tempo recorde. Também agradeço a Clare Ferraro, Leigh Butler, Hal Fessenden e à equipe de direitos autorais; Carolyn Coleburn, Nancy Sheppard e AA equipe de marketing e vendas; Victoria Klose, Christopher Russel e todos

mais que ajudaram a transformar uma pilha de papéis em livro.

Como este é um livro *sobre* livros, consultei inúmeros textos enquanto o escrevia. Os leitores curiosos poderão consultar alguns desses textos na tradução da Bíblia, de Douay-Rheims, bem como na tradução e crítica do *Aurora Consurgens*, de Marie-Louise von Franz (publicado pela Pantheon Books, 1966), e na tradução de Paul Eugene Memmo do livro de Giordano Bruno, *Heroic Frenzies* (University of North Carolina Press, 1964). Informo aos leitores pesquisadores que as traduções contidas neste livro são de minha autoria e, portanto, carregam idiossincrasias. Sugiro a quem quiser ir mais fundo no pensamento de Charles Darwin a começar pela obra de Janet Browne, *Charles Darwin: A Biography* (2 volumes, Alfred Knopf, 1995 e 2002). E para uma introdução lúcida ao DNA mitocondrial e suas implicações nos problemas da história humana, sugiro uma consulta ao livro *The Seven Daughters of Eve* (W.W. Norton, 2001), de Brian Sykes.

Título original
A DISCOVERY OF WITCHES

Copyright © Deborah Harkness, 2011

Todos os direitos reservados, incluindo o de reprodução no todo ou em parte sob qualquer forma.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Viking, um selo da Penguin Group (USA) Inc.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

Preparação de originais
MAIRA PARULA

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

Produção do arquivo ePub
Freitas Bastos

2ª edição eletrônica
ROCCO DIGITAL

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H245d
Harkness, Deborah E., 1965-
A descoberta das bruxas [recurso eletrônico] / Deborah Harkness; tradução de Márcia Frazão. – Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.
recurso digital

Tradução de: A discovery of witches
978-85-8122-042-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Frazão, Marcia, 1951-. II. Título.

12-1822

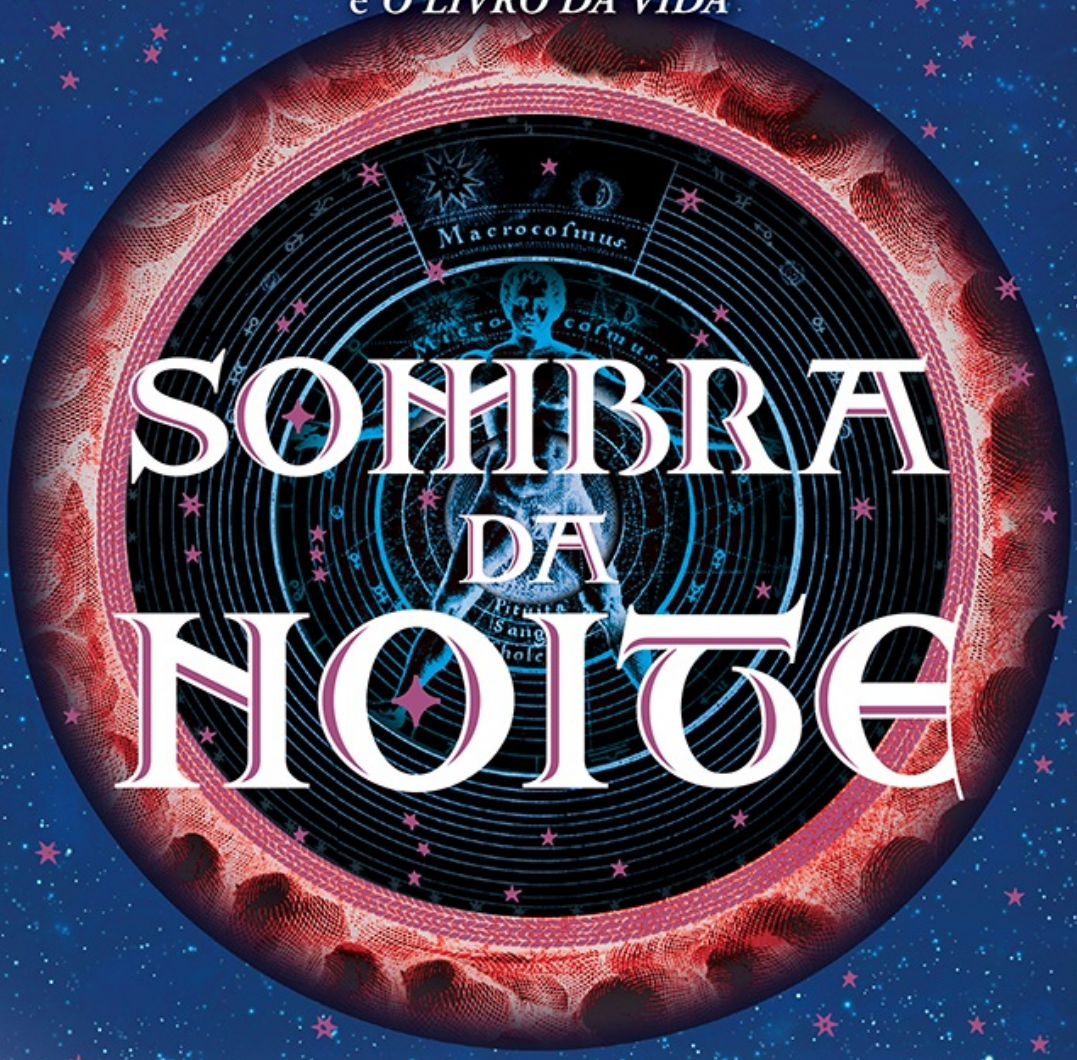
CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Sobre a autora

DEBORAH HARKNESS é escritora especializada em história da ciência e da medicina. Ganhou prêmios importantes como o Fullbright e o Guggenheim. Atualmente, ocupa o cargo de professora de história na University of Southern California, e o seu mais recente trabalho acadêmico é *The Jewel House: Elizabethan London and the Cientific Revolution*. *A descoberta das bruxas* é a sua primeira obra literária.

Deborah Harkness

Autora de *A DESCOBERTA DAS BRUXAS*
e *O LIVRO DA VIDA*



SOMBRA DA NOITE

Rocco DIGITAL



Deborah Harkness



Tradução de Márcia Frazão

Rocco
DIGITAL

Para Lacey Baldwin Smith, exímio contador de histórias e historiador, que muito tempo atrás me sugeriu que escrevesse um romance.

O passado não pode ser curado.

– Elizabeth I, Rainha da Inglaterra

Sumário

Para pular o Sumário, clique aqui.

PARTE I
Woodstock: a Velha Cabana

PARTE II
Sept-Tours e a aldeia de Saint-Lucien

PARTE III
Londres: Blackfriars

PARTE IV
O Império: Praga

PARTE V
Londres: Blackfriars

PARTE VI
Novo Mundo, Velho Mundo

Libri Personae: Personagens do Livro

Agradecimentos

Créditos

A Autora

PARTE I

WOODSTOCK: A VELHA CABANA





Quando chegamos mais parecíamos uma trouxa indigna de uma bruxa e um vampiro. Os longos membros de Matthew se curvavam desengonçados debaixo de mim. Com o impacto da aterrissagem um livro volumoso abriu-se entre nós dois e a pequena imagem de prata que estava na minha mão rolou pelo chão.

– Será que estamos no lugar certo? – perguntei e apertei os olhos porque talvez ainda estivéssemos no celeiro de Sarah na Nova York do século XXI e não na Oxfordshire do século XVI. Odores desconhecidos me fizeram ver que não estávamos no meu espaço e no meu tempo de origem. O odor de mato adocicado com um toque de vela de cera de abelha se sobressaiu e me fez lembrar do verão. E ao odor da fumaça da lenha seguiu-se o crepitar do fogo nos meus ouvidos.

– Abra os olhos, Diana, e veja por si mesma. – Os lábios delicados e gelados de Matthew tocaram na minha face como uma pena, seguidos por uma risadinha. Os olhos da cor do mar tormentoso que me olharam de um rosto extremamente pálido só podiam ser de um vampiro. Suas mãos percorreram meu pescoço e desceram até meus ombros. – Tudo bem com você?

Acabávamos de retroceder a um passado longínquo de Matthew e meu corpo parecia prestes a se partir com qualquer lufada de vento. Eu não sentia nada parecido desde as breves sessões de viagem no tempo que fazíamos na casa de minha tia.

– Estou ótima. E você? – Abstive-me de olhar ao redor e olhei para Matthew.

– Estou aliviado por estar em casa. – Ele tombou a cabeça no assoalho de madeira com um suave baque, fazendo dispersar o aroma de verão dos juncos e das lavandas espalhados por todos os lados. Mesmo em 1590, a Velha Cabana ainda lhe era familiar.

Já com os olhos adaptados à penumbra, pude observar uma boa cama, uma pequena mesa, bancos estreitos e uma única poltrona. Um corredor do outro lado dos pilares entalhados que sustentavam o dossel da cama ligava um aposento a outro, e a luz se derramava nas cobertas e no piso com um retângulo de ouro mal-traçado. Os painéis de madeira nas paredes do quarto aparentemente talhados sobre tecidos fizeram-me lembrar que já os tinha visto nas minhas poucas visitas à casa de Matthew no meu tempo presente. Inclinei a cabeça para trás e notei que o reboco maciço do teto era encaixotado em quadrados com uma espalhafatosa rosa Tudor incrustada em cada recesso.

– As rosas eram obrigatórias na época em que a casa foi construída – comentou Matthew em tom seco. – Não as suporto. Pintaremos de branco na primeira oportunidade.

Uma súbita lufada de ar atiçou as chamas douradas e azuladas de um castiçal, iluminando o canto de uma tapeçaria ricamente colorida e os retalhos escuros de uma colcha esmaecida com uma estamparia de folhas e frutas. Um esplendor nunca igualado por nenhum tecido moderno.

Sorri subitamente empolgada.

– Eu realmente consegui. Não errei o alvo, não paramos em outro lugar como Monticello ou...

– Você não errou, não – disse ele sorrindo. – Foi magnífica. Bem-vinda à Inglaterra de Elizabeth.

Pela primeira vez na vida entrei em êxtase pelo fato de ser uma bruxa. Como historiadora, estudava o passado. Mas como bruxa visitava-o em carne e osso. Nós tínhamos viajado até o ano de 1590 para que eu pudesse estudar a arte perdida da magia, mas naquele lugar havia muito mais

coisas para serem aprendidas. Curvei a cabeça para celebrar com um beijo, mas a porta se abriu com um rangido e me deixou petrificada.

Matthew pôs o dedo nos meus lábios para me calar. Girou ligeiramente a cabeça e abriu as narinas. Só descontraiu quando reconheceu quem estava no aposento ao lado, o ponto de onde ecoava um tênue farfalhar. Ergueu o livro e me fez levantar com um único movimento. Conduziu-me pela mão até a porta.

Um homem estava à frente de uma mesa coberta de correspondências no aposento ao lado. Era um tipo robusto de cabelos castanhos despenteados com uma aparência impecável e luxuosas roupas de fino corte. Murmurava alguma coisa estranha, pontuada por palavras em tom baixo e quase inaudível.

O choque cobriu o rosto de Matthew que logo abriu os lábios com um sorriso afetuoso.

– Onde é que está você, meu doce Matt? – O homem ergueu uma página contra a luz. Um segundo depois os olhos de Matthew se apertaram e a indulgência cedeu lugar ao desprazer.

– Procurando alguma coisa, Kit?

Ao ouvir essas palavras o jovem deixou o papel cair sobre a mesa e rodopiou com o rosto iluminado de alegria. Eu já tinha visto aquele rosto em um exemplar de *O judeu de Malta*, de Christopher Marlowe.

– Matt! Pierre me disse que você estava em Chester e que não poderia voltar para casa. Mas eu sabia que não deixaria nossa reunião anual de lado.

As palavras me soaram familiares, mas com uma estranha cadência que me exigiu muita atenção para entendê-las. O inglês elisabetano não era muito diferente do inglês aprendido na minha escola, mas nem minha familiaridade com as peças de Shakespeare o tornava mais compreensível.

– Por que está sem barba? Esteve doente?

Os olhos de Marlowe cintilaram quando se deram conta de minha

presença, com uma intensidade que o fez parecer tão desagradável quanto qualquer outro demônio.

Eu tive que me conter para não sair correndo em direção a um dos maiores dramaturgos ingleses para cumprimentá-lo e depois metralhá-lo com perguntas. Logo que o vi à frente, o pouco que sabia dele simplesmente evaporou de minha cabeça. Será que ele havia encenado alguma peça em 1590? Que idade tinha na ocasião? Sem dúvida alguma era mais jovem que eu e Matthew. Marlowe ainda não tinha chegado aos trinta. Sorri calorosamente para ele.

– Onde você encontrou isso aí? – Ele apontou para mim, com a voz destilando desprezo. Olhei por cima do ombro em busca de alguma obra de arte hedionda. Só havia espaço vazio.

Ele se referia a mim. Meu sorriso entortou.

– Seja gentil, Kit – disse Matthew, com uma carranca.

Marlowe deu de ombros.

– Isso não importa. Sirva-se dela se for preciso antes que os outros cheguem. Se for preciso. George esteve aqui por algum tempo. Claro, comendo sua comida e lendo seus livros. Ainda está sem patrono, o nome dele não vale um centavo.

– George pode se servir de tudo que é meu, Kit. – Matthew cravou os olhos no outro com um semblante inexpressivo e levou nossas mãos entrelaçadas à boca. – Diana, esse é o meu caro amigo Christopher Marlowe.

Depois da apresentação Marlowe me observou com mais atenção. Mediu-me da cabeça aos pés com um descaso evidente e um ciúme dissimulado. Estava realmente apaixonado pelo meu marido. Já suspeitara disso em Madison quando passei os dedos por cima da dedicatória de Marlowe para Matthew em um exemplar de *Fausto*.

– Eu não fazia ideia de que havia um bordel em Woodstock especializado em mulheres altas. Suas prostitutas geralmente são mais

delicadas e charmosas, Matthew. Essa é uma verdadeira amazona – disse Kit, fungando e olhando por cima do ombro para a bagunça de papéis espalhados sobre a mesa. – Segundo a Velha Raposa, você faria uma viagem ao Norte a negócios e não para se divertir. Como encontrou tempo para desfrutar dos serviços dela?

– É impressionante como você desperdiça carinho, Kit – balbuciou Matthew em tom de advertência.

Aparentemente mais interessado na correspondência espalhada sobre a mesa, Marlowe não captou a advertência e sorriu com malícia. Matthew apertou a minha mão.

– Diana é o nome verdadeiro ou ela o adotou para incrementar o fascínio entre os clientes? Talvez com um peito desnudo e um arco e flecha dependurado ao ombro – disse Marlowe enquanto pegava uma pilha de papéis. – Lembra que a Bess de Blackfriars pedia para ser chamada de Afrodite antes de deixar...

– Diana é minha esposa. – Matthew não estava mais do meu lado e não segurava mais a minha mão e sim a gola de Marlowe.

– Não. – O rosto de Kit expressou choque.

– Sim. Ou seja, ela é a senhora desta casa, carrega meu nome e está sob minha proteção. Por isso... e pela nossa longa amizade, é claro, daqui para a frente não quero ouvir nem críticas nem maledicências a respeito de minha esposa vertendo de sua boca.

Remexi os dedos para reanimá-los. Na fúria, Matthew enterrara o anel do terceiro dedo de minha mão esquerda em minha pele, deixando uma marca vermelha. Embora sem facetas, o diamante no centro do anel atraía o calor do fogo. Esse anel de diamante tinha sido presenteado inesperadamente por Ysabeau, a mãe de Matthew, que na ocasião o fez repetir as palavras da velha cerimônia de casamento e enfiá-lo no meu dedo – isso se dera horas antes... ou séculos atrás?

Dois vampiros entraram na sala, acompanhados de um tinir de pratos.

Um homem esguio de cabelos e olhos negros, com um rosto inexpressivo e uma pele da cor de avelã fustigada pelo tempo. Segurava uma jarra de vinho e uma taça com uma haste em formato de golfinho que se equilibrava sobre uma cauda. O outro vampiro era uma mulher ossuda que carregava uma bandeja de pão e vinho.

– Milorde, o senhor voltou – disse o homem, com ar confuso. Estranhamente, o sotaque francês facilitou a compreensão da frase. – Na quinta-feira um mensageiro disse...

– Mudei de planos, Pierre. – Matthew se voltou para a mulher. – Françoise, minha esposa perdeu todos os pertences durante a viagem e as roupas ficaram tão sujas que tive que queimá-las. – Ele mentiu com a maior cara de pau. Nem os vampiros nem Kit pareceram convencidos.

– Sua esposa? – repetiu Françoise cujo sotaque era parecido com o de Pierre. – Mas ela é um b...

– Bom sangue-quente. – Matthew terminou a frase e tirou a taça da bandeja. – Diga ao Charles que temos outra boca para alimentar. Diana não tem passado muito bem e o médico aconselhou que se alimentasse de carne fresca e peixe. Alguém terá que ir até o mercado, Pierre.

Pierre pestanejou.

– Sim, milorde.

– E ela vai precisar de alguma coisa para vestir – observou Françoise, olhando-me de cima a baixo. Matthew assentiu com a cabeça e a mulher sumiu de vista seguida por Pierre.

– O que houve com seu cabelo? – Matthew segurou um cacho ruivo como se fosse um morango.

– Oh, não – murmurei, erguendo as mãos. Meu cabelo liso e louro à altura dos ombros tinha se transformado em cachos dourados com tons avermelhados à altura da cintura. Nos tempos de colégio, quando encenei Ofélia, personagem de *Hamlet*, isso também tinha acontecido com meu cabelo. A mudança de cor e o crescimento abrupto e desnaturado não

eram um bom sinal. A bruxa despertara de dentro de mim durante nossa viagem ao passado. Não havia outra explicação para essa nova manifestação de magia.

De um lado os vampiros farejaram a adrenalina da súbita onda de ansiedade que seguiu essa tomada de consciência ao mesmo tempo em que ouviram a música executada pelo meu sangue, e do outro o demônio Kit sentiu a elevação da minha energia de bruxa.

– Pela tumba de Cristo! – O sorriso de Marlowe se impregnou de malícia. – Você trouxe uma bruxa para casa. Que mal ela fez?

– Deixe pra lá, Kit. Isso não é da sua conta. – A voz de Matthew assumiu de novo um tom de comando e em seguida ele acariciou meu cabelo com os dedos. – *Mon coeur*, não se preocupe. Garanto que isso é uma simples fadiga.

Meu sexto sentido ardeu de desacordo. Essa última transformação não podia ser explicada como uma simples fadiga. Como eu era uma bruxa de descendência, ainda não fazia uma ideia exata da extensão dos poderes que herdara. Nem tia Sarah nem sua companheira Emily Mather – também bruxas – tinham sido capazes de explicar que poderes eu tinha e como podia controlá-los. Os testes científicos realizados por Matthew haviam detectado marcadores genéticos de potencial mágico no meu sangue, mas sem especificar se essas possibilidades poderiam se realizar e em que circunstâncias.

Antes que pudesse levar a preocupação adiante, Françoise retornou com a boca cheia de alfinetes e mais alguma coisa que parecia uma agulha de costura. Surgiu atrás dela uma pilha andante de veludo, lã e linho. As pernas morenas e compridas embaixo da pilha indicaram que Pierre estava enterrado em algum lugar lá dentro.

– Para que serve isso? – perguntei, apontando para os alfinetes com ar desconfiado.

– Para madame caber nisso, é claro. – Françoise tirou de cima da pilha

de tecidos um corte marrom que lembrava um saco de farinha. Claro que o tecido não me pareceu uma escolha agradável, mas meus parcos conhecimentos da moda elisabetana me deixaram à mercê dela.

– Vá lá para baixo que é seu lugar, Kit – disse Matthew para o amigo. – Logo estaremos juntos. E trate de segurar a língua. Essa história é minha e não sua. Eu é que devo contá-la.

– Se quer assim, tudo bem, Matthew. – Marlowe puxou a bainha do gibão cor de amora para parecer indiferente, mas foi traído pelo tremor das mãos e fez uma pequena reverência com ar zombeteiro. Esse movimento compacto reconhecia o comando de Matthew e ao mesmo tempo o boicotava.

Depois que o demônio se retirou, Françoise pôs o saco em cima de um banco e andou em círculos em volta de mim para me estudar e estabelecer uma linha de ataque mais favorável ao meu corpo. Suspirou exasperada e começou a me vestir. Matthew olhou para a pilha de papéis espalhados em cima da mesa e saiu naquela direção. Fixou os olhos na pequena caligrafia sobre um pacote retangular impecavelmente dobrado e selado com uma gota de cera rosada e o abriu.

– *Dieu*. Eu me esqueci disso. Pierre!

– Milorde? – Soou uma voz abafada nas profundezas dos tecidos.

– Largue isso e me fale sobre a última reclamação de lady Cromwell. – O tratamento de Matthew para Pierre e Françoise era um misto de familiaridade e autoridade. Pensei comigo que precisaria de um bom tempo para dominar a arte de tratar os serviçais dessa maneira.

Os dois começaram a cochichar perto da lareira enquanto eu era enrolada, alfinetada e amarrada para me tornar mais apresentável. Françoise resmungou alguma coisa sobre o meu brinco desemparelhado, uma peça de ouro finamente trançado que pertencera a Ysabeau. Esse brinco era um dos itens que nos tinham feito optar por uma viagem até aquele tempo passado em particular, os outros eram o exemplar do *Fausto*

que estava com Matthew e a pequena estatueta de Diana. Françoise remexeu num baú que estava por perto e encontrou um par de brincos. Com o problema das joias resolvido, ela me fez vestir meias grossas até os joelhos e fixou-as com fitas vermelhas.

– Acho que estou pronta – eu disse já ansiosa para descer a escada e começar a visita ao século XVI. A leitura de livros sobre o passado não se igualava a vivenciá-lo, como pude comprovar no meu breve colóquio com Françoise e no curso intensivo que fiz sobre o vestuário do período.

Matthew inspecionou minha aparência.

– Isso vai funcionar... por enquanto.

– Ela terá que fazer algo mais com essa aparência modesta e nada memorável – comentou Françoise –, exatamente como uma bruxa deve parecer dentro desta casa.

Matthew ignorou as palavras de Françoise e se dirigiu a mim.

– Diana, economize as palavras quando descermos. Embora Kit seja um demônio e George saiba que sou um vampiro, as criaturas de mente aberta também desconfiam de tudo que é novo e diferente.

Lá embaixo, no grande saguão, encontramos George, o amigo de Matthew sem tostão e sem patrocínio, e torci para que tivéssemos uma típica noite elisabetana.

– Essa mulher está falando *inglês*? – George engasgou, erguendo os óculos redondos que lhe ampliaram os olhos azuis até se parecerem com os de um sapo. Pousou a outra mão no quadril e fez uma pose igual a uma outra que já tinha visto retratada em uma miniatura no Museu Victoria e Albert.

– É que ela vive em Chester – disse Matthew de imediato. George pareceu cético. Pelo visto nem os selvagens do Norte da Inglaterra podiam ser responsabilizados pelo meu péssimo sotaque. O de Matthew era suave e combinava melhor com a cadência e o timbre da época, mas o meu permanecia resolutamente moderno e americano.

– Ela é uma bruxa – corrigiu Kit, tomando um gole de vinho.

– Verdade? – George me analisou, com um interesse renovado. Nenhum sinal indicou que aquele homem era demônio, nem o formigamento provocado pelas bruxas nem o congelamento provocado pelo olhar dos vampiros. George era apenas um sangue-quente comum... um humano que aparentava meia-idade e cansaço, como se já bastante maltratado pela vida. – Acontece, Matthew, que nem você nem Kit gostam de bruxas. Aliás, você sempre me desencorajou a me debruçar sobre o tema. Uma vez me sentei para escrever um poema sobre Hécate e você disse que...

– Mas gosto desta. Gosto tanto que me casei com ela. – Matthew o interrompeu e beijou-me na boca para convencê-lo.

– Casado com ela! – George desviou os olhos para Kit, pigarreando. – Então, há duas alegrias inesperadas para celebrar: você não se atrasou por causa dos negócios, como pensou Pierre, e retornou com uma esposa. Minhas congratulações.

– Reprimi o riso com o tom solene que me fez lembrar um discurso de formatura. Ele fez uma mesura para mim e retribuí. – Eu sou George Chapman, sra. Roydon.

O nome me era familiar. Vasculhei o desorganizado conhecimento estocado no meu cérebro de historiadora. Chapman não era alquimista; minha especialidade era essa e o nome dele não se encontrava nos espaços devotados ao tema. Talvez também fosse escritor, como Marlowe, mas não consegui me lembrar de nenhuma obra dele.

Após as apresentações, Matthew sentou-se à lareira junto aos convidados por alguns minutos. Falaram de política e George se esforçou para me incluir na conversa com perguntas sobre as condições das estradas e do tempo. Falei o mínimo possível enquanto observava os gestos e as palavras em voga que me ajudariam a passar por uma elisabetana. Encantado com minha atenção, George me recompensou com uma longa dissertação de suas últimas experiências literárias. Mas Kit não gostava de

ser relegado ao segundo plano e interrompeu a palestra de George para oferecer uma leitura de sua última versão de *Fausto*.

– Servirá como um ensaio entre amigos – disse o demônio, com um brilho nos olhos –, antes da verdadeira apresentação que será mais tarde.

– Agora não, Kit. Já passa da meia-noite e Diana está cansada da viagem – disse Matthew, ajudando-me a ficar de pé.

Kit cravou os olhos em nós quando nos retiramos da sala. Sabia que escondíamos algo. Já tinha dito uma frase um tanto estranha quando me aventurei a entrar na conversa, e também se mostrara pensativo quando Matthew não conseguiu se lembrar do lugar onde guardara o alaúde dele.

Matthew me alertara antes de nossa partida de Madison que Marlowe era muito mais perceptivo que os outros demônios. Isso me fez perguntar quando descobriria o que escondíamos dele. A resposta a essa pergunta veio depois de algumas horas.

Na manhã seguinte, aproveitei o aconchego da cama quentinha para conversar com Matthew enquanto a casa estava em rebuliço.

A princípio, ele se mostrou disposto a responder minhas indagações sobre Kit (filho de um sapateiro) e sobre George (que para minha surpresa não era muito mais velho que Marlowe). Mas quando passei para assuntos práticos como administração da casa e comportamento feminino, ele rapidamente se entediou.

– E quanto às minhas roupas? – perguntei para fazê-lo se concentrar nos problemas imediatos.

– Não acho que mulheres casadas durmam assim – disse ele, avançando e desamarrando a gola plissada da camisola de linho. Já estava prestes a plantar um beijo debaixo de minha orelha para me persuadir do seu ponto de vista quando alguém abriu as cortinas da cama. A luminosidade do sol da manhã me fez fechar os olhos.

– E então? – disse Marlowe.

Um segundo demônio moreno espiou por cima do ombro de Marlowe.

Parecia um vibrante *leprechaun* de constituição franzina e queixo pontudo acentuado por uma barba avermelhada. Pela aparência fazia semanas que o cabelo dele não via um pente. Fechei a frente da camisola um tanto constrangida pela transparência e porque não vestia roupas íntimas.

– Kit, você viu os desenhos do mestre White, de Roanoke. Essa bruxa não se parece com os nativos da Virgínia – disse o demônio desconhecido, com ar desapontado. Levou algum tempo para reparar que Matthew o encarava. – Ora, bom-dia, Matthew. Posso pedir emprestado o seu instrumento de medição? Prometo que dessa vez não o levarei para o rio.

Mattew encostou a testa no meu ombro, fechou os olhos e gemeu.

– Ela deve ser do Novo Mundo... ou da África. – Marlowe se recusou a dizer meu nome. – Ela não é nem de Chester, nem da Escócia, nem da Irlanda, nem de Gales, nem da França nem do Império. E não acho que seja alemã ou espanhola.

– Bom-dia para você, Tom. Existe alguma razão para que vocês dois estejam discutindo o lugar de origem de Diana aqui na minha cama? – Matthew amarrou as fitas de minha camisola.

– É bom que fique deitado, e ainda mais se esteve fora de si por conta da malária. Kit acha que você se casou com a bruxa durante uma crise de febre. Já que não haveria outra explicação para tanta imprudência. – Tom agitou-se ao estilo demoníaco e respondeu a indagação de Matthew sem dificuldade. – As estradas estão secas e nós chegamos algumas horas atrás.

– E o vinho já está quase acabando – reclamou Marlowe.

– Nós?

Ainda havia outros? A Velha Cabana já estava lotada.

– Fora! Madame precisa se lavar antes de receber os convidados. – Françoise entrou no quarto, com uma bacia de água quente nas mãos e Pierre à esteira, como sempre.

– Aconteceu alguma coisa importante? – perguntou George do lado oposto das cortinas. Entrou no quarto sem fazer cerimônia, frustrando a

intenção de Françoise de colocá-los para fora. – Lorde de Northumberland está sozinho no saguão de entrada. Eu nunca o trataria desse modo se ele fosse o meu patrono!

– Hal está lendo um tratado sobre a construção de uma balança que recebi de um matemático de Pisa. Isso o satisfaz plenamente – retrucou Tom em tom cortante, sentando-se à beira da cama.

Fiquei entusiasmada quando me dei conta de que a pessoa a quem ele se referia era Galileu. Em 1590, Galileu era um professor recém-chegado à Universidade de Pisa. Sua obra sobre a balança ainda não tinha sido publicada.

Tom. Lorde de Northumberland. Alguém que tinha se correspondido com Galileu.

Fiquei boquiaberta de admiração. O demônio empoleirado na coberta da cama era Thomas Harriot.

– Françoise está certa. Fora. Todos vocês – disse Matthew em tom tão cortante quanto o de Tom.

– E o que dizemos ao Hal? – perguntou Kit, com um olhar significativo em minha direção.

– Que já vou descer – respondeu Matthew, rolando na cama e me puxando para mais perto.

Esperei que os amigos de Matthew saíssem do quarto para esmurrá-lo no peito.

– Por que fez isso? – Ele gemeu fingindo que tinha doído, mas só consegui machucar meu próprio punho.

– Porque você não me disse quem eram os seus *amigos*! – Apoiei-me de costas sobre os cotovelos e olhei fixamente para ele. – O grande dramaturgo Christopher Marlowe. George Chapman, poeta e erudito. Thomas Harriot, matemático e astrônomo, se bem me lembro. E o Conde Mago está esperando lá embaixo!

– Não consigo me lembrar de quando Henry ganhou esse apelido, mas

até agora ninguém o chama assim. – Matthew parecia se divertir comigo e isso me deixou ainda mais furiosa.

– Só precisamos de *sir* Walter Raleigh para que toda a Escola da Noite esteja na casa. *Thomas Harriot. Christopher Marlowe. George Chapman. Walter Raleigh*. E... – Quando mencionei o lendário grupo de filósofos e livre pensadores radicais, Matthew desviou os olhos para a janela. – Quem *é* você agora, Matthew? – Não me passara pela cabeça lhe fazer essa pergunta antes de partirmos.

– Matthew Roydon – respondeu e inclinou a cabeça como se estivéssemos sendo apresentados naquele momento. – Amigo dos poetas.

– Os historiadores não sabem quase nada a seu respeito – disse eu impressionada. Matthew Roydon era uma figura sombria associada à misteriosa Escola da Noite.

– Está surpresa agora que já sabe quem é Matthew Roydon de verdade? – Ele arqueou a sobrancelha negra.

– Ora, estou surpresa para uma vida inteira. Você devia ter me avisado antes de me jogar no meio de tudo isso.

– E o que você faria? Antes de partirmos, mal tivemos tempo de nos vestir e muito menos de fazer pesquisas. – Ele saiu da cama. Nosso momento de privacidade tinha sido lamentavelmente breve. – Não há motivo para se preocupar. Eles são homens comuns, Diana.

A despeito do que Matthew afirmou, eles não eram comuns. Além de ter opiniões heréticas, a Escola da Noite zombava da corte corrupta da rainha Elizabeth e ridicularizava as pretensões intelectuais da Igreja e da universidade. "Loucura, perversão e perigo", isso descrevia bem o grupo. Não tínhamos participado de uma aprazível reunião de amigos na noite de Halloween. Tínhamos caído no meio de um vespeiro de intrigas elisabetanas.

– Deixando de lado quão imprudentes possam ser seus amigos, não espere que eu não fique impressionada ao ser apresentada para pessoas que

estudei a vida inteira – eu disse. – Thomas Harriot é um dos astrônomos mais famosos dessa época. Seu amigo Henry Percy é alquimista.

Pierre, que certamente conhecia os sintomas de mulheres estressadas, rapidamente estendeu uma calça preta para que meu marido estivesse com as pernas protegidas quando minha raiva irrompesse.

– E ainda Walter e Tom. – Matthew ignorou a oferta da calça e esticou o queixo. – Kit também se aventura, mas sem êxito. Trate de não comentar o que sabe sobre eles. De qualquer forma, seria errado. E também seja cuidadosa com os rótulos modernos – acrescentou e finalmente vestiu a calça. – Há muito que Will anseia pela Escola da Noite, como se para dar um soco em Kit.

– Não estou nem aí para o que William Shakespeare fez ou esteja fazendo ou fará no futuro... desde que não esteja no grande saguão junto com o conde de Northumberland! – retruquei enquanto saía da cama.

– Claro que Will não está lá embaixo. – Matthew sacudiu a mão em descrédito. – Walter não aprova a métrica dele e Kit o considera um embusteiro, um ladrão.

– Ainda bem, isso é um alívio. O que planeja contar para eles a meu respeito? Marlowe já sabe que estamos escondendo alguma coisa.

Os olhos cinza-esverdeados de Matthew se encontraram com os meus.

– A verdade, talvez. – Pierre estendeu um gibão preto com um acolchoamento intricado, olhando por cima do meu ombro como um bom criado autêntico. – Que você é uma caminhante do tempo e uma bruxa do Novo Mundo.

– A verdade – repeti secamente.

Pierre ouviu tudo sem demonstrar reação. Matthew o ignorou como se ele fosse invisível. E me perguntei se ficaríamos ali até que me esquecesse da presença dele.

– E por que não? Tom anotará cada palavra que você disser, para compará-las com as anotações que já fez sobre a língua algonquina. Afora

isso, ninguém prestará muita atenção. – Matthew estava mais preocupado com as roupas do que com as reações dos amigos.

Françoise chegou acompanhada de duas jovens humanas carregadas de roupas limpas. Apontou para minha camisola e me enfiei atrás da coluna da cama para me despir. Agradeci pelos meus anos em vestuários que tinham varrido meus escrúpulos de trocar roupa na frente de estranhos e puxei a camisola pelos quadris acima a fim de tirá-la pela cabeça.

– Kit vai prestar muita atenção. Ele está procurando uma razão para não gostar de mim e isso lhe dará muitas razões.

– Ele não será um problema – disse Matthew confidencialmente.

– Marlowe é seu amigo ou seu fantoche?

– *Mon Dieu*. – A expressão soou horrorizada e abafada enquanto acabava de tirar minha camisola.

Fiquei petrificada. Françoise estava vendo a cicatriz em forma de lua crescente que se estendia de ponta a ponta nas minhas costas e se juntava com a cicatriz em forma de estrela entre os meus ombros.

– Vestirei a madame – disse ela com frieza para as aias. – Deixem as roupas aí e retornem aos seus afazeres.

As aias se retiraram com uma reverência apressada e olhares curiosos. Mas não tinham visto as marcas. Logo que se retiraram, nós três começamos a falar ao mesmo tempo. Françoise fez uma pergunta aflita "quem fez isso?" que colidiu com a resposta de Matthew "ninguém deve saber disso" e com minha justificativa defensiva "é só uma cicatriz".

– Alguém marcou você com o distintivo da família Clermont – frisou Françoise, balançando a cabeça em negativa. – Aquele que é usado por milorde.

– Nós rompemos o acordo. – Lutei para afastar o mal-estar que revirava o meu estômago toda vez que me lembrava da noite em que tinha sido marcada como traidora por outra bruxa. – Isso foi uma punição da Congregação.

– É por isso então que vocês estão aqui. – Françoise bufou. – Esse acordo foi uma ideia maluca desde o início. Philippe de Clermont não deveria ter levado essa ideia adiante.

– Mas foi o que nos manteve a salvo dos humanos. – Eu não tinha grandes amores nem pelo acordo nem pelos nove membros da Congregação que o faziam valer, mas era inegável que durante muito tempo manteve as criaturas sobrenaturais longe dos olhos dos humanos. Antigas promessas estabelecidas entre demônios, vampiros e bruxas proibiam-nos de nos intrometer nas questões políticas e religiosas dos humanos e também de fazer alianças pessoais entre as três diferentes espécies. As bruxas deviam se manter unidas apenas entre si, e vampiros e demônios também deviam agir assim. Casos amorosos entre espécies diferentes eram terminantemente proibidos.

– A salvo? Não pense que a senhora está a salvo aqui, madame. Nenhum de nós está. Os ingleses são supersticiosos e propensos a ver fantasmas em cada cemitério de igreja e bruxas ao redor de caldeirões. A Congregação é tudo que existe entre nós e nossa destruição. Vocês foram sensatos ao procurar refúgio aqui. Vamos, a senhora precisa se vestir e se juntar aos outros. – Françoise me ajudou a me livrar da camisola e estendeu uma toalha molhada e um prato com uma gosma dentro que cheirava a alecrim e laranja. Achei estranho ser tratada como uma criança, mas sabia que as pessoas da estirpe de Matthew eram banhadas, vestidas e alimentadas como bonecas. Pierre estendeu para Matthew uma taça que continha um líquido escuro demais para ser vinho.

– Além de ser uma bruxa, ela não é uma *fileuse de temps*? – perguntou Françoise para Matthew, com toda tranquilidade. Essa expressão desconhecida, "fiandeira do tempo", conjurava as imagens dos inúmeros e diferentes fios coloridos que tínhamos seguido para alcançar aquele passado em particular.

– Isso mesmo. – Matthew balançou a cabeça e sorveu o conteúdo da

taça, olhando para mim.

– Mas se ela veio de outro tempo, isso significa... – Françoise arregalou os olhos enquanto pensava. Matthew devia soar e se comportar de outra maneira.

Ela suspeita de que não seja o mesmo Matthew, pensei alarmada.

– Para nós é suficiente saber que ela está sob a proteção de milorde – disse Pierre abruptamente em tom de aviso. Estendeu uma adaga para Matthew. – Isso significa que não é importante.

– Significa que a amo e que ela me ama. – Matthew olhou fixamente para os criados. – Não importa o que eu diga para os outros, essa é a verdade. Entenderam?

– Sim – disse Pierre, com um tom que sugeria o contrário.

Matthew lançou um olhar inquisitivo para Françoise, que por sua vez balançou a cabeça sem dizer nada.

Ela retomou a tarefa de me aprontar e me enrolou numa toalha de linho grossa. Claro que havia reparado nas cicatrizes deixadas no meu corpo após aquele dia interminável com Satu, além das muitas outras marcas. Mas não fez mais perguntas e me acomodou numa poltrona perto da lareira para pentear meu cabelo.

– E esse insulto aconteceu depois que o senhor declarou seu amor pela bruxa, milorde? – perguntou Françoise.

– Sim. – Matthew pôs a adaga à cintura.

– Então, ela não foi marcada por um *manjasang* – murmurou Pierre, utilizando a antiga palavra occitânica para vampiro, "comedor de sangue". – Ninguém se arriscaria à raiva dos Clermont.

– Não, foi outra bruxa. – A afirmação me fez tremer, mesmo abrigada do ar frio.

– Mas dois *manjasang* permitiram que isso acontecesse – disse Matthew em tom soturno. – E eles vão pagar por isso.

– O que está feito está feito. – Eu não tinha a menor vontade de iniciar

um racha entre os vampiros. Já tínhamos desafios demais pela frente.

– Se milorde aceitou-a como esposa depois que a bruxa pegou-a, o caso ainda não está encerrado. – Françoise trançou meu cabelo com mãos ágeis. Ajeitou as grossas tranças ao redor de minha cabeça e prendeu-as com grampos. – Mesmo tendo o nome Roydon nesse país onde não se fala em lealdade, não esqueceremos que a senhora é uma Clermont.

A mãe de Matthew já tinha me avisado que os Clermont formavam um verdadeiro clã. Se no século XXI as obrigações e restrições advindas da associação de criaturas tinham me irritado, em 1590 minha magia era imprevisível e meu conhecimento de feitiçaria era incipiente, sem falar que meus primeiros ancestrais ainda não tinham nascido. Ou seja, já não podia confiar em nada senão em mim mesma e em Matthew.

– Já se foram os tempos em que nossas intenções em relação a cada um de nós eram bem conhecidas. Mas não quero mais problemas agora. – Olhei para o anel de Ysabeau e passei o polegar pelo aro. De repente, a esperança de que passaríamos despercebidos na multidão naquele tempo passado me pareceu ingênua. Olhei ao redor. – E isso...

– Só estamos aqui por duas razões, Diana: encontrar um mestre para você e, se possível, localizar aquele manuscrito.

O misterioso manuscrito Ashmole 782 é que nos tinha aproximado. Passara muito tempo enterrado em segurança entre os milhões de livros da Biblioteca Bodleiana de Oxford, no século XXI. Jamais me passaria pela cabeça que a simples ação de preencher o cartão de requisição do manuscrito desativaria um intricado feitiço que o amarrava às estantes e que o mesmo feitiço se reativaria no momento em que o devolvi. Assim como não me passaria pela cabeça que se revelariam os muitos segredos a respeito de bruxas, vampiros e demônios contidos em suas páginas. Foi Matthew que achou mais sensato localizar o Ashmole 782 no passado, sem tentar desamarrar o feitiço pela segunda vez no mundo moderno.

– Esta será a sua casa até a hora de voltarmos – acrescentou ele para me

dar confiança.

A sólida mobília do aposento me era familiar de museus e catálogos de leiloeiros, mas a Velha Cabana nunca seria como um lar. Passei a mão na grossa toalha de linho – tão diferente das velhas toalhas de Sarah e Emily já rotas depois de tantas lavagens. Soaram vozes de outro aposento, com uma cadência inimaginável para ouvidos modernos, inclusive para os historiadores. Mas o passado era nossa única opção. Em nossos últimos dias em Madison, outros vampiros tinham deixado claro que estavam à nossa caça quando quase mataram Matthew. Se o resto do nosso plano estava funcionando, passar por uma autêntica mulher elisabetana teria que ser uma prioridade para mim.

– *Ó admirável mundo novo*. – A citação da *Tempestade* de Shakespeare duas décadas antes de ser escrita era uma grosseira violação de minha parte, mas a manhã estava ficando difícil.

– *Para ti isso é novo* – acrescentou Matthew. – Já está pronta para encarar seu problema?

– Claro que estou. Já me vesti. – Empinei os ombros e me levantei da cadeira. – Como se cumprimenta um conde?



Minha preocupação com a etiqueta adequada se mostrou desnecessária. Títulos e mesuras não importavam quando o conde em questão era um gentil gigante chamado Henry Percy.

Françoise, para quem a etiqueta importava, tagarelou as próprias opiniões enquanto me vestia com as roupas que havia recolhido: anáguas de alguma outra mulher; um espartilho que além de confinar meu porte atlético me dava uma forma mais feminina; uma bata bordada com gola alta e plissada que cheirava a lavanda e cedro; uma saia preta de veludo em forma de sino e também o melhor paletó de Pierre, a única roupa cujo corte se aproximava do meu tamanho. Mesmo fazendo muita força, ela não conseguiu abotoar o último item à altura dos meus seios. Enquanto apertava as fitas do espartilho prendi o fôlego, encolhi a barriga e torci por um milagre, mas nem a intervenção divina me deu a silhueta de uma sílfide.

Aproveitei esse complicado processo para fazer algumas perguntas. Retratos da época me deixaram na expectativa da pesada gaiola chamada crinolina que servia para acentuar os quadris, mas Françoise explicou que só era para ocasiões mais formais. Em vez disso, ela atou um pano acolchoado em forma de rosca por dentro das saias e ao redor da minha cintura. O único aspecto positivo desse item é que afastava as camadas de panos das minhas pernas e isso me possibilitava caminhar sem dificuldade – se não houvesse móveis pelo caminho chegaria aonde quisesse, desde que me movesse em linha reta. Uma outra coisa que se esperava de mim era a cortesia. Françoise então se apressou em me ensinar como agir enquanto

descrevia os vários títulos de Henry Percy – ele era "lorde de Northumberland", ainda que tivesse Percy como sobrenome e fosse um conde.

Mas de nada me valeu o conhecimento recém-adquirido. Logo que entrei com Matthew no grande saguão, um jovem esguio que chegava de viagem com roupas de couro marrom sujas de lama deu um salto para nos cumprimentar. Ele tinha um rosto largo animado por um olhar inquisitivo com fartas sobrancelhas grisalhas arqueadas até a testa que exibia um pronunciado bico de viúva.

– Hal. – Matthew sorriu com a familiaridade indulgente de um irmão mais velho. Mas o conde ignorou o velho amigo e se voltou para mim.

– Se-se-senhora Roydon. – Os graves profundos e monótonos na inflexão da voz do conde deixavam-na quase imperceptível. Antes de nosso encontro, Matthew já tinha dito que Henry era ligeiramente surdo e gaguejava desde criança. Mas que se dedicava à leitura labial. Pelo menos poderia conversar com alguém sem me sentir insegura.

– Pelo visto de novo ofuscado pelo Kit – disse Matthew, com um sorriso de pesar. – Eu queria ter dito pessoalmente para você.

– Que importância tem quem anuncia tão boas notícias? – Lorde de Northumberland fez uma reverência. – Agradeço por sua hospitalidade, senhora, e peço desculpas por cumprimentá-la nesse estado. Ainda é muito cedo para enfrentar os amigos do seu marido. Teria sido melhor se tivéssemos saído tão logo soubemos de sua chegada. A hospedaria seria mais do que adequada.

– O senhor é muito bem-vindo aqui, milorde. – Era o momento de uma reverência, mas a pesada saia preta dificultou o movimento e o espartilho apertado não me permitiu inclinar até a cintura. Posicionei as pernas em reverência, mas bambeei quando inclinei os joelhos. Ainda bem que uma enorme mão me deixou firme.

– Apenas Henry, senhora. Meu nome é muito formal e todos os outros

me chamam de Hal. – A voz do conde era deliberadamente suave, como a de muitos deficientes auditivos. Depois de me deixar à vontade, ele se voltou para Matthew. – Por que sem barba, Matt? Esteve doente?

– Uma crise de malária, nada mais. O casamento me curou. Onde estão os outros? – Matthew olhou em volta à procura de Kit, George e Tom.

À luz do dia o grande saguão de entrada da Velha Cabana era bem diferente. Até então só o tinha visto à noite, mas de manhã o pesado painel era substituído por venezianas inteiramente abertas. O ar fresco deixava o ambiente agradavelmente arejado, apesar da monstruosa lareira à parede. A decoração era feita com fragmentos e peças de cantaria medieval, sem dúvida alguma resgatados por Matthew dos entulhos da antiga abadia erguida naquele lugar – uma face fantasmagórica de um santo, uma armadura e um trevo gótico.

– Diana? – A voz animada de Matthew interrompeu a minha inspeção do mobiliário. – O pessoal está lendo e jogando cartas na sala de estar. Hal não acha correto hospedar-se aqui e juntar-se aos outros sem o convite da senhora da casa.

– É claro que o conde deve hospedar-se aqui, e podemos nos juntar aos seus amigos agora mesmo. – Meu estômago roncou.

– Ou podemos comer alguma coisa – sugeriu ele, com um brilho nos olhos. Já começava a relaxar depois que eu tinha conhecido Henry Percy sem nenhum contratempo. – Já lhe serviram alguma refeição, Hal?

– Pierre e Françoise foram muito atenciosos, como sempre – disse Hal. – Mas se a sra. Roydon quiser se juntar a mim... – À voz do conde se sobrepôs o ronco do estômago dele. Ele era alto como uma girafa e era preciso muita comida para manter aquele corpo abastecido.

– Eu também estou morta de fome, milorde, ansiosa por um farto café da manhã – eu disse, sorrindo.

– Henry. – O conde me corrigiu delicadamente, com um sorriso que abriu uma covinha no queixo.

– Sendo assim, é melhor que me chame de Diana. Não posso chamar o conde de Northumberland pelo primeiro nome se ele teima em se referir a mim como "sra. Roydon". – Françoise tinha sido enfática quanto à necessidade de honrar a alta estirpe do conde.

– Tudo bem, Diana – disse Henry, estendendo o braço para mim.

Ele me conduziu ao longo de um corredor arejado até um aconchegante aposento de teto baixo. Era bem-arrumado e convidativo com sua linha de janelas voltadas para o sul. Apesar de ser relativamente pequeno, abrigava três mesas com bancos individuais e coletivos. Um zumbido de atividade pontuado pelo bater de tigelas e panelas me sugeriu que estávamos próximos das cozinhas. Pregado à parede, a página de um almanaque; em cima da mesa central, um mapa; num canto, um candelabro; e no outro, uma travessa de estanho com muitas frutas. Um arranjo ao estilo de vida holandês com o toque desse último detalhe caseiro. Fiquei paralisada e inebriada com o aroma.

– Marmelos. – Estiquei a mão para tocá-los. Eram exatamente conforme os imaginara em Madison quando Matthew descreveu-me a Velha Cabana.

Henry pareceu intrigado com minha reação perante uma corriqueira travessa de frutas, mas era muito educado para fazer algum comentário. Sentamos à mesa e uma criada colocou pão fresco à nossa frente, acompanhado de uma travessa de uvas e um cesto de maçãs. Foi reconfortante aquela refeição familiar. Henry se serviu e só o segui depois que prestei atenção nas frutas selecionadas e em quantas ele havia consumido. As pequenas diferenças sempre afastam os estranhos e eu queria parecer o mais comum possível. Enquanto nos servíamos desses pratos, Matthew se servia de uma taça de vinho.

Henry foi extremamente cortês durante a refeição. Não fez perguntas pessoais e não bisbilhotou os negócios de Matthew em nenhum momento. Preferiu nos divertir com histórias sobre seus cães, suas propriedades e sua

mãe autoritária, acompanhadas de um bom suprimento de pães recém-saídos do forno. Quando começou a falar sobre a mudança de sua residência em Londres, ecoou uma barulheira no quintal, mas o conde estava de costas para a porta e, sem perceber nada, seguiu adiante.

– Aquela mulher é impossível! Bem que vocês me avisaram, mas não acreditei que poderia haver tamanha ingratidão. Depois de todas as riquezas que despejei nos cofres dela, o mínimo que poderia fazer seria... Oh. – Os ombros largos do novo hóspede preencheram todo o umbral da porta, um dos ombros estava envolto por uma capa tão escura quanto o cabelo ondulado debaixo de um esplêndido chapéu de penas. – Matthew, você está doente?

Henry girou o corpo surpreendido.

– Bom-dia, Walter. Por que não está na corte?

Tentei engolir um pedaço de torrada. Obviamente, o recém-chegado era *sir* Walter Raleigh, o membro ausente da Escola da Noite de Matthew.

– Expulso do paraíso por falta de uma posição, Hal. E quem é essa? – Os olhos azuis e penetrantes do recém-chegado cravaram em mim e os dentes brilharam atrás de uma barba escura. – Henry Percy, você é um diabinho dissimulado. Kit me disse que você estava a fim de ter um caso com Arabella. Já teria lhe apresentado uma viúva se soubesse que seu gosto se inclina mais para mulheres maduras e menos para garotas de 15 anos.

Madura? *Viúva?* Eu acabava de completar 33 anos.

– Os encantos dessa dama o tiraram da igreja nesse domingo. Nós deveríamos agradecer a ela por você ter desdobrado os joelhos e se colocado em cima de um cavalo, seu verdadeiro lugar – continuou Raleigh, com uma inflexão tão consistente quanto um creme Devonshire.

O conde de Northumberland deixou o garfo de tostar na lareira e olhou para o amigo. Balançou a cabeça em negativa e voltou a tostar um pedaço de pão.

– Saia, entre novamente e pergunte as novidades para Matt. E faça isso

com ar de arrependido.

– Não – Walter olhou para Matthew de boca aberta. – Ela é sua?

– E com um anel como prova. – Matthew empurrou um banco debaixo da mesa com a bota. – Sente-se, Walter, e tome um pouco de cerveja.

– Você jurou que jamais se casaria – disse Walter, visivelmente aturdido.

– Foi necessária alguma persuasão.

– Acredito que sim. – Walter se voltou de novo para mim, com um olhar de avaliação. – É uma pena tanto desperdício com uma criatura de sangue-frio. Eu não titubearia por um só instante.

– Diana conhece minha natureza e não se preocupa com minha "frieza", como acabou de dizer. Além do mais, ela é que precisou ser persuadida. Eu me apaixonei à primeira vista – disse Matthew.

Walter bufou em resposta.

– Não seja cínico, meu velho amigo. Você também pode ser pego pelo Cupido. – Os olhos cinzentos de Matthew se acenderam com um lampejo de malícia quando ele se lembrou do futuro que esperava por Raleigh.

– Cupido terá que esperar para apontar as setas para mim. No momento estou bastante ocupado em repelir os avanços hostis da rainha e do almirante. – Walter arremessou o chapéu que deslizou na superfície polida de uma mesa próxima e espalhou as peças de um tabuleiro de gamão cujo jogo ainda estava inacabado. Resmungou e sentou-se perto de Henry. – Parece que todos querem um pedaço da minha pele, mas ninguém me dará um tico de atenção enquanto esse problema da colônia pairar sobre a minha cabeça. Fui eu que tive a ideia da celebração de aniversário deste ano, mas aquela mulher escolheu Cumberland para conduzir as cerimônias. – Ficou de novo nervoso.

– Ainda sem notícias de Roanoke? – perguntou Henry amavelmente enquanto estendia um copo de cerveja encorpada e amarronzada para Walter. A menção à fatídica aventura de Raleigh no Novo Mundo fez o

meu estômago encolher. Era a primeira vez que alguém mencionava o desenlace de um evento futuro em voz alta, mas não seria a última.

– O mau tempo fez White retornar para Plymouth na última semana. Foi obrigado a abandonar as buscas pela filha e a neta. – Walter sorveu um longo gole de cerveja e olhou para o vazio. – Só Cristo sabe o que aconteceu com elas.

– Quando a primavera chegar, você retornará e poderá encontrá-las – disse Henry seguro de si, mas eu e Matthew sabíamos que os colonos de Roanoke desaparecidos nunca seriam encontrados e Raleigh nunca mais pisaria na Carolina do Norte.

– Rezo para que você esteja certo, Hal. Mas chega dos meus problemas. Sua família é de que parte do país, sra. Roydon?

– Cambridge – respondi baixinho, procurando ser o mais breve e verdadeira possível. Era uma cidade de Massachusetts, não da Inglaterra, mas se começasse a inventar coisas naquele momento nunca conseguiria levá-las adiante.

– Então, a senhora é filha de um erudito. Ou seu pai é um teólogo? Matt adoraria debater as questões da fé com a senhora. Ao contrário de Hal cujos amigos são inúteis em questões de doutrina. – Walter sorveu um outro gole de cerveja e calou-se.

– O pai de Diana morreu quando ela era muito jovem. – Matthew segurou minha mão.

– Sinto muito por você, Diana. A perda de um pa-pa-pai é um golpe terrível – murmurou Henry.

– E seu primeiro marido, deixou-a com filhos e filhas como consolo? – perguntou Walter, com um traço simpático na voz.

Naquela época uma mulher da minha idade já teria se casado e gerado uma prole de três ou quatro filhos. Balancei a cabeça em negativa.

– Não.

Walter franziu a testa, mas antes de prosseguir com a conversa, Kit

chegou com George e Tom a reboque.

– Finalmente. Coloque um pouco de bom senso em Matthew, Walter. Ele não pode continuar representando Odisseu para sua Circe. – Kit sentou-se à frente de Henry, com uma taça na mão. – Bom-dia, Hal.

– Colocar bom senso em quem? – perguntou Walter irritado.

– Em Matt, é claro. Essa mulher é uma bruxa. E há alguma coisa errada com ela. – Os olhos de Kit se estreitaram. – Ela está escondendo alguma coisa.

– Uma bruxa – repetiu Walter, com cuidado.

Uma criada que trazia um punhado de lenha petrificou no umbral da porta.

– Foi o que disse. – Kit fez um meneio afirmativo de cabeça. – Eu e Tom reconhecemos os sinais de cara.

A criada colocou a lenha dentro de um cesto e saiu apressada.

– Para um dramaturgo, você tem um lamentável senso de tempo e espaço, Kit. – Os olhos azuis de Walter se voltaram para Matthew. – Devemos discutir o problema em outro lugar ou isso é mais uma fantasia do Kit? Se for, prefiro ficar aquecido no meu e acabar de beber minha cerveja. – Os dois se entreolharam atentamente e, como Matthew permaneceu impassível, Walter amaldiçoou entre dentes.

Pierre apareceu em seguida.

– O fogo está aceso na sala de estar, milorde – disse o vampiro para Matthew –, com vinho e comida para os convidados. O senhor não será perturbado.

A sala de estar não era tão acolhedora quanto o aposento onde tínhamos tomado o café da manhã, nem tão imponente quanto o grande saguão. A decoração com muitas cadeiras de braços ricamente entalhadas junto a ricas tapeçarias e quadros com suntuosas molduras sugeria que aquele ambiente recebia os convidados mais ilustres. Na parede acima da lareira, um quadro de Holbein, a magnífica representação de são Jerônimo

e o leão. Eu não o conhecia, assim como não conhecia outro quadro também de Holbein que estava ao lado, um retrato de Henrique VIII, com olhinhos de porco, um livro e um par de óculos nas mãos, um ar pensativo para o observador e tendo à frente uma mesa coberta de objetos preciosos. A filha de Henrique, a primeira rainha Elizabeth, olhava-o do outro lado da sala. A tensão do impasse ainda não tinha se dissipado quando nos sentamos. Matthew acomodou-se ao lado da lareira de braços cruzados, uma imagem tão imponente quanto a dos Tudor nas paredes.

– Ainda está pensando em contar a verdade para todos? – sussurrei para ele.

– Senhora, geralmente esse é o caminho mais fácil – disse Raleigh, com um tom cortante –, além de ser o mais correto entre amigos.

– Você está sendo arrogante, Walter – disse Matthew, visivelmente irritado.

– Arrogante? E ouço isso de alguém que assumiu uma bruxa? – Walter enfrentou a irritação de Matthew sem a menor dificuldade. Mas com aparente tom de medo na voz.

– Ela é minha esposa – disse Matthew, passando a mão no cabelo. – E quanto a ser uma bruxa, aqui nesta sala não há ninguém que não seja difamado por alguma coisa real ou imaginária.

– Mas casar com ela... o que estava pensando a respeito? – perguntou Walter aturdido.

– Que a amava – respondeu Matthew.

Kit revirou os olhos enquanto se servia de outra taça de vinho. E assim o meu sonho de me sentar com ele à lareira para conversar sobre magia e literatura escorreu pelo ralo sob a áspera luz daquela manhã de novembro. Não fazia vinte e quatro horas que estava no ano de 1590 e já estava farta de Christopher Marlowe.

A sala caiu em profundo silêncio depois da resposta de Matthew com os olhos cravados em cima de Walter. Com Kit, ele foi indulgente e um pouco

mais exasperado. George e Tom fizeram-no perder a paciência, ao passo que Henry mostrou-se afetuosamente compreensivo. Mas Walter Raleigh se equiparava a Matthew em inteligência e poder, e talvez até em crueldade, e isso significava que a opinião dele era a que mais lhe interessava. Além de manterem um respeito prudente entre si, eles eram como dois lobos determinados e com força suficiente para liderar as matilhas.

– Então, é isso – disse Walter pausadamente, aderindo à autoridade de Matthew.

– É isso. – Matthew plantou-se resolutamente de pé frente à lareira.

– Você tem muitos segredos e muitos inimigos para assumir uma esposa. E mesmo assim, fez o que fez. – Walter estava abismado. – Embora outros homens o acusem de confiar demais na própria argúcia, até hoje nunca concordei com eles. Muito bem, Matthew. Já que é muito esperto, diga-nos o que diremos quando as perguntas começarem a pipocar.

Kit colocou a taça na mesa com tanta força que o vinho tinto escorreu por sua mão.

– Você não espera que nós...

– Quieto. – Walter olhou furiosamente para Marlowe. – Com todas as mentiras que já tivemos que contar a seu favor, você me surpreenderia se ousasse objetar. Continue, Matthew.

– Muito obrigado, Walter. Vocês são os únicos cinco homens do reino que podem ouvir minha história sem achar que enlouqueci. – Matthew passou a mão no cabelo. – Lembram de quando conversamos sobre as ideias de Giordano Bruno a respeito do número infinito de mundos sem limitação de tempo ou de espaço?

Todos se entreolharam.

– Não estou certo – disse Henry com muito tato – de que estamos entendendo o que você quer dizer.

– Diana *é* do Novo Mundo. – Matthew fez uma pausa que deu a

Marlowe a oportunidade de olhar em triunfo para todos os outros. – Do Novo Mundo do porvir.

Seguiu-se um silêncio, com todos os olhos voltados em minha direção.

– Ela disse que era de Cambridge – disse Walter de um modo inexpressivo.

– Não essa Cambridge de agora. Mas a Cambridge de Massachusetts – eu disse, com a voz embargada pelo estresse e pelo tempo em que tinha ficado calada. Limpei a garganta. – A colônia passará a existir ao norte de Roanoke daqui a quarenta anos.

Fizeram-se exclamações ruidosas enquanto eu era bombardeada por perguntas de todas as direções. Harriot se aproximou e hesitou antes de tocar o dedo no meu ombro. Encontrou carne sólida e retirou o dedo maravilhado.

– Já ouvi falar de criaturas que manipulam o tempo por vontade própria. Que dia maravilhoso esse, não é, Kit? Algum dia pensou em conhecer uma fiandeira do tempo? Mas temos que ser cautelosos. É melhor não nos aproximarmos muito dela, senão correremos o risco de nos embaralhar na teia que ela teceu e de perder nosso rumo. – O rosto de Harriot espelhou uma ansiedade divertida com a hipótese de ser levado para outro mundo.

– E o que a traz aqui, sra. Roydon? – A voz grave de Walter cortou o burburinho.

– O pai de Diana era um erudito – disse Matthew por mim. Soaram murmúrios de interesse reprimidos pela mão erguida de Walter. – A mãe dela também era erudita. Ambos eram bruxos e morreram sob circunstâncias misteriosas.

– Teremos que compartilhar isso depois, Di-Di-Diana – disse Henry, com um arrepio. Antes que eu pudesse perguntar o que o conde queria dizer com essas palavras, Walter fez um sinal para que Matthew continuasse.

– Como resultado disso, a educação de Diana como bruxa foi... negligenciada – disse Matthew.

– Bruxas assim são presas fáceis – disse Tom, com a testa franzida. – Por que esse Novo Mundo do porvir não cuida de criaturas como ela?

– A relação de minha magia com a longa história de minha família não significa nada para mim. Sei que todos aqui entendem o desejo de ultrapassar as restrições do nascimento. – Olhei para Kit, filho de um sapateiro, na esperança de um sinal de cumplicidade e talvez até de simpatia, mas ele virou a cara.

– A ignorância é um pecado imperdoável. – Kit mexeu em um dos fios de seda vermelha que saíam das barras irregulares do seu negro gibão.

– Isso é deslealdade – disse Walter. – Continue Matthew.

– Embora não tenha sido treinada na arte da feitiçaria, Diana está longe de ser ignorante. Ela também é erudita e apaixonada pela alquimia – afirmou Matthew, com orgulho.

– Mulheres alquimistas não passam de filósofas de cozinha, mais interessadas em aprimorar a tez do que em compreender os segredos da natureza – disse Kit, fungando.

– Estudo alquimia na biblioteca... não na cozinha. – Rebati sem pensar em modular o tom da voz e o sotaque. Kit arregalou os olhos. – E ensino o tema na universidade.

– Será permitido que *mulheres* ensinem na universidade? – perguntou George ao mesmo tempo fascinado e indignado.

– E que se matriculem, também – murmurou Matthew, puxando a ponta do nariz com ar apologético. – Diana cursou a Oxford.

– Isso deve ter ampliado a audiência nas palestras – comentou Walter secamente. – Se permitissem a presença de mulheres na Oriel, eu poderia ter alcançado um outro grau. E as mulheres estão sob ataque nessa futura colônia em algum lugar ao norte de Roanoke?

Era uma conclusão compreensível se levasse em conta a história narrada

por Matthew até aquele momento.

– Nem todas. Acontece que Diana encontrou um livro perdido na universidade. – Os membros da Escola da Noite se agitaram nas cadeiras. Livros perdidos eram bem mais interessantes para o grupo que bruxas ignorantes e mulheres eruditas. – Um livro que contém informações secretas sobre o mundo das criaturas.

– O livro dos mistérios? O livro que segundo dizem trata de nossa criação? – Kit ficou abismado. – Você nunca se interessou por essas fábulas, Matthew. Na verdade, considerava-as meras superstições.

– Mas agora acredito nelas, Kit. A descoberta de Diana trouxe muitos inimigos à casa dela.

– E você estava com ela. E esses inimigos arrombaram o trinco e entraram na casa. – Walter balançou a cabeça em negativa.

– Por que a postura de Matthew provocou consequências tão terríveis? – perguntou George enquanto apalpava a fita de gorgorão negra que atava os óculos ao gibão suntuosamente acolchoado sobre a barriga e cujo estofamento farfalhava como um saco de aveia toda vez que ele se mexia. Por fim, levou os óculos redondos ao nariz e me observou como se eu fosse um objeto de estudo novo e interessante.

– Porque bruxas e *wearhs* não podem se casar – disse Kit prontamente.

Eu nunca tinha ouvido a palavra *wearh* com o *w* assobiado no início e o som gutural no final.

– Então, são demônios e *wearhs*. – Walter apoiou a mão no ombro de Kit como um aviso.

– Verdade? – George olhou surpreso para Matthew e depois para mim. – Será que a rainha proíbe um par como esse?

– Isso é um antigo acordo firmado entre as criaturas que ninguém ousa desobedecer. – A voz de Tom soou assustada. – Os que desobedecem são caçados pela Congregação e punidos.

Somente vampiros vetustos como Matthew se lembravam do tempo que

antecedeu o acordo que estabeleceu as regras de comportamento entre as criaturas e de como deviam interagir com o contexto humano circundante. A regra mais importante da Congregação proibia a confraternização entre as espécies sobrenaturais e a própria entidade policiava os limites para isso. Nossos talentos – criatividade, força, poder sobrenatural – nunca eram ignorados entre os grupos que se misturavam. Dessa maneira, o poder das bruxas acentuava a energia criativa dos demônios mais próximos, ao passo que a genialidade dos demônios intensificava a beleza estonteante dos vampiros. E éramos aconselhados a ser os mais discretos possíveis em nossas relações com os humanos e a nos manter longe da política e da religião.

Naquela manhã, Matthew argumentou que os problemas da Congregação no século XVI eram bem diferentes – a guerra religiosa, a queima de hereges e a fome popular pelo estranho e o bizarro alimentada pela recente tecnologia de impressão – e que seus membros não se preocupariam com trivialidades como a paixão entre uma bruxa e um vampiro. Mas não me convenceu, sobretudo em face dos desconcertantes e perigosos episódios que se desencadearam a partir daquele setembro em que o conheci.

– Que congregação é essa? – perguntou George interessado. – É alguma nova seita religiosa?

Walter ignorou a pergunta do amigo e lançou um olhar penetrante para Matthew. Em seguida, voltou-se para mim.

– E o livro ainda está em suas mãos?

– Já não está mais comigo nem com ninguém. Foi para a biblioteca. E as bruxas querem que o pegue de volta para elas.

– Então, a senhora está sendo caçada por duas razões. Enquanto alguns querem mantê-la longe do *wearh*, outros a veem como um meio para atingir um fim. – Walter apertou a base do nariz e olhou para Matthew com enfado. – Meu amigo, você é um grande ímã para os problemas. E o

de agora não poderia acontecer em hora tão inoportuna. Faltam menos de três semanas para a celebração de aniversário da rainha. Você é esperado na corte.

– Pouco importa a celebração da rainha! Já não estamos seguros com esse tornado em nosso meio. A bruxa pode ver a sina reservada para cada um de nós. Ela pode desfazer nosso futuro, trazer azar... e quem sabe até acelerar nossa morte.

– Kit pulou da cadeira como um foguete e plantou-se na frente de Matthew. – Por tudo que é mais sagrado, como pôde fazer isso?

– Kit, pelo visto o seu apregoado ateísmo lhe pregou uma peça – disse Matthew, calmamente. – Está com medo de que seus pecados tenham uma resposta?

– Matthew, ao contrário de você, eu não acredito numa divindade boa e todo-poderosa, mas neste mundo há mais do que é descrito em seus livros de filosofia. E não devemos permitir que essa mulher... essa bruxa... se intrometa em nossos negócios. Se *você* está escravizado por ela, não tenho a menor intenção de colocar *meu* futuro nas mãos dela! – retrucou Kit.

– Um momento. – Uma expressão crescente de assombro cruzou o rosto de George. – Matthew, você chegou aqui vindo de Chester ou...

– Matt, não precisa responder – disse Tom subitamente lúcido. – Janus veio até aqui com algum propósito e não devemos interferir.

– Diga algo que faça sentido, Tom... se for capaz – comentou Kit, com maldade.

– Com uma face Matthew e Diana consideram o passado. E com a outra consideram o futuro – continuou Tom sem levar em conta a interrupção de Kit.

– Mas, se Matt não é... – George iniciou a frase e calou-se.

– Tom está certo – disse Walter, com rispidez. – Matthew é nosso amigo e está pedindo nossa ajuda. Se bem me lembro, é a primeira vez que faz isso. Isso é tudo que precisamos saber.

– Ele está pedindo muito – disse Kit.

– Muito? A meu ver é muito pouco. Foi ele que pagou um dos meus navios e salvou as propriedades de Henry, e faz um bom tempo que vem mantendo George e Tom no mundo dos livros e dos sonhos. Quanto a você – Walter mediu Marlowe da cabeça aos pés –, todas as coisas em você e de você, das últimas ideias à última taça de vinho e ao chapéu na sua cabeça, se devem às boas graças de Matthew Roydon. Prover um porto seguro para a esposa dele durante uma tempestade não é nada comparado ao que ele já fez por nós.

– Muito obrigado, Walter. – Matthew pareceu aliviado, mas sorriu hesitante para mim. Convencer os amigos, principalmente Walter, tinha sido mais difícil do que era previsto.

– Precisamos montar uma história que explique a presença de sua esposa aqui – disse Walter, pensativo – e que desvie a atenção da estranheza dela.

– Diana também precisa de um professor – acrescentou Matthew.

– E certamente precisa aprender um pouco de boas maneiras – resmungou Kit.

– Não, o que ela precisa é de outra bruxa como mestra. – Matthew corrigiu o amigo.

Walter resmungou baixinho e divertido.

– Duvido que encontre uma bruxa pelo menos a trinta quilômetros de Woodstock. Não com você vivendo aqui.

– E quanto àquele livro, sra. Roydon? – George sacou um pedacinho de pau com uma ponta cinzenta amarrada a um barbante de um bolso escondido em suas calças curtas e bulbosas. Lambeu a ponta do lápis e o manteve na mão com expectativa. – Poderia descrever a dimensão e o conteúdo dele? Vou procurá-lo em Oxford.

– O livro pode esperar – retruquei. – Primeiro preciso de roupas adequadas. Não posso sair de casa vestindo um paletó do Pierre e uma saia

que a irmã de Matthew usou no funeral de Jane Seymor.

– Sair de casa? – repetiu Kit em tom de mofa. – Seria muita loucura.

– Kit está certo – disse George, fazendo uma anotação no caderno. – Seu sotaque revela claramente que a senhora é uma estrangeira na Inglaterra. Adoraria lhe ministrar algumas lições de locução, sra. Roydon.

Imaginei George Chapman representando o papel de Henry Higgins e eu representando o papel de Eliza Doolittle e me deu vontade de ir embora.

– Você devia proibi-la de falar, Matt. É melhor que ela se mantenha calada – insistiu Kit.

– Precisamos de uma mulher que sirva de conselheira para Diana. Por que nenhum de vocês tem uma filha, uma esposa ou uma amante? – perguntou Matthew. Fez-se um silêncio profundo na sala.

– Walter? – Kit cortou o silêncio com um ar de malícia que provocou risadas em todos, amenizando a pesada atmosfera da sala como uma chuva de verão. Matthew também se juntou ao riso.

Depois das risadas, Pierre entrou e revolveu os ramos de alecrim e lavanda colocados entre os juncos do piso para impedir que a umidade se espalhasse pela casa. Logo os sinos badalaram doze horas e a combinação de sons e odores me levou de volta à Madison, tal como ocorrera com a visão dos marmelos.

Passado, presente e futuro se encontraram com um desenrolar lento e fluido que se transformou em um momento de quietude, como se o tempo tivesse parado. Minha respiração deu um nó.

– Diana? – disse Matthew, pegando-me pelos cotovelos.

Uma teia de luz e cor tecida em azul e âmbar chamou a minha atenção. Estava bem fixada no canto da sala onde nada mais se fixaria além de teias de aranha e poeira. Fascinada, tentei caminhar em direção à teia.

– Ela está tendo um ataque? – perguntou Henry, com o rosto aparecendo por trás do ombro de Matthew.

As badaladas dos sinos pararam e o aroma de lavanda feneceu. O azul e

o âmbar piscaram em tons de branco e cinza e se dissiparam.

– Desculpem-me. Pensei que tinha visto alguma coisa naquele canto. Talvez tenha sido uma ilusão de ótica produzida pela luz – eu disse, apertando as faces.

– Deve ter sido um lapso temporal, *mon couer* – murmurou Matthew. – Prometo-lhe um passeio no parque. Vamos sair para clarear as ideias?

Se aquilo tivesse sido um efeito colateral da jornada no tempo, o ar fresco poderia me ajudar. Mas acabávamos de chegar e fazia séculos que Matthew não via aqueles homens.

– É melhor ficarmos com seus amigos – eu disse com firmeza, embora com os olhos voltados para as janelas.

– Eles ainda estarão bebendo vinho aqui quando retornarmos – disse Matthew, sorrindo e voltando-se para Walter. – Mostrarei a casa para Diana para que ela não se perca nos jardins.

– E depois precisamos conversar – disse Walter. – Precisamos discutir um negócio.

Matthew assentiu com a cabeça e me enlaçou pela cintura.

– Isso pode esperar.

Saímos da casa, deixando a Escola da Noite reunida naquela aconchegante sala de estar. Tom já tinha perdido o interesse pelas agruras do vampiro e da bruxa e estava lendo um livro. George também se consumia nos próprios pensamentos e escrevia freneticamente num bloco de anotações. O olhar de Kit era vigilante, o de Walter, cauteloso, e o de Henry, extremamente simpático. Os três compunham uma espécie desconhecida de corvos, com suas capas negras e expressões atentas. Isso me fez lembrar das palavras posteriores de Shakespeare a respeito daquele extraordinário grupo.

– Como é que começa? – murmurei. – *Negro é o símbolo do inferno?*

– *Negro é o símbolo do inferno / Matiz das masmorras e da escola da noite* – concluiu Matthew, nostálgico.

– Talvez seja mais adequado matiz da amizade – comentei. Se antes me surpreendera com o controle de Matthew sobre os leitores na Bodleiana, a influência que exercia sobre Walter Raleigh e Kit Marlowe me surpreendeu ainda mais. – Existe alguma coisa que eles não fariam por você, Matthew?

– Reze a Deus para que nunca descubramos – disse ele de um modo sombrio.



Na manhã da segunda-feira me enfiei no escritório de Matthew, localizado entre os aposentos de Pierre e uma pequena câmara onde eram realizados os negócios da propriedade e com vista para a guarita e a estrada de Woodstock.

Quase todos os rapazes – eu achei mais simpático chamá-los assim que pelo pomposo nome de Escola da Noite depois que os conheci – estavam bebendo cerveja e vinho no aposento ao qual Matthew se referia como sala do café da manhã. Elaboravam uma história muito imaginativa para justificar o meu aparecimento. Segundo Walter, depois de completa explicaria a minha súbita aparição em Woodstock para os vizinhos curiosos e neutralizaria as perguntas sobre a estranheza de meu sotaque e de minhas maneiras.

A história que elaboraram me pareceu melodramática demais. Isso não era de surpreender, pois Kit e George, os dois dramaturgos da casa, tinham criado os elementos-chave da trama. Entre os personagens estavam pais franceses falecidos, nobres gananciosos que teriam saqueado uma órfã indefesa (eu) e velhotes tarados que teriam feito de tudo para me despojar da virtude. A intriga ganhava ares épicos com a virada espiritual de minha conversão do catolicismo para o calvinismo. Uma conversão que me levava ao exílio voluntário nas costas inglesas protestantes e a anos de miséria, até o providencial resgate e a automática proteção de Matthew. George, que *realmente* tinha alguma coisa de professor de escola de província, me prometeu passar mais detalhes quando a história estivesse montada.

Agora, eu desfrutava da rara quietude no seio do congestionado

ambiente doméstico elisabetano daquela residência de proporções descomunais. Kit, como uma criança birrenta, infalivelmente escolheu o pior momento para entregar a correspondência, anunciar o jantar e solicitar a ajuda de Matthew para resolver um problema. Foi compreensível a ansiedade de Matthew para continuar junto aos amigos que não esperava mais rever.

Ele proseava com Walter e, enquanto o esperava, peguei um livrinho. A mesa próxima à janela estava apinhada de sacos com penas afiadas e potes de vidro cheios de tinta. Havia alguns outros itens espalhados por perto: um bastão de cera para selar correspondências e uma pequena faca para abri-las, e uma vela e um saleiro de prata que não tinha sal e sim areia, como os ovos arenosos que degustara naquela manhã.

Em cima de minha mesa também havia um saleiro para fixar a tinta no papel e impedi-la de manchar, um pote de tinta preta e os restos de três penas. A essa altura já destruía uma quarta pena na tentativa de dominar os complicados volteios da caligrafia elisabetana. Fazer uma lista de obrigações devia ser moleza. Como historiadora com anos de leituras de caligrafias antigas, eu sabia exatamente qual era a configuração das letras, quais eram as palavras mais comuns e quais as opções ortográficas daquela época com poucos dicionários e poucas regras gramaticais.

Mas o desafio não era saber o que fazer e sim fazer. E dessa maneira voltei a ser uma aluna depois de anos de estudo para me tornar uma especialista. Só que dessa vez com o objetivo de viver no passado e não de compreender o passado. O que até então era uma experiência de humildade tornou-se uma bagunça na primeira página em branco do livrinho que ganhara de Matthew naquela manhã.

– Isso é o equivalente elisabetano de um laptop. – Foi o que ele disse quando me entregou o livrinho. – Você é uma mulher de letras e precisa colocá-las em algum lugar.

Abri a capa e de dentro exalou um odor de papel fresco. A maioria das

mulheres virtuosas da época escrevia orações em livrinhos como aquele.

Diana

Ficou manchado onde pressionei a pena para escrever o D e a pena já estava sem tinta quando cheguei ao último A. Apesar do esforço, era um exemplo consideravelmente respeitável do período da escrita itálica. Se bem que minha mão era mais lenta que a de Matthew ao escrever as letras com a ondulada escrita cursiva. Era uma caligrafia própria de advogados, médicos e outros profissionais, mas era bem difícil para mim.

Bishop

Essa se saiu melhor. Mas logo apaguei o sorriso e risquei o sobrenome. Eu estava casada. Molhei a pena na tinta.

de Clermont

Diana de Clermont. Isso me fez parecer mais condessa e menos historiadora. Caiu uma gota de tinta na página. Soltei um palavrão frente à mancha preta. Felizmente, não tinha apagado o meu nome. Mas aquele nome não era meu. Esparramei a gota sobre o "de Clermont". O nome continuou... mais ou menos legível. Pus a mão em prumo e escrevi as letras corretas.

Roydon.

Era o meu nome de então. Diana Roydon, esposa do mais obscuro associado da misteriosa Escola da Noite. Observei a página com olhos críticos. A caligrafia estava um desastre. Não se aproximava nem um

pouco das caligrafias redondas e caprichadas do químico Robert Boyle e de sua brilhante irmã Katherine. Eu estava na expectativa de que a caligrafia dos anos 1590 não fosse mais complicada que a dos anos 1690. Algumas investidas a mais da pena e um floreio a mais final e tudo estaria terminado.

Seu Livro.

Soaram vozes masculinas fora da casa. Curiosa, deixei a pena de lado e corri até a janela.

Matthew e Walter estavam lá embaixo. Os vidros da janela abafavam as palavras, mas pelo semblante impaciente de Matthew e as sobrancelhas arqueadas de Raleigh era uma conversa com tema desagradável. Em dado momento, Matthew acenou com descaso e virou de costas, mas Walter o deteve com mão firme.

Matthew estava aborrecido desde que recebera o primeiro lote de correspondência daquela manhã. Pegou o malote em silêncio e não o abriu. Explicou que as cartas tratavam de negócios da propriedade, mas deviam tratar de outras demandas além de impostos e contas a pagar.

Encostei a mão quente na janela fria, como se entre mim e ele só houvesse o vidro. O jogo de temperaturas me evocou o contraste entre a bruxa de sangue-quente e o vampiro de sangue-frio. Retornei à mesa e peguei a pena.

– Estou vendo que decidiu deixar sua marca no século XVI. – Como que por encanto Matthew já estava ao meu lado. O músculo no canto da boca indicava alegria, mas ele ainda estava tenso.

– Ainda não estou certa se é uma boa ideia deixar uma lembrança duradoura do tempo que viverei aqui – confessei. – Talvez algum erudito do futuro acabe percebendo alguma coisa errada nisso.

Exatamente como Kit percebeu alguma coisa errada em mim.

– Não se preocupe. O livro não sairá desta casa. – Matthew se esticou para pegar a pilha de correspondência.

– Você não pode ter certeza disso – retruquei.

– Deixe que a história cuide de si mesma, Diana – disse ele convicto, como se para dar um ponto final ao assunto.

Mas eu não podia deixar o futuro de lado – nem minhas preocupações em relação aos efeitos que nossa presença no passado poderia acarretar no futuro.

– E ainda não sei se deveríamos entregar aquela peça de xadrez para o Kit. – A lembrança de Marlowe brandindo a pequena estatueta de Diana em triunfo me assustara. A estatueta desempenhava o papel da rainha branca no maravilhoso jogo de xadrez de Matthew composto de peças de prata e tinha sido o terceiro objeto que nos fizera chegar ao lugar certo do passado, além do brinco de Ysabeau e o volume da peça *Fausto* com uma dedicatória de Kit para Matthew. Era a mesma estatueta que fora entregue inesperadamente na casa de minhas tias em Madison por dois demônios desconhecidos, Sophie Norman e seu marido Nathaniel Wilson, justamente quando decidimos viajar no tempo.

– Kit ganhou-a de mim na noite passada de maneira justa... como era esperado que ganhasse. Pelo menos dessa vez percebi como fez isso. Distraiu-me com a torre dele. – Matthew escreveu uma nota com uma velocidade invejável antes de dobrar as folhas em um envelope impecável. Despejou uma gota de cera vermelha no canto da carta e depois imprimiu um sinete por cima com o anel. Na superfície dourada do anel havia um simples glifo do planeta Júpiter, ao contrário do emblema mais elaborado que Satu marcara a fogo em minha carne. A cera estalou quando esfriou. – Sabe-se lá como minha rainha branca saiu das mãos de Kit e chegou às mãos de uma família de bruxas na Carolina do Norte. Precisamos acreditar que isso vai acontecer de novo, com ou sem nossa ajuda.

– Kit não me conhecia antes. E ele não gosta de mim.

– Mais uma razão para não se preocupar. Ele não vai se separar da peça enquanto estiver sofrendo por associá-la a Diana. Christopher Marlowe é um masoquista inveterado. – Matthew pegou outra carta e abriu-a com a pequena faca.

Fiz uma pesquisa sobre os outros itens de minha mesa e peguei um monte de moedas. Os estudos de minha graduação não abrangiam o conhecimento prático do dinheiro elisabetano. Nem a administração doméstica, nem as maneiras adequadas de se vestir e de se dirigir aos criados, nem como fazer um remédio para a dor de cabeça de Tom. As discussões com Françoise sobre o meu armário patentearam o meu total desconhecimento dos nomes comuns para as cores mais simples. "Verde-bosta de ganso" me era familiar, mas a peculiar tonalidade do marrom-acinzentado conhecida como "pelo de rato" não era. A experiência me deu vontade de estrangular o primeiro historiador dos Tudor conhecido por mim, isso pela negligência do dever.

Mas a tentativa de imaginar os detalhes da vida cotidiana ainda me instigava e logo esqueci a irritação. Coloquei as moedas na palma da mão e procurei um centavo de prata, a pedra angular que sustentava o meu precário conhecimento. Não maior que a unha do meu polegar, a moeda era fina como uma hóstia e exibia o perfil da rainha Elizabeth, como a maioria das outras moedas. Organizei o resto das moedas de acordo com os respectivos valores e as contabilizei de modo ordenado na página seguinte do meu livrinho.

– Muito obrigado, Pierre – murmurou Matthew quase sem olhar para o criado que retirava as cartas seladas e deixava outras correspondências em cima da mesa.

Ambos escrevíamos em fraterno silêncio. E depois que terminei de listar as moedas, tentei me lembrar das lições sobre a feitura de um *caudle* – ou seria um *posset?* – que recebera de Charles, o lacônico cozinheiro da casa.

Caudle para dores de cabeça

Satisfeita com a relativa horizontalidade da linha do texto e com as três manchinhas e um *C* tremido, segui adiante.

Coloque a água para ferver. Bata duas gemas de ovo. Acrescente vinho branco e bata um pouco mais. Quando a água ferver, coloque-a para esfriar e depois adicione a mistura de vinho e ovos. Ponha a mistura para ferver, mexa e adicione açafrão e mel.

Resultou uma mistura repulsiva com um amarelo violento e a inconsistência de um queijo *cottage*, mas Tom a tinha engolido sem reclamar. Mais tarde, quando perguntei a Charles qual era a proporção entre o mel e o vinho, ele jogou as mãos para o alto horrorizado pela minha ignorância e saiu sem dizer uma palavra.

Embora sempre tivesse nutrido o desejo secreto de viver no passado, isso estava sendo bem mais difícil do que o imaginado. Suspirei.

– Será preciso muito mais que um livro para você se sentir em casa aqui – disse Matthew, sem desgrudar os olhos da correspondência. – E você também devia ter o seu próprio aposento. Por que não fica com este? É iluminado e pode servir de biblioteca. Também poderia ser um laboratório de alquimia, se bem que vai precisar de um lugar mais privado caso esteja planejando transformar chumbo em ouro. Há um aposento perto da cozinha que pode servir para isso.

– A cozinha não me parece o lugar ideal. Charles não me aprova – repliquei.

– Ele não aprova ninguém. E Françoise faz o mesmo... exceto com Charles, é claro, a quem ela venera como um santo, apesar da paixão dele pela bebida.

Alguém atravessou o corredor a passos pesados. A desaprovadora Françoise apareceu à soleira da porta.

– Chegaram alguns homens que estão querendo falar com a sra. Roydon. – Ela anunciou e deu um passo para o lado, deixando à vista um septuagenário de cabelos brancos e mãos calejadas, ladeado por um agitado rapaz bem mais jovem que passava de um pé para o outro. Eles não eram criaturas.

– Somers. – Matthew franziu a testa. – E esse é o jovem Joseph Bidwell?

– Sim, mestre Roydon. – O jovem tirou o chapéu da cabeça.

– A sra. Roydon permitirá que suas medidas sejam tiradas agora – disse Françoise.

– Medidas? – Matthew desviou os olhos para mim e a Françoise cabia uma justificativa... imediata.

– Sapatos. Luvas. Para o vestuário de madame. – Ela se justificou. Ao contrário das anáguas, a maioria dos sapatos não tinha um tamanho apropriado.

– Fui eu que pedi a Françoise que as enviasse para eles – expliquei, na esperança de obter a cooperação de Matthew. Somers arregalou os olhos frente à estranha inflexão de minha voz, mas depois assumiu uma expressão de neutralidade respeitosa.

– Minha esposa fez uma viagem inesperadamente difícil – disse Matthew suavemente enquanto se colocava ao meu lado – e perdeu seus pertences. Infelizmente, Bidwell, não há sapatos disponíveis que lhe sirvam de modelo. – Pôs carinhosamente a mão no meu ombro para silenciar possíveis comentários posteriores.

– Com sua licença, sra. Roydon? – disse Bidwell, abaixando-se e pairando os dedos por sobre os cadarços dos sapatos que mal se ajustavam em meus pés. Os sapatos emprestados evidenciavam que eu não era quem fingia ser.

– Por favor – disse Matthew antes que eu pudesse responder. Françoise

me olhou com simpatia. Sabia o que era ser silenciada por Matthew Roydon.

O rapaz se adiantou e entrou em contato com um pé que pulsava quente. Claro que esperava uma extremidade mais gelada e sem vida.

– Continue o seu trabalho – disse Matthew cortante.

– *Sir*. Milorde, mestre Roydon. – O jovem despejou todos os títulos à mão, exceto "Sua Majestade" e "Príncipe das Trevas", os quais estavam obviamente implícitos.

– Onde está seu pai, rapaz? – A voz de Matthew abrandou.

– Faz quatro dias que está de cama, mestre Roydon. – Bidwell tirou uma peça de feltro da sacola que estava amarrada à cintura, posicionou meus pés sobre o tecido e os contornou com um risco feito com um pedaço de carvão. Fez algumas anotações apressadas sobre o feltro e, quando terminou, delicadamente abaixou meus pés até o chão. Sacou um curioso livro feito de quadrados coloridos de couro e o estendeu para mim.

– Quais são as cores mais em voga, mestre Bidwell? – perguntei, afastando as amostras de couro. Precisava de um aconselhamento e não de uma prova de múltipla escolha.

– As damas que frequentam a corte estão optando pelo branco estampado em ouro ou prata.

– Nós não iremos à corte – disse Matthew prontamente.

– Então, preto e um bom amarelo-acastanhado. – Bidwell ergueu uma amostra de couro cor de caramelo para demonstrar. Matthew aprovou antes que eu pudesse opinar.

Em seguida, o velho também se surpreendeu ao sentir que minha mão era calejada. Damas bem-nascidas e casadas com homens como Matthew não costumavam manejar remos de barcos. Somers flagrou um calo no meu dedo médio. Damas também não adquiriam calos pelo uso firme de canetas. Depois de vestir uma luva macia e muito larga em minha mão direita, enfiou uma agulha com linha grossa na bainha da luva.

– Bidwell, seu pai está tendo a assistência de que necessita? – perguntou Matthew para o sapateiro.

– Sim, muito obrigado, mestre Roydon – respondeu Bidwell, com altivez.

– Charles vai mandar creme e carne de veado para ele. – O brilho dos olhos cinzentos de Matthew refletiu na silhueta delgada do rapaz. – E um pouco de vinho também.

– Mestre Bidwell ficará agradecido por sua gentileza – disse Somers enquanto alinhavava o couro para que a luva coubesse perfeitamente em minha mão.

– Alguém mais está doente? – perguntou Matthew.

– A menina de Rafe Meadows adoeceu com uma febre terrível. E tememos pelo velho Edward, mas ele só foi afligido pelos calafrios – disse Somers laconicamente.

– Espero que a filha de Meadows tenha sarado.

– Não sarou. – Somers deu mais um ponto no couro. – Ela foi enterrada três dias atrás. Que Deus cuide da alma da menina.

– Amém – disse alguém na sala. Françoise arqueou as sobrancelhas e girou a cabeça em direção a Somers. Fiz o mesmo.

Já com o trabalho concluído e com a promessa de que entregariam os sapatos e as luvas em uma semana, os dois homens fizeram uma reverência e se retiraram. Françoise se virou para acompanhá-los, mas foi impedida por Matthew.

– Chega de compromissos para Diana. – O tom dele soou incisivo. – Providencie uma acompanhante para cuidar de Edward Camberwell e também comida e bebida suficientes.

Françoise fez uma reverência e saiu com outro olhar de simpatia.

– Temo que os homens da cidade saibam que não sou daqui. – Passei a mão trêmula pela testa. – Minhas vogais são problemáticas. E minhas frases declinam quando deviam ascender. Quando se deve dizer “amém”?

Preciso que alguém me ensine a rezar, Matthew. Tenho que começar por alguma coisa e...

– Devagar – ele disse, deslizando a mão na cintura do meu espartilho. Mesmo por cima de algumas camadas de roupa, era um toque suave. – Isso não é uma prova oral em Oxford nem uma estreia no palco. Juntar informações e ensaiar falas de nada vai adiantar. Você devia ter conversado comigo antes de chamar Bidwell e Somers.

– Como é que você consegue fingir que é uma pessoa diferente, uma outra pessoa, tantas vezes seguidas? – perguntei.

Matthew tinha feito isso reiteradamente ao longo dos séculos, fingindo que morria e reaparecendo em países diferentes, fazendo-se conhecer por nomes diferentes e falando línguas diferentes.

– O primeiro truque é não fingir. – Diante de minha evidente confusão, ele continuou. – Procure se lembrar do que lhe disse em Oxford. Você não pode viver uma mentira, não pode se fantasiar de humana quando na verdade é uma bruxa, não pode passar por uma elisabetana quando na verdade é do século XXI. Agora essa é a sua vida. Não pense em vivê-la como um papel.

– Mas o meu sotaque, o meu jeito de andar... – Eu já tinha reparado na extensão de minhas passadas em relação à das outras mulheres da casa, mas o escárnio aberto de Kit perante o meu andar masculino trouxe o assunto à baila.

– Você vai se acostumar. E até lá as pessoas vão falar. Mas nenhuma opinião aqui em Woodstock importa. Logo você será conhecida por todos e as fofocas terminarão.

Olhei para ele em dúvida.

– Você não entende muito de fofocas, não é?

– Entendo o bastante para saber que você é a curiosidade da semana. – Ele fixou os olhos nos borrões e na caligrafia indecisa do meu livro. – Está segurando a pena com muita força. Desse modo a ponta quebra e a tinta

não flui. E está segurando essa vida nova do mesmo modo.

– Nunca pensei que seria tão difícil.

– Você aprende rápido. E estará entre amigos enquanto estiver na segurança da Velha Cabana. Mas por ora, nada de visitas. E então, o que andou escrevendo?

– Basicamente, o meu nome.

Matthew observou os meus registros, folheando algumas partes do livro. De repente, arqueou uma sobrancelha.

– Também tem se preparado para exames de economia e culinária. Em vez disso, por que não escreve sobre o que acontece aqui em casa?

– Porque antes preciso saber como me virar no século XVI. Claro, um diário até que poderia ser útil. – Considerei essa possibilidade que certamente me ajudaria a me orientar melhor na época. – Não usarei mais os nomes por extenso. Em 1590 as pessoas utilizam as iniciais para poupar papel e tinta. Ninguém faz reflexões sobre pensamentos e emoções. Só registram o tempo e as fases da lua.

– Os marcos mais notórios do século XVI estão nos registros ingleses – disse Matthew com uma risada.

– As mulheres escrevem as mesmas coisas que os homens?

Ele segurou o meu queixo.

– Você é impossível. Deixe de se preocupar com o que outras mulheres fazem. Continue com sua extraordinária identidade.

Balancei a cabeça em assentimento e ele me beijou antes de retornar à mesa dele.

Segurei a pena o mais delicadamente possível e comecei a escrever em outra página. Decidi que utilizaria os símbolos astrológicos para os dias da semana, registraria o tempo e faria anotações secretas sobre a vida na Velha Cabana. Dessa forma, se me lessem no futuro não encontrariam nada de extraordinário. Pelo menos era o que esperava.

♄ *31 de outubro de 1590 chuva, clareando*
Neste dia fui apresentada a CM, grande amigo do meu marido

☉ *1 de novembro de 1590 frio e seco*
Nas primeiras horas da manhã conheci GC. Após o nascer do sol, TH, HP e WR chegaram, todos eles amigos do meu marido. A lua estava cheia.

Se alguns eruditos do futuro suspeitassem de que as iniciais se referiam aos membros da Escola da Noite, especialmente pelo nome Roydon escrito na primeira página, não haveria como provar. Além disso, poucos estudiosos da época se interessavam por esse grupo de intelectuais. Educados ao melhor estilo renascentista, os membros da Escola da Noite transitavam entre as línguas modernas e antigas com uma velocidade alarmante. Conheciam Aristóteles de cabo a rabo. E quando Kit, Walter e Matthew falavam de política, era quase impossível acompanhá-los pelo conhecimento enciclopédico que tinham de história e geografia. Vez por outra George e Tom opinavam, mas a gagueira e a surdez parcial de Henry o impediam de participar plenamente nas intricadas discussões. O conde passava a maior parte do tempo quieto, observando com uma timidez defensiva cativante, até porque ocupava uma posição superior à de qualquer outro na sala. Se não fossem tantos, até que me aventuraria nos debates.

Quanto a Matthew, o fato é que estava longe de ser o cientista que se debruçava pensativo sobre os resultados dos testes e se preocupava com o futuro das espécies. Eu tinha me apaixonado por aquele Matthew, mas estava novamente perdida de amor pela sua versão século XVI, o ressoar de suas risadas e as tréplicas velozes que imprimia nas acaloradas discussões filosóficas me encantavam. Ele fazia piadas durante o jantar e cantarolava pelos corredores. Brincava com os cães – Anaximandro e

Péricles, dois mastins enormes e desgrenhados – ao pé da lareira do quarto de dormir. Na Oxford e na França modernas, Matthew sempre estava com um semblante um tanto melancólico. Mas naquela Woodstock estava feliz, até quando o flagrei olhando para os amigos como se não acreditasse que tudo aquilo era real.

– Já se deu conta do quanto sentia falta deles? – perguntei, sem me preocupar em interromper o trabalho dele.

– Vampiros não pensam muito nas coisas que deixam para trás – respondeu ele. – Enlouqueceríamos. Já tive muito para me lembrar, as palavras deles, os retratos deles. Mas sempre esquecemos os detalhes, as expressões evasivas, o som das risadas.

– Meu pai sempre tinha caramelos nos bolsos – sussurrei. – Só me lembrei deles em La Pierre. – Fechei os olhos e senti o aroma das balinhas e ouvi o farfalhar do papel celofane a roçar no suave tecido da camisa dele.

– E agora você não desistiria dessas lembranças – disse Matthew amavelmente –, nem mesmo para se livrar da dor.

Ele pegou outra carta e deslizou a pena sobre a página. A expressão de intensa concentração retornou ao rosto dele, junto com uma pequena ruga na ponta do nariz. Fiz o mesmo ângulo que ele fazia ao segurar a pena e levei o mesmo tempo que ele levava para mergulhá-la na tinta. De fato, era mais fácil escrever quando segurava a pena com menos força. Mantive a pena por cima do papel e me preparei para escrever mais.

Era o Dia de Todos os Santos, dia tradicional para relembrar os mortos. Todos na casa apontavam para a grossa camada de gelo que cobria as folhas das plantas do jardim. Pierre jurou que no dia seguinte faria muito mais frio.

☽ 2 de novembro de 1590 gelo

Medidas para sapatos e luvas. Françoise costura.

Françoise estava fazendo uma capa para me aquecer e roupas de lã para o inverno que se estenderia. Passara a manhã no ático, selecionando algumas roupas abandonadas por Louisa de Clermont. Fazia sessenta anos que os vestidos com golas quadradas e mangas em forma de sino da irmã de Matthew tinham saído de moda, mas Françoise faria algumas modificações para adaptá-los à última moda, segundo o que Walter e George disseram, e também ao meu corpo que não era lá escultural. Ela não demonstrou o menor prazer em desfazer as costuras de um magnífico vestido negro e prateado, mas Matthew insistiu que o desfizesse. Com a Escola da Noite na residência, eu precisava de roupas formais e de acessórios mais práticos.

– Mas esse foi o vestido de casamento de lady Louisa, milorde – protestou Françoise.

– Sim, com um noivo de 85 anos de idade que não tinha filhos, mas tinha problemas cardíacos e inúmeras propriedades rentáveis. O que a família investiu no vestido foi mais do que recompensado pelo casamento – disse Matthew. – Isso será de Diana até que você faça um vestido melhor para ela.

Claro, não fiz referência a essa conversa no meu livro. Em vez disso, optei por palavras que não significassem nada para os outros, se bem que para mim conjuravam imagens vívidas de pessoas, sons e conversas. Se o livro sobrevivesse ao tempo, esses fragmentos de minha vida seriam estéreis e secos aos olhos dos leitores do futuro. Os historiadores se debruçam sobre esse tipo de documento na vã esperança de vislumbrar vidas ricas e complexas por trás das frases mais simples de um texto.

Matthew vociferou entre dentes. Eu não era a única na casa que tinha algo a esconder.

Hoje, meu marido recebeu muitas cartas e me deu este livro para que escrevesse

minhas memórias.

Quando ergui a pena para recarregá-la de tinta, Henry e Tom entraram na sala à procura de Matthew. Meu terceiro olho se abriu com uma piscadela, surpreendendo-me com uma súbita consciência. Meus outros poderes natos – fogo de bruxa, água de bruxa e vento de bruxa – estavam estranhamente ausentes desde a minha chegada. Com a inesperada extrapercepção propiciada pelo meu terceiro olho de bruxa, pude discernir não apenas a intensidade avermelhada escura da atmosfera ao redor de Matthew, mas também uma luz prateada ao redor de Tom e um brilho verde enegrecido quase imperceptível ao redor de Henry, cada qual tão individual quanto uma impressão digital.

Lembrando-me dos fios azuis e âmbares que tinha visto num canto da Velha Cabana, me perguntei por que alguns poderes desapareciam enquanto outros apareciam. E também havia o episódio daquela manhã...

Algo atraíra os meus olhos para um canto, um outro jato cintilante de âmbar e azul. Seguiu-se um eco que de tão silencioso era mais sentido que ouvido. Girei a cabeça para localizar de onde vinha e a sensação se dissipou. Fios de cor e luz pulsaram na minha visão periférica, como se o tempo estivesse acenando que era hora de retornar para casa.

Desde a minha primeira viagem por uma fração de minuto no tempo, em Madison, o tempo passara a ser para mim uma substância feita de fios de luz e cor. De modo que se estivesse bem concentrada seria possível seguir um único fio até o seu ponto de origem. E só agora que acabara de atravessar alguns séculos percebia que uma aparente simplicidade mascarava os nós de possibilidades que atavam um inimaginável número de passados a milhões de presentes e a incalculáveis futuros. Isaac Newton acreditava que o tempo era uma força essencial da natureza que não podia ser controlada. Depois de nossa batalha para retornar a 1590, já estava pronta para concordar com ele.

– Diana? Tudo bem com você? – A insistência de Matthew me tirou dos devaneios. Os amigos dele me olharam preocupados.

– Tudo bem – respondi automaticamente.

– Você não está bem. – Ele deixou a pena em cima da mesa. – Seu cheiro mudou. Talvez sua magia também esteja mudando. Kit está certo. Precisamos encontrar uma bruxa para você o mais rápido possível.

– É muito cedo para trazer uma bruxa – retruquei. – O importante é que me pareça bem familiarizada com esta época.

– Outra bruxa saberia que você é uma fiandeira do tempo – disse ele, com desdém. – E faria alguns ajustes. Ou há alguma coisa a mais?

Balancei a cabeça em negativa, sem olhar nos olhos dele.

Matthew não precisava ver o tempo a desenrolar pelos cantos para sentir que alguma coisa estava fora do eixo. Se ele era capaz de perceber que havia mais coisas na minha magia do que eu desejava revelar, não seria possível esconder os meus segredos de uma bruxa que logo estaria a caminho.



4

A Escola da Noite havia se esmerado para ajudar Matthew a encontrar a criatura, com sugestões que trouxeram à luz um desrespeito coletivo tanto pelas mulheres e as bruxas como por qualquer outro que não tivesse educação universitária. De um lado, Henry argumentara que Londres era o solo mais fértil para a busca, e do outro, Walter assegurara que na cidade grande nada me resguardaria dos vizinhos supersticiosos. George se perguntara se os eruditos de Oxford seriam persuadidos a ceder os conhecimentos de que dispunham, uma vez que possuíam as credenciais intelectuais adequadas. Tom e Matthew criticaram brutalmente os pontos fortes e fracos dos filósofos da residência, e essa ideia também foi deixada de lado. Kit ponderou que não era sensato confiar a tarefa a mulheres e desenvolveu uma lista de cavalheiros da região que talvez estivessem dispostos a estabelecer um regime de treinamento para mim. A lista incluía um pastor da St. Mary, que observava os sinais apocalípticos no céu; um proprietário rural chamado Smythson, que se interessava por alquimia e estava à procura de uma bruxa ou um demônio para assistente; e um aluno da Christ Church College, que pagava as altas contas dos livros que adquiria montando mapas astrológicos.

Matthew vetou todas as sugestões e chamou a viúva Beaton, uma parteira bastante conhecida em Woodstock por sua habilidade e sua astúcia. Era uma mulher pobre – um tipo de criatura escarnecido pela Escola da Noite –, mas Matthew argumentou que esse detalhe garantiria a cooperação dela. Além disso, a viúva Beaton era a única criatura da

vizinhança com supostos talentos mágicos. Fazia tempo que as outras tinham fugido do lugar, ele admitiu, porque não queriam ser vizinhas de um *wearh*.

– Talvez não tenha sido uma boa ideia chamar a viúva Beaton – eu disse mais tarde enquanto nos aprontávamos para ir para a cama.

– Já que trouxe o assunto à baila – disse ele, sem dissimular a impaciência. – Se a viúva Beaton não for capaz de nos ajudar, pelo menos poderá recomendar alguém que o seja.

– O final do século XVI não é uma época apropriada para se procurar bruxas abertamente, Matthew. – Eu tinha feito insinuações sobre a caça às bruxas durante o encontro com os membros da Escola da Noite, mas ele sabia dos horrores que estavam por vir e descartou minha preocupação novamente.

– O julgamento das bruxas em Chelmsford já faz parte das lembranças do passado, e a caça em Lancashire só vai começar daqui a vinte anos. Não teria lhe trazido para cá se a caça às bruxas estivesse prestes a irromper na Inglaterra. – Ele pegou algumas cartas que Pierre tinha deixado em cima da mesa.

– Com esse tipo de argumento, ainda bem que você é um cientista e não um historiador – disse eu abruptamente. – Chelmsford e Lancashire foram manifestações extremas de problemas muito mais amplos.

– Acha mesmo que os historiadores entendem o significado de um tempo histórico melhor que os homens que vivem nesse tempo? – Matthew arqueou a sobrancelha em demonstração aberta de ceticismo.

– Sim – respondi irritada. – É o que sempre fazemos.

– Não foi isso que demonstrou essa manhã quando desatinou pela falta de garfos na casa – observou ele.

De fato, eu os tinha procurado pela casa durante uns vinte minutos, até que Pierre me disse que esse tipo de talher ainda não era comum na Inglaterra.

– Sei muito bem que você não é um daqueles que acham que os historiadores não fazem nada senão decorar datas e estudar fatos obscuros – rebati. – Nosso trabalho consiste em entender *por que* as coisas aconteceram no passado. Em meio aos acontecimentos é difícil encontrar as razões para eles, a retrospectiva propicia uma perspectiva mais clara.

– Então, pode relaxar porque tenho experiência *e também* retrospectiva – disse ele. – Entendo suas reservas, Diana, mas a decisão de chamar a viúva Beaton foi certa. – O tom da voz dele deixou claro que *o caso estava encerrado*.

– Nos anos 1590, há escassez de alimentos e as pessoas estão preocupadas com o futuro – eu disse, gesticulando. – Isso significa que também estão à procura de bodes expiatórios que levem a culpa pelos tempos difíceis. Tanto as mulheres astutas como as parteiras temem ser acusadas de bruxaria, ainda que seus amigos homens não percebam.

– Sou o homem mais poderoso de Woodstock – disse Matthew, pegando-me pelos ombros. – Ninguém vai acusá-la de nada.

Fiquei surpresa pela soberba dele.

– Sou uma estranha e a viúva Beaton não me deve nada. Se eu demonstrar curiosidade, serei uma séria ameaça à segurança dela – retruquei. – Antes de pedir ajuda a ela, preciso passar por uma mulher elisabetana da classe alta. Preciso de mais algumas semanas.

– Diana, isso não pode esperar – disse ele bruscamente.

– Não estou lhe pedindo para ser paciente até que eu aprenda a bordar e fazer geleia. Tenho boas razões para fazer esse pedido. – Olhei para ele com azedume. – Pode chamar essa sua mulher astuta. Mas não se surpreenda quando isso não der certo.

– Confie em mim. – Ele se curvou até os meus lábios. Seus olhos estavam enfumaçados e seus instintos se aguçavam em perseguição à presa para subjugá-la. Não só o marido do século XVI queria prevalecer sobre a esposa, como também o vampiro queria capturar a bruxa.

– Essas discussões não são nem um pouco excitantes – eu disse, virando a cabeça. Mas para Matthew eram. Afastei-me alguns centímetros dele.

– Não estou discutindo – disse ele mansamente, com a boca perto de minha orelha. – Você é que está. E está muito enganada se acha que tocarei em você zangado, mulher. – Encostou-me na coluna da cama com os olhos gelados, girou o corpo e pegou a cala. – Vou lá para baixo. Talvez haja alguém acordado para me fazer companhia. – Caminhou em direção à porta e se deteve. – E não me questione mais, se realmente deseja se comportar como uma mulher elisabetana – acrescentou rudemente ao sair.

No dia seguinte um vampiro, dois demônios e três humanos me observaram em silêncio quando atravessei o piso de madeira. Os sinos badalaram na Igreja de St. Mary, os ecos tímidos das badaladas da hora persistiram por um bom tempo depois que cessaram. Marmelo, alecrim e lavanda perfumaram o ar. Confinada em batas, anáguas, saias, mangas e corpete apertado, empoleirei-me numa desconfortável cadeira de madeira. A carreira à qual me dedicava no século XXI se desvanecia a cada respiração que me sufocava. Fixei os olhos na luz sombria do dia, a chuva batia nos vidros das janelas.

– *Elle est ici* – anunciou Pierre, com os olhos faiscando em minha direção. – A bruxa já chegou para ver madame.

– Finalmente – disse Matthew.

As severas linhas do gibão de Matthew o deixavam com os ombros mais largos, e as bolotas e folhas de carvalho bordadas com linha negra na ponta da gola branca lhe acentuavam a palidez da pele. Ele angulou a cabeça e os cabelos negros em outra perspectiva a fim de ver se eu passava como uma respeitável esposa elisabetana.

– E então? – perguntou. – Será que vai funcionar?

George retirou os óculos.

– Sim. O castanho-avermelhado do vestido ficou bem melhor que o

último e deu um tom agradável aos cabelos dela.

– Parece que a sra. Roydon está realmente empenhada, George. Mas não podemos fazer vista grossa para o sotaque, simplesmente dizendo que ela é do c-c-campo – disse Henry em voz baixa, dando um passo à frente para ajeitar as pregas da minha saia bordada. – E a altura dela. Não há como disfarçar. Talvez seja até mais alta que a rainha.

– Walt, será que não podemos mesmo fazê-la passar por uma francesa ou uma alemã? – Tom levou uma laranja espetada de cravos ao nariz, com as mãos manchadas de tinta. – Em Londres talvez a sra. Roydon possa realmente sobreviver. Demônios, claro que não passaria despercebida, mas não seria olhada uma segunda vez pelos homens comuns.

Walter bufou com um ar divertido e respondeu por mim.

– A sra. Roydon está finamente trajada, mesmo com uma altura incomum. Os homens comuns entre trinta e sessenta anos de idade terão razões suficientes para observá-la. E Tom, é melhor que ela fique aqui com a viúva Beaton.

– Talvez seja melhor me encontrar com a viúva Beaton mais tarde, sozinha e na cidade. – Sugeri na esperança de que alguma alma sensata persuadisse Matthew a me deixar fazer isso à minha maneira.

– Não! – Soaram seis vozes masculinas horrorizadas.

Françoise apareceu com duas peças de linho engomado e de renda, e estufou o peito como uma galinha indignada quando encara um galo brigão. Assim como eu, também estava irritada com as constantes interferências de Matthew.

– Diana não irá à corte. Esses rufos são desnecessários – disse Matthew, com um gesto de impaciência. – Além do mais, o problema dela é o cabelo.

– O senhor não faz ideia do que é necessário – retrucou Françoise. Embora ela fosse uma vampira e eu, uma bruxa, nós tínhamos o mesmo ponto de vista em relação à idiotia masculina. – Qual madame De Clermont prefere? – Ela estendeu um ninho de pregas de tecido

transparente e algo em forma de lua crescente que lembrava flocos de neve unidos por pontos invisíveis.

Aparentemente, os flocos de neve eram mais confortáveis. Apontei para os flocos.

Matthew aproveitou que Françoise fixava a gola na borda do meu corpete e fez uma nova tentativa para ajeitar o meu cabelo. Ela afastou a mão dele.

– Não toque!

– Tocarei na minha esposa quando bem quiser. E pare de chamar Diana de "*madame* De Clermont". – Ele explodiu, levando as mãos aos meus ombros. – Isso dá a impressão de que minha mãe vai entrar pela porta. – Retirou a gola e desamarrou a fita de veludo negro que escondia os alfinetes de Françoise.

– Madame é uma mulher casada. Deve cobrir os seios. Já bastam as fofocas sobre a nova patroa – protestou Françoise.

– Fofocas? Que tipo de fofocas? – perguntei preocupada.

– Como não foi à igreja ontem, alguns estão dizendo que a senhora está de resguardo e outros estão dizendo que a senhora contraiu varíola. O sacerdote acredita que a senhora é católica. E outros dizem que é espanhola.

– Espanhola?

– *Oui*, madame. Alguém a ouviu falando no estábulo ontem à tarde.

– Mas eu estava praticando o meu francês! – Como era boa em mímica, achei que, se imitasse o sotaque arrogante de Ysabeau, daria mais credibilidade à história que haviam elaborado para mim.

– O filho do cavalariço não entendeu assim. – Pelo tom de Françoise, o rapaz estava de fato confuso. Ela me esquadrinhou e se deu por satisfeita. – Sim, a senhora já está com aparência de uma mulher respeitável.

– *Fallaces sunt rerum species* – disse Kit, com um toque de acidez que trouxe a carranca de volta ao rosto de Matthew. – *As aparências enganam.*

Ninguém vai engolir o desempenho dela.

– Ainda está muito cedo para Sêneca. – Walter lançou um olhar de advertência para Marlowe.

– Nunca é cedo para o estoicismo – retrucou Kit, com a cara séria. – Vocês deveriam me agradecer por eu não ser Homero. Tudo que se ouve recentemente não passa de ineptas paráfrases da *Ilíada*. Deixe o grego para alguém que o entenda, George... alguém como Matt.

– Ainda não terminei a tradução da obra de Homero! – disse George furioso.

Essa réplica fez Walter jorrar uma torrente de citações latinas. Uma delas fez Matthew dar uma risadinha e dizer algo que me pareceu grego. Lá embaixo uma bruxa esperava totalmente esquecida enquanto aqueles homens se engajavam em seu passatempo favorito: rivalidade verbal. Afundei na cadeira.

– Eles são maravilhosos quando estão de bom humor – sussurrou Henry. – São as inteligências mais perspicazes do reino, sra. Roydon.

Raleigh e Marlowe agora trocavam berros sobre os méritos – ou os deméritos – da política de Sua Majestade em relação à colonização e à exploração.

– Talvez alguém prefira jogar punhados de ouro no Tâmisa a dá-los para um aventureiro como você, Walter. – Kit soltou uma gargalhada.

– Aventureiro! Você é que não põe o pé fora de casa durante o dia por medo dos credores. – A voz de Raleigh soou abalada. – Você é um tolo, Kit.

Matthew acompanhava a disputa com crescente prazer.

– Com quem está em apuros agora? – perguntou para Marlowe enquanto pegava a taça de vinho. – E quanto vai custar para sair dessa encrenca?

– Com o alfaiate. – Kit apontou para o traje dispendioso que vestia. – Com o impressor que imprimiu *Tamerlão*. – Hesitou para priorizar as

somas de vulto. – Com o Hopkins, aquele bastardo que se autoproclama meu senhorio. Mas tenho isso. – Ergueu a pequena estatueta de Diana que ganhara de Matthew no jogo de xadrez na noite de domingo.

Eu ainda estava inquieta porque a estatueta estava longe de minha vista e dei um passo à frente.

– Não acredito que esteja desesperado a ponto de empenhar essa bugiganga por alguns tostões. – Os olhos de Matthew cintilaram em minha direção e, com um pequeno movimento, ele me empurrou de volta à cadeira. – Deixe-me cuidar disso.

Marlowe sorriu, deu um pulinho para a frente e para trás e guardou a deusa de prata no bolso.

– Você sempre poderá contar comigo, Matthew. É claro que vou lhe pagar.

– É claro – murmuraram Matthew, Walter e George com ar de dúvida.

– Mas reserve bastante dinheiro para comprar uma barba. – Kit acariciou a própria barba com satisfação. – Você está horroroso.

– Comprar uma barba? – Eu não devia ter entendido direito. Talvez Marlowe estivesse recorrendo à gíria novamente, em todo caso Matthew lhe pediu que parasse em consideração a mim.

– Há um barbeiro em Oxford que é bruxo. O cabelo do seu marido cresce muito lentamente, como acontece com todos da mesma espécie, e ele está barbeado. – Continuei com cara de tacho e Kit continuou com exagerada paciência. – Desse jeito, Matt será notado. Ele precisa de uma barba. E nós teremos que encontrar alguém que providencie uma barba porque parece que você não é bruxa o bastante para fazer isso.

Olhei para o jarro vazio sobre a mesa de olmo. Françoise o deixara repleto de flores e ramos do jardim – rosas brancas e ramos de azevinho e de nespereira com frutos marrons que mais pareciam botões de rosas – e com isso acrescentara cor e aroma à sala. Algumas horas antes eu mesma ajeitara as nêsperas e as rosas com o jardim o tempo todo em minha

mente. Fiquei satisfeita com o resultado por uns quinze segundos, até que subitamente flores e frutas secaram à minha frente. A dessecação se espraiou da ponta dos meus dedos em todas as direções enquanto minhas mãos pinicavam com o influxo de informações que emanava das plantas: sensação de raios de sol, sensação de esfriamento de chuva, também a força da resistência das raízes ao vento e o gosto do solo.

Matthew estava certo. Minha magia se transformara após a nossa chegada ao ano de 1590. O fogo de bruxa, a água de bruxa e o vento de bruxa que passaram a irromper de mim depois que conheci Matthew não estavam mais presentes. Em troca, passei a distinguir os fios luminosos do tempo e as auras coloridas que circundavam as criaturas vivas. Cada vez que passeava nos jardins, um veado branco me vigiava das sombras dos carvalhos. E agora as coisas murchavam diante de mim.

– A viúva Beaton está esperando. – Walter nos relembrou e apressou Tom em direção à porta.

– E se ela for capaz de ouvir meus pensamentos? – Isso me deixou preocupada enquanto descia os amplos degraus de madeira de carvalho.

– O que mais me preocupa é o que você possa dizer em voz alta. Não faça nada que acirre a inveja ou a animosidade dela – aconselhou Walter, seguindo atrás com o resto da Escola da Noite. – Se tudo o mais falhar, minta. Matthew e eu fazemos isso o tempo todo.

– Uma bruxa não pode mentir para outra bruxa.

– Isso não vai acabar bem – resmungou Kit com um ar sombrio. – Aposto dinheiro nisso.

– Basta. – Matthew girou e agarrou Kit pela gola. Os dois mastins fuçaram as canelas de Kit, rosnando. Os cães eram devotados a Matthew... e não gostavam de Kit.

– Tudo o que eu disse... – Kit iniciou a frase e encolheu-se a fim de escapar.

Matthew não o deixou terminar e o comprimiu contra a parede.

– O que você disse não nos interessa, e o que pretendia foi bem claro. – Ele deixou Kit ainda mais comprido.

– Coloque-o no chão. – Walter pôs uma das mãos no ombro de Marlowe e a outra sobre Matthew. O vampiro o ignorou e ergueu alguns centímetros mais à parede o outro amigo. Kit parecia uma ave exótica com uma plumagem vermelha e preta que se prendera de alguma forma nas dobras do revestimento de madeira. Matthew o manteve suspenso por algum tempo para deixar o seu ponto de vista bem claro e depois o soltou.

– Venha, Diana. Vai dar tudo certo. – Matthew ainda parecia seguro, mas as sinistras picadas em meus polegares me alertaram que talvez Kit estivesse certo.

– Pelos dentes de Deus – resmungou Walter incrédulo enquanto atravessávamos o saguão. – Aquilo é a viúva Beaton?

Na penumbra do extremo do aposento encontrava-se a bruxa em questão: diminuta, arqueada e antiga. À medida que me aproximava, os detalhes do grosseiro traje preto, os cabelos brancos e ralos e a pele enrugada como couro tornavam-se mais aparentes. Uma catarata deixava um dos olhos leitoso e o outro parecia uma avelã manchada. O globo ocular com catarata girava de maneira alarmante em seu encaixe. Parecia que a visão adquiria um foco melhor com uma perspectiva diferente. Já estava achando que nada seria pior que aquilo quando bati os olhos numa verruga no nariz da viúva Beaton.

Ela olhou fixamente para mim e fez uma reverência de má vontade. A comichão na minha pele indicou que era realmente uma bruxa. Meu terceiro olho se abriu sem me avisar para colher mais informações. Mas ao contrário da maioria das outras criaturas, a viúva Beaton não irradiava luz. Era cinzenta da cabeça aos pés. Foi frustrante me deparar com uma bruxa que fazia tanta força para ser invisível. Será que eu também tinha ficado daquele jeito depois que toquei no Ashmole 782? Meu terceiro olho se fechou novamente.

– Muito obrigado por ter vindo aqui, viúva Beaton. – O tom de Matthew sugeria que ela devia se sentir feliz por lhe ter sido permitido entrar na casa dele.

– Mestre Roydon. – As palavras da bruxa soaram tão ásperas quanto as folhas mortas que rodopiavam no cascalho lá fora. Ela se voltou com o olho bom em minha direção.

– Ajude a viúva Beaton a sentar-se, George.

Chapman deu um salto à frente ao ouvir a ordem de Matthew enquanto o resto de nós permaneceu em cautelosa distância. A bruxa gemeu quando se ajeitou com seus membros reumáticos na cadeira. Matthew esperou polidamente que se acomodasse e continuou.

– Vamos direto ao assunto. – Ele apontou para mim. – Esta mulher está sob minha proteção e ultimamente tem tido algumas dificuldades. – Não mencionou que éramos casados.

– O senhor está cercado de amigos influentes e servos leais, mestre Roydon. Sou uma pobre mulher e não serei útil para um cavalheiro como o senhor. – Ela tentou dissimular a censura do que disse com um falso tom de cortesia, mas o meu marido tinha um ouvido apurado.

Ele estreitou os olhos.

– Não brinque comigo – disse curto e grosso. – A senhora não me quer como inimigo, viúva Beaton. Esta mulher mostra sinais de que é uma bruxa e precisa de sua ajuda.

– Uma bruxa? – Ela me olhou com educada descrença. – A mãe dela era uma bruxa? Ou o pai é que era um bruxo?

– Ambos morreram quando ela ainda era criança. Não sabemos ao certo quais eram os poderes que eles tinham – admitiu Matthew, com uma típica meia verdade vampiresca. Jogou uma sacola de moedas no colo dela. – Ficarei agradecido se a senhora examiná-la.

– Tudo bem. – Os dedos nodosos da viúva Beaton se aproximaram do meu rosto. Quando nossas carnes se tocaram, uma inconfundível onda de

energia perpassou nós duas. Ela deu um salto.

– E então? – perguntou Matthew.

A viúva Beaton deixou as mãos caírem ao colo. Pegou a sacola de dinheiro e por um momento deu a impressão de que a devolveria para Matthew. Depois, retomou a compostura.

– Já suspeitava disso. Esta mulher não é uma bruxa, mestre Roydon. – A voz dela soou firme, mas um tanto mais alta que antes. Uma onda de desprezo revolveu meu estômago e azedou minha boca.

– Se a senhora acha isso é porque não tem o poder que as pessoas de Woodstock dizem que tem – retruquei.

A viúva Beaton se levantou indignada.

– Sou uma curandeira respeitada, com conhecimento de ervas que protegem homens e mulheres de doenças. Mestre Roydon conhece minhas habilidades.

– Isso é arte de bruxa. Mas nosso povo também tem outros talentos – eu disse, com cautela. Matthew apertou minha mão com força para que me calasse.

– Não conheço nenhum desses talentos – rebateu ela rapidamente. A velha mulher era tão obstinada quanto minha tia Sarah, e partilhava do mesmo desprezo pelas bruxas que dominavam os elementos sem conhecerem a tradição da feitiçaria, como eu, por exemplo. Sarah conhecia os usos de cada erva e cada planta e sabia de cor centenas de encantamentos, mas para ser uma bruxa é necessário mais. Embora soubesse disso, a viúva Beaton não o admitia.

– Claro que há outra maneira de determinar o alcance dos poderes desta mulher que não apenas pelo simples toque. E alguém que tem suas habilidades deve saber que maneira é essa – disse Matthew, com um tom ligeiramente jocoso e claramente provocativo.

A viúva Beaton pesou a sacola de moedas na mão ainda hesitante. Por fim, o peso da sacola convenceu-a a participar. Fez o pagamento deslizar

para dentro de um bolso embutido na saia.

– Há testes para determinar se alguém é bruxo. A recitação de uma oração, por exemplo. Se a criatura titubeia com as palavras, se titubeia mesmo que por um segundo, isso é sinal de que o diabo está por perto. – Ela pronunciou em tom misterioso.

– O diabo não está em Woodstock, viúva Beaton – disse Tom, com o semblante de um pai que tenta convencer o filho de que não há monstros debaixo da cama.

– O diabo está em toda parte, *sir*. Aqueles que creem no contrário podem se tornar presas dos ardis dele.

– Tudo isso são fábulas criadas pelos humanos para assustar os supersticiosos e os de mente fraca – disse Tom com desdém.

– Agora não, Tom – cochichou Walter.

– Também há outros sinais – disse George, como sempre ávido por compartilhar o conhecimento que tinha. – O diabo marca uma bruxa como propriedade dele com cicatrizes e manchas.

De repente, o sangue drenou de minha cabeça e me deixou atordoada. Se alguém procurasse, encontraria essas marcas em mim.

– Deve haver outros métodos – disse Henry com inquietude.

– Há sim, milorde. – O olho leitoso da viúva Beaton varreu o aposento. Ela apontou para a mesa com instrumentos científicos e pilhas de livros. – Levem-me até ali.

Levou a mão ao vão da saia que ocultava o bolso embutido onde guardara as moedas e tirou de dentro um velho sino de bronze. Colocou o sino em cima da mesa.

– Por favor, tragam-me uma vela.

Henry obedeceu prontamente e os homens se colocaram ao redor intrigados.

– Alguns dizem que o verdadeiro poder das bruxas decorre do fato de que ela é uma criatura que vive entre a vida e a morte, entre a luz e as

trevas. Nas encruzilhadas do mundo, ela desfaz o trabalho da natureza e desamarra os nós que mantêm a ordem das coisas. – A viúva Beaton alinhou um dos livros entre o pesado castiçal de prata com a vela e o sino de bronze. Começou a falar pausadamente. – Antigamente, quando a vizinhança suspeitava de que uma mulher era uma bruxa, as badaladas de um sino anunciavam sua morte e sua expulsão da igreja.

Ela ergueu o sino e o fez badalar com um giro de pulso. Largou o sino que continuou badalando suspenso sobre a mesa. Tom e Kit se aproximaram, George perdeu o fôlego e Henry se benzeu. Aparentemente satisfeita com a reação, ela se voltou para a tradução inglesa de um clássico grego, *Elementos de geometria* de Euclides, que estava sobre a mesa junto com diversos instrumentos matemáticos da grande coleção de Matthew.

– Em seguida o padre pegava o livro santo, a Bíblia, e o fechava. Isso demonstrava que a bruxa não poderia ter mais acesso a Deus.

O exemplar de *Elementos de geometria* se fechou por si mesmo. George e Tom deram um salto. Os membros da Escola da Noite se mostraram surpreendentemente suscetíveis, até porque se consideravam imunes às superstições.

– Por fim, o padre apagava a vela. Isso indicava que a bruxa não tinha alma. – A viúva Beaton levou os dedos à vela e pinçou o pavio. A chama apagou, erguendo uma tênue nuvem de fumaça cinzenta no ar.

Todos ficaram impressionados. Até Matthew se mostrou perturbado. Somente o crepitar do fogo e o badalar ininterrupto do sino soavam ao redor.

– Uma verdadeira bruxa pode reacender o fogo, abrir as páginas do livro e paralisar o badalo do sino. Aos olhos de Deus, ela é uma criatura maravilhosa. – A viúva Beaton deu uma pausa para dar mais dramaticidade ao momento e depois girou o olho leitoso em minha direção. – Você pode fazer essas coisas, garota?

As bruxas modernas que atingiam a idade de 13 anos eram apresentadas ao conciliábulo local em cerimônias fantasmagoricamente remanescentes dos testes da viúva Beaton. Os sinos do altar das bruxas badalavam para acolher a jovem bruxa na comunidade, e os pesados e polidos sinos de prata eram passados de geração a geração. Em vez de ser apresentada à Bíblia ou a um livro de matemática, a jovem bruxa era apresentada ao livro de encantamentos da família, o que dava um peso histórico à ocasião. A única vez que tia Sarah permitiu que o grimório das Bishop saísse de casa foi no meu aniversário de 13 anos. A colocação e o propósito da vela eram os mesmos. E por isso as jovens bruxas acendiam e apagavam velas desde pequenininhas.

Minha apresentação oficial ao conciliábulo de Madison acabou sendo um desastre, um desastre testemunhado por todos os meus parentes. Duas décadas depois eu ainda tinha um estranho pesadelo com uma vela que não se acendia, um livro que não se abria e um sino que badalava para todas as bruxas, menos para mim.

– Não sei se consigo – confessei hesitante.

– Tente. – Matthew me encorajou com uma voz confiante. – Você acendeu algumas velas poucos dias atrás.

Era verdade. Eu tinha acendido as velas que estavam dentro das abóboras alinhadas ao longo do caminho de entrada da casa das Bishop no Halloween. Mas ninguém testemunhou as minhas primeiras tentativas frustradas. E agora Kit e Tom me olhavam fixamente e com muita expectativa. Eu quase não sentia o roçar do olhar da viúva Beaton, mas sentia toda a atenção gelada e familiar de Matthew. O sangue congelou em minhas veias, como uma recusa de gerar o fogo requisitado para um pouco de feitiçaria. Concentrei-me no pavio da vela, torcendo para que tudo desse certo, e murmurei um encantamento.

Nada aconteceu.

– Relaxe – murmurou Matthew. – Que tal o livro? Não é melhor

começar por ele?

Deixando de lado o fato de que a ordem das coisas era importante na feitiçaria, eu não fazia a menor ideia de por onde começar com os *Elementos de Euclides*. Concentrava-me no ar encerrado nas fibras do papel ou invocava uma brisa para levantar a capa? Era impossível pensar claramente em meio às incessantes badaladas.

– Por favor, será que a senhora pode parar esse sino? – supliquei com uma ansiedade à flor da pele.

A viúva Beaton estalou os dedos e o sino de bronze caiu em cima da mesa. A queda o fez vibrar por alguns instantes antes de silenciar.

– Como lhe disse antes, mestre Roydon. – Ela acentuou uma nota de triunfo. – Seja lá qual tenha sido a magia testemunhada pelo senhor, tudo não passou de mera ilusão. Esta mulher não tem poder. A cidade não precisa temê-la.

– Talvez ela esteja tentando enganá-lo, Matthew. – Kit se intrometeu. – Eu não confiaria nela. As mulheres são criaturas dúbias.

A viúva Beaton não era a primeira bruxa a fazer essa proclamação e com a mesma satisfação. Fui tomada por uma súbita e intensa necessidade de provar o erro dela e de varrer o olhar de sabedoria do rosto de Kit.

– Não sou capaz de acender uma vela. Assim como não fui capaz de aprender com ninguém a abrir os livros ou deter as badaladas dos sinos. Mas se não tenho poder, como explica isso? – Ali por perto havia uma travessa de frutas e marmelos recém-colhidos no jardim que emitiam um brilho dourado na penumbra. Peguei um marmelo e o equilibrei na palma da mão para que todos vissem.

Concentrei-me na fruta e a palma de minha mão formigou. Avistei a polpa por entre a casca escura com toda clareza, como se a fruta fosse feita de vidro. Fechei os olhos e o meu terceiro olho se abriu e saiu à cata de informações. Minha consciência se deslocou do centro da testa e desceu pelo braço até atingir a ponta dos dedos. Em seguida se estendeu como

raízes de uma árvore cujas fibras serpenteavam pelo marmelo.

Apreendi um por um todos os segredos da fruta. Um verme devorava a polpa macia. Fui atraída pelo poder aprisionado lá dentro que fez minha língua formigar de calor e liberar um gosto de sol. Sorvi a luz do sol invisível e a epiderme entre minhas sobrancelhas estremeceu de prazer. *Quanto poder*, pensei. *Vida. Morte.* A audiência se tornou insignificante. A possibilidade ilimitada de conhecimento que palpitava em minha mão era tudo o que importava.

Em reação ao convite silencioso, o sol aflorou do marmelo e viajou pelos meus dedos. Instintivamente, resisti como pude à aproximação dos raios solares, recolocando-o no lugar ao qual pertencia – dentro da fruta. Mas o marmelo se tornou amarronzado, murchou e mergulhou dentro de si mesmo.

A viúva Beaton engasgou, quebrando minha concentração. Fiquei assustada e a fruta caiu e se espatifou no piso encerado. Ergui a cabeça e Henry estava se benzendo novamente, com o choque estampado na intensidade dos olhos e nos movimentos automáticos das mãos. Tom e Walter olhavam fixamente para os meus dedos, onde minúsculos fios luminosos de sol faziam uma vã tentativa de emendar a conexão quebrada com o marmelo. Matthew pôs as mãos em cima de minhas mãos faiscantes, ocultando os sinais do meu indisciplinado poder. Puxei as minhas mãos ainda faiscantes para não queimá-lo. Ele balançou a cabeça em negativa, mantendo as mãos firmes, e olhou nos meus olhos como se dizendo que era forte e capaz de absorver qualquer magia que sobreviesse. Passado um momento de hesitação, me deixei relaxar nos braços dele.

– Acabou. Basta – disse ele enfaticamente.

– Posso *sentir* o gosto do sol, Matthew. – Minha voz soou aguda de pânico. – Posso *ver* o tempo que espreita pelos cantos.

– Essa mulher enfeitiçou um *wearh*. Isso é obra do diabo – sibilou a viúva Beaton. Ela se afastou cautelosamente para trás, com os dedos

bifurcados para repelir o perigo.

– Não há diabo algum em Woodstock – retrucou Tom, com firmeza.

– Esses livros de vocês estão cheios de estranhos sigilos e encantamentos mágicos – disse ela, apontando para o livro de Euclides. Ainda bem que ela não ouviu Kit lendo *Fausto* em voz alta, pensei comigo.

– Isso é matemática, não magia – rebateu Tom.

– Chamem do que quiserem, mas vi a realidade. Vocês são iguais a eles e só me chamaram aqui para me envolver nos seus planos sombrios.

– Igual a quem? – perguntou Matthew em tom cortante.

– Os eruditos da universidade. Levaram duas bruxas de Duns Tew com suas perguntas. Queriam nosso conhecimento, mas condenaram as mulheres que o partilharam. As bruxas estavam formando um conciliábulo em Faringdon, mas se dispersaram depois que chamaram a atenção de homens como vocês. – Um conciliábulo significava segurança, proteção e comunidade. Sem conciliábulos as bruxas se tornavam mais vulneráveis à inveja e ao medo dos vizinhos.

– Você não vai ser forçada a partir de Woodstock por ninguém. – Eu só queria acalmá-la, mas um simples passo à frente a fez recuar ainda mais.

– Não há diabo algum nesta casa. Todo mundo na cidade sabe disso. Ontem mesmo o sr. Danforth pregou para a congregação sobre o perigo de se deixar essa ideia enraizar.

– Sou solitária, sou uma bruxa igual à senhora, sem família para me ajudar – eu disse, apelando para a simpatia dela. – Tenha piedade de mim antes que outros descubram quem eu sou.

– Você não é igual a mim e não quero encrenca. Ninguém terá piedade de mim quando a cidade estiver clamando por sangue. Não tenho um *wearh* para me proteger, e nenhum lorde e nenhum cavalheiro da corte darão nem um passo sequer para defender minha honra.

– Matthew... mestre Roydon não permitirá que nada de mau lhe aconteça. – Ergui a mão em juramento.

A viúva Beaton pareceu incrédula.

– *Wearhs* não são confiáveis. E o que a cidade faria se as pessoas descobrissem quem Matthew Roydon realmente é?

– Que esse assunto fique só entre nós, viúva Beaton – alertei-a.

– Garota, de onde você vem para acreditar que as bruxas defendem umas às outras? Este é um mundo perigoso. Nenhuma de nós está a salvo por muito tempo. – A velha olhou raivosa para Matthew. – As bruxas estão morrendo aos milhares, e os covardes da Congregação não fazem nada. Por quê, *wearh*?

– Basta – disse Matthew com frieza. – Françoise, por favor, mostre a saída para a viúva Beaton.

– Vou me retirar com muito gosto. – A velha se aprumou o máximo que seus ossos retorcidos permitiam. – Mas preste atenção em minhas palavras, Matthew Roydon. Todas as criaturas das redondezas suspeitam de que você é uma besta que se alimenta de sangue. E quando descobrirem que está abrigando uma bruxa com poderes sombrios, Deus não terá piedade daqueles que voltaram as costas para Ele.

– Adeus, viúva Beaton. – Matthew se voltou de costas para a bruxa, mas ela estava determinada a ficar com a última palavra.

– Cuidado, irmã – gritou enquanto se retirava. – Você brilha demais para esse tempo.

Todos os olhos naquele aposento se voltaram para mim. Fiquei desconfortável com a atenção.

– Explique-se – disse Walter secamente.

– Diana não lhe deve explicações – disse Matthew.

Walter ergueu a mão em trégua silenciosa.

– O que houve? – perguntou Matthew em tom mais comedido para mim. Pelo visto, eu devia explicações a *ele*.

– Exatamente o que previ: assustamos a viúva Beaton. E agora ela fará todo o possível para se manter distante de nós.

– Ela devia ter obedecido. Já fiz muitos favores a essa mulher – murmurou Matthew.

– Por que não disse a ela o que represento para você? – perguntei tranquilamente.

– Provavelmente pela mesma razão pela qual não me contou do que é capaz de fazer com qualquer fruta de jardim – respondeu ele, pegando-me pelo cotovelo. Voltou-se para os amigos. – Preciso conversar com minha esposa. A sós. – Levou-me para fora da casa.

– Então, agora voltei a ser sua esposa! – exclamei, tentando soltar meu cotovelo.

– Você nunca deixará de ser minha esposa. Mas nem todos precisam saber de nossa vida privada. Agora, diga o que houve lá dentro? – perguntou ele ao lado de um arbusto de buxo bem podado do jardim.

– Você estava certo, minha magia está se transformando. – Desviei os olhos. – Aconteceu algo parecido com as flores do nosso quarto mais cedo. Fui ajeitar as flores no jarro e, quando senti o gosto do solo e do ar, elas cresceram. E depois morreram com meu toque. Fiz de tudo para que a luz do sol retornasse para a fruta. Mas não fui obedecida.

– O comportamento da viúva Beaton a fez se sentir acuada e em perigo, e isso deveria ter liberado o vento de bruxa ou o fogo de bruxa. Talvez a jornada no tempo tenha danificado sua magia – sugeriu Matthew, franzindo a testa.

Mordi o lábio.

– Eu não devia ter perdido a cabeça e sim mostrado o que sou capaz de fazer.

– Ela soube do seu poder. Ela exalou um cheiro de medo que impregnou a sala. – Ele olhou sério. – Talvez você tenha sido colocada na frente de um estranho cedo demais.

Mas era tarde demais.

A Escola da Noite estava toda reunida na janela, com os rostos pálidos

colados ao vidro como estrelas de uma constelação sem nome.

– A umidade vai arruinar o vestido dela, Matthew, e esse é o único que fica bem nela – advertiu George, esticando a cabeça para fora da janela. O semblante de duende de Tom espiou por cima do ombro de George.

– Eu me diverti imensamente! – gritou Kit, abrindo outra janela com tanta força que fez as molduras rangerem. – Aquela mulher velha e feia é uma bruxa perfeita. Colocarei a viúva Beaton em uma de minhas peças. Alguém aqui imaginava que ela faria aquilo com um sino velho?

– Seu passado com as bruxas não foi esquecido, Matthew – disse Walter, com passos rangendo no cascalho do jardim enquanto se aproximava de nós junto com Henry. – Ela vai falar. A viúva Beaton é como todas as mulheres que sempre fazem isso.

– Matt, existe alguma razão para nos preocuparmos se ela falar de você? – perguntou Henry educadamente.

– Hal, nós somos criaturas neste mundo de humanos. Sempre existe alguma razão para nos preocuparmos – respondeu Matthew com ar sombrio.



Apesar das divergências filosóficas, os membros da Escola da Noite eram unânimes em um ponto: era preciso encontrar uma bruxa. Matthew despachou George e Kit para pedirem informações em Oxford e indagarem sobre o nosso misterioso manuscrito alquímico.

Após a ceia da noite de quinta-feira, assumimos nossos lugares ao redor da lareira do grande saguão. Henry e Tom leram e discutiram sobre astronomia e matemática. Walter e Kit jogaram dados na mesa grande, trocando ideias sobre os mais recentes projetos literários de ambos. E eu li em voz alta um exemplar de *The Faerie Queene*, de Walter, praticando a pronúncia enquanto o apreciava da mesma forma que apreciava a maioria dos romances elisabetanos.

– O início está muito abrupto, Kit. Isso vai assustar tanto que a plateia vai sair do teatro antes do segundo ato – protestou Walter. – Precisa de mais aventura.

– Fazia horas que os dois esmiuçavam o *Fausto*. Graças à viúva Beaton, a peça ganhou uma nova abertura.

– Você não é o meu Fausto, Walt, apesar de suas pretensões intelectuais – disse Kit cortante. – Veja o que sua interferência fez na história de Edmund. *The Faerie Queene* era uma deliciosa história sobre o rei Artur. Agora é uma mixórdia calamitosa de Malory e Virgílio que se estende demais, e Gloriana... faça-me o favor. A rainha é quase tão velha e tão excêntrica quanto a viúva Beaton. Ficarei surpreso se Edmund conseguir terminá-la com você dizendo o tempo todo o que fazer. Se quiser ser imortalizado nos palcos, converse com Will. Ele sempre está desesperado

por ideias.

– Está bom para você, Matthew? – perguntou George de supetão. Ele estava nos informando sobre a busca pelo manuscrito que um dia seria conhecido como Ashmole 782.

– Desculpe-me, George. Você disse alguma coisa? – Um clarão de culpa cruzou os olhos cinzentos e distraídos de Matthew. Eu conhecia os sinais da multitarefa mental. Já tinha passado por isso ao longo de muitas reuniões na faculdade. Talvez ele estivesse com os pensamentos divididos entre as conversas travadas na sala, a retrospectiva do episódio com a viúva Beaton e o conteúdo das correspondências que não paravam de chegar.

– Nenhum livreiro ouviu falar de uma obra alquímica rara que está circulando pela cidade. Perguntei para um amigo da Christ Church e ele também não sabe de nada. Continuo perguntando pela obra?

Matthew abriu a boca para responder, mas a pesada porta principal do saguão de entrada se abriu com um estalo e o fez se levantar numa fração de segundo. Walter e Henry deram um salto e agarraram as adagas que usavam noite e dia.

– Matthew? – Uma voz desconhecida retumbou com um timbre que arrepiou os pelos dos meus braços de imediato. Era uma voz clara e musical demais para ser humana. – Você está aqui, homem?

– Claro que ele está aqui – disse uma outra voz masculina com uma cadência galesa. – Use o nariz. Quem mais cheira a armazém entupido de especiarias recém-chegadas das docas?

Logo depois, duas figuras volumosas e envoltas em grossas capas marrons surgiram na outra extremidade da sala, onde Kit e George ainda se ocupavam com os dados e os livros. Nos tempos modernos, os recém-chegados passariam por jogadores de times de futebol americano. Eles tinham braços superdesenvolvidos, tendões proeminentes, pulsos grossos, pernas musculosas e ombros largos. À medida que se aproximavam, a luz

das velas incidia em seus olhos brilhantes e bailava nas bordas afiadas de suas armas. Um dos homens era gigantesco e louro, uns dois centímetros mais alto que Matthew, e o outro era ruivo, uns catorze centímetros mais baixo que Matthew e tinha um desvio marcante no olho esquerdo. Nenhum dos dois aparentava mais de trinta anos. O louro estava mais tranquilo, se bem que tentou dissimular a tranquilidade. Já o ruivo estava furioso e parecia não se preocupar em deixar isso à vista.

– Aí está você. Ficamos assustados quando você desapareceu sem dizer nada – disse o louro suavemente, detendo-se para recolher a espada comprida e afiada.

Walter e Henry também recolheram as armas quando reconheceram os homens.

– Gallowglass. O que está fazendo aqui? – perguntou Matthew para o guerreiro louro, com uma nota de atordoamento e curiosidade.

– Estamos à sua procura, é claro. Eu e Hancock estávamos com você no sábado. – Gallowglass estreitou os olhos azuis e frios quando se viu sem resposta. Parecia um viking à beira de uma matança. – Em Chester.

– Chester. – A expressão de Matthew se tomou de horror. – Chester!

– Sim. Chester – repetiu Hancock, o ruivo. Lançou um olhar raivoso, tirou as braçadeiras de couro encharcadas e jogou-as perto da lareira. – Como não se reuniu conosco no domingo, conforme tínhamos combinado, investigamos o seu sumiço. Ficamos surpresos quando o dono da estalagem nos disse que você tinha partido, e não só porque tinha partido sem pagar a conta.

– Segundo ele, num momento você estava bebendo vinho sentado perto da lareira e no outro sumiu num piscar de olhos – relatou Gallowglass. – A criada, aquela mocinha de cabelos pretos que não tirava os olhos de você, fez um escândalo. Insistiu em dizer que você tinha sido levado pelos fantasmas.

Fechei os olhos, compreendendo tudo subitamente. O Matthew Roydon

que estava na Chester do século XVI sumira no instante em que fora substituído pelo Matthew que chegara onde estávamos da moderna Oxfordshire. Talvez depois que partíssemos, o Matthew do século XVI reaparecesse. O tempo não permitiria que os dois Matthews estivessem no mesmo lugar e no mesmo momento. Não era o que pretendíamos, mas já tínhamos alterado a história.

– Era véspera de finados e a história dela fez algum sentido – admitiu Hancock, voltando-se para a própria capa. Sacudiu a água acumulada nas pregas e estendeu-a na cadeira mais próxima, onde exalou o odor de grama molhada no ar invernal.

– Quem são esses homens, Matthew? – Eu me aproximei para vê-los melhor. Ele se virou, me pegou pelos braços e me recolocou onde eu estava.

– São amigos – disse, mas o evidente esforço que fez para se recompor me deixou sem saber se estava dizendo a verdade.

– Muito bem. Ela não é um fantasma. – Hancock espiou por cima do ombro de Matthew e minha carne congelou.

Obviamente, Hancock e Gallowglass eram vampiros. Que outras criaturas teriam aquele olhar intenso e sangrento?

– E ela não é de Chester – disse Gallowglass pensativo. – Ela sempre tem essa *glaem* brilhante?

Era uma palavra desconhecida, mas com um significado bem claro. Eu estava brilhando novamente. Isso só acontecia quando estava aborrecida ou concentrada em algum problema. Era uma das manifestações do poder das bruxas e os vampiros conseguiam detectar esse brilho pálido com seus olhos aguçados e sobrenaturais. Sentindo-me notada, coloquei-me atrás de Matthew.

– Isso não vai adiantar nada, mocinha. Nossos ouvidos são tão aguçados quanto nossos olhos. Seu sangue está trinando como um pássaro. – As sobrancelhas ruivas e espessas de Hancock se ergueram quando ele

olhou de um modo ácido para o companheiro. – A encrenca sempre viaja em companhia das mulheres.

– A encrenca não é boba. Se pudesse escolher, eu viajaria com uma mulher, não com você. – O guerreiro louro se dirigiu para Matthew. – Foi um dia longo e Hancock está com as nádegas doloridas e também faminto. Se não explicar para ele por que uma bruxa está na sua casa, e rapidamente, não tenho grande esperança de que ela continue a salvo.

– Talvez isso tenha a ver com Berwick – disse Hancock. – Malditas bruxas. Sempre causando problemas.

– Berwick? – Fiquei com o coração aos pulos. Reconheci a palavra. Um dos mais famosos julgamentos de bruxas nas Ilhas Britânicas estava ligado a essa palavra. Procurei as datas na memória. Seguramente, o julgamento ocorrera antes ou depois de 1590, senão Matthew não teria escolhido esse ano para nossa jornada no tempo. Mas as palavras seguintes de Hancock avivaram a história e a cronologia em minha mente.

– Ou então algum novo negócio da Congregação que Matthew vai querer que a gente resolva para ele.

– A Congregação? – Marlowe apertou os olhos e olhou atentamente para Matthew. – Isso é verdade? Você é um dos membros misteriosos?

– Claro que é verdade! Como acha que ele o mantém longe da prisão, jovem Marlowe? – Hancock vasculhou a sala com os olhos. – Aqui tem alguma coisa para beber que não seja vinho? De Clermont, odeio essas suas frescuras francesas. O que há de errado com a cerveja?

– Agora não, Davy – murmurou Gallowglass para o amigo, se bem que com os olhos cravados em Matthew.

Eu também estava com os olhos cravados nele, um horrível senso de clareza se apossava de mim.

– Diga que não é – sussurrei. – Diga que não ocultou isso de mim.

– Não posso dizer nada – respondeu Matthew sem graça. – Lembra que lhe prometi segredos e não mentiras?

Eu me senti mal. Em 1590 Matthew era um membro da Congregação, e a Congregação era nossa inimiga.

– E Berwick? Você me disse que eu não correria o risco de ser pega numa caça às bruxas.

– Não seremos afetados por nada que aconteça em Berwick – garantiu Matthew.

– O que aconteceu em Berwick? – perguntou Walter inquieto.

– Antes de partirmos de Chester recebemos algumas notícias da Escócia. Um grande grupo de bruxas reuniu-se numa cidade ao leste de Edimburgo no dia de finados – disse Hancock. – Não cessam os falatórios sobre a tempestade que as bruxas dinamarquesas provocaram no verão passado, e sobre os jatos de água do mar que previram a chegada de uma criatura com poderes extraordinários.

– Dezenas de pobres coitadas foram detidas pelas autoridades – acrescentou Gallowglass, com os olhos azuis e árticos ainda cravados em Matthew. – Na cidade de Keith, uma mulher sábia, a viúva Sampson, está na masmorra do Palácio de Holyrood à espera do interrogatório do rei. Quem pode saber quantas se juntarão a ela antes desse negócio acabar?

– Da tortura do rei, você quer dizer – resmungou Hancock. – Segundo os rumores, acorrentaram a mulher à parede sem comida e bebida, e a trancafiaram na máscara da infâmia para que não pudesse mais recitar encantamentos contra Sua Majestade.

Sentei abruptamente.

– Essa é uma das acusadas, não é? – perguntou Gallowglass para Matthew. – Se eu pudesse também gostaria de barganhar com a bruxa. Segredos, não mentiras.

Fez-se um longo silêncio.

– Diana é minha esposa, Gallowglass – disse Matthew por fim.

– Você nos abandonou em Chester por causa de uma *mulher*? – Hancock pareceu horrorizado. – Justo quando tínhamos um trabalho a

fazer!

– Você tem uma infalível capacidade de pegar a ponta errada do bastão, Davy. – Os olhos de Gallowglass se voltaram para mim. – Sua *esposa*? – disse ele cautelosamente. – Então, isso é só um acordo legal para satisfazer a curiosidade dos humanos e justificar a presença dela aqui enquanto a Congregação decide o futuro dela?

– Não, ela é minha esposa – insistiu Matthew. – E também minha companheira.

A característica dos vampiros era de formar casais quando estimulados por uma combinação instintiva de afeição, afinidade, desejo e química. E essa união só era quebrada pela morte. Os vampiros podiam se casar inúmeras vezes, mas a maioria só se casava uma vez.

Gallowglass vociferou, mas foi praticamente abafado pela brincadeira do amigo.

– E Sua Santidade proclamou que a época dos milagres já passou – cantarolou Hancock. – Finalmente, Matthew de Clermont se casou. Mas para isso não poderiam servir uma humana sossegada ou uma *wearh* bem-educada conhecedoras do próprio lugar. Não para o nosso Matthew. E quando enfim ele decidiu se assentar com uma mulher, teve que ser com uma bruxa. E agora temos que nos preocupar com a boa gente de Woodstock.

– O que há de errado em Woodstock? – perguntei preocupada para Matthew.

– Nada – respondeu ele despreocupado. Mas o louro corpulento desviou a minha atenção.

– Outro dia uma velha entrou em convulsões lá no mercado. Ela jogou a culpa em você. – Gallowglass me examinou da cabeça aos pés, como se tentando atinar como alguém tão desinteressante causara tamanha encrenca.

– A viúva Beaton – eu disse quase sem fôlego.

A chegada de Françoise e Charles impediu que o diálogo se prolongasse. Françoise trazia pão de gengibre e vinho temperado com especiarias para os sangues-quentes. Kit (que jamais recusava uma amostra da adega de Matthew) e George (que estava com as feições esverdeadas após as revelações da noite) serviram-se. Ambos pareciam espectadores de uma plateia à espera do início do próximo ato.

Charles, que tinha a tarefa de servir os vampiros, trazia um delicado jarro com alças de prata e três longos copos de vidro. O conteúdo avermelhado dos copos era mais escuro e mais opaco que o vinho. Hancock deteve Charles a meio caminho do chefe da casa.

– Estou mais carente de bebida que Matthew – disse enquanto estendia a mão para pegar um copo, fazendo Charles engolir em seco pela afronta. Depois de cheirar o conteúdo, Hancock pegou um dos copos. – Faz três dias que estou sem sangue fresco. De Clermont, seu gosto pelas mulheres é bem estranho, mas ninguém pode criticar sua hospitalidade.

Matthew acenou para que Charles servisse Gallowglass, que também estava sedento e sorveu o líquido. Depois do último gole, limpou a boca com o dorso da mão.

– Bem? – disse. – Sei que você está com a boca lacrada, mas me parece que é necessário alguma explicação sobre como entrou nessa.

– É melhor discutir isso em particular – disse Walter, olhando para George e os dois demônios.

– O que é isso, Raleigh? – A voz de Hancock assumiu um tom de briga. – De Clermont tem muito a responder. E a bruxa dele também. E seria melhor que essas respostas viessem dela. Nós cruzamos com um pastor no caminho. Dois cavaleiros de aparência próspera o acompanhavam. Pelo que ouvi, a parceira de Clermont terá três dias...

– Pelo menos cinco – corrigiu Gallowglass.

– Talvez cinco – disse Hancock, inclinando a cabeça para o companheiro –, antes de ser levada a julgamento. Dois dias para arquitetar

o que dizer para os magistrados e menos de meia hora para contar uma mentira convincente para o bom pai. É melhor que nos contem logo a verdade.

Todos se voltaram para Matthew, que permaneceu mudo.

– Logo o relógio marcará um quarto de hora – relembrou Hancock para ele depois de algum tempo.

Assumi as rédeas do assunto.

– Matthew me protegeu do meu próprio povo.

– Diana – exclamou Matthew, com um rosnado.

– *Matthew* se imiscuiu em assuntos de bruxas? – Os olhos de Gallowglass arregalaram ligeiramente.

Assenti com a cabeça.

– E quando passou o perigo nos casamos.

– E tudo isso aconteceu entre o meio-dia e o anoitecer do sábado? – Gallowglass balançou a cabeça em negativa. – Você terá que se sair melhor que isso, titia.

– Titia? – Olhei indignada para Matthew. Primeiro, Berwick, depois a Congregação e agora isso. – Esse... berserk é seu sobrinho? Deixe-me adivinhar. Ele é filho de Baldwin! – Gallowglass era tão musculoso quanto o irmão ruivo de Matthew... e igualmente persistente. Alguns outros Clermont me eram conhecidos: Godfrey, Louisa, Hugh (este último só recebia breves menções cifradas). Gallowglass podia pertencer a qualquer um deles – ou a outro membro da complicada árvore genealógica de Matthew.

– Baldwin? – Gallowglass tremeu de maneira quase imperceptível. – Mesmo antes de me tornar *wearh*, já era esperto o bastante para não permitir que aquele monstro se aproximasse do meu pescoço. Além disso, meu povo era úlfhéonar e não berserk. E saiba que sou a única parte nórdica... a parte gentil. O resto é escocês e irlandês.

– Os escoceses são mal-humorados – acrescentou Hancock.

Gallowglass acolheu o adendo do companheiro com um amável puxão de orelha. Um anel dourado brilhou sob a luz, deixando à vista os contornos de um caixão incisos. Um homem saía do caixão cujas bordas eram circundadas por um lema.

– Vocês são cavaleiros. – Olhei para o dedo de Hancock e lá estava um anel igual. E também o homem estranhamente colocado na tumba. Pelo menos era evidente que Matthew estava envolvido também nos negócios da Ordem de Lázaro.

– Bemmm – disse Gallowglass, com a voz arrastada e subitamente soando como o escocês que ele dizia ser –, sempre há controvérsias sobre isso. Na realidade, não fazemos aquele tipo de cavaleiro em armadura de prata, não é, Davy?

– Pois é. Mas os de Clermont têm bolsos fundos. É difícil recusar um dinheiro assim – observou Hancock –, especialmente quando vem acompanhado da promessa de uma longa vida para desfrutá-lo.

– Eles também são guerreiros ferozes. – Gallowglass esfregou o alto do nariz outra vez. Era um nariz chato, como se quebrado e nunca mais corrigido de forma adequada.

– Oh, sim. Os bastardos me mataram antes de me salvar. E aproveitaram a ocasião para consertar o meu olho ruim – disse Hancock de maneira calorosa, apontando para a pálpebra estropiada.

– Então, vocês são leais aos de Clermont. – Eu me senti repentinamente aliviada. Face ao desastre que se afigurava era preferível ter Gallowglass e Hancock como aliados a tê-los como inimigos.

– Nem sempre – retrucou Gallowglass com ar sombrio.

– Não a Baldwin. Ele é um canalha dissimulado. E quando Matthew age como um tolo, nós também não lhe damos a atenção. – Hancock farejou o ar e apontou para o pão de gengibre esquecido em cima da mesa. – Alguém aqui vai comê-lo ou posso jogá-lo no fogo? Não me sinto nada bem entre o cheiro de Matthew e a comida de Charles.

– Em vez de ficarmos aqui falando da história da família, é melhor aproveitarmos o tempo para arquitetar um plano de ação porque as outras visitas estão para chegar – comentou Walter, com impaciência.

– *Jesu*, não há mais tempo para arquitetar um plano – disse Hancock entusiasticamente. – É melhor que Matthew e seu senhorio comecem a rezar. Já que são homens de Deus. Talvez Ele escute.

– Talvez a bruxa possa fugir voando pelos ares – murmurou Gallowglass, erguendo as duas mãos em rendição muda quando Matthew o fulminou com os olhos.

– Ora, isso ela não pode. – Todos os olhos se voltaram para Marlowe. – Ela nem consegue conjurar uma barba para o Matthew.

– Você desposou uma bruxa, violando todas as escrituras da Congregação, e ela é *inútil*? – Impossível dizer se Gallowglass estava mais indignado que incrédulo. – Garanto-lhe que uma esposa capaz de invocar tempestades ou provocar terríveis doenças de pele nos inimigos tem lá suas vantagens. Mas que utilidade tem uma bruxa incapaz de servir de barbeiro para o próprio marido?

– Somente Matthew se casaria com uma bruxa que saiu sabe-se lá de onde e sem qualquer poder mágico – cochichou Hancock para Walter.

– Calem a boca, todos vocês! – explodiu Matthew. – Não consigo pensar com todo esse falatório estúpido. Não é culpa de Diana que a viúva Beaton seja uma velha maledicente, não é culpa de Diana não saber manipular e comandar a própria magia. Minha mulher foi amarrada magicamente. E existe uma razão para isso. Se alguém aqui nesta sala criticar a mim ou a ela, arrancar-lhe-ei o coração e o devorarei tal como fazem as feras.

– Esse é o nosso senhor e mestre – disse Hancock em um brinde debochado. – Por um momento temi que fosse *você* o enfeitiçado. Mas espere um pouco. Se ela está enfeitiçada, o que há de errado com ela? É perigosa? Maluca? As duas coisas?

Nervosa com aquela afluência de sobrinhos, párocos inquietos e a encrenca que cozinhava em Woodstock, eu recuei para me sentar numa cadeira. As roupas ainda estavam incômodas e atrapalharam os meus movimentos, fazendo-me perder o equilíbrio. A mão rude de alguém foi mais rápida que minha queda, agarrando-me pelo cotovelo e sentando-me na cadeira com surpreendente gentileza.

– Está tudo bem, titia. – Gallowglass deixou escapar um suave murmúrio de simpatia.

– Estou tonta, não demente – retruquei.

Gallowglass aproximou a boca de minha orelha, com os olhos inflexíveis.

– Sua fala desordenada pode ser vista como loucura, mas duvido que o pastor se preocupe com isso. Considerando que você não é de Chester nem de qualquer outro lugar conhecido... e saiba que conheço muitos lugares, titia... acho bom prestar atenção nas suas maneiras, a menos que queira ser trancafiada na cripta de uma igreja.

Dedos longos agarraram Gallowglass pelo ombro e o afastaram.

– Se já terminou com sua tentativa de aterrorizar minha esposa... uma tarefa inglória, asseguro-lhe, é melhor que me fale sobre os homens que viu pelo caminho – disse Matthew, com frieza. – Eles estavam armados?

– Não. – Depois de um longo e interessado olhar em minha direção, Gallowglass se voltou para o tio.

– E quem estava com o ministro?

– Matthew, como nós poderíamos saber? Os três eram sangues-quentes e não valiam um segundo de atenção. Um deles era gordo e grisalho, o outro tinha estatura média e reclamava do tempo – disse Gallowglass, com impaciência.

– Bidwell – disseram Matthew e Walter ao mesmo tempo.

– É bem provável que Iffley esteja com ele – ressaltou Walter. – Os dois sempre estão reclamando... das estradas, do barulho nas estalagens, da

qualidade da cerveja.

– Quem é Iffley? – perguntei em voz alta.

– Um homem que se gaba de ser o melhor luveiro de toda a Inglaterra. Somers trabalha para ele – respondeu Walter.

– Mestre Iffley confecciona as luvas da rainha – frisou George.

– Só fez um par de luvas de caça para ela vinte anos atrás. Caros amigos, isso quase foi suficiente para que Iffley se tornasse o homem mais importante de um perímetro de cinquenta quilômetros; claro, quando ele pôde cobiçar a honra – bufou Matthew, com desdém. – Separados, nenhum deles é brilhante. Juntos, não passam de dois tolos. Se isso é o melhor que a cidade pode fazer, então podemos retomar nossa leitura.

– Fica assim, então? – A voz de Walter soou irritada. – Ficamos sentados esperando que cheguem?

– Sim. Mas Diana não sai da minha vista... nem da sua, Gallowglass – alertou Matthew.

– Tio, não precisa me lembrar do meu dever familiar. Tratarei de assegurar que sua mal-humorada esposa esteja em sua cama esta noite.

– Eu? Mal-humorada? Meu marido é um membro da Congregação. Um bando de homens está chegando a cavalo para me acusar de ter ferido uma velha insuportável. Estou num lugar estranho e sempre me perco no caminho do meu quarto. Ainda não tenho sapatos. Enfim, estou vivendo num dormitório entupido de adolescentes que nunca param de tagarelar! – Explodi. – Mas não precisa se aborrecer por minha causa. Posso muito bem cuidar de mim!

– Cuidar de você? – Gallowglass deu uma risada e balançou a cabeça em negativa. – Você não pode, não. E teremos que tratar dessa sua pronúncia quando a batalha acabar. Não entendi metade do que você disse.

– Ela deve ser irlandesa – disse Hancock, encarando-me. – Isso explica o feitiço e a fala desordenada. Todos eles são loucos.

– Ela não é irlandesa – disse Gallowglass. – Louca ou não, eu teria entendido a pronúncia se fosse irlandesa.

– Quietos! – gritou Matthew.

– Os homens da cidade já estão no portão – anunciou Pierre em meio ao silêncio após o grito.

– Vá buscá-los – ordenou Matthew, voltando-se em seguida para mim. – Deixe que eu fale. Não responda as perguntas até que lhe diga para fazer isso. – Agora – continuou de um modo afoito –, não podemos deixar que nada... de incomum aconteça esta noite, como aconteceu quando a viúva Beaton esteve aqui. Você está tonta? Quer se deitar?

– Curiosa. Estou curiosa – respondi com os punhos fechados. – Não se preocupe com minha magia e com minha saúde. Preocupe-se com as muitas horas que vai precisar para responder minhas perguntas depois que o ministro for embora. E será esganado por mim se tentar se esquivar com a desculpa de que "essa história não é minha e não posso contá-la".

– Ou seja, você está perfeitamente bem. – A boca de Matthew se contorceu. Ele me beijou na testa. – Eu te amo, *ma lionne*.

– É melhor reservar suas juras de amor para mais tarde e deixar titia se recompor – sugeriu Gallowglass.

– Por que todo mundo se sente impelido a me dizer como agir com minha própria esposa? – retrucou Matthew. As rachaduras na compostura dele começavam a aparecer.

– Eu realmente não sei – disse Gallowglass, com serenidade. – Acho que ela lembra um pouco a vovó. Nós sempre damos conselhos a Philippe sobre a melhor maneira de controlá-la, de manhã, de tarde e de noite. Mas de nada servem.

Aparentemente posicionados de maneira aleatória na sala, eles formaram um funil humano – largo à entrada da sala e estreito nas proximidades da lareira, onde eu e Matthew nos posicionamos. Como George e Kit seriam os primeiros a receber o homem de Deus e seus

acólitos, Walter achou por bem substituir os dados e o manuscrito de *Fausto* por um exemplar da *História*, de Heródoto. Não era a Bíblia, mas Raleigh nos garantiu que a obra daria sobriedade à situação. Kit ainda reclamava da troca injusta quando se ouviram passos e vozes.

Pierre introduziu os três homens na sala. Um deles se parecia com o rapaz magricela que tirara as medidas dos meus sapatos e que me fora apresentado como Joseph Bidwell. Ele se assustou quando a porta se fechou e olhou angustiado para trás. E se assustou novamente quando se voltou com os olhos remelentos para a frente e se deparou com o tamanho do grupo que o aguardava. Walter, que ocupava uma posição estratégica no meio da sala, junto com Hancock e Henry, ignorou o inquieto sapateiro e olhou com desdém para o homem que vestia um hábito religioso enlameado.

– O que o traz aqui esta noite, senhor Danforth? – perguntou Raleigh.

– *Sir* Walter. – Danforth fez uma reverência, tirando a boina da cabeça e girando-a entre os dedos. Percebeu a presença do conde de Northumberland. – Milorde! Eu não sabia que o senhor ainda estava entre nós.

– O senhor está precisando de alguma coisa? – perguntou Matthew, amavelmente. Continuou sentado e com as pernas esticadas em aparente relaxamento.

– Ah. Mestre Roydon. – Danforth fez outra reverência, dessa vez em nossa direção. Lançou um olhar curioso para mim e o medo o fez desviar os olhos para a própria boina. – Não o temos visto na igreja da cidade. Bidwell achou que talvez o senhor estivesse indisposto.

Bidwell sacolejou sobre os pés. As botas reclamaram com um ruído abafado e os pulmões do homem se juntaram ao coro com chiados e uma tosse de cachorro. Uma gola murcha apertava-lhe a traqueia e trepidava toda vez que ele tentava tomar fôlego. O linho plissado era de qualidade inferior e a mancha gordurosa marrom perto do queixo sugeria que ele

tinha se servido de molho durante a ceia.

– Sim, fiquei doente em Chester, mas já estou bom, com a graça de Deus e dos cuidados de minha esposa. – Matthew se esticou e me pegou pela mão em devoção conjugal. – O médico me recomendou que cortasse o cabelo para acabar com a febre, mas a insistência de Diana com os banhos frios é que fez a diferença.

– Esposa? – disse Danforth com um fiapo de voz. – A viúva Beaton não me contou...

– Não partilho minha privacidade com mulheres ignorantes – replicou Matthew em tom afiado.

Bidwell espirrou. Matthew o observou com um olhar preocupado e logo com um olhar complacente de entendimento. Naquela noite aprendi grandes lições sobre o meu marido, inclusive o fato de que era surpreendentemente bom ator.

– Ora. Claro, vocês estão aqui para pedir que Diana cure Bidwell – murmurou Matthew, com ar de arrependimento. – Circulam tantos boatos. As notícias da habilidade de minha mulher já se espalharam?

Naquela época, o conhecimento medicinal se aproximava perigosamente do folclore das bruxas. Será que Matthew estava *tentando* me colocar em apuros?

Bidwell fez menção de responder, mas só conseguiu balbuciar alguma coisa e balançar a cabeça em negativa.

– Se não vieram aqui por motivos médicos, então vieram para entregar os sapatos de Diana. – Matthew me olhou com ar de apaixonado e se voltou para o ministro. – Sr. Danforth, como certamente já deve ter ouvido por aí, os pertences de minha esposa se perderam durante a nossa viagem. – Voltou-se para o sapateiro e acrescentou com uma ponta de reprovação na voz. – Bidwell, eu sei que você é um homem ocupado, mas espero que pelo menos tenha terminado os tamancos. Diana está determinada a ir à igreja esta semana e o caminho até a sacristia sempre está encharcado.

Alguém realmente precisa tomar alguma providência.

À medida que Matthew falava, o peito de Iffley inflava de indignação. Até que ele não conseguiu mais se conter.

– Bidwell trouxe os sapatos que já foram pagos pelo senhor, mas não estamos aqui como garantia dos serviços para sua esposa nem para brincar com tamancos e poças! – Iffley jogou a capa ao redor dos quadris na tentativa de aparentar dignidade, mas a lã molhada, o nariz pontudo e os olhinhos redondos acentuaram ainda mais a semelhança que ele tinha com um rato encharcado. – Diga para ela, sr. Danforth.

Aparentemente, o reverendo Danforth preferia tostar no inferno a estar naquela casa para confrontar a esposa de Matthew Roydon.

– Siga adiante. Fale com ela – exigiu Iffley.

– Fizeram denúncias...

Isso foi o bastante para que Walter, Henry e Hancock se colocassem à frente de Danforth.

– *Sir*, se o senhor está aqui para fazer acusações, direcione-as a mim ou aos companheiros dele – disse Walter em tom agudo.

– Ou a mim. – George se intrometeu. – Possuo uma boa formação em leis.

– Ah... Hum... Sim... Bem... – O clérigo emudeceu.

– A viúva Beaton caiu doente. E o filho de Bidwell também – disse Iffley determinado a continuar, embora Danforth estivesse à beira de um ataque de nervos.

– Não resta dúvida de que a mesma febre que me afligiu agora aflige o pai do garoto – disse meu marido mansamente, entrelaçando os nossos dedos com força. Gallowglass soltou um palavrão entre dentes atrás de mim. – Do que exatamente está acusando a minha esposa, Iffley?

– A viúva Beaton recusou-se a participar nos negócios maléficos de sua esposa. E a sra. Roydon ameaçou afligir as juntas e a cabeça da viúva com dores.

– Meu filho perdeu a audição – reclamou Bidwell, com a voz enrouquecida pelo catarro e a dor. – Há badaladas constantes no ouvido dele, como se tivesse um sino lá dentro. A viúva Beaton disse que ele está enfeitiçado.

– Não – murmurei. O sangue drenou todo de minha cabeça. Gallowglass rapidamente apoiou-me pelos ombros, mantendo-me de pé.

O termo "enfeitiçado" me precipitou em um abismo conhecido. Pelo temor de que os humanos viessem a descobrir que eu descendia de Bridget Bishop. Logo começariam os olhares curiosos seguidos pelas suspeitas. A única reação possível seria voar. Eu tentei me desvencilhar, mas os dedos de Matthew apertaram os meus dedos como pedra enquanto Gallowglass me pressionava pelos ombros.

– Faz muito tempo que a viúva Beaton padece de reumatismo e volta e meia o filho do Bidwell padece de inflamações na garganta, inflamações que às vezes causam dor e surdez. Esses males ocorreram antes da chegada de minha esposa a Woodstock. – Matthew fez um gesto lento e desdenhoso com a mão livre. – A velha está com inveja dos dons de Diana, e o jovem Joseph foi seduzido pela beleza dela e está com inveja de mim. Enfim, não são acusações, são ilações.

– Mestre Roydon, minha responsabilidade como homem de Deus é levá-las a sério. Andei lendo. – O sr. Danforth levou a mão ao manto negro e tirou de dentro um maço de papéis esfarrapados. Um maço com algumas poucas dezenas de folhas de papel amarradas rudemente por um barbante grosseiro. Eram fibras de papel amaciadas pelo tempo e o uso, com as bordas desmanchadas e as páginas acinzentadas. Encontrava-me a certa distância e não consegui ler o título em cima de uma página. Mas os três vampiros conseguiram. George também leu e empalideceu.

– Isso é parte do *Malleus Maleficarum*. Eu não sabia que dominava o latim a ponto de compreender uma obra tão difícil, sr. Danforth – disse Matthew. Tratava-se do mais importante manual de caça às bruxas que já

se produzira um dia, uma obra que só pelo título enchia o coração das bruxas de horror.

O ministro pareceu afrontado.

– Frequentei a universidade, mestre Roydon.

– Alegro-me por ouvir isso. Esse livro não deveria chegar às mãos de quem tem a mente fraca ou supersticiosa.

– O senhor o conhece? – perguntou Danforth.

– Também frequentei a universidade – respondeu Matthew educadamente.

– Então, o senhor entende por que preciso interrogar essa mulher. – Danforth tentou dar alguns passos pela sala, mas foi contido por um rosnado discreto de Hancock.

– Minha esposa não tem problemas de audição. O senhor não precisa chegar mais perto dela.

– Eu lhe disse que a sra. Roydon tem poderes sobrenaturais! – afirmou Iffley triunfante.

Danforth agarrou-se ao livro.

– Quem lhe ensinou essas coisas, sra. Roydon? – A voz dele ecoou pelo enorme saguão. – De quem a senhora aprendeu a feitiçaria?

Era assim que iniciava a loucura: um interrogatório bem elaborado levava o acusado a condenar outras criaturas. E em meio à rede de mentiras as bruxas eram capturadas e destruídas num piscar de olhos. Meu povo era torturado e morto aos milhares graças a essas manobras. Negações borbulharam em minha garganta.

– Não. – A única palavra de Matthew escapou como um murmúrio gelado de advertência.

– Estão acontecendo coisas estranhas em Woodstock. Um veado branco cruzou o caminho da viúva Beaton – continuou Danforth. – E ela sentiu a carne esfriar quando ele parou na estrada e a observou. Um lobo rondou em volta da casa dela na noite passada. Os olhos do lobo brilhavam mais

que as lamparinas que ajudam os viajantes a encontrar abrigo durante as tempestades em meio à escuridão. Qual dessas criaturas é seu familiar? Quem lhe deu o animal de presente?

Dessa vez Matthew nem precisou me pedir para me calar. As perguntas do pastor seguiam um padrão que eu já conhecia desde os estudos de minha graduação.

– A bruxa deve responder suas perguntas, sr. Danforth – insistiu Iffley, puxando-o pela manga. – Tamanha insolência de uma criatura das trevas não pode ser tolerada nesta comunidade de Deus.

– Minha esposa não fala com ninguém sem meu consentimento – disse Matthew. – E preste atenção em quem chama de bruxa, Iffley. – Quanto mais o desafiavam, mais ele se via em dificuldade para se conter.

O ministro olhou fixamente para mim e depois para Matthew. Abafei um gemido.

– Ela fez um pacto com o diabo que a impede de falar a verdade – disse Bidwell.

– Silêncio, mestre Bidwell. – Danforth o repreendeu. – O que deseja dizer, minha criança? Quem apresentou você ao diabo? Foi outra mulher?

– Talvez um homem – disse Iffley entre dentes. – A sra. Roydon não é a única filha das trevas aqui. Há livros, instrumentos estranhos e reuniões no meio da noite para conjurar espíritos neste lugar.

Harriot suspirou, mostrando um livro para Danforth.

– Matemática, *sir*, não é magia. A viúva Beaton viu um texto de geometria.

– Não é de sua alçada determinar a extensão do mal aqui – vociferou Iffley.

– Se é o diabo que procuram, comecem procurando a viúva Beaton. – Apesar do grande esforço para se manter calmo, Matthew dava sinais de que estava perdendo a paciência.

– O senhor está acusando-a de feitiçaria? – rebateu Danforth

prontamente.

– Não, Matthew. Desse jeito, não – sussurrei, apertando-lhe a mão para chamar a atenção dele.

Ele me olhou com um semblante inumano e as pupilas vítreas e dilatadas. Balancei a cabeça em negativa e o fiz respirar fundo a fim de aquietar a fúria pela casa invadida e o instinto feroz com que me protegia.

– Feche os ouvidos para as palavras de Roydon, sr. Danforth. Talvez ele também seja um instrumento do diabo – disse Iffley.

Matthew encarou a delegação.

– Se vocês têm motivos para acusar a minha esposa de alguma ofensa, encontrem um magistrado e façam isso. Do contrário, saiam daqui. Danforth, antes de retornar reflita se uma aliança com Iffley e Bidwell é uma atitude sábia.

Os três engoliram em seco.

– Vocês o ouviram – gritou Hancock. – Fora!

– A justiça será feita, mestre Roydon... a justiça de Deus – proclamou Danforth ao sair da sala.

– Caso a minha versão não resolva o problema primeiro, Danforth – prometeu Walter.

Pierre e Charles se materializaram das sombras, abriram as portas e conduziram os assustados sangues-quentes pela sala afora. Lá fora soprava uma ventania. A ferocidade da repentina tempestade acirrou ainda mais as suspeitas daqueles homens em relação aos meus poderes sobrenaturais.

Fora! Fora! Fora!, gritou uma voz insistente em minha cabeça. Fiquei inundada de adrenalina pelo pânico. Eu estava reduzida à condição de presa outra vez. Gallowglass e Hancock desviaram os olhos para mim, intrigados com o aroma que exalava dos meus poros.

– Fiquem onde estão – disse Matthew para os vampiros, agachando-se à minha frente. – São os instintos de Diana impelindo-a a fugir. Ela ficará bem em instantes.

– Isso nunca vai ter fim. Viemos em busca de ajuda, mas continuo sendo caçada. – Mordi o lábio.

– Não há nada a temer. Danforth e Iffley pensarão duas vezes antes de causarem mais encrenca – disse Matthew com firmeza, segurando as minhas mãos. – Ninguém me quer como inimigo... nem outras criaturas, nem os humanos.

– Entendo por que as criaturas o temem. Como membro da Congregação você tem o poder de destruí-las ou, pior, de deixá-las expostas para os humanos. Não é de estranhar que a viúva Beaton tenha vindo aqui quando foi chamada por você. Mas isso não explica essa reação humana contra você. Talvez Danforth e Iffley suspeitem de que você seja... um *wearh*. – Dei a pausa antes de chamá-lo de vampiro.

– Ora, esses homens não representam perigo para ele – disse Hancock com desdém. – Não passam de uns insignificantes. Infelizmente, devem estar agindo assim para chamar a atenção dos humanos que *interessam*.

– Ignore-o – disse-me Matthew.

– Que humanos? – sussurrei.

Gallowglass engoliu em seco.

– Por tudo que é mais sagrado, Matthew. Já vi você fazer coisas terríveis, mas como pôde esconder *isso* de sua esposa?

Matthew olhou para o fogo. E quando finalmente se voltou para mim o fez com um olhar de arrependimento.

– Matthew? – eu disse. O nó que apertava o meu estômago desde a chegada do primeiro lote de correspondência apertou mais forte.

– Eles não acham que sou vampiro. Sabem que sou espião.



– Espião? – repeti entorpecida.

– Preferimos ser chamados de informantes – disse Kit em tom ácido.

– Cale a boca, Marlowe – vociferou Hancock –, ou a fecharei por você.

– Poupe-nos, Hancock. Ninguém o leva a sério quando esbraveja dessa maneira. – O queixo de Marlowe se destacou na sala. – E se não mantiver um diálogo civilizado comigo, em breve todos os reis e soldados galeses terão um fim no palco. Farei de todos vocês traidores e servos idiotas.

– O que é um vampiro? – perguntou George enquanto pegava o bloco de anotações com uma das mãos e um pedaço de pão de gengibre com a outra. Ninguém lhe deu muita atenção, como sempre.

– Então, você é uma espécie de James Bond elisabetano? Mas... – Olhei para Marlowe horrorizada. Ele seria assassinado a facadas numa briga em Deptford antes de completar trinta anos, um crime ligado a sua atividade de espião.

– O chapeleiro que faz abas perfeitas nas cercanias de St. Dunstan's? O tal James Bond? – George soltou uma risadinha. – De onde tirou a ideia de que Matthew é um chapeleiro, sra. Roydon?

– Não, George, não é esse James Bond. – Matthew ainda estava agachado à minha frente, observando as minhas reações. – É melhor que não saiba nada disso.

– Que merda. – Eu não sabia nem ligava se essa imprecação era adequadamente elisabetana. – Eu mereço a verdade.

– Talvez, sra. Roydon, mas se realmente o ama, não faz sentido insistir

nisso – disse Marlowe. – Há muito Matthew não consegue distinguir o que é verdadeiro do que não é. E por essa razão é inestimável para Sua Majestade.

– Nós estamos aqui para encontrar uma mestra para você – insistiu Matthew, olhando no fundo dos meus olhos. – Sou membro da Congregação e agente da rainha e isso a manterá a salvo. Nada acontece no país sem o meu conhecimento.

– Para alguém que diz que sabe tudo, você se mostrou frívolo e inconsciente por não ter percebido que eu sabia que ultimamente estava acontecendo alguma coisa nesta casa. São muitas correspondências. E muitas discussões entre você e Walter.

– Você só vê aquilo que eu quero que veja. Nada mais.

Fiquei boquiaberta com o tom de Matthew, se bem que a tendência dele para a soberba tinha crescido a olhos vistos desde a nossa chegada à Velha Cabana.

– Como se atreve? – eu disse pausadamente. Logo ele que sabia que minha vida anterior era cercada de segredos. Assim como também sabia que eu tinha pagado um alto preço por isso. Levantei-me da cadeira.

– Sente-se – ordenou ele. – Por favor. – Segurou a minha mão.

Hamish Osborne, o melhor amigo de Matthew, bem que tinha me alertado que ele não seria o mesmo homem naquele século. E como poderia sê-lo naquele mundo diferente? Naquele mundo onde as mulheres aceitavam o que os homens falavam sem questioná-los. E no meio dos amigos ele automaticamente assumia velhos comportamentos e velhos padrões de pensamento.

– Só se responder para mim. Eu quero saber o nome da pessoa para quem você passa as informações e como se meteu nesse negócio. – Olhei de relance para o sobrinho e os amigos dele, um tanto preocupada porque isso podia ser um segredo de Estado.

– Eles já sabem sobre mim e sobre Kit – disse Matthew, acompanhando

os meus olhos.

Concentrou-se para encontrar as palavras.

– Tudo começou com Francis Walsingham. Parti da Inglaterra no final do reinado de Henrique. Passei algum tempo em Constantinopla, segui para Chipre, vaguei pela Espanha e combati em Lepanto... até que estabeleci um negócio de impressão na Antuérpia. Era o caminho habitual de um *wearh* – justificou-se. – Saí à cata de uma tragédia, de uma oportunidade para me deslocar para a vida de outra pessoa. Mas não encontrei nada adequado e retornei para casa. A França estava à beira de uma guerra civil religiosa. E quando se tem uma longevidade de vida como a minha, aprende-se a identificar os sinais. Um professor huguenote se deu por satisfeito com meu dinheiro e partiu para Genebra a fim de criar as filhas com segurança. Assumi a identidade de um primo dele falecido muito tempo antes e me mudei para a casa dele em Paris, onde recomecei tudo como Matthew de La Forêt.

– *Matthew da Floresta?* – Arqueei as sobrancelhas de um modo irônico.

– *Era* o nome do professor – disse ele em tom irônico. – Paris estava perigosa, e Walsingham, um embaixador inglês, era como um ímã para cada rebelde desencantado do país. No final do verão de 1572, toda a raiva que cozinhava em fogo brando na França levantou fervura. Ajudei Walsingham a escapar, junto com os protestantes ingleses que eram protegidos por ele.

– O massacre do Dia de São Bartolomeu. – Estremeci ao pensar no casamento empapado de sangue entre uma princesa católica e um protestante.

– Só me tornei agente da rainha mais tarde, quando ela despachou Walsingham de volta a Paris. Ele teria que intermediar o casamento de Sua Majestade com um dos príncipes Valois – continuou Matthew, bufando. – Estava claro que a rainha não tinha o menor interesse em se casar. Foi durante essa visita que fiquei sabendo da rede de informantes de

Walsingham.

Meu marido olhou no fundo dos meus olhos por um breve instante, fazendo-me desviar os olhos. Ainda estava escondendo alguma coisa de mim. Fiz uma retrospectiva da história, cotejando com as locuções que faltavam na narrativa dele, e cheguei a uma simples e inevitável conclusão: por ser francês e católico seria inviável que tivesse se alinhado politicamente a Elizabeth Tudor em 1572 – ou em 1590. Se estava trabalhando para a coroa inglesa era por um objetivo maior. Mas um dos juramentos da Congregação era o de se manter distante da política dos humanos.

Philippe de Clermont e seus Cavaleiros de Lázaro não tinham feito esse juramento.

– Além de ser vampiro e trabalhar para o seu pai você é um católico em país protestante. – O fato de Matthew trabalhar para os Cavaleiros de Lázaro e não apenas para Elizabeth aumentava exponencialmente o perigo. As bruxas não eram as únicas a serem caçadas na Inglaterra elisabetana, também o eram os traidores, as criaturas com poderes extraordinários e os fiéis das diferentes religiões. – A Congregação não será útil se você se envolver com a política dos humanos. Como é que a sua própria família pôde lhe pedir para fazer algo tão arriscado?

Hancock sorriu.

– Isso explica por que há sempre um De Clermont na Congregação... para garantir que ideais elevados não se convertam em bons negócios.

– Não será a primeira vez que trabalho para Philippe nem a última. Você é boa em desvendar segredos. E eu sou bom em mantê-los – disse Matthew, com toda simplicidade.

Cientista. Vampiro. Guerreiro. Espião. Encaixava-se uma outra peça de Matthew que esclarecia o seu hábito arraigado de nunca partilhar nada, grande ou pequeno, a menos que fosse forçado a fazê-lo.

– Não dou a mínima para quanta experiência você tem! Sua segurança

depende de Walsingham... e você o está enganando. – O que ele tinha dito só tinha aumentado a minha raiva.

– Walsingham está morto. Acabei de relatar isso para William Cecil.

– O homem mais sensato e astuto está vivo – disse Gallowglass tranquilamente. – E também Philippe, claro.

– E Kit? Ele trabalha para Cecil ou para você?

– Não conte nada para ela, Matthew – disse Kit. – Não se pode confiar numa bruxa.

– É por isso então, seu demoniozinho dissimulado, que você tem sido visto agitando os moradores da cidade – disse Hancock suavemente.

As bochechas de Kit ruborizaram como gêmeas em confissão de culpa.

– Por Cristo, Kit. O que você fez? – perguntou Matthew atônito.

– Nada – respondeu Marlowe emburrado.

– Andou espalhando histórias outra vez. – Hancock sacudiu o dedo em advertência. – Eu já tinha lhe avisado que não admitiríamos isso, mestre Marlowe.

– Woodstock inteira estava fazendo comentários sobre a esposa de Matthew – protestou Kit. – Os rumores acabariam por colocar a Congregação atrás de nós. Como é que eu poderia supor que a Congregação já estava aqui?

– Agora, De Clermont, certamente me deixará esse homem. Faz muitos anos que anseio por isso – disse Hancock, estalando os nós dos dedos.

– Não. Você não pode matá-lo. – Matthew esfregou o rosto cansado. – Haveria muitas perguntas e agora estou sem paciência para encontrar respostas convincentes. São apenas fofocas da cidade. Lidarei com isso.

– Fofocas em péssima hora – retrucou Gallowglass em voz baixa. – Não é só Berwick. Você sabe que em Chester as pessoas também estão histéricas. E quando estivemos no Norte da Escócia a situação era ainda pior.

– Ela é que será morta se esse negócio se espalhar pelo Sul da Inglaterra

– disse Marlowe, apontando para mim.

– Esse problema ficará restrito à Escócia – retrucou Matthew. – E sem mais visitas à cidade, Kit.

– Ela apareceu na noite do Dia de Todos os Santos, justamente a data prevista para a chegada de uma tenebrosa bruxa. Não percebe? Sua nova esposa desencadeou tempestades contra o rei Jaime, e agora se volta para a Inglaterra. Cecil precisa ser avisado. Ela é um perigo para a rainha.

– Cale a boca, Kit – advertiu Henry, puxando-o pelo braço.

– Você não pode me calar. É meu dever falar para a rainha. Antes você concordaria comigo, Henry. Mas tudo mudou desde que a bruxa chegou! Ela enfeitiçou a todos nesta casa. – Os olhos de Kit estavam frenéticos. – Você trata essa mulher como uma irmã. George está tomado de amores por ela. Tom aprecia a inteligência dela e Walter a encostaria contra a parede e levantaria as saias dela se não tivesse tanto medo de Matt. Ela que retorne ao lugar ao qual pertence. Antes nós éramos felizes.

– Matthew não era feliz. – Tom se pôs no ponto da sala onde estávamos devido à energia irada de Marlowe.

– Você diz que o ama. – Kit se voltou para mim, com o semblante tomado de súplica. – Você realmente sabe quem é ele? Já viu como ele se alimenta, já percebeu como fica esfomeado quando tem um sangue-quente por perto? Você será capaz de aceitá-lo por inteiro, com as trevas e a luz que ele tem na alma, como eu sou capaz? Você tem a magia como consolo, ao passo que eu não me sinto vivo quando estou sem ele. A poesia se evade de mim quando Matthew não está por perto, e somente ele é capaz de ver alguma coisa boa dentro de mim. Deixe-o para mim. Por favor.

– Eu não posso. – Limitei-me a dizer isso.

Marlowe passou a manga da veste na boca, como se para remover todos os traços de mim.

– Quando o resto da Congregação descobrir a sua afeição por ele...

– Se a minha afeição por ele é proibida, a sua também é. – Eu o

interrompi e o fiz vacilar. – Mas ninguém escolhe a quem ama.

– Iffley e os amigos dele não serão os últimos a acusá-la de bruxaria – retrucou Kit com uma nota de amargo triunfo. – Preste bastante atenção em minhas palavras, sra. Roydon. Geralmente os demônios veem o futuro com tanta clareza quanto as bruxas.

Matthew me enlaçou pela cintura. Percorreu minhas costelas de um lado a outro com o toque frio e familiar dos dedos, seguindo o sinuoso caminho da cicatriz que me marcava como um pertence de um vampiro. Para ele a cicatriz era um lembrete do seu próprio fracasso de me manter a salvo algum tempo antes. Kit soltou um terrível e semissufocado murmúrio ante a intimidade do gesto.

– Se consegue ver o futuro com tanta clareza, deve ter visto o que sua traição significaria para mim – disse Matthew, desdobrando-se aos poucos. – Saia de minha vista, Kit, senão só Deus saberá que não restará nada do seu corpo quando você for enterrado.

– Você a está colocando acima de mim? – Kit pareceu apatetado.

– Num piscar de olhos. Saia – insistiu Matthew.

Kit saiu da sala em passos comedidos, mas ao chegar ao corredor apressou os passos. Passos que ecoaram pelos degraus de madeira cada vez mais rápidos quando subiram para o quarto dele.

– Teremos que ficar de olho nele. – Os olhos sagazes de Gallowglass se desviaram do ponto de onde Kit saíra para Hancock. – Agora, ele não é mais confiável.

– Marlowe nunca foi confiável – resmungou Hancock.

Pierre entrou pela porta com outra carta na mão.

– Agora, não, Pierre – grunhiu Matthew, sentando-se e esticando o braço para pegar o vinho. Seus ombros vergaram de encontro ao encosto da cadeira. – Simplesmente hoje não há mais espaço para uma outra crise... seja a rainha, o país ou os católicos. Seja o que for, terá de esperar até amanhã de manhã.

– Mas... milorde – gaguejou Pierre com a carta na mão.

Matthew olhou de relance para a caligrafia rabiscada no envelope.

– Por Cristo e todos os Seus santos. – Ele ergueu a mão para tocar no papel e se deteve. O pomo de adão se mexendo enquanto se esforçava para se controlar. Um brilho avermelhado irrompeu no canto do olho e logo escorreu pela face e caiu na gola. Uma lágrima de sangue de vampiro.

– O que aconteceu, Matthew? – Olhei por cima do ombro dele, intrigada com a causa daquele intenso sofrimento.

– Ah. O dia ainda não terminou – disse Hancock com inquietude enquanto se afastava. – Nós temos um pequeno problema que requer sua atenção. Seu pai acha que você está morto.

Na minha época quem estava terrível, trágica e irrevogavelmente morto era Philippe, o pai de Matthew. Mas estávamos no ano de 1590, e isso significava que ele ainda estava vivo. Desde a nossa chegada eu estava preocupada com a possibilidade de um encontro com Ysabeau ou com Miriam, a assistente de laboratório de Matthew, e com as repercussões que esse encontro poderia causar no tempo futuro. Em nenhum momento pensara em como seria um encontro entre Matthew e Philippe.

Passado, presente e futuro colidiram. Se me ocorresse olhar para os cantos, certamente teria assistido ao desenrolar do tempo em protesto a essa colisão. Em vez disso, cravei os olhos na lágrima de sangue que se esparramava pela gola de linho branco de Matthew.

Gallowglass narrou os fatos bruscamente.

– As notícias vindas da Escócia junto ao seu desaparecimento repentino nos fizeram recear que você tivesse se deslocado para o Norte a mando da rainha, onde teria sido pego pela loucura que se disseminou por lá. Nós o procuramos durante dois dias. E como não encontramos qualquer rastro seu... diabos, Matthew, não tivemos outra escolha senão contar para Philippe que você estava desaparecido. Era isso ou deixar a Congregação alarmada.

– E há mais, milorde. – Pierre mostrou a carta. O selo era igual aos outros já associados aos Cavaleiros de Lázaro, com a diferença de que nesse a cera era um redemoinho vermelho e preto, onde estava impressa uma antiga moeda de prata com as bordas gastas e finas e não a impressão habitual do selo da ordem. A moeda estampava uma cruz e uma lua crescente, dois símbolos da família De Clermont.

– O que vocês disseram a ele? – A visão da pálida lua de prata a flutuar em um mar vermelho e preto deixara Matthew vivamente aflito.

– Agora que essa carta chegou nossas palavras não vão adiantar nada. Você terá que estar em solo francês na próxima semana. Do contrário, Philippe virá à Inglaterra – murmurou Hancock.

– Meu pai não pode vir para cá, Hancock. De jeito nenhum.

– Claro que não pode. Depois que ele se intrometeu na política inglesa, claro que a rainha vai exigir a cabeça dele. Você precisa ir ao encontro dele. Terá bastante tempo se viajar noite e dia – garantiu Hancock.

– Não posso. – Matthew ainda estava com os olhos fixos no envelope fechado.

– Os cavalos de Philippe já devem estar à espera. Você chegará a tempo – sussurrou Gallowglass, repousando a mão no ombro do tio, que por sua vez desviou os olhos para o alto com as feições subitamente selvagens.

– Não é pela distância. É... – Matthew parou de falar abruptamente.

– É o marido de sua mãe, homem. Claro que você pode confiar em Philippe... a menos que também tenha mentido para ele. – Os olhos de Hancock se estreitaram.

– Kit está certo. Ninguém pode confiar em mim. – Matthew se levantou. – Minha vida é uma colcha de mentiras.

– Este não é nem o lugar nem o momento certo para sandices filosóficas, Matthew. Exatamente agora Philippe está se perguntando se perdeu outro filho! – exclamou Gallowglass. – Deixe a garota conosco, pegue o cavalo e cumpra as ordens do seu pai. Se não fizer isso, bato em

você e Hancock o carrega até lá.

– Você deve estar muito seguro de si para questionar minhas ordens, Gallowglass – disse Matthew com um tom perigoso, apoiando as mãos na chaminé da lareira e olhando fixamente para o fogo.

– Eu confio no meu avô. Ysabeau fez de você um *wearh*, mas é o sangue de Philippe que corre nas minhas veias.

As palavras de Gallowglass atingiram Matthew. Ele ergueu a cabeça ao receber o golpe, e a emoção venceu sua habitual impassibilidade.

– George, Tom, vão lá em cima e vejam o Kit – sussurrou Walter Raleigh, apontando a porta para os amigos. Fez um meneio de cabeça na direção de Pierre, e o servo de Matthew juntou-se aos esforços para colocá-los para fora da sala. Pedidos por mais vinho e comida ecoaram lá no vestíbulo. Depois que Françoise se encarregou de atender aos pedidos, Pierre retornou, fechou a porta com força e plantou-se à frente. Somente Walter, Henry, Hancock e eu seríamos testemunhas da conversa, além do silencioso Pierre.

Gallowglass insistiu na tentativa de convencer Matthew.

– Você precisa ir para Sept-Tours. Ele não vai descansar enquanto não clamar pelo seu corpo para um funeral ou até que o tenha vivo à frente dele. Philippe não confia em Elizabeth... nem na Congregação. – Dessa vez Gallowglass pretendeu confortar o tio com palavras, mas não tirou o ar angustiado de Matthew.

Gallowglass deixou escapar um murmúrio de exasperação.

– Engane os outros... e engane a si mesmo, se quiser. Discuta as alternativas pela noite adentro, se quiser. Mas a titia está certa, tudo isso é uma merda. – Ele desandou a falar. – Sua Diana não cheira bem. E seu próprio cheiro está mais velho que na semana passada. Sei qual é o segredo que você preserva. Ele também saberá.

Gallowglass deduzira que eu era uma fiandeira do tempo. Uma olhadela indicou que Hancock deduzira o mesmo.

– Basta! – vociferou Walter.

Gallowglass e Hancock silenciaram de imediato. A razão para esse silêncio cintilou no dedo mindinho de Walter: um sinete que exibia os contornos de Lázaro e seu caixão.

– Então, você também é um cavaleiro – eu disse admirada.

– Sim – disse Walter laconicamente.

– E você está acima de Hancock. E quanto a Gallowglass? – Naquela sala havia muitas camadas de lealdade e aliança. Eu estava ansiosa para organizá-las em uma estrutura navegável.

– Estou acima de qualquer outro nesta sala, madame, exceto o seu marido – respondeu Raleigh. – E isso inclui a senhora.

– Você não tem autoridade sobre mim – comentei. – Qual é exatamente o seu papel nos negócios da família De Clermont, Walter?

O olhar faiscante de Raleigh passou por cima de minha cabeça e se encontrou com o de Matthew.

– Ela é sempre assim?

– Habitualmente – disse Matthew secamente. – Leva-se algum tempo para se acostumar com isso, mas gosto disso. E com o tempo você também acabará gostando.

– Já tenho lá em casa uma mulher questionadora. Não preciso de outra – bufou Walter. – Se quer saber, sra. Roydon, sou eu que comando a irmandade na Inglaterra. Matthew não pode fazer isso pela posição que ocupa na Congregação. E os outros membros da família ou estavam ocupados ou recusaram. – Os olhos de Walter faiscaram em direção a Gallowglass.

– Então, você é um dos oito mestres provinciais da ordem e se entende diretamente com Philippe – comentei pensativa. – Estou surpresa por não ser o nono cavaleiro. – O nono cavaleiro era uma figura misteriosa cuja identidade era mantida em segredo para os integrantes da ordem, exceto para os que ocupavam os postos mais altos.

Raleigh esbravejou com veemência e fez Pierre engasgar.

– Você oculta sua condição de espião e de membro da Congregação para sua esposa, mas revela para ela os assuntos mais privados da irmandade?

– Ela quis saber – disse Matthew, com toda simplicidade. – Mas acho que por hoje basta dessa conversa sobre a Ordem de Lázaro.

– Sua esposa não se dará por satisfeita em deixar de lado essa conversa. Ela se agarra ao assunto como um cachorro ao osso. – Raleigh cruzou os braços, fazendo uma careta. – Muito bem. Para o seu conhecimento, Henry é o nono cavaleiro. A má vontade em abraçar o protestantismo o torna vulnerável aqui na Inglaterra, e na Europa ele é um alvo fácil para os descontentes que desejam que Sua Majestade perca o trono. Philippe ofereceu-lhe o posto para protegê-lo daqueles que poderiam abusar de sua natureza confiável.

– Henry? Um rebelde? – Olhei abismada para o gentil gigante.

– Não sou um rebelde – disse Henry com firmeza. – Mas a proteção de Philippe de Clermont salvou a minha vida em diversas ocasiões.

– O conde de Northumberland é um homem poderoso, Diana – disse Matthew, com tranquilidade. – Isso o torna uma fiança de valor nas mãos de jogadores inescrupulosos.

Gallowglass tossiu.

– Podemos deixar de lado os assuntos da irmandade para retornarmos aos problemas mais urgentes? A Congregação vai chamar Matthew para apaziguar a situação em Berwick. Mas a rainha quer que ele agite ainda mais a situação, até porque os escoceses não terão tempo de arquitetar planos que prejudiquem a Inglaterra enquanto estiverem preocupados com as bruxas. A nova esposa de Matthew sofre acusações de feitiçaria na própria casa. E o pai dele o chama para a França.

– Por Cristo – disse Matthew, apertando o alto do nariz. – Que embrulhada.

– O que propõe para sairmos dessa embrulhada? – perguntou Walter. – Você disse que Philippe não pode vir para cá, Gallowglass, mas receio que Matthew também não possa ir para lá.

– Ninguém jamais afirmou que seria fácil ter três senhores... e uma esposa – disse Hancock em tom azedo.

– Que diabos faremos então, Matthew? – perguntou Gallowglass.

– Se Philippe não receber uma carta do meu próprio punho, com a moeda impressa no selo, logo estará atrás de mim – respondeu Matthew em tom cavernoso. – Isso é um teste de lealdade. Meu pai adora testes.

– Seu pai não duvida de você. Esse mal-entendido se resolverá quando vocês estiverem cara a cara – frisou Henry, acrescentando para quebrar o silêncio de Matthew. – Você vive dizendo que preciso ter um plano ou que preciso me engajar nos projetos de outros. Diga-nos o que precisa ser feito e nós faremos.

Sem dizer nada, Matthew ponderou sobre as opções e descartou uma após a outra. Qualquer outro homem que tivesse que maquinar possíveis movimentos e contramovimentos levaria dias para fazer isso. Mas ele só levou alguns minutos. Embora com um pequeno sinal de luta no rosto, a maneira com que encolheu os músculos dos ombros e passou a mão nos cabelos contou uma outra história.

– Eu irei – disse por fim. – Diana fica aqui com Gallowglass e Hancock enquanto Walter distrai a rainha com alguma desculpa. Lidarei com a Congregação.

– Diana não pode permanecer em Woodstock – disse Gallowglass em tom firme. – Não depois da obra de Kit na cidade, das mentiras que espalhou a fim de obter informações sobre ela. Sem a sua presença nem a rainha nem a Congregação terão motivo algum para mantê-la distante dos magistrados.

– Nós podemos ir para Londres, Matthew – supliquei. – Juntos. Londres é uma cidade grande. Lá, as bruxas não se sentirão intimidadas a

ponto de alguém reparar em mim, e os mensageiros poderão levar uma carta para a França dizendo que você está vivo. Você não precisa ir. – *Você não pode ver seu pai novamente.*

– Londres! – disse Hancock em tom zombeteiro. – A senhora não duraria três dias lá, madame. Eu e Gallowglass vamos levá-la para Gales. Nós iremos para Abergavenny.

– Não. – Notei a mancha escarlate no pescoço de Matthew. – Se Matthew for para a França, irei com ele.

– Absolutamente, não. Não vou arrastá-la para uma guerra.

– A guerra abrandou com a chegada do inverno – disse Walter. – Talvez seja melhor levar Diana para Sept-Tours. Poucos terão coragem para se meter com você, Matthew. E muito menos com seu pai.

– Você tem uma escolha – retruquei com veemência. Nem os amigos nem a família de Matthew me usariam para forçá-lo a ir para a França.

– Sim. E escolho você. – Ele fez um traçado no meu lábio com o polegar. Fiquei com o coração apertado. Ele iria para Sept-Tours.

– Não faça isso – implorei. Não quis me estender, temendo deixar escapar que Philippe estava morto no tempo de onde tínhamos partido em viagem pelo tempo e que seria uma tortura para Matthew vê-lo vivo outra vez.

– Um dia Philippe me disse que encontrar uma parceira é coisa do destino. E já que a encontrei não há mais nada a fazer senão aceitar a decisão do destino. Mas isso funciona com tudo. Pelo resto de minha vida, em cada momento escolherei você... acima do meu pai, acima do meu próprio interesse e até mesmo acima da família De Clermont. – Ele pousou os lábios nos meus lábios para silenciar meus protestos. Esse beijo era uma prova de convicção.

– Então, está decidido – disse Gallowglass suavemente.

Matthew olhou no fundo dos meus olhos. E balançou a cabeça.

– Sim. Eu e Diana iremos para a minha terra. Juntos.

– Há trabalho a fazer, arranjos a serem feitos – disse Walter. – Isso fica por nossa conta. Sua esposa parece exausta e a jornada será exaustiva. Vocês dois deviam descansar.

Nem eu nem Matthew fizemos qualquer menção de ir para a cama enquanto os homens não se retiraram da sala de estar.

– Nossa estada no ano de 1590 não está tranquila como era esperado – admitiu ele. – Isso era para ser pacato.

– Como isso seria pacato com a Congregação, os julgamentos em Berwick, o serviço de inteligência elisabetano e os Cavaleiros de Lázaro disputando a sua atenção?

– Achei que ser membro da Congregação e espião poderia ajudar e não atrapalhar. – Ele olhou pela janela. – Achei que depois que voltássemos para a Velha Cabana utilizaríamos os serviços da viúva Beaton e depois que encontrássemos o manuscrito em Oxford retornaríamos em poucas semanas.

Mordi o lábio para não apontar as falhas dessa estratégia repetidamente mencionadas naquela noite tanto por Walter e Henry como por Gallowglass, mas fui traída pelo meu olhar.

– Não enxerguei direito – disse ele, suspirando. – E o problema não se reduz a estabelecer a sua credibilidade ou a evitar as óbvias armadilhas como os julgamentos das bruxas e as guerras. Estou sobrecarregado demais. O quadro que eu tinha de Elizabeth e da Congregação... e dos contramovimentos que empreendi em favor do meu pai ainda está muito claro. Mas os detalhes desvaneceram. Lembro de datas, mas não de dias da semana. Isso significa que não sei ao certo qual será o mensageiro a chegar e qual será a próxima correspondência a ser entregue. Eu podia jurar que tinha rompido com Gallowglass e Hancock antes do Halloween.

– O diabo está sempre nos detalhes – murmurei. Limpei o rastro de sangue seco que marcava a passagem da lágrima dele. Uma poeira de sangue no canto do olho e um traço fino na face. – Eu devia ter imaginado

que seu pai iria procurá-lo.

– Era só uma questão de tempo para que essa carta chegasse. Eu me contenho cada vez que Pierre traz a correspondência. E hoje o correio já tinha passado aqui. A caligrafia de Philippe me pegou de surpresa, só isso. – Matthew se justificou. – Nem me lembrava mais de como era marcante. Ele estava com o corpo tão quebrado quando o resgatamos das mãos dos nazistas em 1944 que nem o sangue de vampiro conseguiu suturá-lo. Não conseguia mais segurar nem uma caneta. Adorava escrever e só conseguia fazer rabiscos ilegíveis.

Eu conhecia a história da captura e do cativeiro de Philippe durante a Segunda Guerra Mundial, mas não conhecia os detalhes do sofrimento que passara nas mãos dos nazistas que queriam determinar até onde um vampiro aguentava a dor.

– Talvez a deusa quisesse que retornássemos a 1590 não apenas em meu benefício. Talvez o reencontro com Philippe reabra suas velhas feridas... e acabe por curá-las.

– Não antes de piorá-las. – A cabeça de Matthew tombou.

– Mas no final talvez o ajude a se recuperar. – Acariciei os cabelos daquele crânio duro e teimoso. – Você ainda não abriu a carta do seu pai.

– Já sei o que está escrito.

– De qualquer forma, talvez seja melhor abri-la.

Finalmente, ele escorregou o dedo por baixo do lacre e o rompeu. A moeda desgrudou da cera e ele a pôs na palma da mão. Ao desdobrar o grosso papel, emanou um tênue odor de louro e alecrim.

– Isso é grego? – perguntei, olhando por cima do ombro dele uma linha do texto e uma versão arredondada da letra *phi* abaixo.

– Sim. – Ele passou os dedos por cima das letras em uma primeira tentativa de contato com o pai. – É uma ordem para que eu volte para casa. Imediatamente.

– Você acha que aguenta revê-lo?

– Não. Sim. – Matthew amassou a carta e a manteve na mão. – Não sei.

Tirei-a da mão dele e a desamassei. A moeda cintilou na palma da sua mão. Aquela lasquinha de metal já tinha causado muitos problemas.

– Você não vai enfrentá-lo sozinho. – Acompanhá-lo no reencontro com o falecido pai não era muito, mas era tudo o que eu podia fazer para atenuar seu sofrimento.

– Com Philippe nenhum de nós está sozinho. Alguns dizem que ele enxerga a alma de qualquer pessoa – murmurou Matthew. – Ficarei preocupado se levá-la comigo. Eu podia prever as reações de Ysabeau: frieza e raiva, seguidas de aceitação. Mas nunca sabia de nada quando se tratava de Philippe. Ninguém entende como funciona a mente do meu pai, nunca se sabe que informações ele tem e que armadilhas ele arma. Se eu sou reservado, ele é insondável. Nem mesmo a Congregação sabe o que se passa com meu pai, e Deus sabe há quanto tempo eles tentam saber.

– Vai dar tudo certo – garanti. Philippe me aceitaria na família. O pai de Matthew não teria outra escolha, da mesma forma que tinha acontecido com a mãe e o irmão.

– Não pense que poderá dominá-lo – disse ele. – Você pode ser como minha mãe, como disse Gallowglass, mas às vezes ela também cai na rede dele.

– E no tempo presente de agora você continua sendo um dos membros da Congregação? Foi por isso que sabia que Knox e Domenico eram membros da organização? – O bruxo Peter Knox estava no meu encalço desde que eu tinha solicitado o Ashmole 782 na Bodleiana. E Domenico Michele era um vampiro com desavenças antigas em relação aos De Clermont. Ele tinha estado em La Pierre antes de outro membro da Congregação me torturar.

– Não – disse Matthew laconicamente, virando as costas.

– Então, a afirmativa de Hancock de que sempre há um De Clermont entre os membros da Congregação não é mais verdadeira? – Prendi o

fôlego. *Diga sim*, supliquei mentalmente, *mesmo que seja mentira*.

– Isso ainda vale – respondeu ele com toda calma, quebrando a minha esperança.

– Então, quem...? – Minha voz embargou. – Ysabeau? Baldwin? Claro que não é o Marcus! – Eu não podia acreditar que a mãe ou o irmão ou o filho de Matthew estivessem envolvidos sem que ninguém tivesse transparecido isso.

– Diana, você ainda não conhece muita gente em minha árvore genealógica. De todo modo, eu não tenho o direito de divulgar a identidade de quem senta à mesa da Congregação.

– Alguma regra que cerceia o resto de nós aplica-se a sua família? – perguntei. – Você se mete em política... já vi alguns livros de contabilidade que provam isso. Você acha que esse misterioso membro da família irá nos proteger da ira da Congregação quando retornarmos ao tempo presente?

– Não sei – disse Matthew com firmeza. – Não tenho certeza de nada. Não mais.

Nossos planos para a partida tomaram corpo rapidamente. Enquanto Walter e Gallowglass discutiam a respeito da rota mais adequada, Matthew colocava as coisas em ordem.

Hancock e Henry foram despachados para Londres, carregando um pacote de couro de correspondências. O conde era um nobre do reino e fora requisitado para estar no décimo sétimo dia de novembro na corte para as celebrações do aniversário da rainha. George e Tom partiram para Oxford com uma soma substancial em dinheiro, ladeados pelo agora desgraçado Marlowe. Antes Hancock alertou os dois primeiros sobre as terríveis consequências que adviriam se o demônio causasse mais algum problema. Mesmo com Matthew distante, Hancock estaria a postos com a espada e não hesitaria em usá-la se fosse necessário. Além disso, George recebeu instruções de Matthew sobre as perguntas que poderia fazer sobre

o manuscrito alquímico para os eruditos de Oxford.

Foi bem mais simples arrumar as minhas coisas. Na verdade, eram poucos itens pessoais para empacotar: os brincos de Ysabeau, os sapatos novos e algumas peças de roupa. Françoise concentrou toda a atenção na confecção de um vistoso vestido da cor de canela para a viagem. Projetou uma gola alta de pele aderida ao pescoço para me proteger da chuva e do vento. As peles sedosas de raposa costuradas ao longo da capa eram para o mesmo propósito, e também as bandas de pele inseridas nos punhos bordados das luvas novas.

A última tarefa a ser feita na Velha Cabana era levar o livro que ganhara de Matthew para a biblioteca. Poderia perdê-lo durante a viagem para Sept-Tours e não queria que o meu diário caísse nas mãos de curiosos. Abaixei-me e tirei dos juncos um raminho de alecrim e um raminho de lavanda. Fui até a mesa de Matthew, peguei uma pena e um pote de tinta e fiz uma anotação final.

4 5 de novembro 1590 chuva fria
Notícias de casa. Estamos nos preparando para uma viagem.

Soprei as palavras suavemente para secar a tinta e introduzi os raminhos de alecrim e lavanda na frincha por entre as páginas. Minha tia sempre recorria ao alecrim nos feitiços destinados à memória, e adicionava a lavanda para dar um toque de equilíbrio nos amuletos destinados ao amor – as duas ervas encaixavam-se perfeitamente nas circunstâncias daquele momento.

– Deseje-nos sorte, tia Sarah – sussurrei e empurrei o pequeno livro até o fundo de uma prateleira da estante na esperança de que ainda estivesse ali quando retornasse.



Rima Jaén detestava o mês de novembro. As horas do dia com claridade da luz encolhiam e, a cada dia que passava, desistiam da batalha contra as sombras cada vez mais cedo. E novembro também era uma época terrível para se estar em Sevilha porque toda a cidade se preparava para a estação das festas com chuva por todos os lados. Os hábitos de direção quase sempre erráticos dos moradores da cidade pioravam nesse período.

Rima ficara presa à escrivaninha por semanas. Seu chefe decidira limpar os cômodos de estoque do ático. No inverno anterior a chuva se incumbira disso, infiltrando-se pelas telhas do telhado da casa que caíam aos pedaços, e o prognóstico para os meses seguintes era ainda pior. Sem dinheiro para consertar o problema, a equipe de manutenção descia a escada com caixas úmidas de papelão para que nada de valor se danificasse nas tempestades que estavam por vir. Tudo o mais tinha sido posto para fora com muita discrição porque nenhum potencial doador poderia descobrir o que estava acontecendo.

Foi um negócio sujo e fraudulento, mas precisava ser feito, pensou Rima. A biblioteca era um pequeno arquivo de um especialista com recursos escassos. O miolo das coleções advinha de uma proeminente família andaluza cujas raízes remontavam à *reconquista*, durante a qual os cristãos recuperaram a península dos guerreiros muçulmanos que a tinham em seu poder desde o século VIII. Poucos eruditos se motivavam a pesquisar a bizarra gama de livros e objetos colecionados pelos Gonçalves por anos a fio. A maioria dos pesquisadores descia a rua até o Arquivo

Geral das Índias enquanto discutia sobre Colombo. Seus colegas sevilhanos só queriam nas estantes os últimos lançamentos, manuais de instrução jesuíticos dos anos 1700 ainda não desgastados e revistas de moda feminina dos anos 1800.

Rima pegou um pequeno volume que estava no canto da escrivaninha e tirou os óculos coloridos de cima da cabeça que lhe prendiam os cabelos negros. Já tinha reparado no mesmo livrinho na semana anterior quando um dos trabalhadores da manutenção deixou um caixote de madeira à sua frente, com um grunhido de desprazer. Depois disso, registrou a coleção como Manuscrito Gonçalve 4890, descrito como "*Livro inglês de banalidades, anônimo, fim do século XVI*". Como a maioria dos livros de banalidades esse também estava em grande parte com as folhas em branco. Rima se deparara com um exemplar espanhol adquirido por um herdeiro Gonçalve e enviado para a Universidade de Sevilha em 1628. Era um exemplar finamente encadernado, indexado, ordenado e paginado com números rebuscados e impressos com tintas de diversas cores. Não havia uma única palavra escrita nas páginas. Nem no passado as aspirações eram vividas de cabo a rabo.

Livros de banalidades eram sempre repositórios de passagens bíblicas, fragmentos de poesia, lemas e palavras de autores clássicos. De um modo típico, incluíam rabiscos, listas de compras, letras de músicas obscenas e narrativas de eventos estranhos e importantes. Este não é diferente, pensou Rima enquanto passava os olhos negros pelas páginas. Infelizmente, não tinha a primeira página onde talvez estivesse estampado o nome do proprietário do livro. Sem essa página não havia a menor chance de identificar o proprietário ou qualquer outra pessoa mencionada apenas pelas iniciais. E os historiadores não se interessavam pelas evidências sem nome e sem rosto, até porque de um jeito ou de outro o anonimato reduzia a importância de quem se ocultava por trás.

Em uma das páginas remanescentes registrava-se uma lista de todas as

moedas em uso com seus respectivos valores no século XVI. E na página anterior, uma lista de vestuário escrita às pressas: uma capa, dois pares de sapatos, um vestido com aparas de pele, seis batas, quatro anáguas e um par de luvas. Alguns poucos registros datados não faziam o menor sentido e ainda havia uma receita para curar dor de cabeça – um ponche feito com leite e vinho. Rima sorriu e se perguntou se a receita acabaria com suas enxaquecas.

Embora tivesse que recolocar o pequeno volume nas salas trancadas do terceiro andar, onde os manuscritos eram guardados, alguma coisa a impeliu a mantê-lo por perto. Era óbvio que tinha sido escrito por uma mulher. A caligrafia era redonda, trêmula e insegura, e as palavras serpenteavam de cima para baixo nas páginas, literalmente borradas de tinta. Nenhum homem letrado do século XVI escreveria dessa maneira, a não ser os doentes e os velhos. O autor do livro não era nem um nem outro. Uma curiosa vibração nos registros destoava estranhamente da caligrafia de iniciante.

Ela mostrara o manuscrito para Javier López, um tipo encantador embora sem qualificação que fora contratado pelo último dos Gonçalves para transformar a casa e os pertences pessoais da família em biblioteca e museu. Ele tinha um rico escritório no térreo recoberto de lambris de mogno e com o único aquecedor que ainda funcionava na casa. Durante a breve conversa, ele descartara a sugestão dela de que aquele exemplar merecia um estudo mais minucioso. E também a proibiu de tirar fotografias para compartilhá-las com os colegas do Reino Unido. Em relação à convicção de que o proprietário do livrinho tinha sido uma mulher, o diretor resmungou alguma coisa sobre o feminismo e acenou para que ela saísse da sala.

E o livro então permaneceu na escrivaninha de Rima. Em Sevilha livros como esses eram sempre descartados como menos importantes. Ninguém ia à Espanha em busca de livros ingleses de banalidades. Se fosse o caso,

fazia-se uma visita à Biblioteca Britânica ou à Biblioteca Folger Shakespeare nos Estados Unidos.

E Rima também estava às voltas com um homem estranho que uma vez ou outra aparecia para pesquisar as coleções. Era um francês com um olhar penetrante que a deixava desconfortável. Herbert Cantal – ou talvez Gerbert Cantal. Ela não se lembrava. Na última visita ele estendeu um cartão e a encorajou a entrar em contato se aparecesse algo interessante. Ela quis saber o que seria exatamente esse algo interessante, pedindo que o especificasse, e ele disse que se interessava por tudo. A resposta não ajudou muito.

Mas agora *aparecia* algo interessante. Infelizmente, o cartão tinha sumido e de nada adiantaram os esforços para localizá-lo na escrivaninha. Ela teria que aguardar uma próxima visita para compartilhar o livrinho com aquele homem. Talvez ele se mostrasse mais interessado que o chefe dela.

Rima folheou as páginas. Encontrou um raminho de lavanda e resíduos de folhas de alecrim entre duas páginas. Era a primeira vez que os via e com todo cuidado os retirou pela frincha da capa. Um botão seco deixou o rastro de um perfume por uma fração de segundo, estabelecendo uma conexão entre ela e outra mulher que vivera centenas de anos atrás. Ela sorriu com ar melancólico ao evocar a desconhecida.

– *Más basura.* – Daniel fazia a manutenção e estava de volta com o macacão de brim acinzentado e sujo de tanto transportar caixas do ático. Descarregou algumas caixas de bonecos surrados no chão e, apesar do frio, enxugou o suor que escorria da testa com a manga, deixando-a escura de poeira. – *Café?*

Era a terceira vez na semana que ele a convidava para sair. Rima sabia que Daniel a achava atraente. A ancestralidade berbere herdada da mãe era um atrativo para alguns homens – o que não espantava porque essa ancestralidade a dotava de curvas suaves, pele morena e olhos

amendoados. Já fazia alguns anos que ele murmurava comentários picantes e se roçava de costas contra as nádegas dela quando a via no local de correspondências, e sempre esticava o olho com insistência para os seios dela. Ele tinha uns treze centímetros menos de altura e o dobro da idade dela, mas isso não o detinha.

– *Estoy muy ocupada* – respondeu ela.

O grunhido de Daniel soou impregnado de ceticismo. Ele olhou de relance para as caixas enquanto saía. A caixa de cima continha um regalo de pele e um passarinho empalhado num pedaço de cedro. Balançou a cabeça, inconformado porque ela preferia passar o tempo com animais mortos a passar com ele.

– *Gracias* – murmurou ela quando ele saiu. Fechou o livrinho com delicadeza e o recolocou na escrivaninha.

Enquanto transferia o conteúdo da caixa para uma mesa próxima, desviou os olhos para aquele pequeno volume de capa de couro simples. Passados quatrocentos anos, a única prova da existência daquela mulher era uma página de calendário, uma lista de compras e uma folha de papel com a receita dos *alfajores* da avó, tudo isso etiquetado "*anônimo, sem importância*" e guardado num arquivo pelo qual ninguém se interessava?

Pensamentos sombrios como esses não traziam boa sorte. Rima estremeceu e tocou no amuleto de Fátima, a filha do Profeta, um amuleto em formato de mão preso a uma cordinha de couro para dependurar no pescoço que passava pelas mulheres da família desde um tempo do qual ninguém mais se lembrava.

– *Khamsa fi ainek* – sussurrou ela, esperando que as palavras afastassem os maus espíritos que tivesse evocado eventualmente sem qualquer intenção.

PARTE II

SEPT-TOURS E A ALDEIA DE SAINT-LUCIEN





– O lugar de sempre? – sussurrou Gallowglass enquanto abaixava os remos e erguia a solitária vela.

Faltavam mais de quatro horas para o nascer do sol, mas outros barcos já eram visíveis na escuridão. Entrevi os contornos sombrios de outra vela e lanterna dependurada no poste da popa de um barco nas proximidades.

– Walter disse que estávamos indo para Saint-Malo – comentei e girei a cabeça consternada. Raleigh nos acompanhara da Velha Cabana até Portsmouth e pilotara o barco que nos levaria para Guernsey. Nós o deixáramos na doca próxima à aldeia de Saint-Pierre-Port. Ele não poderia seguir adiante... não com a cabeça a prêmio em toda a Europa católica.

– Sei muito bem para onde Raleigh nos mandou ir, titia, mas ele é um pirata. E é inglês. E não está aqui. E acabei de perguntar para o Matthew.

– *Immensi tremor oceani* – sussurrou Matthew, contemplando o balanço do mar. Contemplava aquelas águas escuras com o semblante de uma figura de proa esculpida. E respondia para o sobrinho de um modo estranho: *tremor do imenso oceano*. Eu me perguntei se havia entendido errado o latim.

– A maré está a nosso favor, e vai ficar mais perto seguir a cavalo para Fougères do que para Saint-Malo – continuou Gallowglass enquanto Matthew refletia.

– Com esse tempo ela vai sentir menos frio na água do que na terra, e ela ainda tem muita cavalgada pela frente.

– E você vai nos deixar. – Isso não foi uma pergunta e sim uma afirmação de um fato. Matthew fechou as pálpebras e assentiu com a

cabeça. – Muito bem.

Gallowglass manipulou a vela e o barco se desviou do curso sul em direção mais ao leste. Matthew sentou-se ao meu lado no convés, encostou-se num suporte do casco e me abraçou, cobrindo-me com a capa.

Não consegui pegar no sono, mas cochilei encostada no peito de Matthew. Até então tinha sido uma viagem exaustiva e entremeada de cavalgadas, e isso exigia muitos cavalos e muitos percursos de barco. Fazia frio e formava-se uma fina camada de gelo na felpa da nossa lã inglesa. Gallowglass e Pierre não paravam de tagarelar em algum dialeto francês, ao passo que Matthew se mantinha quieto. Respondia as perguntas de ambos, mas ocultava os pensamentos atrás de uma máscara fantasmagoricamente serena.

Ali pela madrugada, o tempo se converteu em bruma nevada. A barba de Gallowglass embranqueceu, transformando-o numa versão de Papai Noel. Pierre ajustou as velas e um cenário cinza embranquecido deixou a costa da França à vista. Passados uns trinta minutos, a maré começou a avançar em direção à praia. As ondas ergueram o barco e um campanário perfurou as nuvens em meio à névoa. Estava surpreendentemente próximo e tinha uma base obscurecida pelo tempo. Engoli em seco.

– Aguente firme – disse Gallowglass com ar soturno quando Pierre soltou a vela.

O barco adentrou a névoa. Os chamados das gaivotas e o barulho da água contra as rochas anunciaram que estávamos perto da praia, mas o barco não reduziu a velocidade. Gallowglass remava impetuosamente em meio às ondas de modo a fazer o barco angular. Alguém soltou um grito de aviso ou de boas-vindas.

– *Il est Le Chevalier De Clermont!* – gritou Pierre de volta por entre as mãos como um alto-falante. As palavras ecoaram no silêncio e em seguida pisadas apressadas cortaram o ar gelado.

– Gallowglass! – Estávamos indo direto contra um paredão. Agarrei um

remo na tentativa de evitar o desastre. Tão logo minha mão se fechou em volta do remo, Matthew o puxou de mim.

– Faz séculos que ele ancora aqui, e o povo dele já fazia isso muito antes – disse Matthew com toda calma enquanto segurava o remo. De repente, a proa do barco virou à esquerda e o casco foi de encontro a uma laje de granito. Lá no alto quatro homens laçaram o barco com ganchos e cordas e o mantiveram firme. A água se elevou em velocidade alarmante e levou o barco para o alto, deixando-o no mesmo nível de uma casinha de pedra. Surgiu uma escada que ascendia em meio a pouca visibilidade. Pierre desembarcou e rapidamente disse alguma coisa em voz baixa e apontou para o barco. Dois soldados armados juntaram-se a nós e logo se apressaram em direção à escada.

– Chegamos ao monte Saint-Michel, madame. – Pierre estendeu a mão e me ajudou a sair do barco. – A senhora descansa aqui enquanto milorde conversa com o abade.

Meu conhecimento da ilha se resumia às histórias contadas pelos amigos que todo verão navegavam ao redor da ilha de Wight: na maré baixa era cercada de areia movediça e na maré alta era cercada de correntes tão perigosas que esmagavam os barcos contra as pedras. Olhei para o nosso barquinho por cima do ombro e estremeci. Era um milagre que ainda estivéssemos vivos.

Enquanto tentava me recompor, Matthew olhou fixamente para o sobrinho, que se mantinha firme e imóvel.

– Diana estará mais segura se você for junto.

– Sua esposa se mostra perfeitamente capaz de cuidar de si quando não é colocada em apuros pelos seus amigos. – Gallowglass olhou para mim sorrindo.

– Philippe vai perguntar por você.

– Diga-lhe... – Gallowglass se deteve com os olhos fixos no vazio. Os olhos azuis do vampiro se tomaram de melancolia. – Diga-lhe que ainda

não esqueci.

– Você precisa perdoar, para o seu próprio bem – disse Matthew baixinho.

– Nunca perdoarei – disse Gallowglass com frieza –, e Philippe nunca deveria me pedir isso. Meu pai morreu nas mãos dos franceses, e nenhuma criatura foi até o rei. Não pisarei na França enquanto não estiver em paz com o passado.

– Hugh se foi. Que Deus o tenha. Seu avô ainda está entre nós. Não desperdice seu tempo com ele. – Matthew saiu do barco. Girou o corpo sem palavras de despedida, pegou-me pelo cotovelo e conduziu-me na direção de um amontoado de árvores secas e enlameadas. Girei o corpo ao sentir o peso do olhar de Gallowglass e meus olhos se encontraram com os de Gael. Ele ergueu a mão em silencioso aceno de despedida.

Matthew ainda estava calado quando nos aproximamos da escada. Sem conseguir enxergar para onde levava a escada, perdi a conta do número de degraus. Concentrei-me em não escorregar nos degraus escorregadios. Lascas de gelo deslizavam da barra da minha saia e o vento soprava por dentro do amplo capuz de minha capa. Uma grande porta ornada com tiras de ferro enferrujadas e corroídas pela maresia abriu-se à frente.

Mais degraus. Apertei os lábios, levantei a ponta da saia e segui em frente.

Mais soldados. Enquanto nos aproximávamos, eles se alinhavam encostados às paredes para nos dar passagem. Matthew aumentou a pressão dos dedos no meu cotovelo, mas a atenção que dava àqueles homens era a de que não passavam de espectros.

Entramos num aposento com muitas colunas que se estendiam até um teto abobadado. Grandes lareiras tomavam as paredes, difundindo um calor abençoado. Suspirei de alívio e, quando tirei a capa, água e gelo se projetaram em todas as direções. Uma tosse discreta chamou a minha atenção para um homem de pé à frente de uma lareira. Estava vestido com

os trajes vermelhos de um cardeal e aparentava ter uns vinte e tantos anos de idade. – Era extremamente novo para alguém que tinha alcançado uma hierarquia tão alta.

– Ah, *Chevalier* De Clermont. Ou nos dias de hoje devemos chamá-lo de outro modo? Você esteve fora da França por muito tempo. Talvez tenha assumido o nome e a posição de Walsingham, agora que ele se foi para um merecido inferno. – O cardeal tinha um inglês impecável, mas com um sotaque acentuado. – Faz três dias que estamos de olho em você, seguindo as instruções do nosso senhor. Não se fez menção alguma a uma mulher.

Matthew soltou meu braço e deu um passo à frente. Flexionou levemente o joelho esquerdo e beijou o anel na mão estendida do cardeal.

– *Éminence*. Pensei que o senhor estivesse em Roma, escolhendo nosso novo papa. Imagine quão contente estou por encontrá-lo aqui.

Matthew não pareceu feliz. E me perguntei com inquietude por que optara pelo monte Saint-Michel e não por Saint-Malo, como Walter planejara.

– No momento a França precisa muito mais de mim do que o conclave. Os recentes assassinatos de reis e rainhas não agradam a Deus. – Os olhos do cardeal faiscaram de aviso. – Sua rainha logo se dará conta disso quando se encontrar com Ele.

– Não estou aqui para os casos ingleses, cardeal Joyeuse. Esta é minha esposa, Diana. – Matthew segurava a moedinha de prata do pai entre dois dedos. – Nós estamos retornando para casa.

– Eu soube. Seu pai enviou isto para assegurar seu livre trânsito. – Joyeuse lançou um objeto brilhante que Matthew agarrou com destreza. – Philippe de Clermont esquece de si mesmo e age como se fosse o rei da França.

– Meu pai não precisa reinar; para ele o que faz ou desfaz os reis é uma espada afiada – disse Matthew suavemente. Deslizou o pesado anel de ouro pela junta do meu dedo médio enluvado. O anel tinha uma pedra

vermelha com uma figura lapidada por cima. Notei que o formato era igual ao que tinha sido marcado nas minhas costas. – Seus senhores sabem que se não fosse pelo meu pai a causa católica estaria perdida na França. E o senhor não estaria aqui.

– Acho que seria melhor para todos se o senhor fosse realmente o rei, em face do atual ocupante protestante do trono. Mas esse é um assunto para discutirmos privadamente – disse o cardeal Joyeuse com ar cansado. Acenou para um criado que estava perto da porta. – Leve a esposa do cavalheiro para o aposento dela. Precisamos deixá-la, madame. Seu marido passou muito tempo entre os hereges. Um longo período de joelhos sobre um chão frio de pedra irá relembrá-lo de quem realmente ele é.

Talvez o desânimo estivesse estampado em meu rosto com a perspectiva de ficar sozinha num lugar como aquele.

– Pierre ficará com você – disse Matthew antes de se inclinar e me beijar nos lábios. – Partiremos a cavalo quando mudar a maré.

E assim tive o último vislumbre de Matthew Clermont, o cientista. O homem que saiu em direção à porta já não era um membro de Oxford e sim um príncipe da Renascença. Isso se refletia nos trajes, na maneira dos ombros, no vigor da atmosfera ao redor e na frieza do olhar. Hamish estava certo quando me alertou que Matthew não seria o mesmo homem nesse lugar. Sob o suave rosto de Matthew, ocorreu uma profunda metamorfose.

Em algum lugar lá no alto os sinos badalaram as horas.

Cientista. Vampiro. Guerreiro. Espião. Os sinos deram uma pausa antes da sentença final.

Príncipe.

Eu me perguntei o que mais nossa jornada revelaria sobre o complexo homem com quem me casara.

– Não vamos deixar Deus à espera, cardeal Joyeuse – disse Matthew em tom afiado. Joyeuse o seguiu como se o monte Saint-Michel pertencesse à

família De Clermont e não à Igreja.

Milorde é ele mesmo. Mas será que ele ainda era meu?

Matthew podia ser um príncipe, mas não havia dúvida de quem era o rei.

O poder e a influência do pai de Matthew cresciam a cada batida dos cascos dos cavalos pelas estradas geladas. À medida que nos aproximávamos de Philippe de Clermont, o filho dele se tornava mais distante e autoritário – uma combinação que abalava os meus nervos e nos levava a discussões acaloradas. Quando eu perdia a cabeça, Matthew sempre se desculpava pela conduta altiva e eu aceitava as desculpas, sabendo que ele estava sob um estresse que aumentava à medida que se aproximava a hora de se reunir com o pai.

Enfrentamos as areias em torno do monte Saint-Michel na maré baixa, atravessamos o interior e fomos recebidos pelos aliados dos De Clermont na cidade de Fougères, onde nos hospedaram numa torre confortavelmente instalada nas muralhas que ficavam de frente para o interior francês. Duas noites depois, fomos recebidos na estrada fora dos limites da cidade de Baugé por homens a pé e munidos de tochas. Exibiam um brasão de família nas fardas: a insígnia de Philippe, com uma cruz e uma lua crescente. Lembrei que tinha visto o símbolo quando remexi a gaveta da escrivaninha de Matthew em Sept-Tours.

– Que lugar é este? – perguntei depois que os homens nos levaram para uma cabana deserta. Estava surpreendentemente vazia para uma residência que exalava um delicioso aroma de comida cozida pelos corredores.

– É a casa de um velho amigo. – Matthew tirou os sapatos dos meus pés gelados. Massageou a sola dos meus pés e gemi quando o sangue retornou às extremidades. Pierre me entregou uma xícara de vinho quente e temperado. – Era a cabana de caça preferida de René. Era cheia de vida quando ele morava aqui com artistas e eruditos espalhados por todos os cômodos. Agora, é administrada pelo meu pai. Mas as guerras constantes

o impedem de dar a atenção que a cabana merece.

Em nossa estada na Velha Cabana, ele e Walter já tinham me inteirado das seguidas batalhas entre protestantes e católicos franceses pelo controle da coroa – e do país. Das janelas de Fougères avistamos as nuvens de fumaça distantes que marcavam o último acampamento protestante, e as ruínas das casas e igrejas que pontilhavam a rota que fizéramos. Fiquei chocada com a extensão da devastação.

Esses conflitos transformaram o cenário de uma história construída cuidadosamente ao longo de minha vida. Na Inglaterra tive que ser uma mulher protestante de descendência francesa que tinha fugido da terra natal para salvar a vida e praticar a fé. E ali era essencial que me convertesse em uma inglesa sofredora e católica. Por via das dúvidas, durante a viagem Matthew tratou de repassar todas as mentiras e meias verdades que mantinham nossas múltiplas identidades e os detalhes históricos de cada lugar.

– Já estamos na província de Anjou. – A voz grave de Matthew me trouxe de volta à realidade. – Quem conhecê-la vai pensar que você é uma espiã inglesa porque você fala inglês, a despeito da história que a gente possa contar. Esta parte da França se recusa a aceitar o clamor do rei pelo trono porque prefere um regente católico.

– Como Philippe – murmurei. O cardeal Joyeuse não era o único que se beneficiava da influência de Philippe. Padres católicos de face encovada e olhar assustado tinham se detido ao longo do caminho a fim de partilhar notícias conosco e enviar agradecimentos ao pai de Matthew pela ajuda que recebiam dele. Nenhum dos padres partiu de mãos abanando.

– Papai não liga para as sutilezas da crença cristã. Em outras regiões do país, ele apoia os protestantes.

– Que surpreendente visão ecumênica.

– Para Philippe tudo o que importa é salvar a França dela própria. No último mês de agosto nosso novo rei Henrique de Navarra tentou forçar a

cidade de Paris a adotar a postura política e religiosa adotada por ele. Os parisienses preferiram morrer de fome a se inclinar para um rei protestante. – Matthew passou os dedos no cabelo com nervosismo. – Morreram milhares e agora papai já não tem a esperança de que os humanos sejam capazes de resolver a confusão.

Philippe também não estava inclinado a permitir que o filho controlasse os negócios dele. Pierre nos acordou antes do amanhecer, anunciando que os cavalos estavam selados e prontos. Acabara de receber uma mensagem de que éramos esperados na cidade a três quilômetros e pouco de distância... em dois dias.

– É impossível. Não podemos viajar com tanta rapidez! – Eu estava fisicamente bem, mas nenhuma série de exercícios modernos se equivalia a cavalgar mais de oitenta quilômetros por dia pelo país durante o mês de novembro.

– Não temos outra escolha – disse Matthew em tom soturno. – Se nos atrasarmos, ele mandará outros homens para nos apressar. É melhor fazer o que ele pede.

Naquele mesmo dia, mais tarde, fiz menção de cair em prantos de fadiga e Matthew me ergueu à sela sem me consultar e saiu em disparada em seu cavalo. Eu estava cansada demais para protestar.

Chegamos aos muros de pedra e às casas de madeira de Saint-Benoît no tempo previsto, assim como Philippe ordenara. A essa altura já estávamos tão próximos de Sept-Tours que nem Pierre nem Matthew se preocuparam com a etiqueta, de modo que passei a cavalgar à maneira masculina. Embora tivéssemos acatado o programa de Philippe, nem por isso ele deixou de incrementar outros agregados da família para nos acompanhar, como se temendo que mudássemos de ideia e retornássemos para a Inglaterra. Alguns nos seguiam pelas estradas. Outros abriam o caminho, garantindo alimento, cavalos e acomodações em estalagens movimentadas, casas isoladas e monastérios fortificados. Depois que terminamos a subida

pelas montanhas rochosas deixadas pelos vulcões extintos de Auvergne, volta e meia avistávamos silhuetas de cavaleiros ao longo dos interditos picos. Tão logo nos avistavam, eles saíam em disparada de volta a Sept-Tours para relatar nosso progresso.

Dois dias depois, ao cair o crepúsculo, eu estava junto com Matthew e Pierre no pico de uma das montanhas de onde quase não se via o castelo da família dos De Clermont em meio ao torvelinho de rajadas de neve. As linhas retas da torre da menagem central me eram familiares, mas o lugar não me era tão familiar assim. Tanto as muralhas arredondadas como as seis torres também arredondadas estavam intactas, todas cobertas de telhados cônicos de cobre esverdeados pelo tempo. A fumaça emergia das chaminés por trás das ameias das torres, cujos contornos irregulares sugeriam que algum gigante enlouquecido cortara os muros com uma tesoura. Também havia uma horta cercada e coberta de neve, e, mais além, canteiros retangulares.

Nos tempos modernos o acesso à fortaleza era proibido. E agora as guerras civis religiosas à volta de todos deixavam ainda mais evidentes as capacidades defensivas da fortaleza. Uma assombrosa guarita fazia a vigília entre Sept-Tours e a aldeia. Lá dentro, correria de um lado para o outro, muita gente armada. Entrevi em meio aos flocos de neve e à penumbra estruturas de madeira dispersas pelo terreno cercado. A luz que se projetava das pequenas janelas desenhava cubos oblongos de cor quente nos retalhos de pedra cinzenta cobertos de neve pelo chão.

Minha égua soltou um bafo quente e úmido. Era o animal mais rápido que cavalgara desde o primeiro dia de viagem. Já o último cavalo de Matthew além de grande era malhado, cruel e atacava quem se aproximava, exceto a criatura que carregava no lombo. Os dois animais que pertenciam aos estábulos dos De Clermont conheciam o caminho de casa sem precisar de comando e estavam ávidos por baldes de aveia e uma baia quentinha.

– *Dieu*. Era o último lugar da Terra que pensei em estar. – Matthew pestanejou devagar, como se na esperança de que o castelo desaparecesse à frente.

Estiquei o braço e descansei a mão no antebraço dele.

– Mesmo agora, você tem escolha. Ainda podemos voltar.

Pierre me olhou com ar piedoso. Matthew me olhou com um sorriso amargo.

– Você não conhece o meu pai. – Ele desviou os olhos para o castelo.

Finalmente, atravessamos os portões de Sept-Tours cujas tochas ardiam ao longo do caminho. As pesadas estruturas de madeira e pedra estavam abertas em prontidão; quatro homens perfilaram-se imóveis e silenciosos em nossa passagem. Quando os portões foram fechados atrás de nós, dois homens soltaram uma longa tora de madeira escondida no muro que os trancou para garantir a segurança. Seis dias de cavalgada pela França haviam me ensinado que isso era uma sábia precaução. As populações desconfiavam de estranhos, temendo a chegada de soldados saqueadores com ânsia de sangue e de violência e dispostos a agradar um outro lorde.

Éramos aguardados lá dentro por um verdadeiro exército – composto de vampiros e humanos. Meia dúzia deles se encarregou dos cavalos. Pierre entregou um pequeno pacote de correspondência enquanto era interrogado em voz baixa por outros que lançavam olhares furtivos em minha direção. Ninguém se aproximou nem me ofereceu ajuda. E assim me vi montada no cavalo enquanto tremia de fadiga e frio à espera do pessoal de Philippe. Ele certamente ordenaria que alguém me ajudasse a desmontar.

Matthew percebeu meu embaraço e desmontou do cavalo com uma graça invejável. Chegou ao meu lado com algumas passadas largas e gentilmente puxou meu pé congelado do estribo, e depois o agitou e o girou para lhe restaurar a mobilidade. Agradeci porque não queria tropeçar nem cair na neve ou na terra do pátio em minha primeira apresentação em Sept-Tours.

– Qual desses homens é seu pai? – sussurrei quando ele passou por baixo do pescoço do cavalo para alcançar meu outro pé.

– Nenhum deles. Ele está lá dentro, e pelo visto despreocupado por nos ver aqui depois de ter insistido para que corrêssemos como se os cães do inferno estivessem em nosso encalço. É melhor que vá lá para dentro também. – Matthew começou a dar ordens em francês e fez os curiosos servos se dispersarem em todas as direções, até que um único vampiro se pôs à base de uma escada espiralada com degraus de madeira que levava à porta do castelo. Fiquei impressionada com a dissonante colisão entre o passado e o presente quando me lembrei de quando subi um lance de degraus de pedra ainda não construído para conhecer Ysabeau pela primeira vez.

– Alain. – O rosto de Matthew desanuviou.

– Bem-vindo ao lar – disse um vampiro em inglês enquanto se aproximava em passos levemente capengas que deixavam os detalhes de sua aparência à vista: cabelos grisalhos, rugas ao redor de olhos doces, constituição esguia.

– Muito obrigado, Alain. Esta é minha esposa, Diana.

– Madame de Clermont. – Alain fez uma reverência, mantendo uma distância cautelosa e respeitosa.

– Muito prazer em conhecê-lo, Alain. – Embora nunca o tivesse visto, o nome dele me fez associar lealdade inquebrantável e apoio. Alain era aquele para quem Matthew telefonara no meio da noite a fim de que houvesse comida esperando por mim na Sept-Tours do século XXI.

– Seu pai está à sua espera – disse Alain, colocando-se de lado para nos dar passagem.

– Peça para que mandem uma refeição para os meus aposentos... algo frugal. Diana está cansada e faminta. – Matthew entregou as luvas para Alain. – Eu o verei daqui a pouco.

– Ele está à espera de vocês dois, agora. – Uma expressão estudada de

neutralidade tomou o rosto de Alain. – Cuidado com os degraus, madame. Estão congelados.

– E ele? – Matthew olhou para o castelo de pedra com um aperto na garganta.

Com a mão firme de Matthew agarrada ao meu cotovelo não tive dificuldade para subir os degraus. Mas as minhas pernas tremiam tanto quando acabei de subir que acabei tropeçando na beira de uma laje irregular da entrada. O escorregão foi suficiente para esquentar a cabeça de Matthew.

– Philippe está sendo irracional – desabafou ele enquanto me segurava pela cintura. – Ela está viajando há dias.

– As ordens dele foram bem explícitas, *sir*. – A formalidade firme de Alain era um aviso.

– Tudo bem, Matthew.

Afastei o capuz do rosto para enxergar o grande saguão mais adiante. A exposição de armaduras e lanças que já tinha visto no século XXI não estava presente. Em vez disso, uma tela de madeira entalhada desviava as correntes de ar quando a porta era aberta. E também não estavam presentes a arremedada decoração medieval, a mesa redonda e a tigela de porcelana. Em vez disso, tapeçarias agitavam-se suavemente contra as paredes de pedra quando o ar quente da lareira se juntava ao ar frio lá de fora. Duas longas mesas flanqueadas por bancos baixos completavam o espaço restante; homens e mulheres transitavam por entre as mesas, colocando pratos e taças para a ceia. Ali havia espaço de sobra para uma reunião de dezenas de criaturas. Lá no alto a galeria dos menestréis não estava vazia e sim apinhada de músicos que preparavam os instrumentos.

– Fantástico – murmurei com os lábios cerrados.

Fui pega pelos dedos gelados de Matthew e virada pelo queixo.

– Você está azul.

– Vou trazer vinho quente e um braseiro para aquecer os pés dela –

disse Alain. – E as lareiras serão acesas.

Um humano sangue-quente surgiu do nada e pegou minha capa molhada. Matthew fez um giro rápido de corpo para um dos lados que um dia me fora apresentado como sala do café da manhã. Prestei atenção, mas não ouvi nada.

Alain balaçou a cabeça em justificativa.

– Ele não está de bom humor.

– É óbvio que não. – Matthew abaixou os olhos. – Philippe está à nossa espera lá embaixo. Quer mesmo vê-lo esta noite, Diana? Se não quiser, posso enfrentar a ira dele sozinho.

Matthew não ficaria sozinho no primeiro encontro com o pai depois de mais de seis décadas. Ficara ao meu lado quando tive que encarar os meus fantasmas e faria o mesmo por ele. E depois iria para a cama onde planejava ficar até o Natal.

– Vamos – respondi resoluta, erguendo a barra da saia.

Aquela Sept-Tours era antiga demais para dispor de facilidades modernas como corredores, e assim serpenteamos através de uma porta em arco no lado direito de uma lareira em direção ao canto de um aposento que um dia seria o grande salão de Ysabeau. Embora não estivesse apinhado de mobília sofisticada na ocasião, a decoração apresentava a mesma austeridade de todos os lugares com que me deparara durante a viagem. A pesada mobília de madeira de carvalho era imune a roubos e capaz de resistir aos eventuais efeitos adversos de uma batalha, o que se evidenciava pela marca diagonal que cortava a superfície de um baú.

Daquele ponto Alain nos conduziu a um aposento, onde em outros dias eu tomava o café da manhã com Ysabeau à mesa posta com porcelana e baixela de prata entre acolhedoras paredes de terracota. Agora, com apenas uma mesa e uma cadeira era quase impossível afirmar que era o mesmo lugar de antes. O tampo da mesa estava coberto de papéis e outros itens de escrita. Não tive tempo de ver mais nada; subimos uma velha

escada que dava numa ala desconhecida do castelo.

Chegamos a um amplo patamar. Uma extensa galeria que se abria à esquerda abrigava um insólito amontoado de quinquilharias, relógios, armas, retratos e móveis. Uma desgastada coroa dourada empoleirava-se casualmente na cabeça de mármore de um deus antigo. Um rubi do tamanho de um ovo piscou maliciosamente do centro da coroa para mim.

– Por aqui – disse Alain, guiando-nos para a próxima câmara. Lá, um outro lance de escada seguia para o alto e não para baixo. Havia dois bancos desconfortáveis em cada lado de uma porta fechada. Alain esperou uma resposta para nossa presença com paciência e sem dizer nada. A resposta chegou com uma única palavra em latim que ressoou pela madeira espessa da porta.

– *Introite*.

A ressonância assustou Matthew. Alain olhou preocupado para ele e empurrou a porta que se abriu sem fazer ruído, sinal de que estava bem lubrificada.

Do outro lado da porta, um homem de cabelos brilhantes estava sentado de costas para nós. Embora sentado, sua estatura alta e seus ombros largos de atleta eram bem visíveis. Uma pena riscou uma folha de papel, acrescentando uma nota aguda e persistente que harmonizou os intermitentes estalos da madeira que queimava na lareira e as rajadas do vento que uivavam lá fora.

Soou uma nota baixa em meio à música ambiente.

– *Sedete*.

Dessa vez fui eu que me assustei. A porta abafou o impacto da voz de Philippe que ressoou nos meus tímpanos. Ele era um homem habituado a ser obedecido prontamente e sem perguntas e por isso arrastei os pés em direção a duas cadeiras para me sentar conforme me ordenara. Depois de três passos percebi que Matthew ainda estava à soleira da porta. Dei meia-volta e o peguei pela mão. Confuso, ele abaixou os olhos e se remexeu em

lembranças.

Cruzamos o aposento em poucos segundos. Acomodei-me em uma das cadeiras com o vinho prometido, escorando os pés no aquecedor de pés. Alain se retirou balançando a cabeça e com um olhar de simpatia. Depois, esperamos. Se isso foi difícil para mim, para Matthew foi insuportável. Ele estava tão tenso que o corpo quase vibrava com a emoção reprimida.

Eu estava muito ansiosa e com os nervos quase à flor da pele quando o pai dele se dignou a nos perceber. Abaixei os olhos enquanto me perguntava se tinha mãos fortes o bastante para estrangulá-lo e dois pontos ferozes e gelados me pegaram de cabeça baixa. Ergui o queixo e encarei os fulvos olhos de um deus grego.

Na primeira vez que me deparei com Matthew, pensei em sair correndo por instinto. Mas o Matthew grandalhão e corpulento que conheci naquela noite de setembro na Biblioteca Bodleiana não emanava metade da atmosfera sobrenatural do pai. Isso não significa que Philippe de Clermont fosse um monstro. Pelo contrário, era simplesmente a criatura mais estonteante que já tinha visto na vida: sobrenatural, preternatural, demoníaca, talvez meramente humana.

Ninguém que o olhasse diria que se tratava de um mortal de carne e osso. As características vampirescas eram perfeitas e fantasmagoricamente simétricas. Esguio e com sobrancelhas escuras que se alinhavam por cima de olhos castanho-dourados e raiados de verde. A exposição ao sol e ao tempo alisara os cabelos com fios cintilantes de ouro, prata e bronze. A boca de Philippe de Clermont era macia e sensual, se bem que naquela noite os lábios estavam endurecidos de raiva.

Apertei os lábios para que a boca não caísse e meu olhar se encontrou com um olhar de apreciação. Após essa troca de olhares, ele girou os olhos lentamente para Matthew.

– Explique você mesmo. – As palavras soaram tranquilas, mas não dissimularam a fúria de Philippe. De qualquer forma, ele não era o único

vampiro raivoso na sala. O choque pelo reencontro com o pai já tinha passado e Matthew então tentou assumir o controle da situação.

– Você me ordenou que viesse a Sept-Tours. Estou aqui vivo e em boas condições, apesar dos relatos histéricos do seu neto. – Lançou a moeda de prata ao ar que rodopiou antes de se aderir à superfície da mesa de carvalho do pai.

– Sem dúvida alguma nesta época do ano teria sido melhor que sua esposa permanecesse em casa. – Philippe, assim como Alain, falava um inglês tão impecável quanto o dos ingleses.

– Diana é minha companheira, pai. Eu não poderia deixá-la na Inglaterra com Henry e Walter só por causa da neve.

– Vá com calma, Matthew – vociferou Philippe em tom leonino, como todo o resto dele. A família De Clermont era uma fantástica mistura de feras. A presença de Matthew sempre me fazia lembrar de lobos. Com Ysabeau os falcões me vinham à cabeça. Gallowglass parecia um urso. E Philippe se assemelhava a um outro predador mortal.

– De acordo com Gallowglass e Walter a bruxa requer minha proteção. – O leão esticou a mão, pegou uma carta e tamborilou-a em cima da mesa, com os olhos fixos em Matthew. – Pensei que tivesse assumido a função de proteger os fracos depois que passou a ocupar um assento na Congregação.

– Diana não é fraca... e precisa de uma proteção maior do que a Congregação pode prover, e até mais que isso porque se casou comigo. Você irá protegê-la? – Agora, o tom e a postura de Matthew tornavam-se um desafio.

– Primeiro preciso ouvir o que ela tem a dizer – disse Philippe, olhando em minha direção com as sobrancelhas arqueadas.

– Nós nos conhecemos por acaso. Eu sabia que ela era uma bruxa, mas a ligação entre nós foi inevitável – disse Matthew. – O próprio povo dela lhe virou as costas...

A mão que se ergueu em gesto silencioso de comando poderia ser confundida com uma pata. Philippe se voltou para o filho.

– *Matthaios*. – A fala pausada do pai silenciou o filho na mesma hora, como uma chicotada em câmera lenta. – Devo entender que é *você* que precisa de minha proteção?

– Claro que não – respondeu Matthew indignado.

– Então, cale a boca e deixe a bruxa falar.

Pensando em dar ao pai de Matthew o que ele queria para que saíssemos daquela enervante presença o mais rápido possível, ponderei qual seria a melhor maneira de contar nossas últimas aventuras. Levaria tempo para ensaiar cada detalhe e as chances de que Matthew explodisse nesse meio-tempo eram enormes. Respirei fundo e comecei a falar.

– Meu nome é Diana Bishop, e tanto meu pai como minha mãe eram bruxos poderosos. Eu ainda era criança quando foram assassinados por outras bruxas durante uma estada fora do país. Eles me amarraram magicamente antes de morrer. Mamãe era vidente e sabia o que estava por vir.

Philippe estreitou os olhos com desconfiança. Entendi a cautela. Até para mim era difícil entender por que dois pais que amavam a filha haviam quebrado o código das bruxas, amarrando-a com algemas mágicas.

– Tornei-me a desgraça da família depois que cresci... uma bruxa que não conseguia acender a chama de uma vela nem realizar feitiços de maneira adequada. Assim, virei de costas para as Bishop e fui para a universidade. – A confidência fez Matthew se remexer com desconforto na cadeira. – Fui estudar história da alquimia.

– Diana estuda *arte* da alquimia – corrigiu Matthew, com um olhar de aviso para mim. Mas a meia verdade torcida não satisfez o pai.

– Sou uma fiandeira do tempo. – A expressão ficou suspensa no ar entre nós três. – Vocês chamam isso de *fileuse de temps*.

– Ah, estou ciente do que você é – disse Philippe com o mesmo tom

pausado. Um olhar fugaz de surpresa tocou no rosto de Matthew. – Já vivi muito tempo, madame, e já conheci muitas criaturas. Você não é do tempo presente, nem do passado, então só pode ser do futuro. E *Matthaios* viajou de volta ao passado com você, até porque não é mais o mesmo homem que era oito meses atrás. O Matthew que conheço jamais olharia duas vezes para uma bruxa. – O vampiro respirou fundo. – Meu neto me avisou que vocês dois tinham um cheiro muito antigo.

– Philippe, deixe-me explicar... – Mas naquela noite Matthew não estava destinado a terminar as frases.

– Por mais problemática que seja a situação, fico feliz por ver que nos anos vindouros poderemos esperar uma atitude sensata em relação ao barbear. – Philippe coçou a barba e o bigode impecavelmente aparados. – Afinal, barba é sinal de piolho e não de sabedoria.

– Já me disseram que Matthew está parecendo um inválido – suspirei de cansaço. – Mas não conheço um feitiço que conserte isso.

Philippe descartou minhas palavras.

– Não há barba que não seja fácil de ajeitar. Mas você estava falando sobre o seu interesse em alquimia.

– Sim. Acabei encontrando um livro... um livro procurado por muita gente. Conheci Matthew quando ele se preparava para roubar o livro de mim, mas não o fez porque o livro já não estava comigo. E desde então as criaturas estão no meu encalço. Tive até que parar de trabalhar!

Notei o que parecia uma risadinha reprimida num músculo latejante da mandíbula de Philippe. E me dei conta de que quando se trata de leões nunca se sabe se estão se divertindo ou prestes a atacar.

– Achamos que é o livro das origens. O livro é que procurou Diana – disse Matthew com ar de orgulho, embora eu tivesse requisitado o livro de maneira inteiramente acidental. – Eu já estava completamente apaixonado quando as outras criaturas se aperceberam de que ela o tinha encontrado.

– Então, isso seguiu por muito tempo. – Philippe segurou o queixo com

os cotovelos apoiados na borda da mesa. Estava sentado num simples banco de quatro pés e tinha ao lado uma monstruosidade que parecia um trono vazio.

– Não – retruquei depois de fazer alguns cálculos –, apenas por quinze dias. Matthew levou algum tempo para admitir os sentimentos que nutria por mim e só os admitiu depois que viemos para Sept-Tours. Mas aqui também não fiquei a salvo. Uma noite o deixei na cama para ir ao jardim e acabei sendo raptada por uma bruxa.

Os olhos de Philippe se afastaram de mim e se cravaram em Matthew.

– Uma *bruxa* dentro das muralhas de Sept-Tours?

– Sim – respondeu Matthew laconicamente.

– Ela chegou pelo ar – corrigi por gentileza, prendendo outra vez a atenção do pai dele. – Se é importante para o senhor, não creio que os pés de nenhuma bruxa tenham pisado algum dia no território do castelo. Exceto os meus, claro.

– Claro – repetiu Philippe com um meneio de cabeça. – Continue.

– Ela me levou para La Pierre. Domenico estava lá. E também Gerbert. – Pela expressão de Philippe, nem o castelo nem os dois vampiros que lá me aprisionaram lhe eram desconhecidos.

– Malditos, eles voltam como galinhas para o poleiro – murmurou Philippe.

– Foi a Congregação que ordenou meu rapto, e uma bruxa chamada Satu tentou arrancar minha própria magia de dentro de mim. Fracassou e me jogou no calabouço.

Matthew acariciou minhas costas, como sempre fazia quando se mencionava aquela noite. O gesto não passou despercebido a Philippe, mas ele se manteve calado.

– Depois que escapei não podia permanecer em Sept-Tours e pôr Ysabeau sob ameaça. O senhor deve entender que a magia saía aos borbotões de dentro de mim, os poderes me eram incontroláveis. E aí fui

com Matthew para minha terra, para a casa de minhas tias. – Fiz uma pausa enquanto buscava um jeito de explicar onde ficava a casa. – O senhor conhece as lendas que o povo de Gallowglass conta sobre as terras do outro lado do oceano a oeste? – Philippe assentiu com a cabeça. – Pois minhas tias vivem lá. Mais ou menos.

– E essas tias são bruxas?

– Sim. Em seguida uma *manjasang*, uma das criaturas de Gerbert, tentou matar Matthew e quase conseguiu. Não tínhamos outro lugar para nos manter fora do alcance da Congregação a não ser no passado. – Fiz outra pausa, agora indignada com o olhar maldoso de Philippe para Matthew. – Mas as coisas aqui também não estão fáceis. Em Woodstock já sabem que sou uma bruxa, e em Oxfordshire os julgamentos na Escócia poderiam afetar nossas vidas. Enfim, estamos em fuga novamente. – Revi a narrativa para ver se não tinha me esquecido de alguma coisa importante. – Esta é minha história.

– Você tem talento para relatar informações complicadas de maneira rápida e sucinta, madame. Prestaria um serviço à família se ensinasse seus métodos para o Matthew. Já gastamos bem mais do que deveríamos em papel e penas – disse Philippe, olhando para a ponta dos dedos por um momento. Levantou-se com a presteza vampiresca que fazia do mais simples movimento uma explosão. Um segundo antes estava sentado e um segundo depois estava com os músculos em ação, com seus um metro e oitenta e cinco de altura pairando súbita e surpreendentemente sobre a mesa.

O vampiro olhou fixamente nos olhos do filho.

– Você está jogando um jogo perigoso, Matthew, com muita coisa a perder e muito pouco a ganhar. Gallowglass enviou uma mensagem depois que vocês partiram. O cavaleiro tomou uma rota diferente e chegou antes de vocês. Enquanto estavam a caminho daqui, o rei da Escócia capturou centenas de bruxas e aprisionou-as em Edimburgo. Sem dúvida alguma, a

Congregação acha que você está a caminho de lá para persuadir o rei Jaime a esquecer o assunto.

– Tudo isso é mais uma razão para proteger Diana – disse Matthew com firmeza.

– E por que deveria? – perguntou Philippe com a fisionomia fria.

– Porque a amo. E porque você disse que a Ordem de Lázaro é para isso, para proteger os que não têm condições de se proteger.

– Protejo outros *manjasang*, não bruxas!

– Talvez devesse ter uma visão mais ampla – insistiu Matthew. – Geralmente os *manjasang* sabem cuidar de si próprios.

– Você sabe muito bem que não posso proteger essa mulher, Matthew. Toda a Europa está em luta por questões de fé, e os sangues-quentes estão à procura de bodes expiatórios para resolver seus problemas. É inevitável que acabem se voltando para as criaturas que estão mais próximas. E mesmo sabendo disso, você trouxe... uma mulher que diz ser sua companheira e bruxa por hereditariedade... para essa loucura daqui. Não. – Philippe balançou a cabeça com veemência. – Embora pense que pode ousar fazer isso, não colocarei a família em risco provocando a Congregação e ignorando os termos do acordo.

– Philippe, você deve...

– Não ouse dizer essa palavra para mim. – Um dedo em riste se projetou para Matthew. – Coloque seus assuntos em ordem e volte para o lugar de onde veio. Peça por minha ajuda lá... ou melhor, peça ajuda às tias da bruxa. Não traga seus problemas para um passado que não tem nada a ver com eles.

Acontece que no século XXI não haveria mais Philippe a quem Matthew poderia pedir ajuda. Até lá, ele já estaria morto e enterrado.

– Nunca pedi nada a você, Philippe. Até agora. – A temperatura ambiente caiu perigosamente diversos graus.

– *Matthaios*, você devia ter previsto minha reação, mas nem sequer

cogitou isso, como sempre. E se sua mãe estivesse aqui? E se o mau tempo não a tivesse detido em Trier? Você sabe o quanto ela detesta as bruxas. – Philippe cravou os olhos no filho. – Seria preciso um pequeno exército para impedi-la de rasgar essa mulher, membro a membro, e não tenho um disponível neste momento.

Primeiro Ysabeau quis me ver fora da vida do filho. Baldwin não fez esforço algum para esconder seu desdém. Hamish, o amigo de Matthew, desconfiou de mim, e Kit me detestou abertamente. E agora era a vez de Philippe. Levantei-me e esperei que o pai de Matthew olhasse para mim. Fez isso e olhei no fundo dos olhos dele. Tremeluziram de surpresa.

– Matthew não pôde prever isso, *monsieur* De Clermont. Confiou que o senhor ficaria ao lado dele, embora nesse caso tenha se enganado. – Respirei fundo. – Agradeceria se o senhor me deixasse ficar em Sept-Tours esta noite. Faz algumas semanas que Matthew não dorme, e é melhor que faça isso no ambiente familiar. Amanhã, retorno para a Inglaterra... se necessário, sem Matthew.

Uma mecha de cabelo caiu na minha têmpora esquerda. Quando ergui a mão para puxá-la, Philippe de Clermont me segurou pelo pulso. Quando me dei conta disso, Matthew já estava com as mãos no ombro do pai.

– Onde conseguiu isso? – Philippe olhou para o anel que estava no terceiro dedo de minha mão esquerda. *O anel de Ysabeau*. Fixou os olhos de uma besta em meus olhos. Apertou o meu punho com os dedos e fez os ossos estalarem. – Ela nunca daria o meu anel para outra mulher, não enquanto estivéssemos vivos.

– Ela está viva, Philippe. – As palavras de Matthew soaram rápidas e rudes, mais para informar que para reafirmar.

– Mas se Ysabeau está viva, então... – Philippe cortou a frase e emudeceu. Pareceu atordoado por um momento, mas logo uma centelha de entendimento acendeu-se em seu rosto. – Então, não continuei imortal. E você não pôde me procurar quando e onde os problemas começaram.

– Não. – Matthew se esforçou para empurrar a palavra pelos lábios.

– Mas você deixou sua mãe de lado para enfrentar seus inimigos? – O semblante de Philippe se mostrou selvagem.

– Marthe está com ela. Baldwin e Alain também estão para que nada de mau lhe aconteça. – As palavras de Matthew saíram agora com um fluxo suave, mas o pai ainda me segurava pelo punho. Minha mão já estava ficando dormente.

– E Ysabeau deu o meu anel para uma bruxa? Que coisa extraordinária. Por outro lado, isso é a cara dela – disse Philippe distraído enquanto colocava minha mão contra a luz da lareira.

– *Maman* achou que devia – disse Matthew mansamente.

– Quando... – Philippe respirou fundo e depois balançou a cabeça. – Não. Não conte. Nenhuma criatura deveria conhecer a própria morte.

Mamãe e papai tinham previsto um final horrível. Comecei a tremer, a essa altura gelada, exausta e assombrada pelas lembranças. Aparentemente, Philippe não percebeu isso porque manteve os olhos fixos na minha mão, mas Matthew percebeu.

– Solte a mão dela, Philippe – ordenou.

Philippe olhou nos meus olhos e suspirou desapontado. Apesar do anel, eu não era sua amada Ysabeau. Soltou a minha mão e me afastei para longe de seu alcance.

– Agora que ouviu a história, dará proteção a Diana? – Matthew buscou o rosto do pai.

– É isso o que deseja, madame?

Assenti com a cabeça, apertando o braço entalhado da cadeira que estava ao lado.

– Então, sim, os Cavaleiros de Lázaro vão assegurar o bem-estar dela.

– Muito obrigado, pai. – Matthew apertou os ombros do pai com força e olhou para mim. – Diana está cansada. Nós o veremos amanhã de manhã.

– Absolutamente, não. – A voz de Philippe ecoou pelo aposento. – Sua bruxa está sob meu teto e sob meus cuidados. Ela não vai dividir uma cama com você.

Matthew segurou minha mão.

– Diana está longe de casa, Philippe. Não está familiarizada com esta parte do castelo.

– Ela não vai ficar nos seus aposentos, Matthew.

– Por que não? – perguntei, olhando preocupada para Matthew e depois para o pai dele.

– Porque vocês dois não são um casal, apesar das mentiras que Matthew contou para você. E agradeça aos deuses por isso. No fim das contas talvez possamos impedir o desastre.

– Não somos um casal? – perguntei aturdida.

– Trocar promessas e aceitar o laço com um *manjasang* não torna o acordo inviolável, madame.

– Ele é meu marido e isso é o que importa – retruquei ruborizada. Matthew me assegurara de que éramos um casal depois da declaração de amor que lhe fizera.

– Vocês também não estão propriamente casados... pelo menos não a ponto de aguentar investigações minuciosas – acrescentou Philippe –, e haverá muitas se continuarem fingindo. Matthew sempre passou mais tempo debruçado sobre a metafísica em Paris, e com isso negligenciou o estudo das leis. No caso em questão, meu filho, você deveria ter percebido o que era necessário por instinto, mesmo que o intelecto se negasse a fazê-lo.

– Nós trocamos votos antes de partir. Matthew me deu o anel de Ysabeau. – Em nossos últimos minutos em Madison havíamos passado por uma espécie de cerimônia. Rememorei rapidamente a sequência de eventos na tentativa de encontrar uma válvula de escape.

– O que constitui a união de um *manjasang* é igual ao que silencia todas

as objeções aos casamentos quando padres, advogados, inimigos e rivais entram em cena: consumação física. – As narinas de Philippe se abriram. – E vocês ainda não se uniram dessa maneira. Os cheiros de um e de outro além de serem estranhos são inteiramente distintos... como duas criaturas separadas, não como uma única criatura. Qualquer *manjasang* pode perceber que vocês não constituem propriamente um casal. Claro que Gerbert e Domenico perceberam isso logo que Diana se fez presente. E o mesmo aconteceu com Baldwin.

– Já estamos casados e acasalados. Não precisamos de prova nenhuma além da minha palavra. E quanto ao resto, isso não é de sua conta, Philippe – disse Matthew, interpondo-se com determinação entre mim e o pai.

– Oh, *Matthaios*, nós já passamos por isso. – Philippe pareceu cansado. – Diana é uma mulher solteira e sem pais, e não vejo irmãos aqui nesta sala para reivindicar pela irmã. Ela é um problema absolutamente *meu*.

– Nós estamos casados aos olhos de Deus.

– E mesmo assim você esperou para possuí-la. O que é que está *esperando*, Matthew? Um sinal? Ela deseja você. Isso é visível pelo jeito como olha para você. Para a maioria dos homens isso é o bastante. – Philippe olhou fixamente para o filho e depois para mim. A evocação da insólita relutância de Matthew em relação ao assunto me impregnou de preocupação e dúvida como um veneno.

– Ainda não nos conhecemos o bastante. Mesmo assim, sei que ficarei com ela... somente com ela... pela vida inteira. Ela é meu par. Philippe, você sabe o que está escrito no anel, *"a ma vie de coeur entier"*.

– Dar uma vida inteira a uma mulher não faz o menor sentido se não lhe der todo o seu coração. Você devia prestar mais atenção à conclusão da frase sobre o amor e não apenas ao início.

– Ela tem o meu coração – disse Matthew.

– Não de todo. Se o tivesse, cada membro da Congregação estaria

morto, o acordo estaria rompido para sempre e você estaria no tempo ao qual pertence e não nesta sala – disse Philippe abruptamente. – Não sei o que constitui um casamento nesse futuro de vocês, mas aqui e agora é algo pelo qual vale a pena morrer.

– Derramar sangue em nome de Diana não é a resposta para nossas dificuldades atuais. – Apesar de séculos de experiência com o pai, Matthew teimosamente se recusava a admitir o que eu já sabia: não se podia vencer uma discussão com Philippe de Clermont.

– O sangue de uma bruxa não conta? – Os dois homens me olharam surpresos. – Você matou uma bruxa, Matthew. E eu matei uma vampira... uma *manjasang*... para não perdê-lo. É melhor que seu pai saiba toda a verdade, já que esta noite estamos compartilhando segredos. – Gillian Chamberlain e Juliette Durand tinham sido casuais em meio às crescentes hostilidades decorrentes do nosso relacionamento.

– E você acha que é hora de namoricos? Sua estupidez é de tirar o fôlego para quem se considera um homem de estudo – disse Philippe desgostoso.

Matthew aguentou o insulto do pai sem vacilar e logo sacou um trunfo.

– Ysabeau aceitou Diana como filha – disse.

Mas Philippe não seria persuadido com facilidade.

– Nem seu Deus nem sua mãe jamais se saíram bem em fazê-lo encarar as consequências dos seus atos. E pelo visto, isso não mudou. – Philippe enlaçou a mesa com seus longos braços e chamou por Alain. – Vocês ainda não copularam e por enquanto os danos não são permanentes. O assunto pode ser resolvido antes que descubram e arruínem a família. Alguém irá a Lyon para sair atrás de uma bruxa que ajude Diana a entender melhor o poder que tem. Enquanto isso você pode procurar o livro dela, Matthew. E depois os dois retornarão para casa e poderão esquecer o contratempo e seguir a vida em separado.

– Eu e Diana iremos para os meus aposentos. Juntos. Ou que Deus

acuda...

– Antes de terminar a ameaça certifique-se de que tem poder suficiente para o troco – retrucou Philippe com frieza. – A garota vai dormir sozinha e perto de mim.

Uma corrente de ar me avisou que a porta se abrira. A corrente trouxe junto um sopro distinto de vela e pimenta triturada. Os olhos frios de Alain percorreram a sala, captando a raiva de Matthew e a linha implacável no rosto de Philippe.

– Você foi manipulado, *Matthaios* – disse Philippe. – Não sei o que tem feito consigo mesmo, mas certamente isso o suavizou. E agora chega. Renda-se, dê um beijo em sua bruxa e se despeçam. Alain, leve esta mulher para o aposento de Louisa. Ela está em Viena... ou talvez em Veneza. Não consigo sossegar as andanças intermináveis dessa garota.

"Quanto a você", continuou Philippe, cravando os olhos cor de âmbar no filho, "vá lá para baixo e me espere no saguão até que eu termine de escrever para Gallowglass e Raleigh. Faz algum tempo que você saiu de casa e seus amigos querem saber se Elizabeth Tudor é um monstro de duas cabeças e três peitos, como é amplamente apregoado."

Como Matthew não queria abrir mão do próprio território, pegou-me pelo queixo, olhou no fundo dos meus olhos e me beijou com uma intensidade talvez surpreendente para o pai.

– Isso será tudo, Diana – disse Philippe com visível desdém quando Matthew acabou de me beijar.

– Venha, madame – disse Alain, apontando para a porta.

Fiquei acordada e sozinha na cama de outra mulher enquanto ouvia o lamento do vento e digeria o que acabara de acontecer. Eram muitos subterfúgios para classificar, sem mencionar a dor e a sensação de me sentir traída. Eu sabia que Matthew me amava. Mas ele tinha que ter levado em conta que os nossos votos seriam contestados pelos outros.

As horas passaram e a esperança de dormir desvaneceu. Fui até a janela

para olhar a madrugada, e me perguntei por que nossos planos se desvelavam com tanta rapidez e que parte de Philippe de Clermont – e dos segredos de Matthew – colaborava para a ruína de ambos.



Na manhã seguinte a porta se abriu e Matthew se encostou à parede de pedra à frente. A julgar pela aparência, também não tinha pregado o olho. Ergueu-se com um salto, surpreendido pelos risinhos de duas criadas que estavam atrás de mim. Elas não estavam acostumadas a vê-lo despenteado e desgrenhado. Uma carranca sombreou o rosto dele.

– Bom-dia. – Dei alguns passos à frente, com uma saia escarlate balançando. Tanto a roupa como a cama, as criadas e quase tudo mais que era tocado por mim pertenciam à Louisa de Clermont. O odor de rosas e de civeta que exalava do cortinado bordado em torno da cama me sufocara durante a noite. Inspirei uma golfada de ar fresco e frio a fim de detectar as notas de cravo-da-índia e canela que eram características fundamentais e indubitáveis de Matthew. Grande parte da fadiga escorreu dos meus ossos quando as detectei, e já reconfortada pela familiaridade do odor acabei de vestir o manto preto de lã sem mangas que as criadas tinham deixado nos meus ombros. O roupão lembrava a toga acadêmica e acrescentava uma camada a mais de aquecimento.

A fisionomia de Matthew se transformou quando ele se aproximou e me beijou com intensidade. As criadas continuaram com os risinhos e outras coisas que ele entendeu como encorajamento. Uma lufada de ar em torno dos meus tornozelos indicou que chegava uma outra testemunha. Nossos lábios se apartaram.

– Você está velho demais para vigílias noturnas em antecâmaras, *Matthaios* – comentou o pai, esticando a cabeça fulva para fora do quarto ao lado. – O século XII não foi bom para você, e acabamos permitindo que

você lesse muita poesia. Recomponha-se antes que os homens o vejam, por favor, e leve Diana lá para baixo. Ela cheira a colmeia de abelhas em pleno verão, e o pessoal da casa vai precisar de tempo para se acostumar com esse cheiro. Não queremos acidentes sangrentos aqui.

– Haveria muito menos chance disso se você parasse de interferir. Essa separação é absurda – disse Matthew, agarrando-me pelo cotovelo. – Nós somos marido e mulher.

– Graças aos deuses não o são. Desçam que logo estarei junto a vocês. – Ele balançou a cabeça com pesar e se retirou.

Matthew manteve-se calado enquanto nos entreolhávamos em uma das longas mesas do gelado saguão de entrada. Naquela hora poucas pessoas transitavam por ali e as que olhavam curiosas logo desviavam os olhos perante o olhar proibitivo dele. Colocaram à minha frente pão recém-saído do forno e vinho temperado com especiarias. Não era chá, mas servia. Ele esperou enquanto eu sorvia um primeiro e longo gole e disse em seguida.

– Já vi meu pai. Vamos sair de uma vez.

Enlacei a taça com a mão firme e sem responder. As casquinhas de laranja misturaram-se ao vinho quente. O sabor cítrico fez o vinho parecer suco de café da manhã.

Ele olhou ao redor com ar de assombro.

– Não foi uma decisão sábia vir para cá.

– E para onde iremos? Está nevando. Em Woodstock a aldeia está pronta para me arrastar até um juiz sob a acusação de feitiçaria. Em Sept-Tours nós teremos que dormir em camas separadas e conviver com seu pai, mas talvez ele encontre uma bruxa que possa me ajudar. – Até então as decisões precipitadas de Matthew não tinham ajudado em nada.

– Philippe é irritante. E quanto a encontrar uma bruxa, ele é tão apaixonado pelo seu povo quanto *maman*. – Matthew fixou os olhos nas ranhuras da madeira da mesa e puxou um pedacinho de cera de vela que estava enfiado em uma delas. – Minha casa em Milão é uma opção.

Podemos passar o Natal lá. As bruxas italianas são bastante conhecidas pela magia e pelo poder de previsão.

– Absolutamente, Milão não. – Philippe surgiu à nossa frente com a força de um furacão, deslizou no banco e pôs-se ao meu lado. Matthew sempre moderava sua velocidade e sua força com zelo, em consideração aos nervos dos sangues-quentes. Miriam, Marcus, Marthe e também Ysabeau faziam o mesmo. Mas o pai não demonstrava a mesma consideração.

– Já realizei meu dever filial, Philippe – disse Matthew laconicamente. – Não há razão para permanecermos aqui e em Milão ficaremos bem. Diana conhece a língua toscana.

Se ele se referia ao italiano, eu era capaz de pedir *tagliatelle* nos restaurantes e livros na biblioteca. Mas duvidava que isso fosse suficiente.

– Será útil para ela. É lamentável que não tenham escolhido Florença. Mas será preciso muito tempo para que a cidade lhe dê boas-vindas depois de suas últimas escapadelas de lá – disse Philippe suavemente. – *Parlez-vous français, madame?*

– *Oui* – respondi desconfiada de que a conversa tomasse um rumo multilíngue que tendia a piorar.

– Hum. – Philippe franziu a testa. – *Dicunt mihi vos es philologus.*

– Ela é erudita – disse Matthew em tom firme. – Se quiser provas das credenciais dela, terei imenso prazer em fornecê-las em particular e depois do café da manhã.

– *Loquerisne latine?* – perguntou Philippe para mim, como se não tivesse ouvido as palavras do filho. – *Milás elliniká?*

– *Mea lingua latina est mala* – retruquei, terminando o vinho. Philippe arregalou os olhos frente a minha sofrível resposta de aluna de colégio, e isso me levou de volta aos horrores das primeiras lições de latim. Poderia ler um texto de alquimia em latim se o colocassem diante de mim. Mas ainda não estava preparada para uma discussão oral. Resisti com bravura

na expectativa de que tivesse discernido corretamente a segunda pergunta como um teste do meu domínio do grego. – *Tamen mea lingua graeca est peior*.

– Sendo assim também não devemos conversar nessa língua – murmurou Philippe com desânimo. Voltou-se para Matthew com indignação. – *Den tha ekpaidéfsoun gynaíkes sto méllon?*

– As mulheres da época de Diana recebem muito mais instrução do que aos seus olhos seria sábio, pai – respondeu Matthew. – Mas não em grego.

– No futuro não se precisa mais de Aristóteles? Deve ser um mundo estranho. Fico feliz por não fazer parte desse futuro. – Philippe cheirou o jarro de vinho desconfiado e decidiu bebê-lo. – Diana terá que ser mais fluente tanto no francês como no latim. Poucos criados daqui falam o inglês, e na ala de serviço ninguém fala. – Ele jogou um pesado molho de chaves na mesa. Abri os dedos automaticamente para pegá-lo.

– Absolutamente, não – disse Matthew, esticando-se para impedir que eu pegasse as chaves. – Diana não ficará aqui muito tempo para se preocupar com o andamento da casa.

– Além de ser a mulher de posição mais elevada em Sept-Tours, isso é dever dela. Talvez seja melhor começar, acho eu, pelo cozinheiro – disse Philippe, apontando para a chave maior. – Essa abre a despensa. As outras abrem os fornos, os fogões e os quartos de dormir, exceto o meu e as adegas.

– Qual dessas abre a biblioteca? – perguntei, apontando para as superfícies de ferro com interesse.

– Nesta casa não trancamos livros – respondeu Philippe –, só comida, cerveja e vinho. Raramente a leitura de Heródoto e são Tomás de Aquino leva à má conduta.

– Há uma primeira vez para tudo – retruquei entre dentes. – E como o cozinheiro se chama?

– Chef.

– Não, o nome próprio – eu disse confusa.

Philippe deu de ombros.

– Ele está no comando, então é o Chef. Nunca o chamei por outro nome. Já o chamou por outro nome, *Matthaios*? – Pai e filho se entreolharam de um modo que me preocupou em relação ao futuro da mesa que os separava.

– Achei que o senhor estivesse no comando. Se chamar o cozinheiro de "Chef", como devo chamá-lo? – Meu tom cortante distraiu temporariamente a vontade de Matthew de jogar a mesa para o alto e esganar o pai.

– Todo mundo aqui me chama de "*sire*" ou de "pai". Qual prefere? – A pergunta de Philippe soou sedosa e perigosa.

– Chame-o só de Philippe – retumbou Matthew. – Ele tem muitos outros títulos, mas os que mais se adaptam a ele poderiam queimar sua língua, Diana.

Philippe sorriu para o filho.

– Estou vendo que não perdeu o instinto de competição, mesmo quando perde o juízo. Deixe os assuntos domésticos para sua mulher e junte-se a mim numa cavalgada. Você parece enfraquecido e precisa de um exercício adequado. – Ele esfregou as mãos de ansiedade.

– Não me afastarei de Diana – retrucou Matthew, mexendo um grande saleiro de prata com nervosismo, um ancestral do humilde saleiro de barro que eu tinha próximo ao meu fogão em New Haven.

– Por que não? – bufou Philippe. – Alain poderá fazer o papel de aia.

Matthew abriu a boca para replicar.

– Pai? – perguntei com doçura, cortando o clima entre os dois. – Posso falar privadamente com meu marido antes de se encontrarem no estábulo?

Philippe estreitou os olhos. Ergueu-se e fez uma leve reverência em minha direção. Foi a primeira vez que o vampiro se moveu com uma velocidade relativamente normal.

– É claro, madame. Pedirei a Alain que tome conta de você. Desfrutem da privacidade de vocês... enquanto a possuem.

Matthew pregou os olhos em mim e esperou que o pai saísse do ambiente.

– O que há com você, Diana? – perguntou tranquilamente quando me levantei e caminhei em torno da mesa.

– Por que Ysabeau está em Trier? – perguntei de volta.

– E o que isso importa? – Ele se mostrou evasivo.

Soltei um palavrão de marinheiro que removeu o ar de inocência do semblante dele. Naquela noite eu tinha tido tempo para refletir no aposento perfumado de rosa de Louisa – tempo suficiente para juntar as peças dos acontecimentos das últimas semanas aos conhecimentos que já tinha do período.

– Importa porque não há muita coisa a fazer na Trier de 1590 além de caçar bruxas! – Um criado atravessou a sala em direção à porta de entrada. Abaixei o tom da voz porque ainda restavam três homens sentados perto da lareira. – Não é hora nem lugar para discutir o papel atual do seu pai no alvorecer da moderna geopolítica, ou para saber por que um cardeal permitiu que você transitasse pelo monte Saint-Michel como se fosse sua ilha particular, ou para saber como ocorreu a trágica morte do pai de Gallowglass. Mas você me *dirá*. E depois realmente vamos precisar de um pouco mais de tempo e privacidade para que me explique os aspectos técnicos do acasalamento de um vampiro.

Girei o corpo e me afastei. Ele esperou enquanto me distanciava e pensava na possibilidade de sair e depois me puxou pelo cotovelo. Era a maneira instintiva de agir dos predadores.

– Não, Diana. Falaremos sobre nosso casamento antes de sairmos desta sala.

Matthew se voltou para os últimos criados que desfrutavam a refeição matinal. Um aceno de cabeça fez o grupo se dispersar.

– Que casamento? – perguntei. Os olhos dele cintilaram perigosamente e se aquietaram em seguida.

– Você me ama, Diana? – A pergunta gentil me pegou de surpresa.

– Amo – respondi prontamente. – Mas se amá-lo fosse o mais importante tudo seria simples demais e ainda estaríamos em Madison.

– Mas *é* simples. – Ele se levantou. – Pois se você me ama as palavras do meu pai não terão o poder de dissolver as promessas trocadas entre nós e a Congregação não poderá nos impor o acordo.

– Se você realmente me amasse teria se dado para mim. De corpo e alma.

– Isso não é tão simples – disse ele com ar triste. – Desde o início lhe avisei que o relacionamento com vampiros é complicado.

– Philippe parece não achar isso.

– Então, deite-se com ele. Se você me deseja, terá que esperar. – A serenidade com que Matthew se recompôs foi como um rio de gelo: sólida na superfície e com rugidos no fundo. Já vinha dizendo as palavras como se fossem armas desde a nossa partida da Velha Cabana. Isso era indesculpável, embora ele tivesse pedido desculpas nas primeiras observações cortantes que fez. E agora ele estava novamente com o pai e o verniz civilizado que aparentava era muito tênue se comparado ao moderno e humano arrependimento.

– Philippe não faz o meu tipo – retruquei com frieza. – Mas poderia me fazer o favor de explicar por que deveria esperar por você.

– Porque não existe divórcio entre os vampiros. Ficam unidos até a morte. Alguns como a mamãe e Philippe se separam durante um tempo... – Ele deu uma pausa. – Quando há desentendimentos. Arrumam novos amantes. Mas o tempo e a distância os levam a resolver as diferenças e a retomar o casamento. Mas comigo isso não funciona.

– Bem. Comigo isso também não funciona. Mas ainda não consigo entender por que isso o deixa tão relutante em consumar nossa relação. –

Ele já conhecia as reações do meu corpo às carinhosas atenções de um amante. Não era eu nem a ideia de sexo que o faziam hesitar.

– É muito cedo para cercear sua liberdade. Depois que me perder dentro de você não haverá outros amantes nem separações. Você precisa saber se realmente deseja casar com um vampiro.

– Você chega e me deseja repetidas vezes, e quando o desejo acha que não conheço o meu próprio desejo?

– Já tive muitas oportunidades para saber o que você deseja. Sua paixão por mim talvez seja apenas uma maneira de atenuar seu medo do desconhecido, ou de satisfazer seu desejo de abraçar o mundo das criaturas que negou por tanto tempo.

– Paixão? Eu amo você. E não fará diferença se tiver dois dias ou dois anos. Minha decisão será a mesma.

– Fará diferença porque eu não faria com você o que seus pais fizeram! – Ele explodiu e me empurrou quando passou por mim. – Unindo-se com um vampiro não estará menos enclausurada do que quando se viu amarrada magicamente pelas bruxas. Pela primeira vez na vida está vivendo à sua maneira e mesmo assim prefere trocar uma série de restrições por outra. Minhas restrições não são encantamentos de contos de fadas e nenhum encantamento poderá dissipá-las quando começarem a incomodar.

– Eu sou a sua amada, não a sua prisioneira.

– E eu sou um vampiro, não um sangue-quente. Com instintos de união primitivos e difíceis de controlar. Ficarei concentrado em você de corpo e alma. Ninguém merece uma atenção cruel como essa, e muito menos a mulher amada.

– Quer dizer que tanto posso viver sem você como posso ser trancada numa torre por você. – Balancei a cabeça em negativa. – Isso não faz sentido. Está com medo de falar. Você morre de medo de me perder e esse medo piorou depois que reencontrou Philippe. Se me afastar não vai aliviar

a sua dor, mas se falar sobre isso talvez alivie.

– Minhas feridas se abriram e sangraram quando reencontrei meu pai. Não estão sarando com a rapidez esperada? – Matthew assumiu um tom cruel novamente. Estremeci. Aquelas feições que antes tremularam de arrependimento endureceram.

– Sei que você preferia estar em qualquer outro lugar a estar aqui, Matthew. Mas Hancock estava certo quando disse que eu não sobreviveria em lugares como Londres ou Paris, onde poderíamos encontrar outra bruxa de boa vontade. Logo as outras mulheres notariam minhas diferenças e não seriam tão complacentes quanto Henry e Walter. Eu seria levada às autoridades... ou à Congregação em questão de dias.

O olhar agudo de Matthew serviu de contrapeso ao aviso do que significava ser objeto de atenção de um vampiro obcecado.

– Outra bruxa não vai se importar – replicou ele com teimosia, soltando os meus braços e se afastando. – E posso cuidar da Congregação.

Os poucos passos que me separavam dele se estenderam de tal modo que era como se estivéssemos em lados opostos do mundo. Minha velha amiga solidão já não era mais sentida como amiga.

– Não podemos continuar assim, Matthew. Sem família e sem haveres, e eu totalmente dependente de você – continuei. O juízo dos historiadores sobre o passado estava correto quando se referia à fraqueza estrutural associada à condição da mulher sem amigos e sem dinheiro. – Precisamos ficar em Sept-Tours até que eu possa entrar nos lugares sem atrair a curiosidade alheia e até que possa lidar com as coisas por conta própria. Começando por isto aqui. – Mostrei o molho de chaves do castelo.

– Você quer brincar de casinha? – perguntou ele incrédulo.

– A questão não é brincar de casinha. A questão é levar a coisa a sério. – Ele remexeu os lábios ao ouvir as palavras, mas não era um sorriso verdadeiro. – Pode ir. Fique algum tempo com seu pai. Estarei ocupada demais para sentir a sua falta.

Matthew se dirigiu aos estábulos sem beijos e sem palavras de despedida. A falta desse apoio habitual me deixou com a sensação de que estava estranhamente incompleta. Logo que o cheiro dele se dissipou, chamei suavemente por Alain, que chegou seguido por Pierre com uma rapidez suspeitosa. Eles deviam ter ouvido cada palavra de nossa conversa.

– Olhar pela janela não vai esconder seus pensamentos, Pierre. Isso é só um dos poucos *tells* do seu patrão, e a cada momento ele faz isso, sei que ele está escondendo alguma coisa.

– *Tells?* – Pierre me olhou confuso. O jogo de pôquer ainda não tinha sido inventado.

– Sinais externos de preocupações internas. Matthew sempre desvia os olhos quando está ansioso ou quando não quer me dizer alguma coisa. E ele passa os dedos no cabelo quando não sabe o que fazer. Tudo isso são *tells*.

– Ele faz isso, sim, madame. – Pierre me olhou aterrado. – Milorde sabe que a senhora usa o poder divinatório de bruxa para olhar dentro da alma dele? Madame De Clermont conhece esses hábitos, e os irmãos e o pai de milorde também. Mas faz pouco tempo que a senhora o conhece e mesmo assim o conhece tanto.

Alain tossiu.

Pierre pareceu mortificado.

– Eu me excedi, madame. Por favor, me perdoe.

– A curiosidade é uma bênção, Pierre. E para conhecer meu marido, uso apenas a observação, não a divinação. – Não havia razão para deixar de plantar as sementes da Revolução Científica na Auvergne daquele tempo. – Acho que será mais confortável conversar na biblioteca. – Apontei sem saber se era a direção certa.

O aposento onde os De Clermont mantinham grande parte dos livros era para mim o que mais se aproximava do prazer na Sept-Tours do século XVI. Logo que senti o cheiro de papel, de couro e de pedra me livrei em

parte da solidão. Era um mundo conhecido.

– Temos muito trabalho a fazer – eu disse mansamente, voltando-me para os agregados da família. – Antes de tudo quero que me prometam uma coisa.

– Um voto, madame? – Alain me olhou desconfiado.

Assenti com a cabeça.

– Se eu requisitar alguma coisa que requeira a assistência de milorde ou, principalmente, do pai dele, por favor, digam-me que na mesma hora mudaremos de rumo. Eles não precisam se preocupar com meus probleminhas. – Os dois ficaram desconfiados e intrigados.

– *Òc.* – Alain balançou a cabeça.

Apesar do começo auspicioso, a primeira reunião que tive com a equipe foi dura. Pierre não quis se sentar na minha presença e Alain só se sentaria se eu também me sentasse. E como a inércia não era uma opção aceitável e minha ansiedade em relação às minhas responsabilidades em Sept-Tours era crescente, acabamos fazendo uma volta completa pela biblioteca. Enquanto fazíamos isso apontei para os livros que deveriam ser levados para o quarto de Louisa e enunciei os suprimentos que seriam necessários, e depois os instruí para que levassem minhas roupas a um alfaiate, onde serviriam de modelo para um conjunto básico de roupas. Só vestiria as roupas de Louisa de Clermont por mais dois dias. E para isso ameacei recorrer aos calções e meias no armário de Pierre. Eles se aterrorizaram com a perspectiva de um grave despudor feminino.

Ao longo da segunda e da terceira hora discutimos o funcionamento do castelo. Eu sabia o que perguntar, embora não tivesse experiência em administrar uma casa com tamanha complexidade. Alain me deu o nome e a descrição da função dos empregados mais importantes e fez uma breve introdução sobre as personalidades da aldeia e das que estavam na casa naquele momento, e ainda especulou sobre as visitas que receberíamos nas semanas seguintes.

Depois, fomos para o território da cozinha, onde tive um primeiro encontro com Chef. Um humano magro como um caniço e não mais alto que Pierre. Assim como Popeye, tinha muques do tamanho de um presunto. E a razão para os muques se revelou quando ele ergueu uma grande quantidade de massa e trabalhou-a na superfície enfarinhada da mesa. Assim como eu, Chef só conseguia pensar quando estava em movimento.

A notícia de uma hóspede sangue-quente que dormia no quarto ao lado do quarto do chefe da família já tinha chegado à ala dos criados. Assim como também circulavam especulações sobre o meu relacionamento com milorde e sobre que tipo de criatura eu poderia ser, baseadas no meu cheiro e nos meus hábitos alimentares. As palavras *sorcière* e *masca* – bruxa em francês e em occitano – chegaram aos meus ouvidos quando entrei naquele inferno de atividade e calor. Chef já estava com a equipe reunida na cozinha que era ampla e bizantina em sua organização. E eles então puderam me observar em primeira mão. Alguns eram vampiros, outros, humanos, e um deles, demônio. Anotei mentalmente o nome de uma mocinha chamada Catrine, cujo olhar cutucava o meu rosto com uma curiosidade flagrante. Ela deveria ser tratada e cuidada com zelo até que tivesse os pontos fortes e fracos esclarecidos.

Eu estava determinada a só falar inglês em caso de necessidade, e mesmo assim apenas com Matthew, o pai dele, Alain e Pierre. E o resultado é que minha conversa com Chef e seus associados foi repleta de mal-entendidos. Felizmente, Alain e Pierre foram gentis, desatando os nós quando o meu francês se embaralhava com o pesado sotaque occitano. Eu já tinha sido uma excelente mímica e era hora de recorrer a esse talento e de prestar atenção nas inflexões da língua local. E também já tinha colocado diversos dicionários na lista de compras para a próxima vez que alguém se dirigisse à cidade de Lyon.

Só fisguei a simpatia de Chef quando elogiei seus dotes culinários e sua

eficiência em gerir a cozinha, e quando solicitei que me comunicasse imediatamente se viesse a precisar de alguma coisa para sua culinária mágica. Mas o bom relacionamento selou-se em definitivo quando mostrei interesse pelas comidas e bebidas preferidas de Matthew. Chef se animou todo e desandou a falar de mãos agitadas no ar sobre a condição esquelética de milorde, atribuindo-a exclusivamente ao desinteresse dos ingleses pelas artes da cozinha.

– Não mandei Charles para cuidar das necessidades dele? – disse Chef em veloz occitano, erguendo a massa no ar e batendo-a na mesa. Pierre traduziu baixinho e o mais rápido possível. – Perdi o meu melhor assistente e isso não representou nada para os ingleses! Milorde tem um estômago delicado e sempre definha quando não é seduzido a comer.

Pedi desculpas em nome dos ingleses e perguntei como poderíamos reconstituir a saúde de Matthew, embora a ideia de um marido mais robusto me deixasse alarmada.

– Ele gosta mesmo de peixe cru e de carne de veado?

– Milorde precisa de sangue. E só o aceita quando preparado de maneira adequada.

Chef conduziu-me ao cômodo das caças, onde recipientes de prata recolhiam o sangue que pingava dos pescoços cortados de diversas carcaças de feras que estavam suspensas.

– Milorde só aceita sangue coletado em prata, vidro ou porcelana. – Chef instruiu com um dedo erguido.

– Por quê? – perguntei.

– Os outros recipientes maculam o sangue com odores e sabores ruins. Este aqui é puro. Sinta o cheiro. – Ele estendeu uma taça. O aroma metálico revirou o meu estômago e me fez tapar a boca e o nariz. Alain fez menção de retirá-la, mas o impedi com um olhar.

– Por favor, continue.

Chef me olhou com aprovação e se pôs a descrever os outros quitutes

que integravam a dieta do meu marido. Matthew adorava caldo de carne reforçado com vinho e especiarias e servido frio. E bebia sangue de perdiz em pequenas quantidades e nunca nas primeiras horas do dia. Chef balançou a cabeça e explicou que madame De Clermont não era tão difícil e que não tinha passado o seu surpreendente apetite para o filho.

– Não passou, não – reafirmei, lembrando do passeio de caça com Ysabeau.

Chef pôs a ponta do dedo dentro da taça de prata, ergueu-a contra a luz e depois levou o líquido vermelho à boca e o deixou escorrer pela língua abaixo.

– Sangue de cervo. É o favorito dele, claro. Não é tão rico quanto o sangue humano, mas tem um sabor similar.

– Posso? – perguntei hesitante, estendendo o dedo mindinho até a taça. Se o sangue de veado tinha revirado o meu estômago, talvez o gosto de sangue de cervo fosse diferente.

– Milorde não vai gostar disso, madame De Clermont – disse Alain, com evidente preocupação.

– Mas ele não está aqui – retruquei. Enfiei a ponta do mindinho na taça. Levei o sangue espesso ao nariz e o cheirei assim como Chef fizera. Que aromas Matthew sorvia? Que sabores sentia?

Passei o dedo nos lábios, inundando os meus sentidos de informações: vento em picos rochosos, confortável leito de folhas dentro de um buraco entre duas árvores, alegria de correr livremente. E acompanhando tudo isso, uma batida firme e retumbante. *Uma pulsação, um coração.*

O que experimentei do estilo de vida dos cervos desvaneceu rapidamente. Estiquei o dedo com um desejo voraz de saber mais, mas a mão de Alain me deteve. A sede de informações que ainda roía dentro de mim diminuiu de intensidade à medida que os últimos traços de sangue se foram de minha boca.

– Talvez seja melhor madame voltar para a biblioteca agora – sugeriu

Alain, olhando de forma intimidadora para Chef.

Enquanto saíamos da cozinha falei o que Chef teria que fazer quando Matthew e Philippe retornassem da cavalgada. Percorríamos um longo corredor de pedra quando parei abruptamente em frente a uma porta baixa e aberta. Por pouco Pierre não esbarrou em mim.

– De quem é esse aposento? – perguntei, com a garganta fechada pelo aroma das ervas dependuradas nas vigas do teto.

– Pertence à mulher de madame De Clermont – respondeu Alain.

Marthe. Pensei comigo e dei um passo à frente da soleira da porta. Alguns potes de cerâmica estavam impecavelmente dispostos nas prateleiras, e o chão estava bem limpo. O ar cheirava a uma substância medicinal... menta? Isso me trouxe à mente o odor que às vezes exalava das roupas das donas de casa. Girei o corpo e os três ainda estavam sob o umbral da porta.

– Não são permitidos homens aí dentro, madame – disse Pierre, olhando por cima do próprio ombro, como se temendo que Marthe aparecesse a qualquer momento. – Somente Marthe e *mademoiselle* Louisa passam o tempo nessa despensa. Nem mesmo madame De Clermont entra aí.

Ysabeau não aprovava os remédios fitoterápicos de Marthe – eu já sabia disso. Marthe não era uma bruxa, mas fazia poções que deviam muito pouco às de Sarah. Varri o recinto com os olhos. Assim como na cozinha havia mais a fazer do que apenas cozinhar, no século XVI havia mais a aprender do que administrar a casa e minha magia.

– Quero usar essa despensa enquanto estiver em Sept-Tours.

Alain me lançou um olhar cortante.

– Usar essa despensa?

Balancei a cabeça.

– Para alquimia. Por favor, traga dois barris de vinho para que possa usá-los aqui... os mais velhos que puder, mas nada que já tenha virado

vinagre. Preciso de alguns instantes para avaliar o que há por aqui.

Pierre e Alain se agitaram nervosos perante o inesperado. Chef comparou a minha segurança com a insegurança de seus companheiros e assumiu o comando, empurrando-os em direção aos domínios da cozinha.

Depois que cessaram as reclamações de Pierre, girei os olhos pelo entorno. Na mesa de madeira à frente, cortes produzidos pelo trabalho de centenas de facas que separavam folhas de talos. Passei o dedo sobre um dos cortes e cheirei.

Alecrim. Só para lembrar.

Lembra? Era a voz de Peter Knox, o bruxo do tempo moderno de onde eu tinha saído que trouxera lembranças da morte dos meus pais e que também tentara se apossar do Ashmole 782. Passado e presente colidiram mais uma vez e olhei de relance para um canto próximo à lareira, e lá estavam os fios de cor âmbar-azul como era esperado. Também captei outra coisa de outra criatura de outro tempo. Estiquei os dedos perfumados de alecrim para fazer contato, mas era tarde demais. Fosse lá quem fosse já tinha ido embora, deixando para trás apenas aquele canto e a poeira.

Lembra.

Era a voz de Marthe que ecoava agora em minha memória, nomeando ervas e ensinando-me a pegar uma pitada de cada uma para fazer um chá. Um chá para abortar a concepção, se bem que eu não sabia disso quando o ingeri quentinho pela primeira vez. Certamente, os ingredientes daquele chá estavam na despensa de Marthe.

Uma caixa de madeira comum estava fora do alcance na prateleira de cima. Coloquei-me na ponta dos pés, ergui o braço direito e desejei que a caixa viesse até mim, da mesma forma que um dia atraíra um livro de uma estante da Bodleiana até minhas mãos. A caixa deslizou obsequiosamente em minha direção até que a alcancei com os dedos. Peguei a caixa e a coloquei em cima da mesa com todo cuidado.

A tampa aberta deixou à vista doze compartimentos iguais, cada qual repleto de uma única substância. *Salsa. Gengibre. Matricária. Alecrim. Sálvia. Sementes de Cenoura do Mato. Artemísia. Poejo. Angélica. Arruda. Tanaceto. Raiz de Zimbro.* Marthe estava bem equipada para ajudar as mulheres da aldeia a controlar a fertilidade. Toquei em cada uma das ervas, feliz pela lembrança dos nomes e dos aromas. Mas a felicidade se transformou em vergonha rapidamente. Eu só sabia o nome das ervas – não sabia a fase da lua propícia para colhê-las nem os outros usos mágicos que poderiam ter. Sarah devia saber. E qualquer mulher do século XVI também.

Deixei a vergonha de lado e me dei por satisfeita porque sabia uma das funções daquelas ervas se colocadas na água quente ou no vinho. Enfiei a caixa debaixo do braço e juntei-me aos outros na cozinha. Alain levantou-se.

– A senhora já terminou por aqui, madame?

– Sim, Alain. *Mercés*, Chef – eu disse.

De volta à biblioteca, coloquei a caixa no canto de minha mesa com cuidado e puxei uma folha de papel em branco para mim. Sentei e peguei uma pena.

– Chef disse que dezembro começa no sábado. Eu não quis mencionar isso na cozinha, mas alguém poderia me explicar como perdi a segunda quinzena de novembro? – Mergulhei a pena no pote de tinta preta e olhei para Alain com impaciência.

– Os ingleses se recusam a aceitar o novo calendário do papa – disse ele lentamente, como se estivesse falando com uma criança. – Então, enquanto lá é 17 de novembro aqui na França é 27 de novembro.

Eu tinha retrocedido quatro séculos no tempo sem perder uma única hora, mas a viagem da Inglaterra de Elizabeth até a França devastada pela guerra me custara aproximadamente três semanas e não dez dias. Suspirei e escrevi a data correta no alto da página. Parei de escrever.

– Isso significa que o Advento será domingo.

– *Oui*. A aldeia... e milorde, claro, vão jejuar até a noite da véspera do Natal. A casa inteira vai quebrar o jejum junto ao amo no dia dezessete de dezembro.

Como seria o jejum de um vampiro? Meu conhecimento das cerimônias religiosas cristãs era de pouca serventia.

– O que acontece no dia dezessete? – perguntei enquanto anotava a data.

– É a Saturnália, madame – respondeu Pierre –, celebração dedicada ao deus da colheita. O amo Philippe ainda celebra os velhos dias.

– Antigos. – Era o termo mais adequado. A Saturnália deixara de ser praticada desde os últimos dias do Império Romano. Belisquei a ponta do nariz, sentindo-me sobrecarregada. – Alain, vamos começar pelo começo. O que exatamente acontecerá nesta casa no fim de semana?

Depois de trinta minutos de discussão e de mais três maços de papel, deixaram-me sozinha com os livros, os papéis e uma dor de cabeça lancinante. Passado algum tempo soou uma comoção no grande saguão, seguida por uma ruidosa risada. Soou em saudação uma voz conhecida e sabe-se lá por que mais vívida e aconchegante do que antes.

Matthew.

Ele se pôs à frente antes que eu tivesse tempo de deixar os papéis de lado.

– Reparou que eu estava fora? – O rosto de Matthew estava tocado de cor. Soltou um cacho do meu cabelo com os dedos enquanto me pegava pela nuca e me beijava na boca. A língua dele não estava com gosto de sangue, só estava com o gosto do vento que soprava lá fora. Cavalgara, mas não se alimentara. – Sinto muito pelo que houve mais cedo, *mon coeur* – sussurrou no meu ouvido. – Desculpe-me pela má conduta que tive com você. – O humor dele se transformara com a cavalgada e pela primeira vez reagia à presença do pai de um modo natural e tranquilo.

– Diana – disse Philippe, saindo por trás do filho. Pegou o livro mais próximo e folheou as páginas sob a luz. – Está lendo *A história dos francos*... e não pela primeira vez, suponho. Este livro seria mais agradável, claro, se a mãe de Gregório tivesse revisado a escrita. O latim de Armentaria era muito melhor. Era um prazer receber as cartas dela.

Eu ainda não tinha lido o conhecido livro de Gregório de Tours sobre a história francesa, mas não havia razão para que Philippe soubesse disso.

– Na época em que frequentou com Matthew a escola em Tours o seu estimado Gregório era apenas um menino de 12 anos de idade. Matthew era bem mais velho que o professor, mas os outros meninos não se importavam com isso e no recreio ele deixava que lhe subissem às costas para fazê-lo de cavalo. – Philippe folheou as páginas. – Onde está aquela passagem sobre o gigante? É a parte de que mais gosto.

Alain entrou, trazendo uma bandeja com duas taças de prata. Colocou a bandeja em cima da mesa perto do fogo.

– *Merci*, Alain. – Apontei para a bandeja. – Vocês dois devem estar esfomeados. Chef preparou a refeição de vocês. Por que não me contam como passaram a manhã?

– Eu não preciso... – Matthew iniciou a frase. Eu e Philippe deixamos escapar murmúrios de exasperação. Philippe acedeu para mim com uma educada inclinação de cabeça.

– Precisa, sim – retruquei. – É sangue de perdiz e seu estômago suporta isso a essa hora do dia. Tomara que você volte a caçar amanhã e sábado. Se você pretende jejuar nas próximas quatro semanas, é melhor se alimentar enquanto pode. – Agradeci para Alain que fez uma reverência antes de olhar discretamente para o amo e sair às pressas do aposento. – Sua taça tem sangue de cervo, Philippe. Foi coletado nesta manhã.

– Como é que soube do sangue de perdiz e do jejum? – Matthew gentilmente ajeitou um cacho do meu cabelo que estava solto.

Olhei nos olhos cinza-esverdeados do meu marido.

– E ainda fiz outras coisas ontem. – Soltei os cabelos antes de estender a taça para ele.

– Degustarei a refeição em outro lugar – disse Philippe –, e os deixarei livres para prosseguir com a discussão.

– Não estamos discutindo. Matthew precisa preservar a saúde. Por onde vocês cavalgaram esta manhã? – Peguei a taça de sangue de cervo e a entreguei para Philippe.

A atenção de Philippe transitou da taça de prata ao rosto do filho e de novo para mim. Lançou-me um sorriso deslumbrante, com um olhar de apreciação sincero. E depois pegou a taça e ergueu-a em brinde de saudação.

– Muito obrigado, Diana – disse em tom repleto de amizade.

Contudo, aqueles olhos sobrenaturais que nunca deixavam de se atentar para tudo continuaram cravados em mim enquanto Matthew descrevia os acontecimentos da manhã durante a cavalgada. Fui alertada por uma sensação de degelo de primavera quando a atenção de Philippe se voltou abruptamente para o filho. Não resisti à tentação de olhar de relance para ele na tentativa de decifrar o que lhe passava pela cabeça. Nossos olhos se cruzaram e colidiram. O alerta não deixava espaço para dúvidas.

Algum plano se formava na cabeça de Philippe de Clermont.

– O que achou do território da cozinha? – perguntou Matthew, desviando a conversa para mim.

– Fascinante – respondi, defrontando-me com os olhos astutos e desafiadores de Philippe. – Absolutamente fascinante.



Se Philippe era fascinante, também era cruel e impenetrável – assim como Matthew dissera.

Na manhã seguinte, eu e Matthew estávamos no grande saguão quando o meu sogro pareceu se materializar em pleno ar. Não era de espantar que os humanos pensassem que os vampiros podiam virar morcegos. Mergulhei um pedaço de pão torrado na gema de ovo e o levei à boca.

– Bom-dia, Philippe.

– Diana. – Ele balançou a cabeça. – Vamos, Matthew. Você precisa se alimentar. Vamos à caça, já que não fará isso na frente de sua esposa.

Matthew hesitou com certa inquietude, olhou-me com ar fugaz e desviou os olhos.

– Talvez amanhã.

Philippe resmungou alguma coisa entre dentes, balançando a cabeça em negativa.

– Precisa prestar atenção em suas necessidades, *Matthaios*. Um *manjasang* faminto e exausto não é um companheiro de viagem ideal para ninguém, e muito menos para uma bruxa sangue-quente.

Dois homens entraram no saguão, batendo a neve das botas. O ar gelado penetrou pelos entalhes da madeira. Matthew olhou com desejo para a porta. Uma caçada aos cervos pelos campos gelados não só alimentaria o corpo como também desanuviaria a cabeça. E se o dia anterior indicara alguma coisa, ele estaria com um humor renovado quando retornasse.

– Não se preocupe comigo. Tenho muita coisa a fazer – eu disse,

segurando-o pela mão e acariciando-a como garantia.

Depois do café da manhã eu e Chef estabelecemos o cardápio para o banquete de pré-Advento no sábado. Feito isso, discuti minhas necessidades de vestuário com o alfaiate e a costureira da aldeia. Minha dificuldade com o francês me fez pensar que encomendara uma tenda de circo. No final da manhã já estava com ânsias de ar fresco e persuadi Alain a me levar para passear pelas oficinas nos arredores do castelo. Grande parte das necessidades dos residentes do castelo – como velas e água potável – era encontrada naquele lugar. Fixei na memória os detalhes de como o ferreiro derretia os metais, já que esse conhecimento me seria útil quando retornasse a minha vida real de historiadora.

Se não fosse pela hora que passei na oficina metalúrgica, teria tido um típico dia de uma nobre da época. Convicta de que fizera grandes progressos no projeto de me adaptar à época, dediquei-me com prazer à leitura e à caligrafia durante algumas horas. Quando os músicos começaram a se preparar para o último banquete antes do longo mês de jejum, pedi para que me dessem uma aula de dança. Mais tarde, aventurei-me na despensa e logo me entretive com um glorioso alambique de dupla caldeira, um destilador de cobre e um pequeno barril de vinho velho. Thomas e Étienne, dois garotos emprestados da cozinha, mantinham as brasas do fogo com um par de foles de couro que suspiravam toda vez que eram pressionados.

O retorno ao passado propiciava-me uma oportunidade perfeita de praticar o que só conhecia pelos livros. Depois de esmiuçar o equipamento de Marthe, arquitetei um plano para transmutar o espírito do vinho em uma substância básica a ser usada nos procedimentos alquímicos. Mas logo, logo comecei a praguejar.

– Isso nunca vai condensar adequadamente – resmunguei de mau humor, olhando para o vapor que emergia do destilador.

Os garotos da cozinha que não conheciam a língua inglesa fizeram um

bulício simpático quando consultei um livro que pegara na biblioteca dos De Clermont. Naquelas estantes havia um sem-número de volumes interessantes. Talvez algum explicasse como reparar vazamentos.

– Madame? – disse Alain suavemente do umbral da porta.

– Sim? – Girei o corpo, enxugando as mãos nas pregas da bata de linho.

Ele olhou horrorizado para dentro do recinto. Meu manto sem mangas estava jogado no encosto de uma cadeira, minhas pesadas mangas de veludo cobriam a beirada de uma panela de cobre e meu corpete estava dependurado em dos ganchos do teto onde se dependuravam panelas. Embora relativamente despida para os padrões do século XVI, minhas vestimentas eram um espartilho, uma gola alta, uma bata de linho de mangas compridas, algumas anáguas e uma saia volumosa – muito mais roupas do que costumava vestir nas palestras. E mesmo assim me senti nua e levantei o queixo, desafiando-o a ousar dizer uma palavra. Ele desviou os olhos, com bom senso.

– Chef não sabe que refeição fazer esta noite – disse.

Franzi a testa. Chef era infalível em saber o que fazer.

– O pessoal da casa está faminto e sedento, mas ninguém pode sentar à mesa sem a senhora. Se houver um membro da família em Sept-Tours, ele deve presidir a refeição da noite. É o que manda a tradição.

Catrine chegou com uma toalha e uma tigela. Mergulhei as mãos na água perfumada de lavanda.

– Há quanto tempo estão esperando? – Puxei a toalha do braço de Catrine. Um saguão entupido de sangues-quentes famintos e de vampiros igualmente famintos não era nada sensato. A recente confiança em minha habilidade de administrar o lar da família De Clermont se evaporou.

– Há mais de uma hora. E continuarão esperando até que venha da aldeia a notícia de que Roger está chegando para a noite. *Sieur* Philippe me fez acreditar... – Ele cortou a frase em respeitoso silêncio.

– *Vite* – eu disse, apontando para as roupas espalhadas. – Catrine, você

precisa me vestir.

– *Bien sûr*. – Catrine deixou a tigela de lado e caminhou até o corpete que estava dependurado. Uma grande mancha de tinta pôs fim a minha esperança de parecer respeitável.

Entrei no saguão e os bancos arranharam o chão de pedra quando mais de três dezenas de criaturas se ergueram. Ecoou uma nota de reprovação do burburinho. Depois de sentados, começaram a deglutir a refeição atrasada com gosto enquanto eu pegava uma coxa de galinha e descartava tudo mais.

Depois do que pareceu ser uma eternidade, chegaram Matthew e o pai.

– Diana! – Matthew contornou a mesa com ar confuso quando me viu sentada à cabeceira da família. – Achei que você estaria lá em cima ou na biblioteca.

– Achei que seria mais educado sentar-me aqui, mesmo porque Chef trabalhou muito para preparar a comida. – Olhei fixamente para o pai dele. – Como foi a caçada, Philippe?

– Adequada. Mas sangue de animal só constitui uma parte da nutrição. – Ele acenou para Alain enquanto seus olhos frios resvalavam na minha gola alta.

– Basta. – O tom de aviso de Matthew soou baixinho, mas inconfundível. As cabeças giraram para ele. – Você devia tê-los instruído a começar sem nós. Vamos lá para cima, Diana. – As cabeças giraram de volta para mim à espera de minha resposta.

– Ainda não terminei – eu disse, apontando para o meu prato –, e os outros também não. Sente-se ao meu lado e tome um pouco de vinho. – Matthew podia ser um príncipe renascentista tanto em substância como em estilo, mas nunca me levantaria com um estalar de dedos.

Ele sentou-se ao meu lado e me esforcei para engolir um pouco de galinha. Levantei-me quando a tensão se tornou insuportável. E de novo os bancos arranharam o chão de pedra quando todos se levantaram.

– Já terminou? – perguntou Philippe surpreso. – Boa-noite então, Diana. Volte depois, Matthew. Estou com o estranho desejo de jogar xadrez.

Matthew ignorou o pai e estendeu o braço. Não trocamos uma só palavra quando atravessamos o grande saguão e subimos até os aposentos da família. Já à minha porta, ele retomou o controle e arriscou uma conversa.

– Philippe está tratando você como uma gloriosa dona de casa. Isso é intolerável.

– Seu pai está me tratando como uma mulher da época. Aguento lidar com isso, Matthew. – Dei uma pausa, enchendo-me de coragem. – Quando foi que você se alimentou de uma criatura que caminha sobre duas pernas? – Já o tinha forçado a tomar o meu sangue antes de deixarmos Madison, e ele também se alimentara de um sangue-quente anônimo no Canadá. Algumas semanas antes, ainda em Oxford, ele matara Gillian Chamberlain. Talvez tivesse se alimentado dela também. Mas não me parecia que nos últimos meses tivesse entrado uma gota de sangue de outro animal em sua boca.

– Por que me faz essa pergunta? – O tom de Matthew soou cortante.

– Segundo Philippe, você não está tão forte quanto deveria estar. – Apertei a mão dele. – Quero que tome o meu, já que precisa se alimentar e não quer tomar o sangue de um estranho.

Soou um risinho na escada antes que Matthew pudesse responder.

– Cuidado, Diana. Nós *manjasang* temos ouvidos aguçados. Oferecer o próprio sangue nesta casa implica nunca conseguir manter os lobos afastados. – Philippe estava de pé e com os braços apoiados nas laterais de um arco de pedra esculpida.

Matthew girou a cabeça furiosamente.

– Saia daqui, Philippe.

– A bruxa é imprudente. É minha responsabilidade assegurar que os impulsos dela sejam regularmente checados. Do contrário, ela poderá nos

destruir.

– A bruxa é minha – disse Matthew com frieza.

– Ainda não – retrucou Philippe, descendo a escada e balançado a cabeça como se lamentando. – E talvez nunca seja.

Depois desse encontro Matthew se mostrou mais distante e se trancou dentro de si. Estava com raiva do pai e em vez de jogar a frustração na fonte jogava em qualquer outro como eu, Alain, Pierre, Chef e outras criaturas infelizes que lhe cruzavam o caminho. Já com um alto grau de ansiedade por conta do banquete, o pessoal da casa tentava melhorar o comportamento dele por horas a fio. Até que Philippe ofereceu uma opção para o filho. Ou deixava o mau humor de lado ou se alimentava. Contudo, Matthew optou por retirar-se para pesquisar nos arquivos dos De Clermont as possíveis pistas do paradeiro do Ashmole 782 à época. Deixada por conta própria, retornei para a cozinha.

Philippe encontrou-me debruçada com as mangas arregaçadas sobre o destilador defeituoso que inundava o aposento de Marthe de vapor.

– Matthew se alimentou de você? – perguntou abruptamente, passando os olhos nos meus antebraços.

Ergui o braço esquerdo como resposta. O linho macio escorregou até o ombro e deixou à vista o traçado rosado de uma cicatriz irregular na parte interna do cotovelo. Eu tinha feito um corte na carne para que Matthew pudesse beber o meu sangue sem dificuldade.

– Alguma coisa mais?

Philippe olhou para o meu torso.

Expus o meu pescoço com a outra mão, onde havia um ferimento mais profundo e mais simétrico feito por um vampiro.

– Mas que tola você é para permitir que um obcecado *manjasang* lhe tirasse o sangue tanto do braço como do pescoço! – disse ele espantado. – O acordo proíbe que os *manjasang* tirem o sangue de bruxas e demônios.

E Matthew sabe disso.

– Ele estava morrendo e o único sangue disponível era o meu – rebati com veemência. – E se isso o faz se sentir melhor, eu mesma o forcei.

– Então, é isso. Claro que meu filho se convenceu de que conseguiria deixá-la partir se tomasse apenas seu sangue e não seu corpo. – Philippe balançou a cabeça em negativa. – Ele estava errado. Eu o tenho observado. Você nunca vai se libertar dele, quer se deite ou não com ele.

– Matthew sabe que jamais o abandonaria.

– Claro que vai abandoná-lo. Um dia sua vida na Terra vai terminar e você fará sua jornada final até o mundo subterrâneo. E em vez de se lamentar, Matthew vai segui-la até na morte. – As palavras de Philippe eram sinceras.

A mãe de Matthew já tinha me contado como o havia criado depois que ele caiu de um andaime enquanto carregava pedras para a construção de uma igreja na aldeia. Quando ouvi a história pela primeira vez, me perguntei se o desespero de Matthew pela perda de sua esposa Blanca e de seu filho Lucas não o tinham levado a uma tentativa de suicídio.

– O fato de ser cristão é ruim para Matthew. O Deus dele nunca está satisfeito.

– Como assim? – perguntei perplexa pela súbita mudança do tópico da conversa.

– Quando pessoas como eu ou você fazemos algo errado, acertamos as contas com os deuses e retomamos a vida na esperança de agirmos melhor no futuro. O filho de Ysabeau está sempre a confessar um rosário de culpas... ora pela própria vida, ora pelo que ele é, ora por aquilo que fez. Ele está sempre olhando para trás e essa busca não tem fim.

– Isso porque ele é um homem de muita fé, Philippe. – Um centro espiritual coloria a conduta que Matthew tinha frente à ciência e à morte.

– Matthew? – A voz de Philippe soou incrédula. – Ele tem menos fé que qualquer outra pessoa que já conheci. Crença é tudo que ele tem. Isso é

bem diferente e depende mais da cabeça que do coração. Ele sempre teve uma mente aguçada, capaz de lidar com abstrações como Deus. Foi por isso que aceitou se tornar membro da família depois que Ysabeau o criou. Isso é diferente para cada *manjasang*. Meus filhos escolhem outros caminhos: guerra, amor, conquista e aquisição de riquezas. Matthew sempre escolheu as ideias.

– E continua assim – comentei suavemente.

– Mas raramente as ideias são fortes a ponto de propiciar uma base para a coragem. Não sem fé no futuro. – Philippe se pôs pensativo. – Você não conhece o seu marido tão bem quanto deveria.

– Sei que não o conheço tão bem quanto você. Somos apenas uma bruxa e um vampiro que se amam, apesar de ser um amor proibido. O acordo nos proíbe de namorar em público e de passear sob o luar. – Minha voz se acalorou quando prossegui. – Só posso segurar a mão dele e tocar no rosto dele entre quatro paredes, pelo medo de que alguém repare e que ele seja punido por isso.

– Matthew vai à igreja da aldeia por volta do meio-dia, e você aí achando que ele estava à procura do seu livro. Ele também foi hoje para lá. – A observação de Philippe desligou-se estranhamente do assunto em pauta. – Talvez pudesse segui-lo qualquer dia desses. Talvez assim possa conhecê-lo melhor.

Na manhã da segunda-feira, me dirigi à igreja por volta das onze horas, na esperança de encontrá-la vazia. Acontece que Matthew estava lá, como Philippe garantira.

Claro, ele ouviu quando a porta pesada se fechou atrás de mim e meus passos cruzaram o assoalho, mas nem assim se virou. Continuou ajoelhado na frente do altar, sem girar a cabeça para olhar. Apesar do frio, vestia uma camisa de linho fino e uma calça por cima da malha até os joelhos e os sapatos. Congelei só de olhar para ele e me enrolei toda na capa.

– Seu pai me disse que o encontraria aqui – disse por fim em meio ao ressoante silêncio.

Era a primeira vez que entrava naquela igreja e olhei ao redor com curiosidade. Como muitas outras edificações religiosas daquela parte da França, a casa de culto de Saint-Lucien já era antiga em 1590. Suas linhas simples contrastavam com a altura e a alvenaria rendada das catedrais góticas. Murais coloridos e brilhantes circundavam um amplo arco que separava a abside da nave e também decoravam as faixas de pedra que cobriam as arcadas debaixo das altas janelas. Grande parte das janelas abria-se para o ar livre, apesar da tímida tentativa de realce nas mais próximas da porta. As fortes vigas de madeira que cruzavam o telhado pontiagudo testemunhavam as habilidades dos carpinteiros e pedreiros.

Na minha primeira visita à Velha Cabana, achei que a casa de Matthew era a cara dele. E naquela igreja o temperamento dele também se evidenciava nos detalhes geométricos esculpidos nas vigas e nos arcos que se estendiam perfeitamente espaçosos por entre as colunas.

– Foi você que a construiu.

– Parte dela. – Ele ergueu os olhos para a abside abobadada que exibia a imagem de Cristo no trono e com uma das mãos para o alto, como se para fazer justiça. – Principalmente a nave. Quando finalizaram a abside eu estava... fora.

A face serena de um santo me olhava com severidade por cima do ombro direito de Matthew. Segurava um esquadro de carpinteiro e um lírio branco. Era José, o homem que não fez perguntas quando assumiu uma virgem grávida como esposa.

– Matthew, nós precisamos conversar. – Olhei de novo para dentro da igreja. – Talvez seja melhor conversarmos no castelo. Aqui não tem lugar para sentar. – Nunca imaginara que os bancos de madeira fossem tão convidativos até entrar numa igreja que não os tinha.

– As igrejas não são construídas para o conforto – disse ele.

– Claro. Mas não se deve ter como única proposta fazer do fiel um miserável. – Olhei para os murais. Se fé e esperança se interligavam como Philippe sugerira, ali deveria haver algo que amenizasse o humor de Matthew.

Lá estavam Noé e a arca. A catástrofe global e a quase extinção de todas as formas de vida não eram auspiciosas. Um santo matava heroicamente um dragão, mas para o meu reconforto isso também era uma reminiscência da caça. A entrada da igreja era dedicada ao Juízo Final. Fileiras de anjos sopravam trombetas no alto, com a extremidade das asas varrendo o solo. Mas a imagem do inferno posicionada na base de modo a não se poder sair da igreja sem bater os olhos na danação era assustadora. Talvez a ressurreição de Lázaro servisse de conforto para um vampiro. A Virgem Maria também não seria muito útil. Sobrenatural e serena ao lado de José e à entrada da abside, ela também fazia recordar tudo o que Matthew perdera.

– Pelo menos teremos privacidade. Raramente Philippe põe os pés aqui – disse ele com ar cansado.

– Então, fiquemos aqui mesmo – Cheguei mais perto e entrei direto no assunto. – O que há de errado, Matthew? A princípio, achei que era o choque de se ver mergulhado numa vida passada, e depois achei que era a perspectiva de rever seu pai e ter que manter a morte dele em segredo. – Ele se manteve ajoelhado de cabeça baixa e com as costas viradas para mim. – Mas agora seu pai já sabe o que o aguarda no futuro. Só pode haver outra razão para sua forma de agir.

O ar na igreja se tornou sufocante, como se minhas palavras tivessem sugado todo o oxigênio ao redor. Somente o trinado dos pássaros soava no campanário.

– Hoje é o aniversário de Lucas – ele disse por fim.

As palavras me atingiram como um golpe violento. Caí de joelhos atrás dele, com a saia escarlate esparramada ao meu redor. Philippe estava certo.

Eu não conhecia Matthew tão bem quanto deveria.

Matthew ergueu a mão e apontou para um ponto no assoalho entre ele e José.

– Está enterrado ali com a mãe.

Nenhuma inscrição na pedra indicava uma sepultura. Só havia pequenas depressões, como as que são produzidas pelos pés nos degraus das escadas. Ele estendeu as mãos, encaixou-as nas ranhuras sem dizer nada e retirou-as em seguida.

– Parte de mim morreu quando Lucas morreu. E aconteceu o mesmo com Blanca. Embora o tivesse seguido poucos dias depois, ela estava com os olhos vazios e a alma distante. Foi Philippe que escolheu o nome dele. Lucas em grego significa "o iluminado". Na noite em que nasceu ele estava branco e pálido demais. Quando a parteira o ergueu no escuro, a pele dele atraiu a luz do fogo da mesma forma que a lua atrai a luz do sol. É estranho que a memória dessa noite continue tão clara, mesmo depois de tanto tempo. – Matthew entregou-se a si mesmo por um momento e depois enxugou os olhos. Ficou com os dedos vermelhos.

– Como conheceu Blanca?

– Jogando bolas de neve nela durante o primeiro inverno que passou na aldeia. Era preciso fazer alguma coisa que chamasse a atenção dela. Era tão delicada e distante e muitos ansiavam pela companhia dela. No início da primavera já me permitia acompanhá-la do mercado até a casa dela. Blanca adorava frutinhas vermelhas. No verão a cerca viva da igreja ficava abarrotada de frutinhas assim. – Ele olhou para as estrias vermelhas nas mãos. – Philippe sempre dava uma risada e previa um casamento no outono quando via as manchas vermelhas do sumo em minhas mãos.

– Presumo que estava certo.

– Casamos em outubro, depois da colheita. Blanca estava com dois meses e pouco de gravidez.

Ele não tinha resistido aos encantos de Blanca e ainda esperava para

consumar o nosso casamento. Isso era muito mais do que eu queria saber sobre o relacionamento entre eles.

– Fizemos amor pela primeira vez no calor de agosto – continuou ele. – Ela se preocupava demais em agradar os outros. Olhando para trás me pergunto se sofreu algum abuso na infância. Não uma punição porque todas as crianças eram punidas de um jeito que os pais modernos jamais imaginariam, mas algum outro tipo de abuso. Isso partiu o espírito de minha mulher. Ela aprendeu a se vergar ao desejo dos mais velhos, mais fortes e mais cruéis. Eu era tudo isso e queria que ela dissesse sim naquela noite de verão e foi o que ela disse.

– Ysabeau me falou que vocês eram perdidamente apaixonados, Matthew. Ela não foi obrigada a fazer nada que não quisesse. – Eu queria lhe oferecer todo o conforto que pudesse, apesar da dor que essas lembranças me causavam.

– Blanca não tinha vontade própria. Não até o nascimento de Lucas. A partir daí só exercia a vontade própria quando ele estava em perigo ou quando me zangava com ele. Durante toda a vida ela quis alguém mais fraco e mais jovem para proteger. E no fim se viu em meio a uma sucessão de acontecimentos que para ela soavam como fracassos. Lucas não foi nosso primeiro filho, e depois de cada aborto ela se tornava mais doce, mais suave e mais maleável. Menos propensa a dizer não.

Afora as linhas gerais, essa não era a história que Ysabeau contara sobre a vida passada do filho. Uma história recheada de amor intenso e dor compartilhada. A versão de Matthew era pontuada de lamentos e perdas.

Pigarreei.

– Até que nasceu Lucas.

– Sim. Dei Lucas para ela, depois de enchê-la de morte ano após ano. – Ele se calou.

– Não havia nada que você pudesse fazer. O século VI estava em plena

epidemia. Você não poderia salvá-los.

– Poderia se tivesse parado de possuí-la. Dessa maneira nada seria perdido! – exclamou Matthew. – Ela não dizia não, mas sempre relutava com os olhos quando fazíamos amor. E a cada vez lhe prometia que daquela vez o bebê sobreviveria. Eu daria qualquer coisa...

Doeu muito saber que ele ainda estava tão ligado à finada mulher e ao filho. Os espíritos de ambos assombravam-no e aquele lugar. De qualquer forma, finalmente surgia o motivo que o levava a se esquivar de mim: um profundo sentimento de culpa e uma dor que carregava ao longo dos séculos. Com o tempo, talvez pudesse libertá-lo de Blanca. Levantei-me e cheguei ainda mais perto de Matthew. Ele estremeceu quando pousei a mão em seu ombro.

– Há mais.

Congelei.

– Tentei dar cabo de minha própria vida. Mas Deus não permitiu. – Ele ergueu a cabeça. Olhou fixamente para o chão de pedra à frente e depois para o teto.

– Oh, Matthew.

– Durante semanas pensei em me juntar a Lucas e a Blanca, se bem que um tanto preocupado porque eles deviam estar no céu e talvez Deus me mantivesse no inferno por causa dos meus pecados – disse ele em tom prosaico. – Pedi conselho a uma das mulheres da aldeia. Ela disse que eu estava sendo assombrado... e que Blanca e Lucas estavam amarrados a este lugar por minha causa. Olhei lá de cima do andaime e me passou pela cabeça que eles estavam com os espíritos presos debaixo da pedra. Se me jogasse naquela pedra, Deus não teria outra escolha senão libertá-los. E assim permitiria que me juntasse a eles... a despeito de onde estivessem.

Era uma lógica claudicante de um homem desesperado e não do cientista lúcido que eu conhecia.

– Eu estava tão cansado – continuou ele com ar abatido. – Mas Deus

não me deixou dormir. Não depois dos meus pecados. Deus me ofereceu a uma criatura que fez de mim um ser que não pode viver nem morrer e que nunca encontra a paz nos sonhos. Relembrar é tudo que posso fazer.

De novo Matthew se mostrou exausto e extremamente frio, e com a pele mais gélida que o ar gelado circundante. Sarah certamente conheceria um feitiço que poderia apaziguá-lo, mas tudo o que me restava era puxá-lo para mim de modo que meu calor passasse para o corpo dele.

– Philippe me despreza desde então. Ele me acha fraco... a ponto de não poder me casar com alguém como você.

Aí estava a chave do sentimento de desvalor de Matthew.

– Nada disso – retruquei abruptamente. – Seu pai o ama. – No pouco tempo de minha estada em Sept-Tours, Philippe demonstrara diversas emoções pelo filho e nenhuma de desgosto.

– Os homens corajosos não cometem suicídio, a não ser no campo de batalha. Foram as palavras de Philippe para Ysabeau quando eu ainda era recém-criado. Segundo ele me faltava coragem para ser um *manjasang*. Logo que pôde me mandou para a batalha. "Se está determinado a acabar com a própria vida", ele disse, "que pelo menos isso seja por um grande propósito e não por autopiedade." Nunca me esqueci dessas palavras.

Esperança, fé e coragem: os três elementos do simplório credo de Philippe. Matthew sentia-se desprovido de tudo o que não fosse dúvida, crença e bravata. Mas eu pensava diferente.

– Faz tanto tempo que se tortura com essas lembranças que nem consegue mais enxergar a realidade. – Girei o corpo e me ajoelhei frente a frente com ele. – Sabe o que vejo quando olho para você? Alguém muito parecido com seu pai.

– Todos nós queremos ver Philippe em todos os que amamos. Mas não me pareço em nada com ele. Hugh, o pai de Gallowglass, é que seria parecido com ele se estivesse vivo... – Matthew virou o rosto e pôs as mãos trêmulas nos joelhos.

Havia algo mais, um segredo ainda não revelado.

– Quer que partilhe o meu segredo mais sombrio com você? – Passou-se um tempo interminável antes que se dispusesse a se abrir. – Fui eu que dei fim à vida dele. Ele implorou para que Ysabeau fizesse isso, mas ela não conseguiu. – Matthew virou o rosto outra vez.

– Hugh? – sussurrei com o coração apertado por ele e por Gallowglass.

– Philippe.

Caía a última barreira entre nós dois.

– Os nazistas o enlouqueceram de tanta dor e privação. Se Hugh tivesse sobrevivido, talvez tivesse convencido Philippe de que ainda havia esperança de vida mesmo em meio à destruição. Mas Philippe dizia que estava cansado demais para lutar e só queria adormecer. E eu... eu sabia muito bem o que era querer fechar os olhos para esquecer. Que Deus me perdoe, mas fiz o que ele pediu.

Matthew começou a tremer. E de novo o acolhi nos braços, sem me importar com uma possível resistência; ele só precisava de uma coisa, de alguém em quem pudesse se amparar enquanto as ondas da memória arrebentavam em cima dele.

– Depois que Ysabeau se recusou a atendê-lo, Philippe tentou cortar os próprios pulsos. Quando o encontramos já não conseguia segurar a faca direito para fazer o serviço. Ele tinha se cortado seguidas vezes, mas eram ferimentos superficiais que logo se curavam. – As palavras verteram atropeladamente da boca de Matthew. – Quanto mais sangue jorrava, mais Philippe se tornava irascível. Ele já não aguentava mais a visão do que tinha visto no campo de batalha. Ysabeau puxou a faca da mão dele, dizendo que o ajudaria a dar fim na vida dele. Acontece que *maman* nunca se perdoaria por isso.

– E aí você mesmo o cortou – eu disse, olhando nos olhos dele. Sempre fiz questão de saber tudo o que ele tinha feito para sobreviver como vampiro. Não podia virar as costas para os pecados do marido, do pai e

também do filho.

Matthew balançou a cabeça em negativa.

– Não. Bebi uma gota do sangue de Philippe de cada vez para que ele não sentisse sua força vital se esvair.

– Mas então você viu... – Não consegui reprimir o tom aterrorizado. Quando um vampiro bebe o sangue de outra criatura, as lembranças dessa criatura jorram no mesmo fluxo aos borbotões. Matthew libertara Philippe do tormento, mas só depois de ter compartilhado o que desencadeara os sofrimentos do pai.

– Grande parte das lembranças das criaturas jorra com um fluxo suave, como uma fita a se desenrolar na escuridão. Mas com Philippe foi como engolir cacos de vidro. E quando emergiram os acontecimentos mais recentes, ele já estava com a mente tão fraturada que quase não consegui prosseguir. – Matthew tremeu ainda mais. – Durou uma eternidade. Embora alquebrado, perdido e assustado, o coração de Philippe ainda vibrava com força. Seus últimos pensamentos se voltaram para Ysabeau. Eram as únicas lembranças ainda intactas e completamente suas.

– Está tudo bem – murmurei repetidas vezes, abraçando-o apertado para que seus membros se descontraíssem.

– Um dia, lá na Velha Cabana, você me perguntou quem eu era. Sou um assassino, Diana. Já matei milhares. – Ele acabou confessando com a voz embargada. – Mas nunca tive que encará-los outra vez. Apenas Ysabeau conhece a verdade e ela nunca me olha sem se lembrar da morte do meu pai. E agora também tenho que encará-la.

Segurei a cabeça dele com as duas mãos e o afastei um pouco para que nossos olhos se encontrassem. Às vezes, o rosto perfeito de Matthew mascarava os estragos do tempo e da experiência. Mas naquele momento isso se evidenciou e o tornou mais belo para mim. Finalmente, o homem que eu amava fazia sentido: a insistência para que me visse da forma que realmente eu era, a relutância para matar Juliette, mesmo para salvar a

própria vida, e a convicção de que eu deixaria de amá-lo quando soubesse quem realmente ele era.

– Amo tudo em você, Matthew. O guerreiro e o cientista, o assassino e o homem de cura, luz e trevas.

– Como consegue? – sussurrou incrédulo.

– Philippe não podia continuar daquele jeito. Seu pai já tinha feito muitas tentativas para dar fim à própria vida e, como você mesmo disse, já tinha sofrido muito. – Meu amado Matthew era uma testemunha de tudo, embora eu não imaginasse quanto. – Foi um ato de misericórdia.

– Eu quis desaparecer quando tudo acabou, quis deixar Sept-Tours para sempre – confessou ele. – Mas Philippe me fez prometer que manteria a família e a irmandade unidas. E também jurei que cuidaria de Ysabeau. Por isso, fiquei e assumi a cadeira dele; manipulei os fios políticos que ele próprio manipularia e tive êxito ao terminar a guerra pela qual ele dera a própria vida.

– Philippe nunca colocaria o bem-estar de Ysabeau nas mãos de quem ele desprezasse. E nunca colocaria um covarde no comando da Ordem de Lázaro.

– Fui acusado por Baldwin de ter mentido sobre os desejos de Philippe. Baldwin achava que a irmandade ficaria nas mãos dele. Ninguém entendeu por que nosso pai decidiu passar o comando da Ordem de Lázaro para mim e não para ele. Talvez isso tenha sido um último ato de loucura dele.

– Foi um ato de fé – disse suavemente enquanto me abaixava e segurava as mãos dele. – Philippe acredita em você da mesma forma que eu. Suas mãos construíram esta igreja. Suas mãos foram fortes ao amparar seu filho e seu pai nos momentos derradeiros de ambos aqui na Terra. E suas mãos ainda têm muito trabalho a fazer.

Ecoaram batidas de asas no alto. Era uma pomba que entrava por uma das janelas do clerestório ao perder o rumo em meio às vigas expostas do telhado. Depois de lutar, a pomba se libertou e voou para baixo. Pousou

na pedra que demarcava o lugar de repouso final de Blanca e Lucas, e moveu os pés com uma dança circular até ficar de frente para mim e para Matthew. Em seguida, esticou o pescoço e nos observou com um de seus olhos azuis.

Impelido pela súbita intrusão, Matthew se levantou e espantou a pomba para o outro lado da abside. A pomba levantou voo e diminuiu o ritmo quando passou em frente à imagem da Virgem. Eu já estava convencida de que se chocaria contra a parede quando ela rapidamente mudou de direção e escapou pelo mesmo lugar por onde entrara.

Uma das penas longas e brancas da asa flutuou pelo ar e caiu no chão à nossa frente. Intrigado, Matthew se abaixou para pegá-la.

– Nunca tinha visto uma pomba branca nesta igreja. – Ele olhou para o ponto no abobadado semicircular da abside, onde a pomba pairara em cima da cabeça de Cristo.

– Essa ave é sinal de ressurreição e esperança. Você sabe que as bruxas acreditam em sinais. – Fechei as mãos dele em torno da pena. Rocei os lábios na testa dele e me virei para sair. Matthew compartilhara suas lembranças e talvez finalmente pudesse encontrar a paz.

– Diana? – Ele me chamou ainda parado em frente ao túmulo da família. – Muito obrigado por ter ouvido minha confissão.

Balancei a cabeça.

– Nos veremos em nossa casa. Não se esqueça da pena.

Ele ficou me observando enquanto eu cruzava com as cenas de tormento e redenção no portal entre o mundo divino e o mundo humano. Pierre, que me esperava lá fora, me levou de volta para Sept-Tours sem dizer uma palavra. Philippe ouviu quando chegamos e esperou por mim no saguão.

– Você o encontrou na igreja? – perguntou serenamente.

Fiquei com o coração apertado quando o vi tão vigoroso e afetuoso. Como Matthew suportara?

– Sim. Você devia ter me avisado que era o aniversário de Lucas. – Estendi a capa para Catrine.

– Todos nós aprendemos a antecipar um clima sombrio quando Matthew se recorda do filho. Você também vai aprender.

– Não se trata apenas de Lucas. – Mordi o lábio, com medo de falar mais do que devia.

– Ele também lhe falou sobre a morte do filho dele. – Philippe enfiou os dedos no cabelo, uma versão mais rude do gesto habitual de Matthew. – Compreendo o sofrimento dele, mas não culpo você. Quando é que ele vai deixar o passado para trás?

– Certas coisas jamais são esquecidas – respondi, olhando nos olhos de Philippe. – Embora o compreenda, se o ama irá permitir que ele combata os próprios demônios.

– Não. Ele é meu filho. Não vou falhar com ele. – Philippe apertou os lábios, se virou e se afastou. – A propósito, recebi uma mensagem de Lyon, madame – disse ele, girando a cabeça para trás. – Logo, logo chegará uma bruxa para ajudá-la, assim como Matthew queria.



– Quando voltar da aldeia encontre-se comigo no celeiro de feno. – Philippe repetia o irritante hábito de aparecer e desaparecer num piscar de olhos e de novo estava de pé à nossa frente na biblioteca.

Intrigada, desviei os olhos do livro para ele.

– O que há no celeiro de feno?

– Feno. – As revelações de Matthew na igreja só haviam servido para deixá-lo mais inquieto e explosivo. – Papai, eu estou escrevendo para o nosso novo papa. Segundo Alain o conclave anunciará a eleição do pobre Niccolò hoje, apesar dos rogos que ele fez para ser poupado dos encargos burocráticos. Mas o que são os desejos de um homem se comparados com as aspirações de Filipe da Espanha e de Philippe de Clermont?

Philippe levou a mão ao cinto. Um estalo estridente ecoou nos ouvidos de Matthew que logo agarrou uma adaga entre as palmas das mãos, com a ponta da lâmina comprimida no esterno.

– Sua Santidade pode esperar. – Philippe observou a posição de sua arma. – Eu devia ter mirado na Diana. Você teria sido mais rápido na reação.

– Desculpe-me por ter atrapalhado o seu esporte – disse Matthew, com uma frieza furiosa. – Faz tempo que não me atiram uma faca. Posso estar fora de forma.

– Irei atrás de você se não aparecer no celeiro antes que o relógio bata duas horas. E estarei com mais do que uma adaga.

Philippe puxou a adaga das mãos de Matthew e chamou aos gritos por Alain, que estava logo atrás.

– Que ninguém apareça no celeiro lá de baixo sem ser chamado – disse ele enquanto recolocava a arma no coldre do cinto.

– Já entendi, *sieur*. – Isso foi o máximo de censura que Alain conseguiu pronunciar.

– Já estou farta de tanta testosterona. Gostaria que Ysabeau estivesse aqui, apesar do que ela pensa das bruxas. E antes que me pergunte o que é testosterona, isso é você – eu disse, apontando o dedo para Philippe. – E seu filho não fica nada atrás.

– Companhia de mulher, hein? – Philippe acariciou a barba e olhou para Matthew enquanto calculava até onde podia pressionar o filho. – Por que não pensei nisso antes? Diana poderia se encontrar com Margot para aprender como se comportar como uma perfeita dama francesa antes que a bruxa chegue de Lyon.

– O que Louis e Margot fazem em Usson é pior do que tudo mais que já fizeram de Paris. Aquela mulher não serve de exemplo para ninguém, pelo menos não para minha esposa – disse Matthew para o pai, apertando os olhos. – Se eles não forem mais discretos, logo todos saberão da farsa que foi o cuidadoso assassinato de Louis, bem dispendioso por sinal.

– Para alguém que se casou com uma bruxa você está se apressando demais em julgar as paixões dos outros, Matthew. Louis é seu irmão.

Outro irmão, que a deusa nos abençoe.

– Paixões? – A sobrancelha de Matthew arqueou. – É assim que chama um bando de homens e mulheres na mesma cama?

– Há inúmeras maneiras de amar. E o que Margot e Louis fazem não é da sua conta. O sangue de Ysabeau corre nas veias de Louis, e ele sempre terá a minha lealdade... assim como você, apesar de suas próprias e consideráveis transgressões. – Philippe desapareceu com um súbito movimento.

– Afinal, quantos De Clermont há aqui? E por que todos têm que ser homens? – perguntei quando se fez silêncio outra vez.

– Porque as filhas de Philippe eram tão terríveis que acabamos fazendo um conselho de família para suplicar que ele parasse de gerá-las. Stasia consegue arrancar a pintura das paredes com um simples olhar, e o olhar dela é manso se comparado com o de Verin. Quanto a Freyja... bem, Philippe teve lá suas razões para lhe dar o nome da deusa nórdica da guerra.

– Elas me parecem maravilhosas. – Dei um beijo apressado no rosto de Matthew. – Mais tarde você me fala sobre elas. Estarei na cozinha, tentando parar o vazamento do caldeirão que Marthe chama de alambique.

– Posso dar uma olhada nele para você. Sou bom com equipamentos de laboratório. – Ele se ofereceu porque queria fazer qualquer coisa que o mantivesse longe de Philippe e do misterioso celeiro de feno. Entendi, mas ele não tinha como escapar. Philippe simplesmente invadiria a minha despensa e o arrastaria de lá.

– Não é preciso – retruquei, olhando por cima do ombro enquanto me afastava. – Está tudo sob controle.

Nada estava sob controle. Meus ruidosos ajudantes de oito anos de idade tinham alimentado o fogo justamente quando as chamas ardiam mais altas, deixando um consistente resíduo negro na base do aparato de destilação. Fiz algumas notas nas margens de um dos livros de alquimia dos De Clermont, relatando o que tinha dado errado e o que poderia ser feito para reparar o erro; e incumbi Thomas, o mais confiável dos meus dois jovens assistentes, de alimentar o fogo. Eu não era a primeira a fazer uso das bordas amplas e claras do livro, e algumas das anotações anteriores eram muito úteis. Talvez um dia as minhas também o fossem.

Étienne, o meu outro assistente errante, entrou às pressas na despensa, cochichou no ouvido do companheiro e recebeu alguma coisa brilhante em troca.

– Milorde *encore* – cochichou o garoto.

– Vocês estão apostando em quê, Thomas? – perguntei. Ambos me olharam com ar sonso e se encolheram. Alguma coisa naqueles olhinhos dissimuladamente inocentes fez com que me preocupasse com o bem-estar de Matthew. – O celeiro de feno? Onde é que fica? – acrescentei, tirando o avental.

Com visível relutância, Thomas e Étienne me conduziram pelo portão frontal do castelo em direção a uma estrutura de pedra e madeira cujo telhado era pontiagudo. Uma longa rampa dava acesso a uma grande porta de entrada, mas os garotos apontaram para uma escada que se estendia no outro extremo da parede. Os degraus não estavam visíveis em meio à perfumada escuridão.

Thomas subiu primeiro, suplicando com gestos e contorções faciais dignas de um ator de cinema mudo para que eu ficasse quieta. Étienne segurou a escada enquanto eu subia e o ferreiro da aldeia içou-me para dentro de um patamar empoeirado.

Para a metade da criadagem de Sept-Tours esse meu aparecimento causou algum interesse, mas não surpreendeu. Mas o fato de que só havia um guarda no principal portão de entrada me pareceu estranho. Lá também estavam Catrine e sua irmã mais velha Jehanne, uma boa parte do pessoal da cozinha, o ferreiro e os cavalariços.

Um afiado e suave ruído que me era irreconhecível chamou a minha atenção. Logo batidas e arranhões de metal contra metal me soaram reconhecíveis. Matthew e o pai haviam dispensado o bate-boca e estavam em meio a um combate armado. Ergui a mão para abafar um grito quando a ponta da espada de Philippe atingiu o ombro de Matthew. Cortes ensanguentados cobriam camisas, calças e malhas. Evidentemente, fazia algum tempo que travavam uma luta em nada parecida com um gentil embate de esgrima.

Alain e Pierre estavam encostados na parede oposta em completo silêncio. O piso de terra batida no entorno parecia uma almofada de

alfinetes, eriçado e com diversas armas descartadas a esmo. Os criados dos dois De Clermont que observavam os acontecimentos ao redor se aperceberam de minha chegada. Logo ergueram os olhos para o patamar e se entreolharam preocupados. Matthew não percebeu nada. Estava de costas para mim e os odores intensos do celeiro mascaravam a minha presença. Philippe, que estava de frente para mim, também pareceu alheio a minha presença, se é que deu importância a isso.

A espada de Matthew atingiu o braço de Philippe. O pai soltou um gemido e o filho soltou uma risada debochada.

– Não considere doloroso aquilo que é bom para você – sussurrou Matthew.

– Eu não devia ter ensinado grego para você... nem inglês. Seu conhecimento dessas línguas só tem me causado problemas – rebateu Philippe impassível enquanto desvencilhava o braço da lâmina da espada.

As espadas se confrontavam com ferocidade. A altura de Matthew lhe dava alguns centímetros de vantagem, e os braços e as pernas longas ampliavam o alcance e a extensão de seus golpes. Ele combatia com uma espada comprida e pontiaguda, às vezes com uma única mão, outras vezes, com ambas. A agilidade com que manuseava o cabo da espada lhe permitia sempre revidar os golpes do pai. Por outro lado, Philippe era mais forte e aparava os golpes com uma espada menor que manuseava com facilidade. E também usava um escudo redondo que o ajudava a se esquivar dos ataques. Se antes Matthew tinha um equipamento de defesa, já não tinha mais. Embora os dois homens se equiparassem fisicamente, os estilos de luta eram completamente diferentes. Philippe parecia se divertir e fazia rápidos comentários enquanto lutava. Já Matthew permanecia a maior parte do tempo em silêncio e concentrado, só se deixando trair pelo peculiar arqueamento de sobrancelha que indicava que estava atento ao que o pai dizia.

– Tenho pensado a respeito de Diana. Nem a terra nem o mar são

capazes de produzir uma criatura tão selvagem e monstruosa como a mulher – disse Philippe em tom de lamúria.

Matthew sorriu e sua espada tiniu com uma velocidade espantosa pelo amplo arco em direção ao pescoço de Philippe. Levei um susto quando Philippe se abaixou e se esquivou da espada. Reapareceu do outro lado e cortou a panturrilha do filho.

– Está com uma técnica selvagem esta manhã. Algo errado? – A pergunta direta chamou a atenção do filho.

– Cristo, você é impossível. Sim. Há algo errado – respondeu Matthew entre dentes. E de novo investiu com a espada em riste, acompanhando o rápido movimento do escudo de Philippe. – Sua interferência constante está me enlouquecendo.

– Os deuses primeiro enlouquecem aqueles que eles pretendem destruir. – Essas palavras fizeram Matthew vacilar. Philippe se aproveitou da ocasião e bateu nas nádegas do filho com a espada.

Matthew esbravejou.

– Já desistiu de suas melhores falas? – perguntou. E só então me viu.

O que ocorreu em seguida se deu numa fração de segundos. Matthew, que estava inclinado em posição de luta, se empertigou e se voltou para o patamar onde eu estava. Philippe investiu e arrancou a espada da mão dele, e já de posse das duas espadas arremessou uma contra a parede e levou a outra até a jugular do filho.

– Já lhe ensinei isso, *Matthaios*. Você não pode pensar. Não pode piscar nem sequer respirar. Quando se está lutando para sobreviver, a única coisa a fazer é reagir. – Philippe elevou o tom de voz. – Venha aqui, Diana.

O ferreiro me ajudou a descer uma outra escada com ar pesaroso. Seus olhos diziam que *agora era a minha vez*. Cheguei onde Philippe estava.

– Foi por ela que perdeu? – perguntou ele, espetando a espada na carne do filho até que escorreu uma linha escura de sangue.

– Não sei o que quer dizer. Solte-me. – Matthew foi tomado por uma

estranha emoção. Ficou com os olhos manchados e agarrou o pai pelo peito. Fui ao encontro dele.

Um objeto brilhante silvou em minha direção e deslizou por entre meu braço esquerdo e meu torso. Era uma adaga arremessada por Philippe que nem se deu ao trabalho de girar o corpo para mirar. Não fui atingida, mas fiquei pregada pela manga no degrau da escada e, quando consegui soltar o braço, o tecido da manga se rasgou acima do cotovelo, deixando a minha cicatriz à vista.

– É disso que estou falando. Você tirou os olhos do inimigo? Foi por isso que você e Diana quase morreram? – Era a primeira vez que Philippe se enfurecia daquela maneira.

Matthew se voltou novamente para mim. Isso não levou mais do que um segundo, mas foi o bastante para Philippe tirar uma outra adaga de dentro do cano da bota. Enterrou-a na coxa de Matthew.

– Preste atenção no homem que está com a espada na sua garganta. Se não fizer isso, ela morrerá. – Sem se virar, Philippe se dirigiu em seguida para mim. – Quanto a você, Diana, fique longe de Matthew quando ele estiver lutando.

Matthew fixou os olhos no pai. Seus olhos escuros brilharam exasperados à medida que as pupilas dilataram. Eu conhecia essa reação, geralmente indicava que ele estava perdendo o controle.

– Solte-me. Preciso ficar com ela. Por favor.

– Pare com essa mania de olhar por cima do ombro e aceite quem você é... um guerreiro *manjasang* com responsabilidades para com a família. Já parou para pensar nas promessas que envolvem esse anel de sua mãe que você pôs no dedo de Diana? – perguntou Philippe, com a voz elevada.

– Por toda a minha vida, até o fim. E também é um aviso para que o passado não seja esquecido. – Matthew tentou dar um pontapé, mas Philippe previu o movimento e girou o cabo da faca ainda enterrada na perna de Matthew e o fez sibilar de dor.

– Com você as coisas são sempre sombrias, nunca luminosas – vociferou Philippe. Largou a espada e chutou-a para longe, e depois apertou o pescoço do filho. – Está vendo os olhos dele, Diana?

– Sim – sussurrei.

– Chegue mais perto.

Quando me aproximei, Matthew começou a se debater e o pai apertou-lhe a traqueia. Soltei um grito e a coisa piorou.

– A fúria de Matthew é por sangue. Nós *manjasang* somos mais integrados à natureza que as outras criaturas... somos puros predadores, a despeito das línguas que falamos e da elegância com que nos trajamos. Isso é o lobo dentro dele tentando se libertar para matar.

– Fúria por sangue? – Minhas palavras escapuliram com um sussurro.

– Nem todos de nossa espécie são propensos a isso. A doença está no sangue de Ysabeau, passada pelo criador dela e transmitida por ela para os filhos. Ysabeau e Louis foram poupados, mas Louisa e Matthew não foram. Benjamin, o filho de Matthew, também a herdou.

Eu não tinha informações sobre esse filho, mas tinha ouvido histórias de Matthew sobre Louisa de arrepiar o cabelo. A tendência nata e sanguínea para o excesso também era uma característica de Matthew – isso poderia ser transmitido para qualquer filho que tivéssemos. Justo quando pensava que conhecia todos os segredos de Matthew aparecia um outro: o medo de uma doença hereditária.

– E o que provoca os sintomas da doença? – Forcei as palavras pelo nó da garganta.

– Muitas coisas. E tudo piora quando ele está cansado ou faminto. Ele literalmente sai de si quando se enfurece, e às vezes isso o faz ir contra sua verdadeira natureza.

Eleanor. Será que um dos grandes amores de Matthew morrera ao se enredar na luta furiosa entre Matthew e Baldwin em Jerusalém? Seus sucessivos avisos sobre o senso de posse que tinha e os perigos que disso

poderiam advir já não me pareceram inúteis. Assim como os meus ataques de pânico, a fúria de Matthew era uma reação física talvez quase incontrolável.

– Foi por isso que ordenou que ele viesse aqui hoje? Para induzi-lo a mostrar as vulnerabilidades dele para o mundo? – perguntei furiosa para Philippe. – Como pôde fazer isso? Você é o pai dele!

– Nós somos de uma estirpe traiçoeira. Um dia poderei me virar contra ele. – Philippe estremeceu. – Eu poderia me voltar contra você, bruxa.

Logo que ouviu isso, Matthew mudou de posição e rapidamente comprimiu as costas de Philippe contra a parede. Mas antes que pudesse tirar vantagem o pai o agarrou pelo pescoço. Os dois se ergueram e se encararam.

– Matthew – disse Philippe abruptamente.

Matthew ainda comprimia o pai contra a parede, agora sem nenhum traço de humanidade. Seu único desejo era espancar o adversário ou talvez até matá-lo. Foi um dos momentos do nosso recente relacionamento em que as assustadoras lendas sobre os vampiros fizeram sentido. Mas eu queria o meu Matthew de volta. Dei um passo à frente, mas isso o deixou ainda mais raivoso.

– Não se aproxime de mim, Diana.

– O senhor não quer fazer isso, milorde – disse Pierre, dirigindo-se de braço esticado para o lado do amo. Soou um estalo no ombro e no cotovelo de Pierre e logo o braço tombou inerte e o sangue verteu de um ferimento no pescoço que o fez gemer com a mão em cima da selvagem mordida.

– Matthew! – gritei.

Foi a pior coisa que fiz. O grito de agonia o deixou muito mais colérico. Pierre já não passava de um mero obstáculo. Matthew o arremessou pelos ares e o fez se estatelar na parede do celeiro, tudo isso ao mesmo tempo em que apertava a garganta do pai.

– Silêncio, Diana. Ele está fora de si. *Matthaios*! – disse Philippe aos gritos. Matthew desistiu de afastar o pai de mim, mas sem largar o pescoço dele.

– Sei o que você fez. – Philippe esperou que as palavras penetrassem na consciência do filho. – Me ouviu, Matthew? Já conheço o meu futuro. Você teria controlado a raiva se fosse possível.

Philippe deduzira que o filho o tinha matado, mas sem saber quando ou por quê. Para ele a única explicação plausível era a tal doença.

– Você não sabe – disse Matthew aturdido. – Você não pode saber.

– Está agindo como sempre age quando se arrepende de uma morte: culpado, furtivo, perturbado – disse Philippe. – *Te absolvo, Matthaios*.

– Vou levar Diana embora – disse Matthew, com uma lucidez repentina. – Deixe-nos sair daqui, Philippe.

– Não. Vamos encarar isso, juntos. Nós três – disse Philippe, com o rosto tomado de compaixão. Eu estava errada. Philippe não estava tentando quebrar o filho, só estava tentando quebrar o sentimento de culpa do filho. E no fim das contas, não tinha falhado com o filho.

– Não! – gritou Matthew, contorcendo-se para se soltar. Mas o pai era mais forte.

– Eu perdoo você – repetiu Philippe, dando um abraço apertado no filho. – Eu perdoo você.

Matthew estremeceu da cabeça aos pés e depois descontraiu, como se algum espírito ruim o tivesse abandonado.

– *Je suis désolé* – sussurrou embargado de emoção. – Desculpe-me.

– Já perdoei você. Vamos tratar de esquecer tudo isso. – Philippe soltou o filho e olhou para mim. – Venha aqui, Diana, mas se mova com cuidado. Ele ainda não voltou a si de todo.

Ignorei Philippe e corri na direção de Matthew. Ele me tomou nos braços e me cheirou, como se meu cheiro tivesse o poder de sustentá-lo. Pierre também avançou, com o braço já curado. Estendeu um pano para

que Matthew limpasse as mãos que estavam sujas de sangue. O olhar feroz de Matthew manteve o servo a alguns passos de distância, com o pano branco estendido como uma bandeira branca. Philippe recuou alguns passos e os olhos de Matthew acompanharam o movimento repentino.

– É seu pai e Pierre – eu disse, segurando-o pelo rosto. O negror dos olhos de Matthew retrocedeu aos poucos, primeiro apareceu o aro verde-escuro da íris que logo assumiu uma tonalidade cinza-prateada até se tornar um verde esmaltado que circundou a pupila.

– Cristo. – Matthew pareceu nauseado. Retirou minhas mãos do rosto dele. – Faz muito tempo que não perco o controle dessa maneira.

– Você está enfraquecido, Matthew, e com a fúria do sangue à flor da pele. Estará perdido se reagir assim, caso a Congregação desafie o seu direito de ficar com Diana. Não pode haver qualquer dúvida em relação a ela ser uma De Clermont. – Philippe levou o dedo polegar aos dentes inferiores. Escorria um sangue vermelho e escuro de um ferimento. – Venha aqui, filha.

– Philippe! – Matthew me deteve estupefato. – Você nunca...

– Nunca é muito tempo. *Matthaios*, não finja me conhecer mais do que conhece. – Philippe me observou, com seriedade. – Não há nada a temer, Diana. – Olhei para Matthew para saber se isso não provocaria um outro ataque de fúria.

– Vá com ele. – Matthew me liberou e as outras criaturas no galpão observaram atentamente.

– Os *manjasang* formam famílias pela morte e pelo sangue – disse Philippe quando parei a sua frente. Essas palavras me encheram de medo. Com o polegar sujo de sangue ele traçou uma curva a partir do centro da minha testa ao lado da linha do cabelo e desceu até a têmpora, terminando na sobrancelha. – Esta marca faz de você um morto, uma sombra entre os vivos, sem clã nem família. – Levou o polegar ao início do traçado e fez uma imagem espelho da marca no outro lado do meu rosto, terminando

entre as sobrancelhas. Meu terceiro olho de bruxa formigou com a fria sensação do sangue de vampiro. – Esta marca a faz renascer, minha filha de sangue jurado e para sempre membro de minha família.

O celeiro de feno também tinha cantos. E as palavras de Philippe os iluminaram com fios de cor cintilantes – não apenas azul e âmbar, mas também verde e dourado. Os fios soaram como se em suave protesto. Afinal, uma outra família esperava por mim em outro tempo. Mas os murmúrios de aprovação que repercutiram no celeiro abafaram o protesto sonoro. Philippe olhou para o galpão, como se reparando na plateia pela primeira vez.

– Saibam vocês... que madame tem inimigos. Qual de vocês está preparado para defendê-la quando milorde não puder? – Os que tinham algum conhecimento da língua inglesa traduziram a pergunta para os outros.

– *Mais il est debout* – protestou Thomas, apontando para Matthew. Philippe se deu conta de que Matthew estava de pé e o puxou pela perna ferida à altura do joelho, fazendo-o cair de costas com um baque.

– Quem vai ficar do lado de madame? – repetiu Philippe, com uma bota bem encaixada no pescoço de Matthew.

– *Je vais* – disse a minha demoníaca assistente e aia antes de todos os outros.

– *Et moi* – ecoou Jehanne, que, embora mais velha, seguia tudo o que a irmã mais nova fazia.

Depois que as moças declararam aliança a mim, Thomas e Étienne fizeram o mesmo e foram seguidos pelo ferreiro e o Chef, que apareceu de repente com um cesto de feijões secos na mão. Os últimos olharam com ar sério para o resto da equipe antes de aderir com certa relutância.

– Os inimigos de madame vão aparecer sem avisar, portanto estejam preparados. Catrine e Jehanne poderão entretê-los. Thomas poderá mentir. – Soaram risinhos. – Étienne, você sai em disparada de imediato em busca

de ajuda, de preferência de milorde. E quanto a você, você sabe o que fazer. – Philippe olhou com severidade para Matthew.

– E quanto a mim? – perguntei.

– Pense, como sempre. Pense... e continue viva. – Philippe bateu palmas. – A diversão acabou por hoje. Todos de volta ao trabalho.

Todos se dispersaram resmungando amistosamente pelo celeiro de volta às atividades diárias. Com um meneio de cabeça, Philippe dispensou Pierre e Alain e os seguiu ao mesmo tempo em que tirava a camisa. Para a minha surpresa, ele retornou e jogou a peça de roupa aos meus pés. Dentro da roupa havia um punhado de neve.

– Cuide do ferimento na perna dele, e de outro perto dos rins que foi mais profundo do que esperava – disse Philippe, retirando-se em seguida.

Matthew se pôs de joelhos, tremendo da cabeça aos pés. Eu o agarrei pela cintura e com cuidado o abaixei até o chão. Mas ele tentou se desvencilhar e me tomar nos braços.

– Nada disso, teimoso – disse. – Não preciso de conforto. Deixe-me cuidar de você pelo menos uma vez.

Examinei os ferimentos, a começar pelos apontados por Philippe. Com a colaboração de Matthew, limpei o ferimento na coxa. A adaga tinha penetrado fundo, mas estava quase se fechando graças às propriedades curativas do sangue de vampiro. Por via das dúvidas, apliquei uma compressa de neve em torno do ferimento. – Embora Matthew tivesse garantido que isso seria bom, a carne atingida ainda estava um tanto quente. O ferimento nos rins também se recuperava bem, mas o aspecto externo me fez gemer.

– Acho que você sobrevive – disse, aplicando uma última compressa de gelo no flanco esquerdo. Afastei uma mecha de cabelo da testa dele. Alguns fios pretos estavam grudados numa mancha de sangue pisado. Desgrudei-os com carinho.

– Muito obrigado, *mon coeur*. E já que está me limpando, posso retirar

o sangue de Philippe de sua testa? – disse Matthew um tanto tímido. – Você sabe, é o cheiro. Não me agrada que esteja em você.

Ele temia um retorno da fúria de sangue. Eu mesma esfreguei minha pele e fiquei com os dedos tingidos de preto e vermelho.

– Devo estar parecendo uma sacerdotisa pagã.

– Está, sim, mais do que o habitual. – Ele retirou um pouco de neve da coxa ferida e, com a bainha da camisa, usou-a para remover a última evidência da minha adoção.

– Fale sobre o Benjamin – sugeri enquanto ele limpava o meu rosto.

– Foi em Jerusalém que criei Benjamin como vampiro. Dei meu sangue a ele a fim de lhe salvar a vida. Mas ao fazer isso, tomei o juízo dele. Tomei a alma dele.

– E ele também tem a mesma tendência para a raiva como você?

– Tendência! Você faz isso parecer uma simples pressão alta. – Matthew balançou a cabeça em espanto. – Vamos. Vai congelar se continuar aqui.

Percorremos o caminho de volta ao castelo de mãos dadas e a passos lentos. E pela primeira vez sem a preocupação de que alguém nos visse e do que poderia pensar. A neve atenuava de novo a dura paisagem de inverno. Olhei para Matthew sob a luz tênue e de novo o pai se refletia nas linhas severas do rosto e nos ombros empertigados dele, apesar do fardo que sustentavam.

No dia seguinte era Festa de São Nicolau e o sol brilhava sobre a neve que caíra no início da semana. O castelo estava bem animado com a melhora do tempo, se bem que ainda era o dia do Advento, uma ocasião sombria para reflexão e prece. Eu me dirigi à biblioteca resmungando entre dentes para pegar os livros alquímicos. Todo dia levava uma pilha para a despensa, mas sempre os recolocava no lugar. Dois homens conversavam naquela sala entupida de livros. Reconheci o tom sereno da voz de Philippe. A outra voz me era desconhecida. Abri a porta.

– Ei-la, enfim – disse Philippe quando entrei. O homem ao lado se virou e minha pele formigou.

– Temo que o francês dela não seja muito bom, e que o latim seja pior – continuou Philippe, justificando-me. – Você fala inglês?

– O suficiente – disse o bruxo, varrendo meu corpo com os olhos e fazendo minha pele arrepiar. – *Sieur*, a garota parece estar gozando de boa saúde, mas não devia estar aqui no meio de sua gente.

– Ficaria muito feliz em me livrar dela, *monsieur* Champier, mas ela não tem para onde ir e precisa da ajuda de uma bruxa ou de um bruxo como ela. Foi por isso que o procurei. Madame Roydon, venha – disse Philippe, acenando para que me aproximasse.

À medida que me aproximava, mais desconfortável me sentia. O ar se condensou e vibrou como uma corrente elétrica. A atmosfera pesou tanto que cheguei a pensar que a qualquer momento se ouviria o estalo de uma trovoada. Ao contrário de Peter Knox que me invadira mentalmente e de Satu que me causara grande dor em La Pierre, aquele bruxo era diferente e de alguma forma mais perigoso. Passei apressada por ele e olhei para Philippe com um apelo mudo por explicações.

– Este é André Champier – disse Philippe. – É um tipógrafo de Lyon. Talvez já tenha ouvido falar do primo dele, um médico renomado que partiu deste mundo e já não pode compartilhar conosco sua sabedoria e seus conhecimentos médico-filosóficos.

– Não – sussurrei. Observei Philippe na expectativa de alguma pista sobre o que ele esperava que eu fizesse. – Acredito que não.

Champier fez um meneio de cabeça em agradecimento aos cumprimentos de Philippe.

– Eu não conheci o meu primo, *sieur*. Já estava morto quando nasci. Mas é um prazer ouvi-lo falar tão bem dele. – Como o tipógrafo aparentava uns vinte anos a mais que Philippe, claro que devia saber que os De Clermont eram vampiros.

– Foi um grande estudioso de magia, assim como você. – O comentário de Philippe era tipicamente prosaico, de modo que não soou obsequioso. Em seguida ele se dirigiu para mim. – Este é o bruxo a quem mandei buscar depois que você chegou, pois o considero capaz de desvendar o mistério de sua magia. Ele me confidenciou que sentiu o poder que você tem quando ainda estava distante de Sept-Tours.

– Talvez os meus instintos tenham falhado – murmurou Champier. – Agora que estou aqui não me parece que ela tenha tanto poder assim. Talvez não seja a bruxa inglesa de quem ouvi falar em Limoges.

– Hein, Limoges? É extraordinário que a notícia tenha chegado com tanta rapidez. Mas ainda bem que madame Roydon é a única inglesa errante por aqui, *monsieur* Champier. – As sardas de Philippe cintilaram quando ele se serviu de vinho. – Nesta época do ano, além de sermos atormentados por vagabundos franceses, também somos invadidos por estrangeiros.

– As guerras arrancaram muita gente da terra natal. – Um dos olhos de Champier era azul, e o outro, castanho. Isso era a marca de um poderoso vidente. A energia resistente do bruxo alimentava o poder que pulsava ao redor dele. Dei um passo atrás por instinto. – Isso também se deu com a senhora, madame?

– Quem pode saber os horrores testemunhados ou sofridos por ela? – disse Philippe, com um arrepio. – Fazia dez dias que o marido dela estava morto quando a encontramos numa fazenda isolada. Madame Roydon pode ter sido vítima de todo tipo de predadores. – O patriarca dos De Clermont era tão talentoso em fabricar histórias quanto o filho e Christopher Marlowe.

– Vou descobrir o que aconteceu com ela. Dê-me a mão. – Champier se mostrou impaciente com minha demora para obedecer. Com um estalar de dedos fez o meu braço esquerdo se estender em direção a ele. Um pânico agudo e amargo me tomou o corpo quando ele me agarrou pela mão.

Alisou a pele da palma de minha mão, deslizando deliberadamente para cada dedo em minuciosa busca de informações. Meu estômago revirou.

– A pele lhe dará informações sobre os segredos que ela tem? – Philippe aparentou estar apenas curioso, se bem que estava com um músculo do pescoço contraído.

– A pele das bruxas pode ser lida como um livro. – Champier franziu a testa, levou os dedos ao nariz e os cheirou. Amarrou a cara. – Faz muito tempo que ela está entre os vampiros. Quem tem se alimentado dela?

– Isso é proibido – disse Philippe educadamente. – Na minha casa ninguém tirou proveito do sangue dessa moça, nem por esporte nem para se alimentar.

– Os *manjasang* podem ler o sangue de qualquer criatura com a mesma facilidade que leio a pele dela. – Champier me pegou pelo braço, arregaçou minha manga e rasgou a corda fina que a prendia na ponta ao meu pulso. – O senhor está vendo? Alguém se divertiu com ela. Não sou o único que deseja obter informações sobre esta bruxa inglesa.

Philippe chegou mais perto para inspecionar meu cotovelo exposto e gelou minha pele com seu hálito. Minha pulsação bateu em sinal de alarme. O que Philippe procurava? Por que não parava com aquilo?

– É um ferimento velho, portanto ela não o sofreu aqui. Como já lhe disse, faz uma semana que ela está em Saint-Lucien.

Pense. E continue viva. Repeti as instruções que recebera de Philippe no dia anterior.

– Quem tomou seu sangue, irmã? – perguntou Champier.

– Foi um ferimento de faca – respondi relutante. – Eu mesma me feri. – Não era uma mentira, mas também não era toda a verdade. Orei para que a deusa deixasse isso despercebido. Minhas preces não foram atendidas.

– Madame Roydon está escondendo alguma coisa de mim... e do senhor também, creio. Preciso relatar isso para a Congregação. É meu dever, *sieur*. – Champier olhou para Philippe com expectativa.

– É claro – murmurou Philippe. – Não ousaria me interpor entre o senhor e o seu dever. Como posso ajudar?

– Ficaria muito grato se pudesse segurá-la. Precisamos averiguar mais para sabermos a verdade – disse Champier. – É uma busca dolorosa para a maioria das criaturas, elas resistem instintivamente ao toque de um bruxo, mesmo quando não têm nada a esconder.

Philippe me afastou de Champier e me fez sentar bruscamente na cadeira. Segurou o meu pescoço com uma das mãos, e com a outra, o alto da cabeça.

– Assim?

– Assim está ótimo, *sieur*. – Champier se pôs à minha frente e franziu a testa. – Mas o que é isso? – Percorreu a minha testa com os dedos sujos de tinta. Era como se me escalpelasse com as mãos, e isso me fez gemer e me debater.

– Por que ela sente tanta dor com o seu toque? – perguntou Philippe.

– É a leitura que faz isso. É como extrair um dente – explicou Champier, erguendo os dedos por um breve e abençoado momento. – Prefiro tirar todos os pensamentos e segredos pela raiz a deixá-los apodrecer. Isso é mais doloroso, mas não deixa rastros para trás e propicia um quadro claro do que ela está tentando esconder. Esse é o grande benefício da magia e de uma educação letrada. A feitiçaria e as artes tradicionais das mulheres são rudes e até supersticiosas. Pratico um tipo de magia exata.

– Um momento, *monsieur*. Perdoe a minha ignorância. Está dizendo que a bruxa não vai se lembrar do que você fez e da dor que lhe causou?

– Não vai se lembrar de nada, só terá uma leve sensação de que perdeu alguma coisa. – Champier passou os dedos na minha testa outra vez e se mostrou preocupado. – Mas isso é muito estranho. Por que será que um *manjasang* pôs o próprio sangue aqui?

Uma das lembranças pessoais que eu não queria dividir com Champier

era a de ter sido adotada pelo clã de Philippe. Também não queria que ele bisbilhotasse minha atividade acadêmica em Yale, e muito menos Sarah, Emily e Matthew. *Meus pais*. Agarrei os braços da cadeira com força enquanto o vampiro me segurava pela cabeça e o bruxo se preparava para inventariar e roubar meus pensamentos. Mesmo assim, nenhuma brisa de vento de bruxa e nenhum lampejo de fogo de bruxa vieram em meu socorro. Meu poder estava adormecido.

– Foi o senhor que marcou essa bruxa – disse Champier abruptamente em tom acusatório.

– Sim. – Philippe não se deu ao trabalho de explicar.

– Isso é muito irregular, *sieur*. – Os dedos de ambos vasculhavam a minha mente. Champier arregalou os olhos de surpresa. – Mas isso é impossível. Como ela pode ser uma... – Olhou para o próprio peito e ofegou.

Champier estava com uma adaga cravada entre duas costelas e a lâmina atingia o fundo do peito. E meus dedos mantinham o cabo bem firme. Ele tentou desenterrá-la e a enterrei ainda mais fundo. Os joelhos do bruxo começaram a dobrar.

– Largue isso, Diana – ordenou Philippe, tentando soltar minha mão. – Ele está morrendo e vai tombar quando morrer de vez. Você não vai conseguir segurar um peso morto.

Mas eu não conseguia largar a adaga. Champier ainda estava vivo e enquanto estivesse vivo poderia tirar o que era meu.

De repente, um rosto pálido com olhos tingidos surgiu por cima do ombro de Champier, seguido por uma poderosa mão que lhe torceu a cabeça e o fez pender para o lado com um estalo de ossos e tendões. Matthew investiu contra a garganta e começou a sugar o sangue do homem.

– Matthew, onde é que você estava? – perguntou Philippe. – É melhor agir rapidamente. Ele foi atacado por Diana antes de terminar uma frase.

Matthew ainda estava bebendo o sangue quando Thomas e Étienne entraram na sala, acompanhados de uma Catrine atordoada. Eles se detiveram assombrados. Alain e Pierre flanavam pelo corredor junto com Chef, o ferreiro e dois soldados, que geralmente faziam guarda no portão de entrada.

– *Vous avez bien fait*. – Philippe assegurou para eles. – Já está tudo acabado.

– Eu só pensei. – Meus dedos estavam dormentes, mas ainda agarrados à adaga.

– E continuou viva. Cumpriu tudo de maneira admirável – disse Philippe.

– Ele está morto? – perguntei com a voz trêmula.

Matthew se afastou do pescoço do bruxo.

– Definitivamente, morto – respondeu Philippe. – Bem, suponho que é menos um calvinista intrometido com quem temos que nos preocupar. Será que ele contou aos amigos que vinha para cá?

– Não pelo que pude saber – disse Matthew, com os olhos retomando a cor acinzentada à medida que me observava. – Diana. Meu amor. Passe-me a adaga. – Em algum lugar ao longe alguma coisa metálica se chocou contra o solo, seguida pelo baque surdo dos restos mortais de André Champier. Fui segura pelo queixo por mãos caridosas e frias.

– Ele descobriu alguma coisa em Diana que o pegou de surpresa – disse Philippe.

– Cheguei a ver algumas coisas. Mas a lâmina atingiu o coração dele antes que pudesse distinguir o que eram. – Matthew me tomou nos braços com delicadeza. Meus ossos pareciam transformados em geleia e não ofereci resistência.

– Não consegui... não consegui... pensar, Matthew. Champier queria tirar minha memória... queria tirá-la pela raiz. Todas as lembranças que tenho dos meus pais. E se me esquecesse de tudo que sei de minha própria

história? Como poderia voltar para casa e lecionar?

– Você fez a coisa certa. – Matthew enlaçava a minha cintura com um braço. E com o outro enlaçava os meus ombros, pressionando o meu rosto em seu peito.

– De onde tirou a adaga?

– De minha bota. Ela deve ter visto quando a tirei da bota ontem – disse Philippe.

– Está vendo, *ma lionne*, você pensou. – Matthew roçou os lábios nos meus cabelos. – Qual foi o louco que trouxe Champier para Saint-Lucien?

– Fui eu que o trouxe – respondeu Philippe.

– Você nos traiu com Champier? – Matthew se voltou para o pai. – Ele é uma das piores criaturas de toda a França!

– Eu precisava estar seguro dela, *Matthaios*. Diana conhece muitos segredos nossos. Precisava me certificar de que os manteria em segredo mesmo entre os iguais a ela. – Philippe não pareceu arrependido. – Não pretendo colocar minha própria família em risco.

– E Champier seria detido por você antes que pudesse roubar os pensamentos dela? – perguntou Matthew, cujos olhos enegreceram por uma fração de segundo.

– Isso estava na dependência.

– De quê? – Matthew explodiu e me abraçou com força.

– Não o teria detido se ele tivesse chegado três dias antes. Seria um assunto entre bruxos e não valeria a pena envolver a irmandade nisso.

– Você deixaria minha parceira sofrer – disse Matthew em tom de descrédito.

– Levando em conta o que houve ontem, a responsabilidade de intervir a favor de sua parceira era sua. Se você falhasse, isso só provaria que seu compromisso com a bruxa não era o que deveria ser.

– E hoje? – perguntei.

Philippe me olhou atentamente.

– Hoje você já é minha filha. Sendo assim, não permitiria que Champier levasse o ataque adiante. Mas não precisei fazer nada, Diana. Você mesma se salvou.

– Foi por isso que me fez sua filha... porque Champier estava para chegar? – perguntei, com um sussurro.

– Não. Você e Matthew já tinham passado nos testes da igreja do celeiro. O juramento de sangue foi simplesmente o primeiro passo para fazer de você uma De Clermont. E agora é hora de terminar o que já começou. – Philippe se voltou para o segundo homem no comando. – Alain, vá buscar o padre e diga aos aldeões que se reúnam na igreja no sábado. Milorde vai se casar, com o livro, o padre e o povo de Saint-Lucien como testemunhas da cerimônia. Todo mundo deve saber desse casamento.

– Acabei de matar um homem! Não é hora de discutir nosso casamento.

– Bobagem. Casar em meio à matança é uma tradição da família De Clermont – retrucou Philippe de imediato. – Pelo visto só nos casamos com criaturas que são desejadas pelos outros. É um negócio complicado.

– Eu. Matei. Ele. – Apontei para o corpo no chão, apenas para me certificar de que havia passado uma mensagem clara.

– Alain, Pierre, por favor, removam o *monsieur* Champier. Ele está perturbando a madame. E os outros têm muito a fazer em vez de ficarem aqui de boca aberta.

Philippe esperou que ficássemos sozinhos e continuou.

– Preste bastante atenção, Diana, muitas vidas serão perdidas por causa do seu amor pelo meu filho. Alguns sacrificarão a própria vida. E outros morrerão no lugar de outros mais. Ficará então por sua conta decidir se ama a si própria, aos outros ou a quem quer que seja. Portanto, é melhor que faça a si mesma a seguinte pergunta: que importância tem quem desfere o golpe fatal? Se não fizer isso, Matthew fará por você. Gostaria que ele carregasse a morte de Champier na consciência?

– Claro que não – respondi de pronto.

– Então, Pierre? Thomas?

– Thomas? Ele é só um garoto! – protestei.

– Esse *garoto* prometeu se interpor entre você e seus inimigos. Viu o que ele tinha nas mãos? O fole da despensa. Afiou a ponta de metal para fazer uma arma. Esse *garoto* teria enfiado a arma nas entranhas de Champier na primeira oportunidade se você não o tivesse matado.

– Nós não somos animais, somos criaturas civilizadas – protestei. – Deveríamos ser capazes de conversar a respeito e de pôr as diferenças sem derramamento de sangue.

– Uma vez me sentei à mesa e conversei durante três horas com um homem... um rei. Sem dúvida você e muita gente o considerariam uma criatura civilizada. Ao final da conversa, ele ordenou a morte de milhares de homens, mulheres e crianças. As palavras matam tanto quanto as espadas.

– Ela não está acostumada com os meios utilizados por nós, Philippe – alertou Matthew.

– Então, que trate de se acostumar. Já passou o tempo da diplomacia – retrucou Philippe sem elevar a voz e sem perder a calma habitual.

Embora Matthew estivesse com a palavra, o pai não tinha traído as emoções profundas de ninguém.

– Chega de bate-boca. Você se casará com Matthew no sábado. E por ser minha filha de sangue e de nome se casará não apenas como uma boa cristã, mas também com as honras devidas aos meus deuses e meus ancestrais. É sua última chance de dizer não, Diana. Se chegar à conclusão de que não quer a vida e a morte que envolve o casamento com Matthew, providenciarei para que volte com segurança para a Inglaterra.

Matthew afastou-se do pai. Apenas uns poucos centímetros de distância, mas era um gesto significativo. Mesmo na situação em que estava, ele me dava a chance de me manifestar, embora ele próprio não

tivesse tido essa chance. Era a minha vez de retribuir.

– Está disposto a se casar comigo, Matthew? – Eu me dei o direito de fazer a pergunta, levando em conta que me tornara uma assassina.

Philippe tossiu comovido.

– Sim, Diana. Caso-me com você. Já me casei com você antes, mas fico feliz por fazer isso de novo para lhe agradar.

– Fiquei feliz na primeira vez. Isso é pelo seu pai. – Era impossível pensar o que quer que fosse sobre o casamento com tremores nas pernas e com tanto sangue pelo chão.

– Então, estamos todos de acordo. Leve Diana para o quarto dela. É melhor que fique lá até que nos certifiquemos de que não há amigos de Champier por perto. – Philippe se deteve antes de chegar à porta. – *Matthaios*, você encontrou uma mulher valorosa e com coragem e esperança de sobra.

– Eu sei – disse Matthew, segurando minha mão.

– Fique sabendo que você também é igualmente valoroso para ela. Pare de remoer a própria vida. Trate de vivê-la.



O casamento planejado por Philippe se estenderia por três dias. De sexta a domingo a equipe do castelo, os aldeões e toda a vizinhança estariam envolvidos naquilo que segundo ele era um pequeno acontecimento familiar.

– Faz muito tempo que não celebramos um casamento e o inverno é a estação menos animada do ano. Nós devemos isso à aldeia. – Foi dessa maneira que Philippe descartou nossos protestos. Chef ficou irritado quando Matthew insinuou que não seria possível preparar três banquetes de última hora porque os cristãos estavam em abstinência e as lojas de alimentos não estavam bem abastecidas. Chef também zombou do argumento de que havia a guerra e o Advento. Nada justificaria a recusa de uma festa.

Eu e Matthew fomos deixados à nossa própria sorte porque com a casa inteira em alvoroço ninguém estava interessado em nossa ajuda.

– O que envolve uma cerimônia de casamento? – perguntei enquanto nos deitávamos em frente à lareira. Eu vestia o presente de casamento de Matthew: uma camisa que se estendia até os joelhos e uma velha malha, ambas dele. As duas pernas da malha cortadas à altura de uma costura interna superior tinham sido unidas por ele, de modo que a malha parecia vagamente uma *legging* – sem o cós e o tecido spandex. O que mais evocava o cós era um estreito cinto extraído do couro de um velho arreio que ele encontrara nos estábulos. Era a roupa mais confortável que eu usava desde o Halloween, e ele ficou extasiado porque fazia algum tempo que não via as minhas pernas.

– Não faço ideia, *mon coeur*. Nunca participei de um casamento grego antigo. – Matthew passou os dedos na parte de trás do meu joelho.

– O padre certamente não vai permitir que Philippe realize um ritual pagão. A cerimônia de verdade terá que ser católica.

– A família nunca põe "certamente" e "Philippe" na mesma frase. Isso sempre acaba mal. – Ele beijou o meu quadril.

– Felizmente, o evento desta noite é só um banquete. Passarei por isso sem grandes problemas. – Suspirei e descansei a cabeça nas mãos dele. – Geralmente é o pai do noivo que paga o ensaio do jantar. Suponho que Philippe esteja fazendo basicamente a mesma coisa.

Matthew soltou uma risada.

– Quase a mesma coisa... desde que o cardápio inclua enguias grelhadas e um pavão assado bem dourado. Sem esquecer que Philippe assumiu o papel do pai do noivo e do pai da noiva.

– Ainda não entendi por que tanto espalhafato. – Sarah e Em não tinham tido uma cerimônia formal. Pelo contrário, a anciã do conciliábulo de Madison realizou o ritual de atamento de mãos. Isso me fez voltar atrás e recordar os votos que trocara com Matthew antes de viajarmos no tempo: simples, íntimo e rápido.

– Os casamentos não são para beneficiar a noiva ou o noivo. A maioria dos casais prefere uma cerimônia rápida como a nossa, algumas poucas palavras ditas e depois a lua de mel. Os casamentos são ritos de passagem para a comunidade. – Ele rolou de costas. Ergui o dorso apoiada nos cotovelos.

– Não passa de um ritual vazio.

– Isso não é verdade. – Ele franziu a testa. – Se não consegue lidar com isso, é melhor dizer logo.

– Não. Que Philippe tenha o casamento dele. Embora seja um pouco... sobrecarregado.

– Talvez você quisesse que Sarah e Emily estivessem aqui para

compartilhá-lo conosco.

– Se estivessem aqui elas estariam surpresas por eu ainda não ter fugido. Sou uma conhecida solitária. E achava que você também era um solitário.

– Eu? – Matthew sorriu. – Raramente os vampiros são solitários, exceto na televisão e no cinema. Preferimos que os outros nos façam companhia. E em caso de emergência, até mesmo as bruxas.

Ele me beijou para provar o que acabara de dizer.

– Quem é que você convidaria se esse casamento acontecesse em New Haven? – perguntou-me em seguida.

– Sarah e Em, obviamente. Meu amigo Chris. – Mordi o lábio. – Talvez o pessoal do meu departamento. – Silenciei.

– O que houve? – Matthew pareceu intrigado.

– Não tenho muitos amigos. – Levantei-me inquieta. – Acho que o fogo está apagando.

Matthew me puxou de volta para a cama.

– O fogo está ótimo. E agora você tem muitos amigos e parentes.

A menção à família calhou com minha expectativa. Fixei os olhos no baú ao pé da cama. A caixa de Marthe estava no meio da roupa de cama lá dentro.

– Precisamos falar sobre uma coisa.

Dessa vez Matthew não interferiu e me deixou continuar. Peguei a caixa.

– O que é isso? – perguntou ele, com a testa franzida.

– As ervas de Marthe... as que ela utiliza em certo chá. Encontrei-as na despensa.

– Sei. E você tem bebido isso? – Foi uma pergunta direta.

– Claro que não. Querer ou não querer ter filhos não é uma decisão só minha. – Abri a tampa e o aroma empoeirado das ervas secas impregnou o ar.

– Seja lá o que Marcus e Miriam tenham dito em Nova York, não

existem evidências de que nós podemos ter filhos. Mesmo um contraceptivo fitoterápico como esse pode ter efeitos colaterais incertos – disse ele com frieza clínica.

– Suponhamos, apenas por hipótese, que um dos seus testes científicos tenha mostrado que nós *podemos* ter filhos. Gostaria que eu tomasse o chá?

– A mistura de Marthe não é confiável. – Ele desviou os olhos.

– Está bem. Quais são as alternativas, então? – perguntei.

– Abstinência. Retiro. E as camisinhas, embora também não sejam confiáveis. E muito menos as que estão disponíveis agora. – Matthew estava certo. As camisinhas do século XVI eram feitas de linho ou de couro ou de intestinos de animais.

– E se um desses métodos fosse mais confiável? – Minha paciência estava se esgotando.

– Se... *se* pudéssemos conceber um filho, isso seria um milagre e nenhuma forma de contracepção seria eficaz.

– Sua passagem em Paris não foi um total desperdício de tempo, por mais que seu pai pense o contrário. Seu argumento é digno de um teólogo medieval. – Fiz menção de fechar a caixa e ele me pegou pelas mãos.

– Se pudéssemos conceber e esse chá fosse mesmo eficaz, ainda assim gostaria que você deixasse as ervas na despensa.

– Mesmo correndo o risco de transmitir a fúria do sangue para seu filho? – Fui honesta ao máximo, sem levar em conta que minhas palavras poderiam feri-lo.

– Sim. – Ele pesou as palavras antes de prosseguir. – Cada vez que obtenho evidências de laboratório sobre os padrões de nossa extinção, o futuro me parece desprovido de esperança. Mas cada vez que descubro uma simples mudança cromossômica ou um inesperado descendente que contraria a hipótese de uma linhagem sanguínea em extinção, a inevitabilidade da destruição muda de figura. É como me sinto agora. – Ele

sempre me colocava em dificuldade quando adotava a objetividade científica, mas não dessa vez. Ele tirou a caixa de minhas mãos. – E quanto a você?

Fazia semanas que eu pensava nisso, desde o dia em que Miriam e Marcus apareceram na casa de tia Sarah com os resultados do meu DNA e trouxeram o assunto filhos à baila. Estava segura em relação ao meu futuro com Matthew, mas insegura em relação às implicações que o futuro poderia trazer.

– Preciso de mais tempo para decidir. – Essa frase já estava se tornando um refrão. – Eu estaria tomando as pílulas anticoncepcionais prescritas por você se ainda estivéssemos no século XXI. – Hesitei. – Mesmo assim, não estou certa se as pílulas funcionariam conosco.

Matthew continuou aguardando minha resposta.

– Enterrei a adaga no Champier porque ele queria roubar meus pensamentos e minhas lembranças, e assim eu deixaria de ser o que era quando retornasse para a vida moderna. De qualquer forma, se retornássemos agora já não seríamos mais o que éramos. Frequentávamos certos lugares, encontrávamos certas pessoas, partilhávamos certos segredos... Já não sou mais a mesma Diana Bishop e você não mais é o mesmo Matthew de Clairmont. E um bebê nos transformaria ainda mais.

– Isso quer dizer que você quer evitar uma gravidez – disse ele, com cautela.

– Não tenho certeza.

– Então, a resposta é sim. Se não sabe ao certo se quer ser mãe, podemos recorrer a um contraceptivo de agora. – A voz dele soou firme. E o queixo dele também estava firme.

– Eu quero ser mãe. E saiba que me surpreendo a mim mesma de tanto que quero. – Apertei as têmporas com os dedos. – Gosto da ideia de educarmos um filho. Só que me parece muito cedo.

– É cedo. É melhor então nos mantermos nesse limite até que... você...

esteja pronta. Mas não tenha muitas esperanças. A ciência é clara, Diana, os vampiros se reproduzem pela ressurreição e não pela procriação. Embora nosso relacionamento seja diferente, não somos tão diferentes a ponto de anular milhares de anos de biologia.

– A gravura do casamento alquímico do Ashmole 782... se refere a nós dois. Sei disso. E Miriam estava certa, o passo que se segue ao casamento do ouro com a prata no processo da transformação alquímica é a concepção.

– Concepção? – balbuciou Philippe da porta. Entrou com as botas estalando. – Ninguém mencionou essa possibilidade.

– Isso porque é impossível. Fiz sexo com outras mulheres sangues-quentes e nenhuma engravidou. Embora a imagem do casamento alquímico conote uma mensagem em particular, como diz Diana, as chances da representação se converter em realidade são escassas. – Matthew balançou a cabeça em negativa. – Nenhum *manjasang* jamais gerou um filho dessa maneira.

– Jamais é um tempo muito longo, Matthew, como já lhe disse. Quanto ao impossível, já caminhei por esta Terra muito mais do que a memória do homem e presenciei coisas tidas pelas gerações posteriores como mitos. Houve um tempo em que algumas criaturas nadavam como peixes no mar enquanto outras lançavam relâmpagos como lanças. E hoje já não existem mais, já foram substituídas por outras novas. "Não há nada confiável neste mundo a não ser a mudança."

– Heráclito – murmurei.

– Um dos mais sábios que existiram – comentou Philippe, feliz pelo reconhecimento da citação. – Os deuses se aprazem em nos surpreender quando nos tornamos complacentes. É a diversão preferida deles. – Fixou os olhos em minha roupa inusitada. – Por que está vestindo a camisa e a malha de Matthew?

– Ele me deu de presente. É o que mais se aproxima das roupas que

visto no meu próprio tempo, e ele queria que me sentisse mais confortável. Ele próprio costurou as pernas da malha, acho eu. – Girei o corpo para mostrar o conjunto. – Quem podia imaginar que os homens da família De Clermont sabem manusear uma agulha e ainda fazem uma costura muito boa?

As sobrancelhas de Philippe arquearam.

– Você acha que Ysabeau costurava nossas roupas rasgadas quando voltávamos das batalhas?

A imagem de Ysabeau a costurar tranquilamente à espera do retorno dos homens me tirou um riso.

– Dificilmente.

– Pelo que vejo a conhece bem. Se você está determinada a se vestir como um rapaz, pelo menos vista os calções. Se o padre lhe vir terá uma síncope e a cerimônia de amanhã será adiada.

– Mas não vou sair lá fora – retruquei, franzindo a testa.

– Antes do casamento gostaria de levá-la a um lugar sagrado para os deuses. Não fica longe daqui – disse Philippe quando Matthew tomou fôlego para reclamar –, e gostaria de ir sozinho com ela, *Matthaios*.

– Encontro com você nos estábulos. – Concordei sem hesitar. Um tempo ao ar livre era bem oportuno para esfriar a cabeça.

Lá fora, senti a ferroada do ar gelado no rosto em plena paz de inverno no campo. Passado algum tempo chegamos a um monte mais plano que os montes arredondados que circundavam Sept-Tours. Fiquei surpresa com o solo pontilhado de protuberâncias de pedra estranhamente simétricas. Embora antigos e tomados pela vegetação, não eram afloramentos naturais. Eram obras do homem.

Philippe desceu do cavalo e acenou para que eu fizesse o mesmo. Depois que desmontei, ele me pegou pelo cotovelo e me conduziu por entre duas estranhas protuberâncias ao longo de um terreno amaciado pela neve. A prístina superfície era pontuada pelos vestígios da vida selvagem – marcas

em forma de coração dos cascos de um cervo, marcas das cinco garras das patas de um urso, marcas triangulares e ovoides das patas de um lobo.

– Que lugar é este? – perguntei baixinho.

– No passado era um templo dedicado à Diana situado à frente de bosques e vales onde os veados gostavam de correr. Os que reverenciavam a deusa plantaram pés de cipreste ao longo dos carvalhos nativos e dos amieiros. – Philippe apontou para as colunas verdes estreitas que montavam guarda em torno da área.

– Quis trazê-la aqui porque, na minha infância, bem antes de ter me tornado um *manjasang*, as noivas iam a um templo como esse antes de se casar para fazer um sacrifício à deusa. Naquela época a chamávamos de Ártemis.

– Um sacrifício? – Fiquei com a boca seca. Já tinha havido derramamento de sangue suficiente.

– Apesar das muitas mudanças, é sábio relembrar e honrar o passado. – Philippe me estendeu uma faca e uma sacola cujo conteúdo remexia e tilintava. – Também é sábio trocar os velhos erros por acertos. Nem sempre as deusas apreciaram meus atos. Quero que Ártemis receba a oferenda antes que você e meu filho se casem amanhã. A faca é para cortar uma mecha do seu cabelo. É um símbolo da sua virgindade e um presente habitual. O dinheiro é um símbolo do seu valor. – Sussurrou em tom conspiratório. – Teria que haver mais, mas poupei um pouco para o deus de Matthew.

Fui conduzida a um pequeno pedestal no centro de uma edificação em ruínas, onde se viam restos de oferendas: uma boneca de madeira, um sapatinho de criança e uma tigela de grãos encharcados e cobertos de neve.

– Estou surpresa por ver que as pessoas continuam a vir aqui – comentei.

– As mulheres ainda reverenciam a lua cheia por toda a França. São costumes difíceis de acabar, sobretudo aqueles que ajudam o povo em

tempos difíceis. – Philippe se dirigiu a um altar improvisado. Sem se inclinar, sem se ajoelhar e sem fazer qualquer outro sinal conhecido de reverência à divindade, balbuciou tão baixinho que mal pude ouvi-lo. As intenções solenes eram bem claras, se bem que a estranha mistura de grego e inglês não fez muito sentido para mim.

– Artemis Agroterê, renomada caçadora, Alcides Leontothymos vos implora que guieis esta filha, Diana, com vossas mãos. Artemis Lykeiê, senhora dos lobos, protegei-a de todas as maneiras. Artemis Patrôia, deusa dos meus ancestrais, que ela seja abençoada com filhos por vós e que a minha linhagem sobreviva.

A linhagem de Philippe. Eu também já fazia parte dessa linhagem, tanto pelo casamento como pela doação do sangue.

– Artemis Phôsphoros, que a luz de vossa sabedoria a ilumine quando ela estiver nas trevas. Artemis Upis, que ela seja velada por vós durante a jornada neste mundo. – Ao terminar a invocação ele fez um sinal para que me aproximasse.

Ajeitei a sacola de moedas perto do sapatinho de criança, ergui o braço e puxei uma mecha de cabelo da nuca. A afiada lâmina da faca cortou um cacho do meu cabelo de um só golpe.

Ficamos em silêncio sob a luz difusa da tarde. Uma onda de poder vibrou debaixo dos meus pés. A deusa estava presente. O templo surgiu a minha mente assim como tinha sido um dia – branco, brilhante, intacto. Olhei de relance para Philippe. Com uma pele de urso jogada nos ombros, ele também trazia a selvagem recordação de um mundo perdido. E parecia à espera de alguma coisa.

Um cervo branco saiu por trás do cipreste e se deteve com as narinas fumegantes. Saiu em passos silenciosos em minha direção. Seus grandes e desafiadores olhos castanhos e as pontas afiadas de seus chifres se tornavam visíveis à medida que se aproximava. Olhou para Philippe com altivez e soltou um bramido, um cumprimento de uma besta para outra.

– *Sas efharisto* – disse Philippe sério e com a mão no coração. Depois, voltou-se para mim. – Ártemis aceitou os seus presentes. Já podemos ir.

Matthew tinha escutado a nossa chegada a galope e já estava à espera no pátio, com um semblante inseguro.

– Prepare-se para o banquete – disse Philippe quando me viu desmontar. – Nossos hóspedes não tardam a chegar.

Sorri com ar confiante para Matthew e subi. Tão logo escureceu, o burburinho de atividades indicou que o castelo já estava recebendo os convidados. Não demorou e Catrine e Jehanne chegaram para me vestir. O vestido era de longe o traje mais grandioso que já tinham me apresentado. O tecido verde-escuro evocava o cipreste do templo em contraste com o azevinho que decorava o castelo para o Advento. O corpete bordado de folhas prateadas de carvalho atraía a luz das velas como os chifres dos cervos atraíam os raios do pôr do sol.

As garotas terminaram o trabalho com um brilho nos olhos. Obtive uma visão fugaz do meu cabelo (arranjado em cachos e tranças) e do meu rosto pálido no polido espelho de prata de Louisa. Mas, pela reação de ambas, a minha transformação estava à altura do casamento.

– *Bien* – disse Jehanne suavemente.

Catrine abriu a porta com um floreio, e os pontos prateados do bordado desabrocharam para a vida sob a luz das tochas do salão. Prendi o fôlego enquanto aguardava a reação de Matthew.

– *Jesu!* – exclamou ele extasiado. – Você está linda, *mon coeur*. – Pegou-me pelas mãos e ergueu meus braços para ter uma visão completa. – Meu Deus, você está usando dois conjuntos de mangas?

– Pensei que eram três – retruquei, com uma risada. Eu vestia uma blusa de linho com punhos de renda apertados e mangas verdes apertadas que combinavam com o corpete e a saia, e um volumoso pregueado de seda preso nos cotovelos e nos punhos que descaía pelos ombros. No ano

anterior, Jehanne tinha estado em Paris a serviço de Louisa e me garantiu que o modelo estava *à la mode*.

– Mas como vou beijá-la com tudo isso no meio? – Matthew passeou com o dedo pela minha nuca. Um rufo plissado com uma elevação de quase quarenta centímetros estremeceu em resposta.

– Se amassá-lo Jehanne terá um ataque – murmurei quando ele me pegou pelo rosto com delicadeza. Ela dobrara metros e metros de linho em torno de uma engenhoca que parecia um arame ondulado para fazer uma figura vaporosa de oito formações. Uma trabalheira de muitas horas.

– Sem problemas. Sou médico. – Matthew inclinou-se e comprimiu os lábios nos meus. – Olhe só, nenhuma prega desfeita.

Alain tossiu discretamente.

– Já estão sendo aguardados.

– Matthew. – Segurei a mão dele. – Preciso lhe falar uma coisa.

Ele fez um gesto para Alain se retirar e ficamos sozinhos no corredor.

– O que é? – perguntou perturbado.

– Pedi a Catrine para guardar as ervas de Marthe na despensa. – As consequências desse passo rumo ao desconhecido eram mais significativas que as do passo que tinha dado no celeiro de Sarah para voltarmos no tempo.

– Você tem certeza?

– Tenho, sim – respondi, lembrando das palavras de Philippe no templo.

Nossa entrada no salão foi saudada por cochichos e olhares de esguelha. As mudanças na minha aparência não passaram despercebidas e os assentimentos de cabeça sugeriam que finalmente eu estava à altura de casar com milorde.

– Cá estão eles – disse Philippe ruidosamente de sua mesa habitual. Alguém puxou as palmas e em seguida todo o salão era tomado pelos aplausos. O sorriso de Matthew a princípio se mostrou tímido, mas ele se

descontraiu quando o burburinho aumentou e abriu um sorriso de orgulho.

Sentamos nos lugares de honra, ladeando Philippe, que logo ordenou a primeira rodada de comida acompanhada de música. Fui servida de pequenas porções de tudo o que Chef preparara. Eram dezenas de pratos: uma sopa de lentilhas, enguia grelhada, um delicioso purê de lentilhas, bacalhau ao molho de alho e um peixe inteiro que nadava no oceano gelatinoso de um áspide guarnecido por raminhos de lavanda e alecrim que representavam plantas aquáticas. Philippe explicou que o cardápio tinha sido objeto de acaloradas negociações entre Chef e o padre da aldeia. Após uma longa negociação diplomática, ambos finalmente concordaram que a refeição da noite deveria se adequar estritamente às proibições alimentares de carne, leite e queijo da Sexta, ao passo que o banquete do dia seguinte estaria liberado para as extravagâncias.

Como convinha ao noivo, a Matthew coube porções mais substanciais que as minhas – um total desperdício porque ele não comeu nada e quase não bebeu. Nas mesas em volta, as piadas masculinas giraram em torno da necessidade de incrementar o vigor de Matthew para as provações que teria à frente.

Ali pela hora de servir o vinho hipocrático e de passar as deliciosas barras crocantes de nozes e mel ao longo da mesa, os comentários se tornaram indecentes e as respostas de Matthew, mordazes. Ainda bem que quase todas as piadas e conselhos foram ditos numa língua quase ininteligível para mim, mas por via das dúvidas vez por outra Philippe tapava os meus ouvidos com as mãos.

Fiquei com o coração mais animado quando os risos e a música se intensificaram. Naquela noite, Matthew não parecia um vampiro de quinhentos anos de idade e sim um noivo comum à véspera do casamento: tímido, alegre e um tanto ansioso. Esse era o homem que eu amava e o meu coração parava por um segundo toda vez que ele cravava os olhos em

mim.

Quando Chef serviu a última seleção de vinhos e de funcho cristalizado com sementes de cardamomo, iniciou-se a cantoria. No extremo oposto do salão, um homem começou a cantar em baixo grave, seguido na melodia pelos seus companheiros. Logo depois, todos se juntaram a eles, com batidas de pés e de mãos tão barulhentas que quase não se ouviam os músicos que desesperadamente tentavam acompanhá-los.

Enquanto os convivas se ocupavam com novas canções, Philippe circulava pelas mesas e cumprimentava cada convidado pessoalmente. Erguia bebês no ar, fazia perguntas sobre animais e ouvia atentamente o catálogo de dores e penas dos anciãos.

– Olhe só para ele – disse Matthew extasiado, pegando-me pela mão. – Como é que Philippe consegue fazer com que cada convidado se sinta o mais importante da festa?

– Quem deve responder é você – rebati, com uma risada. Balancei a cabeça em negativa quando o vi intrigado. – Matthew, você é exatamente igual a ele. Você também assumiria o controle de uma sala apinhada de gente se quisesse.

– Vai se decepcionar comigo se deseja um herói como Philippe – disse ele.

Segurei o rosto dele.

– Como presente de casamento para você, bem que eu gostaria de fazer um feitiço que o fizesse ver a si mesmo da forma que os outros o veem.

– Pelo que vejo refletido nos seus olhos, pareço muito com ele. Talvez um pouco nervoso porque Guillaume acabou de me falar sobre o apetite carnal das mulheres mais velhas.

Era uma piada para me distrair. Mas não achei graça.

– Se não consegue ver um líder em si mesmo, precisa se ver com mais atenção.

De rosto quase colado, senti o aroma das especiarias no hálito de

Matthew e o apertei contra mim. Philippe já tentara lhe dizer que ele era digno de ser amado. Talvez um beijo o convencesse.

Soaram urros e aplausos por todos os lados, seguidos por brados apoteóticos.

– *Matthaios*, guarde alguma coisa para que a garota possa encontrar amanhã, senão talvez ela não apareça na igreja! – gritou Philippe, arrancando mais risos dos convidados. Eu e Matthew nos separamos em feliz constrangimento. Passei os olhos pelo salão e lá estava Philippe próximo à lareira, afinando um instrumento de sete cordas que segundo Matthew era uma cítara. Fez-se um silêncio ansioso por todos os lados.

– Nos meus tempos de criança, no final dos banquetes ouviam-se histórias, lendas de heróis e de grandes guerreiros. – Philippe dedilhou as cordas, jorrando sonoridades. – E como todos os homens, os heróis também se apaixonam.

Continuou dedilhando as cordas, embalando a audiência no ritmo da história.

– Peleu era um herói de cabelos negros e olhos verdes que abandonou a terra natal em busca de fortuna. Escondido nas montanhas, um lugar bem parecido com Saint-Lucien, Peleu vivia a sonhar com o mar e as aventuras a serem vividas em terras estrangeiras. Um dia reuniu os amigos e juntos viajaram pelos oceanos do mundo. Até que chegaram a uma ilha conhecida pela beleza das mulheres e pela magia que dominavam.

Eu e Matthew nos entreolhamos longamente quando a voz grave de Philippe entoou os versos a seguir:

Muito mais felizes foram os tempos para os homens depois,
Já completamente apaixonados! Vocês heróis, criados
Pelos deuses naqueles dias prateados, favoreçam-me
Agora que os chamo com minha canção mágica.

A voz sobrenatural e grave de Philippe hipnotizava a audiência.

– Lá, pela primeira vez Peleu encontrou Tétis, filha de Nereu, o deus do mar, conhecido por sempre dizer a verdade e por prever o futuro. Tétis herdara do pai o dom da profecia e tanto se transformava em água como em fogo e ar. Tétis era linda, mas ninguém queria se casar com ela porque um dia o oráculo previra que o filho dela seria mais poderoso do que o pai.

"Apesar da profecia, Peleu apaixonou-se por Tétis. Mas para se casar com uma mulher como ela precisou de muita bravura para se manter firme enquanto ela mudava de um elemento para outro. Peleu se retirou da ilha com Tétis e abraçou-a com força quando ela se transformou de água para fogo e de serpente para leoa. E levou-a para a terra dele quando ela retomou a forma de mulher e lá os dois se casaram."

– E o filho deles? O filho de Tétis destruiu Peleu como previra o oráculo? – sussurrou uma mulher quando Philippe se calou ainda dedilhando as cordas da cítara.

– O filho de Peleu e Tétis foi um grande herói, um guerreiro abençoado tanto na vida como na morte, que se chamava Aquiles. – Philippe sorriu para a mulher. – Mas isso é uma história para outra noite.

Fiquei feliz pelo fato de o pai de Matthew não ter feito o relato completo do casamento e do início da Guerra de Troia. E fiquei ainda mais feliz pela omissão da história da juventude de Aquiles: os terríveis feitiços lançados pela mãe na tentativa de torná-lo imortal como ela própria e a fúria incontrolável do jovem – episódios que causaram mais problemas que o célebre calcanhar desprotegido do herói.

– São apenas histórias – sussurrou Matthew quando me viu inquieta.

Mas eram histórias que as criaturas contavam e recontavam sem se dar conta do sentido que geralmente é o que mais importa, como no caso dos rituais desgastados pelo tempo, rituais de honra, casamentos e famílias considerados sagrados mesmo quando aparentemente ignorados.

– Amanhã é um dia importante e aguardado há muito tempo. – Philippe

se pôs de pé com a cítara nas mãos. – Segundo a tradição, a noiva e o noivo devem se manter separados até a cerimônia de casamento.

Eis que surgia um outro ritual: um momento final e formal de separação seguido por uma vida inteira de união.

– Mas a noiva pode conceder uma parcela de afeição ao noivo para que ele não se esqueça dela durante as solitárias horas da noite – disse Philippe, com uma piscadela maliciosa.

Eu e Matthew nos levantamos. Enquanto desamassava a saia, reparei no gibão que ele vestia. Apresentava uma excelente costura e pontos pequenos e regulares. Ele me ergueu pelo queixo com dedos amáveis e de novo me perdi nas curvas suaves e nos ângulos agudos que desenhavam o rosto dele. O senso de encenação se dissipou quando nos entreolhamos. Nosso beijo cercado de convidados no meio do salão nos transportou como um feitiço para um mundo particular, só nosso.

– Nos vemos amanhã de tarde – murmurou ele, colocando os lábios nos meus quando nos separamos.

– Estarei usando um véu. – Não era muito usado pelas noivas no século XVI, mas era um costume antigo e Philippe sempre frisava que nenhuma filha dele entraria na igreja sem um véu.

– Eu a reconheceria de qualquer jeito, com ou sem véu – disse ele sorrindo.

Matthew não tirou os olhos de mim quando Alain me escoltou para fora do salão. Senti o toque frio do olhar sem pestanejar, mesmo algum tempo depois de ter saído do salão.

No dia seguinte, Catrine e Jehanne estavam tão caladas que adormeci enquanto cumpriam as tarefas matinais. O sol estava quase a pino quando finalmente abriram as cortinas da cama e anunciaram que era hora do meu banho.

Mulheres que tagarelavam como maritacas entraram em procissão pelo

quarto e despejaram a água dos jarros que carregavam na enorme banheira de cobre que até então me parecia que só era usada para fazer vinho ou cidra. Mas a água quente e a banheira de cobre que retinha a gloriosa quentura me fizeram perder a vontade de escapar e soltei um gemido de êxtase quando afundei lá dentro.

As mulheres me deixaram de molho e só então reparei que meus pertences – livros de anotações alquímicas e expressões em occitano copiadas por mim – tinham desaparecido. Assim como também tinha desaparecido o baú comprido e baixo onde estavam minhas roupas. Catrine me explicou que tudo tinha sido transferido para os aposentos de milorde do outro lado do castelo.

Eu deixava de ser a filha postiça de Philippe para ser a esposa de Matthew. Meus pertences tinham sido adequadamente realocados.

Cientes de suas responsabilidades, Catrine e Jehanne me fizeram sair da banheira para me enxugar quando o relógio marcava treze horas. Marie, a melhor costureira de Saint-Lucien, chegou para dar os últimos retoques na sua obra e supervisionar o trabalho. As contribuições de *monsieur* Beaufils, o alfaiate da cidade, para o traje nupcial não foram levadas em conta.

Graças a Marie *La Robe* (o conjunto sempre me vinha à mente em francês e em maiúsculas) estava espetacular. O método que utilizara para arrematá-lo em tão pouco tempo foi guardado a sete chaves, se bem que achei que cada mulher da vizinhança contribuíra ao menos com um pontinho. Antes de Philippe ter anunciado o meu casamento, o vestido de seda cor de ardósia era um projeto relativamente simples. Mesmo assim, fiz questão de um único par de mangas, não de dois, e de uma gola alta para me proteger das lufadas de vento. Não precisa se preocupar com bordados, disse na ocasião para Marie. Eu também havia dispensado os ultrajantes suportes que faziam a saia balançar em todas as direções.

Marie se valeu de seus poderes de criatividade e de se fazer desentendida para modificar o meu projeto inicial muito antes de Philippe ter informado

onde e quando o traje seria usado. Depois disso, nada mais segurou a mulher.

– Marie, *La Robe est belle* – comentei, apontando para a pesada seda bordada. Cornucópias estilizadas e símbolos de fartura e de fertilidade da época bordados em fios dourados, pretos e rosados. Rosetas e folhagens acompanhavam cornos repletos de flores. Faixas bordadas orlavam as mangas e aparavam as pontas do corpete, com um sinuoso padrão de arabescos, luas e estrelas. Nos ombros, uma fileira de abas quadradas denominada *pickadils* escondia os laços que atavam a manga ao corpete. Apesar da elaborada ornamentação, o corte elegante do corpete encaixou-se à perfeição, atendendo o meu desejo em relação às armações de arame debaixo da saia. A saia estava volumosa pela abundância de pano e um pouco pela armação de arame. Anquinhas estofadas e meias de seda eram as únicas peças sob as roupas de baixo.

– É um corte firme. Muito simples – disse Marie convicta enquanto puxava e ajeitava a barra inferior do corpete.

As mulheres estavam quase terminando o meu penteado quando alguém bateu à porta. Catrine se apressou para abri-la e tropeçou num cesto de toalhas que estava no meio do caminho.

Era Philippe, que vestia um magnífico casaco marrom e era seguido por Alain. O pai de Matthew me olhou fixamente.

– Diana? – A voz dele soou insegura.

– O quê? Alguma coisa errada? – Examinei o vestido e passei a mão no cabelo com nervosismo. – Não temos um espelho grande e não pude me ver...

– Você está linda, e o olhar de Matthew será melhor que qualquer espelho – disse Philippe, com firmeza.

– E *você* tem uma língua de prata, Philippe de Clermont – retruquei, com um sorriso. – O que o traz aqui?

– Vim lhe dar os presentes de casamento. – Ele fez um aceno e Alain

entregou-lhe uma sacola de veludo. – Lamento pela falta de tempo que impediu a confecção de algo mais. São peças de família.

Ele despejou o conteúdo da sacola na mão. Uma corrente de luz e de fogo jorrou ouro, diamantes e safiras. Quase perdi o fôlego. Ainda havia outros tesouros escondidos na sacola de veludo: um fio de pérolas, algumas luas crescentes com opalas incrustadas e uma raríssima flecha de ouro com as extremidades aplainadas pelo tempo.

– Para que tudo isso? – perguntei extasiada.

– Para você usar, é claro – disse Philippe, com um risinho. – A corrente era minha, mas achei que os diamantes amarelos e as safiras combinariam com o vestido feito por Marie. Essa corrente assentará uma linha horizontal nos seus ombros, embora seja de estilo antigo e talvez alguns possam dizer que é muito masculina para uma noiva. Antes tinha uma cruz dependurada no centro, mas achei que você gostaria mais da flecha.

– Não reconheço as flores. – Eram delgados botões amarelos que lembravam frésias intercalados com flores-de-lis douradas ornadas de safiras.

– *Planta genista*. Os ingleses a chamam de giesta. Os angevinos a usavam como emblema.

Os Plantageneta: a mais poderosa família real da história inglesa. Os Plantageneta haviam expandido a Abadia de Westminster cedida aos barões e assinado a Carta Magna, estabelecido o Parlamento e apoiado a fundação das universidades de Oxford e de Cambridge. Também haviam combatido nas Cruzadas e na Guerra dos Cem Anos com a França. Philippe ganhara a corrente de um Plantageneta como símbolo de um favor real. Não era preciso dizer mais nada sobre esse esplendor.

– Philippe, eu não sei se posso... – Ele interrompeu meus protestos passando as outras joias para Catrine e descendo a corrente pela minha cabeça. A mulher que me olhava do outro lado do lúgubre espelho não era mais uma historiadora moderna, e Matthew também não era mais um

cientista moderno. – Oh – exclamei maravilhada.

– Você está de tirar o fôlego – disse Philippe. Seguiu-se uma leve expressão de pesar. – Gostaria tanto que Ysabeau estivesse aqui para vê-la assim e para testemunhar a felicidade de Matthew.

– Um dia contarei tudo a ela – prometi amavelmente, olhando nos olhos dele enquanto Catrine prendia a flecha no centro da corrente e ornava meu cabelo com o fio de pérolas. – Esta noite tomarei muito cuidado com as joias e amanhã devolverei para você.

– Pertencem a você, Diana, faça o que quiser com elas. E isto aqui também. – Philippe puxou uma sacola de couro do cinto e estendeu-a para mim.

Era uma sacola pesada. Muito pesada.

– As mulheres da família administram as próprias finanças. Ysabeau insiste que seja assim. A sacola tem moedas inglesas e francesas. Não valem tanto quanto os ducados venezianos, mas ninguém fará perguntas quando gastá-las. Se precisar de mais, basta pedir para Walter ou para outro membro da irmandade.

Depois de chegar à França totalmente dependente de Matthew, em pouco mais de uma semana já tinha aprendido a me conduzir, a conversar, a administrar uma casa e a destilar o espírito do vinho. E agora possuía meus próprios bens e era nomeada publicamente por Philippe de Clermont como sua filha.

– Muito obrigada por tudo – disse delicadamente. – Eu achava que você não me queria como nora.

– A princípio, talvez não. Mas até os homens velhos podem mudar de opinião. – Ele abriu um sorriso radiante. – No fim das contas, sempre consigo o que quero.

As mulheres me envolveram na capa. Na última hora, Catrine e Jehanne cobriram minha cabeça com uma peça de seda transparente e a fixaram no meu cabelo com as luas crescentes de opala que tinham pequeninas

presilhas por trás.

Thomas e Étienne, que já se viam como os meus defensores pessoais, correram à nossa frente pelo castelo, proclamando a nossa aproximação a plenos pulmões. Não demorou e formamos uma procissão em direção à igreja sob o crepúsculo. Claro que alguém estava na torre dos sinos porque as badaladas anunciaram a nossa chegada.

Fiquei de pernas bambas quando chegamos à igreja. A aldeia inteira estava reunida com o padre no lado de fora da porta. Matthew estava de pé no alto da pequena escadaria. Mesmo sob um véu transparente, notei que estava concentrado. Ambos nos sentíamos como o sol e a lua, livres do tempo, da distância e da diferença. Só nos importava a posição de um em relação ao outro.

Segurei as abas da saia e caminhei na direção dele. A pequena escadaria parecia não ter fim. Será que o tempo age da mesma maneira com todas as noivas, perguntei-me, ou só com as bruxas?

O padre fez uma reverência da porta para mim, mas não se mostrou disposto a nos admitir na igreja. Segurava um livro e não o abriu. Franzi a testa confusa.

– Tudo bem, *mon coeur*? – sussurrou Matthew.

– Não vamos entrar?

– Os casamentos são realizados na porta da igreja para evitar futuras disputas sangrentas em torno da veracidade dos relatos sobre a cerimônia. Nós temos que agradecer a Deus pelo fato de não estar caindo uma nevasca.

– *Commencez!* – ordenou o padre, assentindo para Matthew.

Meu único papel na cerimônia consistiu em dizer onze palavras. Matthew se encarregou de quinze. Philippe informou ao padre que repetiríamos os votos em inglês porque era importante que a noiva compreendesse tudo o que estava prometendo. Esse número de palavras somado às palavras necessárias para nos fazer marido e mulher perfizeram

um total de cinquenta e duas.

– *Agora!* – O padre tremeu de ansiedade pelo jantar.

– *Je, Matthew, donne mon corps à toi, Diana, en loyal mariage.* – Ele segurou minhas mãos. – Eu, Matthew, dou meu corpo a ti, Diana, em fiel matrimônio.

– *Et je le reçois* – repliquei. – E o recebo.

Estávamos a meio caminho. Respirei fundo e prossegui.

– *Je, Diana, donne mon corps à toi, Matthew.* – Com a parte mais difícil terminada, repeti rapidamente minha última fala. – Eu, Diana, dou meu corpo a ti, Matthew.

– *Et je le reçois, avec joie.* – Matthew ergueu o véu de minha cabeça. – E a recebo com alegria.

– Essas não são as palavras certas – retruquei convicta. Eu tinha decorado os votos e não havia "*avec joie*" em nenhuma parte.

– São sim – disse Matthew, abaixando a cabeça.

Já havíamos nos casado conforme o costume dos vampiros quando nos juntamos, e de novo em Madison pela lei comum quando Matthew colocara o anel de Ysabeau no meu dedo. E agora nos casávamos pela terceira vez.

Não consigo lembrar direito o que houve depois. Só lembro de tochas e de uma longa caminhada morro acima, cercada pelos votos de felicidade. O banquete de Chef já estava servido à mesa e os comensais se entregaram aos pratos com entusiasmo. Eu e Matthew nos sentamos a sós à mesa da família, enquanto Philippe circulava para ver se todos estavam sendo servidos de vinho e se as crianças estavam recebendo uma justa porção de espetinhos de lebre assada e bolinhos de queijo. De vez em quando olhava em nossa direção com orgulho, como se tivéssemos vencido dragões naquela tarde.

– Nunca pensei que presenciaria um dia como esse – disse Philippe para Matthew quando pôs os pastéis de nata à nossa frente.

A festa começou a declinar quando os homens afastaram as mesas para as laterais do salão. Soaram flautas e tambores do balcão dos menestréis lá no alto.

– Reza a tradição que a primeira dança seja com o pai da noiva – disse Philippe, fazendo uma reverência para mim e conduzindo-me pelo salão. Ele era um bom dançarino, mas acabei me emaranhando nele.

– Posso? – Matthew deu uma palmadinha no ombro do pai.

– Por favor. Sua mulher está tentando quebrar meu pé. – Philippe atenuou as palavras com uma piscadela e me deixou com meu marido.

Os outros que também dançavam se afastaram para que ficássemos no centro do salão. A música se fez deliberadamente mais lenta quando um músico dedilhou as cordas de um alaúde, acompanhado pelas doces notas de um instrumento de sopro. À medida que nos separávamos e nos juntávamos uma, duas e diversas vezes, mais as interferências do salão se dissipavam.

– Você dança melhor que Philippe, por mais que sua mãe diga o contrário – disse-lhe quase sem fôlego, apesar daquela dança mais comedida.

– Isso porque está me deixando conduzi-la. – Era uma brincadeira. – Você travou uma luta com cada passo de Philippe.

Quando a dança nos juntou outra vez, Matthew me pegou pelos cotovelos, se comprimiu no meu corpo e me beijou.

– Agora que estamos casados ainda perdoa os meus pecados? – perguntou ele, retomando os passos da dança.

– Isso depende – ponderei. – O que fez agora?

– Amassei seu rufo sem querer.

Sorri e ele me beijou ligeiramente, mas com intensidade. O instrumentista do tambor entendeu isso como uma deixa e acelerou o andamento da música. Os outros casais saíram aos rodopios e aos pulinhos pelo salão. Ele me conduziu para uma área relativamente segura perto da

lareira, mas nem por isso isenta de pisadas. Um minuto depois, Philippe se aproximou de nós.

– Leve sua mulher para a cama e acabe com isso – murmurou.

– Mas os convidados... – Matthew relutou.

– Leve sua mulher para a cama, meu filho – repetiu Philippe. – Saiam de fininho agora, antes que os outros decidam acompanhá-los até lá em cima para se certificarem de que você cumpriu seu dever. Deixe tudo por minha conta. – Voltou-se para mim, beijou-me formalmente nas bochechas, murmurou alguma coisa em grego e nos despachou para a torre de Matthew.

Embora tivesse conhecido aquela parte do castelo no meu tempo de origem, ainda não a conhecia no seu esplendor do século XVI. Os aposentos de Matthew tinham uma outra arrumação. Os livros não estavam na sala do primeiro pavimento, pois lá estava uma grande cama com dossel. Catrine e Jehanne chegaram com uma caixa entalhada para minhas joias novas, encheram uma bacia e pegaram novas roupas de cama. Matthew sentou-se ao lado da lareira, tirou as botas e depois pegou uma taça de vinho.

– Seu cabelo, madame? – disse Jehanne, olhando desconfiada para o meu marido.

– Eu mesmo cuido disso – disse Matthew, com rispidez e com olhos flamejantes.

– Espere. – Tirei as joias em forma de lua dos cabelos e coloquei-as na palma estendida de Jehanne. Ela e Catrine retiraram o meu véu e se foram. Fiquei de pé ao lado da cama e Matthew continuou sentado ao lado da lareira, com as pernas esticadas e os pés em cima de um dos baús de roupas.

Depois que a porta se fechou, ele largou a taça de vinho, veio na minha direção, enfiou os dedos nos meus cabelos e em poucos segundos desmanchou um penteado que as garotas tinham levado quase trinta

minutos para fazer. Retirou o fio de pérolas. Quando meus cabelos caíram nos ombros, abriu as narinas e sentiu meu cheiro. Puxou meu corpo sem dizer uma palavra e inclinou-se para me beijar na boca.

Mas ainda havia perguntas a serem feitas e respostas a serem dadas. Então, recuei.

– Matthew, você tem certeza...?

Dedos gelados escorregaram por baixo do rufo e encontraram os laços que o atavam ao meu corpete.

O linho engomado escorregou pelo meu pescoço e caiu no chão. Ele soltou os botões que mantinham a minha gola alta apertada. Inclinou a cabeça e me beijou no pescoço. Puxei o gibão dele.

– Matthew – insisti. – É sobre...

Ele me silenciou com outro beijo enquanto retirava a pesada corrente de cima dos meus ombros. Ficamos afastados por um momento quando a fez passar pela minha cabeça. E depois violou com as mãos a linha de ameias do *pickadil*, onde as mangas se encontravam com o corpete. Deslizou os dedos por entre os vãos à procura de um ponto vulnerável na defesa daquela veste.

– Achei – murmurou, fisgou as pontas com os dedos indicadores e puxou-as com determinação. A manga de um dos braços escorregou até o chão, seguida pela outra. Fez isso despreocupado, mas era o meu vestido de noiva e não seria fácil substituí-lo.

– Meu vestido – exclamei, contorcendo-me nos braços dele.

– Diana. – Ele recuou a cabeça e pôs as mãos na minha cintura.

– Sim? – respondi quase sem fôlego. Tentei alcançar a manga com a ponta do chinelo para empurrá-la até um ponto onde correria menos perigo.

– O padre abençoou nosso casamento. Toda a aldeia nos desejou felicidade. Depois de tanta comida e dança, achei que fecharíamos a noite fazendo amor. Mas você parece mais preocupada com seu vestido. – Ele

localizou um outro conjunto de laços que atavam a saia e as anáguas à borda do corpete, a uns oito centímetros abaixo do meu baixo-ventre. Introduziu suavemente os polegares por entre a borda do corpete e o meu osso púbico.

– Não quero que nossa primeira noite de amor seja para satisfazer o seu pai. – Apesar dos protestos, arqueei os quadris em silencioso convite enquanto ele movia os dedos de um jeito enlouquecedor, como as batidas das asas de um anjo. Ouvi um suave murmúrio de satisfação quando ele desamarrou o arco escondido ali.

Ele puxou os cruzamentos das fitas e com dedos ágeis passou-as pelos orifícios escondidos. Eram doze ao todo e meu corpo arqueava e se aprumava com a força do empenho dele.

– Finalmente – disse Matthew radiante, gemendo em seguida. – Cristo. Ainda há mais.

– Ora, ainda nem chegou perto. Estou recheada como um ganso de Natal – comentei quando ele soltou o corpete da saia e das anáguas, deixando o espartilho por baixo à vista. – Ou para ser mais exata, um ganso de Advento.

Mas ele não prestou atenção nas minhas palavras. Em vez disso, concentrou-se no ponto onde a minha quase transparente blusa de gola alta entrava por dentro do reforçado pano do espartilho. Comprimiu os lábios na intumescência. Curvou a cabeça em pose reverente e com a respiração irregular.

Comigo aconteceu o mesmo. Foi surpreendentemente erótico. Ele roçou os lábios pelo tecido de algodão e de alguma forma isso se amplificou. Eu não sabia o que tinha interrompido os esforços dele para me despir e o enlacei pela cabeça e esperei que ele fizesse o movimento seguinte.

Ele pegou minhas mãos e as enlaçou em um dos postes entalhados que sustentavam o dossel.

– Segure firme – disse.

Antes de terminar, reservou um instante para introduzir as mãos no espartilho. Mergulhou-as no meu tórax e apalpou os meus seios. Gemi suavemente quando a blusa se comprimiu entre a pele eriçada e quente dos meus mamilos e os dedos frios dele. Ele me abraçou.

– Pareço interessado em agradar alguém além de você? – murmurou no meu ouvido. Como não respondi de pronto, ele serpenteou pelo meu estômago com uma das mãos e me puxou para mais perto. A outra mão ainda segurava o meu seio.

– Não. – Minha cabeça tombou no ombro dele, deixando minha nuca exposta.

– Então, chega de conversas sobre meu pai. E amanhã comprarei vinte vestidos iguais a esse se parar agora mesmo de se preocupar com as mangas. – Ele franziu minha blusa para o alto, fazendo a bainha contornar minhas coxas. Soltei o poste da cama, agarrei a mão dele e a levei ao meu ventre.

– Chega de conversas. – Assenti e suspirei quando ele abriu minhas coxas e me aquietou com um beijo. O movimento lento das mãos dele me fez reagir de maneiras diferentes à medida que a tensão do meu corpo desabrochava.

– Roupas demais – eu disse sem fôlego. Ele assentiu mudo, mas evidente na pressa com que puxou o espartilho pelos meus braços. A essa altura os laços já estavam frouxos e rapidamente o desci pelos quadris e o tirei. Soltei a calça dele enquanto ele desabotoava o gibão. As duas peças se juntavam nos quadris dele com muitas fitas cruzadas, assim como meu corpete e minha saia.

Fizemos uma pausa quando ficamos apenas com a roupa de baixo, eu com minha blusa e ele com sua camisa, e com isso voltou nosso embaraço.

– Posso amá-la, Diana? – A pergunta simples e galante dissolveu todo o meu nervosismo.

– Claro – sussurrei. Ele se ajoelhou e desamarrou as fitas que prendiam

minhas meias. Eram de cor azul que segundo Catrine representava a fidelidade. Enquanto descia a malha pelas minhas pernas marcava essa passagem com beijos nos meus joelhos e tornozelos. Livrou-se da própria malha com tanta rapidez que quase não tive a chance de reparar na cor das ligas dele.

Ergueu-me com tanta ligeireza que os dedos dos meus pés quase não tocaram o solo, e logo se encaixou no entalhe por entre minhas pernas.

– Desse jeito talvez a gente não consiga chegar à cama – comentei enquanto me agarrava aos ombros dele. Eu o queria dentro de mim, e rapidamente.

Conseguimos chegar ao ninho macio e sombreado depois que nos livramos do resto dos panos ao longo do caminho. E lá o recebi na lua de minhas coxas enquanto meus braços o puxavam para mim. Mesmo assim, gemi de surpresa quando nossos corpos se fizeram um só corpo: quente e frio, luminoso e sombrio, feminino e masculino, bruxa e vampiro, uma conjunção de opostos.

Matthew começou a se mexer dentro de mim, com uma expressão que oscilava entre a reverência e o êxtase, e tornou-se tenaz depois que angulou o corpo e reagi com um grito de prazer. Levou o braço até a base de minhas costas e levantou-me pelos quadris enquanto eu cravava as mãos nos ombros dele.

Entramos no ritmo singular dos amantes e nos demos prazer um ao outro, com suaves toques de mãos e de bocas enquanto os corpos se embalavam unidos até que só restaram nossos corações e nossas almas. Olhávamos no fundo dos olhos um do outro e trocávamos os votos finais de carne e espírito com a suavidade e o tremor dos recém-nascidos.

– Posso amá-la para sempre? – murmurou ele, colando os lábios na minha testa suada e traçando um trajeto frio pela minha sobrancelha enquanto estávamos com os corpos entrelaçados.

– Claro que pode. – Prometi mais uma vez, apertando-me ainda mais no

corpo dele.



– Estou adorando a vida de casada – disse sonolenta.

Não tínhamos feito mais nada além de fazer amor, conversar, ler e dormir depois que sobrevivemos ao dia seguinte do banquete e ao recebimento dos presentes na semana anterior – mugidores e cacarejantes em sua maioria. Uma vez ou outra Chef nos mandava uma bandeja com alimentos e bebida para o nosso sustento. Mas ficávamos a sós na maior parte do tempo. Nem Philippe interrompia o nosso tempo de intimidade.

– Parece que está se saindo bem com isso – disse Matthew, roçando a ponta do nariz atrás de minha orelha. Eu estava deitada de bruços e com as pernas esparramadas no espaço por cima da forja onde estocavam o arsenal. Ele estava em cima de mim para me proteger da corrente de ar que entrava pelos buracos da porta. Eu não sabia se alguma parte do meu corpo podia ser vista por algum passante eventual, mas certamente o dorso e as pernas nuas de Matthew estavam à vista. Ele se mexeu em cima de mim de maneira sugestiva.

– Não acredito que queira fazer de novo. – Sorri de felicidade quando ele repetiu o movimento. E me perguntei se aquela estamina sexual era peculiar aos vampiros ou exclusiva de Matthew.

– Já está criticando minha criatividade? – Ele me virou e se meteu entre minhas pernas. – Aliás, eu estava pensando nisso. – Inclinou o rosto para me beijar e escorregou suavemente para dentro de mim.

– Viemos aqui para minha prática de tiro – comentei em seguida. – É isso que entende por prática de tiro ao alvo?

Matthew soltou uma risada.

– Há centenas de eufemismos em Auvergnat para o ato de fazer amor, mas não creio que esse seja um deles. Vou perguntar para o Chef que é mestre nisso.

– Você não fará isso.

– Está ficando pudica, dra. Bishop? – disse ele, fingindo-se surpreso e tirando uma palha que estava emaranhada em meu cabelo. – Não se preocupe. Ninguém aqui tem ilusões sobre como estamos passando o tempo.

– Estou entendendo aonde você quer chegar. – Puxei a malha que tinha sido dele pelos meus joelhos. – Já que me atraiu até aqui poderia muito bem tentar descobrir o que estou fazendo de errado.

– Você é uma novata e não posso esperar que acerte o alvo o tempo todo. – Ele se pôs de pé e procurou a malha dele. Estava jogada por perto, com uma das pernas ainda atada à calça e a outra fora de vista. Encontrei-a embolada e amassada debaixo do meu ombro e entreguei para ele.

– Eu poderia me tornar exímia com um bom treinador. – A essa altura já o tinha visto atirar, e ele se mostrara um arqueiro nato com seus braços longos e suas mãos delgadas e fortes. Segurei o arco recurvo e um crescente de chifre polido e de madeira foi de encontro a uma pilha de feno nas proximidades. A corda de couro retorcido do arco balançou solta.

– Então, você devia passar algumas horas com Philippe e não comigo. A forma com que ele maneja o arco já é lendária.

– Seu pai me disse que Ysabeau é uma exímia atiradora. – Eu sabia manejar o arco, mas ainda estava muito longe da habilidade dela.

– Isso porque *maman* é a única criatura que já cravou uma flecha ao lado dele. – Matthew apontou para o arco. – Vou amarrá-lo para você.

Minha primeira tentativa de introduzir a corda do arco no encaixe me deixara uma marca rosada no rosto. A operação requeria força e destreza para vergar as partes inferiores e superiores do arco, de modo que ficassem alinhadas corretamente. Ele apoiou a parte inferior do arco na coxa,

vergou a parte superior com uma das mãos e amarrou a corda com a outra.

– Você faz isso parecer fácil. – Na moderna Oxford ele também retirara uma rolha de uma garrafa de champanhe de um jeito que tinha parecido fácil.

– É fácil... quando se é um vampiro com milhares de anos de prática. – Ele me entregou o arco sorrindo. – Não se esqueça de manter os ombros em linha reta e atire de maneira suave e serena, sem pensar muito no tiro.

Matthew também fazia isso *parecer* fácil. Voltei o rosto para o alvo. Era um gorro macio, um gibão e uma saia que ele fixara com algumas adagas. Explicou que o objetivo era atirar no ponto de mira e, para demonstrar o argumento, atirou uma única flecha em uma pilha de feno, seguida em sentido horário por mais cinco flechas até fazer um círculo, e depois cravou uma sexta bem no centro.

Tirei uma flecha da aljava e coloquei-a no arco. Acompanhei a linha de visão fornecida pelo meu braço esquerdo e puxei a corda para trás. Hesitei. Achei que o arco estava desalinhado.

– Atire – disse ele abruptamente.

Soltei a corda e a flecha passou zunindo pelo feno e se esborrachou no chão.

– Vou tentar novamente – disse, buscando a aljava aos meus pés.

– Vi quando você atirou o fogo de bruxa e abriu um buraco no peito daquela vampira – disse Matthew suavemente.

– Não quero evocar Juliette. – Tentei encaixar a flecha no lugar, com as mãos trêmulas. Abaixei o arco. – Nem Champier. Nem o fato de que meus poderes parecem ter evaporado. E muito menos que faço as frutas secarem e vejo cores e luzes ao redor das pessoas. Será que poderíamos deixar tudo isso de lado... ao menos por uma semana? – Minha magia (ou a ausência dela) voltava a ser o tópico regular da conversa.

– Espero que com a prática do arco e flecha você ative o fogo de bruxa

– comentou ele. – Evocar Juliette talvez ajude.

– Por que isso não pode ser feito apenas com alguns exercícios? – retruquei com impaciência.

– Porque precisamos entender por que seus poderes se transformaram – disse ele serenamente. – Erga o arco, puxe a flecha para trás e deixe-a voar.

– Pelo menos dessa vez acertei o feno – disse depois que a flecha aterrissou no canto direito da pilha de feno.

– Muito ruim se você estava mirando a minha barriga.

– Você está se divertindo muito com isso.

Ele ficou sério.

– Nada é divertido quando se trata de sobreviver. Desta vez encaixe a flecha e feche os olhos antes de mirar.

– Quer que use os meus instintos. – Titubeei sorrindo quando encaixei a flecha no arco. O alvo estava à frente, mas em vez de focá-lo fechei os olhos como Matthew sugerira. Logo que fiz isso me distraí com o peso do ar. Pesou nos meus braços e nas minhas coxas e se alojou nos meus ombros como uma pesada capa. E também ergueu a ponta da flecha. Acertei minha postura, abrindo os ombros para empurrar o ar. Uma brisa, uma carícia em movimento, afastou uma mecha de cabelo de minha orelha em reação.

O que você quer? Perguntei mentalmente para a brisa.

Sua confiança, ela sussurrou em resposta.

Abri os lábios em admiração e, com o olho mental aberto, vislumbrei a ponta da flecha dourada enquanto era queimada pelo calor e a pressão da forja. O fogo que permaneceu preso na flecha queria voar livre de novo, mas permaneceria preso enquanto não me livrasse do medo. Soltei o ar dos pulmões lentamente, até abrir espaço para a fé. Quando meu hálito acabou de percorrer a extensão da flecha, soltei a corda do arco. A flecha saiu em voo impulsionado por minha respiração.

– Acertei! – Eu ainda estava de olhos fechados, mas nem precisei olhar

para saber que a flecha atingira o alvo.

– Você conseguiu. A questão é como. – Matthew tirou o arco de minhas mãos antes que caísse.

– O fogo estava preso na flecha, e o peso do ar estava enrolado na ponta e por toda a extensão da flecha. – Abri os olhos.

– Você sentiu os elementos da mesma forma que sentiu a água debaixo do pomar de Sarah lá em Madison e a luz do sol no marmelo lá na Velha Cabana. – Ele ficou pensativo.

– Às vezes o mundo me parece repleto de potencialidades invisíveis e fora do meu alcance. Talvez soubesse o que fazer com tudo isso se pudesse me metamorfosear quando quisesse como Tétis. – Peguei o arco e outra flecha. Acertava o alvo quando ficava de olhos fechados. Mas, quando olhava para o entorno, às vezes os tiros eram longos e outras vezes muito curtos.

– Basta por hoje – disse Matthew, massageando um nó que se formava junto da minha omoplata direita. – Chef espera chuva nesta semana. É melhor cavalgarmos enquanto podemos. – Chef não era apenas um mago das panelas, também era um razoável meteorologista. E geralmente fazia as previsões com a bandeja do café da manhã nas mãos.

Na cavalgada pelo campo de volta para casa avistamos muitas fogueiras espalhadas pelo caminho e tochas acesas em Sept-Tours. Era a noite da Saturnália, início oficial da estação de festas no castelo. O ecumênico Philippe que não queria ninguém deixado de lado deu igual tratamento às tradições romanas e cristãs. Até mesmo um veio do Yule nórdico verteu em meio à mistura das tradições, o que para mim certamente estava relacionado com a ausência de Gallowglass.

– Não acredito que já estejam cansados da companhia um do outro tão cedo! – gritou Philippe do balcão dos menestréis quando retornamos. Usava um magnífico arranjo de cornos em galhadas no alto da cabeça que o tornava uma mistura bizarra de leão e cervo. – Não esperávamos que

aparecessem antes de quinze dias. Mas já que apareceram talvez sejam úteis. Dependurem estrelas e luas em todos os espaços vazios.

O grande saguão estava decorado com tantas folhagens que parecia uma floresta e cheirava a isso. Para o comodismo dos foliões havia barris de vinho espalhados por todos os lados. Fomos saudados com aplausos em nosso retorno. A turma da decoração pediu a Matthew que escalasse a chaminé da lareira e pregasse um grande galho de árvore em uma das vigas. Ele escalou o conduto de pedra com tal agilidade que não devia ser a primeira vez que fazia isso.

Era impossível resistir ao espírito festivo; na hora da ceia nós dois nos oferecemos para servir a comida com um ritual de inversão, onde os servos seriam amos e os amos, servos. Meu fiel escudeiro Thomas tirou o pedaço de palha mais longo e ganhou o direito de presidir a celebração no papel de Lorde da Desordem. Sentou-se em cima de uma pilha de almofadas na cadeira de Philippe, ostentando como adereço teatral uma coroa de ouro e rubi de valor incalculável apanhada nos aposentos superiores. Qualquer solicitação tola de Thomas era cumprida por Philippe no papel de bobo da corte. Naquela noite as obrigações do pai de Matthew consistiram em dançar romanticamente com Alain (ele optou por representar o papel feminino), em encantar os cachorros com uma flauta e em projetar sombras de dragões nas paredes que eram acompanhadas pela gritaria das crianças.

Philippe não se esqueceu dos adultos, pois elaborou jogos de azar que os deixou ocupados enquanto ele divertia o público infantil. Cada adulto recebeu uma bolsa de feijões para fazer as apostas, com a promessa de um saco de moedas para quem tivesse ganhado mais apostas ao final da noite. A empreendedora Catrine tornou-se o sucesso da noite na troca de beijos por feijões; eu teria apostado todas as minhas fichas em Catrine como ganhadora do grande prêmio se as tivesse comigo.

No decorrer da noite às vezes Matthew e Philippe se colocavam lado a

lado para conversar e partilhar piadas. Só quando curvavam a cabeça juntos, uma brilhante e outra negra, é que a diferença de aparência entre ambos era gritante. Mas no geral eram idênticos. Com o passar dos dias o insaciável bom humor do pai acabou polindo algumas arestas de Matthew. Hamish estava certo: Matthew não era o mesmo homem naquele lugar. Ele era melhor e ainda era meu, apesar dos medos que senti no monte Saint-Michel.

A certa altura Matthew notou que estava sendo observado por mim e me olhou intrigado. Sorri e joguei-lhe um beijo do outro lado do salão. Ele inclinou a cabeça, acanhado e feliz.

Faltavam uns cinco minutos para a meia-noite quando Philippe retirou a coberta que ocultava um objeto posicionado perto da lareira.

– Cristo meu. Philippe jurou que faria esse relógio ficar de pé e funcionar novamente, mas não acreditei nele. – Matthew juntou-se a mim enquanto crianças e adultos urravam em êxtase.

Eu nunca tinha visto um relógio como aquele. Um gabinete entalhado e dourado fazia um barril de água circular. Um longo cano de cobre emergia do barril e vertia água no casco de uma formosa miniatura de navio suspensa por uma corda enrolada num cilindro. À medida que a água fazia o navio pesar, o cilindro girava e uma mão se movia em torno de um marcador na superfície do relógio que indicava a hora. A estrutura do relógio era tão alta quanto eu.

– O que vai acontecer à meia-noite? – perguntei.

– Certamente alguma coisa que tenha a ver com a pólvora que ele solicitou ontem – respondeu Matthew, com um ar sério.

Depois de exibir o relógio com pompa e circunstância, Philippe iniciou um tributo aos amigos e familiares passados e presentes, como convinha a um festival em honra do antigo deus do tempo. Nomeou cada criatura que a comunidade perdera no ano anterior, inclusive (quando solicitado pelo Lorde da Desordem) Prunelle, a gatinha de Thomas que por desventura

morrera tragicamente. Enquanto isso a mão se aproximava da meia-noite.

Exatamente à meia-noite o navio detonou com uma explosão ensurdecedora. O relógio estremeceu e parou dentro de uma caixa de madeira lascada.

– *Skata*. – Philippe olhou com tristeza para os destroços do relógio.

– *Monsieur* Finé... que Deus o tenha, não deve ter gostado dos implementos no projeto dele. – Matthew curvou-se para olhar mais de perto, afastando a fumaça dos olhos. – Todo ano Philippe apresenta uma novidade: jatos de água, sinos, coruja mecânica que pia as horas. Mexe nesse relógio desde que o ganhou do rei François num carteado.

– Era para o canhão soltar pequenas faíscas e um sopro de fumaça. As crianças iam adorar – disse Philippe, sem dissimular a frustração. – *Matthaios*, sua pólvora não prestou.

Matthew sorriu.

– A julgar pelo estrago, prestou muito.

– *C'est dommage* – disse Thomas, balançando a cabeça por solidariedade. Estava agachado ao lado de Philippe, com a coroa torta e com um ar preocupado de adulto.

– *Pas de problème*. No próximo ano faremos melhor – garantiu Philippe para Thomas.

Algum tempo depois deixamos o pessoal de Saint-Lucien entregue à jogatina e à folia. Passei um tempo perto da lareira lá em cima, esperando que Matthew preparasse as velas e fosse para a cama. Quando nos juntamos, suspendi a camisola e montei nos quadris dele.

– O que está fazendo? – Ele se surpreendeu quando se viu deitado de barriga para cima na cama e com a esposa o olhando de cima.

– A desordem não é exclusividade dos homens – disse, arranhando-lhe o peito com as unhas. – Li um artigo sobre isso na escola intitulado "Mulheres por cima".

– Habituada como está a comandar não a imagino aprendendo muita

coisa nesse artigo, *mon coeur*. – Os olhos de Matthew arderam quando ajeitei meu peso para aprisioná-lo entre minhas coxas.

– Bajulador. – Passeei com a ponta dos dedos pelos quadris dele, apalpando os sulcos do abdome e subindo até os músculos dos ombros. Curvei-me e o prendi pelos braços na cama, propiciando-lhe uma excelente visão do meu corpo pela gola aberta da camisola. Ele soltou um gemido.

– Bem-vindo ao mundo virado de cabeça para baixo. – Eu o deixei livre durante um tempo enquanto tirava a camisola e logo o peguei pelas mãos, curvei-me e rocei meus mamilos no peito dele.

– Cristo. Assim você me mata.

– Não ouse morrer agora, vampiro – exclamei, conduzindo-o dentro de mim, remexendo-me levemente e assim garantindo a promessa de mais. Ele reagiu com um doce grunhido. – Gosta disso – acrescentei carinhosamente.

Ele me induziu a um ritmo mais pesado e rápido. Mas mantive os movimentos lentos e estáveis, satisfeita com o encaixe de nossos corpos. A fria presença dele dentro de mim era uma prazerosa fonte de fricção que me aquecia o sangue. Olhei no fundo dos olhos dele quando ele atingiu o clímax, e a crua vulnerabilidade daqueles olhos me fez mergulhar nele. Já exausta, desmoronei no peito dele, e quando fiz menção de sair, ele me abraçou com força.

– Fique – sussurrou.

Fiquei e Matthew me acordou algumas horas depois. Fez amor comigo de novo na quietude que antecede o amanhecer, e me segurou quando submergi na metamorfose de fogo para água e de água para ar, retornando mais uma vez aos sonhos.

A sexta-feira marcava o dia mais curto do ano e a celebração de Yule. A aldeia se recuperava da Saturnália e ainda tinha o Natal pela frente, mas Philippe continuava a todo vapor.

– Chef destrinchou um porco – disse. – Eu não podia desapontá-lo.

Durante uma trégua no tempo, Matthew se dirigiu à aldeia para ajudar a reparar os telhados que haviam tombado com o peso da última nevasca. Saí de lá e ele ainda martelava as vigas juntamente com outro carpinteiro, feliz da vida com a perspectiva de um trabalho físico fatigante sob a temperatura gelada da manhã.

Eu me tranquei na biblioteca, com alguns dos melhores livros de alquimia da família e algumas folhas de papel. Uma dessas folhas estava com rabiscos e diagramas que não fariam sentido para ninguém além de mim. Com os últimos acontecimentos no castelo, já tinha deixado de lado as tentativas de fazer o espírito de vinho. Thomas e Étienne preferiam correr nos arredores com os amigos e passar a ponta dos dedos na cobertura do último bolo feito por Chef a me ajudar em uma experiência científica.

– Diana. – Philippe se movia em grande velocidade e já estava a meio caminho da sala quando reparou em mim. – Pensei que você estivesse com Matthew.

– Não aguento quando o olho lá no alto – confidenciei.

Ele balançou a cabeça em cumplicidade.

– O que está fazendo? – perguntou, espiando por cima do meu ombro.

– Tentando descobrir o que eu e Matthew temos a ver com a alquimia. – Já estava com o cérebro confuso pela falta de uso e pelas noites sem dormir.

Philippe despejou um punhado de triângulos de papel, rolinhos e quadrados sobre a mesa e puxou uma cadeira. Apontou para um dos meus esboços.

– Esse é o selo de Matthew.

– Sim. E também o símbolo de prata e ouro, lua e sol. – O salão tinha sido decorado para a Saturnália com versões desses corpos celestes. – Tenho pensado nisso desde a noite de segunda-feira. Entendi por que a bruxa pode ser simbolizada pela lua crescente ou a prata... ambas estão

associadas à deusa. Mas por que ninguém simboliza o vampiro com o sol ou o ouro? – Isso se contrapunha aos resíduos da lenda popular.

– Porque somos imutáveis. Nossa vida não se preenche nem se esvazia, e como o ouro, nosso corpo resiste à corrupção da morte e da doença.

– Eu devia ter pensado isso. – Fiz algumas anotações.

– Talvez estivesse com outras coisas na cabeça. – Meu sogro sorriu. – Matthew está muito feliz.

– Não só por minha causa – disse, olhando para ele. – Matthew também está feliz por estar outra vez ao seu lado.

Sombras cruzaram os olhos de Philippe.

– Eu e Ysabeau adoramos quando nossos filhos estão aqui. Eles têm a própria vida, mas isso não serve de consolo na ausência deles.

– E hoje você também está sentindo falta de Gallowglass – comentei. Philippe parecia estranhamente subjugado.

– Sim, estou. – Ele misturou os papéis com os dedos. – Foi Hugh, meu filho mais velho, que o trouxe para a família. Hugh sempre partilhou o próprio sangue com sabedoria, e Gallowglass não foi uma exceção. É um guerreiro tenaz que herdou o senso de honra do pai. A mim reconforta saber que meu neto está na Inglaterra com Matthew.

– Raramente Matthew fala de Hugh.

– Ele era mais ligado a Hugh que aos outros irmãos. A morte de Hugh junto aos últimos templários nas mãos da Igreja e do rei abalou as fidelidades de Matthew. Ele precisou de um tempo para se livrar da fúria do sangue e voltar para nós.

– E Gallowglass?

– Gallowglass ainda não está pronto para deixar a dor para trás, e enquanto estiver assim não pisará no solo francês. Assim como Matthew, meu neto exigiu revanche dos homens que traíram a confiança de Hugh, mas a vingança nunca é um remédio apropriado para a perda. Um dia meu neto retornará a casa. Eu tenho certeza disso. – Philippe pareceu velho por

um momento, já não era o vigoroso regente de um povo e sim o pai que se infelicitava por ter uma vida mais longa que a dos filhos.

– Obrigada, Philippe. – Hesitei antes de cobrir a mão dele com a minha. Ele acarinhou a minha mão por um segundo e se levantou. E depois pegou um livro de alquimia. Um maravilhoso volume ilustrado de *Aurora Consurgens*, de Godfrey, o texto que me atraíra na minha primeira vez em Sept-Tours.

– Que tema curioso, a alquimia – murmurou ele enquanto folheava as páginas. Abriu um sorriso largo quando encontrou uma gravura do Rei Sol e da Rainha Lua em combate sobre o dorso de um leão e de um grifo. – Sim, isso vai servir. – Enfiou um dos recortes de papel entre as páginas.

– O que está fazendo? – Fiquei curiosa.

– Jogo esse jogo com Ysabeau. Sempre deixamos mensagens escondidas nas páginas de livros quando um de nós está distante. São tantas coisas que acontecem em um único dia que é impossível lembrar de tudo quando nos reencontramos. Dessa maneira preservamos pequenas recordações como essa e depois compartilhamos.

Philippe foi até as prateleiras e pegou um velho livro com capa de couro.

– *A canção de Armouris* é uma de nossas histórias prediletas. Nós temos gostos simples e adoramos histórias de aventura. Sempre escondemos mensagens neste livro. – Ele esticou um rolinho de papel por entre a linha que separava a capa e o velino. Um retângulo dobrado caiu da base enquanto era manipulado naquele espaço apertado.

– Ysabeau costuma usar uma faca e suas mensagens são mais difíceis de encontrar. Ela é cheia de truques. Vamos ver o que ela diz aqui. – Ele abriu o retângulo de papel e o leu. Ficou com um brilho nos olhos e um rubor nas faces incomuns.

Sorri e me levantei.

– Acho que você precisa de mais privacidade para escrever a resposta!

– *Sieur*. – Alain surgiu no umbral da porta de cara séria. – Chegaram alguns mensageiros. Um da Escócia. Outro da Inglaterra. E um terceiro de Lyon.

Philippe suspirou e vociferou entre dentes.

– Eles deviam ter esperado até depois da festa cristã.

Fiquei com a boca amarga.

– Não devem ser notícias boas – disse Philippe, olhando para mim. – O que diz o mensageiro de Lyon?

– Champier tomou precauções antes de partir, alardeando para todo mundo que tinha sido convidado para vir aqui. Os amigos começaram a fazer perguntas quando viram que ele não retornava. Um grupo de bruxos saiu da cidade e está vindo em nossa direção à procura dele – disse Alain.

– Quando? – sussurrei. Era tão cedo...

– Serão retardados pela neve, e é uma viagem difícil na época das festas. Acho que levarão alguns dias, talvez uma semana.

– E os outros mensageiros? – perguntei para Alain.

– Estão à procura de milorde na aldeia.

– Sem dúvida para chamá-lo de volta para a Inglaterra – comentei.

– Se for o caso, a melhor ocasião para partir será no dia de Natal. As estradas estarão praticamente vazias e a lua estará negra. São as condições ideais para os *manjasang*, mas não para os sangues-quentes – afirmou Philippe. – Há cavalos e hospedarias prontas para vocês até Calais. Um barco os espera para levá-los até Dover. Enviei uma mensagem para Gallowglass e Raleigh que estarão preparados para o retorno de vocês.

– Você já estava esperando por isso – disse abalada com a perspectiva de partir. – Mas não estou pronta. As pessoas ainda pensam que sou diferente.

– Você se mistura melhor do que pensa. E um exemplo disso é que toda manhã conversa comigo com um francês e um latim perfeitos. – Philippe sorriu por me ver boquiaberta. – É verdade. E quando passo de uma língua

para outra você responde à altura mesmo quando não percebe. – Amarrou a cara. – Será que devo contar os meus arranjos para Matthew?

– Não – respondi, pondo a mão no braço dele. – Eu mesma faço isso.

Matthew estava sentado na viga mestra, preocupado e com uma carta em cada mão. Ao me avistar, escorregou por uma cornija e aterrissou no chão com a graça de um gato. A felicidade e a divertida despreocupação daquela manhã já não passavam de meras lembranças. Ele puxou o gibão de um suporte enferrujado de tocha. Quando o vestiu, o carpinteiro se foi e deu lugar ao príncipe.

– Agnes Sampson se confessou culpada pelas cinquenta e três acusações de feitiçaria – comentou irritado. – Os oficiais escoceses precisam se dar conta de que um amontoado de acusações faz qualquer um parecer menos convincente. De acordo com este relato o diabo revelou para Sampson que o rei Jaime era seu grande inimigo. Elizabeth deve estar feliz por não estar no primeiro lugar.

– As bruxas não acreditam no diabo – disse. Essa era certamente a mais incompreensível de todas as bizarrices que os humanos atribuíam às bruxas.

– A maioria das criaturas vai acreditar em qualquer coisa que prometa acabar logo com a miséria atual, e ainda mais passando fome e sendo torturadas e aterrorizadas durante semanas. – Matthew passou os dedos no cabelo. – A confissão de Agnes... embora duvidosa... é uma prova de que as bruxas estão se metendo em política, como afirma o rei Jaime.

– E dessa maneira rompem o acordo. – Concluí ao entender por que Agnes tinha sido perseguida pelo rei escocês com tanto rigor.

– Sim. Gallowglass quer saber o que fazer.

– O que você fez antes... quando estávamos lá?

– Deixei que a morte de Agnes Sampson passasse impune, como uma punição civil para um crime que estava fora da proteção da Congregação. – Os olhos dele se encontraram com os meus. A bruxa e a historiadora

brigaram dentro de mim por uma escolha impossível.

– Então, é melhor que se mantenha em silêncio outra vez. – Opinei já resignada com a vitória da historiadora.

– O meu silêncio vai implicar a morte dela.

– E o seu depoimento vai modificar o passado, quem sabe até com consequências inimagináveis para o presente. Ninguém mais do que eu quer que a bruxa sobreviva, Matthew. Mas, se começarmos a mudar as coisas, onde nós iremos parar? – Balancei a cabeça em negativa.

– Então, de novo terei apenas que assistir ao desenrolar dos terríveis acontecimentos na Escócia. Se bem que dessa vez tudo parece tão diferente – disse ele, com relutância. – William Cecil quer que eu retorne para a Inglaterra e reporte a situação escocesa para a rainha. Terei que obedecer às ordens dele, Diana. Não tenho escolha.

– Nós teríamos que retornar para a Inglaterra, mesmo que Cecil não tivesse chamado. Os amigos de Champier já perceberam que ele está desaparecido. E temos que partir imediatamente. Philippe já tinha feito uns arranjos para o caso de uma partida precipitada.

– Esse é o meu pai – disse Matthew, com um sorriso mal-humorado.

– Sinto muito por termos de partir tão cedo – sussurrei.

Ele me puxou para o lado dele.

– Se não fosse você, minha última lembrança do meu pai seria a da carcaça quebrada de um homem. Nós devemos aceitar tanto as coisas ruins como as coisas boas que nos acontecem.

Ao longo dos dias que se seguiram, ele e o pai se entregaram a um ritual de despedida conhecido por ambos, sobretudo pelos muitos adeuses que trocavam. Mas dessa vez era singular. O Matthew que viria depois para Sept-Tours seria diferente, já não saberia nem da minha existência nem do futuro de Philippe.

– Faz tempo que o povo de Saint-Lucien convive com os *manjasang* – disse Philippe quando me mostrei preocupada quanto ao fato de que talvez

Thomas e Étienne não soubessem guardar segredos. – Nós chegamos e depois nos vamos. Ninguém faz perguntas e não damos explicações. Sempre foi assim.

Apesar disso, Matthew tomou todas as providências para deixar seus planos bem claros. Ouvi a conversa que teve com Philippe no celeiro depois de uma manhã de pugilismo.

– A última coisa que farei antes de retornarmos ao tempo de onde partimos será enviar uma mensagem para você. Prepare-se para me mandar para a Escócia a fim de assegurar a aliança da família com o rei Jaime. De lá deverei ir para Amsterdã. Os holandeses manterão abertas as rotas de comércio com o Leste.

– Farei isso, Matthew – disse Philippe, com ar sereno. – Até lá espero receber notícias frescas da Inglaterra, e também notícias de como você e Diana estão se saindo.

– Gallowglass vai mantê-lo a par de nossas aventuras – prometeu Matthew.

– Não será o mesmo que saber diretamente de você – retrucou Philippe. – Quando se mostrar pomposo será difícil não tripudiar de você com o que já sei do seu futuro, Matthew. Mas de alguma forma também saberei lidar com isso.

O tempo nos pregou algumas peças durante nossos últimos dias em Sept-Tours, primeiro recuando e depois acelerando sem avisar. Na véspera do Natal, Matthew foi assistir à missa na igreja, junto com grande parte do pessoal da casa. Fiquei no castelo e encontrei Philippe no seu escritório no outro lado do grande saguão. Estava escrevendo cartas, como sempre.

Bati à porta. Por mera formalidade, porque ele já tinha ouvido os meus passos desde o momento em que saí da torre de Matthew, mas não me pareceu certo entrar sem permissão.

– *Introite* – disse ele com o mesmo tom da primeira vez que ali entrei, mas dessa vez soou menos proibitivo que antes porque já o conhecia

melhor.

– Desculpe-me por perturbá-lo, Philippe.

– Entre, Diana. – Ele esfregou os olhos. – Catrine encontrou as minhas caixas?

– Sim, e também a taça e o estojo de penas. – Ele insistira em me ceder uma bagagem de mão para a viagem. Era toda feita de couro resistente, própria para suportar a neve, a chuva e as dificuldades do translado. – Gostaria de lhe agradecer antes de partir... e não apenas pelo casamento. Você consertou algo que estava quebrado em Matthew.

Philippe arrastou o banco para trás e me olhou fixamente.

– Diana, eu é que devo lhe agradecer. Há mais de mil anos a família tenta apaziguar o espírito de Matthew. Se não me falha a memória, você fez isso em menos de quarenta dias.

– Matthew não era assim – balancei a cabeça –, não até se juntar a você aqui. Ele tinha uma escuridão inatingível para mim.

– Um homem como Matthew nunca se liberta das sombras por inteiro. Mas para amá-lo talvez seja necessário abraçar a escuridão – continuou Philippe.

– *Não me recuse porque sou trevoso e sombrio* – murmurei.

– Não reconheço esse verso – disse ele, com a testa franzida.

– É de um livro de alquimia que já lhe mostrei... *Aurora Consurgens*. Essa passagem me remete a Matthew, se bem que não sei bem por quê. Mas um dia saberei.

– Você sabe que se parece muito com esse anel – disse ele, tamborilando os dedos em cima da mesa. – Foi outra mensagem inteligente de Ysabeau.

– Ela queria que você soubesse que ela aprovaria o casamento – expliquei, passando o polegar naquela peça querida.

– Não. Ysabeau queria que eu soubesse que ela aprovaria *você*. Você é tão resistente quanto o ouro do qual esse anel é feito. Você esconde muitos segredos dentro de si, como as faces desse anel escondem a poesia da vista.

Mas é a pedra que a define melhor: brilhante à superfície, ardente por dentro e impossível de ser quebrada.

– Ora, não sou inquebrantável – retruquei, com ar pesaroso. – Afinal, pode-se quebrar um diamante com qualquer martelo.

– Eu vi as cicatrizes que Matthew deixou no seu corpo. Suspeito que haja outras menos visíveis. E, se não se despedaçou antes, não será agora que vai se despedaçar. – Philippe circundou a mesa. Beijou-me com ternura nas duas faces, enchendo-me os olhos de lágrimas.

– Preciso ir. Amanhã partiremos bem cedo. – Girei o corpo para sair, mas dei meia-volta e estendi os braços ao redor dos maciços ombros dele. Como é que um homem daquele podia ser quebrado?

– O que é? – perguntou ele desconcertado.

– Você também nunca estará sozinho, Philippe de Clermont – sussurrei, com convicção. – Vou descobrir um jeito de me encontrar com você na escuridão, prometo. E estarei segurando sua mão quando pensar que foi abandonado pelo mundo.

– E poderia ser de outra maneira – disse ele gentilmente –, já que tenho você no meu coração?

Na manhã seguinte algumas poucas criaturas se reuniram no pátio para assistir à nossa partida. Chef enfiara todo tipo de lanchinhos na sacola de minha sela e na de Pierre, e Alain aproveitara o tempo restante para redigir cartas para Gallowglass, Walter e dezenas de outros destinatários. Catrine estava por perto, com os olhos inchados de tanto chorar. Quis ir conosco, mas Philippe não permitiu.

E lá estava Philippe, que me abraçou como um urso antes de me soltar. Ele e Matthew conversaram tranquilamente por um momento. Matthew balançou a cabeça em assentimento.

– Estou orgulhoso de você, *Matthaios* – disse Philippe, segurando o filho pelo ombro por um segundo. Matthew rapidamente se inclinou em

direção ao pai quando foi solto, como se não quisesse romper a conexão.

E depois se voltou para mim, já com uma expressão determinada. Ajudou-me a subir na sela e montou no cavalo dele com ligeireza.

– *Khaire*, papai – disse ele, com um brilho nos olhos.

– *Khairete, Matthaios kai Diana* – rebateu Philippe.

Matthew não se virou para uma última visão do pai, e os músculos das costas dele não se descontraíram. Manteve os olhos fixos na estrada à frente, encarando o futuro e não o passado.

Girei o torso outra vez quando um súbito movimento atraiu os meus olhos. Philippe cavalgava ao longo de um monte das redondezas, determinado a aproveitar a proximidade do filho o máximo possível.

– Adeus, Philippe – sussurrei ao vento, na esperança de que me ouvisse.



– Você está bem, Ysabeau?

– Claro que estou. – Ela abriu a capa de um livro antigo e raro e o sacudiu de cabeça para baixo.

Emily Mather olhou para ela, ressabiada. A biblioteca estava um completo caos. Parecia varrida por um tornado, embora o resto do castelo estivesse impecavelmente arrumado. Os livros estavam espalhados por todos os cantos. Alguém os tirara das estantes e os jogara a esmo em qualquer lugar.

– Deve estar aqui. Ele saberia que as crianças estavam juntas. – Ysabeau deixou o livro de lado e pegou um outro.

Doía na alma da bibliotecária ver os livros maltratados daquela maneira.

– Não compreendo. O que você está procurando? – Emily pegou o volume descartado e o fechou com todo zelo.

– Matthew e Diana foram para o ano de 1590. Eu não estava em casa na ocasião. Evidentemente, Philippe soube da nova esposa de Matthew. Ele me deixaria um recado. – Os cabelos de Ysabeau contornavam o rosto e desciam quase até a cintura. Ela os torceu para trás com impaciência. Examinou a lombada e as páginas da última vítima e abriu um último papel com a unha afiada do dedo indicador. Não encontrou nada e grunhiu de frustração.

– Mas esses são livros, não são cartas – disse Emily, com cautela. Pois se não conhecia bem Ysabeau, já tinha ouvido histórias terríveis sobre a mãe de Matthew e das coisas feitas por ela em Trier e em outros lugares. A

matriarca da família De Clermont não era amiga de bruxas e, mesmo que Diana confiasse nela, Emily mantinha certas precauções.

– Não estou procurando uma carta. Nós sempre escondíamos recadinhos de um para o outro nas páginas dos livros. Depois que ele morreu, vasculhei todos os volumes da biblioteca para ter os últimos pedaços dele. Mas devo ter esquecido algum.

– Talvez não fosse para ser encontrado... não na ocasião. – Soou uma voz seca das sombras próxima a porta. Sarah Bishop estava com o cabelo ruivo despenteado e com o rosto empalidecido de preocupação e insônia. – Marthe vai levar um susto quando vir essa bagunça. E ainda bem que Diana não está aqui. Você teria uma aula sobre preservação de livros que a faria se sentir estúpida. – Tabitha, que acompanhava Sarah por toda parte, se enfiou por entre as pernas da bruxa, hipnotizada pelo balanço dos cabelos de Ysabeau.

Dessa vez foi Ysabeau que pareceu confusa.

– O que quer dizer, Sarah?

– O tempo é trapaceiro. Mesmo que tudo tenha corrido de acordo com o plano e que Diana tenha levado Matthew de volta ao primeiro dia de novembro de 1590, ainda assim podia ser muito cedo para uma mensagem do seu marido. E se você não encontrou uma mensagem antes é porque Philippe ainda não havia conhecido a minha sobrinha. – Sarah calou-se por um instante. – Acho que Tabitha está comendo aquele livro.

Tabitha estava encantada por se hospedar naquela casa com um amplo suprimento de camundongos e com muitos cantos escuros para se esconder, e ultimamente se entregava ao prazer de subir nos móveis e escalar as cortinas. E agora mastigava a ponta de um livro com capa de couro empoleirada em uma estante.

– *Kakó gati!* – gritou Ysabeau, correndo até a estante. – É um dos favoritos de Diana.

Tabitha, que nunca fugia do confronto com outro predador, exceto com

Miriam, empurrou o livro que caiu no chão. Pulou atrás e aterrissou sobre a prenda como um leão na guarda de uma presa particularmente desejável.

– É um daqueles livros de alquimia com gravuras – disse Sarah, arrancando-o das garras da sua gata e folheando as páginas. Cheirou a capa. – Não é de admirar que Tabitha queira mastigá-lo. Cheira a hortelã e couro, igualzinho ao brinquedo predileto dela.

Um quadrado de papel dobrado muitas vezes flutuou até o solo. Impedida de ter o livro, Tabitha abocanhou o papel no ar e saiu em disparada em direção à porta.

Ysabeau já estava à espera da gata. Suspendeu-a pela pele do pescoço e tirou-lhe o papel da boca. E depois surpreendeu a felina com um beijo no focinho.

– Gatinha esperta. Hoje você vai ter peixe no jantar.

– É isso que você tanto procurava? – disse Emily quando viu o pedaço de papel. Não parecia valioso a ponto de pôr a biblioteca de pernas para o ar.

Pela maneira com que Ysabeau o segurava, a resposta era mais do que clara. Ela o desdobrou com todo cuidado, deixando à vista um pedaço de papel com uns treze centímetros de comprimento e com ambos os lados cobertos de pequeninos caracteres.

– Isso foi escrito em algum tipo de código – disse Sarah. Suspendeu até o nariz os óculos zebrados de leitura que tinha preso a um cordão.

– Não é código... é grego. – As palavras de Ysabeau soaram trêmulas enquanto ela desamassava o papel.

– E o que está escrito aí? – perguntou Sarah.

– Sarah! – Emily a repreendeu. – Não vê que é privado?

– É do Philippe. Ele esteve com os dois. – Ysabeau respirou fundo enquanto percorria o texto com os olhos. Levou a mão à garganta enquanto o alívio combatia o descrédito.

Sarah esperou a vampira terminar a leitura. Isso levaria uns dois

minutos, ou seja, os mais longos noventa segundos que ela concederia para qualquer outra pessoa.

– E então?

– Eles estiveram juntos durante as festas. *"Na manhã da santa celebração do Natal me despedi do seu filho. Finalmente, ele está feliz, casado com uma mulher que trilha as pegadas da deusa e é digna do amor dele."* – Ysabeau leu em voz alta.

– Você tem certeza de que ele se refere a Matthew e Diana? – Emily considerou a linguagem estranhamente formal e vaga para uma correspondência entre marido e mulher.

– Sim. Matthew sempre foi o filho que sempre nos preocupou, se bem que os irmãos e as irmãs nos deram muito mais trabalho. Meu maior desejo era ver Matthew feliz.

– E a referência à "mulher que trilha as pegadas da deusa" é mais do que clara – comentou Sarah. – Ele não podia mencionar o nome de Diana nem identificá-la como uma bruxa. E se outra pessoa encontrasse o papel?

– Há mais – continuou Ysabeau. – *"O destino ainda tem o poder de nos surpreender, minha luz. Temo que tenhamos tempos difíceis à frente. Farei o que for possível no tempo que me resta para garantir sua segurança e a dos nossos filhos e netos, netos cujas bênçãos já desfrutamos e netos que ainda estão por nascer."*

Sarah praguejou.

– Por nascer em vez de por serem criados?

– Sim – sussurrou Ysabeau. – Philippe sempre escolhe as palavras com muito cuidado.

– Então ele estava tentando nos dizer alguma coisa a respeito de Diana e Matthew.

Ysabeau afundou no sofá.

– Faz muito, muito tempo que circulavam rumores sobre criaturas que eram diferentes... imortais e poderosas. Ali por volta do tempo em que

assinaram o acordo pela primeira vez, alguns comentavam que uma bruxa tinha dado à luz um bebê que chorava lágrimas de sangue como um vampiro. E sempre que a criança chorava dessa maneira sopravam ventos violentos do mar.

– Nunca ouvi falar disso – disse Emily, com a testa franzida.

– Descartou-se a história como mito... elaborado para gerar o medo entre as criaturas. Nos dias de hoje poucos de nós se lembram disso e pouquíssimos acreditam na veracidade disso. – Ysabeau tocou no papel que estava em seu colo. – Mas Philippe sabia que ela era real. Ele segurou a criança, vocês sabem, e soube por que essa coisa acontecia.

– E acontecia por quê? – perguntou Sarah impressionada.

– Era um *manjasang* nascido de uma bruxa. A pobre criança estava faminta. A família que tirara o bebê da mãe se recusava a alimentá-lo de sangue e o forçava a beber apenas leite, achando que assim ele não se tornaria um de nós.

– Certamente Matthew conhece essa história – comentou Emily. – Você mesma devia ter contado a história para ele, tanto para contribuir com a pesquisa dele como para o bem de Diana.

Ysabeau balançou a cabeça em negativa.

– Não era eu que tinha que contar a história.

– Você e seus segredinhos – disse Sarah em tom ácido.

– E quanto aos *seus* segredinhos, Sarah? – gritou Ysabeau. – Você realmente acha que as bruxas... que criaturas como Satu e Peter Knox não sabem nada a respeito dessa criança *manjasang* e da mãe?

– Parem com isso as duas – disse Emily abruptamente. – Se a história é verdadeira e outras criaturas a conhecem, Diana corre um grande perigo. E também Sophie.

– Os pais de Sophie eram bruxos, mas ela é uma demônia – disse Sarah, pensando no jovem casal que dias antes do Halloween batera à sua porta em Nova York. Ninguém entendeu como os dois demônios se encaixavam

naquele mistério.

– E também o marido de Sophie, mas a filhinha deles será uma bruxa. Sophie e Nathaniel são uma outra prova de que não entendemos como bruxas, demônios e vampiros se reproduzem e passam suas habilidades para os filhos – disse Emily, com ar preocupado.

– Sophie e Nathaniel não são as únicas criaturas a serem varridas da Congregação. Diana e Matthew também fazem parte da lista. É bom saber que eles estão em segurança no passado e não aqui – disse Sarah de cara séria.

– Mas quanto mais permanecerem no passado, mais probabilidades terão de mudar o futuro – observou Emily. – Cedo ou tarde, Diana e Matthew se darão um presente.

– O que quer dizer, Emily? – perguntou Ysabeau.

– O tempo se ajusta... e não da forma melodramática que o senso comum pensa, evitando guerras e mudando eleições presidenciais. O tempo se ajusta com pequenas coisas que pipocam aqui e ali, como esse bilhete, por exemplo.

– Anomalias – murmurou Ysabeau. – Philippe sempre procurava anomalias no mundo. É por isso que continuo lendo todos os jornais. Criamos o hábito de lê-los toda manhã. – Os olhos dela se fecharam, aninhados em lembranças. – Ele amava o caderno de esportes, é claro, mas também lia as colunas sobre educação. Ele se preocupava com o futuro das crianças. Financiou bolsas de estudo de grego e filosofia, e também colégios para meninas. Sempre achei isso estranho.

– Ele estava à procura de Diana – disse Emily, com a certeza de quem era abençoada pela segunda visão.

– Talvez. Uma vez lhe perguntei por que se preocupava tanto com os fatos correntes e o que esperava encontrar nos jornais. Philippe respondeu que saberia quando encontrasse – retrucou Ysabeau, com um sorriso melancólico. – Era um amante dos mistérios e dizia que, se fosse possível,

adoraria ser um detetive como Sherlock Holmes.

– Precisamos estar atentas a esses solavancos do tempo antes que a Congregação faça isso – disse Sarah.

– Falarei com Marcus. – Ysabeau assentiu com um meneio de cabeça.

– Você devia ter falado desse bebê mestiço para o Matthew. – Sarah não abdicou do tom de recriminação.

– Meu filho ama Diana, e se soubesse do bebê teria se afastado para que ela e o bebê não viessem a correr perigo.

– As Bishop não se acovardam com tanta facilidade, Ysabeau. Se Diana quisesse o seu filho, encontraria um modo de tê-lo.

– Bem, ela o queria e agora eles pertencem um ao outro – frisou Emily. – Mas não partilharemos essas notícias apenas com Marcus. Sophie e Nathaniel também precisam saber.

Sarah e Emily saíram da biblioteca. Elas estavam ocupando o antigo quarto de Louisa de Clermont no corredor dos aposentos de Ysabeau. Sarah achava que o quarto exalava o perfume de Diana em determinadas horas do dia.

Depois que as duas saíram, Ysabeau permaneceu na biblioteca para recolher os livros e recolocá-los nas prateleiras. Já com tudo arrumado, retornou ao sofá e pegou a mensagem do marido. Havia outras coisas que não quis partilhar com as bruxas. Ela então releu as frases finais.

"*Mas chega de assuntos sombrios. Você também precisa se manter a salvo para que possa desfrutar o futuro com eles. Faz dois dias que relembrei para você que meu coração é só seu. Seria tão bom se pudesse repetir isso a cada instante, para que você não se esquecesse disso e do nome do homem que a amará para todo o sempre. Philipos.*"

Em seus últimos dias de vida, às vezes Philippe não conseguia se lembrar do próprio nome e muito menos do nome dela.

– Muito obrigada, Diana – sussurrou Ysabeau para a noite –, por tê-lo me dado de volta.

Algumas horas depois, Sarah ouviu uma estranha sonoridade que pairou por cima de sua cabeça – parecia música, mas era bem mais que música. Saiu do quarto aos tropeções e no corredor encontrou Marthe que vestia o velho roupão de *chenille* com um sapo bordado no bolso e exibia um sorriso agridoce na face.

– O que é isso? – perguntou Sarah, olhando para o alto. Nenhum humano sonharia em produzir uma sonoridade tão maravilhosa e pungente. Talvez fosse um anjo no telhado.

– Ysabeau voltou a cantar – respondeu Marthe. – Só fez isso uma vez depois que Philippe morreu... quando sua sobrinha estava em perigo e precisava ser trazida de volta para este mundo.

– Ela está bem? – Havia tanta dor e tanta perda em cada nota que o coração de Sarah se apertou. Nenhuma palavra descreveria aquela sonoridade.

Marthe assentiu.

– A música é uma coisa boa, é sinal de que o luto de Ysabeau pode estar terminando. Só depois ela poderá recomeçar a viver.

As duas mulheres, a vampira e a bruxa, se puseram a ouvir até que as últimas notas da outra vampira feneceram em silêncio.

PARTE III

LONDRES: BLACKFRIARS





– Isso parece um ouriço demente – observei. A Londres de Elizabeth era pontuada de torres agulhas que emergiam do amontoado de construções que as cercavam. – O que é aquilo? – Engasguei ao apontar para uma vasta extensão de pedra salpicada de janelas altas. No alto, o telhado de madeira era um aglomerado de tocos carbonizados que tornava as proporções do prédio aparentemente desalinhadas.

– A St. Paul's – respondeu Matthew.

Aquilo não era a obra-prima de Christopher Wren, cuja graciosa cúpula branca e majestosa atmosfera se ocultariam no futuro por entre modernos quarteirões de prédios comerciais. Naquela época, a velha St. Paul's empoleirada no monte mais alto de Londres era vista por todos os lados.

– Um raio atingiu a torre e incendiou a madeira do telhado. Para os ingleses foi um milagre que a catedral não tivesse ruído inteira com o incêndio – continuou ele.

– Não surpreende que os franceses acreditem que a mão do Senhor tornou-se evidente um pouco antes do acontecido – comentou Gallowglass. Ele nos encontrara em Dover depois de conseguir um barco em Southwark e agora nos levava rio acima. – A despeito de quando tenha sido o momento em que Deus exibiu Suas verdadeiras cores, Ele não ofereceu dinheiro para os reparos.

– Nem a rainha. – Matthew prestava atenção ao cais ao longo das margens, com a mão direita agarrada ao cabo da espada.

Nunca me passara pela cabeça que a velha St. Paul's pudesse ser tão imensa. Eu me belisquei novamente. Já estava administrando os beliscões

desde que avistara a Torre (que também parecia imensa sem os arranha-céus ao redor) e a Ponte de Londres (que parecia um shopping suspenso). Já vinha me impressionando com inúmeras visões e sons desde a chegada ao passado, mas nada me tirara o fôlego como as primeiras visões de Londres.

– Vocês têm certeza de que não querem aportar primeiro na cidade? – Gallowglass insistia na sensatez desse curso de ação desde que subíramos no barco.

– Nós vamos para Blackfriars – disse Matthew, com firmeza. – Tudo o mais pode esperar.

Mesmo em dúvida, Gallowglass continuou remando até atingirmos os confins ocidentais da velha cidade murada. Lá, desembarcamos numa escada de pedra. Os degraus da base estavam submersos no rio e, pela aparência da amurada, a maré continuaria subindo até que o resto dos degraus estivesse debaixo d'água. Ele trocou algumas palavras com um homem moreno que agradeceu enfaticamente pela devolução do barco em perfeito estado.

– Pelo visto você só viaja nos barcos dos outros, Gallowglass. Talvez Matthew pudesse lhe dar um barco de presente de Natal – eu disse, com ironia.

– E me privar de um dos poucos prazeres que tenho? – Gallowglass arreganhou os dentes sob a barba. O sobrinho de Matthew agradeceu ao barqueiro e jogou-lhe uma moeda, cujo tamanho e peso reduziram a apreensão do pobre homem a um vago brilho de apreço.

Do desembarcadouro cruzamos um arco e entramos na Water Lane, uma artéria estreita e sinuosa com muitas casas e lojas. A cada elevação do solo as casas se projetavam ainda mais para a rua, como baús com gavetas superiores abertas. Um efeito ampliado pelos lençóis, toalhas, tapetes e outras peças dependuradas nas janelas. As pessoas aproveitavam o raro tempo bom para arejar cômodos e roupas.

Matthew me segurava pela mão com força e Gallowglass caminhava à minha direita. Visões e sons ecoavam de todas as direções. Tecidos vermelhos, verdes, marrons e cinzentos balançavam nos quadris e nos ombros enquanto saias e capas saíam de carruagens e se misturavam aos embrulhos e armas que eram carregados pelos pedestres. Pancadas de martelos, relinchos de cavalos, mugidos distantes de vacas e arranhaduras metálicas em pedras competiam pela atenção. Dezenas de placas estampavam anjos, caveiras, ferramentas e formas coloridas e brilhantes, e figuras mitológicas tremulavam e rangiam ao vento que soprava da água. Uma placa de madeira bateu contra uma haste de metal por cima da minha cabeça. Era decorada com um cervo branco com delicados cornos circundados por uma faixa dourada.

– Cá estamos – disse Matthew. – Hart and Crown.

Era um prédio em estilo enxaimel, como a maioria dos prédios da rua. Uma passagem abobadada abarcava dois arranjos de janelas. Um sapateiro trabalhava em um dos lados do arco e na frente uma mulher cuidava das crianças, dos clientes e de um grande livro de contabilidade. Cumprimentou Matthew com um aceno de cabeça.

– A mulher de Robert Hawley cuida dos aprendizes e dos clientes com punhos de ferro. Nada acontece em Hart and Crown sem o conhecimento de Margaret – explicou Matthew. Registrei mentalmente que seria cordial com ela na primeira oportunidade.

A passagem se estendia até o pátio interno do prédio – um luxo numa cidade densamente comprimida como Londres. O pátio ostentava uma rara comodidade a mais: um poço que fornecia água limpa para os moradores do complexo. A velha pavimentação de pedra na lateral sul do prédio tinha sido removida e agora lá estava um jardim cujos impecáveis e vazios canteiros esperavam pacientemente pela chegada da primavera. Um grupo de lavadeiras conduzia o negócio no lado externo de um velho barracão próximo a uma privada coletiva.

À esquerda, um sinuoso lance de degraus levava aos nossos aposentos no primeiro andar, em cujo amplo patamar Françoise nos aguardava para as boas-vindas. Ela abriu a sólida porta de entrada para os interiores da casa e surgiu à frente um armário com prateleiras. Um ganso depenado e de pescoço quebrado estava amarrado em uma das maçanetas do armário.

– Finalmente – disse Henry Percy radiante. – Estamos esperando por vocês há horas. Minha boa mãe mandou um ganso para vocês. Ouviu rumores de que estava faltando aves na cidade e não quis que ficassem com fome.

– Que bom ver você, Hal – disse Matthew, soltando uma risada e balançando a cabeça quando olhou para o ganso. – E como vai sua mãe?

– Terrível nessa época de Natal, como sempre. A maior parte da família se deslocou para outro lugar com boas desculpas, mas tive que me reter aqui às ordens da rainha. Sua Majestade clamou na câmara de audiência que eu não era digno de confiança, mesmo que estivesse em P-P-Petworth – gaguejou Henry, aparentemente incomodado com a lembrança.

– Henry, você é mais do que bem-vindo para passar o Natal aqui conosco – eu disse, tirando a capa e entrando na casa onde o aroma de especiarias e de ramos de abeto recém-cortados impregnava o ar.

– Adorei o seu convite, Diana, mas minha irmã Eleanor e meu irmão George estão aqui e é melhor que não enfrentem a cidade sem minha companhia.

– Fique conosco pelo menos esta noite – disse Matthew, conduzindo-o pelo lado direito de onde acenava o calor da lareira – e nos conte o que aconteceu por aqui enquanto estávamos fora.

– Por aqui está tudo tranquilo – informou Henry de modo amistoso.

– Tranquilo? – Gallowglass irrompeu pela escada, com um olhar gelado para o conde. – Marlowe está na Cardinal's Hat, bêbado como um gambá e trocando versos com aquele copista pobretão de Stratford que o segue na esperança de um dia se tornar dramaturgo. Por ora, Shakespeare parece

satisfeito por ter aprendido a forjar a sua assinatura, Matthew. De acordo com o relato do estalajadeiro, você se comprometeu a pagar o quarto e as despesas de Kit da semana passada.

– Faz uma hora que estive com eles – protestou Henry. – Kit sabia que Matthew e Diana chegariam esta noite. Kit e Will prometeram se comportar de maneira exemplar.

– Então, está explicado – murmurou Gallowglass, com sarcasmo.

– Foi você que fez isso, Henry? – Observei o hall de entrada para os principais aposentos. Ramos de azevinho, hera e abeto estavam presos ao redor da lareira e das molduras das janelas e havia um arranjo com as mesmas ervas no centro de uma mesa de carvalho. A lareira abastecida de lenha ardia e crepitava com um agradável fogo.

– Eu e Françoise queríamos que vocês tivessem o primeiro Natal daqui festivo – disse Henry, ruborizando.

No século XVI, Hart and Crown representava o melhor estilo de vida urbano. Com uma sala de estar ampla e mesmo assim confortável e aconchegante. Uma janela envidraçada ocupava a parede no lado ocidental de frente para a Water Lane. Fora construída à perfeição, de modo a deixar que as pessoas sentadas no banco estofado embaixo fossem observadas. Lambris com entalhes de ramos sinuosos de flores e videira aqueciam as paredes.

A mobília era escassa, mas de qualidade. Perto da lareira, um amplo sofá e duas poltronas. No centro da sala, uma extraordinária e longa mesa de carvalho com quase um metro de largura cujas pernas eram decoradas com as delicadas faces das cariátides e de Hermes. Acima da mesa, um candelabro de velas suspenso que era erguido e abaixado por meio de um sistema de corda e polia dependurado no teto. Cabeças de leões entalhadas rosnavam no frontal de um monstruoso armário onde se guardava uma grande variedade de jarras, copos e taças – se bem que com poucos pratos para fazer jus ao ambiente doméstico de um vampiro.

Antes de nos sentarmos para jantar o pato assado, Matthew me apresentou nosso quarto e seu escritório particular. Ambos cortavam o hall de entrada no lado oposto ao da sala de estar. Janelas com sacadas de frente para o pátio deixavam os dois recintos iluminados e surpreendentemente arejados. O quarto só tinha três peças de mobília: uma cama de dossel com a cabeceira entalhada, um armário alto e um baú baixo e comprido sob as janelas. Segundo Matthew, o baú estava trancado porque guardava a armadura e algumas armas dele. Ali também se via o toque das mãos de Henry e Françoise. Isso era sugerido pela hera enrolada nos postes e na cabeceira da cama.

Se o quarto de dormir parecia pouco usado, o escritório de Matthew era visivelmente muito usado. Cestos de papéis por todos os lados, sacolas e canecas de cerveja com muitas penas, potes de tinta, cera suficiente para fazer dezenas de velas, rolos de barbante e uma gigantesca pilha de correspondência ainda fechada que fez o meu coração se apertar de dó. Uma confortável cadeira com encosto inclinado e braços curvos posicionava-se à frente da mesa. Se não fosse pelos entalhes bulbosos nas pernas da pesada mesa se poderia dizer que tudo era plano e prático.

Matthew pareceu despreocupado quando viu que empalideci diante da pilha de trabalho que o aguardava.

– Tudo isso pode esperar. Nem os espiões trabalham nas noites de Natal – disse.

Durante o jantar a conversa girou em torno das últimas proezas de Walter e do estado caótico do tráfego de Londres, evitando-se temas mais sérios como a última bebedeira de Kit e os empreendimentos de William Shakespeare. Depois que os pratos foram retirados, Matthew puxou uma mesinha de jogos que estava encostada à parede. Retirou um baralho de cartas de um compartimento sob o tampo e me ensinou como se apostava ao estilo elisabetano. Ecoou uma cantoria na rua do lado de fora das janelas e Henry então persuadiu a ele e a Gallowglass a jogar *flapdragon* –

um jogo eletrizante que consistia em atirar passas dentro de uma tigela com *brandy* e apostar quem conseguiria ingerir mais. Os cantores não cantavam em uníssono e os que não conheciam a letra enxertavam detalhes escandalosos sobre a vida pessoal de Maria e José.

– Aqui, milorde – disse Pierre, entregando uma sacola de moedas para Matthew.

– Temos bolos na casa? – perguntou Matthew para Françoise.

Ela o olhou como se ele tivesse enlouquecido.

– Claro que temos bolos. Coloquei dentro do novo armário de mantimentos lá no patamar para que o cheiro não incomodasse ninguém. – Ela apontou para a escada. – No ano passado o senhor deu vinho para eles, mas não creio que precisem disso esta noite.

– Irei com você, Matt – disse Henry. – Gosto de uma boa canção natalina.

A aparição de Matthew e Henry lá embaixo fez a cantoria subir ligeiramente o tom. Logo os cantores terminaram desastradamente e Matthew agradeceu a todos com moedas. Henry distribuiu os bolos e a isso se seguiu um rol de agradecimentos e reverências como "muito obrigado, milorde" à medida que corria a notícia de que ele era o conde de Northumberland. Os cantores se dirigiram para uma outra casa, seguindo uma misteriosa ordem de precedência na esperança de melhores quitutes e pagamentos.

Não demorou e não pude mais controlar os bocejos, e com isso Henry e Gallowglass recolheram luvas e capas e se dirigiram à porta sorrindo como dois alcoviteiros. Matthew juntou-se a mim na cama e me manteve em seus braços enquanto cantarolava cantigas de ninar para me fazer dormir e nomeava os muitos sinos da cidade quando badalavam as horas.

– Esse é da St. Mary-le-Bow – disse ele quando soou da cidade. – E esse é da St. Katherine Cree.

– E esse é da St. Paul's? – perguntei quando soou uma badalada mais

longa.

– Não. O raio que derrubou a torre também destruiu os sinos – respondeu ele. – Esse é da St. Saviour. Passamos por ela no caminho para a cidade. As outras igrejas de Londres se juntaram à catedral de Southwark. Por fim, um sino solitário terminou com uma última badalada discordante, que foi a última que ouvi antes de pegar no sono.

Fui acordada no meio da noite por vozes que vinham do estúdio de Matthew. Olhei para a cama e ele não estava lá. As tiras de couro que sustentavam o colchão se esticaram com um rangido quando pulei para o chão frio. Estremeci de frio e joguei um xale sobre os ombros antes de sair do quarto.

A julgar pelas poças de cera nos castiçais, fazia algumas horas que Matthew estava trabalhando. Pierre também estava lá dentro, de pé e em frente às estantes erguidas num recesso próximo à lareira. Pela aparência tinha sido arrastado pela lama do Tâmisa durante a maré baixa.

– Percorri a cidade inteira com Gallowglass e os amigos irlandeses dele – murmurou Pierre. – Os escoceses não divulgarão nada se souberem alguma coisa sobre o mestre-escola, milorde.

– Que mestre-escola? – Entrei no aposento. Foi quando reparei na porta estreita escondida em meio aos lambris.

– Sinto muito, madame. Não era minha intenção acordá-la. – A sujeira e o fedor de Pierre fizeram os meus olhos lacrimejarem.

– Está tudo bem, Pierre. Pode se retirar. Falarei com você mais tarde. – Matthew esperou enquanto o criado se retirava com os sapatos rangendo. E em seguida desviou os olhos para as sombras nas proximidades da lareira.

– O cômodo atrás daquela porta não constou de sua apresentação da casa. – Frisei e me pus ao lado dele. – O que houve agora?

– Outras notícias da Escócia. Um júri sentenciou à morte um bruxo chamado John Fian... um diretor de escola de Prestonpans. Enquanto eu

estava fora, Gallowglass tentou investigar a verdade, se é que há uma verdade, por trás de tamanhas acusações: culto a Satã, desmembramento de corpos em cemitério, transformação de patas de toupeira em peças de prata para evitar a falta de dinheiro, viagem de navio acompanhado do diabo e de Agnes Sampson para combater a política do rei. – Matthew jogou um papel em cima da mesa à frente. – Pelo que sei, Fian é um daqueles que chamávamos de *tempestarii* e nada mais.

– Um bruxo fazedor de vento ou, possivelmente, um fazedor de chuva. – Traduzi o termo incomum.

– Sim. – Ele balançou a cabeça. – Fian reforçava o salário de professor provocando tempestades durante os períodos de seca e degelos prematuros quando o inverno escocês parecia nunca terminar. Segundo a narrativa, Fian era venerado pelos companheiros aldeões. Nenhum aluno dele apresentou queixa. Parece que o bruxo também tinha certo dom de clarividência... circulam rumores de que previu a morte de algumas pessoas, mas talvez isso tenha sido criado por Kit a fim de enfeitar a história para a plateia inglesa. Ele está obcecado com a segunda visão das bruxas, como você deve se lembrar.

– Nós bruxas e bruxos somos vulneráveis às mudanças de humor da vizinhança, Matthew. Em um momento somos amigos e em outro temos que fugir subitamente da cidade... ou pior.

– O que aconteceu com Fian foi definitivamente pior – disse Matthew, com uma expressão séria.

– Posso imaginar – retruquei, sentindo um arrepio. Sem dúvida Fian devia estar morto se tivesse sofrido as mesmas torturas que Agnes Sampson tinha sofrido. – O que há naquele cômodo?

Matthew pensou em dizer que era um lugar secreto, mas retrocedeu por sabedoria. Ele se pôs de pé.

– É melhor que você mesma veja. Fique junto de mim. Ainda não amanheceu e vamos entrar lá com uma vela para que ninguém nos veja lá

de fora. Não quero que você tropece.

Assenti e dei a mão a ele.

Atravessamos o umbral da porta que se abria para um longo ambiente, com uma fileira de janelas um pouco mais largas que as balistrarias enfiadas sob os beirais. À medida que meus olhos se adaptavam à escuridão, emergiam formas cinzentas. Duas velhas cadeiras de jardim feitas de um trançado de galhos de salgueiro em frente a uma outra com o encosto curvado para frente. Bancos baixos e velhos dispostos em duas fileiras no centro do espaço, com uma variedade de objetos como livros, documentos, cartas, chapéus e roupas. À direita, um brilho metálico: espadas e cabos voltados para cima e para baixo. No chão, uma pilha de adagas. Logo soaram arranhões de patinhas correndo.

– Ratos – disse Matthew em tom trivial, mas não me contive e apertei a camisola entre as pernas. – Eu e Pierre fazemos o que podemos, mas é impossível acabar com todos de vez. Não resistem a tanta papelada. – Ele apontou para o alto e só então reparei nos bizarros festões nas paredes.

Cheguei mais perto e observei as guirlandas. Pendiam de uma corda retorcida afixada na parede por um prego de cabeça quadrada. A corda estava enroscada no canto esquerdo superior de uma série de documentos. O nó no final da corda também estava enrolado no mesmo prego, criando uma grinalda de papel.

– Um dos primeiros guarda-arquivos do mundo. Você diz que guardo muitos segredos – comentou Matthew candidamente enquanto prendia uma das guirlandas. – Adicione este ao seu inventário.

– Mas há um número infindável de coisas. – Nem mesmo um vampiro de mil e quinhentos anos de idade teria tantas coisas.

– É verdade – disse ele, acompanhando os meus olhos que varriam o ambiente a fim de apreender os arquivos ali guardados. – Nunca nos esquecemos daquilo que outras criaturas querem se esquecer, e isso facilita nossa tarefa de Cavaleiros de Lázaro de proteger os que estão sob nossos

cuidados. Alguns dos segredos remontam à época do reinado do avô da rainha. Grande parte dos arquivos mais antigos já foi transferida para Sept-Tours para se preservarem melhor.

– Tantas trilhas de documentos – murmurei –, e no fim tudo isso leva de volta a você e aos De Clermont. – O entorno se eclipsou e de repente só estavam à vista volteios e redemoinhos de palavras que se desenrolavam em longos filamentos entrelaçados. Formavam um mapa de conexões entre temas, autores e datas. Eu precisava entender algo mais sobre aquelas linhas cruzadas...

– Estou em busca de referências a Fian nesses papéis desde que você adormeceu. Achei que talvez tivesse alguma pista aqui – disse Matthew enquanto me conduzia de volta ao estúdio –, algo que possa explicar por que os vizinhos se voltaram contra ele. Deve haver um padrão que indique por que os humanos estão agindo dessa maneira.

– Se encontrá-lo, meus colegas historiadores ficarão ávidos para saber. Mas entender o caso de Fian não garante que você evite que aconteça a mesma coisa comigo. – O estremecimento no músculo da mandíbula de Matthew sinalizou que minhas palavras tinham atingido o alvo. – E tenho plena certeza de que não se aprofundou nesse assunto antes.

– Já não sou aquele homem que fechava os olhos para todo esse sofrimento... e não quero voltar a sê-lo outra vez. – Ele puxou a cadeira e se afundou nela pesadamente. – Deve haver algo que eu possa fazer.

Eu o tomei nos meus braços. Mesmo sentado, era tão alto que o topo de sua cabeça batia no meu peito. Ele enterrou a cabeça no meu peito. E depois que serenou se afastou lentamente com os olhos fixos no meu ventre.

– Diana. Você está... – Ele se deteve.

– Grávida. Acho que sim – disse, com naturalidade. – Minhas regras estão irregulares desde o episódio Juliette, portanto, não posso garantir. Fiquei nauseada no trajeto de Calais até Dover, mas o mar estava agitado e

aquele peixe que comi antes de partirmos me pareceu muito duvidoso.

Ele continuou com os olhos cravados no meu ventre. Sacudi o corpo nervosamente.

– Minha professora de ciência sanitária no ginásio estava certa: pode-se realmente engravidar na primeira vez que se faz sexo com alguém. – Pelas minhas contas eu estava quase convicta de que a concepção se dera durante o nosso fim de semana nupcial.

Ele continuou em silêncio.

– É impossível – disse por fim, com espanto.

– Tudo é impossível quando se trata de nós. – Passei a mão trêmula pelo ventre.

Ele entrelaçou os dedos nos meus dedos e finalmente olhou no fundo dos meus olhos. Fiquei surpresa com o que vi nos olhos dele: admiração, orgulho e uma pitada de pânico. E depois ele sorriu com ar de completa felicidade.

– E se eu não for uma boa mãe? – perguntei insegura. – Você já foi pai... e sabe o que fazer.

– Você será uma mãe maravilhosa – respondeu Matthew prontamente. – As crianças só precisam de amor, de adultos que se responsabilizem por elas e de um lugar macio para aportar. – Levou nossas mãos entrelaçadas ao meu ventre, um gesto gentil e carinhoso. – Cuidaremos juntos dos dois primeiros. Os outros ficarão por sua conta. E como está se sentindo?

– Um pouco cansada e fisicamente enjoada. Emocionalmente, nem sei por onde começar. – Respirei trêmula. – Será que é normal se sentir apavorada, enfurecida e terna, tudo ao mesmo tempo?

– Sim... e excitada e ansiosa e doente de medo também – disse ele mansamente.

– Sei que é ridículo, mas estou preocupada com a possibilidade de minha magia molestar o bebê, mesmo sabendo que a cada ano milhares de bruxas dão à luz. – *Embora não sejam casadas com vampiros.*

– Não será uma concepção normal – disse Matthew, lendo minha mente. – Mesmo assim, não acho que precise se preocupar. – Uma sombra cruzou os olhos dele. Quase o vi adicionar uma preocupação a mais à lista dele.

– Não quero falar para ninguém. Por enquanto. – O recinto atrás da porta ao lado me veio à mente. – Você pode incluir um outro segredo em sua vida... pelo menos por enquanto?

– Claro – respondeu ele de imediato. – Sua gravidez não será visível por alguns meses. Mas Françoise e Pierre logo saberão pelo cheiro, se é que já não sabem, e também Hancock e Gallowglass. Felizmente, os vampiros não costumam fazer perguntas pessoais.

Soltei uma risada discreta.

– Parece que serei a única a desistir do segredo. Talvez você deixe de ser protetor e ninguém vai desconfiar do que estaremos ocultando pela sua forma de agir.

– Não tenha tanta certeza disso – retrucou ele, com um sorriso aberto. Flexionou os dedos por cima dos meus. Um gesto genuinamente protetor.

– Se continuar me tocando dessa maneira, os outros saberão com muita rapidez – comentei, passando os dedos no ombro dele. Sorri quando ele estremeceu.

– Você não deveria estremecer com o calor de um toque.

– Não foi por isso que estremeci. – Ele se pôs de pé, bloqueando a luz das velas.

Fiquei de coração acelerado com a visão de Matthew. Ele sorriu ao ouvir a pequena vibração e me puxou para a cama. E depois nos despimos e jogamos as roupas no chão que lá ficaram como duas poças brancas atraindo a luz prateada que entrava pela janela.

Os toques que recebi eram como plumas de luz que rastreavam as mudanças imperceptíveis do meu corpo. Ele percorreu curvado cada centímetro da maciez de minha pele, com uma atenção fria que prolongava

a dor em vez de aliviá-la. Os beijos eram tão atados e complexos quanto os sentimentos que nutríamos por ter um filho. As palavras sussurradas no escuro encorajaram a me concentrar só nele. E quando a espera se tornou insuportável, ele me penetrou com movimentos tão lentos e gentis quanto os beijos.

Fiz um esforço para arquear as costas e me agarrei ainda mais a ele. Isso o fez se deter. Aproveitou que minha coluna estava arqueada e se pôs à entrada do meu útero. E naquele breve e eterno instante pai, mãe e filho estiveram mais próximos do que qualquer outra criatura poderia estar.

– Todo o meu coração e toda a minha vida. – Foi o que ele prometeu quando se mexeu dentro de mim.

Soltei um grito e ele me abraçou até que meus tremores cessaram. E depois me beijou pelo corpo todo, a começar pelo terceiro olho de bruxa e seguindo até os lábios, a garganta, o plexo solar, o esterno, o umbigo e, por último, o ventre.

Matthew me olhou fixamente, balançou a cabeça e sorriu com uma cara de moleque.

– Fizemos um filho – disse estupefato.

– Fizemos – correspondi com um sorriso.

Ele introduziu os ombros por entre minhas coxas, abrindo-as. Enlaçou o meu joelho com um braço e o lado oposto do meu quadril com o outro e levou a mão à pulsação do meu ventre, onde deitou a cabeça como se fosse uma almofada, suspirando de alegria. Ficou em profundo silêncio enquanto ouvia o suave fluxo do sangue que alimentava nosso filho. E depois virou a cabeça e nossos olhos se encontraram. Sorriu de um modo iluminado e verdadeiro para mim e retornou à vigília.

Sob a penumbra das velas daquela manhã de Natal, compartilhamos o sereno poder que emanava do nosso amor por outra criatura. Eu já não era mais um solitário meteoro solto no espaço e no tempo porque passava a fazer parte de um complicado sistema planetário. E agora precisava

aprender a me manter no meu próprio centro de gravidade ao mesmo tempo em que sofria a pressão de outros corpos maiores e bem mais poderosos que o meu. Se não agisse assim, tanto os De Clermont como Matthew e nosso filho – e também a Congregação – poderiam me tirar do curso.

Eu tinha aprendido muito com mamãe durante os poucos sete anos de convivência com ela. E então lembrei do amor incondicional que recebia e dos abraços que pareciam se estender pelos dias afora e de como ela sempre estava onde eu precisava que estivesse. Era como Matthew tinha dito: as crianças só precisam de amor, de adultos que se responsabilizem por elas e de um lugar macio.

Era hora de interromper nossa jornada ao passado que mais parecia um seminário acadêmico sobre a Inglaterra de Shakespeare, e de finalmente reconhecer que essa jornada era uma rara oportunidade de me conhecer a mim mesma e de fazer com que meu filho compreendesse o lugar que ocupava no mundo.

Mas antes eu precisava encontrar uma bruxa.



Passamos o final de semana em completa quietude, deleitados com nosso segredo e perdidos nas elucubrações próprias de todos os pais. O mais novo membro do clã De Clermont teria os cabelos pretos do pai e os olhos azuis da mãe? Ele gostaria de ciência ou de história? Seria habilidoso com as mãos como Matthew ou desastrado como eu? Em relação ao sexo do bebê mantínhamos opiniões opostas. Eu estava segura de que seria um menino e Matthew estava igualmente seguro de que seria uma menina.

Exaustos e inebriados de tantas elucubrações sobre o futuro do bebê, demos uma pausa para apreciar a Londres do século XVI do aconchego de nossa casa. Começamos pela janela de frente para a Water Lane, de onde observamos a Abadia de Westminster, e terminamos nas cadeiras que arrastamos até a janela do nosso quarto, de onde observamos o rio Tâmisa. Nem o frio nem o dia de festa cristã afastavam os barqueiros das atividades de entrega e de transporte de passageiros. Um grupo de remadores ocasionais se amontoava na escadaria que levava ao rio no final da rua, e os barcos aguardavam vazios e embalados pelo vaivém das pequenas ondas à margem do rio.

Em meio ao fluxo e refluxo da maré ao longo da tarde Matthew me confidenciou as lembranças que tinha da cidade. Lembrou de um período do século XV em que o Tâmisa ficou congelado por mais de três meses – durante os quais se construíram lojas temporárias sobre o gelo que atendiam ao tráfego dos pedestres. Também lembrou dos anos improdutivos na hospedaria Thavies, ocasião em que cursou direito pela

quarta e última vez.

– Fico feliz por você assistir a isso antes de partirmos – disse ele, apertando a minha mão. As lamparinas dependuradas na proa dos barcos e nas janelas das casas e das hospedarias acendiam-se uma após a outra. – Talvez a gente possa tentar agendar uma visita ao teatro Royal Exchange.

– Nós temos que voltar para Woodstock? – perguntei confusa.

– Talvez por pouco tempo. E depois retornaremos ao nosso presente.

Fui pega de surpresa e olhei para ele sem saber o que dizer.

– Não sabemos o que esperar dessa gravidez e precisamos monitorá-la, para a sua segurança e a do bebê. Há exames a serem realizados e talvez seja uma boa ideia fazermos primeiro um ultrassom. Além do mais, é óbvio que você quer se encontrar com Sarah e Emily.

– Matthew... – Hesitei. – Ainda não podemos voltar para casa. Não sei como fazer isso.

Ele pareceu surpreso.

– Em explicou claramente antes de nossa partida para cá. Para você viajar *para trás* no tempo precisa ter três objetos que a levem para onde deseja ir. E para viajar *para a frente* precisa recorrer à feitiçaria. Mas não sou boa com feitiços. Por isso viemos parar aqui.

– O mais provável é que aqui você não consiga levar a gravidez até o fim – disse ele, levantando-se da cadeira.

– No século XVI as mulheres também dão à luz – retruquei calmamente. – Além disso, não estou sentindo nada de diferente. Faz muito pouco tempo que estou grávida.

– Será que seu poder poderá carregar a mim e à criança de volta ao futuro? Nada disso, precisamos partir o mais rápido possível, bem antes do nascimento do bebê. – O impasse estava lançado. – E se a jornada no tempo for desastrosa para o feto? Magia é uma coisa, mas isso... – Ele sentou-se abruptamente.

– Nada mudou – eu disse ainda com calma. – Por enquanto o feto não é

maior que um grão de arroz. E já que estamos em Londres não será difícil encontrar alguém que possa me ajudar com minha magia... e que talvez conheça a viagem no tempo melhor que Emily e Sarah.

– Ela está do tamanho de uma lentilha. – Ele pensou um pouco e concluiu. – Ali pela sexta semana os desenvolvimentos mais críticos do feto estarão completos. Isso lhe dá um bocado de tempo.

Matthew parecia um médico, não um pai. Pensei com meus botões que preferia os rompantes de fúria pré-modernos à moderna objetividade dele.

– E se eu precisar de sete semanas? – Se Sarah estivesse conosco certamente teria dito que meu racionalismo nunca era um bom sinal.

– Que sejam sete – respondeu ele perdido nos próprios pensamentos.

– Ah, que bom. Eu detestaria ser pressionada para me apressar com algo tão importante para a descoberta de minha identidade. – Cheguei mais perto dele.

– Diana, isso não é...

Ficamos frente a frente.

– Nunca serei mãe se não conhecer o poder que carrego no meu sangue.

– Isso não é bom...

– Não ouse me dizer o que não é bom para o bebê. Não sou um *receptáculo*. – Fiquei a ponto de explodir. – Primeiro você quis o meu sangue para suas experiências científicas e agora quer o do bebê.

Matthew, que se dane ele, manteve-se em silêncio com os braços cruzados e os olhos duros e acinzentados.

– E então? – perguntei.

– Então o quê? Pelo visto minha intervenção nesta conversa é irrelevante. Você não me deixa finalizar as frases. Talvez seja melhor também iniciá-las.

– Isso não tem nada a ver com meus hormônios – retruquei e logo me dei conta de que a simples negação evidenciava o contrário.

– Isso não tinha passado pela minha cabeça até você mencionar.

– Isso não é o que parece ser.

Ele arqueou a sobrancelha.

– Sou a mesma pessoa que era três dias atrás. A gravidez não é uma condição patológica, e não elimina as razões pelas quais viemos para cá. Ainda nem tivemos a chance de procurar o Ashmole 782.

– Ashmole 782? – Ele deixou escapulir um grunhido de impaciência. – Tudo mudou, e você *não* é mais a mesma pessoa. Não podemos manter essa gravidez em segredo indefinidamente. Em questão de dias cada vampiro estará farejando as mudanças no seu corpo. Kit vai descobrir e logo fará perguntas sobre o pai da criança... até porque não pode ser minha, não é mesmo? Uma bruxa grávida em vida comum com um *wearh* provocará animosidade em cada criatura desta cidade, inclusive das que estão pouco se lixando para o acordo. Alguém poderá apresentar uma queixa para a Congregação. Papai vai querer que a gente volte para Sept-Tours para nossa segurança, e não sei se suportarei me despedir dele outra vez. – A voz de Matthew se elevava a cada enunciação de um problema.

– Eu não pensei...

– Não. – Ele me interrompeu. – Você não pensou. Você não podia. Cristo, Diana. Antes, vivíamos um casamento proibido. O que já era singular. E agora você carrega um filho meu na barriga. O que não é apenas singular... Muitas outras criaturas acreditam que isso é impossível. Sete semanas, Diana. Nem mais um minuto. – Ele foi irredutível.

– Talvez você não encontre uma bruxa que possa nos ajudar nesse meio-tempo – persisti. – Não com o que está acontecendo na Escócia.

– Quem foi que mencionou algo sobre a vontade? – O sorriso de Matthew me congelou.

– Vou ler na sala de estar. – Girei o corpo em direção ao quarto porque lá ficaria o mais longe possível dali. Mas ele já estava me esperando à soleira da porta e barrava a passagem com o braço.

– Não vou perdê-la, Diana – disse ele enfaticamente, porém

serenamente. – Nem para a procura de um manuscrito alquímico nem para o bem de um bebê que ainda nem nasceu.

– E eu não me perderei de mim – retruquei. – Não para satisfazer sua ânsia de controle. E não antes de descobrir quem eu sou.

Na segunda-feira encontrava-me de novo sentada na sala de estar enquanto lia *The Faerie Queene* a fim de repelir o tédio quando a porta se abriu. *Visitas*. Fechei rapidamente o livro.

– Acho que nunca mais ficarei aquecido. – Walter apareceu encharcado à porta, seguido por George e Henry, ambos em igual estado lamentável.

– Olá, Diana. – Henry espirrou e me cumprimentou com uma reverência formal, e depois se dirigiu à lareira e estendeu as mãos por cima das chamas com um gemido.

– Cadê o Matthew? – perguntei, conduzindo George a uma cadeira.

– Está com Kit. Nós os deixamos numa livraria. – Walter apontou na direção da St. Paul's. – Estou faminto. Não deu para engolir o ensopado que Kit pediu no jantar. Matt disse que Françoise prepararia alguma coisa para nós. – O sorriso malicioso de Raleigh denunciou a mentira.

Eles já estavam no segundo prato e na terceira rodada de vinho quando Matthew chegou acompanhado de Kit, com livros na mão e um complemento novo e peludo no rosto, cortesia de um dos barbeiros bruxos de quem já tinha ouvido falar. O novo bigode bem-aparado do meu marido combinava com o desenho da boca, e a barba pequena e bem-delineada estava na moda. Pierre seguia atrás, carregando uma sacola de papéis retangulares e quadrados.

– Obrigado, meu Deus – exclamou Walter, aprovando a barba. – Agora, você se parece com você.

– Olá, querida – disse Matthew, beijando-me no rosto. – Reconheceu-me?

– Sim... embora esteja parecido com um pirata – respondi rindo.

– É verdade, Diana. Agora, ele e Walter parecem irmãos – admitiu Henry.

– Por que insiste em chamar a esposa de Matthew pelo primeiro nome, Henry? A sra. Roydon é sua protegida? É sua irmã agora? A única explicação para isso é que você está planejando uma sedução – resmungou Marlowe, afundando na poltrona.

– Pare de mexer em ninho de vespa, Kit – advertiu Walter.

– Tenho presentes de Natal atrasados – disse Matthew, estendendo uma pilha em minha direção.

– Livros. – Foi desconcertante quando percebi que eram novos... as capas apertadas soando em protesto para serem abertas pela primeira vez e o cheiro do papel e da tinta. Já estava habituada a encontrar volumes como aqueles já em péssimas condições nas salas de leitura das bibliotecas e não em cima da mesa onde fazíamos as refeições. O volume no topo da pilha era um livro em branco que substituiria o que eu tinha deixado em Oxford. Esse outro era um livro de orações com uma bela encadernação. A primeira página estampava a imagem reclinada de Jessé, o patriarca bíblico. Uma árvore frondosa emergia de sua barriga. Franzi a testa. Por que Matthew comprara um livro de orações para mim?

– Vire a página – disse ele, com mãos pesadas e calmas nas minhas costas.

No verso havia uma xilogravura da rainha Elizabeth rezando de joelhos. Esqueletos, figuras bíblicas e virtudes clássicas adornavam cada página. O livro era um misto de textos e ilustrações como os tratados de alquimia conhecidos por mim.

– É exatamente o tipo de livro que uma respeitável dama casada deve possuir – disse Matthew, abrindo um sorriso. Abaixou a voz em tom conspiratório. – Isso deve satisfazer o seu desejo de manter as aparências. Mas não se preocupe. O próximo livro não é tão respeitável.

Deixei de lado o livro de orações e peguei um volume grosso que ele me

entregou. As folhas eram costuradas e escorregavam por dentro de uma protetora capa de velino grosso. O tratado prometia explicar sintomas e curas de doenças conhecidas que afetavam a humanidade.

– Os livros religiosos são presentes mais populares e mais vendidos. Já os livros de medicina têm um público menor, pois a encadernação é cara e precisam ser encomendados – explicou ele enquanto eu passava a mão pela capa mole. Estendeu-me um outro volume. – Felizmente, já tinha encomendado este. Acabou de ser impresso e está destinado a se tornar um sucesso.

O último livro tinha uma capa de couro preta simples com alguns ornamentos prateados. Era a primeira edição de *Arcádia*, de Philip Sidney. Sorri ao lembrar que odiava lê-lo na escola.

– Uma bruxa não pode viver só de orações e medicina. – Os olhos de Matthew cintilaram com malícia. E o bigode me fez cócegas quando ele me beijou.

– Vai demorar até eu me acostumar com essa cara nova – eu disse, rindo e esfregando os lábios pela inesperada sensação.

O conde de Northumberland me olhou como se eu fosse um cavalo que precisava de treinamento.

– Esses poucos volumes não deixarão Diana ocupada por muito tempo. Ela precisa de mais atividades.

– Você tem razão. Mas ela não pode circular pela cidade oferecendo aulas de alquimia. – Os lábios de Matthew se apertaram divertidos. A cada hora ele moldava o sotaque e a escolha de palavras para aquele tempo. Curvou-se por cima de mim, cheirou a jarra de vinho e fez uma careta. – Há outra coisa para beber que não seja temperada com cravos-da-índia e pimenta? Isso tem um cheiro horrível.

– Talvez Diana goste da companhia de Mary – sugeriu Henry, como se não tivesse ouvido o que acabara de ouvir.

Matthew olhou para ele.

– Mary?

– Suponho que tenham quase a mesma idade e o mesmo temperamento, e ambas são paradigmas de aprendizagem.

– A condessa além de ser instruída também tem uma propensão à incendiária – observou Kit, servindo-se de outro copo de vinho. Enfiou o nariz no copo e inspirou profundamente. O vinho cheirava parecido com o de Matthew. – Mantenha distância dos alambiques e das fornalhas dela, sra. Roydon, a menos que queira ter os cabelos à moda encaracolada.

– Fornalhas? – Eu não conhecia a mulher referida por ele.

– Ah, sim. A condessa de Pembroke – disse George, com um brilho nos olhos ante a perspectiva de um patrocínio.

– Absolutamente, não. – Raleigh, Chapman e Marlowe eram lendas literárias já conhecidas e que valiam por uma vida inteira. E a condessa era a mais importante mulher letrada do país e irmã de *sir* Philip Sidney. – Eu não estou pronta para Mary Sidney.

– E muito menos Mary Sidney para você, sra. Roydon, mas desconfio de que Henry esteja certo. Logo a senhora se cansará dos amigos de Matthew e sairá à procura dos seus. Sem amigos tenderá ao tédio e à melancolia. – Walter assentiu com a cabeça para Matthew. – Você deveria convidar Mary para desfrutar um jantar aqui.

– Blackfriars se tornaria o próprio marasmo se a condessa de Pembroke aparecesse na Water Lane. Seria bem melhor se a sra. Roydon se deslocasse para o castelo de Baynard. Fica do outro lado da muralha – disse Marlowe, ansioso para se livrar de mim.

– Diana teria que passar pela cidade – retrucou Matthew.

Marlowe bufou de descaso.

– Estamos na semana entre o Natal e o Ano-Novo. Ninguém vai prestar atenção em duas mulheres casadas que partilham uma taça de vinho e algumas fofocas.

– Eu terei o maior prazer em levá-la. – Walter se ofereceu. – Talvez

Mary queira saber mais sobre a minha aventura no Novo Mundo.

– Você terá que pedir para a condessa investir na Virgínia em outra ocasião. Se Diana for, irei com ela. – Os olhos de Matthew se aguçaram. – Só gostaria de saber se Mary conhece alguma bruxa.

– Ela é mulher, não é? Claro que conhece alguma bruxa – disse Marlowe.

– Então, escrevo para ela, Matt? – perguntou Henry.

– Muito obrigado, Hal. – Matthew ficou visivelmente em dúvida quanto aos méritos do plano. E suspirou em seguida. – Já faz muito tempo que não a vejo. Diga a Mary que a veremos amanhã.

Minha relutância inicial em me encontrar com Mary Sidney desapareceu à medida que o encontro se aproximava. Quanto mais me lembrava ou descobria outros fatos relacionados com a condessa de Pembroke, mais empolgada me sentia.

Françoise ficou tão ansiosa com a visita que toda hora remexia em minhas roupas. Afixou um rufo particularmente superficial em torno da gola alta de um casaco de veludo negro que Maria confeccionara na França para mim. Também limpou e passou o meu vestido vermelho com faixas de veludo negro. O vestido combinou perfeitamente com o casaco e o vermelho realçou ainda mais. Quando me viu vestida, Françoise me considerou aceitável, se bem que muito severa e germânica para o gosto dela.

Ao meio-dia engoli às pressas um ensopado com pedaços de carne de coelho e cevada para acelerar a saída. Matthew gastou um tempo interminável bebericando um vinho e me fazendo perguntas em latim sobre a minha manhã. Ele estava com as feições ligeiramente diabólicas.

– Se está tentando me enfurecer, saiba que está conseguindo! – disse-lhe depois de uma pergunta particularmente complicada.

– *Refero mihi in latine, quaeso* – rebateu ele em tom professoral. Atirei

um pedaço de pão e ele riu ao se desviar.

Henry Percy chegou bem na hora de pegar o pedaço de pão no ar. Pôs o pão em cima da mesa sem comentar nada e sorriu placidamente ao perguntar se estávamos prontos para sair.

Pierre materializou-se silenciosamente das sombras perto da entrada da loja do sapateiro e começou a subir a rua com ar desconfiado e a mão direita agarrada ao cabo da adaga. Olhei para o alto quando Matthew nos fez virar em direção à cidade. Lá estava a St. Paul's.

– Dificilmente me perderia com ela na vizinhança – murmurei.

À medida que seguíamos a passos lentos em direção à catedral, os meus sentidos se adaptavam ao caos, permitindo-me captar as particularidades tanto dos sons e dos aromas como do cenário. Pão assando. Brasas de carvão. Fumaça de lenha. Fermentação. Lixo recém-lavado, cortesia da chuva do dia anterior. Lã molhada. Respirei fundo e anotei mentalmente que nunca mais diria aos meus alunos que se alguém voltasse no tempo seria logo nocauteado pelo mau cheiro. Aparentemente, isso era uma inverdade, pelo menos no final de dezembro.

Enquanto passávamos, homens e mulheres nos olhavam dos locais de trabalho e das janelas com descarada curiosidade, e curvavam a cabeça em respeito quando reconheciam Matthew e Henry. Passamos por uma tipografia, por um outro estabelecimento onde um barbeiro cortava o cabelo de um homem e contornamos uma oficina movimentada onde as marteladas e o calor indicaram um trabalho com metais.

Depois que a estranheza passou me concentrei nas conversas, na textura das roupas e na expressão dos rostos. Matthew tinha dito que nossa vizinhança era constituída de muitos estrangeiros, mas aquilo soava como a própria Babel. Girei a cabeça.

– Que língua ela está falando? – cochichei, olhando de relance para uma mulher gorducha que vestia um casaco verde-azulado escuro e debruado de pele. O corte era um pouco parecido com o do meu casaco.

– Algum dialeto alemão – respondeu Matthew, abaixando a cabeça para ser ouvido em meio à barulheira da rua.

Cruzamos o arco de um portão antigo. Uma travessa se abria para uma rua que tinha vencido as adversidades, retendo grande parte da pavimentação. Uma ampla edificação de muitos andares zumbiu de atividade à nossa direita.

– É o convento dominicano – explicou ele. – Ficou em ruínas depois que o rei Henrique expulsou os padres e em seguida virou um cortiço. É difícil fazer uma estimativa de quantas pessoas vivem aí dentro. – Olhou rapidamente para a extremidade do pátio, onde a extensão de um sólido muro de pedra demarcava os limites entre o cortiço e os fundos de outra casa. Um triste arremedo de porta era sustentado por um único par de dobradiças.

Ele ergueu os olhos em direção à St. Paul's e os abaixou em minha direção, com o semblante suavizado.

– Que se dane a cautela. Venha.

Guiou-me ao longo de uma abertura por entre uma seção da velha muralha da cidade e uma casa de três andares que parecia prestes a desabar na cabeça dos transeuntes. Foi possível prosseguir por aquela rua estreita simplesmente porque todos caminhavam na mesma direção: para o norte. Uma onda humana nos carregou para uma outra rua muito mais larga que a Water Lane. O burburinho aumentou e também o volume de transeuntes.

– Você disse que a cidade estaria deserta por causa das festas – comentei.

– E está – rebateu ele. Uns poucos passos depois desembocamos dentro de um turbilhão ainda mais intenso. De repente, paralisei.

As janelas da St. Paul's cintilaram sob a luz esmaecida da tarde. O adro em volta da igreja abrigava uma sólida massa de gente – homens, mulheres, crianças, aprendizes, criados domésticos, clérigos e soldados.

Uns gritavam e outros ouviam o que era gritado em meio a papéis por todos os lados à vista. Papel dependurado em cordas esticadas nas barracas de livros, papel pregado nas superfícies sólidas, papel transformado em livros e papel roçado na cara dos espectadores. Um grupo de rapazes que se aglomerava ao redor de um poste coberto de anúncios ouvia alguém que preguiçosamente anunciava ofertas de emprego. De quando em quando, a procura de emprego se concretizava e alguém que estava prestes a desistir da procura era pego pelas costas por mãos sabe-se lá de quem.

– Oh, Matthew. – Só consegui dizer isso.

As pessoas começaram a se amontoar a nossa volta, evitando com todo cuidado a ponta das espadas que os meus acompanhantes mantinham presas à cintura. Uma brisa agitou o meu capuz. Senti uma comichão seguida por uma leve pressão. Em algum lugar no adro da igreja uma bruxa e um demônio sentiram a nossa presença. Três criaturas que peregrinavam juntas era algo difícil de ser ignorado.

– Atraímos a atenção de alguém – eu disse. Matthew não pareceu preocupado quando esquadrinhou os rostos nas redondezas. – Alguém como eu. E como Kit. Não como você.

– Ainda não – disse ele baixinho. – Você não deve vir aqui sozinha, Diana... nunca. Para você, Blackfriars só com Françoise. Se ultrapassar aquela passagem – apontou com a cabeça –, terá que estar comigo ou com Pierre. – Puxou-me quando viu que o tinha levado a sério. – Vamos logo ver Mary.

Retomamos o caminho sul em direção ao rio enquanto o vento fustigava e colava a saia nas minhas pernas. Algum tempo depois descemos uma ladeira, mas cada passo era uma batalha. Soou um débil assovio quando cruzamos com uma das muitas igrejas e logo Pierre desapareceu numa viela. Quando reapareceu em outra viela, avistei um prédio atrás de um muro cuja aparência me era familiar.

– É nossa casa!

Matthew balançou a cabeça afirmativamente e me fez olhar para outro ponto da rua.

– E aquele é o castelo de Baynard.

Era a maior edificação vista por mim até então, sem contar com a Torre, a St. Paul's e a silhueta distante da Abadia de Westminster. Três torres com ameias voltadas para o rio eram ligadas por muralhas cuja altura media no mínimo o triplo da altura das casas nas redondezas.

– Construíram o castelo de Baynard de modo que tivesse o acesso pelo rio, Diana – disse Henry em tom apologético enquanto atravessávamos outra alameda sinuosa. – Esta é a entrada dos fundos e não das visitas, mas é mais quente em dias como o de hoje.

Entramos por uma imponente guarita. Dois homens vestidos em uniformes de cor cinza-carvão com emblemas em dourado, marrom e preto encaminharam-se para identificar os visitantes. Um deles reconheceu Henry e puxou o companheiro pela manga antes que nos perguntasse qualquer coisa.

– Conde de Northumberland!

– Estamos aqui para ver a condessa. – Henry balançou a capa na direção da sentinela. – Veja se consegue secar isto. E se puder arrume uma bebida quente para o homem de mestre Roydon. – O conde estalou os dedos dentro das luvas de couro e fez uma careta.

– Claro, milorde – disse a sentinela da guarita, olhando desconfiado para Peter.

O castelo erguia-se em torno de dois grandes quadrados vazados cujos espaços centrais estavam repletos de árvores desfolhadas e de resíduos das flores de verão. Subimos por uma escadaria larga e lá em cima encontramos outros criados vestidos em uniformes, um deles nos conduziu até o solar da condessa: um aposento acolhedor com amplas janelas de frente para o rio. E com uma vista para o mesmo trecho do Tâmisa que Blackfriars propiciava.

Apesar da mesma vista, sem dúvida aquele aposento era mais iluminado que nossa casa. Além de ter aposentos amplos e confortavelmente mobiliados, o castelo de Baynard deixava patente que era uma residência aristocrática. Grandes sofás acolchoados flanqueavam a lareira, ladeados por poltronas fundas próprias para acomodar as muitas saias e anáguas das mulheres. Tapeçarias avivavam as paredes de pedra, com toques de cores vivas e cenas da mitologia clássica. Também era visível o trabalho de uma mente erudita. Livros, fragmentos de estatuetas antigas, objetos do mundo natural, gravuras, mapas e outras curiosidades estavam espalhados pelas mesas.

– Mestre Roydon? – Surgiu um homem de barba pontiaguda e cabelos negros levemente grisalhos. Segurava uma paleta com uma das mãos e um pincel com a outra.

– Hilliard! – disse Matthew muito empolgado. – O que está fazendo aqui?

– Uma encomenda para lady Pembroke – disse o homem, balançando a paleta. – Preciso dar uns últimos toques nesta miniatura. Ela quer a obra pronta para um presente de Ano-Novo. – Esquadrinhou-me com olhos castanhos.

– Ah, sim, ainda não conhece minha esposa. Diana, este é Nicholas Hilliard, o pintor.

– Muito prazer – eu disse, fazendo numa reverência. Londres tinha mais de cem mil habitantes. Por que Matthew tinha que conhecer todos os personagens que um dia os historiadores considerariam significativos? – Conheço e admiro sua obra.

– Ela viu o retrato de *sir* Walter que você pintou para mim no ano passado – disse Matthew suavemente, passando por cima de minha saudação bastante efusiva.

– Uma das melhores peças dele, eu admito – disse Henry, olhando por cima do ombro do artista. – Mas esta parece destinada a rivalizar com a

outra. Que incrível semelhança com Mary, Hilliard! Você conseguiu capturar a intensidade do olhar dela! – Hilliard ficou extasiado.

Um criado serviu o vinho e enquanto Henry, Matthew e Hilliard conversavam em voz baixa observei um ovo de avestruz de ouro e uma concha de náutilo sobre um suporte de prata, ambos dispostos em uma mesa junto a inestimáveis instrumentos matemáticos que não ousei tocar.

– Matt! – A condessa de Pembroke irrompeu pelo umbral da porta, limpando as mãos sujas de tinta com um lenço prontamente estendido pela aia. Por que alguém se preocuparia com o estado das mãos quando a veste cinza estava toda manchada de tinta e chamuscada em alguns pontos? Ela tirou-a de cima do corpo, deixando à vista um maravilhoso vestido de veludo e tafetá em ricos tons de ameixa. Quando estendeu o protótipo do jaleco de laboratório moderno para a aia, emanou o odor distinto de pólvora. Em seguida ajeitou uma mecha do cabelo louro caído no rosto atrás da orelha esquerda. A condessa era uma mulher alta e esbelta e tinha uma pele cor de creme e olhos castanhos intensos.

Ela estendeu as mãos em cumprimento de boas-vindas.

– Meu querido amigo. Não o vejo há anos, acho que o vi pela última vez no funeral do meu irmão Philip.

– Mary – disse Matthew, inclinando a cabeça por sobre a mão dela. – Você está ótima.

– Londres não combina comigo, como bem sabe, mas a viagem para celebrar o aniversário da rainha aqui se tornou uma tradição e acabei ficando. Estou trabalhando nos salmos de Philip e em outros caprichos sem importância. Se bem que tenho os meus consolos como rever os velhos amigos, por exemplo. – A voz de Mary soou graciosa, sem deixar de denotar uma inteligência aguçada.

– Você realmente está radiante – disse Henry, somando-se ao cumprimento de Matthew, com olhos de aprovação para a condessa.

Mary cravou os olhos castanhos em mim.

– E quem é ela?

– A alegria de revê-la me fez deixar de lado as boas maneiras. Lady Pembroke, esta é minha esposa, Diana. Casamos recentemente.

– Milady. – Inclinei-me com reverência. Os sapatos de Mary eram incrustados com um sugestivo bordado em ouro e prata do Éden coberto de cobras, maçãs e insetos. Aqueles sapatos deviam ter custado uma fortuna.

– Sra. Roydon – disse ela, piscando os olhos de júbilo. – Já que passamos pelas apresentações, que tal nós nos chamarmos pelo primeiro nome? Mary e Diana. Henry me disse que você é uma estudiosa de alquimia.

– Uma *leitora* de alquimia, milady – corrigi –, apenas isso. Lorde Northumberland é muito generoso.

Matthew me pegou pela mão.

– E você é bem modesta. Diana conhece a alquimia a fundo, Mary. E como chegou há pouco aqui, Hal pensou que você poderia ajudá-la a conhecer a cidade.

– Com todo o prazer – disse a condessa de Pembroke. – Vamos nos sentar perto da janela. O trabalho de mestre Hilliard exige uma boa luz. Enquanto ele termina o meu retrato vocês me contam as novidades. Muito pouco do que ocorre no reino fica longe do conhecimento de Matthew, e olhe que passei alguns meses em minha casa de Wiltshire, Diana.

Já estávamos devidamente acomodados quando a aia retornou com uma travessa de frutas cristalizadas.

– Ooh – exclamou Henry feliz, agitando os dedos por cima dos confeitos amarelos, verdes e alaranjados. – Confeitos. Ninguém mais os faz como você.

– E vou dividir o meu segredo com Diana – disse Mary visivelmente lisonjeada. – Claro que depois que ela tiver a receita talvez eu nunca mais tenha o prazer da companhia de Henry.

– Mary, agora você foi longe demais – protestou ele, servindo-se de um punhado de cascas de laranja cristalizadas.

– Seu marido está com você, Mary, ou os negócios com a rainha o mantiveram em Gales? – perguntou Matthew.

– O conde de Pembroke partiu de Milford Haven alguns dias atrás, mas não virá para cá porque irá para a corte. Tenho William e Philip como companhia e não vamos demorar muito na cidade porque iremos para Ramsbury. O ar de lá é bem mais saudável. – A tristeza anuviou o rosto de Mary.

As palavras dela me evocaram a estátua de William Herbert no pátio da Biblioteca Bodleiana. O personagem com quem cruzava todos os dias a caminho da Duke Humfrey, um dos maiores benfeitores da biblioteca, era filho da condessa.

– Qual é a idade dos seus filhos? – Torci para que a pergunta não fosse muito pessoal.

O rosto da condessa desanuviou.

– William tem dez anos. Philip, apenas seis. Minha filha Anne está com sete anos, mas esteve muito doente no mês passado e meu marido achou melhor que ela permanecesse em Wilton.

– Foi sério? – perguntou Matthew, com a testa franzida.

De novo as sombras cruzaram o rosto da condessa.

– Qualquer doença que aflige nossos filhos é séria – respondeu ela baixinho.

– Desculpe-me, Mary. Falei sem pensar. Só tive a intenção de oferecer toda a assistência que estiver ao meu alcance. – A voz do meu marido soou profunda e com um toque de pesar. O diálogo tocava num ponto desconhecido por mim.

– Em diversas ocasiões você manteve os meus entes queridos a salvo. Não me esqueci disso, Matthew, nem deixaria de chamá-lo de novo se fosse necessário. Mas Anne só teve uma febre comum de criança, nada

mais. Os médicos me asseguraram que ficará boa. – Mary se voltou para mim. – Você tem filhos, Diana?

– Ainda não – respondi, balançando a cabeça. Matthew me olhou por um momento e desviou os olhos. Apertei a bainha do casaco, com nervosismo.

– Diana nunca se casou antes – disse Matthew.

– Nunca? – Fascinada com a informação, a condessa de Pembroke abriu a boca para me fazer mais perguntas e foi interrompida por Matthew.

– Ela era muito pequena quando os pais morreram. Não restou ninguém para arranjar o casamento.

A simpatia de Mary aumentou.

– A vida de uma jovem é tristemente dependente dos caprichos dos seus guardiães.

– De fato. – Matthew arqueou a sobrancelha para mim. Pude imaginar o que ele pensou: eu era lamentavelmente independente, e Sarah e Em eram as criaturas menos caprichosas da Terra.

A conversa desviou para política e fatos correntes. Ouvi atentamente durante algum tempo, tentando reconciliar as vagas lembranças das aulas de história com as complicadas fofocas que eram trocadas pelos três. Falou-se de guerra, de uma possível invasão espanhola, de simpatizantes católicos e de uma tensão religiosa na França, mas com nomes e lugares quase sempre desconhecidos. Enquanto ouvia o falatório me pus a divagar e a relaxar no aconchegante solar de Mary.

– Já acabei o meu trabalho aqui. Meu criado Isaac entregará a miniatura ali pelo final da semana – anunciou Hilliard enquanto guardava o equipamento.

A condessa estendeu a mão, com muitos anéis a cintilar nos dedos. Ele beijou a mão dela, fez um meneio de cabeça para Henry e Matthew e se foi.

– Que homem talentoso! – exclamou ela, mexendo-se na poltrona. –

Ficou tão popular que dei muita sorte em garantir os serviços dele. – O rico e colorido calçado de Mary brilhou sob a luz do fogo da lareira, com irradiações insinuantes de vermelho, laranja e dourado no bordado prateado. Fiquei intrigada sobre quem teria sido o idealizador do intricado modelo do bordado. Se fosse mais íntima teria lhe pedido para tocar nos pontos daquele bordado. Champier se mostrara capaz de ler a minha carne com os dedos. Será que um objeto inanimado forneceria informação similar?

Os meus dedos estavam distantes dos sapatos da condessa, mas os meus olhos vislumbraram o semblante de uma mulher jovem. Olhava para uma folha de papel que estampava o desenho dos sapatos. Pequeninos furos ao longo das linhas do desenho resolveram o mistério de como aqueles meandros haviam se transferido para o couro. Foquei o olho mental no desenho e retrocedi no tempo. Mary estava ao lado de um homem de queixo firme e resoluto e à frente de uma mesa repleta de insetos e espécies de plantas. Conversavam animadamente sobre um gafanhoto. Enquanto o homem descrevia os detalhes do gafanhoto, ela pegava uma pena e desenhava o inseto.

Então, além de se interessar por alquimia, Mary também se interessa por plantas e insetos. Pensei e olhei para os sapatos a fim de encontrar o gafanhoto. Estava nos calcanhares. Tão nítido que parecia vivo. Uma abelha à direita do dedão do pé da condessa parecia prestes a voar.

Um débil zumbido penetrou nos meus ouvidos quando a abelha prateada escura alçou voo do sapato da condessa de Pembroke.

– Oh, não – exclamei.

– Que abelha estranha – comentou Henry, golpeando-a quando passou voando.

Logo desviei os olhos para uma serpente que se arrastou para fora do pé de Mary e serpenteou pelo piso de madeira.

– Matthew!

Ele rapidamente se projetou para a frente e ergueu-a pelo rabo. A serpente pôs a língua bifurcada para fora e sibilou indignada pelo tratamento rude.

– Eu não pretendia... – Calei-me.

– Está tudo bem, *mon coeur*. Você não pôde evitar. – Ele fez um carinho no meu rosto e se voltou para a condessa, que olhava espantada para os sapatos desmantelados. – Nós precisamos de uma bruxa, Mary. Urgentemente.

– Não conheço bruxa nenhuma. – Foi uma resposta rápida a da condessa de Pembroke.

Matthew arqueou as sobrancelhas.

– Nenhuma que possa apresentar para sua esposa. Você sabe que não gosto desse tipo de assunto. Philip me contou o que você era quando retornou a salvo de Paris. Eu era muito jovem e entendi tudo como uma fábula. E é exatamente assim que gostaria que ficasse.

– E mesmo assim pratica a alquimia – observou Matthew. – Também é uma fábula?

– Pratico a alquimia para entender o milagre da criação de Deus! – gritou Mary. – Não há... feitiçaria... na alquimia!

– "Mal" é o termo que você procurava. – Os olhos do vampiro sombrearam enquanto os lábios faziam um traçado assustador. A condessa recuou por instinto. – Você está realmente segura de si e do seu Deus cuja mente tanto clama conhecer?

Mary notou que o tom era repreensivo, mas não desistiu do embate.

– Meu Deus e seu Deus são distintos, Matthew. – Meu marido apertou os olhos e Henry apertou o gibão com nervosismo. A condessa empinou o queixo. – Ele me contou isso também. Você ainda está ligado ao papa e à missa. Philip passou por cima dos antigos erros cometidos por você em consideração ao homem que você é e na esperança de que um dia se aperceba da verdade e a siga.

– Como é que você consegue negar a realidade de criaturas como eu e Diana quando convive diariamente com elas? – Matthew pareceu cansado. Levantou-se. – Não vamos importuná-la de novo, Mary. Diana encontrará uma bruxa por outros meios.

– Por que não continuamos como antes e nunca mais tocamos nesse assunto? – A condessa olhou para mim e mordeu os lábios com a incerteza refletida nos olhos.

– Porque amo a minha mulher e quero vê-la a salvo.

Mary o observou, avaliando a sinceridade dele por um instante, e se deu por satisfeita com o que viu.

– Diana não precisa me temer, Matt. Mas que ninguém mais em Londres saiba sobre ela. Os últimos acontecimentos na Escócia estão disseminando o pavor e as pessoas estão prontas para atribuir aos outros a culpa pelos próprios infortúnios.

– Lamento muito pelos seus sapatos – eu disse sem graça. Aquele calçado nunca mais seria o mesmo.

– Vamos esquecer isso – disse Mary com firmeza enquanto se levantava para as despedidas.

Saímos do castelo de Baynard sem que nenhum de nós dissesse uma palavra. Pierre atravessou o portão por último e ajeitou o capuz na cabeça.

– Acho que tudo correu muito bem – disse Henry, quebrando o silêncio.

Olhamos para ele com descrédito.

– Claro que com algumas dificuldades – apressou-se ele em acrescentar –, mas não resta dúvida de que Mary quer conhecer Diana mais a fundo e manter a amizade que lhe devota, Matthew. Você deve dar uma chance para ela. Mary não foi educada para confiar com muita facilidade. E por isso se perturba tanto com questões relativas à fé. – Ele se cobriu com a capa. O vento ainda era intenso e começava a escurecer. – Infelizmente, devo me separar de vocês aqui. Mamãe me espera para o jantar na Aldersgate.

– Ela já se recuperou da indisposição? – perguntou Matthew. No Natal a viúva condessa reclamara de falta de ar e ele estava preocupado com uma possível doença cardíaca.

– Minha mãe é uma Neville. Ou seja, vai viver para sempre, causando encrenca a cada oportunidade! – Henry beijou-me a face. – Não se preocupe com Matthew, nem com isso... quer dizer, com qualquer outro problema. – Ele mexeu as sobrancelhas de maneira significativa e tomou o seu rumo.

Eu e Matthew o observamos enquanto se afastava e depois tomamos o rumo de Blackfriars.

– O que aconteceu? – perguntou ele serenamente.

– Antes, minhas emoções acionavam a magia. Agora, uma simples interrogação me faz enxergar o que há sob a superfície das coisas. Mas não faço a menor ideia de como dei vida àquela abelha.

– Graças a Deus você estava observando os sapatos de Mary. Se estivesse observando as tapeçarias estaríamos metidos numa desavença entre os deuses do Olimpo – disse ele secamente.

Atravessamos o adro da St. Paul's às pressas e retornamos à relativa tranquilidade de Blackfriars. O frenético movimento do início do dia assumia um ritmo mais lento. Artesãos se reuniam nos umbrais para dividir notícias sobre os negócios, e aprendizes terminavam as tarefas diárias.

– Quer comer alguma coisa? – Matthew apontou para uma confeitaria. – Infelizmente, não tem pizza, mas Kit e Walter são verdadeiros devotos das tortas de carne do Prior. – Minha boca salivou quando senti o aroma que saía lá de dentro e assenti com a cabeça.

Mestre Prior se chocou quando Matthew entrou na loja e se embaraçou quando foi questionado sobre os detalhes da origem e do relativo frescor da carne que servia. Por fim, escolhi uma torta recheada de carne de pato. Não aceitei a carne de veado, mesmo com o argumento de que o animal

fora abatido recentemente.

Matthew fez o pagamento da refeição a Prior e os assistentes do confeiteiro a embrulharam. A cada segundo nos lançavam olhares furtivos. Isso me fez pensar que uma bruxa e um vampiro juntos atraem a suspeita dos humanos como uma vela atrai as mariposas.

O jantar foi aconchegante e agradável, se bem que Matthew aparentava certa preocupação. Logo que acabei de comer a torta soaram passos na escada de madeira. *Que não seja o Kit*, pensei comigo cruzando os dedos, *não esta noite*.

Françoise abriu a porta e do outro lado aguardavam dois homens vestidos nos já conhecidos uniformes cinza-carvão. Matthew franziu a testa.

– A condessa não está bem? Foi algum dos meninos?

– *Sir*, todos estão bem. – Um dos homens segurava um papel cuidadosamente dobrado. No alto do papel, uma gota irregular de cera com a ponta de uma seta impressa. – Da condessa de Pembroke – disse o homem com uma reverência –, para a sra. Roydon.

Senti certa estranheza quando li o destinatário formal no verso: "*Sra. Diana Roydon, na Hart and Crown, Blackfriars*." Com meus dedos errantes evoquei a óbvia imagem do semblante inteligente de Mary Sidney. Levei a carta para perto da lareira, passei o dedo por baixo do selo e me sentei para ler. A carta espessa estalou quando a abri. Uma tira de papel flutuou até o meu colo.

– O que Mary diz? – perguntou Matthew depois de ter dispensado os mensageiros. Colocou-se atrás de mim e pôs as mãos nos meus ombros.

– Quer que eu vá ao castelo de Baynard na quinta-feira. Ela está desenvolvendo uma experiência alquímica e acha que talvez seja do meu interesse. – Eu simplesmente não consegui reprimir o tom de incredulidade.

– Essa é a verdadeira Mary. Cautelosa, mas leal – disse Matthew, beijando-me na cabeça. – Ela sempre teve um surpreendente poder de

recuperação. E o que há no outro papel?

Peguei a tira de papel no meu colo e li os primeiros versos do poema em voz alta.

"Quando tudo em mim é mal julgado,
E com um monstro o meu ser é comparado,
Ainda assim vós sois minha esperança."

– Ora, ora, ora. – Matthew interrompeu com um risinho. – Minha esposa chegou. – Olhei para ele confusa. – O projeto mais bem guardado de Mary não é alquímico e sim uma nova versão dos Salmos para os protestantes ingleses. O irmão dela Philip iniciou o projeto, mas faleceu antes de terminá-lo. Mary é duas vezes mais poeta que ele. Às vezes ela suspeita disso, mas nunca admite. Esse é o início do Salmo 71. Ela o enviou para mostrar ao mundo que você faz parte do círculo dela... uma amiga fiel e confidente. – A voz dele se tornou um sussurro travesso. – Sem levar em conta que você arruinou os sapatos dela. – Retirou-se para o estúdio com um último risinho, seguido por Pierre.

Eu tinha feito de uma extremidade da pesada mesa da sala de visita uma escrivaninha. A mesa era um entulho só de porcarias e tesouros, como todos os espaços ocupados por mim durante a vida. Remexi na bagunça até que encontrei as últimas folhas de papel em branco, e depois peguei uma pena nova e procurei um lugar com claridade.

Levei cinco minutos para escrever uma breve resposta à condessa. Não consegui evitar dois borrões constrangedores, mas a letra em itálico saiu relativamente boa e não me esqueci de soletrar foneticamente algumas palavras para que não parecessem muito modernas. Espalhei areia no papel e esperei que absorvesse o excesso de tinta, e depois soprei os resíduos no chão. Dobrei a carta e me dei conta de que não tinha cera para selá-la. *Isso teria que ser resolvido.*

Deixei uma nota de lado para Pierre e retomei a tira de papel. Mary enviara as três estrofes do Salmo 71. Peguei o livro em branco que ganhara de Matthew e abri a primeira página. Mergulhei a pena no pote de tinta e movi a ponta afiada pela folha com todo cuidado.

Eles para quem minha vida é odiosa
Com seus espiões agora deliberam
De suas falas, olhai o teor:
Deus, dizem eles, o desamparou.
Agora perseguido, ele deve ser pego;
Ninguém virá em seu socorro.

Depois que a tinta secou, fechei o livro e o coloquei debaixo de *Arcádia*, de Sidney Philip.

Eu estava convicta de que o presente de Mary era mais do que uma simples oferta de amizade. Os versos que eu tinha lido em voz alta para Matthew além de reconhecer os serviços prestados por ele para a família dela também declaravam que ela não viraria as costas para ele, mas os últimos versos continham uma mensagem para mim: nós estávamos sob vigilância. Alguém suspeitava de que nem tudo na Water Lane era como parecia ser, e os inimigos apostavam que até os aliados de Matthew se voltariam contra ele quando descobrissem a verdade.

Matthew que, além de vampiro era servo da rainha e membro da Congregação, não poderia se envolver na procura de uma bruxa que me serviria de tutora na magia. E com um bebê a caminho encontrá-la o mais rápido possível assumia um novo significado.

Peguei uma folha de papel à frente e comecei a fazer uma lista.

Cera para selo

Sinete

Londres era uma cidade grande. E eu precisava fazer umas compras.



– Eu vou sair.

Françoise desviou os olhos da costura. E uns trinta segundos depois Pierre subiu a escada. Se Matthew estivesse em casa certamente também teria aparecido, mas ele estava conduzindo algum negócio misterioso na cidade. Eu tinha acordado com a imagem do casaco dele ainda secando perto da lareira. Ele tinha sido chamado no meio da noite e retornou apenas para sair de novo.

– Verdade? – Françoise estreitou os olhos. Já suspeitara de que eu faria isso desde o momento em que me vesti. Em vez de reclamar do número de anáguas que ela sempre empurrava pela minha cabeça abaixo, dessa feita acrescentei uma outra de flanela cinza. Depois, discutimos sobre o vestido que eu deveria usar. Eu preferia as roupas confortáveis que havia trazido da França aos maravilhosos trajes de Louisa de Clermont. A irmã de Matthew com seus cabelos negros e sua pele de porcelana podia optar por um vestido de veludo de cor turquesa vívida (*"verdete"*, corrigiu Françoise) ou por um de tafetá cinza-esverdeado doentio (cor apropriadamente chamada de "espanhol morto"), mas eram medonhos em contraste com minhas sardas e meus cachos ruivos e muito chiques para um passeio pela cidade.

– Talvez seja melhor madame esperar pelo retorno de mestre Roydon – sugeriu Pierre agitado enquanto passava de um pé para o outro com nervosismo.

– Não, acho que não. Fiz uma lista de coisas necessárias e quero sair para comprá-las. – Peguei a sacola de couro com as moedas que ganhara

de Philippe. – Carrego a sacola ou enfio o dinheiro no corpete e o pinço quando precisar? – Esse aspecto da ficção histórica de mulheres que escondiam coisas sob as vestes sempre me fascinara, e estava ansiosa para descobrir se podiam ser retiradas em público facilmente como diziam os historiadores. Seguramente, sexo não era assim tão fácil no século XVI como diziam alguns romances. De início, as muitas roupas o dificultavam.

– Madame não pode carregar dinheiro de jeito nenhum! – Françoise apontou para Pierre, que afrouxava a corda de um saco amarrado à cintura. Era um saco aparentemente sem fundo que guardava um considerável estoque de implementos pontiagudos, incluindo alfinetes, agulhas, algo que parecia um conjunto de gazuas e uma adaga. Depois de introduzido em minha bolsa, tilintava ao menor movimento.

Lá fora, saí caminhando pela Water Lane em direção à St. Paul's, até onde a determinação dos meus tamancos permitia (eram calçados de madeira práticos que escorregavam dos meus pés e me mantinham longe da sujeira). A capa de tecido grosso e forrada de pele para me proteger do nevoeiro balançava em volta dos meus pés. Embora desfrutássemos de uma suspensão temporária das chuvas dos últimos dias, não se podia dizer que o clima estivesse seco.

Nossa primeira parada acabou sendo a confeitaria do mestre Prior, onde compramos bolinhos recheados de passas e frutas cristalizadas. No final da tarde eu geralmente sentia fome e precisava de alguma coisa doce. A parada seguinte próxima à alameda que ligava Blackfriars ao resto de Londres era uma movimentada tipografia cuja placa era marcada com uma âncora.

– Bom-dia, sra. Roydon – disse o proprietário quando atravessei o umbral da porta. Aparentemente, mesmo sem as devidas apresentações, a vizinhança me conhecia. – A senhora está aqui para pegar o livro do seu marido?

Disse que sim com segurança, embora não soubesse de que livro se

tratava, e ele pegou um volume fino que estava numa prateleira alta. Uma folheada nas páginas mostrou que se tratava de uma obra de temas militares e de balística.

– Lamento não dispor de uma cópia encadernada do seu livro de medicina – disse ele enquanto embrulhava a encomenda de Matthew. – Mais tarde terei uma capa que servirá para o seu livro.

Então, era dali que tinha saído o meu compêndio de doenças e curas.

– Muito obrigada, mestre... – interrompi a frase.

– Field – completou-a ele.

– Mestre Field – repeti. Uma jovem de olhos brilhantes com um bebê de uns dois anos de idade agarrado à saia e encaixado ao quadril saiu de um escritório nos fundos da loja. Suas mãos rudes estavam manchadas de tinta.

– Sra. Roydon, esta é Jaqueline, minha esposa.

– Ah, madame Roydon. – O sotaque da mulher era ligeiramente francês e me fez lembrar do sotaque de Ysabeau. – Seu marido nos disse que a senhora é uma grande leitora, e Margaret Hawley nos disse que a senhora estuda alquimia.

Jaqueline e seu marido sabiam um bocado de coisas a meu respeito. Sem dúvida já sabiam o tamanho dos meus sapatos e o tipo de torta de carne que eu preferia. Mas o que me pareceu mais estranho é que ninguém em Blackfriars parecia reparar que eu era uma bruxa.

– Sim – eu disse, endireitando as costuras das luvas. – O senhor vende papel avulso, mestre Field?

– Claro – respondeu ele intrigado, com uma ruga à testa. – A senhora já preencheu seu livro de amenidades? – Ah, dali também saíra o meu livro de anotações.

– Preciso de papel para correspondência – expliquei. – E de cera para selo. E de um sinete. Posso comprá-los aqui? – A livraria de Yale tinha todo tipo de artigos de papelaria, canetas e lápis de cera coloridos, uma

cera inútil, além de selos de metal em formato de letras por preço baixo. Field e a mulher se entreolharam.

– Envio-lhe mais papel esta tarde – disse ele. – Mas a senhora vai precisar de um ourives que faça um anel com um sinete. Aqui só tenho tipos da impressora que estão para ser derretidos e refeitos.

– Ou então a senhora pode procurar Nicholas Vallin – sugeriu Jaqueline. – É um especialista em metais, sra. Roydon, e também cria relógios lindos.

– É só descer a rua? – disse, apontando por cima do meu ombro.

– Ele não é ourives – protestou Field. – Não queremos causar constrangimento ao *monsieur* Vallin.

Jaqueline permaneceu imperturbável.

– Há vantagens em morar em Blackfriars, Richard. Trabalhar fora dos regulamentos das guildas é uma delas. E a Companhia dos Ourives não vai se aborrecer com ninguém daqui por algo tão insignificante como um anel feminino. Se quiser comprar cera, sra. Roydon, terá de ir a uma botica.

Sabão era outro item da minha lista de compras. E os boticários costumavam usar aparatos de destilação. O foco se deslocava da alquimia para a magia por necessidade, mas nem por isso perderia uma oportunidade de aprender algo mais prático.

– Onde fica a botica mais próxima?

Pierre tossiu.

– Talvez seja melhor a senhora consultar mestre Roydon.

Matthew certamente teria todo um rol de opiniões, principalmente o de encarregar Françoise ou Pierre de pegar o que eu precisava. Os Field aguardaram a minha réplica com interesse.

– Talvez – disse, fixando os olhos em Pierre com indignação. – Mesmo assim, gostaria da recomendação da sra. Field.

– John Hester é o boticário mais conhecido – disse Jaqueline, com um toque de malícia e afastando a criancinha da aba da saia. – Fez uma tintura

para o ouvido do meu filho que aplacou completamente a dor. – Se a memória não me enganava, John Hester também se interessava por alquimia. Talvez conhecesse uma bruxa. Ou ainda melhor, talvez *fosse* um bruxo, o que se encaixaria perfeitamente às minhas intenções. O fato é que eu não estava simplesmente fazendo compras. Saíra para ser vista. As bruxas eram um bando de curiosas. Se me oferecesse como isca, certamente uma delas a morderia.

– Dizem que até a condessa de Pembroke procura os conselhos dele para as enxaquecas do jovem lorde – acrescentou o marido. Então, toda a vizinhança sabia da minha visita ao castelo de Baynard. Mary estava certa: nós estávamos sendo observados.

– A loja de mestre Hester fica perto da Paul's Wharf, marcada com uma placa que representa um alambique – continuou ela.

– Muito obrigada, sra. Field. – A Paul's Wharf devia ficar nas proximidades do adro da St. Paul's, e poderia ir até lá naquela tarde. Redesenhei o mapa da excursão do dia na mente.

Após as despedidas, Françoise e Pierre se voltaram para a direção da casa.

– Vou à catedral – disse, tomando outra direção.

Para a minha surpresa, Pierre se pôs à minha frente.

– Milorde não vai gostar nada disso.

– Milorde não está aqui. Matthew deixou ordens expressas de que eu não podia ir lá sem vocês. Não disse que eu era uma prisioneira em minha própria casa. – Entreguei o livro e os bolinhos para Françoise. – Se ele chegar antes de mim, diga-lhe para onde fomos e que voltarei logo.

Françoise pegou os embrulhos, trocou um longo olhar com Pierre e desceu a Water Lane.

– *Prenez garde*, madame – murmurou Pierre quando passei por ele.

– Sou sempre cuidadosa – retruquei com calma, pisando em linha reta por cima de uma poça.

Dois coches haviam colidido e obstruíam a rua que dava na St. Paul's. Desengonçados e parecidos com vagões fechados, não lembravam nem um pouco as carruagens arrojadas dos filmes baseados nos romances de Jane Austen. Contornei os veículos com Pierre nos meus calcanhares, esquivando-me dos cavalos irritados e dos ocupantes não menos irritados que buscavam um culpado aos gritos no meio da rua. Apenas os cocheiros pareciam despreocupados e acima da discussão, cochichando uns com os outros dos seus poleiros.

– Isso sempre acontece? – perguntei para Pierre, puxando o capuz para enxergá-lo.

– Esses novos meios de transporte são um estorvo – respondeu ele azedo. – Era muito melhor quando as pessoas caminhavam ou cavalgavam. Mas isso não importa. Nunca farão sucesso.

Foi o que disseram para Henry Ford, pensei.

– Paul's Wharf é muito longe?

– Milorde não gosta de John Hester.

– Pierre, não foi isso que perguntei.

– O que madame deseja comprar no adro da igreja? – Depois de ministrar aulas por anos a fio, a técnica de distração de Pierre me era muito conhecida. Mas eu não tinha a menor intenção de lhe dizer a real razão de estarmos atravessando Londres.

– Livros – respondi laconicamente.

Adentramos o recinto da St. Paul's, onde cada centímetro não ocupado por papel era ocupado por alguém que vendia mercadorias ou serviços. Um gentil-homem de meia-idade estava sentado num banco dentro de um alpendre que se projetava de uma barraca construída contra uma das paredes da catedral. Não haveria lugar mais incomum para um escritório. Um monte de gente se acotovelava ao redor da barraca. Se tivesse sorte, encontraria uma bruxa naquela multidão.

Fui até a barraca apinhada de gente. Todos pareciam ser humanos. Uma

decepção a mais.

O homem que zelosamente transcrevia um documento para um cliente à frente desviou os olhos com espanto. Um copista. *Por favor, que não seja William Shakespeare*, supliquei mentalmente.

– Em que posso ajudá-la, sra. Roydon? – perguntou ele, com um ligeiro sotaque francês. *Não é Shakespeare.* Mas como conhecia a minha identidade?

– O senhor tem cera de selo? E tinta vermelha?

– Não sou boticário, sra. Roydon, sou um pobre professor. – Os clientes começaram a cochichar sobre os escandalosos lucros de vendeiros e boticários e de outros que praticavam extorsão.

– A sra. Field me disse que John Hester faz uma excelente cera de selo. – As cabeças se voltaram em minha direção.

– Contudo, cara demais. E a tinta também, tinta que ele faz a partir das flores de íris. – A afirmação do homem foi avalizada pelos murmúrios da multidão.

– O senhor pode apontar para a direção da loja dele?

Pierre me pegou pelo cotovelo.

– *Non.* – Sibilou no meu ouvido. Isso serviu para chamar ainda mais a atenção dos humanos e o fez retroceder.

O copista ergueu a mão e apontou para o leste.

– A senhora o encontrará na Paul's Wharf. Vá até a Bishop's Head e depois vire para o sul. Mas *monsieur* Cornu conhece o caminho.

Olhei para Pierre que por sua vez olhou fixamente para um ponto acima da minha cabeça.

– Ele conhece? Muito obrigada.

– É a *esposa* de Matthew Roydon? – disse alguém com um risinho quando nos retiramos da confusão. – *Mon Dieu.* Não é de espantar que ele pareça exausto.

Não saí imediatamente em direção à botica. Antes, fiz uma lenta

circunavegação com os olhos fixos no suntuoso espaço da catedral. Apesar do desafortunado raio que lhe tinha arruinado a aparência para sempre, era imponente e graciosa.

– Esse não é o caminho mais rápido para Bishop's Head. – Pierre estava um passo atrás e não nos habituais três passos de distância e quase tropeçou em mim quando me detive e olhei para o alto.

– Qual era a altura da torre?

– Quase da mesma altura do prédio. Milorde era fascinado pela altura com que ela foi construída. – A torre perdida devia fazer com que o prédio todo parecesse planar, com um esguio pináculo projetando delicadas linhas dos contrafortes e das altas janelas góticas.

Senti uma onda de energia semelhante à que sentira no templo da deusa próximo de Sept-Tours. Lá no fundo, debaixo da catedral, alguma coisa sentiu a minha presença. Reagiu com um sussurro, uma leve agitação debaixo dos meus pés, um suspiro de reconhecimento, e depois se foi. Naquele lugar havia poder – um poder irresistível para bruxas e bruxos.

Afastei o capuz do rosto e observei pausadamente os compradores e vendedores no adro da St. Paul's. Demônios, bruxas e vampiros remetiam piscadelas de atenção pelo caminho, mas a atividade intensa me encobria. Eu precisava de uma situação mais reservada.

Continuei caminhando pelo lado norte da catedral e contornei a extremidade leste. O burburinho aumentou. Naquele ponto toda a atenção se voltava para um homem em cima de um púlpito ao ar livre e cujo teto ostentava uma cruz. Na falta de um sistema de som elétrico, ele mantinha a plateia cativa com gritos, gestos dramáticos e conjurações imagéticas de fogo e enxofre.

Nenhuma bruxa poderia competir com tanto inferno e tanta danação e, se eu não fizesse algo escandalosamente visível, nenhuma bruxa me veria senão como mais uma criatura fazendo compras. Soltei um suspiro de frustração. Maquinei um plano aparentemente infalível pela simplicidade.

Em Blackfriars não havia bruxas. Mas ali na St. Paul's havia muitas. E a presença de Pierre impedia que outras criaturas curiosas se aproximassem de mim.

– Fique aí e não se mova – ordenei, olhando decidida para ele. A chance de atrair a atenção de uma bruxa amistosa aumentaria se não houvesse um vampiro plantado por perto e irradiando desaprovação. Pierre apoiou-se no suporte de uma barraca e me olhou fixamente sem fazer comentários.

Entrei no meio da multidão aos pés da cruz da St. Paul's, olhando da esquerda para a direita, como se querendo localizar um amigo perdido. Fiquei à espera de uma comichão de bruxa. Sentia que elas estavam por perto.

– Sra. Roydon? – Soou uma voz familiar. – O que a traz aqui?

O rosto corado de George Chapman irrompeu por entre os ombros de dois cavalheiros de aparência severa que ouviam o pregador que culpava uma conspiração diabólica de católicos e mercadores aventureiros por todas as mazelas do mundo.

Se as bruxas não eram encontradas, os membros da Escola da Noite se encontravam em toda parte, como sempre.

– Estou à procura de tinta. E cera de selo. – Quanto mais repetia isso, mais vazio soava.

– Então, a senhora precisa ir a uma botica. Vamos, posso levá-la ao meu boticário. – George estendeu o cotovelo. – Ele é bem razoável, e também habilidoso.

– Já está ficando tarde, mestre Chapman – disse Pierre, materializando-se do nada.

– A sra. Roydon deve pegar ar enquanto for possível. Segundo o barqueiro, a chuva não tarda a voltar e os barqueiros raramente erram. Além do mais, a loja de John Chandler fica na rua Red Cross, no lado externo das muralhas. A uns oitocentos metros daqui.

O encontro com George tornava-se fortuito e não mais exasperador.

Talvez cruzássemos com uma bruxa durante o passeio.

– Matthew não faria objeção alguma a uma caminhada com mestre Chapman, até porque você me acompanhará – disse para Pierre, dando o braço para George. – Seu boticário fica perto da Paul's Wharf?

– Fica do lado oposto – respondeu George. – Mas a senhora não precisa comprar na Paul's Wharf. John Hester é o único boticário de lá e com preços que ultrapassam o bom senso. Mestre Chandler lhe prestará um serviço melhor e pela metade do preço.

Coloquei o nome de John Hester na minha lista de afazeres para um outro dia e saí caminhando com George. Saímos pelo lado norte do adro da St. Paul's e atravessamos suntuosas casas e jardins.

– É aqui que vive a mãe de Henry – disse George, apontando para um imponente conjunto de prédios à esquerda. – Ele odeia esse lugar. Morava na esquina da rua do Matt até que Mary o convenceu de que a habitação estava abaixo da dignidade de um conde. Henry já se mudou para uma casa na Strand. Mary está feliz, mas ele diz que a casa é escura e que a umidade lhe maltrata os ossos.

As muralhas da cidade se estendiam para além da casa da família Percy. Construídas pelos romanos para defender Londinium dos invasores, ainda demarcavam os limites oficiais da cidade. Depois que passamos pela Aldersgate e atravessamos uma ponte baixa, nos vimos em campo aberto e em meio a casas amontoadas ao redor de igrejas. O fedor que acompanhava o cenário pastoril me fez levar a mão enluvada ao nariz.

– O esgoto da cidade – disse George de modo apologético, apontando para um rio de lama abaixo de nossos pés. – Infelizmente, essa é a rota mais direta. Logo estaremos em outro lugar com um ar melhor. – Sequei os olhos, torcendo de coração para que isso fosse verdade.

George Chapman me conduziu ao longo de uma rua larga por onde passaram coches, carroças com alimentos e até uma pequena boiada. Durante o trajeto se referiu a uma visita que tinha feito ao seu editor,

William Ponsonby. Ficou chocado quando percebeu que não reconheci o nome. Eu tinha parcos conhecimentos sobre as nuances do comércio de livros no período elisabetano e tratei de mudar de assunto. Ficou feliz por poder fofocar sobre os muitos dramaturgos recusados por Ponsonby como, por exemplo, Kit. O editor preferia trabalhar com literatura séria e tinha uma constelação de autores realmente incrível: Edmund Spenser, a condessa de Pembroke, Philip Sidney.

– Ponsonby teria publicado as poesias de Matt, se Matt não tivesse recusado. – George balançou a cabeça com perplexidade.

– Poesias de Matt? – Fiquei subitamente paralisada por alguns segundos. Sabia que Matthew admirava a poesia, mas não sabia que era poeta.

– Isso mesmo. Matt insiste que seus versos só sejam lidos pelos amigos. Todos nos apaixonamos pela elegia que ele escreveu para Philip Sidney, o irmão de Mary. *"Olhos e ouvidos e cada pensamento / Foram por ele capturados em doce sentimento."* – George sorriu. – É uma obra maravilhosa. No entanto, Matthew reclama da pouca utilidade da imprensa, alegando que só resultou em discórdia e opiniões irrefletidas.

Apesar de ter um laboratório moderno, Matthew era antiquado e apaixonado por relógios e carros antigos. Mordi os lábios para não sorrir dessa nova evidência do tradicionalismo dele.

– E sobre que temas versam os poemas dele?

– Amor e amizade, na maior parte, se bem que ultimamente tem trocado versos com Walter que giram em torno de temas... mais sombrios. Eles fazem uma só mente que pensa esses dias.

– Mais sombrios? – perguntei intrigada.

– Matt e Walter nem sempre aprovam o que acontece no contexto atual – disse George baixinho, desviando os olhos para os transeuntes. – Eles estão a um passo da impaciência... especialmente Walter, e sempre mostram a mentira para os que estão em posição de poder. Isso é uma

tendência perigosa.

– Mostre a mentira – eu disse pausadamente. Um conhecido poema anônimo intitulado "A mentira" era atribuído a Walter Raleigh. – *"Diga para a corte, ela incandesce / E brilha como lenha podre?"*

– Quer dizer que Matt tem partilhado os versos dele com você. – George suspirou novamente. – Ele consegue sintetizar em poucas palavras toda uma gama de sentimentos e significados. É um talento invejável.

Se a poesia era familiar, a relação de Matthew com a poesia não era. Mas haveria muito tempo nas noites à frente para me dedicar aos dotes literários do meu marido. Mudei de assunto e ouvi a explanação de George sobre a necessidade dos escritores da época de sempre publicar para sobreviver, e sobre a necessidade dos editores conscientes de sempre corrigir os erros nos livros impressos.

– Lá está a loja de Chandler – disse George, apontando para uma interseção onde uma cruz desengonçada se sobrepunha a uma plataforma elevada. Uma gangue de garotos catava as pedras maiores na base da cruz. Não era preciso ser bruxa para prever que seriam atiradas na janela da loja em seguida.

À medida que nos aproximávamos do estabelecimento do boticário, o ar se tornava mais frio. Assim como ocorrera na St. Paul's emergiu uma nova onda de poder, se bem que uma opressiva atmosfera de pobreza e desespero rondava a vizinhança. Uma velha torre caía aos pedaços no lado norte da rua, e as casas circundantes pareciam prestes a ser destruídas por lufadas mais fortes de vento. Dois adolescentes chegaram mais perto e nos olharam com interesse, até que Pierre assobiou baixinho e os paralisou.

A loja de John Chandler combinava perfeitamente com a atmosfera gótica da vizinhança. Uma coruja empalhada pendia do teto e as mandíbulas dentadas de alguma desafortunada criatura estavam pregadas por cima do diagrama de um corpo com membros mutilados, quebrados e perfurados por armas. A sovela de um marceneiro perfurara o olho da

pobre infeliz, fazendo um ângulo exato.

Um homem arqueado surgiu por trás de uma cortina, limpando as mãos nas mangas de um velho capote preto de bombazina. O capote estava muito amarrotado e se assemelhava às togas acadêmicas dos estudantes de Oxford e Cambridge. Olhos brilhantes da cor de avelã se encontraram com meus olhos sem nenhum traço de hesitação, e minha pele comichou ao reconhecê-lo. Chandler era um bruxo. Finalmente, aparecia alguém do meu próprio povo depois de ter atravessado a maior parte de Londres.

– A cada semana que passa sua rua se torna mais perigosa, mestre Chandler. – George espiou pela porta a gangue que estava lá fora.

– Esses garotos estão se tornando selvagens – disse Chandler. – O que posso fazer hoje pelo senhor, mestre Chapman? Está interessado em um pouco mais de tônico? Suas dores de cabeça voltaram?

George fez um relato detalhado dos muitos males e dores que o afligiam. Chandler murmurava em solidariedade e uma vez ou outra desenhava num livro de registros que estava ao lado. Ambos se debruçaram por sobre o livro e me deram chance de observar o ambiente.

Sem dúvida alguma as boticas elisabetanas eram as lojas de conveniência da época e aquela estava entulhada de mercadorias até o teto. Pilhas de cartazes com ilustrações expressivas como a de um homem ferido e pregado na parede. Potes de frutas cristalizadas. Livros usados junto a uns poucos volumes novos em cima de uma mesa. Um conjunto de potes de cerâmica rotulados com nomes de espécies medicinais e de ervas refletia alguma luz naquele espaço de sombras. Os espécimes do reino animal expostos não incluíam apenas a coruja empalhada e a mandíbula dentada, mas também roedores secos e dependurados pela cauda. Também havia potes de tinta, penas e rolos de barbante.

A organização da loja seguia agrupamentos temáticos. A tinta estava ao lado das penas e dos livros usados e debaixo da sábia e velha coruja. Um camundongo dependurado por cima de um pote com o rótulo “Poção de

Rato" estava perto de um manual que não só prometia ensinar a pescar como também a construir "*pequenas engenhocas e armadilhas para pegar furões, gaviões, ratos, camundongos e outras espécies de animais daninhos e de feras*". E eu que vinha me perguntando como poderia acabar com os convidados indesejados no sótão de Matthew. As plantas descritas detalhadamente no manual excediam as minhas habilidades manuais femininas, mas alguma outra pessoa poderia operar. Se o rato dependurado na loja de Chandler era uma boa indicação, certamente as armadilhas funcionavam.

– Com sua licença, senhora – murmurou Chandler, passando por mim. Observei fascinada quando ele levou o ratinho seco até a bancada de trabalho e cortou as orelhas do animal com delicada precisão.

– Para o que servem? – perguntei para George.

– Pé de orelha de rato é eficaz contra verrugas – respondeu ele enfaticamente enquanto Chandler manipulava o pilão.

Aliviada por não sofrer desse mal em particular, fixei os olhos na coruja que vigiava o departamento de itens de papelaria. Lá estava um pote de tinta vermelha intensa.

Seu amigo wearh *não vai querer carregar essa garrafa para casa, senhora. Essa tinta feita de sangue de gavião é usada para escrever encantamentos de amor.*

Então, Chandler tinha o poder de se comunicar telepaticamente. Coloquei a tinta no lugar e peguei um panfleto sobre cães. A primeira página estampava um lobo que atacava uma criança e um homem que era terrivelmente torturado e executado. A publicação me fez lembrar dos tabloides nas caixas registradoras dos mercadinhos modernos. Ao virar a página me assustei com a notícia de um sujeito chamado Stubbe Peter que aparecia em forma de lobo e se alimentava do sangue de homens, mulheres e crianças até levá-los à morte. Não eram apenas as bruxas escocesas que estavam na mira do público. Os vampiros também estavam.

Percorri a página com os olhos rapidamente. E para o meu alívio Stubbe vivia na Alemanha. A ansiedade retornou quando li que o tio de uma das vítimas era dono de uma cervejaria situada entre a nossa casa e o castelo de Baynard. Fiquei aterrorizada com os detalhes grotescos dos assassinatos e com o extremismo com que os humanos exterminavam as criaturas que conviviam com eles. Stubbe Peter era descrito no panfleto como um bruxo de estranho comportamento que satisfazia seu gosto incomum pelo sangue por meio de um pacto com o diabo. Mas era mais provável que ele fosse um vampiro. Enfiei o panfleto debaixo de um livro e me dirigi ao balcão.

– A sra. Roydon está procurando alguns suprimentos – explicou George para o boticário quando me aproximei.

A mente de Chandler esvaziou por cautela quando ouviu meu nome.

– Isso mesmo – disse pausadamente. – Tinta vermelha, se o senhor tiver. E algum sabão perfumado para higiene pessoal.

– Claro. – O bruxo fez uma busca em alguns jarrinhos de estanho. Encontrou o que queria e o pôs em cima do balcão. – E a senhora também deseja cera de lacre para combinar com a tinta?

– O que o senhor tiver será ótimo, mestre Chandler.

– Vejo que o senhor tem um dos livros do mestre Hester – disse George, pegando um volume que estava próximo. – Falei para a sra. Roydon que sua tinta é tão boa quanto a de Hester e custa a metade do preço.

O boticário agradeceu o elogio de George com um pálido sorriso e pôs alguns bastões de cera vermelha e duas bolas de sabão perfumado ao lado da tinta sobre a mesa. Pus o manual de controle de pestilências e o panfleto sobre o vampiro alemão na mesa. Chandler ergueu os olhos com desconfiança para mim.

– Sim – disse –, o impressor do outro lado da rua deixou algumas cópias comigo porque tratam de assunto medicinal.

– Isso também interessa à sra. Roydon – disse George, acrescentando o livro à minha pilha. E mais uma vez me perguntei como é que os humanos

podiam ser tão alheios ao que acontecia à volta deles.

– Mas não estou certo se este tratado é apropriado para uma dama... – Chandler interrompeu a frase, olhando de um modo significativo para o meu anel.

A rápida resposta de George abafou minha silenciosa réplica.

– Ora, o marido dela não vai se importar. Ela é uma estudiosa da alquimia.

– Levarei o tratado – disse, com firmeza.

George aproveitou que Chandler embrulhava as compras para perguntar se ele recomendava algum fabricante de óculos.

– Meu editor, mestre Ponsonby, está preocupado com possíveis complicações nos meus olhos antes do final de minha tradução de Homero. – Ele explicou com um leve ar presunçoso. – Uma criada da minha mãe me passou uma receita, mas o remédio não ajudou em nada.

O boticário deu de ombros.

– Às vezes esses remédios de velhas viúvas ajudam, mas o meu é mais confiável. Mandarei uma cataplasma de clara de ovos e água de rosas para o senhor. Umedeça as compressas com ela e aplique nos olhos.

Enquanto George e Chandler barganhavam o preço do remédio e combinavam a entrega, Pierre recolhia os embrulhos e se colocava à porta.

– Adeus, sra. Roydon – disse Chandler, com uma reverência.

– Muito obrigada por sua ajuda, mestre Chandler – retruquei. *Sou nova na cidade e estou à procura de uma bruxa que possa me ajudar.*

– Não tem de quê – disse ele suavemente –, se bem que em Blackfriars há excelentes boticários. – *Londres é um lugar perigoso. Tome muito cuidado com quem a senhora vai pedir ajuda.*

Antes que pudesse lhe perguntar como sabia onde eu morava, George me conduziu para a rua com uma calorosa despedida. Pierre se pôs tão próximo de mim que senti a lufada gelada de sua respiração.

O toque dos olhares durante o trajeto de volta à cidade era

inconfundível. Minha presença na loja de Chandler difundira o alerta e a notícia da presença de uma bruxa estrangeira se espalhara pela vizinhança. Finalmente, o objetivo daquela tarde fora atingido. Duas bruxas surgiram de braços dados numa varanda e me esquadrinharam com ar hostil. Eram tão parecidas que cheguei a jurar que fossem gêmeas.

– *Wearh* – murmurou uma delas, cuspindo no chão enquanto olhava para Pierre e bifurcava os dedos em sinal de proteção contra o diabo.

– Vamos logo, senhora. Está tarde – disse Pierre, agarrando-me pelo antebraço.

O desejo de Pierre de me tirar de St. Giles o mais rápido possível e o desejo de George por uma taça de vinho tornaram o retorno para Blackfriars mais rápido que a jornada da ida. Chegamos sãos e salvos em Hart and Crown. Não havia sinal de Matthew e Pierre saiu para procurá-lo. Algum tempo depois Françoise fez uma observação sobre o adiantado da hora e sobre minha necessidade de descanso. Chapman entendeu a deixa e se despediu.

Françoise deixou a costura de lado, sentou-se perto da lareira e ficou observando a porta. Experimentei a tinta nova, assinalando os itens de minha lista de compras e adicionando "*armadilha de ratos*". E depois me voltei para o livro de John Hester. Uma folha de papel em branco dobrado discretamente ao redor do livro mascarava um conteúdo indecente. A maioria das curas para doenças venéreas envolvia concentrações de mercúrio. A hesitação de Chandler em vender uma cópia para uma mulher casada não era então de espantar. Acabava de entrar no fascinante segundo capítulo quando ouvi murmúrios no estúdio de Matthew. Françoise apertou os lábios e balançou a cabeça em negativa.

– Ele vai precisar de mais vinho do que há na casa – disse enquanto se dirigia para a escada com uma das jarras vazias que estavam perto da porta.

Segui a voz do meu marido. Ele estava tirando as roupas no estúdio e

dependurando-as perto do fogo.

– Ele é um homem mau, milorde – disse Pierre em tom grave enquanto desembainhava a espada de Matthew.

– "Mau" não faz justiça ao demônio. Ainda não se criou uma palavra que o faça. Depois de hoje juro que ele é a própria encarnação do diabo. – Os dedos longos de Matthew afrouxaram as fortes amarras da calça que caiu no chão e o fez se inclinar para pegá-la. Jogou a calça pelo ar em direção ao fogo da lareira, mas a rapidez com que fez isso não escondeu as manchas de sangue. Um cheiro mofado de pedra molhada e de velhice e de sujeira me trouxe a súbita lembrança do meu cativeiro em La Pierre. Fiquei com a garganta apertada. Matthew girou o corpo.

– Diana. – Ele captou minha angústia numa fração de segundo, tirou a camisa por cima da cabeça às pressas, saiu pisando nas botas descartadas e chegou ao meu lado apenas com um par de ceroulas de linho. Uma cicatriz comprida e profunda acima da junta do ombro dele desaparecia e reaparecia à vista conforme a luz do fogo incidia.

– Você está ferido? – Lutei para arrancar as palavras da garganta apertada e desviei os olhos para as roupas que queimavam na lareira.

Matthew acompanhou o meu olhar e vociferou baixinho.

– Isso não é sangue meu. – Saber que o sangue nas roupas de Matthew era de outra pessoa não me consolou nem um pouco. – A rainha ordenou minha presença... no interrogatório de um prisioneiro. – A ligeira hesitação me sugeriu que "tortura" era a palavra suprimida. – Vou tomar um banho e depois me junto a você para jantar. – A frase soou aconchegante, mas ele estava cansado e furioso. E tomou todo o cuidado para não me tocar.

– Você esteve no subterrâneo. – O cheiro era inconfundível.

– Estive na Torre.

– E o prisioneiro... está morto?

– Sim. – Ele passou a mão no rosto. – Dessa vez achei que chegaria cedo para interromper aquilo... mas calculei mal as marés. E mais uma vez a

mim só restou insistir para acabar com o sofrimento dele.

Não era a primeira vez que Matthew presenciava a morte de um homem. Ele bem que poderia ter ficado em casa, sem se preocupar com aquela alma perdida na Torre. Uma criatura menor teria feito isso. Estendi as mãos para tocá-lo, mas ele me repeliu.

– A rainha vai me esfolar vivo quando souber que o homem morreu antes de revelar os segredos, mas não me importo. Como a maioria dos humanos, Elizabeth se faz de cega quando lhe é conveniente.

– Quem era ele?

– Um bruxo – respondeu Matthew, com frieza. – Foi denunciado pelos vizinhos porque tinha uma boneca de cabelos vermelhos. Acharam que a boneca era uma imagem da rainha. E a rainha achou que o comportamento da bruxa Agnes Sampson e do bruxo John Fian, ambos escoceses, estava encorajando bruxos ingleses a agir contra ela. Não faça isso, Diana. – Ele acenou para que eu ficasse onde estava quando dei um passo à frente para confortá-lo. – Isso é o mais perto que você pode ficar em relação à Torre e ao que acontece lá. Vá para a sala de estar. Logo me juntarei a você.

Foi difícil deixá-lo, mas naquela hora a mim só restava atender ao pedido dele. O vinho, o pão e o queijo que esperavam à mesa não pareceram nada apetitosos; mesmo assim, peguei um pedaço de um dos bolinhos que comprara naquela manhã e o reduzi em farelos aos poucos.

– O seu apetite se foi. – Matthew deslizou para dentro da sala como um gato silencioso e serviu-se de um pouco de vinho. Sorveu a bebida de um gole só e voltou a encher a taça.

– O seu também – retruquei. – Não está se alimentando com regularidade. – Gallowglass e Hancock sempre o convidavam para as caçadas noturnas, mas ele recusava.

– Não quero falar disso. Prefiro que me fale sobre o seu dia. – *Ajude-me a esquecer*. A frase não dita de Matthew sussurrou pela sala.

– Nós fomos fazer compras. Peguei o livro que você encomendou para Richard Field e conheci Jaqueline, a mulher dele.

– Ah. – Ele abriu um sorriso e a linha de estresse na boca se descontraiu levemente. – A nova sra. Field. Sobreviveu ao primeiro marido e agora está muito feliz com o segundo marido. Garanto que até o final da próxima semana vocês já serão amigas. Viu o Shakespeare? Ele está lá com os Field.

– Não. – Adicionei mais farelos à crescente pilha na mesa. – Fui até a catedral. – Ele curvou-se um pouco para a frente. – Pierre estava comigo – disse abruptamente, deixando o bolinho cair na mesa. – E encontrei o George.

– Claro que circulava pela Bishop's Head a fim de que William Ponsonby fizesse algum comentário bom sobre ele. – Matthew descontraiu os ombros e soltou um risinho.

– Não fui a Bishop's Head – confessei. – George estava ouvindo um sermão na Paul's Cross.

– A turba que se reúne para ouvir os pregadores pode ser imprevisível – disse ele baixinho. – Pierre sabe muito bem que não podia permitir que ficasse lá muito tempo. – Como se por encanto o criado apareceu.

– Não ficamos muito tempo. George me levou ao boticário dele. Comprei alguns livros e suprimentos. Sabão. Cera para lacre. Tinta vermelha. – Apertei os lábios.

– O boticário de George vive em Cripplegate – disse Matthew em tom seco. – Quando os londrinos denunciam algum crime o xerife aparece lá e pega o primeiro com cara de vagabundo ou com alguma peculiaridade. É fácil para ele.

– Se o alvo do xerife é Cripplegate, por que há tantas criaturas na Barbican Cross e tão poucas aqui em Blackfriars? – A pergunta o pegou de surpresa.

– No passado, Blackfriars era solo sagrado dos cristãos. Faz tempo que demônios, bruxas e vampiros adquiriram o hábito de viver em outros

lugares e ainda não se mudaram para cá. Mas Barbican Cross foi erigida em terras onde cem anos atrás era um cemitério judaico. Depois que expulsaram os judeus da Inglaterra, as autoridades da cidade transferiram criminosos, traidores e excomungados para terras de cemitérios não consagrados. Os humanos consideram o lugar assombrado e o evitam.

– Então, a infelicidade que senti era dos mortos e não dos vivos. – As palavras pularam da minha boca antes que pudesse fechá-la. Os olhos de Matthew se estreitaram.

A conversa não melhorava o humor dele e minha inquietude crescia minuto a minuto.

– Jaqueline recomendou John Hester quando lhe perguntei sobre um boticário, mas George disse que o dele era tão bom quanto Hester e muito mais barato. Não fiz perguntas sobre o bairro.

– Para mim o fato de que John Chandler não empurra opiáceos para os clientes como Hester costuma fazer é bem mais importante que os preços baratos. Mesmo assim, não quero você na Cripplegate. Da próxima vez que precisar de suprimentos de papelaria, incumba Pierre ou Françoise de pegá-los. Ou melhor, vá ao boticário que fica a três portas daqui, do outro lado da Water Lane.

– A sra. Field não disse para madame que havia um boticário na Blackfriars. Alguns meses atrás *monsieur* de Laune e Jaqueline discordaram sobre o melhor tratamento para o prurido na garganta do filho mais velho dela – murmurou Pierre à guisa de explicação.

– A mim não importa se Jaqueline e Laune se digladiaram na nave da St. Paul's em pleno meio-dia. O que importa é que Diana não deve ficar batendo perna pela cidade.

– Não é só Cripplegate que é perigosa. – Argumentei, estendendo à mesa o panfleto sobre o vampiro alemão. – Comprei lá no Chandler o tratado de Hester sobre a sífilis e um manual de armadilhas para animais. Isso também estava à venda.

– Você comprou o quê? – Matthew engasgou com o vinho, olhando para o livro errado.

– Esquece o Hester. Este panfleto conta a história de um homem que estabeleceu um pacto com o diabo para se transformar em lobo e beber sangue. Um dos envolvidos na publicação é nosso vizinho, o cervejeiro das cercanias do castelo de Baynard. – Tamborilei sobre o panfleto com ênfase.

Matthew puxou as folhas de papel semissoltas. Ficou com a respiração acelerada quando chegou à parte importante. Estendeu a folha para Pierre, que a observou de relance.

– Stubbe não é um vampiro?

– Sim. Eu não sabia que a notícia da morte dele tinha chegado tão longe. Kit se encarregou de me contar as fofocas espalhadas pelos panfletos e publicações populares para que pudéssemos abafá-las em caso de necessidade. De qualquer forma, esta ele perdeu. – Matthew olhou sério para Pierre. – Certifique-se de contratar alguém mais para o trabalho e não deixe Kit saber. – Pierre sacudiu a cabeça em assentimento.

– Então, essas lendas não passam de outras lamentáveis tentativas dos humanos de negar a existência dos vampiros. – Balancei a cabeça em negativa.

– Não seja tão dura com eles, Diana. No momento, estão concentrados nas bruxas. Daqui a cem anos ou mais será a vez dos demônios, graças à reforma dos hospícios. E depois disso os humanos se voltarão contra os vampiros e as bruxas serão apenas bichos-papões de contos de fadas para assustar crianças. – Apesar das palavras, Matthew estava preocupado.

– Nosso vizinho está preocupado com lobisomens, não com bruxas. E deixe de se preocupar comigo e comece a cuidar de si mesmo se pode ser confundido com um deles. De qualquer forma, logo, logo uma bruxa vai bater à nossa porta. – Eu me agarrara à certeza de que seria perigoso para o meu marido sair em busca de uma bruxa. Os olhos dele faiscaram de advertência, mas a boca continuou fechada até que a raiva ficou sob

controle.

– Sei que você está se coçando por independência, mas prometa que vai conversar comigo antes da próxima vez que decidir tomar as rédeas de uma situação. – Era uma resposta bem mais branda do que o esperado.

– Só se você prometer me ouvir. Você está sendo observado, Matthew. Eu tenho certeza disso, e Mary Sidney também tem certeza disso. Cuide dos negócios da rainha e do problema da Escócia e me deixe cuidar desse assunto.

Ele abriu a boca a fim de esticar a negociação, mas balancei a cabeça em negativa.

– *Preste atenção no que digo*. Uma bruxa não tarda a chegar. Garanto.



Na semana seguinte, Matthew estava à minha espera no solar arejado do castelo de Baynard de Mary. Admirava o Tâmisa com ar de alegria. Girou o corpo quando me aproximei e riu da versão elisabetana do jaleco de laboratório por cima do meu corpete castanho-dourado e de minha saia. As mangas brancas de dentro caíam ridiculamente estufadas dos ombros, mas o rufo à volta do pescoço era pequeno e discreto e tornava a roupa bem confortável.

– Mary não pôde deixar a experiência de lado. Ela nos convidou para jantar na segunda-feira. Pediu para que não nos atrasássemos. – Joguei os braços ao redor do pescoço dele e o beijei intensamente. Ele recuou.

– Por que está com cheiro de vinagre?

– Mary se limpa com isso. Limpa as mãos melhor que sabão.

– Saiu lá de casa com o doce perfume de pão e mel e a condessa de Pembroke a devolve cheirando a picles para mim. – Ele enfiou o nariz atrás de minha orelha. Soltou um suspiro de satisfação. – Eu sabia que encontraria um lugar onde o vinagre não tinha se metido.

– Matthew – sussurrei. Joan, a aia da condessa, estava bem à nossa frente.

– Você age mais como uma vitoriana pudica e menos como uma elisabetana safada – disse ele, sorrindo. Empertigou-se, não sem antes fazer uma última carícia no meu pescoço. – E como foi sua tarde?

– Já viu o laboratório de Mary? – Troquei o disforme capote cinzento pela capa e dispensei Joan para os seus afazeres habituais. – Ela montou um laboratório numa torre do castelo e pintou as paredes com imagens da

pedra filosofal. É como trabalhar dentro de um pergaminho de Ripley! Eu já tinha visto uma cópia de Beinecke, em Yale, com uns seis metros de comprimento. Mas os murais de Mary são duas vezes maiores. Isso dificulta a concentração no trabalho.

– Em que experiência vocês estão trabalhando?

– Nós estamos à caça do leão verde – respondi com orgulho, referindo-me ao estágio do processo alquímico que combinava duas soluções ácidas e produzia estonteantes transformações nas cores. – Quase o pegamos. Mas alguma coisa errada fez o frasco explodir. Foi fantástico!

– Fico feliz por não estarem trabalhando no meu laboratório. De um modo geral, as explosões devem ser prevenidas quando se trabalha com ácido nítrico. Na próxima vez vocês duas podiam tentar algo menos volátil, como a destilação de água de rosas. – Matthew estreitou os olhos. – Não estão trabalhando com mercúrio, estão?

– Não se preocupe. Eu não faria nada que fizesse mal ao bebê. – Fiquei na defensiva.

– Toda vez que me refiro ao seu bem-estar, você acha que minha preocupação está em outro lugar. – As sobrancelhas dele se uniram em uma carranca. Graças à barba e ao bigode preto, detalhes com os quais eu ainda não estava acostumada, ele parecia ainda mais assustador. Mas evitei uma discussão.

– Desculpe. – Apressei-me em mudar de assunto. – Semana que vem faremos uma mistura de um novo lote da *prima materia*. A mistura inclui mercúrio, mas prometo não tocar nele. A expectativa de Mary é que a mistura se putrefaça em sapo alquímico até o final de janeiro.

– Isso me soa como um festivo começo de Ano-Novo – disse Matthew, ajeitando a capa nos meus ombros.

– Você estava olhando o quê? – Espiei pela janela.

– Alguém está erguendo uma grande fogueira do outro lado do rio para a noite de Ano-Novo. Cada vez que chega um novo carregamento de

madeira, os moradores já estão à espera para pegar a lenha. A pilha diminui em questão de minutos. É como assistir a Penélope tecer o tapete.

– Mary disse que ninguém vai trabalhar amanhã. Ah, lembre-se de pedir a Françoise para comprar mais *manchet*... isso é um pão, certo? E diga que os embeba em leite e mel para que estejam macios no café da manhã de sábado. – Isso era uma versão elisabetana para a rabanada. – Acho que Mary está preocupada com a possibilidade de que eu passe fome na casa dos vampiros.

– Lady Pembroke tem como política não fazer perguntas nem comentários, quando se trata de criaturas e seus respectivos hábitos – observou ele.

– Então, ela se calou sobre o episódio dos sapatos – comentei pensativa.

– Mary Sidney sobrevive da mesma forma que a mãe sobrevivia: fecha os olhos para qualquer realidade inconveniente. As mulheres da família Dudley tiveram que agir assim.

– Dudley? – repeti intrigada. Era uma família célebre pelos seus membros encrenqueiros... não tinha nada a ver com a Mary bem-comportada e centrada.

– A mãe de lady Pembroke era Mary Dudley, amiga de Sua Majestade e irmã de Robert, o favorito da rainha. – Matthew fez uma careta. – Era tão inteligente quanto a filha. Mary Dudley tinha a cabeça tão cheia de ideias que não sobrava espaço para perceber a traição do pai e os maus passos dos irmãos. E quando contraiu varíola da nossa amada soberana, Mary Dudley não se deu conta de que a rainha e o próprio marido preferiam a companhia de outras mulheres a ter que olhar para o rosto desfigurado dela.

Fiquei chocada.

– E o que aconteceu com ela?

– Morreu sozinha e amargurada, como a maioria das Dudley que a antecederam. Seu grande triunfo foi casar a filha de 15 anos com o conde

de Pembroke, que na época tinha quarenta anos.

– Mary Sidney se casou com 15 anos? – A mulher inteligente e vibrante que administrava uma casa gigantesca e criava um bando de filhos e era devotada às experiências alquímicas fazia tudo isso aparentemente sem o menor esforço. Agora, eu entendia a razão. Lady Pembroke, que tinha alguns anos menos que eu e estava à beira dos trinta, já exercia essas responsabilidades desde a metade de sua vida.

– Sim. Mas a mãe dela propiciou-lhe todos os instrumentos necessários para a sobrevivência: disciplina férrea, profundo senso de dever, instrução impagável pelo dinheiro, amor pela poesia e paixão pela alquimia.

Acariciei meu corpete, pensando na vida que crescia dentro de mim. Que instrumentos seriam necessários para que essa vida sobrevivesse no mundo?

Durante o trajeto de volta para casa a conversa girou em torno da alquimia. Matthew explicou que os cristais que Mary chocava como uma galinha eram minérios de ferro oxidado e que mais tarde ela teria que destilá-los num frasco para obter ácido sulfúrico. Sempre me interessei muito mais pelo aspecto simbólico do que pelo aspecto prático da alquimia, mas aquela tarde com a condessa de Pembroke me revelou quão intrigante podia ser a relação entre os dois aspectos.

Algum tempo depois eu sorvia uma tisana quente de hortelã e cidreira na segurança de Hart and Crown. Os elisabetanos tomavam chá, só que eram todos de ervas. Conversávamos sobre Mary quando reparei que Matthew estava sorrindo.

– Qual é a graça?

– Eu nunca tinha visto você assim – respondeu ele.

– Assim como?

– Tão animada... cheia de perguntas e de relatos do que fez e dos planos de vocês duas para a próxima semana.

– Adoro voltar a ser uma estudante – confessei. – No início foi difícil

não ter todas as respostas. Com o passar dos anos já tinha me esquecido de como é divertido não se ter nada além de perguntas.

– E aqui você se sente livre, ao contrário de como se sentia em Oxford. Segredo é um negócio solitário. – Os olhos de Matthew se mostraram solidários enquanto os dedos percorriam o meu queixo.

– Nunca fui solitária.

– Foi sim. E acho que continua sendo – disse ele baixinho.

Antes que pudesse elaborar uma réplica, ele me puxou e me levou em direção à parede perto da lareira. Pierre, que um momento antes não estava em lugar algum, apareceu à soleira da porta.

Em seguida soou uma batida. Os músculos do ombro de Matthew retesaram e uma adaga cintilou em sua coxa. Ele fez um meneio de cabeça e Pierre se dirigiu ao patamar e abriu a porta.

– Nós temos uma mensagem do padre Hubbard. – Dois vampiros estavam à porta, ambos vestidos em roupas muito caras para que fossem simples mensageiros. Ambos aparentavam uns 15 anos de idade. Até então não tinha visto um vampiro adolescente e achava que havia restrições em relação a isso.

– Mestre Roydon. – O mais alto empinou o nariz e perscrutou Matthew, com olhos azuis índigo. Os olhos se deslocaram de Matthew para mim e minha pele se arrepiou de frio. – Senhora. – A mão de Matthew apertou a adaga e Pierre se interpôs diretamente entre nós e a porta.

– Padre Hubbard quer ver o senhor – disse o vampiro menor, olhando com desdém para a arma na mão de Matthew. – Chegue lá quando o relógio marcar sete horas.

– Digam a Hubbard que estarei lá quando for conveniente – retrucou Matthew, com um toque de veneno.

– Não só o senhor – disse o garoto mais alto.

– Não tenho visto Kit – disse Matthew, com um toque de impaciência. –

Se ele se meteu em apuros, seu mestre sabe melhor do que eu onde procurá-lo, Corner. – O nome caía no garoto como uma luva. Sua constituição adolescente era toda de ângulos e pontas.

– Marlowe passou o dia inteiro com o padre Hubbard. – O tom de Corner gotejou de tédio.

– Verdade? – disse Matthew, com um olhar aguçado.

– Sim. Padre Hubbard quer a bruxa – disse o companheiro de Corner.

– Entendo. – A voz de Matthew soou com frieza. Seguiu-se uma mancha prateada escura e uma adaga polida que cravou no batente da porta bem ao lado do olho de Corner. Ele se aproximou dos dois vampiros, que involuntariamente deram um passo atrás. – Muito obrigado pela mensagem, Leonard. – Empurrou a porta com o pé.

Ele e Pierre se entreolharam longa e silenciosamente enquanto os vampiros adolescentes disparavam pela escada abaixo.

– Hancock e Gallowglass – ordenou Matthew.

– É pra já. – Pierre rodopiou para fora da sala e quase esbarrou na Françoise. Ela arrancou a adaga do batente da porta.

– Nós tivemos visitas – explicou ele antes que ela reclamasse do estado da madeira da porta.

– O que está havendo, Matthew? – perguntei.

– Eu e você nos encontraremos com um velho amigo meu. – A voz dele soou sinistra.

Olhei para a adaga a essa altura em cima da mesa.

– Esse seu velho amigo é um vampiro?

– Vinho, Françoise. – Ele pegou algumas folhas de papel, desarrumando a pilha que eu tinha arrumado com todo cuidado. Sufoquei um protesto quando pegou uma de minhas penas e escreveu com furiosa velocidade. Não olhava para mim desde as batidas na porta.

– Chegou sangue fresco do açougue. Talvez você devesse...

Matthew olhou para mim e apertou os lábios em uma linha fina.

Françoise serviu-lhe uma grande taça de vinho sem protestos. E depois ele entregou duas cartas para ela.

– Leve esta para o conde de Northumberland, na Russell House. Esta outra é para Raleigh. Vai encontrá-lo na Whitehall. – Françoise se retirou de imediato e ele se dirigiu à janela e ali ficou observando a rua. Estava com o cabelo embaraçado na alta gola de linho e tive um súbito impulso de endireitá-lo. Mas a rigidez dos ombros dele me alertou que o gesto não teria boa acolhida.

– Padre Hubbard? – Eu o fiz relembrar. Mas a mente de Matthew estava em outro lugar.

– Você vai acabar se matando – disse ele rispidamente, ainda de costas para mim. – Ysabeau bem que me avisou que você não tem instinto de sobrevivência. Quantas coisas assim precisam acontecer antes que você engendre outra?

– O que foi que eu fiz agora?

– Diana, você queria ser vista – disse ele, de novo com rispidez. – Pois bem, conseguiu.

– Pare de olhar pela janela. Estou cansada de conversar com suas costas – retruquei com toda calma, ainda que estivesse com vontade de esganá-lo. – Quem é esse padre Hubbard?

– Andrew Hubbard é um vampiro. Ele governa Londres.

– O que você quer dizer com governa Londres? Que todos os vampiros de Londres lhe devem obediência? – Segundo o que tinha ouvido de outras bruxas no século XXI, os vampiros de Londres eram conhecidos pela aliança de bando, pelos hábitos noturnos e pela lealdade de um com o outro. Os vampiros de Londres não eram tão extravagantes quanto os vampiros de Paris, Veneza e Istambul, ou tão sanguinários quanto os de Moscou, Nova York e Pequim, mas formavam um bando bem organizado.

– Não só os vampiros. As bruxas e os demônios também. – Matthew girou o corpo e me lançou um olhar gelado. – Andrew Hubbard é um ex-

padre com pouca instrução e apegado o bastante à teologia para causar problemas. Tornou-se vampiro quando a peste atacou Londres pela primeira vez. Por volta de 1349 já tinha dizimado quase metade da cidade. Hubbard sobreviveu à primeira onda da epidemia, cuidando dos doentes e enterrando os mortos, mas acabou sucumbindo.

– E foi salvo por alguém que o fez vampiro.

– Sim, se bem que nunca descobri quem foi. Mas existem muitas lendas e a maioria em torno de uma suposta ressurreição divina. O povo diz que Hubbard cavou um túmulo para si mesmo no cemitério da igreja quando soube que ia morrer e ficou lá dentro à espera de Deus. Algumas horas mais tarde ele se levantou do túmulo e caminhou entre os vivos.

Matthew fez uma pausa.

– Acho que desde então deixou de ser totalmente são – continuou. – Hubbard arrebanha almas perdidas. Havia muitas naquela época. Ele abrigava órfãos, viúvas e homens que haviam perdido a família inteira em uma única semana. E os que caíam doentes ele os fazia vampiros, rebatizando-os e assegurando que tivessem casa, comida e emprego. Considera-os como filhos.

– Até as bruxas e os demônios?

– Sim – disse Matthew em tom seco. – Acolhe-os num ritual de adoção nada parecido com o que Philippe realizou. Hubbard prova o sangue deles. Alega que isso revela o conteúdo da alma deles e que é uma prova de que Deus os entregou para ele.

– Isso também revela os segredos deles – comentei devagar.

Matthew balançou a cabeça afirmativamente. Não era de espantar que me quisesse distante do tal Hubbard. Se qualquer vampiro provasse o meu sangue, saberia do bebê – e saberia quem era o pai.

– Philippe e Hubbard chegaram a um acordo que isenta os De Clermont desses rituais e obrigações. Eu devia ter comunicado que você é minha esposa antes de nossa entrada na cidade.

– Mas optou por não fazer isso – eu disse com cautela, apertando as mãos. Era por isso então que Gallowglass tinha proposto que ficássemos em qualquer outro lugar que não fosse Water Lane. Philippe estava certo. Às vezes Matthew agia como um idiota... ou como o sujeito mais arrogante do mundo.

– Hubbard fica fora do meu caminho e eu fico fora do caminho dele. Também vai deixá-la em paz logo que souber que você é uma De Clermont. – Ele olhou alguma coisa na rua. – Graças a Deus. – Soaram passos pesados na escada e um minuto depois Gallowglass e Hancock estavam na sala de estar. – Vocês dois custaram para chegar.

– Olá para você também, Matthew – disse Gallowglass. – Quer dizer que finalmente Hubbard demandou uma audiência. E antes que sugira nem pense em aguçar o nariz dele deixando a titia aqui. Ela tem que ir, seja lá qual for o plano.

Matthew passou a mão no cabelo de trás para a frente, contrariando o movimento habitual.

– Que merda – disse Hancock enquanto assistia a esse movimento de dedos. Pelo que entendi, quando Matthew arrepiava o cabelo e o fazia parecer uma crista de galo isso significava que seu criativo poço de evasões e meias verdades estava seco. – Seu plano era evitar Hubbard. Você não tem outro plano. Nunca soubemos ao certo se você era o mais corajoso ou o mais tolo entre os De Clermont, mas acho que isso decide o dilema... e não a seu favor.

– Planejei levar Diana até Hubbard na segunda-feira.

– Depois de dez dias de estada dela na cidade – observou Gallowglass.

– Não há necessidade de correrias e Diana é uma De Clermont. Além do mais, não estamos na cidade – retrucou Matthew de pronto. Percebendo minha confusão, continuou. – Na realidade, Blackfriars não faz parte de Londres.

– Não me encontrarei de novo com Hubbard para negar e discutir a

geografia da cidade – disse Gallowglass, batendo as luvas na coxa. – Depois que chegamos em 1485 para ajudar os Lancaster, ele não concordou quando você argumentou isso com o objetivo de instalar a fraternidade na Torre e não será agora que vai concordar.

– É melhor não deixá-lo esperando – disse Hancock.

– Ainda temos muito tempo. – A voz de Matthew soou com uma ponta de desdém.

– Você nunca entendeu as marés, Matthew. Presumo que iremos pelo rio, já que você realmente acha que o Tâmisa também não faz parte da cidade. Neste caso, talvez seja tarde demais para nós. Vamos logo. – Gallowglass apontou o polegar na direção da porta.

Pierre, que estava à espera na porta, puxou um couro preto por cima das mãos. Já tinha trocado a habitual capa marrom por uma preta, de longe fora de moda. Um dispositivo de prata cobria-lhe o braço direito: uma cobra que circulava uma cruz com uma lua crescente no quadrante superior. Era a insígnia de Philippe que só se diferenciava da insígnia de Matthew pela ausência da estrela e da flor de lis.

Já com Gallowglass e Pierre vestidos identicamente, Françoise pôs uma capa igual nos ombros de Matthew. As pregas da capa varreram o solo e o fizeram parecer mais alto e mais imponente. A visão dos quatro reunidos era intimidadora, uma visão igual à que propiciou uma inspiração razoável para as narrativas humanas sobre sombrios vampiros sob capas.

Ao pé da Water Lane, Gallowglass observou os barcos disponíveis.

– Talvez a gente caiba naquele ali – disse, apontando para um longo barco a remo e soltando um forte assovio. O homem que estava perto do barco quis saber nosso destino e fez o vampiro ouvir um complicado roteiro para nossa rota, o qual incluía as muitas docas por onde passaríamos e quem iria remar. Gallowglass rosnou para o pobre homem que se encolheu ao lado da lamparina da proa e olhou por cima do ombro com nervosismo.

– Assustar cada barqueiro que encontramos não vai melhorar nossas relações com a vizinhança – comentei quando Matthew embarcou, apontando com os olhos para uma cervejaria próxima. Hancock me pegou sem a menor cerimônia e me entregou para o meu marido, que por sua vez me enlaçou com força nos braços quando o barco disparou pelo rio. Até o barqueiro se assustou com a velocidade.

– Não precisamos atrair a atenção dos outros, Gallowglass – disse Matthew em tom incisivo.

– Quer que aqueça sua mulher enquanto você rema? – Gallowglass balançou a cabeça em negativa ao ver que Matthew não respondia. – Achei que não.

O suave brilho dos lampiões da Ponte de Londres penetrava na escuridão à frente e o estalido do rápido movimento da água se tornava mais alto a cada remada de Gallowglass.

Matthew olhou ao longo da margem.

– Deixe o barco na Old Swan Stairs. Quero estar de volta a este barco e a caminho de casa antes de a maré vazar.

– Silêncio – sussurrou Hancock como uma ponta afiada. É melhor pegar Hubbard de surpresa. Se continuarem com essa barulheira, chegaremos a Cheapside ao som das trombetas e saudados por bandeirolas.

Gallowglass voltou-se para a popa e deu duas poderosas remadas com a mão esquerda. Algumas remadas mais e estávamos em terra firme – um conjunto de degraus ligados por pilares – onde éramos aguardados por alguns homens. O barqueiro acenou para que se afastassem e pulou para fora do barco logo que pôde.

Subimos até o nível da rua e seguimos silenciosamente ao longo de alamedas sinuosas, passando às pressas por entre casas e pequenos jardins. O movimento dos vampiros era ágil como o dos gatos. Já o meu movimento era inseguro e aos tropeções nas pedras soltas e com os pés enfiados nas poças. Finalmente, entramos em uma rua larga. Ecoavam

risos no final da rua e a luz se projetava das amplas janelas das casas. Esfreguei as mãos para espantar o frio. Talvez meu destino estivesse naquele lugar. Mas talvez não passasse de um simples encontro com Andrew Hubbard, no qual mostraríamos meu anel de casamento e depois voltaríamos para casa.

Matthew nos guiou até o outro lado da rua, onde nos deparamos com um cemitério de igreja cujos túmulos se encostavam uns nos outros, como se os mortos buscassem conforto uns nos outros. Pierre sacou um sólido aro de metal que servia de chaveiro e Gallowglass encaixou uma chave no cadeado da porta próxima à torre do sino. Atravessamos uma nave em ruínas e uma porta de madeira à esquerda do altar. Uma escada de pedra estreita espiralou na escuridão. A limitada visão de sangue-quente não me permitia manter o rumo enquanto entrávamos e saíamos de passagens estreitas e cruzávamos com recantos que cheiravam a vinho, mofo e detritos humanos. Essa experiência lembrava as histórias contadas pelos humanos para desencorajar os curiosos de se aventurarem pelos porões das igrejas e dos cemitérios.

Entramos em um labirinto de túneis e acomodações subterrâneas e depois em uma cripta mal-iluminada. Olhos vazados olharam de dentro de crânios empilhados num pequeno ossuário. Uma vibração no piso de pedra e um badalar abafado de sinos indicaram que em algum lugar por cima de nós os relógios marcavam sete horas. Matthew nos fez apressar os passos ao longo de outro túnel onde uma luz suave brilhava a distância.

Chegamos ao final do túnel e entramos numa adega que estocava os vinhos descarregados dos navios do Tâmisa. Alguns barris estavam encostados às paredes e o fresco odor de serragem competia com o odor de vinho envelhecido. Observei a fonte do odor de serragem: pilhas de caixões impecavelmente alinhados e arrumados em tamanhos que variavam entre o do corpo de Gallowglass e o de crianças pequenas. Nos cantos do recinto tremeluziam sombras e, ao centro, uma turba de criaturas realizava um

ritual.

– Meu sangue é seu sangue, padre Hubbard – disse um homem assustado. – Dou meu sangue de boa vontade para que o senhor conheça meu coração e me inclua em sua família. – Fez-se silêncio e logo ecoou um grito de dor. E depois a atmosfera se encheu de expectativa.

– Aceito seu presente e prometo protegê-lo como meu filho, James – respondeu uma voz rouca. – Em troca você me honrará como pai. Saúda seus irmãos e suas irmãs.

Minha pele registrou uma sensação gelada entre as manifestações efusivas.

– Você está atrasado. – A frase troou com um vozeirão que arrepiou os pelos da minha nuca. – E vejo que veio com uma comitiva.

– Isso não procede porque não tínhamos nada agendado. – Matthew me agarrou pelo cotovelo e ao mesmo tempo todos os olhares cutucavam, comichavam e gelavam a minha pele.

Soaram passos suaves em minha direção que em seguida circularam em torno de mim. Surgiu um homem alto e magro à minha frente. Olhei nos olhos dele sem vacilar, sabendo que para um vampiro isso era melhor que demonstrar medo. Hubbard tinha olhos fundos e encovados, com filamentos verdes, azuis e marrons que irradiavam da íris cor de ardósia.

O único ponto colorido no vampiro eram os olhos. Pois ele era sobrenaturalmente pálido, com cabelos outrora louros e agora grisalhos e cortados rente ao crânio, e tinha sobrancelhas e pestanas quase invisíveis e uma extensa tira horizontal de lábios que cortava um rosto bem barbeado. Um longo capote preto oscilava entre a toga do erudito e a toga do clérigo, acentuando-lhe a cadavérica constituição. Os ombros levemente curvados mostravam uma força inconfundível, mas o resto do corpo era praticamente esquelético.

Fez-se um borrão de movimento quando os dedos contundentes e poderosos do vampiro me tocaram no queixo e me fizeram inclinar a

cabeça para o lado. Na mesma fração de segundo a mão de Matthew o agarrou pelo punho.

O olhar gélido de Hubbard roçou na cicatriz do meu pescoço. Nunca desejei tanto que Françoise tivesse me vestido com o maior rufo que existia. Ele soltou uma rajada gelada de ar que cheirava a cinabre e abeto e, quando apertou a boca, as bordas dos lábios perderam a palidez do pêssego e se tornaram brancas.

– Nós temos um problema, mestre Roydon – disse.

– Nós temos muitos problemas, Hubbard. E o primeiro é que você está com as mãos em algo que me pertence. Se não retirá-las, este covil estará destruído antes de o sol nascer. O que virá depois fará com que cada demônio, humano, *wearh* e bruxa da cidade pensem que o final dos tempos chegou para todos. – A voz de Matthew vibrou com muita fúria.

As criaturas emergiram das sombras. E lá estava John Chandler, o boticário da Cripplegate, que cravou os olhos em mim com ar desafiador. Kit também estava lá, ao lado de outro demônio que deslizou o braço pela curva do cotovelo dele e foi discretamente repelido.

– Olá, Kit – disse Matthew em tom glacial. – Pensei que você já tivesse corrido para se esconder.

Hubbard, que ainda segurava meu queixo, puxou meu rosto para que o encarasse outra vez. Senti tanta raiva de Kit e do bruxo traidor que Hubbard balançou a cabeça em negativa.

– *Não deveis guardar ódio pelo vosso irmão em vosso coração* – murmurou e me soltou. E depois varreu o recinto com os olhos. – Deixem-nos a sós.

Matthew segurou o meu rosto e acariciou a pele do meu queixo, como se para apagar o cheiro de Hubbard.

– Vá com Gallowglass. Logo estarei com você.

– Ela fica – disse Hubbard.

Os músculos de Matthew se contraíram. Ele não costumava receber

ordens. Após uma considerável pausa, ordenou aos amigos e ao parente que esperassem lá fora. Hancock foi o único que não obedeceu prontamente.

– Seu pai diz que um sábio pode enxergar melhor do fundo de um poço do que do alto de uma montanha – sussurrou. – Tomara que ele esteja certo porque esta noite você nos meteu neste buraco. – Deu uma última olhada ao redor e seguiu Gallowglass e Pierre por uma abertura na parede. Uma porta pesada fechou-se atrás e fez-se silêncio.

Nós três estávamos tão próximos que eu ouvia o ar nos pulmões de Matthew. Pensei comigo se a peste tinha feito mais estragos em Hubbard além da loucura. Ele tinha uma pele que parecia mais de cera que de porcelana, como se ainda sofresse os efeitos tardios da doença.

– Devo lembrá-lo, *monsieur* De Clermont, que está aqui por conta do meu sofrimento. – Hubbard sentou-se na grande e solitária cadeira do recinto. – Embora você represente a Congregação, só permiti sua presença em Londres pelo pedido do seu pai. Mas você desprezou nossos costumes e fez sua mulher entrar na cidade sem apresentá-la a mim e ao meu rebanho. Sem mencionar os cavaleiros que o acompanham.

– A maioria dos cavaleiros que me acompanha vive nesta cidade há tanto tempo quanto você, Andrew. E quando você insistiu que se juntassem ao seu "rebanho" ou saíssem dos limites da cidade, eles se instalaram fora das muralhas. Segundo o acordo entre você e meu pai, os De Clermont não *levariam* a irmandade para dentro da cidade. E cumpri o acordo.

– E você acha que meus filhos ligam para essas sutilezas? Não viu os anéis que usavam e as insígnias que tinham nas capas? – Hubbard inclinou-se para a frente, com um olhar ameaçador. – Fui levado a crer que você estava a meio caminho da Escócia. Por que ainda está aqui?

– Talvez esteja pagando pouco aos seus informantes – retrucou Matthew. – Os fundos de Kit andam muito curtos.

– Não compro amor e lealdade, nem recorro à intimidação e ao tormento para obter o que quero. Christopher faz de bom grado tudo que peço a ele, como todo bom filho faz quando ama o pai.

– Kit tem muitos senhores para ser fiel a qualquer um deles.

– O mesmo não pode ser dito de você? – Depois de desafiar Matthew, Hubbard se voltou para mim e me cheirou de propósito. Soltou um murmúrio suave e melancólico. – Falemos agora do seu casamento. Para alguns dos meus filhos as relações entre uma bruxa e um *wearh* são abomináveis. Mas a Congregação, o acordo e os cavaleiros vingativos do seu pai também deixaram de ser bem-vindos em minha cidade. Tudo isso interfere na vontade de Deus de que tenhamos uma vida como família. Sem falar que sua mulher é uma tecelã do tempo – acrescentou. – Não aprovo os que tecem o tempo, pois tentam os homens e as mulheres com ideias de outros tempos.

– Ideias como optar pela liberdade de pensamento? – perguntei. – O que você teme...

– Depois. – Hubbard me interrompeu ainda com o foco em Matthew, como se eu fosse invisível. – Também há o problema de você estar se alimentando dela. – Desviou os olhos para a cicatriz que Matthew deixara no meu pescoço. – Quando as bruxas descobrirem isso, irão exigir um inquérito. Se sua mulher for considerada culpada por oferecer voluntariamente o próprio sangue para um vampiro, será exilada e banida de Londres. E se você for considerado culpado por se servir do sangue dela sem consentimento, será condenado à morte.

– É muito sentimento para uma só família – murmurei.

– Diana. – O tom de Matthew foi de advertência.

Hubbard encolheu os dedos e se voltou novamente para Matthew.

– E por fim, ela está grávida. O pai da criança está à procura dela?

Isso trouxe uma pausa para as minhas réplicas. Hubbard ainda não tinha desvendado o nosso maior segredo: Matthew era o pai do meu filho.

Lutei como uma louca contra o pânico. *Pense – e continue viva*. Talvez o conselho de Philippe nos tirasse daquela situação.

– Não – disse Matthew laconicamente.

– Então, o pai está morto... por causa natural ou por suas mãos – disse Hubbard, olhando longamente para Matthew. – Neste caso, o filho da bruxa terá que ser trazido para o meu rebanho quando nascer. E a mãe vai se tornar uma de minhas filhas, agora.

– Não – retrucou Matthew –, ela não vai se tornar sua filha.

– Quanto tempo acha que irão sobreviver fora de Londres quando o resto da Congregação souber dessas ofensas? – Hubbard balançou a cabeça em negativa. – Sua mulher estará segura aqui depois que se tornar um membro da família, e não haverá mais compartilhamento de sangue entre vocês.

– Você não vai submeter Diana a essa cerimônia pervertida. Se quiser pode dizer aos seus "filhos" que ela lhe pertence, mas não vai tirar uma só gota de sangue nem dela nem do bebê.

– Não minto para as almas que estão sob os meus cuidados. Por que isso, meu filho? Por que quando Deus põe um desafio à sua frente as únicas respostas que você tem são segredos e guerras? Isso só leva à destruição. – A garganta de Hubbard embargou de emoção. – Matthew, Deus reserva a salvação para os que acreditam em algo bem maior que eles mesmos.

Antes que Matthew pudesse replicar, segurei o braço dele para acalmá-lo.

– Com sua licença, padre Hubbard – interferi. – Se entendi direito, os De Clermont não estão isentos de sua governança?

– Exatamente, sra. Roydon. Mas *você* não é uma De Clermont. É apenas casada com um deles.

– Errado – retruquei, puxando a manga do meu marido. – Sou filha de sangue de Philippe de Clermont, e também esposa de Matthew. Sou duas

vezes De Clermont, e nem eu nem meu filho o honraremos como pai.

Andrew Hubbard foi pego de surpresa. Abençoei mentalmente a Philippe por sempre estar três passos à nossa frente, e finalmente os ombros de Matthew relaxaram. De novo, o pai dele garantia a nossa segurança, mesmo estando distante da França.

– Pode verificar, se quiser. Philippe marcou a minha testa, bem aqui – acrescentei, tocando no ponto entre as sobrancelhas onde estava o meu terceiro olho. A essa altura ainda estava desativado e sem maiores preocupações com os vampiros.

– Acredito em você, sra. Roydon – disse Hubbard por fim. – Ninguém cometeria a temeridade de mentir sobre esse assunto na casa de Deus.

– Sendo assim, talvez você possa me ajudar. Estou aqui em Londres em busca de ajuda para alguns aspectos delicados de magia e feitiçaria. Recomendaria alguém entre os seus filhos para essa tarefa? – Minha pergunta apagou o sorriso de Matthew.

– Diana – grunhiu ele.

– Meu pai ficará muito agradecido se puder me ajudar – continuei calmamente, ignorando Matthew.

– E que tipo de gratidão será essa? – Andrew Hubbard também era um príncipe renascentista e tinha interesse em se aproveitar de eventuais vantagens estratégicas.

– Primeiro, meu pai ficará muito agradecido quando souber que tivemos uma tranquila noite de Ano-Novo em nossa casa – respondi, olhando no fundo dos olhos dele. – E tudo o mais que contar para ele na próxima carta dependerá da bruxa ou do bruxo que será enviado para Hart and Crown.

Hubbard refletiu sobre o meu pedido.

– Falarei para os meus filhos de suas necessidades e decidiremos quem está mais apto a servi-la.

– Quem quer que ele envie será um espião – disse Matthew.

– Você também é um espião. – Frisei. – Estou cansada e quero ir para casa.

– Nosso assunto aqui está encerrado, Hubbard. Acredito que tanto Diana como todos os De Clermont estejam em Londres com sua aprovação. – Matthew se virou para sair, sem esperar pela resposta.

– Mesmo os De Clermont devem ter muito cuidado na cidade – gritou Hubbard às nossas costas. – Não se esqueça disso, sra. Roydon.

Gallowglass e Matthew trocaram cochichos no caminho de volta para casa, mas continuei calada. Recusei ajuda para sair do barco e subi para a Water Lane sem esperar por eles. Pierre me aguardava na passagem para Hart and Crown. Foi quando Matthew me pegou pelo cotovelo. Walter e Henry nos esperavam lá dentro. Levantaram-se rapidamente.

– Graças a Deus – disse Walter.

– Nós viemos tão logo soubemos que você precisava de nossa presença. George está de cama e não encontramos nem Kit nem Tom – explicou Henry, olhando agoniado ora para mim, ora para Matthew.

– Lamento tê-los chamado. Foi um alarme prematuro – disse Matthew, rodopiando a capa ao redor dos pés quando a tirou de cima dos ombros.

– Se diz respeito à ordem... – Walter começou a falar, com os olhos fixos na capa.

– Não diz respeito – assegurou Matthew.

– Diz respeito a *mim* – eu disse. – E é bom que entendam antes que apresentem outro esquema desastroso: o problema da bruxa é só meu. Matthew está sendo vigiado, e não por Andrew Hubbard.

– Ele já está acostumado com isso – disse Gallowglass, com rispidez. – Pague aos chefões e fique despreocupada, titia.

– Eu mesma tenho que encontrar meu próprio mestre, Matthew – continuei. Levei a mão ao ponto do corpete que cobria o alto do meu ventre. – Nenhuma bruxa irá partilhar segredo algum se um de vocês estiver envolvido. Cada pessoa que entra nesta casa ou é *wearh* ou filósofo

ou espião. Aos olhos dos meus, isso significa que qualquer um daqui poderia nos denunciar para as autoridades. Embora Berwick pareça distante, a verdade é que o pânico já se espalhou.

Matthew me lançou um olhar gelado, mas pelo menos estava me ouvindo.

– Claro que uma bruxa virá se vocês a chamarem aqui. Matthew Roydon sempre consegue o que quer. Mas o desempenho com esse tipo de ajuda não será diferente do obtido com a viúva Beaton. Não é disso que preciso.

– E muito menos com a ajuda de Hubbard – disse Hancock em tom azedo.

– Não temos muito tempo. – Fiz questão de relembrar para Matthew. Hubbard não sabia que meu marido era o pai do bebê, e Hancock e Gallowglass não tinham reparado nas mudanças em meu cheiro... até então. De todo modo, os eventos daquela noite evidenciavam a precariedade de nossa posição.

– Tudo bem, Diana. A bruxa ficará por sua conta. Mas sem mentiras – disse Matthew –, e muito menos segredos. Alguém desta casa deverá saber de todos os seus passos o tempo todo.

– Matthew, você não pode... – protestou Walter.

– Confio plenamente no julgamento de minha esposa. – Matthew o interrompeu com firmeza.

– Philippe sempre diz a mesma coisa em relação à vovó – murmurou Gallowglass entre dentes. – Um pouco antes de o inferno explodir.



– Se é assim que parece o inferno – murmurou Matthew uma semana depois do nosso encontro com Hubbard. – Gallowglass certamente ficará desapontado.

De fato, a garota de 14 anos que estava à frente na sala de estar não tinha nem fogo nem enxofre.

– Silêncio – eu disse, preocupada com a possível suscetibilidade de uma garota com aquela idade. – Padre Hubbard explicou a razão de você estar aqui, Annie?

– Sim, senhora – respondeu Annie, com ar miserável. Era difícil dizer se aquela palidez era uma cor natural ou um misto de medo e nutrição deficiente. – Estou aqui para servir a senhora e acompanhá-la em suas idas à cidade.

– Não, nosso acordo não foi esse – disse Matthew, com impaciência e batendo as botas que calçava no assoalho. Annie encolheu-se. – Você tem algum poder ou algum conhecimento sobre o que interessa ou isso não passa de uma piada de Hubbard?

– Eu tenho umas poucas habilidades. – Annie gaguejou, com os olhos azul-claros contrastando com a pele branca. – Mas preciso de um lugar e padre Hubbard disse...

– Ora, posso imaginar o que disse o padre Hubbard – bufou Matthew, com desprezo. Lancei-lhe um olhar de admoestação que o fez se assustar e se calar.

– Ela precisa de uma chance para se explicar – retruquei em tom cortante e depois abri um sorriso encorajador para a garota. – Continue,

Annie.

– Além de servi-la, padre Hubbard também disse que eu deveria levar a senhora até minha tia quando ela retornar para Londres. Ainda está ocupada com um parto e se recusa a partir enquanto a mulher precisar dela.

– Sua tia é parteira e bruxa? – perguntei amavelmente.

– Sim, senhora. Uma ótima parteira e uma bruxa poderosa – respondeu Annie, toda orgulhosa e empertigando a coluna. Com esse gesto as anáguas muito curtas deixaram os tornozelos desnudos da garota ao frio. Andrew Hubbard vestia os filhos com roupas quentes e bem-talhadas, mas não tinha a mesma consideração pelas filhas. Mal pude conter a irritação. Françoise teria que recorrer às agulhas novamente.

– E como entrou para a família do padre Hubbard?

– Mamãe não era uma mulher virtuosa – murmurou Annie, torcendo as mãos na capa fina. – Padre Hubbard me encontrou na cripta da Igreja de St. Anne, perto da Aldersgate, ao lado do corpo morto de mamãe. Titia era recém-casada e logo teve seus próprios bebês. Eu tinha seis anos de idade. O marido dela não quis que eu fosse criada com os filhos deles porque eu poderia corrompê-los com meus pecados.

Então, a adolescente Annie estava com Hubbard por mais da metade de sua vida. Era um pensamento assustador e a ideia de que uma criança de seis anos de idade pudesse corromper alguém estava para além da compreensão, mas a história não só explicava a miserável aparência como também o nome peculiar da garota: Annie Cripta.

– Vou lhe mostrar onde vai dormir enquanto Françoise pega alguma coisa para você comer. – Naquela manhã eu tinha ido ao terceiro andar e reservara para a bruxa uma pequena cama, um banco e um velho baú para que guardasse seus pertences. – Vou ajudá-la a carregar suas coisas.

– Senhora? – disse Annie confusa.

– Ela não trouxe uma única peça – comentou Françoise, com um olhar

desaprovador para o mais novo membro da casa.

– Não se preocupe. Logo terá os pertences dela. – Sorri para Annie, que parecia insegura.

Durante o fim de semana providenciei com a ajuda de Françoise que Annie estivesse adequadamente limpa, vestida e calçada, e aprendesse a matemática básica para que fizesse as pequenas compras para mim. Como teste a mandei ao boticário da vizinhança para comprar um centavo de penas e meia libra de cera de lacre (Philippe estava certo: Matthew gastava os suprimentos do escritório com uma velocidade alarmante), e ela retornou rapidamente e com o troco certo.

– Ele queria um xelim! – reclamou. – E essa cera nem é boa para velas, não é?

Pierre projetou luz sobre a garota e passou a fazer isso sempre que podia a fim de extrair um dos raros sorrisos dela. Ensinou-lhe como jogar cama de gato e no domingo se ofereceu para passear com ela quando Matthew jogou algumas indiretas porque queria ficar sozinho comigo por algumas horas.

– Ele... não vai se aproveitar dela? – perguntei quando Matthew desabotoou minha roupa predileta: um gibão de garoto sem mangas feito de lã preta. Eu o vestia com um conjunto de anáguas, saia e bata quando estava em casa.

– Pierre? Por Cristo, não. – Ele pareceu se divertir.

– É uma pergunta pertinente. – Mary Sidney não era muito mais velha quando se casou com um homem bem mais velho que ela.

– E lhe dei uma resposta verdadeira. Pierre não costuma ir para a cama com mocinhas. – Ele deteve as mãos depois de desabotoar o último botão. – Que surpresa agradável! Você não está usando o espartilho.

– Está me apertando muito, talvez seja por causa do bebê.

Matthew despiu o meu gibão, com murmúrios de apreciação.

– Com o bebê não serei incomodada por outros homens?

– Será que podemos deixar essa conversa para mais tarde? – disse ele exasperado. – Com esse frio todo eles não ficarão fora por muito tempo.

– Você é muito impaciente na cama – observei, deslizando os dedos pela gola da camisa dele.

– Verdade? – Ele arqueou suas aristocráticas sobrancelhas com ar de falsa descrença. – E eu que pensava que o problema era a minha admirável contenção.

Nas horas seguintes ele fez de tudo para demonstrar que tinha uma paciência ilimitada nos domingos de casa vazia. Quando os outros retornaram, ambos estávamos exaustos de prazer e incrivelmente bem-humorados.

Mas na segunda-feira tudo voltou ao normal. Matthew ficou perturbado e irritado logo que as primeiras cartas chegaram ao amanhecer, e enviou desculpas para a condessa de Pembroke quando se deu conta de que as obrigações dos seus muitos trabalhos não lhe permitiriam me acompanhar no almoço marcado para o meio-dia.

Mary ouviu sem surpresa quando lhe expliquei a razão da ausência de Matthew e piscou para Annie como uma coruja levemente curiosa, dispensando-a para a cozinha aos cuidados de Joan. Compartilhamos uma agradável refeição durante a qual Mary me deu relatos detalhados da vida privada de cada morador de Blackfriars. Depois do almoço nos retiramos para o laboratório dela, assistidas por Joan e Annie.

– E como vai seu marido, Diana? – perguntou a condessa enquanto arregaçava as mangas de olhos fixos no livro que tinha à frente.

– Saudável. – Respondi assim porque tinha aprendido que o termo era o equivalente elisabetano para "ótimo".

– Que ótima notícia. – Mary se virou e mexeu em algo que parecia nocivo e cheirava pior ainda. – Muitos dependem disso, suponho. A rainha confia nele mais que em qualquer outro homem do reino, exceto lorde Burghley.

– Eu gostaria que Matthew tivesse um humor mais estável. Nos últimos dias tem estado um tanto mercurial. Ora está possessivo, ora me ignora como se eu fosse uma peça da mobília.

– É assim que os homens tratam as propriedades deles. – Ela pegou um jarro de água.

– Eu não sou propriedade dele – retruquei peremptoriamente.

– O que você e eu sabemos, o que diz a lei e como Matthew se sente são três questões totalmente separadas.

– Mas não deviam ser – comentei ligeiramente, pronta para discutir o assunto. Mary me silenciou com um sorriso gentil e resignado.

– Nossa vida com nossos maridos é mais fácil que a das outras mulheres, Diana. Graças a Deus temos os livros e o prazer de poder saciar nossas paixões. A maioria não tem isso. – Ela deu uma última mexida no frasco e decantou o conteúdo em outro jarro de vidro.

Isso me fez pensar em Annie, cuja mãe falecera sozinha num porão de igreja e cuja tia não podia ficar com ela por causa dos preconceitos do marido, uma vida de desconforto e desesperança anunciados.

– Você ensina suas criadas a ler?

– Claro que sim – respondeu Mary prontamente. – Aprendem a ler, a escrever e a contar. São atributos que as tornam mais valiosas para um bom marido... que goste de ganhar dinheiro e também de gastar. – Acenou para Joan que a ajudou a tirar o frágil recipiente de substâncias químicas borbulhantes do fogo.

– Então, Annie também vai aprender. – Fiz um meneio de cabeça para a garota, que se escondeu nas sombras com a imagem fantasmagórica de um rosto pálido e cabelos louros prateados. A instrução aumentaria a confiança dela. Já estava com os passos mais determinados desde que negociara o preço da cera de lacre com *monsieur* de Laune.

– No futuro ela lhe agradecerá por isso – disse Mary, refletindo seriedade no rosto. – Nós mulheres não temos absolutamente nada, a não

ser o que está entre nossas orelhas. Primeiro, nossa virtude pertence ao nosso pai, e depois, ao nosso marido. Dedicamos nossos deveres à família. E ainda dividimos nossos pensamentos com todos, escrevemos e tricotamos; enfim, tudo o que fazemos pertence a outras pessoas. Quando Annie tiver suas próprias palavras e ideias terá algo que será sempre dela.

– Se você fosse homem, Mary... – eu disse, balançando a cabeça. A condessa de Pembroke promoveria a união de grande parte das criaturas, e sem discriminação de sexo.

– Se eu fosse homem estaria vistoriando minhas propriedades ou bajulando Sua Majestade, como Henry, ou então tratando de assuntos de Estado, como Matthew. Mas o fato é que estou com você aqui neste laboratório. Se colocarmos tudo isso na balança, talvez estejamos em melhor situação... se bem que às vezes somos postas em pedestais e outras vezes somos confundidas com banquinhos de cozinha. – Os olhos redondos de Mary cintilaram.

Soltei uma risada.

– Você deve estar certa.

– Se você passar um único dia na corte não terá mais dúvidas quanto a isso. Veja – disse Mary, voltando-se para o experimento. – Vamos aguardar enquanto a *prima materia* é exposta ao calor. Isso vai gerar a pedra filosofal se tudo correr bem. Vamos rever os próximos passos do processo e torcer para que a experiência dê certo.

Eu sempre perdia a noção de tempo quando havia manuscritos alquímicos por perto, de modo que me senti atordoada quando Matthew e Henry entraram no laboratório. Acabara de ter uma conversa profunda com Mary a respeito das imagens contidas na coleção de textos alquímicos que é conhecida como *Pretiosa Margarita Novella – Nova pérola de grande valor*. Será que já era fim de tarde?

– Não acredito que seja hora de ir embora. Ainda não. – Protestei. – Mary tem este manuscrito...

– Matthew já o conhece. Foi o irmão dele que me deu de presente. E agora que tem uma esposa instruída, talvez lamente por ter deixado isso acontecer – disse Mary sorrindo. – Há bebidas lá no solar. Já esperava ver os dois hoje aqui. – Ao ouvir isso Henry piscou em cumplicidade para Mary.

– É muita gentileza sua, Mary – disse Matthew, beijando-me na face. – Pelo visto vocês duas ainda não chegaram ao estágio do vinagre. Você ainda está com cheiro de vitríolo e magnésia.

Larguei o livro com relutância e fui me lavar enquanto Mary terminava as anotações sobre o dia de trabalho. Já estávamos todos reunidos no solar quando Henry não se conteve mais de excitação.

– Já está na hora, Mary? – perguntou para a condessa, remexendo-se na cadeira.

– Seu entusiasmo em dar presentes é igual ao do pequeno William – respondeu ela, com uma risada. – Eu e Henry temos um presente de Ano-Novo e de casamento para vocês.

Eu e Matthew, por outro lado, não tínhamos presentes para retribuir aos dois. Olhei para ele com desconforto por essa troca de mão única.

– Se nutre alguma esperança em tomar a frente de Mary e Henry em relação aos presentes, desejo-lhe sorte, Diana – comentou Matthew desconsolado.

– Que bobagem – disse Mary. – Matthew salvou a vida do meu irmão Philip e as propriedades do Henry. Nenhum presente é capaz de pagar dívidas como essas. Não estrague nosso prazer com esse palavrório. Presentes para recém-casados fazem parte da tradição, e é Ano-Novo. O que deu de presente para a rainha, Matthew?

– Depois que ela deu um outro relógio ao pobre rei Jaime para relembrá-lo de que devia esperar o momento certo com tranquilidade, pensei em dar uma ampulheta de cristal. Uma ampulheta seria um lembrete prático da relativa mortalidade dela – disse ele em tom seco.

Henry olhou horrorizado para ele.

– Não. Definitivamente, não.

– Foi um pensamento tolo em um momento de frustração. – Matthew garantiu para o amigo. – Claro, dei uma xícara com tampa para ela, como todos os outros.

– Não se esqueça do nosso presente, Henry – disse Mary, agora igualmente impaciente.

Henry sacou uma bolsinha de veludo e me entregou. Fiquei atrapalhada com as cordas que a fechavam e depois tirei de dentro um pesado medalhão de ouro com uma corrente também pesada e de ouro. A efígie era um trabalho de filigranas de ouro cravejado de rubis e diamantes e com a estrela e a lua de Matthew ao centro. Fiquei extasiada com o brilhante trabalho com flores e videiras em esmalte na outra face do medalhão. Abri o fecho à base do medalhão com todo cuidado e um retrato em miniatura de Matthew olhou para mim.

Coloquei a miniatura na palma da mão com todo carinho e a fiz inclinar em diversos ângulos. Matthew estava pintado tal como ficava quando trabalhava no estúdio em casa até tarde da noite. Com a camisa debruada de renda aberta à altura do pescoço, ele encarava o espectador com a sobrancelha direita arqueada no seu conhecido amálgama de seriedade e humor debochado. Os cabelos negros estavam penteados para trás da fronte de maneira tipicamente desordenada, e os longos dedos da mão esquerda seguravam um medalhão. Era uma imagem incrivelmente sincera e erótica para a época.

– Gostou? – perguntou Henry.

– Adorei – respondi sem tirar os olhos do meu novo tesouro.

– Isaac é mais... ousado que o próprio mestre no trabalho que faz, e quando lhe disse que era um presente de casamento ele me convenceu de que esse medalhão seria um lembrete de um segredo especial para a esposa que só revelaria o homem privado e não o público. – Mary olhou por cima

do meu ombro. – A semelhança está boa, mas mestre Hilliard precisa aprender a capturar melhor o queixo das pessoas.

– Ele é perfeito e o guardarei para sempre.

– Este é para você – disse Henry, estendendo uma bolsinha idêntica para Matthew. – Hilliard achou que você poderia exibi-lo para os outros e também na corte, portanto é mais... digamos, circunspecto.

– Este é o medalhão que Matthew está segurando na minha miniatura? – perguntei, apontando para uma singular pedra leitosa emoldurada de ouro.

– Acredito que sim – disse Matthew baixinho. – É uma pedra da lua, Henry?

– Um antigo espécime – disse Henry, com orgulho. – Estava em meio às minhas preciosidades e queria que você a tivesse. Como deve ter percebido, o entalhe é da deusa Diana.

A miniatura por dentro do medalhão era mais respeitável, embora surpreendente na informalidade. Nela, eu estava com um vestido vermelho debruado de veludo negro. Um rufo delicado emoldurava-me o rosto, sem encobrir as pérolas brilhantes ao pescoço. O arranjo do cabelo sugeria que era um presente íntimo, apropriado para um homem recém-casado. Fluía livre por sobre os ombros e as costas em uma cascata de cachos vermelho-dourados.

– O fundo azul acentua os olhos de Diana. E a boca de tão real parece viva. – Matthew também ficou fascinado com o presente.

– Já tenho uma moldura pronta. – Mary acenou para Joan. – Para exibi-los quando não estiverem sendo usados. – A moldura era na verdade uma caixa com dois nichos ovais alinhados no veludo negro. As duas miniaturas encaixaram-se à perfeição no interior dos nichos, gerando o efeito de um par de retratos.

– Foi muito gentil da parte de Mary e Henry nos dar um presente como esse – disse Matthew quando retornávamos para Hart and Crown.

Enlaçou-me pelas costas e pôs a mão na minha barriga. – Nem tive tempo de tirar uma foto sua. Nunca imaginei que a primeira reprodução que teria de você seria feita por Nicholas Hilliard.

– Os retratos são maravilhosos – disse, cobrindo-lhe a mão com a minha.

– Mas...? – Matthew recuou e curvou a cabeça.

– As miniaturas de Nicholas Hilliard serão muito disputadas, Matthew. Essas não vão desaparecer quando formos embora. E são tão bonitas que não teria coragem de destruí-las antes de partirmos. – O tempo era como o rufo de minha roupa: começava como um tecido liso, plano e bem urdido. E depois era enrolado e cortado de maneira a se dobrar sobre si mesmo. – Continuamos mexendo no passado de modo a deixar manchas no presente.

– Talvez seja exatamente isso que devemos fazer – retrucou Matthew. – Talvez o futuro dependa disso.

– Não vejo como.

– Não agora. Mas talvez um dia a gente olhe para trás e descubra que essas miniaturas é que fizeram toda a diferença. – Ele sorriu.

– Imagine então o que significaria encontrar o Ashmole 782. – Olhei para ele. A lembrança dos livros de alquimia ilustrados de Mary trouxe à minha mente o misterioso volume e a frustrada tentativa de encontrá-lo. – George não conseguiu encontrá-lo em Oxford, mas talvez esteja em algum lugar na Inglaterra. Ashmole adquiriu nosso manuscrito de alguém. Em vez de o procurarmos, talvez seja melhor procurar quem o vendeu para ele.

– O tráfego de manuscritos é constante nos dias de hoje. O Ashmole 782 pode estar em qualquer lugar.

– Ou pode estar bem aqui – insisti.

– Talvez você esteja certa – disse ele. Mas eu podia jurar que estava com a mente voltada para os problemas imediatos e não para o nosso manuscrito perdido. – Pedirei a George que faça mais investigações entre

os livreiros.

Contudo, na manhã seguinte todos os planos em relação ao Ashmole 782 voaram pelos ares quando chegou um bilhete da tia de Annie, a próspera parteira. Ela estava de volta a Londres.

– A bruxa não virá à casa de um notório *wearh* e espião – comentou Matthew ao ler o conteúdo do bilhete. – O marido dela faz objeção a isso, temendo que possa arruinar a reputação dele. Nós iremos à casa dela. Fica perto da Igreja de St. James, na Garlic Hill. – Como não respondi, fez uma careta e continuou. – Fica do outro lado da cidade, pertinho do covil de Andrew Hubbard.

– Você é um vampiro. – Eu o fiz lembrar. – Ela é uma bruxa. Não devemos nos misturar. O marido da bruxa está certo em ser cauteloso.

Por via das dúvidas, Matthew acompanhou a mim e a Annie na travessia da cidade. A área que circundava a Igreja de St. James era mais próspera que Blackfriars, com ruas espaçosas e bem conservadas, residências grandes, lojas movimentadas e um cemitério bem organizado. Annie nos conduziu por uma alameda do outro lado da igreja. Era uma alameda escura, porém limpa e arrumada.

– Ali, mestre Roydon – disse a garota, desviando a atenção de Matthew para uma placa que estampava um moinho de vento. Ela seguiu à frente com Pierre para avisar aos moradores da casa que estávamos chegando.

– Você não precisa ficar – disse para Matthew. A visita já seria suficientemente enervante sem ele pairando e brilhando por perto.

– Não vou a lugar algum – retrucou ele, com uma cara séria.

Fomos recebidos na porta por uma mulher de rosto redondo, nariz arrebitado, queixo delicado, olhos castanhos e fartos cabelos também castanhos. Parecia serena, mas os olhos piscavam de irritação. Já tinha impedido a entrada de Pierre na casa. Só tinha admitido isso para Annie e mostrava desânimo pelo impasse em um dos lados da porta.

Também fiquei paralisada, boquiaberta e surpreendida. A tia de Annie

era a cara de Sophie Norman, a jovem demônia de quem nos despedimos na casa das Bishop, em Madison.

– *Dieu* – murmurou Matthew, olhando admirado em minha direção.

– Minha tia, Susanna Norman – sussurrou Annie, perturbada com nossa reação. – Ela disse...

– Susanna *Norman*? – repeti sem tirar os olhos do rosto dela. O sobrenome e a semelhança com Sophie não podiam ser uma coincidência.

– Exatamente como disse minha sobrinha. Parece abalada, sra. Roydon – disse a sra. Norman. – E você não é bem-vindo aqui, *wearh*.

– Sra. Norman – disse Matthew, com uma reverência.

– O senhor não leu meu recado? Que meu marido não quer me ver com o senhor? – Dois garotos dispararam porta afora. – Jeffrey! John!

– É ele? – perguntou o garoto mais velho. Observou Matthew com interesse e depois se voltou para mim. Ele tinha poder. Ainda estava à beira da adolescência, mas isso era sentido no crepitar da magia indisciplinada que o rodeava.

– Jeffrey, use os talentos que Deus lhe deu e não faça perguntas tolas. – A bruxa me olhou, como se para me avaliar. – Sem dúvida alguma a senhora chamou a atenção do padre Hubbard. Muito bem, entre. – Susanna ergueu a mão quando fizemos menção de entrar. – Você não, *wearh*. Meu assunto é com sua esposa. A Golden Gosling tem um vinho satisfatório, caso o senhor esteja determinado a ficar por perto. Mas seria melhor para todos se o senhor mandasse seu homem de volta à casa da sra. Roydon.

– Obrigado pelo conselho, senhora. Estou certo de que vou encontrar algo satisfatório na taberna. Pierre vai esperar no pátio. Ele não se importa com o frio. – Matthew sorriu, olhando-a com um ar malvado.

Susanna se mostrou azeda e, inteligentemente, girou o corpo.

– Entre, Jeffrey. – Chamou por cima do ombro. Jeffrey acenou para o irmão, olhou com interesse para Matthew outra vez e entrou. – Quando

estiver pronta, sra. Roydon.

– Não consigo acreditar – sussurrei tão logo os Norman saíram de vista. – Ela deve ser uma antepassada de Sophie.

– Sophie deve descender de Jeffrey ou de John. – Matthew segurou o queixo pensativo. – Um desses garotos é o elo perdido na corrente de circunstâncias que vai de Kit e da peça de xadrez de prata à família Norman e à Carolina do Norte.

– Não resta dúvida de que o futuro está se encarregando de si mesmo – comentei.

– Exatamente como pensei. Quanto ao aqui e agora, Pierre ficará e estarei por perto. – As linhas tênues ao redor dos olhos de Matthew se aprofundaram. Na maior parte das vezes ele se mantinha a uns quinze centímetros de mim.

– Não sei ao certo quanto tempo isso vai levar – disse, apertando-lhe o braço.

– Não importa. – Ele me tranquilizou e me beijou nos lábios. – Fique o tempo que for necessário.

Lá dentro, Annie pegou a minha capa apressada e retornou à lareira, onde se curvou por sobre alguma coisa no fogo.

– Tome cuidado, Annie – disse Susanna preocupada. A garota levantou com todo cuidado uma panela de um suporte de metal que estava ao fogo. – A filha da viúva Hackett precisa dessa poção para dormir e os ingredientes são caros.

– Não consigo apreendê-la, mamãe – disse Jeffrey, olhando para mim. Tinha uns olhos desconcertantemente sábios para um garoto.

– Nem eu, Jeffrey, nem eu. Mas talvez seja por isso que ela esteja aqui. Leve seu irmão para o outro cômodo. E fiquem quietos. Seu pai está dormindo e precisa dormir.

– Sim, mamãe. – Jeffrey tirou dois soldadinhos de madeira e um navio de brinquedo de cima de uma mesa. – Desta vez deixarei que seja Walter

Raleigh para que você possa vencer a batalha. – Prometeu ao irmão.

Depois, fez-se silêncio enquanto Susanna e Annie olhavam fixamente para mim. As pequenas pulsações do poder de Annie já me eram familiares. Mas ainda não estava preparada para a contínua corrente investigativa de Susanna em minha direção. Meu terceiro olho se abriu. Finalmente, alguém despertava minha curiosidade de bruxa.

– Isso é incômodo – comentei, virando a cabeça para quebrar a intensidade do olhar de Susanna.

– E é para ser assim mesmo – retrucou ela, com calma. – Por que precisa de minha ajuda, senhora?

– Fui enfeitiçada. Mas não é o que você pensa – disse ao ver que Annie se afastava de mim. – Meus pais eram bruxos, mas nem um nem outro entendiam a natureza dos meus dons. Não queriam que nada de mau me acontecesse e por isso me amarraram magicamente. Acontece que as amarras se afrouxaram e estão acontecendo coisas estranhas.

– Como estranhas? – perguntou Susanna, apontando uma cadeira para Annie.

– Já atraí água de bruxa algumas vezes, mas não recentemente. Às vezes vejo cores ao redor das pessoas, mas nem sempre. E um marmelo murchou com meu toque. – Preferi não mencionar meus feitos mágicos mais espetaculares. Também não mencionei os estranhos fios azuis e âmbares nos cantos, nem a escrita que começou a escapar dos livros de Matthew, nem os animais que saíram dos sapatos de Mary Sidney.

– Sua mãe ou seu pai eram bruxos criadores de água? – perguntou Susanna, tentando encontrar sentido na minha história.

– Não sei – respondi honestamente. – Eu ainda era criança quando eles morreram.

– Talvez você seja mais adequada para a arte. Não é fácil lidar com a dura magia da água e do fogo, embora muitos a desejem – disse Susanna, com uma pitada de piedade.

Se de um lado tia Sarah achava que as bruxas que lidavam com a magia elemental eram diletantes, do outro lado Susanna tendia a considerar os feitiços como uma forma menor do conhecimento mágico. Sufoquei um suspiro perante esses preconceitos bizarros. Afinal, não éramos todas nós bruxas?

– Minha tia não foi capaz de me ensinar muitos feitiços. Às vezes consigo acender uma vela. Também consigo atrair objetos para mim.

– Mas você é uma mulher adulta! – disse Susanna, com as mãos nos quadris. – Até mesmo Annie, que está com 14 anos, tem mais habilidades que essas. Você consegue criar filtros de plantas?

– Não. – Sarah tentara me ensinar a fazer poções, mas declinei.

– Você é curandeira?

– Não. – Comecei a entender o abatimento de Annie.

Susanna suspirou.

– Não sei por que Andrew Hubbard quer minha assistência. Já tenho muito trabalho com minhas pacientes, afora um marido doente e dois filhos pequenos. – Ela puxou uma tigela de uma estante e um ovo amarronzado de um oveiro perto da janela. Pôs os dois em cima da mesa à minha frente e puxou uma cadeira. – Sente-se e ponha as mãos debaixo das pernas.

Fascinada, fiz o que me pediu.

– Vou com Annie até a casa da viúva Hackett. Enquanto estivermos fora tente transferir o conteúdo do ovo para dentro da tigela, sem usar as mãos. Isso requer dois feitiços: um feitiço de movimento e um simples encantamento de abertura. Meu filho John, que tem oito anos de idade, já faz isso sem precisar pensar.

– Mas...

– Se o ovo não estiver dentro da tigela quando voltarmos, ninguém poderá ajudá-la, sra. Roydon. Talvez seus pais estivessem certos quando a amarraram magicamente, caso seu poder seja fraco a ponto de não poder

quebrar um ovo.

Annie me olhou, como se pedindo desculpas, e ergueu a panela. Susanna tampou a panela.

– Vamos, Annie.

Sentada sozinha na sala de estar dos Norman, olhei para o ovo e para a tigela.

– Que pesadelo – sussurrei, torcendo para que os garotos não estivessem por perto para ouvir.

Respirei fundo e reuni toda a energia que tinha. Conhecia as palavras dos dois feitiços e desejei que o ovo se movesse – desejei desesperadamente. Relembrei para mim mesma que magia nada mais era que um desejo tornado real.

Concentrei meus desejos no ovo. Ele deu uma balançadinha em cima da mesa e parou. Repeti o feitiço silenciosamente. Vezes e vezes e vezes.

Alguns minutos depois, o único resultado dos meus esforços era uma nata fina de suor na minha testa. Tudo o que precisava fazer era erguer o ovo e quebrá-lo dentro da tigela. E não tinha conseguido.

– Desculpe – murmurei para minha barriga lisa. – Com um pouco de sorte você herdará a força do seu pai. – Meu estômago revirou. Nervosismo e rápida mudança hormonal são medonhos para a digestão.

Será que as galinhas tinham enjoos matinais? Curvei a cabeça e fixei os olhos no ovo. Uma pobre galinha tivera um ovo – um pintinho – roubado para alimentar a família Norman. Fiquei ainda mais nauseada. Talvez devesse considerar a possibilidade de me tornar vegetariana, pelo menos durante a gravidez.

Mas me consolei com a ideia de que talvez não houvesse um pintinho dentro do ovo. Afinal, nem todo ovo é fertilizado. Meu terceiro olho se estendeu por debaixo da casca, atravessou as grossas camadas de albumina e chegou à gema. Traços de vida percorriam as tênues linhas vermelhas à superfície da gema.

– Fértil. – Suspirei e me remexi em cima das mãos. Sarah e Em tinham tido um galinheiro durante algum tempo. As galinhas levavam três semanas para chocar um ovo. Três semanas de cuidado e calor para aparecer um pintinho. Não me pareceu justo esperar alguns meses para que nosso bebê viesse à luz do dia.

Cuidado e calor. Coisas tão simples que garantiam uma vida. O que Matthew tinha dito? *As crianças só precisam de amor, de adultos que se responsabilizem por elas e de um lugar macio para aportar*. O mesmo valia para os pintinhos. Imaginei qual seria a sensação de estar sob as asas quentinhas da mamãe galinha, resguardado em segurança de contusões e ferimentos. Será que nosso bebê se sentia assim ao flutuar nas profundezas do meu útero? E se não se sentisse assim? Haveria um feitiço para isso? Será que a manta da responsabilidade poderia envolver o bebê de cuidado, calor e amor, com delicadeza suficiente para mantê-lo em segurança e livre?

– Esse é o meu verdadeiro desejo – sussurrei.

Piu.

Olhei ao redor. Havia muitas casas com galinhas que chocavam perto da lareira.

Piu. O piado vinha do ovo em cima da mesa. Seguiu-se um estalo e depois, um bico. Um par de olhos negros e assustados piscou de uma cabeça emplumada e molhada para mim.

Ouvi alguém ofegando atrás de mim. Girei a cabeça. Annie tapava a boca com a mão e olhava fixamente para o pintinho em cima da mesa.

– Tia Susanna – disse, tirando a mão da boca. – Isso é...? – Ela não completou a pergunta e apontou para mim sem palavras.

– Sim. Isso é o *glaem* que sobrou do novo feitiço da sra. Roydon. Agora vá. Vá buscar Goody Alsop. – Susanna girou o corpo da sobrinha e despachou-a.

– Não consegui colocar o ovo dentro da tigela, sra. Norman. –

Desculpei-me. – Os feitiços não funcionaram.

O pintinho molhado começou a soltar pios indignados um atrás do outro.

– Não funcionaram? Começo a achar que você não faz ideia do que é ser uma bruxa – disse Susanna, com ar incrédulo.

Comecei a achar que ela estava certa.



Naquela noite de terça-feira, Phoebe achou que as salas da Sotheby's, na Bond Street, eram inquietantes demais. Fazia três semanas que estava trabalhando na casa de leilões, mas ainda não tinha se acostumado com o prédio. Cada ruído a fazia dar um pulo – o zumbido das lâmpadas no teto, o guarda de segurança que forçava as portas para ver se estavam trancadas, a risada que soava de uma televisão ao longe.

Na condição de júnior do departamento, Phoebe tinha que esperar a chegada do dr. Whitmore atrás de uma porta trancada. Sylvia, a supervisora, fora bem clara ao dizer que precisava de alguém para assessorá-lo depois do expediente. Phoebe suspeitara da irregularidade dessa requisição, mas fazia pouco tempo que trabalhava ali e não podia se dar ao luxo de um protesto veemente.

– Claro que você vai ficar. Ele estará aqui por volta das dezenove horas – disse Sylvia em tom suave, dedilhando o colar de pérolas no pescoço antes de pegar as entradas para o balé em cima da mesa. – Além do mais, você não deve ter compromisso algum, não é?

Sylvia estava certa. Phoebe não tinha compromisso algum.

– Mas quem é ele? – perguntou Phoebe. Uma pergunta perfeitamente cabível, mas Sylvia pareceu afrontada.

– Ele é de Oxford; é um cliente importante desta firma. Isso é tudo que você precisa saber – respondeu Sylvia. – A Sotheby's prima pelo confidencial, ou se esqueceu dessa parte do treinamento?

E agora Phoebe ainda estava à mesa. Ainda estava à espera e já tinha passado muito das dezenove horas. Para passar o tempo escarafunchou os

arquivos a fim de descobrir algo mais sobre o homem. Não lhe agradava conhecer alguém sem ter o máximo possível de informações a respeito da pessoa. Se Sylvia achava que o nome e uma vaga ideia das credenciais dele eram tudo o que precisava saber, Phoebe pensava diferente. Aprendera com a mãe que informações pessoais tornavam-se armas poderosas em confrontos com os outros em coquetéis e jantares formais. Mas ela não achou o tal Whitmore nos arquivos da Sotheby's, o número de registro do cliente levava a um cartão que estava dentro de um arquivo trancado com os dizeres "*Família De Clermont – informe com o presidente*".

Faltavam cinco para as nove quando ela ouviu a voz de um homem do outro lado da porta. Era uma voz rude, embora estranhamente musical.

– Ysabeau, é a terceira caça maluca que você me obriga a fazer nos últimos dias. Por favor, tente não se esquecer de que tenho coisas a fazer. Da próxima vez encarregue Alain disso. – Fez-se uma pequena pausa. – Você acha que não sou ocupado? Posso lhe telefonar depois da visita. – O homem soltou uma imprecação abafada. – Peça a sua intuição que dê um tempo, pelo amor de Deus.

Parecia um sotaque estrangeiro: meio americano e meio inglês, com alguns traços afiados que indicavam que não eram as únicas línguas conhecidas por ele. O pai de Phoebe trabalhara no serviço diplomático da rainha e também tinha uma voz ambígua porque vivia viajando.

O toque da campainha também soou assustador e deixou-a arrepiada, se bem que já estava à espera disso. Phoebe afastou a cadeira para trás e atravessou a sala. Estava com sapatos pretos de salto alto que tinham custado uma fortuna, se bem que a deixavam mais alta, pensou consigo, e lhe davam um ar de autoridade. Era um truque que aprendera com Sylvia quando chegou para a primeira entrevista com sapatos baixos e batidos. Depois disso, jurou que nunca mais seria uma "*petite* adorável".

Pelo olho mágico viu uma testa lisa, cabelos louros desalinhados e dois olhos azuis brilhantes. Claro que não era o dr. Whitmore.

Uma súbita batida à porta deixou Phoebe assustada. Fosse quem fosse, aquele homem era um mal-educado. Irritada, ela apertou o botão do interfone.

– Sim? – disse com impaciência.

– Marcus Whitmore está aqui para ver a sra. Thorpe.

Ela olhou pelo olho mágico novamente. Impossível. Um jovem como aquele teria chamado atenção de Sylvia.

– Posso ver a sua identificação? – disse com frieza.

– Onde está a Sylvia? – Os olhos azuis se estreitaram.

– No balé. *Coppélia*, se não me engano. – Sylvia ganhava as melhores entradas, uma extravagância justificada como despesa de trabalho de casa. O homem do outro lado da porta levou um cartão ao olho mágico abruptamente.

Phoebe recuou.

– O senhor poderia fazer a gentileza de se afastar um pouco? Não consigo enxergar nessa distância.

Ele afastou o cartão alguns centímetros da porta.

– Na realidade, senhorita...?

– Taylor.

– Srta. Taylor, eu estou com pressa. – O cartão saiu de vista e no seu lugar surgiram os olhos azuis. Surpreendida, Phoebe recuou novamente, mas não sem antes ler o nome no cartão e o vínculo que tinha com uma pesquisa científica de Oxford.

Era o dr. Whitmore. Que negócios um cientista teria com a Sotheby's? Ela apertou o botão que destravava a porta.

Soou um clique e Whitmore entrou na sala. Suas roupas eram mais apropriadas para uma boate do Soho: jeans pretos, camiseta cinza vintage do U2 e um ridículo par de tênis de cano alto (também cinza). Usava um cordão de couro no pescoço e um punhado de badulaques baratos e de procedência duvidosa dependurados no corpo. Phoebe endireitou a bainha

da blusa impecavelmente branca e olhou para ele irritada.

– Obrigado – disse Whitmore, aproximando-se dela um pouco além do permitido em sociedades civilizadas. – Sylvia deixou um pacote para mim.

– Queira fazer o favor de sentar-se, dr. Whitmore. – Ela apontou para a cadeira em frente à escrivaninha.

Os olhos azuis se estenderam até a cadeira e depois até ela.

– É preciso? Não vou demorar. Só estou aqui para me assegurar de que minha avó não está vendo zebras onde só há cavalos.

– Com licença. – Ela deu alguns passos até a escrivaninha. Havia um alarme de segurança embaixo de uma gaveta. Poderia apertá-lo se ele agisse mal.

– O pacote. – Ele não tirava os olhos dela. Havia uma centelha de interesse nesse olhar. Ela reconheceu isso e cruzou os braços a fim de desviá-lo. Ele apontou para uma caixa acolchoada em cima da escrivaninha, agora sem se dar ao trabalho de olhá-la. – Acho que é aquilo ali.

– Por favor, sente-se, dr. Whitmore. Já está tarde, estou cansada e o senhor precisa preencher uma papelada antes de examinar qualquer coisa que Sylvia tenha reservado. – Phoebe massageou a nuca. Já estava dolorida de tanto que levantava a cabeça para olhar para ele. As narinas dele se abriram levemente e as pálpebras caíram. Ela reparou que seus cílios eram mais escuros que os cabelos louros, e mais longos e espessos que os dela. Qualquer mulher mataria por cílios como aqueles.

– Eu realmente acho que seria melhor se você me entregasse a caixa e me deixasse tomar o meu rumo, srta. Taylor. – O tom rude suavizou até se converter em aviso, embora ela não tenha entendido a razão. O que ele faria? Roubaria a caixa? Ela voltou a considerar a possibilidade de acionar o alarme, mas pensou melhor. Sylvia ficaria furiosa se chamasse os seguranças e ofendesse um cliente.

Phoebe então foi à escrivaninha, pegou um papel e uma caneta e os

entregou para ele.

– Ótimo. Se prefere assim, dr. Whitmore, saiba que é um prazer atendê-lo de pé, embora seja muito mais desconfortável.

– Essa é a melhor oferta que recebo em muito tempo. – A boca de Whitmore se contraiu. – Mas se vamos proceder de acordo com Hoyle, acho melhor você me chamar de Marcus.

– Hoyle? – Phoebe ruborizou e se empertigou. Ele não a levava a sério. – Acho que ele não trabalha aqui.

– E certamente espero que não. – Ele rabiscou uma assinatura. – Edmond Hoyle está morto desde 1769.

– É que praticamente acabei de entrar para a Sotheby's. O senhor terá que me perdoar por não entender a referência. – Ela fungou. Estava de novo distante do botão oculto na escrivaninha para acioná-lo. Já começava a desconfiar de que Whitmore era doido, mesmo que não fosse ladrão.

– Eis sua caneta – disse Marcus polidamente – e seu formulário. Viu? – Chegou mais perto dela. – Fiz exatamente o que você me pediu. Sou muito bem-comportado. Meu pai se encarregou disso.

Ao pegar a caneta e o papel, Phoebe esbarrou os dedos no dorso da mão de Whitmore e estremeceu com o toque gelado daquela mão. O pesado sinete de ouro no dedo mindinho não lhe passou despercebido. Parecia um sinete medieval, mas ninguém andaria por Londres com um anel tão raro e valioso no dedo. Só podia ser um anel falso, embora uma excelente falsificação.

Ela examinou o formulário enquanto retornava à escrivaninha. Parecia tudo em ordem e, se aquele homem fosse algum criminoso, o que não a surpreenderia nem um pouco, pelo menos não seria acusada de ter quebrado as regras. Ergueu a tampa da caixa a fim de submetê-la ao exame do estranho dr. Whitmore. Depois disso, iria para casa.

– Oh! – exclamou ela, como se pega de surpresa. Esperara ver um fabuloso colar de diamantes ou um conjunto vitoriano de esmeraldas em

intricadas filigranas de ouro... algo que a avó adoraria.

Em vez disso a caixa continha duas miniaturas ovais dispostas em nichos que encaixavam as bordas das miniaturas, protegendo-as de danos. Uma das miniaturas retratava uma mulher de longos cabelos ruivos em tons dourados. Um generoso rufo em forma de coração emoldurava-lhe o rosto. Seus olhos azul-claros olhavam para o espectador com uma segurança serena, e seus lábios se curvavam com um delicado sorriso. Um azul vibrante fazia o fundo habitual à obra do pintor elisabetano, Nicholas Hilliard. A outra miniatura retratava um homem com incríveis cabelos negros puxados para trás da fronte. A barba e o bigode ralos o faziam parecer mais jovem do que os olhos negros sugeriam, e a camisa de linho branco aberta ao pescoço desvelava uma pele tão leitosa quanto o tecido. Os dedos longos seguravam uma joia presa a uma grossa corrente. Labaredas douradas ardiam e retorciam por trás do homem, como um símbolo de paixão.

Um hálito suave roçou na orelha de Phoebe.

– Santo Cristo! – Whitmore pareceu ter visto um fantasma.

– Essas miniaturas não são lindas? Acho que acabaram de chegar. Foram encontradas atrás de um baú de prata por um velho casal de Shropshire que procurava um lugar para guardar algumas peças novas. Sylvia acha que alcançarão um bom preço.

– Ora, sem dúvida nenhuma. – Marcus apertou uma tecla do celular.

– *Oui*? – Soou uma voz em francês imponente do outro lado da linha. Esse era o problema dos celulares, pensou Phoebe. Todo mundo grita ao falar neles e acaba-se escutando conversas privadas.

– *Grand-mère*, você estava certa a respeito das miniaturas.

Um ruído de satisfação ecoou ao telefone.

– Agora já conto com sua total atenção, Marcus?

– Não. E agradeça a Deus por isso. Minha total atenção não é boa para ninguém. – Whitmore olhou para Phoebe, com um sorriso. Era um homem

charmoso, ela admitiu com relutância. – Mas me dê alguns dias antes de me incumbir de outra coisa. Quanto está pretendendo pagar por elas, ou isso é segredo?

– *N'importe quel prix*.

O preço não importa. Eram palavras que alegrariam qualquer casa de leilões. Phoebe fixou os olhos nas miniaturas. Eram realmente extraordinárias.

Whitmore concluiu a conversa com a avó e seus dedos voaram pelo celular, transmitindo uma outra mensagem.

– Para Hilliard os retratos em miniatura eram apreciados de maneira mais adequada em privado – ponderou Phoebe em voz alta. – Isso porque achava que a arte do retrato expunha os segredos de quem posava. E pode-se ver por quê. Esses dois parecem guardar muitos segredos.

– Você está certa – murmurou Marcus, com o rosto mais próximo e dando a Phoebe a oportunidade de examinar os olhos dele com mais atenção. Eram bem mais azuis do que pareceram a princípio, bem mais azuis que os tons azurita e ultramarino, os pigmentos enriquecidos que Hilliard utilizava.

O telefone tocou. Ela atendeu e por um segundo teve a impressão de que a mão dele lhe tocara na cintura.

– Entregue as miniaturas para ele, Phoebe. – Era Sylvia.

– Não entendo – disse ela entorpecida. – Não estou autorizada...

– Ele acabou de comprá-las. Nossa obrigação era conseguir o preço mais alto possível pelas peças. E fizemos isso. Os Taverner poderão passar o outono da vida em Monte Carlo se quiserem. E diga ao Marcus que, se perdi a *danse de fête*, estarei desfrutando o camarote da família dele na próxima temporada. – Sylvia desligou.

Fez-se silêncio na sala. Marcus Whitmore delicadamente tocou o dedo na moldura de ouro que circundava a miniatura do homem. Parecia um gesto de saudade, uma tentativa de se conectar com um anônimo morto

muito tempo antes.

– Chego a achar que ele pode me ouvir – disse Marcus em tom melancólico.

– Sua avó deve ter uma fortuna no banco para gastar tanto dinheiro em retratos elisabetanos de anônimos, dr. Whitmore. Já que é cliente da Sotheby's, sinto lhe dizer que o senhor pagou um preço altíssimo pelas miniaturas. Mesmo que os melhores compradores estivessem nesta sala, um retrato da rainha Elizabeth I desse mesmo período atingiria no máximo a casa dos seis dígitos, mas nunca esses. – A identidade do retratado era crucial na avaliação do preço. – Nunca saberemos quem eram esses dois. Não depois de séculos de obscuridade. Os nomes são importantes.

– É o que minha avó costuma dizer.

– Então, ela sabe que sem uma atribuição definida essas miniaturas dificilmente se valorizarão.

– Para ser franco – disse Marcus –, Ysabeau não precisa de retorno nesse investimento. E o que ela mais quer é que ninguém saiba quem são esses dois.

Phoebe franziu a testa perante a estranheza do fraseado. Será que a avó dele achava que *ela* sabia?

– Foi um prazer fazer negócio com você, Phoebe, mesmo que de pé. Desta vez. – Marcus fez uma pausa, com um sorriso aberto e encantador. – Você se importa se chamá-la de Phoebe?

Ela se *importava*. Puxou os cabelos negros à altura da gola para o lado e esfregou a nuca exasperada. Ele cravou os olhos na curva dos ombros dela. E como ela não respondeu, fechou a caixa com as miniaturas, enfiou debaixo do braço e se preparou para sair.

– Gostaria de levá-la para jantar – disse com tato, aparentemente sem tomar conhecimento dos claros sinais do desinteresse dela. – Podemos celebrar a sorte dos Taverner, e também a gorda comissão que você vai dividir com Sylvia.

Sylvia? Dividir comissão? Phoebe abriu a boca sem poder acreditar. A probabilidade de obter isso da superiora era menor que zero. Marcus amarrou a cara.

– Foi essa a condição para o negócio. Minha avó não o teria fechado de outra maneira. – A voz dele soou rouca. – Jantar?

– Não costumo sair à noite com desconhecidos.

– Então, convido-a para jantar amanhã, mas antes almoçaremos. Depois que passar duas horas em minha companhia não serei mais um "desconhecido", não é?

– Ora, ainda assim será um desconhecido – murmurou Phoebe –, e não costumo sair para almoçar. Como aqui mesmo nessa escrivaninha. – Desviou os olhos, com ar confuso. Será que falara a primeira parte em voz alta?

– Pego você às treze horas – disse Marcus, abrindo um sorriso. O coração de Phoebe deu um salto. *Falara* em voz alta. – E não se preocupe porque não iremos longe.

– Por que não? – Será que ele estava pensando que ela o temia ou que não conseguiria acompanhar os passos dele? Oh, Deus, como ela odiava ser baixinha.

– Só gostaria que soubesse que poderá usar esses sapatos sem medo de quebrar o pescoço – disse Marcus, com ar inocente. Percorreu lentamente com os olhos os pés que calçavam aqueles sapatos pretos, divagou em torno dos tornozelos e depois engatilhou uma subida pela curva das panturrilhas. – Gosto deles.

Quebrar o pescoço? Quem ele pensava que era? Agia como um malandro do século XVIII. Phoebe caminhou resoluta em direção à porta, com os saltos batendo à vontade no assoalho. Apertou o botão para destravar a fechadura e a porta se abriu. Marcus soltou um grunhido de prazer quando caminhou até ela.

– Eu não devia ter sido muito ousado. Minha avó desaprova isso tanto

quanto desaprova perder uma negociação. Mas comigo é assim. – Ele abaixou a cabeça, levou a boca à orelha de Phoebe e sussurrou. – Ao contrário dos homens que a levaram para jantar e que talvez tenham ido ao seu apartamento, não me intimido com seu decoro e suas boas maneiras. E não posso deixar de imaginar o que você deve ser quando esse controle de gelo se derrete.

Ela engasgou.

Ele a pegou pela mão. Esmagou os lábios nos lábios dela, olhando no fundo dos seus olhos.

– Até amanhã. E não se esqueça de trancar a porta. Você já está encrencada demais. – O dr. Whitmore deu alguns passos pela sala, olhando-a com um sorriso iluminado, girou o corpo e saiu assoviando até que a silhueta dele sumiu de vista.

Phoebe estava com as mãos trêmulas. Aquele homem... aquele desconhecido de maneiras rudes e olhos azuis estonteantes... a tinha beijado. No local de trabalho. Sem pedir permissão.

E ela não o tinha esbofeteado. Isso era o que as mocinhas bem-nascidas, filhas de diplomatas, aprendiam a fazer como último recurso contra os avanços indesejados.

Ela realmente estava encrencada.



– Será que agi certo em chamá-la, Goody Alsop? – Susanna torceu as mãos no avental e olhou agoniada para mim. – Quase a mandei para casa – disse com um fiapo de voz. – Se eu tivesse...

– Mas não fez isso, Susanna. – Goody Alsop era tão velha e tão magra que a pele se agarrava aos ossos das mãos e dos punhos. Mas a voz era estranhamente vibrante e os olhos eram muito inteligentes para uma bruxa tão frágil. Embora uma mulher octogenária, ninguém ousaria chamá-la de enferma.

A sala principal da casa dos Norman ficou lotada depois da chegada de Goody Alsop. Susanna permitiu que Matthew e Pierre entrassem com certa relutância, desde que não tocassem em coisa alguma. Jeffrey e John dividiam a atenção entre os vampiros e o pintinho, agora confortavelmente aninhado no boné de John ao lado da lareira. O ar quente amaciara as penas e felizmente o pintinho não estava piando. Sentei num banco perto do fogo e de Goody Alsop, que ocupava a única cadeira da sala.

– Preciso examiná-la, Diana. – Goody Alsop esticou os dedos até o meu rosto da mesma forma que a viúva Beaton e Champier. Fiquei encolhida. A bruxa se deteve e franziu a testa. – O que aconteceu, criança?

– Um bruxo tentou ler minha pele na França. Foi como se estivesse sendo esfaqueada – expliquei, sussurrando.

– Isso não será de todo confortável... que exame o é? Mas não vai doer. – Seus dedos exploraram meus traços. Suas mãos eram frias e secas, e as veias que se destacavam naquela pele manchada rastejavam pelas juntas retorcidas. Foi como se estivesse sendo escavada, mas nada parecido com a

dor que sofrera nas mãos de Champier.

– Ah – suspirou quando tocou na pele macia de minha testa. Isso abriu meu olho de bruxa, que estava numa inatividade típica desde o momento em que Susanna e Annie me encontraram com o pintinho. Goody Alsop era uma bruxa que valia a pena conhecer.

Olhei para o terceiro olho de Goody Alsop e mergulhei num mundo de cores. Por mais que tentasse, os fios brilhantes se recusavam a tecer alguma coisa reconhecível, se bem que de alguma forma senti que teriam uso. O toque de Goody Alsop me causava comichões à medida que ela me observava no corpo e na mente com a segunda visão, a energia pulsava ao redor dela em tom purpúreo tingido de laranja. Embora com uma experiência limitada, achei que seria difícil encontrar a manifestação de uma combinação de cores singular como a dela. De quando em quando, ela estalava a língua uma ou duas vezes em sinal de aprovação.

– Ela não é estranha? – sussurrou Jeffrey, espiando por cima do ombro de Goody Alsop.

– Jeffrey! – Susanna quase engasgou de constrangimento pelo comportamento do filho. – É sra. Roydon, por favor.

– Tudo bem. Mas a sra. Roydon é estranha – insistiu Jeffrey sem culpa e abraçado aos próprios joelhos.

– O que você vê, jovem Jeffrey? – perguntou Goody Alsop.

– Ela... a sra. Roydon tem todas as cores do arco-íris. O olho de bruxa dela é azul, mas o resto é verde e prateado, como a deusa. O que é aquele aro vermelho e preto ali? – Jeffrey apontou para minha testa.

– É a marca de um *wearh* – respondeu Goody Alsop, acariciando o ponto em questão. – Essa marca indica que ela pertence à família do mestre Roydon. Toda vez que vir isso, Jeffrey, e saiba que isso é muito raro, considere como um aviso. O *wearh* que fizer uma marca assim não terá dó se você se meter com a criatura sangue-quente que ele clamou para si.

– Isso dói? – perguntou o garoto.

– Jeffrey! – gritou Susanna de novo. – Você sabe importunar Goody Alsop com perguntas como ninguém.

– Nós teremos um futuro sombrio pela frente quando as crianças deixarem de fazer perguntas, Susanna – disse Goody Alsop.

– O sangue de um *wearh* cura sem doer – respondi para o garoto antes que Goody Alsop respondesse. Não era preciso que um outro bruxo crescesse com medo do que não compreendia. Olhei para Matthew cujo clamor por mim era bem mais intenso que o juramento de sangue do pai dele. Embora quisesse que o exame de Goody Alsop prosseguisse... até então não tirava os olhos da mulher. Abri um sorriso e ele apertou a boca levemente em resposta.

– Oh – exclamou Jeffrey, talvez interessado na demonstração de inteligência. – Pode fazer um *glaem* novamente, sra. Roydon? – Os garotos estavam realmente decepcionados por terem perdido a manifestação da energia mágica anterior.

Goody Alsop pousou um dedo nodoso nos lábios de Jeffrey, silenciando-o de vez.

– Agora, preciso falar com Annie. O homem do mestre Roydon os levará até o rio e, quando terminarmos, vocês voltam e me perguntam o que quiser.

Matthew fez um meneio de cabeça em direção à porta e Pierre conduziu as duas cargas infantis pela porta afora, mas não antes de olhar assustado para a velha. Assim como Jeffrey, Pierre também precisava superar o medo das criaturas que lhe eram diferentes.

– Cadê a menina? – perguntou Goody Alsop, virando a cabeça.

Annie deu um passo à frente.

– Aqui, Goody.

– Conte-nos a verdade, Annie – disse Goody Alsop, com uma voz firme. – O que você prometeu para Andrew Hubbard?

– Na-nada – gaguejou Annie, com os olhos voltados para mim.

– Annie, não minta. Mentir é pecado – advertiu-a Goody Alsop. – Pare com isso.

– Prometi que mandaria um recado se mestre Roydon planejasse deixar Londres outra vez. E os homens de padre Hubbard aparecem quando a patroa e o patrão ainda estão na cama e me perguntam o que aconteceu na casa. – As palavras de Annie jorraram da boca. Ela logo tapou a boca com as mãos, como se não acreditando no que tinha revelado.

– O trato entre Annie e Hubbard deve ser respeitado, mas não completamente. – Goody Alsop refletiu por alguns instantes. – Se por alguma razão a sra. Roydon deixar a cidade, Annie mandará um recado primeiro para mim. Hubbard só deverá saber uma hora depois, Annie. E se disser uma só palavra do que acontece aqui, prenderei sua língua com um feitiço que nem treze bruxas serão capazes de quebrá-lo. – Annie justificadamente se aterrorizou com a ameaça. – Vá e se junte aos meninos, mas abra todas as portas e janelas antes de sair. Alguém irá avisá-los quando chegar o momento de voltar.

Annie abriu as venezianas e as portas com uma cara tão culpada que a encorajei com um meneio de cabeça. A pobre menina não estava em posição de enfrentar Hubbard e fazia o que podia para sobreviver. Ao sair olhou apavorada para Matthew, que por sua vez reagiu com a frieza de sempre.

Ele só se manifestou quando a casa se aquietou e as correntes de ar giraram em volta dos meus tornozelos e dos meus ombros. Ainda estava encostado à porta e suas roupas escuras absorviam a pouca luz da sala.

– E então, pode nos ajudar, sra. Goody Alsop? – O tom era cortês, bem diferente da arrogância com que tratara a viúva Beaton.

– Creio que sim, mestre Roydon – respondeu Goody Alsop.

– Por favor, acomode-se – disse Susanna, apontando um banco para Matthew. Infelizmente, a chance de um homem da estatura de Matthew se

acomodar num banco de três pernas era pouca, mas ainda assim ele se ajeitou sem reclamar. – Meu marido está dormindo no quarto ao lado. Não pode ouvir nem o *wearh* nem nossa conversa.

Goody Alsop arrancou a peça de lã cinza e linho perolado que lhe cobria o pescoço e fez um movimento de dedos para puxar alguma coisa intangível. Em seguida esticou a mão e girou o punho, liberando uma figura sombreada na sala. A cópia da bruxa se dirigiu ao quarto de dormir de Susanna.

– O que foi isso? – perguntei sem sequer respirar.

– Minha ajudante. Vai tomar conta de mestre Norman e garantir que ele não seja perturbado. – Os lábios de Goody Alsop se mexeram e as correntes de ar cessaram. – Agora que as portas e janelas estão novamente fechadas ninguém poderá nos ouvir lá de fora. Fique descansada em relação a isso, Susanna.

Eram dois feitiços que poderiam ser úteis na casa de um espião. Abri a boca para perguntar como os tinha realizado, mas antes que pudesse emitir uma palavra Goody Alsop ergueu a mão e soltou uma risadinha.

– Você é muito curiosa para uma mulher adulta. Acho que Susanna perderá a paciência mais com você do que com Jeffrey. – Ela deu um passo atrás e me olhou enlevada. – Esperei tanto tempo por você, Diana.

– Por mim? – perguntei em dúvida.

– Sem dúvida. Durante muitos anos, desde os primeiros augúrios da sua chegada, e com o passar do tempo muitas de nós desistiram de esperar. Mas pressenti que você chegaria quando nossas irmãs narraram os presságios no Norte. – Goody Alsop se referia a Berwick e aos estranhos acontecimentos na Escócia. Inclinei-me para a frente disposta a fazer mais perguntas, porém Matthew me calou com um pequeno meneio de cabeça. Já confiava plenamente na bruxa. Ela soltou outra risadinha perante a requisição silenciosa do meu marido.

– Então, eu estava certa – disse Susanna aliviada.

– Sim, minha filha. Diana é realmente uma tecelã. – As palavras de Goody Alsop reverberaram na sala com a potência de todo encantamento.

– O que é isso? – perguntei, com um sussurro.

– Há muitas coisas que estão acontecendo conosco que não compreendemos. – Matthew segurou minha mão. – Talvez seja melhor a senhora se dirigir a nós e nos explicar as coisas da maneira que faz com Jeffrey.

– Diana é uma criadora de feitiços – disse Goody Alsop. – Nós as tecelãs somos criaturas raras. Foi por isso que a deusa mandou você para mim.

– Não, Goody Alsop. A senhora está cometendo um engano – protestei, balançando a cabeça. – Sou péssima com feitiços. Nem minha tia Sarah, que tem uma habilidade incrível, conseguiu me ensinar a arte da bruxa.

– Claro que você não consegue realizar os feitiços de outras bruxas. Você mesma deve inventar os seus. – A afirmação de Goody Alsop contrariava tudo o que eu tinha aprendido.

Olhei para ela surpreendida.

– Nós bruxas aprendemos a fazer os feitiços. Não os inventamos. – Os feitiços eram passados de geração em geração entre as famílias ou entre os membros dos conciliábulos. Guardávamos esse conhecimento com muito zelo, registrando palavras e procedimentos em grimórios junto aos nomes das bruxas e bruxos que ministravam o acompanhamento mágico. As bruxas mais experientes treinavam os membros mais jovens do conciliábulo, que seguiam os passos e as nuances de cada feitiço e de cada experiência das bruxas em mente.

– As tecelãs inventam – retrucou Goody Alsop.

– Nunca ouvi falar de tecelãs – disse Matthew, com tato.

– Poucos ouviram. Nós somos guardadas em segredo, mestre Roydon, um segredo desconhecido para a maioria das bruxas e também para os *wearhs*. Suponho que o senhor esteja habituado a segredos e a como

guardá-los. – Ela piscou os olhos com malícia.

– Já vivo há muito tempo, Goody Alsop. E acho difícil acreditar que as bruxas tenham resguardado a existência das tecelãs de outras criaturas por todo esse tempo. – Ele fez uma careta. – Esse é mais um dos jogos do Hubbard?

– Sou velha demais para joguinhos, *monsieur* De Clermont. Ah, sim, eu sei quem é o senhor e que posição ocupa em nosso mundo – disse Goody Alsop ao ver a surpresa de Matthew. – Talvez o senhor não consiga esconder a verdade das bruxas como pensa.

– Talvez – grunhiu Matthew em estado de alerta. Seguiu-se um rosnado que divertiu a velha.

– Esse truque assusta crianças como Jeffrey e John e demônios lunáticos como seu amigo Christopher, mas a mim não assusta. – A voz da bruxa se tornou séria. – As tecelãs se escondem porque um dia elas foram perseguidas e assassinadas, como os cavaleiros do seu pai. Nem todos aprovam o nosso poder. Como o senhor bem sabe, é mais fácil sobreviver quando os inimigos acham que você está morto.

– Mas quem fez tudo isso e por quê? – Eu esperava que a resposta não nos levasse de volta à velha inimizade entre vampiros e bruxas.

– Não fomos caçadas nem pelos *wearhs* nem pelos demônios, mas sim pelas outras bruxas – respondeu Goody Alsop, com serenidade. – Elas nos temem porque somos diferentes. O medo alimenta o desprezo e o desprezo alimenta o ódio. É uma história conhecida. As bruxas destruíram famílias inteiras para impedir que as crianças se tornassem tecelãs. E as poucas tecelãs que sobreviveram esconderam os filhos. A senhora logo descobrirá que o amor dos pais pelos filhos é poderoso.

– Você já sabe sobre o bebê – comentei, tocando na barriga de maneira protetora.

– Sim – disse Goody Alsop, com seriedade. – E você já está fazendo uma poderosa tecelagem, Diana. Não poderá esconder isso de outras bruxas

por muito tempo.

– Um filho? – Susanna arregalou os olhos. – Concebido por uma bruxa e um *wearh*?

– Não uma bruxa qualquer. Apenas as tecelãs operam esse tipo de magia. E há uma razão para que a deusa a tenha escolhido para essa tarefa, Susanna, assim como há uma razão para que ela tenha me chamado. Você é parteira e suas habilidades serão requeridas nos dias que temos à frente.

– Com minha pouca experiência não serei de grande valia para a sra. Roydon – protestou Susanna.

– Faz alguns anos que você é assistente de partos – observou Goody Alsop.

– De mulheres sangues-quentes, Goody, com bebês sangues-quentes! – retrucou Susanna indignada. – Não de criaturas como...

– Os *wearhs* têm braços e pernas como todos nós. – Goody Alsop interrompeu-a. – Não vejo nada diferente nesse bebê.

– Não é porque alguém tem dez dedos nas mãos e nos pés que também tem alma – disse Susanna, olhando desconfiada para Matthew.

– Estou pasma com você, Susanna. Para mim a alma de mestre Roydon é tão clara quanto a sua. Você voltou a ouvir as opiniões do seu marido sobre o mal dos *wearhs* e dos demônios?

Susanna apertou os lábios.

– E se fiz isso, Goody?

– Se o fez só posso dizer que você é uma tola. As bruxas são dotadas de uma visão plena da verdade... ainda que os maridos sejam uns idiotas.

– Isso não é tão fácil quanto a senhora dá a entender – murmurou Susanna.

– Nem precisa ser tão difícil. Faz muito tempo que esperamos pela tecelã que está entre nós e precisamos de planos.

– Muito obrigado, Goody Alsop – disse Matthew. Sentia-se aliviado

porque finalmente alguém concordava com ele. – A senhora está certa. Diana precisa aprender rapidamente o que for necessário para ela. E não pode ter o bebê aqui.

– Essa decisão não é só sua, mestre Roydon. Se o bebê tiver que nascer em Londres, será aqui que irá nascer.

– Diana não pertence a este lugar – retrucou Matthew, acrescentando em seguida –, a Londres.

– Graças aos céus isso está muito claro. Mas como Diana é uma fiandeira do tempo não vai adiantar nada simplesmente movê-la de um lugar para o outro. Ela não seria menos visível em Canterbury ou York.

– Isso quer dizer que a senhora conhece outros segredos nossos. – Matthew lançou um olhar gelado para a velha. – Já que sabe tanto deve ter previsto que Diana não retornará sozinha para o tempo dela. Eu e o bebê iremos juntos. E vai ser com a senhora que ela vai aprender o que precisa saber para fazer isso. – Matthew assumiu o comando e isso queria dizer que as coisas estavam prestes a tomar o habitual rumo para o pior.

– A educação de sua esposa passou a ser um assunto meu, mestre Roydon... a menos que o senhor entenda mais de tecelãs do que eu – disse Goody Alsop suavemente.

– Tudo que diz respeito à minha esposa também diz respeito a mim, Goody Alsop – disse Matthew. Ele se voltou para mim. – Isso não é um assunto só de bruxas. Até porque elas podem se voltar contra minha companheira e meu filho.

– Então, Diana foi ferida por uma bruxa e não por um *wearh* – disse Goody Alsop baixinho. – Senti a dor e pressenti que uma bruxa estava envolvida nisso, mas achei que ela queria curar um dano e não causá-lo. Que mundo é esse onde uma bruxa faz esse tipo de coisa a uma outra bruxa?

Matthew desviou os olhos para Goody Alsop.

– Talvez a bruxa também tenha percebido que Diana é uma tecelã.

Não me passara pela cabeça que Satu soubesse de alguma coisa. O que Goody Alsop tinha dito a respeito da atitude de minhas colegas bruxas em relação às tecelãs e a ideia de que Knox e seus comparsas da Congregação desconfiavam do meu segredo fizeram o meu sangue ferver. Matthew puxou minhas mãos e cobriu-as com as dele.

– É possível, mas não posso afirmar com certeza – disse Goody Alsop em tom de pesar. – Mas faremos de tudo nesse tempo que a deusa nos concede para preparar Diana para o futuro.

– Parem – eu disse, batendo a palma da mão em cima da mesa. O anel de Ysabeau soou ao colidir na madeira dura. – Vocês estão falando desse negócio de tecer como se isso fizesse sentido. Mas nem uma mísera vela consigo acender. Meus talentos são mágicos. Eu tenho vento, água... e até mesmo fogo em meu sangue.

– Se posso ver a alma do seu marido, Diana, não deveria se espantar por também poder ver o seu poder. E para o seu conhecimento, fique sabendo que você não é uma bruxa nem de fogo nem de água, por mais que acredite nisso. Você não consegue controlar esses elementos. E será destruída se você for tola o bastante para tentar controlá-los.

– Mas quase me afoguei em minhas próprias lágrimas – insisti. – E matei uma *wearh* com uma flecha de fogo de bruxa para salvar o Matthew. Minha tia reconheceu o cheiro.

– As bruxas de fogo não precisam de flechas. São transportadas pelo fogo até o alvo em um segundo. – Goody Alsop balançou a cabeça. – Isso que você mencionou é uma simples tessitura, minha filha, criada pela dor e o amor. A deusa emprestou-lhe os poderes de que você necessita como uma bênção, mas nem por isso você pode comandá-los completamente.

– Emprestados. – Os eventos frustrantes dos últimos meses e os lampejos de magia que nunca agiam adequadamente me vieram à mente. – É por isso então que as habilidades vão e vêm. Na realidade, nunca foram minhas.

– Nenhuma bruxa guardaria tanto poder dentro de si sem abalar o equilíbrio dos mundos. Uma tecelã seleciona com cuidado uma das magias que a envolvem e faz uso disso para moldar algo novo.

– Mas existem milhares de feitiços... sem mencionar amuletos e poções. Nada que eu fizesse seria original. – Passei a mão na testa e o ponto onde Philippe fizera o juramento de sangue esfriou ao meu toque.

– Todos os feitiços vieram de algum lugar, Diana, de um momento de necessidade, de um desejo, de um desafio que por alguma razão não pôde ser resolvido de outra maneira. E também vieram de alguém.

– A primeira bruxa – sussurrei. Algumas criaturas acreditavam que o Ashmole 782 era o primeiro grimório, o livro que continha os primeiros encantamentos e feitiços concebidos pelo nosso povo. Fazia-se uma outra conexão entre mim e o misterioso manuscrito. Olhei para Matthew.

– A primeira tecelã – corrigiu amavelmente Goody Alsop –, como as outras que a seguiram. As tecelãs não são apenas bruxas, Diana. Susanna é uma excelente bruxa, com mais conhecimento mágico da terra e de suas tradições que qualquer outra de suas irmãs londrinas. Mas, apesar de todos esses dons, não consegue tecer um novo feitiço. E você consegue.

– Nem consigo imaginar como começar – comentei.

– Você chocou aquele *glaem* – continuou Goody Alsop, apontando para uma bolinha amarela e felpuda adormecida.

– Mas só tentei quebrar um ovo! – protestei. Já entendia de tiro ao alvo e sabia que isso era um problema. Nem minha magia nem minhas flechas tinham acertado o alvo.

– Claro que não. Se fosse uma simples tentativa de quebrar um ovo, estaríamos desfrutando um dos cremes deliciosos da Susanna. Você tinha outras coisas em mente. – O pintinho concordou, emitindo um pio particularmente alto e claro.

Ela estava certa. De fato, eu tinha outras coisas em mente: nosso filho, se poderíamos criá-lo de maneira adequada e o que poderíamos fazer para

mantê-lo seguro.

Goody Alsop assentiu com a cabeça.

– Achei que sim.

– Não pronunciei palavras, não realizei um ritual, não preparei mistura alguma. – Continuei apegada ao que tinha aprendido com Sarah sobre a arte. – Só fiz algumas perguntas. E aqui entre nós nem eram boas perguntas.

– A magia começa com o desejo. As palavras vêm depois, bem depois – explicou Goody Alsop. – Nem sempre as tecelãs conseguem reduzir um feitiço a poucos versos para que seja utilizado por outra bruxa. Algumas tessituras resistem, por mais que a gente tente. São apenas para uso pessoal. Por isso, somos temidas.

– *Começa com ausência e desejo* – sussurrei. Passado e presente colidiram novamente quando repeti a primeira linha do verso que acompanhava uma única página do Ashmole 782 que um dia alguém enviara para os meus pais. Dessa vez, não desviei os olhos quando os cantos acenderam e iluminaram as partículas de poeira em tons de azul e dourado. E muito menos Goody Alsop. Matthew e Susanna seguiram nossos olhos, mas não viram nada de extraordinário.

– Exatamente. Está vendo como o tempo sente a sua ausência e a quer de volta para que você se teça em sua antiga vida. – Ela sorriu e bateu palmas, como se eu tivesse feito um desenho infantil de uma casa digno de ser grudado na porta de uma geladeira. – Claro, por enquanto o tempo ainda não está pronto para você. Se estivesse, o azul seria muito mais brilhante.

– A senhora soa como se fosse possível combinar magia e arte, mas elas são separadas – retruquei confusa. – A feitiçaria se vale de feitiços e a magia se vale de um poder... herdado de elementos como o ar ou o fogo.

– Quem ensinou para você tamanha bobagem? – Goody Alsop bufou e Susanna arregalou os olhos, horrorizada. – Magia e feitiçaria são dois

caminhos que se cruzam no bosque. As tecelãs conseguem ficar na encruzilhada com um pé em cada caminho. Ela pode ocupar o lugar do meio, onde os poderes se encontram em plena potência.

O tempo protestou aos gritos perante a revelação.

– *Uma criança no meio, uma bruxa à parte* – murmurei intrigada. O fantasma de Bridget Bishop me avisara dos perigos associados a essa posição tão vulnerável. – Antes de virmos para cá, o fantasma de Bridget Bishop, uma das minhas ancestrais, me disse que esse era o meu destino. Ela devia saber que eu era uma tecelã.

– Assim como seus pais – afirmou Goody Alsop. – Consigo ver os fios remanescentes da amarração deles. Seu pai também era um tecelão. Ele sabia que você seguiria o caminho dele.

– O pai dela? – perguntou Matthew.

– Raramente os tecedores são homens, Goody Alsop – disse Susanna.

– O pai de Diana era um tecelão de grande talento, mas sem treinamento. Ele embaralhou o feitiço sem tecê-lo propriamente. Mas o fez com amor e o feitiço serviu ao seu propósito por algum tempo, como a corrente que a liga ao seu *wearh*, Diana. – A corrente era uma arma secreta que em momentos mais sombrios me propiciava a reconfortante sensação de que estava ancorada em Matthew.

– Bridget me disse algo naquela mesma noite: *"Não há caminho adiante em que ele não esteja."* Ela também devia saber de Matthew – confidenciei.

– Você nunca me falou dessa conversa, *mon couer* – disse Matthew, mais curioso que chateado.

– Encruzilhadas, caminhos, profecias difusas não me pareciam importante naquele momento. E com o desenrolar dos acontecimentos acabei esquecendo. – Olhei para Goody Alsop. – De qualquer forma, como pude fazer feitiços sem saber?

– As tecelãs são cercadas desse mistério – respondeu Goody Alsop. – Mas não disponho de tempo para encontrar respostas para todas as suas

perguntas, pois preciso me concentrar em lhe ensinar como lidar com a magia que se manifesta por meio de você.

– Meus poderes estão descontrolados – admiti, com os marmelos murchos e os sapatos arruinados de Mary na cabeça. – Nunca sei o que vai acontecer depois.

– Isso não é incomum quando uma tecelã se defronta pela primeira vez com o próprio poder. Mas sua luz pode ser vista e sentida até mesmo pelos humanos. – Goody Alsop recostou à cadeira e me observou. – Se outras bruxas vissem o seu *pintinho* como o viu a jovem Annie, elas poderiam usar esse conhecimento para propósitos pessoais. Não permitiremos que Hubbard coloque as garras em você ou no bebê. Posso contar com você para lidar com a Congregação? – perguntou ela para Matthew. Considerou o silêncio dele como uma afirmativa.

– Então, tudo bem. Venha me ver nas segundas e quintas-feiras, Diana. A sra. Norman se encontrará com você nas terças-feiras. Mandarei Marjorie Cooper nas quartas-feiras, e Elizabeth Jackson e Catherine Streeter, nas sextas-feiras. Diana vai precisar de ajuda para conciliar o fogo e a água no sangue dela, do contrário só vai produzir vapor.

– Goody, talvez não seja sensato deixar que todas essas bruxas partilhem um segredo particular – disse Matthew.

– Mestre Roydon está certo. Já há muito falatório sobre a bruxa. John Chandler tem espalhado notícias a respeito para agradar Hubbard. Claro que nós mesmas podemos ensinar para ela – disse Susanna.

– E desde quando você se tornou uma bruxa de fogo? – retrucou Goody Alsop. – O sangue da menina está cheio de chamas. Meus talentos são dominados pelo vento de bruxa, e os seus estão fincados no poder da terra. Não somos indicadas para a tarefa.

– Nossa reunião vai chamar muita atenção se levarmos adiante esse plano. Somos treze bruxas, mas você propõe envolver cinco de nós nesse negócio. Deixe que outros grupos assumam o problema da sra. Roydon...

o de Moorgate ou talvez o de Aldgate.

– O grupo de Aldgate se agigantou demais, Susanna. Se não consegue administrar os próprios assuntos, como é que vai assumir a educação de uma tecelã? Sem falar que é uma viagem muito longa para mim e o mau cheiro dos detritos da cidade piora o meu reumatismo. Vamos treiná-la aqui mesmo, de acordo com o desejo da deusa.

– Eu não posso... – Susanna foi interrompida.

– Sou a sua anciã, Susanna. Se quiser protestar mais tarde terá que buscar uma decisão da Rede. – A atmosfera se tornou pesada.

– Tudo bem, Goody. Enviarei uma requisição para Queenhithe. – Susanna pareceu assustada com o anúncio.

– Queen Hithe? Que rainha é essa? – perguntei baixinho para Matthew.

– Queenhithe é um lugar, não uma pessoa – murmurou ele. – Mas que Rede é essa?

– Não faço a menor ideia – confessei.

– Parem de cochichar – disse Goody Alsop, balançando a cabeça aborrecida. – Os cochichos de vocês lançam feitiços nas janelas e nas portas que revolvem o ar e ferem os meus ouvidos.

Depois que o ar se aquietou, Goody Alsop continuou.

– Susanna desafiou a minha autoridade nesse assunto. E como sou líder do grupo de Garlickhythe... e também a anciã da ala de Vintry, a sra. Norman precisa apresentar o seu caso para as anciãs das outras alas de Londres. Elas é que decidirão o curso de ação a ser tomado, como sempre fazem quando há desacordos entre as bruxas. São vinte e seis anciãs conhecidas como Rede.

– É só política, então? – perguntei.

– Política e prudência. Se não tivéssemos um meio para solucionar as disputas internas, Hubbard meteria suas garras de *wearh* na maioria de nossos casos – disse Goody Alsop. – Sinto muito se o ofendi, mestre Roydon.

– Não me senti ofendido, Goody Alsop. Mas se a senhora levar o assunto às anciãs, a identidade de Diana será conhecida por toda a Londres. – Matthew se levantou. – Não posso permitir isso.

– Cada bruxa da cidade já está cansada de saber da sua esposa. As notícias aqui correm com muita rapidez, em grande parte graças ao seu amigo Christopher Marlowe – disse Goody Alsop, esticando a cabeça para olhar nos olhos dele. – Sente-se, mestre Roydon. Meus ossos velhos já não aguentam se esticar dessa maneira.

Para a minha surpresa, Matthew obedeceu.

– Diana, as bruxas de Londres ainda não sabem que você é uma tecelã e isso é muito bom – continuou Goody Alsop. – A Rede terá que saber, é claro. E quando as outras bruxas souberem que você foi chamada para se apresentar perante as anciãs, todas acharão que esse chamado ou é para discipliná-la por causa de sua relação com mestre Roydon ou para impedi-la de que ele tenha acesso ao seu sangue e ao seu poder.

– A despeito do que elas possam decidir, ainda assim a senhora será minha mestra? – Eu já estava acostumada a ser objeto do escárnio de outras bruxas e sabia melhor que ninguém o que esperar das bruxas de Londres quanto à aprovação da minha relação com Matthew. E a mim não me importava nem um pouco se Marjorie Cooper, Elizabeth Jackson e Catherine Streeter (fossem quem fossem) participassem do esquema educacional de Goody Alsop. Mas Goody Alsop era diferente. Era uma bruxa cuja amizade e ajuda me eram queridas.

– Sou a última de nossa espécie em Londres, e uma das três únicas tecelãs conhecidas nesta parte do mundo. A tecelã escocesa Agnes Sampson está presa em Edimburgo. Faz muitos anos que ninguém vê ou ouve falar de uma tecelã na Irlanda. A Rede não tem outra escolha a não ser permitir que eu seja sua guia – assegurou-me Goody Alsop.

– Quando será a reunião das bruxas? – perguntei.

– Assim que for agendada – disse ela.

– Nós estaremos prontos. – Matthew garantiu para ela.

– Há algumas coisas que sua mulher precisa fazer sozinha, mestre Roydon. Carregar o bebê na barriga e se encontrar com a Rede estão entre essas coisas – disse Goody Alsop. – Sei que a confiança não é algo fácil para um *wearh*, mas o senhor precisa tentar para o bem dela.

– Confio na minha esposa. A senhora viu o que as bruxas fizeram com ela, e não vai se surpreender se lhe disser que não confio na relação que qualquer uma de sua espécie tenha com ela – retrucou Matthew.

– O senhor precisa tentar – insistiu Goody Alsop. – O senhor não pode ofender a Rede. Se assim o fizer, Hubbard intervirá. A Rede não apreciará o insulto e insistirá no envolvimento da Congregação. Apesar dos nossos desacordos, ninguém nesta sala deseja que a Congregação se volte para Londres, mestre Roydon.

Matthew a observou atentamente. Por fim, concordou.

– Está bem, Goody.

Eu era uma tecelã.

Logo, logo seria mãe.

Uma criança no meio, uma bruxa à parte, sussurrou a voz fantasmagórica de Bridget Bishop.

O olfato aguçado de Matthew me avisou que ocorrera alguma mudança no meu cheiro.

– Diana está cansada e precisa ir para casa.

– Ela não está cansada, está com medo. Já passou o tempo de sentir medo, Diana. Você precisa encarar quem você realmente é – disse Goody com certo pesar.

Mas nem por isso deixei de me sentir ainda mais angustiada, mesmo depois que voltamos para a segurança de Hart and Crown. Já em casa, Matthew tirou o casaco estofado e o deixou em volta dos ombros para amenizar o frio. O tecido exalava o odor de cravo-da-índia e canela que o caracterizava junto aos resquícios da fumaça da lareira de Susanna e do ar

úmido de Londres.

– Eu sou uma tecelã. – Se eu repetisse isso, talvez começasse a fazer sentido. – Mas não sei o que isso significa e já não sei mais quem eu sou.

– Você é Diana Bishop... historiadora e bruxa. – Ele me segurou pelos ombros. – Não importa tudo o mais que você tenha sido um dia ou o que será depois, isso é o que você é. E você é minha vida.

– Sua esposa – corrigi.

– Minha vida – repetiu ele. – Você é o meu coração e também as batidas do meu coração. Antes eu era mera sombra, como a serva de Goody – acrescentou, com o sotaque acentuado e a voz enrouquecida de emoção.

– Eu devia estar aliviada por finalmente saber a verdade – comentei, batendo os dentes enquanto subia na cama. Era como se o frio tivesse criado raízes na medula dos meus ossos. – Durante toda a vida me perguntei por que eu era diferente. E agora que tenho a resposta, isso não me serve para nada.

– Um dia servirá – disse Matthew, achegando-se a mim debaixo das cobertas. Abraçou-me. Enroscamos as pernas como as raízes de uma árvore e nos agarramos um no outro como ponto de apoio para juntarmos nossos corpos. A corrente que de alguma forma se forjara do amor e do desejo por um desconhecido que eu ainda estava por conhecer se flexionou entre nós dois e adquiriu fluidez. Era uma corrente grossa e inquebrantável, completada por uma seiva vital que fluía sem parar da bruxa para o vampiro e do vampiro para a bruxa. Algum tempo depois não me sentia mais no meio, e sim abençoada e centrada. Respirei fundo algumas vezes. E quando tentei me afastar, Matthew não deixou.

– Ainda não estou pronto para soltá-la – disse, puxando-me para mais perto dele.

– Você deve ter muito trabalho a fazer... para a Congregação, para Philippe, para Elizabeth. Estou ótima – insisti, embora quisesse continuar na posição em que estava por mais tempo.

– Nós vampiros calculamos o tempo de um jeito diferente dos sangues-quentes – disse Matthew ainda sem querer me soltar.

– Quanto tempo dura então o minuto de um vampiro? – perguntei, enfiando a cabeça sob o queixo dele.

– É difícil dizer – murmurou ele. – Algo entre um minuto comum e a eternidade.



Reunir as vinte e seis bruxas mais poderosas de Londres não foi nada fácil. A Rede não se reuniu como era esperado: uma sala ao estilo de um tribunal com bruxas sentadas em bancos e eu de pé em frente a elas. Pelo contrário, estendeu-se ao longo de dias em lojas, tavernas e salas de estar por toda a cidade. Sem apresentações formais e sem tempo desperdiçado em outras sutilezas sociais. Eram tantas bruxas desconhecidas que não demorou e se tornaram uma única mancha.

Contudo, destacaram-se alguns aspectos da experiência. Pela primeira vez na vida senti o poder inquestionável de uma bruxa de fogo. Goody Alsop não me enganara – a intensidade flamejante do olhar e do toque de uma bruxa ruiva dissipava qualquer incerteza. Quando ela se aproximava, as chamas pulavam e dançavam dentro de mim, mas não restava dúvida de que eu não era uma bruxa de fogo. Isso se confirmou quando me reuni com outras duas bruxas de fogo num recanto privado de Mitre, uma taverna de Bishopsgate.

– Ela será um desafio – observou um das bruxas ao terminar a leitura da minha pele.

– Uma tecelã fiandeira do tempo com muita água e fogo dentro de si – assentiu a outra. – Nunca vi na vida uma combinação igual.

As bruxas de vento da Rede reuniram-se na casa de Goody Alsop, já que era mais espaçosa do que a fachada sugeria. Além dos dois fantasmas que vagavam pelos cômodos, a ajudante de Goody Alsop recebia as visitas à porta e silenciosamente deslizava e se esmerava em garantir que todos estivessem bem acomodados.

As bruxas de vento eram muito menos assustadoras que as bruxas de fogo. Seus toques eram leves e secos e avaliavam os níveis da minha força com serenidade.

– Tempestuosa – murmurou uma bruxa de cabelos grisalhos que aparentava uns cinquenta anos de idade ou mais. Era pequena e flexível e se deslocava com uma velocidade aparentemente imune à gravidade, imunidade que se estendia para o resto de nós.

– Diretiva demais – disse uma outra de testa franzida. – Ela precisa deixar que as coisas sigam o próprio curso. Cada lufada de ar que ela cria se torna um vendaval.

Goody Alsop acatou e agradeceu os comentários, mas pareceu aliviada quando elas se foram.

– Vou descansar agora, minha filha – disse com um fiapo de voz, levantando-se da cadeira e saindo em direção aos fundos da casa. Seu duplo etéreo seguiu-a como uma sombra.

– Há homens na Rede, Goody? – perguntei, amparando-a pelo cotovelo.

– Restaram muito poucos. Os bruxos mais jovens foram estudar filosofia natural na universidade – disse ela, com um suspiro. – Esses são tempos estranhos, Diana. Todos estão tomados pela busca do novo, e agora as bruxas acham que os livros ensinam mais que a experiência. Terei que deixá-la. Meus ouvidos estão tinindo de tanto falatório.

Na manhã da quinta-feira, uma solitária bruxa de água chegou ao Hart and Crown. Eu estava exausta por ter atravessado a cidade no dia anterior e repousava no quarto. A bruxa de água era alta e ágil e não precisou andar muito para fluir até a casa. Mas se deparou com o sólido obstáculo de uma parede de vampiros no saguão de entrada.

– Está tudo bem, Matthew. – Falei da porta do nosso quarto de dormir, acenando para que a deixasse entrar.

Quando ficamos a sós, a bruxa de água me esquadrinhou da cabeça aos pés. Seu olhar me comichava a pele como água salgada, como se eu

estivesse a nadar no mar em dias de verão.

– Goody Alsop estava certa – asseverou ela em tom baixo e musical. – Há muita água no seu sangue. Não podemos nos encontrar com você em grupo porque provocaremos um dilúvio. É melhor que você nos veja uma de cada vez. Receio que isso tomará o dia todo.

Assim, em vez de eu ir ao encontro das bruxas de água, elas é que vieram ao meu encontro. Escorriam para dentro e para fora da casa, enlouquecendo Matthew e Françoise. Mas não pude negar a afinidade e a agitação que senti com a presença delas.

– A água não mentiu – murmurou uma bruxa de água depois de escorregar os dedos pela minha testa e meus ombros. Girou os meus pulsos e observou as palmas das minhas mãos. Era um pouco mais velha que eu e estonteantemente colorida, e tinha pele branca, cabelos pretos e olhos da cor do Caribe.

– Que água? – perguntei enquanto ela rastreava os principais afluentes da linha da vida na palma de minha mão.

– Em Londres, as bruxas de água coletaram água da chuva no auge do verão até Mabon, e depois despejaram a água na bacia divinatória da Rede. A água revelou que a tecelã há muito esperada teria água nas veias. – A bruxa de água suspirou de alívio e soltou minhas mãos. – Estamos precisando de novos feitiços depois que desviamos a frota espanhola. Goody Alsop tratou de reabastecer os suprimentos das bruxas de vento, e a tecelã escocesa foi abençoada com a terra e não podia nos ajudar... mesmo se quisesse. Mas você é uma genuína filha da lua e será de extrema valia para nós.

Na manhã da sexta-feira um mensageiro chegou a casa com um endereço na Bread Street e instruções para que eu fosse até lá às onze horas para encontrar os últimos membros remanescentes da Rede: duas bruxas de terra. A maioria das bruxas possuía algum grau de magia terrestre dentro de si. Isso era básico para a arte, e nos conciliábulos modernos as

bruxas de terra não recebiam uma distinção especial. Eu estava curiosa para ver se as bruxas de terra elisabetanas eram diferentes.

Matthew e Annie me acompanharam, já que Pierre saíra para entregar uma encomenda para Matthew e Françoise estava fazendo compras. Já estávamos quase no final da travessia do cemitério da St. Paul's quando Matthew se voltou para um moleque de cara imunda e pernas magricelas. Em uma fração de segundo ele tocou a lâmina na orelha do menino.

– Mexa esse seu dedo, rapazinho, e tiro a sua orelha – disse ele baixinho.

Surpreendida, abaixei os olhos e lá estavam os dedos do menino na bolsa presa à minha cintura.

Se no meu próprio tempo sempre havia alguma violência, na Londres elisabetana a violência estava à flor da pele. Mas isso não justificava o ato de jogar veneno naquela criança.

– Matthew – disse em tom de advertência ao ver o terror estampado no rosto do menino –, pare com isso.

– Um outro homem teria cortado sua orelha ou entregado você para os oficiais. – Matthew estreitou os olhos e o menino empalideceu.

– Basta – ordenei. Toquei no ombro do menino e ele se encolheu. Com um lampejo do meu olho de bruxa vislumbrei a mão pesada de um homem espancando-o e jogando-o contra a parede. E ainda um feio hematoma que o sangue deixara na pele que se estendia debaixo dos meus dedos e da camisa surrada, que era a única peça que aquecia o menino. – Como se chama?

– Jack, minha senhora – sussurrou o menino. Matthew ainda estava com a adaga encostada à orelha dele e já começávamos a atrair a atenção dos outros.

– Recolha a adaga, Matthew. Esse menino não representa perigo algum para nós.

Matthew recolheu a adaga, com um chiado.

– Onde estão seus pais?

Jack deu de ombros.

– Não tenho pais, minha senhora.

– Annie, leve o menino para casa e diga a Françoise para dar comida e roupas para ele. E se puder, faça-o tomar um banho quente e depois o coloque na cama de Pierre. Ele parece cansado.

– Você não pode adotar cada moleque de Londres, Diana. – Matthew embainhou a adaga enfaticamente.

– Françoise precisa de alguém que vá à rua para ela. – Acariciei a testa do menino e ajeitei os cabelos dele para trás. – Quer trabalhar pra mim, Jack?

– Sim, senhora. – O estômago de Jack roncou e ele deixou transparecer um fio de esperança com um olhar desconfiado. Meu terceiro olho de bruxa se abriu por inteiro, enxergando o interior cavernoso do estômago vazio e das perninhas trêmulas do menino. Peguei algumas moedas na bolsa.

– Annie, no caminho compre uma fatia de torta do mestre Prior. Esse menino está prestes a sucumbir de fome e a torta vai segurá-lo até que Françoise prepare uma boa refeição para ele.

– Sim, patroa – disse Annie. Ela pegou Jack pelo braço e o conduziu em direção a Blackfriars.

Matthew franziu a testa ao vê-los sair e depois se voltou para mim.

– Você não está fazendo favor algum para essa criança. Esse Jack... se é que esse é o verdadeiro nome dele, o que sinceramente duvido... não vai sobreviver mais um ano se continuar roubando.

– Essa criança não vai sobreviver mais uma semana, a menos que um adulto assuma responsabilidade por ela. O que foi mesmo que você disse? Amor, um adulto que cuide das crianças, um lugar macio para aportar?

– Não faça minhas palavras se voltarem contra mim, Diana. Falei isso em relação ao nosso filho e não a um pária sem teto. – Matthew, que nos

últimos dias conhecera mais bruxas do que qualquer outro vampiro conhecera durante toda uma vida, se mostrou disposto a discutir.

– Eu também já fui uma pária sem teto.

Meu marido recuou como se o tivesse esbofeteado.

– E então, já não é tão fácil virar as costas para o Jack? – Não esperei pela resposta. – Se ele não ficar conosco, poderemos levá-lo para Hubbard. Lá, se ele não couber num caixão, terá direito a um jantar. De um jeito ou de outro estará bem melhor do que estaria aqui nas ruas.

– Já temos muitos criados – disse Matthew com frieza.

– E você tem muito dinheiro para gastar. Se não puder pagar, eu mesma pago o salário dele com meus próprios fundos.

– Então, enquanto estiver nisso trate de achar um conto de fadas para contar para ele na hora de dormir. – Matthew me agarrou pelo cotovelo. – Você acha que ele não vai notar que está vivendo com três *wearhs* e duas bruxas? As crianças humanas enxergam o mundo das criaturas com muito mais clareza que os adultos.

– E você acha que ele vai se importar com o que somos quando tiver um teto sobre a cabeça, barriga cheia e cama onde dormir com segurança à noite? – Uma mulher do outro lado da rua nos encarou confusa. Um vampiro e uma bruxa não deviam travar uma discussão acalorada no meio da rua. Puxei o capuz da capa e cobri o rosto.

– Quanto mais criaturas entrarem em nossa vida aqui, mais traiçoeiro tudo isso se tornará – disse Matthew. Notou que a mulher nos observava e soltou o meu braço. – E isso duplica quando se trata de humanos.

Depois que voltamos da visita às duas sólidas e sérias bruxas de terra, entramos separados em Hart and Crown a fim de esfriar os ânimos. Matthew se debruçou sobre a correspondência, chamou Pierre aos gritos e disparou um fluxo de maldições contra o governo de Sua Majestade, os caprichos do pai e a loucura do rei Jaime da Escócia. Passei o tempo explicando para Jack os deveres dele. O menino tinha habilidades incríveis

para abrir cadeados, bater carteiras e roubar o dinheiro de caipiras em jogos de azar, mas não sabia ler e escrever, nem cozinhar nem costurar nem fazer outra coisa qualquer de serventia para Françoise e Annie. Mas Pierre se interessou por ele, sobretudo depois que recuperou um amuleto da sorte de dentro de um bolso embutido do gibão de segunda mão do menino.

– Venha comigo, Jack – disse Pierre, abrindo a porta e apontando a escadaria de entrada com a cabeça. Ele estava a caminho de coletar as últimas cartas dos informantes de Matthew, e obviamente planejava se valer da familiaridade do jovem com o submundo londrino.

– Sim, *sir* – disse Jack com vivacidade. Suas feições estavam melhores depois da refeição.

– Nada que seja perigoso – avisei para Pierre.

– Não será perigoso, madame – disse o vampiro, com ar inocente.

– Foi exatamente o que eu quis dizer – retruquei. – E o traga de volta antes de escurecer.

Eu estava mexendo nos papéis da minha escrivaninha quando Matthew chegou do estúdio. Françoise e Annie tinham saído para comprar carne e sangue no açougue de Smithfield, de modo que estávamos sozinhos na casa.

– Desculpe, *mon couer* – disse ele por trás de mim, acariciando minha cintura. Beijou minha nuca. – Foi uma semana dura, dividida entre a Rede e a rainha.

– Peço desculpas também. Entendi por que você não queria o Jack aqui, mas eu não podia ignorá-lo. Ele estava ferido e faminto.

– Eu sei. – Ele me abraçou tão apertado que minhas costas se encaixaram no peito dele.

– Sua reação seria diferente se o tivéssemos encontrado na moderna Oxford? – perguntei, olhando fixamente para o fogo da lareira em vez de encará-lo. A partir do incidente com Jack me perguntava se o

comportamento de Matthew se enraizava na genética vampiresca ou na moral elisabetana.

– Provavelmente não. Não é fácil para os vampiros viver entre os sangues-quentes, Diana. Sem um laço emocional, os sangues-quentes não passam de uma fonte de nutrição. Nenhum vampiro, por mais civilizado e bem-educado que seja, consegue conviver com eles sem desejar se alimentar deles. – Matthew soltou um hálito gelado no meu pescoço e senti uma comichão no ponto sensível onde Miriam usara o próprio sangue para curar o ferimento que ele causara.

– Não acho que você queira se alimentar de mim.

Pelo que parecia ele não lutava contra si mesmo para superar esse desejo, sem falar que se recusara a acatar a sugestão do pai de se valer do meu sangue.

– Comecei a controlar o meu desejo a partir do momento em que a conheci. E agora o meu desejo pelo seu sangue é bem menor do que o de controlar a nutrição. Já estamos casados e, se me alimentasse de você, seria apenas para afirmar o meu domínio.

– E para isso nós temos o sexo – eu disse, com naturalidade. Matthew era um amante criativo, mas considerava o nosso quarto de dormir um domínio dele.

– Não entendi – disse ele, arqueando as sobrancelhas.

– Sexo e dominação. É o que os humanos modernos pensam sobre as relações entre os vampiros – expliquei. – As histórias dos humanos estão cheias de vampiros machões que carregam as mulheres nos ombros antes de arrastá-las para um jantar e a cama.

– Um jantar e a cama? – Ele pareceu aturdido. – Você quer dizer...?

– Hum... hum. Você devia ver o que as amigas de Sarah leem no conciliábulo de Madison. Um vampiro conhece uma garota, o vampiro morde a garota e a garota fica chocada ao descobrir que realmente existem vampiros. Sexo, sangue e superproteção se seguem com rapidez. E algumas

vezes de maneira explícita. – Dei uma pausa. – O certo é que não há tempo para envolvimento. Não lembro de ter visto romance em nenhum dos casos.

Matthew vociferou.

– Foi por isso que sua tia me perguntou se eu estava com fome.

– Se quiser saber o que os humanos pensam, não deixe de ler essas histórias. É um verdadeiro pesadelo. Muito pior do que aquilo que as bruxas enfrentam. – Fiquei de frente para ele. – Mas ficará surpreso ao saber que muitas mulheres suspiram por um namorado vampiro.

– E se esse namorado vampiro agisse na rua como um bastardo insensível e ameaçasse órfãos famintos?

– Salvo as crises ocasionais de ciúme e seus desmembramentos, muitos vampiros da ficção têm coração de ouro. – Afastei uma mecha de cabelo dos olhos de Matthew.

– Não posso acreditar que estamos tendo esse tipo de conversa – disse ele.

– Por quê? Vampiros leem livros sobre bruxas. Não é porque o *Fausto*, de Kit, é pura fantasia que você estará impedido de se deleitar com tramas do sobrenatural.

– Sim, mas toda essa história de carregar nos ombros e depois fazer amor... – Matthew balançou a cabeça em negativa.

– Mas você também me carregou nos ombros e com muito charme. Lembro que algumas vezes me rebocou de Sept-Tours – frisei.

– Só quando você estava ferida! – exclamou ele indignado. – Ou cansada.

– Ou quando você me queria em um lugar e eu estava em outro lugar. Ou quando o cavalo era muito alto ou quando a cama também era muito alta ou quando o mar estava muito agitado. Sinceramente, você só tem memória seletiva quando lhe convém, Matthew. E quanto a fazer amor, não é sempre com a ternura que você descreve. Não nos livros que já li. Às

vezes é apenas um bom e duro...

Antes que pudesse terminar a frase, um vampiro lindíssimo me jogou por cima do ombro dele.

– Vamos continuar essa conversa em particular.

– Socorro! Acho que o meu marido é um vampiro! – Soltei uma risada, socando a parte de trás das coxas dele.

– Silêncio – grunhiu ele. – Ou terá de se ver com a sra. Hawley.

– Se eu fosse uma humana e não uma bruxa, o grunhido que acabou de soltar me colocaria nas nuvens. Eu seria toda sua e me entregaria de corpo e alma. – Soltei outra risada.

– Você já é toda minha. – Ele me fez lembrar e me colocou na cama. – Aliás, vou mudar essa trama ridícula. Para ser original... e ainda mais verossímil, vamos pular o jantar e entrar direto na cama.

– As leitoras adorariam um vampiro que falasse dessa maneira! – eu disse.

Matthew não pareceu interessado em minhas contribuições editoriais. Já estava muito ocupado em levantar minhas saias. Faríamos amor deliciosamente vestidos à maneira elisabetana.

– Espere um pouco. Pelo menos me deixe tirar as anquinhas. – Segundo Annie, era assim que se chamava o estofamento que sustentava as saias e seus respectivos babados.

Acontece que Matthew não estava disposto a esperar.

– Para o diabo as anquinhas. – Ele desamarrou a parte frontal da calça, agarrou minhas mãos e prendeu-as por cima da minha cabeça. E com um único impulso já estava dentro de mim.

– Eu não podia imaginar que uma conversa sobre a ficção popular causaria esse efeito em você – comentei quase sem fôlego quando ele começou a se mexer. – Lembre-me de falar disso com você outras vezes.

Já íamos sentar para jantar quando me chamaram para ir à casa de Goody

Alsop.

A Rede chegara a uma decisão.

Quando eu e Annie chegamos escoltadas por dois vampiros e Jack à esteira, Goody Alsop já estava na sala de estar com Susanna e três bruxas desconhecidas. Ela despachou os homens para a Golden Gosling e me levou até o grupo reunido perto da lareira.

– Venha conhecer suas mestras, Diana. – A ajudante de Goody Alsop me apontou uma cadeira vazia e se acomodou à sombra de sua senhora. As cinco bruxas me observavam dos pés à cabeça. Com uns vestidos cinzentos de lã grossa mais pareciam um bando de prósperas matronas da cidade. Somente a comichão provocada pelos olhares delas indicava que eram bruxas.

– Então, a Rede aceitou o seu plano inicial – eu disse pausadamente, encarando-as nos olhos. Nunca era bom demonstrar medo para os professores.

– Aceitou, sim – disse Susanna resignada. – Desculpe-me, sra. Roydan. Tenho dois filhos para me preocupar e um marido muito doente para sustentar a casa. A boa vontade dos vizinhos talvez acabe da noite para o dia.

– Deixe-me apresentar as outras para você – disse Goody Alsop, girando levemente para a mulher à sua direita. Era uma baixinha de rosto redondo que aparentava uns sessenta anos e cujo sorriso denotava um espírito generoso. – Esta é Marjorie Cooper.

– Diana – disse Marjorie, com um meneio de cabeça que fez o rufo farfalhar. – Bem-vinda à reunião.

Eu tinha aprendido nos encontros com a Rede que as bruxas elisabetanas usavam a palavra "reunião" para indicar uma comunidade de bruxas reconhecida com uma assiduidade maior que o uso da palavra "conciliábulo" por parte das bruxas modernas. Como tudo mais em Londres, as reuniões da cidade coincidiam com as fronteiras paroquiais.

Embora a proximidade dos conciliábulos das bruxas com as igrejas cristãs pareça estranho, isso tinha um sentido de organização e era uma medida extra de segurança, além do que também mantinha os negócios das bruxas próximos dos vizinhos.

Havia mais de uma centena de reuniões na Londres propriamente dita, e duas dezenas mais espalhadas pelos subúrbios. Assim como as paróquias, as reuniões organizavam-se em setores maiores conhecidos como alas. Cada ala era representada na Rede por uma anciã, que supervisionava os assuntos das bruxas na cidade.

Com o pânico instaurado pela caça às bruxas, a Rede passou a se preocupar com a possibilidade de uma quebra do antigo sistema de governança. Londres já estava repleta de criaturas e a cada dia chegavam mais. Eu tinha ouvido alguns cochichos sobre a grandiosidade da reunião de Aldgate – que incluía sessenta bruxas e não de treze a vinte como as outras – e do grande número de membros das reuniões de Cripplegate e Southwark. Para evitar a atenção dos humanos algumas reuniões começavam a se "dispersar" e a se dividir em diferentes clãs. De modo que as novas reuniões com líderes inexperientes mostravam-se problemáticas naqueles tempos difíceis. As bruxas da Rede que possuíam o dom da segunda visão já tinham vaticinado problemas futuros.

– Marjorie é abençoada com a magia da terra, como a Susanna. Sua especialidade é a memória – explicou Goody Alsop.

– Não preciso ler os novos almanaques que estão à venda em todas as livrarias – afirmou Marjorie, com orgulho.

– Marjorie se lembra perfeitamente de cada feitiço que já fez e da configuração dos astros de cada ano de sua vida... e de outros anos mais anteriores ao nascimento dela.

– Goody Alsop temia que você não conseguisse registrar e reter todo o aprendizado aqui. Vou ajudá-la a encontrar as palavras certas para que as outras bruxas possam utilizar os feitiços que você criar e também vou

ensiná-la a reter as palavras para que ninguém possa tirá-las de você. – Marjorie abaixou a voz em tom de cumplicidade, com um brilho nos olhos. – Meu marido lida com vinhos. Pode lhe conseguir um vinho muito melhor do que aquele que vocês estão bebendo. Sei muito bem que o vinho é importante para os *wearhs*.

Caímos todas na risada.

– Muito obrigada, sra. Cooper. Transmitirei a oferta para o meu marido.

– Pode me chamar de Marjorie. Aqui todas somos irmãs. – Pela primeira vez na vida não me incomodei em ser chamada de irmã por outra bruxa.

– Eu sou Elizabeth Jackson – disse uma mulher mais velha também ao lado de Goody Alsop. Aparentava ser bem mais velha que Marjorie, mas não tão velha como Goody Alsop.

– Você é uma bruxa de água. – Senti afinidade por ela tão logo se manifestou.

– Sou.

Elizabeth tinha cabelos grisalhos e olhos cinzentos, era alta e esguia, ao contrário de Marjorie, que era baixinha e redonda. Enquanto diversas bruxas de água da Rede eram sinuosas e fluidas, Elizabeth era límpida e brilhante como os córregos das montanhas. Pressenti que sempre me contaria a verdade, mesmo quando não quisesse ouvi-la.

– Elizabeth tem o dom da vidência. Vai ensinar a arte da divinação para você.

– Mamãe era conhecida pela segunda visão que tinha – disse, com certa hesitação. – Gostaria de seguir os passos dela.

– Mas ela não tinha fogo – disse Elizabeth determinada, dando início a sua missão de sempre dizer a verdade. – Talvez você não seja capaz de seguir a sua mãe em tudo, Diana. Fogo e água compõem uma potente mistura, desde que não se aniquilem entre si.

– Vamos providenciar para que isso não aconteça – disse a última bruxa, voltando-se para mim. Até então se limitara a me observar, mas sem olhar nos meus olhos. E agora a razão para isso se mostrava em seus olhos castanhos cujas cintilações douradas fizeram o meu terceiro olho se abrir alarmado. Com a visão extra, pude enxergar o halo de luz que a rodeava. Ela devia ser Catherine Streeter.

– Você é realmente... realmente bem mais poderosa que as outras bruxas de fogo da Rede – gaguejei.

– Catherine é uma bruxa especial – admitiu Goody Alsop –, uma bruxa de fogo nascida de pais depositários do fogo de bruxa. Isso raramente acontece porque a própria natureza sabe que é difícil ocultar uma luz com essa intensidade.

Meu terceiro olho se fechou ainda aturdido com a visão da bruxa triplamente bendita e a luz de Catherine se recolheu. O castanho dos cabelos esmaeceu e os olhos sombrearam, mas sem obscurecer a beleza inesquecível do rosto dela. No entanto, a magia se revigorou tão logo ela se pôs a falar.

– Você tem mais fogo do que eu esperava – disse com ar pensativo.

– É uma pena que ela não estivesse aqui quando a armada chegou – disse Elizabeth.

– Então, é verdade? Foram as bruxas que sopraram o famoso "vento inglês" que empurrou os navios espanhóis para fora do litoral da Inglaterra? – perguntei. Esse episódio fazia parte do folclore das bruxas, mas até então o considerava um mito.

– Goody Alsop foi muito útil para Sua Majestade – respondeu Elizabeth orgulhosa. – Se você estivesse aqui talvez tivéssemos incendiado a água... ou, no mínimo, deflagrado uma chuva de fogo.

– Não vamos colocar a carroça na frente dos bois – interveio Goody Alsop, erguendo uma das mãos. – Diana ainda não fez o *forspell* de tecelã.

– *Forspell?* – repeti. Era outro termo desconhecido para mim, assim

como “reunião” e “Rede”.

– *Forspell* é o meio pelo qual se revelam os talentos da tecelã. Juntas, formaremos um círculo abençoado. E nesse círculo libertaremos temporariamente os poderes que você tem para que possam encontrar o próprio caminho sem nenhuma palavra e sem nenhum desejo – explicou Goody Alsop. – Isso deixará os seus talentos e o seu familiar bem visíveis e saberemos o que fazer para treiná-los.

– Bruxas não têm familiares. – Era outro conceito humano, assim como o culto ao diabo.

– Tecelãs têm – disse Goody Alsop serenamente, apontando para sua ajudante. – Ela é a minha. Como todos os familiares, ela é uma extensão dos meus talentos.

– Não sei se no meu caso é uma boa ideia ter um familiar – retruquei, pensando nos marmelos murchos, nos sapatos de Mary e no pintinho. – Já tenho muita coisa com que me preocupar.

– Eis a razão para você lançar um *forspell*... se encarar seus medos mais profundos poderá trabalhar livremente com sua magia. Mas pode ser uma experiência desagradável. Muitas vezes as tecelãs entram no círculo com cabelos da cor da asa do corvo e saem com mechas brancas como a neve – admitiu Goody Alsop.

– Mas não tão angustiante quanto a noite em que as águas jorraram de Diana quando ela se viu abandonada pelo *wearh* – disse Elizabeth em voz baixa.

– Nem tão solitária quanto a noite em que ela foi trancada debaixo da terra – disse Susanna, com tremores. Marjorie balançou a cabeça em solidariedade.

– Nem tão assustadora como naquela vez em que a bruxa de fogo tentou abri-la ao meio – disse Catherine, com os dedos adquirindo um tom alaranjado por causa da fúria.

– Sexta-feira será de lua negra. Faltam poucas semanas para a

Candelária. E estamos entrando num período propício a feitiços que induzem as crianças aos estudos – frisou Marjorie, franzindo o rosto de concentração enquanto tirava a relevante informação de sua prodigiosa memória.

– Achei que era uma semana propícia à confecção de amuletos que repelem mordidas de cobra – retrucou Susanna, tirando um pequeno almanaque do bolso.

Enquanto Marjorie e Susanna discutiam os meandros mágicos do calendário, Goody Alsop, Elizabeth e Catherine me olhavam fixamente.

– Eu acho... – Goody Alsop me observou com ar especulativo e dedilhando os lábios.

– Claro que não – retrucou Elizabeth com a voz abafada.

– Lembram que não devemos colocar a carroça na frente dos bois? A deusa já nos abençoou em demasia – disse Catherine, com uma rápida sucessão de cores em seus olhos castanhos que esverdearam, douraram, avermelharam e enegreceram. – Mas talvez...

– O almanaque da Susanna está totalmente errado. Mas decidimos que será mais auspicioso se Diana tecer o *forspell* na próxima quinta-feira, com a lua crescente a caminho da cheia – disse Marjorie, batendo palmas de contentamento.

– Ufa – exclamou Goody Alsop, tapando o ouvido com o dedo para dissipar o distúrbio ambiente. – Com gentileza, Marjorie, com gentileza.

Minhas novas obrigações para a reunião de St. James Garlickhythe e meu crescente interesse pelas experiências alquímicas de Mary me fizeram passar mais tempo fora de casa. Enquanto isso, Hart and Crown continuava sendo a sede da Escola da Noite e o ponto central para o trabalho de Matthew. Mensageiros traziam e levavam relatos e correspondências, George aparecia com frequência para uma refeição e para nos contar os seus últimos e malfadados esforços para encontrar o

Ashmole 782, e Hancock e Gallowglass deixavam as roupas sujas no térreo depois de se desnudar sem a menor cerimônia e passavam horas perto da lareira à espera das roupas limpas. Kit e Matthew tinham dado uma trégua após os casos Hubbard e John Chandler e muitas vezes me deparava com o dramaturgo na sala de estar, ora com os olhos perdidos na distância, ora escrevendo furiosamente. Servia-se atrevidamente do meu suprimento de papel e isso era uma fonte adicional de aborrecimento.

E ainda havia Annie e Jack. O trabalho de integrar as duas crianças ao ambiente doméstico exigia tempo integral. Jack, que devia ter uns sete ou oito anos de idade (ele não fazia a menor ideia de quantos anos tinha), se aprazia em infernizar a adolescente. Estava sempre atrás de Annie e repetia tudo o que ela falava. Ela caía em prantos e subia para se trancar no quarto. E Jack ficava amuado quando era castigado pelo que tinha feito. Assim, ansiosa por algumas horas de tranquilidade, incumbi um mestre-escola de ensinar aos dois a ler, escrever e fazer contas, mas eles logo trataram de espantar o professor recém-graduado em Cambridge, com poses de olhos vazios e de fingida inocência. Preferiam fazer compras com Françoise e perambular por Londres com Pierre a se manter sentados em silêncio e fazendo contas.

– Vou afogar nosso filho se ele se comportar dessa maneira – disse durante uma pausa nos estudos de Matthew.

– *Ela* vai se comportar dessa maneira, esteja certa disso. E você não vai afogá-la – disse ele, pondo a pena em cima da mesa. Ainda discordávamos quanto ao sexo do bebê.

– Já tentei de tudo. Argumentei, bajulei, implorei... diabos, recorri até ao suborno. – Os pãezinhos do mestre Prior aumentavam ainda mais a energia de Jack.

– Todos os pais cometem o mesmo erro. – Ele soltou uma risada. – Você está tentando ser amiguinha de Jack e de Annie. Trate-os como filhotes. De vez em quando, um bom beliscão no nariz estabelece a

autoridade bem mais que um pedaço de torta.

– Essas dicas para a criação dos filhos foram extraídas do reino animal? – Pensei nas antigas pesquisas de Matthew sobre os lobos.

– Pois bem, foram. Se essa querela continuar eles terão de se haver comigo, e eu não belisco. Eu mordo. – Ele fulminou a porta com um olhar flamejante quando o estrondo de alguma coisa quebrada ecoou pela casa, seguido por um abjeto "desculpe, senhora".

– Muito obrigada, mas não estou desesperada a ponto de recorrer ao adestramento. Por enquanto – eu disse, saindo da sala.

Dois dias de uso da voz de comando de uma professora e aplicadora de castigos instituíram um pouco de ordem, mas a exuberância das crianças requeria uma grande dose de atividade para ser intimidada. Eu deixava de lado os livros e os manuscritos e fazia longos passeios com eles em Cheapside e pelos subúrbios da parte oeste da cidade. Nós íamos aos mercados com Françoise e assistíamos ao descarregamento das cargas dos barcos em Vintry. Imaginávamos de onde vinham as cargas e especulávamos sobre os lugares de origem das tripulações.

Às vezes me detinha no caminho como qualquer turista, mas logo me sentia na Londres elisabetana como se no meu próprio lar.

Estávamos fazendo compras no Leadenhall Market, o primeiro empório de Londres especializado em mercadorias finas, quando avistei um mendigo perneta. Era a loja de um chapeleiro e, quando enfiei a mão na bolsa para pegar uma moeda, as crianças desapareceram. Podiam causar um estrago... um estrago muito caro naquele lugar.

– Annie! Jack! – chamei por eles enquanto colocava a moeda na palma da mão do homem. – Não toquem em nada!

– Está longe de sua casa, sra. Roydon – disse uma voz soturna. A pele do meu rosto registrou um olhar gelado, e ao me virar me deparei com Andrew Hubbard.

– Padre Hubbard – eu disse. O mendigo recuou.

Hubbard olhou ao redor.

– Onde está a sua acompanhante?

– Se está se referindo a Françoise está aqui no mercado – respondi em tom ácido. – Annie também está comigo. Aliás, ainda não pude lhe agradecer por tê-la mandado para nós. Ela tem sido de grande valia.

– Já sei que a senhora tem se encontrado com Goody Alsop.

Deixei a gritante especulação sem resposta.

– Ela não sai de casa desde que os espanhóis estiveram por aqui, a menos que haja um bom motivo.

Permaneci calada. Hubbard sorriu.

– Eu não sou seu inimigo, senhora.

– E eu não disse que o era, padre Hubbard. Mas quem eu vejo e por que o vejo não é de sua conta.

– Sim. Isso ficou bem claro na carta do seu sogro... ou a senhora o considera um pai? Philippe me agradeceu por ajudá-la, é claro. Com o líder da família De Clermont os agradecimentos sempre precedem as ameaças. Eu tenho notado uma mudança refrescante no comportamento habitual do seu marido.

Estreitei os olhos.

– O que está querendo comigo, padre Hubbard?

– Suporto a presença dos De Clermont porque é preciso. Mas se isso me trouxer problemas não serei obrigado a me manter assim. – Hubbard se curvou em minha direção e senti um hálito gelado. – E posso farejar que a senhora está causando problemas. Chego a sentir o gosto. As bruxas estão... difíceis desde a sua chegada.

– É uma infeliz coincidência – retruquei –, mas não por minha culpa. Sou tão ignorante das artes mágicas que nem consigo quebrar um ovo numa tigela.

Françoise chegou do seu passeio pelo mercado. Fiz uma ligeira reverência para Hubbard e dei um passo para me afastar. Ele foi mais ágil

e me pegou pelo pulso. Cravei os olhos nos dedos gelados dele.

– Não são apenas as criaturas que exalam cheiros, sra. Roydon. A senhora sabia que os segredos têm cheiros distintos?

– Não – respondi, puxando o meu pulso.

– Se as bruxas sabem quando alguém está mentindo, os *wearhs* farejam um segredo como um cão de caça fareja um veado. E vou descobrir o seu segredo, sra. Roydon, por mais que tente escondê-lo.

– A senhora está pronta, madame? – perguntou Françoise, franzindo a testa à medida que chegava mais perto. Annie e Jack a acompanhavam e a garota empalideceu quando viu Hubbard.

– Sim, Françoise – eu disse, finalmente desviando os olhos dos sinistros olhos estriados de Hubbard. – Muito obrigada pelo conselho, padre Hubbard, e pela informação.

– Se o garoto está sendo um peso para a senhora, ficaria feliz em tomar conta dele – sussurrou quando me afastei. Girei o corpo e caminhei até ele.

– Mantenha as mãos distantes do que é meu. – Nossos olhos se encontraram e dessa vez Hubbard foi o primeiro a desviá-los. Caminhei de volta ao meu grupinho formado por uma vampira, uma bruxa e um humano. Jack parecia ansioso e pulava de um pé para o outro, como se preparado para sair em disparada. – Vamos comer um delicioso bolo de gengibre lá em casa – eu disse, pegando-o pelo braço.

– Quem é aquele homem? – sussurrou ele.

– Padre Hubbard – respondeu Annie, com um cochicho.

– Aquele das cantigas? – disse Jack, olhando por cima do ombro. Annie assentiu com a cabeça.

– Sim, e quando ele...

– Basta, Annie. O que foi que viram na loja de chapéus? – perguntei, apertando ainda mais o braço de Jack. Levei a mão ao cesto abarrotado de mercadorias. – Deixe-me levá-lo, Françoise.

– Isso não vai adiantar, madame – disse Françoise enquanto me estendia

o cesto. – Milorde vai saber que a senhora esteve com esse demônio. O cheiro de repolho não vai esconder isso. – Jack fez um meneio de cabeça, interessado nessa informação em particular, e lancei um olhar de advertência para Françoise.

– Vamos evitar problemas – comentei quando tomamos o caminho de casa.

De volta a Hart and Crown, deixei de lado o cesto, a capa, as luvas e as crianças e peguei uma taça de vinho para Matthew. Ele estava debruçado num maço de papéis sobre a escrivaninha. Fiquei com o coração aliviado perante uma visão agora familiar.

– Ainda aí? – perguntei, passando o braço por cima do ombro dele para pôr o vinho à frente. Os papéis estavam com rabiscos de diagramas, das letras X e O e de traços que pareciam fórmulas científicas modernas. Aquilo não devia ter nada a ver com a espionagem e a Congregação, a menos que estivesse codificado.

– O que está fazendo?

– Só estou tentando descobrir alguma coisa sobre você – disse ele, pondo o papel de lado.

– Alguma coisa genética? – As letras X e O lembravam a biologia e as ervilhas de Gregor Mendel. Peguei o papel. Não tinha apenas as letras X e O. Reconheci as iniciais dos membros da família de Matthew: YC, PC, MC, MW. As outras eram da minha própria família: DB, RB, SB, SP. Ele desenhara setas entre os indivíduos e linhas entrecortadas de geração a geração.

– Não estritamente falando. – Ele interrompeu minha observação, com uma de suas clássicas respostas evasivas.

– Talvez você precise de equipamento para isso. – No pé da página, um círculo rodeava duas letras: B e C... *Bishop e Clairmont*. Nosso filho. Aquilo tinha alguma coisa a ver com o bebê.

– Está a fim de tirar algumas conclusões, é claro. – Ele pegou a taça de

vinho e levou-a aos lábios.

– Então, qual é a sua hipótese? Não precisa de um laboratório para elaborar uma teoria – observei. – Se envolve o bebê, quero saber.

Matthew paralisou, com as narinas ligeiramente abertas. Colocou a taça de vinho na mesa com cuidado, pegou a minha mão e comprimiu os lábios no meu pulso, um gesto aparente de afeição. Ficou com os olhos escuros.

– Você esteve com Hubbard – disse em tom acusatório.

– Não o procurei. – Afastei-me e esse foi o meu erro.

– Não – disse ele rispidamente, apertando o meu pulso. Ficou com a respiração ofegante. – Hubbard segurou seu pulso. Só o pulso. Sabe por quê?

– Porque estava tentando chamar a minha atenção – respondi.

– Não, porque estava tentando chamar a minha atenção. A pulsação dele ainda está aqui – disse ele, passando o polegar por cima da veia. Estremeci. – O sangue chegou tão à superfície que posso vê-lo e sentir o cheiro dele. O calor dele amplia os outros cheiros que estão aqui. – Matthew fez um círculo no meu pulso, como um bracelete. – Onde é que a Françoise estava?

– No Leadenhall Market. Fiquei com Annie e Jack. De repente avistei um mendigo e... – Senti uma dor rápida e aguda. Abaixei os olhos e meu pulso estava ferido, o sangue brotava de alguns cortes superficiais. *Marcas de dentes*.

– Isso foi para mostrar a rapidez com que Hubbard poderia tomar o seu sangue e saber tudo a seu respeito. – Matthew apertou o ferimento com o polegar.

– Mas nem vi você se mover – eu disse atônita.

Os olhos escuros dele brilharam.

– Assim como não teria visto Hubbard se ele quisesse atacar.

Talvez Matthew não fosse tão superprotetor como eu pensava.

– Nunca mais permita que ele se aproxime a ponto de poder tocá-la. Fui

claro?

Balancei a cabeça e ele iniciou um lento processo de superação da raiva. Só respondeu a minha pergunta inicial quando readquiriu o equilíbrio.

– Estou tentando determinar a possibilidade de transmitir meu sangue furioso para nosso filho – disse em um leve tom de amargura. – Benjamin tem a doença. Marcus não tem. Odeio pensar que poderia amaldiçoar uma criança inocente com essa doença.

– Já sabe por que Marcus e seu irmão Louis foram imunes à doença, ao contrário de você, Louisa e Benjamin? – Evitei perguntar diretamente se a doença poderia se transmitir para todos os filhos dele. Ele me diria mais depois... se fosse capaz.

Os ombros dele se descontraíram.

– Louis e Louisa morreram bem antes que se pudessem fazer os testes sanguíneos. Só tenho o meu sangue e o de Marcus e de Ysabeau para trabalhar... e isso não é suficiente para tirar conclusões confiáveis.

– Mas você tem uma teoria – disse, pensando nos diagramas.

– Sempre achei que a fúria de sangue era um tipo de infecção e que Marcus e Louis eram naturalmente imunes a isso. Mas quando Goody Alsop afirmou que apenas uma tecelã poderia gerar um filho de um *wearh*, isso me fez pensar que talvez estivesse observando o caso de maneira equivocada. Talvez não seja alguma resistência em Marcus e sim alguma receptividade em mim, da mesma forma que uma tecelã é receptiva à semente de um *wearh*, ao contrário de qualquer outra mulher sangue-quente.

– Uma predisposição genética? – perguntei, tentando seguir a linha do raciocínio.

– Talvez. Possivelmente algo recessivo que raramente se mostra na população, a menos que ambos os pais carreguem o gene. A descrição do "três vezes bendita" da sua amiga Catherine Streeter não me sai da cabeça, como se a totalidade da genética dela fosse de alguma forma maior que a

soma das partes.

Matthew rapidamente se perdeu nos meandros de um quebra-cabeça intelectual.

– Depois, comecei a me perguntar se a sua condição de tecelã é suficiente para explicar a sua capacidade de conceber. E se a combinação de traços genéticos recessivos não for apenas sua e também minha? – Ele passou a mão no cabelo visivelmente frustrado, e suspirei aliviada ao concluir que isso também era um indício de que a fúria de sangue tinha passado.

– Poderá testar sua teoria quando retornarmos ao seu laboratório. – Abaixei o tom da voz. – E você não terá problemas em conseguir uma amostra do sangue de Sarah e Em quando elas souberem que serão tias... e babás. Elas são casos patológicos da síndrome de avó e há anos cuidam das crianças da vizinhança para se satisfazerem.

Finalmente, tirei um sorriso de Matthew.

– Síndrome de avó? Que expressão rude. – Ele chegou mais perto de mim. – É bem provável que Ysabeau também tenha desenvolvido essa síndrome com o transcorrer dos séculos.

– Não posso pensar nisso. – Fingi que me arrepiava.

Era nos momentos em que a conversa girava em torno das reações dos outros aos fatos que vivíamos e não em torno das nossas próprias reações a esses fatos que eu me sentia realmente grávida. Meu corpo quase não registrava a nova vida que estava dentro de mim e, na correria do cotidiano de Hart and Crown, era fácil esquecer de que logo seríamos pais. Às vezes passava o dia sem pensar a respeito da gravidez e só lembrava quando no meio da noite Matthew pousava a mão na minha barriga em silenciosa comunhão para ouvir os sinais da nova vida.

– Também não posso pensar em nenhum mal acontecendo a você. – Ele me tomou nos braços. – Seja cuidadosa, *ma lionne* – sussurrou, colando os lábios no meu cabelo.

– Prometo que serei.

– Você não reconheceria o perigo mesmo que chegasse com um convite. – Ele recuou e olhou no fundo dos meus olhos. – Não se esqueça: os vampiros não são como os sangues-quentes. Não subestime o quanto letais podemos ser.

O aviso de Matthew ecoou na minha cabeça por um longo tempo. Às vezes me flagrava a observar os vampiros da casa à cata de pequenos sinais que revelassem quando pensavam em se mover ou quando estavam famintos, cansados, inquietos ou entediados. Eram sinais sutis e quase imperceptíveis. Gallowglass abaixava as pálpebras quando Annie passava para dissimular a avidez nos olhos, mas isso acontecia tão depressa que podia ser imaginação, da mesma forma que podia ser imaginação o fato de que Hancock abria as narinas quando um grupo de sangues-quentes cruzava a rua lá embaixo.

Mas o trabalhão para limpar o sangue das roupas de Gallowglass e Hancock não era imaginação. Eles saíam à caça e se alimentavam na cidade, se bem que Matthew não os acompanhava. Contentava-se com o que Françoise obtinha dos açougueiros.

Na tarde de uma segunda-feira fui com Annie até o castelo de Mary, como de costume, e no trajeto me atentei ao entorno como não fazia desde que chegara. Dessa vez não tratei de absorver os detalhes da vida elisabetana, mas tratei de me assegurar de que não estávamos sendo observadas nem seguidas. Mantinha Annie ao alcance do braço enquanto Pierre segurava Jack com força. Já tínhamos aprendido a duras penas que era a única maneira de evitar que o menino "catasse tralhas", como dizia Hancock. Mas a verdade é que, apesar de todos esses esforços, Jack ainda cometia furtos de ladrãozinho. Matthew chegou a instituir um novo ritual doméstico para combater isso. Toda noite vasculhava os bolsos de Jack e o obrigava a confessar como tinha obtido o extraordinário acúmulo de

objetos brilhantes. Até então o estratagema não tinha detido a atividade do menino.

Com seus dedos leves Jack não era nem um pouco confiável no interior da bem equipada residência da condessa de Pembroke. E quando o deixei com Pierre lá fora, o semblante de Annie se iluminou com a perspectiva de uma longa sessão de fofocas com Joan, a aia de Mary, e de algumas horas livres das atenções indesejáveis de Jack.

– Diana! – gritou Mary quando cruzei o umbral do laboratório. Apesar das muitas vezes que entrava lá dentro, o ar sempre me faltava quando me via perante os murais que ilustravam a feitura da pedra filosofal. – Venha, quero lhe mostrar uma coisa.

– É a tal surpresa?

Mary vinha lançando umas indiretas de que logo, logo me deleitaria com uma prova de sua competência alquímica.

– Sim – respondeu ela, pegando o bloco de anotações. – Veja isto. Estamos no dia dezoito de janeiro e comecei o trabalho no dia nove de dezembro. Ao todo são quarenta dias, exatamente como os sábios prometeram.

Quarenta era um número significativo na prática alquímica, e talvez Mary tivesse empreendido um número determinado de experimentos. Observei as notas laboratoriais a fim de atinar o que ela realizara. Em duas semanas eu tinha aprendido a decifrar a taquigrafia e os símbolos de Mary para os diversos metais e substâncias. E se o meu raciocínio estava certo, ela iniciara o processo com 28,35 g de prata dissolvida em aquaforte... a "água-forte" dos alquimistas conhecida nos tempos modernos como ácido nítrico. Para isso, ela adicionava água destilada.

– Esta é sua marca para o mercúrio? – perguntei, apontando para um glifo desconhecido.

– Sim... mas só para o mercúrio que obtenho de uma excelente fonte na Alemanha. – Mary não poupava despesas quando se tratava de substâncias

e equipamentos para o laboratório. Logo me fez ver um outro exemplo do compromisso que tinha com a qualidade a qualquer preço: um grande frasco de vidro. Sem qualquer imperfeição e claro como o cristal, o que significava que era oriundo de Veneza. O vidro inglês produzido em Sussex era marcado de bolhas e manchas. A condessa preferia o material produzido em Veneza... e podia pagar por ele.

Um dedo premonitório roçou nos meus ombros quando vi o que estava lá dentro.

Uma árvore de prata brotara de uma pequena semente colocada no fundo do frasco. Os galhos se projetavam do tronco em bifurcações que abarrotavam a parte de cima do frasco de filamentos cintilantes. Pequenas contas parecidas com frutos nas extremidades dos galhos sugeriam que a árvore estava madura e pronta para a colheita.

– A *arbor Dianae* – afirmou Mary orgulhosa. – Foi Deus que me inspirou para terminá-la a tempo de poder saudar você. Já tinha feito algumas tentativas, mas a árvore nunca enraizava. Ninguém que veja algo assim duvida da verdade e do poder da arte alquímica.

A visão da árvore de Diana era de tirar o fôlego. Crescia cintilante aos meus olhos, projetando novos brotos que preenchiam cada espaço do frasco. Eu sabia que aquilo era apenas o amálgama dendrítico da prata cristalizada, mas isso não diminuía a minha admiração perante a visão de um pedacinho de metal que se assemelhava ao processo vegetal.

Na parede oposta, um dragão ocupava o conteúdo de um recipiente igual ao que Mary usara para abrigar a *arbor Dianae*. O dragão mordia a cauda e pingavam gotas de sangue em cima de um líquido prateado embaixo. Observei a imagem seguinte da série: o voo do pássaro de Hermes em direção ao casamento químico. O pássaro me trouxe à mente a ilustração do casamento estampada no Ashmole 782.

– É possível que haja um método mais rápido para atingir o mesmo resultado – disse Mary, atraindo outra vez a minha atenção. Ela puxou

uma pena que estava presa ao cabelo e manchou a orelha de tinta. – O que aconteceria se eu limasse a prata antes de dissolvê-la na aquaforte?

Foi uma tarde agradável na qual a conversa girou em torno de outras maneiras de criar a *arbor Dianae*, mas o tempo passou com muita rapidez.

– Você virá na quinta-feira? – perguntou ela.

– Sinto muito, mas tenho outro compromisso – respondi. Eu teria que estar na casa de Goody Alsop antes do pôr do sol.

O semblante de Mary transpareceu uma leve decepção.

– Sexta-feira, então?

– Sexta-feira – concordei.

– Diana – disse ela hesitante –, você está bem?

– Sim – respondi surpreendida. – Pareço doente?

– Está pálida e parece cansada – admitiu ela. – Como a maioria das mães eu estou propensa a... Oh. – Calou-se abruptamente, com as faces rubras. Desviou os olhos para a minha barriga e depois para o meu rosto. – Você está grávida.

– Ainda lhe farei muitas perguntas nas semanas que estão pela frente – disse, pegando a mão dela e apertando-a.

– Há quanto tempo? – perguntou Mary.

– Não muito – respondi vagamente.

– Mas o bebê não pode ser do Matthew. Um *wearh* não pode ser pai de uma criança – disse ela, levando a mão à face espantada. – Ele aceitou a criança, mesmo sabendo que não é dele?

Matthew já tinha dito que os outros achariam que o bebê era de outro homem, mas ainda não tínhamos decidido o que responderíamos. Eu teria que improvisar.

– Ele a considera como do seu próprio sangue – respondi em tom firme. Uma resposta que aparentemente só aumentou a preocupação dela.

– Você deve agradecer pelo fato de Matthew ser altruísta quando se trata de proteger os necessitados. E você... *você* consegue amar essa

criança, mesmo sendo uma gravidez forçada?

Ela achou que eu tinha sido estuprada... e que talvez Matthew só tivesse se casado comigo para me proteger do estigma de mãe grávida solteira.

– A criança é inocente. Não posso me negar a amá-la. – Procurei não negar nem confirmar as suspeitas de Mary. Felizmente, ela se deu por satisfeita com a resposta e, bem ao seu jeito de ser, não prosseguiu. – Como deve imaginar – acrescentei –, estamos mantendo isso em segredo o máximo possível.

– É claro – concordou ela. – Joan vai preparar um delicioso creme fortificante de sangue para você, e também um bálsamo para o estômago que deve ser tomado à noite, antes de dormir. Isso me ajudou muito na última gravidez e aliviou os enjoos matinais.

– Até agora não posso reclamar porque ainda não tive enjoos – disse, pegando as luvas. – Matthew me garantiu que os enjoos chegarão a qualquer hora.

– Hum. – Mary se pôs reflexiva e uma sombra cruzou-lhe o rosto. Franzi a testa, tentando imaginar o que a preocupava. Ela percebeu isso e abriu um sorriso. – Você deve se resguardar da fadiga. Não fique de pé muito tempo quando vier aqui na sexta-feira; fique sentadinha no banco enquanto trabalhamos. – Endireitou a minha capa. – Afaste-se das correntes de ar. E se os pés começarem a inchar, peça a Françoise para preparar uma cataplasma. Mandarei uma receita de cataplasma junto com o creme. Não é melhor ir com meu barqueiro até Water Lane?

– São apenas cinco minutos de caminhada! – protestei, com uma risada. Ela acabou me deixando voltar a pé para casa, mas só depois que prometi evitar as correntes de ar, a água fria e o barulho.

Naquela noite sonhei que dormia debaixo dos galhos de uma árvore que brotava no meu útero. A ramagem me protegia dos raios da lua e lá no alto um dragão cruzava a noite. O dragão fazia uma órbita com o rabo em torno da lua e a órbita prateada avermelhava.

Acordei na cama vazia e com os lençóis encharcados de sangue.

– Françoise! – gritei, com uma cólica repentina e aguda.

Matthew chegou correndo. A expressão de dor refletida no rosto dele confirmou o que eu já sabia.



– Todas nós já perdemos bebês, Diana – disse Goody Alsop, com tristeza. – É uma dor que a maioria das mulheres conhece. – Todas? – Olhei para as bruxas da reunião de Garlickhythe que estavam na sala de Goody Alsop.

Jorraram histórias de filhos perdidos em partos e de filhos que morreram com seis meses ou seis anos de idade. Eu não conhecia mulheres que tinham abortado... ou pelo menos achava que não conhecia. Será que alguma das minhas amigas sofrera essa perda sem que eu soubesse?

– Você é jovem e forte – disse Susanna. – Nenhuma razão a fará pensar que não poderá conceber outro filho.

Nenhuma razão, se não levasse em conta o fato de que não poderia ser tocada pelo meu marido até que estivéssemos de volta à terra do controle da natalidade e dos monitores fetais.

– Talvez – disse, com um meneio entorpecido de ombros.

– Onde está mestre Roydon? – perguntou Goody serenamente. A ajudante circulou pela sala como se pudesse encontrá-lo debaixo de uma almofada do assento perto da janela ou sentado em cima do armário.

– Trabalhando – respondi, encolhendo-me dentro do xale. Era um xale de Susanna que cheirava a açúcar queimado e canela, como ela.

– Ouvi que ele estava no Middle Temple Hall na noite passada. E pelo que disseram, assistindo a uma peça com Christopher Marlowe. – Catherine passou uma caixa de confeitos para Goody Alsop.

– Os homens comuns costumam sofrer terrivelmente pela morte de um filho. E não me surpreenderia se um *wearh* considerasse essa perda

particularmente difícil. Afinal, são muito possessivos. – Goody Alsop serviu-se de uma iguaria vermelha e gelatinosa. – Muito obrigada, Catherine.

As mulheres se mantiveram em silêncio, esperando que eu tivesse entendido o convite circunspecto de Goody Alsop e Catherine e começasse a discorrer como estavam as coisas entre mim e Matthew.

– Ele ficará bem – disse em tom firme.

– Ele devia estar aqui – disse Elizabeth em tom cortante. – Não vejo por que a perda dele seria mais dolorosa que a sua!

– Porque Matthew já sofreu mil anos de desgosto e eu, apenas 33 – retruquei em tom igualmente cortante. – Ele é um *wearh*, Elizabeth. Quer saber se eu gostaria que ele estivesse aqui e não lá fora com Kit? Claro que sim. Eu deveria implorar para que ficasse em Hart and Crown por minha causa? Absolutamente, não. – Minha voz se elevou à medida que liberei a frustração. Ele fora incrivelmente doce e terno comigo. E me confortara quando tive que enfrentar centenas de sonhos precários sobre um futuro destruído após o aborto do nosso filho.

O que me preocupava era o tempo que ele passava sabe-se lá onde lá fora.

– Meu cérebro me diz que Matthew deve ter a chance de passar pelo luto à maneira dele – continuei. – Meu coração me diz que ele me ama, mesmo que agora prefira a companhia dos amigos. Só desejo que ele possa me tocar sem culpa. – Isso era visível toda vez que me olhava ou me abraçava ou me pegava pela mão. Era insuportável.

– Eu sinto muito, Diana – disse Elizabeth, com o rosto crispado.

– Está tudo bem. – Garanti para ela.

Mas nada estava bem. De repente, o mundo inteiro se tornara discordante e errado, com cores vibrantes demais e com sons altos demais que me faziam pular de susto. Eu me sentia oca por dentro e, por mais que tentasse ler, as palavras não me atraíam.

– Nos veremos amanhã, conforme o combinado – disse Goody Alsop apressada enquanto as bruxas saíam.

– Amanhã? – Franzi a testa. – Não estou com ânimo para fazer magia, Goody Alsop.

– E eu não estou com ânimo para ser enterrada sem que você tenha tecido um primeiro feitiço, portanto espero que esteja aqui amanhã quando os sinos badalarem as seis.

Naquela noite permaneci na frente da lareira quando os sinos badalaram as seis, as sete, as oito, as nove e as dez. E quando badalaram as três da madrugada, ouvi ruídos na escada de entrada. Achei que fosse Matthew e me dirigi à porta. A escada estava vazia, mas encontrei alguns objetos num degrau: meia de criança, ramo de azevinho e papel com o nome de um homem escrito. Coloquei tudo no colo, sentei no degrau e me encolhi no xale.

Conjeturava sobre o que as oferendas significam e como tinham chegado ali quando a mancha silenciosa de Matthew subiu pela escada e se deteve abruptamente.

– Diana. – Ele tapou a boca com o dorso da mão, seus olhos verdes e vítreos.

– Ainda bem que você se alimenta quando está com Kit – comentei, levantando-me. – É bom saber que a amizade de vocês se estende para além da poesia e do xadrez.

Ele pôs a bota no degrau aos meus pés, e com os joelhos me pressionou contra a parede e me encurralou. Estava com o hálito doce e ligeiramente metálico.

– Você vai se odiar amanhã – comentei calmamente enquanto desviava a cabeça. Ninguém conhecia melhor do que eu aqueles lábios impregnados com cheiro de sangue. – Kit deveria ter se mantido ao seu lado até que o seu organismo consumisse as drogas. O sangue de Londres sempre contém opiáceos? – Já era a segunda noite que Matthew saía com Kit e voltava

drogado para casa.

– Nem sempre – respondeu ele, ronronando –, mas é o mais fácil de encontrar.

– O que são essas coisas? – Mostrei a meia, o azevinho e o papel.

– São para você – disse ele. – Chegam toda noite. Eu e Pierre as recolhemos antes de você acordar.

– Quando isso começou? – Foi o que consegui perguntar.

– Na semana passada... na semana em que se encontrou com a Rede. São quase sempre pedidos de ajuda. Desde que você... no sábado já havia presentes para você e o bebê. – Ele ergueu a mão. – Cuidarei disso.

Levei a mão ao coração.

– Onde está o resto?

Matthew apertou os lábios, mas mostrou onde as coisas estavam guardadas: dentro de uma caixa debaixo de um banco no sótão. Remexi o conteúdo da caixa. Era similar ao que saía dos bolsos de Jack toda noite: botões, pedaços de fitas, um caco de louça. Também havia mechas de cabelo e dezenas de pedacinhos de papel com nomes escritos. Eram itens invisíveis a um olhar desatento, mas os fios irregulares e pendidos à espera de ser amarrados, juntados ou emendados não me passaram despercebidos.

– São pedidos mágicos. – Olhei para Matthew. – Não devia ter escondido isso de mim.

– Eu não quero que você faça magia para cada criatura da cidade de Londres – disse Matthew, com os olhos escurecendo.

– Bem, e eu não quero que você coma na rua e se embebede com seus amigos noite após noite! Mas você é um vampiro e às vezes precisa fazer isso – retruquei. – Eu sou uma bruxa, Matthew. Esse tipo de pedido deve ser tratado com muito cuidado. Minha segurança depende da relação que tenho com os vizinhos. Não posso sair por aí roubando barcos e rosnando para os outros como o Gallowglass.

– Milorde. – Pierre estava na extremidade do sótão, de onde uma escada

estreita espiralava em direção a uma saída oculta localizada atrás dos enormes tanques de lavagem de roupa.

– O quê? – disse Matthew, com impaciência.

– Agnes Sampson está morta. – Pierre transpareceu pavor. – Foi levada na segunda-feira para Castlehill, em Edimburgo, onde teve o corpo preso ao garrote e queimado. – Entrei em pânico quando me dei conta de que o fato ocorrera na noite em que eu tinha perdido o bebê.

– Cristo. – Matthew empalideceu.

– Hancock garantiu que já estava morta antes de terem acendido a fogueira. Não chegou a padecer – continuou Pierre. Isso era uma pequena misericórdia nem sempre concedida a uma bruxa condenada. – Eles se recusaram a ler sua carta, milorde. Recomendaram que Hancock deixasse a política escocesa para o rei da Escócia, caso contrário seria preso na próxima vez que aparecesse em Edimburgo.

– Por que não consegui solucionar isso? – explodiu Matthew.

– Não é então apenas a perda do bebê que o tem levado para as trevas de Kit. Você também está se evadindo dos eventos na Escócia.

– Por mais que tente endireitar as coisas, pelo visto não consigo quebrar esse maldito padrão – disse Matthew. – Antes, como espião da rainha me aprazia com os problemas da Escócia. E como membro da Congregação considerava a morte de Sampson um preço justo a pagar pela manutenção do *status quo*. Mas agora...

– Agora, você está casado com uma bruxa – disse. – E tudo parece diferente.

– Sim. Estou preso entre as coisas nas quais acreditei um dia e as coisas que me são mais caras agora, entre as coisas que defendia orgulhosamente como sagrado e a magnitude das coisas que não conheço mais.

– Voltarei para a cidade – disse Pierre, voltando-se para a porta. – Deve haver mais coisas a serem descobertas.

Notei que Matthew estava com ar fatigado.

– Você não pode querer entender todas as tragédias da vida, Matthew. Eu também gostaria que não tivéssemos perdido o bebê. Sei que agora isso soa desalentador, mas isso não significa que não há um futuro à frente... no qual nossos filhos e nossa família estarão em segurança.

– Aborto no início da gravidez geralmente indica uma anomalia genética que inviabiliza o feto. Se isso acontece uma vez... – disse ele, com a voz embargada.

– Certas anomalias genéticas não comprometem a criança. – Apontei para mim mesma. – Olhe-me como exemplo. – Eu era uma quimera, com um DNA desemparelhado.

– Não aguentarei a perda de outro filho, Diana. Simplesmente... não aguentarei.

– Eu sei. – Eu estava exausta e queria a bênção do esquecimento do sono tanto quanto ele. Embora não tivesse conhecido o meu filho como ele tinha conhecido Lucas, ainda assim a dor era insuportável. – Esta noite terei que estar na casa de Goody Alsop às seis. – Olhei para ele. – Vai sair com Kit?

– Não – respondeu ele, com suavidade. Comprimiu os lábios nos meus lábios... breve e pesarosamente. – Irei com você.

Matthew cumpriu a palavra e me acompanhou até a casa de Goody Alsop antes de ir a Golden Gosling com Pierre. As bruxas explicaram da maneira mais cortês possível que os *wearhs* não eram bem-vindos. Manter uma tecelã em segurança durante um *forspell* requeria uma considerável mobilização de energia mágica e sobrenatural. *Wearhs* só podiam atrapalhar.

Tia Sarah teria prestado muita atenção na forma pela qual Susanna e Marjorie traçaram o círculo sagrado. Alguns equipamentos e substâncias que utilizaram me eram familiares como, por exemplo, o sal que salpicaram pelo chão para purificar o espaço, mas outros, não. O kit de

Sarah consistia em duas facas (uma com o cabo preto e outra com o cabo branco), o grimório da família Bishop e diversas ervas e plantas. As bruxas elisabetanas requeriam uma variedade maior de objetos para operar a magia, inclusive as vassouras. Eu nunca tinha visto uma bruxa com uma vassoura a não ser no Halloween, ocasião em que se vestiam a rigor e com longos chapéus pontudos.

Cada bruxa levou a própria vassoura para a reunião de Garlickhythe na casa de Goody Alsop. A de Marjorie era feita de galho de cerejeira e no topo do cabo havia glifos e símbolos entalhados. No lugar das tradicionais cerdas, Marjorie amarrara ervas secas e galhinhos na base, com raminhos bifurcados no galho central. Segundo ela, as ervas eram importantes para a magia que realizava: agrimônia, para quebrar encantamentos; matricária com flores brancas e amarelas, para proteção; ramos de alecrim, para purificação e clareza. A vassoura de Susanna era feita de olmo, madeira que simbolizava as fases da vida do nascimento à morte, e se relacionava com o ofício de parteira exercido por ela. Também havia plantas amarradas à base: folhas frescas de língua-de-serpente, para cura; flores brancas de eupatória, para proteção; folhas de tasneira, para saúde.

Marjorie e Susanna varreram o sal no sentido horário com muito esmero, até que os finos grãos atravessaram cada centímetro do piso. Segundo Marjorie, o sal não era apenas para limpar o espaço, mas também para impedir que o meu poder que estaria totalmente livre vazasse para fora do círculo.

Goody Alsop fechou as janelas, as portas e a chaminé. Os fantasmas da casa tinham então a opção de sair do caminho por entre as vigas do telhado ou de procurar refúgio temporário junto à família que morava no andar de baixo. E como estavam ansiosos para não perder nada e com ciúmes da ajudante que se manteve ao lado da ama acabaram se metendo por entre as vigas, onde as fofocas circularam em torno do fato de que talvez os moradores da Newgate Street não tivessem mais momentos de

paz porque os espectros da medieval rainha Isabel e de uma assassina chamada lady Agnes Hungerford haviam retomado uma antiga rixa entre elas.

Para acalmar os meus nervos, Elizabeth e Catherine deixaram de lado os terríveis detalhes dos atos e da morte de lady Agnes, compartilhando algumas das primeiras aventuras mágicas que tiveram e me induzindo a compartilhar as minhas. Elizabeth ficou impressionada quando contei como canalizei o lençol de água que corria sob o pomar de Sarah, atraindo-o gota a gota para a palma de minha mão. E Catherine se deleitou quando contei que um arco e flecha caíram em minhas mãos pouco antes de um lançamento do fogo de bruxa.

– A lua já nasceu – disse Marjorie, corada de expectativa. Embora as janelas estivessem fechadas, nenhuma bruxa a questionou.

– Já está na hora, então – disse Elizabeth apressada e compenetrada.

Cada bruxa se dirigiu ao canto mais próximo da sala, onde quebraram galhinhos de sua vassoura e o depositaram ali. Mas não deixaram os galhinhos empilhados. Ficaram arrumados de maneira a formar um pentáculo – a estrela de cinco pontas das bruxas – em cada um dos cantos.

Eu e Goody Alsop assumimos nossas posições no centro do círculo. Os limites eram invisíveis, mas isso mudaria quando as outras bruxas assumissem os seus próprios lugares. Depois que todas se posicionaram, Catherine murmurou um encantamento e uma linha curvilínea de fogo passou de bruxa a bruxa, amarrando o círculo.

O poder emergiu no centro do círculo. Goody Alsop me alertara que naquela noite invocaríamos magias muito antigas. Não demorou e à onda de energia seguiu-se algo que vibrou e bateu no meu corpo, como se milhares de bruxas estivessem me olhando.

– Olhe ao redor com a visão de bruxa – disse-me Goody Alsop – e diga-me o que vê.

Meu terceiro olho se abriu e para uma parte do meu ser o ar se tornaria

vivo e cada partícula se carregaria de possibilidades. Mas na verdade a sala ficou repleta de filamentos de magia.

– Fios que fazem o mundo parecer uma tapeçaria – eu disse.

Goody Alsop balançou a cabeça.

– Ser uma tecelã é se interligar ao mundo circundante e vislumbrá-lo como fios e matizes. Enquanto alguns amarram a própria magia, outros interligam o poder do próprio sangue aos quatro elementos e aos grandes mistérios que se encontram para além de todas as coisas. As tecelãs aprendem a desembaraçar os fios que estão amarrados e fazem uso do resto.

– Mas não sei como desembaraçá-los. – Centenas de fios roçavam na minha saia e no meu corpete.

– Logo irá testá-los, como os passarinhos testam as próprias asas, e descobrirá que segredos guardam para você. Por ora, nos limitaremos a cortá-los para que possam retornar desembaraçados para você. Enquanto corto os fios, resista à tentação de agarrar o poder que vibra ao seu redor. Por ser uma tecelã talvez tenha vontade de emendar os fios cortados. Liberte os pensamentos e esvazie a mente. Deixe que o poder aja por vontade própria.

Goody Alsop soltou o meu braço e começou a tecer um feitiço com sons que não pareciam uma linguagem, mas que me eram estranhamente familiares. A cada som emitido os filamentos descaíam encaracolados e torcidos do meu corpo. Soou um rugido em meus ouvidos. Meus braços se concentraram, como se o comando emanasse do rugido, se ergueram e se esticaram até me colocar na posição de um T, idêntica à que Matthew me colocara na casa das Bishop quando atraí a água subterrânea do velho pomar de Sarah.

Os fios mágicos – os fios de poder que podiam ser emprestados e não podiam ser possuídos por mim – vieram em minha direção como filamentos de ferro atraídos por um ímã. Pousaram em minhas mãos e

reprimi a vontade de fechá-las em torno deles. Foi grande a vontade de fazer isso, exatamente como Goody Alsop me alertara, mas deixei que fluíssem pela minha pele como as fitas de cetim das histórias que mamãe me contava na minha infância.

Até então tudo ocorrera conforme dissera Goody Alsop. Mas ninguém previra o que poderia ocorrer caso meus poderes se manifestassem e as bruxas do círculo se abraçassem para enfrentar o desconhecido. Segundo Goody Alsop, nem todas as tecelãs davam forma a um familiar durante um *forspell*, e eu então não devia esperar esse tipo de manifestação. Mas os últimos meses haviam me ensinado que o inesperado era sempre possível quando eu estava envolvida.

O rugido se intensificou e fez o ar estremecer. Uma bola de energia rodopiou e pendeu de minha cabeça. Atraiu a energia da sala, mas colapsou no centro do círculo, como um buraco negro. Meu olho de bruxa se fechou abruptamente perante a visão estonteante e turva.

Algo pulsou em meio à tempestade. Libertou-se e assumiu um contorno sombreado. Ao mesmo tempo, Goody Alsop se calou. Olhou longamente para mim e depois me deixou sozinha no centro do círculo.

Soou um bater de asas e um açoite de cauda farpada. Um hálito quente e úmido lambeu o meu rosto. Uma criatura transparente com um crânio reptiliano de dragão pairou no ar e bateu as asas brilhantes nas vigas do teto, afugentando os assustados fantasmas para outros abrigos. Era uma criatura de duas pernas cujas garras curvilíneas das patas pareciam tão mortais quanto as pontas ao longo da cauda comprida.

– Quantas pernas isso tem? – gritou Marjorie, que não enxergava nitidamente de onde estava. – É só um dragão?

Só um dragão?

– É um dragão de fogo – respondeu Catherine maravilhada. Ela ergueu os braços, preparando-se para lançar um feitiço de banimento caso a criatura resolvesse atacar. Elizabeth Jackson também ergueu os braços.

– Esperem! – gritou Goody Alsop, interrompendo a magia de ambas. – Diana ainda não completou a tessitura. Talvez ela encontre uma forma de domá-la.

Domá-la? Olhei para Goody Alsop sem poder acreditar. Eu nem ao menos sabia se a criatura à frente era substância ou espírito. Aparentemente, era real, se bem que mal conseguia olhar para ela.

– Não sei o que fazer – eu disse, sendo tomada pelo pânico. Cada vez que a criatura batia as asas, a sala era inundada por uma chuveirada de faíscas e gotas de fogo.

– Alguns feitiços começam com uma ideia, outros, com uma pergunta. Existem alguns meios de se saber o que vem em seguida; pode-se dar um nó, torcer uma corda ou mesmo forjar uma corrente como a que você própria forjou entre você e seu *wearh* – disse Goody Alsop, baixinho e suavemente. – Deixe que o poder circule por você.

O dragão de fogo era então uma fêmea e logo rugiu com impaciência, estendendo as patas em minha direção. O que ela queria? Uma oportunidade para me pegar e me tirar da casa? Um lugar confortável para se empoleirar e descansar as asas?

O piso estalou sob os meus pés.

– Pule para o lado! – disse Marjorie aos gritos.

Pulei na mesma hora. Um momento depois uma árvore brotou do lugar onde os meus pés estavam fincados um momento antes. O tronco emergiu e se dividiu em dois brotos de ramos que se espraiaram. Logo brotaram folhas verdes nas extremidades e depois irromperam botões brancos e, por fim, frutinhas vermelhas. Passados alguns segundos, eu estava debaixo de uma árvore adulta que florescia e frutificava ao mesmo tempo.

O dragão de fogo se agarrou com as patas nos galhos superiores da árvore. Descansou por um instante ali. Um dos galhos partiu-se e estalou. O dragão de fogo alçou voo, levando um pedaço retorcido do galho agarrado às garras. A língua do dragão cuspiu uma chicotada de fogo e a

árvore ardeu em chamas. Na sala havia muitos objetos inflamáveis – a mobília, o piso de madeira, os tecidos que vestiam as bruxas. Só me passou pela cabeça que era preciso impedir que o fogo se alastrasse. Eu precisava de água... de muita água.

Algo pesou na minha mão direita. Abaixei os olhos à espera de um balde. Mas era uma flecha que estava na minha mão. Fogo de bruxa. De que serviria mais fogo?

– Não, Diana! Não tente dar forma ao feitiço! – alertou-me Goody Alsop.

Parei de pensar em chuvas e rios. Isso feito, o instinto assumiu o controle e ergui dois braços à frente; recuei a mão direita, soltei os dedos e a flecha disparou até o coração da árvore. As chamas se elevaram rapidamente, apagando a minha visão. Quando o calor diminuiu, me vi novamente com a visão e no topo de uma montanha encimada por um vasto céu estrelado. Uma grande lua crescente pendia baixa no céu.

– Faz tempo que espero por você. – A voz da deusa era pouco mais que um sopro de vento. Ela vestia um diáfano manto e seus cabelos caíam em cascata pelas costas. Não estava com as armas habituais e sim com um cachorro grande ao lado. Era tão grande e tão negro que poderia ser um lobo.

– Você. – Fiquei com o coração apertado de pavor. Já estava à espera da deusa desde que perdera o bebê. – Levou meu bebê em troca da vida de Matthew? – A pergunta se dividiu entre a fúria e o desespero.

– Não. Essa dívida está liquidada. Já peguei outra vida. Uma criança morta não tem utilidade alguma para mim. – Os olhos da caçadora eram tão verdes quanto os primeiros brotos do salgueiro na primavera.

Meu sangue gelou.

– De quem você tomou a vida?

– De você.

– De mim? – retruquei entorpecida. – Eu... estou morta?

– Claro que não. Os mortos pertencem a outra. Só busco os vivos. – A voz da caçadora ecoou intensa e brilhante como o luar. – Sua promessa foi que eu podia pegar qualquer um... qualquer coisa... em troca da vida daquele que você ama. Escolhi você. Só que ainda não me entendi com você.

A deusa recuou.

– Você doou sua vida para mim, Diana Bishop. E agora é hora de fazer uso disso.

Um grito por cima da minha cabeça me indicou a presença do dragão de fogo. Olhei para o alto, tentando colocá-lo contra a lua. Pisquei os olhos e a silhueta se mostrou bem visível no teto de Goody Alsop. Eu estava de volta à casa da bruxa, já não estava mais no topo de uma montanha junto à deusa. A árvore se reduzira a um monte de cinzas. Pisquei novamente.

O dragão de fogo piscou para mim, com olhos tristonhos e familiares – eram negros e com íris dourada e não branca. Ela soltou outro grito lancinante e afrouxou as garras. O pedaço de galho caiu nos meus braços. Parecia uma flecha, embora mais pesado e substancial do que o tamanho sugeria. Ela sacudiu a cabeça, projetando fumaça pelas narinas. Fiquei tentada a estender a mão para tocá-la quando me perguntei se teria a pele tão quente e macia quanto a de uma serpente, mas algo me avisou que ela não gostaria disso. E eu não queria assustá-la. Talvez voltasse a rugir e furasse o teto com a cabeça. Fiquei bastante preocupada com a preservação da casa de Goody Alsop quando a árvore e o fogo me vieram à mente.

– Obrigada – sussurrei.

O dragão de fogo respondeu com um sereno gemido de fogo e com música. Seus olhos negros e prateados se mostraram sábios e imemoriais à medida que me observavam atentamente. Ela sacudiu a cauda para a frente e para trás. Esticou as asas ao máximo e em seguida encolheu-as ao redor

do próprio corpo e se desmaterializou.

E daquele dragão de fogo só restou uma leve vibração nas minhas costelas que de alguma forma me disse que ainda estava dentro de mim, esperando até que precisasse dela. Tombei de joelhos sob o peso da fera dentro de mim e deixei o pedaço do galho cair. As bruxas correram para me acudir.

Goody Alsop foi a primeira a me alcançar e me abraçou com seus braços magros.

– Você fez bem, criança, você fez bem – sussurrou.

Elizabeth pôs a mão em concha e, com poucas palavras, transformou-a em uma taça de prata com água. Bebi a água até esvaziar a taça que de novo se transformou em simples mão.

– Hoje foi um dia incrível, Goody Alsop – disse Catherine sorrindo.

– Sim, e um dia difícil para uma jovem bruxa – retrucou Goody Alsop. – Você não faz nada pela metade, Diana Roydon. A começar pelo fato de não ser uma bruxa comum e sim uma tecelã. E agora tece um *forspell* que simplesmente atrai uma sorveira para domar um dragão de fogo. Se tivesse previsto isso, nem teria acreditado.

– Eu vi a deusa – disse enquanto me ajudavam a levantar. – E o dragão.

– Não era um dragão comum – explicou Elizabeth.

– Tinha duas pernas – disse Marjorie. – Isso faz dela uma criatura do fogo e também da água, capaz de se locomover por entre os elementos. O dragão de fogo é a união dos opostos.

– O que é verdadeiro para o dragão de fogo também é verdadeiro para a sorveira – disse Goody Alsop, com um sorriso orgulhoso. – Não é todo dia que uma sorveira abre os galhos para um mundo ao mesmo tempo em que enterra as raízes em outro.

Apesar do falatório das mulheres à minha volta, sentia-me perdida e sozinha. Matthew estava à espera de notícias na Golden Gosling. Meu terceiro olho se abriu e seguiu um fio vermelho e preto que saía do meu

coração e atravessava a sala e o buraco da fechadura até a escuridão lá de fora. Puxei o fio e a corrente que se abrigava dentro de mim respondeu com uma calorosa sonoridade de carrilhão.

– Se não estou enganada, mestre Roydon logo estará aqui para pegar a esposa – disse Goody Alsop secamente. – Levante-se ou ele achará que não somos confiáveis como acompanhantes.

– Matthew é muito protetor – comentei em tom apologético. – Ainda mais depois...

– Nunca conheci um *wearh* que não o fosse. Isso faz parte da natureza deles – disse Goody Alsop, ajudando-me a levantar. O ar se transformou de novo em partículas que roçavam minha pele à medida que me locomovia.

– Nesse caso, mestre Roydon não precisa temer nada – disse Elizabeth. – Faremos de tudo para que você encontre seu caminho de volta à escuridão, como fez seu dragão de fogo.

– Que escuridão?

As bruxas se calaram.

– Que escuridão? – perguntei novamente, deixando a fadiga de lado.

Goody Alsop suspirou.

– Existem bruxas... na verdade, pouquíssimas bruxas, que são capazes de transitar entre este mundo e o outro.

– Fiandeiras do tempo. – Balancei a cabeça. – Sei disso. Eu sou uma delas.

– Não entre *este tempo* e o outro, Diana, mas entre *este mundo* e o outro. – Marjorie apontou para o galho aos meus pés. – Vida... e morte. Você pode estar nos dois mundos. Foi por isso que foi escolhida pela sorveira e não pelo amieiro ou pela bétula.

– Chegamos a nos perguntar se seria esse o caso. Afinal, você foi capaz de conceber o filho de um *wearh*. – Goody Alsop me observou atentamente. O sangue se escoou do meu rosto. – Diana, o que houve?

– Os marmelos. E as flores. – Fiquei com os joelhos trêmulos novamente, mas continuei de pé. – O sapato de Mary Sidney. E o carvalho em Madison.

– E o *wearh* – acrescentou Goody Alsop suavemente, compreendendo sem precisar de explicação. – São muitos os sinais que apontam para a realidade.

Soaram passos abafados lá fora.

– Matthew não pode saber – disse agoniada, agarrando a mão de Goody Alsop. – Não agora. Faz pouco tempo que o bebê morreu e ele não me quer metida em assuntos de vida e morte.

– É um pouco tarde para isso – disse ela, com ar tristonho.

– Diana! – O punho de Matthew bateu à porta.

– O *wearh* vai partir a porta ao meio – observou Marjorie. – Mestre Roydon não poderá quebrar o feitiço e entrar, mas a porta vai rachar quando o feitiço terminar. Pense nos vizinhos, Goody Alsop.

Goody Alsop fez um aceno com a mão. O ar ficou pesado e depois suavizou.

Em uma fração de segundo Matthew se pôs à minha frente e cravou os olhos cinzentos em mim.

– O que houve aqui?

– Diana contará se quiser que o senhor saiba – disse Goody Alsop, voltando-se em seguida para mim. – Talvez seja melhor passar um tempo com Catherine e Elizabeth amanhã depois de tudo que aconteceu esta noite.

– Muito obrigada, Goody – murmurei agradecida por não ter os meus segredos revelados.

– Espere. – Catherine saiu andando e arrancou um pedacinho do galho da sorveira. – Fique com isso. Tenha sempre um pedaço com você, como talismã. – Pôs o pedacinho de madeira na palma da minha mão.

Éramos aguardados na rua tanto por Pierre como por Gallowglass e

Hancock. Eles praticamente me empurraram para dentro de um barco que estava à base do Garlic Hill. Depois que chegamos a Water Lane, Matthew dispersou a todos e nos entregamos à quietude do nosso quarto.

– Não preciso saber o que houve – disse ele bruscamente, fechando a porta atrás. – Só preciso saber se tudo está bem com você.

– Eu estou ótima, de verdade. – Virei de costas para que ele soltasse os laços do meu corpete.

– Você está com medo de alguma coisa. Sinto o cheiro disso. – Ele me pôs de frente.

– Estou com medo do que posso descobrir a respeito de mim mesma. – Olhei nos olhos dele.

– Você vai encontrar a sua verdade. – A segurança e a despreocupação soaram férreas, mas ele não sabia do dragão e da sorveira e do que ambos significavam para uma tecelã. Assim como não sabia que agora minha vida pertencia à deusa e que isso se devia a uma barganha que tinha feito para salvá-lo.

– E se me transformar em alguém que você não goste?

– Isso é impossível – disse ele, puxando-me para mais perto.

– Mesmo que tenha os poderes de vida e morte no meu sangue?

Ele recuou.

– Não o salvei por acaso naquela noite em Madison, Matthew. Da mesma forma que também soprei vida nos sapatos de Mary... e que suguei a vida do carvalho de Sarah e dos marmelos daqui.

– Vida e morte são responsabilidades imensas. – Os olhos verde-acinzentados dele sombrearam. – Mas apesar de tudo, sempre amarei você. Já esqueceu que também tenho o poder de vida e morte? Lembra do que disse naquela noite que saí para caçar em Oxford? Você disse que entre nós não havia diferença. *"De vez em quando me alimento de uma perdiz. De vez em quando você se alimenta de um cervo."* Lembra?

Ele continuou.

– Somos mais semelhantes do que imaginamos. E se você acredita no que há de bom em mim, mesmo sabendo de tudo que fiz no passado, deve me permitir que também acredite em você.

De repente me senti impelida a compartilhar meus segredos.

– Um dragão e uma árvore apareceram...

– Você está segura aqui em casa e é isso que importa – disse ele, calando-me com um beijo.

Matthew me tomou nos braços com tamanha intensidade que por um momento feliz... quase me fez acreditar nele.

No dia seguinte fui ao encontro de Elizabeth Jackson e Catherine Streeter na casa de Goody Alsop, como prometido. Fui acompanhada de Annie, que precisou esperar na casa de Susanna até que minha aula terminasse.

Mesmo com o galho da sorveira encostado ao canto, a sala era aparentemente comum e não um lugar onde bruxas traçavam círculos mágicos e invocavam dragões de fogo. Ainda assim fiquei na expectativa de sinais que evidenciassem a realização da magia, talvez um caldeirão ou velas coloridas que indicassem os elementos.

Goody Alsop apontou para a mesa com quatro cadeiras arrumadas.

– Sente-se, Diana. Achamos melhor começarmos pelo começo. Conte-nos sobre a sua família. Muitas coisas se revelam quando seguimos a linha de sangue de uma bruxa.

– Mas pensei que vocês me ensinariam a tecer feitiços com fogo e água.

– E o que é o sangue senão fogo e água? – disse Elizabeth.

Três horas depois eu já estava exausta de tanto dragar lembranças da infância – a sensação de ser observada, a visita de Peter Knox em minha casa, a morte dos meus pais. Mas as três bruxas não pararam por aí. Também revivi cada momento no ginásio e na universidade: os demônios que me seguiam, os poucos feitiços que realizei sem dificuldades, as estranhas ocorrências que iniciaram depois que conheci Matthew. Se havia

um padrão em tudo isso era imperceptível para mim. E por fim Goody Alsop me dispensou, com a garantia de que logo elas apresentariam um plano.

Após o encontro me dirigi ao castelo de Baynard, onde Mary recusou minha assistência e me fez sentar numa poltrona, insistindo que eu devia descansar enquanto ela tentava descobrir o que havia de errado com nosso lote da *prima materia*. Estava enegrecida e lamacenta e encimada por uma fina película de gosma esverdeada.

Meus pensamentos vagavam enquanto Mary trabalhava. Era um dia ensolarado e um feixe de luz que cortava o ar esfumaçado se refletia no mural que representava o dragão alquímico. Curvei o corpo para a frente a fim de ver melhor.

– Não – disse. – Não pode ser.

Mas podia. Aquele dragão não era um dragão comum porque só tinha duas pernas. Era um dragão de fogo que mordia a própria cauda farpada, como o ouroboros no estandarte dos De Clermont. A cabeça de fogo voltava-se para o céu, onde brilhava uma lua crescente. Acima da lua, emergia uma estrela de muitas pontas. *O emblema de Matthew*. Como não tinha reparado naquilo antes?

– O que está havendo, Diana? – perguntou Mary intrigada.

– Atenderia um pedido meu, mesmo que fosse um pedido estranho, Mary? – Antecipei-me à resposta, desamarrando a corda de seda que prendia o punho da minha roupa.

– Claro que sim. O que você quer?

No mural, o dragão de fogo vertia gotas de sangue no recipiente alquímico debaixo das asas. E lá o sangue fluía em meio a um oceano de mercúrio e prata.

– Quero que dilua o meu sangue em uma solução de aquaforte, prata e mercúrio – disse. O olhar de Mary se desviou de mim para o dragão e de novo para mim. – Pois o que é o sangue senão fogo e água, uma conjunção

de opostos, um casamento alquímico?

– Está bem, Diana – disse Mary aparentemente hipnotizada e sem fazer perguntas.

Levei o dedo à cicatriz na parte interna do meu braço para disfarçá-la. Nem precisei de uma faca. A pele se abriu como previra, e o sangue verteu simplesmente porque me era necessário. Joan se apressou em trazer um recipiente para coletar o líquido vermelho. No mural acima, os olhos negros e prateados do dragão de fogo acompanhavam as gotas à medida que pingavam.

– *Começa com ausência e desejo, começa com sangue e medo* – sussurrei.

– *Começa com a descoberta das bruxas* – respondeu o tempo com um eco primal que iluminou os fios azuis e âmbares que cintilavam nas paredes de pedra.



– Isso vai continuar agindo assim? – Levantei com a testa franzida e as mãos nos quadris, e olhei para o teto de Susanna.

– Ela, Diana. Seu dragão de fogo é uma fêmea – disse Catherine, que também olhava para o teto com uma expressão intrigada.

– Ela. Isso. Aquilo. – Apontei para o alto. Eu estava tentando tecer um feitiço quando o meu dragão escapou do seu confinamento na minha caixa torácica. Mais uma vez. E agora se agitava grudado no teto, soltando lufadas de fumaça e batendo os dentes. – Aquilo... ela... não pode voar pela sala toda vez que lhe dá na veneta. – Se ela se soltasse entre os alunos de Yale, as repercussões seriam sérias.

– A fuga do seu dragão de fogo é um mero sintoma de um problema bem mais sério. – Goody Alsop estendeu um punhado de fios de cetim coloridos e brilhantes que estavam presos na extremidade por um nó. Na outra extremidade, os fios que eram nove ao todo e em tons de vermelho, branco, preto, prateado, dourado, verde, marrom, azul e amarelo adejavam livres como as fitas de um mastro enfeitado para festejos. – Você é uma tecelã e precisa aprender a controlar o seu poder.

– Estou bem ciente disso, Goody Alsop, mas ainda não vejo como isso... esse bordado... poderá ajudar – retruquei, com teimosia. O dragão guinchou como se concordasse e se tornou mais consistente com o guinchado, e depois retomou seu típico contorno enfumaçado.

– E o que você sabe de ser uma tecelã? – perguntou Goody Alsop em tom cortante.

– Não muito – confessei.

– É melhor que Diana beba isto antes. – Susanna se aproximou de mim, com uma xícara fumegante. Os aromas de camomila e hortelã impregnaram o ar. Meu dragão espichou a cabeça, com interesse. – É uma poção calmante que pode acalmar a besta.

– Não estou muito preocupada com o dragão de fogo – disse Catherine, com desdém. – É sempre difícil fazer alguém obedecer, da mesma forma que é difícil conter um demônio que pretende agir errado. – Para ela era fácil dizer isso. Não tinha que persuadir uma fera a voltar para dentro dela.

– Que ervas essa tisana contém? – perguntei enquanto tomava um gole do preparado de Susanna. Depois do chá de Marthe passei a desconfiar das misturas de ervas. Tão logo a pergunta saiu de minha boca, da xícara afloraram ramos de hortelã e flores de camomila, com os peculiares aromas de palha e angélica espumante, e algumas folhas brilhantes que não identifiquei. Vociferei.

– Vocês viram! – disse Catherine, apontando para a xícara. – É como eu disse. A deusa responde quando Diana faz uma pergunta.

Susanna arregalou os olhos de espanto quando a xícara estalou sob a pressão das raízes que se expandiam.

– Talvez tenha razão, Catherine. Mas se ela quiser tecer sem quebrar as coisas terá que fazer melhores perguntas.

Goody Alsop e Catherine acabavam de desvendar o segredo do meu poder que estava inconvenientemente atado à minha curiosidade. Certos fatos passavam então a fazer mais sentido: a mesa branca com peças de quebra-cabeça brilhantes que me acudiam toda vez que me via em dificuldades, a manteiga que voara de dentro da geladeira de Sarah, em Madison, quando me perguntei se havia mais manteiga. Até o estranho aparecimento do Ashmole 782 na Biblioteca Bodleiana passou a fazer sentido: na hora de preencher o cartão de requisição me perguntara o que poderia haver no volume. E nesse mesmo dia de reunião com as bruxas,

enquanto divagava de manhãzinha sobre quem teria escrito um dos feitiços no grimório de Susanna, acabei fazendo a tinta sair da página e formar a imagem exata da falecida avó dela em cima da mesa.

Prometi a Susanna que colocaria as palavras de volta ao grimório assim que descobrisse como fazer.

Foi dessa maneira que descobri que a prática da magia não era diferente da prática da história. O truque de ambas não era encontrar respostas adequadas e sim formular perguntas adequadas.

– Diana, conte de novo como você chama a água de bruxa e como o arco e flecha aparecem quando alguém que você ama está em apuros – sugeriu Susanna. – Talvez isso forneça algum método que poderemos seguir.

Revivi os fatos ocorridos na noite em que a água verteu de mim depois que Matthew me deixou em Sept-Tours e na manhã que vislumbrei os veios de água sob o solo do pomar de Sarah. E narrei detalhadamente todas as vezes que o arco apareceu – com flecha ou sem flecha – e não atirei. Quando terminei, Catherine suspirou de satisfação.

– Já localizei o problema – disse. – Diana não se põe completamente presente quando está protegendo alguém ou quando é forçada a enfrentar os próprios medos. Nessas ocasiões ela se volta para o passado ou se pergunta pelo futuro. As bruxas precisam se manter completamente no aqui e agora para operar a magia.

Meu dragão de fogo bateu as asas em concordância, enchendo a sala de lufadas quentes de ar.

– Matthew sempre achou que havia uma conexão de minhas emoções e meus desejos com minha magia – disse.

– Às vezes me pergunto se os *wearhs* não têm uma parte bruxa – comentou Catherine. As outras mulheres sorriram frente à ridícula ideia de que o filho de Ysabeau de Clermont talvez tivesse uma gota de sangue de bruxa.

– Acho que por ora é mais seguro deixar o dragão por conta própria e retornarmos aos feitiços disfarçados de Diana – disse Goody Alsop, referindo-se à minha necessidade de bloquear o excedente de energia liberada toda vez que me valia da magia. – Já está fazendo algum progresso?

– Senti tufos de fumaça ao meu redor – respondi hesitante.

– Você precisa se concentrar nos seus nós – disse Goody Alsop, olhando para os cordões no meu colo. Encontrava-se cada matiz nos fios que ligavam os mundos, e quando se manipulavam os cordões, torcendo-os e atando-os, se fazia magia simpática. Mas antes eu precisava saber quais fios usar. Peguei os cordões coloridos pelo nó de cima. Já tinha aprendido com Goody Alsop a soprar os fios suavemente ao mesmo tempo em que me concentrava nas minhas intenções. Isso poderia soltar os cordões adequados a cada feitiço que viesse a tecer.

Soprei os fios a fim de fazê-los brilhar e dançar. O cordão amarelo e o marrom se soltaram sozinhos e caíram no meu colo, junto com o vermelho, o azul, o prateado e o branco. Passei os dedos ao longo dos dois metros e trinta de seda tecida. Seis fios implicavam seis nós diferentes, cada qual mais complexo que o anterior.

Embora ainda desajeitada em fazer nós, eu me senti incrivelmente reconfortada com essa parte da tecelagem. Cada vez que praticava os elaborados volteios e trançados com um fio comum, o resultado era uma reminiscência do antigo macramê celta. Os nós apresentavam uma ordem hierárquica. As laçadas dos dois primeiros eram simples e duplas. Às vezes, Sarah os empregava em feitiços amorosos ou em outros tipos de amarração. Mas somente as tecelãs eram capazes de fazer os intricados nós que envolviam até nove diferentes cruzamentos e terminavam com duas extremidades livres do cordão magicamente fundido para uma tecelagem que nunca se rompia.

Respirei fundo e focalizei de novo as minhas intenções. O disfarce era

uma forma de proteção cuja cor era o roxo. Mas não havia um cordão roxo.

Os cordões azul e vermelho se ergueram de imediato e se trançaram com tal firmeza que o resultado se assemelhou às velas roxas mosqueadas que mamãe colocava nas janelas quando a lua estava negra no céu.

– Com o nó de um, o feitiço começa – murmurei, fazendo uma laçada simples no cordão roxo. O dragão de fogo cantarolou uma imitação das minhas palavras.

Desviei os olhos e me surpreendi novamente com a aparência mutável dela. Quando soltava o ar, desaparecia em meio a uma névoa de fumaça. Quando inspirava o ar, apresentava contornos mais visíveis. Ela fazia um equilíbrio perfeito entre substância e espírito, sem ser uma coisa ou outra. Será que eu já tinha vivenciado uma coerência igual?

– Com o nó de dois, o feitiço se torna real. – Fiz um nó duplo ao longo do mesmo cordão roxo. E depois me perguntei se desapareceria na obscuridade cinzenta se desejasse, assim como fazia o dragão de fogo, e passei o cordão amarelo pelos dedos. O terceiro nó era o primeiro nó que faria como genuína tecelã. Só envolvia três trançados, mas ainda assim era um desafio.

– Com o nó de três, o feitiço está livre. – Lacei e torci o cordão no formato de um trevo, e depois uni as pontas que por sua vez se fundiram e formaram o nó cego de tecelã.

Suspirei aliviada quando o soltei no meu colo, e da minha boca saiu uma névoa cinzenta e mais tênue que a fumaça. Enrolou-se em mim como uma mortalha. Engasguei de surpresa e soltei um pouco mais da névoa fantasmagórica e transparente. Onde é que o dragão de fogo tinha se metido? O cordão marrom pulou nos meus dedos.

– Com o nó de quatro, o poder é estocado. – Adorei o formato de *pretzel* do quarto nó, com sinuosas curvas e trançados.

– Muito bem, Diana – disse Goody Alsop. Esse era o momento em que

tudo sempre dava errado na minha magia. – Fique no aqui e agora e ordene ao dragão que fique com você. Se ela se curvar bastante, poderá escondê-la dos olhos curiosos.

Pensei comigo que esperar a cooperação do dragão de fogo era querer muito e fiz um nó semelhante ao formato de um pentáculo com o cordão branco.

– Com o nó de cinco, o feitiço prospera.

O dragão de fogo mergulhou no ar e aninhou as asas em volta do meu peito.

– Você vai ficar comigo? – perguntei.

O dragão de fogo me embrulhou com um casulo cinzento e tênue. Embruteceu o preto de minha saia e de meu casaco com a cor do carvão. O brilho do anel de Ysabeau esmaeceu e o fogo do coração do diamante desvaneceu. Até o cordão de prata que estava no meu colo se desbotou. Sorri perante a silenciosa resposta do dragão de fogo.

– Com o nó de seis, o feitiço se fixa de vez – entoei. Esse último nó não estava simétrico como deveria estar, mas estava firme.

– Você é uma tecelã de verdade, menina – disse Goody Alsop, soltando o fôlego.

Ainda envolvida pelo manto do dragão de fogo, na caminhada de volta para casa me senti maravilhosamente discreta, mas caí na real quando atravessei o umbral do Hart and Crown. Kit e um pacote me aguardavam. Matthew ainda passava grande parte do tempo com o demônio mercurial. Troquei um cumprimento frio com Marlowe e, quando comecei a desembrulhar o pacote, soou um poderoso grunhido de Matthew.

– Bom Cristo! – No lugar onde um momento antes estava vazio, agora Matthew olhava para um pedaço de papel sem poder acreditar.

– O que a Velha Raposa quer agora? – perguntou Kit em tom azedo, mergulhando a pena no pote de tinta.

– Acabo de receber uma conta de Nicholas Vallin, o ourives da rua – disse Matthew, fazendo uma careta. Olhei para ele com ar inocente. – Ele está me cobrando quinze libras por uma armadilha de camundongo.

De repente me dei conta do poder de compra de uma libra – Joan, a aia de Mary, só ganhava cinco libras por ano – e por que Matthew estava tão chocado.

– Ah. Isso. – Olhei para o pacote. – Fui eu que pedi para que ele fizesse isso.

– Contratou o melhor ourives de Londres para fazer uma armadilha de camundongos? – Kit se mostrou incrédulo. – Se tiver mais fundos disponíveis, sra. Roydon, gostaria que me permitisse realizar uma experiência alquímica. Transmutarei sua prata e seu ouro em vinho na Cardinal's Hat!

– É uma ratoeira e não apenas uma armadilha para camundongos – murmurei.

Removi a última folha de papel e segurei o artigo em questão.

– Prata folheada a ouro. E também gravada – disse Matthew, girando o objeto na mão. Observou o objeto mais atentamente e vociferou. – *Ars longa, vita brevis. A arte é longa, mas a vida é breve.* De fato.

– Parece muito eficiente. – A requintada obra de *monsieur* Vallin lembrava um felino à espreita, com orelhas finamente trabalhadas no gatilho e grandes olhos entalhados na prensa. As bordas da armadilha pareciam uma boca com dentes letais de lado a lado. Lembrava um pouco a boca de Tabitha, a gata de Sarah. Vallin adicionara um pequeno capricho, um ratinho de prata empoleirado no focinho do gato. A criaturinha não se assemelhava nem de longe aos monstros com dentes gigantescos que circulavam pelo sótão. Senti calafrios só de pensar que eles roíam os papéis de Matthew enquanto dormíamos.

– Olhe só. Ele também gravou na base – disse Kit, observando os camundongos que brincavam na base da armadilha. – É um trecho dos

aforismos de Hipócrates... e em latim, no mínimo. *Occasio proeceps, experimentum periculosum, iudicium difficile.*

– Considerando a proposta do equipamento, talvez seja uma inscrição excessivamente sentimental – admiti.

– Sentimental? – Matthew arqueou a sobrancelha. – Do ponto de vista do rato isso soa completamente realista: a oportunidade é fugaz, a experiência é perigosa e o julgamento é difícil. – Ele esboçou uma careta com os lábios.

– Vallin se aproveitou de você, sra. Roydon – comentou Kit. – Matt, você devia se recusar a pagar e devolver a ratoeira.

– Não! – protestei. – Não foi culpa dele. Nós estávamos conversando sobre relógios e *monsieur* Vallin me mostrou alguns maravilhosos. Mostrei-lhe o panfleto que adquiri na loja de John Chandler, em Cripplegate, aquele com instruções de como pegar roedores, e isso me fez falar do nosso problema com os ratos. Uma coisa levou a outra. – Olhei para a ratoeira. Era uma extraordinária peça de artesanato com pequenas engrenagens e molas.

– Em Londres, todo mundo tem problema com os ratos – disse Matthew, fazendo força para se controlar. – Mas nem por isso utilizam um brinquedo de prata folheada a ouro para resolver o problema. Geralmente alguns gatos são de serventia.

– Pagarei por isso, Matthew. – O pagamento esvaziaria a minha bolsa e me forçaria a pedir mais fundos para Walter, mas era inevitável. A experiência é sempre valiosa. Mas às vezes também é muito dispendiosa. Estendi a mão até a armadilha.

– Será que Vallin projetou isso para marcar as horas? Se for o caso, se é um dispositivo que marca o tempo e controla os roedores, o preço é mais do que justo. – Matthew fez menção de franzir a testa, mas abriu um sorriso largo. Em vez de me entregar a ratoeira, pegou minha mão, levou-a aos lábios e beijou-a. – Eu é que pagarei por isso, *mon coeur*, se me der o

direito de gozar da sua cara pelos próximos sessenta anos.

Nesse momento George entrou apressado pelo saguão de entrada. Uma lufada de ar entrou junto.

– Trago notícias! – Ele deixou a capa de lado e fez uma pose de orgulho.

Kit gemeu e enterrou a cabeça nas mãos.

– Não conte nada. Sua tradução de Homero agradou ao idiota do Ponsonby e ele quer publicá-la sem correções.

– Nem mesmo você terá o prazer de ofuscar o meu prazer pelo que consegui hoje, Kit. – George olhou ao redor, com uma expressão de expectativa. – E então? Nenhum de vocês sente um mínimo de curiosidade?

– Qual é a novidade de hoje, George? – perguntou Matthew enquanto se distraía em jogar a ratoeira para o alto e agarrá-la.

– Encontrei o manuscrito da sra. Roydon.

Matthew agarrou a ratoeira com força e acionou o mecanismo. Soltou os dedos e a ratoeira caiu em cima da mesa e se fechou novamente.

– Onde?

George recuou por instinto. Eu acabara de passar por uma enxurrada de perguntas do meu marido e sabia muito bem quão desconcertante podia ser o ataque da atenção de um vampiro.

– Eu sabia que você era o homem certo para encontrá-lo – disse calorosamente para George, pondo a mão na manga de Matthew para acalmá-lo. George retornou à mesa, nitidamente amolecido pela observação, puxou uma cadeira e sentou-se.

– Sua confiança significa muito para mim, senhora Roydon – disse enquanto tirava as luvas. Fungou. – Nem todos a compartilham.

– Onde. Está. O manuscrito? – perguntou Matthew pausadamente de dentes trincados.

– No lugar mais óbvio que se podia imaginar, escondido à plena vista.

Fiquei espantado por não termos pensado nisso logo. – George fez outra pausa para absorver a atenção de todos. Matthew soltou um grunhido quase inaudível de frustração.

– George – advertiu Kit. – A mordida de Matthew é conhecida.

– Dr. Dee está com o manuscrito – disse George abruptamente quando Matthew se mexeu.

– O astrólogo da rainha. – Não surpreendia o espanto de George por não termos pensado naquele homem logo. Dee também era alquimista... e possuía uma das maiores bibliotecas da Inglaterra. – Mas ele está na Europa.

– Faz um ano que dr. Dee retornou da Europa. Ele está morando fora de Londres.

– Por favor, não me diga que ele é um demônio ou um vampiro – eu disse.

– É apenas um humano... e uma verdadeira fraude – disse Marlowe. – Eu não confiaria numa só palavra dele, Matt. Ele usou o pobre Edward de maneira abominável, forçando-o a espiar pedras de cristal e conversar com anjos sobre alquimia dia e noite. E depois Dee ficou com todo o crédito!

– Pobre Edward? – disse Walter em tom sarcástico, abrindo a porta sem a menor cerimônia e adentrando pela casa, seguido por Henry Percy. Nenhum membro da Escola da Noite conseguia estar a um quilômetro de Hart and Crown sem ser irresistivelmente atraído para minha casa. – Seu amigo demônio o enganou por anos a fio. Se quer saber, acho que o dr. Dee fez bem em se livrar dele. – Walter pegou a ratoeira. – O que é isso?

– A deusa da caça se voltou para presas menores – respondeu Kit, com um sorrisinho.

– Ora, isso é uma ratoeira. Mas ninguém seria tolo a ponto de fazer uma ratoeira de prata banhada a ouro – disse Henry, olhando por cima do ombro de Walter. – Parece um trabalho de Nicholas Vallin. Ele fez um relógio maravilhoso quando Essex se tornou cavaleiro da Ordem da

Jarreteira. Isso é algum tipo de brinquedo?

O punho de um vampiro esmurrou a minha mesa, rachando a madeira.

– George – Matthew se levantou –, fale-nos sobre o dr. Dee.

– Ah. Sim. Claro. Não há muito a falar. Fiz o que você pediu. – George gaguejou. – Fui às bancas de livros, mas não obtive informação. Ouvi falar de um volume de poesia grega à venda que me pareceu promissor para uma tradução... mas isso é uma digressão. – Ele se deteve e engoliu em seco. – A viúva Jugge me sugeriu que recorresse a John Hester, o boticário da Paul's Wharf. Hester me encaminhou a Hugh Plat, aquele comerciante de vinhos de St. James Garlickhythe.

Acompanhei atentamente essa complicada peregrinação intelectual na esperança de reconstituir a rota de George na minha próxima visita à Susanna. Talvez ela fosse vizinha de Plat.

– Plat é tão ruim quanto Will – disse Walter entre dentes –, sempre escrevendo coisas que não são da conta dele. Acredita que o sujeito me perguntou qual é o método que minha mãe usa para fazer tortas, bolos e biscoitos?

– Mestre Plat disse que o dr. Dee tem um livro da biblioteca do imperador. Nenhum homem pode lê-lo, e há umas ilustrações estranhas nesse livro – explicou George. – Plat se encontrou com dr. Dee no ano passado quando saiu em busca de orientação alquímica dele.

Eu e Matthew nos entreolhamos.

– É possível, Matthew – eu disse baixinho. – Elias Ashmole rastreara o que restara da biblioteca depois que Dee morreu, e Elias era particularmente interessado em livros de alquimia.

– Morte de Dee. E como foi o fim do bom doutor, sra. Roydon? – perguntou Marlowe em tom suave enquanto me cutucava com os olhos castanhos. Henry, que não ouvira a pergunta de Kit, se pronunciou antes que eu pudesse responder.

– Vou pedir para ver o manuscrito. – Asseverou com decisão. – Será

fácil arranjar isso no meu caminho de volta a Richmond e à corte.

– Talvez não o reconheça, Hal – disse Matthew também disposto a ignorar Kit, embora o tivesse ouvido. – Irei com você.

– Talvez você também não o reconheça. – Balancei a cabeça, ansiosa para me livrar das cutucadas dos olhos de Marlowe. – Se alguém tem que fazer uma visita para John Dee, sou eu. Também irei.

– Não me olhe com essa ferocidade, *ma lionne*. Sei perfeitamente que não será convencida por ninguém a deixar isso por minha conta. Ainda mais quando há livros e alquimistas envolvidos. – Matthew ergueu o dedo em advertência. – Mas nada de perguntas. Entendeu? – Ele já tinha visto o caos mágico que isso podia deflagrar.

Disse sim com a cabeça e cruzei os dedos na dobra da saia, recorrendo ao antigo gesto mágico que repele as consequências negativas de uma mentira.

– Nenhuma pergunta da sra. Roydon? – balbuciou Walter. – Espero que tenha a sorte de conseguir isso, Matt.

Mortlake era uma pequena aldeia na região do Tâmisa, situada entre Londres e o palácio da rainha em Richmond. Nós viajamos na esplêndida barcaça do conde de Northumberland, com oito remadores, assentos estofados e cortinas contra correntes de ar. Uma jornada bem mais confortável – e bem mais calma – do que as que eram feitas com Gallowglass à frente dos remos.

Já tínhamos comunicado a visita para Dee via correspondência postal. Henry explicara com muito tato que a sra. Dee não gostava de receber visitas imprevistas. Era uma atitude que tinha a minha simpatia, embora incomum numa época em que a hospitalidade das portas abertas era a regra.

– Aquele ambiente doméstico... hum, é um tanto irregular, por conta das pesquisas do dr. Dee – disse Henry, levemente ruborizado. – E eles

ainda têm um prodigioso número de filhos. A casa é quase sempre... caótica.

– Tanto isso é verdade que os criados ganharam fama depois que se atiraram no poço – comentou Matthew.

– Sim. Isso foi uma lástima. Mas duvido que possa acontecer durante nossa visita – murmurou Henry.

O estado da casa não me importava. Nós estávamos prestes a obter respostas para muitas perguntas: por que o manuscrito era tão cobiçado e se de fato revelava algo mais sobre a origem das criaturas. Claro, Matthew acreditava que o manuscrito poderia esclarecer a razão pela qual nós as criaturas sobrenaturais caminhávamos rumo à extinção nos tempos modernos.

Talvez pelo bem da propriedade ou talvez para evitar uma prole desordeira, o fato é que quando lá chegamos dr. Dee caminhava pelo jardim amurado de tijolinhos como se estivesse no alto verão e não no final de janeiro. Caminhava a passos lentos por um jardim infértil, com os braços cruzados às costas, uma toga preta de erudito e um capuz que se estendia da cabeça até o pescoço.

– Dr. Dee? – chamou Henry lá do muro.

– Lorde de Northumberland! O senhor está bem de saúde, não está? – A voz de Dee era baixa e rouca, embora tivesse o cuidado (como todos faziam) de elevá-la alguns tons em benefício de Henry. Ele retirou a boina e fez uma reverência.

– Nessa época do ano, mais ou menos, dr. Dee. Mas não foi minha saúde que nos trouxe aqui. Meus amigos vieram comigo, conforme expliquei na carta. Deixe-me apresentá-los para o senhor.

– Eu e dr. Dee já nos conhecemos. – Matthew sorriu para Dee com ar maldoso e fez uma reverência. Conhecia todas as criaturas estranhas da época. Por que não Dee?

– Mestre Roydon – disse Dee desconfiado.

– Esta é minha esposa, Diana. – Matthew inclinou a cabeça em minha direção. – Ela é amiga e parceira nas pesquisas alquímicas da condessa de Pembroke.

– Mantenho correspondência com a condessa de Pembroke sobre assuntos relacionados com a alquimia. – Dee se esqueceu de mim ao se concentrar na estreita ligação que mantinha com um membro importante do reino. – Sua mensagem indicava que o senhor precisa ver um dos meus livros, lorde Northumberland. O senhor está aqui por causa de lady Pembroke?

Antes que Henry pudesse responder, uma mulher de rosto bem marcado e de quadris largos saiu da casa, com um vestido marrom escuro cujas aplicações de pele nas bordas mostravam que já tinha sido melhor. Parecia irritada, mas grudou um sorriso de boas-vindas no rosto quando avistou o conde de Northumberland.

– Lá está a minha querida esposa – disse Dee sem jeito, gritando em seguida. – Jane, o conde de Northumberland e o mestre Roydon chegaram.

– Por que não os convidou para entrar? – retrucou Jane, torcendo as mãos com nervosismo. – Eles vão pensar que não estamos preparados para receber visitas e isso não é verdade, até porque recebemos visitas o tempo todo. Muita gente pede conselhos ao meu marido, milorde.

– Pois é. E isso também nos traz aqui. Estou vendo que a senhora está gozando de boa saúde, sra. Dee. Mestre Roydon me contou que sua casa foi recentemente agraciada com a visita da rainha.

Jane empertigou-se.

– É verdade. John tem visto Sua Majestade três vezes por semana desde novembro. Nas duas últimas vezes ela bateu ao nosso portão quando cavalgava pela estrada de Richmond.

– Sua Majestade foi generosa conosco no Natal – disse Dee, torcendo a boina nas mãos. Jane olhou para ele com ar azedo. – Nós pensamos... mas isso não é importante.

– Que deleite, que deleite! – exclamou Henry rapidamente, salvando Dee de um possível embaraço. – Mas vamos ao que interessa. Gostaríamos de ver um livro em particular...

– A biblioteca do meu marido é mais estimada que ele! – disse Jane emburrada. – Nossas despesas por ocasião da visita do imperador foram imensas, e temos muitas bocas para alimentar. A rainha prometeu que nos ajudaria. E nos deu uma pequena recompensa, mas prometeu mais.

– Sem dúvida alguma a rainha se distraiu por conta de preocupações mais prementes. – Matthew tinha uma pequena bolsa na mão. – O presente dela está comigo. E valorizo o seu marido, sra. Dee, não apenas os livros dele. Já acrescentei o nome de sua família à bolsa de Sua Majestade.

– Eu... lhe agradeço muito, mestre Roydon – gaguejou Dee, trocando um olhar com a esposa. – É muito gentil de sua parte tratar dos negócios da rainha. Entendo que os assuntos de Estado sempre devem preceder as dificuldades pessoais.

– Sua Majestade nunca esquece os que a servem bem – disse Matthew. Era uma mentira descarada. Todos os que estavam no jardim nevado sabiam disso, mas ninguém contestou.

– Estaremos bem melhor acomodados se entrarmos e ficarmos perto da lareira – disse Jane, mostrando uma súbita e crescente hospitalidade. – Trarei vinho e providenciarei para que não sejam perturbados por ninguém. – Inclinou-se em reverência para Henry e para Matthew, e depois saiu em direção à porta. – Venha, John. Eles vão congelar se ficarem aqui fora por mais tempo.

Vinte minutos na casa dos Dee foram suficientes para constatar que a senhoria da casa representava aquele tipo peculiar de casal que vive às turras sem nunca se separar. Eles trocaram comentários farpados quando admiramos as novas tapeçarias (um presente de lady Walsingham), a nova jarra para vinho (um presente de *sir* Christopher Hatton) e o novo saleiro de prata (um presente da marquesa de Northampton). E depois que

passamos por uma sessão de presentes pomposos e injúrias trocadas entre o casal fomos finalmente conduzidos à biblioteca.

– Já vi que levarei um tempão para tirá-la daqui – sussurrou Matthew, rindo ao ver minha expressão maravilhada.

A biblioteca de John Dee não era nada parecida com o esperado. Achava que seria como as bibliotecas espaçosas e privadas dos abastados cavalheiros do século XIX – por algumas razões que naquele momento me pareceram indefensáveis. Definitivamente, não era um lugar aconchegante onde se podia fumar um cachimbo e ler perto da lareira. Naquele dia de inverno, à luz de velas, o ambiente estava surpreendentemente escuro. Algumas poucas cadeiras e uma longa mesa aguardavam os leitores ao lado das janelas voltadas para o sul. As paredes estavam cobertas de mapas, cartas celestiais, diagramas anatômicos e uma grande quantidade de folhas de almanaques que podiam ser comprados por alguns centavos em qualquer botica e livraria de Londres. As dezenas de coleções expostas serviam como referências para as cartas natais e outros cálculos celestes realizados por Dee.

Nenhum dos meus colegas de Oxford e Cambridge possuía mais livros que ele. Mantinha a biblioteca para trabalho, não para exibição. Não era de surpreender que os bens mais preciosos não estivessem à vista e à mão, mas sim nas estantes. Para maximizar o que estava disponível, as estantes eram autônomas e perpendiculares às paredes. Eram estantes de carvalho simples e de dupla face, e as prateleiras se ajustavam a diferentes alturas de modo a caber os diferentes tamanhos dos livros elisabetanos. As prateleiras também tinham duas pranchas inclinadas de leitura, onde se podia estudar um texto e depois recolocá-lo no lugar.

– Meu Deus – murmurei. Dee me olhou constrangido pela minha reação.

– Minha esposa está impressionada, mestre Dee – explicou Matthew. – Ela nunca esteve numa biblioteca tão grande assim.

– Sra. Roydon, há muitas outras bibliotecas muito mais espaçosas e com muito mais tesouros que a minha.

Jane chegou bem na hora de mudar o rumo da conversa para a pobreza da família.

– A biblioteca do imperador Rodolfo é muito boa – disse ela, trazendo uma bandeja de vinho e doces. – Mesmo assim, ele não se vexou em surrupiar um dos melhores livros de John. O imperador se aproveitou da generosidade do meu marido, e temos muito pouca esperança de compensação.

– Pare com isso, Jane – disse John. – Sua Majestade nos deu um livro em troca.

– E que livro ele levou? – perguntou Matthew de maneira casual.

– Um texto raro – respondeu Dee com ar infeliz, observando a esposa que se dirigia para a mesa.

– Nada mais que bobagens! – retrucou Jane.

Era o Ashmole 782. Só podia ser.

– Mestre Plat nos falou justamente desse livro. É por isso que estamos aqui. Que tal primeiro desfrutarmos da hospitalidade de sua esposa e depois vermos o livro do imperador? – sugeriu Matthew, amável como um gatinho. Estendeu o braço para mim e lhe dei um pequeno apertão.

Enquanto Jane nos servia, reclamando do preço das nozes na época das festas e de como quase fora levada à bancarrota pelo dono do armazém, Dee procurava o Ashmole 782. Ele esquadrinhou as prateleiras de uma estante e puxou um volume.

– Não é ele – sussurrei para Matthew. Era um livro muito pequeno.

Dee pôs o livro em cima da mesa, à frente de Matthew, e abriu a capa de velino.

– Vejam. Não há nada nesse livro além de palavras sem sentido e gravuras indecentes de mulheres no banho – disse Jane enquanto saía da sala resmungando e balançando a cabeça em negativa.

Não era o Ashmole 782, mas era um livro de renome: o manuscrito Voynich, também conhecido em Yale como Beinecke MS 408. Seu conteúdo era um mistério. Nem os decodificadores nem os linguistas tinham conseguido desvelar o que o texto dizia, e os botânicos não tinham conseguido identificar as plantas. Uma das inúmeras teorias que tentavam explicar os mistérios desse manuscrito sugeria que fora escrito por alienígenas. Soltei um murmúrio de decepção.

– Não? – disse Matthew. Sacudi a cabeça em negativa, mordendo o lábio de frustração. Dee achou que o meu aborrecimento se devia a Jane e se apressou em justificá-la.

– Por favor, perdoe a minha esposa. Esse livro é particularmente angustiante para Jane porque foi ela que o descobriu no meio das caixas quando retornamos das terras do imperador. Durante a viagem carreguei comigo outro livro raro de alquimia que tinha pertencido ao grande mago inglês, Roger Bacon. Era maior que esse e continha muitos mistérios.

Eu me agitei na cadeira.

– Meu assistente Edward só conseguiu entender o texto graças à intervenção divina, mas eu não consegui – continuou Dee. – Foi antes de nossa despedida de Edward em Praga que o imperador Rodolfo demonstrou interesse pela obra. Já tinha ouvido alguns segredos que o livro continha do próprio Edward... sobre a geração dos metais e de um método secreto para a consecução da imortalidade.

Ou seja, apesar de tudo, o Ashmole 782 já tinha estado nas mãos de Dee. E seu demoníaco assistente Edward Kelley conseguira ler o texto. Minhas mãos tremeram tanto de excitação que tive que contê-las sob as pregas da saia.

– Edward ajudou Jane a empacotar os livros quando recebemos a ordem de retornar para casa. Jane acredita que Edward roubou o livro e o recolocou na coleção de Sua Majestade. – Dee hesitou, com ar pesaroso. – Não me agradou pensar mal de Edward; era um parceiro de confiança e

convivemos muito tempo juntos. Ele e Jane nunca se deram bem e a princípio descartei a teoria dela.

– Mas agora o senhor vê algum mérito nela – observou Matthew.

– Relembro os fatos dos nossos últimos dias, mestre Roydon, em busca de algum detalhe que possa inocentar o meu amigo. Mas tudo que lembro só serve para fazer a culpa recair ainda mais sobre ele. – Dee suspirou. – Mesmo assim, esse texto aí poderá provar que contém segredos muito valiosos.

Matthew folheou as páginas.

– São quimeras – disse, observando a imagem das plantas. – Folhas, caules e flores desconexos entre si porque reunidos de diferentes plantas.

– O que acha disso? – perguntei, apontando para as mandalas astrológicas que se seguiam. Olhei o que estava escrito no centro. Engraçado. Já tinha visto aquele manuscrito diversas vezes sem nunca prestar atenção nas notas.

– São inscrições escritas na língua da antiga Occitânia – disse Matthew baixinho. – Conheci alguém com uma caligrafia muito parecida com esta. O senhor conheceu algum cavalheiro de Aurillac quando esteve na corte do imperador?

Ele se referia a *Gerbert?* Minha excitação se tornou ansiedade. Será que Gerbert confundira o manuscrito Voynich com o misterioso livro das origens? Minha pergunta fez a caligrafia tremer no centro do diagrama astrológico. Fechei o livro para que a folha não se soltasse.

– Não, mestre Roydon – disse Dee, franzindo a testa. – Se tivesse conhecido tentaria extrair informações sobre o célebre mago desse lugar que se tornou papa. São muitas as verdades que se ocultam nas velhas histórias contadas ao redor do fogo.

– Sim – disse Matthew –, pena que não somos sábios o bastante para reconhecê-las.

– Por isso mesmo, lamento muito a perda do meu livro. Pertenceu a

Roger Bacon e, segundo a anciã que o vendeu para mim, Bacon o prezava por conter verdades divinas. Ele o chamava de *Verum Secretum Secretorum*. – Dee olhou com ar melancólico para o manuscrito Voynich. – Gostaria tanto de ter meu livro de volta.

– Talvez possa ajudá-lo de algum modo – disse Matthew.

– O senhor, mestre Roydon?

– Se me permitisse ficar com este livro poderia recolocá-lo no lugar... e restituiria o outro livro para o senhor que é o seu verdadeiro dono. – Matthew puxou o manuscrito para si.

– Ficaria em débito para sempre com o senhor – disse Dee, sem se estender na negociação.

No minuto que saímos do ancoradouro de Mortlake comecei a bombardear Matthew com perguntas.

– O que está pensando? Não pode simplesmente empacotar o manuscrito Voynich e enviá-lo para Rodolfo com uma nota acusando-o de jogo duplo. Será preciso encontrar alguém que seja louco o bastante para arriscar a própria vida, arrombando a biblioteca de Rodolfo para roubar o Ashmole 782.

– Se Rodolfo está com o Ashmole 782, claro que não o guarda na biblioteca. Talvez esteja no armário de curiosidades – disse Matthew distraído enquanto observava a água.

– O Voynich... não é então o livro que vocês estão procurando? – Henry acompanhava nosso diálogo com um interesse polido. – George vai ficar desapontado por não ter resolvido o mistério.

– Hal, ainda que George não tenha resolvido, o fato é que jogou uma luz considerável na situação – retrucou Matthew. – Encontraremos o livro perdido de Dee por intermédio dos agentes dos meus pais e também dos meus.

Depois disso, pegamos uma boa maré para a cidade e chegamos com muita rapidez. As tochas estavam acesas no ancoradouro da Water Lane,

como se aguardando pela nossa chegada, e dois homens uniformizados da condessa de Pembroke acenaram para que recuássemos.

– Para o castelo Baynard, por favor, mestre Roydon! – Um grito cortou a água.

– Alguma coisa deve estar errada – disse Mattew, levantando-se na proa da barcaça. Henry ordenou aos remadores que prosseguissem pelo rio até o ancoradouro da condessa que estava igualmente iluminado por tochas e lanternas.

– É um dos meninos? – perguntei para Mary que desceu correndo até o saguão de entrada para nos receber.

– Não. Eles estão bem. Vamos logo para o laboratório – disse ela por cima do ombro, já se encaminhando de volta à torre.

Éramos aguardados por uma visão que deixou a mim e a Matthew sem fôlego.

– É uma *arbor Dianae* totalmente insólita – disse Mary, acocorando-se para pôr os olhos ao nível da base do alambique bojudo que continha as raízes de uma árvore negra. Não é igual à primeira *arbor Dianae* que era toda prateada e tinha uma estrutura bem mais delicada. A segunda tinha um tronco vigoroso e escuro com galhos desfolhados que me fez lembrar do carvalho que nos serviu de abrigo em Madison depois do ataque de Juliette. Foi quando extraí toda a vitalidade da árvore para salvar a vida de Matthew.

– Por que esta não é prateada? – perguntou Matthew, rodeando com as mãos o frágil alambique de vidro da condessa.

– Utilizei o sangue de Diana – respondeu Mary. Matthew se empertigou e me olhou incrédulo.

– Olhe para a parede – eu disse, apontando para o sangramento do dragão de fogo.

– É o dragão verde... símbolo da água régia ou aquaforte – disse ele depois de uma rápida olhadela.

– Não, Matthew. *Olhe* para aquilo. Esqueça o que a gravura representa e olhe-a como se pela primeira vez.

– *Dieu*. – Matthew ficou chocado. – É o meu brasão?

– Pois é. E reparou que o dragão está mordendo a cauda? E que não é um dragão comum? Os dragões comuns têm quatro patas. É um dragão de fogo.

– Um dragão de fogo. Como... – grunhiu Matthew.

– Inúmeras teorias que diferem entre si discorrem a respeito de uma mesma substância como o primeiro e crucial ingrediente necessário à produção da pedra filosofal. Segundo Roger Bacon, que possuiu o manuscrito perdido do dr. Dee, a dita substância era o sangue. – Acocorei-me para olhar a árvore, convencida de que o fragmento de informação chamaria a atenção de Matthew.

– E você olhou para o mural e seguiu os seus instintos. – Matthew deu uma pequena pausa, deslizou o polegar ao longo do lacre de cera do recipiente e acabou quebrando a cera.

Mary engoliu em seco de horror por achar que a experiência estava arruinada.

– O que está fazendo? – perguntei chocada.

– Seguindo a intuição e adicionando algo mais ao alambique. – Matthew levou o pulso à boca e o mordeu, e depois o manteve sobre a estreita abertura. O sangue espesso e escuro pingou na solução e desceu ao fundo do recipiente. Ficamos de olhos grudados no vidro.

Já estava pensando que nada ocorreria quando listras vermelhas muito finas subiram pelo tronco da árvore. E depois brotaram folhas douradas dos galhos.

– Olhe só isso – eu disse extasiada.

Matthew sorriu para mim. Um sorriso ainda tingido de dor, mas também de esperança.

Frutos vermelhos emergiram por entre as folhas cintilantes como rubis.

Mary começou a murmurar uma prece de olhos arregalados.

– Meu sangue criou a estrutura da árvore e seu sangue a fez frutificar – eu disse pausadamente enquanto pousava a mão no meu ventre vazio.

– Sim. Mas por quê? – perguntou Matthew.

Apenas as estranhas figuras e o enigmático texto do Ashmole 782 eram capazes de explicar a misteriosa transformação resultante da mistura do sangue de uma bruxa com o sangue de um *wearh*.

– Quanto tempo você disse que seria preciso para resgatar o livro de Dee? – devolvi a pergunta.

– Ora, não deve demorar muito – murmurou ele. – Não agora que voltei a me concentrar nele.

– Quanto mais cedo melhor – disse carinhosamente, entrelaçando nossos dedos enquanto assistíamos ao milagre operado pelo nosso sangue.



A estranha árvore continuou desenvolvendo nos dois dias seguintes: os frutos amadureceram e caíram junto ao mercúrio e à *prima materia* nas raízes da árvore. Formaram-se novos botões que desabrocharam e floresceram. A cada dia as folhas se convertiam de dourado em verde e de novo em tom dourado. Vez por outra irrompiam novos galhos ou uma nova raiz que se estendia em busca de nutrição.

– Ainda encontrarei uma boa explicação para isso – dizia Mary, apontando para as pilhas de livros que Joan tirara das estantes. – Parece que criamos algo inteiramente novo.

Apesar das digressões alquímicas, as minhas obrigações de bruxa eram cumpridas à risca. Continuei tecendo a minha capa cinzenta invisível e fazia isso cada vez mais rápido e com resultados melhores e mais eficazes. Marjorie prometera que logo eu estaria pronta para traduzir a tecelagem em palavras que pudessem ser utilizadas por outras bruxas nos feitiços.

Alguns dias depois, voltava caminhando de St. James Garlickhythe e, quando subi a escada da nossa casa em Hart and Crown, acabei derramando o meu disfarce enfeitiçado, como de costume. Annie pegava as roupas limpas junto às lavadeiras do outro lado do pátio. Jack estava ao lado de Pierre e Matthew. O que será que Françoise preparara para o jantar? Eu estava faminta.

– Vou começar a gritar se ninguém me alimentar nos próximos cinco minutos. – Isso foi dito quando atravessei o umbral da porta e foi acompanhado pelo som dos alfinetes que se espalharam pelas tábuas do piso quando me livrei do pesado painel bordado e preso à frente do meu

vestido. Joguei-o em cima da mesa. Levei os dedos por baixo da roupa e soltei os laços que prendiam o corpete.

Ecoou uma tosse discreta da lareira.

Girei o corpo, com as mãos agarradas ao pano que cobria os meus seios.

– Não vai adiantar muito gritar, suponho. – Soou uma voz rascante das profundezas da poltrona perto da lareira que mais parecia areia arranhando vidro. – Pedi à criada para trazer vinho, pois minhas velhas pernas já não se movem com tanta rapidez para satisfazer a sua necessidade.

Contornei a poltrona a passos lentos. Aquele estranho na minha casa arqueou uma sobrancelha grisalha e esticou os olhos brilhantes até o ponto indecente do meu corpo. Amarrei a cara perante a ousadia.

– Quem é o senhor? – Ele não era nem demônio nem bruxo nem vampiro. Não passava de um mero humano enrugado.

– Creio que seu marido e seus amigos me chamam de Velha Raposa. Em razão dos meus pecados também sou o lorde tesoureiro. – O homem mais astuto e certamente um dos mais cruéis da Inglaterra esperou que suas palavras fossem digeridas. A expressão gentil não arrefecia a agudeza do olhar.

William Cecil está sentado na minha sala de estar. Olhei para ele com ar apatetado, abismada demais para fazer uma reverência adequada.

– Vejo que de alguma forma lhe sou familiar. Fico surpreso que minha reputação tenha chegado tão longe porque muitos outros me contaram e agora está claro que a senhora é uma estrangeira. – Cecil ergueu a mão quando abri a boca para replicar. – É mais sensato que a senhora não compartilhe muito comigo.

– O que posso fazer pelo senhor, *sir* William? – Eu parecia uma menininha de escola sentada na sala do diretor.

– A minha reputação me precede, mas não o meu título. *Vanitatis*

vanitatum, omnis vanitas – disse Cecil em tom seco. – Agora, sou chamado de lorde Burghley, sra. Roydon. A rainha é uma patroa generosa.

Vociferei silenciosa. Nunca me interessara pelas datas em que os membros da aristocracia eram elevados aos níveis mais altos de hierarquia e privilégio. Quando precisava saber disso, recorria ao *Dictionary of National Biography*. E agora acabava de insultar o chefe de Matthew. Ainda teria uma chance de lisonjeá-lo com o latim.

– *Honor virtutis praemium* – murmurei, tentando me acalmar. *A honra é o preço da virtude*. Um dos meus vizinhos em Oxford formara-se na Arnold School. Jogava rúgbi e celebrava as vitórias do New College gritando a frase a plenos pulmões, ainda no gramado, para o delírio dos companheiros.

– Ah, o lema de Shirley. A senhora é membro dessa família? – Lorde Burghley se entreteve com os dedos quando me olhou com mais interesse. – É uma família conhecida pelo pendor para perambular.

– Não – respondi. – Eu sou uma Bishop... não propriamente um bispo. – Lorde Burghley inclinou a cabeça sem dizer nada, refletindo a respeito da minha óbvia afirmativa. Senti um desejo absurdo de desnudar a alma para aquele homem... ou de me desviar o mais rápido possível para a direção oposta.

– Sua Majestade aceita o casamento dos membros do clero, mas graças a Deus os bispos mulheres estão para além da imaginação dela.

– Sim. Não. Posso fazer alguma coisa pelo senhor, milorde? – repeti, com uma deplorável nota de desespero na voz. Trinquei os dentes.

– Acho que não, sra. Roydon. Mas talvez possa fazer alguma coisa por si mesma. Sugiro que volte para Woodstock. Sem demora.

– Por quê, milorde? – Senti um arrepio de medo.

– Porque é inverno e nessa época a rainha não se encontra tão ocupada. – Burghley olhou para a minha mão esquerda. – E a senhora é casada com mestre Roydon. Sua Majestade é generosa, mas não aprova quando um

dos seus favoritos se casa sem a permissão dela.

– Matthew não é um dos favoritos da rainha... ele é um espião. – Tapei a boca com a mão, mas já era tarde para conter as palavras.

– Favoritos e espiões não são mutuamente excludentes... a não ser quando Walsingham está envolvido. A moralidade rígida e a expressão azeda desse homem são insuportáveis para a rainha. Mas Sua Majestade tem um enorme apreço por Matthew Roydon. Um apreço considerado por alguns como perigoso. Mesmo porque seu marido guarda muitos segredos. – Cecil levantou-se, apoiou-se na bengala e disse com um gemido. – Volte para Woodstock, senhora. Isso será melhor para todos.

– Não abandonarei o meu marido. – Mesmo que Elizabeth comesse cortesãs no café da manhã, como alertara Matthew, não me faria sair da cidade. Mesmo porque finalmente estava adaptada, fazendo amigos e aprendendo magia. Sem mencionar que todo dia Matthew voltava para casa em frangalhos e varava a noite a responder correspondências enviadas pelos informantes da rainha, pelo pai e pela Congregação.

– Diga a Matthew que estive aqui. – Lorde Burghley saiu lentamente em direção à porta, onde se deparou com Françoise, que trazia uma grande jarra de vinho de cara amarrada. Talvez ela tenha arregalado os olhos. Não pareceu feliz por me encontrar leve e solta com o corpete quase todo aberto dentro de casa. – Muito obrigado pela conversa, sra. Roydon. Foi esclarecedora.

O alto tesoureiro da Inglaterra desceu a escada de entrada da casa. Estava muito velho para caminhar sozinho pela rua na tarde avançada de janeiro. Fui com ele até o final da escada.

– Acompanhe lorde Burghley, Françoise – disse para ela –, e leve-o ao encontro dos criados. – Os criados certamente se embriagavam com Kit e Will na Cardinal's Hat, se é que não esperavam em meio à confusão de carruagens no alto da Water Lane. Eu não queria ser a última pessoa a ver o principal conselheiro da rainha Elizabeth em vida.

– Não precisa, não precisa – disse Burghley, olhando para trás. – Sou apenas um velho de bengala. Os ladrões preferem pessoas com brincos ou gibões elegantes. Posso espantar os mendigos, se necessário. E os meus homens não estão longe daqui. Lembre-se do meu conselho, senhora.

Dito isso, ele desapareceu na penumbra.

– *Dieu*. – Françoise se benzeu e bifurcou os dedos para afastar o mau-olhado. – Ele é um velho. Não gostei do jeito que olhou para a senhora. Ainda bem que milorde não está em casa. Ele também não teria gostado.

– William Cecil tem idade suficiente para ser o meu avô, Françoise – retruquei e retornei ao calor da sala de estar, onde finalmente soltei os laços do corpete. Gemi de prazer quando me livrei daquele troço apertado.

– Lorde Burghley não olhou para a senhora como se quisesse levá-la para a cama. – Françoise olhou incisivamente para o meu corpete.

– Não? *Como* me olhou, então? – Eu me servi de um pouco de vinho e afundei na poltrona. O dia dava uma virada decisiva para o pior.

– Como se a senhora fosse um carneiro pronto para ser abatido enquanto ele avaliava o preço a ser cobrado pela senhora.

– Quem ameaçou comer Diana no jantar? – Matthew chegou como um gato furtivo e tirou as luvas.

– Uma de suas visitas. Acabou de sair. – Tomei um gole de vinho. Mal acabava de engolir quando Matthew tirou a taça de minhas mãos. Suspirei irritada. – Você não poderia acenar ou fazer qualquer outra coisa para me avisar que está prestes a se mover? Fico desconcertada quando aparece dessa maneira.

– Da mesma forma que você adivinhou que espiar pela janela é uma peculiaridade minha, sinto-me honrado em lhe dizer que sua peculiaridade é mudar de assunto. – Ele tomou um gole de vinho e pôs a taça na mesa. Esfregou o rosto com ar cansado. – Que visita foi essa?

– William Cecil estava à sua espera perto da lareira quando cheguei aqui.

Matthew se calou, com ar arrepiante.

– Burghley é o velho mais assustador que já conheci – continuei enquanto pegava a taça de vinho. – Mas até que se parece com Papai Noel com aquele cabelo branco e aquela barba branca, se bem que nunca ficaria de costas para ele.

– Isso é bem sensato – disse Matthew baixinho, voltando-se depois para Françoise. – O que ele queria?

Ela deu de ombros.

– Não sei. Já estava aqui quando voltei para casa com a torta de carne de porco de madame. Lorde Burghley pediu vinho. O demônio bebeu todo o vinho da casa esta manhã e tive que sair para comprar mais.

Matthew desapareceu. E retornou com passos mais tranquilos, como se aliviado. Fiquei de pé. *O sótão... e todos os segredos escondidos lá.*

– Ele...

– Não. – Matthew me interrompeu. – Está tudo exatamente como deixei. William disse o que veio fazer aqui?

– Lorde Burghley me pediu para lhe dissesse que esteve aqui. – Hesitei. – E me aconselhou a sair da cidade.

Annie entrou na sala, junto a Jack que tagarelava e a Pierre que sorria, mas o riso no rosto de Pierre se dissolveu tão logo ele olhou para o rosto de Matthew. Peguei as roupas que Annie trazia.

– Por que não leva as crianças até a Cardinal's Hat, Françoise? – sugeri. – Pierre também pode ir.

– Oba! – gritou Jack, feliz com a perspectiva de uma noitada. – Mestre Shakespeare está me ensinando a fazer malabarismos.

– Não vejo por que me opor, desde que não tente mexer na sua caligrafia – eu disse, pegando o chapéu que Jack lançara ao ar. A última coisa que queríamos era que ele acrescentasse a falsificação à sua lista de habilidades. – Vá e jante. E tente se lembrar da utilidade do lenço de bolso.

– Pode deixar. Vou lembrar – disse Jack, limpando o nariz na manga da

camisa.

– Por que lorde Burghley se deslocou até Blackfriars para ver você?

– Porque recebi notícias da Escócia hoje.

– E então? – perguntei, com um nó na garganta. Não era a primeira vez que o assunto bruxas de Berwick era levantado na minha presença, mas de alguma forma a presença de Burghley fez o assunto se parecer com o mal que bate à porta.

– O rei Jaime continua perseguindo as bruxas. William queria discutir o que... se a rainha... poderia fazer alguma coisa em represália. – Matthew franziu a testa quando comecei a cheirar a medo. – Você não precisa saber o que está acontecendo na Escócia.

– Isso não muda os acontecimentos em nada.

– Não – disse ele e massageou suavemente a minha nuca para atenuar a tensão. – E saber também não.

No dia seguinte cheguei da casa de Goody Alsop com uma caixa de madeira, onde deixaria os meus feitiços escritos incubados até que pudessem ser utilizados por outras bruxas. Encontrar um jeito de traduzir a magia em palavras era o próximo feitiço que me aguardava em minha evolução como tecelã. Até então a caixa só guardava os meus cordões de tecelã. Na opinião de Marjorie o meu feitiço de disfarce ainda não estava pronto para ser utilizado por outras bruxas.

Um bruxo da Thames Street confeccionara a caixa do galho da sorveira que o dragão de fogo deixara para mim na noite do meu primeiro *forspell*. Ele entalhara uma árvore na superfície da caixa cujos galhos entrelaçados pareciam que eram inseparáveis. Na confecção da caixa não havia pregos. Foram substituídos por junções quase imperceptíveis. O bruxo se orgulhou da obra e eu mal podia esperar para que Matthew a visse.

Hart and Crown estava estranhamente quieto. A lareira e as velas da sala de estar não estavam acesas. Matthew estava sozinho no estúdio, com

três jarras de vinho à frente; duas delas, aparentemente vazias. Ele não bebia tanto assim.

– O que há de errado?

Ele pegou uma folha de papel. A cera do lacre estava dependurada na dobra do papel. E o lacre estava partido ao meio.

– Querem nos ver na corte.

Afundei na poltrona no lado oposto ao dele.

– Quando?

– Sua Majestade graciosamente nos concede o favor de aguardar até amanhã. – Ele bufou. – O pai dela não era tão clemente. Quando Henrique queria ver alguém, mandava que o buscassem na mesma hora, mesmo que tivesse que arrancá-lo da cama e estivesse chovendo canivetes.

Eu morria de vontade de conhecer Elizabeth desde a época em que estava em Madison. Mas depois conheci o homem mais astuto do reino e perdi a vontade de conhecer a mulher mais astuta.

– Precisamos ir? – perguntei ainda na esperança de que Matthew pudesse descartar a ordem real.

– Na carta a rainha fez questão de frisar sua posição contrária a conjurações, encantamentos e feitiçarias. – Ele jogou o papel em cima da mesa e vociferou. – Pelo visto, o sr. Danforth escreveu uma carta para o bispo dele. Burghley sumiu com a carta, mas reapareceu em seguida.

– Por que então precisamos ir à corte? – Apertei a caixa de feitiços. Os cordões se agitaram lá dentro, ansiosos para ajudar a responder a minha pergunta.

– Porque Elizabeth irá nos prender se não estivermos às duas da tarde de amanhã na câmara de audiência do Palácio de Richmond. – Os olhos de Matthew se tornaram cacos de vidro marinhos. – Em pouco tempo a Congregação saberá de tudo sobre nós dois.

A notícia deixou os membros da casa em rebuliço, e no dia seguinte a ansiedade se espalhou pela vizinhança quando a condessa de Pembroke

chegou logo após o amanhecer com roupas suficientes para equipar toda uma paróquia. Fizera o caminho pelo rio e deixara a barcaça em Blackfriars, percorrendo assim uma distância que não passava de alguns poucos metros. Seu aparecimento na Water Lane tornou-se um espetáculo público de grandes proporções, e durante algum tempo a agitação se estendeu pela nossa rua geralmente tranquila.

Mary entrou na sala de estar aparentemente serena e imperturbável, com Joan e uma fileira de criados de menor importância perfilados atrás dela.

– Soube por Henry que vocês são esperados na corte esta tarde. E você não tem nada adequado para vestir. – Mary dirigiu a equipe de criados com um dedo imperativo em direção ao meu quarto de dormir.

– Usarei o vestido do meu casamento – protestei.

– Mas é um vestido francês! – retrucou ela horrorizada. – Você não pode usá-lo!

Cetins bordados, veludos sedosos, sedas cintilantes tecidas em fios de ouro e prata e pilhas de materiais diáfanos com propósitos desconhecidos desfilaram à minha frente.

– Isso é um exagero, Mary. O que você está pensando? – disse, espremendo-me para evitar esbarrar em uma das criadas.

– Ninguém sai para uma batalha sem armas adequadas – respondeu ela, com seu misto característico de leveza e acidez. – E Sua Majestade, que Deus a tenha, é uma formidável oponente. Você precisa de toda a proteção que o meu armário pode lhe dar.

Analisamos juntas as opções. Como faríamos as alterações nas roupas de Mary para que coubessem em mim era um mistério, mas eu sabia melhor do que ninguém que não adiantava perguntar. Eu seria Cinderela e os pássaros da floresta e seres encantados dos bosques seriam chamados se a condessa de Pembroke achasse necessário.

Finalmente, escolhemos um vestido preto bordado com flores-de-lis

prateadas e rosadas. Mary argumentou que era uma confecção do ano anterior e que a ausência de caimento arredondado das saias estava em voga. Elizabeth ficaria feliz com meu frugal desrespeito pelos caprichos da moda.

– E prata e preto são as cores da rainha. Não é à toa que Walter sempre veste essas cores – explicou ela, alisando as mangas bufantes.

Mas a minha peça preferida foi uma anágua de cetim branco que ficava à vista no corte frontal que dividia a saia. Também era bordada com representações da flora e da fauna, acompanhadas de fragmentos da arquitetura clássica, instrumentos científicos e personificações femininas das artes e das ciências. No bordado reconheci a mão do gênio que confeccionara os sapatos de Mary. Não toquei no bordado para garantir que a Dama da Alquimia não escoasse pela anágua afora antes que tivesse a chance de vesti-la.

Foram necessárias quatro mulheres e duas horas para me vestir. Primeiro, amarraram-me às roupas estofadas e estufadas em ridículas proporções, com grossos tecidos e uma larga armação de aros tão complicada quanto o esperado. O rufo era igualmente largo e chamativo, se bem que Mary me assegurou que não era tão largo quanto o que a rainha estaria usando. Ela prendeu um leque de penas de avestruz na minha cintura. O leque ficou dependurado como um pêndulo e balançava quando eu andava. O acessório com plumas e cravejado de rubis e pérolas era, sem dúvida alguma, bem mais caro que minha ratoeira e me dei por satisfeita porque ficou literalmente preso ao meu quadril.

A escolha das joias se tornou controversa. Mary retirou de um cofre itens e mais itens de valor inestimável. Mas insisti em usar os brincos de Ysabeau, em vez das maravilhosas gotas de diamante sugeridas por Mary. Combinaram incrivelmente com o fio de pérolas que Joan pendurou no meu ombro. Para o meu horror, Mary desmembrou a corrente que ganhara de presente de casamento de Philippe e pregou um dos pingentes

florais no centro do corpete. Fez um laço vermelho com as pérolas e o prendeu com um alfinete. Após uma longa discussão, Mary e Françoise concordaram em aplicar uma simples gargantilha de pérolas para preencher o decote. Annie prendeu a minha flecha de ouro no rufo, com um alfinete apropriado para joias, e Françoise arrumou o meu cabelo de modo a emoldurar o meu rosto em forma de coração. Como toque final, Mary fixou uma rede de pérolas atrás da minha cabeça para cobrir os nós das tranças empilhados ali por Françoise.

Matthew, cujo mau humor crescia assustadoramente à medida que se aproximava a fatídica hora, esboçou um sorriso e pareceu impressionado.

– Estou me sentindo como se vestida para o palco – comentei constrangida.

– Você está adorável... esplêndida – asseverou ele.

Matthew também estava esplêndido no sóbrio conjunto de roupas de veludo preto, com pequenos toques de branco nos punhos e na gola. Usava o meu retrato em miniatura dependurado no pescoço. A laçada da longa corrente deixava a lua virada para fora e a minha imagem em cima do coração dele.

A primeira visão que tive do Palácio de Richmond foi o topo de uma torre de pedra em tom creme, com o estandarte real embalado pela brisa. Logo outras torres surgiram à vista, cintilando no ar gelado de inverno como torres de castelos de contos de fadas. Em seguida a ampla estrutura do complexo palaciano se fez visível: a estranha galeria retangular, voltada para sudeste, o principal prédio de três andares cercado por um largo fosso, voltado para sudoeste, e, mais além, o pomar amurado. Atrás do prédio principal, algumas torres, picos e dois prédios que lembravam Eton College. Uma enorme grua erguia-se no ar para além do pomar, e enxames de homens descarregavam caixas e encomendas para as cozinhas e despensas do palácio. O castelo de Baynard, que me parecia imenso, não chegava aos pés da residência real.

Os remadores direcionaram a barcaça rumo ao ancoradouro. Matthew ignorou olhares e perguntas e deixou para Pierre e Gallowglass a incumbência de responder por ele. Um observador casual teria a impressão de que Matthew estava um tanto aborrecido. Mas eu o acompanhava de perto e sabia muito bem que ele esquadrinhava a margem do rio em alerta e em guarda.

Observei a galeria de dois andares através do fosso. Os arcos do térreo eram inteiramente abertos, mas o andar superior era coberto por janelas de chumbo. Rostos curiosos espiaram os recém-chegados na esperança de obter um punhado de fofocas. Matthew rapidamente se interpôs com seu corpanzil entre a barcaça e os cortesãos curiosos para me tirar do ângulo de visão.

Fomos conduzidos pela câmara da guarda mais simples até a parte principal do palácio por criados uniformizados que portavam ou uma espada ou uma lança. O emaranhado de aposentos no andar térreo era tão movimentado quanto qualquer prédio moderno de escritórios; os criados e oficiais da corte se apressavam para atender as solicitações e cumprir as ordens. Matthew fez menção de se desviar para a direita e os guardas bloquearam o caminho de modo polido.

– Ela só irá recebê-los em privado depois que a angústia de vocês seja exibida em público – sussurrou Gallowglass entre dentes. Matthew soltou um palavrão.

Obedientes, acompanhamos a escolta até uma grande escadaria apinhada de gente, onde a colisão entre o odor humano e o odor de flores e ervas era estonteante. O perfume era amplamente usado para mascarar os odores desagradáveis, mas me perguntei se o resultado não era pior. Logo a multidão notou a presença de Matthew e um mar de cochichos se estendeu ao longo dos que abriam caminho. Ele se destacava pela altura em relação à maioria ali presente e emanava a mesma atmosfera brutal da maioria dos aristocratas já conhecidos por mim. A diferença é que ele era

realmente letal – e de alguma forma os sangues-quentes reconheciam isso.

Atravessamos uma sequência de antecâmaras entupidas de cortesãos estofados, perfumados e cobertos de joias de ambos os sexos e de todas as idades, e por fim chegamos a uma porta fechada. Lá, aguardamos. Os sussurros se propagaram ao redor. Alguém disse uma piada e todos riram. Matthew trincou os dentes.

– Por que estamos esperando? – perguntei tão baixinho que apenas Matthew e Gallowglass ouviram.

– Para divertir a rainha... e para mostrar à corte que não passo de um servo.

Fiquei surpresa quando finalmente fomos admitidos na presença real porque o aposento também estava apinhado de gente. "Privado" era um termo relativo na corte de Elizabeth. Girei os olhos em busca da rainha que não estava à vista. Fiquei com o coração apertado quando achei que teríamos que esperar novamente.

– Por que será que a cada ano pareço mais velha enquanto Matthew Roydon aparenta dois anos menos? – Soou uma voz surpreendentemente jovial das proximidades da lareira. A maioria das criaturas elegantemente vestidas, extremamente perfumadas e escandalosamente pintadas presentes no aposento, se voltou discretamente em nossa direção. O movimento deixou à vista Elizabeth, a abelha rainha, sentada no centro da colmeia. Meu coração deu um salto. Lá estava a lenda trazida à vida.

– Não vejo grandes mudanças na senhora, Vossa Majestade – disse Matthew, inclinando-se levemente para a cintura. – *Semper eadem*, como diz o ditado. – Eram as palavras que estavam pintadas no estandarte sob o brasão real que ornamentava a lareira. *Sempre o mesmo.*

– *Sir*, até o meu lorde tesoureiro que sofre de reumatismo faz uma reverência mais curvada que essa. – Olhos negros cintilaram no fundo de uma máscara de pó e ruge. E a rainha comprimiu os lábios debaixo de um nariz aquilino. – Mas ultimamente prefiro um lema diferente... *Video et*

taceo.

Vejo e silencio. Nós estávamos em apuros.

Matthew fingiu não perceber e empertigou-se como um príncipe de um reino e não como um simples espião. Com os ombros jogados para trás e a cabeça ereta, era o homem mais alto na câmara. Somente duas pessoas se aproximavam um pouquinho em altura dele: Henry Percy, que estava encostado à parede com uma cara de fazer dó, e um homem de pernas longas com uma cara insolente e um tufo de cabelos encaracolados que aparentava a mesma idade do conde e estava ao lado do cotovelo da rainha.

– Cuidado – murmurou Burghley ao passar por Matthew, camuflando a admoestação com as batidas regulares da bengala. – Vossa Majestade me chamou?

– Espírito e Sombra no mesmo lugar. Diga-me, Raleigh, isso não viola algum princípio sombrio da filosofia? – disse com voz arrastada o homem ao lado da rainha. Os amigos em volta riram e apontaram para lorde Burghley e Matthew.

– Essex, se você tivesse frequentado Oxford e não Cambridge saberia a resposta e pouparia uma pergunta ignominiosa como essa. – Raleigh empertigou-se, pondo a mão próxima ao cabo da espada por precaução.

– Robin – disse a rainha, com uma palmadinha indulgente no cotovelo dele. – Você sabe que não gosto que outros usem os apelidos que invento. Dessa vez será perdoado por lorde Burghley e mestre Roydon pelo que fez.

– Presumo que essa dama seja a sua esposa, Roydon. – O conde de Essex se voltou com seus olhos castanhos para mim. – Nós não sabíamos que você tinha casado.

– *Nós* quem? – retrucou a rainha, dessa vez dando uma beijoca nele. – Isso não é de sua conta, meu lorde Essex.

– Pelo menos Matt não tem medo de ser visto com ela pela cidade. – Walter coçou o queixo. – Você também se casou recentemente, milorde.

Onde está a sua esposa neste lindo dia de inverno?

E lá vamos nós, pensei comigo enquanto Walter e Essex disputavam posição.

– Lady Essex está na Hart Street, na casa da mãe dela, com o recém-nascido do conde a tiracolo – disse Matthew em socorro de Essex. – Parabéns, milorde. Conversei com a condessa e ela me disse que o bebê teria o seu nome.

– Sim. Robert foi batizado ontem – disse Essex empertigado. Pareceu um tanto alarmado pelo fato de Matthew ter se aproximado da mulher e do filho dele.

– Foi mesmo, milorde. – Matthew sorriu para o conde com uma cara aterradora. – Estranho, não o vi na cerimônia.

– Basta de discussão! – gritou Elizabeth furiosa por ter perdido o controle do diálogo, tamborilando os longos dedos com impaciência no braço estofado da cadeira. – Não dei permissão a nenhum de vocês para se casar. Vocês são uns ingratos, seus miseráveis. Traga a moça até mim.

Alisei as saias com nervosismo e dei o braço a Matthew. Os doze passos que me separavam da rainha me pareceram uma eternidade. Finalmente, cheguei perto dela e Walter abaixou a cabeça com olhos afiados. Eu me dobrei em reverência e assim fiquei.

– Pelo menos ela tem boas maneiras – disse Elizabeth. – Levante-a.

Só quando nos entreolhamos é que percebi que a rainha era bastante míope. Embora estivesse a menos de um metro de distância, apertou os olhos com dificuldade para distinguir os meus traços.

– Hmph – pronunciou ao terminar a inspeção. – O rosto é grosseiro.

– Se acha isso, senhora, é uma sorte que não tenha se casado com ela – disse Matthew laconicamente.

Elizabeth me observou mais um pouco.

– Ela está com tinta nos dedos.

Escondi os dedos ofensivos debaixo do leque emprestado. A tinta de

bugalho de carvalho era difícil de remover.

– Se lhe pago uma fortuna, que leque é esse de sua esposa, Sombra? – A voz de Elizabeth soou com petulância.

– Se vamos discutir as finanças da coroa, talvez seja melhor que os outros se retirem – sugeriu lorde Burghley.

– Ora, muito bem – disse Elizabeth irritada. – William, você fica, e você também, Walter.

– E eu – disse Essex.

– Você não, Robin. Você precisa supervisionar o banquete. Esta noite quero me divertir. Estou cansada de pregações e aulas de história, como se eu fosse uma aluna de colégio. Não quero saber das histórias do rei John nem das aventuras da pastorinha apaixonada à procura do seu pastor. Eu quero as acrobacias do Symons. Já que precisamos de uma peça, que seja a da necromante e da cabeça de bronze que adivinha o futuro. – Elizabeth tamborilou as juntas dos dedos em cima da mesa. – *O tempo é, o tempo foi, o tempo é passado*. Adoro esse verso.

Eu e Matthew nos entreolhamos.

– Creio que o título da peça é *Frei Bacon e Frei Bungay*, Vossa Majestade – sussurrou uma jovem no ouvido da ama.

– É essa mesmo, Bess. Providencie isso, Robin, e não se esqueça de sentar perto de mim. – A rainha era uma perfeita atriz. Deslocava-se da fúria à petulância e à bajulação sem perder o compasso.

O conde de Essex retirou-se de um jeito amaneirado, mas não sem antes lançar um olhar fulminante para Walter. Os outros o seguiram. Essex tornara-se uma figura proeminente para se ter por perto e, como mariposas atraídas pelas chamas, os demais cortesãos partilhavam a luz do conde com avidez. Apenas Henry se mostrou relutante em se retirar, mas não havia escolha. A porta fechou-se firmemente atrás deles.

– Apreciou a visita que fez ao dr. Dee, sra. Roydon? – A voz da rainha soou aguda. Sem uma única nota de bajulação. Agora, só trataria de

negócios.

– Apreciamos, sim, Vossa Majestade – respondeu Matthew.

– Sei perfeitamente que a sua esposa pode falar por si mesma, mestre Roydon. Que ela própria faça isso.

Matthew ficou visivelmente irritado, mas se calou.

– Foi muito agradável, Vossa Majestade. – Eu mal podia acreditar que dirigia a palavra à rainha Elizabeth I. Deixei o estupor de lado e acrescentei. – Sou uma estudiosa de alquimia e interessada em livros e aprendizagem.

– Já sei o que você é.

Fui subitamente rondada pelo perigo, uma tempestade de fios negros precipitou-se aos gritos.

– Sou uma de suas servas, Vossa Majestade, assim como o meu marido. – Fixei os olhos resolutamente nos chinelos da rainha da Inglaterra. Felizmente, não eram particularmente interessantes e se mantiveram inanimados.

– Sra. Roydon, já tenho cortesãos e bobos suficientes. Esse tipo de observação não lhe dará um lugar entre eles. – Os olhos da rainha cintilaram ameaçadoramente. – Nem todos os meus informantes se comunicam com o seu marido. Diga-me, Sombra, que negócios tratou com dr. Dee?

– Um assunto privado – disse Matthew, fazendo força para se manter calmo.

– Essa coisa não existe... não no meu reino. – Elizabeth esquadrinhou as feições de Matthew. – Você próprio me ensinou a não confiar os meus segredos a quem cuja aliança para comigo ainda não tivesse sido posta à prova por você – continuou ela tranquilamente. – Minha própria lealdade certamente não está em questão.

– Foi um assunto privado entre mim e o dr. Dee, senhora. – Matthew insistiu na versão.

– Muito bem, mestre Roydon. Já que está determinado a manter o seu segredo, *eu mesma* me entenderei com o dr. Dee e veremos se ele não solta a língua. Também quero Edward Kelley de volta à Inglaterra.

– Creio que agora ele é *sir* Edward, Vossa Majestade. – Burghley corrigiu a rainha.

– De que fonte soube disso? – perguntou Elizabeth.

– De mim – disse Matthew amavelmente. – Afinal, o meu trabalho consiste em saber de tudo. Por que a senhora precisa de Kelley?

– Ele sabe como fazer a pedra filosofal. E não a quero nas mãos dos Habsburgo.

– É esse o seu medo, senhora? – Matthew pareceu aliviado.

– O meu medo é morrer e deixar que o meu reino seja disputado como um pedaço de carne entre os cachorros da Espanha, da França e da Escócia – disse Elizabeth, levantando-se e caminhando até ele. Quanto mais se aproximava, mais a diferença entre a estatura e a força de ambos se evidenciava. Ela era uma mulher baixinha que sobrevivera por anos a fio a dificuldades impensáveis. – O meu medo é que o meu povo se transforme depois da minha morte. Rezo todo dia para que Deus ajude a salvar a Inglaterra do desastre.

– Amém – entoou Burghley.

– Edward Kelley não é a resposta de Deus, isso eu lhe asseguro.

– Qualquer regente que se aposse da pedra filosofal terá um suprimento inesgotável de riquezas. – Os olhos de Elizabeth cintilaram. – Se eu tivesse mais ouro disponível poderia destruir os espanhóis.

– E se desejos fossem tordos, os mendigos se alimentariam de aves – retrucou Matthew.

– Modere a língua, De Clermont – sugeriu Burghley.

– Sua Majestade está querendo remar em águas perigosas, milorde. É meu dever também alertá-la sobre isso. – Matthew se pôs cuidadosamente formal. – Como o senhor sabe, Edward Kelley é um demônio. O trabalho

alquímico que ele faz se associa perigosamente à magia, como Walter pode atestar. A Congregação tem feito de tudo para evitar que o fascínio de Rodolfo II tome um rumo perigoso, como aconteceu com o rei Jaime.

– Jaime teve todo o direito de prender aquelas bruxas! – replicou Elizabeth, com veemência. – Assim como eu tenho o direito de reivindicar que seja um dos meus súditos a fazer a pedra filosofal.

– A senhora barganhou com essa mesma inflexibilidade quando mandou Walter para o Novo Mundo? – perguntou Matthew. – Se ele tivesse encontrado ouro na Virgínia, a senhora teria exigido que lhe entregasse tudo?

– Se bem me lembro o trato entre nós foi exatamente esse – disse Walter em tom seco, acrescentado rapidamente –, de todo modo, que seja dito, para mim seria uma honra se Sua Majestade ficasse com todo o ouro.

– Eu sabia que não podia confiar em você, Sombra. Você está na Inglaterra para me servir... mas argumenta como se os desejos dessa sua Congregação fossem mais importantes.

– O meu desejo é o vosso, Majestade: salvar a Inglaterra do desastre. E se a senhora tomar o mesmo rumo do rei Jaime, perseguindo demônios, bruxas e *wearhs* do reino, sofrerá por isso e também o seu reino.

– Qual então a proposta que tem para mim? – perguntou Elizabeth.

– Proponho que faça um acordo... não muito diferente da barganha que fez com Raleigh. Tratarei do retorno de Edward Kelly à Inglaterra para que a senhora possa trancafiá-lo na Torre e forçá-lo a fazer a pedra filosofal... se é que ele vai conseguir.

– E em troca? – Elizabeth era antes de tudo filha de um pai que sabia que nada nessa vida é de graça.

– Em troca, a senhora acolherá todas as bruxas que eu conseguir tirar de Edimburgo antes que a loucura do rei Jaime tome o seu curso.

– Absolutamente, não! – exclamou Burghley. – Senhora, pense nas consequências que advirão para suas relações com nossos vizinhos do

Norte se permitir que as bruxas escocesas cruzem nossa fronteira!

– Não restaram tantas bruxas assim na Escócia – disse Matthew de cara fechada –, já que o senhor se recusou a acatar os meus pedidos iniciais.

– Eu pensei que uma de suas ocupações aqui na Inglaterra fosse garantir que sua gente não se intrometesse em nossa política, Sombra. E se essas maquinações forem descobertas? Como é que vai explicar as ações que tomou?

A rainha observava Matthew atentamente.

– Eu diria, Majestade, que a necessidade nos faz habituar com estranhos companheiros de leito.

Elizabeth pareceu deleitada com a resposta.

– Isso é duplamente verdadeiro para as mulheres – disse em tom seco. – Muito bem, trato feito. Você irá para Praga e pegará Kelley. E a sra. Roydon ficará sob os meus cuidados aqui na corte, para garantir que você retorne mais rápido.

– Minha esposa não faz parte da nossa barganha, e não há necessidade de me mandar para a Boêmia em pleno janeiro. A senhora está determinada a ter Kelley de volta. Providenciarei para que seja entregue aqui.

– Aqui você não é o rei! – Elizabeth espetou o dedo no peito dele. – Você irá para onde eu mandar, mestre Roydon. Se me desobedecer, será preso com sua esposa na Torre por traição. E pior – acrescentou com os olhos faiscando.

Alguém bateu à porta.

– Entre! – disse Elizabeth aos gritos.

– A condessa de Pembroke requisita uma audiência, Vossa Majestade – disse um guarda em tom apologético.

– Pelos dentes de Deus! – vociferou a rainha. – Será que nunca terei um momento de paz? Diga-lhe para entrar.

Mary Sidney se locomoveu com seus véus e rufos esvoaçantes de uma

antecâmara fria para a câmara aquecida ocupada pela rainha. Fez uma graciosa reverência no meio do trajeto, flutuou pela sala adentro e fez uma outra reverência ao chegar.

– Vossa Majestade – disse com a cabeça inclinada.

– O que a traz à corte, lady Pembroke?

– Uma vez a senhora me concedeu uma bênção, Majestade... uma graça para uma necessidade futura.

– Sim, sim – disse Elizabeth impaciente. – O que seu marido fez desta vez?

– Nada. – Mary se pôs ereta. – Estou aqui a fim de lhe pedir permissão para enviar a sra. Roydon para uma missão importante.

– Não consigo imaginar a razão para isso – rebateu Elizabeth. – Ela não parece útil e não parece fértil de recursos.

– Estou precisando de vidros especiais para as minhas experiências que só podem ser adquiridos nas oficinas do imperador Rodolfo. A esposa do meu irmão... perdoe-me, ela se casou depois que Philip morreu e hoje é condessa de Essex... ela me disse que mestre Roydon será enviado para Praga. Se Vossa Majestade permitir, a sra. Roydon poderia ir junto para adquirir o que preciso.

– Esse rapazinho estúpido! O conde de Essex não consegue se controlar e espalha para todo mundo qualquer pedacinho de informação que obtém. – Elizabeth rodopiou em meio a uma enxurrada de prata e ouro. – Pedirei a cabeça dele por isso!

– Majestade, a senhora me fez a promessa, depois que meu irmão morreu em defesa do seu reino, a senhora me fez a promessa de me conceder um favor no dia que eu necessitasse. – Mary sorriu placidamente para mim e para Matthew.

– E você quer desperdiçar essa preciosa dádiva com esses dois? – Elizabeth pareceu cética.

– Matthew já salvou a vida de Philip. Ele é como um irmão para mim. –

Mary piscou para a rainha, com a inocência de uma coruja.

– Você consegue ser tão suave quanto o marfim, lady Pembroke. Gostaria que frequentasse mais a corte. – Elizabeth ergueu as mãos. – Muito bem. Manterei a minha palavra. Mas quero Edward Kelly na minha presença ali pelo meio do verão... e não admito falhas, mesmo que toda a Europa saiba do meu negócio. Entendeu, mestre Roydon?

– Sim, Majestade – disse Matthew de dentes trincados.

– Então, siga para Praga. E leve sua esposa com você, para agraciar lady Pembroke.

– Muito obrigado, Majestade. – Matthew se mostrou assustador, como se quisesse arrancar a cabeça junto com a peruca da rainha.

– Sumam da minha frente, todos vocês, antes que eu mude de ideia. – Elizabeth voltou a sentar-se e recostou no encosto entalhado da cadeira.

Lorde Burghley acenou com a cabeça para que seguíssemos as instruções da rainha. Mas o fato é que Matthew não deixaria as coisas naquele pé.

– Uma palavra de cautela, Majestade. Não deposite sua confiança no conde de Essex.

– Você não gosta dele, mestre Roydon, da mesma forma que William e Walter. Mas com ele me sinto jovem novamente. – Elizabeth fixou seus olhos negros nele. – Um dia foi você que realizou esse serviço para mim e me fez lembrar de tempos mais felizes. E agora encontra outra e me abandona.

– *Minha cautela é como minha sombra ao sol / Segue o meu voo, voa quando a busco / Para e fica ao meu lado, faz o que eu fiz* – disse Matthew, com doçura.

– Eu sou a sua Sombra, Majestade, e não tenho outra escolha senão seguir para onde a senhora me guiar. – E eu estou cansada – disse Elizabeth, virando a cabeça. – E sem estômago para poesia. Deixe-me.

– Nós não vamos para Praga – disse Matthew quando voltamos à barcaça de Henry que seguiria para Londres. – Nós vamos para casa.

– A rainha não vai deixá-lo em paz se você fugir para Woodstock, Matthew – disse Mary com sensatez, encolhendo-se debaixo de um cobertor de pele.

– Ele não está se referindo a Woodstock, Mary – expliquei. – Está se referindo a um lugar... mais distante.

– Ah. – Mary franziu as sobrancelhas. – Oh. – Ela empalideceu.

– Logo agora que estamos tão perto de conseguir o que queríamos – eu disse. – Já sabemos onde está o manuscrito que pode responder todas as nossas indagações.

– E talvez também não faça sentido, como o manuscrito que está na casa do dr. Dee – retrucou Matthew, com impaciência. – Encontraremos outro modo.

Mais tarde, porém, Walter persuadiu Matthew de que a rainha falara seriamente e que nos mandaria para a Torre se não fizéssemos o que ela queria. Mas depois conversei com Goody Alsop que também se opôs a Praga, em concordância com Matthew.

– É melhor que viaje para o seu próprio tempo e não para um lugar tão distante como Praga. E se ficar aqui vai precisar de semanas para preparar um feitiço que a leve para casa. A magia requer princípios e regras que ainda não são dominados por você, Diana. Tudo o que você tem agora é um dragão de fogo rebelde, um *glaem* quase cego e uma tendência a fazer perguntas que suscitam respostas travessas. Ainda não tem conhecimento suficiente da arte para se sair bem com seu plano.

– Continuarei estudando em Praga, prometo. – Segurei as mãos dela. – Matthew fez uma barganha com a rainha que poderá proteger dezenas de bruxas. Não podemos ficar separados. É muito perigoso. Não posso deixar que ele vá à corte do imperador sem mim.

– Não pode – ela disse, com um sorriso tristonho. – Não enquanto o seu

corpo respirar. Tudo bem. Vá com o seu *wearh*. Mas saiba de uma coisa, Diana Roydon, você está tomando um novo curso. E não posso prever aonde esse curso levará.

– Segundo o que ouvi do fantasma de Bridget Bishop, *não há caminho adiante em que ele não esteja*. Sempre encontro conforto nessas palavras cada vez que sinto que nossas vidas estão sendo tecidas rumo ao desconhecido – eu disse, tentando confortá-la. – Quando estou junto com Matthew, Goody Alsop, o curso que tomamos é o que menos importa.

Três dias depois da festa de Santa Brígida, zarpamos para uma longa jornada ao encontro do imperador do Sacro Império Romano e de um traiçoeiro demônio inglês e também do Ashmole 782.



Sentada na sua casa em Berlim, Verin de Clermont lia o jornal sem poder acreditar.

The Independent
1º de fevereiro de 2010
Uma mulher de Surrey descobriu um manuscrito pertencente a Mary Sidney, conhecida poetisa elisabetana, irmã de *sir* Philip Sidney.

"Estava no roupeiro de minha mãe que fica no alto da escada de entrada", narrou Henrietta Barber, 62, ao *Independent*. A sra. Barber fazia uma limpeza nos pertences da mãe quando o encontrou. "Só parecia um monte de papel velho para mim."

Segundo especialistas, o manuscrito é um caderno de anotações de um trabalho alquímico mantido pela condessa de Pembroke durante o inverno de 1590/91. Pensava-se que os documentos científicos da condessa tinham sido destruídos durante um incêndio ocorrido na Wilton House, no século XVII. Não está claro como o manuscrito veio a pertencer à família Barber.

"Nós lembramos de Mary Sidney primeiramente como poeta", comentou um representante da Casa de Leilão Sotheby's, que colocará o item em leilão no mês de maio, "mas em sua época ela era conhecida como uma grande praticante da alquimia."

O manuscrito é de particular interesse porque mostra que a condessa era assistida por alguém no seu laboratório. Em uma

> experiência intitulada "produção da *arbor Dianae*", a condessa identifica o assistente pelas iniciais DR. "Mesmo que jamais sejamos capazes de identificar quem auxiliou a condessa de Pembroke", explica o historiador Nigel Warminster, da Universidade de Cambridge, "o manuscrito pode nos revelar muito sobre o recrudescimento da experimentação na Revolução Científica."

– O que é isso, *Schatz*? – Ernst Neumann pôs um copo de vinho defronte à esposa. Verin estava muito séria para uma noite de terça-feira. Era o ar que ela assumia nas sextas.

– Nada – murmurou ela, com os olhos grudados nas linhas do jornal à frente. – Apenas o fragmento de um negócio inacabado da família.

– Baldwin está envolvido? Ele perdeu um milhão de euros hoje? – O cunhado de Ernst era difícil de engolir e não se podia confiar inteiramente nele. Ernst aprendera os meandros do comércio internacional com Baldwin quando ainda era jovem. E agora beirava os sessenta anos e era invejado pelos amigos por ter uma mulher muito jovem. As fotos de casamento que retratavam Verin da forma que ela ainda aparentava e uma versão de Ernst de vinte e cinco anos antes estavam fora de vista por segurança.

– Baldwin nunca perdeu um milhão de coisa alguma em toda a vida.

Claro que Ernst percebeu que Verin não tinha respondido propriamente a pergunta. Então, puxou o jornal inglês para si e leu o que estava impresso.

– Por que está interessada nesse livro velho?

– Preciso dar um telefonema primeiro – disse ela por cautela. Pegou o telefone com mãos firmes, e Ernst reconheceu o brilho prateado incomum nos olhos da esposa. Estava furiosa, e assustada, e pensando no passado. Já tinha visto esse mesmo olhar um momento antes de Verin salvar a vida dele, arrancando-o das mãos da madrasta dela.

– Vai telefonar para Mélisande?

– Ysabeau – disse Verin automaticamente, digitando os números.

– Ah, sim, Ysabeau – disse Ernst. Era compreensível que para ele fosse difícil pensar na madrasta de Verin com um nome diferente daquele que a matriarca da família usava quando matou o pai dele depois da guerra.

A chamada de Verin se prolongou por um tempo interminável até se completar. Ernst ouviu estalos estranhos enquanto a chamada era transferida repetidas vezes. Finalmente, se completou. O telefone tocou.

– Quem é? – disse uma voz jovem. Parecia a voz de um americano... ou talvez de um inglês que tinha perdido o sotaque.

Verin desligou de imediato. Largou o telefone em cima da mesa e enterrou o rosto nas mãos.

– Oh, Deus. Está realmente acontecendo como papai previra.

– Você está me assustando, *Schatz* – disse Ernst. Já tinha visto muitos horrores na vida, mas nenhum tão vívido quanto aqueles que atormentavam Verin nas raras ocasiões em que ela realmente dormia. Os pesadelos com Philippe eram suficientes para desequilibrar aquela mulher normalmente muito equilibrada. – Quem era ao telefone?

– Não era quem deveria ser – respondeu Verin, com a voz embargada. Procurou com seus olhos cinzentos os olhos dele. – Matthew é que devia ter atendido, mas não pôde. Porque ele não está aqui. Ele está lá. – Olhou para o jornal.

– Verin, você não está falando coisa com coisa – disse Ernst, com firmeza. Ele não conhecia aquele meio-irmão problemático, intelectual e ovelha negra da família.

Mas lá estava ela telefonando de novo. E dessa vez a chamada se completou rapidamente.

– Você já leu os jornais de hoje, tia Verin. Faz muitas horas que espero seu telefonema.

– Gallowglass, onde você está? – O sobrinho dela era um vagabundo.

No passado enviava cartões-postais com nada escrito além de um número de telefone de algum trecho da estrada por onde viajava na ocasião: a autobahn, na Alemanha; a Rota 66, nos Estados Unidos; a Trollstigen, na Noruega; o Túnel Guoliang, na China. Esses anúncios concisos rarearam depois do advento das chamadas internacionais via celular. E depois do advento do GPS e da internet, ela passou a localizar Gallowglass em qualquer lugar que estivesse. De qualquer forma, Verin já tinha perdido os cartões-postais.

– Em algum lugar perto de Warrnambool – disse Gallowglass vagamente.

– Em que diabo de lugar fica Warrnambool? – perguntou Verin.

– Austrália – responderam Ernst e Gallowglass ao mesmo tempo.

– Estou ouvindo um sotaque alemão? Você está de namorado novo? – Gallowglass provocou a tia.

– Cuidado, seu fedelho – rebateu ela. – Você pode ser da família, mas posso rasgar sua garganta toda. É Ernst, meu marido.

Ernst se curvou para a frente na poltrona, balançando a cabeça em sinal de advertência. Ele não gostava quando a mulher desafiava um vampiro macho, mesmo sendo mais forte que a maioria das mulheres. Verin repeliu a preocupação do marido com um gesto.

Gallowglass soltou uma risadinha, e Ernst concluiu que tudo estava bem com aquele vampiro desconhecido.

– Até que enfim, minha assustadora tia Verin. Que bom ouvir sua voz depois de todos esses anos. E não finja que não se surpreendeu com a história como me surpreendi com sua chamada.

– Uma parte minha ansiava para que fosse um delírio dele – confessou ela, lembrando da noite em que se sentara com Gallowglass ao lado da cama para ouvir as divagações de Philippe.

– Imaginou que era contagioso e que eu também estava delirando? – bufou Gallowglass. Ela notou que ele estava cada vez mais parecido com

Philippe.

– Eu realmente ansiei para que fosse o caso. – Era muito mais fácil acreditar nisso do que na mirabolante história do pai sobre uma bruxa fiandeira do tempo.

– Mas você vai manter o trato, não vai? – perguntou Gallowglass suavemente.

Verin hesitou. Apenas por um segundo, mas não passou despercebido para Ernst. Ela sempre mantinha as promessas. Ele ainda era um garotinho assustado e covarde quando recebeu dela a promessa de que se tornaria um verdadeiro homem. E desde os seis anos de idade Ernst se agarrou a essa certeza, da mesma forma que se agarrou às promessas que ela fez desde então.

– Você não tem visto Matthew com ela. Já que você...

– E descobrir que meu meio-irmão continuará sendo um problema a mais? Sem chance. Dê uma chance a ela, Verin. Ela também é filha de Philippe. E ele tinha um excelente gosto para mulheres.

– A bruxa não é filha verdadeira dele – rebateu Verin prontamente.

Em alguma estrada de algum lugar, nas cercanias de Warrnambool, Gallowglass apertou os lábios, recusando-se a replicar. Se Verin sabia a respeito de Matthew e Diana mais que qualquer outro membro da família, claro que não sabia tanto quanto ele. E haveria muitas oportunidades para discussões sobre vampiros e filhos depois que o casal retornasse. Não era preciso discutir isso naquela hora.

– Além disso, Matthew não está aqui – continuou Verin, com os olhos fixos no jornal. – Eu disquei o número. Uma outra pessoa atendeu e não era o Baldwin. – Por isso ela desligara com tanta rapidez. Se Matthew não estivesse no comando da irmandade, o número do telefone teria que ser transferido para o único filho de sangue sobrevivente. "O número" era oriundo dos primeiros anos do advento do telefone. A escolha de Philippe pelo número 917 se devia à data de aniversário de Ysabeau no mês de

setembro. O número sofrera alguns acréscimos em razão das interações modernas com o advento das novas tecnologias e as sucessivas mudanças no sistema de telefonia nacional e internacional.

– Você falou com Marcus. – Gallowglass também telefonara para esse número.

– Marcus? – Verin mal pôde acreditar. – O futuro dos De Clermont depende de *Marcus*?

– Dê uma chance a ele também, tia Verin. É um bom rapaz. – Gallowglass fez uma pausa. – E quanto ao futuro da família, isso depende de todos nós. Philippe sabia disso, do contrário não nos teria obrigado a prometer que voltaríamos para Sept-Tours.

Philippe de Clermont tinha sido bem específico com a filha e o neto. Os dois teriam que observar os sinais: histórias de uma jovem bruxa americana de grande poder; sobrenome Bishop; alquimia; irrupção de descobertas históricas anômalas.

Depois, só depois, Gallowglass e Verin retornariam para o celeiro da família De Clermont. Philippe não disse qual era a importância dessa reunião de família, mas Gallowglass sabia.

Após uma espera de décadas, Gallowglass ouvira algumas histórias a respeito de uma bruxa de Massachusetts chamada Rebecca, uma das últimas descendentes de Bridge Bishop e uma das bruxas de Salem. Os relatos sobre o poder e sobre a trágica morte de Rebecca se espalharam por toda parte. Depois de rastrear a filha sobrevivente da bruxa, Diana Bishop, que residia no estado de Nova York, Gallow-glass passou a observá-la periodicamente, primeiro nos brinquedos do parquinho e nas festas de aniversário e depois na graduação na universidade. Sentiu o mesmo orgulho que todo pai sente quando ela entrou na Oxford. Sempre ficava debaixo do carrilhão da torre de Harkness, em Yale, o poder das badaladas dos sinos ressoavam no corpo dele quando a jovem professora cruzava o campus. Diana vestia roupas diferentes, mas o fato de usar

armação sob as saias e rufo e calça comprida e jaqueta masculina folgada não importava porque o andar determinado e o jeito de aprumar os ombros não deixavam dúvidas de quem era ela.

Gallowglass tentava se manter a distância, se bem que às vezes era obrigado a interferir – como no dia em que a energia dela atraiu um demônio que começou a segui-la. Mesmo assim, Gallowglass se ufanava das inúmeras vezes que se conteve para não descer correndo a escada da torre do sino da Yale e jogar os braços em volta dos ombros da professora Bishop, dizendo-lhe que estava imensamente feliz por revê-la depois de tantos e tantos anos.

Logo que Gallowglass soube que Ysabeau chamara Baldwin por conta de uma emergência desconhecida que envolvia Matthew, o nórdico concluiu que era uma questão de tempo para que surgissem as anomalias históricas. A notícia sobre uma recente descoberta de miniaturas elisabetanas até então ignoradas chegou ao conhecimento de Gallowglass. Chegou a procurar a Sotheby's, mas as miniaturas já tinham sido compradas. Achou que poderiam cair em mãos erradas e isso o fez entrar em pânico. Ele subestimara Ysabeau. Mas depois conversou com Marcus, o filho de Matthew, que confirmou que as miniaturas estavam seguras em Sept-Tours, na escrivaninha de Ysabeau. Fazia mais de quatrocentos anos que Gallowglass tinha escondido os retratos em miniatura em uma casa de Shropshire. Seria tão bom rever as miniaturas – e as duas criaturas que retratavam.

Enquanto isso Gallowglass como sempre se preparava para a tempestade que adviria: viajar o mais rápido possível. Antes era pelos mares e pelos trilhos, mas agora era de motocicleta pelas estradas, atravessando curvas fechadas e encostas de montanhas. Com o vento despenteando o cabelo e batendo na jaqueta de couro fechada até o pescoço para ocultar a pele que nunca estava bronzeada, ele se preparava para cumprir uma promessa feita muito tempo atrás, a de defender os De

Clermont a qualquer preço.

– Gallowglass? Você ainda está aí? – A voz de Verin soou no aparelho, tirando o sobrinho dos devaneios.

– Ainda estou aqui, tia.

– Quando pretende ir? – Verin suspirou e apoiou a cabeça na mão. Ainda não conseguia olhar para Ernst. Pobre Ernst, casara-se voluntariamente com uma vampira e, ao fazer isso, emaranhara-se involuntariamente em uma trama de sangue e desejo tecida ao longo dos séculos. Mas Verin tinha feito uma promessa para o pai e, embora Philippe estivesse morto, não seria agora que iria desapontá-lo pela primeira vez.

– Pedi a Marcus para me esperar depois de amanhã. – Gallowglass não diria que estava aliviado com a decisão da tia, e ela também não diria que tinha vacilado em manter a promessa feita.

– Então, nos veremos lá. – Isso daria mais tempo para que Verin comunicasse a Ernst que ele compartilharia o mesmo teto da madrasta. Ele não gostaria da ideia.

– Boa viagem, tia Verin. – Gallowglass desligou primeiro.

Enfiou o celular no bolso e olhou fixamente para o mar. Já tinha naufragado naquela parte da costa australiana. Gostava de olhar para aquelas praias para onde fora levado como um tritão que chegou à costa em meio a uma tempestade e se deu conta de que também podia viver em terra firme. Ele pegou um cigarro. Fumar era como correr de motocicleta sem capacete, uma forma de desafiar o universo que lhe concedera a imortalidade com uma das mãos e levara todos os entes amados com a outra.

– E você também levaria esses de mim, não é? – perguntou ele para o vento que por sua vez respondeu com um suspiro. Matthew e Marcus tinham opiniões severas em respeito aos fumantes passivos. Argumentavam que se o fumo não podia matá-los, isso não lhes dava o direito de exterminar todos à volta.

– Se morrerem, o que restará para nos alimentarmos? – acentuava Marcus com uma lógica infalível. Era uma noção curiosa para um vampiro, se bem que Marcus era conhecido pelas noções curiosas e Matthew não ficava atrás. Gallowglass atribuía essa tendência ao excesso de educação.

Acabou de fumar o cigarro e levou a mão ao bolso para pegar uma pequena sacola de couro. Uma sacola que continha vinte e quatro pecinhas redondas com dois centímetros e meio de diâmetro e pouco mais de meio centímetro de espessura. As pecinhas tinham sido confeccionadas de um galho cortado de um pé de carvalho que brotara nas proximidades de uma de suas casas de outrora. Cada qual estampava um símbolo entalhado a fogo na superfície e letras do alfabeto de uma língua que ninguém mais falava.

A verdade é que Gallowglass sempre nutrira um saudável respeito pela magia, desde muito antes de ter conhecido Diana Bishop. Sabia muito bem que certos poderes se espraiavam entre a terra e os mares para além da compreensão de todas as criaturas, e era sempre melhor desviar os olhos quando estavam por perto. Mas não conseguia resistir às runas. Elas o ajudavam a navegar pelas traiçoeiras águas do destino.

Ele então enfiou a mão na sacola e, acariciando os suaves círculos de madeira, deixou-os escorrer por entre os dedos como água. Queria saber de que maneira a maré corria naquele momento – a favor ou contra os De Clermont?

Depois que todas as peças escorreram pelos dedos, Gallowglass retirou a runa que lhe revelaria em que pé as coisas estavam. *Nyd*, runa cujo sentido era ausência e desejo. Enfiou a mão na sacola de novo para entender melhor o que o futuro lhe reservava. *Odal*, glifo que se associava a casa, família e herança. Retirou uma última runa, que lhe mostraria como preencher o seu avassalador desejo de fazer parte, de pertencer.

Rad. Era uma runa perturbadora, uma runa que tanto significava

chegada como partida, início ou término de jornada, primeiro encontro ou reencontro há muito esperado. Fechou a mão em torno da peça de madeira. Dessa vez, o significado era bem claro.

– Boa viagem para você também, titia. E traga junto aquele meu tio – gritou Gallowglass para o céu e para o mar antes de montar na motocicleta e seguir em direção a um futuro inimaginável e imprevisto.

PARTE IV

O IMPÉRIO: PRAGA





– Onde estão as minhas meias vermelhas?

Matthew desceu a escada como um canhão e fez cara feia frente às caixas espalhadas pelo chão do andar térreo. Estava com um péssimo humor desde que deixáramos as crianças junto com Pierre e a bagagem em Hamburgo, justamente na metade do caminho de nossa viagem de quatro semanas. Já tínhamos perdido dez dias porque fizéramos uma viagem da Inglaterra para um país católico cujo tempo era registrado por um calendário diferente. Agora, era onze de março em Praga, e Pierre e as crianças ainda não tinham chegado.

– Não vou encontrá-las nessa bagunça! – disse ele, transferindo a frustração para uma de minhas anáguas.

Após uma viagem de muitas semanas por meio de alforjes e com uma única mala compartilhada, nossos pertences só apareceram três dias depois de nossa chegada a uma casa espremida e empoleirada no alto de uma avenida que dava para o Castelo de Praga. A avenida chamava-se Sporrengasse, mas os vizinhos alemães chamavam-na de Rua da Espora porque só assim se persuadia os cavalos a escalá-la.

– Eu não sabia que você tinha meias vermelhas – eu disse, empertigando-me.

– Mas tenho. – Matthew continuou fuçando uma caixa onde estavam minhas roupas íntimas.

– Bem, certamente não estarão aí – pontuei o óbvio.

O vampiro abaixou os dentes.

– Já procurei por tudo quanto é canto.

– Vou encontrá-las. – Olhei para as meias pretas que eram bem respeitáveis. – Por que vermelhas?

– Porque pretendo chamar a atenção do sacro imperador romano! – Ele mergulhou em outra pilha de roupas.

Meias vermelhas cor de sangue fariam muito mais do que apenas atrair um olhar errante, já que o homem que se propunha a calçá-las era um vampiro gigantesco com pouco mais da metade da altura concentrada nas pernas. Mas o comprometimento dele com o plano era inquebrantável. Eu então me concentrei, pedi às meias que aparecessem e segui os fios vermelhos. A habilidade de rastrear seres vivos e objetos era uma franja dos imprevistos benefícios de ser uma tecelã que utilizara em diversas oportunidades durante a viagem.

– O mensageiro do meu pai já chegou? – Matthew acrescentou outra anágua à montanha nevada que se erguia entre nós e parou de escavar.

– Sim. O que trouxe está perto da porta... por ali. – Remexi o conteúdo de um baú já inspecionado: manoplas de cota de malha, um escudo com o desenho de uma águia de duas cabeças e uma elaborada engenhoca de caçada não identificada. Brandi em triunfo os dois canos longos das meias. – Encontrei!

Ele já tinha esquecido a crise das meias. Agora, era um pacote enviado pelo pai que lhe demandava toda a atenção. O que olhava tão admirado?

– Isso é... um Bosch? – Claro que era uma obra de Hieronymus Bosch devido ao bizarro uso do equipamento alquímico e do simbolismo. O artista cobria os painéis com peixes voadores, insetos, implementos domésticos gigantescos e frutas erotizadas. Muito antes da moda psicodélica, Bosch vislumbrou o mundo em cores brilhantes e combinações perturbadoras.

Contudo, assim como as obras de Holbein que Matthew mantinha na Velha Cabana, essa obra de Bosch me era desconhecida. Era um tríptico montado a partir de três painéis articuláveis de madeira. Os trípticos eram

projetados para os altares e mantidos fechados, exceto nas celebrações religiosas especiais. Nos museus modernos raramente as faces externas eram expostas. Perguntei a mim mesma se já tinha perdido outras imagens estonteantes como aquela.

O artista cobrira a face externa dos painéis com um pigmento negro aveludado. Uma árvore retorcida brilhava sob a luz do luar, estendendo-se até os dois painéis frontais, com um pequeno lobo sentado nas raízes e uma coruja empoleirada em um galho mais alto. Os dois animais encaravam o espectador. Uma dezena de outros olhos desprovidos de corpos cintilava e também encarava do escuro em volta da árvore. Algumas árvores comuns com troncos pálidos e ramagens verdes iridescentes esparramavam mais luz sobre a cena por trás do carvalho morto. Só quando olhei mais de perto é que reparei que brotavam orelhas das árvores, como se estivessem ouvindo os sons da noite.

– O que significa isso? – perguntei extasiada diante da obra de Bosch.

Os dedos de Matthew passearam pelo fecho do gibão.

– É um velho provérbio flamengo: "A floresta tem olhos e as árvores têm ouvidos, por isso vejo, silencio e ouço." – As palavras capturavam com perfeição a vida secreta de Matthew, e isso me trouxe à mente a escolha do lema que Elizabeth fizera.

A face interna do tríptico mostrava três cenas inter-relacionadas: uma imagem de anjos caídos, pintados sobre o mesmo fundo negro aveludado. À primeira vista mais pareciam libélulas com duplas asas brilhantes, mas eram anjos de corpos humanos cujas cabeças e pernas se retorciam em tormento à medida que caíam do céu. No painel oposto, os mortos emergiam para o Juízo Final em cena bem mais medonha que a dos afrescos de Sept-Tours. As lacunas nas mandíbulas dos peixes e dos lobos eram entradas para o inferno que sugavam os condenados e os condenavam a uma eternidade de sofrimento e agonia.

Contudo, o painel central apresentava uma imagem bem diferente da

morte: o ressuscitado Lázaro saía serenamente do caixão. Com pernas compridas, cabelos pretos e um semblante sério parecia muito o Matthew. Ao longo da beirada do painel central, videiras mortas reproduziam frutos estranhos e flores estranhas. Algumas vertiam sangue. Outras davam à luz pessoas e animais. Sem a presença de Jesus.

– Lázaro se parece com você. Não surpreende que queira que Rodolfo fique com isso. – Estendi as meias para Matthew. – Bosch também devia saber que você é vampiro.

– Jeroen, ou Hieronymus, como você o conhece, viu o que não devia ver – disse Matthew, com ar soturno. – Eu não sabia que tinha sido visto por Jeroen enquanto me alimentava de um sangue-quente até que vi os desenhos que ele fez de mim. A partir daquele dia ele começou a acreditar que todas as criaturas tinham uma natureza dupla, parte humana e parte animal.

– E às vezes parte vegetal – acrescentei, observando uma mulher nua com cabeça de morango e mãos de cerejas que fugia de um demônio que tinha um espeto e um chapéu em forma de cegonha. Matthew grunhiu suavemente de contentamento. – Será que Rodolfo sabe que você é vampiro, assim como Elizabeth e Bosch? – Eu estava cada vez mais preocupada com o número de pessoas que sabiam do segredo.

– Sim. O imperador também sabe que sou membro da Congregação. – Ele torceu as meias vermelhas com um nó. – Muito obrigado por encontrá-las.

– É melhor me confessar se tem o hábito de perder as chaves do carro, porque não quero passar pelo mesmo pânico quando você sair para o trabalho a cada manhã. – Deslizei os braços ao redor da cintura dele e encostei o rosto no seu coração. As batidas lentas e firmes daquele coração me acalmaram.

– E o que fará? Pedir divórcio? – Matthew retribuiu o abraço e encostou a cabeça na minha cabeça até que ficamos bem encaixados.

– Você me garantiu que os vampiros não se divorciam. – Estreitei o abraço. – Se calçar essas meias vermelhas vai parecer um personagem de desenho animado. Se eu fosse você ficaria com as pretas. De qualquer maneira, chamará atenção.

– Bruxa – disse ele, soltando-me com um beijo.

Ele subiu a colina do castelo com as sóbrias meias pretas, levando consigo uma mensagem longa e complicada (parcialmente em verso) na qual oferecia um maravilhoso livro para a coleção de Rodolfo. Retornou quatro horas depois de mãos vazias após ter entregado a mensagem para um lacaio imperial. Não conseguira uma audiência com o imperador. Em vez disso esperara junto com os outros embaixadores que também pediam uma audiência.

– Parecia que estava dentro de um caminhão de gado com todos aqueles corpos quentes comprimidos uns nos outros. Tentei escapar para um lugar onde pudesse respirar ar fresco, mas os aposentos próximos estavam repletos de bruxas.

– Bruxas? – Desci da mesa de onde estava colocando a espada de Matthew em cima do armário de roupa de cama em segurança porque já me preparava para a chegada de Jack.

– Dezenas de bruxas – respondeu ele. – Elas estão reclamando do que está acontecendo na Alemanha. Cadê o Gallowglass?

– Seu sobrinho saiu para comprar ovos e também para contratar uma governanta e uma cozinheira. – Françoise se recusara terminantemente a se juntar a nossa expedição à Europa Central, região que para ela era uma terra sem Deus de luteranos. Naquele momento ela estava de volta à Velha Cabana para mimar Charles. Gallowglass me servia de pajem e guarda-costas até a chegada dos outros. Ele dominava o alemão e o espanhol com excelência, fato que o tornava indispensável quando se tratava de abastecer a casa. – Fale mais das bruxas.

– A cidade é um refúgio seguro para as criaturas da Europa Central que

temem pela própria segurança... demônios, vampiros e bruxas. Mas as bruxas são especialmente bem-vindas na corte de Rodolfo porque ele cobiça o conhecimento delas. E o poder delas também.

– Interessante – comentei. Enquanto me perguntava sobre a identidade delas meu terceiro olho vislumbrava uma série de rostos. – Quem é o bruxo de barba ruiva? E a bruxa com um olho azul e o outro verde?

– Não ficaremos aqui muito tempo para que a identidade deles tenha alguma importância – disse Matthew com ar ameaçador enquanto caminhava até a porta. Já tinha concluído o dia de trabalho para Elizabeth e era hora de atravessar o rio até a cidade antiga de Praga, onde defenderia os interesses da Congregação.

– Nos veremos antes de escurecer. Fique aqui até que Gallowglass retorne. Não quero que se perca na cidade. – Na verdade, ele não queria que me deparasse com alguma bruxa.

Gallowglass retornou à Sporrengasse com duas vampiras e um *pretzel*. Entregou-me a iguaria e me apresentou às novas criadas.

Karolína (a cozinheira) e Tereza (a governanta) eram membros de um alastrado clã de vampiros boêmios que se dedicava a servir à aristocracia e aos visitantes estrangeiros importantes. Assim como os poderosos De Clermont, já tinham obtido reputação – e algumas vezes polpudos salários – por conta de uma longevidade sobrenatural e uma lealdade canina. Também conseguíramos comprar do ancião do clã por um preço justo a garantia de sigilo, além das duas vampiras transferidas da casa do embaixador papal. O embaixador consentiu graciosamente em deferência aos De Clermont. Até porque tinham exercido um papel fundamental na última eleição papal e o embaixador tinha plena consciência de quem fornecia a manteiga para o pão dele. Minha única preocupação era que Karolína soubesse preparar omeletes.

Com o problema dos serviçais resolvido, toda manhã Matthew escalava a colina do castelo enquanto me ocupava em desempacotar a bagagem,

conhecer os vizinhos do bairro abaixo dos muros do castelo conhecido como Malá Strana e esperar pelos outros membros da família. Eu sentia falta da alegria e dos olhos de Annie que engoliam o mundo, e também sentia falta da infalível capacidade de Jack de se meter em mil encrencas. Nossa sinuosa rua era abarrotada de crianças de todas as idades e nacionalidades porque ali residia a maioria dos embaixadores. Isso nos levou a concluir que Matthew não era o único estrangeiro em Praga que queria chegar ao imperador. Cada pessoa que conhecíamos regalava Gallowglass com histórias de como Rodolfo esnobara alguma personalidade importante só para passar umas poucas horas com um livreiro da Itália especializado em livros raros ou com um humilde mineiro da Saxônia.

Entardecia no primeiro dia da primavera e a casa estava impregnada do aroma da carne de porco e dos bolinhos no forno quando fui abordada por um projeto de gente.

– Sra. Roydon! – gritou Jack, enterrando o rosto no meu corpete e me abraçando com força. – A senhora sabia que Praga tem quatro cidades em uma? Londres só tem uma. E aqui também tem um castelo e um rio. Amanhã, Pierre vai me mostrar o moinho d'água.

– Olá, Jack. – Afaguei os cabelos dele. A estafante e congeladora viagem até Praga não retardara o crescimento dele. Claro que Pierre o empanturrara de comida. Ergui os olhos e sorri para Annie e para Pierre. – Matthew vai ficar feliz com a chegada de todos vocês. Ele sentiu saudades de vocês.

– Nós também sentimos saudades dele – disse Jack, inclinando a cabeça para trás para me olhar. Estava com olheiras fundas e, apesar do súbito crescimento, parecia abatido.

– Esteve doente? – perguntei, pondo a mão na testa dele. Às vezes os resfriados eram mortais naquele clima rigoroso e circulavam rumores de uma epidemia terrível na Cidade Antiga, que segundo Matthew era um

surto de gripe.

– Ele tem tido dificuldade para dormir – disse Pierre baixinho. Pelo tom sério, percebi que havia algo mais na história, mas isso podia esperar para depois.

– De qualquer forma, você vai dormir muito bem esta noite. Uma cama e um enorme colchão de penas esperam por você no seu quarto. Vá com Tereza, Jack. Ela vai mostrar onde estão suas coisas e vai dar um banho em você antes do jantar. – Para o conforto dos vampiros da casa, os sangues-quentes dormiriam no segundo andar onde eu e Matthew estávamos, já que a casa era estreita e no térreo só cabiam uma cozinha e uma despensa. Isso significava que o primeiro andar era dedicado aos quartos formais de hóspedes. O resto dos vampiros da casa preferiu se alojar no espaçoso terceiro andar, com janelas inteiramente abertas para uma ampla vista.

– Mestre Roydon! – gritou Jack, correndo até a porta e abrindo-a antes que Tereza o impedisse. Como soube que Matthew estava chegando foi um mistério, em razão da crescente escuridão e da completa adoção de lã cor de ardósia por parte de Matthew.

– Calma – disse Matthew, amparando Jack com as sólidas pernas de vampiro antes que o garoto trombasse e se machucasse. Gallowglass tirou a boina de Jack ao passar e despenteou-lhe os cabelos.

– Nós quase congelamos. Lá no rio. E o trenó virou algumas vezes, mas o cachorro não se feriu. Eu comi um javali assado. E Annie prendeu a saia na roda da carroça e quase caiu. – Jack não conseguia vomitar todos os detalhes da viagem com rapidez suficiente. – Eu vi um cometa. Não era muito grande, mas Pierre disse que posso contar pro mestre Harriot quando voltarmos pra casa. Fiz um desenho do cometa e vou mostrar pra ele. – A mão do garoto deslizou para dentro do gibão sujo e puxou uma folha de papel igualmente suja. Apresentou o desenho para Matthew com a mesma reverência concedida a uma relíquia sagrada.

– Mas isto está muito bom – disse Matthew, observando atentamente o desenho. – Gostei da curva que você fez na cauda. E ainda desenhou estrelas ao redor. Isso foi muito sábio, Jack. Mestre Harriot vai gostar muito do seu poder de observação.

Jack ruborizou.

– Esse foi meu último pedaço de papel. Será que vendem papel em Praga?

Em Londres, toda manhã Matthew abastecia Jack com pedaços de papel. O que o garoto fazia com os papéis era tema de especulação.

– Há muito papel à venda na cidade – respondeu Matthew. – Amanhã, Pierre o levará até uma loja em Malá Strana.

Depois dessa excitante promessa foi difícil fazer as crianças subirem, mas Tereza mostrou que combinava com precisão a gentileza e a firmeza para cumprir a tarefa. Isso deu aos quatro adultos uma chance de conversar abertamente.

– Jack esteve doente? – perguntou Matthew, franzindo a testa.

– Não, milorde. O sono dele anda conturbado desde que nos separamos de vocês. – Pierre hesitou. – Acho que são os fantasmas do passado que estão assombrando o menino.

A testa de Matthew descontraiu, mas ele ainda estava preocupado.

– E a viagem foi como você esperava? – Era uma maneira camuflada de perguntar se tinham se deparado com bandidos ou com outros seres sobrenaturais.

– Foi uma viagem longa e fria – disse Pierre, com naturalidade –, e as crianças estavam sempre famintas.

Gallowglass soltou uma gargalhada.

– Ora, então parece que tudo correu bem.

– E o senhor, milorde? – Pierre lançou um olhar velado para Matthew. – Praga está sendo o que o senhor esperava?

– Ainda não estive com Rodolfo. Há rumores de que Kelley tem

explodido alambiques e só Deus sabe mais o quê.

– E a Cidade Antiga? – perguntou Pierre, com tato.

– Continua a mesma. – O tom de Matthew soou relaxado demais, um ligeiro indício de que alguma coisa o preocupava.

– Desde que você ignore os boatos que vêm do bairro judeu. Uma das bruxas de lá fez uma criatura de argila que vaga pelas ruas à noite. – Gallowglass lançou um olhar inocente para o tio. – Tirando isso, a cidade continua quase a mesma desde a última vez que estivemos aqui em 1547 para ajudar o imperador Ferdinando a protegê-la.

– Muito obrigado, Gallowglass – disse Matthew, com uma voz tão gelada quanto o vento do rio.

Para criar uma criatura de lama e pô-la em movimento certamente era preciso bem mais que um feitiço comum. Um rumor como esse só podia significar uma coisa: alguém em Praga era uma tecelã igual a mim, uma tecelã que transitava entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Mas nem precisei extrair de Matthew esse segredo. O sobrinho dele o revelou.

– Você achou que titia seria mantida longe das notícias? – Gallowglass balançou a cabeça com espanto. – Você não frequenta o mercado. As mulheres de Malá Strana sabem de tudo, inclusive o que o imperador ingere no café da manhã e que ele se recusou a recebê-lo.

Matthew passou os dedos na superfície de madeira pintada do tríptico e suspirou.

– Você terá que levar isto até o palácio, Pierre.

– Mas isso é um retábulo de Sept-Tours – protestou Pierre. – O imperador é conhecido pela cautela. Não vai demorar muito para que ele receba o senhor.

– Tempo é algo que nos falta... e os De Clermont possuem muitos retábulos – retrucou Matthew em tom tristonho. – Escreverei uma nota para o imperador e depois você pode ir.

Logo depois Matthew despachou Pierre e o painel pintado. O criado

também retornou com as mãos vazias como Matthew, e sem nenhuma garantia de uma futura audiência.

Os fios que ligavam os mundos à minha volta se mostravam apertados e inquietos, com uma tessitura cujo padrão era grande demais para ser percebido ou compreendido por mim. Mas alguma coisa se engendrava em Praga. Isso eu podia sentir.

Naquela noite acordei com o soar de vozes suaves no quarto ao lado. Matthew não estava lendo ao meu lado, como sempre fazia depois que eu caía no sono. Saí tateando até a porta para ver quem estava com ele.

– Diga-me o que acontece quando sombreio o lado da face do monstro. – A mão de Matthew se moveu rapidamente por cima de uma grande folha de papel almaço que tinha à frente.

– Isso faz ele se afastar! – sussurrou Jack, impressionado com a transformação.

– Tente você – disse Matthew, estendendo a pena para Jack, que a segurou totalmente concentrado e com a ponta da língua para fora. O vampiro acariciou as costas do menino, relaxando os músculos tensos em torno de uma moldura esguia. Jack não estava propriamente sentado e sim recostado no reconfortante apoio dos joelhos de Matthew. – São muitos monstros – murmurou ele, olhando para mim.

– O senhor quer desenhar os seus? – Jack estendeu o papel para ele. – Assim o senhor também vai poder dormir.

– Seus monstros assustaram os meus e os mandaram embora – disse Matthew, voltando a olhar para Jack com ar sério. Fiquei com o coração apertado por tudo que o menino passara em sua breve e dura vida.

Os olhos de Matthew encontraram-se novamente com os meus e uma leve inclinação de cabeça me indicou que tudo estava sob controle. Soprei um beijo para ele e retornei para o calor do nosso colchão de plumas.

No dia seguinte recebemos uma notificação do imperador. Chegou selada e

atada com fita.

– A pintura funcionou, milorde – disse Pierre apologeticamente.

– Parece que sim. Eu adorava aquele retábulo. E agora terei que fazer o diabo para tê-lo de volta às minhas mãos – disse Matthew, recostando na cadeira. A madeira protestou com um rangido e ele esticou o braço para pegar a carta. A caligrafia era tão elaborada com volteios e arabescos que as letras eram praticamente irreconhecíveis.

– Por que a caligrafia é tão ornamentada? – perguntei.

– Os Hoefnagel chegaram de Viena e não têm nada para ocupar o tempo. E em se tratando de Sua Majestade, quanto mais elegante a caligrafia, melhor – respondeu Pierre enigmaticamente.

– Rodolfo me receberá esta tarde. – Matthew sorriu satisfeito e dobrou a mensagem. – Papai ficará feliz. Ele também mandou dinheiro e joias, ainda que isso pudesse dar a impressão de que os De Clermont estão nadando em dinheiro.

Pierre estendeu outra carta menor, endereçada em estilo mais simples.

– O imperador colocou um adendo. Do seu próprio punho.

Espiei por cima do ombro de Matthew enquanto ele lia.

– *Bringen das Buch. Und die Hexe.* – No pé da folha, a sinuosa assinatura do imperador com um *r*, um *d* e um *l* elaborados em volteios e um *f* dobrado.

Meu alemão estava enferrujado, mas a mensagem era clara: *Traga o livro. E a bruxa.*

– Falei cedo demais – murmurou Matthew.

– Fui eu que sugeri que o fisgasse com a Vênus de Ticiano que vovô tirou das mãos do rei Filipe depois que a rainha não gostou da tela – observou Gallowglass. – Como o tio dele, Rodolfo sempre teve uma queda pelas ruivas. E pelas telas picantes.

– E pelas bruxas – disse o meu marido entre dentes. Largou a carta em cima da mesa. – Não foi bem a pintura que o fisgou e sim Diana. Talvez

seja melhor recusar o convite.

– Foi uma ordem, tio. – As sobrancelhas de Galowglass arquearam para baixo.

– E Rodolfo está com o Ashmole 782 – disse eu. – O manuscrito não vai simplesmente aparecer na frente dos Três Corvos da Sporrengasse. Nós temos que buscá-lo.

– A senhora está nos chamando de corvos, titia? – disse Gallowglass, fingindo-se de ofendido.

– Eu me referi ao sinal na nossa porta, seu estúpido. – Como todas as casas da rua, a nossa também tinha um símbolo em cima da porta no lugar de um número. Depois que o bairro incendiara na metade do século, o avô do imperador insistira que houvesse um jeito de distinguir as casas por algo mais que as populares decorações em esgrafito que se estendiam pela argamassa.

Gallowglass riu de orelha a orelha.

– Eu sabia muito bem que a senhora se referia a isso. Mas adoro vê-la brilhar como daquela vez que criou o seu *glaem*.

Fiz um feitiço de disfarce a minha volta enquanto pigarreava, diminuindo o meu brilho a um nível mais aceitável para os humanos.

– De todo modo, para o meu povo é uma grande honra ser comparado a um corvo – continuou Gallowglass. – Serei o Muninn e chamaremos Matthew de Huginn. Seu nome será Göndul, titia. A senhora será uma excelente Valquíria.

– Do que ele está falando? – perguntei para Matthew sem entender nada.

– Dos corvos de Odin. E das filhas dele.

– Ora, muito obrigada, Gallowglass – eu disse sem graça. Afinal, não era nada mal ser comparada à filha de um deus.

– Mesmo que esse livro de Rodolfo seja o Ashmole 782, não sabemos ao certo se terá respostas a nossas perguntas. – A experiência com o

manuscrito Voynich ainda preocupava Matthew.

– Os historiadores nunca sabem se um texto terá respostas. Mas, mesmo que não tenha respostas, ainda teremos melhores perguntas – rebati.

– Tudo bem. – Ele comprimiu os lábios. – Nós dois iremos ao palácio, já que não posso ver o imperador ou a biblioteca dele sem a sua companhia.

– Você foi pego na sua própria armadilha, titio – disse Gallowglass calorosamente, piscando para mim.

Comparada à visita que fizemos a Richmond, a viagem pela rua acima para ver o imperador foi como ir a uma casa vizinha para pedir uma xícara de açúcar emprestada – embora com roupas formais. A amante do embaixador papal era da minha estatura e o armário dela me propiciara uma roupa igualmente luxuosa e circunspecta, apropriada para a esposa de um dignitário inglês – ou uma De Clermont, como ela rapidamente acrescentou. Adorei o estilo de vestuário das mulheres ricas de Praga: vestidos simples de gola alta; saias em forma de sino e casacos bordados com mangas arrematadas por punhos de pele. Os pequenos rufos usados por elas eram barreiras bem-vindas entre mim e o ar exterior.

Felizmente, Matthew deixou de lado as meias vermelhas em troca da habitual combinação de preto e cinza, acentuada com um toque de verde-escuro, a cor mais atraente que já o tinha visto usar. Naquela tarde isso emitia lampejos de cor pelas fendas dos calções estofados e ao redor da gola aberta do casaco.

– Você está esplêndido. – Reconheci depois que o inspecionei.

– E você está uma aristocrata da Boêmia de verdade – disse ele, beijando-me no rosto.

– Podemos ir agora? – perguntou Jack, dançando com impaciência. Alguém tinha arranjado um libré preto e prateado para ele e colocado uma cruz e uma lua crescente na manga.

– Então, nós vamos como De Clermont e não como Roydon – disse eu devagar.

– Não. Nós somos Matthew e Diana Roydon – disse Matthew. – Só que estamos viajando acompanhados pelos criados da família De Clermont.

– Isso poderá confundir todo mundo – comentei quando saímos de casa.

– Exatamente – disse ele sorrindo.

Se fôssemos cidadãos comuns, teríamos que subir a escadaria do novo palácio cercada de baluartes que era um caminho seguro para os pedestres. Mas como éramos representantes da rainha da Inglaterra, subimos a Sporrengasse a cavalo e isso me propiciou uma vista completa das suas casas com fundações chanfradas, esgrafitos coloridos e sinais pintados. Passamos pelas casas do Leão Vermelho, da Estrela Dourada, do Cisne e dos Dois Sóis. No alto da colina viramos à direita e entramos no bairro chamado Hradčany, com muitas mansões de aristocratas e de funcionários da corte.

Não era a primeira vez que eu via o palácio porque desde que chegara a Praga observava seus arredores e seus baluartes das minhas janelas. Mas era a primeira vez que me aproximava. O castelo era bem mais largo e mais extenso do que parecia a distância, como uma cidade à parte repleta de comércio e indústria. Mais além estavam os góticos pináculos da Catedral de São Vito, cujas torres redondas pontuavam a muralha. Embora construídas para defesa, as torres de então abrigavam oficinas de artesãos estabelecidos na corte de Rodolfo.

A guarda do palácio admitiu a nossa entrada pelo portão oeste para o pátio fechado. Pierre e Jack se encarregaram dos cavalos e fomos conduzidos por uma escolta armada ao longo de edificações construídas ao pé da muralha do castelo. Eram construções relativamente recentes e as pedras ainda mostravam os gumes brilhantes com nitidez. Embora as edificações tivessem aparência de prédios de escritórios, mais além se viam telhados altos e trabalhos de cantaria medieval.

– O que está havendo? – sussurrei para Matthew. – Por que não estamos indo para o palácio?

– Porque lá não há ninguém de importância – respondeu Gallowglass. Ele mantinha o manuscrito Voynich debaixo do braço, seguramente embrulhado e amarrado numa peça de couro para impedir que o tempo frio danificasse as páginas.

– Rodolfo achava que o velho palácio era frio e escuro – explicou Matthew enquanto me apoiava ao longo do piso de cascalhos escorregadios. – O novo castelo está virado para o sul e com vista para um jardim privado. Aqui, ele fica mais distante da catedral... e dos padres.

Os saguões da residência estavam lotados, a correria de um lado para o outro aos gritos em alemão, tcheco, espanhol ou latim era de gente que vinha das diferentes partes do império de Rodolfo. Quanto mais nos aproximávamos do imperador, mais frenético o movimento se fazia. Cruzamos com um aposento, onde se discutiam projetos arquitetônicos. Em outro aposento ocorria um veemente debate em torno dos méritos de uma elaborada tigela de ouro e pedra projetada de modo a parecer uma concha. Por fim, os guardas nos deixaram num confortável salão mobiliado com pesadas cadeiras e um forno de cerâmica que bombeava um volume significativo de calor no ambiente, onde dois homens conversavam. Eles se viraram em nossa direção.

– Bom-dia, meu velho amigo – disse em inglês um homem educado que aparentava uns sessenta anos de idade. Fez uma reverência para Matthew.

– Tadeáš. – Matthew o cumprimentou calorosamente. – Você parece ótimo.

– E você parece cada vez mais jovem. – Os olhos do homem brilharam, mas não passaram informações para minha pele. – E eis a mulher de quem todo mundo está falando. Eu sou Tadeáš Hájek. – O humano fez uma reverência e respondi com outra.

Um cavalheiro magro e meio esverdeado com cabelos quase tão negros

quanto os de Matthew caminhou em nossa direção.

– Mestre Strada – disse Matthew, com uma reverência. Não se mostrou contente como se mostrara ao se dirigir a Tadeáš.

– Ela é realmente uma bruxa? – Strada me observou, com interesse. – Se for, minha irmã Katharina gostaria de conhecê-la. Ela está grávida e tem sentido desconforto com a gravidez.

– Tadeáš, o médico real é certamente mais adequado para acompanhar o nascimento do filho do imperador – disse Matthew –, ou os problemas com a sua irmã são outros?

– O imperador ainda preza a minha irmã – disse Strada, com frieza. – Só por essa razão os caprichos dela devem ser levados em conta.

– Você já viu o Joris? Ele não fala de outra coisa a não ser do tríptico desde que Sua Majestade o abriu – perguntou Tadeáš, mudando de assunto.

– Não, ainda não. – Os olhos de Matthew se voltaram para uma porta. – O imperador está lá dentro?

– Sim. Admirando a nova pintura feita pelo mestre Spranger. É muito grande... ah, e detalhada.

– Outra tela de Vênus – disse Strada de nariz empinado.

– Essa Vênus se parece mais com a sua irmã, *sir*. – Hájek sorriu.

– *Ist das Matthaüs höre ich?* – disse uma voz anasalada na outra extremidade da sala. Todos se viraram e fizeram uma reverência. Também fiz uma reverência automaticamente. Seria um desafio acompanhar a conversa. Eu esperava que Rodolfo falasse em latim, não em alemão. – *Und Sie das Buch und die Hexe gebracht, ich verstehe. Und die norwegische Wolf.*

Rodolfo era um homem baixo de queixo desproporcionalmente comprido e pronunciadamente prognata. Os lábios carnudos da família Habsburgo realçavam a proeminência da metade inferior do rosto do imperador, se bem que de alguma forma isso se equilibrava com os olhos

claros e protuberantes e o nariz chato. Anos de boa vida e boas bebidas lhe davam uma aparência corpulenta, mas as pernas continuavam finas e espigadas. Ele cambaleou em cima de sapatos vermelhos altos com aplicações douradas em nossa direção.

– Trouxe a minha esposa, Majestade, como o senhor ordenou – disse Matthew, enfatizando ligeiramente a palavra "esposa". Gallowglass traduziu o inglês de Matthew para um alemão impecável, como se meu marido não conhecesse a língua, o que fiquei sabendo depois que viajamos juntos de trenó de Hamburgo a Wittenberg e em seguida a Praga.

– *Y su talento para los juegos también* – disse Rodolfo, mudando fluentemente para o espanhol porque isso possibilitaria a Matthew conversar diretamente com ele. Esquadrinhou-me vagarosamente, demorando-se nas curvas do meu corpo com tal intensidade que me fez querer um chuveiro. – *Es uma lástima que se casó en absoluto, pero aún más lamentable que ella está casada con usted.*

– De fato, é uma lástima, Majestade – disse Matthew em tom cortante, mantendo resolutamente o inglês. – Mas lhe asseguro que estamos completamente casados. Meu pai fez questão disso. E também a dama. – A observação só serviu para que Rodolfo me esquadrinhasse com um interesse ainda maior.

Por piedade a mim, Gallowglass pôs o livro em cima da mesa.

– *Das Buch.*

O livro chamou a atenção de todos. Enquanto Strada o desembrulhava, Hájek e Rodolfo especulavam a respeito da maravilhosa adição para a biblioteca imperial. Mas quando o livro surgiu à vista, a atmosfera da sala pareceu decepcionada.

– Que piada é essa? – perguntou Rodolfo em alemão.

– Não sei se entendi o que Vossa Majestade quis dizer – disse Matthew. Esperou que Gallowglass traduzisse.

– O que quero dizer é que já conheço este livro – retrucou Rodolfo.

– O que não me surpreende, Majestade, pois foi o senhor que o deu para John Dee... por engano, pelo que me disseram. – Matthew fez uma mesura com a cabeça.

– O imperador não comete enganos! – disse Strada, empurrando o livro, com ar de desgosto.

– Todos nós cometemos enganos, *signor* Strada – disse Hájek, com amabilidade. – Contudo, tenho certeza de que há uma boa explicação para que o livro tenha retornado para o imperador. Talvez o dr. Dee tenha desvendado os segredos dele.

– Ele não contém nada além de tolas ilustrações – retrucou Strada.

– Foi por isso que colocou esse livro ilustrado na bagagem do dr. Dee? Esperava que ele compreendesse o que o senhor não havia compreendido? – As palavras de Matthew surtiram um efeito adverso em Strada, fazendo-o assumir a cor escarlate. – Talvez o senhor tenha tomado emprestado um dos livros de Dee, *signor* Strada, aquele da biblioteca de Roger Bacon com ilustrações alquímicas, e isso na esperança de que pudesse ajudá-lo a compreender esse outro. É muito melhor pensar assim do que imaginar que o senhor ludibriou o pobre dr. Dee. Obviamente, o imperador nem sequer tomou conhecimento dessa infâmia. – O sorriso de Matthew foi de congelar os ossos.

– E é esse o livro que o senhor afirma que está comigo, o único tesouro que deseja levar de volta para a Inglaterra? – perguntou Rodolfo prontamente. – Ou sua avareza se estende até meus laboratórios?

– Se é uma referência a Edward Kelley, a rainha precisa de alguma garantia de que ele esteja aqui de livre e espontânea vontade. Apenas isso. – Depois de mentir, Matthew fez o diálogo tomar um rumo menos tenso. – Gostou do seu novo retábulo, Vossa Majestade?

Ele deu tempo suficiente para o imperador se recompor.

– Bosch é excepcional. Meu tio ficará desconsolado quando souber que o tenho. – Rodolfo olhou ao redor. – Infelizmente, esta sala não é

apropriada para expô-lo. Eu quis mostrá-lo ao embaixador espanhol, mas isso aqui não é um lugar apropriado para apreciar a pintura. É uma obra para ser observada aos poucos, de modo que os detalhes possam aflorar naturalmente. Venham. Vamos ver onde a coloquei.

Matthew e Gallowglass se posicionaram de maneira a não permitir que o imperador chegasse muito perto de mim enquanto atravessávamos uma porta e entrávamos num aposento que parecia o depósito de um museu. Estantes e armários entupidos de conchas, livros e fósseis davam a impressão de que tombariam a qualquer momento. Telas imensas apoiadas em estátuas de bronze – entre as quais um novo quadro de Vênus detalhado e abertamente erótico. Devia ser o célebre gabinete de Rodolfo, um espaço de maravilhas e prodígios.

– Vossa Majestade precisa de mais espaço para novos tesouros... e alguns espécimes – comentou Matthew, pegando no ar uma peça de porcelana que quase caiu ao solo.

– Sempre encontrarei mais espaço para novos tesouros. – O olhar do imperador cravou-se outra vez em mim. – Estou construindo quatro novos aposentos para guardá-los. Dá para ver a construção daqui. – Ele apontou da janela para duas torres e uma extensa edificação que começava a interligá-las com os aposentos do imperador, e para os fragmentos de uma nova construção do outro lado. – Ottavio e Tadeáš estão catalogando a minha coleção e instruindo os arquitetos sobre o que desejo. Não quero fazer mudanças no novo *Kunstkammer*, só quero ampliá-lo mais uma vez.

Rodolfo nos conduziu por um labirinto de depósitos adjacentes, até que chegamos a uma longa galeria com janelas em ambos os lados. Era toda iluminada e entrar ali depois de ter atravessado a escuridão das câmaras anteriores era como encher os pulmões de ar fresco.

O que vi no centro do aposento me tirou o fôlego. Era o retábulo de Matthew aberto em cima de uma longa mesa coberta por uma espessa toalha de feltro verde. O imperador estava certo: as cores não podiam ser

apreciadas por inteiro quando se estava muito próximo da obra.

– É realmente maravilhoso, señora Diana. – Rodolfo se aproveitou da minha surpresa para me pegar pela mão. – Repare como a percepção muda a cada passada. Apenas os objetos vulgares podem ser vistos de uma só vez porque não têm mistérios para revelar.

Strada me olhou com franca animosidade, e Hájek, com pena. Matthew não olhou para mim e sim para o imperador.

– Por falar nisso, Majestade, será que posso ver o livro de Dee? – A expressão de Matthew era inocente, mas não enganou ninguém. O lobo estava à espreita.

– Quem vai saber por onde anda? – Rodolfo soltou minha mão e acenou vagamente para os aposentos que acabáramos de deixar para trás.

– Se um manuscrito precioso como esse não pode ser encontrado na hora que o imperador o solicita, o *signor* Strada deve estar negligenciando os seus próprios deveres – disse Matthew, com a maior tranquilidade.

– No momento Ottavio está muito ocupado com assuntos realmente importantes! – Rodolfo lançou um olhar fulminante para Matthew. – E eu não confio no dr. Dee. Sua rainha devia ter mais cuidado com as falsas promessas dele.

– Mas em Kelley o senhor confia. Quem sabe ele não sabe do paradeiro do livro?

O imperador se mostrou incomodado com as palavras de Matthew.

– Não tenho a mínima intenção de perturbar Edward. Ele está no meio de um delicado estágio alquímico.

– Praga tem muitos encantos, e a condessa de Pembroke incumbiu Diana de adquirir louça alquímica de vidro para ela. Estaremos ocupados com essa tarefa até que *sir* Edward esteja disponível para receber visitas. Talvez até lá o *signor* Strada já tenha encontrado o livro desaparecido.

– Essa condessa de Pembroke é irmã do herói da rainha, *sir* Philip Sidney? – perguntou Rodolfo, agora visivelmente interessado. Matthew

abriu a boca para responder e o imperador o impediu com a mão erguida. – Isso é um assunto de dona Diana. Ela é quem deve responder.

– Sim, Majestade – respondi na língua espanhola, com uma pronúncia atroz. Talvez isso diminuísse o interesse dele.

– Encantadora – murmurou Rodolfo. *Droga.* – Então, tudo bem, dona Diana precisa visitar muitas oficinas. Adoro realizar os desejos de uma dama.

Estava claro a que dama se referia.

– E quanto a Kelly e o livro, veremos, veremos. – Rodolfo se voltou para o tríptico. – *Vejo, silencio e ouço*. Não é esse o provérbio?



– A senhora viu o lobisomem, *Frau* Roydon? Ele é o encarregado de caça do imperador, e minha vizinha, *Frau* Habermel, o ouviu uivar no meio da noite. Dizem que ele se alimenta dos cervos imperiais que povoam o Fosso dos Cervos. – *Frau* Huber pegou um repolho com a mão enluvada e o cheirou com desconfiança. *Herr* Huber tinha sido comerciante na Steelyard de Londres e falava inglês com fluência, embora não caísse de amores pela cidade.

– Bah! Não há lobisomem algum – disse a *signorina* Rossi, virando o pescoço comprido e reclamando do preço das cebolas. – Mas o meu Stefano disse que há muitos demônios no palácio. Os bispos da catedral querem exorcizá-los, mas o imperador não deixa. – Rossi passara algum tempo em Londres assim como *Frau* Huber. Na ocasião tornou-se amante de um artista italiano que queria introduzir o maneirismo na Inglaterra. E agora era amante de outro artista italiano que queria introduzir a arte de cortar vidro em Praga.

– Não vi nem lobisomens nem demônios – confessei. As mulheres ficaram de queixo caído. – Mas vi um dos quadros mais recentes do imperador. – Abaixei a voz.

– Uma tela de Vênus. Saindo do banho. – Lancei um olhar significativo para elas. Na falta de fofocas sobrenaturais, as perversões da realeza eram mais que suficientes. *Frau* Huber ficou aprumada.

– O imperador Rodolfo precisa de uma esposa. Uma boa mulher austríaca que cozinhe para ele. – Finalmente, *Frau* Huber acedeu em comprar o repolho de um agradecido vendedor de verduras que durante

quase meia hora ouviu as críticas que ela fazia aos produtos dele. – Fale-nos de novo do chifre de unicórnio. Dizem que possui maravilhosos poderes curativos.

Era a quarta vez em dois dias que me pediam para falar das maravilhas encontradas entre as curiosidades do imperador. As notícias de nossa admissão aos aposentos privativos de Rodolfo precederam o nosso retorno a Três Corvos, e na manhã seguinte as damas de Malá Strana estavam à espera, ávidas pelas minhas impressões.

Desde então a aparição na casa dos mensageiros imperiais e dos criados uniformizados de dezenas de aristocratas boêmios e de dignitários estrangeiros despertaram ainda mais a curiosidade das mulheres. Ao ser recebido na corte, Matthew assegurou uma estrela própria no céu imperial, despertando nos velhos amigos o desejo de saber como ele chegara – e de lhe pedir ajuda. Pierre sacou os livros de contabilidade, e o ramo dos De Clermont abriu-se para os negócios no banco de Praga, se bem que não vi um grande volume de dinheiro recebido e sim um fluxo constante de fundos para acertar dívidas com os comerciantes da Cidade Antiga de Praga.

– Você recebeu um pacote do imperador – disse Matthew quando retornei do mercado. Apontou com a pena para um saco irregular. – Se abri-lo, terá que expressar pessoalmente o seu agradecimento a Rodolfo.

– O que será? – Tateei o pacote, sentindo os contornos. Não era um livro.

– Alguma coisa de que nos arrependeremos por ter recebido, garanto. – Matthew mexeu a pena dentro do pote de tinta, causando uma pequena irrupção de um líquido grosso e negro na superfície da escrivaninha. – Rodolfo é um colecionador, Diana. E não está simplesmente interessado em chifres de narval e em pedras bezoar. Ele coleciona pessoas assim como coleciona objetos, e dificilmente as solta quando as têm nas mãos.

– Como fez com Kelley – eu disse, soltando os barbantes. – Mas não

estou à venda.

– Todos nós estamos à venda. – Matthew arregalou os olhos. – Bom Cristo.

Uma estatueta de Diana feita de ouro e prata com quase setenta centímetros de altura estava nua entre nós dois, exceto pelos tornozelos cruzados de maneira recatada e pela aljava montada de lado no lombo de um cervo. Dois cães de caça encontravam-se aos pés da deusa.

Gallowglass assobiou.

– Bem, eu diria que nesse caso o imperador foi bem explícito nos seus desejos.

Mas eu estava ocupada demais em examinar a estátua para prestar atenção. Na base da obra havia uma pequena chave. Girei a chave e o cervo pulou no chão.

– Veja só. Você viu isso, Matthew?

– A senhora não corre o risco de perder a atenção do titio – assegurou-me Gallowglass.

Era verdade. Matthew encarava a estátua com muita raiva.

– Opa, jovem Jack. – Gallowglass agarrou o menino que entrava na sala pela gola. Mas Jack era um ladrãozinho profissional e essa tática de impedimento era pouco útil quando ele farejava alguma coisa de valor. Ele escorregou até o chão com uma torção do corpo, deixando Gallowglass segurando o casaco no ar, e saiu correndo até o cervo.

– Isso é um brinquedo? Isso é pra mim? Por que a moça está pelada? Ela não sente frio? – As perguntas verteram da boca de Jack numa incansável torrente. Tereza, que também se interessava por espetáculos como qualquer mulher de Malá Strana, apareceu de repente para saber que confusão era aquela. Levou um susto quando viu uma mulher nua no escritório do patrão e cobriu os olhos de Jack com a mão.

Gallowglass espiou os seios da estátua.

– Sim, Jack. Eu diria que ela está com frio. – Isso lhe custou um olhar de

advertência de Tereza que ainda segurava o menino que por sua vez se contorcia.

– Isso é um autômato, Jack – disse Matthew, erguendo o objeto. Ao erguê-lo, a cabeça do cervo se abriu e revelou um espaço vazio. – Foi feito para correr pela mesa de jantar do imperador. Na hora que o cervo para, a pessoa mais próxima deve beber o que há lá dentro. Por que não vai mostrá-lo para Annie? – Ele pôs a cabeça do cervo no lugar e estendeu o inestimável objeto para Gallowglass. E depois me olhou sério. – Nós precisamos conversar.

Gallowglass varreu Jack e Tereza para fora da sala, com promessas de *pretzels* e patinação.

– Você está pisando em terreno perigoso, meu amor. – Matthew passou os dedos no cabelo, um gesto que sempre o deixava ainda mais bonito. – Falei para a Congregação que seu papel como minha esposa é uma ficção conveniente para protegê-la de acusações de feitiçaria e uma forma de manter a caça às bruxas de Berwick confinada à Escócia.

– Mas nossos amigos e seus colegas vampiros sabem que nossa relação é mais do que isso – retruquei. O cheiro de um vampiro não mentia, e o cheiro singular de Matthew me cobriu. – E o terceiro olho das bruxas sabe muito bem que nossa relação vai muito mais além.

– Talvez, mas Rodolfo não é nem vampiro nem bruxo. O imperador acabará sabendo por intermédio de contatos na Congregação que não existem laços entre nós. Portanto, nada o impedirá de caçá-la. – Matthew me acariciou no rosto. – Eu não divido nada, Diana. E se Rodolfo for longe demais...

– É melhor se acalmar. – Cobri a mão dele com a minha. – Você sabe que não me deixarei seduzir pelo sacro imperador romano... nem por qualquer outro que aparecer. Nós precisamos do Ashmole 782. Que importam as olhadelas de Rodolfo nos meus seios?

– As olhadelas até que aguento. – Matthew me beijou. – Há uma

coisinha a mais que eu gostaria que soubesse antes que vá agradecer ao imperador. Faz tempo que a Congregação sacia o apetite de Rodolfo por mulheres e curiosidades para obter a cooperação dele. Se o imperador desejá-la e levar o problema aos outros oito membros, o julgamento da Congregação não será a nosso favor. Eles entregarão você a Rodolfo porque não podem deixar Praga nas mãos de homens como o arcebispo de Trier e seus amigos jesuítas. E a última coisa que eles querem ver é Rodolfo se transformar em outro rei Jaime com sede de sangue das criaturas. Esse refúgio aqui não passa de uma miragem, como todo oásis.

– Entendi – disse. Por que tudo que era tocado por Matthew tinha que ser tão enrolado? Nossa vida em comum me lembrava os nós dos cordões da minha caixa de feitiços. Sempre se embaralhavam, por mais que desfizesse os nós e separasse os cordões.

Matthew me soltou.

– Leve Gallowglass junto quando for ao palácio.

– Você não vai? – Fiquei chocada quando soube que me deixaria fora de vista porque ele se mostrava muito preocupado.

– Não. Quanto mais Rodolfo nos vir juntos, mais a imaginação e a cobiça dele aumentarão. E Gallowglass vai arrumar um jeito de seduzir o imperador para entrar no laboratório de Kelley. Meu sobrinho é muito mais encantador que eu. – Matthew sorriu, mas o sorriso não abrandou a escuridão em seus olhos.

Gallowglass insistiu em realizar um plano que impediria que eu conversasse a sós com Rodolfo e ao mesmo tempo permitiria que eu demonstrasse gratidão diante do público. Só depois que ouvi os sinos badalarem três horas é que tive um primeiro vislumbre do que esse plano poderia ocasionar. O tráfego de gente que tentava entrar na Catedral de São Vito pelos arcos da entrada lateral confirmou meu pressentimento.

– E lá vai Sigismund – disse Gallowglass no meu ouvido. O barulho dos

sinos era ensurdecedor e quase não pude ouvi-lo. Olhei confusa e ele apontou para um gradil dourado no campanário adjacente lá no alto. – Sigismund. O grande sino. É ele que nos faz saber que estamos em Praga.

A Catedral de São Vito era um compêndio gótico com arcobotantes e pináculos semelhantes a agulhas. Em tardes escuras de inverno isso se evidenciava ainda mais. Lá dentro as velas ardiam, mas em virtude da grandiosidade da catedral não propiciavam nada além de cintilações amarelecidas no escuro. Lá fora a luz era tão rarefeita que os coloridos vitrais e vibrantes afrescos não ajudavam muito para atenuar a atmosfera opressivamente pesada. Gallowglass nos posicionou com toda cautela sob uma braçadeira de tochas.

– Dê uma boa sacudidela no seu feitiço de disfarce – sugeriu. – Está muito escuro aqui e Rodolfo poderá perdê-la de vista.

– E você está me pedindo para brilhar? – Lancei o olhar mais repressor de professora. Ele reagiu com um sorriso.

Esperamos a missa começar junto a um interessante grupo de humildes membros da equipe do palácio, oficiais reais e aristocratas. Alguns artesãos ainda exibiam manchas e chamuscos provenientes do trabalho que exerciam e a maioria parecia exausta. Observei atentamente a multidão e depois olhei para o alto a fim de avaliar a grandeza e o estilo da catedral.

– É cheia de abóbadas – murmurei. As arestas eram bem mais complicadas do que as da maioria das igrejas góticas da Inglaterra.

– É isso que acontece quando Matthew mete uma ideia na cabeça – comentou Gallowglass.

– Matthew? – Engoli em seco, surpreendida.

– Muito tempo atrás ele passou aqui em Praga e o novo arquiteto Peter Parler estava intimidado com uma importante incumbência que recebera. O primeiro surto de peste dizimara a maioria dos mestres construtores e só restara Parler para o encargo. Matthew o pôs debaixo das asas e juntos os dois quase enlouqueceram. Ainda não posso dizer que entendi aonde ele e

o jovem Peter queriam chegar, mas, que é atraente, isso é. Espere só para ver o que eles fizeram no Salão Nobre.

Eu já estava de boca aberta para fazer uma pergunta quando ecoou um burburinho na multidão. Rodolfo chegava. Estiquei o pescoço para vê-lo.

– Lá está ele – sussurrou Gallowglass, girando a cabeça para o lado direito acima. Rodolfo entrara no segundo piso da São Vito através de um corredor fechado que se estendia do adro da catedral até o palácio. Ele estava em cima de um balcão decorado com brasões heráldicos coloridos que celebravam seus muitos títulos e honras. Assim como o teto, o balcão também era suspenso por uma incomum abóbada com ornamentos, com a diferença de que aqui eram galhos retorcidos de uma árvore. Não achei que fosse um trabalho de Matthew porque não tinha a pureza estonteante dos outros suportes arquitetônicos da catedral.

Rodolfo acomodou-se no assento de frente para a nave central e a multidão fez mesuras e reverências em direção ao camarote real. O imperador aparentou desconforto por ter sido notado. Mostrava-se mais à vontade com os cortesãos nas câmaras privativas reais, mas ali parecia tímido e reservado. Ele girou o corpo para ouvir o cochicho de um auxiliar e depois olhou para mim. Inclinou graciosamente a cabeça e sorriu. A multidão se virou para ver quem era agraciado com a atenção do imperador.

– Faça uma mesura – sibilou Gallowglass, forçando-me a inclinar novamente.

Saímos da missa sem maiores incidentes. Fiquei aliviada quando me dei conta de que ninguém era esperado para a comunhão, nem mesmo o imperador, de modo que a cerimônia terminou rapidamente. A certa altura Rodolfo escapou com toda tranquilidade para os seus aposentos privados, sem dúvida para se debruçar sobre os seus tesouros.

Depois que o imperador e os padres se retiraram, a nave virou um festivo ponto de encontro, onde os amigos trocavam notícias e fofocas.

Avistei Ottavio Strada a distância, conversando animadamente com um cavalheiro rosado que vestia roupas de lã caras. O dr. Hájek também estava lá, rindo e conversando com um jovem casal visivelmente apaixonado. Sorri e ele me cumprimentou com uma leve inclinação de cabeça. Strada não significava nada para mim, mas simpatizava com o médico do imperador.

– Gallowglass? Você não devia estar hibernando como os outros ursos?

Um homem franzino de olhos fundos se aproximou, retorcendo a boca com um sorriso irônico. Vestia roupas simples e caras, e o anel de ouro no dedo denotava prosperidade.

– Nós todos devíamos estar hibernando com esse clima. É bom vê-lo gozando de boa saúde, Joris. – Gallowglass estendeu a mão em cumprimentos e deu um abraço tão apertado que os olhos do homem quase saltaram para fora.

– Poderia dizer o mesmo a seu respeito, mas como sempre goza de boa saúde nos pouparei de uma cortesia vazia. – O homem se voltou para mim. – E aqui está *La Diosa*.

– Diana – disse, balançando em saudação.

– Seu nome aqui não é esse, Rodolfo a chama de "*La Diosa de La Caza*". Expressão espanhola para a deusa da caça. O imperador ordenou ao pobre mestre Spranger que deixasse de lado os últimos esboços da Vênus no banho e trocasse por um novo tema: Diana flagrada na *toilette*. Nós todos estamos ansiosos para ver se Spranger dará conta da incumbência. – O homem fez uma reverência. – Joris Hoefnagel.

– O calígrafo – disse, lembrando-me da observação de Pierre a respeito da caligrafia rebuscada no convite oficial para a presença de Matthew na corte de Rodolfo. Mas esse nome me era familiar...

– O artista – corrigiu Gallowglass gentilmente.

– *La Diosa*. – Um homem esquálido tirou o chapéu com a mão cheia de cicatrizes. – Sou Erasmus Habermel. A senhora faria a gentileza de visitar

minha oficina logo que puder? Sua Majestade deseja que a senhora tenha um compêndio astronômico para observar melhor as mudanças lunares, mas que deve ser exatamente do seu agrado.

Habermel era outro nome que me era familiar...

– Ela me verá amanhã. – Um homem corpulento de uns trinta e poucos anos abriu caminho na multidão. Seu sotaque era distintamente italiano. – *La Diosa* posará para um retrato. Sua Majestade deseja que ela seja gravada em pedra como um símbolo da permanência da afeição dele. – O suor contornava-lhe o lábio superior.

– *Signor* Miseroni! – disse outro italiano, batendo a mão melodramaticamente no peito arfante. – Pensei que tínhamos nos entendido, *La Diosa* precisa praticar a dança para participar da festa na próxima semana, de acordo com o desejo do imperador. – Ele inclinou a cabeça em minha direção. – *La Diosa*, sou Alfonso Pasetti, mestre de dança de Sua Majestade.

– Acontece que minha esposa não gosta de dançar. – Soou uma voz fria atrás de mim. Um longo braço serpenteou pela minha mão que se ocupava com a borda do corpete. – Não é verdade, *mon coeur*? – À pergunta seguiu-se um beijo nas juntas dos meus dedos e uma mordidinha de aviso.

– Matthew está sempre no lugar certo e na hora certa – disse Joris, com uma risada calorosa. – Como vai você?

– Desapontado por não ter encontrado Diana em casa – respondeu Matthew em leve tom de decepção. – Mas até mesmo um marido dedicado deve se render à afeição da esposa por Deus.

Hoefnagel observava atentamente cada mudança de expressão de Matthew. E de repente me dei conta de quem era ele: o grande artista que observava a natureza com grande agudeza e cujas ilustrações da flora e da fauna pareciam prestes a assumir vida e saltar da tela, como as criaturas dos sapatos de Mary.

– Bem, Deus já a teve o bastante por hoje. Acho que você está livre para

levar sua esposa para casa – disse Hoefnagel gentilmente. – *La Diosa*, sua presença promete dar vida a uma primavera que se anunciava maçante. Seremos eternamente gratos por isso.

Os homens se dispersaram depois de obtidas as garantias de Gallowglass de que se encarregaria dos meus variados e conflitantes compromissos. Hoefnagel foi o último a sair.

– Ficarei de olho na sua esposa, *Schaduw*. Talvez devesse fazer isso também.

– Minha atenção está sempre voltada para minha esposa. Caso contrário, como saberia que ela estava aqui?

– É claro. Perdoe a minha intromissão. A floresta tem ouvidos e os campos têm olhos. – Hoefnagel fez uma reverência. – Eu a verei na corte, *La Diosa*.

– Ela se chama Diana – disse Matthew, com firmeza. – Madame De Clermont também serve.

– E eu aqui sendo levado a pensar que era Roydon. Enganei-me. – Hoefnagel deu alguns passos para trás. – Boa-noite, Matthew. – Os passos ecoaram pela pavimentação de pedra e se perderam no silêncio.

– *Schaduw?* – disse. – Isso significa o que o som sugere?

– É o termo alemão para "Sombra". Elizabeth não é a única pessoa que me chama assim. – Matthew olhou para Gallowglass. – Que festa é essa que o *signor* Pasetti mencionou?

– Ora, nada de extraordinário. Sem dúvida com tema mitológico, música terrível e dança pior ainda. E se tiver bebida à vontade, os cortesãos encherão a cara e encerrarão a noite em quartos errados. Nove meses depois haverá um bando de nobres bebês com paternidade incerta. Enfim, tudo como de costume.

– *Sic transit gloria mundi* – murmurou Matthew. Inclinou a cabeça para mim. – Que tal nós irmos para casa, *La Diosa*? – O apelido que me incomodara quando dito por estranhos soou irresistível ao sair da boca de

Matthew. – Jack me disse que temos um cozido para o jantar que está particularmente apetitoso.

Durante toda a noite Matthew esteve distante, observando-me de cara séria quando Pierre me falou sobre o dia das crianças e passou notícias dos últimos acontecimentos em Praga para ele. Os nomes não me eram familiares e a narrativa era tão confusa que desisti de acompanhá-la e fui para a cama.

Fui acordada pelos gritos de Jack. Saí correndo e, quando cheguei, Matthew já tinha chegado antes de mim. O menino estava agitado e se debatia aos gritos por socorro.

– Meus ossos estão se partindo! – dizia sem parar. – Está doendo! Está doendo!

Matthew o aninhou no peito com tanta força que o menino não conseguiu mais se mover.

– Shh. Já estou aqui. – Continuou abraçado a Jack até que os tremores no corpo do menino se tornaram débeis espasmos.

– Todos os monstros tinham cara de homens comuns esta noite, mestre Roydon – disse Jack, aconchegando-se ainda mais nos braços do meu marido. O menino estava com aparência exaurida e tinha manchas roxas debaixo dos olhos que o deixavam mais velho do que realmente era.

– Geralmente eles são assim, Jack – disse Matthew. – Geralmente eles são assim.

Nas semanas seguintes rolou um turbilhão de compromissos – com o joalheiro do imperador, com o artesão que fabricava instrumentos para o imperador e com o mestre de dança do imperador. A cada encontro eu penetrava um pouco mais no cerne do conglomerado de edificações que compunham o palácio imperial, e também nas oficinas e residências reservadas aos artistas e intelectuais prezados por Rodolfo.

Nos intervalos dos compromissos, Gallowglass me levava às partes do

palácio ainda desconhecidas por mim. Conheci o alojamento das feras, onde Rodolfo mantinha leopardos e leões assim como mantinha pintores e músicos nas estreitas ruas a leste da catedral. Conheci o Fosso dos Cervos já modificado para que o imperador tivesse um desfrute melhor do esporte. Conheci o salão de jogos coberto de esgrafitos, onde os cortesãos se exercitavam. E conheci as novas estufas construídas para proteger as preciosas figueiras do imperador do inverno rigoroso da Boêmia.

Mas havia um lugar onde não se permitia a presença de Gallowglass: a Torre do Poder, onde Edward Kelley trabalhava nos alambiques e cadinhos na tentativa de fazer a pedra filosofal. Ficamos do lado de fora e fizemos de tudo para chamar a atenção dos guardas à entrada. A certa altura, Gallowglass gritou uma saudação cordial. O grito fez a vizinhança acorrer ao local para ver se havia um incêndio, mas não suscitou reação alguma do antigo assistente do dr. Dee.

– Até parece que ele é um prisioneiro – comentei para Matthew depois que retiraram a mesa do jantar e Jack e Annie foram para a cama. Os dois tinham desfrutado de mais uma rodada exaustiva de patinação, trenó e *pretzels*. E já tínhamos desistido de fingir que eram nossos criados. Os pesadelos de Jack talvez se dissipassem se ele tivesse a oportunidade de agir como um garoto normal de oito anos de idade. Mas o palácio não era lugar para as crianças. Eu tremia só de pensar que podiam escapulir de minhas mãos e se perder para sempre porque não falavam a língua e não poderiam dizer onde moravam.

– Kelley *é* um prisioneiro – disse Matthew, entretendo-se com a haste da taça de prata maciça que cintilava à luz do fogo.

– Circulam rumores de que ele vai uma vez ou outra para casa, geralmente no meio da noite porque não há ninguém por perto. Pelo menos é um pouco poupado das constantes demandas do imperador.

– Você não conhece a sra. Kelley – disse Matthew secamente.

Eu não a conhecia e isso tornava a situação ainda mais estranha. Talvez

estivesse tomando o rumo errado para encontrar o alquimista. Aceitara participar da vida da corte na esperança de conhecer o laboratório de Kelley para solicitar diretamente o Ashmole 782. Mas a minha recente familiaridade com a corte me dizia que esse encontro tinha remotas possibilidades de acontecer.

Na manhã seguinte fiz questão de ir ao mercado com Tereza. Lá fora estava simplesmente gelado e o vento soprava sem dó, e mesmo assim fomos fazer compras.

– Conhece minha conterrânea sra. Kelley? – perguntei para *Frau* Huber enquanto ela esperava o padeiro embrulhar as compras. As donas de casa de Malá Strana colecionavam o bizarro e o incomum com a mesma avidez de Rodolfo. – O marido dela é um dos servos do imperador.

– Ah, você se refere a um dos alquimistas mantidos presos pelo imperador – disse *Frau* Huber, com uma careta. – Acontecem coisas muitas estranhas naquela casa. E a pior delas é quando os Dee estão lá. *Herr* Kelley fica olhando o tempo todo com desejo para *Frau* Dee.

– E a sra. Kelley? – perguntei.

– Ela não costuma sair. A cozinheira é que faz as compras. – *Frau* Huber não aprovava essa delegação de responsabilidade de uma esposa para a criadagem. Achava que isso abria caminho para todo tipo de desordem, incluindo o anabatismo e um próspero mercado negro de itens roubados da cozinha. Colocara isso abertamente no primeiro encontro que tivemos, e essa era uma das razões que me faziam sair para comprar repolho fosse qual fosse o tempo que fizesse lá fora.

– Estamos falando da esposa do alquimista? – disse a *signorina* Rossi, tropeando nas pedras congeladas na tentativa de não colidir com uma carroça de carvão. – Ela é inglesa e muito estranha. E suas contas de vinho são muito maiores do que deveriam ser.

– Como vocês duas sabem tanto a respeito? – perguntei quando acabei de rir.

– Dividimos a mesma lavadeira – disse *Frau* Hubert, surpreendida.

– Nossa lavadeira é uma fonte de segredos – acedeu a *signorina* Rossi. – Ela também já lavou a roupa dos Dee. Até que a *signora* Dee a demitiu por não aceitar o preço cobrado para lavar os guardanapos.

– Uma mulher difícil essa Jane Dee, mas não se pode culpá-la por poupar dinheiro – admitiu *Frau* Huber, suspirando.

– Por que você quer ver a sra. Kelley? – perguntou a *signorina* Rossi, arrumando uma trança de pão na cesta.

– Eu quero conhecer o marido dela. Sou muito interessada em alquimia e tenho algumas perguntas a fazer para ele.

– Você vai pagar? – perguntou *Frau* Huber, esfregando os dedos com um gesto universal e talvez até atemporal.

– Pelo quê? – perguntei confusa.

– Pelas respostas dele, é claro.

– Sim – assenti me perguntando que plano diabólico ela maquinava.

– Deixe isso por minha conta – disse *Frau* Huber. – Ando faminta por um *schnitzel* e o taberneiro vizinho da sua casa, *Frau* Roydon, sabe preparar um *schnitzel* como ninguém.

No final das contas a filha adolescente do mago do *schnitzel* compartilhava o mesmo tutor de Elisabeth, a enteada de dez anos de Kelley. E seu cozinheiro era casado com a tia da lavadeira cuja cunhada trabalhava na casa dos Kelley.

Foi graças a essa corrente oculta forjada pelas mulheres, e não às conexões de Gallowglass na corte, que no meio da noite cheguei com Matthew à sala de estar no segundo andar da casa dos Kelley e esperamos pela chegada do grande homem.

– Ele deve chegar a qualquer momento – garantiu-nos Joanna Kelley. Estava com os olhos avermelhados e lacrimejantes, mas não ficou claro se isso se devia a muito vinho ou ao resfriado que aparentemente afligia todos da casa.

– Não se preocupe conosco, sra. Kelley. Costumamos ficar acordados até altas horas – disse Matthew suavemente, olhando-a com olhos estonteantes. – E a senhora está gostando da nova casa?

Depois de muita espionagem e investigação no seio das comunidades austríaca e italiana descobríramos que recentemente os Kelley tinham adquirido uma casa perto dos Três Corvos, num complexo conhecido pelos criativos sinais que estampavam nas casas. Alguém aproveitara as figuras de madeira de um presépio, cortara-as ao meio e arrumara-as numa prancha de madeira. No processo haviam removido o menino Jesus do pequeno berço e o recolocado ali com a cabeça do burro de Maria.

– No momento a casa Burro e Berço atende nossas necessidades, mestre Roydon. – A sra. Kelley soltou um vigoroso espirro e bebeu um gole de vinho. – Nós achamos que o imperador nos reservaria uma casa no próprio palácio porque Edward ia trabalhar lá, mas esta aqui vai servir. – Ecoaram batidas regulares de passos da escada sinuosa. – Edward chegou.

Primeiro, surgiu uma bengala; seguiu-se uma mão manchada e depois uma manga igualmente manchada. O resto de Edward Kelley parecia igualmente lastimável. Sua longa barba desgrenhada saía de um capuz escuro que escondia suas orelhas. Se aquele chapéu já tinha sido um chapéu, o chapéu já não existia mais. E pelas proporções avantajadas de Kelley poder-se-ia dizer que era amante de um bom prato. Ele entrou mancando e assoviando na sala, mas congelou quando viu Matthew.

– Edward. – Matthew agraciou Kelley com um outro sorriso estonteante, mas ele não mostrou a mesma satisfação da esposa em recebê-lo. – Nunca pensei que nos reencontraríamos de novo e tão longe de casa.

– Como é que você...? – balbuciou Edward, com voz rouca. Olhou ao redor da sala e cravou os olhos em mim de maneira tão insidiosa quanto a de qualquer outro demônio. Mas havia mais: distúrbios nos fios que o rodeavam e irregularidades na tessitura que sugeriam que não se tratava apenas de um demônio... ele era instável. Seus lábios se curvaram. – A

bruxa.

– O imperador elevou a categoria dela, assim como fez com você. Agora ela é *La Diosa*, a deusa – disse Matthew. – Sente-se e descanse as pernas. Pelo que me lembro se incomodam com o frio.

– O que você quer comigo, Roydon? – Edward Kelley se agarrou à bengala com determinação.

– Ele está aqui em nome da rainha, Edward. Eu estava na cama – disse Joanna com ar melancólico. – Quase não descanso. E por causa dessa febre terrível mal conheço os vizinhos. Você não me disse que havia ingleses morando tão perto daqui. Posso ver a casa da sra. Roydon da minha janela. Você fica no castelo. E fico sozinha aqui em casa, querendo falar a minha própria língua, no entanto...

– Volte para a cama, querida. – Kelly descartou Joanna. – Leve seu vinho com você.

A sra. Kelley fungou, com uma cara de sofrimento. Era difícil ser inglesa sem amigos e sem família em Praga, mas ser proibida de entrar em lugares onde o marido era recebido devia ser pior ainda. Quando a esposa saiu da sala, Kelley sentou-se na cadeira dela à mesa. Ajeitou a perna, fazendo uma careta. E depois cravou olhos negros e hostis em Matthew.

– Diga-me o que devo fazer para me livrar de você – disse sem rodeios. Faltava charme a Kelley, embora tivesse a astúcia de Kit.

– A rainha quer você – respondeu Matthew também sem rodeios. – E nós queremos o livro do Dee.

– Que livro? – perguntou Edward prontamente.

– Kelley, para um charlatão você é um mentiroso abominável. Como consegue enganar a todos? – Matthew pôs os pés calçados com botas em cima da mesa. O outro se encolheu quando os calcanhares bateram no tampo da mesa.

– Se o dr. Dee está me acusando de roubo – disse Kelley confiante –, devo insistir em discutir o assunto na presença do imperador. Ele

certamente não gostaria de me ver desonrado na minha própria casa.

– Onde está o livro, Kelley? No seu laboratório? No quarto de Rodolfo? Vou encontrá-lo com ou sem sua ajuda. Mas se me contar seu segredo talvez me incline a deixar de lado a outra questão. – Matthew fingiu se ocupar com um detalhe de sua calça. – A Congregação não está nada satisfeita com seu recente comportamento. – A bengala de Kelley caiu no chão. Matthew pegou-a educadamente. Encostou a ponta gasta da bengala no pescoço de Kelley. – Foi com isso que ameaçou a vida do criado da estalagem? Mas que falta de cuidado, Edward. Toda essa pompa e esse privilégio lhe subiram à cabeça. – A ponta da bengala deslizou até a proeminente barriga de Kelley e ali ficou.

– Não posso ajudá-lo. – Kelley soltou um gemido quando a bengala apertou a sua barriga. – É verdade! O imperador tirou o livro de mim quando... – Ele interrompeu a frase e esfregou o rosto, como se quisesse apagar a imagem do vampiro à frente.

– Quando o quê? – perguntei, esticando-me para a frente. Na ocasião em que tocara no Ashmole 782 na Bodleiana percebi na mesma hora que era um livro diferente.

– A senhora deve saber mais desse livro do que eu. – Kelley jogou a frase na minha cara, com olhos flamejantes. – Vocês bruxas não se surpreenderam quando souberam da existência dele, mas foi preciso um demônio para reconhecê-lo!

– Estou perdendo minha paciência, Edward. – A bengala de madeira rachou nas mãos de Matthew. – Minha esposa fez uma pergunta para você. Responda.

Kelley olhou vagarosa e triunfantemente para Matthew e empurrou a ponta da bengala na barriga dele.

– Você odeia as bruxas... ou pelo menos nos faz acreditar nisso. Mas vejo que tem a mesma fraqueza das outras criaturas. Está apaixonado por ela, exatamente como comentei com Rodolfo.

– Gerbert. – A voz de Matthew soou vazia.

Kelley assentiu com a cabeça.

– Ele veio aqui quando Dee ainda estava em Praga, fazendo perguntas sobre o livro e metendo o bedelho nos meus assuntos. Rodolfo deixou que ele se divertisse com uma das bruxas da Cidade Antiga... uma garota de 17 anos muito bonita de cabelos ruivos e olhos azuis, como sua esposa. Depois disso, nunca mais a viram. Mas houve uma bela fogueira naquela Noite de Walpurgis. Foi dada a Gerbert a honra de acendê-la. – Kelley desviou os olhos para mim. – O que me pergunto é se teremos uma outra fogueira este ano.

A menção à antiga tradição de queimar bruxas para celebrar a primavera foi a gota d'água para Matthew. Antes que pudesse me dar conta do que acontecia, Kelley já estava com a metade do corpo para fora da janela.

– Olhe lá para baixo, Edward. Não é uma queda grande. Você vai sobreviver, sinto isso, embora arrisque quebrar um ou dois ossos. Mas não se preocupe porque vou pegá-lo e levá-lo para o seu quarto. Lá também tem uma janela, sem dúvida. Acabarei encontrando um lugar suficientemente alto para partir sua carcaça ao meio. E quando cada osso do seu corpo estiver em pedaços, você já terá me contado tudo o que quero saber. – Os olhos escuros de Matthew se voltaram para mim quando me levantei. – Sente-se. – Ele respirou fundo. – Por favor. – Obedeci.

– O livro do Dee irradiou poder. Senti esse poder tão logo o tirei de uma estante na Mortlake. Dee não sabia da importância do livro, mas eu sabia – disse Kelley atropeladamente. Fez uma pausa e foi sacudido por Matthew. – O bruxo Roger Bacon era o dono do livro e o tinha como um grande tesouro. O título está na primeira página, junto com a inscrição *"Verum Secretum Secretorum"*.

– Mas não há nada de *Secretum* – rebati, pensando na popular obra medieval. – Era uma enciclopédia. Com ilustrações alquímicas.

– As ilustrações são apenas telas para ocultar a verdade – disse Kelley, com um chiado. – Por isso Bacon o chamava de "*O verdadeiro segredo dos segredos*".

– O que há nele? – perguntei, mal contendo a excitação. Dessa vez não fui advertida por Matthew. Ele puxou o corpo de Kelley para dentro. – Você conseguiu ler as palavras?

– Talvez – disse Kelley, endireitando a roupa.

– Ele também não conseguiu ler o livro. – Matthew o soltou, com ar de desgosto. – Farejo nele duplicidade mesclada a cheiro de medo.

– O livro está escrito em língua estrangeira. Nem mesmo o rabino Loew conseguiria decifrá-la.

– Maharal viu o livro? – Matthew paralisou os olhos em alerta, como sempre fazia quando estava prestes a atacar.

– Pelo visto você não conversou a respeito disso com o rabino Loew quando foi ao bairro judeu à cata da bruxa que fez a criatura de argila que eles chamam de *golem*. E parece que também não conseguiu encontrar o autor e a criação dele. – Kelley revirou os olhos, com desdém. – Logo você que é tão conhecido pelo poder e pela influência. Não conseguiu nem mesmo assustar os judeus.

– Não acho que as letras tenham sido escritas em hebraico – disse, lembrando-me dos símbolos que se moviam velozes quando os vislumbrei no palimpsesto.

– E não foram. O imperador só chamou o rabino Loew ao palácio para se assegurar. – Kelley revelara mais do que pretendia. Seus olhos se voltaram rapidamente para a bengala, e os fios que o rodeavam giraram e enroscaram. Surgiu em minha mente a imagem de Kelley erguendo a bengala e atacando alguém. O que ele pretendia?

De repente me dei conta do que pretendia: planejava *me atacar*. Um som ininteligível escapou da minha boca e, quando ergui a mão, a bengala de Kelley voou direto em minha direção. Por um segundo o meu braço

transformou-se em galho e logo retomou a forma normal. Rezei para que o movimento tivesse sido rápido e que Kelley não tivesse percebido a mudança. A cara que ele fez me disse que minhas esperanças eram vãs.

– Não deixe que o imperador a veja fazendo isso – ele sorriu –, ou será trancafiada como uma curiosidade a mais para o deleite dele. Roydon, já lhe disse o que você queria saber. Pode sossegar os cães da Congregação.

– Acho que não posso, não – disse Matthew, tirando a bengala da minha mão. – Você não é inofensivo, por mais que Gerbert pense o contrário. Mas vou deixá-lo em paz... por enquanto. Trate de não fazer nada que chame a minha atenção e poderá ver o verão. – Ele jogou a bengala num canto.

– Boa-noite, mestre Kelley. – Peguei a capa, desejando estar o mais longe possível daquele demônio.

– Desfrute cada momento de sol, bruxa. Aqui em Praga esses momentos passam com muita rapidez. – Kelley continuou no mesmo lugar quando eu e Matthew começamos a descer a escada.

Mesmo na rua, ainda sentia o cutucão do olhar dele. E quando girei a cabeça para trás e olhei para a casa Burro e Berço, os fios retorcidos e quebrados que prendiam Kelley ao mundo brilharam com malevolência.



Depois de dias de cuidadosa negociação, Matthew conseguiu agendar uma visita ao rabino Judah Loew. Gallowglass conseguiu espaço para isso depois de cancelar alguns dos meus compromissos na corte, alegando doença.

Infelizmente, a alegação chamou a atenção do imperador que inundou a casa de remédios: terra sigillata, argila com maravilhosas propriedades curativas; pedras bezoar, extraídas das vesículas de bodes para curar envenenamentos; taça de chifre de unicórnio, contida em uma das receitas de família do imperador para fazer um electuário. O electuário consistia em tostar um ovo com açafrão e reduzi-lo a pó, junto com sementes de mostarda, angélica, bagas de zimbro, cânfora e outras substâncias misteriosas, e depois tornar o pó pastoso com melado e xarope de limão. Rodolfo mandou o dr. Hájek administrar a receita. Mas deixei bem claro para o médico imperial que não tinha a menor intenção de engolir aquilo.

– Vou garantir para o imperador que a senhora vai se recuperar – disse ele em tom seco. – Felizmente, Sua Majestade também está preocupado com a própria saúde para correr o risco de vir aqui na Sporrengasse a fim de confirmar o meu diagnóstico.

Agradecemos profusamente pela discrição e o despachamos para casa, junto com uma galinha assada enviada da cozinha real na tentativa de abrir o meu apetite. Joguei o bilhete que a acompanhava – *Ich verspreche Sie werden nicht hungern. Ich halte euch zufrieden. Rudolff* – no fogo da lareira depois que Matthew explicou que Rodolfo tinha sido ambíguo ao se referir à galinha com a promessa de satisfazer a minha fome.

Em nosso trajeto pelo rio Moldava até a Cidade Antiga de Praga tive a primeira oportunidade de experimentar a agitação do centro da cidade. Comerciantes abastados faziam negócios em arcadas aninhadas sob casas de três e quatro andares que se alinhavam ao longo das ruas sinuosas. A característica da cidade se transformou quando tomamos a direção do norte, as casas eram menores, as vestes dos habitantes eram mais humildes e o comércio era menos próspero. Em seguida atravessamos uma rua larga e depois o portão para o bairro judeu. Mais de cinco mil judeus viviam naquele pequeno encrave que se espremia por entre a margem industrial do rio e a praça principal da Cidade Antiga e um convento. O bairro judeu era apinhado de casas geminadas – isso era inconcebível até para os padrões de Londres – que evoluíam estruturalmente das paredes umas das outras, como câmaras enfiadas em casca de caracol.

Encontramos o rabino Loew após uma rota sinuosa que me fez desejar uma sacola de migalhas de pão para me assegurar de que encontraríamos o caminho de volta. Os moradores olhavam cautelosamente em nossa direção, mas poucos ousavam nos cumprimentar. E os que nos cumprimentavam chamavam Matthew de "Gabriel". Era um dos muitos nomes dele, e o uso desse nome naquele lugar indicava que penetrávamos em uma das muitas tocas de coelho de Matthew e eu estava prestes a conhecer uma de suas muitas identidades do passado.

Quando o gentil cavalheiro conhecido como Maharal surgiu à frente, entendi por que Matthew sempre falava dele em voz baixa. O rabino Loew irradiava o mesmo senso de poder sereno de Philippe. Os gestos pomposos de Rodolfo e a petulância de Elizabeth eram dignos de risadas perante a dignidade de Maharal. Isso surpreendia numa época em que a força bruta era o método usual de impor a vontade sobre os outros. A reputação dele se baseava na instrução e na aprendizagem e nunca na força física.

– Maharal é um dos melhores homens que já passaram pela Terra – disse Matthew quando lhe perguntei sobre Judah Loew. Isso era um elogio

considerável se considerado o tempo que Matthew já estava na Terra.

– Pensei que já tivéssemos concluído nossos negócios, Gabriel – disse o rabino Loew em latim, com firmeza. Parecia um diretor de escola. – Se não compartilhei antes o nome da bruxa que criou o *golem* não será agora que farei isso. – Voltou-se para mim. – Desculpe-me, *Frau* Roydon. Acabei esquecendo da boa educação pela impaciência com seu marido. É um prazer conhecê-la.

– Não vim aqui para falar do *golem* – disse Matthew. – Meu assunto de hoje é privado. Diz respeito a um livro.

– Que livro? – Maharal nem sequer pestanejou, mas uma perturbação no ar circundante sugeriu uma sutil reação dele. Já vinha percebendo desde o encontro com Kelley que minha magia formigava, como se ligada a uma corrente invisível. Meu dragão de fogo se inquietou. E os fios cintilaram em cores ao redor, iluminando um objeto, uma pessoa e um caminho pelas ruas, como se tentando me dizer alguma coisa.

– Um volume que minha esposa encontrou numa universidade longe daqui – respondeu Matthew. Fiquei surpresa por ele ter sido verdadeiro. Como também o foi o rabino Loew.

– Ah. Vejo que estamos sendo honestos nesta tarde. Talvez seja melhor fazermos isso num lugar mais tranquilo para que eu possa desfrutar essa experiência. Vamos ao meu estúdio.

Ele nos conduziu até uma das pequenas salas enfiadas no labirinto de salas do andar térreo. A escrivaninha velha e as pilhas de livros se afiguraram confortavelmente familiares. O cheiro de tinta junto a algo mais me fez lembrar de uma caixa de resina no estúdio de balé dos meus tempos de infância. Bolotas que pareciam pequenas maçãs marrons se agitavam no meio de um líquido amarronzado dentro de uma panela de ferro próxima à porta. A aparência do caldeirão era digna de uma bruxa e evocava possíveis outras fabulações escondidas em suas profundezas.

– Esse lote de tinta está melhor? – perguntou Matthew, cutucando uma

das bolotas flutuantes.

– Sim, está. Você me prestou um grande favor ao sugerir que acrescentasse pregos na panela. Já não preciso de tanta fuligem para enegrecê-la e a consistência está bem melhor. – O rabino Loew apontou para uma cadeira. – Por favor, sente-se.

– Esperou que me sentasse e depois se sentou num banco de três pernas. – Gabriel ficará de pé. Ele não é jovem, mas tem pernas fortes.

– Sou jovem o bastante para me sentar aos seus pés como um dos seus pupilos, Maharal. – Matthew sorriu e sentou-se graciosamente no chão, em posição de lótus.

– Meus alunos são mais sensatos e não se sentam no chão com esse clima. – O rabino me observou. – Agora, ao assunto. Por que a esposa de Gabriel ben Ariel veio de tão longe para ver um livro? – Tive a desconcertante sensação de que ele não se referia à viagem pelo rio nem à travessia da Europa. Será que sabia que eu não era daquele tempo?

Formulei mentalmente a pergunta e o rosto de um homem boiou no ar por sobre o ombro do rabino Loew. Era um jovem com rugas de preocupação em volta dos olhos fundos e cinzentos que tinha uma barba castanha com uma mecha grisalha à altura do queixo.

– Algum bruxo lhe falou a meu respeito – eu disse baixinho.

O rabino assentiu.

– Praga é uma cidade maravilhosa quando se trata de notícias. Infelizmente, a metade nunca é verdadeira. – Ele fez uma pequena pausa. – E o livro? – Relembrou-me.

– É um livro que provavelmente explica a origem de criaturas como Matthew e eu – respondi.

– Isso não é um mistério. Deus criou vocês, como criou a mim e ao imperador Rodolfo – retrucou Maharal, ajeitando-se no assento. Era um movimento típico de professor, uma postura desenvolvida naturalmente ao longo de anos, como se dando espaço aos alunos para lidar com novas

ideias. Senti a mesma ansiedade e o mesmo temor de toda vez que me preparava para replicar. Eu não queria desapontar o rabino.

– Talvez, mas Deus nos deu talentos adicionais. O senhor não é capaz de dar vida a um morto, rabino Loew – repliquei, como se para um tutor de Oxford. – Assim como não vê estranhos rostos à frente quando coloca uma simples pergunta.

– Isso é verdade. Mas você não governa a Boêmia e o alemão do seu marido é melhor do que o meu, embora eu fale essa língua desde criança. Cada um de nós tem um dom único, *Frau* Roydon. No aparente caos do mundo ainda existem evidências do plano de Deus.

– O senhor discorre sobre o plano de Deus com toda segurança porque conheceu as suas origens na Torá – rebati. – *Bereishit*... "No começo"... é como o senhor denomina o livro dos cristãos conhecido como Gênese. Não estou certa, rabino Loew?

– Pelo visto tenho debatido teologia com o membro errado da família de Ariel – disse o rabino em tom seco, embora com um brilho travesso nos olhos.

– Quem é Ariel? – perguntei.

– Papai é conhecido como Ariel entre o povo do rabino Loew – respondeu Matthew.

– O anjo da ira? – Franzi a testa. Isso não se parecia em nada com o Philippe que eu conhecia.

– O lorde com domínio sobre a Terra. Alguns o chamam de Leão de Jerusalém. Algum tempo atrás o meu povo teve motivo para ser grato ao Leão, embora os judeus não tenham se esquecido, e jamais se esquecerão... dos muitos erros cometidos por ele no passado. Mas Ariel se esforça para expiar. E o julgamento só a Deus pertence. – O rabino Loew considerou as opções e tomou uma decisão. – O imperador me mostrou esse livro. Infelizmente, Sua Majestade não me deu tempo suficiente para estudá-lo.

– Qualquer coisa que o senhor puder dizer a respeito desse livro será de

grande valia para nós – disse Matthew, com a voz visivelmente excitada. Curvou o peito para a frente e se abraçou aos joelhos, assim como Jack fazia quando ouvia atentamente as histórias contadas por Pierre. Meu marido ficou por alguns segundos com as mesmas feições que ficava quando era criança e aprendia o ofício do pai.

– O imperador Rodolfo me chamou ao palácio na esperança de que eu pudesse ler o texto. Aquele alquimista, que é chamado de Meshuggener Edward, o tinha tirado da biblioteca do amo dele, o inglês John Dee – disse o rabino. – É difícil entender por que Deus optou por fazer de Dee um erudito e de Edward, um ignorante astuto.

O rabino Loew suspirou, balançando a cabeça em negativa, e continuou.

– Meshuggener Edward disse para o imperador que esse antigo livro guarda os segredos da imortalidade. Viver para sempre é o sonho de todo homem de poder. Mas ninguém consegue entender a língua na qual o texto está escrito senão o próprio alquimista.

– Rodolfo o chamou pensando que era hebraico antigo – comentei, balançando a cabeça em assentimento.

– Mesmo que seja uma língua antiga, não é o hebraico. Também havia ilustrações. Não compreendi o significado das imagens, mas segundo Edward era essencialmente alquímico. Talvez as palavras expliquem.

– As palavras se moveram quando viu as imagens, rabino Loew? – perguntei ao me lembrar das linhas que tinha visto por trás das ilustrações.

– Como é que podiam se mover? – Ele franziu a testa. – Eram apenas símbolos escritos à tinta na página.

– Então, não está danificado... ainda não – comentei aliviada. – Quando o vi em Oxford estava sem diversas páginas. Foi impossível apreender o significado do texto porque as palavras se locomoviam atarantadas como se à procura de irmãos e irmãs perdidos.

– A senhora fala como se o livro estivesse vivo – disse o rabino.

– E é o que penso – confessei. Matthew pareceu surpreso. – Sei que isso parece impossível. Mas é a única maneira de descrever o que vivenciei quando lembro daquela noite e do que ocorreu quando toquei no livro. O livro me reconheceu. Estava de alguma forma... sofrendo, como se tivesse perdido algo essencial.

– As pessoas costumam contar histórias de livros escritos com chamas vivas ou com palavras que se movem e giram de tal maneira que só Deus consegue lê-las. – O rabino Loew estava me testando de novo. Eu sabia reconhecer quando um professor questionava os alunos.

– Já ouvi essas histórias – repliquei pausadamente. – E outras sobre outros livros perdidos como o das tábuas destruídas de Moisés, e o de Adão, onde ele registrou os verdadeiros nomes de cada parte da criação.

– Se o seu livro é tão significativo como esses outros, talvez esteja escondido por vontade de Deus. – O rabino voltou a sentar-se e pôs-se à espera de uma réplica.

– Mas o livro não está escondido – repliquei. – Rodolfo sabe onde ele está, mesmo que não tenha conseguido lê-lo. Quem seria mais indicado para ter a custódia de algo com esse poder, Matthew ou o imperador?

– O que sei é que muitos homens sábios diriam que uma escolha entre Gabriel ben Ariel e Sua Majestade só serviria para minimizar um dos dois males. – O rabino Loew se voltou para Matthew. – Felizmente, não me incluo entre esses sábios. Mesmo assim, não posso ajudá-los. Estive com o livro... mas não sei onde se encontra agora.

– Está de posse de Rodolfo... ou pelo menos estava. Até que o senhor confirmasse só tínhamos as suspeitas do dr. Dee e as afirmações daquele que é apropriadamente cognominado Louco Edward – disse Matthew, com seriedade.

– Os loucos podem ser perigosos – observou o rabino. – Você deveria ser mais cuidadoso com quem dependura para fora da janela, Gabriel.

– O senhor soube? – Matthew pareceu envergonhado.

– Correu uma boataria na cidade segundo a qual Meshuggener Edward estava voando pelo Malá Strana junto com o diabo. Naturalmente, presumi que você estava envolvido. – Desta vez o tom do rabino Loew soou como uma nota gentil de reprovação. – Gabriel, Gabriel. O que seu pai vai dizer?

– Sem dúvida que eu deveria ter deixado que ele caísse. Papai tem muito pouca paciência com tipos como Edward Kelley.

– Com loucos, você quis dizer.

– Maharal, eu quis dizer exatamente o que disse – retrucou Matthew, com firmeza.

– Infelizmente, o homem do qual você afirma com toda calma que poderia matá-lo é a única pessoa que poderá ajudá-lo a encontrar o livro da sua esposa. – O rabino Loew se deteve para medir as palavras. – Mas você quer mesmo conhecer os segredos desse livro? Vida e morte são grandes responsabilidades.

– Se levasse em conta a minha condição, o senhor não se surpreenderia com a familiaridade com que carrego os fardos especiais. – O sorriso de Matthew não refletiu humor.

– Talvez. Mas a sua esposa também pode carregá-los? Você não poderá estar o dia todo com ela, Gabriel. Alguns que dividiriam o conhecimento que têm com uma bruxa não o dividiriam com você.

– Então *há mesmo* um criador de feitiços no bairro judeu – eu disse. – Suspeitei disso quando soube do *golem*.

– Ele estava esperando que a senhora o procurasse. Infelizmente, ele só quer a companhia da bruxa. Esse meu amigo teme a Congregação de Gabriel e com boa razão – explicou o rabino.

– Eu gostaria de me encontrar com ele, rabino Loew. – Havia pouquíssimas bruxas e bruxos tecelões no mundo. Eu não podia perder a oportunidade de conhecer um deles.

Matthew se agitou, com um protesto emergindo em seus lábios.

– Isso é importante Matthew. – Pousei a mão no braço dele. – Prometi a Goody Alsop que não negligenciaria essa parte de mim enquanto estivesse aqui.

– Mesmo quando se quer encontrar a completude no casamento, Gabriel, não se deve fazer do casamento uma prisão para nenhuma das partes – disse o rabino.

– Não se trata do nosso casamento e sim do fato de que você é uma bruxa. – Matthew se levantou e pareceu encher a sala com seu corpanzil. – Ser visto com um judeu pode ser perigoso para uma cristã. – Abri a boca para protestar e ele balançou a cabeça em negativa. – Não para você. Para ele. Você deve seguir as instruções do rabino Loew. Não quero que ele ou qualquer outro do bairro judeu sejam molestados... não por nossa causa.

– Não farei nada que chame atenção para mim... ou para o rabino Loew – prometi.

– Então, vá ver esse tecelão. Estarei esperando em Ungelt. – Matthew me deu um beijo rápido na face e sumiu antes que eu tivesse tempo de pensar. O rabino pestanejou de surpresa.

– Gabriel é incrivelmente veloz para a estatura que tem – disse, pondo-se de pé. – Ele me faz lembrar do tigre do imperador.

– Os felinos o reconhecem como sendo da mesma espécie – comentei, pensando em Tabitha, a gata de Sarah.

– A ideia de ter casado com um animal não parece perturbá-la. Gabriel tem muita sorte por tê-la como esposa. – O rabino pegou um manto escuro e avisou ao criado que estávamos de saída.

Pensei que seguiríamos em direções diferentes, mas sem ter certeza disso desviei a atenção para as primeiras ruas recém-pavimentadas que via desde que chegara ao passado. Perguntei ao rabino quem tinha providenciado aquela conveniência tão incomum.

– *Herr* Maisel pagou isso e também a casa de banhos para as mulheres. Ele apoia financeiramente o imperador em alguns problemas... como a

guerra santa que é mantida contra os turcos. – O rabino Loew se desviou de uma poça. Só então percebi um aro dourado bordado sobre um pedaço de pano em cima do coração dele.

– O que é isso? – Apontei para o crachá.

– É para avisar aos cristãos desavisados que eu sou judeu – respondeu ele, com ironia. – Claro que mesmo os mais ignorantes acabam descobrindo isso, com ou sem o crachá. Mas as autoridades insistem que não pode haver dúvidas. – Abaixou o tom da voz. – Isso é muito melhor que o chapéu que já obrigaram os judeus a usar. Era um chapéu amarelo brilhante na forma de uma peça de xadrez. É só ignorar *isso* no mercado.

– Os humanos fariam o mesmo comigo e Matthew se soubessem que convivemos com eles. – Estremeci. – Às vezes, manter-se escondido é a melhor saída.

– É o que faz a Congregação de Gabriel? Mantê-los escondidos?

– Se fazem isso, estão fazendo um péssimo trabalho – eu disse sorrindo. – *Frau* Huber acredita que há um lobisomem atacando lá pelas bandas do Fosso do Veado. Seus vizinhos em Praga acreditam que Edward Kelley pode voar. Os humanos estão à caça de bruxas na Alemanha e na Escócia. E Elizabeth da Inglaterra e Rodolfo da Áustria sabem a nosso respeito. Suponho que devíamos agradecer pelo fato de que alguns reis e rainhas nos toleram.

– Nem sempre a tolerância é o bastante. Os judeus são tolerados em Praga... por enquanto, já que a situação pode mudar num piscar de olhos. E nesse caso seremos expulsos do país e padeceremos de fome e de frio. – O rabino virou numa rua estreita e entrou numa casa idêntica à maioria das outras casas da maioria das outras ruas por onde passamos. Lá dentro, dois homens estavam à frente de uma mesa com instrumentos matemáticos, livros, velas e papéis.

– A astronomia poderá nos fornecer um terreno comum com os cristãos! – exclamou um dos homens em alemão, passando uma folha de

papel para o companheiro. Aparentava uns cinquenta anos e tinha uma barba grisalha espessa e uma testa bem marcada por sobre os olhos. Os ombros exibiam a altivez crônica da maioria dos eruditos.

– Basta, Davi! – O outro explodiu. – Um terreno comum talvez não seja a terra prometida pela qual tanto ansiamos.

– Abraão, esta senhora deseja falar com você – disse o rabino Loew, interrompendo o debate.

– Todas as mulheres em Praga estão loucas para conhecer Abraão – disse Davi, o erudito. – A filha de quem deseja um feitiço amoroso esta vez?

– Não é no pai que devia demonstrar interesse, mas sim no marido dela. Esta é *Frau* Roydon, esposa do inglês.

– A que o imperador chama de *La Diosa*? – Davi sorriu e bateu no ombro de Abraão. – Meu amigo, sua sorte virou. Foi pego entre um rei, uma deusa e um *nachzehrer*. – Meu limitado alemão indicou que a palavra desconhecida significava "devorador de mortos".

Abraão disse algo rude em hebraico, que me foi sugerido pela expressão de desagrado do rabino Loew, e finalmente se voltou para mim. Ambos nos encaramos, de bruxa para bruxo, mas não sustentamos o olhar por muito tempo. Eu desviei os olhos e suspirei, ele pestanejou e apertou as pálpebras com os dedos. Minha pele comichou toda, não apenas nos pontos que eram olhados por ele. E a atmosfera entre nós tornou-se uma massa diferente com matizes brilhantes.

– É ela que estava esperando, Abraão ben Elijah? – perguntou o rabino Loew.

– Ela mesma – respondeu Abraão. Afastou-se de mim e pôs as mãos sobre a mesa. – Mas nos meus sonhos ela não era esposa de um *alukah*.

– *Alukah?* – Olhei para o rabino Loew em busca de explicação. Se era uma palavra germânica, nem assim consegui decifrá-la.

– Sanguessuga. É assim que nós judeus chamamos as criaturas como o

seu marido – explicou ele. – Para o seu conhecimento, Abraão, esse encontro teve o consentimento de Gabriel.

– O senhor acha que confio na palavra de um monstro que julga o meu povo do seu assento da Qahal enquanto faz vista grossa aos que nos matam? – disse Abraão aos gritos.

Pensei em protestar, dizendo que aquele não era o mesmo Gabriel, o mesmo Matthew, mas me detive. Qualquer coisa que dissesse poderia matar qualquer um que estivesse naquela sala em seis meses, quando o Matthew do século XVI estivesse no seu próprio lugar.

– Não vim aqui em nome do meu marido nem da Congregação – argumentei, dando um passo à frente. – Vim aqui por mim mesma.

– Por quê? – perguntou Abraão.

– Porque também sou criadora de feitiços. E restam poucos como nós.

– Havia mais, antes da Qahal... antes de a Congregação estabelecer as regras deles – disse Abraão em tom de desafio. – Queira Deus que possamos viver para ver nossos filhos nascerem com esses dons.

– Por falar em filhos, onde está o seu *golem*?

Davi soltou uma risada.

– Mamãe Abraão. O que sua família em Chelm diria?

– Diria que me tornei amigo de um idiota que não tem nada na cabeça a não ser estrelas e fantasias ridículas, Davi Gans! – retrucou Abraão, vermelho como um pimentão.

Fazia alguns dias que meu dragão de fogo estava quieto e de repente voltou à vida com toda alegria. Ela já estava livre antes que pudesse impedi-la. O rabino Loew e seus amigos quase perderam o fôlego com a visão.

– Às vezes ela faz isso. Não há motivo para preocupação. – Soei apologética ao mesmo tempo em que repreendia a minha desobediente familiar. – Desça já daí!

Ela agarrou-se à parede e gritou em minha direção. Como o reboco era

velho e não aguentava aquele peso, despencou um pedaço que a deixou assustada. Ela bateu o rabo para o lado, ancorou-se em outra parede à procura de mais segurança e soltou um grito de triunfo.

– Se não parar com isso pedirei para que Gallowglass lhe dê um nome horrível – murmurei. – Alguém viu a coleira dessa criatura? É uma corrente transparente. – Procurei ao longo do rodapé e a encontrei atrás de um cesto de lenha e ainda conectada a mim. – Será que um de vocês pode segurá-la por um minuto enquanto a trago para dentro? – Girei o corpo com a translúcida corrente na mão.

Os homens já tinham sumido.

– Típico – murmurei. – Três homens adultos e uma mulher, e adivinhe quem tinha que lidar com o dragão?

Soaram passos pesados ao longo do piso de madeira da casa. Fiz um ângulo com o corpo para enxergar a porta. Uma criatura de barro avermelhada vestida em roupas escuras e com uma boina preta na cabeça careca cravou os olhos no meu dragão de fogo.

– Não, Yosef. – Abraão se interpôs entre mim e a criatura, e levantou as mãos a fim de detê-la.

Contudo, o *golem* – claro que devia ser a legendária criatura feita de argila do Moldava e animada por um feitiço – continuou se movendo em direção ao dragão de fogo.

– Yosef está fascinado pelo dragão da bruxa – disse Davi.

– Pelo visto o *golem* partilha a mesma queda do dono pelas garotas bonitas – disse o rabino Loew. – Segundo as minhas leituras o familiar dos bruxos apresenta as mesmas características do seu criador.

– O *golem* é o familiar de Abraão? – Fiquei chocada.

– Sim. Mas não apareceu quando criei o meu primeiro feitiço. Cheguei a achar que não tinha um familiar. – Abraão acenou para Yosef, mas o *golem* não desgrudou os olhos do dragão de fogo a essa altura estatelado contra a parede. Como se soubesse que tinha um admirador, ela abriu as

asas que irradiaram luz.

Ergui a corrente.

– Será que isso a atrai?

– Essa corrente não parece estar ajudando muito a senhora – observou Abraão.

– Ainda tenho muito a aprender! – eu disse indignada. – Esse dragão de fogo apareceu quando teci o meu primeiro feitiço. Como é que você criou o Yosef?

Abraão tirou um conjunto de cordões do bolso.

– Com cordões como estes.

– Também tenho cordões. – Puxei uma bolsa de um bolso embutido em minha saia.

– As cores ajudam-na a separar os fios do mundo para usá-los com mais eficácia? – Abraão deu um passo em minha direção, interessado na variedade da tecelagem.

– Sim. Cada cor tem um significado e sempre uso os cordões para me concentrar na questão desejada quando crio um novo feitiço. – Olhei aturdida para o *golem*, que olhava fixamente para o dragão de fogo. – Mas como é que você fez uma criatura a partir de cordões?

– Fui procurado por uma mulher que queria um novo feitiço que a ajudasse a conceber. Considerei o pedido e, enquanto entrelaçava os nós pelos cordões, acabei fazendo algo que parecia o esqueleto de um homem. – Abraão caminhou até a mesa e, apesar dos protestos de Davi, pegou uma folha de papel do amigo e desenhou o que acabara de dizer.

– É como um boneco – comentei, olhando para o desenho. Nove nós se interligavam por linhas retas de cordas: um nó para a cabeça, outro nó para o peito, dois nós para as mãos, outro nó para a pélvis, dois outros nós para os joelhos e dois últimos para os pés.

– Misturei um pouco do meu próprio sangue à argila e apliquei na corda como se fosse carne. Na manhã seguinte Yosef estava sentado perto

da lareira.

– Você deu vida à argila. – Olhei para o *golem* ainda extasiado.

Abraão balançou a cabeça.

– Coloquei um feitiço com um nome secreto de Deus na boca de Yosef. Ele age de acordo com minhas instruções desde que esse nome continue onde está. Quer dizer, na maior parte do tempo.

– O *golem* não toma decisões por conta própria – explicou o rabino Loew. – Afinal, quando se sopra vida na argila e no sangue não se dá alma a uma criatura. Abraão sempre o tem à vista, temendo que cometa alguma traquinagem.

– Esqueci de retirar o feitiço de dentro da boca de Yosef num dia de preces, numa sexta-feira – admitiu Abraão envergonhado. – Ele ficou sem ninguém para lhe dar ordens e vagou pelo bairro judeu, assustando a vizinhança cristã. E depois os judeus acharam que o propósito dele é nos proteger.

– O trabalho das mães é interminável – murmurei sorrindo. – Por falar nisso... – O dragão de fogo caíra no sono e roncava docemente, com a face encostada à parede que servia de travesseiro. Puxei a corrente com todo cuidado para não irritá-la e a tirei da parede. Ela bateu as asas com a cara sonolenta e se dissolveu lentamente à medida que era absorvida para dentro do meu corpo.

– Gostaria tanto que Yosef também fizesse isso – disse Abraão, com uma ponta de inveja.

– E eu também gostaria tanto de poder tirar um pedaço de papel de debaixo da língua do meu dragão para sossegá-lo! – retruquei.

– Quem é essa? – perguntou uma voz grave.

O recém-chegado não tinha uma estatura fisicamente intimidadora. Mas era um vampiro e tinha uns olhos azuis escuros e um semblante pálido emoldurado pelos cabelos pretos. Ele me olhou de maneira coercitiva e dei um passo para trás por instinto.

– Não é nada que lhe diga respeito, *Herr* Fuchs – disse Abraão em tom seco.

– Não precisa ser mal-educado, Abraão. – O rabino Loew se voltou para o vampiro. – *Herr* Fuchs, esta é *Frau* Roydon. Chegou da Malá Strana em visita ao bairro judeu.

O vampiro cravou os olhos em mim e abriu levemente as narinas, assim como Matthew fazia quando captava um novo odor. Ele fechou as pálpebras e dei outro passo atrás.

– Por que veio aqui, *Herr* Fuchs? Combinamos que nos encontraríamos na frente da sinagoga – continuou Abraão, visivelmente contrariado.

– Você se atrasou. – *Herr* Fuchs abriu os olhos azuis e sorriu para mim. – Mas não estou mais preocupado porque agora sei o que o deteve.

– *Herr* Fuchs conheceu Abraão na Polônia e está aqui de visita. – O rabino Loew encerrou as apresentações.

Alguém chamou lá da rua.

– *Herr* Maisel chegou – disse Abraão, aparentemente tão aliviado quanto eu.

Herr Maisel, que financiara a pavimentação das ruas e os projetos de defesa imperiais, emanava prosperidade, com um imaculado traje de lã, uma capa forrada de pele e um círculo dourado que o identificava como judeu. O crachá costurado à capa com linha dourada parecia uma insígnia de nobreza e não um elemento distintivo.

– Ei-lo aí, *Herr* Fuchs. – *Herr* Maisel estendeu uma pequena sacola para o vampiro. – Eis a sua joia. – Fez uma reverência para o rabino Loew e para mim. – *Frau* Roydon.

O vampiro pegou a sacola e tirou uma pesada corrente com um pingente de dentro. Não pude distinguir o desenho, mas o esmalte vermelho e verde era evidente. O vampiro escancarou os dentes.

– Muito obrigado, *Herr* Maisel. – Fuchs ergueu a joia que cintilou com a luz. – Esta corrente simboliza o meu juramento de matar dragões,

estejam onde estiverem. Não a tenho usado. Ultimamente a cidade está povoada de criaturas perigosas.

Herr Maisel bufou.

– Não mais do que de costume. Deixe de lado a política da cidade, *Herr* Fuchs. Será melhor para todos nós que faça isso. Já está pronta para se encontrar com seu marido, sra. Roydon? Ele não me parece o mais paciente dos homens.

– *Herr* Maisel tratará de fazê-la chegar a Ungelt em segurança. – O rabino Loew me garantiu. Olhou longamente para *Herr* Fuchs. – Acompanhe Diana até a rua, Abraão. Fique aqui comigo, *Herr* Fuchs, e me conte as novidades da Polônia.

– Muito obrigada, rabino Loew. – Fiz uma reverência de despedida.

– Foi um prazer, *Frau* Roydon. – O rabino deu uma pausa. – Se a senhora tiver um tempo reflita a respeito do que lhe disse mais cedo. Nenhum de nós pode se esconder para sempre.

– Pois é. – Face aos horrores que os judeus de Praga enfrentariam nos séculos seguintes desejei do fundo do coração que isso estivesse errado. Saí da casa acompanhada de *Herr* Maisel e Abraão e acenando com a cabeça para *Herr* Fuchs.

– Um momento, *Herr* Maisel – disse Abraão quando já estávamos fora dos ouvidos dos que estavam na casa.

– Seja breve, Abraão – disse *Herr* Maisel, afastando-se um pouco.

– Sei que a senhora está procurando algo em Praga, *Frau* Roydon. Um livro.

– Como sabe disso? – Senti um calafrio.

– Quase todos os bruxos da cidade sabem, mas a sua ligação com esse livro é visível. Acontece que está fortemente guardado e nem a tenacidade para encontrá-lo poderá libertá-lo. – O semblante de Abraão estava sério. – O livro precisa chegar às suas mãos ou se perderá para sempre.

– É só um livro, Abraão. A menos que nasçam pernas nele, basta ir ao

palácio de Rodolfo e pegá-lo.

– Sei o que estou dizendo – insistiu Abraão. – Se a senhora pedir, o livro chegará às suas mãos. Não se esqueça.

– Não esquecerei – garanti. *Herr* Maisel nos olhou fixamente. – Preciso ir. Muito obrigada por ter apresentado Yosef para mim.

– Que Deus a mantenha em segurança, Diana Roydon – disse Abraão, com ar solene e sério.

Fui escoltada por *Herr* Maisel durante o curto trajeto do bairro judeu à Cidade Antiga. A grande praça da Cidade Antiga estava repleta de gente. As torres gêmeas da igreja de Nossa Senhora de Tyn emergiam à esquerda e os frios contornos da Câmara Municipal se espremiam à direita.

– Se não encontrarmos *Herr* Roydon, é melhor pararmos para aguardar que o relógio bata as horas – disse *Herr* Maisel de modo apologético. – A senhora deve pedir permissão a ele para atravessar a ponte. Todo visitante de Praga faz isso.

Em Ungelt, os mercadores estrangeiros que negociavam sob a vista atenta dos oficiais alfandegários olharam para Maisel com franca hostilidade.

– Eis a sua esposa, *Herr* Roydon. Tratei de assegurar que as melhores lojas não passassem despercebidas para ela enquanto vínhamos ao seu encontro. Não terá problemas para achar os melhores artesãos de Praga que atendam às necessidades dela e da casa. – Maisel fez uma reverência para Matthew.

– Muito obrigado, *Herr* Maisel. Agradeço-lhe pela assistência e providenciarei para que Sua Majestade tome conhecimento da gentileza que nos concedeu.

– É minha função tratar da prosperidade do povo de Sua Majestade, *Herr* Roydon. E claro que também foi um prazer – disse Maisel. – Tomei a liberdade de alugar cavalos para a jornada de volta de vocês. Estão à espera nas proximidades do relógio da cidade. – Pôs o dedo no lado do

nariz e piscou os olhos em cumplicidade.

– Você pensa em tudo, *Herr* Maisel – murmurou Matthew.

– Alguém tem que fazer isso, *Herr* Roydon – disse Maisel.

Já de volta aos Três Corvos comecei a tirar a minha capa quando um esfregão voador ao lado de um menino de oito anos quase colidiu com meus pés. O esfregão estava ligado a uma língua cor-de-rosa e a um focinho preto e frio.

– O que é isso? – gritou Matthew, servindo-me de apoio para que eu pudesse localizar a coleira do esfregão.

– O nome dele é Lobero. Gallowglass disse que vai crescer muito e que mais tarde poderemos pôr uma sela em cima para montar nele. Annie também adorou. Já disse que ele vai dormir com ela, mas acho que vamos dividir. Vocês também gostaram? – perguntou Jack, dançando excitado.

– Esse pequeno esfregão veio com uma nota – disse Gallowglass, saindo do umbral da porta em direção a Matthew para entregar a nota.

– Preciso perguntar quem enviou essa criatura? – disse Matthew, pegando o papel.

– Ora, acredito que não – disse Gallowglass, estreitando os olhos. – Aconteceu alguma coisa enquanto estava fora, titia? A senhora não me parece muito bem.

– Só estou cansada – respondi, sacudindo a mão. O esfregão que tinha dentes e língua mordeu os meus dedos quando passei a mão em sua boca babada e coberta. – Ai!

– Isso tem que parar. – Matthew amassou a nota e jogou-a no chão. O esfregão se projetou sobre a bola de papel com um latido de alegria.

– O que diz a nota? – Eu já sabia quem tinha enviado o filhote.

– *Ich bin Lobero. Ich will euch aus den Schatten der Nacht zu schützen* – disse Matthew, com frieza.

Murmurei de impaciência.

– Por que Rodolfo continua escrevendo em alemão para mim? Ele sabe

que tenho muita dificuldade para entender.

– Sua Majestade se deleita por saber que terei de traduzir as declarações amorosas dele.

– Ora. – Fiz uma pausa. – O que diz a nota?

– Eu sou Lobero. Vou protegê-la da sombra da noite.

– E o que significa "Lobero"? – Ysabeau me contara... algumas luas atrás... que os nomes eram muito importantes.

– É um termo espanhol que significa "caçador de lobos", titia. – Gallowglass ergueu o esfregão. – Essa coisa fofinha é um cão de guarda húngaro. Lobero vai crescer tanto que será capaz de derrotar um urso. Eles são protetores ferozes... e noturnos.

– Um urso! Vou amarrar uma correia no pescoço dele quando a gente voltar pra Londres e ele vai aprender a lutar nas rinhas – disse Jack, com a excitação própria de toda criança. – Lobero é nome de valente, não é? Mestre Shakespeare vai querer usá-lo na próxima peça. – Esticou os braços para o filhote e Gallowglass entregou-lhe obedientemente aquela massa de pelo branco que esperneava. – Annie! Só vou alimentar o Lobero depois! – O menino subiu correndo a escada agarrado ao filhote.

– Devo levá-los para fora de casa por algumas horas? – perguntou Gallowglass depois de dar uma boa olhada no rosto contraído de Matthew.

– A casa de Baldwin está vazia?

– Está sem inquilinos, se é isso que quer dizer.

– Leve todos. – Matthew tirou a capa dos meus ombros.

– Até o Lobero?

– Principalmente o Lobero.

Durante o jantar Jack tagarelou como uma matraca enquanto provocava Annie e passava pedaços de comida para Lobero disfarçadamente. Junto às crianças e ao cachorro quase esqueci que Matthew reconsiderava os planos para a noite. Mas ele era um animal de

bando e alguma coisa dentro dele se aprazia em ter muitas vidas para tomar conta. Em contrapartida, era um predador e tive a incômoda sensação de que a presa naquela noite era eu. O predador venceu. Nem Tereza e Karolína puderam permanecer na casa.

– Por que mandou todos embora?

A essa altura estávamos ao pé da lareira do primeiro e principal andar da casa, onde os agradáveis aromas do jantar ainda impregnavam o ar.

– O que aconteceu essa tarde? – devolveu a pergunta Matthew.

– Primeiro responda a minha pergunta.

– Não me pressione. Não esta noite – disse ele.

– E você acha que *eu* tive um dia fácil? – O clima entre nós crepitou em fios azuis e pretos. Isso era sinistro e só piorava as coisas.

– Não. – Ele deslizou no encosto da poltrona. – Mas você está escondendo alguma coisa de mim, Diana. O que aconteceu com o bruxo?

Olhei fixamente para ele.

– Estou esperando.

– Pode esperar até o inferno congelar, Matthew, porque não sou a sua criada. Fiz uma pergunta para você. – Os fios se tornaram roxos e começaram a enrolar e a distorcer.

– Mandei todos embora para que não testemunhassem nossa conversa. E então, o que aconteceu? – O aroma de cravo-da-índia era fulminante.

– Conheci o *golem*. E o criador dele, um tecelão judeu chamado Abraão que também tem o poder de dar vida.

– Já lhe falei que não gosto quando você mexe com a vida e a morte. – Ele se serviu de mais vinho.

– Você mexe com isso o tempo todo e aceito porque isso faz parte de você. Portanto, também deverá aceitar que isso faz parte de mim.

– E quem é esse Abraão? – perguntou ele.

– Meu Deus, Matthew. Não acredito que esteja com ciúme porque conheci um outro tecelão.

– Com ciúme? Eu? Faz muito tempo que superei essa emoção dos sangues-quentes. – Ele sorveu um bom gole de vinho.

– Por que esta tarde foi diferente dos outros dias em que nos separávamos e você ficava fora para trabalhar para a Congregação ou para o seu pai?

– Foi diferente porque sinto o cheiro de cada pessoa que esteve com você hoje. Já é ruim que sempre esteja com o cheiro de Annie e Jack. Gallowglass e Pierre procuram não tocar em você, mas não podem evitar. Estão sempre ao seu redor. E não contente com isso ainda acrescenta os cheiros de Maharal e de *Herr* Maisel, e de pelo menos mais dois outros homens. O único cheiro que suporto misturado com o seu é o meu, mas não posso mantê-la numa gaiola e tento suportar o máximo que posso. – Ele largou a taça e se pôs de pé para se manter um pouco distante de mim.

– Para mim isso soa como ciúme.

– Não é ciúme. Consigo lidar com isso – disse ele furioso. – O que sinto agora é uma sensação devastadora de perda e raiva por não ter uma impressão clara de *você* em meio ao caos da vida, e pelo visto não consigo controlar isso. – As pupilas dele dilatavam cada vez mais.

– Isso porque você é um vampiro. Você é possessivo. Você é isso – retruquei de chofre, aproximando-me apesar de toda a fúria que ele sentia. – E eu sou uma bruxa. Você prometeu me aceitar como sou... luminosa e sombria, mulher e bruxa, indivíduo e esposa. – E se ele mudasse de ideia? E se já não estivesse mais disposto a ter coisas imprevisíveis em sua vida?

– Aceito-a como você é. – Ele esticou a mão e tocou no meu rosto com delicadeza.

– Não, Matthew. Você me tolera porque acha que um dia deixarei que minha magia se submeta. Segundo o rabino Loew, às vezes tolerância é alienação, uma forma de se pôr de fora. Minha magia não é algo que pode ser administrado. Minha magia sou *eu*. E não vou fingir para você. O amor não é isso.

– Tudo bem. Nada de fingimentos.

– Ótimo. – Suspirei de alívio, mas o alívio não durou muito.

Numa fração de segundo Matthew me tirou da poltrona, encostou-me à parede e pressionou a perna por entre as minhas coxas. Soltou uma mecha do meu cabelo que descaiu pelo pescoço até o seio. Inclinou a cabeça sem me soltar e comprimiu os lábios na beira do meu corpete. Estremeci. Fazia tempo que não me beijava ali e desde o meu aborto quase não tínhamos vida sexual. Roçou os lábios pelo meu queixo e pelas veias do meu pescoço.

Eu o agarrei pelo cabelo e afastei a cabeça dele.

– Não. A menos que planeje terminar o que começou. Já tenho beijos culpados suficientes para uma vida inteira.

Ele soltou os cordões da calça com um movimento estonteante de vampiro, levantou as minhas saias até a cintura e me penetrou. Não era a primeira vez que me colocava contra a parede para esquecer os problemas por alguns instantes preciosos. Algumas vezes eu mesma fora o agressor.

– Isto só tem a ver com você e eu... com mais ninguém. Nem com as crianças. Nem com o maldito livro. Nem com o imperador e os presentes dele. O único cheiro que quero sentir nesta casa esta noite é o seu.

Agarrou-me pelas nádegas e com as mãos não deixou que me machucasse durante as investidas que me apertavam contra a parede. Agarrei a gola da camisa e o puxei pelo rosto de encontro a mim, na ânsia de sentir o gosto dele. Mas ele não se deixou controlar por um beijo porque já estava louco para fazer amor. Persisti nas tentativas de controlar a situação com os lábios afoitos e pedintes, mas ele mordiscou o meu lábio inferior como aviso.

– Oh, Deus! – exclamei sem fôlego quando o ritmo firme levou os meus nervos ao espasmo. – Oh...

– Esta noite não divido você nem mesmo com Ele. – Matthew me beijou, sufocando a minha exclamação. Continuou agarrado às minhas

nádegas com uma das mãos enquanto iniciava um mergulho por entre as minhas pernas com a outra.

– De quem é seu coração, Diana? – perguntou ele, fazendo um movimento com o dedo que quase me tirou do limite da sanidade. Moveu e moveu à espera de uma resposta. – Diga-me – grunhiu.

– Você sabe a resposta – disse. – Meu coração é seu.

– Só meu – disse ele, movimentando o dedo até finalmente aliviar a minha tensão.

– Só... para sempre... seu. – Ofeguei de pernas trêmulas em volta dos quadris dele. Abaixei os pés.

Matthew também estava ofegante e nos encostamos de testa. Ele abaixou as minhas saias e transpareceu uma centelha de remorso com os olhos. Beijou-me de um modo amável e quase casto.

Acabávamos de fazer amor e nem isso o saciara naquilo que o levara a me perseguir novamente, mesmo sabendo que eu era inquestionavelmente dele. Foi quando comecei a me preocupar com a possibilidade de que talvez nada o saciasse.

Essa frustração borbulhou e tomou a forma de uma contundente onda de ar que deslocou Matthew até a parede oposta. A mudança de posição o deixou de olhos escuros.

– E como foi para você, querido? – perguntei suavemente, pegando-o de surpresa. Estalei os dedos e o fiz se soltar do ar que o envolvia. Ele flexionou os músculos enquanto retomava a mobilidade. Abriu a boca para falar. – Não ouse pedir desculpas – eu disse com veemência. – Eu teria dito não se você tivesse me tocado de outro jeito.

Ele apertou a boca.

– Não posso deixar de pensar no seu amigo Giordano Bruno: *"O desejo me instiga enquanto o medo me freia."* Não temo o seu poder nem a sua força nem qualquer outra coisa sua – disse. – Do que *você* tem medo, Matthew?

Lábios culpados roçaram nos meus lábios. O sussurro de uma brisa sacudiu as minhas saias e me fez perceber que ele preferia fugir a responder.



– Mestre Habermel passou por aqui. Seu compêndio está na mesa. – Matthew não tirou mais os olhos das plantas do Castelo de Praga obtidas com os arquitetos do imperador. Nos últimos dias me deixara em paz ao se ocupar em canalizar a energia no trabalho de desencavar os segredos da guarda do palácio para violar a segurança de Rodolfo. Eu o tinha feito lembrar o conselho de Abraão, mas ele preferiu uma estratégia proativa. Ele nos queria fora de Praga. Imediatamente.

Cheguei perto dele e recebi um olhar irrequieto e faminto.

– Isso é apenas um presente. – Tirei as luvas e o beijei com ardor. – Meu coração é seu. Lembra?

– Isso não é apenas um presente. Foi acompanhado por um convite para uma caçada amanhã. – Matthew me abraçou pelos quadris. – Gallowglass já informou que aceitamos. Ele encontrou um caminho para os aposentos do imperador, seduzindo uma pobre aia para que lhe mostrasse a coleção de pinturas eróticas de Rodolfo. Parte da guarda do palácio estará caçando conosco e outra parte, tirando uma soneca. Gallowglass acha que é uma boa hora para procurar o livro.

Olhei para outro embrulho na escrivaninha de Matthew.

– Já sabe o que é isso?

Ele assentiu com a cabeça. Esticou-se e pegou o embrulho.

– Você está sempre recebendo presentes de outros homens. Este aqui é meu. Estenda a mão.

Fiz o que me pediu intrigada.

Ele apertou uma coisa redonda e sedosa na palma da minha mão. Era

do tamanho de um ovinho.

Uma corrente de metal fria e pesada girou em torno do misterioso ovo enquanto pequenas salamandras enchiam a minha mão. Eram feitas de prata e ouro, com diamantes incrustados atrás. Ergui uma das criaturas que fez erguer a corrente pontilhada de salamandras emparelhadas, com as cabeças unidas à boca e as caudas entrelaçadas. Restou um rubi aninhado na palma da minha mão. Um rubi bem grande e bem vermelho.

– É maravilhoso! – Olhei para ele. – Quando encontrou tempo para comprar isto? – Não era o tipo de corrente que um ourives tinha à mão para os clientes.

– Faz algum tempo que está comigo – disse Matthew. – Papai mandou junto com o retábulo. Não sabia se você gostaria disso.

– Claro que gosto disso. As salamandras são alquímicas, você sabe. – Dei outro beijo nele. – Além do mais, que mulher não gostaria de uma corrente de prata e ouro, salamandras de diamantes e um rubi tão grande que mal caberia num oveiro?

– Ganhei as salamandras de presente do rei quando retornei à França em 1541. O rei Francisco escolheu a salamandra em chamas para o emblema real cujo lema era *"Nutro e extingo"*. – Ele deu uma risada. – Kit adorou tanto a ideia que a tomou para si: *"O que me nutre me destrói."*

– Definitivamente, Kit é um demônio pessimista – comentei também rindo. Peguei uma salamandra que cintilou à luz das velas. Disse alguma coisa e me detive.

– O que foi? – perguntou ele.

– Já deu isto para alguém... antes? – A súbita insegurança após a noite anterior soou embaraçosa.

– Não – respondeu ele, pegando-me pela mão.

– Desculpe. Sei que isso é ridículo, ainda mais se levarmos em conta o comportamento de Rodolfo. Afinal, é melhor não ficar imaginando. Mas se algum dia me der alguma coisa que já deu para Eleanor ou para

qualquer outra não esqueça de me avisar.

– Nunca lhe daria alguma coisa que já tivesse dado para outra, *mon coeur*. – Ele esperou que olhasse nos olhos dele. – Seu dragão de fogo me trouxe o presente de Francisco à lembrança e resolvi pedir ao meu pai que o tirasse de onde estava guardado. A corrente foi usada por mim durante algum tempo. E depois a coloquei numa caixa e não saiu mais dali.

– Não é exatamente o tipo de joia que se usa no dia a dia – disse e esbocei um riso. Mas não funcionou. – Não sei o que há de errado comigo.

Matthew me tomou nos braços e me beijou.

– Meu coração é seu da mesma forma que o seu é meu. Nunca duvide disso.

– Não duvidarei.

– Bem. Temos que manter a cabeça no lugar porque Rodolfo está fazendo de tudo para nos abater. E depois teremos que sair de Praga o mais rápido possível.

As palavras de Matthew voltaram a me assombrar na tarde seguinte quando nos juntamos aos confrades de esporte mais próximos de Rodolfo na corte. O plano era cavalgar até a cabana de caça do imperador, na montanha Branca, e abater cervos, mas o tempo nublado nos deteve nas cercanias do palácio. Era a segunda semana de abril, mas a primavera se aproximava lerdamente de Praga e a neve ainda era visível.

Rodolfo chamou por Matthew e me deixou à mercê das mulheres da corte. Elas estavam curiosíssimas e inteiramente perdidas, sem saber o que fazer comigo.

O imperador e os confrades bebiam o vinho servido pelos criados à larga. Pensei na alta velocidade da iminente caçada e desejei que houvesse regras em relação à bebida e à cavalgada. Não que estivesse preocupada com Matthew. A não ser por uma coisa: estava muito comedido com a bebida. Até porque tinha pouca chance de morrer, mesmo que o cavalo se chocasse com uma árvore.

Dois homens se aproximaram, carregando um longo mastro apoiado nos ombros que serviria de poleiro para o esplêndido grupo de falcões que naquela tarde trariam as aves para baixo. Foram seguidos por dois outros homens que carregavam um pássaro de bico curvo letal encapuzado cujas pernas cobertas de penas marrons pareciam botas. Era um pássaro imenso.

– Ah! – disse Rodolfo, esfregando as mãos de contentamento. – Eis a minha águia, Augusta. Eu queria que *La Diosa* a visse, embora não seja possível fazê-la voar aqui. Ela precisa de um espaço mais amplo que o Fosso do Veado para caçar.

Augusta era um nome perfeito para uma criatura de porte tão altivo. A águia media quase um metro de altura e, mesmo encapuzada, mantinha a cabeça em ângulo arrogante.

– Ela sente que está sendo observada – murmurei.

Alguém traduziu a minha frase para o imperador, que sorriu para mim em aprovação.

– As caçadoras se reconhecem entre si. Tire o capuz dela. Que Augusta e *La Diosa* se conheçam.

Um velho encarquilhado de pernas arqueadas trouxe a águia com muita cautela para mais perto. Puxou as tiras de couro que prendiam o capuz à cabeça de Augusta e o retirou com todo cuidado. As penas douradas em torno do pescoço e da cabeça se arrepiaram com a brisa, realçando a textura da águia. Augusta abriu as asas frente à perspectiva de liberdade e de perigo, o que podia ser entendido como a promessa de um iminente voo ou de um aviso.

Mas eu não era a única que Augusta queria conhecer. Ela girou a cabeça com um instinto certeiro em direção ao único predador presente e mais perigoso que ela. Matthew olhou melancolicamente para ela. A águia retribuiu a simpatia com um grito.

– Eu não trouxe Augusta para divertir *Herr* Roydon e sim para conhecer *La Diosa* – resmungou Rodolfo.

– E agradeço-lhe pela apresentação, Sua Majestade – disse na tentativa de mudar o mau humor do monarca.

– Não sei se a senhora sabe que Augusta já abateu dois lobos – disse Rodolfo, desviando os olhos para Matthew. As penas do imperador se mostravam mais farfalhantes que as da águia. – E nas duas vezes em lutas sangrentas.

– Se eu fosse o lobo simplesmente me deitaria e deixaria que a dama fizesse o serviço – disse Matthew, com displicência.

Naquela tarde, ele era o próprio cortesão, trajando um conjunto cinza e verde e com o cabelo sob uma boina que, se por um lado protegia pouco contra o tempo, por outro era um meio de exibir um broche prateado – o ouroboros da família De Clermont. Isso era para Rodolfo não se esquecer de com quem lidava.

Os outros cortesãos sorriram diante do comentário ousado. Rodolfo primeiro se certificou de que os risos não eram dirigidos para ele e depois se juntou aos outros.

– Isso é outra coisa que temos em comum, *Herr* Roydon – disse, batendo no ombro de Matthew. Olhou-me dos pés à cabeça. – Nem eu nem você tememos uma mulher forte.

Já com a tensão quebrada, o falcoeiro recolocou Augusta no poleiro aliviado e perguntou que ave o imperador queria usar para abater o tetraz real naquela tarde. Rodolfo se voltou para o grupo de aves. Escolheu um falcão-gerifalte e os arquiduques austríacos e príncipes alemães lançaram-se avidamente sobre os falcões restantes até que restasse apenas um. Era um falcão pequeno que tremia de frio. Matthew então tratou de pegá-lo.

– Essa é uma ave de mulher – disse Rodolfo, bufando e ajeitando-se na sela. – Eu a trouxe para *La Diosa*.

– Apesar do nome, Diana não gosta de caça. Mas isso não importa. Ficarei com o esmerilhão – retrucou Matthew. Segurou as jesses, estendeu a mão e a ave pulou no punho da luva e ali se empoleirou. – Olá, beleza –

murmurou enquanto a ave se firmava com passinhos que fizeram os guizos tilintar.

– Ela se chama Šárka – sussurrou o mateiro, sorrindo.

– É tão inteligente quanto a xará? – perguntou Matthew.

– Muito mais – respondeu o velho ainda sorrindo.

Matthew se curvou e pegou com os dentes um dos cordões que prendiam o capuz da ave. Ficou com a boca tão perto de Šárka e com tal intimidade que o gesto podia ser confundido com um beijo. Puxou o cordão para trás. Em seguida foi fácil remover o capuz com uma das mãos e levar a venda de couro decorativa para dentro do bolso.

Šárka pestanejou quando enxergou a paisagem. E pestanejou novamente quando olhou para mim e para o homem que a segurava.

– Posso tocá-la? – As suaves camadas de penas marrons e brancas eram irresistíveis.

– Eu não aconselharia. Ela está faminta. Não acho que vai receber uma porção justa das matanças – disse Matthew. Olhou novamente para ela, com ar tristonho, melancólico. Šárka emitiu ruídos baixinhos de contentamento, com os olhos fixos em Matthew.

– Ela gosta de você. – Isso não era de espantar. Ambos eram caçadores por instinto e ambos estavam acorrentados e não podiam extravasar o ímpeto de rastrear e matar.

Cavalgamos ao longo de um caminho sinuoso até o desfiladeiro de um rio que antes era um fosso do palácio. Já não havia rio e o desfiladeiro estava cercado para manter a privacidade do esporte do imperador. Veados vermelhos, corças e javalis rondavam pelos arredores. Leões e outros grandes felinos do zoológico também perambulavam por ali nos dias que Rodolfo preferia caçar com eles a caçar com aves.

Fiquei surpresa porque esperava um verdadeiro caos e a coreografia da caçada era tão precisa quanto a de um balé. Rodolfo libertou o falcão-gerifalte no ar e as aves empoleiradas nas árvores alçaram voo como uma

nuvem para não se tornarem elas próprias uma refeição. O falcão-gerifalte fez um voo rasante por cima da vegetação, com o vento a sacudir os guizos presos em seus pés. Tetrazes emergiram assustados e apressados de esconderijos, e bateram as asas em todas as direções antes de alçar voo. O falcão-gerifalte se curvou para um lado, selecionou um alvo e se projetou para a frente a fim de acuá-lo e pegá-lo com as garras e o bico. O tetraz se precipitou do céu e o falcão saiu em sua perseguição até o solo sem piedade, onde finalmente feriu o tetraz assustado e o matou. Os mateiros soltaram os cães e saíram correndo atrás naquele solo coberto de neve. Foram seguidos pelos cavalos e os gritos triunfantes dos homens se sobrepuseram aos latidos dos cães.

Cavalos e cavaleiros chegaram ao local e o falcão mantinha as asas fechadas por cima do tetraz, como se para impedir que outros o pegassem. Matthew adotara uma postura similar na Biblioteca Bodleiana, e senti quando ele cravou os olhos em mim, como se para se certificar de que eu estava por perto.

O imperador tinha então a primeira ave abatida e os demais estavam livres para se juntar à caçada. Juntos, caçaram mais de cem aves, o bastante para alimentar um bom número de cortesãos. Só houve uma altercação. E claro que teria que ser entre o magnífico e prateado falcão-gerifalte de Rodolfo e o pequeno esmerilhão marrom e branco de Matthew.

Matthew colocou-se a distância do bando de falcões machos e soltou o esmerilhão à esteira dos outros falcões, e não se apressou em se dirigir até o tetraz que a ave levara ao solo. Nenhum dos outros homens desmontou, mas Matthew desmontou e afastou Šárka, com sussurros e um pedaço de carne que cortou da preciosa presa.

Em outro momento, porém, Šárka não conseguiu se manter atrás do tetraz que perseguia. E ao escapar, o tetraz voou em direção ao falcão-gerifalte de Rodolfo. Šárka se recusou a ceder. O gerifalte era bem maior,

mas Šárka era mais tenaz e mais ágil. O pequeno esmerilhão fez um voo tão rasante em perseguição ao tetraz que quando passou por cima da minha cabeça senti a mudança na pressão do ar. Šárka era muito pequenina, menor até que o tetraz e definitivamente suplantada pelo porte descomunal da águia do imperador. O tetraz saiu em voo para o alto, mas não conseguiu escapar. Pois Šárka rapidamente mudou de curso e cravou as garras na presa, e o peso das duas aves puxou-a para baixo. O falcão-gerifalte gritou indignado e frustrado, e Rodolfo aderiu ao protesto da ave.

– Sua ave se interpôs no caminho da minha – disse Rodolfo furioso quando Matthew tocou o cavalo em frente para buscar o esmerilhão.

– Ela não é minha ave, Majestade – disse Matthew. Šárka inflou em cima da presa e abriu as asas para parecer maior e mais ameaçadora e soltou um forte piado quando Matthew se aproximou. Ele murmurou algo que soou vagamente familiar e amoroso e a postura da ave então apaziguou. – Šárka pertence ao senhor. E hoje provou fazer jus ao nome da grande guerreira boêmia.

– Esse era o nome de uma guerreira, meu marido?

Matthew interrompeu o que dizia e sorriu.

– Sim, minha esposa. A Šárka real era pequena e corajosa, exatamente como a ave do imperador, e sabia que a maior arma de um guerreiro encontra-se entre as orelhas. – Ele bateu na própria cabeça para que todos entendessem a mensagem. Rodolfo não só a entendeu como pareceu perplexo.

– Šárka se parece um pouco com as damas de Malá Strana – comentei em tom seco. – E como ela usou a própria inteligência?

Soou a voz de uma jovem desconhecida antes que Matthew pudesse responder.

– Šárka derrotou uma tropa de soldados – explicou ela em um latim fluente e carregado de um forte sotaque tcheco. Um homem de barba branca que presumi ser o pai olhou para ela com ar de aprovação e a fez

ruborizar.

– Verdade? – perguntei interessada. – Como?

– Fingiu que precisava ser libertada e convidou os soldados para celebrar a liberdade com muito vinho. – Outra mulher mais velha com um nariz aquilino que rivalizava com o de Augusta bufou de desdém. – Os homens sempre sucumbem a isso.

Caí na risada. Para a surpresa da jovem, a velha dama aristocrata de nariz aquilino também caiu na risada.

– Imperador, receio que as damas não desejam que a heroína delas leve a culpa pelas faltas dos outros. – Matthew pôs a mão no bolso para pegar o capuz e o enfiou delicadamente na cabeça da orgulhosa Šárka. Inclinou-se e apertou o cordão com os dentes. O mateiro levou o esmerilhão sob aplausos.

Saímos em direção a uma casa branca de telhado vermelho ao estilo italiano localizada na extremidade do terreno do palácio para nos refrescar e digerir alguma coisa, se bem que preferi ficar nos jardins onde floresciam narcisos e tulipas. Alguns outros membros da corte se juntaram a nós, entre os quais o azedo Strada, mestre Hoefnagel e Erasmus Habermel, o criador de instrumentos a quem agradeci pelo meu compêndio.

– Tudo que precisamos para espantar o tédio, agora que a Quaresma está quase no fim, é de uma festa de primavera – disse um jovem cortesão em voz alta. – O senhor não acha o mesmo, Majestade?

– Uma encenação? – Rodolfo tomou um gole de vinho e olhou fixamente para mim. – Então, o tema da festa deveria ser Diana e Actaeon.

– É um tema muito comum, Majestade, e nada inglês – disse Matthew de má vontade. Rodolfo ruborizou. – Talvez devêssemos fazer Deméter e Perséfone. Combina mais com a estação.

– Ou a história de Odisseu – sugeriu Strada, lançando-me um olhar fulminante. – *Frau* Roydon poderia representar Circe e nos tornar porquinhos.

– Interessante, Ottavio – disse Rodolfo, levando o dedo indicador ao lábio inferior. – Talvez eu goste de representar Odisseu.

Não em vida, pensei. Não com a cena da cama e com Odisseu fazendo Circe prometer que não lhe tiraria a masculinidade.

– Eu gostaria de oferecer uma sugestão – eu disse ansiosa para evitar o desastre.

– É claro, é claro. – Rodolfo se apressou em dizer, dando uma palmadinha na minha mão.

– A história que tenho em mente requer alguém que faça o papel de Zeus, o rei dos deuses – disse para o imperador, retirando educadamente a minha mão.

– Eu seria um Zeus convincente. – Ele se apressou em dizer, com um sorriso iluminado no rosto. – E a senhora representaria Calisto?

Absolutamente, não. Jamais deixaria Rodolfo fingir apoderar-se de mim e me engravidar.

– Não, Majestade. Se o senhor insiste que eu tome parte da peça, gostaria de fazer o papel da deusa da lua. – Levei a mão à dobra do braço de Matthew.

– E para expiar uma observação anterior, Matthew fará o papel de Endímion.

– Endímion? – O sorriso de Rodolfo pareceu vacilante.

– Pobre Rodolfo. De novo vencido – murmurou Matthew, apenas para o meu ouvido. – Endímion, Majestade – disse em seguida alto e bom som –, o bonito jovem a quem encantaram para dormir para sempre e assim preservar a própria imortalidade e a castidade de Diana.

– Conheço a lenda, *Herr* Roydon! – frisou Rodolfo.

– Peço-lhe desculpas, Majestade. – Matthew fez uma reverência graciosa, embora superficial. – Diana ficará esplêndida quando chegar de carruagem e olhar com ar melancólico para o amado.

Nesse momento Rodolfo assumiu um vermelho imperial. Fomos

retirados da presença real e saímos do palácio, e depois fizemos a breve descida até os Três Corvos.

– Só tenho um pedido – disse Matthew quando entramos pela porta. – Sou um vampiro, mas abril em Praga é muito frio. Em deferência à temperatura os modelos para os trajes de Diana e Endímion poderiam ser mais consistentes que uma simples lua crescente nos seus cabelos e um simples pano em volta dos meus quadris.

– Acabei de escalá-lo para o papel e você já está fazendo exigências artísticas! – Atirei-lhe uma indignação fingida. – Atores!

– Isso é o que você merece por trabalhar com amadores – disse Matthew sorrindo. – Já sei como a encenação deverá começar: *"E eis que de fendas nas nuvens eu vi surgir / A mais adorável lua que paira prateada / Uma concha para ser a taça de Netuno."*

– Você não pode usar Keats! – Sorri. – Ele é um poeta romântico... nós estamos trezentos anos adiantados.

– *"Ela elevou / Tão apaixonadamente luminosa, minha alma fascinada / Entrelaçada a esferas prateadas, ela rolou / Pelo claro e nublado, mesmo quando se foi / Finalmente, para uma tenda escura e vaporosa"* – declamou ele com dramaticidade e me tomou nos braços.

– E suponho que vai querer que *eu* encontre uma tenda para você – disse Gallowglass, descendo pesadamente pela escada.

– E alguns carneiros. Ou talvez um astrolábio. Endímion tanto pode ser pastor como astrônomo – disse Matthew, pesando as opções.

– O guarda de caça de Rodolfo nunca vai se separar de um daqueles estranhos carneiros, de modo que você terá de ser um astrônomo.

– Matthew pode usar o meu compêndio. – Olhei ao redor. Talvez estivesse na cornija da lareira, longe do alcance de Jack. – Onde está?

– Annie e Jack estão mostrando-o para o Esfregão. Acham que ele é encantado.

Até então não havia reparado nos fios prateados, dourados e cinzentos

que estavam saindo da lareira e subindo pela escada. Saí apressada para encontrar as crianças e descobrir o que estava acontecendo com o compêndio e acabei pisando na bainha da saia. A bainha já estava toda amassada quando alcancei Annie e Jack.

Annie e Jack estavam com o pequeno compêndio de bronze e prata aberto como um livro, as alas internas abriam-se até as extremidades. Rodolfo desejara me dar algo com que pudesse rastrear os movimentos celestes e Habermel se superara. O compêndio continha um relógio solar, uma bússola, um mecanismo para calcular a extensão das horas nas diferentes estações do ano, um intrincado volvele lunar cujas engrenagens serviam para indicar datas, horas, signos regentes do zodíaco e fases da lua e ainda uma tábua de latitude que incluía (a meu pedido) as cidades de Roanoke, Londres, Lyon, Praga e Jerusalém. Uma das alas tinha uma coluna onde se podia inserir uma das tecnologias mais quentes da época: uma lousa feita de um papel preparado de maneira a se poder escrever em cima e depois apagar para escrever de novo.

– Olhe só, Jack, está fazendo aquilo de novo – disse Annie, observando o instrumento. Esfregão, que a essa altura já não se chamava Lobero a não ser para Jack, começou a latir e a sacudir vigorosamente o rabo quando o volvele lunar começou a girar por conta própria.

– Aposto um centavo que a lua cheia estará na janela quando o pino parar de girar – disse Jack, cuspindo na própria mão e estendendo-a para Annie.

– Nada de apostas – rebati automaticamente, agachando-me ao lado de Jack.

– Jack, quando é que isso começou? – perguntou Matthew, afastando Esfregão.

– Desde que *Herr* Habermel mandou pra cá – respondeu Annie.

– Esse pino gira o dia todo ou só de vez em quando? – perguntei.

– Só uma ou duas vezes. E a bússola só girou uma vez. – Annie se

mostrou infeliz. – Eu devia ter contado para a senhora. Já sabia desde o início que isso era mágico.

– Está tudo bem. – Sorri para ela. – Não houve dano algum. – Coloquei o dedo no centro do volvele e ordenei que parasse. O instrumento parou. As revoluções se detiveram e os fios prateados e dourados em volta do compêndio foram se dissolvendo aos poucos, deixando para trás apenas o cinzento. Não demorou e esse fio se perdeu entre os muitos fios coloridos que enchiam a casa.

– O que isso significa? – perguntou Matthew mais tarde, quando a casa estava silenciosa e o compêndio não estava mais ao alcance das crianças. Eu o colocava em cima do dossel da nossa cama. – É bom que saiba que todo mundo esconde as coisas em cima do dossel. Será o primeiro lugar onde Jack vai procurar.

– Alguém está em nosso encalço. – Peguei o compêndio e procurei um outro lugar para escondê-lo.

– Em Praga? – Matthew estendeu a mão e entreguei o pequeno instrumento que ele guardou dentro do gibão.

– Não. No tempo.

Ele sentou-se na cama e soltou um palavrão.

– Por minha culpa. – Olhei para ele envergonhada. – Tentei tecer um feitiço para que o compêndio me avisasse quando alguém quisesse pegá-lo. Era um feitiço para evitar que Jack se metesse em alguma encrenca. Acho que preciso voltar para a prancheta.

– O que a faz pensar que é alguém em outro tempo? – perguntou Matthew.

– O volvele lunar é um calendário perpétuo. As engrenagens estavam girando, como se na tentativa de inserir informações para além de suas especificações técnicas. Isso me fez pensar nas palavras em movimento do Ashmole 782.

– Talvez o movimento da bússola também esteja indicando que alguém

está em nosso encalço em outro lugar. Da mesma forma que o volvele lunar, a bússola não pode encontrar o verdadeiro norte porque foi solicitada a indicar duas direções: uma para nós, em Praga, e outra para outra pessoa.

– Acha que é Ysabeau ou Sarah e que elas precisam de nossa ajuda? – Ysabeau é que enviara a cópia do *Fausto* a Matthew para nos ajudar a chegar em 1590.

– Não – respondeu ele, com uma voz firme. – Elas não nos extraditariam. É outra pessoa. – Cravou os olhos cinza-esverdeados em cima de mim. O olhar inquieto e culpado estava de volta.

– Está me olhando como se de alguma maneira eu o tivesse traído. – Sentei na cama ao lado dele. – Se não quiser que eu participe da encenação, tudo bem, não participo.

– Não é isso. – Ele se levantou e se afastou. – Você ainda está escondendo alguma coisa de mim.

– Não há quem não mantenha coisas só para si, Matthew – retruquei. – Coisinhas sem importância. E às vezes até coisas grandes, como fazer parte da Congregação, por exemplo. – As acusações me doeram porque eu ainda não sabia tudo sobre ele.

As mãos de Matthew me pegaram subitamente pelos ombros e me ergueram.

– Você nunca vai me perdoar por isso. – Os olhos dele escureceram e os dedos se enterraram nos meus braços.

– Você me prometeu que iria tolerar os meus segredos – disse. – O rabino Loew está certo. Tolerância não é o bastante.

Ele me deixou de lado com um impropério. Ouvi os passos de Gallowglass na escada e os balbucios sonolentos de Jack no saguão lá embaixo.

– Estou levando Jack e Annie para a casa de Baldwin – disse Gallowglass da porta. – Tereza e Karolína já se foram. Pierre irá comigo, e

também o cachorro – acrescentou em voz baixa. – Vocês assustam o garoto quando discutem e ele já teve medo o bastante na vida. Ou vocês mesmos saem ou levarei as crianças de volta para Londres e os deixarei aqui com suas briguinhas. – Os olhos azuis de Gallowglass faiscaram.

Matthew sentou-se silenciosamente em frente à lareira e acendeu o fogo, com uma taça de vinho na mão e uma expressão sombria no rosto. Levantou-se depois que o grupo saiu e se dirigiu à porta.

Libertei o meu dragão de fogo sem pestanejar. *Pare-o*, dei ordem de comando. Ela o sobrevoou e o cobriu com uma névoa cinzenta, e ao chegar à porta se solidificou e estendeu as asas ao longo do batente. Quando Matthew se aproximou, uma língua de fogo se projetou para fora da boca do dragão em sinal de aviso.

– Você não vai a lugar algum – disse. Tive que me conter para não elevar o tom da voz. Ele podia ser mais forte que eu, mas não podia vencer o meu dragão de fogo. – Essa minha familiar é meio parecida com Šárka: pequena, porém corajosa. Eu não a provocaria.

Matthew se virou, agora com os olhos frios.

– Se está zangado comigo, diga de uma vez. Se eu fiz alguma coisa que o aborreceu, diga de uma vez. Se você deseja terminar com esse casamento, tenha coragem de fazer isso claramente para que eu possa... possa me recuperar. Pois acabará me destruindo se continuar a me olhar como se não quisesse que estivéssemos casados.

– Eu não tenho o menor desejo de terminar com esse casamento – disse ele convicto.

– Então, seja meu marido. – Caminhei até ele. – Sabe o que pensei enquanto estava observando o voo daquelas aves maravilhosas? "É assim que Matthew seria se conseguisse se libertar." E quando você pôs o capuz em Šárka, cegando-a para que não pudesse caçar nem matar como pediam os instintos dela, o seu olhar era o mesmo olhar de pesar com que me deparo a cada dia desde que perdi o bebê.

– Não se trata do bebê. – Os olhos dele agora refletiam ameaça.

– Pois é. Trata-se de mim. E de você. E de algo tão terrível que nem você consegue entender: apesar dos seus alardeados poderes de vida e morte, você não consegue controlar nada e não consegue manter nem a mim... nem a quem mais possa amar, distante da dor.

– E você acha que foi a perda do bebê que trouxe isso à tona?

– E o que mais seria? Sua culpa em relação a Lucas e a Blanca quase o destruiu.

– Você está enganada. – Ele tocou no meu cabelo e puxou o nó das tranças, liberando o aroma de camomila e hortelã do meu sabonete. As pupilas dele pareciam tingidas e muito maiores. Depois de me cheirar intensamente, os olhos dele esverdearam um pouco.

– Diga-me então o que é.

– Isto.

Matthew pegou as pontas do meu corpete e o abriu ao meio. Afrouxou o cordão que sustentava o amplo decote da blusa que escorregou pelos meus ombros, deixando os meus seios expostos. Seguiu com o dedo pela veia azul que se sobressaía pelos meus seios e terminou por baixo das pregas do tecido.

– Durante toda a vida a cada dia lutei comigo mesmo para me controlar. Luto contra minha raiva nem assim a doença esmorece. Luto contra a fome e a sede porque não acho certo tomar o sangue de outras criaturas... nem mesmo dos animais, mesmo sabendo que é melhor recorrer ao sangue animal do que ao de humanos que encontre pela rua. – Olhou no fundo dos meus olhos. – E estou em guerra comigo mesmo para superar o desejo incontrolável de possuí-la de corpo e alma de um modo inimaginável para qualquer sangue-quente.

– Você quer o meu sangue – sussurrei, apercebendo-me repentinamente. – Você mentiu para mim.

– Eu menti para mim mesmo.

– Já lhe pedi... inúmeras vezes... que não fizesse isso – disse. Rasguei a blusa e pendi a cabeça para o lado, deixando a jugular exposta. – Sirva-se. Não me importo. Só quero você de volta. – Sufoquei um soluço.

– Você é o meu par. Nunca tomaria o sangue do seu pescoço por vontade própria. – Matthew encostou os dedos frios na minha pele e pôs a minha blusa no lugar. – Só fiz isso em Madison porque estava muito fraco para me deter.

– O que há de errado com o meu pescoço? – perguntei confusa.

– Vampiros só mordem pescoços de desconhecidos ou de subordinados. Não de amantes. E nunca dos seus pares.

– Domínio e alimentação – disse, repensando as primeiras conversas que tivemos sobre vampiros, sangue e sexo. – Ou seja, na maioria das vezes os humanos são mordidos no pescoço. Há um fundo de verdade na lenda do vampiro.

– Os vampiros mordem os seus pares aqui – continuou ele –, perto do coração. – Apertou os lábios na pele desnuda por cima da ponta do meu decote outra vez. No mesmo ponto em que me beijara na noite de núpcias em meio a um turbilhão de emoções.

– Achei que só me beijava aí por simples luxúria – comentei.

– Não há nada de simples no desejo dos vampiros que tomam o sangue desta veia. – Ele roçou a boca ao longo da linha azul um centímetro abaixo, e apertou os lábios naquele ponto mais uma vez.

– Mas se não se trata de domínio nem de alimentação, do que se trata então?

– Honestidade. – Os olhos dele se encontraram com os meus ainda mais negros que verdes. – Os vampiros guardam muitos segredos para que sejam completamente honestos. Nunca dividimos todos os segredos verbalmente, mesmo porque quase sempre são muito complexos para fazer sentido, por mais que se tente isso. E no meu mundo existem interdições quanto a dividir segredos.

– Não é uma história para ser contada – disse. – Já ouvi essa frase diversas vezes.

– Nada deve se manter escondido depois que se toma o sangue da amante. – Ele olhou fixamente para o meu seio e de novo tocou na veia com a ponta do dedo. – Chamamos essa veia de veia do coração. O sangue é mais doce aqui. E a sensação é de completa posse e pertencimento... Mas isso também requer completo controle para que as fortes emoções que advêm daí não nos subjuguem. – A voz dele soou melancólica.

– E você não confia no seu próprio controle por causa da ira do sangue.

– Você já me viu acometido por essa ira. É acionada pelo sentimento de posse. E quem representa um perigo maior para você além de mim?

Deixei a blusa escorregar pelos ombros abaixo, e tirei os braços das mangas até ficar nua da cintura para cima. Tateei as amarras da saia e as desamarrei.

– Ninguém. – Os olhos dele escureceram ainda mais. – Ninguém aqui, caso eu...

– Caso você me drene? – Chutei a saia. – Se não conseguiu fazer isso quando Philippe estava ao seu lado, provavelmente não o fará com Gallowglass e Pierre por perto para ajudar.

– Isso não é assunto para piadas.

– Não. – Segurei as mãos dele. – Isso é assunto para marido e mulher. Algo que diz respeito à honestidade e à confiança. Não tenho nada a esconder de você. Se tomar o sangue da minha veia e com isso puser um ponto final na ânsia de caçar o que fantasia como sendo os meus segredos, então é isso o que fará.

– Isso não é algo que um vampiro faça de uma só vez. – Ele me alertou e se afastou de mim.

– Não achei que fosse. – Enlacei os cabelos à nuca de Matthew nos meus dedos. – Tome o meu sangue. Pegue os meus segredos. Faça o que os seus instintos bradam para que seja feito. Aqui não há capuzes nem jesses.

Poderá ser livre nos meus braços, mesmo que não o seja em nenhum outro lugar.

Levei a boca aos lábios dele. A princípio, ele reagiu com timidez, enlaçando-me os punhos com as mãos, como se para escapar na primeira oportunidade. Mas os instintos dele eram mais fortes, e o desejo, palpável. Os fios que ligavam o mundo se agitaram a minha volta, como se para dar espaço a emoções mais poderosas. Recuei amavelmente, com os seios empinados ao sabor da respiração.

Ele ficou tão apavorado que meu coração doeu. Mas nele também havia desejo. *Medo e desejo*. Não era de estranhar que tivesse escolhido essas palavras para o ensaio que lhe valera uma bolsa na All Souls. Quem melhor que um vampiro poderia entender a guerra travada entre medo e desejo?

– Eu te amo – sussurrei, soltando os braços e deixando-os estendidos para baixo. Ele tinha que fazer aquilo sozinho. Eu não poderia levar a minha veia aos dentes dele.

Foi uma espera angustiante, até que finalmente Matthew abaixou a cabeça. Meu coração bateu descompassado quando ele inspirou uma abundante golfada de ar.

– Mel. Você sempre cheira a mel – murmurou de felicidade pouco antes de penetrar os dentes afiados na minha pele.

Na vez anterior em que bebera o meu sangue, primeiro ele anestesiara o local com o próprio sangue para que não me submetesse à dor. Mas dessa vez não fez o mesmo, se bem que a pressão da boca na minha carne logo a deixou anestesiada. Enlaçou-me com os braços enquanto me angulava para trás em direção à cama. Fiquei suspensa no ar, esperando que se saciasse a ponto de perceber que não havia nada entre nós senão amor.

Matthew deteve-se uns trinta segundos depois de ter começado. E me olhou com surpresa, como se tivesse descoberto algo inesperado. Ficou com os olhos completamente escuros e, por uma fração de segundo,

cheguei a pensar que a ira do sangue viria à tona.

– Está tudo bem, meu amor – sussurrei.

Ele abaixou a cabeça e sorveu um pouco mais do meu sangue e dos meus pensamentos até descobrir o que precisava. Isso levou pouco mais de um minuto. Depois do qual beijou a região em cima do meu coração, com o mesmo semblante de gentil reverência que mostrara em nossa noite de núpcias em Sept-Tours, e me olhou com recato.

– O que encontrou? – perguntei.

– Você. Só você – murmurou ele.

Enquanto me beijava o recato rapidamente se transformou em ânsia e logo estávamos entrelaçados. Fazia algumas semanas que não fazíamos amor, afora a breve relação que tivéramos de encontro à parede, e nosso ritmo então se mostrou a princípio desajeitado, mas depois relembramos do nosso próprio movimento. Fui me enroscando cada vez mais nele. Mais um rebolado, mais um beijo bem dado e já estava prestes a voar.

Em contrapartida, Matthew diminuiu o ritmo. Nossos olhos se encontraram. Nunca o tinha visto como naquele momento: vulnerável, esperançoso, lindo e livre. Já não havia segredos entre nós, já não havia emoções resguardadas para o caso de algum desastre, e fomos então transportados para lugares sombrios onde a esperança não sobreviveria.

– Consegue me sentir? – Ele se deteve dentro de mim. Assenti com a cabeça. Ele sorriu e se mexeu com um cuidado deliberado. – Estou dentro de você, Diana, dando-lhe vida.

Repeti as mesmas palavras enquanto ele bebia o meu sangue e saía da fronteira da morte de volta ao mundo. Pensei por um momento que ele não tinha consciência disso.

Matthew se mexeu dentro de mim novamente, repetindo as palavras como um encantamento. Era a forma mais pura de magia existente no mundo. Ele já estava tecido na minha alma. E agora se tecia no meu corpo, da mesma forma que me tecia no dele. Meu coração, que nos últimos

meses se quebrara repetidamente em cada toque angustiado e em cada olhar culpado, começou a se remendar outra vez.

Quando o sol se arrastou no horizonte, estiquei o corpo e pus o dedo entre os olhos de Matthew.

– Sempre me pergunto se também poderia ler os seus pensamentos.

– Você já os tem – disse ele, abaixando o meu dedo e beijando a ponta dele. – Você não estava consciente do que fazia quando recebeu a fotografia dos seus pais lá em Oxford. Mesmo assim, continuou fazendo perguntas que eu não era capaz de fazer em voz alta.

– Posso tentar de novo? – perguntei sem saber se receberia uma resposta negativa.

– Claro que pode. Se você fosse vampira, já teria lhe oferecido o meu sangue. Ele recostou a cabeça no travesseiro.

Hesitei ainda absorta nos meus próprios pensamentos e depois me concentrei numa pergunta simples. *Como posso conhecer a mente dele?*

Um único fio prateado brilhou entre o meu coração e o ponto na testa de Matthew onde estaria o terceiro olho se ele fosse um bruxo. O fio encurtou, puxando-me e fazendo-me comprimir os lábios na pele dele.

Irrompeu uma explosão de visões e sons em minha cabeça, como uma queima de fogos. Vi Jack e Annie, Philippe e Ysabeau, e, depois, Gallowglass e alguns homens desconhecidos que ocupavam lugares de importância no coração de Matthew. Também vi Eleanor e Lucas. E lá estavam o sentimento de triunfo de quando conquistava algum mistério científico e o grito de alegria de quando cavalgava na floresta para caçar e matar conforme a sua própria natureza. De repente, sorri para ele.

Em seguida, vi o rosto de *Herr* Fuchs, o vampiro que conhecera no bairro judeu, e ouvi quase que distintamente as palavras *meu filho, Benjamin.*

Sentei-me abruptamente sobre os calcanhares e toquei nos meus lábios trêmulos.

– O que houve? – disse Matthew, sentando-se de testa franzida.

– *Herr* Fuchs! – Olhei transtornada, temerosa de que tivesse pensado o pior. – Não percebi que era seu filho, que Benjamin era seu filho.

Matthew não transpareceu um só traço da ira do sangue.

– Não por inaptidão sua. Você não é vampira, e Benjamin só revela isso para quem lhe dá na telha. – A voz dele soou suave. – Talvez eu tenha sentido a presença de Benjamin ao seu redor... algum traço de cheiro, algum indício de que ele estava por perto. Foi isso que me fez pensar que você estava escondendo alguma coisa de mim. Eu estava errado. Desculpe por ter duvidado de você, *mon coeur*.

– Mas Benjamin deve ter percebido quem eu era. Eu estava impregnada do seu cheiro.

– Claro que percebeu – disse Matthew, com frieza. – Vou procurá-lo amanhã, mas se ele não quiser ser encontrado não haverá nada a fazer além de deixar Gallowglass e Philippe de sobreaviso. Eles comunicarão para o resto da família que Benjamin reapareceu.

– De sobreaviso?

– Se há uma coisa mais assustadora que a ira do sangue de Benjamin é a lucidez dele. Ele estava assim quando você se encontrou com o rabino Loew – disse Matthew. – É como Jack costuma dizer: "Os monstros mais terríveis sempre parecem homens comuns."



Aquela noite marcou o verdadeiro início do nosso casamento. Matthew passou a se mostrar mais centrado. Sem as réplicas cortantes, sem as mudanças abruptas de direção e sem as decisões impulsivas que o caracterizavam em nossa convivência. Ao invés disso, mostrava-se mais metódico e comedido, embora não menos fatal. Alimentava-se com mais regularidade, caçando na cidade e nas aldeias vizinhas. Quando seus músculos ganharam peso e força, me veio à mente o comentário de Philippe de que o filho estava definhando por falta de alimentação adequada, embora não aparentasse isso na estatura.

Fiquei com uma lua prateada no ponto do seio onde ele tinha bebido. Era diferente das minhas outras cicatrizes porque não apresentava o acúmulo de tecido endurecido dos outros ferimentos. Segundo Matthew, isso se devia a uma propriedade da saliva que fechava a mordida sem deixá-la sarar por inteiro.

O ritual vampiresco de chupar o sangue de uma veia próxima ao coração e o novo ritual do beijo de bruxa que me dava acesso aos pensamentos dele nos propiciaram uma intimidade mais profunda. Nem sempre fazíamos amor, quando estávamos na cama, mas quando fazíamos isso era precedido e seguido pelos dois momentos marcantes de absoluta honestidade que dissipavam a nossa maior preocupação, ou seja, a de que nossos segredos de alguma forma poderiam nos destruir. E mesmo quando não fazíamos amor, conversávamos com a franqueza e a tranquilidade sonhadas por todos os amantes.

Na manhã seguinte, Matthew mencionou a presença de Benjamin para

Gallowglass e Pierre. A fúria de Gallowglass foi mais rápida que o medo de Pierre, um medo que emergia cada vez que alguém batia à porta ou se aproximava de mim no mercado. Os vampiros o procuraram dia e noite, com expedições planejadas por Matthew.

Mas não o encontraram. Benjamin simplesmente evaporara.

A Páscoa veio e se foi, e os planos para o festival de primavera de Rodolfo no sábado seguinte atingiram as etapas finais. Com a minha ajuda, mestre Hoefnagel transformou o Salão Nobre do palácio num jardim florido com vasos de tulipas. Fiquei impressionada com o lugar, com as graciosas abóbadas que sustentavam o teto como galhos de um salgueiro.

– Também vamos remover as laranjeiras do imperador para aqui – disse Hoefnagel, com o brilho das possibilidades nos olhos. – E os pavões.

No dia da encenação os servos levaram cada candelabro disponível do palácio e da catedral para a ecoante imensidão de pedra, a fim de criar a ilusão de um céu estrelado, e espalharam ramos frescos pelo chão. Utilizou-se como palco a base da escada que dava na capela real. Era uma ideia de Hoefnagel para me fazer aparecer no alto de uma escada, como a lua, enquanto Matthew traçaria a mudança da minha posição com um dos astrolábios de mestre Habermel.

– Vocês não acham que estamos sendo filosóficos demais? – divaguei em voz alta, com preocupação.

– Essa é a corte de Rodolfo II – retrucou Hoefnagel em tom seco. – Não há nada filosófico demais.

Na noite do espetáculo, a corte se reuniu para o banquete e todos se impressionaram com o cenário que tínhamos montado.

– Eles gostaram – sussurrei para Matthew atrás da cortina que nos separava da plateia. Nossa entrada estava marcada para a hora da sobremesa, e até então ficaríamos escondidos na Escada dos Cavaleiros, fora do salão. Matthew me manteve ocupada com histórias dos velhos

tempos, de quando ele subia a vasta escada de pedra a cavalo para um duelo. E me olhou com uma sobrancelha arqueada quando lhe perguntei se o lugar era adequado para esse propósito.

– Por que acha que fizemos o lugar tão amplo e o teto tão alto? Os invernos de Praga eram penosamente longos e os jovens entediados e armados eram perigosos. Era melhor fazê-los correr em alta velocidade uns contra os outros do que iniciar guerras com reinos vizinhos.

Ao final da farta distribuição de vinho e comida, o barulho se tornou ensurdecedor. Ao final da rodada de sobremesas, nós dois assumimos nossos lugares. Mestre Hoefnagel pintara um adorável cenário pastoral e, sob os protestos de Matthew, colocara uma laranjeira debaixo da qual o personagem se sentaria sobre um banco coberto de feltro que simulava uma rocha. Eu teria que esperar a minha deixa para sair da capela, me posicionar de lado e em frente a uma velha porta de madeira pintada que simulava uma carruagem.

– Não ouse me fazer rir – avisei para Matthew quando ele me desejou sorte e me beijou no rosto.

– Adoro um desafio – sussurrou ele de volta.

A música ecoou no salão e os cortesãos fizeram silêncio. E quando o salão inteiro estava em completo silêncio, Matthew ergueu o astrolábio ao céu e deu início à encenação.

Segundo uma decisão minha a melhor forma de abordar a produção seria com pouco diálogo e muita dança. Por um único motivo: quem gostaria de se manter sentado e ouvindo diálogos depois de um banquete? Já tinha frequentado muitos eventos acadêmicos para saber que isso não era uma boa ideia. O *signor* Pasetti ficou encantado por poder ensinar a "dança das estrelas errantes" para algumas damas da corte, uma dança que propiciaria um clima celestial enquanto Matthew esperava pelo aparecimento de sua amada lua. Com as famosas beldades da corte contracenando com trajes e joias maravilhosos, a encenação rapidamente

assumiu a atmosfera de uma apresentação escolar para uma plateia de pais enlevados. Matthew fazia caretas de agonia visivelmente inseguro, sem saber até onde suportaria o espetáculo.

Ao final da dança, os músicos deram a deixa para a minha entrada com o rufar dos tambores e o sopro das trombetas. Mestre Hoefnagel montara uma cortina por sobre as portas da capela, e a mim só cabia passar por ali com uma pose de deusa (sem enganchar a lua que tinha à cabeça no tecido, como ocorrera no ensaio) e olhar para Matthew com ar melancólico. Pela vontade da deusa ele olharia para mim sem cruzar os olhos e sem olhares sugestivos para os meus seios.

Entrei no personagem, respirei fundo e passei pela cortina com confiança, deslizante e flutuante como a lua.

A corte encantou-se e quase perdeu o fôlego.

Após a entrada convincente, olhei radiante para Matthew lá embaixo. Ele estava com os olhos redondos como pires.

Oh, não. Procurei o solo com os dedos dos pés, mas estava a alguns centímetros acima, como já suspeitava – e subia. Estiquei a mão para me apoiar na beirada da carruagem e de minha pele emanou um brilho perolado. Matthew levantou a cabeça em direção a minha pequena lua crescente prateada. Eu estava com os cabelos soltos e tinha os cachos pelas costas e a lua presa numa tiara de arame no alto da cabeça. Sem um espelho à mão não fazia a menor ideia do quadro, mas temia o pior.

– *La Diosa!* – bradou Rodolfo, aplaudindo de pé. – Maravilhoso! Que efeito maravilhoso!

A corte se juntou aos aplausos um tanto indecisa. Alguns cortesãos se benzeram.

Pousei as mãos no peito com a completa atenção do salão e olhei para Matthew, que retribuiu o meu olhar com um sorriso aberto. Depois de me concentrar, abaixei até o solo e me dirigi até o trono de Rodolfo. Ele representava Zeus e ocupava uma esplêndida peça de mobiliário entalhada

que fora encontrada nos sótãos do palácio. Era inacreditavelmente feia, porém adequada para a ocasião.

Felizmente, eu já não brilhava tanto quando me aproximei do imperador, e a plateia já não olhava tanto para minha cabeça, como se fosse uma vela romana. Inclinei-me em reverência.

– Saudações, *La Diosa*. – A voz de Rodolfo troou como a de um deus, o que era apenas um exemplo clássico de um histrião.

– Eu estou apaixonada pelo belo Endímion – entoei, erguendo-me e apontando para a escada, onde Matthew fingia dormir afundado num leito de penas. Eu mesma escrevera as falas. (Matthew sugerira que eu dissesse: "Se não me deixar em paz, Endímion cortará sua garganta." Claro, vetei a frase e também os versos de Keats.) – Endímion parece tão sereno. E envelhecerá e morrerá, ainda que eu seja uma deusa que jamais envelhecerá. Eu lhe imploro, torne-o imortal para que sempre possa estar comigo.

– Com uma condição! – replicou Rodolfo, deixando de lado a pretensa sonoridade divina em troca de um tom prosaico. – Ele dormirá pelo resto da vida e jamais acordará. Só assim permanecerá jovem.

– Muito obrigada, poderoso Zeus. – Procurei modular a voz o mais diferente possível da inflexão dos grupos da comédia britânica. – Agora, poderei velar o meu amado para sempre.

Rodolfo fez uma careta. Ainda bem que não conseguira aprovar o roteiro proposto por ele.

Retirei-me para a carruagem e atravessei lentamente de volta à cortina, enquanto as cortesãs apresentavam a última dança. Ao final da récita, Rodolfo conduziu a corte numa explosão de palmas e batidas de pés que quase colocaram o teto abaixo. Mas a barulheira não despertou Endímion.

– Levanta! – sibilei enquanto passava para agradecer ao imperador pela oportunidade de agradar ao ego real. E só obtive como resposta um ronco teatral.

Sozinha, fiz uma reverência perante o imperador e um pequeno discurso em louvor do astrolábio de mestre Habermel, dos cenários e dos efeitos especiais produzidos pelo mestre Hoefnagel e da qualidade da música.

– Eu me diverti muito, *La Diosa*... bem mais do que esperava. A senhora então pode fazer um pedido para Zeus – disse Rodolfo, descendo os olhos pelos meus ombros até os meus seios. – Qualquer coisa que quiser. Basta dizer e será sua.

De repente, o burburinho no salão silenciou. E em meio ao silêncio ouvi as palavras de Abraão: *Se a senhora pedir, o livro chegará às suas mãos.* Será que era simples assim?

Endímion se mexeu em seu leito. Como não queria que ele interferisse, agitei as mãos atrás de minhas costas para encorajá-lo a retornar aos sonhos. A corte prendeu o fôlego por achar que eu nomearia um título nobiliárquico, uma extensão de terra e uma fortuna em ouro.

– Eu gostaria de ver o livro de alquimia de Roger Bacon, Vossa Majestade.

– A senhora tem bolas de aço, titia – disse Gallowglass admirado enquanto voltávamos para casa. – Sem mencionar o uso que faz das palavras.

– Muito obrigada – agradeci lisonjeada. – De qualquer forma, o que tinha na minha cabeça durante a encenação? As pessoas não paravam de olhar para minha cabeça.

– Ah, estrelas emergiam da lua e depois desapareciam. Não me preocupei. Parecia tão real que certamente achariam que era uma ilusão. Afinal, quase todos os aristocratas de Rodolfo são humanos.

Matthew se mostrou mais cauteloso.

– Não cante vitórias, *mon coeur*. Face à situação, talvez Rodolfo não tenha outra escolha senão acatar o seu pedido, mas ainda não ofereceu o manuscrito. Você está dançando uma dança complicada. E esteja certa de que o imperador vai querer alguma coisa em troca de uma olhadela no

livro.

– Já estaremos longe antes que ele insista na troca – retruquei.

Acontece que Matthew tinha razão de sobra para ser cauteloso. Eu presumira que no dia seguinte seríamos convidados para ver a relíquia privadamente. Mas não chegou convite algum. Passaram-se os dias até que recebemos um chamado para um jantar no palácio, com alguns teólogos católicos recém-chegados. Após o jantar, dizia a nota, um grupo seleto faria uma visita aos aposentos de Rodolfo para ver alguns itens de particular importância mística e religiosa da coleção do imperador. Entre os visitantes encontrava-se Johannes Pistorius, educado como luterano e depois convertido ao calvinismo, e na ocasião prestes a se tornar um padre católico.

– Nós estamos bem – disse Matthew, passando os dedos no cabelo. – Pistorius é um homem perigoso e um adversário implacável, além de ser um bruxo. Daqui a dez anos voltará para cá e será o confessor de Rodolfo.

– É verdade que ele está sendo preparado para a Congregação? – perguntou baixinho Gallowglass.

– Sim. É o tipo do velhaco intelectual que os bruxos querem como representante. Não quis ofendê-la, Diana. É um tempo difícil para as bruxas – continuou Matthew.

– Tudo bem – disse suavemente. – Mas ele ainda não é membro da Congregação. E você é. Se ele tem essas aspirações, que chance terá de nos causar problemas, sabendo que estará sendo observado por você?

– Excelente observação... do contrário Rodolfo não o teria convidado para jantar conosco. O imperador está traçando as linhas da batalha e reunindo suas tropas.

– Ele está planejando lutar exatamente pelo quê?

– Pelo manuscrito... e por você. Ele não vai desistir.

– Já lhe disse antes que não estou à venda. E não sou troféu de guerra.

– Não é, mas será um território reclamado enquanto Rodolfo estiver

envolvido. Ele é arquiduque austríaco, rei da Hungria, da Croácia e da Boêmia, margrave da Morávia e sacro imperador romano. Além de ser sobrinho de Filipe da Espanha. Os Habsburgo são gananciosos e competitivos e não se detêm quando querem alguma coisa.

– Matthew não a está enganando, titia – disse Gallowglass em tom sombrio quando esbocei um protesto. – Se a senhora fosse minha esposa, já estaria fora de Praga desde o dia em que chegou o primeiro presente.

Face à delicada situação, Pierre e Gallowglass nos acompanharam até o palácio. Três vampiros junto a uma bruxa causaram a curiosidade já prevista quando caminhamos em direção ao Salão Nobre que um dia Matthew ajudara a projetar.

Rodolfo me fez sentar ao lado dele, e Gallowglass assumiu a posição de um bem-comportado serviçal atrás da minha cadeira. Matthew foi colocado na extremidade oposta da mesa de banquete sob o olhar atento de Pierre. Para um observador casual, Matthew se divertia muito no meio de um animado grupo de damas e rapazes ávidos para encontrar um modelo mais arrojado que o imperador. Gargalhadas ocasionais vindas da corte de Matthew chegavam aos nossos ouvidos, mas de nada adiantavam para abrandar o mau humor de Sua Majestade.

– Mas por que precisa haver tanto derramamento de sangue, padre Johannes? – Rodolfo queixou-se com o médico gorducho de meia-idade que estava sentado à sua esquerda. Ainda faltavam alguns meses para a ordenação de Pistorius, mas ele mostrava o zelo típico dos convertidos e não fazia qualquer objeção a sua prematura elevação ao sacerdócio.

– Porque a heresia e a heterodoxia devem ser extirpadas por inteiro, Majestade. Caso contrário, elas encontrarão solo fértil para brotar. – Os olhos papudos de Pistorius se voltaram para mim, como se a me sondar. Meu terceiro olho de bruxa se abriu de indignação perante as rudes tentativas do noviço para chamar a minha atenção, o que se assemelhava ao método de Champier para extrair os meus segredos. Comecei a

desgostar dos magos educados nas universidades. Até que coloquei a faca na mesa e o encarei. Ele foi o primeiro a desviar os olhos.

– Meu pai sempre dizia que a tolerância é a política mais sábia – retrucou Rodolfo. – E você estudou a sabedoria judaica da cabala. Alguns homens de Deus considerariam isso uma heresia.

A audição aguçada de Matthew lhe permitia acompanhar a minha conversa com a mesma intensidade de Šárka ao perseguir o tetraz. Fazia isso de testa franzida.

– O meu marido me disse que o senhor é médico, *Herr* Pistorius. – Não era um bom começo, mas funcionou.

– Sou, sim, *Frau* Roydon. Ou era antes de deixar de lado a preservação dos corpos para me voltar para a salvação das almas.

– A reputação do padre Johannes se deve a suas curas da peste – disse o imperador.

– Fui meramente um veículo da vontade de Deus. Ele é o único e verdadeiro curador – disse Pistorius, com modéstia. – Por amor a nós, Ele criou muitos remédios naturais com resultados milagrosos em nossos corpos imperfeitos.

– Ah, sim. Lembro-me de sua defesa dos bezoares como panaceias contra a doença. Enviei uma de minhas pedras para *La Diosa* quando ela adoeceu recentemente. – Rodolfo sorriu em aprovação para o noviço.

Pistorius observou-me.

– E evidentemente o seu remédio funcionou, Majestade.

– Sim. *La Diosa* está totalmente restabelecida. Está com ótima aparência – disse Rodolfo cujo lábio inferior se sobressaiu ainda mais quando ele desviou os olhos para mim. Eu vestia um simples traje preto bordado em branco e coberto por um manto de veludo negro. Um rufo transparente brincava no meu pescoço, e o rubi vermelho do colar de salamandras que ganhara de Matthew se sobrepunha ao entalhe da minha garganta, adicionando um toque de cor à minha roupa sóbria. O

imperador se voltou para a maravilhosa joia. Franziu a testa e acenou para um serviçal.

– É difícil dizer o que foi mais benéfico, se a pedra bezoar ou o eletuário do imperador Maximiliano – comentei, olhando para o dr. Hájek em busca de ajuda enquanto Rodolfo mantinha um diálogo cochichado. Hájek, que já estava no terceiro prato, tossiu ao se engasgar com um pedaço de carne de veado e interveio.

– Acredito que foi o eletuário, dr. Pistorius – admitiu Hájek. – Eu mesmo o preparei numa taça de chifre de unicórnio. O imperador Rodolfo acreditava que isso incrementaria a eficácia do remédio.

– La Diosa também ingeriu o eletuário com uma colher de chifre – disse Rodolfo, cujos olhos agora se voltavam para os meus lábios. – Para uma segurança a mais.

– Essa taça e essa colher encontram-se entre os itens que veremos nos seus armários de maravilhas, Majestade? – perguntou Pistorius. De repente, o clima entre ele e mim crepitou. Os fios que rodeavam o médico-padre explodiram em violentos tons de vermelho e laranja, avisando-me do perigo. Em seguida, o bruxo sorriu. *Não confio em você, bruxa*, ele sussurrou na minha mente. *Nem no seu pretendente a amante, o imperador Rodolfo.*

A carne de javali – uma receita deliciosa temperada com alecrim e pimenta-do-reino que segundo o imperador tinha a propriedade de aquecer o sangue – que eu estava mastigando virou pó na minha boca. Em vez de surtir o efeito esperado, esfriou o meu sangue.

– Algo errado? – sussurrou Gallowglass, abaixando-se até o meu ombro. Entregou-me um xale que não solicitei nem sabia que estava com ele.

– Pistorius foi convidado para ver o livro lá em cima – sussurrei, girando a cabeça para Gallowglass e falando um inglês corrido para reduzir o risco de ser compreendida. Ele cheirava a sal marinho e hortelã,

uma combinação estimulante e reconfortante que aquietou os meus nervos.

– Deixe isso comigo – disse, apertando-me levemente no ombro. – De todo modo, a senhora está um pouco brilhante, titia. É melhor que ninguém veja estrelas esta noite.

Após ter disparado o tiro de advertência, Pistorius abordou outros tópicos e fez o dr. Hájek se engajar num acalorado debate sobre os benefícios medicinais da teriaga. Rodolfo dividia o tempo entre olhares melosos para mim e olhares fulminantes para Matthew. Quanto mais se aproximava a hora em que estaríamos diante do Ashmole 782, menos a refeição me apetecia e eu então comecei a conversar com uma nobre que estava sentada ao meu lado. Só depois de outras cinco rodadas de pratos – entre os quais um desfile de pavões dourados e uma grelha de porco assado – é que o banquete finalmente terminou.

– Você está pálida – disse Matthew, afastando-me da mesa.

– Pistorius suspeita de mim. – Aquele bruxo me relembrava Peter Knox e Champier por uma só razão. "Velhaco intelectual" era uma descrição perfeita para os três. – Gallowglass disse que cuidaria disso.

– Foi por isso então que Pierre seguiu atrás dele.

– O que Pierre vai fazer?

– Garantir que Pistorius saia daqui com vida – respondeu Matthew enfaticamente. – Se ficasse por conta própria, Gallowglass estrangularia o homem e o jogaria no Fosso do Veado para os leões se alimentarem. Meu sobrinho a protege tanto quanto eu.

Rodolfo pediu que os convidados o acompanhassem até o santuário: a galeria privada onde eu e Matthew tínhamos visto o retábulo de Bosch. Ottavio Strada juntou-se a nós para nos servir de guia ao longo da coleção e responder nossas perguntas.

Quando entramos na sala, o retábulo de Matthew ainda estava no centro da mesa, coberto por uma toalha verde. Rodolfo espalhara outros objetos ao redor para o prazer dos nossos olhos. Esquadrinhei a sala

enquanto os convidados se debruçavam na obra de Bosch com semblantes extasiados. Havia algumas taças estonteantes de pedras semipreciosas, uma corrente grossa, um chifre longo e supostamente oriundo de um unicórnio e uma noz entalhada do mar de Seychelles; enfim, uma agradável mistura que oscilava entre o dispendioso, o medicinal e o exótico. Mas nenhum sinal do manuscrito.

– Onde ele está? – perguntei baixinho para Matthew. Antes de ouvir a resposta senti o toque morno da mão de alguém no meu braço. Matthew se empertigou.

– Tenho um presente para a senhora, querida *diosa*. – O hálito de Rodolfo cheirava a cebola e vinho tinto e fez o meu estômago se revirar de repulsa. Girei o corpo, achando que era o Ashmole 782. Mas o imperador segurava uma corrente. Antes que pudesse protestar, ele a enfiou pela minha cabeça e a ajeitou nos meus ombros. Abaixei os olhos e um ouroboros verde pendia de um círculo de rosas vermelhas, com sólidas incrustações de esmeraldas, rubis, diamantes e pérolas. A combinação de cores me evocou a joia que Benjamin ganhara de *Herr* Maisel.

– É um estranho presente para dar a minha esposa, Vossa Majestade – disse Matthew educadamente. Olhou para o colar com repugnância por trás do imperador. Era a terceira corrente que eu ganhava, e isso me fez pensar na possibilidade de um significado por trás do simbolismo. Ergui o ouroboros para observá-lo com mais atenção. Não era propriamente um ouroboros porque tinha pés. Não parecia uma cobra. Parecia mais um lagarto ou uma salamandra. Uma cruz ensanguentada emergia do dorso ferido do lagarto. E o mais importante é que a cauda não estava presa à boca e sim enrolada à garganta, estrangulando-o.

– É um gesto de respeito, *Herr* Roydon. – Rodolfo enfatizou o nome sutilmente. – Esta corrente pertenceu ao rei Vladislau e foi passada para a minha avó. A insígnia pertence à brava companhia dos cavaleiros húngaros conhecida como a Ordem do Dragão Derrotado.

– Dragão? – repeti baixinho, olhando para Matthew. As pernas atarracadas bem que lembravam as de um dragão. Por outro lado, também era muito parecido com o ouroboros da família De Clermont, se bem que o ouroboros em questão morria lenta e dolorosamente. Lembrei do juramento de *Herr* Fuchs, o juramento de Benjamin, de matar dragões a despeito de onde estivessem.

– O dragão simboliza os nossos inimigos, especialmente os que desejam interferir em nossas prerrogativas reais – disse Rodolfo em tom civilizado, mas era uma virtual declaração de guerra para todo o clã De Clermont. – Se a senhora usá-lo na próxima vez que vier à corte, será um prazer para mim. – Encostou o dedo levemente no dragão que pendia no meu peito e aí se demorou um pouco. – Assim, a senhora poderá deixar em casa as suas salamandrinhas francesas.

Os olhos de Matthew, que estavam cravados no dragão e no dedo imperial, escureceram quando Rodolfo fez a observação grosseira sobre as salamandras francesas. Coloquei-me no lugar de Mary Sidney na tentativa de retrucar de um modo adequado à ocasião e ao mesmo tempo acalmar o vampiro. Nesse caso teria que deixar o meu feminismo ultrajado para mais tarde.

– Se usarei ou não, o seu presente ficará por conta do meu marido, Sua Majestade – disse friamente, esforçando-me para não me esquivar do dedo de Rodolfo. Ouvi suspiros e cochichos. Mas a reação de Matthew era a única que me interessava.

– Não vejo razão para não usá-lo pelo resto da noite, *mon couer* – disse Matthew despreocupadamente. Já não se preocupava se o embaixador da rainha parecia um aristocrata francês. – Afinal, salamandras e dragões são parentes. Ambos suportam o fogo para proteger os entes queridos. E o imperador está sendo muito gentil em lhe mostrar o livro dele. – Matthew olhou ao redor. – Embora tudo indique que a incompetência do *signor* Strada perdure e que o livro não esteja aqui. – Outra jogada sem volta.

– Ainda não, ainda não – disse Rodolfo irritado. – Antes quero dar outra coisa para *La Dio*sa. Venham ver a minha noz entalhada das Maldivas. É a única de sua espécie. – Todos, exceto Matthew, seguiram obedientemente na direção apontada por Strada. – Você também, *Herr* Roydon.

– É claro – murmurou Matthew, imitando o tom da mãe à perfeição. Ultrapassou os outros a passos lentos.

– Isto aqui eu requisitei pessoalmente. Padre Johannes me ajudou a encontrar a relíquia. – Rodolfo olhou em volta, mas não encontrou Pistorius. Franziu a testa. – *Signor* Strada, onde é que ele está?

– Não o vejo desde que saímos do Salão Nobre, Sua Majestade – disse Strada.

– Você! – Rodolfo apontou para um criado. – Trate de encontrá-lo! – O homem saiu em disparada na mesma hora. O imperador se recompôs e se voltou para um estranho objeto que estava à nossa frente. Parecia uma escultura grosseira de um nu masculino. – *La Diosa*, esta é a lendária raiz de Eppendorf. Um século atrás uma mulher roubou uma hóstia consagrada da Igreja e plantou-a sob os raios da lua cheia para incrementar a fertilidade na sua horta. Na manhã seguinte, ela se deparou com um enorme pé de repolho.

– Que cresceu da hóstia? – Algo certamente se perdera na tradução, ou então eu ignorava a natureza da eucaristia cristã. A *arbor Dianae* era uma coisa. A *arbor brassicae* era outra bem diferente.

– Sim. Foi um milagre. E quando desenterraram o repolho, a raiz parecia o corpo de Cristo. – Rodolfo estendeu o objeto para mim. Estava coroado por um diadema dourado cravejado de pérolas. Presumi que o diadema fora acrescentado mais tarde.

– Fascinante! – exclamei, tentando parecer interessada.

– Eu queria que o visse, em parte porque se parece com uma ilustração do livro que a senhora quer ver. Traga o Edward, Ottavio.

Edward Kelley entrou no aposento, abraçado a um volume de capa de couro.

Soube que era o livro tão logo o vi. Fiquei com o corpo todo comichando enquanto o livro passava pela sala. Seu poder era palpável – muito maior do que mostrara na Bodleiana naquela noite de setembro que transformou a minha vida.

Ali estava o desaparecido manuscrito Ashmole – antes de ter pertencido a Elias Ashmole e antes de ser dado como desaparecido.

– Sente-se ali comigo, senhora, para vermos o livro juntos. – Rodolfo apontou para uma mesa com duas cadeiras posicionadas em íntimo *tête-à-tête*. – Dê-me o livro, Edward. – O imperador estendeu a mão e Kelley o entregou, com relutância.

Olhei para Matthew, com ar interrogativo. E se o manuscrito começasse a brilhar como brilhara na Bodleiana? E se agisse de outra maneira igualmente estranha? E se eu começasse a divagar sobre o livro e os segredos que guardava? Àquela altura uma irrupção de magia poderia ser desastrosa.

É por isso que estamos aqui, ele respondeu com um meneio de cabeça confiante.

Sentei-me ao lado do imperador enquanto Strada encaminhava os cortesãos para a sala onde estava o chifre de unicórnio. Matthew chegou mais perto de nós. Fixei os olhos no manuscrito à frente, sem poder acreditar que chegara o momento de examinar o Ashmole 782 completo.

– Bem? – Rodolfo aproximou o livro de mim. Nenhuma luz iridescente aflorou das páginas. Só para me certificar de uma possível diferença, coloquei a mão na capa do Ashmole por um momento, assim como tinha feito quando o requisitei na biblioteca. Naquela ocasião o livro suspirara ao me reconhecer, como se estivesse à minha espera. E desta vez permaneceu quieto.

Abri a lâmina de madeira do frontispício. Uma folha de pergaminho

branca. O que eu tinha visto alguns meses antes me veio à cabeça em uma fração de segundo. Aquela era a folha na qual Ashmole e papai escreveriam o título do livro no futuro.

Passei para a folha seguinte e tive a mesma sensação estranha de peso. Quase perdi o fôlego quando a página se abriu.

A primeira folha desaparecida do Ashmole 782 continha uma gloriosa ilustração de uma árvore. Com um tronco nodoso, retorcido, grosso e sinuoso. Ramos se espraiavam enroscados da copa e abriam caminho pela página até terminar em uma instigante combinação de folhas, flores e frutos vermelhos e brilhantes. Era como a *arbor Dianae* criada por Mary com o meu sangue e o de Matthew.

Inclinei-me para ver melhor e minha garganta deu um nó. O tronco da árvore não era de madeira, seiva e casca. Era feito de centenas de corpos – alguns se contorciam e se debatiam de dor, outros se entrelaçavam harmoniosamente e outros se encontravam sozinhos e apavorados.

No pé da página estava o título dado por Roger Bacon ao livro em caligrafia do século XIII: *O verdadeiro segredo dos segredos*.

As narinas de Matthew se abriram ligeiramente, como se na tentativa de identificar algum cheiro. O livro tinha um cheiro estranho – o mesmo cheiro de mofo que eu sentira em Oxford.

Passei para a folha seguinte e me deparei com a imagem enviada para os meus pais, a imagem que a casa das Bishop resguardara por anos a fio: a fênix a envolver o casamento químico, com asas e bestas alquímicas e míticas a testemunhar a união do Sol e da Lua.

Matthew olhou fixamente para o livro, com ar de assombro. Franzi a testa. Ele estava longe para ver com nitidez. O que o tinha surpreendido?

Saí rapidamente da página com a imagem do casamento alquímico. A terceira folha desaparecida estampava dois dragões alquímicos, com as caudas entrelaçadas e os corpos unidos ou quem sabe em batalha ou em abraço – era impossível decidir. Uma chuva de sangue vertia dos

ferimentos e enchia uma bacia de onde afloravam diversas figuras pálidas e nuas. Eu nunca tinha visto uma imagem alquímica como aquela.

Olhei para trás dos ombros do imperador e a expectativa de Matthew era de que o assombro se tornasse excitação perante novas imagens e que estivéssemos perto de solucionar os mistérios do livro. Mas parecia estar diante de um fantasma. Cobria a boca e o nariz com sua mão branca. Franzi a testa preocupada e ele balançou a cabeça para que eu seguisse em frente.

Respirei fundo e me voltei para aquela que devia ser a primeira das estranhas imagens alquímicas que já tinha visto na Oxford do futuro. Como era esperado, a mesma menininha com duas rosas. O inesperado é que cada espaço ao redor da imagem estava coberto de texto. Era uma estranha mistura de símbolos e letras dispersas. Na Bodleiana esse mesmo texto era ocultado por um feitiço que transformara o livro em mágico palimpsesto. E no livro intacto de agora o texto secreto era de todo visível. Mas embora o visse, não conseguia lê-lo. O que o texto dizia?

Rastreei as linhas escritas com os dedos. O toque desfez as palavras que se converteram em rosto, em silhueta, um nome. Era como se o texto estivesse tentando contar uma história que envolvia milhares de criaturas.

– Eu teria dado qualquer coisa que a senhora pedisse – disse Rodolfo, com um hálito quente colado na minha face. Senti novamente o bafo de cebola e vinho. Era tão diferente do límpido aroma de especiarias de Matthew. O calor de Rodolfo era irritante para mim que já estava acostumada com a temperatura fria de um vampiro. – Por que a senhora escolheu este livro? Não consigo entender, embora Edward acredite que contém um grande segredo.

Um longo braço se estendeu por entre nós e tocou na página com delicadeza.

– Porque o senhor surrupiou este manuscrito sem importância do pobre dr. Dee. – As palavras berraram no rosto de Matthew. Talvez Rodolfo não

tenha visto o tremor no músculo da mandíbula e as rugas finas que se aprofundaram ao redor dos olhos concentrados de Matthew.

– Não necessariamente – apressei-me em dizer. – Os textos alquímicos requerem estudo e contemplação quando se deseja compreendê-los por inteiro. Se eu pudesse ficar mais tempo com ele, talvez...

– Mesmo assim, é preciso ter uma bênção especial de Deus – retrucou Rodolfo, amarrando a cara para Matthew. – Edward é tocado por Deus de um modo que você não é, *Herr* Roydon.

– Ora, muito bem, ele é tocado – disse Matthew, olhando para Kelley. O alquimista inglês estava agindo de maneira estranha depois que o livro saiu de suas mãos. Fios o interligavam ao livro. Mas qual era a ligação de Kelley com o Ashmole 782?

Quando a pergunta me veio à cabeça, os finos fios amarelos e brancos que o ligavam ao Ashmole 782 assumiram uma nova aparência. Em vez do habitual trançado apertado de duas cores ou de uma tessitura de fios verticais e horizontais, os fios se enrolavam soltos em volta de um centro invisível, como fitas enroladas em presentes de aniversário. Os fios curtos e horizontais impediam os curvos de serem tocados. Eram como...

Uma dupla hélice. Levei a mão à boca, olhando fixamente para o manuscrito. Meus dedos ficaram impregnados com o cheiro de mofo depois que toquei no livro. Era um cheiro forte e quase pútrido, como...

Carne e sangue. Olhei para Matthew, já sabendo que meu rosto refletia o mesmo assombro que vira no rosto dele.

– Você não parece bem, *mon coeur* – disse ele prestativo, ajudando-me a levantar. – Deixe-me levá-la para casa.

Edward Kelley escolheu esse momento para perder o controle.

– Ouvi as vozes deles. Falam uma língua que não compreendo. Vocês podem ouvi-los?

Ele gemeu perturbado e tapou os ouvidos com as mãos.

– O que está dizendo? – perguntou Rodolfo. – Dr. Hájek, há algo

errado com Edward.

– Você também vai encontrar o seu nome no livro – disse-me Edward, elevando a voz, como se tentasse sufocar um outro som. – Soube disso desde o momento em que a vi.

Abaixei os olhos. Fios ondulados também me interligavam ao livro – só que os meus eram de cor branca e lavanda. Matthew também estava interligado ao livro por fios vermelhos e brancos ondulados.

Gallowglass surgiu de repente, sem ser convidado e anunciado. Um guarda corpulento o seguia, agarrando o próprio braço que pendia flácido.

– Os cavalos estão prontos. – Gallowglass nos informou, apontando em direção à saída.

– Você não tem permissão para estar aqui! – disse Rodolfo aos gritos, a fúria do imperador crescia à medida que seus cuidadosos planos se desintegraram. – E a senhora, *La Diosa*, não tem permissão para sair.

Matthew não deu a mínima para Rodolfo. Simplesmente me pegou pelo braço e me conduziu em direção à porta. Senti que o manuscrito me puxava e que os fios se estendiam a fim de me fazer voltar para o lado dele.

– Não podemos deixar o livro. Isso é...

– Eu sei o que é isso – disse Matthew de cara séria.

– Detenha-os! – gritou Rodolfo.

Mas o guarda de braço quebrado já tinha se engalfinhado com um vampiro naquela noite. Não desafiaria a sorte se metendo com Matthew. Em vez disso, revirou os olhos e caiu desmaiado no chão.

Gallowglass jogou a capa sobre os meus ombros enquanto eu descia os degraus. Dois outros guardas jaziam inconscientes no pé da escada.

– Volte e pegue o livro! – eu disse sem fôlego para Gallowglass, porque o corpete estava apertado e atravessávamos o pátio em disparada. – Não podemos deixar que Rodolfo fique com ele, ainda mais agora que sabe do que se trata.

Matthew me deteve, enterrando os dedos no meu braço.

– Não deixaremos Praga sem o manuscrito. Prometo que voltaremos para pegá-lo. Mas primeiro iremos para casa. Você precisa aprontar as crianças para partirmos depois que eu voltar.

– Não tem retorno, titia – disse Gallowglass em tom sério. – Pistorius está trancado na Torre Branca. Eu matei um guarda e feri mais três. Rodolfo tocou na senhora de um jeito impróprio e estou com uma vontade danada de matá-lo.

– Você não entende, Gallowglass. Esse livro pode ser a resposta para *tudo* – consegui gritar antes que Matthew me colocasse em movimento novamente.

– Ora, entendo mais do que a senhora supõe. – A voz de Gallowglass flutuou na brisa a minha volta. – Senti o cheiro dele quando bati nos guardas lá embaixo. Há *wearhs* mortos dentro desse livro. Bruxas e demônios também, eu garanto. Quem poderia imaginar que o perdido Livro da Vida iria feder ao céu da morte?



– Quem faria uma coisa assim? – Vinte minutos depois eu tremia dos pés à cabeça agarrada a um bule de chá de ervas frente à lareira do principal aposento do primeiro andar da nossa casa. – É assustador.

Como a maioria dos manuscritos, o Ashmole 782 também era feito de velino – uma pele preparada de maneira especial, mergulhada na cal para a remoção dos pelos e raspada para a remoção das camadas subcutâneas de carne e gordura, e depois de novo encharcada e esticada na moldura e de novo escovada.

A diferença aqui é que as criaturas utilizadas na feitura do velino não eram ovelhas, bezerros e cabras, e sim demônios, vampiros e bruxas.

– Talvez tenha sido para manter algum registro. – Matthew ainda tentava digerir o que tínhamos visto.

– Mas o manuscrito tem centenas de páginas – retruquei, mal podendo acreditar. Era inconcebível que se tivesse esfolado a pele de tantos demônios, vampiros e bruxas para fazer velino. Cheguei a duvidar se teria uma noite completa de sono a partir daquele dia.

– O que significa que o livro contém centenas de diferentes peças de DNA. – Matthew não parava de passar os dedos no cabelo e já estava parecendo um porco-espinho.

– Os fios que se enroscavam entre nós e o Ashmole 782 pareciam duplas hélices – comentei. Explicamos a moderna genética para Gallowglass que sem os posteriores quatro séculos e meio de biologia e química se esforçava ao máximo para acompanhar o nosso raciocínio.

– Então, esse D-N-A é como uma árvore genealógica cujos galhos

cobrem mais do que uma única família? – Gallowglass pronunciou o termo "DNA" com uma pausa entre cada letra.

– Sim – disse Matthew. – É isso.

– Você viu a árvore na primeira página? – perguntei para Matthew. – O tronco era feito de corpos e a árvore florescia, frutificava e enfolhava exatamente como a *arbor Dianae* que produzimos no laboratório de Mary.

– Não vi, mas vi a criatura com a cauda na boca – disse Matthew.

Fiz de tudo para relembrar o que havia visto, mas a minha memória fotográfica me deixou na mão quando eu mais precisava. Era muita informação nova para ser absorvida.

– A ilustração mostrava duas criaturas se engalfinhando... ou se abraçando, não sei ao certo. Não pude contar as pernas dessas criaturas. O sangue que vertia delas gerava centenas de outras criaturas. Se bem que uma delas não era um dragão de quatro pernas e sim uma cobra...

– Se a outra era um dragão de fogo de duas pernas, esses dragões alquímicos talvez simbolizem você e eu. – Matthew vociferou rapidamente, mas com emoção.

Depois de nos ouvir com paciência, Gallowglass retornou ao seu tópico original.

– E esse D-N-A vive em nossa pele?

– Não só na pele como no sangue, nos ossos, nos pelos, nas unhas... está presente em todo o corpo – explicou Matthew.

– Huh. – Gallowglass coçou o queixo. – E o que têm exatamente em mente quando dizem que o livro poderá conter todas as respostas?

– Talvez possa explicar por que somos diferentes dos humanos – respondeu Matthew, com simplicidade. – E por que uma bruxa como Diana poderia gerar o filho de um *wearh*.

Gallowglass nos olhou, com um sorriso radiante.

– Você quis dizer o seu filho, Matthew. Já sei que a titia é capaz disso desde Londres. Ela nunca cheirou igual a ninguém senão a ela mesma... e a

você. Philippe sabe?

– Pouca gente sabe – respondi rapidamente.

– Hancock sabe. E também Pierre e Françoise. Minha dúvida era se Philippe sabia. – Gallowglass se levantou. – Então, vou buscar o seu livro, titia. Precisamos tê-lo porque tem a ver com os bebês dos De Clermont.

– Rodolfo deve tê-lo trancado a sete chaves, se é que não o levou para a própria cama – vaticinou Matthew. – Não será fácil tirá-lo do palácio, sobretudo se Pistorius já foi encontrado e estiver lançando feitiços e armando confusão.

– Por falar no imperador, não é melhor tirar essa corrente dos ombros da titia? Odeio essa insígnia sangrenta.

– Com todo prazer – disse, tirando a corrente e jogando-a em cima da mesa. – O que exatamente a Ordem do Dragão Derrotado tem a ver com os De Clermont? Presumo que não devem ser amigos dos Cavaleiros de Lázaro, até porque o pobre ouroboros é representado parcialmente esfolado e estrangulando a si mesmo.

– Eles nos odeiam e nos desejam mortos – disse Matthew secamente. – Os Drăculeşti desaprovam a abertura dada pelo meu pai ao Islã e aos otomanos e juraram que acabariam conosco. Só assim poderão concretizar suas aspirações políticas com liberdade.

– Sem falar que também querem o dinheiro dos De Clermont – observou Gallowglass.

– Drăculeşti? – Minha voz soou como um fiapo. – Mas Drácula é um mito dos humanos... um mito criado para disseminar o medo em relação aos vampiros. – Era *o próprio* mito humano sobre os vampiros.

– Isso surpreenderia Vlad, o Dragão, o patriarca do clã – comentou Gallowglass –, se bem que ele se alegraria em saber que aterrorizaria os humanos.

– O Drácula dos humanos... o Filho do Dragão conhecido como o Empalador... era apenas um da linhagem de Vlad – disse Matthew.

– O Empalador era um canalha nojento. Felizmente, já está morto e agora só temos que nos preocupar com seu pai, seus irmãos e seus aliados, os Báthory. – Gallowglass pareceu animado e serviu-se de uma taça de vinho.

– De acordo com os relatos dos humanos, Drácula viveu durante séculos... talvez ainda esteja vivo. Será que está realmente morto?

– Vi quando Baldwin cortou a cabeça dele e enterrou-a a cinquenta quilômetros de distância do resto do corpo. Estava realmente morto na ocasião e continua realmente morto. – Gallowglass lançou-me um olhar de reprovação. – A senhora deveria se inteirar mais e acreditar menos nessas histórias dos humanos, titia. Essas histórias não passam de um pingo da verdade.

– Se bem me lembro Benjamin tem um desses emblemas de dragão. Foi *Herr* Maisel quem lhe deu. Reparei na semelhança quando o imperador exibiu a corrente.

– Você tinha dito que Benjamin não estava mais na Hungria – disse Matthew em tom acusatório para o sobrinho.

– E não estava. Eu juro. Baldwin ordenou que partisse ou que encarasse o mesmo destino do Empalador. Você devia ter visto a cara de Baldwin. Acho que nem o próprio diabo ousaria desobedecer ao seu irmão.

– Eu quero todos nós fora de Praga se possível quando o sol nascer – disse Matthew de cara séria. – Alguma coisa está muito errada. Posso sentir.

– Talvez isso não seja uma boa ideia. Sabe que noite é hoje? – perguntou Gallowglass. Matthew balançou a cabeça em negativa. – *Walpurgisnacht*. O povo está acendendo fogueiras ao redor da cidade e queimando efígies de bruxas... enquanto não encontram uma de verdade, é claro.

– Cristo. – Matthew passou os dedos no cabelo, visivelmente inquieto. – Pelo menos as fogueiras servirão de distração. Precisamos descobrir um

jeito de enganar os guardas de Rodolfo, chegar ao quarto dele e achar o livro. E depois sairemos da cidade com ou sem fogueiras.

– Nós somos *wearhs*, Matthew. Podemos roubar esse livro melhor que qualquer outro – disse Gallowglass, com segurança.

– Não será tão fácil como pensa. Poderemos entrar, mas será que poderemos sair?

– Mestre Roydon, eu posso ajudar. – A voz de Jack soou como uma flauta, se comparada com a voz troante de Gallowglass e a voz de barítono de Matthew.

– Não, Jack – disse Matthew em tom firme, voltando-se para o menino com a cara amarrada. – Você não pode mais roubar, lembra? Além disso, você só esteve nos estábulos do palácio. Não saberia onde procurar.

– Is... isso não é estritamente verdadeiro. – Gallowglass pareceu incomodado. – Eu o levei até a catedral. E ao Salão Nobre para que visse os desenhos que você fez na Escada dos Cavaleiros. E ele esteve nas cozinhas – continuou depois de pensar um pouco. – Ah, ele também esteve no zoológico, é claro. Seria crueldade não deixá-lo ver os animais.

– E também esteve no palácio comigo – disse Pierre do umbral da porta. – Eu não queria que ele se aventurasse um dia por lá e acabasse se perdendo.

– E aonde *você* o levou, Pierre? – A voz de Matthew soou gélida. – À sala do trono para ele ficar pulando no trono real?

– Não, milorde. Eu o levei à loja do ferreiro e o fiz conhecer mestre Hoefnagel. – Pierre se empertigou até onde sua altura relativamente diminuta permitia e encarou o patrão do alto. – Achei que ele devia mostrar os desenhos para alguém realmente capacitado nessa arte. Mestre Hoefnagel ficou tão impressionado que na mesma hora fez um retrato de Jack em bico de pena e lhe deu de presente.

– Pierre também me levou ao alojamento dos guardas – disse Jack, com um fiapo de voz. – Foi lá que consegui isto. – Mostrou um aro cheio de

chaves. – Eu só queria ver o unicórnio porque não pude imaginar como o unicórnio tinha conseguido subir a escada, e aí pensei que os unicórnios deviam ter asas. E depois mestre Gallowglass me mostrou a Escada dos Cavaleiros... gostei muito do seu desenho da corrida do cervo, mestre Roydon. Os guardas estavam conversando. Não entendi nada, mas prestei atenção na palavra *einhorn* e achei que eles podiam saber onde estava o unicórnio e...

Matthew pegou Jack pelos ombros e se agachou para que os dois se entreolhassem.

– Sabe o que eles fariam se tivessem pegado você? – Meu marido pareceu tão apavorado quanto a criança.

Jack assentiu.

– E vale a pena apanhar para ver um unicórnio?

– Eu já apanhei antes. Mas nunca tinha visto uma fera mágica. A não ser o leão do zoológico do imperador. E o dragão da sra. Roydon. – Jack tapou a boca de horror.

– Então, você já viu isso também? Pelo visto Praga tem sido uma tremenda experiência para você. – Matthew se ergueu e estendeu a mão. – Passe as chaves. – O menino entregou-as, com relutância. Matthew fez uma reverência para ele. – Estou em dívida para com você, Jack.

– Mas eu me comportei mal – sussurrou Jack, coçando as costas como se estivesse sentindo a punição que provavelmente Matthew lhe daria.

– Eu me comporto mal o tempo todo – confessou Matthew. – E às vezes isso resulta em coisas boas.

– Sim, mas ninguém espanca o *senhor* – retrucou Jack, ainda tentando compreender aquele estranho mundo onde os adultos ficavam em dívida para com garotinhos e seu herói não era tão perfeito quanto pensara.

– Uma vez o pai do Matthew bateu nele com uma espada. – As asas do dragão de fogo bateram levemente dentro do meu peito em silencioso assentimento. – E depois o nocauteou e ficou em cima dele.

– Ele deve ser tão grande quanto Sixtus, o urso do imperador – disse Jack, impressionado com o fato de que alguém tivesse vencido Matthew.

– E é mesmo – disse Matthew, rugindo como o urso em questão. – Agora, trate de voltar para a cama.

– Mas eu sou ágil e rápido – protestou Jack. – Posso pegar o livro da sra. Roydon sem que ninguém me veja.

– Eu também, Jack – disse Matthew.

Matthew e Gallowglass retornaram do palácio cobertos de sangue, terra e fuligem, mas com o Ashmole 782.

– Vocês conseguiram! – gritei. Eu aguardava junto com Annie no térreo. Já tínhamos pequenas sacolas empacotadas com itens essenciais de viagem.

Matthew abriu a capa.

– As três primeiras folhas se foram.

O livro, que estava inteiro algumas horas antes, estava agora danificado e com o texto correndo pela página. Eu planejara passar os dedos nas letras e símbolos para determinar os significados contidos naquele livro. E agora a tarefa era impossível. Logo que toquei os dedos na página, as palavras se espalharam em todas as direções.

– Nós o encontramos com Kelley. Estava debruçado no livro e tagarelava como um louco. – Matthew fez uma pausa. – E o livro participava da conversa.

– Ele está dizendo a verdade, titia. Ouvi as palavras, embora não consiga repeti-las.

– Isso quer dizer que o livro está realmente vivo – murmurei.

– E realmente morto também – disse Gallowglass, tocando na lombada. – É uma coisa tanto maléfica quanto poderosa.

– Kelley gritou a plenos pulmões quando nos viu e começou a arrancar as folhas do livro. Já estava prestes a alcançá-lo quando os guardas apareceram. Tive que escolher entre o livro e Kelley. – Matthew hesitou. –

Fiz a coisa certa?

– Acho que sim – respondi. – O livro estava quebrado quando o encontrei na Inglaterra. E talvez no futuro seja mais fácil encontrar essas folhas perdidas. – Mecanismos modernos de busca e catálogos de bibliotecas seriam extremamente valiosos porque eu já sabia o que estava procurando.

– Se não foram destruídas – disse Matthew. – Nesse caso...

– Jamais conheceremos todos os segredos do livro. Mas ainda assim no seu laboratório moderno teremos revelações do que sobrou do livro que nem sequer imaginávamos quando iniciamos essa procura.

– Isso quer dizer que já está pronta para voltar? – perguntou Matthew, com uma centelha nos olhos que rapidamente se apagou. Era excitação? Pavor?

Balancei a cabeça.

– Está na hora.

Fugimos de Praga sob a luz das fogueiras. Era noite de *Walpurgisnacht* e as criaturas mantinham-se longe da vista dos foliões para não serem jogadas dentro das piras.

As águas geladas do mar do Norte já estavam navegáveis, e a primavera já tinha descongelado o gelo dos portos. Muitos barcos partiam para a Inglaterra e nos apressamos em pegar um deles. De qualquer forma, soprava uma tempestade quando saímos da costa europeia.

Entrei na cabine e Matthew estava estudando o livro. Havia descoberto que as folhas tinham sido costuradas com longos fios de cabelo.

– *Dieu* – murmurou –, quantas informações genéticas esta coisa poderá conter? – Antes que pudesse impedi-lo, ele pôs a ponta do dedo mindinho na língua e logo verteram gotas de sangue dos cabelos da menininha na página de abertura.

– Matthew! – disse horrorizada.

– A tinta contém sangue. E sendo assim o meu palpite é que a cola da folha de ouro e prata das ilustrações é feita de ossos. Ossos de criaturas.

O barco balançou sobre as ondas e o meu estômago balançou junto. Já estava prestes a desfalecer quando Matthew me apoiou nos braços. O livro se abriu ligeiramente entre nós dois, e as primeiras linhas do texto tentaram encontrar um lugar na ordem das coisas.

– O que fizemos? – sussurrei.

– Encontramos a Árvore da Vida e o Livro da Vida em um único livro. – Matthew encostou o rosto na minha cabeça.

– E eu que chamei Peter Knox de maluco quando me disse que o livro guardava todos os feitiços originais das bruxas. Não me passava pela cabeça que haveria um tolo inconsequente a ponto de pôr tamanho conhecimento em um único lugar. – Toquei no livro. – Mas isso aqui contém muito mais... e ainda nem conhecemos o conteúdo. Se cair em mãos erradas em nosso tempo...

– Poderia ser usado para nos destruir. – Matthew terminou a frase.

Espichei a cabeça e olhei para o livro.

– E o que faremos então com ele? Nós o levaremos para o futuro conosco ou o deixaremos aqui?

– Não faço ideia, *mon coeur*. – Ele me puxou para mais perto, abafando o rumor da tempestade que açoitava o casco do barco.

– Mas é bem possível que esse livro guarde a chave para todas as nossas perguntas. – Fiquei surpresa ao ver que Matthew estava disposto a se separar de um livro que encerrava tantas possibilidades.

– Nem todas – disse ele. – Para uma delas só você pode responder.

– Qual? – perguntei, franzindo a testa.

– Você está com enjoo marítimo ou está grávida? – Os olhos de Matthew se tornaram tão pesados e tempestuosos quanto o céu rasgado de raios faiscantes lá fora.

– Você deve saber melhor do que eu. – Ele tirara sangue de minha veia

poucos dias antes quando me dei conta de que minha menstruação estava atrasada.

– Não vi o bebê no seu sangue nem ouvi um coração bater... ainda não. – Senti uma mudança no cheiro dele. E lembrei que a tinha sentido na última vez. – Talvez você esteja com poucas semanas de gravidez.

– Pensei que minha gravidez o deixaria mais ávido do que nunca em manter o livro.

– Talvez minhas perguntas não precisem de respostas com a urgência que imaginava. – Para provar isso ele pôs o livro no chão, fora de nossa vista. – Achei que esse livro me diria quem eu sou e por que eu estou aqui. Mas talvez já saiba.

Esperei por uma explicação.

– Depois de toda a minha busca, descobri que eu sou quem sempre fui: Matthew de Clermont. Marido. Pai. Vampiro. E eu estou aqui por uma única razão: fazer a diferença.



Em Praga, Peter Knox se desviava das poças no adro do Monastério de Strahov. Fazia o circuito anual de primavera pelas bibliotecas da Europa central e oriental. Percorria os velhos repositórios quando os turistas e eruditos estavam em baixa para se assegurar de que nada de incomum nos últimos doze meses pudesse causar problemas para a Congregação ou para ele. Mantinha um informante confiável em cada biblioteca, um membro importante da instituição que tivesse livre acesso aos livros e manuscritos, mas não tão importante assim se Knox fosse requisitado para tomar uma atitude contra os tesouros da biblioteca simplesmente... fazendo-o desaparecer.

Knox fazia essas visitas regulares desde que terminara o doutorado e começara a trabalhar para a Congregação. O mundo se transformara desde a Segunda Guerra Mundial, e a estrutura administrativa da Congregação se ajustara aos tempos. Com a revolução dos transportes do século XIX, as ferrovias e rodovias permitiram um novo estilo de governança, com cada espécie policiando a própria espécie em vez de supervisionar áreas geográficas. Isso significava viajar muito e trocar correspondências, tornadas possíveis na era do vapor. Philippe de Clermont tinha sido fundamental na modernização das operações da Congregação, mas fazia tempo que Knox suspeitava de que a atitude do rival servira mais para proteger os segredos dos vampiros e menos para promover o progresso.

Quando as guerras mundiais interromperam as comunicações e as redes de transporte, a Congregação retomou os velhos costumes. Era mais

sensato fatiar o globo terrestre do que cruzá-lo no rastro de algum indivíduo específico acusado de ter agido mal. Ninguém ousou sugerir uma mudança radical como essa enquanto Philippe esteve vivo. Felizmente, o líder da família De Clermont já não estava por perto para oferecer resistência. A internet e a troca de e-mails ameaçavam tornar essas viagens desnecessárias, mas Knox gostava da tradição.

O informante na Biblioteca de Strahov era um homem de meia-idade chamado Pavel Skovajsa. Era um sujeito pardo como papel de embrulho que usava um par de óculos da era comunista que se recusava a trocar, se bem que não estava claro se essa relutância se devia a razões sentimentais ou históricas. Knox geralmente se encontrava com ele na cervejaria do monastério, cujos tanques de cobre serviam uma excelente cerveja de cor âmbar chamada Sr. Norbert, ou São Norberto, um santo cujos restos mortais repousavam no monastério.

Mas nesse ano Skovajsa tinha realmente descoberto alguma coisa.

– É uma carta. Em hebraico – sussurrou ao telefone. Não confiava em tecnologias novas, não tinha celular e detestava e-mails. E por isso ganhara o emprego no departamento de conservação, onde a sua abordagem idiossincrática do conhecimento não poderia retardar a firme marcha da biblioteca em direção à modernidade.

– Por que está cochichando, Pavel? – perguntou Knox irritado. O único problema é que Skovajsa adorava se pensar como um verdadeiro espião dos tempos da Guerra Fria. E como resultado disso tornou-se paranoico.

– Porque separei o livro que esconde a carta. Está escondida dentro de um exemplar do *De Arte Cabalistica*, de Johannes Reuchlin – respondeu Skovajsa cada vez mais excitado. Knox olhou para o relógio de pulso. Ainda era muito cedo e não tinha tomado o café da manhã. – Você precisa vir logo. A carta menciona a alquimia e aquele inglês que trabalhou para Rodolfo II. Pode ser importante.

Knox já tinha programado o próximo voo para Berlim. E agora

Skovajsa o enfurnava no porão da biblioteca, uma sala escura iluminada apenas por uma lâmpada.

– Não há outro lugar mais confortável para fazermos isso? – perguntou Knox, olhando para a mesa de metal (também da era comunista) com suspeita. – Aquilo é *goulash*? – Apontou para uma mancha pegajosa na superfície da mesa.

– As paredes têm ouvidos e o chão tem olhos. – Skovajsa limpou a mancha com a bainha do suéter marrom. – Aqui nós estamos seguros. Sente-se. Vou lhe mostrar a carta.

– E o livro – disse Knox de imediato. Skovajsa se virou surpreso com o tom de Knox.

– Sim, é claro. O livro também.

– Esse não é *A arte da cabala* – disse Knox quando Skovajsa retornou. Knox ficava mais irritado a cada minuto que passava. O livro de Johannes Reuchlin era fino e elegante. Aquela monstruosidade devia ter umas oitocentas páginas. Largou o livro em cima da mesa e o impacto reverberou pelo tampo e as pernas de metal.

– Não exatamente – disse Skovajsa, na defensiva. – É o livro de Galatino, *De Arcanis Catholicae Veritatis*. Mas o Reuchlin está contido nele. – Tratar detalhes bibliográficos precisos com soberba era uma das coisas que Knox mais detestava.

– O título tem inscrições em hebraico, latim e francês. – Skovajsa abriu a capa do livro. Não havia nada fixando a lombada do grosso volume e Knox então não se surpreendeu quando ouviu um estalo sinistro. Olhou preocupado para Skovajsa. – Não se preocupe – assegurou o conservacionista –, este livro ainda não está catalogado. Só o descobri porque estava numa estante ao lado de outro exemplar que tinha ido para a encadernação. É bem provável que tenha parado aqui por engano quando nossos livros voltaram em 1989.

Knox observou minuciosamente o título e as inscrições.

בנימין זאב יטרף בבקר יאכל עד ולערב יחלק שלל Gênesis 49:27

Beniamin lupus rapax mane comedet praedam et vespere dividet spolia.

Benjamin est un loup qui déchire; au matin il dévore la proie, et sur le soir il partage le butin.

– É caligrafia antiga, não é? E obviamente o proprietário era homem de instrução – comentou Skovajsa.

– *Benjamin, lobo voraz. De manhã devora a presa e à tarde reparte o despojo*. – Knox ponderou. Não conseguia atinar o que os versos tinham a ver com o *De Arcanis*. A obra de Galatino contribuíra na guerra entre a Igreja Católica e o misticismo judaico... a mesma guerra que levara à queima de livros, aos processos inquisitoriais e à caça às bruxas no século XVI. A posição de Galatino a respeito dos temas estava presente no título *Dos segredos da verdade universal*. Galatino argumentava com astutas acrobacias intelectuais que os judeus haviam antecipado as doutrinas cristãs e que o estudo da cabala poderia auxiliar os esforços católicos de converter os judeus à verdadeira fé.

– Será que o nome do proprietário era Benjamin? – Skovajsa olhou por cima do ombro e estendeu um arquivo. Knox se deu por satisfeito ao ver que não havia a palavra confidencial escrita em letras vermelhas. – E aqui está a carta. Não sei hebraico, mas as palavras Edwardus Kellaeus e alquimia... *alchymia*... estão escritas em latim.

Knox virou a página. Ele estava sonhando. Só podia estar sonhando. A carta datava do segundo dia de Elul 5369 – 1º de setembro de 1609, no calendário cristão. E era assinada por Yehuda ben Bezalel, mais conhecido como rabino Judah Loew.

– Conhece hebraico? – perguntou Skovajsa.

– Sim. – Dessa vez quem sussurrou foi Knox. – Sim – repetiu com mais

ênfase e cravou os olhos na carta.

– E então? – disse Skovajsa passado um minuto de silêncio. – O que diz a carta?

– Pelo visto um judeu de Praga conheceu Edward Kelley e escreveu para contar a um amigo. – De certa maneira, era verdade.

"Vida longa e paz para você, Benjamin, filho de Gabriel, prezado amigo", escrevera o rabino Loew.

Recebi sua carta com grande alegria em minha cidade natal. Para você Poznan é um lugar muito melhor que a Hungria, onde nada espera por você além de miséria. Embora eu seja um velho, sua carta me trouxe claramente os estranhos eventos que ocorreram na primavera de 5351, ocasião em que Edwardus Kellaeus, estudante de alquimia e estimado pelo imperador, chegou a mim. Ele delirava porque matara um homem e porque os guardas do imperador logo o prenderiam por assassinato e traição. Previu a própria morte aos gritos: "Cairei como os anjos no inferno." Também se referiu ao livro que está sendo procurado por você, o que foi roubado do imperador Rodolfo, como bem sabe. Às vezes, Kellaeus o chamava de Livro da Criação e, outras vezes, de Livro da Vida. Kellaeus chorava e dizia que o fim do mundo estava próximo. Não cansava de repetir augúrios como "Começa com ausência e desejo", "Começa com sangue e medo", "Começa com a descoberta das bruxas", e por aí afora.

Em seu desvario Kellaeus arrancou três folhas do Livro da Vida, antes de ter sido roubado do imperador. Kellaeus me deu uma delas. Não me contou para quem deu as outras duas que descreviam enigmaticamente o anjo da morte e o anjo da vida. Infelizmente, desconheço o atual paradeiro do livro. Não tenho mais a referida folha comigo porque a dei para Abraão ben Elijah,

por segurança. Ele morreu vitimado pela peste e talvez essa folha esteja perdida para sempre. Seu criador é o único que poderia esclarecer o mistério. Ele também esteve à procura desse livro. Talvez o seu interesse em remediar esse livro danificado se estenda à cura de sua linhagem danificada, de modo que possa encontrar a paz com o Pai que lhe deu a vida e o ar. Que o Senhor guarde o seu espírito, do amigo Yehuda que bem lhe quer, da santa cidade de Praga, filho de Bezalel, 2º do mês de Elul, 5369.

– É só isso? – perguntou Skovajsa após uma longa pausa. – É só sobre um encontro?

– Em essência. – Knox fez cálculos rápidos no verso de um folheto. Loew morrera em 1609. Kelley o visitara dezoito anos antes. *Primavera de 1591*. Enfiou a mão no bolso, pegou o celular e olhou para o aparelho com ar decepcionado. – Não há sinal aqui?

– Estamos no subsolo – respondeu Skovajsa, encolhendo-se e apontando para as grossas paredes. – E então? Acertei em lhe informar sobre a carta? – Lambeu os lábios na expectativa.

– Você agiu muito bem, Pavel. Ficarei com a carta. E com o livro. – Foram os únicos itens que Knox retirou da Biblioteca de Strahov.

– Ótimo. Achei que valeria o seu tempo porque mencionava a alquimia. – Pavel abriu um sorriso.

Foi lamentável o que aconteceu depois. Skovajsa tivera o azar de encontrar algo precioso para Knox, depois de procuras sem êxito por anos a fio. Com poucas palavras e um pequeno gesto Knox tratou de assegurar que Pavel nunca fosse capaz de partilhar o que vira com outra criatura. Por algumas razões sentimentais e éticas, Knox não o matou de imediato. Isso seria a atitude de um vampiro, como ele próprio atestou no último outono quando encontrou Gillian Chamberlain presa em sua porta no Randolph Hotel. Knox era um bruxo e simplesmente liberou um coágulo da coxa de

Skovajsa e o fez subir até o cérebro do infeliz. Uma vez alojado ali, o coágulo causou um derrame. Skovajsa só seria encontrado algumas horas depois e a essa altura nada poderia ser feito.

Knox retornou ao carro alugado, com o grosso volume e a carta enfiados debaixo do braço. Já estava bem longe do complexo da Strahov quando parou num acostamento e pegou a carta com as mãos trêmulas.

Tudo o que a Congregação sabia a respeito do misterioso livro das origens – o Ashmole 782 – se baseava em fragmentos como aquele. Qualquer descoberta nova se somava dramaticamente ao conhecimento já possuído. E aquela carta encerrava em si algo mais que uma breve descrição e algumas pistas veladas de sua importância. Além de nomes e datas, a perturbadora revelação de que faltavam três folhas no livro que Diana Bishop encontrara em Oxford.

Knox se debruçou sobre a carta mais uma vez. Queria saber mais – queria espremer cada fragmento de informação potencialmente útil. E daquela vez algumas palavras e frases se realçavam: *sua linhagem danificada; o Pai que lhe deu a vida e o ar; seu criador*. Na primeira leitura Knox presumira que Loew estava se referindo a Deus. E na segunda leitura chegou a uma conclusão diferente. Ele pegou o celular e digitou um único número.

– *Oui.*

– Quem é Benjamin ben Gabriel? – perguntou.

Fez-se um silêncio absoluto por um breve instante.

– Alô, Peter – disse Gerbert de Aurillac. Knox fechou o punho livre perante a indiferença da resposta. Uma reação típica dos vampiros da Congregação. Falavam de honestidade e cooperação, mas tinham vivido muito e conhecido muito. E como todos os predadores nunca se mostravam dispostos a partilhar as presas.

– *Benjamin, lobo voraz.* Já sei que Benjamin ben Gabriel é um vampiro. Quem é ele?

– Ninguém de importância.

– Você sabe o que aconteceu em Praga em 1591? – perguntou Knox, com firmeza.

– Uma porção de coisas. Não pode esperar que recite cada evento para você, como um professor de história de escola primária.

Soou um tênue tremor na voz de Gerbert, uma sutileza que só alguém como Knox que o conhecia a fundo poderia perceber. Gerbert, o venerável vampiro que nunca perdia as palavras numa discussão, estava nervoso.

– Edward Kelley, assistente do dr. Dee, estava na cidade em 1591.

– Já passamos por isso antes. É verdade, a Congregação chegou a cogitar que talvez o Ashmole 782 tivesse estado na biblioteca de Dee. Acontece que me encontrei com Edward Kelley em Praga quando surgiram as primeiras suspeitas disso na primavera de 1586. O dr. Dee tinha um livro com muitas ilustrações. Mas não era o nosso. Desde então rastreamos cada item da biblioteca de Dee, apenas por segurança. Elias Ashmole não obteve os manuscritos de Dee e de Kelley.

– Você está errado. Kelley esteve com o livro em maio de 1591. – Knox fez uma pausa. – E o danificou. Faltavam três folhas no livro que Diana Bishop encontrou em Oxford.

– Peter, o que você sabe? – perguntou Gerbert em tom agudo.

– Gerbert, o que *você* sabe? – Knox não gostava do vampiro e mesmo assim fazia muitos anos que eram aliados. Ambos sabiam que uma mudança cataclísmica no mundo estava próxima. E no fim das contas haveria vencedores e perdedores. Nenhum dos dois tinha a menor intenção de estar do lado dos perdedores.

– Benjamin ben Gabriel é filho de Matthew Clairmont – disse Gerbert relutante.

– Filho dele? – repetiu Knox aturdido. Benjamin de Clermont era um ninguém na elaborada lista genealógica dos vampiros mantida pela Congregação.

– Sim. Mas Benjamin renegou a própria linhagem. Isso não é algo que um vampiro faz assim à toa porque quase sempre o resto da família o mata para manter os segredos. Acontece que Matthew proibiu aos De Clermont que acabassem com a vida do seu filho. E ninguém mais o viu desde que ele desapareceu em Jerusalém no século XIX.

O mundo de Knox virou de cabeça para baixo. Matthew Clairmont não poderia ter o Ashmole 782. Não se o livro guardasse a tradição mais acalentada pelas bruxas.

– Bem, teremos que encontrá-lo – disse Knox em tom sério. – Pois segundo esta carta, Edward Kelley rasgou as três folhas. E deu uma delas para o rabino Loew, que a passou para alguém chamado Abraão ben Elijah, de Chelm.

– Abraão ben Elijah era conhecido como um poderoso bruxo. Suas criaturas não conhecem a própria história?

– Nós sabemos que não devemos confiar nos vampiros. E sempre descartei esse preconceito como historieta, não como história, mas agora já não estou certo. – Knox fez uma pausa. – Loew sugeriu a Benjamin que pedisse ajuda ao pai. Eu sabia que o De Clermont estava escondendo alguma coisa. Precisamos encontrar Benjamin de Clermont e fazê-lo confessar o que ele e o pai sabem a respeito do Ashmole 782.

– Benjamin de Clermont é um jovem volúvel. Sofreu a mesma doença que afligiu Louisa, a irmã de Matthew. – Os vampiros chamavam essa doença de ira do sangue, e a Congregação se perguntava se não estava de alguma forma relacionada à nova doença que afligia os vampiros, uma doença que os impossibilitava de gerar novos vampiros e que acarretou tantas mortes de sangues-quentes ao tentar gerá-los. – Nós encontraremos as três folhas perdidas do Ashmole 782 sem a ajuda dele, se é que realmente existem. Será melhor assim.

– Não. É hora de os vampiros soltarem seus segredos. – Knox sabia que o sucesso ou o fracasso dos planos deles só dependia daquele ramo instável

da árvore genealógica da família De Clermont. Olhou para a carta novamente. Loew deixara bem claro que queria que Benjamin remediasse não apenas o livro como também as relações que mantinha com a própria família. Talvez Matthew Clairmont soubesse mais sobre o livro do que todos os outros suspeitavam.

– Presumo que esteja querendo que uma viajante do tempo se desloque até a Praga de Rodolfo e saia no encalço de Edward Kelley – grunhiu Gerbert, sufocando um suspiro de impaciência. Os bruxos podiam ser muito impulsivos...

– Pelo contrário. Irei até Sept-Tours.

Gerbert bufou. Irromper em pleno castelo da família De Clermont era uma ideia ainda mais ridícula que viajar até o passado.

– Por mais tentador que possa parecer, isso não é nem um pouco sensato. Baldwin só faz vista grossa por conta da rixa que tem com Matthew. – Pelo que Gerbert se lembrava, o único erro estratégico de Philippe consistira em passar o controle dos Cavaleiros de Lázaro para Matthew e não para o filho mais velho, sobre o qual sempre se pensou ser o mais adequado para assumir a posição. – Além do mais, faz tempo que Benjamin não se considera um De Clermont... e certamente os De Clermont também não o consideram como um deles. Sept-Tours é o último lugar onde o encontraríamos.

– Pelo que sei, há séculos que Matthew de Clermont tem uma das folhas que faltam em sua posse. Incompleto, o livro não tem qualquer utilidade para nós. E já é hora daquele vampiro pagar pelos seus pecados... e pelos pecados da mãe e do pai também. – Ambos haviam sido responsáveis pela morte de milhares de bruxas e bruxos. Que os vampiros se preocupassem com Baldwin. Knox tinha a justiça ao lado dele.

– Não se esqueça dos pecados da amada dele – disse Gerbert em tom vicioso. – Perdi a minha Juliette. Diana Bishop tem uma dívida comigo por uma vida tomada de mim.

– Isso que dizer que posso contar com sua ajuda? – De qualquer forma, Knox estava pouco se lixando para isso. Antes que a semana terminasse lideraria um grupo de bruxas contra os De Clermont, com ou sem ajuda de Gerbert.

– Pode, sim – Gerbert acedeu relutante. – Você sabe que estão todos reunidos lá dentro. Bruxas. Vampiros. E até demônios. Inclusive se autodenominaram Conventículo. Marcus enviou uma mensagem aos vampiros, sugerindo que o acordo da Congregação deveria ser repelido.

– Mas isso significaria...

– O fim do nosso mundo – completou Gerbert a frase.

PARTE V

LONDRES: BLACKFRIARS





– Você me ludibriou!

Um sapato damasco avermelhado zuniu pelo ar. Matthew abaixou a cabeça para não ser atingido. O sapato passou rente à orelha dele, derrubou uma suntuosa esfera armilar da mesa e caiu no chão. Os aros que circundavam a esfera giraram em torno das órbitas fixas em impotente frustração.

– Eu queria Kelley, seu tolo. Em vez disso, tenho um embaixador do imperador a me relatar indiscrições pessoais intermináveis. Ainda não eram oito horas e o sol mal tinha nascido quando ele solicitou uma audiência comigo. – Elizabeth Tudor estava com dor de dente, o que só piorava o seu humor. Fez uma careta e sugou a bochecha para aliviar a dor do molar infeccionado. – E onde você estava? Se arrastando como uma lesma até aqui e não dando a mínima para o meu sofrimento?

Uma beldade de olhos azuis deu um passo à frente e estendeu um pano encharcado de óleo de cravo-da-índia para Sua Majestade. Com Matthew fervilhando ao meu lado, o odor de especiarias que impregnava a sala beirou o insuportável. Elizabeth pôs o pano entre a bochecha e a gengiva com todo cuidado, e a mulher se retirou com um vestido verde que farfalhava ao redor dos tornozelos. Isso era um sinal otimista naquele dia nublado de maio, como se isso apressasse a chegada do verão. Da sala do quarto andar da torre do Palácio de Greenwich tinha-se uma vista panorâmica do rio cinzento, da terra enlameada e do céu nublado da Inglaterra. Apesar das muitas janelas, a prateada luz da manhã não conseguia dissipar o clima pesado daquela sala resolutamente masculina e

mobiliada ao antigo estilo Tudor. As iniciais gravadas no teto – um H e um A entrelaçados em alusão a Henrique VIII e Ana Bolena – indicavam que o ambiente fora decorado por volta do nascimento de Elizabeth e que desde então raramente era utilizado.

– Talvez devêssemos ouvir mestre Roydon antes que a senhora jogue o tinteiro – sugeriu William Cecil brandamente enquanto detinha o braço de Elizabeth, se bem que ela não largou o pesado objeto de metal.

– Nós temos notícias sobre Kelley – interferi na tentativa de ajudar.

– Não pedimos sua opinião, sra. Roydon – disse a rainha da Inglaterra em tom cortante. – Como muitas mulheres da minha corte, você está essencialmente sem governança e sem decoro. Se você deseja permanecer com seu marido em Greenwich, em vez de ser mandada de volta para o seu lugar em Woodstock, seria mais sensato tomar a sra. Throckmorton como modelo. Ela só fala quando é solicitada a falar.

A sra. Throckmorton olhou de relance para Walter que estava de pé e ao lado de Matthew. Nós o tínhamos encontrado na escada dos fundos dos aposentos privados da rainha e, embora Matthew tivesse achado desnecessário, Walter insistiu em nos acompanhar até a toca do leão.

Os lábios de Bess se comprimiram quando ela voltou a se entreter, mas seus olhos dançaram. O caso entre a atraente jovem e o arrojado pirata saturnino da rainha era evidente para todos, menos para Elizabeth. Cupido conseguira enredar *sir* Walter Raleigh, conforme Matthew previra. O homem estava profundamente obcecado.

Os lábios de Walter se descontraíram perante o olhar desafiador da amada, e o olhar de franca aprovação que lançou para ela era uma promessa de que abordariam o tema do decoro dela num lugar mais privado.

– Já que a senhora não necessita da presença de Diana, talvez permita que minha esposa volte para casa para descansar, como sugeri – disse Matthew em tom casual, se bem que com os olhos tão negros e irados

quanto os da rainha. – Ela está viajando há semanas. – A barcaça real nos interceptara antes mesmo de pisarmos em Blackfriars.

– Descansar! Não tive uma só noite de sono desde que fiquei sabendo das suas aventuras em Praga. Ela vai descansar quando eu terminar minha conversa com você! – disse Elizabeth aos gritos, arremessando o tinteiro pelo mesmo caminho do sapato real. Ele veio em minha direção como um bólido, mas Matthew o agarrou no ar. Sem dizer nada, entregou-o para Raleigh que, por sua vez, o entregou para o criado que estava com o sapato da rainha na mão.

– Mestre Roydon seria muito mais difícil de substituir do que aquele brinquedo de astronomia, Majestade. – Cecil ergueu uma almofada bordada. – Talvez a senhora devesse considerar isto, caso precise de mais munição.

– Não ouse se dirigir a mim, lorde Burghley! – esbravejou a rainha. Voltou-se furiosa para Matthew. – Sebastian St. Clair nunca tratou o meu pai dessa maneira. Ele não ousaria provocar o leão Tudor.

Bess Throckmorton pestanejou de surpresa ao ouvir um nome desconhecido. Girou a cabeça dourada para Walter e para a rainha como uma delicada flor de dente-de-leão à procura do sol. Cecil tossiu por gentileza face à evidente confusão da jovem.

– Deixemos as reminiscências sobre o seu abençoado pai para outra hora, para quando pudermos nos devotar de maneira apropriada à memória dele. A senhora não tem perguntas a fazer para mestre Roydon? – O secretário da rainha olhou para Matthew de forma apologética. *Que tipo de diabo você preferiria?* Era o que a expressão dele parecia dizer.

– Você está certo, William. Não é da natureza dos leões se envolverem com camundongos e outras criaturas insignificantes.

O desdém da rainha contribuiu de algum modo para deixar Matthew do tamanho de um garotinho. Ela percebeu que ele já estava suficientemente constrangido – embora o tremor no músculo do maxilar

me fizesse questionar o remorso dele – e se deu um instante para se recompor, apertando os braços da cadeira.

– Eu gostaria de saber como é que o Sombra consegue armar tanta confusão. – A voz dela soou lamuriosa. – O imperador tem muitos alquimistas. Não precisa de um dos meus.

Os ombros de Walter se descontraíram e Cecil suspirou de alívio. A rainha chamara Matthew pelo apelido e isso era sinal de que a raiva se abrandara.

– Edward Kelley não pode ser arrancado da corte do imperador como uma haste de capim, sejam lá quantas rosas cresçam naquele lugar – disse Matthew. – Rodolfo o tem em alta conta.

– Kelley então finalmente obteve êxito. Já *está* de posse da pedra filosofal – disse Elizabeth, inspirando uma golfada de ar. Apertou o lado do rosto quando o ar atingiu o dente inflamado.

– Não obteve êxito, não... e esse é o centro do problema. Enquanto Kelley mantiver a promessa de que produzirá a pedra, Rodolfo jamais o deixará partir. O imperador é fascinado por tudo que não pode ter e por isso age como um jovem inexperiente e não como um monarca maduro. Sua Majestade adora a caça. Isso enche os dias e ocupa os sonhos dele – disse Matthew, com ar impassível.

Às vezes eu ainda sentia o toque desagradável e os olhares lascivos de Rodolfo II, embora os campos encharcados e rios transbordantes da Europa nos deixassem em considerável distância dele. Senti um calafrio, mesmo com o calor de maio e o fogo ardendo na lareira.

– O novo embaixador francês me relatou em carta que Kelley conseguiu transformar cobre em ouro.

– Philippe de Mornay não é mais confiável que seu antigo embaixador... aquele que se bem me lembro tentou assassiná-la. – O tom de Matthew soou em perfeito equilíbrio entre a subserviência e a irritação. Elizabeth levou um tempo para reagir.

– Está me jogando uma isca, mestre Roydon?

– Nunca jogaria uma isca para um leão... nem mesmo para um filhote de leão – retrucou Matthew. Walter fechou os olhos, como se não aguentasse testemunhar a inevitável tragédia. – Eu teria muito medo de um encontro dessa natureza e não desejo macular a minha aparência por temer que a senhora não suporte mais me ver.

Fez-se um silêncio assombrado, finalmente quebrado por uma risada. Os olhos de Walter se abriram.

– Você teve o que mereceu, insinuando-se para uma jovem aia no instante em que ela costurava – disse Elizabeth, com um tom que soou muito mais como indulgência.

Balancei levemente a cabeça em negativa, certamente estava ouvindo coisas.

– Manterei isso em mente, Majestade, caso caia em cima de outra leoa com uma tesoura afiada.

Eu e Walter estávamos agora tão confusos quanto Bess. Apenas Matthew, Elizabeth e Cecil pareciam entender o que era dito... e o não dito.

– Mesmo assim, agiu como o meu Sombra. – Elizabeth olhou para Matthew de um modo que de novo a fez parecer uma mocinha e não uma mulher à beira dos sessenta. Pisquei os olhos e de novo lá estava a monarca envelhecida e cansada. – Deixem-nos.

– Vossa... Ma-Majestade? – gaguejou Bess.

– Desejo conversar privadamente com mestre Roydon. Presumo que ele não permitirá que sua esposa linguaruda fique fora de vista, de modo que ela também pode ficar. Espere-me na minha câmara privada, Walter. Leve Bess com você. Depois, nos juntaremos a todos.

– Mas... – protestou Bess. Parecia nervosa. Ficar ao lado da rainha era o trabalho dela, e sem o protocolo para guiá-la parecia perdida no meio do mar.

– É melhor a senhora me ajudar, sra. Throckmorton. – Cecil se afastou da rainha com dificuldade, amparado por uma pesada bengala. Cruzou com Matthew, olhando-o duramente. – Deixaremos mestre Roydon aqui pelo bem-estar de Sua Majestade.

A rainha fez sinal para que os criados se retirassem da sala, e ficamos apenas nós três.

– *Jesu* – disse Elizabeth com um gemido. – Minha cabeça parece uma maçã podre prestes a rachar. Não poderia ter escolhido uma hora mais oportuna para causar um incidente diplomático?

– Deixe-me examiná-la, senhora – disse Matthew.

– Mestre Roydon, acha mesmo que pode me dar a assistência que o meu próprio médico não pode? – retrucou a rainha, com esperança e cautela.

– Creio que posso poupá-la de um pouco de dor, se Deus quiser.

– Meu pai falou de você com saudade até a hora da morte. – As mãos de Elizabeth apertaram as pregas da saia. – Comparava-o a um tônico cujos benefícios ele não soube apreciar.

– Como assim? – Matthew não se preocupou em dissimular a curiosidade. Não era uma história que ouvira antes.

– Dizia que você conseguia acabar com o mau humor dele com uma rapidez que nenhum outro homem conhecido conseguia... embora você fosse difícil de engolir, como a maioria dos médicos. – Elizabeth sorriu em resposta à gargalhada de Matthew, e logo o sorriso vacilou. – Ele era um homem fantástico e terrível... e um tolo.

– Todos os homens são tolos, Majestade – disse Matthew de pronto.

– Não. Vamos falar francamente. Finja que não sou a rainha da Inglaterra e que você não é um *wearh*.

– Só se me deixar ver o seu dente, senhora – disse Matthew, cruzando os braços no peito.

– No passado, pedir para dividir intimidades comigo seria pedir indulgência, e você não estabeleceria condições para aceitar a minha

proposta. – Elizabeth suspirou. – Estou perdendo mais do que apenas os dentes. Muito bem, mestre Roydon.

– Ela abriu a boca obedientemente. Eu estava a certa distância e mesmo assim senti um cheiro de podre. Ele a segurou pela cabeça para enxergar o problema com mais nitidez.

– É um milagre que a senhora ainda tenha dentes – disse em tom firme. Elizabeth ruborizou de irritação e tentou replicar. – A senhora poderá gritar quando eu tiver acabado. E quando isso acontecer terá uma boa razão para esbravejar porque já terei confiscado as violetas cristalizadas e o vinho doce da senhora. Assim, não lhe restará nada de prejudicial para beber senão água de hortelã e nada para chupar senão cravo-da-índia para as gengivas. Suas gengivas estão seriamente infeccionadas.

Matthew passou o dedo ao longo dos dentes da rainha. Alguns estavam alarmantemente amolecidos. Elizabeth arregalou os olhos. Ele soltou um murmúrio de desagrado.

– Ainda que seja a rainha da Inglaterra, Lizzie, isso não lhe dá o conhecimento de medicina e cirurgia. É mais sensato procurar o aconselhamento de um cirurgião. Agora, fique quieta.

Enquanto tentava me recompor depois de ter ouvido o meu marido chamar a rainha da Inglaterra de "Lizzie", ele esfregava o dedo indicador num dente afiado para tirar uma gota de sangue. E depois se voltou para a boca de Elizabeth outra vez. Foi muito cuidadoso, mas a rainha gemeu e em seguida relaxou os ombros de alívio.

– Obrigada – murmurou.

– Não me agradeça ainda. Não haverá balinhas nem doces enquanto me tiver por perto. E receio que a dor retornará. – Ele puxou os dedos e ela passou a língua na boca para ver como se sentia.

– Está bem, mas por ora passou – disse Elizabeth agradecida, apontando para as cadeiras mais próximas. – Temo que seja hora de acertarmos as contas. Sentem-se e falem sobre Praga.

Eu tinha passado algumas semanas na corte do imperador e sabia que um convite para sentar-se na presença de um regente era um privilégio extraordinário, mas me senti duplamente agradecida por poder fazer isso naquele momento. A viagem exacerbara a fadiga normal das primeiras semanas de gravidez. Matthew puxou uma cadeira para mim e me sentei. Pressionei-me de costas nas saliências dos entalhes do encosto, massageando as juntas doloridas. Ele automaticamente levou a mão nesse mesmo ponto do meu corpo e fez uma massagem para aliviar a minha dor. A rainha pareceu assolada por uma onda de inveja.

– Também está com dor, sra. Roydon? – perguntou ela em tom solícito. Mostrou muita gentileza. Se fosse Rodolfo a tratar um cortesão assim, era quase certo que algo sinistro estivesse a caminho.

– Sim, Majestade. Infelizmente, a água de hortelã não me será útil – respondi desolada.

– E não amenizará as penas arrepiadas do imperador. O embaixador de Rodolfo me contou que a senhora roubou um dos livros dele.

– Que livro? – perguntou Matthew. – Rodolfo tem tantos livros. – A encenação soou oca porque geralmente os vampiros só conseguiam aparentar inocência por pouco tempo.

– Isso não é um jogo, Sebastian – disse a rainha em voz baixa, confirmando a minha suspeita de que Matthew assumira o nome de Sebastian St. Clair quando integrara a corte de Henrique.

– Você sempre joga – retrucou ele. – E nisso não é diferente nem do imperador nem de Henrique da França.

– A sra. Throckmorton me contou que você e Walter têm trocado versos sobre a inconstância do poder. Mas não me coloque entre esses vãos potentados que não servem para nada a não ser para escarnecer e ridicularizar. Fui educada por mestres severos – rebateu a rainha. – Todos à minha volta... mãe, tias, madrastas, tios e primos... já morreram. E eu sobrevivi. Portanto, trate de não mentir para mim. Pergunto-lhe mais uma

vez, onde está o livro?

– Não está conosco – respondi.

Matthew olhou aturdido para mim.

– O livro não está conosco. Neste momento. – Sem dúvida alguma já estaria em completa segurança nos arquivos de Matthew no sótão de Hart and Crown. Eu o entregara embrulhado numa sedosa peça de couro para Gallowglass tão logo a barcaça real começou a nos seguir ao longo do Tâmisa.

– Ora, ora. – A boca de Elizabeth se abriu ligeiramente, deixando os dentes enegrecidos à vista. – Você me surpreende. E pelo visto também o seu marido.

– Não sou nada senão surpresas, Majestade. Pelo menos é o que dizem. – Tomei o cuidado de dirigir-me a rainha com formalidade, embora Matthew a tivesse chamado de Lizzie e ela o tivesse chamado de Sebastian.

– Sendo assim, o imperador deve estar tomado pela ilusão. Qual é a sua explicação para o caso?

– Não há nada de extraordinário no caso – disse Matthew, bufando. – Receio que a loucura que afligiu a família de Rodolfo esteja agora afligindo a ele próprio. Matthias, o irmão dele, planeja destroná-lo e assumir o poder, já que o imperador não consegue mais reinar.

– Não é de estranhar que o imperador esteja ávido por manter Kelley. Se conseguir a cura com a pedra filosofal, isso tornará discutível a questão do sucessor. – A expressão da rainha se tornou azeda. – Ele vai viver para sempre, obviamente.

– Vamos com calma, Lizzie. Você sabe melhor do que ninguém que Kelley não é capaz de fazer a pedra. Não poderá salvar nem a você nem a ninguém. Até mesmo imperadores e rainhas têm que morrer um dia.

– Nós somos amigos, Sebastian, mas não se esqueça de si mesmo. – Os olhos de Elizabeth brilharam.

– Eu lhe disse a verdade quando você tinha sete anos e me perguntou se

o seu pai planejava matar a nova esposa dele. Fui sincero com você naquela ocasião e continuo sendo agora, por mais que isso a enfureça. Nada trará a sua juventude de volta, Lizzie, e muito menos aqueles que você perdeu – disse Matthew em tom implacável.

– Nada? – Elizabeth o observou com acuro. – Não vejo rugas nem cabelos brancos em você. Sua aparência está exatamente igual à de cinquenta anos atrás quando lhe mostrei a minha tesoura na corte de Hampton.

– Se isso é um pedido para torná-la *wearh* com o meu sangue, minha resposta é não. O acordo proíbe interferências na política humana... e isso certamente inclui alterar a sucessão inglesa e colocar uma criatura no trono. – A expressão de Matthew era de interdição.

– E seria essa a sua resposta se Rodolfo fizesse o mesmo pedido? – perguntou Elizabeth, com os olhos negros faiscando.

– Sim. Isso só levaria ao caos... e a coisas piores. – A perspectiva era assustadora. – Seu reino está seguro – garantiu ele. – O imperador está agindo como uma criança mimada cuja vontade não foi satisfeita. É isso.

– Mesmo assim, o tio dele, Filipe da Espanha, está construindo navios. Ele planeja outra invasão!

– E isso não vai dar em nada – afirmou Matthew.

– Você parece bastante seguro.

– E estou.

Leoa e lobo se entreolharam por cima da mesa. Até que Elizabeth se deu por satisfeita e desviou os olhos, suspirando.

– Tudo bem. Você não está com o livro do imperador e eu não estou nem com Kelley nem com a pedra. Precisamos aprender a conviver com a decepção. Mas preciso oferecer alguma coisa que adoce o humor do embaixador.

– Que tal isso? – Tirei a bolsa de dentro do esconderijo nas saias. Na bolsa não estavam o Ashmole 782 e o anel que se encontrava em meu

dedo, mas estavam os meus tesouros mais prezados: os cordões de seda que ganhara de Goody Alsop para tecer os meus primeiros feitiços, um seixo brilhante que Jack apanhara na areia de Elbe pensando que era uma joia, um fragmento da preciosa pedra bezoar que Susanna utilizaria em seus preparados medicinais e as salamandras de Matthew. E ainda o colar horroroso do qual pendia um dragão moribundo com que o sacro imperador romano me presenteara. Coloquei o último item em cima da mesa, entre mim e a rainha.

– Para uma rainha isso é mera bugiganga, e não está à altura da esposa de um cavalheiro. – Elizabeth estendeu a mão para tocar no dragão cintilante. – O que Rodolfo queria em troca desse presente?

– Matthew disse tudo, Majestade. O imperador cobiça aquilo que não pode ter. Achou que poderia ganhar a minha atenção. Isso não aconteceu. – Balancei a cabeça em negativa.

– Talvez Rodolfo não suporte a ideia de que fiquem sabendo que deixou escapar algo que lhe é tão valioso – disse Matthew.

– Você quer dizer a sua esposa ou essa joia?

– Minha esposa. – Ele foi taxativo.

– Em todo caso, a joia pode ser útil. Talvez a vontade dele tenha sido a de dar o colar para mim – ponderou Elizabeth –, e você se encarregou de trazê-la em segurança para cá.

– Até porque o alemão de Diana não é muito bom – assentiu Matthew, com um sorriso irônico. – Talvez Rodolfo tenha colocado o colar nos ombros dela só para ver como ficaria em você.

– Ora, tenho cá minhas dúvidas – disse Elizabeth secamente.

– Se o imperador pretendia dar este colar à rainha da Inglaterra, teria feito isso numa cerimônia mais apropriada. Se dermos ao embaixador o crédito que lhe é devido... – sugeri.

– Essa é uma boa solução. Não vai satisfazer a ninguém, é claro, mas os meus cortesãos terão alguma coisa para comentar até que surja uma nova

curiosidade. – Elizabeth tamborilou na mesa, pensativamente. – Mas ainda há o problema desse livro.

– Acreditaria em mim se lhe dissesse que ele não é importante? – perguntou Matthew.

Elizabeth balançou a cabeça.

– Não.

– Achei que não. E se fosse o contrário... e se o futuro dependesse desse livro? – disse Matthew.

– Isso é ainda mais absurdo. Mas como não tenho o menor desejo de que Rodolfo ou qualquer outro da família dele mantenha o futuro nas mãos, deixarei para você a decisão de entregá-lo... caso volte às suas mãos, é claro.

– Muito obrigada, Majestade. – Fiquei aliviada quando o problema foi solucionado relativamente com poucas mentiras.

– Não faço isso por você. – Elizabeth fez questão de frisar. – Venha, Sebastian. Coloque a joia no meu pescoço. E depois volte a ser mestre Roydon porque daremos um espetáculo de gratidão na sala de estar para surpreender todos eles.

Matthew fez o que a rainha pediu e deixou as mãos mais tempo do que o necessário nos ombros dela.

Elizabeth deu uma palmadinha na mão dele.

– Minha peruca está direita? – perguntou-me enquanto se levantava.

– Sim, Majestade. – Na verdade, ficara um pouco torta depois que Matthew colocara o colar.

Já de pé, Elizabeth ajeitou a peruca.

– Ensine a sua esposa a mentir de um modo convincente, mestre Roydon. Terá que ser mais escolada nas artes do engodo ou não sobreviverá muito tempo na corte.

– O mundo precisa muito mais de honestidade do que de outra cortesã – comentou ele, segurando-a pelo cotovelo. – Diana continuará sendo o

que é.

– Um marido que valoriza a honestidade da própria esposa. – Elizabeth balançou a cabeça em negativa. – Isso é a maior evidência já vista de que o mundo está chegando ao fim, exatamente como previu o dr. Dee.

Fez-se silêncio quando a rainha surgiu à soleira da porta do seu aposento privado ao lado de Matthew. O lugar estava lotado e a rainha olhou desconfiada para um jovem que, pela aparência de estudante, presumi ser um embaixador imperial, e depois olhou para William Cecil e olhou de volta para o jovem. Matthew soltou a mão da rainha que permaneceu com o braço dobrado. As asas do meu dragão de fogo bateram alarmadas dentro do meu peito.

Levei a mão ao diafragma para respirar melhor. *Aqui estão os verdadeiros dragões*, alertei a mim mesma silenciosamente.

– Agradeço ao imperador pelo presente dele, Sua Excelência – disse Elizabeth enquanto caminhava com a mão estendida para ser beijada em direção ao adolescente. O jovem olhou para ela sem entender nada. – *Gratias tibi ago.*

– Eles estão cada vez mais jovens – murmurou Matthew, puxando-me para perto dele.

– É o que costumo dizer sobre os meus alunos – sussurrei de volta. – Quem é ele?

– Vilém Slavata. Você deve ter visto o pai dele em Praga.

Enquanto observava o jovem Vilém, eu tentava imaginar a aparência que ele teria vinte anos depois.

– O pai dele era aquele gordo com uma covinha no queixo?

– Um deles. Você descreveu a maioria dos oficiais de Rodolfo. – Matthew esclareceu quando o olhei exasperada.

– Pare de cochichar, mestre Roydon! – Elizabeth lançou um olhar fulminante para o meu marido, que por sua vez fez uma reverência apologética. Sua Majestade acrescentou em latim. – *Decet eum qui dat,*

non meminisse beneficii: eum vero, qui accipit, intueri non tam munus quam dantis animum. – Isso era um teste linguístico da rainha da Inglaterra para ver se o embaixador era digno dela.

Slavata empalideceu. O pobre rapaz estava prestes a desabar.

Cabe a ele que dá não relembrar o favor: cabe a ela que recebe não olhar apenas o presente, mas também a alma do doador. Tossi para dissimular o sorriso por ter acertado a tradução.

– Vossa Majestade? – gaguejou Vilém, com um sotaque inglês acentuado.

– O presente. Do imperador. – Elizabeth apontou de maneira imperial para o colar de argolas esmaltadas arranjado em seus ombros magros. O dragão pendia no colo de Sua Majestade muito mais do que pendera no meu. Ela suspirou com exagerada exasperação. – Traduza o que acabei de falar, mestre Roydon. Não tenho paciência para aulas de latim. O imperador não educa os servos dele?

– Sua Excelência conhece o latim, Majestade. O embaixador Slavata frequentou a universidade em Wittenberg e estudou direito na Basileia, se não me falha a memória. Não é a língua que o está confundindo e sim a mensagem da senhora.

– Sendo assim, seremos bem claros de modo que ele... e o mestre dele... possam recebê-la. E não por minha causa. Prossiga – disse Elizabeth, com ar sombrio.

Matthew fez um meneio de ombros e repetiu a mensagem de Sua Majestade na língua natal de Slavata.

– Eu entendi o que ela disse – retrucou o jovem Slavata atordoado. – Mas o que ela quis dizer?

– Você está confuso. – Matthew continuou amistosamente em tcheco. – Isso é comum entre os novos embaixadores. Não se preocupe com isso. Diga à rainha que Rodolfo se sentiu muito feliz por lhe ter presenteado com a joia. E depois poderemos jantar.

– O senhor diria isso a ela por mim? – Slavata estava completamente fora de si.

– Espero que o senhor não tenha causado outro mal-entendido entre mim e o imperador Rodolfo, mestre Roydon – disse Elizabeth, visivelmente irritada porque o tcheco não estava entre as sete línguas que dominava.

– Sua Excelência disse que o imperador deseja saúde e felicidade para Vossa Majestade. E o embaixador Slavata está muito feliz porque o colar está em suas mãos e não perdido como ele temia. – Matthew olhou para a ama dele, com ar generoso. Ela esboçou dizer alguma coisa, mas fechou a boca e olhou fixamente para ele. Slavata ainda estava ávido para entender e quis saber como Matthew silenciara a rainha da Inglaterra. Fez um gesto para encorajar Matthew a traduzir, mas Cecil o pegou pela mão.

– Notícias instigantes, Excelência. Acho que o senhor já teve lições suficientes para um dia. Venha jantar comigo – disse Cecil, encaminhando o jovem embaixador para uma mesa próxima. A rainha agora blindada pelo seu espião e seu conselheiro-chefe pigarreou e subiu ao tablado, ajudada por Bess Throckmorton e Raleigh.

– E o que acontece agora? – sussurrei. Era o final do espetáculo e os ocupantes da sala demonstravam sinais de inquietação.

– Ainda preciso dizer algo, mestre Roydon. – Elizabeth chamou por ele enquanto as almofadas eram arrumadas para o bem-estar dela. – Não vai demorar muito.

– Pierre já está na porta ao lado da sala para lhe mostrar o meu aposento, onde há uma cama e você poderá descansar tranquilamente. Procure descansar até que Sua Majestade me libere. Não vou demorar. Ela só quer um relato completo sobre Kelley. – Matthew levou a minha mão aos lábios e beijou-a com formalidade.

Por conhecer a paixão de Elizabeth pelos servos masculinos, presumi que a reunião poderia se prolongar por horas a fio.

Fiquei atordoada, ainda que estivesse preparada para um clamor

naquele aposento. Cortesãos sem importância suficiente para dispor de um jantar em aposento privado esbarravam em mim na ânsia para se servir antes que acabasse a refeição. Fiquei com o estômago revirado quando o cheiro da carne assada de veado chegou ao meu nariz. Não gostava dessa carne e o bebê também parecia não gostar.

Pierre e Annie estavam próximos à parede, junto aos outros criados. Ambos se mostraram aliviados quando me viram.

– Onde está milorde? – perguntou Pierre, tirando-me do meio da confusão de corpos.

– Esperando pela rainha – respondi. – Estou muito cansada para continuar em pé... ou para comer. Pode me levar ao aposento de Matthew?

Pierre olhou com preocupação para a entrada da câmara privada.

– É claro.

– Conheço o caminho, sra. Roydon – disse Annie. Recém-chegada de Praga e muito à vontade na segunda visita que fazia à corte de Elizabeth, ela estampava uma indiferença estudada.

– Mostrei o aposento de milorde para ela quando levaram vocês para ver Sua Majestade. – Pierre me assegurou. – Fica lá embaixo, debaixo dos aposentos que antes eram ocupados pela esposa do rei.

– E que agora são ocupados pelos favoritos da rainha, suponho – retruquei entre dentes. Claro que era lá que Walter estaria dormindo... ou não, dependendo da ocasião. – Pierre, espere aqui por Matthew. Acharei o caminho com Annie.

– Muito obrigado, madame. – Pierre me olhou agradecido. – Não gosto de deixá-lo muito tempo a sós com a rainha.

A equipe pessoal da rainha jantava no não menos luxuoso aposento da guarda. Eles nos olharam curiosos quando nós duas passamos.

– Talvez haja um caminho mais direto – eu disse, mordendo o lábio e olhando para uma longa escadaria. O Salão Nobre devia estar ainda mais lotado.

– Lamento, senhora, mas não há – disse Annie em tom apologético.

– Só nos resta então enfrentar a turba – comentei, suspirando.

O Salão Nobre estava apinhado de gente desejosa da atenção da rainha. Uma onda de excitação saudou a minha aparição depois que saí dos aposentos reais, seguida de murmúrios decepcionados quando se deram conta de que eu não era importante. Já estava acostumada a ser o centro das atenções desde a visita à corte de Rodolfo, mas não foi nada confortável sentir o olhar pesado dos humanos, as cotoveladas de alguns poucos demônios e o olhar formigante de uma bruxa solitária. Contudo, girei os olhos assustada quando senti o olhar frio de um vampiro às minhas costas.

– Senhora? – disse Annie.

Esquadrinhei a multidão com os olhos, mas não consegui localizar a fonte.

– Não é nada, Annie – murmurei incomodada. – É minha imaginação me pregando peças.

– A senhora precisa descansar – disse ela, com o tom incisivo de Susanna.

Mas nenhum descanso me aguardava no espaçoso aposento de Matthew no térreo. Ficava de frente para os jardins privados da rainha. Não pude descansar porque lá estava o principal dramaturgo da Inglaterra. Pedi para que Annie tirasse Jack de eventuais confusões em que pudesse estar metido e me empertiguei para encarar Christopher Marlowe.

– Olá, Kit – eu disse. O demônio me olhou da escrivaninha de Matthew, com páginas e páginas de versos espalhadas ao redor. – Tudo bem?

– Walter e Henry estão jantando com a rainha. Por que a senhora não está com eles? – Kit estava pálido e magro, e parecia distraído. Levantou-se e começou a recolher os papéis, olhando ansiosamente para a porta, como se na expectativa de que alguém entrasse e nos interrompesse.

– Estou muito cansada. – Bocejei. – Mas você não precisa sair. Fique e

espere por Matthew. Ele ficará feliz ao vê-lo aqui. O que está escrevendo?

– Um poema. – Kit sentou-se depois da resposta lacônica. Alguma coisa estava errada. O demônio estava realmente nervoso.

A tapeçaria na parede exibia uma jovem de cabelos dourados que olhava de uma torre com vista para o mar. Segurava uma lanterna e olhava ao longe. *Isso explica.*

– Está escrevendo sobre Hero e Leandro. – Preferi afirmar a perguntar. Talvez Kit estivesse esperando Matthew e trabalhando em algum poema épico de amor desde janeiro quando embarcamos de Gravesend. Ele não respondeu.

Após alguns minutos, recitei os versos relevantes.

"Alguns juravam que era uma jovem em trajes masculinos,
Cuja aparência era objeto de desejo daqueles homens,
Um agradável rosto sorridente, um olhar que falava,
Semblante para o Amor do banquete real,
E como se soubesse que era um homem, podia-se dizer,
Leandro, foste feito para o jogo do amor:
Por que arte não amas e amado és por todos?"

Kit explodiu na cadeira.

– Que ardil de bruxa é esse? Sabe o que estou fazendo e exatamente enquanto faço.

– Não se trata de ardil, Kit. Quem melhor do que eu poderia entender como você se sente? – eu disse, com muito tato.

Kit pareceu recuperar o controle, mas ainda estava com as mãos trêmulas quando se levantou.

– Eu preciso ir. Preciso encontrar alguém na arena de justas. Fala-se de um desfile especial no próximo mês, antes da partida da rainha para as viagens de veraneio. Solicitaram a minha ajuda. – Todo ano Elizabeth

percorria o país com uma caravana de carruagens de servos e cortesãos, deixando para trás nobres, dívidas astronômicas e despensas vazias.

– Falarei para Matthew que você esteve aqui. Gostará de vê-lo.

Os olhos de Marlowe cintilaram.

– Talvez aprecie vir comigo, sra. Roydon. O dia está ótimo e a senhora ainda não viu Greenwich.

– Muito obrigada, Kit. – Fiquei intrigada com a mudança de humor repentina, mas antes de tudo ele era um demônio. E fantasiava a respeito de Matthew. Eu queria descansar e a abertura de Kit era empolada, mas fiz um esforço em nome da harmonia. – É longe daqui? A viagem me deixou um pouco cansada.

– Não muito longe. – Ele fez uma reverência. – Primeiro a senhora.

A arena de justas de Greenwich era como um grande estádio, com áreas cercadas de cordas para os atletas, camarotes para os espectadores e equipamentos dispersos. Dois conjuntos de barricadas se estendiam do centro de uma superfície compactada.

– É aqui que ocorrem os combates? – Imaginei o som dos cascos dos cavalos a bater na terra enquanto os cavaleiros se confrontavam, com lanças e escudos posicionados de modo que pudessem atacar o oponente e derrubá-lo do cavalo.

– Sim. Quer ver mais de perto? – perguntou Kit.

O lugar estava deserto. Lanças amontoadas aqui e ali pelo chão. Um eixo vertical com um braço comprido me pareceu alarmantemente igual a uma forca. Mas não tinha um corpo dependurado na extremidade e sim um saco. Um saco perfurado de onde vertia um fino veio de areia.

– Um estafermo – explicou Marlowe, apontando para o dispositivo. – Os cavaleiros treinam os golpes no saco de areia. – Esticou a mão e empurrou o braço do dispositivo para mostrá-lo. O estafermo girou e deixou um alvo em movimento, onde os cavaleiros aprimoravam as suas habilidades. Ele esquadrinhou o estádio com os olhos.

– Está procurando o homem com quem deve se encontrar? – Olhei em volta também. Mas a única pessoa que estava lá era uma mulher alta de cabelos pretos, com um suntuoso vestido vermelho. Estava bem distante e sem dúvida à espera de um encontro romântico antes do jantar.

– Já viu o outro estafermo? – Kit apontou para a direção oposta, onde um manequim de palha e de serapilheira bruta estava amarrado ao mastro. Também parecia uma peça de execução e não um equipamento esportivo.

Senti um olhar gelado em cima de mim. Não tive tempo de me virar porque um vampiro me pegou com braços que mais pareciam de ferro que de carne. Mas não eram os braços de Matthew.

– Ela é mais apetitosa do que eu esperava – disse uma mulher, com um hálito gelado serpenteando em torno da minha garganta.

Rosas. Civeta. Registrei os aromas e tentei lembrar onde sentira essa combinação antes.

Sept-Tours. Quarto de Louisa de Clermont.

– Ela tem alguma coisa no sangue irresistível para os *wearhs* – comentou Kit, com rudeza. – Não faço ideia do que seja, mas acho que até o padre Hubbard está no encalço dela.

Dentes afiados roçaram no meu pescoço, sem perfurar a pele.

– Será divertido brincar com ela.

– Nosso plano era matá-la – disse Kit. Estava ainda mais nervoso e inquieto depois que Louisa apareceu. Continuei em silêncio enquanto tentava atinar qual era o jogo deles. – Depois, tudo voltará a ser como antes.

– Paciência. – Louisa sorveu o meu cheiro. – Consegue sentir o cheiro de medo que está saindo dela? Isso sempre desperta o meu apetite.

Kit chegou mais perto fascinado.

– Você está muito pálido, Christopher. Precisa de mais remédio? – Louisa trocou de posição a fim de alcançar o próprio bolso. Estendeu uma pegajosa pastilha marrom para Kit. Ele pegou a pastilha com avidez e

enfiou na boca. – São milagrosas, não são? Os sangues-quentes alemães as chamam de "Pedras da Imortalidade". Sabe-se lá por que os ingredientes fazem os coitados se sentirem divinos. Isso vai fazer você se sentir forte novamente.

– Foi essa bruxa que me enfraqueceu e também enfraqueceu o seu irmão. – Kit já estava com os olhos vítreos e exalava um hálito doce e enjoativo. *Opiáceos*. Não era de estranhar que estivesse agindo de um modo estranho.

– Isso é verdade, bruxa? Kit me disse que você amarrou o meu irmão contra a vontade dele. – Louisa me fez girar. Seu rosto lindo encarnava cada pesadelo dos sangues-quentes sobre as vampiras: pele desbotada de porcelana, cabelos pretos e olhos pretos a essa altura embaçados pelo ópio, assim como os de Kit. Seu corpo rolava de maldade e seus lábios rubros e perfeitos além de sensuais também eram cruéis. Claro que era uma criatura que gostava de caçar e matar sem um pingo de remorso.

– Não amarrei o seu irmão. Eu o escolhi... e ele me escolheu, Louisa.

– Você sabe quem sou eu? – As sobrancelhas negras de Louisa se arquearam.

– Matthew não esconde segredos de mim. Somos parceiros. Marido e mulher, também. Seu pai realizou nosso casamento. – *Muito obrigada, Philippe.*

– Mentirosa! – disse Louisa aos gritos. Suas pupilas engolfavam a íris à medida que ela perdia o controle. Não era só com a droga que eu teria que lidar, mas também com a ira do sangue.

– Não acredite em nada que ela disser – disse Kit. Tirou uma adaga do gibão e me pegou pelo cabelo. Gritei de dor quando puxou a minha cabeça para trás. Fez uma órbita em torno do meu olho direito com a adaga. – Arrancarei os olhos dela para que não possa mais fazer encantamentos ou prever o meu destino. Ela conhece a minha morte. Tenho certeza disso. Sem a visão de bruxa perderá qualquer domínio sobre nós... e sobre

Matthew.

– A bruxa não merece uma morte tão rápida – disse Louisa em tom gelado.

Kit pressionou a ponta da adaga na carne abaixo do osso da minha sobrancelha, e uma gota de sangue rolou pela minha face.

– Não era esse o nosso trato, Louisa. Preciso tirar os olhos da bruxa para quebrar o feitiço dela. E depois a quero morta para sempre. Matthew não se esquecerá dela enquanto estiver viva.

– Shh, Christopher. Esqueceu que te amo? Que somos aliados? – Louisa o beijou com intensidade. Roçou a boca ao longo do maxilar de Kit e desceu até uma veia onde pulsava o sangue dele. Percorreu a pele dele com os lábios e o movimento se acompanhou de uma nódoa de sangue. Ele respirou trêmulo e fechou os olhos.

Louisa sugou avidamente o sangue do pescoço do demônio. Ela fez isso ao mesmo tempo em que nos enroscava estreitamente em seus poderosos braços de vampira. Eu tentei me soltar do abraço espremido, mas ela me apertou ainda mais enquanto cravava os dentes e os lábios em Kit.

– Doce Christopher – murmurou e lambeu os lábios quando acabou de sorver o sangue. A marca no pescoço de Kit era suave e prateada, exatamente como a cicatriz no meu seio. Ela já devia ter se alimentado dele. – Sinto a imortalidade em seu sangue e vejo as palavras maravilhosas que dançam em sua mente. Matthew é um tolo em não querer partilhá-las com você.

– Ele só quer a bruxa. – Kit tocou no próprio pescoço, imaginando que tinha sido Matthew e não Louisa que bebera das suas veias. – Eu quero essa bruxa morta.

– Igualzinho a mim. – Louisa voltou os olhos negros para mim. – Então, vamos competir por ela. Quem vencer fará o que quiser com ela para castigá-la pelo que fez com o meu irmão. Concorda comigo, meu garoto querido?

Os dois pareciam pipas de tão altos que estavam depois que Louisa acabou de partilhar o sangue empanturrado de ópio de Kit. Entrei em pânico, mas logo me lembrei das palavras de Philippe em Sept-Tours.

Pense. Continue viva.

E depois me lembrei do meu bebê e entrei em pânico novamente. Não faria nada que arriscasse a vida do nosso filho.

Kit balançou a cabeça.

– Farei qualquer coisa para recuperar a atenção de Matthew.

– Eu sabia. – Louisa sorriu e de novo o beijou com intensidade.

– Que tal se escolhêssemos nossas cores?



– Você está cometendo um terrível engano, Louisa. – Avisei enquanto lutava para me soltar. Ela e Kit tinham me amarrado no lugar do manequim de palha no mastro. E depois Kit me vendara os olhos com uma faixa de seda azul escura tirada da ponta de uma das lanças para me impedir de encantá-los com meu olhar. Ambos estavam próximos a mim e discutiam sobre quem ficaria com a lança preta e prateada e quem ficaria com a verde e dourada.

– Matthew está lá com a rainha. Poderá explicar tudo para você. – Tentei manter a voz firme, mas as palavras trepidaram. Matthew comentara que tinha uma irmã na moderna Oxford enquanto tomávamos chá frente à lareira da Velha Cabana. Era tão terrível quanto bonita.

– Como se atreve a falar o nome dele? – Kit ficou transtornado de raiva.

– Não fale de novo, bruxa, ou deixarei Christopher arrancar a sua língua. – A voz de Louisa soou envenenada, e não precisei ver os olhos dela para saber que a papoula e a ira do sangue não eram uma boa mistura. A ponta do diamante de Ysabeau raspou no meu rosto e deixou um pequeno risco de sangue. Louisa quebrara o meu dedo para tirar o anel e usá-lo.

– Sou esposa de Matthew, sou companheira de Matthew. Como acha que ele vai reagir quando descobrir o que você fez?

– Você é um monstro... uma fera. Se eu vencer a disputa, extirparei sua falsa humanidade e deixarei suas mentiras internas expostas. – As palavras de Louisa escorreram pelos meus ouvidos como veneno. – Assim que fizer isso, Matthew verá quem você realmente é e poderá compartilhar nosso prazer pela sua morte.

As palavras que ambos diziam feneceram subitamente ao longe e não pude mais distinguir onde estavam ou de que direção eles poderiam retornar. Eu estava absolutamente sozinha.

Pense. Continue viva.

Alguma coisa voou dentro do meu peito. E não era o pânico. Era o meu dragão de fogo. Eu não estava mais sozinha. Eu era uma bruxa. Eu não precisava de olhos para enxergar o mundo ao redor.

O que você vê?, perguntei para a terra e para o ar.

Foi meu dragão de fogo que respondeu. Emitiu uma sequência de pios e outros sons enquanto remexia as asas entre o meu umbigo e os meus pulmões e avaliava a situação.

Onde eles estão?, perguntei para mim mesma.

Meu terceiro olho se abriu por inteiro, deixando à vista as brilhantes cores do final de primavera em toda a sua glória de azuis e verdes. Um fio verde-escuro se enroscou em um fio branco e se embaraçou em algo negro e sombrio. Segui o emaranhado de fios até Louisa, que se preparava para montar num cavalo irrequieto que tentava se esquivar. Recebeu uma mordida do pescoço da vampira que o deixou paralisado, mas não menos aterrorizado.

Em seguida acompanhei um outro conjunto de fios vermelhos e brancos, na esperança de que pudessem me levar até Matthew. Mas em vez disso entrevi um desconcertante rodopio de formas e cores. Caí... ao longe, bem longe, e aterrissei em cima de um travesseiro gelado. *Neve.* Puxei o ar invernal para dentro dos pulmões. Já não estava mais amarrada a uma estaca no final de uma tarde de maio em pleno Palácio de Greenwich. Eu tinha uns quatro ou cinco anos de idade e estava deitada de barriga para cima no pequeno quintal atrás da nossa casa em Cambridge.

E então lembrei.

Eu brincava com meu pai após uma forte nevasca. Minhas luvinhas de

lã vermelha se agitavam contra a neve. Fingíamos que éramos anjos e movíamos os braços e as pernas para cima e para baixo. Aquelas asas brancas que se tornavam rosadas à medida que eu mexia os braços com mais rapidez me deixavam fascinada.

– São como as asas de fogo de um dragão – sussurrei para papai. Ele parou os braços.

– Quantas vezes você viu um dragão, Diana? – A voz dele estava séria. Eu conhecia a diferença entre aquela voz e a outra voz dele de brincalhão. Isso significava que ele queria uma resposta... e uma resposta verdadeira.

– Um monte de vezes. A maior parte à noite. – Meus braços se agitaram ainda mais e a neve mudou de cor por cima deles e brilhou em tons de verde e ouro, de vermelho e preto e de prateado e azulado.

– E onde o dragão aparece? – sussurrou ele, olhando para os montículos de neve. A neve amontoava-se à minha volta, arfando e retumbando como se estivesse viva. Um dos montículos cresceu e se esticou até formar a cabeça esguia de um dragão. Logo o montículo se expandiu em um par de asas. O dragão sacudiu os flocos de neve das suas brancas escamas. Girou o corpo e olhou para papai, que murmurou alguma coisa e deu uma palmadinha no focinho do dragão como se os dois já se conhecessem. O dragão soltou uma baforada de ar quente no ar gelado.

– Ela quase sempre está dentro de mim... aqui. – Sentei-me para mostrar onde. Apontei para os ossos curvos das minhas costelas com as mãos enluvadas. As costelas estavam quentes debaixo da pele, debaixo do meu casaco, debaixo das minhas luvinhas de tricô. – Mas tenho que deixá-la sair quando ela quer voar. Não tem muito espaço dentro de mim para ela.

Um par de asas pousou na neve atrás de mim.

– Você deixou suas asas para trás – disse papai sério.

O dragão serpenteou pelo montículo de neve afora. Ela piscou os olhos negros e prateados quando alçou voo e desapareceu por cima de uma macieira, tornando-se cada vez mais substancial a cada batida das asas.

Minhas asas começaram a desaparecer atrás de mim.

– O dragão não quis me levar. Ela nunca fica muito tempo por perto – disse, suspirando. – Por quê, papai?

– Talvez porque precise ir para outro lugar.

Considerei a possibilidade.

– Como quando o senhor e mamãe vão pra escola? – Era desconcertante pensar que os pais iam para a escola. As crianças da vizinhança também pensavam assim, se bem que a maioria dos outros pais também passava o dia inteiro na escola.

– Isso mesmo. – Papai ainda estava sentado na neve, com os braços enlaçados em volta dos joelhos. Ele sorriu. – Adoro a bruxinha que existe em você, Diana.

– Ela assusta a mamãe.

– Não. – Papai sacudiu a cabeça. – Mamãe só tem medo da mudança.

– Tentei manter o dragão em segredo, mas acho que mamãe acabou sabendo.

– As mães sempre sabem – disse papai. Olhou de novo para a neve. A essa altura minhas asas já tinham desaparecido completamente. – Mas ela também sabe quando você quer chocolate quente. Se entrarmos agora, aposto que já está com um prontinho pra você. – Papai se levantou e estendeu a mão para mim.

Estendi minha mão ainda enluvada e peguei a mão dele.

– O senhor vai estar sempre por perto pra segurar minha mão quando ficar escuro? – perguntei. Já estava anoitecendo e de repente fiquei com medo das sombras. Monstros espreitavam na penumbra; estranhas criaturas me observavam enquanto eu brincava.

– Não – disse papai, sacudindo a cabeça. Meu lábio tremeu. Não era a resposta que eu esperava. – Um dia você vai ter que ser muito corajosa por todos nós. Mas não se preocupe – sussurrou ele. – Você sempre terá o seu dragão.

Uma gota de sangue escorreu de um furo na pele ao redor dos meus olhos e tombou aos meus pés. Ainda estava vendada, mas vi o movimento da gota e vi quando se espatifou no chão. Um broto negro aflorou daquele ponto.

Cascos trovejaram em minha direção. Soou um grito lancinante que conjurou imagens de antigas batalhas. Um grito que deixou o meu dragão ainda mais irrequieto. Eu não podia me deixar ser atingida. As consequências poderiam ser fatais.

Em vez de tentar enxergar os fios que se estendiam até Kit e Louisa, me concentrei nos fios que envolviam as fibras que amarravam os meus pulsos e os meus tornozelos. Estava prestes a desamarrá-los quando algo afiado e pesado se chocou contra as minhas costelas. O impacto me tirou o fôlego.

– Acertei! – disse Kit aos gritos. – A bruxa é minha!

– Você errou o golpe. – Louisa o corrigiu. – Para reclamá-la como prêmio terá que enterrar a lança no corpo dela. Você aceitou as regras e deve segui-las.

Infelizmente, eu não conhecia as regras – nem as das justas nem as da magia. Goody Alsop deixara isso claro quando disse antes da minha partida para Praga. *Tudo o que você tem agora é um dragão de fogo rebelde, um* glaem *quase cego e uma tendência a fazer perguntas que suscitam respostas travessas*. Eu negligenciara o meu dom de tecelã em troca de intrigas na corte e deixara de perseguir a minha própria magia para perseguir o Ashmole 782. Se tivesse permanecido em Londres, talvez tivesse aprendido a como sair daquela confusão. Em vez disso estava amarrada em uma estaca, como uma bruxa prestes a ser queimada.

Pense. Continue viva.

– Vamos tentar novamente – disse Louisa. As palavras se dissiparam quando ela girou o cavalo e saiu em disparada.

– Não faça isso, Kit – disse. – Pense nas consequências disso para

Matthew. Se quiser que eu vá embora, tudo bem. Prometo que sumirei daqui.

– Suas promessas não valem nada, bruxa. Você cruzou os dedos e vai encontrar um jeito de não cumprir o que prometeu. Consigo ver o *glaem* em você enquanto tenta lançar a sua magia contra mim.

Um glaem *quase cego. Perguntas que suscitam respostas travessas. E um dragão de fogo rebelde.*

Tudo ficou parado.

O que faremos?, perguntei para o dragão de fogo.

Ela bateu as asas e estendeu-as por inteiro como resposta. As asas se imiscuíram por entre a carne das minhas costelas e assomaram em ambos os lados da minha coluna. O dragão de fogo permaneceu no mesmo lugar, com a cauda protetoramente enrolada ao redor do meu útero. Espiou por trás do meu osso esterno com um brilho nos olhos negros prateados e bateu as asas de novo.

Continue viva, murmurou em resposta, as palavras projetaram um manto acinzentado no ar à minha volta.

A força das asas do dragão de fogo quebrou a grossa estaca de madeira atrás de mim, e as farpas das bordas cortaram a corda que me prendia pelos pulsos. Algo afiado que parecia uma garra cortou as amarras em volta dos meus tornozelos. Fiquei suspensa a uns seis metros de altura enquanto Kit e Louisa adentravam pela desconcertante nuvem acinzentada produzida pelo dragão. Cavalgavam com muita rapidez para que pudessem parar ou mudar de direção. Suas lanças se cruzaram e se engancharam, e a força do impacto os arrancou das montarias até o chão.

Arranquei a venda dos olhos com a mão sem ferimento exatamente no momento em que Annie apareceu na extremidade do estádio.

– Senhora! – gritou.

Mas eu a queria bem longe de Louisa de Clermont.

– Saia daí! – sibilei. Minhas palavras cuspiram fogo e fumaça enquanto

eu circulava por cima de Kit e Louisa.

O sangue jorrava dos meus pulsos e dos meus pés. E emergia um novo broto em cada ponto atingido pelas gotas vermelhas. Logo uma paliçada de troncos escuros e delgados cercou o demônio e a vampira ainda atordoados. Louisa tentou arrancar os troncos do solo, que se mantiveram presos por força da minha magia.

– Falo agora sobre o futuro de vocês? – perguntei, com aspereza. Lá do galinheiro ambos me olharam lá no alto aterrorizados. – Kit, o que o seu coração deseja jamais será obtido, pois às vezes não podemos ter o que desejamos. Louisa, os vazios que existem dentro de você jamais serão preenchidos... nem com sangue nem com raiva. E ambos haverão de morrer, pois cedo ou tarde a morte nos chega. Mas a morte de vocês não será doce. Eu prometo.

Um pé de vento se aproximou e, quando se deteve, tornou-se reconhecível como Hancock.

– Davy! – Os dedos perolados de Louisa agarraram as estacas escuras que a rodeavam. – Ajude-nos. A bruxa está fazendo magia para nos derrotar. Tire os olhos dela porque só assim poderá tirar o poder dela. Há um arco e uma flecha atrás de você.

– Matthew já está a caminho, Louisa – disse Hancock. – Estará muito mais segura sob a proteção de Diana aqui do que estará se tiver que fugir da raiva dele.

– Nenhum de nós está seguro. Ela vai cumprir a antiga profecia, a que Gerbert partilhou com *maman* há muitos e muitos anos. Ela vai trazer a ruína para os De Clermont!

– Não há verdade alguma nisso – retrucou Hancock em tom piedoso.

– Há, sim! – insistiu Louisa. – *"Cuidado com a bruxa, com o sangue de leão e de lobo, pois com isso ela destruirá os filhos da noite."* Ela é a bruxa da profecia! Você não vê?

– Você não está bem, Louisa. Vejo isso com toda nitidez.

Louisa empertigou-se indignada.

– Sou uma *manjasang* e perfeitamente saudável, Hancock.

Henry e Jack chegaram ofegantes de tanto que tinham corrido. Henry esquadrinhou o estádio.

– Onde ela está? – perguntou aos gritos para Hancock enquanto girava o corpo.

– Lá em cima – respondeu Hancock, apontando para o ar. – Exatamente como Annie disse.

– Diana. – Henry suspirou de alívio.

Um sombrio ciclone acinzentado-escuro atravessou o estádio e se deteve na estaca que marcava o ponto em que fui amarrada. Matthew não precisou de ninguém para saber onde eu estava. Encontrou-me com olhos infalíveis.

Walter e Pierre foram os últimos a chegar. Annie se agarrava com os braços magros ao pescoço de Pierre pelas costas. Ele se deteve e ela se deixou escorregar pelas costas abaixo.

– Walter! – gritou Kit, juntando-se à Louisa dentro da paliçada. – Ela precisa ser detida. Deixe-nos sair. Sei o que fazer. Falei com uma bruxa de Newgate e...

Um braço atravessou as negras estacas e longos dedos brancos agarraram o pescoço de Kit. Matthew ferveu de raiva silenciosamente.

– Não. Nenhuma. Palavra. – Os olhos de Matthew se estenderam até Louisa.

– *Matthieu*. – O sangue e a droga arrastaram ainda mais a pronúncia francesa do nome dele. – Graças a Deus você está aqui. Fico feliz por vê-lo.

– Pois não devia. – Ele atirou Kit pelo ar.

Aterrissei atrás de Matthew ao mesmo tempo em que as asas recém-brotadas às minhas costas se recolhiam para dentro das minhas costelas. Mas o meu dragão de fogo continuou alerta e manteve a cauda enrolada e bem firme. Matthew percebeu que eu estava atrás e me pegou pelos braços,

mas sem tirar o olho dos prisioneiros. Passou os dedos por onde a lança perfurara o corpete e o espartilho e só não me perfurara até o fundo porque os ossos das costelas a impediram.

Ele me fez girar, caiu de joelhos e rasgou o tecido que cobria o ferimento. Esbravejou. Levou a mão ao meu abdome e olhou nos meus olhos.

– Eu estou bem. Nós estamos bem – assegurei.

Levantou-se com os olhos escuros e a veia da têmpora a pulsar.

– Mestre Roydon? – Jack aproximou-se com o queixinho trêmulo. Matthew esticou a mão e o puxou pela gola, impedindo-o de se aproximar de mim. Isso não abalou o menino. – O senhor está tendo um pesadelo?

Matthew deixou a mão tombar enquanto o soltava.

– Sim, Jack. Um pesadelo terrível.

O menino segurou a mão dele.

– Ficarei esperando aqui do seu lado até o pesadelo passar. – Fiquei com os olhos rasos de lágrimas. Eram as mesmas palavras que Matthew dizia no meio da noite quando os terrores assolavam o menino.

Matthew compreensivamente apertou a mão de Jack. Os dois se levantaram – enquanto um era altivo, corpulento e esbanjava uma saúde sobrenatural, o outro era leve, desajeitado e agora purgava as sombras do abandono. A ira de Matthew começou a declinar.

– Quando Annie me disse que você estava nas mãos de uma *wearh* fêmea nem me passou pela cabeça... – Ele não conseguiu terminar a frase.

– Foi o Christopher! – gritou Louisa, saindo do lado do enlouquecido demônio. – Ele alegou que você estava enfeitiçado. Mas você está exalando o cheiro do sangue dela. Não está enfeitiçado por ela, está se alimentando dela.

– Ela é minha companheira – disse Matthew em tom mortal. – E está grávida.

A respiração de Marlowe se reduziu a um silvo. Seus olhos cutucaram o

meu ventre. Levei a mão quebrada ao meu filho para protegê-lo do olhar demoníaco.

– Isso é impossível. Matthew não pode... – O aturdido Kit se enfureceu. – Mesmo agora ela o tem enfeitiçado. Como é capaz de uma traição como essa? Quem é o pai do seu filho, sra. Roydon?

Mary Sidney presumira que eu tinha sido estuprada. Gallowglass a princípio atribuíra o bebê a um amante ou a um marido falecido, e ambos os casos teriam despertado os instintos protetores de Matthew e justificavam o nosso súbito romance. Mas para Kit a única explicação possível era que eu tinha traído o homem que eu amava.

– Pegue-a, Hancock! – clamou Louisa. – Não podemos permitir que uma bruxa introduza um bastardo na família De Clermont.

Hancock balançou a cabeça para Louisa e cruzou os braços.

– Você tentou exterminar a minha companheira. Você tirou sangue dela – disse Matthew. – E o bebê não é um bastardo. Ele é meu filho.

– Isso é impossível – retrucou Louisa, mas com uma voz insegura.

– Ele é *meu* filho – repetiu Matthew, com veemência. – Minha carne. Meu sangue.

– A bruxa carrega o sangue do lobo – sussurrou Louisa. – *É* a bruxa anunciada pela profecia. Se o bebê sobreviver, destruirá a todos nós!

– Tirem esses dois da minha vista. – A voz de Matthew soou fatalmente irada.

– Antes que os corte em pedaços para alimentar os cães. – Ele derrubou a paliçada com um pontapé e agarrou o amigo e a irmã.

– Eu não vou... – Louisa começou a falar e abaixou os olhos quando a mão de Hancock pegou-a pelo braço.

– Ora, irá sim para onde quer que seja levada – disse ele, com toda calma. Em seguida tirou o anel de Ysabeau do dedo de Louisa e o arremessou para Matthew. – Acredito que isso pertence a sua esposa.

– E o Kit? – perguntou Walter, olhando cautelosamente para Matthew.

– Já que são tão apaixonados um pelo outro, tranque-os juntos. – Matthew entregou o demônio para Raleigh.

– Mas ela irá... – disse Walter.

– Alimentar-se dele? – Matthew soou amargo. – Ela já faz isso. A única maneira de um vampiro saborear os efeitos do vinho ou da droga é se alimentar da veia de um sangue-quente.

Walter mediu o humor do amigo e balançou a cabeça.

– Está bem, Matthew. Cumpriremos o seu desejo. Leve Diana e as crianças para casa. Deixe tudo mais comigo e com Hancock.

– Já disse para ele que não havia com que se preocupar. O bebê está bem. – Abaixei a blusa. Eu e Matthew tínhamos ido direto para casa, mas por via das dúvidas ele mandara Pierre buscar Susanna e Goody Alsop. E agora a casa estava fervilhando de vampiros e bruxas irados. – Talvez você consiga convencê-lo disso.

Susanna lavou as mãos numa bacia com água quente e sabão.

– Se seu marido não vir com os próprios olhos, nada que possa fazer ou dizer irá convencê-lo. – Ela chamou por Matthew, que chegou junto com Gallowglass, e os dois corpos preencheram o umbral da porta.

– Está tudo bem, mesmo? – Gallowglass estava pálido.

– Só estou com um dedo quebrado e uma costela partida. Isso poderia ter acontecido se caísse da escada. Graças à Susanna meu dedo já está sarado. – Estiquei a mão. Ainda estava inchada e tive que pôr o anel de Ysabeau na outra mão, mas podia mover os dedos sem dor. O corte é que levaria mais tempo para sarar. Matthew se recusara a sará-lo com o sangue de vampiro, e Susanna então costurara o ferimento com magia e o tratara com cataplasma.

– Por ora tenho muitas razões para odiar Louisa – disse Matthew em tom grave –, mas tenho que agradecê-la por uma coisa: não desejou realmente matá-la. A mira de Louisa costuma ser impecável. Você estaria

morta se ela quisesse atravessar seu coração com a lança.

– Louisa estava muito preocupada com a profecia que Gerbert partilhou com Ysabeau.

Gallowglass e Matthew se entreolharam.

– Isso não era nada – disse Matthew, fingindo-se despreocupado. – Era apenas uma idiotice que ele inventou para excitar *maman*.

– Era a profecia de Meridiana, não era? – Enfiara isso na cabeça desde que Louisa mencionara. E as palavras tinham me trazido de volta o toque de Gerbert no meu corpo em La Pierre. E também tinham eletrificado o ar em volta de Louisa, como se ela fosse Pandora e tivesse aberto uma caixa mágica há muito esquecida.

– Meridiana queria que Gerbert temesse o futuro. E ela conseguiu. – Matthew balançou a cabeça. – Isso não tem a ver com você.

– Seu pai é o leão. E você é o lobo. – O buraco no meu estômago congelou de vez. Pressenti que alguma coisa estava errada comigo, alguma coisa lá no fundo de mim onde luz alguma poderia alcançar. Observei o meu marido que era um dos filhos da noite mencionados na profecia. Nosso primeiro filho não sobrevivera. Repeli esses pensamentos para que não ficassem impressos por muito tempo no coração ou na cabeça. Mas de nada adiantou. Éramos agora honestos demais um com outro para que pudesse esconder alguma coisa dele... ou de mim.

– Você não tem nada a temer – disse Matthew, roçando os lábios na minha boca. – Você esbanja muita vida para ser prenúncio de alguma destruição.

Eu me deixei tranquilizar, mas o meu sexto sentido ignorou as palavras dele. De algum jeito alguma coisa estava errada em algum lugar. Alguma coisa perigosa e mortal se libertara. Nesse mesmo instante os fios me apertaram e me arrastaram em direção às trevas.



Eu estava esperando Annie debaixo da tabuleta da Golden Gosling para pegar um ensopado para o jantar, quando o olhar fixo de um vampiro varreu o pingo de verão do ar.

– Padre Hubbard – disse, girando o corpo em direção à friagem.

O olhar do vampiro fez minha caixa torácica cintilar.

– Estou surpreso por ver que seu marido permite que a senhora ande desacompanhada pela cidade depois do que aconteceu em Greenwich... e por ver que está carregando um filho dele no ventre.

Meu dragão de fogo, que se tornara ainda mais protetor depois do incidente no estádio, enrolou a cauda ao redor dos meus quadris.

– Todos sabem que o impossível não se aplica a uma bruxa do seu nível. – O ar sombrio de Hubbard se intensificou. – Um exemplo disso é que a maioria das criaturas acredita que o desprezo de Matthew pelas bruxas continua imutável. Poucos conseguem imaginar que foi ele que possibilitou que Barbara Napier escapasse da fogueira na Escócia. – Os eventos em Berwick ainda ocupavam o tempo de Matthew e também das criaturas e das fofocas humanas em Londres.

– Matthew estava longe da Escócia nessa ocasião.

– Ele não precisava estar lá. Hancock estava em Edimburgo e posava como um dos "amigos" de Napier. Foi ele que chamou a atenção da corte para a gravidez dela. – O hálito frio de Hubbard cheirava a floresta.

– A bruxa era inocente das acusações que recebia – eu disse bruscamente, ajeitando o xale nos ombros. – Foi absolvida pelo júri.

– De uma única acusação. – Hubbard sustentou o meu olhar. – Foi

considerada culpada de muitas outras. E, face ao seu recente retorno, talvez a senhora não tenha sabido que o rei Jaime encontrou um jeito de modificar a decisão do júri no caso Napier.

– Modificar? – Eu não estava sabendo de nada.

– O rei dos escoceses não nutre grandes amores pela Congregação atual, e isso em parte graças ao seu marido. O modo escorregadio de Matthew encarar o acordo e as interferências que fez na política escocesa inspiraram Sua Majestade a encontrar brechas jurídicas. Jaime está processando os jurados que absolveram a bruxa. Estão sendo acusados de corromper a justiça do rei. E a intimidação dos jurados é uma garantia de êxito nos julgamentos posteriores.

– Esse não era o plano de Matthew – eu disse confusa.

– Pois parece suficientemente ardiloso para Matthew de Clermont. Ainda que Napier e seu bebê sobrevivam, dezenas de criaturas inocentes morrerão em decorrência disso. – O semblante de Hubbard era assustador. – Não é isso que os De Clermont querem? Vitória a qualquer custo?

– Como o senhor se atreve!

– Estou com o... – Annie saiu do estabelecimento e quase deixou a panela cair. Alcancei-a e peguei-a pelo braço.

– Muito obrigada, Annie.

– Sabe onde seu marido está nesta linda manhã de maio, sra. Roydon?

– Está fora, a negócios. – Matthew esperara para ver se eu me alimentava direito no café da manhã, depois me beijara e saíra com Pierre. Jack se mostrara inconsolável quando se viu obrigado a ficar com Harriot. Isso me deixara uma fagulha de desconforto. Não era próprio de Matthew recusar um passeio até a cidade para Jack.

– Não – disse Hubbard em voz baixa –, está em Bedlam, com a irmã e Christopher Marlowe.

Bedlam era uma masmorra em tudo, menos no nome – era um lugar de esquecimento onde trancafiavam os insanos junto aos que eram enterrados

pelas próprias famílias com qualquer alegação simplesmente para se verem livres deles. Apenas com palha como cama, sem refeições regulares, sem demonstrações de afeto por parte dos carcereiros e sem nenhuma espécie de tratamento os detentos raramente escapavam. E, quando escapavam, jamais se recuperavam da experiência.

– Não satisfeito em alterar o julgamento na Escócia, Matthew agora procura impor a própria justiça aqui em Londres – continuou Hubbard. – Foi interrogá-los essa manhã. E, pelo que sei, ainda está lá.

Já passava do meio-dia.

– Já vi Matthew matar com uma velocidade incrível em momentos de fúria. É algo terrível de se ver. E quando faz isso com calma, meticulosamente, o mais ferrenho ateu acredita no diabo.

Kit. Louisa era uma vampira e compartilhava o sangue de Ysabeau. Era capaz de cuidar de si mesma. Mas um demônio...

– Procure Goody Alsop, Annie. Diga-lhe que fui a Bedlam em busca de mestre Marlowe e da irmã de mestre Roydon. – Girei o corpo e me interpus entre a garota e o vampiro, e a fiz sair na direção certa.

– Tenho que ficar com a senhora – disse Annie de olhos arregalados. – Prometi para o mestre Roydon!

– Alguém precisa saber do meu paradeiro, Annie. Transmita tudo o que ouviu aqui para Goody Alsop. Preciso achar o caminho até Bedlam. – Na verdade, só tinha uma vaga noção da localização do famoso hospício, mas tinha outros meios para localizar Matthew. Enlacei dedos imaginários na minha corrente interior e me preparei para puxá-la.

– Espere. – Hubbard me pegou pelo punho. Dei um salto. Ele chamou alguém que estava escondido. Era o jovem anguloso a quem Matthew se referia pelo estranho e adequado nome de Amen Corner. – Meu filho vai levá-la.

– Matthew saberá que estive com o senhor. – Desviei os olhos para a mão de Hubbard. Ainda me tinha presa pelo punho e transmitia o cheiro

dele para minha pele quente. – Ele vai tirar informações do seu filho.

Hubbard apertou um pouco mais o meu punho e soltei um suave murmúrio de entendimento.

– Se também quiser me acompanhar até Bedlam, padre Hubbard, o senhor só precisa pedir.

Hubbard conhecia cada atalho e cada viela entre St. James Garlickhythe e Bishopsgate. Atravessamos os limites da cidade e entramos em um dos esquálidos subúrbios de Londres. Como Cripplegate, a área em torno de Bedlam era de extrema pobreza e desesperadamente populosa. Mas os verdadeiros horrores ainda estavam por vir.

Um encarregado nos conduziu do portão até o local que no passado era conhecido como Hospital de Santa Maria de Belém. Mestre Sleford era bem familiarizado com padre Hubbard e amistosamente nos conduziu até uma das maciças portas do outro lado do pátio esburacado. Os gritos dos internos eram assustadores, mesmo com um convento medieval de pedra e madeira interposto entre nós. Grande parte das janelas não tinha vidros e estava entregue às intempéries. O fedor de podridão, sujeira e velhice era devastador.

– Não. – Recusei a oferta de ajuda de Hubbard quando entramos nos confins úmidos e estreitos. Como um ser livre, seria obsceno aceitar a ajuda dele quando aos internos não era oferecida ajuda alguma.

Lá dentro, os fantasmas dos internos do passado me bombardearam e me aprisionaram nos fios que se retorciam em torno dos atormentados internos do hospital na ocasião. Comecei a fazer macabros exercícios matemáticos para lidar com o horror, dividindo homens e mulheres já vistos em grupos menores apenas para agrupá-los de outro jeito.

Contei vinte internos durante a caminhada pelo corredor. Catorze eram demônios. Seis, entre os vinte, totalmente nus, e outros dez, vestidos de andrajos. Fomos olhados com aberta hostilidade por uma mulher que trajava um casaco masculino sujo, porém caro. Ela era um dos três seres

humanos do lugar. Também havia duas bruxas e um vampiro. Quinze dos pobres coitados estavam algemados à parede e acorrentados até o chão. Quatro entre os outros cinco visivelmente incapazes de se levantar e acocorados junto às paredes tagarelavam enquanto riscavam a pedra. Um dos pacientes estava solto. Ele dançava nu pelo corredor à frente.

Surgiu uma cela com uma porta. Alguma coisa me disse que Louisa e Kit estavam atrás daquela porta.

O encarregado destrancou-a e deu algumas batidas. Sem uma resposta imediata, esmurrou a porta.

– Já ouvi, mestre Sleford. – Gallowglass parecia recém-saído de uma guerra, com arranhões recentes no rosto e sangue no gibão. Ficou tão surpreso quando me viu atrás de Sleford que precisou olhar duas vezes. – Titia.

– Deixe-me entrar.

– Acho que não é uma boa ideia... – Ele me viu de cara amarrada e se pôs de lado. – Louisa perdeu um bocado de sangue. Está faminta. Fique longe dela, a menos que queira ser mordida ou arranhada. Aparei as unhas dela, mas não pude fazer nada com os dentes.

Continuei plantada à soleira da porta, embora não houvesse nada no meu caminho. A linda e não menos cruel Louisa estava acorrentada a uma argola de ferro presa ao chão de pedra. Estava com o vestido em farrapos e o sangue escorria de cortes profundos do pescoço pelo corpo abaixo. Alguém tinha se alimentado dela – alguém mais forte e mais irado que ela.

Esquadrinhei a penumbra e por fim encontrei uma figura sombria agachada sobre uma protuberância no solo. Matthew ergueu a cabeça, com o rosto pálido e os olhos negros como a noite. Não havia uma só gota de sangue nele. A limpeza de Matthew era de alguma forma tão obscena quanto a oferta de ajuda de Hubbard.

– Você devia estar em casa, Diana. – Ele se pôs de pé.

– Estou exatamente onde devo estar. – Caminhei em direção ao meu

marido. – Não se pode misturar ira do sangue e papoula, Matthew. Bebeu muito sangue deles? – A protuberância no solo se mexeu.

– Estou aqui, Christopher – gritou Hubbard. – Você não será mais ferido.

Marlowe soluçou de alívio, estremecendo da cabeça aos pés enquanto soluçava.

– Bedlam não é Londres, Hubbard – disse Matthew, com frieza. – Você está fora dos seus domínios, e Kit está fora da sua proteção.

– Cristo, lá vamos nós outra vez. – Gallowglass fechou a porta na cara do assustado Sleford. – Tranque-a! – Vociferou a ordem para o outro lado da porta e esmurrou-a para deixar isso bem claro.

Quando o mecanismo de metal se fechou, Louisa deu um pulo e as correntes rangeram em torno de seus pulsos e tornozelos. As correntes se estatelaram no solo e o estalido também me fez dar um pulo. Ecoou um solitário ruído de corrente arrastada ao longo do corredor.

– Nãomeusanguenãomeusanguenãomeusanguenão – entoou Louisa, a essa altura já encostada contra a parede. Nossos olhos se encontraram e ela se virou de costas, gemendo. – Saia daqui, *fantôme*. Já morri uma vez e não tenho nada a temer de fantasmas como você.

– Silêncio. – A voz de Matthew soou baixinha, se bem que reverberou na cela com a força de um trovão e nos assustou.

– Estou com sede – disse Louisa, ainda gemendo. – Por favor, Matthew.

A umidade gotejava seguidamente da pedra. O corpo de Louisa estremecia a cada respingo. Uma cabeça de veado com olhos escuros, vazios e aterrorizados estava suspensa pelos chifres. Gotas de sangue vertiam uma após a outra do pescoço decepado do animal até o solo e a certa distância das correntes de Louisa.

– Parem de torturá-la! – Dei um passo à frente, mas fui detida pela mão de Gallowglass.

– Não posso permitir que interfira, titia – disse ele com voz firme. –

Como bem disse Matthew, a senhora não tem o direito de se meter nisso.

– Gallowglass. – Matthew balançou a cabeça em negativa.

Gallowglass soltou o meu braço e olhou desconfiado para o tio.

– Deixe-me responder a sua primeira questão, titia. Matthew chupou o sangue de Kit o suficiente para que a ira do sangue se mantenha ativa dentro dele. Se a senhora insistir em falar com ele, vai precisar disto. – Gallowglass me entregou uma faca. Não fiz qualquer movimento para pegá-la e a arma caiu ao solo.

– Você está acima dessa doença, Matthew. – Passei por cima da faca. Ficamos tão próximos que esbarrei a saia nas botas dele. – Deixe padre Hubbard cuidar de Kit.

– Não. – Matthew se mostrou inflexível.

– O que Jack pensaria se o visse dessa maneira? – Para fazê-lo voltar a si era preferível recorrer à culpa a enervá-lo. – Você é o herói dele. Heróis não torturam nem amigos nem família.

– Eles tentaram assassiná-la! – O rugido de Matthew reverberou pela pequena cela.

– Eles estavam fora de si por causa do ópio e do álcool. Nenhum dos dois sabia o que estava fazendo – retruquei. – E pelo estado em que está, você também não sabe o que está fazendo.

– Não seja tola. Ambos sabiam perfeitamente o que estavam fazendo. Kit não estava nem um pouco preocupado com nada a não ser se livrar de um obstáculo à felicidade dele. E Louisa estava entregue às necessidades cruéis que lhe são peculiares. – Matthew passou os dedos no cabelo. – E eu também sei o que estou fazendo.

– Claro... está se punindo. Você está tentando se convencer de que a biologia é um destino, pelo menos até agora, porque o que está em questão é a sua ira do sangue. Mas dessa maneira está agindo exatamente como Louisa e Kit. Apenas como mais um louco. Quando lhe pedi para que parasse de negar os seus instintos, Matthew, não era para que se tornasse

escravo deles.

Dei um passo em direção à irmã de Matthew e dessa vez ela investiu contra mim, cuspindo e rosnando.

– Eis aí o seu maior medo em relação ao futuro, o de ser reduzido a um animal acorrentado que espera pela próxima punição. Isso porque você acha que a merece. – Girei o corpo e o segurei pelos ombros. – Você não é esse tipo de homem, Matthew. Nunca foi.

– Já lhe disse antes para não me romantizar – retrucou ele laconicamente. Desviou os olhos, mas não dissimulou o desespero.

– Isso também é por minha causa? Ainda está tentando provar que não é digno de ser amado? – Estiquei os braços e o forcei a abrir os punhos até então cerrados, e depois o fiz pôr as mãos no meu ventre. – Sinta o nosso filho, olhe nos meus olhos e diga para mim e para ele que não há esperança de um final diferente para essa história.

O tempo pareceu uma eternidade enquanto ele lutava consigo mesmo, exatamente como naquela noite em que o esperei se decidir se bebia ou não o sangue da minha veia. E como naquela noite, não podia fazer nada para acelerar a decisão ou para ajudá-lo a optar pela vida e não pela morte. Cabia a Matthew se agarrar a um tênue fio de esperança, sem contar com minha ajuda.

– Já não sei mais – admitiu ele por fim. – Já se foi o tempo em que eu sabia que o amor entre vampiros e bruxas era errado. Estava convicto de que as quatro espécies eram distintas. Aceitava a morte de bruxas, se isso implicasse a sobrevivência de vampiros e demônios. – De repente, aflorou um lampejo prateado e esverdeado, se bem que as pupilas ainda ofuscavam os olhos dele. – Já tinha convencido a mim mesmo que a loucura entre os demônios e a fraqueza entre os vampiros eram ocorrências relativamente recentes, mas agora que vejo Louisa e Kit...

– Você não sabe. – Abaixei a voz. – Nenhum de nós sabe. É uma perspectiva assustadora. Mas temos esperança no futuro, Matthew. Não

quero que nossos filhos venham à vida sob essa mesma sombra, odiando e temendo a si mesmos.

Esperei pela réplica, mas ele se manteve calado.

– Deixe que Gallowglass cuide de sua irmã. Deixe que Hubbard cuide de Kit. E tente perdoá-los.

– *Os wearhs* não perdoam os sangues-quentes com tanta facilidade – disse Gallowglass, com rispidez. – A senhora não pode pedir isso para Matthew.

– Matthew pediu isso para você – frisei.

– Sim, e lhe respondi que devia esperar que o tempo me ajudasse a perdoar. Não exija dele mais do que ele pode dar, titia. Ele próprio é o mestre dos piores momentos dele, e não precisa de sua assistência. – A voz de Gallowglass estava carregada de aviso.

– Eu gostaria de perdoar, bruxa – disse Louisa, com um tom afetado, como se estivesse fazendo a simples escolha de um tecido para um vestido novo. Ela sacudiu a mão no ar. – Tudo isso. Use a sua magia e faça esse pesadelo horrível se dissipar.

Eu bem que teria poder para fazer isso. Já que via os fios que a prendiam a Bedlam, a Matthew e a mim. Mas não era tão dadivosa assim para garantir a paz dela, embora não quisesse que ela fosse torturada.

– Não, Louisa – eu disse. – Você vai se lembrar pelo resto dos seus dias de Greenwich, de mim e do quanto magoou a Matthew. Isso será a sua prisão, e não este lugar. – Olhei para Gallowglass. – Assegure-se antes de soltá-la de que ela não seja um perigo nem para si mesma nem para ninguém mais.

– Ora, ela não vai desfrutar de liberdade alguma – garantiu Gallowglass. – Só irá daqui para onde Philippe mandá-la. Meu avô jamais a deixará vagar em liberdade depois do que ela fez aqui.

– Conte para eles, Matthew! – suplicou Louisa. – Você sabe o que é ter essas... essas coisas se arrastando no cérebro. Não consigo suportá-las! –

Ela puxou os cabelos com a mão algemada.

– E Kit? – perguntou Gallowglass. – Tem certeza de que Hubbard vai cuidar dele, Matthew? Sei que Hancock se deleitaria em despachá-lo.

– Ele é uma criatura de Hubbard e não minha. – O tom de Matthew foi taxativo. – Não dou a mínima para o que acontecer com ele.

– Só fiz o que fiz por amor... – disse Kit.

– Você fez o que fez por pura maldade. – Matthew o interrompeu, e se pôs de costas para o seu melhor amigo.

– Padre Hubbard. – Soltei um grito quando ele se apressou em coletar a carga. – As ações de Kit em Greenwich devem ser esquecidas, e providencie para que fique aqui nessas paredes o que aconteceu aqui.

– A senhora promete isso em nome de todos os De Clermont? – As sobrancelhas grisalhas de Hubbard se arquearam. – Quem deve me garantir isso é o seu marido e não a senhora.

– Minha palavra é o bastante – retruquei de corpo empertigado.

– Então, muito bem, madame De Clermont. – Era a primeira vez que Hubbard usava o título. – A senhora é realmente uma filha de Philippe. Aceito os seus termos em nome da família.

Eu ainda sentia as trevas de Bedlam a nossa volta depois que saímos daquele lugar. Matthew também sentia o mesmo. Elas nos seguiam em cada canto de Londres, e nos acompanhavam nos jantares e nos encontros com os amigos. Só havia um jeito de nos livrarmos disso.

Precisávamos retornar ao nosso tempo presente.

Sem discussões ou planos conscientes, começamos a pôr os negócios em ordem, cortando os fios que nos atavam ao passado que ora partilhávamos juntos. Françoise planejara se encontrar conosco em Londres, mas enviamos um recado para que permanecesse na Velha Cabana. Matthew travou conversas longas e complicadas com Gallowglass sobre as mentiras que o sobrinho teria que contar para que o Matthew do século XVI não

soubesse que tinha sido temporariamente substituído pelo Matthew do futuro. O Matthew do século XVI não poderia se encontrar nem com Kit nem com Louisa, já que nenhum dos dois era confiável. Walter e Henry teriam que inventar histórias que explicassem as possíveis descontinuidades de comportamento. Matthew instruiu a Hancock que fosse para a Escócia e levasse uma vida nova por lá. Enquanto isso, eu e Goody Alsop aperfeiçoávamos os nós que seriam usados para tecer o feitiço que nos levaria de volta ao futuro.

Matthew encontrou-se comigo na St. James Garlickhythe ao final de uma das minhas aulas e sugeriu que déssemos um passeio até o adro da St. Paul's durante o caminho de volta para casa. Já estávamos a duas semanas da metade do verão e os dias eram ensolarados e brilhantes, apesar da sombria lembrança de Bedlam.

Matthew ainda parecia arrasado depois da experiência com Louisa e Kit, mas o passeio foi como nos velhos tempos em que parávamos nas barracas de livros para ver os lançamentos e as notícias. Eu folheava um novo debate, ou melhor, uma guerra de palavras, entre dois figurões de Cambridge quando de repente Matthew se enrijeceu.

– Camomila. E café. – Ele girou a cabeça para sentir de onde vinha o aroma.

– Café? – Eu me perguntei como é que uma coisa que ainda não tinha chegado à Inglaterra poderia impregnar o ar no entorno da St. Paul's. Mas a essa altura Matthew não estava mais do meu lado para responder. Já estava abrindo caminho por entre a multidão, com a espada na mão.

Suspirei. Ele nunca se continha e sempre saía em perseguição de cada ladrão que perambulava pelo mercado. Às vezes chegava a desejar que ele não tivesse uma visão tão apurada, e que tivesse uma bússola moral um pouco menos precisa.

E dessa vez Matthew perseguia um homem que era uns quinze centímetros mais baixo que ele, com cabelos espessos, ondulados e

salpicados de alguns fios brancos. Era um tipo esguio cujos ombros ligeiramente encurvados indicavam que provavelmente passava muito tempo debruçado nos livros. Alguma coisa nessa combinação mexeu de alguma forma na minha memória.

O homem sentiu o perigo nos seus calcanhares e girou o corpo para trás. Infelizmente para ele próprio, ele só carregava uma mísera adaga não muito maior que um reles canivete. Uma arma que não seria muito útil contra Matthew. Apressei o passo em direção ao meu marido a fim de impedir um banho de sangue.

Matthew agarrou a mão do pobre homem com tanta força que a inútil arma caiu no chão. O vampiro empurrou o infeliz contra a estaca de uma barraca de livros com um único joelho, e encostou a espada no pescoço dele. Quase morri de susto.

– Papai? – sussurrei.

Aquilo não podia estar acontecendo. Olhei para o meu pai com incredulidade e com o coração quase saindo pela boca de excitação e choque.

– Olá, srta. Bishop – disse papai, olhando para a lâmina da espada de Matthew. – Que ótimo encontrá-la aqui!



Papai pareceu calmo na frente do vampiro desconhecido e armado e da filha adulta. Apenas um ligeiro tremor na voz e a maneira com que se agarrou à barraca com a mão descorada denunciaram o nervosismo dele.

– Dr. Proctor, presumo. – Matthew recuou e recolheu a espada.

Papai endireitou o seu casaco pragmático. Estava um horror. Talvez mamãe tivesse tentado transformar um casaco Nehru na batina de um clérigo. As calças muito compridas mais pareciam as de Ben Franklin que as de Walter Raleigh. Mas a voz era familiar e continuava exatamente igual e fazia vinte e seis anos que não a ouvia.

– Você cresceu nos últimos três dias – disse ele, com a voz trêmula.

– E o senhor está exatamente como me lembro – eu disse ainda espantada por vê-lo à frente. Estava ciente de que uma bruxa, um bruxo e um *wearh* eram demais para os transeuntes no adro da St. Paul's e insegura em relação ao que fazer naquela situação novelesca e então optei pela convenção social. – O senhor quer tomar um drinque lá em casa? – sugeri meio desajeitada.

– É claro, querida. Será ótimo – respondeu ele, balançando a cabeça.

Eu e papai não conseguimos mais tirar os olhos um do outro – nem durante o trajeto para casa nem quando chegamos seguros no Hart and Crown que misteriosamente estava vazia. Lá, recebi um caloroso abraço dele.

– É você mesma. Está a cara da sua mãe. – Ele me afastou um pouco para me observar. – Você está realmente parecida com ela.

– Sempre dizem que tenho os seus olhos – disse também o observando. – Quando se tem sete anos não se repara nisso. Só reparamos nisso quando já é tarde demais.

– Então, você os tem. – Ele riu.

– Diana também tem as suas orelhas. E de alguma forma os cheiros são similares. Foi por isso que o reconheci na St. Paul's. – Matthew passou a mão no cabelo com nervosismo e estendeu-a para o meu pai. – Muito prazer, sou Matthew.

Papai olhou para ele e estendeu a mão.

– E o sobrenome? Você é alguma celebridade como Halston ou Cher?

De repente tive a imagem viva do que significara não ter um pai por perto durante a adolescência, ele teria agido como um tolo toda vez que conhecesse um namoradinho meu. Fiquei com os olhos rasos de lágrimas.

– Matthew tem muitos sobrenomes. Isso é... complicado – respondi, enxugando as lágrimas. Papai pareceu assustado perante a minha emoção repentina.

– Por ora, Matthew Roydon – disse Matthew, capturando a atenção de papai. Os dois se cumprimentaram.

– Então, você é um vampiro – disse papai. – Rebecca está arrancando os cabelos de preocupação pelos aspectos práticos da relação entre você e nossa filha, e Diana ainda nem consegue andar de bicicleta.

– Oh, papai. – Ruborizei quando as palavras saíram da minha boca. De repente me transformei numa garotinha de 12 anos de idade. Matthew sorriu e se dirigiu à mesa.

– Por que não senta para tomar um vinho, Stephen? – Estendeu uma taça para papai e puxou uma cadeira para mim. – Deve ser um choque ver Diana.

– Sem dúvida alguma. Adoraria um pouco de vinho. – Papai sentou-se e tomou um gole de vinho, balançando a cabeça. Fazia um esforço visível para recuperar o controle. – Então – disse abruptamente –, primeiro nos

cumprimentamos, depois você me convidou para vir a sua casa e agora estou tomando um vinho. São rituais essenciais de saudação. Mas já podemos deixá-los de lado. O que está fazendo aqui, Diana?

– Eu? E o que o *senhor* está fazendo aqui? Onde está mamãe? – Descartei o vinho servido por Matthew. Nenhum vinho deixaria a súbita presença do meu pai à sombra.

– Sua mãe está cuidando de você em nossa casa. – Papai balançou a cabeça, visivelmente espantado. – Não consigo acreditar. Você não pode ter apenas uns dez anos menos que eu.

– Sempre esqueço que o senhor é bem mais velho que mamãe.

– Uma bruxa como você, acompanhada de um vampiro, está preocupada com a diferença de idade entre mim e sua mãe? – O ar engraçado de papai me tirou uma risada.

Enquanto ria fiz uns cálculos rápidos.

– Então, o senhor veio de 1980?

– Sim. Finalmente terminei o meu trabalho acadêmico e saí para algumas explorações. – Stephen me olhou atentamente. – Foi aqui e agora que vocês dois se conheceram?

– Não. Nós nos conhecemos em Oxford, em setembro de 2009. Na Biblioteca Bodleian. – Olhei para Matthew, que sorriu para me encorajar. Olhei de novo para papai e respirei fundo. – Posso viajar no tempo como o senhor. E trouxe Matthew comigo.

– Sei que você pode viajar no tempo, meu amendoim. Nesse último agosto você quase matou a sua mãe de susto quando desapareceu na sua festinha de aniversário de três anos. Uma criança levada que consegue viajar no tempo é o pior pesadelo para qualquer mãe. – Ele me olhou com ar divertido. – Quer dizer que você tem os meus olhos, as minhas orelhas, o meu cheiro e o meu dom de viajar no tempo. Algo mais?

Balancei a cabeça.

– Consigo fazer alguns feitiços.

– Ora. Esperávamos que fosse uma bruxa de fogo como a sua mãe, mas não tivemos essa sorte. – Papai pareceu incomodado e abaixou a voz. – Tome o cuidado de nunca mencionar seus talentos em companhia de outras bruxas. E quando tentarem ensinar feitiços para você, simplesmente deixe que entrem por uma orelha e saiam pela outra. Nem pense em aprendê-los.

– Gostaria que tivesse dito isso para mim antes. Isso teria me ajudado com Sarah – comentei.

– A boa e velha Sarah. – Papai soltou uma risada calorosa e contagiante.

Soou um estrondo de passos na escada seguido por um menino e um esfregão de quatro pernas que irromperam à soleira da porta e a fizeram bater contra a parede com a mesma força entusiástica com que entraram.

– Mestre Harriot disse que posso sair de novo com ele pra olhar as estrelas, e ele prometeu que desta vez não vai me esquecer. Mestre Shakespeare me deu isto. – Jack agitou um papel no ar. – Ele disse que é uma carta de crédito. Annie ficou o tempo todo olhando pra um garoto na Cardinal Hat enquanto comia uma torta. Quem é esse? – fez a pergunta com um dedo sujo apontado na direção do meu pai.

– Este é mestre Proctor – respondeu Matthew, encaixando Jack na cintura. – Alimentou o Esfregão enquanto estava fora? – Ninguém conseguira separar o menino do Esfregão em Praga, e o cachorro então agora estava Londres, onde a estranha aparência que tinha o tornava uma espécie de curiosidade local.

– Claro que alimentei o Esfregão. Comeu meus sapatos quando esqueci deles, e Pierre disse que compraria um par novo e que não contaria pro senhor, mas não um segundo par. – Jack tapou a própria boca.

– Desculpe-me, sra. Roydon. Ele saiu correndo pela rua e não consegui pegá-lo. – Annie entrou apressada na sala. Franziu a testa, deteve-se e empalideceu quando viu papai.

– Está tudo bem, Annie – eu disse amavelmente. Ela passara a ter medo de criaturas desconhecidas desde Greenwich. – Este é mestre Proctor. É um amigo.

– Eu tenho bolinhas de gude. O senhor quer jogar? – Jack olhou para o meu pai, especulando a olhos vistos se o recém-chegado seria uma pessoa útil de se ter por perto.

– Mestre Proctor está aqui para conversar com a sra. Roydon, Jack. – Matthew apontou a saída da sala para o menino. – Nós precisamos de água, vinho e pão. Você e Annie dividirão as tarefas, e Pierre vai levá-lo até Moorfields quando voltar.

Jack saiu resmungando atrás de Annie de volta à rua. Olhei para o meu pai que o tempo todo observara a mim e a Matthew sem dizer uma palavra. O ar estava impregnado das perguntas que ele queria fazer.

– Por que está aqui, docinho? – repetiu ele baixinho depois que as crianças saíram.

– Achamos que aqui poderíamos encontrar alguém para me ajudar em algumas questões a respeito de magia e alquimia. – Por alguma razão não quis que ele soubesse dos detalhes. – Minha mestra se chama Goody Alsop. Fui aceita por ela e pelo conciliábulo.

– Boa tentativa, Diana. Também sou bruxo e sei quando você está escondendo a verdade. – Papai recostou na cadeira. – De um jeito ou de outro, terá que me contar. Só pensei que poderíamos poupar tempo.

– Por que *você* está aqui, Stephen? – perguntou Matthew.

– Para dar uma espiada. Sou antropólogo. É o que faço. E você o que faz?

– Sou cientista... um bioquímico baseado em Oxford.

– O senhor não está aqui na Londres elisabetana apenas "para dar uma espiada", papai. O senhor já tem a folha do Ashmole 782. – Compreendi subitamente a razão pela qual ele estava ali. – E está à procura do resto do manuscrito. – Abaixei o candelabro de madeira. O compêndio

astronômico do mestre Habermel estava aninhado entre duas velas. Nós o mudávamos diariamente de esconderijo porque Jack sempre o encontrava.

– Que folha? – disse papai, com uma cara suspeitosamente inocente.

– A que tem a ilustração do casamento alquímico. A que saiu de um manuscrito da Biblioteca Bodleiana. – Abri o compêndio. Estava completamente parado, como esperava. – Olhe só, Matthew.

– Legal – disse papai, com um assovio.

– Você devia ver a ratoeira dela – disse Matthew entre dentes.

– O que isso faz? – Papai se aproximou para ver o compêndio mais de perto.

– Projetaram este instrumento matemático para determinar o tempo e rastrear eventos astronômicos, como as fases da lua. Começou a se mover por conta própria quando estávamos em Praga. Pensei que isso indicava que alguém estava à procura de Matthew e de mim, mas agora me pergunto se não o estava localizando enquanto o senhor procurava pelo manuscrito. – O instrumento ainda atuava periodicamente, as rodas giravam sem aviso prévio. Todos na casa o chamavam de "relógio de bruxa".

– Talvez seja melhor pegar o livro – disse Matthew, levantando-se.

– Tudo bem – disse papai, acenando para que se sentasse. – Não temos pressa. Rebecca sabe que ficarei fora por alguns dias.

– E vai ficar aqui... em Londres?

O semblante de papai suavizou. Ele assentiu.

– Onde ficará hospedado? – perguntou Matthew.

– Aqui! – disse indignada. – Ficará hospedado aqui!

– Sua filha tem uma opinião definitiva quanto à hospedagem da família em hotéis – disse Matthew, com um sorriso irônico, lembrando-se da minha reação na vez em que ele tentou colocar Marcus e Miriam em um hotel de Cazenovia. – Claro que será um prazer hospedá-lo.

– Já tenho um lugar do outro lado da cidade para me hospedar –

retrucou papai hesitante.

– Fique aqui. – Apertei os lábios e pisquei para repelir as lágrimas. – Por favor. – Eu queria fazer tantas perguntas para ele, perguntas que só ele poderia responder. Meu pai e meu marido entreolharam-se longamente.

– Tudo bem – disse papai por fim. – Será ótimo ficar um pouco mais com você.

Fiz de tudo para que papai ficasse em nosso quarto, já que Matthew não conseguiria dormir com um estranho em casa e eu poderia me acomodar no sofá embaixo da janela. Mas ele recusou. Pierre cedeu o quarto dele. Fiquei com inveja quando ouvi do patamar da escada que Jack e papai tagarelavam como dois velhos amigos.

– Acho que Stephen tem tudo o que precisa – comentou Matthew, abraçando-me.

– Será que ele está desapontado comigo? – perguntei a mim mesma em voz alta.

– Seu pai? – A voz de Matthew soou com incredulidade. – Claro que não!

– Ele me parece um pouco desconfortável.

– Faz poucos dias que Stephen deu um beijo de despedida em você e você ainda era uma menininha. E agora vê você adulta e isso é demais para ele, só isso.

– Será que ele sabe o que vai acontecer com ele e mamãe? – sussurrei.

– Isso eu não sei, *mon coeur*, mas acho que sim. – Matthew me arrastou para a cama. – De manhã tudo será diferente.

Ele estava certo, no dia seguinte papai parecia um pouco mais relaxado, se bem que parecia que não tinha dormido muito. Exatamente como Jack.

– O menino sempre tem pesadelos horríveis? – perguntou ele.

– Desculpe o menino por não tê-lo deixado dormir – respondi. – As mudanças o deixam agitado. Geralmente Matthew cuida dele nessas horas.

– Eu sei. Eu o vi – disse papai, sorvendo a tisana de ervas preparada por

Annie.

Esse era o problema de papai: via tudo. Sua capacidade de observação deixaria qualquer vampiro envergonhado. Eu tinha centenas de perguntas em mente, mas todas pareciam fenecer sob a silenciosa observação dele. De vez em quando me fazia uma pergunta trivial. Eu sabia jogar beisebol? Eu considerava Bob Dylan um gênio? Eu tinha aprendido a montar uma barraca? Não fazia perguntas a respeito de mim ou de Matthew, ou de onde era a minha escola ou do que eu fazia para viver. Não expressava qualquer interesse e com isso me sentia estranhamente desconfortável para fornecer informações. Fiquei quase em prantos ali pelo final do nosso primeiro dia juntos.

– Por que ele não conversa comigo? – perguntei enquanto Matthew desamarrava o meu espartilho.

– Porque ele se ocupa em ouvir. Ele é um antropólogo... um observador profissional. A historiadora da família é você. As perguntas cabem a você, não a ele.

– Fico com a língua presa perto dele, e não sei por onde começar. E quando ele conversa comigo é sempre sobre tópicos estranhos como o da permissão dos rebatedores designados que arruinou o beisebol.

– Isso é o que qualquer pai diria para uma filha se a levasse aos jogos de beisebol. Stephen sabe que não verá você crescer. Só não sabe quanto tempo ainda tem com você.

Sentei à beira da cama.

– Ele era fanático pelo Red Sox. Ainda lembro de mamãe dizendo que o ano de 1975 entre a gravidez dela e o *home run* de Carlton Fisk no sexto jogo da *World Series* marcava a melhor temporada de outono na vida do meu pai, mesmo com a vitória de Cincinnati sobre Boston na final.

Matthew sorriu, com doçura.

– Tenho certeza de que a temporada de outono de 1976 foi melhor.

– O Sox realmente venceu nesse ano?

– Não. Seu pai venceu. – Ele me beijou e apagou a vela.

No dia seguinte cheguei da rua e encontrei papai sentado na sala de estar vazia, com o Ashmole 782 aberto à frente.

– Onde o senhor encontrou isso? – perguntei, pondo os embrulhos em cima da mesa. – Matthew devia tê-lo escondido. – Eu já tinha trabalho demais em tentar manter as crianças afastadas do compêndio.

– Jack me emprestou. Ele o chama de "o livro de monstros da sra. Roydon". Logo que fiquei sabendo do livro, me senti compreensivelmente ansioso para vê-lo. – Papai virou a página. Seus dedos eram mais curtos que os de Matthew, e mais redondos e enérgicos que delgados e habilidosos. – A ilustração do casamento é deste livro?

– Sim. E ainda havia mais duas ilustrações: uma delas de uma árvore e outra de dois dragões vertendo sangue. – Parei por um segundo. – Não sei ao certo quanto posso contar para o senhor, papai. Sei de coisas que o envolvem a esse livro que nem o senhor sabe... coisas que ainda estão por vir.

– Conte-me então o que aconteceu com você depois que o encontrou em Oxford. Eu quero a verdade, Diana. Deve ter sido terrível. Vejo os fios danificados que ligam você ao livro e todos estão enroscados e arrebentados.

Fez-se um silêncio pesado na sala e não havia um único canto onde pudesse fugir do escrutínio do meu pai. Até que a atmosfera se tornou insuportável e olhei nos olhos dele.

– Foram as bruxas. Matthew caiu no sono e saí para tomar ar fresco. Era um lugar seguro. Mesmo assim, uma bruxa me raptou. – Eu me agitei na cadeira. – Fim da história. Falemos de outra coisa. Não quer saber da minha escola? Sou historiadora. Dou aulas. Na Yale. – Falaria sobre qualquer coisa com papai, menos sobre a cadeia de eventos que se iniciou com a entrega de uma velha fotografia no meu apartamento na New

College e que culminou com a morte de Juliette.

– Mais tarde. Agora, preciso saber por que outra bruxa queria tanto este livro a ponto de se dispor a matá-la para obtê-lo. Ora, claro. – Ele notou o meu olhar de incredulidade. – Posso imaginar. A bruxa fez um feitiço de abertura que deixou uma cicatriz terrível nas suas costas. Chego a sentir o ferimento. Os olhos de Matthew estão nele, e o seu dragão... também sei a respeito do seu dragão fêmea... protege-a com as asas.

– Satu... essa bruxa que me sequestrou... não é a única que cobiça o livro. Peter Knox também o quer. Ele é um membro da Congregação.

– Peter Knox – disse papai suavemente. – Ora, ora, ora.

– Vocês dois se conhecem?

– Infelizmente, sim. Sempre teve uma queda pela sua mãe. Felizmente, ela o detesta. – Papai virou a página com ar sério. – Tomara que Peter não saiba que há bruxas e bruxos mortos neste livro. Há um toque de magia negra ao redor do livro, e Peter sempre se interessou por esse aspecto da arte. Isso explica por que o cobiça, mas por que você e Matthew o querem tanto?

– As criaturas estão desaparecendo, papai. Os demônios estão cada vez mais selvagens. O sangue dos vampiros perde cada vez mais a capacidade de transformar os humanos. E as bruxas não estão mais procriando. Nós estamos morrendo. Matthew acredita que esse livro possa nos ajudar a entender por que isso tudo está acontecendo – expliquei. – Há muita informação genética nas páginas... pele, cabelo e até sangue e ossos.

– Você se casou com uma criatura parecida com Charles Darwin. Ele se interessa pelas origens e também pela extinção?

– Sim. Faz muito tempo que pesquisa a inter-relação entre demônios, bruxas e vampiros uns com os outros e com os humanos. Se encontrarmos as páginas que faltam compreenderemos o conteúdo e teremos pistas importantes do manuscrito.

Olhos cor de avelã se encontraram com meus olhos.

– Isso é só uma preocupação teórica do seu vampiro?

– Foi no início, mas não é mais. Estou grávida, papai. – Levei a mão ao ventre. Ultimamente esse gesto ocorria com frequência, sem que me ocorresse fazer isso.

– Eu sei. – Ele sorriu. – Também vi isso, mas é bom ouvir dos seus próprios lábios.

– O senhor só está aqui há quarenta e oito horas. Não quero precipitar as coisas – disse envergonhada. Papai se levantou e me deu um abraço apertado. – Sem falar que o senhor deveria estar surpreso. Bruxas e vampiros são proibidos de se apaixonar. E definitivamente não se espera que tenham filhos.

– Sua mãe já havia me avisado... ela viu tudo isso com a extraordinária visão que tem. – Ele sorriu. – Que bisbilhoteira! Ora está bisbilhotando você, ora está bisbilhotando o vampiro. Parabéns, docinho. Os filhos são dádivas maravilhosas.

– Só espero conseguir lidar com isso. Quem pode saber como será o nosso filho?

– Você consegue lidar com qualquer coisa, bem mais do que imagina. – Ele me beijou no rosto. – Venha, vamos dar um passeio. Mostre-me os seus lugares prediletos da cidade. Adoraria conhecer Shakespeare. Um dos meus confrades idiotas realmente acha que *Hamlet* foi escrito pela rainha Elizabeth. E por falar em confrades: como é que acabei tendo uma filha que é professora na Yale depois de anos e anos comprando luvinhas e outras lembranças de Harvard para você?

– Estou curioso sobre uma coisa – disse papai, com os olhos fixos no vinho.

Acabávamos de desfrutar um delicioso jantar após um adorável passeio e as crianças já estavam dormindo e Esfregão roncava ao pé da lareira. O dia tinha sido perfeito até aquele momento.

– Sobre o quê, Stephen? – perguntou Matthew, olhando por cima da taça com um sorriso.

– Quanto tempo mais vocês acham que poderão manter sob controle essa vida louca que estão vivendo?

O sorriso de Matthew se dissipou.

– Não sei se entendi bem a pergunta – respondeu com certa inquietude.

– Vocês dois estão se agarrando às coisas com muita gana. – Papai sorveu um gole de vinho e olhou por cima da taça para o punho fechado de Matthew. – Às vezes destruímos o que mais amamos quando nos agarramos inadvertidamente às coisas.

– Não me esquecerei disso. – Matthew tentou controlar o humor... sem muito êxito. Abri a boca para tentar amenizar a tensão.

– Pare de tentar consertar as coisas, meu bem – disse papai antes que eu pudesse dizer alguma coisa.

– Não estou fazendo isso – retruquei firme.

– Está fazendo, sim – rebateu ele. – Reconheço os sinais porque sua mãe faz isso o tempo todo. É a única chance que tenho de conversar com você adulta, Diana, e não vou medir palavras só porque incomodam a você ou a ele.

Papai enfiou a mão no bolso do casaco e tirou um panfleto.

– Você está tentando consertar as coisas, Matthew.

"*Notícias da Escócia*", as letras minúsculas estavam acima da manchete em letras maiúsculas: REVELAÇÕES SOBRE A VIDA MISERÁVEL DO DOUTOR FIAN, NOTÁVEL FEITICEIRO QUEIMADO NO ÚLTIMO JANEIRO, EM EDENBROUGH.

– Circulam rumores por toda a cidade sobre as bruxas e os bruxos da Escócia – disse papai, empurrando as páginas para Matthew. – Mas as criaturas contam uma história diferente da que é contada pelos sangues-quentes. Segundo elas, o grande e terrível inimigo das bruxas, Matthew Roydon, tem desafiado os desejos da Congregação e salvado os acusados.

Matthew não pegou a publicação.

– Stephen, você não devia acreditar em tudo que ouve. Os fofoqueiros pululam em Londres.

– Para dois controladores malucos vocês certamente estão criando um grande problema para o mundo. E esse problema não ficará por aqui. Serão seguidos por ele quando voltarem para casa.

– De 1591 só levaremos o Ashmole 782 – eu disse.

– Vocês não podem levá-lo – retrucou papai enfaticamente. – O livro pertence ao presente de agora. E vocês já o embaralharam demais ao permanecerem tanto tempo aqui.

– Nós temos sido cuidadosos, papai. – Fiquei magoada com a crítica.

– Cuidadosos? Faz sete meses que estão aqui. E ainda conceberam um filho. O máximo de tempo que permaneci no passado foram duas semanas. Vocês deixaram de ser viajantes do tempo. Vocês sucumbiram à mais básica transgressão do campo antropológico: tornaram-se nativos.

– Já estive aqui antes, Stephen – disse Matthew brandamente, se bem que tamborilava nervosamente a coxa com os dedos. Isso não era um bom sinal.

– Sei disso, Matthew – disse papai. – Mas você introduziu tantas variáveis que o passado já não é mais o que era.

– O passado nos transformou – eu disse, encarando o olhar irado do meu pai. – E por essa razão *nós* também *o* transformamos.

– E isso é tudo? Viajar no tempo é um negócio sério, Diana. Até para uma visita breve você precisa de um plano... um plano que inclui deixar tudo para trás exatamente como estava.

Eu me agitei na cadeira.

– Não era para ficarmos tanto tempo aqui. Uma coisa levou à outra, e agora...

– Agora, vocês deixarão uma bagunça para trás. E vão se ver diante de outra quando retornarem para casa. – Papai nos olhou com ar sombrio.

– Já entendi tudo, papai. Fizemos uma asneira.

– Fizeram, sim – disse ele mansamente. – Pensem a respeito disso enquanto vou ao Cardinal Hat. Alguém chamado Gallowglass se apresentou para mim lá no pátio. Disse que era parente de Matthew e prometeu me ajudar a conhecer Shakespeare, já que minha própria filha se recusou. – Deu um beijinho na minha bochecha. Um beijo de decepção e também de perdão. – Não vou chegar cedo.

Eu e Matthew nos calamos.

Respirei ainda trêmula.

– Fizemos uma asneira, Matthew?

Repassei os meses anteriores na cabeça: o encontro com Philippe, a quebra das defesas de Matthew, o encontro com Goody Alsop e as outras bruxas, a minha autodescoberta como tecelã, a amizade com Mary e as damas de Malá Strana, o acolhimento de Jack e Annie em nossa casa e em nossos corações, a descoberta do Ashmole 782 e, claro, a concepção de um filho. Levei a mão ao ventre, como se para protegê-lo. Não mudaria nada, mesmo que tivesse outra escolha.

– É difícil saber, *mon coeur* – respondeu Matthew, com ar melancólico. – Só o tempo dirá.

– Pensei em visitarmos a Goody Alsop juntos. Ela está me ajudando a elaborar o feitiço para o retorno ao futuro. – Coloquei-me à frente de papai, agarrada à caixa de feitiços. Ainda estava embaraçada devido ao sermão que ele passara em mim e em Matthew na noite anterior.

– Já era hora – disse ele, pegando o casaco. Ainda o usava à maneira moderna, tirando-o quando entrava em casa e arregaçando as mangas da camisa. – Achei que você não tinha ouvido as minhas sugestões. Mal posso esperar para conhecer uma verdadeira tecelã. E quando é que vai me mostrar o que há dentro dessa caixa?

– Por que não disse antes se estava curioso?

– Você cobriu a caixa com tanto cuidado, com se fosse algo só seu, que

achei que não gostaria de falar disso com ninguém – respondeu ele quando descemos pela escada.

E quando chegamos à paróquia de St. James Garlickhythe a ajudante de Goody Alsop abriu a porta.

– Entrem, entrem – disse a bruxa, apontando para as cadeiras perto da lareira. Seus olhos brilharam e piscaram de excitação. – Estávamos à espera de vocês.

O conciliábulo todo estava lá; as mulheres estavam sentadas à beira das cadeiras.

– Goody Alsop, este é meu pai, Stephen Proctor.

– O tecelão. – Goody Alsop sorriu de satisfação. – Você é aguado como sua filha.

Papai se manteve atrás, como de costume, observando e falando o mínimo possível enquanto eu fazia as apresentações. As mulheres sorriam e balançavam a cabeça em assentimento, embora Catherine tivesse que repetir tudo para Elizabeth Jackson por causa do sotaque acentuado de papai.

– Mas estamos sendo rudes. Você se importaria de partilhar o nome de sua criatura? – Goody Alsop olhou para os ombros de papai, onde se viam os tênues contornos de uma garça. Eu nunca tinha reparado nela.

– A senhora consegue ver Bennu? – perguntou ele surpreso.

– Claro que sim. Está empoleirada no seu ombro de asas abertas. Meu espírito familiar não tem asas, mesmo assim tenho uma forte ligação com o ar. Talvez tenha sido fácil domesticá-la justamente porque não tinha asas. Eu ainda era menina quando uma tecelã chegou a Londres, com uma harpia como familiar. Chamava-se Ella e foi difícil treiná-la.

A ajudante de Goody Alsop flutuava ao redor do meu pai, balbuciando com doçura à medida que a ave se tornava mais visível.

– Talvez Bennu consiga persuadir o dragão de fogo de Diana a revelar o seu nome próprio. Isso facilitaria em muito as viagens no tempo da sua

filha, suponho. E não queremos que o familiar de Diana deixe rastros aqui e arraste-a de volta a Londres de agora.

– Uau. – Papai lutava para acompanhar tudo: o estranho vocabulário, a ajudante de Goody Alsop e a visibilidade dos segredos dele.

– Quem? – disse Elizabeth Jackson polidamente, assumindo que não tinha entendido.

Papai deu um passo para trás e observou Elizabeth com atenção.

– Já nos conhecemos?

– Não. O senhor está reconhecendo a água que corre em minhas veias. Estamos muito felizes por tê-lo aqui conosco, mestre Proctor. Os muros de Londres não abrigam apenas três tecelões. São muitos aqui na cidade.

Goody Alsop apontou para a cadeira ao lado dela.

– Sente-se.

Papai assumiu o lugar de honra.

– Ninguém lá em casa entende de tecelagem.

– Nem mesmo mamãe? – Fiquei chocada. – O senhor devia ter dito para ela, papai.

– Ora, ela já sabe. Mas não precisei dizer nada. Simplesmente mostrei para ela. – Os dedos de papai se curvaram e se distenderam num gesto instintivo de comando.

A sala irradiou tons de azul, cinza, lavanda e verde enquanto ele se servia dos fios aquosos que estavam ocultos lá dentro: os ramos de salgueiro no vaso perto da janela, o candelabro de prata que Goody Alsop utilizava nos feitiços, o peixe à espera de ser assado. Todos e tudo na sala se projetaram em tons aquosos iguais. Bennu alçou voo e as extremidades prateadas das asas bateram no ar como ondas. A corrente soprou a ajudante de Goody Alsop, que se transformou num lírio de haste comprida e logo reassumiu a forma humana de onde brotaram asas. Era como se os dois familiares estivessem brincando. Meu dragão de fogo balançou a cauda frente à perspectiva de recreação e bateu as asas contra minhas

costelas.

– Agora, não – eu disse em tom firme, apertando o corpete. Um dragão de fogo rebelde era a última coisa de que precisávamos. Eu não sabia como controlar o passado, sabia como não deixar um dragão à solta na Londres elisabetana.

– Deixe-a sair, Diana – disse papai em voz de comando. – Ben cuidará dela.

Mas eu não podia fazer isso. Papai chamou Bennu que se dissolveu nos ombros dele. A magia aquosa também se dissolveu a minha volta.

– Por que tem tanto medo? – perguntou papai em voz baixa.

– Por causa disto aqui! – Sacudi os cordões no ar. – E por isto! – Bati nas costelas para provocar o dragão. Ela reagiu com um arroto. Deslizei a mão até o ponto onde o meu filho se desenvolvia. – E por isto. É muita coisa. Não uso a magia elemental de um modo espetacular como o senhor. Sou feliz do jeito que sou.

– Você tanto pode tecer feitiços quanto comandar um dragão de fogo e manipular as leis que governam a vida e a morte. Você é tão volátil quanto criadora de si mesma, Diana. Qualquer bruxa de importância mataria para ter esses poderes.

Olhei horrorizada para o meu pai. Ele tinha trazido para aquela sala justamente o que eu não conseguia encarar: bruxas que matariam por aqueles poderes. Elas matariam meu pai e minha mãe.

– Arrumar a magia em caixinhas e separá-las da arte não muda o meu destino e o destino da sua mãe – continuou papai, com ar melancólico.

– Não é isso que estou tentando fazer.

– Verdade? – Ele arqueou as sobrancelhas. – Quer tentar de novo, Diana?

– Sarah diz que magia elemental e arte são separadas. Ela diz...

– Esquece o que a Sarah diz! – Papai me segurou pelos ombros. – Você não é Sarah. Não é igual a nenhuma bruxa que já viveu. E não precisa

escolher entre os feitiços e o poder que emana da ponta dos seus dedos. Nós não somos tecelões?

Balancei a cabeça.

– Então, pense na magia dos elementais como uma urdidura, as sólidas fibras que sustentam o mundo, e nos feitiços como uma trama. Ambos compõem uma única tapeçaria. Tudo faz parte de um grande sistema, docinho. E você poderá dominá-lo se deixar o seu medo de lado.

Entrevi as possibilidades que cintilaram à minha volta em teias coloridas e sombrias, mas o medo não desvaneceu.

– Espere. Também tenho uma conexão com o fogo, como mamãe. Nós não sabemos como os elementos da água e do fogo reagem. Ainda não tive essa aula. – *Por causa de Praga*. Pensei. *Porque nos concentramos na caça ao Ashmole 782 e não me concentrei no futuro e em como retornar a ele.*

– Você então é uma batedora ambidestra... uma arma secreta mágica. – Ele riu. Ele *riu*.

– Isso é sério, pai.

– Mas não precisa ser. – Ele se deixou penetrar pela água e depois entortou o dedo em gancho, pegando um fio cinza esverdeado pela ponta.

– O que está fazendo? – perguntei curiosa.

– Observe – respondeu ele com um sussurro que ecoou como as ondas que quebram na praia. Levou o dedo aos lábios e os fechou, como se estivesse segurando um canudinho invisível de bolhas de sabão. Soprou e formou-se uma bolinha de água. Sacudiu os dedos para um recipiente de água próximo à lareira e a bolinha azulou, flutuou por cima do recipiente e se esparramou lá dentro. – Na mosca!

Elizabeth sorriu e liberou uma torrente de bolhas de água que estouraram no ar e esguicharam como chuveirinhos.

– Às vezes precisamos abraçar o desconhecido mesmo quando não o apreciamos, Diana. Você ficou aterrorizada quando a coloquei num velocípede pela primeira vez. E jogava os blocos de madeira na parede

quando não conseguia encaixá-los na caixa. Superamos tudo em meio a crises. Sei que poderemos lidar com isso. – Papai estendeu a mão.

– Mas isso é tão...

– Desorganizado? A vida também é. Não tente ser perfeita. Tente ser real. – Ele cruzou o ar com o braço, deixando os fios habitualmente escondidos à vista. – O mundo inteiro está dentro desta sala. Aproveite para conhecê-lo.

Observei os padrões e os grumos de cor em volta das bruxas que indicavam o ponto forte e o ponto fraco de cada uma delas. Fui rodeada por uma profusão de fios de fogo e água em formas conflitantes. Entrei de novo em pânico.

– Chame o fogo – disse papai, como se isso fosse simples como encomendar uma pizza.

Depois de um momento de hesitação entortei o dedo em gancho e desejei que o fogo viesse a mim. Peguei um fio laranja-avermelhado pela ponta e, quando soprei o hálito pelos lábios fechados, dezenas de bolhinhas de luz e calor flutuaram no ar como vaga-lumes.

– Maravilha, Diana! – gritou Catherine, batendo palmas.

Meu dragão de fogo quis se libertar devido às palmas e ao fogo. Bennu gritou de cima dos ombros de papai e o dragão de fogo respondeu.

– Não! – exclamei, trincando os dentes.

– Não seja desmancha-prazeres. Ela é um dragão... não um peixinho de aquário. Por que está sempre fingindo que o mágico é comum? Deixe-a voar!

Relaxei por um segundo e minhas costelas se afrouxaram e se abriram da coluna, como as folhas de um livro. O dragão de fogo escapou do confinamento de ossos na primeira oportunidade e bateu as asas enquanto se metamorfoseava do cinza incorpóreo a um tom iridescente e brilhante. Enroscou a cauda em um nó solto e saiu voando pela sala. Pegou as pequenas bolhas de fogo com os dentes e engoliu-as como se fossem

jujubas. E depois engoliu as bolhas de água como se fossem de champanhe. Quando esgotou a brincadeira, pairou no ar à minha frente, balançando a cauda pelo chão. E depois esticou a cabeça, como se à espera de um pedido meu.

– Quem é você? – perguntei enquanto me perguntava como é que o dragão de fogo conseguira absorver os poderes conflitantes entre a água e o fogo.

– Você, mas não você. – Ela piscou com os olhos vítreos enquanto me observava. Uma bola de energia rodopiou e se equilibrou na extremidade da cauda de escamas. Ela sacudiu a cauda e arremessou a bola de energia na palma da minha mão. Era uma bola igual à que eu tinha dado para Matthew em Madison.

– Como se chama? – sussurrei.

– Pode me chamar de Corra – respondeu ela, com uma língua de fumaça e névoa. Balançou a cabeça em despedida, mesclou-se a uma sombra acinzentada e desvaneceu. Pôs-se com todo peso dentro de mim, fechou as asas em volta das minhas costas e emudeceu. Respirei fundo.

– Isso foi demais, querida. – Papai me deu um abraço apertado. – Você pensou como o fogo. Empatia é o segredo de quase tudo na vida... inclusive da magia. Olhe só como os fios estão brilhantes agora!

O mundo cintilava de possibilidades a nossa volta. Uma intermitente teia em tons índigo e âmbar nos cantos era um indício de que o tempo estava cada vez mais impaciente.



– Minhas duas semanas passaram. Já é hora de ir embora.

As palavras de papai não eram inesperadas, e mesmo assim me golpearam. Fechei os olhos para dissimular o meu sentimento.

– Sua mãe vai pensar que estou me divertindo com uma vendedora de laranjas se não retornar agora.

– As vendedoras de laranjas são mais comuns ao século XVII – comentei distraída, mexendo nos cordões que tinha ao colo. Meus progressos agora se estendiam de simples amuletos contra dores de cabeça a tecelagens mais complicadas capazes de plissar as ondas do Tâmisa. Envolvi um fio dourado e um fio azul em meus dedos. *Força e entendimento.*

– Uau. Boa recuperação, Diana. – Papai se voltou para Matthew. – Ela bate e volta com rapidez.

– Nem me fale – disse o meu marido em tom igualmente seco. Ambos faziam uso do humor para atenuar as asperezas superficiais do relacionamento entre eles, o que às vezes era insuportável.

– Estou muito feliz por tê-lo conhecido, Matthew... apesar da cara feia que você faz quando acha que me aproprio de Diana – disse papai, com uma risada.

Ignorei o joguinho deles e entrelacei o cordão amarelo com o dourado e o azul. *Persuasão.*

– O senhor pode ficar até amanhã? Seria uma pena perder as celebrações. – Era a noite do festival de verão e a cidade estava em clima de festa. Apelei sem pudor para os interesses acadêmicos do meu pai por

achar que uma última noite com a filha não seria um incentivo suficiente. – Haverá muitos costumes folclóricos para serem observados.

– Costumes folclóricos? – Papai sorriu. – Quanta sutileza! Claro que posso ficar até amanhã. Annie fez uma guirlanda de flores para minha cabeça e desfrutarei um tabaco com Will e Walter. E depois visitarei padre Hubbard.

Matthew franziu a testa.

– Você conhece Hubbard?

– Ora, claro. Eu me apresentei a ele assim que cheguei. Precisava fazer isso porque ele era o homem no comando. Hubbard rapidamente percebeu que eu era o pai de Diana. Vocês têm um olfato impressionante. – Papai olhou amavelmente para Matthew. – É um homem interessante cujo ideal é que todas as criaturas convivam numa grande família em harmonia.

– Isso seria um completo caos – frisei.

– Realizamos isso na noite passada, com três vampiros, dois bruxos, um demônio, dois humanos e um cachorro dividindo o mesmo teto. Não seja tão apressada em descartar as ideias novas, Diana. – Papai me olhou com ar de reprovação. – Após a visita talvez dê um passeio com Catherine e Marjorie. Esta noite muitas bruxas estarão pelas ruas. E definitivamente as duas sabem onde há mais diversão. – Pelo visto ele estava intimamente entrosado com metade da cidade.

– Mas trate de tomar cuidado. Especialmente com Will, papai. Nada de "uau" nem de "falou, Shakespeare". – Papai era apaixonado pelas gírias. Dizia que a gíria é a marca do antropólogo.

– Will seria um colega maneiro se pudesse levá-lo comigo para casa... desculpe-me, docinho. Ele tem senso de humor. Nosso departamento na universidade ficaria muito melhor com alguém como ele. Will colocaria mais fermento na massa, se é que me entende. – Papai esfregou as mãos com entusiasmo. – Quais são os seus planos?

– Não temos nenhum. – Olhei fixamente para Matthew, que deu de

ombros.

– Planejava responder algumas cartas – disse ele hesitante. A pilha de correspondências tinha aumentado assustadoramente.

– Oh, não. – Papai sentou-se de novo na cadeira, aparentemente horrorizado.

– O quê? – Girei a cabeça para ver se alguém ou alguma coisa tinha entrado na sala.

– Não me digam que vocês são como aqueles acadêmicos que não distinguem entre vida pessoal e trabalho. – Ele sacudiu a mão no ar, como se para espantar um possível contágio. – Recuso-me a acreditar que minha própria filha seja um deles.

– Isso soa um pouco melodramático, papai – retruquei em tom firme. – Nós poderíamos passar a noite com o senhor. Nunca fumei. Será histórico fazer isso pela primeira vez com Walter, já que ele introduziu o tabaco na Inglaterra.

Papai se mostrou ainda mais horrorizado.

– Absolutamente, não. Será uma diversão entre companheiros. Lionel Tiger argumenta...

– Não sou um grande fã de Tiger – disse Matthew. – O carnívoro social nunca fez sentido para mim.

– Será que podemos deixar de lado o tópico do canibalismo por um instante e discutirmos por que o senhor não quer passar a sua última noite aqui comigo e Matthew? – Eu estava magoada.

– Não se trata disso, docinho. Ajude-me aqui, Matthew. Promova um encontro romântico com Diana. Sei que será capaz de pensar em alguma coisa original.

– Como patinar? – As sobrancelhas de Matthew arquearam. – Não há rinques de patinação na Londres do século XVI... e acrescento que estão praticamente desaparecidos no século XXI.

– Droga! – Fazia alguns dias que papai e Matthew estavam jogando

"moda *versus* tendência". Papai recebera com prazer a notícia de que a popularidade da moda *disco* e dos bichinhos de pedra acabara, mas se chocara com a notícia de que outras coisas como o traje *leisure suit* já não passavam de piadas. – Adoro patinar. Eu e Rebecca sempre vamos para um lugar em Dorchester quando queremos ficar longe de Diana por algumas poucas horas, e...

– Sairemos para uma caminhada – eu o interrompi. Papai conseguia ser desnecessariamente franco quando falava sobre como passava as horas livres com mamãe. Talvez por pensar que isso poderia agitar o sentimento possessivo de Matthew. Como a tática fracassara, começou a chamar Matthew de "*sir* Lancelot" só para implicar um pouco mais.

– Uma caminhada. Vocês vão passear. – Papai deu uma pausa. – Não disse isso literalmente, disse?

Ele saiu da mesa.

– Não é de espantar que as criaturas estejam a caminho da extinção como os dodôs. Saiam. Vocês dois. Agora. Estou ordenando que se divirtam. – Ele nos empurrou em direção à porta.

– Como? – perguntei perplexa.

– Essa é uma pergunta que uma filha não deve fazer para um pai. É o festival de verão. Saiam e perguntem o que devem fazer para a primeira pessoa que aparecer. Melhor ainda, sigam o exemplo de alguém. Uivem para a lua. Façam magia. Beijem-se, pelo menos. Acredito que *sir* Lancelot saiba beijar. – Ele mexeu as sobrancelhas. – Sacou, srta. Bishop?

– Acho que sim. – Soei com um tom que refletiu minhas dúvidas a respeito do que papai entendia por diversão.

– Ótimo. Só voltarei de manhãzinha, portanto não me esperem. Melhor ainda, passem a noite fora também. Jack está com Tommy Harriot. Annie está com a tia dela. E Pierre está... não sei onde Pierre está, mas ele não precisa de babá. Verei vocês no café da manhã.

– Quando começou a chamar Thomas Harriot de "Tommy"? –

perguntei. Papai fingiu não ouvir.

– Dê cá um abraço antes de sair. E não se esqueça de se divertir, tá legal? – Ele me abraçou. – Vejo-a mais tarde, baby.

Stephen nos empurrou pela porta afora e fechou-a na nossa cara. Estendi a mão para segurar a maçaneta, mas a mão do vampiro me impediu.

– Ele vai partir em poucas horas, Matthew. – Alcancei a porta com a outra mão. Matthew também a segurou.

– Eu sei. E ele também sabe – disse Matthew.

– Então ele deveria entender que eu quero passar mais tempo com ele. – Olhei fixamente para a porta, desejando que papai a abrisse. Os fios saíram de mim, entraram pelo grão da madeira e se dirigiram ao bruxo do outro lado da porta. Um dos fios se partiu e ricocheteou na minha mão como um elástico. Engoli em seco. – Papai!

– Saia daí, Diana! – gritou ele.

Perambulei pela cidade com Matthew, observando as lojas fechadas e os foliões que já lotavam os pubs. Alguns açougueiros empilhavam ossos na entrada dos açougues. Ossos brancos e limpos, como se passados por fervuras.

– O que vão fazer com os ossos? – perguntei depois que passamos pelo terceiro açougue.

– São para as fogueiras de ossos.

– Fogueiras?

– Não – respondeu Matthew –, fogueiras de ossos. As pessoas tradicionalmente celebram o festival de verão acendendo fogueiras, fogueiras de ossos, fogueiras de lenha e fogueiras mistas. Todo ano o prefeito pede para que parem com as celebrações supersticiosas, mas o povo continua acendendo fogueiras.

Matthew convidou-me para jantar no famoso Belle Savage Inn, situado na Ludgate Hill, fora dos limites de Blackfriars. Além de ser um

restaurante, Belle Savage também era um complexo de entretenimento, onde os frequentadores assistiam a peças e embates de esgrima – e principalmente Marocco, um cavalo afamado que conseguia identificar as virgens na plateia. Não era um rinque de patinação em Dorchester, mas não ficava nada a dever.

Os adolescentes da cidade estavam a todo vapor, xingavam e faziam insinuações entre si aos gritos enquanto percorriam os bebedouros. Durante o dia a maioria se esfolava como criados ou como aprendizes. Não tinham tempo para nada nem à noitinha, já que os amos os encarregavam de tomar conta das lojas e das casas e de cuidar das crianças e de buscar comida e água e de fazer centenas de outras pequenas tarefas necessárias ao funcionamento da casa. Mas aquela noite pertencia a eles e eles a aproveitavam ao máximo.

Saímos da Ludgate e os sinos badalaram nove horas quando nos aproximamos da entrada de Blackfriars. Era hora da ronda dos membros da Guarda e do retorno da população às suas casas, mas naquela noite ninguém parecia disposto a obedecer às regras. O pôr do sol se dera uma hora antes, mas a lua quase cheia iluminava as ruas.

– Vamos continuar passeando? – perguntei. Sempre íamos a lugares específicos como o Castelo de Baynard, para visitar a Mary, ou a St. James Garlickhythe, para me reunir com as bruxas, ou ao adro da St. Paul's, para comprar livros. Nunca tínhamos passeado pela cidade sem destino.

– Não vejo por que não, já que recebemos ordens para ficar fora de casa e nos divertirmos – disse Matthew, curvando-se e me roubando um beijo.

Caminhamos pelas redondezas do portão ocidental da St. Paul's que, apesar da hora, estava lotado, e pelo adro afora em direção ao norte. Isso nos levou até Cheapside, a rua mais espaçosa e próspera de Londres, onde os ourives dobravam os preços. Contornamos a Cruz de Cheapside que servia de piscina para um grupo de garotos ruidosos, e seguimos rumo leste. Matthew traçou a rota da procissão da coroação de Ana Bolena para

mim e mostrou a casa onde Geoffrey Chaucer passara a infância. Alguns comerciantes convidaram Matthew para se juntar a eles num jogo de boliche. Mas o tiraram da competição depois do terceiro *strike* que ele fez em uma única rodada.

– Está feliz agora que provou que é o maioral? – Eu o provoquei quando ele me enlaçou pelos ombros e me puxou para mais perto.

– Muito – disse ele. Apontou para uma bifurcação na estrada. – Olhe.

– O Royal Exchange. – Girei o corpo de excitação. – À noite! Você lembrou.

– Um cavalheiro nunca esquece. – Ele fez uma reverência. – Não sei se tem alguma loja ainda aberta, mas os candeeiros estarão acesos. Vamos passear no pátio?

Atravessamos os amplos arcos em direção à torre do sino, onde a figura de um gafanhoto se destacava no topo. Lá dentro, girei o corpo lentamente enquanto absorvia de cabo a rabo o prédio de quatro andares com centenas de lojas que vendiam de tudo, de armaduras a calçadeiras. Estátuas de monarcas ingleses olhavam do alto para frequentadores e comerciantes, e de novo uma praga de gafanhotos ornamentava o ponto mais alto de cada janela das mansardas.

– O gafanhoto era o emblema de Gresham. Ele não tinha o menor pudor em se autopromover – disse Matthew, soltando uma gargalhada e acompanhando os meus olhos.

Algumas lojas ainda estavam abertas e os candeeiros nos arcos em torno do pátio central estavam acesos, de modo que não éramos os únicos que desfrutávamos a noite.

– De onde vem a música? – perguntei, olhando em volta na tentativa de localizar os menestréis.

– Da torre – respondeu ele, apontando para o ponto por onde tínhamos entrado. – Os comerciantes patrocinam os concertos de verão. É um bom negócio.

Matthew também era bom nos negócios, pelo menos era o que indicava o número de lojistas que o cumprimentavam pelo nome. Eles trocavam piadas uns com os outros e não se esqueciam de perguntar pelas esposas e os filhos.

– Já volto – disse ele ao entrar numa loja das cercanias. Fiquei impressionada quando ouvi a música e observei uma jovem dama que organizava um baile de improviso. As pessoas formaram círculos de mãos dadas e saltitaram para cima e para baixo como pipocas em panela quente.

Logo Mathew retornou e me deu um presente – com a devida cerimônia.

– Uma ratoeira. – Sorri perante a pequena caixa de madeira com uma porta deslizante.

– *Isto* é uma verdadeira ratoeira – disse ele, segurando a minha mão. Começou a caminhar de costas, puxando-me para o centro do baile. – Dance comigo.

– Definitivamente, não conheço essa dança. – Não era nada parecida com as danças tranquilas de Sept-Tours ou da corte de Rodolfo.

– Pois é, sei disso – disse Matthew, sem se importar com os olhares cravados nele. – É uma antiga dança... chama-se Black Nag, os passos são simples. – Tirou a ratoeira da minha mão antes de me puxar até o final da fila e a entregou para um moleque tomar conta. Prometeu um pêni se ele fizesse isso até o final da música.

Matthew me pegou pela mão e nos fez acompanhar a fila dos dançarinos em pleno movimento. Três passos e um pequeno pontapé para a frente, três passos e uma pequena inclinação para trás. Depois de algumas repetições entramos numa sequência de passos mais intricados na qual a fila de doze dançarinos se dividiu em duas de seis e começou a trocar de lugar enquanto cruzava caminhos diagonais de uma fila para outra, se movendo para a frente e para trás.

Ao final da dança ouviram-se pedidos de bis para outras músicas e

outros ritmos, mas deixamos o Royal Exchange antes que as danças se tornassem mais vibrantes. Matthew recuperou a ratoeira e, em vez de pegar o caminho de volta para casa, saiu em direção ao rio rumo sul. Dobramos tantas alamedas e atravessamos tantos pátios que eu já estava totalmente desorientada quando chegamos a All Hallows the Great, com uma torre alta e quadrada e um claustro abandonado por onde um dia os monges caminhavam. Como a maioria das igrejas de Londres, a All Hallows estava a ponto de se tornar uma ruína, com toda a cantaria a desmoronar.

– Pronta para uma escalada? – perguntou ele, abaixando-se para entrar no claustro por uma porta de madeira baixa.

Balancei a cabeça e iniciamos a escalada. Passamos pelos sinos que felizmente não estavam badalando, e depois Matthew forçou um alçapão no teto. Espremeu-se pela abertura acima, esticou o braço lá do alto e me puxou para junto dele. E de repente estávamos atrás das ameias da torre, com toda a Londres espraiada lá embaixo.

Fogueiras ardiam em todo o esplendor nas colinas distantes da cidade, e lanternas oscilavam para cima e para baixo tanto nos botes como nas barcaças que cruzavam o rio Tâmisa. Ao longe e com a escuridão do rio como pano de fundo mais pareciam vaga-lumes. Soavam risadas, músicas e os burburinhos comuns de um cotidiano ao qual já estava habituada pelos meses de permanência naquele lugar.

– Quer dizer que você já conheceu a rainha, o Royal Exchange à noite e *se apresentou* numa peça em vez de assistir a ela – disse Matthew, enumerando os tópicos com os dedos.

– E também encontramos o Ashmole 782. E descobrimos que sou uma tecelã e que a magia não é tão disciplinada como se esperava. – Fixei os olhos na cidade e me lembrei de quando Matthew apontava para os lugares com medo de que me perdesse depois que chegamos. Eu já conseguia nomear todos aqueles lugares. – Lá está Bridewell. – Apontei. –

E a St. Paul's. E as arenas dos ursos. – Olhei para o vampiro calado atrás de mim. – Muito obrigada por esta noite, Matthew. Nunca tivemos um encontro, um encontro... íntimo como este. Foi mágico.

– Não tenho sido muito bom em cortejá-la, não é? Devíamos ter tido outras noites como esta, com direito à dança e a olhar para as estrelas. – Ele levantou ligeiramente a cabeça e o luar iluminou a palidez do seu rosto.

– Você está quase brilhando – disse suavemente, esticando-me para tocar no queixo dele.

– E você também. – Ele deslizou as mãos até a minha cintura, e esse gesto trouxe o bebê ao nosso abraço. – Isso me faz lembrar. Seu pai também nos deu uma lista.

– Já nos divertimos. Você fez magia ao me levar até o Exchange e agora me surpreende com esta paisagem.

– Ainda restam dois itens. A escolha é da dama. Podemos uivar para a lua ou nos beijar.

Sorri e desviei os olhos, estranhamente acanhada. Matthew levantou a cabeça novamente para a lua e se preparou.

– Nada de uivos. Vai atrair a Guarda. – Soltei uma risada.

– Então, só nos resta o beijo – disse ele baixinho, colando os lábios nos meus.

Na manhã seguinte a casa inteira bocejou a caminho do café da manhã depois de uma noite fora de casa até tarde. Tom e Jack já tinham acordado e engoliam uma tigela de mingau de aveia avidamente quando Gallowglass entrou e sussurrou alguma coisa para Matthew. Fiquei com a boca ressecada quando Matthew me olhou com tristeza.

– Onde está papai? – Levantei-me.

– Já voltou para casa – respondeu Gallowglass de imediato.

– Por que não o impediu? – perguntei para Gallowglass já em prantos. – Ele não podia ter ido. Eu precisava de mais algumas horas com ele.

– Nem todo o tempo do mundo seria suficiente, titia – disse Gallowglass com ar melancólico.

– Mas ele não me disse adeus – sussurrei entorpecida.

– Um pai nunca deve dizer um adeus final para um filho – disse Matthew.

– Stephen me pediu que lhe entregasse isto – disse Gallowglass. Era uma folha de papel dobrada em origami em forma de barco.

– Papai é péssimo para fazer cisnes – comentei enquanto enxugava os olhos –, mas é realmente ótimo com os barquinhos de papel. – Abri a folha com cuidado.

Diana:

Você é tudo que nós sonhamos que seria um dia.
A vida é a forte urdidura do tempo. A morte, apenas a trama.
Será por causa dos seus filhos e dos filhos dos seus filhos que viverei para sempre.

Papai

P.S. Toda vez que você ler "Há algo de podre no reino da Dinamarca", no Hamlet, *pense em mim.*

– Você disse que magia é apenas um desejo transformado em realidade. Talvez os feitiços sejam apenas palavras nas quais se acredita de todo coração – disse Matthew, pondo as mãos nos meus ombros. – Ele te ama. Para sempre. E eu também.

Essas palavras teceram os fios que nos conectavam, bruxa e vampiro. E carregavam a convicção dos sentimentos dele: ternura, reverência, constância e esperança.

– Eu também te amo – sussurrei, reforçando o encantamento dele com o

meu.



Meu pai saiu de Londres sem me dizer adeus. Eu estava determinada a partir de outra maneira. E por isso os meus últimos dias na cidade tornaram-se uma complexa tecelagem de palavras e desejos, feitiços e magias.

A ajudante de Goody Alsop me esperava com ar tristonho no final do beco. E arrastou a tristeza atrás de mim enquanto eu subia a escada da casa da bruxa.

– Então, você está nos deixando – disse Goody Alsop de sua poltrona ao pé da lareira. Estava com uma roupa de lã e um xale, e o fogo ardia como convinha.

– Nós precisamos ir. – Inclinei-me e beijei aquele rosto ressequido como folha de papel. – Como é que a senhora está hoje?

– Um pouco melhor, graças aos remédios de Susanna. – Goody Alsop tossiu com força e sua frágil estrutura se dobrou. Depois que se recuperou, observou-me atentamente com um brilho nos olhos e balançou a cabeça. – Desta vez o bebê está enraizado.

– Está sim – disse sorrindo. – Meus enjoos estão aí para provar. A senhora quer que eu mesma conte para as outras? – Não queria sobrecarregá-la com cargas extras, quer fossem emocionais ou físicas. Susanna estava preocupada com a debilidade física de Goody Alsop, e Elizabeth Jackson já estava assumindo algumas das tarefas conduzidas pelo membro mais velho da reunião.

– Não é necessário. Foi só a Catherine que me disse que poucos dias atrás Corra estava voando e matraqueando, como sempre faz quando tem

um segredo.

Eu tinha feito um acordo com o meu dragão de fogo de que ela limitaria os voos a céu aberto apenas uma vez por semana e à noite. E com relutância concordara com uma segunda noite durante a lua negra, porque o risco de que alguém a visse e a confundisse com um mau presságio seria menor.

– Então, ela esteve por aqui – disse sorrindo. Corra adorara a companhia da bruxa Catherine que por sua vez adorava desafiá-la em competições de lançamento de fogo pela boca.

– Nós todas ficamos felizes por Corra ter encontrado alguma coisa para fazer além de se enfiar nas chaminés e gritar para os fantasmas. – Goody apontou para a cadeira oposta. – Não quer sentar-se comigo? Talvez a deusa não nos dê uma outra chance.

– A senhora tem notícias da Escócia? – perguntei enquanto me sentava.

– Não ouvi mais nada desde que você me disse que, apesar de todos os apelos, tinham queimado Euphemia MacLean na pira. – O declínio de Goody Alsop começara na noite em que contei a ela o caso da jovem bruxa de Berwick que tinha sido queimada apesar de todos os esforços de Matthew.

– Matthew finalmente convenceu o resto da Congregação de que era preciso dar um fim na espiral de acusações e execuções. Duas bruxas acusadas deram outro testemunho e revelaram que haviam confessado sob tortura.

– A Congregação deve ter ficado boquiaberta quando um *wearh* defendeu uma bruxa. – Goody Alsop me olhou atentamente. – Ele devia ter se mantido a distância, já que vocês permaneceram aqui. Matthew Roydon vive num perigoso mundo de meias verdades, mas ninguém fica encoberto para sempre. E agora vocês devem redobrar o cuidado por causa do bebê.

– Faremos isso – assegurei. – Embora ainda não me sinta completamente segura de que o oitavo nó esteja forte o bastante para uma

viagem no tempo. Não com Matthew e o bebê.

– Deixe-me vê-los – disse Goody Alsop, estendendo a mão. Curvei-me para a frente e coloquei os cordões nas mãos dela. Faria uso de todos os nove cordões na viagem no tempo, e isso perfazia um total de nove nós diferentes. Nenhum feitiço a mais seria usado.

Goody Alsop fez oito cruzamentos no cordão vermelho com suas mãos experientes e uniu as extremidades para que o nó não pudesse ser desfeito.

– É assim que faço. – Foi um trabalho maravilhoso e simples, com laçadas abertas e volteios como arabescos de pedra na janela de uma catedral.

– O meu não é nada parecido. – Sorri desanimada. – O meu não parecia tão firme.

– Cada tecelagem é única, assim como o tecelão que a tece. A deusa não deseja que sigamos ideais de perfeição, mas que sejamos fiéis a nós mesmas.

– Bem, talvez eu seja mesmo agitada. – Peguei os cordões para estudar o padrão.

– Há um outro nó que gostaria de lhe mostrar – disse Goody Alsop.

– Outro? – Franzi a testa.

– Um décimo nó. Para mim é impossível fazê-lo, se bem que é muito simples. – Goody Alsop sorriu, mas com o queixo trêmulo. – Nem a minha mestra conseguia fazer esse nó e mesmo assim o aprendemos na esperança de que chegasse uma tecelã como você.

Goody Alsop soltou o nó apertado com um gesto simples do seu encarquilhado dedo indicador. Entreguei-lhe o cordão vermelho de seda e ela fez uma laçada simples. O cordão fundiu-se a um aro inquebrantável por um instante. Mas a laçada se soltou tão logo ela o largou.

– Mas a senhora acabou de unir as extremidades agorinha mesmo, e com uma trama muito mais complicada – disse confusa.

– Só consigo amarrar as extremidades e completar o feitiço enquanto o

cruzamento permanece no cordão. Somente uma tecelã ou um tecelão que estejam entre os mundos podem fazer o décimo nó – explicou ela. – Tente. Use o cordão de seda prateado.

Impressionada, juntei as extremidades do cordão em forma de círculo. As fibras uniram-se e formaram uma laçada sem início e sem fim. Larguei o cordão, mas o círculo se manteve.

– Excelente tecelagem – disse Goody Alsop satisfeita. – O décimo nó apreende o poder da eternidade; é uma tecelagem de vida e morte. É como a serpente do seu marido, ou como algumas vezes Corra leva a cauda à boca. – Ela ergueu o décimo nó. Era outro ouroboros. Um sentimento sobrenatural povoou a sala e arrepiou os pelos dos meus braços. – Criação e destruição são magias extremamente simples, e as mais poderosas, da mesma forma que o nó mais simples é o mais difícil de ser feito.

– Jamais usarei a magia para destruir o que quer que seja – disse. Não fazer mal a ninguém era uma tradição da família Bishop. Tia Sarah acreditava que qualquer bruxa que transgredisse essa regra fundamental receberia o mal em troco.

– Ninguém quer usar os dons da deusa como armas, mas às vezes isso é necessário. Seu *wearh* sabe muito bem disso. E você também sabe depois do que aconteceu aqui e na Escócia.

– Talvez. Mas no meu mundo é diferente – retruquei. – Os armamentos mágicos não são necessários lá.

– Diana, os mundos mudam. – Goody Alsop se concentrou em alguma memória distante. – Minha mestra, Mãe Úrsula, era uma exímia tecelã. Lembrei de uma profecia que ela fez na Noite de Todos os Santos quando começaram os terríveis eventos na Escócia... e quando você chegou ao nosso mundo.

Ela assumiu um tom melodioso, como se para recitar um encantamento.

"Haverá a fúria de tempestades e o oceano rugirá

Enquanto Gabriel estiver no mar e na praia.
E enquanto ele soprar a maravilhosa trombeta.
Velhos mundos fenecerão e um novo mundo nascerá."

Nenhuma brisa e nenhum crepitar do fogo perturbaram o ambiente quando Goody Alsop terminou. Ela respirou fundo.

– Tudo é uma só coisa. Morte e nascimento. O décimo nó sem início e sem fim e a serpente do *wearh*. A lua cheia que brilhava no início desta semana e a sombra que Corra lançou sobre o Tâmisa como presságio da partida de vocês. O velho mundo e o novo mundo. – O sorriso de Goody Alsop oscilou. – Fiquei feliz quando você veio a mim, Diana Roydon. E agora fico com o coração apertado porque vai partir, embora saiba que você tem que partir.

– Geralmente Matthew me avisa quando está saindo da cidade. – As mãos brancas de Andrew Hubbard descansavam nos braços de uma ornada cadeira na cripta da igreja. Lá em cima alguém se preparava para o próximo serviço eclesiástico. – O que a traz aqui, sra. Roydon?

– Vim falar sobre Annie e Jack.

Os estranhos olhos de Hubbard me esquadrinharam enquanto eu tirava uma pequena sacola de couro da bolsa. Continha cinco anos de salário para cada um dos dois.

– Estou saindo de Londres. E gostaria que o senhor ficasse com isso para cuidar deles. – Estendi o dinheiro para Hubbard. Ele não fez menção de pegá-lo.

– Isso não é necessário, senhora.

– Por favor. Eu os levaria comigo se pudesse. Mas eles não podem ir e preciso ter certeza de que alguém cuidará deles.

– E o que a senhora me dará em troca?

– O dinheiro... é claro. – Estendi a sacola de novo.

– Não quero nem preciso do seu dinheiro, sra. Roydon. – Hubbard se recostou na cadeira e fechou os olhos

– O que o senhor... – Interrompi a pergunta. – Não.

– Deus não faz nada em vão. Não há acasos nos planos Dele. Ele quis que a senhora estivesse aqui hoje, porque Ele quer se assegurar de que ninguém do seu sangue tenha nada a temer de mim.

– Já tenho protetores suficientes – protestei.

– E o mesmo pode ser dito quanto ao seu marido? – Hubbard olhou de relance para os meus seios. – Seu sangue tornou-se bem mais forte nas veias dele do que era quando a senhora aqui chegou. E temos que levar em consideração o bebê.

Meu coração apertou. Andrew Hubbard seria uma das poucas pessoas que saberia do futuro de Matthew depois que partíssemos de volta ao nosso presente... e saberia que nesse futuro havia uma bruxa.

– O senhor não usaria o conhecimento que tem de mim contra Matthew. Não depois do que ele fez... agora que ele está mudado.

– Não usaria? – O sorriso firme de Hubbard mostrou que ele faria qualquer coisa para proteger o próprio rebanho. – Há uma grande quantidade de sangue ruim entre nós.

– Encontrarei outra maneira de mantê-los em segurança – disse, decidida a me retirar.

– Annie já é minha filha. É uma bruxa e faz parte da minha família. Cuidarei do bem-estar dela. Já Jack Blackfriars é outro assunto. Ele não é uma criatura e terá que se virar sozinho.

– Ele é uma criança... um menino!

– Mas não é meu filho. Nem a senhora. E não lhe devo nada. Tenha um bom dia, sra. Roydon. – Hubbard se virou.

– E se eu fosse um membro da sua família? Honraria o meu pedido quanto ao Jack? Reconheceria Matthew como sendo do meu sangue e o teria sob sua proteção? – Foi no Matthew do século XVI que pensei

naquela hora. O Matthew que ainda estaria ali quando retornássemos para o nosso presente.

– Se a senhora me oferecer o seu sangue, nem Matthew nem Jack nem o seu filho terão qualquer motivo para me temer. – Hubbard comunicou isso friamente, mas refletiu nos olhos a mesma cobiça que eu tinha visto nos olhos de Rodolfo.

– E quanto do meu sangue lhe seria necessário? – *Pense. Continue viva.*

– Muito pouco... não mais que uma gota. – A atenção de Hubbard era inabalável.

– Não posso deixar que tire essa gota diretamente do meu corpo. Matthew saberia... afinal, somos companheiros – disse. Os olhos de Hubbard brilharam ainda cravados nos meus seios.

– Sempre tiro o meu tributo do pescoço dos meus filhos.

– Sei muito bem disso, padre Hubbard. Mas o senhor precisa entender que isso é impossível... e neste caso até mesmo indesejável. – Calei-me na esperança de que a fome de Hubbard pelo poder, pelo conhecimento de mim e de Matthew ou por qualquer outra coisa que pudesse ser usado contra os De Clermont em caso de necessidade acabaria por se impor. – Eu posso usar uma taça.

– Não – disse Hubbard, com um leve tremor na voz. – Isso macularia o seu sangue. Tem que ser puro.

– Então, uma taça de prata – insisti, lembrando das conversas que tivera com Chef em Sept-Tours.

– A senhora pode cortar a veia do pulso e deixar o sangue pingar na minha boca. Assim não nos tocaremos. – Hubbard me olhou com descaso. – Se não for dessa maneira, duvidarei da sinceridade da sua oferta.

– Tudo bem, padre Hubbard. Aceito os seus termos. – Afrouxei a fita que prendia o punho direito da manga e a arregacei. Enquanto fazia isso, sussurrei um pedido silencioso para Corra. – Como quer fazer isso? Já vi que seus filhos se ajoelham à sua frente, mas isso não vai funcionar comigo

porque terei que deixar o sangue pingar na sua boca.

– Aos olhos de Deus não importa quem se ajoelha. – Para a minha surpresa, Hubbard ajoelhou-se à minha frente. E me estendeu uma faca.

– Não preciso disso. – Apontei o dedo para os arabescos azuis no meu pulso e murmurei um encantamento simples de liberação. Irrompeu uma linha vermelha. O sangue jorrou. – Já está pronto?

Hubbard balançou a cabeça, abriu a boca e olhou nos meus olhos, pensando que eu poderia desistir ou enganá-lo. Eu acataria os termos do acordo, mas não acataria o espírito dele. *Muito obrigada, Goody Alsop*, pensei comigo enquanto enviava uma bênção silenciosa por ter aprendido com ela a lidar com aquele homem.

Posicionei o pulso sobre a boca de Hubbard e fechei o punho. Uma gota de sangue rolou até a ponta do dedo e pingou. O poder do ar se intensificou e congelou a gota de sangue que caiu cristalina e aguda e pousou na língua do vampiro. Ele abriu os olhos, perplexo.

– Não mais que uma gota. – O vento secou o resto de sangue na minha pele, transformando-se num labirinto de estrias vermelhas e veias azuis. – O senhor é um homem de Deus, um homem de palavra, não é mesmo, padre Hubbard?

A cauda de Corra se afrouxou em volta da minha cintura. Ela impedira com a cauda que nosso bebê tomasse conhecimento daquela sórdida transação, mas agora queria usá-la para açoitar Hubbard.

Recolhi o braço lentamente. Hubbard pensou em agarrá-lo e levá-lo à boca. Vi a ideia cruzar na mente dele com a mesma nitidez que vira a ideia de Edward Kelley de me bater com a bengala. Mas o vampiro pensou melhor. Sussurrei um outro encantamento simples para fechar o corte, girei o corpo sem dizer nada e comecei a sair.

– Quando a senhora voltar para Londres – disse Hubbard em voz baixa –, isso será sussurrado por Deus para mim. E se for da vontade Dele, nos encontraremos de novo. Mas não se esqueça do seguinte: de agora em

diante, para onde quer que vá, mesmo que seja para a morte, um pedacinho da senhora estará dentro de mim.

Parei e me voltei para ele. Embora as palavras tivessem soado como ameaça, o semblante do vampiro estava reflexivo e até mesmo triste. Apertei o passo à medida que saía da cripta da igreja, desejando de coração me afastar o mais rapidamente possível de Andrew Hubbard.

– Adeus, Diana Bishop – disse ele atrás de mim.

Já estava a meio caminho de casa quando me dei conta do que uma mera gota de sangue era capaz de revelar: padre Hubbard já sabia o meu verdadeiro nome.

Walter e Matthew gritavam um com o outro quando retornei para Hart and Crown. O cavalariço de Raleigh também os ouvia. Segurava as rédeas do cavalo negro de Walter no pátio e ouvia a discussão que ecoava pelas janelas abertas.

– Isso vai significar a minha morte... e a dela também! Ninguém pode saber que ela está grávida! – Estranhamente, Walter é que disse isso.

– Você não pode abandonar a mulher amada e o seu próprio filho, só para se manter fiel à rainha, Walter. Elizabeth saberá que você a traiu, e Bess estará arruinada para sempre.

– O que espera que eu faça? Casar com ela? Neste caso, sem a permissão da rainha, serei preso.

– Você sobreviverá, aconteça o que acontecer – disse Matthew convicto. – Ao contrário de Bess, que não sobreviverá, se você não protegê-la.

– Como consegue se fazer de preocupado em relação à honestidade conjugal depois de todas as mentiras que contou sobre Diana? Insistiu em afirmar que estavam casados, mas nos fez jurar que negaríamos isso se alguma bruxa ou algum *wearh* desconhecido nos perguntasse – disse Walter em voz mais baixa, mas não menos feroz. – Espera que eu acredite que retornará para o lugar de onde veio e a reconhecerá como sua esposa?

Entrei na sala sem ser percebida.

Matthew hesitou.

– Acho que não – disse Walter. Ele estava com luvas.

– É assim que vocês dois se despedem? – perguntei.

– Diana – disse Walter ressabiado.

– Olá, Walter. Seu cavalariço já está lá embaixo com o cavalo.

Ele se dirigiu à porta, mas se deteve no meio do caminho.

– Seja mais sensível, Matthew. Não posso perder todo o crédito na corte. Bess compreende a fúria da rainha como ninguém mais. A fortuna é volátil na corte de Elizabeth, mas a desgraça dura para sempre.

Matthew observou enquanto o amigo descia a escada.

– Que Deus me perdoe. Quando ouvi o plano pela primeira vez o considerei sensato. Pobre Bess.

– O que vai acontecer com ela quando formos embora? – perguntei.

– A gravidez de Bess será notada na chegada do outono. Eles se casarão secretamente. E Walter negará quando a rainha questionar o relacionamento deles. A reputação de Bess estará arruinada, o marido será considerado mentiroso e os dois serão presos.

– E o bebê? – perguntei baixinho.

– Nascerá em março e morrerá no outono seguinte. – Matthew sentou-se à mesa, com as mãos à cabeça. – Escreverei para que papai garanta a proteção de Bess. Talvez Susanna Norman possa assisti-la durante a gravidez.

– Nem seu pai nem Susanna poderão resguardá-la do golpe da negação de Raleigh. – Eu também tinha sentido pontadas de dúvidas nos meses anteriores. – E você também negará que somos casados quando retornarmos?

– Isso não é tão simples assim – disse Matthew, olhando-me assustado.

– Foi exatamente o que Walter disse. E você disse que ele estava errado. – Relembrei da profecia de Goody Alsop. – *"Velhos mundos fenecerão e*

um novo mundo nascerá." Está chegando o momento de você escolher entre a segurança do passado e a promessa do futuro, Matthew.

– O passado, por mais que se tente, não pode ser sanado – disse ele. – Sempre digo isso para a rainha quando ela padece por conta de uma decisão ruim. Pego pela minha própria armadilha, como diria Gallowglass na mesma hora.

– Você me supera nisso, tio. – Gallowglass entrou sorrateiramente na sala e descarregou alguns pacotes. – Consegui o papel. E as penas. E o tônico para a garganta de Jack.

– Isso porque ele passa o tempo todo nas torres, conversando com Tom sobre os astros. – Matthew esfregou o rosto. – Teremos que garantir que Tom esteja preparado, Gallowglass. Walter não poderá mantê-lo como empregado por muito tempo. Henry Percy terá que assumir um trabalho que todos recusam... mais uma vez. Mas também devo contribuir com algo para o sustento dele.

– Por falar em Tom, já viram o projeto de um monóculo para observar o céu que ele fez? Ele e Jack o chamam de vidro de estrela.

Os fios da sala se agitaram energicamente e o meu couro cabeludo comichou. Era como se o tempo estivesse protestando baixinho pelos cantos.

– Vidro de estrela. – Mantive a voz firme. – Isso se parece com o quê, Gallowglass?

– É melhor perguntar para os dois – respondeu ele, girando a cabeça em direção à escada. Jack e Esfregão entraram na sala. Tom os seguia, com um par de óculos quebrados na mão.

– Se você se meter com isso, Diana, esteja certa de que deixará uma marca no futuro – disse Matthew.

– Olhem, olhem, olhem. – Jack brandiu um grosso bastão de madeira. Esfregão seguiu o movimento do bastão e o abocanhou quando passou ao lado. – Mestre Harriot disse que este bastão vai fazer as coisas ficarem

mais perto da gente se a gente conseguir tirar o miolo de dentro e colocar uma lente na extremidade. O senhor sabe fazer isso, mestre Roydon? Se não sabe, acha que o marceneiro da St. Dunstan poderia me ensinar? Ainda têm bolinhos? O estômago de mestre Harriot passou a tarde inteira roncando.

– Deixe-me ver isso. – Estiquei a mão para pegar o tubo de madeira. – Os bolinhos estão no armário do patamar, Jack, onde sempre estão. Dê um para mestre Harriot e pegue outro para você. Nada disso. – Cortei a voz do garoto quando ele abriu a boca. – Esfregão não pode comer os bolinhos.

– Bom-dia, sra. Roydon – disse Tom, com ar sonhador. – Um simples óculos que faz um homem enxergar as palavras de Deus na Bíblia, se tornado mais complexo, certamente poderá ajudar a esse homem a enxergar a obra de Deus no Livro da Natureza. Muito obrigado, Jack. – Tom mordeu o bolinho, distraído.

– E como poderia ser mais complexo? – perguntei, quase sem respirar.

– Combinando lentes convexas e côncavas, como sugeriu um cavalheiro napolitano, *signor* Della Porta, num livro que li no ano passado. Estou tentando estender o braço humano com esta peça de madeira porque não é suficientemente longo para mantê-las à distância apropriada.

Com essas palavras Thomas Harriot mudou a história da ciência. E não tive que me meter no passado – só tive que providenciar para que o passado não se esquecesse disso.

– Mas isso tudo ainda são fantasias. Passarei as ideias para o papel e mais tarde refletirei sobre elas. – Tom suspirou.

Esse era o problema dos primeiros cientistas modernos: não compreendiam a necessidade de publicar. No caso de Thomas Harriot, as ideias dele pereceram em definitivo por falta de um editor.

– Acho que você está certo, Tom. Mas esse bastão de madeira não é suficientemente longo. – Abri um largo sorriso para ele. – *Monsieur* Vallin

poderia ser mais útil para o tubo longo e oco que você precisa do que o marceneiro da St. Dunstan. Que tal o procurarmos?

– Sim! – gritou Jack, dando um salto no ar. – *Monsieur* Vallin tem um monte de engrenagens e molas, mestre Harriot. Ele me deu uma engenhoca que deixei na minha caixa de tesouros. Minha caixa não é grande como a da sra. Roydon, mas também é útil. Podemos ir agora?

– O que a titia vai fazer? – perguntou Gallowglass para Matthew, ambos impressionados e curiosos.

– Acho que ela está com Walter na cabeça porque ele não está prestando atenção suficiente no futuro – disse Matthew brandamente.

– Ah. Então, tudo bem. E eu aqui achando que estava farejando problemas.

– Sempre haverá problemas – disse Matthew. – E você tem certeza do que está fazendo, *ma lionne*?

Já tinha acontecido tanta coisa que eu não poderia consertar. Não poderia trazer o meu filho de volta nem salvar as bruxas da Escócia. Nós tínhamos trazido o Ashmole 782 de Praga só para descobrir que o manuscrito não estaria em segurança no futuro. Já tínhamos nos despedido dos nossos pais e estávamos prestes a deixar nossos amigos para trás. E a maior parte dessas experiências desvaneceria sem deixar rastros. Mas eu sabia exatamente como garantir a sobrevivência do telescópio de Tom.

Balancei a cabeça.

– O passado nos modificou, Matthew. Por que não podemos modificá-lo também?

Matthew pegou minha mão e beijou-a.

– Então, procure *monsieur* Vallin. Diga-lhe para me mandar a conta.

– Muito obrigada. – Estiquei-me e sussurrei no ouvido dele. – Não se preocupe. Levarei Annie comigo. Ela o fará abaixar o preço. Até porque, quem sabe quanto se cobrará por um telescópio em 1591?

Foi assim que naquela mesma tarde uma bruxa, um demônio, duas

crianças e um cachorro fizeram uma visita a *monsieur* Vallin. No final da tarde enviei convites para que nossos amigos se reunissem conosco na noite seguinte. Seria a última vez que nos veríamos. Enquanto eu lidava com os telescópios e os preparativos para o jantar, Matthew enviava o *Verum Secretum Secretorum* de Roger Bacon para Mortlake. Eu não quis que o Ashmole 782 passasse para as mãos do dr. Dee. Sabia que o manuscrito teria que voltar para a grande biblioteca do alquimista para que Elias Ashmole pudesse adquiri-lo no século XVII. Mas foi difícil entregar o livro para outra pessoa guardá-lo, mais difícil até do que quando entreguei a pequena estatueta de Diana para Kit em nossa chegada. Incumbimos Gallowglass e Pierre de cuidar dos detalhes práticos que cercavam nossa partida. A eficiência com que empacotaram baús e esvaziaram cofres e redistribuíram fundos e enviaram pertences pessoais para a Velha Cabana mostrava que já tinham feito isso muitas vezes.

Faltavam poucas horas para nossa partida. Eu estava retornando da loja de *monsieur* Vallin com um pacote embrulhado numa peça de couro macia desengonçada quando a visão de uma menina de dez anos atraiu a minha atenção. Olhava fascinada para a vitrine de uma loja de tortas no outro lado da rua. Era muito parecida comigo quando eu tinha a mesma idade, cabelos louros e rebeldes e braços muito compridos em relação ao resto do corpo. Empinou-se como se soubesse que estava sendo observada. E quando nossos olhos se encontraram percebi por quê: a menina era uma bruxa.

– Rebecca! – Uma mulher saiu da loja e chamou por ela. Fiquei com o coração aos pulos porque a mulher era um misto de mamãe e Sarah.

Rebecca não respondeu, mas continuou me encarando como se estivesse vendo um fantasma. A mãe desviou os olhos para ver o que havia capturado a atenção da menina e quase perdeu a voz. Fixou os olhos em mim e, enquanto me observava da cabeça aos pés, a minha pele pinicava. Ela também era uma bruxa.

Saí em direção à loja de tortas. A cada passo que dava me sentia mais íntima das duas bruxas. A mãe puxou a filha para junto da saia, e Rebecca se espremeu em protesto.

– Ela parece com a vovó – sussurrou Rebecca, observando-me com mais atenção.

– Pare com isso – disse a mãe. Olhou para mim admirada. – Você sabe muito bem que a sua avó está morta, Rebecca.

– Eu sou Diana Roydon. – Fiz um meneio de cabeça para a placa acima delas. – Eu vivo aqui no Hart and Crown.

– Então, você é... – A mulher arregalou os olhos e puxou Rebecca para mais perto dela.

– E eu sou Rebecca White – disse a menina, sem se importar com a reação da mãe. Fez uma reverência desajeitada. Uma reverência que também me pareceu familiar.

– É um prazer conhecê-las. Vocês são novas em Blackfriars? – Eu queria esticar a conversa para observar a fundo aqueles rostos familiares embora desconhecidos.

– Não. Moramos perto do hospital que fica perto do mercado Smithfield – respondeu Rebecca.

– Sempre visito os pacientes quando as enfermarias estão lotadas. – A mulher hesitou. – Eu sou Bridget White, e Rebecca é minha filha.

Eu teria reconhecido de alguma forma aquelas duas criaturas mesmo sem os familiares nomes de Rebecca e Bridget. Bridget Bishop nascera por volta de 1632, e o primeiro nome que constava no grimório da família Bishop era o da avó de Bridget, Rebecca Davies. Será que aquela menina se casaria um dia e assumiria esse sobrenome?

A atenção de Rebecca se desviou até a altura do meu pescoço. Levei a mão para onde olhava. *Os brincos de Ysabeau.*

Eu tinha usado três objetos para fazer a viagem ao passado junto com Matthew: o manuscrito de *Fausto*, uma peça de prata de xadrez e um

brinco escondido dentro de uma boneca de Bridget Bishop. Aquele brinco. Tirei a peça de ouro de uma orelha. A experiência que tivera com Jack me ensinara que era mais sensato fazer um contato direto de olhos com as crianças se quisesse causar uma impressão forte, e então me agachei e fiquei ao mesmo nível dela.

– Preciso de alguém pra guardar isso pra mim. – Mostrei o brinco. – Vou precisar disso um dia. Poderia guardá-lo pra mim?

Rebecca me olhou com ar solene e balançou a cabeça. Peguei a mão dela. Fomos atravessadas por uma corrente intensa quando coloquei o brinco na mão dela. Ela fechou os dedos em torno do brinco.

– Mamãe, eu posso? – perguntou para Bridget.

– Acho que não haverá problema – disse a mãe desconfiada. – Vamos, Rebecca. Precisamos ir.

– Muito obrigada. – Levantei-me, dei uma palmadinha no ombro de Rebecca e olhei fixamente para Bridget. – Muito obrigada.

Fui cutucada por um olhar. Esperei que Rebecca e Bridget saíssem de vista e girei o rosto para Christopher Marlowe.

– Sra. Roydon – disse Kit, com voz rouca e péssima aparência. – Walter me contou que vocês vão partir esta noite.

– Fui eu que pedi para que contasse a você. – Forcei Kit a me olhar nos olhos por pura vontade. Era outra coisa que eu podia consertar: fazer Matthew se despedir adequadamente do homem que tinha sido o melhor amigo dele.

Kit abaixou os olhos, escondendo o rosto.

– Eu não deveria ter vindo.

– Você tem meu perdão, Kit.

Marlowe levantou a cabeça surpreso com minhas palavras.

– Por quê? – perguntou estupefato.

– Porque, enquanto Matthew culpá-lo pelo que aconteceu comigo, uma parte dele permanecerá com você. Para sempre – respondi simplesmente. –

Vamos subir para vocês se despedirem.

Matthew estava à nossa espera no patamar da escada depois de adivinhar que eu estava levando alguém para casa. Eu o beijei suavemente na boca quando passei em direção ao nosso quarto.

– Seu pai o perdoou – sussurrei. – Ofereça a mesma dádiva para Kit.

Em seguida os deixei sozinhos para que se entendessem no pouco tempo que restava.

Algumas horas depois, entreguei um tubo metálico para Thomas Harriot.

– Aqui está o seu vidro de estrela, Tom.

– Confeccionei isto a partir do cano de uma pistola... com ajustes, é claro – explicou *monsieur* Vallin, conhecido artífice de ratoeiras e relógios. – E está gravado, como pediu a sra. Roydon.

Em um dos lados, sobre uma adorável placa de prata, lia-se *N. VALLIN ME FECIT, T. HARRIOT ME INVENIT*, 1591.

– *N. Vallin me fez, T. Harriot me inventou, 1591.* – Sorri amistosamente para *monsieur* Vallin. – Está perfeito.

– Podemos ver a lua agora? – gritou Jack, correndo para a porta. – Isso parece maior que o relógio de St. Mildred!

E assim o matemático e também linguista Thomas Harriot contribuiu para a história da ciência no pátio de Hart and Crown quando se sentou numa velha cadeira de vime retirada do sótão. Ele mirou o longo tubo de metal com duas lentes de óculos em direção à lua cheia e soltou um suspiro de prazer.

– Olhe só, Jack. É exatamente como disse o *signor* Della Porta. – Tom pôs o entusiasmado assistente no colo e posicionou a extremidade do tubo no olho do menino. – De fato, a solução é uma lente convexa e uma lente côncava mantidas a uma distância certa.

Depois de Jack seguiram-se todos os outros.

– Ora, não é bem o que eu esperava – disse George Chapman

desapontado. – Não achava que a lua poderia ser mais dramática? Acho que prefiro a lua misteriosa dos poetas a esta, Tom.

– Afinal, ela não é perfeita – disse Henry, esfregando os olhos e olhando de novo pelo tubo.

– Claro que não é perfeita. Nada é perfeito – disse Kit. – Hal, você não pode acreditar em tudo que os filósofos dizem. Acreditar em tudo é um caminho certo para a ruína. É só ver o que a filosofia fez com o Tom.

Olhei de relance para Matthew e sorri. Já tinha aprendido a gostar da troca de farpas verbais da Escola da Noite.

– Pelo menos Tom consegue se alimentar, o que não se pode dizer de nenhum dramaturgo que conheço. – Walter olhou pelo tubo e assoviou. – Gostaria que tivesse inventado isso antes de termos viajado para a Virgínia, Tom. Teria sido muito útil para analisarmos a costa a bordo da segurança do navio. Olhe só para isso, Gallowglass, e diga se estou errado.

– Você nunca está errado, Walter – disse Gallowglass, dando uma piscadela para Jack. – Nunca se esqueça disso, jovem Jack. Quem paga o seu salário sempre está certo em tudo.

Eu tinha convidado Goody Alsop e Susanna para se juntarem ao grupo, e elas também deram uma espiada no vidro de estrela de Tom. Não se mostraram impressionadas com a invenção, se bem que soltaram gritinhos de entusiasmo enquanto olhavam.

– Por que os homens se preocupam tanto com essas bobagens? – sussurrou Susanna para mim. – Eu poderia ter dito para eles que a lua não é completamente lisa, mesmo sem esse instrumento. Eles não têm olhos?

Depois do prazer de contemplar o céu restou apenas a dor das despedidas. Pedimos a Annie para sair com Goody Alsop, com a desculpa de que Susanna precisava de ajuda para conduzir a velha pela cidade. Eu me despedi um tanto apressada e Annie me olhou insegura.

– Está tudo bem, senhora? Não é melhor que eu fique?

– Não, Annie. Vá com sua tia e Goody Alsop. – Pisquei para espantar as

lágrimas. Como é que Matthew conseguia lidar com repetidas despedidas?

Kit, George e Walter saíram em seguida, com despedidas roucas e apertos no braço de Matthew com a garantia de que tudo acabaria bem.

– Vamos, Jack. Você e Tom irão para casa comigo – disse Henry Percy. – A noite ainda é uma criança.

– Eu não quero ir – disse Jack, voltando-se para Matthew de olhos arregalados. O menino pressentia uma iminente mudança.

Matthew ajoelhou-se na frente dele.

– Não há nada a temer, Jack. Você conhece mestre Harriot e lorde Northumberland. Eles não deixarão que nada de mau lhe aconteça.

– E se eu tiver um pesadelo? – sussurrou Jack.

– Os pesadelos são como o vidro de estrela de mestre Harriot. Eles são truques de luz que fazem uma coisa distante parecer mais perto e maior do que ela realmente é.

– Ah. – Jack refletiu sobre as palavras de Matthew. – Então, os monstros que aparecem nos meus pesadelos não podem me pegar?

Matthew assentiu com a cabeça.

– Mas vou lhe contar um segredo. Um pesadelo é um sonho ao inverso. Quando você sonha com alguém que ama, essa pessoa fica mais perto, mesmo quando está muito longe. – Ele se levantou e pôs a mão na cabeça de Jack por um momento em bênção silenciosa.

Depois que Jack e seus guardiães partiram, restou apenas Gallowglass. Retirei os cordões da caixa de feitiços, deixando alguns poucos itens dentro: um seixo, uma pena branca, uma lasca da sorveira, minhas joias e o bilhete do meu pai.

– Cuidarei disto – disse Gallowglass, tirando a caixa das minhas mãos que ficou estranhamente pequena ao lado daquela mão enorme. Ele me deu um abraço apertado.

– Mantenha o outro Matthew a salvo para que ele possa me encontrar um dia – sussurrei no ouvido dele, com os olhos apertados.

Depois, afastei-me. Os dois De Clermont se despediram à maneira De Clermont: sem delongas, mas com sentimento.

Pierre estava esperando com os cavalos na frente da Cardinal's Hat. Matthew me ajudou a montar e depois montou no cavalo dele.

– Adeus, madame – disse Pierre, soltando as rédeas.

– Muito obrigada, amigo – disse de olhos marejados.

Pierre entregou uma carta para Matthew. Reconheci o selo de Philippe.

– Instruções do seu pai, milorde.

– Se eu não aparecer em Edimburgo em dois dias, saia atrás de mim.

– Pode deixar comigo – disse Pierre enquanto Matthew colocava o cavalo em movimento e saíamos em direção a Oxford.

Trocamos de cavalos três vezes e chegamos a Oxford antes do nascer do sol. Françoise e Charles tinham sido dispensados. Nós estávamos sozinhos.

Matthew deixou a carta de Philippe em cima da escrivaninha, onde o Matthew do século XVI não deixaria de vê-la. Isso o enviaria à Escócia para negócios urgentes. Uma vez lá, Matthew permaneceria por um tempo na corte do rei James e depois desapareceria para começar uma nova vida em Amsterdã.

– O rei dos escoceses ficará feliz por me ver de volta a minha antiga personalidade – comentou ele, tocando na carta com a ponta do dedo. – Claro que não farei qualquer outra tentativa para salvar as bruxas e os bruxos.

– Você fez a diferença aqui, Matthew – comentei, escorregando os braços ao redor da cintura dele. – Agora, precisamos resolver as coisas no nosso próprio presente.

Entramos no quarto de dormir, onde tínhamos chegado muitos meses antes.

– Você sabe que não sei ao certo se poderemos atravessar os séculos e aterrissar exatamente no mesmo espaço e tempo – avisei.

– Já me explicou isso, *mon coeur*. Confio em você. – Matthew me deu o

braço e pressionou meu braço contra o corpo dele para me ancorar. – Vamos ao encontro do nosso futuro. De novo.

– Adeus, casa. – Percorri o nosso primeiro lar com os olhos pela última vez. Embora soubesse que veria a casa novamente, não seria a mesma casa daquela manhã de junho.

Fios âmbares e azuis gritaram e estalaram com impaciência nos cantos do aposento, enchendo-o de luz e som. Respirei fundo e dei um nó no cordão marrom, deixando a extremidade livre. Os cordões de tecelã eram os únicos objetos que levávamos de volta conosco, afora as roupas que vestíamos.

– Com o primeiro nó o feitiço começa – sussurrei. O volume do tempo aumentou à medida que os nós eram dados, até que os gritos e estalos se tornaram ensurdecedores.

Agarrei a mão de Matthew quando as extremidades do nono cordão se juntaram. Flexionamos a ponta dos pés e pouco a pouco o cenário em volta se dissolveu.



Todos os jornais ingleses estampavam pequenas variações em torno da mesma notícia, mas segundo Ysabeau a do *Times* era a mais inteligente.

Inglês Vence Corrida para Ver o Espaço
30 de junho de 2010
Anthony Carter, um dos maiores especialistas do mundo em instrumentos científicos antigos, membro do Museu de História da Ciência da Universidade de Oxford, confirmou hoje a autenticidade de um telescópio refrator inscrito com os nomes elisabetanos de Thomas Harriot, matemático e astrônomo, e Nicholas Vallin, relojoeiro huguenote que fugiu da França por motivos religiosos. Além dos nomes inscritos, o telescópio é datado de 1591.

A descoberta causou rebuliço nas comunidades de historiadores e cientistas. Durante séculos atribuiu-se ao matemático italiano Galileu Galilei o crédito de ter utilizado um telescópio rudimentar da tecnologia alemã para avistar a Lua em 1609.

"À luz dessa descoberta os livros de história terão que ser reescritos", disse Carter. "Após a leitura de *Natural Magic*, de Giambattista della Porta, Thomas Harriot percebeu, fascinado, que as lentes convexas e côncavas poderiam ser utilizadas 'para ver as coisas distantes e próximas de maneira clara e apurada'."

O descaso em relação às contribuições de Thomas Harriot para

o campo da astronomia se deve em parte ao fato de que não foram publicadas, pois ele preferiu partilhar suas descobertas com um grupo seleto de amigos denominado "A Escola da Noite". Sob o patronato de Walter Raleigh e Henry Percy, o "Conde Mago" de Northumberland, Harriot dispôs de liberdade financeira para explorar seus interesses.

O sr. I. P. Riddell descobriu o telescópio junto a uma caixa de papéis, com anotações matemáticas do próprio punho de Thomas Harriot, e a uma elaborada ratoeira de prata também assinada por Vallin. Riddell consertava os sinos da Igreja de St. Michael, próxima à residência da família Percy, em Alnwick, quando uma forte rajada de vento derrubou uma tapeçaria desbotada com a imagem de santa Margaret matando um dragão, deixando a caixa ali escondida à vista.

"Raramente se veem tantas marcas de identificação nos instrumentos desse período", explicou o dr. Carter aos repórteres enquanto exibia a inscrição que confirma a data de 1591-92 da fabricação do telescópio. "Devemos muito a Nicholas Vallin, que reconheceu esse telescópio como um marco no desenvolvimento histórico dos instrumentos científicos e tomou medidas incomuns para registrar sua genealogia e procedência."

– Eles se recusam a vendê-lo – disse Marcus, encostado no umbral da porta. Com os braços e as pernas cruzadas parecia demais com Matthew. – Falei com todo mundo, com os administradores da igreja de Alnwick, com o duque de Northumberland e até com o bispo de Newcastle. Eles não abrem mão do telescópio nem pela pequena fortuna que a senhora ofereceu. Mas acho que os convenci a me vender a ratoeira.

– O mundo inteiro tomou conhecimento disso – disse Ysabeau. – Até o *Le Monde* publicou a história.

– Nós devíamos ter tentado mais. Isso pode dar informações vitais a Knox e seus aliados – continuou Marcus. Fazia semanas que o grande número de pessoas hospedadas entre os muros de Sept-Tours estava preocupado com o que Knox poderia fazer se realmente descobrisse o paradeiro de Diana e Matthew.

– O que Phoebe acha? – perguntou Ysabeau, que tinha gostado à primeira vista da jovem observadora humana de queixo resoluto e maneiras delicadas.

O semblante de Marcus suavizou. Isso o tornava de novo o jovem despreocupado e alegre que Matthew deixara para trás antes de partir.

– Ela acha que é muito cedo para calcular os danos feitos pela descoberta do telescópio.

– Garota esperta – disse Ysabeau, com um sorriso.

– Não sei o que fazer... – O semblante de Marcus se tornou expressivo. – Eu amo essa garota, *Grand-mère*.

– Claro que a ama. E ela o ama também. – Depois dos episódios de maio, Marcus a levou para Sept-Tours para ficar com o resto da família. Desde então os dois eram inseparáveis. E Phoebe demonstrou uma incrível presença de espírito na relação que mantinha com os demônios, as bruxas e os vampiros que frequentavam a residência. Phoebe não deixou transparecer se ficou surpresa quando soube que outras criaturas partilhavam o mundo com os humanos.

O número de membros do Coventículo de Marcus aumentara consideravelmente nos últimos meses. Miriam, a assistente de Matthew, era agora uma moradora fixa do castelo, assim como Verin, a filha de Philippe, e Ernst, o marido dela. Gallowglass, o irrequieto neto de Ysabeau, chocou a todos ao permanecer no lugar por seis semanas inteiras. E nem agora mostrava sinais de que iria partir. Sophie Norman e Nathaniel Wilson acolheram o seu bebê recém-nascido, Margaret, sob o teto de Ysabeau, e agora o bebê era a segunda autoridade no castelo depois

de Ysabeau. Com a neta vivendo em Sept-Tours, Agatha, a mãe de Nathaniel, aparecia e desaparecia sem avisar, e o mesmo acontecia com Hamish, o melhor amigo de Matthew. Até Baldwin aparecia uma vez ou outra.

Nunca passara pela cabeça de Ysabeau em toda a sua longa vida ser uma castelã de tamanho número de agregados.

– Onde está Sarah? – perguntou Marcus, sintonizando um zumbido de atividades ao redor. – Não a estou ouvindo.

– Ela está na Torre Redonda. – Ysabeau rasgou a matéria do jornal com a unha afiada e puxou o pedaço de papel recortado com todo cuidado. – Sophie e Margaret estão com ela. Sophie disse que Sarah está na guarda.

– De quê? O que está acontecendo agora? – perguntou Marcus, olhando para o jornal. Já o tinha lido de cabo a rabo naquela manhã, rastreando as influências e sutis oscilações monetárias com o método descoberto por Nathaniel de analisar e isolar, de modo que estivessem bem preparados para o próximo movimento da Congregação. O mundo sem Phoebe era inconcebível, mas Nathaniel agora se tornara igualmente indispensável. – Esse raio desse telescópio será um problema. Tenho certeza. Tudo o que Knox precisa para voltar ao passado e encontrar papai é de uma bruxa viajante no tempo e de uma história como essa.

– Seu pai não vai ficar lá muito tempo, se é que ainda está lá.

– De fato, *Grand-mère* – disse Marcus, com um toque exasperado e a atenção ainda grudada no texto que circundava o buraco deixado por Ysabeau no *Times*. – Mas como sabe disso?

– Primeiro pelas miniaturas, depois pelos registros do laboratório e agora pelo telescópio. Conheço a minha nora. Esse telescópio me cheira exatamente ao que Diana faria se não tivesse mais nada a perder. – Ysabeau passou perto do neto. – Diana e Matthew estão de volta para casa.

O semblante de Marcus mostrou-se indecifrável.

– Achei que você ficaria mais feliz com o retorno do seu pai – disse baixinho Ysabeau, detendo-se à porta.

– Esses meses têm sido difíceis – retrucou Marcus, com ar sombrio. – A Congregação já deixou bem claro que quer o livro e a filha de Nathaniel. E quando Diana chegar...

– Nada irá detê-los. – Ysabeau respirou pausadamente. – Pelo menos não vamos mais precisar nos preocupar com o que está acontecendo com Diana e Matthew no passado. Estaremos juntos aqui em Sept-Tours, lutando lado a lado. *Morrendo lado a lado.*

– Mudou muita coisa desde o último novembro. – Marcus olhou fixamente para a superfície polida da mesa, como se fosse um bruxo que pudesse ler o futuro.

– E na vida deles também, pelo menos é o que acho. Mas o amor do seu pai por você é constante. Sarah precisa de Diana agora. E você também precisa de Matthew.

Ysabeau pegou o recorte de jornal e se dirigiu à Torre Redonda, deixando Marcus entregue aos próprios pensamentos. No passado aquela torre era o refúgio favorito de Philippe. E agora estocava os velhos documentos da família. A porta do aposento no terceiro andar estava aberta, mas Ysabeau bateu levemente.

– Não precisa bater. A casa é sua. – A rouquidão na voz de Sarah indicava a quantidade de cigarros que fumara e de uísque que bebera.

– Fico feliz por não ser a sua hóspede, se é assim que você se comporta – disse Ysabeau em tom cortante.

– Minha hóspede? – Sarah soltou uma risada suave. – Eu nunca deixaria você entrar na minha casa.

– Geralmente dispenso convites. – Ysabeau e Sarah se dedicavam a aperfeiçoar a arte da troca de farpas. Marcus e Em tinham tentado persuadi-las a obedecer às regras da comunicação cortês, mas sem sucesso, porque as duas matriarcas de clãs sabiam que essas trocas ajudavam-nas a

manter o frágil equilíbrio de poder entre ambas. – Você não devia estar aqui, Sarah.

– Por que não? Está com medo de que eu morra de frio? – A voz de Sarah embargou repentinamente doída, e ela se dobrou como se tivesse levado um soco. – Minha Deusa, ajude-me, sinto falta dela. Diga que tudo isso não passa de um sonho, Ysabeau. Diga que Emily não morreu.

– Isso não é um sonho – disse Ysabeau da maneira mais gentil que pôde. – Todos nós sentimos falta dela. Sei que você está vazia e sofrendo por dentro, Sarah.

– E que isso vai passar – disse Sarah estoicamente.

– Não. Não vai passar.

Sarah ergueu os olhos, surpreendida pela veemência de Ysabeau.

– A cada dia da minha vida anseio por Philippe. Ao nascer do sol o meu co ração já clama por ele. Procuro ouvir a voz dele, mas só há silêncio. Anseio pelo toque dele. E quando o sol se põe me dou conta de que o meu parceiro se foi deste mundo e nunca mais verei o rosto dele.

– Se está tentando fazer com que me sinta melhor, isso não está funcionando – disse Sarah, com as lágrimas rolando.

– Emily morreu para que a filha de Sophie e Nathaniel pudesse viver. E aqueles que a mataram vão pagar por isso, prometo a você. Os De Clermont são muito bons em vingança, Sarah.

– E a vingança me fará sentir melhor? – Sarah tentou enxergar em meio às lágrimas.

– Não. Mas ver Margaret crescer e se tornar uma mulher poderá ajudar. É isso. – Ysabeau tocou no colo da bruxa. – Diana e Matthew estão de volta para casa.

PARTE VI

NOVO MUNDO, VELHO MUNDO





Minhas tentativas para sairmos da Velha Cabana do passado e chegarmos à Velha Cabana do futuro foram infrutíferas. Concentrei-me na aparência e no odor do lugar e observei os fios marrons, verdes e dourados que ligavam a mim e a Matthew à casa. Mas os fios escapuliam seguidamente de minhas mãos.

Então, tentei Sept-Tours. Os fios que nos ligavam ao castelo se tingiram na mescla idiossincrática de prata, vermelho e negro de Matthew. Imaginei a casa com muitos rostos familiares – Sarah e Em, Ysabeau e Marthe, Marcus e Miriam, Sophie e Nathaniel. Mas também não conseguimos chegar a esse porto seguro.

Ignorei resolutamente o crescimento de uma onda de pânico enquanto buscava um destino alternativo entre as centenas de opções. Oxford? Estação do metrô de Blackfriars na moderna Londres? Catedral de St. Paul's?

O mesmo fio de urdidura e trama do tempo retornou aos meus dedos, e era um fio duro e áspero, não mais macio e sedoso. Percorri a extensão retorcida do fio com os olhos e só então percebi que não era um fio e sim uma raiz interligada a uma árvore invisível. E ao perceber isso tropecei num limiar igualmente invisível e caí na copa da casa da família Bishop.

Lar. Caí de gatinhas e com os cordões dispersos por entre a palma das mãos e o piso. Séculos de polimento e muitas centenas de pés ancestrais haviam amaciado as amplas tábuas de pinho. Elas eram familiares debaixo de minhas mãos, um símbolo de permanência neste mundo de mutações. Ergui os olhos na esperança de que minhas tias estivessem à espera no

saguão de entrada. Já que tinha sido fácil encontrar o caminho de volta para Madison, presumi que elas estariam nos guiando. Mas a atmosfera na casa das Bishop era de quietude sem vida, como se ninguém entrasse ali desde o Halloween. Nem os fantasmas pareciam estar presentes na casa.

Matthew estava de joelhos ao meu lado, estávamos presos pelas nossas mãos. Seus músculos tremiam devido ao estresse da viagem pelo tempo.

– Nós estamos sozinhos? – perguntei.

Ele cheirou os odores da casa.

– Sim.

O sereno soar das palavras fez a casa despertar e num piscar de olhos a atmosfera passou de inerte a agitada. Ele me olhou e sorriu.

– Seu cabelo. Mudou de novo.

Abaixei os olhos esperando encontrar os cachos louros avermelhados de sempre e me deparei com fios dourados avermelhados – exatamente como o cabelo de mamãe.

– Talvez seja pela viagem no tempo.

A casa estalou e soltou um gemido. Senti que estava reunindo as energias para uma explosão.

– Só Matthew e eu estamos aqui.

As palavras soaram apaziguadoramente, mas a minha voz estava carregada de sotaque. Apesar da voz um tanto diferente, a casa me reconheceu e suspirou de alívio por todos os lados. Uma brisa desceu pela chaminé, trazendo um aroma desconhecido de camomila com canela. Olhei por cima do ombro para a lareira e levantei com um estalo nos lambris de madeira que a rodeavam.

– Que diabo é isso?

Uma árvore emergiu por debaixo da grelha. O tronco escuro ocupou todo o espaço da chaminé e os galhos irromperam pela pedra e pelo revestimento de madeira que a rodeava.

– Parece a árvore do alambique de Mary. – A voz de Matthew soou fora

do tempo e do espaço como a minha. Ele se agachou ao lado da lareira, ainda com a calça de veludo negro e a camisa de linho bordada. Encostou o dedo numa pequena protuberância de prata incrustada na casca do tronco.

– Isso parece a sua insígnia de peregrino. – Juntei-me a ele, com a saia preta se arrastando pelo chão. A imagem do caixão de Lázaro estava quase irreconhecível.

– Acho que é. Na ampola havia dois buracos dourados para guardar água benta. Antes de partirmos de Oxford enchi um deles com o meu próprio sangue e o outro, com o seu. – Ele olhou nos meus olhos. – Nosso sangue junto me deu a sensação de que nunca nos separaríamos.

– Pelo visto uma parte da ampola derreteu ao ficar exposta ao calor. Se o revestimento interno da ampola era de ouro, talvez tenha liberado alguns traços de mercúrio junto com o sangue.

– Se for isso, esta árvore brotou a partir de ingredientes semelhantes aos da *arbor Dianae* de Mary. – Ele examinou os galhos desfolhados da árvore.

O aroma de camomila e canela se intensificou. A árvore começou a florescer, mas não à maneira natural, com flores e frutos. Em vez disso, brotaram uma chave e uma folha de velino de um galho.

– É a folha do manuscrito – disse Matthew, retirando-a do galho.

– Isso significa que o manuscrito danificado continua incompleto no século XXI. Nada que fizemos no passado alterou esse fato. – Respirei vigorosamente.

– Sendo assim, talvez o Ashmole 782 esteja escondido em segurança na Biblioteca Bodleiana – comentou ele, com toda calma. – Esta chave é de carro. – Retirou-a do galho.

Fazia meses que eu não pensava em outra forma de transporte que não fossem cavalos e barcos. Olhei pela janela da frente e não havia veículo algum lá fora.

Ele acompanhou o meu olhar com os olhos e acrescentou.

– Marcus e Hamish devem ter feito alguma coisa para que chegássemos a Sept-Tours sem que precisássemos telefonar para eles. Talvez tenham deixado carros à nossa disposição por toda Europa e nos Estados Unidos. Mas não deixariam um carro visível.

– Mas não há garagem.

– Há o celeiro. – Matthew automaticamente levou a chave ao bolso à altura da cintura, mas a roupa não dispunha dessa conveniência moderna.

– Será que eles também pensaram em nos deixar algumas roupas? – Apontei para o meu casaco bordado e a minha saia recheada de anáguas. Ainda estavam sujas de poeira das ruas sem calçamento de Oxford.

– Vamos ver isso. – Ele levou a chave e a folha do Ashmole 782 para a cozinha.

– Ainda marrom – comentei, olhando para o papel de parede e para a velha geladeira.

– Ainda lar – retrucou Matthew, puxando-me para mais perto dele.

– Não sem Emily e Sarah. – Em contraste com a casa sempre apinhada de seres que nos abrigara por tantos meses, agora tínhamos uma família moderna aparentemente frágil e com poucos membros. Sem Mary Sidney para quem desabafava os meus problemas em tardes chuvosas. Sem Susanna e sem Goody Alsop que à tarde entravam pela casa para uma taça de vinho e para me ajudarem a aperfeiçoar o meu mais recente feitiço. Sem a calorosa ajuda de Annie para me livrar do espartilho e das saias. Sem Esfregão e Jack por perto. E sem Henry Percy para me socorrer prontamente sem fazer perguntas quando eu precisava de ajuda. Deslizei a mão ao redor da cintura de Matthew para comprovar que ele continuava indestrutível.

– Você sempre sentirá falta deles – disse ele baixinho, tentando me consolar. – Mas a dor passará com o tempo.

– Já estou começando a me sentir mais vampira que bruxa – comentei,

com melancolia. – São tantas despedidas, tantas saudades de seres queridos. – Olhei o calendário à parede. Indicava o mês de novembro e mostrei isso para Matthew.

– Será que ninguém esteve aqui desde o ano passado? – perguntou ele preocupado.

– Alguma coisa deve estar errada – respondi, já pronta para pegar o telefone.

– Não – disse ele. – Talvez a Congregação esteja rastreando as chamadas ou observando a casa. Nós somos esperados em Sept-Tours. É para lá que precisamos ir, quer se meça o tempo que passamos fora em uma hora ou um ano.

Nossas roupas modernas estavam protegidas da poeira dentro de uma fronha em cima da secadora. A maleta de Matthew estava ao lado. Pelo menos Em estivera ali depois da nossa partida. Ninguém mais teria pensado nessas praticidades. Enrolei as roupas elisabetanas em lençóis, relutando em deixar para trás as reminiscências tangíveis da nossa antiga vida, e enfiei as trouxas debaixo dos braços como um jogador de futebol americano. Matthew trancou a folha do Ashmole 782 na segurança de uma pasta de couro.

Esquadrinhou o pomar e o campo antes de partirmos da casa, com olhos aguçados e alertas para qualquer perigo. Também fiz uma varredura no entorno com meu terceiro olho de bruxa, mas não parecia haver ninguém ali. Vi a água sob o pomar, ouvi as corujas nas árvores, senti a doçura do ar de verão e mais nada.

– Vamos – disse Matthew, agarrando uma das trouxas e me pegando pela mão. Saímos correndo pelo espaço aberto até o celeiro. Ele empurrou a porta deslizante com todo o peso do corpo, mas a porta não abriu.

– Sarah enfeitiçou a porta. – Entrevi o feitiço enrolado na maçaneta e enraizado nos grãos da madeira. – Um feitiço dos bons.

– Bom demais para ser quebrado? – Ele apertou a boca, com

preocupação. Não surpreendia que estivesse preocupado. Em nossa última estada ali eu não tinha sido capaz de acender as abóboras de Halloween. Localizei as extremidades soltas da amarração e sorri.

– Sem os nós. Sarah é boa, mas não é uma tecelã. – Eu tinha enfiado os fios elisabetanos no cós da minha calça *legging*. Tão logo os puxei, os cordões verdes e marrons que estavam na minha mão se precipitaram em cima do feitiço de Sarah e soltaram as amarras lançadas na porta pela minha tia com mais rapidez que a de Jack, o mestre dos furtos.

O Honda de Sarah estava estacionado no celeiro.

– Como diabos você vai caber nisso? – perguntei.

– Eu me arranjo – disse Matthew, jogando as roupas no banco de trás. Entregou-me a maleta, espremeu-se no banco do motorista e fez o motor pegar depois de algumas tentativas.

– E para onde vamos? – perguntei, colocando o cinto de segurança.

– Siracusa. Depois, Montreal. Depois, Amsterdã, onde tenho uma casa. – Matthew saiu dirigindo o carro lentamente para fora do celeiro e depois pelo campo. – Se alguém estiver em nosso encalço, certamente irá nos procurar em Nova York, Londres e Paris.

– Não temos passaportes – observei.

– Olhe debaixo do tapete. Encarreguei Marcus de pedir a Sarah que os deixasse aí – disse ele. Ergui o tapete e lá estavam o passaporte francês de Matthew e o meu passaporte americano.

– Por que o seu passaporte não é vermelho? – perguntei enquanto os retirava de um saco plástico selado (outro detalhe de Em, pensei).

– Porque é um passaporte diplomático. – Ele pegou a estrada e acendeu os faróis. – Deve ter um desses para você.

O passaporte diplomático francês com o nome Diana de Clermont e o registro do meu estado civil de casada com Matthew estava dentro do outro passaporte americano. Como Marcus conseguira duplicar a fotografia do passaporte sem danificar a do original era inimaginável.

– Você continua sendo um espião? – perguntei com um fiapo de voz.

– Não. Isso é como os helicópteros – respondeu ele sorrindo –, apenas um privilégio a mais por ser um De Clermont.

Saí de Siracusa como Diana Bishop e no dia seguinte entrei na Europa como Diana de Clermont. A casa de Matthew em Amsterdã era uma mansão do século XVII, na região mais bonita de Herengracht. Ele explicou que a tinha adquirido depois que saiu da Escócia em 1605.

Ficamos lá apenas o tempo suficiente para uma chuveirada e uma troca de roupas. Continuei com a mesma calça *legging* que vestia desde Madison, e peguei uma camisa emprestada de Matthew. Ele vestiu o habitual traje preto e cinza de *cashmere* e lã. Foi estranho não ver as pernas dele. Já estava habituada a tê-las à vista.

– Parece uma troca justa – comentou ele. – Fiquei meses sem ver as suas pernas, exceto na privacidade do nosso quarto de dormir.

Matthew quase infartou quando descobriu que sua amada Range Rover não o aguardava na garagem. Em vez da Range Rover encontramos um carro esporte azul conversível.

– Eu vou matá-lo – disse ele quando viu o carro. Destrancou uma caixa de metal presa à parede com a chave da casa. Dentro da caixa havia uma outra chave com um bilhete: "*Bem-vindo ao lar. Ninguém imaginaria que você dirigiria um carro como esse. É mais seguro. E mais rápido. Olá, Diana. M.*"

– O que é isso? – Apontei para os mostradores ao estilo dos mostradores de aviões dispostos ao longo do chamativo painel de metal.

– Um Spyker Spyder. Marcus coleciona carros com nomes inspirados em aracnídeos. – Matthew acionou as portas do carro e elas se abriram para cima como asas de um jato de combate. Ele resmungou. – É o carro mais chamativo que já vi na vida.

Antes de chegarmos à Bélgica, ele entrou numa revendedora de carros,

entregou as chaves do carro de Marcus e escolheu um veículo maior e mais confortável para dirigir. Entramos na França em segurança, dentro de uma sólida lataria, e algumas horas depois iniciamos a lenta subida pelas montanhas de Auvergne até Sept-Tours.

Os vislumbres da fortaleza cintilaram por entre as árvores – a pedra rosada, a janela sombria da torre. Foi inevitável comparar o castelo e a cidade adjacente de agora com o que eram quando os vi pela última vez em 1590. A fumaça cinzenta não pairava mais sobre Saint-Lucien como um manto. O soar distante dos sinos me fez girar a cabeça a fim de identificar os descendentes das cabras que no passado retornavam aos currais para a ração noturna. Pierre não correria com tochas acesas ao nosso encontro. Chef não estaria na cozinha, decapitando faisões recém-abatidos na caçada e preparando-os com eficiência tanto para os sangues-quentes como para os vampiros.

E Philippe não estaria lá, portanto não haveria risadas inflamadas e observações perspicazes a respeito da fragilidade humana extraídas dos textos de Eurípides, nem abordagens apuradas dos problemas que enfrentaríamos quando voltássemos para o nosso tempo presente. Quando é que deixaria de me preparar para a onda do burburinho agitado que precedia a chegada de Philippe nos lugares? Fiquei com o coração apertado quando pensei no meu sogro. Em nosso mundo moderno e apressado não havia lugar para heróis como ele.

– Você está pensando no meu pai – balbuciou Matthew. Os silenciosos ritos de sangue de vampiro e de beijo de bruxa haviam aumentado nossa capacidade de decifrar o pensamento um do outro.

– E você também – observei. Ele fazia o mesmo desde que cruzáramos a fronteira da França.

– O castelo sempre me pareceu vazio desde o dia em que ele morreu. Encontro refúgio nesse lugar, mas não conforto. – Os olhos de Matthew se voltaram para o castelo e de novo para a estrada à frente. O ar pesou com

a responsabilidade e a necessidade do filho honrar o legado do pai.

– Talvez tudo seja diferente dessa vez. Sarah e Em estarão lá. E Marcus, também. Além de Sophie e Nathaniel. E Philippe também estará lá, se aprendermos a nos concentrar na presença e não na ausência dele. – Philippe estaria nas sombras de cada aposento e em cada pedra das paredes. Observei a beleza austera do rosto do meu marido, entendendo muito mais a experiência e a dor que o tinham modelado. Levei uma das mãos ao ventre e com a outra ofereci o consolo de que ele necessitava desesperadamente.

Matthew apertou a minha mão com os dedos. E depois a soltou e permanecemos em silêncio por algum tempo. Comecei a tamborilar na coxa com impaciência, e me contive algumas vezes para não abrir a porta do carro e sair voando até a porta de entrada do castelo.

– Não se atreva. – O sorriso largo de Matthew contrabalançou o tom de advertência da voz. Retribuí o sorriso enquanto ele fazia uma curva fechada.

– Rápido, então – retruquei, mal podendo me controlar. Apesar da súplica, o velocímetro permaneceu exatamente no mesmo lugar. Resmunguei de impaciência. – Nós devíamos ter ficado com o carro de Marcus.

– Paciência. Já estamos quase lá. – *E não há a menor chance de ir mais rápido*, ele pensou enquanto fazia outra curva.

– O que disse Sophie sobre como Nathaniel dirigia quando ela estava grávida? "Ele dirige como uma velha."

– Imagine então como Nathaniel dirigiria se realmente fosse uma velha... uma velha centenária, como eu. É assim que vou dirigir pelo resto da vida toda vez que você estiver dentro do carro. – Ele pegou de novo a minha mão e levou-a aos lábios.

– As mãos no volante, minha velhinha – brinquei, quando ele fez a última curva e pegou uma reta da estrada ladeada de nogueiras que levava

ao pátio do castelo.

Rápido, supliquei mentalmente. Cravei os olhos no telhado da torre de Matthew quando ela surgiu à vista. E olhei aturdida para ele quando o carro parou.

– Já estavam nos esperando – disse ele sem tirar os olhos do para-brisa.

Sophie, Ysabeau e Sarah esperavam imóveis no meio da estrada.

Demônio, vampiro, bruxa – e mais alguém. Ysabeau segurava um bebê no colo. Olhei para o tufo de cabelos castanhos e as perninhas longas e gorduchas. O bebê agarrou um cacho do cabelo sedoso da vampira com uma das mãos e esticou imperiosamente a outra mão em nossa direção. Fixou os olhos em mim e senti uma comichão inconfundível. O bebê de Nathaniel e Sophie era uma bruxa, como Sophie previra.

Soltei o cinto de segurança, abri a porta e saí do carro ainda em movimento lento. As lágrimas rolaram pelo meu rosto. Sarah saiu correndo e me envolveu nas texturas familiares de lã e flanela e nos aromas de meimendro e baunilha.

Lar, eu pensei.

– Estou tão feliz por terem retornado sãos e salvos – disse ela, com veemência.

Observei por cima do ombro de Sarah que Sophie retirava o bebê do colo de Ysabeau com um gesto delicado. O semblante da mãe de Matthew estava inescrutável e adorável como sempre, mas a tensão em volta da boca indicou fortes emoções quando ela entregou o bebê. Aquela tensão também era uma das características de Matthew. Ambos eram bem mais similares em sangue e carne do que o método da criação de Matthew sugeria.

Soltei-me do abraço de Sarah e me voltei para Ysabeau.

– Cheguei a duvidar de que vocês retornariam. Ficaram fora por tanto tempo. Só acreditei que retornariam em segurança quando Margaret começou a pedir para ser levada até a estrada. – Ysabeau esquadrinhou o

meu rosto em busca de informações que ainda não tinha recebido de mim.

– Mas estamos de volta. E agora para ficar. – Ela vivenciara muitas perdas em sua longa vida. Beijei-a com carinho nas duas faces.

– *Bien* – balbuciou ela aliviada. – Tê-los aqui será um prazer para todos nós... não só para Margaret. – Ao ouvir o próprio nome, o bebê começou a balbuciar "D-d-d-d" e a mexer os braços e as pernas como uma batedeira de ovos na tentativa de me alcançar. – Garota esperta – comentou Ysabeau em tom de aprovação, dando uma palmadinha carinhosa na cabeça de Margaret e depois na de Sophie.

– Quer pegar sua afilhada no colo? – perguntou Sophie, com um sorriso aberto e os olhos marejados.

– Quero, sim. – Peguei o bebê no colo e beijei o rosto de Sophie. Margaret emanava uma essência... – Alô, Margaret – sussurrei, sentindo o cheirinho do bebê.

– D-d-d-d. – Margaret puxou um tufo do meu cabelo e o enrolou na mãozinha.

– Você é uma bagunceira – comentei, soltando uma risada. Ela enterrou os pezinhos em minhas costelas e resmungou em protesto.

– Ela é tão teimosa quanto o pai, embora seja pisciana – disse Sophie suavemente. – Sarah assumiu o seu lugar na cerimônia. Agatha estava aqui. Saiu há pouco, mas acho que logo estará de volta. Ela e Marthe fizeram um bolo especial, todo decorado com fios de açúcar. Um bolo lindo. E o vestidinho de Margaret estava maravilhoso. Você parece diferente... parece que passou muito tempo num país estrangeiro. Adorei o seu cabelo. Também está diferente. Você está com fome? – As palavras jorraram da boca de Sophie desordenadamente, assim como Tom e Jack. Senti saudades de nossos amigos, mesmo estando no seio de nossa família.

Beijei a testa de Margaret e a entreguei para a mãe. Matthew continuava de pé e atrás da porta aberta da Range Rover, com um pé no carro e o outro no solo de Auvergne, como se em dúvida se devíamos estar

ali.

– Cadê a Em? – perguntei. Sarah e Ysabeau se entreolharam.

– Todos estão à sua espera no castelo. Por que não vamos para lá? – disse Ysabeau. – Deixe o carro aí. Alguém cuidará dele. Você precisa esticar as pernas.

Enlacei Sarah pelos ombros e dei alguns passos. Onde estava Matthew? Eu me virei e estendi a mão livre. *Venha para perto da sua família*, disse mentalmente quando nossos olhos se ligaram. *Venha para perto das pessoas que o amam.*

Ele sorriu e meu coração deu um pulo.

Ysabeau soltou um sibilo de surpresa que se espraiou pelo ar como algo mais que um mero sussurro.

– Batidas cardíacas. Suas. E... mais duas? – Cravou seus maravilhosos olhos verdes no meu abdome, e uma gotinha vermelha se formou no seu rosto e ameaçou rolar. Ela olhou maravilhada para Matthew. Ele balançou a cabeça e a lágrima de sangue já formada escorreu pelo rosto de Ysabeau.

– Gêmeos são comuns na minha família – eu disse à guisa de explicação. Matthew detectara o segundo coraçãozinho em Amsterdã, pouco antes de entrarmos no Spyder de Marcus.

– Na minha também – sussurrou Ysabeau. – Então, é verdade o que Sophie tem visto nos sonhos? Você está grávida... grávida do Matthew?

– Grávida de gêmeos – respondi enquanto observava o lento progresso da lágrima de sangue.

– Então, isso é um novo começo – disse Sarah, enxugando os olhos. Ysabeau lançou um sorriso agridoce para minha tia.

– Philippe tinha um ditado especial sobre os começos. Um ditado muito antigo. Qual era mesmo, Matthew? – perguntou Ysabeau para o filho.

Matthew finalmente saiu de corpo inteiro do carro, como se tivesse se soltado de um feitiço que o prendia ali. Caminhou um pouco, pôs-se ao meu lado, beijou o rosto da mãe com ternura e me pegou pela mão.

– *Omni fine initium novum* – respondeu, contemplando a terra do pai como se finalmente tivesse voltado para casa. – *Em cada final há um novo começo*.



30 de maio de 1593

Annie levou a estatueta de Diana para padre Hubbard, como tinha prometido para mestre Marlowe. Ficou com o coração apertado quando a viu na palma da mão do *wearh*. A estatueta sempre a fazia se lembrar de Diana Roydon. Mesmo agora, quase dois anos depois da súbita partida da patroa, Annie ainda sentia saudade dela.

– E ele não disse mais nada? – perguntou Hubbard, girando a estatueta para observá-la melhor. Um feixe de luz iluminou a flecha da caçadora e a pequena peça brilhou como se prestes a voar.

– Mais nada, padre. Mestre Marlowe me pediu para trazê-la para o senhor antes de partir para Deptford esta manhã. Disse que o senhor saberia o que fazer com ela.

Hubbard reparou na tira de papel enrolada e enfiada na delgada aljava que guardava as flechas da deusa.

– Empreste-me um alfinete, Annie.

Ela retirou um alfinete do corpete e o entregou, com olhos arregalados de espanto. Hubbard espetou o rolinho de papel e o puxou com todo cuidado.

Leu o bilhete, franziu a testa e balançou a cabeça em negativa.

– Pobre Christopher. Sempre foi uma das crianças perdidas de Deus.

– Mestre Marlowe não vai voltar? – Annie sufocou um súbito suspiro de alívio. Jamais gostara do dramaturgo e a opinião que nutria sobre ele piorou a partir dos terríveis episódios no estádio do palácio Greenwich. Depois que os amos dela partiram sem deixar pistas do paradeiro,

Marlowe passou a oscilar da melancolia ao desespero e a algo ainda mais sombrio. Às vezes, Annie chegava a pensar que ele seria engolido inteirinho por toda aquela sombra. E morria de medo de que a sombra também a pegasse.

– Não, Annie. Deus me diz que mestre Marlowe partiu deste mundo para o outro. Rezo para que ele encontre no outro mundo a paz que lhe foi negada neste mundo. – Hubbard observou a garota por um momento. Já era uma mocinha. Talvez pudesse curar Will Shakespeare da paixão que sentia pela esposa de outro homem. – Mas não precisa se preocupar. A sra. Roydon me incumbiu de cuidar de você como minha própria filha. Sempre cuidei dos meus filhos e você terá um novo amo.

– Quem? – Ela teria que aceitar qualquer encargo que Hubbard lhe oferecesse. A sra. Roydon deixara bem claro qual era a quantia de dinheiro necessária para que ela pudesse se manter independente como costureira em Islington. Ela precisaria de algum tempo para juntar essa quantia.

– Mestre Shakespeare. Você já sabe ler e escrever e agora é uma mulher de valor, Annie. Pode ajudá-lo na obra dele. – Hubbard considerou a tira de papel que tinha às mãos. Estava tentado a mantê-la junto a um embrulho que recebera de Praga por via da formidável rede postal de mensageiros e comerciantes estabelecida pelos vampiros alemães.

Ele ainda não sabia bem por que recebera aquela estranha gravura de dragões de Edward Kelley. Edward era uma criatura sombria e escorregadia, cujo código moral de aceitar como certo o adultério escancarado e o roubo não era aprovado por Hubbard. Por isso, o ato ritualístico de lhe tirar o sangue em sacrifício familiar tornara-se uma tarefa e não um prazer como costumava ser. Em troca, vislumbrara a alma de Kelley o suficiente para não querê-lo nos limites de Londres. E assim o mandara para Mortlake. Isso lhe dera uma pausa nos insistentes apelos de Dee por aulas de magia.

Marlowe, entretanto, deixara bem claro que queria a estatueta nas

mãos de Annie, e Hubbard não queria contrariar o último desejo de um homem. Então, estendeu a pequena estatueta e a tira de papel para Annie.

– Entregue para a sua tia, a sra. Norman. Ela guardará isso em segurança para você. O papel deve ser outra lembrança de mestre Marlowe.

– Sim, padre Hubbard – disse Annie, embora preferisse vender o objeto de prata e juntar o dinheiro às suas economias.

Ela saiu da igreja onde Andrew Hubbard mantinha a sua própria corte e cruzou as ruas em direção à casa de Will Shakespeare. Will era menos mercurial que Marlowe, e a sra. Roydon sempre se referia a ele com respeito, se bem que os amigos sempre debochavam dele.

Annie adaptou-se rapidamente ao ambiente doméstico do dramaturgo e a cada dia se sentia mais feliz. Quando recebeu a notícia da terrível morte de Marlowe, isso só confirmou que tinha sido muito afortunada ao se libertar dele. Mestre Shakespeare também ficou abalado e uma noite bebeu muito em memória do mestre das bebedeiras. Mas depois se justificou satisfatoriamente e tudo retornou ao normal.

Annie estava limpando o vidro da janela porque assim o amo teria mais luz para ler confortavelmente. Mergulhou o pano na água fresca e a brisa trazida pela janela aberta fez a tira de papel cair do seu bolso.

– O que é isso, Annie? – perguntou Shakespeare desconfiado, apontando para o papel com a ponta de uma pena. A garota trabalhara para Kit Marlowe. Talvez estivesse passando informações para os rivais. E ele não queria que ninguém soubesse das suas últimas tentativas para obter patrocínio. Era um desafio manter o corpo e a alma unidos, ainda mais com todas as casas de espetáculo fechadas por causa da peste. A peça *Vênus e Adônis* poderia trazer isso, caso ninguém lhe roubasse a ideia.

– Não é nada, m-m-mestre Shakespeare. – Annie gaguejou enquanto se inclinava para pegar o papel.

– Já que não é nada, traga-o até aqui – ordenou ele.

Já na posse do papel, Shakespeare reconheceu a caligrafia. Ficou com os pelos da nuca arrepiados. Era a mensagem de um morto.

– Quando Marlowe lhe deu isso? – A voz dele soou cortante.

– Ele não me deu isso, mestre Shakespeare. – Não era do feitio de Annie mentir. Ela não tinha muitos traços de bruxa, mas era muito honesta. – Estava escondido. Padre Hubbard o encontrou e me deu. Como recordação, ele disse.

– Isso chegou às suas mãos depois da morte de Marlowe? – Ao arrepio dos pelos da nuca de Shakespeare seguiu-se uma onda de curiosidade.

– Sim – sussurrou ela.

– Guardarei para você. Por segurança.

– Tudo bem. – Ela piscou os olhos de preocupação quando as últimas palavras de Christopher Marlowe passaram para as mãos do novo amo.

– Continue o seu trabalho, Annie. – Shakespeare esperou que a criada saísse para pegar mais pano e água. Só então esquadrinhou os versos.

Negro é o símbolo do verdadeiro amor perdido.
Matiz dos demônios
Sombra da Noite.

Suspirou. A métrica de Kit nunca fazia sentido para ele. Sem mencionar o humor melancólico e os fascínios mórbidos muito sombrios para aqueles tempos tão tristes. Incomodavam a plateia e Londres já estava saturada de mortes. Shakespeare girou a pena.

Verdadeiro amor perdido. De fato. Bufou. Já tinha tido amor verdadeiro o suficiente, se bem que os espectadores pagantes pareciam nunca se cansar do tema. Riscou as palavras e substituiu-as por uma única, que sintetizava com mais exatidão o que ele próprio sentia.

Demônios. O sucesso do *Fausto*, de Kit, ainda mexia com Shakespeare, que não tinha talento para escrever sobre criaturas que transcendiam os

limites da natureza. Ele se saía bem melhor com os simples e imperfeitos mortais que se deixavam enredar nas tramoias do destino. Às vezes chegava a achar que talvez houvesse uma boa história de um fantasma dentro dele. Quem sabe a história de um pai terrível que assombrava o filho. Shakespeare estremeceu. O próprio pai dele daria um espectro assustador, isso se John Shakespeare já tivesse acertado as contas com Deus. Riscou a palavra ofensiva que acabara de escrever e a substituiu por uma outra.

Sombra da Noite. Era um final hesitante e previsível para os versos – George Chapman o criticaria como carente de originalidade. Mas o que atenderia melhor ao propósito? Apagou uma palavra e escreveu "*carranca*" por cima. *Carranca da Noite*. Isso também não agradou. Riscou-a e escreveu "*manga*". Essa palavra pareceu pior que a anterior.

Shakespeare se pôs a devanear sobre o destino de Marlowe e seus amigos, a essa altura todos tão etéreos quanto sombras. Henry Percy agora desfrutava de um raro período de benevolência real e sempre estava na corte. Raleigh se casara em segredo e perdera os favores da rainha. E agora estava em Dorset, onde a rainha esperava que ele terminasse no ostracismo. Harriot estava recluso em algum lugar, certamente debruçado em algum quebra-cabeça matemático ou observando o céu como um Robin Goodfellow lunático. Segundo rumores, Chapman estava em alguma missão ordenada por Cecil nos Países Baixos e compunha longos poemas sobre as bruxas. E Marlowe falecera recentemente em Deptford, e pelo que diziam tinha sido assassinado. Talvez aquele estranho galês soubesse melhor a respeito porque tinha estado na taberna com Marlowe. Roydon – o único e verdadeiro homem poderoso que Shakespeare conhecera – e sua misteriosa esposa simplesmente evaporaram no verão de 1591 e nunca mais foram vistos.

O único do círculo de Marlowe de quem Shakespeare ainda recebia notícias regulares era Gallowglass, um tipo principesco demais para a

função de um servo, que sempre contava histórias de fadas e espíritos. Graças aos constantes trabalhos para Gallowglass é que Shakespeare tinha um teto sobre a cabeça. Gallowglass sempre solicitava trabalhos que requeriam o talento de Shakespeare para a falsificação. E pagava bem – sobretudo quando pedia a Shakespeare para imitar a caligrafia de Roydon nas margens de algum livro ou para escrever uma carta com a assinatura de Roydon.

Que turma, pensou Shakespeare. *Traidores, ateus e criminosos, em sua maioria.* A pena hesitou sobre a página. Depois de escrever outra palavra, dessa vez decisivamente encorpada e negra, Shakespeare recostou na cadeira e refletiu sobre os novos versos.

Negro é o símbolo do inferno
Matiz das masmorras e da escola da noite.

A autoria dos versos já não podia ser reconhecida como de Marlowe. Por meio da alquimia do seu próprio talento Shakespeare acabara de transformar as ideias de um morto em algo mais acessível aos londrinos comuns e não aos tipos perigosos como Roydon. E isso só lhe exigira alguns instantes.

Shakespeare não sentiu uma única pontada de remorso ao alterar o passado e, consequentemente, o futuro. A entrada de Marlowe ao mundo do palco terminava, mas a de Shakespeare só estava começando. A memória era curta e a história era ingrata. Esse era o jeito do mundo.

Feliz, Shakespeare deixou o pedaço de papel em cima de uma pilha de outros papéis iguais que estavam debaixo do crânio de um cachorro no canto da escrivaninha. Um dia aquele verso seria usado. Um segundo depois um pensamento lhe passou pela cabeça.

Talvez tivesse sido apressado demais ao descartar "*verdadeiro amor perdido*". Isso tinha potencial – ainda não realizado e à espera de alguém

que o revelasse. Shakespeare procurou uma folha de papel que cortara ao meio para economizar depois que Annie lhe apresentara a última conta do açougue.

"*Trabalhos de Amores Perdidos*", Shakespeare escreveu em letras garrafais.

Sim, pensou consigo, definitivamente um dia usaria esse verso.

LIBRI PERSONAE: PERSONAGENS DO LIVRO



*s nomes marcados por * são reconhecidos pelos historiadores.*

PARTE I: Woodstock: a Velha Cabana

Diana Bishop, bruxa
Matthew de Clermont, conhecido como Roydon,* vampiro
Christopher Marlowe,* demônio e dramaturgo
Françoise e Pierre, ambos vampiros e criados
George Chapman,* escritor de alguma reputação e pouco patrocínio
Thomas Harriot,* demônio e astrônomo
Henry Percy,* conde de Northumberland
Sir Walter Raleigh,* explorador
Joseph Bidwell, mestre e aprendiz, sapateiros
Mestre Somers, luveiro
Viúva Beaton, curandeira
Sr. Danforth, clérigo
Mestre Iffley, outro luveiro
Gallowglass, vampiro e soldado rico
Davy Gam,* conhecido como Hancock, vampiro e companheiro galês de Gallowglass

PARTE II: Sept-Tours e a aldeia de Saint-Lucien

Cardeal Joyeuse,* visitante no monte Saint-Michel

Alain, vampiro e criado de *Sieur* de Clermont
Philippe de Clermont, vampiro e senhor de Sept-Tours
Chef, cozinheiro
Catrine, Jehanne, Thomas e Étienne, criados
Marie, costureira
André Champier, bruxo de Lyon

PARTE III: Londres: Blackfriars

Robert Hawley,* sapateiro
Margaret Hawley,* esposa de Robert
Mary Sidney,* condessa de Pembroke
Joan, aia da condessa
Nicholas Hilliard,* retratista
Mestre Prior, especialista em tortas
Richard Field,* impressor
Jacqueline Vautrollier Field,* esposa de Richard
John Chandler,* boticário próximo a Barbican Cross
Amen Corner e Leonard Shoreditch, vampiros
Padre Hubbard, vampiro rei de Londres
Annie Undercroft, jovem bruxa com alguns dons e pouco poder
Susanna Norman,* parteira e bruxa
John e Jeffrey Norman,* filhos de Susanna
Goody Alsop, bruxa de vento de St. James Garlickhythe
Catherine Streeter, bruxa de fogo
Elizabeth Jackson, bruxa de água

Marjorie Cooper, bruxa de terra
Jack Blackfriars, órfão travesso
Dr. John Dee,* erudito e dono de vasta biblioteca
Jane Dee,* a sempre descontente esposa de John
William Cecil,* lorde Burghley, responsável pelas finanças da Inglaterra
Robert Devereux,* conde de Essex
Elizabeth I,* rainha da Inglaterra
Elizabeth (Bess) Throckmorton,* dama de companhia da rainha

PARTE IV: O Império: Praga

Karolína e Tereza, vampiras e criadas
Tadeáš Hájek,* médico de Sua Majestade
Ottavio Strada,* bibliotecário imperial e historiador
Rodolfo II,* sacro imperador romano e rei da Boêmia
Frau Huber, austríaca, e *signorina* Rossi, italiana, mulheres de Malá Strana
Joris Hoefnagel,* artista
Erasmus Habermel,* artífice de instrumentos matemáticos
Signor Miseroni,* lapidador de pedras preciosas
Signor Pasetti,* mestre de dança de Sua Majestade
Joanna Kelley,* estrangeira longe da terra natal
Edward Kelley,* demônio e alquimista
Rabino Judah Loew,* homem sábio
Abraão ben Elijah de Chelm, bruxo problemático
David Gans,* astrônomo
Herr Fuchs, vampiro

Melchior Maisel,* próspero mercador do bairro judeu

Lobero, cão húngaro por vezes confundido com um esfregão, provavelmente não passava de um cão da raça Comodoro

Johannes Pistorius,* bruxo e teólogo

PARTE V: Londres: Blackfriars

Vilém Slavata,* embaixador muito jovem

Louisa de Clermont, vampira e irmã de Matthew de Clermont

Mestre Sleford,* cuidador dos pobres de Bedlam

Stephen Proctor, bruxo

Rebecca White, bruxa

Bridget White, filha de Rebecca

PARTE VI: Novo Mundo, Velho Mundo

Sarah Bishop, bruxa e tia de Diana Bishop

Ysabeau de Clermont, vampira e mãe de Matthew de Clermont

Sophie Norman, demônia

Margaret Wilson, filha de Sophie, bruxinha

OUTROS PERSONAGENS DE OUTROS TEMPOS

Rima Jaén, bibliotecária de Sevilha

Emily Mather, bruxa e companheira de Sarah Bishop

Marthe, governanta de Ysabeau de Clermont

Phoebe Taylor, jovem instruída com grande conhecimento de arte

Marcus Whitmore, filho de Matthew de Clermont, vampiro

Verin de Clermont, vampira

Ernst Neumann, marido de Verin

Peter Knox, bruxo e membro da Congregação

Pavel Skovajsa, bibliotecário

Gerbert de Aurillac, de Cantal,* vampiro aliado de Peter Knox

William Shakespeare,* copista e falsificador que também escreve peças de teatro

Agradecimentos

Muitas pessoas ajudaram para que este livro se tornasse realidade.

Em primeiro lugar, devo agradecer aos meus primeiros leitores, sempre gentis: Cara, Fran, Jill, Karen, Lisa e Olive. E um agradecimento especial para Margie, que embora também estivesse envolvida na última edição do seu próprio livro se ofereceu para ler meu manuscrito com seu olho apurado de escritora.

Carole DeSanti, minha editora, que em alguns estágios do processo da narrativa serviu de parteira e que sabe (literalmente) onde os corpos foram enterrados. Muito obrigada, Carole, por sempre estar pronta para ler e prestar ajuda com a ponta do lápis afiada e o ouvido solidário.

A extraordinária equipe da Viking, que transforma alquimicamente pilhas de folhas datilografadas em maravilhosos livros e que sempre me surpreende pelo entusiasmo e profissionalismo. E muito obrigada a todos os meus editores espalhados pelo mundo inteiro, por tudo o que fizeram (e continuam fazendo) para apresentar Diana e Matthew a novos leitores.

Sam Stoloff, meu agente literário, da agência Frances Goldin, que continua sendo o mais fiel dos meus apoiadores. Muito obrigada, Sam, pela perspectiva e pela atuação por trás dos panos que tornou possível a minha narrativa. Também devo um agradecimento ao meu agente cinematográfico, Rich Green, da agência Creative Artists, que se tornou uma fonte indispensável de conselhos e bom humor, mesmo nas circunstâncias mais adversas.

Jill Hough, minha assistente, que lutou pelo meu tempo e pela minha sanidade ao longo do ano passado, com a bravura de um dragão de fogo. Eu realmente não teria conseguido terminar este livro sem ela.

Lisa Halttunen, que mais uma vez preparou o manuscrito para aprovação. Embora desconfie de que jamais dominarei senão algumas das

regras propostas por ela, eu sou eternamente grata pela disposição com que ela endireita a minha prosa e a minha pontuação.

Patrick Wyman, que propiciou repertório para as reviravoltas da história militar medieval que conduz personagens – e trama – a surpreendentes direções. Se de um lado Carole sabe onde os corpos estão enterrados, de outro Patrick sabe como foram parar onde estão. Muito obrigada, Patrick, por me ajudar a enxergar sob uma nova luz Gallowglass, Matthew e, acima de tudo, Philippe. E também muito obrigada a Cleopatra Comnenos, que respondeu minhas solicitações a respeito da língua grega.

Eu também gostaria de expressar minha gratidão aos arqueiros Roving de Pasadena, que me ajudaram a entender o quão difícil é atirar uma flecha em um alvo. Scott Timmons da Aerial Solutions que me apresentou a Fokker e suas outras lindas aves de rapina no Resort Terranea, na Califórnia. E Andrew, da loja da Apple em Thousand Oaks, que salvou a autora, seu computador – e o próprio livro – de um colapso em um ponto crucial no processo da escrita.

Este livro é dedicado ao historiador Lacey Baldwin Smith, que me aceitou como aluna na prós-graduação e inspirou milhares de estudantes com a sua paixão pela Inglaterra dos Tudor. Sempre que falava sobre Henrique VIII e sua filha Elizabeth I, ele me dava a impressão de que tivesse acabado de almoçar com eles. Certa vez, ele me deu uma breve lista de fatos e disse-me para imaginar como eu lidaria com eles, se estivesse escrevendo uma crônica, ou sobre a vida de um santo, ou um romance medieval. No final de uma das minhas histórias extremamente curtas, ele escreveu: “O que acontece depois? Você deveria pensar em escrever um romance.” Talvez tenha sido nesse momento que as sementes da trilogia All Souls tenham sido plantadas.

Por fim, mas não menos importante, expresso sincera gratidão a minha família e aos amigos (vocês sabem quem são!) que suportaram minha

longa ausência durante minha estada no ano 1590 e me receberam quando retornei para o presente.

Título original
SHADOW OF NIGHT

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora e foram usados de forma fictícia, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou localidades é mera coincidência.

Copyright © Deborah Harkness, 2012

Todos os direitos reservados, incluindo o de reprodução no todo ou em parte sob qualquer forma.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Viking, um selo da Penguin Group (USA) Inc.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

Preparação de originais
MAIRA PARULA

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital

JOANA DE CONTI

Produção do arquivo ePub
SIMPLÍSSIMO LIVROS

Edição digital: junho, 2013

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H245s
Harkness, Deborah E., 1965-
Sombra da noite [recurso eletrônico] / Deborah Harkness ; tradução Márcia Frazão. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2013.
recurso digital

Tradução de: Shadow of night
978-85-8122-235-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Frazão, Marcia, 1951- II. Título.

13-01371 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Sobre a autora

Deborah Harkness é professora universitária e escritora especializada em história da ciência e da medicina. Ela é detentora de diversos prêmios, entre os quais o Fullbright, o Guggenheim e a bolsa do National Humanities Center. Atualmente, ocupa o cargo de professora de história na University of Southern California. *A descoberta das bruxas* é a sua primeira obra literária.


Deborah Harkness
Autora de A DESCOBERTA DAS BRUXAS
e SOMBRA DA NOITE
O LIVRO DA VIDA
Rocco DIGITAL

Deborah Harkness



O LIVRO DA VIDA

Tradução de Márcia Frazão

Rocco Digital

Para Karen, que sabe por quê

Sumário

Para pular o Sumário, clique aqui.

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Agradecimentos

Créditos

A Autora

Não é o mais forte da espécie que sobrevive,
nem o mais inteligente.
Quem sobrevive é o que mais se adapta à mudança.

– PHILIPPE DE CLERMONT,
EM GERAL, ATRIBUÍDO A CHARLES DARWIN

Sol em Câncer

O signo do caranguejo diz respeito a casas, terras e tesouros, e ao que está escondido. Ele é a quarta casa do zodíaco. E significa a morte e o fim das coisas.

– Anonymous English Commonplace Book, c. 1590,
Gonçalves MS 4890, f. 8r



1

Fantasmas não tinham muita substância. Eram todos compostos de memórias e coração. No alto de uma das torres de Sept-Tours, Emily Mather comprimiu a mão diáfana no centro do próprio peito que até então pesava de medo.

Será que um dia isso ficará mais fácil? A voz e todo o resto de Emily eram quase imperceptíveis. *Espiar? Esperar? Saber?*

Não que eu tenha reparado, retrucou secamente Philippe de Clermont. Empoleirado por perto, ele observava os próprios dedos transparentes. Dentre todas as coisas que Philippe não gostava na condição de morto – não poder tocar na esposa Ysabeau; não dispor de olfato e paladar e nem de músculos para uma boa luta –, a invisibilidade estava no topo da lista. Isso era um lembrete constante do quão insignificante ele se tornara.

O rosto de Emily se fechou e Philippe se amaldiçoou em silêncio. Desde que ele tinha falecido, a bruxa era uma companheira sempre presente, com quem podia dividir a solidão. O que ele estava pensando quando esbravejou como se ela fosse uma serva?

Talvez fique mais fácil quando eles não precisarem mais de nós, disse Philippe em tom mais suave. Se ele era o fantasma mais experiente, Emily é que compreendia a situação metafísica de ambos. O que a bruxa acabava de dizer contradizia tudo em que ele acreditava a respeito do além. Philippe achava que os vivos podiam ver os mortos *quando* precisavam de alguma coisa: assistência, perdão, retribuição. Emily insistia que isso não passava de um mito humano, e que só quando os vivos secavam as

lágrimas e seguiam em frente é que os mortos apareciam para eles.

Essa informação tornou o fracasso de Ysabeau em percebê-lo um pouco mais fácil de suportar, mas não muito.

– Mal posso esperar para ver a reação de Em. Ela vai ficar tão surpresa. – A voz calorosa e alta de Diana flutuou até as ameias.

Diana e Matthew, disseram Emily e Philippe em uníssono, abaixando os olhos para o pátio pavimentado que circundava o castelo.

Lá, disse Philippe apontando para o caminho. Mesmo morto, sua visão de vampiro ainda era mais acentuada que a de qualquer ser humano. E ele continuava sendo mais bonito que qualquer ser humano, com seus ombros largos e seu sorriso diabólico. O mesmo sorriso que ele lançou para Emily que não pôde deixar de retribuir. *Formam um bonito casal, não é? Veja quanto o meu filho mudou.*

Geralmente os vampiros não mudavam com o passar do tempo, de modo que Emily esperava ver o mesmo cabelo que de tão negro brilhava azulado, os mesmos olhos verde-acinzentados que vez por outra assumiam o tom frio e distante de um mar de inverno, a mesma pele pálida e a mesma boca larga. Mas algumas diferenças sutis eram perceptíveis, como sugerira Philippe. O cabelo de Matthew estava mais curto e agora uma barba o fazia parecer ainda mais perigoso, como um pirata. Ela engasgou.

Matthew está... maior?

Está. Fui eu que o engordei quando ele esteve aqui com Diana em 1590. Os livros o estavam deixando franzino. Matthew precisava lutar mais e ler menos. Philippe sempre rejeitara o excesso de educação. Matthew era uma prova viva disso.

Diana também parece diferente. Com aquele cabelo longo e acobreado ficou parecida com a mãe, disse Em, reconhecendo a mudança mais óbvia na sobrinha.

Diana tropeçou em um seixo do calçamento e a mão de Matthew disparou para ampará-la. Um dia aquele incessante adejar de Matthew

tinha sido para Emily, um sinal de superproteção vampiresca. E agora, com a perspicácia de um fantasma, ela se dava conta de que isso decorria de um conhecimento sobrenatural de cada mudança de expressão, de cada mudança de humor e de cada sinal de fadiga ou de fome de Diana. Mas a preocupação de Matthew parecia ainda mais concentrada e apurada.

Não é só o cabelo de Diana que mudou. O rosto de Philippe exprimiu divagação. *Diana está grávida... esperando um filho de Matthew*.

Emily observou a sobrinha com mais cuidado, com a compreensão aprimorada da verdade propiciada pela morte. Philippe estava certo... em parte. *Você quer dizer "os filhos". Diana está grávida de gêmeos*.

Gêmeos, disse Philippe espantado. Seus olhos se desviaram distraídos pela chegada da esposa. *Olhe lá, Ysabeau e Sarah junto a Sophie e Margaret*.

O que vai acontecer agora, Philippe? Emily estava com o coração cada vez mais pesado de expectativa.

Finais. Começos, respondeu Philippe, deliberadamente vago. *Mudanças*.

Diana nunca gostou de mudanças, replicou Emily.

Isso porque ela tem medo do que poderá se tornar, disse Philippe.

Marcus Whitmore enfrentara inúmeros horrores depois daquela noite em 1781 em que se tornara vampiro pelas mãos de Matthew de Clermont. Ninguém o preparara para a provação de contar para Diana Bishop que sua amada tia Emily Mather estava morta.

Marcus tinha recebido o telefonema de Ysabeau quando ele e Nathaniel Wilson assistiam ao noticiário da televisão na biblioteca da família. Sophie, a mulher de Nathaniel, e a bebê, Margaret, cochilavam no sofá ao lado.

– O templo. – Foi o que Ysabeau disse sem fôlego e frenética. – Venha. Rápido.

Marcus obedeceu à avó sem questionar. Enquanto saía pela porta só

teve tempo para gritar pelo seu primo Gallowglass e sua tia Verin.

A meia-luz do anoitecer de verão estava um pouco mais clara quando Marcus se aproximou da clareira no alto da montanha, iluminada por um poder sobrenatural que ele vislumbrou por entre as árvores. De cabelo eriçado, ficou atento à magia no ar.

E depois farejou o odor da presença de um vampiro, Gerbert de Aurillac. E de mais alguém... uma bruxa.

Uma luz, um passo decidido soou pelo corredor de pedra, trazendo Marcus do passado ao presente. A pesada porta se abriu com um rangido, como de costume.

– Olá, meu amor. – Marcus apagou a lembrança da paisagem do campo de Auvergne e respirou fundo. O odor de Phoebe Taylor lembrava o emaranhado dos pés de lilás que floresciam no lado externo da porta vermelha da fazenda da família. Delicada e resoluta, em outros tempos era uma fragrância que simbolizava a esperança da primavera, após o longo inverno de Massachusetts, e conjurava o sorriso largo e compreensivo da mãe de Marcus. E agora isso só o fazia pensar na pequena e voluntariosa mulher à sua frente.

– Tudo vai ficar bem. – Phoebe estendeu a mão, com os olhos esverdeados de preocupação, e endireitou o colarinho de Marcus. Ele tinha trocado as camisetas pelas roupas formais depois que começou a assinar a correspondência como Marcus de Clermont e não como Marcus Whitmore, nome pelo qual ela o conhecia na época em que ele ainda não falava de vampiros, de pais de mil e quinhentos anos de idade, de castelos franceses repletos de parentes proibidos e de uma bruxa chamada Diana Bishop. Na opinião de Marcus, o fato de Phoebe ter permanecido com ele não era nada menos que um milagre.

– Não vai, não. – Ele beijou a palma da mão de Phoebe. Ela não conhecia Matthew. – Fique aqui com Nathaniel e os outros. Por favor.

– Pela última vez, Marcus Whitmore, eu estarei do seu lado quando

você receber o seu pai e a esposa dele. Acho que não devemos discutir mais esse assunto. – Ela estendeu a mão. – Ou devemos?

Marcus segurou a mão de Phoebe, mas em vez de segui-la porta afora como era esperado, puxou-a para si. Ela aninhou-se no peito dele, comprimindo o próprio coração com uma das mãos e com a outra, o dele. E depois olhou para ele surpreendida.

– Está bem. Mas haverá condições se você for comigo, Phoebe. Em primeiro lugar, ficará comigo ou com Ysabeau o tempo todo.

Phoebe abriu a boca para protestar, mas o olhar sério de Marcus silenciou-a.

– Em segundo lugar, se eu lhe mandar sair da sala, você terá que sair. Sem delongas. Sem perguntas. E irá direto até Fernando. Ele estará na capela ou na cozinha. – A aceitação relutante de Phoebe não passou despercebida a Marcus. – Em terceiro lugar, sob hipótese alguma, não caia na besteira de ficar ao alcance do braço do meu pai. De acordo?

Phoebe assentiu. Como qualquer bom diplomata, ela estava preparada para seguir as regras de Marcus – por ora. Mas faria o que devia fazer se o pai de Marcus realmente fosse o monstro pintado por alguns na casa.

Fernando Gonçalves derramou os ovos batidos na frigideira quente, cobrindo as batatas douradas que estavam na panela. Sua *tortilla* espanhola era um dos poucos pratos que Sarah Bishop conseguia ingerir, e depois de todos aqueles dias a viúva precisava de substância.

Gallowglass sentou-se à mesa da cozinha e começou a catar gotículas de cera na rachadura da madeira antiga. Musculoso e com o cabelo louro à altura do pescoço, ele parecia um urso rabugento. Suas tatuagens serpenteavam em torno dos antebraços e dos bíceps em coloridos redemoinhos brilhantes cujos temas revelavam o que lhe passava pela mente naquele momento. Isso porque nos vampiros as tatuagens só

duravam alguns meses, de modo que os braços de Gallowglass cobertos de nós celtas, runas e animais fabulosos extraídos dos mitos e lendas nórdicos e gaélicos indicavam que ele pensava a respeito de suas próprias raízes.

– Deixe de se preocupar. – A voz de Fernando soou tão cálida e refinada quanto um xerez envelhecido em barris de carvalho.

Gallowglass ergueu os olhos e logo os desviou para a cera.

– Gallowglass, ninguém impedirá Matthew de fazer o que deve ser feito. Vingar a morte de Emily é uma questão de honra. – Fernando afastou-se do fogo e deslizou pelas lajotas do piso com pés descalços e silenciosos para juntar-se a Gallowglass à mesa. Enquanto caminhava ele abaixou as mangas da camisa branca e ainda limpa, mesmo depois de ter passado algumas horas na cozinha. Depois, enfiou a camisa no cós da calça e passou os dedos no cabelo escuro e ondulado.

– Você sabe que Marcus vai tentar assumir a culpa – disse Gallowglass. – Mas o rapaz não é culpado pela morte de Emily.

Considerando as circunstâncias, a cena na montanha tinha sido estranhamente pacífica. Gallowglass chegara ao templo logo depois de Marcus. Não havia nada além de silêncio e da visão de Emily Mather ajoelhada dentro de um círculo marcado com pedras claras. A expressão do bruxo Peter Knox que cravava as mãos na cabeça de Emily era antecipatória – talvez até de fome. Gerbert de Aurillac, o vampiro vizinho dos De Clermont, olhava com interesse.

– Emily! – O grito angustiado de Sarah rasgou o silêncio com tanta força que até Gerbert recuou. Assustado, Knox soltou Emily que tombou ao chão inconsciente. Sarah atingiu o bruxo Knox com uma única e poderosa magia que o mandou pelos ares em direção ao lado oposto da clareira.

– Marcus não a matou – disse Fernando, chamando a atenção de Gallowglass. – Mas a negligência...

– Inexperiência – Gallowglass interpôs.

– A negligência de Marcus teve um papel na tragédia. Ele sabe disso e assume a responsabilidade por isso – acrescentou Fernando.

– Marcus não pediu para estar no comando – resmungou Gallowglass.

– Não. Fui eu que o nomeei para o posto, e Matthew também achou que era uma decisão certa. – Fernando apertou o ombro de Gallowglass de passagem e retornou ao fogão.

– Foi por isso que você veio? Porque se sentiu culpado por se recusar a liderar a irmandade quando Matthew pediu sua ajuda? – Ninguém ficara mais surpreso que Gallowglass quando Fernando apareceu em Sept-Tours. Fernando evitava esse lugar desde a morte do pai de Gallowglass, Hugh de Clermont, no século XIV.

– Estou aqui porque Matthew ficou do meu lado depois que o rei francês executou Hugh. Eu estava sozinho no mundo, só acompanhado pela minha dor. – O tom de Fernando soou duro. – E me recusei a liderar os Cavaleiros de Lázaro porque não sou um De Clermont.

– Você foi companheiro do pai! – protestou Gallowglass. – Você é um De Clermont, como o são Ysabeau e os filhos dela!

Fernando fechou a porta do forno com cuidado.

– *Eu* sou companheiro de Hugh – disse ainda de costas. – Seu pai nunca estará no pretérito para mim.

– Desculpe-me, Fernando – disse Gallowglass aflito. Fazia quase sete séculos que Hugh estava morto e Fernando ainda não se recuperara da perda. Gallowglass já duvidava de que ele pudesse se recuperar algum dia.

– Quanto a eu ser um De Clermont – continuou Fernando, ainda de olhos fixos na parede sobre o fogão –, Philippe não concordava com isso.

Gallowglass retomou a nervosa colheita dos pedacinhos de cera. Fernando encheu dois copos de vinho tinto e os levou à mesa.

– Aqui – disse, empurrando um copo para Gallowglass. – Hoje, você também vai precisar de sua força.

Marthe irrompeu na cozinha. A governanta de Ysabeau que governava

essa área do castelo não estava satisfeita com intrusos em seus domínios. Depois de lançar olhares azedos para Fernando e Gallowglass enquanto farejava o ar, ela abriu o forno.

– Essa é a minha melhor panela! – disse em tom acusador.

– Eu sei. E por isso a estou usando – retrucou Fernando, tomando um gole de vinho.

– A cozinha não é o seu lugar, dom Fernando. Suba as escadas. E leve Gallowglass junto. – Marthe pegou um pacote de chá e um bule da prateleira próxima à pia. E depois fechou a carranca ao ver um bule envolto em uma toalha assentado sobre uma bandeja ao lado de xícaras, pires, leite e açúcar.

– O que há de errado com minha presença aqui? – perguntou Fernando.

– Você não é um criado – disse Marthe, puxando a tampa do bule e cheirando o conteúdo com desconfiança.

– É o favorito de Diana. Você me disse que ela gostava, lembra? – Fernando sorriu com ar tristonho. – Marthe, todo mundo nesta casa serve os De Clermont. A única diferença é que você, Alain e Victoire são muito bem pagos para fazer isso. O que se espera do restante de nós é que sejamos gratos pelo privilégio.

– Com uma boa razão. Outro *manjasang* sonhando em fazer parte desta família. Dom Fernando, trate de se lembrar disso no futuro... e do limão – disse Marthe, enfatizando o título de nobreza. Ela pegou a bandeja de chá. – De qualquer forma, os ovos estão queimando.

Fernando pulou para salvá-los.

– E quanto a você – continuou Marthe, com seus olhos negros fixos em Gallowglass –, você não nos disse tudo o que sabia a respeito de Matthew e a esposa dele.

Gallowglass olhou para o vinho com uma expressão de culpa.

– *Madame,* sua avó lidará com você mais tarde.

Após o comentário jocoso, Marthe saiu da cozinha.

– O que você fez agora? – perguntou Fernando, pondo a *tortilla* sobre o fogão... não estava queimada, *Alhamdulillah*. Por uma longa experiência ele sabia que apesar de toda a confusão, Gallowglass tinha feito tudo com boa intenção e total negligência para um possível desastre.

– Beeem! – exclamou Gallowglass, alongando as vogais como só um escocês o faria. – Eu poderia ter deixado uma ou duas coisas fora da história.

– Como o quê? – perguntou Fernando, captando uma brisa catastrófica por entre os aromas caseiros da cozinha.

– Como o fato de que a titia está grávida de ninguém menos que Matthew. E o fato de que vovô a adotou como filha. Meu Deus, ele fez um voto de sangue ensurdecedor. – Gallowglass pareceu reflexivo. – Você acha que ainda seremos capazes de ouvi-lo?

Fernando empinou-se boquiaberto e calado.

– Não olhe para mim desse jeito. Não me pareceu certo compartilhar a notícia sobre o bebê. As mulheres podem ser esquisitas quanto a essas coisas. E antes de morrer, em 1945, Philippe comentou sobre o voto de sangue para tia Verin e ela também nunca disse uma palavra! – Gallowglass pôs-se na defensiva.

Um abalo rasgou o ar como uma bomba detonada no silêncio. Algo verde e ardente passou pela janela da cozinha.

– Que diabo foi isso? – Fernando abriu a porta e protegeu os olhos da luz do sol brilhante.

– Uma bruxa irada, é o que imagino. – O tom de Gallowglass soou triste. – Talvez Sarah tenha contado a notícia sobre Emily para Diana e Matthew.

– Não, a explosão. Aquilo! – Fernando apontou para o sino da torre de Saint-Lucien, circundado por uma criatura alada de duas pernas que cuspia fogo.

Gallowglass levantou-se para observar.

– É Corra. Ela segue a titia para tudo quanto é canto – disse categoricamente.

– Mas aquilo é um *dragão*. – Fernando se voltou com olhos selvagens para o enteado.

– Bah! Aquilo não é um dragão qualquer. Não está vendo que só tem duas pernas? Corra é um dragão de fogo. – Gallowglass torceu o braço para mostrar a tatuagem de uma criatura alada parecida com aquela outra no ar. – Como isto aqui. Posso ter deixado um ou dois detalhes de fora, mas avisei a todos que tia Diana não seria a mesma bruxa de antes.

– É verdade, querida. Emily está morta. – Contar isso para Diana e Matthew era estressante demais para Sarah. Ela podia jurar que tinha visto um dragão. Fernando estava certo. Ela precisava cortar o uísque.

– Não acredito em você. – A voz de Diana soou alta e aguda de pânico. Ela percorreu o grande salão de Ysabeau, como se esperando encontrar Emily escondida atrás de algum dos sofás adornados.

– Emily não está aqui, Diana. – A voz abafada de Matthew se infundiu de pesar e ternura quando ele se pôs frente a ela. – Emily se foi.

– Não. – Diana tentou empurrá-lo para passar e continuar a busca, mas ele a puxou para seus braços.

– Sinto muito, Sarah – disse Matthew, apertando Diana contra o próprio corpo.

– Sem essa de que sente muito! – disse Diana aos gritos, lutando para se libertar do abraço inquebrantável do vampiro e depois esmurrando o ombro dele. – Em não está morta! Isso é um pesadelo. Acorde-me, Matthew, por favor! Quero acordar e descobrir que ainda estamos em 1591.

– Isso não é um pesadelo – disse Sarah. Longas semanas a tinham convencido de que a morte de Em era terrivelmente real.

– Então, ou tomei um caminho errado ou fiz um nó malfeito no feitiço para viajar no tempo. Este não pode ser o lugar onde deveríamos parar! – A dor e o choque fizeram Diana tremer da cabeça aos pés. – Em me prometeu que jamais iria embora sem dizer adeus.

– Em não teve tempo de se despedir de ninguém. Mas isso não significa que ela não a amava. – Sarah dizia isso para si mesma umas cem vezes por dia.

– É melhor Diana se sentar – disse Marcus, puxando uma cadeira para perto de Sarah. De certo modo, o filho de Matthew parecia o mesmo surfista de vinte e poucos anos que entrara na casa das Bishop no outubro anterior. Seu cordão de couro, com uma estranha variedade de objetos reunidos ao longo dos séculos, ainda se emaranhava nos cabelos louros à sua nuca. E seus amados tênis de cano alto ainda estavam em seus pés. Mas o ar de resguardo e a tristeza nos olhos eram novos.

Embora grata pela presença de Marcus e Ysabeau, a pessoa que Sarah realmente queria ao lado naquele momento era Fernando. Ele tinha sido uma rocha durante aquele período de provação.

– Obrigado, Marcus – disse Matthew, assentando Diana na cadeira. Phoebe estendeu um copo d'água até a mão de Diana, que se limitou a olhá-lo com indiferença. Matthew pegou o copo e o colocou sobre uma mesinha próxima.

Todos os olhos pousaram em Sarah.

Ela não era boa nesse tipo de coisa. Diana era a historiadora da família, ela saberia por onde começar e como desenrolar os confusos eventos da história, tornando-a coerente – com começo, meio e fim – e talvez até achando uma explicação plausível para a morte de Emily.

– Não há uma forma fácil de dizer isso. – A tia de Diana começou a falar.

– Você não precisa nos dizer nada – disse Matthew, com olhos de compaixão e simpatia. – As explicações podem esperar.

– Não. Vocês dois precisam saber. – Sarah pegou o copo de uísque que geralmente estava ao lado, mas que agora estava vazio. Olhou para Marcus com um apelo mudo.

– Emily morreu no velho templo – disse Marcus, ocupando o papel de narrador da história.

– O templo dedicado à deusa? – sussurrou Diana, com a sobrancelha vincada pelo esforço de se concentrar.

– Sim – grunhiu Sarah, tossindo para desalojar o nó na garganta. – Emily passava cada vez mais tempo naquele lugar.

– Ela estava sozinha? – A expressão de Matthew já não estava mais calorosa e compreensiva, e seu tom era gelado.

Fez-se outro silêncio pesado e desajeitado.

– Emily nunca levava ninguém – disse Sarah, esforçando-se para ser honesta. Diana também era bruxa e perceberia se ela se desviasse da verdade. – Marcus tentou convencê-la a levar alguém, mas Emily se recusou.

– Por que ela queria ficar sozinha? – perguntou Diana, flagrando o mal-estar de Sarah. – O que estava acontecendo, Sarah?

– Desde janeiro Em se dedicava a magias mais elevadas a fim de orientação. – Sarah desviou o olhar da expressão chocada de Diana. – Ela estava com terríveis premonições de morte e desastre e achei que isso poderia ajudá-la a descobrir por quê.

– Mas Em sempre dizia que essas magias mais elevadas eram sombrias demais para que as bruxas pudessem lidar com segurança – disse Diana, erguendo a voz novamente. – Ela dizia que as bruxas que se achavam imunes a tais perigos acabavam descobrindo da maneira mais difícil o quão poderosas eram essas magias.

– E dizia isso por experiência própria – disse Sarah. – Essas magias podem ser viciosas. Emily não queria que você soubesse que ela também tinha sido fisgada, querida. Durante décadas ela se absteve de tocar em

pedras de clarividência ou de evocar espíritos.

– Evocar espíritos? – Os olhos de Matthew estreitaram em fendas, e sua barba escura se mostrou aterrorizante.

– Acho que ela estava tentando se aproximar de Rebecca. Se eu tivesse percebido que Emily tinha chegado muito longe nessas tentativas, eu teria feito de tudo para detê-la. – Os olhos de Sarah se marejaram. – Peter Knox deve ter sentido que ela estava trabalhando com o poder da alta magia e isso sempre o fascinou. E uma vez que a encontrou...

– Knox? – disse Matthew baixinho, mas os pelos da nuca de Sarah se arrepiaram em advertência.

– Knox e Gerbert também estavam lá quando encontramos Em – explicou Marcus, com ar miserável por admitir. – Emily sofreu um ataque cardíaco. Talvez pela enorme tensão na tentativa de resistir às investidas de Knox. Ela estava quase inconsciente. Eu e Sarah tentamos reanimá-la. Mas já não havia nada que pudéssemos fazer.

– Por que Gerbert e Knox estavam aqui? E o que Knox esperava ganhar ao matar Em? – gritou Diana.

– Não acho que Knox quisesse matá-la, querida – respondeu Sarah. – Knox estava lendo os pensamentos dela ou no mínimo tentando lê-los. Eis as últimas palavras de Emily: "Conheço o segredo do Ashmole 782 e você nunca irá possuí-lo."

– Ashmole 782? – Diana pareceu atordoada. – Você tem certeza?

– Absoluta. – Sarah desejou que a sobrinha nunca tivesse encontrado aquele maldito manuscrito na Biblioteca Bodleiana. Grande parte dos problemas daquele momento se devia ao tal manuscrito.

– Knox insistia que os De Clermont estavam com as folhas perdidas do manuscrito de Diana do qual eles conheciam os segredos – opinou Ysabeau. – Eu e Verin argumentamos que isso era um engano, mas o único assunto que o distraía era o bebê. Margaret.

– Nathaniel e Sophie seguiram Gerbert e Knox até o templo. Levaram

Margaret junto – explicou Marcus em resposta ao olhar atônito de Matthew. – Antes de Emily cair inconsciente, Knox viu Margaret e exigiu que lhe dissessem como dois demônios tinham dado à luz uma bruxinha. Knox invocou o acordo e ameaçou levar Margaret para uma investigação pendente da Congregação que ele chamou de "violações graves" da lei. Ele e Gerbert acabaram fugindo enquanto tentávamos reanimar Emily e retirar a criança em segurança.

Até algum tempo antes Sarah concebia a Congregação e o acordo como males necessários. Pois as três espécies sobrenaturais – demônios, vampiros e bruxas – tinham dificuldade de viver entre os humanos. E por terem sido alvos do medo e da violência humana em alguns momentos da história, concordaram em firmar um pacto em tempos de outrora para minimizar o risco de chamar a atenção humana para o mundo das criaturas. O pacto restringiu a confraternização entre as espécies, bem como qualquer participação na religião ou na política dos humanos. Depois de firmar o acordo, os nove membros da Congregação trataram de garantir que as criaturas respeitassem os seus termos. E agora que Diana e Matthew estavam em casa, Sarah finalmente podia desejar que a Congregação e o acordo fossem para o inferno.

Diana girou a cabeça, a descrença passou nos seus olhos.

– Gallowglass – ela disse respirando a maresia que inundou o salão.

– Bem-vinda ao lar, titia. – Gallowglass se aproximou, sua barba irradiou um brilho dourado no ponto onde incidia a luz do sol. Diana olhou espantada para ele antes de soltar um soluço.

– Aqui, aqui. – Gallowglass ergueu-a com um abraço de urso. – Já faz muito tempo que uma mulher chorou por me ver. Sem falar que eu é que deveria chorar nesse nosso encontro. E olhe que se passaram apenas alguns dias desde a última vez em que nos encontramos. Mas pelas minhas contas já faz alguns séculos.

Algo numinoso irradiou em volta de todo o corpo de Diana, como se

uma vela recuperasse lentamente a luz. Sarah piscou os olhos. Ela precisava mesmo parar com a bebida.

Matthew e seu sobrinho se entreolharam. E o semblante de Matthew mostrou-se ainda mais preocupado quando as lágrimas e o brilho que circundava Diana se intensificaram.

– É melhor que Matthew a leve lá para cima. – Gallowglass enfiou a mão no bolso, tirou um lenço amarelo amassado e o estendeu para Diana, protegendo-a zelosamente da vista.

– Está tudo certo com ela? – perguntou Sarah.

– Só um pouco cansada – disse Gallowglass enquanto empurrava Diana com ajuda de Matthew em direção aos remotos aposentos da torre de Matthew.

Depois que Diana e Matthew saíram, a frágil compostura de Sarah rachou e isso a fez chorar. Se a lembrança dos acontecimentos da morte de Em ocorria diariamente, isso se tornava ainda mais doloroso junto com Diana. Fernando surgiu à frente com ar pesaroso.

– Tudo bem, Sarah. Chore – murmurou, puxando-a para mais perto.

– Onde você estava quando precisei de você? – ela perguntou quando o pranto se converteu em soluços.

– Estou aqui agora – ele respondeu, embalando-a suavemente. – E Diana e Matthew já estão em segurança em casa.

– Não consigo parar de tremer. – Os dentes de Diana batiam e seus membros sacolejavam, como se manobrados por fios invisíveis. Gallowglass apertou os lábios e deu um passo para trás enquanto Matthew envolvia a esposa com um cobertor fortemente apertado.

– É o choque, *mon coeur* – murmurou Matthew, beijando-a na bochecha. A aflição não se devia apenas à morte de Emily, mas também às lembranças do passado, à perda traumática dos pais de Diana. Ele esfregou

o cobertor nos braços dela. – Você pode pegar um pouco de vinho, Gallowglass?

– Eu não devia. Os bebês... – Diana iniciou a frase. Suas feições se tornaram selvagens e as lágrimas retornaram. – Eles nunca conhecerão Em. Nossos filhos crescerão sem conhecer Em.

– Aqui. – Gallowglass estendeu um frasco de prata para Matthew que o olhou com gratidão.

– Melhor ainda – disse Matthew, puxando a rolha. – Só um gole, Diana. Isso não fará mal aos gêmeos e poderá acalmá-la. Vou pedir a Marthe que traga um chá-preto com bastante açúcar.

– Eu vou matar Peter Knox – disse Diana com ar feroz depois que tomou um gole de uísque. A luz ao redor dela tornou-se mais brilhante.

– Não hoje, não hoje – retrucou Matthew com firmeza enquanto entregava o frasco para Gallowglass.

– O *glaem* da tia passou a brilhar com mais intensidade depois que vocês retornaram? – Gallowglass não via Diana Bishop desde 1591 e não se lembrava de que isso era tão perceptível.

– Sim. É um feitiço de disfarce que ela está usando. Talvez o choque a tenha perturbado – disse Matthew, acomodando-a no sofá. – Diana queria que Emily e Sarah desfrutassem a ideia de que estavam prestes a se tornar avós, antes que começassem a lhe fazer perguntas sobre o aumento do seu poder.

Gallowglass reprimiu um impropério.

– Já está melhor? – perguntou Matthew, levando os dedos de Diana até os lábios.

Diana assentiu. Seus dentes ainda batiam, e Gallowglass percebeu. Foi doloroso pensar no esforço que ela devia estar fazendo para se controlar.

– Sinto muito sobre Emily – disse Matthew, segurando o rosto de Diana entre as mãos.

– Também somos culpados? Será que ficamos muito tempo no passado,

como disse papai? – perguntou Diana tão baixinho que até mesmo Gallowglass teve dificuldade para ouvir.

– Claro que não – replicou Gallowglass em tom brusco. – Peter Knox fez isso. Ninguém mais é culpado.

– Não vamos nos preocupar com quem é culpado – disse Matthew, se bem que com os olhos faiscando de raiva.

Gallowglass fez um aceno de que tinha entendido. Matthew teria muito a dizer sobre Knox e Gerbert... mais tarde. Por ora ele se preocuparia com a esposa.

– Emily gostaria que você se concentrasse em cuidar de si mesma e de Sarah. Isso é o suficiente por agora. – Matthew afastou as mechas acobreadas coladas ao rosto de Diana com o sal das lágrimas.

– É melhor eu voltar lá para baixo – disse Diana, levando a brilhante bandana amarela de Gallowglass até os olhos. – Sarah precisa de mim.

– Fique um pouco mais aqui. Espere até que Marthe traga o chá – disse Matthew, sentando-se ao lado de Diana. Ela colou-se encolhida ao peito dele, os soluços escapavam alternadamente enquanto ela tentava conter as lágrimas.

– Vou deixar vocês dois a sós – disse Gallowglass abruptamente.

Matthew assentiu em silencioso agradecimento.

– Obrigada, Gallowglass. – Diana estendeu o lenço.

– Fique com isso – ele disse, voltando-se para a escada.

– Estamos sozinhos. Já não precisa mais ser forte – sussurrou Matthew enquanto Gallowglass descia pela escada em caracol.

Matthew e Diana continuaram entrelaçados como um nó inquebrantável, com as feições contorcidas de dor e tristeza e reconfortando um ao outro de um modo que não podiam fazer por si mesmos.

Eu não devia ter convocado você aqui. Eu devia ter encontrado outra maneira de obter respostas. Emily se voltou para sua melhor amiga. *Você devia estar com Stephen.*

Prefiro estar aqui com minha filha a estar em qualquer outro lugar, disse Rebecca Bishop. *Stephen entende.* Ela observou a imagem de Diana e Matthew ainda entrelaçados em triste abraço.

Não tenha medo. Matthew cuidará dela, disse Philippe que ainda tentava decifrar Rebecca Bishop – ela era uma criatura extraordinariamente difícil e tão hábil em guardar segredos quanto qualquer vampiro.

Eles cuidarão um do outro, retrucou Rebecca, com a mão sobre o coração, *como eu já sabia que aconteceria.*



2

Matthew se apressou pela escada de pedra espiralada que serpenteava por entre os seus aposentos na torre de Sept-Tours e o piso principal do castelo. Evitou um ponto escorregadio no trigésimo degrau e uma beirada acidentada no décimo sétimo onde a espada de Baldwin se chocara durante uma de suas brigas.

Matthew construíra a torre adicional como um refúgio privado, um lugar à parte da inesgotável agitação que sempre cercava Philippe e Ysabeau. As famílias de vampiros eram grandes e ruidosas, com duas ou mais linhagens sanguíneas desconfortavelmente unidas na tentativa de viver como um bando feliz. Isso raramente acontecia entre os predadores, nem mesmo entre os que andavam sobre duas pernas e viviam em belas casas. Como resultado, a torre de Matthew fora projetada principalmente para defesa. Sem portas para abafar abordagens furtivas de vampiros e sem caminhos de saída, exceto um único de entrada. Esses arranjos cuidadosos demonstravam claramente as relações que ele mantinha com irmãos e irmãs.

Naquela noite o isolamento da torre mais parecia um confinamento, se comparado à vida movimentada que ele e Diana tinham estabelecido na Londres elisabetana, rodeados por família e amigos. O trabalho de Matthew como espião da rainha tinha sido um desafio mais gratificante, pois no seu antigo posto na Congregação ele negociara para que bruxos e bruxas escapassem da forca. E Diana iniciara um longo processo de ampliação dos seus poderes de bruxa. Eles também tinham acolhido duas

crianças órfãs e lhes propiciado a chance de um futuro melhor. A vida do casal no século XVI nem sempre era fácil, mas foram dias preenchidos pelo amor e a esperança que acompanhava Diana para onde quer que fosse. Já em Sept-Tours eles pareciam cercados por todos os lados pela morte e pelos De Clermont.

Tal combinação deixava Matthew inquieto, e a raiva que ele mantinha zelosamente sob controle sempre que Diana estava por perto se aproximava perigosamente da superfície. A ira do sangue – doença que Matthew herdara de Ysabeau, que o criara – geralmente dominava a mente e o corpo dos vampiros com muita rapidez, sem deixar espaço nem para a razão nem para o controle. No esforço de manter a ira do sangue controlada, Matthew concordara com certa relutância em deixar Diana sob os cuidados de Ysabeau para caminhar pelos terrenos que circundavam o castelo a fim de clarear a cabeça, acompanhado de seus cães Fallon e Hector.

Enquanto isso, Gallowglass cantava uma canção de marinheiro no grande salão do castelo. Por razões que Matthew não conseguia entender, cada verso era pontuado por imprecações e ultimatos. Após um momento de indecisão, a curiosidade de Matthew acabou vencendo.

– Maldito dragão de fogo. – Gallowglass lentamente agitou no ar uma lança obtida no esconderijo de armas situado próximo à entrada. – *Adeus e adieu, damas de Espanha.* Traga o seu traseiro aqui embaixo, ou vovó vai te cozinhar em vinho branco para alimentar os cães. *Pois recebemos ordens de navegar até a velha Inglaterra.* Como ousas voar em volta da casa como um periquito demente? *E jamais veremos as damas de novo.*

– Que diabos você está fazendo? – perguntou Matthew.

Gallowglass girou seus olhos azuis. O sobrinho de Matthew vestia uma camiseta preta estampada com caveira e ossos cruzados, cuja parte de trás estava rasgada do ombro esquerdo ao quadril direito. Os orifícios em sua calça jeans pareciam resultar do desgaste e não da guerra, e seu cabelo

desgrenhado rompia até mesmo os padrões gallowglassianos. Ysabeau costumava chamá-lo de "*Sir Vagabond*", mas isso pouco servia para melhorar a apresentação do jovem.

– Tentando pegar a ferinha de sua esposa. – Gallowglass fez um súbito movimento com a lança para cima. Soou um guincho de surpresa seguido por uma chuva de escamas verdes esmaecidas que se espatifaram como vidro contra o piso. A penugem loura dos braços de Gallowglass brilhou com o pó iridescente esverdeado das escamas e o fez espirrar.

Corra – íntima de Diana – estalou a língua e agitou-se loucamente de garras fincadas na galeria dos menestréis. Acenou com a cauda farpada para Matthew, perfurando uma tapeçaria de valor inestimável que retratava um unicórnio dentro de um jardim. Matthew fez uma careta.

– Eu a tinha encurralado perto do altar na capela, mas Corra é uma mocinha astuta – disse Gallowglass, com um toque de orgulho. – Ela estava escondida de asas abertas no alto do túmulo do vovô, e a confundi com uma efígie. E olhe só para ela agora. Lá no alto das vigas, vaidosa como o diabo e duas vezes mais encrenqueira. Meu Deus, ela enfiou a cauda em uma das cortinas favoritas de Ysabeau. Vovó vai ter um derrame.

– Se Corra se parece mesmo com a dona dela, encurralá-la não vai acabar bem – disse Matthew docilmente. – Tente argumentar com ela.

– Oh, sim. Isso funciona muito bem com tia Diana. – Gallowglass fungou. – O que deu em você para deixar Corra fora de vista?

– Quanto mais esse dragão de fogo se ativa, mais Diana se acalma – disse Matthew.

– Talvez, mas Corra é um inferno para a decoração. Esta tarde ela quebrou um dos vasos De Sèvres da vovó.

– Desde que não tenha sido aquele de azul intenso com cabeças de leão que ela ganhou de Philippe, não tenho com que me preocupar – resmungou Matthew ao ver a expressão de Gallowglass. – *Merde*.

– Também foi essa a resposta de Alain. – Gallowglass inclinou-se sobre a lança.

– Ysabeau terá que se contentar com uma ou duas cerâmicas a menos – disse Matthew. – Corra pode ser um incômodo, mas pela primeira vez Diana está dormindo profundamente desde que voltou para casa.

– Ora, bem, isso é certo. Então, é só dizer para Ysabeau que a falta de jeito de Corra é boa para os netos. Vovó entregará os vasos como oferendas sacrificais. E de minha parte tentarei manter a megera em voo entretido para que titia consiga dormir.

– E como fará isso? – perguntou Matthew, com ceticismo.

– Cantando para ela, é claro. – Gallowglass olhou para cima. Corra silvou quando se viu observada e estendeu um pouco mais as asas para que recebessem a luz das tochas enfileiradas ao longo das paredes. Sentindo-se encorajado por isso, Gallowglass respirou fundo e começou a cantarolar outra balada.

– *Minha cabeça está virada, estou ardendo como chama. / Amo como qualquer dragão. / Saberias dizer o nome de minha amante?*

Corra estalou os dentes em aprovação. Gallowglass sorriu e moveu a lança como um metrônomo. Acenou com as sobrancelhas para Matthew antes de cantar o resto da balada.

Mandei bugigangas sem-fim para ela,
Pedras e pérolas para deixar seu coração terno,
Até que não tendo mais nada para mandar,
Mandei-a... para o inferno.

– Boa sorte – murmurou Matthew em tom sincero e torcendo para que Corra não tivesse entendido a letra.

Ele esquadrinhou os aposentos próximos, catalogando os ocupantes. Hamish lidava com documentos na biblioteca da família, concluiu isso ao

ouvir o arranhar da caneta no papel enquanto farejava um débil odor de lavanda e hortelã-pimenta. Hesitou por um momento e depois abriu a porta.

– Tempo para um velho amigo? – perguntou.

– Eu já começava a pensar que você estava me evitando. – Hamish Osborne pousou a caneta e afrouxou a gravata com estamparia floral de verão que poucos homens teriam coragem de usar. Embora estivesse no campo francês, Hamish se vestia como se para uma reunião com membros do Parlamento, um terno risca de giz azul-marinho e uma camisa cor de lavanda. Isso o fazia parecer um antigo cavalheiro da época eduardiana.

Matthew percebeu que o demônio tentava provocar uma discussão. Já eram amigos desde a estada de ambos em Oxford algumas décadas antes. Era uma amizade baseada no respeito mútuo e fortalecida pela compatibilidade de seus afiados intelectos. Entre Hamish e Matthew até as mais simples trocas podiam ser tão complicadas e estratégicas quanto uma partida de xadrez entre dois mestres. Mas o diálogo mal começava para que Hamish se deixasse em desvantagem.

– Como vai Diana? – Hamish notou a deliberada recusa de Matthew em morder a isca.

– Tão bem quanto o esperado.

– Claro que eu teria perguntado para ela, mas o seu sobrinho me descartou. – Hamish pegou um copo de vinho e tomou um gole. – Vinho?

– É da minha adega ou da adega de Baldwin? – A pergunta aparentemente inócua de Matthew era um lembrete sutil de que ele e Diana já estavam de volta.

Hamish então teria que escolher entre Matthew e o resto dos De Clermont.

– É um clarete. – Ele girou o conteúdo no copo enquanto esperava pela reação do amigo. – Um vinho caro. Envelhecido. Ótimo.

Matthew fez uma careta.

– Não, obrigado. Nunca tive a mesma paixão por essa coisa como a maioria da minha família. – Ele preferia encher as fontes do jardim com o tão precioso estoque de vinho bordeaux de Baldwin a bebê-lo.

– Que história é essa de dragão? – Um músculo contraiu na mandíbula de Hamish, ou por diversão ou por raiva, Matthew não soube ao certo. – Gallowglass disse que Diana o trouxe como lembrança, mas ninguém acredita nisso.

– O dragão pertence à Diana – disse Matthew. – Terá que perguntar para ela.

– Você sabe que todos em Sept-Tours tremem nas bases por você. – Com essa mudança abrupta de assunto, Hamish aproximou-se. – Eles ainda não perceberam que o mais aterrorizado no castelo é *você*.

– E como está William? – Matthew podia mudar vertiginosamente de assunto com a mesma eficácia de qualquer demônio.

– O doce William plantou suas afeições em outro lugar. – Hamish afastou-se com um esgar de boca, uma angústia visível que trouxe ao jogo um inesperado fechamento.

– Sinto muito, Hamish. – Matthew chegara a pensar que o relacionamento duraria. – William o amava.

– Não o suficiente. – Hamish deu de ombros, mas sem disfarçar a dor nos olhos. – Talvez seja melhor projetar suas esperanças românticas em Marcus e Phoebe.

– Eu quase não falei com a garota – disse Matthew, suspirando e servindo-se de um copo do vinho clarete de Baldwin. – O que tem a me dizer sobre ela?

– A jovem srta. Taylor trabalha em uma casa de leilão em Londres. Sotheby's ou Christie's. Sempre confundo as duas – disse Hamish, afundando na poltrona de couro em frente à lareira fria. – Marcus conheceu-a quando arrematava algo para Ysabeau. Acho que o caso é sério.

– Pois é. – Matthew percorreu as estantes que cobriam as paredes enquanto tomava o vinho. – Marcus está impregnado com o cheiro da garota. Ele está apaixonado.

– Eu já suspeitava disso. – Hamish se pôs a beber enquanto assistia aos movimentos inquietos do amigo. – Ninguém disse nada, claro. Sua família realmente poderia ensinar uma ou duas coisas sobre segredos ao MI6.

– Ysabeau devia ter impedido esse romance. Phoebe é muito jovem para se relacionar com um vampiro – disse Matthew. – Ela não deve ter mais de vinte e dois anos, e mesmo assim Marcus enredou-a nesse vínculo irrevogável.

– Oh, sim, proibir Marcus de se apaixonar teria abalado o tratado. – O sotaque escocês de Hamish se redobrou com a diversão. – Pelo que parece, quando se trata de amor Marcus é tão teimoso quanto você.

– Se ele tivesse pensado no seu trabalho como líder dos Cavaleiros de Lázaro, talvez...

– Pare aí, Matt, antes de dizer algo injusto que me faria nunca perdoá-lo por isso. – A voz de Hamish foi cortante. – Você sabe quanto é difícil ser o grande mestre da fraternidade. Esperava-se que Marcus fosse tão bom quanto o seu antecessor... vampiro ou não, ele não é muito mais velho que Phoebe.

A Ordem dos Cavaleiros de Lázaro tinha sido fundada durante as Cruzadas para proteger os interesses dos vampiros em meio a um mundo cada vez mais dominado pelos seres humanos. Philippe de Clermont, companheiro de Ysabeau, tornou-se o primeiro grande mestre da ordem. Ele era uma figura lendária não apenas entre os vampiros, mas também entre outras criaturas. Uma vida à altura do padrão definido por ele era então uma tarefa impossível para qualquer homem.

– Eu sei, mas se apaixonar... – protestou Matthew, com a raiva aumentando.

– Marcus fez um trabalho brilhante, impecável. – Hamish o

interrompeu. – Recrutou novos membros e supervisionou todos os detalhes financeiros de nossas operações. E ainda exigiu que a Congregação punisse Knox por suas ações aqui em maio, e solicitou formalmente a revogação do acordo. Ninguém poderia ter feito mais. Nem mesmo você.

– Punir Knox não apaga o ocorrido. Ele e Gerbert violaram minha casa, e Knox assassinou uma mulher que era como mãe para minha esposa. – Matthew engoliu o vinho, esforçando-se para afogar a raiva.

– Emily teve um ataque cardíaco – advertiu Hamish. – Segundo Marcus não se sabe por quê.

– Já sei o suficiente – disse Matthew repentinamente furioso, arremessando o copo vazio que se chocou na borda de uma das estantes da sala, espalhando cacos de vidro pelo tapete espesso. Hamish arregalou os olhos. – Nossos filhos nunca terão a chance de conhecer Emily. E Gerbert que há séculos é amigo desta família estava presente e assistiu ao ato de Knox, mesmo sabendo que Diana era minha companheira.

– Todos na casa foram unânimes em dizer que você não deixaria a justiça da Congregação seguir seu curso. Não acreditei neles. – Hamish não gostou das mudanças que presenciava no amigo. Pelo que parecia, a estada no século XVI arrancara a casca de algumas feridas antigas e esquecidas.

– Eu devia ter lidado com Gerbert e Knox depois que eles ajudaram Satu Järvinen a raptar Diana e aprisioná-la em La Pierre. Se tivesse feito isso, Emily ainda estaria viva. – Os ombros de Matthew retesaram de culpa. – Mas Baldwin me proibiu. Ele disse que a Congregação já tinha problemas suficientes nas mãos.

– Você quer dizer os vampiros assassinos? – perguntou Hamish.

– Sim. Ele disse que eu acabaria piorando as coisas se desafiasse Gerbert e Knox.

Os assassinatos – sem evidências de sangue e com artérias cortadas e ataques quase animalescos a órgãos humanos – tinham se tornado

manchetes nos jornais de Londres a Moscou. E as matérias concentradas no estranho método de execução do assassino ameaçavam expor os vampiros ao conhecimento humano.

– Não cometerei o erro de silenciar novamente – continuou Matthew. – Se os Cavaleiros de Lázaro e os De Clermont não podem proteger minha mulher e a família dela, eu posso.

– Você não é um assassino, Matt – insistiu Hamish. – Não se deixe cegar pela raiva.

Os olhos escuros de Matthew fizeram Hamish empalidecer. Mesmo sabendo que Matthew estava mais próximo do reino animal que a maioria das criaturas que andavam sobre duas pernas, Hamish ainda não tinha visto um olhar tão parecido e tão perigoso quanto o de um lobo.

– Tem certeza disso, Hamish? – Matthew piscou os olhos de obsidiana, girou o corpo e saiu da sala.

Matthew seguiu o cheiro peculiar de raiz de alcaçuz de Marcus Whitmore, mesclado ao inebriante aroma de lilases daquela noite, e rastreou o filho até os aposentos da família no segundo andar do castelo. Sua consciência se coçava com a ideia de que Marcus pudesse ter ouvido sua conversa acalorada com Hamish. Isso porque a audição vampiresca de seu filho era extremamente aguçada. Matthew apertou os lábios quando seu nariz o levou a uma porta perto das escadas, e sufocou um lampejo de raiva que acompanhou a constatação de que Marcus estava usando o antigo escritório de Philippe.

Ele bateu na pesada porta de madeira e a empurrou sem esperar pela resposta. Com exceção do laptop de prata brilhante sobre a mesa onde antes estava um mata-borrão, o aposento ainda se apresentava como no dia da morte de Philippe de Clermont em 1945. O mesmo telefone de baquelite sobre a mesa próxima à janela. Pilhas de envelopes com folhas de

papel amarelecidas onde Philippe escrevia para um dos seus muitos correspondentes. Pregado à parede, um velho mapa da Europa que Philippe utilizara para localizar as posições do exército de Hitler.

Matthew fechou os olhos com uma dor súbita e aguda. O que Philippe não previra é que ele acabaria caindo nas mãos dos nazistas. Uma das inesperadas dádivas da viagem no tempo fora a chance de Matthew rever e se reconciliar com Philippe. E o preço que teve que pagar foi o recorrente sentimento de perda quando mais uma vez se viu enfrentando um mundo sem Philippe de Clermont.

Ao reabrir os olhos, Matthew se confrontou com o semblante furioso de Phoebe Taylor. Em uma fração de segundo Marcus colocou seu corpo entre Matthew e a mulher de sangue quente. O fato de Marcus não ter perdido o juízo de todo ao assumir uma companheira agradou a Matthew, pois se ele quisesse fazer alguma coisa, Phoebe já estaria morta.

– Marcus. – Matthew o cumprimentou de passagem antes de olhar para além dele. Phoebe não era o tipo habitual de Marcus, cuja preferência era pelas ruivas. – Não tivemos tempo para uma apresentação apropriada quando nos encontramos pela primeira vez. Sou Matthew Clairmont. O pai de Marcus.

– Sei quem você é. – O adequado sotaque britânico de Phoebe era comum tanto nas escolas públicas e casas de campo como nas famílias aristocráticas falidas. Por ser o idealista democrático da família, Marcus se apaixonara por uma moça de sangue azul.

– Seja bem-vinda à família, srta. Taylor. – Matthew inclinou-se para esconder um sorriso.

– Apenas Phoebe, por favor. – Em um piscar de olhos, ela contornou Marcus com a mão direita estendida. Matthew ignorou-a. – Na maioria dos círculos bem-educados, professor Clairmont, este seria o momento em que você pegaria a minha mão e a sacudiria. – Ela mostrou-se um pouco mais irritada e ainda de mão estendida.

– Você está cercada de vampiros. O que a fez pensar que encontraria civilidade aqui? – Matthew observou-a de olhos arregalados. Phoebe sentiu-se desconfortável e desviou os olhos. – Talvez você tenha considerado a minha saudação como desnecessariamente formal, mas nenhum vampiro toca a parceira ou a esposa de outro vampiro sem permissão. – Ele olhou para a grande esmeralda no terceiro dedo da mão esquerda de Phoebe. Marcus a ganhara num jogo de cartas em Paris alguns séculos antes. Tanto no passado como no presente, uma pedra que valia uma pequena fortuna.

– Oh, Marcus não me falou a respeito – ela disse com uma careta.

– Não falei, mas lhe passei algumas regras simples. Talvez seja hora de revê-las – sussurrou Marcus para a noiva. – E já que tocamos no assunto, vamos ensaiar nossos votos de casamento.

– Por quê? Não será nesses votos que você encontrará a palavra "obedecer" – disse Phoebe secamente.

Matthew tossiu novamente antes que a discussão tomasse outro rumo.

– Vim pedir desculpas pela minha explosão na biblioteca – disse. – Eu estava muito irritado naquele momento. Perdoe-me pelo mau humor.

Era mais que mau humor, mas nem Marcus nem Hamish sabiam disso.

– Que explosão? – Phoebe franziu o cenho.

– Não foi nada – disse Marcus, mas com uma expressão que sugeria o contrário.

– Eu também queria saber se você estaria disposto a examinar Diana. Como já deve saber, ela está grávida de gêmeos. Acredito que esteja no início do segundo trimestre, mas estivemos fora do alcance de cuidados médicos adequados e eu gostaria de ter certeza. – Tal como a mão de Phoebe, o ramo de oliveira oferecido por Matthew manteve-se por um longo momento no ar antes de ser reconhecido.

– Ééé claro – gaguejou Marcus. – Obrigado por confiar Diana aos meus cuidados. Não vou desapontá-lo. E Hamish está certo – acrescentou –,

mesmo que eu tivesse realizado uma autópsia em Emily, o que Sarah não quis que fosse feito, não haveria como determinar se a morte tinha sido por causa mágica ou natural. Talvez nunca saibamos.

Matthew não se preocupou em discutir, pois acabaria descobrindo o papel exato que Knox desempenhara na morte de Emily, e a resposta determinaria a velocidade com que o mataria e quanto o faria sofrer antes disso.

– Foi um prazer conhecê-la, Phoebe – ele disse.

– Igualmente. – A garota mentiu de maneira educada e convincente. Ela seria útil à família De Clermont.

– Marcus, veja Diana na parte da manhã. Estaremos esperando por você.

Matthew saiu da sala sorrindo e fazendo outra reverência fascinante para Phoebe Taylor.

A ronda noturna de Matthew nos arredores de Sept-Tours não lhe aplacara a inquietude e a raiva. Pelo contrário, alargara as rachaduras de seu controle. Frustrado, ele retornou aos seus aposentos pelo caminho que atravessava a fortaleza do castelo e a capela. Lá estavam os memoriais de quase todos os De Clermont falecidos – Philippe; Louisa com o irmão gêmeo Louis; Godfrey; Hugh – e alguns dos seus filhos e amados amigos e servos.

– Bom-dia, Matthew. – Um odor de açafrão e laranja encheu o ar.

Fernando. Após uma longa pausa, Matthew se obrigou a se virar.

Geralmente a antiga porta de madeira da capela mantinha-se fechada porque apenas Matthew passava algum tempo lá. Mas nessa noite a porta estava amistosamente aberta e se via a silhueta de um homem contra a luz das velas acesas lá dentro.

– Eu esperava poder vê-lo. – Fernando abriu os braços convidativos.

E observou enquanto o cunhado caminhava com sinais de alerta nas feições que indicavam apuros: ampliação das pupilas, ondulação nos ombros semelhante ao arrepio nos pelos dos lobos e rugosidade no fundo da garganta.

– Será que passei na inspeção? – perguntou Matthew, sem conseguir disfarçar uma nota defensiva no tom.

– Claro que passou. – Fernando fechou a porta com firmeza atrás de ambos. – Por pouco.

Matthew passou os dedos levemente pelo maciço sarcófago de Philippe no centro da capela e zanzou inquietamente ao redor da câmara, seguido pelos profundos olhos castanhos de Fernando.

– Parabéns pelo seu casamento, Matthew – disse Fernando. – Embora ainda não conheça Diana, Sarah me contou tantas histórias sobre ela que chego a sentir que já somos velhos amigos.

– Desculpe-me, Fernando, é que... – Matthew iniciou a frase com ar culpado.

Fernando o deteve de mão levantada.

– Não há necessidade de desculpas.

– Obrigado por cuidar da tia de Diana – disse Matthew. – Sei que é difícil para você estar aqui.

– A viúva precisava de alguém que se preocupasse com a dor dela. Assim como você fez comigo quando Hugh faleceu – disse Fernando, simples e direto.

Quando Sarah não estava presente, todos em Sept-Tours, de Gallowglass ao jardineiro e de Victoire a Ysabeau, referiam-se a ela pelo seu estado civil em relação à Emily e não pelo seu nome. Era um título de respeito e um lembrete constante da perda de Sarah.

– Matthew, eu preciso lhe perguntar: Diana sabe a respeito da sua ira do sangue? – Fernando manteve a voz baixinha. As paredes da capela eram espessas e não deixavam passar muito som, mas era prudente precaver-se.

– Claro que sabe. – Matthew ajoelhou-se frente a uma pequena pilha de armas e armaduras dispostas em um dos nichos esculpidos da capela. O espaço era grande o bastante para abrigar um caixão, mas Hugh de Clermont fora queimado na fogueira e não restara um corpo para enterrar. E na falta de um caixão, Matthew preparara um memorial de metal e madeira pintado com o escudo, as luvas, a cota de malha, a armadura, a espada e o elmo do seu irmão favorito.

– Perdoe-me se o ofendi ao sugerir que você ocultaria algo tão importante de quem você ama – disse Fernando ao pé do ouvido de Matthew. – Estou feliz por você ter contado para sua esposa, mas você merece uma surra por não ter contado para Marcus ou Hamish... ou Sarah.

– Você tem liberdade para tentar. – A resposta de Matthew carregava uma ameaça que assustaria qualquer outro membro da família, menos Fernando.

– Você prefere um castigo simples, não é? Mas não vai escapar tão fácil. Não desta vez. – Fernando ajoelhou-se ao lado dele.

Fez-se um longo silêncio enquanto Fernando esperava Matthew baixar a guarda.

– A ira do sangue. Está piorando. – Matthew abaixou a cabeça sobre as mãos unidas como se em oração.

– Claro que sim. Você está acasalado agora. O que esperava?

As respostas emocionais e químicas que acompanhavam o acasalamento eram intensas, até mesmo os vampiros perfeitamente saudáveis tinham dificuldade de deixar os parceiros fora de vista. E nas ocasiões em que era impossível permanecer juntos, isso acarretava irritação, agressividade, ansiedade e, em casos raros, loucura. Nos vampiros com a ira do sangue, tanto o impulso de acasalamento como os efeitos da separação aumentavam ainda mais.

– Eu achava que lidaria bem com isso. – A testa de Matthew baixou até

descansar nos dedos. – Achava que o amor por Diana poderia ser mais forte que a doença.

– Ora, Matthew. Talvez você seja mais idealista que Hugh, mesmo nos dias mais ensolarados dele. – Fernando suspirou e pôs a mão no ombro de Matthew para reconfortá-lo.

Fernando sempre oferecia conforto e assistência para os necessitados – mesmo quando não mereciam. Ele é que sugerira que Matthew fosse estudar com o cirurgião Albucasis para tentar superar as crises mortais de violência que o atormentaram nos seus primeiros séculos como vampiro. Era Fernando que mantinha Hugh – o irmão cultuado por Matthew – a salvo de danos quando ele saía do campo de batalha para os livros e de volta para o campo de batalha outra vez. Sem os cuidados de Fernando, Hugh teria aparecido para lutar com nada além de um volume de poesia, uma espada sem brilho e uma luva. E Fernando é que comentara com Philippe que mandar Matthew de volta a Jerusalém seria um terrível erro. Infelizmente, nem Philippe nem Matthew o tinham escutado.

– Eu mesmo me obriguei a sair do lado dela esta noite. – Os olhos de Matthew percorreram a capela como dardos. – Eu não podia ficar parado; precisava desesperadamente matar alguma coisa, e mesmo assim me foi quase impossível aventurar-me além dos limites da respiração dela.

Fernando ouviu em solidário silêncio, perguntando-se por que Matthew parecia surpreso, até que lhe ocorreu que os vampiros recentemente acasalados geralmente subestimavam a força que esse vínculo exercia sobre eles.

– Por ora Diana quer ficar perto de mim e de Sarah. Mas quando o luto pela morte de Emily se arrefecer, ela vai querer retomar sua própria vida – disse Matthew, claramente preocupado.

– Bem, ela não vai poder. Não com você grudado nela. – Nunca Fernando remoera tanto as palavras a serem ditas. Idealistas como Matthew precisavam de um discurso franco porque senão perdiam o

caminho. – Se Diana o ama, ela vai se adaptar.

– Ela não vai ter que se adaptar – disse Matthew de dentes cerrados. – Não vou tirar a liberdade dela, custe o que me custar. Se eu não ficava o tempo todo com Diana no século XVI, não há razão alguma para que isso mude no século XXI.

– No passado você só conseguiu controlar seus sentimentos porque quando não estava ao lado de Diana, Gallowglass estava. Ah, ele me contou tudo sobre a vida que vocês levavam em Londres e em Praga – disse Fernando, fazendo Matthew se virar com expressão de espanto enquanto andava. – E quando ela não estava com Gallowglass, ela estava com Philippe, com Davy, com outra bruxa, com Mary ou com Henry. Você realmente acha que os celulares lhe darão o mesmo sentido de conexão e controle?

Matthew parecia ainda estar com a ira do sangue logo abaixo da superfície, mas também parecia sofrer. Fernando então se deu conta de que era um passo na direção certa.

– Ysabeau deveria tê-lo impedido de se envolver com Diana Bishop tão logo ficou claro que você estava sentindo um vínculo de acasalamento – disse Fernando, com firmeza. Se ele fosse o pai de Matthew, o teria trancado em uma torre de aço para evitar o ocorrido.

– Até que ela me deteve. – Matthew pareceu ainda mais infeliz. – Eu não me envolvi totalmente com Diana até chegarmos a Sept-Tours em 1590. Philippe nos deu a bênção.

A boca de Fernando se encheu de amargura.

– A arrogância daquele homem não conhecia limites. Sem dúvida alguma ele planejava consertar tudo depois que você voltasse para o presente.

– Philippe sabia que ele não estaria aqui. – A confidência de Matthew fez Fernando arregalar os olhos. – Não falei para Philippe sobre a morte dele. Ele descobriu por si mesmo.

Fernando soltou um impropério, convicto de que o deus de Matthew perdoaria a blasfêmia que naquele caso era perfeitamente merecida.

– E seu acasalamento com Diana ocorreu antes ou depois de Philippe marcá-la com o voto de sangue? – Mesmo após a viagem no tempo, o voto de sangue de Philippe era audível e, segundo Verin de Clermont e Gallowglass, também era ensurdecedor. Felizmente, Fernando não era um De Clermont de puro-sangue, de modo que a canção sangrenta de Philippe era registrada como nada mais que um zumbido persistente.

– Depois.

– Claro. O voto de sangue de Philippe garantiu a segurança dela. *Noli me tangere* – disse Fernando, com um aceno de cabeça. – Gallowglass estava perdendo tempo ao vigiar Diana tão de perto.

– *Não me toques porque sou de César* – ecoou Matthew, com suavidade. – É verdade. Nenhum vampiro se meteu com ela depois disso. Exceto Louisa.

– Louisa foi tão louca quanto o coelho de Alice ao ignorar os desejos do seu pai sobre isso – comentou Fernando. – E acho que por isso Philippe despachou Louisa para os confins do mundo conhecido em 1591. – A decisão sempre lhe parecera abrupta, e Philippe não mexera um dedo para vingar a morte dela. Fernando arquivou as informações para uma consideração futura.

A porta se abriu. Tabitha, a gata de Sarah, irrompeu pela capela adentro, com um rastro de pelo cinzento e uma indignação felina. Gallowglass a seguia, com um maço de cigarros na mão e um frasco de prata na outra mão. Tabitha rodeou as pernas de Matthew, implorando por atenção.

– A bichana de Sarah é quase tão problemática quanto o dragão de fogo da tia. – Gallowglass estendeu o frasco para Matthew. – Beba um pouco. Não é sangue, mas também não é uma dessas coisas francesas da vovó. O que ela serve faz boa colônia, mas não é bom para qualquer outra coisa.

Matthew recusou a oferta, com um meneio de cabeça. O vinho de Baldwin já lhe azedava o estômago.

– E você se diz um vampiro. – Fernando repreendeu Gallowglass. – Levado a beber por um *dragãozinho*.

– Tente *você* domar Corra se acha que é assim tão fácil. – Gallowglass tirou um cigarro do maço e o levou aos lábios. – Ou talvez possamos votar o que fazer com ela.

– Votar? – repetiu Matthew incrédulo. – Desde quando votamos nesta família?

– Desde que Marcus assumiu os Cavaleiros de Lázaro – respondeu Gallowglass, tirando um isqueiro de prata do bolso. – Exercemos a democracia desde o dia em que você se foi.

Fernando olhou incisivamente para ele.

– O que foi? – disse Gallowglass, balançando o isqueiro aberto.

– Este é um lugar sagrado, Gallowglass. E você sabe o que Marcus pensa a respeito de fumar quando há sangues-quentes na casa – disse Fernando, com ar de reprovação.

– E você pode imaginar o que penso a respeito, com minha esposa grávida lá em cima. – Matthew tirou o cigarro da boca de Gallowglass.

– Esta família era mais divertida quando tínhamos menos médicos – retrucou Gallowglass, com ar sombrio. – Lembro-me dos bons velhos tempos em que nos costurávamos quando éramos feridos no campo de batalha e não dávamos a mínima para níveis de ferro e de vitamina D.

– Oh, sim. – Fernando ergueu a mão, exibindo uma cicatriz irregular. – Eram dias realmente gloriosos. E suas habilidades com a agulha eram lendárias, *Bife*.

– Eu melhorei. – Gallowglass pôs-se na defensiva. – Nunca fui tão bom quanto Matthew ou Marcus, claro. Mas nem todos podiam ir para a universidade.

– Não enquanto Philippe era o chefe da família – murmurou Fernando.

– Ele preferia que os filhos e netos empunhassem espadas a ideias. E tornava tudo muito mais flexível.

Havia um grão de verdade na observação, e um oceano de dor por trás dela.

– Preciso voltar para Diana. – Matthew girou sobre os pés e apoiou a mão no ombro de Fernando por um breve instante antes de se virar para sair.

– Esperar não tornará mais fácil falar da ira do sangue para Marcus e Hamish, meu amigo – advertiu Fernando, detendo-o.

– Pensei que meu segredo estivesse a salvo depois de todos esses anos – disse Matthew.

– Segredos e mortos nem sempre permanecem enterrados – replicou Fernando, com ar tristonho. – Diga a eles. O mais rápido possível.

Matthew retornou à torre mais agitado do que quando a deixou.

Ysabeau franziu a testa ao vê-lo.

– Obrigado por tomar conta de Diana, *maman* – ele disse, beijando a face da mãe.

– E você, meu filho? – Ysabeau pôs a palma da mão no rosto dele à procura de sinais da ira do sangue, tal como fizera Fernando. – Teria sido melhor cuidar de você?

– Eu estou bem. De verdade – disse Matthew.

– É claro. – Essa frase significava muitas coisas no léxico particular da mãe Ysabeau, mas nunca significaria um assentimento ao filho. – Se precisar de mim, estarei no meu quarto.

Quando os passos silenciosos de Ysabeau se dissiparam, Matthew abriu uma janela e puxou uma cadeira para sorver os intensos aromas da silene armeria e dos últimos cravos de verão. A respiração ritmada de Diana mais acima se misturava às canções noturnas que apenas os vampiros podiam

ouvir – estalidos de chifres de besouros em disputa pelas fêmeas, chiados de ratos silvestres a correr pelas ameias, guinchos de borboletas-caveiras e arranhaduras de martas a escalar as árvores. Considerando os grunhidos e chiados que ouviu, Gallowglass não tinha sido mais bem-sucedido em pegar o javali que vinha estragando a horta de Marthe do que na captura de Corra.

Geralmente Matthew usufruía as tranquilas horas equidistantes da meia-noite e da madrugada em que as corujas silenciavam o pio e nem mesmo os mais disciplinados madrugadores saíam de debaixo das cobertas. Mas nessa noite nem sequer os familiares odores e sonoridades da casa se impunham com sua magia.

Só uma coisa o faria.

Matthew subiu as escadas até o piso superior da torre, onde se pôs a observar a figura adormecida de Diana. Alisou o cabelo da esposa e sorriu quando instintivamente ela afundou o crânio na mão dele. Por mais impossível que isso fosse, os dois se encaixavam: vampiro e bruxa, homem e mulher, marido e esposa. O aperto no coração afrouxou alguns preciosos milímetros.

Silenciosamente, Matthew tirou as roupas e deslizou pela cama adentro. Os lençóis estavam emaranhados nas pernas de Diana, e ele então os puxou e os ajeitou sobre ambos os corpos. E depois dobrou os joelhos por trás dela, encaixou os quadris nos dela e sorveu o suave e agradável aroma que ela emanava – de mel e camomila e resina de salgueiro. Por fim, beijou-lhe o cabelo brilhante.

Algumas respirações depois, o coração de Matthew se aquietou, e a inquietude se foi à medida que Diana propiciava uma paz que o iludia. De repente, enlaçada por um abraço, ali estava tudo o que ele sempre quis. Uma esposa. Filhos. Uma família só dele. Isso o fez se deixar envolver no fundo da alma pela poderosa retidão que ele sempre sentia na presença de Diana.

– Matthew? – ela disse ainda sonolenta.

– Estou aqui – ele sussurrou no ouvido dela, puxando-a para mais perto de si. – Volte a dormir. O sol ainda não apareceu.

Em vez de retomar o sono, ela se virou para olhá-lo e enterrou o rosto no pescoço dele.

– O que aconteceu, *mon coeur*? – Ele franziu o cenho e recuou para observá-la melhor. Ela estava com a pele inchada e avermelhada de chorar, e as linhas finas ao redor dos olhos estavam fundas de preocupação e tristeza. Era devastador vê-la dessa maneira. – Diga-me – ele acrescentou suavemente.

– Não faz sentido algum. Ninguém pode corrigir isso – ela disse, com tristeza.

Ele sorriu.

– Pelo menos, deixe-me tentar.

– Você pode fazer o tempo parar? – sussurrou Diana depois de um segundo hesitante. – Só por pouco tempo?

Matthew era um velho vampiro e não uma bruxa viajante no tempo. Mas também era um homem e sabia como conseguir esse feito mágico. Sua cabeça disse que a morte de Emily ainda era recente, mas seu corpo enviou outras mensagens mais persuasivas.

Ele abaixou a boca de modo que ela tivesse tempo para repeli-lo. Em vez disso, ela enfiou os dedos nos cabelos curtos dele e o beijou com uma intensidade de tirar o fôlego.

A camisola de linho fino que acompanhara Diana na viagem pelo tempo a partir do passado era quase transparente, mas ainda assim fazia uma barreira entre os dois corpos. Matthew levantou o tecido, expondo o suave inchaço do ventre onde os filhos do casal se desenvolviam e também a curva dos seios que a cada dia amadureciam com a promessa de mais fertilidade. Eles não faziam amor desde Londres e o aperto adicional no abdome de Diana – indício de que os bebês continuavam se desenvolvendo

– somado ao aumento do fluxo de sangue nas partes dos seios e do sexo não passaram despercebidos a Matthew.

Ele a sorveu desejoso com os olhos, os dedos e a boca. Mas a fome, em vez de se saciar, se intensificou. Então, deitou-a de costas na cama e beijou-a pelo corpo todo, até chegar às partes escondidas que só ele conhecia. Ela tentou puxá-lo para beijá-lo, e ele a beliscou na coxa em silenciosa censura.

Quando Diana passou a combater o controle de Matthew com mais firmeza, exigindo baixinho que ele a possuísse, ele a tomou nos braços e apalpou-a na espinha com mãos frias.

– Você queria tempo para se aquietar. – Ele a fez lembrar.

– Pois é. – Ela insistiu, apertando-o convidativamente contra si.

– Por que então me apressa? – Matthew acariciou a cicatriz em forma de estrela por entre as omoplatas e a lua crescente que se estendia de lado a lado pelas costelas de Diana. Franziu a testa, pois na parte inferior das costas uma sombra profunda enraizava-se na pele, um esboço cinzento perolado semelhante a um dragão de fogo com mandíbulas mordendo a lua crescente mais acima, asas cobrindo a caixa torácica e uma cauda desaparecendo em torno dos quadris.

– Por que parou? – Ela afastou os cabelos dos olhos e esticou o pescoço por cima do ombro. – Eu é que preciso de tempo para me aquietar... não você.

– Há algo nas suas costas. – Matthew traçou as asas do dragão de fogo.

– Você quer dizer algo a mais? – Diana soltou uma risada nervosa. Ainda estava preocupada com a possibilidade de manchas nas cicatrizes.

– Junto com as outras cicatrizes lembram uma pintura do laboratório de Mary Sidney, a de um dragão de fogo com a lua presa na boca. – Ele se perguntou se a tal cicatriz era visível para os outros ou apenas para os olhos de um vampiro. – É linda. Outro sinal de sua coragem.

– Você me chamou de irresponsável – ela disse sem fôlego enquanto ele

descia a boca até a cabeça do dragão.

– Você é. – Com os lábios e a língua ele traçou o caminho tortuoso da cauda do dragão, descendo ainda mais baixo e mais fundo. – Isso me enlouquece.

Depois de beijá-la intensamente na boca, deixando-a com a atenção paralisada à beira do desejo, ele sussurrou um carinho ou talvez uma promessa e retomou o movimento sem permitir que ela se afastasse. Se ela queria a satisfação e a paz do esquecimento, ele queria que aquele momento repleto de segurança e intimidade durasse para sempre. Então, posicionou-se cara a cara com ela que se afigurou com lábios macios e polpudos e olhos sonhadores à medida que ele deslizava lentamente para dentro dela. Ele manteve os movimentos suaves até que os batimentos cardíacos da esposa aceleraram, como se a dizer que o clímax estava próximo.

Diana gritou o nome de Matthew, tecendo um feitiço que os colocou no centro do mundo.

Eles permaneceram deitados e entrelaçados durante os momentos tingidos de rosa da escuridão que antecede o amanhecer. A certa altura ela puxou a cabeça dele contra o próprio peito. Ele lançou um olhar de interrogação e ela assentiu. E ele então baixou a boca até a lua prateada por sobre uma proeminente veia azul.

Essa era a maneira antiga pela qual os vampiros conheciam os parceiros, um momento sagrado de comunhão e troca de pensamentos e emoções de forma honesta e sem julgamentos. Os vampiros eram criaturas que guardavam segredos, de modo que quando um vampiro sugava o sangue da veia do coração da parceira, isso gerava um momento perfeito de paz e compreensão que sossegava a constante e maçante necessidade de caçar e possuir.

A pele de Diana abriu-se sob os dentes de Matthew que sorveu uma fração preciosa do sangue da esposa. E com o sangue jorrou uma

enxurrada de impressões e sentimentos: um misto de alegria e tristeza e o prazer de estar de volta aos amigos e à família, temperados com a desolação e a raiva pela morte de Emily e controlados pela preocupação de Diana para com ele e os filhos.

– Eu teria lhe poupado dessa perda se pudesse – ele sussurrou enquanto beijava a marca que deixara na pele de Diana com a boca. Eles rolaram e rolaram até que ele se viu de costas na cama, com ela estendida por cima e o olhando no fundo dos olhos.

– Sei disso. Mas não me deixe nunca, Matthew. Não sem dizer adeus.

– Nunca farei isso. – Ele prometeu.

Ela o beijou delicadamente na testa e pressionou os lábios na pele por entre os olhos. Geralmente os parceiros de sangue-quente não compartilhavam o ritual de união dos vampiros, mas Diana encontrara um jeito de contornar a limitação, como sempre fazia com a maioria dos obstáculos que lhe surgiam no caminho. Pois acabou descobrindo que quando beijava aquela parte do corpo de Matthew também tinha vislumbres dos pensamentos recônditos e espaços escuros onde se escondiam os medos e os segredos dele.

Matthew sentiu apenas um formigamento do poder de Diana quando recebeu um beijo de bruxa. Colocou-se o mais imóvel possível no intuito de tomá-la para si, e obrigou-se a relaxar para que seus sentimentos e pensamentos fluíssem livremente.

– Seja bem-vinda ao lar, "maninha". – Um odor inesperado de madeira queimada e sela de couro inundou o quarto quando Baldwin puxou o lençol da cama.

Diana soltou um grito assustado. Matthew se interpôs entre ambos para esconder a nudez da esposa, mas era tarde demais. Ela já estava à vista do outro.

– Ouvi o voto de sangue de meu pai a meio caminho de casa. Você também está grávida. – O semblante furioso sob os cabelos flamejantes de

Baldwin de Clermont cravou os olhos na barriga arredondada de Diana com frieza. Ele torceu o braço dela para cheirá-la no pulso. – Só o cheiro de Matthew pelo seu corpo todo. Ora, ora.

Ele soltou-a e Matthew abraçou-a.

– Levantem-se. Vocês dois – disse Baldwin, ainda visivelmente furioso.

– Você não tem autoridade sobre mim, Baldwin! – disse Diana aos gritos, estreitando os olhos.

Ela não poderia ter calculado outra resposta que irritasse ainda mais o irmão de Matthew. Sem aviso prévio, Baldwin se pôs como um raio a centímetros de distância do rosto de Diana. Somente a pressão firme da mão de Matthew em torno da garganta de Baldwin evitou que o outro vampiro se aproximasse ainda mais.

– Bruxa, o que me autoriza é o voto de sangue do meu pai. – Baldwin olhou nos olhos de Diana na tentativa de forçá-la a desviar o olhar. E como ela não fez isso, os olhos dele faiscaram. – Sua esposa não tem boas maneiras, Matthew. Eduque-a ou eu mesmo a educarei.

– Educar-me? – Diana arregalou os olhos e, ao abrir as mãos, fez um vento circular em torno dos seus pés, pronto para responder ao seu chamado. Mais acima, Corra soltou um grito para avisar à senhora que já estava a caminho.

– Nada de magia, nada de dragão – sussurrou Matthew no ouvido da esposa, rezando para que apenas daquela vez ela o obedecesse. Ele não queria que Baldwin ou qualquer outro da família soubessem que as habilidades de Diana tinham aumentado consideravelmente enquanto os dois estavam em Londres.

Milagrosamente, Diana assentiu.

– O que significa isso? – A voz gelada de Ysabeau estalou pelo quarto adentro. – Baldwin, a única desculpa para sua presença aqui é que você enlouqueceu de vez.

– Cuidado, Ysabeau. Suas garras estão à mostra. – Baldwin caminhou

até a escada. – E não se esqueça de que sou o chefe da família De Clermont. Não preciso de desculpas. Encontre-me na biblioteca da família, Matthew. E você também, Diana.

Baldwin emparelhou seus estranhos olhos castanhos dourados com os de Matthew.

– Não me deixem esperando.



3

A biblioteca da família De Clermont banhava-se sob a tênue luminosidade que anunciava o amanhecer, fazendo tudo se afigurar em suave foco: as lombadas dos livros, as sólidas fileiras das estantes de madeira que cobriam a sala, os acolhedores tons azulado e dourado do tapete Aubusson.

O que isso não podia impedir era a minha raiva.

Fazia três dias que eu pensava que nada poderia substituir o meu pesar pela morte de Emily, no entanto três minutos na companhia de Baldwin provariam que eu estava errada.

– Entre, Diana.

Baldwin sentava-se na cadeira Savonarola que mais parecia um trono perto das janelas altas. Seu cabelo avermelhado-ouro brilhava à luz do lampião, uma cor que lembrava as penas de Augusta, a águia que acompanhava o imperador Rodolfo nas caçadas em Praga. Cada centímetro do musculoso corpo de Baldwin se retesava de raiva e força contida.

Olhei ao redor da sala. Não éramos os únicos convocados para a reunião improvisada de Baldwin. Próxima à lareira, uma jovem mulher com pele cor de leite desnatado, cabelos pretos espetados e grandes olhos cinza-escuros franjados de cílios espessos. Ela inalou o ar como se sugasse o odor de uma tempestade.

– Verin. – Matthew me avisara sobre as filhas de Philippe. Eram tão terríveis que a família pediu que ele parasse de fazê-las. Mas Verin não

parecia muito assustadora. O rosto era suave e sereno, a postura, sociável, e os olhos brilhavam de energia e inteligência. Se não fosse pela tradicional roupa preta, ela poderia ser confundida com um elfo.

Até que notei o cabo de uma faca dentro de sua bota negra de salto e cano alto.

– *Wölfling*. – O cumprimento gelado de Verin para o irmão tornou-se um olhar ainda mais gelado para mim. – Bruxa.

– Diana. – Eu a corrigi queimando de raiva.

– Eu lhe falei que não havia maneira alguma de confundir isso – disse Verin voltando-se para Baldwin sem tomar conhecimento de minha réplica.

– Por que você está aqui, Baldwin? – perguntou Matthew.

– Eu não sabia que precisava de um convite para vir à casa do meu pai – respondeu Baldwin. – Mas já que isso acontece, cheguei de Veneza para ver Marcus.

Os dois se encararam.

– Imagine a minha surpresa ao encontrá-lo aqui – continuou Baldwin. – Já que não esperava descobrir que agora sua *companheira* é minha irmã. Philippe morreu em 1945. Então, como poderei sentir o voto de sangue do meu pai? Cheirando-o? Ouvindo-o?

– Alguém mais pode colocá-lo a par das novidades. – Matthew me pegou pela mão e girou o corpo para que voltássemos lá para cima.

– Nenhum de vocês sairá de minha vista até que eu descubra como essa bruxa trapaceou o voto de sangue de um vampiro morto. – A voz de Baldwin soou baixa, mas ameaçadora.

– Não houve trapaça alguma – retruquei indignada.

– Foi necromancia, então? Algum feitiço de ressurreição? – ele disse. – Ou você evocou o espírito dele e o forçou a lhe dar o voto?

– O que houve entre nós não teve nada a ver com a minha magia e sim com a generosidade de Philippe. – Minha raiva ardeu ainda mais quente.

– Você faz parecer que o conhecia – continuou Baldwin. – Isso é impossível.

– Não para quem é viajante do tempo – expliquei.

– Viajante do tempo? – Ele pareceu atordoado.

– Eu e Diana fomos até o passado – disse Matthew. – Até o ano de 1590, para ser exato. Pouco antes do Natal ainda estávamos aqui em Sept-Tours.

– Você viu Philippe? – perguntou Baldwin.

– Sim. Ele estava sozinho naquele inverno e enviou uma moeda ordenando que eu retornasse para casa – respondeu Matthew. Era um código particular do pai conhecido pelos De Clermont da época: uma ordem enviada junto com uma das antigas moedas de prata de Philippe obrigava o destinatário a obedecer sem questionar.

– Dezembro? Isso significa que teremos de suportar mais cinco meses da canção de sangue de Philippe – murmurou Verin, apertando a ponta do nariz com os dedos, como se a cabeça estivesse doendo.

Franzi a testa.

– Por que cinco meses? – perguntei.

– De acordo com nossas lendas, o voto de sangue de um vampiro ecoa como uma canção por um ano e um dia. Embora todos os vampiros possam ouvi-la, é particularmente alta e clara para os que carregam o sangue de Philippe nas veias – respondeu Baldwin.

– Philippe não queria que restassem dúvidas de que eu era uma De Clermont. – Falei isso olhando para Matthew. Todos os vampiros que conheci no século XVI tinham ouvido a canção de sangue de Philippe e sabiam que eu não era apenas a companheira de Matthew, mas também a filha de Philippe de Clermont, que me protegeu a cada passo de nossa viagem pelo passado.

– Jamais uma bruxa será reconhecida como uma De Clermont. – A voz de Baldwin soou clara e conclusiva.

– Pois já o sou. – Levantei a mão esquerda para que ele visse o meu anel de casamento. – Além de acasalados, eu e Matthew já estamos casados. Seu pai sediou a cerimônia. Se os registros paroquiais da Saint-Lucien sobreviveram, você poderá ver que casamos no dia 7 de dezembro de 1590.

– Talvez possamos encontrá-los se formos até a aldeia, já que só arrancaram uma única folha do livro do padre – disse Verin baixinho. – *Atta* sempre cobriu os seus rastros.

– Mesmo que você e Matthew sejam casados, isso não traz qualquer consequência porque Matthew sequer é um verdadeiro De Clermont – disse Baldwin, com frieza. – Ele é apenas o filho da companheira do meu pai.

– Isso é ridículo – protestei. – Philippe considerava Matthew como um filho. Matthew chama você e Verin de irmãos.

– Não somos irmãos da mesma cria. Não temos o mesmo sangue, só temos o nome – disse Verin. – E agradeço a Deus por isso.

– Diana, você acabará descobrindo que casamento e acasalamento não contam muito para a maioria dos De Clermont – disse uma voz serena com um acentuado sotaque espanhol ou talvez português. Era o comentário de um estranho à soleira da porta, cujos cabelos escuros e olhos cor de café realçavam a palidez da pele dourada e a leveza da camisa.

– Sua presença não foi solicitada aqui, Fernando – disse Baldwin furioso.

– Como todos sabem, chego quando sou necessário e não quando sou chamado. – Fernando inclinou-se em ligeira reverência para mim. – Fernando Gonçalves. Fiquei muito triste por sua perda.

O nome pinicou em minha memória. Já o tinha ouvido em algum lugar.

– Você é o homem a quem Matthew incumbiu de liderar os Cavaleiros de Lázaro quando ele alçou o cargo de grão-mestre. – Finalmente o identifiquei. Fernando Gonçalves tinha a reputação de ser um dos mais

formidáveis guerreiros da irmandade. A julgar pela largura dos ombros e a compleição geral não tive dúvida de que a fama condizia à verdade.

– Sim. – A voz quente e fértil de Fernando encheu a sala como se de outro mundo, como a de todos os vampiros. – Mas Hugh de Clermont é meu companheiro. Depois que ele morreu ao lado dos templários tive pouco a ver com as ordens de cavalaria, pois até aos mais bravos cavaleiros falta coragem para manter as promessas. – Fernando cravou os olhos negros no irmão de Matthew. – Não é verdade, Baldwin?

– Está me desafiando? – perguntou Baldwin pondo-se de pé.

– Preciso? – Fernando sorriu. Embora menor que Baldwin, algo me disse que não seria fácil vencê-lo. – Não pensei que você ignoraria o voto de sangue do seu pai, Baldwin.

– Não fazemos ideia do que Philippe queria da bruxa. Talvez quisesse aprender mais sobre o poder que ela tem. Ou talvez ela tenha se valido da magia para coagi-lo – disse Baldwin, com o queixo projetado em um ângulo de teimosia.

– Não seja tolo. Titia não se valeu de qualquer tipo de magia com vovô. – Gallowglass entrou na sala relaxado, como se os De Clermont sempre se reunissem às quatro da manhã para discutir assuntos urgentes.

– Agora que Gallowglass está aqui, deixarei os De Clermont por conta própria. – Fernando acenou para Matthew. – Matthew, chame se precisar de mim.

– Ficaremos bem. Apesar de tudo, afinal somos uma família. – Gallowglass piscou inocentemente para Verin e Baldwin quando Fernando saiu. – E quanto ao desejo de Philippe, é muito simples, tio: ele queria que você reconhecesse formalmente Diana como filha dele. Pergunte a Verin.

– O que ele quer dizer? – Baldwin exigiu uma explicação da irmã.

– *Atta* me convocou alguns dias antes de morrer – disse Verin baixinho e com ar miserável. Embora desconhecida, a palavra *"atta"* era claramente uma forma carinhosa de a filha se referir ao pai. – Philippe estava

preocupado que você pudesse ignorar o voto de sangue e me fez jurar que você o reconheceria, acontecesse o que acontecesse.

– O voto de Philippe era privado... algo entre mim e ele. Isso não precisa ser reconhecido. Nem por você nem por qualquer outra pessoa. – Eu não queria que minhas lembranças daquele momento com Philippe fossem estragadas por Baldwin e Verin.

– Nada é mais público do que adotar uma sangue-quente no clã de um vampiro – disse Verin, voltando-se para Matthew. – Você não reservou um tempo para ensinar os costumes dos vampiros para a bruxa antes de iniciarem esse caso proibido?

– Tempo era um luxo que não tínhamos – respondi por ele. No início do nosso relacionamento Ysabeau me avisara que eu precisava aprender muita coisa sobre os vampiros. Mas depois o tema dos votos de sangue acabou ocupando o topo da minha agenda de pesquisa.

– Então, deixe-me explicar para você. – A voz de Verin soou mais cortante que a de qualquer diretora de escola. – Antes que a canção de sangue de Philippe se dissipe é preciso que um dos filhos dele reconheça o voto. Enquanto isso não acontecer, você não será de fato uma De Clermont e nenhum outro vampiro terá a obrigação de honrá-la como tal.

– Isso é tudo? Não me importo com as honras dos vampiros. Ser esposa de Matthew já é o suficiente para mim. – Quanto mais eles me explicavam como me tornar uma De Clermont, menos eu gostava.

– Se isso fosse verdade, meu pai não teria adotado você – observou Verin.

– Nós nos comprometeremos – disse Baldwin. – Claro que Philippe ficaria satisfeito se as crianças nascidas da bruxa tivessem os nomes listados entre os meus parentes na linhagem familiar dos De Clermont. – As palavras soaram magnânimas, mas certamente havia um propósito mais sombrio no que significavam.

– Meus filhos não são seus parentes. – A voz de Matthew explodiu

como um trovão.

– São, sim, caso Diana seja uma De Clermont, como ela afirma – disse Baldwin sorrindo.

– Espere. Que linhagem? – Eu precisava desacelerar a discussão.

– A Congregação mantém linhagens oficiais de todas as famílias de vampiros – disse Baldwin. – Algumas já não observam a tradição. Os De Clermont, sim. As linhagens incluem informações sobre renascimentos, mortes e nomes de companheiros e proles.

Cobri automaticamente a barriga com a mão. Eu queria que a Congregação ignorasse os meus filhos por tanto tempo quanto possível. E pela expressão de cautela refletida nos olhos de Matthew, ele sentia o mesmo.

– Talvez sua viagem no tempo seja suficiente para satisfazer as questões sobre o voto de sangue, mas apenas a magia negra... ou a infidelidade podem explicar essa gravidez – disse Baldwin, saboreando o desconforto do irmão. – Essas crianças não podem ser suas, Matthew.

– Diana está carregando os *meus* filhos no ventre – disse Matthew, com os olhos perigosamente escuros.

– Impossível – afirmou categoricamente Baldwin.

– É verdade – replicou Matthew.

– Se assim for, serão as crianças mais odiadas... e mais caçadas que o mundo já conheceu. As criaturas ficarão sedentas do sangue delas. E também do seu – disse Baldwin.

Só registrei a saída repentina de Matthew do meu lado quando ouvi a cadeira de Baldwin quebrar. Ao borrão de movimento seguiu-se a imagem de Matthew atrás de Baldwin, dando-lhe uma gravata e pressionando-lhe o coração com uma faca.

Verin olhou espantada para a bota onde agora só havia uma bainha vazia. Ela soltou um palavrão.

– Baldwin, você pode ser o chefe da família, mas nunca se esqueça de

que sou o assassino. – Matthew soltou um rosnado.

– Assassino? – Tentei dissimular o meu atordoamento quando o outro lado oculto de Matthew foi trazido à luz.

Cientista. Vampiro. Guerreiro. Espião. Príncipe.

Assassino.

Matthew sempre me dizia que era um assassino, mas eu sempre achava que isso era um dos aspectos da condição dos vampiros. Ele então matava por autodefesa, no campo de batalha ou para sobreviver, mas nunca imaginei que cometia crimes a mando da família.

– Você sabia disso? – A voz cheia de malícia de Verin acompanhou-se de olhos frios que me observaram de perto. – Se Matthew não fosse tão bom nisso, um de nós já teria acabado com ele.

– Verin, todos nós temos um papel nesta família. – A voz de Matthew destilou amargura. – Ernst conhece o seu... como isso começa entre lençóis macios e as coxas de um homem?

Verin partiu para cima de Matthew como um relâmpago e com os dedos curvados em garras letais.

Se os vampiros eram rápidos, a magia era muito mais rápida.

Com uma rajada de vento de bruxa empurrei Verin contra uma parede, e a mantive a distância para que Matthew tivesse tempo de extrair alguma promessa de Baldwin antes de soltá-lo.

– Obrigado, *ma lionne*. – Era o carinho habitual do meu marido quando eu fazia algo corajoso ou tremendamente estúpido. Ele me entregou a faca de Verin. – Guarde isso.

E depois Matthew levantou Verin enquanto Gallowglass se colocava ao meu lado.

– Ora, ora – ela murmurou novamente de pé. – Já sei por que *Atta* sentiu-se atraído por sua esposa, mas não achava que você tinha colhões para uma mulher assim, Matthew.

– As coisas mudam – ele disse.

– Aparentemente. – Verin lançou-me um olhar de apreço.

– E então, vai manter a promessa que fez para o vovô? – perguntou Gallowglass para Verin.

– Veremos – ela disse cautelosamente. – Ainda tenho alguns meses para decidir.

– O tempo vai passar, mas nada vai mudar. – Baldwin olhou-me com um desprezo mal disfarçado. – Verin, reconhecer a esposa de Matthew trará consequências catastróficas.

– Honrei os desejos de *Atta* enquanto ele estava vivo – ela disse. – Não posso ignorá-los agora que ele está morto.

– Só nos consola o fato de que a Congregação já está à procura de Matthew e de sua companheira – disse Baldwin. – Quem sabe? Talvez já estejam mortos antes de dezembro.

Depois de nos lançar uma última e desdenhosa olhada, Baldwin retirou-se do aposento. Verin lançou um olhar de desculpas para Gallowglass e saiu atrás.

– Então... até que isso correu bem – sussurrou Gallowglass. – Está tudo bem, tia? Você emitiu um ligeiro brilho.

– Foi o vento de bruxa que soprou o meu feitiço de disfarce para fora do lugar. – Mas o escondi em mim novamente.

– Considerando o que houve aqui esta manhã, é melhor mantê-lo assim enquanto Baldwin estiver em casa – sugeriu Gallowglass.

– Baldwin não pode saber do poder de Diana. Gostaria que me ajudasse com isso, Gallowglass. E Fernando também. – Matthew não especificou o tipo de ajuda que queria.

– Claro. Zelei pela titia durante toda a vida e não seria agora que deixaria de fazê-lo – disse Gallowglass categórico.

Ao ouvir essas palavras, fragmentos do passado que escapavam de minha compreensão deslizaram para o lugar certo, como peças de um quebra-cabeça. Quando menina, muitas vezes me sentia observada por

outras criaturas, seus olhos me cutucando, pinicando e congelando minha pele. Criaturas como Peter Knox, inimigo do meu pai, e a mesma bruxa que chegara a Sept-Tours à procura de mim e de Matthew apenas para assassinar Em. E talvez também esse urso gigante em corpo humano a quem passei a amar como um irmão, mas que só me conheceu quando viajamos de volta ao século XVI?

– Você estava tomando conta de mim? – Pisquei os olhos umedecidos para conter as lágrimas.

– Prometi ao vovô que a manteria a salvo. Pelo bem de Matthew. – Os olhos azuis de Gallowglass se suavizaram. – Isso também foi uma coisa boa. Você era endiabrada: subia em árvores, perseguia bicicletas na rua e entrava na floresta sem saber para onde estava indo. Até hoje não sei como seus pais aguentavam.

– Será que papai percebia? – fui obrigada a perguntar. Papai encontrara o grandalhão Gael na Londres elisabetana quando inesperadamente topou comigo e com Matthew em uma das viagens regulares que ele fazia no tempo. Mesmo na atual Massachusetts, papai teria reconhecido Gallowglass se o visse. O sujeito era inconfundível.

– Fiz o máximo para não me deixar ver.

– Gallowglass, não foi isso que perguntei. – Eu estava melhorando em bisbilhotar as meias verdades dos vampiros. – Papai sabia que você me vigiava?

– Tenho certeza de que Stephen me viu pouco antes da última viagem que ele fez à África com sua mãe – ele confidenciou, com pouco mais de um sussurro. – Achei que seria melhor que ele soubesse que eu estava por perto quando chegasse o fim. Você ainda era tão pequenininha. E Stephen devia estar muito preocupado só de pensar no tempo que ainda faltava para que você se encontrasse com Matthew.

Sem o conhecimento de Matthew e de mim, os Bishop e os De Clermont haviam se esforçado durante longos anos ou séculos até que estivéssemos

juntos e em segurança: Philippe, Gallowglass, papai, Emily, mamãe.

– Obrigado, Gallowglass – disse Matthew, com voz rouca. Tanto quanto eu, ele também estava surpreso pelas revelações da manhã.

– Tio, não precisa agradecer. Fiz isso de bom grado. – Gallowglass limpou a emoção da garganta e se retirou.

Fez-se um silêncio constrangedor.

– Cristo. – Matthew passou os dedos nos cabelos. Era o sinal habitual de que sua paciência estava chegando ao fim.

– O que faremos? – perguntei ainda tentando recuperar o equilíbrio após o súbito aparecimento de Baldwin.

Uma tosse suave anunciou uma nova presença na sala, impedindo a resposta de Matthew.

– Sinto muito por interromper, milorde. – Alain Le Merle, o antigo escudeiro de Philippe de Clermont, encontrava-se na porta da biblioteca. Segurava um antigo cofre com as iniciais P.C. inscritas em tachas de prata no topo e um pequeno livro de contabilidade encadernado em tecido verde. Seu cabelo cor de sal e pimenta e sua expressão gentil eram os mesmos de quando o conheci em 1590. Tal como Matthew e Gallowglass, ele também era uma estrela fixa no meu universo de mudanças.

– O que é isso, Alain? – perguntou Matthew.

– Tenho negócios a tratar com madame de Clermont – ele respondeu.

– Negócios? – Matthew franziu a testa. – Isso pode esperar?

– Receio que não – disse Alain, desculpando-se. – Sei que é um momento difícil, milorde, mas *sieur* Philippe quis a garantia de que madame de Clermont receberia as coisas tão rapidamente quanto possível.

Alain conduziu-nos de volta à nossa torre. O que vi na mesa de Matthew varreu de uma vez por todas de minha mente os últimos acontecimentos, deixando-me sem fôlego.

Um pequeno livro encadernado em couro marrom.

Uma manga bordada e desgastada pelo tempo.

Joias inestimáveis – pérolas, diamantes e safiras.

Uma flecha de ouro com um longo cordão.

Um par de miniaturas com superfícies tão brilhantes e tão frescas quanto no dia em que foram pintadas.

Cartas amarradas por uma fita vermelha desbotada.

Uma ratoeira de prata com gravações manchadas.

Um instrumento astronômico dourado digno de um imperador.

Uma caixa de madeira esculpida do ramo de um pé de romã por um mago.

A coleção de objetos não impressionava, mas guardava um grande significado porque representava os últimos oito meses de nossas vidas. Peguei o pequeno livro com mãos trêmulas e o abri. Eu o tinha ganhado de Matthew logo após a nossa chegada a sua mansão em Woodstock. No outono de 1590, a capa do livro ainda estava nova e as páginas eram cor de creme. E agora o couro estava desgastado e as páginas, amarelecidas pelo tempo. No passado eu o tinha escondido em uma prateleira alta na Velha Cabana, mas um cartão dentro do livro informava que no presente pertencia a uma biblioteca em Sevilha. Uma legenda – *Manuscrito Gonçalves 4890* – impressa em tinta na folha de rosto. Alguém – Gallowglass, sem dúvida – retirara a primeira página. Um dia fora coberta com minhas tentativas para gravar meu nome. Os borrões da página perdida tinham escoado até a página abaixo, mas a minha lista das moedas elisabetanas em circulação em 1590 ainda estava legível.

Folheei as páginas restantes, lembrando-me da minha inútil tentativa de dominar uma receita de cura de dor de cabeça para parecer uma adequada dona de casa elisabetana. Meu diário de acontecimentos diários trouxe à luz lembranças agridoces de nossos tempos na Escola da Noite. Eu tinha dedicado um punhado de páginas para uma visão geral dos doze signos do zodíaco, além de ter copiado outras receitas e rabiscado uma lista de itens a serem embalados para nossa viagem de retorno a Sept-Tours. Soou uma

suave campainha à medida que passado e presente se roçavam, e avistei os fios de cor azul e âmbar que eram pouco visíveis nos cantos da lareira.

– Como conseguiu isso? – perguntei concentrada no aqui e agora.

– O amo Gallowglass deu a dom Fernando muito tempo atrás. E dom Fernando me instruiu que desse para a senhora quando ele chegou a Sept-Tours em maio – explicou Alain.

– É um milagre que essa coisa tenha sobrevivido. Como conseguiu manter tudo isso escondido de mim por tantos anos? – Matthew pegou a ratoeira de prata que lhe servira de motivo de troça comigo quando contratei um dos relojoeiros mais caros de Londres para construir um mecanismo que pegasse os ratos que rondavam nosso sótão em Blackfriars. Monsieur Vallin a projetara semelhante a um gato com orelhas nas travessas e um pequeno rato empoleirado no nariz. Matthew armou o mecanismo cujos dentes afiados de gato cravaram-se em seu dedo.

– Cumprimos nosso dever, milorde. Ficamos à espera. Ficamos em silêncio. E nunca perdemos a fé de que o tempo acabaria trazendo madame de Clermont de volta para nós. – Formou-se um sorriso triste nos cantos da boca de Alain. – Se *sieur* Philippe tivesse vivido para ver este dia.

Fiquei com o coração apertado ao pensar em Philippe. Claro que ele sabia como seus filhos reagiriam ao me ter como irmã. Por que então me colocara naquela situação impossível?

– Tudo bem, Diana? – Matthew gentilmente pôs a mão sobre a minha.

– Sim. Só um pouco desarmada. – Peguei os meus retratos em finos trajes elisabetanos ao lado de Matthew. Nicholas Hilliard os pintara a pedido da condessa de Pembroke. Ela e o conde de Northumberland nos tinham presenteado aqueles retratos em miniatura quando me casei com Matthew. Ambos tinham sido os primeiros amigos de Matthew, junto a outros membros da Escola da Noite como Walter Raleigh, George Chapman, Thomas Harriot e Christopher Marlowe. Com o tempo quase todos também se tornaram meus amigos.

– Foi madame Ysabeau que encontrou as miniaturas – disse Alain. – Todo dia ela vasculhava os jornais em busca de vestígios de vocês... anomalias que se destacavam dos outros acontecimentos diários. Logo que viu isso no edital de um leilão, madame Ysabeau mandou o amo Marcus para Londres. Foi assim que ele conheceu a srta. Phoebe.

– Esta manga era do seu vestido de noiva. – Matthew apalpou o frágil tecido, traçando os contornos de uma cornucópia, símbolo tradicional da abundância. – Nunca me esquecerei de quando você desceu o monte até a aldeia, com as tochas acesas e as crianças abrindo caminho pela neve. – Ele sorriu de amor, prazer e orgulho.

– Depois do casamento muitos homens da aldeia se ofereceram para cortejar madame de Clermont, caso você se cansasse dela. – Alain sorriu.

– Obrigada por conservar todas essas lembranças para mim. – Olhei para a mesa. – É muito fácil supor que de alguma maneira imaginei tudo isso... que na realidade nunca estivemos em 1590. Isso faz o tempo parecer real novamente.

– *Sieur* Philippe achou que talvez a senhora se sentisse assim. Infelizmente, dois outros itens exigem sua atenção, madame de Clermont. – Alain segurou o livro de contabilidade. Um barbante amarrado o impedia de ser aberto e uma gota de cera selava o nó.

– O que é isso? – Fiz uma careta e peguei o livro. Era muito mais fino que os livros de Matthew com os registros financeiros da Ordem dos Cavaleiros de Lázaro.

– Suas contas, madame.

– Pensei que Hamish cuidava de minhas finanças. Ele deixou pilhas de documentos para mim, todos aguardando a minha assinatura.

– O sr. Osborne assumiu o comando do acordo de seu casamento, milorde. Estes são os fundos que a senhora recebeu de *sieur* Philippe. – Alain olhou de relance para a minha testa, onde Philippe colocara o próprio sangue para me proclamar como filha.

Curiosa, rompi o selo e abri a capa. O pequeno livro de contabilidade era refeito periodicamente à medida que exigia mais páginas. Os primeiros registros eram feitos em papel grosso do século XVI e datados do ano de 1591. Um deles representava o depósito do dote oferecido por Philippe quando me casei com Matthew: 20 mil *zecchini* venezianas e 30 mil moedas de prata Reichsthaler. Todo o investimento subsequente desse montante – a rolagem dos juros pagos sobre os fundos e as casas e terrenos adquiridos com os rendimentos – estava meticulosamente contabilizado pela escrita caprichada de Alain. Folheei as páginas finais do livro. A última entrada feita em folha branca datava de 4 de julho de 2010, dia em que tínhamos retornado a Sept-Tours. Fiquei com os olhos arregalados de espanto pelo valor indicado na coluna de ativos.

– Sinto muito por não ser mais – disse Alain às pressas, achando que minha reação era de alarme. – Investi da mesma forma que investi o meu dinheiro, as oportunidades mais lucrativas e, portanto, mais arriscadas teriam exigido a aprovação de *sieur* Baldwin, e claro que ele não podia saber de sua existência.

– Isso é muito mais do que imaginei possuir, Alain. – Matthew tinha cedido um montante substancial de bens para mim quando elaborou o acordo de nosso casamento, mas agora se tratava de uma quantia volumosa. Philippe queria que eu tivesse independência financeira, como o resto das mulheres De Clermont. E como eu já tinha aprendido naquela manhã, o meu sogro, quer vivo ou morto, sempre conseguia o que queria. Deixei o livro de contabilidade de lado. – Obrigada.

– Foi um prazer – disse Alain, fazendo uma reverência e tirando algo do bolso. – Por fim, *sieur* Philippe me instruiu que lhe desse isso.

Ele me entregou um envelope de material fino e barato, com o meu nome na parte da frente. Fazia tempo que o pobre adesivo se ressecara, mas o envelope estava selado com um redemoinho de cera preta e vermelha. Uma moeda antiga estava embutida no selo: um sinete especial

de Philippe.

– *Sieur* Philippe trabalhou nesta carta por mais de uma hora. E me fez reler para ele quando terminou, para se certificar de que tinha sido claro no que queria dizer.

– Quando? – perguntou Matthew, com voz rouca.

– No dia em que ele morreu. – A expressão de Alain foi de assombro.

A letra trêmula era de alguém muito velho ou doente para manusear uma caneta de modo adequado. Um lembrete vívido do muito que Philippe sofrera. Passei os dedos no meu nome e, quando cheguei à letra final, arrastei as letras pela superfície do envelope para que se desvendassem. Primeiro surgiu um lago negro sobre o envelope, e depois a tinta traçou a imagem de um rosto humano. Ele ainda era bonito, se bem que devastado pela dor e marcado por um profundo espaço vazio onde um dia os olhos castanhos-amarelados brilharam com inteligência e humor.

– Você não me disse que os nazistas o tinham cegado. – Eu sabia que meu sogro tinha sido torturado, mas sem nunca imaginar que seus captores lhe tinham infligido tamanho dano. Esquadrinhei os outros ferimentos no rosto de Philippe. Felizmente, no meu nome não havia letras suficientes para esboçar um retrato detalhado. Acariciei as faces do meu sogro e a imagem se desfez, deixando uma nódoa de tinta no envelope. Fiz um movimento de dedos e a nódoa tornou-se um pequeno tornado escuro. E quando cessou o rodamoinho, as letras retornaram ao seu lugar.

– *Sieur* Philippe conversou diversas vezes com a senhora sobre os problemas dele, madame de Clermont – continuou Alain suavemente –, quando a dor era muito ruim.

– Conversou com ela? – repetiu Matthew entorpecido.

– Quase todos os dias – disse Alain, com um meneio de cabeça. – *Sieur* Philippe me fazia afastar todo mundo desta parte do castelo, temendo que alguém ouvisse. Madame de Clermont o confortava quando ninguém mais podia.

Virei o envelope, traçando as marcas em relevo da antiga moeda de prata.

– Philippe esperava que as moedas fossem devolvidas para ele. Em pessoa. Como posso fazer isso, se ele está morto?

– Talvez a resposta esteja dentro – sugeriu Matthew.

Introduzi um dedo debaixo do selo do envelope e soltei a moeda da cera. Com cuidado, removi a frágil folha de papel que estalou de modo assombroso quando a desembrulhei.

O tênue odor de louro, figo e alecrim de Philippe fez cócegas no meu nariz.

Olhei para o papel e agradeci por ter experiência em decifrar caligrafias complicadas. Fixei os olhos atentamente e comecei a ler a carta em voz alta.

Diana –

Não deixe que os fantasmas do passado roubem as alegrias do futuro.

Obrigado por ter segurado a minha mão.

Já pode soltá-la agora.

Seu pai, de voto de sangue,

Philippe

P.S. A moeda é para o barqueiro. Diga a Matthew que o verei a salvo do outro lado.

Engasguei com as últimas palavras que ecoaram no aposento silencioso.

– Então, Philippe não espera que lhe devolva a moeda. – Ele estaria sentado às margens do rio Estige, esperando a barca de Caronte que me levaria. Talvez Emily estivesse esperando com ele, e meus pais também. Fechei os olhos na esperança de bloquear as imagens dolorosas.

– O que ele quis dizer com "obrigado por ter segurado a minha mão?" – perguntou Matthew.

– Prometi que ele não estaria sozinho em tempos sombrios porque eu estaria ao lado. – Meus olhos se encheram de lágrimas. – Como posso ter me esquecido disso?

– Não sei, meu amor. Mas de alguma forma você conseguiu manter a promessa. – Matthew inclinou-se e beijou-me. Olhou por cima do meu ombro. – E Philippe estava certo de que a última palavra seria a dele, como sempre.

– O que quer dizer? – perguntei, enxugando a face.

– Ele deixou uma prova escrita de que por livre vontade e de bom grado queria você como filha. – O longo dedo branco de Matthew tocou na página.

– Por isso *sieur* Philippe queria que madame de Clermont tivesse isso o mais rapidamente possível – admitiu Alain.

– Não entendi – eu disse, olhando para Matthew.

– As joias, seu dote e esta carta impedem que qualquer dos filhos de Philippe ou dos membros da Congregação sugira que de alguma forma o obrigaram a conceder um voto de sangue para você – explicou Matthew.

– *Sieur* Philippe conhecia bem os filhos que tinha. Geralmente, previa o futuro deles com a facilidade de uma bruxa – disse Alain, balançando a cabeça. – Vou deixá-los com suas lembranças.

– Obrigado, Alain. – Matthew esperou que os passos de Alain se dissipassem antes de dizer algo mais. Olhou para mim preocupado. – Tudo bem, *mon coeur*?

– É claro – murmurei de olhos fixos na mesa, com um passado espalhado por cima e um futuro claro a ser encontrado em algum lugar.

– Vou me trocar lá em cima. Não demoro muito – disse Matthew, beijando-me. – E depois poderemos descer para o café da manhã.

– Fique o tempo que quiser – eu disse enquanto tentava abrir um sorriso

genuíno.

Depois que Matthew saiu, peguei a flecha de ouro que Philippe me dera para usar no meu casamento. Seu peso era reconfortante e rapidamente o metal se aqueceu ao meu toque. Escorreguei o cordão sobre minha cabeça. A ponta da flecha posicionou-se entre os meus seios, as beiradas macias e desgastadas não cortariam a minha pele.

Senti uma contorção no bolso de minha calça jeans e tirei um punhado de fitas de seda. Eram fios de tecelagem que tinham viajado comigo do passado e, ao contrário da manga do vestido de noiva e da fita de seda desbotada que amarrava as cartas, ainda estavam novos e brilhantes. Eles se enroscaram, dançando em torno dos meus pulsos, e como um punhado de cobras coloridas se fundiram por um momento em novas cores, até se separarem em sua original versão de vertentes e matizes. Serpentearam pelos meus braços em direção ao meu cabelo, como se à procura de algo. Deixei-os livres.

Esperava-se de mim uma tecelã. Mas será que acabaria entendendo o emaranhado da teia que Philippe de Clermont tecera quando me fez sua filha por voto de sangue?



4

— Alguma vez você chegou a cogitar em me dizer que era o assassino da família De Clermont? – perguntei, esticando-me para pegar o suco de *grapefruit*.

O olhar silencioso de Matthew atravessou a mesa da cozinha, onde Marthe servira minha refeição matinal. Hector e Fallon também tinham entrado furtivamente e ambos seguiam nossa conversa – e minha seleção de alimentos – com interesse.

– E o relacionamento de Fernando com seu irmão Hugh? – perguntei. – Fui criada por duas mulheres. Você não pode ter retido essa parte da informação na fonte pensando que eu reprovaria.

Hector e Fallon olharam para Matthew à espera de uma réplica. E como não houve isso, os cães olharam para mim.

– Verin parece legal – eu disse na intenção de provocá-lo.

– Legal? – Matthew ergueu as sobrancelhas.

– Bem, exceto pelo fato de que estava armada com uma faca – admiti suavemente, dando-me por satisfeita porque minha estratégia funcionara.

– Facas. – Matthew me corrigiu. – Uma na bota, outra na cintura e mais outra no sutiã.

– Verin sempre foi escoteira? – Foi minha vez de erguer as sobrancelhas.

Antes que Matthew pudesse responder, Gallowglass atravessou a cozinha como um traçado de azul e preto, seguido por Fernando. Matthew levantou-se. Os cães também se levantaram para segui-lo, mas ele apontou para o chão e os fez se sentar novamente.

– Termine o café da manhã e depois vá até a torre. Leve os cães com você. E não desça até que eu chegue para pegá-la – ordenou Matthew um instante antes de sumir.

– O que está acontecendo? – perguntei para Marthe, pestanejando para o recinto subitamente vazio.

– Baldwin está em casa – ela respondeu, como se fosse uma resposta suficiente.

– Marcus – eu disse, lembrando que Baldwin tinha voltado para ver o filho de Matthew. Eu e os cães demos um pulo. – Onde ele está?

– No escritório de Philippe. – Marthe franziu a testa. – Não acho que Matthew queira você por lá. Talvez haja derramamento de sangue.

– A história de minha vida. – Falei isso olhando por cima do meu ombro, e como resultado saí correndo e esbarrei em Verin. Junto a ela estava um altivo cavalheiro mais alto, esbelto e de olhos bondosos. Esquivei-me de ambos. – Desculpem-me.

– Aonde pensa que vai? – disse Verin, bloqueando-me o caminho.

– Ao escritório de Philippe.

– Matthew recomendou que você fosse até a torre dele. – Os olhos de Verin estreitaram. – Ele é seu companheiro, e você deveria obedecê-lo como toda boa esposa de um vampiro. – O sotaque dela era levemente germânico... nem tão germânico assim, nem austríaco, nem suíço, e sim um empréstimo dos três.

– É uma pena para todos vocês que eu seja uma bruxa. – Estendi a mão para o cavalheiro que assistia ao diálogo com velada diversão. – Diana Bishop.

– Ernst Neumann. Sou marido de Verin. – O sotaque de Ernst o colocava diretamente como originário de algum bairro de Berlim. – Por que não deixar que Diana vá atrás dele, *Schatz*? Dessa maneira, você também poderá ir atrás. Sei que você odeia perder uma boa discussão. Esperarei pelos outros lá no salão.

– Boa ideia, meu amor. Eles não poderão me culpar se a bruxa escapar da cozinha. – Verin olhou abertamente admirada para ele e deu-lhe um beijo demorado. Embora aparentemente jovem o bastante para ser neta de Ernst, era óbvio que estavam profundamente apaixonados um pelo outro.

– Eu as carrego de vez em quando – disse Ernst, com um brilho determinado nos olhos. – Mas, antes de Diana sair daqui seguida por você, diga-me se devo levar uma faca ou uma arma comigo caso algum dos seus irmãos resolva atacar?

Verin considerou a questão.

– Acho que o cutelo de Marthe deve ser suficiente. Foi suficiente para conter Gerbert cuja pele é bem mais espessa que a de Baldwin... ou de Matthew.

– Você usou um cutelo contra Gerbert? – Eu gostava cada vez mais de Ernst.

– Isso seria um exagero – ele respondeu levemente róseo de constrangimento.

– Temo que Phoebe esteja tentando a diplomacia – interrompeu Verin, girando-me em direção à confusão. – Isso nunca funciona com Baldwin. Temos que ir.

– Se Ernst levará uma faca, levarei os cães. – Estalei os dedos para Hector e Fallon e saí em passos rápidos com os dois colados nos saltos dos meus sapatos, latindo e abanando o rabo como se estivéssemos num grande jogo.

Chegamos ao patamar do segundo andar que levava aos apartamentos da família e o encontramos lotado de espectadores preocupados: Nathaniel, Sophie de olhos arregalados e com Margaret nos braços, Hamish com um esplêndido roupão de seda e apenas um lado do rosto barbeado, e Sarah aparentemente acordada pelo tumulto. Ysabeau transparecia tédio, como se a dizer que aquele tipo de coisa acontecia o tempo todo.

– Todo mundo no salão – eu disse enquanto puxava Sarah na direção da escada. – Ernst se encontrará com vocês lá.

– Não sei o que tirou Marcus do sério – disse Hamish, passando uma toalha no creme de barbear no queixo. – Baldwin o chamou e no início tudo parecia bem. Mas depois os dois começaram a gritar.

A pequena sala que Philippe usava para conduzir os negócios estava entupida de vampiros e testosterona. Matthew, Fernando e Gallowglass se empurravam para ganhar melhor posição. Baldwin sentou-se em uma cadeira Windsor inclinada para trás e cruzou os pés sobre a mesa. Marcus encostou-se no lado oposto da mesa visivelmente alterado. Ao seu lado, provavelmente sua companheira Phoebe Taylor – a jovem baixinha de quem me lembrava vagamente do primeiro dia de nosso retorno – que tentava arbitrar a disputa entre o chefe da família De Clermont e o grão-mestre dos Cavaleiros de Lázaro.

– Esta estranha família de bruxas e demônios que você recolheu precisa ser dissolvida imediatamente – disse Baldwin, tentando conter a ira sem sucesso. Sua cadeira tombou ao chão com um estrondo.

– Sept-Tours pertence aos Cavaleiros de Lázaro! O grão-mestre sou eu, não você. Eu é que digo o que acontece aqui! – retrucou Marcus aos gritos.

– Deixe disso, Marcus. – Matthew pegou o filho pelo braço.

– Se você não fizer exatamente o que digo, *não haverá* Cavaleiros de Lázaro! – Baldwin pôs-se de pé e os dois vampiros ficaram nariz com nariz.

– Pare de me ameaçar, Baldwin – disse Marcus. – Você não é nem meu pai nem meu mestre.

– Não sou, mas sou o chefe desta família. – O punho de Baldwin golpeou a mesa com um retumbante estrondo. – Marcus, ou você me ouve ou terá que assumir as consequências por sua desobediência.

– Vocês dois não podem sentar e conversar razoavelmente sobre o assunto? – disse Phoebe ao mesmo tempo em que fazia um corajoso

esforço para apartar os dois vampiros.

Baldwin rosnou para adverti-la e Marcus avançou na garganta do tio.

Matthew puxou Phoebe para fora do caminho. Ela tremia mais de raiva que de medo. Fernando girou o corpo de Marcus e o agarrou com força. E Gallowglass imobilizou Baldwin pelo ombro.

– Não o desafie – disse Fernando enfaticamente quando Marcus tentou se soltar. – A não ser que esteja preparado para sair desta casa e nunca mais voltar.

Depois de um longo momento, Marcus assentiu. Fernando o soltou, mas se manteve próximo.

– Essas ameaças são absurdas – disse Marcus em tom mais comedido. – Os Cavaleiros de Lázaro e a Congregação trabalham juntos há anos, mas de pé atrás. Somos nós que supervisionamos os assuntos financeiros da Congregação e a ajudamos a restaurar a ordem entre os vampiros. Certamente...

– Certamente a Congregação não correria o risco de uma retaliação da família De Clermont? Não violaria o santuário sempre garantido a Sept-Tours? – Baldwin balançou a cabeça em negativa. – Eles já fizeram isso, Marcus. A Congregação já não está mais brincando. Faz alguns anos que procuram uma razão para dissolver os Cavaleiros de Lázaro.

– E fazem isso agora porque apresentei acusações oficiais contra Knox pela morte de Emily? – perguntou Marcus.

– Só em parte. Sua insistência em colocar o acordo de lado é que a Congregação não pode tolerar. – Baldwin estendeu um rolo de pergaminho para Marcus. Três selos de cera pendurados à base oscilavam levemente devido à aspereza do tratamento. – Nós consideramos o seu pedido... mais uma vez. E foi negado. Mais uma vez.

O termo "nós" solucionava um mistério de longa data. Depois que assinaram o acordo e formaram a Congregação no século XII, um De Clermont sempre esteve presente entre os três vampiros na mesa de

reunião. E até aquele momento eu ainda não sabia a identidade dessa criatura: Baldwin.

– A interferência de um vampiro na disputa entre dois bruxos já foi ruim o suficiente – continuou Baldwin. – Mas demandar reparações pela morte de Emily Mather foi uma tolice, Marcus. E continuar desafiando o pacto foi imperdoavelmente ingênuo.

– O que aconteceu? – perguntou Matthew enquanto deixava Phoebe sob os meus cuidados, embora com um sugestivo olhar de que não estava muito feliz por me ver.

– Marcus e os outros participantes dessa pequena rebelião solicitaram o término do pacto em abril. Marcus declarou que a família Bishop estava sob a proteção direta dos Cavaleiros de Lázaro e assim envolveu a fraternidade.

Matthew lançou um olhar cortante para Marcus. Eu não sabia se dava um beijo no filho de Matthew por seus esforços para proteger minha família ou se o repreendia por seu otimismo.

– E em maio... bem, você sabe o que houve em maio – acrescentou Baldwin. – Marcus caracterizou a morte de Emily como uma hostilidade empreendida pelos membros da Congregação, com o intuito de provocar um conflito aberto entre as criaturas. Ele achou que a Congregação reconsideraria seu pedido anterior de abandonar o pacto em troca de uma trégua com os Cavaleiros de Lázaro.

– Foi um pedido perfeitamente razoável. – Marcus desenrolou o documento e examinou o conteúdo.

– Razoável ou não, a medida foi derrubada: dois votos a favor e sete contra – relatou Baldwin. – Marcus, nunca permita uma votação cujo resultado você não possa prever com antecedência. A esta altura você já deve ter descoberto essa desagradável verdade sobre a democracia.

– Não é possível. Isso significa que apenas você e a mãe de Nathaniel votaram a favor de minha proposta – disse Marcus perplexo. Agatha

Wilson, mãe de Nathaniel, um amigo de Marcus, era um dos três demônios que participavam como membros da Congregação.

– Outro demônio do lado de Agatha – disse Baldwin, com frieza.

– Você votou contra? – Marcus evidentemente contara com o apoio de sua família. Se minhas relações com Baldwin não fossem precárias, talvez eu pudesse ter dito para Marcus que essa esperança era para lá de remota.

– Deixe-me ver isso – disse Matthew, arrancando o pergaminho das mãos de Marcus, com um olhar que exigia explicações pelas ações assumidas por Baldwin.

– Não tive escolha – disse Baldwin para Matthew. – Você faz ideia do estrago que seu filho fez? A partir de agora haverá fofocas sobre como um jovem arrivista de um ramo inferior da árvore genealógica dos De Clermont tentou estabelecer uma insurreição contra milhares de anos de tradição.

– Inferior? – Fiquei horrorizada com o insulto a Ysabeau. Mas a minha sogra não pareceu surpresa. Pelo contrário, pareceu ainda mais entediada enquanto observava as próprias unhas compridas e bem cuidadas.

– Você foi longe demais, Baldwin. – Gallowglass soltou um rosnado. – Você não estava aqui. Os membros corruptos da Congregação que chegaram aqui em maio e mataram Emily...

– Gerbert e Knox não são membros corruptos! – Baldwin elevou a voz novamente. – Eles pertencem a uma maioria de dois terços.

– Isso não me importa. Afirmar que bruxas, vampiros e demônios devem manter distância uns dos outros não faz mais sentido, se é que um dia fez – insistiu Marcus de rosto impassível. – Abandonar o pacto é a coisa certa a fazer.

– E desde quando isso importa? – Baldwin pareceu cansado.

– Aqui está dito que censuraram Peter Knox – disse Matthew, olhando por cima do documento.

– Foi mais que isso, obrigaram Knox a renunciar. Gerbert e Satu

argumentaram que o provocaram a agir contra Emily, mas a Congregação não pôde negar que ele desempenhou um papel na morte da bruxa. – Baldwin sentou-se outra vez na cadeira à mesa de seu pai. Ele tinha uma grande estatura, mas não suficiente para ocupar o lugar de Philippe.

– Então, Knox matou minha tia. – Minha raiva... e meu poder irromperam.

– Ele afirmou que se limitou a interrogá-la sobre o paradeiro de Matthew e de um manuscrito da Biblioteca Bodleiana... o qual soou muito parecido com o texto sagrado que nós vampiros chamamos de *Livro da vida* – disse Baldwin. – Knox declarou que Emily ficou agitada quando descobriu que a filha dos Wilson era uma bruxa de pais demônios. Ele atribuiu o ataque cardíaco de Emily ao estresse.

– Emily era saudável como um cavalo – retorqui.

– Que preço Knox pagará por ter matado um membro da família de minha companheira? – perguntou Matthew em voz baixa, pondo a mão no meu ombro.

– Além de terem destituído Knox do seu posto, o proibiram de servir à Congregação para sempre – respondeu Baldwin. – Pelo menos Marcus fez isso, mas ainda não sei se não nos arrependeremos no final. – De novo, ele e Matthew entreolharam-se longamente. Para mim faltava alguma coisa vital.

– Quem vai assumir o lugar dele? – perguntou Matthew.

– É muito cedo para dizer. As bruxas insistem por uma substituição escocesa, alegando que Knox não tinha terminado o seu mandato. Janet Gowdie obviamente está velha demais para retomar o posto, então eu apostaria em um dos McNiven... talvez Kate. Ou Jenny Horne – respondeu Baldwin.

– Os escoceses produzem bruxas e bruxos poderosos – disse Gallowglass em tom sombrio –, e os Gowdie, os Horne e os McNiven são as famílias mais respeitadas do norte.

– Talvez eles não sejam tão fáceis de manipular como Knox. E uma coisa está clara: as bruxas estão determinadas a ter o *Livro da vida* – disse Baldwin.

– Elas sempre quiseram isso – disse Matthew.

– Não é bem assim. Knox encontrou uma carta em Praga que segundo ele fornece provas de que você está ou já esteve com o livro das origens... ou o livro original dos feitiços das bruxas, se você quer a versão dele da história – explicou Baldwin.

– Já falei para a Congregação que isso não passava de uma fantasia, uma fome de poder daquele bruxo, mas não acreditaram em mim. Ordenaram uma investigação minuciosa.

Circulavam muitas lendas sobre o conteúdo do antigo livro agora escondido na Biblioteca Bodleiana de Oxford, e catalogado como Manuscrito Ashmole 782. Para as bruxas o livro apresentava a criação dos primeiros feitiços, e para os vampiros contava a história de como eles tinham sido criados. Os demônios também achavam que aquelas páginas guardavam segredos sobre a sua própria espécie. Como eu tinha estado com o livro por pouco tempo, era difícil saber qual das versões era verdadeira, se é que havia alguma versão. Contudo, Matthew, Gallowglass e eu sabíamos que por mais que o *Livro da vida* contivesse informações, isso ainda seria pouco comparado à informação genética contida em suas capas. Simplesmente porque se produzira o *Livro da vida* a partir de restos de criaturas outrora vivas: o pergaminho tinha sido confeccionado com pele de criaturas, as tintas continham sangue, as folhas tinham sido costuradas com cabelos de criaturas e a cola obtida de óleos extraídos dos ossos delas.

– Knox disse que um demônio chamado Edward Kelley danificou o *Livro da vida* no século XVI em Praga, removendo três folhas. Matthew, ele foi categórico quando afirmou que você sabe onde estão essas folhas. – Baldwin olhou para meu marido com nítida curiosidade. – Isso é verdade?

– Não – disse Matthew, com olhos sinceros encontrando os de Baldwin.

Como muitas outras respostas de Matthew, essa também era uma verdade apenas parcial. Embora ele não soubesse a localização de duas folhas perdidas do *Livro da vida*, uma delas estava guardada com segurança em uma gaveta trancada de sua escrivaninha.

– Graças a Deus por isso – disse Baldwin, satisfeito com a resposta. – Jurei pela alma de Philippe que tal acusação não era verdadeira.

Gallowglass olhou de relance para Fernando. Matthew olhou para fora da janela. E Ysabeau, que farejava mentiras tão facilmente quanto uma bruxa, estreitou os olhos para mim.

– E a Congregação aceitou sua palavra? – perguntou Matthew.

– Não de todo – respondeu Baldwin, com relutância.

– Que outras garantias você deu, sua pequena víbora? – perguntou Ysabeau, com ar displicente. – Você silva tão lindamente, Baldwin, mas há uma picada venenosa em algum lugar.

– Prometi à Congregação que Marcus e os Cavaleiros de Lázaro continuariam a defender o acordo. – Baldwin fez uma pausa. – Então, a Congregação selecionou uma delegação imparcial... uma bruxa e um vampiro, e os encarregou de fiscalizar Sept-Tours de cima a baixo. Eles querem se certificar de que não há bruxas nem demônios e nem sequer um fragmento do tal manuscrito dentro dos seus muros. Daqui a uma semana Gerbert e Satu Järvinen estarão aqui.

Fez-se um silêncio ensurdecedor.

– Como eu poderia saber que Matthew e Diana estavam aqui? – disse Baldwin. – Mas não importa. A delegação da Congregação não encontrará qualquer irregularidade durante a visita. Isso significa que Diana também deve partir.

– E o que mais? – perguntou Matthew.

– Abandonar nossos amigos e nossas famílias já não é suficiente? – disse Marcus. Phoebe o enlaçou com o braço pela cintura para reconfortá-lo.

– Marcus, seu tio primeiro sempre proporciona a boa notícia – retrucou Fernando. – E se a perspectiva de uma visita de Gerbert é a boa notícia, a má notícia deve ser muito ruim.

– A Congregação quer uma garantia – esbravejou Matthew. – Algo que mantenha os De Clermont e os Cavaleiros de Lázaro bem-comportados.

– Não algo. Alguém – disse Baldwin, sem rodeios.

– Quem? – perguntei.

– Eu, claro – respondeu Ysabeau aparentemente despreocupada.

– De jeito nenhum! – Matthew olhou horrorizado para Baldwin.

– Temo que sim. Primeiro ofereci Verin, mas eles recusaram – disse Baldwin. Verin pareceu ligeiramente ofendida.

– A Congregação pode ser mesquinha, mas eles não são idiotas – sussurrou Ysabeau. – Ninguém conseguiria segurar Verin como refém por mais de vinte e quatro horas.

– As bruxas argumentaram que precisava ser alguém que forçasse Matthew a não se esconder. Verin não pareceu um incentivo suficiente – explicou Baldwin.

– A última vez que me aprisionaram contra minha vontade, você foi meu carcereiro, Baldwin – disse Ysabeau, com uma voz melosa. – Vai fazer as honras de novo?

– Não desta vez – disse Baldwin. – Knox e Järvinen queriam mantê-la em Veneza, onde a Congregação pudesse ficar de olho em você, mas recusei.

– Por que Veneza? – Eu sabia que Baldwin tinha vindo de lá, mas não atinava por que a Congregação preferia aquela cidade a outros lugares.

– Veneza tornou-se sede da Congregação a partir do século XV, depois que a expulsaram de Constantinopla – explicou Matthew rapidamente. – Nada acontece em Veneza sem que a Congregação saiba. E a cidade abriga dezenas de criaturas que têm relações de longa data com o concílio... incluindo a prole de Domenico.

– Uma repulsiva reunião de ingratos e sicofantas – sussurrou Ysabeau, com um suave tremor. – Fico muito feliz por não ir para lá. Mesmo sem o clã de Domenico, Veneza é insuportável nesta época do ano. Infestada de turistas. E de mosquitos insuportáveis.

Foi profundamente perturbador imaginar o que o sangue de um vampiro poderia fazer na população de mosquitos.

– Ysabeau, seu conforto não foi motivo de preocupação para o chefe da Congregação. – Baldwin olhou-a ameaçadoramente.

– Para onde vou, então? – perguntou Ysabeau.

– Depois de expressar uma adequada relutância inicial, face à longa amizade que mantém com a família, Gerbert generosamente aceitou mantê-la na casa dele. A Congregação não poderia recusar essa oferta – respondeu Baldwin. – Isso não será um problema, será?

Ysabeau deu de ombros à maneira gaulesa.

– Não para mim.

– Não se pode confiar em Gerbert. – Matthew voltou-se para o irmão com quase tanta raiva quanto a que Marcus mostrara. – Meu Deus, Baldwin. Ele estava perto e observou enquanto Knox utilizava a magia contra Emily!

– Espero que Gerbert tenha conseguido manter o açougueiro – ponderou Ysabeau, como se o filho já não tivesse falado. – Marthe terá que ir comigo, é claro. Você tratará disso, Baldwin.

– Você não vai – disse Matthew. – Vou me oferecer como primeira opção.

Antes que eu pudesse protestar, Ysabeau interferiu.

– Não, meu filho. Eu e Gerbert já fizemos isso antes, como você sabe. Logo estarei de volta... em alguns meses, no máximo.

– Por que isso é necessário, afinal? – perguntou Marcus. – Depois que inspecionar Sept-Tours e não encontrar nada censurável, a Congregação deverá nos deixar em paz.

– A Congregação precisa de um refém para demonstrar que é maior que os De Clermont – explicou Phoebe, demonstrando um notável tino da situação.

– Mas *grand-mère* – Marcus pareceu aflito –, eu é que deveria ir e não você. Foi tudo por minha culpa.

– Posso ser sua avó, mas não sou tão velha e frágil como você pensa – disse Ysabeau, com um toque de frieza. – Por mais inferior que seja o meu sangue, não me furto ao meu dever.

– Claro que não há outro jeito – protestei.

– Não mesmo, Diana – continuou Ysabeau. – Cada um de nós cumpre um papel na família. Baldwin vai nos intimidar. Marcus vai cuidar da fraternidade. Matthew vai cuidar de você, e você vai cuidar dos meus netos. E quanto a mim, acho que me revigoro com a perspectiva de ser mantida outra vez como refém.

O sorriso selvagem da minha sogra me fez acreditar nela.

Depois que ajudamos Baldwin e Marcus a obter um frágil relaxamento, eu e Matthew retornamos aos nossos aposentos do outro lado do castelo. Matthew ligou o sistema de som quando atravessamos a porta, inundando a sala com os intricados acordes de Bach. A música impedia que os outros vampiros presentes na casa ouvissem o que conversávamos, de modo que Matthew invariavelmente a colocava ao fundo.

– Ainda bem que temos mais informações sobre o Ashmole 782 que Knox – eu disse tranquilamente. – Assim que eu o recuperar da Biblioteca Bodleiana, a Congregação deixará de enviar ultimatos de Veneza e terá que lidar com a gente diretamente. E depois apontaremos Knox como responsável pela morte de Emily.

Matthew observou-me atenta e silenciosamente e em seguida serviu-se de vinho e bebeu de um só gole. Ofereceu-me água, mas balancei a cabeça

em negativa. Àquela altura meu único desejo era chá. Embora Marcus me incentivasse a evitar a cafeína durante a gravidez, a mistura de ervas era um pobre substituto.

– Sabe alguma coisa sobre as linhagens dos vampiros da Congregação? – Sentei-me no sofá.

– Não muito – disse Matthew, servindo-se de outro copo de vinho.

Franzi o cenho. Embora os vampiros não se intoxicassem facilmente por excesso de consumo de vinho, o que só era possível por via do consumo de sangue de uma fonte embriagada, o fato é que Matthew não bebia tanto assim.

– Será que a Congregação também mantém a genealogia de bruxas e demônios? – perguntei a fim de distraí-lo.

– Não sei. Nunca me preocupei com bruxas e demônios. – Ele atravessou a sala e se pôs frente à lareira.

– Bem, isso não importa. – Fui categórica. – Nossa prioridade é o Ashmole 782. Preciso ir o mais rapidamente possível para Oxford.

– E o que vai fazer em seguida, *ma lionne*?

– Descobrir um jeito de recuperá-lo. – Lembrei-me de como meu pai tecera o feitiço que ligava o livro à biblioteca. – Papai fazia questão de que o *Livro da vida* chegasse às minhas mãos se me fosse necessário. E claro que as circunstâncias de agora me qualificam para isso.

– Então, sua principal preocupação é a segurança do Ashmole 782 – disse Matthew, com perigosa suavidade.

– Claro. E também encontrar as páginas que estão faltando – retruquei. – Sem essas páginas o *Livro da vida* nunca revelará seus segredos.

Ainda no século XVI, em Praga, o demônio alquimista Edward Kelley arrancara três folhas do manuscrito, danificando com isso a magia utilizada na confecção do livro. Por autoproteção, o texto entranhara no pergaminho e engendrara um palimpsesto mágico, de modo que as palavras se perseguiam entre si através das páginas como se à procura das

letras que faltavam. Não era possível ler o que restara do texto.

– Depois que eu resgatá-lo, você poderá fazer uma análise da informação genética no seu laboratório para tentar descobrir as criaturas que estão ligadas ao manuscrito, e talvez até a data – continuei. O trabalho científico de Matthew concentrava-se na questão da origem e extinção das espécies. – E quando eu localizar as duas folhas perdidas...

Matthew girou o corpo, com uma serena máscara no rosto.

– Você quer dizer depois que *nós* resgatarmos o Ashmole 782 e depois que *nós* localizarmos as outras folhas.

– Seja razoável, Matthew. Nada irritaria mais a Congregação que a notícia de que fomos vistos juntos na Bodleiana.

Ele ficou com uma voz ainda mais suave e um rosto ainda mais sereno.

– Você está com mais de três meses de gravidez, Diana. O pessoal da Congregação já invadiu minha casa e matou sua tia. Peter Knox está desesperado para ter o Ashmole 782 nas mãos, e ele sabe que você pode resgatá-lo. E de alguma forma também sabe que esse manuscrito está sem algumas páginas. Você não irá para a Biblioteca Bodleiana nem para qualquer outro lugar sem minha companhia.

– Eu preciso reconstituir o *Livro da vida*. – Elevei a voz.

– Então, nós dois faremos isso. O Ashmole 782 está a salvo na biblioteca. Deixe-o lá e espere até que esse negócio com a Congregação se acalme.

Matthew confiava – talvez até demais – na ideia de que eu era a única bruxa capaz de liberar o feitiço que papai lançara naquele livro.

– Quanto tempo vai levar isso?

– Talvez até depois do nascimento dos bebês – disse Matthew.

– Isso pode ser mais de seis meses – retruquei, reprimindo a raiva. – Então, devo esperar e gerar. E seu plano é ficar de braços cruzados e assistir ao calendário comigo?

– Farei o que Baldwin mandar – disse Matthew, bebendo o último gole

de vinho.

– Você não pode estar falando sério! – exclamei. – Por que se pôs nessa absurda postura autocrática?

– Porque um bom chefe de família evita o caos e o derramamento de sangue desnecessário, e coisas piores – explicou Matthew. – Diana, você esquece que renasci num tempo muito diferente, quando a maioria das criaturas obedecia ao seu senhor, ao seu padre, ao seu pai, ao seu cônjuge sem questionar. Obedecer às ordens de Baldwin não será tão difícil para mim como para você.

– Para mim? Não sou vampiro – retorqui. – Não preciso ouvir o Baldwin.

– Precisa, sim, quando se é um De Clermont. – Matthew me pegou pelos cotovelos. – A Congregação e a tradição dos vampiros nos deixaram com pouquíssimas opções. Em meados de dezembro você se tornará um membro da família de Baldwin com plenos direitos. Conheço Verin e ela nunca renegaria uma promessa feita para Philippe.

– Não preciso da ajuda de Baldwin – eu disse. – Sou uma tecelã com meu próprio poder.

– Que Baldwin não saiba disso. – Matthew me segurou com força. – Não por enquanto. E ninguém pode oferecer para você ou para nossos filhos a segurança que Baldwin e os outros De Clermont oferecem.

– *Você* é um De Clermont. – Apontei um dedo para o peito de Matthew. – Philippe deixou isso bem claro.

– Não aos olhos dos outros vampiros. – Ele apalpou a minha mão. – Sou parente de Philippe de Clermont, mas não tenho o sangue dele. Já você tem. Por isso, farei o que Baldwin mandar.

– Inclusive matar Knox?

Matthew pareceu surpreso.

– Você é o assassino de Baldwin. Knox invadiu o território dos De Clermont e isso é um desafio direto à honra da família. Presumo que isso

faz de Knox um problema seu. – Mantive o tom categórico, mas à custa de esforço. Mesmo sabendo que Matthew já tinha matado antes, de um jeito ou de outro o termo "assassino" tornava essas mortes mais perturbadoras.

– Como já disse, seguirei as ordens de Baldwin. – Os olhos acinzentados de Matthew esverdearam, tornando-se frios e sem vida.

– Não estou nem aí para os comandos de Baldwin. Você não poderá perseguir um bruxo, Matthew... e muito menos um que já foi membro da Congregação – repliquei. – Isso só vai piorar as coisas.

– Depois do que fez com Emily, Knox tornou-se um homem morto. – Ele me soltou e caminhou até a janela.

As linhas que rodeavam Matthew brilharam em tons avermelhados e escuros. Se o tecido do mundo não era visível para qualquer bruxa, era claramente visível para uma tecelã como eu – criadora de magias, como o meu pai.

Juntei-me a Matthew na janela. O sol já estava alto e salpicava as colinas verdes com centelhas de ouro. Um cenário aparentemente bucólico e sereno, mas aos meus olhos as rochas jaziam abaixo da superfície tão duras e ameaçadoras quanto o meu amado. Enlacei-o pela cintura com os braços e descansei a cabeça nele. Era assim que ele me amparava quando eu precisava sentir-me segura.

– Você não precisa sair atrás de Knox por mim ou por Baldwin – eu disse.

– Eu sei – ele disse suavemente. – Preciso fazer isso por Emily.

Em descansava em paz em meio às ruínas do antigo templo consagrado à deusa. Embora já o tivesse visitado com Philippe, acabei visitando o túmulo depois que retornamos por insistência de Matthew. Isso me convenceria de que minha tia partira – para sempre. Desde então o frequentava quando precisava de silêncio e de tempo para pensar. E agora

Ysabeau me acompanhava porque Matthew sugerira que eu não saísse sozinha. Eu precisava de um tempo longe não apenas do meu marido como também de Baldwin e dos problemas que azedavam o ar de Sept-Tours.

Era um bonito lugar, tal como me diziam as lembranças, os ciprestes aprumavam-se como sentinelas ao redor de colunas quebradas e agora pouco visíveis. O terreno não estava coberto de neve, como em dezembro de 1590, mas estava exuberante e verde – afora um corte retangular amarronzado que assinalava o recanto do repouso final de Em. Na terra fofa, pegadas e uma ligeira depressão na parte superior.

– Um gamo branco tem dormido no túmulo – explicou Ysabeau, seguindo os meus olhos. – São muito raros.

– Um gamo branco também apareceu aqui quando vim com Philippe antes do meu casamento para fazer oferendas à deusa.

Na ocasião senti um poderoso influxo animalesco a se dispersar sob os meus pés. E agora sentia a mesma coisa, embora não tenha dito nada. Matthew estava convencido de que minha magia não devia chegar ao conhecimento de ninguém.

– Philippe me contou que a tinha conhecido – disse Ysabeau. – Ele me deixou um bilhete na costura de um dos livros de alquimia de Godfrey.

Então, por meio de bilhetes Philippe e Ysabeau compartilhavam pequenos detalhes da vida cotidiana que seriam esquecidos sem esse expediente.

– Você deve sentir muita falta dele. – Engoli o nó que ameaçava me sufocar. – Ele era extraordinário, Ysabeau.

– Sim – ela disse suavemente. – Jamais veremos outro como ele.

Já estávamos perto da sepultura, ambas silenciosas e reflexivas.

– O que aconteceu essa manhã vai mudar tudo – ela continuou. – Com o inquérito da Congregação teremos dificuldade em manter nossos segredos. E Matthew tem mais a esconder que a maioria de nós.

– Como o fato de ser o assassino da família? – perguntei.

– Sim – disse Ysabeau. – Muitas famílias de vampiros gostariam de saber qual é o membro do clã De Clermont que mata os seus entes queridos.

– Quando estávamos aqui com Philippe cheguei a pensar que tinha descoberto grande parte dos segredos de Matthew. Fiquei sabendo sobre a tentativa de suicídio dele. E o que ele fez pelo pai.

Matthew tinha ajudado Philippe a morrer, o segredo mais difícil que ele me revelou.

– Em se tratando de vampiros não existem limites para os segredos – disse Ysabeau. – Mas os segredos são aliados pouco confiáveis. Já que nos fazem acreditar que estamos seguros, mas sempre acabam nos destruindo.

Será que eu também era um dos segredos destrutivos que jaziam no seio da família De Clermont? Puxei um envelope do bolso e o entreguei a Ysabeau. Ela congelou o rosto ao ver a caligrafia.

– Alain me deu esse bilhete. Philippe o escreveu no dia de sua morte – expliquei. – Gostaria que o lesse. Talvez seja uma mensagem para todos nós.

Ysabeau desdobrou a folha com mãos trêmulas. Abriu-a cuidadosamente e leu as poucas frases em voz alta. Uma das frases me impressionou com renovada força: "*Não deixe que os fantasmas do passado roubem as alegrias do futuro*."

– Oh, Philippe. – Depois de lastimar-se, ela devolveu o bilhete e estendeu a mão em direção à minha testa. Por um segundo de descuido, vislumbrei a mulher que um dia Ysabeau tinha sido: terrível, mas capaz de alegria. Ela se deteve, retraindo os dedos.

Peguei a mão dela. Era mais fria que a do filho. Encostei o dedo suavemente por entre as minhas sobrancelhas, uma permissão silenciosa para que ela examinasse o ponto onde Philippe de Clermont me marcara. A pressão dos dedos de minha sogra enquanto exploravam a minha testa era infinitesimal. Ela se afastou com movimentos visíveis de sua garganta.

– Sinto... alguma coisa. A presença, alguma coisa de Philippe. – Os olhos de Ysabeau faiscaram.

– Gostaria que ele estivesse aqui – confessei. – Ele saberia lidar com toda essa confusão: Baldwin, voto de sangue, Congregação, Knox e até mesmo o Ashmole 782.

– Meu marido *nunca* fez nada menos que o absolutamente necessário – ela disse.

– Mas ele sempre estava fazendo alguma coisa. – Pensei em como Philippe orquestrara a nossa viagem para Sept-Tours em 1590, apesar do clima e da relutância de Matthew.

– Não era assim. Ele observava. Ele esperava. E deixava que os outros corressem riscos enquanto acumulava e armazenava os segredos de todos para utilizá-los no futuro. Foi por isso que sobreviveu por tanto tempo – disse Ysabeau.

Essas palavras me lembraram a trabalheira que Philippe me dera em 1590, depois que me fez sua filha por voto de sangue: *pense – e continue viva*.

– Lembre-se disso, antes de sair correndo atrás do seu livro em Oxford – continuou Ysabeau, baixando a voz até um sussurro. – Lembre-se de que nos dias difíceis à frente os mais obscuros segredos da família De Clermont estarão expostos à luz. Lembrando-se disso você demonstrará para todos que é filha de Philippe de Clermont, muito mais do que apenas no sobrenome.



5

Passados dois dias da estada de Baldwin em Sept-Tours, além de entender por que Matthew construíra uma torre para residir, também desejei que a tivesse construído em outra província – ou em outro país.

Baldwin deixou claro que fosse quem fosse o proprietário legal do castelo, Sept-Tours era a casa dele. Assim, presidia cada refeição. Alain era o primeiro a vê-lo a cada manhã para receber ordens e periodicamente ao longo do dia para relatar os progressos feitos. O prefeito de Saint-Lucien chegou para vê-lo e ambos sentaram-se na sala para conversar sobre assuntos locais. Baldwin escarafunchou a despensa de Marthe e de má vontade reconheceu que a provisão doméstica era excelente. Ele também entrava nos quartos sem bater, infernizava Marcus e Matthew com tarefas reais e imaginárias e alfinetava Ysabeau a respeito de tudo, desde a decoração do salão ao pó no grande saguão de entrada.

Nathaniel, Sophie e Margaret acabaram sendo as primeiras criaturas sortudas a abandonar o castelo. Com um choroso adeus para Marcus e Phoebe prometeram entrar em contato tão logo estivessem instalados. Baldwin recomendou que seguissem para a Austrália e solidarizou-se com a mãe de Nathaniel, a qual além de ser um demônio também era um membro da Congregação. Nathaniel protestou a princípio, argumentando que seria melhor retornar à Carolina do Norte, mas prevaleceu a opinião dos mais sensatos – de Phoebe, em particular.

Quando a questionaram mais tarde pelo apoio dado a Baldwin, ela explicou que Marcus estava preocupado com a segurança de Margaret e

que não permitiria que ele assumisse para si a responsabilidade pelo bem-estar do bebê. Ou seja, Nathaniel teria que fazer o que Baldwin achava melhor. Pelas feições de Phoebe me dei conta de que se tivesse uma opinião diferente sobre o assunto deveria mantê-la comigo mesma.

Mesmo após a onda inicial de partidas, Sept-Tours parecia lotada com Baldwin, Matthew e Marcus, sem mencionar Verin, Ysabeau e Gallowglass. Fernando era menos intrusivo porque passava grande parte do tempo com Sarah ou Hamish. Mas todos nós acabamos descobrindo esconderijos para onde nos retirávamos em busca de alguns momentos da tão necessária paz e tranquilidade. Foi então uma surpresa quando Ysabeau irrompeu no estúdio de Matthew para anunciar o paradeiro de Marcus.

– Marcus está na torre principal com Sarah – disse, com duas manchas coloridas iluminando-lhe a pele geralmente pálida. – Phoebe e Hamish também estão. Eles encontraram as antigas linhagens da família.

Nem me passava pela cabeça por que uma notícia assim faria Matthew arremessar a caneta e pular da cadeira. Ysabeau flagrou o meu olhar curioso e retribuiu com um sorriso tristonho.

– Marcus está prestes a descobrir um dos segredos do pai – ela explicou.

Isso também me colocou em movimento.

Eu nunca tinha posto os pés na torre principal situada no lado oposto à torre de Matthew, ambas separadas pela parte principal do castelo. Logo que chegamos, entendi por que ninguém a tinha incluído no meu itinerário pelo castelo.

Uma grade de metal submergia no centro do piso da torre. Um úmido e familiar odor de tempo, morte e desespero emanava do buraco profundo coberto pela grade.

– Uma masmorra – comentei temporariamente petrificada pela visão.

Matthew ouviu-me lá debaixo da escada.

– Philippe a construiu para que fosse uma prisão. Raramente a usava. –

A testa de Matthew vincou-se de preocupação.

– Vá. – Acenei para ele, afastando as más recordações. – Seguiremos atrás de você.

A masmorra no térreo da torre principal era um lugar de esquecimento, mas o andar de cima era um lugar de recordação. Era recheado de caixas, papéis, documentos e artefatos e, portanto, certamente o lugar dos arquivos da família De Clermont.

– Não é de admirar que Emily passasse tanto tempo aqui – disse Sarah inclinada sobre um longo pergaminho parcialmente desenrolado sobre uma mesa de trabalho gasta, com Phoebe ao lado. Seis outros pergaminhos esperavam sobre a mesa para serem investigados. – Ela era louca por genealogia.

– Olá! – Marcus acenou risonho de uma passarela elevada que circundava a sala e suportava outras caixas e pilhas. Aparentemente, as terríveis revelações temidas por Ysabeau ainda não tinham vindo à tona. – Hamish estava prestes a chamá-los.

Marcus pulou por sobre os trilhos da passarela e pousou suavemente ao lado de Phoebe. Sem escada ou degraus à vista não se podia chegar àquele ponto de armazenamento, a não ser escalando algumas pedras brutas que serviam como calços na subida enquanto na descida não havia outro jeito senão pulando. Segurança de vampiro no seu melhor estilo.

– O que estão procurando? – perguntou Matthew, apenas com um toque certo de curiosidade. Marcus nunca suspeitaria de que tinham avisado o pai.

– Um modo de tirar Baldwin de nossa cola, é claro – respondeu Marcus enquanto entregava um velho caderno de anotações para Hamish. – São as anotações de Godfrey sobre a lei dos vampiros.

Hamish virou as páginas, claramente à procura de alguma peça útil com informações jurídicas. Godfrey era o mais jovem dos três filhos do sexo masculino de Philippe, além de conhecido pelo formidável e astuto

intelecto. Uma sensação de mau agouro começou a criar raízes.

– E acabou encontrando isso? – disse Matthew, olhando para o pergaminho.

– Venham ver. – Marcus apontou para a mesa.

– Você vai adorar, Diana – disse Sarah, ajustando os óculos de leitura. – Segundo Marcus é uma árvore genealógica da família De Clermont. Parece antiquíssima.

– É mesmo! – exclamei. Era uma genealogia medieval, com imagens coloridas em miniatura de Philippe e Ysabeau encapsulados em quadrados separados no alto da página. Suas mãos se estendiam pelo espaço que os separava. Fitas coloridas os interligavam aos círculos abaixo. Cada círculo continha um nome. Alguns eram familiares para mim: Hugh, Baldwin, Godfrey, Matthew, Verin, Freyja, Stasia. Outros, não.

– Século XII. Francês. Ao estilo da oficina em Saint-Sever – disse Phoebe, confirmando minha avaliação da época do trabalho.

– Tudo começou quando reclamei com Gallowglass sobre a interferência de Baldwin. Ele então me disse que Philippe também era ruim, e que depois que Hugh se alimentou, Philippe o deixou por conta própria com Fernando – explicou Marcus. – Gallowglass também disse que às vezes a descendência da família é a única forma de manter a paz.

A fúria reprimida nas feições de Matthew indicou que a paz era a última coisa que Gallowglass desfrutaria depois de ter sido encontrado pelo tio.

– Lembrei-me de ter lido algo sobre descendentes quando vovô queria que me dedicasse à lei e assumisse os antigos deveres de Godfrey – disse Marcus.

– Achei isto aqui. – Hamish apontou para uma folha. – *"Qualquer homem cujo filho possui pureza de sangue pode estabelecê-lo como descendente, desde que tenha a aprovação do pai ou do chefe do clã. O novo descendente será considerado um ramo da família original, mas em*

todas as outras formas o senhor novo descendente exercerá sua vontade e seu poder livremente." Isso soa bastante simples, mas como Godfrey estava envolvido talvez haja mais que isso.

– Estabelecer um descendente... um ramo distinto da família De Clermont sob a sua autoridade, isso resolverá todos os nossos problemas! – disse Marcus.

– Nem todos os líderes de clã recebem bem os descendentes, Marcus – advertiu Matthew.

– Uma vez rebelde sempre rebelde – acrescentou Marcus, dando de ombros. – Você sabia disso quando me fez.

– E Phoebe? – Matthew ergueu as sobrancelhas. – Será que sua noiva compartilha seus sentimentos revolucionários? Talvez ela não goste da ideia de que a expulsem de Sept-Tours sem um centavo, e muito menos depois de ter todos os bens apreendidos pelo seu tio.

– O que quer dizer? – perguntou Marcus inquieto.

– Hamish pode me corrigir se eu estiver errado, mas acredito que a próxima seção do livro de Godfrey determina as penalidades associadas ao estabelecimento de um descendente sem a permissão do pai – respondeu Matthew.

– Você é meu pai – disse Marcus, com as linhas do queixo definindo teimosia.

– Somente no sentido biológico. Forneci meu sangue para que você pudesse renascer como vampiro. – Matthew passou as mãos nos cabelos, sinal de que sua frustração aumentava. – E você sabe que detesto o termo "pai" empregado nesse contexto. Considero-me seu pai, não seu doador de sangue.

– O que peço é que você seja mais que isso – retrucou Marcus. – Baldwin está errado sobre o pacto e errado sobre a Congregação. Se você estabelecer uma descendência, poderemos traçar nosso próprio caminho e tomar nossas próprias decisões.

– Existe algum problema em você estabelecer sua própria descendência, Matt? – perguntou Hamish. – Já que Diana está grávida, achei que você estaria ansioso para sair da tutela do polegar de Baldwin.

– Não é tão simples como você pensa – disse Matthew. – E talvez Baldwin tenha reservas.

– O que é isso, Phoebe? – Sarah apontou para um trecho apagado que se referia ao nome de Matthew no pergaminho. Ela estava mais interessada em genealogia do que em complexidades jurídicas.

Phoebe olhou com mais atenção.

– É algum tipo de rasura. Geralmente usavam outro besante aí. Quase posso ver o nome. Beia... ah, deve ser Benjamin. Eles empregavam abreviaturas medievais comuns e substituíam o *j* pelo *i*.

– Riscaram do círculo, mas se esqueceram de excluir a pequena linha vermelha que o liga a Matthew. Considerando isso, esse Benjamin é um dos filhos de Matthew – disse Sarah.

A menção do nome Benjamin fez o meu sangue gelar. Era o nome de um filho de Matthew. Uma criatura assustadora.

Phoebe desenrolou outro rolo cuja árvore genealógica também parecia antiga, embora não tão antiga quanto as outras já investigadas por nós. Ela franziu a testa.

– Isso parece ser de um século depois. – Ela colocou o pergaminho na mesa. – Não há rasura nem menção a Benjamin. Ele simplesmente desaparece sem deixar vestígios.

– Quem é Benjamin? – perguntou Marcus, sem que eu atinasse por quê. Claro que ele devia conhecer a identidade dos outros filhos de Matthew.

– Benjamin não existe. – A fisionomia de Ysabeau colocou-se em guarda, sem falar nas palavras escolhidas com muito cuidado.

Meu cérebro tentou processar as implicações da questão de Marcus e da estranha réplica de Ysabeau. Se o filho de Matthew nada sabia a respeito de Benjamin...

– Por isso apagaram o nome dele? – perguntou Phoebe. – Será que alguém cometeu um erro?

– Sim, isso foi um erro – respondeu Matthew, com a voz oca.

– Então, Benjamin existe – comentei encontrando os olhos cinza-esverdeados de Matthew. Estavam cerrados e distantes. – Eu o conheci na Praga do século XVI.

– Ele está vivo agora? – perguntou Hamish.

– Não sei. Achei que estivesse morto, que tinha morrido depois que o fiz no século XII – respondeu Matthew. – Centenas de anos depois Philippe soube de alguém que se encaixava na descrição de Benjamin, mas ele saiu de cena novamente antes que pudéssemos ter certeza. Circularam rumores sobre a existência de Benjamin no século XIX, mas nunca vi nenhuma prova.

– Não entendo – disse Marcus. – Mesmo morto, Benjamin devia aparecer na árvore genealógica

– Eu o repudiei. E Philippe fez o mesmo. – Matthew preferiu fechar os olhos a encarar os olhares curiosos. – Da mesma forma que podemos integrar uma criatura à família por meio de um voto de sangue, podemos expulsá-la formalmente para que cuide de si mesma sem a família e sem a proteção da lei dos vampiros. Marcus, você sabe qual é a importância da linhagem entre os vampiros. Entre os vampiros a linhagem não reconhecida é uma nódoa tão grave quanto o enfeitiçamento entre as bruxas.

Ficou claro para mim por que Baldwin não queria incluir-me na árvore genealógica dos De Clermont como um dos filhos de Philippe.

– Então, Benjamin *está* morto – disse Hamish. – Legalmente, pelo menos.

– E às vezes os mortos levantam-se para nos assombrar – murmurou Ysabeau, recebendo um olhar sombrio do filho.

– Não consigo imaginar o que Benjamin teria feito para que você o

expurgasse do seu próprio sangue, Matthew. – Marcus ainda parecia confuso. – Eu era um terror nos meus primeiros anos e nem por isso você me abandonou.

– Benjamin foi um dos cruzados alemães que marcharam com o exército do conde de Emicho em direção à Terra Santa. Depois que os derrotaram na Hungria, ele juntou-se às forças do meu irmão Godfrey – explicou Matthew. – A mãe de Benjamin era filha de um conhecido comerciante em Levant, e ele acabou aprendendo alguns rudimentos de hebraico e de árabe por conta dos negócios da família. Ele era um aliado valioso... no início.

– Então, Benjamin era filho de Godfrey? – perguntou Sarah.

– Não – respondeu Matthew. – Era meu filho. Ele começou a se meter nos segredos da família De Clermont. Jurou que deixaria a existência das criaturas exposta para os seres humanos em Jerusalém, tanto a dos vampiros como a das bruxas e dos demônios. Perdi o controle quando descobri a traição. O sonho de Philippe era criar um porto seguro na Terra Santa para que pudéssemos viver sem medo. Benjamin tinha o poder de esmagar as esperanças de Philippe, e eu é que tinha dado esse poder a ele.

Eu já conhecia o meu marido o suficiente para avaliar a profundidade de sua culpa e seu remorso.

– Por que não o matou? – perguntou Marcus.

– Matá-lo seria rápido demais. Eu queria puni-lo como um falso amigo. Ele precisava sofrer como nós as criaturas tínhamos sofrido. Se o tornei um vampiro era para que ele também se expusesse caso viesse a expor os De Clermont. – Matthew fez uma pausa. – E depois o abandonei para cuidar de si mesmo.

– E quem ensinou Benjamin a sobreviver? – perguntou Marcus, com a voz abafada.

– Ele aprendeu sozinho. Foi parte de sua punição. – Matthew sustentou o olhar do filho. – Também parte da minha... um modo de Deus me fazer expiar pelo meu pecado. Quando o abandonei, não me passou pela cabeça

que a ira do sangue que corria em minhas veias teria sido transmitida para ele. Só depois de alguns anos é que descobri que Benjamin se tornara um monstro.

– Ira do sangue? – Marcus olhou incrédulo para o pai. – Isso é impossível. Isso faz de você um assassino a sangue-frio, sem razão nem compaixão. Há milênios não há um só caso igual. Você mesmo me disse isso.

– Menti. – A voz de Matthew rachou ao admitir.

– Você não pode ter a ira do sangue, Matt – disse Hamish. – Segundo a menção nos documentos da família, os sintomas da doença incluem fúria cega, irracionalidade e um instinto incontrolável de matar. Você nunca demonstrou qualquer sinal dessa ira.

– Aprendi a controlá-la – disse Matthew. – Na maior parte do tempo.

– Se a Congregação descobrisse isso, haveria um preço pela sua cabeça. Pelo que li aqui outras criaturas teriam carta branca para destruí-lo – observou Hamish claramente preocupado.

– Não apenas a mim. – O olhar de Matthew cintilou para a minha barriga arredondada. – Meus filhos também.

Sarah contraiu o rosto.

– Os bebês...

– E Marcus? – As juntas de Phoebe pareceram embranquecer à beira da mesa, embora a voz estivesse calma.

– Marcus é apenas um portador. – Matthew tentou tranquilizá-la. – Os sintomas manifestam-se imediatamente.

Phoebe pareceu aliviada.

Matthew olhou diretamente nos olhos do filho.

– Eu realmente acreditava que já estava curado quando fiz você. Já tinha passado quase um século depois de minha crise. Já estávamos na era da razão e nos orgulhávamos de que tínhamos erradicado todos os tipos de males do passado, como a varíola e a superstição. Foi quando você partiu

para Nova Orleans.

– Meus próprios filhos. – Marcus se mostrou selvagem, até que compreendeu tudo. – Você e Juliette Durand chegaram à cidade e logo eles começaram a morrer. Achei que Juliette os tinha matado. Mas a sua ira do sangue é que os matou.

– Seu pai não teve escolha – disse Ysabeau. – A Congregação sabia que havia problemas em Nova Orleans. Philippe ordenou que Matthew resolvesse isso antes que os vampiros descobrissem a causa. Se Matthew tivesse se recusado, todos teríamos morrido.

– Os outros vampiros da Congregação estavam convencidos de que o antigo flagelo da ira do sangue estava de volta – disse Matthew. – Pensavam em arrasar a cidade e varrê-la do mapa, mas argumentei que a loucura se devia à inexperiência da juventude e não à ira do sangue. Matariam todos eles. E o matariam também, Marcus.

Marcus pareceu surpreso. Ysabeau, não.

– Philippe ficou furioso comigo, mas só destruí os que apresentavam sintomas. Fiz isso rapidamente, sem dor e sem medo – disse Matthew mortificado. Eu odiava os segredos guardados e as mentiras que ele contava para encobri-los, mas ainda assim sofri sinceramente por ele. – Fiz de tudo para explicar os excessos dos meus outros netos... pobreza, embriaguez, ganância. E depois assumi a responsabilidade pelo ocorrido em Nova Orleans. Renunciei ao meu posto na Congregação e o fiz jurar que você só faria mais filhos quando estivesse mais velho e mais sábio.

– Você disse que eu era um fracassado e que envergonhava a família. – Marcus enrouqueceu pela emoção reprimida.

– Eu tinha que detê-lo. Já não sabia mais o que fazer. – Matthew confessou os próprios pecados sem pedir perdão.

– Quem mais sabe desse seu segredo, Matthew? – perguntou Sarah.

– Verin, Baldwin, Stasia e Freyja. Fernando e Gallowglass. Miriam. Marthe. Alain. – Matthew estendeu cada um dos dedos à medida que dizia

os nomes. – Também Hugh, Godfrey, Hancock, Louisa e Louis.

Marcus olhou amargurado para o pai.

– Preciso saber tudo. Desde o começo.

– Matthew não pode contar o começo dessa história – disse Ysabeau suavemente. – Só eu posso.

– Não, *maman*. – Matthew balançou a cabeça. – Isso não é necessário.

– Claro que é – retrucou Ysabeau. – Eu trouxe a doença para a família. Sou uma portadora, como Marcus.

– Você? – Sarah pareceu atordoada.

– Meu senhor carregava a doença e achou que seria uma grande bênção para uma lâmia também carregar o mesmo sangue. Isso a tornaria realmente aterradora e praticamente impossível de ser morta.

O desprezo e o ódio com que Ysabeau pronunciou o termo "senhor" me fez entender por que Matthew não gostava de ouvi-lo.

– Era uma época de guerra constante entre os vampiros e aproveitava-se qualquer possível vantagem. Mas fui uma decepção – continuou Ysabeau. – O sangue do meu criador não funcionou em mim como ele esperava, embora a ira do sangue tenha se fortalecido nos outros filhos dele. Como punição...

Ysabeau respirou trêmula.

– Como punição – ela repetiu pausadamente. – Fiquei aprisionada numa gaiola como entretenimento para meus irmãos e irmãs, e também para as criaturas que poderiam ser assassinadas por eles. Meu senhor não esperava que eu sobrevivesse.

Ysabeau tocou nos lábios, momentaneamente impossibilitada de seguir em frente.

– Fiquei aprisionada por um longo tempo naquela cela com grades... imunda, faminta, ferida por dentro e por fora e sem poder morrer, mesmo ansiando por isso. Mas quanto mais lutava, mais tempo sobrevivia e mais interessante me tornava. Fui possuída contra minha vontade pelo meu

senhor, meu pai, e também pelos meus irmãos. Fizeram de tudo comigo pela curiosidade mórbida de ver o que finalmente poderia me domar. Mas eu era rápida e inteligente. E depois meu pai começou a pensar que eu poderia ser útil para ele.

– Não era essa história que Philippe contava – disse Marcus entorpecido. – Vovô contava que a tinha resgatado de uma fortaleza... e que seu criador a tinha sequestrado e a transformado em vampira contra sua vontade porque você era muito bonita e ele não suportaria que ninguém a possuísse. Segundo Philippe, seu pai fez você para tê-la como esposa.

– Tudo isso era verdade, só que não toda a verdade. – Ysabeau encarou Marcus. – Fui resgatada por Philippe de uma fortaleza terrível. Mas eu não era lá essa beldade, apesar das histórias românticas que seu avô contou mais tarde. Até porque tinha raspado a cabeça com um pedaço de concha deixado por um pássaro no parapeito da janela. Isso para que eles não me agarrassem pelo cabelo. Ainda tenho as cicatrizes, se bem que quase não aparecem mais. Cheguei a quebrar uma perna. E um braço também, se não me engano – disse Ysabeau vagamente. – Marthe deve se lembrar.

Não era de admirar que Ysabeau e Marthe tivessem me tratado com tanta ternura após La Pierre. Uma sofrera tortura e a outra cuidara dos ferimentos após o calvário. Mas a história de Ysabeau ainda não tinha terminado.

– A resposta às minhas orações acabou sendo a chegada de Philippe e seus soldados – disse Ysabeau. – Eles logo mataram o meu senhor. Os homens de Philippe exigiram a morte dos filhos do meu senhor para que a maldade venenosa do nosso sangue não se disseminasse. Eles chegaram de manhã e levaram embora os meus irmãos. Philippe me manteve atrás. Seu avô não deixaria que me tocassem. Por isso mentiu ao dizer que eu não tinha sido infectada pelo meu senhor... e que meu senhor era um outro e que eu o tinha matado apenas para sobreviver. Não havia ninguém para

contestar.

Ysabeau olhou para o neto.

– Marcus, por isso Philippe perdoou Matthew por não tê-lo matado, embora tenha recebido ordem para fazê-lo. Philippe sabia o que era amar profundamente alguém para vê-lo morrer de forma injusta.

Contudo, as palavras de Ysabeau não foram suficientes para espantar a sombra dos olhos de Marcus.

– Philippe, Marthe e eu mantivemos esse segredo durante séculos. Fiz muitos filhos antes de virmos para a França, e cheguei a pensar que a ira do sangue era um horror que ficara para trás. Todos os meus filhos tiveram uma vida longa, sem nunca mostrar um traço da doença. Então, veio Matthew...

Ysabeau desconcertou-se. Uma lágrima de sangue percorreu uma pálpebra inferior e a fez pestanejar antes de cair.

– Na época em que fiz Matthew, o meu pai não passava de uma lenda sombria entre os vampiros. Ele era um exemplo do que poderia acontecer se nos entregássemos aos desejos de sangue e de poder. Qualquer vampiro suspeito de ter a ira do sangue era sumariamente eliminado junto com o pai e a descendência – ela disse com frieza. – Mas eu não mataria o meu filho e não deixaria que ninguém fizesse isso. Matthew não era culpado pela doença que tinha.

– Ninguém era culpado, *maman* – disse Matthew. – É uma doença genética... uma doença ainda não compreendida. Por conta da crueldade inicial de Philippe e de tudo que a família fez para esconder a verdade, a Congregação não sabe que a doença corre em minhas veias.

– Mesmo que a Congregação não tenha certeza disso, alguns suspeitam – advertiu Ysabeau. – Alguns vampiros achavam que a doença de sua irmã não era a loucura, conforme o alegado, e sim a ira do sangue.

– Gerbert – sussurrei.

Ysabeau assentiu com a cabeça.

– Domenico também.

– Não arrume problemas – disse Matthew, tentando confortá-la. – Sentei-me à mesa do conselho enquanto discutiam sobre a doença e ninguém sequer suspeitava de que isso me afligia. Nosso segredo estará seguro enquanto eles acreditarem que a ira do sangue está extinta.

– Nesse caso, acho que tenho más notícias. A Congregação desconfia de que a ira do sangue está de volta – disse Marcus.

– O que quer dizer? – perguntou Matthew.

– Os assassinatos do vampiro – respondeu Marcus.

Eu tinha visto os recortes de jornais do ano anterior coletados por Matthew e guardados no seu laboratório em Oxford. Anunciavam assassinatos misteriosos que se generalizaram ao longo de meses e acabaram despertando a atenção humana. Os investigadores ainda não os tinham solucionado.

– Embora os crimes tenham parado nesse inverno, a Congregação continua lidando com as manchetes sensacionalistas – continuou Marcus. – E como não pegaram o agressor, a expectativa da Congregação é de que os assassinatos voltem a acontecer a qualquer momento. Foi o que Gerbert me disse em abril quando fiz minha primeira solicitação para a revogação do pacto.

– Não é de admirar que Baldwin esteja relutando em me reconhecer como irmã – comentei. – Com toda a atenção que o voto de sangue de Philippe traria para a família De Clermont, alguém poderia começar a fazer perguntas. E vocês poderiam se tornar suspeitos de assassinato.

– A linhagem oficial da Congregação não faz qualquer menção a Benjamin. O que Phoebe e Marcus descobriram é apenas uma cópia da família – disse Ysabeau. – Philippe achava que não havia necessidade de compartilhar... a indiscrição de Matthew. Quando criaram Benjamin, as linhagens da Congregação estavam em Constantinopla. Nós estávamos no distante Outremer, lutando para manter o nosso território na Terra Santa.

Quem saberá o que deixamos de fora?

– Mas os outros vampiros nas colônias dos cruzados não sabiam sobre Benjamin? – perguntou Hamish.

– Poucos desses vampiros sobreviveram. E nem mesmo esses poucos se atreveriam a questionar a história oficial de Philippe – disse Matthew.

Hamish se mostrou cético.

– Hamish está certo em se preocupar. Quando o casamento de Matthew com Diana chegar ao conhecimento comum, sem mencionar o voto de sangue de Philippe e a existência dos gêmeos... os que ainda estão calados sobre o meu passado talvez não se disponham mais a ficar de bico calado por mais tempo – disse Ysabeau.

Dessa vez Sarah é que repetiu o nome que todos pensávamos.

– Gerbert.

Ysabeau assentiu com a cabeça.

– Alguém poderá se lembrar das aventuras de Louisa. Algum outro vampiro poderá se lembrar do que ocorreu entre os filhos de Marcus em Nova Orleans. E Gerbert poderá fazer a Congregação lembrar que Matthew já mostrou sinais de loucura no passado, embora aparentemente tenha crescido imune a isso. Os De Clermont ficariam vulneráveis como nunca antes.

– E um dos gêmeos poderá ter a doença, ou ambos – disse Hamish. – Um assassino de seis meses de idade é uma perspectiva aterrorizante. Nenhuma criatura culparia a Congregação por uma ação drástica.

– Talvez de alguma forma o sangue de uma bruxa impeça o desenvolvimento da doença – disse Ysabeau.

– Esperem um pouco. – Marcus se concentrou de cara amarrada. – Quando é que Benjamin foi criado?

– No início do século XII – disse Matthew, franzindo a testa. – Após a primeira cruzada.

– E quando é que uma bruxa deu à luz um bebê vampiro em Jerusalém?

– Bebê vampiro? – A voz de Matthew disparou pelo aposento adentro.

– Foi o que Ysabeau nos disse em janeiro – comentou Sarah. – Ou seja, você e Diana não são as únicas criaturas especiais no mundo. Isso tudo já aconteceu antes.

– Sempre achei que isso fosse apenas um boato espalhado para colocar as criaturas umas contra as outras – disse Ysabeau, com a voz trêmula. – Mas Philippe acreditava nessa história. E agora Diana volta para casa grávida...

– Conte tudo, *maman* – disse Matthew. – Tudo.

– Um vampiro estuprou uma bruxa em Jerusalém. Ela concebeu um filho dele. – As palavras de Ysabeau saíram em um rompante. – Nunca soubemos quem era o vampiro. A bruxa recusou-se a identificá-lo.

Somente as tecelãs podiam carregar o filho de um vampiro no ventre, nunca as bruxas comuns. Era o que Goody Alsop tinha me dito em Londres.

– Quando? – A voz de Matthew soou abafada.

Ysabeau se pôs pensativa.

– Pouco antes da formação da Congregação e da assinatura do pacto.

– Só depois que fiz Benjamin – disse Matthew.

– Talvez Benjamin tenha herdado mais do que apenas a ira do sangue de você – disse Hamish.

– E a criança? – perguntou Matthew.

– Morreu de fome – sussurrou Ysabeau. – O bebê recusou o seio da mãe.

Matthew levantou-se.

– Muitos recém-nascidos recusam o leite da mãe – protestou Ysabeau.

– Será que esse bebê mamou sangue? – perguntou Matthew.

– A mãe alegou que sim. – Ysabeau estremeceu quando o punho de Matthew atingiu a mesa. – Mas Philippe não tinha certeza. Ele segurou a criança quando já estava à beira da morte e recusando qualquer alimento.

– Philippe devia ter me contado isso quando conheceu Diana. – Matthew apontou um dedo acusador para Ysabeau. – E você devia ter me contado quando ela chegou aqui em casa.

– E se todos nós fizéssemos o que devíamos fazer acabaríamos todos acordando no paraíso – retrucou Ysabeau visivelmente irritada.

– Parem com isso. Vocês dois. Matthew, você não pode odiar seu pai ou Ysabeau por algo que você mesmo fez – observou Sarah, com toda calma. – Além disso, já temos problemas suficientes no presente para nos preocuparmos com acontecimentos passados.

As palavras de Sarah amenizaram a tensão na sala.

– O que vamos fazer? – perguntou Marcus para o pai.

Matthew pareceu surpreso com a pergunta.

– Somos uma família – continuou Marcus –, pouco importa se a Congregação não reconhece nem a nós nem a você e Diana como marido e mulher, pouco importa o que pensam aqueles idiotas em Veneza.

– Vamos deixar Baldwin agir a sua maneira, por enquanto – disse Matthew depois de refletir. – Levarei Sarah e Diana para Oxford. Se o que você diz é verdade, se outro vampiro, possivelmente Benjamin, tornou-se pai de uma criança com uma bruxa, precisamos saber como e por que algumas bruxas e vampiros podem se reproduzir.

– Falarei com Miriam – disse Marcus. – Ela ficará feliz por tê-lo de volta ao laboratório. Você poderá tentar descobrir como funciona a ira do sangue enquanto estiver lá.

– O que você acha que venho fazendo durante todos esses anos? – disse Matthew, com tato.

– Sua pesquisa. – Pensei no estudo de Matthew sobre a evolução e a genética das criaturas. – Vocês não têm tentado descobrir apenas a origem das criaturas, mas também como a ira do sangue é contraída e como curá-la.

– Eu e Miriam sempre trabalhamos no laboratório na esperança de

fazer alguma descoberta que leve a uma cura – admitiu Matthew.

– O que posso fazer? – perguntou Hamish, capturando a atenção de Matthew.

– Também sair de Sept-Tours. Preciso de você para estudar o pacto... você pode descobrir alguma coisa nos debates iniciais da Congregação, alguma coisa que lance uma luz no que aconteceu em Jerusalém entre o final da primeira cruzada e a data em que o pacto se tornou lei. – Matthew observou o entorno da torre. – É uma pena que você não possa trabalhar aqui.

– Posso ajudar na pesquisa, se você quiser – disse Phoebe.

– Claro que você vai voltar para Londres – disse Hamish.

– Vou ficar aqui com Marcus – disse Phoebe de queixo empinado. – Não sou nem bruxa nem demônio. Nenhuma regra da Congregação me impedirá de permanecer em Sept-Tours.

– São restrições temporárias – disse Matthew. – Depois que os membros da Congregação se derem conta de que tudo está como deve estar em Sept-Tours, Ysabeau irá para a casa de Gerbert em Cantal. Depois que Baldwin se entediar com esse drama, ele voltará correndo para Nova York. E só depois disso tudo é que poderemos nos encontrar aqui. Felizmente, a essa altura saberemos mais e poderemos traçar um plano melhor.

Marcus assentiu, se bem que não parecia satisfeito.

– Obviamente, se você deixou um descendente...

– Impossível – disse Matthew.

– *Impossible' n'est pas français* – disse Ysabeau em tom azedo como vinagre. – E certamente não era uma palavra no vocabulário do seu pai.

– Para mim só está fora de questão permanecer no clã de Baldwin e sob o controle direto dele – disse Marcus, assentindo para a avó.

– Depois de todos os segredos expostos aqui, ainda acha que meu nome e meu sangue são motivo de orgulho para você? – perguntou Matthew.

– Melhor você que Baldwin – respondeu Marcus, encontrando o olhar

do pai.

– Não sei como você consegue suportar minha presença – disse Matthew suavemente enquanto se afastava. – Isso não importa, perdoe-me.

– Ainda não o perdoei – disse Marcus em tom firme. – Encontre a cura para a ira do sangue. Lute para que o pacto seja revogado e deixe de apoiar essa Congregação que defende leis injustas. E faça uma descendência para que possamos viver sem Baldwin respirando em nossos pescoços.

– E depois? – perguntou Matthew, com uma sardônica elevação de sobrancelha.

– Além de perdoá-lo, serei o primeiro a lhe oferecer lealdade, não apenas como meu pai, mas também como meu senhor – disse Marcus.



6

Em Sept-Tours, os jantares quase sempre eram casuais. Comíamos o que queríamos e na hora em que bem entendíamos. Mas essa seria a nossa última noite no castelo e Baldwin exigira a presença de toda a família para agradecer pela partida das outras criaturas e despedir-se de mim, Sarah e Matthew.

Baldwin me agraciara com a duvidosa honra de fazer os arranjos, mas se decepcionaria se esperava um fracasso redundante de minha parte. Depois de ter servido refeições para os moradores de Sept-Tours em 1590, claro que eu poderia fazer o mesmo nos tempos modernos. Já havia convidado todos os vampiros, bruxas e sangues-quentes ainda presentes na residência e esperava pelo melhor.

E agora me lamentava por ter pedido a todos que se vestissem formalmente para o jantar. Coloquei as pérolas de Philippe em volta do pescoço junto com a flecha de ouro que peguei para acompanhá-las, mas o cordão que se estendia até as coxas era muito longo para ser usado com uma calça comprida. Coloquei as pérolas na caixa de joias de veludo que era de Ysabeau, e peguei um par de brincos que suavizavam o meu queixo e cintilavam à luz. Enfiei os pinos nos furos de minhas orelhas.

– Nunca reparei que você se preocupa tanto com joias. – Matthew saiu do banheiro e observou-me no espelho enquanto introduzia um par de abotoaduras de ouro através das botoeiras nos pulsos das mangas. As abotoaduras exibiam o emblema da New College, um gesto de lealdade para mim e para uma das muitas universidades dele.

– Matthew, você se barbeou! – Fazia tempo que não o via sem barba e bigode elisabetanos. Embora a surpreendente aparência de Matthew independesse de época ou moda, aquele era o homem bonito e elegante por quem me apaixonara no ano anterior.

– Já que estamos retornando para Oxford, achei melhor adotar o visual de um professor universitário – ele disse passando os dedos na maciez do queixo. – É um alívio, na verdade. Barbas realmente coçam como o diabo.

– Adoro ter o meu professor bonitão de volta, no lugar do meu perigoso príncipe – eu disse suavemente.

Matthew vestiu um terno cor de carvão de lã fina e puxou os punhos cinza-perolados adoravelmente seguro de si. Seu sorriso tímido tornou-se mais sensível quando me levantei.

– Você está linda – disse com um assobio de admiração. – Com ou sem as pérolas.

– Victoire faz milagres – comentei. Victoire, esposa de Alain, era a costureira vampira que confeccionara uma calça azul-marinho e uma blusa de seda da mesma cor para mim, com um decote aberto que realçava meus ombros e descaía em pregas suaves em torno dos meus quadris. O volume da blusa ocultava o inchaço do meu ventre, sem me fazer parecer que vestia uma bata de grávida.

– Você está especialmente irresistível de azul – ele disse.

– E que doce galanteador você é. – Alisei as lapelas do terno de Matthew e ajustei-as, um gesto desnecessário porque o corte era sob medida e sem nenhuma costura fora do lugar, se bem que satisfazia os meus sentimentos possessivos. Coloquei-me na ponta dos pés para beijá-lo.

Ele retribuiu o abraço com entusiasmo e enfiou os dedos pelos fios acobreados que desciam às minhas costas. Ofeguei de prazer.

– Ah, como gosto desse som. – Ele aprofundou o beijo e sorriu quando suspirei baixinho “uhh”. – Gosto desse outro ainda mais.

– Depois de um beijo desses toda mulher devia ser desculpada por

atrasar-se para o jantar. – Escorreguei a mão por entre o cós da calça e a barra da camisa dele que estava impecavelmente para dentro da calça.

– Sedutora. – Ele delicadamente beliscou-me os lábios e depois se afastou.

Olhei-me no espelho uma última vez. Face às recentes atenções de Matthew, ainda bem que Victoire não tinha enrolado e torcido o meu cabelo em mais um arranjo elaborado, já que eu nunca conseguiria reproduzir o penteado. Felizmente, consegui apertar o rabo de cavalo para baixo e escovar as mechas rebeldes do cabelo.

Por fim, teci um feitiço de disfarce a minha volta. O efeito era como um abrir de cortinas de uma janela ensolarada. O feitiço atenuou o meu colorido e suavizou os meus traços. Já tinha recorrido a isso em Londres e continuava fazendo o mesmo depois que retornamos para o presente. Ninguém mais olhava para mim duas vezes – a não ser Matthew, que olhou de cara amarrada para a transformação.

– Quero que pare de usar esse feitiço de disfarce depois que chegarmos a Oxford. – Matthew cruzou os braços. – Odeio isso.

– Não posso circular toda deslumbrante pela universidade.

– E não posso sair por aí matando as pessoas, apesar de ter a ira do sangue – ele retrucou. – Todos nós carregamos uma cruz.

– Pensei que você não queria que soubessem que meu poder se fortaleceu. – A essa altura até mesmo os observadores casuais que se sentissem atraídos por mim em razão disso me preocupavam. Eu não seria tão visível nos tempos em que as tecelãs eram mais numerosas.

– Continuo não querendo que Baldwin e os outros De Clermont saibam disso. Mas informe a Sarah o mais rapidamente possível – disse Matthew. – Você não precisa esconder a sua magia em casa.

– É uma chatice tecer um feitiço de disfarce pela manhã, recolhê-lo à noite e incorporá-lo novamente no dia seguinte. Seria mais fácil apenas mantê-lo ativo. – Dessa maneira nunca seria pega de surpresa nem por

visitantes inesperados nem por erupções indisciplinadas do poder.

– Nossos filhos nunca deixarão de saber quem você realmente é. Eles não serão criados no escuro como você. – Pelo tom, Matthew já estava fechado para qualquer argumento.

– E o que é bom para um não se aplica ao outro? – repliquei. – Será que os gêmeos também conhecerão a ira do sangue do pai ou os manterá no escuro como Marcus?

– Não é a mesma coisa. Sua magia é um dom. A ira do sangue é uma maldição.

– Pois é exatamente a mesma coisa, e você sabe disso. – Peguei-o pelas mãos. – Nós dois crescemos acostumados a esconder aquilo de que nos envergonhamos e precisamos acabar com isso antes do nascimento das crianças. Só depois que essa última crise com a Congregação se resolver é que poderemos sentar como uma família e discutir essa coisa de descendência. – Marcus estava certo: se constituir uma descendência significava desobedecer a Baldwin, valia a pena considerar o assunto.

– Constituir uma descendência implica responsabilidades e obrigações. É de se esperar que você que se comporte como um vampiro e aja como minha consorte, ajudando-me a controlar o resto da família. – Matthew balançou a cabeça. – Você não está preparada para essa vida e não pedirei isso de você.

– Você não está pedindo – retruquei. – Eu é que estou oferecendo. Ysabeau vai me ensinar o que preciso saber.

– Ysabeau será a primeira a tentar dissuadi-la. Foi inconcebível a pressão que ela sofreu como companheira de Philippe – disse Matthew. – Quando o meu pai a chamava de seu general apenas os humanos riam. Só os vampiros sabiam que o que ele dizia era uma verdade bíblica. Ysabeau nos lisonjeava e nos persuadia a fazer as vontades de Philippe. Ele podia correr pelo mundo porque ela sabia conduzir a família com mão de ferro. Suas decisões eram absolutas e suas retribuições, rápidas. Ninguém

cruzava no caminho dela.

– Isso parece difícil, mas não impossível – comentei calmamente.

– É um trabalho de tempo integral, Diana. – A irritação de Matthew cresceu ainda mais. – Você está pronta para deixar de ser a professora Bishop para ser a sra. Clairmont?

– Talvez tenha lhe escapado, mas *já fiz* isso.

Matthew pestanejou espantado.

– Faz mais de um ano que não oriento um aluno e não me ponho à frente de uma sala de aula, assim como não tenho lido revistas acadêmicas nem publicado artigos – continuei.

– Isso é temporário – disse Matthew bruscamente.

– Sério? – Ergui as sobrancelhas. – Você está pronto para abrir mão de sua bolsa na All Souls para dar uma de mãe? Ou teremos que contratar uma babá para cuidar de nossos filhos que certamente serão um desafio quando eu retornar ao trabalho?

O silêncio de Matthew falou por si próprio. Claro que isso não lhe passara pela cabeça. Ele simplesmente achava que arranjaria um jeito de conciliar magistério e educação das crianças sem problema algum. *Típico*, pensei comigo antes de mergulhar na questão.

– Afora aquele breve momento no ano passado em que você correu de volta para Oxford a fim de brincar de cavaleiro de armadura brilhante, e lhe perdoo por esse momento de aflição, sempre enfrentamos nossos problemas juntos. O que o faz pensar que isso mudaria? – perguntei.

– Não são problemas seus – ele respondeu.

– Passaram a ser meus quando assumi você. Se já compartilhamos... a responsabilidade para com nossos próprios filhos, por que não seus problemas também?

Matthew olhou-me em silêncio por tanto tempo que cheguei a cogitar que se tornara mudo.

– Nunca mais. – Ele finalmente murmurou e fez um aceno de cabeça. –

A partir de hoje nunca mais cometerei esse erro.

– Matthew, "nunca" não consta de nosso vocabulário familiar. – Enterrei os dedos nos ombros dele, transbordando de raiva. – Ysabeau não diz que "impossível" não consta do francês? Pois é, "nunca" não existe para os Bishop-Clairmont. Nunca mais use essa palavra de novo. E quanto aos erros, como você se atreve...

Matthew roubou-me as palavras seguintes com um beijo. Esmurrei-o nos ombros até perder a força e a vontade de esmurrá-lo. Ele afastou-se com um sorriso irônico.

– Tente me deixar terminar os meus pensamentos. Nunca... – ele me pegou pelo punho antes que o esmurrasse nos ombros outra vez – ... nunca mais cometerei o erro de subestimá-la.

Ele aproveitou-se de minha surpresa para me beijar mais intensamente que antes.

– Não é de admirar que Philippe sempre aparentasse exaustão – disse com ar tristonho depois de me beijar. – É muito cansativo fingir que se está no comando quando a esposa é que realmente manda e desmanda.

– Hum – exclamei ao suspeitar dessa análise da dinâmica do nosso relacionamento.

– Já tenho sua atenção, deixe-me ser bem claro: quero que conte para Sarah que você é uma tecelã e o que aconteceu em Londres – disse Matthew em tom severo. – Depois disso, acabam-se os feitiços de disfarce em casa. De acordo?

– De acordo. – Torci para ele não perceber que eu estava de dedos cruzados.

Alain nos esperava ao pé da escada, de terno escuro e com o olhar circunspecto habitual.

– Tudo pronto? – perguntei.

– É claro – ele sussurrou, entregando-me o cardápio final.

Meus olhos dispararam pela lista.

– Perfeito. Já organizou os cartões dos lugares? Já trouxe o vinho decantado? Já encontrou as taças de prata?

A boca de Alain contraiu.

– Todas as suas instruções foram seguidas à risca, madame de Clermont.

– Aí está você. Eu já começava a achar que vocês dois me deixariam aos leões. – Os esforços de Gallowglass para se vestir para o jantar só haviam rendido um cabelo penteado e uma coisa de couro no lugar do jeans surrado, se é que as botas de caubói eram formalmente qualificadas.

Infelizmente, Gallowglass estava de camiseta, uma peça que sugestivamente nos dizia: KEEP CALM E VÁ COM HARLEY. Ele também exibia um impressionante número de tatuagens.

– Desculpe a camiseta, titia. É preta – disse acompanhando os meus olhos. – Matthew me mandou uma camisa, mas rasgou nas costas quando abotoei os botões.

– Você está muito elegante. – Percorri o salão com os olhos em busca de sinais de outros convidados. Mas só encontrei Corra empoleirada como um estranho chapéu sobre a estátua de uma ninfa. Ela voara o dia inteiro ao redor de Sept-Tours e Saint-Lucien em troca da promessa de que se comportaria depois que viajássemos no dia seguinte.

– O que vocês estavam fazendo esse tempo todo lá em cima? – Sarah irrompeu no salão e lançou uma olhadela suspeita para Matthew. Tal como Gallowglass, ela cultivava uma visão limitada da formalidade, já que vestia um longo camisão cor de lavanda que se estendia para baixo dos quadris e uma calça bege à altura dos tornozelos. – Chegamos a pensar que teríamos de enviar um grupo de busca.

– Diana não conseguia encontrar os sapatos – disse Matthew suavemente, lançando um olhar de pesar para Victoire, que carregava uma bandeja de bebidas. Claro, ela deixara os sapatos ao lado da cama.

– Isso não combina com Victoire. – Os olhos de Sarah estreitaram-se.

Corra gritou e bateu os dentes em assentimento, soltando uma chuva de faíscas pelo nariz que rolaram pelo piso de pedra. Ainda bem que não havia tapetes.

– Sinceramente, Diana, você não poderia ter trazido outra coisa da Inglaterra elisabetana que não causasse tantos problemas aqui? – Sarah olhou para Corra, com uma expressão azeda.

– Como o quê? Um globo de neve? – perguntei.

– Primeiro fui submetida à queda d'água de bruxa na torre. E agora aparece um dragão no meu corredor. É nisso que dá ter bruxas na família. – Ysabeau entrou em cena com um terninho de seda empalidecida que combinava perfeitamente com a cor do champanhe que tirou da bandeja de Victoire. – Há dias que não consigo deixar de pensar que a Congregação está certa em nos separar.

– Bebida, madame de Clermont? – Victoire se virou para mim, resgatando-me da necessidade de uma réplica.

– Obrigada – respondi. A bandeja não servia apenas vinho, mas também taças de cubos de gelo com flores azuis de borragem e folhas de hortelã, acompanhados de água mineral gasosa.

– Olá, maninha. – Verin irrompeu por trás de Ysabeau, com botas pretas de cano alto e um vestido preto sem mangas tão curto que deixava à vista alguns centímetros de suas pernas cor de pérola e a ponta de uma bainha presa à coxa.

Por que Verin teria chegado armada ao jantar?, eu me perguntei e com dedos nervosos puxei a flecha de ouro que entrara na gola de minha blusa. Era uma espécie de talismã para mim, e lembrava-me Philippe.

Os olhos frios de Ysabeau cravaram-se na flecha.

– Pensei que isso estava perdido para sempre – ela disse em voz baixa. – Ganhei de Philippe no dia do meu casamento.

Fiz menção de levantar o cordão do pescoço a fim de devolvê-lo para ela.

– Não. Philippe presenteou-a porque queria que você ficasse com isso. – Ysabeau delicadamente fechou os dedos ao redor do metal desgastado. – Mantenha isso seguro, minha criança. É um cordão muito antigo e difícil de ser substituído.

– O jantar está pronto? – Baldwin irrompeu ao meu lado com a rapidez de um terremoto e seu desprezo habitual pelos sangues-quentes com sistema nervoso.

– Está – sussurrou Alain no meu ouvido.

– Está – repeti colando um sorriso radiante no meu rosto.

Baldwin me ofereceu o braço.

– Vamos entrar logo, *Matthieu* – sussurrou Ysabeau levando o filho pela mão.

– Diana? – Baldwin estendeu o braço para mim.

Fuzilei-o com os olhos, ignorei o braço estendido e marchei em direção à porta, atrás de Matthew e Ysabeau.

– Isso é uma ordem, não um pedido. Desafie-me e entregarei você e Matthew à Congregação sem pensar duas vezes. – O tom de Baldwin era ameaçador.

Por um momento pensei em resistir e jogar as consequências para o alto. Se fizesse isso, ele venceria. *Pense*, lembrei. *E continue viva*. Então, pousei a mão na mão de Baldwin em vez de pegá-lo pelo cotovelo como uma mulher moderna. Os olhos dele arregalaram levemente.

– Por que tanta surpresa, "maninho"? – perguntei. – Você tem sido positivamente feudal desde o momento em que chegou. Se está mesmo determinado a desempenhar o papel de rei, devemos fazê-lo corretamente.

– Muito bem, "maninha". – O punho de Baldwin se contraiu sob os meus dedos. Era um lembrete de sua autoridade e seu poder.

Nós dois entramos na sala de jantar como se fôssemos o rei e a rainha da Inglaterra entrando na câmara de audiência de Greenwich. A boca de Fernando se contorceu com a visão, e Baldwin o encarou em resposta.

– Será que tem sangue nessa tacinha? – Aparentemente alheia à tensão, Sarah inclinou-se e cheirou o prato de Gallowglass.

– Eu não sabia que ainda tínhamos essas aqui – disse Ysabeau segurando uma das taças de prata gravadas. Ela sorriu para mim quando Marcus ofereceu-lhe um lugar à esquerda dele, enquanto Matthew circulava a mesa e fazia as honras para Phoebe, que estava sentada no lado oposto.

– Pedi para que Alain e Marthe as procurassem. Philippe usou-as em nossa festa de casamento. – Toquei na ponta da flecha de ouro.

Ernst elegantemente puxou a minha cadeira.

– Por favor, sentem-se todos.

– Que mesa bem-posta, Diana – comentou Phoebe, sem olhar para o cristal ou para a preciosa porcelana ou para a fina prataria, uma vez que prestava uma atenção cuidadosa na disposição das criaturas ao redor da cintilante mesa de jacarandá.

Mary Sidney já tinha me dito que a ordem de precedência à mesa dos banquetes não era menos complexa que a disposição das tropas antes de uma batalha, de modo que para minimizar o risco de uma guerra total, eu tinha observado as regras aprendidas na Inglaterra elisabetana o mais estritamente possível.

– Obrigada, Phoebe, mas o mérito da escolha da louça é de Marthe e Victoire. – Fingi que não a tinha entendido.

Verin e Fernando desviaram os olhos dos pratos à frente e entreolharam-se. Marthe optara pelo vistoso padrão azul-celeste encomendado por Ysabeau no século XVIII, e a primeira escolha de Victoire fora um pomposo serviço dourado e decorado com cisnes. Mas não consegui me imaginar fazendo a refeição em nenhum dos dois e optei por uma louça neoclássica em preto e branco, com o ouroboros circundando e coroando a letra *C* dos De Clermont.

– Acho que corremos um risco com a civilidade – murmurou Verin. – E

com os sangues-quentes também.

– Não tão cedo – disse Fernando, pegando o guardanapo e o abrindo no colo.

– Um brinde – disse Matthew, erguendo o copo. – Para os entes queridos e perdidos. Que seus espíritos estejam conosco esta noite e sempre.

Soaram murmúrios de assentimento e ecos da primeira frase à medida que as taças eram erguidas. Dos olhos de Sarah verteu uma lágrima, e Gallowglass pegou-lhe a mão e beijou-a com delicadeza. Engoli minha própria tristeza e sorri agradecida para Gallowglass.

– Outro brinde à saúde de minha irmã Diana e à noiva de Marcus... os mais novos membros de minha família. – Baldwin ergueu a taça outra vez.

– A Diana e Phoebe. – Marcus juntou-se ao brinde.

Ergueram-se as taças ao redor da mesa, se bem que por um segundo passou por minha cabeça que Matthew poderia jogar o conteúdo de sua taça na cara de Baldwin.

Sarah sorveu um gole do vinho espumante com relutância e fez uma careta.

– Vamos comer – disse se apressando em pôr a taça sobre a mesa. – Emily odiava que deixassem a comida esfriar, e não acredito que Marthe seja mais indulgente.

O jantar prosseguiu sem problemas. Sopa fria para os sangues-quentes e minúsculas taças de prata com sangue para os vampiros. Algumas horas antes a truta servida no prato de peixe nadava despreocupadamente no rio das redondezas. Em seguida, serviu-se um frango assado em deferência a Sarah, que detestava o sabor das aves de caça. Mas alguns à mesa preferiram carne de veado. Abstive-me disso. No final da refeição Marthe e Alain serviram compotas de frutas junto a tigelas de nozes, avelãs e amêndoas e pratos de queijo.

– Excelente refeição! – exclamou Ernst, recostando-se à cadeira e se

dando tapinhas na barriga magra.

Uma braçada gratificante de harmonia percorreu a sala. Apesar de um começo difícil, desfrutáramos uma noite agradável como qualquer família. Relaxei na cadeira.

– Já que estamos todos aqui, precisamos compartilhar algumas novidades – disse Marcus sorrindo para Phoebe do outro lado da mesa. – Como todos sabem, Phoebe aceitou se casar comigo.

– Já marcaram a data? – perguntou Ysabeau.

– Ainda não. Faremos as coisas à moda antiga – respondeu Marcus.

Todos os De Clermont presentes na sala voltaram-se para Matthew com feições congeladas.

– Não estou certa de que a moda antiga seja o caso – disse Sarah em tom seco –, até porque vocês dois já dividem o mesmo quarto.

– Sarah, os vampiros cultivam tradições diferentes – explicou Phoebe. – Marcus me perguntou se eu gostaria de ficar pelo resto da vida com ele. E eu disse que sim.

– Ora. – Sarah pareceu intrigada.

– Você não quer dizer que... – Cravei os olhos em Matthew.

– Decidi me tornar vampira. – Phoebe se voltou para o seu eterno marido com um brilho de felicidade nos olhos. – Marcus insiste que devo me acostumar com a ideia antes de nos casarmos, de modo que nosso noivado talvez seja um pouco mais longo do que gostaríamos.

Até parecia que Phoebe cogitava uma pequena cirurgia plástica ou uma mudança de penteado e não uma completa transformação biológica.

– Não quero que ela tenha arrependimento algum – disse Marcus brandamente, com as faces cortadas por um largo sorriso.

– Phoebe não vai se tornar vampira. Eu o proíbo de fazer isso. – A voz de Matthew soou tranquila, mas ecoou pela sala lotada.

– Você não tem direito a voto. É uma decisão nossa... minha e de Phoebe – retrucou Marcus, lançando um desafio. – E claro que de Baldwin

também. Ele é o chefe da família.

Enquanto Baldwin repousava os dedos no rosto, como se considerando a questão, Matthew olhava para o filho em descrença. Marcus retribuiu o olhar ainda desafiando o pai.

– Eu sempre quis um casamento tradicional, como o de vovô e Ysabeau – continuou Marcus. – Matthew, quando se trata de amor, o revolucionário da família é você, não eu.

– Mesmo que Phoebe se torne vampira, ela nunca será tradicional. Marcus, justamente por causa da ira do sangue, ela nunca deveria beber o seu sangue – disse Matthew.

– Tenho certeza de que vovô bebeu o sangue de Ysabeau. – Marcus olhou para a avó. – Não é verdade?

– Quer mesmo correr esse risco depois de ter se inteirado sobre as doenças dos nascidos do sangue? – perguntou Matthew. – Marcus, se realmente a ama, não a transforme.

Soou o celular de Matthew e ele olhou para a tela com relutância.

– É Miriam – disse franzindo a testa.

– Ela não o chamaria a essa hora se não tivesse acontecido alguma coisa importante no laboratório – disse Marcus.

Matthew acionou o viva-voz do celular para que os sangues-quentes e os vampiros pudessem ouvir, e atendeu a chamada.

– Miriam?

– Não, pai. É seu filho, Benjamin.

A voz do outro lado da linha era estranha e familiar, como geralmente são as vozes nos pesadelos.

Ysabeau levantou-se pálida como a neve.

– Onde está Miriam? – perguntou Matthew.

– Não sei – respondeu Benjamin de um modo preguiçoso. – Talvez com Jason. Ele ligou algumas vezes. Ou então com Amira. Ela ligou duas vezes. Miriam é sua cadelinha, pai. Se você estalar os dedos, talvez ela vá

correndo.

Marcus abriu a boca e Baldwin fechou as mandíbulas do sobrinho com um sibilo de alerta.

– Fiquei sabendo que havia problemas em Sept-Tours. Relacionados com uma bruxa – disse Benjamin.

Matthew recusou-se a morder a isca.

– Pelo que entendi a bruxa havia descoberto um segredo dos De Clermont, mas morreu antes que pudesse revelá-lo. Que pena... – disse Benjamin, com compaixão debochada. – Era parecida com aquela em que você andava grudado em Praga? Uma criatura fascinante.

Matthew girou a cabeça, como se para se certificar de que eu estava segura.

– Você sempre disse que eu era a ovelha negra da família, mas somos mais parecidos do que você admite – continuou Benjamin. – Também tenho o seu gosto pela companhia de bruxas.

Senti a mudança na atmosfera quando a raiva irrompeu pelas veias de Matthew. Fiquei arrepiada e meu polegar esquerdo latejou ligeiramente.

– Não me interesso por nada do que você faz – disse Matthew, com frieza.

– Nem se isso envolver o *Livro da vida*? – Benjamin esperou por alguns segundos. – Sei que você o está procurando. Será que isso tem alguma relevância para sua pesquisa? Assunto difícil, a genética.

– O que você quer? – perguntou Matthew.

– Sua atenção. – Benjamin deu uma risada.

Matthew silenciou novamente.

– Você não é de jogar conversa fora, Matthew – disse Benjamin. – Felizmente, é sua vez de ouvir. Até que enfim encontrei um jeito de destruir você e os outros De Clermont. E agora nem o *Livro da vida* e nem sua visão patética da ciência poderão ajudá-lo.

– Adorarei fazer de você um mentiroso – prometeu Matthew.

– Ora, não penso assim. – Benjamin abaixou a voz, como se para transmitir um grande segredo. – Olhe só, sei tudo o que as bruxas descobriram anos atrás. Você sabe?

Os olhos de Matthew prenderam-se nos meus.

– Entrarei em contato – acrescentou Benjamin. A linha emudeceu.

– Ligue para o laboratório. – Apressei-me em dizer, pensando apenas em Miriam.

Os dedos de Matthew fizeram a chamada rapidamente.

– Matthew, já era hora de você telefonar. O que exatamente devo procurar no seu DNA? Marcus me disse para procurar marcadores reprodutivos. O que isso quer dizer? – A voz de Miriam soou forte e irritada, exatamente como ela. – Sua caixa de entrada está transbordando, e eu já devia estar de férias.

– Você está segura? – A voz de Matthew soou rouca.

– Sim. Por quê?

– Você sabe onde está o seu celular? – perguntou Matthew.

– Não. Acho que o deixei em algum lugar. Talvez em alguma loja. Claro que quem achá-lo vai me telefonar.

– Ele preferiu telefonar para mim – esbravejou Matthew. – Foi Benjamin que pegou o seu celular, Miriam.

Fez-se silêncio na linha.

– O *seu* Benjamin? – disse Miriam horrorizada. – Pensei que estivesse morto.

– Infelizmente, não está – disse Fernando, com um pesar verdadeiro.

– Fernando? – O nome ecoou da boca de Miriam com uma lufada de alívio.

– Sim, Miriam. Tudo bem contigo? – perguntou Fernando suavemente.

– Graças a Deus você está aí. Sim, sim, estou bem. – A voz de Miriam tremeu, mas ela se esforçou para controlá-la. – Quando foi que alguém ouviu falar de Benjamin pela última vez?

– Séculos atrás – disse Baldwin. – E embora Matthew tenha retornado para casa algumas semanas atrás, Benjamin já encontrou um jeito de achá-lo.

– Isso significa que Benjamin já o observava e esperava por ele – sussurrou Miriam. – Oh, Deus.

– Havia algum registro de nossa pesquisa no seu celular, Miriam? – perguntou Matthew. – E-mails armazenados? Datas?

– Não. Você sabe que sempre deleto os meus e-mails depois que os leio. – Ela fez uma pausa. – Minha lista de endereços. Benjamin já está com os números dos seus telefones.

– Arranjaremos outros – disse Matthew rapidamente. – Não vá para casa. Fique com Amira na Velha Cabana. Não quero nenhuma de vocês sozinha. Benjamin mencionou o nome de Amira. – Matthew hesitou. – De Jason também.

Miriam prendeu a respiração.

– O filho de Bertrand?

– Está tudo bem, Miriam. – Matthew tentou reconfortá-la. Ainda bem que ela não viu o que os olhos dele diziam. – Benjamin ficou sabendo que ele ligou para você algumas vezes, isso é tudo.

– O rosto de Jason está nas minhas fotos. Benjamim poderá reconhecê-lo! – disse Miriam claramente abalada. – Jason é tudo que me resta do meu companheiro. Matthew, se alguma coisa acontecer com ele...

– Vou tratar de deixar Jason ciente do perigo. – Matthew olhou para Gallowglass, que prontamente pegou o seu próprio celular.

– Jace? – sussurrou Gallowglass saindo da sala e fechando a porta com cuidado.

– Por que Benjamin reapareceu agora? – perguntou Miriam entorpecida.

– Não sei. – Matthew olhou em minha direção. – Ele mencionou a morte de Emily, a nossa pesquisa genética e o *Livro da vida*.

Ficou claro que alguma peça crucial de um quebra-cabeça maior

encaixava-se em seu lugar.

– Benjamin estava em Praga, em 1591 – comentei lentamente. – Talvez tenha ouvido falar sobre o *Livro da vida* lá. Já que o livro estava nas mãos do imperador Rodolfo.

Matthew lançou-me um olhar de advertência, e disse apressado.

– Miriam, não se preocupe. Prometo que vamos descobrir o que Benjamin pretende. – Ele insistiu para que Miriam tivesse cuidado e garantiu que ligaria para ela logo que chegasse a Oxford. E depois desligou e fez-se um silêncio ensurdecedor.

Gallowglass deslizou de volta para a sala.

– Jace não viu nada fora do comum, mas prometeu ficar em guarda. O que nós faremos agora?

– *Nós?* – repetiu Baldwin de sobrancelhas arqueadas.

– Benjamin é minha responsabilidade – disse Matthew em tom severo.

– Claro que é – assentiu Baldwin. – É hora então de reconhecer isso e lidar com o caos que você próprio causou, em vez de se esconder atrás das saias de Ysabeau e se entregar a essas fantasias intelectuais sobre a cura da ira do sangue e a descoberta do segredo da vida.

– Talvez você tenha esperado muito, Matthew – acrescentou Verin. – Teria sido mais fácil destruir Benjamin depois que ele renasceu em Jerusalém e não agora. Benjamin não teria se escondido por tanto tempo se não tivesse filhos e aliados a sua volta.

– Matthew encontrará um jeito de administrar isso. Ele não é o assassino da família? – disse Baldwin em tom irônico.

– Posso ajudá-lo – disse Marcus para Matthew.

– Marcus, você não vai a lugar nenhum. Vai ficar aqui comigo para dar boas-vindas à delegação da Congregação. E Gallowglass e Verin farão o mesmo. Precisamos de uma demonstração de solidariedade da família. – Baldwin observou Phoebe atentamente.

Ela retribuiu a atenção com um olhar indignado.

– Considerei o seu desejo de se tornar vampira, Phoebe – disse Baldwin depois de observá-la. – Estou pronto para apoiá-la, sejam quais forem os sentimentos de Matthew. O desejo de Marcus por uma companheira tradicional demonstrará que os De Clermont ainda honram os velhos costumes. Você vai ficar aqui também.

– Se Marcus me quiser aqui, terei o maior prazer de permanecer aqui na casa de Ysabeau. Tudo bem para você, Ysabeau? – Phoebe se valeu da cortesia como arma e como muleta, como só os britânicos sabem fazer.

– É claro – disse Ysabeau, finalmente sentando-se, recompondo-se e esboçando um sorriso para a noiva do neto. – Você é sempre bem-vinda, Phoebe.

– Muito obrigada, Ysabeau – disse Phoebe, com um olhar cortante para Baldwin.

Baldwin se voltou para mim.

– O que resta a decidir é o que fazer com Diana.

– Tanto minha esposa... como meu filho são da minha conta – disse Matthew.

– Você não pode voltar para Oxford agora. – Baldwin ignorou a interrupção do irmão. – Talvez Benjamin ainda esteja lá.

– Iremos para Amsterdã – retrucou Matthew prontamente.

– Também fora de questão – disse Baldwin. – A casa é indefensável. Matthew, como você não pode garantir a segurança de Diana, ela vai ficar com minha filha Miyako.

– Diana odiaria Hachiōji – afirmou Gallowglass convicto.

– Sem mencionar a própria Miyako – murmurou Verin.

– Enfim, é melhor fazer o seu dever, Matthew. – Baldwin levantou-se. – Rapidamente.

O irmão de Matthew saiu da sala com a mesma rapidez que sumiu de vista. Verin e Ernst o seguiram com um boa-noite apressado. Só depois que eles saíram é que Ysabeau sugeriu que fôssemos para o salão, onde uma

vitrola antiga ao som de Brahms poderia abafar a mais longa das conversas.

– Matthew, o que você vai fazer? – Ysabeau ainda parecia abalada. – Você não pode deixar Diana ir para o Japão. Miyako a comeria viva.

– Iremos para a casa das Bishop, em Madison. – Foi difícil saber quem pareceu mais surpreso com minha revelação de que seguiríamos para Nova York: Ysabeau, Matthew ou Sarah?

– Não sei se seria uma boa ideia – disse Matthew cauteloso.

– Em descobriu algo importante aqui em Sept-Tours... algo que a fez preferir morrer a revelar. – Fiquei maravilhada com minha calma.

– O que a faz pensar assim? – perguntou Matthew.

– Sarah disse que Em tinha fuçado todos os registros da família De Clermont na torre principal. Se ela soube sobre o bebê da bruxa em Jerusalém, claro que quis saber mais – respondi.

– Ysabeau falou a respeito do bebê para nós duas – disse Sarah, olhando para Ysabeau em busca de confirmação. – E depois contamos para Marcus. Ainda não vejo por que isso significa que devemos seguir para Madison.

– Porque o que Emily acabou descobrindo a levou a convocar os espíritos – expliquei. – Sarah acha que Emily estava tentando chegar à mamãe. Talvez mamãe também soubesse de alguma coisa. Se isso for verdade, poderemos encontrar alguma coisa mais em Madison.

– Talvez isso seja um monte de hipóteses, titia – disse Gallowglass fazendo uma careta.

Olhei para o meu marido, que ainda não tinha respondido à minha sugestão e que a essa altura olhava distraído para a taça de vinho.

– O que acha disso, Matthew?

– Vamos para Madison – ele disse. – Por enquanto.

– Vou com vocês – sussurrou Fernando. – Farei companhia a Sarah. – Ela sorriu agradecida para ele.

– Há algo mais acontecendo aqui do que aparenta... algo que envolve Knox e Gerbert. Knox veio para Sept-Tours por causa de uma carta que havia encontrado em Praga e que mencionava o Ashmole 782. – Matthew pareceu sombrio. – Não pode ser coincidência que a descoberta da carta por Knox seja simultânea à morte de Emily e ao reaparecimento de Benjamin.

– Vocês estavam em Praga. O *Livro da vida* estava em Praga. Benjamin estava em Praga. Knox encontrou algo em Praga – disse Fernando pausadamente. – Você está certo, Matthew. Isso é mais que uma coincidência. É um padrão.

– Há algo mais... algo que não contamos sobre o *Livro da vida* – continuou Matthew. – Foi escrito num pergaminho feito de peles de demônios, vampiros e bruxas.

Marcus arregalou os olhos.

– Isso significa que contém informações genéticas.

– Pois é – disse Matthew. – Não podemos deixá-lo cair nas mãos de Knox nem... Deus me livre, nas de Benjamin.

– Encontrar o *Livro da vida* e as folhas perdidas ainda é nossa prioridade máxima – concordei.

– Esse livro pode nos dizer alguma coisa sobre a origem e a evolução das criaturas, e também nos ajudar a entender a ira do sangue – disse Marcus. – Mas também pode ser que não contenha informações genéticas úteis.

– A casa das Bishop devolveu uma folha com o casamento alquímico para Diana pouco antes de retornarmos – disse Matthew. A casa era conhecida entre as bruxas da região por má conduta mágica e por se apropriar de itens de valor afetivo para tê-los sob custódia, e só os devolvia para os donos em datas tardias. – Podemos analisá-la se conseguirmos um laboratório.

– Infelizmente, sua visão não é fácil para os laboratórios genéticos de

primeira linha. – Marcus balançou a cabeça. – E Baldwin está certo. Você não pode ir para Oxford.

– Talvez Chris possa encontrar algo em Yale. Ele também é bioquímico. Será que o laboratório possui equipamento adequado? – Meu domínio das práticas de laboratório esgotava-se por volta de 1715.

– Não vou analisar uma folha do *Livro da vida* num laboratório de faculdade – disse Matthew. – Vou procurar um laboratório particular. Talvez possa contratar algum.

– DNA antigo é frágil. Precisaremos mais do que uma única folha se quisermos resultados confiáveis nesse trabalho – advertiu Marcus.

– Outro motivo para chegarmos ao Ashmole 782 fora da Bodleiana – comentei.

– O livro está seguro onde está, Diana. – Matthew assegurou-me.

– Por enquanto – retruquei.

– Não há mais duas folhas soltas aí pelo mundo? – perguntou Marcus. – Podemos procurá-las antes de tudo mais.

– Talvez eu possa ajudar – disse Phoebe.

– Obrigada, Phoebe. – Eu presenciara o método de pesquisa da companheira de Marcus na torre principal. Ficaria feliz em dispor das habilidades dela.

– E Benjamin? – perguntou Ysabeau. – Matthew, sabe o que ele quis dizer quando disse que tinha o mesmo gosto seu por bruxas?

Matthew balançou a cabeça.

Segundo o meu sexto sentido de bruxa a resposta à pergunta de Ysabeau poderia ser a chave para tudo.

Sol em Leão

Aquela que nasce quando o Sol está em Leão será naturalmente sutil e espirituosa, e ansiosa por aprender. Qualquer coisa que escutar ou vir e que aparentemente encerre alguma dificuldade de compreensão, ela de imediato terá vontade de compreender. As ciências da magia lhe serão muito úteis. Ela deverá ser conhecida e amada por príncipes. Seu primeiro filho será uma fêmea, e o segundo, um macho. Durante sua vida ela passará por muitos problemas e perigos.

– Anonymous English Commonplace Book, c. 1590,
Gonçalves MS 4890, f. 8^{v}



7

Eu estava na despensa de Sarah e olhei através da superfície do vidro empoeirado que ondulava a janela. A casa precisava de uma boa faxina e de ar puro. A dura trava de latão do caixilho resistiu às minhas primeiras tentativas, até que a moldura dilatada desistiu da luta e a janela disparou para cima com tremores de indignação pela aspereza do tratamento.

– Aprenda a conviver com isso – disse irritada enquanto me afastava para observar o ambiente à frente. Era um cômodo familiar e estranho, onde minhas tias tinham passado grande parte do tempo, e eu, quase nada. No limiar da porta, a habitual desordem de Sarah. Lá dentro, tudo limpo e arrumado, superfícies claras e frascos de vidro hermeticamente fechados que, além de alinhados nas prateleiras e gavetas de madeira, estavam etiquetados pelo conteúdo.

EQUINÁCEA, MATRICÁRIA, CARDO DE LEITE, SOLIDÉU, EUPATÓRIO, MIL-FOLHAS, LUNARIA.

Embora os ingredientes para o ofício de Sarah não estivessem organizados em ordem alfabética, as diferentes posições certamente eram governadas por algum princípio mágico. Isso porque ela sempre identificava instantaneamente um pote de erva ou de semente quando necessitava.

Sarah levara o grimório das Bishop para Sept-Tours que agora estava de volta ao lugar a que pertencia: repousado no que restava de um antigo púlpito comprado por Em numa loja de antiguidades de Bouckville. Ela e

Sarah haviam serrado o pilar de sustentação, de modo que o púlpito estava assentado na antiga mesa da cozinha que chegara com os primeiros Bishop no final do século XVIII. Uma das pernas da mesa era visivelmente menor que a outra: ninguém sabia o porquê, mas pela irregularidade das tábuas a superfície era surpreendentemente plana e sólida. Quando menina aquela mesa me parecia mágica. E quando adulta me dei conta de que era pura sorte.

Diversos eletrodomésticos antigos e uma velha extensão elétrica estavam espalhados em meio ao espaço de trabalho de Sarah. Um velho fogão verde-abacate, uma venerável cafeteira, dois moedores de café e um liquidificador. Eram as ferramentas de uma bruxa moderna, se bem que Sarah mantinha um grande caldeirão preto próximo à lareira em nome dos velhos tempos. Minhas tias faziam óleos e poções naquele fogão velho e utilizavam os moedores de café e o liquidificador para preparar incensos e pulverizar ervas, e a cafeteira, para infusões de bebidas. No canto, uma geladeira desligada da tomada, um espécime branco e brilhante com uma cruz vermelha na porta.

Talvez Matthew encontre algo mais *high-tech* para Sarah, pensei em voz alta. Um bico de Bunsen. Talvez alguns alambiques. De repente, flagrei-me desejando o bem equipado laboratório de Mary Sidney do século XVI. Olhei para cima sonhando em avistar os esplêndidos murais dos processos alquímicos que decoravam as paredes do laboratório de Mary no castelo de Baynard.

Lá estavam ervas e flores secas penduradas em barbantes presos por entre as vigas expostas. Identifiquei algumas: vagens intumescidas de cabelos-de-vênus repletas de pequenas sementes; cardo de leite coberto de espinhos; verbasco de haste longa coroada de flores amarelas brilhantes que mereciam o nome de velas de bruxas; talos de erva-doce. Sarah conhecia cada uma de vista, tato, paladar e olfato. Com essas plantas lançava os feitiços e encantamentos. Já estavam ressequidas e acinzentadas

de poeira, mas não podiam ser perturbadas. Sarah nunca me perdoaria se ela entrasse na despensa e se deparasse apenas com hastes.

Aquela despensa tinha sido a cozinha da casa da fazenda. Uma ampla e completa lareira com uma grande grelha e um par de fornos ocupava uma parede. Acima, um mezanino cujo armazenamento era acessível por uma escada velha e deteriorada. Ali era onde eu me enrolava e passava muitas tardes chuvosas com um livro e ouvindo o tamborilar da chuva contra o teto. E agora Corra estava lá em cima, com um olho aberto em preguiçoso interesse.

Suspirei e isso desencadeou uma dança de partículas de poeira pelo ar. Seria preciso muita água – e muita gordura no cotovelo – para tornar aquele espaço acolhedor novamente. E se mamãe sabia de algo que poderia nos ajudar a encontrar o *Livro da vida,* aquele era o lugar onde o encontraria.

Um sinal sonoro sutil. Em seguida, outro.

Goody Alsop me ensinara a discernir os fios que prendiam o mundo e puxá-los para tecer feitiços que não se encontravam em qualquer grimório. Os fios me circundavam o tempo todo e, quando se reuniam, faziam pura música. Estendi a mão e entrelacei um punhado nos dedos. Azul e âmbar – cores que ligavam o passado ao presente e ao futuro. Já tinha visto isso antes, mas apenas nos cantos onde criaturas desavisadas não seriam pegas na urdidura do tempo e da trama.

Sem nenhuma surpresa, o tempo não se comportava na casa das Bishop como deveria. Fiz um nó com os fios em azul e âmbar e tentei empurrá-los de volta ao lugar de origem, mas eles se dispersaram e pesaram o ar com memórias e arrependimentos. Um nó de tecelã não consertaria o que estava errado ali.

Fiquei empapada de suor, embora só tivesse deslocado a poeira e a sujeira de um lugar para o outro. Já tinha me esquecido de como Madison era quente naquela época do ano. Peguei um balde com água suja e

empurrei a porta da despensa. Ela não se moveu.

– Sai daí, Tabitha. – Empurrei a porta um centímetro mais na esperança de desalojar a gata.

Ela miou, recusando-se a juntar-se a mim na despensa. Era um domínio de Sarah e Em e Tabitha me considerava uma invasora.

– Vou colocar Corra atrás de você – ameacei.

Tabitha se moveu. A um estalo seguiu-se uma pata esticada para frente e depois outra pata seguida por uma fuga. A gata de Sarah não estava com a menor vontade de enfrentar o meu familiar, mas a dignidade a proibia de fazer uma retirada apressada.

Abri a porta de trás. Um zumbido de insetos e um peso implacável enchiam o ar lá de fora. Joguei a água suja para fora da varanda e Tabitha saiu em disparada para juntar-se a Fernando. Ele estava com o pé apoiado em cima de um toco que usávamos para cortar madeira, observando as estacas que Matthew prendia à cerca.

– Ele ainda está nisso? – perguntei, balançando o balde vazio. Fazia alguns dias que Matthew martelava: primeiro substituindo as telhas soltas do telhado, depois arrumando as treliças do jardim e agora consertando a cerca.

– Matthew acalma a mente quando trabalha com as mãos – respondeu Fernando. – Esculpindo em pedra, lutando com espada, velejando um barco, escrevendo um poema, fazendo uma experiência... qualquer coisa que seja.

– Ele está refletindo sobre Benjamin. – Não era de admirar que Matthew estivesse buscando distrações.

A atenção fria de Fernando se voltou para mim.

– Quanto mais ele pensa no filho, mais é levado de volta a uma época em que não gostava de si mesmo e das escolhas que fazia.

– Matthew não costuma falar de Jerusalém. Mostrou-me a insígnia dos peregrinos e falou-me de Eleanor. – Não era muito, considerado o tempo

que ele devia ter passado naquele lugar. Raramente essas lembranças antigas se revelavam no meu beijo de bruxa.

– Ah. A boa Eleanor. A morte dela foi outro erro evitável – disse Fernando, com amargura. – Matthew não deveria ter ido para a Terra Santa na primeira vez, e muito menos na segunda. A política e o derramamento de sangue eram demais para qualquer jovem vampiro lidar, sobretudo um com a ira do sangue. Mas Philippe precisava de todas as armas à disposição, e ainda mais porque esperava obter sucesso em Outremer.

A história medieval não era minha especialidade, mas as colônias dos cruzados trouxeram de volta memórias nebulosas dos conflitos sangrentos e do cerco mortal a Jerusalém.

– Philippe sonhava em estabelecer um reino *manjasang* naquele lugar, mas isso não aconteceu. Pela primeira vez na vida ele subestimou a avareza e o fanatismo religioso dos sangues-quentes. Philippe devia ter deixado Matthew junto comigo e Hugh em Córdoba; não havia ajuda alguma para Matthew em Jerusalém ou em Acre, nem em qualquer outro lugar para onde o pai dele o enviou. – Fernando desferiu um violento pontapé no toco, a ponto de remover o musgo agarrado à madeira velha. – Pelo que parece, a ira do sangue pode ser um trunfo quando se precisa de um assassino.

– Acho que você não gostava de Philippe – comentei serenamente.

– Com o tempo passei a respeitá-lo. Mas gostar dele? – Fernando balançou a cabeça. – Não.

Ultimamente me passavam pontadas de antipatia quando o assunto Philippe vinha à tona. Afinal, ele é que incumbira a Matthew o trabalho de assassino da família. Às vezes observava o meu marido sozinho sob as extensas sombras de verão, ou com a silhueta projetada à luz da janela, e era visível o peso da responsabilidade que ele carregava sobre os ombros.

Matthew enterrou uma estaca na terra e olhou para cima.

– Precisa de alguma coisa? – gritou para mim.

– Não. Só vim pegar um pouco d'água – gritei de volta.

– Peça a Fernando para ajudá-la. – Ele apontou para o balde vazio porque não aprovava que mulheres grávidas fizessem trabalho pesado.

– É claro – respondi evasivamente enquanto ele retornava ao trabalho.

– Você não tem intenção alguma de me deixar carregar esse balde. – Fernando levou a mão ao coração em falsa consternação. – Isso me magoa. Como posso manter a cabeça na família De Clermont, se você não me permite que a coloque num pedestal como um bom cavaleiro?

– Se você impedir que Matthew alugue aquele rolo compressor para aplainar o calçamento da entrada, você poderá usar uma armadura brilhante pelo resto do verão. – Beijei Fernando na bochecha e saí.

A inquietude pelo desconforto do calor me fez deixar o balde vazio na pia da cozinha e sair em busca de minha tia. Não foi difícil encontrá-la. Sentada na cadeira de balanço de minha avó na sala de estar, Sarah observava a árvore negra que crescia para fora da lareira. Na volta para Madison, ela se via forçada a confrontar a perda de Emily de um modo distinto. Isso a deixava suave e distante.

– Está muito quente para limpezas. Vou resolver algumas coisas na cidade. Vamos juntas? – perguntei.

– Não. Estou bem aqui – disse Sarah, balançando para frente e para trás.

– Hannah O'Neil telefonou novamente e nos convidou para a festa do Lughnasadh. – Após o nosso retorno tínhamos recebido inúmeros telefonemas dos membros do conciliábulo de Madison. Sarah tinha dito à sacerdotisa Vivian Harrison que estava se sentindo muito bem e sendo bem cuidada pela família. E depois disso não falou com mais ninguém.

Sarah ignorou a menção ao convite de Hannah e continuou observando a árvore.

– Você não acha provável que os fantasmas sejam obrigados a voltar?

Desde o nosso regresso a casa estava notavelmente livre de visitantes espectrais. Matthew atribuía isso a Corra, mas Sarah e eu sabíamos mais. Com a recente partida de Em, os outros fantasmas preferiram manter-se a distância para que não os incomodássemos com perguntas sobre ela.

– Acho, sim, mas talvez demorem um pouco – respondi.

– A casa está tão tranquila sem eles. Nunca os vi como você, mas os sentia ao redor. – Sarah balançou a cadeira com mais energia, como se isso pudesse atrair os fantasmas.

– Você já decidiu o que fazer com a árvore fantasmagórica? – Eu e Matthew topáramos com a árvore quando retornamos de 1591, o tronco preto retorcido ocupava grande parte da chaminé e as raízes e ramos se estendiam pela sala. Embora aparentemente desprovida de vida, vez por outra produzia frutos estranhos como chaves de carro e a imagem do casamento alquímico arrancada do Ashmole 782. Mais recentemente, oferecera uma receita de compota de ruibarbo de 1875 e um par de cílios postiços de 1973. Eu e Fernando achávamos que devíamos removê-la, além de reparar a chaminé e remendar e pintar os painéis. Sarah e Matthew estavam menos convencidos.

– Ainda não – disse Sarah suspirando. – Já estou me acostumando com ela. Podemos decorá-la para as festas.

– A neve vai explodir por entre essas rachaduras quando o inverno chegar – comentei enquanto pegava a minha bolsa.

– O que lhe ensinei sobre os objetos mágicos? – disse Sarah, deixando no ar um traço de sua provocação habitual.

– Não tocá-los até compreendê-los. – Entoei como uma criança de seis anos de idade.

– O corte de uma árvore produzida por mágica pode ser classificado como "tocar", concorda comigo? – Sarah espantou Tabitha que apreciava o tronco perto da lareira. – Precisamos de leite. E ovos. E Fernando quer algum tipo de arroz extravagante. Ele prometeu fazer *paella*.

– Leite. Ovos. Arroz. Entendi. – Lancei um último olhar preocupado para Sarah. – Diga a Matthew que não vou demorar muito.

As tábuas do assoalho rangeram uma rápida queixa quando caminhei até a porta. Parei, com o pé colado no assoalho. A casa das Bishop não era uma casa comum e tinha a fama de extravasar sentimentos próprios a respeito de uma grande variedade de questões, desde quem tinha o direito de ocupá-la até a aprovação ou desaprovação da nova cor das cortinas.

Mas agora a casa estava sem respostas. Tal como os fantasmas, também estava à espera.

O carro novo de Sarah estava estacionado na frente da casa. O antigo Honda Civic sofrera um acidente durante o retorno de Montreal, onde Matthew e eu o deixáramos. Um funcionário dos De Clermont se encarregara de dirigi-lo de volta para Madison, mas o motor acabou pifando em algum lugar entre Bouckville e Watertown. Para consolar Sarah, Matthew a presenteara com um Mini Cooper roxo metálico completo, com um alinhamento de listras brancas, pretas e prateadas e uma placa personalizada onde se lia VASSOURA NOVA. Matthew esperava que essa mensagem de bruxa aplacasse a mania de Sarah de cobrir o carro de adesivos, mas para mim era uma questão de tempo para que estivesse igual ao antigo.

Para que ninguém pensasse que a falta de mensagens no carro novo significava que o paganismo de Sarah estava vacilante, Matthew comprou uma bruxinha de chapéu pontudo e óculos de sol para ser acoplada à antena. Fosse qual fosse o lugar onde Sarah estacionava o carro, alguém a roubava. Por isso ele mantinha um estoque da mesma bruxinha no armário de equipamentos de jardinagem.

Esperei que Matthew martelasse uma estaca antes de pular para dentro do Mini de Sarah. Liguei a ignição e fugi de casa. Matthew não exagerara

a ponto de me proibir de sair da fazenda sem companhia, e Sarah sabia onde eu estaria. Feliz por estar fugindo, abri o teto solar para pegar a brisa de julho no percurso até a cidade.

Primeiro parei na estação dos correios. A sra. Hutchinson olhou com interesse para o meu ventre proeminente sob a camiseta, mas não disse nada. As únicas outras pessoas na estação dos correios eram dois negociantes de antiguidades e Smitty, o novo melhor amigo de Matthew da loja de ferragens.

– A marreta está servindo bem ao sr. Clairmont? – ele perguntou, martelando uma maçaroca de correspondência na aba do chapéu de John Deere. – Fazia séculos que não vendia uma. Hoje em dia quase todo mundo prefere fazer cercas com bate-estaca.

– Matthew parece muito feliz com ela. – *Quase todo mundo não é um vampiro de um metro e noventa e dois de altura,* pensei comigo, jogando os folhetos de vendas e as ofertas de pneus novos do mercado local na lixeira de material reciclável.

– Você pescou um bom sujeito – disse Smitty olhando para o meu anel de casamento. – E parece que ele também está se dando bem com a srta. Bishop. – A última frase soou com um tom um tanto intimidado.

Contraí a boca. Peguei a pilha de catálogos e contas restantes e coloquei-a na bolsa.

– Cuide-se, Smitty.

– Até logo, sra. Clairmont. Diga ao sr. Clairmont para me informar quando decidir sobre o rolo compressor para o calçamento.

– Não é sra. Clairmont. Continuo usando... ah, deixa pra lá – eu disse, percebendo a expressão confusa de Smitty. Abri a porta e recuei para que duas crianças entrassem. Estavam atrás dos pirulitos que a sra. Hutchinson mantinha no balcão. Eu estava atravessando a porta quando ouvi Smitty sussurrar para a atendente.

– Annie, já conheceu o sr. Clairmont? Sujeito legal. Eu já estava

achando que Diana seria uma solteirona como a srta. Bishop, se é que entende o que estou querendo dizer. – Ele deu uma piscadela significativa para a sra. Hutchinson.

Segui para oeste rumo à Rota 20, percorrendo os campos verdes e as fazendas antigas que forneciam alimento para os moradores da região nos tempos de outrora. Muitas propriedades desmembradas e terrenos utilizados para diferentes fins. Escolas e escritórios, um pátio de granito e um celeiro convertido em loja de aviamentos.

Entrei no estacionamento do supermercado próximo a Hamilton a essa altura praticamente deserto. Mesmo quando a faculdade estava em pleno funcionamento, aquele lugar sempre estava ocupado apenas pela metade.

Conduzi o carro até uma das muitas vagas nas imediações das portas, e estacionei ao lado de uma daquelas vans que as pessoas adquirem quando chegam os filhos. Portas de correr que facilitam a instalação de assentos de carro, um monte de suportes para copos e tapetes beges para esconder o cereal arremessado no piso. Uma vida futura passou diante dos meus olhos.

O pequeno e compacto carro de Sarah era um aprazível lembrete de outras opções disponíveis, se bem que provavelmente Matthew insistiria em um tanque Panzer depois do nascimento dos gêmeos. Olhei para a bruxa bobinha esverdeada na antena. Balbuciei algumas palavras e os fios da antena se enrolaram naquela boneca de espuma macia com chapéu de bruxa. Ninguém roubaria a mascote de Sarah no meu turno.

– Ótimo feitiço de amarração – disse uma voz seca atrás de mim. – Acho que não o conheço.

Girei o corpo. Era uma cinquentona com cabelo prematuramente grisalho à altura dos ombros e olhos verde-esmeralda. Estava cercada por um zumbido baixinho de um poder invisível, embora sólido. Tratava-se da

alta sacerdotisa do conciliábulo de Madison.

– Olá, sra. Harrison. – Os Harrison constituíam uma antiga família de Hamilton. Eram oriundos de Connecticut e, tal como as Bishop, as mulheres mantinham o nome de família mesmo depois de casadas. Roger, o marido de Vivian, assumira uma atitude radical ao mudar o sobrenome Barker para Harrison quando se casou com ela. Tal disposição de honrar a tradição lhe valeu um lugar reverenciado nos anais do conciliábulo e muitos comentários dos outros maridos.

– Não acha que você tem idade suficiente para me chamar de Vivian? – Ela cravou os olhos no meu abdome. – Vai às compras?

– Hum... hum... – Nenhuma bruxa podia mentir para outra bruxa. Nessas circunstâncias era melhor manter respostas breves.

– Que coincidência. Também vou. – Atrás de Vivian dois carrinhos de compras soltaram-se por si próprios dos outros carrinhos engavetados uns nos outros.

– E então, está esperando para janeiro? – ela perguntou já dentro do supermercado.

Atrapalhei-me e quase deixei cair o saco de maçãs cultivadas em uma fazenda das redondezas.

– Só se me sair bem na gravidez dos bebês. Estou grávida de gêmeos.

– Gêmeos é tudo em dobro – disse Vivian consternada. – Abby que o diga. – Ela acenou para uma mulher que segurava duas caixas de ovos.

– Oi, Diana. Acho que ainda não nos conhecemos. – Abby colocou uma das caixas em um carrinho projetado para crianças e prendeu-a com o cinto de segurança. – Depois que os bebês nascerem, você terá que encontrar um jeito de manter os ovos intactos. Já tenho algumas abobrinhas para você no carro, por isso nem pense em comprar qualquer outra.

– Todos no condado já estão sabendo que estou grávida? – perguntei, sem mencionar o que pretendia comprar naquele dia.

– Somente as bruxas – disse Abby. – E qualquer outra pessoa que converse com Smitty. – Um menino de quatro anos de idade com uma camiseta listrada e uma máscara de Homem-Aranha passou correndo. – John Pratt! Pare de perseguir sua irmã!

– Não se preocupe. Encontrei Grace no corredor dos biscoitos – disse um homem bonitão que vestia uma bermuda e uma camiseta cinza e marrom da Colgate University. Segurava no colo uma criança que se contorcia com o rosto lambuzado de chocolate e migalhas de biscoito. – Oi, Diana. Sou Caleb Pratt, o marido de Abby. Leciono aqui. – Embora com uma voz calma, ele era rodeado por estalidos de energia. Será que isso era um toque de magia elemental?

A interrogação acentuou os finíssimos fios que o rodeavam, mas Vivian me distraiu antes que me certificasse da resposta.

– Caleb é professor do departamento de antropologia – ela disse com orgulho. – Faz junto com Abby uma soma bem-vinda para a comunidade.

– Prazer em conhecê-lo – balbuciei. O conciliábulo inteiro devia fazer compras no supermercado Cost Cutter nas quintas-feiras.

– Só quando precisamos falar de assuntos importantes – disse Abby, lendo a minha mente com facilidade. Talvez se pudesse dizer que tinha um talento consideravelmente menos mágico que o de Vivian e Caleb, mas claro que também tinha algum poder no próprio sangue. – Esperávamos encontrar Sarah aqui, mas ela está nos evitando. Ela está bem?

– Não muito. – Hesitei. Já tinha passado o tempo em que o clã de Madison representava tudo para mim, e com isso negava a mim mesma e a minha condição de Bishop. Mas eu havia aprendido com as bruxas de Londres que se pagava um preço por se viver afastada de outras bruxas. E a simples verdade é que eu e Matthew não conseguíamos nos guiar sozinhos. Não depois de tudo o que ocorrera em Sept-Tours.

– Quer dizer alguma coisa, Diana? – Vivian me olhou com ar astuto.

– Acho que precisamos de sua ajuda. – As palavras saíram sem

dificuldade. Meu espanto deve ter sido tão evidente que os três começaram a rir.

– Bem. Por isso estamos aqui. – Ela lançou-me um sorriso de aprovação. – Qual é o problema?

– Sarah está em estado de choque – eu disse sem rodeios. – E eu e Matthew estamos em apuros.

– Eu sei. Faz alguns dias que meus polegares estão me incomodando – disse Caleb, equilibrando Grace no quadril. – Primeiro pensei que fossem apenas os vampiros.

– É mais que isso. – Minha voz soou sombria. – Também as bruxas e a Congregação. Mamãe deve ter previsto isso, mas não sei por onde começar a procurar mais informações.

– O que Sarah disse? – perguntou Vivian.

– Não muito. Continua de luto por Emily o tempo todo. Fica observando a árvore que cresce na lareira enquanto espera pelo retorno dos fantasmas.

– E seu marido? – As sobrancelhas de Caleb se ergueram.

– Matthew está substituindo a madeira da cerca. – Suspendi as mechas úmidas do meu pescoço. Se estivesse um pouco mais quente, talvez se pudesse fritar um ovo no carro de Sarah.

– Um caso clássico de agressão deslocada – comentou Caleb pensativo –, e da necessidade de estabelecer limites firmes.

– Que tipo de magia é essa? – Fiquei espantada pela compreensão que ele teve de Matthew com minhas poucas palavras.

– Antropologia. – Caleb sorriu.

– Talvez seja melhor conversarmos em outro lugar. – Vivian abriu um sorriso caloroso para os curiosos que se aglomeravam na seção de hortaliças. Os poucos humanos na loja não puderam deixar de notar. A reunião de quatro criaturas sobrenaturais não passava despercebida aos humanos presentes na loja, e alguns ouviam abertamente a nossa conversa

fingindo que escolhiam melões e melancias maduros.

– Encontro vocês na casa de Sarah em vinte minutos – eu disse ansiosa para sair daquele lugar.

– O arroz arborio está no corredor cinco – disse Caleb prestativo, entregando Grace para Abby. – É o mais próximo de um bom arroz para *paella* que há em Hamilton. Se não for bom o suficiente, procure Maureen na loja de alimentos naturais. Ela poderá encomendar arroz espanhol para você. Caso contrário, terá que dirigir até Siracusa.

– Obrigada. – Agradeci com voz débil porque não haveria parada na loja de alimentos naturais, o ponto de encontro das bruxas locais quando não estavam no Cost Cutter. Girei o carrinho na direção do corredor cinco. – Boa ideia.

Abby me chamou.

– Não se esqueça do leite!

Quando cheguei em casa, Matthew e Fernando estavam tendo uma conversa profunda no quintal. Coloquei as compras em cima da bancada e peguei o balde que deixara na pia. Automaticamente, estiquei a mão para abrir a torneira e deixar a água correr.

– Que diabos há de errado comigo? – Puxei o balde vazio da pia e o carreguei até a despensa, atravessando a porta giratória.

Aquele cômodo presenciara algumas de minhas maiores humilhações como bruxa. Embora entendendo que minhas dificuldades anteriores com a magia se deviam ao fato de que eu era uma tecelã aprisionada por um encantamento, continuava sendo difícil deixar as lembranças dos fracassos para trás.

Mas era hora de tentar.

Coloquei o balde na lareira e logo uma onda conhecida fluiu pelo meu corpo. Graças ao meu pai, além do dom da tecelagem, no meu sangue

corria muita água. Agachei ao lado do balde, posicionei a mão em forma de bico e concentrei-me nos desejos.

Limpa. Fresca. Nova.

Alguns segundos depois a minha mão aparentava ser de metal e não de carne, e a água que vertia dos meus dedos atingia o plástico com um baque surdo. Só depois que o balde encheu é que minha mão retomou a forma de mão. Sorri de felicidade de cócoras sobre os meus saltos porque acabara de fazer magia na casa das Bishop. O ar brilhou em linhas coloridas a minha volta. Já não estava mais espesso e pesado e sim radiante e pleno de potencialidades. Uma brisa fresca soprou a céu aberto pela janela adentro. Se eu não podia resolver todos os problemas com um único nó, teria que começar de alguma forma se quisesse descobrir o que Emily e mamãe sabiam.

– Com o nó de um, começa a magia – sussurrei enquanto agarrava um fio de prata e o atava com firmeza.

Com o canto do olho vislumbrei as saias rodadas e o corpete brilhante e bordado que pertencera à minha antepassada Bridget Bishop.

Seja bem-vinda a casa, minha neta, ela disse com uma voz fantasmagórica.



Matthew levantou a marreta e, quando a abaixou, o baque no alto da estaca reverberou pelos seus braços, seus ombros e suas costas. Ergueu a marreta novamente.

– Não acredito que precise bater nessa estaca pela terceira vez – disse Fernando atrás dele. – Ela ainda estará ereta e firme na chegada da próxima era glacial.

Matthew largou a marreta na terra e apoiou os braços na estaca. Ele não estava suado nem sem fôlego. Mas estava irritado com a interrupção.

– O que é agora, Fernando?

– Ouvi você conversando com Baldwin na noite passada – disse Fernando.

Matthew pegou a cavadeira, sem dizer nada.

– Se não me engano ele lhe disse para ficar aqui e não causar problemas... por enquanto – continuou Fernando.

Matthew empurrou duas lâminas cortantes pela terra adentro. Elas desceram bem mais para dentro do que teriam descido se um ser humano estivesse empunhando a ferramenta. Depois de dar uma torção na cavadeira, retirou-a do buraco e pegou uma estaca.

– Vamos lá, *Mateus*. Consertar a cerca de Sarah não é a forma mais útil de passar o tempo.

– A forma mais *útil* de passar o tempo seria encontrar Benjamin e livrar a família desse monstro de uma vez por todas. – Matthew levantou a estaca de dois metros de altura com uma das mãos, como se não pesasse

mais que um lápis, e enfiou uma das extremidades na terra afofada. – E em vez disso estou esperando a permissão de Baldwin para fazer o que já deveria ter feito há muito tempo.

– Hum. – Fernando observou a estaca. – Por que então não vai atrás de Benjamin? Para o inferno Baldwin e seus modos ditatoriais. Para mim não será problema cuidar de Diana ou de Sarah.

Matthew o encarou com olhos mordazes.

– Não vou deixar minha companheira grávida no meio do nada... nem mesmo com você.

– Seu plano então é ficar aqui e consertar tudo que estiver quebrado, até chegar o momento feliz em que Baldwin pegará o telefone para autorizá-lo a matar o seu próprio filho. E depois você arrastará Diana até algum buraco esquecido por Deus, que serve de esconderijo para Benjamin, e o estripará na frente de sua mulher? – Fernando jogou as mãos para cima em sinal de desgosto. – Não seja ridículo.

– Baldwin não vai tolerar nada que não seja obediência, Fernando. Ele deixou isso bem claro em Sept-Tours.

Baldwin arrastara Fernando e os homens da família De Clermont para fora da casa no meio da noite, a fim de explicar com termos brutais e detalhados o que aconteceria a todos, caso ele sequer ouvisse um sussurro de protesto ou vislumbrasse uma insurreição. E depois dessa noite até Gallowglass parecia abalado.

– Já se foi o tempo em que você gostava de desafiar Baldwin. Desde a morte do seu pai você permite que seu irmão o trate de forma abominável. – Fernando apoderou-se da marreta antes que Matthew a pegasse.

– Eu não podia perder Sept-Tours. *Maman* não teria sobrevivido, não depois da morte de Philippe. – Nessa ocasião a mãe de Matthew estava longe de ser invencível. Era tão frágil quanto uma bolha de vidro. – Embora tecnicamente o castelo pertença aos Cavaleiros de Lázaro, todos sabem que a irmandade pertence aos De Clermont. Se Baldwin quisesse

desafiar a vontade de Philippe reivindicando Sept-Tours, ele teria conseguido e Ysabeau seria jogada ao relento frio.

– Pelo que parece Ysabeau já se recuperou da morte de Philippe. Qual é sua desculpa agora?

– Agora, minha mulher é uma De Clermont. – Matthew olhou para Fernando de igual para igual.

– Entendo. – Fernando bufou. – O casamento confundiu sua cabeça e inclinou sua coluna como um galho de salgueiro, meu amigo.

– Não farei nada que comprometa a posição de Diana. Ela ainda não entende o que significa isso, mas eu e você sabemos como é importante estar entre os filhos de Philippe – disse Matthew. – O sobrenome De Clermont vai protegê-la de todas as ameaças.

– E por esse tênue apoio da família, você venderia a alma ao diabo? – Fernando mostrou-se genuinamente surpreso.

– Pelo bem de Diana? – Matthew se virou. – Eu faria qualquer coisa. Pagaria qualquer preço.

– Esse amor por ela beira a obsessão. – Fernando manteve-se firme quando Matthew girou o corpo novamente, agora com os olhos escuros. – Isso não é saudável, Mateus. Nem para você. Nem para ela.

– Sarah já andou enchendo os seus ouvidos com os meus defeitos? As tias de Diana nunca me aprovaram. – Matthew olhou para a casa. Ainda que pudesse ser um truque de luz, a casa parecia tremer nas bases de tanto rir.

– Agora que o vejo com a sobrinha delas, entendo o porquê – retrucou Fernando suavemente. – A ira do sangue sempre o deixou propenso aos excessos. E o casamento o deixou pior.

– Só terei uns trinta anos com ela, Fernando. Quarenta ou cinquenta, se tiver sorte. Por quantos séculos você ficou com Hugh?

– Seis – respondeu Fernando amargurado.

– E foi o suficiente? – Matthew explodiu. – Antes de me julgar porque

quero o bem-estar de minha companheira a todo custo, coloque-se no meu lugar e imagine como você agiria se soubesse que seu tempo com Hugh seria tão breve.

– Matthew, uma perda é sempre uma perda, e a alma de um vampiro é tão frágil quanto a de qualquer sangue-quente. Seiscentos anos ou sessenta ou seis... isso não importa. Quando seu companheiro morre, uma parte de sua alma morre junto. Com ele ou com ela – disse Fernando em tom sereno. – E você terá seus filhos... Marcus e os gêmeos o consolarão.

– Que importância isso terá se Diana não estiver aqui comigo? – Matthew pareceu desesperado.

– Não me admira que você tenha sido tão duro com Marcus e Phoebe – disse Fernando, com uma compreensão crescente. – Fazer de Diana vampira é seu maior desejo...

– Nunca. – Matthew o interrompeu, com uma voz selvagem.

– E seu maior horror – concluiu Fernando.

– Se ela se tornasse vampira deixaria de ser a minha Diana – disse Matthew. – Ela seria... outra... pessoa.

– Você poderia amá-la do mesmo jeito – argumentou Fernando.

– De que forma, se a amo por tudo que ela é agora? – retrucou Matthew.

Fernando não tinha resposta para isso. Já que não podia imaginar Hugh a não ser como vampiro. Isso o definira: uma combinação única de coragem feroz e idealismo sonhador que levou Fernando a se apaixonar por ele.

– Seus filhos transformarão Diana. O que vai acontecer com seu amor quando eles nascerem?

– Nada – disse Matthew secamente enquanto tentava pegar a marreta.

Com muita facilidade Fernando jogou a ferramenta pesada de um lado para o outro a fim de mantê-la fora do alcance.

– Isso é a ira do sangue falando. Posso ouvi-la em sua voz. – A marreta

voou pelo ar a cento e cinquenta quilômetros por hora e pousou no quintal dos O'Neil. Fernando pegou Matthew pela garganta. – Temo pelos seus filhos. Dói dizer isso, até mesmo pensar nisso... mas já o vi matar alguém que você amava.

– Diana... não... é... Eleanor. – Matthew emitiu as palavras uma de cada vez.

– Claro que não. O que você sentia por Eleanor não é nada se comparado ao que sente por Diana. Mas bastou um toque casual de Baldwin, a mera sugestão de que Eleanor poderia concordar com ele e não com você, e você já estava pronto para estripar ambos. – Fernando procurou o rosto de Matthew. – O que fará se Diana atender às necessidades dos filhos antes das suas?

– Já estou sob controle agora, Fernando.

– A ira do sangue intensifica todos os instintos do vampiro, a ponto de afiá-los como uma lâmina. Sua possessividade já é perigosa. Como pode ter certeza de que a manterá sob controle?

– Cristo, Fernando. Não posso ter certeza. É isso que quer que eu diga? – Matthew passou os dedos pelo cabelo.

– O que quero é que ouça Marcus em vez de construir cercas e inspecionar calhas – disse Fernando.

– Você também, não. É loucura pensar nas minhas ramificações genealógicas com Benjamin à solta e a Congregação em pé de guerra – retrucou Matthew.

– Não me refiro à formação de descendência. – Fernando achava a ideia de Marcus excelente, mas era preciso se manter de boca fechada.

– Ao que então? – perguntou Matthew, com uma careta.

– Seu trabalho. Se você se concentrar na ira do sangue, poderá deter o plano que Benjamin está pondo em prática sem dar um único sopro. – Fernando deixou a ideia assentar antes de continuar. – Até Gallowglass acha que você devia fazer análises de laboratório daquela folha do *Livro*

da vida que está em suas mãos, e olhe que ele não entende nada de ciência.

– Nenhum laboratório das faculdades locais está à altura de minhas necessidades – disse Matthew. – Não estou apenas comprando calhas novas, entenda isso. Também estou fazendo perguntas. E você está certo. Gallowglass não tem a menor ideia do que seja a minha pesquisa.

Nem Fernando. Não completamente. Mas ele sabia quem tinha.

– Claro que Miriam fez *alguma coisa* enquanto você estava fora. Ela não é de ficar sentada e de braços cruzados. Você não poderia dar uma olhada nas últimas descobertas dela? – perguntou Fernando.

– Falei para ela que isso esperasse – disse Matthew em tom ríspido.

– Talvez os dados previamente recolhidos sejam úteis, ainda mais agora com Diana e os gêmeos a serem considerados. – Fernando usaria qualquer coisa como isca de anzol, até mesmo Diana, caso isso fizesse Matthew agir em vez de simplesmente reagir. – Talvez não seja apenas a ira do sangue que explique a gravidez. Talvez Diana e a bruxa de Jerusalém tenham herdado a capacidade de conceber filhos de um vampiro.

– É possível – disse Matthew pausadamente, desviando a atenção para o Mini Cooper de Sarah que derrapava ao longo do caminho de cascalhos soltos.

Os ombros de Matthew abaixaram e a escuridão se dissipou aos poucos de seus olhos.

– Realmente preciso endireitar esse calçamento – ele disse distraído enquanto assistia à progressão do carro.

Diana saiu do carro e acenou. Matthew sorriu e acenou de volta.

– Você precisa repensar tudo isso – disse Fernando.

Soou o telefone de Matthew.

– O que é agora, Miriam?

– Estive pensando. – Miriam nunca se preocupava com gentilezas. Nem mesmo o recente susto com Benjamin mudara isso.

– Que coincidência – disse Matthew secamente. – Fernando agora

mesmo insistia que eu devia fazer isso.

– Lembra-se da invasão do apartamento de Diana em outubro passado? Na ocasião, temíamos que qualquer que fosse o invasor, ele estaria à procura de informações genéticas sobre ela, em cabelos, lascas de unhas, pedaços de pele.

– Claro que lembro – disse Matthew, limpando a mão no rosto.

– Você estava certo de que tinha sido Knox e Gillian Chamberlain, a bruxa americana. E se *Benjamin* estivesse envolvido? – Miriam fez uma pausa. – Matthew, eu estou com uma péssima sensação sobre tudo isso... como se tivesse acordado de um sonho agradável apenas para descobrir que uma aranha me enlaçou em sua teia.

– Ele não esteve no apartamento dela. Eu teria sentido o cheiro. – Matthew pareceu convicto, embora com um traço de preocupação na voz.

– Benjamin é esperto demais e não se envolveria pessoalmente. Ele mandaria um lacaio... ou um dos filhos. Como seu pai, você pode farejá-lo, mas sabe muito bem que a assinatura do odor é praticamente indetectável nos netos. – Miriam suspirou exasperada. – Benjamin mencionou as bruxas e sua pesquisa genética. Lembra que você não acredita em coincidências?

Matthew lembrou que já tinha dito algo parecido – muito antes de conhecer Diana. Ele esquadrinhou involuntariamente a casa. Foi um misto de instinto e reflexo para proteger a esposa. Logo ele apagou da cabeça o comentário de Fernando a respeito de sua obsessão.

– Você já teve a oportunidade de aprofundar um pouco mais o DNA de Diana? – Ele próprio recolhera amostras de sangue e saliva de Diana no ano anterior.

– O que acha que tenho feito esse tempo todo? Crochê, cobertores para o caso de você chegar aqui em casa com os bebês? Chorando por sua ausência? Por enquanto sei tanto sobre os gêmeos quanto sobre o resto... isso quer dizer que ainda não sei o suficiente.

Matthew balançou a cabeça com ar pesaroso.

– Senti falta de você, Miriam.

– Não sentiu, não. E na próxima vez que estiver com você o morderei com tanta força que você vai carregar a cicatriz durante anos. – A voz de Miriam oscilou. – Você já devia ter matado Benjamin há muito tempo. Você sabia que ele era um monstro.

– Até mesmo os monstros podem mudar – disse Matthew calmamente. – Olhe para mim.

– Você nunca foi um monstro – disse Miriam. – Isso era uma mentira que você contava para manter todos nós a distância.

Matthew não pensava o mesmo, mas deixou o assunto morrer.

– Soube alguma coisa mais sobre Diana?

– Soube que tudo o que pensamos sobre sua mulher é minúsculo se comparado com o que não sabemos. O DNA nuclear dela é como um labirinto: se você se guiar por isso, provavelmente se perderá. – Ela referia-se à impressão digital genética singular de Diana. – E o mtDNA dela é igualmente desconcertante.

– Por enquanto é melhor deixar de lado o mtDNA. Isso só vai nos dizer o que Diana tem em comum com seus ancestrais do sexo feminino. – Matthew voltaria ao DNA mitocondrial de Diana posteriormente. – Quero entender o que a torna original.

– O que o está preocupando? – Miriam conhecia Matthew o suficiente para ouvir o que ele não estava dizendo.

– A capacidade de Diana para conceber filhos meus, para começar. – Ele suspirou profundamente. – E ela passou a ser acompanhada por uma espécie de dragão desde que esteve no século XVI. Corra é um dragão de fogo. É um familiar dela.

– Familiar? Eu achava que esse negócio de bruxas com familiares era um mito dos humanos. Não é de admirar que o gene de transmogrificação de Diana seja tão estranho – sussurrou Miriam. – Um dragão de fogo. É o

que precisamos. Espere um pouco. Ele está na coleira ou algo parecido? Podemos obter uma amostra de sangue?

– Talvez. – Matthew pareceu cético. – Não sei se Corra se deixaria ser tocada por um *swab*.

– O que me pergunto é se esse dragão e Diana estão geneticamente relacionados... – comentou Miriam intrigada com as possibilidades.

– Você já encontrou alguma coisa no cromossomo de bruxa de Diana que indique controle de fertilidade? – perguntou Matthew.

– Essa é uma solicitação que você só me faz agora, e você sabe que geralmente os cientistas não encontram nada que não esteja sendo observado – respondeu Miriam com ar mordaz. – Dê-me alguns dias, verei o que posso descobrir. Há tantos genes não identificados no cromossomo de bruxa de Diana que às vezes me pergunto se ela *é* mesmo uma bruxa. – Miriam deu uma risada.

Matthew permaneceu em silêncio. Ele não poderia afirmar se Diana era uma tecelã quando nem mesmo Sarah sabia.

– Você está escondendo alguma coisa de mim – disse Miriam, com uma nota de acusação na voz.

– Envie-me um relatório sobre tudo mais que já conseguiu identificar – ele disse. – Aprofundaremos isso em poucos dias. Também dê uma olhada no perfil do meu DNA. Concentre-se nos genes ainda não identificados, especialmente nos que estão próximos ao gene da ira do sangue. Veja se alguma coisa desperta a sua atenção.

– Oook! – exclamou Miriam de propósito. – Você tem uma conexão de internet segura?

– Tão segura quanto o que o dinheiro de Baldwin pode comprar.

– Extremamente segura, então – ela disse baixinho. – Falo com você mais tarde. E... Matthew?

– Sim? – Ele franziu a testa.

– Ainda vou mordê-lo por não ter matado Benjamin quando teve uma

chance.

– Primeiro você vai ter que me pegar.

– Isso será fácil. Só preciso pegar Diana. Você virá direto atrás de mim – ela disse antes de desligar.

– Miriam de volta a sua melhor forma – disse Fernando.

– Ela sempre se recuperou das crises com uma velocidade espantosa – disse Matthew carinhosamente. – Lembra quando Bertrand...

Um carro desconhecido aproximou-se da casa.

Matthew saiu correndo em sua direção, com Fernando nos calcanhares.

A mulher de cabelo grisalho que estava no Volvo azul-marinho amassado não pareceu surpresa ao ser confrontada por dois vampiros, um deles excepcionalmente alto.

Pelo contrário, ela abriu a janela.

– Você deve ser Matthew – disse. – Sou Vivian Harrison. Diana me pediu para que desse uma olhada em Sarah. Ela está preocupada com a árvore na sala de estar.

– Que cheiro é esse? – perguntou Fernando.

– Bergamota – respondeu Matthew, estreitando os olhos.

– É um cheiro comum! Além do mais, sou contadora – disse Vivian indignada. – Não apenas sacerdotisa do conciliábulo. Esperavam que eu cheirasse... a fogo e enxofre?

– Vivian? – Sarah postou-se na porta da frente e olhou para o sol. – Alguém doente?

Vivian saiu do carro.

– Ninguém está doente. Encontrei com Diana no supermercado.

– Vejo que já conheceu Matthew e Fernando – disse Sarah.

– Conheci. – Vivian olhou para os dois. – Que Deus nos preserve dos vampiros bonitos. – Saiu caminhando em direção à casa. – Diana disse que você está passando por maus pedaços.

– Nada que não possa se resolver – disse Matthew, com uma carranca.

– Ele sempre diz isso. E às vezes realmente está certo. – Sarah acenou para Vivian. – Vamos entrar. Diana tem um chá gelado pronto.

– Está tudo bem, sra. Harrison – disse Matthew caminhando ao lado da bruxa.

Diana surgiu atrás de Sarah. Olhou furiosa para Matthew e pôs as mãos nos quadris.

– Tudo bem? – disse. – Peter Knox assassinou Em. Uma árvore está crescendo para fora da lareira. Estou grávida dos seus filhos. Fomos despejados de Sept-Tours. E a Congregação pode aparecer a qualquer minuto e nos separar. Isso soa bem para você, Vivian?

– Aquele Peter Knox que tinha uma queda pela mãe de Diana? Ele não é membro da Congregação? – perguntou Vivian.

– Não mais – respondeu Matthew.

Vivian apontou o dedo para Sarah.

– Você me disse que Em teve um ataque cardíaco.

– E teve – disse Sarah na defensiva. Vivian crispou os lábios de desgosto. – É verdade! Foi isso que o filho de Matthew me disse.

– Sarah, você é muito boa em contar verdade e mentira ao mesmo tempo. – Vivian amenizou o tom. – Emily era uma parte importante de nossa comunidade. Assim como você. Precisamos saber o que realmente aconteceu na França.

– Saber se a culpa é ou não de Knox não vai mudar nada. Emily ainda estará morta. – Os olhos de Sarah se encheram de lágrimas. Ela enxugou-as. – E não quero o conciliábulo envolvido. É muito perigoso.

– Somos suas amigas. Já estamos envolvidas. – Vivian esfregou as mãos de Sarah. – Domingo é Lughnasadh.

– Lughnasadh? – repetiu Sarah desconfiada. – O conciliábulo de Madison não comemora o Lughnasadh há décadas.

– Não costumamos fazer uma grande festa, é verdade, mas este ano Hannah O'Neil está passando por cima de tudo só para recebê-la de volta

a casa. E para nos dar a todos a chance de nos despedirmos de Em.

– Mas... Matthew... Fernando. – Sarah abaixou a voz. – O pacto.

Vivian soltou uma risada.

– Diana está grávida. É um pouco tarde para se preocupar com a quebra de regras. Sem falar que o conciliábulo sabe tudo sobre Matthew, e sobre Fernando também.

– Já sabem? – disse Sarah assombrada.

– Sabem, sim – disse Diana, com firmeza. – Smitty fez amizade com Matthew durante a compra de ferramentas, e você sabe que ele é um fofoqueiro obstinado. – O sorriso indulgente que ela deu para Matthew tirou o toque veemente de suas palavras.

– Somos conhecidos como um conciliábulo progressista. Se tivermos sorte, talvez Diana nos confie o que está embrulhado no feitiço de disfarce que ela assumiu. Vejo vocês no domingo. – Depois de um sorriso para Matthew e um aceno para Fernando, Vivian entrou no carro e se foi.

– Vivian Harrison é um trator – resmungou Sarah.

– Observadora também – disse Matthew pensativo.

– Pois é. – Sarah estudou Diana. – Vivian está certa. Você está usando um feitiço de disfarce... dos bons. Quem o lançou para você?

– Ninguém. Eu... – Sem poder mentir e ainda não querendo dizer a verdade para a tia, Diana fechou a boca. Matthew fez uma careta.

– Tudo bem. Não me diga. – Sarah fez menção de voltar para a sala de estar. – E não vou a essa festa. O conciliábulo todo está numa onda vegetariana. Não haverá nada para comer, a não ser abobrinha e a célebre e intragável torta de limão cremosa da Hannah.

– A viúva está mais segura de si – sussurrou Fernando erguendo o polegar para Diana enquanto seguia Sarah pela casa. – Foi uma boa ideia voltar para Madison.

– Você prometeu que contaria para Sarah que é uma tecelã depois que nos instalássemos aqui na casa das Bishop – disse Matthew agora a sós

com Diana. – Por que não contou?

– Não sou a única a guardar segredos. E não me refiro apenas a esse negócio de voto de sangue ou ao fato de que os vampiros matam os vampiros portadores da ira do sangue. Você deveria ter me contado que Hugh e Fernando eram um casal. E definitivamente deveria ter me contado que durante muito tempo Philippe usou sua doença como arma.

– Sarah sabe que Corra é seu familiar e não uma lembrancinha? E quanto ao encontro de seu pai em Londres? – Matthew cruzou os braços.

– Não era o momento certo – disse Diana fungando.

– Ah, sim, o indescritível momento certo. – Matthew bufou. – Isso nunca vem, Diana. Às vezes só precisamos jogar a precaução para o alto e confiar nas pessoas que amamos.

– Confio em Sarah. – Diana mordeu o lábio, sem dizer mais nada.

Matthew sabia que o verdadeiro problema é que ela não confiava em si mesma e tampouco na magia que fazia. Não completamente.

– Vamos dar uma caminhada – ele disse estendendo a mão. – Falaremos disso mais tarde.

– Está muito quente. – Apesar do protesto, ela já estava de mãos dadas.

– Vou refrescá-la – ele prometeu sorrindo.

Ela olhou para ele com interesse. Ele ampliou o sorriso.

Matthew desceu da varanda com sua esposa, seu coração, sua companheira, sua vida nos braços. Os olhos de Diana estavam azuis e dourados como o céu de verão, e o único desejo dele era mergulhar de cabeça naquelas profundidades brilhantes. Não para se perder, mas para se encontrar.



— Não admira que não comemorem o Lughnasadh – sussurrou Sarah empurrando a porta da frente. – Com aquelas músicas horrorosas sobre o fim do verão e o início do inverno, sem falar no acompanhamento do pandeiro de Mary Bassett.

– A música não estava *tão* ruim – protestei. A careta de Matthew indicou que Sarah tinha o direito de reclamar.

– Fernando, ainda tem aquele vinho temperamental? – Sarah acendeu as luzes do saguão de entrada. – Preciso de uma bebida. Minha cabeça está latejando.

– Vinho Tempranillo. – Fernando jogou as toalhas de piquenique no banco do saguão. – Tempranillo. Lembre-se: é espanhol.

– Francês, espanhol, tanto faz... preciso de uns goles – ela disse ansiosa.

Dei passagem para Abby e Caleb cruzarem a porta. John estava apagado nos braços de Caleb, mas Grace estava acordada e se contorcia para sair do colo da mãe.

– Deixe-a descer, Abby. Não há perigo algum – disse Sarah indo para a cozinha.

Depois de ser deixada no chão, Grace seguiu direto para a escada. Matthew sorriu.

– Ela tem um instinto surpreendente para os problemas. Nada de escada, Grace. – Abby agarrou a filha e girou-a no ar antes de abaixá-la e apontar na direção da sala de estar.

– Por que não coloca John na sala de estar? – sugeri. John tinha trocado

a máscara do Homem-Aranha pela camiseta do super-herói.

– Obrigado, Diana – balbuciou Caleb. – Só agora vejo o que você quis dizer sobre a árvore, Matthew. Está mesmo ramificando para fora da lareira?

– Talvez por conta do fogo e de um pouco de sangue – explicou Matthew sacudindo um cobertor atrás de Caleb.

Eles haviam conversado a noite toda sobre a política acadêmica, o trabalho de Matthew no hospital em John Radcliffe e o destino dos ursos-polares. Matthew estirou o cobertor no chão, improvisando uma caminha para John, enquanto Caleb corria os dedos pela casca da árvore fantasmagórica.

É disso que Matthew precisa, pensei comigo. *Lar*. *Família*. *Bando*. Sem outras pessoas para cuidar refugiava-se naquele recanto escuro onde o passado o assombrava. Mas após o ressurgimento de Benjamin, ele estava particularmente propenso para uma ninhada.

Eu também precisava disso. Depois de ter vivido num lar do século XVI, e não simplesmente numa casa, eu tinha me acostumado com outras pessoas a minha volta. Já não tinha tanto medo de que minha identidade se revelasse e o que mais desejava era me integrar.

Justamente por isso a festa do conciliábulo me parecera surpreendentemente agradável. Se antes as bruxas de Madison ocupavam um lugar intimidador na minha imaginação, agora essas mesmas bruxas me eram reconfortantes e, se não fosse pelas más lembranças dos tempos de colégio, até que Cassie e Lydia me pareciam acolhedoras. Mas também me pareciam impotentes se comparadas com as bruxas que conhecera na Londres do passado. Uma ou duas praticavam a magia elemental, mas não eram extraordinárias como as bruxas de fogo e de água do passado. Além do mais, as bruxas de Madison *capazes* de desenvolver a arte não segurariam uma vela para Sarah.

– Vinho, Abby? – Fernando ofereceu-lhe um copo.

– Claro. – Abby soltou uma risada. – Estou surpresa por vê-lo ileso depois da festa. Já estava certa de que alguém lançaria um feitiço de amor em você.

– Bem que Fernando as encorajou – comentei com simulada severidade. – Não era preciso tanta mesura *e* tanto beijo na mão de Betty Eastey.

– O pobre marido da mulher não vai ouvir outra coisa durante dias senão "Fernando isso" e "Fernando aquilo" – disse Abby, soltando outra risada.

– As senhoras ficarão bastante desapontadas quando descobrirem que estão colocando a sela no cavalo errado – disse Fernando. – Suas amigas me contaram inúmeras histórias encantadoras, Diana. Sabia que os vampiros são extremamente fofinhos quando encontram seu verdadeiro amor?

– Matthew não se transformou exatamente em ursinho de pelúcia – retruquei em tom seco.

– Ah, diz isso porque não o conhecia antes. – Fernando sorriu com ar matreiro.

– Fernando! – Sarah chamou da cozinha. – Ajude-me a acender esse fogo estúpido. Não consigo fazê-lo pegar.

Por que Sarah tentava acender a lareira naquele calorão, isso estava além do meu entendimento, mas ela argumentava que Em sempre acendia a lareira no Lughnasadh e ponto final.

– O dever me chama – sussurrou Fernando, com uma pequena reverência para Abby que ruborizou tal como Betty Eastey.

– Nós também vamos. – Caleb pegou Grace pela mão. – Vamos lá, brotinho.

Com um sorriso brincando no canto da boca, Matthew observou a tropa dos Pratt a caminho da cozinha.

– Isso vai acabar logo – comentei, enlaçando-o com os braços.

– Era exatamente o que eu estava pensando. – Ele me beijou. – Já está

pronta para revelar sua condição de tecelã a sua tia?

– Assim que os Pratt forem embora. – A cada manhã eu prometia que contaria o que tinha aprendido no conciliábulo de Londres para Sarah, mas à medida que os dias passavam tornava-se cada vez mais difícil compartilhar a notícia.

– Não precisa contar tudo de uma vez – disse Matthew, acarinhando os meus ombros. – Diga que é uma tecelã para deixar de usar essa mortalha.

Chegamos à cozinha. O fogo de Sarah que crepitava jubiloso na despensa somava-se ao calor da noite de verão. Sentamos à mesa onde trocamos impressões sobre a festa e fofocamos sobre os últimos acontecimentos no conciliábulo. A certa altura a conversa descambou para o beisebol. Fiquei sabendo que Caleb era torcedor dos Red Sox como meu pai.

– O que há entre os homens de Harvard e os Red Sox? – Levantei-me para fazer um chá.

Um vislumbre embranquecido me chamou a atenção. Sorri ao pensar que era um dos fantasmas ausentes da casa e coloquei a chaleira no fogão. Sarah ficaria feliz se soubesse que um dos fantasmas estava prestes a reaparecer.

Mas não era um fantasma.

Grace cambaleou sobre as duas perninhas instáveis de seus dois anos de idade frente à lareira da despensa.

– *Buito* – murmurou.

– Grace!

Ela assustou-se com o grito e, ao girar a cabeça, desequilibrou-se perigosamente em direção ao fogo.

Era impossível alcançá-la a tempo – tanto pela ilha da cozinha como pelos sete metros de distância entre nós. Enfiei a mão no bolso da bermuda e puxei algumas linhas de tecelã que serpentearam por entre os meus dedos e se enrolaram nos meus pulsos ao mesmo tempo em que o grito de Grace

cortava o ar.

Mas também não restava mais tempo para feitiços. Agi por puro instinto e enraizei os pés no chão. Água era tudo o que nos rodeava, escorrendo pelas artérias profundas que cruzavam a terra das Bishop. Ela também estava dentro de mim e, num esforço para concentrar o seu poder cru e elemental, isolei os filamentos de azul, verde e prata que iluminavam tudo na cozinha e na despensa que estava ligado à água.

Com um movimento mercurial arremessei um jato de água até a lareira. Logo o vapor entrou em jorros de erupção, fazendo o carvão assobiar e acolhendo Grace na lama de cinzas com um baque.

– Grace! – Abby passou correndo por mim, seguida por Caleb.

Fui abraçada por Matthew. Sentia-me molhada até os ossos e tremia dos pés à cabeça. Ele esfregou as minhas costas na tentativa de me aquecer.

– Graças a Deus você tem esse poder sobre a água, Diana – disse Abby, segurando Grace, que choramingava.

– Ela está bem? – perguntei. – Ela estendeu a mão para se apoiar pertinho das chamas.

– Está com a mãozinha rosada – disse Caleb ao examinar os dedinhos da menina. – O que acha disso, Matthew?

Matthew afagou a mão de Grace.

– *Buito* – ela disse, com um tremor no lábio inferior.

– Eu sei. O fogo é muito bonito. Mas também muito quente – ele sussurrou, soprando os dedos da menina e fazendo-a rir. Fernando entregou-lhe um pano úmido e um cubo de gelo.

– Dá. – Grace estendeu a mão até o rosto de Matthew.

– Sem bolhas e aparentemente sem dano algum – ele disse depois de obedecer à ordem e soprar os dedinhos da pequena tirana novamente. Enrolou o pano na mãozinha com cuidado e pressionou o cubo de gelo. – Ela parece bem.

– Eu não sabia que você dominava jatos de água. – Sarah olhou-me

bruscamente. – Você está bem? Você está diferente, brilhante.

– Estou bem. – Afastei-me de Matthew, livrando-me dos restos esfarrapados do feitiço de disfarce a minha volta. Comecei a procurar possíveis fios de tecelagem caídos no piso que circundava a ilha da cozinha porque talvez precisasse de algum remendo furtivo.

– Você conseguiu tudo isso sozinha? – Sarah pegou-me e virou a palma de minha mão para cima. Engasguei com o que vi.

Filetes coloridos no centro de cada dedo. No dedo mindinho, uma nódoa marrom, no dedo anular, amarela. Um vívido azul marcava o dedo médio, e um vermelho reluzia no dedo indicador com imperiosa centelha. Os fios coloridos uniam-se na palma da mão e estendiam-se em um cordão trançado e multicolorido até o monte carnudo da base. E ali o cordão reunia-se a um fio verde que saía do polegar – uma ironia face ao destino de grande parte de minhas experiências com as plantas de casa. A trança de cinco cores percorria a curta distância até o pulso, onde fazia um nó com cinco cruzadas – o pentagrama.

– Fios do meu tear. Eles... estão dentro de mim. – Olhei incrédula para Matthew.

Acontece que a maioria dos tecelões usava nove fios e não cinco. Girei a palma da mão esquerda e lá estavam os fios que faltavam: preto no dedo polegar, branco no dedo mindinho, dourado no dedo anular e prata no dedo médio. O dedo indicador não tinha cor. E as cores que retorciam até o pulso esquerdo reproduziam um ouroboros, um círculo sem começo nem fim em forma de uma serpente com a cauda na boca. Era o emblema da família De Clermont.

– Diana... está cintilante? – disse Abby.

Continuei de olho em minhas mãos e flexionei os dedos. Uma explosão de fios coloridos iluminou o ar.

– O que foi isso? – Sarah arregalou os olhos.

– Fios. Ligam os mundos e governam a magia – expliquei.

Nesse mesmo momento Corra retornou de sua caça. Mergulhou pela chaminé da despensa e caiu no amontoado úmido de madeira, tossindo com chiados no peito e equilibrando-se nos pés.

– Isso... é um dragão? – perguntou Caleb.

– Não, é uma lembrancinha – disse Sarah. – Diana trouxe da Inglaterra elisabetana.

– Corra não é uma lembrancinha. É minha familiar – balbuciei.

Sarah bufou.

– As bruxas não têm familiares.

– As tecelãs têm – retruquei. Matthew pôs a mão em minhas costas em apoio silencioso. – É melhor chamar Vivian. Preciso contar uma coisa.

– Então, o dragão... – Vivian iniciou a frase apertando as mãos em torno de uma caneca fumegante de café.

– Dragão de fogo – corrigi.

– Então, ele...

– Ela. Corra é uma fêmea.

– ... é seu familiar? – Vivian terminou a frase.

– Sim. Corra apareceu quando teci o meu primeiro feitiço em Londres.

– E todos os familiares são dragões... quer dizer, dragões de fogo? – Abby puxou as pernas de cima do sofá da sala. Estávamos todos reunidos ao redor da televisão, menos John, que caíra num sono pacífico depois de tanta emoção.

– Não. Minha mestra Goody Alsop tinha uma criada... uma sombra projetada por ela mesma. Goody tinha afinidade com o ar; quer dizer, o familiar da bruxa tecelã sempre assume uma forma associada à predisposição elemental que ela apresenta.

Era provavelmente o enunciado mais longo sobre a magia já feito por mim. Isso soou em grande parte incompreensível para as bruxas presentes

que não sabiam nada sobre os tecelões.

– Eu tenho uma afinidade com a água e o fogo – continuei aprofundando o tema. – Ao contrário dos dragões comuns, os dragões de fogo sentem-se tão confortáveis nas águas como nas chamas.

– E também podem voar – acrescentou Vivian. – Na verdade, os dragões de fogo representam uma triplicidade do poder elemental.

Sarah olhou para ela com espanto.

Vivian deu de ombros.

– Eu tenho mestrado em literatura medieval. Os *wyverns*, ou dragões de fogo, se preferem, eram comuns nas mitologias e lendas da Europa.

– Mas você... você é minha contadora – Sarah gaguejou.

– Você já pensou que muitos ingleses de peso são contadores? – disse Vivian, erguendo as sobrancelhas e voltando-se para mim. – Diana, você também voa?

– Sim – admiti com relutância. Voar não era um talento comum entre as bruxas. Embora espetaculoso, era indesejável quando se queria viver tranquilamente entre os seres humanos.

– Os outros tecelões também brilham como você? – perguntou Abby de cabeça inclinada.

– Não sei se *há* outros tecelões. Não restaram muitos, nem mesmo no século XVI. Depois que executaram a tecelã escocesa, só restou Goody Alsop nas Ilhas Britânicas. Falava-se de um tecelão em Praga. E papai também era tecelão. O dom é passado nas famílias.

– Stephen Proctor não era um tecelão – disse Sarah, com sarcasmo. – Ele nunca brilhou e não tinha familiar. Seu pai era um bruxo perfeitamente normal.

– Os Proctor não produziram uma genuína bruxa de primeira linha ao longo de algumas gerações. – Vivian desculpou-se.

– É raro encontrar um tecelão de primeira linha seja lá do que for... de acordo com os padrões tradicionais. – Isso era verdadeiro até mesmo em

nível genético, onde os testes de Matthew revelavam tipos de marcadores contraditórios no meu sangue. – Por isso nunca fui boa com a arte. Sarah conseguia ensinar a prática dos feitiços para qualquer um, menos para mim. Eu era um desastre. – Soltei uma risada instável. – Papai dizia que para mim era melhor deixar o feitiço entrar por um ouvido e sair pelo outro, e depois fazer um apenas meu.

– Quando Stephen lhe disse isso? – A voz de Sarah rachou do outro lado da sala.

– Em 1591, em Londres. Ele também estava lá. Foi de papai que herdei a habilidade de viajar no tempo. – Apesar da recomendação de Matthew de não contar tudo de uma vez para Sarah, a história estava saindo dessa maneira.

– Você viu Rebecca? – Sarah arregalou os olhos.

– Não. Apenas papai. – O reencontro com meu pai acabou sendo um presente inesperado em nossa jornada, e o mesmo aconteceu quando conheci Philippe de Clermont.

– Serei condenada – murmurou Sarah.

– Ele não permaneceu em Londres por muito tempo, só por alguns dias. E como éramos três tecelões na cidade nos tornamos objeto de muitos falatórios. – E não apenas porque papai se meteu na trama e nos versos dos diálogos de William Shakespeare.

Sarah abriu a boca para disparar outra pergunta, mas Vivian ergueu a mão e calou-a.

– Se a tecelagem é transmitida no seio das famílias, por que há tão poucas tecelãs? – perguntou Vivian.

– Já faz muito tempo que as outras bruxas nos destroem. – Apertei a toalha que Matthew colocara nos meus ombros.

– Goody Alsop nos disse que assassinaram famílias inteiras para que nenhuma criança perpetuasse o legado. – Matthew pressionou os dedos nos músculos tensos do meu pescoço. – Os sobreviventes esconderam-se.

Guerra, doença e mortalidade infantil teriam estressado consideravelmente as poucas linhagens remanescentes.

– Por que erradicar os tecelões? Feitiços novos teriam uma grande acolhida em qualquer conciliábulo – disse Caleb.

– Eu mataria por um feitiço que destravasse o meu computador quando John brinca com o teclado – acrescentou Abby. – Já tentei de tudo: encantamento para rodas presas, feitiço para fechaduras quebradas, bênção para novos empreendimentos. Nada parece funcionar com esses aparelhos eletrônicos modernos.

– Os tecelões eram muito poderosos, e talvez isso despertasse inveja nos outros bruxos e bruxas. Ou talvez fosse apenas medo. E nesse aspecto não acho que as criaturas sejam mais abertas ou diferentes dos seres humanos... – Minhas palavras esvaneceram em silêncio.

– Novas magias. – Caleb assobiou. – Por onde começa?

– Isso depende do tecelão. Comigo é por uma pergunta ou por um desejo. Concentro-me nisso e os cordões fazem o resto. – Ergui as mãos. – Acho que os meus dedos precisam fazer isso agora.

– Deixe-me ver suas mãos, Diana – disse Sarah.

Levantei-me e estendi as palmas das mãos.

Ela observou atentamente as cores. Seus dedos traçaram um nó em forma de pentagrama com cinco cruzamentos no meu pulso direito.

– Esse é o quinto nó – expliquei enquanto Sarah me examinava. – As tecelãs o utilizam em feitiços para superar os desafios ou para tornar as experiências mais consistentes.

– O pentagrama representa os elementos. – Sarah bateu com a palma da mão nas estrias marrons, amarelas, azuis e vermelhas que estavam entrelaçadas. – Essas quatro cores expressam tradicionalmente a terra, o ar, a água e o fogo. E o verde no seu polegar simboliza a deusa... especialmente no aspecto de mãe.

– Sua mão é um verdadeiro manual mágico, Diana – comentou Vivian.

– Os quatro elementos, o pentagrama, a deusa, tudo inscrito aí. É tudo que uma bruxa precisa para operar a arte.

– E este aqui deve ser o décimo nó. – Sarah delicadamente largou a minha mão direita e pegou a esquerda. Esquadrinhou o laço em torno do meu pulso. – Isso se parece com o símbolo da bandeira hasteada em Sept-Tours.

– Pois é. Nem todos os tecelões conseguem fazer o décimo nó, embora pareça muito simples. – Respirei profundamente. – É o nó da criação. E da destruição.

Sarah fechou os meus dedos e dobrou a mão em torno da minha. Ela e Vivian entreolharam-se preocupadas.

– Por que está faltando uma cor em um dos meus dedos? – perguntei, sentindo-me subitamente desconfortável.

– Falaremos disso amanhã – disse Sarah. – Já está tarde. Foi uma longa noite.

– Preciso colocar as crianças na cama. – Abby levantou-se com cuidado para não perturbar a filha. – Espere até que o resto do clã saiba que Diana pode fazer novos feitiços. Cassie e Lydia vão ter um ataque.

– Não podemos dizer nada para o conciliábulo – disse Sarah, com firmeza. – Não até descobrirmos o que isso significa.

– Diana realmente está muito brilhante. – Abby apontou para mim. – Não percebi isso antes, mas até mesmo os seres humanos poderão perceber.

– Eu estava usando um feitiço de disfarce. Posso usar outro. – Olhei de relance para o olhar proibitivo de Matthew e acrescentei apressadamente. – Claro que não faria isso aqui em casa.

– Com ou sem feitiço de disfarce, precisamos informar alguma coisa para os O'Neil – disse Vivian.

Caleb olhou-a com ar sombrio.

– Sarah, o conciliábulo inteiro não precisa ficar sabendo, mas também

não podemos manter todos no escuro. O melhor é escolher para quem dizer e o que dizer.

– Será bem mais difícil explicar a gravidez de Diana do que arrumar uma boa razão para que ela esteja brilhando assim. – Sarah acentuou o óbvio. – Embora a gravidez ainda não esteja visível, com os gêmeos muito em breve será impossível ignorá-la.

– E é exatamente por isso que precisamos ser totalmente honestos – argumentou Abby. – As bruxas farejam as meias verdades da mesma forma que farejam as mentiras.

– Isso será um teste de lealdade e de abertura para o conciliábulo – acrescentou Caleb pensativo.

– E se falharmos nesse teste? – perguntou Sarah.

– Isso nos dividirá para sempre – ele respondeu.

– Talvez seja melhor sairmos daqui. – Eu tinha experimentado em primeira mão o que esse tipo de divisão ocasionava, sem mencionar os meus constantes pesadelos com as bruxas que se voltaram umas contra as outras na Escócia, iniciando assim os julgamentos em Berwick. Eu não queria ser responsável pela destruição do conciliábulo de Madison, forçando-o a abandonar casas e fazendas possuídas pelas famílias ao longo de gerações.

– Vivian? – Caleb dirigiu-se à líder do conciliábulo.

– Sarah é que deve decidir – disse Vivian.

– Já se passou o tempo em que acreditei que todo esse negócio de tecelagem devia ser compartido. Mas depois as bruxas fizeram coisas terríveis umas com as outras, e não me refiro apenas ao que aconteceu com Emily. – Sarah olhou para mim, mas sem dar mais detalhes.

– Posso manter Corra dentro de casa... a maior parte do tempo. Posso deixar de ir à cidade. Mas não posso esconder minhas diferenças para sempre, nem mesmo com os melhores feitiços de disfarce. – Fiz um alerta para as bruxas ali reunidas.

– Entendo – disse Vivian em tom sereno. – Mas isso não é apenas um teste... também é uma oportunidade. Quando as bruxas de outrora se determinaram a destruir os tecelões, além das vidas perdidas também se perderam linhagens, experiências e conhecimentos... e tudo porque temíamos um poder que não entendíamos. Essa é então a nossa chance de começar tudo de novo.

– *As tempestades se enfurecerão e oceanos rugirão* – sussurrei. – *Quando Gabriel estiver no mar e na terra. / E quando ele soprar o seu maravilhoso chifre / Fenecerão velhos mundos e nascerá o novo*. – Estávamos apenas em meio a tal mudança?

– Com quem aprendeu isso? – A voz de Sarah soou afiada.

– Com Goody Alsop. É uma profecia que ela ouviu da mestra... Mãe Ursula.

– Sei de quem é a profecia, Diana – disse Sarah. – Mãe Ursula foi uma mulher conhecida pela astúcia e uma poderosa vidente.

– Foi mesmo? – Fiquei intrigada porque Goody Alsop não tinha me contado.

– Foi sim. Para uma historiadora, você é uma completa ignorante da tradição das bruxas. Serei condenada. Você aprendeu a tecer feitiços com uma bruxa aprendiz de Ursula Shipton. – O tom de Sarah soou com uma nota de respeito verdadeiro.

– Então, nem tudo está perdido – disse Vivian suavemente –, contanto que não acabemos perdendo você.

Abby e Caleb colocaram as crianças na camionete, junto com cadeiras e restos de comida. Acenei da calçada e de repente Vivian aproximou-se com um recipiente de salada de batata na mão.

– Se quiser que Sarah não se preocupe tanto e pare de olhar para aquela árvore, conte tudo sobre tecelagem para ela. Mostre como se faz isso... na medida do possível.

– Ainda não sou muito boa nisso, Vivian.

– Outra razão para recorrer à ajuda de Sarah. Ela pode não ser uma tecelã, mas conhece a arquitetura dos feitiços como nenhuma outra bruxa conhece. Com isso ela terá um propósito, agora que Emily se foi. – Vivian apertou a minha mão para me encorajar.

– E o conciliábulo?

– Segundo Caleb isso é um teste – disse Vivian. – Vamos tentar passar por isso.

Ela seguiu caminho abaixo, com os faróis do carro varrendo a velha cerca. Entrei em casa, apaguei as luzes e subi a escada ao encontro do meu marido.

– Trancou a porta da frente? – perguntou Matthew deixando um livro de lado, sem sair da cama, que era pequena para ele.

– Não pude. Sarah perdeu a chave do ferrolho. – Desviei os olhos para a chave da porta do nosso quarto que a casa amavelmente nos entregara em outra ocasião. Os meus lábios abriram um sorriso com as lembranças daquela noite.

– Dra. Bishop, sente-se devassa? – O tom de Matthew era tão sedutor quanto uma carícia.

– Já estamos casados. – Desvencilhei-me dos sapatos e levei a mão ao botão superior de minha blusa. – Meu dever de esposa é manter os seus desejos carnais.

– E meu dever de marido é satisfazê-los. – Matthew moveu-se da cama à cômoda na velocidade da luz, e gentilmente apressou-se em substituir meus dedos para abrir com seus próprios dedos o botão de minha blusa. E depois outro e depois mais outro. Cada centímetro de carne à vista ganhava um beijo e uma suave pressão de dentes. Cinco botões depois o meu corpo tremia sob a umidade do ar de verão.

– Que estranho você tremer assim – ele sussurrou enquanto abria o fecho do meu sutiã. Em seguida roçou os lábios na cicatriz em forma de lua crescente próxima ao meu coração. – Você não sente frio.

– Tudo é relativo, vampiro. – Peguei-o pelo cabelo, fazendo-o sorrir. – E então, vai me amar ou só quer tomar a minha temperatura?

Mais tarde, ergui a minha mão esquerda e, ao girá-la sob a luz prateada, o dedo médio e o anular exibiam uma linha colorida; o primeiro, a sombra de um raio de lua, e o segundo, dourado como o sol. Embora os outros fios estivessem esmaecidos, ainda podia ser visto um nó perolado na palidez da carne de cada pulso.

– O que será que tudo isso significa? – perguntou Matthew deslizando os lábios pelo meu cabelo e traçando com os dedos desenhos de oito círculos no meu ombro.

– Que você se casou com uma dama tatuada... ou com uma mulher possuída pelos alienígenas. – Eu já começava a me sentir repleta dentro de meu corpo, com as novas vidas que se enraizavam dentro de mim junto a Corra e ao meu recente tear.

– Fiquei orgulhoso de você hoje à noite. Pela rapidez com que pensou em salvar Grace.

– Não pensei em nada. O grito de Grace é que ligou um interruptor dentro de mim. Foi puro instinto. – Eu me retorci nos braços de meu marido. – Isso aí nas minhas costas ainda é a coisa do dragão?

– Sim. E está mais escuro que antes. – Ele acariciou minha cintura e me virou para me encarar. – Alguma teoria a respeito disso?

– Ainda não. – A resposta continuava fora do meu alcance, mas podia senti-la à minha espera.

– Talvez tenha a ver com seu poder. Está mais forte do que nunca. – Matthew levou meu pulso à boca, sorveu meu cheiro e comprimiu os lábios em minhas veias. – Você continua cheirando a relâmpago de verão, mas com uma nota que lembra dinamite quando o pavio aceso toca a pólvora.

– Já tenho poder suficiente. Não quero mais nada – comentei aconchegando-me a ele.

Contudo, um obscuro desejo revolvia-me o sangue desde que tínhamos retornado a Madison.

Mentirosa, sussurrou uma voz conhecida.

Fiquei toda arrepiada, como se milhares de bruxas me observassem. Mas agora quem me observava era um único ser: *a deusa*.

Olhei ao redor do quarto, e nenhum sinal da deusa. Se Matthew percebesse a presença dela, começaria a fazer perguntas que eu não queria responder. E ele poderia descobrir um segredo ainda guardado por mim.

– Graças a Deus – balbuciei.

– Disse alguma coisa? – perguntou Matthew.

– Não. – Menti novamente, achegando-me a ele. – Você deve estar ouvindo coisas.



Na manhã seguinte, tropecei no térreo de tão exausta que estava após o encontro com a água de bruxa e os sonhos vívidos que se seguiram.

– A casa estava muito quieta na noite passada – disse Sarah por trás do velho púlpito, com os óculos de leitura empoleirados na ponta do nariz, os rebeldes cabelos vermelhos em volta do rosto e o grimório das Bishop aberto à frente. Uma visão semelhante à de Cotton Mather, um puritano ancestral de Emily.

– Sério? Não notei. – Aos bocejos arrastei os dedos pelo velho tabuleiro de madeira com lavandas recém-colhidas.

Logo as ervas estariam penduradas de cabeça para baixo para secar no varal estendido entre as vigas. Uma aranha acrescentava a sua própria versão de seda a essa teia.

– Claro que você está ocupada esta manhã – acrescentei, mudando de assunto.

As hastes do cardo de leite na peneira estavam prontas para as sacudidelas que libertariam as sementes de seu invólucro felpudo. Os ramos de matricária e de flores de arruda amarelas amarrados em barbante seriam pendurados em seguida. Sarah arrastara a pesada prensa de flores, as folhas aromáticas dentro de uma bandeja esperavam para serem prensadas. Em cima do balcão, ervas e buquês de flores recém-colhidas cuja finalidade ainda não era muito clara.

– Há muito trabalho a fazer – disse Sarah. – Enquanto estávamos fora

alguém cuidou da horta com seus próprios métodos, e as sementes de inverno e de primavera ainda não foram semeadas.

Alguns anônimos deviam estar envolvidos nesse "alguém", face ao tamanho da horta de bruxa na casa das Bishop. Pensando em ajudar, ergui a mão para pegar um ramo de arruda. Aquele odor sempre me lembrava Satu e os horrores que ela me infligiu depois que me sequestrou na horta em Sept-Tours e levou-me para La Pierre. Fui interceptada pela rapidez da mão de Sarah.

– Mulheres grávidas não tocam em arruda, Diana. Se quiser me ajudar, corte algumas lunárias na horta. Use aquilo. – Ela apontou para a faca de cabo branco. Eu a tinha utilizado pela última vez para abrir a minha própria veia e salvar Matthew. Nenhuma de nós se esquecera disso. Nenhuma de nós mencionara isso.

– Lunária é aquela planta com vagens?

– Flores roxas. Hastes longas. Aparência de discos planos. – Ela explicou com mais paciência que de costume. – Corte as hastes na base da planta. Vamos separar as flores do restante antes de pendurá-las para secar.

A horta de Sarah ocultava-se em um canto distante do pomar, onde nem as macieiras destroçadas nem os ciprestes e carvalhos da floresta ofuscavam o solo. Cercava-se de paliçadas feitas com estacas de metal, telas de arame, piquetes e outras engenhocas – tudo isso para repelir coelhos, ratazanas e gambás. Para maior segurança, o perímetro era incensado duas vezes por ano e preservado com magias de proteção.

Lá dentro, Sarah recriara um pedaço do paraíso. Os caminhos mais amplos da horta levavam a vales obscuros, onde samambaias e outras plantas abrigavam-se à sombra de árvores mais altas. Os canteiros de legumes e verduras mais próximos da casa eram mantidos com divisórias, grades e suportes de trepadeiras. Embora geralmente cobertos de vagens, ervilhas e diversos tipos de feijões, estavam subnutridos naquele ano.

Contornei a pequena horta onde Sarah ensinava as associações elementares das diferentes flores, plantas e ervas para as crianças do conciliábulo – e algumas vezes para os pais delas. Os jovens alunos haviam demarcado o seu próprio espaço sagrado em meio à horta maior com varinhas de tinta, galhos de salgueiro e palitos de picolé. As plantas de fácil cultivo como helênio e mil-folhas os ajudavam a compreender o ciclo sazonal de nascimento, crescimento e decadência que orientava o ofício das bruxas. A menta e outras plantas invasivas eram mantidas no vão de um toco.

Duas macieiras pontificavam no centro da horta, e uma rede delimitava a distância entre elas. Era ampla o bastante para armazenar as plantas de Sarah e de Em, e antes era o lugar onde elas sonhavam e conversavam longamente nas noites quentes de verão.

Passei pelas macieiras e atravessei um segundo portão que levava à horta de Sarah, cuja finalidade para uma bruxa profissional era a mesma que as bibliotecas tinham para mim: fonte de inspiração e de refúgio, e ainda de informações e de ferramentas para o trabalho.

Encontrei as hastes de quase um metro de altura cobertas de flores roxas. Como Sarah pedira, enchi a cesta de vime e deixei o suficiente para a autossemeadura do ano seguinte e depois voltei para a casa.

Eu e minha tia trabalhamos em sociável silêncio. Ela picava as flores de lunária que seriam usadas para preparar um óleo perfumado, e eu amarrava as hastes – já sem cachos para não danificar as vagens – com barbante e as pendurava para secar.

– O que fará com as vagens? – perguntei enquanto amarrava.

– Encantos de proteção. Haverá uma demanda para isso com o início das aulas daqui a algumas semanas. As vagens de lunária são muito eficazes porque afastam os monstros e os pesadelos das crianças.

Corra, que dormia no sótão da despensa, olhou de soslaio para Sarah, expelindo fumaça do nariz e da boca.

– Eu tenho outra coisa em mente para *você*. – Ela apontou a faca para o dragão de fogo.

Corra se virou de costas, com ar despreocupado. Sua cauda dependurou-se como um pêndulo na borda do mezanino, com a extremidade em forma de pá movendo-se suavemente de um lado para outro. Esquivei-me para passar e amarrei outra haste de lunária no teto, de modo que não pudesse se agitar e perder algumas de suas vagens ovais.

– Levam quanto tempo dependuradas antes de secarem? – perguntei ao retornar à mesa.

– Uma semana – disse Sarah, olhando-a de relance. – Enquanto isso nós esfregaremos a pele das vagens. Tem um disco de prata por dentro.

– Como uma lua. Como um espelho – comentei, balançando a cabeça em assentimento. – O reflexo faz o pesadelo se voltar para si mesmo e ele deixa de perturbar a criança.

Sarah se mostrou feliz com minha observação.

– Algumas bruxas utilizam a casca da lunária como instrumento de vidência – continuou depois de alguns instantes. – Segundo uma bruxa de Hamilton que ensinava química no ensino médio, os alquimistas recolhiam o orvalho das lunárias em maio para usá-lo como base do elixir da vida.

– Isso exigiria um bocado de lunária – comentei sorrindo e pensando na quantidade de água utilizada por Mary Sidney e eu em nossos experimentos. – Acho que é melhor nos atermos aos amuletos de proteção.

– Está bem, então. – Sarah sorriu. – Coloquei os amuletos em travesseiros de sonho para as crianças. Não são assustadores como os bonecos vodus ou os pentagramas feitos de varas de amora. Com quais ingredientes você os faria?

Respirei fundo e concentrei-me. Os travesseiros de sonhos não precisavam ser grandes, o ideal... seria então do tamanho da palma de minha mão.

A palma de minha mão. Eu geralmente corria os dedos por meus fios de

tecelã à espera de inspiração – e orientação – para acertar. Mas agora os fios estavam dentro de mim. Girei as mãos, abri os dedos e brilhantes nós irromperam pelo rendilhado das veias de meu pulso enquanto o polegar e o mindinho de minha mão direita faiscavam em verde e marrom, as cores da arte.

Os frascos de vidro de Sarah cintilaram à luz das janelas. Fui até lá e passei o dedo mindinho pelos rótulos até sentir uma resistência.

– Agrimônia. – Viajei ao longo da plataforma. – Artemísia.

Inclinei o dedo mindinho para trás, como se fosse o ponteiro de um tabuleiro Ouija.

– Anis. – O dedo moveu-se para baixo. – Lúpulo. – E depois traçou uma linha diagonal para o lado oposto. – Valeriana.

O que cheira assim? Tão pungente?

Meu dedo polegar vibrou.

– Uma folha de louro, algumas pitadas de alecrim e um pouquinho de tomilho – acrescentei.

E se a criança acordasse e agarrasse o travesseiro?

– E cinco feijões secos. – Era uma adição estranha, mas, segundo o meu instinto de tecelã, isso faria toda a diferença.

– Bem, serei amaldiçoada. – Sarah empurrou os óculos para cima da cabeça. Olhou-me espantada e sorriu. – Parece um velho amuleto de sua avó, com a diferença de que tinha verbasco e verbena... e não tinha feijão.

– Eu colocaria feijões no travesseiro – eu disse. – Pois se entrechocam quando agitados. Diga para as crianças que o barulho pode assustar os monstros.

– Um bom toque – Sarah admitiu. – E as lunárias... seriam moídas ou as deixaria inteiras?

– Inteiras e costuradas na frente do travesseiro – respondi.

Mas as ervas eram apenas uma parte dos amuletos de proteção. Era preciso adicionar palavras. E palavras embaladas com potencialidades,

caso outra bruxa quisesse utilizá-lo. Embora eu tivesse aprendido muita coisa com as bruxas de Londres, geralmente os meus feitiços ficavam na página e assim mantinham-se inertes em línguas alheias. Grande parte das magias era escrita em rimas, isso as tornava mais fácil de serem lembradas e animadas. Acontece que eu não era poeta como Matthew e os amigos dele. Hesitei.

– Algo errado? – perguntou Sarah.

– Minha *gramarye* é uma porcaria – confessei em voz baixa.

– Se eu soubesse o que é isso, poderia sentir pena de você – retrucou Sarah em tom seco.

– *Gramarye* é a forma pela qual os tecelões introduzem a magia nas palavras. Posso construir feitiços e executá-los, mas sem a *gramarye* não funcionarão com outras bruxas. – Apontei para o grimório das Bishop. – Centenas e centenas de tecelãs criaram palavras para esses feitiços que perduraram através dos tempos com outras bruxas. Até hoje esses feitiços são potentes. Será uma baita sorte se meus feitiços permanecerem potentes por uma hora.

– Qual é o problema? – perguntou Sarah.

– Não concebo feitiços em palavras e sim em formas e cores. – O lado inferior dos meus dedos polegar e mindinho ainda estava levemente descolorido. – A tinta vermelha ajudou-me no feitiço de fogo. Assim que arrumei as palavras na página para que formassem uma espécie de imagem.

– Mostre-me. – Sarah estendeu-me um pedaço de papel e um galho carbonizado. – Hamamélis. – Esclareceu-me quando ergui o galho. – Utilizo-o como lápis quando copio um feitiço pela primeira vez. Quando algo dá errado, os efeitos colaterais são menores... e isso perdura mais que a tinta. – Ela ruborizou levemente por conta de um ciclone causado no banheiro da casa por uma de suas magias indisciplinadas. Durante semanas encontramos salpicos de loção bronzeadora e de xampu em

lugares inimagináveis.

Concebi e escrevi um feitiço para iluminar as coisas, sem dizer as palavras comigo mesma e, portanto, sem executar a magia. Na ocasião em que o tinha criado, o dedo indicador de minha mão direita assumira um vermelho brilhante.

– Foi minha primeira tentativa de *gramarye*. – Observei-o com olhos críticos antes de entregá-lo para Sarah. – Talvez um aluno da terceira série tivesse feito um trabalho melhor.

Fogo
Oh, acenda
Goela brilhante a rugir
Onde a noite irá extinguir

– Não está *tão* ruim assim – disse Sarah. Olhei-a cabisbaixa e ela rapidamente acrescentou. – Já vi piores. Um feitiço com a primeira letra de cada linha formando a palavra fogo. Foi inteligente. Mas por que um triângulo?

– Pela própria estrutura da magia. Muito simples, na verdade... somente um nó cruzado três vezes. – Foi minha vez de analisar o trabalho. – O engraçado é que para muitos alquimistas o triângulo era o símbolo do fogo.

– Um nó cruzado três vezes? – Sarah olhou por cima dos óculos. – Foi um dos seus momentos Yoda. – Dessa maneira, ela retirava o ar do meu vocabulário.

– Fiz isso o mais claro possível, Sarah. Seria mais fácil mostrar o que quero dizer se meus fios não estivessem dentro de minhas mãos. – Segurei-as e balancei os dedos para ela.

Sarah murmurou alguma coisa e uma bola de barbante rolou por cima da mesa.

– Será um barbante comum, Yoda?

Falei o meu próprio feitiço e o movimento da bola se deteve com o poder da terra e o emaranhado de nós cruzados três vezes em volta. Sarah contraiu-se surpreendida.

– É claro – respondi satisfeita com a reação de minha tia. Com uma faca cortei aproximadamente nove centímetros do barbante. – Cada nó tem um número diferente de cruzamentos. Na sua arte você só utiliza dois, o simples nó corrediço e o duplo nó corrediço, os dois nós de tecelagem conhecidos por todas as bruxas. Mas as coisas se complicam quando chegamos ao terceiro nó.

Mas aquele barbante de cozinha demonstraria o que eu queria dizer? Se os nós feitos com meus fios de tecelã eram tridimensionais, com um barbante comum seria melhor trabalhar no plano. Segurando uma das extremidades com a mão esquerda, fiz uma laçada para a direita, passando o barbante por baixo de um lado e por cima do outro da laçada, e juntei as extremidades. E disso resultou um nó em forma de trevo semelhante a um triângulo.

– Olhe só, três cruzamentos – eu disse. – Tente você.

Quando tirei as mãos, o barbante ergueu-se em forma de pirâmide com as extremidades fundidas em um nó inquebrável. Sarah engasgou.

– Excelente! – exclamei. – O velho barbante funciona muito bem.

– Você parece o seu pai. – Ela cutucou o nó com o dedo. – Cada feitiço esconde esse mesmo nó?

– Pelo menos um. Na verdade, os feitiços complicados podem ter dois ou três nós, amarrando os fios como aqueles que apareceram ontem à noite na sala de estar... os fios que ligam o mundo. – Sorri. – Talvez a *gramarye* seja um tipo de feitiço de disfarce... que oculta o funcionamento interno da magia.

– E o feitiço se revela quando você entoa as palavras – disse Sarah pensativa.

– Faça o seu agora.

Antes que pudesse alertá-la, Sarah leu as palavras do meu feitiço em voz alta. O papel pegou fogo e ela o largou sobre a mesa. Apaguei o fogo com uma chuveirada de água conjurada.

– Pensei que fosse um feitiço para acender velas... e não para atear fogo na casa! – ela disse observando aquela bagunça carbonizada.

– Desculpe. É um feitiço muito novo. Talvez acabe se ajustando. À *gramarye* não cabe conservar os feitiços para sempre, e por isso a magia enfraquece ao longo do tempo. E também por isso os feitiços deixam de funcionar – expliquei.

– Sério? Nesse ritmo você acabará descobrindo a idade relativa dos feitiços. – Os olhos de Sarah brilharam. Por ser uma grande adepta da tradição, quanto mais antiga a magia, mais ela gostava.

– Talvez. Mostrei-me cética. – Existem outras razões para que os feitiços não funcionem. Primeiro porque as habilidades dos tecelões são diferentes. E depois porque as palavras alteradas ou deixadas de fora pelas bruxas posteriores que copiam os feitiços acabam por comprometer a magia.

A essa altura Sarah já folheava as páginas do seu livro de feitiços.

– Olhe este aqui. – Ela fez um sinal para que me aproximasse. – Sempre achei que este feitiço é o mais antigo do grimório Bishop.

– "*Um grandíssimo encantamento para limpar o ar e colocar tudo no lugar.*" – Li em voz alta. – "*Passado pela velha Maude Bishop e comprovado por mim, Charity Bishop, no ano de 1705.*" – À margem algumas notas de outras bruxas, incluindo a minha avó, que mais tarde dominara o feitiço. Uma anotação cáustica de Sarah proclamava, "*totalmente sem valor*".

– E então? – disse Sarah.

– Está datado de 1705. – Apontei.

– Sim, mas a genealogia remonta para mais além. Em nunca descobriu

quem foi Maude Bishop... parente de Bridget da Inglaterra, talvez? – Esse projeto de pesquisa genealógica inacabado era a primeira oportunidade de Sarah mencionar o nome de Em sem tristeza. Vivian estava certa. Sarah precisava de mim na despensa tanto quanto eu precisava estar lá.

– Talvez. – Mostrei-me cética outra vez para não levantar esperanças irrealistas.

– Faça o mesmo que você fez com os frascos. Leia com os dedos. – Sarah empurrou o púlpito em minha direção.

Rocei os dedos por cima das palavras do feitiço e minha pele formigou ao reconhecer os ingredientes ali tecidos: um sopro de ar ao redor do dedo anular, uma sensação líquida sob a unha do dedo médio e uma explosão de aromas agarrada ao dedo mínimo.

– Hissopo, manjerona e muito sal – eu disse pensativa. Eram ingredientes comuns encontrados na casa e na horta de toda bruxa.

– Por que então não funcionou? – Sarah olhou para a minha mão direita, que estava erguida como um oráculo.

– Não sei ao certo – admiti. – E você sabe que mesmo que o repetisse mil vezes nunca funcionaria para mim. – Sarah e seus amigos do conciliábulo teriam que descobrir o que havia de errado com o feitiço de Maude Bishop. Isso ou comprar uma lata de purificador de ar.

– Talvez você possa costurar novamente ou tecer um remendo ou fazer alguma outra coisa que bruxas como você fazem.

Bruxas como você. Mesmo sem intenção, as palavras de Sarah me deixaram inquieta e solitária. Olhei para a página do grimório me perguntando se a incapacidade de operar magia sob comando tinha sido uma das razões que tornaram os tecelões alvos de suas comunidades.

– Não é assim que funciona. – Cruzei as mãos em cima do livro aberto e apertei os lábios, retirando-me como um caranguejo em sua concha.

– Você disse que a tecelagem começa com uma pergunta. Pergunte ao feitiço o que há de errado – sugeriu Sarah.

Desejei nunca ter visto o feitiço de limpeza de Maude Bishop. E mais ainda, desejei que Sarah nunca o tivesse visto.

– O que está fazendo? – Ela apontou horrorizada para o grimório Bishop.

Debaixo de minhas mãos, a escritura desenrolava a partir de puros arabescos. Respingos de tinta marcavam a página agora em branco. Alguns segundos depois não restavam vestígios da magia de Maude Bishop, exceto um minúsculo e apertado nó azul e amarelo. Enquanto o observava fascinada, me deu uma súbita vontade de...

– Não toque! – gritou Sarah, despertando Corra do sono. Quando pulei para trás, Sarah debruçou-se no livro e prendeu o nó debaixo de um frasco.

Ambas esquadrinhamos o OMD – objeto mágico desconhecido.

– O que faremos agora? – Sempre concebi os feitiços como seres vivos, como respiração de criações. Parecia cruel contê-lo.

– Não sei se há muito que *possamos* fazer. – Sarah pegou minha mão esquerda e, quando a virou, o polegar estava preto.

– Isso é tinta – eu disse.

Ela balançou a cabeça.

– Isso não é tinta. É a cor da morte. Você matou o feitiço.

– O que quer dizer com matou? – Puxei a mão e a mantive atrás de mim, como uma criança flagrada ao surrupiar um pote de biscoitos.

– Não entre em pânico – disse Sarah. – Rebecca aprendeu a controlar isso. Você também pode.

– Mamãe? – Lembrei de Sarah e Vivian entreolhando-se longamente na noite anterior. – Você sabia que isso poderia acontecer.

– Só depois que vi na sua mão esquerda as cores da alta magia, como os exorcismos e os augúrios, assim como vi na sua mão direita as cores da arte. – Ela fez uma pausa. – E também as cores da magia negra.

– Ainda bem que sou destra. – Foi uma tentativa de humor,

desmascarada pelo tremor de minha voz.

– Você não é destra. É ambidestra. Só usa a sua mão direita porque aquela professora horrorosa da primeira série disse que as crianças canhotas eram demoníacas. – Sarah providenciara uma censura formal para a tal mulher. Depois de um primeiro Dia das Bruxas em Madison, a srta. Somerton requereu demissão do cargo.

Pensei em dizer que não me interessava apenas pela alta magia, mas não disse nada.

Sarah olhou-me com tristeza.

– Diana, você não pode mentir para outra bruxa, muito menos uma baita mentira como essa.

– Sem essa de magia negra. – Emily morrera tentando atrair e incorporar um espírito... provavelmente o de minha mãe. Peter Knox era outro que se interessava pelos aspectos mais sombrios da arte. E a magia negra também estava ligada ao Ashmole 782... sem mencionar a importância de outros dedos polegares da morte.

– Negro não significa necessariamente o mal – disse Sarah. – Por acaso a lua nova é má?

Balancei a cabeça.

– A lua negra é uma época de novos começos.

– E as corujas? As aranhas? Os morcegos? Os dragões? – Sarah soou com voz professoral.

– Não – admiti.

– Claro que não. Os humanos inventaram essas histórias porque a lua e as criaturas noturnas representam o desconhecido. Não por coincidência também simbolizam a sabedoria. Nada é mais poderoso que o conhecimento. Por isso somos tão cuidadosos quando ensinamos magia negra. – Sarah pegou minha mão. – O preto é a cor da deusa enquanto anciã, além de ser a cor do oculto, dos maus presságios e da morte.

– E estas? – Mexi os outros três dedos.

– Esta aqui é a cor da deusa enquanto donzela e caçadora. – Ela dobrou o meu dedo médio prateado. Isso me fez saber por que a voz da deusa soara de um jeito particular. – Esta outra é a cor do poder mundano. – Ela dobrou o meu dedo anular dourado. – E o branco do dedo mindinho é a cor da adivinhação e da profecia. Também usada para quebrar maldições e banir espíritos indesejáveis.

– Exceto a morte, isso não parece tão terrível.

– Como disse antes, negro não significa necessariamente o mal – disse Sarah. – Pense no poder mundano. Em mãos beneficentes é uma força para o bem. Mas pode ser terrivelmente destrutivo quando usado para benefício pessoal ou para prejudicar os outros. A escuridão depende da bruxa que a manipula.

– Você disse que Emily não era muito boa com magias mais elevadas. E mamãe?

– Rebecca era excelente com essas magias. Foi direto do sino ao livro e depois à vela e à invocação da lua – respondeu Sarah melancolicamente.

Só então algumas coisas que mamãe fazia durante a minha infância fizeram sentido, como em certa noite em que conjurou fantasmas de uma bacia d'água. Por isso Peter Knox se preocupava com ela.

– Mas Rebecca perdeu o interesse pela alta magia depois que conheceu o seu pai. Só se interessava por antropologia e Stephen. E por você, claro – acrescentou Sarah. – Já não trabalhava tanto com alta magia depois que você nasceu.

Não onde papai ou eu pudéssemos ver, pensei comigo.

– Por que não me contou isso? – perguntei em voz alta.

– Lembra que você queria distância da magia? – Sarah cravou os seus olhos avelã nos meus. – Salvei algumas coisas de Rebecca, já que você poderia demonstrar alguma habilidade. A casa levou o resto.

Sarah murmurou um feitiço de abertura cujos fios subitamente iluminaram o espaço em tons de vermelho, amarelo e verde. Surgiu um

armário de gavetas à esquerda da velha chaminé incorporado à velha alvenaria. O perfume de lírio-do-vale impregnou a sala com uma nota pesada e exótica que revolveu sentimentos afiados e desconfortáveis dentro de mim: vazio e saudade, familiaridade e pavor. Sarah abriu uma gaveta e tirou um pedaço de algo vermelho e resinoso.

– Sangue de dragão. Nunca cheiro isso sem pensar em Rebecca. – Ela o inalou. – Os itens de hoje em dia já não são tão bons quanto antes e eles custam uma fortuna. Pensei em vendê-lo para consertar o telhado que desmoronou na nevasca de 1993, mas Em não me deixou fazer isso.

– O que mamãe fazia com isso? – perguntei com um nó na garganta.

– Fazia tinta. Cada vez que ela copiava um encantamento com essa tinta, gerava uma força que sugava a energia de metade da cidade. Houve um monte de apagões em Madison durante a adolescência de sua mãe. – Sarah sorriu. – O livro de feitiços de Rebecca deve estar em algum lugar por aqui, a não ser que a casa o tenha comido enquanto eu estava fora. Esse livro vai lhe dizer muito mais.

– Livro de feitiços? – Fiz uma careta. – O que havia de errado com o grimório das Bishop?

– A maioria das bruxas que praticam magias superiores ou secretas possui o seu próprio grimório. É tradição – disse Sarah, remexendo no armário. – Não está aqui.

Fiquei aliviada ao mesmo tempo em que senti uma pontada de decepção pelo anúncio de Sarah. Já bastava um livro misterioso em minha vida, mesmo que outro livro trouxesse à luz o que levara Emily a invocar o espírito de minha mãe em Sept-Tours.

– Oh, não. – Sarah afastou-se do armário, com olhos horrorizados.

– Algum rato? – Minha passagem em Londres me condicionara a acreditar que em cada canto empoeirado escondia-se um rato. Mas no fundo do armário só havia uma coleção de frascos sujos com ervas, raízes e um velho rádio-relógio. Da prateleira pendia um fio marrom, como a

cauda de Corra que acenava com a suavidade de uma brisa. Espirrei.

Soou um estranho tilintar metálico nas paredes como uma pista, como moedas rolantes introduzidas numa jukebox. Seguiu-se um rangido musical, reminiscência de uma vitrola antiga de 33 rotações e não de 45, que depois afigurou uma canção reconhecível.

Levantei a cabeça.

– É... o Fleetwood Mac?

– Não. De novo não! – Sarah parecia ter visto um fantasma. Olhei ao redor, mas as únicas presenças invisíveis na sala eram Stevie Nicks e uma bruxa galesa chamada Rhiannon. A canção tornara-se um hino para muitos bruxos e bruxas nos anos 1970.

– Acho que a casa está acordando. – Talvez isso tivesse aborrecido Sarah.

Ela correu até a porta e levantou a trava, mas a trava não se moveu. Ela então esmurrou os painéis de madeira. A canção soou mais alta.

– Não é minha música favorita e muito menos de Stevie Nicks – comentei tentando acalmá-la. – E não vai tocar para sempre. Talvez a música seguinte seja melhor.

– A música seguinte é "Over My Head". Conheço de cor todo esse maldito álbum. Rebecca o ouvia sem parar quando estava grávida de você. Isso durou meses. E quando parecia que tinha superado essa obsessão, saiu outro álbum do Fleetwood Mac. Foi um inferno. – Sarah puxou o cabelo.

– Sério? – Eu sempre estava sequiosa por mais detalhes sobre os meus pais. – Fleetwood Mac faz mais o tipo de banda do meu pai.

– Vou acabar com isso. – Sarah mexeu no painel, mas não entrou a faixa seguinte. Frustrada, golpeou a estrutura.

– Deixe-me tentar. – Quanto mais eu tentava mudar a faixa, mais alta soava aquela mesma canção. Fez-se uma pausa momentânea depois que o gorjeio de Stevie Nicks sobre Rhiannon se deteve. Alguns segundos depois, Christine McVie nos informou que era bom estar na cabeça de alguém. A

janela continuava trancada.

– Isso é um pesadelo! – Sarah pôs as mãos nos ouvidos para bloquear o som, e depois correu até o grimório e folheou as páginas. – Cura para mordida de cão de Prudence Willard. Método de Patience Severance para adoçar leite azedo. – Ela continuou folheando o livro. – Feitiço de Clara Bishop para deter correntes de ar nas chaminés! Isso pode funcionar.

– Mas é música, não fumaça – argumentei enquanto olhava as linhas do texto por cima do ombro de Sarah.

– Ambas são transportadas pelo ar. – Sarah arregaçou as mangas. – Se não der certo, tentaremos outra coisa. Talvez trovão. Sou boa com trovões. Isso pode interromper a energia e levar o som para longe.

Comecei a cantarolar a canção. Era bem legal, à maneira dos anos 1970.

– Pare com isso. – Os olhos de Sarah faiscaram selvagens e retornaram ao grimório. – Pegue eufrásia, por favor. E ligue a cafeteira.

Segui obediente até a tomada e liguei o fio da cafeteira. A eletricidade pipocou da tomada em arcos alaranjados e azulados. Saltei para trás.

– Você precisa de um isolante de eletricidade, de preferência da última década, ou vai queimar a casa toda – disse Sarah.

Ela continuou resmungando enquanto colocava um filtro de papel na cafeteira, acompanhado de uma extensa seleção de ervas.

Já que estávamos presas na despensa e Sarah parecia não querer minha ajuda, talvez pudesse me valer de palavras para reforçar um feitiço antipesadelos para crianças. Fui até o armário de mamãe e peguei um pouco de tinta preta, uma caneta de pena e um pedaço de papel.

Matthew bateu na vidraça.

– Vocês estão bem? Senti cheiro de queimado.

– Um probleminha elétrico! – gritei, acenando com a caneta de pena, e logo lembrei que Matthew era vampiro e ouvia perfeitamente através de pedra, tijolo, madeira e vidraça de janela. Abaixei a voz. – Nada para se

preocupar.

– "Over My Head" saiu de cena e entrou "You Make Loving Fun".

Ótima escolha, pensei, sorrindo para Matthew. Com um rádio mágico em casa, quem precisaria de um DJ?

– Oh, Deus! – exclamou Sarah. – A casa colocou o segundo álbum da banda. Odeio o *Rumours*.

– De onde vem essa música? – Matthew franziu a testa.

– Do velho rádio-relógio da mamãe. – Apontei com a caneta. – Ela gostava do Fleetwood Mac. – Olhei para minha tia que recitava as palavras do feitiço de Clara Bishop com as mãos nos ouvidos. – Sarah não gosta.

– Ah. – O semblante de Matthew se descontraiu. – Fique então com a música. – Ele pressionou a mão na vidraça em silenciosa despedida.

Fiquei com o coração apertado. Se meu amor por Matthew não era *tudo* que me definia, definitivamente ele era o meu par perfeito e seria uma lástima se aquela vidraça me impedisse de dizer isso a ele.

Um vidro é apenas areia e fogo. Uma nuvem de fumaça seguida de um monte de areia assentada no peitoril da janela. Caminhei até a janela e pressionei a mão na dele.

– Obrigada por verificar se há algo errado com nós duas. Foi uma tarde interessante e tenho um monte de coisas para lhe contar.

Matthew pestanejou, de olho em nossas mãos espalmadas.

– Você sabe que me deixa muito feliz.

– Eu tento – ele disse, com um sorriso tímido.

– E com sucesso. Será que Fernando poderia resgatar Sarah? – Abaixei a voz. – A casa encravou as portas da despensa e trancou as janelas, e Sarah está prestes a explodir. Ela vai precisar de um cigarro e de uma bebida forte quando sair daqui.

– Faz tempo que Fernando não resgata uma mulher de um perigo, mas claro que ainda se lembra de como fazer isso. Será que a casa o impedirá?

– ele disse.

– Espere cinco minutos ou até a música parar, o que acontecer primeiro. – Afastei-me e soprei um beijo carregado de um pouco mais de fogo e água e de ar suficiente para pousar decidido no rosto de Matthew.

Retornei à mesa de trabalho e mergulhei a caneta de pena de mamãe na tinta. Cheirava a amoras e nozes. Graças à minha experiência com instrumentos elisabetanos de escrita pude escrever um encantamento para os travesseiros de sonho sem uma única mancha.

Espelho
Brilha
Monstros tremem
Pesadelos são banidos
Até nós
Acordarmos

Soprei suavemente para fixar a tinta. Muito respeitável, pensei comigo. Muito melhor que o outro feitiço para conjurar o fogo, e simples o bastante para ser lembrado pelas crianças. Só depois que as vagens secassem e a cobertura semelhante a papel desaparecesse é que eu escreveria o encantamento em letras minúsculas na superfície prateada.

Levantei-me ansiosa para mostrar o trabalho para Sarah. Ela me convenceu a desistir com um olhar, e a só mostrá-lo depois que tivesse tomado um uísque e fumado um cigarro. Fazia algumas décadas que ela esperava que me interessasse pela magia. Eu poderia esperar mais vinte minutos pela nota que teria para o "Encantamento de dormir 101".

Um leve formigamento às minhas costas alertou-me para uma presença fantasmagórica um segundo antes de me sentir delicadamente abraçada nos ombros.

– *Bom trabalho, amendoim* – sussurrou uma voz familiar. – *Excelente*

gosto musical também.

Girei a cabeça e nada, a não ser uma leve névoa esverdeada, mas nem era preciso ver para saber que papai estava ali.

– Obrigada, pai – sussurrei.



Matthew recebeu a notícia sobre a aptidão de mamãe para a alta magia melhor do que o esperado. Ele já vinha suspeitando que havia algo entre o trabalho caseiro da arte e os brilhantes espetáculos da magia elemental. E se por um lado não se surpreendeu quando soube que nesse entremeio também pratiquei o mesmo tipo de magia, por outro intrigou-se quando soube que tal talento se transmitira através do sangue de minha mãe.

– Terei que dar uma olhada mais atenta no seu teste de mtDNA – disse-me enquanto fungava as tintas de mamãe.

– Parece bom.

Era a primeira vez que ele se interessava em retomar a pesquisa genética. Já tinham se passado muitos dias sem que fizesse qualquer menção a Oxford, a Baldwin, ao *Livro da vida* ou à ira do sangue. E se já tinha se esquecido da informação genética ligada ao Ashmole 782, o mesmo não acontecia comigo. Além do mais, seriam imprescindíveis as habilidades científicas de Matthew para decifrar o manuscrito depois que ele chegasse às nossas mãos.

– Você está certa. Feito com sangue, resina e acácia – ele disse rodopiando a tinta.

Eu tinha aprendido naquela manhã que a goma arábica era extraída da acácia, o que deixava a tinta menos fluida.

– Refleti bastante. As tintas utilizadas no Ashmole 782 também continham sangue. Talvez seja uma prática mais comum do que eu

pensava – retruquei.

– Aqui também tem um pouco de incenso – ele continuou, ignorando a menção anterior ao *Livro da vida*.

– Ah. Isso é o que produz um odor exótico. – Vasculhei os frascos restantes na esperança de encontrar alguma outra coisa que lhe despertasse a curiosidade bioquímica.

– E também sangue, claro – ele acrescentou em tom seco.

– Se for o sangue de mamãe, poderá trazer mais luz ao meu DNA – comentei. – E também a esse meu talento para a alta magia.

– Hum – ele exclamou, sem se comprometer.

– E isto aqui? – Retirei a rolha de um frasco com um líquido azul-esverdeado, e um perfume de jardim de verão encheu o ar.

– Isso é feito de íris – disse Matthew. – Lembra que você procurou tinta verde em Londres?

– Então, a tinta extremamente cara de mestre Platt era isso! – Soltei uma risada.

– Feita com raízes importadas da Florença. Foi o que ele disse. – Matthew esquadrinhou a mesa onde estavam frascos com líquidos de cor azul, vermelha, preta, verde, roxa e magenta. – Pelo visto há tinta suficiente para mantê-la ocupada durante um bom tempo.

Ele estava certo. Era o suficiente para as semanas seguintes. E ultrapassava de longe o que eu estaria disposta a projetar, se bem que meu dedo mindinho esquerdo *já* latejava antecipando o futuro.

– Isso deve ser suficiente, mesmo com todas as tarefas que Sarah me incumbiu.

Cada frasco aberto sobre a mesa tinha uma etiqueta por baixo, com uma nota da caligrafia esparramada de Sarah. "*Mordida de mosquito*", dizia uma. "*Melhor recepção de celular*", dizia outra. Com essas designações me senti como uma atendente de restaurante fast-food.

– Obrigada por sua ajuda.

– Sempre que quiser – disse Matthew, dando-me um beijo de despedida.

As rotinas da vida doméstica ao longo dos dias seguintes nos ancoraram uns aos outros e à casa das Bishop, mesmo sem a presença estabilizadora de Em, que antes era o centro de gravidade da casa.

Fernando era um tirano do lar – muito pior do que fora Em – que fazia mudanças radicais e inflexíveis nas dietas e nos exercícios de Sarah. Além de inscrever minha tia no programa do CSA que a cada semana entregava uma caixa de verduras exóticas como couve e acelga, ele a obrigava a caminhar ao longo da cerca da propriedade sempre que ela tentava roubar um cigarro. Fernando também cozinhava, cuidava da limpeza e estofava almofadas – tudo isso me fez lhe perguntar que tipo de vida ele levava com Hugh.

– Quando não tínhamos empregados, o que era uma constante, eu é que mantinha a casa – ele respondeu enquanto pendurava as roupas no varal. – Nós teríamos vivido na miséria se eu esperasse que Hugh fizesse isso. Hugh não prestava atenção em questões mundanas como lençóis limpos ou falta de vinho. Sempre estava escrevendo poesia ou planejando algum cerco de três meses. Não lhe sobrava tempo para as tarefas domésticas.

– E Gallowglass? – perguntei entregando-lhe um prendedor de roupa.

– Gallowglass era pior. Nem mesmo os móveis, ou a falta de móveis, importavam para ele. Certa noite nós chegamos e encontramos a casa arrombada enquanto Gallowglass dormia sobre a mesa como um guerreiro viking prestes a partir para o mar. – Fernando sacudiu a cabeça em negativa. – De todo modo, eu gosto de trabalhar. Cuidar da casa é como preparar armas para a batalha. É repetitivo e reconfortante. – Essa confissão me deixou menos culpada por deixá-lo a cargo de todas as refeições.

Além da cozinha, o outro domínio de Fernando era o galpão de

ferramentas. Ele dispensou o que estava quebrado, limpou e afiou o que restava e comprou os itens que faltavam como, por exemplo, uma foice. Os podadores de rosa ficaram tão afiados que poderiam cortar um tomate. Lembrei-me de todas as guerras travadas com utensílios domésticos comuns e me perguntei se Fernando estaria discretamente nos armando para um combate.

Sarah resmungava com o novo regime imposto, mas acabou se acostumando. Quando chegava irritada, o que quase sempre acontecia, ela deixava a irritação lá fora. Embora a casa ainda não estivesse totalmente desperta, ruídos periódicos de atividade indicavam que aquela hibernação autoimposta estava chegando ao fim. A energia da casa era dirigida em grande parte para Sarah. Certa manhã acordamos e vimos todo o estoque de bebidas despejado na pia e um móbile improvisado de talheres e garrafas vazias fixado na luminária da cozinha. Eu e Matthew demos muitas risadas, mas, no que dizia respeito a Sarah, aquilo era guerra. A partir daquele momento minha tia e a casa passaram a travar uma batalha pela supremacia.

A casa saiu ganhando, graças a sua arma principal: Fleetwood Mac. Sarah reagiu despedaçando o velho rádio de mamãe, e só nos demos conta disso dois dias depois durante um interminável concerto do "The Chain". A casa retaliou substituindo todos os rolos de papel higiênico dos armários do banheiro por dispositivos eletrônicos que ecoavam música. Eram alarmes matinais estrondosos.

Sem se intimidar, a casa continuou selecionando faixas dos dois primeiros álbuns da banda, e sequer se importou quando Sarah jogou pela janela três toca-discos, um gravador de oito canais e um ditafone antigo. A casa simplesmente desviou a música para sistema de aquecimento, as notas graves reverberando pela tubulação e as agudas flutuando pelas saídas de ar.

Embora enraivecida com a casa, Sarah mostrava-se surpreendentemente

paciente e gentil comigo. Já tínhamos revirado a despensa à procura do livro de feitiços de mamãe, e chegáramos ao ponto de remover todas as gavetas e prateleiras do armário. Já tínhamos encontrado algumas cartas de amor surpreendentemente gráficas da década de 1820, escondidas sob o fundo falso de uma gaveta, e uma coleção macabra de crânios de roedores pregados em fileiras ordenadas atrás de um painel de correr na parte traseira das prateleiras, mas nenhum livro de feitiços. A casa só apresentaria o livro quando estivesse pronta.

Quando a música e as lembranças de Emily e de meus pais tornavam-se avassaladoras, eu e Sarah escapávamos ora para o jardim ora para o bosque. E agora titia se prontificava a me mostrar onde estavam as plantas venenosas. Com a lua totalmente escura, isso significava o início de um novo ciclo de crescimento. Ou seja, um momento propício para reunir os materiais de alta magia. Matthew nos seguiu como uma sombra enquanto perambulávamos pelo terreno e os canteiros de ensino. Chegamos à horta de bruxa e Sarah continuou andando. Uma gigantesca trepadeira dama-da-noite demarcava a fronteira entre a horta e o bosque, esparramando-se em todas as direções e obscurecendo o muro e o portão.

– Permita-me, Sarah. – Matthew apressou-se em soltar o trinco. Até então passeava atrás de nós aparentemente interessado nas flores. Mas eu sabia que a retaguarda o colocava em perfeita posição de defesa. Ele entrou pela porta na certeza de que nenhum perigo nos espreitava, e afastou a trepadeira para que eu e Sarah atravessássemos para outro mundo.

Eram muitos os recantos mágicos dedicados à deusa nos bosques de carvalho da propriedade rural Bishop, além de longas alamedas por entre teixos que antes eram velhas estradas que exibiam os sulcos profundos dos vagões que carregavam madeira e produtos para os mercados, inclusive para o velho cemitério Bishop. Mas o meu favorito era o pequeno bosque entre a horta e a floresta.

Raios de sol rompiam ao centro, movendo-se através do cipreste que circundava uma área talvez chamada em épocas passadas de anel de fada. Isso porque o solo estava repleto de cogumelos. Quando criança eu era proibida de pegar qualquer coisa que ali brotasse. E agora entendia por quê: aquelas plantas ou eram venenosas ou estavam associadas aos aspectos mais sombrios da arte. Dois caminhos cruzavam-se no meio do bosque.

– Uma encruzilhada. – Congelei.

– As encruzilhadas daqui são mais antigas que a casa. Alguns dizem que esses percursos foram feitos pelos índios oneida antes da chegada dos ingleses aqui. – Sarah acenou para que me aproximasse. – Veja esta planta. É beladona ou pretinha?

Sequer ouvi porque estava completamente hipnotizada pelo X no meio do bosque.

Era um lugar de poder. E de conhecimento. Senti o conhecido empurrão do desejo e do medo ao me esclarecer com os olhos a respeito dos que tinham andado por aqueles caminhos no passado.

– O que é isso? – perguntou Matthew, alerta aos próprios instintos, que captavam alguma coisa errada.

Outras vozes, no entanto, as vozes tênues de mamãe, Emily, papai, vovó e de algumas outras que me eram desconhecidas capturaram a minha atenção. *Acônito*, elas sussurraram. *Solidéu*. *Escabiosa*. *Língua-de-serpente*. *Retama negra*. Era um canto pontuado de avisos e sugestões, uma ladainha de feitiços com as plantas encontradas nos contos de fadas.

Colher cinco-em-rama na lua cheia amplia o alcance do seu poder.

Heléboro torna mais eficaz qualquer magia de disfarce.

Visco atrai o ser amado e as crianças.

Meimendro-negro torna mais clara a visão do futuro.

– Diana? – Sarah aprumou-se com as mãos nos quadris.

– Já vou – murmurei, desviando a atenção das vozes tênues e

colocando-me obediente ao lado de minha tia.

Sarah passou-me inúmeras instruções sobre as plantas daquele bosque. As palavras entraram por um ouvido e saíram pelo outro em fluxos que teriam deixado o meu pai orgulhoso. Embora recitasse os nomes comuns e botânicos e os usos benignos e funestos tanto das flores silvestres e das ervas daninhas como das raízes e das outras ervas, a maestria de minha tia se devia à leitura e ao estudo. Mas eu tinha aprendido no laboratório alquímico de Mary Sidney que o conhecimento baseado em livros era limitado, isso quando confrontada pela primeira vez com os desafios de pôr em prática o que havia lido e escrito por anos a fio como pesquisadora. Eu já sabia então que a citação de textos alquímicos não era nada quando comparada com a experiência. Contudo, mamãe e Emily não estavam mais presentes para me ajudar, de modo que, se quisesse trilhar os caminhos escuros da alta magia, teria que fazer isso sozinha.

Fiquei aterrorizada com essa perspectiva.

A lua estava prestes a aparecer quando Sarah sugeriu que voltássemos para que colhêssemos as plantas que seriam necessárias ao trabalho daquele mês.

Fiz de tudo para não sair com ela, alegando que estava cansada demais para isso. Mas o chamado insistente das vozes na encruzilhada é que me fez recusar.

– Sua relutância em ir à mata à noite tem algo a ver com sua ida lá essa tarde? – perguntou Matthew.

– Talvez – respondi olhando pela janela. – Sarah e Fernando já estão de volta.

Sarah carregava uma cesta cheia de plantas. A tela da cozinha fechou-se e em seguida a porta da despensa abriu-se. Alguns minutos depois Sarah subia a escada junto com Fernando. Ela estava menos ofegante que na semana anterior. O regime de saúde de Fernando estava funcionando.

– Venha para a cama – disse Matthew sob as cobertas.

Era uma noite escura iluminada apenas pelas estrelas. Logo seria meia-noite, o interlúdio entre a noite e o dia. As vozes na encruzilhada tornaram-se mais altas.

– Eu tenho que ir. – Passei por Matthew e desci a escada.

– *Nós* temos que ir – ele disse, seguindo-me. – Não vou impedi-la nem interferir. Mas você não vai para a mata sem mim.

– Lá tem poder, Matthew. Poder das trevas. Foi o que senti. Isso está me chamando desde o pôr do sol!

Ele pegou-me pelo cotovelo e levou-me pela porta da frente afora. Ninguém podia ouvir o resto da conversa.

– Responda então ao chamado – retrucou-me. – Diga sim ou diga não, mas não pense que ficarei calmamente aqui até você voltar.

– E se eu disser sim? – perguntei.

– Enfrentaremos. Juntos.

– Não acredito nisso. Você disse antes que não queria que eu me envolvesse com a vida e a morte. Esse é o tipo de poder que me espera onde os caminhos se cruzam na mata. Eu quero isso! – Puxei o cotovelo e apontei um dedo no peito dele. – Eu me odeio por querer isso, mas não consigo evitar!

Esquivei-me da reação que certamente estaria nos olhos de Matthew, que por sua vez colocou-me cara a cara com ele.

– Eu já sabia que a escuridão estava em você desde que a encontrei na Bodleiana, escondendo-se das outras bruxas durante o Mabon.

Fiquei com a respiração presa. E com os olhos presos nos olhos dele.

– Fui seduzido por você e minhas próprias trevas responderam às suas. Eu deveria detestá-las? – A voz de Matthew tornou-se um sussurro quase inaudível. – E você também?

– Mas você disse...

– Eu disse que não queria que você se metesse com a vida e a morte e não que você não poderia fazer isso. – Matthew pegou minhas mãos. – Fui

coberto de sangue. Fiquei com o futuro de um homem em minhas mãos. E decidi se o coração de uma mulher bateria novamente. Algo em sua própria alma morre. Cada vez que você faz uma escolha por outra pessoa, algo em sua própria alma fenece. Sei muito bem o que a morte de Juliette fez com você, e a de Champier também.

– Não tive escolha nesses casos. Não tive mesmo. – Champier teria roubado as minhas memórias e machucado os que estavam tentando me ajudar. E Juliette estava tentando matar Matthew e teria conseguido se a deusa não tivesse me ajudado.

– Você teve, sim. – Matthew beijou meus dedos. – Você escolheu a morte para eles e a vida para mim, da mesma forma que escolheu a vida para Louisa e Kit que tentavam prejudicá-la, e também a vida para Jack quando o trouxe para nossa casa em Blackfriars, impedindo-o de morrer de fome na rua, e a vida para o bebê Grace quando a salvou do fogo. Quer perceba ou não, você paga um preço cada vez que faz uma escolha.

Eu sabia que pagara um preço pela sobrevivência de Matthew, mas ele não sabia que esse preço era entregar a minha vida à deusa pelo tempo que ela bem entendesse.

– Philippe foi o único homem que conheci que tomava decisões de vida ou morte tão rápida e instintivamente quanto você. Ele pagou o terrível preço da solidão que cresceu ao longo do tempo. Nem mesmo Ysabeau conseguiu dissipá-la. – Matthew descansou a testa na minha. – Não quero que você tenha o mesmo destino.

Mas o meu destino já não era meu e já era hora de dizer isso a Matthew.

– Lembra-se daquela noite em que o salvei? – perguntei.

Ele balançou a cabeça porque não gostava de falar da noite em que nós dois quase perdemos a vida.

– A donzela e a anciã estavam lá... as duas faces da deusa. – Fiquei com o coração descompassado. – Chamamos Ysabeau depois que você me

ajudou e falei para ela que as tinha visto. – Ele pareceu desnorteado e sem qualquer sinal de entendimento no rosto. – Eu não o salvei, Matthew. A deusa fez isso. E fui eu que pedi para que ela fizesse isso.

Ele cravou os dedos no meu braço.

– Diga-me que não barganhou com ela em troca.

– Você estava morrendo e eu não tinha poder para curá-lo. – Peguei-lhe pela camisa. – Eu não tinha sangue suficiente. Mas a deusa chamou um velho carvalho à vida que me ajudou a alimentá-lo através de minhas veias.

– E em troca? – Matthew apertou meus braços, a ponto de quase levantar meus pés do chão. – Seus deuses e suas deusas não concedem bênçãos sem receber algo em troca. Philippe me disse isso.

– Pedi para que ela levasse qualquer um, qualquer coisa, menos você.

Matthew soltou-me abruptamente.

– Emily?

– Não. – Balancei a cabeça. – A deusa queria uma vida por uma vida e não uma morte por uma vida. Ela escolheu a minha. – Meus olhos lacrimejaram quando o semblante de Matthew estampou traição. – Só fiquei sabendo que a deusa tinha decidido isso quando teci o meu primeiro feitiço. Foi quando ela me disse que eu ainda tinha trabalho a fazer.

– Vamos corrigir isso. – Ele praticamente me arrastou em direção ao portão da horta. Sob o céu escuro apenas as lunárias acima de nós indicavam o caminho. Chegamos à encruzilhada rapidamente. Matthew empurrou-me para o centro.

– Não podemos – protestei.

– Se você pode tecer o décimo nó, também pode anular a promessa que fez à deusa – ele disse asperamente.

– Não! – Meu estômago apertou e meu peito ardeu. – Não posso simplesmente anular o acordo com um aceno de mão.

Os galhos ressequidos do velho carvalho que a deusa sacrificara pela sobrevivência de Matthew já não eram tão numerosos. A terra parecia

transmutar sob meus pés. Abaixei os olhos e notei que estava no centro da encruzilhada. A queimação no meu coração se estendeu pelos braços e os dedos.

– Você não vai comprometer seu futuro com nenhuma divindade caprichosa. Não por minha causa – ele disse, com a voz trêmula de raiva.

– Não fale mal da deusa aqui – alertei-o. – Nunca vou a sua igreja para zombar do seu deus.

– Já que não vai quebrar sua promessa à deusa, invoque-a com sua magia. – Ele juntou-se a mim onde os caminhos convergiam.

– Saia da encruzilhada, Matthew. – O vento rodopiou ao redor dos meus pés como uma tempestade mágica. Corra soltou um grito através do céu noturno que arrastou um fogaréu como um cometa. E depois circulou acima de nós com gritos de aviso.

– Não antes de você invocá-la. – Ele permaneceu com os pés firmes no solo. – Você não vai pagar pela minha vida com a sua.

– Foi minha escolha. – Meu cabelo crepitou em torno do meu rosto, e gavinhas de fogo contorceram-se no meu pescoço. – Escolhi você.

– Não permitirei.

– Já está feito. – Os pulos do meu coração ecoaram no dele. – Se a deusa me quiser para cumprir algum propósito, farei isso... com prazer. Já que você é meu e ainda não terminei com você.

Essas últimas palavras eram quase idênticas às que a deusa já tinha dito para mim. Soaram com poder, acalmando o vento e silenciando os gritos de Corra. O fogo arrefeceu em minhas veias, e a queimação tornou-se um calor ardente que me conectou a Matthew, os laços que nos ligavam brilharam intensamente.

– Não me arrependerei do que pedi para a deusa e não deixarei de pagar um preço por isso – continuei. – Não quebrarei a promessa que fiz para ela. Já pensou no que poderia acontecer se eu fizesse isso?

Matthew continuou ouvindo em silêncio.

– Sem você eu nunca teria conhecido Philippe e recebido o voto de sangue dele. Eu não estaria carregando os seus filhos. Eu não teria visto o meu pai e sabido que sou uma tecelã. Não entende isso? – Acariciei o rosto dele. – Ao salvar a sua vida também salvei a minha.

– O que ela quer que você faça? – A voz de Matthew tornou-se áspera e emotiva.

– Não sei. Mas sei que a deusa precisa de mim viva para fazê-lo.

Matthew pousou a mão entre os meus quadris, onde nossos filhos dormiam.

Senti uma suave vibração. Depois, outra. Olhei para ele alarmada.

Ele flexionou a mão sobre a minha pele e comprimiu-a levemente. Fez-se um intenso lampejo de movimento em meu ventre.

– Alguma coisa errada? – perguntei.

– De modo nenhum. Os bebês. Eles se mexeram. – A expressão de Matthew refletiu admiração e alívio.

Esperamos juntos pela próxima onda de atividade dentro de mim. E sorrimos quando isso aconteceu, apanhados por uma alegria inesperada. Inclinei a cabeça para trás. As estrelas pareciam mais brilhantes, equilibrando a escuridão da lua nova com a luminosidade.

Fez-se silêncio na encruzilhada, dissipando minha necessidade aguda de sair a céu aberto sob a lua escura. Não era a morte que me levara até ali e sim a vida. Eu e Matthew voltamos para casa de mãos dadas. E quando acendi a luz da cozinha, o inesperado esperava por mim.

– É um pouco cedo para alguém me deixar um presente de aniversário – comentei olhando para um pacote embrulhado de modo estranho. Matthew avançou para examiná-lo mais de perto e o detive com a mão. – Não toque nisso.

Ele me olhou confuso.

– Isso tem proteções mágicas suficientes para repelir um exército – expliquei.

Era um pacote fino e retangular, coberto por uma variedade ímpar de papel de embrulho remendado: papel rosa com cegonhas, papel de cores primárias com lagartinhas formando o número quatro, papel de embrulho de cor berrante com árvore de Natal e uma folha prateada com sinos de casamento em relevo. Um buquê de arcos brilhantes se estendia sobre a superfície.

– De onde isso veio? – perguntou Matthew.

– Da casa, acho eu. – Encostei um dedo. – Reconheço algumas folhas de papel de embrulho de aniversários passados.

– Tem certeza que é para você? – Ele olhou duvidoso.

Balancei a cabeça. Claro que o pacote era para mim. Peguei-o com cautela. Os arcos já tinham sido utilizados, e sem adesivo escorregaram e caíram na ilha da cozinha.

– Chamo a Sarah? – perguntou Matthew.

– Não. Tenho tudo sob controle. – Minhas mãos formigaram quando removi o papel de embrulho, deixando à vista os arcos coloridos de um arco-íris.

Era um livro de composição com capa em preto e branco e folhas costuradas em fios grossos. Alguém colara uma margarida de cor magenta sobre a caixa branca para designar o próprio nome, editando REGRAS GERAIS para REGRAS DAS BRUXAS.

– *Livro das sombras de Rebecca Bishop*. – Li em voz alta as palavras escritas em tinta preta sobre a margarida. – Era o livro de feitiços desaparecido que mamãe usava para alta magia.

Abri a capa. Depois de todos os nossos problemas com o Ashmole 782, preparei-me para possíveis ilustrações misteriosas e textos codificados. Em vez disso, topei com a caligrafia redonda e infantil de minha mãe.

– *Para invocar e questionar um espírito recentemente morto*. – Era a primeira passagem do livro.

– Mamãe certamente pensou em começar com um estrondo. – Mostrei

as palavras na página para Matthew. As notas abaixo do feitiço registravam as datas e os resultados das primeiras tentativas mágicas de mamãe e Emily. Nas três primeiras tentativas, fracasso. Na quarta tentativa, êxito.

Na ocasião, ambas tinham treze anos idade.

– Cristo – disse Matthew. – Elas ainda eram crianças. O que será que elas queriam com os mortos?

– Talvez quisessem saber se Bobby Woodruff gostava de Mary Bassett – respondi olhando para a escrita apertada.

– Por que simplesmente não perguntaram para Bobby Woodruff? – disse Matthew.

Folheei as páginas. Feitiços de amarração, encantamentos de banimento, feitiços de proteção e invocações dos poderes elementais, tudo isso junto a magias de amor e outros encantos coercitivos. Meus dedos pararam. Matthew fungou.

Alguma coisa fina e quase transparente pressionou dentro de uma folha inserida na parte de trás do livro. Rabiscado acima disso em uma versão mais madura da mesma caligrafia redonda, as seguintes palavras:

Diana:

Feliz Aniversário!

Guardei isso para você. Foi nossa primeira indicação de que você seria uma grande bruxa.

Talvez você precise disso um dia.

Muito amor, mamãe

– É minha coifa. – Olhei para Matthew. – Será significativo isso ter retornado para mim no mesmo dia em que os bebês se mexeram?

– Não – disse Matthew. – O mais provável é que a casa tenha lhe

devolvido isso esta noite porque finalmente você deixou de fugir daquilo que sua mãe e seu pai sabiam desde o começo.

– Daquilo o quê? – Fiz uma careta.

– De que você estava destinada a possuir uma extraordinária combinação das diferentes habilidades mágicas dos seus pais – respondeu Matthew.

O décimo nó ardeu no meu pulso. Girei a mão e lá estava a sua forma contorcida.

– Por isso posso amarrar o décimo nó – comentei ao entender pela primeira vez de onde vinha tal poder. – Posso criar porque papai era um tecelão, e posso destruir porque mamãe tinha o dom para a magia negra.

– A união dos opostos – acrescentou Matthew. – Seus pais também fizeram um casamento alquímico. Um casamento que gerou uma criança maravilhosa.

Fechei o livro de feitiços com muito zelo. Eu levaria meses – talvez anos – para aprender com os erros de minha mãe e criar os meus próprios feitiços até alcançar os mesmos fins. Com uma das mãos comprimi o livro de feitiços de mamãe no meu esterno e com a outra comprimi o meu abdome, e ao me recostar ouvi as batidas lentas do coração de Matthew.

– *Não me recuse porque sou trevoso e sombrio* – sussurrei ao me lembrar de uma passagem de um texto alquímico que eu tinha lido na biblioteca de Matthew. – Essa frase do *Aurora Consurgens* sempre me fez pensar em você, mas agora me faz pensar em meus pais, em minha própria magia e em como eu resistia a isso.

Matthew acariciou-me o pulso com o polegar, trazendo uma vida colorida e brilhante ao décimo nó.

– Isso me faz lembrar de outro trecho do *Aurora Consurgens* – ele murmurou. – *Eu sou o fim, o meu ser amado é o começo. Em mim se esconde a obra inteira da criação.*

– O que acha que isso significa? – Girei a cabeça para observar o que ele

expressava no rosto.

Matthew sorriu, enlaçou-me pela cintura com os braços e pousou a mão no meu ventre. Os bebês se mexeram como se reconhecendo o toque do pai.

– Que sou um homem de muita sorte – ele disse por fim.



Acordei com Matthew deslizando as mãos frias sob a blusa do meu pijama e beijando com lábios macios o meu pescoço suado.

– Feliz aniversário – sussurrou-me.

– Meu ar-condicionado particular. – Aconcheguei-me a ele. Um marido vampiro era um alívio bem-vindo em condições tropicais. – Que presente delicioso!

– Há mais. – Ele me deu um beijo matreiro e lento.

– Fernando e Sarah? – Fiquei preocupada com a possibilidade de nos ouvirem fazendo amor, mas nem tanto assim.

– Lá fora. Na rede do jardim. Lendo o jornal.

– Então, precisamos ser rápidos. – Os jornais locais eram breves em notícias e repletos de propagandas. Eram lidos em dez minutos... ou quinze se você quisesse comprar artigos de volta às aulas ou saber qual das três cadeias de supermercados oferecia o melhor preço para a água sanitária.

– Comprei o *New York Times* esta manhã – disse Matthew.

– Sempre preparado, não é? – Abaixei e o toquei. Ele soltou uma expressão em francês. – Você é igual à Verin. Um autêntico escoteiro.

– Nem sempre. – Ele fechou os olhos. – E muito menos agora.

– E além do mais terrivelmente seguro de si. – Rocei a boca na dele a fim de provocá-lo. – *New York Times?* E se eu estivesse cansada? Irritada? Atiçada pelos hormônios? O jornal de Albany teria sido mais do que suficiente para mantê-los ocupados.

– Contei com meus presentes para adoçá-la.

– Não sei, não. – Com uma torção sinuosa da mão o fiz soltar outra expressão em francês. – Por que não acabo de desembrulhar este presente? E depois você mostra o que tem a mais.

Ali pelas onze horas da manhã do meu aniversário o mercúrio marcava quase trinta e três graus. A onda de calor de agosto não mostrava sinais de esmorecimento.

Preocupada com a horta de Sarah, utilizei um novo feitiço e uma fita adesiva para ligar quatro mangueiras a todos os canteiros de flores. Coloquei os fones de ouvido para ouvir Fleetwood Mac. Mas a casa andava estranhamente silenciosa, como se à espera de algum acontecimento, de modo que acabei perdendo o ritmo da banda favorita dos meus pais.

Enquanto arrastava a mangueira pelo gramado, um grande cata-vento de ferro no alto do celeiro me chamou a atenção de relance. Aquele cata-vento não estava lá no dia anterior. Por que então a casa teria mexido nos anexos? Eu me fazia essa pergunta quando da cumeeira emergiram dois outros cata-ventos que estremeceram como plantas recém-brotadas e depois giraram loucamente. Quando o movimento se deteve, apontaram para o norte. Felizmente, uma posição que indicava que a chuva estava a caminho. De todo modo, a mangueira ainda seria útil.

Ainda estava regando as plantas quando me senti envolvida por um abraço.

– Graças a Deus! Eu estava muito preocupado com você.

Reconheci aquela voz grave, embora abafada pelo som das guitarras e da bateria. Puxei os fones de ouvido e, ao me virar, topei com os olhos castanhos profundamente perturbados do meu melhor amigo.

– Chris! – Abracei os ombros largos dele. – O que está fazendo aqui? – Procurei sinais de mudança no meu amigo, mas ele ainda estava com os

mesmos cabelos crespos e curtos, a mesma pele morena, as mesmas maçãs do rosto altas e inclinadas sob sobrancelhas retas e a mesma boca larga.

– Procurando você! – ele respondeu. – Que diabo está acontecendo? Você sumiu de vista no último novembro. Não atendia o telefone nem respondia aos e-mails. Não a encontrei nem mesmo no programa de aulas do outono! Fui obrigado a embebedar o presidente do departamento de história para que ele soltasse a língua e dissesse que você estava de licença médica. Pensei que você estava morta... não grávida.

Já era uma coisa a menos para dizer a ele.

– Desculpe, Chris. Não havia recepção de telefonia celular onde eu estava. Nem internet.

– Poderia ter me chamado daqui – ele retrucou, ainda sem querer me desobrigar de explicações. – Enviei mensagens para suas tias, enviei cartas. Nenhuma resposta.

Senti o olhar frio e exigente de Matthew. E também senti a atenção de Fernando.

– Quem é esse, Diana? – perguntou Matthew em voz baixa, já ao meu lado.

– Chris Roberts.

– Quem é *você*? – perguntou Chris.

– Este é Matthew Clairmont, *fellow* da All Souls College, Universidade de Oxford. – Hesitei. – Meu marido.

O queixo de Chris quase caiu.

– Chris! – Sarah acenou da varanda dos fundos. – Venha me dar um abraço!

– Olá, Sarah! – Chris ergueu a mão para saudá-la. Girou o corpo e me olhou com reprovação. – Você se casou?

– Você vai passar o fim de semana aqui? – disse Sarah aos gritos.

– Isso depende, Sarah. – O olhar perspicaz de Chris deslocou-se repetidamente de mim para Matthew.

– De quê? – A testa de Matthew ergueu-se em desdém aristocrático.

– De quanto tempo levarei para descobrir por que Diana se casou com alguém como você, Clairmont, e se você merece. E não desperdice comigo esses seus maneirismos de lorde. Eu venho de uma longa linhagem de lavradores. Isso *não* me impressiona – Chris disse e se voltou para a casa. – Onde está Em?

Sarah congelou de rosto empalidecido. Fernando pulou os degraus da varanda e juntou-se a ela.

– Por que não entramos? – sussurrou, tentando afastá-la de Chris.

– Posso ter uma palavra? – disse Matthew, tocando o braço de Chris.

– Está tudo bem, Matthew. Se eu pude dizer para Diana, também posso dizer para Chris. – Sarah engoliu em seco. – Emily teve um infarto. Faleceu em maio.

– Meu Deus, Sarah. Sinto muito. – Chris envolveu-a com um abraço menos apertado do que dera em mim. Oscilou ligeiramente sobre os pés e fechou os olhos. Ela acompanhou o gesto, descontraindo o corpo da tristeza. Ainda não tinha superado a morte de Emily. Tal como Fernando, minha tia nunca poderia superar essa terrível perda, mas pequenos sinais indicavam que ela já começava o lento processo de aprendizagem para retomar a vida.

Os olhos escuros de Chris se abriram e me procuraram por cima dos ombros de Sarah. Transpareciam raiva e mágoa contida, e também tristeza e perguntas sem resposta. *Por que você não me contou? Onde você estava? Por que você não me deixou ajudar?*

– Eu gostaria de falar com Chris – eu disse suavemente. – A sós.

– Isso será mais confortável na sala de estar. – Sarah afastou-se de Chris e enxugou os olhos, e com um aceno encorajou-me a revelar o segredo de nossa família para ele.

Pela tensão da mandíbula, Matthew não pareceu tão generoso.

– Chame se precisar de mim. – Ele levou a minha mão aos lábios, e a

isso se seguiu um aperto de alerta e um pequeno beliscão na junta do meu dedo anular, como se para lembrar a mim... e a ele que éramos marido e mulher. E depois me soltou com certa relutância.

Eu e Chris atravessamos até a sala de estar. Lá dentro, fechei as portas de correr.

– Você se casou com Matthew Clairmont? – ele explodiu. – Desde quando?

– Cerca de dez meses. Foi tudo muito rápido.

– Preciso alertá-la! – Chris abaixou a voz. – Sobre a reputação de Clairmont com as mulheres. Ele pode ser um grande cientista, mas também é um notório babaca! Além do mais, é muito velho para você.

– Ele só tem trinta e sete anos, Chris. – Mais ou menos mil e quinhentos anos. – E preciso alertá-lo de que ele e Fernando estão ouvindo cada palavra que dizemos. – Com vampiros por perto, portas fechadas não eram garantia de privacidade.

– Como? Seu namorado... seu marido grampeou a casa? – disse Chris em tom cortante.

– Não. Ele é um vampiro. E os vampiros têm uma audição excepcional. – Às vezes a sinceridade era realmente a melhor política.

Uma panela pesada caiu na cozinha.

– Vampiro. – Chris me olhou como se eu tivesse perdido a razão. – Como na TV?

– Não exatamente. – Fui mais cautelosa. Explicar para os seres humanos como os mundos realmente funcionam quase sempre os perturba. Eu tinha feito isso apenas uma vez... e acabou sendo um grande erro. Melanie, minha colega de quarto na faculdade, simplesmente desmaiou.

– Vampiro – ele repetiu lentamente, como se já pensasse a respeito.

– É melhor sentar-se. – Apontei para o sofá. Eu não queria que ele batesse com a cabeça se desmaiasse.

Chris ignorou minha sugestão e sentou-se na poltrona. Claro que o sofá

era mais confortável, mas também era conhecido por ejetar visitantes indesejáveis. Olhei para o móvel com cautela.

– E você também é vampira? – ele perguntou.

– Não. – Empoleirei-me com cuidado na beira da cadeira de balanço de minha avó.

– Você tem certeza absoluta de que Clairmont é vampiro? Ele é mesmo o pai do seu filho? – Chris inclinou-se para frente, como se um grande negócio dependesse da resposta.

– Filhos. – Ergui dois dedos ao ar. – Gêmeos.

Chris jogou as mãos ao ar.

– Bem, nunca um vampiro engravidou uma garota no seriado *Buffy*. Nem mesmo Spike. E Deus sabe que ele nunca faz sexo seguro.

Se *A feiticeira* tinha sido a iniciadora sobrenatural da geração de minha mãe, *Buffy, a caça-vampiros,* fazia o mesmo para a minha geração. Quaisquer que tivessem sido as criaturas que introduziram Joss Whedon em nosso mundo, elas ainda tinham muito a responder. Suspirei.

– Tenho certeza absoluta de que Matthew é o pai.

Chris desviou os olhos para o meu pescoço.

– Não é aqui que ele me morde.

Chris arregalou os olhos.

– Onde...? – Balançou a cabeça. – Não, não me diga.

Pensei comigo que seria insólito articular uma frase para o ponto em questão. Mas em geral ele não era muito escrupuloso ou pudico. De todo modo, não tinha desmaiado e isso era animador.

– Você está encarando isso muito bem. – Agradeci pela equanimidade.

– Sou um cientista. Sou treinado para suspender o descrédito e manter a mente aberta até que surja o contraditório. – Ele olhou para a árvore fantasmagórica. – Por que uma árvore em frente à lareira?

– Boa pergunta. Nós realmente não sabemos. Mas talvez você tenha outras perguntas que eu possa responder. – Era um convite estranho, mas a

possibilidade de que ele pudesse desmaiar ainda me preocupava.

– Algumas. – Chris me encarou com olhos escuros novamente. Embora ele não fosse um bruxo, durante todos aqueles anos eu sempre sentia dificuldade de mentir para ele. – Se Clairmont é vampiro e você não é, o que *você* é então, Diana? Sei muito bem que você não é como as outras pessoas.

Fiquei sem resposta. Como explicar para alguém que se ama que você se esqueceu de mencionar uma característica que o define?

– Sou o seu melhor amigo, ou pelo menos era até Clairmont aparecer. Certamente você confia em mim o bastante para me contar – disse Chris. – Seja lá o que for, isso não mudará nada entre nós dois.

Uma nódoa verde passou por cima do ombro de Chris em direção à árvore fantasmagórica, onde tomou a forma indistinta de Bridget Bishop com corpete bordado e saias rodadas.

Seja prudente, filha. O vento sopra do norte, sinal de batalha a caminho. Quem ficará com você e quem ficará contra você?

Eu tinha muitos inimigos. E não poderia me dar ao luxo de perder um único amigo.

– Talvez você não confie em mim o bastante – acrescentou Chris suavemente ainda sem minha resposta.

– Sou uma bruxa. – Minhas palavras soaram quase inaudíveis.

– Ok. – Ele continuou esperando. – E?

– E o quê?

– Era isso? Era isso que você tinha medo de me falar?

– Não estou falando que sou neopagã, Chris, embora eu seja pagã, é claro. Estou falando de abracadabras, feitiços, bruxas que fazem poções. – Nesse caso, o amor de Chris pelo horário nobre da TV poderia ser útil.

– Você tem uma varinha?

– Não. Mas tenho um dragão de fogo. Uma espécie de dragão.

– Tudo bem. – Chris sorriu. – Muito, muito bem. E por isso você se

afastou de New Haven? Para dar aula de boas maneiras ao dragão ou o que seja?

– Eu e Matthew tivemos que sair da cidade rapidamente, isso é tudo. Desculpe-me por não ter dito a você.

– Para onde você foi?

– Para 1590.

– Conseguiu fazer alguma pesquisa? – Chris pareceu pensativo. – Suponho que isso causaria muitos problemas quanto a citações. O que você colocaria nas notas de rodapé? Conversa pessoal com William Shakespeare? – Ele deu uma risada.

– Não conheci Shakespeare. Os amigos de Matthew não o aprovavam. – Fiz uma pausa. – Mas tive um encontro com a rainha.

– Melhor ainda – disse Chris, balançando a cabeça. – No entanto, uma nota de rodapé igualmente impossível.

– Você deveria estar chocado! – Era o que eu esperava. – Não quer uma prova?

– Deixei de me chocar desde que a Fundação MacArthur me requisitou. Se isso pôde acontecer, tudo é possível. – Chris balançou a cabeça. – Vampiros e bruxas. Uau.

– E também demônios. Mas esses não têm olhos brilhantes e não são malvados. Bem, não mais que outras espécies.

– Outras espécies? – O tom de Chris aguçou de interesse. – Existem lobisomens?

– Claro que não! – gritou Matthew ao longe.

– Assunto delicado. – Lancei um sorriso hesitante para Chris. – Você está realmente bem com tudo isso?

– Por que não estaria? O governo gasta milhões em busca de alienígenas no espaço sideral, e acontece que você está bem aqui. Pense em todos os financiamentos que isso pode liberar. – Chris estava sempre procurando um jeito de diminuir a importância do departamento de física.

– Você não pode contar nada a ninguém – retruquei apressadamente. – Poucas pessoas sabem sobre nós e precisamos manter as coisas assim.

– Seremos obrigados a nos encontrar eventualmente – disse Chris. – Além do mais, a maioria das pessoas ficaria encantada.

– Acha mesmo? O reitor da Yale College ficaria encantado em saber que eles tinham uma bruxa docente? – Levantei as sobrancelhas. – Os pais dos meus alunos ficariam encantados em saber que seus amados filhos aprendem sobre a revolução científica com uma bruxa?

– Bem, talvez não o reitor. – Chris abaixou a voz. – Matthew vai me morder para me manter quieto?

– Claro que não – assegurei.

Fernando meteu o pé por entre as portas da sala e abriu-as.

– Por outro lado eu ficaria feliz em mordê-lo, mas só se você pedisse com muito jeito. – Fernando colocou uma bandeja em cima da mesa. – Sarah achou que você gostaria de um café. Ou de algo mais forte. Chame-me se precisar de qualquer outra coisa. Não precisa gritar.

Ele lançou para Chris o mesmo sorriso deslumbrante que concedera às mulheres do conciliábulo na festa do Lughnasadh.

– Sela no cavalo errado, Fernando – alertei-o quando ele saiu.

– Ele também é vampiro? – sussurrou Chris.

– Sim. Cunhado de Matthew. – Ergui a garrafa de uísque e o bule de café. – Café? Uísque?

– Ambos. – Chris pegou uma caneca e me olhou alarmado. – Você não escondeu esse negócio de bruxa para sua tia, escondeu?

– Sarah também é bruxa. E Em também era. – Servi uma generosa dose de uísque para ele, coberta por um pouquinho de café. – É o terceiro ou quarto bule do dia, ainda bem que é descafeinado. Caso contrário, teríamos que resgatar Sarah no teto.

– O café a faz voar? – Ele tomou um gole, pensou um pouco e acrescentou mais uísque.

– No sentido figurado – respondi enquanto destampava a água e tomava um gole. Os bebês se agitaram e dei umas batidinhas na minha barriga.

– Não consigo acreditar que você esteja grávida. – Chris finalmente pareceu espantado.

– Acabei de lhe dizer que passei grande parte do ano passado no século XVI e que tenho um dragão de estimação e que você está cercado de demônios, vampiros e bruxas, e você só considera implausível a minha gravidez?

– Confie em mim, querida – disse Chris, puxando o seu melhor sotaque do Alabama. – É o mais implausível.



Quando o telefone tocou, ainda estava um breu lá fora. Sacudi o sono e me arrastei na cama para acordar Matthew. Ele não estava ao lado.

Rolei pela cama e peguei o celular na mesa de cabeceira. Surgiu o nome de Miriam junto com a hora. Três da manhã de uma segunda-feira. Meu coração acelerou alarmado. Somente uma emergência a faria ligar a essa hora.

– Miriam?

– Onde ele está? – A voz dela oscilou. – Preciso falar com Matthew.

– Vou procurá-lo. Ele deve estar lá embaixo ou caçando lá fora. – Afastei as cobertas. – Algum problema?

– Sim – ela disse abruptamente. E depois passou para outro idioma ininteligível para mim. Apesar disso, a cadência era inconfundível. Miriam Shephard rezava.

Matthew irrompeu pela porta, seguido por Fernando.

– Matthew acabou de chegar. – Cliquei o botão de viva-voz e entreguei-lhe o telefone. Ele não teria essa conversa em particular.

– O que foi, Miriam? – perguntou Matthew.

– Encontrei um bilhete. Na caixa de correio. Com um endereço da web digitado. – Seguiram-se um palavrão e um soluço irregular, e depois Miriam retomou a oração.

– Envie-me o endereço por mensagem de texto, Miriam – disse Matthew, com toda calma.

– É ele, Matthew. É Benjamin – ela sussurrou. – E sem nenhum selo no envelope. Ele ainda deve estar aqui. Em Oxford.

Pulei tremendo da cama na escuridão da madrugada.

– Envie o endereço – repetiu Matthew.

Acendeu-se uma luz no corredor.

– O que está havendo? – Chris juntou-se a Fernando no limiar da porta, ainda esfregando o sono dos olhos.

– É Miriam Shephard, uma das colegas de Matthew em Oxford. Aconteceu alguma coisa no laboratório – disse Fernando.

– Ora. – Chris bocejou, balançou a cabeça para desanuviá-la e depois franziu a testa. – Não é a Miriam Shephard que escreveu o clássico artigo sobre a forma pela qual a consanguinidade entre os animais do jardim zoológico gera uma perda de heterozigose? – Embora eu sempre estivesse à volta dos cientistas, raramente isso me ajudava a compreender o que eles falavam.

– Ela mesma – sussurrou Matthew.

– Pensei que estava morta – disse Chris.

– Não é bem assim – disse Miriam em tom de soprano. – Com quem estou falando?

– Chris, Christopher Roberts. Universidade de Yale. – Ele soou gaguejante como um estudante graduado apresentando-se em sua primeira conferência.

– Oh. Adorei o seu último artigo na revista *Science*. Seu modelo de pesquisa é impressionante, mesmo com as conclusões todas erradas. – Miriam soou como ela mesma porque criticava um colega pesquisador. Matthew também percebeu essa mudança positiva.

– Continue falando – disse Matthew para Chris antes de emitir um comando sereno para Fernando.

– É a Miriam? – perguntou Sarah, enfiando os braços nas mangas de um roupão de banho. – Vampiros não têm relógios? São três da manhã!

– O que há de errado com minhas conclusões? – perguntou Chris, elevando a voz.

Fernando retornou e entregou o laptop a Matthew. O brilho da tela do computador ligado iluminou o quarto. Sarah tateou a moldura da porta e ligou o interruptor, dissipando a escuridão remanescente. Mesmo assim, as sombras pressionavam a casa.

Matthew sentou-se na extremidade da cama, com o laptop no joelho. Fernando jogou-lhe outro celular e Matthew o conectou ao computador.

– Já viu a mensagem de Benjamin? – Miriam pareceu mais calma do que antes, mas com a voz ainda afiada de medo.

– Farei isso agora – disse Matthew.

– Não use a conexão da internet de Sarah! – Ela pareceu visivelmente agitada. – Ele está monitorando o tráfego do site. Poderá localizá-lo a partir do seu IP.

– Está tudo bem, Miriam – disse Matthew suavemente. – Estou usando o celular do Fernando. E os técnicos de informática de Baldwin garantiram que ninguém poderá me rastrear a partir dele.

Só então entendi por que Baldwin nos guarnecera com novos celulares quando saímos de Sept-Tours, mudando todos os nossos planos de telefonia e cancelando o serviço de internet de Sarah.

Surgiu na tela a imagem de uma sala com azulejos brancos. Lá dentro, apenas uma pia velha com encanamento exposto e maca para pacientes, além de um dreno no piso. No canto inferior esquerdo, data e hora, os números do relógio zumbiam para frente à medida que passavam os segundos.

– O que é aquela massa? – Chris apontou para uma pilha de trapos no chão. A pilha se mexeu.

– Uma mulher – disse Miriam. – Está ali desde que entrei no site dez minutos atrás.

Ao ouvir isso vislumbrei os braços finos, as pernas, a curva do peito e a

barriga da mulher. Os trapos não a protegiam do frio. Ela estremecia e gemia.

– E Benjamin? – perguntou Matthew de olhos grudados na tela.

– Ele atravessou a sala e disse alguma coisa para ela. E depois olhou diretamente para a câmera e sorriu.

– E disse mais alguma coisa? – perguntou Matthew.

– Disse olá, Miriam.

Chris inclinou-se sobre o ombro de Matthew e clicou no laptop para ampliar a imagem.

– Há sangue no chão. Ela está acorrentada à parede. – Chris olhou para mim. – Quem é Benjamin?

– Meu filho. – Os olhos de Matthew desviaram para Chris e retornaram para a tela.

Chris cruzou os braços no peito e olhou fixamente para a imagem, sem pestanejar.

Soaram notas suaves de música dos alto-falantes do computador. A mulher encolheu-se de olhos arregalados contra a parede.

– Não, de novo não. Por favor. Não. – Ela soltou um gemido e olhou diretamente para a câmera. – Socorro.

Minhas mãos brilharam coloridas e os nós em meus pulsos arderam. Senti um leve formigamento, porém inconfundível.

– Ela é uma bruxa. Essa mulher é uma bruxa. – Toquei na tela e, quando puxei o dedo, um delgado fio verde estava anexado a ele.

O fio estalou.

– Ela pode nos ouvir? – perguntei para Matthew.

– Não – disse Matthew com ar severo. – Não acredito que possa. Benjamin quer ser ouvido por mim.

– Não converse com nossos convidados. – Embora sem a imagem, a frieza da voz do filho de Matthew era reconhecível. A mulher acedeu e abraçou o próprio corpo.

Benjamin aproximou o rosto da câmera e preencheu grande parte da tela, deixando a mulher ainda visível por cima do ombro. Uma cena desempenhada com muito esmero.

– Sem dúvida outro visitante juntou-se a nós, Matthew. Você camuflou sua localização com grande sagacidade. E vejo que a querida Miriam ainda está entre nós. – Benjamin sorriu novamente.

Não era de espantar que Miriam estivesse abalada. Era uma visão horrível: os lábios curvados e os olhos sem vida me faziam lembrar de Praga. Mesmo passados mais de quatro séculos, Benjamin fora reconhecido pelo rabino Loew como o homem chamado *Herr* Fuchs.

– Matthew, como é que você prefere o meu laboratório? – O braço de Benjamin varreu o espaço em volta. – Não é tão bem equipado quanto o seu, mas não preciso de muito. O melhor professor é a experiência. Só preciso de um tema de pesquisa cooperativa. E os sangues-quentes são bem mais reveladores que os animais.

– Cristo – sussurrou Matthew.

– Pensei que poderíamos dialogar sobre o sucesso do meu mais recente experimento. Mas as coisas não saíram conforme o planejado. – Benjamin virou a cabeça e disse em tom ameaçador. – Não é?

A música soou mais alta e a mulher ainda no chão soltou um gemido e tentou bloquear os ouvidos.

– Antes ela adorava Bach – continuou Benjamin, com tristeza fingida. – Sobretudo a *Paixão segundo São Mateus*. Eu sempre colocava essa música quando pegava essa bruxa. Mas agora ela sempre se angustia assim que ouve os primeiros acordes. – Ele cantarolou junto com os compassos seguintes da música.

– Ele quer dizer aquilo que estou pensando que ele quer dizer? – perguntou Sarah, com inquietude.

– Benjamin não para de estuprar essa mulher – disse Fernando, com uma fúria mal controlada. Era a primeira vez que eu via o vampiro sem

uma fachada serena.

– Como assim? – perguntou Chris.

Antes que alguém respondesse, Benjamin seguiu em frente.

– A música para cada vez que ela mostra sinais de gravidez. É uma recompensa para uma bruxa que faz o seu trabalho e me agrada. Mas às vezes a natureza tem outras ideias.

As implicações das palavras de Benjamin se fizeram entender. Essa bruxa da Jerusalém do passado devia ser uma tecelã. Cobri a boca quando a bile subiu.

O brilho nos olhos de Benjamin se intensificou. Ele ajustou o zoom da câmera sobre o sangue que escorria das pernas da mulher até o chão.

– Infelizmente, a bruxa abortou. – A voz de Benjamin soou com o desapego de um cientista que relata uma descoberta. – Estava no quarto mês... a gravidez mais longa que ela conseguiu manter. Até agora. Já tinha sido engravidada em dezembro passado pelo meu filho, mas daquela vez ela abortou na oitava semana.

Eu e Matthew também tínhamos concebido nosso primeiro filho em dezembro. E eu também tinha abortado no início da gravidez, como a bruxa de Benjamin. Essa outra ligação entre mim e aquela mulher no chão me fez tremer dos pés a cabeça. Matthew pregou o braço nos meus quadris, mantendo-me firme.

– Eu estava convencido de que minha capacidade para gerar filhos tinha a ver com a ira do sangue que herdei de você e compartilhei com meus próprios filhos. Após o primeiro aborto da bruxa, nós tentamos engravidar demônios e seres humanos, mas sem sucesso. Cheguei à conclusão de que talvez houvesse alguma afinidade reprodutiva especial entre bruxas e vampiros com ira do sangue. Mas com esses erros terei que reavaliar a minha hipótese. – Benjamin puxou um banquinho até a câmera e sentou-se, alheio à crescente agitação da mulher mais atrás.

Bach ainda soava ao fundo.

– Seu casamento é outro fragmento de informação que também terei que considerar nos meus trabalhos. Sua nova esposa substituiu Eleanor em suas afeições? A louca Juliette? A pobre Celia? Aquela bruxa fascinante que conheci em Praga? – Benjamin estalou os dedos, como se tentando lembrar de alguma coisa. – Qual era mesmo o nome dela? Diana?

Fernando sibilou. A pele de Chris arrepiou-se. Ele olhou arregalado para Fernando e afastou-se.

– Ouvi dizer que sua nova mulher também é bruxa. Por que você nunca partilha suas ideias comigo? Você sabe que posso entendê-las. – Benjamin aproximou-se ainda mais da câmera, como se para dividir confiança. – No fim das contas, ambos somos impulsionados pelas mesmas coisas: desejo de poder, sede insaciável de sangue e desejo de vingança.

O clímax da música fez a mulher balançar para trás e para frente na tentativa de acalmar-se.

– Sempre me pergunto se nos tempos de outrora você sabia sobre esse poder que carregamos no sangue. As bruxas certamente sabiam. Que outro segredo o *Livro da vida* pode conter? – Benjamin fez uma pausa, talvez à espera de uma resposta. – Não vai me dizer, hein? Bem, então não tenho outra escolha senão me voltar para a minha própria experiência. Não se preocupe. Acabarei descobrindo como engravidar essa bruxa... ou acabarei matando-a nas tentativas. E serei obrigado a procurar outra bruxa. Talvez a sua seja adequada.

Benjamin soltou uma risada. Afastei-me para que Matthew não percebesse o meu temor. Mas ele me disse com os olhos que tinha percebido.

– Tchau, por enquanto. – Benjamin acenou com ar jovial. – Às vezes permito que os outros me assistam trabalhando, mas hoje não estou no clima para audiências. Farei com que você saiba se alguma coisa interessante acontecer. Enquanto isso, talvez você pense em compartilhar o que sabe. Isso me impedirá de solicitar o mesmo a sua esposa.

Benjamin desligou a lente e o som, mas no canto da tela escura o relógio ainda marcava os segundos.

– O que faremos? – perguntou Miriam.

– Salvar essa mulher – disse Matthew visivelmente furioso. – Antes de tudo.

– Benjamin quer apressá-lo a abrir a guarda e expor-se – advertiu Fernando. – Sua investida terá que ser planejada e executada com perfeição.

– Fernando está certo – disse Miriam. – Você não pode ir atrás de Benjamin sem a certeza de que pode destruí-lo. Caso contrário, colocará Diana em risco.

– Aquela bruxa não vai sobreviver por muito mais tempo! – retrucou Matthew.

– Se você se precipitar e atrair Benjamin ao seu calcanhar, ele simplesmente pegará outra criatura desavisada e o pesadelo recomeçará – disse Fernando, apertando o braço de Matthew.

– Você está certo. – Matthew desviou os olhos da tela. – Miriam, você pode avisar Amira? Ela precisa saber que Benjamin sequestrou uma bruxa e talvez faça isso de novo.

– Amira não é uma tecelã. Ela não poderia conceber um filho de Benjamin – observei.

– Não acho que Benjamin reconheça uma tecelã. Por enquanto. – Matthew esfregou a própria mandíbula.

– O que é uma tecelã? – perguntaram Miriam e Chris ao mesmo tempo. Abri a boca para responder, mas um aceno de cabeça de Matthew me fez fechá-la.

– Respondo isso mais tarde, Miriam. Fará o que lhe pedi?

– Claro, Matthew – disse Miriam.

– Ligue mais tarde e fique atenta. – O olhar preocupado de Matthew se voltou para mim.

– Sufoque Diana com sua atenção excessiva, caso precise, mas não preciso de uma babá. Além do mais, tenho trabalho a fazer. – Miriam desligou.

Um segundo depois, Chris desfechou um poderoso direto no queixo de Matthew. Seguiu-se um gancho de esquerda interceptado por Matthew com a palma da mão erguida.

– Fui esmurrado por amor a Diana. – Matthew fechou o punho em torno da mão de Chris. – Se minha esposa traz à tona os instintos protetores das pessoas, não desperdice a sua sorte.

Chris manteve-se imóvel. Fernando suspirou.

– Deixa pra lá, Roberts. Você não vai ganhar um concurso de força física com um vampiro. – Fernando pôs a mão no ombro de Chris, pronto para puxá-lo se fosse necessário.

– Se aquele filho da puta se aproximar a uma distância de oitenta quilômetros de Diana, você não verá um novo amanhecer... sendo vampiro ou não. Fui claro? – disse Chris olhando fixamente para Matthew.

– Como cristal – disse Matthew, soltando o braço de Chris.

– Ninguém vai conseguir dormir essa noite. Não depois disso – disse Sarah. – Precisamos de uma conversa. E de muito café. E não se atreva a fazer o descafeinado, Diana. Mas primeiro vou fumar um cigarro lá fora, pouco importa o que Fernando diga. Vejo vocês na cozinha. – Ela disparou por cima do ombro enquanto saía da sala.

– Mantenha o site de Benjamin aberto. Talvez a gente possa localizá-lo quando ele ligar a câmera e fizer ou disser alguma coisa. – Matthew estendeu o celular e o laptop ainda ligados para Fernando. Lá estavam uma tela escura e aquele terrível relógio que marcava a passagem do tempo. Matthew acenou com a cabeça para a porta e Fernando seguiu Sarah.

– Deixe-me ver então se entendi. A Semente Maldita de Matthew está fazendo uma pesquisa genética que envolve uma doença hereditária, uma

bruxa sequestrada e algumas ideias mal amarradas sobre eugenia. – Chris cruzou os braços no peito. Faltavam alguns detalhes e ele rapidamente avaliou a situação. – Você deixou de fora algumas reviravoltas importantes no conto de fadas que me contou ontem, Diana.

– Ela não sabia sobre os interesses científicos de Benjamin. Nenhum de nós sabia – afirmou Matthew.

– Você devia saber que esse Semente Maldita era tão louco quanto você. Ele é seu filho. – Chris estreitou os olhos. – Segundo ele, vocês dois compartilham essa merda de ira do sangue. Isso significa que você também é perigoso para Diana.

– Sim, eu sabia que ele era desequilibrado. E o nome dele é Benjamin. – Matthew optou por não responder à segunda parte da afirmação de Chris.

– Desequilibrado? O cara é um psicopata. Pretende projetar uma raça superior de vampiros-bruxas. Então, por que o Semente... Benjamin não está preso? Isso o impediria de sequestrar e estuprar, e de entrar na lista de cientistas malucos como Sims, Verschuer, Mengele e Stanley.

– Vamos para a cozinha. – Insisti para que ambos seguissem em direção à escada.

– Depois de você – sussurrou Matthew, pondo a mão na base de minha espinha. Aliviada pela tranquila aquiescência, comecei a descer.

Seguiram-se um baque e um palavrão abafado.

Chris tinha sido jogado contra a porta, a mão de Matthew estava em volta de sua traqueia.

– Levando em conta as profanações que saíram de sua boca nas últimas vinte e quatro horas, só posso concluir que você considera Diana um de seus coleguinhas. – Matthew lançou-me um olhar de aviso quando procurei intervir. – Ela não é isso. Ela é minha esposa. Eu agradeceria se você limitasse a sua vulgaridade na presença dela. Fui claro?

– Como cristal. – Chris olhou para ele, com desprezo.

– Fico feliz em ouvir isso. – Matthew colocou-se ao meu lado em um

segundo e recolocou a mão na base de minha espinha, onde o dragão de fogo sombrio aparecera. – Cuidado com os degraus, *mon coeur* – ele murmurou.

Chegamos ao térreo e sorrateiramente olhei para trás. Lá estava Chris observando Matthew como uma nova e estranha forma de vida – o que supostamente o meu marido era para mim. Meu coração apertou. Se Matthew tinha vencido as primeiras batalhas, a guerra entre ele e o meu melhor amigo estava longe de terminar.

Sarah juntou-se a nós na cozinha. Seus cabelos exalavam a tabaco e a dama-da-noite cultivada contra as grades da varanda. Abanei o nariz com a mão – a fumaça de cigarro ainda provocava náuseas em minha gravidez avançada – e fiz o café. E depois derramei o conteúdo fumegante do bule nas canecas de Sarah, Chris e Fernando. Eu e Matthew nos restringimos à água. Chris foi o primeiro a quebrar o silêncio.

– Então, Matthew, por décadas você e a dra. Shephard pesquisam a genética dos vampiros num esforço para entender a ira do sangue.

– Matthew conheceu Darwin. Faz algumas décadas que ele investiga a origem e a evolução das criaturas. – Eu não queria dizer o quanto mais de décadas, mas também não queria que Chris fosse pego de surpresa pela idade de Matthew, como tinha acontecido comigo.

– Pesquisamos, sim. E meu filho tem nos ajudado. – Matthew lançou-me um olhar significativo.

– Claro, percebi isso – disse Chris, com um músculo movendo-se na face. – Não é algo de que me gabaria.

– Não me refiro a Benjamin e sim ao meu outro filho, Marcus Whitmore.

– Marcus Whitmore. – Chris emitiu um ruído divertido. – Pelo que vejo, cobrindo todas as bases. Você lida com biologia evolutiva e neurociência;

Miriam Shephard é especialista em genética populacional; Marcus Whitmore é conhecido por seus estudos de morfologia funcional e sua luta para desmistificar a plasticidade fenotípica. Você montou uma equipe de pesquisa infernal, Clairmont.

– Fico muito feliz – disse Matthew, com leveza.

– Espere um instante. – Chris olhou espantado para Matthew. – Biologia evolutiva. Fisiologia evolutiva. Genética populacional. O objeto de sua pesquisa não se limita à transmissão da ira do sangue. Você está tentando fazer um diagrama da descendência evolutiva. Seu trabalho é com a Árvore da Vida... e não apenas com os ramos humanos.

– Essa árvore é aquela que está em frente à lareira? – perguntou Sarah.

– Não penso assim. – Matthew acariciou a mão dela.

– Evolução. Serei condenada.

Chris afastou-se da ilha da cozinha.

– Você então descobriu o ancestral comum dos humanos e seus camaradas? – Ele acenou em nossa direção.

– Se você se refere a criaturas, demônios, vampiros e bruxas com o termo camaradas... não é o caso. – A testa de Matthew arqueou.

– Tudo bem. Quais são as diferenças genéticas cruciais que nos separam?

– Vampiros e bruxas têm um par extra de cromossomos – explicou Matthew. – Demônios têm um único cromossomo extra.

– Você tem um mapa genético dos cromossomos dessas criaturas?

– Sim – disse Matthew.

– Então, você provavelmente começou a trabalhar nesse projeto pouco antes de 1990, apenas para manter-se com os seres humanos.

– Isso mesmo – disse Matthew. – E desde 1968 investigo a forma pela qual a ira do sangue é herdada, se quer saber.

– Claro. Você adaptou o emprego das árvores genealógicas de Donahue para determinar a transmissão de genes entre as gerações – Chris assentiu.

– Boa sacada. E o seu sequenciamento chega a que altura? Já localizou o gene da ira do sangue?

Matthew olhou para ele sem responder.

– E então? – Chris insistiu.

– Uma vez tive um professor como você – disse Matthew, com frieza. – Ele me deixava maluco.

– E tenho alunos como você. Eles não duram muito tempo no meu laboratório. – Chris debruçou-se na mesa. – Entendo que nem todos os vampiros do planeta têm o seu problema. Já determinou exatamente como se herda a ira do sangue e por que alguns a contraem e outros não?

– Não inteiramente – Matthew admitiu. – É um pouco mais complicado com os vampiros, considerando que temos três pais.

– Você precisa pegar o ritmo, meu amigo. Diana está grávida. De gêmeos. – Chris me olhou incisivamente. – Suponho que elaborou perfis genéticos completos para vocês dois e fez previsões para os padrões de herança entre a sua descendência, incluindo a ira do sangue, ainda que sem se limitar a isso?

– Estive no século XVI por quase um ano. – Matthew realmente não gostava de ser questionado. – Não tive a oportunidade.

– Então, já devíamos ter começado – comentou Chris suavemente.

– Matthew estava trabalhando em algo. – Olhei para Matthew em busca de confirmação. – Lembra? Achei aquele papel coberto de letras X e O.

– X e O? Senhor Deus Todo-Poderoso. – Isso parecia confirmar os piores medos de Chris. – Você me diz que tem três pais, mas permanece casado com um modelo de hereditariedade mendeliana. Pelo visto isso acontece quando se é tão antigo quanto a poeira. E você conheceu Darwin.

– Também conheci Mendel. – Matthew soou seco e irritado, como um professor. – Além do mais, talvez a ira do sangue seja uma característica mendeliana. Não podemos descartar essa possibilidade.

– Altamente improvável – retrucou Chris. – E não apenas devido a esses três pais... uma questão que terei que considerar com mais detalhes. Isso pode gerar um caos nos dados.

– Explique-se. – Matthew apoiou o rosto na mão.

– Preciso dar uma visão geral da herança não mendeliana para um *fellow* da All Souls? – Chris arqueou as sobrancelhas. – Alguém precisa examinar a política de nomeações da Universidade de Oxford.

– Consegue entender alguma palavra do que eles estão dizendo? – sussurrou Sarah.

– Uma em cada três – respondi em tom de desculpa.

– Refiro-me à conversão gênica. Hereditariedade infecciosa. Impressão genômica. Mosaicismo. – Chris assinalou cada termo com os dedos. – Isso lembra alguma coisa, professor Clairmont, ou gostaria de continuar ouvindo a palestra que dou para os meus alunos de graduação?

– O mosaicismo não é uma forma quimérica? – Era a única palavra que eu tinha reconhecido.

Chris assentiu com um aceno.

– Sou uma quimera... se isso ajuda.

– Diana – Matthew rosnou.

– Chris é o meu melhor amigo, Matthew – eu disse. – E se ele vai ajudá-lo a descobrir como vampiros e bruxas se reproduzem... sem falar na descoberta de uma cura para a doença, ele precisa saber tudo. O que aliás inclui os resultados dos meus testes genéticos.

– Uma informação pode ser mortal em mãos erradas – disse Matthew.

– Matthew está certo – disse Chris.

– Fico muito feliz que você pense assim. – As palavras de Matthew destilaram ácido.

– Não seja condescendente comigo, Clairmont. Conheço os perigos do objeto da pesquisa humana. Sou um negro do Alabama que cresceu à sombra da Tuskegee. – Chris virou-se para mim. – Não entregue a sua

informação genética para ninguém que não esteja nesta sala, mesmo que esteja vestindo um jaleco branco. E especialmente se estiver vestindo um jaleco branco, não se esqueça disso.

– Obrigado pela contribuição, Christopher – disse Matthew em tom seco. – Passarei essa ideia para o resto de minha equipe.

– O que faremos então com tudo isso? – perguntou Fernando. – Talvez não tenha havido alguma urgência antes, mas agora... – Ele olhou para Matthew em busca de orientação.

– O programa de aprimoramento do Semente Maldita transforma tudo – proclamou Chris antes que Matthew respondesse. – Primeiro precisamos descobrir se a ira do sangue é o que torna possível a concepção ou se isso se deve a uma combinação de fatores. E também precisamos saber qual é a probabilidade de transmissão da doença para os filhos de Diana. E para isso serão necessários os mapas genéticos da bruxa e do vampiro.

– Você também vai precisar do meu DNA – comentei serenamente. – Nem todas as bruxas conseguem se reproduzir.

– É preciso ser uma bruxa boa? Uma bruxa má?

Geralmente as piadas bobas de Chris me faziam sorrir, mas não naquela noite.

– A bruxa precisa ser uma tecelã – respondi. – Você terá que sequenciar o meu genoma e compará-lo ao de outras bruxas. E terá que fazer o mesmo com Matthew e os vampiros que não têm a ira do sangue. Teremos que entender a ira do sangue muito bem para curá-la. Só assim Benjamin e filhos deixarão de ser uma ameaça.

– Tudo bem. – Chris deu uma palmada nas coxas. – Precisamos de um laboratório. E de ajuda. O máximo possível de dados e um bom tempo no computador. Posso colocar o meu pessoal na pesquisa.

– De jeito nenhum – Matthew levantou-se abruptamente. – Também tenho um laboratório. Faz algum tempo que Miriam pesquisa os problemas da ira do sangue e os genomas das criaturas.

– Que ela então traga todas essas pesquisas para cá imediatamente. Meus alunos são bons, Matthew. Os melhores. São capazes de enxergar o que você e eu não estamos condicionados a enxergar.

– Sim. Como os vampiros. E as bruxas. – Matthew ajeitou o cabelo, deixando Chris atônito com essa nova aparência arrumada. – Não me agrada a ideia de outros seres humanos saberem de nós.

As palavras de Matthew lembraram-me de *quem* precisava saber da última mensagem de Benjamin.

– Marcus. Temos que contar para Marcus.

Matthew discou o número dele.

– Matthew? Está tudo bem? – perguntou Marcus assim que atendeu a chamada.

– Na verdade, não. Surgiu um imprevisto. – Matthew rapidamente contou que Benjamin mantinha uma bruxa como refém e explicou por quê. – Se eu lhe enviar o endereço do site, será que Nathaniel descobre como o monitor de Benjamin se mantém ativo 24 horas e de onde provém o sinal? Isso pouparia muito tempo – disse Matthew.

– Considere feito – respondeu Marcus.

Matthew mal acabara de desligar quando o meu celular tocou.

– Quem será agora? – Fiz a pergunta olhando para o relógio. O sol mal acabara de ressuscitar.

– Alô?

– Graças a Deus você está acordada – disse Vivian Harrison.

– O que houve? – Meu polegar escureceu e arrepiou.

– Problemas – ela disse em tom grave.

– Que tipo de problemas? – perguntei. Sarah encostou o ouvido no meu celular. Tentei afastá-la.

– Recebi uma mensagem de Sidonie von Borcke – disse Vivian.

– Quem é Sidonie von Borcke? – Eu nunca tinha ouvido esse nome antes.

– Uma das bruxas da Congregação – responderam Vivian e Sarah em uníssono.



– O conciliábulo foi reprovado no teste. – Vivian pôs a sua enorme bolsa na ilha da cozinha e serviu-se de uma xícara de café.

– Ela também é bruxa? – perguntou Chris com um sussurro.

– Sou, sim – respondeu Vivian, reparando em Chris pela primeira vez.

– Oh. – Ele a avaliou. – Posso recolher material seu com um *swab*? É indolor.

– Talvez mais tarde. – Vivian fez cara de espanto. – Desculpe-me, mas quem é você?

– Chris Roberts, Vivian, meu colega de Yale. Biólogo molecular. – Passei o açúcar e belisquei o braço de Chris para silenciá-lo. – Podemos conversar na sala da família? Minha cabeça está me matando... e meus pés estão inchando como balões.

– Queixaram-se à Congregação sobre a violação do pacto no condado de Madison – disse Vivian quando nos acomodamos confortavelmente nos sofás e nas poltronas em frente à TV.

– Quem fez isso? – perguntou Sarah.

– Cassie e Lydia. – Vivian olhou com ar melancólico para o café.

– As "líderes de torcida" nos sacanearam? – Sarah indignou-se.

– Típico – exclamei.

Elas eram inseparáveis desde a infância, insuportáveis desde a adolescência e indistinguíveis desde o colegial, com seus olhos azuis e cabelos louros ondulados. Nem Cassie nem Lydia se deixavam colocar à margem por sua ascendência de bruxa. Juntas, haviam liderado a equipe

da torcida e recebido das bruxas o crédito pela temporada de futebol mais bem-sucedida da história de Madison, introduzindo feitiços e encantamentos de vitória em cada canto e cada rotina.

– E quais são as acusações... exatamente? – perguntou Matthew no seu modo advogado.

– Que Diana e Sarah se consorciaram com vampiros – sussurrou Vivian.

– *Consorciaram?* – A indignação de Sarah tornou-se mais clara.

Vivian jogou as mãos para cima.

– Eu sei, eu sei. Parece lascivo, mas foram essas as palavras exatas de Sidonie. Felizmente, Sidonie está em Las Vegas e não pôde vir para investigar pessoalmente. Os conciliábulos do condado de Clark estão investindo fortemente no mercado imobiliário, e valendo-se de feitiços para tentar reforçar esse mercado.

– E o que acontece agora? – perguntei para Vivian.

– Preciso replicar. Por escrito.

– Graças a Deus. Isso significa que você pode mentir – comentei aliviada.

– De jeito nenhum, Diana. Ela é muito inteligente. Eu vi Sidonie questionar o conciliábulo do SoHo dois anos atrás, quando eles abriram uma casa mal-assombrada na Spring Street, bem onde começa o desfile de Halloween. Foi magistral. – Vivian encolheu-se. – Ela chegou lá e descobriu como é que eles tinham mantido um caldeirão borbulhante suspenso sobre o desfile por seis horas. Após a visita de Sidonie, colocaram o conciliábulo de castigo por um ano... sem voos, sem aparatos e definitivamente sem exorcismos. Eles ainda não se recuperaram.

– Que tipo de bruxa é ela? – perguntei.

– Poderosa – disse Vivian bufando.

Mas não era isso que eu queria saber.

– Ela tem poder elemental ou ele se baseia na arte?

– Ela tem uma boa noção de feitiços, pelo que fiquei sabendo – disse

Sarah.

– Sidonie pode voar e também é uma vidente respeitada – acrescentou Vivian.

Chris ergueu a mão.

– Sim, Chris? – Sarah soou como uma professora.

– Inteligente, poderosa, voadora, não importa. Ela não pode ficar sabendo sobre os filhos de Diana, até porque todos vocês desse conciliábulo estão preocupados com o mais recente projeto de pesquisa do Semente Maldita.

– Semente Maldita? – Vivian olhou para Chris sem entender.

– O filho de Matthew envolveu-se com uma bruxa. Parece que a capacidade reprodutiva faz parte da família Clairmont. – Chris olhou para Matthew. – E sobre esse pacto que todos vocês estabeleceram. Pelo que presumo, não se permite que as bruxas se envolvam com vampiros, não é?

– Nem com demônios. Isso é desconfortável para os humanos – disse Matthew.

– Desconfortável? – Chris pareceu duvidar. – Como quando os negros sentam ao lado dos brancos nos ônibus. Segregação não é a resposta.

– Os humanos notam as criaturas quando elas estão em grupos mistos – respondi para tranquilizá-lo.

– Notamos você, Diana, mesmo quando você passeia sozinha às dez horas da manhã pela Temple Street – disse Chris, quebrando a minha última e frágil esperança de que parecia igual a todo mundo.

– Fundaram a Congregação para fazer cumprir o pacto, para nos manter a salvo das interferências e atenções humanas – continuei, colocando as minhas armas. – Em contrapartida, ficaríamos fora da política e da religião humanas.

– Pense o que quiser, mas segregação forçada... ou pacto, se preferem, geralmente indica preocupações com pureza racial. – Chris apoiou os pés na mesinha de centro. – Talvez esse pacto tenha surgido porque as bruxas

estavam concebendo bebês vampiros. Deixar os seres humanos mais *confortáveis* não passa de uma desculpa conveniente.

Fernando e Matthew se entreolharam.

– Eu pensava que a capacidade de Diana para a concepção era singular, e que isso se devia ao trabalho da deusa e não parte de um padrão mais amplo. – Vivian se horrorizou. – Seria terrível uma multidão de criaturas com poderes sobrenaturais de vida eterna.

– Não seria se ninguém quisesse projetar uma super-raça. E um tipo de criatura assim seria um golpe genético perfeito – observou Chris. – Por acaso conhecemos algum megalomaníaco interessado em genética vampírica? Ora, espere. Conhecemos dois.

– Prefiro deixar essas coisas para Deus, Christopher. – Pulsou uma veia escura na testa de Matthew. – Não tenho interesse algum em eugenia.

– Esqueci. Você é obcecado pela evolução da espécie... em outras palavras, história e química. Os mesmos interesses de pesquisa de Diana. Que coincidência. – Chris estreitou os olhos. – Pelo que ouvi, tenho duas perguntas, professor Clairmont. São apenas vampiros que estão morrendo ou bruxas e demônios também correm o risco de extinção? E qual dessas supostas espécies se preocupa mais com a pureza racial?

Chris *era* realmente um gênio. A cada pergunta perspicaz se aprofundava ainda mais nos mistérios ligados ao *Livro da vida*, aos segredos da família De Clermont e às questões do meu sangue e de Matthew.

– Chris está certo – respondeu Matthew, com uma velocidade suspeita. – Não podemos permitir que a Congregação descubra a gravidez de Diana. Se você não tiver alguma objeção, *mon coeur*, acho que devemos ir o mais rapidamente possível para a casa de Fernando, em Sevilha. Sarah pode ir com a gente, é claro. E assim a reputação do conciliábulo não será posta em descrédito.

– Sugeri que vocês não permitissem que a bruxa má soubesse de Diana e

não que vocês fugissem – disse Chris impaciente. – Já se esqueceu de Benjamin?

– Travaremos esta guerra em uma frente de cada vez, Christopher. – Certamente a expressão facial de Matthew acompanhou o tom porque Chris acalmou-se de imediato.

– Tudo bem. Iremos para Sevilha. – Eu não queria ir, mas também não queria que as bruxas de Madison sofressem alguma punição.

– Não está tudo bem, não – disse Sarah, elevando a voz. – A Congregação quer respostas? Bem, eu também quero respostas. Diga a Sidonie von Borcke que estou *consorciada* com vampiros desde outubro do ano passado, desde que Satu Järvinen sequestrou e torturou minha sobrinha com a aquiescência de Peter Knox. Se isso significa que violei o pacto, que se dane. Sem os De Clermont, Diana estaria morta ou coisa pior.

– São acusações graves – disse Vivian. – Quer mesmo fazê-las?

– Sim – retrucou Sarah teimosamente. – Já baniram Knox da Congregação. Também quero que Satu leve um pé na bunda.

– Eles estão à procura de um substituto para Knox – relatou Vivian. – Segundo os rumores, Janet Gowdie deixará a aposentadoria para preencher a cadeira.

– Janet Gowdie está com uns noventa anos – disse Sarah. – É bem provável que não dê conta do trabalho.

– Knox insiste que precisa ser uma bruxa hábil para lançar feitiços, tal como ele o era. Ninguém... nem mesmo Janet Gowdie jamais o superou em lançamento de feitiços – disse Vivian.

– Até agora – retrucou Sarah sucintamente.

– Tem mais uma coisa, Sarah... o que poderá fazê-la pensar duas vezes antes de sair atrás das bruxas da Congregação. – Vivian hesitou. – Sidonie pediu um relatório sobre Diana. Alegou que é procedimento padrão para avaliar as bruxas que não desenvolveram talentos mágicos que poderão se

manifestar ao longo da vida à frente.

– Se a Congregação está mesmo interessada no meu poder, o pedido de Sidonie não tem nada a ver com o fato de que eu e Sarah nos consorciamos com vampiros – comentei.

– Sidonie afirma que uma avaliação da infância de Diana não indicava que ela manifestaria quaisquer poderes normais tradicionalmente associados às bruxas – continuou Vivian aparentemente inconsolável. – Foi Peter Knox que fez a avaliação. Rebecca e Sthephen concordaram e assinaram.

– Diga à Congregação que a avaliação de Rebecca e Stephen das habilidades mágicas da filha estava absolutamente correta até o último detalhe. – Os olhos de Sarah brilharam de raiva. – Os poderes de minha sobrinha não são normais.

– Muito bem, Sarah – disse Matthew, com uma evidente admiração pelo zelo dela. – Uma resposta digna do meu irmão Godfrey.

– Obrigada, Matthew – disse Sarah acenando.

– Knox sabe... ou suspeita de alguma coisa a meu respeito. Desde a minha infância. – Eu esperava que Matthew argumentasse, mas ele não o fez. – Pensei que havíamos descoberto que meus pais ocultavam a minha condição de tecelã, como a de papai. Mas agora sei que mamãe se interessava pela alta magia e me pergunto se isso também tem alguma coisa a ver com o interesse de Knox.

– Ele é um profissional dedicado à alta magia – ponderou Vivian. – E se você fosse capaz de desenvolver novos feitiços de magia negra? Suponho que Knox estaria disposto a fazer quase qualquer coisa para se apropriar deles.

A casa gemeu ao som de uma guitarra que encheu a sala com uma melodia reconhecível. De todas as canções do álbum favorito da minha mãe, “Landslide” era a que mais atraía o meu coração. Quando a ouvia me lembrava de mamãe cantarolando-a comigo no colo.

– Mamãe adorava essa canção – eu disse. – Ela sabia que a mudança estava a caminho e temia isso, como a mulher na canção. Mas não podemos mais nos permitir o medo.

– O que está falando, Diana? – perguntou Vivian.

– A mudança que mamãe esperava? Já chegou – respondi laconicamente.

– E há mais mudanças a caminho – disse Chris. – Você não vai conseguir esconder a existência das criaturas dos seres humanos por muito tempo. Você é uma autópsia, uma sessão de consultoria genética, um kit de testes genéticos ainda distantes de serem descobertos.

– Bobagem – disse Matthew.

– Evangelho. Só há duas opções. Matthew, você quer estar no controle de tudo quando isso acontecer, ou vai preferir levar uma paulada na cabeça? – Chris esperou. – Considerando o limitado conhecimento de que dispomos, suponho que você vai preferir a opção A.

Matthew passou os dedos no couro cabeludo e olhou fixamente para Chris.

– Achei que sim. – Chris inclinou a cadeira para trás. – Considerando a sua situação difícil, o que a Universidade de Yale pode fazer por você, professor Clairmont?

– Não. – Matthew balançou a cabeça. – Você não vai usar estudantes de pesquisa e pós-graduados para analisar o DNA das criaturas.

– Tão assustador quanto o inferno, sei disso – continuou Chris em tom mais ameno. – Todos preferimos nos esconder em algum lugar seguro e que alguém tome as decisões difíceis. Mas alguém terá que se levantar e lutar pelo que é certo. Fernando me disse que você é um guerreiro impressionante.

Matthew olhou para Chris, sem piscar.

– Ficarei com você, se isso ajuda – acrescentou Chris –, desde que me encontre no meio do caminho.

Além de um guerreiro impressionante, Matthew era experiente. Sabia reconhecer uma derrota.

– Você ganhou, Chris – ele admitiu calmamente.

– Ótimo. Então, vamos começar. Quero ver os mapas genéticos das criaturas. Depois quero sequenciar e reordenar os três genomas das criaturas para que possam ser comparados com o genoma humano. – Chris sublinhou cada item em particular. – Quero me certificar se você identificou corretamente o gene responsável pela ira do sangue. E quero isolar o gene que torna possível Diana conceber um filho seu. Não acho que você tenha começado essa procura por conta própria.

– Posso ajudá-lo em alguma coisa? – Matthew arqueou as sobrancelhas.

– Na verdade, pode. – A cadeira de Chris bateu no chão. – Diga a Miriam Shephard que quero que ela esteja no Kline Biology Tower na segunda-feira de manhã. Fica em Science Hill. Não tem como errar. Meu laboratório fica no quinto andar. Ela terá que me explicar por que minhas conclusões na *Science* estavam erradas antes de se juntar a nós em nossa primeira reunião de equipe às onze.

– Direi a ela. – Matthew olhou para Fernando que por sua vez deu de ombros, como se dissesse, *Problema dele*. – Apenas um lembrete, Chris. A pesquisa que esbocei até agora levará anos para ser concluída. E não ficaremos em Yale por muito tempo. Eu e Diana teremos que estar de volta à Europa em outubro, se realmente quisermos que os gêmeos nasçam lá. Diana não poderá fazer viagens longas depois disso.

– Outra razão para que muitas pessoas estejam trabalhando no projeto. – Chris levantou-se e estendeu a mão. – Combinado?

Após uma longa pausa, Matthew respondeu ao aperto de mão.

– Decisão inteligente – disse Chris enquanto os dois apertavam as mãos. – Espero que tenha trazido o seu talão de cheques, Clairmont. O Centro de Análise de Genoma de Yale e o Laboratório de Análise de DNA cobram caro, mas são rápidos e precisos. – Ele olhou para o relógio. – Já estou com

a mochila no carro. Vocês levarão quanto tempo para pegar a estrada?

– Estaremos algumas horas atrás de você – disse Matthew.

Chris beijou Sarah no rosto e me deu um abraço. Em seguida ergueu um dedo de advertência.

– Onze horas da manhã de segunda-feira, Matthew. Não se atrase.

Depois disso, ele saiu.

– O que foi que eu fiz? – sussurrou Matthew quando a porta da frente se fechou com um baque. Ele parecia um tanto chocado.

– Tudo vai ficar bem, Matthew – disse Sarah, com um surpreendente otimismo. – Tenho um bom pressentimento sobre tudo isso.

Algumas horas depois entramos no carro. Acenei para Sarah e Fernando do banco do passageiro, reprimindo as lágrimas. Sarah sorriu, mas com os braços tão apertados contra o próprio corpo que os dedos esbranqueceram. Fernando e Matthew trocaram algumas palavras com um ligeiro abraço, mão ao cotovelo, o conhecido estilo De Clermont.

Matthew deslizou para trás do volante.

– Tudo pronto?

Balancei a cabeça. Ele apertou a ignição e o motor roncou.

Ecoaram teclado e bateria do sistema de som, acompanhados por perfurantes guitarras. Matthew atrapalhou-se com os controles na tentativa de abaixar o som. Sem êxito, tentou desligá-lo. Mas a despeito do que pudesse fazer, Fleetwood Mac nos alertava a não pensar no amanhã. Finalmente, ele ergueu as mãos em sinal de derrota.

– Pelo visto, a casa está nos despejando em grande estilo – disse balançando a cabeça e pondo o carro no caminho.

– Não se preocupe. A música silenciará quando sairmos daqui.

Seguimos aos solavancos pelo extenso caminho em direção à estrada, mas seguros graças aos imperceptíveis amortecedores do Range Rover.

Sacolejei no banco quando Matthew acendeu a lanterna para deixar a fazenda Bishop, se bem que as últimas palavras da canção me fizeram olhar para frente novamente.

– Não olhe para trás – sussurrei.

Sol em Virgem

Quando o Sol estiver em Virgem, mande as crianças para a escola.
Este signo significa mudança de lugar.

– Anonymous English Commonplace Book, c. 1590,
Gonçalves MS 4890, f. 9r



– Mais chá, professora Bishop?

– Hein? – Olhei para o rapaz formal que me aguardava com expectativa. – Ah. Sim. Claro. Obrigada.

– É pra já. – Ele pegou o bule de porcelana branca da mesa.

Olhei para a porta e nenhum sinal de Matthew. Enquanto o esperava na atmosfera rarefeita do New Haven Lawn Club, ele recebia o crachá de identificação no setor de Recursos Humanos nos arredores. Os confins silenciosos do edifício principal amorteciam o distintivo quique das bolas de tênis e os gritos das crianças que curtiam a piscina na última semana de férias de verão. Três futuras noivas entraram escoltadas pelas respectivas mães para examinar as instalações onde possivelmente se casariam.

Se aquele era o New Haven, não era mais o meu New Haven.

– Aqui está, professora. – O atencioso garçom estava de volta, acompanhado pelo aroma fresco das folhas de hortelã. – Chá de hortelã-pimenta.

A vida em New Haven junto com Matthew exigiria alguns ajustes. Minha pequena casa geminada na rua arborizada de pedestres, no perímetro da Court Street, era bem mais espartana que qualquer outra ocupada por nós ao longo do último ano, tanto no tempo presente como no tempo passado. Era uma casa decorada com simplicidade: achados no mercado das pulgas, mobiliário em pinho barato e prateleiras de livros e revistas dos meus dias de estudante de graduação. A cama não tinha estribo nem cabeceira ou dossel. Mas tinha um colchão grande que nos

acolheu quando chegamos com gemidos de alívio da longa viagem de Madison.

Como qualquer casal normal de New Haven, passáramos grande parte do fim de semana estocando a casa com itens essenciais: vinho da loja da Whitney Avenue para Matthew e mantimentos para mim, e apetrechos eletrônicos suficientes para equipar um laboratório de informática. Matthew não se conformou com o fato de eu só ter um laptop. Saímos da loja de computadores na Broadway com produtos em dobro – para ele e para mim. E depois passeamos pelas veredas residenciais da faculdade enquanto o carrilhão badalava na Harkness Tower. Faculdade e cidade começavam a inchar com os alunos que retornavam das férias, urrando saudações por todo o campus e reclamando das listas de leituras e dos horários de aulas.

– É bom estar de volta – sussurrei agarrada ao braço dele, com a impressão de que estávamos embarcando em outra aventura, só nós dois.

Agora, no entanto, sentia-me diferente. Fora de sintonia.

– Aí está você. – Matthew irrompeu ao meu lado e me deu um longo beijo. – Senti sua falta.

Sorri.

– Só estivemos separados uma hora e meia.

– Exatamente. Muito tempo. – Ele passou os olhos na mesa, onde estavam o bule de chá intocado, um bloco amarelo e branco e um exemplar ainda lacrado da última *American Historical Review* que apanháramos na caixa de correio entupida do meu departamento enquanto seguíamos para Science Hill. – Como foi o seu dia?

– Cuidaram de mim muito bem.

– Como deveriam. – No percurso até o grande prédio de tijolinhos, Matthew explicara para Marcus que ele tinha sido um dos membros fundadores daquele clube privado, cujas instalações tinham sido construídas em terras que um dia lhe pertenceram.

– Posso lhe trazer alguma coisa, professor Clairmont?

Apertei os lábios. Surgiu uma pequena ruga na pele sem asperezas entre os aguçados olhos do meu marido.

– Obrigado, Chip, mas já estamos de saída.

Já era hora. Levantei-me, juntei as coisas e as empurrei para a grande mochila aos meus pés.

– Isso pode ser colocado na conta do dr. Whitmore? – sussurrou Matthew enquanto puxava a minha cadeira.

– É claro – disse Chip. – Sem problema. É sempre um prazer receber um membro da família do dr. Whitmore.

Fui eu que apressei Matthew na saída.

– Onde está o carro? – Procurei o estacionamento.

– Estacionado à sombra. – Matthew retirou a mochila do meu ombro. – Vamos para o laboratório a pé, não de carro. Os membros podem deixar os carros aqui. Fica bem perto do laboratório. – Ele pareceu simpático. – Isso nos é estranho, mas essa estranheza vai passar.

Respirei fundo e balancei a cabeça. Matthew segurou a mochila pela alça curta na parte superior.

– Vou melhorar quando chegar à biblioteca – eu disse, tanto para o meu bem quanto para o dele. – Vamos começar o trabalho?

Ele estendeu a mão livre. Dei-lhe a mão e a fisionomia dele desanuviou.

– Mostre o caminho – ele disse.

Atravessamos a Whitney Avenue através de um jardim repleto de arbustos podados em forma de dinossauros, e depois cortamos o caminho por trás do Museu Peabody de Yale e nos aproximamos da torre, o prédio onde ficava o laboratório de Chris. Retardei os passos. Matthew olhou para cima e em seguida ainda mais acima.

– Não. Por favor, não nesse lugar. É pior que a biblioteca Beinecke. – Ele grudou os olhos nos desagradáveis contornos do Kline Biology Tower, ou KBT, como era conhecido no campus. Ele comparava as paredes

esculpidas em cavidades quadradas de mármore branco da Beinecke a uma bandeja de cubos de gelo gigantescos. – Isso aqui me lembra...

– Seu laboratório em Oxford, se bem me lembro não era uma beleza. – Eu o cortei antes que ele fizesse outra analogia viva que ficaria comigo para sempre. – Vamos.

E depois chegou a vez de Matthew relutar. Resmungou enquanto caminhávamos pelo edifício e recusou-se a colocar o cordão azul e branco da Yale com um cartão magnético de identificação em volta do pescoço quando o segurança assim solicitou. Continuou queixando-se no elevador e amarrou a cara quando chegamos à porta do laboratório de Chris.

– Vai ficar tudo bem, Matthew. Os alunos de Chris ficarão felizes por atendê-lo – assegurei para ele. Além de um estudioso de renome internacional, Matthew era um membro do corpo docente da Universidade de Oxford. Pouquíssimas instituições impressionavam Yale como a Universidade de Oxford.

– A última vez que estive com estudantes foi quando eu e Hamish estávamos na All Souls. – Matthew desviou os olhos para disfarçar o nervosismo. – Fico mais à vontade em laboratórios de pesquisa.

Puxei o braço dele, obrigando-o a parar. Finalmente, nossos olhos se encontraram.

– Você ensinou todo tipo de coisa para Jack. E para Annie também. – Eu o fiz lembrar ao lembrar-me de como ele acompanhava as duas crianças que tinham vivido conosco na Londres elisabetana.

– Aquilo foi diferente. Eles eram... – Matthew se deteve, uma sombra adejou nos olhos dele.

– Família?

Esperei pela resposta. Ele assentiu com relutância.

– Os alunos querem as mesmas coisas que Annie e Jack queriam: atenção, franqueza e confiança. Você será brilhante nisso. Prometo.

– Espero me adaptar – ele murmurou, observando o corredor. – Lá está

o laboratório de Christopher. Vamos. Se eu chegar atrasado, talvez ele me ameace de reaver minha identificação.

Chris abriu a porta, visivelmente aborrecido. Matthew percebeu e manteve a porta aberta com o pé.

– Um minuto mais e eu teria começado sem você, Clairmont. Olá, Diana – disse Chris, beijando-me no rosto. – Não a esperava aqui. Por que não está na Beinecke?

– Entrega especial. – Apontei para a mochila e Matthew entregou-a. – A folha do Ashmole 782, lembra?

– Ah. Certo. – Chris não pareceu nem um pouco interessado. Ele e Matthew estavam claramente concentrados em outras questões.

– Vocês dois prometeram – eu disse.

– Certo. Ashmole 782 – Chris cruzou os braços. – Onde está Miriam?

– Transmiti o seu recado e lhe pouparei da resposta. Ela estará aqui quando quiser... e... se assim quiser. – Matthew ergueu o cartão de identificação. Nem mesmo a central de emprego tirava uma foto ruim dele. Ele parecia um modelo. – Sou funcionário, ou pelo menos é o que eles dizem.

– Ótimo. Vamos. – Chris tirou um jaleco branco de uma arara e o jogou nos ombros. E depois pegou outro para Matthew.

Matthew olhou para o jaleco e relutou.

– Não vou usar um desses.

– Fique à vontade. Sem jaleco, nenhum contato com o equipamento. Você decide. – Chris girou o corpo e saiu andando.

Uma mulher aproximou-se com um maço de papéis. Usava um jaleco de laboratório no qual se liam os nomes CONNELLY em bordado, e mais acima, escrito em marcador vermelho, “Béquer”.

– Obrigado, Béquer. – Chris olhou para os papéis. – Ótimo. Ninguém se recusou.

– O que é isso? – perguntei.

– Formulários de confidencialidade. Chris disse que vocês não precisam assiná-los. – Béquer saudou Matthew com um aceno de cabeça. – Estamos honrados em tê-lo aqui, professor Clairmont. Sou Joy Connelly, assistente de Chris. No momento estamos sem um gerente de laboratório, de modo que estou preenchendo o posto até Chris encontrar Madre Teresa ou Mussolini. Pode passar o cartão para registrar a hora de sua chegada? E também passe na saída. Isso mantém os registros corretos. – Ela apontou para o leitor ao lado da porta.

– Obrigado, dra. Connelly. – Matthew obedeceu e passou o cartão. Mas ainda estava sem o jaleco.

– A professora Bishop também precisa passar. Protocolo de laboratório. E por favor me chame de Béquer. Todo mundo me chama assim.

– Por quê? – perguntou Matthew enquanto eu procurava o meu cartão de ID na bolsa. Como sempre, estava lá no fundo.

– Chris acha que é mais fácil lembrar os apelidos – disse Béquer.

– Ele tinha dezessete Amys e doze Jareds na sua primeira palestra de graduação – acrescentei. – Acho que ele nunca vai se recuperar.

– Felizmente, minha memória é excelente, dra. Connelly. Então, seu trabalho é em RNA catalítico. – Matthew sorriu. A dra. Connelly pareceu satisfeita.

– Béquer! – gritou Chris.

– Já vou! – Béquer gritou de volta. – Tomara que ele encontre logo a Madre Teresa – ela sussurrou para mim. – Não precisamos de outro Mussolini.

– Madre Teresa já morreu – sussurrei enquanto passava o cartão.

– Eu sei. Quando Chris redigiu a descrição do cargo para o novo gerente de laboratório, ele listou "Madre Teresa ou Mussolini" sob as qualificações. Claro que reescrevemos tudo. De outra forma, o setor de Recursos Humanos não teria aprovado.

– Como Chris chamava o último gerente de laboratório? – Quase não

perguntei de medo.

– Calígula – Béquer suspirou. – Nós realmente sentimos falta dela.

Matthew esperou que entrássemos antes de soltar a porta. Béquer pareceu perplexa com a cortesia. A porta fechou-se atrás de nós.

Pesquisadores de todas as idades e perfis nos esperavam de jaleco branco lá dentro, incluindo pesquisadores seniores como Béquer, alguns pós-doutorados aparentemente exaustos e um bando de alunos da pós-graduação. A maioria estava sentada nos bancos do laboratório, e uns poucos, encostados em pias e armários.

Uma placa escrita à mão sobre uma das pias dizia ameaçadoramente PIA RESERVADA PARA HAZMAT. Tina, a assistente administrativa de Chris perpetuamente atormentada, estava tentando retirar os formulários de confidencialidade de debaixo de uma lata de refrigerante sem esbarrar no laptop ligado de Chris. O zum-zum-zum emudeceu assim que entramos.

– Oh. Meu. Deus. Esse é... – Uma mulher olhou para Matthew e levou a mão à boca. Ela o reconhecera.

– Olá, professora Bishop! – Um aluno da pós-graduação levantou-se alisando o jaleco. Parecia mais nervoso que Matthew. – Jonathan Garcia. Lembra de mim? História da Química? Dois anos atrás?

– Claro. Como vai, Jonathan? – Senti a cutucada dos muitos olhares que se voltaram para mim. Havia demônios no laboratório de Chris. Olhei ao redor na tentativa de descobrir quem eram eles. Até que flagrei o olhar frio de um vampiro que estava perto de um armário fechado, junto a Béquer e outra mulher.

Matthew também reparou nele.

– Richard – disse Matthew com um aceno frio de cabeça. – Eu não sabia que você tinha deixado Berkeley.

– No ano passado. – Richard mostrou-se impassível.

Nunca me passaria pela cabeça que podia haver criaturas no laboratório de Chris. Só o tinha visitado uma ou duas vezes quando ele

estava trabalhando sozinho. De repente, minha mochila pesou com segredos e um possível desastre.

– Shotgun, depois você terá tempo para um reencontro com Clairmont – disse Chris conectando o laptop a um projetor. Seguiu-se uma onda de risos de apreciação. – As luzes, por favor, Béquer.

O riso se desfez quando a luz diminuiu. A equipe de pesquisa de Chris inclinou-se à frente para ver a projeção no quadro branco. Barras em preto e branco cruzaram o alto da página e alinharam-se para baixo. Cada barra ou ideograma, conforme Matthew me explicara na noite anterior, representava um cromossomo.

– Temos um novíssimo projeto de pesquisa para este semestre. – Chris encostou-se no quadro branco. Sua pele escura e seu jaleco branco o fizeram parecer um novo ideograma. – Eis o tema em questão. Alguém quer me dizer o que é?

– Está vivo ou morto? – perguntou uma agradável voz feminina.

– Boa pergunta, Scully. – Chris sorriu.

– Por que perguntou isso? – Matthew olhou bruscamente para Scully, fazendo-a se contorcer.

– Porque se estiver morto... ah, pelo jeito o tema é do sexo masculino, a causa da morte pode ter um componente genético – ela respondeu.

Ansiosos para provar o seu valor, os alunos da pós-graduação começaram a falar de distúrbios genéticos raros e mortais com uma rapidez que os tornava impossíveis de serem registrados nos laptops.

– Tudo bem, tudo bem. – Chris ergueu a mão. – Nosso zoológico não tem mais espaço para zebras. Voltemos ao básico, por favor.

Os olhos de Matthew dançaram divertidos. Eu o olhei com ar confuso e ele me esclareceu.

– Os alunos tendem a explicações exóticas e se esquecem das óbvias... como se um paciente tivesse contraído SARS e não um resfriado comum. Eles são chamados de “zebras” porque ouvem cascos e concluem que são

zebras e não cavalos.

– Obrigada. – Era compreensível que me sentisse desorientada em meio aos apelidos e animais selvagens.

– Parem de tentar impressionar os outros e observem a tela. O que estão vendo? – perguntou Chris, dando uma pausa na crescente concorrência.

– É do sexo masculino – disse um jovem magricela aparentemente tímido que utilizava um tradicional caderno de anotações de laboratório e não um computador. Shotgun e Béquer reviraram os olhos um para o outro, balançando a cabeça em negativa.

– Scully já deduziu isso. – Chris olhou para os alunos com impaciência e estalou os dedos. – Não me *envergonhem* na frente da Universidade de Oxford, senão todos vocês terão que levantar pesos comigo durante todo o mês de setembro.

Todos gemeram. O nível de aptidão física de Chris era lendário, como também o hábito de usar uma velha camisa do time de futebol de Harvard sempre que Yale jogava. Ele era o único professor que era pública e rotineiramente vaiado em sala de aula.

– O que quer que seja, ele não é humano – disse Jonathan. – Ele tem vinte e quatro pares de cromossomos.

Chris olhou para o relógio.

– Quatro minutos e meio. Dois minutos mais do que pensei que seria necessário, mas bem mais rápido do que o professor Clairmont esperava.

– *Touché*, professor Roberts – disse Matthew suavemente. A equipe de Chris se voltou para ele ainda sem saber o que um professor de Oxford estava fazendo em um laboratório de pesquisa de Yale.

– Espere um instante. O arroz tem vinte e quatro cromossomos. Estamos pesquisando *arroz*? – perguntou uma garota que eu tinha visto jantando na Branford College.

– Claro que não estamos pesquisando arroz – disse Chris exasperado. – Desde quando o arroz tem sexo, Hazmat? – Devia ser a proprietária da pia

especialmente reservada para ela.

– Chimpanzé? – sugeriu um jovem que era bonito de um modo estudado com seus cabelos castanhos ondulados e sua camisa azul de Oxford.

Chris circulou um dos ideogramas na parte superior da tela com um marcador vermelho.

– Isso se parece com o cromossomo 2A de um chimpanzé?

– Não – respondeu o jovem cabisbaixo. – O braço é muito longo. – Isso parece o cromossomo 2 humano.

– É o cromossomo 2 humano. – Chris apagou a marca vermelha e começou a numerar os ideogramas. Quando chegou ao vigésimo quarto, fez um círculo em volta. – É neste que vamos nos concentrar neste semestre. Cromossomo 24, de agora em diante CC para que a equipe que está pesquisando o arroz geneticamente modificado em Osborn não tenha calafrios. Temos muito trabalho a fazer. O DNA foi sequenciado, mas com pouquíssimas funções dos genes identificadas.

– Quantos pares de bases? – perguntou Shotgun.

– Algo em torno de quarenta milhões – respondeu Chris.

– Graças a Deus – sussurrou Shotgun, olhando diretamente para Matthew. Isso soou um monte de coisas para mim, mas fiquei feliz por vê-lo satisfeito.

– O que significa CC? – perguntou uma mulher asiática baixinha.

– Antes de responder, quero lembrar-lhes que todos aqui entregaram um acordo de confidencialidade assinado para Tina – disse Chris.

– Vamos trabalhar em algo que vai resultar numa patente? – Um aluno de pós-graduação esfregou as mãos. – Excelente.

– Vamos trabalhar num projeto de pesquisa altamente confidencial, altamente secreto, com implicações de longo alcance. O que acontecer neste laboratório permanecerá neste laboratório. Nada de conversinhas com amigos. Nada de conversinhas com os pais. Nada de se gabar na

biblioteca. Quem abrir a boca, cai fora. Entenderam?

As cabeças assentiram.

– Nenhum laptop pessoal, nenhum celular, nenhuma fotografia. Um terminal do laboratório terá acesso à internet, mas somente Béquer, Shotgun e Sherlock terão o código de acesso – acrescentou Chris apontando para os pesquisadores seniores. – Vão trabalhar no laboratório com cadernos à moda antiga, escritos à mão em papel, que serão entregues para Béquer antes de vocês saírem daqui. Para os que não sabem mais usar uma caneta, Bones mostrará como se faz.

O tímido Bones do caderno de papel assumiu um ar presunçoso. Com certa relutância os alunos se separaram dos celulares, colocando-os em um recipiente de plástico deixado por Béquer na sala. Enquanto isso, Shotgun recolhia os laptops e os trancava em um armário. Uma vez que o laboratório já não tinha mais aparelhos eletrônicos, Chris continuou.

– No tempo certo levaremos nossas descobertas ao público... sim, professor Clairmont, um dia serão publicadas porque é isso que os cientistas fazem. – Chris lançou um olhar acentuado para Matthew – ... e nunca mais nenhum de vocês terá que se preocupar com a carreira.

Eclodiram sorrisos por toda parte.

– CC significa "cromossomo de criaturas".

Os rostos antes sorridentes embranqueceram.

– Cri...cri...criaturas? – repetiu Bones.

– Eu falei que era um alienígena – disse um homem sentado ao lado de Hazmat.

– Ele não é do espaço sideral, Mulder – disse Chris.

– Bom nome – comentei com Matthew, que pareceu não entender. Afinal, ele não tinha uma TV. – Depois lhe direi por quê.

– Um lobisomem? – perguntou Mulder esperançoso. Matthew fez uma careta.

– Chega de suposições – disse Chris apressadamente. – Pois bem,

equipe. Mãos para cima quem é demônio.

O queixo de Matthew caiu.

– O que você está fazendo? – sussurrei para Chris.

– Pesquisa – ele respondeu olhando ao redor da sala. Depois de um breve e atordoado silêncio, ele estalou os dedos. – Vamos lá. Não sejam tímidos.

A mulher asiática ergueu a mão, seguida por um jovem que parecia uma girafa com seu cabelo cor de gengibre e seu pescoço comprido.

– Eu devia ter adivinhado que seriam Game Boy e Xbox – balbuciou Chris. – Mais alguém?

– Daisy – disse a asiática apontando para uma criatura que vestia uma roupa amarela e branca brilhante e cantarolava com olhos sonhadores para fora da janela.

– Tem certeza, Game Boy? – Chris pareceu incrédulo. – Ela é tão... hum, organizada. E precisa. Não é nada parecida com você e Xbox.

– Daisy ainda não sabe – sussurrou Game Boy, com a testa franzida de preocupação. – Então, vá devagar. Ela pode pirar quando descobrir o que realmente é.

– Perfeitamente compreensível – disse Chris.

– O que é um demônio? – perguntou Scully.

– Um membro altamente valorizado desta equipe de pesquisa cujas cores estão fora de linha – respondeu Chris como um relâmpago. Shotgun apertou os lábios divertindo-se.

– Ora – Scully reagiu com suavidade.

– Então, também sou um demônio – afirmou Bones.

– Outro que quer ser – sussurrou Game Boy.

Matthew contraiu os lábios.

– Uau. Demônios. Eu sabia que Yale era uma escolha melhor que a Johns Hopkins – disse Mulder. – Esse é o DNA do Xbox?

Xbox olhou para Matthew em silenciosa súplica. Daisy parou de

cantarolar e passou a prestar muita atenção na conversa.

Matthew, Shotgun e eu éramos os adultos nessa situação. Explicar para os seres humanos o que eram as criaturas não era coisa para ser deixada para os alunos. Quando abri a boca para responder, Matthew pôs a mão no meu ombro.

– Não é o DNA do seu colega – disse. – É o meu.

– Você também é um demônio? – Mulder observou Matthew com interesse.

– Não, sou um vampiro. – Matthew juntou-se a Chris sob a luz do projetor. – E antes que me pergunte, posso sair durante o dia e meu cabelo não pega fogo à luz do sol. Sou católico e tenho um crucifixo. Quando durmo, o que raramente acontece, prefiro a cama ao caixão. E se você tentar enterrar uma estaca em mim, provavelmente a madeira lascará antes de penetrar na minha pele. – Ele mostrou os dentes. – Não tenho presas. E uma última coisa: nunca, nunca cintilei. – Ele enfatizou esse ponto com o rosto escurecido.

Eu já tinha me orgulhado de Matthew em muitas ocasiões anteriores. Já o tinha visto resistir a uma rainha, a um imperador mimado e ao seu próprio pai controlador. Sua coragem – tanto em lutas com espadas como em lutas com seus próprios demônios – era profunda até os ossos. Mas nada se comparava com aquela cena onde ele assumia sua condição diante de um grupo de estudantes e seus pares cientistas.

– Quantos anos você tem? – perguntou Mulder sem fôlego. Tal como o seu xará, Mulder acreditava em coisas maravilhosas e estranhas.

– Trinta e sete.

Soaram exclamações de decepção. Matthew então se compadeceu.

– Cerca de 1.500 anos.

– Puta merda! – exclamou Scully, como se o mundo racional tivesse virado do avesso. – Isso é mais velho que o velho. Simplesmente não consigo acreditar que haja um vampiro em Yale.

– Obviamente, você nunca foi ao departamento de astronomia – disse Game Boy. – Há quatro vampiros da faculdade lá. E a nova professora de economia... a que foi contratada vinda do MIT, é definitivamente uma vampira. Segundo os rumores também há alguns no departamento de química, mas eles abafam.

– Também há bruxas em Yale. – Soei serena, mas evitei o olhar de Shotgun. – Nós temos vivido ao lado dos humanos por milênios. Certamente você vai querer estudar os três cromossomos das criaturas, não é professor Roberts?

– Claro. – O sorriso de Chris abriu-se lenta e sinceramente. – Você está oferecendo o seu DNA, professora Bishop?

– Vamos pegar o cromossomo de uma criatura de cada vez. – Matthew lançou um olhar de advertência para Chris. Embora estivesse disposto a permitir que os alunos pesquisassem a sua informação genética, ainda não estava convencido de deixá-los fazer o mesmo com a minha.

Jonathan esquadrinhou-me de um modo avaliador.

– Então, são as bruxas que brilham?

– É mais um reflexo – expliquei. – Nem todas as bruxas brilham. Acho que sou uma das sortudas. – A confidência me deixou com uma intensa sensação de liberdade, e como ninguém saiu correndo aos gritos da sala, senti uma onda de alívio e esperança. E também senti uma vontade louca de rir.

– Luzes, por favor – disse Chris.

As luzes se acenderam gradualmente.

– Você disse que vamos trabalhar em vários projetos? – perguntou Béquer.

– Vocês também terão que analisar isto aqui. – Enfiei a mão na mochila e tirei um enorme envelope endurecido com inserções de papelão para que o conteúdo não fosse dobrado e danificado. Depois de desamarrá-lo, tirei a folha do *Livro da vida*. A ilustração em cores vívidas da união mística

entre o Sol e a Lua cintilou em luzes fluorescentes pelo laboratório adentro. Alguém assobiou. Shotgun endireitou-se de olhos fixos na folha.

– Ei, isso é o casamento químico de mercúrio e enxofre – disse Jonathan. – Lembro de ter visto algo parecido em sala de aula, professora Bishop.

Concedi a minha aprovação ao meu ex-aluno.

– Isso não deveria estar na Beinecke? – perguntou Shotgun para Matthew. – Ou em outro lugar seguro? – A ligeira ênfase em "seguro" me fez pensar que eu poderia ter imaginado. Mas o semblante de Matthew me disse o contrário.

– Aqui também é seguro, não é, Richard? – O príncipe-assassino estava de volta ao sorriso de Matthew. A *persona* letal de Matthew em meio a frascos e tubos de ensaio me deixou desconfortável.

– O que faremos com isso? – perguntou Mulder visivelmente curioso.

– Análise do seu DNA – respondi. – A iluminura é feita de pele. Preciso saber a idade exata da pele... e o tipo de criatura de onde veio.

– Acabei de ler algo sobre esse tipo de pesquisa – disse Jonathan. – Já estão fazendo análises do mtDNA em livros medievais. Os pesquisadores esperam que isso os ajude a datá-los e determinar onde foram feitos. – O DNA mitocondrial registra aquilo que um organismo herda dos ancestrais maternos.

– Talvez você possa trazer esse artigo para os seus colegas, caso eles ainda não tenham lido. – Matthew pareceu feliz com a leitura atualizada de Jonathan. – Mas além do mtDNA também vamos extrair o DNA nuclear.

– Isso é impossível – protestou Shotgun. – O pergaminho passou por um processo químico para ligar a pele à superfície da escrita. Tanto a idade como as mudanças a que foi submetido durante a fabricação prejudicariam o DNA... caso você realmente pudesse extrair o suficiente para trabalhar com ele.

– É difícil, mas não impossível – corrigiu Matthew. – Tenho trabalhado intensamente com DNA antigo, frágil e danificado. Meus métodos também devem funcionar com esse exemplar.

Pipocaram olhares excitados por toda a sala à medida que as implicações dos dois planos de pesquisa eram assimiladas. Ambos os projetos eram o trabalho dos sonhos de todos os cientistas, qualquer que fosse a fase da carreira em que estivessem.

– Você acha que arrancaram a pele de alguma vaca ou de alguma cabra para fazer essa folha, dra. Bishop? – A inquietude no tom de Béquer apaziguou a atmosfera.

– Talvez tenha sido ou de um demônio ou de um humano ou de um vampiro ou de uma bruxa. – Eu estava certa de que não era pele humana, mas não podia descartá-la inteiramente.

– Humano? – Scully arregalou os olhos com a ideia. A perspectiva do esfolamento de outras criaturas para fazer um livro não pareceu assustá-la.

– Encadernação antropodérmica – sussurrou Mulder. – Eu achava que isso era um mito.

– Tecnicamente, não é encadernação antropodérmica – eu disse. – Não é um livro confeccionado com algumas partes de uma criatura... mas sim com ela inteira.

– Por quê? – disse Bones.

– Por que não? – disse Daisy enigmaticamente. – Tempos de desespero pedem medidas desesperadas.

– Não vamos ficar à frente de nós mesmos – disse Matthew, puxando a folha de minha mão. – Nós somos cientistas. Primeiro como e depois por quê.

– Acho que já é o suficiente por hoje – disse Chris. – Parece que todos estão precisando de uma pausa.

– O que eu preciso mesmo é de uma cerveja – sussurrou Jonathan.

– É um pouco cedo, mas entendo. Apenas lembrem-se: quem abrir a

boca, cai fora – disse Chris em tom severo. – Isso também significa não falar uns com os outros fora destas paredes. Ninguém pode ouvir nada.

– Se alguém nos ouvir falando sobre bruxas e vampiros, só poderá concluir que estávamos jogando D & D – disse Xbox. Game Boy assentiu.

– Nada disso. Nada de falar – insistiu Chris.

A porta abriu-se. Uma mulher baixinha com minissaia roxa, botas vermelhas e uma camiseta preta onde se lia SAI DA FRENTE – FAÇO CIÊNCIA entrou na sala.

Miriam Shephard acabara de chegar.

– Quem é você? – perguntou Chris.

– O seu pior pesadelo e a nova gerente de laboratório. Oi, Diana. – Miriam apontou para uma lata de refrigerante. – De quem é isso?

– Meu – disse Chris.

– Nada de alimentos ou bebidas no laboratório. Isso vale em dobro para você, Roberts – disse Miriam de dedo em riste para Chris.

– O pessoal de Recursos Humanos não me falou que mandaria um candidato – disse Béquer, confusa.

– Eu não sou um candidato. Já preenchi a papelada pela manhã. Fui contratada e tenho credenciais. – Miriam ergueu um cartão de identidade preso a um cordão, como mandava a regra.

– Mas preciso entrevistar... – Chris se deteve. – Quem você disse que é?

– Miriam Shephard. E o pessoal do RH dispensou a entrevista depois que mostrei isso para eles. – Ela puxou o celular da cintura. – Abre aspas: "Que ela sente a bunda no meu laboratório às nove da manhã, e preparada para explicar os meus erros em duas horas... sem desculpas." Fecha aspas. – Ela retirou duas folhas de papel da mochila repleta de laptops e arquivos de papel. – Quem é Tina?

– Sou eu. – Tina avançou sorrindo. – Olá, dra. Shephard.

– Olá. Aqui está meu documento de contratação ou concessão de seguro-saúde ou sei lá o quê. E minha reprimenda formal para sua

inadequada mensagem de texto, Roberts, é a seguinte: arquive-a. – Ela entregou a papelada e depois tirou a mochila do ombro e jogou-a para Matthew. – Eu trouxe tudo que você pediu, Matthew.

Todos no laboratório observaram boquiabertos enquanto a mochila repleta de laptops navegava pelo ar. Matthew pegou-a sem danificar um único laptop, e Chris olhou para o braço de arremesso de Miriam com nítida admiração.

– Obrigado, Miriam – murmurou Matthew. – Espero que tenha tido uma viagem sem incidentes. – O tom e a escolha das palavras eram formais, mas não disfarçavam o alívio que ele sentia ao vê-la.

– Estou aqui, não estou? – disse Miriam em tom cáustico enquanto tirava outro pedaço de papel do bolso traseiro da minissaia. Depois de observá-lo, acrescentou olhando por alto. – Qual de vocês é Béquer?

– Aqui. – Béquer caminhou de mão estendida até ela. – Joy Connelly.

– Oh, desculpe. Só disponho de uma lista de apelidos ridículos dos restos da cultura popular e mais algumas siglas. – Miriam apertou a mão de Béquer, puxou uma caneta da bota e anotou alguma coisa. E depois rabiscou uma segunda nota ao lado. – Prazer em conhecê-la. Aprecio o seu trabalho com o RNA. Tem lastro. Muito útil. Vamos tomar um café e descobrir o que faremos para chicotear este lugar conforme as circunstâncias.

– O café decente mais próximo exige uma caminhada – disse Béquer se desculpando.

– Inaceitável. – Miriam fez outra anotação no papel. – Precisamos de um café no subsolo o mais rapidamente possível. Percorri o edifício antes de chegar aqui em cima e notei que desperdiçam aquele espaço.

– Também vou com você? – perguntou Chris impaciente sobre os pés.

– Não agora – respondeu Miriam. – Certamente você tem algo mais importante a fazer. Estarei de volta à uma hora. E vou querer ver... – Ela deu uma pausa para examinar a lista. – Sherlock, Game Boy e Scully.

– E quanto a mim, Miriam? – perguntou Shotgun.

– Nos veremos mais tarde, Richard. É bom ver um rosto conhecido. – Ela olhou para a lista. – Como Roberts o chama?

– Shotgun. – A boca de Richard se contraiu.

– Talvez seja por causa de suas sequências rápidas e não porque você resolveu caçar à moda dos humanos. – Miriam estreitou os olhos. – O que faremos aqui vai ser um problema, Richard?

– Não imagino por quê. – Richard deu de ombros. – A Congregação e suas preocupações estão fora de minha ordem de pagamento.

– Ótimo. – Miriam esquadrinhou a visível curiosidade de seus novos encarregados. – Bem? O que estão esperando? Se querem algo para fazer, talvez possam tratar de algum gel. Ou desempacotar caixas de suprimentos. Há muitas empilhadas no corredor.

Todos no laboratório se dispersaram.

– Como pensei. – Ela sorriu para Chris que parecia nervoso. – Quanto a você, Roberts, eu o verei em duas horas. Discutiremos seu artigo. E seus protocolos para revisão. Depois, você poderá me levar para jantar. Em algum lugar agradável, com bife e uma boa carta de vinhos.

Chris balançou a cabeça aparentemente atordoado.

– Vocês podem nos dar um minuto? – perguntei para Chris e Béquer. Os dois se colocaram de lado, ela sorrindo de orelha a orelha e ele beliscando a ponte do próprio nariz. Matthew juntou-se a nós.

– Você parece surpreendentemente bem para quem fez uma viagem de ida e volta ao século XVI, Matthew. E Diana está obviamente *enceinte* – disse Miriam, empregando a palavra francesa para "grávida".

– Obrigado. Você está onde Marcus está? – perguntou Matthew.

– Aquela monstruosidade em Orange Street? Sem chance. É um local conveniente, mas me dá arrepios. – Miriam estremeceu. – Excesso de mogno.

– Você é bem-vinda para ficar conosco na Court Street. – Fiz a oferta. –

Temos um quarto de hóspedes no terceiro andar. Você terá privacidade.

– Obrigada, mas estou na esquina. No condomínio de Gallowglass – retrucou Miriam.

– Condomínio? – Matthew franziu a testa.

– O que ele comprou na Wooster Square. Alguns convertidos da igreja. Muito agradável... um pouco dinamarquês na decoração, mas de longe muito melhor que a decoração sombria de Marcus. – Miriam olhou abruptamente para Matthew. – Gallowglass não lhe contou que viria comigo?

– Não contou, não. – Matthew passou os dedos pelo cabelo.

Eu sabia exatamente como meu marido se sentia: os De Clermont tinham mudado para o modo superprotetor. Mas agora eles não estavam protegendo somente a mim. Eles também estavam protegendo Matthew.



— Más notícias. – Os lábios de Lucy Meriweather se torceram em simpática careta. Ela era uma bibliotecária da Beinecke que anos antes me ajudara tanto na minha própria pesquisa como nas ocasiões em que eu levava os meus alunos para consultar os livros raros de lá. – Se quiser olhar o Manuscrito 408, terá que fazê-lo numa sala privada com um curador. E há um limite de trinta minutos. Eles não a deixarão sentar-se na sala de leitura com a obra.

– Trinta minutos? Com um curador? – Fiquei espantada com as restrições depois de ter passado os últimos dez meses com Matthew que nunca prestava atenção em regras e regulamentos. – Sou professora de Yale. Por que um curador teria que tomar conta de mim?

– São regras para todos, até mesmo para nosso próprio corpo docente. Está tudo on-line – Lucy lembrou-me.

Acontece que a informação que me era necessária não estava na imagem de um computador, nem mesmo de alta resolução. Eu tinha visto o manuscrito Voynich – agora na biblioteca Beinecke como MS 408 – pela última vez em 1591, quando Matthew o levara da biblioteca do dr. Dee para a corte do imperador Rodolfo em Praga, na esperança de que poderíamos trocá-lo pelo *Livro da vida*. E agora a minha esperança é que se derramasse luz sobre o que Edward Kelley tinha feito com as folhas perdidas do *Livro da vida*.

Eu estava em busca de pistas do paradeiro desse livro desde nossa ida para Madison. Uma das folhas perdidas estampava a imagem de duas

criaturas escamosas de cauda longa que sangravam para dentro de um recipiente redondo. A outra imagem era uma reprodução magnífica de uma árvore com os galhos carregados de uma impossível combinação de flores, frutas e folhas e com o tronco delineado por formas humanas contorcidas. Eu achava que seria fácil localizar as duas folhas na era das pesquisas pela internet e das imagens digitalizadas. Mas isso ainda não tinha acontecido.

– Talvez se você pudesse explicar por que precisa ver o livro físico... – Lucy se deteve.

Como é que eu poderia explicar para Lucy que precisava do livro para fazer magia?

Pelo amor de Deus, tratava-se da biblioteca Beinecke.

Se alguém descobrisse, isso arruinaria a minha carreira.

– Olharei o Voynich amanhã. – Felizmente, acabaria me ocorrendo um novo plano, já que não me seria possível teletransportar o livro de sombras de mamãe e elaborar magias novas na frente de um curador. Seria difícil fazer malabarismo com o meu eu de bruxa e o meu eu de pesquisadora. – Já chegaram os outros livros que solicitei?

– Chegaram. – Lucy arqueou as sobrancelhas quando a coleção de textos mágicos medievais esparramou-se na mesa, junto a vários livros impressos do início da modernidade. – Mudando o foco da pesquisa?

Na tentativa de me preparar para possíveis eventualidades mágicas quando finalmente chegasse o momento de reconvocar o Ashmole 782 para reuni-lo às folhas que lhe faltavam, eu tinha solicitado livros que pudessem me inspirar na tessitura de novos tipos de alta magia. O livro de feitiços de mamãe era um recurso valioso, mas eu sabia por experiência própria que as bruxas modernas estavam defasadas em relação às bruxas do passado.

– Alquimia e magia não são totalmente distintas – disse a Lucy na defensiva. Isso era o que Sarah e Em tinham tentado me fazer ver durante

anos. Finalmente, eu acreditava nelas.

Já acomodada na sala de leitura, os manuscritos mágicos se afiguraram tão intrigantes quanto o esperado, com sigilos que lembravam os nós das tecelãs e a precisa e potente *gramarye*. Por outro lado, os primeiros livros de feitiçaria da modernidade, a maioria conhecida por mim apenas pelo título e a reputação, aterrorizavam e destilavam ódio – pelas bruxas e pelos rebeldes e diferentes, os que se recusavam a obedecer às expectativas da sociedade.

Algumas horas depois, ainda sob a fervura insistente e cáustica de Jean Bodin, segundo a qual todas as opiniões sobre as bruxas e suas maldades eram justificadas, devolvi livros e manuscritos para Lucy e marquei para as nove da manhã seguinte a pesquisa sobre o manuscrito Voynich com o curador chefe.

Subi a escada até o nível principal da biblioteca, onde livros resguardados por estantes envidraçadas constituíam a coluna vertebral da Beinecke, núcleo de conhecimentos e ideias em torno dos quais girava a coleção. Fileiras e fileiras de livros raros alinhavam-se em prateleiras banhadas à luz. Era uma visão de tirar o fôlego e isso me fez lembrar do meu propósito enquanto historiadora: redescobrir as verdades esquecidas naqueles velhos volumes empoeirados.

Matthew me aguardava lá fora. Recostado de pernas cruzadas à altura dos tornozelos no muro baixo com vista para o gritante jardim de esculturas da Beinecke, ele verificava as mensagens no celular. E ao perceber a minha presença ergueu os olhos e sorriu.

Nenhuma criatura viva resistiria ao sorriso e ao olhar concentrado daqueles olhos cinza-esverdeados.

– Como foi o seu dia? – perguntou-me depois de me beijar. Ele tinha sido extraordinariamente cooperativo com o meu pedido de não me enviar mensagens de texto constantes. E por consequência, realmente não sabia como tinha sido o meu dia.

– Um pouco frustrante. Acho que minhas habilidades de pesquisa enferrujaram depois de todos esses meses. Além do mais... todos aqueles livros me pareceram estranhos – acrescentei, com um pingo de voz. – Já estão velhos e desgastados em relação ao que eram no século XVI.

Matthew jogou a cabeça para trás sorrindo.

– Não pensei nisso. O contexto também mudou se o compararmos à época em que você trabalhou pela última vez com alquimia no castelo de Baynard. – Ele olhou por cima do ombro para a Beinecke. – Sei que essa biblioteca é um tesouro arquitetônico, mas ainda acho que parece uma bandeja de cubos de gelo.

– E parece mesmo – concordei com um sorriso. – Acho que se você a tivesse construído, a Beinecke seria parecida com uma fortaleza normanda ou um claustro românico.

– Eu estava pensando em alguma coisa gótica... bem mais moderna. – Era uma brincadeira de Matthew. – Pronta para ir para casa?

– Mais do que pronta – respondi ansiosa para deixar Jean Bodin para trás.

Ele apontou para a minha mochila.

– Posso?

Geralmente ele não perguntava. Isso era uma tentativa de não me sufocar e de controlar seu instinto superprotetor. Recompensei-o com um sorriso e entreguei a mochila sem dizer uma palavra.

– Onde está Roger? – perguntei para Lucy olhando para o meu relógio. Eu estava autorizada a pesquisar o manuscrito Voynich exatamente por trinta minutos, e o curador estava longe de ser visto.

– Roger disse que está doente, como ele sempre faz no primeiro dia de aulas. Ele odeia histeria e calouros pedindo direções. Você está presa a mim. – Lucy pegou a caixa que guardava o Beinecke MS 408.

– Parece bom. – Procurei conter o entusiasmo da voz. Poderia ser justamente o intervalo de que eu precisava.

Ela me levou para uma pequena sala privada, com janelas de frente para a sala de leitura, iluminação rarefeita e um apoiador de espuma surrado. Câmeras de segurança no alto das paredes dissuadiriam o leitor de roubar ou danificar as inestimáveis obras da Beinecke.

– Só vou acionar o relógio depois que o desembrulhar. – Lucy entregou-me a caixa do manuscrito. Era tudo que ela carregava. Sem papéis, sem material de leitura e sem telefone celular que pudessem distraí-la do trabalho de monitorar-me.

Eu geralmente folheava os manuscritos para olhar as imagens, mas era preciso aproveitar o tempo com o Voynich. Passei os dedos pelo pergaminho de velino – equivalente antigo da brochura moderna – do manuscrito. Imagens inundaram-me a mente, com meu toque de bruxa a capa revelou-se como inserida no livro alguns séculos depois de sua redação e pelo menos cinquenta anos depois que o guardei na biblioteca de Dee. Quando toquei na lombada, pude ver o rosto e o penteado do encadernador do século XVII.

Cuidadosamente, coloquei o Voynich no apoiador de espuma e o abri. Abaixei o nariz até quase tocar na primeira página manchada.

– O que está fazendo, Diana? Cheirando-o? – Lucy sorriu discretamente.

– Na verdade, estou. – Eu precisava ser o mais honesta possível para que Lucy cooperasse com os meus estranhos pedidos naquela manhã.

Visivelmente curiosa, Lucy contornou a mesa e também deu uma boa cheirada no Voynich.

– Para mim cheira a manuscrito velho. Cheio de traças. – Ela ajeitou os óculos de leitura e olhou com mais atenção.

– Robert Hooke observou as traças pelo microscópio no século XVII. Chamou-as de “dentes do tempo”. – Examinando a primeira página do

Voynich, concluí por quê. Havia muitos orifícios no canto direito superior e na margem inferior, ambos estavam manchados. – Talvez as traças tenham sido atraídas para o óleo que os dedos dos leitores deixaram no pergaminho.

– Por que diz isso? – perguntou Lucy. Era justamente a reação que eu esperava.

– O dano é pior na parte onde o leitor tocava para passar para a próxima folha. – Levei o dedo ao canto da página, como se apontando para alguma coisa.

Esse breve contato ocasionou uma nova explosão de rostos, uns transformando-se em outros: a fisionomia avarenta do imperador Rodolfo; diversos homens desconhecidos com trajes de diferentes épocas, dois deles clérigos; uma mulher tomando notas com muito zelo; outra mulher arrumando uma caixa de livros. E o demônio Edward Kelley introduzindo furtivamente alguma coisa na capa do Voynich.

– Também está danificado na borda inferior, talvez porque o manuscrito apoiava-se no corpo dos que o carregavam. – Alheia aos slides exibidos para o meu terceiro olho de bruxa, Lucy observou a parte inferior da página. – As roupas da época deviam ser muito oleosas. A maioria das pessoas usava lã?

– Lã e seda. – Hesitei e logo decidi arriscar tudo... meu cartão da biblioteca, minha reputação e talvez até meu trabalho. – Posso lhe pedir um favor, Lucy?

Ela me olhou com cautela.

– Isso depende.

– Preciso espalmar a mão na página. Só por um instante.

Observei-a atentamente na expectativa de que ela pudesse chamar os guardas de segurança.

– Você não pode tocar nas páginas, Diana. Você sabe disso. Se eu permitisse, eu seria demitida.

Balancei a cabeça.

– Eu sei. Desculpe por tê-la constrangido.

– Por que precisa tocá-lo? – perguntou Lucy depois de um breve silêncio, com a curiosidade nitidamente despertada.

– Eu tenho um sexto sentido em relação a livros antigos. Às vezes detecto informações que não são visíveis a olho nu. – Isso soou mais estranho que o previsto.

– Você é uma espécie de bruxa de livro? – Lucy estreitou os olhos.

– É exatamente o que sou. – Dei uma risada.

– Eu gostaria de ajudá-la, Diana, mas há câmera aqui, embora não haja microfone, graças a Deus. Tudo que acontece aqui é gravado, e certamente alguém vigia o monitor quando esta sala está ocupada. – Ela balançou a cabeça. – É muito arriscado.

– E se ninguém pudesse me ver?

– Se você cortasse a câmera ou grudasse chiclete na lente... sim, alguém já tentou isso, o segurança estaria aqui em cinco segundos – disse Lucy.

– Não seria chiclete, mas algo assim. – Eu me envolvi com o feitiço de disfarce que tornaria qualquer magia que operasse praticamente invisível. Em seguida girei a mão direita e toquei no polegar com a ponta do dedo anular, pinçando fios verdes e amarelos que fizeram da sala um pequeno pacote. Juntas, as duas cores misturadas em um verde-amarelo incomum eram ideais para feitiços de desorientação e engano. Eu planejava amarrá-los ao quinto nó – já que as câmeras de segurança eram definitivamente um desafio. A quinta imagem do nó queimou no meu pulso direito em antecipação.

– Boas tatuagens – comentou Lucy, olhando para minhas mãos. – Por que escolheu a tinta cinza?

Cinza? Quando a magia estava no ar, minhas mãos apresentavam todas as cores do arco-íris. O feitiço de disfarce devia estar funcionando.

– Porque cinza combina com tudo. – Foi a primeira coisa que passou

pela minha mente.

– Ah. Bem pensado. – Ela ainda parecia confusa.

Voltei-me para o feitiço. Também precisava de um pouco de preto, e de verde e amarelo. Pincei as finas linhas pretas que rodeavam o meu polegar esquerdo e as enlacei com o polegar direito e o dedo anular. O resultado parecia um incomum mudrá – uma postura das mãos na ioga.

– Com o nó de cinco, o feitiço vai dar certo – murmurei visualizando a tecelagem completa com o meu terceiro olho. O trançado de verde-amarelo e preto amarrou-se com cinco cruzadas em um nó inquebrantável.

– Você acabou de enfeitiçar o Voynich? – sussurrou Lucy alarmada.

– Claro que não. – Depois de minhas experiências com manuscritos enfeitiçados, eu não faria uma coisa dessas sem motivo. – Enfeiticei o ar ao redor dele.

Para mostrar o que quis dizer, pairei a mão a uns dois centímetros acima da superfície da primeira página. O feitiço criou a ilusão de que os meus dedos tinham parado na parte inferior do livro.

– Hum, Diana? O que estava tentando fazer não funcionou. Você apenas tocou na borda da página como deveria – disse Lucy.

– Na verdade, minha mão está aqui. – Mexi os dedos de modo que pudessem espreitar ao longo da borda superior do livro. Parecia aquele velho truque do mágico que coloca uma mulher dentro de uma caixa e a serra ao meio. – Experimente. Mas sem tocar na página... apenas mova a mão de modo a cobrir o texto.

Puxei a mão para dar mais espaço. Lucy seguiu as instruções e levou a mão por entre o Voynich e o feitiço de disfarce. Sua mão pareceu se deter quando alcançou a borda do livro, mas olhando-se atentamente percebia-se que seu antebraço estava mais curto. Ela rapidamente puxou a mão, como se tivesse tocado em panela quente, e se voltou para mim de olhos arregalados.

– Você é uma bruxa. – Lucy engoliu em seco e sorriu. – Que alívio.

Sempre suspeitei que você escondia alguma coisa, e temia que pudesse ser inconveniente... ou até mesmo ilegal. – Tal como Chris, ela não parecia nem um pouco surpresa ao descobrir que bruxas realmente *existiam*.

– Vai me deixar quebrar as regras? – Olhei para o Voynich.

– Só se me disser o que ficar sabendo. Esse maldito manuscrito envenena a nossa existência. Geralmente recebemos dez pedidos por dia dos que querem vê-lo e descartamos quase todos. – Ela retomou o seu lugar e assumiu uma posição vigilante. – Mas tenha cuidado. Se alguém notar, perderá seus privilégios na biblioteca. E acho que você não sobreviveria se fosse banida da Beinecke.

Respirei fundo e olhei para o livro aberto. A curiosidade era a chave para ativar a minha magia. Mas se eu quisesse mais do que uma exibição vertiginosa de rostos, teria que formular uma pergunta cuidadosa antes de pôr a mão no pergaminho. Eu estava mais certa do que nunca que o Voynich continha importantes pistas sobre as folhas perdidas do *Livro da vida*. Mas só teria uma chance para descobrir quais eram.

– O que Edward Kelley introduziu no Voynich e o que resultou disso? – sussurrei antes de abaixar os olhos e delicadamente pousei a mão no primeiro fólio do manuscrito.

Uma das folhas perdidas do *Livro da vida* surgiu à minha frente: a iluminura da árvore com o tronco repleto de formas humanas contorcidas. Ela era cinzenta, fantasmagórica e tão transparente que se podiam ver do outro lado a minha mão e o texto do primeiro fólio do Voynich.

A segunda folha sombria apareceu no topo da primeira: o sangue de dois dragões escoando para um vaso abaixo.

Em camadas sobre as duas anteriores, a terceira folha insubstancial: a iluminura do casamento alquímico.

A imagem e as camadas de texto empilharam-se por um instante em um mágico palimpsesto por cima do pergaminho manchado do Voynich. Logo o casamento alquímico dissolveu-se, seguido pela imagem dos dois

dragões. Mas a folha com a árvore permaneceu.

Na esperança de que a imagem se tornasse real, ergui a mão e afastei-a da página. Retirei o nó do centro da magia e o prendi acima do meu lápis-borracha, deixando-o temporariamente invisível e revelando o Beinecke MS 408. Meu coração apertou. Nenhum sinal das folhas perdidas do *Livro da vida*.

– Não é o que esperava ver? – Lucy me olhou com simpatia.

– Não. Algumas folhas de outro manuscrito já estiveram aqui, mas se foram. – Belisquei a ponte do meu nariz.

– Talvez sejam mencionadas pelos registros de venda. Ainda temos as caixas de documentos sobre a aquisição do Voynich. Quer vê-las? – ela perguntou.

As datas de compra dos livros e os nomes dos compradores e vendedores constituíam uma genealogia descritiva da história e da descendência de cada livro até aquele momento. Sendo assim, talvez também pudessem fornecer pistas sobre os que tinham possuído as imagens da árvore e dos dragões que Kelley retirara do *Livro da vida*.

– É claro! – respondi.

Lucy embalou o Voynich e o levou de volta ao porão trancado. Em seguida retornou com um carrinho carregado de pastas, caixas, cadernos de anotações e um tubo.

– Tudo sobre o Voynich está aqui, em toda a sua confusa glória. Embora pesquisado milhares de vezes, ninguém jamais mencionou as três folhas perdidas do manuscrito. – Ela seguiu para a sala privada. – Venha. Vou ajudá-la a pesquisar tudo isso.

Só foram precisos trinta minutos para organizar o material sobre a longa mesa. Parte disso não serviria para nada: tubo, caderno com recortes de jornal, fotocópias antigas, palestras e artigos sobre o manuscrito posterior à compra do colecionador Wilfrid Voynich em 1912. Algumas pastas repletas de correspondência, notas escritas à mão e um maço de

notas mantidas por Ethel, esposa de Wilfrid.

– Aqui está uma cópia da análise química do manuscrito, uma cópia impressa do catálogo de informações e uma lista dos que tiveram acesso ao manuscrito nos últimos três anos. – Lucy entregou-me um maço de papéis. – Fique com você. Mas ninguém pode saber que lhe dei essa lista de usuários da biblioteca.

Matthew poderia repassar a química comigo – as tintas utilizadas no manuscrito era um assunto que interessava a nós dois. A lista dos que tinham visto o manuscrito era surpreendentemente curta. Eram pouquíssimos. Os que o tinham acessado eram principalmente acadêmicos – um historiador de ciência da Universidade do Sul da Califórnia e outro da Cal State Fullerton, um matemático-criptógrafo de Princeton e outro da Austrália. Antes de partir para Oxford eu tinha tomado um café com um visitante, um popular escritor de ficção interessado em alquimia. Contudo, um nome saltou para fora da página.

Peter Knox tinha visto o Voynich no último mês de maio, antes da morte de Emily.

– Aquele desgraçado. – Meus dedos formigaram e os nós queimaram-me os pulsos em advertência.

– Algum problema? – perguntou Lucy.

– Um nome na lista que eu não queria ver.

– Ah. Rivalidade acadêmica. – Ela balançou a cabeça com ar sábio.

– Talvez seja isso. – Mas a dificuldade com Knox não se resumia a uma rivalidade entre interpretações históricas. Era uma guerra. E se eu quisesse ganhá-la, teria que tomar a dianteira para ter uma chance.

O problema era a minha pouca experiência em rastrear manuscritos e estabelecer de onde provinham. Os documentos mais conhecidos por mim tinham pertencido ao químico Robert Boyle. Eram setenta e quatro volumes apresentados para a Royal Society em 1769, e meticulosamente catalogados, indexados e referendados, como todos os outros arquivos da

Royal Society.

– Se eu quiser rastrear o elo de propriedade do Voynich, por onde começo? – pensei em voz alta enquanto observava o material.

– Ficará mais rápido se uma começar pela origem do manuscrito e seguir para frente e a outra começar pelo momento em que Beinecke o adquire e seguir para trás. Com sorte acabaremos nos encontrando no meio da empreitada. – Lucy entregou-me uma pasta. – Você é a historiadora. Você fica com as coisas antigas.

Abri a pasta esperando encontrar alguma coisa associada a Rodolfo II. Mas acabei encontrando uma carta de Johannes Marcus Marci, um matemático de Praga. Era uma carta escrita em latim e datada de 1665 que mencionava o destinatário em Roma como "*Reverende et Eximie Domine in Christo Pater*". Ele então era um clérigo, talvez um dos rostos que avistei quando toquei no canto da primeira página do Voynich.

Enquanto percorria às pressas o resto do texto, observei que o clérigo era o padre Athanasius e que à carta de Marci acompanhara um livro misterioso que precisava ser decifrado. Talvez o *Livro da vida*?

Segundo Marci, a despeito das tentativas para entrar em contato com o padre Athanasius, as cartas tinham sido recebidas com silêncio. Continuei lendo excitada. Mas a excitação tornou-se desânimo quando o terceiro parágrafo revelou a identidade do padre Athanasius.

– O manuscrito Voynich pertenceu a Athanasius Kircher? – Se as folhas perdidas tinham caído em mãos de Kircher, elas poderiam estar em qualquer lugar.

– Acho que sim – respondeu Lucy. – Esse homem era... muito abrangente em seus interesses.

– Que eufemismo – retruquei. O modesto objetivo de Athanasius Kircher era nada menos que o conhecimento universal. Além de ter sido um autor de renome internacional com quarenta livros publicados, ele também fora um inventor. O museu de objetos raros e antigos de Kircher

era uma parada obrigatória no início das grandes viagens europeias, tanto pelo extenso leque de correspondências como pela vasta biblioteca. Eu não tinha aptidões linguísticas suficientes para me aventurar na obra de Kircher. Mais importante, não tinha tempo.

O celular vibrou no meu bolso, fazendo-me dar um salto.

– Desculpe-me, Lucy. – Observei a tela do celular e lá estava uma mensagem de texto de Matthew.

Onde está você? Gallowglass está esperando por você. Nós temos uma consulta com o médico daqui a noventa minutos.

Xinguei mentalmente.

Estou acabando de sair da Beinecke, digitei em resposta.

– Eu e meu marido temos um compromisso, Lucy. Amanhã vejo isso de novo. – Fechei a pasta que guardava a carta de Marci para Kircher.

– Ouvi de uma fonte confiável que você estava no campus com um moreno alto e bonito – ela disse sorrindo.

– Sem problema, é meu marido. Posso ver esse material amanhã?

– Deixe tudo comigo. As coisas andam muito devagar aqui nesse momento. Verei que peças posso juntar.

– Obrigada pela ajuda, Lucy. Estou com um prazo apertado... e inegociável. – Peguei o lápis, o laptop, o bloco de papel e saí apressada para me encontrar com Gallowglass. Matthew destacara o sobrinho para atuar na minha equipe de segurança e para monitorar o tráfego da internet de Benjamin, mas até então a tela estava em branco.

– Olá, tia. Você está com uma ótima aparência. – Ele beijou-me na bochecha.

– Desculpe pelo atraso.

– Claro que está atrasada. Você estava com seus livros. Cheguei a pensar que a esperaria por mais uma hora, no mínimo – disse Gallowglass, descartando o meu pedido de desculpas.

Quando chegamos ao laboratório, Matthew estava tão absorto na imagem do casamento alquímico do Ashmole 782 à frente que nem se mexeu quando a porta se abriu. Chris e Sherlock também o observavam mais atrás. Scully estava sentada num banquinho de rodinhas ao lado. Game Boy segurava perigosamente um pequeno instrumento próximo à folha do manuscrito.

– Você sempre está desarrumado, Gallowglass. Quando foi que seu cabelo viu um pente pela última vez? – Miriam passou o cartão de VISITANTE no leitor da porta. Chris estava levando a segurança a sério.

– Ontem. – Gallowglass ajeitou os lados e a parte de trás da cabeça. – Por quê? Tem algum pássaro aninhado nele?

– Bem que podia ter. – Miriam balançou a cabeça e se voltou para mim. – Olá, Diana. Logo, logo Matthew estará com você.

– O que ele está fazendo? – perguntei.

– Tentando ensinar como remover amostras de DNA do pergaminho para um aluno de pós-graduação sem conhecimentos de biologia e de procedimentos laboratoriais adequados. – Ela olhou para o grupo em torno de Matthew com desaprovação. – Não sei por que Roberts financia criaturas que nem sequer sabem manipular um gel de agarose, mas sou apenas a gerente do laboratório.

Do outro lado da sala, Game Boy soltou um palavrão de frustração.

– Puxe um banquinho. Isso pode demorar um pouco. – Miriam revirou os olhos.

– Não se preocupe. É preciso prática – disse Matthew para Game Boy com toda calma. – Meus polegares não se igualam aos de vocês no videogame. Tente de novo.

De novo? Fiquei de boca seca. Golpes repetidos na folha do Ashmole

782 poderiam danificar o palimpsesto. Saí em direção ao meu marido e Chris me avistou.

– Olá, Diana. – Ele me interceptou com um abraço e olhou para Gallowglass. – Sou Chris Roberts. Amigo de Diana.

– Gallowglass. Sobrinho de Matthew. – Gallowglass girou os olhos e franziu o nariz. – Que fedor.

– Os estudantes de graduação pregaram uma peça em Matthew. – Chris apontou para o terminal dos computadores que estava enfeitado com guirlandas de bulbos de alho. Uma ventosa anexava um crucifixo de painel de carro ao *mouse pad*. E depois ele fixou os olhos no pescoço de Gallowglass com uma intensidade digna de um vampiro. – Você luta?

– Bemmm... sou conhecido por fazer isso por esporte – disse Gallowglass, com olhos tímidos e covinhas nas bochechas.

– Luta greco-romana? – perguntou Chris. – Meu parceiro machucou o joelho e ficará em reabilitação por alguns meses. Estou procurando um substituto temporário.

– Talvez grega. Não sei ao certo sobre a parte romana.

– Onde você aprendeu? – perguntou Chris.

– Aprendi com meu avô. – Gallowglass franziu a testa ao se concentrar ainda mais. – Acho que uma vez ele lutou com um gigante. Era um lutador feroz.

– Esse avô era vampiro? – perguntou Chris.

Gallowglass assentiu com a cabeça.

– Uma luta entre vampiros deve ser divertida de assistir. – Chris sorriu. – Como uma luta de crocodilos, mas sem caudas.

– Nada de lutas. Estou falando sério, Chris. – Eu não queria ser responsável, nem mesmo indiretamente, por danos corporais a um gênio MacArthur.

– Desmancha-prazeres. – Chris soltou um assobio cortante. – Homem-lobo! Sua esposa está aqui.

Homem-lobo?

– Eu sei, Christopher – disse Matthew em tom gelado, mas com um sorriso para mim que fez meus dedos dobrarem. – Olá, Diana. Falo com você assim que terminar com Janette.

– Game Boy se chama Janette? – sussurrou Chris. – Quem sabia?

– Eu sabia. E Matthew também. Você pode me dizer por que ela está no meu laboratório? – disse Miriam. – Janette tem PhD em bioinformática computacional. Ela devia estar numa sala com muitos terminais e não com tubos de ensaio.

– Gosto de como o cérebro dela funciona – disse Chris, dando de ombros. – Por ser uma jogadora ela vê padrões nos resultados de laboratório que o resto de nós não consegue ver. Ela nunca fez trabalhos avançados em biologia. Quem se importa? Estou até aqui nos meus globos oculares com os outros biólogos.

Chris balançou a cabeça em direção a Matthew e Game Boy, que trabalhavam juntos.

– O que há de errado? – perguntei.

– Que desperdício Matthew nesse laboratório de pesquisa. Seu marido devia estar numa sala de aula. Ele é um professor nato. – Chris bateu no braço de Gallowglass. – Telefone para mim se quiser me encontrar na academia. Diana tem meu número.

Chris retornou ao trabalho e me voltei para Matthew. Eu tinha alguns flashes desse lado do meu marido dos tempos em que ele interagira com Annie e Jack em Londres, mas Chris estava certo. Matthew se valia de todos os instrumentos da mala de truques de um professor: modelagem, reforço positivo, paciência, dose certa de elogio e um toque de humor.

– Por que não podemos apenas limpar a superfície de novo? – perguntou Game Boy. – Sei que isso chegou com DNA de rato, mas pode ser diferente se escolhermos uma nova perspectiva.

– Talvez – disse Matthew. – Mas havia um monte de ratos nas

bibliotecas medievais. Mesmo assim, sinta-se livre para pincelá-lo novamente depois de pegar essa amostra.

Game Boy suspirou e firmou a mão.

– Respire fundo, Janette. – Matthew acenou para encorajá-la. – Leve o tempo que quiser.

Com todo cuidado Game Boy inseriu uma agulha que de tão fina era quase invisível na borda do pergaminho.

– Vamos lá – disse Matthew brandamente. – Devagar e sempre.

– Consegui! – gritou Game Boy. Até parecia que ela dividira o átomo. Seguiram-se gritos de apoio, gestos de comemoração e o murmúrio de Miriam, "já estava na hora". Mas a reação de Matthew é que importava. Game Boy olhou para ele com expectativa.

– Eureca – disse Matthew de mãos bem abertas. Ela sorriu de orelha a orelha. – Muito bem, Janette. Ainda vamos fazer de você uma geneticista.

– De jeito nenhum. Prefiro construir computadores com peças de reposição a fazer isso de novo. – Game Boy retirou as luvas rapidamente.

– Olá, querida. Como foi o seu dia? – Matthew levantou-se e beijou-me no rosto. Ergueu uma sobrancelha quando olhou para Gallowglass que transmitiu sem palavras que tudo estava bem.

– Vejamos... fiz um pouco de magia na Beinecke.

– Devo me preocupar? – perguntou Matthew, obviamente pensando no estrago que o vento e o fogo de bruxa podiam causar.

– Não – respondi. – E tenho uma pista sobre uma das folhas perdidas do Ashmole 782.

– Que rapidez. Conte-me durante o caminho até o consultório médico – ele disse enquanto passava o cartão pelo leitor.

– De todo modo, leve o tempo que quiser com Diana. Não há pressão alguma aqui. Cento e vinte e cinco genes vampíricos identificados e apenas quatrocentos ainda por identificar – gritou Miriam enquanto saíamos. – Chris estará contando os minutos.

– Quinhentos genes ainda por identificar! – gritou Chris.

– Sua previsão de genes está por fora – retrucou Miriam.

– Aposto cem dólares que não está. – Chris deu uma olhadela por cima de um relatório.

– É o melhor que você pode fazer? – Miriam fez um trejeito com os lábios.

– Vou esvaziar o meu cofrinho quando chegar em casa e a deixarei saber, Miriam – disse Chris. Os lábios dela se contraíram.

– Vamos – disse Matthew –, antes que eles comecem a discutir sobre outra coisa.

– Ora, eles não estão discutindo – disse Gallowglass abrindo a porta para nós. – Só estão flertando.

Fiquei de queixo caído.

– Por que diz isso?

– Chris sempre coloca apelidos nos outros. – Gallowglass olhou para Matthew. – Ele o chamou de Homem-lobo. Como é que ele chama Miriam?

Matthew pensou por um segundo.

– Miriam.

– Exatamente. – Gallowglass sorriu de orelha a orelha.

Matthew soltou um impropério.

– Não se preocupe, tio. Miriam não dá bola para nenhum homem desde que Bertrand foi morto.

– Miriam... e um ser humano? – Matthew pareceu atordoado.

– Isso não vai dar em nada – disse Gallowglass suavemente quando as portas do elevador se abriram. – Ela vai partir o coração de Chris, é claro, mas não há nada que se possa fazer a respeito.

Fiquei profundamente grata a Miriam. Já que agora Matthew e Gallowglass tinham alguém para se preocupar além de mim.

– Pobre rapaz. – Gallowglass suspirou e apertou o botão que fechava as

portas do elevador. E estalou os dedos quando o elevador começou a descer. – Pensando bem, acho que vou lutar com ele. Uma boa surra sempre limpa a mente.

Alguns dias antes a minha preocupação era se os vampiros sobreviveriam em Yale com alunos e professores ao redor.

E agora me perguntava se Yale sobreviveria aos vampiros.



Fiquei frente à geladeira, coloquei as mãos em concha ao redor do meu ventre e observei as imagens de nossas crianças. Para onde tinha ido o mês de setembro? As imagens do ultrassom tridimensional do bebê A e do bebê B eram estranhas – eu e Matthew optáramos por não saber o sexo de nossos dois filhos. Em vez da conhecida silhueta fantasmagórica avistada nas imagens de amigas grávidas, aquelas imagens detalhadas revelavam rostos de sobrancelhas enrugadas, polegares enfiados à boca e lábios perfeitamente definidos. Estendi um dedo e toquei no nariz do bebê B.

Fui acariciada por mãos frias atrás de mim, e um corpo alto e musculoso postou-se como um sólido pilar onde me recostei. Matthew apertou-me levemente a poucos centímetros acima de meu osso púbico.

– O nariz de B está justamente nessa foto – ele disse baixinho, descansando a outra mão um pouco mais para cima de minha barriga. – O bebê A estava aqui.

Ficamos em silêncio enquanto a corrente que sempre nos unia se estendia e acomodava aqueles dois elos brilhantes e frágeis. Claro que durante aqueles meses eu *sabia* que os filhos de Matthew – os nossos filhos – cresciam dentro de mim. Mas eu não *sentia* isso. E agora era diferente. Eu podia ver aqueles rostinhos amassados de tanto se concentrarem no duro trabalho de se formar.

– Em que está pensando? – perguntou Matthew curioso a respeito do meu prolongado silêncio.

– Não estou pensando. Estou sentindo. – E o que estava sentindo era

impossível de descrever.

Ele deu uma risada contida, como se para não perturbar o sono dos bebês.

– Os dois estão bem – assegurei para mim mesma. – Normais. Perfeitos.

– Eles são perfeitamente saudáveis. Mas nenhum filho nosso jamais será normal. E graças a Deus por isso. – Ele beijou-me. – O que há na sua agenda para hoje?

– Mais trabalho na biblioteca. – A direção inicial de minha magia que prometia revelar o destino de pelo menos uma das folhas perdidas do *Livro da vida* transformara-se naquelas semanas de árdua pesquisa acadêmica. Na esperança de encontrar uma pista da misteriosa imagem da árvore que havia se sobreposto ao Voynich por alguns preciosos segundos, Lucy e eu trabalhávamos sem trégua para descobrir como é que o manuscrito Voynich acabara nas mãos de Athanasius Kircher e depois na posse de Yale. Montáramos acampamento naquela mesma salinha privada, onde a magia nos permitia conversar sem perturbar o número crescente de alunos e professores que circulavam na sala de leitura adjacente da Beinecke. Lá nos debruçávamos sobre as listas da biblioteca e os índices da correspondência de Kircher, e já tínhamos escrito dezenas de cartas para diversos especialistas tanto nos Estados Unidos como no exterior – sem resultados concretos.

– Lembra-se do que a médica disse sobre as pausas? – disse Matthew. Se não fosse pelo ultrassom, nossa ida ao consultório médico teria sido decepcionante. A médica me bombardeara com advertências tanto sobre os perigos do trabalho prematuro de parto e da pré-eclâmpsia como sobre a necessidade de manter o corpo hidratado e descansado.

– Minha pressão arterial está bem. – O que eu tinha entendido é que a soma de desidratação, fadiga e estresse era um grande risco porque podia elevar a minha pressão arterial subitamente.

– Eu sei. – Matthew, o meu marido vampiro, levava a sério a

responsabilidade de monitorar a minha pressão arterial. – Mas não vai continuar assim se você se esforçar demais.

– É minha vigésima quinta semana de gestação, Matthew. Já estamos em outubro.

– Também sei disso.

A médica já vinha me freando desde 1º de outubro. Se ficássemos em New Haven, onde poderíamos continuar trabalhando, a única maneira de chegar à Biblioteca Bodleiana seria por meio de uma combinação de barco, avião e automóvel. E agora os voos de mais de três horas me eram interditados.

– Ainda podemos levá-la para Oxford de avião. – Matthew sabia de minhas preocupações. – O avião faria escalas em Montreal, Terra Nova, Islândia e Irlanda, mas daríamos um jeito se você *precisasse* chegar a Londres. – Pelo que ele exprimiu com o rosto talvez tivéssemos ideias diferentes sobre as circunstâncias que justificariam a minha travessia do Atlântico dessa maneira. – Claro que se você preferisse poderíamos ir para a Europa agora mesmo.

– Não vamos arrumar problemas. – Afastei-me dele. – Fale-me do seu dia.

– Chris e Miriam acham que têm uma nova abordagem para compreender o gene da ira do sangue – disse Matthew. – Eles planejam rastrear o meu genoma baseados em uma teoria de Marcus sobre o DNA não codificante. E partem da hipótese de que talvez existam gatilhos nesse DNA que possam controlar a forma pela qual a ira do sangue se transmite para determinados indivíduos.

– É o DNA lixo de Marcus, os noventa e oito por cento do genoma que não codificam proteínas? – Peguei uma garrafa de água na geladeira e abri a tampa para mostrar que estava comprometida em me hidratar.

– Isso mesmo. Ainda estou resistente à ideia, mas eles estão reunindo evidências convincentes. – Matthew olhou torto. – Como disse Chris, sou

realmente um velho fóssil mendeliano.

– Sim, mas é o *meu* fóssil mendeliano – comentei e o fiz rir. – Mas se a hipótese de Marcus estiver correta, o que isso poderá significar para se encontrar uma cura?

O sorriso de Matthew feneceu.

– Poderá significar que não existe cura... que a ira do sangue é uma doença genética hereditária desenvolvida a partir de múltiplos fatores. Talvez seja muito mais fácil curar doenças com causas únicas e inequívocas, como germes ou simples mutações genéticas.

– O conteúdo do meu genoma pode ajudar? – Depois que tínhamos recebido o ultrassom, além das muitas discussões sobre os bebês, muito se especulou sobre os possíveis efeitos do sangue de uma bruxa – especialmente uma tecelã – sobre o gene da ira do sangue. Eu não queria que meus filhos se tornassem experimentos científicos, sobretudo depois de ter visto o nefasto laboratório de Benjamin, mas não fazia qualquer objeção em relação ao progresso científico.

– Não quero que seu DNA seja objeto de outra pesquisa científica. – Matthew caminhou até a janela. – Eu nunca deveria ter extraído aquela amostra de você em Oxford.

Sufoquei um suspiro. Apesar de toda a liberdade duramente conquistada por mim e concedida por Matthew, e de todo o esforço consciente que ele fazia para não me sufocar com superproteção, ele acabou encontrando uma nova saída para o seu lado autoritário. Era como assistir a alguém que tentava represar um rio caudaloso. E a incapacidade de Matthew para localizar Benjamin e libertar a bruxa mantida em cativeiro só piorava as coisas. Cada informação recebida sobre o paradeiro de Benjamin transformava-se em um beco sem saída, e o mesmo ocorria com minhas tentativas de rastrear as folhas perdidas do Ashmole 782. Antes que pudesse tentar argumentar com ele, o meu telefone tocou. Era um toque peculiar – os acordes de abertura de "Sympathy for the Devil" –

que eu ainda não tinha conseguido mudar. Quem programara o telefone o ligara irrevogavelmente a um dos meus contatos.

– Seu irmão está chamando. – O tom de Matthew seria capaz de congelar até mesmo um gêiser.

– O que você quer, Baldwin? – Não era necessário um preâmbulo educado.

– Sua falta de fé me magoa, irmã. – Baldwin deu uma risada. – Estou em Nova York. Pensei em dar um pulo em New Haven para ver se os alojamentos de vocês são adequados.

A audição vampírica de Matthew tornava a minha conversa com Baldwin totalmente audível. Foi cáustico o xingamento que ele pronunciou em resposta às palavras do irmão.

– Matthew está comigo. Gallowglass e Miriam estão a um quarteirão de distância. Não precisa se preocupar. – Afastei o telefone do ouvido, ansiosa para desligar.

– Diana. – A voz de Baldwin reverberou alta até mesmo para a minha limitada audição humana.

Colei o telefone no ouvido.

– Há outro vampiro que trabalha no laboratório de Matthew... Richard Bellingham é o nome que ele está usando.

– Sim. – Olhei para Matthew postado enganosamente descontraído frente à janela... com as pernas um pouco abertas e as mãos cruzadas às costas. Era uma postura de prontidão.

– Tenha cuidado com ele. – A voz de Baldwin tornou-se fria. – Você não vai querer que eu peça para Matthew se livrar de Bellingham, mas farei isso sem hesitar. Acho que ele possui informações que podem ser... difíceis... para a família.

– Ele sabe que sou uma bruxa. E que estou grávida. – Era evidente que Baldwin sabia de muitos detalhes de nossa vida em New Haven. Não fazia sentido esconder a verdade.

– Todos os vampiros dessa cidade provinciana sabem disso. E eles fazem muitas viagens a Nova York. – Baldwin fez uma pausa. – Na minha família, se você faz alguma confusão, você limpa tudo... ou Matthew se encarrega de limpar. São essas as suas opções.

– É sempre um prazer ouvi-lo, *irmão*.

Baldwin limitou-se a rir.

– É só isso, *milorde*?

– É *sieur*. Precisa de mim para refrescar a memória sobre a lei e a etiqueta dos vampiros?

– Não – cuspi a palavra.

– Ótimo. Diga a Matthew para não bloquear as minhas chamadas e não repetiremos essa conversa. – A linha emudeceu.

– Que pu... – comecei.

Matthew arrancou o celular de minha mão e o arremessou na sala. O aparelho bateu no mantel da lareira apagada seguido por um aprazível som de vidro estilhaçado. Logo as mãos de Matthew seguraram o meu rosto, como se a violência anterior tivesse sido uma miragem.

– Agora terei que arranjar outro celular. – Olhei nos olhos tempestuosos de Matthew. Isto dava uma indicação segura do estado de espírito dele: cinza-claro quando ele estava à vontade e verde quando as pupilas dilatavam de emoção reprimida, embora com um aro brilhante em torno da íris. Naquele momento, cinza e verde lutavam pela supremacia.

– Sem dúvida Baldwin estará aqui antes do fim do dia. – Os olhos de Matthew se fixaram na pulsação de minha garganta.

– Vamos torcer para que seu irmão não sinta que precisa se encarregar disso sozinho.

Os olhos de Matthew se desviaram para os meus lábios.

– Ele não é meu irmão. Ele é *seu* irmão.

– Ó de casa! – Era a voz estrondosa e alegre de Gallowglass no saguão do térreo.

O beijo de Matthew foi intenso e exigente. Concedi o que ele precisava, afrouxando a coluna e a boca para que pudesse sentir que estava no comando, pelo menos naquele instante.

– Oh. Desculpe. Devo voltar depois? – disse Gallowglass da escada. Logo ele abriu as narinas e captou o irresistível odor de cravo de meu marido. – Algo errado, Matthew?

– Nada que a morte súbita e aparentemente acidental de Baldwin não possa consertar – disse Matthew, com ar sombrio.

– Então, negócios, como de costume. Achei que talvez você quisesse que eu caminhasse com titia até a biblioteca.

– Por quê? – disse Matthew.

– Miriam telefonou. Está nervosinha e quer que você "saia do pé de Diana e esteja no laboratório". – Gallowglass consultou a palma da mão que estava toda rabiscada. – Sim. Foi exatamente isso que ela disse.

– Vou pegar minha bolsa – sussurrei, afastando-me de Matthew.

– Olá, Apple e Bean. – Gallowglass olhou inebriado para as imagens coladas na porta da geladeira. Ele achava que chamá-los de bebê A e bebê B estava abaixo da dignidade que mereciam e assim concedera-lhes tais apelidos. – O Bean tem as mãos da vovó. Notou isso, Matthew?

Gallowglass manteve a atmosfera leve e as brincadeiras fluíram em nossa caminhada até o campus. Matthew nos acompanhou até a Beinecke, como se esperando que Baldwin aparecesse na calçada com outro celular e outro terrível aviso para nós.

Foi com alívio que deixei os De Clermont para trás e abri a porta da sala de pesquisa.

– Nunca vi uma proveniência tão confusa! – exclamou Lucy tão logo apareci. – Então, John Dee *foi* proprietário do Voynich?

– Isso mesmo. – Larguei o bloco de papel e o lápis. Eram os únicos itens que estavam comigo, sem mencionar a magia. Felizmente, o meu poder não acionava os detectores de metais. – Dee deu o Voynich para o

imperador Rodolfo em troca do Ashmole 782. – Na verdade, o processo tinha sido um pouco mais complicado que isso, como frequentemente acontecia quando Gallowglass e Matthew estavam envolvidos em transferências de propriedade.

– O manuscrito da Biblioteca Bodleiana do qual faltam três folhas? – Lucy segurou a cabeça entre as mãos, observando as notas, os recortes e a correspondência espalhados na mesa.

– Edward Kelley retirou as folhas antes do retorno do Ashmole 782 para a Inglaterra. Guardou-as temporariamente em custódia dentro do Voynich. Em algum momento descartou duas folhas. Mas manteve uma consigo... com a iluminura de uma árvore. – De fato, era um emaranhado.

– Então, talvez tenha sido Kelley quem deu o manuscrito Voynich, junto com a imagem da árvore, para o botânico do imperador Rodolfo, o mesmo Jacobus de Tepenecz cuja assinatura está na parte de trás do primeiro fólio. – Lucy me mostrara fotografias tiradas sob luz ultravioleta, se bem que com a tinta esmaecida pelo passar do tempo.

– Pode ser – retruquei.

– E depois do botânico chegou às mãos de um alquimista? – Ela fez algumas anotações no cronograma do Voynich. Um cronograma a essa altura confuso por nossas constantes exclusões e adições.

– Georg Baresch. Não descobri muito sobre ele. – Examinei minhas anotações. – Baresch era amigo de Tepenecz. Foi dele que Marci adquiriu o Voynich.

– Certamente as estranhas ilustrações da flora do manuscrito Voynich intrigariam um botânico... sem mencionar a iluminura de uma árvore do Ashmole 782. Mas por que um alquimista se interessaria por elas? – perguntou Lucy.

– Porque algumas ilustrações do Voynich assemelham-se ao aparato alquímico. Os ingredientes e processos necessários à feitura da pedra filosofal eram segredos guardados com muito zelo, e muitas vezes os

alquimistas os ocultavam sob símbolos: plantas, animais e até pessoas. – O *Livro da vida* também fazia uma poderosa mistura entre real e simbólico.

– E Athanasius Kircher também se interessava por palavras e símbolos. Por isso você acha que ele teria se interessado pela iluminura da árvore e também pelo Voynich – disse Lucy pausadamente.

– Sim. E por isso a carta perdida que Georg Baresch afirma que enviou para Kircher em 1637 é tão significativa. – Empurrei uma pasta para ela. – Conheço uma especialista em Kircher de Stanford que está em Roma. Ela se ofereceu para pesquisar com mais profundidade os arquivos da Pontifícia Universidade Gregoriana, onde está grande parte da correspondência de Kircher. Enviou-me a transcrição de uma carta tardia de Baresch para Kircher, escrita em 1639, que de novo se refere à troca entre ambos, mas os jesuítas lhe disseram que a carta original não pôde ser encontrada.

– Sempre que os bibliotecários dizem que um documento se perdeu, me pergunto se isso é realmente verdade – ela resmungou.

– Eu também. – Pensei ironicamente comigo mesma sobre minhas experiências com o Ashmole 782.

Lucy abriu a pasta e gemeu.

– Está em latim, Diana. Você terá que traduzir para mim.

– Baresch achava que Kircher poderia decifrar os segredos do Voynich. Kircher investigava hieróglifos egípcios. Isso o tornou uma celebridade internacional e ele recebia textos misteriosos oriundos do mundo inteiro – expliquei. – Para melhor atiçar o interesse de Kircher, Baresch encaminhou transcrições parciais do Voynich para Roma em 1637 e novamente em 1639.

– Mas não há qualquer menção específica à imagem de uma árvore – disse Lucy.

– Pois é. Mas continua sendo possível que Baresch tenha enviado essa imagem para Kircher, como atrativo adicional. Sua qualidade é bem maior

que a das imagens do Voynich. – Sentei-me na cadeira. – Temo que seja praticamente impossível obtê-la. O que você descobriu sobre a venda do manuscrito e de quem Wilfrid Voynich o adquiriu?

Justamente quando Lucy abriu a boca para responder, um bibliotecário bateu à porta e entrou.

– Seu marido ao telefone, professora Bishop. – Ele me olhou com ar desaprovador. – Por favor, diga-lhe que aqui não é uma recepção de hotel e que geralmente não atendemos chamadas para nossos usuários.

– Desculpe – eu disse levantando-me da cadeira. – Houve um problema com meu celular essa manhã. Meu marido é um pouco... superprotetor. – Apontei para minha barriga de grávida.

O bibliotecário pareceu ligeiramente amolecido e apontou para um telefone na parede cuja única luz piscava.

– Use aquele.

– Como é que Baldwin chegou aqui tão rápido? – perguntei para Matthew tão logo peguei o telefone. Só isso faria Matthew ligar para o número principal da biblioteca. – Ele veio de helicóptero?

– Não é Baldwin. Descobrimos algo estranho sobre a imagem do casamento alquímico do Ashmole 782.

– Estranho como?

– Venha aqui e veja. Prefiro não falar sobre isso por telefone.

– Já estou indo. – Desliguei e voltei-me para Lucy. – Sinto muito, mas tenho que ir. Meu marido quer me ajudar com um problema no laboratório dele. Que tal continuarmos mais tarde?

– Tudo bem – ela disse.

Hesitei.

– Quer vir comigo? Você poderia conhecer Matthew... e ver uma folha do Ashmole 782.

– Uma das fugitivas? – Lucy saiu da cadeira em um segundo. – Dê-me um minuto e a encontro lá em cima.

Saímos de lá correndo e demos de cara com meu guarda-costas.

– Devagar, titia. Você não quer sacudir os bebês. – Gallowglass agarrou-me pelo cotovelo, deixando-me firme sobre os pés, e depois olhou para minha companheira baixinha. – Você está bem, senhorita?

– E... eu? – Lucy gaguejou enquanto esticava o pescoço para fazer contato visual com o grande Gael. – Estou bem.

– Só para confirmar – disse Gallowglass gentilmente. – Sou tão grande quanto um galeão sob as velas. Trombadas comigo têm machucado homens bem maiores que você.

– Este é Gallowglass, sobrinho do meu marido. Gallowglass, Lucy Meriweather. Ela vai com a gente. – Após a rápida apresentação, apressei-me em direção ao Kline Biology Tower com a bolsa batendo contra o meu quadril. E depois de alguns passos desajeitados, Gallowglass pegou a bolsa e colocou-a no próprio braço.

– Ele carrega os seus livros? – sussurrou Lucy.

– E os mantimentos – sussurrei de volta. – E também me carregaria, se eu deixasse.

Gallowglass bufou.

– Depressa – eu disse, com meus tênis desgastados rangendo no piso polido do edifício onde trabalhavam Matthew e Chris.

Passei o cartão de identidade na porta de entrada para o laboratório de Chris e a porta abriu. Miriam nos esperava lá dentro, olhando para o relógio.

– Tempo! – ela gritou. – Ganhei. Mais uma vez. Passe os dez dólares, Roberts.

Chris resmungou.

– Eu tinha certeza de que Gallowglass iria atrasá-la.

O laboratório estava silencioso, apenas algumas poucas pessoas trabalhavam. Acenei para Béquer. Scully também estava lá, ao lado de Mulder e de uma balança digital.

– Desculpe pela interrupção de sua pesquisa, mas eu queria que você soubesse imediatamente o que descobrimos. – Matthew olhou para Lucy.

– Matthew, esta é Lucy Meriweather. Achei que ela deveria ver a folha do Ashmole 782 porque está gastando muito tempo à procura das folhas perdidas – expliquei.

– É um prazer, Lucy. Venha ver o que você está ajudando Diana a encontrar. – O semblante de Matthew passou de cauteloso para acolhedor. Ele acenou para Mulder e Scully. – Miriam, você pode colocar Lucy como convidada?

– Já está feito. – Miriam bateu no ombro de Chris. – Ficar olhando para esse mapa genético não vai levá-lo a lugar algum, Roberts. Faça uma pausa.

Chris largou a caneta.

– Precisamos de mais dados.

– Somos cientistas. Claro que precisamos de mais dados. – O ar entre Chris e Miriam cantarolava tenso. – De qualquer forma, vá e veja aquela imagem bonita.

– Ah, está bem – resmungou Chris, lançando um sorriso tímido para Miriam.

A iluminura do casamento alquímico descansava sobre um apoiador de livro. Fossem lá quantas vezes a visse, a imagem sempre me surpreendia – e não apenas porque as personificações de enxofre e mercúrio se assemelhavam a mim e a Matthew. Inúmeros detalhes cercavam o casal alquímico: a paisagem rochosa, os convidados do casamento, as bestas míticas e simbólicas que testemunhavam a cerimônia e a Fênix que englobava a cena com asas flamejantes. Ao lado da folha estava algo que parecia uma balança postal de metal com uma folha de pergaminho na bandeja.

– Scully vai nos dizer o que descobriu. – Matthew deixou a aluna falar.

– Esta folha com a iluminura é muito pesada. – Scully piscou os olhos

por trás das grossas lentes. – Quer dizer, mais pesada do que uma única folha deveria ser.

– Eu e Sarah também a achamos pesada. – Olhei para Matthew. – Lembra de quando a casa de Madison nos deu a folha pela primeira vez? – sussurrei para ele.

Ele assentiu com a cabeça.

– Talvez isso seja imperceptível para um vampiro. Mesmo agora com a evidência de Scully, a folha me parece completamente normal.

– Encomendei um pergaminho de velino pela internet, de um fabricante de pergaminho tradicional – disse Scully. – Chegou essa manhã. Cortei a folha do mesmo tamanho... vinte e três centímetros por vinte e oito centímetros, e pesei. Você pode ter as sobras, professor Clairmont. Todos nós podemos praticar um pouco com essa sonda que o senhor desenvolveu.

– Obrigado, Scully. Boa ideia. E vamos pegar algumas amostras do núcleo do velino moderno para efeitos de comparação – disse Matthew sorrindo.

– Como vocês podem ver – Scully retomou a exposição –, o novo pergaminho pesava quase quarenta e três gramas. Quando pesei a folha da professora Bishop pela primeira vez, pesava trezentos e setenta gramas... ou seja, mais de nove folhas de pergaminho comum de velino. – Scully removeu a folha nova de pelica e colocou a folha do Ashmole 782 no lugar.

– O peso da tinta não explica essa discrepância. – Lucy colocou os óculos para observar mais de perto na leitura digital. – E além disso o pergaminho utilizado no Ashmole 782 parece mais fino.

– Mais ou menos metade da espessura do papel vegetal. Já medi. – Scully ajeitou os óculos.

– Mas o *Livro da vida* tinha mais de cem folhas, talvez quase duzentas. – Fiz alguns cálculos rápidos. – Se uma única folha pesa trezentos e setenta gramas, o livro inteiro pesaria quase sessenta e oito quilos.

– Isso não é tudo. A folha não apresenta sempre o mesmo peso – disse Mulder, apontando para a leitura digital da balança. – Olhe, professor Clairmont. O peso caiu de novo. Agora, marca pouco mais de cento e noventa e oito gramas. – Ele pegou uma prancheta e anotou a hora e o peso.

– O peso flutuou aleatoriamente durante toda a manhã – disse Matthew. – Felizmente, Scully teve o bom senso de deixar a folha na balança. Se a tivesse removido imediatamente, teríamos perdido esses dados.

– Isso não foi intencional. – Scully ruborizou e abaixou a voz. – Precisei ir ao banheiro e, quando voltei, o peso tinha subido para quase meio quilo.

– Qual é sua conclusão, Scully? – perguntou Chris, com voz de professor.

– Não concluí nada – ela disse visivelmente frustrada. – Um velino não pode perder peso e ganhá-lo de novo. Ele está morto. Nada do que estou observando é possível!

– Bem-vinda ao mundo da ciência, minha amiga – disse Chris, soltando uma risada e voltando-se para o companheiro de Scully. – E você, Mulder?

– Claro que essa folha é algum tipo de recipiente mágico. Abriga várias páginas dentro de si. O peso muda porque de alguma forma ela ainda está ligada ao resto do manuscrito. – Mulder deslizou um olhar em minha direção.

– Acho que Mulder está com a razão – eu disse sorrindo.

– Devemos deixá-la onde está e registrar o peso a cada quinze minutos. Talvez haja um padrão – sugeriu Mulder.

– Soa como um plano. – Chris lançou um olhar de aprovação para Mulder.

– Então, professora Bishop – disse Mulder cautelosamente –, você acha que essa folha realmente abriga outras páginas?

– Se assim for, isso faria do Ashmole 782 um palimpsesto – disse Lucy,

com a imaginação faiscando. – Um palimpsesto mágico.

Concluí dos eventos daquele dia no laboratório que os seres humanos eram muito mais inteligentes do que nós as criaturas achávamos.

– *É* um palimpsesto – confirmei. – Mas nunca concebi o Ashmole 782 como... como você o chama, Mulder?

– Recipiente mágico – ele repetiu aparentemente feliz.

Já sabíamos que o Ashmole 782 era valioso tanto pelo texto como pela informação genética. Se Mulder estivesse correto, não haveria como saber o que mais o manuscrito poderia conter.

– Matthew, já recebeu os resultados de DNA obtidos da amostra que você pegou algumas semanas atrás? – Se soubéssemos de qual criatura o velino era oriundo, talvez isso lançasse alguma luz sobre a situação.

– Espere. Você removeu um pedaço do manuscrito e fez uma análise química dele? – Lucy pareceu horrorizada.

– Apenas um pequeno fragmento do núcleo da folha. Inserimos uma sonda microscópica pela borda, de modo que não se consegue enxergar o orifício... nem mesmo com uma lupa – assegurou Matthew.

– Nunca ouvi falar de tal coisa – disse Lucy.

– Isso porque o professor Clairmont desenvolveu a tecnologia e não compartilhou com o resto da classe. – Chris lançou um olhar de desaprovação para Matthew. – Mas vamos mudar isso, não vamos, Matthew?

– Aparentemente – disse Matthew.

Miriam deu de ombros.

– Desista, Matthew. Faz alguns anos que utilizamos isso para extrair o DNA de todo tipo de amostras de tecido mole. Já é hora de outras pessoas se divertirem com isso.

– Deixaremos a folha com você, Scully. – Chris acenou a cabeça para a outra extremidade do laboratório, em pedido claro por uma conversa.

– Posso tocar? – perguntou Lucy de olhos grudados na folha.

– Claro. Afinal, ela sobreviveu por todos esses anos – disse Matthew. – Mulder, Scully, vocês podem ajudar a srta. Meriweather? Lucy, avise-nos quando estiver pronta para sair, que a levaremos de volta ao trabalho.

Pela expressão ávida de Lucy, nós teríamos muito tempo para conversar.

– O que foi? – perguntei para Chris quando já estávamos distantes dos alunos. Ele parecia ter más notícias.

– Se quisermos entender um pouco mais sobre a ira do sangue, precisaremos de mais dados – ele disse. – E antes que diga alguma coisa, Miriam, não é uma crítica ao que você e Matthew conseguiram descobrir. Foi tão bom quanto talvez pudesse ser, uma vez que vocês obtiveram a maioria das amostras de DNA de mortos... ou mortos-vivos de longa data. Mas o DNA se deteriora com o tempo. E precisamos desenvolver os mapas genéticos e sequenciar os genomas de demônios e bruxas para obter conclusões precisas sobre o que os torna distintos.

– Então, já temos mais dados – ponderei aliviada. – Pensei que fosse algo sério.

– E é – disse Matthew em tom severo. – Uma das razões pelas quais os mapas genéticos de bruxas e demônios são menos completos é que ainda me falta um bom método para adquirir amostras de DNA de doadores vivos. Claro que Amira e Hamish colocaram-se como voluntários sem qualquer objeção, e também alguns frequentadores das aulas de ioga de Amira na Velha Cabana.

– Mas se você solicitar amostras de um leque mais amplo de criaturas, você terá que resolver questões em relação à utilização desse material. – Acabei entendendo.

– Ainda temos outro problema – disse Chris. – Nós simplesmente não temos DNA suficiente da consanguinidade de Matthew para estabelecer uma linhagem que possa explicar como a ira do sangue é herdada. Só dispomos das amostras de Matthew, da mãe dele e de Marcus Whitmore...

mais nada.

– Por que não mandar Marcus para Nova Orleans? – perguntou Miriam para Matthew.

– O que há em Nova Orleans? – perguntou Chris bruscamente.

– Os filhos de Marcus – disse Gallowglass.

– Whitmore tem filhos? – Chris olhou incrédulo para Matthew. – Quantos?

– Só alguns – disse Gallowglass, inclinando a cabeça para o lado. – Netos, muitos. E Mad Myra tem um grande quinhão de ira do sangue, não é? Claro que você vai querer o DNA dela.

Chris bateu numa bancada do laboratório, o rack de tubos de ensaio vazios chacoalhou como ossos.

– Porra, Matthew! Você me disse que não tinha outros filhos vivos. Fiquei perdendo tempo com resultados baseados em três amostras da família enquanto seus netos e bisnetos zanzavam para cima e para baixo da Bourbon Street?

– Eu não queria incomodar o Marcus – disse Matthew sucintamente. – Ele tem outras preocupações.

– Como o quê? Outro irmão psicótico? Faz duas semanas que não acontece nada no vídeo do Semente Maldita, mas isso não vai continuar indefinidamente. Quando Benjamin reaparecer, vamos precisar de mais do que planos e palpites para ser mais espertos que ele! – exclamou Chris.

– Calma, Chris – disse Miriam, pondo a mão no braço dele. – O genoma dos vampiros apresenta dados melhores que os do genoma das bruxas e demônios.

– Mas ainda é instável em alguns pontos – argumentou Chris –, especialmente agora que estamos investigando o DNA lixo. Preciso de mais DNA das bruxas, demônios e vampiros... estatísticas.

– Game Boy, Xbox e Daisy se ofereceram para ter material coletado – disse Miriam. – Isso viola os protocolos da pesquisa moderna, mas não

acho que será um problema insuperável, se você for transparente sobre isso mais tarde, Chris.

– Xbox mencionou um clube na Crown Street, um ponto de encontro dos demônios. – Chris limpou os olhos cansados. – Vou até lá para recrutar alguns voluntários.

– Você não pode ir. Será descartado pelo fato de ser humano e professor – disse Miriam, com firmeza. – Farei isso. Sou muito mais assustadora.

– Só depois que escurece. – Chris lançou-lhe um sorriso lento.

– Boa ideia, Miriam. – Apressei-me em dizer. Eu não queria mais informações sobre o que Miriam podia ser depois que o sol se punha.

– Você pode colher o meu material – disse Gallowglass. – Não sou da linhagem de Matthew, mas isso poderia ajudar. E existem muitos outros vampiros em New Haven. Dê um anel para Eva Jäeger.

– A Eva do Baldwin? – Matthew pareceu atordoado. – Não a vejo desde que ela descobriu o papel de Baldwin na quebra do mercado de ações alemão de 1911 e o abandonou.

– Não creio que ninguém aqui gostaria de ouvir essa indiscrição, Matthew – Gallowglass o repreendeu.

– Deixe-me adivinhar: ela é a nova contratada pelo departamento de economia – eu disse. – Maravilhoso. Uma ex do Baldwin. Era exatamente do que precisávamos.

– E você já esteve com esses outros vampiros de New Haven? – perguntou Matthew.

– Com poucos – disse Gallowglass vagamente.

Quando Matthew abriu a boca para continuar perguntando, Lucy nos interrompeu.

– A folha do Ashmole 782 mudou três vezes de peso enquanto eu estava ali em pé. – Ela balançou a cabeça espantada. – Se não tivesse visto com meus próprios olhos, eu não teria acreditado. Sinto muito por ter interrompido, mas preciso voltar para a Beinecke.

– Vou com você, Lucy – eu disse. – Você ainda não me contou o que descobriu sobre o Voynich.

– Depois de toda essa ciência, nada de tão emocionante – ela disse desculpando-se.

– Isso é para mim. – Beijei Matthew. – Vejo você em casa.

– Devo chegar pelo final da tarde. – Ele me puxou pelo braço e pressionou a boca em minha orelha. Suas palavras seguintes foram tão baixinhas que os outros vampiros teriam que se esforçar para ouvi-las. – Não fique muito tempo na biblioteca. Lembre-se do que a médica disse.

– Pode deixar, Matthew – prometi para ele. – Tchau, Chris.

– Vejo você em breve. – Chris abraçou-me e soltou-me rapidamente. Olhou para a minha barriga saliente com ar de censura. – Um dos seus filhos acabou de me dar uma cotovelada.

– Ou então uma joelhada. – Sorri alisando a minha barriga. – Ultimamente eles andam muito ativos.

Matthew pousou os olhos em mim orgulhoso, sensível e um tanto preocupado. Era como se tivesse pousado sobre um monte de neve que acabara de cair – ao mesmo tempo crocante e macia. Se estivéssemos em casa, ele teria me puxado para os seus braços para também poder sentir aqueles chutes, ou se ajoelhado à minha frente para sentir aquela saliência de pés, mãos e cotovelos.

Sorri timidamente para ele. Miriam limpou a garganta.

– Tome cuidado, Gallowglass – sussurrou Matthew. Não era uma despedida casual, era uma ordem.

O sobrinho dele balançou a cabeça.

– Como se sua esposa fosse minha.

Retornamos à Beinecke em passos lentos, conversando sobre o Voynich e o Ashmole 782. Lucy mostrou-se ainda mais presa ao mistério. Gallowglass

insistiu que devíamos fazer uma parada para comer, e então paramos em uma pizzaria na Wall Street. Acenei para uma colega historiadora que estava sentada em uma das mesas, com pilhas de fichas espalhadas e um copo duplo de refrigerante light, mas ela estava tão absorvida no trabalho que quase não me reconheceu.

Deixamos Gallowglass no seu posto fora da Beinecke e seguimos para a sala da equipe com nosso almoço tardio. Todos já tinham comido e pegamos um lugar sem dificuldade. Entre mordidelas, Lucy passou-me uma visão geral de suas descobertas.

– Os jesuítas venderam o misterioso manuscrito da Yale para Wilfrid Voynich em 1912 – ela disse mastigando um pepino de uma saudável salada. – Eles discretamente liquidaram as coleções na Villa Mondragone, fora de Roma.

– Mondragone? – Balancei a cabeça, pensando em Corra.

– Sim. Um nome inspirado no dispositivo heráldico do papa Gregório XIII... o cara que reformou o calendário. Mas provavelmente você sabe mais sobre isso que eu.

Balancei a cabeça. Cruzar a Europa no final do século XVI me exigira familiaridade com as reformas de Gregório quando precisávamos saber em que dia estávamos.

– Lá pelo final do século XIX foram transferidos mais de trezentos volumes do Colégio dos Jesuítas de Roma para a Villa Mondragone. Ainda estou um pouco confusa sobre os detalhes, mas ocorreu algum tipo de confisco de propriedade da Igreja durante a unificação italiana. – Lucy garfou um anêmico tomate cereja. – Os volumes enviados para a Villa Mondragone eram sabidamente os mais preciosos da biblioteca dos jesuítas.

– Humm. Será que posso obter uma lista? – Eu ficaria devendo ainda mais para a minha amiga de Stanford, mas isso poderia me levar a uma das folhas perdidas.

– Vale a pena tentar. Claro que Voynich não era o único colecionador interessado. A venda na Villa Mondragone tornou-se um dos maiores leilões privados de livros do século XX. Voynich quase perdeu o manuscrito para dois outros compradores.

– Sabe quem eram eles? – perguntei.

– Ainda não, mas estou trabalhando nisso. Um deles era de Praga. Foi tudo que descobri.

– Praga? – Eu me senti fraca.

– Você não parece bem – disse Lucy. – Vá descansar em casa. Continuarei trabalhando nisso e nos encontramos amanhã. – Ela fechou o recipiente de isopor vazio.

– Tia. Chegou adiantada – disse Gallowglass quando saí do edifício.

– Esbarrei num obstáculo de pesquisa – suspirei. – Um dia inteiro resumido a pedaços de progresso entre duas grossas fatias de frustração. Tomara que Matthew e Chris façam novas descobertas no laboratório porque estamos correndo contra o tempo. Se é que não seja *eu* que estou correndo contra o tempo.

– No final, dá tudo certo – disse Gallowglass, com um sábio meneio de cabeça. – Sempre dá.

Cortamos caminho pelos jardins e o espaço por entre o fórum e a prefeitura. Atravessamos os trilhos de trem da Court Street e seguimos para minha casa.

– Gallowglass, quando é que você vai comprar o seu apartamento na Wooster Square? – perguntei finalmente referindo-me a uma das muitas questões sobre os De Clermont e suas relações com New Haven.

– Depois que você chegou aqui como professora, eu precisei me assegurar de que estava tudo bem no seu novo emprego – ele disse. – E Marcus sempre reclamava que tinham roubado a casa dele ou que tinham vandalizado o carro dele.

– Presumo que nessa época Marcus ainda não morava na casa dele. –

Levantei uma sobrancelha.

– Por Deus, não. Há décadas que ele não aparece em New Haven.

– Bem, estamos perfeitamente seguros aqui. – Olhei para o caminho de pedestres ao longo da Court Street, um enclave residencial arborizado no coração da cidade. Como de costume, deserto, exceto por um gato preto e alguns vasos de plantas.

– Talvez – disse Gallowglass em dúvida.

Acabávamos de chegar à escada que leva à porta da frente quando um carro escuro entrou na interseção das ruas Court e Olive, por onde passáramos pouco antes. Estacionou e um jovem magro de cabelo louro esmaecido desceu do banco do passageiro. Aquelas pernas e braços com ombros surpreendentemente largos eram demais para um tipo tão magro como ele. Talvez fosse um aluno da graduação porque vestia um dos uniformes estudantis padronizados de Yale: calça jeans escura e camiseta preta. Ele se inclinou com seus óculos escuros e falou com o motorista.

– Bom Deus. – Gallowglass parecia ter visto um fantasma. – Não pode ser.

Observei o aluno e não o reconheci.

– Você o conhece?

Os olhos do jovem encontraram os meus. Nem as lentes espelhadas podiam bloquear o efeito do olhar gelado de um vampiro. Ele tirou os óculos e lançou-me um sorriso torto.

– Você é uma mulher difícil de se encontrar, sra. Roydon.



Aquela voz. Quando a ouvi da última vez era mais alta, sem aquele ronco baixo no fundo da garganta.

Aqueles olhos. Castanho-dourados raiados de dourado e verde. Ainda pareciam mais velhos que os anos que ele tinha.

Seu sorriso. O canto esquerdo sempre levantava mais que o direito.

– Jack? – Engasguei de coração apertado ao dizer o nome.

Um cachorro branco de uns cinquenta quilos pulou do banco de trás do carro, passando por cima da alavanca de câmbio e saindo pela porta aberta com os pelos ao vento e a língua rosada pendurada para fora da boca. Jack o agarrou pela coleira.

– Quieto, Lobero. – Jack eriçou o topo da cabeça peluda do cão, deixando à vista olhos de botão preto. O cão o olhou com adoração, balançou a cauda e sentou ofegante à espera de outras instruções.

– Olá, Gallowglass – disse Jack caminhando lentamente em nossa direção.

– Jackie. – A voz de Gallowglass soou emocionada. – Pensei que vocês estavam mortos.

– Eu estava. E depois já não estava mais. – Jack olhou para mim sem saber se seria bem-vindo.

Sem dar margem a dúvidas, joguei os braços em torno dele.

– Oh, Jack.

Ele cheirava a carvão queimado e manhã de nevoeiro. Não cheirava mais a pão quente como nos tempos de menino. Após um momento de

hesitação, abraçou-me com braços magros e longos. Embora mais velho e mais alto, ainda parecia frágil, como se aquela aparência madura não passasse de uma concha.

– Senti saudade de você – ele sussurrou.

– Diana! – Matthew estava a mais de dois quarteirões de distância, mas tinha avistado um carro que bloqueava a entrada da Court Street e um homem desconhecido que me segurava. Da perspectiva de onde estava, talvez tenha pensado que tinham me capturado, mesmo com Gallowglass por perto. Ele então assumiu o instinto e disparou como um borrão.

Lobero postou-se em posição de alerta e começou a latir. Os cães da raça Comodoro são muito parecidos com os vampiros: criados para proteger os seres amados, leais à família, grandes o bastante para derrubar lobos e ursos e determinados a morrer sem entregar-se a outras criaturas.

Jack pressentiu o perigo, mas sem saber de onde vinha transformou-se em uma criatura de pesadelos, dentes à vista e olhos vidrados e negros. Agarrou-me e abraçou-me com firmeza, protegendo-me de uma possível ameaça que irromperia pelas minhas costas. Mas com isso também restringiu o fluxo de ar nos meus pulmões.

– Não! Você também, não. – Engasguei ao desperdiçar o último ar de respiração, de modo que não pude avisar a Matthew que alguém tinha transmitido a ira do sangue para o nosso brilhante e vulnerável garoto.

Matthew estava prestes a se chocar contra o capô do carro quando um homem saiu do banco do motorista e o agarrou. Talvez também seja um vampiro, pensei na mesma hora, se tem força para deter Matthew.

– Pare, Matthew. É o Jack. – Aquela voz profunda e retumbante com acentuado sotaque londrino conjurou memórias indesejáveis de uma gota de sangue escoando na boca de espera de um vampiro.

Andrew Hubbard. O vampiro rei de Londres estava em New Haven. Estrelas cintilaram à beira dos meus olhos.

Matthew rosnou e se contorceu. E Hubbard se chocou de costas na

estrutura metálica do carro com um baque esmagador.

– É o Jack – repetiu Hubbard agarrado ao pescoço de Matthew, forçando-o a ouvir.

Dessa vez, mensagem recebida. Matthew arregalou os olhos e olhou em nossa direção.

– Jack? – A voz dele soou rouca.

– Mestre Roydon? – Sem se virar Jack tombou a cabeça para o lado quando a voz de Matthew penetrou na escura névoa da ira do sangue, e depois afrouxou o aperto em mim.

Puxei uma golfada de ar, lutando para repelir as estrelas que enchiam as trevas. Levei a mão à barriga por instinto, onde senti um puxão reconfortante seguido por outro mais. Lobero cheirou-me os pés e as mãos, como se para descobrir o que me relacionava ao seu mestre, e em seguida sentou-se a minha frente e rosnou para Matthew.

– Isso é outro sonho? – Do fundo da voz grave de Jack ecoou o vestígio de um menino perdido em outros tempos, e assim ele preferiu apertar os olhos a correr o risco de despertar.

– Não é sonho, Jack – disse Gallowglass suavemente. – Afaste-se agora da sra. Roydon. Matthew não representa perigo para a esposa dele.

– Oh, Deus. Eu toquei nela. – Jack pareceu horrorizado quando girou o corpo lentamente e ergueu as mãos em sinal de rendição, disposto a aceitar qualquer punição que Matthew quisesse lhe infligir. Seus olhos que já voltavam ao normal escureceram novamente. Mas não de raiva. Por que então a ira do sangue ressurgia?

– Calma – eu disse enquanto abaixava o braço dele. – Você já me tocou muitas vezes. Matthew não se importa.

– Eu não era... isso... antes. – A tensão na voz de Jack era aversão por si mesmo.

Matthew aproximou-se devagar para não assustá-lo. Andrew Hubbard bateu a porta do carro e o seguiu. Os séculos quase não tinham mudado as

maneiras sacerdotais do célebre vampiro de Londres que adotava ninhadas de criaturas de todas as espécies e idades. Hubbard parecia o mesmo: barbeado, rosto pálido e cabelo louro. Somente os olhos cor de ardósia e os trajes sombrios introduziam notas contrastantes com a palidez de sua outra aparência. Seu corpo ainda era alto e magro e um tanto curvado, e seus ombros continuavam largos.

Quando os dois vampiros se aproximaram, o rosnado do cão tornou-se ameaçador, os lábios afastaram-se ainda mais dos dentes.

– Vem, Lobero – ordenou Matthew, esperando pacientemente agachado enquanto o cão considerava as opções.

– Ele é um cão de um homem só – Hubbard o alertou. – Jack é a única criatura que ele ouve.

Lobero enfiou o focinho molhado em minha mão e depois cheirou a do mestre. Ergueu o focinho para captar os outros odores e voltou-se para Matthew e Hubbard. Logo reconheceu o padre, mas fez uma avaliação mais completa de Matthew. Quando terminou, deslocou a cauda da esquerda para a direita. Não era propriamente um balançar de rabo, mas um reconhecimento instintivo do alfa da matilha.

– Bom garoto. – Matthew levantou-se e apontou para o próprio calcanhar. Lobero se virou e seguiu obediente atrás enquanto Matthew juntava-se a Jack, a Gallowglass e a mim.

– Tudo bem, *mon coeur*? – sussurrou Matthew.

– É claro – respondi ainda sentindo falta de ar.

– E você, Jack? – Matthew descansou a mão no ombro de Jack. Não era um típico abraço De Clermont. Era o cumprimento de um pai ao filho depois de uma longa separação, um pai que temia que o filho tivesse atravessado o inferno.

– Agora estou melhor. – Jack sempre dizia a verdade quando se fazia uma pergunta direta. – Sempre exagero quando sou pego de surpresa.

– Eu também. – O abraço de Matthew tornou-se mais apertado. – Sinto

muito. Você estava de costas e nunca me passou pela cabeça que o veria de novo.

– Foi... difícil. Ficar longe. – Pela débil vibração na voz de Jack tinha sido mais que difícil.

– Posso imaginar. Por que não entramos e você nos conta a sua história? – Isso não era um convite casual; Matthew pedia que Jack desnudasse a alma. E Jack pareceu preocupado com a perspectiva.

– Fica por sua conta o que dizer, Jack – assegurou Matthew. – Conte-nos tudo ou nada, mas vamos fazer isso dentro de casa. Esse seu Lobero de agora não é tão silencioso quanto o primeiro. Os vizinhos chamarão a polícia se ele continuar latindo.

Jack balançou a cabeça.

Matthew tombou a cabeça para o lado, um gesto que o fez se parecer com Jack, e sorriu.

– Cadê aquele nosso garoto? Já não preciso mais me agachar para olhar nos seus olhos.

A tensão restante abandonou o corpo de Jack com as provocações amenas de Matthew.

– Padre Hubbard também vai com a gente. Gallowglass, você pode estacionar o carro em algum lugar onde não bloqueie a rua? – disse Matthew sorrindo acanhado e coçando as orelhas de Lobero.

Gallowglass estendeu a mão e Hubbard entregou-lhe as chaves do carro.

– Pegue a mala que está no porta-malas – disse Hubbard.

Gallowglass balançou a cabeça e pressionou os lábios em uma linha fina. Lançou um olhar fulminante para Hubbard antes de seguir até o carro.

– Ele nunca gostou de mim. – Hubbard ajeitou a lapela de um austero paletó preto sobre uma camisa também preta. Mesmo passados mais de seiscentos anos, o vampiro ainda era um clérigo de coração. Só então ele se

deu conta de minha presença e acenou para mim. – Sra. Roydon.

– Meu nome é Bishop. – Pensei em fazê-lo lembrar do nosso último encontro, do acordo que ele tinha feito e quebrado... com base nas evidências à minha frente.

– Dra. Bishop, então. – Os estranhos olhos multicores de Hubbard se estreitaram.

– Você não manteve a promessa – sibilei.

O olhar agitado de Jack cravou na minha nuca.

– Que promessa? – ele perguntou mais atrás.

Droga. Embora Jack sempre tivesse mostrado excelente audição, acabei esquecendo que agora ele também era dotado de sentidos sobrenaturais.

– Jurei para a sra. Roydon que cuidaria de você e Annie – respondeu Hubbard.

– Padre Hubbard manteve a palavra, senhora – disse Jack calmamente. – Eu não estaria aqui de outra forma.

– E somos gratos a ele. – Matthew pareceu dizer o oposto. Ele atirou as chaves da casa para mim. Gallowglass ainda estava com minha bolsa e eu não teria como abrir a porta.

Hubbard pegou as chaves no ar e abriu a fechadura.

– Jack, dê água para Lobero lá em cima. A cozinha fica no primeiro andar. – Matthew arrancou as chaves da mão de Hubbard que passava ao lado e colocou-as na tigela que estava sobre a mesa da sala.

Obediente, Jack chamou Lobero e subiu os degraus desgastados e pintados.

– Você é um homem morto, Hubbard... por ter feito de Jack um vampiro. – A voz de Matthew não passou de um murmúrio oco. Mas Jack ouviu.

– Você não pode matá-lo, mestre Roydon. – Jack estava no alto da escada, com a coleira de Lobero enrolada nos dedos. – O padre Hubbard é seu neto. Ele também é meu criador.

Jack se virou e em seguida as portas de um armário se abriram. Soou a água escorrendo de uma torneira. Sons estranhamente corriqueiros se considerado o diálogo bombástico que acabara de eclodir.

– Meu neto? – Matthew olhou para Hubbard em estado de choque. – Mas isso significa...

– Que Benjamin Fox é meu pai.

As origens de Andrew Hubbard sempre estiveram envoltas em obscuridade. As lendas de Londres diziam que ele era sacerdote quando a peste negra visitou a Inglaterra pela primeira vez em 1349. E que depois que todos os paroquianos sucumbiram à doença, ele se enfiara na sepultura que cavara com as próprias mãos. Algum vampiro misterioso teria resgatado Hubbard da quase morte – mas ninguém sabia que vampiro era esse.

– Fui apenas uma ferramenta para o seu filho... ele só me fez para alcançar os seus próprios objetivos na Inglaterra – continuou Hubbard. – Benjamin esperava que eu também tivesse a ira do sangue para ajudá-lo a organizar um exército que combateria os De Clermont e seus aliados. Mas ficou desapontado em ambos os casos, e consegui mantê-lo longe de mim e de minhas ovelhas. Até agora.

– O que aconteceu? – perguntou Matthew abruptamente.

– Benjamin quer Jack. Não deixarei que pegue o garoto novamente – respondeu Hubbard de modo igualmente abrupto.

– Novamente? – Aquele louco tinha pegado Jack. Girei o corpo às cegas em direção à escada, mas Matthew pegou-me pelos pulsos e prendeu-me contra o próprio peito.

– Espere – ordenou para mim.

Gallowglass entrou pela porta com minha bolsa e uma grande mala preta. Observou a cena e deixou a bagagem cair.

– O que aconteceu agora? – perguntou, olhando para Matthew e para Hubbard.

– Padre Hubbard fez de Jack um vampiro – respondi, tentando ser o mais neutra possível. Afinal, Jack estava ouvindo.

Gallowglass arremessou Hubbard contra a parede.

– Seu desgraçado. Senti o cheiro do seu perfume nele. Achei...

Era a vez de Gallowglass ser arremessado, e ainda estava no chão quando se viu pressionado no grande esterno pelo sapato preto polido de Hubbard. Fiquei espantada que alguém aparentemente esquelético pudesse ser tão forte.

– Achou o quê, Gallowglass? – O tom de Hubbard era ameaçador. – Que violei uma criança?

A agitação de Jack no andar de cima azedou o ar. Ele aprendera desde cedo que às vezes as brigas comuns se tornavam violentas com muita rapidez. Quando menino, se angustiava com qualquer indício de desacordo entre mim e Matthew.

– Corra! – gritei por instinto em busca de apoio.

No instante em que meu dragão de fogo saiu de nosso quarto e pousou no corrimão, Matthew já tinha evitado um possível derramamento de sangue ao agarrar Gallowglass e Hubbard pelo pescoço, separando-os e sacudindo-os até fazê-los bater os dentes.

Corra soltou um berro irritado e lançou um olhar malévolo para o padre Hubbard, com a justa suspeita de que ele era o culpado pela interrupção de seu cochilo.

– Olha só. – A bonita cabeça de Jack espiou por cima da grade. – Não lhe disse que Corra sobreviveria à viagem no tempo, padre H? – Jack gritou de felicidade e bateu na madeira pintada, um comportamento que me fez lembrar dos seus tempos de menino alegre e que quase me levou às lágrimas.

Corra soltou um grito de boas-vindas, seguido por uma corrente de fogo e música que inundou a entrada de felicidade. Levantou voo, deu uma volta rasante e trancou as asas ao redor de Jack. E depois encostou a

cabeça na cabeça do amigo e começou a cantarolar, abraçando-o pelas costelas e acariciando-o pelas costas com a extremidade da cauda em forma de pá. Lobero pulou no peito de seu dono e deu uma fungada de suspeita em Corra. Aparentemente, identificou o cheiro como da família e por isso uma criatura a ser incluída no seu rol de responsabilidades. Logo o cachorro se postou ao lado de Jack e descansou a cabeça nas patas com os olhos ainda vigilantes.

– Sua língua continua sendo mais comprida que a de Lobero – disse Jack reprimindo o riso enquanto Corra lhe fazia cócegas no pescoço. – Ainda não acredito que ela se lembre de mim.

– Claro que ela se lembra de você! Como poderia se esquecer de quem a mimava com pãezinhos de passas? – eu disse sorrindo.

Quando nos acomodamos na sala de estar com vista para a Court Street, a ira do sangue não estava mais nas veias de Jack. Consciente da baixa posição que ocupava na hierarquia da casa, ele esperou que todos se sentassem antes de escolher o seu próprio assento. Já estava prestes a se juntar ao cachorro no chão quando Matthew deu uma palmada na almofada do sofá.

– Sente-se aqui comigo, Jack. – O tom do meu marido era de comando.

Jack então puxou os joelhos da calça jeans e sentou-se.

– Você parece estar com uns vinte anos – observou Matthew, na esperança de atraí-lo para uma conversa.

– Vinte, talvez vinte e um – disse Jack. – Eu e Leonard... lembra dele? – Matthew assentiu com a cabeça. – Concluímos isso por causa de minhas lembranças da Armada. Nada específico, entende, apenas o medo da invasão espanhola nas ruas, a iluminação dos faróis e as celebrações de vitória. Eu devia ter pelo menos uns cinco anos em 1588 para lembrar disso.

Fiz alguns cálculos rápidos. Isso significava que Jack se tornara vampiro em 1603.

– A peste.

Naquele ano a doença varrera Londres como uma vingança. Notei uma nódoa mosqueada no pescoço de Jack logo abaixo da orelha. Parecia uma contusão, mas devia ser um sinal deixado pelas feridas da peste. E para ter permanecido visível, mesmo depois de Jack ter sido feito vampiro, isso indicava que ele estava muito próximo da morte quando Hubbard o transformou.

– Sim – disse Jack, observando as próprias mãos e virando-as de um lado para o outro. – Annie morreu com a peste dez anos antes, logo depois que mestre Marlowe foi morto em Deptford.

Perguntei como tinha sido a vida de nossa Annie. Eu a imaginava como uma próspera costureira, dona do seu próprio negócio, casada com um homem bom e com muitos filhos. Mas ela falecera ainda adolescente, de modo que sua vida apagara antes mesmo de começar.

– Foi terrível aquele ano de 1593, sra. Roydon. Eram mortos por toda parte. Já era muito tarde quando eu e o padre Hubbard soubemos que ela estava doente – disse Jack, com um olhar desolado.

– Você já está com idade suficiente para me chamar de Diana – comentei, com tato.

Jack puxou as barras da calça jeans sem responder e continuou.

– O padre Hubbard tomou conta de mim quando você... partiu. *Sir* Walter estava com problemas e lorde Northumberland estava muito ocupado na corte para cuidar de mim. – Jack sorriu para Hubbard com flagrante carinho. – Foram bons tempos, zanzando por Londres com a turma.

– Fiquei muito próximo do xerife durante esses seus famosos bons tempos – disse Hubbard em tom seco. – Você e Leonard se metiam em mais encrencas que qualquer outra dupla de garotos que conheci.

– Não – disse Jack sorrindo. – A encrenca só ficou realmente séria quando entramos sorrateiramente na Torre para pegar os livros de *sir*

Walter e entregar uma carta dele para lady Raleigh.

– Você fez... – Matthew estremeceu, balançando a cabeça em negativa. – Cristo, Jack. Você nunca conseguiu distinguir um pequeno delito de um crime sujeito à forca.

– Agora consigo – disse Jack a princípio alegre e logo com uma expressão nervosa nos olhos. Lobero ergueu a cabeça e descansou o focinho no joelho do dono.

– Mestre Roydon, não fique com raiva do padre Hubbard. Ele só fez o que pedi. Leonard já tinha me explicado o que eram as criaturas muito antes de me tornar uma delas, de modo que eu já sabia que você, Gallowglass e Davy também eram. Tudo fez mais sentido depois disso. – Jack fez uma pausa. – Mesmo que tivesse tido a coragem de enfrentar e aceitar a morte, eu não poderia baixar sepultura sem vê-los novamente. Era como se minha vida estivesse... inacabada.

– E como sente a vida agora? – perguntou Matthew.

– Longa. Solitária. E dura, mais difícil do que imaginava. – Jack torceu e revirou os pelos de Lobero até fazê-los parecer uma corda. Em seguida limpou a garganta. – Mas tudo valeu a pena só por causa de hoje – continuou em voz baixa. – Cada pedacinho de minha vida.

O longo braço de Matthew se estendeu até o ombro de Jack. Apertou-o e rapidamente o deixou de lado. Por um segundo o rosto do meu marido estampou desolação e tristeza e logo recompôs a máscara de antes. Era uma versão vampiresca de um feitiço de disfarce.

– Mestre Roydon, o padre Hubbard me disse que o sangue dele podia me fazer mal. – Jack deu de ombros. – Mas eu já estava doente. Faria alguma diferença mudar de uma doença para outra?

Nenhuma diferença, pensei comigo, só que uma o mataria e possivelmente a outra o tornaria um assassino.

– Andrew agiu certo ao avisá-lo – disse Matthew. O padre Hubbard pareceu surpreendido pela admissão. – Imagino que seu avô não teve a

mesma consideração por ele. – Matthew teve o cuidado de usar o termo usado por Hubbard e Jack para descrever a relação que mantinham com Benjamin.

– Não teve, não. Meu avô acha que não deve explicações de seus atos para ninguém. – Jack levantou-se e zanzou pela sala, seguido por Lobero. Examinou as molduras da porta, correndo os dedos ao longo da madeira. – Você também tem a doença no seu sangue, mestre Roydon. Lembro-me dela em Greenwich. Mas ela não o controla, como controla o meu avô. E a mim.

– Houve um tempo em que me controlou. – Matthew fez um leve aceno de cabeça para Gallowglass.

– Lembro-me de quando Matthew era selvagem como o diabo e invencível com uma espada na mão. Até os homens mais corajosos fugiam aterrorizados. – Gallowglass inclinou-se para frente, com as mãos unidas e os joelhos bem abertos.

– Meu avô me falou do passado de mestre... Matthew. – Jack estremeceu. – Falou que o talento de Matthew para matar também estava em mim, e que eu teria que ser fiel a isso senão você nunca me reconheceria como do seu sangue.

Eu tinha presenciado no vídeo a inqualificável crueldade de Benjamin, distorcendo esperanças e medos como arma para destruir a autoestima de uma criatura. E o que ele tinha feito com os sentimentos de Jack em relação a Matthew me deixou cega de fúria. Fechei os punhos, apertando os fios nos meus dedos de tal modo que a magia quase explodiu em minha pele.

– Benjamin não me conhece tão bem quanto ele pensa. – A raiva também irrompeu em Matthew, seu odor picante ganhou mais nitidez. – Eu o reconheceria com muito orgulho como meu antes de qualquer outro, mesmo que você não tivesse o meu sangue.

Hubbard pareceu desconfortável, olhando ora para Matthew, ora para

Jack.

– Você me tornaria seu filho por voto de sangue? – Jack se voltou lentamente para Matthew. – Como Philippe fez com a sra. Roydon... quer dizer, com Diana?

Matthew arregalou ligeiramente os olhos quando assentiu com a cabeça, tentando absorver o fato de que Philippe conhecera os netos quando ele ainda não os tinha conhecido. Uma expressão de traição cortou-lhe o rosto.

– Philippe sempre me visitava quando vinha a Londres – explicou Jack alheio às mudanças em Matthew. – Ele me aconselhou a ouvir o voto de sangue dito em voz alta porque assim eu poderia ouvi-la, sra. Roydon, antes mesmo de vê-la. E você tinha razão, sra.... quer dizer, Diana. O pai de Matthew era realmente tão grande quanto o urso do imperador.

– Se você conheceu o meu pai, certamente ouviu muitas histórias nas quais eu era malcomportado. – O músculo da mandíbula de Matthew tremeu quando a expressão de traição virou amargura, e as pupilas ampliaram quando a raiva ganhou terreno.

– Não – disse Jack confuso e de testa franzida. – Philippe só falou que o admirava e que você me ensinaria a ignorar as solicitações da minha ira do sangue.

Matthew se sacudiu, como se tivesse sido atingido.

– Philippe sempre me fazia me sentir mais perto de você e da sra. Roydon. E também mais calmo. – Jack pareceu nervoso outra vez. – Mas já se passou muito tempo desde que vi Philippe.

– Ele foi capturado na guerra – disse Matthew. – E morreu em consequência dos sofrimentos.

Era uma cuidadosa meia verdade.

– Padre Hubbard me disse. Fico feliz por Philippe não ter vivido para ver... – Desta vez o tremor emergiu da medula dos ossos à superfície da pele de Jack. Seus olhos escureceram de horror e pavor sem qualquer aviso.

O sofrimento de Jack era muito pior do que o suportado por Matthew. Com Matthew apenas a fúria amarga trazia a ira do sangue à superfície. Com Jack um amplo espectro de emoções a desencadeava.

– Está tudo bem. – Em uma fração de segundo Matthew estava com uma das mãos em volta do pescoço de Jack e a outra pousada na face. Lobero pulou e pôs as patas no peito de Matthew, como se dissesse, *Faça alguma coisa*.

– Não me toque quando estou assim. – Jack rosnou e empurrou o peito de Matthew. Mas bem que poderia ter empurrado uma montanha. – Você só vai piorar a coisa.

– Acha mesmo que pode me dar ordens, filhote? – Matthew arqueou a sobrancelha. – Limite-se a dizer tudo que você acha terrível. Você só vai se sentir melhor depois que disser.

Com o incentivo de Matthew, a confissão escoou de algum recanto escuro de dentro de Jack, onde ele armazenava tudo que era ruim e aterrorizante.

– Benjamin me encontrou alguns anos atrás. Falou que estava esperando por mim. Prometeu me levar até você, mas só depois que eu provasse que realmente portava o sangue de Matthew de Clermont.

Gallowglass soltou um palavrão. Os olhos de Jack se estenderam até ele, seguidos por um rosnado.

– Mantenha os olhos em mim, Jack. – O tom de Matthew deixava claro que qualquer resistência seria recebida com uma represália rápida e dura. Ele assumia um ato de equilíbrio impossível que exigia um amor incondicional e uma afirmação constante de dominância. A dinâmica do bando era sempre preocupante. E com a ira do sangue eles poderiam se tornar letais em um segundo.

Jack desviou a atenção de Gallowglass, abaixando uma fração de ombros.

– O que houve, então? – perguntou Matthew.

– Eu matei. Uma vez e outras vezes. E quanto mais matava, mais queria matar. O sangue além de me alimentar também alimentava a ira do sangue.

– Foi inteligente ao entender isso tão rapidamente – disse Matthew em aprovação.

– Às vezes eu recuperava a razão a tempo de perceber que o que estava fazendo era errado. E assim tentava salvar os sangues-quentes, mas não conseguia parar de beber – confidenciou Jack. – Cheguei a transformar duas presas em vampiros. Benjamin ficou satisfeito comigo.

– Só duas? – Uma sombra cruzou o semblante de Matthew.

– Benjamin queria que eu salvasse outras, mas isso demandava muito controle. A despeito do que fazia, a maioria morria. – Os olhos manchados de tinta de Jack lacrimejaram de sangue, e as pupilas brilharam avermelhadas.

– Onde ocorreram essas mortes? – Matthew só pareceu curioso, mas segundo o meu sexto sentido era uma questão crucial para entender o que tinha acontecido com Jack.

– Em todos os lugares. Eu precisava estar em movimento. Era muito sangue derramado. Eu precisava fugir da polícia, e os jornais... – Jack estremeceu.

VAMPIRO SOLTO EM LONDRES. Lembrei-me da manchete sensacionalista e dos recortes dos "assassinatos de vampiros" que Matthew coletara do mundo inteiro. Abaixei a cabeça para que Jack não percebesse que eu sabia que ele era o assassino procurado pelas autoridades europeias.

– Mas os que viviam eram os que mais sofriam – continuou Jack, com a voz ainda mais amortecida a cada palavra. – Meu avô tirou os meus filhos de mim, alegando que precisavam ser criados de maneira adequada.

– Benjamin usou você. – Matthew olhou no fundo dos olhos de Jack a fim de fazer uma conexão. O rapaz balançou a cabeça.

– Quando fiz esses filhos, quebrei a minha promessa ao padre Hubbard,

que me dizia que o mundo não precisava de mais vampiros... porque já havia muitos. Ele também me dizia que se eu me sentisse sozinho poderia cuidar das criaturas rejeitadas pelas famílias. Tudo que o padre Hubbard me pedia era para que não fizesse filhos, mas fracassei inúmeras vezes. Depois disso, não pude mais voltar a Londres... não com tanto sangue nas mãos. E eu não podia ficar com meu avô. Quando falei para Benjamin que queria ir embora, ele se enraiveceu tanto que matou um dos meus filhos em retaliação. Os filhos dele me seguraram e me forçaram a assistir. – Jack engoliu a aspereza da voz. – E minha filha. Minha filha. Eles...

Jack vomitou. Embora tenha tapado a boca, era tarde demais para impedir o fluxo de sangue enquanto vomitava. O sangue escorreu pelo queixo e encharcou a camisa escura. Lobero pulou latindo forte e arranhando-lhe as costas.

Já impossibilitada de me manter distante, corri para o lado de Jack.

– Diana! – gritou Gallowglass. – Você não pode...

– Não me diga o que fazer. Preciso de uma toalha! – retruquei.

Jack caiu de joelhos e apoiado nas mãos, uma queda suavizada pelos braços fortes de Matthew. Fiquei de joelhos ao lado enquanto ele expelia o conteúdo do estômago. Gallowglass entregou-me uma toalha. Limpei o rosto e as mãos ensanguentadas de Jack. Logo a toalha ficou encharcada e gelada pelos meus frenéticos esforços para estancar o fluxo, o contato com tanto sangue de vampiro deixou minhas mãos dormentes e pesadas.

– A força do vômito deve ter rompido alguns vasos sanguíneos do estômago e da garganta – disse Matthew. – Andrew, pode pegar um jarro d'água? Coloque bastante gelo dentro.

Hubbard foi à cozinha e retornou em um instante.

– Aqui – disse entregando o jarro para Matthew.

– Levante a cabeça dele, Diana – disse Matthew. – Segure-o, Andrew. O corpo dele está gritando por sangue, e ele vai lutar para não beber água.

– O que posso fazer? – perguntou Gallowglass, com a voz rouca.

– Limpe as patas do Lobero antes que ele deixe rastros de sangue por toda a casa. Jack não vai se lembrar de nada. – Matthew segurou o queixo do rapaz. – Jack!

Os olhos negros e vidrados de Jack giraram em direção a Matthew.

– Beba isso – disse Matthew levantando alguns centímetros o queixo de Jack, que por sua vez cuspiu no jarro e o socou a fim de descartá-lo. Mas Hubbard o manteve imobilizado até que ele esvaziou o jarro.

Só depois que Jack soluçou é que Hubbard afrouxou o aperto.

– Muito bem, Jackie – disse Gallowglass.

Afastei o cabelo da testa de Jack quando de novo ele se inclinou ofegante para frente e pressionou o estômago.

– Sujei você de sangue – sussurrou. Minha blusa estava manchada.

– Sujou, sim – eu disse. – Não é a primeira vez que um vampiro sangra em cima de mim, Jack.

– Agora, tente descansar – disse Matthew. – Você está exausto.

– Não quero dormir. – Jack engoliu em seco quando o vômito subiu outra vez para a garganta.

– Shh. – Esfreguei a nuca dele. – Prometo que você não terá pesadelos.

– Como pode ter certeza? – ele perguntou.

– Magia. – Tracei o padrão do quinto nó na testa de Jack e sussurrei bem baixinho. – O espelho brilha e os monstros tremem, e os pesadelos são banidos até ele acordar.

Os olhos de Jack fecharam-se lentamente. E alguns minutos depois ele dormia pacificamente enrolado de lado.

Eu teci outro feitiço – feito apenas para ele. Isso não requereu palavras porque ninguém jamais o utilizaria além de mim. Os fios que rodeavam Jack rosnavam furiosos em vermelho, preto e amarelo. Puxei os fios verdes de cura que me rodeavam e os fios brancos que ajudavam a quebrar maldições e estabelecer novos começos. Depois de torcê-los juntos e amarrá-los em torno do pulso de Jack, fixei o trançado com um nó seguro

de seis cruzamentos.

– Vamos colocar Jack na cama do quarto de hóspedes lá em cima – eu disse. – Corra e Lobero se encarregarão de nos fazer saber se ele se agitar.

– Tudo bem para você? – perguntou Matthew para Hubbard.

– Quando se trata de Jack, você não precisa de minha permissão – respondeu Hubbard.

– Preciso, sim. Você é o pai dele – disse Matthew.

– Sou apenas o criador – disse Hubbard suavemente. – Você é o pai de Jack, Matthew. Sempre foi.



Matthew carregou Jack até o terceiro andar, como se estivesse carregando o corpo de um bebê. Lobero e Corra nos acompanharam conscientes do trabalho que tinham a fazer. Enquanto Matthew tirava a camisa encharcada de sangue de Jack, eu remexia no armário do nosso quarto à procura de outra camisa para vesti-lo. Jack devia ter um metro e oitenta e três de altura, mas era bem mais magro que Matthew. Peguei uma camiseta larga do time masculino de Yale que às vezes me servia de pijama esperando que coubesse nele. Matthew deslizou os braços aparentemente desossados de Jack pelas mangas da camiseta e enfiou-a pela cabeça pendente. Meu feitiço o nocauteara.

Juntos o colocamos na cama, falando apenas o absolutamente necessário. Estiquei o lençol até os ombros de Jack, com Lobero observando os meus movimentos do chão. Empoleirada na lâmpada, Corra também observava sem piscar, seu peso fazia sua sombra dobrar a um grau alarmante.

Depois de afagar o cabelo cor de areia e a mancha escura no pescoço de Jack, levei a mão ao coração dele. Mesmo dormindo, transpirava um combate entre corpo, alma e mente pelo controle. Embora Hubbard tivesse assegurado que Jack teria vinte e um anos para sempre, o rapaz mostrava um cansaço que o fazia parecer um homem com o triplo dessa idade.

Jack tinha passado por muitas coisas. Muitas coisas, graças a Benjamin. Desejei que aquele louco varrido desaparecesse da face da terra. Os dedos de minha mão esquerda abriram estendidos, e o pulso ardeu onde o nó o

circulava. A magia que sempre realiza o desejo e o poder respondeu em minhas veias aos meus calados desejos por vingança.

– Jack era nossa responsabilidade e não estávamos juntos com ele. – Minha voz soou baixa e feroz. – E Annie...

– Agora estamos aqui com Jack. – Os olhos de Matthew estamparam a tristeza e a raiva também presentes em mim. – Não podemos fazer mais nada por Annie, a não ser rezar para que a alma dela tenha encontrado descanso.

Balancei a cabeça, reprimindo as emoções com dificuldade.

– Tome um banho, *ma lionne*. O toque de Hubbard e o sangue de Jack... – Matthew não suportava quando eu cheirava a outra criatura. – Fico com ele enquanto você estiver no banho. Depois, nós dois descemos e conversamos sobre... o meu neto. – Essas últimas palavras foram lentas e deliberadas, como se a língua estivesse presa ao dizê-las.

Apertei a mão dele, beijei levemente a testa de Jack e me dirigi relutante para o banheiro. Seria um esforço inútil para limpar-me dos eventos da noite.

Trinta minutos depois encontramos Gallowglass e Hubbard sentados frente a frente na mesa de jantar de pinho. Encaravam-se. Olhavam-se no fundo dos olhos. Rosnavam. Ainda bem que Jack não estava acordado para presenciar aquilo.

Matthew soltou a minha mão, entrou na cozinha e pegou uma garrafa de água com gás para mim e três garrafas de vinho. Depois de distribuí-las, retornou para pegar um saca-rolha e quatro copos.

– Você pode ser meu primo, mas ainda não gosto de você, Hubbard. – O rosnado de Gallowglass alcançou uma nota desumana que era muito mais preocupante.

– É recíproco. – Hubbard colocou uma pasta preta em cima da mesa.

Matthew manuseou uma garrafa com o saca-rolha, observando a disputa de posição entre o sobrinho e Hubbard sem fazer comentários. Serviu-se de um copo de vinho e o bebeu em dois goles.

– Você não está apto para ser pai – disse Gallowglass estreitando os olhos.

– Quem está? – rebateu Hubbard.

– Chega. – Matthew não levantou a voz, mas articulou-a com um timbre que arrepiou os pelos do meu pescoço e silenciou Gallowglass e Hubbard de imediato. – Andrew, a ira do sangue sempre afetou Jack dessa maneira ou piorou depois que ele conheceu Benjamin?

Hubbard recostou-se na cadeira, com um sorriso sarcástico.

– É por aí que você quer começar?

– Que tal *você* começar explicando por que tornou Jack vampiro quando sabia que poderia transmitir a ira do sangue para ele! – Minha raiva explodiu em detrimento de qualquer cortesia que pudesse ter concedido a ele algum dia.

– Dei a ele uma escolha, Diana – disse Hubbard –, para não dizer uma chance.

– Jack estava morrendo de peste! – gritei. – Estava impossibilitado de elaborar uma decisão clara. Você era o adulto. Jack era uma criança.

– Jack tinha vinte anos completos. Era um homem e não o menino que vocês deixaram com lorde Northumberland. E já tinha passado um inferno ao esperar em vão pelo retorno de vocês! – disse Hubbard.

Temendo acordar Jack, abaixei a voz.

– Deixei-lhe muito dinheiro para manter Jack e Annie fora do caminho do mal. Não deveria faltar nada para os dois.

– Você acha que cama quente e comida na barriga consertariam o coração partido de Jack? – Os olhos sobrenaturais de Hubbard tornaram-se frios. – Durante *doze anos* ele procurou vocês a cada dia. Doze anos esperando navios europeus nas docas, na esperança de que vocês

estivessem a bordo; doze anos perguntando a todo estrangeiro que encontrava em Londres se vocês tinham sido vistos em Amsterdã ou em Lübeck ou em Praga; doze anos interpelando suspeitos de serem bruxos para mostrar uma imagem que ele desenhara da conhecida feiticeira Diana Roydon. Foi um milagre que a peste o tivesse pegado e não os juízes da rainha!

Empalideci.

– Você também teve uma escolha. – Hubbard me lembrou. – Então, se quiser culpar alguém por Jack ter se tornado vampiro, culpe a si mesma ou a Matthew. Jack era responsabilidade sua. E você passou-a para mim.

– Não foi isso que barganhamos, e você sabe muito bem! – As palavras escapuliram de minha boca antes que eu pudesse detê-las. Congelei com uma expressão de horror no rosto. Era outro segredo escondido de Matthew que supostamente estava em segurança no passado.

A respiração de Gallowglass assobiou de surpresa. O olhar gelado de Matthew estilhaçou em minha pele. E depois, absoluto silêncio na sala.

– Gallowglass, eu preciso conversar com minha esposa e meu neto. Em particular – disse Matthew. A ênfase colocada em "minha esposa" e "meu neto" era sutil, mas inconfundível.

Gallowglass levantou-se, com rugas de desaprovação no rosto.

– Estarei lá em cima com Jack.

Matthew balançou a cabeça.

– Vá para casa e espere por Miriam. Ligo quando Andrew e Jack estiverem prontos para se juntar a vocês.

– Jack vai ficar aqui conosco. – Elevei a voz novamente. – Este lugar também pertence a ele.

O olhar proibitivo de Matthew silenciou-me de imediato, embora o século XXI não fosse o lugar para um príncipe renascentista. Um ano antes eu teria protestado contra a sua prepotência, mas agora eu sabia que o controle do meu marido estava pendurado por um fio muito tênue.

– Não ficarei sob o mesmo teto com um De Clermont, especialmente com ele – disse Hubbard apontando para Gallowglass.

– Andrew, já esqueceu que *você* é um De Clermont? Assim como Jack – disse Matthew.

– Nunca fui um De Clermont – disse Hubbard agressivamente.

– Depois que você bebeu o sangue de Benjamin, você nunca foi outra coisa. – A voz de Matthew soou cortante. – Nesta família, você faz o que eu digo.

– Família? – retrucou Hubbard em tom irônico. – Você fazia parte do bando de Philippe, e agora obedece a Baldwin. Você não tem sua própria família.

– Aparentemente, tenho. – A boca de Matthew se torceu pesarosa. – Hora de ir, Gallowglass.

– Muito bem, Matthew. Deixarei que me coloque para fora... desta vez, mas não estarei distante. E se meus instintos me disserem que surgiu algum problema, voltarei e mandarei a lei e a etiqueta dos vampiros para o inferno. – Gallowglass levantou-se e beijou-me no rosto. – Grite se precisar de mim, tia.

Matthew esperou que a porta se fechasse e depois se voltou para Hubbard.

– Qual foi exatamente a barganha que você fez com minha companheira? – ele perguntou.

– Foi minha culpa, Matthew. Fui eu que o procurei. – Confessei para acabar logo com aquilo.

A mesa reverberou sob a força do golpe de Matthew.

– Responda-me, Andrew.

– Concordei em proteger qualquer um que pertencesse a ela, inclusive você – disse Hubbard sucintamente. Nesse sentido ele era um De Clermont até os ossos... prestativo por nada, despojado até certo ponto.

– E em troca? – perguntou Matthew abruptamente. – Você não faria um

voto desses sem receber algo igualmente precioso em troca.

– Sua *companheira* deu-me uma gota de sangue... somente uma gota – disse Hubbard em tom rancoroso. Eu o tinha enganado ao seguir à risca o pedido e não a intenção. E pelo visto Andrew Hubbard se ressentira.

– Então, você sabia que eu era o seu avô? – perguntou Matthew. Não entendi que importância isso tinha.

– Sim – disse Andrew esverdeando.

Matthew o puxou por cima da mesa para que ficassem nariz com nariz.

– E o que você soube com essa gota de sangue?

– O verdadeiro nome dela... Diana Bishop. Nada mais, juro. A bruxa se valeu de magia para garantir isso. – Na língua de Hubbard o termo "bruxa" soou sujo e obsceno.

– Nunca mais tire proveito dos instintos protetores de minha mulher, Andrew. Se fizer isso de novo, terei sua cabeça. – O golpe de Matthew foi mais retumbante. – Por conta de sua lascívia, nenhum vampiro vivo me culparia por isso.

– O que vocês dois fazem a portas fechadas não me importa, se bem que importa para outros porque sua companheira está visivelmente grávida e não há resquícios do cheiro de outro homem nela. – Hubbard franziu os lábios em sinal de desaprovação.

Finalmente, entendi a pergunta anterior de Matthew. Ao pegar o meu sangue em busca dos meus pensamentos e minhas memórias, Andrew Hubbard tornava-se uma espécie de um voyeur vampiro das relações sexuais entre seu avô e sua avó. Se eu não tivesse encontrado um jeito de reduzir o fluxo de sangue a nada mais que uma gota conforme Hubbard solicitara, ele nos teria visto em nossa vida privada e talvez até conhecido os segredos de Matthew e os meus. Fechei os olhos bem apertados ao pensar no prejuízo que isso teria dado.

Ecoou um murmúrio da pasta de Andrew que nos distraiu. Lembrei que às vezes o ouvia durante uma palestra e algum aluno desligava o celular

repentinamente.

– Você deixou o celular no viva-voz – comentei com a atenção voltada para aquele rumorejar. – Alguém está deixando uma mensagem.

Matthew e Andrew franziram a testa.

– Não ouvi nada – disse Matthew.

– Eu não tenho telefone celular – disse Hubbard.

– Então, de onde está vindo isso? – perguntei olhando ao redor. – Será que alguém ligou o rádio?

– Só tenho isto aqui na minha pasta. – Hubbard abriu os dois fechos de bronze e retirou alguma coisa.

O burburinho soou mais alto e uma poderosa energia entrou pelo meu corpo, intensificando todos os meus sentidos. De repente, os fios que prendiam o mundo se agitaram, enrolando e retorcendo no espaço entre mim e a folha de velino que estava pendurada nos dedos de Andrew Hubbard. O meu sangue ressoou os tênues vestígios de magia agarrados à folha solitária do *Livro da vida*, e enquanto os meus pulsos queimavam, um frágil e conhecido odor de bolor e velhice enchia a sala.

Hubbard posicionou a folha à minha frente, mas eu já sabia que estampava dois dragões alquímicos acoplados, o sangue de seus ferimentos escoava até uma bacia de onde emergiam figuras pálidas e desnudas. Isso retratava a fase do processo alquímico posterior ao casamento entre a rainha lua e o rei sol: *conceptio*, a eclosão de uma nova e poderosa substância a partir da união dos opostos – masculino e feminino, luz e sombra, sol e lua.

Depois de algumas semanas à procura das folhas perdidas do Ashmole 782 na Beineck, de repente uma delas aparecia na minha sala de jantar.

– Edward Kelley enviou-me no outono depois que vocês partiram, recomendando-me que a deixasse fora de minha vista. – Hubbard entregou-me a folha.

Eu e Matthew tínhamos apenas entrevisto a iluminura no palácio de

Rodolfo. E mais tarde chegamos a especular que na verdade os dois dragões poderiam ser um dragão de fogo e um ouroboros. De fato, um dos dragões alquímicos era um dragão de fogo com duas pernas e asas, e o outro, uma serpente com a cauda na boca. O ouroboros se contorceu no meu pulso em reconhecimento, em cores brilhantes de possibilidades. Era uma imagem hipnotizante e, agora que tinha tempo para observá-la melhor, alguns pequenos detalhes me impressionaram: a expressão extasiada dos dragões, a maneira pela qual se olhavam nos olhos, o êxtase com que contemplavam os descendentes à medida que nasciam da bacia, e o impressionante equilíbrio entre essas duas poderosas criaturas.

– Jack se encarregou de garantir que a imagem de Edward estivesse a salvo sob qualquer circunstância. Peste, fogo, guerra... o garoto não permitia que nada a tocasse. Alegava que pertencia a você, sra. Roydon – disse Hubbard, interrompendo os meus devaneios.

– A mim? – Toquei no canto do pergaminho e um dos gêmeos deu um chute forte. – Não. Pertence a todos nós.

– Mesmo assim, você tem algum tipo de ligação especial com essa folha. Você é a única que consegue ouvi-la – disse Andrew. – Há muito tempo um bruxo sob os meus cuidados disse que essa folha pertencia ao primeiro livro de feitiços das bruxas. Mas um velho vampiro de passagem por Londres disse que pertencia ao *Livro da vida*. Peço a Deus que nenhuma das versões seja verdadeira.

– O que você sabe sobre o *Livro da vida*? – A voz de Matthew soou como o estrondo de um trovão.

– Sei que Benjamin o quer – disse Hubbard. – Meu pai cansou de dizer isso para Jack. Mas ele já mencionava o livro muito antes. Fazia tempo que o procurava em Oxford, antes mesmo do dia em que me fez vampiro.

Isso significava que Benjamin já procurava o *Livro da vida* na primeira metade do século XIV – já se interessava pelo livro muito antes de Matthew.

– Benjamin achou que o encontraria na biblioteca de um bruxo de Oxford. Chegou a levar um presente para trocar pelo livro: uma cabeça de bronze que supostamente servia de oráculo. – Hubbard assumiu um ar triste. – É uma pena que um homem seja levado pela superstição. *Não vos volteis para os ídolos e não mandeis fundir deuses de metal*, diz o Senhor.

Pelo que se dizia Gerbert de Aurillac possuíra um artefato milagroso como esse. E eu que pensava que Peter Knox era o membro da Congregação que mais se interessava pelo Ashmole 782. Será que Gerbert ligou-se a Benjamin por todos aqueles anos e acabou pedindo ajuda a Peter Knox?

– O bruxo de Oxford ficou com a cabeça de bronze, mas não em troca do livro – continuou Hubbard. – Algumas décadas depois, o meu senhor ainda o amaldiçoava pela dissimulação. Nunca descobri o nome desse bruxo.

– Talvez Roger Bacon... alquimista, filósofo e bruxo. – Matthew olhou para mim. Bacon possuíra o *Livro da vida* e o chamava de "o verdadeiro segredo dos segredos".

– A alquimia é uma das muitas bobagens das bruxas – disse Hubbard a princípio desdenhoso e em seguida ansioso. – Meus filhos me disseram que Benjamin está de volta à Inglaterra.

– Está, sim. Andou espionando o meu laboratório em Oxford. – Matthew não mencionou que naquele momento o *Livro da vida* encontrava-se a poucos quarteirões do laboratório. Não confiava em Hubbard, mesmo sendo o neto dele.

– Se Benjamin está na Inglaterra, como o manteremos longe de Jack? – perguntei aflita para Matthew.

– Jack vai voltar para Londres. Lá, meu senhor é tão pouco bem-vindo quanto você, Matthew. – Hubbard levantou-se. – Jack estará a salvo enquanto estiver comigo.

– Ninguém está a salvo de Benjamin. Jack não vai voltar para Londres.

– A nota de comando retornou à voz de Matthew. – Nem você, Andrew. Ainda não.

– Nós temos nos saído muito bem sem a sua interferência – retrucou Hubbard. – É um pouco tarde para querer dominar os filhos como um antigo pai romano.

– *Pater familias*. Tradição fascinante. – Matthew recostou-se na cadeira, envolvendo a taça de vinho com as mãos. Já não parecia mais um príncipe e sim um rei. – Imagine um homem com poder de vida e morte sobre esposa, filhos e servos, e também sobre os adotados pela família e os parentes próximos carentes de um pai forte. Isso me lembra o que você tentou realizar em Londres.

Matthew tomou um gole do vinho. A cada momento Hubbard parecia mais desconfortável.

– Meus filhos me obedecem de boa vontade – disse Hubbard rigidamente. – Eles me honram, como fazem os filhos piedosos.

– Que idealista – disse Matthew em dócil zombaria. – Você sabe quem introduziu o *pater familias*, é claro.

– Os romanos, como eu acabei de dizer – disse Hubbard rispidamente. – Sou culto, Matthew, apesar de suas dúvidas a respeito.

– Não. Foi Philippe. – Os olhos de Matthew brilharam divertidos. – Philippe achou que a sociedade romana se beneficiaria com uma boa dose da conhecida disciplina dos vampiros, o que seria um lembrete da importância do pai.

– Philippe de Clermont tornou-se culpado pelo pecado do orgulho. Deus é o único Pai verdadeiro. Você é um cristão, Matthew. Certamente concorda com isso. – O olhar de Hubbard espelhava o fervor de um crente verdadeiro.

– Talvez – disse Matthew, como se considerando seriamente o argumento do neto. – Mas enquanto Deus não nos chamar, eu mesmo terei que bastar. Goste ou não, Andrew, aos olhos dos outros vampiros eu sou o

seu *pater familias*, o chefe do seu clã, o seu alfa... chame como quiser. Sob a lei do vampiro, todos os seus filhos... incluindo Jack e todos os outros vira-latas adotados por você, sejam demônios, vampiros ou bruxas... todos eles são *meus*.

– Nada disso. – Hubbard balançou a cabeça. – Eu jamais quis alguma coisa da família De Clermont.

– O que você quer não importa. Não mais. – Matthew deixou o vinho de lado e pegou a minha mão.

– Para comandar a minha lealdade, você teria que reconhecer o meu senhor, Benjamin, como seu filho. E você *nunca* fará isso – disse Hubbard, com ar selvagem. – Como chefe dos De Clermont, Baldwin leva a sério a honra e a posição da família. Ele não permitirá que você ramifique o flagelo de seu sangue ao seu bel-prazer.

Antes que Matthew pudesse responder ao desafio de Andrew, Corra soltou um grito de alerta. Concluí que Jack tinha acordado e me levantei da cadeira para vê-lo. Quartos desconhecidos o aterrorizavam quando menino.

– Fique aqui – disse Matthew, apertando a minha mão.

– Ele precisa de mim! – protestei.

– Jack precisa de mão forte e limites consistentes – disse Matthew docilmente. – Ele sabe que você o ama. Mas ainda não consegue lidar com sentimentos muito intensos.

– Eu confio nele. – Minha voz tremeu de raiva e mágoa.

– E eu não – disse Matthew bruscamente. – Além da raiva, a ira do sangue também gera amor e lealdade.

– Não me peça para ignorá-lo. – Eu queria que ele deixasse o papel de *pater familias* de lado e se comportasse como um verdadeiro pai.

– Sinto muito, Diana. – Uma sombra instalou-se nos olhos de Matthew, uma sombra que me parecia extinta para sempre. – Preciso colocar as necessidades de Jack em primeiro lugar.

– Que necessidades são essas? – Jack apareceu à porta bocejando, com tufos de cabelo arrepiados em aparente alarme. Lobero passou pelo seu dono em direção a Matthew, em busca de reconhecimento pelo trabalho bem-feito.

– Você precisa caçar. Infelizmente, a lua está brilhante e não posso controlar o céu. – A mentira fluiu da língua de Matthew como mel. Ele afagou as orelhas de Lobero. – Vamos todos juntos... eu, você, seu pai e Gallowglass. Lobero também pode ir.

Jack franziu o nariz.

– Não estou com fome.

– Então, não se alimente. De qualquer forma, você vai caçar. Esteja pronto à meia-noite. Vou buscá-lo.

– Buscar-me? – Jack olhou para mim e para Hubbard. – Achei que eu ficaria aqui.

– Ficará depois que virar a esquina com Gallowglass e Miriam. Andrew estará com você – disse Matthew. – Esta casa não é grande o bastante para uma bruxa e três vampiros. Somos criaturas de hábitos noturnos, e Diana e os bebês precisam dormir.

Jack olhou para a minha barriga com ar melancólico.

– Eu sempre quis ter um irmão mais novo.

– Em vez disso você pode muito bem ter duas irmãs – disse Matthew rindo.

Abaixei a mão por instinto quando um dos gêmeos me chutou forte no ventre. Eles estavam extraordinariamente ativos desde a chegada de Jack.

– Estão se mexendo? – perguntou Jack ansioso. – Posso tocá-los?

Olhei para Matthew. O olhar de Jack deslizou até ele.

– Vou mostrar como se faz – disse Matthew em tom sereno, mas com um olhar afiado. Ele pegou a mão de Jack e apertou-a ao lado de minha barriga.

– Não senti nada – disse Jack, franzindo a testa concentrado.

Um fortíssimo pontapé, seguido por uma cotovelada aguda, chocou-se na parede do meu útero.

– Uau! – O rosto admirado de Jack postou-se a centímetros do meu. – Eles chutam assim o dia todo?

– Parece que sim. – Pensei em ajeitar o cabelo desgrenhado de Jack. Pensei em pegá-lo nos braços com a promessa de que ninguém mais iria feri-lo. Mas não pude lhe oferecer nenhum desses confortos.

Matthew sentiu a virada maternal do meu humor e retirou a mão de Jack, que por sua vez recebeu o gesto como rejeição e amarrou a cara. Fiquei furiosa com Matthew e tentei puxar a mão de Jack. Antes que pudesse fazer isso, Matthew me puxou pela cintura ao encontro dele. Era um inconfundível gesto de posse.

Os olhos de Jack escureceram.

Hubbard projetou-se para frente a fim de intervir, e Matthew o congelou com um olhar.

No espaço de cinco batidas do coração, os olhos de Jack retornaram ao normal. Quando reassumiram o tom castanho-esverdeado, Matthew lançou um sorriso de aprovação para ele.

– Seu instinto de proteção a Diana é inteiramente apropriado – disse Matthew para Jack. – Mas achar que precisa protegê-la de mim não o é.

– Perdão, Matthew – sussurrou Jack. – Isso não vai acontecer novamente.

– Aceito suas desculpas. Infelizmente, isso vai acontecer novamente. Não será fácil aprender a controlar essa doença... nem rápido. – O tom de Matthew mudou com muita rapidez. – Jack, dê um beijo de boa-noite em Diana, e se acomode na casa de Gallowglass. É uma igreja antiga ao virar da esquina. Você vai se sentir em casa.

– Ouviu isso, padre H? – Jack sorriu. – Será que ela tem morcegos no campanário como a sua?

– Já não tenho problemas com morcegos – disse Hubbard, com

amargura.

– Padre H ainda vive numa igreja na cidade. – Jack animou-se de repente – Não é aquela que você visitou. Aquela velha pilha incendiada. Essa outra também é quase toda assim, imagine só.

Sorri. Jack gostava de contar histórias e tinha talento para isso.

– Só a torre se manteve de pé. Padre H caprichou tão bem que quase não se nota que é apenas um monte de lixo. – Jack sorriu para Hubbard e beijou-me ligeiramente no rosto. Seu humor oscilava da ira do sangue à felicidade em um lapso de tempo. Ele saiu correndo escada abaixo. – Venha, Lobero. Vamos lutar com Gallowglass.

– À meia-noite – disse Matthew aos gritos. – Esteja pronto, Jack. E seja bom para Miriam. Se não agir assim, ela o fará desejar nunca ter renascido.

– Não se preocupe, já estou acostumado a lidar com mulheres difíceis! – disse Jack. Lobero latiu emocionado e rodeou as pernas de Jack para encorajá-lo a sair.

– Mantenha a folha consigo, sra. Roydon. Se Matthew e Benjamin a cobiçam, quero estar o mais longe possível disso – disse Andrew.

– Como você é generoso, Andrew. – A mão de Matthew disparou e fechou ao redor da garganta de Hubbard. – Mantenha-se em New Haven até que lhe diga para sair.

Os olhos de ambos se colidiram em ardósia e cinza-esverdeado. Andrew foi o primeiro a desviar o olhar.

– Vamos, padre H! – Quero ver a igreja de Gallowglass, e Lobero precisa de uma caminhada – gritou Jack.

– À meia-noite, Andrew. – As palavras de Matthew soaram cordiais, porém impregnadas de aviso.

Depois que a porta se fechou, os latidos de Lobero diminuíram aos poucos. Quando sumiram por inteiro, voltei-me para Matthew.

– Como você pôde...

A visão de Matthew com a cabeça enterrada nas mãos levou-me a uma parada abrupta. A raiva antes ardente esfriou. Ele ergueu os olhos, com o rosto devastado pela culpa e a tristeza.

– Jack... Benjamin... – Matthew estremeceu. – Deus me ajude, o que foi que eu fiz?



Sentado na poltrona oposta à cama onde Diana dormia, Matthew analisava um novo conjunto de testes que apresentavam resultados inconclusivos. Ele e Chris teriam que reavaliar a estratégia de pesquisa na reunião do dia seguinte. Face ao adiantado da hora, ele foi pego de surpresa pelo brilho da tela do celular.

Movendo-se com cuidado para não acordar a esposa, saiu do quarto em silêncio e desceu as escadas até a cozinha, onde poderia falar sem ser ouvido.

– Você precisa vir aqui – disse Gallowglass, com a voz rouca e baixa. – Agora.

A pele de Matthew arrepiou e os olhos subiram até o teto, como se pudessem ver através da argamassa o piso do quarto do andar de cima. Seu primeiro instinto sempre era o de protegê-la, mas estava claro que agora o perigo encontrava-se em outro lugar.

– Deixe a titia em casa – disse Gallowglass categoricamente, como se estivesse vendo as ações de Matthew. – Miriam está a caminho. – O telefone emudeceu.

Matthew continuou olhando para a tela, as cores brilhantes trouxeram uma nota de falsa alegria para as primeiras horas da manhã e logo se desvanecerem no pretume.

A porta da frente se abriu.

Matthew estava no alto da escada quando Miriam entrou. Ele a observou atentamente. Nenhuma gota de sangue, graças a Deus. Mas ela

estava de olhos arregalados e com uma expressão de assombro. Sua velha amiga e colega de profissão, que não se assustava com quase nada, estava visivelmente aterrorizada. Ele soltou um palavrão.

– O que há de errado? – Diana desceu do terceiro andar. Seu cabelo cor de cobre capturou toda a luz disponível na casa. – É Jack?

Matthew balançou a cabeça. Do contrário, Gallowglass não teria chamado.

– Só demoro um minuto – disse Diana, pensando em se vestir.

– Não, Diana – disse Miriam serena.

Diana petrificou e agarrou-se ao corrimão. Girou o corpo e encontrou os olhos de Miriam.

– Ele está m... morto? – sussurrou Diana entorpecida.

Matthew colocou-se ao lado da esposa no espaço de um batimento cardíaco humano.

– Não, *mon coeur*. Não está morto. – Ele sabia que o pior pesadelo de Diana era não poder dizer um adeus apropriado para um ser amado que se fosse. Mas o que quer que estivesse acontecendo na casa de Wooster Square, talvez pudesse ser pior.

– Fique com Miriam. – Matthew beijou os lábios enrijecidos da esposa. – Estarei de volta o mais rápido possível.

– Ele está se saindo muito bem – disse Diana. Fazia uma semana que Jack estava em New Haven, e sua ira do sangue diminuíra tanto em frequência como em intensidade. Os limites estritos de Matthew somados às consistentes expectativas já tinham feito uma diferença.

– Nós sabíamos que haveria retrocessos – disse Matthew, ajeitando uma sedosa mecha de cabelo atrás da orelha de Diana. – Sei que você não vai dormir, mas pelo menos tente descansar. – Claro que ela não faria nada senão andar de um lado para o outro e olhar pela janela até que ele voltasse com a notícia.

– Leia isto enquanto espera. – Miriam tirou uma espessa pilha de

artigos da bolsa, esforçando-se para soar leve e trivial e emanando um intenso odor agridoce de gálbano e romã. – Isto é tudo que você pediu. Acrescentei alguns outros artigos que talvez lhe interessem: estudos de Matthew sobre os lobos e algumas peças clássicas sobre a paternidade entre os lobos e o comportamento de matilha. É basicamente um dr. Spock para um pai vampiro moderno.

Matthew olhou espantado para Diana. Sua esposa o surpreendia mais uma vez. Ela ruborizou e pegou os artigos entregues por Miriam.

– Preciso entender como funciona essa coisa de família de vampiros. Vá logo. Diga a Jack que o amo. – A voz de Diana embargou. – Se for possível.

Matthew apertou a mão dela sem dizer nada. Não faria promessas a esse respeito. Jack teria que entender que seu acesso a Diana dependia do seu comportamento e da aprovação de Matthew.

– Prepare-se – sussurrou Miriam quando Matthew passou ao lado. – Não estou nem aí se Benjamin é seu filho. Se não matá-lo depois que vir a cena, eu o matarei.

Apesar do adiantado da hora, a casa de Gallowglass não era a única do bairro que ainda estava iluminada. Afinal, New Haven era uma cidade universitária. A maioria dos notívagos da Wooster Square procurava estranhas companhias, à vista de todos e com cortinas e persianas abertas. O que distinguia a casa dos vampiros eram as cortinas bem fechadas, apenas as frestas de luminosidade ao redor das janelas indicavam que alguém ainda estava acordado.

No interior da casa, lamparinas projetavam um brilho quente em alguns pertences pessoais. De resto, a decoração se reduzia a um mobiliário moderno dinamarquês em madeira clara, acentuado com antiguidades dispersas e salpicos de cor. Uma das mais bem guardadas de Gallowglass

estava enrolada no chão – uma esfarrapada bandeira vermelha do século XVIII que ele e Davy Hancock haviam surrupiado do seu amado navio de carga *Earl of Pembroke*, o mesmo que após uma reforma recebeu o nome de *Endeavour*.

Matthew farejou o ar. O odor agridoce que Diana comparava ao fogo de carvão impregnava a casa, e os acordes quase inaudíveis de Bach enchiam o ar. *Paixão segundo São Mateus* – a música que Benjamin colocara para tocar no seu laboratório enquanto torturava a bruxa mantida em cativeiro. O estômago de Matthew se trançou em um nó pesado.

Ele percorreu a sala de estar e se deteve abruptamente. Cada centímetro das paredes coberto por murais sombrios em tons de preto e cinza. Jack empunhava um lápis macio de artista em cima de um andaime improvisado com algumas peças do mobiliário. No piso, tocos de lápis e pedaços de papel com esboços em carvão deixados de lado.

Os olhos de Matthew varreram as paredes do piso ao teto. Detalhes de paisagens, estudos de animais e plantas quase microscópicos pela precisão e impressionantes retratos ligados uns aos outros em linhas e formas de tirar o fôlego que desafiavam a lógica pictórica. O efeito geral era ao mesmo tempo belo e perturbador, como se sir Anthony van Dyck tivesse pintado *Guernica* de Picasso.

– Cristo. – Matthew automaticamente fez o sinal da cruz com a mão direita.

– Faz duas horas que Jack ficou sem papel – disse Gallowglass com ar severo, apontando os cavaletes na janela da frente. Cada cavalete com uma única folha, mas as pilhas de folhas que cercavam os tripés sugeriam que as folhas apoiadas em seus suportes tinham sido selecionadas de uma série maior de desenhos.

– Matthew. – Chris saiu da cozinha tomando uma caneca de café preto, o aroma dos grãos torrados se misturou ao amargo cheiro de Jack.

– Aqui não é lugar para um sangue-quente, Chris – disse Matthew, mantendo um olhar cauteloso em Jack.

– Prometi a Miriam que ficaria aqui. – Chris sentou-se e apoiou a caneca de café no braço largo de uma velha poltrona de fazenda. E quando se virou, o tecido do assento rangeu como a vela de um barco. – Quer dizer que Jack é mais um neto seu?

– Agora não, Chris. Onde está Andrew? – disse Matthew de olho em Jack, que continuava desenhando.

– Foi pegar mais lápis lá em cima. – Chris tomou um gole de café e fixou os olhos escuros nos detalhes do desenho de Jack: uma mulher nua com a cabeça jogada para trás em agonia. – Estou louco que ele retorne aos desenhos de narcisos.

Matthew passou a mão na boca para remover a acidez que emergia do estômago. Graças a Deus Diana não o tinha acompanhado. Jack nunca mais a olharia nos olhos se ela tivesse visto aquilo.

Logo depois Hubbard retornou à sala de estar e deixou uma caixa com mais suprimentos na escadinha onde Jack se equilibrava. Absorto no trabalho, ele não reagiu à presença de Hubbard mais do que reagira à chegada de Matthew.

– Vocês deviam ter me chamado mais cedo. – Matthew manteve a voz deliberadamente calma. Apesar do esforço, Jack se voltou com olhos vítreos para ele à medida que a ira do sangue captava a tensão no ar.

– Jack já fez isso antes – disse Hubbard. – Desenhou nas paredes do quarto dele e nas paredes da cripta da igreja. Mas nunca fez tantas imagens assim e com tanta rapidez. E nunca... – Ele olhou para cima.

Os olhos, o nariz e a boca de Benjamin ocupavam uma parede e ele olhava para Jack mais abaixo com uma expressão dividida em partes iguais de cobiça e maldade. Eram traços inconfundíveis de crueldade, e sinistros demais para se abrigarem nos contornos de um rosto humano.

Jack se moveu alguns metros ao longo do retrato de Benjamin e

começou a fazer um esboço na última parede vazia. As imagens ao redor da sala seguiam uma sequência aproximada dos eventos transcorridos desde os tempos de Jack em Londres, antes de ter sido feito vampiro por Hubbard, até o momento presente. Os cavaletes na janela eram o ponto de partida de Jack para aquele ciclo de imagens perturbadoras.

Matthew examinou-as. Espelhavam aquilo que os artistas chamam de estudo – um único elemento de uma cena maior que os ajuda a entender os problemas específicos de composição e perspectiva. O primeiro desenho era a mão de um homem cuja pele rude e sulcada indicava pobreza e trabalho manual. No outro cavalete, a imagem cruel de uma boca sem dentes. No terceiro desenho, cadarços amarrados de um calção masculino junto a um dedo prestes a desamarrá-los. No último, a ponta de uma faca pressionando o osso proeminente do quadril de um menino, como se a deslizar pela pele.

Enquanto Matthew unia mentalmente as imagens solitárias – mão, boca, calção, faca – a *Paixão segundo São Mateus* trovejava ao fundo. Ele soltou um palavrão perante uma cena abusiva que saltou à mente.

– Uma das primeiras lembranças de Jack – disse Hubbard.

Matthew lembrou que teria puxado a orelha de Jack no primeiro encontro que tiveram se Diana não tivesse interferido. Isso o tornava igual às outras criaturas que ao se relacionarem com Jack faziam uso da violência e não da compaixão.

– Jack já teria se destruído se não fosse pela arte e a música. Nós sempre agradecemos a Deus pelo presente de Philippe. – Andrew apontou para um violoncelo apoiado no canto.

Matthew reconheceu o instrumento de imediato. Ele e o *signor* Montagnana, o veneziano que confeccionara o instrumento, haviam se referido ao violoncelo como "a duquesa de Marlborough", pelas generosas e elegantes curvas. Matthew aprendera a tocar com a duquesa quando os alaúdes caíram em desuso e foram substituídos por violinos, violas e

violoncelos. A duquesa desaparecera misteriosamente durante uma viagem que Matthew fez a Nova Orleans para disciplinar a ninhada de filhos de Marcus. Na volta perguntou a Philippe sobre o paradeiro do instrumento, mas o pai deu de ombros murmurando algo sobre Napoleão e um inglês, uma explicação sem sentido algum.

– Jack sempre escuta Bach enquanto desenha? – perguntou Matthew baixinho.

– Ele prefere Beethoven. Só começou a ouvir Bach depois... você sabe. – A boca de Hubbard crispou-se.

– Talvez esses desenhos ajudem a encontrar Benjamin – disse Gallowglass.

Os olhos de Matthew percorreram os rostos e lugares ali estampados em busca de pistas significativas.

– Chris já tem fotos disso – assegurou Gallowglass.

– E um vídeo. Já que ele retratou... argh, aquele cara – acrescentou Chris, evitando pronunciar o nome de Benjamin enquanto acenava para Jack, que continuava desenhando e cantando baixinho.

Matthew ergueu a mão pedindo silêncio.

– *Todos os cavalos do rei e todos os homens do rei / Não puderam juntar os cacos de Jack*. – Jack estremeceu e soltou um cotoco de lápis. Andrew entregou-lhe outro lápis e ele iniciou um novo estudo detalhado de uma mão masculina erguida em gesto de súplica.

– Graças a Deus. O frenesi de Jack está chegando ao fim. – Hubbard descontraiu os ombros. – Logo ele estará de volta ao bom senso.

Matthew aproveitou o momento e seguiu silencioso até o violoncelo e o segurou pelo braço. Pegou o arco que Jack deixara descuidadamente no chão, sentou-se na beirada de uma cadeira, aproximou o ouvido do instrumento e feriu as cordas com o arco. Ele ainda conseguia ouvir os tons do violoncelo acima dos acordes de Bach que soavam nos alto-falantes sobre uma estante ao lado.

– Desligue essa música – disse para Gallowglass enquanto ajustava as cravelhas para afinar o instrumento antes de tocá-lo. O som do violoncelo confrontou-se com coro e orquestra durante alguns compassos, até que a grande obra do coral de Bach emudeceu. Matthew derramou outra música no vácuo, como um passo intermediário entre os acordes histriônicos da *Paixão* e algo que talvez pudesse ajudar Jack a recuperar a estabilidade emocional.

Foi uma peça escolhida a dedo: *Lacrimosa*, Réquiem de Johann Christian Bach. Surpreendido pela mudança do acompanhamento musical, Jack repousou a mão na parede e se deixou penetrar pela música, respirando lenta e regularmente. E quando retomou os esboços preferiu desenhar os contornos da Abadia de Westminster ao sofrimento de alguma outra criatura.

Matthew tocou de cabeça inclinada em súplica. Se um coro estivesse presente, conforme o projeto do compositor, a missa estaria sendo cantada em latim para os mortos. Mas Matthew estava sozinho e por isso imprimiu a tristeza das vozes humanas ausentes nos tons do violoncelo.

Lacrimosa dies illa, entoou o violoncelo de Matthew. *Dia de lágrimas/ Aquele em que o homem pecador/ renasça da sua cinza para ser julgado.*

Tende, pois, piedade dele, ó Deus, orou Matthew enquanto executava o acorde seguinte, pondo fé e angústia em cada curso do arco.

Ao final da *Lacrimosa* seguiram-se os acordes da *Sonata nº 1 para violoncelo em fá maior,* de Beethoven. Embora o compositor a tivesse composto para piano e violoncelo, Matthew esperava que Jack estivesse familiarizado com a peça a ponto de poder preencher as notas que faltavam.

À medida que a música era executada, os traços do lápis de carvão vegetal de Jack tornavam-se cada vez mais suaves. E nesses traços Matthew reconheceu a tocha da Estátua da Liberdade e o campanário da Igreja Central de New Haven.

Embora a loucura temporária de Jack pudesse diminuir à medida que ele se deslocasse para os dias presentes, Matthew sabia que ele ainda não estava livre dela.

Faltava uma imagem.

Para ajudar Jack a se envolver, Matthew optou por uma de suas peças favoritas: o inspirador e esperançoso *Réquiem* de Fauré. Muito antes de ter conhecido Diana, uma das grandes alegrias de Matthew era ouvir o coro da New College executando-o. Foi somente nos acordes da última seção, *In Paradisum*, que a expectativa de Matthew tomou forma sob a mão de Jack. A essa altura Jack já desenhava em sintonia com a imponente peça musical. Seu corpo balançava ao sabor da sonoridade pacífica que ecoava do violoncelo.

– *Que um coro de anjos te receba, e com Lázaro, / O que fora pobre, tenhas o descanso eterno*. – Matthew sabia os versos de cor porque acompanharam o corpo da igreja à sepultura... um lugar de paz geralmente negado a criaturas como ele. Matthew cantara essas mesmas palavras por sobre o corpo de Philippe, e com elas pranteara a morte de Hugh e se punira com a morte de Eleanor e Celia, além de tê-las repetido durante quinze séculos cada vez que chorava por Blanca e Lucas, sua esposa e seu filho sangue-quente.

Naquela noite, no entanto, as familiares palavras levaram Jack – acompanhado por Matthew – a um lugar de segundas chances. Matthew observou fascinado enquanto Jack trazia o lindo e conhecido rosto de Diana à vida na superfície cremosa da parede. Com os olhos bem abertos e cheios de alegria, ela entreabria os lábios de espanto ao iniciar um sorriso. Matthew perdera aqueles preciosos momentos em que Diana conheceu Jack pela primeira vez. E agora ele os testemunhava.

O retrato só confirmava aquilo que Matthew já suspeitava: Diana é quem tinha o poder de trazer o círculo completo da vida para Jack. Se ele fazia Jack se sentir seguro como qualquer pai o faria, Diana era quem o

fazia se sentir amado.

Matthew continuou burilando as cordas com o arco, os dedos pressionavam agilmente e atraíam a música para fora. Finalmente, Jack se deteve, o lápis tombou de suas mãos desfalecidas e atingiu ruidosamente o chão.

– Você é um artista danado, Jack – disse Chris, inclinando-se no assento para visualizar melhor a imagem de Diana.

Os ombros de Jack caíram esgotados e ele girou os olhos à procura de Chris. Seus olhos estavam nebulosos de exaustão, mas sem nenhum sinal da ira do sangue. Logo reassumiram um tom castanho-esverdeado.

– Matthew. – Jack pulou do andaime e, depois de cruzar o ar, pousou silencioso como um gato.

– Bom-dia, Jack. – Matthew deixou o violoncelo de lado.

– Era você que estava tocando? – perguntou Jack com ar confuso.

– Achei que você se beneficiaria com algo menos barroco. Talvez o século XVII seja um pouco floreado para os vampiros. É melhor tomá-lo em pequenas doses – respondeu Matthew levantando-se e olhando para a parede.

Jack passou a mão trêmula na testa quando se deu conta do que tinha feito.

– Sinto muito – disse aflito. – Vou pintá-la, Gallowglass. Hoje mesmo. Eu prometo.

– Não! – exclamaram em uníssono Matthew, Gallowglass, Hubbard e Chris.

– Mas as paredes. – Jack protestou. – Arruinei tudo.

– Não mais do que Da Vinci ou Michelangelo fizeram – disse Gallowglass docilmente. – Ou Matthew, que chegou a cogitar isso com seus rabiscos no palácio do imperador em Praga.

O humor iluminou os olhos de Jack e um segundo depois a luz apagou.

– Um cervo correndo é uma coisa. Mas ninguém vai querer ver imagens

como essas... nem mesmo eu – ele disse enquanto observava o desenho de um cadáver em decomposição flutuando de barriga para cima nas águas de um rio.

– A arte e a música afloram do coração – disse Matthew, pegando o bisneto pelo ombro. – Mesmo os recônditos mais escuros devem ser trazidos à luz do dia, senão acabam crescendo e engolem um homem inteiro.

Jack se mostrou desconsolado.

– E se já tiverem feito isso?

– Você não teria tentado salvar aquela mulher se estivesse completamente entregue às sombras. – Matthew apontou para uma figura desolada que olhava para uma mão estendida. Essa mão parecia a de Jack, até no detalhe da cicatriz na base do polegar.

– Mas não pude salvá-la. Ela ficou com medo de me deixar ajudá-la. Medo de mim! – Jack tentou se afastar, mas seu cotovelo estalou com o esforço. Matthew o impediu de sair.

– A escuridão *dela* é que a deteve... o medo *dela própria*, não de você – insistiu Matthew.

– Não acredito em você – disse Jack, agarrando-se teimosamente à noção de que a ira do sangue o tornava culpado fosse do que fosse. Matthew tinha assim uma pequena amostra do que Philippe e Ysabeau haviam padecido com as firmes recusas dele próprio para aceitar a absolvição.

– Isso porque tem dois lobos lutando dentro de você. Todos nós temos. – Chris juntou-se a Matthew.

– O que quer dizer? – perguntou Jack, agora cauteloso.

– É de uma antiga lenda cherokee... que minha avó Nana Bets aprendeu com a avó dela.

– Você não parece um cherokee – disse Jack, estreitando os olhos.

– Você ficaria surpreso com o que tenho no meu sangue. Sou mais

francês e africano, com pitadas de inglês, escocês, espanhol e indígenas americanos na mistura. Sou realmente muito parecido com você. O fenótipo pode ser enganoso – disse Chris sorrindo. Jack pareceu confuso e Matthew anotou mentalmente a compra de um livro básico de biologia para o rapaz.

– Buuu – exclamou Jack com ar cético, fazendo Chris rir. – E os lobos?

– Segundo o povo de minha avó existem dois lobos dentro de cada criatura: um mau e o outro bom. Passam o tempo todo tentando se destruir mutuamente.

Era a melhor descrição da ira do sangue, pensou Matthew consigo mesmo, feita por alguém que não apresentava a doença.

– O lobo mau em mim está ganhando. – Jack pareceu triste.

– Não precisa ser assim – disse Chris. – Nana Bets dizia que o lobo que ganha é o lobo que você alimenta. O lobo mau se alimenta de raiva, culpa, tristeza, mentira e arrependimento. Já a dieta do lobo bom é de amor e honestidade, temperados com grandes colheradas de compaixão e fé. Ou seja, se quiser que o lobo bom vença, você terá que deixar o outro passar fome.

– E se eu não conseguir parar de alimentar o lobo mau? – Jack pareceu preocupado. – E se eu falhar, o que acontece?

– Você não vai falhar – disse Matthew, com firmeza.

– Não deixaremos você falhar – disse Chris balançando a cabeça. – Somos cinco nesta sala. Sem chance para o lobo mau.

– Cinco? – sussurrou Jack, passando os olhos por Matthew, Gallowglass, Hubbard e Chris. – Vocês vão me ajudar?

– Cada um de nós – disse Chris, pegando a mão de Jack e balançando a cabeça em afirmativa.

Matthew pousou a mão em cima das outras mãos em obediência.

– Todos por um e tudo mais. – Chris voltou-se para Gallowglass. – O que está esperando? Junte-se a nós.

– Bah. Os mosqueteiros eram todos idiotas. – Gallowglass caminhou em direção ao grupo de cenho franzido. Apesar das palavras de desprezo, o sobrinho de Matthew pôs mão em cima das outras mãos. – Não diga nada para Baldwin, jovem Jack, ou darei a esse seu lobo mau uma dose dupla de jantar.

– E você, Andrew? – Chris o interpelou no outro lado da sala.

– Acho que o ditado diz *"un pour tous, tous pour un"* e não "todos por um e tudo mais".

Matthew fez uma careta. Embora corretas, as palavras de Hubbard com o sotaque de East End de Londres tornava-as praticamente ininteligíveis. Philippe deveria ter enviado um tutor francês junto com o violoncelo.

A mão esquálida de Hubbard foi a última a juntar-se à pilha. Matthew considerou o movimento do polegar do padre de cima para baixo e depois da direita para a esquerda como se concedendo uma bênção para aquele estranho pacto. Formavam um bando improvável, pensou Matthew: três criaturas associadas pelo sangue, uma quarta, pela lealdade, e uma quinta que se juntava às outras sem nenhum motivo aparente senão o de ser um bom homem.

O que ele esperava é que juntos pudessem ajudar na cura de Jack.

No rescaldo de sua atividade furiosa, Jack quis falar. Sentou-se com Matthew e Hubbard na sala de estar e, cercado do passado, transferiu o peso de algumas de suas experiências angustiantes para os ombros de Matthew. A respeito de Benjamin, no entanto, não disse uma única palavra. Isso não surpreendeu Matthew. De que forma as palavras poderiam expressar o horror que Jack sofrera nas mãos de Benjamin?

– Vamos, Jackie – Gallowglass o interrompeu, segurando a coleira de Lobero. – O Esfregão precisa de uma caminhada.

– Eu também quero um pouco de ar fresco. – Andrew se desenrolou de

uma insólita poltrona vermelha que mais parecia uma peça de escultura moderna, se bem que Matthew achava que era surpreendentemente confortável.

Depois que a porta da frente se fechou, Chris chegou à sala de estar com uma xícara de café. Matthew se perguntou como alguém poderia sobreviver com tanta cafeína nas veias.

– Falei com seu filho esta noite, seu outro filho, Marcus. – Chris sentou-se na cadeira de fazenda, como sempre. – Cara legal. Inteligente também. Você deve ter um baita orgulho dele.

– Tenho, sim – disse Matthew cauteloso. – Por que Marcus telefonou?

– Nós é que telefonamos para ele. – Chris tomou um gole do café. – Miriam achou que ele precisava ver o vídeo. Ele viu e concordou que devemos ter um pouco mais de sangue do Jack. Pegamos duas amostras.

– Vocês *o quê*? – Matthew ficou horrorizado.

– Hubbard me deu permissão. É o parente mais próximo de Jack – respondeu Chris com toda calma.

– Acha mesmo que esse tipo de consentimento me preocupa? – Matthew quase não conseguiu manter seu temperamento sob controle. – Tirar sangue de um vampiro no auge de uma crise da ira do sangue, você podia ter morrido.

– Foi uma ótima oportunidade para acompanhar as mudanças químicas no corpo de um vampiro no início de uma crise da ira do sangue – disse Chris. – Uma informação necessária se quisermos ter uma chance de conseguir um medicamento que possa atenuar os sintomas.

Matthew franziu o cenho.

– Atenuar os sintomas? Nós estamos à procura de uma cura.

Chris se abaixou, pegou uma pasta e estendeu para Matthew.

– Últimas descobertas.

Tanto Hubbard como Jack tinham cedido saliva e amostras de sangue. Embora tivessem se apressado em participar do processo, a data para o

relatório do genoma de ambos ainda estava incerta. Matthew pegou a pasta com a ponta dos dedos por temer o que poderia encontrar lá dentro.

– Sinto muito, Matthew – disse Chris, com pesar sincero.

Matthew correu os olhos nos resultados enquanto virava as páginas.

– Marcus identificou. Ninguém mais conseguiria. Não estávamos procurando no lugar certo – explicou Chris.

Matthew não conseguiu absorver o que estava vendo. Aquilo mudava... tudo.

– Jack tem mais gatilhos no DNA não codificante que você. – Chris fez uma pausa. – Preciso lhe perguntar, Matthew. Você tem certeza de que pode confiar em Jack perto da Diana?

Antes que Matthew pudesse responder, a porta da frente se abriu, sem a zoeira habitual que acompanhava a aparição de Jack, nem o assobio alegre de Gallowglass e nem o sermão piedoso de Andrew. Só se ouviu um ganido baixinho de Lobero.

As narinas de Matthew se abriram e ele se pôs de pé, os resultados dos testes espalharam-se ao redor. E ele disparou até a porta de entrada como um raio.

– Que diabos? – disse Chris seguindo-o.

– Encontramos alguém enquanto estávamos caminhando – disse Gallowglass conduzindo um Lobero relutante para dentro de casa.



— Mexa-se – ordenou Baldwin, segurando Jack pelo cangote. Matthew já tinha visto aquela mão arrancar a cabeça de outro vampiro.

Jack não testemunhara o episódio brutal, mas sabia que se encontrava do mesmo jeito sob a misericórdia de Baldwin. Além de pálido e de olhos arregalados, o rapaz estava com as pupilas negras e dilatadas. E não surpreendeu que tivesse obedecido a Baldwin sem hesitação.

Lobero também pressentiu isso. Embora ainda seguro pela coleira, o cachorro rodeava os pés de Gallowglass de olhos fixos no seu dono.

– Está tudo bem, Esfregão – sussurrou Jack para o seu cachorro, sem convencê-lo disso.

– Algum problema, Matthew? – Chris se aproximou tanto que sentiu a respiração de Matthew.

– Sempre há problemas – disse Matthew amarrando a cara.

– Vá para casa – disse Jack para Chris. – Leve o Esfregão com você e ... – Jack se deteve estremecido. O sangue escorreu do hematoma escuro deixado no pescoço dele pelos dedos de Baldwin.

– Eles ficam – afirmou Baldwin sibilando.

Jack cometera um erro estratégico. O prazer de Baldwin era destruir aquilo que outros amavam. Talvez alguma experiência do passado tivesse moldado esse impulso, embora Matthew não fizesse ideia do que poderia ter sido. Baldwin nunca deixaria Chris sair junto com Esfregão naquela hora. Nunca faria isso até que obtivesse o que pretendia.

– E aqui você não dá ordens. Você as acata. – Baldwin teve o cuidado

de manter o rapaz entre ele e Matthew enquanto o empurrava para a sala de estar. Era uma tática devastadoramente simples e eficaz que trazia de volta dolorosas lembranças.

Jack não é Eleanor, disse Matthew para si mesmo. Jack também era um vampiro. Mas era sangue de Matthew, e Baldwin poderia usá-lo para obter a obediência de Matthew.

– Essa sua proeza na praça será seu último desafio a mim, seu vira-lata. – Nos ombros da camisa de Baldwin se viam marcas de dentes, além das gotas de sangue por todo o tecido rasgado.

Cristo. Jack tinha mordido Baldwin.

– Mas eu não sou seu. – Jack se desesperou. – Diga a ele que pertenço a você, Matthew!

– E a quem você acha que Matthew pertence? – sussurrou Baldwin no ouvido de Jack em silenciosa ameaça.

– A Diana. – Jack rosnou enquanto girava em torno do seu captor.

– Diana? – A risada de Baldwin era de zombaria, e o golpe que Jack recebeu teria nocauteado um sangue-quente com o dobro do tamanho e do peso dele. Isso o levou a dobrar os joelhos sobre o piso de madeira dura. – Venha aqui, Matthew. E cale esse cachorro.

– Repudie Jack na frente do senhor De Clermont e o verei no inferno pessoalmente – sussurrou Hubbard agarrando Matthew pela manga de passagem.

Matthew o olhou com frieza e o fez abaixar o braço.

– Deixe-o ir. Ele é meu sangue – disse Matthew, postando-se na sala. – E depois volte para Manhattan que é seu lugar, Baldwin.

– Oh! – exclamou Chris, com um tom que sugeria que finalmente ele via a luz. – É claro. Você vive no Central Park, não é?

Baldwin não respondeu. Na realidade, ele era proprietário de grande parte daquele trecho da Quinta Avenida e sempre estava de olho atento em seus investimentos. Inclusive expandira recentemente o seu terreno de caça

no Meatpacking District, incrementando discotecas para complementar os açougues, mas via de regra preferia não residir onde se alimentava.

– Não é à toa que você é esse filho da puta cheio de títulos – acrescentou Chris. – Bem, amigo, agora você está em New Haven. E aqui jogamos com regras diferentes.

– Regras? – disse Baldwin. – Em New Haven?

– Sim. Todos por um e tudo mais. – Era o chamado de Chris às armas.

Matthew estava tão próximo que sentiu a dilatação dos músculos de Chris e já estava de sobreaviso quando a pequena faca passou por sua orelha. Além de fina a lâmina era tão insignificante que mal teria danificado a pele de um ser humano e muito menos a pele dura de Baldwin. Matthew interceptou-a no ar e apertou-a entre as pontas dos dedos antes que pudesse atingir o alvo. Chris fez uma careta de censura e Matthew sacudiu a cabeça em negativa.

– Não. – Matthew podia ter deixado Chris desferir uma boa porrada na cara do outro, mas Baldwin tinha uma vista estreita em relação aos privilégios cedidos para os sangues-quentes. Ele então se voltou para Baldwin. – Saia daqui. Jack é meu sangue, e meu problema.

– E perder toda a diversão? – Baldwin inclinou a cabeça de Jack para o lado. E Jack o fulminou com um olhar negro e mortal. – Quanta semelhança, Matthew.

– Ainda bem que sim – disse Matthew em tom frio e sorrindo apertado para Jack enquanto assumia a guia de Lobero, tirando-a de Gallowglass. O cão se acalmou na mesma hora. – Baldwin deve estar com sede. Ofereça-lhe uma bebida, Gallowglass.

Talvez isso adoçasse o humor de Baldwin e deixasse Jack a uma distância segura. Matthew poderia mandá-lo para a casa de Marcus junto com Hubbard. Essa alternativa era melhor que a casa de Diana na Court Street. Se sua esposa sentisse a presença de Baldwin, ela se municiaria com um dragão de fogo e um raio na Wooster Square.

– A despensa está abarrotada – disse Gallowglass. – Café, vinho, água, sangue. Mas posso providenciar um pouco de cicuta e mel, se você preferir, tio.

– Apenas esse rapaz pode saciar a minha sede. – Sem aviso ou preâmbulo, Baldwin enfiou os dentes no pescoço de Jack. Uma mordida selvagem e deliberada.

Era uma justiça entre vampiros – rápida, inflexível, sem remorsos. Pelas infrações menores, a punição do senhor consistia apenas em uma exibição pública de submissão. Por intermédio do sangue o senhor recebia um filete dos pensamentos e lembranças íntimas de seu descendente. O ritual despia a alma do vampiro submetido e o deixava vergonhosamente vulnerável. Da mesma forma que a caça, a aquisição de segredos de outra criatura pelos meios à mão alimentava a parte da alma do vampiro que sempre estava à procura de mais.

Pelas ofensas mais significativas, o ritual de submissão era seguido de morte. O assassinato de outro vampiro, além de ser física, emocional e espiritualmente desgastante, também era devastador. Por isso, a maioria dos reprodutores de outros vampiros nomeava um dos parentes para fazer isso. Embora ao longo dos séculos Philippe e Hugh tivessem polido a fachada dos De Clermont com raro brilho, Matthew era quem realizava todo o trabalho sujo da casa.

Ele conhecia as centenas de maneiras de matar um vampiro. Podia beber o vampiro todo até secá-lo, como tinha feito com Philippe. Podia levar o vampiro ao enfraquecimento físico, liberando-o lentamente de todo o sangue até deixá-lo no temido estado de suspensão conhecido como escravidão. Impossibilitado de reagir, o vampiro podia ser torturado para confessar ou receber a misericordiosa permissão de morrer. Ainda havia a decapitação e a evisceração, mas alguns preferiam o método mais antigo de perfuração da caixa torácica e extração do coração. Podia-se também cortar a carótida e a aorta, um método que a adorável assassina Juliette

tentara sem êxito com Gerbert.

Matthew orou para que a tomada do sangue e das memórias de Jack fosse suficiente para Baldwin naquela noite.

Tarde demais, ele lembrou que as memórias de Jack guardavam contos ainda não contados.

Tarde demais, ele sentiu o odor de madressilva e de tempestades de verão.

Tarde demais, ele viu Diana soltar Corra.

O dragão de fogo ergueu-se dos ombros de Diana e alçou voo. Mergulhou aos gritos em direção a Baldwin, com as garras estendidas e as asas em chamas. Com a mão livre, Baldwin pegou o dragão de fogo pelo pé e o arremessou contra uma parede a certa distância. O impacto amassou a asa de Corra e fez Diana se dobrar agarrada ao próprio braço em dor súbita, mas isso não abalou a determinação dela.

– Tire suas mãos. Tire. Do meu filho. – A pele de Diana brilhou e o imperceptível nimbo que se tornava perceptível sem o feitiço de disfarce se afigurou em luz prismática. Um arco-íris colorido emergiu da pele de Diana – não apenas das mãos, mas também dos braços e retorcendo-se em espiral ao longo dos tendões do pescoço, como se cordas tivessem se estendido dos dedos pelo corpo inteiro.

Lobero se precipitou até a extremidade da guia na tentativa de alcançar o dragão de fogo e Matthew então soltou a guia. Lobero se agachou sobre Corra, lambendo-lhe o rosto e empurrando-a com o focinho a fim de ajudá-la a se levantar e ajudar Diana.

Mas Diana não precisava de ajuda – nem de Matthew nem de Lobero e nem mesmo de Corra. A esposa de Matthew aprumou-se e estendeu a mão esquerda com a palma e os dedos virados para baixo. As tábuas de madeira se fragmentaram e reassumiram a forma de grossas estacas que se ergueram e se enroscaram em torno dos pés de Baldwin, mantendo-o no mesmo lugar. Espinhos longos, afiados e letais emergiram dos brotos,

cavando através das roupas e da carne dele.

Diana olhou fixamente para Baldwin, estendeu a mão direita e puxou. O pulso de Jack moveu-se para fora e para o lado, como se preso a ela. O resto do corpo acompanhou o movimento e um segundo depois ele estava deitado sobre um montículo no solo, fora do alcance de Baldwin.

Adotando uma postura semelhante à de Lobero, Matthew debruçou-se sobre o corpo de Jack para protegê-lo.

– Chega, Baldwin. – A mão de Matthew cortou o ar.

– Sinto muito, Matthew. Ele chegou do nada e seguiu direto até Gallowglass. Quando sou surpreendido... – sussurrou Jack ainda no chão, estremecendo em seguida com os joelhos encolhidos no peito. – Eu não sabia quem era ele.

Miriam entrou na sala. Esquadrinhou a cena e assumiu o comando. Apontou para Gallowglass, Hubbard e Jack, e depois olhou preocupada para Diana, que estava imóvel e sem piscar, como se tivesse criado raízes na sala de estar.

– Jack está bem? – perguntou Chris, com a voz tensa.

– Ele vai ficar bem. Todo vampiro vivo é mordido pelo dono ao menos uma vez – disse Miriam, tentando aquietar a mente. Chris não pareceu reconfortado com essa revelação sobre a vida familiar da criatura.

Matthew ajudou Jack a se levantar. A marca da mordida no pescoço era superficial e a cura seria rápida, mas naquele momento parecia horrível. Matthew acariciou-a para garantir a Jack que ele ficaria bem, como Miriam prometera.

– Você está vendo Corra? – perguntou Matthew para Miriam enquanto entregava Jack para Gallowglass e Hubbard.

Miriam assentiu com a cabeça.

Matthew atravessou a sala em segundos e agarrou Baldwin pela garganta.

– Eu quero sua palavra de que sairá daqui, se Diana permitir, sem

encostar um só dedo nela pelo que aconteceu aqui esta noite. – Os dedos de Matthew apertaram ainda mais a garganta. – Do contrário o matarei, Baldwin. Não tenha dúvida sobre isso.

– Ainda não terminamos aqui, Matthew – disse Baldwin.

– Eu sei. – Matthew olhou no fundo dos olhos do irmão até receber um aceno afirmativo de cabeça.

Depois, voltou-se para Diana cuja pele ainda pulsava de cores. Isso o fez se lembrar da bola brilhante de energia presenteada por ela em Madison, antes que ambos soubessem que ela era uma tecelã. As cores brilhavam intensamente nos dedos dela, como se a magia estivesse prestes a ser lançada. Matthew sabia o quão imprevisível era a sua própria ira do sangue quando estava perto de vir à tona e por isso tratou a esposa com cautela.

– Diana? – Ele delicadamente puxou o cabelo dela para trás, em busca dos olhos azuis e dourados daquele rosto como sinal de reconhecimento. Em vez disso, aqueles olhos fixavam algum ponto invisível do infinito. Ele mudou de tática, tentando trazê-la de volta para o aqui e agora.

– Jack já está com Gallowglass e Andrew, *ma lionne*. Baldwin não irá feri-lo esta noite. – Matthew escolheu as palavras com muito cuidado. – É melhor levá-lo de volta para casa.

Chris deu um passo à frente a fim de protestar.

– Talvez Chris vá com você – continuou Matthew suavemente. – Corra e Lobero também.

– Corra – balbuciou Diana com um brilho nos olhos, mas nem mesmo a preocupação com o dragão de fogo quebrou aquele olhar hipnotizado.

Matthew perguntou se ela estava vendo alguma coisa que os outros não viam, e por que isso exercia uma atração tão poderosa sobre ela. Isso o fez sentir uma perturbadora pontada de ciúme.

– Miriam está com Corra. – Ele se viu incapaz de desviar os olhos do azul-marinho profundo dos olhos da esposa.

– Baldwin... machucou-a. – Diana pareceu confusa, como se tivesse esquecido que os vampiros não eram como as outras criaturas. Ela distraidamente esfregou o braço.

Justamente quando Matthew pensava em alguma coisa que pudesse trazê-la à razão, a ira de Diana tomou-a novamente. Ele pôde sentir o cheiro disso... prová-lo.

– Ele machucou Jack. – Os dedos de Diana se abriram em espasmos repentinos.

Já não mais preocupado com a ideia de que estava entre uma tecelã e o poder que ela exercia, Matthew segurou os dedos dela antes que pudessem operar a magia.

– Baldwin permitiu que você leve Jack para casa. Em troca, você tem que liberá-lo. Não podemos ter vocês dois em guerra. A família não sobreviveria a isso. – Pelo que ele tinha visto naquela noite, Diana era tão persistente quanto Baldwin quando se tratava de destruir obstáculos no caminho.

Matthew ergueu as mãos de Diana e beijou-lhe docemente os dedos.

– Lembra de quando falamos de nossos filhos em Londres? Falamos do que iriam precisar.

Isso chamou a atenção de Diana. *Finalmente,* ela olhou para ele.

– Amor – sussurrou. – Um adulto para assumir a responsabilidade por eles. Um lugar macio para pousar.

– Isso mesmo. – Matthew sorriu. – Jack precisa de você. Libere Baldwin do seu feitiço.

A magia de Diana cedeu após um tremor que a atravessou dos pés à cabeça. Ela sacudiu os dedos em direção a Baldwin. Os espinhos se desprenderam da pele do vampiro e as estacas afrouxaram e se retraíram de volta ao assoalho estilhaçado ao redor. Logo ele estava livre e a casa de Gallowglass devolvida a sua normalidade desencantada.

O feitiço ainda se desfazia lentamente quando Diana seguiu até Jack e o

segurou pelo rosto. A pele do pescoço já cicatrizava, mas levaria dias para se curar por inteiro. Os lábios carnudos de Diana tornaram-se uma linha fina.

– Não se preocupe – disse-lhe Jack, cobrindo o ferimento com recato.

– Vamos lá, Jackie. Eu e Diana o levaremos para Court Street. Você deve estar faminto. – Gallowglass pôs a mão no ombro de Jack a essa altura exausto, embora disfarçando para não preocupar Diana.

– Corra. – Diana acenou. O dragão de fogo saiu mancando em direção a ela e readquirindo as forças enquanto se aproximava. Quando a tecelã e o dragão de fogo estavam prestes a se tocar, ele desapareceu na invisibilidade à medida que ambos se fundiam.

– Deixe Chris levá-la para casa – disse Matthew, interpondo-se com seu corpanzil entre a esposa e as imagens perturbadoras nas paredes. Felizmente, ela estava muito cansada para mais do que uma rápida olhadela.

Matthew sentiu-se feliz quando viu que Miriam reunira todos da casa, menos Baldwin. Chris, Andrew, Lobero e Miriam amontoavam-se na entrada à espera de Diana, Gallowglass e Jack. Quanto mais criaturas apoiassem o rapaz, melhor.

Assistir a eles partirem tomou cada grama do controle de Matthew. Foi preciso muita força para encorajar Diana com um aceno quando ela se virou para olhá-lo outra vez. Só depois que o grupo desapareceu em meio às casas da Court Street é que ele se voltou para Baldwin.

Seu irmão observava a última seção dos murais, com a camisa salpicada de manchas escuras onde os dentes de Jack e as estacas de Diana haviam-lhe perfurado a pele.

– Jack é o vampiro assassino. Vi nos pensamentos dele, e agora vejo ali nas paredes. Nós o procuramos por mais de um ano. Como ele conseguiu escapar da Congregação por todo esse tempo? – perguntou Baldwin.

– Ele estava com Benjamin. Ou seja, fugindo. – Matthew se esquivou de

olhar para as terríveis imagens que cercavam os descarnados traços de Benjamin. Não eram mais hediondas, pensou consigo, que muitos outros atos brutais perpetrados pelos vampiros ao longo dos anos. O que as tornava insuportáveis era o fato de que tinham sido feitas por Jack.

– Jack tem que ser detido. – O tom de Baldwin soou incisivo.

– Deus me perdoe. – Matthew abaixou a cabeça.

– Philippe estava certo. Seu cristianismo realmente o deixa perfeito demais para o seu trabalho – Baldwin bufou. – Que outra fé promete lavar os pecados com uma simples confissão?

Infelizmente, Baldwin nunca entendera o conceito de expiação. Ele tinha uma visão puramente transacional sobre a fé de Matthew – vai-se à igreja, confessa-se e sai-se como um homem limpo. Mas a salvação era mais complicada. Philippe só entendera isso no final, se bem que passou muito tempo achando que a constante busca de Matthew pelo perdão era irritante e irracional.

– Você sabe muito bem que não há lugar para ele entre os De Clermont... e muito menos se a doença dele é tão grave quanto essas imagens sugerem. – Baldwin viu em Jack o que Benjamin também via: uma arma perigosa passível de ser moldada e torcida até se tornar o mais letal possível. Ao contrário de Benjamin, Baldwin tinha uma consciência, de modo que não usaria a arma que lhe chegara inesperadamente às mãos, nem permitiria que fosse usada por outro.

Matthew permaneceu de cabeça baixa, sobrecarregado de lembranças e arrependimentos. Já esperava as palavras seguintes de Baldwin, mas sentiu-as como um golpe.

– Mate-o – ordenou o chefe da família De Clermont.

Quando Matthew voltou para casa, a porta vermelha com acabamento branco e frontão preto estava completamente aberta.

Diana o esperava de roupa trocada, usando um dos seus velhos cardigãs que além de empacotá-la contra o frio atenuava o cheiro das pessoas com quem tinha entrado em contato naquela noite. Mesmo assim, Matthew beijou-a de maneira rude e possessiva e afastou-se um tanto relutante.

– O que há de errado? – Os dedos de Diana seguraram a ponta da flecha de Philippe. Um gesto que era um sinal seguro de que a ansiedade dela estava subindo. As manchas coloridas na ponta dos dedos confirmavam isso, tornando-se cada vez mais visíveis a cada momento que passava.

Matthew olhou para o alto na esperança de encontrar alguma orientação. Mas o céu estava totalmente desprovido de estrelas. Sua parte razoavelmente humana sabia que isso se devia às luzes brilhantes da cidade e à lua cheia daquela noite. Contudo, sem nada para orientá-lo naquele lugar e sem placas para indicar o caminho, o vampiro dentro dele se alarmou por instinto.

– Vamos. – Matthew puxou o casaco de Diana da cadeira do saguão, pegou-a pela mão e a fez descer os degraus da entrada.

– Para onde vamos? – ela perguntou, lutando para não sair.

– Para algum lugar onde a gente possa ver as estrelas – respondeu Matthew.



Matthew seguiu de carro rumo norte e oeste e saiu da cidade com Diana ao lado. Estranhamente, dirigiu com muita rapidez e em menos de quinze minutos os dois estavam numa rua tranquila enfiada à sombra dos picos conhecidos na região como o Gigante Adormecido. Matthew entrou por uma alameda igualmente escura em busca de um lugar para estacionar e desligou a ignição do veículo. A luz de uma varanda acendeu-se e um homem idoso estreitou os olhos para a escuridão.

– É você, sr. Clairmont? – A voz do homem era debilitada e aguda, mas os olhos mostravam uma inteligência aguçada.

– Sou eu, sim, sr. Phelps – disse Matthew, balançando a cabeça e circulando o carro para ajudar Diana a descer. – Eu e minha esposa vamos para a casa de campo.

– Prazer em conhecê-la, senhora – disse Phelps, levando a mão à testa. – O sr. Gallowglass me ligou para avisar que talvez vocês parassem aqui para verificar as coisas. Era para que não me preocupasse se ouvisse alguém aqui fora.

– Sinto muito por termos acordado o senhor – disse Diana.

– Sou um homem velho, sra. Clairmont. Hoje em dia quase não fecho mais os olhos. Acho que só vou dormir quando estiver morto – disse Phelps, com uma risada ofegante. – Vocês encontrarão tudo de que precisam na montanha.

– Obrigado por cuidar do lugar – disse Matthew.

– É uma tradição de família – disse o sr. Phelps. – Vocês encontrarão o

Ranger do sr. Whitmore estacionado perto do galpão, se não quiserem usar o meu velho Gator. Não acredito que sua esposa vai querer andar até lá. Os portões do parque estão fechados, mas o senhor sabe como entrar. Tenham uma boa noite.

O sr. Phelps voltou para dentro e a porta de tela que bateu no batente da porta principal soou como um encaixe de alumínio e malha.

Matthew conduziu Diana pelo braço em direção ao que parecia ser um misto de carrinho de golfe com insólitos pneus robustos e um buggy próprio para atravessar dunas. Ele só a soltou quando cortornou o veículo e entrou.

O portão do parque era tão bem escondido que parecia quase invisível, e a trilha de terra que servia de estrada estava apagada e sem sinalização, porém Matthew encontrou ambos com facilidade. Fez algumas curvas fechadas e depois uma subida progressiva que ladeava a montanha, passou pela margem de uma floresta densa e depois chegou a um campo aberto com uma casinha de madeira enfiada sob as árvores. As luzes acesas lá dentro deixavam-na dourada e convidativa, como a cabana de um conto de fadas.

Matthew estacionou o Ranger de Marcus, puxou o freio e respirou fundo, nutrindo-se dos odores noturnos do pinheiro e do orvalho no gramado. Abaixo, um vale aparentemente sombrio o fez se perguntar se era o seu próprio humor ou o luar prateado que o deixava tão pouco acolhedor.

– O terreno é irregular. Não quero que você caia. – Matthew estendeu a mão para Diana, deixando-lhe a escolha de pegá-la ou não.

Depois de um olhar preocupado, ela o segurou pela mão. Ele observou o horizonte sem pensar em novas ameaças. E em seguida desviou os olhos para o céu.

– A lua está brilhante esta noite – meditou. – Mesmo daqui é difícil ver as estrelas.

– Isso porque é Mabon – disse Diana calmamente.

– Mabon? – Matthew olhou assustado.

Ela balançou cabeça.

– Faz um ano que você entrou na Biblioteca Bodleiana e atingiu direto o meu coração. Embora ainda não nos conhecêssemos, logo que essa sua boca perversa sorriu e que nossos olhos se reconheceram, eu soube que minha vida nunca mais seria a mesma.

As palavras de Diana aliviaram momentaneamente a implacável agitação que a ordem de Baldwin e as notícias de Chris haviam causado em Matthew, e por um breve instante o mundo colocou-se entre ausência e desejo, entre sangue e medo e entre calor de verão e profundeza gelada de inverno.

– O que há de errado? – Diana tentou decifrar o rosto de Matthew. – Jack? A ira do sangue? Baldwin?

– Sim. Não. De certa forma. – Matthew passou as mãos no cabelo e girou o corpo para evitar o olhar afiado de Diana. – Baldwin sabe que Jack matou aqueles sangues-quentes na Europa. Já sabe que Jack é o vampiro assassino.

– Certamente não é a primeira vez que a sede de sangue de um vampiro resulta em mortes inesperadas – ela disse, tentando apaziguar os ânimos.

– Dessa vez é diferente. – Não havia maneira fácil de dizer o que foi dito. – Baldwin ordenou que eu matasse Jack.

– Não. Eu o proíbo. – As palavras de Diana ecoaram e um vento soprou do leste. Ela se virou e, quando se viu agarrada, fez força para se soltar, lançando um redemoinho de ar cinzento amarronzado que uivou ao redor de seus pés.

– Não se afaste de mim. – Ele não sabia se conseguiria se controlar se ela agisse assim. – Você precisa ouvir a razão.

– Não. – Ela ainda tentou evitá-lo. – Você não pode desistir de Jack. Ele não vai ter a ira do sangue para sempre. Você vai encontrar uma cura.

– A ira do sangue não tem cura. – Matthew teria dado a vida para mudar esse fato.

– O quê? – O choque de Diana era evidente.

– Estamos trabalhando com novas amostras de DNA. Só agora conseguimos traçar uma linhagem das diversas gerações que se estendem para além de Marcus. Chris e Miriam rastrearam o gene da ira do sangue a partir de Ysabeau e passando por mim e Andrew até chegar em Jack.

Finalmente, Matthew conseguia a atenção completa de Diana.

– A ira do sangue é uma anomalia de desenvolvimento – ele continuou. – Há um componente genético, mas aparentemente o gene da ira do sangue se desencadeia de alguma coisa em nosso DNA não codificante. Eu e Jack temos essa coisa. *Maman*, Marcus e Andrew, não.

– Não entendi – ela sussurrou.

– Durante o meu renascimento alguma coisa no meu DNA não codificante humano reagiu à nova informação genética inundando o meu sistema – disse Matthew pacientemente. – Sabemos que os genes dos vampiros são brutais... eles deixam de lado o que é humano para dominar as células recém-modificadas. Mas não substituem tudo. Se o fizessem, eu e Ysabeau teríamos genomas idênticos. Em vez disso, sou filho dela... uma combinação dos ingredientes genéticos que herdei dos meus pais humanos e também de Ysabeau.

– Então, você tinha a ira do sangue *antes* de Ysabeau fazê-lo vampiro? – Diana pareceu compreensivelmente confusa.

– Não. Mas tinha os gatilhos do gene da ira do sangue necessários para se expressar – disse Matthew. – Marcus identificou o DNA não codificante específico que segundo ele desempenha um papel.

– Naquilo que ele chama de DNA lixo? – ela perguntou.

Matthew assentiu.

– Então, a cura ainda é possível – insistiu Diana. – Em poucos anos...

– Não, *mon coeur*. – Matthew não podia alimentar a esperança de

Diana. – Quanto mais compreendermos o gene da ira do sangue e os genes não codificantes, mais chances de tratamento haverá. Mas não é uma doença que possa ser curada. Nossa única esperança é obstruí-la e, se Deus quiser, atenuar os sintomas.

– Até que vocês consigam isso, você pode ensinar para Jack como controlá-la. – O rosto de Diana permaneceu riscado por linhas de teimosia. – Não é necessário matá-lo.

– Os sintomas de Jack são bem piores que os meus. Ele possui os fatores genéticos que desencadeiam a doença em níveis muito mais elevados. – Matthew piscou os olhos, talvez para repelir as lágrimas de sangue que estavam se formando. – Ele não vai sofrer. Eu prometo.

– Mas *você* vai. Você não diz que eu pago um preço por lidar com questões de vida e morte? Pois é, você também. Jack vai morrer, mas você continuará vivendo e vai odiar a si mesmo – disse Diana. – Pense no que a morte de Philippe lhe custou.

Matthew pensou em outra coisa. Ele matara outras criaturas depois da morte do pai, mas apenas por conta própria. Até aquela noite Philippe fora o último De Clermont a lhe ordenar que matasse. E a morte de Philippe fora ordenada pelo próprio Philippe.

– Jack está sofrendo, Diana. A morte seria um fim para isso. – Matthew usou as mesmas palavras que Philippe usara para convencer a esposa a admitir o inevitável.

– Para ele, talvez. Não para nós. – Diana levou a mão ao ventre. – Os gêmeos podem ser portadores da ira do sangue. Você vai matá-los também?

Ela esperou que ele negasse, que dissesse que ela estava louca por pensar numa coisa dessas. Mas ele não o fez.

– Quando a Congregação descobrir o que Jack fez... e isso é uma questão de tempo, eles o matarão. E não darão a mínima para o quão assustado ele esteja ou para a dor que poderão causar. Antes de chegar a

esse ponto, Baldwin tentará matá-lo para manter a Congregação fora dos negócios da família. Se Jack tentar fugir, poderá cair nas mãos de Benjamin. Se isso acontecer, Benjamin exigirá uma terrível vingança pela traição de Jack. E nesse caso a morte seria uma bênção. – O rosto e a voz de Matthew se mostraram impassíveis, mas a agonia que cruzou os olhos de Diana o assombraria para sempre.

– Então, Jack vai sumir. Vai para muito longe, para onde ninguém possa encontrá-lo.

Matthew sufocou a impaciência. Ele sabia que Diana era teimosa desde o primeiro instante em que a conheceu. Essa era uma das razões que o levavam a amá-la, embora às vezes isso o perturbasse.

– Nenhum vampiro consegue sobreviver solitário. Tal como os lobos, nós enlouquecemos quando não fazemos parte de uma matilha. Pense em Benjamin, Diana, e no que aconteceu quando o abandonei.

– Nós iríamos com ele. – Ela estava fazendo de tudo para salvar Jack.

– Isso apenas facilitaria a caçada de Benjamin ou da Congregação.

– Então, você precisa estabelecer uma descendência imediatamente, como sugeriu Marcus – disse Diana. – Jack terá uma família inteira para protegê-lo.

– Se eu fizesse isso, teria que reconhecer Benjamin, deixando tanto a minha ira do sangue como a de Jack expostas. Isso colocaria Ysabeau e Marcus em terrível perigo... e também os gêmeos. E não seriam apenas eles a sofrer, caso ficássemos contra a Congregação sem o apoio de Baldwin. – A respiração de Matthew tornou-se irregular. – Pelo fato de você estar comigo... como minha consorte, a Congregação exigiria a sua rendição e a minha.

– Rendição? – repetiu Diana debilmente.

– Isso é uma guerra, Diana. Isso é o que acontece com as mulheres que lutam. Você ouviu a história de minha mãe. Acha mesmo que seu destino seria diferente nas mãos dos vampiros?

Ela balançou a cabeça em negativa.

– Você tem que acreditar em mim; estaremos bem melhor como membros da família de Baldwin do que da nossa – ele insistiu.

– Você está errado. Nem os gêmeos nem eu estaremos totalmente seguros sob o comando de Baldwin. Nem Jack. A única maneira possível de seguirmos em frente é sob o nosso próprio teto. Qualquer outra alternativa só nos leva de volta ao passado – afirmou Diana. – E sabemos por experiência própria que o passado nunca é mais do que um alívio temporário.

– Se eu fizesse isso, nem tente imaginar as forças que se reuniriam contra nós. Qualquer coisa que meus filhos e meus netos fizeram ou vierem a fazer baterá à minha porta sob a lei dos vampiros. Assassinatos de vampiros? Eu é que os cometi. Maldades de Benjamin? Eu é que sou culpado. – Matthew tinha que fazer Diana entender o que uma decisão como aquela poderia custar.

– Eles não podem culpá-lo por aquilo que Benjamin e Jack fizeram – Diana protestou.

– Podem, sim. – Matthew embalou as mãos dela entre as suas. – Fui eu que fiz Benjamin. Se não o tivesse feito, nenhum desses crimes teria ocorrido. Como pai de Benjamin e avô de Jack, era meu dever controlá-los, se fosse possível, ou matá-los, se não conseguisse controlá-los.

– Isso é barbárie. – Diana puxou as mãos, deixando-lhe sentir o poder que lhe queimava sob a pele.

– Não, isso é honra de vampiro. Os vampiros conseguem sobreviver entre os sangues-quentes por conta de três sistemas de crença: direito, honra e justiça. Hoje à noite você testemunhou como a justiça dos vampiros atua – disse Matthew. – É rápida... e brutal. Se eu ficar como senhor de minha prole, também terei que administrá-la.

– Melhor você do que Baldwin – ela retrucou. – Com ele no comando sempre me perguntarei quando é que ele vai se cansar de proteger a mim e

aos gêmeos e ordenar nossas mortes.

Diana tinha razão. Mas isso deixava Matthew em uma situação insustentável. Para salvar Jack, ele teria que desobedecer a Baldwin. Se fizesse isso, ele não teria outra escolha senão tornar-se senhor de sua própria prole. Consequentemente, teria que impor sua liderança a um bando de vampiros rebeldes. Isso os levaria ao risco do seu próprio extermínio e deixaria exposta a ira do sangue em suas fileiras. Seria um processo sangrento, violento e complicado.

– Por favor, Matthew – ela sussurrou. – Eu lhe imploro: não siga a ordem de Baldwin.

Ao observar a dor e o desespero nos olhos da esposa, seria impossível para ele dizer não.

– Muito bem – ele disse ainda relutante. – Vou para Nova Orleans... com uma condição.

O alívio de Diana era evidente.

– Qualquer coisa. Diga.

– Você não vai comigo. – Matthew manteve a voz firme, mas a simples menção a colocar-se distante de sua companheira já foi suficiente para ativar o fluxo da ira do sangue em suas veias.

– Não se atreva a me pedir para ficar aqui! – Ela queimou de raiva.

– Você não poderá ficar comigo enquanto eu estiver fazendo o que farei. – Séculos de prática possibilitavam o controle dos sentimentos a Matthew, a despeito da inquietude da esposa. – Claro que não quero ir para onde quer que seja sem você. Cristo, eu mal consigo deixá-la fora de vista. Mas você correria um tremendo perigo se estivesse comigo em Nova Orleans enquanto eu estivesse combatendo meus netos. E não seria Baldwin ou a Congregação que colocariam sua segurança em risco. Seria eu.

– Você nunca me machucaria. – Diana se agarrara a essa convicção desde o início do relacionamento entre ambos. Era hora de dizer a verdade.

– Eleanor pensou isso... um dia. E depois a matei num momento de loucura e ciúme. Jack não é o único vampiro desta família cuja ira do sangue é desencadeada por amor e lealdade. – Matthew encontrou os olhos da esposa. – Isso também acontece comigo.

– Você e Eleanor eram apenas amantes. Nós somos companheiros. – Os olhos de Diana expressaram o despontar de uma compreensão. – O tempo todo você me recomendou que não confiasse em você. Jurou que me mataria antes de deixar que outra pessoa me tocasse.

– Falei a verdade. – Os dedos de Matthew traçaram o contorno da maçã do rosto de Diana, acariciando-o para pegar a lágrima que estava prestes a cair do canto do olho.

– Mas não toda a verdade. Por que não me disse que o vínculo de nosso acasalamento pioraria sua ira do sangue? – gritou Diana.

– Eu achava que poderia encontrar uma cura. E também achava que poderia administrar meus sentimentos – disse Matthew. – Mas você se tornou tão vital para mim quanto a respiração e o sangue. Meu coração já não sabe onde eu termino e você começa. Soube que você era uma bruxa poderosa desde o momento em que a vi, mas como poderia saber que você exerceria tanto poder sobre mim?

Diana não respondeu com palavras, mas com um beijo de surpreendente intensidade. Matthew correspondeu ao beijo e, quando se separaram, ambos estavam agitados. Ela tocou nos lábios dele com os dedos trêmulos. Ele apoiou a cabeça na dela com o coração disparado de emoção.

– Fundar uma nova descendência vai exigir de mim atenção e controle totais – disse Matthew quando finalmente conseguiu falar. – Se me sair bem...

– Você tem que se sair bem – disse Diana, com firmeza. – Você vai se sair bem.

– Muito bem, *ma lionne*. *Quando* isso acontecer, ainda terei que lidar

com meus próprios problemas – explicou Matthew. – Isso não porque não confio em você, mas porque não confio em mim.

– Como você ajudou Jack – disse Diana.

Matthew assentiu com a cabeça.

– Ficar longe de você será um inferno, mas uma distração seria indescritivelmente perigosa. E quanto ao meu controle... bem, acho que ambos sabemos o quão pouco o tenho quando você está por perto. – Ele roçou os lábios em outro beijo sedutor. As faces de Diana se avermelharam.

– O que farei quando você estiver em Nova Orleans? – ela perguntou. – Deve haver algum jeito de poder ajudá-lo.

– Encontrar a folha perdida do Ashmole 782 – ele respondeu. – Vamos precisar do *Livro da vida* para alavancar... a despeito do que possa acontecer entre mim e os filhos de Marcus. – O fato de que a busca de Diana a afastaria de um envolvimento direto com o possível fracasso do plano era um benefício adicional. – Phoebe vai ajudá-la a procurar a terceira iluminura. Siga para Sept-Tours e me espere lá.

– Como saberei que você está bem? – perguntou Diana. A realidade de uma iminente separação começava a ser apreendida.

– Encontrarei um jeito. Mas sem telefonemas. Nada de e-mails. Não podemos deixar rastros de evidência para a Congregação, caso Baldwin... ou alguém do meu próprio sangue resolva me seguir – disse Matthew. – Você precisa ficar nas boas graças dele, pelo menos até ser reconhecida como uma De Clermont.

– Mas isso ainda está a meses de distância! – O rosto de Diana assumiu o desespero. – E se as crianças nascerem mais cedo?

– Marthe e Sarah cuidarão de tudo – disse Matthew suavemente. – Não se pode dizer quanto tempo isso vai levar, Diana. – *Pode levar anos*, ele pensou consigo.

– Como farei as crianças entenderem a ausência do pai? – ela

perguntou, talvez ouvindo as palavras que ele não pronunciou.

– Diga aos gêmeos que tive que me afastar porque amo a ambos com todo o meu coração... e também a mãe deles. – A voz de Matthew embargou. Ele enlaçou-a com os braços e segurou-a, como se isso pudesse atrasar a sua inevitável partida.

– Matthew? – ecoou uma voz familiar da escuridão.

– Marcus? – Diana não o tinha ouvido se aproximar, embora Matthew tivesse farejado primeiro o cheiro e depois os passos suaves do filho enquanto subia a montanha.

– Olá, Diana. – Marcus saiu das sombras iluminado pelo luar.

Ela franziu a testa preocupada.

– Algo errado em Sept-Tours?

– Tudo bem na França. Achei que Matthew precisava de mim aqui – disse Marcus.

– E Phoebe? – perguntou Diana.

– Está com Alain e Marthe. – Marcus parecia cansado. – Não pude deixar de ouvir seus planos. Não haverá como voltar atrás, uma vez que os coloquemos em movimento. Já está mesmo certo em formar uma descendência, Matthew?

– Não – disse Matthew, sem poder mentir. – Mas Diana, sim. – Ele olhou para a esposa. – Chris e Gallowglass estão esperando por você no caminho. Vá agora, *mon coeur*.

– Agora? – Por um instante Diana pareceu assustada com a grandeza do que eles estavam prestes a fazer.

– Isso não será mais fácil em nenhum outro momento. Você precisa se afastar de mim. Não olhe para trás. E pelo amor de Deus não corra. – Matthew não poderia controlar a si mesmo se ela o fizesse.

– Mas... – Ela apertou os lábios, balançando a cabeça e enxugando as lágrimas repentinas da face com o dorso da mão.

Matthew imprimiu mais de mil anos de desejo no último beijo.

– Eu nunca... – Diana iniciou a frase.

– Pare – ele a interrompeu com outro toque de lábios. – Lembra que não existe nunca para nós?

Matthew afastou-a alguns centímetros que pareceram mil léguas. Isso fez o sangue dele uivar. Ele girou o corpo para que ela pudesse ver os dois círculos de luz esmaecida das lanternas de seus amigos.

– Não torne isso mais difícil para ele – disse Marcus docilmente para Diana. – Vá agora. Devagar.

Por um segundo Matthew desconfiou que ela não seria capaz de sair do lugar. E percebeu os fios de ouro e prata que brilhavam pendurados na ponta dos dedos de Diana, como se na tentativa de fundir alguma coisa quebrada de um modo terrível e repentino. Ela deu um primeiro passo hesitante, seguido por outro com um visível tremor nos músculos das costas enquanto lutava para manter o autocontrole. Em seguida, tombou a cabeça, endireitou os ombros e saiu andando lentamente no sentido oposto.

– Eu sabia desde o maldito começo que você partiria o coração dela – disse Chris aos gritos para Matthew quando acolheu Diana nos braços.

Mas era o coração de Matthew que estava ferido, levando consigo sua compostura, sua sanidade e seus últimos vestígios de humanidade.

Marcus o observou profundamente enquanto Gallowglass e Chris saíam com Diana. Quando sumiram de vista, Matthew deu um salto à frente e Marcus o agarrou.

– Você vai fazer o que tiver que fazer sem ela? – perguntou Marcus para o pai. Fazia umas doze horas que ele estava longe de Phoebe e já se sentia desconfortável com a separação.

– Preciso fazer – disse Matthew, embora ainda não tivesse ideia de como o faria.

– Diana sabe o que a separação vai fazer com você? – Marcus ainda tinha pesadelos com o que Ysabeau sofrera durante a captura e morte de

Philippe. Ele se sentia como se tivesse assistido a alguém passar por um tenebroso e inimaginável afastamento... abalo, comportamento irracional, dor física. E os avós dele estavam entre os poucos vampiros afortunados que mesmo acasalados conseguiam ficar separados por um bom período de tempo. A ira do sangue de Matthew tornava isso impossível. Mesmo antes de Matthew e Diana terem se acasalado completamente, Ysabeau avisara a Marcus que Matthew deixaria de ser confiável se acontecesse alguma coisa com Diana.

– Será que ela sabe? – repetiu Marcus.

– Não inteiramente. Mas sabe o que vai acontecer comigo se eu ficar aqui e obedecer ao meu irmão. – Matthew sacudiu o braço do filho. – Você precisa participar disso... comigo. Ainda lhe resta uma escolha. Baldwin o acolherá, se você implorar pelo perdão dele.

– Fiz minha escolha em 1781, lembra? – Os olhos de Marcus pratearam sob o luar. – Hoje à noite você provou que foi a escolha certa.

– Nada garante que isso vai funcionar – advertiu Matthew. – Baldwin pode se recusar a sancionar a descendência. E a Congregação pode nos deter antes mesmo de começarmos. Deus sabe que até seus próprios filhos têm razão para se opor.

– Meus filhos não tornarão as coisas fáceis para você, mas farão o que eu lhes ordenar. Acabarão fazendo. Além do mais, agora você está sob a minha proteção – disse Marcus.

Matthew o olhou surpreendido.

– Tanto a sua segurança como a de sua companheira e dos gêmeos que ela carrega são agora prioridade dos Cavaleiros de Lázaro – explicou Marcus. – Baldwin pode ameaçar quem ele bem entender, mas tenho mais de mil vampiros, demônios e até mesmo bruxas sob o meu comando.

– Eles jamais irão obedecê-lo se descobrirem a razão pela qual terão que lutar – disse Matthew.

– Em primeiro lugar, como acha que os recrutei? – Marcus balançou a

cabeça. – Acha mesmo que apenas você e uma segunda criatura do planeta têm razão suficiente para contestar as restrições do pacto?

Matthew, porém, estava distraído demais para responder. Já sentia a inquietude do primeiro impulso para sair atrás de Diana. Logo não seria mais capaz de se manter quieto sequer por um segundo antes que os instintos lhe exigissem que fosse com ela. E isso só iria piorar dali em diante.

– Vamos lá. – Marcus pôs o braço sobre os ombros do pai. – Jack e Andrew nos esperam. Suponho que o maldito cão também terá que ir para Nova Orleans.

Matthew continuou sem responder. Ele estava ouvindo a voz, os passos inconfundíveis e o ritmo dos batimentos cardíacos de Diana.

Só havia silêncio e estrelas desbotadas demais para indicar o caminho de casa.

Sol em Libra

Quando o Sol passa por Libra, é um bom momento para viagens.
Cuidado com inimigos declarados, guerra e oposição.

– Anonymous English Commonplace Book, c. 1590,
Gonçalves MS 4890, f. 9r



— Miriam, deixe-me entrar, senão arrombo esta maldita porta. – Gallowglass não estava no clima para joguinhos.

Miriam abriu a porta.

– Matthew se foi, mas não tente nada de engraçado. Ainda estou de olho em você.

Isso não surpreendeu Gallowglass. Jason o alertara que a aprendizagem de como ser vampiro, sob a direção de Miriam, era uma prova de que realmente existia uma divindade onisciente e vingativa que tudo vê. Mas contrariamente aos ensinamentos bíblicos, era uma divindade feminina e sarcástica.

– Será que Matthew e os outros saíram com segurança? – perguntou Diana em voz baixa no alto da escada. Ela estava fantasmagoricamente pálida e tinha uma pequena mala aos pés.

Gallowglass pulou os degraus praguejando.

– Claro que sim. – Ele pegou a mala antes que ela fizesse a besteira de tentar carregá-la sozinha. A cada hora que passava ele achava ainda mais misterioso que Diana simplesmente não sucumbisse com o peso dos gêmeos.

– Por que arrumou a mala? – perguntou Chris. – O que está havendo?

– Titia vai viajar. – Gallowglass continuava achando que era má ideia sair de New Haven, mas Diana o informara de que partiria... com ou sem ele.

– Para onde? – perguntou Chris. Gallowglass deu de ombros.

– Chris, prometa-me que você vai continuar trabalhando nas amostras de DNA do Ashmole 782 e no problema da ira do sangue – disse Diana enquanto descia a escada.

– Você sabe que não deixo pesquisa alguma inacabada. – Chris virou-se para Miriam. – Você sabia que Diana estava indo embora?

– Como não poderia? Fez tanto barulho tirando a mala do armário e telefonando para o piloto. – Miriam pegou o café de Chris, tomou um gole e fez uma careta. – Muito doce.

– Pegue o seu casaco, tia. – Gallowglass não soube o que Diana planejava, uma vez que ela se limitou a dizer que só o revelaria quando eles estivessem no ar, mas provavelmente não iriam para uma ilha do Caribe com palmeiras e cálidas brisas.

Diana não protestara pela bisbilhotice de Gallowglass.

– Tranque a porta quando sair, Chris. E lembre-se de desligar a cafeteira da tomada. – Ela ficou na ponta dos pés e beijou o amigo no rosto. – Tome conta de Miriam. Esqueça que ela é um vampiro e não a deixe perambular por New Haven Green à noite.

– Aqui – disse Miriam, entregando um envelope grande. – Como me foi solicitado.

Diana espiou o interior do envelope.

– Tem certeza que não precisa dessas amostras?

– Já temos muitas – respondeu Miriam.

Chris olhou fundo nos olhos de Diana.

– Chame se precisar de mim. Não importa por quê, não importa quando, não importa onde... estarei no primeiro avião.

– Obrigada – ela sussurrou. – Ficarei bem. Gallowglass está comigo.

Para a surpresa de Gallowglass, essas palavras não o deixaram feliz.

E como poderiam, se tinham sido proferidas com tanta resignação?

O jato De Clermont decolou do aeroporto de New Haven. Enquanto observava pela janela, Gallowglass batia o celular contra a própria perna. E quando o avião inclinou, ele cheirou o ar. Norte a nordeste.

Diana estava sentada ao lado, de olhos fechados e lábios brancos. Sua mão descansava levemente sobre Apple e Bean, como se a confortar os bebês. Suas faces exibiam um traço de umidade.

– Não chore. Não consigo suportar isso – disse Gallowglass de um modo desajeitado.

– Desculpe. Não consigo evitar. – Diana virou-se no assento e olhou para o lado oposto da cabine. Seus ombros tremeram.

– Que inferno, tia. Não é bom olhar para o outro lado. – Gallowglass soltou o cinto de segurança, agachou-se ao pé da poltrona de couro reclinável da tia e deu-lhe uma leve palmada no joelho. Ela apertou-lhe a mão. O poder de Diana pulsava sob a pele. Embora tivesse diminuído depois do surpreendente momento em que ela fez o chefe da família De Clermont se enredar no espinheiro, ainda era muito visível e Gallowglass tinha visto isso no feitiço de disfarce usado por ela antes de embarcar no avião.

– Como Marcus agiu com Jack? – ela perguntou, ainda com os olhos fechados.

– Cumprimentou-o como um tio, e depois o distraiu com as histórias das palhaçadas de seus filhos. Deus sabe que eles são um bando divertido – ele respondeu.

Mas não era o que Diana realmente queria saber.

– Matthew lidou bem com a coisa, como se esperava – continuou Gallowglass, com mais suavidade. A certa altura pareceu que Matthew estrangularia Hubbard, mas claro que Gallowglass não se preocuparia com o que era uma excelente ideia.

– Estou feliz por você e Chris terem chamado Marcus – sussurrou Diana.

– Foi ideia de Miriam – ele admitiu. Fazia alguns séculos que ela protegia Matthew, da mesma forma que ele cuidava de Diana. – Assim que viu os resultados dos testes, Miriam se deu conta de que Matthew precisava da companhia do filho.

– Pobre Phoebe – disse Diana, com uma nota preocupada rastejando na voz. – Marcus não devia ter tido tempo de explicar para ela.

– Não se preocupe com Phoebe. – Gallowglass tinha passado dois meses com a moça e a conhecia bem. – Ela tem uma estrutura de aço e um coração forte, como você.

Ele insistiu para que Diana dormisse. A cabine do avião era equipada com poltronas que se convertiam em leitos. Só depois que ela dormiu é que ele se dirigiu à cabine de comando e perguntou qual era o destino deles.

– Europa – respondeu o piloto.

– Europa, como assim? – Isso podia significar qualquer lugar, desde Amsterdã e Auvergne a Oxford.

– Madame de Clermont não escolheu um destino final. Só me disse Europa. Então, rumo à Europa.

– Ela deve estar indo para Sept-Tours. Para Gander – disse Gallowglass.

– Esse é meu plano, senhor – retrucou o piloto em tom seco. – Quer pilotar?

– Sim. Não. – O que Gallowglass queria era bater em alguma coisa. – Para o inferno, cara. Faça o seu trabalho e eu faço o meu.

Algumas vezes Gallowglass desejava de todo o coração que alguém que não fosse Hugh de Clermont o tivesse tombado no campo de batalha.

Após o seguro pouso no aeroporto de Gander, Gallowglass ajudou Diana a descer a escada para que ela esticasse as pernas, conforme a recomendação médica.

– Você não está vestida para a Terra Nova – ele observou, colocando

uma jaqueta de couro surrada nos ombros dela. – O vento vai rasgar essa desculpa patética de um casaco de fitas.

– Obrigada, Gallowglass – disse Diana, tremendo.

– Qual é seu destino final, tia? – ele perguntou após uma segunda volta pela pequena pista de pouso.

– Isso importa? – A voz de Diana passou de resignada para cansada e depois para algo pior.

Desesperança.

– Não, tia. Isso é uma caminhada em Nar-SAR, não em NUR-sar – disse Gallowglass, cobrindo o ombro de Diana com um cobertor. No extremo sul da Groenlândia, Narsarsuaq era ainda mais fria que Gander. De todo modo, Diana insistira em fazer uma rápida caminhada.

– Como sabe disso? – ela perguntou irritada, com os lábios ligeiramente azulados.

– Apenas sei. – Gallowglass acenou para a comissária de bordo que lhe trouxe uma caneca de chá fumegante. Ele serviu-se de uma dose de uísque.

– Nada de cafeína. Nem álcool – disse Diana, recusando o chá.

– Enquanto estava grávida de mim mamãe bebia uísque todo dia... e olhe como fiquei forte – ele disse estendendo a caneca para ela e assumindo um tom de adulação. – Vamos lá. Um golinho não vai fazer mal algum. Além do mais, para Apple e Bean não poderá ser tão ruim quanto o congelamento.

– Eles estão bem – disse Diana bruscamente.

– Oh, sim. Tão bem quanto cabelo em sapo. – Gallowglass estendeu a mão um pouco mais, esperando que o aroma do chá a fizesse aceitar. – É o chá do café da manhã escocês. Um dos seus favoritos.

– Sai, Satanás – sussurrou Diana, pegando a caneca. – E sua mãe não poderia ter bebido uísque enquanto estava grávida de você. Não há

nenhuma evidência de destilação de uísque na Escócia ou na Irlanda antes do século XV. Você é mais velho que isso.

Gallowglass sufocou um suspiro de alívio face às picuinhas históricas de Diana.

Ela pegou o celular.

– Para quem vai ligar, tia? – ele perguntou cauteloso.

– Hamish.

O melhor amigo de Matthew atendeu a chamada exatamente com as palavras esperadas por Gallowglass.

– Diana? O que há de errado? Onde você está?

– Não lembro onde fica minha casa. – Ela ignorou a pergunta.

– Sua casa? – Hamish pareceu confuso.

– Minha casa – ela repetiu paciente. – A que ganhei de Matthew em Londres. Você me fez assinar os documentos quando estávamos em Sept-Tours.

Londres? Ser vampiro não ajudava muito naquela situação, pensou Gallowglass. Teria sido bem melhor se ele tivesse nascido bruxo. Assim, talvez pudesse adivinhar como a mente daquela mulher trabalhava.

– Fica em Mayfair, numa pequena rua perto de Connaught. Por quê?

– Preciso da chave. E do endereço. – Diana se deteve ponderando algo mais antes de continuar. – Também vou precisar de um motorista para percorrer a cidade. Os demônios gostam de metrô e os vampiros possuem as principais empresas de táxi.

Claro, eles possuíam empresas de táxi. Quem mais teria tempo para memorizar trezentas e vinte rotas e ainda vinte e cinco mil ruas e vinte mil marcos, ao longo dos nove quilômetros e meio da Charing Cross, que eram necessários para obter uma licença?

– Um motorista? – Hamish gaguejou.

– Sim. E também preciso daquela conta no Coutts. Eu tenho um cartão de crédito... com limite elevado?

Gallowglass resmungou. Ela o olhou com frieza.

– Tem, sim. – A desconfiança de Hamish aumentou.

– Ótimo. Preciso comprar alguns livros. A obra completa de Athanasius Kircher. Primeiras ou segundas edições. Você poderia pesquisar isso antes do fim de semana? – Diana evitou o olhar inquiridor de Gallowglass.

– Athanasius de quê? – perguntou Hamish. Gallowglass pôde ouvir uma caneta riscando o papel.

– Kircher. – Ela soletrou letra por letra. – Será melhor procurar negociantes de livros raros. Talvez haja alguns exemplares sobrando em Londres. Não me importa quanto possam custar.

– Você parece a vovó – balbuciou Gallowglass. Só isso já era motivo de preocupação.

– Se não puder me conseguir os livros até o final da próxima semana, acho que terei que ir à Biblioteca Britânica. Mas já iniciou o período letivo e talvez a sala de livros raros esteja cheia de bruxas. Seria melhor se eu pudesse ficar em casa.

– Posso falar com Matthew? – perguntou Hamish, um tanto sem fôlego.

– Ele não está aqui.

– Você está sozinha? – Ele pareceu chocado.

– Claro que não. Gallowglass está comigo – disse Diana.

– E Gallowglass sabe que você pretende sentar-se na sala de leitura da Biblioteca Britânica para ler esses livros escritos por esse... Athanasius Kircher? Você está completamente louca? Toda a Congregação está à sua procura! – A voz de Hamish aumentava a cada frase.

– Estou ciente do interesse da Congregação, Hamish. Por isso, peço-lhe para comprar os livros – disse Diana amavelmente.

– Onde está Matthew? – ele perguntou.

– Não sei. – Diana cruzou os dedos ao contar a mentira.

Fez-se um longo silêncio.

– Encontro-a no aeroporto. Ligue-me quando estiver a uma hora de

distância – ele disse.

– Isso não será necessário – ela disse.

– Ligue-me uma hora antes de desembarcar. – Hamish fez uma pausa. – Diana? Não sei que diabo está acontecendo, mas de uma coisa tenho certeza: Matthew a ama. Mais do que a própria vida.

– Eu sei – ela sussurrou antes de desligar.

Agora Diana passava da desesperança para quase morta.

O avião virou para o sul e para o leste. O vampiro nos controles agiu conforme a conversa que acabara de ouvir.

– O que esse idiota está fazendo? – Gallowglass rosnou e, ao estirar as pernas, acabou derrubando a bandeja de chá e espalhando os tradicionais biscoitos por todo o piso. – Você não pode ir direto para Londres – ele disse aos gritos para a cabine de comando. – Isso será um voo de quatro horas e ela não pode ficar no ar por mais de três horas.

– Para onde, então? – veio a resposta abafada do piloto enquanto o avião mudava o curso.

– Para Stornoway. É um tiro certeiro de menos de três horas. De lá será um pulo fácil até Londres – respondeu Gallowglass.

Isso resolvia a questão. O passeio de Marcus com Matthew, Jack, Hubbard e Lobero, embora infernal, não se comparava a isso.

– É lindo. – Diana afastou o cabelo do rosto.

Era madrugada e o sol nascia sobre Minch. Gallowglass encheu os pulmões com o ar familiar de casa e lembrou-se de uma visão que tinha muitas vezes em sonho: Diana Bishop de pé naquele lugar, na terra dos antepassados dele.

– Sim. – Ele se virou e seguiu em direção ao jato que com as luzes acesas na pista esperava pronto para partir.

– Estarei lá em um minuto. – Ela esquadrinhou o horizonte. O outono

pintara as colinas com pinceladas de úmero e ouro em meio ao verde da vegetação. O vento despenteara o cabelo ruivo da bruxa cujas mechas brilhavam como brasas.

Gallowglass se perguntou sobre o que teria capturado a atenção de Diana. Não se via nada além de uma garça cinzenta perdida, cujas pernas longas, amarelas e brilhantes eram insubstanciais demais para segurar o resto do corpo.

– Vamos, tia. Você vai congelar até a morte aqui fora. – Desde que se separara da jaqueta de couro, Gallowglass só vestia o habitual uniforme de camiseta e jeans rasgado. Ele não sentia mais o frio, mas ainda se lembrava de como o ar do amanhecer cortava os ossos naquela parte do mundo.

A garça olhou de relance para Diana, ergueu a cabeça, abaixou-a, abriu as asas e soltou um grito. Em seguida levantou voo e tomou altitude em direção ao mar.

– Diana?

Ela se virou com olhos azuis dourados. A curiosidade de Gallowglass aumentou. Um toque sobrenatural naquele olhar o fazia recordar de sua própria infância, de um quarto escuro onde seu avô jogava runas e fazia profecias.

Mesmo depois que o avião decolou, Diana continuou de olhos fixos em algum ponto distante e invisível. Gallowglass olhou pela janela e rezou por um forte vento de cauda.

– Você acha que algum dia nós deixaremos de correr? – A voz de Diana assustou Gallowglass.

Ele não sabia a resposta e não suportava mentir para ela. Então, permaneceu em silêncio.

Ela enterrou o rosto nas mãos.

– Não, não. – Ele a embalou contra o peito. – Tia, não pense o pior. Isso não combina com você.

– Estou tão cansada, Gallowglass.

– Com uma boa razão. Entre o passado e o presente, você teve um ano infernal. – Ele aconchegou a cabeça da tia debaixo do próprio queixo. Ela podia ser a leoa de Matthew, mas de vez em quando até mesmo os leões tinham que fechar os olhos e descansar.

– Isto aqui é a Corra? – Os dedos de Diana traçaram o contorno do dragão de fogo no antebraço de Gallowglass, fazendo-o estremecer. – Onde foi parar a cauda?

Ela levantou a manga da camiseta de Gallowglass antes que pudesse ser detida e arregalou os olhos.

– Isso não é o tipo de coisa que você possa ver – ele disse, soltando-a e recompondo o tecido macio da camisa.

– Mostre-me.

– Tia, talvez seja melhor...

– Mostre-me – ela insistiu. – Por favor.

Ele segurou a barra da camiseta e começou a puxá-la sobre a cabeça. As tatuagens no corpo dele refletiam um conto complicado, mas apenas alguns capítulos interessavam à esposa de Matthew. Ela levou a mão à boca.

– Oh, Gallowglass.

Sobre o coração, uma sereia sentada em uma pedra com o braço esticado e a mão alcançando o bíceps esquerdo dele. Ela segurava um punhado de fios que serpenteavam pelo braço dele, descendo e se torcendo até se transformarem na cauda sinuosa de Corra, que se enrolava em torno do cotovelo até se encontrar com o corpo do dragão de fogo.

A sereia tinha o rosto de Diana.

– Você é uma mulher difícil de se encontrar, mas ainda mais difícil de se esquecer. – Gallowglass acabou de puxar a camiseta por cima da cabeça.

– Quanto tempo? – Os olhos de Diana azularam de pesar e simpatia.

– Quatro meses. – Ele não comentou que era a última imagem de uma série de imagens semelhantes tatuadas sobre o coração.

– Não foi o que eu quis dizer – disse Diana suavemente.

– Ah. – Gallowglass olhou para o piso acarpetado por entre os joelhos. – Quatrocentos anos. Mais ou menos.

– Estou tão...

– Não precisa se lastimar por algo que você não podia evitar. – Ele a silenciou com um sinal. – Eu sabia que você nunca seria minha. Mas isso não importava.

– Eu era sua antes de ser de Matthew – disse Diana.

– Só porque a assisti enquanto você crescia para se tornar esposa de Matthew – ele retrucou. – Vovô sempre foi diabolicamente exímio em nos dar tarefas que não podíamos recusar nem executar sem perder algum pedaço de nossa alma.

Gallowglass respirou fundo.

– Até que vi no jornal a história do livro sobre o laboratório de lady Pembroke – ele continuou –, uma pequena parte de mim esperou que o destino pudesse ter outra surpresa na manga. E me perguntei se você poderia voltar diferente, ou sem Matthew, ou sem amá-lo tanto quanto ele a ama.

Diana ouviu sem dizer uma palavra.

– Depois, fui para Sept-Tours e esperei por você, como prometi para o vovô. Emily e Sarah sempre comentavam sobre as mudanças que sua viagem no tempo poderia causar. Miniaturas e telescópios à parte, sempre só houve um homem para você, Diana. E Deus sabe que sempre só houve uma mulher para Matthew.

– Que estranho ouvir você dizer o meu nome – disse Diana suavemente.

– Enquanto lhe chamar de tia, jamais me esquecerei de quem realmente é o dono do seu coração – disse Gallowglass rispidamente.

– Philippe não deveria ter esperado que você cuidasse de mim. Isso foi cruel – disse Diana.

– Não mais cruel do que ele esperava de você – rebateu Gallowglass. – E

muito menos do que exigia de si mesmo.

Notando que ela estava confusa, ele seguiu em frente.

– Philippe sempre colocou suas próprias necessidades por último. Os vampiros são criaturas governadas pelo desejo, com um instinto de autopreservação muito mais forte do que o de qualquer sangue-quente. Mas Philippe sempre foi diferente do resto de nós. Ficava de coração partido toda vez que vovó se inquietava e ia embora. Naquele tempo eu não entendia por que Ysabeau sentia necessidade de se afastar. E agora que sei da história dela, acho que o amor de Philippe a assustava. Ele era tão profundo e altruísta que ela simplesmente não podia confiar nele... não depois do que o senhor dela fez com ela. Uma parte de vovó sempre desconfiou que um dia vovô exigiria alguma coisa que ela não poderia lhe dar.

Diana pareceu pensativa.

– Cada vez que vejo Matthew lutando para que você tenha a liberdade de que necessita... deixando-a fazer alguma coisa por conta própria que para você acaba sendo uma coisa menor, embora a preocupação e a espera por ele sejam agonizantes... isso me faz lembrar de Philippe – acrescentou Gallowglass, arrematando a história.

– E o que faremos agora? – Ela não se referiu à chegada em Londres, mas sim ao que ele pretendia que ela fizesse.

– Agora, vamos esperar por Matthew. – Gallowglass foi categórico. – Você queria que ele estabelecesse uma família. Ele se foi para fazer isso.

A magia pulsou novamente sob a pele de Diana em iridescente agitação. Isso fez Gallowglass se lembrar das longas noites em que observava a aurora boreal de uma faixa de areia na costa abaixo dos penhascos, onde um dia o pai e o avô dele tinham vivido.

– Não se preocupe. Matthew não conseguirá ficar longe por muito tempo. Uma coisa é vaguear na escuridão quando não se conhece nada diferente, outra coisa bem diferente é usufruir a luz que só emana de você –

disse Gallowglass.

– Você parece tão convicto – sussurrou Diana.

– E estou. Marcus tem muitos filhos, mas ele os colocará nos trilhos. – Gallowglass abaixou a voz. – Suponho que você escolheu Londres por uma boa razão?

Os olhos de Diana cintilaram.

– Parece que sim. Você não está apenas atrás da última folha perdida do Ashmole 782, mas sim do manuscrito inteiro. E sei que esse comentário não é uma bobagem. – Gallowglass levantou a mão quando Diana abriu a boca para protestar. – Isso quer dizer que você vai querer pessoas ao seu redor. Pessoas em quem possa confiar até a morte, como vovó, Sarah e Fernando. – Ele pegou o celular.

– Sarah já sabe que estou a caminho da Europa. Falei para ela que a deixaria saber onde eu estaria quando já tivesse resolvido. – Diana franziu o cenho de olho fixo no celular. – E Ysabeau ainda é prisioneira de Gerbert, sem contato algum com o mundo exterior.

– Ora, vovó tem os seus jeitinhos – disse Gallowglass sereno, correndo os dedos pelo teclado do celular. – Só vou mandar uma mensagem para ela, dizendo para onde estamos indo. Depois, contarei para Fernando. Você não pode fazer isso sozinha, tia. Muito menos o que planejou.

– Você está levando isso muito bem, Gallowglass – disse Diana agradecida. – Matthew estaria tentando me convencer do contrário.

– Isso é o que você ganha por se apaixonar pelo homem errado – ele disse baixinho, deslizando o telefone de volta ao bolso.

Ysabeau de Clermont pegou o seu elegante celular vermelho e olhou a hora no visor iluminado. Eram 7:37 da manhã. Em seguida leu a esperada mensagem que se limitava a três repetições de uma única palavra:

Mayday
Mayday
Mayday

Ela esperava pelo contato de Gallowglass desde que Phoebe lhe noticiara que Marcus partira misteriosa e subitamente no meio da noite para juntar-se a Matthew.

Fazia muito tempo que Ysabeau e Gallowglass tinham decidido que precisavam de uma forma de se comunicar entre si quando as coisas estivessem "de mal a pior", conforme o neto se expressou. O sistema de comunicação mudara ao longo dos anos, desde as balizas e mensagens secretas escritas com suco de cebola aos códigos e cifras, e depois, objetos enviados pelo correio sem qualquer explicação. Agora, eles recorriam ao celular.

A princípio ela relutara em possuir uma dessas engenhocas chamadas de celular, mas depois dos últimos acontecimentos sentiu-se feliz em tê-lo recuperado. Gerbert o confiscara logo após a chegada de Ysabeau em Aurillac, na vã esperança de que sem o celular ela se tornaria mais maleável.

Gerbert o devolvera algumas semanas antes. Ysabeau o usara como refém para satisfazer as bruxas e fazer uma demonstração pública do poder e influência da Congregação. Gerbert tinha a doce ilusão de que a prisioneira forneceria alguma informação que os ajudaria a encontrar Matthew. Mas agradecia pela disposição de Ysabeau em continuar com a charada. Desde a chegada na casa de Gerbert ela se tornara uma prisioneira exemplar. Ele alegou que a devolução do celular era uma recompensa pelo bom comportamento dela, mas ela sabia que em grande parte isso se devia ao fato de que ele não sabia como silenciar os muitos alarmes que soavam do aparelho durante o dia inteiro.

Ysabeau se aprazia com lembretes de eventos que alteraram o seu

mundo: pouco antes do meio-dia, quando Philippe e seus homens explodiram a prisão que a aprisionava, fazendo-a sentir os primeiros sinais de esperança; duas horas antes do nascer do sol, quando Philippe admitira pela primeira vez que a amava; três da tarde, hora em que ela encontrara o corpo estraçalhado de Matthew na igreja inacabada em Saint-Lucien; 13:23, quando Matthew tirou as últimas gotas de sangue do corpo de Philippe. Outros alarmes indicavam o momento da morte de Hugh e Godfrey, a hora em que Louisa apresentara pela primeira vez os sinais da ira do sangue, a hora em que Marcus demonstrou de uma vez por todas que não contraíra a doença. E outros alarmes diários eram reservados para eventos históricos significativos, como o nascimento de reis e rainhas que tinham sido amigos de Ysabeau, guerras que ela combatera e vencera e batalhas perdidas de maneira inexplicável, depois de terem sido bem planejadas.

Os alarmes soavam dia e noite, com diferentes canções escolhidas a dedo. Gerbert se opunha particularmente ao alarme que soava "Chant de Guerre pour l'Armée du Rhin" às 17:30 – momento exato em que a multidão revolucionária derrubou os portões da Bastilha em 1789. Eram canções que estimulavam a memória ao evocar rostos e lugares muitas vezes desaparecidos ao longo do tempo.

Ysabeau acabou de ler a mensagem de Gallowglass. Para qualquer outra pessoa a mensagem não passaria de uma combinação ilegível de previsão de envio, sinal de socorro aeronáutico e horóscopo, com referências a sombras, Lua, Gêmeos, Libra e a uma série de coordenadas de longitude e latitude. Ysabeau leu a mensagem duas vezes: a primeira para se certificar de que tinha apreendido corretamente o significado e a segunda para memorizar as instruções de Gallowglass. Depois, digitou a resposta.

Je Viens

– Receio que seja hora de ir, Gerbert – disse Ysabeau sem qualquer arrependimento. Ela esquadrinhou o aparente horror gótico de uma sala onde o carcereiro sentava-se diante de um computador ao pé de uma mesa talhada e ornamentada. Na extremidade oposta, uma pesada bíblia descansava sobre um pedestal ladeado por espessas velas brancas, como se o espaço de trabalho de Gerbert fosse um altar. Os lábios de Ysabeau crisparam-se pela pretensão que combinava com o pesado mobiliário de madeira do século XIX, os bancos convertidos em sofás e a parede coberta por um escandaloso papel de parede de seda azul e verde enfeitado com escudos de cavalaria. Os únicos itens autênticos na sala eram a enorme lareira de pedra e o monumental tabuleiro de xadrez à frente dela.

Gerbert olhou para a tela do computador e gemeu ao pressionar uma tecla no teclado.

– Jean-Luc virá de Saint-Lucien e poderá ajudá-lo, se você ainda estiver tendo problemas com o computador – disse Ysabeau.

Gerbert contratara um homem jovem e bonito para configurar uma rede de computadores em casa depois que Ysabeau compartilhara duas fofocas de Sept-Tours recolhidas de conversas em torno da mesa de jantar: a convicção de Nathaniel Wilson de que as guerras futuras seriam travadas na internet e o plano de Marcus para lidar com a bancada majoritária dos Cavaleiros de Lázaro através de canais on-line. Embora Baldwin e Hamish tenham ignorado a extraordinária ideia do neto de Ysabeau, Gerbert não precisava saber disso.

Ao instalar os componentes do sistema comprado às pressas por Gerbert, Jean-Luc teve que telefonar inúmeras vezes para se consultar com o escritório. Nathaniel, o querido amigo de Marcus, criara a pequena empresa em Saint-Lucien a fim de trazer os moradores para a era moderna. Nathaniel estava na Austrália, mas ficava feliz em ajudar seu ex-funcionário sempre que sua vasta experiência era exigida. Nessa ocasião ele orientara Jean-Luc nas diversas configurações de segurança solicitadas

por Gerbert.

Nathaniel também acrescentou algumas modificações por sua própria conta.

E disso resultou que ele e Ysabeau sabiam mais a respeito de Gerbert de Aurillac do que ela sonhara ser possível ou sequer quisera saber. Era impressionante o quanto os hábitos das compras on-line revelavam o caráter e as atividades de uma pessoa.

Ysabeau tratou de fazer com que Jean-Luc inscrevesse Gerbert em diversos serviços da rede social para manter o vampiro ocupado e fora do caminho. Ela não fazia ideia de por que todas aquelas empresas escolhiam tons de azul para os seus logotipos. A cor azul sempre a remetia a um estado de serenidade, ao passo que as redes sociais proporcionavam um interminável estado de espírito agitado e exibicionista. Era pior que a corte de Versalhes. Pensaremos sobre isso, refletiu Ysabeau, Louis-Dieudonné também gostava do azul.

A única reclamação de Gerbert em relação a sua nova existência virtual é que ele não tinha conseguido se registrar com o nome de usuário "Pontifex Maximus". Ysabeau argumentou que talvez tivesse sido melhor assim porque esse apelido podia se constituir em uma violação do pacto aos olhos de algumas criaturas.

Infelizmente para Gerbert, se bem que felizmente para Ysabeau, o vício em internet e o conhecimento de como usá-la melhor nem sempre andam de mãos dadas. Por conta das páginas que frequentava, o computador de Gerbert era assolado por vírus. Ele também tendia a escolher senhas excessivamente complexas e acabava perdendo a noção de quais sites tinha visitado e como os tinha encontrado. Isso levava a muitas chamadas telefônicas para Jean-Luc que infalivelmente solucionava as dificuldades e assim mantinha a atualização de acesso a todas as informações on-line de Gerbert.

Com Gerbert assim ocupado, Ysabeau se via livre para passear pelo

castelo, vasculhando os pertences e copiando surpreendentes dados nas muitas agendas de endereço do vampiro.

A vida como refém de Gerbert tinha sido muito esclarecedora.

– É hora de ir – repetiu Ysabeau quando Gerbert finalmente desviou os olhos da tela. – Não há razão alguma para me manter aqui por mais tempo. A Congregação ganhou. Acabo de receber uma notícia da família de que Matthew e Diana não estão mais juntos. Imagino que a pressão tenha sido grande, grande demais para ela, pobre menina. Você deve estar feliz da vida.

– Não fiquei sabendo disso. E você? – A expressão de Gerbert era de suspeita. – Está feliz?

– Claro. Sempre desprezei as bruxas. – Gerbert não precisava saber que os sentimentos de Ysabeau tinham mudado radicalmente.

– Hum. – Ele ainda pareceu desconfiado. – A bruxa de Matthew foi para Madison? Certamente Diana Bishop vai querer estar com a tia depois de deixar o seu filho.

– Tenho certeza de que ela anseia por sua própria casa – disse Ysabeau vagamente. – É típico, após um desgosto buscamos aquilo que nos é familiar.

Ysabeau achava promissor o fato de que Diana tivesse optado por voltar para o lugar em que tinha desfrutado uma vida junto com Matthew. Quanto ao desgosto, havia muitas maneiras de aliviar a dor e a solidão decorrentes do acasalamento com o senhor de um grande clã de vampiros – o que Matthew logo se tornaria. Ysabeau ansiava pelo momento de compartilhar com a nora, a qual aliás era feita de um material mais resistente do que a maioria dos vampiros esperava.

– Você precisa esclarecer a minha partida para alguém? Domenico? Satu, talvez? – perguntou Ysabeau solícita.

– Ysabeau, eles dançam conforme a minha música – disse Gerbert, com uma carranca.

Era pateticamente fácil manipulá-lo quando o ego dele estava envolvido. E o ego de Gerbert sempre estava envolvido. Ysabeau dissimulou o sorriso de satisfação.

– Se eu libertá-la, você vai voltar para Sept-Tours e ficar lá? – perguntou Gerbert.

– Claro – ela respondeu prontamente.

– Ysabeau – ele rosnou.

– Não deixo o território De Clermont desde o pós-guerra – ela disse, com um toque de impaciência. – A menos que a Congregação decida me fazer prisioneira de novo, ficarei no território De Clermont. Só Philippe poderia me convencer a fazer o contrário.

– Felizmente, nem mesmo Philippe de Clermont é capaz de nos dar ordens da sepultura, mas certamente ele adoraria fazê-lo – disse Gerbert.

Você ficaria surpreso, seu sapo, pensou Ysabeau.

– Muito bem, então. Você está livre para ir. – Gerbert suspirou. – Mas tente se lembrar de que estamos em guerra, Ysabeau. Mantenha as aparências.

– Ora, Gerbert, nunca me esqueceria de que estamos em guerra. – Impossibilitada de manter o comedimento por mais tempo e temendo que pudesse encontrar um uso criativo para o atiçador de ferro que estava encostado ao lado da lareira, Ysabeau saiu ao encontro de Marthe.

Sua fiel companheira estava sentada junto à lareira na impecável cozinha abaixo, com um exemplar surrado do *Tinker Tailor Soldier Spy* e uma xícara fumegante de vinho quente. Mais ao lado, o açougueiro de Gerbert desmembrava um coelho para o café da manhã do seu mestre. Os azulejos de Delft nas paredes propiciavam uma nota estranhamente alegre.

– Estamos indo para casa, Marthe – disse Ysabeau.

– Finalmente. – Marthe levantou-se gemendo. – Odeio Aurillac. O ar aqui é ruim. *Adiu siatz*, Theo.

– *Adiu siatz*, Marthe – resmungou Theo, ainda desmembrando o infeliz

coelho.

Gerbert encontrou-as na porta da frente para se despedir. Beijou Ysabeau nas duas faces, supervisionado por uma cabeça de javali abatido por Philippe que fora preservada e montada sobre uma placa colocada na lareira.

– Peço para Enzo levá-las?

– Acho que vamos caminhar. – Assim, ela e Marthe poderiam fazer planos. Após tantas semanas de espionagem sob o teto de Gerbert, seria difícil deixar de lado a excessiva cautela.

– Mas são cento e trinta quilômetros – ressaltou Gerbert.

– Vamos parar em Allanche para almoçar. Uma grande manada de veados habita os bosques de lá. – Elas não iriam tão longe porque Ysabeau já tinha enviado uma mensagem para que Alain fosse ao encontro delas fora dos limites de Murat. De lá Alain as levaria para Clermont-Ferrand, onde elas embarcariam em uma das máquinas voadoras infernais de Baldwin rumo a Londres. Marthe abominava viagens aéreas porque as considerava antinaturais, mas elas não podiam permitir que Diana chegasse a uma casa fria. Ysabeau passou o cartão de Jean-Luc para a mão de Gerbert.

– Até a próxima vez.

Ysabeau e Marthe saíram de braços dados pela madrugada fria. As torres do Château des Anges Déchus tornaram-se cada vez menores mais atrás, até que sumiram de vista.

– Eu preciso definir um novo alarme, Marthe. Sete e trinta e sete da manhã. Não me deixe esquecer. – Talvez a "Marcha de Henrique IV" seja mais apropriada para isso – sussurrou Ysabeau enquanto seus pés se moviam ágeis para o norte, rumo aos picos de antigos vulcões adormecidos e ao seu próprio futuro.



— Esta não pode ser a minha casa, Leonard. – Situada em um dos bairros mais aristocráticos de Londres, a mansão palaciana de tijolinhos com quatro andares e uma imponente fachada de cinco janelas tornava o fato inconcebível. Contudo, senti uma pontada de arrependimento. As janelas altas pintadas de branco se contrapunham ao calor dos tijolos com suas antigas vidraças que cintilavam sob o sol do meio-dia. Imaginei que o interior da casa estaria inundado de luz. E que estaria quente porque ela não tinha as duas chaminés habituais e sim três. O bronze polido na porta da frente era suficiente para montar uma banda marcial. Chamá-la de lar seria uma história um tanto gloriosa.

– Foi para este lugar que me mandaram ir, madame.... hum, senhora, hum... Diana. – Leonard Shoreditch, velho amigo de Jack e também da má reputada gangue dos meninos perdidos de Hubbard, nos esperara junto com Hamish na área de desembarque privado do aeroporto London City, em Docklands. E agora Leonard estacionava o Mercedes e esticava o pescoço por cima do banco à espera de novas instruções.

– Prometo a você que é sua casa, titia. Se não gostar, podemos trocá-la por outra. Mas, por favor, é melhor discutir as possíveis transações imobiliárias lá dentro e não sentados aqui na rua, onde qualquer criatura pode nos ver. Pegue a bagagem, rapaz. – Gallowglass saiu do banco do carona e bateu a porta atrás de si. Ainda estava com raiva por não ter sido o único a nos levar até Mayfair. Mas ele já tinha me transportado de barco ao longo de Londres e preferi me arriscar com Leonard.

Lancei outro olhar indeciso para a mansão.

– Não se preocupe, Diana. Clairmont House não é tão grande por dentro quanto por fora. Tem a escadaria, claro. E parte do reboco tem ornamentos – disse Hamish enquanto abria a porta do carro. – Pensando bem, a casa toda *é* muito grande.

Leonard postou-se frente ao porta-malas do carro e tirou a minha mala pequena e a grande placa escrita à mão que ele segurava quando se apresentou a nós. Ele alegara que gostava de fazer as coisas direito e por isso a placa tinha o nome CLAIRMONT escrito em maiúsculas. Quando Hamish argumentou que precisávamos ser discretos, Leonard riscou o nome com uma linha e rabiscou ROYDON embaixo em caracteres ainda mais escuros, usando um marcador com ponta de feltro.

– Como você conseguiu chamar Leonard? – perguntei para Hamish enquanto ele me ajudava já fora do carro. Leonard tinha sido visto pela última vez em 1591 na companhia de outro garoto com o nome estranhamente apropriado de Amen Corner. Pelo que me lembro, Matthew lançara uma adaga em direção a ambos simplesmente para entregar uma mensagem do padre Hubbard. Não me passara pela cabeça que meu marido tivera mantido contato com um dos jovens.

– Gallowglass enviou-me o número dele por mensagem de texto. Ele disse que devíamos fazer todo o possível para resguardar os assuntos de família. – Hamish lançou-me um olhar curioso. – Eu não sabia que Matthew era dono de uma empresa particular de locação de automóveis.

– A empresa pertence ao neto de Matthew e orgulha-se de ser o meio de transporte mais eficiente de Londres desde 1917. – Durante o percurso desde o aeroporto não tinham me passado despercebidos, no compartimento atrás do banco do motorista, os folhetos promocionais que anunciavam os serviços da Hubbards de Houndsditch, Ltda.

Antes que eu pudesse explicar melhor, uma senhora baixinha de quadris largos com uma carranca familiar abriu a porta azul em arco. Olhei em

choque.

– Você parece ótima, Marthe. – Gallowglass inclinou-se e beijou-a. Em seguida virou-se e franziu a testa para o pequeno lance de escadas que se estendia até a calçada. – Por que ainda está na calçada, tia?

– Por que Marthe está aqui? – Com minha garganta ressecada, a pergunta soou como se eu estivesse coaxando.

– É a Diana? – Soando como um sino, a voz de Ysabeau cortou o tranquilo burburinho da cidade. – Marthe e eu estamos aqui para ajudar, é claro.

Gallowglass assobiou.

– Ficar confinada contra a própria vontade lhe fez bem, vovó. Nunca a vi tão jovial desde que a rainha Vitória foi coroada.

– Seu adulador. – Ysabeau afagou a face do neto. E depois me olhou suspirando. – Diana está branca como a neve, Marthe. Leve-a de uma vez para dentro, Gallowglass.

– Você ouviu, tia. – Ele conduziu meus pés ao degrau mais alto.

Ysabeau e Marthe me empurraram por uma entrada arejada com seu reluzente piso de mármore preto e branco, e a esplêndida escada em curva me fez arregalar os olhos. Eram quatro lances de escada encimados por uma claraboia abobadada através da qual a luz do sol realçava os detalhes nas molduras.

De lá me conduziram até uma tranquila sala de recepção. Longas cortinas de seda cinzenta penduradas nas janelas contrastavam agradavelmente com o creme das paredes. Os estofados em tons de azul-ardósia, terracota, creme e preto acentuavam o cinza, e a tênue fragrância de cravo e canela impregnava a atmosfera. O gosto de Matthew estava em toda parte: no pequeno planetário com seus fios de latão reluzente, numa peça de porcelana japonesa e no aconchegante tapete colorido.

– Olá, Diana. Achei que você gostaria de um chá. – Era Phoebe Taylor que chegava seguida pelo aroma de lilases e o suave ruído de prata e

porcelana.

– Por que você saiu de Sept-Tours? – perguntei também surpresa ao vê-la.

– Ysabeau me disse que eu seria necessária aqui. – Os saltos do sapato preto de Phoebe clicaram na madeira polida. Ela olhou para Leonard e colocou a bandeja de chá sobre uma graciosa mesa tão bem lustrada que pude ver o reflexo dela. – Desculpe, mas acho que não nos conhecemos. Gostaria de um chá?

– Leonard Shoreditch ao seu dispor, ma... madame – disse Leonard gaguejando levemente e inclinando-se em rígida mesura. – Sim, obrigado, eu adoraria um chá. Puro. Quatro cubos de açúcar.

Phoebe derramou o líquido fumegante na xícara e só colocou três cubos de açúcar antes de entregá-la a Leonard. Marthe bufou e sentou-se na cadeira de encosto reto ao lado da mesa de chá, obviamente com a intenção de supervisionar Phoebe e Leonard – como um falcão.

– Isso vai apodrecer os seus dentes, Leonard – comentei, sem conseguir conter a maternal intervenção.

– Vampiros não se preocupam muito com cáries dentárias, madame... hum, senhora... hum, Diana. – A mão de Leonard oscilou perigosamente, de modo que a pequena taça e o pires vermelho ao estilo japonês estrepitaram.

Phoebe empalideceu.

– Isso é uma porcelana Chelsea muito antiga. Tudo nesta casa devia estar exposto em vitrines no museu V&A. – Ela entregou-me uma xícara e um pires idênticos, com uma linda colher de prata equilibrada na borda. – Jamais me perdoarei se alguma coisa quebrar. São insubstituíveis.

Se Phoebe se casasse com Marcus como planejava, ela teria que se acostumar com objetos de qualidade de museu a sua volta.

Suspirei de prazer depois de tomar um gole daquele escaldante chá doce e leitoso. Fez-se silêncio. Tomei outro gole e olhei ao redor da sala.

Gallowglass estava acomodado na cadeira Queen Anne de canto, com as pernas musculosas estendidas e abertas. Ysabeau estava entronizada na cadeira mais ornamentada da sala, de espaldar alto, estrutura folheada a prata e estofamento em damasco. Hamish dividia um sofá de mogno com Phoebe. Leonard estava inquietamente empoleirado em uma das cadeiras que ladeavam a mesa de chá.

Todos esperavam. Uma vez que Matthew não estava presente, os amigos e a família me olhavam à espera de orientação. Com todo o peso da responsabilidade sobre os ombros, senti o desconforto previsto por Matthew.

– Ysabeau, quando é que a Congregação a libertou? – perguntei ainda com a boca ressequida, apesar do chá.

– Eu e Gerbert chegamos a um acordo logo depois que você chegou à Escócia – ela respondeu despreocupadamente, embora o sorriso sugerisse que havia mais na história.

– Phoebe, Marcus sabe que você está aqui? – Suspeitei que ele nem desconfiava disso.

– Minha demissão da Sotheby's só entra em vigor na segunda-feira. Ele sabia que eu tinha que esvaziar a minha mesa. – Phoebe escolheu as palavras com muito cuidado, mas a resposta subjacente a minha pergunta era claramente um não. Marcus achava que a noiva ainda estava em um castelo fortificado na França e não naquela casa arejada na cidade de Londres.

– Demissão? – Fiquei surpresa.

– Se eu quiser voltar a trabalhar na Sotheby's, vou dispor de séculos para isso. – Phoebe olhou ao redor. – Se bem que eu poderia levar inúmeras vidas para catalogar os bens da família De Clermont de maneira adequada.

– Isso quer dizer que você ainda está determinada a se tornar vampira? – perguntei.

Phoebe balançou a cabeça. Eu teria que sentar com ela para tentar convencê-la a desistir. Se alguma coisa desse errado, Matthew teria as mãos sujas de sangue. E alguma coisa sempre dava errado naquela família.

– Quem vai torná-la vampira? – sussurrou Leonard para Gallowglass. – Padre H?

– Acho que o padre Hubbard já tem muitos filhos. Não acha, Leonard? – Ao pensar nisso também pensei que precisava saber quantos eram o mais rapidamente possível... o número de bruxas e demônios.

– Acho que sim, madame... hum, senhora... hum...

– A forma adequada de se dirigir à companheira de *sieur* Matthew é "madame". De agora em diante use esse título quando falar com Diana – disse Ysabeau, com vivacidade. – Isso simplifica as coisas.

Marthe e Gallowglass se voltaram para Ysabeau, com um registro de surpresa no rosto.

– *Sieur* Matthew – repeti em voz baixa. Até então Matthew era "milorde" para a família. Mas Philippe era chamado de *"sieur"* em 1590. *"Todos aqui me chamam de 'sire' ou de 'pai'."* Foi o que Philippe me respondeu quando lhe perguntei como devia tratá-lo. Na ocasião cheguei a pensar que a expressão não passava de um antiquado título honorífico francês. E agora eu entendia melhor. O tratamento de "*sieur*" (o vampiro senhor) para Matthew o designava como chefe de um clã de vampiros.

Até onde Ysabeau sabia, a nova linhagem de Matthew era um fato consumado.

– Madame de quê? – perguntou Leonard confuso.

– Só madame – respondeu Ysabeau, com toda calma. – Você pode me chamar de madame Ysabeau. Quando Phoebe se casar com milorde Marcus, ela será madame de Clermont. Por enquanto você pode chamá-la de srta. Phoebe.

– Oh. – O olhar de intensa concentração de Leonard indicava que ele estava mastigando aqueles pedaços da etiqueta vampírica.

Fez-se silêncio novamente. Ysabeau levantou-se.

– Marthe instalou-a no Quarto da Floresta, Diana. Fica ao lado do quarto de dormir de Matthew. Assim que terminar com o chá a levarei lá para cima. Você precisa descansar durante algumas horas antes de nos dizer o que necessita.

– Obrigada, Ysabeau. – Coloquei a xícara e o pires sobre a pequena mesa redonda à altura do meu cotovelo. Ainda não tinha terminado o chá, mas o calor se dissipara rapidamente através da frágil porcelana. Quanto ao que me era necessário, por onde começar?

Eu e Ysabeau atravessamos o saguão, subimos a graciosa escada até o primeiro andar e continuamos andando.

– Você terá privacidade no segundo andar – ela explicou. – Só existem dois quartos nesse pavimento, afora o estúdio de Matthew e uma pequena sala de estar. Agora que a casa é sua, claro que você pode organizar as coisas como bem entender.

– E vocês todos, onde irão dormir? – perguntei quando Ysabeau se virou para o patamar do segundo andar.

– Eu e Phoebe temos quartos no andar acima do seu. Marthe prefere dormir no térreo, na ala dos empregados. Se você achar que a casa está lotada, eu e Phoebe podemos nos mudar para a casa de Marcus. Fica perto do Palácio de St. James, e pertencia a Matthew.

– Acho que isso não será necessário – eu disse pensando no tamanho da casa.

– Vamos ver. Seu quarto. – Ysabeau abriu uma porta ampla e entalhada com uma maçaneta de latão reluzente. Engoli em seco. Tudo no quarto era em tons de verde, prata, cinza-claro e branco. As paredes eram forradas com pinturas à mão de ramos e folhas contra um fundo cinza-claro. Tons prateados geravam um efeito de luar, a lua espelhada no centro do teto de gesso aparentava ser a fonte da luz. Um rosto feminino fantasmagórico olhava do espelho com um sorriso sereno. Quatro representações de Nyx,

a personificação da noite, ancoravam-se nos quatro quadrantes do teto do aposento, com véus que ondulavam em meio a uma cortina preta esfumaçada retratada à maneira realista, fazendo-a parecer de tecido real. Estrelas de prata enredadas em dissimulação captavam a luz das janelas e o reflexo do espelho.

– É extraordinário, concordo – disse Ysabeau satisfeita com minha reação. – Matthew queria criar o efeito de uma floresta sob um céu iluminado pela lua. Depois que acabaram de decorar este quarto, ele disse que era muito bonito para ser usado e passou para o quarto ao lado.

Ysabeau se dirigiu às janelas e abriu as cortinas. O brilho da luz revelou uma antiga cama de dossel que estava em um recesso da parede minimizada pelo grande tamanho da cama. As cortinas da cama eram de seda e combinavam com o padrão do papel de parede. Outro espelho de grande dimensão acima da lareira refletia as imagens das árvores no papel de parede, mandando-as de volta para o aposento. A superfície brilhante também refletia a mobília do quarto: o pequeno aparador entre as amplas janelas, o canapé perto da lareira e as flores e folhas brilhantes incrustadas na madeira de nogueira das gavetas. A decoração do quarto e o mobiliário deviam ter custado uma fortuna para Matthew.

Corri os olhos até uma grande tela onde uma feiticeira desenhava símbolos mágicos sentada no chão. A tela estava pendurada entre as janelas altas na parede em frente à cama. Uma mulher com véu interrompia o trabalho da feiticeira, a mão estendida sugeria que ela pedia ajuda à feiticeira. Era uma estranha escolha de tema para a casa de um vampiro.

– De quem era este quarto, Ysabeau?

– Se não me engano Matthew o fez para você... só que não percebeu isso na ocasião. – Ysabeau abriu outro par de cortinas.

– Alguma outra mulher dormiu aqui? – Eu nunca descansaria em um quarto que tivesse sido ocupado por Juliette Durand.

– Matthew levava as amantes para outro lugar – respondeu Ysabeau, igualmente contundente. Ao ver a minha expressão, ela suavizou o tom. – Ele possui muitas casas. A maioria não significa nada para ele. Algumas, sim. Esta aqui é uma delas. Ele não teria dado de presente para você se não a valorizasse.

– Nunca pensei que me separar dele seria tão difícil.

Ysabeau me silenciou, dizendo com um sorriso triste.

– Nunca é fácil ser consorte em uma família de vampiros. E às vezes a distância é a única maneira de estar junto com o outro. Matthew não tinha outra escolha a não ser deixá-la por um tempo.

– Algum dia Philippe baniu você do lado dele? – Observei a minha impecável sogra com visível curiosidade.

– Claro que sim. Sobretudo quando Philippe me considerava uma indesejada distração. Em outras ocasiões para impedir o meu envolvimento, caso surgisse alguma catástrofe... e na família dele isso acontecia com muita frequência. – Ela sorriu. – Meu marido sempre me afastava quando eu tentava me intrometer porque se preocupava com minha segurança.

– Isso quer dizer que Matthew aprendeu a ser superprotetor com Philippe? – perguntei pensando nas muitas vezes que ele me afastava do perigo para ele próprio enfrentá-lo.

– Matthew era mestre na arte de superproteger a mulher amada muito antes de se tornar vampiro – respondeu Ysabeau, com suavidade. – Você sabe disso.

– E você sempre obedecia às ordens de Philippe?

– Não mais do que você obedece as de Matthew. – A voz de Ysabeau soou em tom conspiratório. – E você logo vai descobrir que nunca estará livre para tomar suas decisões com todo esse patriarcalismo de Matthew. Tal como eu, talvez você acabe passando por cima desses momentos.

– Duvido. – Pressionei o punho na base de minha coluna para

endireitar-me. Era o que Matthew normalmente fazia. – Preciso lhe dizer o que aconteceu em New Haven.

– Você nunca deve explicar os atos de Matthew a ninguém – disse Ysabeau acentuadamente. – Vampiros não contam histórias à toa. Em nosso mundo, saber é poder.

– Você é mãe de Matthew. Claro que não devo guardar segredos de você. – Rememorei os acontecimentos dos últimos dias. – Matthew descobriu a identidade de um dos filhos de Benjamin... e conheceu um bisneto que até então ele não conhecia. – De todas as estranhas voltas e mais voltas que nossa vida tomara, o encontro com Jack e o pai dele tinha que ser o mais importante, até porque agora estávamos na cidade do padre Hubbard. – Ele se chama Jack Blackfriars e viveu em nossa casa em 1591.

– Então, finalmente o meu filho sabe sobre Andrew Hubbard – disse Ysabeau, sem qualquer emoção no rosto.

– Você *sabia*? – gritei.

O sorriso de Ysabeau teria me aterrorizado – em outros tempos.

– E você ainda acha que mereço sua completa honestidade, filha?

Matthew me avisara que eu não estava preparada para liderar um bando de vampiros.

– Você é consorte de um senhor, Diana. Você precisa aprender a dizer para os outros apenas o que eles precisam saber e nada mais – ela instruiu-me.

Embora com minha primeira lição aprendida, certamente havia mais.

– Você vai me ensinar, Ysabeau?

– Sim. – A resposta de uma única palavra era mais confiável que qualquer longo voto. – Diana, em primeiro lugar você deve ser cuidadosa. Mesmo sendo companheira e consorte de Matthew, você é uma De Clermont e deve permanecer assim até que essa questão da linhagem esteja resolvida. Seu status na família de Philippe vai proteger Matthew.

– Matthew disse que a Congregação vai tentar matá-lo... e a Jack

também, depois que ficar sabendo sobre Benjamin e a ira do sangue – eu disse.

– Eles vão tentar. Mas não vamos deixar que façam isso. Por ora, você deve descansar. – Ysabeau puxou a colcha de seda da cama e arrumou os travesseiros.

Circulei a enorme cama, passando a mão em torno de um dos postes que sustentavam o dossel. A escultura sob os meus dedos me era familiar. *Eu tinha dormido naquela cama antes*, caí em mim. Aquela cama não era de outra mulher. Era minha. Era a cama de nossa casa em Blackfriars, no ano de 1590, que de alguma forma sobrevivera aos séculos anteriores até chegar à câmara que Matthew consagrara ao luar e ao encantamento.

Depois de uma palavra de agradecimento sussurrada para Ysabeau, descansei a cabeça nas almofadas macias e adormeci em um sono conturbado.

Dormi por cerca de vinte e quatro horas, e poderia ter sido mais se o alarme estridente de um carro não tivesse me tirado dos sonhos, fazendo-me mergulhar em uma escuridão desconhecida e esverdeada. Só então os outros sons penetraram em minha consciência: a azáfama do tráfego na rua do outro lado de minhas janelas, uma porta fechando em algum lugar na casa e uma conversa logo abafada no corredor.

Na esperança de que um fluxo de água quente pudesse descontrair a rigidez dos meus músculos e clarear a minha cabeça, explorei um labirinto de pequenos cômodos depois de atravessar uma porta branca. Encontrei não apenas um chuveiro, mas também a minha mala dentro de um armário com uma dobradura projetada para peças de bagagem. Retirei da mala as duas folhas do Ashmole 782 e o meu laptop. O resto da bagagem deixava muito a desejar. Afora algumas roupas íntimas, alguns tops, calças de ioga que não cabiam mais em mim, um par de sapatos que não combinavam e

calças pretas de grávida, não havia mais nada na mala. Felizmente, encontrei muitas camisas dobradas no armário de Matthew. Enfiei uma camisa de casimira cinza pelos braços e os ombros e desviei da porta fechada que certamente levaria ao quarto dele.

Cheguei ao primeiro andar de pés descalços, com o laptop e o enorme envelope que guardava as folhas do *Livro da vida* nos braços. As grandes salas daquele andar estavam vazias – um salão de baile ecoava com cristal e ouro suficiente para pintar e reformar o Versailles, uma salinha de música com um piano e outros instrumentos, um salão de beleza formal que parecia decorado por Ysabeau, uma sala de jantar igualmente formal com uma infindável mesa de mogno com capacidade para vinte e quatro pessoas, uma biblioteca abarrotada de livros do século XVIII e uma sala de jogos com mesas cobertas de feltro verde que pareciam tiradas de um romance de Jane Austen.

Eu estava ansiosa por uma atmosfera caseira e resolvi descer para o andar térreo. Na sala de estar, nenhuma alma viva. Segui em meio a espaços de escritórios, salas de estar e salas íntimas até encontrar uma sala de jantar mais aconchegante que a do andar de cima. Localizada na parte de trás da casa, a janela curvava-se para um pequeno jardim privado. A pintura das paredes se assemelhava a tijolos, o que emprestava calor ao ambiente e convidava o ar. Outra mesa de mogno redonda e não retangular como a primeira era cercada por apenas oito cadeiras e tinha em cima uma variedade de livros antigos cuidadosamente arranjados.

Phoebe entrou na sala e colocou uma bandeja com chá e torradas sobre um pequeno aparador.

– Marthe avisou-me que você acordaria a qualquer momento. Ela me disse que lhe servisse isso primeiro e que se você estivesse com fome teria ovos e linguiça na cozinha. Geralmente não comemos aqui. Quando a comida retorna pela escada, vira pedra fria.

– O que é tudo isso? – Apontei para a mesa.

– Os livros que você pediu a Hamish – disse Phoebe, endireitando um volume que estava ligeiramente desarrumado. – Ainda estamos esperando outros. Como você é historiadora, coloquei-os em ordem cronológica. Espero que esteja tudo bem.

– Mas pedi para quinta-feira – retruquei perplexa.

O pedido ocorrera na manhã de domingo. Como ele conseguira tal façanha? Uma das folhas de papel estampava um título e uma data – *Arca Noë 1675* – em elegante letra feminina junto ao preço e ao nome e endereço do livreiro.

– Ysabeau conhece cada negociante de Londres. – A boca de Phoebe ergueu-se com um sorriso maroto, transformando um rosto atraente em bonito. – O que não é de espantar. A frase "o preço não é importante" mobiliza qualquer casa de leilão, independentemente de hora e de finais de semana.

Peguei outro volume – *Obeliscus Pamphilius,* de Kircher – e abri a capa. A extensa assinatura de Matthew estava na folha em branco.

– Primeiro vasculhei as bibliotecas aqui de Pickering Place. Não faria sentido comprar alguma coisa que você já tinha – explicou Phoebe. – Matthew tem um gosto amplo quando se trata de livros. Encontrei na Pickering Place uma primeira edição do *Paradise Lost* e uma primeira edição do *Poor Richard's Almanack* assinado por Franklin na parte superior.

– Pickering Place? – Continuei traçando as letras da assinatura de Matthew com o dedo.

– A casa de Marcus perto do Palácio de St. James. Suponho que tenha sido um presente de Matthew. Ele viveu lá antes de construir a Clairmont House – disse Phoebe de lábios franzidos. – Mesmo que Marcus seja fascinado por política, não acho apropriado que a Magna Carta e uma das cópias originais da Declaração de Independência permaneçam em mãos de particulares. Tenho certeza que você concorda.

Levantei o dedo da página. O semblante de Matthew pairou por um segundo acima do espaço em branco onde ele tinha assinado. Phoebe arregalou os olhos.

– Desculpe – eu disse, fazendo a tinta retornar ao papel, rodopiando pela superfície e recolocando a assinatura do meu marido. – Eu não devia fazer magia na frente de sangues-quentes.

– Mas você não disse palavra alguma nem escreveu encantamentos. – Phoebe pareceu confusa.

– Algumas bruxas não precisam recitar encantamentos para fazer magia. – Lembrei das palavras de Ysabeau e expliquei o mais sucintamente possível.

– Ah. – Ela balançou a cabeça. – Ainda tenho muito que aprender sobre as criaturas.

– Eu também. – Sorri calorosamente e Phoebe me deu um sorriso hesitante em troca.

– Ainda está interessada nas imagens de Kircher? – ela perguntou enquanto abria um tomo grosso do autor com todo zelo. Era um livro sobre o magnetismo: *Magnes sive De Arte Magnetica*. A página com o título gravado mostrava uma árvore alta cujos ramos largos ostentavam os frutos do conhecimento encadeados para sugerir uma ligação comum. No centro, o olho divino contemplava o mundo eterno dos arquétipos e da verdade. Uma fita serpenteava por entre os ramos e frutos da árvore, apresentando um lema em latim: *Omnia nodis arcanis connexa quiescunt*. A tradução de lemas era tarefa complicada, uma vez que os significados eram propositalmente enigmáticos, mas a maioria dos estudiosos o interpretava como se referindo às influências magnéticas ocultas que segundo Kircher davam unidade ao mundo: *"Todas as coisas estão em repouso, interligadas por nós secretos."*

– *Eles todos esperam em silêncio, interligados por nós secretos* – murmurou Phoebe. – Quem são "eles"? E o que esperam?

Sem um conhecimento detalhado das ideias de Kircher sobre o magnetismo, Phoebe extraíra um significado bem diferente do que estava inscrito.

– E por que esses quatro discos maiores? – Ela apontou para o centro da página, onde três discos estavam dispostos de forma triangular em torno de um quarto que continha um olho aberto.

– Não sei ao certo – confessei enquanto lia as descrições em latim que acompanhavam as imagens. – O olho representa o mundo dos arquétipos.

– Oh. A origem de todas as coisas. – Ela olhou a imagem mais de perto.

– O que você disse? – Meu terceiro olho se abriu, subitamente interessado no que Phoebe Taylor tinha a dizer.

– Arquétipos são padrões originais. Veja aqui, o mundo sublunar, o céu e o homem – ela disse tamborilando em cada um dos três discos ao redor do olho arquetípico. – Cada um deles está ligado ao mundo dos arquétipos... o seu ponto de origem e ainda algum outro. O lema sugere que as cadeias devem ser vistas como nós, apesar de tudo mais. Não sei se isso é relevante.

– Ora, acho que é relevante – comentei baixinho, na certeza de que Athanasius Kircher e a venda da Villa Mondragone tinham sido elos cruciais na série de eventos que levavam de Edward Kelley em Praga à última folha que faltava. De alguma forma o padre Athanasius deve ter conhecido o mundo das criaturas. Se é que ele próprio não era uma criatura.

– A Árvore da Vida é um arquétipo poderoso por si mesma, é claro – continuou Phoebe. – Ela também descreve as relações entre as partes distintas do mundo criado. Por isso mesmo, os genealogistas utilizam as árvores genealógicas para mostrar as linhagens de descendência.

Uma historiadora da arte na família seria um acontecimento inesperado – tanto no sentido da pesquisa como das conversações. Finalmente, eu podia conversar com alguém sobre as imagens arcanas.

– E você sabe qual é a importância das árvores do conhecimento na imagética científica. Mas nem todas são representadas como o são aqui – disse Phoebe pesarosa. – Quase todas são simples diagramas de ramificação, como a Árvore da Vida na *Origem das espécies* de Darwin. Serviu apenas de imagem para o livro inteiro. É uma pena que Darwin não tenha pensado em se unir a um bom artista como fez Kircher... alguém que pudesse produzir alguma coisa realmente maravilhosa.

Os fios atados que esperavam silenciosamente a minha volta começaram a brilhar. Mas ainda faltava alguma coisa. Alguma conexão poderosa que estava quase ao meu alcance, se apenas...

– Onde estão todos? – Hamish enfiou a cabeça na sala.

– Bom-dia, Hamish – disse Phoebe, com um sorriso caloroso. – Leonard saiu para pegar Sarah e Fernando. Todos estão em algum lugar por aí.

– Olá, Hamish. – Gallowglass acenou da janela do jardim. – Sentindo-se melhor depois do sono, tia?

– Muito melhor, obrigada. – Mas eu estava atenta em Hamish.

– Ele não ligou – disse Hamish docilmente em resposta à minha pergunta silenciosa.

Isso não me surpreendeu. Mas olhei para os novos livros a fim de ocultar a decepção.

– Bom-dia, Diana. Olá, Hamish. – Ysabeau deslizou para dentro da sala e ofereceu a face para o demônio que a beijou obediente. – Phoebe já localizou os livros que você precisa, Diana, ou ela deve continuar procurando?

– Phoebe fez um trabalho incrível... e com muita rapidez. Mas talvez eu ainda precise de ajuda.

– Bem, para isso estamos aqui. – Ysabeau chamou o neto e olhou-me com determinação. – Seu chá esfriou. Marthe vai trazer mais, e depois você nos dirá o que deve ser feito.

Só depois que Marthe obedeceu à ordem (com algo mentolado e

descafeinado e não com o chá-preto e forte que Phoebe preparara) e que Gallowglass juntou-se a nós é que mostrei as duas folhas do Ashmole 782. Hamish assobiou.

– São duas iluminuras retiradas do *Livro da vida* no século XVI... o manuscrito conhecido atualmente como Ashmole 782. Ainda precisamos encontrar uma terceira: a imagem de uma árvore. Um pouco parecida com isto. – Mostrei o frontispício do livro de Kircher sobre o magnetismo. – Precisamos encontrá-la antes que outro a encontre, e refiro-me a Knox, a Benjamin e à Congregação.

– Por que todos querem tanto o *Livro da vida*? – Os astutos olhos cor de oliva de Phoebe eram sinceros. Perguntei-me por quanto tempo ficariam assim depois que ela se tornasse uma De Clermont e uma vampira.

– Nenhum de nós realmente sabe – admiti. – É um grimório? A história de nossas origens? Algum tipo de registro? Já o segurei duas vezes: uma vez na Bodleiana em Oxford, em estado danificado, e outra vez no gabinete de curiosidades do imperador Rodolfo, ainda inteiro e completo. Ainda não sei por que tantas criaturas o procuram. O que sei com certeza é que o *Livro da vida* guarda muito poder... poder e segredos.

– Não é à toa que bruxas e vampiros estejam tão interessados em adquiri-lo – comentou Hamish em tom seco.

– Demônios também, Hamish – acrescentei. – É só perguntar para Agatha Wilson, a mãe de Nathaniel. Ela também o quer.

– Onde achou esta segunda folha? – Ele tocou na imagem dos dragões.

– Alguém a levou para New Haven.

– Quem? – perguntou Hamish.

– Andrew Hubbard. – Após os avisos de Ysabeau, fiquei em dúvida se devia ter revelado isso. Mas Hamish era nosso advogado, não podíamos guardar segredos para ele. – Ele é um vampiro.

– Ora, sei muito bem quem é Andrew Hubbard e o que ele é. Afinal, sou um demônio e trabalho na cidade – disse Hamish, dando uma risada. –

Mas estou surpreso por Matthew deixá-lo se aproximar. Ele despreza esse homem.

Eu poderia ter explicado que as coisas tinham mudado bastante e o porquê disso, mas a história de Jack Blackfriars teria que ser contada por Matthew.

– O que a imagem desaparecida da árvore tem a ver com Athanasius Kircher? – perguntou Phoebe, trazendo o assunto em pauta para a nossa atenção.

– Durante a minha estada em New Haven, a minha colega Lucy Meriweather ajudou-me a rastrear o paradeiro do *Livro da vida*. Um dos manuscritos misteriosos de Rodolfo acabou nas mãos de Kircher. Pensamos então que a iluminura da árvore poderia estar entre esses manuscritos. – Fiz um gesto frente ao frontispício de *Magnes sive De Arte Magnetica*. – Estou mais certa do que nunca de que no mínimo Kircher viu a imagem, apenas baseada nessa ilustração.

– Você não pode apenas investigar os livros e artigos de Kircher? – perguntou Hamish.

– Posso – respondi sorrindo –, desde que os livros e os papéis também possam ser localizados. Transferiram a coleção pessoal de Kircher para uma antiga residência papal por segurança... a Villa Mondragone, na Itália. No início do século XX os jesuítas começaram a vender discretamente alguns livros para aumentar a receita. Eu e Lucy achamos que talvez tenham vendido a folha nessa ocasião.

– Nesse caso, não deve haver registros de venda – disse Phoebe pensativa. – Você já contatou os jesuítas?

– Já. – Balancei a cabeça. – Eles não têm registros de vendas... ou o venderam ou não querem compartilhá-lo. Lucy também escreveu para as principais casas de leilões.

– Bem, ela não teria ido muito longe. Informação de vendas é um assunto confidencial – disse Phoebe.

– Foi o que nos disseram. – Hesitei apenas o tempo suficiente para que Phoebe oferecesse o que eu temia pedir.

– Hoje mesmo mandarei um e-mail para Sylvia, dizendo que não poderei limpar a minha mesa amanhã como planejava – disse Phoebe. – Não posso segurar a Sotheby's por tempo indeterminado, mas existem outros recursos que posso verificar e pessoas que poderão se abrir comigo se forem abordadas de maneira adequada.

Antes que eu pudesse responder, a campainha tocou. Após uma pequena pausa, tocou novamente. E mais uma vez. Na quarta vez, um toque insistente, como se o visitante tivesse deixado o dedo no botão.

– Diana! – soou o grito de uma voz familiar. Ao toque seguiram-se batidas.

– Sarah! – Soltei um grito e coloquei-me de pé.

Uma brisa fresca de outubro entrou na casa, levando consigo os odores de enxofre e açafrão. Corri até o corredor. Lá estava Sarah com seu rosto branco e seus cabelos agitados em louco emaranhado avermelhado ao redor dos ombros. Mais atrás, Fernando carregava duas malas como se não pesassem mais do que uma simples carta.

Os olhos vermelhos de Sarah encontraram os meus. Ela soltou a caixa de Tabitha que tombou no piso de mármore com um baque e estendeu os braços. Corri para eles. Quando criança Em sempre me oferecia conforto quando me sentia sozinha e assustada, mas agora Sarah era exatamente de quem eu precisava.

– Vai ficar tudo bem, querida – ela sussurrou, dando-me um abraço apertado.

– Acabei de falar com padre H, que me disse para seguir à risca as suas instruções, senhora... madame – disse Leonard Shoreditch satisfeito enquanto passava por Sarah e por mim para dentro da casa. Ele me cumprimentou com desenvoltura.

– Andrew disse mais alguma coisa? – perguntei, afastando-me de minha

tia. Talvez Hubbard tivesse passado alguma notícia de Jack... ou de Matthew.

– Deixe-me ver. – Leonard puxou a ponta de seu longo nariz. – Padre H disse para que me certificasse se a senhora sabe onde Londres começa e termina; se houver problemas, seguir direto para a St. Paul, onde terá ajuda.

Saudáveis tapinhas nas costas indicavam que Fernando e Gallowglass tinham se reunido.

– Algum problema? – sussurrou Gallowglass.

– Nenhum, a não ser quando tive que convencer Sarah a não desativar o detector de fumaça do banheiro da primeira classe para que ela pudesse fumar furtivamente – disse Fernando em tom amável. – Da próxima vez que ela precisar fazer um voo internacional, mande um avião dos De Clermont. Nós esperamos.

– Obrigada por trazê-la com tanta rapidez, Fernando. – Sorri agradecida. – Você deve estar desejando nunca nos ter conhecido. Tudo que nós as Bishop fazemos é enredá-lo ainda mais com os De Clermont e seus problemas.

– Pelo contrário – ele disse amavelmente –, você está me libertando deles. – Para o meu espanto, Fernando largou as malas e ajoelhou-se a minha frente.

– Levante-se. Por favor. – Tentei levantá-lo.

– A última vez que caí de joelhos diante de uma mulher foi quando perdi um dos navios de Isabel de Castela. Dois guardas me forçaram a fazê-lo na ponta da espada, para implorar pelo perdão dela – disse Fernando, com ironia nos lábios. – Mas agora faço isso voluntariamente e só me levantarei quando tiver feito tudo.

Marthe apareceu e se mostrou surpresa pela visão de Fernando em abjeta posição.

– Não tenho mais amigos nem parentes. Aquele que me fez se foi. Meu

companheiro se foi. E não tenho filhos. – Fernando mordeu o punho e o cerrou. O sangue que brotou do ferimento correu pelo braço e salpicou o piso preto e branco. – Dedico meu sangue e meu corpo ao serviço e à honra de sua família.

– Caramba – exclamou Leonard. – Padre H não faz assim. – Eu tinha visto Andrew Hubbard empossar uma criatura em seu rebanho e, mesmo sendo duas cerimônias distintas, o tom e a intenção eram similares.

Mais uma vez, todos na casa esperaram pela minha resposta. Talvez houvesse regras e precedentes a seguir, mas naquele momento, além de desconhecê-los, não me importava quais eram. Segurei a mão ensanguentada de Fernando.

– Obrigada por confiar em Matthew. – Fui lacônica.

– Sempre confiei nele – disse Fernando, olhando-me com firmeza. – Agora é hora de Matthew confiar em si mesmo.



— Encontrei. – Phoebe colocou o e-mail impresso na superfície de couro da escrivaninha georgiana à minha frente. Como ela não tinha batido educadamente na porta da sala de estar antes de entrar, deduzi que havia acontecido alguma coisa emocionante.

– Já? – Olhei para ela espantada.

– Falei com o meu ex-supervisor que estava em busca de um item para a família De Clermont... a imagem de uma árvore desenhada por Athanasius Kircher. – Phoebe olhou ao redor da sala com olhos de especialista, fixando-se no tabuleiro de xadrez chinês em preto e dourado dentro de uma vitrine, na cadeira talhada de bambu falso e nas almofadas de seda coloridas espalhadas na espreguiçadeira próxima à janela. E depois ela olhou para as paredes murmurando o nome de Jean Pillement e as palavras "impossível", "impagável" e "museu".

– Mas as ilustrações do *Livro da vida* não foram feitas por Kircher. – Peguei o endereço do e-mail com a testa franzida. – E não é uma imagem. É uma folha arrancada de um manuscrito.

– Atribuição e proveniência são cruciais para uma boa venda – explicou Phoebe.

– A tentação de vincular a imagem a Kircher acabou sendo irresistível. E se as bordas do pergaminho estivessem limpas e o texto, invisível, isso teria elevado o preço ao de um desenho ou uma pintura.

Li a mensagem. Começava com uma referência ao pedido de demissão de Phoebe e ao seu futuro estado civil. Mas as linhas seguintes é que me

chamaram a atenção:

> Eu posso encontrar o registro de venda e compra de "uma alegoria da Árvore da Vida que se acredita ter sido exibida um dia no museu de Athanasius Kircher, SJ, em Roma". Isso pode ser a imagem que os De Clermont estão procurando?

– Quem a comprou? – sussurrei quase sem fôlego.

– Sylvia não quis me dizer – disse Phoebe, apontando para as linhas finais do e-mail. – Foi uma venda recente, e os detalhes são confidenciais. Ela revelou o preço de compra: 1.650 libras.

– Isso é tudo? – exclamei. A maioria dos livros que Phoebe comprara para mim custara muito mais que isso.

– A eventual procedência Kircher não foi o bastante para convencer os potenciais compradores a gastar mais – ela disse.

– Não existe mesmo nenhuma maneira de descobrir a identidade do comprador? – Cogitei a possibilidade de usar a magia para saber mais.

– A Sotheby's não pode se dar ao luxo de contar segredos dos seus clientes. – Phoebe balançou a cabeça. – Imagine como Ysabeau reagiria se tivesse sua privacidade violada.

– Você me chamou, Phoebe? – Minha sogra colocou-se na porta em arco antes que a semente do meu plano pudesse germinar os seus primeiros rebentos.

– Phoebe descobriu que o registro de uma venda recente na Sotheby's descreve uma imagem muito parecida com a que estou procurando – expliquei para Ysabeau. – Eles não vão nos revelar quem comprou.

– Sei onde os registros de vendas são mantidos – disse Phoebe. – Talvez eu pudesse dar uma olhada quando fosse entregar as chaves na Sotheby's.

– Não, Phoebe. É muito arriscado. Se você puder me dizer exatamente onde estão, talvez eu consiga descobrir um jeito de acessá-los. – Isso seria

feito pela combinação de minha magia com a quadrilha dos ladrões e dos meninos perdidos de Hubbard. Mas a minha sogra tinha suas próprias ideias.

– Ysabeau de Clermont chamando lorde Sutton. – Sua voz clara ecoou nos tetos altos da sala.

Phoebe ficou chocada.

– Você não pode simplesmente chamar o diretor da Sotheby's e esperar que ele faça o que lhe pedir.

Aparentemente, Ysabeau podia – e fez.

– Charles. Quanto tempo! – Ysabeau recostou-se na cadeira e rolou suas pérolas por entre seus dedos. – Você tem andado tão ocupado e tive que contar com Matthew por notícias suas. E o refinanciamento que ele o ajudou a fazer... teve o alcance que você esperava?

Ysabeau suavizou com exclamações de interesse e expressões de apreço à inteligência do lorde. Se eu tivesse que descrever seu comportamento, seria tentada a chamá-lo de manhoso como uma gatinha – desde que essa gatinha fosse um filhote de tigre de Bengala.

– Oh, fico muito feliz, Charles. Matthew sabia que funcionaria. – Ysabeau correu um dedo pelos seus delicados lábios. – Eu estava pensando que talvez você pudesse me ajudar com um pequeno problema. Marcus vai se casar, você sabe, com uma de suas funcionárias. Eles se conheceram quando Marcus arrematou aquelas miniaturas que você adquiriu tão amavelmente para mim em janeiro.

A resposta de lorde Sutton era inaudível, mas o caloroso sussurro de satisfação na voz dele era inconfundível.

– A arte casamenteira. – O riso de Ysabeau soou cristalino. – Como você é espirituoso, Charles. Marcus colocou seu coração na compra de um presente especial para Phoebe, algo que ele se lembrou de que já tinha visto antes... a imagem de uma árvore de família.

Arregalei os olhos.

– Psiu! – Acenei. – Não é uma árvore genealógica. É...

A mão de Ysabeau fez um gesto de dispensa enquanto os murmúrios do outro extremo da linha se tornavam ansiosos.

– Se não me engano Sylvia acompanhou a venda recente de um lote. Mas claro que a discrição a impediria de me dizer quem o comprou. – Ysabeau balançou a cabeça em assentimento ao ouvir a resposta de desculpas. Mas logo a gatinha atacou. – Charles, entre em contato com o proprietário para mim. Não suportarei um desapontamento do meu neto neste momento tão feliz.

Lorde Sutton foi reduzido a um profundo silêncio.

– Os De Clermont são afortunados por terem uma relação tão longa e feliz com a Sotheby's. A torre de Matthew teria despencado sob o peso dos próprios livros, se ele não tivesse encontrado Samuel Baker.

– Meu Deus. – Phoebe estava de queixo caído.

– E você conseguiu esvaziar a maior parte da casa de Matthew em Amsterdã. Nunca gostei daquele sujeito nem dos quadros dele. Você sabe de quem estou falando. Qual é mesmo o nome dele? Aquele cujas pinturas parecem inacabadas?

– Frans Hals – sussurrou Phoebe, girando os olhos.

– Frans Hals. – Ysabeau balançou a cabeça em aprovação a sua futura nora e neta. – E agora você e eu teremos que convencê-lo a se desfazer do retrato daquele ministro sombrio que está pendurado sobre a lareira na sala de estar do andar de cima.

Phoebe fez um muxoxo. Suspeitei que uma viagem para Amsterdã seria incluída nas suas próximas aventuras de catalogação.

Lorde Sutton fez algumas garantias, mas Ysabeau não quis saber de nada.

– Confio em você plenamente, Charles. – Ela o interrompeu, se bem que era claro para todos, particularmente para lorde Sutton, que ela não confiava. – Podemos discutir isso durante o café de amanhã.

Lorde Sutton fez um muxoxo. Seguiu-se um rápido fluxo de explicações e justificativas.

– Você não precisa ir à França. Estou em Londres. Na verdade, pertinho do seu escritório na Bond Street. – Ysabeau tamborilou no próprio rosto. – Onze horas? Ótimo. Dê meus cumprimentos a Henrietta. Até amanhã.

Ela desligou o telefone.

– O que foi? – perguntou olhando tanto para Phoebe como para mim.

– Você só destratou lorde Sutton! – exclamou Phoebe. – Você não disse que a diplomacia era necessária?

– Diplomacia, sim. Esquemas elaborados, não. O simples é frequentemente melhor. – Ysabeau sorriu como um tigre. – Charles deve muito a Matthew. Com o tempo, você também terá muitas criaturas em dívida com você, Phoebe. E acabará entendendo que é fácil satisfazer seus desejos. – Ela me olhou abruptamente. – Você está pálida, Diana. Não se sente feliz pelo fato de que logo, logo terá as três folhas perdidas do *Livro da vida*?

– Claro – retruquei.

– Qual é o problema, então? – A sobrancelha de Ysabeau arqueou.

O problema? Quando as três folhas perdidas chegassem às minhas mãos, não haveria mais nada entre mim e a necessidade de roubar um manuscrito da Biblioteca Bodleiana. Eu estava prestes a me tornar uma garota que roubava livros.

– Nenhum – respondi debilmente.

De volta à escrivaninha da Sala Chinesa, assim chamada com muita propriedade, examinei as gravuras de Kircher outra vez, sem pensar no que poderia acontecer se Phoebe e Ysabeau encontrassem a última folha perdida. Incapaz de me concentrar nos meus esforços para localizar as diferentes gravuras de uma árvore no corpo substancial da obra de

Kircher, eu me levantei e fui até a janela. A rua abaixo estava tranquila, apenas com um pai ocasional que passeava com uma criança pela calçada e um turista que segurava um mapa.

Matthew sempre me tirava das preocupações com um trecho de uma canção ou com uma piada, ou (melhor ainda) com um beijo. Com saudade de Matthew perambulei pelo corredor do segundo andar vazio até chegar ao estúdio dele. Após um momento de indecisão com a mão sobre a maçaneta, girei-a e entrei.

O aroma de cravo e canela tomou conta de mim. Embora Matthew não pudesse ter estado ali nos últimos 12 meses, sua ausência e minha gravidez tornaram-me mais sensível ao cheiro dele.

Fosse qual fosse o decorador que tivesse projetado o meu opulento quarto e a sala de estar onde eu tinha passado a manhã, ele não teve permissão de entrar naquele estúdio que, além de masculino, era arrumado demais, as paredes alinhavam-se com estantes e janelas. Esplêndidos globos – um, celeste, outro, terrestre – dispostos em uma estante de madeira, prontos para serem consultados para eventuais questões de astronomia ou de geografia. Curiosidades naturais dispersas aqui e ali sobre mesinhas. Caminhei no sentido horário ao redor do aposento, como se tecendo um feitiço para trazer Matthew de volta, detendo-me ocasionalmente para observar um livro ou girar o globo celeste. Uma cadeira estranhíssima me fez dar uma pausa mais longa. No encosto alto e profundamente curvo imbricava-se uma prateleira de couro com livros, o assento era moldado à semelhança de uma sela. Só se poderia sentar na cadeira montando-a, como Gallowglass fazia quando revirava uma cadeira na mesa da sala de jantar. Quem montasse no assento de frente para a prateleira de livros teria a engenhoca na altura perfeita para segurar um livro ou algum equipamento de escrita. Experimentei a teoria balançando a perna por sobre o assento acolchoado. Era surpreendentemente confortável e imaginei Matthew sentado naquela cadeira, lendo por horas a fio sob a

ampla luz das janelas.

Desmontei da cadeira, girei o corpo e me deparei com algo sobre a lareira que me fez suspirar: um retrato em tamanho natural de Philippe e Ysabeau. Mãe e pai de Matthew com roupas admiráveis de meados do século XVIII, um período feliz da moda em que os vestidos das mulheres ainda não se pareciam com gaiolas e os longos cachos e saltos altos dos homens do século anterior já estavam para trás. Meus dedos coçaram para tocar a superfície da pintura, convencidos de que seriam recebidos com sedas e rendas e não com a tela.

O mais marcante naquele retrato não era a vivacidade dos traços (embora fosse impossível não reconhecer Ysabeau), mas a forma com que o artista capturara a relação entre Philippe e a esposa.

Em um terno de seda creme e azul Philippe de Clermont encarava o espectador, com os ombros largos e quadrados voltados para a tela e a mão direita estendida para Ysabeau, como se para apresentá-la. Um sorriso brincava nos lábios de Philippe, um toque suave acentuava as linhas duras do seu rosto e a longa espada que pendia do seu cinto. Mas os olhos de Philippe não encontravam os meus, como a posição do corpo sugeria, pois olhavam de soslaio para Ysabeau. Pelo que parecia, nada podia desviar sua atenção da mulher amada. Representada quase que de perfil, Ysabeau descansava levemente uma das mãos na mão do marido enquanto a outra segurava as dobras de um vestido de seda creme e dourado, como se prestes a se aproximar de Philippe. Mas em vez de olhar para o marido, ela corajosamente olhava de lábios entreabertos para o espectador, como se surpreendida por ser interrompida em um momento tão íntimo.

Ouvi passos atrás e senti o formigamento do olhar de uma bruxa sobre mim.

– Esse é o pai de Matthew? – perguntou Sarah, apoiando-se no meu ombro e de olho na grande tela.

– Sim. Que semelhança incrível – eu disse balançando cabeça.

– Imaginei que era pela perfeição com que o artista capturou Ysabeau. – Sarah se voltou para mim. – Você não parece bem, Diana.

– Isso não surpreende, não é? – retruquei. – Matthew se foi para unir a família. Isso pode levá-lo à morte e fui eu que lhe pedi para que fizesse isso.

– Nem mesmo você poderia fazer com que Matthew fizesse algo que não quisesse fazer – disse Sarah sem rodeios.

– Sarah, você não sabe o que aconteceu em New Haven. Matthew descobriu que tinha um neto de quem não sabia nada, filho de Benjamim, e também um bisneto.

– Fernando me contou tudo sobre Andrew Hubbard, Jack e a ira do sangue – disse Sarah. – Ele também me disse que Baldwin ordenou a Matthew que matasse o menino, mas que você não o deixaria fazer isso.

Olhei para Philippe, querendo entender por que ele nomeara Matthew como carrasco oficial da família De Clermont.

– Jack era como um filho para nós, Sarah. E se Matthew o matasse, o que o impediria de também matar os gêmeos, caso apresentassem a ira do sangue?

– Baldwin nunca pediria a Matthew para matar sua própria carne e sangue – disse Sarah.

– Pediria, sim – eu disse melancólica. – Ele faria isso.

– Isso soa como se Matthew tivesse que fazer o que tem que fazer – ela retrucou em tom firme. – Você também precisa fazer o seu trabalho.

– Estou fazendo – soei na defensiva. – Meu trabalho é encontrar as folhas perdidas do *Livro da vida,* juntá-las e usá-las como alavancagem... com Baldwin, com Benjamin e até mesmo com a Congregação.

– Você também tem que cuidar dos gêmeos. – Sarah gesticulou. – Perambular pela casa sozinha não fará bem algum nem para você nem para eles.

– Não se atreva a me manipular com essa história de gravidez – repliquei furiosa, mas com frieza. – Já estou me esforçando demais para não odiar os meus próprios filhos, sem falar de Jack... agora. – Não era justo nem lógico, mas os culpava pela separação do meu marido, mesmo tendo sido a única a insistir nisso.

– Odiei você por um tempo. – O tom de Sarah tornou-se incisivo. – Se não fosse por você, Rebecca ainda estaria viva. Era o que pensava comigo mesma.

Essas palavras não me surpreenderam. As crianças sempre sabem o que os adultos estão pensando. Com Em nunca me sentira culpada pela morte dos meus pais. Claro, ela sabia o que eles estavam planejando – e por quê. Mas com Sarah era uma história diferente.

– Depois, superei isso – continuou Sarah calmamente. – Você também vai superar. Um dia você vai olhar os gêmeos e vai perceber que Matthew estará olhando para você nos olhos de uma criança de oito anos de idade.

– Minha vida não faz sentido sem ele – eu disse.

– Matthew não pode ser todo o seu mundo, Diana.

– Ele já é – sussurrei. – E quando ele conseguir se libertar dos De Clermont, vai precisar de mim ao lado como Philippe precisava de Ysabeau. Mas jamais chegarei aos pés dela.

– Bobagem. – Sarah pôs as mãos nos quadris. – Você está louca se pensa que Matthew quer que você seja como a mãe dele.

– Você ainda tem muito a aprender sobre os vampiros. – Por alguma razão a frase não soou tão convincente na boca de uma bruxa.

– Ah. Só agora vejo o problema. – Os olhos de Sarah se estreitaram. – Em disse que você voltaria diferente para nós... completamente. Mas você ainda está tentando ser o que você não é. – Ela me apontou um dedo acusador. – Você está toda vampira de novo.

– Pare com isso, Sarah.

– Se Matthew quisesse uma noiva vampira, ele próprio a escolheria.

Que inferno, ele poderia tê-la transformado em vampira no último outubro em Madison – ela disse. – Você daria o seu sangue de bom grado para ele.

– Matthew se negou a me transformar – expliquei.

– Eu sei. Ele me prometeu isso antes de sair pela manhã. – Sarah me olhou furiosa. – Se Matthew não se importa que você seja uma bruxa, por que a transformaria em vampira? – Sem minha resposta, ela me pegou pela mão.

– Para onde vamos? – perguntei quando minha tia arrastou-me escada abaixo.

– Lá para fora. – Ela parou em frente aos vampiros que estavam no saguão de entrada. – Diana precisa se lembrar de quem ela é. Você também vem, Gallowglass.

– *Ooo... kaaay*. – Ele arrancou as duas sílabas com inquietude. – Vamos muito longe?

– Como diabos eu vou saber? – respondeu Sarah. – É minha primeira vez em Londres. Nós vamos para a velha casa de Diana, onde ela morou com Matthew no período elisabetano.

– Minha casa se foi... queimou no Grande Incêndio – eu disse tentando escapar.

– Nós vamos de qualquer maneira.

– Oh, Cristo. – Gallowglass jogou as chaves do carro para Leonard. – Pegue o carro, Lenny. Vamos sair para um passeio de domingo.

Leonard sorriu.

– Tudo bem.

– Por que é que esse menino está sempre por perto? – perguntou Sarah, observando o vampiro que corria desengonçado para a parte de trás da casa.

– Ele pertence a Andrew – expliquei.

– Em outras palavras, pertence a você – ela disse balançando a cabeça. Fiquei de queixo caído. – Ora, claro. Sei tudo a respeito de vampiros e de

maneiras loucas. – Pelo que parecia Fernando não tivera a mesma relutância de Matthew e Ysabeau para contar histórias de vampiros.

Leonard estacionou o carro na frente da casa com os pneus cantando. Colocou-se para fora do carro e abriu a porta traseira em um piscar de olhos.

– Para onde, madame?

Olhei para ele. Era a primeira vez que Leonard não tinha tropeçado no meu nome.

– Para a casa de Diana, Lenny – respondeu Sarah. – Para a verdadeira casa dela, não esse santuário excessivamente decorado.

– Sinto muito, mas a casa não está mais lá, senhora – disse Leonard, como se fosse o culpado pelo Grande Incêndio de Londres. Conhecendo Leonard, isso era inteiramente possível.

– Os vampiros não têm um pouco de imaginação? – disse Sarah sarcasticamente. – Leve-me para onde a casa *estava* antes.

– Ah. – Leonard arregalou os olhos para Gallowglass.

Gallowglass deu de ombros.

– Você ouviu a senhora – disse para o meu sobrinho.

Saímos em disparada rumo ao leste de Londres. Leonard passou por Temple Bar e, depois de virar para a Fleet Street, seguiu para o sul em direção ao rio.

– Este não é o caminho – eu disse.

– Ruas de mão única, madame – ele disse. – As coisas mudaram um pouco desde que a senhora passava por aqui. – Ele fez uma curva à esquerda em frente à estação de Blackfriars. Levei a mão à maçaneta da porta para sair e ouvi um clique, como o engate dos cintos de segurança para crianças.

– Fique no carro, titia – disse Gallowglass.

Leonard puxou o volante para a esquerda novamente e o carro saiu sacolejando pelo asfalto de ruas esburacadas.

– Blackfriars Lane. – Li uma placa que passava e sacudi a maçaneta da porta. – Deixe-me sair.

O carro parou abruptamente, bloqueando a entrada de uma plataforma de carga.

– Sua casa, madame – disse Leonard, soando como um guia de turismo e apontando para o prédio de tijolos vermelhos e creme acima de nós. Ele destravou as fechaduras das portas. – É seguro andar por aqui. Mas não esqueça que a pavimentação é desigual. Não quero ter que explicar para o padre H que a senhora quebrou a perna, não é?

Saí para uma calçada de pedra. Era mais firme de se andar do que a lama e o musgo da Water Lane, como a rua era chamada no passado. Fui automaticamente na direção da Catedral de St. Paul e de repente alguém me segurou pelo cotovelo.

– Você sabe como o tio se sente quando você perambula pela cidade desacompanhada. – Gallowglass fez uma reverência e, por um segundo, ele se afigurou de gibão e malha. – Ao seu serviço, madame Roydon.

– Onde estamos exatamente? – perguntou Sarah, vasculhando os becos próximos. – Esta não parece ser uma área residencial.

– Blackfriars. No passado centenas de pessoas viviam aqui. – Precisei apenas de alguns passos para chegar a uma rua estreita de paralelepípedos que antes levava aos recintos internos do antigo priorado de Blackfriars. Franzi a testa e apontei. – A antiga Cardinal's Hat não era lá? – Era um dos bares de Kit Marlowe.

– Boa memória, tia. Agora chamam de Playhouse Yard.

Nossa casa dava fundos para aquela parte do antigo monastério. Gallowglass e Sarah seguiram-me até um beco sem saída que um dia abrigou uma multidão de comerciantes, artesãos, donas de casa, aprendizes e crianças – sem mencionar carroças, cães e galinhas. Mas agora estava deserto.

– Devagar – disse Sarah aflita, sem saber se continuava.

Sem se importar com as mudanças do antigo bairro, o meu coração me direcionava e os meus pés seguiam rápidos e seguros. Em 1591, eu me veria cercada por um cortiço em ruínas e um complexo entretenimento que ocorria dentro do antigo convento. Agora, edifícios de escritórios, uma pequena residência para negócios de prósperos executivos, outros edifícios de escritórios e a sede dos boticários de Londres. Cruzei a Playhouse Yard e escorreguei por entre dois edifícios.

– Onde ela está indo agora? – perguntou Sarah ainda mais irritada para Gallowglass.

– Se o meu palpite não me engana, a tia está procurando o caminho de volta para o Castelo de Baynard.

Parei no começo de uma rua estreita chamada Church Entry para me orientar. Se me orientasse corretamente acabaria encontrando o caminho para a casa de Mary. Onde estava a tipografia dos Field? Fechei os olhos para não me distrair com a incongruência daqueles modernos edifícios.

– Logo ali. – Apontei. – Era onde ficava a tipografia. A casa do boticário situava-se após algumas casas ao longo da via. Este caminho seguia até as docas. – Girei o corpo traçando com os braços a linha de prédios que me surgiu à mente. – A porta da loja de monsieur Vallin ficava aqui. E o jardim se estendia a nossa volta a partir daqui. Ali estava o velho portão que atravessei para chegar ao Castelo de Baynard. – Entreguei-me por um momento à sensação familiar de minha antiga casa, e desejei abrir os olhos e me ver no solar da condessa de Pembroke. Mary teria entendido a minha situação atual e teria sido generosa com conselhos sobre questões dinásticas e políticas.

– Puta merda. – Sarah ficou sem fôlego.

Abri os olhos. A poucos metros de distância, uma porta de madeira transparente e uma parede de pedra também transparente em meio a escombros. Hipnotizada, fiz menção de caminhar naquela direção, mas os fios em azul e âmbar que rodopiavam firmes em torno de minhas pernas

me detiveram.

– Não se mexa! – Sarah ficou em pânico.

– Por quê? – Eu a vi como se através da vitrine de uma loja elisabetana.

– Você lançou um feitiço anti-horário. Ele recua a imagens de tempos passados como num filme – disse Sarah, olhando-me através da janela da confeitaria de mestre Prior.

– Magia. – Gallowglass gemeu. – Era só o que nos faltava.

Uma mulher idosa usando um cardigã azul-marinho puro e um vestido azul-claro ao estilo do tempo presente saiu do prédio de apartamentos vizinho.

– Você vai descobrir que esta parte de Londres pode ser um pouco complicada no sentido mágico. – Ela falou no mesmo tom autoritário e alegre que só as mulheres britânicas de mais idade com status social conseguem falar. – É melhor tomar algumas precauções, se está pensando em fazer mais feitiços.

Quando a mulher se aproximou, uma sensação de *déjà vu* me deixou impressionada. Ela me lembrou uma das bruxas que eu tinha conhecido em 1591... uma bruxa de terra chamada Marjorie Cooper que me ajudou a tecer o meu primeiro feitiço.

– Sou Linda Crosby. – Ela sorriu e a semelhança com Marjorie tornou-se ainda mais pronunciada. – Bem-vinda ao lar, Diana Bishop. Estávamos a sua espera.

Olhei-a estupefata.

– Sou a tia de Diana – disse Sarah, quebrando o silêncio. – Sarah Bishop.

– Muito prazer – disse Linda calorosamente enquanto apertava a mão de Sarah. Ambas olharam para os meus pés. Durante as breves apresentações os fios do tempo em azul e âmbar afrouxaram e acabaram desaparecendo à medida que eram absorvidos pelo tecido de Blackfriars. Contudo, a porta de entrada de *monsieur* de Vallin ainda era bem visível.

– Eu daria mais alguns minutos. Afinal, você é uma viajante do tempo – disse Linda, empoleirando-se em um dos bancos curvos que circundavam um canteiro de tijolo, onde antes era ocupado por um poço no quintal da Cardinal's Hat.

– Você é da família de Hubbard? – perguntou Sarah, pondo a mão no bolso, de onde saíram os cigarros proibidos. Ela ofereceu um a Linda.

– Sou uma bruxa – disse Linda pegando o cigarro. – E vivo na cidade de Londres. Então, sim, sou um membro da família do padre Hubbard. Com muito orgulho.

Gallowglass acendeu os cigarros das bruxas e depois, o dele. Os três fumaram como chaminés, tomando cuidado para que a fumaça não escapasse em minha direção.

– Ainda não conheço Hubbard – disse Sarah. – Quase todos os vampiros que conheço não gostam muito dele.

– Sério? – Linda pareceu interessada. – Que estranho. Padre Hubbard é uma figura amada aqui. Protege os interesses de todos, sejam demônios, vampiros ou bruxas. São tantas criaturas que querem se mudar para o território dele que isso provoca uma crise de moradia. Ele já não consegue comprar imóveis com a rapidez necessária para atender a demanda.

– Ele continua sendo um babaca – sussurrou Gallowglass.

– Que linguajar! – disse Linda chocada.

– Quantas bruxas residem na cidade? – perguntou Sarah.

– Três dúzias – respondeu Linda. – Limitamos o número, claro, ou a Square Mile seria uma loucura.

– O conciliábulo de Madison é do mesmo tamanho – disse Sarah em aprovação. – Seguramente isso facilita a realização de reuniões.

– Nós nos reunimos uma vez por mês na cripta do padre Hubbard. Ele mora no que sobrou do priorado de Greyfriars, logo ali. – Linda apontou o cigarro para o norte da Playhouse Yard. – Hoje em dia a maioria das criaturas da própria cidade são vampiros... financiadores, gestores de

fundos de cobertura etc. Eles não gostam de alugar as salas de reuniões para as bruxas. Sem querer ofender, senhor.

– Tudo bem – disse Gallowglass docilmente.

– Greyfriars? Lady Agnes se mudou? – perguntei surpreendida. As palhaçadas do fantasma eram o assunto da cidade quando morei aqui.

– Oh, não. Lady Agnes ainda está lá. Nós intermediamos um acordo entre ela e a rainha Isabel com ajuda do padre Hubbard. E agora parece que estão em termos amigáveis... isso é tudo que posso dizer sobre o fantasma de Elizabeth Barton. Ela está impossível desde que saiu aquele romance sobre Cromwell. – Linda observou a minha barriga com ar especulativo. – No nosso chá de Mabon deste ano Elizabeth Barton afirmou que você estava grávida de gêmeos.

– E estou. – Até os fantasmas de Londres sabiam de minha vida.

– É difícil saber qual profecia de Elizabeth deve ser levada a sério, quando todas são acompanhadas de gritos. E tudo é tão... vulgar. – Linda franziu os lábios em desaprovação, e Sarah acenou com simpatia.

– Hum, odeio dizer isso, mas acho que meu feitiço anti-horário expirou. – Eu já podia ver o meu próprio tornozelo (desde que levantasse a perna para cima, pois do contrário os bebês estariam no meu campo de visão) e a porta de monsieur Vallin desaparecerem de vista.

– Expirou? – Linda sorriu. – Você fala como se a sua magia tivesse prazo de validade.

– Certamente eu não disse nada para detê-la – resmunguei. Eu também não tinha dito nada para iniciá-la.

– Ela se deteve porque você não a lançou com força suficiente – disse Sarah. – Se você não capricha na manivela do anti-horário, a magia escoa pelo ralo.

– E recomenda-se que você não fique em cima do anti-horário quando lançar o feitiço – disse Linda, soando como uma professora de colégio. – Se quiser lançá-lo sem pestanejar, caia fora do feitiço no último instante.

– Erro meu – murmurei. – Posso sair agora?

Linda pesquisou a Playhouse Yard de sobrancelha franzida.

– Sim, acredito que agora seja seguro – proclamou.

Gemi e esfreguei as minhas costas. Eu estava dolorida de tanto ficar parada e os meus pés pareciam explodir. Apoiei um pé sobre o banco onde Sarah estava sentada com Linda e me inclinei para soltar os cadarços do tênis.

– O que é isso? – perguntei olhando através das ripas do banco. Abaixei e peguei um rolo de papel amarrado com fita vermelha. Os dedos de minha mão direita vibraram quando o toquei, e o pentagrama no meu pulso rodopiou colorido.

– É tradição as pessoas deixarem pedidos mágicos no quintal. Sempre houve uma concentração de poder associado a esta área. – Linda amenizou o tom. – A grande bruxa já viveu aqui, você sabe. Segundo a lenda, um dia ela voltará para nos lembrar de tudo que já fomos e que poderemos ser novamente. Não nos esquecemos dela e confiamos que ela não se esquecerá de nós.

Blackfriars era assombrada pelo meu próprio passado. Uma parte de mim morrera quando saímos de Londres. Era a parte que tinha feito malabarismos para ser esposa de Matthew e mãe de Annie e Jack, e ainda assistente alquímica de Mary Sidney e tecelã em treinamento. E outra parte de mim se juntara na sepultura quando me afastei de Matthew na montanha fora dos limites de New Haven. Enterrei a cabeça em minhas mãos.

– Fiz uma baita confusão – sussurrei.

– Não, você mergulhou no fundo do poço e acabou em cima da própria cabeça – retrucou Sarah. – Foi o que preocupou a mim e a Em quando você e Matthew se envolveram pela primeira vez. Ambos rápidos demais e nós sabíamos que vocês não tinham pensado nas consequências desse relacionamento.

– Nós sabíamos que enfrentaríamos muita oposição.

– Ora, vocês dois eram amantes proibidos e sei quão romântico devia ser vocês dois contra o mundo. – Sarah sorriu. – Afinal, eu e Em fomos amantes proibidas. Nos anos 1970, no norte de Nova York, nada era mais escandaloso que duas mulheres apaixonadas uma pela outra.

Ela assumiu um tom sério.

– Mas o sol sempre nasce na manhã seguinte. Os contos de fada não costumam descrever o que acontece aos amantes proibidos à luz do dia, mas de alguma forma vocês precisam descobrir como ser feliz.

– Nós éramos felizes aqui – eu disse calmamente. – Não éramos felizes, Gallowglass?

– Sim, tia, vocês eram... embora com a respiração do espião chefe na cola de Matthew e o país inteiro na caça às bruxas. – Gallowglass balançou a cabeça. – Nunca entendi como vocês conseguiam isso.

– Conseguiam porque nenhum dos dois tentava ser o que não era. Matthew não tentava ser civilizado, e você não tentava ser humana – disse Sarah. – Você não tentava ser a filha perfeita de Rebecca, nem a esposa perfeita de Matthew, assim como não tentava ser uma professora titular na Universidade de Yale.

Ela afagou as minhas mãos e revirou-as de modo que as duas palmas se tocassem. Os meus cordões de tecelã se acentuaram brilhantes contra a palidez da carne.

– Você é uma bruxa, Diana. Uma tecelã. Não negue o seu poder. Use-o. – Sarah olhou fixamente a minha mão esquerda. – Tudo isso.

O celular vibrou no bolso do meu casaco. Corri para pegá-lo, esperando de todo o coração que fosse alguma mensagem de Matthew. Ele tinha prometido que me informaria sobre o que faria. O visor registrava um texto enviado por ele e o abri ansiosamente.

Era uma mensagem sem palavras, apenas com a imagem de Jack, de modo que a Congregação não pudesse usá-la contra nós. Sentado numa

varanda, o rosto de Jack cindido por um sorriso enquanto ouvia alguém que estava de costas para a câmera – só aparecia a ondulação de um cabelo preto ao redor de uma gola – e que aparentemente contava uma história como os sulistas contam. Marcus pousava a mão casualmente sobre o ombro de Jack mais atrás. Como Jack, ele também sorria.

Ambos pareciam dois jovens comuns que apreciam boas risadas no fim de semana. Jack se encaixara perfeitamente na família de Marcus, como se pertencesse a ele.

– Quem está com Marcus? – perguntou Sarah olhando por cima do meu ombro.

– Jack. – Toquei no rosto dele. – Não sei quem é o outro homem.

– É o Ransome. – Gallowglass o cheirou. – Filho mais velho de Marcus, que envergonha o próprio Lúcifer. Não é o melhor exemplo para o jovem Jack, mas Matthew sabe o que faz.

– Vejamos esse rapaz – disse Linda carinhosamente, erguendo-se para também olhar a imagem. – Nunca vi Jack tão feliz, a não ser quando contava histórias sobre Diana, é claro.

Os sinos da St. Paul badalaram a hora. Apertei o botão do celular, escurecendo o visor. Mais tarde observaria a foto sozinha.

– Viu, querida. Matthew está se saindo muito bem – disse Sarah em tom suave.

Mas sem ter visto os olhos, avaliado os ombros e ouvido o tom da voz dele, eu não podia ter certeza.

– Matthew está fazendo o trabalho dele – eu disse a mim mesma e levantei-me. – Preciso voltar para o meu.

– Isso significa que você está pronta para fazer o que for preciso para manter a família unida... como fez em 1591, mesmo que a alta magia esteja envolvida? – A sobrancelha de Sarah ergueu-se de modo claramente questionador.

– Sim. – Pareci mais convincente do que eu sentia.

– Alta magia? Deliciosamente trevosa. – Linda sorriu. – Posso ajudar?

– Não – respondi prontamente.

– Possivelmente – disse Sarah ao mesmo tempo.

– Bem, se precisar de nós, é só chamar. Leonard sabe como me encontrar – disse Linda. – O conciliábulo de Londres está à sua disposição. E se você comparecesse a uma de nossas reuniões, seria um bom impulso para o moral.

– Veremos – eu disse vagamente, sem querer fazer uma promessa que não poderia cumprir. – A situação é complicada, e eu não gostaria de levar problemas para ninguém.

– Os vampiros são sempre problemas – disse Linda, com um olhar de recatada desaprovação –, nutrindo rancores e arquitetando alguma vingança ou qualquer outra coisa. É realmente muito difícil. Mesmo assim, somos uma grande família, como sempre nos lembra padre Hubbard.

– Uma grande família. – Esquadrinhei o nosso velho bairro. – Talvez o padre Hubbard estivesse no caminho certo o tempo todo.

– Bem, pensamos assim. Considerem em comparecer ao nosso próximo encontro. Doris faz um bolo Battenberg divino.

Sarah e Linda trocaram números de telefone para o caso, e Gallowglass seguiu até o Apothecaries' Hall e soltou um assobio ensurdecedor para avisar a Leonard que era hora de trazer o carro. Aproveitei a oportunidade para tirar uma foto da Playhouse Yard e a enviei para Matthew, sem comentários ou legendas.

No fim das contas, magia era apenas desejo tornado real.

Uma brisa de outubro saiu do Tâmisa e carregou o meu silencioso desejo até o céu, onde teceu um feitiço para trazer Matthew de volta aos meus braços.



Uma fatia de bolo Battenberg com recheio quadriculado em tons de amarelo e rosa e uma cobertura amarelo-canário estava à minha frente sobre a nossa mesa separada em Wolseley, junto a um chá-preto contrabandeado. Levantei a tampa do bule e suspirei de felicidade ao sorver o seu aroma maltado. Eu estava ansiosa por chá e bolo desde o encontro inesperado com Linda Crosby em Blackfriars.

Hamish, que era um cliente regular do café da manhã, reservara uma grande mesa para a manhã inteira no restaurante da movimentada Piccadilly, e agia com o espaço – e os funcionários – como se estivesse em seu escritório. Até aquele momento ele tinha feito uma dezena de chamadas telefônicas, marcado diversos compromissos de almoço (três deles para o mesmo dia da semana seguinte, reparei alarmada) e lido todos os jornais de Londres. Ele também encomendara o bolo, que Deus o abençoe por isso, para o cozinheiro chefe da confeitaria algumas horas antes de ser servido normalmente, citando a minha condição como justificativa. A velocidade com que cumpriram o pedido ou era outra indicação da importância de Hamish ou um sinal de que o jovem confeiteiro fazia uma relação especial entre as mulheres grávidas e o açúcar.

– Isso está levando uma eternidade – resmungou Sarah. Ela já tinha atacado um ovo poché com palitos torrados e consumido um oceano de café preto enquanto dividia a atenção entre o relógio de pulso e a porta de entrada.

– Quando se trata de extorsão, vovó não gosta de se apressar. – Gallowglass sorriu afavelmente para as senhoras da mesa mais próxima que olhavam com admiração para os seus braços musculosos e tatuados.

– Se não chegarem logo, acabarei retornando a Westminster sob o meu próprio vapor graças a toda essa cafeína. – Hamish acenou para o gerente. – Outro cappuccino, Adam. É melhor descafeinado.

– Claro, senhor. Mais torradas e geleia?

– Por favor. – Hamish entregou a cesta vazia para Adam. – Morango. Você sabe que não resisto a morango.

– Por que é que não podíamos esperar por Granny e Phoebe em casa outra vez? – Gallowglass se remexeu na pequena cadeira que não era projetada para um homem do seu tamanho e sim para políticos, socialites, personalidades matinais da TV e outras figuras menores.

– Os vizinhos de Diana são ricos e paranoicos. Não houve qualquer atividade na casa por quase um ano. E de repente um monte de gente circulando e a Allens de Mayfair fazendo entregas diárias. – Hamish abriu espaço em cima da mesa para o cappuccino fresco. – Não queremos que pensem que vocês formam um cartel de drogas internacional e que chamem a polícia. A estação West End Central está repleta de bruxas, especialmente a Divisão de Investigação Criminal. E não se esqueçam de que vocês não estão sob a proteção de Hubbard fora dos limites da cidade.

– Humm. Você não está preocupado com os policiais. Você só não queria perder nada. – Gallowglass sacudiu um dedo para ele. – Estou de olho em você, Hamish.

– Lá está Fernando – disse Sarah, como se a sugerir que a libertação finalmente chegara.

Fernando tentou segurar a porta para Ysabeau, mas Adam se saiu melhor. Minha sogra parecia uma jovem estrela de cinema e todos os homens na sala viraram a cabeça quando ela entrou seguida por Phoebe. O casaco escuro de Fernando mais atrás fazia um pano de fundo perfeito

para o conjunto cinza-claro de Ysabeau.

– Não é de admirar que Ysabeau prefira ficar em casa – comentei. Ela se destacava como um farol em dias nublados.

– Philippe sempre disse que era mais fácil aguentar um cerco que atravessar uma sala ao lado de Ysabeau. Ele tinha que afastar os admiradores com mais de uma vara, posso garantir. – Gallowglass se levantou quando ela se aproximou. – Olá, vovó. Eles aceitaram as suas demandas?

Ysabeau ofereceu a face para ser beijada.

– Claro.

– Em parte – disse Phoebe apressadamente.

– Algum problema? – perguntou Gallowglass para Fernando.

– Nada que valha a pena mencionar. – Fernando puxou uma cadeira, onde Ysabeau deslizou graciosamente, cruzando os tornozelos finos.

– Charles até que foi obsequioso se você considerar as muitas regras de boa conduta que eu esperava que ele violasse – disse Ysabeau recusando o cardápio estendido por Adam com uma leve careta de repulsa. – Champanhe, por favor.

– Aquele quadro hediondo que você tomou dele será mais do que compensador – disse Fernando enquanto acomodava Phoebe à mesa. – Por que o comprou, Ysabeau?

– Não é hediondo, embora o expressionismo abstrato seja um gosto adquirido – ela admitiu. – É uma pintura crua, misteriosa... sensual. Vou doá-la para o Louvre para forçar os parisienses a expandir a mente. Anote minhas palavras: no próximo ano Clyfford Still estará no topo da lista de desejos de cada museu.

– Espere um telefonema da Coutts – sussurrou Phoebe para Hamish. – Ela não vai pechinchar.

– Nem precisa se preocupar. Tanto a Sotheby's como a Coutts sabem que sou boa nisso. – Ysabeau puxou um pedaço de papel de sua elegante

bolsa de couro e o estendeu para mim. – *Voilà*.

– T. J. Weston, Esquire. – Olhei por cima do papel. – Foi quem comprou a folha do Ashmole 782?

– Provavelmente – respondeu Phoebe laconicamente. – O arquivo continha apenas um recibo de vendas... ele pagou em dinheiro, e ainda seis envelopes de correspondência sem destinatário. Nenhum endereço de Weston está correto.

– Não deve ser tão difícil localizá-lo. Existem muitos T. J. Weston? – perguntei.

– Mais de trezentos – respondeu Phoebe. – Já chequei a lista telefônica nacional. E não pense que T. J. Weston é do sexo masculino. Não sabemos nem o sexo nem a nacionalidade do comprador. Um dos endereços é da Dinamarca.

– Não seja tão negativa, Phoebe. Vamos fazer contato. Use as conexões de Hamish. Leonard está lá fora e nos levará para onde precisarmos ir. – Ysabeau parecia despreocupada.

– Minhas conexões? – Hamish enterrou a cabeça entre as mãos gemendo. – Isso vai levar semanas. Eu passaria a viver em Wolseley de tanto café que teria que tomar com as pessoas.

– Não vai levar semanas, então você não precisa se preocupar com ingestão de cafeína. – Coloquei o papel no bolso, pendurei a mochila no ombro e quase derrubei a mesa quando me levantei.

– Que o Senhor nos abençoe, tia. Você fica maior a cada hora.

– Obrigada por perceber, Gallowglass. – Consegui me enfiar entre um porta-casacos, a parede e a minha cadeira. Ele pulou para me soltar.

– Como pode ter tanta certeza? – Sarah me fez a pergunta tão em dúvida quanto Phoebe.

Levantei as mãos sem dizer nada. Elas estavam multicoloridas e brilhantes.

– Ah. Vamos levar Diana para casa – disse Ysabeau. – Não acho que o

proprietário gostaria de ter um dragão no restaurante, como também não gostei de ter um lá em casa.

– Ponha as mãos nos bolsos – sibilou Sarah. Elas realmente estavam muito brilhantes.

Eu ainda não estava na fase desengonçada da gravidez, mas o fato é que foi um desafio abrir caminho por entre as mesas próximas, principalmente porque tinha as mãos atoladas na capa de chuva.

– Por favor, abram caminho para minha nora – disse Ysabeau em tom imperial, pegando-me pelo cotovelo e puxando-me. Os homens se levantaram, arrastando as cadeiras e dizendo gracinhas enquanto ela passava.

– Madrasta do meu marido – sussurrei para uma mulher indignada que segurava o garfo como uma arma. Ela ficou perturbada com a ideia porque eu seria casada com um menino de doze anos que teria me engravidado. Note-se que Ysabeau era jovem demais para ter filhos mais velhos que essa idade. – Segundo casamento. Esposa mais jovem. Sabe como é.

– Que confusão – balbuciou Hamish. – Depois disso, cada criatura em W1 saberá que Ysabeau de Clermont está na cidade. Não tem como controlá-la, Gallowglass?

– Controlar a vovó? – Gallowglass caiu na gargalhada e bateu nas costas de Hamish.

– Isso é um pesadelo – disse Hamish enquanto outras cabeças viravam. Finalmente, ele conseguiu chegar à porta da frente. – Vejo você amanhã, Adam.

– Sua mesa de sempre para um, senhor? – perguntou Adam, entregando-lhe o guarda-chuva.

– Sim. Graças a Deus.

Hamish entrou no carro que o esperava e retornou ao seu escritório no centro de Londres. Leonard me fez entrar com Phoebe no banco de trás do Mercedes enquanto Ysabeau e Fernando sentavam-se no banco do

passageiro. Gallowglass acendeu um cigarro e saiu caminhando pela calçada, soltando mais fumaça que um barco a vapor do Mississippi. Nós o perdemos de vista em frente ao Coach and Horses, antes ele indicou por meio de gestos silenciosos que ficaria para uma bebida.

– Covarde – disse Fernando, balançando a cabeça em negativa.

– E agora? – perguntou Sarah depois que chegamos à aconchegante sala de café da manhã da Clairmont House, o meu aposento favorito da casa, embora a sala de estar também fosse confortável e acolhedora. Na sala de café amontoavam-se móveis velhos entre os quais uma banqueta que certamente estivera em nossa casa na Blackfriars e que agora deixava o ambiente cheio de vida em vez de decorativo.

– Agora, sim, encontraremos T. J. Weston, Esquire, quem quer que ela ou ele possam ser. – Apoiei os pés na banqueta elisabetana enegrecida pelo tempo e soltei um gemido, o calor do fogo crepitante da lareira correndo pelos meus ossos doloridos.

– Será como encontrar uma agulha num palheiro – disse Phoebe, permitindo-se a sutil descortesia de um suspiro.

– Não se Diana usar a magia dela – disse Sarah confiante.

– Magia? – Ysabeau virou a cabeça, com um brilho nos olhos.

– Pensei que você não aprovava bruxas! – Minha sogra deixara claro o que sentia a respeito desde o início do meu relacionamento com Matthew.

– Ysabeau pode não gostar de bruxas, mas admira demais a magia – disse Fernando.

– Você estabeleceu um ótimo limite, Ysabeau – disse Sarah, com um aceno de cabeça.

– Que tipo de magia? – Gallowglass retornara sem ser notado e, de pé no corredor com o cabelo e o casaco gotejando suor, ele mais parecia Lobero após uma longa corrida pelo Fosso dos Cervos do imperador

Rodolfo.

– O feitiço da vela pode funcionar quando se está em busca de um objeto perdido – disse Sarah pensativa. Ela era uma espécie de especialista em magias de vela, até porque Em ganhara fama por deixar coisas ao redor da casa em Madison.

– Lembro-me de uma bruxa que utilizou terra e uma peça de roupa atada – disse Ysabeau. Eu e Sarah nos viramos boquiabertas de espanto. Ela se aprumou e nos olhou com altivez. – Não precisam se mostrar tão surpresas. Conheci muitas bruxas ao longo dos anos.

Fernando ignorou-as e se dirigiu a Phoebe.

– Você disse que um dos endereços de T. J. Weston era na Dinamarca. E quanto aos outros?

– Todos no Reino Unido: quatro na Inglaterra e um na Irlanda do Norte – disse Phoebe. – Os endereços na Inglaterra são todos no sul... Devon, Cornwall, Essex, Wiltshire.

– Você realmente precisa mexer com magia, tia? – Gallowglass pareceu preocupado. – Deve haver um jeito de Nathaniel encontrar essa pessoa pelo computador. Você escreveu os endereços abaixo, Phoebe?

– Claro. – Ela mostrou um recibo amassado e todo rabiscado. Gallowglass o observou como quem duvidava. – Seria suspeito se eu tivesse um caderno de anotações na sala de arquivos.

– Muito inteligente – disse Ysabeau. – Enviarei os endereços para que Nathaniel comece a trabalhar com isso.

– Ainda acho que a magia seria mais rápida, se eu descobrisse que feitiço usar – eu disse. – Vou precisar de alguma imagem. Sou melhor com imagens do que com velas.

– Que tal um mapa? – sugeriu Gallowglass. – Deve haver um ou dois mapas na biblioteca de Matthew do andar de cima. Se não houver, posso dar um pulo na Hatchards para ver o que eles têm. – Embora tivesse acabado de voltar, ele estava ansioso para pegar uma chuva gelada ao ar

livre. Supus que isso era o mais próximo do clima no meio do Atlântico que ele queria encontrar.

– Talvez um mapa funcione... caso seja grande o bastante – respondi. – Seria melhor ainda se o feitiço localizasse T. J. Weston em Wiltshire. – A questão era se Leonard me conduziria pelo condado inteiro com uma caixa de velas.

– Há uma adorável loja de mapas justamente em Shoreditch – disse Leonard, com ar orgulhoso, como se fosse pessoalmente responsável pela localização da loja. – Eles fazem grandes mapas para pendurar nas paredes. Vou telefonar para lá.

– O que mais vai precisar além do mapa? – perguntou Sarah. – Uma bússola?

– Pena que não tenho mais o instrumento matemático que ganhei do imperador Rodolfo – comentei. – O instrumento estava sempre zumbindo ao meu redor, como se tentando encontrar alguma coisa. – No começo achei que isso indicava que alguém estava à procura de mim e de Matthew. Com o tempo passei a me perguntar se o instrumento entrava em ação quando alguém procurava o *Livro da vida*.

Phoebe e Ysabeau se entreolharam.

– Desculpe-me. – Phoebe saiu da sala.

– É aquele dispositivo de bronze que Annie e Jack chamavam de relógio da bruxa? – Gallowglass deu uma risada. – Duvido que seria de muita ajuda, tia. Ele não calculava direito as horas, e as cartas de latitude de mestre Habermel eram um tanto... hum, fantasiosas. – Habermel se rendera ao meu pedido para incluir uma referência ao Novo Mundo e simplesmente pegou uma coordenada que pelo que entendi me situou na Terra do Fogo.

– Adivinhação é o caminho a ser percorrido – disse Sarah. – Colocamos velas nos quatro pontos cardeais, norte, leste, sul, oeste, e depois sentamos no centro com uma bacia d'água e vemos o que acontece.

– Se eu fosse adivinhar com água precisaria de mais espaço que isso. – A sala de café da manhã se entupiria com água de bruxa a uma velocidade alarmante.

– Poderíamos usar o jardim – sugeriu Ysabeau. – Ou o salão de baile do andar de cima. Nunca achei que a Guerra de Troia fosse um tema apropriado para os afrescos, de modo que não seria uma grande perda se fossem danificados.

– E também poderíamos sintonizar o seu terceiro olho antes de você começar – disse Sarah, olhando-me como se minha testa fosse um rádio.

Phoebe voltou com uma pequena caixa e entregou para Ysabeau.

– Antes talvez seja melhor ver se isto pode ajudar. – Ysabeau retirou o compêndio de mestre Habermel da embalagem de papelão. – Alain embalou algumas coisas suas de Sept-Tours. Achou que isto faria você se sentir mais em casa aqui.

O compêndio era um belo instrumento habilmente confeccionado em bronze, dourado e prateado para fazê-lo brilhar, e nele se introduzia um encaixe que armazenava papel, lápis, uma bússola, tabelas de latitude e um pequeno relógio. Naquele momento o instrumento parecia descontrolado porque os mostradores na face do compêndio giravam. Soava um zumbido intermitente das engrenagens.

Sarah o observou.

– Definitivamente encantador.

– Ele vai parar. – Gallowglass estendeu um dedo para deter os ponteiros do relógio.

– Não toque – disse Sarah rispidamente. – Nunca se pode prever a reação de um objeto enfeitiçado a uma interferência indesejada.

– Tia, você já o colocou perto da imagem do casamento alquímico? – perguntou Gallowglass. – Se você estiver certa, se o brinquedo de mestre Habermel entra mesmo em ação quando alguém procura o *Livro da vida*, a presença da página talvez possa acalmá-lo.

– Boa ideia. A imagem do casamento alquímico está na sala chinesa junto à imagem dos dragões. – Olhei para os meus pés inchados. – Estão sobre a escrivaninha.

Ysabeau saiu antes mesmo que eu pudesse me aprumar. E voltou com a mesma rapidez, segurando as duas folhas como se fossem de vidro e pudessem quebrar a qualquer momento. Assim que as coloquei em cima da mesa, a mão sobre o ponteiro do compêndio começou a balançar lentamente da esquerda para a direita em vez de girar em torno do seu pino central. Quando ergui as folhas, o compêndio voltou a girar... embora mais lentamente que antes.

– Não acho que o instrumento registre aqueles que procuram o *Livro da vida* – disse Fernando. – Pelo que parece ele próprio é que procura o livro. E agora ele percebe que algumas folhas estão por perto e estreita o foco.

– Que estranho. – Recoloquei as folhas na mesa e fiquei fascinada quando a mão desacelerou e retomou o balanço de um pêndulo.

– Você poderá usá-lo para encontrar a última folha perdida? – perguntou Ysabeau, observando o compêndio com igual fascínio.

– Só se eu atravessar a Inglaterra, o País de Gales e a Escócia com ele. – Enquanto me perguntava se acabaria danificando aquele delicado instrumento de valor inestimável que tinha ao colo, Gallowglass ou Leonard aceleravam até a M40.

– Talvez você possa inventar um feitiço de localização. Com um mapa e essa engenhoca você poderá triangular a posição da folha perdida – disse Sarah pensativa, com o dedo nos lábios.

– Que tipo de feitiço de localização você tem em mente? – Isso ia muito além de sinos, livros e velas ou de encantamentos escritos na vagem de uma lunária.

– Seria preciso experimentar para ver... e testá-los para descobrir o melhor. – Sarah pensou um pouco. – E depois seria preciso realizá-lo sob as condições certas, com muito apoio mágico para impedir a desintegração

do feitiço.

– Onde é que você vai encontrar apoio mágico em Mayfair? – perguntou Fernando.

– Linda Crosby – dissemos eu e minha tia ao mesmo tempo.

Eu e Sarah passamos mais de uma semana testando feitiços novos no porão da casa em Mayfair, e também na pequena cozinha do apartamento de Linda em Blackfriars. Depois de ter quase afogado Tabitha e recebido o corpo de bombeiros duas vezes na Playhouse Yard, finalmente consegui manipular alguns nós e alguns itens magicamente significativos em um feitiço de localização que podia – apenas podia – funcionar.

O conciliábulo de Londres reunia-se em uma área da cripta medieval de Greyfriars que sobrevivera a uma série de desastres ao longo de sua longa história, a começar pela destruição dos mosteiros durante a Blitz. Sobre a cripta situava-se a casa de Andrew Hubbard: a antiga torre do sino da igreja, com doze andares e apenas um quarto espaçoso em cada andar. Na parte externa da torre, um agradável jardim em um dos cantos da velha igreja que resistira à renovação urbana.

– Que casa estranha – sussurrou Ysabeau.

– Andrew é um vampiro muito estranho – respondi arrepiada.

– Padre H gosta de espaços nobres, só isso. Ele diz que o fazem se sentir mais perto de Deus. – Leonard bateu na porta outra vez.

– Senti um fantasma passando – disse Sarah, acabando de fechar o casaco. Não havia dúvida quanto à sensação de frio.

– Não senti nada – disse Leonard, com o desprezo arrogante dos vampiros em relação a sensações como a do calor, voltando-se para a porta em seguida. – Vamos lá, luz do sol!

– Paciência, Leonard. Não somos todos vampiros de vinte anos de idade! – disse Linda Crosby irritada depois de ter atravessado a porta. –

Há muitas escadas aqui.

Felizmente, só tivemos que descer do andar da entrada principal para chegar à sala que Hubbard reservara para o conciliábulo oficial da cidade de Londres.

– Bem-vindas ao nosso encontro! – disse Linda enquanto nos conduzia escada abaixo.

Parei na metade do caminho e suspirei.

– Isso é... você? – Sarah olhou espantada para as paredes.

Elas estavam cobertas de imagens minhas – tecendo o meu primeiro feitiço, fazendo uma evocação diante de uma sorveira-brava, observando Corra enquanto ela voava ao longo do Tâmisa, recebendo minhas primeiras lições de magia das bruxas que me tomaram sob suas asas. Lá também estava Goody Alsop, a mais velha do conciliábulo, com feições finas e ombros caídos; a parteira Susanna Norman e as três bruxas restantes, Catherine Streeter, Elizabeth Jackson e Marjorie Cooper.

Quanto ao artista, mesmo sem uma assinatura era óbvio que Jack tinha pintado aquelas imagens, untando as paredes com gesso molhado e adicionando linhas e cor para torná-las permanentes no prédio. Embora manchadas de fumaça e de umidade e rachadas pelo tempo, de alguma forma as pinturas preservavam a beleza original.

– Somos sortudas por ter um espaço como esse para trabalhar – disse Linda radiante. – As jornadas aqui são fonte de inspiração para as bruxas de Londres. Venha conhecer suas irmãs.

As três bruxas que esperavam no fundo da escada me observaram com interesse, seus olhares estalaram e crepitaram em minha pele. Talvez não tivessem o poder do grupo de Garlickhythe em 1591, mas não eram bruxas desprovidas de talento.

– Eis nossa Diana Bishop de volta para nós outra vez – disse Linda. – Junto a ela Sarah Bishop, sua tia, e também sua sogra, que acredito que não precisa de apresentações.

– Não de todo – disse a mais idosa das quatro bruxas. – Todas já ouvimos histórias de advertência sobre Mélisande de Clermont.

Linda me avisara que o conciliábulo tinha algumas dúvidas sobre os procedimentos daquela noite. Ela escolhera a dedo as bruxas que nos ajudariam: a bruxa de fogo Sybil Bonewits, a bruxa de água Tamsin Soothtell e a bruxa de vento Cassandra Kyteler. Os poderes de Linda contavam com o elemento terra. E também os de Sarah.

– Os tempos mudam – disse Ysabeau em tom seco. – Se quiserem que eu vá embora...

– Bobagem. – Linda lançou um olhar de advertência para suas amigas bruxas. – Diana pediu para que você estivesse aqui quando ela lançasse o feitiço. Todas nós estamos envolvidas de um jeito ou de outro. Não estamos, Cassandra?

A bruxa mais idosa fez um breve aceno de cabeça.

– Por favor, senhoras, abram alas para os mapas! – disse Leonard, com os braços cheios de tubos. Depois de jogá-los sobre uma mesa bamba revestida de cera, rapidamente bateu em retirada pela escada. – É só chamar se precisarem de alguma coisa. – A porta da cripta fechou-se atrás dele.

Linda dirigiu o posicionamento dos mapas, e depois de muito mexer descobrimos que os melhores resultados vinham de um grande mapa das Ilhas Britânicas, cercado por diversos mapas de condados. O mapa da Grã-Bretanha só abrangeu uma parte do piso de aproximadamente um metro e oitenta por um metro e quarenta.

– Isso parece um péssimo projeto de geografia elementar – sussurrou Sarah enquanto endireitava um mapa de Dorset.

– Pode não ser bonito, mas funciona – retruquei tirando o compêndio de mestre Habermel da bolsa. Fernando inventara uma luva protetora a partir de uma das meias de Gallowglass milagrosamente limpa e intacta. Também tirei o celular e bati algumas fotos dos murais na parede. Com

aqueles murais me sentia mais perto de Jack – e de Matthew.

– Onde coloco as páginas do *Livro da vida*? – A Ysabeau se concedera a guarda das preciosas folhas de pergaminho.

– Entregue a da imagem do casamento alquímico para Sarah. E segure a dos dois dragões – respondi.

– Eu? – Ysabeau arregalou os olhos. Tinha sido uma decisão controversa, mas no final acabei prevalecendo sobre Sarah e Linda.

– Espero que não se importe. Recebi a imagem do casamento alquímico dos meus pais. E a dos dragões pertencia a Andrew Hubbard. Pensei em equilibrar o feitiço, mantendo-os nas mãos de bruxas e vampiros. – Todos os meus instintos me diziam que era uma decisão certa.

– Cla.... claro. – A língua de Ysabeau escorregou na conhecida palavra.

– Vai dar tudo certo. Prometo. Apertei carinhosamente o braço dela. – Sarah ficará em pé no lado oposto, e Linda e Tamsin, em ambos os lados.

– É melhor você se preocupar com o feitiço. Ysabeau pode cuidar de si mesma. – Sarah entregou-me um pote de tinta vermelha e uma caneta de pena branca com impressionantes listras em marrom e cinza.

– Senhoras, já é hora – disse Linda, com uma rápida salva de palmas. Em seguida distribuiu velas marrons para os outros membros do conciliábulo de Londres. O marrom era uma cor propícia para encontrar objetos perdidos e tinha a vantagem de aterrar o feitiço... isso me seria necessário por conta de minha inexperiência. Depois que as bruxas assumiram os seus lugares fora do círculo de mapas dos condados, elas sussurraram encantamentos enquanto acendiam as velas. As chamas tornaram-se insolitamente imensas e brilhantes... autênticas velas de bruxa.

Linda escoltou Ysabeau até um ponto abaixo da costa sul da Inglaterra. Sarah postou-se frente a ela, acima da costa norte da Escócia, como combinado. Linda caminhou três vezes no sentido horário, em torno das bruxas, da vampira e dos mapas cuidadosamente alinhados, espalhando sal para fazer um círculo protetor.

Já com todas no seu devido lugar, retirei a tampa do pote de tinta vermelha. O característico odor de resina da dracena encheu o ar. Entre os outros ingredientes da tinta estavam algumas gotas do meu próprio sangue. As narinas de Ysabeau arderam com aquele odor acobreado. Mergulhei a caneta de pena na tinta e pressionei a ponta de prata cinzelada em uma tira de pergaminho. Eu tinha levado dois dias para encontrar alguém que me fizesse uma caneta de pena de coruja de celeiro – um tempo bem maior do que levaria na Londres elisabetana.

Letra por letra, trabalhando de fora para o centro do pergaminho, escrevi o nome da pessoa procurada.

T, N, J, O, W, T, E, S

T J WESTON

Cuidadosamente, dobrei o pergaminho para ocultar o nome. Agora, era a minha vez de caminhar por fora do círculo sagrado e operar outra ligação. Depois de deslizar o compêndio de mestre Habermel junto com a tira de pergaminho para o bolso do meu casaco, iniciei uma perambulação circular a partir do ponto entre a bruxa de fogo e a bruxa de água. Passei por Tamsin e Ysabeau, Linda e Cassandra, Sarah e Sybil.

Quando retornei ao ponto de partida, uma linha cintilante escoou do sal e iluminou os rostos espantados das bruxas. Revirei a palma da mão esquerda e, por uma fração de segundo, emergiu um lampejo colorido do meu dedo indicador que desvaneceu antes que eu pudesse determinar o que era. Embora sem matiz, linhas de energia douradas, prateadas, pretas e brancas pulsaram sob a pele de minha mão. As estrias torcidas e entrelaçadas do décimo nó em forma de ouroboros circundaram as proeminentes veias azuis do meu pulso.

Atravessei uma abertura estreita na linha cintilante e fechei o círculo. Um poder rugiu em meio a isso, lamentando e clamando por liberdade. Corra também queria sair. Inquieta e agitada, ela se alongava dentro de mim.

– Paciência, Corra. – Falei enquanto pisava com cuidado sobre o sal e o mapa da Inglaterra. Cada passo me levava para mais perto do ponto que representava Londres. Finalmente, finquei os pés no centro da cidade. Corra liberou as asas com um estalo de pele e osso e um grito de frustração.

– Voe, Corra! – ordenei.

Enfim, livre, Corra precipitou-se ao redor da sala, expelindo faíscas das asas e línguas de fogo da boca. À medida que ganhava altitude e correntes de ar a levavam para onde ela queria ir, o bater das asas diminuiu. Corra viu seu retrato e murmurou em aprovação, chegando a bater a cauda na parede.

Puxei o compêndio do bolso e o segurei com a mão direita. O pergaminho dobrado deslizou para a mão esquerda. Esperei de braços esticados enquanto os fios que prendiam o mundo e enchiam a cripta de Greyfriars serpenteavam deslizantes por cima de mim à procura dos outros fios absorvidos por minhas mãos. Quando se encontraram, fios alongados e expandidos preencheram-me todo o corpo de poder. Ataram-se em torno de minhas articulações, produziram uma teia de proteção em volta do útero e do coração e percorreram as veias e os caminhos forjados pelos nervos e os tendões.

Recitei um encantamento:

Páginas que não estão cá
Perdidas e achadas
Weston, onde você está
Aqui neste lugar?

Em seguida, soprei no fragmento de pergaminho e o nome de Weston captou a luz e a tinta vermelha explodiu em chamas. Coloquei as palavras de fogo na palma de minha mão, onde continuaram a queimar e a brilhar.

Acima de mim, Corra fazia a guarda em círculos por cima do mapa de olhos afiados e alertas.

As engrenagens do compêndio zumbiram e os ponteiros do mostrador principal moveram-se. Um rugido encheu os meus ouvidos quando um fio brilhante de ouro disparou para fora do compêndio. Ele girou para fora até se encontrar com as duas folhas do *Livro da vida*. Outro fio saiu da marcação dourada do compêndio e resvalou até um mapa ao pé de Linda.

Aos gritos de triunfo Corra fez um mergulho rasante em direção a esse ponto, como se tivesse pego alguma presa inocente. O nome de uma cidade iluminou-se, e uma explosão de fogo brilhante deixou os contornos das letras carbonizados.

Feitiço completado, o rugido arrefeceu. O poder recuou do meu corpo, soltando os fios atados. Mas eles não retornaram às minhas mãos. Ficaram onde estavam, correndo através de mim como se a formar um novo sistema corporal.

Quando o poder recuou de vez, oscilei ligeiramente. Ysabeau avançou.

– Não! – Sarah gritou. – Não quebre o círculo, Ysabeau.

Claro que minha sogra achou isso uma loucura. Sem Matthew presente ela assumia o lugar de superprotetora. Mas Sarah estava certa: ninguém mais poderia quebrar o círculo senão eu. Arrastando os pés, voltei para o mesmo lugar onde tinha começado a tecer o meu encanto. Sybil e Tamsin sorriram encorajadoramente quando os dedos de minha mão esquerda brilharam e enrolaram, liberando a pressão do círculo. O que restava a fazer era caminhar ao redor do círculo no sentido anti-horário para desfazer a magia.

Linda foi bem mais rápida, fazendo o seu próprio caminho no sentido inverso. No momento em que o completou, Ysabeau e Sarah correram em minha direção e as bruxas de Londres correram em direção ao mapa que revelava a localização de Weston.

– *Dieu*, eu não vejo magias assim há séculos. Matthew não mentiu

quando disse que você era uma bruxa formidável – disse Ysabeau admirada.

– Ótimo feitiço, querida. – Sarah estava orgulhosa de mim. – Nenhuma dúvida e nenhum momento de hesitação.

– Será que funcionou? – Claro que eu esperava que sim. Outro feitiço de tal magnitude exigiria semanas de descanso. Juntei-me às bruxas na leitura do mapa. – Oxfordshire?

– Sim – disse Linda hesitante. – Mas talvez a gente não tenha feito uma pergunta suficientemente específica.

Lá no mapa se via o contorno escurecido de uma cidadezinha bem inglesa chamada Chipping Weston.

– As iniciais estavam no papel, mas não as incluí nas palavras mágicas. – Meu coração apertou.

– Ainda é cedo para admitir a derrota. – Ysabeau já estava digitando no celular. – Phoebe? Será que T. J. Weston reside em Chipping Weston?

A possibilidade de que T. J. Weston residisse em uma cidade chamada Weston não ocorrera a nenhuma de nós. Esperamos pela resposta de Phoebe.

De repente, o semblante de Ysabeau relaxou de alívio.

– Obrigada. Logo estaremos em casa. Diga a Marthe que Diana vai precisar de uma compressa para a cabeça e compressas frias para os pés.

Ambos doíam, e minhas pernas inchavam ainda mais a cada minuto que passava. Olhei para Ysabeau agradecida.

– Phoebe falou que há um T. J. Weston em Chipping Weston – disse Ysabeau. – Reside numa propriedade rural.

– Ora, muito bem. Ótimo feito, Diana. – Linda sorriu para mim. As outras bruxas de Londres aplaudiram, como se eu tivesse acabado de fazer um solo de piano particularmente difícil sem desafinar uma única nota.

– Será uma noite que não esqueceremos tão cedo – disse Tamsin, com a voz trêmula de emoção. – Isso porque esta noite uma tecelã voltou a

Londres, unindo passado e futuro para que velhos mundos pudessem morrer e renascer.

– Essa profecia é de Mãe Shipton – comentei ao reconhecer as palavras.

– Ursula Shipton nasceu Ursula Soothtell. A tia dela, Alice Soothtell, era minha antepassada – disse Tamsin. – Era uma tecelã como você.

– *Você* é parente de Ursula Shipton! – exclamou Sarah.

– Sou – disse Tamsin. – As mulheres de minha família preservaram o conhecimento das tecelãs, embora só tenha nascido uma única outra tecelã na família em mais de quinhentos anos. Mas Ursula profetizou que o poder não estava perdido para sempre. Ela previu anos de trevas durante os quais as bruxas se esqueceriam das tecelãs e de tudo que elas representam: esperança, renascimento, mudança. E também previu esta noite.

– Como assim? – Entre as poucas frases da profecia de Mãe Shipton conhecida por mim, nenhuma se encaixava nos acontecimentos daquela noite.

– "*E os que sobreviverem jamais temerão / por muitos anos a cauda do dragão, / Mas o tempo apaga a memória. / Soa estranho. Mas assim será*" – recitou Tamsin, balançando a cabeça e logo acompanhada pelas outras bruxas em uníssono.

E antes que a raça recomece,
Uma serpente de prata aparece
E cospe homens de origem desconhecida
Para conviver na terra agora florescida
Fria de seu calor; e esses homens podem
Iluminar a mente do homem do futuro.

– O dragão e a serpente? – Tremi.

– Eles anunciam o advento de uma nova era de ouro para as criaturas – disse Linda. – Levou muito tempo para chegar, mas agora temos o prazer

de viver para ver.

Era muita responsabilidade. Primeiro, os gêmeos, depois, a linhagem de Matthew, e agora o futuro da espécie? Cobri com a mão o monte onde nossos filhos cresciam. Eu me senti puxada para direções contrárias, minha parte bruxa lutando com as partes pesquisadora, esposa e mãe.

Olhei para as paredes. Em 1591, as diferentes partes de mim se encaixavam. Em 1591, eu era eu mesma.

– Não se preocupe – disse Sybil suavemente. – Logo você estará inteira de novo. Seu vampiro vai ajudá-la.

– Nós todas vamos ajudá-la – disse Cassandra.



— Pare aqui – ordenou Gallowglass. Leonard pisou no freio do Mercedes que seguiu silenciosamente até a guarita da Velha Cabana. Já que ninguém queria esperar pelas notícias da terceira folha em Londres, exceto Hamish, que estava ocupado em salvar o euro do colapso, o meu grupo todo estava junto. Fernando nos seguia em um Range Rover da inesgotável coleção de Matthew.

– Não. Aqui não. Vá para a casa – disse Leonard. A guarita me fez lembrar de Matthew. À medida que nos afastávamos da entrada, a Velha Cabana emergia do nevoeiro de Oxfordshire. Foi estranho vê-la novamente, sem os campos circundantes com ovelhas e pilhas de feno, apenas uma chaminé expelia uma fumaça fina para o céu. Encostei a testa na janela fria do carro. O enxaimel preto e branco e os vitrais em forma de diamante me fizeram lembrar de outros tempos mais felizes.

Recostei no banco de couro macio e peguei o celular. Nenhuma mensagem nova de Matthew. Consolei-me olhando de novo as duas fotos enviadas por ele anteriormente: Jack junto a Marcus e Jack sozinho de joelhos sobre um bloco de desenho, totalmente absorvido pelo que estava fazendo. Eu tinha recebido essa última foto depois de ter enviado fotos dos afrescos de Greyfriars para ele. Graças à magia da fotografia, eu tinha capturado o fantasma da rainha Isabel com uma expressão arrogante de desdém.

Os olhos de Sarah pousaram em mim. Ela e Gallowglass tinham insistido para que eu descansasse algumas horas ali antes de viajar para

Chipping Weston. Mas protestei. Os feitiços de tecelagem sempre me deixavam oca e assegurei para eles que minha palidez e falta de apetite se deviam apenas à magia. Ambos me ignoraram.

– Aqui, madame? – Leonard desacelerou em frente a uma abertura na sebe de teixos situada entre o cascalho e o fosso. Em 1590 nós simplesmente cavalgaríamos direto até o pátio central da casa, mas o automóvel não poderia passar por sobre a estreita ponte de pedra.

Em vez disso, rodeamos o pequeno pátio atrás da casa usado para entrada de serviço quando eu morara ali. Um pequeno Fiat estava estacionado junto a um caminhão amassado certamente usado para tarefas em torno da propriedade. Amira Chavan, a amiga e locatária de Matthew, nos aguardava.

– Que bom vê-la de novo, Diana – disse Amira, com um olhar formigante. – Onde está Matthew?

– Em viagem de negócios – respondi saindo do carro.

Ela engasgou e se apressou para frente.

– Você está grávida – disse como se estivesse anunciando a descoberta de vida em Marte.

– Sete meses – eu disse arqueando as costas. – Talvez eu frequente as suas aulas de ioga. – Amira ministrava aulas extraordinárias na Velha Cabana, frequentadas por uma clientela mista de demônios, bruxas e vampiros.

– Não se contorça como um pretzel. – Gallowglass pegou-me delicadamente pelo cotovelo. – Tia, vá para dentro para descansar do feitiço. Coloque os pés em cima da mesa enquanto Fernando nos prepara alguma coisa para comer.

– Não mexerei em panelas... não com Amira aqui. – Fernando beijou-a na bochecha. – Algum incidente com que deva me preocupar, *shona*?

– Não vi nem senti nada. – Amira sorriu carinhosamente para Fernando. – Já faz muito tempo que não nos vemos.

– Prepare *akuri* com torradas para Diana que lhe perdoo – disse Fernando sorrindo. – Só o cheirinho vai me transportar para o céu.

Depois de uma rodada de apresentações me vi na pequena sala onde fazia as refeições familiares em 1590. Sem um mapa na parede, mas com um fogo que ardia alegremente e dissipava a umidade.

Amira colocou os pratos de ovos mexidos e torradas à nossa frente, junto com tigelinhas de arroz e lentilhas. O aroma era de pimenta, mostarda, limão e coentro. Fernando pairou por sobre os pratos, inalando o aromático vapor.

– Seu *kanda poha* me lembra o *chai* feito com leite de coco servido naquela pequena tenda onde paramos no meio do caminho para as cavernas de Gharapuri. – Ele respirou fundo.

– Talvez – disse Amira introduzindo uma colher nas lentilhas. – Ele usou uma receita de minha avó. Moí o arroz à maneira tradicional, almofariz e pilão de ferro, porque isso é muito bom para a gravidez de Diana.

Apesar de minha insistência de que não estava com fome, emanava algo alquímico no efeito que o cominho e a laranja exerciam sobre o meu apetite. Logo me vi olhando para um prato vazio.

– Esse é mais parecido – disse Gallowglass, com satisfação. – Por que não se acomoda naquele banco maior e fecha os olhos. Se não se sentir confortável lá, descanse na cama do antigo escritório de Pierre ou na sua própria cama, pense um pouco a respeito.

O banco maior era de carvalho, projetado e todo esculpido para desencorajar qualquer desperdício de uso. Já tinha estado na sala de estar em minha estada anterior na casa e, depois de deslocado de onde estava, agora proporcionava um assento debaixo da janela. A pilha de jornais na sua extremidade sugeria que era o lugar onde Amira sentava pela manhã para acompanhar as notícias.

Comecei a entender como Matthew tratava as suas casas. Ele vivia

nelas, deixava-as e retornava décadas ou séculos mais tarde, sem mexer em nada a não ser para reorganizar um pouco a mobília. Ou seja, ele era proprietário de museus e não de casas propriamente ditas. Pensei nas lembranças que me esperavam no resto da casa – o grande salão onde conheci George Chapman e a viúva Beaton, a sala de estar onde Walter Raleigh discutira nossa situação difícil sob os olhos atentos de Henrique VIII e Elizabeth I, e o quarto de dormir onde Matthew e eu criáramos raízes no século XVI.

– O banco está ótimo – comentei apressada. Se Gallowglass se despojasse da jaqueta de couro e Fernando do casacão de lã, as rosas esculpidas no encosto não me espetariam tanto de lado. Para realizar o meu desejo, o amontoado de casacos ao lado da lareira se configurava como um colchão improvisado. Envolvida pelos aromas de laranja amarga, água do mar, lilás, tabaco e narciso, os meus olhos pesaram e caí no sono.

– Ninguém sequer teve um vislumbre dele – disse Amira baixinho ao me acordar do cochilo.

– Mesmo assim, você não deve dar aulas enquanto Benjamin representar um risco para a sua segurança. – Fernando soou estranhamente firme. – E se ele entrasse pela porta da frente?

– Toparia com duas dezenas de demônios, vampiros e bruxas furiosos, só isso – respondeu Amira. – Fernando, Matthew recomendou-me que parasse o trabalho, mas o que estou fazendo agora nunca me pareceu mais importante.

– E é. – Girei as pernas para fora do banco e sentei-me esfregando os olhos. Segundo o relógio, tinham passado quarenta e cinco minutos. Era impossível medir a passagem do tempo pela mudança de luz que continuava sepultada na névoa.

Sarah chamou Marthe, que apareceu com um chá de menta e rosa-

mosqueta, sem nenhuma cafeína que me deixasse mais alerta, porém abençoadamente aquecida. Eu já tinha esquecido que os lares podiam ser muito frios no século XVI.

Gallowglass preparou um nicho perto do fogo para mim. Fiquei triste por toda essa preocupação dirigida a mim. Ele era tão digno de ser amado. Eu não queria que ele ficasse sozinho. Alguma coisa em meu rosto deixou transparecer o que se passava em minha mente.

– Sem piedade, tia. Os ventos nem sempre sopram como o navio deseja – ele murmurou enquanto me ajeitava na cadeira.

– Os ventos fazem aquilo que mando fazer.

– E eu traço o meu próprio caminho. Se não parar de se lamentar por mim, contarei a Matthew o que está fazendo e você terá que lidar com dois vampiros regiamente chateados e não apenas um.

Era um momento prudente para mudar de assunto.

– Matthew está constituindo a sua própria família, Amira – eu disse, voltando-me para a nossa anfitriã. – Uma família que abrigará todo tipo de criatura. Talvez a gente também possa deixar entrar alguns seres humanos. Se ele for bem-sucedido, vamos precisar do máximo de ioga possível. – Fiz uma pausa enquanto a minha mão direita formigava e pulsava em cor. Observei-a em silêncio e depois concluí que o portfólio de couro que Phoebe comprara para proteger as folhas do *Livro da vida* deveria ficar na mesa ali por perto e não do outro lado da sala. Apesar da sesta, eu ainda estava exausta.

O portfólio pousou na mesa próxima.

– Abracadabra – sussurrou Fernando.

– Já que vive nesta casa de Matthew, você merece explicações de por que viemos para cá – eu disse para Amira. – Você já ouviu alguma história sobre o primeiro grimório das bruxas?

Ela balançou a cabeça. Entreguei-lhe as duas folhas recuperadas.

– Estas vieram desse livro... o mesmo que os vampiros chamam de *Livro*

da vida. Achamos que uma terceira folha esteja de posse de alguém chamado T. J. Weston, que vive em Chipping Weston. E agora que já estamos todos alimentados e hidratados, eu e Phoebe vamos procurá-lo para ver se ele quer vendê-la.

Foi quando Ysabeau e Phoebe apareceram. Phoebe estava branca como papel. Ysabeau parecia um tanto entediada.

– O que há de errado, Phoebe? – perguntei.

– Um Holbein. No banheiro. – Ela apertou as próprias bochechas. – Uma pequena pintura a óleo de Margaret, filha de Thomas More. Não devia estar pendurada no banheiro!

Comecei a entender por que Matthew se cansava tanto de minhas constantes objeções à maneira pela qual a família tratava os livros da biblioteca.

– Deixe de ser tão pudica – disse Ysabeau levemente irritada. – Margaret não era o tipo de mulher que se incomodava com um pouco de carne exposta.

– Acha mesmo que isso... – Phoebe gaguejou. – Não é o decoro da situação que me incomoda, mas o fato de que Margaret More pode cair na privada a qualquer momento!

– Eu entendo, Phoebe. – Mostrei-me simpática. – Ajudaria se eu dissesse que há outras obras maiores e mais importantes de Holbein na sala de estar?

– Lá em cima. E toda a santa família está em um dos sótãos. – Ysabeau apontou para o céu. – Thomas More era um jovem arrogante, e não se tornou mais humilde com a idade. Matthew não parecia se importar, mas Philippe e Thomas quase chegaram às vias de fato em diversas ocasiões. Se a filha dele se afogar no banheiro, bem feito para ele.

Amira começou a rir. Depois de um olhar chocado, Fernando acompanhou-a. E logo todos nós estávamos rindo, até mesmo Phoebe.

– O que significa essa barulheira toda? O que aconteceu agora? –

Marthe nos olhou com desconfiança lá da porta.

– Phoebe está se adaptando para ser uma De Clermont – respondi, enxugando os olhos molhados de tanto rir.

– *Bonne chance* – disse Marthe. Isso só nos fez rir ainda mais.

Era um lembrete de boas-vindas. Já que por mais diferentes que fôssemos, constituíamos uma espécie de família – nem mais estranha nem mais idiossincrática do que milhares de outras anteriores a nós.

– E essas folhas que vocês trouxeram... também são das coleções de Matthew? – perguntou Amira, retomando a conversa de onde tínhamos parado.

– Não. Uma delas foi entregue aos meus pais, e a outra estava nas mãos de Andrew Hubbard, neto de Matthew.

– Hum. Quanto medo. – Os olhos de Amira perderam o foco. Ela era uma bruxa de visão significativa e com poderes empáticos.

– Amira? – Observei-a mais de perto.

– Sangue e medo. – Ela estremeceu sem me perceber. – Está no próprio pergaminho e não apenas nas palavras.

– Devo detê-la? – perguntei a Sarah. Na maioria das situações o melhor era deixar a segunda visão da bruxa se manifestar, mas a visão de Amira já tinha escorregado com muita rapidez para outro tempo e outro lugar. As bruxas podem vagar sem destino em emaranhados de imagens e sentimentos sem conseguir encontrar o caminho de volta.

– De jeito nenhum – disse Sarah. – Nós duas poderemos ajudá-la se ela se perder.

– Uma mulher... uma jovem mãe. Foi morta na frente dos filhos – balbuciou Amira. Meu estômago revirou. – O pai já estava morto. Foram bruxas que lhe entregaram o corpo do marido, deixando-o cair ao chão e forçando-a a olhar o que elas tinham feito com ele. Foi ela a primeira a amaldiçoar o livro. Tanto conhecimento perdido para sempre. – Os olhos de Amira se fecharam e, quando abriram, brilharam com lágrimas não

derramadas. – Fizeram o pergaminho com a pele que se estendia ao longo das costelas dessa mulher.

Eu sabia que o *Livro da vida* era constituído de criaturas mortas, mas nunca imaginei que acabaria querendo saber mais sobre as tais criaturas do que sobre o que o DNA delas pudesse revelar. Fiquei com o estômago pesado e corri até a porta. Corra bateu as asas agitada na tentativa de estabilizar a própria posição, mas a volumosa presença dos gêmeos não lhe deixava espaço de manobra.

– Shh. Esse não será o seu destino. Prometo a você – disse Ysabeau, pegando-me com um abraço. Embora fria, sólida e bastante forte, ela possuía uma constituição graciosa.

– Será que estou fazendo a coisa certa ao tentar recompor esse livro? – perguntei depois que minhas entranhas conturbadas melhoraram. – E fazendo isso sem Matthew?

– Certo ou errado, isso tem que ser feito. – Ysabeau alisou as mechas do meu cabelo que obscureciam a minha vista. – Ligue para ele, Diana. Ele não quer que você sofra dessa maneira.

– Não. – Balancei a cabeça. – Matthew tem um trabalho a fazer. E eu tenho o meu.

– Então, vamos acabar logo com isso – disse Ysabeau.

Chipping Weston era uma típica e pitoresca vila inglesa onde geralmente os romancistas situam mistérios de assassinatos. Embora com aparência de cartão-postal ou de estúdio cinematográfico, era o lar de centenas de pessoas que viviam em casas de telhado de palha dispersas ao longo de um punhado de ruas estreitas. Era uma cidadezinha rural que restringia as provisões como punição aos cidadãos culpados de delitos e que possuía dois bares, de modo que se alguém tivesse um desentendimento com metade dos vizinhos, ainda assim teria um lugar onde poderia tomar uma

cerveja à noite.

Não foi difícil encontrar a propriedade rural.

– Os portões estão abertos. – Gallowglass estalou os dedos.

– Qual é o seu plano, Gallowglass? Disparar até a porta da frente e esmurrá-la com as próprias mãos? – Saí do carro de Leonard. – Venha, Phoebe. Vamos tocar a campainha.

Gallowglass nos seguiu quando caminhamos em direção aos portões abertos, contornando uma pedra circular que talvez tivesse sido uma fonte antes de ser invadida pelo solo. Na metade do caminho, dois arbustos podados com formato de cães dachshund.

– Extraordinário – sussurrou Phoebe olhando as esculturas verdes.

A porta da herdade estava no meio de um enfileiramento de janelas baixas. Sem campainha, mas com uma peça de ferro – também forjada na forma de um dachshund – inadvertidamente afixada na sólida madeira da porta elisabetana. Antes que Phoebe pudesse me dar uma palestra sobre a preservação de casas antigas, levantei o cachorro e bati forte.

Silêncio.

Bati novamente, ainda mais forte.

– Nós estamos à plena vista da estrada. – Gallowglass rosnou. – Que muro mais ridículo aquele. Qualquer criança poderia pular por cima.

– Nem todos podem ter um fosso – retruquei. – Não acredito que Benjamin já tenha ouvido falar de Chipping Weston, e muito menos nos seguido até aqui.

Gallowglass não estava convencido e continuou olhando em volta como uma coruja ansiosa.

Eu estava prestes a bater de novo quando a porta se abriu. Um homem com óculos de aviador e um paraquedas pendurado nos ombros como uma capa surgiu à entrada. Cães juntaram-se ao redor dos pés dele, latindo agitados.

– Por onde você tem andado? – O estranho envolveu-me em um abraço

enquanto eu tentava resolver o enigma daquela estranha pergunta. Os cães saltaram e brincaram animados para me cumprimentar depois que o dono me aprovou.

Depois de me soltar, ele ergueu os óculos. Seu olhar fixo me cutucou com o sentimento de um beijo de boas-vindas.

– Você é um demônio – comentei sem necessidade alguma.

– E você é uma bruxa. – Ele esquadrinhou Gallowglass com um olho verde e outro azul. – E ele é um vampiro. Não é o mesmo que estava com você antes, mas também é grande o bastante para trocar lâmpadas.

– Eu não troco lâmpadas – disse Gallowglass.

– Espere. Conheço você – eu disse, vasculhando rostos em minha memória. Era um dos demônios que eu tinha visto na Biblioteca Bodleiana no ano anterior, quando encontrei o Ashmole 782 pela primeira vez. Ele gostava de café com leite e de afastar os outros leitores dos microfilmes. Nunca tirava os fones de ouvido, nem mesmo quando desligados. – Timothy?

– O próprio. – Ele desviou os olhos para mim e ergueu os polegares e os outros dedos como se disparando seis tiros. Notei que ainda usava incompatíveis botas de caubói, só que agora uma era verde e a outra azul... podia-se presumir que era para combinar com os olhos. Ele estalou a língua contra os dentes. – Se quer saber, querida: você é única.

– Você é T. J. Weston? – perguntou Phoebe, tentando se fazer ouvir por cima dos latidos agitados dos cães.

Timothy levou os dedos à boca e aos ouvidos.

– Não consigo ouvi-la.

– Ora! – disse Gallowglass aos gritos. – Feche a boca dos seus monstrinhos.

Os latidos pararam instantaneamente. Os cães sentaram-se, com mandíbulas abertas e línguas pendidas, e olharam para Gallowglass em adoração. Timothy retirou o dedo de um dos ouvidos.

– Muito bem. – O demônio soltou um assobio de apreço e os cães começaram a latir novamente.

Gallowglass nos empurrou para dentro, resmungando com ar sombrio sobre linhas de visão, posições defensivas e possíveis danos de audição para Apple e Bean. Restaurada a paz, ele sentou-se no chão frente à lareira e se deixou envolver pelos cães que se engalfinharam por cima dele, lambendo-o e vasculhando-o como se o alfa da matilha tivesse retornado depois de uma longa ausência.

– Como eles se chamam? – perguntou Phoebe, tentando contar o número de caudas naquele amontoado retorcido.

– Hansel e Gretel, obviamente. – Timothy olhou para Phoebe como se ela fosse um caso perdido.

– E os outros quatro? – ela perguntou.

– Oscar. Molly. Rusty. E Pocinha. – Ele apontou para cada cão.

– Ela gosta de brincar na chuva?

– Não – disse Timothy. – Gosta de fazer xixi no assoalho. Ela se chamava Penélope, mas agora todos na aldeia a chamam de Pocinha.

Uma graciosa virada da conversa para o *Livro da vida* seria impossível, de modo que entrei de cara no assunto.

– Você comprou uma folha, uma iluminura de um manuscrito que estampa uma árvore?

– Sim. – Timothy pestanejou.

– Quer vendê-la para mim? – Não fazia sentido ser tímida.

– Não.

– Estamos dispostos a pagar caro por ela. – Phoebe podia não gostar da eventual indiferença dos De Clermont quanto a onde pendurar os quadros, mas começava a ver os benefícios do poder aquisitivo da família.

– Não está à venda. – Timothy afagou as orelhas de um dos cães que logo se voltou para a bota de Gallowglass e começou a roê-la.

– Posso vê-la? – Talvez Timothy pudesse me emprestá-la.

– Claro. – Ele tirou o paraquedas e saiu da sala. Fomos atrás dele.

Ele nos conduziu por várias salas que claramente tinham sido projetadas para outros fins que não os utilizados na ocasião. Na sala de jantar havia uma bateria completa para lá de usada, em cujo centro do bumbo se lia DEREK AND THE DERANGERS, enquanto outra sala teria a aparência de um cemitério eletrônico se não fosse pelos sofás de chita e o papel de parede estampado.

– Está por lá. Em algum lugar – disse Timothy, apontando para a sala seguinte.

– Santa Mãe de Deus – disse Gallowglass atônito.

"Lá" era uma ex-biblioteca. "Algum lugar" cobria uma multidão de possíveis esconderijos, incluindo caixotes por abrir e correspondências, caixas de papelão entupidas de partituras musicais da década de 1920, e pilhas e pilhas de jornais velhos. E ainda uma enorme coleção de relógios de todos os tipos e tamanhos e uma coleção de itens vintage.

E também manuscritos. Milhares de manuscritos.

– Acho que está dentro de uma pasta azul – disse Timothy, coçando o queixo. Era visível que ele tinha deixado a barba por fazer no início do dia pelos dois retalhos grisalhos que sobravam.

– Há quanto tempo você compra livros antigos? – perguntei, pegando o primeiro que veio à mão. Era um caderno de anotações de ciência de um estudante alemão do século XVIII, sem nenhum valor especial a não ser para um estudioso da educação no período iluminista.

– Desde que eu tinha treze anos. Foi quando minha avó morreu e deixou-me este lugar. Minha mãe se foi quando eu tinha cinco anos e meu pai Derek morreu de overdose quando fiz nove anos. Só restamos minha avó e eu. – Timothy olhou ao redor da sala com carinho. – Venho restaurando-a desde então. Quer ver minhas pinturas lá em cima?

– Talvez mais tarde – eu disse.

– Tudo bem. – Ele fechou a cara.

– Por que se interessa pelos manuscritos? – Para tentar obter respostas de demônios e estudantes, era melhor fazer perguntas genuinamente abertas.

– Eles são como a casa... me fazem lembrar daquilo que não devo esquecer – disse Timothy, como se isso explicasse tudo.

– Com alguma sorte um deles o fará se lembrar de onde enfiou a folha do seu livro – disse Gallowglass baixinho. – Caso contrário, levaremos semanas para vasculhar todo esse lixo.

Não dispúnhamos de semanas. Eu precisava retirar o Ashmole 782 da Bodleiana e recolocar as folhas no manuscrito para que Matthew pudesse voltar para casa. Sem o *Livro da vida* estaríamos vulneráveis à Congregação, a Benjamin e às ambições pessoais de Knox e Gerbert. Só depois que o manuscrito estivesse em nossa posse é que todos os outros teriam que lidar conosco segundo nossas condições – como herdeiros ou não. Arregacei as mangas.

– Timothy, tudo bem se eu fizer magia na sua biblioteca? – A pergunta pareceu-me educada.

– Vai fazer barulho? – ele perguntou. – Os cães não gostam de barulho.

– Não – respondi considerando as minhas opções. – Acho que vai ser bem silencioso.

– Então, tudo bem – ele disse aliviado, recolocando os óculos por via das dúvidas.

– Mais magia, tia? – Gallowglass arqueou as sobrancelhas. – Você a tem usado muito ultimamente.

– Espere até amanhã – balbuciei. Se eu me apossasse das três folhas perdidas iria direto para a Bodleiana. Era a vez das luvas.

Um turbilhão de papéis levantou do chão.

– Já começou? – perguntou Gallowglass alarmado.

– Não – respondi.

– Então, que tumulto é esse? – Gallowglass se moveu em direção a um

amontoado agitado.

Uma cauda abanou por entre um fólio de capa de couro e uma caixa de canetas.

– Pocinha! – exclamou Timothy.

A cadelinha surgiu depois do rabo, puxando uma pasta azul.

– Que boazinha – cantarolou Gallowglass, agachando-se e estendendo uma das mãos. – Traga pra mim.

Pocinha estava com a folha perdida do Ashmole 782 entre os dentes, parecendo muito satisfeita consigo mesma, mas sem fazer qualquer menção de entregá-la para Gallowglass.

– Ela quer ser perseguida por você – explicou Timothy.

Gallowglass fez uma careta.

– Não vou correr atrás de cachorro nenhum.

No final, todos a perseguimos. Pocinha era a mais inteligente e mais rápida dachshund da face da terra, correndo debaixo dos móveis e driblando pela esquerda e pela direita e depois correndo de novo. Gallowglass era rápido, mas não era pequeno. Pocinha escapuliu algumas vezes por entre os dedos dele com radiante alegria.

Finalmente, a necessidade de Pocinha de fazer xixi levou-a a largar a pasta azul ligeiramente úmida frente a suas patas. Gallowglass aproveitou a oportunidade para pegá-la.

– Que menina mais boazinha! – Timothy pegou a agitada cachorrinha. – Você vai ganhar o Great Dachshund Games deste verão. Sem dúvida. – Uma tira de papel estava presa em uma das garras de Pocinha. – Olhe só, é minha fatura do conselho fiscal.

Gallowglass entregou-me a pasta.

– Phoebe deve fazer as honras da casa – eu disse. – Se não fosse por ela, não estaríamos aqui. – Entreguei a pasta para ela.

Phoebe quebrou o selo e abriu-a. Era uma imagem tão vívida que parecia ter sido pintada um dia antes, suas cores marcantes e os detalhes

do tronco e das folhas intensificaram ainda mais a vibração que emanava da página. Havia poder nela. Isso era inconfundível.

– É linda. – Phoebe ergueu os olhos. – É a folha que vocês estão procurando?

– Sim – disse Gallowglass. – Ela mesma, tudo bem.

Phoebe colocou a folha em minhas mãos estendidas que brilharam assim que o pergaminho tocou-as, disparando pequenas faíscas coloridas pela sala. Filamentos de poder irromperam dos meus dedos, conectando-se ao pergaminho com um estalo de eletricidade quase audível.

– Essa folha tem muita energia. Nem toda do bem – disse Timothy, afastando-se. – Ela precisa voltar para aquele livro que você encontrou na Bodleiana.

– Sei que você não quer vendê-la – eu disse –, mas posso pegá-la emprestado? Só por um dia? – Eu seguiria até a Bodleiana e requisitaria o Ashmole 782, depois a traria de volta, desde que o *Livro da vida* me deixasse removê-la novamente depois que a tivesse encadernado.

– Não. – Timothy sacudiu a cabeça.

– Você não quer vendê-la, não quer emprestá-la – retruquei agora exasperada. – Você tem alguma ligação sentimental com ela?

– Claro que sim. Quer dizer, ele é meu antepassado.

Todos os olhos na sala se voltaram para a ilustração da árvore em minhas mãos. Até Pocinha olhou-a com interesse renovado, farejando o ar com seu longo e delicado focinho.

– Como sabe disso? – sussurrei.

– Eu vejo coisas... microchips, palavras cruzadas, você, a pessoa de cuja pele se confeccionou esse pergaminho. Eu sabia quem você era desde o momento em que entrou na Duke Humfrey. – Timothy pareceu triste. – Falei tudo que pude para você. Mas você não me ouviu e saiu com aquele vampirão. Você é única.

– Única, como assim? – Minha garganta fechou. As visões do demônio

eram bizarras e surreais, mas podiam ser surpreendentemente precisas.

– Aquela que vai saber como tudo começou, o sangue, a morte, o medo. E aquela que poderá colocar um fim nisso de uma vez por todas. – Timothy suspirou. – Você não pode comprar o meu avô e também não pode pegá-lo emprestado. Mas se eu lhe der, por questão de segurança, você vai fazer com que a morte dele signifique alguma coisa?

– Não posso prometer isso, Timothy. – Eu não poderia jurar por algo tão grandioso e impreciso. – Ainda não sabemos o que o livro vai revelar. E certamente não posso garantir qualquer mudança.

– Você pode garantir que o nome dele não será esquecido depois que o conhecer? Os nomes são importantes, você sabe – ele disse.

Fui tomada por uma sensação de estranheza. Ysabeau tinha me dito a mesma coisa logo depois que a conheci. O meu terceiro olho vislumbrou Edward Kelley. "*Você também vai encontrar o seu nome no livro*", ele dissera aos gritos quando o imperador Rodolfo pediu que lhe entregasse o *Livro da vida*. Os arrepios em meu pescoço se intensificaram.

– Não vou esquecer o nome dele – prometi.

– Às vezes isso já basta – disse Timothy.



Já tinham se passado muitas horas da meia-noite, e eu já não tinha mais qualquer esperança de sono. O nevoeiro se levantava e o brilho da lua cheia penetrava nas mechas cinzentas ainda agarradas aos troncos de árvores e nos recônditos baixos do parque onde os cervos dormiam. Um ou dois animais do rebanho ainda pastavam na relva em busca de forragens remanescentes. Uma geada forte estava prestes a chegar. Senti isso porque estava sintonizada com os ritmos da terra e do céu como estivera na época em que o dia era organizado em função da altura do sol e não de relógios, e a estação do ano determinava tudo, desde o alimento que se comia ao remédio que se ingeria.

Eu estava no mesmo quarto de dormir onde passara a minha primeira noite com Matthew no século XVI. Somente algumas coisas haviam mudado: a energia elétrica que potencializava as lâmpadas, o cordão da campainha vitoriana próxima à lareira que chamava os criados para cuidar de alguma coisa ou para trazer o chá (se bem que nunca entendi a necessidade disso em uma família de vampiros) e o armário esculpido em um aposento adjacente.

Nosso retorno à Velha Cabana após a reunião com Timothy Weston acabara sendo inesperadamente tenso. Gallowglass se recusara a me levar para Oxford depois de localizada a última folha do *Livro da vida*, se bem que ainda não era hora de jantar e a Duke Humfrey só fechava às sete horas. Quando Leonard se ofereceu para dirigir, Gallowglass ameaçou matá-lo em termos perturbadoramente detalhados e gráficos. Fernando e

Gallowglass então saíram, supostamente para conversar, e Gallowglass retornou com um corte no lábio, um olho levemente ferido e um pedido de desculpas balbuciado para Leonard.

– Você não vai – disse Fernando quando me dirigi para a porta. – Levo-a amanhã, não esta noite. Gallowglass está certo, você parece uma morta.

– Pare de me mimar – retruquei de dentes cerrados e com as mãos ainda lançando faíscas intermitentes.

– Vou mimá-la até que seu companheiro... e meu senhor... retorne – disse Fernando. – Matthew seria a única criatura na terra que me faria levá-la para Oxford. Sinta-se livre para chamá-lo. – Ele estendeu o telefone.

E assim terminou a discussão. Aceitei o ultimato de Fernando de má vontade, se bem que minha cabeça latejava e eu nunca tinha feito tanta magia como na semana anterior.

– Ainda bem que você está com essas três folhas e nenhuma outra criatura poderá possuir o livro – disse Amira, tentando me consolar. Um pobre consolo quando o livro estava tão perto.

Nem mesmo a visão das três folhas alinhadas na longa mesa do grande salão melhorou o meu humor. Eu antecipava e temia aquele momento desde que saíramos de Madison, mas com o livro por perto me senti estranhamente em anticlímax.

Phoebe arrumara as imagens, tomando o cuidado de não tocá-las. Nós tínhamos aprendido da maneira mais difícil que elas pareciam ter uma afinidade magnética. Quando cheguei em casa e as embalamos juntas antes de seguir para a Bodleiana, soou um suave lamento das páginas, seguido por uma vibração ouvida por todos – até mesmo por Phoebe.

– Você não pode simplesmente levar essas três folhas até a Bodleiana e enfiá-las de volta num livro enfeitiçado – disse Sarah. – É uma loucura. Haverá bruxas naquela sala. Elas chegarão correndo.

– Alguém sabe como o *Livro da vida* vai reagir? – Ysabeau cutucou a

ilustração da árvore com o dedo. – E se ele gritar? Fantasmas podem ser liberados. E Diana pode desencadear uma chuva de fogo. – Depois de suas experiências em Londres, Ysabeau vinha fazendo algumas leituras. Já estava preparada para discutir uma ampla variedade de tópicos, tais como aparições espectrais e os fenômenos ocultos observados nas Ilhas Britânicas nos dois anos anteriores.

– Você terá que roubá-lo – disse Sarah.

– Eu sou professora titular na Universidade de Yale, Sarah! Eu não posso! Minha vida como acadêmica...

– Provavelmente estará acabada. – Sarah completou a minha frase.

– Espere aí, Sarah. – Fernando a repreendeu. – Isso é um pouco exagerado, até mesmo para você. Certamente deve haver uma forma de Diana investigar o Ashmole 782 e devolvê-lo em alguma data futura.

Eu tentei explicar que não se podia pegar emprestado livros da Bodleiana, mas sem sucesso. Com Ysabeau e Sarah responsáveis pela logística, e Fernando e Gallowglass, pela segurança, relegaram-me a uma posição onde só me restava aconselhar e avisar. Eles eram mais arrogantes que Matthew.

E assim lá estava eu às quatro da manhã, olhando pela janela à espera do sol nascer.

– O que devo fazer? – sussurrei com a testa contra a fria vidraça em forma de diamante.

Quando fiz a pergunta, a consciência queimou-me a pele, como se eu tivesse enfiado um dedo na tomada elétrica. Uma silhueta cintilante vestida de branco saiu da floresta, acompanhada de um cervo branco. O animal sobrenatural caminhava sem medo ao lado da mulher caçadora que tinha um arco e uma aljava de flechas na mão. *A deusa*.

Ela se deteve e olhou para a minha janela.

– Por que está tão triste, filha? – murmurou com uma voz prateada. – Perdeu o que você mais deseja?

Eu tinha aprendido a não responder às perguntas da deusa. Ela sorriu pela minha relutância.

– Junte-se a mim sob essa lua cheia. Talvez possa encontrá-lo mais uma vez. – Ela esperou com os dedos pousados nos chifres do cervo.

Escapuli para fora sem ser percebida. Meus pés amassaram os caminhos de cascalho salientes dos jardins, deixando rastros escuros na relva coberta de geada. Logo estava frente à deusa.

– Por que está aqui? – perguntei.

– Para ajudá-la. – Os olhos da deusa eram prateados e negros ao luar. – Você terá que abrir mão de alguma coisa, se quiser possuir o *Livro da vida*... alguma coisa preciosa para você.

– Já dei o suficiente – retruquei com voz trêmula. – Meus pais, meu primeiro filho e depois minha tia. Nem minha vida continua sendo minha. Já pertence à senhora.

– Nunca abandono aqueles que me servem. – A deusa retirou uma flecha da aljava. Uma flecha longa e prateada, com penas de coruja. E a estendeu para mim. – Leve-a.

– Não. – Balancei a cabeça em negativa. – Não sem saber a que preço.

– Ninguém me recusa. – A deusa colocou a flecha no arco e apontou. Só então percebi que a flecha não tinha uma ponta afiada. Sua mão recuou ao puxar a corda de prata.

Não tive tempo de reagir quando a deusa arremessou a flecha em direção ao meu peito. Senti uma dor lancinante e um puxão da corrente em torno do meu pescoço, e depois um formigamento ardente entre o ombro esquerdo e a espinha. Os elos de ouro que prendiam a flecha de Philippe deslizaram pelo meu corpo e caíram a meus pés. O tecido que cobria o meu peito umedeceu de sangue, mas não havia nada a não ser um pequeno orifício por onde a flecha passara.

– Você não pode fugir de minha flecha. Nenhuma criatura pode. E agora ela faz parte de você – disse a deusa. – Até mesmo os que nascem

fortes devem portar armas.

Esquadrinhei o solo ao redor dos meus pés em busca da joia de Philippe. Quando me endireitei, senti que um ponto pressionava as minhas costelas. Encarei a deusa espantada.

– Minha flecha nunca erra o alvo – disse a deusa. – Não hesite quando precisar dela. E vise a verdade.

– Foram transferidos para *onde*? – Aquilo não podia estar acontecendo. Logo quando estávamos tão perto das respostas.

– Para a Biblioteca de Ciências Radcliffe. – Sean se desculpou, mas sua paciência se esgotava. – Não é o fim do mundo, Diana.

– Mas... isso é... – Relutei com a ficha de requisição do Ashmole 782 nos meus dedos.

– Você não lê os seus e-mails? Há meses que enviamos avisos sobre a remoção – disse Sean. – Fico feliz por solicitá-lo e colocá-lo no sistema, desde que você não se vá e não se ponha fora do alcance da internet. Mas nenhum dos manuscritos Ashmole está aqui, e você não pode requisitá-los para esta sala de leitura, a menos que tenha uma boa razão intelectual relacionada com os manuscritos e mapas que ainda estão aqui.

De todas as exigências previstas para aquela manhã – e eram muitas e variadas –, a decisão da Biblioteca Bodleiana de transferir os livros raros e os manuscritos da Duke Humfrey para a Biblioteca de Ciências Radcliffe não era uma delas. Sarah e Amira estavam em casa com Leonard, caso fosse necessário apoio mágico. Gallowglass e Fernando passeavam ao redor da estátua de William, filho de Mary Herbert, sendo fotografados pelas turistas do sexo feminino. Ysabeau ganhara acesso à biblioteca depois de seduzir o chefe de desenvolvimento com um presente que rivalizava com o orçamento anual de Liechtenstein. E agora ela fazia um passeio particular pelas instalações. Phoebe frequentara a faculdade Christ

Church e por isso era a única que possuía um cartão da biblioteca para me acompanhar na Duke Humfrey, e agora ela esperava pacientemente em um banco de frente para os jardins da Exeter College.

– Que irritante. – Fossem quais fossem os livros raros e manuscritos preciosos realocados, eu estava totalmente convencida de que o Ashmole 782 continuava no mesmo lugar. Além do mais, papai não tinha amarrado o *Livro da vida* ao número de chamada do manuscrito e sim à biblioteca. Em 1850 a Biblioteca de Ciências Radcliffe ainda não existia.

Olhei para o relógio. Não passava das dez e meia. Um enxame de crianças em viagem escolar irrompeu com suas vozes agudas ecoando nas paredes de pedra do quadrilátero. Quanto tempo seria necessário para inventar uma desculpa que satisfizesse Sean? Eu e Phoebe precisávamos nos reagrupar. Tentei alcançar a parte inferior de minhas costas, onde a ponta da flecha da deusa estava alojada. A haste mantinha-me de postura ereta, e eu sentia uma pontada de advertência quando me largava um pouco mais.

– E não pense que vai ser fácil encontrar um bom argumento para pesquisar o seu manuscrito aqui. – Sean alertou-me ao ler a minha mente. Os seres humanos sempre ativam o sexto sentido geralmente adormecido nos momentos mais inoportunos. – Há semanas que seu amigo faz uma requisição atrás da outra, e a despeito de quantas vezes tenha pedido para ver os manuscritos aqui, os pedidos continuam sendo redirecionados para Parks Road.

– Casaco de tweed? Calça de veludo? – Se Peter Knox estivesse na Duke Humfrey, eu o estrangularia ali mesmo.

– Não. Aquele sujeito sentado perto dos catálogos de cartões. – Sean apontou para o Selden End.

Afastei-me cautelosamente do escritório de Sean frente ao velho balcão de solicitações e de repente senti o olhar entorpecente de um vampiro. *Gerbert?*

– Sra. Roydon.

Não era Gerbert.

Benjamin estava de braço estendido sobre os ombros de Phoebe, e havia manchas vermelhas na gola da blusa branca dela. Pela primeira vez desde que a conhecera, Phoebe parecia aterrorizada.

– *Herr* Fuchs. – Falei um pouco mais alto que o habitual. Felizmente, Ysabeau ou Gallowglass poderiam ouvir o nome dele, apesar da barulheira que as crianças faziam. Forcei os meus pés a se moverem em ritmo firme em direção a ele.

– Que surpresa vê-la aqui... e aparentemente... tão fértil. – Os olhos de Benjamin se desviaram lentamente para os meus seios e depois para o meu ventre, onde os gêmeos se enrolavam. Um deles chutou furiosamente, como se para fazer uma pausa para a liberdade. Corra também se retorcia e rosnava dentro de mim.

Nada de fogo ou chama. O juramento assumido quando recebi o meu primeiro cartão de leitor flutuou em minha mente.

– Eu esperava Matthew. Em vez disso encontro a companheira dele. E também o meu irmão. – Benjamin aproximou o nariz de uma veia sob a orelha de Phoebe. Roçou os dentes na carne dela. Ela mordeu o lábio para não gritar. – Marcus é um bom menino, sempre ao lado do pai. Fofinha, será que ele vai protegê-la depois que a tornei minha?

– Deixe-a ir, Benjamin. – Depois que as palavras saíram de minha boca, o lado lógico do meu cérebro registrou-as como inúteis. Não havia chance de Benjamin soltar Phoebe.

– Não se preocupe. Você não vai ficar de fora. – Ele acariciou o ponto do pescoço de Phoebe onde martelara com o pulso. – Também tenho grandes planos para você, sra. Roydon. Você é uma boa reprodutora. Isso é visível.

Onde estava Ysabeau?

A flecha ardeu em minha espinha, convidando-me a utilizá-la. Mas

como poderia alvejar Benjamin sem atingir Phoebe? Ele a tinha ligeiramente à frente como escudo.

– Esta aqui sonha em ser um vampiro. – Benjamin abaixou a boca e roçou no pescoço de Phoebe. Ela choramingou. – Eu poderia tornar esse sonho realidade. Com alguma sorte poderia mandá-la de volta para Marcus com um sangue tão forte que o faria se prostrar de joelhos.

A voz de Philippe ecoou em minha mente: *pense – e continue viva*. Era a tarefa que ele me dera. Mas os meus pensamentos corriam em círculos desorganizados. Trechos de magias e meias advertências de Goody Alsop perseguiam as ameaças de Benjamin. Eu precisava me concentrar.

Os olhos de Phoebe me pediram que fizesse *algo*.

– Use o seu lamentável poder, bruxa. Posso não saber o que está no *Livro da vida*... até agora, mas aprendi que as bruxas não são páreo para os vampiros.

Hesitei. Benjamin sorriu. Encontrava-me na encruzilhada entre um estilo de vida sonhado – acadêmico, intelectual, sem a complicada desordem da magia – e um estilo de vida que se apresentava naquele instante. Se eu fizesse magia na Biblioteca Bodleiana, não haveria como voltar atrás.

– Algo errado? – ele disse vagarosamente.

Minhas costas ainda queimavam, e a dor se estendia para meu ombro. Ergui as mãos separadas, como se tivesse um arco, e apontei o dedo indicador esquerdo para Benjamin, como se estabelecendo um alvo.

Minha mão não era mais incolor. Um incêndio espesso e vivo de roxo percorreu toda a palma de minha mão. Gemi por dentro. Claro que minha magia decidira mudar *logo agora*. Pense. *Qual era o significado mágico do roxo?*

Senti como se uma corda áspera arranhasse o meu rosto. Torci os lábios e soprei o ar em direção a ela. *Sem distrações. Pense. Continue viva.* Desviei os olhos para as minhas mãos e lá estava uma curva – um arco

real, tangível, de madeira ornamentada em ouro e prata. Senti um formigamento estranho que emergia da madeira, um formigamento que me era familiar. *Sorveira*. E também havia uma flecha entre os meus dedos; era de prata e tinha a ponta de ouro como a de Philippe. Será que atingiria o alvo como prometido pela deusa? Benjamin deslocou Phoebe de modo que ela o cobrisse por inteiro.

– Dê o seu melhor tiro, bruxa. Você vai matar a sangue-quente de Marcus, mas continuarei tendo tudo que quero ter aqui.

A imagem da violenta morte de Juliette me veio à mente. Fechei os olhos.

Hesitei, incapaz de atirar. O arco e a flecha se dissolveram por entre os meus dedos. Eu tinha feito exatamente o que a deusa me instruíra a não fazer.

As páginas dos livros abertos nas mesas próximas soaram irritadas em uma brisa repentina. Os pelos de minha nuca se eriçaram. *Bruxa de vento*.

Talvez houvesse outra bruxa na biblioteca. Abri os olhos para ver quem era.

Era um vampiro.

Ysabeau mantinha uma das mãos em volta do pescoço de Benjamin e com a outra empurrava Phoebe em minha direção.

– Ysabeau. – Benjamin olhou-a com amargura.

– Esperando alguém? Matthew, talvez? – O dedo de Ysabeau se empapou com o sangue que jorrou de um pequeno ferimento de Benjamin. Foi uma pressão suficiente para mantê-lo onde estava. Fui tomada por uma onda de náuseas. – Ele está ocupado com outra coisa. Phoebe, querida, leve Diana até Gallowglass e Fernando. Agora mesmo. – Sem tirar os olhos de sua presa, Ysabeau apontou a mão em minha direção.

– Vamos. – Phoebe me puxou pelo braço.

Ysabeau tirou a mão do pescoço de Benjamin com um estalo audível. Ele apalpou o mesmo ponto.

– Ainda não terminamos, Ysabeau. Diga a Matthew que entrarei em contato. Em breve.

– Oh, direi. – Ela sorriu de um jeito assustador e cheio de dentes para ele. E depois de dar dois passos para trás, puxou-me pelo outro braço de modo a colocar-me de frente para a saída.

– Diana? – disse Benjamin.

Eu parei sem me virar.

– Tomara que seus filhos sejam duas meninas.

– Ninguém fala até que estejamos dentro do carro. – Gallowglass soltou um assobio cortante. – Feitiço de disfarce, tia.

Senti que o feitiço deslizara para fora de seu contorno, mas não consegui reunir energia para fazer muita coisa. A náusea piorava cada vez mais.

Leonard gritou para os portões da Hertford College.

– Eu hesitei. Como com Juliette. – Na ocasião isso quase levara a vida de Matthew. E agora Phoebe quase pagara pelo meu medo.

– Cuidado com a cabeça – disse Gallowglass ao me deixar no banco do passageiro.

– Graças a Deus pegamos este maldito carrão de Matthew – sussurrou Leonard para Fernando ao entrar no banco do motorista. – Voltamos para casa?

– Sim – respondi.

– Não – disse Ysabeau ao mesmo tempo, aparecendo no outro lado do carro. – Para o aeroporto. Vamos para Sept-Tours. Chame Baldwin, Gallowglass.

– Eu *não* vou para Sept-Tours – retruquei. Viver sob o domínio de Baldwin? Nunca.

– E Sarah? – perguntou Fernando do banco da frente.

– Diga a Amira para nos encontrar com Sarah em Londres. – Ysabeau bateu no ombro de Leonard. – Se você não acelerar agora mesmo, não serei responsabilizada pelos meus atos.

– Já estamos todos dentro do carro. Vá! – Quando Gallowglass fechou uma das portas traseiras, Leonard deu marcha a ré e quase atropelou um distinto acadêmico de bicicleta. – Maldição. Não tenho temperamento para o crime. – Gallowglass bufou levemente. – Mostre-nos o livro, tia.

– Diana não está com o livro. – As palavras de Ysabeau fizeram Fernando parar no meio de uma conversa e olhar para trás.

– Então, por que a pressa? – perguntou Gallowglass.

– Acabamos de encontrar o filho de Matthew. – Phoebe inclinou-se para frente e falou em voz alta para o celular de Fernando. – Sarah, Benjamin sabe que Diana está grávida. Nem você nem Amira estão seguras. Saiam daí. Agora mesmo.

– Benjamin? – A voz de Sarah soou inconfundivelmente horrorizada.

Uma enorme mão puxou Phoebe e virou-a de cabeça para o lado.

– Ele mordeu você. – O rosto de Gallowglass embranqueceu como papel. Ele agarrou-me e inspecionou cada centímetro de meu rosto e meu pescoço. – Cristo. Por que não pediram ajuda?

Graças ao completo desrespeito de Leonard às restrições do trânsito e aos limites da velocidade, já nos aproximávamos da M40.

– Ele estava com Phoebe. – Encolhi-me no banco a fim de estabilizar o meu estômago embrulhado e apertei os braços sobre os gêmeos.

– Onde a vovó estava? – perguntou Gallowglass.

– Vovó estava ouvindo o papo de uma mulher horrorosa de blusa magenta sobre as obras de construção da biblioteca enquanto sessenta crianças berravam no quadrilátero. – Ysabeau encarou Gallowglass. – E onde *você* estava?

– Parem com isso, vocês dois. Estávamos todos exatamente onde planejamos estar. – Como de costume, a voz de Phoebe era a única sensata.

– E todos nós saímos vivos. Não vamos perder de vista o quadro geral.

Leonard entrou a toda na M40 rumo a Heathrow.

Mantive a mão fria em minha testa.

– Sinto muito, Phoebe. – Comprimi os lábios quando o carro oscilou. – Não consegui pensar.

– Perfeitamente compreensível – disse Phoebe de pronto. – Por favor, posso falar com Miriam?

– Miriam? – repetiu Fernando.

– Sim. Sei que não estou infectada com a ira do sangue porque não ingeri o sangue de Benjamin. Mas ele me mordeu e talvez ela queira uma amostra do meu sangue para ver se a saliva dele me afetou.

Todos olharam para ela boquiabertos.

– Depois – disse Gallowglass secamente. – Depois nos preocupamos com a ciência e esse manuscrito esquecido.

A paisagem campestre corria em borrões. Encostei a testa na janela desejando do fundo de coração que Matthew estivesse comigo e que o dia terminasse diferente e que Benjamin não soubesse que eu estava grávida de gêmeos.

As últimas palavras dele – e as perspectivas de futuro que delineavam – martelaram-me a cabeça à medida que nos aproximávamos do aeroporto.

Tomara que seus filhos sejam duas meninas.

– Diana! – A voz de Ysabeau interrompeu o meu sono conturbado. – Matthew ou Baldwin. Escolha. – O tom era feroz. – Um deles tem que ser avisado.

– Matthew não. – Estremeci e sentei-me ereta. A maldita flecha ainda me espetava o ombro. – Ele vai disparar até aqui e não há necessidade disso. Phoebe está certa. Estamos todos vivos.

Ysabeau praguejou como um marinheiro e pegou seu telefone vermelho.

Antes que alguém pudesse detê-la, ela já estava conversando com Baldwin em rápido francês. Só captei a metade, mas pelo assentimento reverente Phoebe obviamente entendera mais.

– Oh, Cristo. – Gallowglass balançou a cabeça cabeluda.

– Baldwin quer falar com você. – Ysabeau estendeu o telefone em minha direção.

– Pelo que entendi, você viu Benjamin. – Baldwin se mostrou com a frieza e a compostura de Phoebe.

– Vi, sim.

– Ele ameaçou os gêmeos?

– Ameaçou.

– Sou seu irmão, Diana, não seu inimigo – disse Baldwin. – Ysabeau agiu certo ao me chamar.

– Se você diz que sim – retruquei. – *Sieur*.

– Você sabe onde Matthew está? – ele perguntou.

– Não, não exatamente. – De fato, eu não sabia. – Você sabe?

– Presumo que esteja enterrando Jack Blackfriars em algum lugar.

Seguiu-se um longo silêncio após as palavras de Baldwin.

– Você é um completo idiota, Baldwin de Clermont – eu disse com voz trêmula.

– Jack foi um acidente necessário de uma guerra perigosa e mortal... uma guerra que aliás você mesma começou. – Baldwin suspirou. – Venha para casa, irmã. Isso é uma ordem. Lamba as feridas e espere por Matthew. É o que todos já aprendemos a fazer quando ele sai para aliviar sua consciência culpada.

Baldwin desligou na minha cara antes que eu pudesse elaborar uma resposta.

– Ai, que ódio. Odeio esse cara. – Cuspi cada palavra.

– Eu também – disse Ysabeau pegando o telefone.

– Baldwin tem ciúmes de Matthew, isso é tudo – disse Phoebe, dessa vez

com uma sensatez irritante.

Um jorro de energia atravessou o meu corpo.

– Não estou me sentindo bem. – Fiquei ainda mais ansiosa. – Alguma coisa errada? Alguém está nos seguindo?

Gallowglass empurrou a minha cabeça.

– Você parece agitada. A que distância estamos de Londres?

– Londres? – repetiu Leonard. – Você disse Heathrow. – Ele pisou no acelerador e tomou outra direção.

Meu estômago agiu como antes. Já estava me sentindo enjoada e tentei reprimir o vômito. Mas não foi possível.

– Diana? – disse Ysabeau, segurando o meu cabelo e limpando a minha boca com um lenço de seda. – O que foi?

– Acho que comi alguma coisa que não me fez bem – respondi reprimindo outra ânsia de vômito. – Estou me sentindo estranha nos últimos dias.

– Como estranha? – Gallowglass soou urgente. – Está com dor de cabeça, Diana? Está com dificuldade para respirar? Alguma dor no ombro?

Balancei a cabeça enquanto a bile subia.

– Phoebe, você disse que ela estava ansiosa?

– Claro que Diana estava ansiosa – retrucou Ysabeau, despejando o conteúdo de sua bolsa no banco e apoiando-a aberta debaixo do queixo. Não me imaginei vomitando naquela bolsa Chanel, mas naquele momento tudo era possível. – Ela estava prestes a travar uma batalha com Benjamin!

– A ansiedade é um sintoma de algum problema que não consigo pronunciar. Diana tem folhetos sobre isso em New Haven. Espere aí, titia! – Gallowglass soou frenético.

Perguntei-me vagamente por que ele parecia tão assustado antes de eu vomitar de novo na bolsa de Ysabeau.

– Hamish? Precisamos de um médico. Um médico vampiro. Alguma coisa está errada com Diana.

Sol em Escorpião

Quando o Sol está no signo de Escorpião, espere morte, medo e veneno.
Durante esse tempo perigoso, cuidado com as serpentes e com todas as outras criaturas venenosas.
Escorpião rege a concepção e o parto, e as crianças nascidas sob esse signo são abençoadas com muitos dons.

– Anonymous English Commonplace Book, c. 1590,
Gonçalves MS 4890, f. 9r



— Onde está Matthew? Ele tinha que estar aqui – sussurrou Fernando, pondo-se longe da vista de Diana ainda sentada na pequena e ensolarada sala onde passava grande parte do tempo depois que a colocaram em estrito regime de repouso.

Diana remoía o episódio na Bodleiana. Ainda não se perdoava por ter permitido que Benjamin ameaçasse Phoebe e por ter deixado escapar pelos dedos a oportunidade de matá-lo. Mas para Fernando talvez fosse a última vez que os nervos de Diana sucumbiriam perante o inimigo.

– Diana está bem. – Gallowglass cruzou os braços e encostou-se na parede do corredor em frente à porta. – O médico garantiu isso essa manhã. Além do mais, Matthew só poderá retornar depois que resolver o assunto de sua nova família.

Fazia algumas semanas que Gallowglass era a única ligação entre eles e Matthew. Fernando soltou um impropério e investiu contra Gallowglass, apertando-lhe a orelha com a boca, e a traqueia, com a mão.

– Você ainda não contou para Matthew – disse Fernando baixinho para que ninguém na casa ouvisse. – Ele tem o direito de saber o que aconteceu aqui: a magia, o encontro da folha do *Livro da vida*, a aparição de Benjamin, a condição de Diana... tudo.

– Se Matthew quisesse saber o que está acontecendo com a esposa, ele já estaria aqui e não com um bando de crianças recalcitrantes no calcanhar. – Gallowglass pegou Fernando pelo pulso.

– Se acredita mesmo nisso, por que então *você* está aqui? – Fernando

soltou-se. – Você está mais perdido que a lua de inverno. Não importa onde Matthew esteja. Diana pertence a ele. Ela nunca será sua.

– Eu sei disso. – Os olhos azuis de Gallowglass não vacilaram.

– Matthew pode matá-lo por isso. – Não houve sequer um único toque histriônico no pronunciamento de Fernando.

– Há coisas piores que minha morte – disse Gallowglass em tom uniforme. – O médico disse que se houver estresse os bebês podem morrer. E Diana também. Enquanto tiver fôlego no meu corpo nem mesmo Matthew poderá prejudicá-los. Esse é meu trabalho... e faço isso muito bem.

– Quando me reencontrar com Philippe de Clermont... e sem dúvida alguma ele estará tostando os pés na fogueira do demônio, ele terá que me explicar por que pediu isso para você. – Fernando sabia que Philippe gostava de estabelecer decisões para outras pessoas. Mas no caso em questão ele deveria ter assumido uma atitude diferente.

– Eu teria feito isso de qualquer maneira. – Gallowglass afastou-se. – A mim não parece haver outra escolha.

– Você sempre tem outra escolha. E você merece uma chance de ser feliz. – Talvez houvesse alguma mulher lá fora que fizesse Gallowglass se esquecer de Diana Bishop, pensou Fernando consigo mesmo.

– Tenho? – A expressão de Gallowglass tornou-se melancólica.

– Tem, sim. E Diana também tem o direito de ser feliz. – As palavras de Fernando foram deliberadamente bruscas. – Os dois estiveram separados por muito tempo. Já é hora de Matthew voltar para casa.

– Não antes que ele tenha a ira do sangue sob controle. Ficar longe de Diana por muito tempo talvez o tenha deixado bastante instável. Se Matthew descobrir que a gravidez está colocando a vida de Diana em risco, só Deus sabe o que ele fará – disse Gallowglass de modo franco e brusco. – Baldwin está certo. O maior perigo que temos que enfrentar não é Benjamin nem a Congregação... é Matthew. Melhor cinquenta inimigos

fora de casa do que um dentro.

– Então, agora Matthew é seu inimigo? – balbuciou Fernando. – E você acha que ele é o único que perdeu a razão?

Gallowglass não respondeu.

– Gallowglass, se você sabe mesmo o que é bom para você, o melhor é sair desta casa no minuto em que Matthew retornar. Para onde quer que você possa ir... e os confins da terra podem não ser suficientes para protegê-lo da ira de Matthew, aconselho-o a passar o tempo de joelhos implorando pela proteção de Deus.

O Domino Club, na Royal Street, não mudara muito desde que Matthew atravessara suas portas quase dois séculos antes. Fachada de três andares, paredes cinzentas, acabamento da pintura em preto e branco, tudo igual; a altura das janelas em arco ao nível da rua sugeria uma abertura para o mundo exterior desmentida pelas persianas pesadas e fechadas. Quando as persianas eram totalmente abertas às cinco horas, o público em geral era acolhido pelo brilho de um bonito bar que propiciava a música de diversos artistas locais.

Mas naquela noite Matthew não estava interessado em entretenimento. Ele olhava fixamente para uma grade de ferro ornamentada em torno da varanda do segundo andar que proporcionava abrigo aos pedestres abaixo. Tanto aquele andar como o de cima eram restritos aos membros. Uma parcela significativa dos membros assinara com o Domino Club na sua inauguração em 1839 – dois anos antes da abertura das portas do Boston Club, oficialmente o clube dos cavalheiros mais antigos de Nova Orleans. Os outros membros tinham sido selecionados criteriosamente, de acordo com aparência, educação e capacidade de perder grandes somas de dinheiro nas mesas de jogo.

Ransome Fayrweather – que além de filho mais velho de Marcus era o

proprietário do clube – poderia estar no escritório do segundo andar com vista para a esquina. Matthew empurrou a porta preta e entrou no bar escuro e fresco. O lugar cheirava a bourbon e feromônios, o coquetel mais conhecido da cidade. As solas de seus sapatos estalaram suavemente contra o piso de mármore xadrez.

Eram quatro horas, e apenas Ransome e sua equipe estavam no local.

– Sr. Clairmont? – O vampiro atrás do balcão pareceu ter visto um fantasma e deu um passo em direção à caixa registradora. Um único olhar de Matthew o congelou.

– Estou aqui para ver Ransome. – Matthew caminhou até a escada. Ninguém o deteve.

A porta de Ransome estava fechada e Matthew abriu-a sem bater.

Um homem sentado de costas para a porta apoiava os pés no parapeito da janela. Ele vestia um terno preto e seu cabelo tinha o mesmo tom castanho da cadeira de mogno onde estava sentado.

– Ora, ora. O vovô voltou para casa – disse Ransome, com uma voz arrastada e melosa, sem se virar para ver quem entrava e mexendo uma peça de dominó de ébano e marfim por entre os dedos pálidos. – O que o traz à Royal Street?

– Presumo que você queira acertar as contas. – Matthew sentou-se no lado oposto, deixando a pesada mesa entre ele e o neto.

Ransome se virou lentamente. Seus olhos frios pareciam lascas verdes de vidro de outro rosto bonito e descontraído. Logo suas espessas pálpebras tombaram, disfarçando toda a sagacidade e sugerindo uma sonolência sensual que Matthew sabia que não passava de uma fachada.

– Como você já sabe, estou aqui para obter sua adesão. Seus irmãos e sua irmã já concordaram em me apoiar e à nova linhagem. – Matthew recostou-se na cadeira. – Você é o último a ser convencido, Ransome.

Os outros filhos de Marcus tinham se submetido rapidamente. Quando Matthew disse que todos carregavam o marcador genético para a ira do

sangue, eles primeiro ficaram atordoados e depois, furiosos. E a isso se seguiu o medo. Eles tinham sido bem educados na lei dos vampiros e sabiam que estariam vulneráveis, pois poderiam enfrentar a morte imediata se qualquer outro vampiro descobrisse o tipo de linhagem a que pertenciam. Os filhos de Marcus precisavam de Matthew tanto quanto ele precisava deles. Sem Matthew, eles não sobreviveriam.

– Possuo uma memória melhor que a deles – disse Ransome. Ele abriu a gaveta da escrivaninha e tirou um velho livro de contabilidade.

Cada dia passado distante de Diana reduzia a sensatez de Matthew e aumentava a propensão para a violência. Era vital que ele tivesse a aliança de Ransome. Mas o fato é que naquele momento ele quis estrangular o neto. Todo aquele negócio de confessar e buscar expiação tomara muito mais tempo que o previsto e isso o mantinha longe de onde queria estar.

– Eu não tinha outra escolha senão matá-los, Ransome. – Foi preciso um grande esforço para Matthew manter um tom sereno. – Mesmo agora Baldwin prefere que eu mate Jack a correr o risco de expor o nosso segredo. Acontece que Marcus me convenceu de que eu tinha outras opções.

– Marcus disse o mesmo na última vez. E ainda assim você nos abateu um a um. O que mudou? – perguntou Ransome.

– Eu mudei.

– Matthew, nunca tente trapacear um trapaceiro – disse Ransome, com a mesma voz indolente. – Ainda vejo aquele mesmo olhar nos seus olhos avisando às criaturas que não cruzem o seu caminho. Se você tivesse perdido isso, seu cadáver seria posto para fora do meu bar. O barman teria sido avisado para atirar em você logo que o visse.

– Até que ele tentou pegar a espingarda perto da caixa registradora. – Matthew continuou de olho no rosto de Ransome. – Diga a ele para puxar a faca do cinto da próxima vez.

– Vou repassar essa dica para ele. – A peça de dominó parou por um

instante entre o dedo médio e o anular de Ransome. – O que aconteceu com Juliette Durand?

O músculo na mandíbula de Matthew tremeu. Na sua última estada em Nova Orleans, ele tinha sido visto com Juliette Durand. E quando ambos deixaram a cidade, a família barulhenta de Marcus estava significativamente menor. Juliette era uma criatura de Gerbert e estava ansiosa para provar o que poderia fazer no momento em que Matthew já se cansava de ser aquele que resolvia os problemas da família De Clermont. Ela superara Matthew em se descartar dos vampiros em Nova Orleans.

– Minha esposa a matou. – Matthew não deu mais detalhes.

– Parece que você encontrou uma boa mulher – disse Ransome, abrindo o livro de contabilidade e tirando a tampa de uma caneta ao lado, a ponta parecia mastigada por um animal selvagem. – Pronto para um joguinho de azar comigo, Matthew?

Os olhos frios de Matthew se encontraram com os olhos brilhantes e verdes de Ransome. As pupilas de Matthew cresciam a cada segundo. Os lábios de Ransome se torciam em desdenhoso sorriso.

– Está com medo? – perguntou Ransome. – De mim? Fico lisonjeado.

– Se vou jogar ou não, isso vai depender das regras.

– Juro lealdade se você ganhar – disse Ransome, com um sorriso astuto.

– E se eu perder? – O tom de Matthew não era tão meloso e arrastado, mas nem por isso desarmado.

– É onde surge a oportunidade. – Ransome girou a peça de dominó no ar.

Matthew pegou-a.

– Topo essa sua aposta.

– Você ainda não sabe qual é o jogo – disse Ransome.

Matthew olhou para ele impassível.

Os lábios de Ransome ergueram-se nos cantos.

– Se você não fosse um grande filho da puta, até que eu poderia gostar de você – ele observou.

– É recíproco – disse Matthew secamente. – O jogo?

Ransome puxou o livro de contabilidade para mais perto.

– Se você nomear cada irmã, irmão, sobrinha, sobrinho e filho meu que matou em Nova Orleans durante todos esses anos... e todos os outros vampiros que matou na cidade ao longo do caminho, junto-me aos outros.

Matthew esquadrinhou o neto.

– Teria sido melhor se você tivesse perguntado pelos termos mais cedo? – Ransome sorriu.

– Malachi Smith. Crispin Jones. Suzette Boudrot. Claude Le Breton. – Matthew fez uma pausa enquanto Ransome procurava as entradas dos nomes no livro. – Você deveria ter colocado em ordem cronológica e não alfabética. É assim que me lembro deles.

Ransome ergueu os olhos surpreso. O sorriso de Matthew era pequeno e lupino, o tipo de sorriso que fazia qualquer raposa correr para as montanhas.

Matthew ainda recitava os nomes quando o bar no andar térreo abriu para o público. Mas terminou a tempo de ver a chegada dos primeiros jogadores às nove horas. Ransome consumira um quinto do bourbon até então. Matthew ainda bebericava a primeira taça de Château Lafite 1775, que presenteara a Marcus em 1789, quando a Constituição entrou em vigor. Ransome a tinha guardado para o pai desde a inauguração do Domino Club.

– Acredito que isso encerra o assunto, Ransome. – Matthew levantou-se e colocou a peça de dominó sobre a mesa.

Ransome pareceu atordoado.

– Como foi possível lembrar de todos?

– Como eu poderia esquecer? – Matthew bebeu o último gole do vinho. – Você tem potencial, Ransome. Estou ansioso para fazer negócios com

você no futuro. Obrigado pelo vinho.

– Filho da puta – balbuciou Ransome quando o senhor de seu clã foi embora.

Ao retornar para Garden District, Matthew estava cansado até os ossos e pronto para matar alguma coisa. Ele caminhou até lá a partir do Bairro Francês a fim de queimar o excesso de emoção. A interminável lista de nomes lhe despertara muitas lembranças desagradáveis. A culpa seguira o seu rastro.

Matthew pegou o telefone na esperança de que Diana tivesse enviado alguma foto. As que ela já tinha enviado eram como uma tábua de salvação. Embora ele tivesse ficado furioso quando uma das fotos o fez saber que Diana estava em Londres e não em Sept-Tours, os vislumbres da vida de sua mulher nas últimas semanas eram tudo que mantinha a sanidade dele.

– Olá, Matthew. – Para a surpresa de Matthew, Fernando o esperava sentado nos degraus da ampla frente da casa de Marcus. Chris Roberts estava empoleirado nas proximidades.

– Diana? – Isso foi parte do uivo, parte da acusação, e mais do que aterrorizante. A porta abriu-se atrás de Fernando.

– Fernando? Chris? – Marcus olhou assustado. – O que estão fazendo aqui?

– Esperando Matthew – respondeu Fernando.

– Vamos para dentro. Todos vocês – disse Marcus. – A srta. Davenport está bisbilhotando. – Os vizinhos eram velhos, ociosos e intrometidos.

Acontece que Matthew estava além do alcance da razão. Já tinha ido àquela casa diversas vezes, mas ficou desesperado com a súbita visão de Fernando e Chris. Marcus já sabia que Matthew tinha a ira do sangue e, portanto, entendia quando o pai se afastava sozinho para se recuperar de

tal estado.

– Quem está com ela? – Matthew soou como o disparo de um mosquete; a princípio, um grunhido rasgado de advertência, e depois, uma denúncia detonada.

– Com Ysabeau, espero – disse Marcus. – Phoebe. Sarah. E Gallowglass, claro.

– Não se esqueça de Leonard – disse Jack, surgindo por trás de Marcus. – É o meu melhor amigo, Matthew. Ele nunca deixaria acontecer alguma coisa com Diana.

– Ouviu, Matthew? Diana está ótima. – Marcus já sabia por informação de Ransome que Matthew tinha saído da Royal Street depois de ter alcançado o seu objetivo de solidariedade familiar. Face a esse sucesso, não se podia então imaginar o que o colocara com um humor tão sombrio.

O braço de Matthew moveu-se com tanta rapidez e tanta potência que pulverizaria um osso humano. Mas em vez de escolher um alvo fácil, esmagou a própria mão em um dos pilares jônicos brancos que sustentavam a galeria superior da casa. Jack o afagou no outro braço.

– Se continuar assim, terei que voltar para o Marigny – disse Marcus suavemente, olhando para uma depressão do tamanho de uma bola de canhão próxima à porta da frente.

– Deixe-me ir – disse Matthew. A mão de Jack tombou ao lado e Matthew subiu a escada e caminhou no longo corredor até a parte de trás da casa. A porta bateu ao longe.

– Bem, isso foi melhor que o esperado – afirmou Fernando.

– Ele piorou desde que minha ma... – Jack mordeu o lábio e evitou o olhar de Marcus.

– Você deve ser o Jack – disse Fernando. Ele fez uma reverência como se Jack fosse da realeza e não um órfão sem um tostão com uma doença mortal. – É uma honra conhecê-lo. Madame sua mãe sempre fala de você, e com muito orgulho.

– Ela não é minha mãe – disse Jack, rápido como um relâmpago. – Foi um erro.

– Não foi um erro – retrucou Fernando. – Se o sangue fala mais alto, prefiro as histórias contadas pelo coração.

– Você disse madame? – Os pulmões de Marcus estavam apertados e a voz soou estranha. Ele não esperava tal altruísmo de Fernando, e também...

– Sim, milorde. – Fernando curvou-se novamente.

– Por que ele se curvou para você? – sussurrou Jack para Marcus. – E quem é milorde?

– Marcus é milorde porque é um dos filhos de Matthew – explicou Fernando. – E curvo-me a ambos porque é assim que os membros da família que não são de sangue tratam os que o são, com respeito e gratidão.

– Graças a Deus. Você juntou-se a nós. – O ar saiu dos pulmões de Marcus em uma lufada de alívio.

– Com toda certeza espero que haja bourbon suficiente nesta casa para lavar toda essa besteira – disse Chris. – Milorde, o cacete. E não vou fazer reverência para ninguém.

– Anotado – disse Marcus. – O que traz vocês dois a Nova Orleans?

– Foi a Miriam – disse Chris. – Estou com os resultados dos testes de Matthew e ela não queria enviá-los por via eletrônica. Além do mais, Fernando não sabia como encontrar Matthew. Ainda bem que eu e Jack ficamos em contato. – Ele sorriu para o jovem, que sorriu de volta.

– Quanto a mim, estou aqui para salvar o seu pai dele mesmo. – Fernando curvou-se novamente, dessa vez com um traço irônico. – Com sua permissão, milorde.

– Fique à vontade – disse Marcus, dando um passo para trás. – Mas se me chamar de milorde outra vez e fizer outra reverência, vou jogá-lo no pântano. E Chris vai me ajudar.

– Vou mostrar onde Matthew está – disse Jack ansioso para se juntar ao seu ídolo.

– E quanto a mim? Precisamos colocar a conversa em dia – disse Chris, pegando-o pelo braço. – Você tem desenhado, Jack?

– Meu bloco de desenho está lá em cima... – Jack olhou preocupado para os fundos do jardim. – Matthew não está se sentindo bem. Ele nunca me deixa quando estou assim. Eu deveria...

Fernando pôs as mãos nos ombros tensos do jovem.

– Você lembra Matthew quando ele era um jovem vampiro. – O coração de Fernando doeu ao perceber isso, mas era verdade.

– Mesmo? – Jack pareceu intimidado.

– Mesmo. A mesma compaixão. A mesma coragem. – Fernando olhou para Jack pensativo. – E você também tem a mesma esperança de Matthew de que se arcar com os encargos dos outros, eles o amarão, apesar da doença em suas veias.

Jack abaixou os olhos.

– Por acaso Matthew lhe disse que Hugh, o irmão dele, era meu companheiro? – perguntou Fernando.

– Não – sussurrou Jack.

– Há muito tempo Hugh disse algo muito importante para Matthew. Estou aqui para fazer com que ele se lembre disso. – Fernando esperou para olhar nos olhos de Jack.

– O quê? – Jack não conseguiu dissimular a curiosidade.

– Quando você realmente ama alguém, você ama aquilo que ele mais despreza em si mesmo. – A voz de Fernando embargou. – Da próxima vez que Matthew se esquecer disso, faça-o lembrar. E se você se esquecer, eu o farei lembrar. Só uma vez. Pois depois direi para Diana que você chafurdou no ódio por si mesmo. E sua mãe não é tão indulgente quanto eu.

Fernando encontrou Matthew no fundo estreito do jardim, sob a cobertura de um pequeno gazebo. A chuva que ameaçara a noite inteira finalmente começava a cair. Ele estava estranhamente preocupado com o telefone. A cada minuto mexia o polegar, seguido por um olhar fixo, e depois outro movimento do polegar.

– Você está tão mal quanto Diana, olhando para o celular o tempo todo, sem nunca enviar uma mensagem. – O riso de Fernando parou abruptamente. – É você. Você é que tem se comunicado com ela o tempo todo.

– Apenas fotos. Sem palavras. Com palavras, não confio em mim mesmo... nem na Congregação. – O polegar de Matthew se moveu.

Bem que Fernando tinha ouvido Diana dizer para Sarah, "ainda sem nenhuma palavra de Matthew". Literalmente falando, a bruxa não tinha mentido, isso impedia a família de saber o segredo dela. E enquanto Diana só enviasse imagens, não haveria jeitinho algum de Matthew saber que as coisas corriam mal em Oxford.

A respiração de Matthew tornou-se irregular. Ele recuperou o fôlego com um esforço visível e depois mexeu o polegar.

– Faça isso outra vez e o quebrarei. E não me refiro ao celular.

O que saiu da boca de Matthew era mais um rosnado que um riso, como se o lado humano tivesse desistido da luta e deixado a vitória para o lobo.

– O que acha que Hugh faria com um telefone celular? – Matthew embalou o aparelho com as duas mãos, como se ali estivesse o último elo precioso entre a sua mente convulsionada e o mundo externo.

– Não muito. Hugh não se lembraria de carregá-lo, para começar. Amei o seu irmão com todo o meu coração, Matthew, mas ele era um desastre quando se tratava da vida cotidiana.

Dessa vez a risada de Matthew não soou tanto como a de um animal selvagem.

– E então, o patriarcado tem sido mais difícil do que você esperava? – Fernando não invejava a necessidade de Matthew afirmar a própria liderança sobre aquele bando.

– De jeito nenhum. Os filhos de Marcus ainda me odeiam, e com muita razão. – Os dedos de Matthew rodearam o telefone, e logo os olhos se desviaram para a tela. – Acabei de ver o último deles. Ransome me fez contar cada morte dos vampiros que matei em Nova Orleans... até mesmo os que não tinham nada a ver com o expurgo da ira do sangue da cidade.

– Isso deve ter levado um tempão – balbuciou Fernando.

– Cinco horas. Ransome ficou surpreso porque lembrei de todos pelo nome – disse Matthew.

Fernando manteve-se calado.

– E agora todos os filhos de Marcus concordam em me apoiar e em ser incluídos na linhagem, mas não quero testar a devoção deles – continuou Matthew. – Minha família é construída sobre o medo... medo de Benjamin, da Congregação, de outros vampiros e até mesmo de mim. Não é baseada no amor e no respeito.

– Medo é fácil de enraizar. Amor e respeito demoram mais tempo – disse Fernando.

O silêncio estendeu-se e tornou-se chumbo.

– Não quer saber de sua mulher?

– Não. – Matthew olhou para um machado enterrado em um toco grosso rodeado por pilhas de toras de madeira cortadas. Ele se levantou e pegou outra tora. – Não até que me sinta bem o bastante para eu mesmo vê-la. Eu não poderei suportar, Fernando. Se não puder ampará-la... assistir a nossos filhos crescerem dentro dela... assegurar-me de que ela está segura, isso seria...

Só depois que o machado atingiu a madeira é que Fernando fez Matthew continuar.

– Seria o quê, *Mateus*?

Matthew puxou o machado. E o girou novamente.

Se Fernando não fosse vampiro, não teria ouvido a resposta.

– Seria como se tivesse o meu coração arrancado. – A lâmina do machado de Matthew abriu uma fenda gigantesca na madeira. – Cada minuto de cada dia.

Fernando calculou que Matthew se recuperaria da provação com Ransome em quarenta e oito horas. Confissões de pecados passados nunca eram fáceis, e Matthew estava particularmente propenso a estabelecer uma linhagem.

Fernando aproveitou esse tempo para se apresentar aos filhos e netos de Marcus. Fez com que eles entendessem as regras da família, e deixou claro que puniria aqueles que as desobedecessem porque se nomeara a si mesmo como ajudante – e executor – de Matthew. O ramo da família Bishop-Clairmont de Nova Orleans mostrou-se em seguida bastante moderado, e Fernando então decidiu que Matthew poderia voltar para casa. Fernando estava cada vez mais preocupado com Diana. Embora Ysabeau tivesse dito que a saúde de Diana mantinha-se inalterada, Sarah continuava preocupada. Algo não estava direito, ela disse para Fernando, suspeitando que apenas Matthew poderia consertar isso.

Fernando encontrou Matthew no jardim, ainda com os olhos negros e os pelos do pescoço eriçados. Ele ainda estava sob o domínio da ira do sangue. Infelizmente, não havia mais madeira para ser cortada em Orleans Parish.

– Aqui. – Fernando largou uma bolsa aos pés de Matthew.

Lá dentro estavam um pequeno machado, um formão, brocas de vários tamanhos, um quadro serra e duas preciosas plainas. Alain envolvera as plainas em pano oleado para protegê-las durante as viagens. Matthew olhou para as ferramentas desgastadas e depois para as próprias mãos.

– Essas mãos nem sempre fazem um trabalho sangrento. – Fernando fez Matthew lembrar. – Lembro-me de quando curavam, criavam e faziam música.

Matthew olhou para ele sem dizer nada.

– Vai fazê-los com as pernas retas ou com uma base curva para que possam ser balançados? – perguntou Fernando casualmente.

Matthew fez uma careta.

– Fazer o quê?

– Os berços. Para os gêmeos. – Fernando deixou que as palavras penetrassem. – Acho que o carvalho é mais sólido, mais forte, mas segundo Marcus a cerejeira é tradicional na América. Talvez Diana prefira isso.

Matthew pegou o cinzel, que ocupou toda a palma de sua mão.

– Sorveira. Farei de madeira de sorveira para proteção.

Fernando apertou o ombro de Matthew em aprovação e saiu fora.

Matthew recolocou o cinzel na bolsa. Pegou o telefone, hesitou e tirou uma foto. Depois, esperou.

A rápida resposta de Diana deixou-lhe com os ossos ocos de saudade. Sua esposa estava no banho. Ele reconheceu as curvas da banheira de cobre na casa de Mayfair. Mas não eram essas curvas que lhe interessavam.

Sua esposa – sua esposa inteligente e matreira – apoiara o telefone no esterno e tirara uma foto ao longo de seu corpo nu abaixo. Tudo o que se via era o montículo em seu ventre, a pele bastante esticada e a ponta dos dedos dos pés descansando na borda ondulada da banheira.

Se Matthew se concentrasse, talvez pudesse sentir o odor de Diana a exalar da água quente e a seda daquele cabelo por entre os dedos, e traçar as linhas fortes e longas daquelas coxas e daqueles ombros. Cristo, ele sentia falta da mulher.

– Fernando disse que você precisa de madeira. – Marcus colocou-se frente a ele de testa franzida.

Matthew arrastou os olhos para longe do telefone. Só Diana poderia proporcionar o que ele precisava.

– Fernando também disse que se alguém o acordasse nas próximas quarenta e oito horas, pagaria com o próprio inferno – disse Marcus, observando as pilhas de toras de madeira cortadas. Eles certamente não ficariam sem lenha naquele inverno. – Você sabe que Ransome adora desafios... sem mencionar os entreveros com o diabo, você então pode imaginar a resposta dele.

– Não me diga – disse Matthew, com uma risada seca. Fazia algum tempo que ele não ria, e a risada soou enferrujada e crua.

– Ransome já falou ao telefone com o Krewe das musas. Talvez a Ninth Ward Marching Band esteja aqui na hora do jantar. Vampiro ou não, eles vão despertar Fernando, com toda certeza. – Marcus olhou para a bolsa de ferramentas de couro do pai. – Você finalmente vai ensinar Jack a esculpir? – Desde que chegara, o rapaz implorava pelas aulas de Matthew.

Matthew balançou a cabeça.

– Pensei que talvez ele preferisse me ajudar a fazer os berços.

Matthew e Jack trabalharam nos berços durante quase uma semana. Cada corte de madeira, cada cauda de andorinha finamente talhada que se juntava à peça e cada passada de plaina ajudavam a aplacar a ira do sangue de Matthew. Trabalhar um presente para Diana o fazia se sentir ligado a ela novamente, e ele então começou a falar das crianças e de suas esperanças.

Jack era um bom aluno e suas habilidades de artista foram úteis quando eles começaram a esculpir formas decorativas nos berços. Enquanto os dois trabalhavam, as perguntas de Jack giravam em torno da infância de Matthew e de como ele tinha conhecido Diana na Bodleiana. Ninguém mais teria feito perguntas tão diretas e pessoais para Matthew, mas as

regras sempre mudavam quando se tratava de Jack.

Quando terminaram, os berços eram verdadeiras obras de arte. Matthew e Jack os envolveram em cobertores macios para protegê-los na viagem de volta a Londres.

Só depois que os berços estavam acabados e prontos para partir é que Fernando contou para Matthew as condições de Diana.

Matthew reagiu como era esperado. Primeiro, quieto e silencioso. Depois, entrou em ação.

– Telefone para o piloto imediatamente. Não vou esperar até amanhã. Quero estar em Londres pela manhã – ele disse em tom cortante e resoluto. – Marcus!

– O que há de errado? – disse Marcus.

– Diana não está bem. – Matthew fez uma careta feroz para Fernando. – Deviam ter me avisado.

– Pensei que já tinham feito isso. – Fernando não precisava dizer mais nada.

Matthew se deu conta de quem estava por trás de tudo. Fernando suspeitou que Matthew também sabia por quê.

A expressão geralmente volátil de Matthew transformou-se em pedra, e os olhos normalmente expressivos embranqueceram.

– O que houve? – perguntou Marcus. Em seguida disse para Jack onde estava a maleta de médico e telefonou para Ransome.

– Diana encontrou a folha que faltava do Ashmole 782. – Fernando segurou Matthew pelos ombros. – Há mais. Ela viu Benjamin na Biblioteca Bodleiana. Ele sabe sobre a gravidez. Ele atacou Phoebe.

– Phoebe? – Marcus ficou transtornado. – Ela está bem?

– Benjamin? – Jack respirou fundo.

– Phoebe está bem. E Benjamin está longe de ser encontrado. – Fernando os tranquilizou. – Quanto a Diana, Hamish chamou Edward Garrett e Jane Sharp. Eles estão supervisionando o caso.

– Eles são uns dos melhores médicos da cidade, Matthew – disse Marcus. – Diana não poderia estar em melhores mãos.

– Poderia, sim – disse Matthew, pegando um berço e se dirigindo à porta. – Ela ficará em minhas mãos.



— Você não devia se preocupar com isso agora. – Falei para a jovem bruxa sentada à minha frente que, por sugestão de Linda Crosby, pediu-me para descobrir por que o feitiço de proteção que ela fazia não era eficaz.

Trabalhando fora de Clairmont House, acabara me tornando a diagnosticadora mágica de Londres, ouvindo relatos de exorcismos fracassados, feitiços que não davam certo e magias elementares descontroladas, e ainda ajudando as bruxas a encontrar soluções. Enxerguei o problema logo que Amanda descreveu o feitiço: quando ela recitava as palavras, os fios azuis e verdes que a rodeavam se enroscavam com um único fio vermelho que puxava os nós de seis cruzadas no centro do feitiço. A *gramarye* se complicava, as intenções do feitiço obscureciam e, em vez de protegê-la, tornavam-se o equivalente mágico de um chihuahua raivoso que rosnava e mordia tudo que estava por perto.

– Olá, Amanda – disse Sarah, esticando a cabeça para ver como estávamos nos saindo. – Já recebeu o que precisava?

– Diana foi brilhante, obrigada – disse Amanda.

– Maravilha. Vou mostrar a saída para você – disse Sarah.

Recostei nas almofadas e observei com tristeza a saída de Amanda. Isso porque os médicos de Harley Street haviam me receitado repouso na cama e as visitas eram raras.

A boa notícia é que eu não tinha desenvolvido pré-eclâmpsia, pelo menos não como geralmente se desenvolvia nos sangues-quentes. Eu não

tinha proteína em minha urina e minha pressão arterial estava abaixo do normal. Contudo, o inchaço, a náusea e a dor no ombro não eram sintomas ignorados pelo jovial dr. Garrett e pela sua apta colega dra. Sharp – especialmente depois que Ysabeau explicou que eu era a companheira de Matthew Clairmont.

A má notícia é que eles me colocaram de repouso absoluto na cama, onde eu deveria permanecer até o nascimento dos gêmeos – o que na opinião da dra. Sharp não passaria de quatro semanas, mas seu olhar preocupado sugeria que era uma projeção otimista. Eu estava autorizada a fazer alongamentos suaves sob a supervisão de Amira e uma caminhada diária de dois a dez minutos ao redor do jardim. Subir escadas e andar eram movimentos terminantemente proibidos.

O telefone tocou na mesa ao lado. Peguei-o na esperança de ser uma mensagem de texto de Matthew.

Lá estava uma foto da porta da frente de Clairmont House.

Foi quando percebi que a casa estaria silenciosa não fosse pelo tique-taque dos muitos relógios lá dentro.

O rangido das dobradiças da porta da frente e a suave raspadura da madeira contra o mármore quebraram o silêncio. Levantei-me sem pensar e oscilei sobre as pernas enfraquecidas pela inatividade forçada.

E logo Matthew apareceu.

Naquele longo primeiro momento só nos restou usufruir a visão um do outro. O cabelo de Matthew estava desgrenhado e levemente ondulado pela umidade de Londres. Ele vestia um suéter cinza e uma calça jeans preta, e as linhas finas ao redor dos olhos mostravam o estresse que sofrera.

Ele caminhou em minha direção. Eu queria pular e correr para ele, mas alguma coisa na expressão dele me manteve colada no mesmo lugar.

Finalmente, Matthew alcançou-me, acariciou o meu pescoço com a ponta dos dedos e procurou os meus olhos. Seu polegar roçou os meus

lábios, trazendo sangue à superfície. Percebi pequenas mudanças nele: firmeza da mandíbula, aperto incomum da boca, olhos velados.

Abri os lábios quando ele os roçou de novo com o polegar e fez minha boca formigar.

– Saudade, *mon coeur* – ele disse, com a voz rouca. Inclinou-se com a mesma determinação que atravessara a sala e beijou-me.

Minha cabeça girou. Matthew estava *ali*. Eu o agarrei pelo suéter, como se para impedi-lo de sumir. A aspereza no fundo da garganta dele que mais parecia um rosnado travou-me quando me preparava para erguer-me e abraçá-lo. Com a mão livre ele percorreu as minhas costas, o meu quadril e se deteve no meu ventre. Um dos bebês deu um chute forte de reprimenda. Ele sorriu contra a minha boca, e com o mesmo polegar que acariciara o meu lábio acariciou o meu pulso. Depois, registrou os livros, as flores e o fruto.

– Eu estou bem. Só estava um pouco enjoada e com dor no ombro, isso é tudo – eu disse rapidamente. Por sua formação médica ele logo arquitetaria todo tipo de diagnóstico terrível. – Minha pressão arterial está bem, e consequentemente também os bebês.

– Fernando me disse. Desculpe-me por minha ausência – ele sussurrou, massageando os músculos tensos do meu pescoço com os dedos. Pela primeira vez desde New Haven me permiti relaxar.

– Também senti saudade. – Meu coração inundado não me deixou dizer mais.

Matthew também dispensou outras palavras. E de repente me vi embalada em seus braços, com meus pés suspensos no ar.

Já no andar de cima, Matthew colocou-me na cama macia onde dormíramos algumas vidas antes em Blackfriars. Depois, despiu-me sem dizer nada, examinando cada centímetro da pele exposta, como se tivesse recebido um inesperado vislumbre de algo raro e precioso. Fez isso em completo silêncio, deixando que os olhos e a suavidade do toque falassem

por si mesmos.

Ao longo das horas seguintes Matthew tratou de recuperar a esposa, seus dedos apagando todos os vestígios das outras criaturas que tinham estado comigo desde que ele partira. Em dado momento ele me deixou despi-lo, respondendo fisicamente ao meu toque com uma velocidade gratificante. Mas a dra. Sharp tinha sido clara a respeito dos riscos associados a qualquer contração dos músculos uterinos. Se para mim não haveria liberação da tensão sexual, se eu teria que negar as necessidades do meu corpo, isso não significava que Matthew teria de fazê-lo também. Mas quando fui pegá-lo, ele deteve a minha mão e beijou-me profundamente.

Juntos, ele disse sem palavras. *Juntos, ou nada*.

– Não me diga que não conseguiu encontrá-lo, Fernando – disse Matthew, sem tentar parecer razoável. Ele preparava ovos mexidos e torradas na cozinha da Clairmont House. Diana descansava no andar de cima, sem saber do diálogo que ocorria no andar térreo.

– Ainda acho que devemos perguntar para Jack – disse Fernando. – Ele pode nos ajudar a diminuir as opções, pelo menos.

– Não. Eu não quero envolvê-lo. – Matthew se voltou para Marcus. – Está tudo bem com Phoebe?

– Foi perigosamente perto, Matthew – disse Marcus, fechando a cara. – Sei que você não aprova o fato de Phoebe se tornar vampira, mas...

– Vocês têm a minha bênção. – Matthew o interrompeu. – Basta escolher alguém que faça isso de maneira adequada.

– Obrigado. Já tenho quem o faça. – Marcus hesitou. – Jack tem pedido para ver Diana.

– Mande-o esta noite. – Matthew despejou os ovos mexidos no prato. – Diga-lhe para trazer os berços. Ali pelas sete. Estaremos esperando por ele.

– Vou dizer – disse Marcus. – Algo mais?

– Sim – disse Matthew. – Alguém deve estar passando informações para Benjamin. Se você não pode encontrar Benjamin, você pode procurar por ele... ou por ela.

– E depois? – perguntou Fernando.

– Traga-os para mim – respondeu Matthew saindo da sala.

Ficamos trancados sozinhos na casa durante três dias, sempre entrelaçados e falando pouco, e nunca separados senão nos poucos momentos em que Matthew descia para me preparar uma refeição ou para pegar a refeição deixada pelo pessoal do Connaught. Aparentemente, o hotel mantinha um esquema de troca com Matthew: refeição por vinho. Diversas caixas de Château Latour 1961 saíram da casa em troca de alimentos requintados, como ovos cozidos de codorna em um ninho de algas e delicados raviólis recheados de cogumelos *cèpes* que o chef garantiu a Matthew que vinham de avião da França pela manhã.

No segundo dia nos dedicamos a conversar, e da mesma forma com pequenas porções de palavras mastigadas e digeridas juntamente com iguarias provenientes de ruas próximas. Matthew relatou os esforços de Jack para se autocontrolar em meio à turbulenta ninhada de Marcus. Falou com grande admiração da habilidade de Marcus ao lidar com os filhos e os netos, todos com nomes dignos de personagens de moedas do século XIX. E com certa relutância confidenciou-me os combates que travara com a ira do sangue, mas sempre com o desejo de voltar para mim.

– Eu teria enlouquecido sem aquelas fotos – confessou-me abraçado às minhas costas, com seu nariz longo e frio enterrado no meu pescoço. – As imagens dos lugares onde vivemos, as flores no jardim, os dedos dos pés na beira da banheira, tudo isso impediu que minha sanidade se fosse completamente.

Contei a minha própria história com uma lentidão digna de um

vampiro, registrando as reações de Matthew e fazendo as pausas necessárias para que ele pudesse absorver o que eu tinha vivido em Londres e Oxford. Falei do encontro com Timothy e da folha perdida, e ainda do encontro com Amira e do retorno à Velha Cabana. Depois de mostrar o meu dedo roxo para Matthew, contei que a deusa só me deixaria possuir o *Livro da vida* se eu lhe oferecesse algo muito valioso para mim. E não poupei detalhes no relato do meu encontro com Benjamin – nem sobre os meus fracassos como bruxa, nem sobre o que ele tinha feito com Phoebe e a última ameaça que me fez ao se despedir de mim.

– Se eu não tivesse hesitado, Benjamin estaria morto. – Eu tinha repassado o acontecido centenas de vezes em minha mente e ainda não entendia por que os meus nervos não tinham aguentado. – Primeiro Juliette, e agora...

– Você não pode se culpar por ter optado por não matar alguém – disse Matthew, pressionando um dedo nos meus lábios. – A morte é um negócio difícil.

– Você acha que Benjamin ainda está aqui na Inglaterra? – perguntei.

– Não aqui – afirmou Matthew, rolando-me na cama para olhar nos meus olhos. – Nunca outra vez onde você estiver.

Nunca é muito tempo. A admoestação de Philippe me veio à mente com clareza.

Empurrei a preocupação para longe e puxei o meu marido para mais perto.

– Benjamin desapareceu completamente – disse Andrew Hubbard para Matthew. – Isso é o que ele faz.

– Isso não é de todo verdade. Addie afirma que o viu em Munique – disse Marcus. – Foi o que ela disse para os seus pares cavaleiros.

Durante a estada de Matthew no século XVI, Marcus permitira a

entrada de mulheres na irmandade. Isso começou com Miriam, que acabou participando na escolha das outras mulheres. Matthew ainda não estava certo se isso era loucura ou genialidade, mas se isso o ajudasse a localizar Benjamin, ele estava preparado para permanecer como agnóstico. Matthew censurava as ideias progressistas que Marcus adquirira da antiga vizinha Catherine Macaulay, que desempenhou um papel importante em sua vida na época em que ele se tornou vampiro, enchendo-lhe os ouvidos com noções feministas.

– Poderíamos perguntar para Baldwin – disse Fernando. – Afinal, ele está em Berlim.

– Ainda não – disse Matthew.

– Será que Diana sabe que você está à procura de Benjamin? – perguntou Marcus.

– Não – disse Matthew enquanto saía para levar a refeição do Connaught para a esposa.

– Ainda não – sussurrou Andrew Hubbard.

Naquela noite era difícil determinar quem estava mais radiante com a reunião: Jack ou Lobero. A dupla se atrapalhou em meio a um emaranhado de pernas e pés, mas Jack acabou se desvencilhando do cachorro que por sua vez pulou com um latido triunfante sobre o almofadado de minha espreguiçadeira no quarto chinês.

– Desça, Lobero. Você vai destruir essa coisa. – Jack inclinou-se e beijou-me respeitosamente no rosto. – Vovó.

– Não se atreva! – Eu o peguei pela mão. – Guarde os seus carinhos de vovozinha para Ysabeau.

– Falei que ela não iria gostar – disse Matthew sorrindo. Ele estalou os dedos para Lobero e apontou para o chão. O cão deslizou as patas dianteiras para fora da espreguiçadeira e apoiou-se de costas em cima de

mim. Outro estalar de dedos o fez deslizar o corpo todo.

– Madame Ysabeau disse que ela tem normas a serem mantidas, e que eu teria que fazer duas coisas extremamente perversas antes que ela me deixasse chamá-la de vovó – disse Jack.

– E mesmo assim você ainda a chama de madame Ysabeau? – Olhei para ele assombrada. – O que o impede de fazê-las? Você já passou alguns dias em Londres.

Jack abaixou os olhos e torceu os lábios com a perspectiva das deliciosas travessuras por vir. – Bem, estou me comportando da melhor maneira possível, *madame*.

– *Madame?* – gemi e joguei um travesseiro nele. – Isso é pior que me chamar de vovó.

Jack se deixou atingir pelo travesseiro no rosto.

– Direito de Fernando – disse Matthew. – Seu coração sabe como chamar Diana, mesmo que sua cabeça obtusa e seu decoro de vampiro estejam dizendo outra coisa. Agora, ajude-me a trazer o presente de sua mãe.

Sob a zelosa supervisão de Lobero, Matthew e Jack trouxeram o primeiro pacote e logo, o segundo, ambos envoltos em tecido. Eram altos e quase retangulares, aparentemente pequenas estantes. Matthew enviara uma foto de uma pilha de madeira junto a ferramentas. Eles deviam ter trabalhado juntos nisso. Sorri perante a imagem repentina de ambos, curvados sobre um projeto em comum.

Só quando Matthew e Jack desembrulharam os dois pacotes é que descobri que não eram estantes e sim dois lindos berços de madeira entalhada pintados de modo idêntico. Suas bases curvas penduradas dentro de resistentes suportes de madeira assentavam-se ao nível dos pés. Dessa forma, os berços poderiam ser balançados e também removidos dos suportes para serem empurrados no chão. Fiquei com os olhos em lágrimas.

– Foram feitos de madeira de sorveira-brava. Ransome não atinou em que diabo de lugar nós poderíamos encontrar madeira escocesa na Louisiana, mas obviamente ele não conhece Matthew. – Jack correu os dedos ao longo de uma beirada lisa.

– Os berços são de madeira de sorveira, mas o suporte é de carvalho... o forte carvalho branco americano. – Matthew olhou para mim um tanto ansioso. – Gostou deles?

– Amei. – Olhei para o meu marido de um modo a fazê-lo perceber que os tinha amado demais. Dito e feito, ele segurou ternamente o lado do meu rosto, com uma expressão de felicidade que não mostrava desde que retornara ao tempo presente.

– Matthew os desenhou. Ele disse que os berços eram feitos assim para que você pudesse tirá-los do chão e afastá-los do caminho das galinhas – disse Jack.

– E quem entalhou? – Uma árvore gravada na madeira ao pé de cada berço tinha raízes e galhos entrelaçados, com cuidadosas aplicações de prateado e dourado que acentuavam as folhas e a casca.

– Foi ideia de Jack. – Matthew pôs a mão no ombro do rapaz. – Ele se lembrou do desenho de sua caixa de magia e achou que o símbolo era apropriado para a cama de um bebê.

– Cada parte dos berços tem um sentido – disse Jack. – A sorveira-brava é uma árvore mágica, você sabe, e o carvalho branco simboliza força e imortalidade. Os arremates nos quatro cantos formam bolotas de carvalho... isso é para dar sorte, e as bagas de sorveira esculpidas nos apoios são para proteção. Corra também está sobre os berços. Os dragões guardam a sorveira-brava para impedir que os seres humanos comam os frutos.

Olhei mais de perto e percebi que a cauda curvilínea de um dragão de fogo fazia um arco para embalar os berços.

– Serão os dois bebês mais seguros do mundo, e os mais sortudos,

porque vão dormir nessas camas lindas – comentei.

Com seus dons recebidos e reconhecidos com gratidão, Jack sentou-se no chão com Lobero e contou histórias sobre a vida animada em Nova Orleans. Matthew relaxou em uma confortável poltrona japonesa, observando a passagem dos minutos sem que Jack mostrasse qualquer sinal da ira do sangue.

Os relógios marcavam dez horas quando Jack saiu para Pickering Place, lugar descrito por ele como sempre lotado, mas acolhedor.

– Gallowglass está lá? – Eu não o via desde o retorno de Matthew.

– Ele partiu logo depois que chegamos a Londres. Disse que tinha um lugar para ir e que voltaria quando pudesse. – Jack deu de ombros.

Talvez os meus olhos tenham brilhado porque logo Matthew mostrou-se vigilante. Mas só disse alguma coisa depois que acompanhou Jack e Lobero até lá embaixo e os viu saindo em segurança.

– Talvez seja melhor assim – disse quando retornou. Acomodou-se na espreguiçadeira atrás de mim para me servir de encosto. Aninhei-me nele com um suspiro de satisfação quando ele me envolveu com os braços.

– Que nossa família e nossos amigos estejam na casa de Marcus? – bufei. – Claro que você acha melhor assim.

– Não. Que Gallowglass se afaste por um tempo. – Matthew apertou os lábios no meu cabelo. Empertiguei-me.

– Matthew... – Eu precisava falar de Gallowglass para ele.

– Eu sei, *mon coeur*. Faz algum tempo que suspeitava, mas só tive certeza quando o vi com você em New Haven. – Matthew balançou um dos berços com um dos dedos.

– Desde quando? – perguntei.

– Talvez desde o início. Certamente desde a noite em que Rodolfo tocou em você em Praga – ele respondeu. O imperador se comportara mal em Walpurgisnacht, na mesma noite em que tínhamos visto pela última vez o *Livro da vida* inteiro. – Mesmo assim, não foi uma surpresa, só confirmou

o que eu já desconfiava.

– Gallowglass não fez nada de impróprio – eu disse rapidamente.

– Também sei disso. Gallowglass é filho de Hugh e seria incapaz de uma desonra. – A garganta de Matthew se mexeu quando ele limpou a emoção da voz. – Talvez ele seja capaz de seguir em frente depois do nascimento dos bebês. Eu gostaria que ele fosse feliz.

– Eu também – sussurrei enquanto me perguntava se seriam necessários muitos fios e nós para ajudar Gallowglass a encontrar uma companheira.

– Para onde foi Gallowglass? – Matthew encarou Fernando, embora ambos soubessem que Fernando não era culpado pelo súbito desaparecimento do sobrinho de Matthew.

– Seja lá onde ele estiver, certamente está melhor onde está do que esperando os seus filhos com Diana aqui – disse Fernando.

– Diana não pensa assim. – Matthew verificou os e-mails. Ele os tinha levado para lê-los no andar de baixo para que Diana não soubesse sobre o esquema de inteligência armado contra Benjamin. – Ela está perguntando por ele.

– Philippe errou em fazer Gallowglass vigiá-la. – Fernando bebeu um copo de vinho.

– Você acha? Eu também teria feito isso – disse Matthew.

– Pense, Matthew – disse o dr. Garrett impaciente. – Seus filhos têm sangue de vampiro e a despeito de como isso tenha sido possível, deixo isso entre você e Deus. Pelo menos isso significa que eles têm alguma imunidade de vampiro. Não seria melhor optar por sua mulher dar à luz em casa, como as mulheres fazem há séculos?

Já que Matthew estava de volta, esperava-se que ele desempenhasse um papel significativo na determinação de como os gêmeos seriam trazidos

para o mundo. No que concernia a ele, o meu parto seria no hospital. Eu preferia dar à luz na Clairmont House, com o atendimento de Marcus.

– Há anos que Marcus não pratica a obstetrícia – resmungou Matthew.

– Que inferno, homem, você ensinou anatomia para ele. Você ensinou anatomia *para mim*, pense nisso! – A paciência do dr. Garrett estava visivelmente esgotada. – Você acha que de repente o útero se deslocou para outro lugar? Coloque um pouco de senso na cabeça dele, Jane.

– Edward está certo – disse a dra. Sharp. – Nós quatro somamos dezenas de graus em medicina e mais de dois milênios de experiência. Marthe provavelmente trouxe mais bebês ao mundo que qualquer outra pessoa ainda viva, e a tia de Diana tem certificado como parteira. Suspeito que vamos conseguir.

E eu suspeitava que ela estava certa. E no final Matthew se deu por vencido sobre o parto dos gêmeos, e estava ansioso para sair da sala quando Fernando chegou. Ambos desapareceram no andar de baixo. Geralmente eles se trancavam em algum lugar para conversar sobre os negócios da família.

– O que Matthew disse quando você lhe comunicou que tinha jurado fidelidade à família Bishop-Clairmont? – perguntei para Fernando quando ele chegou ao andar de cima e nos cumprimentamos.

– Disse que eu estava louco – ele respondeu com um brilho nos olhos. – Eu retruquei dizendo que em troca esperava ser padrinho do seu filho mais velho.

– Claro que isso pode ser arranjado – eu disse, mas já me preocupando com a quantidade de padrinhos que as crianças teriam.

– Espero que você possa administrar todas as promessas que tem feito – comentei com Matthew no final da tarde.

– Posso, sim – ele disse. – Chris quer ser padrinho do mais inteligente e Fernando do mais velho. Hamish quer o mais bonito. Marcus quer uma menina. Jack quer um irmão. Gallowglass quer ser padrinho de todos os

bebês louros, antes de sairmos de New Haven. – Matthew assinalou nos dedos.

– Serão gêmeos e não uma ninhada de cachorros – comentei ainda zonza pelo número de partes interessadas. – Além do mais, não somos membros da realeza. E eu sou pagã! Os gêmeos não precisam de tantos padrinhos.

– Você quer que também haja madrinhas? – Matthew ergueu a sobrancelha.

– Miriam – eu disse de pronto, antes que me fosse sugerida uma daquelas mulheres terríveis da família dele. – Phoebe, claro. Marthe. Sophie. Amira. E também Vivian Harrison.

– Está vendo? Foi só você começar e elas já são muitas – disse Matthew sorrindo.

Isso nos deixava com seis padrinhos por criança. Se continuasse assim, nos afogaríamos em copos de prata de bebê e em ursos de pelúcia, caso as pilhas de roupinhas, botas e cobertores compradas por Ysabeau e Sarah indicassem alguma coisa.

Quase toda noite dois possíveis padrinhos dos gêmeos juntavam-se a nós para o jantar. Marcus e Phoebe estavam tão apaixonados que era impossível não se sentir romântico na presença deles. A atmosfera entre ambos vibrava retesada. Mas, como sempre, Phoebe se mostrava serena e segura de si. Ela não hesitou ao se referir sobre o estado dos afrescos no salão de baile para Mathew, acrescentando que Angelica Kauffmann ficaria chocada quando descobrisse que sua obra tinha sido negligenciada daquela maneira. Nem Phoebe pensava em deixar os tesouros da família De Clermont longe dos olhos do público por tempo indeterminado.

– Há maneiras de compartilhá-los sem alarde e por um determinado período de tempo – retrucou Matthew.

– Espero ver em breve o retrato de Margaret More que está no andar de cima da Velha Cabana em exposição na National Portrait Gallery. –

Apertei a mão de Matthew encorajando-o.

– Por que ninguém me avisou que seria tão difícil ter historiadores na família? – ele perguntou para Marcus, aparentemente atordoado. – E como é que nós acabamos com duas?

– Bom gosto – disse Marcus, lançando um olhar ardente para Phoebe.

– De fato. – A boca de Matthew se contraiu em óbvio duplo sentido.

Quando estávamos os quatro reunidos, Matthew e Marcus conversavam por horas a fio sobre a nova linhagem, se bem que Marcus preferia chamá-la de "Clã de Matthew" por razões que tinham a ver com seu avô escocês e com sua aversão pela aplicação de termos botânicos e zoológicos nas famílias de vampiros.

– Os membros da linhagem Bishop-Clairmont... ou clã, se você insiste, terão que ter um cuidado especial quando se acasalarem ou se casarem – disse Matthew durante um dos jantares. – Os olhos de todos os vampiros estarão em cima de nós.

Marcus olhou para Matthew.

– Bishop-Clairmont?

– É claro. – Matthew franziu a testa. – Como espera que nos chamem? Diana não usa o meu nome, e nossos filhos terão o nome de ambos. É justo que uma família composta de bruxas e vampiros tenha um nome que reflita isso.

Fiquei comovida pela consideração. Matthew podia ser uma criatura patriarcal e superprotetora, mas não esquecia as tradições de minha família.

– Matthew de Clermont – disse Marcus, com um sorriso pausado. – Isso é francamente progressista para um dinossauro como você.

– Hum. – Matthew tomou um gole do vinho.

Soou o telefone de Marcus, e ele olhou para o visor.

– Hamish está aqui. Vou descer e fazê-lo entrar.

Uma conversa muda flutuou acima da escada. Matthew levantou-se.

– Phoebe, fique com Diana.

Eu e Phoebe nos entreolhamos preocupadas.

– Será bem mais conveniente quando eu também for um vampiro – ela disse enquanto tentava ouvir o que estava sendo dito lá embaixo sem sucesso. – Pelo menos saberíamos o que está acontecendo.

– E depois eles simplesmente saem para passear – comentei. – Preciso inventar um feitiço que amplifique as ondas sonoras. Talvez algo com ar e um pouco de água.

– Shh. – Phoebe inclinou a cabeça e resmungou impaciente. – Eles abaixaram as vozes agora. É de enlouquecer.

Quando Matthew e Marcus reapareceram com Hamish a reboque, eles expressavam no rosto que algo estava seriamente errado.

– Outra mensagem de Benjamin. – Matthew se agachou à minha frente, com os olhos ao nível dos meus. – Não quero esconder isso de você, Diana, mas você precisa manter a calma.

– Diga logo. – Fiquei com o coração na garganta.

– A bruxa capturada por Benjamin está morta. A criança morreu junto. – Ele olhou nos meus olhos já cheios de lágrimas. E não apenas pela jovem bruxa, mas também por mim e pelo meu fracasso. *Se eu não tivesse hesitado, a bruxa de Benjamin ainda estaria viva.*

– Por que é que não temos tempo para resolver as coisas e lidar com toda essa confusão armada por nós? E por que é que as pessoas continuam morrendo se fomos nós que o fizemos? – gritei.

– Não havia como evitar. – Matthew acariciou o meu cabelo e o tirou da testa. – Não desta vez.

– E da próxima vez? – perguntei.

Os três ficaram tristes e silenciosos.

– Ah, claro. – Puxei o fôlego com força e meus dedos formigaram. Corra irrompeu de minhas costelas aos gritos agitados e projetou-se para cima até pousar no lustre. – Você vai impedi-lo. Porque da próxima vez ele

estará vindo atrás de mim.

Senti um estalo, um filete líquido.

Matthew olhou para a minha barriga arredondada em estado de choque.

Os bebês estavam a caminho.



— Não se atreva a me dizer para não empurrar. – Eu estava com a cara vermelha e suada e tudo o que queria era que aqueles bebês saíssem de dentro de mim o mais rápido possível.

– Não empurre – Marthe repetia. Ela e Sarah tinham me recomendado uma pequena caminhada para aliviar a dor nas costas e nas pernas. As contrações ainda ocorriam com intervalos de uns cinco minutos, mas uma dor insuportável se estendia da minha coluna até a barriga.

– Eu quero me deitar. – Depois de semanas de resistência ao repouso, agora eu só queria rastejar até aquela cama com colchão de borracha e lençóis esterilizados. A ironia não estava longe de mim, nem de qualquer outro naquele quarto.

– Você não vai deitar – disse Sarah.

– Oh, Deus. Aí vem outra. – Paralisei e agarrei as mãos dela. Foi uma longa contração. Eu começava a me aprumar e a respirar normalmente quando veio outra. – Eu quero Matthew!

– Estou bem aqui – ele disse, tomando o lugar de Marthe. Acenou com a cabeça para Sarah. – Essa foi rápida.

– Segundo o livro, o intervalo entre as contrações aos poucos vai diminuindo. – Pareci uma professora rabugenta.

– Querida, bebês não leem – disse Sarah. – Eles têm suas próprias ideias a respeito dessas coisas.

– E quando resolvem que vão nascer, eles criam suas próprias regras – disse a dra. Sharp entrando na sala com um sorriso. O dr. Garrett tinha

sido chamado para outro parto no último minuto, de modo que dra. Sharp assumira o comando da equipe médica que me assistia. Ela pressionou o estetoscópio na minha barriga, mudou de posição e pressionou novamente. – Você está maravilhosamente bem, Diana. E os gêmeos também. Nenhum sinal de perigo. Recomendo que seja um parto normal.

– Eu quero me deitar – eu disse de dentes cerrados quando outra pontada de aço disparou de minha espinha e ameaçou me cortar ao meio. – Onde está Marcus?

– Ele está no corredor – disse Matthew. Lembrei-me vagamente de que o tinha expulsado do quarto quando as contrações se intensificaram.

– Se eu precisar de uma cesariana, Marcus estará aqui a tempo? – perguntei.

– Você chamou? – perguntou Marcus entrando no quarto com roupas cirúrgicas. Seu sorriso singular e sua atitude serena me acalmaram na mesma hora. E agora já nem me lembrava mais de por que o tinha expulsado do quarto.

– Quem tirou a maldita cama do lugar? – Caminhei ofegante em meio a outra contração. A cama estava no mesmo lugar, mas parecia uma ilusão porque demorei uma eternidade para alcançá-la.

– Foi Matthew – disse Sarah despreocupadamente.

– Eu não – disse Matthew.

– No trabalho de parto o marido é sempre culpado de tudo. Isso impede que a mãe desenvolva fantasias homicidas e lembra aos homens que eles não são o centro das atenções – explicou Sarah.

Sorri, esquecendo-me da onda crescente de dor que acompanhava a feroz contração que se seguiu.

– Puta... mer... porra. – Apertei os lábios com toda força.

– Você *não* passaria pelo principal evento da noite sem palavrões, Diana – disse Marcus.

– Não quero que um bando de palavrões sejam as primeiras palavras

ouvidas pelos bebês. – Lembrei de por que tinha expulsado Marcus: ele insinuara que eu estava sendo muito fresca diante da dor.

– Matthew pode cantar... ele canta alto. Tenho certeza de que ele poderia abafar isso.

– Maldição, por Deus, como dói! – exclamei enquanto me dobrava. – Mova a porra dessa cama se quiser ser útil, mas pare de discutir comigo, seu idiota!

Fui recebida com um silêncio chocado.

– Vamos lá, garota – disse Marcus. – Eu sabia que você tinha isso em você. Vamos dar uma olhada.

Matthew ajudou-me enquanto ajeitava-me na cama, a essa altura despojada da inestimável colcha de seda e dos cortinados. Os dois berços esperavam pelos gêmeos em frente à lareira. Observei-os enquanto Marcus conduzia o exame.

Eu passava pelas quatro horas mais fisicamente intrusivas de minha vida. Eu tinha mais coisas encravadas dentro de mim e mais coisas a serem tiradas de dentro de mim do que me era possível pensar. Isso era estranhamente desumano, considerando que a mim cabia trazer uma nova vida ao mundo.

– Ainda vai levar algum tempo, mas as coisas estão acelerando muito bem – disse Marcus.

– Falar é fácil. – Eu teria batido nele, mas ele estava posicionado entre as minhas coxas e os bebês estavam a caminho.

– É sua última chance para uma epidural – disse Marcus. – Se quiser, faremos um corte em C, mas teremos que aplicar uma anestesia geral.

– Não há necessidade alguma de ser heroica, *ma lionne* – disse Matthew.

– Não estou sendo heroica – retruquei pela quarta ou quinta vez. – Não sabemos dos efeitos de uma epidural sobre os bebês. – Congelei de rosto amassado na tentativa de bloquear a dor.

– Você precisa continuar respirando, querida. – Sarah abriu caminho até chegar ao meu lado. – Ouviu, Matthew? Ela não quer uma epidural e não faz sentido discutir com ela sobre isso. Quanto à dor, o riso ajuda, Diana. E acontece o mesmo se você se concentrar em outra coisa.

– Prazer também ajuda – disse Marthe, ajeitando os meus pés no colchão de modo a relaxar as minhas costas.

– Prazer? – repeti confusa. Marthe assentiu. Olhei para ela horrorizada. – Você não pode estar querendo dizer *aquilo*.

– Ela está, sim – disse Sarah. – Isso pode fazer uma enorme diferença.

– Não. Como é que vocês podem sugerir uma coisa dessas? – Nunca me passaria pela cabeça uma dose de erotismo naquele momento. Caminhar parecia uma boa ideia e girei as pernas pela beira da cama. Foi o mais longe que cheguei antes de outra contração se apoderar de mim. Quando acabou, eu estava sozinha com Matthew.

– Nem pense nisso – eu disse quando ele me abraçou.

– Eu entendo um "não" em duas dezenas de línguas. – A firmeza dele era irritante.

– Não prefere gritar comigo ou *algo assim*? – perguntei.

Matthew considerou por um momento.

– Sim.

– Oh. – O que eu esperava era música e dança sobre a santidade das mulheres grávidas e que ele dissesse que faria qualquer coisa por mim. Sorri.

– Deite-se do lado esquerdo que vou esfregar suas costas. – Ele me puxou para o lado dele.

– É a única coisa que você vai esfregar – avisei.

– Já entendi. – Ele mostrou um controle ainda mais irritante. – Deite-se direitinho. Agora.

– Isso soa mais como você. Já estava começando a pensar que tinham aplicado a epidural por engano em você. – Girei o corpo e encaixei-me no

corpo dele.

– Bruxa – ele disse, beliscando-me no ombro.

Ainda bem que eu estava deitada quando chegou outra contração.

– Não peço que você empurre porque não sei quanto tempo isso vai levar e os bebês ainda não estão prontos para nascer. Já se passaram quatro horas e dezoito minutos desde o início das contrações. Talvez haja outro dia pela frente. Você precisa descansar. Só por isso quero que você experimente o bloqueio do nervo. – Matthew massageou a parte inferior de minhas costas com os polegares.

– Só quatro horas e dezoito minutos? – Minha voz soou fraca.

– Sim, dezenove minutos agora. – Matthew me abraçou firme enquanto outra contração feroz me acossava. Depois que comecei a raciocinar direito, gemi baixinho e apertei-me de costas contra a mão de Matthew.

– O polegar está num ponto absolutamente divino. – Suspirei de alívio.

– E neste aqui? – O polegar de Matthew escorregou para mais baixo e mais perto de minha espinha.

– Celestial – comentei e consegui respirar um pouco melhor na contração seguinte.

– Sua pressão arterial continua normal, e parece que a massagem nas costas ajudou. Vamos fazê-la corretamente. – Matthew pediu para que Marcus pegasse na biblioteca a estranha cadeira acolchoada de couro com prateleira de leitura e a colocasse perto da janela, com um travesseiro sobre o apoio projetado como encosto de livro. Matthew ajudou-me enquanto montava-me em cima de frente para o travesseiro.

Minha barriga inchou e resvalou no encosto da cadeira.

– Para que raio de coisa esta cadeira realmente serve?

– Para observar rinhas e jogar baralho a noite inteira – respondeu Matthew. – A sua lombar ficará mais confortável se você se inclinar um pouco para frente e descansar a cabeça no travesseiro.

E foi mesmo. Ele começou a massagear os meus quadris e foi subindo

até descontrair os músculos da nuca. Seguiram-se três outras contrações mais prolongadas durante a massagem, amenizadas pelas mãos frias e os dedos fortes de Matthew.

– Quantas mulheres grávidas você ajudou desse jeito? – perguntei levemente curiosa para saber onde ele adquirira tal habilidade. As mãos de Matthew pararam.

– Só você. – Ele continuou os movimentos suaves.

Girei a cabeça e ele me olhava sem nunca parar o movimento dos dedos.

– Ysabeau disse que fui a única a dormir neste quarto.

– Ninguém que conheci me pareceu digno dele. Mas imaginei você neste quarto... comigo, é claro, logo depois que nos conhecemos.

– Por que me ama tanto, Matthew? – Não me vi atraente especialmente quando estava redonda, de bruços e ofegando de dor.

Ele respondeu sem pestanejar.

– Para cada pergunta que já tive ou que nunca terei, a resposta é você.

Afastou meu cabelo do meu pescoço e beijou-me na carne macia por baixo da orelha.

– Já se sente capaz de se levantar um pouco?

Uma dor repentina e mais nítida percorreu as extremidades inferiores do meu corpo, impedindo-me de responder. Dessa vez, engasguei.

– Isso me pareceu uma dilatação de dez centímetros – sussurrou Matthew.

– Marcus?

– Boa notícia, Diana – disse Marcus radiante ao entrar no quarto. – Pode empurrar agora!

Empurrei. Pelo que me pareceu dias.

Primeiro tentei a maneira moderna: deitada, com Matthew me apertando a mão com uma expressão de adoração.

Não funcionou bem.

– Isso não é necessariamente sinal de problema – disse a dra. Sharp, olhando para mim e para Matthew de uma perspectiva por entre as minhas coxas. – Gêmeos podem levar mais tempo para entrar em movimento durante essa fase do trabalho. Certo, Marthe?

– Ela precisa de uma banqueta – disse Marthe, fazendo uma careta.

– Eu trouxe a minha. Está no corredor – disse a dra. Sharp, virando a cabeça naquela direção.

E assim os bebês concebidos no século XVI optaram por recusar a convenção médica moderna para nascer à moda antiga: numa cadeira de madeira simples com assento em forma de ferradura.

Mas eu não estava rodeada por meia dúzia de estranhos que compartilhavam a experiência do nascimento e sim por seres amados: Matthew apoiando-me física e emocionalmente atrás de mim; Jane e Marthe parabenizando-me aos meus pés pelos filhos atenciosos que chegavam ao mundo de cabeça; Marcus sempre oferecendo uma sugestão gentil; Sarah ao meu lado, dizendo-me quando respirar e quando fazer força; Ysabeau ao pé da porta, transmitindo mensagens para Phoebe, que esperava no corredor e enviando um fluxo de mensagens de textos para Pickering Place, onde Fernando, Jack e Andrew aguardavam notícias.

Foi insuportável.

Levou uma eternidade.

Quando finalmente soou o primeiro grito indignado às 11:55 da noite, comecei a chorar e a rir. Um feroz sentimento de proteção criou raízes onde apenas um momento antes o meu filho me completara com um propósito.

– Está tudo bem? – perguntei, olhando para baixo.

– Ela é perfeita – disse Marthe, sorrindo orgulhosa para mim.

– Ela? – Matthew pareceu atordoado.

– É uma menina. Phoebe, diga a todos que madame deu à luz uma menina – disse Ysabeau emocionada.

Jane ergueu a pequena criatura azulada, enrugada e manchada de substâncias gosmentas sobre as quais já tinha lido, mas que não estava preparada para vê-las no meu próprio filho. Seu cabelo era pouco e da cor de azeviche.

– Por que ela está azul? O que há de errado com ela? Ela está morrendo? – Fiquei muito ansiosa.

– Logo ela estará vermelha como uma beterraba. – Marcus olhou para sua nova irmãzinha e estendeu uma tesoura e uma pinça para Matthew. – E certamente não há nada de errado com seus pulmões. Acho que você deve fazer as honras.

Matthew petrificou.

– Se você desmaiar, Matthew Clairmont, nunca mais o deixarei se esquecer disso – disse Sarah irritada. – Tire a bunda daí e venha cortar o cordão.

– Faça isso você, Sarah. – As mãos de Matthew tremeram nos meus ombros.

– Não. Eu quero que Matthew faça isso – eu disse. Se ele não o fizesse, ele se arrependeria mais tarde.

Minhas palavras despertaram Matthew, que logo se ajoelhou ao lado da dra. Sharp. Apesar da relutância inicial, ele agiu com presteza depois que recebeu o bebê e o equipamento médico adequado. E depois que ele pinçou e cortou o cordão umbilical, a dra. Sharp se apressou em enrolar nossa filhinha na manta e entregar o pacotinho para Matthew.

Ele levantou-se sem palavras e embalou o pequeno corpo em suas mãos enormes. Era um milagre aquela contraposição entre a força do pai e a vulnerabilidade da filha. Ela parou de chorar por um instante, bocejou e voltou a gritar em meio à frieza indigna da situação.

– Olá, pequena estranha – sussurrou Matthew. Ele olhou para mim admirado. – Ela é linda.

– Senhor, apenas a escute – disse Marcus. – Um consistente oito no teste

de Apgar, não acha, Jane?

– Concordo. Por que não a pesa e a mede enquanto nos limpamos e nos preparamos para o próximo?

De repente, Matthew se deu conta de que meu trabalho ainda estava pela metade e entregou o bebê aos cuidados de Marcus. E depois me olhou longamente e me deu um beijo profundo e um aceno de cabeça.

– Pronta, *ma lionne*?

– Como nunca estive – respondi assolada por outra dor aguda.

Vinte minutos depois, à 00:15 da madrugada, o nosso filho nasceu. Era maior que a irmã, tanto em comprimento como em peso, mas abençoado com uma robusta e semelhante capacidade pulmonar. O que segundo me disseram era muito bom, se bem que me perguntei se doze horas depois continuaria assim. Ao contrário de nossa primogênita, nosso filho tinha cabelo louro-avermelhado.

Matthew pediu a Sarah para cortar o cordão porque estava totalmente absorvido em murmurar um fluxo de absurdos agradáveis no meu ouvido sobre como eu tinha sido bonita e forte, mantendo-me o tempo todo firme.

Só depois que o segundo bebê nasceu é que comecei a tremer da cabeça aos pés.

– O quê, algo errado? – perguntei batendo os dentes.

Matthew tirou-me do banco de parto e levou-me para a cama em um piscar de olhos.

– Tragam os bebês aqui – ordenou.

Marthe colocou um bebê em cima de mim, e Sarah, o outro. Os membros dos bebês estavam atrelados e os rostos, escuros de irritação. Minha tremedeira parou assim que senti o peso de meu filho e de minha filha.

– A única desvantagem de uma banqueta de parto é quando são gêmeos – disse a dra. Sharp radiante. – As mães podem ficar um pouco instáveis pelo vazio repentino, e não temos a chance de deixá-la se relacionar com o

primeiro filho antes de você prestar cuidados ao segundo.

Marthe empurrou Matthew para o lado e envolveu os dois bebês em cobertores, sem perturbar a posição de ambos, um pouquinho de prestidigitação de vampiro que certamente estava além da capacidade da maioria das parteiras, mesmo as experientes. Enquanto Marthe cuidava dos bebês, Sarah massageava suavemente o meu estômago, até que a placenta irrompeu com uma última cãibra constritiva.

Matthew segurou os bebês por um instante enquanto Sarah limpava-me com toda delicadeza. Para o chuveiro, disse-me achando que eu já estava apta para levantar-me – o que para mim seria mais ou menos nunca.

Ela e Marthe substituíram os lençóis sem me forçar a me mexer. Em pouco tempo eu estava recostada nos travesseiros de penas e cercada de roupas de cama asseadas. Matthew recolocou os bebês nos meus braços. O quarto estava vazio.

– Não sei como vocês mulheres sobrevivem a isso – ele disse, comprimindo os lábios na minha testa.

– Ser virada do avesso? – Olhei para uma das carinhas e depois olhei para a outra. Também não sei. – Minha voz embargou. – Eu queria que mamãe e papai estivessem aqui. Philippe também.

– Se Philippe estivesse aqui, certamente estaria nas ruas aos gritos para despertar os vizinhos – disse Matthew.

– Quero chamá-lo de Philip pelo seu pai – eu disse suavemente. Ao ouvir as minhas palavras o nosso filho abriu um olhinho. – Tudo bem para você?

– Só se chamarmos a nossa filha de Rebecca – disse Matthew, engolfando a cabecinha escura da filha com a mão. Ela franziu o rostinho apertado.

– Não sei se ela aprova – comentei maravilhada com o fato de que aquela pequena menina pudesse ser tão teimosa.

– Rebecca terá muitos outros nomes para escolher se continuar a se

opor – disse Matthew. – Quase tantos nomes quantos padrinhos, pelo visto.

– Teremos que fazer uma planilha para resolver isso. – Ergui Philip nos meus braços. – Ele é definitivamente pesado.

– Ambos têm uma estatura muito boa. E Philip tem quarenta e seis centímetros de comprimento. – Matthew olhou orgulhoso para o filho.

– Vai ser alto como o pai. – Ajeitei-me mais fundo nos travesseiros.

– E ruivo como a mãe e a avó – disse Matthew. Ele contornou a cama, acendeu a lareira e deitou apoiado no cotovelo ao meu lado.

– Passamos todo este tempo à procura de segredos antigos e de livros mágicos perdidos, e no fim os bebês são o verdadeiro casamento alquímico – comentei observando Matthew, que pousava o dedo na mãozinha de Philip. O bebê o agarrou com uma força surpreendente.

– É verdade. – Matthew balançou a mãozinha do filho de um lado para o outro. – Um pedacinho de você, um pedacinho de mim. Parte vampiro, parte bruxa.

– E todos nossos – eu disse em tom firme, selando-lhe a boca com um beijo.

– Eu tenho uma filha e um filho – disse Matthew para Baldwin. – Rebecca e Philip. Ambos estão saudáveis e muito bem.

– E a mãe? – perguntou Baldwin.

– Ela passou por tudo lindamente. – As mãos de Matthew tremiam cada vez que ele pensava no que Diana tinha passado.

– Parabéns, Matthew. – Baldwin não pareceu feliz.

– O que foi? – Matthew franziu a testa.

– A Congregação já sabe do nascimento.

– Como? – disse Matthew. Alguém devia estar vigiando a casa... ou um vampiro com olhos aguçados ou uma bruxa com uma segunda visão

poderosa.

– Quem vai saber? – disse Baldwin, com ar cansado. – Eles estão dispostos a suspender as acusações contra você e Diana em troca de uma oportunidade para examinar os bebês.

– Nunca. – A ira de Matthew se insinuou levemente.

– A Congregação só quer saber o que os gêmeos são. – Baldwin foi sucinto.

– Meus. Philip e Rebecca são meus – retrucou Matthew.

– Aparentemente ninguém está afirmando que isso... seja impossível, embora teoricamente seja – disse Baldwin.

– Isso é obra de Gerbert. – Cada instinto de Matthew alardeou uma ligação crucial daquele vampiro com Benjamin e a busca do *Livro da vida*. Fazia alguns anos que Gerbert manipulava a política da Congregação, e muito provavelmente ele teria atraído Knox, Satu e Domenico para seus esquemas.

– Talvez. Nem todos os vampiros de Londres são criaturas de Hubbard – disse Baldwin. – Verin ainda pretende ir à Congregação no dia 6 de dezembro.

– O nascimento dos bebês não muda nada – disse Matthew, mas ele sabia que mudava.

– Cuide de minha irmã, Matthew – disse Baldwin calmamente.

Matthew teve a impressão de que captara uma nota de preocupação sincera no tom do irmão.

– Sempre – disse.

As avós chegaram antes de todos para visitar os bebês. O sorriso de Sarah se estendia de orelha a orelha, e o rosto de Ysabeau irradiava felicidade. Quando dissemos os nomes dos bebês, ambas se emocionaram com a ideia de que o legado do avô e da avó dos bebês seria passado para o futuro.

– Só vocês dois para terem gêmeos que nem sequer nasceram no mesmo dia – disse Sarah, trocando Rebecca por Philip, que olhava para a avó com uma carranca fascinada. – Veja se consegue fazê-la abrir os olhos, Ysabeau.

Ysabeau soprou suavemente no rosto de Rebecca, que arregalou os olhos e começou a berrar, agitando as mãozinhas enluvadas para a avó. – Pronto. Já podemos vê-la direitinho, minha belezinha.

– Eles também são de diferentes signos do zodíaco – comentou Sarah, embalando Philip nos braços. Ao contrário da irmã, Philip se manteve quietinho enquanto observava o entorno com seus olhos escuros arregalados.

– Quem? – Eu estava sonolenta e a conversa de Sarah parecia complicada para que a seguisse.

– Os bebês. Rebecca é Escorpião e Philip, Sagitário. A serpente e o arqueiro – respondeu Sarah.

Os De Clermont e os Bishop. O décimo nó e a deusa. As penas de coruja da flecha fizeram-me cócegas no ombro, e a cauda do dragão de fogo apertou-me os quadris doloridos. Um dedo premonitório seguiu pela minha espinha abaixo, formigando os meus nervos.

Matthew fez uma careta.

– Algo errado, *mon coeur*?

– Não. Apenas uma sensação estranha. – O sentimento de proteção enraizado no rescaldo do nascimento dos bebês se intensificou. Eu não queria Rebecca e Philip ligados a uma tecelagem maior, cujo desenho talvez nunca fosse entendido por alguém tão pequeno e insignificante como a mãe. Eles eram meus filhos... nossos filhos, e queria me assegurar de que seriam livres para encontrar o seu próprio caminho, sem seguir aquilo que a sina e o fado destinavam para eles.

– Olá, pai. Você está assistindo?

Matthew olhou para a tela do computador, com o telefone apoiado entre o ombro e o ouvido. Dessa vez Benjamin telefonara para entregar a mensagem. Ele queria ouvir as reações de Matthew ao que assistia na tela.

– Entendo que congratulações estejam em voga. – A voz de Benjamin soou beliscada de fadiga. Mais atrás, o corpo de uma bruxa jazia morto na mesa de cirurgia, um corte aberto pela vã tentativa de salvar a criança que ela carregava. – Uma menina. E um menino também.

– O que você quer? – Embora expressada serenamente, a pergunta de Matthew ferveu por dentro. Por que ninguém encontrava aquele filho dele esquecido por Deus?

– Claro que sua esposa e sua filha. – Os olhos de Benjamin endureceram. – Sua bruxa é fértil. Por quê, Matthew?

Matthew permaneceu em silêncio.

– Vou descobrir o que torna essa bruxa tão especial. – Benjamin inclinou-se para frente e sorriu. – Você sabe que vou. Se me disser agora o que quero saber, não vou ter que extrair dela mais tarde.

– Você nunca vai tocá-la. – A voz e o controle de Matthew quebraram. No andar de cima, um bebê chorou.

– Ora, claro que vou – disse Benjamin, com suavidade. – Uma vez e mais outra vez, até que Diana Bishop me dê o que quero.

Eu não tinha dormido mais de trinta ou quarenta minutos antes de ser acordada pelos gritos furiosos de Rebecca. Quando os meus olhos turvos se focaram, lá estava Matthew embalando-a no colo com palavras de carinho e conforto em frente à lareira.

– Eu sei. O mundo pode ser um lugar cruel, minha pequena. Com o tempo será mais fácil lidar com isso. Você pode ouvir o crepitar da lenha? Ver a brincadeira das luzes na parede? Isso é fogo, Rebecca. Você pode tê-

lo em suas veias, como sua mãe. Shh. É apenas uma sombra. Nada além de uma sombra. – Matthew aninhou-a mais aconchegada e cantou uma canção francesa de ninar.

Chut! Plus de bruit,
C'est la ronde de nuit,
En diligence, faisons silence.
Marchons sans bruit,
C'est la ronde de nuit.

Matthew de Clermont estava apaixonado. Sorri perante a expressão de adoração.

– A dra. Sharp falou que eles estariam com fome – eu disse, esfregando o sono dos olhos. Fiquei com os lábios suspensos entre os dentes. Ela também explicara que bebês prematuros podem ser difíceis de se alimentar porque não desenvolvem suficientemente os músculos necessários para mamar.

– Quer que eu chame Marthe? – perguntou Matthew por cima dos gritos insistentes de Rebecca. Ele sabia que eu estava nervosa em relação à amamentação.

– Vamos tentar por nossa conta – eu disse. Matthew posicionou um travesseiro no meu colo e entregou-me Rebecca. Depois, acordou Philip, que dormia profundamente. Sarah e Marthe haviam me martelado sobre a importância de amamentar os gêmeos ao mesmo tempo; caso contrário, quando acabasse de amamentar um deles, o outro estaria com fome.

– Philip vai ser o problemático – disse Matthew feliz enquanto o tirava do berço. Philip franziu o cenho para o pai, piscando com olhos enormes.

– Como você pode saber? – Ajeitei Rebecca para dar espaço a Philip.

– Ele é quietinho demais – disse Matthew sorrindo.

Foram necessárias muitas tentativas para que Philip pegasse o peito.

Com Rebecca, foi impossível.

– Ela não vai parar de chorar a tempo de mamar – comentei frustrada.

Matthew colocou o dedo na boca de Rebecca, e ela obedeceu fechando-a em torno da ponta. – Vamos mudá-los de posição. Talvez o cheiro do colostro... e do irmão acabe a convencendo a tentar.

Fizemos os ajustes necessários. Philip gritou como um demônio quando Matthew o mudou de posição, e soluçou bufando sobre a outra mama só para fazer entender que tais interrupções não seriam toleradas no futuro. Em um momento de indecisão, Rebecca observou os arredores para ver se o alarido era com ela, e depois pegou de novo o meu peito com cautela. Após a primeira sugada, arregalou os olhos.

– Ah, agora você entendeu. Eu não disse para você, pequena? – sussurrou Matthew. – *Maman* é a resposta para tudo.

Sol em Sagitário

Sagitário rege a fé, a religião, os escritos, os livros e a interpretação dos sonhos. Os nascidos sob o signo do arqueiro devem operar prodígios e receber honras e alegrias.
Enquanto Sagitário estiver regendo os céus, consulte advogados sobre negócios. É uma boa temporada para firmar juramentos e negociar pechinchas.

– Anonymous English Commonplace Book, c. 1590,
Gonçalves MS 4890, f. 9v



— Os gêmeos ainda estão com dez dias. Você não acha que são jovens demais para se tornarem membros de uma ordem de cavalaria? – Saí bocejando com Rebecca no colo de um lado para o outro no corredor do segundo andar. Ela não estava nem um pouco satisfeita por ter sido removida do seu berço acolhedor perto da lareira.

– Todos os novos membros da família De Clermont tornaram-se cavaleiros o mais rapidamente possível – disse Matthew passando por mim com Philip no colo. – É tradição.

– Sim, mas a maioria dos novos De Clermont são homens e mulheres já crescidos! E temos que fazer isso em Sept-Tours? – Meu processo mental se reduzira a rastejar. Como prometera, Matthew tomava conta das crianças durante a noite, mas era eu que amamentava e por isso passava grande parte da noite acordada.

– Lá ou em Jerusalém – disse Matthew.

– Jerusalém, não. Em dezembro? Você está louco? – Ysabeau surgiu silenciosa como um fantasma no patamar da escada. – Aquilo fica lotado de peregrinos nessa época. Além do mais, os bebês devem ser batizados em casa, na igreja construída pelo pai, e não em Londres. As duas cerimônias podem ocorrer no mesmo dia.

– Por ora, Clairmont House é nossa casa, *maman*. – Matthew franziu a testa. Ele já estava cansado da constante interferência das avós. – E Andrew se ofereceu para batizá-los aqui, se fosse necessário.

Philip, que já mostrava uma incomum sensibilidade em relação aos

humores mercuriais do pai, fez com seu rostinho uma imitação perfeita do franzir de testa de Matthew e ergueu um braço no ar, como se pedindo uma espada para que pudessem derrotar os inimigos juntos.

– Então, que seja em Sept-Tours – eu disse. Já que Andrew Hubbard era outro espinho constante ao meu lado, eu não tinha a mínima vontade de vê-lo assumir o papel de conselheiro espiritual das crianças.

– Se você quer assim – disse Matthew.

– Will Baldwin foi convidado? – Eu sabia que Matthew tinha comunicado o nascimento dos gêmeos para o irmão. Baldwin me enviara um buquê de flores e dois mordedores de prata e chifre para Rebecca e Philip. Claro que os mordedores eram um presente comum para os recém-nascidos, mas nesse caso certamente eram uma lembrança não muito sutil do sangue de vampiro que corria em suas veias.

– Provavelmente. Mas não vamos nos preocupar com isso agora. Acho que você devia dar uma caminhada com Ysabeau e Sarah... sair de casa por um tempo. Há muito leite estocado, caso os bebês fiquem agitados – sugeriu Matthew.

Fiz como Matthew sugeriu, se bem que com a desconfortável sensação de que os bebês e eu estávamos sendo posicionados em um grande tabuleiro de xadrez De Clermont por criaturas que jogavam esse jogo ao longo dos séculos.

Tal sentimento tornou-se mais forte a cada dia em que nos preparávamos para seguir para França. Eram muitas conversas sussurradas para a minha paz de espírito. Mas as minhas mãos estavam ocupadas com os gêmeos e naquele momento eu não tinha tempo para política familiar.

– É claro, convidei Baldwin – disse Marcus. – Ele terá que estar presente.

– E Gallowglass? – perguntou Matthew. Ele tinha mandado fotos dos gêmeos para o sobrinho, junto com os imponentes nomes completos. Sua

expectativa é que Gallowglass respondesse quando soubesse que seria padrinho de Philip que carregava um dos nomes dele, uma esperança que não se concretizou.

– Dê-lhe tempo – disse Marcus.

Mas ultimamente o tempo não estava ao lado de Matthew, e ele então não tinha a menor esperança que viesse a estar.

– Sem nenhuma palavra a mais de Benjamin – disse Fernando. – Ele caiu no silêncio. Mais uma vez.

– Onde diabos ele está? – Matthew passou os dedos no cabelo.

– Nós estamos fazendo o nosso melhor, Matthew. Mesmo quando era sangue-quente, Benjamin era para lá de ardiloso.

– Tudo bem. Já que não conseguimos localizar Benjamin, vamos nos concentrar em Knox – disse Matthew. – Ele deve sair da toca antes de Gerbert, e ambos estão fornecendo informações para Benjamin. Tenho certeza disso. E quero a prova.

Matthew não descansaria antes de encontrar e destruir cada criatura que representava perigo para Diana ou para os gêmeos.

– Pronta para ir? – Marcus carinhosamente apertou o queixo de Rebecca, que abriu a boquinha em um perfeito O de felicidade. Ela adorava o irmão mais velho.

– Onde está Jack? – perguntei extenuada. Quando um dos filhos estava à vista, o outro estava distante. Simples despedidas eram agora pesadelos logísticos mais ou menos equivalentes ao envio de um batalhão para a guerra.

– Saiu para passear com a fera. Por falar nisso, onde está Corra? – perguntou Fernando.

– Em segurança, escondida. – Na verdade, ambas passávamos por um momento difícil. Ela andava irrequieta e temperamental desde o

nascimento dos gêmeos, e não tinha gostado da ideia de ficar entalada dentro de mim durante a viagem até a França. Eu também não fiquei feliz com o arranjo. Era uma glória ser outra vez a única a possuir o meu próprio corpo.

Uma sequência de latidos altos e o súbito aparecimento do maior varredor de chão do mundo anunciaram o retorno de Jack.

– Vamos, Jack. Não nos deixe esperando – disse Marcus. Jack aproximou-se aos trotes e Marcus estendeu-lhe um molho de chaves. – Pense bem se consegue mesmo levar Sarah, Marthe e sua avó para a França!

– Claro que consigo. – Jack pegou o molho de chaves, apertou alguns botões do controle remoto da garagem e saiu com outro veículo de grande porte, agora equipado com cama de cachorro e não com assentos infantis.

– É emocionante estar de volta em casa. – Ysabeau segurou o cotovelo de Jack. – Lembro-me do tempo em que Philippe me pediu para assumir dezesseis carroças de Constantinopla até Antioquia. As estradas eram terríveis e assoladas por bandidos ao longo de toda a rota. Foi uma viagem difícil e repleta de perigos e ameaças de morte. Foi maravilhoso.

– Pelo que me lembro, você perdeu a maior parte das carroças – disse Matthew, com um olhar sombrio. – Os cavalos também.

– Sem mencionar uma boa soma de dinheiro de outras pessoas – acrescentou Fernando.

– Só foram perdidas dez carroças. As outras seis chegaram em perfeitas condições. Quanto ao dinheiro, foi simplesmente reinvestido – disse Ysabeau, com a voz pingando altivez. – Não preste atenção, Jack. Conto-lhe minhas aventuras durante nossa viagem. Isso desanuviará sua cabeça do tráfego.

Phoebe e Marcus instalaram-se em um carro esporte azul, a marca registrada dele – era britânico e dava a impressão de que a qualquer momento James Bond estaria ao volante. Comecei a apreciar o valor dos

automóveis de dois lugares e sonhei em ter apenas Matthew como companhia nas nove horas seguintes.

Considerando a velocidade da viagem de Marcus e Phoebe e o fato de que não tiveram que fazer paradas para banheiros, troca de fraldas e refeições, não era de surpreender que estivessem a nossa espera quando chegamos em Sept-Tours. O casal estava no alto da escada de entrada da casa junto com Alain e Victoire para nos dar as boas-vindas.

– Segundo milorde Marcus, teremos casa cheia para as cerimônias, madame Ysabeau – disse Alain, cumprimentando a patroa. Sua esposa Victoire bailou entusiasmada quando viu os bebês e correu para dar uma mão.

– Será como nos velhos tempos, Alain. Montaremos camas de campanha no celeiro para os homens. Os que são vampiros não se importam com o frio, e os outros se acostumam. – Ysabeau soou despreocupada quando entregou as luvas para Marthe e se virou para ajudar com os bebês firmemente enrolados em cobertas que os protegiam de temperaturas geladas. – Milorde Philip e milady Rebecca não são as criaturas mais lindas que você já viu, Victoire?

Victoire não coube em si de tantos óóós e suspiros, mas aparentemente Ysabeau gostou da resposta.

– Posso ajudar com a bagagem dos bebês? – perguntou Alain, aproximando-se do bagageiro entupido.

– Seria ótimo, Alain. – Matthew apontou para malas, bolsas, carrinhos portáteis e pilhas de fraldas descartáveis.

Depois de pegar uma mochila porta-bebê em cada mão e de ouvir as advertências de Marthe, Sarah, Ysabeau e Victoire a respeito da escada gelada, Matthew subiu até a porta da frente. Lá dentro, a magnitude do lugar em que estava e a razão pela qual ali estava atingiram-no em cheio. Ele trazia de volta ao lar ancestral a mais recente linhagem De Clermont. Não importava se nossa família era apenas uma humilde descendência de

uma linhagem ilustre. Para nossos filhos aquele lugar era e sempre seria um lugar mergulhado na tradição.

– Bem-vindo ao lar. – Eu o beijei.

Ele retribuiu o beijo e lançou-me um deslumbrante sorriso.

– Obrigado, *mon coeur*.

Voltar para Sept-Tours tinha sido a decisão certa. Felizmente, nenhum contratempo obscureceu o nosso agradável regresso a casa.

Nos dias que antecederam o batismo, parecia que meus desejos seriam realizados.

Sept-Tours estava tão ocupada com os preparativos para o batismo dos gêmeos que cheguei a pensar que Philippe entraria no quarto cantando e contando piadas. Mas era Marcus que trazia vida para a família, zanzando de um lado para o outro como se fosse o dono do lugar – o que tecnicamente suponho que fosse. Ele colocava todos em clima festivo. Pela primeira vez percebi por que Marcus fazia Fernando lembrar-se do pai de Matthew.

Quando Marcus ordenou que substituíssem os móveis do grande salão por mesas compridas e bancos capazes de acomodar as hordas esperadas, uma vertiginosa sensação de *déjà vu* me tomou à medida que Sept-Tours era levada de volta à sua identidade medieval. Somente os aposentos de Matthew permaneceram inalterados. Marcus os declarara de acesso proibido porque era onde os convidados de honra se hospedavam. Eu me retirava para a torre de Matthew em intervalos regulares para me alimentar, tomar banho e trocar as fraldas dos bebês – e para me esquivar do constante vaivém de empregados que limpavam, classificavam e realocavam os móveis.

– Obrigada, Marthe – eu disse depois de retornar de uma caminhada no jardim. Felizmente, ela trocara a cozinha lotada pelo seu dever de babá e

pelos seus amados livros de suspense.

Afaguei as costas de Philip, que ainda dormia, e tirei Rebecca do berço. Franzi os lábios ao reparar que ela pesava menos que o irmão.

– Ela está com fome. – Os olhos escuros de Marthe encontraram os meus.

– Eu sei. – Rebecca sempre estava com fome e nunca estava satisfeita. Meus pensamentos escapuliram para longe das implicações. – Matthew disse que é muito cedo para preocupações. – Enterrei o nariz no pescoço de Rebecca e inspirei seu cheirinho doce de bebê.

– O que Matthew sabe? – Marthe bufou. – Você é a mãe dela.

– Ele não gostaria disso – avisei.

– Ele gostaria menos se ela morresse – disse Marthe sem rodeios.

Mesmo assim, hesitei. Se eu seguisse as amplas sugestões de Marthe sem consultá-lo, ele ficaria furioso. Mas se eu pedisse a opinião de Matthew, certamente ele me diria que Rebecca não estava em perigo imediato. Podia ser verdade, mas o fato é que ela não transbordava saúde e bem-estar. Seus gritos de frustração partiam o meu coração.

– Será que Matthew ainda está caçando? – Se eu fizesse o que queria fazer, teria que ser sem Matthew aflito por perto.

– Até onde sei, sim.

– Shh, está tudo bem. Mamãe vai dar um jeito nisso – sussurrei enquanto sentava-me perto da lareira e abria a blusa com uma das mãos. Ajeitei Rebecca em minha mama direita, ela agarrou-a prontamente e sugou-a com toda a força. O leite escorreu pelo canto de sua boca e seu gemido transformou-se em um prolongado lamento. Ela se sentira mais à vontade para se alimentar antes de meu leite verter, como se o colostro fosse mais tolerável para o sistema dela.

Foi quando comecei a me preocupar.

– Aqui. – Marthe estendeu uma faca fina e afiada.

– Não preciso disso. – Embalei Rebecca no meu ombro, dando tapinhas

nas suas costas. Ela soltou um arroto gasoso, seguido pelo fluxo de um líquido branco.

– Ela não consegue digerir o leite – disse Marthe.

– Então, vamos ver como ela lida com isso. – Ajeitei Rebecca de cabeça no meu antebraço, toquei a ponta dos dedos na pele macia com cicatrizes do meu cotovelo esquerdo, onde tentara fazer com que o pai dela tomasse o meu sangue, e esperei enquanto o fluxo vermelho doador de vida pulsava nas veias.

Rebecca ficou atenta na mesma hora.

– É isso que você quer? – Curvei o braço e o pressionei contra a boquinha de Rebecca. Senti a mesma sensação de sucção que sentia quando ela sugava a minha mama, com a diferença de que agora ela não estava exigente e sim faminta.

Naquela casa de vampiros o livre fluxo de sangue nas veias não passaria despercebido. Em poucos segundos Ysabeau apareceu, seguida quase que instantaneamente por Fernando. Logo Matthew surgiu como um furacão, com o cabelo despenteado pelo vento.

– Todo mundo. Fora. – Ele apontou para a escada. Sem esperar para ver se eles haviam obedecido, caiu de joelhos diante de mim. – O que está fazendo?

– Alimentando sua filha. – Meus olhos se encheram de lágrimas.

A feliz deglutição de Rebecca tornou-se audível na silenciosa sala.

– Há meses todos se perguntam sobre a condição das crianças. Bem, aqui está, mistério resolvido: Rebecca precisa de sangue para se desenvolver. – Com muito jeito introduzi o mindinho na boquinha de minha filha para conter a sucção e diminuir o fluxo de sangue.

– E Philip? – perguntou Matthew de rosto congelado.

– Parece se satisfazer com meu leite – respondi. – Com o tempo talvez Rebecca precise de uma dieta mais variada. Mas por enquanto ela precisa de sangue e o terá.

– Há boas razões para não transformar crianças em vampiros – disse Matthew.

– Não *transformamos* Rebecca em coisa alguma. Ela chegou a nós dessa maneira. E ela não é uma vampira. É uma vampiruxa. Ou uma bruvamp. – Eu não estava tentando ser engraçada, embora os nomes convidassem ao riso.

– Os outros vão querer saber com que tipo de criaturas eles terão que lidar – disse Matthew.

– Bem, eles terão que esperar – rebati. – É muito cedo para dizer, e não permitirei que rotulem Rebecca para a conveniência de quem quer que seja.

– E quando os dentes dela saírem? O que faremos? – disse Matthew, elevando a voz. – Já se esqueceu de Jack?

Ah. Então, o que preocupava Matthew era a ira do sangue e não se eles eram vampiros ou bruxas. Entreguei-lhe Rebecca, que dormia profundamente, e abotoei a blusa. Ele aconchegou-a contra o próprio coração, aninhando-a de cabeça entre o queixo e o ombro dele. Fez isso de olhos fechados, como se para apagar o que tinha visto.

– Se Rebecca ou Philip são portadores da ira do sangue, nós teremos que lidar com isso... em conjunto, como uma família – eu disse, afastando uma mecha de cabelo que estava sobre a testa dele. – Procure não se preocupar tanto.

– Lidar com isso? Como? Você não pode argumentar com uma criança de dois anos em fúria de matança – disse Matthew.

– Então, terei que amarrá-la com um feitiço. – Não era algo que tínhamos discutido, mas eu faria isso sem hesitar. – Da mesma forma que enfeitiçaria Jack, se fosse a única maneira de protegê-lo.

– Diana, você não vai fazer com nossos filhos o que seus pais fizeram com você. Você nunca se perdoaria.

A flecha que descansava ao longo de minha espinha espetou o meu

ombro, e o décimo nó se contorceu no meu pulso quando os fios estalaram dentro de mim atentos. Dessa vez não hesitei.

– Para salvar minha família, farei o que for preciso.

– Está feito – disse Matthew, pousando o telefone.

Era 6 de dezembro. Fazia um ano e um dia que Philippe tinha marcado Diana com seu voto de sangue. Em Isola della Stella, uma ilhota na lagoa de Veneza, um testamento juramentado do status dela como uma De Clermont jazia sobre a mesa de um funcionário da Congregação, à espera de ser introduzido na árvore genealógica da família.

– Então, enfim tia Verin chegou – disse Marcus.

– Talvez ela tenha se comunicado com Gallowglass. – Fernando não tinha perdido a esperança de que o filho de Hugh voltasse a tempo para o batismo.

– Baldwin fez isso. – Matthew recostou-se na cadeira e esfregou o rosto.

Alain surgiu com um pedido de desculpas pela interrupção, uma pilha de correspondência e um copo de vinho. Lançou um olhar preocupado para os três vampiros amontoados ao redor da lareira da cozinha e saiu sem comentários.

Fernando e Marcus se entreolharam, a consternação de ambos era evidente.

– Baldwin? Mas se Baldwin fez isso... – Marcus não terminou a frase.

– Ele está mais preocupado com a segurança de Diana do que com a reputação dos De Clermont. – Matthew terminou. – A questão é: o que ele sabe que nós não sabemos?

Sete de dezembro era o dia do nosso aniversário de casamento, e Sarah e Ysabeau encarregaram-se dos gêmeos para que eu e Matthew tivéssemos algumas horas a sós. Preparei algumas garrafas de leite para Philip,

misturei um pouco de sangue no leite para Rebecca e levei os dois até a biblioteca da família, onde Ysabeau e Sarah tinham construído um paraíso de cobertores, brinquedos e móbiles para entretê-los. Elas estavam ansiosas pela noite que passariam com os netos.

Quando simplesmente insinuei que gostaria de ter um jantar tranquilo com Matthew na torre, para estar distante de alguma chamada se houvesse algum problema, Ysabeau entregou-me um molho de chaves.

– O jantar espera por você em Les Revenants – ela disse.

– Les Revenants? – Não era um lugar do qual eu já tinha ouvido falar.

– Philippe construiu o castelo para abrigar os cruzados que retornavam à terra natal depois de terem estado na Terra Santa – explicou Matthew. – Pertence à *maman*.

– E agora pertence a vocês. É um presente para vocês – disse Ysabeau. – Feliz aniversário.

– Você não pode nos dar uma casa. É demais, Ysabeau – protestei.

– Les Revenants é mais adequada para uma família que este lugar aqui. É realmente bastante acolhedora. – A expressão de Ysabeau foi tocada de melancolia. – E eu e Philippe fomos muito felizes lá.

– Tem certeza? – perguntou Matthew para a mãe.

– Sim. E você vai gostar, Diana – disse Ysabeau, erguendo as sobrancelhas. – Todos os quartos têm portas.

– Como se pode descrever isto como aconchegante? – comentei quando chegamos à casa na periferia de Limousin.

Les Revenants era menor que Sept-Tours, mas não muito. Só havia quatro torres, apontadas por Matthew, uma em cada canto de uma planta quadrada. O fosso que o rodeava era grande o bastante para ser classificado como lago, e o esplêndido, estável e complexo pátio colocava por terra todas as afirmações de que aquela era a mais modesta das residências oficiais dos De Clermont. Mas dentro do lugar o sentimento era de aconchego, apesar dos salões no piso térreo. Embora o castelo

tivesse sido construído no século XII, ele tinha sido reformado e atualizado com as conveniências modernas, como banheiros, eletricidade e até mesmo aquecimento em alguns dos quartos. Apesar de tudo isso, comecei a arquitetar um argumento para rejeitar aquele presente e qualquer ideia de viver naquele lugar para sempre quando Matthew mostrou-me a biblioteca.

A sala neogótica de teto com vigas, madeira entalhada, grande lareira e escudos heráldicos decorativos ficava enfurnada no canto sudoeste do prédio principal. Uma grande fileira de janelas ficava de frente para o pátio interno enquanto outra janela menor enquadrava o campo de Limousin. Estantes alinhadas nas duas únicas paredes retas erguiam-se até o teto. Uma escada curva em nogueira levava a uma galeria que dava acesso às estantes superiores. Isso me fez lembrar da sala de leitura da Duke Humfrey com sua madeira escura e iluminação baixa.

– O que é tudo isso? – As prateleiras de madeira de nogueira estavam abarrotadas de caixas e livros dispostos de modo desorganizado.

– Documentos pessoais de Philippe – disse Matthew. – *Maman* os transferiu para cá depois da guerra. Tudo mais que tenha a ver com os negócios oficiais da família De Clermont ou com os Cavaleiros de Lázaro ainda está em Sept-Tours, é claro.

Aquilo devia ser o mais extenso arquivo pessoal no mundo. Fiquei pensativa, subitamente solidária ao comprometimento de Phoebe com todos os tesouros artísticos da família, e tapei a boca com a mão.

– Suponho que vai querer analisá-los, dra. Bishop – disse Matthew, plantando um beijo na minha cabeça.

– Claro que sim! Talvez nos digam alguma coisa sobre o *Livro da vida* e sobre a fundação da Congregação. Pode ser que haja cartas que se refiram a Benjamin e ao filho da bruxa de Jerusalém. – Minha mente girou com as possibilidades.

Matthew pareceu em dúvida.

– Acho mais provável que você encontre projetos de Philippe para mecanismos de cerco e instruções sobre os cuidados e alimentação de cavalos do que qualquer outra coisa a respeito de Benjamin.

O meu instinto de historiadora me disse que Matthew estava subestimando grosseiramente o significado daquele arquivo. Duas horas depois de termos entrado na sala, eu continuava fuçando as caixas enquanto Matthew tomava um vinho e me divertia, traduzindo os textos quando estavam cifrados ou em línguas desconhecidas por mim. Os pobres coitados do Alain e da Victoire acabaram servindo o romântico jantar de aniversário na mesa da biblioteca e não na sala de jantar do térreo.

Nós nos mudamos com as crianças para Les Revenants na manhã seguinte, sem minhas reclamações sobre o tamanho do lugar, as contas do aquecimento e o número de escadas que teríamos que subir para tomar um banho. De todo modo, a última preocupação ainda era discutível, uma vez que Philippe instalara um elevador a vapor na torre depois de uma visita à Rússia em 1811. Felizmente, o elevador passou a funcionar por eletricidade em 1896 e já não era necessária a força de um vampiro para girar a manivela.

Apenas Marthe nos acompanhou até Les Revenants, embora Alain e Victoire tivessem preferido se juntar a nós em Limousin, deixando a casa festiva de Marcus em outras mãos mais jovens. Marthe cozinhava e ajudava Matthew, e me instruía sobre as demandas logísticas de como cuidar de dois bebês. Como Sept-Tours estava apinhada de cavaleiros, Fernando e Sarah poderiam se juntar a nós – e também Jack, caso a presença de estranhos o incomodasse demais, mas até então estávamos sozinhos.

Embora aos trancos e barrancos em Les Revenants, acabamos tendo a chance de finalmente ser uma família. Rebecca passou a ganhar peso depois que descobrimos como nutrir o seu minúsculo corpo de maneira adequada. Philip resistia a cada mudança de rotina e de acomodação com

sua habitual expressão pensativa, ora observando o movimento da luz nas paredes de pedra, ora ouvindo em quietude feliz o meu folhear de papéis na biblioteca.

Marthe cuidava das crianças sempre que pedíamos para ela, dando a mim e a Matthew a oportunidade de nos religarmos depois daquelas semanas de separação e das tensões e alegrias em torno do nascimento dos gêmeos. Durante esses momentos preciosos a sós, andávamos de mãos dadas ao longo do fosso enquanto fazíamos planos para a moradia como, por exemplo, em que lugar minha horta de bruxa tiraria melhor proveito do sol e em que árvore Matthew poderia construir uma casa para os gêmeos.

Mas a despeito do quão maravilhoso era estarmos a sós, passávamos todo o tempo que podíamos com as novas vidas que havíamos concebido. Sentávamos diante da lareira de nosso quarto e observávamos os malabarismos que Rebecca e Philip faziam para se aproximar e se entreolhar extasiados com as mãozinhas entrelaçadas. Ambos ficavam mais felizes quando se tocavam, como se os meses que passaram juntos no meu ventre os tivessem habituado a um constante contato. Logo eles estariam muito grandes para dormir no mesmo berço, mas até então fazíamos isso. Fosse qual fosse a posição em que os colocávamos, eles sempre arrumavam um jeito de se abraçar com seus braços minúsculos e de colar o rosto um no outro.

Todo dia Matthew e eu trabalhávamos na biblioteca, procurando pistas sobre o paradeiro de Benjamin, da misteriosa bruxa de Jerusalém e sua criança igualmente misteriosa e do *Livro da vida*. Philip e Rebecca logo se familiarizaram com o cheiro de papel e pergaminho. Eles giravam a cabeça para seguir a voz de Matthew quando ele lia em voz alta documentos escritos em grego, latim, occitano, francês antigo, inglês antigo, dialetos alemães antigos e o singular patoá de Philippe.

A idiossincrasia linguística de Philippe ecoava em qualquer esquema de

organização que ele utilizava para armazenar arquivos pessoais e livros. Os esforços para localizar documentos da época das Cruzadas, por exemplo, trouxeram à luz uma notável carta do bispo Adhémar, onde ele justificava a Primeira Cruzada com motivos espirituais, e a isso acompanhava uma bizarra lista de compras da década de 1930 que enumerava os itens que Philippe pediu a Alain para enviar de Paris: sapatos novos de Berluti, um exemplar do livro *La Cuisine en Dix Minutes* e o terceiro volume de *A ciência da vida,* de H.G. Wells, Julian Huxley e G.P. Wells.

Aquele tempo em que nos reunimos como família parecia um milagre. Sobravam oportunidades para risos e músicas, para nos maravilharmos com a pequena perfeição de nossos bebês e para confessarmos a ansiedade que nos assolara a respeito da gravidez e de suas possíveis complicações.

Embora nunca tivéssemos vacilado nos sentimentos que nutríamos um pelo outro, o fato é que os reafirmamos naqueles dias tranquilos e perfeitos em Les Revenants, como também nos fortalecemos para os desafios que as semanas seguintes anunciavam.

– Estes são os cavaleiros que concordaram em participar. – Marcus entregou a lista de convidados para Matthew que logo correu os olhos pelos nomes.

– Giles. Russell. Excelente. – Matthew virou a folha. – Addie. Verin. Miriam. – Ele ergueu os olhos. – Quando você tornou Chris cavaleiro?

– Quando estávamos em Nova Orleans. Pareceu certo – disse Marcus, com um toque tímido.

– Bem pensado, Marcus. Considerando os que estarão presentes no batismo das crianças, não acredito que alguém da Congregação tenha a ousadia de causar problemas – disse Fernando sorrindo. – Acho que você pode relaxar, Matthew. Diana poderá aproveitar o dia como você esperava.

Acontece que Matthew não conseguia relaxar.

– Eu gostaria de que tivéssemos encontrado Knox. – Matthew observou a neve do outro lado da janela da cozinha. Como Benjamin, Knox desaparecera sem deixar vestígios. O que isso sugeria era aterrorizante demais para pôr em palavras.

– Devo interrogar Gerbert? – perguntou Fernando. Eles haviam discutido as possíveis repercussões se agissem de modo a sugerir que Gerbert era o traidor. Isso levaria os vampiros da metade do sul da França a um conflito aberto, pela primeira vez em mais de um milênio.

– Ainda não – disse Matthew, relutando em adicionar mais coisas aos seus problemas. – Continuarei procurando nos papéis de Philippe. Talvez encontre alguma pista de onde Benjamin está escondido.

– Jesus, Maria e José. É impossível que haja mais alguma coisa para levar em uma viagem de trinta minutos de carro até a casa de minha mãe. – Matthew fazia referências sacrílegas à Sagrada Família e àquelas viagens de dezembro desde a semana anterior, mas nesse dia do batizado dos gêmeos estavam ainda mais impressionantes. Algo o incomodava, mas ele se recusava a me dizer o que era.

– Preciso ter certeza de que Philip e Rebecca estarão bem confortáveis porque haverá muitos estranhos reunidos – retruquei enquanto balançava Philip para fazê-lo arrotar, pois isso evitaria que ele regurgitasse no meio da viagem.

– O berço pode ficar? – perguntou Matthew esperançoso.

– Ainda temos muito espaço para levá-lo, e eles vão precisar de pelo menos um cochilo. Além do quê, fui informada de que esse é o maior veículo que existe em Limousin, sem contar com a carroça de feno de Claude Raynard. – A população local apelidara Matthew de Gaston Lagaffe, inspirada no personagem de quadrinhos adoravelmente inepto, e

em tom de brincadeira referia-se ao Range Rover como a *grande guimbarde*, isso desde o dia em que ele disparou com o veículo até a padaria e conseguiu enfiá-lo entre um pequeno Citroën e um Renault menor ainda.

Matthew fechou a porta do bagageiro sem dizer mais nada.

– Deixe de ser carrancudo, Matthew – disse Sarah, juntando-se a nós na frente da casa. – Seus filhos vão crescer pensando que você é um urso.

– Você está linda – comentei. Sarah vestia um belo blazer verde-escuro e uma sedutora blusa de seda creme que lhe realçava o cabelo ruivo. Ela estava glamourosa e festiva.

– Agatha fez para mim. Ela conhece o seu ofício – disse Sarah, girando para que a admirássemos. – Ah, antes que me esqueça, Ysabeau telefonou. Matthew deve ultrapassar todos os carros estacionados ao longo do caminho de entrada e chegar à porta. Reservaram um lugar para vocês no pátio.

– Carros? Estacionados ao longo do caminho? – Olhei para Matthew em estado de choque.

– Marcus achou que era uma boa ideia ter alguns cavaleiros presentes – ele disse, com tato.

– Por quê? – Meu estômago deu uma cambalhota e meus instintos me avisavam que a coisa não era como parecia.

– Caso a Congregação decida se opor ao evento – respondeu Matthew, olhando-me com olhos frios e serenos como um mar de verão.

Apesar da advertência de Ysabeau, nada teria me preparado para o entusiástico acolhimento que recebemos. Marcus transformara Sept-Tours em uma nova Camelot, com bandeiras e faixas sob a dura brisa de dezembro, suas cores brilhantes acentuando a neve e o basalto escuro do lugar. No alto da torre quadrada daquela menagem, o estandarte em preto e prata da família De Clermont, os ouroboros agora cobertos por uma enorme bandeira quadrada com o grande selo dos Cavaleiros de Lázaro.

As duas peças de seda agitavam-se no mesmo poste, estendendo-se pela torre em pouco mais de nove metros de altura.

– Bem, se a Congregação não sabia que estava acontecendo alguma coisa, agora eles já sabem – comentei, observando o espetáculo.

– Não pareceu fazer sentido tentar ser discreto – disse Matthew. – Vamos começar como planejamos. Isso significa que não vamos esconder as crianças da verdade... e do resto do mundo.

Balancei a cabeça e o peguei pela mão.

Quando Matthew entrou, o pátio estava abarrotado de convidados. Ele cautelosamente conduziu o carro por entre a multidão, com paradas ocasionais para apertar a mão de velhos amigos que nos felicitavam pela boa sorte. Mas pisou no freio com força quando avistou Chris Roberts que tinha um grande sorriso no rosto e uma caneca de prata na mão.

– Ei! – Chris bateu o caneco na janela. – Quero ver minha afilhada. Agora.

– Olá, Chris! Eu não sabia que você vinha – disse Sarah, descendo o vidro da janela e dando-lhe um beijo.

– Eu sou um cavaleiro. Eu tenho que estar aqui. – O sorriso de Chris se agigantou.

– Fiquei sabendo – disse Sarah.

Já tinha havido outros membros de sangue-quente antes de Chris, como Walter Raleigh e Henry Percy, para citar apenas dois, mas não me passara pela cabeça que o meu melhor amigo estava entre eles.

– Pois é. No próximo semestre vou obrigar os meus alunos a me chamarem de *sir* Christopher – disse Chris.

– Melhor que *São* Cristóvão – disse uma penetrante voz de soprano. Miriam sorriu de mãos nos quadris. A pose exibiu a camiseta que ela vestia sob um recatado blazer azul-marinho. A camiseta também era azul-marinho e estampava no peito a frase

CIÊNCIA: ARRUINANDO TUDO DESDE 1543, junto a um unicórnio, representação aristotélica dos céus, e ao contorno de Deus e Adão da Capela Sistina, de Michelangelo. Uma sinistra barra vermelha obliterava cada imagem.

– Olá, Miriam! – Acenei.

– Estacione o carro para que a gente possa ver os bebês – ela disse.

Matthew obedeceu, mas logo se aglomerou uma multidão e ele alegou que os bebês não podiam pegar frio e bateu em retirada para a cozinha, armado com um saco de fraldas e com Philip como escudo.

– Quantas pessoas estão aqui? – perguntei para Fernando. Já tínhamos ultrapassado dezenas de carros estacionados.

– Pelo menos uma centena – ele respondeu. – Não parei para contar.

Pelos preparativos febris na cozinha, não eram poucos os sangues-quentes no atendimento. Um ganso recheado entrou no forno enquanto saía um porco pronto para ser regado com vinho e ervas. Fiquei de água na boca com os aromas.

Pouco antes das onze da manhã badalaram os sinos da igreja de Saint-Lucien. A essa altura eu e Sarah já tínhamos vestido os gêmeos com batas brancas de seda e rendas e com pequenas toucas costuradas por Marthe e Victoire. Eram típicos bebês do século XVI. Nós os abrigamos em mantas e nos dirigimos para o andar de baixo.

Foi quando a cerimônia tomou um rumo inesperado. Sarah entrou em um ATV da família com Ysabeau, e Marcus nos levou até o Range Rover. E depois não nos levou para a igreja e sim para o templo da deusa na montanha.

Meus olhos lacrimejaram com a visão dos convidados reunidos debaixo do carvalho e do cipreste. Apenas alguns rostos me eram familiares, ao contrário de Matthew que tinha muitos conhecidos. Avistei Sophie e Margaret, ladeadas por Nathaniel. Agatha Wilson também presente olhou-me vagamente, como se tentando me reconhecer, mas sem saber de onde.

Amira e Hamish estavam juntos, ambos aparentemente sobrecarregados por toda a cerimônia. Mas as dezenas de vampiros desconhecidos foi o que mais me surpreendeu. Seus olhares eram frios e curiosos, mas sem más intenções.

– O que foi isso? – perguntei a Matthew quando ele abriu a minha porta.

– Achei que devíamos dividir a cerimônia em duas partes: a cerimônia pagã de nomeação aqui, e o batismo cristão na igreja – ele explicou. – Dessa maneira, Emily poderia participar do dia dos bebês.

A atenção de Matthew e seus esforços para enfatizar a lembrança de Em me deixaram temporariamente muda. Eu sabia que ele tinha arquitetado planos enquanto eu dormia. O que eu não sabia é que esse trabalho noturno incluía a supervisão das modalidades de batismo.

– Tudo bem, *mon coeur*? – ele perguntou aflito pelo meu silêncio. – Eu queria que fosse uma surpresa.

– Perfeito. – Recuperei a voz. – E isso vai significar muito para Sarah.

Os convidados fizeram um círculo ao redor do antigo altar dedicado à deusa. Sarah, Matthew e eu assumimos nossos lugares dentro dele. Minha tia argumentara que eu não poderia conhecer as palavras dos rituais de nomeação de bebê dos quais não presenciara nem participara, e que ela estava preparada para conduzir o ritual. A cerimônia era um momento simples, mas importante na vida de qualquer jovem bruxa porque era uma recepção formal na comunidade. Mas havia mais que isso, como Sarah sabia.

– Sejam bem-vindos, amigos e familiares de Diana e de Matthew – disse Sarah, com bochechas rosadas de frio e emoção. – Hoje estamos reunidos aqui para outorgar a essas crianças os nomes que levarão com elas em sua jornada no mundo. Para as bruxas, chamar alguma coisa pelo nome é reconhecer o seu poder, de modo que ao nomear essas crianças honramos a deusa que as confiou aos nossos cuidados e expressamos gratidão pelos

dons concedidos a elas.

Eu e Matthew tínhamos utilizado uma fórmula para chegar aos nomes dos bebês – acabei vetando cinco nomes da tradição dos vampiros em favor de quatro nomes de elementais. Com um sobrenome hifenizado que parecia amplo. Cada um dos primeiros nomes dos bebês era inspirado em um avô ou uma avó. O segundo nome honrava a tradição De Clermont de conferir os nomes dos arcanjos a Matthew e aos membros da família. Também escolhemos o terceiro nome de outro avô. Selecionamos para o quarto e último nome alguém que tinha sido importante para a concepção e o nascimento dos bebês.

Até aquele momento ninguém conhecia os nomes completos dos bebês, exceto Matthew, Sarah e eu.

Sarah fez Matthew segurar Rebecca com o rostinho virado para o céu.

– Rebecca Arielle Emily Marthe – disse Sarah, sua voz soando pela clareira. – Nós a recebemos para o mundo e para os nossos corações. Siga em frente consciente de que todos aqui a reconhecerão por esse nome honrado e mantenha-se na vida sagrada.

Rebecca Arielle Emily Marthe, ecoaram as árvores e o vento. Não fui a única a ouvir. Amira arregalou os olhos, e Margaret Wilson sussurrou e agitou os braços em alegria.

Matthew abaixou Rebecca, com os olhos repletos de amor para a filha que se parecia tanto com ele. Em troca, Rebecca ergueu a mão e tocou o nariz do pai com seu delicado dedinho, um gesto de conexão que quase fez o meu coração explodir.

Quando chegou a minha vez, ergui Philip para o céu como uma oferenda à deusa e aos elementos do fogo, ar, terra e água.

– Philip Michael Addison Sorley – continuou Sarah. – Nós também o recebemos para o mundo e para os nossos corações. Siga em frente consciente de que todos aqui o reconhecerão por esse nome honrado e mantenha-se na vida sagrada.

Os vampiros se entreolharam quando ouviram o último nome de Philip e procuraram Gallowglass na multidão. Addison era o nome do meio de meu pai, e Sorley pertencia ao ausente Gael. Seria tão bom se ele o tivesse ouvido a ecoar por entre as árvores.

– Que Rebecca e Philip carreguem os seus nomes com orgulho, cresçam em sua promessa na plenitude do tempo e confiem que serão amados e protegidos por todos aqueles que testemunharam o amor que receberam dos pais. Benditos sejam. – Os olhos de Sarah brilharam com lágrimas não derramadas.

Era impossível encontrar um olho seco naquela clareira ou saber quem tinha ficado mais comovido pela cerimônia. Até minha filhinha, geralmente propensa aos balbucios, pareceu impressionada com a ocasião e pensativamente sugou o lábio inferior.

Saímos da clareira em direção à igreja. Os vampiros saíram caminhando pela colina abaixo aos encontrões com todos que cruzavam pelo caminho. Os outros utilizaram ATVs e carros com tração nas quatro rodas. Isso fez Matthew se autocongratular pela sabedoria de sua preferência automotiva.

Na igreja, a multidão de testemunhas se avolumou, inclusive com os aldeões, e como no dia de nosso casamento, o padre nos aguardava à porta, ladeado pelos padrinhos.

– Será que toda cerimônia religiosa católica é feita ao ar livre? – perguntei, enrolando melhor a manta em torno de Philip.

– Algumas – respondeu Fernando. – Isso nunca fez sentido para mim, mas como sou um infiel...

– Shh! – exclamou Marcus, olhando para o padre com preocupação. – Padre Antoine é admiravelmente ecumênico e concordou em passar ligeiramente pelos ritos habituais, mas não vamos pressioná-lo. Alguém conhece as palavras da cerimônia?

– Eu conheço – disse Jack.

– Eu também – disse Miriam.

– Ótimo. Jack fica com Philip e Miriam se incumbe de Rebecca. Vocês dois falam. O resto de nós olha atento e acena quando parecer apropriado – disse Marcus, como um bonachão inabalável. Ele levantou o polegar afirmativamente para o sacerdote. – *Nous sommes prêts, père Antoine!*

Matthew me pegou pelo braço e me levou para dentro da igreja.

– Eles vão ficar bem? – sussurrei. Entre os padrinhos estavam uma solitária católica acompanhada por um converso, um batista, dois presbiterianos, um anglicano, três bruxas, um demônio e três vampiros de inclinação religiosa duvidosa.

– Imploro a Deus nesta casa de oração para protegê-los – balbuciou Matthew enquanto assumíamos os nossos lugares perto do altar. – Que Deus esteja ouvindo.

Mas nem nós – nem Deus – precisávamos nos preocupar. Jack e Miriam responderam a todas as perguntas do padre sobre a fé e sobre o estado das almas perfeitas das crianças em impecável latim. Philip riu quando o padre tocou-lhe o rosto para expulsar os possíveis maus espíritos e, com tenacidade, se opôs ao sal colocado em sua boquinha. Rebecca pareceu mais interessada nos longos cachos de Miriam, um dos quais lhe apertava o punho.

Os outros padrinhos também foram exemplares. Fernando, Marcus, Chris, Marthe e Sarah (no lugar de Vivian Harrison, que não poderia estar presente) apadrinharam Rebecca junto com Miriam. Hamish, Phoebe, Sophie, Amira e Ysabeau (que representava o seu neto ausente Gallowglass) prometeram junto com Jack guiar e cuidar de Philip. Mesmo para os não crentes como eu, as antigas palavras proferidas pelo padre me fizeram sentir que nossos bebês estavam fadados a serem cuidados e assistidos, a despeito do que pudesse acontecer.

A cerimônia chegava ao fim, e Matthew estava visivelmente relaxado. Padre Antoine nos pediu que pegássemos Rebecca e Philip dos braços dos padrinhos. Quando finalmente enfrentamos a Congregação, ocorreu uma

ovação espontânea, seguida por outra.

– É o fim do pacto! – disse um vampiro desconhecido em voz alta. – E também dos tempos sangrentos.

– Muito bem, muito bem, Russell – sussurram muitos outros em resposta.

Soaram os sinos. Meu sorriso se transformou em risada à medida que éramos tomados pela felicidade do momento.

Foi quando tudo começou a dar errado, como sempre.

A porta sul se abriu e entrou uma rajada de ar frio, deixando a silhueta de um homem contra a luz. Olhei fixamente para distinguir os seus traços. De repente, os vampiros presentes desapareceram e reapareceram perto da nave, impedindo o recém-chegado de seguir pela igreja adentro.

Fiquei perto de Matthew, com Rebecca apertada nos meus braços. Os sinos emudeceram, se bem que o ar ainda ressoava os últimos ecos.

– Parabéns, irmã. – A voz profunda de Baldwin encheu o lugar. – Eu vim acolher seus filhos na família De Clermont.

Matthew ergueu-se em toda a sua estatura. Sem olhar para trás, entregou Philip para Jack e desceu do altar em direção ao irmão.

– Nossos filhos não são De Clermont – disse em tom frio. Levou a mão ao paletó e pôs um documento dobrado nas mãos de Baldwin. – Eles pertencem a mim.



As criaturas reunidas para o batismo soltaram um suspiro agoniado em uníssono. Ysabeau acenou para o padre Antoine, que rapidamente conduziu os aldeões para fora da igreja. Depois, ela e Fernando assumiram posições vigilantes ao lado de Jack e de mim.

– Certamente você não espera que eu reconheça um ramo corrupto e doente na família, e lhe dê minha bênção e meu respeito! – Baldwin amassou o documento que tinha à mão.

Os olhos de Jack enegreceram com o insulto.

– Matthew confiou Philip a você. Você é responsável pelo seu afilhado. – Ysabeau fez Jack lembrar. – Que as palavras de Baldwin não o façam ignorar os desejos do seu senhor.

Jack puxou uma respiração profunda, tremendo e balançando a cabeça. Philip balbuciou pela atenção de Jack e, quando a recebeu, recompensou o padrinho com uma carinha preocupada. Quando Jack reergueu os olhos, estavam de novo verdes e castanhos.

– Isso não me parece um comportamento amigável, tio Baldwin – disse Marcus calmamente. – Vamos esperar e discutir os negócios da família após a festa.

– Não, Marcus. Vamos discutir agora e acabar logo com isso – disse Matthew, ignorando o conselho do filho.

Em outro tempo e lugar, os cortesãos de Henrique VIII deram a notícia da infidelidade de sua quinta esposa na igreja, pois o rei pensaria duas vezes antes de matar o mensageiro. Pelo que parecia, Matthew também

acreditava que Baldwin não o mataria.

Quando Matthew apareceu de repente atrás do irmão, e se pôs à frente com a mesma rapidez, percebi que sua decisão de permanecer naquele lugar era para proteger Baldwin. Tal como Henrique, Matthew não derramaria sangue em solo sagrado.

Mas isso não significava que ele seria inteiramente misericordioso. Ele deu uma chave de braço e uma gravata com seu longo braço em Baldwin, de modo que acabou agarrando seu próprio bíceps. Sua mão direita atingiu a omoplata de Baldwin com força suficiente para parti-la ao meio, com o semblante desprovido de emoção e os olhos uniformemente equilibrados entre o cinzento e o preto.

– Por isso nunca se deve deixar Matthew Clairmont às costas – sussurrou um vampiro para um amigo.

– Logo isso também vai virar um inferno – respondeu o amigo. – A menos que Baldwin apague antes.

Sem dizer uma só palavra, passei Rebecca para Miriam. Minhas mãos coçavam de poder, e as escondi nos bolsos do casaco. A flecha de prata pesou em minha espinha e Corra se pôs em alerta máximo, com as asas prontas para abrir. Depois de New Haven, o meu familiar confiava menos em Baldwin do que eu.

Ele quase conseguiu superar Matthew, ou pelo menos foi o que me pareceu. Antes que eu pudesse soltar um grito de aviso, ficou evidente que a vantagem aparente de Baldwin era apenas um truque inteligente de Matthew ao se mexer para mudar de posição. Feito isso, Matthew usou o próprio peso de Baldwin para lhe dar uma chave de perna, fazendo-o cair de joelhos com um grunhido estrangulado.

Era um lembrete vívido de que, apesar de Baldwin ser maior, Matthew era o assassino.

– Agora, *sieur*. – O braço de Matthew levantou um pouquinho, de modo a pôr mais pressão no pescoço do irmão suspenso pelo queixo. – Eu

gostaria muito de que você reconsiderasse o meu respeitoso pedido para estabelecer uma descendência dos De Clermont.

– Nunca. – Baldwin borbulhou a resposta. Seus lábios azulavam pela falta de oxigênio.

– Minha mulher costuma dizer que a palavra "nunca" não deve ser usada no que se refere aos Bishop-Clairmont. – Matthew apertou o braço e os olhos de Baldwin quase rolaram para trás da cabeça. – Não vou deixar você apagar, aliás, nem matá-lo. Pois se estiver inconsciente ou morto, não poderá concordar com meu pedido. Então, se está mesmo determinado a continuar dizendo não, pode esperar por muitos momentos como esse à frente.

– Solte-me. – Baldwin se esforçou para enunciar cada sílaba. Matthew deixou o vampiro tomar o fôlego apenas para mantê-lo consciente, mas sem permitir que se recuperasse.

– Solte *você* a mim, Baldwin. Depois de todos esses anos quero ser algo mais do que a ovelha negra da família De Clermont – sussurrou Matthew.

– Não – disse Baldwin, com firmeza.

Matthew afrouxou o braço para que o irmão pudesse dizer mais que uma ou duas palavras de cada vez, se bem que isso não atenuou o azulado dos lábios de Baldwin. Matthew tomou a sábia precaução de espremer o tornozelo do irmão com o salto do sapato para impedi-lo de usar o oxigênio a mais para um revide. Baldwin uivou.

– Leve Rebecca e Philip de volta para Sept-Tours – eu disse para Miriam, arregaçando as mangas. Eu não queria que eles vissem o pai daquele jeito. Assim como não queria que vissem a mãe fazendo magia contra um membro da própria família.

O vento girou mais forte em torno dos meus pés, agitando a poeira da igreja com tornados em miniatura. As chamas do candelabro prepararam-se aos bailados para atender a minha vontade, e a água na pia batismal borbulhou.

– Liberte a mim e aos meus, Baldwin – disse Matthew. – De um jeito ou de outro, você não nos quer.

– Posso... precisar... de você. Meu... assassino... afinal – disse Baldwin.

Soaram na igreja exclamações chocadas e interações sussurradas quando se mencionou abertamente o segredo dos De Clermont, mas claro que alguns convidados sabiam que Matthew desempenhava aquele papel na família.

– Faça o seu próprio trabalho sujo para variar – retrucou Matthew. – Deus sabe que você é tão capaz de matar quanto eu.

– Você. Diferente. Gêmeos. Têm ira do sangue. Também? – Baldwin soltou a língua.

Os convidados calaram-se.

– Ira do sangue? – A voz de um vampiro cortou o silêncio, o sotaque era levemente irlandês, mas perceptível. – Do que ele está falando, Matthew?

Os vampiros na igreja trocaram olhares preocupados quando reiniciou o diálogo balbuciado. Era visível que a ira do sangue ultrapassava o que eles tinham negociado ao aceitar o convite de Marcus. Combater a Congregação e proteger as crianças metade vampiro e metade bruxa era uma coisa. Uma doença que as transformava em monstros sanguinários era outra coisa bem diferente.

– Baldwin lhe disse a verdade, Giles. Meu sangue está contaminado – respondeu Matthew, olhando nos meus olhos com as pupilas ligeiramente dilatadas. *Saia enquanto pode*, seus olhos pediram-me silenciosamente.

Mas dessa vez Matthew não estaria sozinho. Abri caminho por entre Ysabeau e Fernando e postei-me ao lado do meu marido.

– Isso significa que Marcus... – Giles não completou a frase. Seus olhos se estreitaram. – Nós não podemos permitir que os Cavaleiros de Lázaro sejam liderados por quem tem a ira do sangue. Isso é impossível.

– Não seja idiota – disse o vampiro ao lado de Giles com um sotaque britânico. – Matthew foi um exímio grão-mestre e nenhum de nós era mais

sábio que ele. Na verdade, se a memória serve para algo, Matthew foi um bom e singular comandante da irmandade em diversas situações complicadas. Acredito que Marcus também seja uma promessa, apesar de ser rebelde e traidor. – O vampiro sorriu com um assentimento respeitoso para Marcus.

– Obrigado, Russell – disse Marcus. – Vindo de você, isso é um elogio.

– Miriam, lamento pelo deslize da irmandade – disse Russell, com uma piscadela. – Embora não seja médico, acredito que Matthew está prestes a colocar Baldwin inconsciente.

Matthew afrouxou um pouco o braço, e os globos oculares de Baldwin retomaram a posição normal.

– A ira do sangue do meu pai está sob controle. Não há razão alguma para agirmos movidos pelo medo e a superstição – disse Marcus, dirigindo-se a todos na igreja. – Os Cavaleiros de Lázaro foram fundados para proteger os mais vulneráveis. Cada membro da ordem fez um juramento de defender os companheiros cavaleiros até a morte. Não preciso lembrar a ninguém aqui que Matthew é um cavaleiro. Por isso, a partir deste momento os filhos dele também o são.

A necessidade de uma investidura infantil para Rebecca e Philip fazia sentido naquele momento.

– Então, o que você diz, tio? – Marcus caminhou pelo corredor e parou atrás de Baldwin e Matthew. – Você ainda é um cavaleiro, ou virou covarde na velhice?

Baldwin arroxeou, e não por falta de oxigênio.

– Cuidado, Marcus – disse Matthew. – Talvez eu tenha que soltá-lo.

– Cavaleiro. – Baldwin olhou para Marcus, com repugnância.

– Então, comece a agir como tal e trate o meu pai com o respeito que ele merece. – Marcus olhou ao redor da igreja. – Matthew e Diana querem estabelecer uma família, e terão o apoio dos Cavaleiros de Lázaro quando assim o fizerem. Quem discordar é bem-vindo para desafiar formalmente a

minha liderança. Caso contrário, o assunto está fora de discussão.

Fez-se um silêncio absoluto na igreja.

Os lábios de Matthew abriram um sorriso.

– Obrigado.

– É cedo para me agradecer – disse Marcus. – Nós ainda temos que enfrentar a Congregação.

– Sim, uma tarefa desagradável, mas não incontrolável – disse Russell em tom seco. – Matthew, solte o Baldwin. Seu irmão nunca foi muito rápido, e Oliver está em seu cotovelo esquerdo. Faz tempo ele tem sonhado em ensinar uma lição para o Baldwin, desde que seu irmão partiu o coração da filha dele.

Diversos convidados riram e os ventos começaram a soprar a nosso favor.

Lentamente, Matthew fez o que Russell pediu, sem nenhuma tentativa de se afastar do irmão ou de me proteger. Baldwin permaneceu de joelhos por algum tempo e em seguida levantou-se. Quando assim o fez, Matthew ajoelhou-se em frente a ele.

– Eu deposito a minha confiança em você, *sieur* – disse, inclinando a cabeça. – Peço a sua confiança em troca. Nem eu nem os meus desonraremos a família De Clermont.

– Você sabe que não posso, Matthew – disse Baldwin. – Um vampiro portador da ira do sangue nunca está no controle, não de todo. – Olhou para Jack com um brilho nos olhos, mas era em Benjamin que ele pensava... e em Matthew.

– E se outro vampiro puder? – perguntei.

– Diana, não é um momento para suposições. Sei que você e Matthew nutrem a esperança de uma cura, mas...

– Se eu lhe der minha palavra, como filha de Philippe por juramento de sangue, de que qualquer dos parentes de Matthew com ira do sangue pode ser posto sob controle, você o reconheceria como chefe da família? – Eu

estava a centímetros de distância de Baldwin, e meu poder cantarolava. Comprovei a suspeita de que meu feitiço de disfarce se desfizera pelos olhares curiosos que recebi.

– Você não pode prometer isso – disse Baldwin.

– Diana, não... – Matthew começou a falar, mas o interrompi com um olhar.

– Não só posso como farei. Não precisamos esperar por uma solução da ciência quando dispomos de uma solução mágica. Se algum membro da família de Matthew estiver dominado pela ira do sangue, será amarrado por mim com um feitiço – afirmei. – De acordo?

Matthew olhou para mim chocado. E com razão. Até porque, um ano antes eu ainda me apegava à crença de que a ciência era superior à magia.

– Não – disse Baldwin, com um aceno de cabeça. – Sua palavra não é boa o bastante. Você teria que provar isso. E depois todos nós teríamos que esperar para ver se sua magia é tão eficaz quanto você pensa, bruxa.

– Muito bem – continuei prontamente. – Nossa experiência começa agora.

Baldwin estreitou os olhos. Matthew olhou para o irmão.

– Rainha dá xeque-mate no rei – disse Matthew suavemente.

– Não fique cheio de si, irmão. – Baldwin pôs Matthew de pé. – Nosso jogo está longe de terminar.

– Isto foi deixado no escritório de padre Antoine – disse Fernando algumas horas depois que os últimos convidados saíram da cama. – Ninguém viu quem o trouxe.

Matthew olhou para o natimorto preservado. Uma menina.

– Ele está mais insano do que eu pensava. – A palidez de Baldwin não se devia apenas ao que tinha acontecido na igreja.

Matthew leu novamente o bilhete.

"*Parabéns pelo nascimento dos seus filhos*", estava escrito. "*Eu queria que você ficasse com a minha filha, já que em breve ficarei com a sua.*" A nota simplesmente assinada: "*Seu filho*."

– Alguém está relatando cada movimento seu para Benjamin – disse Baldwin.

– A questão é saber quem. – Fernando pousou a mão no braço de Matthew. – Não permitiremos que ele pegue Rebecca... ou Diana.

A perspectiva era tão assustadora que Matthew se limitou a balançar a cabeça.

Apesar das garantias de Fernando, ele não teria outro momento de paz até que Benjamin estivesse morto.

Após o drama do batismo, o feriado de inverno seguiu como um tranquilo caso de família. Os convidados se foram, mas a família Wilson se manteve em Sept-Tours para desfrutar o que Agatha Wilson descreveu como "um caos alegre". Chris e Miriam retornaram a Yale, ainda comprometidos em compreender melhor a ira do sangue e um possível tratamento. Baldwin partiu para Veneza na primeira oportunidade a fim de administrar a reação da Congregação, caso escapulissem notícias da França.

Envolvido com os preparativos para o Natal e determinado a banir possíveis pensamentos azedos após o batismo, Matthew se embrenhou no bosque do outro lado do fosso e retornou com um abeto de grande estatura e o colocou no salão. Ele o cobriu com luzinhas brancas que brilhavam como vaga-lumes.

Lembramos dos enfeites de Philippe em Yule e cortamos luas e estrelas de papel prateado e dourado. Combinei um feitiço de voo e um encanto de ligação e as fiz rodopiar no ar, até que se instalaram nos ramos de onde piscaram e brilharam sob a luz do fogo.

Matthew seguiu para Saint-Lucien para a missa da véspera de Natal. Ele

e Jack eram os únicos vampiros no serviço, o que agradou padre Antoine. Depois do batismo, ele compreensivelmente relutara em ter muitas criaturas nos seus bancos.

As crianças já tinham sido alimentadas e dormiam profundamente quando Matthew retornou batendo a neve dos sapatos. Eu esperava sentada ao lado da lareira no salão, com uma garrafa do vinho favorito de Matthew e dois copos. Marcus me assegurara que um copo uma vez ou outra não afetaria os bebês, desde que os amamentasse duas horas depois.

– Paz, perfeita paz – disse Matthew, abaixando a cabeça para ver se os bebês estavam se mexendo.

– Noite feliz, noite feliz – acrescentei sorrindo, inclinando-me para desligar o monitor dos bebês. Tal como os aparelhos de pressão arterial e as ferramentas elétricas, esses equipamentos eram opcionais nas famílias de vampiros.

Eu brincava com os controles quando Matthew me agarrou. As semanas de separação e o entrevero com Baldwin haviam sufocado o meu lado brincalhão.

– Seu nariz está congelado – comentei sorrindo enquanto ele o roçava ao longo da pele morna do meu pescoço. Suspirei. – Suas mãos também.

– Por que acha que escolhi uma esposa sangue-quente? – Ele passou os dedos gelados debaixo de minha camisola.

– Será que uma bolsa de água quente traria menos problemas? – Eu o provoquei. Seus dedos encontraram o que procuravam, e o toque me fez arquear.

– Talvez. – Ele me beijou. – Mas não seria tão gostoso.

Com o vinho esquecido, passamos as horas até a meia-noite em batimentos cardíacos e não em minutos. Quando os sinos das igrejas próximas de Dournazac e Châlus badalaram para celebrar o nascimento de uma criança na distante Belém dos tempos de outrora, Matthew fez uma pausa para ouvir as solenes e exuberantes badaladas.

– O que estava pensando? – perguntei quando os sinos silenciaram.

– Lembrando de como a aldeia celebrava a Saturnália nos meus tempos de menino. Não havia muitos cristãos, além de meus pais e de outras famílias. No último dia do festival... o vigésimo terceiro dia de dezembro, Philippe ia a todas as casas pagãs e cristãs para saber das crianças o que elas desejavam para o novo ano. – O sorriso de Matthew era melancólico. – Quando eu acordava na manhã seguinte, lá estavam os nossos desejos concedidos.

– Isso parece mesmo o seu pai – observei. – O que você desejava?

– Geralmente mais alimentos – disse Matthew, com uma risada. – Segundo mamãe não se podia quantificar o que eu comia pelas minhas pernas sempre magricelas. Uma vez pedi uma espada. Cada menino da aldeia idolatrava Hugh e Baldwin. E todos nós queríamos ser como eles. Pelo que me lembro, ganhei uma espada de madeira que quebrou na primeira vez que a empunhei no ar.

– E agora? – sussurrei, beijando-lhe nos olhos, no rosto e na boca.

– Não quero mais nada senão envelhecer com você – ele respondeu.

A família chegou para passar o Natal conosco, salvando-nos de ter que embrulhar Rebecca e Philip em mantas novamente. Por conta das mudanças na rotina, os gêmeos se deram conta de que não era um dia comum. Fizeram pirraça para participar de tudo, e acabei os levando para a cozinha a fim de aquietá-los. Lá, armei um móbile mágico de frutas voadoras para distraí-los enquanto ajudava Marthe nos últimos toques de uma refeição que deixaria felizes tanto os vampiros quanto os sangues-quentes.

Matthew ocupava-se em beliscar um prato de nozes de uma receita de Em recriada por mim. Se aquilo durasse até o jantar, certamente seria um milagre de Natal.

– Só mais uma – ele chantageou, deslizando as mãos na minha cintura.

– Você já comeu meio quilo disso. Deixe um pouco para Marcus e Jack. – Eu não sabia se os níveis de açúcar dos vampiros podiam subir, mas não estava ansiosa para saber. – Ainda gosta daquele seu presente de Natal?

Eu tentava descobrir que presente dar para aquele homem que tinha tudo desde que as crianças tinham nascido, mas quando ele disse que só queria envelhecer comigo, fiquei sabendo exatamente que presente lhe daria.

– Adoro isto. – Ele tocou nas têmporas, onde alguns fios grisalhos se realçavam contra o preto.

– Você sempre disse que eu lhe daria cabelos brancos. – Sorri.

– E eu que pensava que era impossível. Isso antes de aprender que *impossible n'est pas,* Diana – disse Matthew, parafraseando Ysabeau. Ele pegou um punhado de nozes e se dirigiu aos bebês antes que eu pudesse reagir. – Olá, belezoca.

Rebecca balbuciou em resposta. Ela e Philip compartilhavam um complexo vocabulário de arrulhos, grunhidos e outros sons suaves que Matthew e eu ainda tentávamos entender.

– Definitivamente, esse é um dos seus ruídos felizes – eu disse, pondo uma bandeja de biscoitos no forno. Rebecca adorava o pai, especialmente quando ele cantava. Philip não tinha tanta certeza de que cantar era uma boa ideia.

– E você também está feliz, homenzinho? – Matthew tirou Philip do assento inflável, sem perceber a banana voadora que eu tinha lançado no móbile pouco antes. Foi como um cometa amarelo brilhante que cruzava com outra fruta em órbita. – Mas que menino de sorte é você por ter essa mamãe que sempre faz magia para você.

Como a maioria dos bebês da mesma idade, Philip ficou totalmente absorto no círculo de laranja e *grapefruit* que estava suspenso no ar.

– Nem sempre ele vai achar que a mamãe bruxa é assim tão

maravilhosa. – Fui até a geladeira e peguei os legumes necessários para o gratinado. Fechei a porta e me deparei com Matthew atrás. Levei um susto.

– Você tem que começar a fazer barulho ou me dar outra pista para avisar quando está se movendo. – Reclamei apertando a mão no coração que batia descompassado.

Os lábios comprimidos de Matthew mostraram desassossego.

– Viu só essa mulher, Philip? – Ele apontou para mim, e Philip desviou a cabeça em minha direção. – É uma brilhante erudita e uma poderosa bruxa, embora não goste de admitir isso. E você tem a grande sorte de chamá-la de *maman*. Isso significa que você é uma das poucas criaturas que sempre saberá o mais querido segredo desta família. – Ele chegou mais perto e murmurou alguma coisa no ouvido de Philip.

Quando se afastou, o filho olhou para o pai – e sorriu. Era a primeira vez que um dos bebês fazia isso, mas eu já tinha visto essa mesma expressão de felicidade antes. Além de lenta e genuína acendia todo o rosto com uma luz que vinha de dentro.

Se Philip tinha o meu cabelo, o sorriso era de Matthew.

– Exatamente. – Matthew acenou para o filho com aprovação e o recolocou na cadeirinha. Rebecca olhou para o pai de testinha franzida e um tanto irritada porque tinha sido deixada de fora da conversa dos meninos. Matthew gentilmente também sussurrou no ouvido da filha e em seguida beijou-lhe a barriguinha. Os olhos e a boca de Rebecca arredondaram, como se as palavras do pai a tivessem impressionado, se bem que me passou a suspeita de que aquele beijo também tinha alguma coisa a ver com isso.

– Que absurdo disse a eles? – perguntei enquanto atacava uma batata com o descascador. Matthew tirou a batata e o descascador de minhas mãos.

– Não foi um absurdo – respondeu calmamente. Três segundos depois a

batata já estava sem casca. Ele tirou outra da bacia.

– Diga-me.

– Chegue mais perto. – Ele acenou em minha direção com o descascador. Dei alguns passos. Ele acenou novamente. – Mais perto.

Coloquei-me a sua frente e ele inclinou o rosto até o meu.

– O segredo é que eu sou o chefe da família Bishop-Clairmont, mas você é o coração – ele sussurrou. – E nós três estamos em perfeito acordo: o coração é mais importante.

Matthew já tinha vasculhado diversas vezes a caixa que guardava a correspondência entre Philippe e Godfrey.

Foi por puro desespero que folheou as páginas.

"*Meu mais reverendo senhor e pai*", iniciava a carta de Godfrey.

> *O mais perigoso entre os dezesseis foi executado em Paris, conforme pedido seu. Como Matthew não estava disponível para o trabalho, Mayenne sentiu-se feliz em fazer o favor, e obrigado por sua ajuda na questão da família Gonzaga. E agora que o duque sente-se seguro, ele decidiu jogar dos dois lados, negociar com Henri de Navarre e com Filipe de Espanha ao mesmo tempo. Mas inteligência não é sabedoria, como o senhor costuma dizer.*

Até então a carta só apresentava referências às maquinações políticas de Philippe.

"*Quanto ao outro assunto*", continuou Godfrey,

> *Encontrei Benjamin Ben-Gabriel, como os judeus o chamam, ou Benjamin Fuchs, como o imperador o conhece, ou Benjamin o Bem-Aventurado, como ele prefere. Está no leste, como o senhor temia, deslocando-se entre a corte do imperador, a família*

Báthory, a Drăculeşti, e Sua Majestade Imperial, em Constantinopla. Circulam histórias preocupantes sobre a relação de Benjamin com a condessa Erzsébet, as quais se circularem mais amplamente resultarão em inquéritos da Congregação, prejudiciais para a família e para aqueles que nos são caros.

O prazo de Matthew na Congregação está perto do fim, uma vez que ele terá servido por meio século. Se o senhor não quiser envolvê-lo em negócios que dizem respeito diretamente a ele e a sua linhagem, imploro-lhe que trate disso pessoalmente ou envie uma pessoa de confiança para Hungria o mais rápido possível.

Além das histórias de excesso e assassinato em relação à condessa Erzsébet, os judeus de Praga também falam sobre o terror que Benjamin causou no distrito quando ameaçou um amado rabino e uma bruxa de Chelm. E agora correm histórias inverossímeis sobre uma criatura encantada de barro que perambula pelas ruas para proteger os judeus de quem quer que possa se deleitar com o sangue deles. Segundo os judeus, Benjamin também está à procura de outra bruxa, uma inglesa que eles afirmam ter sido vista pela última vez com o filho de Ysabeau. Mas isso não pode ser verdade, pois Matthew está na Inglaterra e jamais se rebaixaria a ponto de se associar com uma bruxa.

A respiração de Matthew sibilou por entre os lábios apertados.

Talvez eles estejam confundindo a bruxa inglesa com o demônio inglês, Edward Kelley, a quem Benjamin visitou no palácio do imperador em maio. De acordo com o seu amigo Joris Hoefnagel, mais tarde colocaram Kelley sob custódia de Benjamin por algumas semanas, depois que o acusaram de assassinar um dos servos do imperador. Benjamin o levou para um castelo de

Křivoklát, onde Kelley tentou fugir e quase morreu.

Há outra informação que devo contar ao senhor, pai, embora hesite em fazê-lo porque isso pode ser apenas produto da fantasia e do medo. De acordo com meus informantes, Gerbert esteve na Hungria com a condessa e Benjamin. As bruxas e bruxos de Pozsony fizeram reclamações formais à Congregação a respeito das mulheres que tinham sido capturadas e torturadas por essas três infames criaturas. Uma bruxa escapou e antes que a morte a levasse só conseguiu dizer estas palavras: "Eles procuram o Livro da vida *dentro de nós."*

Matthew lembrou-se da imagem horripilante dos pais de Diana abertos da garganta à virilha.

Tais assuntos sombrios colocam a família em grande perigo. Não podemos permitir que Gerbert deixe Benjamin fascinado com o poder que as bruxas possuem, como ele tem feito. O filho de Matthew deve ser mantido à distância de Erzsébet Báthory, para que o segredo de seu companheiro não seja descoberto. E não podemos mais permitir que as bruxas continuem perseguindo o Livro da vida. *O senhor saberá como alcançar melhor essas metas, ou vendo-as com os próprios olhos ou convocando a irmandade.*

Permaneço seu humilde servo e confio sua alma a Deus na esperança de que Ele nos mantenha unidos e seguros para que possamos debater tais assuntos mais do que a sabedoria recomenda nas circunstâncias atuais.

Seu filho amoroso, Godfrey
De Confrérie, Paris, neste dia 20 de dezembro de 1591

Matthew dobrou a carta com cuidado.

Enfim, surgiu-lhe alguma ideia de onde encontrar Benjamin. Seguiria até a Europa Central para procurá-lo.

Mas primeiro diria a Diana o que acabara de saber. Ele tinha mantido as notícias de Benjamin distante da esposa o mais que pôde.

O primeiro Natal dos bebês acabou sendo tão amoroso e festivo quanto se poderia desejar. Uma festa animada com oito vampiros, duas bruxas, um humano à espera de virar vampiro e três cães de guarda.

Matthew mostrou a dúzia de fios de cabelos grisalhos que resultaram do meu feitiço de Natal e disse radiante que a cada ano ganharia mais. Eu tinha pedido uma torradeira para seis fatias já recebida, e ainda uma linda caneta antiga incrustada de prata e madrepérola.

Ysabeau criticou tais presentes como insuficientemente românticos para um casal recém-casado, mas eu não precisava mais de joias, nem estava interessada em roupas ou em viajar. Uma torradeira era mais do que suficiente.

Phoebe incentivara a família inteira a pensar em presentes feitos à mão ou usados que fossem significativos e práticos. Jack vestia um suéter tricotado por Marthe e as abotoaduras cedidas pela avó que haviam pertencido a Philippe. Phoebe usava um par de brilhantes e esmeraldas nas orelhas que segundo ela era um presente de Marcus, mas em dado momento ela ruborizou intensamente e disse que tinha ganhado algo artesanal e que o tinha deixado em Sept-Tours por razões de segurança. Ela ficou tão vermelha que não fiz mais perguntas. Sarah e Ysabeau estavam radiantes com os álbuns de fotos que documentavam o primeiro mês de vida dos gêmeos.

Então, os pôneis chegaram.

– Philip e Rebecca precisam montar, é claro – disse Ysabeau, como se isso fosse evidente por si mesmo. Ela supervisionou enquanto o cavalariço

Georges tirava os dois pôneis do trailer. – Assim, eles poderão se acostumar com os cavalos antes de colocar a sela. – Suspeitei que nós duas talvez tivéssemos ideias diferentes sobre quando esse dia abençoado poderia ocorrer.

– São da raça Paso Fino – continuou Ysabeau. – Achei que um andaluz como o seu poderia ser demais para iniciantes. Phoebe me recomendou responsabilidade, mas nunca fui escrava de princípios.

Georges tirou um terceiro animal do trailer: Rakasa.

– Diana pediu um pônei desde que começou a falar. E agora finalmente ganha um – disse Sarah. Rakasa fuçou os bolsos de Sarah à procura de algo interessante, como maçãs ou balas de menta, mas ela deu um pulo para trás. – Cavalos não têm dentes grandes?

– Talvez Diana tenha mais sorte que eu quando ensinar boas maneiras para ela – disse Ysabeau.

– Aqui, eu me encarrego dela – disse Jack, tomando a rédea de Rakasa, que o seguiu como uma cordeirinha.

– Pensei que você fosse um garoto da cidade – exclamou Sarah atrás dele.

– Meu primeiro trabalho... bem, meu primeiro trabalho honesto foi cuidar dos cavalos dos cavalheiros na Cardinal's Hat – disse Jack. – Você se esquece, vovó Sarah, que antes as cidades eram cheias de cavalos. E também de porcos. E a mer...

– Onde há animais, há isso – disse Marcus antes que Jack terminasse a frase. A jovem Paso Fino que ele segurou provou a afirmação. – Você pega o outro, querida?

Phoebe assentiu com a cabeça, bem à vontade com a sua carga equina. Ela e Marcus seguiram Jack em direção aos estábulos.

– A pequena égua Rosita se impôs como chefe da manada – disse Ysabeau. – Eu também teria trazido Balthasar, mas o deixei porque Rosita estava despertando o lado amoroso dele em Sept-Tours... por enquanto. –

A ideia de que o grande garanhão de Matthew tentaria seguir o seu impulso com uma égua tão pequena como Rosita era inconcebível.

Estávamos sentados na biblioteca após o jantar, rodeados pelas reminiscências da longa vida de Philippe de Clermont enquanto o fogo crepitava na lareira de pedra, quando Jack se levantou e se dirigiu a Matthew.

– Isto é para você. Bem, na verdade para todos nós. *Grand-mère* disse que toda família devia ter um. – Jack entregou um pedaço de papel para Matthew. – Se você gostar, eu e Fernando poderemos reproduzi-lo para um estandarte aqui na torre de Les Revenants.

Matthew olhou para o papel.

– Se não gostar... – Jack estendeu o braço para recuperar o presente.

O braço de Matthew foi mais rápido e pegou Jack pelo pulso.

– Acho perfeito. – Matthew olhou para o rapaz que sempre seria como nosso filho primogênito, se bem que eu não tinha nada a ver com o nascimento dele como sangue-quente, assim como Matthew não era o responsável pelo renascimento dele. – Mostre para sua mãe. Veja o que ela acha.

Em vez de monogramas ou brasões heráldicos, a imagem criada por Jack para simbolizar a nossa família me impressionou. Era um novo ouroboros que não representava uma única serpente com a cauda na boca e sim duas criaturas unidas em um círculo sem começo nem fim. Uma era a serpente De Clermont. E a outra era um dragão de fogo de asas estendidas e com duas pernas dobradas contra o próprio corpo. Uma coroa descansava na cabeça do dragão de fogo.

– *Grand-mère* disse que o dragão de fogo deve usar uma coroa porque você é uma verdadeira De Clermont e vai superar o resto de nós – disse Jack enfaticamente, revirando o bolso de sua calça jeans com nervosismo. – Posso tirar a coroa. E diminuir as asas.

– Matthew está certo. É um desenho perfeito. – Estiquei-me e o puxei

pela mão para lhe dar um beijo. – Obrigada, Jack.

Todos admiravam o emblema oficial da família Bishop-Clairmont quando Ysabeau disse que seriam providenciadas novas pratarias e louças e também uma bandeira.

– Que dia lindo – comentei com um braço em torno de Matthew e o outro acenando para a família que partia. De repente, o meu polegar esquerdo formigou em súbito aviso.

– Não me importa o quão razoável possa ser o seu plano. Diana não vai deixá-lo viajar para a Hungria e a Polônia sem ela – disse Fernando. – Já se esqueceu do que aconteceu quando você a deixou e partiu para Nova Orleans?

Após a meia-noite Fernando, Marcus e Matthew tinham passado grande parte da madrugada discutindo sobre a carta de Godfrey e sobre o que fariam.

– Diana deve ir para Oxford. Só ela pode encontrar o *Livro da vida* – disse Matthew. – Se algo der errado e eu não puder encontrar Benjamin, vou precisar do manuscrito para afugentá-lo de seu esconderijo.

– E quando encontrá-lo? – perguntou Marcus abruptamente.

– Seu trabalho é cuidar de Diana e de meus filhos – respondeu Matthew em tom igualmente abrupto. – E eu fico com Benjamin.

Observei o céu em busca de augúrios enquanto puxava os fios que pareciam fora do lugar na tentativa de prever e corrigir o mal que segundo o meu polegar já estava presente.

Mas o problema não galopava sobre a montanha como um cavaleiro apocalíptico, assim como não atravessava o caminho de entrada ou telefonava.

O problema estava na casa – e isso fazia algum tempo.

Certa tarde, alguns dias após o Natal, encontrei Matthew na biblioteca com um monte de folhas de papel espalhadas à frente. Minhas mãos assumiram as cores do arco-íris, e meu coração apertou.

– O que é isso? – perguntei.

– Uma carta de Godfrey. – Ele deslizou a carta em minha direção. Observei-a, mas estava escrita em francês antigo.

– Leia para mim. – Sentei-me ao lado dele.

A verdade era muito pior do que me permitira imaginar. Segundo a carta, a farra assassina de Benjamin já se estendia por séculos. Ele caçava as bruxas e muito provavelmente as tecelãs. Era quase certo que Gerbert estivesse envolvido. E a frase *"Eles procuram o* Livro da vida *dentro de nós"* ferveu o meu sangue e o congelou.

– Precisamos detê-lo, Matthew. Se ele descobrir que já temos uma filha... – Paralisei. As últimas palavras que tinha ouvido de Benjamin na Bodleiana ainda me assombravam. Quando pensei no que ele poderia tentar fazer com Rebecca, o poder chicoteou as minhas veias.

– Ele já sabe. – Matthew olhou no fundo dos meus olhos e a raiva estampada em seus olhos me fez engasgar.

– Desde quando?

– Desde pouco antes do batismo – disse Matthew. – Vou procurá-lo, Diana.

– Como vai encontrá-lo? – perguntei.

– Sem usar computadores e sem tentar encontrar o IP dele. Ele é muito inteligente para isso. Vou encontrá-lo do meu jeito: rastreando-o, farejando-o, encurralando-o – disse Matthew. – E quando encontrá-lo, vou rasgá-lo membro a membro. Se eu falhar...

– Você não pode falhar – retruquei sem rodeios.

– Posso, sim. – Matthew olhou nos meus olhos. Precisava de mim para ouvi-lo, não para tranquilizá-lo.

– Tudo bem. – Mostrei uma calma que não sentia. – E se você não

conseguir?

– Você vai precisar do *Livro da vida*. Só isso poderá tirar Benjamin de seu esconderijo para que a gente possa destruí-lo... de uma vez por todas.

– Só isso além de mim – eu disse.

Os olhos de Matthew escureceram e me fizeram entender que me usar como isca para pegar Benjamin não era uma opção.

– Partirei amanhã para Oxford. A biblioteca fica fechada durante os feriados do Natal. Não haverá funcionários, a não ser o pessoal da segurança – eu disse.

Para minha surpresa, Matthew concordou. Ele me deixaria ajudar.

– Você vai ficar sozinho? – Eu não queria provocá-lo, mas precisava saber. Ele já tinha sofrido com uma separação.

Matthew balançou a cabeça em assentimento.

– O que faremos com as crianças? – perguntou.

– Ficam aqui com Sarah e Ysabeau, e com um estoque do meu leite e do meu sangue para alimentá-las até o meu retorno. Levarei Fernando comigo... ninguém mais. Se alguém estiver nos observando e informando para Benjamin, teremos que fazer alguma coisa para que ele pense que ainda estamos aqui e que tudo continua na mesma.

– Não resta a menor dúvida de que alguém está nos observando. – Matthew passou os dedos no cabelo. – A questão é se é alguém ligado a Benjamin ou a Gerbert. O papel desse bastardo astuto em tudo isso talvez tenha sido maior do que pensávamos.

– Se ele e seu filho estiveram ligados durante todo esse tempo, não haverá como dizer o quanto eles sabem – eu disse.

– Então, nossa única esperança é possuir informações que eles ainda não possuem. Pegue o livro. Traga-o para aqui e veja se você pode corrigi-lo, reinserindo as folhas removidas por Kelley – disse Matthew. – Enquanto isso eu tratarei de encontrar Benjamin e fazer o que deveria ter feito há muito tempo.

– Quando vai partir? – perguntei.

– Amanhã. Depois que você sair, para me certificar de que você não está sendo seguida. – Ele levantou-se.

Observei em silêncio enquanto os aspectos de Matthew que eu conhecia e amava – o poeta e o cientista, o guerreiro e o espião, o príncipe renascentista e o pai – se dissipavam. Por fim, sobrou apenas o lado mais escuro e mais proibitivo, de modo que agora ele era apenas o assassino.

Mas ainda era o homem que eu amava.

Matthew me pegou pelos ombros e esperou que os meus olhos encontrassem os dele.

– Trate de se manter segura.

Foram palavras enfáticas e poderosas. Ele segurou o meu rosto e o esquadrinhou em cada centímetro, como se para memorizá-lo.

– Eu quis dizer exatamente aquilo que disse no dia de Natal. Se eu não regressar, a família sobreviverá. Outros poderão servir como líder aqui. Mas você é o coração desta família.

Quando abri a boca para protestar, Matthew pôs os dedos nos meus lábios e minhas palavras não saíram.

– Não faz sentido algum discutir comigo. Sei disso por experiência – ele disse. – Antes eu era apenas pó e sombras. Você me trouxe vida. E não posso sobreviver sem você.

Sol em Capricórnio

A décima casa do zodíaco é Capricórnio. Ela significa mães, avós e antepassados do sexo feminino. É o sinal da ressurreição e do renascimento. Neste mês plantam-se sementes para o futuro.

– Anonymous English Commonplace Book, c. 1590,
Gonçalves MS 4890, f. 9v



Andrew Hubbard e Linda Crosby nos aguardavam na Velha Cabana. Apesar dos meus esforços para persuadir Sarah a ficar em Les Revenants, ela insistiu em acompanhar a mim e a Fernando.

– Você não fará isso sozinha, Diana – ela disse, com um tom que desencorajava qualquer argumento. – Pouco importa se você é uma tecelã ou se tem Corra para ajudá-la. Magia nessa escala requer três bruxas. E não apenas qualquer bruxa. Você vai precisar de lançadoras de feitiços.

Linda Crosby apareceu com o grimório oficial de Londres – um antigo tomo que cheirava sombriamente a beladona e acônito. Trocamos um olá enquanto Fernando relatava para Andrew como Jack e Lobero estavam se saindo.

– Você tem certeza de que quer se envolver nisso? – perguntei para Linda.

– Absoluta certeza. O conciliábulo de Londres não se envolve com nada tão emocionante desde que nos chamaram para ajudar a impedir a tentativa de roubo das joias da coroa em 1971. – Linda esfregou as mãos de contentamento.

Andrew tinha obtido plantas detalhadas do labirinto de túneis e escadas que constituíam as instalações que armazenavam os livros da Biblioteca Bodleiana por meio de contatos com o submundo de Londres, de coveiros a engenheiros e montadores de tubulação. Ele as desenrolou sobre a comprida mesa do refeitório no grande salão.

– Por conta do feriado de Natal não haverá alunos ou funcionários da

biblioteca no local – disse. – Mas há construtores em toda parte. – Apontou para as plantas. – Eles estão convertendo o antigo armazenamento subterrâneo de livros em espaço de trabalho para os leitores.

– Primeiro eles mudaram os livros raros para a Biblioteca de Ciências Radcliffe, e agora isso. – Olhei para os mapas. – A que horas as equipes de trabalho encerram o expediente?

– Eles não encerram – disse Andrew. – Eles estão trabalhando contra o relógio para minimizar as interrupções durante o período acadêmico.

– E se fôssemos para a sala de leitura e você providenciasse um pedido, como nos dias normais da Bodleiana? – sugeriu Linda. – É só preencher a ficha, enfiá-la no tubo de Lamson e esperar pelo melhor. Nós esperaríamos o tubo perto da esteira transportadora. Talvez a biblioteca seja automatizada e atenda o seu pedido, mesmo sem a equipe. – Linda fungou perante a minha surpresa pelo seu conhecimento dos procedimentos da Bodleiana. – Estudei na St. Hilda, garota.

– Fecharam o sistema de transporte pneumático de tubos em julho passado. E desmantelaram a esteira transportadora em agosto deste ano. – Andrew ergueu as mãos. – Não me culpem, senhoras. Não sou bibliotecário da Bodley.

– Se o feitiço de Stephen for bom o bastante, não precisam se preocupar com o equipamento... só que Diana precisa pedir algo realmente necessário – disse Sarah.

– O único jeito de saber com certeza é ir para a Bodleiana, evitar os operários e encontrar um caminho para a antiga biblioteca. – Suspirei.

Andrew assentiu.

– Stan está na equipe de escavação. Ele cavou a vida inteira. Se vocês puderem esperar até o anoitecer, ele os deixará entrar. Ficará em apuros, é claro, mas não será a primeira vez e nenhuma prisão construída consegue segurá-lo.

– Bom homem, Stanley Cripplegate – disse Linda, com um meneio de cabeça afirmativo. – Sempre à disposição para ajudar no outono quando você precisa de bulbos de narciso plantados.

Stanley Cripplegate era um homenzinho esquálido com prognatismo acentuado e aparência de quem era desnutrido desde o nascimento. Com o sangue de vampiro ganhara longevidade e força, mas pouco fez para alongar a ossatura. Ele distribuiu capacetes de segurança amarelos brilhantes para nós quatro.

– Não vamos ficar... hum, muito visíveis com isso? – perguntou Sarah.

– Só por vocês serem o que são, senhora, vocês já são visíveis – disse Stan, com ar sombrio. Ele assobiou. – Ei! Dickie!

– Quieto – eu disse entre dentes. Aquilo já estava se tornando o mais escandaloso e mais conspícuo roubo de livro da história.

– Tudo bem. Conheço Dickie há muito tempo. – Stan voltou-se para o companheiro. – Dickie, leve esse pessoal até o primeiro andar.

Dickie nos deixou de capacete e tudo na Arts End da sala de leitura Duke Humfrey, entre o busto do rei Carlos I e o busto de sir Thomas Bodley.

– É impressão minha ou eles estão nos observando? – perguntou Linda de mãos nos quadris, franzindo o cenho para o infeliz monarca.

O rei Carlos piscou.

– As bruxas participam da equipe de segurança desde meados do século XIX. Stan nos advertiu para que não fizéssemos qualquer coisa repreensível perto dos quadros, estátuas e gárgulas. – Dickie estremeceu. – Não me importo com a maioria. Fazem companhia em noites escuras, mas esse em questão é um velho assustador e sodomita.

– Você deveria ter conhecido o pai dele – comentou Fernando. Ele tirou o chapéu e curvou-se perante o monarca que piscava os olhos. – Vossa Majestade.

Em cada biblioteca alguém se incumbia dos pesadelos – e você era

observado secretamente cada vez que fazia alguma coisa proibida. No caso da Bodleiana, os leitores tinham boas razões para se preocupar. O centro nervoso de um sistema de segurança mágico ocultava-se atrás dos globos oculares de Thomas Bodley e do rei Carlos.

– Desculpe, Carlinhos. – Lancei o meu capacete amarelo ao ar e ele pousou na cabeça do rei. Mexi os dedos e a borda do capacete inclinou-se por sobre os olhos do busto. – Sem testemunhas para os eventos desta noite. – Fernando entregou-me o capacete dele.

– Use-o para o caso de algum tropeção. Por favor.

Depois que obscureci a visão de sir Thomas, comecei a arrancar e ajustar os fios que prendiam as estatuetas ao resto da biblioteca. Os nós mágicos não eram complicados – apenas três e quatro laçadas cruzadas. Muitos estavam empilhados em cima uns dos outros como um painel elétrico severamente sobrecarregado. Finalmente, descobri o nó principal no qual todos os outros nós estavam enroscados e o desamarrei com muito cuidado. A sensação estranha de que estávamos sendo observados desapareceu.

– Assim é melhor – sussurrou Linda. – E agora?

– Prometi telefonar para Matthew depois que tivéssemos entrado – eu disse, pegando o celular. – Só um minuto.

Passei pela barricada de treliças e caminhei em silêncio, fazendo ecoar a alameda principal da biblioteca Duke Humfrey. Matthew atendeu ao primeiro toque.

– Tudo bem, *mon coeur*? – Ele soou tenso, e rapidamente relatei o nosso progresso até aquele instante.

– Como ficaram Rebecca e Philip depois que saí? – perguntei ao final de minha narrativa.

– Inquietos.

– E você? – Suavizei a voz.

– Ainda mais inquieto.

– Onde você está? – perguntei. Matthew tinha esperado que me dirigisse para a Inglaterra, e depois seguiu para o norte e o leste rumo à Europa Central.

– Acabei de sair da Alemanha. – Ele não me daria mais detalhes, já que eu poderia me deparar com alguma bruxa curiosa.

– Tome cuidado. Lembre-se do aviso que a deusa deu. – O aviso de que eu teria que desistir de alguma coisa se quisesse possuir o Ashmole 782 ainda me assombrava.

– Pode deixar. – Ele fez uma pausa. – Quero que você também se lembre de uma coisa.

– O quê?

– Não se quebra um coração, Diana. Só o amor nos torna realmente imortais. Não se esqueça, *ma lionne*. Não importa o que aconteça. – Ele desligou.

Essas palavras provocaram um arrepio de medo pela minha espinha e a flecha de prata da deusa chocalhou. Repeti as palavras do encantamento que tinha tecido para mantê-lo seguro e sentir o familiar puxão da corrente que nos unia.

– Está tudo bem? – perguntou Fernando em voz baixa.

– Conforme o esperado. – Enfiei o celular no bolso. – Vamos começar.

Nós tínhamos combinado que a primeira coisa que tentaríamos seria simplesmente repetir os passos pelos quais o Ashmole 782 chegara em minhas mãos pela primeira vez. Com Sarah, Linda e Fernando observando, preenchi a ficha de requisição. Assinei, registrei o número de inscrição de leitora no campo apropriado e levei a ficha até o Arts End, onde ficava o tubo pneumático.

– O tubo está aqui. – Retirei o receptáculo oco. – Talvez Andrew tenha se enganado e o sistema de entrega ainda esteja funcionando. – Abri o tubo, que estava cheio de pó. Tossi.

– E de um jeito ou de outro talvez isso não tenha importância – disse

Sarah um tanto impaciente. – Coloque a ficha dentro e vamos ver o que acontece.

Coloquei a ficha dentro do tubo e o fechei de um modo seguro, e depois o recoloquei no compartimento.

– E agora? – perguntou Sarah algum tempo depois.

O tubo estava exatamente onde eu o tinha deixado.

– Vamos dar uma boa porrada nisso. – Linda deu uma pancada na extremidade do compartimento, e os suportes de madeira que sustentavam o mecanismo e a galeria acima estremeceram de forma alarmante. Um assobio audível fez o tubo sumir.

– Bom trabalho, Linda – disse Sarah, com visível admiração.

– Isso é um truque de bruxa? – perguntou Fernando de lábios retorcidos.

– Não, mas sempre melhora o sinal da Radio 4 do meu aparelho de som – respondeu Linda de um modo brilhante.

Duas horas depois ainda estávamos próximos à esteira transportadora e nada de o manuscrito chegar.

Sarah suspirou.

– Plano B.

Sem dizer nada, Fernando desabotoou o paletó escuro e o jogou nos ombros. E depois puxou de dentro de uma fronha costurada no forro das costas do paletó as três folhas que Edward Kelley retirara do *Livro da vida* e que estavam protegidas por entre dois pedaços de papelão.

– Aqui está – ele disse, entregando o pacote de valor inestimável.

– Onde você quer fazer isso? – perguntou Sarah.

– O lugar mais espaçoso é ali. – Apontei para um ponto entre a esplêndida janela de vitrais e a cabine do guarda. – Não... não toque nisso! – Minha voz foi um grito sussurrado.

– Por que não? – perguntou Fernando prestes a agarrar o corrimão de madeira de uma escada de rodinhas que bloqueava o caminho.

– É a escada de rodinhas mais antiga do mundo. É quase tão antiga quanto a biblioteca. – Pressionei as folhas do manuscrito contra o meu coração. – Ninguém toca. Jamais.

– Mova logo essa escada maldita, Fernando – disse Sarah. – Tenho certeza de que Ysabeau tem uma substituta se essa for danificada. Empurre aquela cadeira para fora do caminho enquanto está com a mão na massa.

Depois de um momento de aflição, abri uma caixa de sal que Linda carregava dentro de uma sacola de compras. Sussurrei preces à deusa, pedindo-lhe ajuda para encontrar o objeto perdido, enquanto delineava um triângulo com os cristais brancos de sal. Quando terminei, distribuí as folhas do *Livro da vida*, e depois Sara, Linda e eu nos posicionamos em cada lado do triângulo. Nós direcionamos as ilustrações para o centro, e repeti o feitiço que tinha escrito anteriormente:

Páginas ausentes
Perdidas e depois encontradas,
Revelem-me onde o livro está amarrado.

– Ainda acho que precisamos de um espelho – sussurrou Sarah após uma hora de expectativa silenciosa. – Como é que a biblioteca vai nos mostrar alguma coisa se não lhe damos um lugar para projetar uma aparição?

– Será que Diana deveria ter dito "*revelem-nos* onde o livro está amarrado" e não "*revelem-me*"? – Linda olhou para Sarah. – Afinal, somos três.

Saí do triângulo e coloquei a ilustração do casamento alquímico sobre a mesa do guarda.

– Não está funcionando. Não sinto *nada*. Não sinto o livro, não sinto o poder, não sinto a magia. É como se toda a biblioteca estivesse morta.

– Bem, não surpreende saber que a biblioteca está se sentindo mal –

retrucou Linda, com simpatia. – Coitadinha. Tantas pessoas cutucando-a nas entranhas todo dia.

– Não há nada para isso, querida – disse Sarah. – Vamos ao plano C.

– Antes talvez seja melhor tentar revisar o feitiço. – Qualquer coisa era melhor que o plano C. Violava os fragmentos remanescentes do juramento que eu tinha prestado à biblioteca nos meus tempos de estudante, e representava um perigo real para o prédio, os livros e as faculdades dos arredores.

Mas era mais que isso. Eu hesitava pelas mesmas razões que me fizeram hesitar diante de Benjamin naquele mesmo lugar. Se usasse os meus plenos poderes na Bodleiana, se dissipariam os últimos elos de minha vida enquanto acadêmica.

– Não há nada a temer – disse Sarah. – Corra vai ficar bem.

– Ela é um dragão de fogo, Sarah – retruquei. – Quando voa sempre solta faíscas. Olhe para este lugar.

– Um barril de pólvora – disse Linda. – Mesmo assim, não vejo outro jeito.

– Tem que haver um jeito. – Cutuquei o terceiro olho com o dedo indicador na esperança de despertá-lo.

– Vamos, Diana. Deixe de se preocupar com o seu precioso cartão da biblioteca. É hora de chutar alguns traseiros mágicos.

– Antes preciso de um pouco de ar. – Girei o corpo e segui até a escada. O ar fresco me acalmaria os nervos e me ajudaria a pensar. Depois de descer os degraus de madeira colocados sobre a pedra, empurrei as portas de vidro e cheguei ao pátio central, onde respirei o ar frio e puro de dezembro, com Fernando em meus calcanhares.

– Olá, tia.

Gallowglass emergiu das sombras.

Sua simples presença me disse que tinha acontecido alguma coisa terrível.

Suas palavras serenas seguintes confirmaram o que eu sentia.

– Benjamin pegou Matthew.

– Não pode ser. Acabei de falar com ele. – A corrente de prata dentro de mim oscilou.

– Isso foi há cinco horas – disse Fernando, consultando o relógio. – Quando vocês conversaram, Matthew disse onde estava?

– Só disse que estava deixando a Alemanha – sussurrei entorpecida. Stan e Dickie se aproximaram de testa franzida.

– Gallowglass – disse Stan, com um aceno de cabeça.

– Stan – disse Gallowglass.

– Problema? – perguntou Stan.

– Matthew está fora de alcance – explicou Gallowglass. – Foi pego por Benjamin.

– Ah. – Stan pareceu preocupado. – Esse Benjamin sempre foi um filho da puta. Não deve ter melhorado ao longo dos anos.

Pensei no meu Matthew nas mãos daquele monstro.

Lembrei que Benjamin tinha a esperança de que eu desse à luz uma menina.

A imagem do minúsculo e frágil dedinho de minha filha tocando na ponta do nariz de Matthew passou pela minha cabeça.

– Não se pode melhorar o que ele não tem dentro de si – comentei.

A raiva ardeu em minhas veias, seguida por uma avassaladora onda de poder de fogo, ar, terra e água que varreu tudo à frente. Senti uma ausência estranha, um vazio que me indicava a perda de algo vital.

Por um momento me perguntei se esse algo era Matthew. Mas eu ainda sentia a corrente que nos unia. Senti-la dentro de mim acabou sendo fundamental para o meu bem-estar.

Logo me dei conta de que não tinha perdido algo essencial e sim algo *habitual*, um fardo carregado por muito tempo, um peso que já era um hábito dentro de mim.

E agora essa coisa acalentada por tanto tempo estava para sair fora de mim – exatamente como previsto pela deusa.

Girei o corpo e às cegas procurei a entrada da biblioteca em meio à escuridão.

– Aonde está indo, tia? – perguntou Gallowglass, mantendo a porta fechada para que eu não pudesse passar. – Não me ouviu? Precisamos procurar Matthew. Não há tempo a perder.

Os grossos painéis de vidro tornaram-se areia reluzente, e tanto as dobradiças de bronze como as alças ressoaram contra o batente de pedra. Passei por cima dos escombros e não sei se corri ou voei até a escada da Duke Humfrey.

– Tia! – gritou Gallowglass. – Você perdeu o juízo?

– Não! – gritei de volta. – E se eu fizer magia também não perderei Matthew.

– Perder Matthew? – disse Sarah enquanto eu deslizava em direção à Duke Humfrey, acompanhada de Gallowglass e Fernando.

– A deusa. Ela me disse que eu teria que dar alguma coisa se quisesse o Ashmole 782 – expliquei. – Mas não era o Matthew.

Ao sentimento de ausência seguiu-se uma sensação de floração de poder que baniu qualquer preocupação restante.

– Voe, Corra! – Abri os braços e o meu dragão de fogo saiu aos gritos pelo recinto, voando em torno das galerias e no longo corredor que ligava o Arts End ao Selden End.

– O que foi isso? – perguntou Linda enquanto observava a cauda de Corra que batia no capacete de Thomas Bodley.

– Medo.

Minha mãe me alertara sobre o poder do medo, mas eu ainda era menina e não pude entender. Achei que precisava me precaver do medo dos outros e não do meu próprio terror. Com esse mal-entendido o medo se enraizou dentro de mim a ponto de nublar meus pensamentos e minha

visão de mundo.

O medo também sufocou o meu desejo de fazer magia. Acabou por se tornar muleta e capa, impedindo-me de exercer o meu poder. O medo me abrigava da curiosidade dos outros e me propiciava uma masmorra, onde me esquecia daquilo que eu era de verdade: uma bruxa. Alguns meses antes, ao saber que era uma tecelã, eu cheguei a pensar que tinha deixado o medo para trás, mas sem me dar conta de que ainda me apegava aos seus últimos vestígios.

Não mais.

Corra fez um voo rasante por uma corrente de ar, estendendo as garras para frente e batendo as asas para desacelerar. Peguei as folhas do *Livro da vida* e as levei ao nariz dela. Ela cheirou.

O rugido de indignação do dragão de fogo encheu a sala e agitou os vitrais. Embora tivesse optado por raramente comunicar-se comigo a partir do nosso primeiro encontro na casa de Goody Alsop, preferindo fazer isso por meio de sons e gestos, Corra resolveu falar.

– A morte pesa nessas folhas. Tecelagem e magia de sangue também. – Ela sacudiu a cabeça, como se para soltar o fedor das narinas.

– Ela disse magia de sangue? – A curiosidade de Sarah era evidente.

– Depois faremos perguntas para essa ferinha – disse Gallowglass em tom sombrio.

– Essas folhas são de um livro que está em algum lugar nesta biblioteca. Preciso encontrá-lo. – Concentrei-me em Corra e deixei de lado as conversas de fundo. – Minha única esperança de trazer Matthew de volta pode estar dentro desse livro.

– E se eu lhe trouxer este livro terrível? – Corra piscou os olhos em prata e preto. Lembrei-me da deusa e do olhar raivoso de Jack.

– Você quer me deixar. – Fui tomada por uma compreensão repentina. Corra era uma prisioneira, da mesma forma que eu tinha sido uma prisioneira enfeitiçada sem nenhum meio de fuga.

– Tal como seu medo, não posso ir embora a menos que você me liberte – disse Corra. – Sou seu familiar. Com minha ajuda você aprendeu a fiar o que era, a tecer o que é, e a amarrar o que deve ser. Você já não precisa de mim.

Mas fazia alguns meses que Corra estava comigo e, tal como meu medo, já tinha minha confiança. – E se eu não conseguir encontrar Matthew sem sua ajuda?

– Meu poder nunca deixará você. – As escamas de Corra irradiaram um brilho iridescente em plena escuridão da biblioteca. Pensei na sombra que ela fazia na parte inferior de minhas costas e balancei a cabeça em assentimento. Tal como a flecha da deusa e os meus fios de tecelã, a afinidade de Corra com o fogo e a água estaria sempre dentro de mim.

– Para onde vai? – perguntei.

– Para antigos lugares esquecidos, onde estarei à espera daqueles que chegarão quando seus tecelões os libertarem. Você trouxe a magia de volta, como estava previsto. E agora deixarei de ser a última de minha espécie para ser a primeira. – O vapor da respiração de Corra inundou o ar em volta.

– Traga-me o livro, depois vá com a minha bênção. – Olhei no fundo dos olhos do dragão de fogo e lá estava o desejo de ser uma criatura por conta própria. – Obrigada, Corra. Se eu trouxe a magia de volta, você deu asas a ela.

– E agora é hora de usá-las – disse Corra. Com três batidas de suas membranas abertas ela chegou ao teto.

– Por que Corra está voando lá em cima? – disse Sarah aos sibilos. – Faça-a descer até o eixo da esteira transportadora e as salas subterrâneas com os arquivos da biblioteca. É lá que o livro está.

– Pare de tentar moldar a magia, Sarah. – Goody Alsop me ensinara os perigos de pensar que somos mais espertos que nosso próprio poder. – Corra sabe o que está fazendo.

– Tomara que sim, pelo bem de Matthew – disse Gallowglass.

Corra entoou algumas notas de água e de fogo, e uma vibração quase silenciosa encheu o ar.

– O *Livro da vida*. Estão ouvindo? – perguntei, olhando em volta para localizar a fonte do som. Não eram as folhas sobre a mesa do guarda, se bem que já começavam a murmurar.

Sarah balançou a cabeça em negativa.

Corra circulou pela parte mais antiga da Duke Humfrey. Os murmúrios tornavam-se mais altos a cada batida de asas.

– Estou ouvindo – disse Linda, animada. – Um zumbido falado. Está vindo daquela direção.

Fernando pulou por cima da barreira de treliças em direção ao corredor principal da Duke Humfrey. Segui atrás dele.

– O *Livro da vida* não pode estar aqui em cima – disse Sarah. – Alguém teria notado.

– Não se estiver fora de vista – retruquei enquanto puxava livros inestimáveis de uma prateleira próxima e os abria para examinar o conteúdo. E depois os recoloquei no lugar e peguei outro livro. As vozes agora gritavam, chamando-me e pedindo-me para encontrá-las.

– Tia? Acho que Corra encontrou o seu livro. – Gallowglass apontou.

Corra estava empoleirada na gaiola onde trancavam os manuscritos para os pesquisadores que voltariam no dia seguinte. Ela estava de cabeça inclinada, como se para ouvir a vibração intermitente das vozes, e respondia com balbucios e estalos enquanto balançava a cabeça para cima e para baixo.

Fernando seguira o som até o mesmo lugar e estava de pé atrás da mesa de pedidos onde Sean trabalhava diariamente. Observava uma das prateleiras que tinha, ao lado de uma lista telefônica da Universidade de Oxford, uma caixa comum de papelão cinza que parecia implorar para não ser notada – mas uma luz que emanava de seus cantos a tornava

atraente. Em cima estava escrito uma nota: "*Encaixotado. Retornar para as pilhas após inspeção.*"

– Não pode ser. – Mas cada instinto me disse que era.

Ergui os braços e a caixa levitou e pousou na palma de minhas mãos. Abaixei as mãos com cuidado até a mesa. Quando as retirei, a tampa explodiu e projetou-se a alguns metros de distância. Dentro da caixa, fechos de metal mantinham o livro fechado.

Consciente das muitas criaturas que lá estavam, retirei o Ashmole 782 da caixa que o protegia e o coloquei sobre a superfície de madeira. Levei a palma da mão até a capa. O burburinho cessou.

Escolha, disseram muitas vozes em uníssono.

– Escolho você – sussurrei para o livro, soltando os fechos do Ashmole 782. O metal pareceu quente e reconfortante ao toque. *Papai*, eu pensei comigo.

Linda empurrou as folhas que pertenciam ao *Livro da vida* em minha direção.

Abri o livro lentamente.

Virei o papel áspero inserido na encadernação para proteger o conteúdo e a folha de pergaminho cujo título estava escrito à mão por Elias Ashmole, com um acréscimo a lápis do meu pai. A primeira das ilustrações alquímicas do Ashmole 782 – um bebê do sexo feminino de cabelo preto – olhou-me da folha seguinte.

Eu tinha ficado surpresa com a forma pela qual a imagem daquela criança filosofal contrariava o padrão imagético alquímico na primeira vez que a tinha visto. E agora não podia me passar despercebido que aquele bebê se parecia com minha própria filha. Ela segurava uma rosa de prata com uma das mãos e uma rosa de ouro com a outra, como se proclamasse ao mundo que era filha de uma bruxa e de um vampiro.

Mas a criança alquímica não estava destinada a servir como primeira iluminura do *Livro da vida*. A ela se seguiria a do casamento alquímico. E

depois de séculos de separação, era hora de recolocar as três folhas que Edward Kelley removera do precioso livro.

O espaço vazio da folha arrancada era visível no vale da lombada do *Livro da vida*. Encaixei e pressionei a ilustração do casamento alquímico na abertura e folha e livro uniram-se diante dos meus olhos, seus fios cortados juntando-se mais uma vez.

Linhas de texto corriam por toda a página.

Peguei a iluminura onde o sangue derramado pelo ouroboros e o dragão de fogo criava uma nova vida e recoloquei-a no lugar.

Soou um estranho lamento do livro. Corra agitou-se em advertência.

Sem hesitar nem temer, deslizei a última folha para o Ashmole 782. O *Livro da vida* estava de novo inteiro e completo.

Um uivo horripilante rasgou o que restava da noite ao meio. Um vento emergiu dos meus pés pelo meu corpo acima e levantou os meus cabelos para longe do rosto e dos ombros como fios de fogo.

A força do ar folheou as páginas do livro cada vez mais rápido e mais rápido. Pressionei os dedos contra o velino para deter o movimento e ler as palavras que surgiam do centro do palimpsesto enquanto as ilustrações alquímicas desbotavam. Mas aquilo ultrapassava a compreensão. O aluno de Chris estava certo. O *Livro da vida* não era simplesmente um texto.

Era um vasto repositório de conhecimento: nomes de criaturas e suas histórias, nascimentos e mortes, maldições e feitiços, milagres operados por magia e por sangue.

Era a história das tecelãs e dos vampiros que carregavam a ira do sangue nas veias e dos extraordinários filhos que concebiam.

O *Livro da vida* não remontava apenas aos antepassados mais próximos, mas também a inúmeras gerações. E revelava que criações milagrosas eram possíveis.

Lutei para absorver as histórias que eram narradas à medida que as páginas eram viradas.

Aqui começa a linhagem da antiga tribo conhecida como os Nascidos Brilhantes. Seu pai era a Eternidade e sua mãe era a Mudança, e o Espírito os alimentou em seu ventre...

Minha mente correu na tentativa de identificar o texto alquímico que lhe era tão similar.

... pois quando os três se tornaram um, o seu poder era sem limites como a noite...

E aconteceu que a ausência de crianças era um fardo para o Athanatoi. Eles procuraram as filhas...

Quais filhas? Tentei deter as páginas, mas era impossível.

... descobriram que o mistério da magia de sangue era conhecido pelos Sábios.

O que era magia de sangue?

As palavras corriam incessantemente, se entrelaçavam, se retorciam. As palavras se dividiam ao meio, formavam outras palavras, se transmutavam e se reproduziam em um ritmo furioso.

Apareciam nomes, rostos e lugares arrancados de pesadelos e tecidos para o mais doce dos sonhos.

O amor deles começou com ausência e desejo, dois corações se tornaram um...

Eu ouvia um sussurro de saudade, um grito de prazer, à medida que as páginas viravam.

... quando o medo os venceu, a cidade banhou-se de sangue dos Nascidos Brilhantes.

Soou um grito de terror da página, seguido pelo gemido de medo de uma criança.

... as bruxas e bruxos descobriram que alguém entre eles tinha ficado com o Athanatoi...

Eu tapei os ouvidos a fim de bloquear a ladainha de nomes e mais nomes.

Perdido...
Esquecido...
Temido...
Banido...
Proibido...

À medida que as páginas voavam diante dos meus olhos, tanto a tecelagem intrincada da qual o livro tinha sido feito como os laços que ligavam cada página a linhagens enraizadas no passado distante tornavam-se visíveis.

A última página folheada estava em branco.

E logo começaram a surgir novas palavras, como se mãos invisíveis ainda estivessem escrevendo, como se o trabalho ainda estivesse inacabado.

E assim os Nascidos Brilhantes tornaram-se os Filhos da Noite.

Quem acabará com a sua errância?, escreveu a mão invisível.

Quem portará o sangue do leão e do lobo?

Procure o portador do décimo nó, pois o último mais uma vez deve ser o primeiro.

Fiquei atordoada com a vaga lembrança das palavras ditas por Louisa de Clermont e Bridget Bishop, dos trechos da poesia alquímica do *Aurora Consurgens* e da intermitência de informações que saíam do *Livro da vida*.

Uma nova página emergiu da lombada do livro, estendendo-se como as asas de Corra e desfraldando-se como as folhas dos galhos de uma árvore. Sarah engasgou.

Iluminura, cores brilhantes de prata, ouro e pedras preciosas pigmentadas floresceram da página.

– O emblema de Jack! – gritou Sarah.

Era o décimo nó formado a partir de um dragão de fogo e de um ouroboros eternamente unidos. A paisagem que os cercava era fértil de flores e a vegetação era tão exuberante quanto teria sido a do paraíso.

A página virou e outras palavras fluíram de uma fonte escondida.

Aqui continua a linhagem dos mais antigos Nascidos Brilhantes.

A mão invisível fez uma pausa, como se para mergulhar a caneta em tinta fresca.

Rebecca Arielle Emily Marthe Bishop-Clairmont, filha de Diana Bishop, última de sua linha, e Matthew Gabriel Philippe Bertrand Sébastien de Clermont, o primeiro de sua linha. Nascida sob a regência da serpente.

Philip Michael Addison Sorley Bishop-Clairmont, filho dos mesmos Diana e Matthew. Nascido sob a proteção do arqueiro.

Antes que a tinta pudesse secar, as páginas folhearam enlouquecidas de volta ao começo.

Enquanto observávamos, um novo ramo brotou do tronco da árvore ao centro da primeira imagem. Folhas, flores e frutos irromperam ao longo de sua extensão.

O *Livro da vida* fechou-se abruptamente, os fechos encaixaram-se. Fim da tagarelice. Fez-se completo silêncio na biblioteca. Senti a energia oscilar dentro de mim, elevando-se a níveis sem precedentes.

– Espere. – Fiz de tudo para abrir o livro novamente a fim de estudar a nova imagem mais de perto. A princípio, o *Livro da vida* resistiu, mas abriu-se de tanto que tentei abri-lo.

Ele estava vazio. Em branco. Fui tomada pelo pânico.

– Aonde é que tudo foi parar? – Folheei freneticamente as páginas. – Preciso do livro para trazer Matthew de volta! – Olhei para Sarah. – O que fiz de errado?

– Oh, Cristo. – Gallowglass estava branco como a neve. – Os olhos dela.

Olhei para trás por cima do meu ombro para ver se algum bibliotecário espectral me observava.

– Não há nada atrás de você, querida. E o livro não sumiu. – Sarah engoliu em seco. – Ele está dentro de você.

Eu era o Livro da vida.



— Você é tão pateticamente previsível. – A voz de Benjamin penetrou no baço nevoeiro que dominava o cérebro de Matthew. – Só posso rezar para que sua esposa seja igualmente fácil de manipular.

Incapaz de se conter, Matthew gritou com uma dor lancinante no braço. A reação incentivou ainda mais Benjamin. Matthew mordeu os lábios, determinado a não dar mais satisfação ao filho.

Um martelo atingiu o ferro – um som familiar e caseiro que lhe trouxe a lembrança da infância. O anel metálico reverberou na medula dos ossos de Matthew.

– Pronto. Isso deve segurá-lo. – Dedos frios pegaram o seu queixo. – Abra os olhos, pai. Se tiver que abri-los para você, acho que não vai gostar.

Matthew se esforçou para abrir as pálpebras. O inescrutável rosto de Benjamin estava a centímetros de distância. O filho emitiu um débil ruído de arrependimento.

– Que pena! Cheguei a achar que você resistiria a mim. Mas este é apenas o primeiro ato. – Benjamin virou a cabeça de Matthew para baixo.

Enfiou uma comprida lança de ferro em brasa no antebraço direito de Matthew que se estendeu até a madeira da cadeira abaixo. Depois que a lança esfriou, o fedor de carne e osso queimados se dissipou aos poucos. O outro braço também tinha sofrido um tratamento similar.

– Sorria. Não queremos que a família lá em casa perca um minuto de nosso reencontro. – Benjamin o agarrou pelos cabelos e puxou-lhe a

cabeça para cima. Matthew ouviu o zumbido de uma câmera.

– Algumas advertências: primeira, esta lança está posicionada cuidadosamente entre o cúbito e o rádio. O metal quente se fundirá com os ossos ao redor o suficiente para fragmentá-los, caso você resista. Sou levado a crer que isso seja muito doloroso. – Benjamin chutou a perna da cadeira, e a mandíbula de Matthew fechou-se quando uma dor terrível atingiu-lhe a mão. – Viu só? Segunda, não tenho interesse em matá-lo. Nada que você possa fazer ou dizer me fará lhe entregar nas mãos suaves da morte. Quero me banquetear com sua agonia e saboreá-la.

Matthew sabia que Benjamin esperava que ele fizesse uma determinada pergunta, mas a pesada língua não obedecia o comando do cérebro. Mesmo assim, ele persistiu. Tudo dependia disso.

– Onde... está... Diana?

– Peter Knox me disse que ela está em Oxford. Ele pode não ser o bruxo mais poderoso que já existiu, mas sabe como rastreá-la. Você poderia conversar diretamente com ele, mas isso estragaria o drama para os nossos telespectadores lá em casa. Aliás, eles não podem ouvi-lo. Ainda. Estou guardando esse detalhe para o momento em que você quebrar e implorar. – Benjamin estava posicionado de costas para a câmera. Dessa maneira, os lábios não podiam ser lidos. Mas o rosto de Matthew era visível.

– Diana. Não. Aqui? – Ele articulou cada sílaba de propósito. Assim, quem estivesse assistindo saberia que sua esposa ainda estava livre.

– Essa Diana que você viu foi uma miragem, Matthew. – Benjamin soltou uma gargalhada. – Knox lançou um feitiço que projetou uma imagem da sua mulher naquela sala vazia do andar de cima. Se você tivesse assistido a um pouco mais, teria visto a imagem voltar como um filme.

Matthew sabia que era uma ilusão. Na imagem Diana estava loura porque Knox não a via desde que eles tinham retornado do passado. Mesmo se a cor do cabelo de Diana estivesse certa, Matthew teria sabido que não era ela porque nenhuma faísca afetiva de calor o atraiu para ela.

O fato é que ele tinha entrado na residência de Benjamin com a intenção de ser pego. Era o único jeito de forçar Benjamin a fazer um movimento e de acabar com aquele jogo pervertido.

– Se você fosse imune ao amor, poderia ter sido um grande homem. E não seria governado por essa emoção inútil. – Benjamin aproximou-se de cabeça baixa e Matthew pôde sentir o cheiro de sangue em seus lábios. – Essa é a sua grande fraqueza, meu pai.

Matthew apertou a mão pelo insulto e o antebraço pagou o preço, o cúbito se fraturou como uma árida argila debaixo de um sol escaldante.

– Isso foi uma burrice, não foi? Você não realizou nada. E agora seu corpo está sofrendo uma enorme tensão e sua mente está ansiosa em relação à mulher e aos filhos. Nessas condições levará o dobro do tempo para se recuperar. – Benjamin abriu a mandíbula de Matthew e observou as gengivas e a língua. – Você está sedento. E faminto. Tenho uma criança lá embaixo... uma menina de três ou quatro anos. Quando estiver pronto para se alimentar dela, é só me dizer. Estou tentando determinar se o sangue das virgens é mais restaurador que o sangue das putas. Os dados ainda são inconclusivos. – Benjamin fez uma anotação em um prontuário preso numa prancheta.

– Nunca.

– Nunca é muito tempo. Philippe me ensinou isso – retrucou Benjamin. – Veremos como você vai se sentir mais tarde. Seja qual for sua decisão, suas reações me ajudarão a obter uma resposta a outra pergunta da pesquisa: quanto tempo dura a piedade de um vampiro antes que ele morra de fome e deixe de acreditar que Deus irá salvá-lo?

Muito tempo, pensou Matthew.

– Os seus sinais vitais ainda se mostram surpreendentemente fortes, considerando as drogas que injetei no seu organismo. Agradam-me a desorientação e a lentidão que geram. Com as reações e os instintos entorpecidos muitas presas experimentam uma ansiedade aguda. Vejo

algumas evidências disso em você, mas não o bastante para os meus propósitos. Vou ter que aumentar a dose. – Benjamin jogou a prancheta sobre um pequeno armário de metal com rodinhas que parecia ser da época da Segunda Guerra Mundial. Matthew reparou na cadeira de metal ao lado do gabinete. O paletó que estava em cima lhe pareceu familiar.

Suas narinas se abriram.

Peter Knox. Ele não estava ali, mas estava por perto. Benjamin não havia mentido sobre isso.

– Eu gostaria de conhecê-lo melhor, pai. A observação só me ajuda a descobrir verdades superficiais. Até vampiros comuns guardam muitos segredos. E você, meu senhor, é tudo menos comum. – Benjamin investiu contra Matthew. Rasgou-lhe a camisa aberta, deixando expostos o pescoço e os ombros. – Ao longo dos anos aprendi a maximizar informações recolhidas do sangue de criaturas. Tudo tem a ver com o ritmo, sabia? Não se deve ter pressa. Nem voracidade demais.

– Não. – Matthew sabia que teria a mente violada por Benjamin, mas era impossível não reagir instintivamente à intrusão. Ele se remexeu na cadeira. Um antebraço estalou. Depois, o outro.

– Se você continuar quebrando os mesmos ossos, eles nunca mais cicatrizarão. Pense nisso, Matthew, antes de tentar escapar de mim novamente. É idiotice. E posso fincar lanças entre a tíbia e a fíbula para provar isso.

A unha afiada de Benjamin rasgou a pele de Matthew. O sangue jorrou frio e úmido à superfície.

– Matthew, antes mesmo de terminar, saberei tudo sobre você e sua bruxa. Dispondo de tempo suficiente, e nós vampiros sempre temos tempo de sobra, poderei testemunhar cada toque seu nela. Saberei exatamente o que dá prazer e dor a ela. Conhecerei o poder que ela exerce e os segredos que ela tem no corpo. As vulnerabilidades da alma de Diana estarão expostas para mim, como se ela fosse um livro aberto. – Benjamin

acariciou o pescoço de Matthew, aumentando gradualmente a circulação sanguínea na área. – Claro que pude farejar o medo na Bodleiana, mas agora quero entendê-lo. Ao mesmo tempo medrosa e corajosa. Será emocionante quebrá-la.

Não se quebra um coração, Matthew lembrou para si mesmo. E só conseguiu balbuciar uma palavra.

– Por quê?

– Por quê? – A voz de Benjamin crepitou furiosa. – Porque você não teve a coragem de me matar logo. Preferiu me destruir dia após dia, uma gota de sangue de cada vez. Em vez de confessar para Philippe que tinha falhado e revelado os planos secretos dos De Clermont para Outremer, você me tornou vampiro e me jogou nas ruas de uma cidade repleta de sangues-quentes. Lembra-se do que é sentir uma sede de sangue que o corta ao meio de tanta ânsia e desejo? Lembra-se do quão forte é a ira do sangue quando se é transformado pela primeira vez?

Matthew lembrava. E esperava... não. Que Deus o perdoe, pois Matthew *rezara* para que Benjamin fosse amaldiçoado com a ira do sangue.

– Você estava mais preocupado em ser bem recebido por Philippe do que de cuidar do próprio filho. – A voz de Benjamin estremeceu de raiva, e os olhos escureceram como a noite. – Desde aquele momento em que você me fez vampiro, passei a viver para destruir você, Philippe e todos os De Clermont. A vingança me deu um propósito, e o tempo tem sido meu amigo. Esperei. Planejei. Fiz meus próprios filhos e os ensinei a sobreviver tal como tinha aprendido: estuprando e matando. Foi o único caminho que você me deixou.

Matthew fechou os olhos para apagar não apenas o rosto de Benjamin, mas também o reconhecimento dos próprios fracassos como filho e como pai. Mas Benjamin não permitiria isso.

– Abra os olhos. – Ele rosnou. – Logo, logo você não terá mais segredos

para mim.

Matthew abriu os olhos em alarme.

– Vou conhecê-lo melhor quando conhecer sua companheira – continuou Benjamin. – A melhor maneira de conhecer um homem é conhecer a mulher dele. Também aprendi isso com Philippe.

As engrenagens do cérebro de Matthew se ativaram. Alguma verdade terrível lutava para se tornar conhecida.

– Philippe lhe contou sobre o tempo que passamos juntos durante a guerra? Isso não saiu de acordo com os meus planos. Philippe estragou os meus quando visitou a bruxa no acampamento... uma velha bruxa cigana – explicou Benjamin. – Ele ficou sabendo de minha presença e, como sempre, tomou o assunto em suas próprias mãos. A bruxa roubou a maioria dos pensamentos de Philippe, misturou o resto como se fossem ovos e depois se enforcou. Foi um revés, sem dúvida. Ele sempre teve uma mente tão ordenada. Eu estava ansioso para explorá-la em toda a sua complexa beleza.

O rugido de protesto de Matthew saiu resmungado, mas os gritos na cabeça não cessavam. Ele não esperava por isso.

Benjamin – o seu próprio filho – é quem havia torturado Philippe durante a guerra e não um oficial nazista.

Benjamin deu um soco na cara de Matthew, fraturando um osso.

– Quieto. Estou contando uma história de ninar. – Benjamin pressionou os dedos no osso quebrado do rosto de Matthew, tocando-o como um instrumento cuja única música era a dor. – Já era tarde demais quando o comandante de Auschwitz colocou Philippe sob a minha custódia. Depois de ter estado com a bruxa só restou uma coisa coerente naquela mente outrora brilhante: Ysabeau. Acabei descobrindo que, apesar de fria, ela podia ser surpreendentemente sensual.

Por mais que Matthew quisesse se impedir de ouvir as palavras, isso não era possível.

– Philippe odiou a sua própria fraqueza, mas não conseguiu tirar Ysabeau de sua memória – disse Benjamin. – Mesmo em meio à loucura, chorando como um bebê, ele só pensava em Ysabeau... mesmo sabendo o tempo todo que eu compartilhava esse prazer. – Benjamin sorriu e deixou os dentes afiados à vista. – Mas por ora chega de histórias de família. Prepare-se, Matthew. Vai doer.



No avião de volta para casa, Gallowglass avisara a Marcus que tinha acontecido algo inesperado comigo na Bodleiana.

– Você vai encontrar Diana... alterada – ele disse cauteloso ao telefone.

Alterada. Era uma descrição apropriada para uma criatura composta de nós, fios, correntes, asas, selos, armas, e agora, palavras e uma árvore. Eu já não sabia do que era feita, mas estava longe do que eu era antes.

Apesar de ter sido avisado sobre a mudança, Marcus saiu do carro em Sept-Tours em estado de choque. Phoebe aceitou a minha metamorfose com equanimidade, como quase sempre lhe era peculiar.

– Sem perguntas, Marcus – disse Hamish, pegando-me pelo cotovelo. Ele tinha percebido no avião o efeito que as perguntas geravam em mim. Nenhum feitiço de disfarce poderia esconder a forma pela qual os meus olhos embranqueciam leitosos e exibiam letras e símbolos a qualquer sinal de pergunta, além das letras que apareciam nos meus braços e no dorso de minhas mãos.

Eu agradecia silenciosamente pelo fato de que meus filhos não tinham me conhecido de outro jeito e, portanto, eles achariam normal ter um palimpsesto como mãe.

– Sem perguntas – Marcus concordou de pronto.

– As crianças estão no estúdio de Matthew com Marthe. Ficaram inquietas nas últimas horas, como se soubessem que você estava chegando – disse Phoebe seguindo-me para dentro de casa.

– Primeiro verei Becca e Philip. – Em vez de andar, saí voando até a

escada. Parecia não fazer sentido fazer qualquer outra coisa.

O tempo que passei com as crianças foi de tremer a alma. Por um lado, com elas me senti mais perto de Matthew. Mas com ele em perigo, eu não podia deixar de notar que os olhos azuis de Philip se assemelhavam aos do pai. E mesmo sendo um bebê, apresentava a mesma teimosia marcada no queixo. E a coloração de Becca era estranhamente igual à de Matthew – o cabelo era escuro como as asas de um corvo, os olhos não tinham o azul esperado e sim um brilhante cinza-esverdeado, e a pele era leitosa. Enquanto os abraçava sussurrava promessas em seus ouvidos sobre o que o pai faria para eles quando voltasse para casa.

Depois de passar o máximo de tempo que me atrevi a passar com meus filhos, retornei para o térreo, dessa vez caminhando lentamente, e pedi para assistir à transmissão das imagens ao vivo de Benjamin.

– Ysabeau está assistindo na biblioteca da família. – A palpável preocupação de Miriam fez o meu sangue gelar mais do que qualquer outra coisa desde a materialização de Gallowglass na Bodleiana.

Preparei-me para as imagens, mas Ysabeau fechou o laptop assim que entrei no aposento.

– Miriam, eu lhe disse para não trazê-la aqui.

– Diana tem o direito de saber – ela retrucou.

– Miriam está certa, vovó. – Gallowglass deu um rápido beijo de saudação na avó. – Além do mais, a tia não vai obedecer as suas ordens, como você também não obedeceu as de Baldwin quando ele tentou impedi-la de ver Philippe até que ele se recuperasse dos ferimentos. – Ele tirou o laptop das mãos de Ysabeau e abriu a tampa.

Soltei um ganido estrangulado de horror diante da imagem. Se não fosse pelos inconfundíveis olhos cinza-esverdeados e o cabelo preto de Matthew, eu não o teria reconhecido.

– Diana. – Baldwin entrou na sala, com ares cuidadosamente estudados para não mostrar qualquer reação quanto à minha aparência. Mas ele era

um soldado e sabia que fingir não eliminaria um fato ocorrido. Ele estendeu a mão com surpreendente delicadeza e tocou na minha testa à altura dos cabelos. – Isso dói?

– Não. – Uma árvore se introduzira no meu corpo junto com o *Livro da vida*. O tronco cobria a minha nuca e alinhava-se perfeitamente com a minha espinha. As raízes espalhavam-se pelos meus ombros. Os ramos da árvore dispersavam-se pelo meu cabelo e cobriam todo o couro cabeludo, estendendo-se por trás das orelhas e rodeando o rosto. Tal como a árvore na minha caixa de magia, as raízes e os ramos entrelaçavam-se estranhamente ao longo das laterais do meu pescoço, com um padrão semelhante ao do nó celta.

– Por que você está aqui? – perguntei. Eu não ouvia falar de Baldwin desde o batismo.

– Baldwin foi o primeiro a ver a mensagem de Benjamin – explicou Gallowglass. – Antes ele entrou em contato comigo e depois passou a notícia para Marcus.

– Nathaniel me avisou. Ele rastreou a última comunicação de Matthew via celular... uma chamada para você, e a localizou na Polônia – disse Baldwin.

– Addie viu Matthew em Dresden, a caminho de Berlim – relatou Miriam. – Matthew pediu informações sobre Benjamin a ela. E enquanto estava com ela recebeu uma mensagem de texto. Partiu na mesma hora.

– Verin juntou-se a Addie. Já rastrearam Matthew. Um dos cavaleiros de Marcus o viu saindo de Breslau, como costumamos chamar. – Baldwin olhou para Ysabeau. – Matthew viajava rumo sudeste. Devia estar se encaminhado para uma armadilha.

– Até então ele seguia para o norte. Por que mudou de direção? – Marcus franziu a testa.

– Matthew pode ter ido para a Hungria – respondi, tentando visualizar tudo no mapa. – Nós encontramos uma carta de Godfrey que mencionava

as conexões de Benjamin naquela região.

Soou o telefone de Marcus.

– O que você tem? – Ele ouviu por um momento e caminhou até um dos laptops que estavam sobre a mesa da biblioteca. Depois que a tela se iluminou, ele digitou o endereço de um site. Surgiram cenas de um vídeo, aumentadas para deixar as imagens mais claras. Um delas de uma prancheta. A outra, o pedaço de um tecido sobre uma cadeira. E a terceira, uma janela. Marcus largou o celular e ligou o alto-falante.

– Explique, Nathaniel. – Sua ordem soou como a de um comandante e não como a de um amigo de Nathaniel.

– O lugar está praticamente vazio... não apresenta muitas pistas que possam nos ajudar a obter uma coordenada da localização de Matthew. Esses itens parecem mais promissores.

– Você pode dar um zoom na prancheta?

Do outro lado do mundo, Nathaniel manipulou a imagem.

– É do tipo que usamos para prontuários. Penduram nas grades das camas em todas as alas dos hospitais. – Marcus abaixou a cabeça. – É para controle clínico. Benjamin fez o que qualquer médico faria... checou a altura, o peso, a pressão arterial e a frequência cardíaca de Matthew. – Marcus deu uma pausa. – E indicou os medicamentos para Matthew.

– Matthew não toma qualquer medicamento – eu disse.

– Mas agora toma – disse Marcus sucintamente.

– Mas os vampiros só podem sentir os efeitos dos remédios se... – Parei de falar.

– Se eles os ingerirem de um sangue-quente. Benjamin o está alimentando... ou o obrigando a se alimentar, e recorrendo a lanças para fazê-lo sangrar. – Marcus apoiou os braços na mesa e soltou um palavrão. – E as drogas em questão não são exatamente paliativas para um vampiro.

– O que ele está tomando? – Fiquei mentalmente dormente, e as únicas partes do meu organismo que pareciam estar vivas eram os fios que se

estendiam pelo meu corpo como raízes e ramos.

– Um coquetel de cetamina, opiáceos, cocaína e psilocibina. – O tom de Marcus era regular e impassível, mas sua pálpebra direita tremia.

– Psilocibina? – Eu só estava familiarizada com os outros.

– Um alucinógeno derivado de cogumelos.

– Essa combinação vai enlouquecer Matthew – disse Hamish.

– Matar Matthew seria demasiado rápido para os fins de Benjamin – disse Ysabeau. – E esse tecido? – Ela apontou para a tela.

– Acho que é uma manta. A tela só pega uma parte, mas pelo menos a inclui – disse Nathaniel.

– Não aparecem pontos de referência do exterior da casa – observou Baldwin. – Só aparecem neve e árvores. Uma paisagem que pode ser de mil lugares na Europa Central nesta época do ano.

No meio da tela, a cabeça de Matthew girou ligeiramente.

– Está acontecendo alguma coisa. – Puxei o laptop para mim.

Benjamin entrou na sala acompanhado de uma menina de uns quatro anos que vestia uma camisola branca, com laço na gola e nos punhos. A roupa estava manchada de sangue.

A menina estava atordoada e tinha o polegar na boca.

– Phoebe, leve Diana para a outra sala. – A ordem de Baldwin foi imediata.

– Não. Vou ficar aqui. Matthew não vai se alimentar dessa menina. De jeito nenhum. – Sacudi a cabeça em negativa.

– Ele está fora de si por causa da dor, da perda de sangue e das drogas – disse Marcus, com tato. – Matthew já não é mais responsável pelos seus atos.

– Meu marido não vai se alimentar de uma criança – falei com absoluta convicção.

Benjamin colocou a menina no colo de Matthew e acariciou o pescoço dela. A pele estava rasgada e o sangue do ferimento, endurecido.

As narinas de Matthew abriram-se em reconhecimento instintivo de alimento próximo. Ele pôs a cabeça de costas para a menina intencionalmente.

Baldwin fixou os olhos na tela. Observou o irmão com cautela e depois com espanto. À medida que os segundos passavam, ele assumia um ar respeitoso.

– Olhem esse controle – sussurrou Hamish. – Cada instinto dele deve estar gritando por sangue e sobrevivência.

– Ainda acha que Matthew não tem o que é preciso para liderar a própria família? – perguntei para Baldwin.

Benjamin estava de costas para nós, de modo que não pudemos ver como reagiu, mas a frustração do vampiro tornou-se evidente com o violento soco que ele deu na cara de Matthew. Não era de espantar que as feições do meu marido não me parecessem familiares. Em seguida Benjamin segurou a menina de modo a deixá-la com o pescoço sob o nariz de Matthew. Era um vídeo sem som, mas o rosto da menina se contorceu quando ela gritou de terror.

Os lábios de Matthew se mexeram e a cabeça da menina se virou e os soluços se aquietaram levemente. Ysabeau começou a cantar ao meu lado.

– *Der Mond ist aufgegangen / Die goldnen Sternlein prangen / Am Himmel hell und klar.* – Ela entoou as palavras simultaneamente ao movimento da boca de Matthew.

– Não, Ysabeau – disse Baldwin.

– Que música é essa? – perguntei, esticando-me para tocar no rosto do meu marido na tela. Mesmo em meio ao tormento, ele continuava chocantemente inexpressivo.

– É um hino alemão. Alguns versos tornaram-se uma popular canção de ninar. Philippe sempre a cantava... depois que ele voltou para casa. – Por um segundo a expressão de Baldwin foi devastada pela tristeza e a culpa.

– É uma canção sobre o juízo final de Deus – disse Ysabeau.

As mãos de Benjamin se moveram e, quando pararam, a menina estava com o corpo pendurado e a cabeça inclinada para trás em um ângulo impossível. Embora não tivesse matado a criança, Matthew também não pôde salvá-la. Era outra morte que Matthew levaria consigo para sempre. A raiva queimou clara e brilhante em minhas veias.

– Basta. Isso vai acabar. Esta noite. – Peguei um molho de chaves largado em cima da mesa. Eu estava pouco me lixando para saber de quem era o carro, embora torcendo para que fosse de Marcus, porque seria mais rápido. – Digam para Verin que estou a caminho.

– Não! – O grito angustiado de Ysabeau me deteve. – A janela. Pode ampliar essa parte da foto para mim, Nathaniel?

– Não há nada lá fora além de neve e árvores – disse Hamish, franzindo a testa.

– A parede ao lado da janela. Foque nela. – Ysabeau apontou para uma parede encardida na tela, como se Nathaniel pudesse vê-la. Mas mesmo sem vê-la, Nathaniel gentilmente ampliou a imagem.

Quando isso ocorreu, não pude imaginar o que Ysabeau teria visto. Era uma parede manchada pela umidade e aparentemente fazia tempo que não era pintada. Talvez um dia tivesse sido branca como os ladrilhos, mas agora era acinzentada. A imagem na tela tornava-se mais definida à medida que Nathaniel a burilava. Umas poucas manchas encardidas acabaram por se tornar uma sequência de números pela parede abaixo.

– Que filho esperto – disse Ysabeau. Seus olhos estavam vermelhos de sangue e dor. Ela levantou-se de pernas trêmulas. – Aquele monstro. Vou rasgá-lo em pedaços.

– O que é, Ysabeau? – perguntei.

– A canção era uma pista. Matthew sabe que o estamos observando – ela disse.

– O que é, *grand-mère*? – repetiu Marcus, olhando para a imagem. – São os números?

– Um número. O número de Philippe. – Ysabeau apontou para o último número da sequência.

– O número de Philippe? – disse Sarah.

– Era o número dele em Auschwitz-Birkenau. Os nazistas o mandaram para lá depois que o capturaram na tentativa de libertar Ravensbrück – disse Ysabeau.

Aqueles eram os nomes dos pesadelos e dos lugares que seriam um sinônimo da selvageria humana para sempre.

– Os nazistas os tatuaram em Philippe... inúmeras vezes. – Ysabeau soou com uma fúria crescente, como um sinal de alerta. – Foi quando descobriram que ele era diferente.

– O que está dizendo? – Eu não podia acreditar, mas...

– Foi Benjamin quem torturou Philippe – disse Ysabeau.

A imagem de Philippe nadou à minha frente – a cavidade ocular vazia onde Benjamin o cegara, as horríveis cicatrizes no rosto. Lembrei-me da caligrafia tremida na carta que me deixara, o corpo estava destruído demais para que ele pudesse controlar o movimento de uma caneta.

E agora aquela mesma criatura que tinha acabado com Philippe estava com o meu marido nas mãos.

– Saia da minha frente. – Empurrei Baldwin quando saí correndo para a porta. Mas ele me segurou firme.

– Você não vai cometer o mesmo erro e se dirigir para a mesma armadilha, Diana – disse Baldwin. – Isso é exatamente o que Benjamin quer.

– Estou indo para Auschwitz. Matthew não vai morrer no mesmo lugar onde tantos morreram – retruquei, retorcendo-me para soltar-me de Baldwin.

– Matthew não está em Auschwitz. Capturaram Philippe e imediatamente o transferiram para Majdanek, nos arredores de Lublin. Foi onde encontramos nosso pai. Vasculhei cada centímetro do campo em

busca de outros sobreviventes. Não havia lá um espaço como esse.

– Então, levaram Philippe para outro lugar antes de mandá-lo para Majdanek... para outro campo de trabalhos forçados. Um campo comandado por Benjamin. Foi ele quem torturou Philippe. Eu tenho certeza disso – insistiu Ysabeau.

– Como Benjamin poderia estar no comando de um campo? – Eu nunca tinha ouvido falar de nada igual. Os campos de concentração nazistas eram comandados pela SS.

– Havia dezenas de milhares por toda a Alemanha e a Polônia... campos de trabalhos forçados, bordéis, centros de pesquisa, fazendas – explicou Baldwin. – Se Ysabeau estiver certa, Matthew pode estar em qualquer lugar.

Ysabeau se voltou para Baldwin.

– Você pode ficar se perguntando aqui pelo paradeiro do seu irmão, mas estou indo para a Polônia com Diana. Nós duas encontraremos Matthew.

– Ninguém vai a lugar nenhum. – Marcus socou a mesa. – Não sem um plano. Onde exatamente fica Majdanek?

– Vou consultar no mapa. – Phoebe estendeu a mão até o computador.

Segurei a mão dela. Havia alguma coisa perturbadoramente familiar naquela manta... era um tweed marrom-escuro tramado de um modo distinto.

– Isso é um botão? – Olhei mais de perto. – Não é uma manta. É um paletó. Continuei olhando fixamente. – Peter Knox usava um paletó assim. Lembro-me do tecido desde Oxford.

– Nenhum vampiro será capaz de libertar Matthew, se Benjamin estiver cercado de bruxos como Knox! – exclamou Sarah.

– Isso é como estar em 1944 novamente – disse Ysabeau serena. – Benjamin está brincando com Matthew e com a gente.

– Se assim for, a captura de Matthew não era o objetivo dele. – Baldwin

cruzou os braços e estreitou os olhos para a tela. – Benjamin preparou uma armadilha para capturar outra pessoa.

– Ele quer a tia – disse Gallowglass. – Ele quer descobrir por que ela consegue dar à luz o filho de um vampiro.

Benjamin quer que eu engravide dele, pensei comigo.

– Bem, não será experimentando com Diana que ele vai descobrir isso – disse Marcus enfaticamente. – Matthew morreria onde está para não deixar isso acontecer.

– Não há necessidade de experiências. Já sei por que as tecelãs podem conceber filhos com vampiros portadores da ira do sangue. – A resposta subiu pelos meus braços em letras e símbolos de línguas mortas ou nunca faladas, a não ser pelas bruxas que realizam feitiços. Os fios do meu corpo giraram em hélices tingidas de brilho amarelo e branco, vermelho e preto, verde e prata.

– Portanto, a resposta estava no *Livro da vida* –, disse Sarah –, como os vampiros afirmavam.

– E tudo começou com uma descoberta das bruxas. – Mordi os lábios para não revelar mais nada. – Marcus está certo. Se formos atrás de Benjamin sem um plano e o apoio de outras criaturas, ele vai ganhar. E Matthew vai morrer.

– Estou enviando agora um mapa rodoviário do sul e do leste da Polônia – disse Nathaniel ao microfone. Abriu-se outra janela na tela. – Aqui é Auschwitz. – Surgiu uma bandeira roxa. – E aqui, Majdanek. – Uma bandeira vermelha marcava um lugar nos arredores de uma distante cidade ao leste, quase dentro da Ucrânia. No meio, quilômetros e quilômetros de terra polonesa.

– Por onde vamos começar? – perguntei. – Por Auschwitz e depois seguimos para o leste?

– Não. Benjamin não estará longe de Lublin – insistiu Ysabeau. – As bruxas que interrogamos quando encontraram o corpo de Philippe

disseram que a criatura que o tinha torturado mantinha laços de longa data com a região. Achamos que elas se referiam a um recruta nazista da região.

– E o que mais disseram as bruxas? – perguntei.

– Apenas que o capturador de Philippe torturara as bruxas de Chelm antes de se voltar para o meu marido – disse Ysabeau. – Elas o chamavam de "o Diabo".

Chelm. Achei a cidade em questão de segundos. Ficava bem ao leste de Lublin. Meu sexto sentido de bruxa avisou-me que Benjamin estaria lá ou nos arredores.

– É por aí que devemos começar a procurar. – Coloquei o dedo sobre a cidade no mapa, como se Matthew pudesse senti-lo. O vídeo atualizou e vimos que ele estava sozinho com a menina morta. Ainda mexia os lábios, ainda cantava... para uma menina que nunca mais ouviria.

– Por que está tão certa? – perguntou Hamish.

– Porque conheci um bruxo em Praga no século XVI que nasceu nesse lugar. Era um bruxo tecelão... como eu. – Quando passei a discorrer nomes e linhagens familiares apareceram em minhas mãos e meus braços marcas escuras como as de uma tatuagem. Apareceram por um momento e desapareceram, mas eu sabia o que indicavam: Abraham ben Elijah talvez não tivesse sido o primeiro nem o último tecelão na cidade. Chelm era onde Benjamin tinha feito suas loucas tentativas para procriar uma criança.

Na tela, Matthew olhou para sua mão direita. Apresentava espasmos, o dedo indicador batia de um modo irregular no braço da cadeira.

– Parece que os nervos da mão estão danificados – disse Marcus, observando os dedos do pai que se contorciam.

– Isso não é movimento involuntário. – Gallowglass inclinou-se a ponto de o queixo quase pousar no teclado. – Isso é código Morse.

– O que ele está dizendo? – Fiquei desesperada só de pensar que

podíamos ter perdido parte da mensagem.

– D. Quatro. D. Cinco. C. Quatro. – Gallowglass enunciou uma letra de cada vez.

– Cristo. Matthew não está fazendo sentido algum. D. X...

– C4 – disse Hamish, elevando a voz. – DXC4 – ele gritou de emoção.

– Matthew não caiu em armadilha nenhuma. Entrou nela deliberadamente.

– Não entendi – eu disse.

– D4 e D5 são os dois primeiros movimentos do Gambito da Rainha... uma das aberturas clássicas no jogo de xadrez. – Hamish foi até a lareira, onde um pesado tabuleiro de xadrez estava sobre a mesa. Mexeu dois peões, um branco e depois, um preto. – O próximo movimento do branco força o preto a colocar suas peças-chaves em risco e ganhar maior liberdade ou então a jogar sem se arriscar e limitar a própria capacidade de manobra. – Hamish moveu outro peão branco para o lado do primeiro.

– Mas quando Matthew está com as brancas, ele nunca inicia com o Gambito da Rainha, e quando está com as pretas, ele recusa esse movimento. Matthew sempre joga sem se arriscar e protege sua rainha – disse Baldwin, cruzando os braços. – Ele a defende a todo custo.

– Eu sei. Por isso ele perde. Mas não desta vez. – Hamish pegou o peão preto e derrubou o peão branco que estava na diagonal a ele no centro do tabuleiro. – DXC4. Gambito da Rainha aceito.

– Pensei que Diana fosse a rainha branca – disse Sarah, estudando o tabuleiro. – Mas você está fazendo parecer que Matthew está jogando com as peças pretas.

– E está – disse Hamish. – Acho que ele está nos dizendo que a menina era o peão branco de Benjamin... Ele sacrificou essa peça acreditando que isso lhe daria uma vantagem sobre Matthew. Sobre nós.

– Será que deu? – perguntei.

– Isso depende do que faremos a seguir – disse Hamish. – No xadrez, o

preto ou continuaria atacando os peões para ganhar uma vantagem no final do jogo, ou então seria mais agressivo e moveria os seus cavalos.

– Que movimento Matthew faria? – perguntou Marcus.

– Não sei – disse Hamish. – Como disse Baldwin, Matthew nunca inicia com o Gambito da Rainha.

– Não importa. Ele não estava tentando ditar o nosso próximo movimento. Ele estava nos dizendo para não proteger sua rainha. – Baldwin girou a cabeça e se dirigiu diretamente a mim. – Você está pronta para o que vem a seguir?

– Estou.

– Você já hesitou uma vez – disse Baldwin. – Marcus me contou o que aconteceu naquela vez que você enfrentou Benjamin na biblioteca. Desta vez, a vida de Matthew depende de você.

– Isso não vai acontecer de novo. – Eu o encarei e ele se deu por convencido.

– Você será capaz de rastrear Matthew, Ysabeau? – perguntou Baldwin.

– Melhor que Verin – ela respondeu.

– Então, vamos partir de uma vez – disse Baldwin. – Marcus, chame os seus cavaleiros às armas. Diga-lhes para se encontrarem comigo em Varsóvia.

– Kuźma está lá – disse Marcus. – Ele vai arregimentar os cavaleiros até a minha chegada.

– Você não pode ir, Marcus – disse Gallowglass. – Você tem que ficar aqui com os bebês.

– Não! – disse Marcus. – Ele é meu pai. Posso farejá-lo tão facilmente quanto Ysabeau. Vamos precisar de todas as vantagens.

– Você não vai, Marcus. Nem Diana. – Baldwin apoiou os braços sobre a mesa e olhou fixamente para mim e para Marcus. – Até agora tudo tem sido uma escaramuça... um preâmbulo para este momento. Benjamin teve quase mil anos para planejar sua vingança. Só temos horas. Todos nós

devemos estar onde somos mais necessários... não onde nossos corações mandam.

– Meu *marido* precisa de mim – eu disse, com firmeza.

– Seu marido precisa ser encontrado. Outros podem fazer isso, da mesma forma que outros podem lutar – retrucou Baldwin. – Marcus deve ficar aqui porque Sept-Tours só tem o estatuto legal de santuário se o grão-mestre estiver dentro de suas paredes.

– E nós vimos o quanto isso nos valeu contra Gerbert e Knox – disse Sarah, com amargura.

– Morreu uma pessoa. – A voz de Baldwin soou fria e clara, como um pingente de gelo. – Foi lamentável e uma trágica perda, mas se Marcus não estivesse aqui, Gerbert e Domenico teriam invadido o local com seus filhos e vocês estariam todos mortos.

– Você não sabe de nada – disse Marcus.

– Sei, sim. Domenico se gabava dos planos deles. Marcus, você vai ficar aqui para proteger Sarah e as crianças e para Diana poder fazer o trabalho dela.

– Meu trabalho? – Ergui as sobrancelhas.

– Você, minha irmã, irá para Veneza.

Uma pesada chave de ferro voou pelo ar. Ergui o braço e a chave aterrissou na palma de minha mão. Era pesada e ornamentada, com um arco requintado forjado na forma do ouroboros dos De Clermont, uma longa haste e um segredo um tanto complicado em forma de estrela. Eu possuía uma casa naquela cidade, lembrei vagamente. Talvez fosse a chave da casa?

Todos os vampiros na sala olharam para a minha mão em estado de choque. Revirei-a de todos os jeitos, mas não havia nada de estranho com ela senão as cores habituais do arco-íris, as marcas no pulso e os fragmentos estranhos de letras. Gallowglass foi o primeiro a recuperar a fala.

– Você não pode mandar a tia para lá – disse, com um toque desafiador em Baldwin. – O que está pensando, homem?

– Que ela é uma De Clermont... e que serei mais útil se rastrear Matthew com Ysabeau e Verin do que discutindo os termos do pacto sentado na câmara do conselho. – Baldwin se voltou com olhos brilhantes para mim. Deu de ombros. – Talvez Diana possa mudar o pensamento deles.

– Espere. – Era a minha vez de mostrar espanto. – Você não pode...

– Você quer se sentar no banco dos De Clermont na mesa da Congregação? – Os lábios de Baldwin se curvaram. – Ah, eu sento, irmã.

– Eu não sou um vampiro!

– Não há nada que a obrigue a ser. O pai só aceitou o pacto com a condição de que sempre haveria um De Clermont entre os membros da Congregação. O conselho não pode se reunir sem um de nós presente. Mas dei uma olhada no tratado original. Ele não estipula que o representante da família precisa ser vampiro. – Baldwin balançou a cabeça. – Se eu tivesse pensado um pouco mais, chegaria à conclusão de que Philippe previu este dia e planejou tudo.

– O que espera que a tia faça? – Gallowglass interferiu. – Ela pode ser tecelã, mas não é milagreira.

– Diana precisa fazer a Congregação lembrar que esta não é a primeira vez que ocorrem reclamações sobre um vampiro em Chelm – disse Baldwin.

– A Congregação soube de Benjamin e *nada fez*? – Eu não podia acreditar.

– Eles não sabiam que as queixas diziam respeito a Benjamin, mas sabiam que alguma coisa estava errada lá – respondeu Baldwin. – Nem mesmo as bruxas se importaram a ponto de investigar. Knox pode não ser o único bruxo que está cooperando com Benjamin.

– Se assim for, não chegaremos muito longe em Chelm sem o apoio da

Congregação – disse Hamish.

– E se as bruxas têm sido vítimas de Benjamin, um grupo de vampiros terá que obter a bênção do conciliábulo de Chelm e o apoio da Congregação, se nós quisermos ter sucesso – acrescentou Baldwin.

– Isso significa persuadir Satu Järvinen a passar para o nosso lado, sem mencionar Gerbert e Domenico – disse Sarah.

– É impossível, Baldwin. Há muito sangue entre os De Clermont e as bruxas – acrescentou Ysabeau. – Elas nunca nos ajudarão a salvar Matthew.

– *Impossible n'est pas français*. – Eu a fiz lembrar. – Lidarei com Satu. Quando me juntar a vocês, Baldwin, vocês terão total apoio das bruxas da Congregação. E dos demônios também. Mas não posso prometer o mesmo quanto a Gerbert e Domenico.

– Essa é uma tarefa difícil – advertiu Gallowglass.

– Eu quero o meu marido de volta. – Voltei-me para Baldwin. – E agora?

– Vamos direto para a casa de Matthew em Veneza. A Congregação exigiu que você e Matthew aparecessem diante deles. Se dois de nós chegassem juntos, isso seria visto como um assentimento à vontade deles – ele disse.

– Será que ela estará em perigo lá? – perguntou Marcus.

– A Congregação quer um processo formal. Nós seremos vigiados... de perto, mas ninguém vai querer começar uma guerra. De qualquer forma, não antes do término da reunião. Irei com Diana no máximo até Isola della Stella, onde está localizada a sede da Congregação, Celestina. Depois disso, ela pode ser acompanhada por dois assistentes até o claustro. Gallowglass? Fernando? – Baldwin virou-se para o sobrinho e para o companheiro do irmão.

– Com prazer – respondeu Fernando. – Não compareço a reuniões da Congregação desde que Hugh estava vivo.

– É claro que irei para Veneza. – Gallowglass rosnou. – Se você pensa que a tia irá sem mim, você é um verdadeiro idiota.

– Foi o que pensei. Lembre-se, Diana: eles não podem começar a reunião sem você. A porta da câmara do conselho não vai desbloquear sem a chave dos De Clermont – explicou Baldwin.

– Ora. É por isso que a chave está encantada – comentei.

– Encantada? – perguntou Baldwin.

– Sim. Forjaram um feitiço de proteção na chave quando a fizeram. – As bruxas que tinham feito isso eram hábeis. Mesmo com o passar dos séculos a magia da *gramarye* não enfraquecera.

– A Congregação se mudou para Isola della Stella em 1454. Fizeram as chaves nessa época e as usam desde então – disse Baldwin.

– Ah. Isso explica tudo. Lançaram o feitiço para que vocês não fizessem duplicatas da chave. Se tentassem, ela se destruiria. – Girei a chave na palma de minha mão. – Muito inteligente.

– Tem certeza disso, Diana? – Baldwin me observou mais de perto. – Não há vergonha alguma em admitir que você não está pronta para enfrentar Gerbert e Satu novamente. Podemos elaborar outro plano.

Girei o corpo e olhei nos olhos de Baldwin sem vacilar.

– Tenho certeza absoluta.

– Ótimo. – Ele pegou uma folha de papel em cima da mesa. Depois de pressionar o sinete do ouroboros dos De Clermont em um disco de cera preto na parte inferior, assinou com letra firme. Entregou-me. – Apresente isso ao bibliotecário quando chegar.

Era o reconhecimento formal de Baldwin da linhagem Bishop-Clairmont.

– Não precisei ver Matthew com aquela menina para saber que ele estava pronto para liderar a sua própria família – ele disse em resposta à minha expressão de espanto.

– Então, quando soube? – perguntei.

– No momento em que ele deixou você intervir em nossa discussão na igreja... sem sucumbir à ira do sangue – respondeu Baldwin. – Vou encontrá-lo, Diana. E vou trazê-lo para casa.

– Obrigada. – Hesitei. E depois disse a palavra que não saiu apenas da minha boca, mas também do meu coração. – Irmão.



O mar e o céu refletiam chumbo e o vento soprava feroz quando o avião dos De Clermont aterrissou no aeroporto de Veneza.

– Já vi tudo, o bom clima veneziano. – Gallowglass bufou atrás de mim enquanto descíamos a escada do avião atrás de Baldwin e Fernando.

– Pelo menos não está chovendo – disse Baldwin, observando a pista.

Entre as muitas coisas que me alertavam, o fato de que a casa poderia estar com o piso térreo alagado era a menor de minhas preocupações. Às vezes os vampiros tinham uma péssima percepção do que era realmente importante.

– Podemos ir? – Saí andando em direção ao carro que nos esperava.

– Isso não vai adiantar o horário em cinco horas – observou Baldwin enquanto me seguia. – Eles se recusam a mudar o horário da reunião. É tra...

– Tradição. Eu sei. – Entrei no carro.

Fizemos um trajeto curto até uma doca no aeroporto, onde Gallowglass ajudou-me a entrar numa lancha. O reluzente leme e as janelas da cabine ostentavam a insígnia dos De Clermont. Logo estávamos em outro cais que flutuava em frente a um palácio do século XV na curva do Grande Canal.

Ca' Chiaromonte era uma moradia adequada para um tipo como Matthew que ao longo dos séculos desempenhara um papel central nos negócios e na vida política de Veneza. Seus três andares, sua fachada gótica e as janelas cintilantes alardeavam riqueza e status. Se eu estivesse ali por outra razão que não a de salvar Matthew, a beleza do lugar me deixaria

extasiada, mas naquele momento me pareceu tão sombrio quanto o clima. Éramos aguardados por um grandalhão de cabelos escuros e nariz proeminente cujos óculos redondos de lentes grossas acentuavam uma cara de sofredor.

– *Benvegnùa,* madame – disse com uma reverência. – É uma honra recebê-la na sua casa. E é sempre um prazer vê-lo novamente, *Ser* Baldovino.

– Você é um terrível mentiroso, Santoro. Precisamos de café. E algo mais forte para Gallowglass. – Baldwin entregou as luvas e o casaco ao homem, e guiou-me em direção à porta aberta do *palazzo*. Estava instalada dentro de um pequeno pórtico que como previsto situava-se a poucos centímetros debaixo d'água, apesar dos sacos de areia organizados em pilhas nas proximidades. No interior, piso de terracota e azulejos brancos até a porta na outra extremidade. Os painéis escuros de madeira eram iluminados por velas dispostas em castiçais de fundo espelhado que ampliavam a luz. Depois de tirar o capuz de minha capa de chuva pesada, desenrolei a echarpe e esquadrinhei o entorno.

– *D'accordo*, *Ser* Baldovino. – Santoro soou tão sincero quanto Ysabeau. – E quanto à senhora, madame Chiaromonte? Milorde Matteo tem bom gosto para os vinhos. Um copo de Barolo, talvez?

Balancei a cabeça.

– É *Ser* Matteo agora – disse Baldwin no final do corredor. O queixo de Santoro caiu. – Não me diga que está surpreso, seu bode velho. Há séculos você encoraja Matthew a rebelar-se. – Baldwin subiu a escadaria.

Atrapalhei-me com os botões de minha capa úmida. Embora não estivesse chovendo, o ar pesava com a umidade. Eu já sabia que Veneza era principalmente água, corajosamente (senão em vão) unida a tijolos e argamassa. Enquanto tentava tirar a capa observei ligeiramente o rico mobiliário do saguão de entrada. Fernando percebeu a minha admiração atenta.

– Os venezianos entendem duas línguas, Diana: riqueza e poder. E os De Clermont falam fluentemente... as duas – ele disse. – Alem do quê, a cidade já teria afundado no mar não fosse por Matthew e Baldwin, e os venezianos sabem disso. Nenhum dos dois tem motivos para se esconder aqui. – Fernando tirou o meu casaco e o entregou para Santoro. – Venha, vamos lá para cima.

O quarto preparado para mim era decorado em tons de vermelho e ouro, o fogo ardia na lareira de azulejos, se bem que as chamas e as cores brilhantes não me aqueciam. Cinco minutos depois que a porta se fechou atrás de Fernando, retornei para o andar de baixo.

Afundei no banco acolchoado perto de uma das janelas de sacada que se projetava sobre o Grande Canal. O fogo crepitava em uma das lareiras daquela cavernosa casa. Um lema conhecido – O QUE ME NUTRE ME DESTRÓI – estava esculpido em cima da lareira de madeira. Isso me lembrou Matthew, o nosso tempo em Londres e as ações passadas que ainda ameaçavam a minha família.

– Por favor, tia. Você precisa descansar – sussurrou Gallowglass preocupado quando me viu. – Ainda falta muito tempo para a Congregação ouvir o seu caso.

Contudo, recusei-me a sair do lugar. Sentei-me entre as janelas de vitrais que capturavam um panorama fragmentado da cidade, ouvindo os sinos que marcavam a lenta passagem das horas.

– Está na hora. – Baldwin pôs a mão no meu ombro.

Levantei e o encarei. Eu estava com um casaco elisabetano belamente bordado que usava em casa no passado junto com uma blusa de gola alta e calça de lã, ambas pretas. Já estava vestida para Chelm, de modo que estaria pronta para partir no momento em que a reunião terminasse.

– Está com a chave? – perguntou Baldwin.

Puxei-a do bolso. Felizmente, era um casaco projetado para guardar os apetrechos de uma dona de casa elisabetana. Mesmo assim, a chave da câmara da Congregação era tão grande que ficava apertada no bolso.

– Então, vamos – disse Baldwin.

Gallowglass e Fernando nos esperavam lá embaixo, ambos envoltos em capas pretas. Gallowglass ajeitou uma capa antiga e pesada de veludo preto sobre os meus ombros. Tracei com os dedos a insígnia de Matthew nas dobras do tecido que cobria o meu braço direito.

O vento forte era persistente e agarrei a barra da capa para que ela não se abrisse. Fernando e Gallowglass correram até a lancha que oscilava para cima e para baixo com o movimento das ondas no canal.

Baldwin segurou-me firme pelo cotovelo enquanto caminhávamos na superfície escorregadia. Pulei a bordo quando o convés inclinou-se abruptamente para o cais, auxiliada pelo súbito apoio da bota de Gallowglass que se equilibrou sobre um grampo de metal na lateral da lancha. Entrei na cabine enquanto Gallowglass subia a bordo atrás de mim.

Aceleramos ao longo da boca do Grande Canal, navegamos pela extensão de água em frente a San Marco, atravessamos um canal menor que corta o distrito de Castello e retornamos para a lagoa ao norte da cidade. Passamos pela ilha San Michele com seus muros altos e cercas de ciprestes que blindavam as lápides. Enquanto isso meus dedos retorcidos teciam fios pretos e azuis dentro de mim e meus lábios balbuciavam palavras para lembrar os mortos.

Enquanto atravessávamos a lagoa, passamos por ilhas habitadas como Murano e Burano, e por ilhas onde só se viam ruínas e árvores frutíferas adormecidas. Fiquei com a pele formigando quando as rígidas paredes que protegiam a Isola della Stella surgiram à vista. Segundo Baldwin, para os venezianos era um lugar amaldiçoado. Isso não surpreendia. O poder ali concentrado era de magia elemental e de resíduos dos feitiços que ao longo

dos séculos mantinham o lugar seguro e desviavam os curiosos olhos humanos.

– A ilha não vai gostar de me ver entrando por uma porta de vampiro – comentei para Baldwin. A essa altura eu ouvia os espíritos das bruxas ligados ao lugar que varriam o perímetro para protegê-lo. Quem quer que fosse o protetor de Isola della Stella e Celestina, era bem mais sofisticado que a bruxa que instalara o sistema de vigilância mágico desmontado por mim na Bodleiana.

– Apressemo-nos, então. As regras da Congregação não permitem a expulsão daqueles que chegam ao claustro situado no centro de Celestina. Se você tem a chave, você tem direito de entrar com dois acompanhantes. Sempre foi assim – disse Baldwin calmamente.

Santoro desligou os motores e a lancha deslizou suavemente até o protegido cais. Quando passamos por baixo do arco, lá estavam os tênues contornos do ouroboros dos De Clermont sobre a pedra angular. O tempo, o sal e o ar tinham esmaecido a insígnia cinzelada e, para os observadores casuais, ela se afigurava como uma sombra.

Lá dentro, os degraus que levavam para o alto do ancoradouro de mármore estavam repletos de algas. Um vampiro se arriscaria a subir, mas não uma bruxa. Antes que eu pudesse achar uma solução, Gallowglass pulou da lancha e chegou ao patamar. Santoro lançou uma corda e Gallowglass amarrou a lancha no mourão com uma velocidade incrível. Baldwin deu as instruções de última hora.

– Quando chegar à câmara do conselho, sente-se sem se envolver em conversas. É uma prática comum entre os membros conversar interminavelmente antes do início dos trabalhos, mas essa não é uma reunião ordinária. Quem preside é sempre um membro dos De Clermont. Declare a sessão aberta o mais rápido que puder.

– Certo. – Foi o momento do dia que menos apreciei. – Importa onde me sento?

– Sente-se em frente à porta entre Gerbert e Domenico. – Dito isso, Baldwin beijou-me no rosto. – *Buona fortuna*, Diana.

– Traga-o para casa, Baldwin. – Foi o último sinal de fraqueza que me permiti quando o agarrei pela manga por um segundo.

– Vou trazê-lo. Benjamin sabia que seria procurado pelo pai, e ele acredita que você vai correr atrás do seu marido – disse Baldwin. – Ele não estará me esperando.

Os sinos badalaram lá no alto.

– Temos que ir – disse Fernando.

– Cuide de minha irmã – disse Baldwin para ele.

– Já estou cuidando da companheira do meu senhor – disse Fernando. – Portanto, não precisa se preocupar. Vou protegê-la com a minha vida.

Fernando pegou-me pela cintura e ergueu-me, Gallowglass estendeu a mão e agarrou-me pelo braço. Em dois segundos eu estava de pé no patamar, com Fernando ao lado. Baldwin passou para uma lancha menor e, depois de uma saudação, manobrou a nova embarcação até a boca de um declive. Ficaria esperando naquele lugar até que os sinos badalassem cinco horas, sinalizando o início da reunião.

A porta entre em mim e a Congregação era pesada e enegrecida pelo tempo e umidade. A fechadura insolitamente brilhante em comparação ao estado da porta parecia recém-polida. Suspeitei que o brilho se devia à magia e, com um simples toque de dedos, confirmei a suspeita. Mas a magia em questão era apenas um feitiço benigno de proteção contra os danos causados pelas intempéries. Considerando o que avistara das janelas de Ca' Chiaromonte, uma bruxa veneziana com tino empreendedor faria uma fortuna se enfeitiçasse a argamassa e os tijolos da cidade contra a erosão.

A chave esquentou quando a peguei no bolso. Depois de puxá-la, encaixei a extremidade da haste e o segredo na fechadura e a girei. O mecanismo da fechadura ativou-se rapidamente e sem reclamar.

Segurei a argola pesada e abri a porta. À frente, um corredor escuro com piso de mármore rajado. Em meio à escuridão só consegui enxergar um pátio à frente.

– Mostrarei o caminho – disse Fernando, pegando-me pelo braço.

Depois de atravessar a escuridão do corredor, me vi temporariamente às cegas até que alcancei a tênue luminosidade do claustro. Fixei os olhos e lá estavam arcadas arredondadas apoiadas por graciosos pares de colunas. No centro do espaço um poço de mármore lembrava que a construção do claustro era anterior às conveniências modernas como eletricidade e água corrente. Nos dias em que as viagens eram difíceis e perigosas, a Congregação reunia-se por meses a fio naquela ilha até concluir os negócios.

O burburinho se deteve. Enrolei-me na capa na tentativa de ocultar os possíveis sinais de poder visíveis em minha pele. As pregas espessas também ocultavam a sacola pendurada no meu ombro. Rapidamente esquadrinhei todos os presentes. Satu estava sozinha. Evitou o meu olhar, mas foi evidente o desconforto que sentiu por me ver novamente. Mais que isso, a bruxa parecia... de alguma forma errada. Fiquei com o estômago embrulhado, uma versão atenuada da repulsa que sentia quando outra bruxa mentia para mim. Satu usava um feitiço de disfarce, mas não adiantou nada. Logo me dei conta de que ela escondia alguma coisa.

As outras criaturas presentes amontoavam-se em grupos de acordo com cada espécie. Agatha Wilson era ladeada por dois colegas demônios. Domenico e Gerbert se entreolharam surpreendidos. Avistei outras duas bruxas da Congregação. Uma era carrancuda e tinha um coque apertado por uma trança de cabelos castanhos e grisalhos. Usava o vestido mais feio que eu já tinha visto, acentuado por uma gargantilha de ouro cujo centro era adornado por um retrato em miniatura – um antepassado, sem dúvida. O rosto da outra bruxa era graciosamente redondo, com bochechas rosadas e cabelos brancos. Sua pele extremamente lisa dificultava a

percepção de sua idade. Alguma coisa naquela bruxa me atraiu, mas não consegui saber o que era. Fiquei com os pelos dos braços arrepiados, sinal de que o *Livro da vida* guardava uma resposta às minhas perguntas não ditas. Mas naquele momento não sobrava tempo para decifrá-lo.

– Fico feliz por ver que os De Clermont se dobraram ao pedido da Congregação para ver essa bruxa. – Gerbert apareceu diante de mim. Eu não o tinha visto desde La Pierre. – Nós nos encontramos novamente, Diana Bishop.

– Gerbert. – Eu o encarei com determinação, embora ele tenha feito a minha carne se encolher ao torcer os lábios.

– Vejo que você ainda é a mesma criatura orgulhosa de antes. – Gerbert se virou para Gallowglass. – Triste ver quanta confusão e ruína uma garota pode trazer para uma linhagem tão nobre quanto a dos De Clermont!

– Costumavam dizer algo semelhante a respeito de vovó – disse Gallowglass. – Se conseguimos sobreviver a Ysabeau poderemos sobreviver a essa "garota".

– Você pensará de forma diferente depois que conhecer a extensão dos crimes da bruxa – retrucou Gerbert.

– Onde está Baldwin? – Domenico juntou-se a nós, com a cara amarrada como uma carranca.

Engrenagens zumbiram e ressoaram no alto.

– Salvo pelo sino – disse Gallowglass. – Fique de fora, Domenico.

– A mudança do representante dos De Clermont em hora tardia, e sem notificação, é bastante irregular, Gallowglass – disse Gerbert.

– O que está esperando, Gallowglass? Abra a porta – ordenou Domenico.

– Não sou eu quem está com a chave – disse Gallowglass em tom suave. – Vem, tia. Você tem uma reunião para assistir.

– Você não está com a chave? – perguntou Gerbert, com a voz tão afiada que cortou o som do carrilhão encantado mais acima. – Você é o

único De Clermont presente.

– Não é bem assim. Há semanas Baldwin reconheceu Diana Bishop como filha jurada pelo sangue de Philippe de Clermont. – Gallowglass lançou um sorriso de escárnio para Gerbert.

Do outro lado do claustro uma das bruxas engasgou e sussurrou para a vizinha.

– Isso é impossível – disse Domenico. – Philippe de Clermont está morto há mais de meio século. Como...

– Diana Bishop é uma viajante do tempo. – Gerbert olhou-me cheio de ódio. Do outro lado do pátio as covinhas da bruxa de cabelos brancos se tornaram profundas. – Eu devia ter adivinhado. Isso tudo faz parte de um encantamento maior, isso é obra dela. Eu avisei que esta bruxa devia ser contida. Agora, vamos pagar o preço pelo seu fracasso por não ter agido de forma adequada. – Ele apontou um dedo acusador para Satu.

Soou a primeira badalada das horas.

– Hora de ir – eu disse apressada. – Não queremos nos atrasar e atrapalhar as tradições da Congregação. – A falta de acordo para uma reunião mais cedo ainda me irritava.

Quando me aproximei da porta, a chave pesou na palma de minha mão. Havia nove fechaduras, cada qual com uma chave, exceto uma. Enfiei a chave no buraco da fechadura restante e girei com um movimento de pulso. Os mecanismos da fechadura zumbiram e clicaram. Depois, a porta se abriu.

– Primeiro vocês. – Eu dei um passo para o lado para que os outros pudessem passar. Minha primeira reunião na Congregação estava prestes a começar.

A esplêndida câmara do conselho era decorada com afrescos e brilhantes mosaicos iluminados pela luz de tochas e de centenas de velas. O teto

abobadado parecia quilômetros acima, e uma galeria circundava a sala três ou quatro andares acima. Era o espaço onde eram mantidos os registros da Congregação. Milhares de anos de registros, concluí com uma olhadela ligeira nos inventários das prateleiras. Além de livros e manuscritos, havia antigas técnicas de escrita, incluindo rolos e quadros de vidro que preservavam fragmentos de papiro. Os bancos de gavetas rasas indicavam a possível presença de tábuas de argila lá em cima.

Esquadrinhei a sala de reuniões dominada por uma grande mesa oval rodeada por cadeiras de espaldar alto. Tal como as fechaduras e as chaves que as abriam, cada cadeira tinha a inscrição de um símbolo. A minha estava exatamente onde Baldwin disse que estaria: do outro lado da sala, em frente à porta.

Lá dentro, uma jovem humana entregava uma pasta de couro a cada membro da Congregação que entrava. A princípio pensei que as pastas contivessem a agenda da reunião. Depois notei que todas tinham espessuras diferentes, como se tivessem itens solicitados das prateleiras acima segundo instruções específicas dos membros.

Entrei por último na sala e a porta se fechou atrás de mim.

– Madame de Clermont – disse a mulher, com um brilho de inteligência em seus olhos escuros. – Eu sou Rima Jaén, bibliotecária da Congregação. Aqui estão os documentos que *sieur* Baldwin solicitou para a reunião. Se a senhora precisar de alguma coisa a mais, basta me fazer saber.

– Obrigada. – Estiquei a mão para pegar o material nas mãos dela.

Ela hesitou.

– Perdoe-me a presunção, madame, mas já nos conhecemos? A senhora me parece tão familiar. Sei que a senhora é uma acadêmica. Por acaso já visitou o arquivo Gonçalves em Sevilha?

– Não, nunca pesquisei naquele lugar – eu disse, acrescentando –, mas se bem me lembro conheço o proprietário.

– O *señor* Gonçalves indicou-me para este trabalho depois que me

despediram – disse Rima. – O ex-bibliotecário da Congregação aposentou-se inesperadamente em julho, depois de sofrer um infarto. Os bibliotecários são, por tradição, humanos. *Sieur* Baldwin assumiu a tarefa de encontrar um substituto.

O ataque cardíaco do bibliotecário – e a nomeação de Rima – haviam ocorrido algumas semanas depois que Baldwin soube do meu voto de sangue. Suspeitei que meu novo irmão armara todo aquele negócio. O rei dos De Clermont tornava-se mais interessante a cada hora.

– Você está nos fazendo esperar, professora Bishop – disse Gerbert irritado, mas pelo zumbido de conversa entre os delegados ele era a única criatura que se importava com isso.

– Dê um tempo para a professora Bishop se orientar. É a primeira reunião dela – disse a bruxa de covinhas no rosto, com um marcante sotaque escocês. – Você ainda se lembra da sua, Gerbert, ou já perdeu esse dia feliz na bruma dos tempos?

– Dê uma chance a essa bruxa e ela vai acabar enfeitiçando todos nós – disse Gerbert. – Não a subestime, Janet. Temo que a avaliação de Knox a respeito do poder e potencial dessa bruxa na infância foi grosseiramente enganosa.

– Muito obrigada, mas não acredito que seja eu quem precise de aviso – disse Janet, com um brilho cintilante em seus olhos cinzentos.

Rima entregou-me a pasta e entreguei-lhe o documento dobrado que oficializava a família Bishop-Clairmont no mundo dos vampiros.

– Pode arquivar isso, por favor? – solicitei.

– Com todo prazer, madame de Clermont – disse Rima. – O bibliotecário da Congregação também é o secretário. Enquanto a senhora estiver na reunião agilizarei tudo que o documento requer.

Depois de entregar o documento que estabelecia formalmente a linhagem Bishop-Clairmont, eu circundei a mesa com minha capa negra esvoaçando ao redor dos meus pés.

– Belas tatuagens – sussurrou Agatha quando passei por ela, apontando para sua própria fronte. – Bela capa também.

Sorri sem dizer nada e continuei o trajeto. Quando cheguei à minha cadeira, lutei com a capa úmida porque não quis abrir mão da sacola para tirar a capa. Finalmente, consegui tirá-la e a pendurei no espaldar da cadeira.

– Há ganchos perto da porta – disse Gerbert.

Eu me virei e o encarei. Ele arregalou os olhos. As mangas compridas do meu casaco escondiam o texto do *Livro da vida*, mas os meus olhos estavam totalmente à vista. E deliberadamente puxei o cabelo de volta a uma longa trança avermelhada, onde se via a extremidade dos ramos que cobriam meu couro cabeludo.

– Meu poder está instável agora e minha aparência deixa algumas pessoas desconfortáveis – eu disse. – Prefiro manter a capa perto de mim. Ou talvez possa usar um feitiço de disfarce como Satu. Mas ocultar-se à vista de todos é uma mentira tão grande quanto qualquer forma de falar enganosa.

Em seguida olhei para cada criatura da Congregação, desafiando-as a reagir às letras e símbolos que passavam à frente dos meus olhos.

Satu desviou o olhar, mas sem a rapidez necessária para mascarar os seus olhos assustados. Ao súbito movimento estendeu-se uma pobre desculpa pelo feitiço de disfarce. Procurei a assinatura do feitiço em vão. O feitiço de disfarce de Satu não tinha sido lançado. Ela mesma o tecera – e sem muita habilidade.

Eu sei o seu segredo, irmã, comentei silenciosamente.

E eu há muito suspeito do seu, retrucou Satu em tom amargo como a artemísia.

Oh, peguei um pouco mais ao longo do caminho, eu disse.

Depois de minha olhadela minuciosa pelo recinto, apenas Agatha arriscou uma pergunta.

– O que houve com você? – ela sussurrou.

– Escolhi o meu próprio caminho. – Larguei a sacola na mesa e abaixei-me à altura da cadeira. A sacola estava tão fortemente presa a mim que mesmo a curta distância eu pude sentir um puxão.

– O que é isso? – perguntou Domenico desconfiado.

– Uma sacola da Biblioteca Bodleiana. – Eu a pegara na loja da biblioteca quando recuperamos o *Livro da vida*, se bem que deixei uma nota de vinte libras sob um copo com lápis perto do caixa. Apropriadamente, a sacola de lona estampava o juramento da biblioteca em letras vermelhas e pretas.

Domenico abriu a boca para fazer outra pergunta, mas o silenciei com um olhar. Eu já tinha esperado o suficiente para que se desse início à reunião do dia. Domenico só poderia me fazer perguntas depois que Matthew estivesse livre.

– Eu declaro aberta a sessão. Sou Diana Bishop, filha de Philippe de Clermont por juramento de sangue e representante dos De Clermont. – Olhei para Domenico. Ele cruzou os braços e recusou-se a falar.

Continuei.

– Este é Domenico Michele, e Gerbert de Aurillac está à minha esquerda. Conheço Agatha Wilson de Oxford e passei algum tempo com Satu Järvinen na França. – Minhas costas arderam com a lembrança do fogo dela. – Acho que os outros terão que se apresentar.

– Sou Osamu Watanabe – disse um jovem demônio sentado ao lado de Agatha. – Você parece um personagem de mangá. Posso desenhá-la mais tarde?

– Claro – respondi, torcendo para que o personagem em questão não fosse uma vilã.

– Tatiana Alkaev – disse uma demônia loura platinada, com olhos azuis sonhadores. Ela só precisava de um trenó puxado por cavalos brancos para ser uma heroína perfeita de um conto de fadas russo. – Você está cheia de

respostas, mas não tenho pergunta alguma neste momento.

– Excelente. – Virei-me e olhei para a bruxa de expressão proibitiva e gosto execrável por roupas. – E você?

– Eu sou Sidonie von Borcke – ela disse, pondo óculos de leitura e abrindo sua pasta de couro com um piscar de olhos. – E não tenho conhecimento desse suposto voto de sangue.

– Está no relatório da bibliotecária. Página 2, embaixo, no adendo, terceira linha – disse Osamu solícito, chamando o olhar de Sidonie. – Lembro que começa em "Acréscimo às linhagens de vampiro (por ordem alfabética): Almasi, Bettingcourt, De Clermont, Díaz..."

– Sim, vejo agora, sr. Watanabe – disse Sidonie.

– Acho que é minha vez de ser apresentada, querida Sidonie. – A bruxa de cabelos brancos abriu um sorriso bondoso. – Eu sou Janet Gowdie, e conhecê-la é um prazer aguardado há muito. Conheci seu pai e sua mãe. Eles eram um grande tesouro para o nosso povo, e ainda sinto profundamente a perda deles.

– Obrigada. – Fiquei comovida pela singela homenagem da mulher.

– Fomos informados de que os De Clermont tinham uma proposta para considerarmos? – Janet gentilmente conduziu a reunião de volta aos trilhos.

Lancei-lhe um olhar de agradecimento.

– Os De Clermont solicitam formalmente a assistência da Congregação no rastreamento de um membro da linhagem Bishop-Clairmont, Benjamin Fox, ou Fuchs. O sr. Fox contraiu a ira do sangue de seu pai, meu marido, Matthew Clairmont, e por séculos tem sequestrado e estuprado bruxas na tentativa de engravidá-las, principalmente nos arredores da cidade polonesa de Chelm. Alguns de vocês devem se lembrar das queixas feitas pelo conciliábulo de Chelm que a Congregação simplesmente ignorou. Até o momento o desejo de Benjamin de criar um filho bruxo-vampiro tem se frustrado, em grande parte porque ele desconhece uma descoberta feita

pelas bruxas nos tempos de outrora; ou seja, que os vampiros com ira do sangue podem se reproduzir biologicamente, mas apenas com um determinado tipo de bruxa chamada de tecelã.

A sala emudeceu de lado a lado. Respirei fundo e continuei.

– Na tentativa de atrair Benjamin para fora do esconderijo, meu marido entrou na Polônia, onde desapareceu. Acreditamos que Benjamin o capturou e o mantém prisioneiro em uma instalação que servia como campo de trabalho nazista ou laboratório de pesquisa durante a Segunda Guerra Mundial. Os Cavaleiros de Lázaro já se comprometeram a trazer o meu marido de volta, mas os De Clermont precisam que as bruxas e os demônios também nos ajudem. Benjamin deve ser detido.

Olhei ao redor da sala outra vez. Todos, exceto Janet Gowdie, estavam de queixo caído de espanto.

– Discussão? Ou passamos direto à votação? – perguntei, ansiosa para escapar de um longo debate.

Após um longo silêncio, irrompeu na câmara da Congregação um indignado clamor à medida que seus representantes gritavam perguntas para mim e acusações de uns para os outros.

– Então, discussão – eu disse.



— Você deve comer alguma coisa – insistiu Gallowglass, forçando um sanduíche em minha mão.

– Preciso voltar. Logo se fará a segunda votação. – Empurrei o sanduíche para o lado. Baldwin, entre suas muitas outras instruções, me falara dos elaborados procedimentos de votação da Congregação: três votações para qualquer moção, com direito à discussão. Geralmente os votos oscilavam descontroladamente de uma posição para outra à medida que os membros da Congregação consideravam – ou fingiam considerar – visões opostas.

Perdi a primeira votação, oito votos a um – o meu. Alguns votaram contra mim por razões processuais, uma vez que eu Matthew tínhamos violado o pacto e a Congregação já tinha votado em defesa da antiga aliança. Outros votaram contra porque o flagelo da ira do sangue ameaçava a saúde e a segurança de todos os sangues-quentes, demônios, humanos e bruxas. Foram apresentadas e lidas em voz alta as reportagens jornalísticas a respeito dos vampiros assassinos. Tatiana se negou a resgatar as bruxas de Chelm, alegando chorosa que elas haviam lançado um feitiço que provocou a irrupção de furúnculos na sua avó em férias. Nenhuma explicação conseguiu convencer Tatiana de que a região mencionada por ela era na verdade Cheboksary, por mais que Rima tenha apresentado fotos aéreas que provavam que Chelm não ficava à beira do Volga.

– Alguma notícia de Baldwin ou de Verin? – perguntei. Isola della Stella

carecia de boa recepção de telefonia celular, e entre as paredes de Celestina a única maneira de pegar um sinal era se pôr no centro do claustro exposto a constante aguaceiro.

– Nenhuma. – Gallowglass colocou uma caneca de chá em minha mão e me fez fechar os dedos em torno dela. – Beba.

A preocupação com Matthew e a impaciência com as regras e as normas bizantinas da Congregação fizeram o meu estômago embrulhar. Devolvi a caneca para Gallowglass.

– Não leve a decisão da Congregação para o coração, tia. Meu pai sempre disse que na primeira votação todo mundo quer marcar posição e que geralmente a segunda anula a primeira.

Peguei a sacola da Bodleiana, fiz um meneio de cabeça e retornei à câmara do conselho. Os olhares hostis que recebi de Gerbert e Domenico quando entrei me fizeram pensar se Hugh era otimista em relação à política da Congregação.

– Ira do sangue! – disse Gerbert sibilando e pegando-me pelo braço. – Como é que os De Clermont ocultaram isso de nós?

– Não sei, Gerbert – respondi, repelindo o apertão. – Ysabeau viveu sob o seu teto durante semanas e você não descobriu nada.

– São dez e meia. – Sidonie von Borcke entrou na sala. – Vamos adiar até meia-noite. Vamos concluir esse negócio sórdido e passar para assuntos mais importantes... nossa investigação da violação do pacto por parte da família Bishop, por exemplo.

Não havia nada mais urgente do que livrar o mundo de Benjamin, mas mordi a língua e assumi a minha cadeira, pondo a sacola em cima da mesa. Domenico se esticou ainda curioso sobre o conteúdo da sacola.

– Não. Olhei para ele. Pelo visto os meus olhos estamparam alguns textos, pois ele retirou a mão rapidamente.

– Então, Sidonie, eu devo entender que você está convocando uma votação imediata? – perguntei abruptamente. Apesar da chamada para

uma resolução rápida, ela deixava transparecer que era um grande empecilho para as deliberações ao se interpor com detalhes irrelevantes a cada troca de palavras, isso até que me fizesse retrucar aos gritos.

– Nada disso – ela bufou. – Eu simplesmente desejo que consideremos o assunto com adequada eficiência.

– Continuo me opondo quanto a intervir no que é claramente um problema de família – disse Gerbert. – A proposta de madame de Clermont procura abrir um assunto infeliz para um grande escrutínio. Os Cavaleiros de Lázaro já estão em cena à procura do marido dela. É melhor deixar as coisas seguirem o seu curso.

– E a ira do sangue? – Era a primeira vez que Satu dizia alguma coisa na primeira votação que não fosse um "não".

– A ira do sangue é uma questão que cabe aos vampiros. Vamos disciplinar a família De Clermont pelo sério lapso de avaliação, com medidas adequadas que identifiquem e exterminem todos os que estejam infectados. – Gerbert uniu as mãos e olhou em volta da mesa. – Todos vocês podem ficar tranquilos quanto a isso.

– Concordo com Gerbert. Além do quê, não se pode estabelecer linhagem alguma de um pai doente – disse Domenico. – É inconcebível. Matthew Clairmont deve ser condenado à morte, e todos os seus filhos com ele. – Os olhos do vampiro brilharam.

Osamu ergueu a mão e esperou ser visto.

– Sim, sr. Watanabe? – Olhei para ele.

– O que é uma tecelã? – ele perguntou. – E o que elas têm em comum com os vampiros portadores da ira do sangue?

– O que o faz pensar que elas têm alguma coisa em comum com eles? – retrucou Sidonie.

– É lógico que os vampiros com a ira do sangue e as bruxas tecelãs têm algo em comum. De outra forma, como Diana e Matthew poderiam ter filhos? – Agatha olhou-me com expectativa. Antes que eu pudesse

responder, Gerbert levantou-se e seu olhar pairou em cima de mim.

– Foi isso que Matthew descobriu no *Livro da vida*? – ele perguntou. – Por acaso você desenterrou um feitiço que une as duas espécies?

– Sente-se, Gerbert. – Janet tricotava há horas, erguendo os olhos uma vez ou outra por cima das agulhas para fazer um comentário judicioso ou sorrir com benevolência.

– A bruxa deve responder! – exclamou Gerbert. – Que tipo de feitiço está atuando aqui e como você o lançou?

– A resposta está no *Livro da vida*. – Puxei a sacola e tirei o volume que estivera escondido por tanto tempo na Biblioteca Bodleiana.

Espalharam-se exclamações de espanto ao redor da mesa.

– Isso é um truque – pronunciou Sidonie. Ela se levantou e abriu caminho em torno da mesa. – Se isso é o livro de feitiços perdido das bruxas, faço questão de examiná-lo.

– É a história perdida dos vampiros. – Domenico rosnou quando ela passou por sua cadeira.

– Aqui. – Entreguei o *Livro da vida* para Sidonie.

A bruxa tentou soltar os fechos de metal, empurrando-os e puxando-os, mas o livro recusou-se a cooperar com ela. Estendi as mãos e o livro sobrevoou o espaço entre nós, ansioso para voltar ao lugar a que pertencia. Sidonie e Gerbert trocaram um longo olhar.

– Você deve abri-lo, Diana – disse Agatha, com os olhos arredondados de espanto. Lembrei que alguns meses antes ela dissera em Oxford que o Ashmole 782 pertencia aos demônios, às bruxas e aos vampiros. De alguma forma, ela adivinhara o sentido do manuscrito.

Coloquei o *Livro da vida* sobre a mesa e a Congregação agrupou-se a minha volta. Os fechos prontamente se abriram ao meu toque. Sussurros e suspiros encheram o ar, seguidos pelos rastros sobrenaturais dos espíritos das criaturas que estavam presas às páginas.

– Magia não é permitida em Isola della Stella. – Domenico protestou

com um pânico quase imperceptível na voz. – Diga a ela, Gerbert!

– Se eu estivesse fazendo magia, Domenico, você certamente saberia – retruquei.

Domenico empalideceu quando os fantasmas se tornaram mais visíveis, assumindo uma forma humana alongada com olhos ocos e escuros.

Folheei o livro aberto. Todos se inclinaram para frente a fim de olhar mais de perto.

– Não há nada aí – disse Gerbert, com o rosto retorcido de fúria. – É um livro em branco. O que você fez com o livro de nossas origens?

– Este livro tem um cheiro... estranho – disse Domenico, dando uma cheirada desconfiada. – Como de animais mortos.

– Não, ele tem cheiro de criaturas mortas. – Sacudi as páginas para fazer o cheiro emanar. – Demônios. Vampiros. Bruxas. Estão todos aí.

– Você quer dizer... – Tatiana olhou horrorizada.

– Exatamente – assenti com a cabeça. – É um pergaminho feito com pele de criaturas. As folhas também são costuradas com cabelos de criaturas.

– Mas onde está o texto? – perguntou Gerbert, elevando a voz. – O que se supõe é que o *Livro da vida* é a chave de muitos mistérios. É o nosso texto sagrado... a história dos vampiros.

– Aqui está o seu texto sagrado. – Arregacei as mangas. Letras e símbolos rodopiaram e escorreram sob a minha pele, e como bolhas chegaram à superfície de uma lagoa e se dissolveram. Eu não fazia ideia do que os meus olhos faziam, mas suspeitava que também estavam repletos de caracteres. Satu afastou-se de mim.

– Você o enfeitiçou – disse Gerbert rosnando.

– O *Livro da vida* foi enfeitiçado há muito tempo – retruquei. – Tudo que fiz foi abri-lo.

– E ele escolheu você. – Osamu estendeu um dedo para tocar nas letras que estavam no meu braço. Algumas se reuniram em torno do ponto onde

nossas peles se encontraram, e depois voltaram a dançar.

– Por que o livro escolheu Diana Bishop? – perguntou Domenico.

– Porque sou uma tecelã... uma fabricante de feitiços. Restaram poucas de nós. – Olhei para Satu e seus lábios estavam cerrados e seus olhos me imploravam para que me calasse. – Isso porque tínhamos muito poder criativo e nossas companheiras bruxas nos mataram.

– O mesmo poder que a faz criar novos feitiços também a faz criar novas vidas – disse Agatha, com visível empolgação.

– É uma bênção especial que a deusa confere aos tecelões do sexo feminino – respondi. – Claro que nem todos os tecelões são mulheres. Meu pai também era tecelão.

– É impossível – disse Domenico rosnando. – Isso é outra armação da bruxa. Nunca ouvi falar de tecelões, o antigo flagelo da ira do sangue sofreu mutações para formas ainda mais perigosas. E quanto às crianças nascidas de bruxas e vampiros, nós não podemos permitir que esse mal se enraíze. Seriam monstros irracionais e sem controle.

– Eu devo divergir de você sobre esse ponto, Domenico – disse Janet.

– Baseada em quais fundamentos? – ele disse, com um toque de impaciência.

– Pelo fato de que sou uma criatura e não sou nem mal nem monstro.

Pela primeira vez desde a minha chegada a atenção da sala direcionou-se para outro canto.

– Minha avó era filha de uma tecelã com um vampiro. – Os olhos cinzentos de Janet cravaram nos meus. – Todo mundo das Highlands o chamava de Nickie-Ben.

– Benjamin – murmurei.

– Sim – disse Janet. – Avisavam às bruxas jovens para que tivessem cuidado em noites sem lua porque Nickie-Ben poderia pegá-las. Minha bisavó Isobel Gowdie não deu ouvidos às advertências. Eles tiveram um caso louco de amor. Segundo as lendas ele a mordeu no ombro. E depois

Nickie-Ben se foi e deixou algo para trás sem saber: uma filha. Meu nome é inspirado nela.

Olhei para os meus braços. Como uma espécie de palavras mágicas cruzadas, as letras emergiram e se organizaram em um nome: JANET GOWDIE, FILHA DE ISOBEL GOWDIE E BENJAMIN FOX. A avó de Janet tinha sido uma dos Nascidos Brilhantes.

– Quando sua avó foi concebida? – O relato da vida de uma Nascida Brilhante poderia me dizer algo sobre o futuro dos meus próprios filhos.

– Em 1662 – disse Janet. – Vovó Janet faleceu em 1912, abençoada seja, com a idade de duzentos e cinquenta anos. Ela manteve a beleza intacta até o final; enfim, ao contrário de mim, vovó Janet era mais vampira que bruxa. E se orgulhava de ter inspirado as lendas de *baobhan sith* que atraía muitos homens para a cama apenas para causar morte e ruína a eles. E dava medo testemunhar o temperamento de vovó Janet quando a contrariavam.

– Mas com isso você... – Arregalei os olhos.

– Vou fazer cento e setenta anos no ano que vem – disse Janet. Ela balbuciou umas poucas palavras e seu cabelo branco se tornou preto. Outro feitiço balbuciado tornou sua pele branca perolada e luminosa.

Janet Gowdie parecia não ter mais que trinta anos. A vida dos meus filhos começou a tomar forma em minha imaginação.

– E sua mãe? – perguntei.

– Mamãe viveu por duzentos anos. A cada geração que passa nossas vidas ficam mais curtas.

– Como é que consegue esconder dos humanos o que você é? – perguntou Osamu.

– Do mesmo jeito que os vampiros fazem, suponho. Um pouco de sorte. Um pouco de ajuda dos colegas bruxos e bruxas. Um pouco da tendência dos humanos de repelir a verdade – respondeu Janet.

– Isso é uma cifra absurda – disse Sidonie calorosamente. – Você é uma

bruxa famosa, Janet. Com reconhecida capacidade de dar forma aos feitiços. E você vem de uma distinta linhagem de bruxas. Por que quer manchar a reputação de sua família com uma história que está além do meu entendimento?

– E aí está – eu disse, com voz suave.

– Aí está o quê? – Sidonie soou como uma professora irritada.

– O desgosto. O temor. A aversão de quem não se conforma e tem simplórias expectativas do mundo e de como ele funciona.

– Ouça-me, Diana Bishop...

Acontece que eu entendia muito bem tanto Sidonie como todos os outros que usavam o pacto como escudo para esconder a sua própria escuridão interior.

– Não. Ouça-me, você – eu disse. – Meus pais eram bruxos. E sou filha de um vampiro por juramento de sangue. Meu marido e pai dos meus filhos é vampiro. Janet também é descendente de uma bruxa e um vampiro. Quando será que você vai parar de fingir que há um sangue puro e ideal de bruxa no mundo?

Sidonie endureceu.

– Esse ideal *existe*. E graças a isso a nossa energia tem se preservado.

– Pelo contrário. Isso fez o nosso poder morrer – retruquei. – Se mantivermos o respeito ao pacto, em poucas gerações já não terá restado mais qualquer poder. O propósito desse acordo era evitar que as espécies se misturassem e se reproduzissem.

– Outro absurdo! – gritou Sidonie. – O objetivo do pacto é antes e acima de tudo nos manter seguros.

– Errado. O pacto foi elaborado para evitar o nascimento de crianças poderosas e de vida longa, como Janet. Nem bruxa, nem vampiro nem demônio e sim algo intermediário – continuei. – É o que temem todas as criaturas. É o que Benjamin quer controlar. Não podemos deixá-lo fazer isso.

– Intermediário? – Janet arqueou as sobrancelhas que apareceram visivelmente negras como a noite. – É essa a resposta, então?

– Resposta a quê? – perguntou Domenico.

Mas eu não estava pronta para compartilhar o segredo do *Livro da vida*. Isso até que Miriam e Chris encontrassem provas científicas daquilo que o manuscrito revelava. De novo fui salva pelo badalar dos sinos de Celestina.

– É quase meia-noite. Precisamos fechar esta reunião – disse Agatha Wilson, com um brilho nos olhos. – Eu levanto a questão. A Congregação deve apoiar os De Clermont em seus esforços para livrar o mundo de Benjamin Fox?

Todos voltaram aos seus lugares ao redor da mesa e votaram um por um.

Dessa vez, uma votação mais animadora: quatro a favor e cinco contra.

Eu tinha feito progressos na segunda votação ao ganhar o apoio de Agatha, Osamu e Janet, mas isso não garantiria o resultado quando ocorresse a terceira e última votação no dia seguinte. Sobretudo porque os meus velhos inimigos Gerbert, Domenico e Satu estavam entre os oponentes.

– A reunião será retomada às cinco horas da tarde de amanhã. – Considerando os minutos que Matthew perderia sob a custódia de Benjamin, argumentei mais uma vez que poderíamos antecipar a reunião em uma hora. E mais uma vez negaram o meu pedido.

Cansada, juntei minha pasta de couro ainda fechada ao *Livro da vida*. As últimas sete horas tinham sido estafantes. Eu não parava de pensar na força que Matthew estaria fazendo para resistir enquanto a Congregação hesitava. E também estava preocupada com os meus filhos sem os pais por perto. Esperei a sala esvaziar. Janet Gowdie e Gerbert foram os últimos a sair.

– Gerbert? – eu o chamei.

Ele parou de costas para mim antes de sair pela porta.

– Não esqueci do que aconteceu em maio. – Falei com o poder ardendo brilhante em minhas mãos. – Um dia você vai se ver comigo pela morte de Emily Mather.

Gerbert virou a cabeça.

– Peter disse que você e Matthew estavam escondendo alguma coisa. Eu tinha que dar ouvidos a ele.

– Benjamin já o descartou em relação ao que as bruxas descobriram? – perguntei.

Mas Gerbert não tinha vivido tanto tempo para ser pego tão facilmente. Seus lábios se curvaram.

– Até amanhã à noitinha – disse, fazendo uma ligeira reverência formal para mim e para Janet.

– Nós deveríamos chamá-lo de Nickie-Bertie – comentou Janet. – Ele e Benjamin seriam um par perfeito de demônios.

– E na verdade o foram – respondi inquieta.

– Você está livre amanhã para o almoço? – perguntou Janet Gowdie enquanto saíamos da câmara do conselho em direção ao claustro, a musicalidade de sua voz escocesa me fazendo lembrar de Gallowglass.

– Eu? – Fiquei surpresa por ela não se importar em ser vista com uma De Clermont depois de tudo que tinha acontecido naquela noite.

– Nenhum de nós se adapta às regrinhas da Congregação, Diana – disse Janet, e sua pele lisa armou divertidas covinhas.

Gallowglass e Fernando me esperavam sob a arcada do claustro. Gallowglass franziu a testa quando me viu ao lado de uma bruxa.

– Tudo bem, tia? – perguntou preocupado. – Devemos ir. Está ficando tarde.

– Preciso ter uma palavra rápida com Janet antes de sairmos. – Observei o rosto de Janet para me certificar se ela estava tentando ganhar a minha amizade para algum propósito nefasto, mas só vi preocupação. – Por que

está me ajudando? – perguntei sem rodeios.

– Prometi a Philippe que a ajudaria – ela respondeu. Largou a sacola de tricô aos pés e arregaçou a manga da blusa. – Você não é a única cuja pele conta uma história, Diana Bishop.

Havia um número tatuado no braço dela. Gallowglass soltou um palavrão. Engasguei.

– Você esteve com Philippe em Auschwitz? – Fiquei com o coração na boca.

– Não. Fiquei em Ravensbrück – ela disse. – Eu estava trabalhando para a Resistência francesa quando me capturaram. Philippe estava tentando libertar o campo. Conseguiu tirar alguns antes de ser pego pelos nazistas.

– Sabe onde Philippe ficou preso depois de Auschwitz? – perguntei em tom de urgência.

– Não, embora o tivéssemos procurado. Foi Nickie-Ben quem o prendeu? – Os olhos de Janet escureceram solidários.

– Sim – respondi. – Achamos que ele está em algum lugar perto de Chelm.

– Nessa época algumas bruxas também trabalhavam para Benjamin. Lembro que vagamos sem rumo porque tudo a oitenta quilômetros de Chelm estava debaixo de denso nevoeiro. Por mais que tentássemos, não conseguíamos encontrar o caminho em meio à neblina. – Os olhos de Janet se encheram de lágrimas. – Lamento por termos falhado com Philippe. Desta vez faremos o melhor. Isso é uma questão de honra para a família Bishop-Clairmont. E afinal sou parente de Matthew de Clermont.

– Tatiana será a mais fácil de balançar – eu disse.

– Tatiana, não – disse Janet balançando a cabeça em negativa. – Ela está apaixonada por Domenico. Aquele suéter só serve para aumentar ainda mais a figura dela. Mas também serve para esconder as mordidas de Domenico. Precisamos convencer Satu.

– Satu Järvinen nunca vai me ajudar – retruquei, lembrando-me do que

tínhamos passado juntas em La Pierre.

– Ora, acho que vai, sim – disse Janet. – Vai ajudar logo que explicarmos que vamos lhe oferecer Benjamin em troca de Matthew. Afinal, Satu é uma tecelã como você. Talvez as tecelãs finlandesas sejam mais férteis que as de Chelm.

Satu estava hospedada num pequeno e sereno estabelecimento do lado oposto do Grande Canal de Ca' Chiaromonte. Por fora, o lugar parecia perfeitamente normal. As jardineiras floridas e os adesivos nas vitrines o classificavam entre os outros estabelecimentos (quatro estrelas) da área, sem falar nos cartões de crédito que o estabelecimento aceitava (todos eles).

Por dentro, no entanto, o verniz da normalidade revelou-se fino.

A proprietária Laura Malipiero estava sentada atrás de uma mesa no saguão de entrada. Envolta em veludo roxo e preto, manuseava um baralho de tarô. Seu cabelo selvagem e encaracolado tinha raias brancas e pretas. Uma guirlanda de morcegos de papel preto estendia-se sobre as caixas de correio, e o aroma de incenso de sálvia e dracena pairava no ar.

– Já estamos lotados – ela disse sem tirar os olhos das cartas e com um cigarro no canto da boca. Um cigarro roxo e preto como as vestes que usava. A princípio, achei que não estivesse aceso. Até porque a *signorina* Malipiero estava sentada debaixo de um cartaz que dizia *VIETATO FUMARE*. Mas logo a bruxa deu uma tragada profunda. Sem fumaça, embora com um brilho na ponta.

– Dizem que ela é a bruxa mais rica de Veneza. Fez fortuna vendendo cigarros encantados. – Janet olhou-a com desaprovação. Ela vestia um novo feitiço de disfarce e, para os observadores casuais, parecia uma frágil nonagenária e não mais uma delgada mulher de trinta e poucos anos.

– Sinto muito, irmãs, a Regata da Befana acontece esta semana e já não

há mais quartos disponíveis nesta parte de Veneza. – A *signorina* Malipiero manteve-se concentrada nas cartas.

Eu tinha visto avisos por toda a cidade anunciando a tradicional corrida de gôndolas anual entre San Tomà e Rialto. Aliás, duas corridas: a regata oficial pela manhã e outra mais longa, mais emocionante e mais perigosa à meia-noite. Esta última não envolvia apenas a força bruta, mas também a magia.

– Não estamos interessadas em quartos, *signorina* Malipiero. Sou Janet Gowdie, e esta é Diana Bishop. Estamos aqui para conversar com Satu Järvinen sobre um assunto da Congregação, quer dizer, caso ela não esteja treinando para a corrida de gôndola.

A bruxa veneziana arregalou seus grandes olhos escuros em estado de choque. O cigarro desequilibrou.

– Quarto 17, é esse? Não precisa se incomodar. Nós mesmas nos anunciamos lá em cima. – Janet sorriu para a bruxa atordoada e me conduziu em direção à escada.

– Você, Janet Gowdie, é um trator – comentei sem fôlego enquanto ela me empurrava pelo corredor. – Sem mencionar que é uma leitora de mente. – Era um talento mágico útil.

– Que coisa bonita de dizer, Diana. – Janet bateu na porta. – *Cameriera!*

Não houve resposta. E eu estava cansada demais para esperar depois da maratona na reunião da Congregação do dia anterior. Passei os dedos ao redor da maçaneta e murmurei um feitiço de abertura. A porta se abriu. Satu Järvinen nos esperava lá dentro, com as duas mãos prontas para fazer magia.

Enlacei os fios que a cercavam e os apertei bem firmes, amarrando-lhe os braços aos flancos. Ela engasgou.

– O que sabe sobre as tecelãs? – perguntei em tom de exigência.

– Não tanto quanto você – respondeu Satu.

– Por isso me tratou tão mal em La Pierre? – perguntei.

A expressão de Satu era de aço. Isso queria dizer que suas ações tinham sido tomadas por autopreservação. Ela não sentia remorso algum.

– Não vou deixar que você revele meu segredo. Eles nos matarão uma por uma quando descobrirem o que as tecelãs podem fazer – ela disse.

– Eles me matarão de qualquer maneira pelo meu amor por Matthew. O que tenho a perder?

– Seus filhos – ela respondeu.

Aquilo estava indo longe demais.

– Você não pode possuir os dons de uma bruxa. Amarro-a, Satu Järvinen, entregando-a nas mãos da deusa sem poder ou ofício. – Com o dedo indicador da mão esquerda puxei os fios um centímetro mais e os atei firmes. Meu dedo ardeu em roxo escuro. A cor da justiça, como já tinha sabido.

O poder de Satu deixou-a em meio a um sopro de vento.

– Você não pode atar-me com mágicas! – ela gritou. – É proibido!

– Faça uma denúncia contra mim à Congregação – eu disse. – Mas antes de fazê-la, saiba do seguinte: ninguém será capaz de romper o nó que a amarra... só eu. E de que forma vai servir para a Congregação nesse estado? Se quiser manter o seu assento, terá que manter o seu silêncio... e espero que Sidonie von Borcke não perceba.

– Você vai pagar por isso, Diana Bishop! – ela prometeu.

– Já paguei – retruquei. – Ou já se esqueceu do que fez comigo em nome da solidariedade fraternal?

Avancei lentamente em direção a ela.

– Ser enfeitiçada é nada comparado com o que Benjamin fará com você, quando descobrir que é uma tecelã. Você não vai conseguir se defender e estará inteiramente à mercê dele. Já vi o que Benjamin faz com as bruxas que ele tenta engravidar. Nem você merece isso.

Os olhos de Satu piscaram de medo.

– Vote a favor da moção De Clermont esta tarde. – Soltei os braços de Satu, mas não o feitiço que limitava o seu poder. – Para o seu próprio bem, se não for pelo de Matthew.

Satu tentou fazer a magia contra mim, mas sem êxito.

– Seu poder desapareceu. Eu não estava mentindo, irmã. – Girei o corpo e saí caminhando. Ao chegar ao umbral da porta me detive e me virei. – E nunca mais ouse ameaçar os meus filhos. Se fizer isso, você se verá me implorando para jogá-la num buraco e esquecer de você.

Gerbert tentou adiar a votação final alegando razões processuais, argumentando que o estatuto atual do conselho não cumpria os critérios estabelecidos nos documentos fundamentais datados do período dos cruzados, os quais estipulavam a presença de três vampiros, três bruxas e três demônios.

Janet impediu-me de estrangular a criatura, explicando rapidamente que nós duas éramos metade vampiro e metade bruxa, e que por isso a Congregação estava igualmente equilibrada. Enquanto ela argumentava sobre os percentuais, examinei os célebres documentos fundamentais de Gerbert, onde se destacavam palavras como "inalienável" que decididamente eram do século XVIII no tom. Apresentado a uma lista de anacronismos linguísticos do suposto documento cruzado, Gerbert fez uma careta para Domenico e alegou que obviamente eram transcrições posteriores de originais perdidos.

Ninguém acreditou nele.

Eu e Janet vencemos a votação: seis a três. Satu votou de acordo com as ordens recebidas de nós, uma atitude de submissão e derrota. Até Tatiana entrou para nossas fileiras, graças a Osamu, que de manhã se dedicou a mapear a localização precisa não apenas de Chelm, mas também de cada cidade russa que começava com *Ch*. Isso para provar que as bruxas da

cidade polonesa não tinham nada a ver com os furúnculos que haviam pipocado na pele da avó dela. Quando ambos entraram de mãos dadas na câmara do conselho, me dei conta de que ela poderia não só mudar de lado como também de namorado.

Com a votação computada e registrada, em vez de comemorar saí com Gallowglass, Janet e Fernando e entramos na lancha dos De Clermont, que atravessou a lagoa em direção ao aeroporto.

Como planejado, enviei uma mensagem de texto de três letras para Hamish com o resultado da votação: GRA. Letras que significavam Gambito da Rainha Aceito. Era um código que indicava que a Congregação fora persuadida a apoiar a operação de resgate de Matthew. Não sabíamos se alguém monitorava as nossas comunicações, mas por via das dúvidas decidimos ser cautelosos.

Ele respondeu de imediato.

Parabéns. Esperando pela chegada de vocês.

Também liguei para Marcus, que me informou que os gêmeos estavam sempre famintos e monopolizavam completamente a atenção de Phoebe. Quanto a Jack, ele disse que estava bem como o esperado.

Depois de conversar com Marcus, enviei uma mensagem de texto para Ysabeau.

Preocupada com o par de bispos.

Era outra referência do xadrez. Nós tínhamos apelidado Gerbert, que era ex-bispo de Roma, e seu assistente Domenico como "par de bispos". Isso porque sempre trabalhavam em dupla. Após a última derrota eles recorreriam à retaliação. Talvez Gerbert já tivesse avisado a Knox que tínhamos ganhado a votação e estávamos a caminho.

Ysabeau levou mais tempo do que Marcus para responder.

O par de bispos não pode dar xeque-mate em nosso rei, a menos que a rainha e suas torres permitam.

Fez uma longa pausa e depois enviou outra mensagem.

E eu morreria antes.



O ar perfurava a minha capa grossa, fazendo com que eu me protegesse da explosão de vento que ameaçava me dividir ao meio. Eu nunca tinha experimentado um frio como aquele e me perguntava como é que alguém poderia sobreviver a um inverno em Chelm.

– Ali. – Baldwin apontou para um amontoado de edificações baixas no vale abaixo.

– Benjamin está pelo menos com uma dúzia de seus filhos. – Verin colocou-se ao meu lado com binóculos à mão. Estendeu-os para mim porque talvez os meus olhos de sangue-quente não pudessem ver onde meu marido era mantido prisioneiro, mas recusei a oferta.

Eu sabia exatamente onde Matthew estava. Quanto mais me aproximava dele, mais o meu poder se agitava, saltando à superfície da pele na tentativa de escapar. Meu terceiro olho de bruxa compensava as deficiências dos sangues-quentes.

– Vamos esperar até o crepúsculo. É quando os filhos de Benjamin saem à caça. – Baldwin soou sombrio. – Eles estão caçando em Chelm e Lublin, trazendo os sem-teto e os fracos para o pai se alimentar.

– Esperar? – Fazia três dias que não tinha feito nada além de esperar. – Eu não vou esperar mais um momento sequer!

– Ele ainda está vivo, Diana. – A palavra de Ysabeau era para me trazer conforto, mas o gelo ao redor do meu coração engrossou com o pensamento de que Matthew continuaria sofrendo durante as seis horas seguintes enquanto esperávamos pela escuridão.

– Não podemos atacar o complexo no momento em que está com força total – disse Baldwin. – Diana, nós temos que ser estratégicos e não emocionais em relação a isso.

Pense... e continue viva. Com relutância afastei o sonho de ver Matthew libertado o mais rápido possível e concentrei-me nos desafios à frente.

– Janet disse que Knox colocou proteções em torno do prédio principal.

Baldwin concordou com a cabeça.

– Estávamos esperando por você para desarmá-las.

– Como é que os cavaleiros poderão se colocar em posição sem que Benjamin saiba? – perguntei.

– Hoje à noite os Cavaleiros de Lázaro usarão os túneis para entrar no complexo de Benjamin por baixo. – A expressão de Fernando era calculista. – Vinte, talvez trinta devem ser suficientes.

– Veja, a cidade de Chelm foi construída sobre o calcário e o solo abaixo é como um favo de mel cheio de túneis – explicou Hamish, desenrolando um pequeno mapa toscamente desenhado. – Os nazistas destruíram alguns, mas Benjamin manteve estes abertos. Eles ligam o complexo à cidade, propiciando um caminho por onde ele e seus filhos caçam na cidade, sem nunca aparecer na superfície.

– Não é de admirar que Benjamin fosse tão difícil de rastrear – murmurou Gallowglass, olhando para o labirinto subterrâneo.

– Onde estão os cavaleiros agora? – Eu queria ver a aglomeração de tropas que, segundo me disseram, estavam em Chelm.

– De prontidão – respondeu Hamish.

– Fernando decidirá quando enviá-los para dentro dos túneis. É o marechal de Marcus e a decisão cabe a ele – disse Baldwin, com um aceno de cabeça para Fernando.

– Na verdade, é minha – disse Marcus, aparecendo subitamente contra a neve.

– Marcus! – Empurrei o meu capuz para trás tomada pelo terror. – O

que aconteceu com Rebecca e Philip? Onde eles estão?

– Não aconteceu nada. Os gêmeos estão em Sept-Tours com Sarah, Phoebe e três dezenas de cavaleiros, todos escolhidos a dedo pela lealdade aos De Clermont e por antipatizarem com Gerbert e a Congregação. Miriam e Chris também estão lá. – Marcus segurou as minhas mãos com firmeza. – Eu não podia ficar sentado na França à espera de notícias. Não quando devia estar ajudando a libertar o meu pai. Sem falar que Matthew também pode precisar de minha ajuda.

Marcus estava certo. Seria necessário um médico para Matthew – um médico que entendesse de vampiros e de como curá-los.

– E Jack? – Foi tudo o que consegui dizer, embora as palavras de Marcus tivessem reduzido meus batimentos cardíacos para algo em torno do normal.

– Ele também está bem – disse Marcus em tom firme. – Jack teve uma crise na noite passada quando soube que não poderia vir comigo, porém Marthe vira um verdadeiro demônio quando provocada. Ela ameaçou impedir Jack de ver Philip e o fez cair na real. Jack nunca deixa o bebê fora de vista. Diz que é sua obrigação proteger seu afilhado não importa do quê. – Marcus se voltou para Fernando. – Conte-me tudo a respeito do seu plano.

Fernando descreveu a operação em detalhes: onde os cavaleiros estariam posicionados, quando entrariam em ação no complexo e os papéis que Gallowglass, Baldwin, Hamish e agora Marcus desempenhariam.

Mesmo com um plano aparentemente impecável, continuei preocupada.

– O que está acontecendo, Diana? – perguntou Marcus, percebendo a minha inquietude.

– Grande parte de nossa estratégia se baseia no elemento surpresa – respondi. – E se Gerbert já avisou a Knox e a Benjamin? Ou a Domenico? Até mesmo Satu pode decidir que estará a salvo de Benjamin se puder

conquistar a confiança de Knox.

– Não se preocupe, tia – assegurou-me Gallowglass. Seus olhos azuis assumiram um tom de tempestade. – Gerbert, Domenico e Satu estão todos imobilizados em Isola della Stella. Os Cavaleiros de Lázaro os cercaram. Não há jeito algum de saírem da ilha.

As palavras de Gallowglass pouco adiantaram para aplacar a minha preocupação. Apenas a libertação de Matthew e o fim das maquinações de Benjamin poderiam me ajudar – de uma vez por todas.

– Pronta para examinar o terreno? – perguntou Baldwin, sabendo que uma tarefa me ajudaria a conter a ansiedade.

Depois de trocar a minha capa preta altamente visível por outra de cor cinza esmaecida que se misturava à neve, fui introduzida por Baldwin e Gallowglass no gigantesco complexo de Benjamin. Fiz um balanço silencioso do sistema de proteção do lugar. Havia alguns feitiços de alarme, um feitiço de gatilho cujo provável objetivo era gerar algum tipo de conflagração elemental ou uma tempestade, e um punhado de recursos diversionistas projetados apenas para atrasar possíveis adversários antes da montagem de uma defesa adequada. Knox empregara magias complicadas, mas que também eram obsoletas e batidas. Em pouco tempo poderíamos desfazer os nós e sair daquele subterrâneo.

– Vou precisar de duas horas e de Janet – sussurrei para Baldwin quando nos retiramos.

Juntas, eu e Janet libertamos o complexo do seu invisível perímetro de arame farpado. Contudo, tivemos que deixar intacto um feitiço de alarme em particular. Era ligado diretamente a Knox e uma simples mexida nos nós poderia alertá-lo de nossa presença.

– Ele é um pilantra esperto – disse Janet, passando a mão nos olhos cansados.

– Um presunçoso, isso sim. Seus feitiços são preguiçosos – retruquei. – Cruzamentos demais, quantidade de fios insuficiente.

– Quando tudo isso acabar, teremos muitas noites em frente à lareira para você me explicar o que acabou de dizer – Janet alertou.

– Quando tudo isso acabar, Matthew estará em casa e ficarei feliz em frente à lareira pelo resto de minha vida – eu disse.

A presença de Gallowglass me lembrou que o tempo estava passando.

– Hora de ir – eu disse apressada, meneando a cabeça para o silencioso Gael.

Gallowglass insistiu que tínhamos que comer alguma coisa e nos levou a um café em Chelm, onde engoli um pouquinho de chá e dei duas mordidas no bolo caseiro enquanto o calor de um barulhento aquecedor descongelava as minhas juntas.

À medida que os minutos passavam o ruído metálico e regular do sistema de aquecimento do café soava como sinos de alerta. Finalmente, Gallowglass anunciou que já era hora de nos encontrarmos com o exército de Marcus.

Ele nos levou até uma casa para os preparativos de guerra nos arredores da cidade. Seu proprietário sentiu-se feliz em entregar as chaves e seguir para climas mais quentes em troca de um polpudo fundo de caixa para as férias, e com a promessa de que encontraria as goteiras do telhado consertadas quando retornasse.

Os vampiros cavaleiros reunidos no porão me eram em sua maioria desconhecidos, se bem que reconheci alguns rostos que haviam comparecido ao batismo dos gêmeos. Enquanto os olhava alinhados e silenciosamente prontos para o que vinha à frente naqueles túneis, pensei comigo impressionada que eles eram guerreiros que tinham combatido tanto em guerras e revoluções mundiais modernas como nas Cruzadas medievais. Eram alguns dos melhores soldados anônimos e, como todos os soldados, estavam dispostos a sacrificar a própria vida em prol de algo maior que eles mesmos.

Fernando deu as ordens finais enquanto Gallowglass abria uma porta

improvisada. Depois dela, uma pequena plataforma e uma escada bamba pela escuridão abaixo.

– Vá com Deus – sussurrou Gallowglass quando o primeiro dos vampiros sumiu de vista e pousou silencioso em solo subterrâneo.

Esperamos enquanto os cavaleiros escolhidos para destruir o grupo de caça de Benjamin faziam o seu trabalho. Olhei fixamente para a terra aos meus pés ainda preocupada com o fato de que alguém poderia alertá-lo sobre a nossa presença e que Benjamin poderia reagir tirando a vida de Matthew.

Foi insuportável. Sem poder receber relatórios de progresso. Até onde eu sabia, os cavaleiros de Marcus poderiam topar com uma inesperada resistência. Benjamin poderia ter mandado mais filhos à caça. E talvez não tivesse mandado ninguém.

– Este é o inferno da guerra – disse Gallowglass. – Não é a luta nem mesmo a morte que destrói você. É a incerteza.

Não mais do que uma hora depois, que pareceu dias, Giles empurrou a porta e abriu-a. Sua camisa estava manchada de sangue. Não havia como saber se o sangue era dele ou dos filhos de Benjamin a essa altura mortos. Ele nos disse que podíamos seguir em frente.

– Está tudo limpo – disse para Gallowglass. – Mas tenham cuidado. Os túneis fazem eco. Prestem atenção em cada passo.

Gallowglass ajudou Janet a descer e depois, a mim, sem utilizar a escada com degraus de metal enferrujado de onde poderíamos cair. Estava tão escuro no túnel que eu não podia ver o rosto dos vampiros que nos escoltavam, mas podia sentir o cheiro da batalha neles.

Seguimos ao longo do túnel com a velocidade que a necessidade de silêncio permitia. Fiquei feliz em meio à escuridão por ter um vampiro em cada braço para me orientar nas curvas, pois certamente teria caído várias vezes sem a ajuda de olhos aguçados e reflexos rápidos.

Baldwin e Fernando nos aguardavam na intersecção de três túneis. Dois

montículos empapados de sangue e cobertos com lonas e o pó de uma substância branca que brilhava debilmente marcavam o lugar onde os filhos de Benjamin tinham encontrado a morte.

– Cobrimos as cabeças e os corpos com cal viva para disfarçar o cheiro – disse Fernando. – Isso não vai eliminá-lo completamente, mas vai nos dar um tempo de vantagem.

– Quantos? – perguntou Gallowglass.

– Nove – respondeu Baldwin. Uma de suas mãos estava limpa e segurava uma espada, a outra estava coberta por substâncias que preferi não identificar. O contraste fez o meu estômago embrulhar.

– Quantos ainda estão lá dentro? – sussurrou Janet.

– Pelo menos outros nove, provavelmente mais. – Baldwin não pareceu preocupado com a perspectiva. – Se os outros são como esses, você pode esperar que sejam presunçosos e espertos.

– Combatentes sujos também – acrescentou Fernando.

– Conforme o esperado – disse Gallowglass em tom tranquilo e descontraído. – Estaremos esperando por um sinal de vocês para entrarmos em ação no complexo. Boa sorte, tia.

Baldwin retirou-me antes que eu pudesse dizer uma palavra de despedida para Gallowglass e Fernando. Talvez tenha sido melhor assim porque a única espiadela que dei no meu ombro captou rostos marcados de exaustão.

O túnel que Baldwin nos fez atravessar levava às portas externas do complexo de Benjamin, onde Ysabeau e Hamish estavam à nossa espera. Com todo o terreno subterrâneo livre sobrava apenas o portão que levava diretamente a Knox, sendo que o único risco era que os olhos afiados de um vampiro pudessem nos detectar.

Janet reduziu essa possibilidade com um abrangente feitiço de disfarce que ocultou não apenas a mim, como também a todos que nos cercavam.

– Onde está Marcus? – Eu esperava vê-lo ali.

Hamish apontou.

Marcus estava no perímetro, posicionado na forquilha do tronco de uma árvore com um rifle apontando para uma janela. Ele deve ter vencido o muro de pedra do complexo pulando de galho em galho. Sem precisar se preocupar com sistemas de segurança porque não passara pelo portão, Marcus aproveitara a pausa na ação e agora fazia a nossa cobertura à medida que passávamos e entrávamos pelo portão da frente.

– Um exímio atirador – comentou Baldwin.

– Marcus aprendeu a manejar armas quando era sangue-quente. Caçava esquilos quando criança – acrescentou Ysabeau. – Menores e mais rápidos que vampiros, segundo me disseram.

Marcus não identificou nossa presença, mas sabia que estávamos ali. Eu e Janet começamos a trabalhar nos últimos nós que prendiam o feitiço de alarme ligado a Knox. Enquanto Janet lançava um feitiço de ancoragem, do mesmo tipo usado pelas bruxas para reforçar as fundações de suas casas ou impedir a saída de seus filhos para a rua, eu desatava o sistema de proteção e redirecionava a energia em direção a Janet. Nós esperávamos que o feitiço não percebesse que o objeto pesado que ele protegia agora era uma pedra de granito e não um enorme portão de ferro.

Nossa estratégia funcionou.

Nós teríamos entrado na casa em alguns segundos não fosse a inconveniente interrupção de um dos filhos de Benjamin que saiu para fumar um cigarro e acabou descobrindo que o portão da frente estava aberto. Ele arregalou os olhos.

E ganhou um pequeno buraco na testa.

Um olho desapareceu. E depois, o outro.

O filho de Benjamin agarrou a própria garganta. O sangue jorrou por entre os dedos e ele emitiu um estranho silvo.

– Olá, *salaud*. Sou sua avó. – Ysabeau enfiou um punhal no coração do homem.

A perda simultânea de sangue que vertia de todo o corpo facilitou a tarefa de Baldwin que agarrou a cabeça do vampiro e torceu-a, quebrando-lhe o pescoço e matando-o instantaneamente. Ele a torceu novamente e a cabeça desgarrou-se dos ombros.

Levou cerca de quarenta e cinco segundos desde o momento em que Marcus fez o primeiro disparo até o momento em que Baldwin colocou a cabeça do vampiro na neve.

Em seguida os cães começaram a latir.

– *Merde* – sussurrou Ysabeau.

– Agora. Vá. – Baldwin pegou o meu braço e Ysabeau encarregou-se de Janet. Marcus jogou o rifle para Hamish, que o pegou facilmente. Ele deu um assobio agudo.

– Atire em tudo que sair por aquela porta – ordenou Marcus. – Eu vou atrás dos cães.

Sem saber se o assobio era para chamar os cães ferozes ou os Cavaleiros de Lázaro que esperavam, corri até o prédio principal do complexo. Lá dentro não estava mais quente do que lá fora. Um rato magricela disparou pelo corredor cheio de portas idênticas.

– Knox sabe que estamos aqui – eu disse. Já não há necessidade de silêncio ou de feitiço de disfarce.

– E Benjamin também – disse Ysabeau.

Como planejado, nos separamos. Ysabeau saiu em busca de Matthew. Baldwin, Janet e eu atrás de Benjamin e Knox. Com sorte encontraríamos todos no mesmo lugar e cairíamos em cima deles, apoiados pelos Cavaleiros de Lázaro que a essa altura tinham desbravado os níveis mais baixos do complexo e chegado lá em cima.

Um grito abafado nos atraiu para uma das portas fechadas. Baldwin abriu-a.

Era a sala das gravações de vídeos: os azulejos encardidos, o ralo no piso, as janelas com vista para a neve, os números escritos com lápis de

cera nas paredes e até a cadeira com um paletó de tweed dependurado no encosto.

Matthew estava sentado em outra cadeira, com os olhos escuros e a boca aberta em um grito silencioso. No seu peito aberto por um dispositivo metálico o coração batia devagar, com a mesma regularidade que me trazia um imenso conforto quando ele me puxava para mais perto.

Baldwin correu em direção a ele, amaldiçoando Benjamin.

– Não é o Matthew – eu disse.

O grito distante de Ysabeau indicou que ela topara com uma cena semelhante.

– Não é o Matthew – repeti mais alto. Fui até a porta ao lado e girei a maçaneta.

Lá estava Matthew sentado na mesma cadeira. Suas mãos – suas belas e fortes mãos que me tocavam com tanto amor e ternura – estavam machucadas nos pulsos e mergulhadas em uma bacia cirúrgica no seu colo.

Fosse qual fosse a porta que abríssemos, encontrávamos Matthew em diferentes e terríveis formas de dor e tormento. Cada cena ilusória tinha sido montada especialmente para mim.

Depois de minhas esperanças terem aumentado e diminuído uma dúzia de vezes, libertei todas as portas da casa de suas dobradiças com uma única palavra. Sequer me dei ao trabalho de olhar para dentro de qualquer dos cômodos abertos. As aparições podem ser bastante convincentes e as de Knox eram muito boas. Mas não eram de carne e osso. Elas não eram o meu Matthew e eu não seria enganada por elas, mesmo sabendo que aquelas que tinham sido vistas me acompanhariam para sempre.

– Matthew está onde Benjamin está. Encontre-o. – Saí sem esperar pelo assentimento de Baldwin ou de Janet. – Onde está você, sr. Knox?

– Dra. Bishop. – Knox esperava por mim quando dobrei o corredor. – Venha. Tome uma bebida comigo. Você não vai sair daqui e pode ser a sua última chance de desfrutar o conforto de uma sala aconchegante... quer

dizer, até conceber o filho de Benjamin.

Criei um muro impenetrável de fogo e água atrás de mim, para que ninguém pudesse me seguir.

E depois criei outro muro atrás de Knox, encaixotando-nos naquele pequeno espaço do corredor.

– Um trabalho muito bem-feito. Estou vendo que seus talentos de lançar feitiços se manifestaram – disse Knox.

– Você vai me encontrar... alterada – eu disse, lembrando da frase de Gallowglass. A magia esperava dentro de mim, implorava para voar. Mas a mantive sob controle e o poder me obedeceu. Eu a senti firme e vigilante.

– Onde você estava? – perguntou Knox.

– Em muitos lugares. Londres. Praga. França. – Senti o formigamento da magia na ponta dos meus dedos. – Você também esteve na França.

– Fui à procura do seu marido e do filho dele. Encontrei uma carta, como pode ver. Em Praga. – Os olhos de Knox brilharam. – Imagine a minha surpresa quando topei com Emily Mather, que até então não era uma bruxa terrivelmente marcante, amarrando o espírito de sua mãe dentro de um círculo de pedra.

Knox estava tentando me distrair.

– Isso me fez lembrar do círculo de pedra que ergui na Nigéria para prender os seus pais. Talvez fosse essa a intenção de Emily.

Palavras serpenteavam sob minha pele com respostas às perguntas silenciosas que as palavras de Knox engendravam.

– Eu nunca deveria ter deixado Satu fazer as honras da casa, quando você estava em casa, minha querida. Sempre suspeitei que você era diferente – ele disse. – Se eu tivesse aberto você em outubro do ano passado, como fiz com sua mãe e seu pai alguns anos atrás, você teria sido poupada de tanta dor.

Mas o que tinha acontecido nos últimos catorze meses era aflição de espírito. E também era alegria inesperada. Agarrei-me a isso naquele

momento, ancorei-me nisso com toda força, como se Janet estivesse operando sua magia.

– Você está muito calada, dra. Bishop. Não tem nada a dizer?

– Na verdade, não. Ultimamente tenho preferido ações a palavras. Economizam tempo.

Finalmente, liberei a magia enrolada fortemente dentro de mim. A rede que tinha feito para capturar Knox era preta e roxa, tecida em fios brancos, prateados e dourados. Ela espalhou-se em asas que saíram dos meus ombros e me fizeram lembrar da ausência de Corra, cujo poder, como ela prometera, ainda era meu.

– Com o nó de um, o feitiço começa. – Minhas asas-redes abriram-se ainda mais.

– Um trabalho muito impressionante e um tanto ilusório, dra. Bishop. – O tom de Knox foi condescendente. – Um simples feitiço de banimento faria...

– Com o nó de dois, o feitiço se realiza. – Os fios de prata e de ouro cintilaram fortes em minha rede, equilibrando os poderes das trevas e da luz que marcavam o cruzamento de magias mais elevadas.

– Que pena que Emily não tivesse o seu dom – disse Knox. – Ela podia ter obtido mais do espírito amarrado de sua mãe do que as besteiras que encontrei quando roubei os pensamentos dela em Sept-Tours.

– Com o nó de três, o feitiço está livre. – As asas gigantescas bateram e precipitaram um suave turbilhão de ar através da caixa mágica construída por mim. Logo se separaram delicadamente do meu corpo, alçaram voo e pairaram em cima de Knox. Ele olhou para o alto e retomou o falatório.

– Os balbucios de sua mãe para Emily eram sobre caos e criatividade, e ela repetia as palavras proféticas daquela charlatã Ursula Shipton: *o mundo velho morre e o novo nasce*. Isso também foi tudo que consegui de Rebecca na Nigéria. A companhia de seu pai enfraqueceu as habilidades dela. Ela precisava de um marido que a desafiasse.

– Com o nó de quatro, a energia é armazenada. – Uma potente espiral escura desenrolou-se lentamente onde as duas asas estavam unidas.

– Será que devo abri-la para saber se você é mais parecida com sua mãe ou com seu pai? – Knox fez um gesto displicente com a mão, e a magia dele cortou um lancinante caminho no meu peito.

– Com o nó de cinco, o feitiço vai prosperar. – Os fios roxos da rede apertaram-se ao redor da espiral. – Com o nó de seis, a magia encaixa. – Os fios dourados cintilaram. Uma escovada casual de minha mão curou o ferimento no meu peito.

– Benjamin ficou muito interessado a respeito do que eu disse sobre sua mãe e seu pai. Ele tem planos para você, Diana. Você vai gerar os filhos de Benjamin, e eles se tornarão como as antigas bruxas: poderosas, sábias, de vida longa. Depois, não haverá mais essa coisa de se esconder nas sombras. Governaremos os sangues-quentes, como planejado.

– Com o nó de sete, o feitiço vai despertar. – Um lamento baixinho encheu o ar, uma lembrança do som que o *Livro da vida* fizera na Bodleiana. Antes tinha sido um grito de dor e terror. E agora soava como um chamado de vingança.

Pela primeira vez Knox pareceu preocupado.

– Você não poderá escapar de Benjamin, assim como Emily não poderia escapar de mim em Sept-Tours. Ela tentou, é claro, mas prevaleci. Tudo o que eu queria era o livro de feitiços da bruxa. Benjamin disse que Matthew o teve nas mãos uma vez. – Os olhos de Knox ganharam um brilho febril. – Quando possuí-lo também terei ascendência sobre os vampiros. E depois até mesmo Gerbert se dobrará para mim.

– Com o nó de oito, o feitiço vai esperar. – Girei a rede e ela assumiu uma forma trançada que representava o infinito. Enquanto manipulava os fios, a sombra do meu pai apareceu.

– Stephen. – Knox lambeu os lábios. – Isso também é uma ilusão.

Papai ignorou, cruzou os braços e olhou-me de modo incisivo.

– Está pronta para terminar isso, amendoim?

– Estou, papai.

– Você não tem o poder de acabar comigo – Knox rosnou. – Emily descobriu isso quando tentou impedir-me de ter o conhecimento do livro perdido de feitiços. Eu tirei os pensamentos dela e o coração dela parou. Se ao menos ela tivesse cooperado...

– Com o nó de nove, o feitiço é meu.

O lamento elevou-se a um grito quando todo o caos contido no *Livro da vida* e toda a energia criativa que amarrava as criaturas juntas no mesmo lugar explodiram da rede mágica e engoliram Peter Knox. As mãos de papai estavam entre aquelas que se estenderam do vazio escuro e o agarraram enquanto ele se debatia, entregando-o a um vórtice que rodopiou de poder e o comeu vivo.

Knox gritava de terror à medida que a magia lhe drenava a vida. Ele se desvendou aos meus olhos quando os espíritos de todos os tecelões que me antecederam, incluindo o meu pai, desenlaçaram os fios que compunham aquela destroçada criatura, reduzindo-a a uma casca sem vida.

Um dia eu pagaria um preço pelo que tinha feito com um companheiro bruxo. Contudo, eu tinha vingado Emily, cuja vida fora tomada por nenhuma outra razão senão a do sonho de poder.

Eu tinha vingado a minha mãe e o meu pai, que amavam a filha a ponto de morrer por ela.

Puxei a flecha da deusa guardada em minha espinha. Um arco feito de sorveira-brava com acabamento em prata e ouro surgiu em minha mão esquerda.

Eu tinha conseguido a minha vingança. E agora era a vez da justiça da deusa.

Olhei para o meu pai com uma pergunta nos olhos.

– Ele está lá em cima. Terceiro andar. Sexta porta à esquerda. – Papai sorriu. – Seja qual for o preço que a deusa tenha exigido de você, Matthew

vale a pena. Assim como você também valeu.

– Ele vale tudo. – Falei enquanto abaixava os muros mágicos que construíra, deixando os mortos para trás a fim de encontrar os vivos.

Como qualquer outro recurso, a magia não é infinita em seus suprimentos. O feitiço usado para eliminar Knox me drenara uma quantidade significativa de energia. Mas era um risco assumido porque eu sabia que sem Knox só restavam ao arsenal de Benjamin força física e crueldade.

Eu só tinha amor e mais nada a perder.

Mesmo sem a flecha da deusa, estaríamos mano a mano.

E agora a casa estava com menos cômodos porque as ilusões de Knox tinham sumido. Em vez de mostrar uma série interminável de portas idênticas, a casa agora mostrava a sua verdadeira face: suja e entupida dos odores da morte e do medo, um lugar de horror.

Subi correndo os degraus. Já não podia poupar um pingo de magia. Eu não sabia onde os outros estavam. Mas sabia onde encontrar Matthew. Abri a porta.

– Aí está você. Nós estávamos esperando por você. – Benjamin estava atrás de uma cadeira.

Desta vez, a criatura sentada na cadeira era inegavelmente o meu amado. Seus olhos estavam negros e repletos de ira do sangue e de dor, mas piscaram ao me reconhecerem.

– Gambito da Rainha completado – eu disse a ele.

Matthew fechou os olhos de alívio.

– Espero que saiba fazer coisa melhor que atirar essa flecha – disse Benjamin. – Caso não seja tão bem versada em anatomia quanto é em química, saiba que Matthew morrerá instantaneamente se minha mão não estiver aqui para segurar isso.

O *isso* era uma grande lança de ferro no pescoço de Matthew.

– Lembra-se de quando Ysabeau enfiou o dedo em mim na Bodleiana?

Ele criou um selo. Foi o que fiz aqui. – Benjamin balançou ligeiramente a lança, fazendo Matthew uivar e verter algumas gotas de sangue. – Não sobrou muito sangue no meu pai. Faz dois dias que o alimento apenas com alguns poucos copos e ele está sangrando lentamente por dentro.

Foi quando notei uma pilha de crianças mortas no canto.

– Refeições anteriores – disse Benjamin em resposta ao meu olhar. – Foi um desafio encontrar formas de atormentar Matthew. Isso porque era preciso garantir que ele tivesse olhos para me ver possuindo você e ouvidos para ouvir os gritos que você soltaria. Mas encontrei uma maneira.

– Você é um monstro, Benjamin.

– Matthew me fez assim. E agora não desperdice mais a sua energia. Logo Ysabeau e Baldwin estarão aqui. Foi nesta sala que mantive Philippe, e que deixei um rastro de migalhas de pão para que minha avó pudesse segui-las. Baldwin ficará surpreso quando souber quem foi que matou o pai dele, não acha? Vi tudo nos pensamentos de Matthew. Quanto a você... bem, você pode imaginar as coisas que Matthew gostaria de fazer com você na privacidade da cama de vocês. Algumas me fizeram corar, e olhe que não sou exatamente um pudico.

Senti a presença de Ysabeau atrás de mim. Caiu uma chuva de fotos no chão. Fotos de Philippe. Naquele lugar. Em agonia. Lancei um olhar furioso para Benjamin.

– Eu não gostaria de nada menos que cortá-lo em pedaços com minhas próprias mãos, mas não privaria a filha de Philippe de tal prazer. – A voz de Ysabeau soou gelada e serrilhada. Raspou nos meus ouvidos de maneira quase dolorosa.

– Oh, ela terá prazer comigo, Ysabeau. Asseguro-lhe isso. – Benjamin sussurrou no ouvido de Matthew, e a mão do meu marido se contorceu, como se para esmurrar o filho, mas os ossos quebrados e os músculos rasgados o impossibilitaram. – Eis Baldwin. Há quanto tempo, tio. Eu tenho algo a dizer para você... um segredo de Matthew. Sei que ele guarda

muitos segredos, mas este é suculento, prometo. – Benjamin fez uma pausa de efeito. – Não fui eu quem matou Philippe. Foi Matthew quem o matou.

Baldwin olhou para ele impassível.

– Quer dar um tiro nele antes que meus filhos o mandem de encontro ao seu pai no inferno? – disse Benjamin.

– Seus filhos não me mandarão para lugar nenhum. E se você acha que estou surpreso por este suposto segredo, você é ainda mais delirante do que eu temia – disse Baldwin. – Sei reconhecer um trabalho de Matthew quando o vejo. Ele é muito bom no que faz.

– Largue isso. – A voz de Benjamin estalou como um chicote quando ele pousou seus olhos frios e insondáveis na minha mão esquerda.

Eu tinha aproveitado a oportunidade para erguer o meu arco enquanto os dois travavam a discussão.

– Largue isso agora ou ele morre. – Benjamin retirou a lança o suficiente para fazer o sangue fluir.

Larguei o arco que caiu com um baque.

– Menina esperta – ele disse recolocando a lança no lugar. Matthew gemeu. – Gostei de você antes mesmo de saber que era uma tecelã. É isso então que a torna especial? Matthew tem sido vergonhosamente relutante para determinar os limites do seu poder, mas não tema. Vou tratar de saber exatamente o quão longe as suas habilidades podem ir.

Sim, eu era uma menina esperta. Mais esperta do que Benjamin sabia. E conhecia os limites do meu poder como ninguém mais conhecia. Quanto ao arco e à flecha da deusa, já não me eram necessários. O que eu precisava para destruir Benjamin ainda estava na minha outra mão.

Ergui ligeiramente o dedo mindinho e o rocei na coxa de Ysabeau em advertência.

– Com o nó de dez, isto começa de novo.

As palavras saíram como um sopro insubstancial e fácil de ser ignorado. Até porque o décimo nó aparentemente simples era uma laçada. Enquanto

as minhas palavras serpenteavam pela sala, o meu feitiço assumia o peso e o poder de uma coisa viva. Estendi o braço esquerdo em linha reta, como se ainda segurasse o arco da deusa. Meu dedo indicador esquerdo ardeu em roxo brilhante.

Minha mão direita recuou com um movimento rápido, meus dedos se fecharam frouxamente em torno das penas brancas na haste dourada da flecha. Coloquei-me diretamente na encruzilhada entre a vida e a morte.

E não hesitei.

– Justiça – proclamei, abrindo os dedos.

Benjamin arregalou os olhos.

A flecha disparou de minha mão por entre o centro do feitiço e tornou-se ainda mais dinâmica enquanto voava. Atingiu o peito de Benjamin com uma violência audível, abrindo-lhe o peito e estourando-lhe o coração. Uma onda ofuscante de poder engolfou a sala. Fios de prata e ouro precipitaram-se em todos os lados, acompanhados por fios roxos e verdes. *O rei sol. A rainha lua. Justiça. A deusa.*

Com um grito sobrenatural de angústia e frustração, Benjamin afrouxou os dedos e a lança coberta de sangue escorregou.

Rapidamente torci os fios que rodeavam Matthew em uma corda que pegou a extremidade da lança. Depois de puxá-la, mantive-a equilibrada enquanto o sangue de Benjamin vertia aos fluxos abundantes até fazê-lo tombar pesadamente no chão.

As poucas lâmpadas na sala piscaram e depois apagaram. Eu tinha extraído cada gota de energia do lugar para matar Knox e Benjamin. E o que restava agora era o poder da deusa: a corda cintilante suspensa no meio da sala, as palavras movendo-se debaixo de minha pele, o poder estalando na ponta dos meus dedos.

Estava acabado.

Benjamin jazia morto e não poderia mais atormentar ninguém.

E embora quebrado, Matthew estava vivo.

Após a queda de Benjamin tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo. Ysabeau afastou o corpo do vampiro. Baldwin postou-se ao lado de Matthew e disse a Marcus para examinar os ferimentos. Verin, Gallowglass e Hamish irromperam na sala. E Fernando chegou em seguida.

Fiquei na frente de Matthew e apoiei a cabeça dele no meu coração, embalando-a e protegendo-a de outros danos. Com uma das mãos ergui a lança de ferro que o sustentava vivo. Matthew soltou um suspiro exausto e se apertou levemente em mim.

– Está tudo bem agora. Eu estou aqui. Você está a salvo – murmurei na tentativa de dar a ele o máximo de conforto possível. – Você está vivo.

– Eu não podia morrer. – A voz de Matthew soou tão fraca que nem sequer poderia ser qualificada como sussurro. – Não sem dizer adeus.

Em Madison, eu tinha feito Matthew prometer que ele não me deixaria sem uma despedida adequada. Fiquei com os olhos cheios de lágrimas enquanto pensava em tudo que ele tinha passado para honrar sua palavra.

– Você manteve sua promessa – eu disse. – Agora, descanse.

– Precisamos tirá-lo daqui, Diana. – A voz serena de Marcus não conseguiu disfarçar a agonia. Ele pegou a lança, pronto para tomar o meu lugar.

– Não deixe Diana assistir. – A voz de Matthew soou crua e gutural. Sua mão esquelética se contraiu no braço da cadeira em protesto, mas ele não foi capaz de fazer mais. – Eu imploro.

Com quase cada centímetro do corpo de Matthew ferido restavam pouquíssimos pontos preciosos onde pudesse tocá-lo sem agravar a dor. Localizei alguns centímetros de carne sem danos na ponta do nariz que brilhavam sob a luz projetada pelo *Livro da vida* e os beijei suavemente.

Sem saber se ele podia me ouvir e sabendo que os olhos dele estavam

inchados e fechados, respirei nele para banhá-lo do meu cheiro. As narinas de Matthew se abriram quase nada, registrando a minha proximidade. Até mesmo esse mínimo movimento o fez estremecer, e tive que me segurar para não gritar o que Benjamin tinha feito a ele.

– Você não pode se esconder de mim, meu amor – eu disse, sem gritar. – Eu vejo você, Matthew. E você vai ser sempre perfeito aos meus olhos.

A respiração de Matthew saiu em um suspiro irregular, os pulmões não se expandiam bem por conta da pressão exercida pelas costelas quebradas. Com um esforço hercúleo ele abriu um olho. O sangue formara uma membrana e o fechara, a pupila se agigantara pela ira do sangue e o trauma.

– Está escuro. – A voz de Matthew resvalava no frenesi, como se temendo a escuridão que prenunciava a morte. – Por que está tão escuro?

– Está tudo bem. Olhe. – Soprei o meu dedo e uma estrela em azul e ouro surgiu na extremidade. – Olhe. Isso vai iluminar o nosso caminho.

Era um risco, eu sabia. Se ele não visse a pequena bola de fogo, o meu pânico aumentaria. Ele olhou para o meu dedo e se encolheu quando a luz entrou em foco. Sua pupila se estreitou levemente em resposta, o que tomei como um bom sinal.

À medida que a ansiedade de Matthew diminuía, a respiração tornava-se menos áspera.

– Ele precisa de sangue – disse Baldwin, mantendo a voz baixa e nivelada.

Arregacei a manga sem abaixar o meu dedo reluzente para onde Matthew olhava fixamente.

– Não o seu – disse Ysabeau, aquietando os meus esforços. – O meu.

A agitação de Matthew ressuscitou. Era como se assistíssemos à luta de Jack para conter as próprias emoções.

– Não aqui – ele disse. – Não com Diana assistindo.

– Não aqui – repetiu Gallowglass, como se para devolver o controle ao

meu marido.

– Que os irmãos e o filho cuidem dele, Diana. – Baldwin abaixou a minha mão.

E assim deixei que Gallowglass, Fernando, Baldwin e Hamish unissem os braços como tipoias, enquanto Marcus mantinha a lança de ferro no lugar.

– Meu sangue é forte, Diana. – Ysabeau pegou-me pela mão com firmeza. – Ele vai curá-lo.

Assenti com a cabeça. Mas eu tinha dito a verdade para Matthew: ele sempre seria perfeito aos meus olhos. Os ferimentos externos não me importavam. Eram os ferimentos do coração, da mente e da alma que me preocupavam porque nenhuma quantidade de sangue de vampiro poderia curá-los.

– Amor e tempo – murmurei, como se tateando para descobrir os itens de um feitiço, e olhei a distância enquanto colocavam Matthew inconsciente no bagageiro de um dos carros que nos esperavam. – Isso é tudo de que ele precisa.

Janet aproximou-se e me reconfortou com a mão no meu ombro.

– Matthew Clairmont é um vampiro antigo – disse. – E ele tem você. Então, acho que amor e tempo vão operar a magia.

Sol em Aquário

Quando o Sol passa pelo signo do aguadeiro, prenuncia grande fortuna, amigos fiéis e ajuda de príncipes. Portanto, não tema as mudanças que ocorrem quando Aquário governa a Terra.

– Anonymous English Commonplace Book, c. 1590,
Gonçalves MS 4890, f. 10^{r}



Durante o voo, Matthew disse apenas uma palavra: "Casa."

Chegamos à França seis dias após os acontecimentos em Chelm. Matthew ainda não conseguia andar. Também não conseguia usar as mãos. Nada permanecia no estômago por mais de trinta minutos. O sangue de Ysabeau, como prometido, lentamente remendava os ossos esmagados, os tecidos danificados e as lesões nos órgãos internos de Matthew. Após a primeira perda de consciência devido à combinação de drogas, dor e exaustão, ele agora se recusava a fechar os olhos para descansar.

E quase nunca falava. Quando o fazia era geralmente para recusar alguma coisa.

– Não – disse quando seguimos em direção a Sept-Tours. – Nossa casa.

Frente a um leque de opções, pedi a Marcus que nos levasse para Les Revenants. Era um nome estranhamente apropriado às atuais condições do proprietário porque depois do que Benjamin tinha feito, Matthew retornava para casa mais fantasma e menos homem.

Ninguém poderia imaginar que Matthew iria preferir Les Revenants a Sept-Tours, de modo que a casa estava fria e sem vida quando chegamos. Ele ficou no saguão de entrada com Marcus enquanto eu e Baldwin nos apressávamos a entrar na casa para acender as lareiras e arrumar a cama. Eu e Baldwin ainda resolvíamos a respeito de qual seria o melhor aposento para as atuais limitações físicas de Matthew quando um comboio de carros vindos de Sept-Tours lotou o pátio. Nem mesmo os vampiros conseguiram

vencer Sarah à entrada da porta, ela estava ansiosa demais para nos ver. Ajoelhou-se na frente de Matthew, exprimindo ternura, compaixão e preocupação.

– Parece que você veio do inferno – disse.

– Já estive pior. – A bela voz de Matthew de outrora soou dura e áspera, mas guardei cada palavra concisa como um tesouro.

– Se Marcus aprovar, aplicarei uma pomada na pele que irá ajudá-lo a curar – disse Sarah, tocando-lhe no antebraço em carne viva.

O berro furioso de um bebê faminto cortou o ar.

– Becca. – Meu coração disparou com a perspectiva de ver os gêmeos novamente. Contudo, Matthew não me pareceu feliz.

– Não. – Os olhos dele se mostraram selvagens, e ele tremeu dos pés à cabeça. – Não. Não agora. Não desse jeito.

Como Benjamin assumira o controle da mente e do corpo de Matthew, eu insisti que Matthew agora devia ser livre para definir os termos de sua vida cotidiana e até mesmo do tratamento médico. Mas isso eu não permitiria. Retirei Rebecca dos braços de Ysabeau e, depois de beijá-la suavemente na face, ajeitei-a na dobra do cotovelo de Matthew.

Becca parou de chorar assim que viu o rosto do pai.

E Matthew parou de tremer assim que a filha chegou aos seus braços, exatamente como eu naquela noite em que ela nasceu. Meus olhos lacrimejaram pela expressão boquiaberta de susto do meu marido.

– Bem pensado – sussurrou Sarah, com uma olhadela significativa para mim. – Você também parece que veio do inferno.

– Mãezinha – disse Jack, beijando-me no rosto. Ele tentou passar Philip para o meu colo, mas o bebê se torceu e girou o rosto, negando-se a ir para o meu colo.

– O que é isso, meu pequeno? – Encostei a ponta dos dedos no rosto de Philip. Minhas mãos irradiaram poder e as letras que aguardavam sob a minha pele emergiram e organizaram-se em histórias que ainda precisavam

ser contadas. Fiz um meneio de cabeça e beijei a testa do meu filho, o formigamento nos meus lábios confirmava o que o *Livro da vida* me revelara. Philip tinha poder... muito poder. – Leve-o para Matthew, Jack.

Jack conhecia muito bem os horrores que Benjamin era capaz de perpetrar. Ele preparou-se para as evidências disso antes de girar o corpo. Era como se Matthew estivesse nos olhos de Jack: o herói esquálido e ferido de volta ao lar após a batalha. Jack pigarreou aos rosnados e isso me preocupou.

– Não deixe Philip fora da reunião, papai. – Jack acomodou Philip na dobra do outro braço de Matthew.

Os olhos de Matthew piscaram de surpresa com a saudação. Foi só uma palavrinha – *papai*. Mas Jack nunca o chamara de outra coisa senão de mestre Roydon e Matthew. Embora Andrew Hubbard tivesse insistido que o verdadeiro pai de Jack era Matthew, e que Jack tivesse sido rápido ao me chamar de "mãe", Jack se mostrava estranhamente relutante em conceder uma honra semelhante ao homem que ele adorava.

– Philip fica zangado quando Becca recebe toda a atenção. – A voz de Jack soou áspera, com uma nota de raiva reprimida, e deliberadamente as palavras seguintes soaram brincalhonas e leves. – Vovó Sarah tem todo tipo de conselho sobre como tratar irmãos e irmãs mais novos. Quase tudo gira em torno de sorvetes e visitas ao zoológico. – As brincadeiras de Jack não enganaram Matthew.

– Olhe para mim. – A voz de Matthew ainda estava fraca e rouca, mas a ordem era inconfundível.

Jack o encarou.

– Benjamin está morto – disse Matthew.

– Eu sei. – Jack desviou os olhos, mexendo-se inquieto de um pé para o outro.

– Benjamin não pode feri-lo. Não mais.

– Ele o feriu. E teria ferido mamãe. – Jack me olhou com olhos de

escuridão.

Temendo que a ira do sangue o engolisse, caminhei em direção a ele, mas me detive para que Matthew cuidasse disso.

– Olhe para mim, Jack.

A pele de Matthew acinzentou pelo esforço. Depois da chegada de Jack, ele já tinha dito mais palavras do que tinha dito em uma semana. Jack se voltou para o líder do seu clã.

– Pegue Rebecca. Entregue-a para Diana. E depois volte.

Jack fez como solicitado, enquanto o resto de nós assistia a tudo com cautela porque ambos poderiam perder o controle.

Com Becca em segurança nos meus braços, beijei-a e disse-lhe baixinho que ela era uma boa menina porque não tinha esperneado ao sair do colo do pai.

Becca franziu a testa, como se estivesse cumprindo esse papel sob protesto.

De volta para o lado de Matthew, Jack estendeu a mão para pegar Philip.

– Não. Ficarei com ele. – Os olhos de Matthew também assumiram um tom sinistro e escuro. – Leve Ysabeau para casa, Jack. E os outros também.

– Mas, *Matthieu*. – Ysabeau protestou. Fernando sussurrou alguma coisa no ouvido dela. Com relutância, ela assentiu com a cabeça. – Venha, Jack. Contarei uma história no caminho para Sept-Tours sobre certa vez em que Baldwin tentou me banir de Jerusalém. Muitos homens morreram.

Depois da advertência velada, Ysabeau tirou Jack do quarto.

– Obrigado, *maman* – balbuciou Matthew, e seus braços tremiam de modo alarmante ainda sob o peso de Philip.

– Chame se precisar de mim – sussurrou Marcus enquanto se dirigia para a porta.

Estávamos apenas nós quatro na casa quando retirei Philip do colo de Matthew e coloquei os dois bebês no berço ao lado da lareira.

– Muito pesado – disse Matthew extenuado quando tentei levantá-lo da cadeira. – Fique aqui.

– Você não vai ficar aqui. – Estudei a situação e pensei na solução. Condensei o ar para que pudesse aguentar um feitiço de levitação tecido às pressas. – Espere, farei uma tentativa de magia.

Matthew soltou o que pareceu uma tentativa de risada.

– Não. Para mim está ótimo aqui no primeiro andar – disse. Suas palavras enrolavam de exaustão.

– Em nosso quarto é melhor – retruquei em tom firme enquanto deslizávamos acima do chão até o elevador.

Em nossa primeira semana em Les Revenants Matthew permitiu a visita de Ysabeau para alimentá-lo. Aos poucos recuperou a força e a mobilidade. Ainda não podia andar, mas se levantava com ajuda, os braços pendurando-se frouxos nos flancos.

– Você está progredindo rapidamente – comentei com vivacidade, como se tudo no mundo estivesse cor-de-rosa.

Contudo, o mundo estava muito escuro em minha cabeça. Lá dentro o meu grito era de raiva, medo e frustração enquanto o meu amado se esforçava para encontrar um caminho através das sombras do passado que o tinham abatido em Chelm.

Sol em Peixes

Quando o Sol estiver em Peixes, espere cansaço e tristeza. Aquele que puder banir o medo vai vivenciar o perdão e a compreensão. Você vai ser chamado para trabalhar em lugares distantes.

– Anonymous English Commonplace Book, c. 1590,

– Quero alguns dos meus livros – disse Matthew, fingindo descontração. Ele desfiou uma lista de títulos. – Hamish saberá onde encontrá-los. – Hamish retornara rapidamente para Londres e depois retornara para a França. E desde então estava hospedado nos aposentos de Matthew em Sept-Tours. Passava os dias tentando impedir que os burocratas arruinassem a economia mundial, e as noites, esgotando a adega de Baldwin.

Hamish chegou a Les Revenants com os livros, e Matthew o convidou para sentar e tomar uma taça de champanhe. Hamish pareceu entender que essa tentativa de normalidade era um momento decisivo na recuperação de Matthew.

– Por que não? Nenhum homem pode viver só de vinho. – Com uma olhadela sutil para mim, Hamish indicou que cuidaria de Matthew.

Fazia três horas que os dois jogavam xadrez. E meus joelhos bambearam com a inesperada visão de Matthew sentado no lado branco do tabuleiro e considerando as opções. Já que as mãos de Matthew ainda estavam inúteis e que a engenharia anatômica das mãos era terrivelmente complicada, Hamish movimentava as peças de acordo com os comandos codificados de Matthew.

– E4 – disse Matthew.

– A Variação Central? Como você está ousado. – Hamish moveu um dos peões brancos de Matthew.

– Você aceitou o Gambito da Rainha – disse Matthew serenamente. – O que esperava?

– Que você confundisse as coisas. Antigamente você se recusava a pôr sua rainha em risco. Agora faz isso em todas as partidas. – Hamish franziu a testa. – É uma péssima estratégia.

– A rainha foi ótima da última vez – sussurrei no ouvido de Matthew e o fiz sorrir.

Depois que Hamish saiu, Matthew pediu-me que lesse para ele. Já era um ritual nos sentarmos em frente à lareira enquanto a neve caía do outro lado das janelas. Em minhas mãos, os livros amados de Matthew: Abelardo, Marlowe, Darwin, Thoreau, Shelley, Rilke. Muitas vezes os lábios de Matthew se moviam junto com as palavras lidas por mim. Isso mostrava a mim – e, mais importante, a ele – que ele estava com a mente nítida e inteira como sempre.

– *Eu sou a filha da Terra e da Água, / E a lactente do Céu* – eu li no seu velho exemplar de *Prometeu libertado*.

– *Eu passo pelos poros dos oceanos e das praias* – sussurrou Matthew. – *Eu mudo, mas não posso morrer*.

Após a chegada de Hamish o nosso convívio social em Les Revenants expandiu-se gradualmente, como certa vez em que Jack e seu violoncelo foram convidados a se juntar a Matthew. Jack tocou Beethoven por horas a fio, e a música além de operar efeitos positivos no meu marido infalivelmente também colocou a minha filha para dormir como um anjo.

Matthew convalescia, mas ainda tinha um longo caminho a percorrer. Quando descansava, eu cochilava ao lado e torcia para que os bebês continuassem quietinhos no berço. Ele me deixava ajudá-lo a tomar banho e a vestir-se, embora odiando a si mesmo – e a mim. Cada vez que eu pensava que não aguentaria mais testemunhar a luta de Matthew mais um momento sequer, concentrava-me em algum fragmento de pele recuperado. Tal como as sombras de Chelm, as cicatrizes nunca desapareceriam totalmente.

Sarah chegou para vê-lo visivelmente preocupada. Mas não era com Matthew que se preocupava.

– Quanto de magia você está usando para se manter de pé? – Acostumada a conviver com vampiros de orelhas de morcego, ela só fez a

pergunta quando eu a acompanhei até o carro.

– Estou bem – respondi, abrindo a porta do carro para ela.

– Não foi isso que perguntei. Posso ver que você está bem. E isso é o que me preocupa – disse Sarah. – Por que você não está com o pé na cova?

– Isso não importa – respondi, descartando a pergunta.

– Você vai desabar quando entrar em colapso – retrucou Sarah. – Você não pode se manter assim animada.

– Sarah, você esquece que a família Bishop-Clairmont é especializada no impossível. – Fechei a porta do carro para abafar os protestos em curso.

Eu deveria saber que minha tia não silenciaria tão facilmente. Baldwin apareceu vinte e quatro horas depois que ela saiu – sem ser convidado e sem aviso prévio.

– Você tem esse mau hábito – comentei pensando em outro momento em que ele retornou a Sept-Tours e arrancou os lençóis de nossa cama. – Surpreenda-nos de novo e instalarei um sistema de proteção mágica sobre esta casa para repelir os Quatro Cavaleiros do Apocalipse.

– Eles não foram vistos em Limousin desde que Hugh morreu. – Baldwin beijou-me em cada face e em meio a isso fez uma lenta avaliação do meu cheiro.

– Matthew não está recebendo visitas hoje – eu disse afastando-me. – Ele teve uma noite difícil.

– Eu não estou aqui para ver Matthew. – Baldwin fixou os seus olhos de águia em mim. – Estou aqui para avisar-lhe que se você não começar a cuidar de si mesma, assumirei o comando aqui.

– Você não tem...

– Ah, mas faço isso. Você é minha irmã. No momento o seu marido está impossibilitado de cuidar do seu bem-estar. Cuide de si ou aceite as consequências. – A voz de Baldwin soou implacável.

Nós nos enfrentamos em silêncio por alguns instantes. Ele suspirou quando me recusei a desviar os olhos.

– É realmente muito simples, Diana. Se você entrar em colapso, e baseando-me no seu cheiro posso afirmar que você tem uma semana no máximo antes que isso aconteça, os instintos de Matthew o levarão a tentar proteger a companheira. Isso vai distraí-lo do mais importante, curar-se.

Baldwin tinha razão.

– A melhor maneira de lidar com um companheiro vampiro, especialmente um com ira do sangue como Matthew, é não lhe dar razão alguma para pensar que você precisa de proteção. Cuide-se... antes e sempre – acrescentou Baldwin. – Matthew só vai se recuperar mental e fisicamente se a vir saudável e feliz, muito mais que o sangue de quem o criou ou a música de Jack. Estamos entendidos?

– Sim.

– Fico feliz. – A boca de Baldwin abriu um sorriso. – Enquanto isso responda aos e-mails. Enviei-lhe mensagens. Você não responde. É preocupante.

Assenti com a cabeça, temendo que se abrisse a boca lhe daria instruções detalhadas sobre o que fazer com os e-mails que ele mandava.

Baldwin olhou para Matthew no grande salão e o considerou como totalmente inútil. Isso porque Matthew não podia se envolver em lutas corporais, nem em guerras ou outras atividades próprias entre irmãos. Depois, felizmente se foi.

Obediente, abri o laptop.

Centenas de mensagens me aguardavam, a maioria da Congregação com exigências de explicações e de Baldwin com ordens para mim.

Fechei o laptop e retornei para Matthew e meus filhos.

Algumas noites após a visita de Baldwin, eu acordei com a sensação de que um dedo frio apertava a minha espinha ao mesmo tempo em que traçava o

tronco de uma árvore no meu pescoço.

O ritmo irregular do dedo chegou aos meus ombros e encontrou o contorno deixado pela flecha da deusa e a estrela deixada por Satu Järvinen.

Lentamente, o dedo seguiu até o dragão que rodeava os meus quadris.

As mãos de Matthew estão trabalhando novamente.

– Eu queria que você fosse a primeira coisa a ser tocada por mim – ele disse quando percebeu que tinha me acordado.

Eu mal conseguia respirar e as minhas possíveis respostas estavam fora de questão. Mas apesar de tudo as minhas palavras não ditas queriam se libertar. A magia reverberou dentro de mim, as letras formaram frases sob a minha pele.

– O preço do poder. – A mão de Matthew circundava o meu braço, o polegar acariciando as palavras à medida que apareciam. A princípio, era um movimento rude e irregular, mas se tornava mais suave e mais firme a cada passagem pela minha pele. Embora tivesse observado as mudanças infundidas em mim depois que me tornara o *Livro da vida*, ele ainda não as tinha mencionado.

– Tanta coisa a dizer. – Ao sussurro seguiram-se os lábios que roçaram o meu pescoço. Os dedos de Matthew mergulharam, separaram a minha carne e tocaram no meu centro.

Engoli em seco. Já fazia muito tempo, mas aquele toque ainda me era familiar. E os dedos infalivelmente chegaram aos lugares que me traziam mais prazer.

– Mas você não precisa de palavras para me dizer o que sente – disse Matthew. – Eu vejo você, mesmo quando se esconde do resto do mundo. Eu a escuto, mesmo quando está calada.

Era uma definição pura de amor. Magicamente, as letras que se acumulavam nos meus braços desapareceram quando Matthew despiu a minha alma e conduziu o meu corpo para um lugar onde as palavras eram

realmente desnecessárias. Minha libertação me fez estremecer, e embora o toque de Matthew se tornasse leve como uma pluma, os dedos não paravam de se mover.

– Mais uma vez – ele disse quando o meu pulso acelerou mais uma vez.

– Não é possível – eu disse. Logo ele fez algo que me fez suspirar.

– *Impossible n'est pas français* – ele retrucou, dando-me um beliscão na orelha. – E da próxima vez que o seu irmão aparecer, diga-lhe para não se preocupar. Sou perfeitamente capaz de cuidar da minha mulher.

Sol em Áries

O signo do carneiro significa domínio e sabedoria. Quando o Sol está em Áries, você testemunha o crescimento em todos seus trabalhos. É um tempo de novos começos.

– Anonymous English Commonplace Book, c. 1590,
Gonçalves MS 4890, f. 7v

– Responda a porra dos seus e-mails!

Aparentemente Baldwin estava tendo um dia ruim. Como Matthew, eu começava a apreciar os meios tecnológicos modernos que nos permitiam manter os outros vampiros da família à distância do comprimento do braço.

– Eu os mandarei para a lixeira assim que puder. – Baldwin me encarou na tela do computador, a cidade de Berlim era visível do outro lado das grandes janelas. – Você vai para Veneza, Diana.

– Não, não vou. – Já fazia algumas semanas que tínhamos algumas

versões dessa mesma conversa.

– Você vai, sim. – Matthew inclinou-se sobre o meu ombro. Ele já estava andando lentamente, mas silenciosamente como sempre. – Diana vai se reunir com a Congregação, Baldwin. Mas se falar assim com ela de novo, corto a sua língua.

– Duas semanas – disse Baldwin, sem se perturbar com a ameaça do irmão. – Eles concordaram em dar a ela mais duas semanas.

– É muito cedo. – Os efeitos físicos da tortura de Benjamin se dissipavam, mas agora o controle de Matthew sobre a ira do sangue era cortante como o fio da navalha e seu humor agudo como tal.

– Ela estará lá. – Ele fechou a tampa do laptop, obviamente fechando o irmão e a exigência final.

– É muito cedo – repeti.

– Sim... é muito cedo para que eu viaje a Veneza e enfrente Gerbert e Satu. – As mãos de Matthew pousaram pesadas nos meus ombros. – Se quisermos que o pacto seja formalmente revogado... um de nós deve levar o caso para a Congregação.

– E as crianças? – Eu queria encontrar um pretexto.

– Nós três sentiremos a sua falta, mas vamos aguentar. Se me mostrar inepto para Ysabeau e Sarah, não terei que trocar uma única fralda enquanto você estiver fora. – Os dedos de Matthew apertaram ainda mais, e também a responsabilidade que pesou sobre os meus ombros. – Você deve fazer isso. Por mim. Por nós. Para cada membro de nossa família prejudicado pelo pacto: Emily, Rebecca, Stephen e até Philippe. E pelos nossos filhos, para que possam crescer em um ambiente de amor e não de medo.

Depois disso, não havia como me recusar a ir para Veneza.

A família Bishop-Clairmont entrou em ação, ansiosa para acelerar o nosso caso com a Congregação. Foi um esforço colaborativo de muitas espécies que começou com o aprimoramento de nosso argumento até

chegar ao núcleo essencial. Por mais difícil que fosse esquecer as injúrias e os insultos grandes e pequenos por nós sofridos, o sucesso dependia de fazer o nosso pedido não parecer uma vingança pessoal.

No final, acabou sendo impressionantemente simples – pelo menos depois que Hamish assumiu o comando. O que precisávamos fazer, ele disse, era estabelecer sem sombra de dúvida que a motivação da aliança era o temor da miscigenação. E o desejo de manter as linhagens artificialmente puras para preservar o equilíbrio do poder entre as criaturas.

Como a maioria dos argumentos simples, o nosso exigiu horas de trabalho e de entorpecimento mental. Nós todos contribuímos com os nossos talentos para o projeto. Como uma talentosa pesquisadora, Phoebe procurou nos arquivos de Sept-Tours os documentos referentes ao início do pacto e às primeiras reuniões e debates da Congregação. Ela solicitou a ajuda de Rima, que se emocionou porque faria algo diferente do trabalho de secretariado ao pesquisar documentos na biblioteca da Congregação em Isola della Stella.

Esses documentos nos ajudaram a montar um cenário coerente do que os fundadores da Congregação realmente temiam: as relações entre as criaturas resultariam em crianças que não seriam nem demônios nem vampiros nem bruxas, e sim uma terrível mistura que supostamente turvaria as antigas e puras linhagens das criaturas. Uma preocupação justificada em razão do nível de compreensão da biologia do século XII e do valor colocado na herança e na linhagem à época. E Philippe de Clermont tinha tido a perspicácia política para suspeitar de que os filhos de tais uniões poderiam ser poderosos a ponto de governar o mundo, se assim quisessem.

O mais difícil, para não dizer o mais perigoso, seria demonstrar que o temor em questão realmente contribuíra para o declínio do mundo das criaturas sobrenaturais. Séculos de endogamia implicavam a dificuldade dos vampiros para reproduzir novos vampiros, a perda de poder das

bruxas e a crescente propensão dos demônios à loucura. Para fazer nossa parte, os Bishop-Clairmont teriam que expor tanto a ira do sangue quanto os tecelões da família.

Escrevi a história dos tecelões baseada nas informações do *Livro da vida*. Expliquei que era difícil controlar o poder criativo dos tecelões e que com isso eles se tornavam vulneráveis à animosidade de seus companheiros bruxos e bruxas. Ao longo do tempo bruxas e bruxos se tornaram complacentes e passaram a fazer menos uso de novos feitiços e encantamentos. Os antigos funcionavam e os tecelões passaram de membros valiosos de suas comunidades a párias caçados. Eu e Sarah nos sentamos e em parceria redigimos um relato da vida dos meus pais em pormenores dolorosos até chegarmos ao seguinte ponto: as tentativas desesperadas de meu pai para esconder os próprios talentos, os esforços de Knox para descobri-los, as terríveis mortes dos meus pais.

Matthew e Ysabeau registraram uma história igualmente difícil, uma história da loucura e do poder destrutivo da raiva. Fernando e Gallowglass vasculharam os documentos privados de Philippe que evidenciaram que ele protegera a companheira do extermínio e a decisão de ambos para proteger Matthew a despeito dos sinais da doença que ele mostrava. Ambos, Philippe e Ysabeau, acreditavam que uma educação cuidadosa e um controle duramente conquistado seriam um contrapeso para qualquer doença que estivesse presente no sangue de Matthew – um exemplo clássico de inato *versus* adquirido. E Matthew confessou que seus próprios fracassos com Benjamin demonstravam o quão perigoso a ira do sangue poderia ser quando deixada à deriva e sem controle.

Janet chegou a Les Revenants com o grimório de Gowdie e uma cópia da transcrição do julgamento de sua bisavó Isobel. Os registros do julgamento descreviam a relação amorosa de Isobel com um diabo conhecido como Nickie-Ben, incluindo a nefasta mordida que ela recebeu. O grimório provava que Isobel era uma tecelã de feitiços, ela

orgulhosamente identificava as suas criações como singulares e mágicas e cobrava um preço para compartilhá-las com suas irmãs de Highlands. Isobel também identificou o seu amante como Benjamin Fox – filho de Matthew. Benjamin realmente assinara o próprio nome no registro de família encontrado na capa do livro.

– Ainda não é suficiente – disse Matthew preocupado, observando os documentos. – Ainda não podemos explicar *por que* os tecelões e os vampiros portadores da ira do sangue, como eu e você, podem conceber filhos.

Eu poderia explicar isso. O *Livro da vida* compartilhara esse segredo comigo. Mas não queria dizer nada até que Miriam e Chris entregassem as provas científicas.

Eu começava a pensar que teria que levar o nosso caso à Congregação sem a ajuda deles quando um carro estacionou no pátio.

Matthew franziu a testa.

– Quem será? – perguntou, pousando a caneta na mesa e se dirigindo à janela. – Miriam e Chris estão aqui. Algo deve estar errado no laboratório de Yale.

Depois que os dois entraram na casa e Matthew recebeu garantias de que a equipe de pesquisa que ficara em New Haven estava prosperando, Chris entregou-me um envelope grosso.

– Você estava certa – disse. – Bom trabalho, professora Bishop.

Abracei o pacote contra o peito, indizivelmente aliviada. Depois o entreguei para Matthew.

Enquanto rasgava o envelope, ele corria os olhos pelas linhas de texto e pelos ideogramas em preto e branco que as acompanhavam. Ergueu os olhos, boquiaberto de espanto.

– Também fiquei surpresa – admitiu Miriam. – Enquanto abordávamos demônios, vampiros e bruxas como espécies separadas com relações longínquas com os seres humanos, todos distintos uns dos outros, a

verdade nos escapava das mãos.

– Até que Diana nos disse que o *Livro da vida* dizia respeito ao que nos une como um todo e não ao que nos separa – continuou Chris. – Ela nos pediu para comparar o genoma dela com o genoma dos demônios e de outras bruxas.

– Estava tudo lá no cromossomo das criaturas – disse Miriam –, escondendo-se da vista de todos.

– Não entendi – disse Sarah, olhando em branco.

– Diana pôde conceber um filho de Matthew porque ambos possuem sangue de demônios – explicou Chris. – É muito cedo para saber ao certo, mas a hipótese é que os tecelões são descendentes de antigas uniões entre bruxas e demônios. Vampiros portadores da ira do sangue, como Matthew, são gerados quando um vampiro com o gene da ira do sangue cria outro vampiro de um ser humano portador do DNA de um demônio.

– Não havia muita presença demoníaca na amostra genética de Ysabeau e de Marcus – acrescentou Miriam. – Isso explica por que ambos nunca manifestaram a doença como Matthew ou Benjamin.

– Mas a mãe de Stephen Proctor era humana – disse Sarah. – Era uma chata total, desculpe, Diana, e definitivamente não tinha nada demoníaco.

– A relação não tem que ser imediata – disse Miriam. – Só é necessário haver na mistura DNA de demônio suficiente para engatilhar os genes do tecelão e da ira do sangue. Pode ter sido um dos antepassados distantes de Stephen. Como disse Chris, esses resultados ainda são provisórios. Vamos precisar de décadas para entendê-los em toda a extensão.

– Só mais uma coisa: o bebê Margaret também é tecelã. – Chris apontou para os papéis nas mãos de Matthew. – Página trinta. Não há dúvida sobre isso.

– Eu me pergunto se é por isso que Em era tão inflexível em não querer que Margaret caísse nas mãos de Knox – ponderou Sarah. – Talvez ela tenha descoberto a verdade.

– Isso vai abalar as bases da Congregação – eu disse.

– Fará mais que isso. A ciência torna o pacto completamente irrelevante – acrescentou Matthew. – Nós não somos espécies separadas.

– Então, somos apenas raças diferentes? – perguntei. – Isso fortalece ainda mais o nosso argumento sobre a miscigenação.

– É preciso atualizar as suas leituras, professora Bishop – disse Chris sorrindo. – A identidade racial não tem base biológica, pelo menos para a maioria dos cientistas. – Matthew já tinha dito algo parecido em Oxford para mim.

– Mas isso significa que... – interrompi a frase.

– Você não é um monstro, afinal. Não existe essa coisa de demônios, vampiros e bruxas. Não no sentido biológico. Todos são apenas seres humanos com diferenças entre si. – Chris sorriu. – Essa é para a Congregação engolir e digerir.

Eu não usei exatamente essas palavras no meu argumento de abertura do enorme dossiê que enviamos para Veneza antes da reunião da Congregação, mas o que disse significava a mesma coisa.

Os dias do pacto estavam contados.

E se a Congregação quisesse continuar com alguma função, ela teria que encontrar algo melhor para fazer com o tempo do que policiar fronteiras entre demônios, vampiros, bruxas e humanos.

Contudo, ao me dirigir à biblioteca na manhã que antecedeu a minha partida para Veneza, achei que alguma coisa estava de fora do arquivo.

Enquanto fazíamos a pesquisa, era impossível ignorar os vestígios pegajosos dos dedos de Gerbert. Ele parecia se esconder nas margens de cada documento e de cada fragmento de evidência. Era difícil atribuir muito a ele diretamente, mas a prova circunstancial era clara: fazia muito tempo que Gerbert de Aurillac conhecia os dons especiais das tecelãs. Ele

mesmo se tornara prisioneiro de uma delas: a bruxa Meridiana, que o amaldiçoara quando morreu. E durante séculos ele alimentara Benjamin Fuchs com informações sobre os De Clermont. Philippe o confrontara pouco antes de partir em sua missão final na Alemanha nazista.

– Por que não há informações sobre a ida de Gerbert para Veneza? – perguntei para Matthew quando finalmente o encontrei na cozinha enquanto preparava o meu chá. Ysabeau brincava ao lado com Philip e Becca.

– Porque é melhor que o resto da Congregação não saiba sobre o envolvimento de Gerbert – ele respondeu.

– Melhor para quem? – perguntei bruscamente. – Eu quero essa criatura desmascarada e punida.

– As punições da Congregação são bastante insatisfatórias – disse Ysabeau, com um brilho nos olhos. – Conversa demais e pouca dor. Se você quer punição, deixe-me fazer isso. – Ela tamborilou as unhas na bancada e me fez tremer.

– Você já fez o suficiente, *maman* – disse Matthew, lançando-lhe um proibitivo piscar de olhos.

– Ah, isso. – Ysabeau balançou a mão com desdém. – Gerbert tem sido um menino muito travesso. Mas amanhã vai cooperar com Diana por causa disso. Você vai topar com um Gerbert de Aurillac inteiramente solidário, filha.

Caí pesadamente sentada no banco da cozinha.

– Enquanto Ysabeau era mantida na casa de Gerbert, ela e Nathaniel praticaram um pouco de espionagem – explicou Matthew. – Eles estão monitorando os e-mails e as atividades de Gerbert na internet desde então.

– Sabia que nada que você vê na internet morre, Diana? A informação vive para sempre, assim como os vampiros. – Ysabeau pareceu genuinamente fascinada pela comparação.

– E? – Eu ainda não fazia ideia para onde tudo aquilo estava levando.

– Gerbert não é apenas um amante de bruxas – disse Ysabeau. – Ele também teve inúmeras amantes demônias. Uma delas ainda vive na Via della Scala, em Roma, num conjunto palaciano e arejado de apartamentos que ele comprou para ela no século XVII.

– Espere. Século XVII? – Eu tentei pensar em linha reta, se bem que isso era difícil com Ysabeau parecendo Tabitha depois de devorar um camundongo.

– Gerbert "consorciou-se" com demônias e fez uma delas virar vampira. Isso é estritamente proibido, não pelo pacto, mas pela lei dos vampiros. Por uma boa razão, agora sabemos o que gera a ira do sangue – disse Matthew. – Nem mesmo Philippe sabia dessa demônia, embora soubesse de algumas outras amantes demônias de Gerbert.

– Nós então o estamos chantageando? – perguntei.

– Chantagem é uma palavra muito feia – respondeu Ysabeau. – Prefiro pensar que Gallowglass foi excepcionalmente persuasivo quando esteve em Les Anges Déchus na noite passada para desejar uma boa viagem para Gerbert.

– Eu não quero nenhuma operação secreta dos De Clermont contra Gerbert. Eu quero que o mundo conheça a cobra que esse sujeito é – eu disse. – Eu quero vencê-lo em batalha aberta e justa.

– Não se preocupe. O mundo inteiro vai saber. Um dia. Uma guerra de cada vez, *ma lionne*. – Matthew suavizou o tom de comando da observação com um beijo e uma xícara de chá.

– Philippe preferia caçar a guerrear. – Ysabeau abaixou a voz, como se não querendo que Becca e Philip ouvissem as próximas palavras. – Veja bem, quando você caça, você brinca com a presa antes de destruí-la. Isso é o que estamos fazendo com Gerbert.

– Oh. – Na verdade, havia algo interessante nessa perspectiva.

– Eu tinha certeza de que você entenderia. Afinal, seu nome é inspirado na deusa da caça. Feliz caçada em Veneza, minha querida – disse Ysabeau,

acariciando a minha mão.

Sol em Touro

O Touro rege dinheiro, crédito, dívidas e presentes. Enquanto o Sol estiver em Touro, trate dos negócios inacabados. Resolva seus assuntos para que não o incomodem mais tarde. Se receber uma recompensa inesperada, invista no futuro.

– Anonymous English Commonplace Book, c. 1590, Gonçalves MS 4890, f. 7v

Aos meus olhos, Veneza em maio era uma coisa e em janeiro era outra, e não apenas porque o céu estava azul e a lagoa serena.

Quando Matthew ainda estava sob as garras de Benjamin, a cidade me pareceu fria e inóspita. Era um lugar de onde queria sair o mais rápido possível. E quando saí, jamais esperei retornar.

Mas a justiça da deusa não estaria completa até que se desfizesse o pacto.

E então me vi de volta a Ca' Chiaromonte, sentada no banco do jardim dos fundos e não no banco com vista para o Grande Canal, esperando mais uma vez pelo início da reunião da Congregação.

Dessa vez Janet Gowdie esperou comigo. Juntas, discutimos o nosso caso pela última vez, imaginando os possíveis argumentos que usariam contra nós enquanto as preciosas tartarugas de estimação de Matthew escorregavam nos caminhos de cascalho em busca de um mosquito para o lanche.

– Hora de ir – anunciou Marcus pouco antes de os sinos badalarem quatro horas. Ele e Fernando nos acompanhariam até Isola della Stella. Janet e eu tínhamos tentado assegurar ao resto da família que estaríamos bem sozinhas, se bem que Matthew não nos deu ouvidos.

Os membros da Congregação eram os mesmos que estiveram presentes na reunião de janeiro. Agatha, Tatiana e Osamu me lançaram sorrisos de incentivo, mas a recepção que recebi de Sidonie von Borcke e dos vampiros acabou sendo gelada. Satu entrou no claustro no último instante, como se para não ser notada. Já não era mais a bruxa autoconfiante que me sequestrara da horta em Sept-Tours. O olhar analítico de Sidonie sugeria que a transformação de Satu não passara despercebida, e com isso suspeitei que haveria mudanças nas representantes das bruxas.

Atravessei o claustro para juntar-me a dois vampiros.

– Domenico. Gerbert. – Apontei para um de cada vez.

– Bruxa. – Gerbert ironizou.

– E também uma De Clermont. – Curvei-me e aproximei os lábios do ouvido de Gerbert. – Não fique muito cheio de si, Gerbert. A deusa pode ter deixado você por último, mas não se engane. O dia de seu julgamento está chegando. – Afastei-me com uma pontada de prazer pela centelha de medo que apareceu nos olhos dele.

Girei a chave De Clermont na fechadura da câmara do conselho tomada por uma sensação de *déjà vu*. As portas se abriram e o estranho sentimento se intensificou. Fixei os olhos no ouroboros – o décimo nó – esculpido na parte de trás da cadeira De Clermont e fios de prata e de ouro chicotearam poder na sala.

Todas as bruxas são ensinadas a acreditar em sinais. Felizmente, o significado desse sinal era claro, sem necessidade de magias ou interpretações complicadas: *Este é o seu lugar. O lugar a que você pertence*.

– Declaro aberta a sessão – proclamei batendo na mesa e assumindo a

minha cadeira.

Meu dedo esquerdo tinha uma grossa fita violeta. A flecha da deusa desaparecera depois que a utilizei para matar Benjamin, mas permanecera uma vívida marca roxa – a cor da justiça.

Esquadrinhei a sala – a grande mesa, os registros do meu povo, os ancestrais dos meus filhos e as nove criaturas reunidas cuja decisão mudaria a vida de milhares como elas em todo o mundo. No alto, os espíritos daqueles que vieram antes; seus olhares congelavam, cutucavam e formigavam.

– *Dê-nos justiça* – eles disseram em uníssono – *e lembre-se de nossos nomes*.

– Vencemos – disse eu aos membros das famílias De Clermont e Bishop-Clairmont reunidos no salão para nos saudar quando retornamos de Veneza. – O pacto foi revogado.

Seguiram-se aplausos, abraços e congratulações. Baldwin ergueu uma taça de vinho em minha direção, em demonstração menos efusiva de aprovação.

Procurei os olhos de Matthew.

– Não é surpresa alguma – ele disse. Seguiu-se um silêncio que pesou com palavras não ditas, mas ouvidas por mim. Ele abaixou para pegar a filha. – Viu, Rebecca? Sua mãe consertou tudo mais uma vez.

Becca descobria o puro prazer de mastigar os próprios dedos. Ainda bem que os dentes de leite de vampiro não tinham nascido. Matthew tirou a mão de Becca da boca e a acenou em minha direção, distraindo a filha da birra que ela planejava.

– *Bonjour, maman*.

Jack balançava Philip no joelho. Philip parecia ao mesmo tempo intrigado e concentrado.

– Bom trabalho, mãezinha.

– Eu tive muita ajuda. – Fiquei com a garganta apertada quando olhei não apenas para Jack e Philip, mas também para Sarah e Agatha, que fofocavam sobre a reunião da Congregação, e para Fernando, que divertia Sophie e Nathaniel com histórias sobre a rigidez de Gerbert e a fúria de Domenico, e para Phoebe e Marcus, que trocavam um intenso beijo de reencontro. Baldwin estava com Matthew e Becca e me aproximei deles.

– Isto pertence a você, irmão. – A chave De Clermont descansava pesada na palma de minha mão estendida.

– Fique com ela. – Baldwin apalpou o metal frio.

A conversa silenciou no salão.

– O que você disse? – perguntei sussurrando.

– Eu disse para você ficar com ela – repetiu Baldwin.

– Você não quer dizer...

– Quero. Todos na família De Clermont têm um emprego. Você sabe disso. – Os olhos castanhos de Baldwin brilharam. – A partir de hoje é seu trabalho supervisionar a Congregação.

– Eu não posso. Eu sou uma professora! – protestei.

– Defina um cronograma de reuniões da Congregação compatível com suas aulas. Contanto que responda aos e-mails – disse Baldwin em tom de gravidade simulada –, você não terá problema algum em administrar suas responsabilidades. Já negligenciei os assuntos de família o suficiente. Além do quê, sou um guerreiro e não um político.

Olhei para Matthew em apelo mudo, mas ele não tinha a menor intenção de me resgatar daquela situação em particular. Ele se encheu de orgulho, não de protecionismo.

– E quanto a suas irmãs? – perguntei com minha cabeça a mil. – Certamente Verin vai se opor.

– Foi sugestão de Verin – disse Baldwin. – E afinal você também é minha irmã.

– Então, está tudo resolvido. Diana vai servir na Congregação até que se canse do trabalho. – Ysabeau beijou-me nas duas faces. – Só pense no quanto isso vai perturbar Gerbert quando ele descobrir o que Baldwin fez.

Ainda atordoada, deslizei a chave de volta ao bolso.

– E acabou que o dia ficou lindo – disse Ysabeau olhando para os raios de sol. – Vamos dar um passeio no jardim antes do jantar. Alain e Marthe prepararam um banquete, sem a ajuda de Fernando. Marthe está com um imenso bom humor por causa disso.

Risos e tagarelices acompanharam a família pela porta afora. Matthew entregou Becca para Sarah.

– Não demorem muito, vocês dois – disse Sarah.

Já sozinhos, Matthew beijou-me com uma fome aguda que aos poucos se tornou algo mais profundo e menos desesperado. Foi um lembrete de que a ira do sangue ainda não estava totalmente sob controle e de que minha ausência causara dano.

– Correu tudo bem em Veneza, *mon coeur*? – ele perguntou quando recuperou o equilíbrio.

– Contarei tudo mais tarde – respondi. – Mas aviso desde já: Gerbert não se comportou bem. Ele tentou me dificultar o tempo todo.

– O que esperava? – Matthew me puxou em direção ao resto da família. – Não se preocupe com Gerbert. Vamos descobrir qual é o jogo dele, não tenha medo.

Algo inesperado chamou a minha atenção. Parei no meio do caminho.

– Diana? – Matthew olhou para mim e franziu a testa. – Você vem?

– Só um minuto.

Ele lançou-me um olhar de estranheza, mas depois saiu.

Eu sabia que você seria a primeira a me ver. A voz de Philippe era sussurrada, e a mobília horrível de Ysabeau era visível através dele. Nada disso importava. Ele estava perfeito – inteiro, sorrindo, um brilho divertido e terno nos olhos.

– Por que eu? – perguntei.

Você já tem o Livro da vida. *Não precisa mais de minha ajuda*. Philippe cravou os olhos nos meus olhos.

– O pacto... – comecei a dizer.

Eu ouvi. Eu ouço a maioria das coisas. Philippe abriu um largo sorriso. *Estou orgulhoso de que tenha sido um dos meus filhos que o destruiu. Você fez um bom trabalho.*

– Você está vendo a minha recompensa? – Lutei contra as lágrimas.

Uma delas, disse Philippe. *Com o tempo você terá outras*.

– Emily. – Tão logo pronunciei o nome dela, a silhueta de Philippe começou a desvanecer.

– Não! Não vá. Eu não vou fazer perguntas. Só diga a ela que a amo.

Ela sabe disso. O mesmo acontece com sua mãe. Philippe deu uma piscadela. *Estou totalmente cercado de bruxas. Não diga para Ysabeau. Ela não vai gostar*.

Dei uma risada.

E aí está a minha *recompensa por anos de bom comportamento. Agora não quero mais lágrimas, entendeu?* Ele ergueu o dedo. *Estou farto de lágrimas*.

– E o que você quer em vez de lágrimas? – Enxuguei os olhos.

Mais risos. Mais danças. Ele assumiu um ar travesso. *E mais netos*.

– Eu tive que perguntar. – Dei outra risada.

Mas o futuro não será só de risos. Philippe assumiu um ar sóbrio. *Seu trabalho não acabou, filha. A deusa pediu-me para devolver isso a você*. Ele estendeu a mesma flecha de ouro e de prata que eu tinha arremessado no coração de Benjamin.

– Eu não quero isso. – Levantei a mão para repelir aquele indesejado presente.

Eu também não a quis, mas alguém tem que fazer com que a justiça seja feita. Ele estendeu o braço ainda mais.

– Diana? – Matthew chamou à distância.

Eu não teria ouvido a voz do meu marido se não fosse pela flecha da deusa.

– Já vou! – gritei de volta.

Os olhos de Philippe encheram-se de simpatia e compreensão. Toquei na ponta de ouro hesitante. A flecha desapareceu tão logo a minha carne encostou nela. E mais uma vez senti um peso em minhas costas.

Eu sabia que você era a pessoa certa desde o primeiro momento em que nos conhecemos, disse Philippe. Essas palavras eram um estranho eco do que eu tinha ouvido de Timothy Weston na Bodleiana no ano anterior, e mais uma vez na casa de Philippe.

Com um último sorriso o fantasma de Philippe desvaneceu de vez.

– Espere! – gritei. – Pessoa certa para quê?

Você era a única que podia suportar os meus fardos e não se quebrar, a voz de Philippe sussurrou no meu ouvido. Senti uma pressão sutil de lábios em minha face. *Você não estará sozinha quando os carregar. Lembre-se disso, filha.*

Engoli um soluço quando ele partiu.

– Diana? – Matthew me chamou novamente, dessa vez da porta. – O que houve? Parece que viu um fantasma.

E tinha visto, mas não era hora de contar para Matthew. Senti vontade de chorar, mas Philippe queria alegria e não tristeza.

– Dance comigo – pedi, antes que uma lágrima pudesse cair.

Matthew me tomou nos braços. Conduziu os pés pelo piso do saguão adiante rumo ao grande salão. Ele não fez perguntas, embora as respostas estivessem nos meus olhos.

Pisei no dedão dele.

– Desculpe.

– Está tentando conduzir de novo. – Ele beijou-me nos lábios e girou o meu corpo. – No momento o seu trabalho é seguir.

– Esqueci. – Dei uma risada.

– Então, vou ter que lembrá-la mais amiúde. – Ele apertou o meu corpo contra o dele. Seu beijo foi impetuoso como um aviso e doce como uma promessa.

Philippe estava certo, pensei enquanto caminhávamos para o jardim.

Conduzindo ou seguindo, eu nunca estaria sozinha no mundo com Matthew ao lado.

Sol em Gêmeos

O signo de Gêmeos tem a ver com parceria entre marido e mulher, e com todas as questões que dependam da mesma forma de fé. O homem nascido sob este signo tem um coração bom e honesto, e um bom humor que o levará a aprender muitas coisas. A raiva nele é rápida, passa logo. Ele é destemido com as palavras, mesmo na frente de príncipes. É um grande dissimulador, um disseminador de fantasias e mentiras inteligentes. Ver-se-á enredado em problemas, em razão de sua esposa, mas prevalecerá contra os inimigos.

– Anonymous English Commonplace Book, c. 1590,
Gonçalves MS 4890, f. 8r



– Desculpe-me incomodá-la, professora Bishop.

Olhei por cima do manuscrito. A sala de leitura da Royal Society estava banhada pela luz do sol de verão. Ela atravessava as altas janelas e se derramava generosa nas mesas de leitura.

– Um dos colegas me pediu para dar isso a você. – O bibliotecário estendeu um envelope com as insígnias da Royal Society. O meu nome estava escrito por toda a extensão do envelope em letra escura e peculiar. Fiz um meneio de cabeça em agradecimento.

Dentro do envelope havia uma antiga moeda de prata de Philippe – a que ele enviava para se certificar se alguém tinha voltado para casa ou obedecido a suas ordens. Eu tinha encontrado um novo uso para a moeda que ajudava Matthew a administrar a ira do sangue depois que retornei para uma vida mais ativa. Após o calvário que passara com Benjamin, o meu marido se recuperava a olhos vistos, mas o humor continuava volátil e a raiva o tomava rapidamente. A recuperação completa levaria mais tempo. Quando Matthew sentia que a necessidade de minha presença se elevava a níveis perigosos, enviava-me a moeda e eu me juntava a ele imediatamente.

Eu devolvi os manuscritos encadernados de minha pesquisa para o atendente e agradeci pela ajuda. Era o fim de minha primeira semana de volta aos arquivos – um teste para ver como a minha magia reagia ao contato repetido com tantos textos antigos e brilhantes, ainda que de intelectos mortos. Matthew não era o único a lutar por controle, acabei

tendo alguns momentos complicados quando me pareceu impossível retomar o trabalho que eu amava, mas a cada dia que passava essa meta se tornava mais viável.

Depois do confronto com a Congregação em abril, comecei a me compreender como uma tecelagem complicada e não apenas como um palimpsesto ambulante. Meu corpo era uma tapeçaria de bruxa, demônio e vampiro. Alguns fios que me teciam eram de puro poder, simbolizado pelo aspecto sombrio de Corra. Outros eram retirados da habilidade que meus cordões de tecelã representavam. E outros mais eram tecidos a partir do conhecimento contido no *Livro da vida*. Cada laçada me fortalecia para usar a flecha da justiça da deusa sem recorrer à vingança ou ao poder.

Matthew me esperava no saguão de entrada quando desci a escadaria até o primeiro andar da biblioteca. Como de costume, gelou-me a pele e aqueceu-me o sangue com um olhar. Coloquei a moeda na palma da mão estendida.

– Tudo bem, *mon coeur*? – ele me perguntou depois de um beijo de saudação.

– Tudo na mais perfeita ordem. – Eu o puxei pela lapela do paletó preto, um pequeno gesto possessivo. Ele vestia o traje do professor ilustre, calça cinza-grafite, camisa branca e paletó de lã fina. Eu é que tinha escolhido a gravata, presenteada por Hamish no Natal anterior, e o padrão verde e cinza contrastava com as cores mutáveis dos olhos dele. – Como foi com você?

– Um debate interessante. Chris foi brilhante, claro – disse Matthew, concedendo modestamente o centro do palco ao amigo.

Chris, Matthew, Miriam e Marcus estavam apresentando as descobertas da pesquisa que expandia os limites do considerado "humano". Eles demonstraram como a evolução do *Homo sapiens* incluía o DNA de outras criaturas, como os neandertais, tidas até então como de espécies diferentes. Durante anos Matthew cultivara solitário grande parte das

provas. Chris dizia que Matthew era tão ruim quanto Isaac Newton em compartilhar pesquisas com os outros.

– Marcus e Miriam fizeram sua habitual rotina encantadora e rabugenta – disse Matthew, enfim me soltando.

– E como os outros *fellows* reagiram a essas informações? – Eu despreguei o crachá com o nome de Matthew e coloquei no bolso dele. PROFESSOR MATTHEW CLAIRMONT, estava escrito, FELLOW DA ROYAL SOCIETY, ALL SOULS (OXFORD), UNIVERSIDADE DE YALE (EUA). Matthew aceitara uma nomeação como pesquisador visitante para trabalhar um ano no laboratório de pesquisa de Chris. Eles haviam recebido uma verba consistente para estudar o DNA não codificante. A pesquisa lançaria as bases para futuras revelações sobre outras criaturas hominídeas que não estavam extintas como os neandertais, mas que viviam longe da vista dos seres humanos. No outono partiríamos para New Haven novamente.

– Eles ficaram surpresos – disse Matthew. – Mas depois que ouviram a explanação de Chris, a surpresa se tornou inveja. Ele realmente foi impressionante.

– Onde está Chris agora? – perguntei, procurando o amigo por cima do meu ombro enquanto Matthew me conduzia para a saída.

– Ele e Miriam foram para Pickering Place – disse Matthew. – Marcus queria pegar Phoebe para que todos fossem para um bar de ostras perto de Trafalgar Square.

– Quer se juntar a eles? – perguntei.

– Não. – Matthew pôs a mão na minha cintura. – Vou levá-la para jantar fora, lembra?

Leonard estava nos esperando no meio-fio.

– Boa-tarde, *sieur*. Madame.

– Professor Clairmont, Leonard – disse Matthew apressado enquanto apontava o banco traseiro do carro para mim.

– Beleza – disse Leonard, com um sorriso alegre. – Clairmont House?

– Por favor – disse Matthew, entrando no carro comigo.

Era um belo dia de junho e provavelmente nos teria exigido menos tempo se tivéssemos ido a pé do centro até Mayfair, mas Matthew insistiu que o carro era mais seguro. Não tínhamos evidência alguma da sobrevivência de filhos de Benjamin à batalha em Chelm, e Gerbert e Domenico não deram mais motivos para preocupações após a dolorosa derrota que tinham sofrido em Veneza. Ainda assim, Matthew não queria arriscar.

– Oi, Marthe! – Liguei para casa quando nos aproximamos da porta. – Como está tudo?

– *Bien* – ela disse. – Milorde Philip e milady Rebecca acabaram de acordar da soneca deles.

– Pedi para Linda Crosby vir um pouco mais tarde para dar uma mãozinha – disse Matthew.

– Já estou aqui! – Linda nos seguiu pela porta adentro, carregando duas sacolas da Marks & Spencer. Entregou uma delas para Marthe. – Eu trouxe o novo livro da série sobre aquela adorável mulher detetive e sua bela... Gemma e Duncan. E aqui está o padrão de tricô de que lhe falei.

Linda e Marthe agora eram grandes amigas em parte porque tinham interesses quase idênticos em romances policiais, tricô e crochê, cozinha, jardinagem e fofocas. As duas tinham feito uma pungente campanha para que as crianças sempre fossem cuidadas por membros da família ou, se não fosse o caso, um vampiro ou uma bruxa serviriam como babás. Linda argumentou que era uma sábia precaução, isso porque ainda não entendíamos os talentos e tendências dos bebês – embora a preferência de Rebecca por sangue e sua tendência a não dormir sugerissem que ela era mais vampira que bruxa, assim como Philip parecia mais bruxo que vampiro pela satisfação que mostrava quando eu planava um elefante sobre o berço dele.

– Nós podemos ficar em casa esta noite – sugeri. Os planos de Matthew

envolviam um vestido de noite, um smoking e só a deusa sabia mais o quê.

– Não. – Matthew continuava feliz com a promessa. – Quero levar a minha mulher para jantar fora. – O tom indicou que o tema não estava aberto para discussão.

Jack desceu correndo pela escada.

– Oi, mãe! Coloquei sua correspondência no andar de cima. A do pai também. Tenho que correr. Jantar com padre H esta noite.

– Volte para o café da manhã, por favor – disse Matthew enquanto Jack saía como um raio pela porta aberta.

– Não se preocupe, pai. Estarei com Ransome depois do jantar – disse Jack batendo a porta. O ramo de Nova Orleans do clã Bishop-Clairmont chegara em Londres dois dias antes para apreciar os pontos turísticos e visitar Marcus.

– Saber que ele está fora com Ransome não alivia as minhas preocupações – disse Matthew suspirando. – Vou ver as crianças e me vestir. Você vem?

– Já vou indo. Primeiro quero ir ao salão de baile para ver como os fornecedores estão se saindo com os preparativos para sua festa de aniversário.

Matthew resmungou.

– Deixe de ser um velho resmungão – eu disse.

Subimos a escada. O segundo andar, que geralmente era frio e silencioso, estava agitado de atividades. Matthew seguiu-me até as portas largas e altas. Os fornecedores tinham colocado as mesas perto das paredes para deixar um espaço mais amplo para a dança. No canto, os músicos ensaiavam para a noite do dia seguinte.

– Eu nasci em novembro, não em junho – murmurou Matthew com a cara amarrada. – No Dia de Finados. E por que é que temos que convidar tanta gente?

– Você pode reclamar e procurar defeitos o quanto quiser. Isso não vai

mudar o fato de que amanhã é o dia em que você renasceu como vampiro e que sua família quer comemorar com você. – Examinei um dos arranjos florais. Matthew tinha feito uma seleção ímpar de plantas que incluía ramos de salgueiro e madressilvas, e ainda uma vasta seleção de músicas de diferentes épocas a serem tocadas pela banda. – Se não quiser tantos convidados, pense duas vezes antes de fazer mais filhos.

– Mas gosto de fazer filhos com você. – Matthew deslizou a mão pelo meu quadril e parou no meu ventre.

– Então, pode esperar uma repetição anual deste evento – eu disse, beijando-lhe. – E mesas a mais a cada ano que passar.

– E por falar em filhos – ele disse enquanto inclinava a cabeça a fim de ouvir um som inaudível para os sangues-quentes –, sua filha está com fome.

– *Sua* filha está *sempre* com fome. – Dei um peteleco na bochecha dele.

O antigo quarto de Matthew era agora uma creche e uma zona especial dos gêmeos – um zoológico repleto de bichos de pelúcia e apetrechos que equipariam um exército de bebês, com duas tiranas a dominá-lo.

Philip virou a cabeça para a porta quando entramos. Olhou triunfante quando se levantou e segurou a grade do berço. Espiou o berço da irmã. Rebecca se arrastou para uma posição sentada e olhou para Philip com interesse, como se tentando descobrir como é que ele conseguia crescer com tanta rapidez.

– Bom Deus. Ele está em pé. – Matthew pareceu atordoado. – Mas não tem nem sete meses de idade.

Olhei para os braços e as pernas fortes do meu bebê e me perguntei por que o pai estava tão surpreso.

– O que você tem feito? – eu disse enquanto tirava Philip do berço e o abraçava.

Um fluxo de sons ininteligíveis borbulhou da boquinha de Philip e as letras sob a minha pele emergiram para lhe prestar assistência enquanto

Matthew respondia à minha pergunta.

– Sério? Então, teve um dia muito animado – retruquei entregando Philip para Matthew.

– Acredito que você vai ser tão agitado quanto o seu homônimo – disse Matthew carinhosamente, com o dedo preso no aperto feroz de Philip.

Ambos trocamos as fraldas e alimentamos os bebês enquanto conversávamos sobre as minhas pesquisas do dia nos documentos de Robert Boyle e sobre as apresentações na Royal Society que levavam Matthew a uma nova compreensão dos genomas das criaturas.

– Só um minuto. Preciso verificar os e-mails. – Eu os recebia cada vez mais depois que Baldwin me nomeara representante oficial dos De Clermont para que ele pudesse dedicar mais do seu tempo a ganhar dinheiro e estar com a família.

– A Congregação já não a incomodou o bastante esta semana? – perguntou Matthew, com visível mau humor. Eu passava muitas noites redigindo declarações de políticas sobre a igualdade e a abertura na tentativa de desembaraçar a complicada lógica demoníaca.

– Desconfio de que não haja fim à vista – respondi enquanto levava Philip para a sala chinesa que era agora o meu escritório na casa. Liguei o computador, apoiei Philip no joelho e chequei as mensagens.

– Uma foto de Sarah e Agatha – gritei. Elas estavam em alguma praia de algum lugar na Austrália. – Vem ver.

– Elas parecem felizes – disse Matthew olhando por cima do meu ombro com Rebecca nos braços. Rebecca soltou onomatopeias de alegria com a visão da avó.

– É difícil acreditar que faz mais de um ano desde a morte de Em – comentei.

– É bom ver Sarah sorrindo de novo.

– Alguma notícia de Gallowglass? – perguntou Matthew. Gallowglass partira para lugares desconhecidos e não respondera ao nosso convite para

a festa de Matthew.

– Nenhuma. Talvez Fernando saiba onde ele está. – Eu perguntaria isso a ele no dia seguinte.

– E o que Baldwin quer? – perguntou Matthew, olhando o nome do irmão na lista de remetentes.

– Ele chega amanhã. – Fiquei feliz pela presença de Baldwin no aniversário de Matthew. Ele daria um peso a mais à ocasião e apagaria os falsos rumores de que não apoiava plenamente o irmão ou a nova linhagem Bishop-Clairmont. – Chegará acompanhado de Verin e Ernst. E fique sabendo que Freyja também vem.

Eu ainda não conhecia a irmã do meio de Matthew. Mas passei a procurá-la depois que Janet Gowdie me regalara com as façanhas realizadas por ela no passado.

– Cristo, Freyja também, não. – Matthew gemeu. – Preciso de uma bebida. Quer alguma coisa?

– Só um pouco de vinho – respondi distraidamente enquanto percorria a lista de mensagens de Baldwin, de Rima Jaén em Veneza e de outros membros da Congregação e ainda do chefe do meu departamento na Universidade de Yale. Eu estava mais ocupada do que nunca. E também feliz.

Quando cheguei ao estúdio de Matthew, ele não estava providenciando as bebidas. Olhava curioso para a parede acima da lareira com Rebecca equilibrada no quadril. Olhei para o mesmo ponto e entendi tudo.

O retrato de Ysabeau e Philippe não estava mais pendurado naquele lugar. Uma pequena tarjeta presa à parede. RETRATO DE SIR JOSHUA REYNOLDS DE UM CASAL DESCONHECIDO, REMOVIDO TEMPORARIAMENTE PARA A EXPOSIÇÃO *SIR JOSHUA REYNOLDS E SEU MUNDO* NA ROYAL GREENWICH PICTURE GALLERY.

– Phoebe Taylor ataca novamente – sussurrei. Ela ainda não era vampira, mas já era bem conhecida nos círculos dos vampiros porque identificava as obras de arte que eles possuíam e conseguia isenção fiscal

para eles doando-as para a nação. Baldwin adorava Phoebe.

Mas o súbito desaparecimento do retrato dos pais não era o que deixava Matthew petrificado.

Outra tela ocupava o lugar da tela de Reynolds: eu junto a Matthew. Claro que era um retrato de Jack porque combinava a atenção aos detalhes do século XVII com a sensibilidade moderna à cor e às linhas. Isso era confirmado pela pequena placa apoiada sobre a lareira, onde estava rabiscado: "*Feliz aniversário, papai*."

– Pensei que ele estava pintando o seu retrato. Era para ser uma surpresa. – Lembrei dos pedidos sussurrados do nosso filho para que distraísse Matthew enquanto ele traçava alguns esboços.

– Jack me disse que era um retrato *seu* – retrucou Matthew.

Jack nos retratou ao lado de uma das grandes janelas da casa na sala de pintura. Eu estava sentada numa poltrona elisabetana, uma relíquia de nossa casa em Blackfriars. Matthew atrás de mim olhava com olhos claros e brilhantes para o espectador. Os meus olhos pareciam olhar para outro mundo através do espectador. Isso sugeria que eu não era um ser humano comum.

Matthew estava debruçado por cima do meu ombro com uma das mãos entrelaçada na minha mão esquerda levantada. Eu mexia a cabeça em direção a ele enquanto ele inclinava levemente a cabeça para baixo, como se interrompidos no meio de uma conversa.

Na pose o ouroboros circundava o meu pulso esquerdo.

O símbolo da família Bishop-Clairmont era uma mensagem de força e solidariedade. Uma família iniciada com o surpreendente amor entre Matthew e mim. Um amor amadurecido por uma ligação estreita e uma resistência ao ódio e ao medo dos outros. Um amor permanente porque sustentado pela descoberta, como a das bruxas de séculos anteriores, de que o desejo de transformação é o segredo da sobrevivência.

Mais que isso, o ouroboros simbolizava a nossa parceria. Eu e Matthew

representávamos o casamento alquímico entre vampiro e bruxa, morte e vida, sol e lua. Uma combinação de opostos gerava algo mais sutil e mais precioso do que se poderia obter sozinho.

Nós éramos o décimo nó.

Inquebrantável.

Sem começo nem fim.

Agradecimentos

Os meus sinceros agradecimentos...

... aos meus gentis leitores pela reciprocidade: Fran, Jill, Karen, Lisa e Olive.

... a Wolf Gruner, Steve Kay, Jake Soll e Susanna Wang, todos generosos com seus conhecimentos e delicados com suas críticas.

... a Lucy Marks, que reuniu opiniões de especialistas sobre o peso que uma folha de velino pode ter.

... a Hedgebrook, por sua radical (e muito necessária) hospitalidade quando mais precisei.

... a Sam Stoloff e Rich Green, por defender a trilogia do começo ao fim.

... a Carole DeSanti e o resto da equipe da Viking Penguin que trabalhou na trilogia pelo apoio a este livro, e aos dois anteriores, durante todas as etapas do processo de publicação.

... aos editores estrangeiros que trouxeram a história de Diana e Matthew para os leitores de todo o mundo.

... a Lisa Halttunen pela edição e preparação do manuscrito para a publicação.

... aos meus assistentes Jill Hough e Emma Divine, por tornar a minha vida possível.

... aos meus amigos pela firmeza.

... a minha família por fazer a vida valer a pena ser vivida: meus pais, Olive e Jack, Karen, John, Lexie, Jake, Lisa.

... aos meus leitores por deixarem os Bishop e os De Clermont entrarem em seus corações e em suas vidas.

Título original
THE BOOK OF LIFE

Copyright © 2014 *by* Deborah Harkness

Todos os direitos reservados, incluindo o de reprodução no todo ou em parte sob qualquer forma.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Viking, um selo da Penguin Group (USA) LLC, uma Penguin Random House Company.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

Preparação de originais
MAIRA PARULA

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora, foram usados de forma fictícia, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou localidades é mera coincidência

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital

JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub
CLARICE GOULART

Edição Digital: agosto, 2015

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H245L
Harkness, Deborah E., 1965-
O livro da vida [recurso eletrônico] / Deborah Harkness ; tradução Márcia Frazão. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2015.
recurso digital

Tradução de: The book of life
978-85-8122-599-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Frazão, Márcia. II. Título.

15-24646 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Sobre a autora

Deborah Harkness é professora universitária e escritora especializada em história da ciência e da medicina. Ela é detentora de diversos prêmios, entre os quais o Fullbright, o Guggenheim e a bolsa do National Humanities Center. Atualmente, ocupa o cargo de professora de história na University of Southern California. *A descoberta das bruxas* é a sua primeira obra literária.

Índice

- Capa
- Folha de rosto
- Sumário
- A desoberta das bruxas
  - Folha de Rosto
  - Dedicatória
  - Sumário
  - Epígrafe
  - Capítulo 1
  - Capítulo 2
  - Capítulo 3
  - Capítulo 4
  - Capítulo 5
  - Capítulo 6
  - Capítulo 7
  - Capítulo 8
  - Capítulo 9
  - Capítulo 10
  - Capítulo 11
  - Capítulo 12
  - Capítulo 13
  - Capítulo 14
  - Capítulo 15
  - Capítulo 16
  - Capítulo 17
  - Capítulo 18
  - Capítulo 19
  - Capítulo 20
  - Capítulo 21
  - Capítulo 22
  - Capítulo 23
  - Capítulo 24
  - Capítulo 25
  - Capítulo 26

- Capítulo 27
- Capítulo 28
- Capítulo 29
- Capítulo 30
- Capítulo 31
- Capítulo 32
- Capítulo 33
- Capítulo 34
- Capítulo 35
- Capítulo 36
- Capítulo 37
- Capítulo 38
- Capítulo 39
- Capítulo 40
- Capítulo 41
- Capítulo 42
- Capítulo 43
- Agradecimentos
- Créditos
- A Autora

Sombra da noite

- Folha de Rosto
- Dedicatória
- Epígrafe
- Sumário
- Parte I: Woodstock: a Velha Cabana
  - Capítulo 1
  - Capítulo 2
  - Capítulo 3
  - Capítulo 4
  - Capítulo 5
  - Capítulo 6
  - Capítulo 7
- Parte II: Sept-Tours e a aldeia de Saint-Lucien
  - Capítulo 8
  - Capítulo 9
  - Capítulo 10
  - Capítulo 11
  - Capítulo 12

Capítulo 13
Capítulo 14
Parte III: Londres: Blackfriars
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Parte IV: O Império: Praga
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Parte V: Londres: Blackfriars
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Parte VI: Novo Mundo, Velho Mundo
Capítulo 41
Capítulo 42
Libri Personae: Personagens do Livro
Agradecimentos
Créditos
A Autora
O livro da vida

Folha de Rosto
Dedicatória
Sumário
Epígrafe
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35

Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Agradecimentos
Créditos
A Autora